



BOX DIGITAL

OS HERÓIS DO OLIMPO



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*





GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0465-4

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto.\]](#)

[Créditos do box](#)

[Mídias sociais](#)

Livro Um: O herói perdido

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)

[I](#)
[II](#)
[III](#)
[IV](#)
[V](#)
[VI](#)
[VII](#)
[VIII](#)
[IX](#)
[X](#)
[XI](#)
[XII](#)
[XIII](#)
[XIV](#)
[XV](#)
[XVI](#)
[XVII](#)
[XVIII](#)
[XIX](#)
[XX](#)
[XXI](#)
[XXII](#)
[XXIII](#)
[XXIV](#)
[XXV](#)
[XXVI](#)
[XXVII](#)
[XXVIII](#)

XXIX
XXX
XXXI
XXXII
XXXIII
XXXIV
XXXV
XXXVI
XXXVII
XXXVIII
XXXIX
XL
XLI
XLII
XLIII
XLIV
XLV
XLVI
XLVII
XLVIII
XLIX
L
LI
LII
LIII
LIV
LV
LVI

Livro Dois: O filho de Netuno

[Capa](#)
[Folha de Rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)
[Mapa](#)

[I](#)
[II](#)
[III](#)
[IV](#)
[V](#)
[VI](#)
[VII](#)
[VIII](#)
[IX](#)
[X](#)
[XI](#)
[XII](#)
[XIII](#)
[XIV](#)
[XV](#)
[XVI](#)
[XVII](#)
[XVIII](#)
[XIX](#)
[XX](#)
[XXI](#)
[XXII](#)
[XXIII](#)
[XXIV](#)
[XXV](#)
[XXVI](#)
[XXVII](#)

[XXVIII](#)
[XXIX](#)
[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)
[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)
[XXXVIII](#)
[XXXIX](#)
[XL](#)
[XLI](#)
[XLII](#)
[XLIII](#)
[XLIV](#)
[XLV](#)
[XLVI](#)
[XLVII](#)
[XLVIII](#)
[XLIX](#)
[L](#)
[LI](#)
[LII](#)

[Glossário](#)

Livro Três: A marca de Atena

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimento](#)

[Dedicatória](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

[XXIII](#)

[XXIV](#)

[XXV](#)

[XXVI](#)

[XXVII](#)

[XXVIII](#)
[XXIX](#)
[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)
[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)
[XXXVIII](#)
[XXXIX](#)
[XL](#)
[XLI](#)
[XLII](#)
[XLIII](#)
[XLIV](#)
[XLV](#)
[XLVI](#)
[XLVII](#)
[XLVIII](#)
[XLIX](#)
[L](#)
[LI](#)
[LII](#)

[Glossário](#)

Livro Quatro: A casa de Hades

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)

[I](#)
[II](#)
[III](#)
[IV](#)
[V](#)
[VI](#)
[VII](#)
[VIII](#)
[IX](#)
[X](#)
[XI](#)
[XII](#)
[XIII](#)
[XIV](#)
[XV](#)
[XVI](#)
[XVII](#)
[XVIII](#)
[XIX](#)
[XX](#)
[XXI](#)
[XXII](#)
[XXIII](#)
[XXIV](#)
[XXV](#)
[XXVI](#)
[XXVII](#)
[XXVIII](#)

XXIX
XXX
XXXI
XXXII
XXXIII
XXXIV
XXXV
XXXVI
XXXVII
XXXVIII
XXXIX
XL
XLI
XLII
XLIII
XLIV
XLV
XLVI
XLVII
XLVIII
XLIX
L
LI
LII
LIII
LIV
LV
LVI
LVII
LVIII
LIX
LX
LXI
LXII
LXIII
LXIV
LXV
LXVI
LXVII

[LXVIII](#)
[LXIX](#)
[LXX](#)
[LXXI](#)
[LXXII](#)
[LXXIII](#)
[LXXIV](#)
[LXXV](#)
[LXXVI](#)
[LXXVII](#)
[LXXVIII](#)

[Glossário](#)

Livro Cinco: O sangue do Olimpo

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)
[Epígrafe](#)

[I](#)
[II](#)
[III](#)
[IV](#)
[V](#)
[VI](#)
[VII](#)
[VIII](#)
[IX](#)
[X](#)
[XI](#)
[XII](#)
[XIII](#)
[XIV](#)
[XV](#)
[XVI](#)
[XVII](#)
[XVIII](#)
[XIX](#)
[XX](#)
[XXI](#)
[XXII](#)
[XXIII](#)
[XXIV](#)
[XXV](#)
[XXVI](#)
[XXVII](#)

[XXVIII](#)
[XXIX](#)
[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)
[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)
[XXXVIII](#)
[XXXIX](#)
[XL](#)
[XLI](#)
[XLII](#)
[XLIII](#)
[XLIV](#)
[XLV](#)
[XLVI](#)
[XLVII](#)
[XLVIII](#)
[XLIX](#)
[L](#)
[LI](#)
[LII](#)
[LIII](#)
[LIV](#)
[LV](#)
[LVI](#)
[LVII](#)
[LVIII](#)

[Glossário](#)

[Sobre o autor](#)
[Conheça todas as séries de Rick Riordan](#)

OS HERÓIS



DO OLIMPO

O HERÓI PERDIDO



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*



RICK RIORDAN

O HERÓI PERDIDO

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO UM



Copyright © 2010 Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Lost Hero TRADUÇÃO

Rodrigo Peixoto REVISÃO

Clarissa Peixoto

Elisa Nogueira

Umberto Figueiredo Pinto ARTE DE CAPA

Joann Hill ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© 2010 John Rocco ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira REVISÃO DE E-BOOK

Luana Gonçalves GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca *Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Haley e Patrick, sempre os primeiros a ouvir as histórias.
Sem eles, não existiria Acampamento Meio-Sangue.*

I

JASON

MESMO ANTES DE SER ELETROCUTADO, Jason estava tendo um dia péssimo.

Ele acordou no banco de trás de um ônibus escolar, sem saber muito bem onde estava, de mãos dadas com uma menina que não conhecia. Essa não era necessariamente a parte péssima. A menina era bonita, mas Jason não sabia quem ela era nem o que ele estava fazendo ali. Ele se levantou e esfregou os olhos, tentando pensar.

Alguns jovens estavam espalhados pelos assentos à frente, ouvindo seus iPods, conversando ou dormindo. Todos pareciam ter mais ou menos a idade dele... quinze anos? Dezesseis? Certo, isso era assustador. Ele não sabia qual era a própria idade.

O ônibus barulhento seguia por uma estrada esburacada. Do lado de fora das janelas, sob o céu claro e azul, estava o deserto. Jason tinha quase certeza de que não morava no deserto. Tentou recorrer à memória... à última coisa de que se lembrava...

A menina apertou a mão dele.

— Jason, você está bem?

Ela vestia uma calça jeans desbotada, botas de caminhada e um casaco de *snowboarding* de fleece. Os cabelos castanhos, cor de chocolate, tinham um corte repicado e assimétrico, com uma trança fina de cada lado. Ela não usava maquiagem, como se tentasse não chamar atenção — o que não funcionava. Era realmente linda. Seus olhos pareciam mudar de cor, como um caleidoscópio... marrom, azul e verde.

Jason soltou a mão dela.

— É, eu não...

Na parte da frente do ônibus, um professor gritou:

— Certo, *cupcakes*, atenção!

Era obviamente um treinador de educação física. Ele usava um boné enfiado na cabeça e a única coisa visível eram os olhos pequenos e brilhantes, como contas. Tinha um cavanhaque ralo e o rosto azedo, como se tivesse comido algo estragado. O peito e os braços bronzeados estavam marcados por baixo da camisa polo laranja vivo. A calça de náilon e os tênis Nike eram incrivelmente brancos. Tinha um apito pendurado no pescoço e um megafone na cintura. Seria uma figura bastante assustadora se não medisse só um metro e meio. Quando ele ficou de pé no corredor, um dos alunos gritou:

— Levante-se, treinador Hedge!

— Eu ouvi isso! — retrucou ele, procurando no ônibus o ofensor.

Seus olhos se fixaram em Jason e sua expressão ficou mais severa.

Jason sentiu um calafrio na espinha. Tinha certeza de que o treinador notara que ele não deveria estar ali. Chamaria Jason e perguntaria o que estava fazendo naquele ônibus — e o garoto não fazia ideia do que responder.

Mas o treinador olhou para outro lado e pigarreou.

— Vamos chegar em cinco minutos! Fiquem com seus pares. Não percam suas folhas de exercícios. Caso algum de vocês, meus *cupcakes*, cause qualquer problema nessa excursão, eu, pessoalmente, os mandarei de volta ao *campus* do jeito mais penoso.

Ele apanhou um bastão de beisebol e fez de conta que batia um *home run*.

Jason olhou para a menina a seu lado.

— Ele pode falar assim com a gente?

Ela deu de ombros.

— Ele sempre fala assim. Estamos na Escola da Vida Selvagem. “Onde as crianças são os animais.”

Falou como se aquilo fosse uma piada antiga entre os dois.

— Algo está errado — disse Jason. — Eu não deveria estar aqui.

O menino à frente dele virou-se e sorriu.

— Certo, Jason. Todos nós somos inocentes! Eu não fugi seis vezes. Piper não roubou um BMW.

A menina corou.

— Eu não roubei aquele carro, Leo!

— Ah, esqueci, Piper. Qual era mesmo a história? Você convenceu o vendedor a emprestá-lo a você? — Leo ergueu as sobrancelhas para Jason como quem diz: *Dá para acreditar nela?*

Leo parecia um elfo do Papai Noel, só que latino, com cabelos castanhos e encaracolados, orelhas pontudas, uma alegre cara de bebê e um sorrisinho maldoso que deixava logo claro que não era seguro deixá-lo perto de fósforos ou

objetos afiados. Seus dedos longos e ágeis não paravam quietos — tamborilavam no assento, colocavam o cabelo atrás das orelhas, mexiam nos botões do casaco camuflado. Ou ele era naturalmente hiperativo ou tinha tomado açúcar e cafeína suficientes para matar um búfalo de ataque cardíaco.

— Seja como for — disse Leo. — Espero que esteja com sua folha de exercícios, pois a minha eu usei como canudo na guerra de cuspe outro dia. Por que está me olhando assim? Alguém rabiscou meu rosto de novo?

— Eu não conheço você — respondeu Jason.

Leo abriu um sorriso amarelo.

— Claro que não. E eu não sou seu melhor amigo. Sou um clone do mal.

— Leo Valdez! — gritou o treinador Hedge, lá da frente. — Algum problema por aí?

Leo piscou para Jason e disse:

— Veja isso.

Depois se virou:

— Sinto muito, treinador! Não consigo escutá-lo bem. Poderia usar o megafone, por favor?

O treinador Hedge soltou um grunhido, como se estivesse satisfeito por ter uma desculpa para fazer aquilo. Puxou da cintura o megafone e continuou dando instruções, mas sua voz parecia a do Darth Vader. Os garotos gargalharam. Ele tentou mais uma vez, mas o megafone soltou: “A vaca faz *mu!*”

Todos riram, e o treinador baixou o aparelho com raiva.

— Valdez!

Piper conteve o riso.

— Meu Deus, Leo. Como você fez isso?

Leo tirou da manga uma pequena chave Phillips.

— Sou um cara especial.

— Gente, falando sério — implorou Jason. — O que estou fazendo aqui? Para onde estamos indo?

Piper franziu as sobrancelhas.

— Jason, você está brincando?

— Não! Eu não tenho a menor ideia...

— Ah, claro que ele está brincando — disse Leo. — Está tentando revidar aquela história do creme de barbear na gelatina, certo?

Jason ficou olhando para ele, sem entender.

— Não, acho que ele está falando sério — disse Piper, tentando pegar mais uma vez a mão de Jason, que a afastou.

— Sinto muito — disse Jason. — Eu não... Eu não consigo...

— Pronto! — gritou o treinador lá da frente. — A fileira de trás acaba de se

oferecer para lavar a louça do almoço!

Os outros jovens comemoraram.

— Sensacional — murmurou Leo.

Mas os olhos de Piper continuaram em Jason, como se ela não conseguisse decidir se estava magoada ou preocupada.

— Você bateu com a cabeça ou algo assim? Não sabe mesmo quem somos?

Jason deu de ombros, sem saber o que fazer.

— É pior que isso. Não sei quem *eu* sou.

*

O ônibus os deixou na porta de uma grande construção de reboco avermelhado, que parecia um museu, no meio do nada. Talvez fosse isso mesmo: o Museu Nacional de Lugar Nenhum, pensou Jason. Um vento frio soprava no deserto. Jason não tinha prestado atenção ao que vestia, mas aquilo não estava nem perto de protegê-lo direito do frio: jeans, tênis, camiseta roxa e um agasalho fino, preto.

— Então, vamos a um curso intensivo para quem sofre de amnésia — disse Leo em tom solícito, o que deu a Jason a impressão de que aquilo não ia ajudar em nada. — Nós frequentamos a “Escola da Vida Selvagem”. — Leo fez sinais de aspas com os dedos. — Isso significa que somos “garotos malvados”. Sua família, a justiça ou sei lá quem decidiu que você criava problemas demais. Por isso, você foi mandado para esta adorável prisão... quer dizer, “internato”... em Armpit, Nevada, onde você aprende coisas valiosas para a vida ao ar livre, como correr dezesseis quilômetros por campos de cactos ou tecer chapéus com margaridas! E, como prêmio, fazemos excursões “educativas” com o treinador Hedge, que mantém a ordem usando um bastão de beisebol. Está se lembrando de tudo agora?

— Não — respondeu Jason, olhando apreensivo para os outros jovens: uns vinte, talvez. Quase a metade era formada por meninas.

Não pareciam criminosos implacáveis, mas Jason ficou pensando no que teriam feito para ser enviados a uma escola para delinquentes, e por que ele próprio estava ali.

Leo revirou os olhos.

— Você quer mesmo seguir com esse joguinho, né? Certo. Nós três entramos aqui juntos, este ano. Somos muito unidos. Você faz tudo o que eu digo, me dá sua sobremesa, faz minhas tarefas...

— Leo! — disse Piper.

— O.k., ignore a última parte. Mas nós *somos* amigos. Bem... Piper é um pouco mais que sua amiga, nas últimas semanas...

— Leo, pare! — disse Piper, com o rosto vermelho.

Jason também podia notar seu rosto queimando. Achava que lembraria caso estivesse saindo com uma menina como aquela.

— Ele está com amnésia ou algo do tipo — disse Piper. — Precisamos avisar a alguém.

Leo debochou.

— A quem? Ao treinador? Ele vai tentar resolver o problema dando uma pancada na cabeça de Jason.

O treinador estava à frente do grupo, gritando ordens e apitando na tentativa de mantê-los em fila; mas não parava de olhar para Jason e fazer cara feia.

— Leo, Jason precisa de ajuda — insistiu Piper. — Ele deve ter sofrido uma concussão ou...

— E aí, Piper? — Um dos garotos se aproximou enquanto eles entravam no museu, enfiou-se entre Jason e Piper e derrubou Leo no chão. — Não fique conversando com esses manés. Você é meu par, lembra?

O cara novo tinha cabelos pretos cortados como os do Super-Homem, era bronzeado e tinha dentes tão brancos que deveriam ter uma placa de advertência:

NÃO OLHE DIRETAMENTE PARA ESSES DENTES. PERIGO DE CEGUEIRA PERMANENTE. Estava com um agasalho dos Dallas Cowboys, jeans e botas, e sorria como se fosse um presente de Deus para todas as meninas delinquentes desse mundo. De cara, Jason não gostou dele.

— Saia daqui, Dylan — disse Piper. — Eu não pedi para ser seu par.

— Ah, não mesmo. Mas hoje é seu dia de sorte! — disse Dylan, dando o braço a Piper e conduzindo-a à entrada do museu.

Ela deu uma última olhada por cima do ombro, como se pedisse socorro.

Leo se levantou do chão e se ajeitou.

— Odeio esse cara. — Ele ofereceu o braço a Jason, como se fosse para entrarem juntos. — “Eu sou Dylan, sou *cool*, queria namorar comigo mesmo, mas não sei como! Por que, então, você não me namora? Que sortuda!”

— Leo — disse Jason —, você é esquisito.

— É, você sempre diz isso. — Leo sorriu. — Mas, se não se lembra de mim, quer dizer que posso repetir todas as minhas piadas velhas. Vamos!

Jason chegou à conclusão de que se aquele era mesmo seu melhor amigo, a vida que tinha era realmente louca; mas seguiu Leo para dentro do museu.

Eles caminharam pelo prédio, parando algumas vezes para que o treinador desse explicações com o megafone, que vez ou outra deixava a voz dele como a de um Lorde Sith ou soltava frases aleatórias, como “O porco faz *oinc*”.

Leo não parava de tirar porcas, parafusos e limpadores de cachimbo dos bolsos do casaco camuflado, mexendo em tudo aquilo como se tivesse de manter as mãos ocupadas o tempo todo.

Jason estava distraído demais para prestar atenção às exposições, que eram sobre o Grand Canyon e a tribo hualapai, que cuidava do museu.

Algumas garotas ficaram olhando para Piper e Dylan e dando risinhos. Jason deduziu que aquele era o grupinho das mais populares. Elas combinavam seus jeans e camisetas cor-de-rosa e usavam maquiagem suficiente para uma festa de Halloween.

Uma delas disse:

— Ei, Piper, é a sua tribo que manda nesse lugar? Você entra de graça se fizer a dança da chuva?

As outras riram. Até mesmo o suposto parceiro de Piper, Dylan, reprimiu um sorriso. As mangas do casaco escondiam as mãos de Piper, mas Jason podia jurar que ela estava com os punhos cerrados.

— Meu pai é cherokee — disse ela —, não é hualapai. Mas é claro que você precisaria de mais alguns neurônios para entender a diferença, Isabel.

Isabel arregalou os olhos, surpresa, e ficou parecendo uma coruja megamaquiada.

— Ah, me desculpe... Sua *mãe* é que era dessa tribo? Oops, puxa... Você não conheceu sua mãe.

Piper foi na direção dela, mas antes que começassem a brigar o treinador gritou:

— Parem, vocês aí! Deem bom exemplo ou vou pegar o bastão de beisebol!

O grupo seguiu para a exposição seguinte, mas as meninas continuaram fazendo comentários sobre Piper.

— É bom estar de volta à reserva? — uma delas perguntou, em tom doce.

— Papai devia estar bêbado demais para trabalhar — disse outra, com falsa preocupação. — Por isso ela virou cleptomaníaca.

Piper ignorou aquilo, mas Jason estava pronto para bater nelas. Podia não se lembrar de Piper ou de quem ele próprio era, mas odiava gente má.

Leo agarrou o braço dele.

— Fique calmo. Piper não gosta que a gente se meta em suas brigas. Além do mais, se essas meninas descobrissem a verdade sobre o pai dela iriam se curvar gritando: “Não, a gente não vale a pena.”

— Por quê? O que tem o pai dela?

Leo sorriu como se não acreditasse.

— Você só pode estar brincando. Não lembra mesmo que o pai da sua namorada...

— Olhe, bem que eu gostaria, mas se não me lembro nem *dela*, não vou me lembrar do pai.

Leo assobiou.

— Tudo bem. Precisamos *mesmo* conversar quando voltarmos ao alojamento.

Chegaram ao final do salão de exposições, onde grandes portas de vidro conduziam a uma varanda.

— O.k., *cupcakes* — anunciou o treinador Hedge. — Vocês estão prestes a ver o Grand Canyon. Tentem não estragar tudo. A passarela de vidro se chama Skywalk e aguenta o peso de setenta aviões tipo jumbo, então vocês, seus pesos-pena, estarão seguros. Se possível, tentem não empurrar o colega lá embaixo, senão vou ter mais trabalho.

O treinador abriu as portas e todos foram para o lado de fora. O Grand Canyon se estendia à frente deles, ao vivo e em cores. Avançando sobre o precipício, uma passarela em forma de ferradura, feita de vidro, que permitia olhar lá embaixo.

— Nossa — disse Leo. — Isso é demais.

Jason concordou. Mesmo com a amnésia e a sensação de que não deveria estar ali, era impossível não ficar impressionado.

O *canyon* era muito mais profundo e extenso do que aparentava em qualquer foto. Eles estavam tão alto que os pássaros voavam sob seus pés. Mais de 1.200 metros lá embaixo, na base da parede de pedra, um rio serpenteava. Nuvens de tempestade tinham surgido enquanto eles estavam dentro do museu, lançando sobre os penhascos sombras que pareciam rostos enraivecidos. Em todas as direções, até onde os olhos podiam alcançar, Jason via desfiladeiros vermelhos e cinza cortando o deserto, como se algum deus louco os tivesse traçado à faca.

Ele sentiu uma fisgada de dor nos olhos. *Deuses loucos...* Que ideia era essa? Parecia que tinha chegado perto de algo importante... Algo que deveria saber. Teve também a inconfundível sensação de que estava em perigo.

— Tudo bem? — perguntou Leo. — Não vai se debruçar e vomitar, né? Eu devia ter trazido a minha câmera.

Jason agarrou o guarda-corpo da passarela. Estava tremendo, suando, mas não tinha nada a ver com a altura. Ele piscou, e a dor nos olhos diminuiu.

— Tudo bem — disse, finalmente. — Só estou com um pouco de dor de cabeça.

Um trovão ribombou no céu. O vento frio quase o jogou para o lado.

— Isso não pode ser seguro — Leo completou, e olhou para as nuvens

franzindo o rosto. — Tem uma tempestade bem acima de nós, mas em volta o céu está limpo. Que estranho, não?

Jason olhou para o alto e viu que Leo tinha razão. Um círculo escuro de nuvens pairava logo acima deles, e o restante do céu, em todas as direções, estava perfeitamente claro. Jason teve um mau pressentimento.

— Muito bem, *cupcakes*! — gritou o treinador Hedge. Ele franziu a testa ao olhar para a tempestade, como se ela o preocupasse também. — Acho que devemos encurtar nossa visita, então, mãos à obra! Lembrem-se, frases completas!

O trovão ribombou mais uma vez, e a cabeça de Jason começou a doer novamente. Sem saber por que, ele colocou a mão no bolso da calça e tirou uma moeda — um círculo dourado do tamanho de uma moeda de cinquenta *cents*, porém mais grosso e irregular. De um lado estava estampada a figura de um machado, do outro, o rosto de um homem, com uma coroa de louros. A inscrição dizia algo como IVLIVS.

— Nossa, isso é ouro? — perguntou Leo. — E você escondendo de mim?

Jason guardou a moeda, imaginando como estaria com aquilo e por que tinha a impressão de que em breve precisaria usá-la.

— Não é nada, só uma moeda.

Leo deu de ombros. Talvez sua mente fosse tão agitada quanto suas mãos.

— Vai, duvido que tenha coragem de cuspir lá embaixo.

*

Eles não se preocuparam muito com a folha de exercícios. Primeiro, porque Jason estava distraído demais, por conta da tempestade e da confusão pela qual estava passando. Depois, porque ele não fazia ideia de como “nomear as três rochas sedimentárias observadas” ou “descrever dois exemplos de erosão”.

Leo não ajudava em nada. Estava muito ocupado construindo um helicóptero com seus limpadores de cachimbo.

— Olhe isso — disse, lançando o helicóptero.

Jason imaginou que aquilo cairia, mas as hélices realmente giraram e a engenhoca voou até o meio do *canyon* antes de perder força e despencar em espiral no vazio.

— Como fez isso? — perguntou Jason.

Leo deu de ombros.

— Teria ficado mais legal se eu tivesse alguns elásticos.

— Diga a verdade: nós somos mesmo amigos?

— Até onde sei, sim.

— Tem certeza? Qual foi a primeira vez que nos vimos? Sobre o que conversamos?

— Foi... — Leo franziu a testa. — Não lembro direito. Tenho DÉFICIT DE ATENÇÃO, cara. Não dá para esperar que eu guarde detalhes.

— Mas eu não lembro *nada* sobre você. Não me lembro de ninguém daqui. E se...

— Se você tiver razão e todos estiverem errados? — perguntou Leo. — Acha mesmo que apareceu aqui esta manhã, do nada, e que todos temos lembranças falsas sobre você?

Uma voz na cabeça de Jason disse: *É exatamente isso o que eu acho*. Mas parecia loucura. Todos o conheciam, todos agiam como se ele fosse parte da turma... exceto o treinador Hedge.

— Pegue a folha de exercícios — disse Jason, entregando o papel a Leo. — Volto já.

Antes que Leo pudesse protestar, Jason atravessou a passarela.

Só os alunos estavam naquele lugar. Talvez fosse muito cedo para turistas, ou quem sabe o mau tempo os tivesse espantado. Os internos da Escola da Vida Selvagem estavam distribuídos em duplas pela passarela. A maioria brincava ou conversava. Alguns jogavam moedas lá embaixo. A uns quinze metros, Piper tentava preencher a folha de exercícios, mas Dylan, seu parceiro idiota, ficava dando em cima dela, colocando o braço em seus ombros e lançando um sorriso tão branco que poderia cegá-la. Ela tentava afastá-lo, e quando viu Jason, olhou-o como quem diz: *Por favor, estrangule esse cara*.

Com um gesto, Jason pediu a ela que esperasse um pouco. Ele foi até o treinador Hedge, que estava apoiado no taco de beisebol, estudando as nuvens de tempestade.

— Foi você que fez isso? — perguntou o treinador.

Jason deu um passo atrás.

— Fiz o quê?

O treinador olhou para ele, os olhos pequenos como contas cintilando sob a aba do boné.

— Não brinque comigo, menino. O que está fazendo aqui e por que está atrapalhando meu trabalho?

— Você quer dizer... que *não* me conhece? — perguntou Jason. — Não sou um de seus alunos?

— Eu nunca o vi antes — respondeu Hedge.

Jason ficou tão aliviado que teve vontade de chorar. Finalmente, não estava

ficando louco. Ele estava *mesmo* no lugar errado.

— Olhe só, senhor, não sei como vim parar aqui. Simplesmente acordei no ônibus escolar. Tudo o que sei é que não deveria estar neste lugar.

— Isso mesmo. — E a voz grave de Hedge baixou para um murmúrio, como se ele estivesse contando um segredo. — Você tem muito poder sobre a Névoa, garoto, pois todos aqui pensam que o conhecem, mas a mim você não pode enganar. Estou farejando monstros há dias. Sabia que havia alguém infiltrado, mas você não tem cheiro de monstro. Tem cheiro de meio-sangue. Então... quem é você e de onde veio?

A maior parte do que o treinador disse não fazia sentido, mas Jason decidiu responder honestamente.

— Não sei quem sou. Não me lembro de nada. Você precisa me ajudar.

O treinador estudou seu rosto, como se tentasse ler seus pensamentos.

— Certo — ele murmurou. — Você está sendo sincero.

— É claro que estou! E que história é essa de monstros e meio-sangue? São códigos ou o quê?

O treinador Hedge franziu a testa. Parte de Jason ficou pensando se aquele cara não seria apenas louco. Mas a outra parte sabia que não era bem assim.

— Olhe, garoto, não sei quem você é. Só sei *o que* é, e isso significa problemas. Agora tenho que proteger três de vocês, e não dois. Você é a encomenda especial?

— Do que está falando?

Hedge olhou para a tempestade. As nuvens estavam mais densas e escuras, pairando bem em cima da passarela.

— Esta manhã recebi uma mensagem do acampamento. Disseram que um destacamento estava a caminho. Viriam buscar uma encomenda especial, mas não me deram mais detalhes. Pensei comigo mesmo: Tudo bem. Os dois de quem estou cuidando são bastante poderosos, mais velhos que a maioria. Sei que estão sendo perseguidos. Farejo um monstro no grupo. Imagino que, por isso, o acampamento esteja tão apressado em resgatá-los. Mas aí você aparece do nada. Então... é você a encomenda especial?

A dor nos olhos de Jason ficou mais intensa. *Meio-sangue. Acampamento. Monstros.* Ele continuava sem saber do que o treinador Hedge estava falando, mas as palavras fizeram sua cabeça doer, como se sua mente tentasse encontrar informações que deveriam estar ali, mas não estavam.

Jason perdeu o equilíbrio, e o treinador segurou-o. Mesmo sendo baixinho, Hedge tinha mãos de ferro.

— Cuidado, *cupcake*. Você disse que não se lembra de nada, certo? O.k. Vou ter de vigiar mais um até que o pessoal chegue. Vamos deixar que o diretor

resolva isso.

— Que diretor? Que acampamento? — perguntou Jason.

— Apenas fique sentado. Os reforços chegarão a qualquer momento. Tomara que nada aconteça antes...

Um relâmpago tomou conta do céu. O vento batia furioso. Folhas de exercício voaram para o Grand Canyon e a passarela sacudiu. Os jovens gritaram, tropeçando e agarrando-se ao guarda-corpo.

— Eu devia falar alguma coisa — resmungou Hedge, então gritou ao megafone: — Todos para dentro! A vaca faz *mu*! Saiam da passarela!

— Acho que ouvi você dizer que essa coisa era segura! — gritou Jason, tentando falar mais alto que o vento.

— Em circunstâncias normais — ele afirmou. — E esse não é o caso. Venha!

II

JASON

A TEMPESTADE SE TRANSFORMOU EM um pequeno furacão. Nuvens em forma de funil se aproximavam da passarela como tentáculos de uma água-viva monstruosa.

Os meninos gritavam e corriam para o prédio. O vento carregava cadernos, casacos, bonés e mochilas. Jason deslizava no chão escorregadio.

Leo perdeu o equilíbrio e quase caiu por cima do guarda-corpo, mas Jason agarrou seu casaco e o puxou de volta.

— Obrigado, cara! — gritou Leo.

— Andem, andem, andem! — dizia o treinador.

Piper e Dylan mantinham as portas abertas, chamando os outros alunos para dentro. O casaco de Piper sacudia para todos os lados, os cabelos pretos batendo no rosto. Jason imaginou que ela devia estar morrendo de frio, mas parecia calma e confiante — dizia aos demais que tudo terminaria bem, encorajando-os a continuar andando.

Jason, Leo e o treinador Hedge corriam na direção deles, mas era como andar em areia movediça. O vento parecia estar contra eles, puxando-os para trás.

Dylan e Piper conseguiram empurrar mais um aluno para dentro, depois as portas escaparam de suas mãos e bateram com força, fechando o caminho para a passarela.

Piper puxava as maçanetas, os meninos que estavam dentro empurravam o vidro, mas as portas pareciam presas.

— Dylan, ajude! — gritou Piper.

Dylan ficou parado, com um sorriso idiota, o agasalho dos Cowboys sacudindo ao vento, como se ele de repente estivesse gostando da tempestade.

— Sinto muito, Piper — ele respondeu. — Cansei de ajudar.

Ele girou o punho e Piper foi atirada para trás, bateu contra as portas e caiu na

passarela de vidro.

— Treinador — disse Jason —, deixe-me ir!

— Jason, Leo, fiquem atrás de mim — ordenou Hedge. — Essa guerra é minha. Eu deveria saber que era ele o nosso monstro.

— O quê? — perguntou Leo. Uma folha de exercícios atingiu seu rosto, mas ele a afastou. — Que monstro?

O boné do treinador voou, e no alto de seus cabelos cacheados havia dois galos — como os que surgem nos personagens de desenho animado quando algo bate em sua cabeça. Ele ergueu o taco de beisebol... que não era mais um taco normal. De alguma forma, transformara-se em um cajado de galho de árvore, ainda com brotos e folhas.

Dylan abriu um sorriso psicótico.

— Ah, pare com isso, *treinador*. Deixe o menino me atacar! Afinal de contas, você está ficando muito velho para isso. Não foi por esse motivo que o *aposentaram* nessa escola estúpida? Estive em sua turma o semestre inteiro e você nem notou. Está perdendo o faro, vovô.

O treinador deixou escapar um som raivoso, como um animal balindo.

— Acabou, *cupcake*. Você já era.

— Acha que pode proteger três meios-sangues de uma vez, velhinho? — perguntou Dylan, zombando. — Boa sorte.

Dylan apontou para Leo e uma nuvem em forma de funil se materializou em volta do garoto, que voou da passarela como se tivesse sido empurrado. De alguma forma, ele conseguiu girar no ar e se chocar contra a parede do *canyon*. Deslizou, procurando agarrar-se onde podia. Finalmente segurou-se em uma rocha estreita, uns quinze metros abaixo da passarela, e ficou pendurado ali, pelos dedos.

— Socorro! — gritou. — Uma corda, por favor. Uma corda, qualquer coisa.

O treinador praguejou e deixou seu cajado com Jason.

— Não sei quem você é, menino, mas espero que seja bom. Mantenha aquela *coisa* ocupada — disse, apontando para Dylan — enquanto eu resgato Leo.

— Resgatar como? — perguntou Jason. — Vai voar?

— Voar não, escalar — disse Hedge tirando os sapatos, o que quase matou Jason do coração. O treinador não tinha pés. Tinha cascos, cascos de bode. O que significava que aquelas coisas na cabeça dele não eram galos. Eram chifres.

— Você é um fauno — disse Jason.

— *Sátiro!* — repreendeu Hedge. — Faunos são romanos. Mas falemos sobre isso mais tarde.

Hedge pulou o guarda-corpo da passarela. Fincou os cascos na parede do *canyon*. Ele descia o penhasco com uma agilidade incrível, firmando os cascos

em cavidades do tamanho de um selo postal e driblando as rajadas de vento que tentavam atingi-lo, seguindo em direção a Leo.

— Isso não é fofo? — disse Dylan a Jason. — Agora é a sua vez, rapaz.

Jason atirou o cajado. Parecia um gesto inútil, com ventos tão fortes, mas o pedaço de galho foi bem na direção de Dylan, inclusive fazendo uma curva quando ele tentou se esquivar, e acertou sua cabeça com tanta força que ele caiu de joelhos.

Piper não estava tão atordoada quanto parecia. Seus dedos agarraram o cajado, que rolara até ela, mas antes que pudesse usá-lo Dylan se levantou. Sangue — sangue *dourado* — escorria pela testa dele.

— Boa tentativa, rapaz — disse ele, olhando para Jason. — Mas vai precisar melhorar.

A passarela tremeu. Fissuras finas como fios de cabelo surgiram no vidro. Dentro do museu, outros alunos pararam de sacudir as portas. Deram um passo atrás, observando a cena horrorizados.

O corpo de Dylan se desfez em fumaça, como se suas moléculas tivessem se desintegrado. Tinha o mesmo rosto, o mesmo sorriso branco e brilhante, mas seu corpo era feito de vapor negro, os olhos eram fagulhas elétricas em uma nuvem viva. Ele abriu as asas de vapor e voou acima da passarela. Se os anjos pudessem ser maus, teriam exatamente aquela aparência, pensou Jason.

— Você é um *ventus* — disse Jason, sem saber por que conhecia aquela palavra. — Um espírito da tempestade.

A gargalhada de Dylan soou como um tornado arrancando um telhado.

— Fico feliz por ter esperado, semideus. Leo e Piper eu conheço há semanas. Poderia tê-los matado a qualquer momento. Mas minha senhora disse que um terceiro chegaria. Ela me dará uma grande recompensa por sua morte!

Outros dois funis de vento aproximaram-se e tocaram Dylan, um em cada lado, transformando-se em *venti* — jovens fantasmagóricos com asas de fumaça e olhos que faiscavam.

Piper continuou deitada, fingindo-se atordoada, agarrada ao cajado. Seu rosto estava pálido, mas ela olhou para Jason, determinada, e ele entendeu a mensagem: *Distraia-os. Vou atacá-los pelas costas.*

Linda, inteligente e violenta. Jason adoraria lembrar que aquela era sua namorada.

Jason cerrou os punhos, preparando-se para a luta, mas não teve chance.

Dylan ergueu a mão e arcos de eletricidade se formavam entre seus dedos. Uma carga elétrica atingiu o peito de Jason.

Bum! Jason caiu de costas. Na boca, o gosto de papel-alumínio queimado. Ele levantou a cabeça e viu que suas roupas soltavam fumaça. O raio correu por seu

corpo e explodiu o calçado do pé esquerdo. Os dedos ficaram pretos com a fuligem.

Os espíritos da tempestade sorriam. Ventos sopravam. Piper gritava, mas tudo soava baixo e distante.

Pelo canto dos olhos, Jason viu o treinador Hedge subindo pelo penhasco com Leo nas costas. Piper estava de pé, balançando desesperadamente o cajado na tentativa de atingir os dois espíritos da tempestade ao lado de Dylan, que brincavam com ela. O cajado os atingia, mas era como se eles não estivessem ali. E Dylan, um tornado negro com olhos e asas, assomou sobre Jason.

— Pare — disse o garoto, levantando-se sem equilíbrio, sem conseguir decidir quem estava mais surpreso: ele ou os espíritos da tempestade.

— Como você está vivo? — perguntou Dylan, franzindo a testa. — Aquela descarga seria capaz de matar vinte homens!

— Minha vez — disse Jason.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou a moeda de ouro. Deixou-se levar pelo instinto, jogando a moeda para o alto como se já tivesse feito aquilo milhares de vezes. Pegou-a na palma da mão e, de repente, estava segurando uma espada — uma perigosa arma de fio duplo, afiadíssima. Seus dedos encaixavam-se perfeitamente na empunhadura. Tudo era feito de ouro: punho, lâmina e haste.

Dylan rosnou e recuou. Olhou os dois companheiros e gritou:

— E então? Matem-no!

Os outros espíritos da tempestade não pareceram muito felizes com a ordem, mas voaram na direção de Jason, os dedos carregados de eletricidade.

Jason esquivou-se do primeiro. Golpeou-o com a espada e sua forma esfumaçada se desintegrou. O segundo desferiu um raio, mas a espada de Jason absorveu a carga elétrica. O garoto atacou. Um movimento rápido e o espírito dissolvia-se em pó dourado.

Dylan resmungou, indignado. Olhava para baixo como se esperasse que seus companheiros retomassem suas formas, mas o pó dourado foi espalhado pelo vento.

— Isso é impossível! *Quem é você, meio-sangue?*

Piper estava tão chocada que deixou cair o cajado.

— Jason, como...?

Foi quando o treinador chegou à passarela de vidro e pôs Leo no chão, como um saco de farinha.

— Espíritos, respeitem-me! — urrou Hedge, flexionando os braços curtos. Ele olhou ao redor e notou que Dylan estava sozinho. — Maldição! — disse a Jason. — Não deixou nada para mim, garoto? Eu gosto de desafios!

Leo se levantou, respirando com dificuldade. Parecia completamente

humilhado e as mãos sangravam de tanto agarrar-se às pedras.

— Ei, treinador Superbode ou seja lá o que você for... Acabei de despencar na droga do Grand Canyon! Chega de desafios!

Dylan sibilava, mas Jason percebeu o medo em seus olhos.

— Vocês não têm ideia de quantos inimigos despertaram, meios-sangues. Minha senhora vai destruir *todos* os semideuses. *Não há como* vocês ganharem essa guerra!

No alto, a tempestade explodiu com toda a força. As rachaduras da passarela se multiplicavam. Colunas de chuva despencavam, e Jason lutava para manter o equilíbrio.

Um buraco se abriu entre as nuvens: um vórtice que dançava em tons de preto e prata.

— Minha senhora me chama de volta! — gritou Dylan, feliz. — E você, semideus, virá comigo.

Ele avançou até Jason, mas Piper o atacou pelas costas. O monstro era constituído de fumaça, mas Piper conseguiu agarrá-lo. Os dois caíram. Leo, Jason e o treinador tentaram alcançá-los, mas o espírito urrou, raivoso, e lançou uma torrente que atirou todos para trás. Jason e Hedge caíram sentados. A espada de Jason deslizou no vidro da passarela. Leo bateu com a parte de trás da cabeça e se encolheu, confuso e gemendo. Piper levou a pior. Com o golpe, ela se soltou das costas de Dylan e foi de encontro ao guarda-corpo da passarela, de onde escorregou e ficou pendurada no abismo, segurando-se apenas com uma das mãos.

Jason ia na direção dela, mas Dylan gritou:

— Fico com esse aqui!

Ele agarrou o braço de Leo e começou a subir, levando junto o menino quase inconsciente. O redemoinho de tempestade se acelerou, sugando-os como um aspirador de pó.

— Socorro! — gritou Piper. — Alguém me ajude!

Então escorregou, gritando enquanto caía.

— Jason, vá! — gritou Hedge. — Salve Piper!

O treinador avançou no espírito com um legítimo golpe de “kung-bode-fu”: com um coice, livrou Leo, que caiu no chão sem se ferir. Mas Dylan agarrou os braços do treinador, que tentou acertá-lo com uma cabeçada, depois o chutou e o chamou de *cupcake*. Os dois subiam cada vez mais rápido.

O treinador gritou mais uma vez:

— Salve Piper! Eu resolvo isso aqui!

Então o sátiro e o espírito da tempestade giraram e desapareceram nas nuvens.

Salvá-la?, pensou Jason. *Ela caiu!*

Mas o instinto novamente o venceu. Ele correu em direção ao guarda-corpo pensando: *Devo ser louco*. E saltou.

*

Jason não tinha medo de altura. Seu medo era se estatelar no *canyon*, 1.200 metros lá embaixo. Pensou que o máximo que conseguiria com aquilo tudo era morrer junto com Piper, então encolheu os braços e mergulhou de cabeça. As paredes do canyon passavam por ele como a imagem acelerada de um filme. Parecia que sua pele ia desgrudar do rosto.

Num instante ele estava junto a Piper, que caía vertiginosamente. Agarrou a cintura dela e fechou os olhos, esperando pela morte. Piper gritava. O vento zunia nos ouvidos de Jason. Ele imaginou como seria morrer. Provavelmente, não seria bom. Desejou que de algum modo não chegassem ao fundo.

De repente, o vento parou. O grito de Piper se transformou num arquejo sufocado. Jason imaginou que deveriam estar mortos, mas não tinha sentido nenhum impacto.

— Ja... Jason — disse Piper.

Ele abriu os olhos. Não estavam caindo. Flutuavam no ar, centenas de metros acima do rio.

Jason abraçou Piper com força, e ela moveu o corpo para abraçá-lo também. Estavam frente a frente, nariz com nariz. O coração dela batia com força, Jason podia sentir através da roupa.

Seu hálito cheirava a canela.

— Como você... — ela disse.

— Não sei — Jason respondeu. — Acho que eu saberia se fosse capaz de voar...

Depois, pensou: *Mas não sei nem mesmo quem sou*.

Ele pensou em subir. Piper comemorou com um grito ao notar que os dois se elevavam alguns metros. Não estavam exatamente flutuando, percebeu Jason, que sentia algo empurrando seus pés, como se os dois se equilibrassem em cima de um gêiser.

— O ar está nos ajudando — disse Jason.

— Então diga que ajude mais! Que tire a gente daqui!

Jason olhou para baixo. Depois para cima. A chuva parara. As nuvens já não assustavam tanto, mas ainda havia raios e trovões. Nada garantia que os espíritos tivessem ido embora de vez. Ele não sabia o que acontecera ao treinador Hedge.

E deixara Leo lá em cima, quase inconsciente.

— Precisamos ajudá-los — disse Piper, como se pudesse ler os pensamentos de Jason. — Você conseguiria...

— Vamos ver.

Jason mentalizou o comando “Alto” e imediatamente eles subiram.

Viajar no vento poderia ser divertido em outras circunstâncias, mas Jason estava completamente em choque. Assim que chegaram à passarela, correram até Leo.

Piper virou-o de lado e ele gemeu. O casaco estava ensopado pela chuva. Os cabelos encaracolados estavam cheios de brilho dourado, por ele ter rolado na poeira de monstro. Mas, pelo menos, não estava morto.

— Bode... feio... e idiota... — murmurou.

— Para onde ele foi? — perguntou Piper.

Leo apontou para cima.

— Não voltou mais. Por favor, diga que *não* foi ele que salvou minha vida.

— Sim. Duas vezes — respondeu Jason.

Leo gemeu mais alto.

— O que aconteceu? O cara do tornado, a espada dourada... Eu bati com a cabeça. É isso, não é? Estou tendo alucinações?

Jason se esquecera da espada. Caminhou até onde ela estava e a pegou de volta. A lâmina tinha o peso ideal. Com um gesto rápido ele girou o cabo entre as mãos e, durante o giro, a espada voltou a se transformar em moeda e pousou na palma de sua mão.

— Claro — disse Leo. — Alucinações, com certeza.

Piper tremia dentro das roupas ensopadas.

— Jason, aquelas coisas...

— *Venti* — ele disse. — Espíritos da tempestade.

— Certo. Mas você agiu como... se já tivesse visto tudo aquilo antes. *Quem é você?*

Ele balançou a cabeça.

— É isso o que estou tentando dizer: eu não sei.

A tempestade se dissipou. Os outros jovens da Escola da Vida Selvagem olhavam através da porta, aterrorizados. Os seguranças tentavam abrir as fechaduras, mas não conseguiam.

— O treinador disse que deveria proteger três pessoas — lembrou Jason. — Acho que estava falando de nós.

— E aquela coisa em que Dylan se transformou... — disse Piper, tremendo. — Meu Deus, não acredito que ele *dava em cima* de mim. E nos chamou de... o quê? *Semideuses?*

Leo deitou-se de costas, olhando para o céu. Não parecia ter pressa de se levantar.

— Não sei o que quer dizer “semi”, mas não estou me sentindo muito “deus”, não. E vocês?

Seguiram-se alguns estalos, como galhos se partindo, e as rachaduras na Skywalk começaram a aumentar.

— Temos que sair daqui — disse Jason. — Talvez, se nós...

— O.k. — interrompeu Leo. — Olhem para cima e me digam se o que estou vendo são cavalos voadores.

Num primeiro momento, Jason imaginou que Leo tivesse *mesmo* batido a cabeça com força, mas depois viu uma sombra escura descendo a leste. Lenta demais para ser um avião, mas muito grande para ser um pássaro. Quando a coisa se aproximou, ele notou que eram animais alados: cinza, de quatro patas, iguais a cavalos, exceto por terem asas com seis metros de envergadura. Carregavam uma espécie de caixa brilhante, com duas rodas: uma carruagem.

— Reforços. Hedge me disse que os reforços viriam ao nosso encontro.

— Reforços? — perguntou Leo, levantando-se. — Isso soa mal...

— E para *onde* vão nos levar? — questionou Piper.

Jason ficou observando a carruagem pousar do outro lado da passarela. Os cavalos voadores recolheram as asas e cavalgaram agitados sobre o vidro, como se notassem que aquilo estava a ponto de rachar. Havia dois adolescentes na carruagem — uma menina loura e alta, talvez um pouco mais velha que Jason, e um garoto forte, de cabeça raspada, com o rosto que parecia uma pilha de tijolos. Os dois usavam jeans e camiseta laranja, com escudos pendurados nas costas. A garota desceu antes mesmo que a carruagem parasse. Sacou uma faca e correu na direção do grupo de Jason. Enquanto isso, o menino freava os cavalos.

— Onde ele está? — perguntou a menina.

Os olhos cinza eram furiosos e um tanto assustados.

— Quem? — perguntou Jason.

Ela franziu a testa, como se aquela resposta fosse inaceitável. Depois virou-se para Piper e Leo:

— E Gleeson? Onde está seu protetor, Gleeson Hedge?

O primeiro nome do treinador era Gleeson? Jason teria achado graça, se a manhã não tivesse sido tão louca e assustadora. Gleeson Hedge: técnico de futebol americano, homem-bode, protetor de semideuses. Claro. Por que não?

Leo pigarreou.

— Ele foi levado por uma espécie de... tornado.

— *Venti* — disse Jason. — Espíritos da tempestade.

A menina loura ergueu uma das sobrancelhas.

— Você quer dizer *anemoi thuellai*? É esse o termo grego. Quem é você? O que aconteceu?

Jason fez o melhor que pôde para explicar, mas era complicado encarar aqueles intensos olhos cinzentos. No meio da história, o garoto da carruagem se aproximou. Ficou parado, olhando para eles, de braços cruzados. Tinha um arco-íris tatuado no bíceps, o que era estranho.

Quando Jason terminou a história, a menina loura não pareceu satisfeita.

— Não, não, não! Ela me *disse* que ele estaria aqui. Disse que se eu viesse, encontraria a resposta.

— Annabeth — grunhiu o careca. — Veja isso. — Ele apontou para os pés de Jason.

Jason não prestara muita atenção, mas continuava sem o calçado do pé esquerdo, que fora destruído pelo raio. Ele não sentia nada diferente, mas seu pé parecia uma concha de caracol.

— O menino de um sapato só. Ele é a resposta.

— Não, Butch — a menina insistiu. — Não pode ser ele. Eu fui enganada. — Ela olhava para o céu, como se algo estivesse errado. — O que você quer de mim? — gritou. — O que fez com ele?

A passarela tremeu, os cavalos relincharam com urgência.

— Annabeth — disse o careca —, precisamos ir embora. Levamos esses três ao acampamento e lá resolvemos tudo. Os espíritos da tempestade podem voltar.

Ela ficou irritada por um instante.

— Certo. — Ela encarou Jason um tanto ressentida. — Resolvemos isso mais tarde.

Annabeth deu meia-volta e caminhou até a carruagem.

Piper balançou a cabeça.

— Qual é o problema *dela*? O que está acontecendo?

— Sinceramente... — concordou Leo.

— Precisamos tirar vocês daqui — disse Butch. — Explico tudo no caminho.

— Não vou a lugar nenhum com *ela* — disse Jason, apontando para a loura. — Parece decidida a me matar.

Butch hesitou.

— Annabeth está bem. Dê a ela um desconto. Ela teve uma visão de que deveria vir aqui, encontrar um cara de um sapato só. E isso seria a resposta para seu problema.

— Que problema? — perguntou Piper.

— Ela está procurando um de nossos campistas, desaparecido há três dias — disse Butch. — Está louca de preocupação, e esperava encontrá-lo aqui.

— Quem? — perguntou Jason.

— O namorado dela. Um cara chamado Percy Jackson.

III

PIPER

APÓS UMA MANHÃ COM ESPÍRITOS de tempestade, homens-bode e namorados sumidos, Piper deveria estar enlouquecida. Mas, na verdade, tudo o que sentia era medo.

Está começando, pensou. Exatamente como no sonho.

Ela se sentou na parte de trás da carruagem, com Leo e Jason, enquanto o garoto careca, Butch, segurava as rédeas, e a menina loura, Annabeth, ajustava um aparelho de navegação feito de bronze. Sobrevoaram o Grand Canyon e seguiram para leste, o vento gelado atravessando o casaco de Piper. Atrás deles, mais nuvens de tempestade se formavam.

A carruagem dava guinadas e sacudia, não tinha cinto de segurança e a parte de trás era aberta. Piper imaginou se Jason a resgataria mais uma vez, caso caísse. Aquela fora a parte mais perturbadora da manhã — não por Jason saber voar, mas por tê-la levado em seus braços, mesmo sem lembrar quem ela era.

Durante todo aquele semestre Piper tentara se aproximar, fazer Jason perceber que ela era mais que uma amiga. Finalmente, conseguiu fazer com que ele a beijasse. As últimas semanas tinham sido as melhores de sua vida. E depois, três noites atrás, aquele sonho destruíra tudo — uma voz terrível, trazendo notícias terríveis. Não contara nada a ninguém, nem mesmo a Jason.

Agora, ela já não tinha mais nem *ele*. Era como se alguém tivesse apagado a memória de Jason, e ela estava presa num *replay* horroroso. Tinha vontade de gritar. Ele estava de pé bem a seu lado: aqueles olhos azuis como o céu, o cabelo louro bem curto, aquela cicatriz fofa no lábio superior. Fazia cara de bonzinho, gentil, mas sua expressão esteve o tempo todo um pouco triste. E ele simplesmente olhava para o horizonte, como se nem ao menos a notasse.

Enquanto isso, Leo estava sendo chato, como sempre:

— Isso é tão legal! — Ele cuspiu uma pena de pégaso que entrara em sua

boca. — Para onde estamos indo?

— Um lugar seguro — respondeu Annabeth. — O *único* lugar seguro para pessoas como nós. O Acampamento Meio-Sangue.

— Meio-Sangue? — Piper ficou imediatamente atenta. Odiava esse tipo de palavra. Já fora chamada muitas vezes de meio-sangue, mestiça: meio cherokee, meio branca, e nunca de modo elogioso. — Isso é alguma brincadeira de mau gosto?

— Ela quer dizer que somos semideuses — disse Jason. — Metade deuses, metade mortais.

Annabeth olhou para trás.

— Você parece saber muitas coisas, Jason. Sim, somos semideuses. Minha mãe é Atena, deusa da sabedoria. Butch é filho de Íris, deusa do arco-íris.

Leo engasgou.

— Sua mãe é a deusa do arco-íris?

— Algum problema? — perguntou Butch.

— Não, não — respondeu Leo. — Arco-íris. Muito másculo.

— Butch é nosso melhor cavaleiro — disse Annabeth. — E se dá muito bem com os pégasos.

— Arco-íris, pôneis... — murmurou Leo.

— Vou jogar você para fora dessa carruagem — avisou Butch.

— Semideuses — disse Piper. — Você está querendo dizer que pensa que é... Que pensa que nós somos...

Um raio cortou o céu. A carruagem sacudiu, e Jason gritou:

— A roda da esquerda está em chamas!

Piper olhou para trás. Era verdade, a roda estava em chamas, labaredas brancas subiam pela lateral da carruagem.

O vento ficou mais forte. Piper olhou mais uma vez para trás e notou silhuetas negras se formando nas nuvens, mais espíritos da tempestade se aproximando da carruagem — estes, porém, se pareciam mais com cavalos que com anjos.

Ela começou a perguntar:

— Por que esses são...

— *Anemói* surgem em formas diferentes — disse Annabeth. — Algumas vezes como humanos, outras como garanhões, depende do quanto estejam caóticos. Segurem-se. Isso vai ser complicado.

Butch manejou as rédeas. Os pégasos aceleraram e a carruagem ficou indistinta. O estômago de Piper se revirou. Sua visão ficou turva. Quando tudo voltou ao normal, estavam em um lugar completamente diferente.

Um oceano gelado e cinzento se estendia à esquerda. À direita, campos cobertos de neve, estradas e bosques. Bem abaixo deles havia um vale verde,

como uma ilha de primavera, cercado por colinas nevadas e pela água, ao norte. Piper viu algumas construções parecidas com antigos templos gregos, uma mansão azul, um lago e uma parede de escalada, aparentemente em chamas. Porém, antes de poder realmente processar tudo o que via, as rodas voltaram a seus lugares e a carruagem desceu do céu.

Annabeth e Butch tentaram manter o controle. Os pégasos se esforçavam para estabilizar a carruagem, mas pareciam exaustos pela arrancada anterior, e aguentar a carruagem e o peso de cinco pessoas estava sendo demais.

— O lago! — gritou Annabeth. — Vão para o lago!

Piper lembrou-se de algo que seu pai certa vez lhe dissera: cair do alto em uma superfície com água era tão ruim quanto cair no cimento.

E então... *Bum!*

O pior impacto foi o do frio. Piper estava embaixo d'água, tão desorientada que não sabia em que direção estava a superfície.

Só teve tempo de pensar uma coisa: *Que jeito mais idiota de morrer*. Então surgiram rostos na escuridão verde — meninas com longos cabelos pretos e olhos amarelos e brilhantes, que sorriram para ela, agarraram-na pelos ombros e a arrastaram para cima.

Elas a deixaram na margem, tossindo e tremendo. Bem próximo, Butch estava de pé no lago, tirando dos pégasos os arreios destruídos. Felizmente, os cavalos pareciam bem, mas batiam as asas e espalhavam água para todos os lados. Jason, Leo e Annabeth já estavam fora do lago, cercados por crianças que lhes ofereciam cobertores e faziam perguntas. Alguém pegou Piper pelos braços e a ajudou a ficar de pé. Aparentemente, era normal que pessoas caíssem naquele lago, pois um grupo de campistas surgiu com o que pareciam gigantescos sopradores de folhas, feitos de bronze, e jogaram ar quente em Piper. Em cerca de dois segundos suas roupas estavam secas.

Eram pelo menos vinte campistas por ali — o mais jovem talvez com nove anos e o mais velho com dezoito ou dezenove —, todos vestindo camisetas laranja, iguais à de Annabeth. Piper olhou para a água e viu aquelas meninas estranhas logo abaixo da superfície, os cabelos flutuando na correnteza. Elas acenaram, como se dissessem “até mais”, e foram para o fundo. Um segundo depois tudo o que restava da carruagem foi atirado para fora do lago e caiu ali perto, fazendo um barulho de coisa molhada.

— Annabeth! — gritou um garoto com arco e flecha nas costas, que abria caminho na multidão. — Eu disse que você podia pegar a carruagem *emprestada*, não que podia destruí-la.

— Will, desculpe-me — disse Annabeth. — Vou consertá-la, prometo.

Will fez cara feia para a carruagem arruinada. Depois, avaliou Piper, Leo e

Jason.

— São esses? Eles têm bem mais que treze anos. Por que ainda não foram reclamados?

— Reclamados? — perguntou Leo.

Antes que Annabeth pudesse explicar, Will perguntou:

— Algum sinal de Percy?

— Não — admitiu ela.

Os campistas ficaram mudos. Piper não tinha ideia de quem seria o tal Percy, mas seu desaparecimento parecia algo importante.

Outra menina deu um passo à frente — alta, asiática, com cabelo preto e cacheado, muitas joias e maquiagem perfeita. De alguma forma, conseguia fazer com que a combinação jeans e camiseta laranja parecesse algo bastante glamoroso. Ela deu uma olhada em Leo, depois fixou os olhos em Jason, como se ele merecesse mais atenção, e finalmente torceu o nariz ao olhar para Piper, como se ela fosse um *burrito* de uma semana atrás resgatado de um latão de lixo. Piper conhecia esse tipo de garota. Já lidara com muitas assim na Escola da Vida Selvagem e em todos os outros colégios idiotas para onde o pai a mandava. Imediatamente, viu que seriam inimigas.

— Certo — disse a menina. — Só espero que eles valham a confusão.

Leo bufou.

— Nossa, obrigado. Quem somos nós, seus novos bichinhos de estimação?

— Não duvido — disse Jason. — Que tal algumas respostas antes de começarem a nos julgar... Do tipo: que lugar é esse, por que estamos aqui, quanto tempo vamos ficar?

Piper estava pensando nas mesmas perguntas, mas foi tomada por uma onda de ansiedade. *Valham a confusão*. Se aquelas pessoas soubessem de seu sonho... Eles não faziam ideia do...

— Jason — disse Annabeth. — Prometo que vamos responder a suas perguntas. E, Drew — disse ela, franzindo a testa para a menina glamorosa —, todos os semideuses valem a pena. Mas admito que a viagem não rendeu o que eu esperava.

— Ei — disse Piper —, não pedimos para sermos trazidos para cá.

Drew respirou fundo.

— E ninguém *quer* vocês aqui, querida. Seu cabelo está sempre assim, parecendo um texugo morto?

Piper deu um passo à frente, pronta para bater nela, mas Annabeth disse:

— Piper, pare.

Ela obedeceu. Não tinha nem um pouco de medo de Drew, mas Annabeth parecia alguém de quem não gostaria de ser inimiga.

— Precisamos fazer com que nossos recém-chegados se sintam bem-vindos — disse Annabeth, lançando mais um olhar duro a Drew. — Cada um terá um guia, que vai lhes mostrar o acampamento. Espero que hoje à noite, ao redor da fogueira, eles sejam reclamados.

— Alguém pode me explicar o que quer dizer ser *reclamado*? — perguntou Piper.

De repente, ouviu-se um arquejo coletivo. Os campistas deram um passo atrás. Num primeiro momento, Piper imaginou ter feito algo errado, mas depois notou que o rosto de todos eles estava banhado em uma estranha luz vermelha, como se alguém tivesse acendido uma tocha atrás dela. Virou-se e quase perdeu o fôlego.

Pairando no alto da cabeça de Leo havia uma resplandecente imagem holográfica: um martelo flamejante.

— Isso — disse Annabeth — é ser reclamado.

— O que foi que eu fiz? — Leo virou-se de costas para o lago, depois olhou para cima e soltou um grito. — Meu cabelo está pegando fogo? — Ele se abaixava, mas o símbolo acompanhava o movimento, subindo e descendo como se quisesse escrever algo com as chamas em sua cabeça.

— Isso não deve ser nada bom — murmurou Butch. — A maldição...

— Butch, cale-se — disse Annabeth. — Leo, você acaba de ser reclamado...

— Por um deus — interrompeu Jason. — Esse é o símbolo de Vulcano, não é? Todos os olhares se voltaram para ele.

— Jason — disse Annabeth, com cautela —, como você sabe disso?

— Não sei muito bem...

— Vulcano? — perguntou Leo. — Eu nem ao menos GOSTO de *Star Trek*. Do que você está falando?

— Vulcano é o nome romano de Hefesto — disse Annabeth —, o deus dos ferreiros e do fogo.

O martelo flamejante desapareceu, mas Leo continuava se esquivando, como se temesse que a coisa o estivesse seguindo.

— Deus *do quê*? Quem?

Annabeth virou-se para o menino com o arco.

— Will, você poderia levar Leo para um *tour* no acampamento? Apresente-o a seus colegas do chalé 9.

— Claro, Annabeth.

— O que é o chalé 9? — perguntou Leo. — Eu não sou um Vulcano!

— Vamos, sr. Spock, vou explicar tudo. — Will colocou uma das mãos no ombro de Leo e o guiou em direção aos chalés.

Annabeth voltou sua atenção para Jason. Normalmente, Piper não gostava de

ver outras garotas observando seu namorado, mas Annabeth parecia não ligar para o fato de que Jason era bonito. Estudava-o como se ele fosse um complicado projeto arquitetônico. Finalmente, ela disse:

— Mostre seu braço.

Piper notou para o que ela olhava, e seus olhos se arregalaram.

Jason tirara o casaco depois de cair no lago, deixando os braços à mostra, e na parte interna do antebraço direito havia uma tatuagem. Como Piper nunca vira aquilo? Já olhara para os braços de Jason milhares de vezes. A tatuagem não poderia ter aparecido *do nada*, e era bem escura, impossível não percebê-la: várias linhas retas, como um código de barras, e no alto uma águia e as letras ^{SPQR}.

— Nunca vi marcas assim — disse Annabeth. — Onde fez isso?

Jason sacudiu a cabeça.

— Já estou ficando cansado de repetir isso, mas não sei.

Os outros campistas se aproximaram, tentando olhar a tatuagem. As marcas pareceram deixar todos *bem zangados*... Quase como uma declaração de guerra.

— Parecem ter sido queimadas na sua pele — notou Annabeth.

— E foram mesmo — disse Jason. Depois contraiu o corpo, como se a cabeça doesse. — Quer dizer, eu acho. Mas não lembro.

Ninguém disse nada. Claramente, os campistas tinham Annabeth como a líder. Estavam esperando seu veredito.

— Ele precisa ir diretamente a Quíron — decidiu Annabeth. — Drew, você pode...

— Claro — respondeu ela, dando o braço a Jason. — Por aqui, querido. Vou levá-lo ao nosso diretor. Ele é um cara... *interessante*. — Depois lançou a Piper um olhar complacente, e levou Jason na direção da grande casa azul na colina.

Todos começaram a se dispersar, até que restaram apenas Annabeth e Piper.

— Quem é Quíron? — perguntou Piper. — Jason está metido em algum problema?

Annabeth hesitou.

— Boa pergunta, Piper. Venha comigo, eu vou lhe mostrar o lugar. Precisamos ter uma conversa.

IV

PIPER

PIPER LOGO PERCEBEU QUE **A**NNABETH não estava de corpo e alma no passeio.

Ela falou sobre todas as coisas incríveis que o acampamento oferecia — prática mágica de arco e flecha, passeios de pégaso, a parede de lava, lutas com monstros —, mas sem nenhum entusiasmo, como se sua cabeça estivesse longe dali. Apontou para o pavilhão descoberto que dava vista para Long Island. (Sim, Long Island, Nova York. Eles viajaram até *muito longe* naquela carruagem.) Annabeth explicou que o Acampamento Meio-Sangue era sobretudo um acampamento de férias, mas que alguns campistas ficavam ali o ano inteiro, e eram tantos chegando que o lugar agora estava sempre lotado, mesmo no inverno.

Piper ficou imaginando quem comandava o acampamento, e como eles sabiam que ela e os amigos deveriam estar ali. Pensou se teria de ficar lá o tempo inteiro ou se iria se sair bem nas atividades. Alguém pode ser reprovado em luta com monstros? Várias dúvidas tomaram conta de sua cabeça, mas, vendo o humor de Annabeth, resolveu ficar calada.

Ao subirem uma colina nos limites do acampamento, Piper virou-se e deparou com uma vista incrível do vale: grandes bosques a noroeste, uma linda praia, um riacho, o lago de canoagem, campos verdejantes e os chalés — um bizarro conjunto de construções dispostas em semicírculo de um jeito que formava a letra grega ômega (Ω), com um gramado no centro e dois anexos nas extremidades. Piper contou vinte chalés. Um era dourado, outro, prateado. Um tinha grama no telhado. Outro era vermelho vivo, coberto de arame farpado. Havia um todo preto, com tochas de chamas verdes na entrada.

Tudo aquilo parecia um mundo à parte, bem diferente das colinas nevadas e dos campos lá fora.

— O vale está protegido do olhar dos mortais — disse Annabeth. — Como você pode ver, o clima também é controlado. Cada chalé representa um deus grego, e neles vivem os filhos desses deuses.

Ela observava Piper como se tentasse avaliar como a garota estava recebendo aquelas novidades.

— Quer dizer que minha mãe é uma deusa?

Annabeth fez que sim.

— Você está aceitando tudo isso muito bem.

Piper não podia dizer por quê. Não podia admitir que tudo aquilo só confirmava as sensações estranhas que experimentava havia anos, as discussões com o pai sobre não terem fotos da mãe em casa e por que ele nunca dissera exatamente como ou por que ela os abandonara. Porém, acima de tudo isso, confirmava o sonho que a avisara de que aquilo aconteceria. *Logo a encontrarão, semideusa, ressoou a tal voz. Quando acontecer, siga nossas orientações. Coopere, e seu pai poderá sobreviver.*

A respiração de Piper falhou.

— Acho que, depois de tudo o que aconteceu esta manhã, é um pouco mais fácil acreditar. Então, quem é minha mãe?

— Vamos saber em breve — respondeu Annabeth. — Você tem o quê... Quinze anos? Os deuses devem reclamar seus filhos aos treze. É esse o trato.

— Trato?

— Eles fizeram uma promessa no verão passado... Bem, é uma longa história... Mas eles se comprometeram a não mais ignorar seus filhos semideuses, a reclamá-los quando eles completassem treze anos. Algumas vezes demora um pouco mais, mas você mesma viu que Leo chegou e logo foi identificado. Deve acontecer com você a qualquer momento. Hoje à noite, na fogueira, aposto que teremos um sinal.

Piper imaginou como seria ter um machado de fogo no alto da cabeça. Ou, com a pouca sorte que tinha, talvez fosse algo ainda mais constrangedor. Um vombate flamejante, talvez. Seja lá quem fosse sua mãe, Piper não tinha motivos para imaginar que ela ficaria orgulhosa ao reclamar uma garota cleptomaníaca com tantos problemas.

— Por que aos treze anos?

— Quanto mais velhos vocês ficam — disse Annabeth —, mais facilmente são notados pelos monstros, que vão tentar matá-los. Isso normalmente começa por volta dos treze anos. Então, enviamos protetores às escolas, para encontrá-los e trazê-los ao acampamento antes que seja tarde demais.

— Como o treinador Hedge?

Annabeth fez que sim.

— Ele... É um sátiro. Metade homem, metade bode. Eles trabalham para o acampamento, procuram semideuses, protegem-nos e os trazem para cá quando chega o momento.

Piper não duvidava de que Hedge fosse metade bode. Ela o vira comer. Nunca gostara muito dele, mas não conseguia acreditar que ele sacrificara a vida para protegê-los.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Piper. — Quando entramos nas nuvens ele... Ele se foi para sempre?

— É difícil dizer — respondeu Annabeth, com expressão de pesar. — Os espíritos da tempestade... são complicados de vencer. Mesmo nossas melhores armas, o bronze celestial, vão simplesmente atravessá-los, a menos que sejam pegos de surpresa.

— A espada de Jason os transformou em pó — lembrou Piper.

— Ele teve sorte, então. Se você acerta em cheio um monstro, consegue fazê-lo se desintegrar e envia sua essência de volta ao Tártaro.

— Tártaro?

— Um grande abismo no Mundo Inferior, de onde vêm os piores monstros. Uma espécie de poço sem fundo com todo o mal. De qualquer maneira, uma vez desintegrados, normalmente é preciso meses, ou mesmo anos, até que ganhem forma outra vez. Mas, como esse espírito da tempestade, o tal Dylan, escapou... Bem... na verdade, não vejo por que ele deixaria seu treinador vivo. E Hedge, afinal de contas, era um protetor. Conhecia os riscos. Sátiros não têm alma mortal. Ele vai reencarnar em uma árvore, uma flor ou algo do tipo.

Piper tentou imaginar o treinador como um irritado arbusto de amor-perfeito. Sentiu-se ainda pior.

Olhou os chalés lá embaixo, e uma sensação ruim a invadiu. Hedge havia morrido para que ela chegasse ali a salvo. O chalé de sua mãe estava em algum lugar no vale, o que queria dizer que tinha irmãos e irmãs, mais pessoas a quem trairia. *Faça o que dissermos*, a tal voz lhe falara. *Ou as consequências serão dolorosas*. Ela escondeu as mãos sob os braços cruzados, tentando fazê-las parar de tremer.

— Vai ficar tudo bem — prometeu Annabeth. — Você tem amigos aqui. Já vivemos muita coisa estranha. Sabemos o que está sentindo.

Duvido, pensou Piper.

— Fui expulsa de cinco escolas nos últimos cinco anos — disse ela. — Meu pai já não sabe onde me matricular.

— Só cinco? — Annabeth não parecia estar debochando. — Piper, todos nós fomos tachados de problemáticos. Eu fugi de casa aos sete anos.

— Sério?

— Sério. A maioria de nós é diagnosticada como portadora de dislexia ou de transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, ou as duas coisas...

— Leo tem ^{TDH} — disse Piper.

— Claro. Isso é porque somos programados para o combate. Somos rebeldes, impulsivos... Não nos saímos bem entre as crianças normais. Você precisa ver quantas encrencas Percy... — O rosto dela ficou sério. — Nós, semideuses, temos má fama. Você se encrencou com o quê?

Normalmente, ao ouvir uma pergunta dessas Piper começava uma briga, mudava de assunto ou tentava distrair a outra pessoa. Mas, sem saber por quê, resolveu contar a verdade.

— Eu roubo coisas — disse. — Bem, não é exatamente *roubar*...

— Sua família é pobre?

Piper sorriu com amargura.

— Nem um pouco. Eu fazia isso... Não sei por quê. Para chamar atenção, acho. Meu pai nunca tinha tempo para mim, a menos que eu estivesse em apuros.

Annabeth assentiu.

— Entendo. Mas você disse que não roubava exatamente. O que fazia?

— Sabe... Ninguém acredita em mim. A polícia, os professores, até mesmo as pessoas de quem eu roubava: ficavam constrangidas, negavam tudo. Mas a verdade é que eu não roubo. Só peço as coisas às pessoas. E eles me dão. Mesmo o ^{BMW} conversível. Eu pedi, só isso. E o vendedor disse: “Claro, leve.” Depois ele percebeu o que tinha feito, acho. E então a polícia foi atrás de mim.

Piper parou um instante. Estava acostumada a ser chamada de mentirosa. Porém, quando olhou para cima, Annabeth fazia que sim com a cabeça.

— Interessante. Se seu *pai* fosse um deus, eu diria que você é filha de Hermes, deus dos ladrões. Ele é muito persuasivo. Mas seu pai é mortal...

— Bastante... — ela concordou.

Annabeth sacudiu a cabeça, parecendo confusa.

— Não sei, então. Se tivermos sorte, sua mãe a reclamará ainda esta noite.

Piper quase desejava que isso não acontecesse. Se sua mãe fosse uma deusa, saberia de seu sonho? Saberia o que pediram a ela? Piper se perguntou se os deuses do Olimpo castigavam com raios seus filhos mais malvados, ou se talvez os aprisionavam no Mundo Inferior.

Annabeth a observava. Piper chegou à conclusão de que deveria ser mais cuidadosa dali em diante. Se alguém descobrisse seu segredo...

— Vamos — disse Annabeth, finalmente. — Preciso ver uma coisa.

Caminharam um pouco mais, até uma gruta perto do topo da colina. O chão era coberto de ossos e antigas espadas. Tochas flanqueavam a entrada, fechada

com uma cortina de veludo vermelho com bordados de cobras. Lembrava um esquisito teatro de marionetes.

— O que tem lá dentro? — perguntou Piper.

Annabeth deu uma espiada, então soltou um suspiro e fechou as cortinas.

— Agora, nada. O lugar é de uma amiga. Estou esperando por ela há alguns dias, mas até agora, nada.

— Sua amiga mora numa gruta?

Annabeth quase sorriu.

— Na verdade, a família dela tem um condomínio de luxo no Queens, e ela estuda em um educandário para moças em Connecticut. Mas, quando está aqui no acampamento, mora na gruta, sim. Ela é nosso oráculo, é capaz de prever o futuro. Acho que poderá me ajudar a...

— Encontrar Percy — adivinhou Piper.

Toda a energia de Annabeth pareceu ter ido embora, como se ela já tivesse suportado aquilo por tempo demais. Ela se sentou numa pedra e sua expressão demonstrava tanta dor que Piper sentiu-se mal por estar ali, olhando.

Ela se obrigou a virar para o outro lado. Seus olhos pousaram no topo da colina, dominado por um solitário pinheiro. Algo brilhava no galho mais baixo. Parecia uma toalha de banho dourada e felpuda.

Não, não era uma toalha de banho. Era uma pele de carneiro.

Certo, pensou Piper. Acampamento grego. O.k. Eles têm uma réplica do Velocino de Ouro.

Depois ela percebeu a base da árvore. Num primeiro momento, pensou que houvesse vários cabos púrpura a envolvendo. Mas os cabos tinham escamas de réptil, patas com garras e cabeça de cobra, com olhos amarelos e narinas que soltavam fumaça.

— Aquilo... É um dragão — murmurou ela. — E aquele... É o Velocino de Ouro de verdade?

Annabeth balançou a cabeça positivamente, mas era nítido que não estava prestando atenção ao que Piper dizia. Seus ombros se curvaram. Ela esfregou o rosto e respirou fundo.

— Desculpe-me. Estou um pouco cansada.

— Parece prestes a desmoronar. Há quanto tempo está procurando seu namorado?

— Três dias, seis horas e mais ou menos doze minutos.

— E não tem ideia do que aconteceu com ele?

Annabeth fez que não, triste.

— Estávamos animados porque nossas férias de verão tinham começado mais cedo. Nós nos encontramos no acampamento terça-feira, e imaginávamos que

teríamos três semanas juntos. Ia ser ótimo. Mas, após a fogueira, ele... Ele me deu um beijo de boa-noite, foi para o chalé e, na manhã seguinte, tinha desaparecido. Procuramos em todo o acampamento. Entramos em contato com a mãe dele. Tentamos achá-lo de todo jeito. E nada. Ele sumiu.

Piper estava pensando: *Três dias atrás*. A mesma noite em que ela teve o tal sonho.

— Há quanto tempo estão juntos?

— Desde agosto. Dezoito de agosto.

— Quase a mesma época em que conheci Jason — disse Piper. — Mas só estamos juntos há algumas semanas.

— Piper, falando nisso... Talvez seja melhor você se sentar aqui...

Piper sabia onde aquela conversa terminaria. Sentiu uma onda de pânico invadir seu corpo, como se seus pulmões se enchessem de água.

— Olhe, eu sei que Jason pensa... Pensa que *apareceu* na escola hoje, do nada. Mas não é verdade. Eu o conheço há quatro meses.

— Piper — disse Annabeth, chateada. — Isso é a Névoa.

— O quê?

— N-é-v-o-a. Uma espécie de véu que separa o mundo dos mortais e o mundo mágico. As mentes mortais não conseguem processar coisas estranhas como deuses e monstros, então, a Névoa constrói realidade. Faz os mortais enxergarem tudo de uma forma que *consigam* entender... É como se seus olhos simplesmente não notassem esse vale, por exemplo. Ou talvez olhassem para o dragão e vissem um amontoado de cabos.

Piper engoliu em seco.

— Não. Você mesma disse que não sou uma mortal qualquer. Sou uma semideusa.

— Até semideuses podem ser afetados. Já vi isso acontecer muitas vezes. Os monstros se infiltram em lugares como escolas, por exemplo, fazendo-se passar por humanos, e todos *acham* que se lembram daquela pessoa. Juram que ela sempre esteve por perto. A Névoa pode influenciar a memória, ou mesmo criar lembranças que nunca aconteceram...

— Mas Jason não é um monstro! — insistiu Piper. — É um humano, ou um semideus, ou seja lá como queira chamar. Minhas lembranças não são falsas. São *muito* reais. A vez em que colocamos fogo na calça do treinador Hedge. E quando Jason e eu vimos um meteoro do telhado do alojamento e eu finalmente consegui que o bobo me beijasse...

Piper divagava, narrando para Annabeth todo o semestre na Escola da Vida Selvagem. Gostara de Jason desde a primeira vez que o vira. Ele era muito legal com ela, muito paciente, conseguia até mesmo aturar a hiperatividade e as piadas

idiotas de Leo. Ele a aceitava como era, não julgava as besteiras que já tinha feito. Os dois haviam passado horas conversando, olhando as estrelas e... finalmente... tinham dado as mãos. E isso tudo *não* podia ser mentira.

Annabeth contraiu os lábios.

— Piper, tenho que admitir que suas memórias são mais detalhadas que as da maioria, e não sei o porquê disso. Mas, se você o conhece tão bem...

— Conheço!

— Então, de onde ele é?

Piper sentiu-se como se tivesse levado um soco entre os olhos.

— Ele deve ter me contado, mas...

— Já tinha notado a tatuagem dele? Já o ouviu falando qualquer coisa sobre pais, amigos, colégios anteriores?

— Eu... Eu não sei, mas...

— Piper, qual é o sobrenome dele?

A mente de Piper ficou em branco. Ela não sabia o sobrenome de Jason. Como era possível?

Piper começou a chorar. Sentia-se completamente idiota, mas sentou-se na pedra ao lado de Annabeth e caiu em prantos. Aquilo já era demais. Será que *todas* as coisas boas na sua vida estúpida e miserável tinham de ser tiradas dela?

Sim, fora a resposta do seu sonho. *Sim*, a menos que *faça exatamente o que dissermos*.

— Ei — disse Annabeth. — Vamos resolver isso, o.k.? Jason agora está aqui. Quem sabe? Talvez as coisas deem certo entre vocês.

Não é provável, pensou Piper. Não se o sonho for verdade. Mas ela não podia contar isso.

Limpou uma lágrima do rosto.

— Você me trouxe aqui para que ninguém me visse chorando, não é?

Annabeth encolheu os ombros.

— Achei que ia ser difícil para você. Sei o que é perder o namorado.

— Mas continuo sem poder acreditar... *Sei* que tivemos algo. E agora acabou, ele nem mesmo me reconhece. Se ele realmente apareceu hoje, do nada, o que isso significa? Como ele chegou lá? Por que não se lembra de nada?

— Boas perguntas — disse Annabeth. — Espero que Quíron possa esclarecer tudo isso. Mas, por enquanto, precisamos acomodar você. Está pronta para voltar?

Piper olhou para o estranho conjunto de chalés no vale... Seu novo lar, uma família que iria compreendê-la... e que em pouco tempo seria apenas mais um bando de gente a quem ela desapontaria, mais um lugar de onde seria expulsa. *Você vai trair todos eles por nós*, a voz avisara. *Ou perderá tudo*.

Ela não tinha escolha.

— Sim — mentiu. — Estou pronta.

*

No gramado central, um grupo de campistas estava jogando basquete. Lançavam a bola de modo impressionante. Nada escapava do aro. Cestas de três pontos caíam automaticamente.

— O chalé de Apolo — disse Annabeth. — Adoram se exhibir com projéteis, flechas, bolas de basquete.

Elas passaram por um fogareiro que ficava no centro de tudo, e dois meninos lutavam com espadas.

— As lâminas cortam mesmo? — perguntou Piper. — Não é perigoso?

— Corta essa... — respondeu Annabeth. — Ah, sinto muito. Péssimo trocadilho. Meu chalé é aquele lá. Número 6.

Ela indicou com a cabeça uma construção cinza, com uma coruja entalhada no alto da porta, que estava aberta. Piper viu estantes de livros, um mostruário de armas e uma daquelas lousas digitais que se tem em salas de aula. Duas garotas desenhavam um mapa, que parecia um diagrama de batalha.

— Falando em espadas — disse Annabeth —, venha.

Piper e ela contornaram o chalé até um grande galpão de metal que parecia feito para guardar ferramentas de jardinagem. Annabeth abriu a porta, mas não era bem *isso* que havia lá dentro — a menos que alguém quisesse declarar guerra à própria plantação de tomates. O galpão estava repleto de todo tipo de armas, de espadas e lanças a tacos, como o do treinador Hedge.

— Todo semideus precisa de uma arma — disse Annabeth. — Hefesto confecciona as melhores, mas também temos uma boa seleção aqui. Atena é sinônimo de estratégia: encontrar a arma perfeita para a pessoa certa. Vamos ver...

Piper não estava muito no clima para uma tarde de compras de apetrechos mortíferos, mas sabia que a garota estava tentando ser gentil. Annabeth lhe ofereceu uma espada enorme, que Piper mal conseguia erguer.

— Não — as duas disseram em uníssono.

Annabeth avançou um pouco mais no galpão e trouxe outra coisa.

— Uma espingarda? — perguntou Piper.

— Uma Mossberg 500 — disse Annabeth, engatilhando a arma como se aquilo não fosse nada demais. — Não se preocupe. Não fere humanos. Está

adaptada para disparar bronze celestial, e por isso só mata monstros.

— Hum... Não sei se faz meu estilo — disse Piper.

— É... — concordou Annabeth. — Muito espalhafatosa.

Ela colocou a espingarda de volta no lugar e começou a procurar em uma prateleira de balestras medievais, quando, num canto, algo chamou a atenção de Piper.

— O que é isso? Uma faca?

Annabeth pegou a tal faca e limpou a poeira da bainha. Aquilo parecia não ver a luz do dia havia séculos.

— Não sei, Piper. — Annabeth pareceu desconfortável. — Não acho que vá querer essa. Espadas são sempre melhores.

— Você usa uma faca.

Piper apontava para a arma presa ao cinto de Annabeth.

— Sim, mas... — Annabeth deu de ombros. — Bem, se é isso o que você quer, dê uma olhada.

A bainha era de couro preto, com fecho em bronze. Nada extravagante, nada espalhafatosa. O cabo de madeira lustrosa cabia perfeitamente na mão de Piper. Ao desembainhar a faca, ela encontrou uma lâmina triangular de quarenta e cinco centímetros, e o bronze brilhava tanto que parecia ter sido polido no dia anterior. Estava extremamente afiada. Piper ficou surpresa ao se ver refletida na lâmina. Parecia mais velha, mais séria, e menos assustada do que se sentia.

— É perfeita para você — disse Annabeth. — Esse tipo de adaga chama-se *parazônio*. Era sobretudo cerimonial, carregada por oficiais de alta patente dos exércitos gregos. Denotava poder e riqueza, mas também era capaz de proporcionar bastante segurança numa luta.

— Gosto dela — disse Piper. — Mas por que você disse que não seria boa escolha?

Annabeth suspirou.

— Essa arma tem uma longa história. A maioria das pessoas teria medo de escolhê-la. A primeira dona... Bem, as coisas não terminaram bem para ela. Seu nome era Helena.

Piper assimilou o que escutava.

— Espere, você está falando *daquela* Helena? A de Troia?

Annabeth fez que sim.

De repente, Piper teve a sensação de que deveria estar usando luvas cirúrgicas para tocar naquilo.

— E a arma de Helena de Troia simplesmente está aqui, no seu galpão?

— Estamos rodeadas de artefatos da Grécia Antiga — disse Annabeth. — Isso não é um museu. Armas assim foram feitas para serem usadas. São nossa

herança como semideuses. Esta foi um presente de casamento de Menelau, o primeiro marido de Helena. Ela chamava a adaga de Katoptris.

— E o que significa?

— Espelho. Vidro em que se olhar — disse Annabeth. — Provavelmente, porque Helena só usasse para isso mesmo. Acho que a adaga nunca esteve numa batalha.

Piper voltou a olhar para a lâmina. Por um momento o próprio reflexo a ficou encarando, mas depois a imagem mudou. Ela viu chamas, e uma face grotesca, que parecia entalhada numa rocha. Ouviu a mesma gargalhada de seu sonho. Viu seu pai acorrentado a uma estaca, em frente a uma fogueira.

Ela deixou a adaga cair no chão.

— Piper? — Annabeth se dirigiu aos garotos de Apolo que estavam na quadra. — Um médico! Preciso de ajuda aqui!

— Não, eu... Eu estou bem — Piper conseguiu dizer.

— Tem certeza?

— Sim. Eu só... — Ela precisava se controlar. Com dedos trêmulos, pegou a adaga. — Está sendo um pouco demais para mim. Aconteceu tanta coisa hoje... Mas quero ficar com a adaga, se não for problema.

Annabeth hesitou. Depois fez um sinal para que o pessoal de Apolo fosse embora.

— Tudo bem, se é isso o que quer... Mas você ficou pálida demais. Imaginei que estivesse tendo uma convulsão ou algo assim.

— Estou bem — ela afirmou, mas seu coração permanecia disparado. — Tem algum telefone aqui no acampamento? Posso ligar para o meu pai?

Os olhos cinzentos de Annabeth eram quase tão perturbadores quanto a lâmina da adaga. Ela parecia estar calculando milhares de possibilidades, tentando decifrar os pensamentos de Piper.

— Não podemos ter telefone aqui — disse. — Para a maioria dos semideuses, usar celulares é quase o mesmo que disparar um sinal avisando aos monstros onde você está. Mas... Eu tenho um — disse, tirando um telefone do bolso. — É meio contra as regras, então esse vai ser o nosso segredo...

Piper pegou o aparelho, agradecida, tentando evitar que suas mãos tremessem. Afastou-se de Annabeth e virou-se para a área comum.

Ligou para o número particular do pai, mesmo sabendo o que aconteceria. Caixa postal. Estava tentando havia três dias, desde que tivera aquele sonho. Na Escola da Vida Selvagem só se permitia o uso de telefone uma vez ao dia, e ela tentara todas as tardes, sem sucesso.

Relutante, discou outro número. A assistente do pai atendeu imediatamente.

— Escritório do senhor McLean.

— Jane — disse Piper, trincando os dentes. — Onde está meu pai?

A assistente ficou em silêncio por um momento, provavelmente imaginando se poderia desligar.

— Piper, eu achava que era proibido telefonar da escola.

— Talvez eu não esteja na escola — disse Piper. — Posso ter fugido para viver entre as criaturas selvagens.

— Sei... — Jane não parecia nada preocupada. — Vou dizer a ele que ligou.

— Onde ele está?

— Fora.

— Você não sabe onde ele está, certo? — Piper falou mais baixo, torcendo para que Annabeth não estivesse escutando. — Quando vai ligar para a polícia, Jane? Ele pode estar em perigo.

— Piper, não vamos transformar isso num circo para a mídia. Tenho certeza de que ele está bem. Ele desaparece, às vezes. E sempre volta.

— Então é verdade. Você *não* sabe...

— Preciso ir, Piper. Divirta-se na escola.

A linha ficou muda. Piper praguejou. Voltou para junto de Annabeth e devolveu o telefone.

— Nada? — perguntou Annabeth.

Piper não respondeu. Não confiava em si mesma, poderia acabar chorando mais uma vez.

Annabeth olhou para o visor do telefone e hesitou.

— Seu sobrenome é McLean? Desculpe, sei que não é da minha conta, mas acho que conheço esse nome...

— É um nome comum.

— É, deve ser. O que seu pai faz?

— Ele é formado em artes — respondeu Piper automaticamente. — É um artista cherokee.

Era a resposta de sempre. Não que fosse mentira, mas também não era toda a verdade. A maioria das pessoas, quando ouvia isso, imaginava seu pai vendendo artesanato numa barraca de beira de estrada dentro de uma reserva indígena. Bonequinhos do Touro Sentado, colares de contas, esse tipo de coisas.

— Ah... — Annabeth guardou o telefone, mas não parecia convencida. — Você está bem? Vamos em frente?

Piper prendeu sua nova adaga à cintura e prometeu a si mesma que mais tarde, quando estivesse sozinha, tentaria descobrir como manejar aquilo.

— Claro — respondeu. — Quero ver tudo.

*

Todos os chalés eram legais, mas Piper não se identificou com nenhum deles. Nenhum sinal de fogo — um vombate ou o que fosse — apareceu sobre sua cabeça.

O chalé 8 era todo prateado e brilhava como uma lua.

— Ártemis? — perguntou ela.

— Você conhece mitologia grega? — perguntou Annabeth.

— Li alguma coisa quando meu pai trabalhava num projeto, ano passado.

— Achei que ele trabalhasse com arte cherokee.

Piper conteve um palavrão.

— Ah, claro. Mas, sabe, ele faz outras coisas também — devolveu ela, achando que tinha posto tudo a perder: McLean, mitologia grega. Felizmente, Annabeth parecia não ter ligado uma coisa a outra.

— Seja como for — continuou Annabeth —, Ártemis é a deusa da lua, da caça. Mas não tem campistas ali. A deusa é uma eterna donzela, não tem filhos.

— Ah...

Piper ficou um tanto desapontada. Ela sempre gostara das histórias de Ártemis, e imaginou que a deusa seria uma mãe legal.

— Bem, mas *existem* as Caçadoras de Ártemis — acrescentou Annabeth. — Elas nos visitam, às vezes. Não são filhas da deusa, são suas servas... Um bando de garotas imortais que se aventuram juntas por aí, caçando monstros e coisas do tipo.

Piper se animou:

— Parece bem legal. Mas elas se tornam imortais?

— A menos que morram em combate ou quebrem seus votos, sim. Já disse que são obrigadas a abrir mão dos garotos? Nada de namoro... Nunca. Por toda a eternidade.

— Ah — disse Piper. — Então esqueça.

Annabeth sorriu. Por um momento, pareceu quase feliz, e Piper imaginou que em tempos melhores poderia ser legal tê-la como amiga.

Nem pense nisso, disse Piper a si mesma. Você não vai fazer amigos por aqui. Não quando descobrirem tudo.

Passaram pelo chalé seguinte, o número 10, decorado como a casa da Barbie, com cortinas de renda, porta cor-de-rosa e vasinhos de cravos nas janelas. Na entrada, o cheiro de perfume quase deixou Piper tonta.

— Nossa! É para cá que as supermodelos vêm quando morrem?

Annabeth abriu um sorriso maldoso.

— É o chalé de Afrodite. Deusa do amor. Drew é a conselheira-chefe.

— Já imaginava — disse Piper.

— Elas não são tão ruins. A conselheira anterior era ótima.

— O que aconteceu com ela?

Annabeth ficou séria.

— Melhor seguirmos em frente.

Elas deram uma olhada nos outros chalés, e Piper ficou ainda mais deprimida. Pensou se não seria filha de Deméter, deusa da agricultura. Não, pois matara todas as plantas das quais já cuidara. Atena seria legal. Ou talvez Hécate, a deusa da magia. Mas isso não importava. Mesmo ali, onde todos deveriam encontrar um pai ou mãe perdido, Piper sabia que, no fim, seria uma menina rejeitada. Não estava muito ansiosa pelo momento da fogueira.

— No começo eram só os doze olimpianos — explicou Annabeth. — Deuses à esquerda, deusas à direita. Mas no último ano incluímos novos chalés para outros deuses que não têm trono no Olimpo: Hécate, Hades, Íris...

— O que são os dois chalés maiores, no final? — perguntou Piper.

Annabeth franziu o rosto.

— Zeus e Hera. Rei e rainha dos deuses.

Piper seguiu naquela direção, e Annabeth foi atrás, apesar de não parecer muito animada. O chalé de Zeus parecia a sede de um banco. Revestido de mármore branco, com grandes colunas na frente e reluzentes portas de bronze com raios decorando seus brasões.

Hera tinha um chalé menor, mas no mesmo estilo, exceto pelas portas, cujos brasões tinham o desenho de penas de pavão e reluziam em várias cores.

Ao contrário dos outros, que eram barulhentos e estavam abertos, em plena atividade, os chalés de Zeus e Hera pareciam fechados e silenciosos.

— Estão vazios? — perguntou Piper.

Annabeth fez que sim, e disse:

— Zeus ficou muito tempo sem ter filhos. Na verdade, foi quase isso. Zeus, Poseidon e Hades, os mais velhos entre os deuses-irmãos, são chamados de os Três Grandes. Sua prole é muito poderosa e perigosa. Nos últimos setenta anos, mais ou menos, eles tentaram evitar ter filhos semideuses.

— *Tentaram evitar?*

— Algumas vezes... Bem, eles trapacearam. Eu tenho uma amiga, Thalia Grace, que é filha de Zeus. Mas ela abandonou a vida no acampamento para se tornar uma Caçadora de Ártemis. Meu namorado, Percy, é filho de Poseidon. E tem também um menino que aparece às vezes, Nico... filho de Hades. Exceto esses, não há semideuses filhos dos Três Grandes. Pelo menos, não que se saiba.

— E Hera? — perguntou Piper, olhando as portas com penas de pavão.

Aquele chalé a incomodava, embora ela não soubesse por quê.

— A deusa do casamento — disse Annabeth, em tom decididamente controlado, como se tentasse conter um comentário maldoso. — Ela não teve filhos com ninguém, exceto Zeus. Então, nada de semideuses. É um chalé honorário.

— Você não gosta dela — observou Piper.

— É uma longa história — admitiu Annabeth. — Imaginei que tivéssemos feito as pazes, mas quando Percy desapareceu tive uma visão esquisita na qual ela apareceu.

— Pedindo a você que fosse nos buscar. E você imaginou que Percy estaria lá.

— Talvez seja melhor não tocar nesse assunto — disse Annabeth. — Não tenho nada de bom a dizer sobre Hera nesse momento.

— Mas quem vem aqui? — perguntou Piper, olhando para baixo.

— Ninguém. É um chalé honorário, como eu disse. Ninguém vem para cá.

— Alguém veio, sim.

Piper apontou para uma pegada na empoeirada soleira da porta. Por instinto, ela empurrou as portas, que facilmente se abriram.

Annabeth deu um passo atrás.

— Ah, Piper, não sei se deveríamos...

— Estamos aqui para fazer coisas perigosas, certo? — perguntou ela, e depois entrou no chalé.

*

O chalé de Hera não era um lugar onde Piper gostaria de viver. Era frio como um freezer, e um círculo de colunas brancas rodeava uma estátua central da deusa, de três metros de altura, vestida com uma longa toga dourada e sentada em um trono. Piper sempre imaginou as estátuas gregas brancas, com olhos vazios, mas aquela tinha uma pintura bastante viva, quase humana, exceto pelo tamanho. Seus olhos penetrantes pareciam seguir Piper.

Aos pés da deusa o fogo ardia em um braseiro de bronze. Piper ficou imaginando quem o alimentava, já que o chalé ficava sempre vazio. Havia um falcão de pedra pousado no ombro de Hera, e na mão ela levava um bastão com uma flor de lótus na ponta. Seu cabelo preto estava arrumado em uma trança. O rosto era sorridente, mas os olhos, frios e calculistas, como se ela dissesse: *A mãe é quem melhor sabe. Não se ponha em meu caminho ou terei de pisar em você.*

Não havia mais nada no chalé. Camas, móveis, banheiro, janelas, nada daquilo que se usa em uma casa. Como deusa do lar e do casamento, Hera tinha um chalé que mais parecia uma tumba.

Não, aquela não era sua mãe. *Disso* Piper tinha certeza. Não fora atraída até ali por algum *bom* sentimento, mas sim porque sentira mais medo. Seu sonho — o terrível ultimato que recebera — tinha algo a ver com aquele chalé.

Ela ficou imóvel. Não estavam sozinhas. Atrás da estátua, em um pequeno altar nos fundos, havia uma figura de pé, coberta por um xale preto. Apenas as mãos estavam visíveis, com a palma virada para cima. Parecia estar recitando algo, como uma oração ou um feitiço.

Annabeth perdeu o fôlego.

— Rachel?

A garota virou-se. Baixou o xale, revelando cabelos ruivos fartos e encaracolados e um rosto sardento, que não combinavam em nada com a seriedade do chalé ou com o pano escuro. Parecia ter uns dezessete anos, uma adolescente completamente normal, vestindo blusa verde e jeans surrados, rabiscados com marca-texto. Apesar do chão frio, estava descalça.

— Ei! — disse a garota, correndo para dar um abraço em Annabeth. — Sinto muito. Vim o mais rápido que pude!

Elas conversaram por alguns minutos sobre o namorado de Annabeth e a falta de notícias, até que finalmente Annabeth lembrou-se de Piper, que estava ali, de pé e sem graça.

— Que falta de educação a minha! — desculpou-se Annabeth. — Rachel, esta é Piper, uma das meios-sangues que resgatamos hoje. Piper, esta é Rachel Elizabeth Dare, nosso oráculo.

— A amiga que mora na gruta — disse Piper.

— Sim, sou eu — respondeu Rachel, sorrindo.

— Então você é um oráculo? Pode prever o futuro?

— Na verdade, é o futuro que vem ao meu encontro de vez em quando — disse Rachel. — Eu faço profecias. O espírito do oráculo me sequestra vez ou outra e diz coisas importantes, que não fazem sentido para ninguém. Mas, sim, as profecias falam do futuro.

— Ah — disse Piper, trocando o peso do corpo de um pé para o outro. — Legal.

Rachel riu.

— Não se preocupe. Todos acham isso um pouco assustador. Até eu mesma. Mas, normalmente, sou inofensiva.

— Você é uma semideusa?

— Não. Sou apenas uma mortal.

— Então o que você... — perguntou Piper, movendo a mão, mostrando o lugar.

O sorriso de Rachel desapareceu. Ela olhou para Annabeth, depois, de volta para Piper.

— Foi só um pressentimento. Algo sobre esse chalé e o desaparecimento de Percy. Tudo está ligado, de algum jeito. Aprendi a seguir meus pressentimentos, especialmente no último mês, já que os deuses estão calados.

— Calados? — perguntou Piper.

Rachel franziu a testa para Annabeth.

— Você ainda não disse nada a ela?

— Já ia dizer. Piper, no último mês... Bem, é normal que os deuses não conversem muito com os filhos, mas, normalmente, podemos esperar algumas mensagens uma hora ou outra. Alguns de nós chegam até mesmo a visitar o Olimpo. Eu passei praticamente todo o semestre no Empire State.

— O quê?

— É lá que fica a entrada para o Monte Olimpo, hoje em dia.

— Ah — disse Piper. — Claro. Por que não?

— Annabeth estava projetando novamente o Olimpo, destruído na Guerra com os titãs — explicou Rachel. — Ela é uma arquiteta incrível. Você deveria ver o bufê de saladas...

— Enfim — disse Annabeth —, há um mês o Olimpo está calado. Ninguém sabe a razão. É como se os deuses tivessem se fechado. Nem minha mãe responde às minhas preces, e o diretor do acampamento, Dioniso, foi chamado de volta.

— O diretor é o deus... do vinho?

— Sim, é uma...

— Longa história — adivinhou Piper. — Certo. Vá em frente.

— É isso — disse Annabeth. — Os semideuses continuam sendo reclamados, mas é só isso. Nenhuma mensagem, nenhuma visita, nenhum sinal de que os deuses estejam ao menos nos escutando. É como se algo tivesse acontecido, algo *realmente* ruim. E então Percy desapareceu.

— E Jason apareceu na nossa excursão — disse Piper —, desmemoriado.

— Quem é Jason? — perguntou Rachel.

— Meu... — Piper interrompeu-se antes de dizer “namorado”, mas ficou com um aperto no peito. — Meu amigo. Mas, Annabeth, você disse que teve uma visão de Hera?

— Isso — respondeu Annabeth. — Foi a primeira comunicação de um deus em um mês, e justo Hera, a menos solícita, fez contato logo comigo, a semideusa de quem ela menos gosta. Disse que eu descobriria o que aconteceu a Percy se

fosse até a Skywalk, no Grand Canyon, e procurasse pelo garoto de um calçado só. Em vez de Percy, encontrei os semideuses que trouxemos, e o cara de um sapato só era Jason. Não faz sentido...

— Algo ruim está acontecendo — concordou Rachel.

Ela olhou para Piper, que sentiu uma vontade enorme de contar-lhes seu sonho, de confessar que *sabia* o que estava acontecendo, pelo menos em parte, e que o “algo ruim” estava apenas começando.

— Meninas — disse ela —, eu... Eu preciso...

Antes que pudesse continuar, o corpo de Rachel se contraiu. Os olhos começaram a brilhar com uma luminosidade verde, e ela agarrou Piper pelos ombros.

Piper tentou se afastar, mas as mãos de Rachel pareciam grampos de aço.

Liberte-me, ouviu-se. Mas aquela não era a voz de Rachel. Parecia de uma mulher mais velha, falando de algum lugar distante, como se o som ecoasse por um longo encanamento. *Liberte-me, Piper McLean, ou a terra nos tragará. Faça isso no solstício.*

O chalé começou a girar. Annabeth tentou separar as duas garotas, mas não conseguiu. Uma névoa verde as envolveu, e Piper já não sabia se estava acordada ou sonhando. A estátua gigante da deusa pareceu levantar-se do trono. Inclinou-se na direção de Piper, o olhar atravessando-a. Abriu a boca, e seu hálito tinha um perfume terrivelmente intenso. Falava com aquela mesma voz: *Nossos inimigos se mexem. O flamejante é apenas o primeiro. Curve-se à sua vontade e o rei dele se reerguerá, dominando todos nós. Liberte-me* Os joelhos de Piper fraquejaram, e tudo ficou preto.

V

LEO

O PASSEIO DE LEO PELO acampamento estava indo muito bem até que ele soube do dragão.

O garoto do arco, Will Solace, parecia ser um cara bem legal. Tudo o que mostrava a Leo era tão incrível que deveria ser proibido. Embarcações gregas de guerra, reais, atracadas na praia e, às vezes, usadas para lutas com flechas em chamas e explosivos? Que fofo! Aulas de artes e ofícios onde se podia fazer esculturas com cinzéis e maçaricos? Leo sentia vontade de pedir: *Alguém me inclui nisso!* Os bosques eram guardados por monstros perigosos, e ninguém deveria visitá-los sozinho? Legal! E o acampamento ainda era lotado de garotas bonitas. Leo não entendia muito bem aquela história de parentes de deuses, mas esperava que isso não significasse que ele era primo de todas aquelas garotas. Isso seria uma droga. De qualquer jeito, queria poder ver mais uma vez aquelas meninas que viviam embaixo d'água, no lago. Definitivamente, valeria a pena se afogar por elas.

Will mostrou-lhe os chalés, o pavilhão de refeições e a arena de combates.

— Vou ter uma espada? — perguntou Leo.

Will olhou-o como se achasse a ideia ruim.

— Você, provavelmente, vai fazer sua própria espada, já que está no chalé 9.

— Sei, e o que é aquela história de... Vulcano?

— Não costumamos chamar os deuses por seus nomes romanos — respondeu Will. — Os nomes originais são gregos. Seu pai é Hefesto.

— Festo? — Leo já ouvira aquilo, mas ainda estava perdido. — Parece mais o deus dos caubóis.

— *He-festo* — corrigiu Will. — Deus dos ferreiros e do fogo.

Leo já ouvira isso também, mas estava tentando não pensar nessas coisas.

Deus do fogo... sério? Considerando o que acontecera à sua mãe, parecia uma brincadeira de mau gosto.

— Agora entendo o martelo flamejante sobre minha cabeça — disse. — Isso é bom ou ruim?

Will demorou um pouco para responder.

— Você foi reclamado quase imediatamente. O que é sempre um bom sinal.

— Mas o cara do arco-íris e do pônei, o Butch... falou sobre uma maldição.

— Ah... Olhe, isso não é nada. Desde que o último conselheiro-chefe do chalé 9 morreu...

— Morreu? Tipo, dolorosamente?

— Melhor que seus companheiros de chalé lhe contem essa história.

— O.k., e onde eles *estão*? Meu conselheiro-chefe não deveria estar fazendo esse *tour* comigo?

— Ele... hum... não pode. Você vai descobrir por quê — disse Will, indo na frente para que Leo não perguntasse mais nada.

— Maldições e mortes — Leo falou sozinho. — Está ficando cada vez melhor.

*

Leo tinha atravessado metade do gramado quando viu sua antiga babá. E ela *não* era exatamente o tipo de pessoa que ele esperava encontrar em um acampamento de semideuses.

Leo parou.

— O que aconteceu? — perguntou Will.

Tía Callida... Era esse o nome dela, mas Leo não a via desde que ele tinha cinco anos. E lá estava ela, de pé, à sombra de um grande chalé branco no final do gramado, olhando para ele. Usava seu vestido de viúva de linho preto e um xale da mesma cor cobria seus cabelos. Seu rosto continuava o mesmo: pele coriácea e penetrantes olhos negros. Suas mãos ressequidas pareciam garras. Parecia muito mais velha, mas não era nada diferente da imagem guardada por Leo.

— Aquela senhora... O que ela está fazendo aqui?

— Que senhora? — perguntou Will, tentando seguir o olhar de Leo.

— A *única* senhora, cara. Aquela vestida de preto. Quantas senhoras você está vendo por aqui?

Will franziu a testa.

— Você teve um dia muito longo, Leo. A Névoa ainda pode estar pregando peças em sua mente. Que tal irmos direto para o seu chalé?

Leo quis protestar, mas quando olhou mais uma vez para o tal chalé branco *Tía Callida* já não estava por lá. Leo tinha *certeza* de que ela estivera ali. Era como se, ao pensar na mãe, tivesse trazido a babá de volta do passado.

O que não era nada bom, pois *Tía Callida* havia tentado matar Leo.

— Só estava brincando com você, cara.

Leo tateou algumas engrenagens e alavancas que guardava nos bolsos e começou a remexer tudo aquilo, para acalmar os nervos. Não poderia deixar que todos no acampamento pensassem que estava louco. Pelo menos não mais louco do que realmente era.

— Vamos ver o chalé 9 — disse. — Estou a fim de uma boa maldição.

*

Por fora, o chalé de Hefesto parecia um grande *trailer* com reluzentes paredes de metal e janelas também de metal. A entrada parecia a porta de um cofre de banco, circular e muito espessa, e abria com a ajuda de várias engrenagens metálicas e pistões hidráulicos que soltavam fumaça.

Leo assobiou.

— Essa gente é bem *steampunk*, hein?

Lá dentro, o chalé parecia deserto. Beliches de aço estavam encostados às paredes como se fossem camas dobráveis *high-tech*. Cada um tinha um painel de controle digital, luzes LED piscando, lâmpadas brilhantes e engrenagens que as uniam. Leo deduziu que cada campista tinha uma combinação própria para abrir sua cama, e que atrás delas deveria haver algum vão para guardar suprimentos e, talvez, algumas armadilhas para evitar visitas inesperadas. Ou pelo menos era assim que Leo as teria construído. Um mastro descia do segundo andar, ainda que, pelo lado de fora, o chalé não *parecesse* ter mais de um andar. E uma escada em caracol levava a uma espécie de porão. As paredes estavam repletas de todos os tipos de ferramentas elétricas que Leo podia imaginar, além de uma variedade de facas, espadas e outros instrumentos de destruição. Havia também uma grande mesa de trabalho cheia de sucata de metal — parafusos, ferrolhos, arruelas, pregos, rebites e milhares de outras peças de máquinas. Leo sentiu uma vontade enorme de meter tudo nos bolsos. Ele adorava aquele tipo de coisa. Mas precisaria de centenas de casacos para guardar tudo aquilo.

Dando uma olhada rápida, imaginou estar de volta à loja de ferragens da mãe.

A não ser pelas armas, claro... mas as ferramentas, as pilhas de sucata, o cheiro de graxa e de metal, as engrenagens quentes. Ela iria adorar aquele lugar.

Tentou afastar aquele pensamento. Não gostava de memórias tristes. *Siga em frente* — era esse seu lema. Não fique remoendo o passado. Não fique no mesmo lugar por muito tempo. É a única forma de vencer a tristeza.

Pegou uma coisa da parede:

— Um cortador de grama? O que um deus do fogo faria com isso?

— Você ficaria surpreso — disse uma voz nas sombras.

No fundo da sala, um dos beliches estava ocupado. Uma cortina escura, de tecido camuflado, se abriu, e Leo pôde ver o garoto que, segundos antes, estava encoberto. Era difícil dizer como ele era, pois seu corpo estava inteiramente engessado. Tinha toda a cabeça enfaixada, exceto o rosto, inchado e ferido. Ele parecia uma múmia que havia levado uma surra.

— Sou Jake Mason — disse o garoto. — Deveria apertar sua mão, mas...

— Tudo bem. Não se levante.

O menino abriu um sorriso, depois fez uma careta, como se sentisse dor só por mover o rosto. Leo ficou imaginando o que poderia ter acontecido com ele, mas teve medo de perguntar.

— Seja bem-vindo ao chalé 9 — disse Jake. — Há quase um ano não chega ninguém novo. Eu sou o conselheiro-chefe, por enquanto.

— Por enquanto? — perguntou Leo.

Will Solace pigarreou e disse:

— Onde estão todos, Jake?

— Lá embaixo, nas fornalhas — respondeu ele, nostálgico. — Estão trabalhando no... você sabe, aquele problema.

— Ah. E você tem uma cama vaga para Leo? — disse Will, mudando de assunto.

Jake olhou para Leo, estudando-o.

— Você acredita em maldições, Leo? Em fantasmas?

Acabei de ver minha babá do mal, *Tía Callida*, pensou ele. Ela devia estar morta, após tantos anos. E todos os dias me lembro de minha mãe na sua loja em chamas. Não me venha falar em fantasmas, cara.

Mas, em voz alta, respondeu:

— Fantasmas? Pfff. Não... Tudo bem. Um espírito da tempestade me jogou do Grand Canyon hoje, mas, você sabe, tudo dentro do esperado, certo?

Jake fez que sim.

— Que bom, pois você ficará com a melhor cama do chalé: a de Beckendorf.

— Espere, Jake — disse Will. — Tem certeza?

— Beliche 1-A, por favor — gritou Jake.

Todo o chalé tremeu. Uma área circular do chão moveu-se em espiral, como se fosse a lente de uma câmera fotográfica se abrindo, e uma enorme cama saiu lá de dentro. A estrutura de bronze tinha *video game* embutido onde seria o pé da cama, um sistema de rádio estéreo na cabeceira, uma geladeira com porta de vidro na base e vários painéis de controle nas laterais.

Leo pulou na cama e deitou-se com os braços embaixo da cabeça.

— Acho que posso aguentar.

— Quando desce ela se transforma em um quarto privativo — disse Jake.

— Ah, maravilha — disse Leo. — Então nos vemos mais tarde. Vou descer para a Caverna do Leo. Que botão devo apertar?

— Como assim? — disse Will Solace. — Vocês têm quartos privativos por aqui?

Jake teria sorrido caso as feridas não doessem tanto.

— Temos muitos segredos, Will. Vocês, de Apolo, não podem ficar com toda a diversão. Nossos campistas vêm escavando um sistema de túneis sob o chalé 9 há quase um século. Ainda não encontramos o final. De qualquer forma, Leo, se você não se importar em dormir na cama de um homem morto, ela é sua.

De repente, Leo não queria mais ficar deitado. Sentou-se, sem tocar em nenhum botão.

— O conselheiro-chefe que morreu? Esta cama era dele?

— Sim — disse Jake. — Charles Beckendorf.

Leo imaginou lâminas emergindo do colchão ou talvez uma granada debaixo do travesseiro.

— Ele não, tipo, morreu *nesta* cama, certo?

— Não — respondeu Jake. — Ele morreu na Guerra dos Titãs, no verão passado.

— A Guerra dos Titãs — Leo repetiu —, que não tem *nada* a ver com esta maravilhosa cama?

— Os titãs — disse Will, como se Leo fosse um idiota — eram uns caras grandes e poderosos que governavam o mundo antes dos deuses. Tentaram voltar no verão passado. O líder, Cronos, construiu um novo palácio no Monte Tam, na Califórnia. Seus exércitos avançaram até Nova York e quase destruíram o Monte Olimpo. Vários semideuses morreram tentando detê-los.

— Isso não deve ter saído nos jornais, imagino — disse Leo.

Parecia uma pergunta válida, mas Will balançou a cabeça, descrente.

— Você não ouviu falar na erupção do Monte Santa Helena, ou nas terríveis tempestades por todo o país, ou naquele edifício que caiu em Saint Louis?

Leo deu de ombros. No último verão, ele estava fugindo de uma nova família adotiva. Mas um policial o encontrou no Novo México, e a justiça o enviou ao

reformatório mais próximo: a Escola da Vida Selvagem.

— Acho que eu estava um pouco ocupado na época.

— Não importa — disse Jake. — Você teve sorte de escapar dessa. A verdade é que Beckendorf foi um dos primeiros a cair, e desde então...

— Este chalé está amaldiçoado — supôs Leo.

Jake não respondeu. Mas seu corpo estava completamente engessado, e isso já era uma boa resposta. Leo começou a notar pequenos detalhes que não vira antes — uma marca de explosão na parede, um rastro no chão, que poderia ser óleo... ou sangue. Espadas quebradas e máquinas destruídas nos cantos, talvez abandonadas por frustração. Aquele lugar parecia não dar *muita* sorte.

Jake suspirou, triste.

— Bem, preciso dormir um pouco. Espero que goste daqui, Leo. Costumava ser... um lugar bem legal.

Ele fechou os olhos, e a cortina camuflada caiu sobre a cama.

— Vamos, Leo — disse Will. — Vou levar você até as forjas.

Enquanto saíam, Leo olhou para trás, para a sua nova cama, e quase conseguiu imaginar o conselheiro morto sentado nela — outro fantasma que não o deixaria em paz.

VI

LEO

— **COMO ELE MORREU?** — perguntou Leo. — Digo, Beckendorf.

Will Solace seguiu em frente, e disse:

— Explosão. Beckendorf e Percy Jackson explodiram um navio cheio de monstros. Beckendorf não resistiu.

Aquele nome mais uma vez: Percy Jackson, o namorado desaparecido de Annabeth. Parecia estar envolvido em tudo por ali, pensou Leo.

— Então, Beckendorf era bem popular. Quer dizer... antes de morrer.

— Ele era incrível — respondeu Will. — A morte dele foi um golpe duro para todos no acampamento. Jake... transformou-se em conselheiro-chefe em meio à guerra. Assim como eu, na verdade. E fez o melhor que pôde, mas nunca quis ser líder. Ele gosta de construir coisas. Então, após a batalha, tudo começou a dar errado. As bigas do chalé 9 explodiram. Os autômatos saíram de controle. As invenções começaram a funcionar mal. Parecia uma espécie de maldição, e logo as pessoas começaram a chamar assim mesmo: a Maldição do Chalé 9. Depois, Jake sofreu o acidente...

— Que tem algo a ver com o problema que ele mencionou — supôs Leo.

— Eles estão tentando resolver — disse Will, sem entusiasmo. — Chegamos.

As forjas pareciam uma locomotiva a vapor que se chocara ao Partenon grego, e agora ambos eram uma coisa só. Colunas de mármore branco acompanhavam as paredes de metal. A fumaça saía por uma elaborada chaminé, entalhada com desenhos de deuses e monstros. A construção ficava às margens de um riacho, com vários moinhos de água fazendo girar as engrenagens de bronze. Leo ouviu o rugir das máquinas, do fogo e de martelos batendo em bigornas.

Eles entraram, e alguns meninos e meninas que trabalhavam em vários projetos ficaram paralisados. O barulho diminuiu, restando apenas o ronronar da

caldeira e o *click-click-click* de engrenagens e alavancas.

— Pessoal — disse Will —, este é seu novo irmão: Leo... Hum, qual é mesmo o seu sobrenome?

— Valdez — ele respondeu, dando uma olhada nos campistas.

Seria mesmo parente de todos eles? Seus primos vinham de famílias numerosas, mas ele sempre teve apenas a mãe... até que ela morreu.

Os meninos e as meninas se aproximaram, cumprimentaram Leo e se apresentaram. Uma massa de nomes: Shane, Christopher, Nyssa, Harley (isso mesmo, como a moto). Leo sabia que nunca conseguiria guardar todos. Eram muitos. Enlouquecedor.

Nenhum deles se parecia. Tinham rostos diferentes, tons de pele diferentes, cor de cabelos, peso. Ninguém jamais diria: *Ei, olha, essa é a prole de Hefesto!* Mas todos tinham mãos fortes, grossas, cheias de calos e sujas de graxa. Mesmo o pequeno Harley, que não devia ter mais de oito anos, parecia capaz de lutar seis *rounds* com Chuck Norris sem derramar uma gota de suor.

E todos tinham um rosto muito sério. Seus ombros eram curvados, como se a vida tivesse sido muito dura com eles. Vários pareciam abatidos fisicamente. Leo notou duas tipoias, algumas bengalas, um tapa-olho, seis ataduras e uns sete mil band-aids.

— Certo — disse Leo. — Ouvi dizer que este é o chalé da diversão!

Ninguém riu. Todos ficaram olhando para ele.

Will Solace bateu no ombro de Leo.

— Vou deixar vocês sozinhos, para que se conheçam melhor. Alguém poderia levar Leo para o jantar quando chegar a hora?

— Eu posso — disse uma das meninas.

Nyssa, Leo conseguiu lembrar. Vestia calças cáqui, uma camiseta apertada, que marcava os músculos dos braços, e uma bandana vermelha sobre os cabelos escuros e embaraçados. Exceto pelo band-aid com um *smiley* no queixo, parecia uma heroína de filmes de ação, pronta para agarrar uma arma a qualquer momento e começar a atirar em alienígenas.

— Legal — disse Leo. — Sempre quis ter uma irmã que pudesse me vencer.

Nyssa não sorriu.

— Vamos, piadista. Vou lhe mostrar tudo por aqui.

*

Leo estava familiarizado com tudo aquilo. Ele crescera rodeado por ferramentas

e graxa. Sua mãe costumava brincar dizendo que a primeira chupeta dele foi uma chave de roda. Mas ele nunca vira nada parecido com as forjas do acampamento.

Um dos garotos estava fazendo um machado de combate e testava a lâmina em um bloco de concreto. A cada golpe, o machado cortava um pedaço do concreto, como se fosse queijo fresco. Mas o menino não parecia satisfeito e voltava a afiar a lâmina.

— O que ele está pensando em abater com isso? — Leo perguntou a Nyssa.
— Um navio de guerra?

— Impossível saber. Mesmo o bronze celestial...

— É esse o metal?

Ela fez que sim.

— Extraído do próprio Monte Olimpo. Muito raro. Mas, seja como for, isso costuma desintegrar monstros só com um toque, mas os mais poderosos às vezes têm couraças bem duras. Os Dragos, por exemplo...

— Dragões?

— É uma espécie similar. Você vai aprender a diferença nas aulas de luta com monstros.

— Aula de lutas com monstros. O.k. Acho que já sou faixa preta nisso.

Ela não esboçou nem um sorriso. Leo torcia para que ela não fosse assim tão séria o tempo todo. O lado paterno de sua família tinha que ter um *pouco* de senso de humor, certo?

Eles passaram por um grupo de garotos que construía um brinquedo de corda de bronze. Ou pelo menos era o que parecia. Era um centauro de 15 centímetros — metade homem, metade cavalo —, armado com um miniarco. Um dos campistas girou o rabo do centauro e ele ganhou vida. Galopou pela mesa, gritando: “Morra, mosquito! Morra, mosquito!”, disparando flechas em tudo ao redor.

Aparentemente, isso já acontecera antes, pois todos sabiam que deviam atirar-se ao chão, menos Leo. Seis flechas do tamanho de alfinetes ficaram presas à sua camisa antes que um campista pegasse um martelo e fizesse o centauro em pedaços.

— Droga de maldição! — disse o campista, levantando o martelo no ar. — Eu só queria um matador de insetos mágico! Será pedir muito?

— Ai! — disse Leo.

Nyssa tirou as flechas de sua camisa.

— Você está bem. Vamos em frente antes que reconstruam aquilo.

Leo esfregou o peito enquanto caminhavam.

— Isso acontece muitas vezes?

— Ultimamente, tudo o que construímos vai para o lixo — disse Nyssa.

— Culpa da maldição?

Nyssa franziu a testa.

— Eu não acredito em maldições. Mas *algo* está errado. E se não descobrirmos o que aconteceu com o dragão, vai ficar ainda pior.

— Dragão? — Leo esperava que ela estivesse falando sobre um minidragão, talvez um que matasse baratas, mas algo lhe dizia que não teria tanta sorte.

Nyssa o levou até um mapa pendurado na parede, que estava sendo estudado por duas meninas. O mapa mostrava o acampamento — um semicírculo, com Long Island na margem norte, bosques a oeste, chalés a leste e uma cadeia de colinas ao sul.

— Ele só pode estar nas colinas — disse a primeira menina.

— *Já demos* uma olhada por lá — argumentou a segunda. — Os bosques seriam o melhor esconderijo.

— Mas já colocamos armadilhas...

— Esperem aí — disse Leo. — Vocês perderam um dragão? Um dragão *de verdade*?

— Na verdade, é um dragão de bronze — respondeu Nyssa. — Mas, sim, é um autômato de tamanho real, com movimentos. O chalé de Hefesto o construiu anos atrás. Mas ele esteve perdido nos bosques até alguns verões atrás, quando Beckendorf o encontrou aos pedaços e o reconstruiu. Ele tem ajudado a proteger o acampamento, mas, hum, é um pouco imprevisível.

— Imprevisível — repetiu Leo.

— Ele perde o controle e destrói chalés, cospe fogo nas pessoas, tenta comer os sátiros.

— Isso é muito imprevisível.

Nyssa concordou.

— Beckendorf era o único que conseguia domá-lo. Mas ele morreu, e o dragão foi piorando. Até que ficou completamente louco e fugiu. Às vezes volta, destrói alguma coisa e foge novamente. O que todos querem é que nós o encontremos e que ele seja destruído...

— Destruído? — perguntou Leo. — Vocês têm um dragão de bronze em tamanho natural e querem *destruí-lo*?

— Ele cospe fogo — explicou Nyssa. — É mortal e está fora de controle.

— Mas é um dragão! Cara, isso é incrível. Não podem tentar conversar com ele, controlá-lo?

— Já tentamos. Jake Mason tentou. E você viu o resultado.

Leo pensou em Jake, com o corpo todo engessado, sozinho em seu beliche.

— Mas...

— Não temos outra opção. — Nyssa virou-se para as outras meninas. —

Vamos tentar colocar mais armadilhas nos bosques... aqui, aqui e aqui. E, dentro delas, trinta litros de óleo de motor.

— O dragão bebe isso? — perguntou Leo.

— Bebe — disse Nyssa, pesarosa. — Costumava gostar de óleo de motor com um pouquinho de molho tabasco, antes de ir para a cama. Caso caia na armadilha, poderíamos usar *sprays* de ácidos, que devem derreter sua couraça... Depois entraríamos com cortadores de metal... e terminaríamos o trabalho.

Elas pareciam tristes. Leo notou que não queriam matar o dragão.

— Meninas — ele disse. — Tem que existir outra saída.

Nyssa parecia duvidar, mas outros campistas pararam o que estavam fazendo para escutar a conversa.

— O quê, por exemplo? — um deles perguntou. — Aquela coisa cospe fogo. Não podemos nem nos aproximar.

Fogo, pensou Leo. Quantas coisas poderia contar a eles sobre fogo... Mas tinha de ser cuidadoso, mesmo em se tratando de seus irmãos e irmãs. *Especialmente* se teria de morar com eles.

— Bem... — Leo hesitou um momento. — Hefesto é o deus do fogo, certo? Nenhum de vocês tem resistência ao fogo ou algo assim?

Ninguém reagiu como se fosse loucura, o que já era uma vantagem, mas Nyssa balançou a cabeça, séria.

— Essa é uma habilidade dos ciclopes, Leo. Nós, os semideuses, filhos de Hefesto... somos apenas habilidosos com as mãos. Somos construtores, artesãos, forjadores de armas... coisas assim.

Leo deixou cair os ombros.

— Ah...

Um dos meninos lá atrás disse:

— Bem, há *muito* tempo...

— Certo, claro — disse Nyssa. — Há muito tempo, alguns filhos de Hefesto nasciam com poder sobre o fogo. Mas tal habilidade era muito, muito rara. E sempre perigosa. Nenhum semideus com tal poder nasceu nos últimos séculos. O último... — Ela olhou para uma das meninas, pedindo ajuda.

— Em 1666 — continuou a garota. — Um menino chamado Thomas Faynor. Ele começou o Grande Incêndio de Londres, que destruiu boa parte da cidade.

— Certo — disse Nyssa. — Quando um filho de Hefesto como esse aparece, normalmente significa que uma catástrofe está a ponto de acontecer. E não precisamos de mais catástrofes.

Leo tentou manter sua expressão neutra, o que não era nada fácil.

— Acho que entendo. Que pena. Se conseguíssemos resistir às chamas, poderíamos nos aproximar do dragão.

— Mas ele nos mataria com suas garras e presas — disse Nyssa. — Ou simplesmente pisaria na gente. Não, precisamos destruí-lo. Confie em mim, se alguém *pudesse* imaginar outra saída...

Ela não terminou a frase, mas Leo entendeu a mensagem. Aquele era o grande teste do chalé. Se eles pudessem fazer algo que apenas Beckendorf faria, se conseguissem subjugar o dragão sem ter de destruí-lo, talvez a maldição terminasse. Mas não tinham nenhuma ideia. Qualquer campista que pensasse em algo seria transformado em herói.

Uma trombeta de concha soou a distância. Os campistas começaram a reunir suas ferramentas e projetos. Leo não notara que estava ficando tarde, mas olhou pelas janelas e viu que o sol se punha. Seu ^{TDH} fazia isso, às vezes. Se estava chateado, uma aula de cinquenta minutos parecia durar seis horas. Se estava interessado em algo, como conhecer um acampamento de semideuses, as horas passavam voando e o dia terminava num piscar de olhos.

— Hora do jantar — disse Nyssa. — Vamos, Leo.

— Para o pavilhão, certo? — perguntou ele.

Ela fez que sim.

— Vão indo na frente — disse Leo. — Você pode... me dar um segundo?

Nyssa hesitou. Depois sua expressão ficou mais suave.

— Claro. Sei que é muita coisa para processar. Eu me lembro do meu primeiro dia. Venha quando estiver pronto. Mas não toque em nada. Quase todos os projetos aqui podem matar você se não tomar cuidado.

— Não vou tocar em nada — ele prometeu.

Seus colegas de chalé saíram das forjas. Em pouco tempo Leo ficou sozinho, com os sons dos pistões, das rodas-d'água e de maquininhas estalando.

Ele olhou para o mapa do acampamento — para os locais onde seus novos irmãos colocariam armadilhas para o dragão. Estava tudo errado. O plano era equivocado.

Muito disperso, ele pensou. E também perigoso.

Estendeu uma das mãos e ficou observando os dedos. Eram longos e finos, diferentes dos dedos dos demais filhos de Hefesto. Leo nunca fora um menino grande nem o mais forte. Mas sobrevivera em bairros violentos, escolas difíceis e lares adotivos complicados usando o que sabia fazer melhor. Era o palhaço da turma, o bobo da corte, pois cedo aprendeu que quem finge não ter medo normalmente não recebe os golpes. Mesmo o menino mais malvado esquece do palhaço, tolera suas brincadeiras e o mantém por perto para rir um pouco. Além do mais, o humor é sempre uma boa saída para a dor. E, caso não funcione, existe sempre um plano B. Fugir. Quantas vezes for preciso.

E *havia* um plano C, mas ele prometera a si mesmo que não voltaria a usá-lo.

Ele sentiu muita vontade de tentar naquele momento. Era algo que não fazia desde o acidente, desde a morte de sua mãe.

Leo estendeu os dedos e sentiu-os tremer, como se estivessem acordando. Eles formigaram. Depois surgiram as chamas, labaredas vermelhas e ardentes que dançavam na palma de sua mão.

VII

JASON

LOGO QUE JASON VIU A casa, soube que seria um homem morto.

— Aqui estamos! — disse Drew, animada. — A Casa Grande, quartel-general do acampamento.

O lugar não parecia ameaçador, apenas uma mansão antiga pintada de azul-claro com acabamentos em branco. A varanda que a rodeava tinha espreguiçadeiras, uma mesa de carteado e uma cadeira de rodas. Sinos dos ventos pareciam ninfas se tornando árvores enquanto giravam. Jason podia imaginar idosos passando suas férias de verão ali, sentados na varanda e tomando suco de ameixa enquanto observavam o pôr do sol. Ainda assim, as janelas pareciam encará-lo com olhos raivosos. A porta da frente escancarada parecia pronta para engoli-lo. Na parte mais alta do telhado um cata-vento no formato de uma águia de bronze girou com o vento e apontou diretamente na direção do garoto, como se lhe dissesse para dar a meia-volta.

Cada molécula do corpo de Jason lhe dizia que aquele era um território inimigo.

— Eu *não* devia estar aqui — ele disse.

Drew deu-lhe o braço.

— Ah, por favor. Você fica *perfeito* aqui, querido. Acredite em mim. Eu já vi muitos heróis.

Drew tinha cheiro de Natal — uma estranha combinação de pinha e noz-moscada. Jason se perguntava se ela sempre tinha aquele cheiro ou se seria uma espécie de perfume especial para a época. Seu delineador pink de olhos era perturbador. Sempre que ela piscava, Jason sentia vontade de olhar para ela. Talvez o usasse para isso mesmo, para realçar seus calorosos olhos castanhos. Era uma menina bonita. Disso não havia dúvida. Mas fazia Jason sentir-se

desconfortável.

Ele afastou o braço, gentilmente.

— Sabe, eu agradeço...

— É aquela menina? — perguntou Drew. — Ah, por favor, *não* me diga que a Rainha da Lixeira é sua namorada.

— Você quer dizer Piper? Bem...

Jason não sabia muito bem o que responder. Ele não achava que já tivesse visto Piper antes, mas sentia-se estranhamente culpado com a situação. Sabia que não deveria estar ali. Não deveria ser amigo daquelas pessoas, muito menos namorar uma delas. Mas, ainda assim... Piper estava segurando sua mão quando ele acordou naquele ônibus. Ela tinha certeza de que era sua namorada. Fora corajosa na passarela de vidro, lutando contra os *venti*, e quando Jason a agarrou em pleno ar, e ficaram cara a cara, foi impossível evitar a vontade de beijá-la. Mas não seria correto. Ele não conhecia nem mesmo a própria história. Não poderia brincar com as emoções de outra pessoa daquele jeito.

Drew revirou os olhos.

— Vou ajudá-lo a se decidir, querido. Você pode se dar muito melhor. Um garoto com a sua aparência e seu talento óbvio...

No entanto, ela não o olhava. Estava observando algum ponto acima de sua cabeça.

— Você está esperando por um sinal — ele comentou. — Como o que surgiu na cabeça de Leo.

— O quê? Não! Bem... estou. Quer dizer, pelo que soube, você é muito poderoso, certo? Vai ser importante no acampamento, então imagino que seu pai ou sua mãe logo o reclamará. Adoro ver esse tipo de coisa. Quero estar ao seu lado! Quem é o deus: seu pai ou sua mãe? Por favor, diga que não é sua mãe... Eu odiaria se você fosse filho de *Afrodite*.

— Por quê?

— Porque você seria meu meio-irmão, bobo. E não podemos namorar um companheiro de chalé. Droga!

— Mas todos os deuses são parentes, certo? — perguntou Jason. — Sendo assim, todos aqui são primos ou algo parecido, não?

— Você é tão fofo! Querido, o parentesco entre os deuses não conta, exceto se um deles for seu pai ou sua mãe. Assim, qualquer pessoa de outro chalé... pode ser um alvo. Então, quem é o deus: seu pai ou sua mãe?

Como sempre, Jason não sabia a resposta. Olhou para cima, mas não via qualquer sinal brilhante em sua cabeça. No alto da Casa Grande o cata-vento ainda apontava na sua direção, e a águia de bronze parecia dizer: *Vá embora, menino, fuja enquanto ainda pode*.

Ele ouviu passos no portal principal. Não... não eram passos... era um *galope*.

*

— Quíron! — chamou Drew. — Este é Jason. Ele é totalmente incrível.

Jason recuou tão rápido que quase tropeçou. Na varanda estava um homem montado em um cavalo. Na verdade, ele não estava montado no cavalo: o homem era parte do animal. Da cintura para cima era humano, com cabelos castanhos ondulados e barba bem-aparada. Vestia uma camiseta onde se lia: *Melhor Centauro do Mundo*, e levava um arco e flecha nas costas. Sua cabeça ficava tão no alto que ele tinha de curvar-se para não bater nas lâmpadas, pois da cintura para baixo era um cavalo branco.

Quíron sorriu para Jason. Depois a cor desapareceu de seu rosto.

— Você... — Os olhos do centauro se arregalaram como os de um animal encurralado. — Você deveria estar morto.

*

Quíron obrigou Jason — na verdade, *convidou*, mas soou como uma ordem — a entrar na casa. Depois disse a Drew que voltasse a seu chalé, o que pareceu não agradá-la.

O centauro trotou até a cadeira de rodas que havia na varanda. Livrou-se do seu arco e flecha e aproximou-se de costas da cadeira, que se abriu como a caixa de um mágico. Quíron cuidadosamente levantou as patas traseiras e começou a se espremer num espaço muito pequeno para seu tamanho. Jason imaginou o aviso de marcha a ré de um caminhão — *bip, bip, bip* — enquanto a metade inferior do corpo do centauro desaparecia e a cadeira se fechava, deixando surgirem falsas pernas humanas sob um cobertor, o que o fazia parecer um mortal comum em uma cadeira de rodas.

— Siga-me — ele ordenou. — Temos limonada.

A sala de estar parecia engolida por uma floresta tropical. Parreiras tomavam conta das paredes e do teto, o que Jason achou um pouco estranho. Ele não imaginava que esse tipo de planta pudesse crescer ali dentro, especialmente no inverno, mas aquelas tinham folhas verdes e estavam repletas de cachos de uvas vermelhas.

Sofás de couro rodeavam uma lareira de pedra, acesa. Em um canto, um velho

fliperama de PacMan fazia barulhos e piscava. Nas paredes, várias máscaras — as de sorriso/choro do teatro grego, máscaras do carnaval de Nova Orleans, máscaras venezianas com plumas e narizes grandes e aduncos, máscaras africanas feitas de madeira. As vinhas se retorciam por suas bocas e pareciam línguas de folhas. Algumas máscaras tinham cachos de uvas saindo pelo buraco dos olhos.

O mais estranho de tudo era a cabeça empalhada de um leopardo no alto da lareira. Parecia muito real, e seus olhos pareciam seguir os movimentos de Jason. Depois, o bicho rosnou, e o coração de Jason quase pulou do peito.

— Seymour — disse Quíron —, Jason é um amigo. Comporte-se.

— Essa coisa está viva! — disse Jason.

Quíron remexeu no bolso lateral de sua cadeira de rodas e encontrou um pacote de salsichas. Jogou uma para o leopardo, que a agarrou e lambeu os beiços.

— Peço que me perdoe pela decoração — disse Quíron. — Tudo isso foi um presente de nosso antigo diretor antes de ele ser chamado de volta ao Monte Olimpo. Imaginou que nos ajudaria a nos lembrar dele. O sr. D tinha um estranho senso de humor.

— Sr. D — disse Jason. — Dioniso?

— A-hã — disse Quíron, servindo a limonada. Suas mãos estavam um pouco trêmulas. — Quanto a Seymour, bem, o sr. D o encontrou em um brechó em Long Island. O leopardo é o animal sagrado do sr. D, você sabe, e ele ficou estarecido ao notar que alguém fora capaz de empalhar uma criatura tão nobre. Por isso, decidiu devolver-lhe a vida, pensando que viver sendo uma cabeça presa numa parede era melhor que nada. Devo dizer que, no final das contas, trata-se de um destino melhor que o que foi dado a seu antigo dono.

Seymour mostrou seus caninos e farejou o ar, como se buscasse mais salsichas.

— Se ele é apenas uma cabeça — disse Jason —, para onde vai a comida?

— Melhor não perguntar — disse Quíron. — Por favor, sente-se.

Jason tomou um pouco de limonada, mesmo com o estômago revirado. Quíron acomodou-se na cadeira de rodas e tentou sorrir, mas Jason notou que era um sorriso forçado. Os olhos daquele velho homem eram profundos e escuros como um poço.

— Então, Jason, você se importaria em me contar... hum... de onde veio?

— Eu também gostaria de saber.

Jason contou-lhe toda a história, desde quando acordou no ônibus até a aterrissagem forçada no lago do acampamento Meio-Sangue. Não via motivo para esconder os detalhes, e Quíron era um bom ouvinte. Não demonstrava

qualquer reação, apenas mexia a cabeça, encorajando-o a contar mais.

Quando Jason terminou a história, o velho homem tomou sua limonada.

— Entendo — disse Quíron. — E você deve ter algumas perguntas a me fazer.

— Só uma — admitiu Jason. — O que você queria dizer quando falou que eu deveria estar morto?

Quíron o observou, preocupado, como se esperasse que Jason se desfizesse em chamuscas.

— Meu rapaz, você sabe o que significam essas marcas no seu braço? A cor da sua camiseta? Você se lembra de alguma coisa?

Jason olhou a tatuagem de seu antebraço: SPQR, a águia, doze linhas retas.

— Não. Não me lembro de nada.

— Você sabe onde está? — perguntou Quíron. — Sabe o que é este lugar, sabe quem sou eu?

— Você é Quíron, o centauro — disse Jason. — Imagino que seja o mesmo das velhas histórias, que costumava treinar os heróis gregos, como Hércules. Este é um acampamento para semideuses, filhos dos deuses do Olimpo.

— Então você acredita que tais deuses ainda existem?

— Sim — respondeu Jason imediatamente. — Quer dizer, não acho que deveríamos adorá-los ou fazer sacrifícios com galinhas por eles, mas eles ainda existem porque são uma parte poderosa da civilização. Eles mudam de país em país à medida que os centros de poder se alternam... da mesma forma como partiram da Grécia Antiga para Roma.

— *Eu não poderia ter explicado melhor.* — Algo no tom de voz de Quíron havia mudado. — *Então, você já sabe que os deuses são reais. E você já foi reclamado, certo?*

— *Talvez* — disse Jason. — *Mas não tenho certeza.*

Seymour, o leopardo, fez um barulho com as narinas.

Quíron esperou, e Jason notou o que acontecera. O centauro falara em outra língua e Jason entendera, respondendo automaticamente no mesmo idioma.

— *Quis erat...* — Jason titubeou, e fez um esforço mental para falar em inglês: — O que foi isso?

— Você sabe falar latim — disse Quíron. — A maioria dos semideuses reconhece algumas frases, claro. Está no seu sangue, mas não tanto quanto o grego clássico. Ninguém fala latim fluentemente sem prática.

Jason tentou entender o que ele dizia, mas faltavam muitas peças no quebra-cabeça de sua memória. Ainda sentia como se não pertencesse àquele lugar. Era algo errado... e perigoso. Mas pelo menos Quíron não o estava ameaçando. O centauro estava preocupado com ele, cuidando de sua segurança.

O fogo refletiu nos olhos de Quíron, dando a impressão de uma dança raivosa.

— Eu fui mestre do seu xará, você sabe, do Jason original: Jasão. Ele teve um caminho duro. Vi muitos heróis surgirem e desaparecerem. Houve finais felizes. Mas, na maioria das vezes, não. O que me deixa com o coração partido, pois a cada vez que um dos meus pupilos morre, é como se eu perdesse um filho. Mas você... você não é como nenhum dos meus pupilos. Sua presença aqui pode ser um desastre.

— Obrigado — disse Jason. — Você deve ser um professor muito inspirador.

— Sinto muito, meu rapaz. Mas é verdade. Eu imaginava que após o êxito com Percy...

— Percy Jackson, você quer dizer. O namorado de Annabeth, o desaparecido. Quíron fez que sim.

— Esperava que após o acontecido na Guerra dos Titãs, quando ele salvou o Monte Olimpo, poderíamos ter um pouco de paz. Finalmente eu saborearia o triunfo, um final feliz, e talvez uma aposentadoria tranquila. Mas deveria saber melhor do que ninguém... O último capítulo se aproxima, assim como já aconteceu anteriormente. O pior ainda está por vir.

No canto da sala o fliperama fez um barulho, como se um PacMan tivesse acabado de morrer.

— O.k. — disse Jason. — Então, estamos no último capítulo, e o pior está por vir. Parece divertido, mas não podemos voltar à parte onde eu deveria ter morrido? Não gosto dessa parte.

— Receio que não posso explicar, meu rapaz. Jurei pelo rio Estige e por tudo o que é sagrado que nunca... — Quíron franziu a testa. — Mas você está aqui, o que viola o juramento. Isso também não deveria ser possível. Eu não entendo. Quem faria isso? Quem...

Seymour, o leopardo, rugiu. Sua boca ficou parada, entreaberta. O fliperama parou de fazer barulho. A lareira já não crepitava e as chamas ficaram sólidas, como vidros vermelhos. As máscaras olharam para Jason, com seus grotescos olhos de uvas e as línguas de folhas de parreira.

— Quíron, o que está acontecendo? — perguntou Jason.

O velho centauro também estava paralisado. Jason pulou do sofá, mas Quíron continuava olhando para o mesmo ponto, com a boca entreaberta. Seus olhos não piscavam. Seu peito não se movia.

Jason, disse uma voz.

Por um momento terrível Jason pensou que o leopardo estivesse falando. Então, uma fumaça escura saiu da boca do animal, e algo pior veio à mente do garoto: os *espíritos da tempestade*.

Ele agarrou a moeda de ouro que tinha no bolso. Com um movimento rápido, ela se transformou em espada.

A fumaça escura ganhou a forma de uma mulher vestida com roupas pretas. Seu rosto estava encapuzado, mas os olhos brilhavam no escuro. Nos ombros, uma pele de cabra. Jason não tinha certeza de como sabia que aquilo era pele de cabra. Mas ele sabia, e entendeu que era algo importante.

Você atacaria a sua patrona?, perguntou a mulher. E sua voz ecoava na cabeça de Jason. *Abaixe a espada.*

— Que é você — ele perguntou. — Como você...

Nosso tempo é limitado, Jason. Minha prisão fica mais poderosa a cada hora. Precisei de um mês para reunir energia suficiente a fim de conseguir perpetrar a mais simples magia através de suas amarras. Consegui trazê-lo aqui, mas agora tenho pouco tempo, e ainda menos poder. Talvez seja a última vez que falo com você.

— Você está na prisão? — Jason decidiu não baixar a espada. — Eu não conheço você; não é minha patrona.

Você me conhece, sim, ela insistiu. *Eu o conheço desde quando nasceu.*

— Eu não lembro, não me lembro de nada.

Não, você não se lembra. E isso também era necessário. Há muito tempo, seu pai me ofereceu a sua vida como presente para aplacar minha fúria. Ele o nomeou Jason, como meu mortal favorito. Você me pertence.

— Espere aí — disse Jason. — Eu não pertenço a ninguém.

Agora chegou o momento de pagar a sua dívida, ela continuou. *Encontre minha prisão. Liberte-me, ou o rei deles se erguerá da terra e eu serei destruída. Você nunca recuperará sua memória.*

— Isso é uma ameaça? Você roubou minha memória?

Você tem até o pôr do sol no solstício, Jason. Quatro curtos dias. Não me decepcione.

A mulher de preto se dissolveu, e a fumaça entrou pela boca do leopardo.

Tudo voltou ao normal. O rugido de Seymour se transformou em outro som, como se ele tivesse engolido uma bola de pelos. O fogo voltou à lareira, o fliperama funcionava outra vez e Quíron disse:

— ...quem ousaria trazê-lo aqui?

— Provavelmente a mulher que estava na fumaça — disse Jason.

Quíron olhou para cima, surpreso.

— Você não estava sentado? O que é essa espada na sua mão?

— Odeio ter que dizer isso, mas acho que o seu leopardo acabou de engolir uma deusa.

Ele contou a Quíron sobre a visita que fez o tempo parar, sobre a figura enevoada que desapareceu na boca de Seymour.

— Minha nossa... Isso explica muita coisa — murmurou Quíron.

— Então, por que você não me explica algumas delas? — pediu Jason. — Por favor.

Antes que Quíron pudesse falar, ouviram-se passos do lado de fora, na varanda. A porta da frente se abriu, e Annabeth e outra menina, ruiva, entraram carregando Piper. A cabeça de Piper pendia, como se ela estivesse inconsciente.

— O que aconteceu? — perguntou Jason. — O que aconteceu com ela?

— O chalé de Hera — disse Annabeth, sem fôlego, como se tivessem corrido por todo o caminho. — Visão. Ruim.

A menina ruiva olhou para cima, e Jason notou que ela havia chorado.

— Eu acho... — disse ela, engasgando. — Acho que eu talvez a tenha matado.

VIII

JASON

JASON E A MENINA DE CABELOS RUIVOS, que se apresentou como Rachel, deitaram Piper no sofá enquanto Annabeth atravessou correndo o hall para pegar um kit de primeiros socorros. Piper ainda respirava, mas estava desacordada. Parecia estar em uma espécie de coma.

— Temos que salvá-la — insistia Jason. — Deve haver uma maneira, certo?

Vendo-a tão pálida, respirando com dificuldade, Jason sentiu uma vontade enorme de protegê-la. Talvez realmente não a conhecesse. Talvez ela não fosse sua namorada. Mas eles haviam sobrevivido juntos ao Grand Canyon. Havia passado por aquilo juntos. Ele a havia deixado sozinha por um pequeno espaço de tempo, e isso tinha acontecido.

Quíron pôs a mão na testa de Piper e franziu o rosto:

— A mente dela está em um estado muito frágil. Rachel, o que aconteceu?

— É o que eu gostaria de saber — ela respondeu. — Logo que cheguei ao acampamento, tive uma previsão sobre o chalé de Hera. Entrei no chalé. Annabeth e Piper chegaram logo depois. Nós conversamos e então... eu perdi a consciência. Annabeth disse que falei com uma voz que não era a minha.

— Uma profecia? — perguntou Quíron.

— Não. O espírito de Delfos se manifestou. Eu sei como é isso. Era como se um poder distante tentasse falar usando o meu corpo.

Annabeth surgiu com uma bolsa de couro. Ajoelhou-se ao lado de Piper.

— Quíron, o que aconteceu lá... eu nunca vi nada parecido. Já ouvi a voz de profecia de Rachel. Mas era diferente. Parecia uma mulher mais velha. Ela agarrou os ombros de Piper e então disse que...

— Que a libertasse de uma prisão? — perguntou Jason.

Annabeth o encarou.

— Como você sabe?

Quíron fez um gesto colocando os três dedos sobre o coração, como se fosse uma proteção contra o mal.

— Jason, conte tudo a elas. Annabeth, a bolsa de medicamentos, por favor.

Quíron deu alguns remédios a Piper, fazendo-a engolir, enquanto Jason explicava o que tinha acontecido quando a sala foi congelada... e surgiu aquela mulher na fumaça escura que dizia ser sua patrona.

Quando terminou, ninguém disse nada, o que o deixou ainda mais ansioso.

— Isso acontece com frequência? Telefonemas sobrenaturais de prisioneiros exigindo que alguém os liberte?

— Sua patrona — disse Annabeth. — Não era uma deusa, sua mãe?

— Não, ela disse *patrona*. E também que meu pai ofereceu minha vida para ela.

Annabeth franziu a testa.

— Nunca ouvi nada parecido antes. Você disse que o espírito da tempestade, lá na passarela de vidro, trabalhava para algum senhor que lhe ditava ordens, certo? Poderia ser essa mulher que você viu, essa mulher que brinca com a sua mente?

— Acho que não — respondeu Jason. — Se fosse uma inimiga, por que pediria minha ajuda? Ela está presa. E preocupada com um inimigo que poderá ganhar poder. Algo sobre um rei que se elevaria da terra no solstício...

Annabeth virou-se para Quíron.

— Não pode ser Cronos. Por favor, diga que não é ele.

O centauro tinha uma cara horrível. Segurou o pulso de Piper, checando seus batimentos.

No final, disse:

— Não é Cronos. Essa ameaça acabou. Mas...

— Mas o quê? — perguntou Annabeth.

Quíron fechou a maleta de medicamentos.

— Piper precisa descansar. Conversaremos sobre isso mais tarde.

— Ou agora mesmo — disse Jason. — Senhor Quíron, você me disse que a maior ameaça estava por vir. O último capítulo. Poderia ser algo pior que o exército de titãs?

— Oh! — disse Rachel, em voz baixa. — A tal mulher só pode ser Hera. Claro. Seu chalé, sua voz. E ela mostrou-se a Jason no mesmo momento.

— Hera? — disse Annabeth, com um rugido mais alto que o de Seymour. — Ela tomou conta do seu corpo? E fez isso com Piper?

— Acho que Rachel tem razão — disse Jason. — Aquela mulher parecia uma deusa. E vestia um... manto de pele de cabra. É um símbolo de Juno, certo?

— É mesmo? — perguntou Annabeth. — Nunca ouvi falar sobre isso.

Quíron fez que sim, relutante.

— Um símbolo de Juno, o aspecto romano de Hera, em seu estado mais selvagem. O manto de pele de cabra era um símbolo do exército romano.

— Então Hera está presa? — perguntou Rachel. — Quem poderia ter feito isso com a rainha dos deuses?

Annabeth cruzou os braços.

— Bem, sejam eles quem forem, deveríamos agradecer. Se puderam calar a boca de Hera...

— Annabeth — Quíron advertiu —, Hera ainda é uma deusa do Olimpo. De muitas maneiras, é ela quem mantém a família dos deuses unidos. Se ela foi mesmo presa e corre o risco de ser destruída, isso poderia abalar as fundações do mundo. Acabar com a estabilidade do Olimpo, o que nunca é bom, mesmo em épocas tranquilas. E se Hera pediu ajuda a Jason...

— Certo — disse Annabeth. — Bem, nós sabemos que os titãs podem capturar um deus, certo? Atlas capturou Ártemis há alguns anos. E nas antigas histórias os deuses capturavam uns aos outros o tempo todo. Mas algo pior que um titã...?

Jason olhou para a cabeça do leopardo. Seymour passava a língua nos beiços, como se a deusa tivesse um gosto muito melhor do que salsicha.

— Hera disse estar tentando livrar-se da prisão há um mês.

— O mesmo tempo que o Olimpo está fechado — disse Annabeth. — Os deuses devem saber que algo ruim está para acontecer.

— Mas por que ela usou sua energia para me trazer aqui? — perguntou Jason.

— Ela sequestrou minha memória, me colocou naquela excursão da Escola da Vida Selvagem e enviou uma visão para você ir me buscar. Por que sou tão importante? Por que ela não envia um pedido de ajuda aos outros deuses, por que não avisa a eles onde está e pede que a resgatem?

— Os deuses precisam de heróis para fazer suas vontades aqui na Terra — disse Rachel. — É assim, não é? Os destinos estão sempre interceptados por semideuses.

— Isso é verdade — disse Annabeth —, mas Jason tem razão. Por que ele? Por que roubar sua memória?

— E Piper está envolvida de alguma maneira — disse Rachel. — Hera lhe enviou uma mensagem: *Liberte-me*. Sabe, Annabeth, isso deve ter algo a ver com o desaparecimento de Percy.

Annabeth pousou os olhos em Quíron.

— Por que você está tão quieto, Quíron? O que é isso que está acontecendo?

O rosto do centauro parecia ficar mais velho a cada minuto. As linhas ao redor

dos seus olhos estavam mais profundas.

— Minha querida, não posso ajudá-la nesse caso. Sinto muito.

Annabeth piscou.

— Você nunca... *nunca* escondeu uma informação de mim. Mesmo a última grande profecia...

— Estarei no meu escritório. — A voz do centauro era pesada. — Preciso de um tempo para pensar antes do jantar. Rachel, você pode dar uma olhada na menina? Chame Argos para levá-la à enfermaria, se preferir. E, Annabeth, você deveria conversar com Jason. Conte a ele sobre... sobre os deuses gregos e romanos.

— Mas...

O centauro se virou em sua cadeira de rodas e seguiu pelo corredor. Os olhos de Annabeth ficaram furiosos. Ela murmurou algo em grego, e Jason percebeu que não era exatamente um elogio ao centauro.

— Sinto muito — disse Jason. — Acho que estando aqui... não sei. Acho que estraguei tudo vindo ao acampamento. Não sei como. Quíron disse que fez uma promessa e que não poderia falar sobre isso.

— Que promessa? — perguntou Annabeth. — Eu nunca o vi agir assim. E por que me pediria que contasse a você sobre os deuses...

A voz de Annabeth sumiu. Aparentemente, só agora ela percebera a espada de Jason sobre a mesa de centro. Tocou a lâmina com cuidado, como se temesse que estivesse quente.

— É de ouro? — perguntou. — Você se lembra onde a encontrou?

— Não — respondeu Jason. — Como eu já disse, não me lembro de nada.

Annabeth fez que sim, como se acabasse de ter uma ideia, um plano desesperado.

— Caso Quíron não ajude, precisaremos encontrar uma saída sozinhos. Isso significa... chalé 15. Rachel, você pode ficar de olho em Piper?

— Claro — prometeu Rachel. — Boa sorte para vocês dois.

— Um momento — disse Jason. — O que tem no chalé 15?

Annabeth parou o que fazia, depois disse:

— Talvez uma forma de trazer sua memória de volta.

*

Eles foram na direção da nova ala de chalés, no canto sudoeste do acampamento. Alguns chalés eram bonitos, com paredes brilhantes e tochas acesas, mas o chalé

15 não era nada espetacular. Parecia uma casa rural antiga, com paredes de taipa e teto de palha. Na porta, havia uma guirlanda com flores vermelhas. Papoulas vermelhas, pensou Jason, mesmo sem saber muito bem como chegara a tal conclusão.

— Você acha que este é o chalé do meu pai? — ele perguntou.

— Não — respondeu Annabeth. — Este é o chalé de Hipnos, o deus do sono.

— Então, por que...

— Você se esqueceu de tudo — ela disse. — Se há alguém que pode ajudá-lo a recuperar a memória, esse alguém é Hipnos.

Lá dentro, mesmo sendo quase hora do jantar, três crianças dormiam sob uma pilha de cobertores. Um calor agradável emanava da lareira. Acima dela havia um galho de árvore, e dele pingava um líquido branco em várias tinas. Jason ficou com vontade de deixar cair uma gota nos dedos e experimentar, mas não o fez.

De algum lugar vinha a música suave de um violino. O ar cheirava a roupa recém-lavada. O chalé era tão calmo e aconchegante que os olhos de Jason começaram a pesar. Um cochilo parecia uma ideia excelente. Ele estava exausto. Havia várias camas vazias, todas com travesseiros de penas, lençóis limpos, edredons macios e...

— Acorde! — Annabeth cutucou Jason.

Jason piscou. Notou que seus joelhos começavam a fraquejar.

— O chalé 15 faz isso com todo mundo — avisou Annabeth. — Este lugar é mais perigoso que o chalé de Ares. Lá, pelo menos, sempre sabemos onde estão as minas terrestres.

— Minas terrestres?

Ela se aproximou de uma das crianças que dormia e bateu no seu ombro, dizendo: — Clovis! Acorde!

O menino parecia um bezerrinho. Tinha um tufo de cabelo no topo da cabeça em forma de cone, um rosto de traços fortes e pescoço gordo. Seu corpo era sólido, mas os braços eram delicados, como se nunca tivessem levantado nada mais pesado do que um travesseiro.

— Clovis! — ela repetiu, sacudindo-o com mais força e depois batendo em sua testa, seis vezes.

— O quê...? — ele respondeu, sentando-se na cama e esfregando os olhos. Bocejou alto, e Annabeth e Jason fizeram o mesmo.

— Pare com isso! — disse Annabeth. — Precisamos da sua ajuda.

— Eu estava dormindo.

— Você *sempre* está dormindo.

— Boa noite.

Antes que ele voltasse a dormir, Annabeth puxou seu travesseiro da cama.

— Isso não é justo — resmungou Clovis. — Devolva.

— Primeiro nos ajude — disse Annabeth. — Depois você pode dormir.

Clovis suspirou. Seu hálito cheirava a leite quente.

— Certo. Qual o problema?

Annabeth lhe explicou o problema de Jason. Várias vezes teve que estalar os dedos diante do nariz de Clovis, para mantê-lo acordado.

Ele devia estar realmente interessado, pois quando Annabeth terminou de falar ele não caiu imediatamente no sono. Na verdade, levantou-se e se espreguiçou, depois piscou para Jason.

— Então você não se lembra de nada, hein?

— Tudo o que tenho são impressões — respondeu Jason. — Sensações, como...

— O quê? — perguntou Clovis.

— Como de saber que não deveria estar aqui. Neste acampamento. E de estar em perigo.

— Hum. Feche os olhos.

Jason olhou para Annabeth, mas ela fez que sim.

Jason tinha medo de terminar dormindo em um daqueles beliches para sempre, mas fechou os olhos. Seus pensamentos se perdiam, como se mergulhasse em um lago escuro.

A próxima coisa de que se lembra foi de abrir os olhos com um estalo. Estava sentado em uma cadeira, em frente à lareira, com Clovis e Annabeth ajoelhados ao seu lado.

— ... calma, está tudo bem — disse Clovis.

— O que aconteceu? — perguntou Jason. — Quanto tempo...

— Só alguns minutos — respondeu Annabeth. — Mas foi tenso. Você quase se dissolveu.

Jason esperava que ela não estivesse falando em sentido *literal*, mas sua expressão era solene.

— Normalmente — disse Clovis —, as memórias são perdidas por uma boa razão. Ficam logo abaixo da superfície, como os sonhos, e com um bom sono posso trazê-las de volta. Mas isso...

— Lete? — perguntou Annabeth.

— Não — respondeu Clovis. — Nem mesmo Lete.

— Lete? — perguntou Jason.

Clovis apontou para o galho de árvore acima da lareira, que vertia pingos de líquido branco.

— Estamos falando sobre o rio Lete, do Mundo Inferior. Ele dissolve as

memórias, limpa nossas mentes de forma permanente. Este galho é de um álamo do Mundo Inferior, mergulhado no Lete. É o símbolo do meu pai, Hipnos. Lete não é um bom lugar no qual nadar.

Annabeth concordou.

— Percy esteve lá uma vez. Disse que o rio era poderoso o suficiente para apagar a mente de um titã.

Jason ficou feliz por não ter experimentado o tal líquido.

— Mas... não é esse o meu problema?

— Não — disse Clovis. — Sua mente não foi limpa, suas memórias não foram apagadas. Elas foram roubadas.

O fogo crepitou. Gotas de água do Lete caíram nas tinas. Um dos filhos de Hipnos murmurou alguma coisa, dormindo... algo sobre um pato.

— Roubada? — quis saber Jason. — Como?

— Um deus — respondeu Clovis. — Só mesmo um deus teria tanto poder.

— Disso nós sabemos — respondeu Jason. — Foi Juno. Mas como ela fez isso, e por quê?

— Juno? — perguntou Clovis, alongando o pescoço.

— Ele quer dizer Hera — respondeu Annabeth. — Por alguma razão, Jason prefere os nomes romanos.

— Hum... — disse Clovis.

— O quê? — perguntou Jason. — Isso significa alguma coisa?

— Hum... — repetiu Clovis, e dessa vez Jason notou que ele estava roncando.

— Clovis! — gritou Jason.

— O quê? O quê? — disse ele, os olhos lutando para permanecerem abertos. — Estávamos falando sobre travesseiros, certo? Não, sobre deuses. Eu me lembro. Gregos e romanos. Claro, isso pode ser importante.

— Mas são os mesmos deuses — disse Annabeth. — Apenas com nomes diferentes.

— Não exatamente — disse Clovis.

Jason inclinou-se para a frente, não muito desperto.

— O que você quer dizer com “não exatamente”?

— Bem... — disse Clovis, bocejando. — Alguns deuses são apenas romanos. Como Jano, ou Pomona. Porém, mesmo entre os deuses gregos maiores... não são apenas os seus nomes que mudam quando eles vão para Roma. Sua aparência também. E seus atributos. Eles até mesmo desenvolvem personalidades um pouco diferentes.

— Mas... — Annabeth gaguejou. — Tudo bem, talvez as pessoas os vejam de maneira diferente através dos séculos. Mas isso não altera suas identidades.

— Claro que sim — disse Clovis, começando a adormecer, e Jason estalou os

dedos diante de seu rosto.

— Já vou, mãe! — ele gritou. — Quer dizer... Sim, estou acordado. Então, hum, personalidades. Os deuses mudam para refletir as culturas nas quais estão inseridos. Você sabe disso, Annabeth. Quer dizer, hoje em dia, Zeus gosta de ternos bem-cortados, *reality shows* e daquele restaurante chinês na rua 28 Leste, certo? Também era assim nos tempos da Roma Antiga, e os deuses foram romanos quase tanto tempo quanto foram gregos. O Império Romano foi muito longo, durou séculos. Então, claro que eles mantêm algo do caráter daquela época.

— Faz sentido — disse Jason.

Annabeth balançou a cabeça, confusa.

— Mas como você sabe disso tudo, Clovis?

— Ah, eu passo muito tempo sonhando. Em sonho vejo os deuses o tempo todo... sempre de formas diferentes. Os sonhos são fluidos, você sabe. Podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo, sempre mudando de identidade. É mais ou menos como ser um deus, na verdade. Recentemente, por exemplo, sonhei estar num show do Michael Jackson, e em seguida estava no palco *com* o Michael Jackson, e, então, cantávamos um dueto, mas eu não conseguia me lembrar da letra de “The Girl Is Mine”. Sério, que vergonha, eu...

— Clovis — interrompeu Annabeth. — Vamos voltar a Roma?

— Ah, claro, Roma. Nós chamamos os deuses pelos seus nomes gregos, pois são os nomes originais. Mas dizer que o seu aspecto romano é o mesmo não é verdade. Em Roma eles se tornaram mais bélicos. Não se misturavam tanto com os mortais. Eram mais duros, mais poderosos... eram os deuses de um império.

— Uma espécie de lado negro dos deuses? — perguntou Annabeth.

— Não exatamente — Clovis respondeu. — Eles cultivavam a disciplina, a honra, a força...

— Características positivas, então — disse Jason, e pela mesma razão sentiu vontade de conversar com os deuses romanos, embora não tivesse certeza de por que aquilo era importante para ele. — Quer dizer, a disciplina é importante, certo? Por isso Roma durou tanto tempo.

Clovis lhe lançou um olhar curioso.

— Isso é verdade. Mas os deuses romanos não eram muito amigáveis. Meu pai, Hipnos, por exemplo... ele não fazia muito mais que dormir na Grécia. Mas em Roma o chamavam Somnus. E ele gostava de matar as pessoas que não estivessem atentas em seus trabalhos. Caso dormissem na hora errada... *bum...* nunca mais acordavam. Ele matou o capitão de Eneias quando navegavam voltando de Troia.

— Que cara legal — disse Annabeth. — Mas ainda assim não entendo o que

isso tem a ver com Jason.

— Nem eu — disse Clovis. — Mas se Hera roubou a memória de Jason, só ela poderá trazê-la de volta. E caso eu tenha que me encontrar com a rainha dos deuses, espero que ela esteja com um humor mais Hera do que Juno. Posso voltar a dormir agora?

Annabeth olhou para o galho acima da lareira, pingando água do rio Lete. Ela parecia muito preocupada, tanto que Jason ficou imaginando se não estaria com vontade de beber um pouco daquele líquido para esquecer-se dos problemas. Mas Annabeth se levantou e devolveu o travesseiro a Clovis.

— Obrigada, Clovis. Nos vemos no jantar.

— Eles podem servir o meu no quarto? Estou muito...

Clovis dormiu imediatamente, com o traseiro para cima e o rosto enfiado no travesseiro.

— Ele não vai morrer sufocado? — perguntou Jason.

— Ele vai ficar bem — disse Annabeth. — Mas estou começando a acreditar que você, *sim*, está envolvido em um grave problema.

IX

PIPER

PIPER SONHOU COM SEU ÚLTIMO dia com o pai.

Eles estavam numa praia próxima a Big Sur, na Califórnia, descansando depois de surfar. A manhã tinha sido perfeita, mas Piper sabia que logo algo ruim ia acontecer — eles seriam atacados por uma terrível horda de *paparazzi* ou talvez por um grande tubarão-branco. A sorte de Piper não duraria para sempre.

Até aquele momento, no entanto, eles tinham tido ondas perfeitas, um céu nublado e um oceano inteiro só para os dois. Seu pai havia descoberto aquele lugar escondido, alugado uma *villa* de frente para o mar *e também* as propriedades vizinhas, e, de alguma forma, conseguira manter tudo em segredo. Se ele ficasse ali por muito tempo, Piper sabia que os fotógrafos o encontrariam. Sempre o encontravam.

— Ótimo trabalho, Pipes. — Ele abriu o sorriso pelo qual ficara famoso: dentes perfeitos, furinho no queixo e um brilho nos olhos escuros que sempre faz as mulheres gritarem e pedirem que ele autografe seus corpos com caneta de tinta permanente. (*Por que não cuidam das suas vidas?*, Piper sempre pensava.) Seus cabelos negros e curtos brilhavam com a água salgada. — Você está melhorando muito seu *hang-ten*.

Piper ficava vermelha de orgulho, mas suspeitava que seu pai estava apenas sendo legal. Ela ainda passava grande parte do tempo caindo. É preciso um talento especial para conseguir equilibrar-se bem em uma prancha de surfe. Seu *pai* era um surfista nato — o que não fazia muito sentido, já que ele tivera uma infância pobre em Oklahoma, a quilômetros de distância do mar. Ele era incrível nos tubos. Piper teria desistido há muito tempo, se não fosse pelo fato de que, surfando, podia passar mais horas ao lado do pai. Não havia muitas outras maneiras de conseguir isso.

— Quer um sanduíche? — ele perguntou, remexendo a cesta de piquenique preparada por seu chefe de cozinha, Arno. — Vamos ver: peru com molho pesto, pasta de caranguejo com wasabi e... ah, o especial de Piper. Manteiga de amendoim com geleia.

Ela pegou o sanduíche, mesmo com o estômago muito revirado para comer qualquer coisa. Sempre pedia o mesmo. Em primeiro lugar, porque era vegetariana. Desde o dia em que passaram na frente de um matadouro em Chino e o cheiro do lugar quase a fizera vomitar. Mas havia ainda outro motivo. Manteiga de amendoim com geleia era um sanduíche simples, do tipo que todas as crianças comem. Ela preferiria que seu pai o tivesse preparado, não um chefe francês que enrolava o sanduíche em papel dourado, usando uma vela dessas que soltam estrelinhas em vez de um palito comum.

Por que nada podia ser simples? Era por isso que não aceitava as roupas caras que seu pai sempre queria comprar para ela, os sapatos de marcas famosas, as idas ao salão de beleza. Ela mesma cortava os cabelos, com uma tesoura de plástico do Garfield, deixando-os propositalmente tortos. Preferia usar tênis velhos, jeans, camiseta e seu velho agasalho de neve, quando praticavam *snowboard*.

E odiava aqueles colégios esnobes que seu pai imaginava serem adequados para ela. Vivia sendo expulsa. Mas ele sempre encontrava uma nova escola.

No dia anterior, ela cometera seu maior crime, “pedindo emprestado” um ^{BMW} em uma loja. Ela *tinha* de se superar sempre, pois era cada vez mais complicado chamar a atenção do pai.

Agora ela estava arrependida. Seu pai ainda não sabia de nada.

Pensou em contar-lhe aquela manhã. Mas ele a surpreendera com o passeio, e ela não foi capaz de estragar tudo. Era a primeira vez que passavam um dia juntos em cerca de três meses.

— O que foi? — ele perguntou, ao passar-lhe o refrigerante.

— Pai, tem uma coisa...

— Vamos lá, Pipes. Esse rosto tão sério. Está preparada para Três Perguntinhas Básicas?

Eles brincavam daquilo há anos: era a forma encontrada pelo pai de entrar em contato com ela rapidamente. Podiam fazer três perguntas um ao outro. Nada que passasse dos limites, mas as respostas tinham de ser honestas. Fora isso, o pai jurara não interferir na sua vida. O que era fácil, já que ele nunca estava por perto.

Piper sabia que grande parte das crianças odiaria esse tipo de brincadeira. Mas ela gostava. Era como surfar: não era nada fácil, mas a fazia sentir que efetivamente tinha um pai.

— Primeira pergunta — ela disse: — Mãe?

Não era surpresa. Esse assunto estava sempre em questão.

Seu pai deu de ombros, resignado.

— O que quer saber, Piper? Eu já lhe contei... ela desapareceu. Não sei por que motivo nem para onde foi. Depois que você nasceu, ela simplesmente foi embora. Nunca mais tive notícias dela.

— Você acha que ela ainda está viva?

Não era uma pergunta muito boa, pois seu pai poderia responder que não sabia. Mas, ainda assim, ela queria ouvir uma resposta.

Ele ficou olhando para as ondas.

— Tom, seu avô — disse, finalmente —, costumava repetir que quem caminha muito tempo em direção ao pôr do sol chega ao País dos Fantasmas, onde se pode falar com a morte. Ele disse também que antigamente era possível trazer os mortos de volta, mas que os homens destruíram essa possibilidade. Bem, é uma longa história.

— Como a Terra dos Mortos, dos gregos — Piper se lembrou. — Que também era no oeste. E Orfeu... que tentou trazer a esposa de volta.

Seu pai fez que sim. Um ano antes, tivera seu grande papel, como um antigo rei grego. Piper o ajudara nas pesquisas... um monte de histórias sobre pessoas se transformando em pedra, sendo queimadas em lagos de lava. Eles se divertiram muito lendo juntos, e a vida de Piper não parecia tão ruim. Por algum tempo, sentiu-se mais próxima do pai. Porém, como tudo o que é bom, isso não durou nada.

— Há muitas semelhanças entre os gregos e os cherokees — ele concordou. — Pense no que o seu avô diria caso nos visse aqui, agora, sentados no extremo oeste. Ele provavelmente pensaria que somos fantasmas.

— Então você está dizendo que acredita nessas histórias? Você acha que mamãe está morta?

Os olhos do pai se encheram de lágrimas, e Piper notou toda a tristeza por trás deles. Piper entendeu por que as mulheres se sentiam tão atraídas por ele. À primeira vista, ele parecia um homem confiante e rude, mas seus olhos guardavam muita tristeza. Elas queriam entender o porquê. Queriam reconfortá-lo, e nunca conseguiam. Ele já tinha dito a Piper que isso era coisa dos cherokees: todos guardavam uma tristeza interior, herança de gerações de dor e sofrimento. Mas Piper sempre imaginou que fosse algo mais que isso.

— Não acredito nessas histórias — ele disse. — São divertidas de serem contadas, mas se eu realmente acreditasse no País dos Fantasmas, em espíritos de animais ou em deuses gregos... acho que não conseguiria dormir à noite. Sempre busquei um culpado...

Um culpado pela morte do vovô Tom, que morreu de câncer de pulmão, pensou Piper, antes que seu pai ficasse famoso e tivesse dinheiro para ajudá-lo. Por sua mãe, a única mulher que ele amou na vida, e que o abandonou sem nem mesmo um bilhete de despedida, deixando-o com uma filha recém-nascida para criar. Ele tinha muito sucesso, mas ainda não era feliz.

— Não sei se ela está viva — respondeu seu pai. — Mas acho que poderia muito bem estar no País dos Fantasma, Piper. Não há possibilidade de que ela volte. Se eu acreditasse no contrário... Não sei se conseguiria aguentar.

Atrás deles a porta de um carro se abriu. Piper virou-se e seu coração quase parou de bater. Jane caminhava na direção deles usando seu terninho, afundando na areia com seus saltos altos, e com um *palmtop* nas mãos. O olhar dela era meio chateado, meio triunfante, e Piper sabia que ela estivera em contato com a polícia.

Por favor, caia, Piper pediu. Caso exista algum espírito animal ou deus grego que possa ajudar, faça com que Jane caia no chão. Não estou pedindo que se machuque muito, mas que fique mal o resto do dia, por favor.

Mas Jane continuou avançando.

— Pai — disse Piper, rapidamente. — Aconteceu uma coisa ontem...

Mas ele também tinha visto Jane. E já assumira sua postura profissional. Ela não estaria ali se não fosse um assunto sério. Um estúdio havia telefonado, cancelando um projeto, ou, então, Piper havia aprontado novamente.

— Vamos falar sobre isso, Piper — ele prometeu. — Mas preciso ver o que Jane veio fazer aqui. Você sabe como ela é.

Sim, Piper sabia. Seu pai caminhou pela areia, indo ao encontro de Jane. Piper não escutava o que diziam, mas nem precisava. Era boa em ler o rosto das pessoas. Jane contou detalhes sobre o carro roubado, apontando algumas vezes para Piper, como se ela fosse um bicho de estimação que tivesse acabado de fazer cocô no tapete.

O entusiasmo e a energia do seu pai desapareceram. Ele fez um gesto para que Jane o esperasse, depois voltou para perto de Piper. Ela não podia olhá-lo nos olhos... era como se tivesse traído sua confiança.

— Você disse que ia tentar, Piper.

— Pai, eu odeio aquela escola. Não aguento. Queria contar sobre o BMW, mas...

— Eles expulsaram você — seu pai falou. — Um carro, Piper? Você vai fazer dezesseis anos no ano que vem. Eu poderia comprar o carro que você quisesse. Como pôde...

— Você quer dizer que *Jane* compraria um carro para mim? — perguntou Piper. Ela não aguentou. Estava explodindo de raiva. — Pai, escute um momento. Não quero ficar esperando para poder fazer três perguntas idiotas.

Quero ir a uma escola normal. Quero que *você* vá à reunião de pais, e não Jane. Ou me eduque em casa! Aprendi muito enquanto estudávamos juntos sobre a Grécia. Podíamos fazer isso sempre! Podíamos...

— Não faça isso comigo — ele falou. — Sou o melhor pai que posso, Piper. Já conversamos sobre isso.

Não, ela pensou. Você interrompeu essa conversa. Por anos.

O pai suspirou.

— Jane conversou com a polícia, e conseguiu fazer um acordo. A concessionária não vai dar queixa, mas você precisa concordar em ir para um colégio interno em Nevada. Especializado em problemas... em crianças com problemas complicados.

— É isso o que sou — disse Piper, com voz trêmula. — Um problema.

— Piper... você disse que tentaria. Você me decepcionou. Não sei mais o que fazer.

— Faça qualquer coisa. Mas faça você mesmo! Não deixe que Jane cuide de tudo por você. Não pode simplesmente me mandar para longe.

O pai de Piper olhou para a cesta de piquenique. Seu sanduíche estava ali, intocado, embrulhado numa folha de papel dourado. Tinham planejado uma tarde inteira de surfe, mas estava tudo acabado.

Piper não podia acreditar que ele realmente faria o que Jane estava dizendo. Não daquela vez. Não quando o assunto era tão importante quanto um colégio interno.

— Vá falar com ela — disse seu pai. — Jane tem os detalhes.

— Pai...

Ele olhou para outro lado, para o mar, como ao longe enxergasse o País dos Fantasmas. Piper prometera a si mesma que não iria chorar. Seguiu em direção a Jane, que sorria friamente e tinha uma passagem de avião nas mãos. Como sempre, ela já organizara tudo. Piper era apenas mais um problema que Jane poderia riscar de sua lista de tarefas naquele dia.

*

O sonho de Piper mudou.

Ela estava parada no topo de uma montanha, à noite, com as luzes da cidade brilhando lá embaixo. À sua frente, uma fogueira acesa. As chamas de cor púrpura pareciam lançar mais sombras que luz, mas o calor era tão intenso que suas roupas estavam quentes.

— É o seu segundo aviso — disse uma voz, num tom tão poderoso que fez a terra tremer. Piper já ouvira a mesma voz antes, em seus sonhos. Tentou convencer-se a não ficar assustada, o que piorou a situação.

Por trás da fogueira um rosto enorme surgiu na escuridão. Parecia flutuar acima das chamas, mas Piper sabia que devia estar conectado a um corpo também muito grande. As feições cruéis pareciam ter sido entalhadas em pedra. Não tinha aspecto de vivo, exceto por seus penetrantes olhos brancos, como diamantes brutos, e seu horrível emaranhado de *dreadlocks*, trançados com ossos humanos. A figura sorriu, e Piper tremeu.

— Você vai fazer o que eu mandar — disse o gigante. — Vai levar a tarefa adiante. Faça o que for preciso, e talvez saia viva. Caso contrário...

Ele fez um gesto para um dos lados da fogueira. O pai de Piper estava pendurado, inconsciente, amarrado a uma estaca.

Ela tentou gritar. Queria chamar pelo pai e implorar ao gigante que o libertasse, mas sua voz não saía.

— Vou ficar observando — disse o gigante. — Caso sirva a mim, vocês dois sobreviverão. Você tem a palavra de Encélado. Mas se falhar... bem, eu dormi por um milênio, jovem semideusa. E estou com *muita* fome. Falhe, e eu comerei muito bem.

O gigante rugiu, com uma risada. A terra tremeu. Um buraco se abriu sob os pés de Piper, e ela caiu na escuridão.

*

Piper acordou como se tivesse sido pisoteada por uma trupe de sapateadores irlandeses. Seu peito doía, e ela mal podia respirar. Abaixou-se e segurou o cabo da faca que Annabeth lhe dera: Katoptris, a arma de Helena de Troia.

Então o Acampamento Meio-Sangue não havia sido um sonho.

— Como está se sentindo? — alguém perguntou.

Piper tentou focar o olhar. Estava deitada numa cama com uma cortina branca de um lado, como se fosse uma enfermaria. Aquela garota ruiva, Rachel Dare, estava sentada ao seu lado. Na parede, encontrou o pôster com a caricatura de um sátiro que se parecia muito com o treinador Hedge, com um termômetro na boca. E uma frase: *Não fique de bode por causa da doença!*

— Onde...? — Mas a voz de Piper falhou ao ver um menino parado à porta.

Parecia um típico surfista da Califórnia... forte e bronzeado, louro, usando bermuda e camiseta. Mas tinha centenas de olhos azuis por todo o corpo: pelos

braços, pelas pernas e por todo o rosto. Tinha olhos até nos pés, que a observavam através das tiras da sandália.

— Esse é Argos — disse Rachel —, nosso chefe da segurança. Ele está apenas, bem... de olho em tudo...

Argos fez que sim. E o olho em seu queixo piscou.

— Onde...? — Piper tentou perguntar mais uma vez, mas sentia como se sua boca estivesse cheia de algodão.

— Você está na Casa Grande — disse Rachel. — Na administração do acampamento. Nós a trouxemos aqui quando você desmaiou.

— Você me agarrou — lembrou-se Piper. — A voz de Hera...

— Sinto muito por isso — disse Rachel. — Acredite em mim, *não* era minha intenção ser possuída. Quíron a curou com um pouco de néctar...

— Néctar?

— A bebida dos deuses. Em pequenas quantidades, é capaz de curar semideuses... mas, caso não cure... os transforma em cinzas.

— Ah, que divertido.

Rachel inclinou-se na cadeira.

— Você se lembra de sua visão?

Piper ficou confusa por um momento, pensando que Rachel estivesse se referindo ao seu sonho com o gigante. Depois notou que ela falava sobre o que acontecera no chalé de Hera.

— Há algo de errado com a deusa — disse Piper. — Ela me pediu que eu a libertasse, como se estivesse presa. Mencionou que a terra nos comeria, e algo sobre o solstício.

Num canto da sala, um som de trovão ribombou no peito de Argos. Seus olhos estremeeceram todos de uma vez.

— Hera criou Argos — explicou Rachel. — Ele é muito sensível à sua segurança. Estamos tentando fazer com que não chore, porque, da última vez que isso aconteceu... bem, causou uma inundação.

Argos fungou. E pegou um monte de lenços de papel na mesa ao lado da cama, e começou a enxugar os olhos espalhados por todo o corpo.

— Então... — Piper tentou não olhar enquanto Argos secava as lágrimas de seus cotovelos. — O que aconteceu com Hera?

— Não sabemos ao certo — respondeu Rachel. — A propósito, Annabeth e Jason estiveram aqui para ver você. Jason não queria deixá-la sozinha, mas Annabeth teve uma ideia... algo que poderia restaurar a memória dele.

— Isso... isso é ótimo.

Jason estivera ali por ela? Ela desejou que estivesse consciente naquele momento. Mas, se ele recuperasse a memória, seria uma coisa boa? Ela ainda

tinha esperanças de que os dois realmente se conhecessem antes. Não queria que o relacionamento deles fosse apenas um truque da Névoa.

Prepare-se, disse a si mesma. Se tiver de salvar seu pai, não importará se Jason gostasse dela ou não. Ele poderá mesmo odiá-la. Todos a odiariam.

Olhou para a faca cerimonial pousada ao seu lado. Annabeth disse tratar-se de um sinal de poder e status, mas poucas vezes usada em batalhas. Muito espetáculo, mas pouca substância. Uma farsa, assim como Piper. E seu nome era Katoptris, ou seja, espelho. Não ousaria tomá-la mais uma vez nas mãos, pois não queria ver seu reflexo nela.

— Não se preocupe — disse Rachel, tocando seu braço. — Jason parece ser um cara legal. Ele também teve uma visão, muito parecida com a sua. Seja lá o que for que estiver acontecendo com Hera... eu acho que vocês terão de trabalhar juntos.

Rachel sorriu, como se fossem boas notícias, mas Piper ficou ainda mais nervosa. Imaginou que tal desafio — fosse ele qual fosse — envolveria muita gente. Rachel parecia estar dizendo a ela: *Boas notícias! Seu pai vai ser sequestrado por um gigante canibal e você trairá o menino por quem está apaixonada. Isso não é maravilhoso?*

— Ei — disse Rachel. — Não chore. Você vai entender tudo.

Piper limpou os olhos, tentando se controlar. Ela não era assim. Costumava ser dura na queda... roubava carros, desestruturava os colégios caros de Los Angeles. E lá estava ela, chorando como um bebê.

— Você sabe o que estou sendo obrigada a enfrentar?

Rachel deu de ombros.

— Sei que é uma escolha difícil, e suas opções não são as melhores do mundo. Como eu disse, às vezes tenho premonições. Mas você será reclamada hoje, na fogueira. Tenho quase certeza disso. Quando souber de que deusa é filha, tudo ficará mais claro.

Mais claro, pensou Piper, mas não necessariamente melhor.

E sentou-se na cama. Sua testa doía como se alguém tivesse lhe cravado um alfinete entre os olhos. *É impossível trazer sua mãe de volta*, dissera seu pai. Mas, aparentemente, aquela noite, sua mãe poderia reclamá-la. E pela primeira vez Piper não tinha certeza se queria realmente que isso acontecesse.

— Espero que seja Atena — disse, levantando os olhos, com medo de que Rachel fizesse uma piada, mas o oráculo apenas sorriu.

— Piper, eu não a repreendo. Acho que Annabeth deseja o mesmo que você. Vocês são muito parecidas.

A comparação fez Piper sentir-se ainda mais culpada.

— Outro pressentimento? Você não sabe nada sobre mim.

— Você ficaria surpresa.

— Está dizendo isso porque é um oráculo, certo? Deve se manter misteriosa.

Rachel sorriu.

— Não vou ficar contando meus segredos por aí, Piper. E não se preocupe, tudo vai terminar bem... embora talvez não como você tenha planejado.

— Ouvir isso não faz com que eu me sinta melhor.

Em algum ponto, a distância, uma trombeta de concha soou. Argos soltou um resmungo e abriu a porta.

— Jantar? — perguntou Piper.

— Você estava dormindo na hora do jantar — respondeu Rachel. — Chegou a hora da fogueira. Vamos lá, para descobrir quem você é.

X

PIPER

A IDEIA DA FOGUEIRA NO acampamento aterrorizava Piper. Fazia com que ela se lembrasse daquela enorme fogueira com chamas púrpura de seu sonho, e de seu pai preso a uma estaca.

E o que ela encontrou era quase tão terrível quanto aquela imagem: as pessoas cantavam. As arquibancadas do anfiteatro tinham sido construídas no sopé de uma colina, de frente para uma fogueira rodeada de pedras. Cinquenta ou sessenta crianças estavam alinhadas em filas, agrupadas sob diferentes bandeiras.

Piper notou que Jason estava bem na frente, ao lado de Annabeth. Leo também estava por perto, sentando junto a campistas com aspectos de fortões, sob uma bandeira prateada com um martelo como brasão. À frente da fogueira, de pé, meia dúzia de campistas com violões e umas harpas estranhas parecendo muito antigas — seriam liras? — cantavam uma música sobre peças de armaduras, sobre como a avó deles se preparava para a guerra. Todos cantavam com eles, fazendo gestos em direção às tais peças de armaduras e brincando. Devia ser a coisa mais estranha que Piper já vira na vida... aquele tipo de música de acampamento que todo mundo tem vergonha de cantar no dia a dia mas que, à noite, com todos cantando juntos, vira uma brincadeira divertida. À medida que a energia dos participantes aumentava, as chamas também ganhavam intensidade, passando de vermelhas a alaranjadas e, depois, a douradas.

Finalmente, a música terminou, com uma grande salva de palmas. Um homem montando um cavalo trotou. Pelo menos foi o que Piper *pensou*: à luz da fogueira, parecia ser um homem montando um cavalo. Depois ela notou que se tratava de um centauro, com a parte inferior do corpo com a forma de um cavalo branco e a superior com a forma de um homem de meia-idade, com cabelos

cacheados e barba bem-aparada. Na mão brandia um espeto com *marshmallows* tostados.

— Muito bem! E vamos dar as boas-vindas aos nossos novos companheiros. Eu sou Quíron, diretor de atividades do acampamento, e estou muito feliz por vocês terem chegado aqui vivos, e com a maior parte dos órgãos intactos. Em pouco tempo iremos ao que importa, mas primeiro...

— Que tal capturar a bandeira? — alguém gritou. E meninos sentados sob uma bandeira vermelha, que tinha como emblema uma cabeça de javali, ficaram agitados.

— Certo — disse o centauro. — Sei que o chalé de Ares está ansioso para voltar aos bosques, aos nossos jogos habituais.

— E matar pessoas! — um deles gritou.

— No entanto — disse Quíron —, até que o dragão seja controlado, isso é impossível. Chalé 9, temos notícias sobre esse assunto?

Ele se virou para o grupo de Leo. O garoto piscou para Piper e fingiu atirar nela, usando os dedos para imitar uma arma. A menina sentada ao lado de Leo se levantou, parecendo desconfortável. Vestia uma jaqueta militar, muito parecida com a dele, e seus cabelos estavam cobertos por uma bandana vermelha.

— Estamos trabalhando nisso.

Mais murmúrios.

— Como, Nyssa? — perguntou um filho de Ares.

— Duro, muito duro — ela respondeu.

Nyssa sentou-se e seguiram-se gritos e reclamações, que fizeram a chama da fogueira ficar caótica. Quíron bateu com seu casco nas pedras da fogueira — *bang, bang, bang* — e o acampamento ficou em silêncio.

— Precisamos ser pacientes. — disse Quíron. — Por enquanto, temos coisas mais importantes a discutir.

— Percy? — alguém sugeriu. E o fogo ficou ainda mais revoltado, mas Piper não precisava olhar para as chamas para sentir a ansiedade em todos.

Quíron fez um gesto em direção a Annabeth. Ela respirou fundo e levantou-se.

— Não encontrei Percy — disse ela. Sua voz falhou ao pronunciar o nome dele. — Ele não estava no Grand Canyon, como eu imaginei. Mas não vamos desistir. Temos equipes em todas as partes. Grover, Tyson, Nico, as Caçadoras de Ártemis... todos estão buscando por ele. *Vamos encontrá-lo*. Mas acho que Quíron está falando sobre outra coisa. Um novo desafio.

— É sobre a Grande Profecia, não é? — gritou uma menina.

Todos viraram os rostos. A voz veio de um grupo sentado na parte de trás, com uma bandeira rosa enfeitada com uma pomba. Estavam conversando entre eles e não prestavam muita atenção até que a sua líder se levantou. Era Drew.

Todos pareciam surpresos. Aparentemente, Drew não falava em público com muita frequência.

— Drew? — disse Annabeth. — O que você quer dizer?

— Ah, *vamos...* — disse Drew, balançando as mãos, como se a verdade fosse óbvia. — O Olimpo está fechado. Percy desapareceu. Hera aparece para você em uma visão, que volta com três novos semideuses em um só dia. Quer dizer, algo estranho está acontecendo. A Grande Profecia começou, certo?

Piper murmurou a Rachel:

— Sobre o que ela está falando? Grande Profecia?

Depois notou que todos também olhavam para Rachel.

— E aí? — perguntou Drew. — Você é o oráculo. Começou ou não?

Os olhos de Rachel pareciam assustados à luz da fogueira. Piper tinha medo de que ela comesse a dizer coisas estranhas mais uma vez, como uma deusa louca, mas Rachel deu um passo à frente, tranquila, e disse a todos:

— Sim, a Grande Profecia começou.

Um pandemônio foi desencadeado.

Piper olhou para Jason. Ele moveu os lábios, sem emitir som, perguntando: *Você está bem?* Ela fez que sim e esboçou um sorriso, depois olhou para o outro lado. Era duro vê-lo e não poder estar junto dele.

Quando o falatório finalmente cessou, Rachel deu mais um passo à frente e os mais de cinquenta semideuses afastaram-se. Como se uma mortal ruiva e magrinha fosse mais perigosa que todos eles juntos.

— Para todos que ainda não ouviram — disse Rachel —, a Grande Profecia foi minha primeira previsão. Ela ocorreu em agosto. E diz mais ou menos isto:

“Sete meios-sangues
responderão ao chamado.
Em tempestade ou fogo, o
mundo terá acabado...”

*

Jason se levantou. Seus olhos estavam agitados, como se tivesse acabado de sofrer uma descarga elétrica.

Até mesmo Rachel parecia assustada.

— Jason...? — ela disse. — O quê...

— *Ut cum spiritu postrema sacramentum dejuremus* — ele entoou. — *Et hostes ornamenta addent ad ianuam necem.*

Um silêncio desconfortável tomou conta do grupo. Piper via em seus rostos que vários tentavam traduzir aquelas palavras. Sabia que era latim, mas não sabia por que o seu — ela esperava — futuro namorado de repente começara a falar como um padre católico.

— Você acaba... de terminar a profecia — murmurou Rachel. — *Um juramento a manter como um alento final/ E inimigos com armas às Portas da Morte, afinal. Como você...*

— Eu conheço esses versos — disse Jason, colocando as mãos na cabeça. — Não sei como, mas *conheço* a profecia.

— Em latim, ainda por cima — disse Drew. — Lindo e inteligente.

Ouviram-se risinhos vindos do chalé de Afrodite. Meu Deus, pensou Piper, que bando de perdedores. Mas isso não aliviou a tensão. A fogueira emanava uma caótica e nervosa chama verde.

Jason sentou-se, parecendo estar envergonhado, mas Annabeth colocou uma das mãos no seu ombro e murmurou algo positivo. Piper sentiu uma pitada de ciúme. Quem deveria estar ao lado dele, confortando-o, era *ela*.

Rachel Dare ainda parecia um pouco perdida. Olhou para Quíron, em busca de ajuda, mas o centauro estava parado, em silêncio, como se observasse uma peça teatral que não podia ser interrompida: uma tragédia que terminaria com a morte de várias pessoas no palco.

— Bem — disse Rachel, tentando retomar a compostura. — Então, esta é a Grande Profecia. Tínhamos a esperança de que demorasse anos para se realizar, mas temo que esteja começando agora mesmo. Não posso provar nada. É apenas uma sensação. E, como disse Drew, algo estranho está começando. Os sete semideuses, sejam eles quem forem, ainda não se reuniram. Mas sinto que alguns deles estão aqui esta noite. Outros, não.

Os campistas começaram a murmurar, observando uns aos outros, nervosos, até que uma voz sonolenta no meio deles disse:

— Estou aqui! Ah... vocês estavam fazendo a chamada?

— Volte a dormir, Clovis — alguém gritou, e vários campistas riram.

— Seja como for — disse Rachel —, não sabemos o que a Grande Profecia significa. Não sabemos que tipo de desafio os semideuses enfrentarão. Porém, como a *primeira* Grande Profecia anunciou a Guerra dos Titãs, imaginamos que a *segunda* dirá respeito a algo, no mínimo, tão ruim quanto.

— Ou pior — murmurou Quíron.

Ele talvez não quisesse que os demais escutassem, mas escutaram. A fogueira ficou imediatamente púrpura, escura, da mesma cor que aparecia nos sonhos de

Piper.

— O que *sabemos* — disse Rachel — é que a primeira parte já começou. Um grande problema surgiu e precisamos resolvê-lo. Hera, a rainha dos deuses, foi pega.

Um silêncio de choque tomou conta de todos. Depois os cinquenta semideuses começaram a falar ao mesmo tempo.

Quíron bateu com o casco na pedra novamente, mas Rachel teve de esperar um pouco para recuperar a atenção dos ouvintes.

Contou-lhes sobre o acidente no Grand Canyon: sobre como Gleeson Hedge sacrificou-se quando os espíritos da tempestade surgiram, avisando que aquilo seria apenas o início. Aparentemente, eles serviam a uma grande senhora que pretendia destruir todos os semideuses.

Depois Rachel contou o desmaio de Piper no chalé de Hera. Piper tentou manter uma expressão calma, mesmo notando Drew, que ao fundo do anfiteatro fingia desmaiar, enquanto seus amigos riam. Finalmente, Rachel falou sobre a visão de Jason na Casa Grande. A mensagem de Hera enviada para ele era muito parecida com a de Piper. Com uma única diferença: *Curve-se à sua vontade, e o rei dele se reerguerá, dominando todos nós*. Hera *sabia* sobre a ameaça do gigante. Porém, se o que dizia era verdade, por que avisou a Jason e expôs Piper como agente do inimigo?

— Jason — disse Rachel. — Hum... Você se lembra do seu sobrenome?

Ele parecia pensar, mas depois balançou a cabeça.

— Vamos chamá-lo apenas de Jason, então — disse Rachel. — Está claro que a própria Hera enviou um desafio para você.

Rachel hesitou, como se desse a Jason a oportunidade de virar as costas para seu destino. Os olhos de todos estavam sobre ele. Era muita pressão, Piper imaginou que não aguentaria estar em seu lugar. Mas Jason parecia bravo e determinado. Finalmente, trincou a mandíbula e assentiu:

— É verdade.

— Você deve salvar Hera e prevenir um grande mal — disse Rachel —, uma espécie de rei está se erguendo. Por motivos que ainda não entendemos, isso deve acontecer no solstício de inverno, daqui a apenas quatro dias.

— É o dia do conselho dos deuses — disse Annabeth. — Se eles *ainda* não sabem que Hera está desaparecida, notarão sua ausência nesse momento. E provavelmente começarão a brigar, acusando uns aos outros de tê-la sequestrado. É o que normalmente fazem.

— O solstício de inverno — disse Quíron — também é o momento de maior escuridão. Os deuses se reúnem nesse dia, como os mortais também sempre fizeram, porque há muita força em jogo. No dia do solstício a magia do mal

ganha força. A magia *antiga*, mais antiga que os deuses. É o dia em que tudo... sai do lugar.

O tom de Quíron era absolutamente sinistro, como se ele se referisse a um crime grave, e não a algo normal.

— O.k. — disse Annabeth, olhando para o centauro. — Valeu. Seja lá o que estiver acontecendo, eu concordo com Rachel. Jason foi escolhido para liderar essa missão, então...

— Por que ele ainda não foi reclamado? — gritou um representante do chalé de Ares. — Se ele é tão importante...

— Ele já foi reclamado — disse Quíron. — Há muito tempo. Jason, mostre a eles.

Num primeiro momento, Jason não entendeu. Mas deu um passo à frente, nervoso, e Piper notou o quanto ele estava lindo com seus cabelos louros brilhando à luz da fogueira, as feições nobres como as de uma estátua romana. Olhou para Piper, e ela meneou a cabeça, encorajando-o, e fez o gesto de quem joga uma moeda para o alto.

Jason remexeu no bolso. Ele lançou uma moeda no ar e, quando a agarrou novamente, estava segurando uma lança: uma lança de ouro, de um metro de comprimento, com uma ponta afiada em um dos lados.

Os outros semideuses engoliram em seco. Rachel e Annabeth deram um passo atrás, para afastar-se da ponta, que parecia cortante como um furador de gelo.

— Mas não era... — Annabeth hesitou. — Imaginei que fosse uma espada.

— Hum, algumas vezes cresce um pouco mais, eu acho — disse Jason. — A mesma moeda, uma arma mais longa...

— Cara, eu quero uma dessas! — gritou alguém do chalé de Ares.

— É melhor que a lança elétrica de Clarisse, Lamer! — concordou um colega de seus irmãos.

— Elétrica... — murmurou Jason, pensando que seria uma boa ideia. — Afastem-se.

Annabeth e Rachel entenderam a mensagem. Jason levantou a lança e um trovão estourou no céu. Os pelos dos braços de Piper se eriçaram. O raio caiu, atingindo a fogueira com a força de um míssil de artilharia.

Quando a fumaça se dissipou e o eco nos ouvidos de Piper diminuiu de intensidade, todos no acampamento pareciam chocados, cobertos de cinzas, olhando para o local onde tudo fora incendiado. Cinzas caíam como chuva em todas as partes. Um toco em chamas havia caído bem ao lado do local onde Clovis dormia. Ele nem se mexera.

Jason baixou a arma, dizendo:

— Hum... sinto muito.

Quíron limpou as cinzas de sua barba. E deixou um som escapar da garganta, como se todos os seus medos se confirmassem.

— Foi um pouco exagerado, talvez, mas deu para entender sua mensagem. E acho que sabemos quem é o seu pai.

— Júpiter — disse Jason. — Quero dizer, Zeus. O senhor dos céus.

Piper não aguentou e sorriu. Fazia todo o sentido. O deus mais poderoso, o pai de todos os grandes heróis dos mitos antigos... ninguém mais poderia ser o pai de Jason.

Aparentemente, os outros campistas não tinham tanta certeza. O caos reinava por ali, com todo mundo fazendo perguntas, até Annabeth erguer uma das mãos.

— Calma aí! Como ele pode ser filho de Zeus? Os Três Grandes... eles fizeram um pacto de não ter filhos mortais... Como não descobrimos isso antes?

Quíron não respondeu, mas Piper notou que ele deveria saber. E que a verdade não era boa.

— O mais importante — disse Rachel — é que Jason está aqui. Ele tem um destino a cumprir, o que significa que precisará de uma profecia própria.

Ela fechou os olhos, desfalecendo. Dois campistas correram para segurá-la. Um terceiro correu a um dos lados do anfiteatro e pegou um banco de bronze de três pernas, como se tivesse sido treinado para essa tarefa. Sentaram Rachel no banco, de frente para a fogueira destruída. Com o fogo apagado, a noite era escura, mas uma fumaça verde começou a se mover nos pés de Rachel. Quando voltou a abrir os olhos, eles brilhavam, e uma fumaça em tom esmeralda saía de sua boca. A voz que saiu era rouca e antiga, mais ou menos o tipo de som que faria uma cobra, caso pudesse falar:

“Filho do relâmpago,
tome cuidado no chão,
Da vingança dos gigantes
os sete nascerão,
A forja e a pomba devem
abrir a cela,
E liberar a morte pela
raiva de Hera.”

Após a última palavra, Rachel desmaiou, mas seus ajudantes estavam por perto para segurá-la. Eles a carregaram para fora do anfiteatro e a deitaram, para que descansasse.

— Isso é normal? — perguntou Piper. Depois notou que todos estavam em silêncio, e olhavam para ela. — Quero dizer... ela costuma soltar muita fumaça verde?

— Nossa, como você é burra... — disse Drew. — Ela acabou de dizer uma profecia... a profecia de Jason para que salvasse Hera! Por que você não...

— Drew — interrompeu Annabeth. —, Piper fez uma pergunta válida. Algo sobre essa profecia, *definitivamente*, não é normal. Se ao tirar Hera da prisão vamos liberar sua raiva e causar um monte de mortes... por que, então, a libertaríamos? Pode ser uma armadilha ou... talvez Hera se volte contra os que a ajudarem. Ela nunca foi gentil com heróis.

Jason se levantou.

— Não tenho muita escolha. Hera roubou minha memória e eu preciso dela de volta. Além do mais, não podemos simplesmente *não* ajudar a rainha dos céus se ela está em perigo.

Uma menina do chalé de Hefesto se levantou. Era Nyssa, a que usava a bandana vermelha na cabeça.

— Talvez. Mas deveríamos ouvir Annabeth. Hera pode ser muito vingativa. Ela atirou seu próprio filho, nosso pai, do alto de uma montanha simplesmente porque ele era feio.

— *Muito feio* — debochou alguém do chalé de Afrodite.

— Cale a boca! — gritou Nyssa. — Seja como for, também devemos pensar... por que tomar cuidado no chão? E o que é a vingança dos gigantes? O que temos de enfrentar que é poderoso o suficiente para sequestrar a rainha dos céus?

Ninguém respondeu, mas Piper notou Annabeth e Quíron trocando ideias, em silêncio. Para Piper, o que diziam era:

Annabeth: *A vingança dos gigantes... não, não pode ser.*

Quíron: *Não fale sobre isso aqui. Não os assuste.*

Annabeth: *Você está brincando comigo. Não podemos ser tão azarados assim.*

Quíron: *Mais tarde, querida. Caso conte tudo, eles ficarão com muito medo e não poderão seguir adiante.*

Piper sabia que era loucura pensar que conseguiria ler expressões deles tão bem, especialmente por serem duas pessoas que mal conhecia. Mas tinha absoluta certeza de que entendera o que diziam, e ficou morta de medo.

Annabeth respirou fundo.

— A missão é de Jason — ela anunciou. — Portanto, a escolha é dele. Obviamente, ele é o filho do relâmpago. De acordo com a tradição, poderá

escolher dois acompanhantes.

Alguém do chalé de Hermes gritou:

— Você, claro, Annabeth. É a pessoa com mais experiência.

— Não, Travis — ela respondeu. — Para começo de conversa, *não* vou ajudar Hera. Sempre que tentei, ela me venceu ou voltou para me atazanar mais tarde. Nem pensar. Sem chance. Além do mais, eu vou partir amanhã cedo em busca de Percy.

— Tudo está conectado — soltou Piper, sem saber como conseguira reunir coragem para falar. — Você sabe disso, certo? Toda essa história, o desaparecimento do seu namorado... está tudo conectado.

— Conectado como? — perguntou Drew. — Se você é mesmo tão inteligente, por que não nos diz como?

Piper tentou formular uma resposta, mas não conseguiu.

Annabeth a ajudou:

— Você talvez tenha razão, Piper. Se isso tudo estiver conectado, eu poderei descobrir o outro lado... saindo em busca de Percy. Como já disse, não poderia ajudar Hera, mesmo que seu desaparecimento vá provocar uma nova guerra entre os olímpianos. Mas existe outra razão para que eu não vá: a profecia diz outra coisa.

— Ela diz quem *eu* devo escolher — concordou Jason. — *A forja e a pomba devem abrir a cela*. A forja é o símbolo de Vul... Hefesto.

Sob a bandeira do chalé 9, Nyssa deixou os ombros caírem, como se carregasse um grande peso.

— Se precisamos tomar cuidado com a terra — disse ela —, devemos evitar viagens terrestres. Precisamos de transporte aéreo.

Piper estava a ponto de dizer que Jason podia voar, mas logo pensou melhor. Era ele quem deveria propor isso, e não o tinha feito. Talvez imaginasse que já os assustara demais para uma noite.

— A carruagem voadora está quebrada — disse Nyssa — e os pégasos estão sendo usados na busca de Percy. Mas talvez o chalé de Hefesto possa ajudar. Com Jake machucado, sou eu a campista veterana, e posso me oferecer para a missão.

Ela não parecia entusiasmada.

No mesmo momento, Leo se levantou. Ele estivera quieto, tanto que Piper quase se esquecera de sua presença ali, o que não era típico.

— Eu — disse Leo.

Seus companheiros de chalé ficaram assustados. Tentaram fazer com que ele se sentasse, mas ele resistiu.

— Não. Deixa comigo. Tenho uma ideia para o problema de transporte. Quero

ajudar, posso resolver o problema!

Jason o observou por um momento. Piper tinha certeza de que ele diria a Leo que não, mas Jason sorriu e disse:

— Entramos nessa juntos, Leo. Acho boa a ideia de que você venha comigo. Você está dentro.

— Maravilha! — disse Leo, com os punhos cerrados.

— Vai ser perigoso — avisou Nyssa. — Um caminho duro, com monstros e sofrimentos terríveis. Talvez nenhum de vocês volte com vida.

— Oh! — disse Leo, já não tão animado, mas logo lembrou-se que todos estavam olhando. — Quer dizer... ah, legal! Sofrimento? Eu adoro sofrer! Vamos lá!

Annabeth fez que sim.

— Agora, Jason, você só precisa escolher o terceiro membro da missão. A pomba...

— Ah, claro! — disse Drew, já de pé e abrindo um sorriso para Jason. — A pomba é Afrodite. Todo mundo sabe disso. Sou *completamente* sua.

Piper cerrou as mãos. Ela deu um passo à frente.

— Não.

Drew revirou os olhos.

— Ah, por favor, garota insuportável. Saia da minha frente.

— Fui *eu* que tive a visão de Hera, não você. Preciso fazer parte disso.

— Qualquer pessoa pode ter uma visão — disse Drew. — Você simplesmente estava no lugar certo, na hora certa — disse, olhando para Jason. — Olha, lutar é fácil, e pessoas que constroem coisas... — E olhou para Leo, com desdém. — Bem, acho que alguém vai ter que sujar as mãos. Mas Jason precisa de um pouco de *charme* por perto. Eu posso ser bem persuasiva. Poderia ajudar muito.

Os campistas começaram a murmurar sobre como Drew *era* persuasiva. Piper podia ver que Drew levava vantagem. Mesmo Quíron coçava a barba, como se a participação de Drew começasse a fazer sentido para ele.

— Bem... — disse Annabeth. — Segundo as palavras da profecia...

— Não! — disse Piper, com uma voz que soava estranha mesmo aos seus ouvidos... Um tom mais insistente, mais encorpado. — Sou eu quem deve ir.

E naquele momento aconteceu algo muito estranho: todos começaram a fazer que sim, murmurando que o ponto de vista de Piper também fazia sentido. Drew deu uma olhada em volta, incrédula. Mesmo seus companheiros de chalé concordavam com Piper.

— Acordem! — disse Drew a todos. — O que Piper poderá fazer?

Piper tentou responder, mas sua confiança começava a desmoronar. O que *ela* poderia oferecer? Não era uma lutadora, boa planejadora, nada. Não tinha

habilidades especiais a não ser a de se meter em problemas e de vez em quando convencer as pessoas a fazer coisas estúpidas.

Além do mais, era uma mentirosa. Porém, por motivos que iam além de Jason, precisava estar naquela missão — e, caso fosse escolhida, terminaria traindo a todos por lá. Ela tinha ouvido aquela voz no seu sonho: *Faça o que for preciso, e talvez saia viva*. Como poderia fazer uma escolha daquelas... entre ajudar seu pai e ajudar Jason?

— Bem — disse Drew. — Acho que isso está resolvido.

De repente, todos olharam para Piper, como se ela tivesse acabado de explodir. Piper ficou pensando no que fizera errado. Depois notou que havia um halo avermelhado à sua volta.

— O que é isso? — ela perguntou.

Olhou para cima, mas não havia qualquer símbolo em chamas, como o que aparecera para Leo. Depois olhou para baixo e engoliu em seco.

Suas roupas... o que era aquilo que ela estava *vestindo*? Ela detestava vestidos. Não *tinha* vestidos. Mas estava usando uma linda túnica branca sem mangas, com um decote em V tão baixo que chegava a deixá-la constrangida. Em seus braços havia delicadas pulseiras de ouro. Um intrincado colar de âmbar, coral e flores douradas brilhava no seu peito, e seus cabelos...

— Meu Deus — ela disse. — O que aconteceu?

Uma maravilhada Annabeth apontou para a adaga de Piper, que brilhava, e estava dependurada ao lado do corpo, presa a uma corda dourada. Piper não queria empunhá-la. Tinha medo do que aconteceria. Mas sua curiosidade ganhou. Desembainhou sua Katoptris e olhou seu reflexo no metal polido. Seus cabelos estavam perfeitos: brilhantes, longos, cor de chocolate, enfeitados com laços dourados de um lado, caindo até os ombros. Estava maquiada, embora ela nunca tivesse aprendido a se maquiar bem... toques sutis deixavam seus lábios em tom cereja e punham cores variadas em seus olhos.

Ela estava... estava...

— Linda — disse Jason. — Piper, você... você está arrasando.

Em outras circunstâncias, seria o momento mais feliz de sua vida. Mas todos a estavam olhando como se ela fosse uma louca. O rosto de Drew estampava horror e repulsa.

— Não! — ela gritou. — Isso não é possível!

— Esta não sou eu — disse Piper. — Eu... eu não entendo.

Quíron, o centauro, curvou-se à sua frente, e todos os campistas fizeram o mesmo.

— Ave, Piper McLean — disse Quíron, em tom grave, como se estivesse falando no seu funeral. — Filha de Afrodite, senhora das pombas, deusa do

amor.

XI

LEO

LEO NÃO FICOU RODEANDO **P**IPER após sua transformação. Claro que ela estava incrível — *E maquiada, que milagre!* —, mas para ele era complicado lidar com isso. Saiu do anfiteatro e correu pela escuridão, pensando no que se metera.

Levantara-se diante de um grupo de semideuses fortes e bravos e ofereceu-se como voluntário — *voluntário* — para uma missão da qual provavelmente sairia morto.

Ele não tinha falado nada sobre ter visto *Tía Callida*, sua antiga babá, mas quando ouviu a história sobre a visão de Jason — a senhora de vestido negro e xale — percebeu que provavelmente tratava-se da mesma mulher. *Tía Callida* era Hera. Sua babá malvada era a rainha dos deuses. E coisas assim são capazes de fundir a mente de qualquer um.

Caminhou desolado pelos bosques e tentou não pensar na sua infância, em todas as confusões que terminaram na morte de sua mãe. Mas ele não pôde evitar.

*

Na primeira vez que *Tía Callida* tentou matá-lo, ele devia ter dois anos. Ela tomava conta dele enquanto sua mãe estava na oficina. Não era sua tia de verdade, claro — era uma senhora da vizinhança, uma tia que ajudava a cuidar das crianças. Ela cheirava a presunto e sempre usava um vestido negro de viúva, com xale preto.

— Vou colocá-lo para tirar uma soneca — ela dissera. — Vamos ver se é mesmo o meu pequeno e corajoso herói, hein?

Leo estava dormindo. Ela o envolveu em lençóis, depois em um monte quentinho de... travesseiros amarelos e vermelhos? A cama era uma espécie de ninho na parede, feita de tijolos e com uma abertura de metal por onde, lá em cima, ele podia ver as estrelas. Ele se lembra de estar descansando confortavelmente, brincando de pegar as fagulhas, como se fossem vaga-lumes. Ele cochilou e sonhou com um barco de fogo que navegava em cinzas. Imaginou-se a bordo, cruzando o céu. Em algum lugar por perto, *Tía Callida* estava sentada em sua cadeira de balanço — *crack, crack, crack* —, entoando uma cantiga de ninar. Mesmo aos dois anos, Leo sabia a diferença entre o inglês e o espanhol, e se lembra de ter ficado confuso, pois ela não cantava em nenhuma das duas línguas.

Tudo estava bem até sua mãe voltar à casa. Ela deu um grito e correu para pegá-lo, gritando para *Tía Callida*:

— Como você foi capaz?

Mas a velha senhora desaparecera.

Leo se lembra de ter olhado por sobre os ombros da mãe, para as chamas envolvendo seus lençóis. Somente anos mais tarde entendeu que dormia em uma lareira acesa.

Mas o mais estranho é que *Tía Callida* não foi presa nem expulsa de sua casa. Voltou a aparecer várias vezes nos anos seguintes. Quando Leo tinha três anos, deixou que ele brincasse com facas.

— Você deve aprender a lidar com lâminas logo cedo — ela disse —, se quer ser o meu herói algum dia.

Leo conseguiu não morrer, mas sentiu que *Tía Callida* não teria se importado.

Quando ele tinha quatro anos, *Tía Callida* encontrou uma cascavel num pasto de vacas próximo. Deu a ele uma vara e disse que aticasse o animal.

— Onde está sua coragem, meu pequeno herói? Mostre que as Parcas estão certas ao escolher você.

Leo encarou aqueles olhos âmbar, ouvindo o guizo da cascavel. Não era capaz de aticá-la. Não parecia justo. Aparentemente, a cobra sentia o mesmo, sobre picar um menino tão pequeno. Leo podia jurar que ela olhava para *Tía Callida* como quem diz: *Você está louca, senhora?* Depois a cobra desapareceu no mato alto do jardim.

Na última vez que cuidou dele, Leo tinha cinco anos. Ela lhe ofereceu um pacote de giz de cera e um bloco de papel e os dois se sentaram juntos à mesa de piquenique, na parte de trás do condomínio, sob uma velha nogueira. Enquanto *Tía Callida* cantava suas músicas estranhas, Leo desenhou um barco em chamas, o mesmo que vira em seu sonho, com velas coloridas e vários remos, uma popa curva e um mastro enorme. Quando estava quase terminado, e ele estava a ponto

de assinar seu nome como aprendera no jardim de infância, um vento levou o desenho embora. A folha voou em direção ao céu, desaparecendo.

Leo queria chorar. Passara muito tempo fazendo o desenho... mas *Tía Callida* não fez nada além de soltar um suspiro, desapontada.

— Ainda não é a hora, meu pequeno herói. Algum dia você terá de enfrentar sua missão. Encontrará o seu destino, e sua difícil jornada finalmente fará sentido. Mas, primeiro, terá de enfrentar muitas dores. Sinto muito, mas os heróis precisam ser moldados de alguma maneira. Agora, por que não faz uma fogueira? Aqueça esses meus ossos velhos.

Minutos depois a mãe de Leo chegou e tremeu de horror. *Tía Callida* tinha ido embora, mas ele estava sentado em meio às brasas. Os papéis tinham virado cinzas, os gizos de cera haviam derretido em uma confusão de cores e as mãos de Leo, incandescentes, queimavam lentamente a mesa de piquenique. Por anos a fio as pessoas no condomínio se perguntaram como as mãos de um menino de cinco anos haviam ficado marcadas naquela madeira dura.

*

Agora Leo tinha certeza de que *Tía Callida*, sua babá psicótica, na verdade sempre fora Hera. E isso fazia dela sua... avó-deusa? Sua família era mais confusa do que ele imaginava.

Ficou pensando se sua mãe sabia da verdade. Leo lembrou-se que após a última visita de *Tía Callida* sua mãe tivera uma longa conversa com ele, que só entendera parte do que ela disse.

— Ela não vai voltar. — Sua mãe tinha um lindo rosto, com olhos doces e cabelos escuros e cacheados, mas parecia mais velha do que realmente era, por conta do trabalho pesado. As linhas em volta dos seus olhos eram profundas. Suas mãos, cheias de calos. Fora a primeira pessoa da família a se formar numa universidade. Era graduada em engenharia mecânica e podia desenhar qualquer coisa, consertar qualquer coisa, construir qualquer coisa.

Mas ninguém queria contratá-la, nenhuma empresa a levava a sério, por isso, terminou naquela oficina, tentando ganhar dinheiro suficiente para sustentar eles dois. Sempre cheirava a óleo, e quando conversava com Leo misturava espanhol e inglês, como se uma língua complementasse a outra. Leo precisou de muitos anos para entender que nem todo mundo falava desse modo. Ela chegou a ensinar a ele o Código Morse, como se fosse uma brincadeira, e assim um passava mensagens ao outro, em quartos diferentes. *Eu te amo. Você está bem?*

Mensagens simples como estas.

— Eu não ligo para o que Callida diz — comentou sua mãe. — Não quero saber sobre o seu destino nem sobre as Parcas. Você é muito jovem. Ainda é o meu bebê.

Ela pegou suas mãos, buscando as marcas de queimadura, mas, obviamente, não havia nenhuma.

— Leo, quero que me escute. O fogo é uma ferramenta como qualquer outra, mas é mais perigoso que a maioria. Você não conhece os seus limites. Por favor, quero que me prometa... nada mais de brincadeiras com fogo até você encontrar o seu pai. Algum dia, *mi hijo*, você *vai* encontrá-lo. E ele explicará tudo.

Leo sempre escutou isso, desde bem jovem. Algum dia encontraria o pai. Sua mãe não respondia a nenhuma pergunta sobre ele. Leo nunca o vira, nem em fotos, mas ela falava sobre seu pai como se tivesse saído para comprar leite e pudesse voltar a qualquer momento. Leo queria acreditar nela. Algum dia tudo faria sentido.

Nos anos seguintes, viveram felizes. Leo quase esqueceu-se de *Tía* Callida. Ainda sonhava com o mesmo barco voador, mas os outros acontecimentos estranhos também pareciam um sonho.

Tudo mudou quando ele tinha oito anos. Naquela época, passava todo o seu tempo livre com a mãe. Sabia como usar as máquinas. Media e fazia contas melhor que muitos adultos. Aprendeu a pensar tridimensionalmente, resolvendo problemas matemáticos de cabeça, como sua mãe fazia.

Certa noite, ficaram no trabalho até tarde, pois sua mãe estava terminando um esboço que esperava poder patentear. Se conseguisse vender o protótipo, poderiam mudar de vida. Ela finalmente poderia ter um pouco de descanso.

Enquanto ela trabalhava, Leo a ajudava entregando ferramentas, e contava piadas, tentando manter o alto-astral. Ele adorava quando conseguia fazer a mãe rir. Ela sorria e dizia:

— Seu pai estaria orgulhoso de você, *mi hijo*. Vocês vão se encontrar logo, tenho certeza.

Sua mãe trabalhava nos fundos da loja. O lugar era um pouco assustador à noite, pois eles eram as únicas pessoas por ali. Qualquer som ecoava no galpão escuro, mas Leo não se importava, desde que estivesse ao lado da mãe. Quando andava pela loja, podiam comunicar-se por Código Morse. Quando estavam prontos para ir embora, cruzavam a loja inteira em direção ao estacionamento, na parte de trás, fechando tudo.

Certa noite, já na porta do estacionamento, sua mãe notou que não estava com as chaves.

— Que estranho — disse ela. — Tenho certeza de que peguei as chaves.

Espere aqui, *mi hijo*. Volto em um minuto.

E sorriu mais uma vez para ele — seria o seu último sorriso —, depois voltou ao galpão.

Assim que entrou, a porta bateu. E se trancou sozinha.

— Mãe? — chamou Leo, com o coração na boca. Algo pesado caíra no interior do armazém. Ele correu para a porta, mas ela não abria, por mais força que fizesse. — Mãe! — Desesperado, batucou uma mensagem no muro: *Você está bem?*

— Ela não vai escutar — disse uma voz.

Leo virou o corpo e encontrou uma mulher estranha.

Num primeiro momento, pensou tratar-se de *Tía Callida*. Estava envolta em roupas pretas, com um véu cobrindo o rosto.

— *Tía?*

A mulher bocejou, um som gentil, lento, como se estivesse com sono.

— Não sou sua babá. Talvez tenha alguma semelhança com a família.

— O que... o que você quer? Onde está minha mãe?

— Ah... você é leal à sua mãe. Ótimo. Mas, veja bem, eu também tenho filhos... e entendo que um dia lutará com eles. Quando tentarem me despertar, você os impedirá. Não posso permitir isso.

— Eu não a conheço. Não quero lutar com ninguém.

Ela murmurou algo, como se estivesse em transe.

— Uma escolha inteligente.

Surpreso, Leo notou que a mulher dormia de verdade. Por trás do véu, seus olhos estavam fechados. Porém, o mais estranho eram as suas roupas: não eram feitas de pano, mas sim de *terra* — terra negra seca, que a cobria, envolvendo seu corpo. Seu rosto pálido e sonolento mal podia ser visto por trás daquela cortina de pó, e ele notou, horrorizado, que ela acabara de levantar-se do túmulo. Se aquela mulher dormia, Leo não queria que acordasse. Sabia que, desperta, seria ainda mais aterrorizante.

— Ainda não posso destruí-lo — ela murmurou. — As Parcas não vão permitir isso. Mas elas não podem proteger sua mãe, e não podem evitar que eu roube o espírito dela. Lembre-se desta noite, meu pequeno herói, quando pedirem que se volte contra mim.

— Deixe minha mãe em paz! — ele gritou, com muito medo, enquanto a mulher seguia em frente. Ela se movia como uma avalanche, não como uma pessoa normal, deixando um rastro de terra para trás.

— Como vai me deter? — ela murmurou, atravessando uma mesa, fazendo com que as moléculas do seu corpo se desintegrassem e voltassem a se integrar do outro lado.

Depois curvou-se em cima de Leo. Ele sabia que também passaria por dentro de seu corpo, embora ele fosse a única barreira entre aquela mulher e sua mãe.

As mãos de Leo pegaram fogo.

Um sorriso sonolento se abriu no rosto da mulher, como se ela tivesse descoberto algo. Leo gritava, desesperado. Sua visão ficou vermelha. Chamas envolviam a mulher, as portas trancadas, as paredes. E Leo perdeu a consciência.

Quando acordou, estava numa ambulância.

O paramédico tentou ser gentil. Ela disse que o armazém pegara fogo. Que sua mãe não pudera aguentar. Que sentia muito. Mas Leo não entendia nada. Perdera o controle, embora sua mãe tivesse avisado. Ela morreria por sua culpa.

Logo veio a polícia, que não foi tão legal com ele. O fogo começou fora do armazém, disseram, onde Leo estava de pé. Ele sobrevivera por milagre, mas que espécie de criança tranca as portas do local de trabalho da mãe, sabendo que ela estava lá dentro, sendo vítima de um incêndio?

Mais tarde, vizinhos de Leo explicaram à polícia que ele era um menino estranho. Falaram sobre as marcas de fogo na mesa de piquenique. Sempre souberam que havia algo errado com o filho de Esperanza Valdez.

Seus parentes não o levaram para casa. Sua tia Rosa o chamou de *diablo* e disse às assistentes sociais que o levassem embora. Dessa forma, chegou à sua primeira família adotiva. Poucos dias depois ele fugiu. Em algumas casas ficava mais tempo que em outras. Brincava, fazia novos amigos, fingia que nada o incomodava, mas sempre terminava fugindo. Era a única coisa capaz de aliviar sua dor. Queria sentir-se em movimento, afastando-se cada vez mais das cinzas da loja da mãe.

Prometeu a si mesmo que nunca mais brincaria com fogo. Por um bom tempo não pensou em *Tía Callida* nem na mulher que dormia envolta em roupas feitas de terra.

*

Já estava quase nos bosques quando imaginou ouvir a voz de *Tía Callida*: *Não foi culpa sua, meu pequeno herói. Nosso inimigo está acordando. É hora de parar de fugir.*

— Hera — murmurou Leo —, você está aqui, certo? Está presa em algum lugar.

Não houve resposta.

Naquele momento, porém, Leo entendeu uma coisa: Hera o acompanhara

durante toda a sua vida. De alguma maneira, sabia que um dia precisaria dele. Talvez tivesse algo a ver com as tais Parcas que ela um dia havia mencionado. Leo não tinha certeza. Mas sabia que *teria* de seguir em frente com a sua missão. A profecia de Jason dizia que deveriam ter cuidado com o chão, e Leo sabia que isso estava relacionado com a mulher que surgira na loja, dormindo, vestida em roupas de terra e pó.

Você encontrará o seu destino, prometera Tía Callida. E sua jornada finalmente fará sentido.

Leo talvez finalmente entenderia o que o tal barco em chamas do seu sonho significava. Poderia encontrar seu pai, ou talvez vingar a morte da mãe.

Mas era preciso seguir passo a passo. E ele prometera a Jason que encontraria um meio de deslocar-se pelo ar.

Mas não seria usando o barco dos seus sonhos... ainda não. Não havia tempo para construir algo tão complicado. Precisava de uma solução mais rápida. Precisava de um dragão.

Ele hesitou na entrada do bosque, antes de seguir para a escuridão absoluta. Corujas piavam alto, e ouvia-se ao longe, algo como um coro de cobras.

Lembrou-se do que Will Solace lhe dissera: ninguém deveria entrar no bosque sozinho, especialmente se não estivesse armado. Leo não tinha nada... espada, lanterna, nada que o ajudasse.

Olhou para as luzes dos chalés. Podia virar as costas e dizer a todos que estava brincando. Nyssa seguiria em frente com a missão. Ele poderia permanecer no acampamento e aprender a fazer parte do chalé de Hefesto, mas ficou pensando em quanto tempo precisaria para transformar-se em um de seus companheiros... um menino triste, rejeitado, convencido de sua falta de sorte.

Elas não podem evitar que eu roube o espírito de sua mãe, dissera a mulher que dormia. Lembre-se desta noite, meu pequeno herói, quando pedirem que se volte contra mim.

— Acredite em mim, senhora — ele murmurou —, eu não me esqueci. E, seja lá quem você for, vou encará-la com toda a força, ao estilo Leo.

Respirou fundo e entrou no bosque.

XII

LEO

O BOSQUE NÃO SE PARECIA com nenhum lugar onde ele já tivesse estado. Leo fora criado em um condomínio de apartamentos ao norte de Houston. As coisas mais selvagens que vira na vida haviam sido uma cascavel no pasto de vacas e sua tia Rosa vestindo camisola, antes de ele ser enviado à Escola da Vida Selvagem.

Mesmo assim, a escola ficava no meio do deserto. Não havia árvores com galhos frondosos para escalar. Não havia rios onde mergulhar. Nada de sombras assustadoras, nada de corujas que o observavam com olhos profundos. Aquilo era um verdadeiro terror.

Ele caminhou até ter certeza de que ninguém dos chalés o veria. Depois, produziu fogo. Chamas dançavam entre os seus dedos, reunindo luz suficiente para que pudesse ver alguma coisa. Não tentava fazer aquilo desde os cinco anos, naquela mesa de piquenique. Desde que sua mãe morrera, ele ficava com medo de tentar qualquer coisa. Mesmo aquela pequena chama o fazia sentir-se culpado.

Continuou caminhando, buscando pistas do dragão: pegadas gigantes, árvores derrubadas, trechos de floresta queimada. Afinal, algo tão grande não poderia andar por ali sem causar tais estragos, certo? Mas ele não via *nada*. Chegou a entrever uma forma corpulenta e peluda, como um lobo ou urso, mas o animal se afastou do seu fogo, o que era uma vantagem.

Depois, no centro de uma clareira, encontrou uma armadilha: uma cratera de trinta metros de circunferência, rodeada de pedregulhos.

Leo teve que admitir que era bem interessante. No centro do buraco havia um barril de metal do tamanho de um ofurô cheio de um líquido escuro borbulhante: molho de tabasco e óleo de motor. Em um pedestal suspenso na cratera um ventilador girava, espalhando o cheiro do líquido pelo bosque. Dragões de metal

eram capazes de sentir cheiros?

O barril não parecia estar sendo vigiado. Mas Leo olhou mais de perto e, sob a luz tímida das estrelas e do fogo de sua mão, pôde ver uma tela de metal encoberta por uma camada de sujeira e folhas. Era uma rede de bronze que cobria toda a abertura. *Ver talvez não seja a palavra correta...* ele sentia como se tal mecanismo emanasse uma onda de calor, revelando-se. Seis grossas tiras de bronze saíam da cratera, como aros de uma roda. Deveriam ser sensíveis à pressão, pensou Leo. Logo que o dragão pusesse o pé ali, a rede se fecharia, e *voilà*, um monstro embrulhado para presente.

Leo aproximou-se. Colocou o pé sobre a tira mais grossa. Como tinha pensado, nada aconteceu. Deveria estar preparado para algo bem mais pesado. Caso contrário, acabaria prendendo uma pessoa ou qualquer animal ou monstro menor. E ele duvidava que houvesse algo tão pesado quanto um dragão de metal naquele bosque. Pelo menos, esperava que não.

Desceu pela cratera e aproximou-se do barril com o líquido. A fumaça era enlouquecedora e seus olhos começaram a arder. Lembrou-se de uma vez em que *Tía Callida* (Hera, ou seja lá como se chamasse) o obrigou a cortar *jalapeños* na cozinha e a pimenta espirrara em seus olhos. Doera demais. Mas ela, claro, sempre dizia: “Aguente, meu pequeno herói. Os astecas da terra natal de sua mãe costumavam punir as crianças rebeldes segurando-os sobre uma fogueira repleta de pimentas. Dessa forma criaram muitos heróis.”

Que louca, essa mulher. Leo estava feliz por sua missão de resgatá-la.

Tía Callida adoraria o cheiro que emanava da cratera, pois era pior que o *jalapeño*. Leo buscou um galho, algo que pudesse desarmar a armadilha. Não encontrou nada.

Leo teve um momento de pânico. Nyssa lhe contara que havia muitas dessas armadilhas espalhadas pelo bosque, e que eles estavam planejando colocar outras. O que aconteceria se o dragão já tivesse caído em uma das armadilhas? Como Leo poderia encontrar todas elas?

Ele continuou sua busca, mas não encontrava uma forma de desarmar aquilo. Nenhum botão escrito “DESLIGA”. Pensou que talvez não existisse tal botão. E começou a se desesperar... até ouvir um barulho.

Na verdade, era mais como um tremor... o tipo de som que ouvimos na garganta, não nos ouvidos. Ele ficou muito nervoso, mas não olhou para ver o que era. Continuou examinando a armadilha, pensando: *Ele deve estar longe, abrindo caminho pelo bosque. Tenho de agir rápido.*

Depois ouviu um bufo bem alto, como se um vapor tentasse ultrapassar a barreira de metal.

Sentiu um nó na garganta e, lentamente, virou o corpo. Na margem da cratera,

a quinze metros de distância, dois olhos vermelhos brilhantes o observavam. A criatura brilhava sob a luz da lua, e Leo não acreditava que algo tão grande tivesse se movido tão rápido. Era tarde demais, pensou, com os olhos fixos no fogo que tinha nas mãos, e apagou as chamas.

Mesmo com o fogo apagado, ainda podia ver bem o dragão. Tinha mais ou menos dezoito metros de comprimento, do focinho à cauda, e seu corpo era feito de placas de bronze interligadas. Suas presas eram do tamanho de cutelos de açougueiro e sua boca se abria revelando centenas de dentes de metal, parecidos com adagas afiadíssimas. Poderia parti-lo em dois facilmente, ou esmagá-lo em um segundo. Era a coisa mais linda que já vira, exceto por um problema que arruinava por completo os planos de Leo.

— Você não tem asas — ele disse.

O dragão ficou em silêncio, mas para Leo era como se lhe dissesse: *Por que você não saiu correndo, morrendo de medo?*

— Olha, eu não quis ofender — disse Leo. — Você é incrível! Meu deus, quem *construiu* você? Você é movido a força hidráulica ou energia nuclear? Se eu o tivesse feito, teria posto asas em você. Que espécie de dragão não tem asas? Talvez você seja pesado demais para voar. Eu devia ter pensado nisso.

O dragão bufou, estava ainda mais confuso. Deveria correr atrás de Leo. Aquela conversa não fazia parte do plano. Porém, quando deu um passo à frente, Leo gritou:

— Não!

O dragão bufou mais uma vez.

— Isto é uma armadilha, cérebro de bronze! Eles querem pegar você.

O dragão abriu a boca e lançou fogo. Uma coluna de chamas brancas e quentes foi na direção Leo, muito maior do que ele podia pensar em suportar. Ele se sentia sendo atingido por uma enorme mangueira de fogo. Pinicava um pouco, mas ele nem se mexeu. Quando as chamas pararam, ele estava muito bem. Mesmo suas roupas estavam em perfeito estado. Leo não entendeu como isso tinha acontecido, mas ficou feliz mesmo assim. Gostava daquela jaqueta militar, e ter as calças queimadas seria bem constrangedor.

O dragão ficou olhando para Leo. Seu rosto não se alterou, pois era feito de metal, mas Leo pôde ler uma expressão que parecia perguntar: *Como você não virou churrasco?* Depois viu uma fagulha sair do seu pescoço, como se o dragão estivesse a ponto de sofrer um curto-circuito.

— Você não pode me queimar — disse Leo, tentando ficar calmo. Ele nunca tivera um bichinho de estimação, mas conversava com o dragão como se fosse um cachorrinho. — Quietos, menino. Não se aproxime mais. Não quero que você caia nesta armadilha. Eles acham que você está estragado, que precisa ser

destruído. Mas eu não acredito nisso. Posso consertá-lo, se você deixar...

O dragão rangeu os dentes, rugiu, e atacou. A armadilha foi acionada, e o piso da cratera fez um barulho como se mil lixeiras se abrissem de uma vez. A poeira e as folhas voaram, a rede de metal reluziu. Leo tropeçou, caiu de cabeça para baixo e ficou sujo de gotas de tabasco e óleo. Estava encurralado entre o líquido asqueroso e o dragão, tentando livrar-se da rede que prendia eles dois.

O dragão lançava chamas em todas as direções, iluminando o céu e incendiando as árvores. O óleo e o molho queimavam ao redor deles. Leo não se machucou, mas ficou com um gosto ruim na boca.

— Chega! — gritou.

O dragão continuava a cuspir fogo. Leo notou que cairia na armadilha caso não se movesse. Não era fácil, mas ele conseguiu escapar da armadilha e do dragão caminhando pela rede. Felizmente, as tiras eram grossas o suficiente para aguentar um menino magro.

Correu em direção à cabeça do dragão, que tentou pisoteá-lo, lançando fogo mais uma vez, mas parecia estar perdendo força. As chamas ganhavam um tom laranja, e se extinguíam antes de chegar ao rosto de Leo.

— Ouça, cara — disse Leo —, assim todo mundo vai saber onde você está. Eles virão até aqui e irão derramar ácido em você. É o que você quer?

O dragão fez um barulho com a mandíbula, como se tentasse falar.

— Certo — disse Leo. — Você precisa confiar em mim.

E Leo pôs mãos à obra.

*

Ele demorou quase uma hora para encontrar o painel de controle. Estava bem atrás da cabeça do dragão, o que fazia sentido. Resolveu manter o monstro de metal em cima da rede, pois seria mais fácil trabalhar com ele assim, assustado, mas o dragão não gostou.

— Fique quieto! — repreendeu Leo.

O dragão soltou mais um rangido, que parecia um choramingo.

Leo examinava os fios em sua cabeça. Ele foi interrompido por um som vindo do bosque, mas era só um espírito das árvores — uma dríade, Leo achava que era esse o nome — apagando as chamas de alguns galhos. Felizmente, o dragão não tinha queimado todo o bosque, mas mesmo assim a dríade não parecia muito contente. Seu vestido estava fumegando. Ela apagava as chamas com um lençol de seda, e quando notou que Leo a observava fez um gesto que deveria ser algo

bem ofensivo. Depois desapareceu em uma névoa verde.

Leo voltou sua atenção para os cabos. Era um sistema engenhoso, definitivamente, e, para ele, fazia sentido. Era o controle motor de retransmissão. Um processo que começava nos olhos. Esse disco...

— Ah — disse. — Bem, já imaginava.

— *Creak?* —, perguntou o dragão, fazendo barulho com a mandíbula.

— Seu disco de controle está corroído. Isso, provavelmente, regula os círculos de raciocínio superiores, certo? Cérebro enferrujado, cara. Não me admira que esteja um pouco... confuso. — Quase disse *louco*, mas se segurou. — Seria ótimo se eu tivesse um disco sobressalente, mas... Essa peça de circuito é complicada. Vou ter que retirar tudo e limpar. Só vai levar um minuto.

E tirou o disco, deixando o dragão completamente parado. O brilho dos olhos do animal desapareceu. Leo desceu das costas do dragão e começou a polir o disco. Molhou a manga da camisa em um pouco de óleo e tabasco, que ajudava a remover a sujeira, mas, quanto mais limpava, mais ficava preocupado. Alguns circuitos não poderiam ser recuperados. Faria o melhor, mas não seria perfeito. Para isso, precisaria de um disco completamente novo, e não tinha ideia de como construir algo assim.

Tentou trabalhar rapidamente. Não sabia por quanto tempo o disco de controle do dragão poderia ficar desligado sem causar maiores danos, talvez irreparáveis, e não queria correr riscos. Quando tinha feito o melhor trabalho possível, voltou às costas do dragão e começou a limpar os fios e as caixas, sujando-se todo no processo.

— Mãos limpas, equipamento sujo — ele murmurou, como sua mãe costumava dizer. Quando terminou, suas mãos estavam sujas de graxa e suas roupas pareciam saídas de uma luta no barro, mas os mecanismos tinham uma aparência bem melhor. Recolocou o disco, conectou o último fio e fagulhas saíram da máquina. O dragão tremeu. Seus olhos voltaram a brilhar.

— Está se sentindo melhor? — perguntou Leo.

O dragão fez um som como se fosse uma furadeira em alta velocidade. Abriu a boca e todos os seus dentes giraram.

— Acho que isso é um *sim*. Agente firme, vou soltar você.

Demorou mais meia hora para encontrar os pontos vulneráveis da teia e libertar o dragão, que finalmente se levantou e cortou com uma mordida o último fio da rede. O animal soltou um rugido de triunfo e lançou fogo aos céus.

— Falando sério. Será que você é mesmo incapaz de um pouco de discrição?

— *Creak?* — perguntou o dragão.

— Você precisa de um nome. Vou chamá-lo de Festus.

O dragão fez um barulho com os dentes e sorriu. Ou pelo menos Leo

imaginou que fosse um sorriso.

— Legal — disse Leo. — Mas ainda temos um problema, pois você não tem asas.

Festus balançou a cabeça e fumegou. Depois baixou as costas, num movimento inconfundível: queria que Leo montasse nele.

— Para onde vamos? — perguntou Leo, embora estivesse muito agitado para esperar por uma resposta. Subiu no dragão e Festus saiu correndo pelo bosque.

*

Leo perdeu totalmente a noção de tempo e o senso de direção. Parecia impossível que o bosque fosse tão grande e selvagem, mas o dragão seguiu para uma área onde as árvores eram altas como arranha-céus, com copas que encobriam a luz das estrelas. Nem mesmo o fogo nas mãos de Leo era suficiente para iluminar aquele local, mas os olhos vermelhos e brilhantes do dragão davam conta do trabalho, funcionando como faróis.

Finalmente, cruzaram um riacho e chegaram a um caminho sem saída, uma colina de calcário de trinta metros de altura, uma massa sólida que o dragão não poderia escalar.

Festus parou na base da colina e levantou uma perna, como um cachorro apontando uma direção.

— O que é isso? — perguntou Leo, descendo das suas costas. Ele se aproximou da colina: não havia nada além de rocha sólida. O dragão continuava apontando.

— Isso não vai se mover sozinho — disse Leo.

O fio solto no pescoço do dragão soltou uma faísca, mas ele continuou parado. Leo colocou as mãos na colina. De repente seus dedos começaram a arder em fogo lento. Linhas de fogo subiam pelas pontas de seus dedos como rastros de pólvora, serpenteando seus contornos. As linhas de fogo percorreram a parede da colina, desenhando uma porta vermelha brilhante duas vezes mais alta que ele. Leo afastou-se e a porta se abriu, de uma forma incrivelmente silenciosa, já que se tratava de um pedaço de pedra.

— Balanceamento perfeito... — ele murmurou. — Isso é o que chamo engenharia de primeira qualidade.

O dragão voltou a se mexer e marchou para dentro, como se estivesse voltando para casa.

Leo entrou e a porta começou a se fechar. Sentiu um momento de pânico,

lembrando-se da noite em que ficara preso na oficina da loja, anos antes. E se ficasse preso ali? Mas luzes se acenderam — eram uma combinação de fluorescentes elétricas e tochas presas às paredes. Quando Leo viu a caverna, esqueceu-se de todo o resto.

— Festus — murmurou. — Que lugar é *este*?

O dragão ficou parado no centro da sala, deixando seus rastros no chão poeirento. Estava em cima de uma grande plataforma circular.

A caverna tinha o tamanho de um hangar de avião, com várias mesas de trabalho e caixas de armazenagem, além de escadas que levavam a plataformas superiores. Havia equipamentos por todos os lados: elevadores hidráulicos, soldadoras, pistolas de ar, empilhadeiras, além de uma coisa que parecia suspeita, como se fosse uma câmara de reator nuclear. Quadros de avisos cobertos de papéis com inscrições apagadas. E armas, armaduras e escudos — artefatos de guerra por todo lado, muitos deles inacabados.

Pendendo de correntes sobre a plataforma onde estava o dragão havia uma bandeira com um desenho apagado, que mal podia ser lido. As letras eram gregas, mas Leo conseguiu entender o que dizia: BUNKER 9.

Teria algo a ver com o nove do chalé de Hefesto, ou significava que existiam outras oito cavernas como aquela? Leo olhou para Festus, ainda sobre a plataforma, e imaginou que o dragão estava contente, pois aquela *era* sua casa. Provavelmente, fora construído ali.

— Os outros meninos sabem...?

A pergunta de Leo morreu pela metade. Claramente, aquele local fora abandonado havia décadas. Camadas de poeira cobriam tudo. O chão não tinha qualquer marca além das deixadas por eles dois. Eram os primeiros a entrar naquele *bunker* desde... muito tempo. O bunker 9 fora abandonado com muitos projetos inacabados em suas mesas. Trancado e esquecido, mas por quê?

Leo olhou para um mapa na parede. Era um mapa de campos de batalha do acampamento, mas o papel estava velho, amarelado. Num canto, uma data: 1864.

— Não pode ser — ele murmurou.

Depois ficou observando uma marca num quadro de avisos próximo e seu coração quase saltou pela boca. Correu à mesa de trabalho e viu um desenho que mal podia ser reconhecido: era um barco grego, de vários ângulos diferentes. Letras muito apagadas na parte de baixo diziam: PROFECIA? IMPRECISO. VOA?

Era o mesmo barco que vira em seus sonhos — o barco voador. Alguém havia tentado construí-lo ali, ou pelo menos tinha esboçado a ideia. Mas o projeto fora abandonado, esquecido... era uma profecia ainda a ser cumprida. E o mais estranho de tudo: a proa do navio era exatamente igual àquela desenhada por

Leo aos cinco anos de idade: a cabeça de um dragão.

— Parece com você, Festus — ele murmurou. — Isso é muito esquisito.

Sentiu-se mal ao ver aquele mastro, mas a mente de Leo estava lotada de várias outras perguntas havia muito tempo. Tocou o desenho, esperando que pudesse levá-lo para estudar os detalhes, mas o papel se rasgou, e resolveu deixá-lo por ali. Buscou outras pistas. Nada de barcos. Nenhuma peça que parecesse pertencer àquele projeto, mas havia muitas portas e salas de armazenagem a serem exploradas.

Festus fez um barulho, como se quisesse atrair a atenção de Leo, lembrar-lhe que não teriam toda a noite para ficar por ali. O que era verdade. Leo pensou que o dia logo amanheceria, e ele estava completamente perdido. Salvara o dragão, mas isso não ajudaria em nada a sua missão. Precisava de algo que pudesse voar.

Festus apontou para algo à sua frente, um cinto de ferramentas de couro que fora deixado ao lado de sua plataforma. Depois o dragão virou os olhos brilhantes e iluminou o teto. Leo olhou para cima, para onde os olhos do dragão apontavam, e engoliu em seco ao reconhecer as formas dependuradas na escuridão.

— Festus — ele disse, quase sem voz. — Temos muito trabalho pela frente.

XIII

JASON

JASON SONHOU COM LOBOS.

Ele estava de pé em uma clareira, no meio de uma floresta de sequoias. À sua frente, as ruínas de uma mansão de pedra. Nuvens cinzentas e baixas misturavam-se à neblina, e havia uma chuva fria e fina no ar. Um bando de animais ferozes e cinzentos o cercava, arranhando suas pernas, rosnando e mostrando os dentes. Eles, suavemente, conduziam Jason em direção às ruínas.

Jason não tinha a intenção de se transformar no maior biscoito de cachorro do mundo, por isso decidiu fazer o que eles queriam.

O chão molhado chapinhava sob suas botas enquanto ele caminhava. Chaminés de pedras, que não eram mais ligadas a nenhuma outra estrutura, erguiam-se como totens. A casa devia ter sido enorme, com vários andares e paredes altíssimas feitas de toras de madeira, além de um gigantesco telhado triangular, mas nada restava além do seu esqueleto de pedra. Jason passou pelo vão de uma porta aos pedaços e entrou em uma espécie de pátio.

À sua frente, encontrou uma piscina vazia, longa e retangular. Era impossível calcular sua profundidade, pois estava coberta de névoa. Um caminho sujo circulava a piscina, e do outro lado estavam as paredes destruídas da casa. Havia lobos se movimentando sob as arcadas de pedra vulcânica.

Na extremidade da piscina estava sentada uma grande loba, vários centímetros mais alta que Jason. Seus olhos brilhavam como prata incandescente na neblina e sua pele tinha a mesma cor de chocolate avermelhado das pedras.

— Eu conheço este lugar — disse Jason.

A loba olhou para ele. Não falou nada, mas Jason a entendia. Os movimentos de suas orelhas e bigodes, o modo de piscar, a forma como ela curvava os lábios — tudo era parte de sua linguagem.

Claro, disse a loba. Você começou sua jornada aqui, ainda filhote. Agora deve encontrar seu caminho de volta. Um novo desafio, um novo começo.

— Isso não é justo — disse Jason. Mas assim que terminou de falar notou que não havia qualquer motivo para reclamar com a loba.

Os lobos não sentem compaixão, nunca esperam justiça. Ela disse: *Conquistar ou morrer. Esse é sempre o nosso caminho.*

Jason queria protestar, dizer que não seria capaz de conquistar nada antes de saber quem era ou para onde deveria ir. Mas conhecia aquela loba. Seu nome era Lupa, a loba-mãe, a maior de sua espécie. Há muito tempo ela o encontrara naquele mesmo lugar, o protegera, o alimentara, o *escolhera*, mas caso Jason demonstrasse fraqueza, ela o destruiria. Em vez de ser o seu filhote, ele seria o seu jantar. No mundo dos lobos, a fraqueza não é uma opção.

— Você pode me guiar? — perguntou Jason.

Lupa fez um barulho no fundo de sua garganta e a névoa da piscina desapareceu.

No primeiro momento, Jason não sabia muito bem o que estava vendo. Nas extremidades opostas da piscina duas torres escuras em formato espiral afloravam do piso de cimento, como se fossem as pontas de uma máquina de escavar túneis saindo à superfície. Jason não sabia se eram feitas de pedra ou de vinhas petrificadas, mas formavam grossos tentáculos que se uniam em uma ponta. Cada torre tinha mais ou menos um metro e meio de altura, mas elas não eram idênticas. A que estava mais perto de Jason era mais escura e parecia uma massa sólida, com seus tentáculos bem unidos. Enquanto ele observava, a torre subiu um pouco mais à superfície, ficando mais grossa.

Na outra ponta da piscina, onde estava Lupa, os tentáculos da segunda torre eram mais abertos, como se fossem barras de uma cela. Lá dentro Jason pôde ver uma figura enevoadada, lutando.

— Hera — disse Jason.

A loba rosnou, concordando. Os outros lobos rodearam a piscina, com os pelos eriçados ao olharem as torres.

O inimigo escolheu este local para despertar seu filho mais poderoso, o rei gigante, disse Lupa. É o nosso lugar sagrado, onde os semideuses são reclamados... um lugar de vida ou morte. A casa queimada. A casa do lobo. Isso é abominável. Você precisa detê-la.

— Detê-la? — perguntou Jason, confuso. — Você quer dizer deter Hera?

A loba rangeu os dentes, impaciente.

Use os seus sentidos, filhote. Eu não me importo com Juno, mas caso ela caia, nosso inimigo despertará. E isso será o fim para todos nós. Você conhece este lugar. Pode voltar a encontrá-lo. Limpe nossa casa. Dê um basta a tudo isso

antes que seja tarde demais.

A torre mais escura ficou ainda mais grossa, como se fosse o bulbo de uma flor horrível. Jason sentiu que, caso aquilo se abrisse, liberaria algo que ele *não* queria encontrar.

— Quem sou eu? — perguntou à loba. — Pelo menos me responda isso.

Os lobos não têm muito senso de humor, mas Jason notou que a pergunta divertiu Lupa, como se ele fosse apenas um filhotinho mostrando as garras, fingindo ser um macho de verdade.

Você é nossa graça, nosso salvador, como sempre. Não falhe, filho de Júpiter.

XIV

JASON

JASON ACORDOU COM O SOM de um trovão. Depois lembrou-se de onde estava. Sempre havia trovões no chalé 1.

Acima de sua pequena cama dobrável o teto em forma de domo estava decorado com um mosaico azul e branco como um céu nublado. As nuvens cruzavam o teto, com matizes que iam do branco ao preto. Trovões soavam no quarto e revestimentos dourados e finos iluminavam-no como se fossem raios.

Exceto pela cama que os outros campistas haviam emprestado, o chalé não tinha móveis normais — nada de cadeiras, mesas ou guarda-roupas. Pelo que Jason podia ver, não tinha nem banheiro. As paredes tinham nichos, cada um deles com um braseiro de bronze ou uma estátua de uma águia dourada em um pedestal de mármore. No centro do chalé, uma estátua colorida de seis metros de altura, representando Zeus em vestimentas gregas clássicas, com um escudo ao lado e um bastão relampejante no ar, pronto para acabar com alguém.

Jason observou a estátua, procurando ter alguma coisa em comum com o Senhor do Céu. Cabelos pretos? Não. Expressão rabugenta? Talvez. Barba? Não, obrigado. Vestindo túnica e sandálias, Zeus parecia um hippie nervoso e cheio de músculos.

Sim, aquele era o chalé 1. Uma grande honra, como lhe disseram os demais campistas. Claro... para quem gosta de dormir sozinho num templo frio, com um Zeus hippie encarando você durante toda a noite.

Jason se levantou e coçou a nuca. Seu corpo doía da noite maldormida e dos trovões ininterruptos. O pequeno truque da noite anterior não fora tão simples como ele fingira. Na verdade, quase o fizera desmaiar.

Próximo à cama encontrou novas roupas postas ali para ele: jeans, tênis e uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue. Ele precisava trocar de roupa,

definitivamente. Mas ao olhar para sua velha camiseta roxa, relutou em tirá-la. De alguma maneira, não parecia certo vestir o uniforme do acampamento. Ainda não se sentia parte daquele lugar, mesmo após tudo o que lhe haviam dito.

Pensou no seu sonho, esperando lembrar-se de mais coisas sobre Lupa ou sobre a casa em ruínas na floresta de sequoias. Sabia que já havia estado naquele lugar antes. A loba era real. Mas sua cabeça doeu quando tentou se lembrar. A tatuagem no seu antebraço ardia.

Se pudesse encontrar as ruínas, encontraria o seu passado. Seja lá o que estivesse crescendo naquela torre espiral de pedra, Jason precisava detê-lo.

Olhou para o Zeus hippie e disse:

— Sua ajuda será bem-vinda.

Mas a estátua não disse nada.

— Obrigado, papai — murmurou Jason.

Trocou de roupa e observou seu reflexo no escudo de Zeus. Seu rosto parecia úmido e estranho refletido no metal, como se estivesse dissolvido em uma piscina de ouro. Definitivamente, ele não estava tão bonito quanto Piper estivera na noite anterior, após aquela transformação repentina.

Jason ainda não sabia muito bem o que pensar. Agira como um idiota ao dizer, na frente de todos, que ela estava linda. Não que houvesse alguma coisa errada com ela *antes*. Claro, ela ficou maravilhosa depois da transformação de Afrodite, mas não parecia a mesma pessoa, e não parecia confortável atraindo toda aquela atenção.

Jason sentiu-se mal por Piper. Talvez fosse uma bobagem, considerando que ela acabara de ser reclamada como filha por uma deusa e fora transformada na menina mais linda do acampamento. Todos ficaram babando por ela, dizendo como ela estava incrível, e como era óbvio que era *ela* quem deveria ir na missão... mas tanta atenção não tinha nada a ver com quem ela realmente era. Novo vestido, nova maquiagem, uma aura rosa brilhante e *bum*: de um momento para o outro as pessoas começaram a gostar dela. Jason parecia entender tudo aquilo.

Na noite anterior, quando invocou o raio, a reação dos campistas foi parecida. De certa maneira, era como se já estivesse lidando com aquilo há muito tempo. As pessoas olhavam para ele admiradas porque era filho de Zeus, o tratavam de forma especial, mas isso não tinha nada a ver com *ele*. Ninguém ligava para *ele*, só para o pai enorme e assustador atrás dele, segurando o raio-mestre como quem diz: *Respeitem este menino ou terão de engolir muita eletricidade!*

Após a fogueira, quando todos começaram a voltar aos seus chalés, Jason foi até Piper e pediu, formalmente, que o acompanhasse naquela missão.

Ela, que permanecia em estado de choque, fez que sim, esfregando os braços,

que deviam estar arrepiados de frio naquele vestido sem manga.

— Afrodite levou meu casaco de *snowboard* — ela murmurou. — Fui roubada pela minha própria mãe.

Na primeira fila do anfiteatro Jason encontrou um cobertor e passou-o pelos ombros de Piper.

— Vamos conseguir um casaco novo para você — ele prometeu.

Ela abriu um sorriso. Jason quis abraçá-la, mas se conteve. Não queria que Piper pensasse que ele era tão superficial quanto os demais, tentando se aproximar simplesmente porque ela havia ficado tão bonita.

Estava feliz porque teria Piper ao seu lado na missão. Jason tentara parecer corajoso durante a fogueira, mas não passara disso: *fingimento*. A ideia de lutar contra uma força poderosa o bastante para sequestrar Hera o assustava demais, especialmente por não saber nada sobre o seu próprio passado. Precisava de ajuda, e achou que seria correto ter Piper ao seu lado. Mas as coisas já estavam complicadas mesmo antes de saber o quanto gostava dela e por quê. Jason já deixara essa menina muito confusa antes.

Ele calçou seus novos sapatos e preparou-se para sair daquele chalé frio e solitário. Até reparar em algo que não notara na noite anterior. Um dos braseiros havia sido retirado de seu lugar, criando um novo nicho, com um saco de dormir, uma mochila e algumas fotos na parede.

Jason se aproximou. Quem quer que dormisse ali, estava fora havia muito tempo. O nicho cheirava a mofo e a mochila estava coberta por uma fina camada de poeira. Algumas das fotos que haviam sido presas à parede tinham perdido a cola e caído no chão.

Uma das fotos era de Annabeth — mais jovem, talvez aos oito anos de idade, mas Jason tinha certeza de que era ela: os mesmos cabelos louros e os mesmos olhos cinzentos, distraídos, como se pensasse em um milhão de coisas ao mesmo tempo. Estava de pé ao lado de um menino de cabelos claros, de quatorze ou quinze anos, com um sorriso malicioso e uma armadura de couro gasta sobre a camiseta. Ele apontava para um caminho atrás deles, como se dissesse ao fotógrafo: *Vamos encontrar algumas coisas nesse beco escuro e matá-las!* Uma segunda foto mostrava Annabeth e o mesmo menino sentados próximo à fogueira, rindo histericamente.

Finalmente, Jason pegou uma das fotos que caíra no chão. Era uma sequência de fotos do tipo que se tira em cabines automáticas: Annabeth e o mesmo menino de cabelos claros, mas com uma menina entre eles. Devia ter quinze anos, com cabelos pretos — repicados como os de Piper —, vestindo jaqueta de couro também preta e joias de prata. Parecia meio gótica, mas fora pega com um certo sorriso nos lábios, e estava claro que era a melhor amiga deles dois.

— Essa é Thalia — alguém disse.

Jason se virou.

Annabeth estava olhando para as fotos, por cima do seu ombro. Sua expressão era triste, como se a foto evocasse memórias difíceis.

— Ela era a outra filha de Zeus que viveu aqui... mas não por muito tempo. Sinto muito, eu devia ter batido antes de entrar.

— Tudo bem — disse Jason. — Não encaro este lugar como a minha casa.

Annabeth estava vestida para viajar, com um casaco de inverno sobre as roupas do acampamento, sua faca presa no cinto e uma mochila nas costas.

— Não mudou de ideia sobre vir conosco? — ele perguntou.

Ela fez que não.

— Você já tem uma boa equipe. Vou procurar Percy.

Jason ficou um pouco desapontado. Ele adoraria ter alguém que soubesse o que estava fazendo durante a viagem, pois assim não teria a sensação de estar levando Piper e Leo em direção a um precipício.

— Vocês vão ficar bem — disse Annabeth. — Alguma coisa me diz que essa não é a sua primeira missão.

Jason tinha uma vaga impressão de que ela estava certa, mas nem assim sentiu-se melhor. Todos pareciam pensar que ele era corajoso e confiante, mas ninguém notava o quanto ele se sentia perdido. Como poderiam confiar numa pessoa que nem ao menos sabia quem era?

Olhou para as fotos de Annabeth sorrindo. Ele imaginou há quanto tempo ela não sorria. Devia gostar muito do tal Percy para procurar tanto por ele, e isso deixou Jason com um pouco de inveja. Será que, naquele momento, alguém procurava *por ele*? E se alguém estivesse morrendo de tristeza por seu desaparecimento quando ele era incapaz de lembrar-se de sua antiga vida?

— Você sabe quem eu sou — ele disse —, não sabe?

Annabeth segurou sua faca. Buscou uma cadeira para se sentar, mas claro que não havia nenhuma por ali.

— Honestamente, Jason... eu não tenho certeza. Mas poderia apostar que você é uma pessoa solitária. Isso acontece algumas vezes. Por alguma razão, o pessoal do acampamento não o encontrou antes, mas você sobreviveu mudando constantemente de lugar. Preparando-se sozinho para as lutas. Enfrentando os monstros sozinho. Você passou pelos desafios.

— Foi a primeira coisa que Quíron me disse — ele se lembrou: — *Você devia estar morto*.

— Talvez seja por isso — disse Annabeth. — A maior parte dos semideuses não seria capaz de sobreviver sozinho. E um filho de Zeus... quer dizer, não há nada mais perigoso que isso. As chances de chegar aos quinze anos sem

encontrar o Acampamento Meio-Sangue ou morrer... são ínfimas. Mas, como eu já disse, esse tipo de coisa acontece. Thalia fugiu de casa muito jovem. Sobreviveu sozinha por anos. Chegou a tomar conta de mim por algum tempo. Talvez você também seja um solitário.

— E estas marcas? — ele perguntou, esticando os braços.

Annabeth olhou para as tatuagens. E ficou claramente confusa.

— Bem, a águia é o símbolo de Zeus, o que faz sentido. As doze linhas... talvez contem os anos, como se você marcasse sua idade desde os três anos. ^{SPQR}... esse é o lema do Império Romano: *Senatus Populusque Romanus*, ou seja, o Senado e o Povo de Roma. Agora, por que você fez isso na própria pele, eu não sei. A menos que tenha tido uma professora de latim *bem* severa...

Jason tinha certeza de que não era esse o motivo. Tampouco parecia possível que ele estivesse sozinho durante toda a vida. Mas, sinceramente, alguma coisa fazia sentido ali? Annabeth fora bem clara... O Acampamento Meio-Sangue era o único lugar do mundo seguro para os semideuses.

— Eu, hum... tive um sonho estranho esta noite — ele disse.

Parecia uma confissão um pouco estúpida, mas Annabeth não se mostrou surpresa.

— Acontece toda hora com os semideuses — ela disse. — O que você viu?

Jason contou tudo sobre os lobos e a casa em ruínas, e também sobre as duas torres em forma de espiral. Enquanto falava, Annabeth começou a andar pelo quarto, cada vez mais agitada.

— Você não se lembra onde fica essa casa? — ela perguntou.

Jason fez que não com a cabeça.

— Mas tenho certeza de que já estive lá antes.

— Floresta de sequoias... — ela murmurou. — Poderia ser no norte da Califórnia. E a loba... Eu estudei sobre deusas, espíritos e monstros toda a minha vida. Mas nunca ouvi falar de Lupa.

— Lupa disse que o inimigo era “ela”. Imaginei que poderia ser Hera, mas...

— Eu não confio em Hera, mas não acho que seja nossa inimiga. E essa coisa que surgia da terra... — disse Annabeth, com expressão mais séria. — Você precisa deter o crescimento disso.

— Você sabe o que é isso, certo? Ou pelo menos tem uma ideia. Vi sua expressão ontem à noite, na fogueira. Você olhava para Quíron como se tivesse entendido de repente, mas não quisesse nos assustar.

Annabeth hesitou.

— Jason, sobre as profecias... quanto mais sabemos, mais tentamos alterá-las, o que pode ser desastroso. Quíron acha melhor que você encontre seu próprio caminho, dando um passo de cada vez. Se ele tivesse me contado tudo o que

sabia antes da minha primeira missão com Percy... tenho que admitir... não sei se poderia seguir adiante. No caso da sua missão, isso é ainda mais importante.

— Parece ruim...

— Não se você vencer. Pelo menos... eu acho que não.

— Mas eu não sei nem por onde começar. Para onde deveria ir?

— Siga os monstros — sugeriu Annabeth.

Jason pensou nisso. O espírito da tempestade que o atacou no Grand Canyon disse estar sendo chamado pelo chefe. Se Jason pudesse seguir o rastro dos espíritos talvez encontrasse a pessoa que os controla. E talvez isso o levasse à prisão de Hera.

— O.k. — ele disse. — Como vou encontrar o monstro da tempestade?

— Eu, pessoalmente, perguntaria a um deus do vento — disse Annabeth. — Éolo é o mestre de todos os ventos, mas ele é um pouco... imprevisível. Ninguém é capaz de encontrá-lo, a menos que ele queira ser encontrado. Eu tentaria com um dos quatro deuses sazonais dos ventos que trabalham para Éolo. O mais próximo, o que mais lida com os heróis, é Bóreas, o Vento Norte.

— Então, se eu procurar por ele no Google Maps...

— Ah, é fácil encontrá-lo — disse Annabeth. — Ele vive na América do Norte, como todos os outros deuses. Mas, é claro, estabeleceu-se no ponto mais ao norte possível.

— No Maine? — perguntou Jason.

— Mais ao norte.

Jason tentou lembrar-se do mapa. O que está mais ao norte que o Maine? O lugar mais ao norte...

— Canadá — ele disse. — Quebec.

Annabeth sorriu.

— Espero que você fale francês — ela disse.

Jason ficou animado. Quebec... pelo menos tinha um objetivo. Encontrar o Vento Norte, seguir a trilha dos espíritos da tempestade, saber para quem eles trabalhavam e onde estava aquela casa em ruínas. Libertar Hera. Tudo em quatro dias. Moleza...

— Obrigado, Annabeth — disse, olhando para as fotos de máquina automática que ainda tinha nas mãos. — Então... você disse que era perigoso ser filho de Zeus. O que aconteceu com Thalia?

— Ah, ela está bem — disse Annabeth. — Transformou-se em Caçadora de Ártemis. É uma das ajudantes da deusa. Elas cavalam o país matando monstros. Não são vistas no acampamento com frequência.

Jason olhou para a grande estátua de Zeus. Entendeu por que Thalia dormia naquele nicho. Era o único lugar do chalé que não estava na linha de visão do

Zeus hippie. Mas não deve ter sido suficiente. Por isso, escolheu unir-se a Ártemis e ser parte do seu grupo, pois era melhor que permanecer naquele templo frio, sozinha, ao lado de seu pai de seis metros de altura — *o pai de Jason* —, que não parava de olhar para ela. *Comer muita eletricidade!* Jason entendia perfeitamente os sentimentos de Thalia. E ficou imaginando se não existiria um grupo de Caçadores para garotos.

— Quem é o menino da foto? — ele perguntou. — O menino de cabelos claros.

Annabeth ficou com a expressão mais dura. Assunto complicado.

— Esse é Luke. Ele está morto.

Jason achou melhor não perguntar mais nada, mas a forma como Annabeth pronunciou aquele nome o fez pensar que Percy Jackson talvez não tivesse sido o único por quem ela já se apaixonara.

Olhou mais uma vez para o rosto de Thalia. E não parava de pensar que tal foto deveria ser importante. Havia algo que ele não entendia.

Jason sentiu uma conexão estranha com essa outra filha de Zeus. Talvez ela pudesse entender sua confusão, talvez até mesmo responder algumas perguntas. Mas outra voz, essa no interior de sua cabeça, um murmúrio insistente, disse: *Perigo. Fique longe disso.*

— Quantos anos ela tem agora? — perguntou Jason.

— Não sei ao certo... Ela foi árvore por algum tempo. Agora é uma imortal.

— O quê?

A expressão no rosto de Jason não devia ser muito boa, pois Annabeth riu.

— Não se preocupe. Isso não acontece com todos os filhos de Zeus. É uma longa história, mas... ela esteve fora de combate por um bom tempo. Caso tivesse envelhecido normalmente, teria seus vinte e poucos anos agora, mas mantém a mesma aparência dessa foto, ou seja... como se tivesse mais ou menos a sua idade. Quinze, dezesseis?

Jason lembrou-se de algo dito pela loba do seu sonho, e perguntou:

— Qual o sobrenome dela?

Annabeth não entendeu a pergunta.

— Ela não usa sobrenome. Caso usasse, seria o da mãe, mas elas não se davam bem, e por isso Thalia fugiu de casa muito cedo.

Jason ficou calado.

— Grace — disse Annabeth. — Thalia Grace.

Os dedos de Jason tremeram e a foto caiu no chão.

— Você está bem? — perguntou Annabeth.

Ele recuperou um pouquinho da memória, talvez um pedaço que Hera tivesse se esquecido de roubar. Ou, quem sabe, tenha deixado ali de propósito, para que

se lembrasse daquele nome e assim entendesse que vasculhar o seu passado era algo horrível, terrivelmente perigoso.

Você devia estar morto, disse Quíron. E isso não era um mero elogio por Jason ter sobrevivido como um ser solitário. Quíron sabia alguma coisa... algo sobre a família de Jason.

As palavras da loba finalmente faziam sentido.

— O que foi? — perguntou Annabeth.

Jason não podia manter aquele segredo só para ele. Aquilo o mataria, e ele precisava da ajuda de Annabeth. Se ela conhecia Thalia, talvez pudesse ajudá-lo.

— Você precisa jurar que não vai contar a ninguém.

— Jason...

— Jure — ele pediu. — Até que eu entenda o que está acontecendo, o que isso tudo significa... — disse, esfregando as tatuagens que queimavam no braço. — Você precisa manter segredo.

Annabeth hesitou, mas sua curiosidade venceu.

— Tudo bem. Até que você permita, não contarei a ninguém. Juro pelo rio Estige.

Um trovão rugiu, mais alto que os costumeiros naquele chalé.

Você é a nossa graça, dissera a loba, enigmática. *Graça*. Grace.

Jason pegou a foto caída no chão.

— Meu sobrenome é Grace — ele disse. — Ela é minha irmã.

Annabeth ficou pálida. Jason notou que estava a ponto de se entregar a uma explosão de preocupação, raiva e descrença. O que ele afirmava era absurdo. Ele também se sentia assim, em parte, mas tinha certeza do que dizia.

E naquele momento as portas do chalé se abriram. Meia dúzia de campistas entrou, liderados pelo menino calvo de Íris, Butch.

— Rápido! — ele disse, e Jason não conseguia dizer se o seu rosto era de felicidade ou medo. — O dragão voltou.

XV

PIPER

PIPER ACORDOU E PEGOU IMEDIATAMENTE um espelho. Havia muitos espelhos no chalé de Afrodite. Ela se sentou no beliche, olhou seu reflexo e gemeu.

Ainda estava linda.

Na noite anterior, após a fogueira, ela havia tentado de tudo. Bagunçara os cabelos, lavara a maquiagem do rosto, chorara para ficar com os olhos vermelhos. Nada havia funcionado. Seu cabelo voltava a ficar perfeito. A maquiagem mágica voltava ao lugar. Seus olhos recuperavam o brilho e a cor.

Teria mudado de roupa, mas não tinha nada para trocar. As outras campistas de Afrodite ofereceram algumas peças (rindo às suas costas, com certeza), mas cada roupa era ainda mais ridícula e fashion do que a que usava.

Após uma terrível noite de sono, nada mudara. Pela manhã, Piper normalmente parecia um zumbi, mas aquele dia seu cabelo estava penteado como o de uma supermodelo, e sua pele, perfeita. Mesmo aquela espinha horrorosa na ponta do seu nariz, que havia aparecido há tanto tempo que Piper pensava em lhe dar o nome de Bob, sumira.

Ela grunhiu de frustração e passou os dedos pelos cabelos. Nada. Sempre voltavam ao lugar. Parecia uma Barbie cherokee.

Do outro lado do chalé, Drew disse:

— Ah, querida, isso não vai desaparecer assim. — Sua voz revelava uma falsa simpatia. — A bênção da mamãe vai durar *pelo menos* mais um dia. Talvez uma semana, se você tiver sorte.

— Uma *semana*? — disse Piper, entre os dentes.

Os outros filhos de Afrodite — cerca de doze meninas e cinco meninos — sorriam ao ver seu desconforto. Piper sabia que deveria ficar tranquila, não poderia deixar que rissem dela. Já lidara com crianças populares muitas vezes.

Mas aquilo era diferente. Aqueles eram seus irmãos e irmãs, mesmo que ela não tivesse *nada* em comum com eles, e como Afrodite conseguira ter tantos filhos de idades tão próximas... Esquece. Ela não queria saber.

— Não se preocupe, querida — disse Drew, repassando seu batom fluorescente. — Você está pensando que não pertence a este chalé? Nós concordamos. Certo, *Mitchell*?

Um dos meninos respondeu:

— Ah... claro.

— Ahn-hã — disse Drew, pegando seu rímel e checando os cílios. Todos olhavam, mas ninguém dizia nada. — É isso, pessoal, quinze minutos para o café da manhã. Esse chalé não vai ficar limpo sozinho! E, Mitchell, acho que você já aprendeu sua lição. Certo, querido? Você controla o lixo até hoje, o.k.? Mostre a Piper como fazemos isso, pois acho que logo esse trabalho passará para ela... *se* ela sobreviver à *missão*. Agora, todos ao trabalho, todos! Chegou a minha vez de usar o banheiro!

Todos começaram a se mover, fazendo as camas e dobrando roupas, enquanto Drew pegava seu kit de maquiagem, seu secador e sua escova de cabelo e seguia para o banheiro.

Alguém lá dentro gritou, e uma menina de mais ou menos onze anos foi chutada para fora, enrolada em toalhas e com os cabelos ainda cheios de xampu.

A porta bateu e a menina começou a chorar. Dois campistas mais velhos a consolaram e tiraram a espuma de seus cabelos.

— Sério? — disse Piper, sem dirigir-se a ninguém em especial. — Vocês realmente deixam que Drew os trate assim?

Algumas crianças olharam nervosas para Piper, como se concordassem com ela, mas não disseram nada.

Os campistas continuaram a trabalhar, embora Piper não notasse a necessidade de tanta limpeza naquele chalé. Era uma casa de boneca em tamanho natural, com paredes cor-de-rosa e janelas brancas. As cortinas de renda eram azul-bebê e verde-claro, que, claro, combinavam com os lençóis e os edredons de plumas de todas as camas.

Os meninos tinham uma fileira de beliches separada por uma cortina, mas a parte deles do chalé era tão limpa e organizada quanto a das meninas. *Definitivamente*, havia algo de artificial em tudo aquilo. Cada campista tinha um baú de madeira aos pés da cama, com o seu nome escrito, e Piper poderia jurar que dentro deles as roupas estariam perfeitamente dobradas e separadas por cores. A única marca de individualidade era como decoravam o espaço privado de seus beliches. Tinham fotos de famosos de que gostavam. Alguns tinham fotos pessoais, mas o que mais se via eram rostos de cantores e celebridades de

todo tipo.

Piper esperava não ver *O Pôster*. Já se havia passado mais de um ano desde o lançamento do filme, e esperava que todo mundo já tivesse substituído aquela imagem por outra, mais recente. Mas não teve tanta sorte. Encontrou um na parede ao lado dos armários, no meio de uma colagem de vários famosos arrasa-coração.

O título vinha em vermelho vivo: *rei de esparta*. Logo abaixo, o pôster estampava o ator principal: o retrato de um homem sem camisa, bronzeado e sarado, e com um abdome de tanquinho. Ele vestia apenas um saiote grego e uma capa roxa, com uma espada nas mãos. Parecia banhado em óleo, com seus cabelos pretos, cortados bem curtos e brilhando, além de gotas de suor em seu rosto duro, os olhos escuros e tristes encarando a câmera como quem diz: *Vou matar os seus homens e roubar suas mulheres! Ha-ha!*

Era o pôster mais ridículo de todos os tempos. Piper e seu pai riram muito na primeira vez que o viram. Mas o filme rendeu um zilhão de dólares. Os pôsteres estavam em todos os lados. Piper não se livrava deles na escola, nas ruas, nem mesmo na internet. Transformou-se em *O Pôster*, a coisa mais embaraçosa de sua vida. E, sim, era uma foto de seu pai.

Virou-se para que ninguém pensasse que estava olhando para ele. Talvez, quando saíssem para o café da manhã, pudesse livrar-se daquilo sem que notassem.

Tentou parecer ocupada, mas não tinha roupas para dobrar. Fez a cama, depois notou que o cobertor que usara era o mesmo que Jason pusera em seus ombros na noite anterior. Pegou-o e pressionou contra o rosto. Cheirava a madeira queimada, infelizmente não tinha o cheiro de Jason. Ele fora a *única* pessoa realmente gentil com ela após a transformação, como se estivesse preocupado com o que ela sentia, não apenas com aquelas roupas estúpidas. Ela queria beijá-lo, mas ele parecia desconfortável, quase como se tivesse medo dela. E não poderia culpá-lo. Ela havia ficado pink-cintilante.

— Desculpe — disse uma voz, perto de seus pés. Era o menino que recolhia o lixo, Mitchell, que passava por ali recolhendo embalagens de chocolate e papéis caídos embaixo dos beliches. No final das contas, os filhos de Afrodite não eram cem por cento maníacos por limpeza.

Ela saiu do caminho.

— O que você fez para deixar Drew tão chateada?

Ele olhou para a porta do banheiro, para ter certeza de que continuava fechada.

— Ontem à noite, após o seu chamado, eu disse que você talvez não fosse tão má.

Não era exatamente um elogio, mas Piper ficou chocada. Um filho de Afrodite a estava defendendo?

— Obrigada.

Mitchell deu de ombros.

— Certo... Mas veja só o que aconteceu comigo. Seja lá como for, bem-vinda ao chalé 10.

Uma menina loura, de maria-chiquinha e aparelho nos dentes apareceu com uma pilha de roupa nos braços. Olhava para os lados, como se carregasse material radioativo.

— Peguei estas roupas para você — murmurou.

— Piper, esta é Lacy — disse Mitchell, ainda limpando o chão.

— Oi — disse Lacy, sem fôlego. — Você *pode* mudar de roupa. A bênção não a impede. Isso é apenas, você sabe... apenas uma mochila, um pouquinho de comida, ambrosia e néctar para emergência, algumas calças jeans, camisetas extras e uma jaqueta quentinha. As botas talvez fiquem um pouco grandes. Mas, bem... temos uma coleção completa. Boa sorte na sua missão!

Lacy deixou tudo aquilo na cama e fez menção de que sairia correndo, mas Piper segurou seu braço.

— Espera! Deixe pelo menos que eu agradeça. Por que vai sair correndo?

Lacy parecia a ponto de ter um ataque de nervos.

— Ah, bem...

— Drew poderia descobrir tudo — disse Mitchell.

— E eu teria de usar os sapatos da vergonha. — Lacy engoliu em seco.

— O quê? — perguntou Piper.

Lacy e Mitchell apontaram para uma prateleira preta num canto da sala, como se fosse um altar. Lá estava um par de horrorosas sandálias ortopédicas, de um branco brilhante com solado grosso.

— Eu já tive de usar isso por uma semana — disse Lacy. — E não combinam com *nada*!

— E existem punições piores — disse Mitchell. — Drew pode ser muito persuasiva, sabe? Poucos filhos de Afrodite têm esse poder. Mas ela é capaz de nos fazer agir de forma vergonhosa. Piper, você é a primeira pessoa que vejo em muito tempo capaz de enfrentá-la.

— Muito persuasiva... — Piper lembrou-se da noite anterior, da forma como o pessoal ao redor da fogueira sempre aceitava as opiniões de Drew. — Você está falando sobre... uma capacidade de dizer às pessoas que façam o que ela quer? Ou... que deem coisas a ela. Como um carro?

— Ah, não dê ideias a Drew! — disse Lacy.

— Mas sim... — respondeu Mitchell. — Ela seria capaz de fazer isso.

— Então, por isso, é a conselheira-chefe — disse Piper. — Ela convenceu a todos vocês?

Mitchell pegou um chiclete preso embaixo da cama de Piper.

— Não, ela herdou o posto de Silena Beauregard, que morreu na guerra. Drew era a segunda mais velha. Os mais velhos do acampamento normalmente herdam os postos, a menos que alguém que tenha passado por missões mais complexas queira desafiá-lo, e neste caso há um duelo, mas isso quase nunca acontece. Seja como for, Drew está no comando desde agosto. Ela resolveu fazer algumas, ahn, *mudanças* na forma de dirigir o chalé.

— É verdade! — disse Drew, que apareceu de repente, recostando-se no beliche. Lacy se encolheu como um porquinho-da-índia e tentou fugir, mas Drew levantou o braço, impedindo-a. E olhou para Mitchell.

— Acho que você se esqueceu de limpar algo, querido. Talvez seja melhor repassar tudo.

Piper olhou para o banheiro e viu que Drew jogara tudo o que estava na lixeira no chão — e algumas coisas eram *bem* nojentas.

Mitchell levantou-se. Olhou para Drew como se estivesse a ponto de dar um bote (o que Piper pagaria para ver), mas finalmente disse:

— Certo.

Drew sorriu.

— Está vendo, Piper, somos todos assim aqui no chalé. Uma família unida! Silena Beauregard, por sua vez... fique sabendo. Ela passava informações secretas a Cronos durante a Guerra dos Titãs, ou seja, ajudava o *inimigo*.

Drew abriu um sorriso doce e inocente, com sua maquiagem cor-de-rosa, sua cabeloeira escovada e seu perfume de noz-moscada. Ela era igual a todas as adolescentes populares de todos os colégios. Mas seus olhos eram frios como aço. Piper notou que Drew olhava fundo em sua alma, tentando descobrir seus segredos.

Ajudava o inimigo.

— Ah, o pessoal dos outros chalés não fala sobre isso — disse Drew. — Agem como se Silena Beauregard fosse uma heroína.

— Ela sacrificou sua vida para fazer as coisas do jeito certo — disse Mitchell. — Era, *sim*, uma heroína.

— Ahn-hã — disse Drew. — Mais um dia limpando o lixo. Mas, *sabe*, Silena perdeu o foco do significado de nosso chalé. Nós formamos casais no acampamento! Depois os separamos e começamos tudo de novo! É a melhor diversão que existe. Não nos envolvemos em coisas como guerras e missões. *Eu*, por exemplo, nunca estive em nenhuma missão. Isso é perda de tempo!

Lacy levantou a mão, nervosa.

— Mas ontem à noite você disse que queria ir...

Drew olhou para ela, e a voz de Lacy morreu.

— Acima de tudo — disse Drew —, nós certamente não queremos nossa imagem maculada por espiões, certo, *Piper*?

Piper quis responder, mas não podia. Drew não tinha como saber seus sonhos, ou que seu pai havia sido sequestrado, tinha?

— Vai ser muito ruim ficar sem você por perto — disse Drew, suspirando. — Mas caso sobreviva à sua pequena missão, não se preocupe, vou encontrar *alguém* para você. Talvez um daqueles meninos nojentos de Hefesto. Ou Clovis? Ele é bem repulsivo. — Drew encarou-a com um misto de pena e desgosto. — Honestamente, nunca imaginei que Afrodite *pudesse* ter uma filha feia, mas... *quem era* o seu pai? Era uma espécie de mutante ou...

— Tristan McLean — disse Piper, sem pensar.

E se arrependeu na mesma hora por ter dito isso. Ela nunca, *já*, dera uma de “filha do famoso”. Mas Drew a tirara do sério.

— Tristan McLean é meu pai.

O silêncio que se seguiu foi gratificante por poucos segundos, mas Piper sentia vergonha de si mesma. Todos viraram o rosto e olharam para *O Pôster*, com seu pai mostrando os músculos para quem quisesse ver.

— Ai, meu deus! — metade das garotas gritou ao mesmo tempo.

— Legal! — disse um dos meninos. — Aquele cara com a espada que matou aquele outro cara naquele filme?

— Ele é *muito* gostoso para a idade que tem — disse uma menina, que depois ficou vermelha. — Quero dizer, sinto muito. Sei que é o seu *pai*. Isso é *tão* estranho.

— Tudo é muito estranho, pessoal — concordou Piper.

— Você poderia conseguir um autógrafo dele para mim? — perguntou outra das meninas.

Piper forçou um sorriso. Não poderia dizer: *Caso ele sobreviva...*

— Claro, sem problemas — respondeu.

A menina tremeu de alegria, e mais crianças se aproximaram, perguntando várias coisas ao mesmo tempo.

— Você já esteve num estúdio de gravação?

— Você mora numa mansão?

— Almoça com estrelas de cinema?

— Já fez o rito de passagem?

Esta pergunta a pegou de surpresa.

— Rito de quê? — ela perguntou.

Todos se afastaram um pouco, como se fosse um assunto delicado.

— O rito de passagem de um filho de Afrodite — disse um deles. — Você faz com que alguém se apaixone por você. Depois destroça o coração da pessoa. Termina o namoro. Quando tiver feito isso, provará que é uma verdadeira filha de Afrodite.

Piper deu uma olhada em volta, como se quisesse ver se estavam brincando.

— Destroçar o coração de alguém de propósito? Isso é horrível.

Os demais pareciam perdidos.

— Por quê? — perguntou um menino.

— Meu Deus! — disse uma menina. — Aposto que Afrodite partiu o coração do seu *pai*! Posso jurar que ele nunca voltou a se apaixonar, certo? Isso é tão romântico! Quando fizer seu rito de passagem, será como a nossa Mãe!

— Esqueçam! — gritou Piper, um pouco mais alto do que pretendia. Os outros deram um passo atrás. — Não vou partir o coração de ninguém para cumprir um ritual de passagem tão idiota!

E isso, obviamente, deu a Drew uma chance de retomar o controle.

— A mesma história outra vez... Silena disse a mesma coisa. E rompeu com a tradição apaixonando-se por aquele menino, Beckendorf, e *continuando* apaixonada. Se quer saber, eu acho que ela terminou a vida de forma tão trágica por culpa disso.

— Não é verdade! — disse Lacy, mas quando Drew a olhou ela imediatamente misturou-se aos demais.

— Pouco importa — disse Drew —, porque, Piper, querida, você não seria capaz de partir o coração de ninguém. E essa história de que Tristan McLean é seu pai... que forma mais primitiva de tentar ganhar a atenção das pessoas.

Várias crianças piscaram, sem saber no que acreditar.

— Você quer dizer que ele *não* é o pai dela? — alguém perguntou.

Drew revirou os olhos.

— Por favor. Chegou a hora do café da manhã, pessoal, e Piper deve começar sua pequena missão. Vamos ajudá-la a arrumar tudo e tirá-la daqui!

Drew caminhou em direção aos demais e fez com que todos se movessem. Os chamava de “queridos” e “queridas”, mas num tom que deixava claro seu objetivo: ser obedecida. Mitchell e Lacy ajudaram Piper a arrumar suas coisas. Chegaram a ficar de olho no banheiro quando Piper entrou para trocar de roupa. Roupas que, ainda bem, não eram nada demais. Não passavam de jeans usados, uma camiseta e um confortável casaco de inverno, além de botas de escalada que lhe serviram perfeitamente. E prendeu sua faca, Katoptris, à cintura.

Quando Piper saiu, sentia-se quase normal outra vez. Os outros campistas estavam de pé ao lado de seus beliches enquanto Drew os inspecionava. Piper virou-se para Mitchell e Lacy e murmurou um *obrigada*. Mitchell fez um

movimento de cabeça e Lacy abriu um sorriso. Piper duvidava que Drew alguma vez tivesse agradecido qualquer coisa a eles. Também notou que o pôster de *Rei de Esparta* fora para o lixo. Por ordem de Drew, sem dúvida. Mesmo tendo preferido arrancar o pôster com as próprias mãos, Piper ficou aliviada.

Quando Drew a viu, começou a aplaudir.

— Que maravilha! Nossa pequena missionária em roupas vagabundas outra vez. Vá embora! Não precisa tomar café conosco. Boa sorte na sua... seja lá o que for. Adeus!

Piper pegou sua mochila, notando os olhares de todos em cima dela enquanto passava pela porta. Poderia ir embora e esquecer-se de tudo aquilo. Seria o caminho mais fácil. Afinal, o que tinha a ver com aquele chalé, com aquela gente fútil?

Mas alguns deles tentaram ajudá-la. Alguns chegaram a se voltar contra Drew para ajudá-la.

Ainda na porta, virou-se e disse:

— Sabe, vocês não precisam seguir as regras de Drew.

Os outros campistas olharam para ela, assustados. Depois olharam para Drew, que estava paralisada.

— Hum... — alguém disse —, ela é a nossa conselheira.

— Ela é uma tirana — corrigiu Piper. — Pensem por vocês mesmos. Ser filho de Afrodite é muito mais do que isso.

— Muito mais — alguém repetiu.

— Pensar por nós mesmos — murmurou outra voz.

— Ei! — gritou Drew. — Não sejam estúpidos. Ela está jogando charme para cima de vocês.

— Não — disse Piper. — Só estou dizendo a verdade.

Ou pelo menos o que imaginava ser a verdade. Não entendia exatamente como aquela história de charme funcionava, mas não imaginava estar colocando nenhum poder especial nas suas palavras. Não queria ganhar trapaceando. Isso não faria dela uma pessoa melhor que Drew. Piper queria dizer apenas o que acabara de dizer. Além do mais, mesmo que tentasse jogar charme, imaginava que não teria efeito algum em outra pessoa com os mesmos poderes, como Drew.

— Talvez você tenha um pouco de poder, Senhorita Estrela de Cinema. Mas não sabe nada sobre Afrodite. Tem ideias tão boas? Sabe o que significa esse chalé? Diga a eles. E, quem sabe, eu também possa contar algumas coisas sobre você para eles, hein?

Piper queria responder, mas sua raiva transformou-se em pânico. Era uma espiã do inimigo, exatamente como Silena Beauregard. Uma filha traidora de Afrodite. Será que Drew sabia disso, ou estaria apenas blefando? Sob o olhar de

Drew, sua confiança começou a desmoronar.

— Isso não — conseguiu dizer, finalmente. — Afrodite não tem nada a ver com isso.

Depois se virou e saiu rapidamente, antes que os demais a vissem corando.

Atrás dela, Drew começou a gargalhar.

— *Isso não?* Ouviram? Ela não tem a menor ideia!

Piper prometeu a si mesma que *nunca* mais voltaria àquele chalé. Limpou suas lágrimas e seguiu correndo pelo gramado, sem saber muito bem para onde estava indo... até ver o dragão descendo no céu.

XVI

PIPER

— LEO? — ELA BERROU.

E, de fato, lá estava ele, sentado no topo de uma gigantesca máquina mortal de bronze, gritando como um lunático. Antes que ele pudesse aterrissar, o acampamento estava em pânico. Uma trombeta de concha foi tocada. Todos os sátiros começaram a gritar: “Não me mate!” Muitos campistas correram para fora dos chalés, horrorizados, vestindo uma mistura de pijamas e armaduras. O dragão pousou no meio do gramado, e Leo gritou: — Está tudo bem, não atirem!

Hesitantes, os arqueiros baixaram as armas. Os guerreiros deram um passo atrás, mas mantiveram suas lanças e espadas preparadas. Formaram uma grande roda em volta do monstro de metal. Outros semideuses se esconderam atrás das portas dos chalés ou espiavam pelas janelas. Ninguém parecia disposto a se aproximar.

Piper não poderia culpá-los. O dragão era enorme. Brilhava sob o sol da manhã como uma escultura viva — com matizes distintos de cobre e bronze —, uma serpente de dezoito metros de comprimento com patas de aço e dentes afiadíssimos, além de penetrantes olhos de rubis. Tinha asas como as de um morcego, duas vezes mais compridas que seu corpo, as quais, ao baterem faziam-no deslizar como um veleiro de metal, produzindo um som tal qual uma cascata de moedas caindo de uma máquina caça-níqueis.

— Que lindo — murmurou Piper. Os outros semideuses a olhavam como se ela fosse louca.

O dragão levantou a cabeça e lançou uma coluna de fogo para o céu. Os campistas se afastaram e ergueram suas armas, mas Leo desceu calmamente das costas do animal. Levantou as mãos como se estivesse se rendendo, mas ainda mantinha aquele sorriso maníaco no rosto.

— Terráqueos, eu venho em missão de paz! — gritou. Parecia ter rolado por cima de uma fogueira. Seu casaco e seu rosto estavam cobertos de fuligem. Suas mãos estavam sujas de graxa, e ele usava um cinturão de ferramentas novo. Os olhos estavam arregalados. Os cabelos encaracolados estavam tão oleosos, que ficaram arrepiados, lembrando um porco-espinho, e, estranhamente, ele cheirava a molho tabasco. Mas Leo parecia maravilhado.

— Festus só está dizendo oi!

— Essa coisa é perigosa! — gritou uma menina de Ares, brandindo sua lança.
— Mate-a agora mesmo!

— Parada aí! — alguém disse.

Para surpresa de Piper, aquela voz era de Jason, que abria caminho pelo meio da multidão, ladeado por Annabeth e por aquela menina do chalé de Hefesto, Nyssa.

Jason olhou para o dragão e balançou a cabeça, admirado.

— Leo, o que você fez?

— Consegui uma carona! — Leo vibrava. — Você disse que eu poderia participar da missão caso conseguisse uma carona. Aqui está: um *bad boy* voador metálico de primeira categoria! Festus poderá nos levar a qualquer lugar.

— Isso... tem asas. — Nyssa estava boquiaberta. Sua mandíbula parecia prestes a cair do rosto.

— Sim! — disse Leo. — Eu as encontrei e voltei a encaixá-las.

— Mas ele nunca teve asas. Onde as encontrou?

Leo hesitou e Piper percebeu que ele escondia algo.

— No... bosque — ele respondeu. — Também consertei a maioria dos circuitos. Ele não vai mais ficar confuso.

— A maioria? — perguntou Nyssa.

O dragão sacudiu a cabeça. Virou-a para um lado e um líquido escuro escorreu de sua orelha, derramando-se sobre Leo. Devia ser óleo — com sorte, *apenas* óleo.

— Só precisava de uns ajustes — disse Leo.

— Mas como você sobreviveu...? — perguntou Nyssa, que seguia olhando para a criatura, assustada. — Quer dizer, ele cospe fogo...

— Sou rápido — disse Leo. — E sortudo. Então, estou ou não estou nessa missão?

Jason coçou a cabeça.

— Você o chamou de Festus? Sabe que em latim *festus* significa “feliz”? Está pensando em salvar o mundo a bordo do Dragão Feliz?

O dragão abriu suas asas, contente.

— Isso é um sim, cara! — disse Leo. — Agora... acho que deveríamos partir,

pessoal. Já peguei alguns suprimentos no... bosque. Toda essa gente armada está deixando Festus nervoso.

Jason franziu a testa.

— Mas ainda não planejamos nada. Não podemos simplesmente...

— Vá! — disse Annabeth, a única que não parecia nervosa. Sua expressão era triste, como se tudo aquilo a lembrasse de outros tempos. — Jason, você tem apenas três dias até o solstício, e nunca se deve deixar um dragão nervoso esperando. Isso é certamente um bom presságio. Vá!

Jason fez que sim. Depois sorriu para Piper.

— Pronto, companheira?

Piper olhou para o dragão de bronze com as asas reluzindo contra o céu e aquelas patas que poderiam reduzi-la a pedacinhos.

— Claro — ela respondeu.

*

Voar em um dragão é a experiência mais incrível do mundo, pensou Piper.

Lá em cima o ar era gélido; mas a pele de metal do dragão gerava tanto calor que era como se voassem numa bolha protetora. E com assentos aquecidos! Além disso, as placas das costas do dragão foram desenhadas como selas de alta tecnologia, portanto, não eram nada desconfortáveis. Leo ensinou os companheiros de viagem a firmar os pés nas frestas do corpo metalizado, como se fossem estribos, e a usar as correias de couro inteligentemente escondidas sob as placas exteriores. Estavam sentados em fila: Leo na frente, depois Piper e então Jason. Piper estava nervosa por ter Jason logo atrás. Queria que ele a abraçasse, ou segurasse em sua cintura, mas Jason não fez isso, infelizmente.

Leo usou as rédeas para dirigir o dragão ao céu, como se tivesse feito isso toda a sua vida. As asas de metal funcionavam perfeitamente, e em pouco tempo a costa de Long Island ficou distante, transformando-se em uma linha no horizonte. Voaram sobre Connecticut e subiram em direção às frias nuvens invernais.

Leo sorriu para os companheiros.

— É legal, não é?

— E se formos vistos? — perguntou Piper.

— A Névoa — respondeu Jason. — Ela não permite que os mortais vejam as coisas mágicas. Caso nos avistem, pensarão tratar-se de um pequeno avião ou algo assim.

— Tem certeza? — perguntou Piper, olhando por cima do ombro.

— Não — ele admitiu.

Então, Piper notou que Jason segurava uma fotografia, o retrato de uma menina com cabelos pretos. Lançou-lhe um olhar indagador, mas ele ficou vermelho e colocou a foto no bolso.

— Estamos seguindo em um ritmo bom. Devemos chegar ainda esta noite.

Piper ficou imaginando quem seria a tal menina da foto, mas não quis perguntar. Se Jason não disse nada, não era um bom sinal. Teria se lembrado de algo sobre a sua vida anterior? Seria a foto de sua verdadeira namorada?

Chega, ela disse a si mesma. Isso é tortura.

E perguntou algo mais seguro:

— Para onde estamos indo?

— Vamos em busca do Vento Norte — respondeu Jason. — Iremos caçar alguns espíritos da tempestade.

XVII

LEO

LEO ESTAVA completamente maravilhado.

Ver a cara de todos no acampamento quando chegou com o dragão... não tinha preço! Imaginou que o pessoal de seu chalé deveria estar enlouquecido.

Festus fizera tudo perfeitamente. Não causou estragos a nenhum chalé nem comeu nenhum sátiro, ainda que tenha deixado escapar um pouco de óleo pela orelha. Tudo bem, *muito* óleo. Mas Leo poderia resolver isso mais tarde.

Talvez Leo devesse ter aproveitado a chance para contar a todos sobre o bunker 9 ou sobre o desenho do barco voador. Precisava pensar um pouco naquilo tudo. Poderia contar a eles quando voltasse.

Se voltasse, pensou.

Bobagem, claro que voltaria. Tinha pegado um cinto de ferramentas mágico no bunker e também vários suprimentos que guardara com cuidado na mochila. Além do mais, tinha ao seu lado um dragão que cuspia fogo, apesar de vaziar um pouco. O que poderia dar errado?

Bem, o disco de controle poderia dar defeito, pensou o seu lado negativo. Festus poderia nos engolir.

Certo, talvez o dragão não estivesse *tão* perfeito quanto Leo queria demonstrar. Tinha trabalhado a noite toda remendando aquelas asas, mas não encontrou nenhum cérebro de dragão no bunker. No entanto, eles tinham um prazo! Três dias até o solstício. Precisavam seguir em frente. Além do mais, Leo limpou o disco muito bem. A maior parte dos circuitos estava perfeita. Precisava apenas de um ajuste.

Mas seu lado negativo pensou: *Certo, mas e se...*

— Cale a boca — disse Leo, em voz alta.

— O quê? — perguntou Piper.

— Nada. Foi uma noite longa. Acho que estou tendo alucinações. Está tudo bem.

Sentado na frente, Leo não via o rosto dos outros dois. Pelo silêncio que fizeram, porém, notou que seus amigos não ficaram tranquilos por terem um piloto de dragão com sono e alucinações.

— Estou brincando — disse Leo, querendo mudar de assunto. — Então, qual é o plano, cara? Você disse algo sobre alcançar o vento, parar o vento, algo assim?

Enquanto voavam sobre a Nova Inglaterra, Jason contou detalhes do seu plano. Primeiro, tinham de encontrar um cara chamado Bóreas e arrancar certa informação dele.

— O nome dele é *Bóreas*? — Leo teve que perguntar. — Ele é deus do quê...?

Depois, continuou Jason, tinham de encontrar os *venti* que os atacaram no Grand Canyon.

— Que tal se os chamarmos de *espíritos da tempestade*? — perguntou Leo. — *Venti* soa muito estranho...

E, finalmente, terminou Jason, tinham de descobrir para quem trabalhavam os espíritos da tempestade, para que pudessem encontrar e libertar Hera.

— Então você realmente quer encontrar Dylan, o idiota da tempestade — disse Leo. — O cara que me atirou da passarela no Grand Canyon e sumiu com o treinador Hedge.

— Tem a ver com isso — respondeu Jason. — Bem... talvez exista uma loba envolvida nisso tudo. Mas acho que ela é nossa amiga. Provavelmente, ela não irá nos comer, a menos que demonstremos fraqueza.

Jason contou seu sonho. Falou sobre a grande loba-mãe e a casa destruída com torres em espiral que cresciam dentro da piscina.

— Nossa — disse Leo. — Mas você não sabe onde fica essa casa?

— Não — admitiu Jason.

— E os gigantes? — perguntou Piper. — A profecia fala sobre a *vingança dos gigantes*.

— Espere — disse Leo. — Gigantes... tipo, mais de um? Não poderia ser apenas um gigante querendo vingança?

— Acho que não — respondeu Piper. — Eu me lembro de que certas histórias gregas falam sobre um exército de gigantes.

— Ótimo — murmurou Leo. — Claro, com a nossa sorte, vai ser um exército. E vocês sabem algo mais sobre os tais gigantes? Piper, você não pesquisou sobre a Grécia com o seu pai antes daquele filme?

— Seu pai é ator? — perguntou Jason.

Leo sorriu.

— Eu sempre me esqueço da sua amnésia. Esqueço a amnésia. Que engraçado. Sim, o pai dela é Tristan McLean.

— Hum... Desculpe, mas quem é ele?

— Isso não importa — disse Piper, rapidamente. — Os gigantes... bem, existem vários gigantes na mitologia grega. Mas, se vamos enfrentar quem eu acho que vamos, teremos sérios problemas. Eles são enormes, quase impossíveis de ser vencidos. Poderiam arrancar montanhas e arremessá-las longe. Acho que têm algo a ver com os titãs. Despertaram após a guerra perdida por Cronos... Quer dizer, a *primeira* Guerra dos Titãs, há centenas de anos... e tentaram destruir o Olimpo. Se estamos falando sobre os mesmos gigantes...

— Quíron disse que aconteceria mais uma vez — lembrou-se Jason. — O último capítulo. Foi isso que ele quis dizer. Não estranho o fato de ele não querer que soubéssemos mais detalhes.

Leo assobiou.

— Então... gigantes que podem arremessar montanhas. Lobos amigos, mas que podem nos devorar se demonstrarmos fraqueza. Espíritos da tempestade. Acho que não é hora de contar nada sobre a minha babá psicopata.

— Isso é mais uma brincadeira? — perguntou Piper.

Leo contou-lhes sobre *Tía* Callida, que na verdade era Hera, e que reapareceu para ele no acampamento. Não lhes contou sobre suas habilidades com o fogo. Isso ainda era um assunto complicado, especialmente desde que Nyssa revelou que semideuses envolvidos com fogo costumam incendiar cidades e outras coisas. Além do mais, Leo teria que falar sobre como ele causou a morte de sua mãe e... não. Ele não estava pronto para conversar sobre isso. Contou sobre a noite de sua morte, mas não mencionou o fogo, dizendo apenas que uma máquina ficou desgovernada. Seria mais fácil se não tivesse que olhar para os amigos, precisando olhar só para a frente, vigiando seu voo.

E contou-lhes sobre a estranha mulher com roupas de terra que parecia estar dormindo e que aparentemente conhecia tudo sobre o seu futuro.

Pelas contas de Leo, devem ter atravessado todo o estado de Massachusetts antes que seus amigos falassem alguma coisa.

— Isso é... perturbador — comentou Piper.

— Assustador — disse Leo. — A verdade é que todos dizem que não devemos confiar em Hera. Ela odeia semideuses. E a profecia diz que causaríamos mortes caso liberássemos sua raiva. Então, eu me pergunto: por que estamos fazendo isso?

— Ela nos escolheu — respondeu Jason. — A nós três. Somos os três primeiros dos sete que devem ser reunidos para a Grande Profecia. Esta missão é o início de algo muito maior.

Ouvir isso não fez Leo sentir-se melhor, mas ele entendia o que Jason queria dizer. Parecia *realmente* o começo de algo muito maior. Ele só esperava que, se existissem mais quatro semideuses dispostos a ajudá-los, eles aparecessem logo. Leo não queria se responsabilizar por todas aquelas aventuras assustadoras.

— Além do mais — disse Jason —, ajudar Hera é a única forma de trazer minha memória de volta. E a torre em espiral dos meus sonhos parece ser alimentada pela energia de Hera. Se aquela coisa libertar o deus dos gigantes, destruindo Hera...

— Não será uma boa troca — concluiu Piper. — Pelo menos Hera está do nosso lado, um pouco. Perdê-la seria o caos para os deuses. Ela é responsável por manter a família em paz. E uma guerra com gigantes poderia ser mais destruidora que uma Guerra de Titãs.

Jason concordou.

— Quíron também nos falou sobre forças ainda piores que se reúnem no solstício, disse que é um bom momento para a magia negra e que... algo poderá despertar, caso Hera seja sacrificada nesse dia. E essa senhora que controla os espíritos da tempestade, a que tentou matar todos os semideuses...

— Talvez seja aquela mulher estranha que dormia — disse Leo. — Não quero pagar para ver aquela mulher suja acordada!

— Mas quem é essa mulher? — perguntou Jason. — E o que ela tem a ver com os gigantes?

Eram boas perguntas, mas nenhum deles tinha as respostas. Voaram em silêncio enquanto Leo imaginava se fizera a coisa certa ao contar aos amigos tantos detalhes. Nunca falara nada sobre a tal noite na oficina para ninguém. E, mesmo não tendo contado tudo, sentiu-se estranho, como se tivesse aberto o peito e revelado o que o fazia passar mal. Seu corpo tremia, e não era de frio. Só esperava que Piper, sentada logo atrás, não percebesse.

A fornalha e a pomba devem quebrar a cela. Não era esse um dos versos da profecia? Significava que ele e Piper teriam de descobrir como entrar na mágica prisão de pedra, se a encontrassem. Poderiam libertar a raiva de Hera, causando muitas mortes. Ah, que divertido!... Leo vira *Tía Callida* em ação. Ela gostava de facas, de cobras e de colocar bebês para dormir em lareiras acesas. Sim, vamos libertar a raiva de Hera. Ótima ideia!

Festus continuava voando. O vento ficava mais frio, e abaixo deles as florestas nevadas pareciam infinitas. Leo não sabia exatamente onde ficava Quebec. Tinha dito a Festus que os levasse ao palácio de Bóreas, e ele seguiu para o norte. Felizmente, o dragão conhecia o caminho, e não terminariam no Polo Norte.

— Por que não dorme um pouco? — disse Piper ao seu ouvido. — Você ficou acordado a noite toda.

Leo quis protestar, mas a palavra “dormir” foi irresistível.

— Vocês não vão me deixar cair?

— Confie em mim, Valdez. As pessoas bonitas nunca mentem.

— Certo — ele murmurou, e recostou-se no pescoço de bronze do dragão, que estava quentinho, depois fechou os olhos.

XVIII

LEO

FOI COMO SE ELE TIVESSE dormido apenas alguns segundos, mas, quando Piper o acordou, anoitecia.

— Chegamos — disse ela.

Leo esfregou os olhos para despertar. Logo abaixo deles havia uma cidade à beira de um penhasco, de onde se via um rio. As planícies ao redor estavam cobertas de neve, mas a cidade reluzia sob um pôr do sol de inverno. Prédios se amontoavam dentro de muros altos, como numa cidade medieval, mais antiga do que qualquer lugar que Leo vira antes. No centro havia um castelo de verdade — ou pelo menos Leo achava que fosse um castelo —, com grandes paredes de tijolos vermelhos e uma torre com teto verde, triangular.

— Por favor, digam que isso é Quebec, e não a casa do Papai Noel — pediu Leo.

— Estamos em Quebec, mesmo — Piper confirmou. — Uma das cidades mais antigas da América do Norte. Fundada por volta de 1600, eu acho.

Leo levantou uma sobrancelha.

— Seu pai fez um filme sobre isso também?

Ela fez uma careta, e Leo já estava acostumado a isso, mas sua atitude agora não combinava em nada com a nova e glamorosa maquiagem.

— Eu *leio* de vez em quando, está bem? Só porque sou filha de Afrodite não quer dizer que eu seja uma cabeça-oca.

— Nossa! — disse Leo. — Então, sabichona, o que é esse castelo?

— Um hotel, eu acho.

Leo riu.

— Duvido.

Porém, quando se aproximaram, Leo notou que Piper tinha razão. A grandiosa

entrada do edifício estava repleta de mordomos, porteiros e carregadores de malas. Luxuosos carros pretos, brilhantes, esperavam na entrada. Pessoas bem-vestidas, com ternos e casacos elegantes, corriam para escapar do frio.

— O Vento Norte está hospedado em um hotel? — perguntou Leo. — Não é possível...

— Cuidado — disse Jason. — Temos companhia!

Leo olhou para baixo e entendeu o que Jason quis dizer. Duas criaturas aladas surgiram do topo da torre. Eram anjos com expressões furiosas, carregando espadas enormes.

*

Festus não gostou nada daqueles anjos. Mergulhou no ar e parou subitamente em pleno voo, com as asas batendo e as garras apontadas, e emitiu um som de sua garganta que Leo reconheceu na hora. Estava se preparando para lançar fogo.

— Calma, garoto — murmurou Leo. Algo lhe dizia que os anjos não achariam legal ser incendiados.

— Não estou gostando nada disso — disse Jason. — Parecem espíritos da tempestade.

Num primeiro momento, Leo pensou que ele tivesse razão, mas, quando os anjos se aproximaram, notou que eram bem mais sólidos que os *venti*. Pareciam adolescentes normais, exceto por seus cabelos brancos como neve e suas asas com penas roxas. Suas espadas de bronze pareciam feitas de gelo. Suas feições eram bastante parecidas para serem irmãos, mas eles não eram idênticos, definitivamente.

Um deles era do tamanho de um boi e usava uma jaqueta vermelha de hóquei, calças largas e chuteiras de couro preto. Claramente, estivera envolvido em muitas brigas, pois seus olhos estavam roxos e, quando abria a boca, era possível notar que lhe faltavam vários dentes.

O outro parecia saído da capa dos discos de rock dos anos 1980 que a mãe de Leo tinha em casa, como *Journey*, ou talvez *Hall & Oates*, ou outro ainda mais chato. Seus cabelos brancos como neve terminavam em um *mullet* comprido. Ele usava sapatos de couro de bico fino, uma calça exageradamente justa e uma camisa de seda horrorosa, com os três primeiros botões abertos. Talvez se achasse o deus da sedução, mas o cara devia pesar uns quarenta quilos e seu rosto era cheio de acne.

Os anjos pararam na frente do dragão e ficaram ali pairando com as espadas

em punho.

O boi jogador de hóquei disse:

— Proibido ultrapassar.

— O quê? — perguntou Leo.

— Vocês não aparecem no plano de voo — explicou o deus da sedução. Além de tudo, ele tinha um sotaque francês tão vagabundo que Leo pensou que só poderia ser falso. — Este é um espaço aéreo restrito.

— Devemos destruí-los? — perguntou o jogador de hóquei, mostrando seu sorriso banguela.

O dragão começou a soltar fumaça, pronto para se defender. Jason sacou sua espada de ouro, mas Leo gritou:

— Espere! Vamos manter as boas maneiras, rapazes. Antes de mais nada, eu poderia saber quem terá a honra de me destruir?

— Eu sou Cal! — disse o jogador de hóquei, que parecia muito orgulhoso de si mesmo, como se tivesse passado um bom tempo ensaiando essa frase.

— É um apelido para Calais — explicou o deus da sedução. — Infelizmente, meu irmão é incapaz de pronunciar algumas palavras com mais de duas sílabas...

— Pizza! Hóquei! Morte! — disse Cal.

— ...e isso inclui seu nome — concluiu o sedutor.

— Eu sou Cal — repetiu. — E ele é Zetes! Meu irmão!

— Uau! — exclamou Leo. — Foram quase três frases, cara! É isso aí!

Cal grunhiu, claramente feliz com ele mesmo.

— Estúpido — disse o irmão. — Eles estão rindo de você. Mas tudo bem. Eu sou Zetes, que é um apelido para Zetes. E a senhorita... — Ele piscou para Piper, mas a piscadela mais parecia uma convulsão. — pode me chamar como quiser. Talvez queira jantar com um semideus famoso antes de ser destruída.

Piper limpou a garganta, como se tivesse engasgado com uma bala.

— Que oferta mais... horrorosa.

— Tudo bem — disse Zetes, levantando as sobrancelhas. — Somos muito românticos. Somos os boréadas.

— Boréadas? — perguntou Jason. — Você quer dizer... filhos de Bóreas?

— Ah, então você já ouviu falar sobre nós! — Zetes parecia contente. — Somos os guardiões do nosso pai. Então, você entende, não podemos permitir que pessoas não autorizadas sobrevoem seu espaço aéreo em dragões decrepitos, assustando esses mortais idiotas.

Ele apontou para baixo, e Leo viu que os mortais começavam a notá-los. Vários apontavam para cima. Mas ainda não pareciam alarmados. Estavam mais para confusos e incomodados, como se o dragão fosse um helicóptero comum voando muito baixo.

— O que é triste, pois, a menos que seja um pouso de emergência — disse Zetes, tirando os cabelos do rosto coberto de espinhas —, vamos ter que matá-los de forma cruel.

— Morte! — Cal concordou, com um pouco mais de entusiasmo do que Leo achava necessário.

— Esperem! — disse Piper. — Este *é, sim*, um pouso de emergência.

— Ahhh! — Cal parecia tão desapontado, que Leo quase sentiu pena dele.

Zetes deu uma olhada em Piper, o que, obviamente, ele já havia feito:

— Como uma menina linda como você decidiu que este é um pouso de emergência?

— Precisamos nos encontrar com Bóreas. É urgente. Muito urgente. Por favor! — Piper forçou um sorriso. Leo notou que aquilo a matava por dentro, mas, por causa da tal bênção de Afrodite, ela continuava linda. Havia algo no tom de sua voz também... Leo acreditava em cada palavra do que ela dizia. Jason assentia, parecendo absolutamente convencido.

Zetes deu uma olhada em sua horrível camisa, com certeza para certificar-se de que ainda tinha os botões bem abertos.

— Bom, odeio desapontar uma linda dama... Mas nossa irmã teria um ataque se permitíssemos...

— E nosso dragão não está funcionando bem — disse Piper. — Pode quebrar a qualquer momento!

Festus tremeu sollicitamente, depois inclinou a cabeça e deixou cair um pouco de óleo da orelha, que se esparramou num Mercedes preto estacionado logo abaixo.

— Sem morte? — murmurou Cal.

Zetes ponderou sobre o problema. Depois piscou mais uma vez para Piper daquele jeito esquisito.

— Sabe, você é bem bonita. Quero dizer, você *tem razão*. Um dragão que não funciona bem... isso pode ser uma emergência.

— Morte depois? — perguntou Cal, com certeza sendo o mais amigável que conseguia.

— Vamos precisar de algumas explicações — Zetes decidiu. — Nosso pai não tem sido muito gentil com visitas ultimamente. Mas, sim. Venham, meninos do dragão capenga. Sigam-nos.

Os boréadas baixaram as espadas e pegaram armas menores nos cintos, ou pelo menos Leo pensou que fossem armas. Mas logo acenderam aquelas coisas e Leo percebeu que se tratavam de lanternas laranjas em formato de cone, como as usadas por controladores de voo nos aeroportos. Cal e Zetes voaram em direção à torre do hotel.

Leo virou-se para os amigos e disse:

— Adoro esses caras. Seguimos em frente?

Jason e Piper não pareciam ansiosos.

— Acho que sim — disse Jason. — Já estamos aqui... Mas não sei por que Bóreas não costuma ser gentil com visitas.

— Isso é porque ele ainda não nos conhece — disse Leo. — Festus, siga aquelas lanternas!

*

À medida que se aproximavam, Leo ficou com medo de chocar-se contra a torre. Os boréadas não diminuía a velocidade, seguindo para o topo do telhado. Até que uma parte dele se abriu, revelando uma entrada grande o suficiente para que Festus passasse sem problemas. Na parte superior e na parte inferior da abertura havia fileiras de cristais de gelo afiados, como uma boca cheia de dentes.

— Isso não pode ser coisa boa — murmurou Jason, mas Leo encaminhou o dragão para dentro, e eles seguiram os boréadas.

Pousaram no que deveria ter sido a suíte presidencial do hotel, mas o local parecia atingido por um raio congelante. O hall de entrada tinha tetos arqueados de doze metros de altura, enormes janelas e exuberantes tapetes orientais. Uma escada no fundo do cômodo levava a outro hall, igualmente enorme, e mais corredores se abriam à direita e à esquerda. Mas o gelo deixava o local com uma aura um tanto assustadora. Quando Leo desceu do dragão, o carpete esmigalhou-se sob seus pés. Uma fina camada de gelo cobria os móveis. As cortinas não se moviam, pois estavam sólidas, congeladas. E as janelas, também congeladas, filtravam boa parte da luz do pôr do sol. Até mesmo do teto pendiam cristais de gelo. Quanto às escadas, Leo tinha certeza de que derraparia e quebraria o pescoço caso tentasse subi-las.

— Pessoal — disse Leo —, conserte o termostato daqui, e eu me mudo na mesma hora.

— Eu não — disse Jason, olhando para a escadaria, desconfortável. — Algo me parece errado. Algo lá em cima...

Festus tremia e espirrava chamas. Uma camada de gelo começava a se formar em suas escamas.

— Não, não, não — disse Zetes, andando, embora Leo não soubesse como ele podia caminhar com aqueles sapatos de couro pontiagudos. — O dragão precisa ser desligado. Não podemos permitir fogo por aqui. O calor acaba com o meu

cabelo.

Festus rosnou e mostrou seus dentes afiados.

— Tudo bem, rapaz — disse Leo, olhando para Zetes. — O dragão fica meio sensível com essa história de ser *desligado*, mas eu tenho uma proposta melhor.

— Morte? — sugeriu Cal.

— Não, cara. Chega desse papo de *morte*. Espere um pouco.

— Leo — disse Piper, nervosa —, o que você...

— Observe e aprenda, beleza. Quando eu estava consertando Festus, ontem à noite, encontrei alguns botões. Alguns deles é melhor *não* saber para que servem. Mas outros... Aqui estão.

Leo enfiou os dedos atrás da pata dianteira esquerda do dragão. Girou uma chave e ele tremeu da cabeça aos pés. Todos deram um passo atrás quando Festus se dobrou como se fosse um origâmi. Sua carcaça de metal ficou compacta. Seu pescoço e sua cauda encolheram para dentro do corpo. As asas baixaram e seu tronco se contraiu até formar um retângulo de metal do tamanho de uma mala de bordo.

Leo tentou levantá-la, mas pesava cerca de duas mil toneladas.

— Ah... espere. Eu acho... aqui está.

Apertou outro botão. Uma alça surgiu no topo e rodinhas apareceram rente ao chão.

— Aqui está. A mala com rodinhas mais pesada do mundo!

— Isso é impossível — disse Jason. — Uma coisa assim tão grande não pode...

— Chega! — ordenou Zetes. Ele e Cal brandiram suas espadas e olharam para Leo, que ergueu as mãos.

— O.k., o.k. Fiquem calmos, rapazes. Se isso os chateia tanto, saibam que não *tenho que* levar o dragão arrastado...

— Quem é você? — Zetes encostou a ponta de sua espada no peito de Leo. — Um filho do Vento Sul, um espião entre nós?

— O quê? Não! — disse Leo. — Sou filho de Hefesto. Um ferreiro amigável que não causa danos a ninguém!

Cal grunhiu. Aproximou-se de Leo. Definitivamente, o anjo não era um menino bonito, com seus olhos feridos e a boca maltratada.

— Odor de fogo — disse. — Fogo é ruim.

— Ah! — O coração de Leo acelerou. — Ah, sim... minhas roupas estão um pouco queimadas, e eu estive trabalhando com óleo, e...

— Não! — Zetes empurrou Leo, colocando novamente a ponta da espada em seu peito. — Nós podemos *farejar* fogo, semideus. Imaginávamos que viesse desse dragão obsoleto, mas agora ele está transformado em mala. E ainda sinto

cheiro de fogo... em você.

Caso não estivesse fazendo três graus naquela suíte, Leo teria começado a suar.

— Ei... vejam bem... eu não sei... — disse, olhando desesperado para os amigos. — Vocês dois, podem me dar uma ajudinha?

Jason já tinha sua moeda de ouro nas mãos. Deu um passo à frente, com os olhos em Zetes.

— Sabe, foi um erro. Leo não mexe com fogo. Conte a eles, Leo. Diga que não mexe com fogo.

— Hum...

— Zetes? — disse Piper, abrindo seu sorriso contagiante mais uma vez, ainda que estivesse um tanto nervosa e congelada para fazer isso. — Somos todos amigos aqui. Abaixem as armas e vamos conversar.

— Essa menina é linda — admitiu Zetes. — E, claro, ela não consegue resistir ao meu charme, mas, infelizmente, não temos tempo para romance neste momento. — E aumentou a pressão da ponta de sua espada contra o peito de Leo, que podia sentir o metal congelado através da camisa, deixando sua pele dormente.

Ele gostaria de poder reativar Festus. Precisava de ajuda. Mas, com aqueles dois anjos de asa roxa o encarando, isso levaria muito tempo.

— Morte agora? — perguntou Cal ao irmão.

Zetes fez que sim.

— Infelizmente, eu acho...

— Não — insistiu Jason, que parecia bem calmo, mas Leo notou que estava a ponto de jogar sua moeda para o alto e entrar no modo gladiador. — Leo é apenas um filho de Hefesto. Ele não é uma ameaça. Piper é filha de Afrodite. E eu sou filho de Zeus. Viemos em missão de paz...

A voz de Jason falhou, pois os dois boréadas olharam imediatamente para ele.

— O que você disse? — perguntou Zetes. — Você é filho de Zeus?

— Hum... sim — disse Jason. — O que é uma coisa boa, certo? Meu nome é Jason.

Cal parecia tão surpreso que quase deixou cair sua espada.

— Não pode ser Jason — ele disse. — Não pode ser ele.

Zetes deu um passo à frente e observou, desconfiado, o rosto de Jason.

— Não, ele não é o *nosso* Jason. Nosso Jason é mais estiloso. Não tanto quanto eu, mas ainda assim mais estiloso. Além disso, ele morreu há milênios.

— Espere — disse Jason. — O Jason *de* vocês... você quer dizer o Jason original? O cara do velocino de ouro?

— Claro — respondeu Zetes. — Fizemos parte da tripulação dele a bordo do

navio *Argo*, nos velhos tempos, quando éramos semideuses mortais. Depois aceitamos a imortalidade para servir a nosso pai, e assim eu poderia continuar lindo desse jeito por toda a eternidade, e meu irmão bobo poderia comer pizza e jogar hóquei quanto quisesse.

— Hóquei! — Cal concordou.

— Mas Jason... o *nosso* Jason... teve a morte de um mortal — disse Zetes. — Você não pode ser ele.

— Não sou — concordou Jason.

— Então, morte? — perguntou Cal. Claramente, aquela conversa estava deixando seus dois únicos neurônios perdidos.

— Não — disse Zetes, triste. — Se ele é filho de Zeus, poderia ser quem esperávamos.

— Esperavam por ele? — perguntou Leo. — Você quer dizer de maneira positiva, tipo: vamos enchê-lo de medalhas? Ou *negativa*, tipo: ele está em apuros?

Uma voz de menina falou:

— Isso vai depender da vontade do meu pai.

Leo olhou para o alto da escada. Seu coração quase parou. No topo havia uma menina com um vestido branco de seda. Sua pele era tão pálida que não parecia natural, tinha a cor da neve, mas seus cabelos eram escuros, brilhantes, e seus olhos eram cor de café. Olhou para Leo sem demonstrar qualquer expressão, sem sorriso, sem gentileza. Mas isso não importava. Leo estava apaixonado. Era a menina mais linda que ele já vira na vida.

Depois ela olhou para Piper e Jason, e pareceu entender a situação imediatamente.

— Meu pai vai querer ver o que se chama Jason — afirmou a menina.

— Seria *ele*? — Zetes perguntou, animado.

— Acho que sim — ela respondeu. — Zetes, traga as nossas visitas.

Leo agarrou a alça da sua mala-dragão de bronze. Não sabia como a arrastaria escadaria acima, mas *precisava* se aproximar daquela menina e fazer-lhe algumas perguntas. Perguntas importantes... como o seu e-mail e o número do seu telefone.

— Você, não, Leo Valdez — ela disse.

No fundo de sua mente, Leo ficou imaginando como ela poderia saber o seu nome, mas estava concentrado em sua atração por ela.

— Por que não? — ele perguntou, provavelmente soando como um menino de jardim de infância, mas não pôde evitar.

— Você não pode estar na presença do meu pai — ela respondeu. — Fogo e gelo... não seria uma combinação inteligente.

— Nós vamos juntos — Jason insistiu, pousando a mão no ombro do Leo —, ou ninguém vai.

A menina balançou a cabeça, como se não estivesse acostumada a ter suas ordens questionadas.

— Ele não vai se machucar, Jason Grace, a menos que cause problemas. Calais, mantenha Leo Valdez por aqui. Tome conta dele, mas não o mate.

Cal fez um bico.

— Nem um pouco?

— Não — a menina insistiu. — E cuide bem dessa mala tão interessante, até que o nosso pai faça o seu julgamento.

Jason e Piper olharam para Leo, e seus olhos perguntavam, silenciosos: *Você quer mesmo fazer isso?*

Leo sentiu gratidão. Estavam prontos para lutar por ele. Não o deixariam sozinhos com um anjo jogador de hóquei. Parte dele queria partir para cima, com as ferramentas de seu novo cinto, e ver o que poderia fazer, talvez até mesmo produzir uma bola de fogo que aquecesse aquele lugar. Mas os boréadas o assustavam. E aquela menina linda o assustava ainda mais, mesmo que ele ainda quisesse o seu número de telefone.

— Tudo bem, pessoal — ele disse. — Não faz sentido causar problemas quando não é necessário. Vá em frente.

— Ouçam seu amigo — disse a menina pálida. — Leo Valdez ficará perfeitamente a salvo. Eu gostaria de poder dizer o mesmo sobre você, filho de Zeus. Agora venham: o rei Bóreas está esperando.

XIX

JASON

JASON NÃO QUERIA DEIXAR **L**EO sozinho, mas estava começando a achar que ficar com Cal, o maníaco do hóquei, talvez fosse a opção *menos* perigosa.

Enquanto subiam a escada congelada, Zetes ficou atrás deles, com a espada desembainhada. Poderia parecer um maluco numa discoteca, mas sua espada não era nada engraçada. Jason imaginou que um único golpe daquela coisa o transformaria num picolé.

E tinha também a princesa de gelo. De vez em quando, ela se virava para trás e dava um sorriso para Jason, mas não havia nada de caloroso em sua expressão. Ela olhava para ele como se fosse uma espécie particularmente interessante, que ela mal podia esperar para dissecar.

Se aqueles eram os filhos de Bóreas, Jason não tinha tanta certeza de que realmente gostaria de conhecer o Papai. Annabeth lhe dissera que Bóreas era o mais amigável dos deuses do vento. Aparentemente, isso significava que não matava heróis tão rapidamente quanto os demais.

Jason começou a desconfiar de que tinha levado os amigos a uma armadilha. Se as coisas se complicassem, não sabia se conseguiria tirá-los de lá com vida. Tentando não pensar nisso, agarrou a mão de Piper, para ganhar confiança.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas não soltou a mão.

— Vai ficar tudo bem — prometeu Piper. — Será apenas uma conversa, certo?

No topo da escada a princesa de gelo olhou para trás e notou que os dois estavam de mãos dadas. Seu sorriso desapareceu. De repente, a mão de Jason estava tão fria na mão de Piper, que congelava, queimava. Ele a largou, e seus dedos soltavam vapor de gelo. Os de Piper também.

— Ser caloroso não é uma boa ideia por aqui — avisou a princesa. — Especialmente quando *eu* sou sua maior chance de permanecerem vivos. Por

favor, venham por este caminho.

Piper olhou para Jason, e suas sobrancelhas estavam contraídas, como se perguntasse: *O que foi isso?*

Jason não tinha uma resposta. Zetes cutucou suas costas com a espada gelada, e eles seguiram a princesa por um enorme corredor decorado com tapeçarias congeladas.

Ventos frios sopravam para a frente e para trás, e os pensamentos de Jason voavam quase tão rápido quanto eles. Ele teve tempo suficiente para pensar enquanto viajavam nas costas do dragão rumo ao norte, mas se sentia mais perdido que nunca.

A foto de Thalia permanecia em seu bolso, embora ele não precisasse mais olhar para ela. Tinha a imagem dela gravada na mente. Já era bastante horrível não se lembrar do passado, mas saber que tinha uma irmã em algum lugar, que poderia lhe dar respostas, e não ter como encontrá-la... isso o deixava maluco.

Na foto, Thalia não se parecia em nada com ele. Os dois tinham olhos azuis, mas isso era tudo. Os cabelos dela eram pretos. Seus traços eram mais mediterrâneos, e seu rosto, anguloso, como o de uma águia.

Ainda assim, Thalia parecia *muito* familiar. Hera o deixara com a quantidade exata de memória para que se lembrasse de que Thalia era sua irmã. Mas Annabeth pareceu completamente surpresa ao saber da novidade, como se nunca tivesse ouvido falar que Thalia tinha um irmão. Será que Thalia sabia sobre ele? Como teriam sido separados?

Hera ficara com essas memórias. Roubara todo o passado de Jason e o jogara numa nova vida; agora, esperava que ele a salvasse de uma prisão, para que pudesse ter de volta tudo o que ela lhe tirara. Isso deixou Jason tão furioso, que ele quis desistir, deixar Hera apodrecer em sua cela: mas não podia. Estava preso. Precisava saber mais, o que fazia com que ele ficasse ainda mais ressentido.

— Ei — disse Piper, tocando seu braço. — Você ainda está aqui comigo?

— Ah, sim... claro, desculpe.

Ele estava feliz por ter Piper ao seu lado. Precisava de um amigo, e estava feliz porque ela começava a se livrar da bênção de Afrodite. A maquiagem estava desaparecendo. Seus cabelos voltavam ao antigo corte repicado, com aquelas trancinhas nos lados. Isso a fazia parecer mais real e, aos olhos de Jason, mais bonita.

De uma coisa ele estava certo, agora: não se conheciam antes do Grand Canyon. Sua relação não passava de um truque da Névoa na cabeça de Piper. Porém, quanto mais tempo passava ao lado dela, mais gostaria que tivesse sido real.

Chega, disse a si mesmo. Não era justo com Piper pensar isso. Jason não tinha ideia do que o esperava na sua antiga vida — ou de *quem* poderia estar esperando por ele. Mas estava certo de que seu passado não tinha nada a ver com o Acampamento Meio-Sangue. Após a missão, quem sabe o que poderia acontecer? Isso se sobrevivessem.

No final do corredor chegaram a uma porta dupla de carvalho com um desenho de um mapa-múndi entalhado. Em cada canto, o rosto de um homem barbado, soprando. Jason tinha certeza: já vira mapas como aquele antes. Mas, naquela versão, todos os homens do vento representavam o inverno, soprando gelo e neve de todos os cantos da Terra.

A princesa virou-se para eles. Seus olhos castanhos brilhavam, e Jason sentia como se ele fosse um presente de Natal que ela estivesse louca para abrir.

— Esta é a sala do trono — ela disse. — Comporte-se bem, Jason Grace. Meu pai pode ser... um tanto frio. Eu vou traduzir para você, e tente encorajá-lo, para que ele o escute. Espero que ele o poupe. Poderíamos nos divertir muito.

Jason imaginou que eles dois não deveriam ter o mesmo conceito de diversão.

— Certo — disse Jason. — Mas, de fato, estamos aqui para uma conversa rápida, nada mais. Vamos embora logo depois.

A menina sorriu.

— Eu adoro heróis. São tão ingênuos!

Piper pousou a mão na sua adaga.

— Que tal nos dizer algumas coisas? Você diz que vai traduzir a conversa, mas nem mesmo sabemos quem você é. Qual o seu nome?

A menina fungou de desgosto.

— Eu não deveria ficar surpresa ao ver que não me reconhece. Mesmo nos tempos antigos os gregos não me conheciam bem. Suas ilhas, onde viviam, eram muito quentes, ficavam muito longe dos meus domínios. Sou Quione, filha de Bóreas, deusa da neve.

Ela fez um movimento circular com o dedo no ar e uma pequena nevasca rodeou seu corpo... com flocos grandes e fofos como algodão macio.

— Agora, venham — disse Quione. E as portas de carvalho se abriram com o vento, permitindo que uma luz azul gélida escapasse da sala. — Com sorte, sobreviverão à sua rápida conversa.

XX

JASON

SE O HALL DE ENTRADA era frio, a sala do trono mais parecia um frigorífico.

Havia neblina no ar. Jason tremeu, sua respiração se condensou no ar frio. Nas paredes, tapeçarias roxas mostravam cenas de florestas nevadas, montanhas inóspitas e geleiras. Acima, faixas de luzes coloridas — a aurora boreal — pulsavam por todo o teto. Uma camada de neve cobria o chão, por isso Jason precisava caminhar com cuidado. Por todos os lados da sala havia esculturas de gelo de guerreiros em tamanho real — alguns vestindo armaduras gregas; outros, medievais; outros com roupas camufladas modernas —, todos congelados em posições de ataque, com as espadas erguidas; as armas, apontadas e engatilhadas.

Pelo menos Jason *achava* que eram estátuas. Mas, ao tentar passar entre dois lanceiros gregos, eles se moveram com inesperada agilidade, as juntas estalando e espalhando cristais de gelo por todos os lados enquanto cruzavam suas lanças para impedir que Jason seguisse adiante.

Do fundo da sala uma voz de homem rugiu numa língua que parecia francês. A sala era tão longa e enevoada, que Jason não conseguia enxergar a outra ponta. Porém, o que quer que o homem tenha falado, os guardas descruzaram as lanças.

— Tudo bem — disse Quione. — Meu pai ordenou que não os matem, ainda.

— Ótimo — comentou Jason.

Zetes cutucou com a espada as costas de Jason.

— Siga em frente, Jason Júnior.

— Por favor, não me chame assim.

— Meu pai não é um homem paciente — avisou Zetes. — E a linda Piper, infelizmente, está perdendo seu penteado mágico com muita rapidez. Quem sabe mais tarde eu possa emprestar-lhe algum produto de cabelo do meu vasto acervo pessoal.

— Obrigada — rosnou Piper.

Continuaram andando e a névoa finalmente se dissipou, revelando um homem sentado em um trono de gelo. Era forte e vestia um elegante terno branco que parecia coberto de neve e tinha asas de uma cor roxa escura, completamente abertas. Os cabelos longos e a barba espessa e bagunçada eram permeados de cristais de gelo, de modo que Jason não podia dizer se eram grisalhos ou se estavam brancos por causa da camada de gelo. Suas sobrancelhas arqueadas faziam-no parecer mal-humorado, mas seus olhos piscavam de forma mais calorosa que os de sua filha — como se tivesse um senso de humor por trás daquela perene frieza. Era o que Jason esperava.

— *Bienvenu* — disse o rei. — *Je suis Bóreas le Roi. Et vous?*

Quione, a deusa da neve, estava a ponto de falar, mas Piper deu um passo à frente e fez uma reverência ao rei, dizendo:

— *Votre Majesté, je suis Piper McLean. Et c'est Jason, fils de Zeus.*

O rei sorriu, agradavelmente surpreso.

— *Vous parlez français? Très bien!*

— Piper, você fala francês? — perguntou Jason.

Piper fez cara feia.

— Não. Por quê?

— Você acabou de falar em francês.

Ela piscou.

— Sério?

O rei disse algo mais, e Piper fez que sim:

— *Oui, Votre Majesté.*

O rei sorriu e bateu palmas, claramente maravilhado. Disse mais algumas coisas e depois, dirigindo-se à filha, fez um movimento com a mão, como se a dispensasse.

— O rei está dizendo... — Quione parecia magoada.

— Ele está dizendo que sou filha de Afrodite — interrompeu Piper —, por isso posso falar fluentemente francês, que é a língua do amor. Eu nem desconfiava. Sua Majestade está dizendo que não precisará da tradução de Quione.

Atrás deles, Zetes zombou baixinho e Quione o fuzilou com os olhos, mortífera. Depois fez ao pai uma reverência um tanto rígida e deu um passo atrás.

O rei examinou Jason, e ele decidiu que seria uma boa ideia fazer uma reverência.

— Sua Majestade, sou Jason Grace. Obrigado por, hum, não nos matar. Posso perguntar... por que um deus grego fala francês?

Piper teve outro diálogo com o rei.

— Ele fala a língua do país que o acolheu — traduziu Piper. — Disse que todos os deuses fazem isso. A maior parte deles fala inglês, pois vive nos Estados Unidos, mas Bóreas nunca foi bem-recebido por lá. Seus domínios sempre foram mais ao norte. Ele gosta de viver em Quebec, por isso, fala francês.

O rei disse algo mais, e Piper ficou pálida.

— O rei está dizendo... — sua voz falhou. — Ele diz...

— Ah, permita-me — disse Quione. — Meu pai diz ter ordens para matar vocês. Eu não tinha mencionado isso antes?

Jason ficou nervoso. O rei ainda sorria, amavelmente, como se tivesse acabado de dar uma ótima notícia.

— Matar a gente? — perguntou Jason. — Por quê?

— Porque — disse o rei, num inglês com muito sotaque — o meu senhor, Éolo, ordenou.

Bóreas se levantou. Desceu do trono e fechou as asas. Enquanto se aproximava, Quione e Zetes fizeram uma reverência. Jason e Piper seguiram o exemplo.

— Devo falar na sua língua — disse Bóreas — uma vez que Piper McLean me honrou falando na minha. *Toujours* tive simpatia pelos filhos de Afrodite. Quanto a você, Jason Grace, meu mestre Éolo não esperaria que eu matasse um filho do Senhor Zeus... sem primeiro escutá-lo.

A moeda de ouro de Jason parecia crescer em seu bolso. Caso fosse forçado a lutar, não queria nem pensar em quais seriam suas chances. Precisaria de pelo menos dois segundos para brandir sua lâmina. Depois teria de enfrentar um deus, dois de seus filhos e um exército de guerreiros de gelo.

— Éolo é o mestre dos ventos, certo? — perguntou Jason. — Por que iria querer nos matar?

— Vocês são semideuses — disse Bóreas, como se isso explicasse tudo. — O trabalho de Éolo é conter os ventos, e os semideuses vivem lhe causando muita dor de cabeça. Pedem favores. Libertam ventos e causam o caos. Mas o insulto principal foi a batalha com Tifão, no último verão...

Bóreas fez um movimento com a mão, e uma placa de gelo, semelhante a uma televisão de tela plana, surgiu no ar. Imagens de uma batalha se formaram naquela superfície... Um gigante envolto em nuvens de tempestade, atravessando um rio, seguindo em direção a Manhattan. Figuras pequenas e brilhantes — os deuses, pensou Jason — o cercavam, como vespas nervosas, atingindo o monstro com raios e fogo. Finalmente, o rio se abriu em um enorme redemoinho e a criatura enfumaçada afundou nas ondas e desapareceu.

— Era o gigante da tempestade, Tifão — explicou Bóreas. — Da primeira vez, éons atrás, os deuses conseguiram vencê-lo, mas ele não morreu serenamente. Sua morte liberou inúmeros espíritos da tempestade, ventos selvagens que não recebem ordens de ninguém. Era trabalho de Éolo encontrá-los e prendê-los em sua fortaleza. Os outros deuses... eles não ajudaram. Nem mesmo se desculparam do inconveniente. Éolo demorou séculos para conseguir encontrar todos os espíritos da tempestade, e, o que é natural, isso o deixou muito irritado. Então, no último verão, Tifão foi derrotado mais uma vez...

— E sua morte liberou mais uma onda de *venti* — disse Jason. — O que deixou Éolo ainda mais nervoso.

— *C'est vrai* — disse Bóreas.

— Mas, Sua Majestade — disse Piper —, os deuses não tinham escolha, a não ser lutar contra Tifão. Ele queria destruir o Olimpo! Além do mais, por que punir os semideuses por isso?

O rei deu de ombros.

— Éolo não pode extravasar sua raiva nos deuses. Pois os deuses são seus mestres, e muito poderosos. Por isso, apela aos semideuses, que ajudaram os deuses na guerra. E nos deu ordens: não devemos mais tolerar os semideuses que vierem até nós pedindo ajuda. Temos de esmagar seus rostinhos mortais.

Seguiu-se um silêncio nada confortável.

— Isso parece... uma medida exagerada — disse Jason. — Mas você não vai esmagar nossos rostos ainda, certo? Antes, vai ouvir nossas explicações, pois quando entender nossa missão...

— Sim, sim — concordou o rei. — Veja bem, Éolo também disse que um filho de Zeus viria pedir minha ajuda e que se isso acontecesse eu deveria escutá-lo antes de destruí-lo, pois você poderia... como foi mesmo que ele disse?... deixar nossas vidas muito interessantes. No entanto, sou obrigado apenas a *escutar*. Depois, posso fazer o julgamento que quiser. Mas *vou* ouvir primeiro. Quione também deseja que eu faça isso. E talvez vocês não sejam mortos.

Jason sentiu como se quase pudesse respirar novamente.

— Ótimo. Obrigado.

— Não agradeça a mim — disse Bóreas, sorrindo. — Você poderia deixar nossas vidas mais interessantes de muitas formas. Algumas vezes, ficamos com alguns semideuses para nossa diversão, como você pode ver. — E apontou para as várias estátuas de gelo pela sala.

Piper fez um barulho estranho.

— Você quer dizer... que são todos semideuses? Semideuses congelados? Estão vivos?

— Eis uma pergunta interessante — disse Bóreas, como se nunca tivesse pensado nisso. — Eles não se movem, a menos que estejam obedecendo a alguma ordem minha. No resto do tempo, estão simplesmente congelados. Salvo se derretessem... acho que seria uma confusão.

Quione ficou de pé logo atrás de Jason e pôs os dedos frios na nuca do semideus.

— Meu pai me dá presentes maravilhosos — murmurou ao seu ouvido. — Entre para nossa corte. Talvez assim eu deixe seus amigos livres.

— O quê? — interrompeu Zetes. — Se Quione ficar com ele, eu terei direito à menina. Quione sempre ganha mais presentes!

— Crianças, nossos convidados vão pensar que vocês são mimados! — Bóreas disse, severamente. — Além do mais, para que tanta pressa? Ainda nem escutamos a história dos semideuses. Depois decidiremos o que fazer com eles. Por favor, Jason Grace, entretenha-nos.

Jason sentiu que sua mente se apagava. Não olhou para Piper, pois tinha medo de perder a cabeça completamente. Colocara os dois naquela situação, e, agora, eles iriam morrer. Ou pior: seriam diversão para os filhos de Bóreas e terminariam congelados para sempre naquela sala, corroendo-se de frio.

Quione murmurou algo e acariciou a nuca de Jason. Ele não planejou aquilo, mas uma onda de eletricidade desprendeuse de sua pele. Ouviu-se um estouro muito alto, e Quione deu um salto para trás, derrapando no chão.

Zetes gargalhou e disse:

— Que bom! Fico feliz que tenha feito isso, mesmo que agora eu tenha que matá-lo.

Por um momento, Quione esteve muito assustada para reagir. Mas então o ar ao seu redor começou a se mover, como numa pequena tempestade de neve.

— Você não ousaria...

— Chega — disse Jason, com toda a força que pôde. — Você não vai nos matar. Não vai nos prender aqui. Estamos numa missão para a rainha dos deuses. Então, a menos que queira ver Hera destruindo tudo isso, você nos deixará ir.

Ele soava bem mais confiante do que realmente se sentia. E conseguiu a atenção de todos. A tempestade provocada por Quione parou de repente. Zetes baixou a espada. Os dois olharam para o pai, confusos.

— Hum... — disse Bóreas, e seus olhos piscaram, mas Jason não saberia dizer se de raiva ou divertimento. — Um filho de Zeus, favorito de Hera? Isso é uma novidade. Conte-nos sua história.

Jason não queria estragar tudo. Ele não esperava ter a oportunidade de falar, e, quando ela lhe foi dada, ficou sem voz.

Piper o salvou.

— Sua Majestade — disse, fazendo mais uma reverência, uma grande reverência, considerando que sua vida estava em jogo. E relatou a Bóreas toda a história, do Grand Canyon à profecia, muito melhor e mais rapidamente do que Jason poderia ter contado.

— Tudo o que pedimos é que nos guie — concluiu Piper. — Esses espíritos da tempestade nos atacaram e estão trabalhando para alguma força maligna. Se os encontrarmos, talvez sejamos capazes de encontrar Hera.

O rei alisou os cristais de gelo em sua barba. Do lado de fora das janelas a noite caíra, e a única luz vinha da aurora boreal logo acima, inundando tudo de vermelho e azul.

— Eu conheço esses espíritos da tempestade — disse Bóreas. — Sei onde estão e também onde está seu prisioneiro.

— O treinador Hedge, você quer dizer? — perguntou Jason. — Ele está vivo? Bóreas se esquivou da pergunta.

— Por enquanto. Mas a responsável por controlar esses espíritos da tempestade... Seria loucura enfrentá-la. Melhor fiquem aqui, como estátuas congeladas.

— Hera está em perigo — disse Jason. — Em três dias, será... sei lá... consumida, destruída, algo assim. E um gigante surgirá.

— Sei — disse Bóreas. Seria fruto da imaginação de Jason ou ele lançou um olhar raivoso para Quione? — Talvez aconteçam coisas terríveis. Nem mesmo meus filhos me contaram as notícias que receberam. A Grande Comoção de monstros que começou com Cronos... Seu pai, Zeus, foi bobo ao acreditar que isso terminaria com a derrota dos titãs. Mas como foi antes será agora. A batalha final está para começar, e aquele que irá surgir será mais terrível que qualquer titã. Os espíritos da tempestade... isso está apenas começando. A Terra ainda verá muitos horrores. Quando os monstros já não estiverem no Tártaro e as almas já não estiverem confinadas no Hades... O Olimpo tem uma boa razão para temer.

Jason não sabia ao certo o que tudo aquilo significava, mas não gostava da forma como Quione sorria. Era como se *aquilo* fosse sua definição para a palavra diversão.

— Então, você nos ajudará? — perguntou Jason ao rei.

Bóreas se zangou.

— Eu não disse isso.

— Por favor, Majestade — pediu Piper.

Todos os olhos se voltaram para ela. Piper podia estar morrendo de medo, mas parecia linda e confiante... e isso não tinha nada a ver com a bênção de Afrodite. Olhou mais uma vez para si mesma, usando roupas velhas, com os cabelos desalinhados e sem maquiagem. Ainda assim, ela quase irradiava calor naquela

fria sala do trono.

— Se nos disser onde estão os espíritos da tempestade, poderemos capturá-los e trazê-los a Éolo. E você ficaria bem com seu chefe. Éolo talvez nos perdoe, e aos outros semideuses. Poderíamos, inclusive, resgatar Gleeson Hedge. Todos sairíamos ganhando.

— Ela é linda — murmurou Zetes. — Quer dizer, ela tem razão.

— Pai, não ligue para ela — disse Quione. — É filha de Afrodite. Como ousa jogar charme para um deus? Congele-a, agora!

Bóreas pensou um pouco. Jason meteu a mão no bolso, estava pronto para pegar a moeda. Se as coisas dessem errado, teria de agir rapidamente.

Bóreas percebeu seu movimento.

— O que é isso no seu antebraço, semideus?

Jason não notara que a manga de seu casaco estava puxada para cima, revelando parte de sua tatuagem. Relutante, mostrou-a a Bóreas.

Os olhos do deus se arregalaram. Quione soltou um assobio e se afastou.

Então Bóreas fez algo inesperado. Riu tão alto, que um pedaço de gelo se soltou do teto, caindo próximo a seu trono. A aparência do deus começou a se modificar, oscilando. Sua barba desapareceu. Ele cresceu e ficou menos forte, e suas roupas se transformaram em uma toga romana com ornamentos roxos. Sua cabeça ganhou uma coroa de louros congelada, e um gládio — uma arma romana como a de Jason — surgiu a seu lado.

— Áquilo — disse Jason, embora não tivesse ideia de onde tirara esse nome romano.

O deus inclinou a cabeça.

— Você me reconhece melhor nesta forma, certo? E ainda afirma que veio do Acampamento Meio-Sangue?

— Hum... sim, Majestade — respondeu Jason, perdido.

— E Hera o enviou aqui... — Os olhos do deus do inverno irradiavam alegria. — Agora eu entendo. Ela fez um jogo perigoso. Audacioso, mas perigoso! Não é de admirar que o Olimpo esteja fechado. Eles devem estar com medo desse jogo arriscado que ela escolheu.

— Jason — disse Piper, nervosa. — Por que Bóreas mudou sua forma? A toga, a coroa... O que está acontecendo?

— É a forma romana de Bóreas — disse Jason. — Mas o que está acontecendo, eu não sei.

O deus riu.

— Claro que não sabe. Mas será muito interessante observar isso.

— Então, nos deixará partir? — perguntou Piper.

— Minha querida — disse Bóreas —, eu não tenho nenhum motivo para

matá-los. Se o plano de Hera falhar, o que eu acho que acontecerá, vocês destruirão uns aos outros, e Éolo nunca mais terá de se preocupar com semideuses.

Jason sentiu como se os dedos frios de Quione estivessem mais uma vez postos em sua nuca, mas não era ela... era apenas o pressentimento de que Bóreas tinha razão. A mesma sensação de sempre, de que tudo estava errado. Sensação que o perseguia desde o Acampamento Meio-Sangue, quando Quíron lhe dissera que sua chegada era desastrosa... Bóreas sabia o que aquilo tudo significava.

— Imagino que não possa nos explicar nada, certo? — perguntou Jason.

— Ah, nem pensar! Não posso interferir nos planos de Hera. Agora entendo por que ela roubou sua memória — Bóreas riu, provavelmente divertindo-se ao pensar nos semideuses lutando uns contra os outros. — Você sabe que tenho fama de ser um bom deus do vento, de ser caridoso. Ao contrário de meus irmãos, sou conhecido por ter me apaixonado por mortais. Por isso, meus filhos Zetes e Calais já foram semideuses...

— Isso explica por que são tão idiotas — murmurou Quione.

— Chega! — disse Zetes. — Só porque você nasceu deusa completa...

— Os dois, congelados! — ordenou Bóreas. Aparentemente, aquele comando era lei por ali, pois os dois ficaram parados imediatamente. — Como eu dizia, tenho boa reputação, mas é raro que exerça um papel importante nos assuntos dos deuses. Eu fico sentado aqui, no meu palácio, num canto da civilização, e raramente me divirto. Até aquele tolo do Nótus, o Vento Sul, passa férias em Cancun. E eu? O máximo que consigo é um festival de inverno com habitantes de Quebec passeando nus pela neve!

— Eu gosto do festival de inverno — disse Zetes.

— O que eu quero dizer — interrompeu Bóreas — é que agora tenho uma chance de ser o centro das atenções. Ah, sim, vou deixar que deem prosseguimento à sua missão. Vocês encontrarão os espíritos da tempestade na cidade dos ventos, claro. Chicago...

— Pai! — protestou Quione.

Bóreas ignorou a filha.

— Caso sejam capazes de capturar os ventos, poderão entrar em segurança na corte de Éolo. Se por um milagre conseguirem isso, digam a ele que capturaram os ventos com minha autorização.

— O.k. — disse Jason. — Então, é em Chicago que encontrarei a senhora que controla os ventos? Foi ela quem prendeu Hera?

— Ah! — exclamou Bóreas. — São duas perguntas distintas, filho de Júpiter.

Júpiter, notou Jason. Antes, ele me chamava de filho de Zeus.

— Aquela que controla os ventos... sim, você a encontrará em Chicago. — Bóreas continuou: — Mas *ela* é apenas uma serva, um serva que adoraria destruí-lo. Caso tenha êxito lutando contra ela e consiga capturar os ventos, poderá chegar a Éolo. Só ele conhece todos os ventos do mundo. De alguma maneira, todos os segredos chegam à sua fortaleza. Se alguém poderá dizer onde está Hera, esse alguém é Éolo. Quanto a quem encontrará quando chegar à cela de Hera... Se eu contasse, você imploraria para ser congelado.

— Pai — disse Quione —, você não pode simplesmente permitir que eles...

— Eu posso fazer o que quiser — disse ele, em um tom mais duro. — Ainda sou o mestre por aqui, não sou?

A forma como Bóreas olhou para a filha deixou óbvio que já tinham discutido esse assunto antes. Os olhos de Quione transbordavam raiva, mas ela trincou os dentes.

— Como desejar, pai.

— Agora, sigam seu caminho, semideuses — disse Bóreas. — Antes que eu mude de ideia. Zetes, acompanhe-os até o lado de fora em segurança.

Todos fizeram uma mesura e o deus do Vento Norte se dissolveu em uma névoa.

*

No hall de entrada, Cal e Leo esperavam por eles. Leo parecia morto de frio, mas são e salvo. Ele estava até mesmo de banho tomado, suas roupas, recém-lavadas, como se tivesse usado o serviço de lavanderia do hotel. Festus, o dragão, havia voltado à sua forma normal e soltava um pouco de fogo sobre a própria carapaça para manter-se descongelado.

Enquanto Quione os conduzia escada abaixo, Jason notou que Leo a seguia com os olhos. Ele também começou a pentear os cabelos com as mãos. Não, pensou Jason. Mais tarde avisaria a Leo sobre os perigos daquela deusa da neve. Ela não era a pessoa mais indicada por quem se apaixonar.

Já no último degrau, Quione virou-se para Piper.

— Você enganou meu pai, menina. Mas não a mim. Ainda não terminamos. E você, Jason Grace, logo será mais uma estátua de gelo na sala do trono.

— Bóreas tem razão — disse Jason. — Você é uma menina mimada. Nos vemos por aí, princesa do gelo.

Os olhos de Quione ficaram completamente brancos. Pela primeira vez ela parecia não ter palavras. Subiu correndo as escadas. No meio do caminho,

transformou-se em uma nevasca e desapareceu.

— Cuidado — disse Zetes. — Ela nunca esquece um insulto.

— Irmã má — grunhiu Cal, concordando.

— Ela é a deusa da neve. O que vai fazer, jogar uma bola de neve na gente? — disse Jason, embora tivesse um pressentimento de que Quione poderia fazer coisas bem piores.

Leo parecia arrasado.

— O que aconteceu lá em cima? Você a deixou nervosa? Está chateada comigo também? Cara, estou muito a fim dela.

— Vamos explicar mais tarde — prometeu Piper, mas lançou um olhar para Jason indicando que ela esperava que *ele* explicasse tudo.

O que tinha acontecido lá? Jason não tinha certeza. Bóreas se transformara em Áquilo, sua forma romana, como se a presença de Jason o deixasse um tanto esquizofrênico.

Saber que Jason fora levado ao Acampamento Meio-Sangue parecia divertir o rei, mas Bóreas/Áquilo não os deixara partir por bondade. Seus olhos exibiam um brilho cruel, como se ele tivesse acabado de fazer uma aposta numa briga de galos.

Vocês destruirão uns aos outros, ele disse, deliciando-se. *E Éolo nunca mais terá de se preocupar com semideuses.*

Jason desviou os olhos de Piper, tentando não demonstrar seu nervosismo.

— Sim — ele concordou —, mais tarde explicaremos tudo.

— Cuidado, menina bonita — disse Zetes. — Os ventos entre Quebec e Chicago são inconstantes. Várias outras coisas ruins estão despertando. Pena que não vai ficar por aqui. Você daria uma estátua de gelo linda, e eu poderia admirar meu reflexo nela.

— Obrigada — agradeceu Piper. — Mas eu ia preferir jogar hóquei com Cal.

— Hóquei? — perguntou Cal, levantando os olhos.

— Estou brincando — disse Piper. — E os espíritos da tempestade não serão nosso pior problema, certo?

— Ah, não — respondeu Zetes. — É outra coisa. Muito pior.

— Pior — repetiu Cal.

— Você pode me contar o que é? — perguntou Piper, abrindo um sorriso.

Dessa vez seu charme não funcionou. Os boréadas com asas roxas balançaram a cabeça ao mesmo tempo. As portas do hangar se abriram para uma noite gélida, e Festus, o dragão, levantou-se, ansioso para voar.

— Pergunte a Éolo o que é pior — disse Zetes, sombrio. — Ele sabe. Boa sorte.

Aquilo soou como se estivesse preocupado com o que poderia acontecer com

eles, mesmo que minutos antes quisesse transformar Piper em uma estátua de gelo.

Cal bateu no ombro de Leo e disse:

— Não seja destruído. — O que talvez tenha sido a frase mais longa que ele já tinha pronunciado. — Uma outra vez... hóquei. Pizza.

— Vamos, pessoal — disse Jason, olhando para a escuridão lá fora. Estava ansioso por sair daquele lugar frio, mas algo lhe dizia que aquele seria o local mais amigável que veria por um bom tempo. — Vamos para Chicago, tentar não ser destruídos.

XXI

PIPER

PIPER NÃO RELAXOU ATÉ QUE as luzes de Quebec tivessem ficado completamente para trás.

— Você foi incrível — disse Jason.

Piper deveria ter ganhado o dia com esse elogio. Mas tudo em que ela conseguia pensar era nos problemas que estavam por vir. *Coisas ruins estão despertando*, avisara Zetes. Piper já sabia disso. Quanto mais se aproximavam do solstício, menos tempo ela tinha para tomar sua decisão.

Ela falou com Jason em francês:

— Se você soubesse a verdade sobre mim, não pensaria que eu sou assim tão incrível.

— O que você disse?

— Eu disse que só conversei com Bóreas. Não foi assim tão incrível.

Piper não se virou para ver, mas imaginou que ele estaria sorrindo.

— Ei — disse ele —, você me salvou de ser mais um na coleção de heróis congelados de Quione. Eu lhe devo uma.

Essa foi a parte fácil, pensou Piper, pois nunca deixaria que aquela bruxa de gelo pegasse Jason. O que a preocupava era o jeito como Bóreas havia mudado de forma e o porquê de ele ter deixado que fossem embora. Aquilo deveria ter algo a ver com o passado de Jason, com as tatuagens em seu braço. Bóreas tratava Jason como se ele fosse romano, e os romanos não se misturam com os gregos. Piper continuava esperando uma explicação de Jason, mas estava claro que ele não queria falar sobre o assunto.

Até aquele momento, Piper discordava do sentimento de Jason sobre ele *não* pertencer ao Acampamento Meio-Sangue. Claro que ele era um semideus, claro que pertencia àquele lugar. Mas agora... e se ele fosse outra coisa? E se fosse realmente um inimigo? Ela não podia suportar aquela ideia tanto quanto não

podia suportar Quione.

Leo lhes ofereceu sanduíches que tinha na mochila. Estivera em silêncio desde que os amigos lhe contaram o que tinha acontecido na sala do trono.

— Ainda não consigo acreditar — falou. — Quione parecia tão legal.

— Confie em mim, cara — disse Jason. — A neve pode ser bonita, mas de perto é fria e traiçoeira. Você vai encontrar alguém melhor.

Piper sorriu, mas Leo não parecia contente. Não conversou muito sobre o tempo que passou no palácio nem sobre ter sido afastado quando os boréadas farejaram fogo nele. Piper sentia que ele escondia alguma coisa. O que quer que fosse, seu humor afetava Festus, que não parava de se mexer e soltar fumaça em suas tentativas de manter-se aquecido no frio céu canadense. O Dragão Feliz não estava muito feliz.

Comeram os sanduíches enquanto voavam. Piper não tinha ideia de como Leo conseguira tudo aquilo, mas ele tinha se lembrado, até mesmo, de levar lanches vegetarianos para ela. O sanduíche de queijo e abacate estava delicioso.

Ninguém disse nada. Independentemente do que fossem encontrar em Chicago, sabiam bem que Bóreas só havia permitido que seguissem viagem porque entendia que eles estavam numa missão suicida.

A lua e as estrelas surgiram no céu. Os olhos de Piper começaram a pesar. O encontro com Bóreas e seus filhos a assustara mais do que queria admitir. Agora que ela estava de barriga cheia, sua adrenalina caía.

Agente, cupcake!, teria gritado o treinador Hedge. *Não seja tão mole!*

Piper não parava de pensar no treinador desde que Bóreas dissesse que ele ainda estava vivo. Jamais gostara de Hedge, mas ele havia se jogado de um penhasco para salvar a vida de Leo e se sacrificara para protegê-los naquela passarela. Agora sabia que todas as vezes que o treinador a recriminava na escola, gritando para que corresse mais rápido ou para fazer mais flexões, ou mesmo quando virava as costas enquanto ela brigava com outras meninas, o que aquele velho homem-bode estava tentando fazer era ajudar como podia... tentando prepará-la para sua vida como semideusa.

Na passarela do Grand Canyon, o espírito da tempestade, Dylan, disse algo sobre o treinador também. Disse que ele havia sido exilado na Escola da Vida Selvagem por estar muito velho, como se fosse uma espécie de punição. Piper ficou imaginando sobre o que estaria falando e se isso explicava o mau humor eterno do treinador. De qualquer maneira, agora que sabia que Hedge estava vivo, sentia uma grande vontade de salvá-lo.

Não se precipite, disse a si mesma. Você tem problemas maiores a resolver. Essa viagem não terá um final feliz.

Ela era uma traidora, assim como Silena Beauregard. Era apenas questão de

tempo até que seus amigos descobrissem.

Olhou para as estrelas e pensou em uma noite, havia muito tempo, quando ela e seu pai acamparam na frente da casa do vovô Tom. Ele tinha morrido anos antes, mas seu pai manteve a casa em Oklahoma, pois crescera lá.

Ficaram lá por alguns dias, com a ideia de reformar a casa para vendê-la, ainda que Piper não tivesse tanta certeza se alguém compraria aquele chalé acabado com persianas em vez de janelas e dois quatinhos minúsculos com cheiro de cigarro. A primeira noite foi tão quente — sem ar-condicionado e em pleno verão —, que seu pai sugeriu que dormissem do lado de fora.

Abriram seus sacos de dormir no chão e ficaram ouvindo as cigarras cantando nas árvores. Piper apontou para as constelações sobre as quais estivera lendo: Hércules; a lira de Apolo; Sagitário, o centauro.

O pai cruzou os braços sob a cabeça. Com sua camiseta velha e a calça jeans, parecia apenas mais um cara de Tahlequah, Oklahoma, um cherokee que talvez nunca tivesse saído das terras da tribo.

— Seu avô diria que esses nomes gregos são uma bobagem. Ele me disse que as estrelas eram criaturas com pelos brilhantes, como porcos-espinhos mágicos. Certa vez, há muito tempo, alguns caçadores até encontraram alguns na floresta. Não souberam o que fazer até a noite, quando as criaturas começaram a brilhar. Raios dourados saíam dos pelos, e os cherokee os devolveram ao céu.

— Você acredita em porcos-espinhos mágicos? — perguntou Piper.

Seu pai sorriu.

— Na minha opinião, seu avô Tom também falava bobagens, como os gregos. Mas o céu é grande, com espaço para Hércules e para porcos-espinhos.

Ficaram sentados por algum tempo, até Piper criar coragem para perguntar algo que martelava em sua cabeça:

— Pai, por que você nunca fez o papel de um índio americano?

Na semana anterior, ele recusara um milhão de dólares para interpretar Tonto, no remake de *Zorro*. Piper não entendia por quê. Já fizera papel de tudo... de professor latino numa escola barra-pesada de Los Angeles, de espião sedutor israelense num filme de ação de muito sucesso e mesmo de terrorista sírio num filme de James Bond. E, claro, seria sempre conhecido como o Rei de Esparta. Mas se o papel era de índio americano — não importava qual fosse o *tipo* de papel —, seu pai recusava.

Ele piscou para Piper.

— Fica muito perto da realidade, Pipes. É mais fácil fingir ser alguém que não sou.

— Mas você não se cansa? Quer dizer, nunca ficou tentado a encontrar o papel perfeito, que poderia mudar a opinião das pessoas?

— Se esse papel existe, Pipes — disse, triste —, eu ainda não o encontrei.

Ela olhou para as estrelas, tentando imaginá-las como porcos-espinhos brilhantes, mas tudo o que viu foram as figuras que conhecia, como Hércules correndo pelo céu, a caminho de matar monstros. Seu pai devia ter razão. Os gregos e os cherokees eram igualmente loucos. As estrelas não passavam de bolas de fogo.

— Pai, se não quer ficar perto de sua realidade, por que estamos dormindo no jardim da casa do vovô Tom?

A risada dele ecoou na noite silenciosa de Oklahoma.

— Acho que você me conhece bem demais, Pipes.

— Você não vai vender esta casa, vai?

— Não. — Ele suspirou. — Provavelmente, não.

Piper piscou, querendo tirar tudo aquilo da cabeça. Notou que estava caindo no sono nas costas do dragão. Como seu pai poderia fingir ser tantas coisas que não era? Era a mesma coisa que ela tentava fazer, e lhe parecia um sacrifício terrível.

Talvez pudesse fingir um pouco mais. Poderia sonhar em encontrar uma forma de salvar seu pai sem trair os amigos... mesmo que, naquele momento, um final feliz parecesse tão improvável quanto porcos-espinhos mágicos.

Deitou-se no peito quente de Jason. Ele não reclamou. Assim que fechou os olhos, Piper dormiu.

*

Em seu sonho, ela estava de volta ao topo da montanha. A assustadora fogueira roxa lançava sombras fantasmagóricas entre as árvores. Os olhos de Piper estavam irritados pela fumaça, e o chão estava tão quente que a sola dos sapatos parecia derreter.

Uma voz rufou na escuridão:

— Você se esqueceu do seu dever.

Piper não o via, mas, definitivamente, era o gigante de que ela menos gostava, aquele que atendia pelo nome de Encélado. Olhou em volta, buscando o pai, mas o mastro onde ele ficava dependurado desaparecera.

— Onde ele está? — perguntou Piper. — O que vocês fizeram com ele?

A risada do gigante parecia lava saindo de um vulcão.

— O corpo do seu pai está a salvo, mas acho que a mente do pobre homem não aguenta mais minha companhia. Por alguma razão, ele me acha...

perturbador. É melhor se apressar, garotinha, ou restará pouco do seu pai para ser salvo.

— Deixe o meu pai em paz! — ela gritou. — Por que não me leva no lugar dele? Ele é apenas um mortal!

— Mas, minha querida — gritou o gigante —, nós devemos provar o amor que sentimos pelos nossos pais. É o que *eu* estou fazendo. Mostre-me que valoriza a vida do seu pai fazendo o que estou lhe pedindo. Quem é mais importante: seu pai ou uma deusa desonesta que a usou, brincou com as suas emoções e manipulou suas memórias? O que Hera representa para você?

Piper começou a tremer. Ela sentia tanta raiva e medo borbulhando dentro de si, que mal podia falar.

— Você está pedindo que eu traia meus amigos.

— Infelizmente, querida, seus amigos estão destinados a morrer. A missão deles é impossível. Mesmo que tenham êxito, a profecia disse: libertar a raiva de Hera significará sua destruição. A única pergunta é: você quer morrer com seus amigos ou viver ao lado de seu pai?

A fogueira crepitou. Piper tentou dar um passo atrás, mas seus pés estavam pesados. Notou que o chão a puxava para baixo, suas botas mergulhavam como se fosse areia movediça. Quando olhou para cima, uma luz lilás havia se espalhado pelo céu e o sol nascia no leste. Uma colcha de retalhos de cidades cintilava no vale logo abaixo, e, no oeste, após uma cadeia de colinas, viu algo familiar levantando-se de um mar de névoa.

— Por que está me mostrando isso? — perguntou Piper. — Está revelando onde você está.

— Sim, você conhece esse lugar — disse o gigante. — Traga os seus amigos para cá, não para o destino verdadeiro, e eu cuidarei deles. Ou melhor: eu cuidarei da morte deles antes da sua chegada. Basta que estejam no topo da montanha ao meio-dia, no solstício, e você terá seu pai de volta e poderá ir embora em paz.

— Não posso — disse Piper. — Você não pode me obrigar a...

— Trair o bobo do Valdez? O mesmo que sempre a deixou irritada e agora esconde segredos de vocês? Ou abrir mão de um namorado que nunca teve? Isso é mais importante que seu pai?

— Vou encontrar uma maneira de vencê-lo — afirmou Piper. — Vou salvar meu pai e meus amigos.

O gigante uivou nas sombras.

— Eu também já fui orgulhoso. Imaginava que os deuses nunca me venceriam. E, então, eles derrubaram uma montanha em cima de mim, atirando-me ao chão, onde me retorci de dor, semiconsciente, por incontáveis éons. Isso

me ensinou a ser paciente, menina. Ensinou-me a não agir sem pensar. Mas eu estou voltando, com a ajuda da terra, que desperta. Sou apenas o primeiro. Meus companheiros me seguirão. Não perderemos a oportunidade de nos vingarmos, não desta vez. E você, Piper McLean, precisa de uma lição de humildade. Vou lhe mostrar como o seu espírito rebelde pode ser facilmente trazido de volta ao chão.

O sonho terminou. E Piper acordou gritando, caindo em queda livre no ar.

XXII

PIPER

PIPER DESPENCAVA PELO CÉU. Lá embaixo, via as luzes da cidade brilhando no amanhecer e, a cem metros dela, o corpo do dragão de bronze girando fora de controle, batendo as asas com dificuldade e soltando fogo pela boca como se fosse uma lâmpada em curto-circuito.

Um corpo passou voando ao seu lado. Era Leo, gritando e tentando freneticamente agarrar-se às nuvens.

— Isso não é nada legaaaaaaaaaaaal!

Piper tentou chamá-lo, mas ele já estava bem longe.

Em algum lugar mais abaixo, Jason gritava:

— Piper, você precisa planar! Estique suas pernas e braços!

Era complicado domar o medo, mas ela fez o que Jason disse e conseguiu um pouco de equilíbrio. Abriu-se como faz um paraquedista, com o vento sob o corpo como se fosse um bloco de gelo. E logo chegou Jason, passando os braços por sua cintura.

Graças a Deus, pensou Piper. Mas parte dela também pensava: que maravilha! É a segunda vez que ele me abraça em uma semana, e nas duas vezes foi para me salvar da morte.

— Precisamos pegar Leo! — ela gritou.

A queda ficou mais lenta quando Jason conseguiu controlar os ventos, mas eles ainda sacudiam para cima e para baixo, como se os tais ventos não quisessem colaborar.

— Precisamos descer depressa — disse Jason. — Segure firme!

Piper abraçou-o com força e Jason partiu em direção ao chão. Ela provavelmente gritou, mas o som não saía de sua boca. Sua visão ficou turva.

E então, *pum*, trombaram com outro corpo: era Leo, que ainda gritava e

xingava.

— Calma! — disse Jason. — Sou eu!

— Meu dragão! — gritou Leo. — Você precisa salvar Festus!

Jason já estava lutando para manter os dois supensos no ar, e Piper sabia que ele não aguentaria um dragão de bronze de cinquenta toneladas. Porém, antes que pudesse dizer qualquer coisa a Leo, ouviu uma explosão logo abaixo. Uma bola de fogo subiu dos fundos de um armazém, e Leo soluçou:

— Festus!

O rosto de Jason ficou vermelho enquanto ele tentava manter uma camada de ar debaixo deles, mas não conseguia nada além de pequenas quedas intermitentes. Em vez de uma queda livre, parecia que eles estavam descendo uma escadaria gigante, quicando, caindo cem metros por vez, o que não ajudava a manter o estômago de Piper no lugar.

Enquanto chacoalhavam pelo céu, Piper conseguiu distinguir detalhes do complexo industrial logo abaixo — armazéns, chaminés, cercas eletrificadas e estacionamentos com veículos cobertos de neve. Ainda estavam alto o bastante para ficarem achatados no chão caso caíssem, quando Jason gritou:

— Não consigo...

E eles caíram como pedras.

Atravessaram o telhado de um enorme armazém e despencaram na escuridão.

Infelizmente, Piper tentou cair de pé, e seus pés não gostaram nada disso. A dor se espalhou pelo seu tornozelo esquerdo quando ela bateu contra uma superfície fria de metal.

Por alguns segundos ela não conseguia pensar em nada além da dor... uma dor tão terrível que turvou sua visão e a deixou com um apito constante no ouvido.

Finalmente, ouviu a voz de Jason em algum lugar, mais embaixo, uma voz que ecoava pelo prédio:

— Piper! Onde está Piper?

— Ei, cara! — grunhiu Leo. — Estas são as minhas costas! Eu não sou um sofá! Piper, cadê você?

— Aqui — ela conseguiu dizer, choramingando.

E ouviu passos nas escadarias de metal.

Sua visão começou a clarear. Estava numa passarela de metal que circundava o interior do armazém. Leo e Jason aterrissaram mais abaixo e subiram as escadas para encontrá-la. Ela olhou para os pés e sentiu um enjoo. Seus dedos não deveriam apontar para os lados, certo?

Meu Deus! Forçou-se a olhar para outro lado antes que vomitasse. Focou em qualquer outra coisa.

O buraco que fizeram no teto era enorme. Ela não entendia como

sobreviveram à queda. Dependuradas do teto, algumas lâmpadas lançavam luzes trêmulas e fracas, poucas para aquele espaço enorme. Próximo a Piper, a parede de metal enrugado tinha o desenho da logomarca da empresa, mas estava quase totalmente coberta por pichações. Lá embaixo, no armazém, ela podia entrever grandes máquinas, braços robóticos e caminhões ainda por terminar na linha de montagem. O local parecia abandonado havia anos.

Jason e Leo se aproximaram.

— Você está bem...? — perguntou Leo, e então ele viu o pé de Piper. — Não, não está.

— Obrigada por confirmar — murmurou Piper.

— Você vai ficar bem — disse Jason, ainda que Piper pudesse notar um tom de preocupação. — Leo, você trouxe algum material de primeiros socorros?

— Sim... sim, claro.

E buscou em seu cinto de ferramentas, pegando um pouco de gaze e fita isolante, ainda que as duas coisas parecessem um pouco grandes para os bolsos do cinto. Piper notara o cinto no dia anterior, mas não perguntou nada a Leo. Não parecia algo especial... nada mais que uma dessas faixas de couro com vários bolsos, como as usadas por carpinteiros, por exemplo. E parecia vazio.

— Como você... — Piper tentou se sentar, mas se encolheu. — Como encontrou tudo isso num cinto vazio?

— Mágica — disse Leo. — Ainda não entendi muito bem, mas aqui encontro as coisas normais de um cinto de ferramentas, além de outras coisinhas úteis. — E enfiou a mão em outro bolso, pegando uma pequena caixa. — Balas de menta para o mau hálito?

Jason não aceitou, dizendo:

— Isso é ótimo, Leo. Mas agora precisamos que cuide do pé de Piper.

— Sou mecânico, cara. Se ela fosse um carro eu talvez... — disse, tamborilando os dedos. — Espere, o que era aquela comida dos deuses regeneradora lá do acampamento... comida Rambo?

— Ambrosia, cara — disse Piper, rangendo os dentes. — Devo ter um pouco na minha bolsa, se não estiver toda amassada.

Jason tirou a mochila das costas dela com cuidado. Buscou entre os suprimentos que os filhos de Afrodite prepararam e encontrou um saquinho com algo esmagado, que parecia barras de limão. Pegou um pedaço e deu a ela.

O gosto não era exatamente o que esperava. Parecia a sopa de feijão preto do seu pai, que costumava tomar, quando era pequena, sempre que ficava doente. Lembrar isso a fez relaxar, apesar de deixá-la triste. E a dor no tornozelo abrandou.

— Mais — ela pediu.

Jason franziu a testa.

— Piper, não deveríamos arriscar. Dizem que comer isso em exagero pode nos transformar em cinzas. Acho que deveria tentar endireitar o pé.

— Você já fez isso antes? — ela perguntou, com o estômago revirado.

— Ah... acho que sim.

Leo encontrou um pedaço de madeira e quebrou-o ao meio para fazer uma tala. Depois pegou a fita isolante e a gaze.

— Segure a perna dela bem firme — disse Jason a Leo. — Piper, isso vai doer.

Quando Jason colocou o pé no lugar, Piper se retorceu tanto que acabou socando o braço de Leo, e ele gritou tanto quanto ela. Quando sua visão voltou ao normal e ela pôde novamente respirar bem, notou que seu pé apontava para o lado certo e que seu tornozelo estava cheio de gaze, madeira e fita isolante.

— Ai — ela disse.

— Caramba, rainha da beleza! — disse Leo, esfregando o braço. — Sorte que o meu rosto não estava perto de você.

— Sinto muito — desculpou-se. — E não me chame de “rainha da beleza”, ou acerto você de novo.

— Vocês dois fizeram um bom trabalho.

Jason encontrou um cantil na mochila de Piper e deu-lhe um pouco de água. Passados alguns minutos, o estômago dela começou a se acalmar.

Quando parou de gritar de dor, ela pôde ouvir o vento do lado de fora. Flocos de neve entravam pelo buraco no teto do armazém. Porém, após seu encontro com Quione, neve era a última coisa que Piper queria ver.

— O que aconteceu com o dragão? — ela perguntou. — Onde estamos?

A expressão de Leo ficou dura.

— Não sei o que aconteceu com Festus. Ele ficou instável de repente, como se tivesse batido contra um muro invisível, e começou a cair.

Piper lembrou-se do aviso de Encélado: *Vou mostrar-lhes como os seus espíritos rebeldes podem ser facilmente atirados ao chão*. Ele conseguira derrubá-los de tão longe? Parecia impossível. Se era realmente tão poderoso, por que precisaria que ela traísse seus amigos quando ele mesmo poderia matá-los? Mas como o gigante poderia vigiá-la, sob uma tempestade de neve, há milhares de quilômetros?

Leo apontou para o logotipo na parede.

— Estamos... — era difícil ler por trás das pichações, mas Piper conseguiu ver um grande olho vermelho com as palavras: MONOCLE MOTORS, LINHA DE MONTAGEM 1.

— É uma fábrica de veículos fechada — disse Leo. — Acho que caímos em Detroit.

Piper ouvira falar sobre fábricas de carros desativadas em Detroit, então aquilo fazia sentido. Mas parecia um local um pouco depressivo para aterrissar.

— Estamos muito longe de Chicago?

Jason ofereceu-lhe o cantil e disse:

— Acho que já percorremos mais da metade do caminho, vindo de Quebec. A questão é: sem o dragão, vamos ter que viajar por terra.

— Nem pensar — disse Leo. — Não é seguro.

Piper pensou no solo tragando seus pés no sonho e no aviso do rei Bóreas sobre a terra guardar novos horrores.

— Ele tem razão. Além disso, não sei se poderia caminhar. E três pessoas... Jason, você não poderia voar por todo esse trecho sozinho.

— De jeito nenhum — disse Jason. — Leo, você tem certeza de que o dragão estava funcionando bem? Quer dizer, Festus é velho, e...

— E eu talvez não o tenha consertado direito?

— Eu não disse isso — protestou Jason. — É só... talvez você possa consertá-lo.

— Não sei — disse Leo, soando catastrófico. Pegou algumas coisas nos bolsos e começou a brincar com as peças. — Preciso descobrir onde ele caiu e se pelo menos continua inteiro.

— Foi culpa minha — afirmou Piper, sem pensar.

Mas não podia aguentar mais. O segredo sobre o seu pai a consumia, como se tivesse comido muita ambrosia. Se continuasse mentindo para os amigos, arderia em brasas.

— Piper — disse Jason, em tom gentil. — Você estava dormindo quando Festus caiu. Não pode ser culpa sua.

— É verdade — concordou Leo, que nem tentou fazer uma piada. — Você estava dormindo.

Ela queria lhes contar tudo, mas as palavras não saíam de sua garganta. Eles estavam sendo legais. E caso Encélado estivesse mesmo vigiando tudo, revelar o segredo poderia significar a morte para o seu pai.

Leo se levantou.

— Jason, por que não fica aqui com ela, cara? Eu vou dar uma olhada e ver se encontro Festus. Acho que ele deve ter caído em algum lugar aí fora. Caso o encontre, talvez possa tentar entender o que aconteceu e consertá-lo.

— Isso é muito perigoso — advertiu Jason. — Você não deveria ir sozinho.

— Ah, eu tenho fita isolante e balas de menta. Vou ficar bem — disse Leo, rapidamente, e Piper notou que ele estava muito mais nervoso do que aparentava. — Vocês não fazem nada sem mim.

Leo enfiou a mão no seu cinto mágico e pegou uma lanterna. Depois desceu

as escadas, deixando Jason e Piper sozinhos.

Jason sorriu para ela, ainda que parecesse um pouco nervoso. Era a mesma expressão que tinha no rosto após beijá-la pela primeira vez, no telhado do alojamento da Escola da Vida Selvagem — com aquela pequena e linda cicatriz que tinha nos lábios curvando-se num crescente. Pensar nisso a deixou mais feliz. Depois se lembrou de que aquele beijo talvez nunca tivesse acontecido realmente.

— Você parece melhor — disse Jason.

Piper não sabia se ele se referia a seu pé ou ao fato de já não estar tão linda como antes, passada a mágica. Seus jeans estavam rasgados, após a queda do telhado. As botas estavam respingadas de neve suja derretida. Como estaria o seu rosto? Provavelmente horrível.

E isso importava? Ela nunca ligou para aparência. Ficou imaginando se não seria culpa de sua mãe, a tola deusa do amor, que confundia seus pensamentos. Se um dia comesse a sentir necessidade de ler revistas de moda, teria de encontrar Afrodite e conversar seriamente com ela.

Decidiu focar no seu tornozelo. Desde que ela não se movesse, não doía.

— Você fez um bom trabalho — disse a Jason. — Onde aprendeu técnicas de primeiros socorros?

Ele deu de ombros.

— A mesma resposta de sempre: não sei.

— Mas está começando a recuperar um pouco a memória, certo? Como aquela profecia em latim no acampamento ou o sonho com os lobos.

— É estranho — comentou ele. — Como se fosse um *déjà vu*. É mais ou menos como esquecer-se de nomes e palavras, sabe, coisas que deveriam estar na ponta da língua, mas não estão. Algo assim... mas aplicado a toda a minha vida.

Piper entendia o que ele queria dizer. Os três últimos meses — uma vida que imaginava ter, um relacionamento com Jason — haviam se transformado em Névoa.

Um namorado que na verdade nunca teve, dissera Encélado. Isso é mais importante que o seu pai?

Ela deveria ter mantido a boca fechada, mas perguntou algo que não saía de sua cabeça desde o dia anterior.

— A foto no seu bolso. É alguém do seu passado?

Jason se afastou.

— Sinto muito — disse ela. — Não tenho nada a ver com isso. Esqueça.

— Não... tudo bem. — E o rosto dele ficou mais tranquilo. — Só... só estou tentando entender tudo. O nome dela é Thalia. É minha irmã. Não sei de mais

nada. Nem sei como fiquei sabendo que é minha irmã, mas... por que você está sorrindo?

— Nada — respondeu Piper, tentando disfarçar. *Não* era uma antiga namorada. E ela se sentia ridiculamente feliz por isso. — É só que... que ótimo que se lembrou disso! Annabeth me disse que ela se transformou em Caçadora de Ártemis, certo?

Jason fez que sim.

— Sinto que deveria tentar encontrá-la. Hera me deixou essa lembrança, e não deve ter sido por acaso. Tem algo a ver com a missão. Mas... também sinto que poderia ser perigoso. Não sei se *quero* saber a verdade. Isso parece loucura?

— Não. Não mesmo — disse Piper, depois olhou para a logomarca na parede: MONOCLE MOTORS e o olho vermelho. Algo naquela logo a incomodava.

Talvez a ideia de que Encélado a pudesse estar vigiando, mantendo seu pai como moeda de troca. Tinha de salvá-lo, mas como poderia trair seus amigos?

— Jason — ela disse —, falando em verdade, preciso contar uma coisa... algo sobre o meu pai...

Mas Piper não teve a chance. Vindo de baixo, ouviram um barulho de metal batendo em metal, como uma porta se fechando. O som ecoou no armazém.

Jason ficou de pé. Pegou sua moeda e a agitou, brandindo sua espada dourada no ar.

— Leo? — chamou.

Não teve resposta.

Agachou junto a Piper.

— Não gosto nada disso.

— Ele pode estar em perigo — disse Piper. — Vá dar uma olhada.

— Não posso deixar você sozinha.

— Eu vou ficar bem. — Ela sentia muito medo, mas não queria admitir. Pegou sua adaga, Katoptris, e tentou parecer confiante. — Se alguém se aproximar, enfio a faca.

Jason hesitou.

— Vou deixar a mochila. Se eu não voltar em cinco minutos...

— Entro em pânico?

Ele abriu um sorriso.

— Fico feliz que tenha voltado ao normal. Aquela maquiagem e aquele vestido intimidavam muito mais que essa faca.

— Vá em frente, espertinho, antes que eu a enfie em você!

— Espertinho?

Mesmo ofendido, Jason parecia lindo. Isso não era justo. Ele desceu pelas escadas e desapareceu na escuridão.

Piper tentou controlar o tempo contando as vezes que respirava. Mas se perdeu ao chegar a quarenta e três. Algo no armazém fez *bang!*

E o eco do som cessou. O coração de Piper acelerou, mas ela não disse nada. Seus instintos diziam que talvez não fosse boa ideia.

Olhou para o tornozelo machucado. *Isso quer dizer que não posso correr.* Depois olhou mais uma vez para a logomarca da Monocle Motors. Uma voz em seu cérebro a incomodava, avisando do perigo. Algo da mitologia grega...

Pegou a mochila e os pedaços da ambrosia. Muita quantidade a queimaria, mas só um pouco mais poderia deixar seu tornozelo perfeito, certo?

Bum. O segundo som foi mais perto, bem embaixo dela. Comeu um pedaço de ambrosia e seu coração acelerou. Sua pele ficou quente.

Hesitante, flexionou o tornozelo na tala. Não sentia dor, nada. Cortou a fita isolante usando a faca e ouviu passos na escada. Eram passos pesados, como botas de metal.

Já teriam se passado cinco minutos? Mais? Não pareciam ser passos de Jason, mas talvez ele estivesse carregando Leo. Finalmente, Piper não conseguiu mais se conter. Agarrando a faca, gritou:

— Jason?

— Sim — ele respondeu na escuridão —, estou subindo.

Era a voz de Jason. Mas por que seus instintos lhe diziam *corra?*

Com muito esforço, ela se levantou.

Os passos se aproximavam.

— Está tudo bem — assegurou a voz de Jason.

No topo da escada, um rosto surgiu na escuridão. Um sorriso escuro e macabro, com um nariz achatado e um único olho vermelho-sangue no meio da testa.

— Está tudo bem — disse o ciclope, imitando perfeitamente a voz de Jason.

— Você chegou bem na hora do jantar.

XXIII

LEO

LEO ADORARIA QUE O DRAGÃO não tivesse pousado nos toaletes.

De todos os lugares onde poderia cair, uma fileira de banheiros químicos não deveria ser a primeira opção. Uma dezena de boxes azuis tinha sido instalada no canteiro da fábrica, e Festus esmagara todos eles. Felizmente, não eram usados havia muito tempo, e a bola de fogo que surgiu na queda queimou quase tudo. Mas, ainda assim, alguns produtos químicos bem nojentos saíam do encanamento. Leo precisou abrir passagem sem respirar pelo nariz, para não sentir o terrível cheiro. Uma nevasca forte caía do céu, mas a couraça do dragão ainda fervia. Isso, é claro, não incomodava Leo.

Após alguns minutos escalando o corpo imóvel de Festus, o garoto começou a ficar irritado. O dragão parecia em perfeito estado. Sim, caíra do céu com um estrondo, mas seu corpo não sofrera nada. Aparentemente, a explosão fora causada pelos gases acumulados nos banheiros, não pelo dragão. As asas de Festus estavam intactas. Nada parecia quebrado. Não havia razão para que tivesse parado de funcionar.

— Não foi minha culpa — ele murmurou. — Festus, você quer acabar com a minha reputação?

Foi então que Leo abriu o painel de controle na cabeça do dragão, e seu coração quase saiu pela boca.

— Ah, Festus, o que é isso?

As engrenagens tinham congelado. Leo sabia que no dia anterior tudo estava perfeito. Trabalhara duro para consertar os cabos corroídos, mas algo congelara o crânio do dragão, justo onde deveria estar quente demais para haver gelo. E isso sobrecarregou os cabos e queimou o disco de controle. Leo não entendia como aquilo acontecera. Claro, o dragão era antigo, mas ainda assim não fazia

sentido.

Ele poderia trocar os cabos. Isso não seria um problema. Mas o disco de controle queimado era ruim. As letras gregas e as figuras entalhadas nas bordas, que provavelmente eram mágicas, estavam apagadas e escurecidas.

Era a única peça que Leo não conseguiria substituir... e estava estragada. *Mais uma vez.*

Ele imaginou a voz da mãe: *A maioria dos problemas parece pior do que realmente é, mi amor. Para tudo há solução.*

A mãe dele era capaz de consertar quase tudo, mas Leo tinha certeza de que ela nunca trabalhara com um dragão mágico de metal de cinquenta anos.

Ele trincou os dentes e decidiu que precisava tentar. Não seguiria a pé de Detroit a Chicago sob uma tempestade de neve, e não seria o responsável pelo fim de seus amigos.

— Certo — murmurou, limpando a neve acumulada nos ombros. — Quero uma escovinha com cerdas de náilon, luvas de nitrila e talvez uma lata de solvente aerossol.

O cinto de ferramentas o atendeu. Leo não pôde deixar de sorrir ao encontrar tudo o que queria lá dentro. Aqueles bolsos pareciam não ter limites. Não lhe dariam nada mágico, como a espada de Jason, nem nada enorme, como uma motosserra. Ele já tentara pedir as duas coisas. E quando pedia muitos itens de uma vez, o cinto sempre precisava de um tempo para voltar a funcionar. Quanto mais complicado o pedido, maior o tempo de recuperação. Mas, para qualquer coisa pequena e simples, daquelas que você acha em uma loja de ferramentas, tudo o que Leo precisava fazer era pedir.

Ele começou a limpar o disco de controle. Enquanto trabalhava, a neve cobria o dragão, que ia esfriando. Leo precisou parar algumas vezes para gerar fogo e derretê-la, mas, na maior parte do tempo, agia no piloto automático — as mãos movendo-se enquanto sua mente vagava.

Leo não acreditava em quanto fora estúpido no palácio de Bóreas. Devia ter imaginado que uma família de deuses do inverno o odiaria logo de cara. Um filho do deus do fogo entrando numa casa de gelo montado em um dragão que cospe chamas... O.k., não seria o melhor a fazer. Mas, ainda assim, ele odiava se sentir excluído. Jason e Piper conheceram a sala do trono. Leo teve de esperar no hall de entrada com Cal, o semideus do hóquei e dos problemas de cabeça.

Fogo não é legal, dissera Cal.

Isso resumia tudo. Leo sabia que não poderia esconder a verdade dos amigos por muito mais tempo. Desde o acampamento, uma linha da Grande Profecia não o deixava em paz: *Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado.*

E Leo era o cara do fogo. O primeiro desde 1666, quando Londres foi

incendiada. Se dissesse aos amigos o que podia fazer — *Ei, pessoal, olha só: eu posso destruir o mundo!* —, será que alguém o receberia de volta no acampamento? Leo teria de fugir outra vez. Mesmo já conhecendo a história de cor, a ideia o deprimia.

E havia Quione. Cara, aquela garota era bonita. Leo sabia que tinha agido como um idiota, mas não pôde evitar. Tinha lavado sua roupa no serviço de lavanderia rápido do hotel — o que fora ótimo, por sinal —, penteara os cabelos, o que nunca era tarefa fácil, e até descobrira que o cinto de ferramentas podia lhe dar pastilhas de menta. E tudo isso pensando em se aproximar dela. Mas, claro, não teve essa sorte.

Ser deixado de fora — pelos parentes, nos lares adotivos, tanto faz — era a história de sua vida. Mesmo na Escola da Vida Selvagem, Leo tinha passado os últimos tempos sentindo-se sobrando, quando Jason e Piper, seus únicos amigos, viraram namorados. Estava feliz por eles, mas, ainda assim, tinha a impressão de que já não precisavam de sua companhia.

Quando descobriu que o tempo que Jason passara no colégio fora pura ilusão, como um lapso de memória, Leo ficou feliz, mesmo que secretamente. Era uma chance de recomeçar. Agora Jason e Piper estavam prestes a se tornar novamente um casal... Isso ficou óbvio pela forma como tinham acabado de se comportar no armazém, querendo ficar sozinhos, longe de Leo. Mas o que ele esperava? Ia mais uma vez acabar como o esquisitão excluído. Quione só o tinha dispensado um pouco mais rápido que as outras.

— Chega, Valdez — ele repreendeu a si mesmo. — Ninguém vai ficar bajulando você, simplesmente porque você não é importante. Conserte a droga do dragão.

Ele ficou tão envolvido no trabalho que não saberia dizer quanto tempo passou até que ouvisse a voz.

Você está enganado, Leo.

Sua mão tremeu e a escovinha caiu dentro da cabeça do dragão. Ele se levantou, mas não enxergava quem estava falando. Depois olhou para o chão. A neve, os restos de produtos químicos dos banheiros e o próprio asfalto se mexiam, como se estivessem virando um líquido. Uma área de três metros começou a ganhar formas: olhos, nariz e boca — a face gigante de uma mulher, dormindo.

Ela não falava exatamente. Os lábios não se moviam. Mas Leo ouvia a voz em sua cabeça, como se as vibrações viessem do chão e passassem diretamente a seus pés, ressoando em seus ossos.

Eles precisam de você, desesperadamente. De certa maneira, você é a pessoa mais importante entre os sete... como o disco de controle no cérebro do dragão.

Sem você, o poder dos demais não vale nada. Eles nunca me encontrarão, nunca me deterão. E eu despertarei.

— Você — disse Leo, e tremia tanto que receou que a palavra não tivesse saído. Não ouvia aquela voz desde os oito anos, mas era ela: a mulher vestida de terra que aparecera na loja de sua mãe. — Você matou minha mãe.

O rosto se mexeu. A boca se abriu num pequeno sorriso, como se estivesse em um sonho prazeroso.

Ah, mas Leo... eu também sou sua mãe... sua Primeira Mãe. Não se oponha a mim. Agora vá embora. Deixe meu filho Porfirión erguer-se e transformar-se em rei, e eu aliviarei o peso que leva nas costas. Você andarà com mais facilidade na terra.

Leo agarrou a primeira coisa que encontrou — um assento de vaso sanitário — e jogou naquele rosto.

— Me deixe em paz!

O assento afundou na terra liquefeita. A neve e a lama ondularam e o rosto desapareceu.

Leo ficou olhando para o chão, esperando para ver se a face reapareceria. Mas não. Queria pensar que aquilo fora fruto de sua imaginação.

Depois, vindo da fábrica, ouviu um estrondo como o de dois caminhões se chocando, o metal se retorcendo. O barulho ecoou pelo canteiro. Imediatamente ele percebeu que Jason e Piper estavam em apuros.

Agora vá embora, dissera aquela voz.

— Não mesmo — rosnou Leo —, antes, quero o maior martelo que conseguir.

Ele enfiou a mão no cinto e pegou uma marreta de quase dois quilos, a cabeça dupla da ferramenta tinha o tamanho de uma batata assada. Depois desceu do dragão e correu para o armazém.

XXIV

LEO

LEO PAROU NA PORTA E tentou controlar sua respiração. A voz da mulher de terra ainda ecoava em seus ouvidos, fazendo com que se lembrasse da morte da mãe. A última coisa que queria era entrar em outro armazém escuro. De repente, era como se tivesse oito anos mais uma vez, sozinho e impotente, enquanto alguém que amava estava preso, em perigo.

Chega, disse a si mesmo. É assim que ela quer que você se sinta.

Mas isso não o deixou menos assustado. Ele respirou fundo e entrou. Tudo parecia igual. A luz cinzenta da manhã entrava pelo buraco no telhado. Algumas poucas lâmpadas tremeluziam, mas a maior parte do armazém continuava nas sombras. Leo podia entrever a passarela logo acima e os contornos das grandes máquinas da linha de produção, mas nenhum movimento. Nenhum sinal de seus amigos.

Ele quase os chamou, mas algo o deteve... Algo que ele não conseguiu identificar, uma sensação. Depois notou que era um *cheiro*. Algo cheirava mal... Como óleo de motor queimado e hálito azedo.

Alguma coisa não humana estava ali dentro. Leo tinha certeza. Seu corpo entrou em alerta, todos os seus nervos formigavam.

Em algum lugar, vindo do piso da fábrica, ele ouviu a voz de Piper:

— Leo, socorro!

Mas Leo segurou sua língua. Como Piper poderia ter descido com o tornozelo quebrado?

Ele entrou com cuidado e se agachou atrás de um contêiner. A passos lentos, segurando a marreta, moveu-se até o meio do armazém, escondendo-se atrás de caixas e de chassis de caminhões. Finalmente, chegou à linha de montagem. Abaixou-se atrás de uma máquina... um guindaste com um braço mecânico.

A voz de Piper gritou mais uma vez:

— Leo?

Soava menos segura agora, mas estava bem mais perto.

Leo deu uma olhada nas máquinas em volta. Dependurado acima da linha de montagem, suspenso pela corrente de um guindaste que estava do outro lado, havia um enorme motor de caminhão, balançando a dez metros de altura, como se tivesse sido deixado ali quando a fábrica fechou. Logo abaixo, na esteira, um chassi de caminhão, e encostadas ao redor dele, três sombras escuras do tamanho de empilhadeiras. Perto dali, dependuradas nas correntes de outros braços mecânicos, duas sombras menores. Pareciam mais máquinas, mas uma delas se contorcia como se estivesse viva.

Até que uma sombra se levantou, e Leo notou que era um humanoide tremendamente grande.

— Eu disse que não era nada — resmungou a coisa.

A voz era muito grave e feroz para ser humana.

Uma outra sombra também se moveu, e chamou com a voz de Piper:

— Leo, socorro! Socorro...

Depois a voz se transformou em um rosnado masculino.

— Ah, não tem ninguém. Nenhum semideus seria tão silencioso, não?

E o primeiro monstro riu com escárnio:

— Provavelmente fugiu, se sabe o que é melhor para ele... Ou a menina mentiu sobre um terceiro semideus. Vamos esperar.

Clack. Uma forte luz alaranjada foi acesa — um sinalizador — e por um tempo Leo não conseguia enxergar. Escondeu-se atrás do guindaste até seus olhos se acostumarem. Olhou mais uma vez e viu uma cena de terror, algo que nem *Tía Callida* poderia ter imaginado.

As duas sombras menores dependuradas nos braços mecânicos não eram máquinas. Eram Jason e Piper. Os dois estavam de cabeça para baixo, amarrados pelos tornozelos e com correntes envolvendo seus corpos até o pescoço. Piper se sacudia, tentando se livrar daquilo. Sua boca estava tapada, mas pelo menos ela estava viva. Jason não parecia tão bem. Estava dependurado, parado, os olhos revirados. Tinha uma mancha vermelha e inchada do tamanho de uma maçã bem em cima da sobrancelha esquerda.

Na esteira, a carcaça do caminhão inacabado era usada como fogareiro. O sinalizador tinha incendiado uma mistura de pneus e madeira, que, pelo cheiro que levantava, devia estar embebida em querosene. Um grande mastro de metal estava suspenso acima das chamas — um espeto, notou Leo, o que significava que aquilo era fogo para cozinhar.

Porém, o mais terrível eram os cozinheiros.

Monocle Motors: aquele logotipo com o olho vermelho. Como Leo não percebeu antes?

Os três enormes humanoides estavam ao redor do fogo. Dois de pé, atijando as chamas. Outro, o maior deles, agachado, de costas para Leo. Os dois que estavam de frente tinham três metros de altura, corpo musculoso e pele que brilhava avermelhada à luz da fogueira. Um dos monstros vestia uma tanga de malha de ferro que parecia bem desconfortável. O outro usava uma toga felpuda e esfarrapada, feita de fibra de vidro para isolamento térmico — o que tampouco estava entre as dez melhores ideias para roupas, achava Leo. Além disso, os dois poderiam ser gêmeos. Tinham um rosto estúpido, com um olho no meio da testa. Os cozinheiros eram ciclopes.

As pernas de Leo começaram a tremer. Ele já vira coisas estranhas — espíritos da tempestade, deuses alados, um dragão de metal que cheirava a tabasco. Mas aquilo era diferente. Eram monstros de carne e osso, de três metros de altura, que queriam comer seus amigos no jantar.

Leo ficou tão horrorizado que mal conseguia pensar. Se ao menos tivesse Festus. Seria bom naquele momento usar um blindado de quase dois metros que cospe fogo. Mas tudo o que Leo tinha era um cinto de ferramentas e uma mochila. A marreta de quase dois quilos parecia inútil e incrivelmente pequena ao lado daqueles ciclopes.

Era *disso* que a mulher que dormia estava falando. Queria que Leo fosse embora e deixasse os amigos morrerem.

Essa lembrança foi a gota d'água. De jeito nenhum ele ia deixar que a mulher de areia o fizesse se sentir impotente... nunca mais. Leo tirou a mochila das costas e, sem fazer barulho, começou a abrir o zíper.

O ciclope com a tanga de malha de ferro aproximou-se de Piper, que se contorceu e tentou acertar uma cabeçada no olho dele.

— Posso tirar a mordaca dela agora? Adoro quando eles gritam.

A pergunta foi dirigida ao terceiro ciclope, aparentemente o líder. A figura agachada soltou um murmúrio e o Tanga tirou a mordaca da boca de Piper.

Ela não gritou. Respirou fundo, como se tentasse se acalmar.

Enquanto isso, Leo encontrou o que queria na mochila: vários pequenos controles remotos que pegara no bunker 9. Pelo menos, era o que *esperava* que fossem: controles remotos. O painel de manutenção dos braços mecânicos foi fácil de encontrar. Ele tirou do cinto com cuidado uma chave de fenda e começou o trabalho, mas tinha de seguir lentamente. O líder dos ciclopes estava apenas seis metros à sua frente. Os monstros obviamente tinham sentidos bem aguçados. Seguir o seu plano sem fazer barulho parecia impossível, mas ele não tinha muita escolha.

O ciclope de toga atijou o fogo, que agora estava bem alto e lançava para o teto uma fumaça negra e nociva. Seu colega, o Tanga, olhou para Piper, esperando que ela fizesse algo para entretê-lo.

— Grite, menina! Eu gosto de gritos divertidos!

Quando Piper finalmente falou, seu tom era calmo e razoável, como se tentasse corrigir o mau comportamento de um bichinho de estimação.

— Ah, senhor ciclope, você não quer nos matar. Seria muito melhor se nos deixasse ir embora.

Tanga coçou sua cara feia, depois virou-se para o colega de toga.

— Ela é até bonita, Torque. Talvez eu devesse soltá-la.

Torque, o da toga, rosnou:

— Eu a vi primeiro, Sump. Sou *eu* quem vai soltá-la.

Sump e Torque começaram a discutir, mas o terceiro ciclope levantou-se e gritou:

— Idiotas!

Leo quase deixou a chave de fenda cair. O terceiro ciclope era... *mulher*. Vários metros mais alta que Torque e Sump, e mais corpulenta. Estava com um vestido de malha de ferro todo largo, do tipo que tia Rosa costumava usar. Como aquilo se chamava? *Muumuu*? Isso: a senhora ciclope usava um *muumuu* de malha de ferro. Seus cabelos negros e enebados estavam presos em tranças com fios de cobre e anilhas de metal. O nariz e a boca eram largos e quase achatados, como se ela passasse o tempo livre esmagando o rosto contra paredes, e seu único olho vermelho brilhava com uma inteligência maldosa.

Ela foi até Sump e o empurrou para o lado, atirando-o na esteira. Torque se afastou rapidamente.

— Essa menina é cria de Vênus — disse a senhora ciclope. — Está usando o charme dela contra você.

— Por favor, madame... — disse Piper.

— Argh! — A senhora ciclope agarrou Piper pela cintura. — Não tente usar seu papinho comigo, menina! Eu sou Ma Gasket! Já comi heróis mais fortes que você no almoço!

Leo ficou com medo de que Ma Gasket esmagasse Piper, mas ela simplesmente a abandonou, deixando-a balançar presa à corrente. Depois começou a gritar com Sump, chamando-o de idiota.

As mãos de Leo trabalhavam sem parar. Ele inverteu cabos e ligou disjuntores sem pensar muito no que fazia. Finalmente, conectou o controle remoto a tudo aquilo. E rastejou até o braço mecânico seguinte, enquanto os ciclopes conversavam.

— ...comê-la por último, Ma? — dizia Sump.

— Idiota! — ela gritou, e Leo notou que Sump e Torque deviam ser seus filhos. Se estivesse certo, a feiura era marca de família. — Eu deveria ter largado vocês na rua enquanto ainda eram bebês, como deve ser *feito* com filhos ciclopes. Assim vocês teriam adquirido algumas habilidades úteis. Maldita a hora em que esse meu coração mole me fez mantê-los em casa!

— Coração mole? — resmungou Torque.

— O quê, seu ingrato?

— Nada, Ma. Só disse que você tem bom coração. Temos que trabalhar para você, alimentá-la, limar suas unhas dos pés...

— E deveriam ser gratos por isso! — Ma Gasket vociferou. — Agora atice o fogo, Torque! E Sump, seu idiota, o molho que costumo usar está no outro armazém. Não acha que vou comer esses semideuses sem molho, acha?

— Sim, Ma — disse Sump. — Quer dizer, não, Ma. Quer dizer...

— Vá pegar o molho!

Ela pegou um chassi de caminhão que estava ao lado e acertou-o na cabeça de Sump, que caiu de joelhos. Leo estava certo de que ele próprio morreria com um golpe daqueles, mas Sump pareceu acostumado. Conseguiu pôr de lado o chassi, aprumou-se, cambaleando, e correu para buscar o molho.

É o momento, pensou Leo. Eles estavam separados.

Ele terminou de arrumar a segunda máquina e seguiu em direção à terceira. Enquanto corria entre os braços mecânicos, os ciclopes não o viram, mas Piper, sim. A expressão dela mudou de terror para descrença, e ela soltou um arquejo.

— O que foi, menina? — Ma Gasket virou-se para ela. — Você é tão frágil que eu a machuquei?

Felizmente, Piper pensava rápido. Desviou o olhar para longe de Leo e disse:

— Acho que são minhas costelas, senhora. Se eu estiver com algum osso quebrado, meu gosto será horrível.

Ma Gasket vociferou gargalhando:

— Boa piada. O último herói que comemos... você se lembra dele, Torque? Filho de Mercúrio, certo?

— Sim, Ma — respondeu Torque. — Era muito saboroso. Um pouco viscoso.

— Ele tentou o mesmo truque. Disse que estava tomando remédio. Mas seu gosto era maravilhoso!

— Parecia carneiro — disse Torque. — Camiseta roxa. Falava latim. Sim, um pouco viscoso, mas muito bom.

Os dedos de Leo congelaram no painel de controle. Aparentemente, Piper estava pensando o mesmo que ele, pois ela perguntou:

— Camiseta roxa? Latim?

— Foi uma boa refeição — disse Ma Gasket. — Mas a questão, menina, é que

não somos tão bobos quanto todos pensam! Não vamos cair em truques e armadilhas idiotas. Não nós, os ciclopes do norte!

Leo obrigou-se a voltar ao trabalho, mas sua mente estava a mil. Um garoto que falava latim fora capturado ali... usando uma camiseta roxa, como a de Jason? Ele não sabia o que isso significava, mas tinha de deixar a dúvida para Piper. Se havia alguma chance de vencer aqueles monstros, tinha de ser rápido, antes que Sump voltasse com o molho.

Ele olhou para o enorme motor suspenso logo acima dos ciclopes. Queria poder usá-lo... seria uma boa arma. Mas o guindaste que o segurava estava do outro lado. Leo não poderia alcançá-lo sem ser visto, e além do mais o tempo se esgotava.

A última parte de seu plano era a mais complicada. Do cinto de ferramentas, ele tirou alguns cabos, um adaptador de rádio e uma pequena chave de fenda, e começou a construir um controle remoto universal. Pela primeira vez, disse um silencioso obrigado ao pai — Hefesto — por aquele cinto mágico. *Se me tirar dessa, ele rogou, talvez você não seja um idiota tão grande.*

Piper continuou falando, exagerando nos elogios:

— Ah, eu ouvi falar nos ciclopes do norte!

Leo viu que era mentira, mas Piper parecia bem convincente. Ela prosseguiu:

— Nunca pensei que fossem tão grandes e espertos!

— Bajulação também não vai funcionar — disse Ma Gasket, ainda que parecesse envaidecida. — É verdade, você será o café da manhã dos melhores ciclopes da região.

— Mas os ciclopes não são bons? — perguntou Piper. — Achava que vocês construíssem armas para os deuses.

— Ah! Eu sou muito boa. Boa em comer pessoas. Boa em esmagar coisas. E boa em construir coisas, mas não para os deuses. Nossos primos, os ciclopes mais velhos, fazem isso, sim. E imaginam que são mais importantes e mais poderosos que nós só porque têm algumas centenas de anos a mais. E há também os nossos primos do sul, que vivem em ilhas, cuidando de carneiros. Otários. Mas nós, os ciclopes hiperbóreos, o clã do norte, somos os melhores! Fundamos nessa fábrica velha a Monocle Motors: o melhor em armas, armaduras e bigas, e os ^{SUVs} mais econômicos! Mas, claro, fomos obrigados a fechá-la. Demitimos a maior parte da tribo. A guerra foi curta demais. Os titãs perderam. Uma droga! E não precisavam mais das armas dos ciclopes.

— Ah, não — disse Piper, demonstrando pena. — Tenho certeza de que vocês construíssem armas impressionantes.

Torque sorriu.

— Martelos estridentes de guerra! — disse, pegando um longo cabo que, na

ponta, tinha uma caixa de metal parecida com um acordeom.

Ele o atirou no chão e o cimento rachou, mas também ouviu-se um som estridente, como se alguém estivesse apertando o maior patinho de borracha do mundo.

— Aterrorizante — disse Piper.

Torque pareceu satisfeito.

— Não tanto quanto o machado explosivo, mas pode ser usado mais de uma vez.

— Posso ver? — pediu Piper. — Se pudesse soltar minhas mãos...

Torque deu um passo à frente, mas Ma Gasket disse:

— Estúpido! Ela está enganando você mais uma vez. Chega de papo! Acabe com o garoto primeiro, antes que ele morra. Gosto de carne fresca.

Não! Os dedos de Leo eram rápidos, conectando os fios ao controle. *Só mais alguns minutos!*

— Ei, esperem — falou Piper, tentando chamar a atenção dos ciclopes. — Posso perguntar...

Os fios soltaram faíscas nas mãos de Leo. Os ciclopes pararam e olharam naquela direção. Então Torque pegou um caminhão e atirou no garoto.

*

Leo rolou no chão e o caminhão amassou as máquinas. Mais meio segundo e o garoto teria sido esmagado.

Ele se levantou e Ma Gasket o viu. Ela gritou:

— Torque, seu ciclope patético, pegue-o!

Torque correu na direção de Leo, que, frenético, armou o botão do controle remoto improvisado.

Torque estava a quinze metros de distância. Cinco metros.

E então o primeiro braço mecânico ganhou vida. Uma garra amarela de metal de três toneladas atingiu o ciclope nas costas com tamanha força, que ele caiu de cara no chão. Antes que Torque pudesse se recompor, a mão robótica agarrou-o por uma das pernas e o arremessou para o alto.

— Ahhhhh! — Torque foi atirado na escuridão.

O teto estava muito escuro e era muito alto para que Leo visse o que acontecera. Porém, a julgar pelo barulho de metal, Leo imaginou que o ciclope tivesse atingido uma das vigas do telhado.

Torque não voltou. Em vez disso, uma poeira amarela caiu no chão. Ele se

desintegrara.

Ma Gasket ficou olhando para Leo, em choque.

— Meu filho... Você... Você...

Bem na hora, Sump surgiu atrapalhado à luz da fogueira, carregando um engradado de molhos.

— Ma, trouxe o extrapicante...

Ele não terminou de falar. Leo girou o botão do controle remoto e o segundo braço mecânico atingiu o ciclope no peito. O engradado estourou como aquelas bolas-surpresa de festa de aniversário e Sump foi lançado para trás, caindo bem na base da terceira máquina de Leo. O ciclope era imune a golpes com chassi de caminhão, mas não a braços mecânicos capazes de erguer toneladas. O terceiro braço o atirou ao chão com tamanha força que ele explodiu em poeira como um saco de farinha.

Dois ciclopes a menos. Leo começava a se sentir vencedor quando Ma Gasket o encarou. Ela agarrou o braço mecânico mais próximo e o arrancou de seu pedestal com um grunhido selvagem:

— Você destruiu meus filhos! Só *eu* posso destruí-los!

Leo apertou um botão e os dois braços restantes entraram em ação. Ma Gasket pegou o primeiro e o partiu ao meio. O segundo atingiu em cheio sua cabeça, o que aparentemente só a deixou ainda mais nervosa. Ela agarrou o braço pelas pinças, soltou-o da base e segurou-o no alto como um bastão de beisebol. Não acertou Piper e Jason por milagre. Depois Ma Gasket atirou a coisa, que foi girando na direção de Leo. Ele rolou para o outro lado, e o braço destruiu uma máquina bem perto dele.

Leo começou a perceber que uma mãe ciclope raivosa não era o tipo de inimigo para se combater com um controle remoto e uma chave de fenda. Sua vitória já não era tão certa.

Ela agora estava a uns seis metros de distância, perto do fogo. Os punhos cerrados, os dentes à mostra. Parecia ridícula vestindo aquele *muumuu* de malha de ferro e com aquelas tranças sebatas, mas seu olho enorme e vermelho, sedento de morte, e seu tamanho descomunal não permitiam que Leo risse daquilo.

— Mais algum truque, semideus? — perguntou Ma Gasket.

Leo olhou para cima. O motor suspenso pela corrente... Se pudesse usá-lo. Se conseguisse fazer Ma Gasket dar um passo à frente. A própria corrente... aquele elo... Leo não conseguiria enxergar, especialmente de tão longe, mas sentia que o metal estava desgastado.

— Sim, tenho mais truques! — disse, deixando o controle remoto no chão. — Se der mais um passo, eu a destruo com fogo!

Ma Gasket gargalhou.

— Sério? Nós, ciclopes, somos imunes às chamas, seu idiota. Mas se quer brincar com fogo, deixe-me ajudá-lo!

Ela pegou alguns carvões em brasa com as mãos e os atirou em cima de Leo. Caíram em volta dos pés dele.

— Errou — disse o garoto, sem acreditar na própria sorte.

Ma Gasket pegou um barril próximo ao caminhão. Antes que ela atirasse, Leo só teve tempo de ler uma palavra gravada nele: QUEROSENE. O barril bateu no chão bem à sua frente, derramando o combustível por todo lado.

Fagulhas surgiram. Leo fechou os olhos, Piper gritou.

— Não!

Uma coluna de fogo ergueu-se ao redor do garoto. Quando ele abriu os olhos, estava envolto por chamas com mais de cinco metros de altura.

Ma Gasket sorriu, deliciando-se, mas Leo não se queimaria. O querosene foi consumido e as chamas se extinguíram no chão.

— Leo? — Piper perdeu o fôlego.

Ma Gasket pareceu admirada:

— Você está vivo? — Ela deu mais um passo à frente, e ficou bem onde Leo queria. — O que você é?

— O filho de Hefesto — respondeu Leo. — E avisei que destruiria você com fogo.

Ele apontou um dedo para o alto e evocou todo o seu poder. Nunca tentara algo assim, tão intenso e direcionado. Lançou então uma rajada de chamas brancas e quentes na direção da corrente que segurava o motor bem em cima da cabeça da senhora ciclope, mirando no elo que parecia mais frágil.

As chamas se apagaram. Nada aconteceu. Ma Gasket gargalhou.

— Uma tentativa impressionante, filho de Hefesto. Há séculos não via um manipulador do fogo. Você dará um aperitivo bem quente!

A corrente cedeu — um único elo fora aquecido além do limite — e o motor despencou, mortal e silencioso.

— Não tenho tanta certeza — disse Leo.

Ma Gasket não teve tempo nem de olhar para o alto.

Crash! E não havia mais ciclope, apenas um monte de pó sob a peça de cinco toneladas.

— Não era imune a máquinas, certo? — disse Leo. — Já era!

Então caiu de joelhos, a cabeça rodando. Após alguns minutos, notou que Piper o chamava.

— Leo! Você está bem? Consegue se mexer?

Ele se levantou, trêmulo. Nunca tentara evocar um fogo tão intenso, e isso o

deixou completamente esgotado.

Demorou um tempo até que conseguisse descer Piper e tirar suas correntes. Juntos, eles baixaram Jason, que continuava inconsciente. Piper conseguiu jogar um pouco de néctar em sua boca, e ele grunhiu. Lentamente, a cor voltou a seu rosto.

— É, ele tem uma cabeça bem dura — disse Leo. — Acho que vai ficar bem.

— Graças a Deus — suspirou Piper, depois olhou para Leo com um pouco de medo. — Como você... aquele fogo... você sempre...

Leo olhou para baixo.

— Sempre — ele respondeu. — Sou uma aberração perigosa. Sinto muito, deveria ter contado antes...

— Sinto muito? — disse Piper, dando um soco no braço dele.

Quando Leo ergueu o olhar, viu que ela sorria.

— Aquilo foi incrível, Valdez! Você salvou nossas vidas. Por que está pedindo desculpas?

Leo piscou. Abriu um sorriso, mas seu alívio foi embora quando ele notou algo entre os pés de Piper.

Uma poeira amarela — o que restara dos ciclopes, talvez de Torque — que se movia no chão, como se um vento invisível a ajudasse a se reagrupar.

— Eles estão se formando novamente — disse Leo. — Veja.

Piper afastou-se daquilo.

— Não pode ser. Annabeth me disse que os monstros se dissipam quando são mortos. Que voltam ao Tártaro e não conseguem retornar à Terra por um bom tempo.

— Mas ninguém disse isso a essa poeira — falou Leo, enquanto o pó se acumulava em um montinho e, bem devagar, se espalhava numa forma com braços e pernas.

— Ai, deus — Piper empalideceu. — Bóreas falou algo sobre isso... Sobre horrores saindo da terra. *Quando os monstros já não estiverem no Tártaro e as almas já não estiverem confinadas no Hades...* Quanto tempo acha que temos?

Leo pensou no rosto que se formara no chão lá fora — a mulher que dormia era, *definitivamente*, um horror saído da terra.

— Não sei, mas precisamos sair daqui.

XXV

JASON

JASON SONHOU QUE ESTAVA ENROLADO em correntes, dependurado de cabeça para baixo como um pedaço de carne. Tudo doía: braços, pernas, peito, cabeça. Especialmente a cabeça. Era como se dentro dela houvesse um balão cheio d'água.

— Se estou morto — ele murmurou —, por que dói tanto?

— Você não está morto, meu herói — disse uma voz feminina. — Não chegou sua hora. Vá, fale comigo.

Os pensamentos de Jason deixaram seu corpo. Ele ouvira monstros berrando, seus amigos gritando, explosões furiosas, mas tudo parecia ter acontecido em outro plano... cada vez mais distante.

Ele então estava de pé numa cela de areia. Raízes de árvores e pedras se entrelaçavam como grades, confinando-o. Lá fora, podia ver o piso seco de um espelho-d'água, e uma espiral de terra se erguendo nele. Mais no alto, as ruínas avermelhadas de uma casa que fora incendiada.

Perto dele na cela havia uma mulher sentada com as pernas cruzadas, vestida de preto, a cabeça coberta por uma mortalha. Ela afastou o véu, revelando um rosto altivo e bonito... Mas também endurecido pelo sofrimento.

— Hera — disse Jason.

— Seja bem-vindo à minha prisão — disse a deusa. — Você não vai morrer hoje, Jason. Seus amigos o ajudarão... por enquanto.

— Por enquanto? — ele perguntou.

Hera fez um gesto em direção às grades.

— Provações piores estão por vir. A própria terra se ergue contra nós.

— Você é uma deusa — disse Jason. — Não pode simplesmente escapar?

Ela sorriu com tristeza. E começou a brilhar, tanto que a luz fazia doerem os olhos de Jason. O ar ficou cheio de poeira, moléculas que se rompiam como em

uma explosão nuclear. Jason ficou em dúvida se ainda estava ali em carne e osso, pois poderia ter sido vaporizado.

A cela deveria ter virado entulho. O chão deveria ter rachado e a casa em ruínas ter sido tragada. Mas quando o brilho desapareceu, a cela não tinha mudado em nada. Nada lá fora mudara. Apenas Hera parecia diferente... um pouco mais curvada, cansada.

— Alguns poderes superam os dos deuses — ela disse. — Não é fácil me manter presa. Posso estar em vários lugares ao mesmo tempo. Mas quando grande parte da minha essência é contida, pode-se dizer que fico como um urso preso pelo pé numa armadilha. Não posso escapar, e os outros deuses não me enxergam. Só você pode me encontrar, e estou ficando mais fraca a cada dia.

— Então por que veio aqui? — perguntou Jason. — Como foi pega?

A deusa suspirou.

— Não saberia dizer ao certo. Seu pai, Júpiter, acha que pode escapar do mundo, e dessa forma fazer com que seus inimigos adormeçam novamente. Ele acredita que nós, olímpianos, nos envolvemos demais nos assuntos dos mortais, no destino de nossos filhos semideuses, sobretudo depois que concordamos em reclamá-los, após a guerra. Para ele, foi isso o que deu força aos nossos inimigos. Por isso ele fechou o Olimpo.

— Mas você não concorda.

— Não. Normalmente, não entendo as decisões e os humores do meu marido. Porém, mesmo para Zeus, isso parece paranoico. Não entendo por que ele insistiu tanto, por que estava tão convencido. Isso... não é característico dele. Como Hera, devo acatar a vontade de meu senhor. Mas também sou Juno. — A forma dela tremeluziu, permitindo que Jason entreviesse sua armadura sob as vestes negras, a capa de pele de cabra, símbolo dos guerreiros romanos, e um bastão de bronze. — Juno, Moneta como me chamavam... Juno, a que alerta. Era a guardiã do Estado, protetora da Roma Eterna. Não era capaz de ficar sentada enquanto os descendentes de meu povo eram atacados. Pressenti o perigo neste local sagrado. Uma voz... — ela hesitou. — Uma voz me disse que viesse aqui. Os deuses não têm o que vocês chamam de consciência, muito menos sonhos, mas a voz era como isso... doce e persistente, avisando-me que deveria vir. E no dia em que Zeus fechou o Olimpo, fugi sem contar o que planejava, para que ele não pudesse me deter. E vim aqui, investigar.

— Era uma armadilha — disse Jason.

A deusa fez que sim.

— Mas só descobri tarde demais que a terra estava se erguendo. Fui mais boba que Júpiter... Uma escrava de meus impulsos. Foi exatamente assim na primeira vez. Fui aprisionada pelos gigantes, e isso desencadeou uma guerra. Agora

nossos inimigos voltam a se levantar. Os deuses só poderão derrotá-los com a ajuda dos maiores heróis vivos. E aquela a quem os gigantes servem... *Ela* jamais será vencida... poderá no máximo adormecer.

— Não entendo.

— Logo entenderá — Hera respondeu.

A cela começou a ficar mais apertada, as raízes os comprimiam. A forma de Hera tremeluzia como a chama de uma vela ao vento. Do lado de fora, Jason viu silhuetas ganhando forma ao lado da piscina — pesados humanoides, de costas largas e cabeça calva. A menos que seus olhos o estivessem traindo, os seres pareciam ter mais que um par de braços. Ele também ouviu o ruído de lobos, mas não os que vira com Lupa. Pelo modo como uivavam, Jason sabia que era outra alcateia. Mais famintos, mais agressivos, sedentos de sangue.

— Rápido, Jason — disse Hera. — Meus raptos se aproximam, e você começou a acordar. Não terei forças para voltar a aparecer, nem mesmo em sonho.

— Espere. Bóreas nos disse que você fez uma barganha perigosa. O que ele queria dizer com isso?

O olhar de Hera pareceu arredio, e Jason ficou imaginando se ela realmente não teria *feito* uma loucura.

— Uma troca — disse ela. — A única forma de trazer a paz. Os inimigos querem nos dividir, e se isso acontecer, *seremos* destruídos. Você é a minha oferta de paz, Jason... A ponte para superarmos um milênio de ódio.

— O quê? Eu não...

— Não posso dizer mais nada. Você só continua vivo porque roubei sua memória. Agora encontre este lugar. Volte a seu ponto de origem. Sua irmã vai ajudá-lo.

— Thalia?

A cena começou a se desfazer.

— Adeus, Jason. Cuidado em Chicago. Sua inimiga mais mortal o espera por lá. Se tiver de morrer, será pelas mãos dela.

— Quem? — ele perguntou.

Mas a imagem de Hera se desfez, e Jason acordou.

*

Ele abriu os olhos.

— Ciclopes!

— Calma, dorminhoco — disse Piper, sentada logo atrás dele no dragão de bronze, segurando-o pela cintura para que não caísse.

Leo estava sentado à frente, guiando. Eles voavam tranquilamente pelo céu de inverno, como se nada tivesse acontecido.

— D-Detroit — murmurou Jason. — Nós caímos, certo? Eu pensei...

— Está tudo bem — disse Leo. — Nós conseguimos fugir, mas você bateu seriamente com a cabeça. Como está?

A cabeça de Jason doía. Ele se lembrou da fábrica, de ter andado pela passarela, de uma criatura enorme se aproximando — um rosto com apenas um olho, um punho enorme — e, então, tudo ficou preto.

— Como vocês... Os ciclopes...

— Leo acabou com eles — disse Piper. — Foi incrível. Ele consegue produzir fogo...

— Não foi nada — disse Leo, rapidamente.

Piper riu.

— Cale a boca, Valdez. Vou contar tudo a ele. Deixe disso.

E assim ela fez. Contou que Leo, sozinho, venceu a família de ciclopes, que eles soltaram Jason e, depois, notaram que os monstros estavam se recompondo, que Leo consertou os estragos no dragão e colocou-o de volta no ar no exato momento em que eles escutaram os ciclopes dentro do armazém, esbravejando por vingança.

Jason ficou impressionado. Leo vencera três ciclopes com nada além de um kit de ferramentas? Nada mal. Ele não ficou assustado ao saber o quão próximo esteve da morte, mas sentiu-se mal. Caíra numa emboscada e ficara fora do ar o combate inteiro, derrotado, enquanto seus amigos lutavam por suas vidas. Que tipo de líder ele era?

Quando Piper contou sobre o outro garoto que os ciclopes disseram ter comido, o que usava camiseta roxa e falava latim, Jason sentiu a cabeça a ponto de explodir. Um filho de Mercúrio... Era como se conhecesse o tal garoto, mas não conseguia lembrar seu nome.

— Não estou sozinho, então — ele disse. — Existem outros como eu.

— Jason — disse Piper. — Você nunca esteve sozinho. Estamos com você.

— Eu... eu sei... Mas Hera disse algo. Foi em um sonho...

Ele contou o que viu, e o que a deusa lhe dissera dentro da cela.

— Uma barganha? — perguntou Piper. — O que isso significa?

Jason balançou a cabeça.

— Hera está jogando comigo. Sou *eu* a barganha. Ao me enviar ao acampamento Meio-Sangue, imagino que ela tenha quebrado alguma regra, algo que poderia dar muito errado...

— Ou nos salvar — disse Piper, esperançosa. — Essa história sobre o inimigo adormecido... Parece ter ligação com a senhora que apareceu para Leo.

Leo pigarreou.

— E quanto a isso... Ela apareceu mais uma vez em Detroit, numa poça com sujeira de banheiros químicos.

Jason ficou confuso. Será que entendera bem?

— Você disse banheiros químicos?

Leo contou a eles sobre o grande rosto que surgiu no canteiro da fábrica.

— Não sei se ela é completamente indestrutível, mas não vamos conseguir vencê-la com assentos de vasos sanitários. Isso, eu garanto. Ela queria que eu traísse vocês, e eu pensei: “Certo, não vou dar ouvidos a um rosto falante numa poça de sujeira de privada.”

— Ela está tentando nos dividir — disse Piper, tirando seus braços da cintura de Jason, que mesmo sem olhá-la notou seu nervosismo.

— O que foi?

— Eu só... Por que eles estão nos usando? Quem é essa mulher e de que forma está conectada a Encélado?

— Encélado? — Jason achava que nunca ouvira aquele nome.

— É... — A voz de Piper falhou. — Um dos gigantes. Um dos nomes de que me lembro.

Jason notou que ela sabia mais, mas não quis pressioná-la. Piper tivera uma manhã difícil.

Leo coçou a cabeça.

— Bem, eu não sei nada sobre *enchillada*...

— Encélado — corrigiu Piper.

— Não importa. Mas a boa e velha Cara de Sanitário mencionou outro nome. Porfêlio, algo assim...

— Porfirión? — perguntou Piper. — Era o rei gigante, eu acho.

Jason lembrou da espiral de terra no espelho-d'água vazio, que aumentava ao mesmo tempo em que Hera enfraquecia.

— Vou dizer uma coisa um pouco louca. Nas velhas histórias, Porfirión sequestrou Hera. Foi o estopim da guerra entre os gigantes e os deuses.

— Acho que sim — disse Piper. — Mas esses mitos são confusos e incoerentes. Às vezes, parece que não queriam que essa história fosse lembrada. Recordo apenas que houve uma guerra, e que era quase impossível matar os gigantes.

— Heróis e deuses tiveram que agir juntos — disse Jason. — Foi o que Hera me contou.

— Isso vai ser difícil — murmurou Leo —, já que os deuses não querem falar

conosco.

Eles voavam para oeste, e Jason continuava perdido em seus pensamentos — todos ruins. Não saberia dizer quanto tempo passou até que o dragão mergulhasse em um clarão entre as nuvens e, logo abaixo, brilhando sob o sol, eles avistassem uma cidade à beira de um lago enorme. Uma fileira de arranha-céus margeava a água. Atrás deles, esparramada no horizonte, uma vasta mancha cinzenta e coberta de neve, com bairros e estradas.

— Chicago — disse Jason.

Pensou no que Hera lhe dissera no sonho. Sua inimiga mortal o esperava ali. Caso fosse morrer, seria pelas mãos dela.

— Menos um problema: chegamos vivos — disse Leo. — Mas, agora, como encontrar os espíritos da tempestade?

Jason notou um movimento rápido logo abaixo deles. Primeiro, imaginou ser um jatinho, mas era pequeno demais, muito escuro e muito ágil. A coisa dava voltas nos arranha-céus, oscilando e mudando de forma. Por um momento, ganhou os contornos de um cavalo enfumaçado.

— Que tal seguirmos aquele lá — sugeriu Jason — e vermos para onde vai?

XXVI

JASON

JASON TEVE RECEIO DE QUE perdessem o alvo. O *ventus* se movia como... bem, como o vento.

— Corre! — dizia.

— Cara — respondia Leo —, se eu me aproximar mais ele nos verá. O dragão de bronze não é exatamente um avião *stealth*.

— Mais devagar! — gritou Piper.

O espírito da tempestade mergulhou no emaranhado de ruas do centro da cidade. Festus tentou segui-lo, mas tinha uma envergadura muito grande. Antes que Leo pudesse desviá-lo, sua asa esquerda bateu na quina de um edifício e fez cair uma gárgula de pedra.

— Voe acima dos prédios — sugeriu Jason. — Vamos segui-lo do alto.

— Você quer dirigir essa coisa? — perguntou Leo, mas no final fez o que Jason sugeriu.

Passados alguns minutos, Jason viu o espírito novamente, zunindo pelas ruas, aparentemente sem propósito... Passava bem perto dos pedestres, balançava bandeiras, sacudia os carros.

— Ah, ótimo — disse Piper. — São dois.

E tinha razão. Um segundo *ventus* surgiu na esquina do Renaissance Hotel e juntou-se ao primeiro. Eles se misturaram numa dança caótica, subiram ao topo de um arranha-céu, envergaram uma torre de rádio e mergulharam de volta à rua.

— Esses caras *não* precisam de mais cafeína — disse Leo.

— Acho que Chicago deve ser um bom lugar para passarem o tempo — disse Piper. — Ninguém ia perceber mais uma ou duas ventanias do mal.

— Na verdade, mais que duas — disse Jason —, olhe!

O dragão sobrevoou uma avenida larga próxima ao parque que ficava às margens do lago. Os espíritos da tempestade estavam se reunindo... Pelo menos uma dúzia deles, rodopiando em meio a uma grande instalação de arte.

— Qual deles será Dylan? — perguntou Leo. — Quero atirar alguma coisa nele.

Jason, porém, estava atento à obra de arte. Quanto mais perto chegavam, mais rápido batia seu coração. Era apenas uma fonte, mas parecia bem familiar. Dois monólitos com a altura de cinco andares se erguiam em um longo espelho-d'água de granito. Os monólitos pareciam construídos com telas de tevê, que geravam imagens sincronizadas do rosto de um gigante que cuspiu água.

Talvez fosse mera coincidência, mas parecia uma visão *high-tech*, em tamanho enorme, do espelho-d'água em ruínas que ele vira em seu sonho, com as duas grandes formas escuras nas extremidades. Enquanto Jason observava, a imagem nas telas mudou para a de uma mulher de olhos fechados.

— Leo... — ele disse, nervoso.

— Eu vi — disse Leo. — Não gostei dela, mas vi.

E as telas ficaram escuras. Os *venti* formaram um funil e começaram a atravessar a fonte, levantando uma cortina de água quase tão alta quanto os monólitos. Quando chegaram ao centro, uma tampa de ralo foi lançada para o alto e eles desceram, desaparecendo.

— Eles desceram por um ralo? — perguntou Piper. — Como vamos segui-los?

— Talvez não devêssemos — disse Leo. — Essa fonte está me passando vibrações muito ruins. E não deveríamos... bem... ter cuidado com a terra?

Jason sentia a mesma coisa, mas precisavam segui-los. Era a única maneira de ir adiante. Tinham de encontrar Hera, e faltavam apenas dois dias para o solstício.

— Aterrisse no parque — ele sugeriu. — Vamos checar isso a pé.

*

Festus pousou numa área descampada entre o lago e o horizonte. As placas informavam “Grant Park”, e Jason imaginou que aquele devia ser um ótimo lugar no verão, mas, naquele momento, era um parque cheio de gelo, neve e trilhas cobertas com sal. As patas de metal quente do dragão chiaram ao tocarem o solo. Festus baixou as asas, triste, e lançou fogo para o céu. Não havia pessoas por perto que fossem notar. O vento vindo do lago era desagradavelmente gelado. Ninguém em seu juízo perfeito estaria na água. Os olhos de Jason ardiam tanto que ele mal podia enxergar.

Eles desmontaram e Festus bateu as patas no chão. Um de seus olhos de rubi falhou, como se piscasse para eles.

— Isso é normal? — perguntou Jason.

Leo pegou de seu cinto uma tira de borracha, passou no olho ruim do dragão e a luz voltou ao normal.

— Sim — respondeu Leo. — Mas Festus não pode ficar aqui, no meio do parque. Vão prendê-lo por vadiagem. Se eu tivesse um apito para cachorro...

Buscou em seu cinto, mas não encontrou nada.

— Talvez seja específico demais. Certo: um apito de trânsito. Muitas lojas vendem isso.

E Leo encontrou um grande apito de plástico laranja.

— O treinador Hedge ficaria com inveja! Certo, Festus: ouça. — E Leo apitou. O som deve ter cruzado o lago Michigan. — Se escutar isso, venha atrás de mim, certo? Mas, até ouvir, voe para onde quiser. Só tente não fazer churrasco de nenhum pedestre.

O dragão bufou — o que devia significar estar de acordo, caso tivessem sorte. Depois abriu as asas e voltou para o ar.

Piper deu um passo e se encolheu:

— Ai!

— Seu tornozelo? — Jason sentiu-se mal ao notar que se esquecera de que ela se machucara na fábrica dos ciclopes. — O néctar deve estar perdendo o efeito.

— Está tudo bem — ela respondeu, tremendo, e Jason lembrou-se da promessa de comprar para ela um novo casaco de *snowboard*.

Esperava poder viver o suficiente para conseguir. Ela deu mais alguns passos mancando discretamente, mas Jason percebeu que estava tentando não fazer cara feia.

— Vamos sair desse vento — ele sugeriu.

— E descer por um ralo? — disse Piper, tremendo. — Parece uma ideia bem

aconchegante.

Agasalharam-se o máximo que puderam e seguiram em direção à fonte.

*

De acordo com a placa, chamava-se Crown Fountain. Toda a água fora pelo ralo, exceto algumas poças que começavam a congelar. Para Jason, era estranho que aquele chafariz tivesse água no inverno. Mais uma vez, os monitores enormes voltaram a estampar o rosto da Mulher de Poeira. Aquele lugar não era nada normal.

Caminharam em direção ao centro do espelho-d'água. Nenhum espírito tentou detê-los. As paredes de monitores gigantes continuavam escuras. O ralo era grande o suficiente para engolir uma pessoa, e uma escada de manutenção descia até a escuridão.

Jason foi o primeiro. Ao descer, preparou-se para o terrível cheiro de esgoto, mas a situação não era tão ruim. A escada terminava em um túnel de alvenaria que seguia de norte a sul. O ar era seco e quente, e apenas um fio de água corria pelo chão.

Piper e Leo desceram logo depois.

— Todos os esgotos são assim, bacanas? — perguntou Piper.

— Não — respondeu Leo. — Pode confiar que não.

— Como você sabe...? — perguntou Jason, franzindo a testa.

— Ei, cara, eu fugi seis vezes. E já dormi em lugares bem estranhos, o.k.?

Mas então, para que lado vamos?

Jason olhou para os dois lados, ficou escutando alguma coisa, depois apontou em direção ao sul.

— Para lá.

— Como pode ter certeza? — perguntou Piper.

— Tem uma corrente soprando para o sul — respondeu Jason. — Talvez os *venti* a tenham aproveitado.

Não era nenhuma garantia, mas ninguém tinha ideia melhor.

Infelizmente, assim que começaram a caminhar, Piper tropeçou. Jason teve de segurá-la.

— Maldito tornozelo — disse.

— Vamos descansar — decidiu Jason. — Não paramos há mais de um dia. Leo, será que poderia encontrar algo de comer nesse cinto, além das pastilhas de menta?

— Imaginei que nunca me pediria isso. Chefe Leo em ação!

Piper e Jason sentaram-se num tijolo enquanto Leo mexia em seu cinto.

Jason ficou feliz por poder descansar um pouco. Estava cansado, tonto e com fome. Mas, acima de tudo, não tinha nenhuma vontade de encarar o que viria pela frente. Girou sua moeda de ouro com os dedos.

Se tiver de morrer, avisara Hera, será pelas mãos dela.

E quem seria “ela”? Após Quione, a mãe dos ciclopes e a estranha senhora que dormia, a última coisa de que Jason precisava era outra vilã psicótica na sua vida.

— Não foi culpa sua — disse Piper.

— O quê? — ele perguntou, olhando para ela, perdido.

— Ser pego pelos ciclopes — ela respondeu. — Não foi culpa sua.

Jason olhou para a moeda na palma de sua mão.

— Fui burro. Deixei você sozinha e caí em uma armadilha. Eu deveria saber...

Mas ele não terminou a frase. Devia saber muitas coisas: quem era, como derrotar monstros, como os ciclopes enganam suas vítimas imitando vozes e escondendo-se nas trevas, e várias outras coisas. Tudo isso deveria estar na sua cabeça. Ele podia sentir os locais onde essas informações deveriam estar... pareciam bolsos vazios. Se Hera queria que ele vencesse, por que roubara suas memórias, as memórias que poderiam ajudá-lo? Ela disse que a amnésia o manteve vivo, mas isso não fazia sentido. Começava a entender por que Annabeth queria manter a deusa em sua cela.

— Ei — disse Piper, tocando o ombro dele. — Pegue um pedaço. Ser filho de Zeus não quer dizer que você valha por um exército.

Alguns metros adiante, Leo acendeu uma pequena fogueira. Assobiava ao tirar suprimentos do cinto e da mochila.

À luz da fogueira, os olhos de Piper pareciam dançar. Jason os estivera estudando havia dias, e ainda não poderia dizer ao certo de que cor eram.

— Sei que isso deve ser uma droga para você — ele disse. — Não apenas a missão, quero dizer... A forma como eu apareci no ônibus, a Névoa confundindo seus pensamentos, e fazendo-a imaginar que... você sabe.

Ela baixou os olhos.

— Sim, eu sei. Mas não pedimos que essas coisas acontecessem. Não é sua culpa.

Ela tocou nas tranças caídas dos dois lados do seu rosto. Mais uma vez, Jason ficou feliz ao ver que a magia de Afrodite se dissipara. Com aquela maquiagem, o vestido e cabelos perfeitos, ela parecia ter vinte e cinco anos, ser uma jovem de muito glamour e totalmente inalcançável. Jason nunca encarou a beleza como fonte de poder, mas daquela forma era isso que Piper parecia: *poderosa*.

Ele preferia a Piper de sempre... uma menina ao seu alcance. Mas o estranho era que não podia tirar aquela imagem da mente. Não fora uma ilusão. Aquele lado de Piper seguia vivo. Ela simplesmente fazia o melhor que podia para escondê-lo.

— Lá na fábrica — disse Jason — você estava a ponto de contar algo sobre o seu pai.

Piper contornou o traçado dos tijolos com os dedos, como se quisesse escrever o que não era capaz de verbalizar.

— Estava?

— Piper — disse Jason —, ele está em perigo, certo?

Leo, ao lado do fogo, cozinhava carne e pimentão numa panela.

— Já está quase...

Piper parecia a ponto de chorar.

— Jason... Não posso falar sobre isso.

— Somos seus amigos. Deixe-nos ajudá-la.

Esse comentário pareceu deixá-la ainda pior. Ela respirou fundo e disse: — Eu gostaria, mas não posso...

— Bingo! — anunciou Leo, e aproximou-se com três pratos apoiados nos braços, como se fosse um garçom.

Jason não tinha ideia de onde conseguira tanta comida, ou como a preparara tão rápido, mas parecia ótima: tacos de carne e pimentão acompanhados de batatas e molho.

— Leo — disse Piper, maravilhada: — Como você...?

— O Restaurante do Chefe Leo sempre resolve tudo! — disse, orgulhoso. — Aliás, isso é tofu, não é carne, rainha da beleza, e você pode comer tranquilamente. Vá em frente!

*

Jason não gostou muito do tofu, mas os tacos estavam tão bons quanto o aroma que saía deles. Enquanto comiam, Leo tentou elevar o humor deles com brincadeiras. Jason ficou grato por ter Leo por perto. Isso deixava a presença de Piper menos intensa e desconfortável. Porém, ao mesmo tempo, *gostaria* de estar sozinho com ela, mas repreendeu a si mesmo ao pensar nisso.

Quando Piper terminou de comer, Jason sugeriu que dormisse um pouco. Imediatamente, ela pousou a cabeça no seu colo. Em dois segundos estava roncando.

Jason olhou para Leo, que obviamente tentava não rir.

Ficaram em silêncio por alguns minutos, tomando a limonada que Leo preparara com a água do cantil e um pó.

— Está bom, né? — Leo sorriu.

— Você deveria abrir um restaurante — disse Jason. — Poderia fazer um bom dinheiro.

Porém, ao olhar para a brasa da fogueira, algo começou a preocupá-lo.

— Leo... essa história do fogo que você é capaz de fazer... Isso é verdade?

O rosto de Leo perdeu o sorriso.

— Sim, veja... — disse, abrindo as mãos, e uma pequena bola de fogo se acendeu, dançando em sua palma.

— Isso é muito legal — disse Jason. — Por que não disse nada antes?

Leo fechou a mão e o fogo se extinguiu.

— Não queria parecer estranho.

— Eu tenho o poder de controlar os raios e os ventos — disse Jason. — Piper é capaz de ficar linda e fazer com que as pessoas lhe deem BMWs. Você não é mais estranho que a gente. E, claro, talvez também saiba voar, saltar de um prédio e dizer: “Fogo!”

Leo sorriu.

— Se eu fizesse isso, você veria um menino em chamas caindo para a morte, e eu gritaria algo mais forte que um simples “Fogo!”. Confie em mim, o chalé de Hefesto não encara isso com o fogo como algo tão legal. Nyssa me disse que é muito raro. Quando um semideus como eu aparece, coisas ruins acontecem. Coisas *realmente* ruins.

— Talvez seja o contrário — disse Jason. — Talvez as pessoas com dons especiais apareçam quando coisas ruins estão acontecendo, porque é nesses momentos que precisamos delas.

Leo limpou os pratos.

— Talvez. Mas eu garanto que... isso não é sempre um dom.

Jason ficou em silêncio.

— Você está falando sobre a sua mãe, certo? Sobre a noite em que ela morreu.

Leo não respondeu. Nem precisava. Por ter ficado em silêncio, sem brincar... Jason entendeu tudo.

— Leo, a morte da sua mãe não foi culpa sua. Seja lá o que tenha acontecido naquela noite... não foi culpa do seu poder de gerar fogo. Essa Mulher de Poeira, seja ela quem for, está tentando destruí-lo há anos, acabar com sua autoconfiança, tirar de você tudo de que gosta. Está tentando fazer com que se sinta um inútil. E você não é inútil. Você é importante.

— Foi o que ela disse. — E Leo levantou os olhos, a dor estampada neles. —

Disse que eu estava destinado a fazer algo importante... algo que tem a ver com essa profecia dos sete semideuses. É isso o que me assusta. Eu não sei se quero participar.

Jason queria poder garantir que tudo terminaria bem, mas teria soado falso. Não sabia *o que* estava a ponto de acontecer. Eram semideuses, e isso significa que nem sempre tudo termina bem. Algumas vezes, viram comida de ciclope.

Se perguntar à maior parte das crianças se elas querem ter o poder de produzir fogo ou fazer maquiagem mágica, elas vão achar isso o máximo. Mas tais poderes também envolvem duras provas, como entrar num bueiro em pleno inverno, fugir de monstros, perder a memória, ver seus amigos sendo cozinhados e ter sonhos que anunciam sua morte.

Leo mexia no que restava da fogueira, revirando o carvão em brasa com as próprias mãos.

— Você já pensou nos outros quatro semideuses? Quer dizer... se nós somos três, onde estão os outros anunciados pela Grande Profecia? Quem são eles?

Sim, ele já pensara, mas preferia não ficar remoendo isso o tempo todo. Tinha uma terrível suspeita de que *seria* o líder dos sete, e tinha muito medo de falhar.

Você vai separá-los, prometera Bóreas.

Jason fora treinado para não demonstrar medo. Ficou certo disso após o sonho com os lobos. Deveria agir de forma confiante, mesmo não se sentindo assim. Mas Leo e Piper dependiam dele, e ele morria de medo de falhar. Se tivesse de liderar um grupo de seis pessoas — que talvez não fossem se dar bem — seria ainda pior.

— Não sei — disse, finalmente. — Acho que os outros quatro surgirão no momento certo. Quem sabe? Talvez estejam em outra missão agora.

— Tenho certeza de que o bueiro deles é melhor que o nosso — resmungou Leo.

A corrente de vento voltou, soprando para o sul.

— Descanse um pouco, Leo — disse Jason. — Eu fico de guarda primeiro.

*

Contar o tempo era complicado, mas Jason imaginou que seus amigos dormiram por quatro horas. Ele não se importava, não sentia necessidade de mais descanso. Já dormira em cima do dragão. Além do mais, precisava de tempo para pensar na missão, em sua irmã Thalia e nos avisos de Hera. Tampouco se importava que Piper o estivesse usando como travesseiro. Ela respirava de forma doce ao

dormir... inalando pelo nariz, depois fazendo um biquinho. Ele quase ficou desapontado quando Piper acordou.

Finalmente, levantaram acampamento e seguiram pelo túnel.

O caminho se retorcia e parecia infinito. Jason não sabia o que esperar no final... um calabouço, o laboratório de um cientista maluco ou talvez um reservatório de esgoto, onde toda a sujeira dos banheiros químicos se acumulava, um lugar capaz de formar um rosto grande o suficiente para engolir o mundo.

Porém, o que encontraram foram as portas de um elevador de aço polido, ambas com a letra *M* gravada em itálico. Próximo ao elevador havia um mapa, como se aquilo fosse uma loja de departamentos.

— M de Macy's? — perguntou Piper. — Acho que tem uma loja dessas no centro de Chicago.

— Ou Monocle Motors? — perguntou Leo. — Gente, dê uma lida no mapa. É uma confusão só!

Estacionamento, canil, entrada principal Andar do esgoto
Movéis e Café M

1

Moda feminina e aparelhos mágicos

2

Moda masculina e armamentos

3

Cosméticos, poções, venenos e miudezas

4

— Canil? — perguntou Piper. — E que tipo de loja de departamentos coloca a entrada num esgoto?

— Ou vende veneno? — perguntou Leo. — Cara, o que significa “miudezas”? Será roupa íntima?

Jason respirou fundo.

— Na dúvida, melhor começar por cima.

*

As portas se abriram no quarto andar e um cheiro de perfume tomou conta do elevador. Jason saiu na frente, com a espada em punho.

— Gente, vocês precisam ver isso.

Piper ficou sem fôlego.

— Isso *não* é a Macy's.

A loja de departamentos parecia um caleidoscópio. O teto era todo de mosaicos de vidro, com signos astrológicos em volta de um sol gigantesco. A luz do sol entrava pelos vidros, lançando todo tipo de cor no ambiente. Os andares superiores tinham jiraus em volta de um grande átrio, e assim era possível ver todos os andares, até o térreo. Os corrimãos dourados brilhavam tanto que era ruim olhá-los.

Além do teto de mosaico de vidro e do elevador, Jason não via nenhuma janela ou porta, e duas escadas rolantes de vidro ligavam os vários andares. O carpete era uma mistura de cores e desenhos orientais, e as estantes de mercadorias eram bem estranhas também. Era muita coisa para ser absorvida ao mesmo tempo, mas Jason encontrou camisetas normais e sapatos misturados a manequins com armamentos e casacos de pele que pareciam se mover.

Leo chegou à beira de um dos jiraus e olhou para baixo.

— Vejam isso.

No meio do átrio, um chafariz jorrava água seis metros acima do chão, mudando de cor de vermelho para amarelo, depois para azul. O espelho-d'água estava cheio de moedas de ouro, e em cada canto do chafariz havia uma gaiola dourada... como se fossem gaiolas de canários, mas de tamanho gigante.

Dentro de uma delas, um furacão em miniatura girava entre raios. Alguém prendera os espíritos do vento ali, e a gaiola tremia enquanto eles tentavam se libertar. Na outra, congelado como uma estátua, viram um sátiro baixinho segurando um bastão de galho de árvore.

— Treinador Hedge! — disse Piper. — Precisamos descer.

Mas uma voz perguntou:

— Posso ajudá-los a encontrar algo?

Os três deram um passo atrás.

Uma mulher *surgiu* na frente deles. Usava um elegante vestido preto e joias de

diamante, parecia uma modelo aposentada — talvez com seus cinquenta anos, mas Jason não saberia dizer ao certo. Seus cabelos pretos e compridos caíam sobre o ombro, e seu rosto era incrível, como o de uma supermodelo: afilado, arrogante, frio... nada humano. Tinha unhas longas e vermelhas, seus dedos pareciam garras.

Ela sorriu.

— Que bom encontrar novos clientes. Como posso ajudá-los?

Leo olhou para Jason como quem diz: *Ela é toda sua*.

— Hum... — disse Jason — esta loja é sua?

A mulher fez que sim.

— Eu a encontrei abandonada, sabe. Sei que muitas lojas estão assim, hoje... Decidi que seria o local ideal. Adoro colecionar objetos de bom gosto, ajudar as pessoas, oferecer qualidade e bom preço. Então isso parecia... como se diz... um negócio da China.

Ela falava com um sotaque agradável, mas Jason não poderia dizer de onde era. Não era nada hostil. Jason começou a relaxar. Sua voz era melodiosa e exótica, e ele queria ouvir mais.

— Então você é nova aqui nos Estados Unidos? — perguntou.

— Eu... sou nova, sim — ela concordou. — Sou a Princesa de Colchis. Meus amigos me chamam Sua Alteza. Mas o que vocês estão procurando?

Jason já ouvira falar sobre estrangeiros comprando lojas de departamentos americanas. Claro que normalmente não vendiam veneno, casacos de pele vivos, espíritos da tempestade ou sátiros, mas ainda assim... com uma voz daquelas, a Princesa de Colchis não poderia ser má.

Piper o cutucou nas costelas.

— Jason...

— Ah, claro. Na verdade, Sua Alteza... — disse, apontando para a gaiola no primeiro andar. — Aquele lá é um amigo nosso, o treinador Hedge. O sátiro. Poderíamos... levá-lo de volta, por favor?

— Claro! — ela concordou, imediatamente. — Adoraria mostrá-los meu depósito. Mas, como vocês se chamam?

Jason hesitou. Não parecia boa ideia revelar os seus nomes. Algo voltou à sua mente... algo que Hera lhe dissera, mas parecia confuso.

Por outro lado, Vossa Alteza parecia disposta a cooperar. Se conseguissem o que queriam sem ter de lutar seria melhor. Além do mais, aquela mulher não parecia ser uma inimiga.

Piper começou a dizer:

— Jason, eu não...

— Ela é Piper. Ele é Leo. Eu sou Jason.

A princesa olhou bem para ele, e por um momento seu rosto brilhou de ódio, literalmente, tanto que Jason podia ver os ossos sob sua pele. A mente de Jason estava ficando confusa, enevoada, ele notava que algo não estava bem. Mas o momento passou, e Vossa Majestade voltou a parecer uma mulher normal e elegante, com um sorriso cordial e uma voz tranquilizadora.

— Jason. Que nome mais interessante — ela disse, com os olhos tão frios quanto o vento de Chicago. — Acho que deveríamos fazer negócio com você, algo especial. Venham, crianças. Vamos às compras.

XXVII

PIPER

PIPER QUERIA CORRER PARA O elevador.

Sua segunda opção seria atacar a princesa imediatamente, pois tinha certeza de que uma luta estava a ponto de começar. A forma como o rosto daquela mulher brilhara ao ouvir o nome de Jason já parecera ruim o bastante. E Vossa Alteza sorria como se nada tivesse acontecido. E Jason e Leo agiam como se tudo estivesse bem.

A princesa fez um gesto em direção ao balcão de cosméticos.

— Começamos com as poções?

— Legal — disse Jason.

— Meninos — interrompeu Piper —, estamos aqui pelos espíritos da tempestade e pelo treinador Hedge. Se essa... *princesa*... é realmente nossa amiga...

— Ah, eu sou mais que amiga, querida — disse Vossa Alteza. — Sou a vendedora. — Suas joias brilhavam, e seus olhos cintilavam como os de uma cobra... frios e sombrios. — Não se preocupe. Vamos chegar ao primeiro andar.

— Claro! Parece uma boa ideia. Certo, Piper? — disse Leo.

Piper fez um esforço para não gritar: *Não, não parece!*

— Claro que sim — disse Vossa Majestade, pondo suas mãos nos ombros de Jason e Leo e levando-os ao balcão de cosméticos. — Venham comigo, meninos.

Piper não teve escolha além de segui-los.

Ela odiava lojas de departamentos — especialmente porque fora pega roubando em várias. Bem, não exatamente *pega*, e não exatamente *roubando*. Convencia vendedores até que lhe dessem computadores, botas novas, anéis de ouro e cortadores de grama, mesmo sem saber por que queria cortadores de grama. Nunca ficava com nada daquilo. Só queria a atenção do pai.

Normalmente, convencia o entregador da vizinhança a devolver tudo. Porém, entre uma coisa e outra, os vendedores notavam o que tinham feito e ligavam para a polícia, que encontrava Piper.

Seja lá como fosse, não estava animada ao voltar a uma loja de departamentos... especialmente àquela, dirigida por uma princesa louca que brilhava no escuro.

— E aqui... — disse a princesa — poderão encontrar a melhor variedade de poções mágicas do mundo.

O balcão estava repleto de béqueres borbulhantes. Nas gavetas, frascos de cristal — alguns em forma de cisne ou ursinhos. Os líquidos dentro deles eram de várias cores: de branco cintilante a multicoloridos. E os cheiros... argh! Alguns eram agradáveis, como cookies saídos do forno ou rosas, mas estavam misturados a cheiro de pneu queimado, de spray de gambá e de vestiário de academia de ginástica.

A princesa apontou para um frasco cor de sangue... um simples tubo de laboratório tapado com uma rolha.

— Este é capaz de curar qualquer doença.

— Mesmo câncer? — perguntou Leo. — Lepra? Unhas encravadas?

— Qualquer doença, meu garoto. E este... — disse, apontando para um frasco em forma de cisne com um líquido azul dentro — o matará de forma bem dolorosa.

— Incrível — disse Jason, e sua voz parecia confusa e sonolenta.

— Jason — disse Piper. — Temos um trabalho a fazer, lembra?

Piper tentou dosar sua voz, pois queria envolver Jason em seu charme e tirá-lo do transe, mas soava trêmula, nervosa. A princesa a assustava muito, acabava com sua confiança, como acontecera no chalé de Afrodite, com Drew.

— Trabalho a fazer — murmurou Jason. — Claro. Mas vamos às compras antes, certo?

— E temos poções para aumentar a resistência ao fogo... — disse a princesa.

— Disso eu não preciso — disse Leo.

— Sério? — perguntou ela, olhando o rosto de Leo mais de perto. — Você não parece usar meu protetor solar... mas não importa. Também temos poções que causam cegueira, insanidade, sono ou...

— Espere — disse Piper, ainda olhando para o frasco vermelho. — Aquela poção pode curar amnésia?

A princesa franziu a testa.

— É possível, sim. Bem possível. Mas por quê, minha querida? Você se esqueceu de algo importante?

Piper tentou manter sua expressão neutra, mas se aquilo pudesse curar a

memória de Jason...

Depois pensou: eu quero mesmo que ele recupere a memória?

Se Jason soubesse quem ela era de verdade, talvez nem quisesse ser seu amigo. Hera roubara sua memória por alguma razão. Disse que era a única forma de ele sobreviver no Acampamento Meio-Sangue. Porém, caso Jason descobrisse que Piper era sua inimiga, ou algo parecido, talvez passasse a odiá-la. Aliás, talvez tivesse uma namorada onde vivia.

Mas isso não importava, ela pensou, e ficou surpresa por ter chegado a tal conclusão.

Jason sempre parecia muito angustiado ao tentar lembrar-se de algo. Piper odiava vê-lo assim. Queria ajudá-lo, pois se preocupava com ele, mesmo que isso significasse perdê-lo. E, quem sabe, comprando a tal poção, o passeio pela loja de departamentos de Vossa Maluquesa teria valido a pena.

— Quanto custa? — perguntou Piper.

A princesa tinha um olhar distante.

— Bem... O preço é algo relativo. Eu adoro ajudar às pessoas. Honestamente. E tento manter as ofertas, mas algumas vezes as pessoas me enganam — disse, olhando para Jason. — Certa vez, por exemplo, conheci um lindo rapaz que buscava um tesouro do reino de meu pai. Ele fez uma oferta, e eu prometi ajudá-lo a roubar.

— De seu próprio pai? — Jason dava a impressão de estar um pouco em transe, mas a história pareceu incomodá-lo.

— Ah, não se preocupe — disse a princesa. — Eu pedi um preço muito alto. O rapaz teria que me levar com ele. Ele era bem bonito, forte, elegante... — disse, olhando para Piper. — Eu sei, minha querida, que você é capaz de entender minha atração por um herói assim, e minha vontade de ajudá-lo.

Piper tentou controlar as emoções, mas devia estar corada. Algo lhe dizia que a tal princesa podia ler seus pensamentos.

E, na verdade, aquela história era bem familiar. Pareciam trechos de velhos mitos que lera com seu pai... mas aquela mulher não poderia ser quem ela imaginava...

— Seja como for — disse Vossa Alteza —, meu herói tinha de cumprir muitas missões impossíveis, e eu não minto ao dizer que ele não poderia ter levado nada daquilo a cabo sem a minha ajuda. Eu traí minha própria família para ajudar o herói, mas ainda assim ele me enganou no pagamento.

— Enganou? — perguntou Jason, franzindo a testa, como se tentasse se lembrar de algo importante.

— Que confusão — disse Leo.

Vossa Alteza acariciou o rosto de Leo, com carinho.

— Não precisa se preocupar, Leo. Você parece honesto. Sempre pagaria um preço justo, certo?

Leo fez que sim.

— O que estamos comprando? Eu quero dois.

Piper interrompeu:

— Então, a poção, Sua Alteza... quanto custa?

A princesa observou a roupa de Piper, seu rosto, sua postura, como se fosse colocar preço numa heroína seminova.

— Você daria qualquer coisa por isso, querida? — perguntou a princesa. — Acho que sim.

Tais palavras atingiram Piper como uma onda enorme. A força daquela sugestão quase tirou seus pés do chão. Sim, pagaria qualquer preço. Queria dizer que sim.

Então seu estômago revirou. Piper notou que estavam sob o efeito do charme. Já sentira isso antes, quando Drew falara durante a fogueira, mas com a princesa a sensação era cem vezes mais potente. Por isso seus amigos estavam daquela maneira. Então era assim que as pessoas se sentiam quando Piper usava seu charme? Um sentimento de culpa tomou conta dela.

Reuniu toda a sua força e disse:

— Não. Não estou disposta a pagar *qualquer* preço. Mas um preço justo, talvez sim. E depois vamos embora. Certo, meninos?

Por um momento, suas palavras pareceram surtir algum efeito. Os meninos pareciam confusos.

— Ir embora? — perguntou Jason.

— Você quer dizer... depois de fazer compras? — perguntou Leo.

Piper queria gritar, mas a princesa confundia sua cabeça, examinando Piper agora com respeito.

— Impressionante — disse a princesa. — Pouca gente é capaz de resistir às minhas sugestões. Você é filha de Afrodite, querida? Ah, sim... eu devia ter notado. Tudo bem. Talvez a gente possa comprar um pouco mais até que você se decida, o.k.?

— Mas a poção...

— Agora, meninos — disse a princesa, virando-se para Jason e Leo. Sua voz era muito mais poderosa que a de Piper, cheia de confiança. Piper não teria qualquer chance. — Querem ver mais coisas?

— Claro — disse Jason.

— Sim — respondeu Leo.

— Ótimo — disse a princesa. — Vou precisar de muita ajuda para chegarmos à Bay Area.

Piper tentou alcançar sua adaga. Pensou no sonho que tivera sobre o topo da montanha... a cena que Encélado mostrara, um lugar conhecido, onde trairia seus dois amigos, dentro de dois dias.

— Bay Area? — perguntou Piper. — Por que Bay Area?

A princesa sorriu.

— Bem, é onde eles vão morrer, certo?

Ela os levou até as escadas rolantes, e Jason e Leo ainda pareciam muito animados com as compras.

XXVIII

PIPER

PIPER ENCURRALOU A PRINCESA ENQUANTO Jason e Leo observavam os casacos de pele vivos.

— Você quer que eles comprem a própria morte? — perguntou Piper.

— Hum... — A princesa tirou o pó de uma vitrine de espadas. — Sou uma vidente, querida. Conheço o seu pequeno segredo. Mas não queremos mexer nisso, certo? Os meninos estão se divertindo.

Leo sorriu ao experimentar um chapéu que parecia feito de pele de texugo encantada. A cauda se mexia, e as pequenas pernas se moviam freneticamente enquanto Leo caminhava. Jason deu uma olhada na seção de roupa masculina esportiva. Meninos interessados em comprar roupa? Mais um sinal de que estavam sendo vítimas de um feitiço do mal.

Piper olhou para ela.

— Quem é você?

— Eu já disse, querida. Sou a princesa de Colchis.

— Onde fica Colchis?

A expressão da princesa ficou um pouco triste.

— Onde *ficava* Colchis, você quer dizer? Meu pai governava as terras às margens do Mar Negro, até o ponto mais oriental aonde um barco grego podia chegar. Mas Colchis já não existe... desapareceu éons atrás.

— Éons? — perguntou Piper. A princesa parecia não ter mais de cinquenta anos, e Piper teve um mau pressentimento... Lembrou-se de algo que fora mencionado pelo rei Bóreas, em Quebec. — Quantos anos você tem?

A princesa sorriu.

— Uma dama não deveria perguntar nem responder isso. Mas vamos dizer que... o processo de imigração para entrar no seu país demorou um pouco. Porém, a minha patrona conseguiu, ela tornou isso possível — disse a princesa,

acenando para a loja de departamentos.

— Sua patrona... — repetiu Piper, com um gosto metálico na boca.

— Ah, sim. Ela não traz qualquer pessoa, veja bem... só os que têm talentos especiais, como eu. Na verdade, ela só insistiu em poucos detalhes... Queria uma entrada por baixo da terra, para que pudesse monitorar meus clientes, e um favor vez ou outra... e eu cedi. Foi uma boa troca em nome de uma nova vida. A melhor barganha que fiz em séculos.

Rápido, pensou Piper. *Precisamos sair daqui*.

Porém, antes que ela pudesse transformar seu pensamento em palavras, Jason disse:

— Ei, olhem só!

De uma arara em que se lia “Roupas Penhoradas”, ele ergueu uma camisa roxa, igual à que usara na excursão da escola. Só que essa parecia ter sido rasgada por garras de tigres.

Ele franziu a testa:

— Por que essa camisa parece tão familiar?

— Jason, é idêntica à *sua* — disse Piper. — Mas precisamos sair daqui — continuou, embora não estivesse certa de que Jason a pudesse escutar, pois estava completamente envolvido no charme da princesa.

— Que bobagem — disse a princesa. — Os meninos ainda não terminaram, certo? E sim, meu querido, estas camisetas são muito comuns. Mercadoria trocada pelos clientes. Ficou perfeita em você.

Leo segurava uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue com um buraco no meio, como se tivesse sido atingida por uma flecha. Ao lado havia uma armadura para o peito corroída — por ácido, talvez? — e uma toga romana rasgada em pedaços, com algo que parecia sangue seco.

— Sua Alteza — disse Piper, tentando controlar os nervos. — Por que não conta aos meninos como traiu sua família? Tenho certeza de que eles gostariam de ouvir essa história.

As palavras não causaram qualquer efeito na princesa, mas os meninos viraram o corpo, interessados.

— Mais histórias? — perguntou Leo.

— Eu gosto de mais histórias — disse Jason.

A princesa olhou para Piper, irritada.

— Sabe, as pessoas fazem coisas estranhas por amor, Piper. Você deveria saber disso. Eu me apaixonei por aquele jovem guerreiro, pois sua mãe, Afrodite, me lançou uma maldição. Se não fosse por ela... Mas eu não poderia lutar contra uma deusa, certo?

Com o tom empregado na voz, a princesa queria deixar uma coisa bem clara:

Você não conseguirá me vencer!

— Mas esse tal herói a levou quando fugiu de Colchis — lembrou Piper. — Certo, Sua Alteza? E se casou com você, como prometeu.

O olhar da princesa fez Piper sentir vontade de pedir desculpas, mas ela não voltou atrás.

— No início — admitiu Vossa Alteza —, ele pareceu disposto a manter sua palavra. Porém, mesmo após eu tê-lo ajudado a roubar a fortuna do meu pai, ele ainda precisava da minha ajuda. Enquanto fugíamos, a frota do meu irmão nos seguiu. Seus navios de guerra nos alcançaram. E nos teriam destruído, mas eu convenci meu irmão a subir a bordo. E ele confiou em mim.

— E você matou o seu irmão — disse Piper, lembrando-se da terrível história, e também de um nome... um nome infame que começava por *M*.

— O quê? — perguntou Jason. Por um momento, ele parecia ter voltado a si. — Matou o próprio...

— Não — disse a princesa, imediatamente. — Essas histórias são mentiras. Foram meu marido e os seus homens que mataram meu irmão, mas eles não poderiam ter feito isso sem a minha trapaça. Jogaram seu corpo no mar, e dessa forma os navios que nos perseguiram tiveram de parar para procurá-lo, pois queriam oferecer ao meu irmão um enterro digno. Isso nos deu tempo para fugir. Fiz tudo pelo meu marido. E ele se esqueceu do nosso trato. No final, ele me traiu.

Jason ainda parecia desconfortável.

— O que ele fez?

A princesa pôs a toga rasgada sobre o peito de Jason, como se o estivesse medindo para logo assassiná-lo.

— Você não conhece essa história, meu rapaz? Deveria conhecer. O seu nome é uma homenagem a ele.

— Jason — disse Piper. — O Jason *original*: Jasão. Mas você... deveria ter morrido!

A princesa sorriu.

— Como eu disse, uma nova vida em um novo país. Claro que cometi erros. E virei as costas ao meu próprio povo. Fui chamada de traidora, ladra, mentirosa, assassina. Mas agi por amor.

Ela olhou para os meninos, demonstrando pena, piscando várias vezes. Piper notava o encantamento tomando conta deles, com ainda mais força.

— Vocês não fariam o mesmo por alguém que amam, meus queridos?

— Ah, claro — disse Jason.

— Sim — respondeu Leo.

— Meninos! — gritou Piper, frustrada, rangendo os dentes. — Vocês não

enxergam quem é ela? Não enxergam...

— Vamos em frente, certo? — disse a princesa, tranquilamente. — Acho que vocês queriam negociar o preço de uns espíritos da tempestade... e do seu sátiro.

*

Leo ficou distraído em meio aos equipamentos do segundo andar.

— Não pode ser! — ele disse. — Isso é uma fundição blindada?

Antes que Piper pudesse detê-lo, ele desceu pelas escadas e correu em direção a um grande forno oval que parecia uma churrasqueira gigante.

Quando se aproximou de Leo, a princesa disse:

— Você tem bom gosto. Este é o H-2000, desenhado pelo próprio Hefesto. Com calor suficiente para fundir bronze celestial e ouro imperial.

— Ouro imperial? — perguntou Jason, como se reconhecesse o termo.

A princesa fez que sim.

— Sim, meu querido. Como o da arma que esconde no seu bolso. Para ser bem fundido, o ouro imperial deve ser consagrado no templo de Júpiter, na colina do Capitólio, em Roma. Trata-se de um metal poderoso e raro. Mas, assim como os imperadores de Roma, muito volátil. Tome cuidado para nunca quebrar essa lâmina... — Ela sorriu, parecendo contente. — Roma veio *depois* de mim, claro, mas escutei histórias. E agora venham aqui... este trono de ouro é um dos meus itens mais luxuosos. Hefesto o construiu como punição para sua mãe, Hera. Sentem-se nele e serão imediatamente presos.

Leo aparentemente tomou aquilo como uma ordem. E caminhou para o trono, como se estivesse em transe.

— Leo, não! — gritou Piper.

Ele piscou.

— Quanto pelos dois?

— Ah, o trono você poderá ter por cinco boas ações. A fundição por sete anos de serviços... e por um pouco da sua força. — E levou Leo à seção dos aparelhos, dizendo-lhe o preço de várias coisas.

Piper não queria deixá-lo sozinho com ela, mas tinha de tentar abrir os olhos de Jason. Levou-o para um canto e deu um tapa de leve no seu rosto.

— Ai, para que isso?

— Cai fora dessa! — disse Piper.

— O quê?

— Ela está envolvendo você com charme. Você não nota?

— Parece boa gente — ele respondeu, levantando as sobrancelhas.

— Ela não é boa gente! Nem deveria estar viva! Foi casada com Jason... o outro Jason... Jasão... três mil anos atrás. Você se lembra do que disse Bóreas... algo sobre as almas já não estarem confinadas com Hades? Não são apenas os monstros que não permanecem mortos. Ela voltou do Mundo Inferior.

Jason balançou a cabeça, perdido.

— Ela não é um fantasma.

— Não, é pior! Ela é...

— Meninos — disse a princesa, voltando com Leo. — Se me dão licença, vamos ver o que vocês querem. É isso o que vocês querem, certo?

Piper teve de conter um grito na garganta. Queria empunhar sua adaga e resolver aquilo sozinha, mas não podia se arriscar tanto... muito menos ali, no meio da loja de departamentos de Vossa Alteza, com seus amigos sob o efeito do charme. Piper nem sabia se eles ficariam do seu lado no caso de uma luta. Precisava encontrar um plano melhor.

Usaram a escada rolante para chegar à base do chafariz. Pela primeira vez, Piper notou dois grandes relógios de sol de bronze — cada um do tamanho de um trampolim — incrustados no mármore do piso, ao sul e ao norte do chafariz. As grandes gaiolas estavam a oeste e a leste. E a que fora posta mais longe guardava os espíritos da tempestade. Estavam tão comprimidos e moviam-se como um tornado superconcentrado, que era impossível contar quantos seriam os espíritos presos lá dentro... dúzias, pelo menos.

— Ei — disse Leo. — O treinador Hedge parece bem.

E correram para a gaiola mais próxima. O velho sátiro parecia petrificado ao subir aos céus do Grand Canyon, com o bastão erguido, como se pedisse à turma de ginástica que fizesse cinquenta flexões. Seus cabelos cacheados permaneciam paralisados em posições estranhas. Se Piper pudesse concentrar-se em certos detalhes... na camisa polo laranja, no cavanhaque ralo, no apito dependurado no pescoço... talvez pudesse vê-lo como o treinador de sempre. Mas era complicado ignorar os grossos chifres na sua cabeça, e o fato de ele ter pernas peludas de bode e patas, em vez de calças e tênis Nike.

— Sim — disse a princesa. — Sempre mantenho minhas mercadorias em boas condições. Nós podemos fazer negócio pelo sátiro e pelos espíritos da tempestade. Um pacote. Se chegarmos a um acordo, posso incluir a poção curativa, e vocês poderão partir em paz. — E olhou para Piper, sagaz. — Isso é melhor do que começar a negociar sem vontade, certo, querida?

Não confie nela, avisou uma voz na cabeça de Piper. Se ela estivesse certa sobre a identidade daquela mulher, ninguém ficaria em paz. Um acordo justo não seria possível. Tudo era um truque. Mas seus amigos a observavam, fazendo que

sim com a cabeça e dizendo: *Sim, claro!* Piper precisava de tempo para pensar.

— Podemos negociar — disse ela.

— Claro! — concordou Leo. — Diga qual é o seu preço.

— Leo! — gritou Piper.

A princesa deu uma risadinha.

— O meu preço? Talvez não seja a melhor estratégia, meu rapaz, mas pelo menos você sabe que tudo tem um preço. A liberdade é muito valorizada, sabe? Você poderia pedir que eu libertasse esse sátiro, o mesmo sátiro que atacou os meus espíritos da tempestade...

— Que nos atacaram — disse Piper.

Vossa Alteza deu de ombros.

— Como eu disse, minha patrona pede alguns favores de tempos em tempos. Enviar os espíritos da tempestade para sequestrá-los, por exemplo. Esse foi um dos favores que me pediu. Mas posso garantir que não foi nada pessoal. E não houve danos, já que, no final das contas, vocês vieram até aqui por vontade própria! Seja como for, vocês querem o sátiro livre e querem os meus espíritos da tempestade... que, aliás, são muito bons servos... para desta forma chegarem ao tirano Éolo. Isso não parece justo, certo? O preço será alto.

Piper notava que seus amigos estavam dispostos a pagar o que fosse, prometer qualquer coisa. Antes que pudessem falar, ela jogou a última carta.

— Você é Medeia — disse. — Ajudou o Jason original a roubar o Velocino de Ouro. Você é uma das maiores vilãs da mitologia grega. Jason, Leo... não confiem nela.

Piper empregou toda a intensidade que pôde àquelas palavras. Estava sendo completamente sincera, e pareceu surtir efeito. Jason afastou-se da feiticeira.

Leo coçou a cabeça e deu uma olhada em volta, como se estivesse acordando de um sonho.

— De novo: o que estamos fazendo?

— Meninos! — disse a princesa, abrindo os braços, como se estivesse dando as boas-vindas. Suas joias brilhavam, seus dedos com as unhas pintadas curvaram-se como garras sujas de sangue. — É verdade, sou Medeia. Mas as pessoas não me entenderam. Ah, Piper, querida, você não sabe o que era ser mulher naquela época. Não tínhamos poder nem influência. Normalmente, não podíamos nem escolher os nossos maridos. Mas *eu* era diferente. Escolhi meu destino, transformando-me em feiticeira. Isso é errado? Fiz um pacto com Jasão: ofereci a minha ajuda em troca do seu amor. Um acordo justo. E assim ele se tornou um guerreiro famoso! Sem a minha ajuda, teria morrido na obscuridade, na costa de Colchis.

Jason fechou a cara.

— Então... você realmente morreu há três mil anos? E voltou do Mundo Inferior?

— A morte já não me aprisiona, jovem herói — disse Medeia. — Graças à minha patrona, voltei a ser de carne e osso.

— Você... retomou sua forma? — perguntou Leo, piscando. — Como os monstros?

— Vocês não têm ideia do que está acontecendo, certo, meninos? — perguntou Medeia, estirando os dedos, e um vapor escapou de suas unhas, como água que respinga no ferro quente. — Isso é muito pior que monstros escapando do Tártaro. Minha patrona sabe que gigantes e monstros não são seus melhores servos. *Eu* sou mortal. Aprendi com meus erros. E agora que retornei ao mundo dos vivos, não vou ser enganada mais uma vez. Agora, eis meu preço para o que vocês querem levar.

— Meninos! — disse Piper. — Jasão deixou Medeia porque ela era uma louca com sede de sangue.

— Mentira! — disse Medeia.

— No caminho de volta a Colchis, o barco de Jasão atracou em outro reino, e ele concordou em deixar Medeia e casar-se com a filha do rei.

— Depois que lhe dei dois filhos! — disse Medeia. — Ainda assim ele quebrou sua promessa. E eu pergunto: isso foi certo?

Jason e Leo balançaram a cabeça, mas Piper não se deixou envolver.

— Talvez não — ela respondeu —, mas a vingança de Medeia também não foi. Ela matou os dois filhos para vingar-se de Jasão. Envenenou sua nova esposa e fugiu do reino.

Medeia rosnou.

— Isso foi uma invenção para arruinar a minha reputação! O povo de Corinto... aquela massa ingovernável... matou os meus filhos e me afastou. Jason não fez nada para me proteger. Ele roubou tudo de mim. Então, sim, eu voltei ao palácio e envenenei sua adorável esposa. Foi apenas um... preço justo.

— Você é louca — disse Piper.

— Eu sou a vítima! — gritou Medeia. — Morri com os meus sonhos despedaçados, mas isso acabou. Sei que não devo confiar nos heróis. Quando chegam aqui buscando tesouros, têm de pagar um preço alto. Especialmente quando quem pede se chama Jason!

O chafariz ficou vermelho. Piper sacou sua adaga, mas suas mãos tremiam tanto que era complicado mantê-la firme.

— Jason, Leo... hora de ir embora. *Agora*.

— Antes de fecharem o negócio? — perguntou Medeia. — E quanto à sua missão, rapazes? Além do mais, o meu preço é baixo. Vocês sabem que esse

chafariz é mágico? Se um homem morto for atirado nele, mesmo partido em pedaços, ele volta à vida... mais forte e mais poderoso que nunca.

— Sério? — perguntou Leo.

— Leo, ela está mentindo. — disse Piper. — Já fez isso antes... com um rei, eu acho. Convinceu sua filha a cortá-lo em pedaços para que voltasse das águas mais jovem e mais forte que antes, mas ela simplesmente o matou!

— Que coisa mais ridícula! — disse Medeia. — Leo, Jason... o meu preço é baixo. Por que vocês dois não lutam entre si? Caso se machuquem, ou sejam mortos, não haverá problema. Basta serem jogados no chafariz e ficarão melhores que nunca. E vocês *querem* lutar, certo? Estão ressentidos um com o outro.

— Meninos, não! — disse Piper, mas eles já se entreolhavam, como se pensassem em quais eram seus verdadeiros sentimentos.

Piper nunca se sentira tão impotente. Agora entendia o que significava a verdadeira feitiçaria. Sempre imaginou que tivesse algo a ver com bolas de fogo, mas aquilo era muito pior. Medeia não precisava de poções e venenos. Sua arma mais potente era a voz.

— Jason é sempre o protagonista. Ele sempre ganha a atenção e eu fico em segundo plano — disse Leo, de cara feia.

— Você é chato, Leo. Nunca leva nada a sério. Nem mesmo é capaz de consertar um dragão.

— Chega! — disse Piper, mas os dois levantaram suas armas... Jason, sua espada de ouro, e Leo, um martelo de seu cinto de ferramentas.

— Deixe-os, Piper — disse Medeia. — Estou fazendo um favor a você. Deixe que isso aconteça agora, e sua escolha será bem mais fácil. Encélado vai ficar contente. E você poderá ter seu pai de volta ainda hoje!

O charme de Medeia não funcionava com ela, mas a feiticeira tinha uma voz persuasiva. *Ter seu pai de volta?* Apesar de suas melhores intenções, Piper queria isso. Queria tanto tê-lo ao seu lado novamente que doía.

— Você trabalha para Encélado — ela disse.

Medeia sorriu.

— Para um gigante? Não. Mas todos servimos à mesma grande causa... a uma patrona que não podemos desafiar. Vá embora, filha de Afrodite. Você não precisa morrer agora. Salve a sua vida, e liberte o seu pai.

Leo e Jason ainda se encaravam, prontos para lutar, mas pareciam confusos, sem saber muito bem o que fazer, esperando uma nova ordem. Parte deles estava resistindo, esperava Piper. Lutar seria completamente contra a sua natureza.

— Escute, garota — falou Medeia, pegando um diamante do seu bracelete e jogando na água que respingava do chafariz.

Quando ultrapassou a névoa multicolorida, Medeia disse:

— Oh, Íris, deusa do arco-íris, mostre-me o escritório de Tristan McLean.

A névoa tremeluziu e Piper viu o escritório do pai. Sentada à mesa dele, falando ao telefone, estava sua assistente, Jane, com seu terno escuro de sempre e os cabelos presos num coque.

— Oi, Jane — disse Medeia.

Jane desligou o telefone, tranquila.

— Como posso ajudá-la, senhora? Oi, Piper.

— Você... — Piper estava com tanta raiva que mal podia falar.

— Sim, querida — disse Medeia. — A secretária do seu pai. Uma pessoa fácil de ser manipulada. Tem a mente bastante organizada para uma mortal, mas incrivelmente fraca.

— Obrigada, senhora — disse Jane.

— Não há de quê — respondeu Medeia. — Só queria dar-lhe os parabéns, Jane. Por ter conseguido fazer com que o sr. McLean saísse da cidade tão rapidamente, tomasse seu jatinho para Oakland sem alertar a imprensa nem a polícia... muito bem! Acho que ninguém sabe onde ele está. E dizer que a vida de sua filha estava por um fio... foi uma ótima saída para conseguir sua cooperação.

— Sim — concordou Jane, em tom baixo, como se fosse uma sonâmbula. — Ele cooperou muito bem quando acreditou que Piper estaria em perigo.

Piper olhou para a sua adaga. A lâmina tremia em suas mãos. Não poderia usar aquilo melhor que Helena de Troia faria, mas ainda assim era um bom espelho, e o que viu foi uma menina assustada sem qualquer chance de vencer.

— Posso ter novas ordens para você, Jane — disse Medeia. — Se a menina cooperar, será o momento de trazer o sr. McLean de volta para casa. Você inventaria uma boa história para a ausência dele, certo? E imagino que o pobre homem precise passar um tempo em um hospital psiquiátrico.

— Sim, senhora. Ficarei de sobreaviso.

A imagem desapareceu, e Medeia virou-se para Piper.

— Viu?

— Você arrastou meu pai a uma armadilha. Ajudou o gigante...

— Ah, por favor, querida. Contenha-se. Estou me preparando para essa guerra há anos, mesmo antes de voltar à vida. Sou uma vidente, já disse. Posso prever o futuro tão bem quanto seu pequeno oráculo. Anos atrás, ainda sofrendo nos Campos da Punição, tive uma visão dos Sete na sua chamada Grande Profecia. Vi seu amigo Leo aqui, e notei que um dia ele seria um inimigo importante. Adentrei a consciência de minha patrona, avisei-a, e ela conseguiu despertar por um tempo... o tempo suficiente para visitá-lo.

— A mãe de Leo... — disse Piper. — Leo, ouça! Ela ajudou a matar sua mãe!

— Sei — murmurou Leo, perdido. E franziu a testa olhando para o seu martelo. — Então... Vou atacar Jason, certo?

— É perfeitamente seguro — respondeu Medeia. — E Jason, ataque-o com firmeza. Mostre que honra seu nome.

— Não! — gritou Piper, sabendo tratar-se de sua última chance. — Jason, Leo... ela está enganando vocês. Baixem suas armas.

A feiticeira revirou os olhos.

— Por favor, menina. Você não é páreo para mim. Eu fui treinada com a minha tia, a imortal Circe. Posso enlouquecer os homens ou curá-los com a minha voz. Que esperança esses dois pobres heróis têm contra mim? Agora, meninos, matem-se!

— Jason, Leo, escutem — disse Piper, pondo toda a emoção que pôde em sua voz. Por anos, ela tentou se controlar, não demonstrar fraqueza, mas naquele momento reuniu tudo o que sentia naquelas palavras: seu medo, seu desespero, sua raiva. Ela sabia que podia estar assinando a sentença de morte do pai, mas também se preocupava muito com os amigos, não deixaria que matassem um ao outro. — Medeia está usando seu charme contra vocês. É parte de sua magia. Vocês são grandes amigos. Não lutem entre si. Lutem contra *ela*!

Eles hesitaram, e Piper podia notar o feitiço se quebrando.

Jason piscou.

— Leo, eu estava a ponto de machucar você?

— Algo sobre a minha mãe...? — disse Leo, franzindo a testa, depois se virou para Medeia. — Você... trabalhando para a Mulher de Poeira. Você a enviou à loja. — E levantou um braço. — Senhora, eu tenho um martelo de dois quilos com o seu nome escrito.

— Bobagem! — disse Medeia. — Vou conseguir o pagamento de outra forma.

Ela apertou uma das lajotas do mosaico do piso e o prédio tremeu. Jason tentou golpear Medeia, mas ela se dissolveu em fumaça e reapareceu na base da escada.

— Você é muito lento, herói — ela gargalhou. — Alivie sua frustração com meus bichinhos de estimação.

Antes que Jason pudesse se aproximar dela, os dois relógios de bronze nas extremidades do chafariz se abriram. Duas bestas douradas — dragões alados de carne e osso — saíram dos calabouços logo abaixo. Cada um deles do tamanho de um trailer, talvez não tão grandes se comparados a Festus, mas ainda assim bem grandes.

— Então, é isso o que ela guarda no canil — disse Leo, desanimado.

Os dragões abriram as asas e sibilaram. Piper podia sentir o calor que

emanava de sua pele brilhante. Um deles virou seus furiosos olhos alaranjados para ela.

— Não olhe nos olhos dele — avisou Jason. — Vai ficar paralisada.

— Exatamente! — disse Medeia, subindo as escadas rolantes, apoiada no corrimão, enquanto observava a cena divertida. — Essas duas belezuras estão comigo há tempos... dragões do sol, presentes do meu avô, Hélios. Puxaram minha carruagem quando deixei Corinto, e agora serão a sua destruição. Ha-ha!

Os dragões atacaram. Leo e Jason tentaram interceptá-los. Piper ficou admirada com a fúria dos meninos... que trabalhavam como uma equipe que há anos treina junto.

Medeia estava quase no segundo andar, onde poderia escolher entre os seus vários artefatos mortais.

— Ah, não, você não vai, não — disse Piper, correndo atrás dela.

Quando viu Piper, Medeia começou a ir mais depressa. Era bem rápida para uma senhora de três mil anos. Piper subiu três degraus por vez, e mesmo assim não pôde alcançá-la. Medeia não parou no segundo andar. Passou à outra escada rolante e seguiu subindo.

As poções, pensou Piper. Estava indo até elas. Era famosa por suas poções.

Lá embaixo, Piper ouvia a batalha. Leo assoprava seu apito e Jason gritava para prender a atenção do dragão. Piper não teve coragem de olhar... não enquanto estivesse correndo com uma adaga nas mãos. Poderia cair e machucar o próprio nariz. O que não seria nada heroico.

Pegou um escudo de um manequim do terceiro andar e continuou subindo. Na sua cabeça, imaginava o treinador Hedge gritando, como se estivessem na aula de ginástica da Escola da Vida Selvagem: *Ande, McLean! Você chama isso de subida de escada rolante?*

Ela chegou ao último andar, respirando com dificuldade, mas era tarde demais. Medeia alcançara o balcão de poções.

A feiticeira pegou um vidro em forma de cisne... o azul, que causava morte dolorosa... e Piper fez a única coisa que veio à sua mente: atirou o escudo em cima dela.

Medeia virou o corpo, triunfante, bem em tempo de ser atingida no peito pelo *frisbee* de metal de mais de vinte quilos. Ela caiu para trás, em cima do balcão, quebrando frascos e destruindo prateleiras. Quando levantou-se seu vestido estava salpicado de várias cores. Algumas manchas queimavam e brilhavam.

— Idiota! — gritou Medeia. — Você tem ideia do que acontece quando tantas poções são misturadas?

— Podem matar? — perguntou Piper, esperançosa.

O carpete começou a arder em volta dos pés de Medeia. Ela tossiu e seu rosto

se contraiu de dor. Ou estaria fingindo?

Lá embaixo, Leo gritou:

— Jason, socorro!

Piper arriscou uma olhada rápida e quase chorou de desespero. Um dos dragões prendera Leo no chão. Estava com as garras à mostra, pronto para atacar. Jason estava do outro lado, lutando contra o segundo dragão, longe demais para ajudá-lo.

— Você amaldiçoou a todos nós — gritou Medeia. A fumaça tomava conta do carpete, soltando fagulhas e incendiando as araras de roupas. — Temos apenas alguns segundos antes que as chamas consumam tudo, destruindo o prédio. Não há tempo...

CRASH! O teto de vidro se partiu numa chuva de cacos multicoloridos, e Festus, o dragão de bronze, desceu na loja de departamentos.

Ele entrou na briga, capturando um dragão do sol com cada uma de suas garras. Naquele momento, Piper notou como seu amigo de metal era grande e forte.

— Esse é o meu garoto! — gritou Leo.

Festus deu um voo rasante pelo átrio, depois atirou os dragões no buraco de onde saíram. Leo correu até o chafariz e pressionou o piso de mármore, fechando os relógios de sol, que se sacudiram, pois os dragões forçavam para sair lá de dentro — mas, pelo menos por ora, ficariam presos.

Medeia praguejou em uma língua antiga. O quarto andar estava completamente em chamas e o ar tomado por um gás tóxico. Mesmo com o teto aberto, Piper sentia o calor cada vez mais forte. Deu passos para trás, em direção à grade do jirau, sempre com a adaga apontada para Medeia.

— Não vou ser abandonada mais uma vez! — disse a feiticeira, ajoelhando-se e pegando a poção vermelha, curativa, que de alguma forma sobrevivera intacta. — Quer restaurar a memória do seu namorado? Leve-me com você!

Piper deu uma olhada para trás. Leo e Jason estavam montados em Festus. O dragão de bronze abriu as asas, agarrou as gaiolas com o treinador e os espíritos da tempestade e começou a subir.

O prédio tremia. Fogo e fumaça erguiam-se nas paredes, derretendo as grades, deixando o ar cada vez mais ácido.

— Você nunca sobreviverá a essa missão sem mim — disse Medeia. — Seu herói permanecerá ignorante para sempre, e seu pai morrerá. Leve-me com você!

Por um segundo, Piper ficou em dúvida. Mas logo notou o sorriso sinistro de Medeia. A feiticeira conhecia os seus poderes de persuasão, confiava que sempre seria capaz de chegar a um acordo, escapar e vencer.

— Hoje não, bruxa — disse Piper, dando um salto. Ela mergulhou por apenas

um segundo, até que Jason e Leo a agarraram, sentando-a no dragão.

Ouviu Medeia gritar de raiva enquanto escapavam pelo teto estilhaçado, sobrevoando o centro de Chicago. Lá atrás, a loja de departamentos explodiu.

XXIX

LEO

LEO NÃO PARAVA DE OLHAR para trás. Esperava ver aqueles terríveis dragões de sol puxando uma carruagem voadora com uma vendedora mágica atirando poções, mas não havia nada atrás deles.

Guiou o dragão para sudoeste. Em algum momento, a fumaça da loja de departamentos em chamas desapareceu à distância, mas Leo não relaxou até os subúrbios de Chicago darem lugar a campos cobertos de neve, quando o sol começou a se pôr.

— Bom trabalho, Festus — disse ao dragão, acariciando seu corpo de metal. — Você foi incrível.

O dragão encolheu os ombros. Engrenagens saltaram e estalaram em seu pescoço.

Leo franziu a testa. Não gostava de ouvir aqueles barulhos. Se o disco de controle estivesse falhando novamente... Não, seria algo menos sério. Algo que poderia consertar.

— Vou dar uma geral em você na próxima vez que pousarmos — prometeu Leo. — Você merece um pouco de óleo com molho tabasco.

Festus trincou os dentes, mas parecia fraco. Ele voava tranquilamente, com suas grandes asas buscando melhor ângulo para os ventos, mas o peso que carregava era grande: duas gaiolas presas às garras e três pessoas nas costas... quanto mais Leo pensava nisso, mais preocupado ficava. Mesmo dragões de metal têm seus limites.

— Leo — disse Piper, tocando em seu ombro. — Você está bem?

— Sim... nada mal para um zumbi que sofreu uma lavagem cerebral. — Esperava não parecer tão envergonhado quanto se sentia. — Obrigado por nos salvar, rainha da beleza. Se não tivesse me livrado daquela bruxaria...

— Não se preocupe com isso — disse Piper.

Mas Leo se preocupava, e muito. Sentia-se mal por ter sido tão facilmente manipulado por Medeia contra seu melhor amigo. E tal sentimento não vinha do nada... era fruto do seu ressentimento pela forma como Jason sempre conseguia ser o protagonista, e parecia não precisar dele... Sentia-se assim às vezes, ainda que não se orgulhasse disso.

O que o deixava mais chateado eram as notícias sobre sua mãe. Medeia vira o futuro no Mundo Inferior. Por isso sua patrona, a mulher de negro em roupas feitas de terra, apareceu na loja, sete anos antes, para assustá-lo, para arruinar sua vida. Por isso sua mãe morreu... por algo que Leo poderia fazer um dia. Mesmo que não pudesse culpar sua habilidade com o fogo, a morte de sua mãe *ainda* era culpa sua.

Quando deixaram Medeia naquela loja a ponto de explodir, Leo sentiu-se melhor do que deveria. Esperava que ela não resistisse, que voltasse imediatamente aos Campos da Punição, aos quais pertencia. E tais sentimentos também não o deixavam orgulhoso.

Se almas estavam voltando do Mundo Inferior, seria possível resgatar sua mãe?

Tentou não pensar nisso. Seria como um Frankenstein. Não era natural. Não era certo. Medeia poderia ter voltado à vida, mas ela não parecia muito humana, com aquelas unhas em forma de garras, sua cabeça brilhante e tudo o mais.

Não, sua mãe morreria. E pensar qualquer outra coisa o deixaria louco. Ainda assim, aquela ideia não o abandonava, era como um eco da voz de Medeia.

— Vamos ter que descer logo — avisou aos amigos. — Podemos voar por mais algumas horas, talvez, para termos certeza de que Medeia não está nos seguindo. Mas acho que Festus não aguentaria muito mais.

— É verdade — concordou Piper. — O treinador Hedge também deve estar louco para sair dessa gaiola. A pergunta é: para onde estamos indo?

— Para Bay Area — sugeriu Leo. Suas memórias da loja de departamentos eram confusas, mas imaginava ter ouvido isso. — Medeia falou algo sobre Oakland, não?

Piper ficou um tempo sem responder, Leo pensou se não teria dito algo errado.

— O pai de Piper — disse Jason. — Algo aconteceu com o seu pai, não é isso? Ele caiu em alguma armadilha.

Piper suspirou, nervosa.

— Olhem, Medeia disse que vocês dois poderiam morrer em Bay Area. Além do mais... se fôssemos para lá, Bay Area é enorme! Antes precisamos encontrar Éolo e livrar-nos dos espíritos da tempestade. Bóreas disse que Éolo é o único que pode nos dizer exatamente aonde devemos ir.

— Mas como vamos encontrar Éolo? — perguntou Leo.

Jason inclinou-se para a frente.

— Você quer dizer que não está vendo? — perguntou, apontando à sua frente, mas Leo não via nada além de nuvens e cidades brilhando na escuridão.

— O quê? — perguntou Leo.

— Aquilo... seja lá o que for — disse Jason. — No ar.

Leo olhou para trás. Piper parecia tão confusa quanto ele.

— Certo — disse Leo. — Você poderia ser mais específico com o “seja lá o que for”?

— Uma espécie de trilha de vapor — disse Jason —, mas que brilha. Muito suave, mas está lá, definitivamente. Estamos seguindo isso desde Chicago, imaginei que tivessem visto.

Leo fez que não com a cabeça.

— Talvez Festus a tenha sentido. Você acha que é algo de Éolo?

— Bem, é uma trilha mágica no vento — disse Jason. — Éolo é o deus do vento. Deve saber que temos prisioneiros para ele e está nos dizendo para onde voar.

— Ou talvez seja outra armadilha — disse Piper.

Seu tom preocupou Leo. Ela não parecia apenas nervosa. Na verdade, parecia desesperada, como se os três já tivessem selado seu destino e a culpa fosse dela.

— Pips, você está bem? — ele perguntou.

— Não me chame assim.

— Certo, tudo bem. Você não gosta dos nomes que invento. Mas se o seu pai está em perigo e podemos ajudar...

— Não podem — ela disse, a voz agora falhando. — Olhem, estou cansada. Se não se importam...

Ela se recostou, apoiando-se em Jason, e fechou os olhos.

Tudo bem, pensou Leo, era um sinal claro de que Piper não queria conversar.

Voaram em silêncio por um tempo. Festus parecia saber para onde ir. Manteve o ritmo, fazendo uma curva suave para o sudoeste. Com sorte, seguiam em direção à fortaleza de Éolo. Outro deus do vento a visitar... E Leo não via a hora de encarar mais uma loucura.

Estivera com muita coisa na cabeça para conseguir dormir, mas, agora que não corria mais perigo, seu corpo queria outra coisa. Sua energia se extinguia. A batida monótona das asas do dragão fez seus olhos pesarem. Sua cabeça começou a cair.

— Durma um pouco — disse Jason. — Certo, deixe as rédeas comigo.

— Não, eu estou bem.

— Leo — disse Jason —, você não é uma máquina. Além do mais, eu posso

ver a trilha no ar. Vou fazer de tudo para seguirmos o caminho.

Os olhos de Leo começaram a se fechar sozinhos.

— Tudo bem. Só... — Mas antes de terminar a frase caiu para a frente, agarrando-se ao pescoço do dragão.

*

Em seu sonho, Leo ouviu uma voz estranha, como se fosse uma rádio AM fora de sintonia.

— Oi? Isso funciona?

A visão de Leo entrou em foco... mais ou menos. Tudo estava cinza, confuso, com interferências... Nunca sonhara assim antes, com má conexão.

Parecia estar em uma oficina. Pelo canto do olho viu serras, tornos mecânicos e caixas de ferramentas. Uma forja brilhava orgulhosamente em uma parede.

Não era a forja do acampamento... era grande demais. Não era o bunker 9... era mais agradável e confortável, e obviamente não estava abandonado.

Então Leo notou que algo bloqueava sua visão, bem no centro. Algo grande e embaçado, e que estava perto. Abriu bem os olhos para ver o que era: um rosto grande e feio.

— Mãe do céu! — ele gritou.

O rosto se afastou e entrou em foco. Era um homem barbado que o observava, com avental de trabalho azul e encardido. Um rosto sujo, encaroçado, como se tivesse sido mordido por centenas de abelhas, arrastado por cascalhos, ou as duas coisas.

— Mãe do céu? — disse o homem. — É *pai* do céu, menino. Imaginei que soubesse a diferença.

— Hefesto? — perguntou Leo, piscando.

Estava na presença do seu pai pela primeira vez, e deveria estar sem voz, assustado ou qualquer coisa assim. Porém, após tudo o que acontecera nos dois últimos dias, com os ciclopes, a feiticeira e um rosto se formando entre resíduos de vasos sanitários, sentiu apenas uma onda total de irritação.

— Vai aparecer justo agora? — disse. — Após quinze anos? Que pai maravilhoso, Rosto Peludo! Como conseguiu colocar seu nariz horrível nos meus sonhos?

O deus levantou uma sobrancelha. Uma pequena fagulha surgiu na sua barba. Depois ele jogou a cabeça para trás e gargalhou bem alto, fazendo tremerem as ferramentas deixadas na mesa de trabalho.

— Você se parece com a sua mãe — disse Hefesto. — Eu sinto falta de Esperanza.

— Ela morreu há sete anos — disse Leo, com voz trêmula. — E você não pareceu se importar.

— Mas eu me importo, rapaz. Com vocês dois.

— Certo... deve ser por isso que nunca o vi antes.

Um barulho ribombou na garganta do deus, mas não parecia raivoso, apenas desconfortável. Ele pegou um motor em miniatura no bolso e ficou mexendo nas engrenagens... exatamente como Leo fazia quando estava nervoso.

— Não sou muito bom com crianças — confessou o deus. — Nem com pessoas. Na verdade, não sou bom lidando com nenhuma forma orgânica de vida. Pensei em falar com você no funeral de sua mãe. E também mais tarde, quando estava no sexto ano e fez aquele projeto de ciências... foi incrível.

— Você viu aquilo?

Hefesto apontou para a mesa de trabalho mais próxima, onde um reluzente espelho de bronze mostrava a imagem enevoada de Leo dormindo nas costas do dragão.

— Esse sou eu? — perguntou Leo. — Quer dizer... sou eu agora, tendo este sonho... e olhando para mim mesmo enquanto durmo?

Hefesto coçou a barba.

— Agora você me deixou confuso. Sim... é você. Estou sempre de olho em você, Leo. Mas conversar é... hum... diferente.

— Você está assustado — disse Leo.

— Pelas engrenagens! — gritou o deus. — Claro que não!

— Sim, você está assustado.

E a raiva de Leo se dissipou. Passara vários anos de sua vida pensando no que diria ao pai quando se encontrassem... Queria jogar muitas coisas na sua cara. Porém, olhando para aquele espelho de bronze, pensou em seu pai observando seus progressos ao longo do tempo, mesmo as suas experiências científicas mais bobas.

Talvez Hefesto não fosse mesmo um idiota, mas Leo de algum modo entendeu de onde vinha. Conhecia bem a sensação de querer fugir das pessoas, de não pertencimento. Sabia o que era esconder-se em uma oficina, em vez de lidar com as formas orgânicas de vida.

— Então — disse Leo. — Você observa todos os seus filhos? Tem uns doze lá no acampamento. Como consegue... Deixe para lá. Não quero saber.

Hefesto deve ter corado, mas seu rosto já era muito avermelhado, então Leo não poderia dizer com certeza.

— Nós, deuses, somos diferentes dos mortais, rapaz. Podemos estar em vários

lugares ao mesmo tempo... Vamos aonde nos chamam, desde que esteja em nossa esfera de influência. Na verdade, é raro que nossa essência esteja por completo em apenas um lugar... a nossa forma verdadeira. Então, sim... vários filhos. E some a isso nossos aspectos romano e grego... — Hefesto parou de mexer na engrenagem que tinha nas mãos. — Ou seja, ser deus é complicado. E, sim, tento ficar de olho em todos os meus filhos, mas especialmente em você.

Leo tinha certeza de que Hefesto quase deixara escapar uma informação importante, mas não sabia ao certo o que seria.

— Por que está entrando em contato comigo agora? — perguntou. — Eu achava que os deuses estivessem em silêncio.

— É verdade — disse Hefesto. — Foram ordens de Zeus. Algo muito estranho... mesmo vindo dele. Bloqueou nossas visões, sonhos e mensagens de Íris. Hermes está chateado por não conseguir entregar mensagens. Felizmente, eu tenho meus equipamentos piratas de transmissão.

Hefesto pôs a mão em um equipamento na mesa. Parecia uma mistura de prato de satélite, motor V-6 e cafeteira de *espresso*. Quando o deus tocava na máquina, o sonho de Leo tremia e mudava de cor.

— Usei isso durante a Guerra Fria — disse o deus, orgulhoso. — Radio Free Hefesto. Que dias foram aqueles! Hoje mantenho o sistema em operação para *pay-per-view*, principalmente, ou vídeos mentais...

— Vídeos mentais?

— Mas agora voltou à ativa. Se Zeus souber que estou entrando em contato com você, ele me mata!

— Por que Zeus é tão idiota?

— Ele é famoso por isso, rapaz — disse Hefesto, que o chamava de *rapaz* como se fosse o nome da peça problemática de uma máquina... uma peça sobressalente, talvez, mas que ele não queria jogar fora com medo de um dia precisar.

Isso não era alentador, mas Leo não tinha certeza se gostaria de ser chamado de “filho”. E tampouco gostaria de chamar aquele cara grande e feioso de “pai”.

Hefesto ficou cansado de brincar com a engrenagem e jogou-a por cima do ombro. Antes que caísse no chão, a peça abriu asas de helicóptero e voou até a lata de reciclagem.

— Foi a segunda Guerra de Titãs, eu acho... que deixou Zeus tão chateado — disse Hefesto. — Nós, deuses, ficamos... envergonhados. Acho que não existe outra palavra para descrever o que sentimos.

— Mas vocês ganharam — disse Leo.

— Ganhamos porque os semideuses do... — mais uma vez ele hesitou, como se estivesse a ponto de dizer algo que não deveria — Acampamento Meio-

Sangue tomaram a dianteira. Ganhamos porque nossas crianças lutaram por nós, melhor do que poderíamos fazer. Se confiássemos no plano de Zeus, teríamos ido todos para o Tártaro lutar contra o gigante da tempestade, Tifão, e Cronos teria vencido. Já era ruim que mortais tivessem vencido a guerra por nós, e então aquela jovem promessa, Percy Jackson...

— O cara que está sumido.

— Sim, esse aí. Ele teve coragem de resistir à nossa oferta de imortalidade e disse que deveríamos prestar mais atenção às nossas crianças. Mas, olhe, não se ofenda.

— Por que eu ficaria ofendido? Por favor, continue me ignorando.

— Muito compreensivo da sua parte — disse Hefesto, franzindo a testa, e depois suspirou, cansado. — Isso foi sarcasmo, não foi? Máquinas não usam sarcasmo, normalmente. Porém, como eu dizia, nós, deuses, ficamos envergonhados. Num primeiro momento, claro, ficamos felizes e gratos. Mas, após alguns meses, os sentimentos se tornaram amargos. Somos deuses, afinal de contas. Precisamos ser admirados, vistos como exemplo, reverenciados.

— Mesmo quando estão equivocados?

— Principalmente! E quando Jackson recusou nossa oferta, como se fosse *melhor* ser mortal que ser deus, como nós... Foi um golpe duro para Zeus. Ele decidiu que era hora de voltarmos aos valores tradicionais. Os deuses deveriam ser respeitados. Nossas crianças deveriam ser vigiadas, não visitadas. O Olimpo foi fechado. Pelo menos isso foi *parte* do seu raciocínio. E, claro, começamos a ouvir sobre coisas ruins vindas da terra.

— Os gigantes, você quer dizer. Monstros que renascem instantaneamente. Mortos voltando à vida. Coisas assim?

— Ai, rapaz...

E nesse momento Hefesto girou algo em seu transmissor pirata, deixando o sonho de Leo em cores. Mas o rosto do deus era composto de manchas vermelhas, amarelas e pretas. Leo preferia que tudo voltasse a ser preto e branco outra vez.

— Zeus acredita ser capaz de reverter a maré — disse o deus —, de fazer a terra adormecer novamente, e acha que alcançaremos tudo isso ficando quietos. Mas nenhum de nós acredita que seja possível. E eu não me importo em dizer: não estamos preparados para uma nova guerra. Mal sobrevivemos aos titãs. Se estivermos repetindo o velho padrão, o que está por vir será ainda pior.

— Os gigantes — disse Leo. — Hera disse que deuses e semideuses deveriam unir suas forças para vencê-los. Isso é verdade?

— Sabe... eu odeio concordar com a minha mãe em qualquer assunto, mas, sim, é verdade. Esses gigantes são duros de matar, rapaz. São uma raça diferente.

— Raça? Isso soa a cavalos de corrida.

— Na verdade, é algo mais parecido com cães de briga. Lá no início, toda a criação se originou dos mesmos pais: Gaia e Urano, Terra e Céu. Eles tiveram seus filhos, de tipos diferentes: os titãs, os primeiros ciclopes e assim por diante. Depois Cronos, o titã-chefe... bem, você deve ter ouvido falar no que ele fez ao pai, Urano, matando-o com uma foice e dominando o mundo. Depois nós, os deuses, aparecemos, filhos dos titãs, e derrotamos todos *eles*. Mas isso não foi o final da história. A terra deu à luz novos filhos, mas eles eram crias do Tártaro, o espírito do eterno abismo... o lugar mais escuro e perverso do Mundo Inferior. Esses filhos, os gigantes, foram concebidos com um propósito: vingar a queda dos titãs. Eles se ergueram para destruir o Olimpo, e chegaram bem perto de conseguir seu intento.

A barba de Hefesto começou a arder em brasa. Mas ele, despreocupado, apagou as chamas.

— O que minha desfalecida mãe, Hera, está fazendo agora... está bancando a boba num jogo perigoso, mas tem razão sobre uma coisa: vocês, semideuses, precisam se unir. É a única forma de abrir os olhos de Zeus, convencê-lo de que os olímpianos devem aceitar a ajuda de vocês. E de que é a única forma de vencer o que está por vir. E você é parte importante nisso, Leo.

O olhar do deus parecia distante. Leo ficou imaginando se ele realmente era capaz de dividir-se em várias partes... Onde mais poderia estar naquele instante? Talvez seu lado grego estivesse consertando um carro ou saindo para um encontro, enquanto o romano estivesse vendo um jogo e pedindo pizza.

— Por que eu? — ele perguntou, e imediatamente novos questionamentos saltaram em sua mente. — Por que me reclamou agora? Por que não me reclamou aos treze anos, como deveria ser? Ou aos sete, antes da morte de minha mãe! Por que não me buscou antes? Por que não me avisou sobre *isso*?

As mãos de Leo explodiram em chamas.

Hefesto olhava para ele, triste.

— Essa é a parte mais difícil, rapaz. Deixar que as crianças sigam seu caminho. Interferir não funciona. As Parcas se asseguram disso. Quanto a reclamá-lo, saiba que você foi um caso especial, rapaz. Eu precisava esperar o momento certo. Não posso explicar muito mais, porém...

O sonho de Leo ficou embaçado. Por um momento, transformou-se em uma reprise do programa *Roletrando*. Depois Hefesto voltou a ficar em foco.

— Droga! Não posso falar por muito mais tempo. Zeus está notando um sonho ilegal. Ele é o senhor do ar, afinal, o que inclui as ondas que navegam pelo ar. Escute, rapaz, você tem um papel a assumir. Seu amigo Jason tem razão: o fogo é um dom, não uma maldição. E eu não ofereço essa bênção a qualquer um.

Eles nunca vencerão os gigantes sem você, muito menos vencerão a senhora a que servem. Ela é pior que qualquer deus ou titã.

— Quem? — perguntou Leo.

Hefesto franziu a testa, e sua imagem ficou turva.

— Eu já disse. Sim, tenho certeza de que disse. Mas fique atento: ao longo do caminho você perderá amigos e ferramentas valiosas. Mas não será culpa sua, Leo. Nada dura para sempre, nem mesmo as melhores máquinas. E tudo pode ser reciclado.

— O que você quer dizer? Não gosto do que estou ouvindo.

— Não, não deveria mesmo. — A imagem de Hefesto era quase invisível nesse momento. — Só tome cuidado com...

O sonho de Leo transformou-se no programa *Roletrando*, bem no momento em que a roda parou em “perde tudo” e o público fez “Ahhh!”

E então Leo despertou com Jason e Piper gritando.

XXX

LEO

ELES ESTAVAM GIRANDO EM QUEDA livre em plena escuridão, ainda agarrados às costas do dragão, mas Festus ficara frio. Seus olhos rubi estavam quase apagados.

— De novo, não! — gritou Leo. — Você não pode cair outra vez!

Ele mal conseguia se segurar. O vento batia com força em seus olhos, mas ele conseguiu abrir o painel no pescoço do dragão. Apertou os botões. Mexeu nos fios. As asas do dragão bateram uma vez, mas Leo sentiu um cheiro de bronze queimado. O sistema principal estava sobrecarregado. Festus não tinha forças para seguir voando e Leo não poderia alcançar o painel de controle em sua cabeça... não em pleno voo. Olhou para as luzes da cidade logo abaixo... eram fagulhas na escuridão enquanto eles caíam em círculos. Em apenas alguns segundos seriam esmagados contra o chão.

— Jason! — ele gritou. — Agarre Piper e saia voando daqui!

— O quê?

— Precisamos diminuir a carga! Talvez eu consiga reativar Festus, mas ele está carregando muito peso!

— E você? — gritou Piper. — E se não conseguir reativá-lo?

— Vou ficar bem — gritou Leo. — Sigam-me em direção ao chão. Vão!

Jason agarrou Piper pela cintura. Os dois se soltaram das costas do dragão e desapareceram rapidamente... disparando no ar.

— Agora — disse Leo — estamos só nós dois, Festus... e duas gaiolas pesadas. Você pode, rapaz!

Leo conversava com o dragão enquanto trabalhava, e caíam em incrível velocidade. Ele podia ver as luzes da cidade lá embaixo, cada vez mais perto. Acendeu fogo na mão, para que pudesse ver o que fazia, mas o vento o apagou várias vezes.

Puxou um fio que, imaginou, conectava o centro nervoso do dragão à sua cabeça, esperando conseguir uma descarga que o despertasse.

Festus grunhiu... e logo depois Leo ouviu um barulho de metal no interior de seu pescoço. Seus olhos piscaram, fracos, voltando à vida, e ele abriu as asas. Os dois pararam de cair e voltaram a planar.

— Ótimo! — disse Leo. — Vamos, garotão! Vamos!

Ainda voavam com sobrecarga, e o chão estava muito perto. Leo precisava de um local para aterrissar, rápido.

Havia um rio bem grande... não... não seria uma boa ideia para um dragão que soltava fogo. Nunca conseguiria resgatá-lo, caso afundasse, especialmente com o frio que fazia. Às margens do rio, havia uma mansão branca com um enorme gramado nevado, cercado por um muro de tijolos bem alto... Deveria pertencer a alguém muito rico, e estava iluminado. Um campo de pouso perfeito. Leo fez o melhor que pôde para dirigir o dragão até lá, e Festus parecia a ponto de voltar completamente à vida. Eles conseguiriam!

Mas deu tudo errado. Ao se aproximarem do campo gramado, os holofotes apontaram para eles, cegando Leo, que ouviu o barulho de tiros e de metal estilhaçado... e *Bum!*

Leo desmaiou.

*

Quando voltou a si, Jason e Piper estavam debruçados sobre ele. Leo estava caído na neve, coberto de lama e óleo. E cuspiu um pouco de grama congelada.

— Onde...

— Fique deitado — disse Piper, com lágrimas nos olhos. — Você caiu muito feio quando... quando Festus...

— Onde ele está? — disse Leo, sentando-se, com a cabeça girando. Tinham aterrissado no gramado. Algo acontecera no caminho... tiros?

— Estamos falando sério, Leo — disse Jason. — Você poderia ter sido atingido. Não deveria...

Leo se levantou. Depois olhou para os escombros. Festus deve ter deixado cair as duas grandes gaiolas ao aproximar-se da cerca, pois elas rolaram para lados opostos. No entanto, não sofreram qualquer dano.

Mas o dragão não tivera tanta sorte.

Ele fora destruído. Seus membros estavam espalhados pelo campo. A cauda, presa à cerca. A parte principal do seu corpo deixara um longo rastro no

gramado até o ponto onde se despedaçara. O que tinha sobrado da couraça era uma pilha de retalhos carbonizados, soltando fumaça. Apenas seu pescoço e sua cabeça pareciam intactos, em meio a rosas congeladas, como se fossem um travesseiro.

— Não — disse Leo.

E correu em direção à cabeça do dragão, acariciando-a. Os olhos de Festus piscaram, fracos. Óleo escorria de seu ouvido.

— Não me deixe — implorou Leo. — Você é a melhor coisa que já consertei na vida.

As engrenagens na cabeça do dragão fizeram barulho, como se ronronassem. Jason e Piper ficaram de pé ao lado de Leo, que mantinha os olhos fixos no dragão.

E lembrou-se do que lhe dissera Hefesto: *Não será culpa sua, Leo. Nada dura para sempre, nem mesmo as melhores máquinas.*

Seu pai tentara avisá-lo.

— Isso não é justo — ele disse.

O dragão fez um barulho. Um longo *click*. Depois dois *cliques* mais curtos. *Click. Click.* Quase seguindo um ritmo... fazendo renascer uma antiga memória na mente de Leo. Notou que Festus queria dizer alguma coisa: aquilo era código Morse. Exatamente como sua mãe lhe ensinara, anos atrás. Leo ouviu com mais atenção, traduzindo os cliques em letras: uma mensagem simples, que se repetia.

— Ah — disse Leo. — Entendo. Vou fazer isso. Prometo.

E os olhos do dragão ficaram escuros. Festus se fora.

Leo chorou. Não ficou envergonhado. Seus amigos permaneceram de pé ao seu lado, tocando seu ombro, dizendo palavras reconfortantes; mas o zumbido nos ouvidos de Leo as abafava.

Finalmente, Jason disse:

— Sinto muito, cara. O que você prometeu a Festus?

Leo fungou. Abriu o painel de controle na cabeça do dragão, para certificar-se. O disco de controle estava quebrado e muito queimado, não poderia ser consertado.

— Algo que meu pai me disse: “Tudo pode ser reciclado” — respondeu Leo.

— Seu pai falou com você? — perguntou Jason. — Quando?

Leo não respondeu. Mexeu no pescoço do dragão até a cabeça ser desconectada. Pesava quase cinquenta quilos, mas Leo conseguiu segurá-la nos braços. Depois olhou para o céu estrelado e disse:

— Leve-o de volta ao bunker, pai, por favor. Até que eu possa reutilizá-lo. Nunca lhe pedi nada.

O vento ficou mais forte, e a cabeça do dragão voou dos braços de Leo, como

se não pesasse nada. Desapareceu no céu.

Piper ficou olhando para ele, admirada.

— Ele *atendeu* você?

— Eu tive um sonho — disse Leo. — Mais tarde contarei tudo.

Sabia que devia uma explicação melhor aos amigos, mas mal podia falar naquele momento. Por dentro, sentia-se como uma máquina destruída. Como se alguém tivesse removido uma parte importante dele. E nunca mais voltaria a ser o mesmo. Poderia seguir em frente, falar, continuar o seu trabalho. Mas sempre estaria um pouco fora de órbita, nunca estaria bem-calibrado.

Ainda assim, não poderia deixar-se abater completamente. Ou Festus teria morrido à toa. Precisava terminar aquela missão... por seus amigos, por sua mãe, por seu dragão.

Olhou em volta. A enorme casa branca brilhava no centro da propriedade. Altos muros de tijolo com luzes e câmeras de segurança cercavam o perímetro, mas Leo podia ver... ou *sentir*... como aquela segurança toda funcionava.

— Onde estamos? — perguntou. — Quer dizer, em qual cidade?

— Omaha, Nebraska — respondeu Piper. — Vi um cartaz enquanto caíamos. Mas não sei o que é essa mansão. Caímos logo atrás de você. Porém, enquanto você aterrissava, Leo... juro que isso parecia... não sei...

— Raios laser — disse Leo.

Ele pegou uma peça do dragão, atirando-a em direção à cerca. Imediatamente um raio saiu da parede, incinerando a placa de bronze, transformando-a em cinzas.

Jason assoviou:

— Algum sistema de segurança. E como estamos vivos?

— Festus — disse Leo, triste. — Ele atraiu os raios, que o cortaram em pedaços enquanto ele descia, por isso não perceberam vocês. Eu o levei em direção a uma armadilha mortal.

— Sem saber, claro — disse Piper. — E salvou nossas vidas mais uma vez.

— Mas e agora? — perguntou Jason. — Os portões principais estão trancados, e acho que não poderíamos sair voando sem ser atingidos. Eu não posso levar vocês dois.

Leo olhou o caminho que levava à grande mansão.

— Já que não podemos sair, vamos ter que entrar.

XXXI

JASON

SE NÃO FOSSE POR LEO, Jason teria morrido umas cinco vezes até chegar à porta principal.

Primeiro foi o portão-armadilha na calçada, ativado por movimento; depois os raios laser nas escadas; um dispensador de gás na grade da varanda; os pregos envenenados acionados por pressão no capacho da entrada, e por fim a campanha explosiva.

Leo desativou tudo isso. Era como se pudesse farejar as armadilhas, e sempre conseguia a ferramenta adequada para cada uma delas no seu cinto.

— Você é incrível, cara — disse Jason.

Leo fez cara feia ao examinar a porta de entrada.

— Sim, sou incrível — ele disse. — Não sou capaz de consertar bem um dragão, mas sou incrível.

— Mas não foi sua...

— Porta destrancada — anunciou Leo.

Piper ficou olhando, descrente.

— Sério? Todas as armadilhas... e a *porta* destrancada?

Leo girou a maçaneta. A porta se abriu facilmente e ele entrou sem hesitar.

Antes que Jason o seguisse, Piper agarrou seu braço.

— Leo precisará de um tempo para superar a morte de Festus. Não tome como pessoal.

— Eu sei — disse Jason. — Eu sei, tudo bem.

Mas ainda assim ele se sentia mal. Na loja de Medeia, dissera coisas duras a Leo... coisas que um amigo nunca poderia dizer, e quase o atingira com a sua espada. Se não fosse por Piper, os dois estariam mortos. E Piper também não superara aquilo.

— Piper — ele disse. — Sei que fui um idiota em Chicago, mas aquela

história sobre o seu pai... Se ele está em perigo, eu quero ajudar. Não ligo se é ou não uma armadilha.

Os olhos dela sempre estampavam cores diferentes, mas pareciam perdidos naquele momento, como se ela acabasse de ver algo que não entendia.

— Jason, o que você está dizendo? Por favor... não faça com que eu me sinta pior. Vamos. Temos que permanecer juntos.

Ela entrou.

“Juntos”, disse Jason a si mesmo. “Sim, estamos nos saindo bem nisso.”

*

Escuridão: essa foi a primeira impressão de Jason sobre a casa.

Pelo eco dos seus passos, notou que o hall de entrada era enorme, maior que o da cobertura de Bóreas; mas a única iluminação vinha de fora, das luzes do jardim. Uma luz tímida que passava pelas frestas das pesadas cortinas de veludo. As janelas tinham três metros de altura. Em intervalos regulares, junto às paredes, havia várias estátuas de metal em tamanho natural. Enquanto os olhos de Jason se acostumavam à penumbra, viu sofás dispostos em forma de U no meio da sala, com uma mesa de centro e uma grande poltrona na extremidade. Um enorme lustre pendia do teto. Na parede de trás, várias portas fechadas.

— Onde está o interruptor? — perguntou, e sua voz ecoou pela sala.

— Não vejo nenhum — respondeu Leo.

— Temos fogo? — sugeriu Piper.

Leo esticou a mão, mas nada aconteceu.

— Não está funcionando.

— Seu fogo acabou? Por quê? — perguntou Piper.

— Bem, se eu soubesse...

— Certo, tudo bem — ela disse. — O que faremos? Explorar?

Leo balançou a cabeça.

— Após todas aquelas armadilhas do lado de fora? Má ideia.

Jason sentiu um arrepio. Odiava ser um semideus. Dando uma olhada ao redor, não via uma sala confortável. Imaginava espíritos da tempestade observando tudo por trás das cortinas, dragões sob os tapetes e um lustre feito de cristais de gelo mortíferos, pronto para espetá-los.

— Leo tem razão — disse Jason. — Não vamos nos separar mais uma vez... como fizemos em Detroit.

— Ah, obrigada por me lembrar dos ciclopes — disse Piper, com voz trêmula.

— Eu realmente precisava disso.

— Temos poucas horas até o amanhecer — disse Jason. — Está muito frio lá fora. Vamos trazer as gaiolas para dentro e acampar nesta sala. Esperaremos pela luz do dia; depois decidiremos o que fazer.

Nenhum deles teve uma ideia melhor, então pegaram as gaiolas com o treinador Hedge e com os espíritos da tempestade e voltaram a entrar. Felizmente, Leo não encontrou almofadas envenenadas ou estofamento eletrificado no sofá.

Ele não parecia disposto a preparar mais tacos. E não tinham fogo, por isso resolveram comer coisas frias.

Enquanto comia, Jason observou as estátuas de metal ao longo das paredes. Pareciam deuses gregos ou heróis. Talvez fosse um bom sinal. Ou talvez fossem usados para prática de tiro ao alvo. Na mesa de centro, havia um jogo de chá e uma pilha de livros grossos, mas Jason não enxergava o que diziam. A grande poltrona do outro lado parecia um trono. Mas ninguém tentou sentar nela.

As gaiolas não ajudavam a deixar aquele lugar menos assustador. Os *venti* não paravam de se mexer lá dentro, e Jason estava desconfortável, imaginando que eles o observavam. Sentia o ódio deles pelo filho de Zeus... o senhor do céu que obrigou Éolo a prender seus companheiros. Os *venti* adorariam fazer picadinho de Jason.

Quanto ao treinador Hedge, ele ainda estava congelado. Leo trabalhava na gaiola, tentando abri-la com várias ferramentas, mas a tranca parecia complicada. Jason não quis sentar-se ao seu lado, com receio de que o treinador se descongelasse de repente, transformando-se num sátiro ninja.

Mesmo sentindo-se mal, já com o estômago cheio, Jason começou a ficar com sono. Os sofás eram bem confortáveis — muito melhores que as costas do dragão — e ele ficara de guarda nas últimas duas vezes, enquanto os amigos dormiam. Estava exausto.

Piper já estava esticada no outro sofá. Jason imaginou se estaria realmente dormindo ou apenas pensando no pai. Seja lá o que Medeia tivesse insinuado em Chicago sobre Piper salvar o pai caso cooperasse... aquilo não soava nada bem. Se ela tivesse realmente arriscado a vida do pai para salvá-los, isso deixaria Jason sentindo-se ainda mais culpado.

E estavam ficando sem tempo. Caso Jason estivesse certo, aquela era a manhã do dia 20 de dezembro. Ou seja, no dia seguinte seria o solstício de inverno.

— Durma um pouco — disse Leo, ainda trabalhando na gaiola trancada. — É a sua vez.

Jason respirou fundo.

— Leo, sinto muito pelo que disse em Chicago. Aquele não era eu. Você não

me chateia e leva *tudo* a sério, especialmente seu trabalho. Eu gostaria de poder fazer metade do que você é capaz.

Leo baixou a chave de fenda. Depois olhou para o teto e balançou a cabeça, como quem diz: *O que vou fazer com esse cara?*

— Eu me esforço para ser chato, com todas as minhas forças — disse Leo. — Não insulte minha capacidade de *ser chato*. Aliás, como vou ficar ressentido, se você está pedindo desculpas? Eu sou só um mecânico. Você é uma espécie de príncipe do céu, filho do Senhor do Universo. Sou *eu* quem deve invejá-lo.

— Senhor do Universo?

— Claro, você é... *tcham!* O homem dos raios. “Veja como voo bem. Sou um gavião...”

— Cale a boca, Valdez.

Leo abriu um pequeno sorriso.

— Viu? Eu *chateio* você, sim.

— E eu peço desculpas por ter pedido desculpas.

— Obrigado.

Leo voltou ao trabalho, mas a tensão entre eles diminuía. Ele ainda parecia triste e exausto... mas não com tanta raiva.

— Durma, Jason — ordenou. — Vou demorar algumas horas para libertar o homem-bode. Depois vou tentar descobrir como colocar os *venti* numa gaiola menor, pois não pretendo carregar isso até a Califórnia.

— Você consertou Festus — disse Jason. — Conseguiu dar um novo propósito à sua existência. Acho que essa missão foi o ponto alto da vida dele.

Jason teve medo de ter estragado tudo e deixado o amigo chateado outra vez, mas Leo suspirou.

— Espero que sim — disse. — Agora durma, cara. Quero ficar um tempo longe das formas orgânicas de vida.

Jason não entendeu muito bem o que ele quis dizer, mas não argumentou. Fechou os olhos e dormiu profundamente por um bom tempo, sem sonhar.

Só acordou ao ouvir uma gritaria.

*

— Ahhhhhh!

Jason se levantou rapidamente. Não sabia o que o assustava mais: se a luz do sol entrando na sala ou o sátiro gritando.

— O treinador acordou — disse Leo.

O que foi um aviso desnecessário, pois Gleeson Hedge, com seu traseiro peludo, dava voltas pela sala, brandindo o bastão e gritando “Morra!” enquanto estraçalhava o conjunto de chá, os sofás e o trono.

— Treinador! — gritou Jason.

Ele virou o corpo, ofegante. Seus olhos eram selvagens, e Jason ficou com medo de que o atacasse. O sátiro ainda vestia sua camisa polo laranja e estava com o apito de treinador, mas seus chifres eram claramente visíveis acima dos cabelos encaracolados, e seu traseiro musculoso era sem dúvida o de um bode. Podemos chamar um bode de *musculoso*? Jason afastou tal pensamento da mente.

— Você é Jason, o menino novo — disse Hedge, baixando o taco. — Depois olhou para Leo e para Piper, que aparentemente também acordara. Seus cabelos pareciam um ninho de hamster.

— Valdez, McLean — disse o treinador. — O que está acontecendo? Onde está o Grand Canyon? Os *anemoi thuellai* que estávamos atacando e... — Olhou para a gaiola com os espíritos. — Morram!

— Cuidado, treinador! — disse Leo, interpondo-se em seu caminho, o que foi muito corajoso, ainda que Hedge fosse mais baixo que ele. — Está tudo bem. Eles estão presos. Nós acabamos de tirar você da outra gaiola.

— Gaiola? Gaiola? O que está acontecendo? Não é porque sou um sátiro que você vai escapar das flexões, Valdez!

Jason limpou a garganta.

— Treinador... Gleeson... ou seja lá como queira que o chamemos. Você nos salvou no Grand Canyon. Sua bravura foi enorme.

— Claro que foi!

— Uma equipe de resgate nos levou ao Acampamento Meio-Sangue. Imaginamos ter perdido você. Depois ficamos sabendo que os espíritos o tinham levado para seu... hum, comandante: Medeia.

— Aquela bruxa! Espere... isso é impossível. Ela é mortal. Está morta.

— Ah, mas — disse Leo —, de alguma maneira, já não está morta.

Hedge fez que sim, estreitando os olhos.

— Então vocês foram enviados em uma perigosa missão para me salvar. Ótimo!

— Mais ou menos... — disse Piper, levantando-se e erguendo as mãos para que o treinador Hedge não a atacasse. — Na verdade, Glee... posso continuar chamando-o de treinador Hedge? Gleeson não parece *certo*. Estamos numa missão por outra coisa. Mas o encontramos por sorte.

— Ah! — O bom humor do treinador pareceu perder intensidade, mas apenas por um segundo. Logo seus olhos estavam vivos outra vez. — A sorte não

existe! Não em missões. Isso *tinha* de acontecer! Então este é o covil da bruxa, certo? Por que tudo está dourado?

— Dourado? — perguntou Jason, dando uma olhada em volta.

Pela forma como Leo e Piper ficaram sem fôlego, percebeu que eles também não tinham notado.

A sala era repleta de ouro — as estátuas; o conjunto de chá que o treinador destruía; a poltrona, que definitivamente era um trono. Até as cortinas — que pareciam ter-se aberto sozinhas à luz do dia — também davam a impressão de ser feitas de fibra de ouro.

— Claro, por isso tanta segurança — disse Leo.

— Não é por isso... — disse Piper. — Não estamos na casa de Medeia, treinador. Esta é a mansão de algum rico de Omaha. Fugimos de Medeia e caímos aqui.

— É o destino, *cupcakes*! — insistiu o treinador. — Existo para protegê-los. Qual a missão de vocês?

Antes que Jason se decidisse entre explicar tudo ao treinador e atirá-lo de volta à gaiola, uma porta se abriu no fundo da sala.

Um homem gorducho, vestindo um roupão branco, apareceu com uma escova de dentes dourada na boca. Tinha barba branca e uma antiquada touca de dormir comprida cobrindo os cabelos brancos. Ficou paralisado quando os viu, e a escova caiu da sua boca. Depois olhou para trás e disse:

— Lit, meu filho? Venha aqui, por favor. Há um pessoal estranho na sala do trono.

O treinador Hedge fez o de sempre. Levantou seu bastão e gritou:

— Morram!

XXXII

JASON

FORAM NECESSÁRIOS OS TRÊS PARA conter o sátiro.

— Calma, treinador — disse Jason. — Guarde a arma por um momento.

Um rapaz entrou na sala. Jason imaginou que seria Lit, o filho. Vestia uma calça de pijama e uma camisa sem manga na qual se podia ler CORNHUNSKERS, o nome do time de hóquei local, que pode ser traduzido por “debulhadores de milho”. Porém, carregava uma espada que parecia capaz de cortar muita coisa além de milho. Seus braços nus eram cobertos de cicatrizes, e seu rosto era emoldurado por cabelos negros encaracolados. Seria um rapaz bonito, se não tivesse sido tão recortado.

Lit olhou imediatamente para Jason, como se fosse a maior ameaça, e caminhou na sua direção, balançando a espada acima da cabeça.

— Espere um pouco! — disse Piper, dando um passo à frente, tentando manter o tom de voz calmo. — Estamos confundindo as coisas aqui! Está tudo bem.

Lit parou, mas ainda parecia tenso.

E não ajudou nada que Hedge estivesse gritando:

— Deixem comigo. Eu cuido deles!

— Treinador — disse Jason —, eles podem ser amigáveis. Além do mais, fomos nós que entramos na casa deles.

— Obrigado! — disse o homem idoso de roupão. — Mas quem são vocês e o que estão fazendo aqui?

— Vamos baixando as armas — disse Piper. — Treinador, você primeiro.

Hedge trincou os dentes.

— Posso dar só um susto...?

— Não — disse Piper.

— Um acordo? Eu mato os dois, e se depois descobrirmos que eram mesmo nossos amigos, peço desculpas.

— Não! — insistiu Piper.

— Droga — disse o treinador, baixando seu bastão.

Piper deu um pequeno sorriso de “sinto muito por isso”. Ainda que estivesse com os cabelos revoltos e usasse as mesmas roupas havia dois dias, ela parecia muito bonita, e Jason sentiu um pouco de ciúme ao ver que sorria daquela maneira para Lit.

Lit bufou e baixou a arma.

— Você fala muito bem, menina... sorte dos seus amigos, ou eu teria cravado a espada neles.

— Obrigado, porque prefiro não ser espetado antes do almoço — disse Leo.

O velho homem vestindo roupão suspirou, dando um chute no aparelho de chá destruído pelo treinador Hedge.

— Já que estão aqui. Por favor, sentem-se.

— Sua Majestade... — disse Lit, franzindo a testa.

— Está tudo bem, Lit — respondeu o velho homem. — Nova terra, novos costumes. Eles podem ficar sentados à minha presença. Afinal de contas, já me viram com roupa de dormir. Seria bobagem seguir formalidades agora. — Ele fez o melhor que pôde para sorrir, ainda que tenha parecido um pouco forçado. — Bem-vindos ao meu humilde mundo. Eu sou o rei Midas.

*

— Midas? Impossível — disse o treinador Hedge. — Ele morreu.

Estavam sentados em volta dos sofás, enquanto o rei se recostava no trono. Era perigoso recostar-se usando roupão, e Jason esperava que ele não cruzasse as pernas. Felizmente, usava uma cueca samba-canção dourada por baixo.

Lit ficou de pé ao lado do trono, com as duas mãos postas na espada, olhando para Piper e flexionando os músculos do braço, só para chatear. Jason ficou pensando se *ele* ficava com a mesma aparência ameaçadora ao segurar uma espada. Infelizmente, tudo indicava que não.

Piper curvou-se no sofá.

— O que nosso amigo sátiro quer dizer, Sua Majestade, é que você é o segundo mortal que conhecemos e que deveria estar... sinto muito... morto. O rei Midas viveu milhares de anos atrás.

— Interessante — disse o rei, olhando para fora das janelas, para o céu azul

brilhante, para aquele sol de inverno. À distância, o centro de Omaha parecia um monte de blocos de montar... muito organizado e limpo para uma cidade real.

— Você sabe — disse o rei. — Acho que *estive* um pouco morto por um tempo. É estranho. Parece um sonho, certo, Lit?

— Um sonho bem longo, Sua Majestade.

— Mas agora estamos aqui. Estou me divertindo muito. Prefiro estar vivo.

— Mas como? — perguntou Piper. — Você não parece ter uma... patrona?

Midas hesitou, mas seus olhos franziram um pouco.

— Isso importa, minha querida?

— Poderíamos matá-los outra vez — sugeriu Hedge.

— Treinador, você não está ajudando — disse Jason. — Por que não fica lá fora, montando guarda?

— Você acha seguro? Eles têm muita segurança por aí — disse Leo.

— Ah, claro — disse o rei. — Sinto muito por isso. Mas é um material maravilhoso, certo? É incrível o que ainda posso comprar com todo esse ouro. Vocês têm brinquedos maravilhosos neste país!

E pegou um controle remoto no bolso do roupão e apertou alguns botões. Devia ser um código, pensou Jason.

— Pronto — disse o rei Midas. — Já é seguro ir lá fora.

O treinador grunhiu, depois disse:

— Certo. Mas se precisarem de mim...

E piscou para Jason. Depois apontou para si mesmo, em seguida apontou para seus anfitriões e passou um dedo pela garganta. Uma linguagem de sinais bem sutil.

— Sim, obrigado — disse Jason.

Quando o sátiro saiu, Piper tentou abrir mais um sorriso diplomático.

— Então... não sabe como chegou aqui?

— Ah, mais ou menos — disse o rei. E franziu a testa para Lit. — Por que escolhemos Omaha? Sei que não foi pelo clima.

— O oráculo — disse Lit.

— Ah! Disseram-me haver um oráculo em Omaha — disse o rei, dando de ombros. — Mas, aparentemente, foi um engano. A casa é linda, não é? Lit... é abreviatura de Litienses, aliás... que nome horrível, mas a mãe dele insistiu... Lit tem muito espaço por aqui para praticar com a espada. Ele é muito conhecido por isso. Costumavam chamá-lo Ceifeiro de Homens, nos tempos antigos.

— Ah! — disse Piper, tentando soar entusiasmada. — Que legal!

O sorriso de Lit não foi mais que um escárnio cruel. Jason tinha certeza absoluta de que não gostava daquele cara, e estava começando a se arrepender de ter mandado o treinador para fora.

— Então — disse Jason —, todo esse ouro...

O rei levantou os olhos.

— Você está aqui em busca de ouro, meu rapaz? Pegue um catálogo!

Jason deu uma olhada nos livros em cima da mesa de centro. O título era: *OURO, um investimento eterno*.

— Você... vende ouro?

— Não, não — respondeu o rei. — Eu fabrico. Em tempos incertos como estes, o ouro é o melhor investimento, não acha? Os governos caem. Os mortos se erguem. Gigantes atacam o Olimpo. Mas o ouro mantém o seu valor!

Leo franziu a testa.

— Eu já vi esse comercial.

— Ah, não se deixe enganar por imitadores baratos! — disse o rei. — Eu posso garantir: sou capaz de cobrir qualquer preço para um bom investidor. Posso fazer vários objetos de ouro em pouquíssimo tempo.

— Mas... — Piper sacudiu a cabeça, confusa. — Sua Majestade, você não transforma nada mais em ouro, certo?

— Não? — perguntou o rei, assustado.

— Acho que foi coisa de um rei... — disse Piper.

— Dioniso — disse o rei. — Eu resgatei um de seus sátiros, e em troca ele me prometeu um desejo. Eu escolhi o dom do “toque de ouro”.

— Mas, acidentalmente, transformou sua própria filha em ouro — disse Piper. — E percebeu quão ganancioso fora, por isso se arrependeu.

— Arrependeu-se! — gritou o rei Midas, olhando para Lit, incrédulo. — Está vendo, meu filho? Ficamos fora por alguns séculos e veja como a história é distorcida. Minha querida, essas histórias *dizem* que eu perdi meu toque mágico?

— Não, acho que não. Na verdade, elas dizem que você aprendeu a reverter o efeito com água corrente, e assim trouxe sua filha de volta à vida.

— Isso é verdade. Algumas vezes preciso reverter o efeito do meu toque. Mas não temos água corrente nesta casa, pois não quero acidentes — disse, fazendo um gesto para as estátuas. — Porém, ainda assim, resolvemos morar perto de um rio, para o caso de uma emergência. Ocasionalmente, eu me esqueço e toco as costas de Lit...

Lit deu alguns passos para trás.

— Eu odeio isso.

— Eu *já* disse que sinto muito, filho. Mas, seja como for, o ouro é uma maravilha. Por que abriria mão dele?

— Bem... — Piper parecia perdida naquele momento. — Mas não é essa a moral da história? Que você aprendeu sua lição?

Midas riu.

— Minha querida, posso ver sua mochila por um momento? Jogue-a aqui.

Piper hesitou, mas não queria ofender o rei. Tirou tudo da mochila e jogou-a a Midas. Logo que a pegou, ela se transformou em ouro, como se uma camada de gelo tomasse conta do tecido. Ainda era macia e flexível, mas feita de ouro, definitivamente. O rei a atirou de volta.

— Como você pode ver, eu ainda transformo tudo em ouro — disse Midas. — E agora é uma mochila mágica também. Vá em frente... ponha seus pequenos espíritos da tempestade aí dentro.

— Sêrio? — Leo ficou interessado de repente.

Pegou a mochila das mãos de Piper e aproximou-se da gaiola. Assim que abriu a mochila, os ventos enlouqueceram, gritando. As barras da gaiola sacudiram, a porta voou longe e os espíritos foram aspirados diretamente para dentro da mochila. Leo fechou-a e foi obrigado a dizer: — Tenho que admitir: isso é muito legal.

— Viu? — disse Midas. — Meu toque mágico é uma *maldição*? Por favor. Eu não aprendi nenhuma lição, e a vida não é um conto de fadas, menina. Honestamente, minha filha, Zoe, ficou bem mais simpática como estátua de ouro.

— Ela falava muito — disse Lit.

— Exatamente! E por isso eu a transformei em ouro — disse Midas, apontando para uma estátua dourada num canto, de uma menina com cara de susto, como se estivesse pensando: *Papai!*

— Isso é horrível! — disse Piper.

— Que bobagem! Ela não se importa. Além do mais, se eu tivesse aprendido alguma lição, será que teria isto?

Midas tirou sua touca exageradamente comprida e Jason não sabia se sorria ou vomitava. O rei tinha orelhas longas e peludas, que pendiam dos seus cabelos brancos, como se ele fosse um coelho, mas não eram orelhas de coelho. Eram de burro.

— Uau! — disse Leo. — Eu preferiria não ter visto isso.

— Terríveis, não? — disse Midas, suspirando. — Alguns anos após o problema com o toque de ouro, eu julguei um concurso de música entre Apolo e Pã, e declarei Pã vencedor. Apolo decretou que eu deveria ganhar orelhas de burro, e *voilà*. Eis o que ganhei por ser justo. Tentei mantê-las em segredo. Só o meu barbeiro via isso, mas não pude evitar as fofocas — disse Midas, apontando para outra estátua, a de um homem careca vestindo toga, com um par de navalhas nas mãos. — É ele. Não vai contar os segredos das pessoas a mais ninguém.

O rei sorriu. De repente, Jason já não o encarava como um senhor inofensivo

de roupão. Seus olhos tinham um brilho dourado... Era o olhar de um homem louco, que sabe que é louco, aceita sua loucura e se diverte com ela.

— Sim, o ouro tem muitas utilidades. Talvez por isso eu tenha sido chamado de volta, certo, Lit? Para sanar os gastos de nossa patrona.

Lit fez que sim.

— Por isso e porque meu braço da espada é ótimo.

Jason olhou para os amigos. De repente, o ar naquela sala ficou muito mais frio.

— Então você tem uma patrona — disse Jason. — Trabalha para os gigantes.

O rei Midas balançou o braço, dando a entender que não se importava com isso.

— Eu não ligo para os gigantes, claro. Porém, mesmo os exércitos sobrenaturais precisam ser pagos. Tenho uma grande dívida com minha patrona. Tentei explicar isso ao último grupo que apareceu, mas eles não foram nada amigáveis. Não cooperaram nem um pouco.

Jason enfiou a mão no bolso e ficou segurando sua moeda de ouro.

— O último grupo?

— Caçadoras — disse Lit. — As malditas meninas de Ártemis.

Jason sentiu uma descarga elétrica pelo corpo — literalmente.

Sua *irmã* estivera ali.

— Quando? — ele perguntou. — O que aconteceu?

Lit deu de ombros.

— Há poucos dias, eu acho. Mas não consegui matá-las, infelizmente. Estavam em busca de lobos malvados, ou algo assim. Seguiam uma trilha para o oeste. Um semideus perdido... não me lembro.

Percy Jackson, pensou Jason. Annabeth mencionara que as Caçadoras estavam buscando por ele. E no sonho de Jason sobre aquela casa destruída, ouvira lobos inimigos. Hera os chamara de protetores. Isso tudo tinha de estar conectado, de alguma maneira.

Midas coçou as orelhas de burro.

— Eram jovens nem um pouco simpáticas, aquelas Caçadoras — lembrou-se. — Recusaram-se terminantemente a ser transformadas em ouro. Grande parte do sistema de segurança aí fora eu instalei para evitar que esse tipo de coisa voltasse a acontecer. Não tenho tempo para quem não seja investidor sério.

Jason se levantou e olhou para os amigos. Eles tinham entendido — Bem — disse Piper, abrindo um sorriso. — Foi um prazer. Sejam bem-vindos de volta à vida. E muito obrigada por minha mochila de ouro.

— Ah, não... vocês não podem ir embora — disse Midas. — Sei que não são grandes investidores, mas não importa. Preciso renovar minha coleção.

O sorriso de Lit era cruel. O rei se levantou, e Leo e Piper afastaram-se dele.

— Não se preocupem — disse o rei. — Vocês não *precisam* ser transformados em ouro. Eu dou uma chance a todos os meus hóspedes... vocês podem entrar para a minha coleção ou morrer nas mãos de Litienses. São ambas boas opções.

Piper tentou usar seu charme.

— Sua Majestade, você não pode...

Mais rápido do que qualquer outro homem já de certa idade poderia se mover, Midas avançou e agarrou-a pela cintura.

— Não! — gritou Jason.

Mas um fio de ouro tomou conta de Piper, e em poucos segundos ela estava transformada em estátua dourada. Leo tentou fazer fogo com as mãos, mas esquecera que seu poder já não funcionava. Midas tocou a mão dele, e Leo se transformou em metal sólido.

Jason estava tão horrorizado que nem podia se mexer. Seus amigos... já não estavam *ali*. E ele não pôde fazer nada.

Midas sorriu.

— Acho que o ouro ganha do fogo... — Ele gesticulou para as cortinas e os móveis de ouro. — Nesta sala, o meu poder anula qualquer outro. Fogo... Charme... E isso só me deixa com mais chances de colecionar novos troféus.

— Hedge! — gritou Jason. — Preciso de ajuda aqui!

Mas o sátiro não respondeu. Jason ficou imaginando se não teria sido atingido por um raio laser ou estaria sentado no fundo de um poço-armadilha.

Midas sorriu mais uma vez.

— Nenhum bode pronto para ajudar? Que chato! Mas não se preocupe, meu rapaz. Isso não é nada doloroso. Pergunte a Lit.

Mas Jason pensou em algo:

— Escolho lutar. Você disse que eu poderia escolher entre ser transformado em estátua de ouro e lutar com Lit.

Midas parecia um pouco desapontado, mas deu de ombros.

— Eu disse que poderia escolher *morrer* lutando com Lit. Mas, claro, se é o que quer.

O rei deu um passo atrás e Lit ergueu a espada.

— Isso vai ser divertido — disse Lit. — Eu sou o Ceifeiro de Homens.

— Venha, Debulhador de Milho — disse Jason, evocando sua arma.

Dessa vez era uma lança, e ele ficou feliz pelo tamanho extra.

— Ah, uma arma de ouro! — disse Midas. — Que ótimo.

Lit atacou.

O cara era ágil. Atacava uma e outra vez, e Jason mal podia se defender. Porém, sua mente analisava os tipos de ataque, notando qual era o estilo de Lit,

totalmente ofensivo, sem lugar para defesa.

Jason contou os passos, desviou dos ataques e bloqueou Lit, que parecia surpreso ao notar que ele permanecia vivo.

— Que estilo é esse? — perguntou Lit. — Você não luta como um grego?

— Treinamentos na Legião — disse Jason, apesar de não entender como sabia aquilo. — É estilo romano.

— Romano? — perguntou Lit, atacando mais uma vez, mas Jason conseguiu bloqueá-lo. — O que é *romano*?

— Atenção para as notícias... — disse Jason. — Enquanto você estava morto, Roma derrubou a Grécia, criando o império mais vasto de todos os tempos.

— Impossível — disse Lit. — Eu nunca ouvi falar deles.

Jason girou, atingiu Lit no peito com a base de sua lança e o enviou, tropeçando, diretamente para o trono do rei Midas.

— Oh, Lit! — disse o rei. — Lit?

— Estou bem — ele murmurou.

— Melhor ajudá-lo a se levantar — sugeriu Jason.

— Pai, não! — gritou Lit.

Tarde demais. Midas colocou a mão no ombro do filho, e de repente uma estátua de ouro bem zangada estava sentada no trono de Midas.

— Droga! — gritou o rei. — Que truque mais maldoso, semideus. Vou pegá-lo por isso — disse, acariciando o ombro de ouro do filho. — Não se preocupe, filho. Vamos ao rio assim que conseguir esse novo troféu.

Midas caminhou em direção a Jason, que tentou escapar, mas o rei era ágil. Jason chutou a mesa de centro em direção às pernas do rei, derrubando-o, mas ele não ficaria no chão por muito tempo.

Então Jason olhou para a estátua de Piper. Ficou cheio de raiva. Era filho de Zeus. Não poderia *falhar* com os amigos.

Sentiu um peso no abdome, e a pressão atmosférica caiu tão rápido que seus ouvidos estalaram. Midas também deve ter sentido o mesmo, pois levantou-se e pôs as mãos nas orelhas de burro.

— Ai! O que você está fazendo? — perguntou. — Meu poder é supremo aqui! Ouviu-se um trovão. Do lado de fora, o céu ficou escuro.

— Você conhece outra boa utilidade para o ouro? — perguntou Jason.

— Qual? — perguntou Midas, animado, erguendo as sobrancelhas.

— É um ótimo condutor de eletricidade.

Jason ergueu a lança e o teto da casa explodiu. Um raio rompeu o telhado como se fosse uma casca de ovo, partindo da ponta da arma de Jason e descarregando arcos de energia que queimaram os sofás. Pedacos do teto caíram. O lustre soltou-se da corrente, e Midas gritou no momento em que aquilo caiu

em cima dele, esmagando-o contra o chão. O vidro transformou-se imediatamente em ouro.

Quando os raios cessaram, uma chuva fria começou a cair na casa. Midas praguejava em grego antigo, mesmo esmagado pelo lustre. A chuva ensopava tudo, fazendo o lustre de ouro voltar a ser vidro. Piper e Leo, lentamente, também perdiam o revestimento dourado, assim como as outras estátuas daquela sala.

A porta da frente se abriu num estrondo. Era o treinador Hedge, com o bastão erguido. Sua boca estava coberta de sujeira, neve e grama.

— Perdi alguma coisa? — ele perguntou.

— Onde você estava? — retrucou Jason. Sua cabeça girava após todo o esforço, mas fora a única solução para evitar a morte. — Eu gritei pedindo ajuda.

Hedge soltou um arroteio.

— Fazendo um lanchinho. Sinto muito. Quem deve ser morto?

— Ninguém! Agora, ninguém — disse Jason. — Mas vá pegar Leo, eu fico com Piper.

— Não me deixe aqui assim — gritou Midas.

Ao redor, as estátuas de suas vítimas voltavam à vida... sua filha, seu barbeiro e várias outras com expressões raivosas e espadas em riste.

Jason agarrou a mochila de ouro de Piper e as coisas dele. Depois jogou um tapete sobre a estátua de Lit, sentada no trono. Isso, com sorte, faria a transformação do Ceifeiro de Homens demorar um pouco mais para acontecer... pelo menos um pouco mais que a transformação das vítimas de Midas.

— Vamos sair daqui — disse Jason a Hedge. — Acho que esses caras vão querer passar algum tempo com Midas.

XXXIII

PIPER

PIPER ACORDOU TREMENDO DE FRIO.

Acabara de sair de um sonho horrível em que um velho de orelhas enormes corria atrás dela, gritando: *É você!*

— Ai, meu Deus! — disse, batendo os dentes. — Ele me transformou em ouro!

— Você está bem agora — disse Jason, aproximando-se e colocando um cobertor quente em cima dela.

Ainda assim, Piper se sentia tão fria quanto uma boréada.

Piscou, tentando descobrir onde estavam. Perto dela, havia uma fogueira acesa, enchendo o ar de fumaça. A luz da fogueira se refletia num muro de pedra. Estavam numa caverna, mas o lugar não parecia oferecer muita proteção. Do lado de fora, o vento era forte. Nevava. Não podiam saber se era dia ou noite, pois a tempestade deixara tudo escuro.

— L-L-Leo... — conseguiu dizer Piper.

— Presente e *desdourado* — disse Leo, também envolto em cobertores.

Ele não parecia bem, mas talvez um pouco melhor que Piper.

— Eu também fiz o tratamento do metal precioso — ele disse —, mas voltei ao normal mais facilmente. Não sei por quê. Tivemos de mergulhá-la no rio para que retornasse por completo. Tentamos secá-la bem, mas está frio, muito frio.

— Você está com hipotermia — disse Jason. — Já usamos o máximo que podíamos de néctar. O treinador Hedge preparou uma poção natural...

— Remédios para atletas — ele disse, encarando-a com o seu rosto feio. — É uma espécie de hobby que tenho. Talvez você fique com hálito de cogumelos selvagens e Gatorade por alguns dias, mas vai passar. E provavelmente você não morrerá. Provavelmente.

— Obrigada — disse Piper, fraca. — Como conseguiu vencer Midas?

Jason contou a história, dizendo que grande parte foi sorte, mas o treinador o interrompeu:

— Ele está sendo modesto. Você deveria ter visto. *Ah! Ah! Corta! E bum* com o raio!

— Treinador, você não viu nada disso — disse Jason. — Estava do lado de fora, lanchando.

Mas o sátiro não parou.

— E então eu apareci com o meu bastão e dominamos a sala. Depois disso, eu disse: “Rapaz, estou orgulhoso de você! Caso tenha tempo, poderia exercitar um pouco seus músculos superiores...”

— Treinador — disse Jason.

— Sim?

— Cale-se, por favor.

— Claro.

O treinador sentou-se ao lado da fogueira e começou a dar pequenas mordidas no seu bastão.

Jason pousou uma das mãos na testa de Piper e checkou sua temperatura.

— Leo, você pode atizar o fogo?

— É para já — disse Leo, evocando uma bola de fogo nas mãos e jogando-a às chamas.

— Pareço tão mal? — perguntou Piper.

— Não... — respondeu Jason.

— Você é um péssimo mentiroso — disse ela. — Onde estamos?

— Pikes Peak — respondeu Jason. — Colorado.

— Mas isso fica a oitocentos quilômetros de Omaha.

— Mais ou menos — ele concordou. — Pus arreios nos espíritos da tempestade para nos trazerem aqui. Eles não gostaram nada... e viajaram um pouco mais rápido do que pedi, quase batendo contra as montanhas antes que eu pudesse colocá-los de volta na mochila. Não vou fazer isso de novo.

— Por que estamos aqui?

— Foi o que *eu* perguntei a ele — disse Leo.

Jason olhou para a tempestade, como se observasse alguma coisa concreta.

— A trilha que vimos ontem, lembram? Ainda estava no céu, mesmo que muito apagada. Eu a segui até deixar de vê-la. Depois... honestamente, não sei. Mas este parecia ser o lugar certo para descer.

— Claro que é — disse o treinador Hedge, cuspiendo um pouco de grama. — O palácio flutuante de Éolo deve estar sobre as nossas cabeças, bem no pico da montanha. Esse é um dos seus lugares favoritos.

— Talvez seja isso — disse Jason, levantando as sobrancelhas. — Não sei. Deve haver algo mais também...

— As Caçadoras seguiam para o oeste — lembrou-se Piper. — Você acha que podem estar por aqui?

Jason esfregou o antebraço, como se as tatuagens o incomodassem.

— Não sei como alguém poderia sobreviver nesta montanha agora. A tempestade está bem forte. Estamos na tarde anterior ao solstício, mas não temos muita escolha além de esperar por aqui. E precisamos de um tempo para você se recuperar antes de seguirmos.

Ele não precisaria convencê-la. O vento fora da caverna a assustava, e ela tremia sem parar.

— Precisamos aquecê-la — disse Jason, sentando ao seu lado e abrindo os braços. — Ah, você se importaria se eu...

— Não — ela respondeu, tentando parecer indiferente.

Ele passou os braços em volta do seu corpo e a abraçou. Eles chegaram mais perto do fogo. O treinador Hedge mastigava o bastão e cuspiu as sobras no fogo.

Leo providenciou alguns utensílios de cozinha e começou a fritar hambúrgueres numa grelha de ferro.

— Então, pessoal, já que estão todos em posição para a hora da contação de histórias... tenho algo a dizer... No caminho para Omaha eu tive um sonho. É um pouco complicado de entender, tinha a estática e a *Roda da fortuna*...

Roda da fortuna?

Piper imaginou que Leo estivesse brincando, mas quando ele levantou os olhos dos hambúrgueres sua expressão era bem séria.

— É o seguinte — ele disse —, meu pai, Hefesto, falou comigo.

Leo contou tudo sobre o seu sonho. Sob a luz da fogueira, com o vento soprando lá fora, a história era ainda mais assustadora. Piper podia imaginar a voz cheia de estática daquele deus avisando sobre os gigantes, filhos do Tártaro, e sobre Leo perder alguns amigos no caminho.

Piper tentou concentrar-se em algo positivo: tinha os braços de Jason ao redor do seu corpo, que estava mais aquecido, mas estava morta de medo.

— Eu não entendo. Se os semideuses e os deuses devem trabalhar juntos para matar os gigantes, por que os deuses ficariam em silêncio? Se eles precisam de nós...

— Ah — disse o treinador Hedge. — Os deuses *odeiam* precisar dos humanos. Eles gostam de ser clamados pelos humanos. Mas as coisas terão que piorar muito antes que Zeus admita ter cometido um erro ao fechar o Olimpo.

— Treinador — disse Piper —, esse foi um comentário quase inteligente.

— O quê? Eu sou inteligente! Não fico surpreso que vocês, *cupcakes*, não

tenham ouvido falar sobre a Guerra dos Gigantes. Os deuses não gostam de falar sobre isso. É propaganda negativa admitir que precisaram dos humanos para vencer o inimigo. Isso é constrangedor.

— Mas não é só isso — disse Jason. — Quando eu sonhei com Hera, na cela, ela disse que Zeus estava agindo de forma estranha, paranoica. E Hera também... disse que foi até aquelas ruínas por ter escutado vozes na sua cabeça. E se alguém estiver influenciando os deuses, como Medeia nos influenciou, talvez?

Piper estremeceu. Ela pensara em algo parecido... que alguma força poderia estar manipulando a situação, ajudando os gigantes. Talvez fosse a mesma força que mantinha Encélado informado sobre seus movimentos e que fizera o dragão cair em Detroit. Talvez a Mulher de Poeira de Leo, ou outro servo dela...

Leo colocou pães de hambúrguer na grelha.

— Sim, Hefesto disse algo parecido, algo sobre Zeus estar agindo de forma estranha. Mas o que me deixou mais assustado foi o que ele *não* me disse. Como algumas vezes em que ficou falando sobre semideuses e sobre ter tantos filhos, essas coisas. Eu não sei. Ele agia como se reunir os melhores semideuses fosse tarefa quase impossível... como se Hera estivesse tentando, mas isso fosse algo idiota a se fazer... E existe algum segredo que ele não deveria me contar.

Jason se mexeu. Piper sentia a tensão em seus braços.

— Quíron também agiu assim, lá no acampamento — ele disse. — Falou sobre um juramento sagrado... sobre não poder conversar sobre... alguma coisa. Treinador, você sabe algo sobre isso?

— Não. Sou apenas um sátiro. Eles não contam nada importante para nós. Principalmente para um velho... — E parou de falar.

— Velho como você? — perguntou Piper. — Mas você não é tão velho, certo?

— Cento e seis anos — ele murmurou.

— O quê? — disse Leo, tossindo.

— Cuidado com o fogo, Valdez. Em números humanos, isso equivale a apenas 53 anos. Mas, claro, eu fiz alguns inimigos no Conselho dos Anciãos de Casco Fendido. Fui protetor por um *bom* tempo. Mas começaram a dizer que eu era imprevisível. Muito violento. Você imagina uma coisa dessas?

— Uau! — disse Piper, tentando não olhar para os seus amigos. — É duro de acreditar.

O treinador fez uma cara feia.

— É verdade, mas finalmente conseguimos uma boa guerra com os titãs. E eu pergunto: eles me puseram na linha de frente? Não! Me mandaram para o mais longe possível... para a fronteira com o Canadá, vocês acreditam? E depois da guerra me colocaram para pastar. Na Escola da Vida Selvagem. Ah! Como se eu fosse muito velho para ajudar em alguma coisa, só porque eu gosto de bancar o

durão. Todos aqueles bobões do Conselho... falando sobre natureza.

— Eu achava que os sátiros gostavam da natureza — disse Piper.

— Claro, eu adoro a natureza — ele disse. — A natureza significa os grandes matando e comendo os menores! E quando você é... sabe... um sátiro como eu, quando está em boa forma, tem um bom bastão e não aceita levar desaforo para casa... Isso é a natureza — disse Hedge, soando indignado. — Bobões! Mas deixa para lá. Espero que tenha algo vegetariano para comer, Valdez. Eu não gosto de carne.

— Sim, treinador. Não mastigue seu bastão. Tenho tofu. Piper também é vegetariana. Preparo num segundo.

O cheiro dos hambúrgueres encheu o ar. Piper costumava odiar o cheiro de carne assando, mas seu estômago fez um barulho como se estivesse se rebelando.

Estou perdendo o controle, ela pensou. Brócolis, cenoura, lentilhas.

Seu estômago não era a única coisa rebelde por ali. Acomodada ao lado da fogueira, nos braços de Jason, a sua consciência parecia uma bala recém-disparada, aproximando-se lentamente do seu coração. Toda a culpa que aguentava havia uma semana, desde o primeiro sonho com o gigante Encélado, estava a ponto de matá-la.

Seus amigos queriam ajudá-la. Jason chegou a dizer que entraria numa armadilha para ajudá-la a salvar seu pai, caso fosse preciso. Mas Piper recusara.

Pelo que sabia, já destruíra seu pai ao atacar Medeia.

Ela conteve o choro. Talvez tivesse feito a coisa certa lá em Chicago, salvando seus amigos, mas a verdade é que só estava adiando um problema. Não poderia trair seus amigos, mas uma pequeníssima parte dela estava desesperada, pensando: *E se eu fizesse isso?*

Tentou imaginar o que o seu pai diria: *Então, pai, caso um dia você fosse acorrentado por um gigante canibal e eu precisasse trair alguns amigos para salvá-lo, o que deveria fazer?*

O engraçado é que isso nunca fora tema das famosas Três Perguntas. Seu pai nunca levaria isso a sério. Provavelmente terminaria contando uma das histórias do vovô Tom — algo sobre ouriços brilhantes e pássaros falantes — e depois sorriria, como se o seu conselho fosse uma bobagem.

Piper gostaria de lembrar mais coisas sobre o avô. Algumas vezes, sonhava com aquela pequena casa de dois quartos em Oklahoma. Imaginava como teria sido crescer ali.

Seu pai diria que estava louca. Passara a vida fugindo daquele lugar, distanciando-se da tribo, aceitando todos os papéis, menos o de nativo americano. Sempre disse a Piper que ela tivera muita sorte em crescer rica e

bem-cuidada, numa linda casa da Califórnia.

Piper aprendera a sentir um vago desconforto com relação a seus antepassados — como com as velhas fotos do seu pai nos anos 1980, quando usava um cabelo horrível e roupas loucas. *Você acredita que eu já fui assim?*, ele diria. Ser cherokee era o mesmo para ele — algo divertido e um pouco vergonhoso.

Mas o que mais eles seriam? Seu pai não parecia saber. Talvez por isso sempre fora tão infeliz, mudando de papel todo o tempo. E talvez por isso Piper roubasse coisas, buscando algo que seu pai não poderia oferecer.

Leo colocou tofu na grelha. O vento continuava a soprar. Piper lembrou-se de uma velha história contada por seu pai... e que talvez respondesse algumas de suas dúvidas.

*

Certo dia, no segundo ano, ela voltara para casa chorando e perguntando por que se chamava Piper. As crianças zombavam dela, pois Piper Cherokee era o nome de um avião.

Seu pai sorriu, como se nunca tivesse pensado naquilo.

— Não, Pipes. É um bom avião. Mas eu não lhe dei esse nome por conta de um avião. O vovô Tom escolheu o seu nome. Na primeira vez que a ouviu chorar, disse que sua voz tinha muito poder, mais que qualquer flautista encantado teria. *Piper* é flautista em inglês. E disse também que você aprenderia a cantar as mais complicadas canções cherokees, até mesmo a canção da cobra.

— Canção da cobra?

E seu pai lhe contou uma lenda. Certo dia, uma mulher cherokee viu uma cobra muito perto de seu filho e matou-a com uma pedra, sem saber que aquele era o rei das cobras. Pois bem, as cobras prepararam uma guerra contra os humanos, e o marido da mulher tentou fazer as pazes. Prometeu fazer qualquer coisa que as recompensasse. As cobras aceitaram o trato. Disseram a ele que mandasse sua esposa ao poço, para que as cobras a picassem e tirassem sua vida. Ele ficou com o coração partido, mas fez o que lhe pediram. Então as cobras ficaram impressionadas com a capacidade do homem de abrir mão de tudo e manter sua promessa. Ensinar-lhe a canção da cobra para que todos os cherokees a aprendessem. Daquele momento em diante, qualquer cherokee que encontrasse uma cobra e cantasse tal canção seria reconhecido como amigo e ela não o morderia.

— Isso é horrível — disse Piper ao seu pai. — Ele deixou a própria mulher ser

morta?

Seu pai esticou os braços.

— Foi um duro sacrifício. Porém, aquela vida perdida garantiu gerações de paz entre as cobras e os cherokees. Vovô Tom acreditava que a música cherokee era capaz de resolver qualquer problema. Achava que você aprenderia várias, e seria a melhor cantora da família. Por isso seu nome é Piper.

Um duro sacrifício. Seu avô tivera algum pressentimento sobre ela, ainda bebê? Notara que era filha de Afrodite? Seu pai lhe diria que estava louca. Vovô Tom não era um oráculo.

Mas, ainda assim... Ela fizera a promessa de ajudar naquela missão. Seus amigos contavam com ela. Salvaram-na quando o rei Midas a transformou em ouro. E a trouxeram de volta à vida. Não poderia pagar tanta ajuda com mentiras.

*

Pouco a pouco, começou a sentir-se mais aquecida. Parou de tremer e aninhou-se no peito de Jason. Leo serviu a comida. Piper não queria se mexer, falar nem fazer nada que interrompesse aquele momento. Mas não poderia.

— Precisamos conversar — disse, sentando-se e encarando Jason. — Não quero esconder mais nada de vocês.

Eles a olharam com a boca cheia de hambúrguer. Era tarde para mudar de ideia.

— Três noites antes da viagem ao Grand Canyon eu tive um sonho... um gigante me disse que meu pai fora sequestrado. E pediu que eu cooperasse, ou ele seria morto.

As chamas crepitaram.

Finalmente, Jason perguntou:

— Encélado? Você já disse esse nome.

O treinador Hedge assobiou.

— Grande gigante. Cospe fogo. Não gostaria de estar perto dele.

Jason olhou para o treinador como quem diz: *Cale-se.*

— Vá em frente, Piper. O que aconteceu depois?

— Eu... eu tentei localizar o meu pai, mas tudo o que consegui foi encontrar sua assistente, e ela disse que não me preocupasse.

— Jane? — lembrou-se Leo. — Medeia não disse algo sobre controlá-la?

Piper fez que sim.

— Para ter meu pai de volta, eu deveria sabotar uma missão. Não sabia que seria a nossa. Porém, quando começamos a viagem, Encélado me enviou outro aviso: disse que queria vocês dois mortos. Queria que eu os levasse a uma montanha. Não sei exatamente qual, mas fica em Bay Area... eu podia ver a ponte Golden Gate lá do topo. Preciso estar lá no fim do dia do solstício. Seria uma troca.

Ela não conseguia encarar os amigos. Esperava que fossem gritar, virar as costas ou jogá-la na tempestade.

Mas Jason ficou ao seu lado e abraçou-a novamente.

— Piper, eu sinto muito.

Leo balançou a cabeça.

— Não me diga que está guardando isso há uma semana? Piper, a gente podia ajudar.

Piper olhou para eles.

— Por que não gritam comigo ou algo parecido? Eu recebi uma ordem para matá-los!

— Mas você nos salvou nessa missão — disse Jason. — Eu colocaria a minha vida nas suas mãos a qualquer hora.

— Eu também — disse Leo. — Posso ganhar um abraço também?

— Vocês não entenderam! — disse Piper. — Eu já devo ter matado o meu pai a essa altura, só por ter contado tudo a vocês.

— Duvido — disse o treinador, que comia seu hambúrguer de tofu enrolado num prato de papel, como se fosse um *taco*. — O gigante ainda não conseguiu o que quer, precisará manter seu pai como refém. Esperará até que o caso se esgote, esperará a sua chegada. Quer que você desvie nossa missão para a montanha, certo?

Piper fez que sim, confusa.

— Isso significa que Hera está presa em algum outro lugar — disse Hedge. — E precisa ser salva nesse mesmo dia. Então você terá de escolher: salvar seu pai ou salvar Hera. Se for em busca de Hera, Encélado cuidará do seu pai. Mas ele nunca a deixaria livre, mesmo que você cooperasse. Você obviamente é uma dos sete da Grande Profecia.

Uma dos sete. Já conversara sobre isso com Jason e Leo, e imaginava que deveria ser verdade, mas ainda era complicado acreditar. Não se sentia tão importante. Era apenas uma filha estúpida de Afrodite. Como poderia valer a pena matá-la e enganá-la?

— Então não temos escolha. — Piper chorou. — Temos de salvar Hera ou o rei gigante será libertado. Essa é a nossa missão. O mundo depende disso. E Encélado parece me observar o tempo todo. Ele não é estúpido. Saberá se

mudarmos de caminho e seguirmos em direção contrária. E matará o meu pai.

— Ele não vai matar o seu pai — disse Leo. — Nós vamos salvá-lo.

— Não temos tempo! — gritou Piper. — Além do mais, é uma armadilha.

— Somos seus amigos, rainha da beleza — disse Leo. — Não vamos deixar que o seu pai morra. Temos que encontrar uma maneira.

O treinador Hedge resmungou.

— Ajudaríamos caso soubéssemos onde fica a tal montanha. Talvez Éolo possa nos dizer. Bay Area tem má reputação entre os semideuses. O antigo lar dos titãs, o Monte Otris, fica sobre o Monte Tam, onde Atlas segura o céu. Espero que essa não seja a montanha do seu sonho.

Piper tentou lembrar-se do que vira.

— Não creio. Era uma ilha.

Jason franziu a testa ao olhar para o fogo, como se quisesse lembrar algo.

— Má reputação... isso não parece certo. Bay Area...

— Você acha que já esteve por lá? — perguntou Piper.

— Eu... — Ele parecia a ponto de enlouquecer. A angústia era clara em seus olhos. — Não sei. Hedge, o que aconteceu no Monte Otris?

Hedge comeu mais um pedaço de papel e de hambúrguer.

— Bem, Cronos construiu um novo palácio por lá no último verão. Um lugar grande e terrível, que serviria como quartel-general de seu novo reino e tudo o mais. Mas não houve batalha ali. Cronos marchou sobre Manhattan, tentou ocupar o Olimpo. Se eu lembro bem, deixou alguns titãs tomando conta do palácio, mas, após a derrota em Manhattan, o palácio ruiu.

— Não — disse Jason.

Todos olharam para ele.

— O que você quer dizer com “não”? — perguntou Leo.

— Não foi isso que aconteceu. Eu... — Ele ficou tenso, olhando para a entrada da caverna. — Vocês ouviram isso?

Durante um segundo, não houve qualquer som. Depois Piper ouviu: uivos cortavam a noite.

XXXIV

PIPER

— **L**OBOS — DISSE **P**IPER. — **E** PARECEM PERTO.

Jason se levantou e evocou sua espada. Leo e o treinador Hedge também se levantaram. Piper tentou, mas viu pontos negros dançando na frente dos seus olhos.

— Fique aí — disse Jason. — Vamos proteger você.

Ela trincou os dentes. Odiava se sentir daquela maneira. Não *queria* que ninguém precisasse protegê-la. Primeiro o maldito tornozelo. Agora a maldita hipotermia. Queria ficar de pé, com sua adaga em punho.

E então, fora do alcance da claridade da fogueira, na entrada da caverna, ela viu um par de olhos vermelhos brilharem no escuro.

Tudo bem, ela pensou. Talvez um pouco de proteção seja legal.

Mais lobos se aproximaram da fogueira — animais enormes, maiores que um dogue alemão, com gelo e neve presos à pelagem. As presas reluziam e os olhos vermelhos pareciam perturbadoramente inteligentes. O lobo que estava à frente era quase tão alto quanto um cavalo, e sua boca salivava como se tivesse acabado de matar uma caça.

Piper desembainhou sua adaga.

Então Jason deu um passo à frente e disse algo em latim.

Piper não sabia que uma língua morta poderia surtir tanto efeito em animais selvagens, mas o lobo alfa curvou os lábios. Seu pelo ficou eriçado ao longo da coluna. Um de seus companheiros quis avançar, mas o alfa mordeu sua orelha. E todos se afastaram, voltando à escuridão.

— Cara, eu tenho que estudar latim — disse Leo, o martelo tremendo em suas mãos. — O que você disse, Jason?

Hedge praguejou.

— Seja lá o que tenha dito, não foi suficiente. Vejam.

Os lobos voltavam, mas o alfa não estava entre eles. Não atacaram. Esperaram. Agora eram pelo menos doze, e formaram um semicírculo fora do alcance da claridade da fogueira, bloqueando a saída da caverna.

O treinador levantou o bastão.

— Eis o plano: eu mato todos eles e vocês escapam.

— Treinador, você vai ser destroçado — disse Piper.

— Não, eu sou bom nisso.

Piper notou a silhueta de um homem avançando no meio da tempestade, abrindo caminho entre os lobos.

— Fiquem juntos — disse Jason. — Eles respeitam outra alcateia. E, Hedge, não faça nenhuma loucura. Não vou deixar você nem ninguém para trás.

Piper ficou com um nó na garganta. Era a mais fraca do grupo naquele momento. E sem dúvida os lobos podiam farejar seu medo. Era como se houvesse um lebreiro em sua testa: COMIDA GRÁTIS.

Os lobos deram passagem e a fogueira iluminou o homem. Os cabelos dele estavam sujos e revoltos, e tinham a cor da fuligem da fogueira. Ele usava uma coroa feita com o que pareciam ser ossos de dedos. Sua roupa era de peles esfarrapadas — de lobo, coelho, texugo, veado e vários outros animais que Piper não reconhecia. Não pareciam peles curadas, e pelo cheiro não estavam muito frescas. A estrutura do homem era ágil e musculosa, como a de um corredor de longa distância. Mas o mais terrível era seu rosto. A pele fina e pálida parecia esticada no crânio. Os dentes eram afiados como presas. Seus olhos brilhavam como os dos lobos, vermelhos, e se fixaram em Jason, demonstrando ódio absoluto.

— *Ecce* — disse ele — *filli Romani*.

— Fale em inglês, homem-lobo! — gritou Hedge.

O homem-lobo rosnou.

— Diga a seu fauno que cale a boca, filho de Roma. Ou ele será o primeiro de minha refeição.

Piper percebeu que *fauno* era o nome romano para *sátiro*. O que não era uma informação muito útil. Porém, se ela lembrasse quem era aquele lobo na mitologia grega, e como vencê-lo, isso, sim, poderia ser proveitoso.

O homem-lobo estudou o pequeno grupo. Suas narinas se dilataram.

— Então é verdade — ele murmurou. — Uma filha de Afrodite. Um filho de Hefesto. Um fauno. E nada mais, nada menos que um filho de Roma, do Senhor Júpiter. Todos juntos, sem matar uns aos outros. Que interessante...

— Você sabia sobre nós? — perguntou Jason. — Quem contou?

O homem rosnou — podia ser um sorriso, ou talvez uma provocação.

— Ah. Buscamos vocês por todo o oeste, semideus, esperando que fôssemos os primeiros a encontrá-los. O rei gigante vai me recompensar quando se reerguer. Eu sou Licáon, rei dos lobos. E minha alcateia está faminta.

Os lobos rosnaram na escuridão.

Pelo canto do olho, Piper notou que Leo segurava seu martelo e tirava alguma coisa do cinto de ferramentas: uma garrafa de vidro cheia de um líquido claro.

Piper vasculhou sua mente tentando situar o nome do homem-lobo. Ela sabia que já o escutara antes, mas não conseguia se lembrar dos detalhes.

Licáon olhou para a espada de Jason. Ele se movia de um lado para outro, como se buscasse uma brecha para entrar, mas a lâmina do garoto o acompanhava.

— Vá embora — ordenou Jason. — Aqui não há comida para você.

— A menos que queira hambúrgueres de tofu — ofereceu Leo.

Licáon mostrou suas presas. Aparentemente, não era fã de tofu.

— Por mim — disse Licáon, com arrependimento —, você seria o primeiro a morrer, filho de Júpiter. Seu pai me transformou no que sou. Eu era o poderoso rei de Arcádia, um mortal. Tinha cinquenta e nove filhos, e Zeus assassinou todos eles com seus raios.

— Por uma boa razão — disse o treinador Hedge.

Jason olhou para trás.

— Treinador, você conhece esse palhaço?

— *Eu* conheço — respondeu Piper.

E os detalhes do mito voltaram à sua mente — uma história curta e terrível da qual ela e o pai tinham rido no café da manhã. Mas ela não estava rindo naquele momento.

— Licáon convidou Zeus para jantar — ela disse —, mas não estava certo se aquele era mesmo Zeus. E, para testar seus poderes, ofereceu-lhe carne humana. Zeus ficou ofendido...

— E matou meus filhos! — disse Licáon, uivando, e os lobos atrás dele fizeram o mesmo.

— Então Zeus o transformou em lobo — disse Piper. — Por isso... por isso os lobisomens são chamados de *licantropos*, por causa dele, o primeiro lobisomem.

— O rei dos lobos — disse o treinador Hedge. — Um imortal fedorento, virilata e odioso.

Licáon uivou.

— Vou rasgá-lo em dois, fauno!

— Quer provar um pouco de bode, cara? Então venha aqui que eu lhe dou.

— Parem! — disse Jason. — Licáon, você disse que *queria* me matar primeiro, mas...?

— Infelizmente, filho de Roma, você já tem dono. Como essa aí — disse ele, apontando as garras para Piper — falhou em destruí-lo, preciso levá-lo vivo à Casa dos Lobos. Uma de minhas aliadas quer ter a honra de matá-lo pessoalmente.

— Quem? — perguntou Jason.

O rei lobo reprimiu um sorriso.

— Ah, uma grande admiradora sua. Aparentemente, você deixou nela uma boa impressão. Quer se ocupar de você o mais rápido possível, e eu não posso reclamar. Espalhar seu sangue pela Casa dos Lobos será uma boa maneira de demarcar meu novo território. Lupa pensará duas vezes antes de desafiar minha alcateia.

O coração de Piper estava a ponto de saltar do peito. Ela não entendera tudo o que Licáon dizia, mas uma mulher queria matar Jason, certo? Medeia, imaginou. De alguma forma, ela sobrevivera à explosão.

Piper conseguiu se levantar. Manchas dançavam na frente de seus olhos mais uma vez. A caverna parecia girar.

— É melhor ir embora agora — ela disse —, ou nós o destruiremos.

Tentou falar com autoridade, mas estava fraca demais. Tremendo nos lençóis, pálida e suada, quase incapaz de segurar uma faca, sua aparência não devia ser muito ameaçadora.

Os olhos vermelhos de Licáon se estreitaram de modo debochado.

— Foi uma tentativa corajosa, menina. Admirável. Talvez eu acabe com você de forma rápida. Só precisamos do filho de Júpiter vivo. O restante de vocês, sinto muito, será o jantar.

E nesse momento Piper viu que ia morrer. Mas pelo menos morreria lutando ao lado de Jason, que deu um passo à frente e disse:

— Você não vai matar ninguém, homem-lobo. Não sem antes passar por cima de mim.

Licáon uivou e mostrou as presas. Jason o golpeou com a espada, mas a lâmina de ouro passou direto pelo rei lobo, como se não houvesse nada ali.

Licáon gargalhou.

— Ouro, bronze, aço... nada disso faz frente a meus lobos, filho de Júpiter.

— Prata! — gritou Piper. — Não é a prata que pode ferir os lobisomens?

— Não temos nada de prata! — disse Jason.

Os lobos avançaram para perto da fogueira. Hedge foi na direção deles e soltou um grito presunçoso.

Mas Leo atacou primeiro. Atirou a garrafa de vidro, que se espatifou no chão, e todo o líquido espirrou nos lobos — junto do inconfundível cheiro de gasolina. Depois disparou uma labareda na poça, e um muro de chamas se ergueu.

Os lobos uivaram e recuaram. Alguns estavam em chamas e tiveram de voltar para a neve. Mesmo Licáon parecia não saber o que fazer diante da barreira de fogo que agora separava os lobos dos semideuses.

— Ah, vamos... — reclamou o treinador Hedge. — Não posso acertá-los se estão do outro lado!

Sempre que um lobo se aproximava, as mãos de Leo lançavam outra onda de labaredas, mas o esforço o deixava cada vez mais fraco e a gasolina já estava se extinguindo.

— Não tenho como soltar mais gases! — avisou Leo, e então seu rosto corou. — Cara, quer dizer, combustível! Vai demorar um pouco até que o cinto de ferramentas se recarregue. O que vocês tem aí?

— Nada — disse Jason. — Nenhuma arma que vá funcionar.

— Nem raios? — perguntou Piper.

Jason se concentrou, mas nada aconteceu.

— Acho que a nevasca está interferindo, ou algo assim.

— Liberte os *venti*! — disse Piper.

— Mas assim não teremos nada para oferecer a Éolo — disse Jason. — Tudo pelo que passamos terá sido por nada.

Licáon sorriu.

— Posso farejar seu medo. Alguns momentos mais de vida, heróis. Rezem aos deuses que preferirem. Zeus não me ofereceu misericórdia, e vocês não a terão de mim.

As chamas começaram a apagar-se. Jason praguejou e largou sua espada, colocando-se em posição para a luta corpo a corpo. Leo pegou seu martelo. Piper levantou sua adaga... não era muito, mas era tudo o que tinha. O treinador Hedge ergueu seu bastão, e era o único que parecia animado com a ideia de morrer.

Mas naquele momento um som cortante rasgou o vento, como o de um papelão sendo cortado. Algo fino e comprido surgiu no pescoço do lobo que estava mais próximo a eles — era a ponta de uma flecha de prata. O animal contorceu-se e caiu, desfazendo-se em uma poça de sombras.

Mais flechas. Mais lobos caindo. A alcateia ficou desnorteada. Uma flecha foi na direção de Licáon, mas o rei dos lobos a agarrou em pleno ar. E depois gritou de dor. Quando largou a flecha, havia um corte chamuscante na palma de sua mão. Outra flecha o atingiu no ombro, e o rei cambaleou.

— Malditos! — gritou. Ele rugiu para a alcateia, que deu meia-volta e fugiu. Então, com seus olhos vermelhos, fitou Jason: — Isso ainda não terminou, garoto.

O rei dos lobos desapareceu na noite.

Segundos mais tarde, Piper ouviu mais latidos de lobos, mas o som era

diferente — menos ameaçador, mais parecido com cães farejando a caça. Um lobo menor, branco, irrompeu na caverna, seguido de outros dois.

— Matamos? — perguntou Hedge.

— Não! — disse Piper. — Espere.

Os lobos inclinaram a cabeça e observaram os campistas com grandes olhos dourados.

Passado um instante, seus senhores surgiram: um grupo de caçadores com traje branco e cinza de camuflagem na neve. Eram pelo menos uma dúzia. Todos carregavam arcos e tinham nas costas aljavas com reluzentes flechas de prata.

Os rostos estavam cobertos pelos capuzes forrados com pele, mas eram mulheres, claramente. Uma, um pouco mais alta que as demais, agachou-se à luz da fogueira e pegou a flecha que ferira a mão de Licáon.

— Cheguei muito perto — disse, e virou-se para as companheiras. — Phoebe, fique comigo. Guarde a entrada. As outras, sigam Licáon. Não podemos perdê-lo agora. Eu alcançarei vocês.

As Caçadoras murmuraram, acatando as ordens, e desapareceram, seguindo o rastro da alcateia de Licáon.

A garota vestida de branco se virou para eles, com o rosto ainda escondido pelo capuz.

— Estamos no rastro desse demônio há mais de uma semana. Vocês estão bem? Alguém foi mordido?

Jason estava paralisado, olhando fixamente para a menina. Piper notou algo familiar no tom de voz dela. Era difícil dizer com certeza, mas o modo como falava, como formava as frases, a fazia lembrar Jason.

— Você é ela — disse Piper. — É Thalia.

A menina ficou nervosa. Piper teve medo de que ela preparasse seu arco, mas, em vez disso, ela baixou o capuz. Tinha cabelo preto e arrepiado, e uma tiara de prata na testa. Seu rosto tinha aspecto saudável, como se ela não fosse apenas humana, e seus olhos eram de um azul brilhante. Era a menina na fotografia de Jason.

— Eu conheço você? — perguntou Thalia.

Piper respirou fundo.

— Talvez seja uma surpresa, mas...

— Thalia — disse Jason, dando um passo à frente, com a voz trêmula. — Eu sou Jason, seu irmão.

XXXV

LEO

LEO CHEGOU A UMA CONCLUSÃO: era o menos sortudo do grupo, isso estava claro. Por que não tinha uma irmã havia muito desaparecida? Ou um pai astro de cinema que precisava ser resgatado? Tudo o que tinha era um cinto de ferramentas e um dragão, que se espatifou no meio do caminho, em plena missão. Talvez fosse culpa daquela maldição estúpida do chalé de Hefesto, mas Leo achava que não. Sua vida já era azarada antes de ele entrar no acampamento.

Dali a cem anos, quando aquela missão fosse contada ao redor de uma fogueira, já sabia que as pessoas comentariam sobre um corajoso Jason, uma linda Piper e um coadjuvante: o Valdez Flamejante, que os acompanhava com uma bolsa de chaves de fenda mágicas e ocasionalmente preparava hambúrgueres de tofu.

Se isso já não fosse ruim o bastante, Leo ainda se apaixonava por todas as meninas que via... desde que fossem completamente inalcançáveis.

Na primeira vez que viu Thalia, imediatamente pensou que ela era muito bonita para ser irmã de Jason. Mas achou melhor não comentar nada para não arranjar confusão. Gostava dos seus cabelos pretos, dos seus olhos azuis e da sua atitude confiante. Parecia ser o tipo de menina que enfrentaria qualquer um, num baile ou num campo de batalha, e que não daria qualquer chance a Leo... Ou seja: o seu tipo!

Por um minuto, Jason e Thalia ficaram olhando um para o outro, atordoados. Mas logo Thalia correu e abraçou o irmão.

— Meus deuses! Ela me disse que você estava morto! — E agarrou o rosto de Jason, parecendo examinar cada detalhe. — Graças a Ártemis, é você. Essa pequena cicatriz no lábio... Você comeu um grampeador aos dois anos de idade!

— Sério? — perguntou Leo, sorrindo.

Hedge aprovou o gosto de Jason.

— Grampeadores... ótima fonte de ferro.

— Espere... — murmurou Jason. — Quem disse que eu estava morto? O que aconteceu?

Na entrada da caverna, um dos lobos brancos latiu. Thalia olhou para trás e balançou a cabeça, mas manteve as mãos no rosto de Jason, como se tivesse medo de que ele desaparecesse.

— Minha loba está dizendo que não temos muito tempo, e ela tem razão. Mas *precisamos* conversar. Vamos sentar.

Piper fez melhor que isso. Desmaiou. Teria batido com a cabeça no chão se Hedge não a tivesse agarrado.

Thalia aproximou-se.

— O que está acontecendo com ela? Ah... tudo bem, já sei. Hipotermia. Tornozelo. — E franziu a testa para o sátiro. — Você não conhece métodos de cura natural?

Hedge zombou dela.

— Por que acha que ela está com aparência tão boa? Não sente o cheiro de Gatorade?

Thalia olhou para Leo pela primeira vez, e é claro que foi um olhar acusatório, como quem diz: *Por que deixou que o bode fosse o médico?* Como se fosse culpa de Leo.

— Você e o sátiro — ordenou Thalia —, levem essa menina à minha amiga, que está na entrada. Phoebe é uma ótima curandeira.

— Está frio lá fora! — disse Hedge. — Vai congelar os meus chifres.

Mas Leo sabia quando era hora de sair.

— Vamos, Hedge. Esses dois precisam conversar um pouco.

— Certo, tudo bem — murmurou o sátiro.

Hedge carregou Piper para a entrada. Leo ia segui-lo quando Jason disse:

— Na verdade, cara... você poderia ficar por aqui?

Leo notou algo nos olhos de Jason que não esperava: ele estava pedindo ajuda. Queria ter alguém por perto. Estava com medo.

Leo sorriu.

— Ficar por aqui é a minha especialidade.

Thalia não pareceu muito feliz com isso, mas os três se sentaram perto da fogueira. Por alguns minutos, ninguém disse nada. Jason estudou sua irmã como se fosse uma máquina assustadora... que poderia explodir caso fosse mal manejada. Thalia parecia mais à vontade, como se estivesse acostumada a encontrar coisas mais estranhas que parentes desaparecidos há anos. Mas ainda olhava para Jason numa espécie de transe, talvez lembrando-se do irmão de dois

anos que tentara comer um grampeador. Leo pegou dois fios de cobre no bolso e ficou os enrolando.

Finalmente, não aguentou mais o silêncio.

— Então... as Caçadoras de Ártemis. As que “não namoram”... Isso é para sempre ou só às vezes, de tempos em tempos?

Thalia o olhou como se ele acabasse de emergir de um poço de lama. Sim, Leo estava gostando dela, definitivamente.

Jason o atingiu na canela.

— Não ligue para Leo. Ele está apenas querendo quebrar o gelo. Mas, Thalia... o que aconteceu com a nossa família? Quem disse que eu estava morto?

Thalia tocou um bracelete de prata que levava no pulso. À luz da fogueira, e vestindo sua camuflagem de inverno, ela parecia Quione, a princesa da neve... igualmente bonita e fria.

— Você se lembra de algo? — ela perguntou.

Jason balançou a cabeça.

— Acordei há três dias num ônibus, com Piper e Leo.

— O que não foi culpa nossa — disse Leo, rapidamente. — Hera roubou a memória dele.

Thalia ficou tensa.

— Hera? Como você sabe disso?

Jason explicou-lhe sobre a missão — a profecia no acampamento, Hera presa, o gigante levando o pai de Piper e o solstício de inverno: o final do prazo. Leo entrou na conversa para incluir os dados mais importantes: como consertou o dragão, e que atirava bolas de fogo e fazia ótimos tacos.

Thalia era boa ouvinte. Nada parecia surpreendê-la: os monstros, as profecias, os mortos se erguendo. Mas quando Jason mencionou o rei Midas, ela xingou em grego antigo.

— Sabia que devíamos ter queimado aquela casa. Esse homem é uma ameaça. Mas estávamos tão decididas a encontrar Licáon... Tudo bem, fico feliz que tenha conseguido escapar. Então Hera... o quê? Escondeu você todos esses anos?

— Não sei — disse Jason, tirando uma foto do bolso. — Ela deixou apenas a memória necessária para que eu reconhecesse o seu rosto.

Thalia olhou para a foto, e sua expressão suavizou.

— Eu tinha me esquecido disso. Deixei no chalé 1, certo?

Jason fez que sim.

— Acho que Hera queria que nos encontrássemos. Quando chegamos a esta caverna... Senti que seria importante. Sabia que estávamos próximos. Isso é loucura?

— Não — disse Leo. — Estávamos sem dúvida destinados a conhecer sua

linda irmã.

Thalia o ignorou. Provavelmente, não queria deixar transparecer quanto Leo a estava impressionando.

— Jason — ela disse —, quando estamos envolvidos com deuses, nada é uma loucura. Mas *não* confie em Hera, especialmente sendo filho de Zeus. Ela *odeia* todos os filhos de Zeus.

— Mas Hera disse algo sobre Zeus lhe ter oferecido a minha vida em troca de paz. Isso faz algum sentido?

O rosto de Thalia ficou lívido.

— Meus deuses. Mamãe não poderia... Você não se lembra... Não, claro que não.

— O quê? — perguntou Jason.

As feições de Thalia pareceram envelhecer sob a luz da fogueira, como se a sua imortalidade perdesse força.

— Jason... Não sei muito bem como dizer isso. Nossa mãe não era exatamente uma pessoa estável. Atraiu Zeus porque era uma estrela da televisão, e *era* bonita, mas não lidava muito bem com a fama. Ela bebia e namorava com dublês estúpidos. Estava sempre nos tabloides. Não se cansava de tanta exposição. Mesmo antes de você nascer, discutíamos o tempo todo. Ela... sabia que papai era Zeus, e acho que não conseguia lidar bem com isso. Para ela, conquistar o Senhor dos Céus era uma espécie de desafio final, e não conseguiu aceitar quando ele foi embora. Essas coisas dos deuses... que nunca ficam num lugar.

Leo lembrou-se de sua mãe, da forma como sempre lhe garantiu que o seu pai um dia reapareceria. Mas nunca pareceu chateada com isso. Não queria ter Hefesto de volta em sua vida, mas que Leo pudesse conhecer seu pai. Ela se virava com seu trabalho pesado e um pequeno apartamento, sem nunca ter dinheiro suficiente... e parecia contente. Enquanto estivesse com o seu filho, ela sempre dizia, sua vida seria boa.

Ele olhou para o rosto de Jason — cada vez mais devastado enquanto Thalia descrevia a mãe deles — e pela primeira vez não sentiu ciúmes do amigo. Talvez tenha perdido a mãe. E tenha enfrentado momentos difíceis. Mas pelo menos se lembrava dela. Resolveu escrever uma mensagem em código Morse no joelho: *Eu te amo*. Sentiu-se mal por Jason, por ele não ter esse tipo de memória... não ter ninguém a quem recorrer.

— Então... — Jason não parecia capaz de terminar sua pergunta.

— Jason, você tem amigos — disse Leo. — E agora tem uma irmã. Não está sozinho.

Thalia estendeu a mão, e Jason a pegou.

— Quando eu tinha sete anos, mais ou menos — disse Thalia —, Zeus voltou

a visitar mamãe. Acho que se sentia mal por ter destruído sua vida, e parecia... diferente, de alguma maneira. Um pouco mais velho e carinhoso, mais pai. Por um momento, mamãe melhorou. Adorava ter Zeus por perto, trazendo presentes, fazendo o céu retumbar. Ela sempre queria mais e mais atenção. E foi então que você nasceu. Mamãe... bem, eu nunca me dei muito bem com ela, mas você foi uma razão para que eu ficasse por ali. Você era muito bonitinho. E eu não confiava nela para cuidar de você. Claro que logo Zeus deixou de aparecer em casa. Provavelmente, já não aguentava as exigências de mamãe, sempre pedindo que a deixasse visitar o Olimpo ou que a fizesse imortal e eternamente bonita. Quando ele a deixou para sempre, ela ficou cada vez mais instável. E foi nessa época que os monstros começaram a me atacar. Mamãe culpou Hera. Dizia que a deusa viria buscá-lo... que ela mal tolerara meu nascimento, mas ter dois semideuses na mesma família era um insulto muito grande. Mamãe chegou a dizer que ela não queria chamá-lo Jason, mas assim quis Zeus, como forma de agradar Hera, pois a deusa gostava muito desse nome. Não sei no que acreditar.

Leo continuava brincando com seus fios de cobre. Sentia-se um intruso. Não deveria estar ouvindo aquilo, mas ao mesmo tempo tinha a impressão de que finalmente conhecia Jason, como se estar ali compensasse os quatro meses na Escola da Vida Selvagem, tempo em que Leo “imaginava” que eram amigos.

— Como vocês foram separados? — ele perguntou.

Thalia apertou a mão do irmão.

— Se eu soubesse que você estava vivo... Meus deuses, tudo seria tão diferente... Mas quando você fez dois anos mamãe nos colocou num carro e saímos numa viagem em família. Fomos para o norte, em direção à área dos vinhedos, pois ela queria nos mostrar um tal parque. Eu me lembro de ter achado tudo estranho, pois ela nunca nos levava a lugar nenhum, e estava muito nervosa. Eu segurava a sua mão, levando-o para um grande edifício no meio do parque e... — Thalia parou e respirou fundo. — Mamãe disse que eu deveria voltar ao carro e pegar a cesta de piquenique. Não queria deixar você sozinho com ela, mas seriam apenas alguns minutos. Quando voltei... mamãe estava ajoelhada no caminho de pedras, encolhida e chorando. Ela disse... disse que você tinha desaparecido. Que Hera pedira você e que estava morto. Eu não sabia o que ela tinha feito. Fiquei com medo de que estivesse completamente louca. Corri por toda parte, mas não o encontrei. Ela teve de me arrastar dali, gritando e esperneando. Fiquei histérica por dias. Não me lembro de tudo, mas eu chamei a polícia e mamãe ficou um bom tempo respondendo a um interrogatório. Disse que eu a traíra, que deveria apoiá-la, como se *ela* fosse a única coisa que importava. Até um momento em que não aguentei. O seu desaparecimento foi a gota d'água. Fugi de casa e nunca voltei, nem mesmo quando mamãe morreu,

alguns anos atrás. Imaginei que você tivesse desaparecido para sempre. Nunca contei nada a ninguém... nem mesmo a Annabeth e Luke, meus dois melhores amigos. Era muito doloroso.

— Quíron sabia — disse Jason, e sua voz soava distante. — Quando cheguei ao acampamento, ele me olhou e disse que eu deveria estar morto.

— Isso não faz sentido — insistiu Thalia. — Eu nunca contei nada a ele.

— Ei — disse Leo. — O importante é que se encontraram novamente, certo? Vocês têm muita sorte.

Thalia fez que sim.

— Leo tem razão. Olhe só para você. Tem a *minha* idade. Cresceu.

— Mas onde eu estive? — perguntou Jason. — Como fiquei desaparecido por tanto tempo? E a história romana...

— Romana? — perguntou Thalia, franzindo a testa.

— Seu irmão fala latim — disse Leo. — Chama os deuses pelos nomes romanos e tem tatuagens.

Ele apontou para o braço de Jason. Depois fez um resumo sobre tudo o que acontecera: Bóreas se transformando em Áquilo, Licáon chamando Jason de “filho de Roma”, e os lobos respondendo quando Jason falou com eles em latim.

Thalia puxou o fio de seu arco.

— Latim. Zeus algumas vezes falava em latim quando voltou para a mamãe. Como eu disse, ele parecia diferente, mais formal.

— Acha que ele estava em seu aspecto romano? — perguntou Jason. — Deve ser por isso que eu me vejo como filho de Júpiter.

— Provavelmente — respondeu Thalia. — Eu nunca ouvi nada sobre esse tipo de coisa, mas talvez explique por que você pensa como um romano, e por que fala latim, em vez de grego antigo. Isso faria de você uma pessoa única. Ainda assim, não explica como sobreviveu fora do Acampamento Meio-Sangue. Um filho de Zeus, ou Júpiter, ou seja lá como queira chamá-lo... deveria estar sempre cercado de monstros. Se estava sozinho, deveria ter morrido há anos. Eu, por exemplo, sei que não poderia sobreviver sem amigos. Você precisava de treinamento, de um lugar seguro...

— Ele não estava sozinho — disse Leo. — Já ouvimos falar de outros como ele.

Thalia olhou para Leo, assustada.

— O que você quer dizer?

Leo contou sobre a camiseta roxa destruída na loja de Medeia e sobre os ciclopes terem dito algo sobre um filho de Mercúrio que falava latim.

— Não existe outro lugar para semideuses? — perguntou Leo. — Quer dizer, além do Acampamento Meio-Sangue? Talvez uma professora louca de latim

abduza filhos de deuses, ou algo parecido, e os faça pensar como romanos.

Logo que disse isso, Leo percebeu que tal ideia soava muito estúpida. Os estonteantes olhos azuis de Thalia o estudavam atentamente, fazendo-o sentir-se o suspeito de um crime.

— Eu estive em todos os cantos do país — disse Thalia. — Nunca vi nenhuma professora de latim louca nem semideuses de camiseta roxa. Porém...

Sua voz falhou, como se uma ideia ruim a perturbasse.

— O quê? — perguntou Jason.

Thalia balançou a cabeça.

— Vou ter que falar com a deusa. Talvez Ártemis nos guie.

— Ela ainda fala com você? — perguntou Jason. — A maior parte dos deuses se silenciou.

— Ártemis segue regras próprias — disse Thalia. — Tem tomado cuidado para Zeus não ficar sabendo, mas acha que ele está agindo de forma ridícula ao fechar o Olimpo. Ela nos enviou atrás de Licáon. Disse que encontraríamos a pista de um amigo perdido.

— Percy Jackson — disse Jason. — O cara que Annabeth está buscando.

Thalia fez que sim, com cara de preocupação.

Leo ficou imaginando se alguém tinha ficado com aquela mesma cara alguma das vezes que *ele* desaparecera de onde vivia. Duvidava disso.

— Mas o que Licáon tem a ver com isso? — perguntou Leo. — E como isso tem a ver conosco?

— Precisamos descobrir o mais rápido possível — admitiu Thalia. — Se seu prazo termina amanhã, estamos perdendo tempo. Éolo poderia lhes dizer...

A loba branca reapareceu na entrada e uivou insistentemente.

— Preciso ir — disse Thalia, levantando-se. — Ou perderemos a trilha das demais Caçadoras. Mas antes, no entanto, vou levá-los ao palácio de Éolo.

— Se não pode, tudo bem — disse Jason, apesar de ter soado angustiado.

— Por favor, não comece — disse Thalia, sorrindo e ajudando-o a se levantar. — Passei anos sem ter um irmão. Acho que poderia aguentar alguns minutos com você antes de me cansar. Agora, vamos!

XXXVI

LEO

QUANDO **L**EO VIU COMO **P**IPER e Hedge estavam sendo bem tratados, ficou claramente ofendido.

Imaginara os dois congelando na neve, mas a Caçadora Phoebe levantara uma tenda prateada bem na entrada da caverna. Como fizera isso tão rapidamente, ele não tinha ideia. Lá dentro, porém, um aquecedor a querosene mantinha a temperatura amena, e havia pilhas de almofadas macias. Piper parecia ter voltado ao normal, e vestia casaco, luvas e calças iguais às das Caçadoras. Ela, Hedge e Phoebe estavam recostados, bebendo chocolate quente.

— Ah, não — disse Leo. — Nós sentados em uma *caverna* e eles com todo esse luxo? Quero uma hipotermia, já! E também chocolate quente e um casaco!

— Garotos... — disse Phoebe, suspirando, como se chamá-los assim fosse um grande insulto.

— Tudo bem, Phoebe — disse Thalia. — Eles vão precisar de agasalhos. E acho que podemos preparar um pouco de chocolate.

Phoebe resmungou, mas em pouco tempo Leo e Jason também estavam vestidos com aquelas roupas de inverno prateadas incrivelmente quentes e leves. O chocolate quente era maravilhoso.

— Saúde! — disse o treinador Hedge, e mastigou seu copo térmico de plástico.

— Isso não pode ser bom para os seus intestinos — disse Leo.

Thalia cutucou as costas de Piper e perguntou:

— Pronta para seguir em frente?

Piper fez que sim.

— Graças a Phoebe, claro. Vocês são realmente muito boas em técnicas de sobrevivência na selva. Eu me sinto capaz de correr quinze quilômetros.

Thalia piscou para Jason.

— Ela é bem durona para uma filha de Afrodite. Gostei dela.

— Ei, eu também sou capaz de correr quinze quilômetros — disse Leo. — O filho de Hefesto, o durão aqui. Vamos apostar.

Como sempre, Thalia o ignorou.

Phoebe precisou de exatos seis minutos para desarmar a tenda, algo em que Leo não pôde acreditar. A tenda se transformou em um quadrado do tamanho de um pacote de chicletes. Leo queria perguntar detalhes, mas não tinham tempo.

Thalia subiu pela neve, abrindo um caminho estreito na lateral da montanha, e Leo se arrependeu de ter tentado parecer tão macho, pois as Caçadoras o deixavam no chinelo.

O treinador Hedge zanzava como um feliz bode montanhês, comandando-os como costumava fazer na escola.

— Vamos, Valdez! Aperte o passo! Vamos cantar: “Tenho uma namorada em...”

— Não vamos! — cortou-o Thalia.

E andaram em silêncio.

Leo aproximou-se de Jason, na retaguarda do grupo.

— Como vai, meu amigo?

A expressão de Jason disse tudo: *Nada bem*.

— Thalia parece muito calma — disse Jason. — Como se a minha reaparição não fosse nada demais. Não sei o que eu esperava, mas... ela não se parece comigo. É muito mais *tranquila*.

— Ela não está lutando contra uma amnésia — disse Leo. — Além do mais, está acostumada a essa história de ser filha de um deus. Se você luta contra monstros e fala com deuses por algum tempo, provavelmente também se acostuma às surpresas.

— Talvez — disse Jason. — Tudo o que eu queria era entender o que aconteceu quando eu tinha dois anos, por que minha mãe se livrou de mim. Thalia fugiu por *minha* causa.

— Seja lá o que tenha acontecido, não foi culpa sua. E sua irmã é bem legal. Parece *muito* com você.

Jason ficou em silêncio. Leo ficou pensando se dissera a coisa certa. Queria fazer com que Jason se sentisse melhor, queria meter a mão no seu cinto de ferramentas e encontrar o utensílio certo para consertar a memória de Jason, talvez um pequeno martelo... se desse uma batida no local danificado talvez tudo voltasse ao normal. Isso seria mais fácil do que tentar conversar. *Não sou bom com formas de vida orgânicas*. Obrigado por essa herança, pai.

Leo estava tão perdido em seus pensamentos, que não notou que as Caçadoras

tinham parado. Por isso chocou-se contra Thalia e quase os atirou montanha abaixo. Felizmente, a Caçadora foi rápida, equilibrou os dois e apontou para cima.

— Aquilo — Leo engasgou — é uma pedra bem grande.

Pararam perto do topo de Pikes Peak. Lá embaixo o mundo estava encoberto por nuvens. O ar era rarefeito, Leo mal podia respirar. A noite caía, mas uma lua cheia brilhava e as estrelas eram incríveis. Ao sul e ao norte, picos de outras montanhas surgiam entre as nuvens, como se fossem ilhas... ou dentes.

Mas o verdadeiro espetáculo estava acima deles. Pairando no céu, a cerca de quinhentos metros, havia uma enorme ilha flutuante de rocha lilás. Calcular o seu tamanho era complicado, mas Leo imaginou que devia medir tanto quanto um estádio de futebol, e que seria igualmente alta. As laterais terminavam em penhascos abruptos, com cavernas, e de vez em quando surgia uma rajada de vento que soava como um tubo de órgão. No topo, muros grossos cercavam uma espécie de fortaleza.

A única conexão com Pikes Peak era uma estreita ponte de gelo que brilhava sob a luz da lua.

Leo notou que o material da ponte não era exatamente gelo, porque não era sólido. Quando os ventos mudavam de direção, ela serpenteava, ficava mais fluida, mais fina, e em alguns pontos transformava-se em uma linha pontilhada de vapor, como o rastro deixado por um avião.

— Não vamos atravessar isso, certo? — perguntou Leo.

Thalia deu de ombros.

— Não sou fã de altura, eu admito. Mas se querem chegar à fortaleza de Éolo, é o único caminho.

— Essa fortaleza está sempre flutuando ali? — perguntou Piper. — Como as pessoas não notam isso no topo de Pikes Peak?

— A Névoa — disse Thalia. — Mas, de alguma forma, os mortais a notam. Certos dias, Pikes Peak fica lilás. Dizem que é um efeito de luz, mas na verdade é a cor do palácio de Éolo refletindo-se na montanha.

— Isso é enorme — disse Jason.

Thalia sorriu.

— Você precisava ver o Olimpo, meu irmãozinho.

— Sério? Você esteve lá?

Thalia fez uma careta, como se não fosse uma boa lembrança.

— Deveríamos nos dividir em dois grupos. A ponte é frágil.

— Bom saber... — disse Leo. — Jason, você poderia nos levar voando até lá?

Thalia sorriu. Depois notou que Leo não estava brincando.

— Espere... Jason, você pode... *voar*?

Jason olhou para a fortaleza flutuante.

— Mais ou menos. Na verdade, consigo controlar os ventos. Mas lá em cima eles são fortes, não sei se gostaria de tentar. Thalia, você... não pode voar?

Por um segundo, ela pareceu verdadeiramente assustada. Depois controlou sua expressão. Leo notou que tinha muito mais medo de altura do que queria admitir.

— Na verdade — ela disse —, eu nunca tentei. Melhor seguirmos pela ponte.

O treinador Hedge experimentou a trilha de vapor apoiando uma das patas, depois subiu na ponte, que admiravelmente aguentou o seu peso.

— É fácil! Eu vou na frente. Piper, venha, menina. Vou ajudá-la.

— Não precisa — ela começou a dizer, mas o treinador agarrou seu braço e arrastou-a para cima da ponte.

Quando estavam no meio do caminho, a estrutura ainda parecia aguentar bem.

Thalia disse à sua amiga Caçadora:

— Phoebe, volto já. Vá encontrar as outras. Diga que estou a caminho.

— Tem certeza? — disse Phoebe, estreitando os olhos ao virar-se para Jason e Leo, como se eles fossem sequestrar Thalia ou algo parecido.

— Sim, está tudo bem — ela prometeu.

Phoebe fez que sim, relutante, e desceu correndo a montanha, com os lobos brancos logo atrás.

— Jason, Leo, só pisem onde eu pisar — disse Thalia. — Isso quase nunca se quebra.

— Eu ainda não me convenci — murmurou Leo, mas ele e Jason seguiram os passos de Thalia pela ponte.

*

No meio do caminho as coisas deram errado, e é claro que foi culpa de Leo. Piper e Hedge já tinham chegado a salvo no topo e acenavam para eles, encorajando-os a continuar subindo, mas Leo se distraiu. Estava pensando em pontes, em como projetaria algo bem mais estável que aquele caminho de vapor, caso o palácio fosse seu. Pensava em colunas e braços de apoio quando uma ideia súbita o fez parar.

— Por que eles têm uma ponte? — perguntou.

Thalia franziu a testa.

— Leo, não estamos num bom momento para parar. O que você quer dizer?

— São espíritos do vento. Não podem voar?

— Sim, mas algumas vezes precisam de uma conexão com o mundo lá

embaixo.

— Então a ponte não está sempre aqui? — perguntou Leo.

Thalia fez que não com a cabeça.

— Os espíritos do vento não gostam de estar ancorados à terra, mas algumas vezes é necessário. Como agora. Eles sabem que vocês estão chegando.

A mente de Leo estava a mil por hora. Ele estava tão agitado que quase podia sentir a temperatura do seu corpo subindo. Mal conseguia expressar seus pensamentos com palavras, mas sabia que estava no caminho para algo importante.

— Leo — disse Jason —, no que você está pensando?

— Ah, meus deuses! — disse Thalia. — Siga em frente. Olhe para seus pés.

Leo recuou. Horrorizado, notou que a temperatura do seu corpo estava subindo *mesmo*, como acontecera anos atrás, naquela mesa de piquenique, quando sua raiva explodiu. Naquele momento, a agitação estava causando o mesmo efeito. Suas calças fumegavam no ar frio. Saía fumaça dos seus sapatos, e a ponte não gostava nada disso. O gelo estava ficando cada vez mais fino.

— Leo, pare com isso — avisou Jason. — Você vai derreter a ponte.

— Vou tentar — disse Leo, mas seu corpo não respondia. — Jason, como Hera o chamou no seu sonho? Ela o chamou de *ponte*.

— Leo, sério, acalme-se — disse Thalia. — Não sei do que está falando, mas a ponte está...

— Escutem — insistiu Leo. — Se Jason é a ponte, o que ele está conectando? Talvez dois lugares que normalmente não estariam unidos, como o palácio aéreo e a terra? Você estava em outro lugar antes, certo? E Hera disse que fora uma troca.

— Uma troca — repetiu Thalia, com os olhos arregalados. — Meus deuses! Jason franziu a testa.

— Do que vocês dois estão falando?

Thalia murmurou algo, uma espécie de reza.

— Agora entendo por que Ártemis me enviou aqui. Jason... ela pediu que eu buscasse Licáon, pois assim encontraria uma pista de Percy. *Você é a pista.* Ártemis queria que nos encontrássemos para que eu pudesse ouvir sua história.

— Não entendo — disse Jason. — Eu não tenho história. Não me lembro de nada.

— Mas Leo tem razão — disse Thalia. — Tudo está conectado. Se soubéssemos onde...

Leo estalou os dedos.

— Jason, como se chamava a casa dos seus sonhos? Aquela casa em ruínas. A Casa do Lobo?

Thalia tremeu.

— Casa do Lobo? Jason, por que não me contou isso antes? Hera está *lá*?

— Você sabe onde fica? — perguntou Jason.

E a ponte se dissolveu. Leo ia cair em direção à morte, mas Jason agarrou seu casaco e o salvou. Eles continuaram seguindo a ponte e, quando olharam para trás, viram Thalia do outro lado da fissura de quase dez metros. E a ponte continuava a derreter.

— Vão! — gritou Thalia descendo a ponte, que desaparecia. — Encontrem o local onde o gigante esconde o pai de Piper. Salvem-no! Eu vou levar as Caçadoras à Casa do Lobo e esperar a chegada de vocês. Podemos fazer as duas coisas!

— Mas onde *fica* a Casa do Lobo? — perguntou Jason.

— Você sabe, irmãozinho!

Thalia estava tão longe que Jason mal podia ouvir sua voz através do vento. Leo tinha certeza de ter ouvido: “Nos vemos lá, prometo.”

Mas ela se virou e desceu correndo pela ponte que se dissolia.

Leo e Jason não tinham tempo para ficar olhando. Subiram, salvando suas vidas, pois o vapor de gelo desaparecia sob os seus pés. Várias vezes, Jason agarrou Leo e usou os ventos para mantê-los no ar, mas aquilo parecia mais um salto de *bungee jump* que um voo.

Quando chegaram à ilha flutuante, Piper e o treinador Hedge os agarraram antes que o último vapor da ponte desaparecesse. Ficaram de pé, recuperando o fôlego, na base de uma escadaria de pedra cravada na beira do penhasco, que ia em direção à fortaleza.

Leo olhou para baixo. O topo de Pikes Peak flutuava embaixo deles num mar de nuvens, mas não havia qualquer sinal de Thalia. E Leo acabara de *derreter* a única saída disponível para eles.

— O que aconteceu? — perguntou Piper. — Leo, por que suas roupas estão fumegando?

— Eu fiquei um pouco esquentado — ele murmurou. — Sinto muito, Jason. Honestamente. Eu não queria...

— Tudo bem — disse Jason, mas sua expressão era dura. — Temos menos de 24 horas para resgatar uma deusa e o pai de Piper. Vamos encontrar o rei dos ventos.

XXXVII

JASON

JASON ENCONTRARA SUA IRMÃ E a perdera em menos de uma hora. Enquanto subiam os penhascos da ilha flutuante, continuara olhando para trás, mas Thalia se fora.

Apesar de ela ter falado sobre encontrá-lo outra vez, Jason ficou imaginando... Ela encontrara uma nova família nas Caçadoras, uma nova mãe em Ártemis. Parecia confiante e confortável em sua nova vida, e Jason não sabia se poderia fazer parte daquilo. Ela parecia muito determinada a encontrar seu amigo Percy. Será que algum dia procurara assim por Jason?

Não é justo, disse a si mesmo. Ela pensava que eu estivesse morto.

Mal podia tolerar o que descobrira sobre sua mãe. Era como se Thalia lhe tivesse dado um bebê — um bebê realmente feio e chorão — e dito: *Toma, é seu. Leve-o.* Ele não queria carregá-lo. Não queria saber que tivera uma mãe instável, alguém que se livrara dele para apaziguar a fúria de uma deusa. Não era de se estranhar que Thalia tivesse fugido daquela maneira.

Depois lembrou-se do chalé de Zeus, no Acampamento Meio-Sangue, e da pequena alcova que Thalia usara como beliche, fora da vista da estátua brilhante do deus do céu. Seu pai não deveria ser grande coisa também. Jason entendera por que Thalia renunciara a mais essa parte de sua vida, mas ainda assim estava ressentido. Não pudera fazer o mesmo. Fora deixado sozinho para carregar o fardo, literalmente.

A mochila dourada com os ventos estava nas suas costas. Quanto mais perto chegavam do palácio de Éolo, mais pesada ela ficava. Os ventos ficavam mais raivosos, agitados.

O único que parecia manter o passo era o treinador Hedge. Não parava de subir e descer a escada escorregadia.

— Vamos, *cupcakes*! Só mais uns cem degraus!

Enquanto subiam, Leo e Piper deixaram Jason em silêncio. Talvez notassem seu mau humor. Piper não parava de olhar para trás, preocupada, como se fosse ele quem quase morrera de hipotermia, e não ela. Ou talvez estivesse pensando na ideia de Thalia. Os dois lhe haviam contado o que Thalia dissera na ponte — que poderiam salvar seu pai e Hera —, mas Jason não entendia exatamente como fariam isso, e não tinha certeza se essa possibilidade deixara Piper mais esperançosa ou apenas mais ansiosa.

Leo seguia batendo nas pernas, em busca de sinais de que suas calças estivessem em chamas. Ele não fumegava mais, mas o acidente na ponte deixara Jason realmente assustado. Leo parecia não ter notado que tinha fumaça saindo pelos ouvidos e chamas dançando pelos seus cabelos. Se ele comesse uma combustão instantânea sempre que ficasse nervoso, seria um problema levá-lo a qualquer lugar. Jason os imaginou tentando pedir comida num restaurante. *Eu quero um cheesebúrguer e... Ah! Meu amigo está em chamas! Preciso de um balde!*

Mas Jason se preocupava sobretudo com o que Leo lhe dissera. Não queria ser uma ponte, uma troca, nada. Ele só queria saber de onde vinha. E Thalia ficara muito nervosa quando Leo mencionara a casa queimada do seu sonho... o local que a loba Lupa dissera ser seu ponto inicial. Como Thalia podia conhecer aquele lugar, e por que dizia que Jason encontraria tal casa?

A resposta parecia próxima. Porém, quanto mais Jason se aproximava, menos ela cooperava, como os ventos às suas costas.

Finalmente, chegaram ao topo da ilha. Muros de bronze cercavam todos os lados da fortaleza, embora Jason não entendesse como alguém poderia atacar aquele lugar. Portões de seis metros de altura se abriram para eles, e um caminho de pedra polida lilás levava à cidadela principal — uma rotunda de colunas brancas em estilo grego — como os monumentos de Washington d.c., exceto pelos satélites e pelas várias antenas de rádio no telhado.

— Isso é bizarro — disse Piper.

— Imagino que não tenham televisão a cabo na ilha flutuante — disse Leo. — Cara, olhem a entrada da casa desse cara.

A rotunda estava no centro de um círculo de quinhentos metros. O revestimento do piso era incrível, assustador. Estava dividido em quatro seções, como fatias de pizza, que pareciam representar as estações do ano.

A seção à direita era um campo de gelo, com árvores sem folhas e um lago congelado. Bonecos de neve rolavam pela paisagem enquanto o vento soprava — por isso Jason não tinha certeza se eram decoração ou se estavam vivos.

À esquerda, um parque outonal com árvores em tons de dourado e vermelho. Folhas dançavam ao vento formando várias imagens: deuses, pessoas, animais

que corriam uns atrás dos outros e depois se espalhavam novamente em folhas.

À distância, Jason via duas outras áreas atrás da rotatória. Uma delas parecia um campo verdejante com carneiros feitos de nuvens. A última seção era um deserto onde ervas formavam estranhos desenhos na areia, como letras gregas, rostos sorridentes e um grande cartaz onde se lia: ESTA NOITE, ÉOLO!

— Uma seção para cada um dos quatro deuses do vento — disse Jason. — Quatro pontos cardeais.

— Estou adorando aquele pasto — disse o treinador Hedge, mordendo os lábios. — Vocês se importariam...

— Vá em frente — disse Jason.

Na verdade, ficaria aliviado ao ter o sátiro longe por um tempo. Poderia ser difícil conseguir despertar o lado generoso de Éolo com o treinador brandindo seu taco e gritando: “Morra!”

Enquanto Hedge corria para a seção da primavera, Jason, Leo e Piper caminhavam em direção aos degraus que levavam ao palácio. Passaram pelas portas da frente, entrando num hall de mármore branco decorado com bandeiras lilás onde se lia: *Canal do Tempo Olimpiano* e *cto!*

— Olá! — disse uma mulher, flutuando até eles.

Literalmente flutuando. Ela era bonita, exatamente como Jason imaginava que seriam os espíritos da natureza: pequena, com orelhas pontudas e um rosto sem idade; poderia ter dezesseis ou trinta anos. Seus olhos castanhos piscaram alegremente. Mesmo que não houvesse vento, seus cabelos pretos dançavam em câmera lenta, como se fosse um comercial de xampu. Seu vestido branco flutuava ao redor do corpo como se fosse feito do material de um paraquedas. Jason não saberia dizer se ela tinha pés, mas não tocava o chão. Carregava um pequeno computador portátil.

— Vocês vêm em nome do Senhor Zeus? — ela perguntou. — Estamos esperando por vocês.

Jason tentou responder, mas ficou difícil pensar em qualquer coisa quando percebeu que aquela mulher era transparente. Suas formas desapareciam e voltavam a surgir, como se fosse feita de fumaça.

— Você é um fantasma? — ele perguntou.

E imediatamente notou que a insultara. Seu sorriso transformou-se em uma cara de enfado.

— Sou uma aura, senhor. Uma ninfa do vento, como você pode imaginar, trabalhando para o senhor dos ventos. Meu nome é Mellie. Não temos *fantasmas* por aqui.

Piper aproximou-se para ajudá-lo.

— Claro que não! Meu amigo a confundiu com Helena de Troia, só isso. A

mortal mais bonita de todos os tempos. É um erro comum.

Uau, ela era boa nisso. O elogio pareceu um pouco exagerado, mas Mellie, a aura, ficou corada.

— Ah... entendi. Então vocês *vêm* por parte de Zeus?

— É... — disse Jason. — Eu sou filho de Zeus, sim.

— Ótimo! Por favor, venham por aqui. — E guiou-os através de portas de segurança em direção a um novo hall, consultando seu computador enquanto flutuava. Não olhava para onde ia, o que aparentemente não importava, pois cruzou uma pilastra de mármore sem sofrer qualquer dano. — Não estamos em horário nobre, o que é bom — ela murmurou. — Vou encaixá-los antes da entrada dele, às 11h12.

— Hum, tudo bem — disse Jason.

O hall era um lugar onde qualquer um se distrairia facilmente. Os ventos sopravam ao redor deles, e Jason sentia-se preso entre uma multidão invisível. As portas se abriam e fechavam sozinhas.

As coisas que Jason *podia ver* eram igualmente bizarras. Aviõezinhos de papel de todos os tamanhos cruzavam o teto; as outras ninfas do vento e auras ocasionalmente pegavam-nos no ar, abriam-nos e liam o que levavam escrito, depois os atiravam novamente, as dobras se refaziam e eles continuavam voando.

Uma feia criatura passou por ali. Parecia uma mistura de senhora de idade com galinha criada com esteroides. Seu rosto era cheio de rugas, seus cabelos pretos estavam presos numa touca, tinha braços humanos e asas de galinha, e um corpo gordo e com penas, com garras no lugar de pés. Era incrível que pudesse voar. Vagava por ali e se chocava contra tudo como se fosse um balão de gás.

— Isso não é uma aura, certo? — Jason perguntou a Mellie enquanto a criatura seguia vagando por ali.

Mellie sorriu.

— É uma harpia, é claro. Nossas... meias-irmãs feiosas. Vocês não têm harpias no Olimpo? São espíritos de rajadas violentas, diferente das auras. Nós somos brisas gentis. — E pregou os olhos em Jason.

— Claro que são — ele disse.

— Então... — disse Piper, interrompendo. — Vai nos levar para ver Éolo?

Mellie os conduziu por uma série de portas que lembravam uma câmara de vácuo. Lá dentro, uma luz verde piscava.

— Temos alguns minutos antes que ele comece — disse Mellie, em tom alegre. — Não acredito que os mate se entrarmos agora. Venham!

XXXVIII

JASON

JASON FICOU DE QUEIXO CAÍDO. A área central da fortaleza de Éolo era tão grande quanto uma catedral, com teto alto e abobadado coberto de prata. Equipamentos de televisão flutuavam pelo ar — câmeras, luzes, objetos de cenário. E não havia chão. Leo quase caiu no abismo antes que Jason o puxasse.

— Caramba...! — disse Leo, engolindo em seco. — Mellie, que tal um pequeno aviso da próxima vez?

Um enorme poço circular o faria despencar em direção ao coração da montanha. Deveria ter mais ou menos um quilômetro de profundidade, repleto de cavidades, como favos de mel. Alguns dos túneis provavelmente levavam para o lado de fora. Jason lembrava-se de ter notado ventos saírem deles quando estavam em Pikes Peak. Outras cavidades estavam fechadas com material cintilante, como vidro ou cera. A caverna estava repleta de harpias, auras e aviõezinhos de papel, mas para quem não podia voar seria uma queda longa e fatal.

— Ah... — disse Mellie —, sinto muito. — E pegou um comunicador em algum lugar dentro de sua roupa, dizendo: — Olá, cenário? Nuggets? Oi, Nuggets. Será que você poderia colocar um chão no estúdio principal, por favor? Sim, algo sólido. Obrigada.

Poucos segundos mais tarde, um exército de harpias surgiu do buraco — mais ou menos três dezenas de senhoras-galinhas demoníacas, todas carregando vários tipos de materiais de construção. E começaram a trabalhar, martelando e colando — e usando muitos metros de fita isolante, o que não deixou Jason muito tranquilo. Em pouco tempo estava montado o piso provisório. Construído com compensado, blocos de mármore, pedaços de tapetes e grama... havia de tudo por ali.

— Isso não pode ser seguro — disse Jason.

— Ah, claro que é — assegurou Mellie. — As harpias são muito boas nisso.

Para ela era fácil dizer, pois flutuava. Jason sabia que teria mais condições de sobreviver, pois sabia voar, então foi o primeiro a pisar. Incrivelmente, o chão suportou-o.

Piper agarrou a mão dele e o seguiu.

— Se eu cair, você me salva.

— Ah, claro — disse Jason, esperando não estar corado.

Leo entrou em seguida.

— Vai me salvar também, super-homem. Mas não vou segurar sua mão.

Mellie os levou em direção ao centro do estúdio, onde uma esfera feita de telas planas de vídeo flutuava como se fosse um centro de controle. Um homem pairava lá dentro, checando os monitores e lendo mensagens enviadas em aviõezinhos de papel.

Não notou que eles entravam, com Mellie à frente. Ela tirou uma tela Sony de 42 polegadas do meio do caminho e levou-os à zona de controle.

Leo assobiou.

— Preciso conseguir uma sala assim.

As telas flutuantes estampavam todos os tipos de programas de televisão. Alguns deles Jason reconhecia: telejornais, principalmente. Mas outros eram um pouco mais estranhos: lutas de gladiadores, semideuses enfrentando monstros. Talvez fossem filmes, mas pareciam reality shows.

Do outro lado da esfera havia um fundo de seda azul que parecia uma tela de cinema, com câmeras e luzes de estúdio flutuando ao redor.

O homem no centro falava num fone de ouvido. Tinha um controle remoto em cada mão e os apontava para várias telas, aparentemente de modo aleatório.

Usava um terno que parecia o céu — em grande parte azul, mas com algumas nuvens que mudavam de tamanho e escureciam, movendo-se pelo tecido. Ele parecia ter sessenta anos, mais ou menos, com cabelos brancos, mas usava muita maquiagem e seu rosto parecia ter sofrido muitas operações plásticas. Ou seja, não parecia velho nem novo, mas *errado*... Como um boneco Ken que tivesse sido colocado no micro-ondas. Seus olhos moviam-se de tela em tela, tentando absorver tudo de uma vez. Murmurava coisas no fone, sua boca não parava de se mexer. Estava admirado ou era louco, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Mellie flutuou na direção dele.

— Ah, senhor... Sr. Éolo, estes semideuses...

— Espere! — Ele levantou uma das mãos para silenciá-la, depois apontou para uma das telas. — Veja isso!

Era um desses programas sobre gente que caça tempestades, com motoristas

loucos correndo atrás de tornados. Enquanto Jason olhava, um jipe entrou numa nuvem afunilada e foi sugado para o céu.

Éolo adorava o que via.

— O Canal dos Desastres. As pessoas fazem isso *de propósito*! — disse, virando-se para Jason com um sorriso maldoso. — Não é incrível? Vamos ver de novo.

— Ah, senhor — disse Mellie. — Este é Jason, filho de...

— Sim, claro, eu lembro — disse Éolo. — Você voltou. Como foi?

Jason hesitou.

— Sinto muito, mas acho que o senhor está me confundindo...

— Não, não, Jason Grace, certo? Foi... quando... ano passado? Você estava indo lutar contra um monstro marinho, eu acho.

— Eu... eu não lembro.

Éolo sorriu.

— Não deve ter sido um monstro muito bom... Mas eu me lembro de todos os heróis que vêm pedir minha ajuda. Odisseu... esse ficou na minha ilha por um mês! Pelo menos você ficou apenas alguns dias. Mas veja este vídeo. Esses patos são sugados por um...

— Senhor — interrompeu Mellie. — Dois minutos para entrar no ar.

— Ar! — gritou Éolo. — Eu adoro o ar. Como estou? Maquiagem!

Imediatamente, um pequeno tornado de blushes, cremes e pincéis desceu até Éolo. Dançaram no seu rosto, deixando sua cor ainda mais estranha que antes. O vento passou por seu cabelo e o deixou como se fosse uma árvore de Natal congelada.

— Sr. Éolo — disse Jason, tirando a mochila dourada das costas. — Trouxemos esses espíritos da tempestade arruaceiros para o senhor.

— Sério? — perguntou Éolo, olhando para a mochila como se fosse o presente de um fã... algo que na verdade não queria. — Ah, que bom.

Leo deu uma cotovelada e Jason ofereceu-lhe a mochila.

— Bóreas nos enviou para capturá-los para o senhor. Espero que os aceite e deixe... o senhor sabe... de ordenar a morte de semideuses.

Éolo gargalhou, olhando para Mellie, incrédulo.

— Morte de semideuses? Eu ordenei isso?

Mellie checou seu computador.

— Sim, senhor. Dia quinze de setembro. “Espíritos da tempestade soltos pela morte de Tifão, semideuses devem ser responsabilizados” *etc.* Sim, uma ordem geral para que todos fossem mortos.

— Ah, droga — disse Éolo. — Eu estava muito ranzinza. Retire essa ordem, Mellie, e... quem está de guarda? Teriyaki?... Teri, leve esses espíritos da

tempestade à cela 14E, por favor.

Uma harpia surgiu do nada, pegou a mochila dourada e sumiu no abismo.

Éolo sorriu para Jason.

— Sinto muito sobre essa história das mortes. Mas, deuses, eu estava zangado de verdade, certo? — E seu rosto ficou sombrio de repente, assim como o seu terno, cujas lapelas estampavam raios. — Você sabe... eu lembro agora. Era como se uma voz me desse o comando para essa ordem. Uma pequena voz gélida na minha nuca.

Jason ficou tenso. Um arrepio gélido na nuca... Por que isso soa familiar?

— Uma... voz na sua cabeça, senhor?

— Sim. Que estranho. Mellie, *deveríamos* matá-los?

— Não, senhor — ela respondeu, paciente. — Eles acabam de trazer espíritos da tempestade, está tudo bem.

— Claro — disse Éolo, sorrindo. — Sinto muito. Mellie, vamos dar algo bom aos semideuses. Uma caixa de chocolates, talvez.

— Uma caixa de chocolates para *cada* semideus do mundo, senhor?

— Não, isso vai ser muito caro. Esqueça. Espere, está na hora. Estou no ar!

Éolo voou em direção ao fundo azul enquanto a música anunciando o programa de notícias começava a soar.

Jason olhou para Piper e Leo, que pareciam tão confusos quanto ele.

— Mellie — disse Jason —, ele é sempre assim?

Ela sorriu, calma.

— Você sabe o que costumam dizer? Se você não está gostando do humor de Éolo, espere cinco minutos. A expressão “ver para onde sopra o vento” nasceu com ele.

— E essa história de monstro marinho? — perguntou Jason. — Eu estive aqui antes?

Mellie ficou corada.

— Sinto muito, eu não me lembro. Sou a nova assistente do sr. Éolo. Já estou com ele há mais tempo que a maioria... mas nem tanto.

— Quanto tempo costumam durar as assistentes? — perguntou Piper.

— Ah... — Mellie pensou por um momento. — Eu estou fazendo isso há... doze horas?

Uma voz saiu dos alto-falantes flutuantes.

— E agora, o tempo a cada doze minutos! Eis o nosso homem do tempo do Canal do Tempo Olímpiano: Éolo!

As luzes se acenderam sobre Éolo, que estava na frente do fundo azul. Seu sorriso era branco, nada natural, e ele parecia ter tomado tanta cafeína que seu rosto estava a ponto de explodir.

— Olá, olímpianos! Sou Éolo, Senhor dos Ventos, com o tempo a cada doze minutos! Teremos um sistema de baixa pressão movendo-se sobre a Flórida, então esperem temperaturas amenas, pois Deméter quer ajudar os plantadores de frutas cítricas! — Ele fez um gesto em direção ao fundo azul. Quando Jason checou os monitores, viu que uma imagem digital estava sendo projetada por trás de Éolo, e ele parecia estar à frente de um mapa dos Estados Unidos, com sóis sorridentes e nuvens com o cenho franzido. — Ao longo da Costa Leste... ah, esperem. — E arrumou o aparelho que usava no ouvido. — Sinto muito, pessoal! Poseidon está chateado com Miami hoje, então parece que o frio voltará à Flórida! Sinto muito, Deméter. No Meio-oeste... não sei exatamente o que St. Louis fez para chatear Zeus, mas esperem tempestades de inverno! O próprio Bóreas está sendo chamado para punir a área com muito gelo. Más notícias, Missouri! Não, esperem. Hefesto está com pena do Missouri central, então vocês terão temperaturas moderadas e céu azul.

Éolo seguiu em frente... dando a previsão para cada área do país e mudando as previsões duas ou três vezes ao receber mensagens pelo fone de ouvido... Os deuses aparentemente davam ordens de novos ventos e temperaturas.

— Isso não pode estar certo — murmurou Jason. — O tempo não se comporta assim tão aleatoriamente.

Mellie sorriu, afetada.

— E quantas vezes os mortais acertam a previsão do tempo? Falam sobre frentes, pressão do ar e umidade, mas o tempo os surpreende sempre. Pelo menos Éolo nos explica *por que* tudo é tão imprevisível. Um trabalho duro, pois ele tenta ouvir todos os deuses ao mesmo tempo. Pode deixar qualquer um...

Ela parou, mas Jason sabia o que estava a ponto de dizer: *louco*. Éolo estava completamente louco.

— E esta é a previsão do tempo — concluiu Éolo. — Vejo vocês em doze minutos, pois tenho certeza de que tudo mudará!

As luzes se apagaram, os monitores de vídeo voltaram a cobrir vários canais ao mesmo tempo e, por um momento, o rosto de Éolo parecia vencido pelo cansaço. Mas logo lembrou-se dos convidados e abriu um sorriso de novo.

— Então vocês me trouxeram espíritos da tempestade — disse Éolo. — Imagino que... obrigado! E querem algo mais? Creio que sim. Semideuses sempre querem algo mais.

Mellie disse:

— Senhor, este é o filho de Zeus.

— Ah, sim. Eu sei disso. Já disse que me lembrava de outra visita.

— Mas, senhor, eles estão aqui pelo *Olimpo*.

Éolo pareceu assustado. Depois riu tão abruptamente que Jason quase se

atirou no abismo.

— Você quer dizer que desta vez está aqui em nome de seu pai? Finalmente! Eu *sabia* que ele enviaria alguém para renegociar meu contrato!

— O quê? — perguntou Jason.

— Ah, graças à deusa! — disse Éolo, suspirando aliviado. — Estou esperando há... trezentos anos, desde que Zeus me nomeou senhor dos ventos. Não que não esteja agradecido, claro que estou! Mas realmente... o meu contrato é tão vago. Sou imortal, mas... “senhor dos ventos”. O que isso significa? Sou um espírito da natureza? Um semideus? Um deus? Quero ser o *deus* dos ventos, pois os benefícios são *bem* maiores. Podemos começar por aí?

Jason olhou para os amigos, perdido.

— Cara — disse Leo —, você acha que estamos aqui para oferecer uma promoção?

— Acho — disse Éolo, sorrindo, e seu terno ficou completamente azul, sem nenhuma nuvem. — Maravilha! Quer dizer, acho que eu já fiz muito pelo Canal do Tempo, certo? E é claro que estou na imprensa o tempo todo. Tantos livros foram escritos sobre mim: *E o vento levou...*, por exemplo.

— Eu não tenho tanta certeza de que esse livro seja sobre o senhor — disse Jason, antes de notar que Mellie balançava a cabeça.

— Isso não faz sentido — disse Éolo. — Mellie, são biografias minhas, certo?

— Claro, senhor — ela respondeu, estridente.

— Estão vendo? Eu não leio. Quem tem tempo? Mas os mortais me amam, isso é óbvio. Então, vamos alterar meu título oficial para *deus* dos ventos. Depois conversaremos sobre salário e pessoal...

— Senhor — disse Jason —, não somos do Olimpo.

— Mas... — disse Éolo, piscando.

— Sou filho de Zeus, sim, mas não estamos aqui para renegociar seu contrato. Estamos numa missão e precisamos da sua ajuda.

A expressão de Éolo endureceu.

— Como da última vez? Como *todos* os heróis que aparecem por aqui? Semideuses! Sempre preocupados *consigo mesmos*, certo?

— Senhor, por favor, eu não me lembro da última vez, mas se me ajudou antes...

— Estou sempre ajudando! Bem, algumas vezes destruo, mas normalmente ajudo, e certas vezes sou chamado para fazer as duas coisas ao mesmo tempo! Porque Eneias, o primeiro da sua espécie...

— Minha espécie? — perguntou Jason. — Um semideus, o senhor quer dizer?

— Ah, por favor! — disse Éolo. — Da sua *linhagem* de semideuses, eu quero dizer. Você sabe, Eneias, filho de Vênus... o único herói sobrevivente de Troia.

Quando os gregos queimaram sua cidade, ele escapou para a Itália, onde fundou o reino que eventualmente se transformaria em Roma, blá-blá-blá. É isso o que eu quero dizer.

— Não entendo — admitiu Jason.

Éolo revirou os olhos.

— A história é a seguinte: eu fui atirado no meio do conflito! Juno clamou: “Ah, Éolo, destrua os barcos de Eneias por mim. Eu não gosto dele.” Então Netuno disse: “Não, não faça isso! Esse território é meu. Acalme os ventos.” E Juno replicou: “Não, acabe com os barcos, ou direi a Júpiter que você não coopera!” Você acha fácil estar entre pedidos desse calibre?

— Não — disse Jason —, imagino que não seja nada fácil.

— Sem falar em Amelia Earhart! Eu ainda recebo chamadas raivosas do Olimpo por ter chutado ela do céu!

— Só queremos informações — disse Piper, com o tom de voz mais calmo que pôde empregar. — Disseram-nos que você sabe de tudo.

Éolo arrumou sua lapela e parecia um pouco mais calmo.

— Bem... isso é verdade, claro. Aliás, sei que essa história que temos *aqui...* — disse, apontando para os três. — Esse esquema enlouquecido de Juno para reuni-los, provavelmente terminará em um banho de sangue. Quanto a você, Piper McLean, sei que seu pai está com sérios problemas.

Ele estendeu a mão, pegando um papel que flutuava por perto. Era uma foto de Piper com um homem que deveria ser o seu pai. Aquele rosto *parecia* familiar. Jason tinha certeza de que já o vira em algum filme.

Piper pegou a foto. Suas mãos tremiam.

— Esta foto... estava na carteira dele.

— É verdade — disse Éolo. — Tudo o que se perde no vento em algum momento chega aqui. A foto saiu voando quando um Nascimento da Terra o capturou.

— O quê? — perguntou Piper.

Éolo fez um sinal de “esqueça” com a mão e estreitou os olhos na direção de Leo.

— Agora você, filho de Hefesto... Sim, eu vejo o seu futuro. — E outro papel caiu nas mãos do deus... um antigo desenho feito com canetinhas.

Leo olhou para o desenho como se estivesse envenenado. E deu um passo para trás.

— Leo? — disse Jason. — O que é isso?

— Algo que eu... que eu desenhei quando criança — disse, dobrando rapidamente o papel e guardando-o no casaco. — Não... não é nada.

Éolo sorriu.

— Tem certeza? Trata-se simplesmente da chave do seu sucesso! Mas onde estávamos? Ah, sim, vocês queriam uma informação. Têm certeza disso? Algumas vezes uma informação pode ser algo perigoso.

Ele sorriu para Jason, como se o desafiasse. Atrás dele, Mellie balançou a cabeça, num aviso.

— Sim — disse Jason. — Precisamos encontrar o covil de Encélado.

O sorriso de Éolo desapareceu.

— O gigante? Por que querem ir até lá? Ele é horrível! E não assiste a meu programa!

Piper pegou a foto.

— Éolo, ele está com o meu pai. Precisamos resgatá-lo e encontrar Hera, que também está presa.

— Não, *isso* é impossível — disse Éolo. — Nem eu posso ver isso, e tentei, juro. Há uma magia cobrindo o lugar onde está Hera... algo muito forte, impossível de localizar.

— Ela está num lugar chamado Casa do Lobo — disse Jason.

— Espere! — Éolo pôs a mão na testa e fechou os olhos. — Estou vendo algo! Sim, ela está num lugar chamado Casa do Lobo! Infelizmente, não sei onde fica isso.

— Encélado sabe — disse Piper. — Se nos ajudar a encontrá-lo, podemos descobrir a localização da deusa...

— É verdade — disse Leo, entrando na conversa. — E se a salvarmos, ela será muito grata a você...

— E Zeus poderá promovê-lo — disse Jason.

Éolo arregalou os olhos.

— Uma promoção... E tudo o que vocês querem saber é a localização do gigante?

— Bem... se pudesse nos levar até lá — disse Jason. — Seria ótimo.

Mellie bateu palmas, animada.

— Ah, ele poderia fazer isso! Ele sempre envia ventos favoráveis...

— Mellie, quieta! — disse Éolo. — Estou quase despedindo você por deixar esse pessoal ter falsas esperanças.

— Sim, senhor. Sinto muito, senhor — desculpou-se ela, pálida.

— Não foi culpa dela — disse Jason. — Mas sobre essa ajuda...

Éolo inclinou a cabeça, como se estivesse pensando. Depois Jason notou que ele estava ouvindo vozes em seu fone.

— Bem... Zeus aprova — murmurou Éolo. — Mas ele diz... que seria melhor se vocês pudessem evitar salvá-la até o final de semana, pois ele tem uma grande festa planejada... Ai! Afrodite chamando, gritando com Zeus, lembrando que o

solstício começa ao anoitecer. Ela diz que eu deveria ajudá-los. E Hefesto... Sim. Sei... Que estranho, ele concorda com tudo. Esperem...

Jason sorriu para os amigos. Finalmente estavam tendo sorte. Seus pais, deuses, os ajudavam.

Jason ouviu o som de uma campainha. O treinador Hedge entrava pelo hall, cheio de grama na cara. Mellie o viu e ficou sem fôlego.

— O que é isso?

Jason segurou um acesso de tosse.

— Isso? É apenas o treinador Hedge. Quer dizer... Gleeson Hedge. Ele é o nosso... — Jason não sabia bem como dizer: *professor, amigo, problema?*

— Nosso guia.

— Ele é tão *bode* — murmurou Mellie.

Atrás dela, Piper fingia vomitar.

— E aí, pessoal? — perguntou Hedge. — Nossa, que lugar legal. Ah! Grama.

— Treinador, você acabou de comer — disse Jason. — E estamos usando essa grama como chão. Essa é... Mellie...

— Uma aura! — disse Hedge, sorrindo. — Linda como uma brisa de verão.

Mellie ficou corada.

— E Éolo está a ponto de nos ajudar — disse Jason.

— Sim — murmurou o Senhor dos Ventos. — É o que parece. Vocês encontrarão Encélado no Monte Diabolo.

— Montanha do diabo? — perguntou Leo. — Isso não soa nada bem.

— Eu me lembro desse lugar — disse Piper. — Estive lá uma vez com o meu pai. Fica a leste da baía de São Francisco.

— Bay Area mais uma vez? — perguntou o treinador, balançando a cabeça. — Nada bom. Nada bom mesmo.

— Agora... — Éolo começou a sorrir. — Quanto a chegarem lá...

De repente, seu rosto ficou carrancudo. Ele se curvou e colocou as mãos nos fones de ouvido, como se não estivessem funcionando bem. Quando se esticou novamente, seus olhos estavam endiabrados. Mesmo com a maquiagem, ele parecia um homem velho — um homem velho e muito assustado.

— Ela não falava comigo havia séculos. Não posso... sim, sim, eu entendo.

E engoliu em seco, olhando para Jason como se ele, de repente, tivesse se transformado numa barata gigante.

— Sinto muito, filho de Júpiter. Novas ordens. Vocês terão que morrer.

Mellie tremeu.

— Mas... mas, senhor! Zeus disse que os ajudasse. Afrodite, Hefesto...

— Mellie! — gritou Éolo. — Seu trabalho está por um fio. Além do mais, certas ordens transcendem até mesmo os desejos dos deuses, especialmente

quando vêm das forças da natureza.

— Ordens de *quem*? — perguntou Jason. — Saiba que Zeus vai despedir o senhor caso não nos ajude.

— Duvido — disse Éolo, movendo o punho, e à distância uma porta se abriu.

Jason podia ouvir os espíritos da tempestade gritando, agitando-se em direção a eles, loucos por sangue.

— Até mesmo Zeus entende a ordem das coisas — disse Éolo. — E se *ela* está acordando... por todos os deuses... ela não pode ser esquecida. Adeus, heróis. Sinto muitíssimo, mas preciso ser rápido nisso. Voltarei ao ar em quatro minutos.

Jason evocou sua espada. O treinador Hedge pegou seu bastão. Mellie, a aura, gritou: — Não!

Ela mergulhou aos pés deles no momento em que os espíritos da tempestade chegaram como um furacão, destruindo o piso, transformando pedaços de carpete, mármore e linóleo no que seriam projéteis letais se o vestido de Mellie não tivesse se aberto como um escudo e absorvido o impacto. Os cinco caíram no poço, e Éolo gritou lá de cima: — Mellie, você está *despedida*!

— Rápido — disse Mellie. — Filho de Zeus, você tem algum poder sobre o ar?

— Um pouco.

— Então me ajude ou todos vocês morrerão! — disse, pegando sua mão e passando uma descarga elétrica para o corpo de Jason.

Ele entendeu quando ela fez um sinal com a cabeça. Tinham de controlar sua queda e entrar em um dos túneis abertos. Os espíritos da tempestade os seguiam, aproximando-se rapidamente, trazendo uma nuvem de estilhaços mortais.

Jason agarrou a mão de Piper.

— Todos juntos!

Hedge, Leo e Piper tentaram se unir uns aos outros, agarrando-se a Jason e a Mellie enquanto caíam.

— Isso NÃO É NADA BOM! — gritou Leo.

— Venham, suas bolas de gás! — gritou Hedge para os espíritos da tempestade. — Vou pulverizar vocês!

— Ele é incrível — disse Mellie, suspirando.

— Concentrada? — perguntou Jason.

— Sim! — ela respondeu.

Eles canalizaram o vento, fazendo sua queda ser bem mais suave em direção ao túnel mais próximo. Ainda assim entraram muito rapidamente e rolaram uns sobre os outros por um buraco de ventilação que não fora desenhado para humanos. E não havia como pararem.

A roupa de Mellie inflou-se em seu corpo. Jason e os outros se agarravam a ela, desesperadamente, e começaram a desacelerar, mas os espíritos da tempestade estavam gritando pelo túnel, vindo atrás deles.

— Não posso... aguentar... por muito tempo — avisou Mellie. — Fiquem juntos! Quando os ventos nos atingirem...

— Você está fazendo tudo muito bem, Mellie — disse o treinador. — Minha mãe era uma aura, sabe? E não poderia ter feito trabalho melhor.

— Uma mensagem de Íris para mim? — disse Mellie.

O treinador franziu a testa.

— Vocês poderiam namorar mais tarde? — gritou Piper. — Olhem!

Atrás deles, o túnel ficava escuro. Jason sentia os ouvidos estalarem com a pressão.

— Não posso detê-los — avisou Mellie. — Mas vou tentar agir como um escudo, conceder a vocês mais um favor.

— Obrigado, Mellie — disse Jason. — Espero que consiga um novo trabalho.

Ela sorriu, depois se dissolveu, envolvendo-os em uma brisa suave e quente. Então os ventos de verdade surgiram, atirando-os ao céu a toda velocidade, tanta que Jason desmaiou.

XXXIX

PIPER

PIPER SONHOU QUE ESTAVA NO telhado do alojamento da Escola da Vida Selvagem.

A noite no deserto era fria, mas ela levava lençóis e tinha Jason ao seu lado, não precisava de mais nada para se aquecer.

O ar tinha cheiro de sálvia e de arbustos queimados. No horizonte, as Montanhas Spring pareciam dentes negros e pontiagudos, com a claridade de Las Vegas logo atrás.

As estrelas brilhavam muito, e Piper temia que talvez não conseguissem ver a chuva de meteoros. Não queria que Jason pensasse que o levava ali com segundas intenções. (Mesmo que suas intenções fossem *completamente* segundas.) Mas os meteoros não os desapontaram. Aparecia um a cada minuto, cruzando o céu — linhas de fogo branco, amarelo e azul. Piper tinha certeza de que seu avô Tom teria algum mito cherokee para contar-lhes, mas naquele momento ela estava ocupada criando sua própria história.

Jason pegou sua mão — finalmente — e apontou quando dois meteoros cruzaram o céu, formando uma cruz.

— Uau — ele disse. — Não acredito que Leo não quis ver isso.

— Na verdade, eu não o convidei — disse Piper, casualmente.

— Ah, não? — perguntou Jason, sorrindo.

— Não. Às vezes você não acha que três... podem ser demais?

— Acho — admitiu Jason. — Como agora. Mas você sabe a confusão em que vamos nos meter caso nos encontrem aqui?

— Ah, mas eu já pensei numa saída — disse Piper. — E posso ser bem persuasiva. Quer dançar?

Ele sorriu. Seus olhos eram incríveis, e seu sorriso, ainda melhor sob o brilho das estrelas.

— Sem música. À noite. Num telhado. Parece perigoso.

— Eu sou uma garota perigosa.

— Disso eu não duvido.

Ele se levantou e ofereceu sua mão. Dançaram lentamente por um tempo, mas logo se entregaram a um beijo. Piper mal pôde beijá-lo de novo, pois estava muito ocupada sorrindo.

*

Mas seu sonho mudou... ou talvez ela estivesse morta, no Mundo Inferior... pois quando percebeu estava de volta à loja de departamentos de Medeia.

— Por favor, que isso seja um sonho — ela murmurou — e não a punição eterna.

— Não, querida — disse uma voz feminina bem suave. — Nada de punições.

Piper virou o corpo, com medo de ver Medeia, mas outra mulher estava ao seu lado, olhando o balcão de descontos de cinquenta por cento.

A mulher era linda — cabelos na altura dos ombros, um pescoço gracioso, feições perfeitas, uma figura maravilhosa vestindo jeans e camiseta branca.

Piper já vira muitas atrizes — grande parte das namoradas do seu pai eram incrivelmente belas —, mas aquela mulher era diferente. Era naturalmente elegante, fashion sem fazer esforço, linda mesmo sem maquiagem. Após ver as horríveis operações plásticas e toda a maquiagem de Éolo, aquela mulher parecia ainda mais incrível. Não havia nada artificial nela.

Mas sua aparência mudou. Piper não saberia dizer qual era a cor dos seus olhos ou o tom exato dos seus cabelos. A mulher ficava mais e mais bonita a cada minuto, como se Piper absorvesse sua imagem aos poucos... aproximando-se de seu próprio ideal de beleza.

— Afrodite — disse Piper. — Mãe?

A deusa sorriu.

— Isso é apenas um sonho, querida. Se alguém perguntar, diga que eu não estive por aqui, certo?

— Eu... — Piper queria perguntar mil coisas, mas tudo se misturou em sua mente.

Afrodite pegou um vestido turquesa. Piper o achou lindo, mas a deusa torceu a cara.

— Não é a minha cor, não acha? Que pena, porque é bem bonito. Medeia tem coisas incríveis por aqui.

— Este... este prédio explodiu — murmurou Piper. — Eu vi.

— Eu sei — concordou Afrodite. — Talvez por isso tudo esteja em liquidação. Agora é apenas uma lembrança. Sinto muito arrancá-la do seu sonho. Era muito mais agradável, eu sei.

Piper ficou corada, seu rosto parecia a ponto de pegar fogo. Ela não sabia se estava com raiva ou sem graça, mas sentia um grande desapontamento.

— Aquilo não era real. Nunca aconteceu. Mas por que eu me lembro com tantos detalhes?

Afrodite sorriu.

— Porque você é minha filha, Piper. Enxerga as possibilidades de forma muito mais vívida que os outros. Você enxerga o que *poderia* ter acontecido. E ainda pode, não desista. Infelizmente... — A deusa fez um gesto, apontando para a loja. — Você tem outras coisas a encarar primeiro. Medeia retornará, junto a outros inimigos. As portas da morte se abriram.

— O que você quer dizer?

Afrodite piscou para ela.

— Você é inteligente, Piper. Você sabe.

Piper sentiu um frio na espinha e disse:

— A mulher que dormia, a que Medeia e Midas chamavam de patrona. Ela conseguiu abrir uma nova porta para o Mundo Inferior. E está deixando os mortos escaparem para o mundo.

— Exatamente... Mas não *qualquer* morto. Só os mais poderosos, os que mais odeiam os deuses.

— Os monstros também estão voltando do Tártaro — disse Piper. — Por isso não se desintegram.

— Sim. A *patrona*, como você a chama, tem uma relação especial com o Tártaro, o espírito do buraco — disse Afrodite, pegando um top dourado de lantejoulas. — Não... isso me deixaria ridícula.

Piper sorriu, desconfortável.

— Você? Você é sempre perfeita, nunca ficaria ridícula.

— Você é um doce — disse Afrodite. — Mas a beleza é encontrar o que melhor nos serve, o que é mais natural em nós. Para ser perfeita, você precisa sentir-se perfeita consigo mesma... Evite tentar ser algo que não é. Para uma deusa, isso é particularmente complicado. Podemos nos transformar muito facilmente.

— Meu pai a achava perfeita — disse Piper, com voz trêmula. — Ele nunca esqueceu você.

O olhar de Afrodite ficou distante.

— Sim... Tristan. Ah, ele era incrível. Tão gentil, divertido e bonito. Mas tinha

muita tristeza dentro dele.

— Você poderia parar de falar dele no tempo passado, por favor?

— Sinto muito, querida. Eu não queria deixar seu pai, claro. É sempre muito duro, mas era o melhor a ser feito. Se ele soubesse quem eu realmente era...

— Espere, ele não sabia que você é uma deusa?

— Claro que não — respondeu Afrodite, ofendida. — Eu nunca faria isso. Para a maior parte dos mortais, é algo muito duro de aceitar. Pode arruinar suas vidas! Pergunte ao seu amigo Jason... um menino adorável, aliás. Sua pobre mãe ficou arrasada quando descobriu que se apaixonara por Zeus. Não, era bem melhor que Tristan acreditasse que eu era uma mortal que o abandonara sem explicação. Melhor ter uma lembrança amarga que saber que eu sou uma imortal inatingível. E isso nos leva a um ponto importante...

Afrodite abriu a mão e mostrou a Piper um tubo de vidro com um líquido vermelho dentro.

— Esta é uma das poções de Medeia. Apaga apenas as memórias recentes. Quando salvar seu pai, *caso* consiga salvá-lo, dê isso a ele.

Piper mal acreditava no que estava escutando.

— Você quer que eu drogue meu pai? Que ele se esqueça do que aconteceu?

Afrodite segurava o vidro. O líquido criava um tom róseo em seu rosto.

— Seu pai parece confiante, Piper, mas ele caminha numa corda bamba entre dois mundos. Lutou a vida inteira para negar velhas histórias sobre deuses e espíritos, mas tem medo de que sejam verdadeiras. Ele teme ter perdido uma importante parte de si mesmo, algo que um dia poderá destruí-lo. Agora está nas mãos de um gigante. Está vivendo um pesadelo. Mesmo sobrevivendo... se tiver que passar o resto da vida remoendo essas lembranças, sabendo que deuses e espíritos andam pela terra, ficará muito mal. E é isso o que quer a nossa inimiga. Ela o destruirá, e depois destruirá seu espírito.

Piper queria gritar que Afrodite estava errada. Seu pai era a pessoa mais forte que conhecia. Piper nunca roubaria suas memórias como Hera fizera com Jason.

Mas por algum motivo não conseguia ficar chateada com Afrodite. Lembrou-se do que seu pai lhe dissera meses antes, na praia de Big Sur: “Não acredito nessas histórias. São divertidas de serem contadas, mas, se eu realmente acreditasse, acho que não dormiria à noite. Sempre buscaria um culpado.”

Naquele momento Piper também queria culpar alguém.

— Quem é ela? — perguntou Piper. — Quem controla os gigantes?

Afrodite ficou calada e seguiu para a arara ao lado, com armaduras e togas destruídas, olhando-as como se fossem peças de alta costura.

— Você é muito forte e determinada — murmurou. — Eu nunca tive muito crédito entre os deuses, pois eles costumam rir dos meus filhos, que são vistos

como vaidosos e fúteis.

— Alguns são mesmo.

Afrodite sorriu.

— Certo. Talvez eu seja vaidosa e fútil, às vezes. Nós, meninas, temos que nos permitir. Ah, isso é legal — disse, pegando um prato de bronze queimado e levantando-o para que Piper o visse. — Não?

— Não — respondeu Piper. — Então, não vai responder à minha pergunta?

— Paciência, querida — disse a deusa. — O que eu quero dizer é que o amor é o maior motivador do mundo. O mais poderoso. Leva os mortais a fazerem grandes coisas. Seus atos mais nobres e grandiosos são impulsionados pelo amor.

Piper pegou sua adaga e observou a lâmina reluzente.

— Como Helena dando início à Guerra de Troia?

— Katoptris! — disse Afrodite, sorrindo. — Fico feliz que a tenha encontrado. Não gosto dessa guerra, mas, honestamente, Paris e Helena eram lindos. E os heróis da batalha se transformaram em imortais... pelo menos na memória dos homens. O amor é poderoso, Piper. É capaz de deixar os deuses de joelhos. Eu disse isso ao meu filho, Eneias, quando ele escapou de Troia. Ele imaginava ter falhado. Imaginava ser um perdedor! Mas viajou à Itália...

— E se transformou no precursor de Roma.

— Exatamente. Está vendo, Piper, meus filhos podem ser muito poderosos. Você pode ser poderosa, pois a minha linhagem é única. Estou mais perto do começo da criação que qualquer outro olimpiano.

Piper tentou lembrar-se do nascimento de Afrodite.

— Você não... surgiu do mar? De uma concha?

A deusa sorriu.

— O pintor Botticelli tinha mesmo muita imaginação, mas eu nunca estive de pé em uma concha, obrigada. No entanto, sim, eu surgi no mar. Os primeiros seres a surgirem do Caos foram a Terra e o Céu — Gaia e Urano. Quando o filho deles, o Titã Cronos, matou Urano...

— Cortando-o em pedaços com uma foice — lembrou-se Piper.

Afrodite torceu o nariz.

— Sim. As partes do corpo de Urano caíram no mar. Sua essência imortal criou a espuma do mar. E dessa espuma...

— Nasceu você. Agora eu me lembro. Então, você...

— Sou a última filha de Urano, que era maior que qualquer deus ou titã. Então, ainda que de maneira estranha, sou a mais velha deusa do Olimpo. E eu já disse: o amor é a força mais poderosa que existe. E você, minha filha, é muito mais que um rosto bonito. E por isso já sabe quem está despertando os gigantes,

e quem tem o poder de abrir as portas das profundezas da terra.

Afrodite esperou, como se notasse que Piper tentava montar um quebra-cabeça que formava uma figura horrível.

— Gaia — disse Piper. — A própria Terra. Ela é a nossa inimiga.

Gostaria que Afrodite dissesse que não, mas a deusa manteve os olhos pregados à armadura destruída.

— Gaia dormiu por éons, mas está acordando lentamente. Mesmo dormindo, ela é poderosa, mas uma vez acordada... seremos destruídos. Você precisa vencer os gigantes antes que isso aconteça e levar Gaia de volta ao seu sono. Caso contrário, a rebelião estará apenas começando. As mortes aumentarão. Monstros se regenerarão ainda mais rápido. Os gigantes chegarão ao local de nascimento dos deuses. E, se fizerem isso, toda a civilização será destruída.

— Mas *Gaia*? A Mãe-Terra?

— Não a subestime — avisou Afrodite. — Ela é uma divindade cruel. Orquestrou a morte de Urano. Entregou a foice a Cronos e disse que matasse seu pai. Enquanto os titãs governaram o mundo, ela dormiu em paz. Mas quando os deuses os venceram, Gaia voltou a despertar com toda a raiva, dando à luz uma nova raça, a dos gigantes, para destruir o Olimpo de uma vez por todas.

— E isso está acontecendo mais uma vez — disse Piper. — Os gigantes estão voltando.

Afrodite fez que sim.

— Agora que você já sabe de tudo, diga-me: o que pensa em fazer?

— Eu? — perguntou Piper, as mãos fechadas. — Mas o que eu deveria fazer? Colocar um vestido bonito e conversar com Gaia, para que ela volte a dormir?

— Eu gostaria que isso pudesse funcionar — disse Afrodite. — Mas, não, você precisa encontrar forças próprias e lutar pelo que ama. Como os meus favoritos: Helena e Paris. Como o meu filho Eneias.

— Helena e Paris morreram — disse Piper.

— E Eneias transformou-se em herói — replicou a deusa. — O primeiro grande herói de Roma. O resultado dependerá de você, Piper, mas vou lhe dizer uma coisa: os sete maiores semideuses devem se reunir para vencer os gigantes, e esse esforço não valerá nada sem você. Quando os dois lados se encontrarem... você será a mediadora. Você determinará se haverá amizade ou banho de sangue.

— Quais dois lados?

A visão de Piper começou a se embaçar.

— Você precisa acordar, minha filha — disse a deusa. — Eu nem sempre concordo com Hera, mas ela aceitou um risco alto, e acho que isso deve ser feito. Somente juntos vocês terão o poder para salvar o Olimpo. Agora, acorde, e espero que goste das roupas que encontrei para você.

— Quais roupas? — perguntou Piper, mas o sonho desapareceu.

XL

PIPER

PIPER ACORDOU SENTADA À MESA de um café.

Por um segundo, imaginou que ainda dormia. Era uma manhã ensolarada. O ar estava fresco, mas não exageradamente, e era possível ficar sentada do lado de fora. Nas outras mesas, uma mescla de gente com bicicletas, homens e mulheres de negócios e crianças em idade escolar, todos conversando e tomando café.

Piper sentia cheiro de eucaliptos. Passava muita gente a pé em frente a várias lojinhas. A rua era margeada por árvores frondosas e azaleias em flor, como se o inverno fosse algo distante.

Em outras palavras: estava na Califórnia.

Seus amigos estavam sentados à sua volta: todos com as mãos calmamente cruzadas sobre o peito, cochilando. E todos com roupas novas. Piper olhou para a roupa que usava e gritou:

— Mãe!

Na verdade, acabou gritando mais alto que queria. Jason encolheu-se, bateu na mesa com os joelhos e acordou os demais.

— O quê? — perguntou Hedge. — Lutar contra quem? Onde?

— Caindo! — disse Leo, agarrando a mesa. — Não... não estamos caindo. Onde estamos?

Jason piscou, tentando entender o que acontecia. Focou o olhar em Piper e fez um som de engasgo.

— O que você está vestindo?

Piper deve ter ficado corada. Ela usava o vestido turquesa que vira no seu sonho, com *legging* preta e botas de couro também pretas. Tinha seu bracelete preferido no pulso, ainda que o tivesse deixado em Los Angeles, e a velha jaqueta de *snowboard* do seu pai, que ficou perfeita com o restante do visual. Ela

pegou Katoptris e, julgando pelo reflexo na lâmina, seus cabelos também estavam perfeitamente penteados.

— Nada — ela respondeu. — É minha... — E lembrou-se de Afrodite pedindo que não comentasse nada sobre aquele encontro. — Nada.

Leo sorriu.

— Afrodite ataca mais uma vez, certo? Você vai ser a guerreira mais bem-vestida da cidade, rainha da beleza.

— Ei, Leo — disse Piper, tocando seu braço. — Já deu uma olhada em você mesmo?

— O quê... ah!

Todos tinham recebido um banho de loja. Leo vestia uma calça listrada, sapatos de couro preto, uma camisa branca sem colarinho, suspensórios e seu cinto de ferramentas, além de óculos Ray Ban e um chapéu coco.

— Meu Deus, Leo — disse Piper, tentando não rir. — Acho que meu pai usou isso no último lançamento, com exceção do cinto.

— Ei, cale a boca!

— Ele está bonito — disse o treinador Hedge. — Mas é claro que eu estou melhor.

O sátiro era um verdadeiro pesadelo em tom pastel. Afrodite o vestira com um terno amarelo-canário e sapatos bicolores que serviam perfeitamente às suas patas. Na cabeça, usava um chapéu também amarelo, com aba larga, além de uma camisa cor-de-rosa, gravata azul-bebê e um cravo azul na lapela, que Hedge cheirou e depois comeu.

— Bem — disse Jason —, pelo menos sua mãe não se preocupou tanto comigo.

Piper sabia que aquilo não era bem a verdade. Olhando para ele, seu coração retumbou. Jason vestia uma simples calça jeans e uma camiseta roxa limpa, como a que usara no Grand Canyon. Tinha tênis novos e seu cabelo estava bem-cortado. Seus olhos eram da cor do céu. A mensagem de Afrodite era clara: *Ele não precisava de melhorias.*

E Piper concordava.

— Enfim... — ela disse, desconfortável. — Como chegamos aqui?

— Ah, deve ter sido coisa de Mellie — disse Hedge, mastigando sua flor, feliz. — Aqueles ventos nos levaram país afora, eu acho. Teríamos batido com força no chão, mas o último presente de Mellie, uma brisa suave, nos amorteceu.

— E ela foi despedida por nossa culpa — disse Leo. — Cara, a gente não presta!

— Mellie vai ficar bem — disse Hedge. — Além do mais, para ela seria impossível evitar, pois sou irresistível para as ninfas. Vou mandar uma

mensagem quando terminarmos essa missão e ajudá-la a encontrar algo. Acho que eu poderia arrumar minha vida ao lado dessa aura e ter alguns bebês-bodes.

— Com esse papo eu vou passar mal — disse Piper. — Alguém quer café?

— Café! — O sorriso de Hedge estava azul por conta da flor. — Eu adoro café!

— Sei — disse Jason. — Mas... dinheiro? Nossas mochilas?

Piper olhou para baixo. Tinham as mochilas aos seus pés, e tudo parecia continuar ali dentro. Ela buscou nos bolsos do casaco e encontrou duas coisas que não esperava. Uma era dinheiro. A outra, um tubo... a poção para causar amnésia. Deixou o vidro no bolso e pegou o dinheiro.

— Mesada? Cara, sua mãe é incrível!

— Garçonete! — chamou Hedge. — Seis *espressos* duplos, e o que mais eles quiserem. Coloque na conta dessa menina.

*

Não demorou muito para descobrirem onde estavam. O menu dizia: “Café Verve, Walnut Creek, Califórnia.” E, de acordo com a garçonete, eram nove da manhã do dia 21 de dezembro, o dia do solstício de inverno: tinham três horas até o prazo dado por Encélado.

Não sabiam como chegar ao Monte Diabolo. Podiam vê-lo no horizonte, na direção do final da rua. Porém, após as Montanhas Rochosas, o Diabolo não parecia muito grande, nem estava coberto de neve. Parecia um local calmo, com ondulações douradas e árvores verdejantes. Mas o tamanho era enganoso, tratando-se de montanhas, Piper sabia muito bem. De perto, devia ser bem maior. E as aparências enganam, também. Lá estavam eles, de volta à Califórnia, que supostamente era a sua casa: com céu azul, temperatura amena, pessoas tranquilas e um prato de biscoitos de chocolate e café. Apenas alguns quilômetros adiante, em algum lugar daquela montanha aparentemente em paz, um gigante superpoderoso e muito mau estava a ponto de fazer seu pai de almoço.

Leo pegou algo no bolso... o velho desenho a giz de cera que Éolo lhe dera. Afrodite devia ter pensado tratar-se de algo importante, já que o manteve no bolso da roupa nova.

— O que é isso? — perguntou Piper.

Leo dobrou mais uma vez o papel com cuidado e o guardou.

— Nada. Não vão querer ver meus trabalhos do jardim de infância.

— É mais que isso — disse Jason. — Éolo disse que era a chave do nosso sucesso.

Leo balançou a cabeça.

— Mas não hoje. Ele estava falando sobre... o futuro.

— Como você pode ter tanta certeza? — perguntou Piper.

— Confie em mim — disse Leo. — Agora... qual é o plano de ataque?

O treinador Hedge deu um arrotto. Já tomara três *espressos* e comera um prato de *donuts*, dois guardanapos e uma flor que estava no vaso sobre a mesa. Teria comido os talheres, mas Piper bateu na sua mão.

— Subir a montanha — disse Hedge. — Matar todos, exceto o pai de Piper. Depois bater em retirada.

— Obrigado, general Eisenhower — disse Jason.

— Ei, estou apenas respondendo uma pergunta.

— Pessoal — disse Piper —, vocês precisam saber de outra coisa.

Era complicado, pois não poderia mencionar sua mãe, mas contou a eles que, em sonho, chegara a uma conclusão. E contou sobre quem era o inimigo verdadeiro: Gaia.

— Gaia? — perguntou Leo, sacudindo a cabeça. — Não é a Mãe Natureza? Ela deveria ter... sei lá... flores nos cabelos e pássaros cantando ao seu redor, além de cervos e coelhinhos lavando suas roupas.

— Leo, essa é a Branca de Neve — disse Piper.

— Certo, mas...

— Ouçam, meninos — disse o treinador Hedge, já no seu sexto *espresso*. — Piper está nos contando algo sério. Gaia não é boazinha. Nem *eu* sei se poderia enfrentá-la.

— Sério? — disse Leo, assobiando.

Hedge fez que sim.

— Essa senhora da terra... ela e seu velho homem do céu eram clientes desagradáveis.

— Urano — disse Piper, que não aguentou e olhou para o céu, imaginando se ele os estaria vendo.

— É — disse Hedge. — Esse Urano não é o melhor pai do mundo. Ele se livrou dos primeiros filhos, os ciclopes, atirando-os ao Tártaro. Isso deixou Gaia louca de raiva. Mas ela esperou. Depois tiveram mais filhos, e Gaia ficou com medo de que ele também os colocasse na prisão. Então recorreu a seu filho Cronos...

— Aquele cara grande e malvado — disse Leo. — O que foi vencido no verão passado.

— Certo. E foi Gaia quem deu a ele a foice, dizendo: “Ei, por que não chama

seu pai aqui? Enquanto eu converso com ele, tentando distraí-lo, você o corta em pedacinhos. Depois poderá conquistar o mundo. Não seria ótimo?”

Ninguém disse nada. O biscoito que Piper comia já não parecia tão gostoso. Ela ouvira aquela história antes, mas nem assim conseguia entendê-la. Tentou imaginar uma criança confusa, a ponto de matar seu pai apenas para ter poder. Depois imaginou uma mãe louca a ponto de convencer o próprio filho a fazer isso.

— Definitivamente, essa história não tem nada a ver com a da Branca de Neve — ela disse.

— Não, Cronos era um cara malvado — disse Hedge. — Mas Gaia é, literalmente, a *mãe* de todos os caras malvados. Ela é tão antiga e poderosa, *enorme*, tão grande que não consegue estar totalmente consciente. Na maior parte do tempo, ela dorme, e nós gostamos de vê-la roncando.

— Mas ela falou comigo — disse Leo. — Como poderia estar dormindo?

Gleeson limpou algumas migalhas da lapela de seu terno amarelo. Já tinha tomado seis cafés e suas pupilas estavam superdilatadas.

— Mesmo dormindo, parte de sua consciência continuava ativa: sonhando, observando e fazendo coisas pequenas, como explodir vulcões e reerguer monstros. Agora mesmo ela não está completamente acordada. Acreditem em mim, vocês não gostariam de vê-la totalmente desperta.

— Mas ela está ficando mais poderosa — disse Piper. — Está conseguindo reerguer os gigantes. E quando o rei deles voltar... esse tal Porfirión...

— Reunirá um exército para destruir os deuses — disse Jason. — Começando com Hera. Será outra guerra. E Gaia despertará completamente.

Gleeson concordou.

— Por isso é uma boa ideia que a gente fique o máximo de tempo possível afastado do chão.

Leo olhou para o Monte Diabolo.

— Então... escalar uma montanha. Isso seria ruim.

O coração de Piper ficou apertado. Primeiro pediram que traísse seus amigos. Mas agora eles a ajudariam a resgatar seu pai, mesmo sabendo que poderiam cair numa armadilha. A ideia de lutar contra um gigante já era bem assustadora. Mas saber que Gaia poderia estar por trás de tudo... uma força mais poderosa que um titã...

— Meninos, não posso pedir que façam isso — disse Piper. — É muito perigoso.

— Você está brincando? — perguntou Gleeson, arrotando e depois abrindo seu sorriso azul. — Quem está pronto para subir?

XLI

LEO

LEO ESPERAVA QUE O TÁXI pudesse levá-los até o topo.

Mas não teve tanta sorte. O carro engasgava e gemia ao subir a montanha, e no meio do caminho encontraram o posto da guarda-florestal fechado e uma corrente bloqueando a estrada.

— Não posso ir adiante — disse o taxista. — Vocês têm certeza do que estão fazendo? Vai ser um longo caminho de volta, e meu carro não está bom. Não vou poder esperar por vocês.

— Temos certeza — disse Leo, o primeiro a descer.

Ele tinha um mau pressentimento sobre qual poderia ser o problema daquele táxi, e quando olhou para baixo viu que estava certo. As rodas estavam afundando na estrada, como se fosse feita de areia movediça. Lentamente... mas o bastante para que o motorista imaginasse ter um problema na transmissão ou no eixo do carro. Porém, Leo sabia que não era nada disso.

A via era de terra batida. Não havia como aquilo ser macio, mas os sapatos de Leo já começavam a afundar. Gaia estava brincando com eles.

Enquanto seus amigos saíam do carro, Leo pagou ao taxista. Foi generoso... por que não seria? Era o dinheiro de Afrodite. Além do mais, tinha um pressentimento de que nunca sairia daquela montanha.

— Fique com o troco — disse Leo. — E saia daqui. Rápido.

O motorista não argumentou. Em pouco tempo, tudo o que viam era uma trilha de poeira.

A vista da montanha era incrível. O vale ao redor era como uma teia de cidades — grades de ruas arborizadas e bairros de classe média, com lojas e escolas. Toda aquela gente vivia uma vida normal, do tipo que Leo nunca conhecera.

— Isso é Concord — disse Jason, apontando ao norte. — Walnut Creek está embaixo de nós. Ao sul, Danville, atrás dessas colinas. E naquela direção...

Apontou para oeste, onde uma cadeia de colinas douradas estava quase oculta por uma camada de neblina.

— Isso é Berkeley Hills. East Bay. Mais à frente, São Francisco.

— Jason? — disse Piper, tocando seu braço. — Você está se lembrando de algo? Já estive aqui antes?

— Sim... não. — Jason olhou para ela, confuso. — E só que... parece importante.

— Aquela é a terra dos titãs — disse o treinador, apontando em direção ao oeste. — Um lugar ruim, Jason. Confie em mim, estamos o mais próximo que gostaríamos de São Francisco.

Mas Jason olhava para a neblina com tanto anseio que Leo se sentiu desconfortável. Por que Jason parecia tão conectado àquele lugar... um lugar que Hedge dizia ser ruim, cheio de magia do mal e velhos inimigos? E se ele tivesse vindo dali? Todos diziam que Jason poderia ser um inimigo, que sua chegada ao Acampamento Meio-Sangue fora um erro perigoso.

Não, pensou Leo. Isso é ridículo. Jason era amigo deles.

Leo tentou mover o pé, que estava afundado no solo até o tornozelo.

— Pessoal, vamos em frente.

Os outros estavam com o mesmo problema.

— Gaia é mais forte aqui — disse Hedge. E tirou as patas dos sapatos, que entregou a Leo.

— Guarde-os para mim, Valdez. São bonitos.

Leo bufou.

— Claro, treinador. O senhor gostaria que eu os polisse?

— Essa é a cabeça de um universitário, Valdez — disse Hedge, aprovando-o.

— Mas primeiro vamos subir esta montanha enquanto ainda podemos.

— Como vamos saber onde está o gigante? — perguntou Piper.

Jason apontou para o pico. No topo havia certa fumaça. A distância, aquilo parecera uma nuvem aos olhos de Leo, mas não era. Algo estava queimando.

— Onde há fumaça, há fogo — disse Jason. — Melhor correremos!

*

A Escola da Vida Selvagem obrigara Leo a participar de várias marchas. Imaginava estar em boa forma. Mas subir uma montanha enquanto a terra

tentava engolir seus pés era como correr numa esteira forrada com fita adesiva.

Ele logo arregaçou as mangas de sua camisa sem gola, mesmo com o vento frio e cortante. Gostaria que Afrodite lhe tivesse dado shorts de corrida e sapatos mais confortáveis, mas ainda assim estava agradecido pelo chapéu, que mantinha seus olhos protegidos do sol. Enfiou as mãos no cinto de ferramentas em busca de algo mais: engrenagens, uma pequena chave inglesa, fios de bronze. Enquanto caminhava, construía algo — sem pensar muito no que fazia, apenas encaixando peças.

Quando chegaram perto do topo da montanha, Leo era o herói mais bem-vestido, suado e sujo do mundo. Suas mãos estavam cobertas de graxa.

O pequeno objeto que construía parecia um brinquedo de dar corda, do tipo que anda em cima de mesas. Não sabia exatamente o que fazer com ele, mas guardou-o no cinto.

Sentia falta dos bolsos de seu colete militar. Mais que isso, sentia falta de Festus. Poderia usar um dragão que soltava fogo, naquele momento. Mas Leo sabia que Festus não voltaria... pelo menos não em sua forma antiga.

Odiava aquele desenho que levava no bolso — o que fizera na mesa de piquenique, sob a nogueira, aos cinco anos. Lembrou-se de *Tía Callida* cantando enquanto ele desenhava, e de como ficara chateado quando os ventos levaram embora o desenho. “Ainda não é a hora, pequeno herói”, dissera ela. “Algum dia você deverá enfrentar sua missão. Encontrará o seu destino, e sua difícil jornada finalmente fará sentido.”

Agora, Éolo pusera o desenho novamente nas suas mãos. Leo sabia que seu destino estava se aproximando. Porém, a jornada era tão frustrante quanto escalar aquela estúpida montanha. Sempre que imaginava terem chegado ao topo, percebia que não passara de mais uma subida e viria outra ainda maior.

Devemos começar pelo começo, ele disse a si mesmo. Hoje, a tarefa é sobreviver. Pensar no destino era algo que deixaria para mais tarde.

Finalmente, Jason se agachou atrás de uma parede de pedra. Gesticulou para todos, pedindo que fizessem o mesmo. Leo engatinhou até ficar ao seu lado. Piper teve de puxar o treinador Hedge para baixo.

— Não quero sujar minha roupa! — reclamou Hedge.

— Calado — disse Piper.

Relutante, o treinador se ajoelhou.

Logo após o lugar onde se escondiam, nas sombras da última parte da montanha, havia uma depressão arborizada, do tamanho de um campo de futebol, onde o gigante Encélado montara seu acampamento.

Árvores foram cortadas para construir a alta fogueira roxa. A margem da clareira estava cheia de lenha e de materiais de construção: uma escavadeira, um

grande braço mecânico com lâminas que giravam como um barbeador elétrico — deve ser um cortador de árvores, pensou Leo —, e uma coluna alta de metal com uma lâmina de machado, como uma guilhotina posta de lado — um machado hidráulico.

Por que o gigante precisava de tanto material de construção, Leo não sabia muito bem. E não entendia como a criatura à sua frente poderia caber no assento do condutor. O gigante Encélado era tão grande, tão feio, que Leo não queria olhar para ele.

Mas forçou-se a focar seu olhar no monstro.

Para começo de conversa, devia ter quase dez metros de altura — tão alto quanto a copa das árvores. Leo tinha certeza de que o gigante poderia vê-los, mas parecia concentrado na louca fogueira roxa, rodeando-a e cantando baixinho. Da cintura para cima, parecia um humanoide, com seu peito musculoso protegido por uma armadura de bronze decorada com desenhos de chamas. Seus braços estavam completamente machucados. Os bíceps eram maiores que Leo. Sua pele era bronzeada, mas suja de fuligem. Seu rosto tinha formas duras, como se fosse um desenho não terminado, mas seus olhos brilhavam, brancos, e seus cabelos eram *dreadlocks* desgrenhados até a altura dos ombros, presos com ossos.

Da cintura para baixo ele era ainda mais medonho. Suas pernas eram escamosas e verdes, com garras em vez de pés — como as patas traseiras de um dragão. Em uma das mãos, Encélado carregava um arpão do tamanho de um mastro de bandeira. De tempos em tempos, mergulhava a ponta da arma na fogueira, deixando o metal avermelhado.

— Certo — murmurou o treinador Hedge. — Eis o nosso plano...

Leo pôs-se na frente dele.

— Você não vai cuidar dele sozinho!

— Ah, por favor...

— Olha aquilo — disse Piper, contendo o choro.

Do outro lado da fogueira havia um homem atado a um mastro. Sua cabeça pendia, como se estivesse inconsciente, e Leo não podia ver o seu rosto, mas Piper não parecia ter dúvida.

— Papai — ela disse.

Leo engoliu em seco. Gostaria que aquilo não passasse de um filme de Tristan McLean. Se fosse assim, a inconsciência do pai de Piper seria fingimento. Ele desataria aqueles nós e derrubaria o inimigo com um gás antigigante, que levava espertamente escondido em algum lugar. Uma música heroica começaria a tocar e Tristan McLean faria sua incrível escapada, correndo em câmera lenta, enquanto a montanha explodiria logo atrás.

Mas aquilo não era um filme. Tristan McLean estava quase morto e a ponto de ser devorado. As únicas pessoas capazes de deter aquilo eram três jovens semideuses com roupas fashion e um bode megalomaniaco.

— Nós somos quatro — murmurou Hedge, nervoso. — E ele é apenas um.

— Mas você não notou que ele tem quase dez metros de altura? — perguntou Leo.

— Certo — disse Hedge. — Então, Jason, você e eu vamos distraí-lo. Piper se aproxima e liberta seu pai.

Todos olharam para Jason.

— O quê? — ele perguntou. — Eu não sou o líder.

— Sim — disse Piper —, você é.

Na verdade, nunca tinham conversado sobre isso, mas todos concordavam, até mesmo Hedge. Chegar ali fora um esforço de equipe, mas quando o assunto envolvia uma decisão de vida ou morte, Leo sabia que deveria perguntar a Jason. Mesmo sem memória, o garoto tinha bom discernimento. Era como se já tivesse estado em batalhas anteriores e soubesse manter a calma. Leo não costumava confiar tanto nas pessoas, mas confiava em Jason cegamente.

— Odeio ter que dizer isso — suspirou Jason —, mas o treinador Hedge tem razão. A melhor chance para Piper libertar o pai seria distrairmos o gigante.

Não era uma boa saída, pensou Leo. Nem uma saída que lhes garantisse sobreviver. Mas era a *melhor* que tinham.

E não poderiam ficar ali sentados, argumentando, o dia inteiro. Devia ser quase meio-dia — o prazo do gigante — e a terra ainda tentava tragá-los. Os joelhos de Leo já tinham afundado cinco centímetros no solo.

Leo olhou para os equipamentos de construção e teve uma ideia louca. Pegou o brinquedo que fizera enquanto subiam a montanha e percebeu o que aquilo poderia fazer — se ele tivesse sorte, claro... o que quase nunca acontecia.

— Vamos em frente — ele disse. — Antes que eu recupere a razão.

XLII

LEO

O PLANO DEU ERRADO QUASE imediatamente. Piper rastejou pelo alto da montanha, tentando manter a cabeça baixa, enquanto Jason, Leo e o treinador Hedge caminhavam em direção à clareira.

Jason evocou sua lança de ouro, brandiu-a sobre a cabeça e gritou: “Gigante!” Soou bastante bom, muito mais confiante que Leo poderia ter feito, já que estava pensando em frases mais parecidas com: “Somos formigas patéticas! Não nos mate!”

Encélado parou de cantar para as chamas. Virou-se para eles e sorriu, revelando presas como as de um tigre-dentes-de-sabre.

— Bem — disse o gigante —, que surpresa boa.

Leo não gostou da sua voz. Segurou com mais força o brinquedo na palma da mão. Andou um pouco para o lado, aproximando-se da escavadeira.

O treinador Hedge gritou:

— Liberte o ator famoso, seu *cupcake* grande e feioso! Ou vou dar um pontapé na sua...

— Treinador — disse Jason. — Cale-se.

Encélado soltou um rugido e sorriu.

— Eu tinha me esquecido de como os sátiros são divertidos. Quando governarmos o mundo, acho que vou deixar vocês por perto. Poderão me entreter enquanto eu devoro os outros mortais.

— Isso é um elogio? — Hedge franziu a testa para Leo. — Pois não me parece.

Encélado abriu a boca, e seus dentes começaram a brilhar.

— Espalhem-se! — gritou Leo.

Jason e Hedge se jogaram para a esquerda quando o gigante cuspiu fogo —

uma rajada tão quente que até Festus ficaria com inveja. Leo escondeu-se atrás da escavadeira, mexeu no aparelho que construíra e o deixou no assento do motorista. Depois correu para a direita, seguindo para o trator.

Pelo canto dos olhos, viu Jason levantar-se e desafiar o gigante. O treinador Hedge tirou seu paletó amarelo-canário, que estava em chamas, e uivou, raivoso.

— Eu *gostava* dessa roupa! — disse. Depois levantou o bastão e também partiu para o ataque.

Antes que pudessem ir longe demais, Encélado bateu com o arpão no chão. A montanha tremeu por inteira.

O impacto jogou Leo para o lado. Ele piscou, momentaneamente atordoado. Em meio ao mato queimado e à fumaça, viu Jason cambaleando na outra extremidade da clareira. O treinador Hedge foi atingido e caiu para a frente, batendo com a cabeça num tronco. Seu traseiro peludo estava para o alto, e sua calça amarela, na altura dos joelhos — Leo preferiria não ter visto aquela cena.

O gigante vociferou:

— Estou vendo você, Piper McLean! — disse, virando o corpo e cuspidando fogo na direção de alguns arbustos à direita de Leo.

Piper correu em direção à clareira, a vegetação rasteira em chamas atrás dela.

Encélado gargalhou.

— Fico feliz que tenha chegado. E trouxe meus prêmios!

Leo ficou com um nó na garganta. Era o momento sobre o qual Piper os avisara. Estavam nas mãos de Encélado.

O gigante deve ter lido a expressão de Leo, pois riu ainda mais alto.

— É verdade, filho de Hefesto. Não esperava que vocês ficassem vivos por tanto tempo, mas isso não importa. Trazendo-os aqui, Piper McLean cumpriu o acordo. Caso ela realmente traia vocês, eu vou cumprir minha palavra e libertar seu pai. Por que ficaria com uma estrela de cinema?

Leo podia ver o pai de Piper mais claramente. Vestia uma camisa de botão esfarrapada e uma calça larga. Seus pés descalços estavam cheios de lama. Não estava completamente inconsciente, pois levantou a cabeça e murmurou algo. Sim, Tristan McLean estava bem. Leo já vira o seu rosto em vários filmes. Mas agora tinha um corte repugnante de um lado do rosto e parecia magro e cansado — nada heroico.

— Papai! — gritou Piper.

O sr. McLean piscou, tentando focar a visão.

— Pipes...? Onde...

Piper sacou a adaga e encarou Encélado.

— Liberte o meu pai!

— Claro, minha querida — rufou o gigante. — Jure sua fidelidade a mim e

não teremos problema nenhum. Só os outros precisam morrer.

Piper olhou várias vezes para o seu pai e para Leo.

— Ele vai matar você — disse Leo. — Não confie nele.

— Ah, vamos — disse Encélado. — Você sabe que eu nasci para destruir Atena? A mãe Gaia criou cada um de nós, gigantes, para algo específico. Fomos destinados a lutar e destruir um determinado deus. Eu sou o castigo de Atena, o *anti*-Atena, se você preferir. Comparado a outros, sou pequeno! Mas sou inteligente. E mantenho minha palavra com você, Piper McLean. Faz parte do meu plano!

Jason estava de pé, com sua lança preparada; mas antes que pudesse fazer qualquer coisa Encélado soltou um bramido — um chamado que ecoou pelo vale, e provavelmente foi ouvido em toda a São Francisco.

Na mata, surgiram meia dúzia de criaturas com aspecto de ogros. Leo notou — com uma certeza de que lhe dava náuseas — que eles não estavam simplesmente escondidos ali. Tinham se levantado da terra.

Os ogros se aproximaram. Eram pequenos comparados a Encélado, tinham cerca de dois metros. Cada um tinha seis braços — um par onde deveriam, outro em cima dos ombros e outro dependurado ao lado do corpo. Vestiam apenas tangas de trapos de couro e, mesmo estando do outro lado, Leo podia sentir o cheiro deles. Seis caras que nunca tinham tomado banho, com seis axilas cada um. Leo pensou que, caso sobrevivesse àquele dia, teria de tomar um banho de três horas para conseguir esquecer aquele cheiro.

E deu um passo, aproximando-se de Piper.

— Quem... quem são esses?

A lâmina de Piper refletia o tom roxo da fogueira.

— Gegenes.

— O quê? — perguntou Leo.

— Os Nascidos da Terra — ela respondeu. — Gigantes armados de seis braços, que lutaram contra Jasão.

— Muito bem, minha querida! — disse Encélado, satisfeito. — Eles viviam num lugar miserável da Grécia, chamado Montanha do Urso. O Monte Diabolo é bem melhor! São filhos inferiores da Mãe-Terra, mas servem ao seu propósito. São bons com equipamentos de construção.

— Vruum, vruum! — gritou um dos Nascidos da Terra; os outros repetiram o barulho, cada um deles movendo suas seis mãos como se dirigissem um carro, como se isso fosse uma espécie de estranho ritual religioso. — Vruum, vruum!

— Sim, obrigado, meninos — disse Encélado. — Eles também têm contas a acertar com os heróis. Especialmente qualquer um chamado Jason.

— Jei-zon! — gritou um dos Nascidos da Terra. E todos pegaram pedaços de

terra, que se solidificaram transformando-se em pedras pontiagudas. — Jei-zon onde? Matar Jei-zon!

Encélado sorriu.

— Viu, Piper, você tem uma escolha. Salve seu pai ou... *tente* salvar seus amigos e termine morta.

Piper deu um passo à frente. Seus olhos brilhavam com tamanha fúria que até os Nascidos da Terra se afastaram. Ela irradiava poder e beleza, mas isso não tinha nada a ver com sua maquiagem ou suas roupas.

— Você não vai tirar de mim as pessoas que eu amo — disse ela. — Nenhuma delas.

Suas palavras atravessaram a clareira com tanta força que os Nascidos da Terra murmuraram:

— Certo, certo, sinto muito. — E começaram a recuar.

— Fiquem, idiotas! — gritou Encélado. E rosnou para Piper: — É por isso que a queremos viva, minha querida. Você poderá ser útil para nós. Mas faça como preferir. Nascidos da Terra! Vou mostrar a vocês quem é Jason.

O coração de Leo quase parou de bater. Mas o gigante não apontou para Jason, e sim para o outro lado da fogueira, onde Tristan McLean estava dependurado, quase inconsciente.

— Aqui está Jason — disse Encélado, com prazer. — Acabem com ele!

*

Para a grande surpresa de Leo, com apenas um olhar de Jason eles três souberam exatamente o que fazer. Quando isso acontecera? Quando começaram a ter tanta sintonia?

Jason atacou Encélado enquanto Piper corria em direção ao pai, e Leo em direção ao trator, que estava entre o sr. McLean e um dos Nascidos da Terra.

O Nascido da Terra foi ágil, mas Leo correu como um espírito da tempestade. Pulou na máquina que estava a um metro e meio de distância e sentou-se no assento do condutor. Passou as mãos pelos controles, e a máquina respondeu com velocidade incomum — ganhando vida como se soubesse que se tratava de algo importante.

— Ah! — gritou Leo, guiando o braço mecânico em direção à fogueira, derrubando troncos em chamas sobre os Nascidos da Terra e espalhando fagulhas para todos os lados. Dois gigantes acabaram sob uma avalanche e se desintegraram, voltando à terra — e com sorte ficariam um bom tempo por ali.

Os outros quatro ogros deparavam com madeira queimando e carvão quente enquanto Leo se deslocava com a máquina. Ele apertou um botão e na ponta do braço mecânico as lâminas começaram a girar.

Pelo canto dos olhos, ele viu Piper libertando o pai. Do outro lado da clareira, Jason lutava contra o gigante, conseguindo de alguma forma esquivar-se do enorme arpão e das rajadas de fogo.

Logo todo aquele lado da montanha se consumiria em fogo, mas isso não preocupava Leo. Porém, caso seus amigos ficassem presos lá em cima... Não. Era preciso agir, e rápido.

Um dos Nascidos da Terra — aparentemente o menos inteligente — atacou o cortador de árvores, e Leo virou o braço mecânico na sua direção. Assim que as lâminas tocaram o ogro, ele se dissolveu como barro molhado, espalhando-se pela clareira. Uma boa parte do monstro espirrou no rosto de Leo, que cuspiu o barro e levou o cortador em direção aos três Nascidos da Terra restantes, que se afastaram rapidamente.

— Vruum, vruum mau! — gritou um deles.

— Sim, muito mau! — gritou Leo. — Querem ver um vruum, vruum mau de verdade? Venham!

Infelizmente, eles se aproximaram. Três ogros com seis braços, todos atirando pedras grandes e pesadas, com muita velocidade. Leo sabia que estava perdido. De alguma forma, conseguiu saltar para trás da máquina antes que uma das pedras destruísse o assento do motorista. Os pedregulhos batiam contra o metal. Quando Leo ficou de pé outra vez, a máquina parecia uma lata de refrigerante amassada afundando na lama.

— A escavadeira! — gritou Leo.

Os ogros estavam pegando mais terra, mas dessa vez apontavam na direção de Piper.

Nove metros à frente, a escavadeira despertou. O brinquedinho de Leo fez seu trabalho, metendo-se entre as engrenagens e dando-lhe vida. A máquina seguiu em direção ao inimigo.

Enquanto Piper conseguia libertar seu pai e tomava-o nos braços, os gigantes atiravam a segunda leva de pedras. A escavadeira movia-se na lama, tentando interceptá-los, e grande parte das pedras a atingiram. A força era tanta que a máquina andava para trás. Duas pedras ricochetearam e atingiram seus arremessadores. Outros dois Nascidos da Terra viraram lama. Infelizmente, um pedregulho atingiu o motor da escavadeira, levantando uma fumaça oleosa, e a máquina parou de funcionar. Outro bom brinquedo estragado.

Piper carregava o pai. O último dos Nascidos da Terra foi em sua direção.

Os truques de Leo tinham acabado, mas ele não podia deixar o monstro

alcançar Piper. Correu, passando pelas chamas, e pegou alguma coisa — *qualquer coisa* — de seu cinto.

— Ei, idiota! — gritou, e atirou uma chave de fenda no Nascido da Terra.

Ela não matou o ogro, mas certamente chamou sua atenção. Cravou-se na testa do monstro como se ele fosse feito de massa de modelar.

O Nascido da Terra gritou de dor. Depois, arrancou a chave de fenda da testa, virou-se e olhou para Leo. Infelizmente, era o maior e mais terrível de todos. Gaia se esmerara ao criá-lo... com músculos extras e um rosto horrível. Enfim, um pacote completo.

Ah, ótimo, pensou Leo. Fiz um amigo.

— Vai morrer! — rugiu o Nascido da Terra. — Amigo de Jei-zon morre!

O ogro encheu as mãos com terra, que logo endureceu e se transformou em mísseis.

Leo não conseguia pensar. Enfiou a mão no cinto de ferramentas, mas não imaginava nada que pudesse ajudá-lo. Deveria ser esperto, mas não seria capaz de criar, montar ou soldar nada naquele momento.

Certo, ele pensou. Vou tentar o fogo.

Ele entrou em combustão, gritou “Hefesto!” e atacou o ogro com as mãos vazias.

Mas não chegou lá.

Um borrão turquesa e negro surgiu logo atrás do ogro. Uma lâmina de bronze brilhante subiu e desceu nas laterais do corpo do Nascido da Terra.

Seis grandes braços caíram no chão, e as pedras rolaram das suas mãos inúteis. O Nascido da Terra olhou para baixo, muito surpreso. E murmurou: “Braços, adeus.”

Depois dissolveu-se no solo.

Piper estava paralisada, respirando com dificuldade, sua adaga coberta de barro. Seu pai estava sentado, confuso e ferido, mas ainda vivo.

A expressão de Piper era feroz, quase enlouquecida, como um animal encurralado. Leo ficou feliz por ela estar do lado deles.

— Ninguém machuca os meus amigos — disse Piper, e com uma sensação agradável Leo percebeu que ela se referia a ele. Depois ela gritou: — Venha!

Leo percebeu que a batalha não terminara. Jason ainda lutava contra o gigante Encélado — e aquela luta não ia nada bem.

XLIII

JASON

QUANDO A LANÇA DE JASON se partiu, ele sentiu que morreria.

A batalha começara muito bem. Os instintos de Jason estavam em alerta, e algo lhe dizia que ele já lutara contra inimigos quase tão grandes quanto aqueles. Tamanho e força significavam lentidão, então tudo o que Jason precisava era de ser mais rápido — manter um ritmo, cansar o oponente e evitar ser esmagado ou atingido por uma chama.

Desviou do primeiro ataque de Encélado e lhe deu um golpe no tornozelo. A lança de Jason conseguiu furar a espessa pele de dragão, fazendo escorrer o icor dourado — o sangue dos imortais — no pé em formato de garra do gigante.

Encélado gritou de dor e cuspiu fogo em Jason, que driblou o ataque, rolou para trás do gigante e o atingiu na parte posterior do joelho.

Foi assim por alguns segundos, minutos — era difícil saber. Jason ouviu ruídos de um combate acontecendo do outro lado da clareira — equipamentos de construção rangendo, fogo crepitando, monstros gritando e pedras atingindo metais. Escutou Leo e Piper gritando em tom de desafio, o que significava que ainda estavam vivos. Mas tentou não pensar nisso. Não podia se distrair.

Por um milímetro o arpão de Encélado não o tocou. Jason continuou a esquivar-se, mas o chão ficava grudado em seus pés. Gaia estava ficando mais forte, e o gigante, mais rápido. Encélado podia ser lento, mas não era bobo. Começou a se antecipar aos movimentos de Jason, e os ataques do herói só o deixavam nervoso, aumentando sua fúria.

— Não sou um monstro menor — gritou Encélado. — Sou um gigante, nascido para matar deuses! Seu palito de dentes dourado não pode me matar, garoto.

Jason não queria desperdiçar energia respondendo. Ele já estava cansado. O

chão aderiria a seus pés, fazendo-o se sentir como se tivesse ganhado uns cinquenta quilos. O ar continha tanta fumaça que queimava seus pulmões. Chamas subiam ao seu redor, alimentadas pelos ventos, e a temperatura se aproximava à de um forno.

Jason levantou sua lança para impedir o ataque seguinte do gigante, o que foi um grande erro. *Não use a força para vencer a força*, uma voz martelou em sua cabeça — a loba Lupa lhe falara isso muito tempo atrás. Ele conseguiu aparar o arpão do gigante, mas ele passou de raspão em seu ombro, e seu braço ficou paralisado.

O garoto deu um passo para trás e quase caiu sobre um tronco em chamas.

Jason precisava protelar, prender a atenção do gigante enquanto seus amigos lutavam contra os Nascidos da Terra e resgatavam o pai de Piper. Ele não podia falhar.

Deu mais passos para trás, tentando conduzir o gigante à margem da clareira. Encélado notava seu cansaço. O gigante sorriu, mostrando suas presas.

— O poderoso Jason Grace — provocou. — Sim, nós conhecemos você, filho de Júpiter. Aquele que liderou o ataque ao Monte Otris. Aquele que sozinho matou o titã Crios e derrubou o trono negro.

A mente de Jason vacilou. Ele não conhecia aqueles nomes, mas sentiu um arrepio, como se seu corpo se lembrasse de uma dor de que sua mente se esquecera.

— Do que está falando? — ele perguntou. E notou seu erro quando Encélado cuspiu fogo.

Distraído, Jason moveu-se muito lentamente. A chama não o atingiu, mas lhe raspou as costas. Ele caiu no chão, suas roupas queimando. Estava cego de tanta fuligem e fumaça e engasgou-se ao tentar respirar.

Deu um passo para trás quando o arpão do gigante se cravou no espaço entre seus pés.

Jason conseguiu ficar de pé.

Se pudesse reunir forças para lançar um único raio... Mas ele já estava exausto, e naquelas condições o esforço poderia matá-lo. E tampouco sabia se a eletricidade feriria o gigante.

Morrer em batalha é honrável, disse a voz de Lupa.

Isso é reconfortante, pensou Jason.

Uma última tentativa: Jason respirou fundo e atacou.

Encélado deixou que se aproximasse, sorrindo por antecipação. No último segundo, Jason fingiu um ataque e rolou entre as pernas do gigante. Depois levantou-se rapidamente, usando toda a sua força, pronto para golpeá-lo bem no meio das costas, mas Encélado antecipou-se à armadilha. Deu um passo para o

lado com tanta rapidez e agilidade que nem parecia um gigante, como se a terra o ajudasse a se mover. Ele riscou o ar com o arpão, encontrando a lança de Jason, e com um movimento rápido, como se fosse um ataque com arma de fogo, a lança de ouro se desintegrou.

A explosão foi mais quente que o hálito do gigante, e a luz dourada cegou Jason. A força fez o menino tombar e o deixou sem ar.

Quando seus olhos conseguiram se focar novamente, ele estava sentado à beira de uma cratera. Encélado mantinha-se de pé do outro lado, cambaleante e confuso. A destruição da lança liberara tanta energia que criara um buraco em forma de cone, de mais de nove metros de profundidade, misturando lama e pedras, numa substância opaca e pegajosa. Jason não sabia muito bem como sobrevivera, mas suas roupas estavam chamuscadas. Ele não tinha energia. Nem arma. E Encélado seguia bem vivo.

Jason tentou se levantar, mas suas pernas pareciam feitas de chumbo. Encélado piscou ao ver a destruição, depois sorriu.

— Impressionante! Infelizmente, foi seu último truque, semideus.

Encélado pulou sobre a cratera com um único movimento, plantando cada pé de um lado de Jason. O gigante ergueu sua lança, com a ponta a menos de dois metros do peito de Jason.

— E agora chegou a hora de fazer o meu primeiro sacrifício a Gaia — disse Encélado.

XLIV

JASON

O TEMPO PARECIA PASSAR MAIS lentamente, o que era realmente frustrante, pois Jason ainda não conseguia se mover. Sentia o corpo afundando na terra, como se estivesse sobre um colchão de água — algo confortável, que o estimulava a relaxar e se entregar. Ele ficou imaginando se as histórias que ouvira do Mundo Inferior eram verdadeiras. Terminaria nos Campos da Punição ou no Elísio? Como não podia se lembrar de nenhum de seus atos, será que eles ainda seriam levados em consideração? Perguntava a si mesmo se os juízes considerariam isso, ou se seu pai, Zeus, escreveria a eles um recado: “Por favor, livrem Jason da maldição eterna. Ele teve amnésia.”

Jason não sentia seus braços. Podia ver a ponta do arpão aproximando-se de seu peito em câmera lenta. Sabia que deveria se mover, mas não se sentia capaz. Engraçado, ele pensou. Tanto esforço para manter-se vivo e, de repente, *bum!* Caído ali, sem poder fazer nada, com um gigante que lançava fogo sobre ele.

Até o momento em que Leo gritou:

— Olhem para cima!

Um enorme bastão preto de metal bateu em Encélado, fazendo um enorme barulho. O gigante cambaleou e caiu no buraco.

— Jason, levante-se — gritou Piper. Sua voz lhe deu energia, tirando-o de seu estupor. Ele se levantou, sentindo-se zozzo, enquanto Piper segurava seus braços e o ajudava a ficar de pé.

— Não me deixe na mão — ela ordenou. — Você *não* vai falhar comigo.

— Certo, madame.

Ele se sentia tonto, mas Piper era a coisa mais linda que já vira. Seu cabelo era atraente. Seu rosto estava sujo de fuligem. Tinha um corte no braço, o vestido estava rasgado e ela perdera uma das botas. Linda.

A cerca de trinta metros de distância, Leo estava de pé em uma máquina de construção — comprida como um canhão, com um único e enorme pistão, do qual faltava a ponta.

Jason olhou para o buraco e viu onde fora parar o restante daquele machado hidráulico. Encélado lutava para subir, com um machado do tamanho de uma máquina de lavar cravado no peitoral.

De forma incrível, o gigante conseguiu livrar-se do machado. Gritou de dor e a montanha tremeu. Icor dourado encharcou a frente de sua armadura, mas ele manteve-se de pé.

Trôpego, ele se agachou e recuperou seu arpão.

— Boa tentativa. — O gigante recuou. — Mas eu não posso ser vencido.

Enquanto observavam, a armadura do gigante recuperou-se sozinha, e seu icor já não escorria. Mesmo os cortes nas pernas, que tinham a proporção das patas de um dragão e que Jason lutara tanto para atingir, não passavam de pálidas cicatrizes.

Leo correu até eles, viu o gigante e praguejou:

— *Qual* é o problema desse cara? Morra, logo!

— Meu destino está predeterminado — disse Encélado. — Gigantes não podem ser mortos por deuses ou por heróis.

— Só pelos dois juntos — disse Jason. O sorriso do gigante desapareceu, e Jason notou em seus olhos algo parecido com medo. — É verdade, não é? Deuses e semideuses devem trabalhar juntos para matá-lo.

— Você não vai viver por tempo suficiente para tentar! — O gigante atrapalhou-se ao começar a subir as paredes da cratera, derrapando na superfície lamacenta.

— Alguém tem um deus à mão? — perguntou Leo.

O coração de Jason encheu-se de medo. Ele olhou para o gigante logo abaixo, lutando para voltar à superfície, e sabia o que estava a ponto de acontecer.

— Leo — ele disse —, caso você tenha uma corda no cinto, prepare-a.

Ele saltou sobre o gigante sem qualquer arma, apenas com as próprias mãos.

— Encélado! — gritou Piper. — Olhe atrás de você!

Era um truque óbvio, mas seu tom de voz foi tão persuasivo que convenceu inclusive Jason. O gigante perguntou:

— O quê? — E virou-se como se tivesse uma aranha enorme presa às costas.

Jason imobilizou as pernas dele no momento certo. O gigante perdeu o equilíbrio. Encélado caiu pesadamente na cratera e escorregou até o fundo. Enquanto tentava subir, Jason agarrou-lhe o pescoço. Quando tentou se levantar, o garoto ficou em cima de seus ombros.

— Saia daqui — gritou Encélado. E tentou agarrar as pernas de Jason, que não

parava de se mexer, puxando e escalando os cabelos do gigante.

Pai, pensou Jason. Se eu já tiver feito algo bom, algo que o senhor aprove, ajude-me agora. Ofereço minha própria vida... apenas para que salve a dos meus amigos.

De repente, sentiu o cheiro metálico de uma tempestade. A escuridão dominou o sol. O gigante tremeu ao notar isso.

— Aproximem-se da plataforma! — Jason gritou a seus amigos.

E todos os pelos de sua cabeça ficaram arrepiados.

Crack!

Um raio atravessou o corpo de Jason, atingiu Encélado diretamente e chegou ao chão. O gigante retesou-se, e Jason foi arremessado. Quando voltou a si, estava em uma das paredes da cratera, que se abria. O raio rachara a própria montanha. A terra retumbava e se separava, e as pernas de Encélado escorregaram no abismo. Ele tentava subir pelas paredes do buraco, usando as garras de modo incontrolável, e por um momento conseguiu agarrar-se à margem, mas suas mãos tremiam.

Ele lançou para Jason um olhar de raiva.

— Você não ganhou nada, menino. Meus irmãos estão se reerguendo, e são dez vezes mais fortes que eu. Vamos destruir os deuses e arrancar suas raízes! Você vai morrer, e o Olimpo vai evaporar com...

O gigante perdeu o equilíbrio e caiu no abismo.

A terra tremeu. Jason caiu em uma brecha.

— Segure firme — gritou Leo.

Os pés de Jason estavam na beira do abismo quando conseguiu agarrar a corda, e Leo e Piper puxaram-no para cima.

Estavam juntos, exaustos e mortos de medo, e o abismo fechou-se como uma boca raivosa. A terra parou de sugar seus pés.

Por enquanto, Gaia se fora.

A montanha estava em chamas. A nuvem de fumaça subia alto. Jason avistou um helicóptero — talvez fossem bombeiros ou repórteres — aproximando-se.

Tudo ao redor deles era uma carnificina. Os Nascidos da Terra haviam se derretido em montes de lama, deixando para trás suas pedras e alguns pedaços de roupa suja, mas Jason sabia que em pouco tempo recuperariam a forma. Os equipamentos de construção estavam arruinados. O chão, cheio de buracos e sujo.

O treinador Hedge começou a se mover. Com um gemido, sentou-se e coçou a cabeça. Suas calças amarelo-canário ganharam um tom de mostarda Dijon misturada com lama.

Ele piscou e olhou para o cenário de guerra ao redor.

— Eu fiz isso?

Antes que Jason pudesse responder, Hedge pegou seu bastão e ficou de pé, trêmulo.

— Ah, vocês querem uma patada? Posso dar umas patadas, seus *cupcakes*! Quem é o bode aqui, hein?

Ele fez uma dancinha, chutando pedras e fazendo gestos rudes que deviam ser comuns entre sátiros, apontando para as pilhas de lama.

Leo abriu um sorriso e Jason não conseguiu resistir: começou a rir. Talvez parecesse um pouco histérico, mas era um alívio estar vivo, por isso ele não ligava.

Então um homem levantou-se do outro lado da clareira. Tristan McLean cambaleava adiante. Seus olhos estavam fundos, traumatizados, como alguém que tivesse acabado de caminhar por um campo nuclear devastado.

— Piper? — ele chamou com voz trêmula. — Pipes, o quê... o que é...?

Ele não conseguia completar o pensamento. Piper correu até ele e abraçou-o com força, mas ele pareceu quase não tê-la reconhecido.

Jason sentira algo parecido... naquela manhã no Grand Canyon, quando acordou sem memória. Mas o sr. McLean tinha o problema oposto. Eram *muitas* lembranças, muitos traumas com os quais ele não conseguia lidar. Ele estava desmoronando.

— Precisamos sair daqui — disse Jason.

— Sim, mas como? — perguntou Leo. — Ele não está em condições de caminhar.

Jason olhou para o helicóptero, que circulava acima deles.

— Você pode nos conseguir um megafone ou algo parecido? — perguntou a Leo. — Piper precisa dizer algumas coisas.

XLV

PIPER

CONSEGUIR O HELICÓPTERO FOI FÁCIL, difícil foi colocar seu pai a bordo.

Piper precisou gritar apenas algumas palavras no megafone improvisado de Leo para convencer a pilota a aterrissar na montanha. O helicóptero do parque era bem grande, usado para resgastes médicos e para buscas e salvamentos, mas quando Piper disse à ótima pilota que seria uma grande ideia levá-los ao aeroporto de Oakland, ela concordou imediatamente.

— Não — murmurou seu pai, enquanto o levantavam do chão. — Piper... havia monstros... havia monstros...

Ela precisou da ajuda de Leo e Jason para segurá-lo, enquanto o treinador Hedge levava as coisas deles. Felizmente, Hedge ajeitara suas calças e pusera seus sapatos, e assim Piper não teve de explicar suas pernas de bode.

Piper ficou com o coração partido ao ver seu pai daquela maneira — arrasado, chorando como uma criança. Ela não sabia exatamente o que o gigante fizera, como os monstros tinham destruído seu espírito, e achava que não suportaria descobrir.

— Tudo vai ficar bem, papai — ela disse, com o tom de voz mais tranquilizador que pôde. Não queria usar o charme com o próprio pai, mas parecia a única maneira. — Essas pessoas são meus amigos. Vamos ajudá-lo. Você está seguro agora.

Ele piscou, observando as pás do helicóptero.

— Lâminas. Eles tinham uma máquina com muitas lâminas. E tinham seis braços...

Quando se aproximaram, a pilota veio ajudar e perguntou:

— O que aconteceu com ele?

— Inalou muita fumaça — disse Jason. — Talvez esteja exausto por causa do

calor.

— Temos que levá-lo a um hospital — disse a pilota.

— Não é preciso — respondeu Piper. — O aeroporto basta.

— Sim, o aeroporto basta — concordou a pilota, automaticamente, depois franziu a testa, sem saber muito bem por que mudara de ideia. — Ele não é Tristan McLean, o ator de cinema?

— Não — respondeu Piper. — São parecidos, nada mais. Esqueça isso.

— Certo — disse a pilota. — São parecidos. Eu... — Ela piscou, confusa — Esqueci o que ia dizer. Vamos.

Jason ergueu as sobrancelhas ao olhar para Piper, impressionado, mas Piper sentia-se muito mal. Não queria confundir a cabeça das pessoas, convencê-las de coisas em que não acreditavam. Isso era tão arrogante, tão errado... como Drew fizera no acampamento e Medeia na loja de departamentos. E como isso poderia ajudar seu pai? Não seria capaz de convencê-lo de que ele ficaria bem, de que nada acontecera. Seu trauma fora muito profundo.

Finalmente, conseguiram colocá-lo a bordo e o helicóptero levantou voo. A pilota não parava de receber mensagens pelo rádio, perguntavam aonde ia, mas ela as ignorava. Partiram da montanha em chamas e seguiram em direção a Berkeley Hills.

— Piper — disse seu pai, pegando sua mão e agarrando-a, como se tivesse medo de cair. — É você? Eles me disseram... disseram que você ia morrer. Disseram... que aconteceriam coisas horríveis.

— Sou eu, papai. — Ela reuniu toda a força do mundo para não chorar. Precisava manter-se forte por ele. — Vai ficar tudo bem.

— Eram monstros — ele disse. — Monstros de verdade. Espíritos da terra, como os das histórias do seu avô Tom... e a Mãe-Terra estava com raiva de mim. E o gigante, Tsul'kälû, cuspiu fogo... — Ele voltou a encarar Piper, os olhos vazios, refletindo uma luz estranha. — Disseram que você é uma semideusa. Que sua mãe era...

— Afrodite — disse Piper. — A deusa do amor.

— Eu... eu... — Ele inspirou fundo, trêmulo, mas parecia não saber como expirar.

Os amigos de Piper tentavam não ficar olhando. Leo brincava com um parafuso que tirara do cinto. Jason olhava para o vale logo abaixo — as estradas cheias enquanto os mortais paravam seus carros para ver a montanha em chamas. Gleeson tinha mastigado a haste de seu cravo, e pela primeira vez não parecia ter vontade de gritar ou se gabar de nada.

Tristan McLean não deveria ser visto daquela maneira. Ele era um astro de cinema. Confiante, estiloso, amável... sempre no controle. Era a imagem que

projetava para o público. Piper o vira titubear antes. Mas aquilo era diferente. Ele estava destruído, fora de si.

— Eu não sabia sobre minha mãe — disse Piper. — Até você ser sequestrado. Quando descobrimos onde estava, viemos rapidamente. Meus amigos me ajudaram. Ninguém vai machucá-lo outra vez.

O pai dela não parava de tremer.

— Vocês são heróis... você e seus amigos. Eu não acredito! Você é uma heroína de verdade, não como eu. Não está desempenhando um papel. Estou tão orgulhoso de você, Pipes. — Mas as palavras eram murmuradas sem emoção, como se ele estivesse em transe.

Ele olhou para o vale e soltou um pouco a mão de Piper.

— Sua mãe nunca me contou nada.

— Ela achava que assim seria melhor.

A própria Piper achava a resposta pouco convincente, e não havia charme que pudesse mudar isso. Porém, não contou ao pai o que realmente preocupava Afrodite: *Se ele tiver que passar o resto da vida com essas lembranças, sabendo que deuses e monstros caminham pela terra, ficará muito mal.*

Piper mexeu no bolso interno de sua jaqueta. O vidro ainda estava lá, quente.

Mas como poderia apagar as memórias do pai? Ele finalmente sabia quem ela era. Estava orgulhoso dela, e pela primeira vez na vida era ela a sua heroína, não o contrário. Nunca a mandaria embora outra vez. Eles compartilhavam um segredo.

Como poderia fazer tudo voltar a ser como antes?

Ela agarrou a mão dele, falando sobre coisas mais amenas: sobre o tempo que passou na Escola da Vida Selvagem, sobre o chalé no Acampamento Meio-Sangue. Contou-lhe que o treinador Hedge comia cravos e que fora nocauteado no Monte Diabolo, que Leo domara um dragão e que Jason afastara os lobos falando em latim. Seus amigos sorriram relutantes enquanto ela contava suas aventuras. Seu pai parecia relaxar enquanto ela falava, mas não sorria. Piper nem tinha certeza de que ele realmente a estava escutando.

Quando passaram pelas colinas e chegaram a East Bay, Jason ficou tenso. Debruçou-se tanto na porta de carga que Piper ficou com medo de que ele caísse.

— O que é aquilo? — perguntou Jason, apontando.

Piper olhou para baixo, mas não viu nada interessante — apenas colinas, campos, casas e pequenas estradas entre os *canyons*. Uma estrada maior passava por um túnel, ligando East Bay às cidades do interior.

— Onde? — perguntou Piper.

— Aquela estrada — ele respondeu. — A que segue pelas colinas.

Piper pegou o capacete com microfone que a pilota lhe dera e perguntou pelo

rádio. A resposta não foi muito animadora.

— Ela disse que é a Rodovia 24 — disse Piper. — Aquele é o túnel Caldecott. Por quê?

Jason ficou olhando para a entrada do túnel, mas não disse nada. Ela desapareceu da paisagem quando o helicóptero começou a sobrevoar o centro de Oakland, mas Jason não parava de olhar para trás, com uma expressão tão confusa quanto a do pai de Piper.

— Monstros — disse o pai dela, com uma lágrima descendo pelo rosto. — Eu vivo num mundo cheio de monstros.

XLVI

PIPER

O CONTROLE DE TRÁFEGO AÉREO não queria permitir que um helicóptero desconhecido descesse no aeroporto de Oakland — até Piper entrar no rádio. Depois disseram que não havia problema algum.

Quando eles desembarcaram, na pista de pouso, todos olharam para Piper.

— E agora? — perguntou Jason.

Ela não se sentia confortável. Não queria ficar no comando, mas pelo bem do pai precisava parecer confiante. Não tinha qualquer plano. Lembrava-se apenas de que seu pai voara para Oakland, então seu jato particular ainda deveria estar por ali. Mas era o dia do solstício. Tinham de salvar Hera. E não sabiam para onde ir ou se já era tarde demais. Mas como Piper poderia deixar seu pai sozinho naquelas condições?

— Primeiro — ela disse —, eu... eu preciso levar meu pai para casa. Sinto muito, meninos.

A expressão deles foi de desânimo.

— Ah — disse Leo —, quer dizer, claro. Ele precisa de você. Podemos seguir sozinhos a partir daqui.

— Pipes, não — disse o pai dela, sentado na porta de carga do helicóptero, com uma manta sobre os ombros. Depois se levantou. — Você tem uma missão, uma jornada. Eu não posso...

— Eu vou cuidar dele — disse o treinador Hedge.

Piper olhou-o. O sátiro era a última pessoa que ela imaginava ser capaz de se oferecer.

— Você? — ela perguntou.

— Sou um protetor — disse Gleeson. — Meu trabalho é esse, e não lutar.

Parecia abatido, e Piper pensou que não deveria ter mencionado a derrota dele

na batalha anterior. À sua maneira, o sátiro talvez fosse tão sensível quanto o seu pai.

— Claro que também sou bom lutador — disse o sátiro, esticando o corpo e olhando para todos eles, desafiando-os a discordar.

— Claro — disse Jason.

— Você é um ótimo lutador — concordou Leo.

O treinador grunhiu.

— Porém sou um protetor, e posso fazer isso muito bem. Seu pai está certo, Piper. Você precisa seguir em frente com a missão.

— Mas... — Os olhos de Piper ardiam, como se ela estivesse mais uma vez na floresta em chamas. — Papai...

Ele esticou os braços, e Piper o abraçou. Ele estava frágil, tremia muito, e isso a assustou.

— Vamos dar um minuto a eles — disse Jason, e levaram a pilota até um pouco mais adiante.

— Não posso acreditar — disse seu pai. — Eu falhei com você.

— Não, papai!

— As coisas que eles fizeram, Piper, as coisas que me mostraram...

— Pai, escute — ela disse, pegando o vidro no bolso. — Afrodite me deu isso, para você. Apagará sua memória recente. Será como se nada disso tivesse acontecido.

Ele a encarou, como se estivesse traduzindo o que ela dissera em outro idioma.

— Mas você é uma heroína. Eu me esqueceria disso?

— Sim — ela murmurou, e forçou um tom de voz que transmitisse segurança. — Você esquecerá. Será tudo como... antes.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, incerto.

— Amo você, Piper. Sempre ameí. Eu... eu a afastei de casa pois não queria expô-la à minha vida. Não queria que crescesse como eu cresci... na pobreza, sem esperança. Nem queria que se envolvesse na loucura de Hollywood. Eu imaginava... que a estava protegendo. — Ele conseguiu abrir um leve sorriso. — Como se a sua vida longe de mim fosse melhor, ou mais segura.

Piper pegou sua mão. Já ouvira aquela história sobre protegê-la, mas nunca acreditara. Sempre pensou que fosse uma bobagem, que ele estivesse apenas racionalizando. Seu pai parecia um homem confiante e tranquilo, como se sua vida fosse uma brincadeira. Como poderia dizer que queria proteger sua filha disso?

Mas finalmente Piper entendeu que, sim, ele agia para protegê-la, para não demonstrar o quanto era inseguro e assustado. E naquele momento sua

habilidade de lidar com suas fraquezas estava destruída.

Ela lhe ofereceu o vidro com a poção.

— Tome. Talvez um dia possamos conversar sobre isso novamente. Quando você estiver preparado.

— Quando eu estiver preparado — ele murmurou. — Você faz isso soar como... como se *eu* fosse o adolescente aqui. Mas eu deveria ser o pai — disse, e pegou o tal vidro. Seus olhos brilhavam com uma esperança angustiada. — Eu amo você, Pipes.

— Eu também, papai.

Ele tomou o líquido rosa. Seus olhos se reviraram e ele se curvou para a frente. Piper segurou-o e seus amigos correram para ajudar.

— Peguei — disse Hedge. O sátiro se desequilibrou, mas foi forte o bastante para erguer Tristan McLean. — Já pedi que trouxessem seu jato particular. Está a caminho. Endereço de casa?

Piper estava a ponto de passar o endereço quando pensou em algo. Checou o bolso do pai, e seu BlackBerry estava ali. Parecia estranho que ainda carregasse algo tão corriqueiro após tudo o que acontecera, mas imaginou que Encélado não tivesse qualquer razão para ficar com o aparelho.

— Está tudo aqui — disse Piper. — Endereço, telefone do motorista. Só tome cuidado com Jane.

Hedge ergueu os olhos, como se pressentisse um possível enfrentamento.

— Quem é Jane?

Quando Piper acabou de explicar, o Gulfstream branco e reluzente do pai já taxiava na pista.

Hedge e a comissária de bordo conseguiram colocar o sr. McLean a bordo. O treinador foi mais uma vez se despedir. Deu um abraço em Piper e olhou para Jason e Leo.

— Vocês, rapazes, tomem conta dessa menina, ouviram? Ou vou obrigá-los a fazer flexões.

— Certo, treinador — disse Leo, com um começo de sorriso no rosto.

— Não vamos precisar de flexões — prometeu Jason.

Piper deu mais um abraço no sátiro.

— Obrigada, Gleeson. Cuide dele, por favor.

— Não se preocupe, McLean. Já vi que teremos cerveja sem álcool e *enchillada* vegetariana nesse voo, e guardanapos de linho puro... delícia! Acho que posso me acostumar a isso.

Subindo as escadas, dele caiu um dos sapatos e sua pata ficou visível por um momento. A comissária de bordo arregalou os olhos, mas olhou para o outro lado e fingiu estar tudo bem. Piper pensou que ela já devia estar acostumada a

ver coisas estranhas ao trabalhar para Tristan McLean.

Enquanto o avião seguia para a pista de decolagem, Piper começou a chorar. Estava se segurando havia muito tempo e não aguentou mais. Jason rapidamente a abraçou, e Leo ficou por perto, sem saber o que fazer, tirando um lenço de papel do cinto.

— Seu pai está em boas mãos — disse Jason. — Você foi fantástica.

Ela chorava na camisa de Jason, e permitiu-se ficar nos braços dele enquanto respirava fundo seis vezes. Sete. Mas teve de se recompor. Precisavam dela. A piloto do helicóptero já parecia impaciente, como se começasse a imaginar o que estava fazendo ali.

— Obrigada, meninos — disse Piper. — Eu...

Queria dizer o quanto eles significavam para ela. Sacrificaram tudo, talvez a própria missão, para ajudá-la. Piper nunca poderia retribuir isso, menos ainda traduzir em palavras tanta gratidão. Mas a expressão no rosto de seus amigos deixava claro que eles tinham entendido.

Então, ao lado de Jason, o ar ficou bruxuleante. Piper imaginou que fosse por conta do asfalto aquecido ou do escapamento do helicóptero, mas já vira algo parecido no chafariz de Medeia. Era uma mensagem de Íris. Uma imagem apareceu no ar — uma menina de cabelos pretos e trajes de inverno camuflados, segurando um arco.

Jason ficou surpreso:

— Thalia!

— Graças aos deuses! — disse a Caçadora. A cena atrás dela era difícil de entender, mas Piper ouviu gritos, barulho de metal se chocando e explosões.

— Nós a encontramos — disse Thalia. — Onde vocês estão?

— Oakland — ele respondeu. — E você?

— Na Casa do Lobo! Oakland... então vocês não estão muito longe. Estamos contendo os comparsas do gigante, mas não vamos aguentar muito tempo. Cheguem aqui antes do pôr do sol ou tudo estará acabado.

— Não é tarde demais? — perguntou Piper, recuperando um pouco de esperança, que logo perdeu ao ver a expressão no rosto de Thalia.

— Ainda não — respondeu Thalia. — Mas, Jason... é pior do que eu imaginava. Porfirión está se erguendo. Corra!

— Mas onde fica a Casa do Lobo?

— Nossa última viagem — respondeu Thalia, e sua imagem começou a desaparecer. — O parque. Jack London. Lembra?

Aquilo não fazia sentido para Piper, mas Jason parecia ter sido atingido em cheio. Ele balançou a cabeça, com o rosto pálido, e a imagem de Íris desapareceu.

— Cara, você está bem? — perguntou Leo. — Sabe onde ela está?

— Sei — disse Jason. — Sonoma Valley. Não é longe, principalmente se formos voando.

Piper virou-se para a pilota, que observava tudo com expressão de espanto.

— Senhora — disse Piper, com seu melhor sorriso. — Você se importaria em nos ajudar mais uma vez?

— Claro que não — ela respondeu.

— Não podemos levar uma mortal a uma batalha — disse Jason. — É muito perigoso. — E virou-se para Leo: — Você acha que poderia pilotar essa coisa?

— Hum...

A expressão de Leo não foi muito tranquilizadora para Piper. Mas ele apoiou uma das mãos no helicóptero, concentrando-se, como se lesse o manual da máquina.

— Bell 412 ^{HP}, um helicóptero utilitário — disse Leo. — Motor principal de quatro pás, velocidade de cruzeiro de vinte e dois nós, teto de voo de vinte mil pés. O tanque está quase cheio. Claro que posso pilotar isso.

Piper sorriu para a pilota mais uma vez.

— Algum problema se um menor de idade, sem brevê, pegar emprestado seu helicóptero? Nós vamos devolver, claro.

— Eu... — A pilota não sabia o que dizer, mas concordou: — Não tem problema.

Leo sorriu.

— Subam, crianças. O tio Leo vai levar vocês para dar um passeio.

XLVII

LEO

PILOTAR UM HELICÓPTERO? **C**LARO, POR QUE não? Leo já fizera muita loucura aquela semana.

O sol se punha enquanto eles voavam em direção ao norte, passando pela ponte Richmond, e Leo não podia acreditar que o dia havia passado tão rápido. Mais uma vez, nada como ^{TDAH} combinado a luta pela vida para fazer o tempo passar voando.

Pilotando, ele oscilava entre a confiança e o pânico. Se não pensasse no que fazia, ligava apenas os botões necessários, checava o altímetro, controlava o helicóptero com segurança e seguia voo tranquilamente. Mas quando pensava no que deveria fazer, começava a se desesperar. Imaginou sua tia Rosa gritando em espanhol, dizendo que ele era um delinquente lunático que ia bater e morrer carbonizado. E parte dele suspeitava de que tia Rosa tivesse razão.

— Tudo bem? — perguntou Piper, do assento do copiloto.

Ela parecia mais nervosa do que ele, então Leo armou-se com uma expressão corajosa.

— Excelente — ele disse. — Então, o que é a Casa do Lobo?

Jason meteu-se entre os dois assentos.

— Uma mansão abandonada no Sonoma Valley. Um semideus a construiu... Jack London.

Leo não conhecia o nome.

— Um ator?

— Escritor — disse Piper. — De livros de aventura, certo? *O chamado da floresta, Caninos brancos?*

— Certo — disse Jason. — Ele era filho de Mercúrio... Quer dizer, de Hermes. Um aventureiro, viajou pelo mundo todo. Foi até meio vagabundo por um tempo. Depois fez fortuna escrevendo. Comprou um grande rancho nos

Estados Unidos e decidiu construir ali essa mansão: a Casa do Lobo.

— Que chamou assim pois escrevia sobre lobos? — perguntou Leo.

— Mais ou menos — respondeu Jason. — Mas o local e a razão por que escrevia sobre lobos... eram dicas de sua própria experiência. Há muitas coisas misteriosas na história de sua vida... como ele nasceu, como era o seu pai, por que viajava tanto... e isso só pode ser explicado quando sabemos que ele era um semideus.

A baía ficou para trás e o helicóptero seguiu para o norte. À frente deles, colinas douradas cobriam tudo até onde Leo podia enxergar.

— Então Jack London esteve no Acampamento Meio-Sangue? — perguntou Leo.

— Não — disse Jason. — Não esteve.

— Cara, você está me deixando louco com esse papo misterioso. Está se lembrando do passado ou não?

— De algumas coisas — respondeu Jason. — Só algumas coisas. Mas nada muito bom. A Casa do Lobo está em um local sagrado. Foi onde Jack London começou sua jornada, ainda criança, onde descobriu que era semideus. Por isso voltou para lá. Imaginou que poderia viver lá, comprar aquela terra, mas não era para ser assim. A Casa do Lobo estava amaldiçoada. Ardeu em chamas uma semana antes que ele e sua esposa se mudassem para lá. Poucos anos mais tarde, London morreu e suas cinzas foram espalhadas no terreno.

— Mas — disse Piper —, como você sabe disso tudo?

Uma sombra passou pelo rosto de Jason. Provavelmente era apenas uma nuvem, mas Leo poderia jurar que tinha o formato de uma águia.

— Eu também comecei minha jornada lá — disse Jason. — É um lugar poderoso para os semideuses, um lugar perigoso. Se Gaia puder reclamá-lo para si e usar seu poder para enterrar Hera no solstício e reerguer Porfirión... Isso poderá ser o bastante para que ela desperte completamente.

Leo manteve a mão no manche, guiando o helicóptero na velocidade máxima, seguindo para o norte. Podia ver um pouco de água à frente, e algo escuro, como nuvens ou uma tempestade, bem no lugar para onde seguiam.

O pai de Piper o chamara de herói. E nem Leo podia acreditar em algumas das coisas que eles fizeram... Destruir ciclopes, desarmar campainhas explosivas, lutar contra ogros de seis braços usando equipamentos de construção. Pareciam ações de outra pessoa. Ele era apenas Leo Valdez, um menino órfão de Houston. Passou sua vida fugindo, e parte dele queria fugir mais uma vez. O que fazia pilotando aquele helicóptero em direção a uma casa mal-assombrada para lutar contra monstros terríveis?

A voz de sua mãe ecoou em sua mente: *Não há nada que não possa ser*

consertado.

Exceto o fato de que você se foi para sempre, pensou Leo.

Ver Piper e seu pai mais uma vez juntos o transportara de volta para casa. Mesmo se Leo sobrevivesse à missão e salvasse Hera, não voltaria para sua família feliz. Não voltaria para um lar. Não veria sua mãe.

O helicóptero balançou. O metal estalava, e Leo pensou que poderia ser código Morse para: *Não é o fim. Não é o fim.*

Ele estabilizou o aparelho e o barulho parou. Estava ouvindo coisas. Não podia ficar obcecado pela mãe ou pela ideia que não o deixava em paz — Gaia estava trazendo almas de volta do Mundo Inferior. Por que ele não poderia tirar proveito disso? Pensar assim o deixaria louco. Tinha um trabalho a fazer.

Deixou-se levar pelos instintos... como fazia ao pilotar aquele helicóptero. Se pensasse muito, ou se ficasse imaginando o que aconteceria depois, entraria em pânico. A solução era não pensar... só seguir em frente.

— Trinta minutos para chegar — disse aos amigos, embora não tivesse ideia de como sabia disso. — Se quiserem descansar um pouco, é um bom momento.

*

Jason recostou-se na parte de trás do helicóptero e dormiu quase imediatamente. Piper e Leo permaneceram bastante acordados.

Após alguns minutos de silêncio, Leo disse:

— Seu pai vai ficar bem. Ninguém se meterá com ele enquanto aquele bode louco estiver por perto.

Piper olhou para ele, e Leo ficou admirado ao ver que ela se transformara tanto. Não apenas fisicamente. Sua aura era mais forte. Ela parecia mais... *presente*. Na Escola da Vida Selvagem passara muito tempo tentando não ser notada, escondendo-se nas últimas fileiras das salas de aula, na parte de trás do ônibus, num canto do refeitório, longe dos meninos mais barulhentos. Mas agora seria impossível não percebê-la. E não importava o que ela estivesse vestindo: você seria *obrigado* a olhar para ela.

— Meu pai — ela disse, pensativa. — Sim, eu sei. Estava pensando em Jason. Estou preocupada com ele.

Leo fez que sim. Quanto mais se aproximavam das nuvens negras, mais Leo se preocupava também.

— Ele está começando a recuperar a memória. Isso poderá deixá-lo um pouco perdido.

— Mas e se... e se ele for uma pessoa diferente?

Leo pensara o mesmo. Se a Névoa afetava suas memórias, será que a personalidade de Jason era apenas uma ilusão? Se o amigo deles não fosse realmente um amigo... Eles estavam seguindo em direção a uma mansão amaldiçoada, um lugar perigoso para os semideuses... O que aconteceria caso Jason recuperasse totalmente sua memória no meio da batalha?

— Bobagem — decidiu Leo. — Após tudo o que passamos juntos? Não acredito. Somos um time. Jason vai aguentar.

Piper passou a mão por seu vestido azul, queimado e rasgado depois da luta no Monte Diabolo.

— Espero que você tenha razão. Eu preciso dele... — disse, limpando a garganta. — Quer dizer, eu preciso confiar nele...

— Eu sei — disse Leo.

Após ver o pai dela daquela maneira, Leo entendera que Piper não aguentaria perder Jason também. Ela vira Tristan McLean, seu pai, um astro de cinema, reduzido quase à insanidade. Leo mal pôde aguentar assistir àquilo; como deve ter sido para Piper? Talvez ela tenha ficado insegura sobre si mesma. Se a fraqueza for hereditária, deveria estar imaginando, não terminaria como o seu pai?

— Ei, não se preocupe — disse Leo. — Piper, você é a rainha da beleza mais forte e poderosa que vi na vida. Confie em si mesma. E, para tudo o que precisar, confie em mim também.

O helicóptero mergulhou num redemoinho de vento, e Leo levou um baita susto. Ele praguejou e conseguiu estabilizar a máquina.

Piper sorriu, nervosa.

— Confiar em você?

— Fique caladinha, certo? — ele disse, sorrindo, e por um segundo parecia estar conversando tranquilamente com uma amiga.

Até o momento em que alcançaram as nuvens de tempestade.

XLVIII

LEO

NUM PRIMEIRO MOMENTO, LEO IMAGINOU que eram pedras batendo no para-brisa. Mas logo percebeu que era granizo. Uma camada de gelo tomou conta dos cantos do vidro, e o gelo borrava sua visão.

— Uma tempestade de gelo? — perguntou Piper, tentando falar mais alto para vencer o barulho. — É normal fazer tanto frio assim em Sonoma?

Leo não sabia, mas algo naquela tempestade parecia maligno — como se os atingisse de forma intencional.

Jason acordou, levantando-se rapidamente. E agarrou os assentos dos dois.

— Devemos estar bem perto.

Leo estava muito ocupado tentando manter o helicóptero estável. Já não era tão fácil pilotá-lo. Os movimentos eram lentos e aos trancos. A máquina sofria com o vento gelado. Provavelmente o helicóptero não fora projetado para voar em ambiente tão frio. Os controles não respondiam, e eles começaram a perder altitude.

Logo abaixo, o chão era uma mistura escura de árvores e neblina. O topo da colina surgiu à frente deles e Leo forçou o manche, roçando nas copas das árvores.

— Olhem! — gritou Jason.

Um pequeno vale se abria à frente, com a forma vaga de um edifício no centro. Leo dirigiu o helicóptero para aquele ponto. Tudo em volta eram lampejos que fizeram Leo se lembrar de quando se aproximavam da casa de Midas. Árvores se partiam e explodiam em volta da clareira. Formas se alteravam pela névoa. Parecia haver luta por todos os lados.

Pousou o helicóptero num campo de gelo a cerca de 45 metros da casa e desligou o motor. Estava a ponto de relaxar quando ouviu um som e viu uma

figura escura movendo-se na direção deles, no meio da névoa.

— Corra! — gritou Leo.

Eles abandonaram o helicóptero e logo ouviram um alto estrondo contra o chão, que fez Leo perder o equilíbrio e ficar todo respingado por gelo.

Levantou-se rapidamente e viu a imensa bola de neve — um pedaço de neve, gelo e poeira do tamanho de uma garagem — que cobrira inteiramente o Bell 412.

— Você está bem? — perguntou Jason, aproximando-se dele, com Piper ao seu lado. Os dois pareciam bem, mas estavam cobertos de neve e lama.

— Sim — disse Leo. — Mas acho que devemos um helicóptero novo àquela senhora.

Piper apontou para o sul.

— A luta está para lá — Depois franziu a testa. — Não... está em todos os lados.

Ela estava certa. Os sons da luta vinham de todos os cantos do vale. A neve e a névoa não permitiam que pudessem dizer com certeza, mas parecia haver um círculo de batalhas em volta da Casa do Lobo.

Atrás deles surgia a casa dos sonhos de Jack London — uma enorme ruína de pedras cinzentas e avermelhadas, além de vigas de madeira corroídas. Leo podia imaginar como era antes de arder em chamas — um misto de casa de campo e castelo, bem ao gosto de um lenhador bilionário. Mas, entre a névoa e o granizo, o local tinha uma aura assombrada, solitária. Leo quase acreditava tratar-se realmente de ruínas amaldiçoadas.

— Jason! — gritou uma voz feminina.

Thalia apareceu saindo da neblina, com a parca coberta de neve. Tinha o arco nas mãos, e seu suprimento de flechas estava quase no fim. Correu em direção ao irmão, mas após alguns passos um ogro de seis braços — um dos Nascidos da Terra — surgiu do meio da tempestade, logo atrás dela, com um bastão erguido em cada mão.

— Cuidado! — gritou Leo.

Eles correram para ajudá-la, mas Thalia tinha tudo sob controle. Armou-se com uma flecha e deu um salto como se fosse um ginasta, caindo de joelhos. A flechada atingiu o ogro bem no meio dos olhos, e ele perdeu a forma, transformando-se em um monte de lama.

Thalia levantou-se e recuperou a flecha, mas a ponta estava destruída.

— Era a última — disse, chutando o monte de lama. — Ogro estúpido.

— Bela pontaria, pelo menos — disse Leo.

Thalia o ignorou, como sempre (mas isso sem dúvida significava que o achava muito legal). Abraçou Jason e acenou para Piper.

— Chegaram bem na hora. As Caçadoras estão cuidando da área em volta da casa, mas em pouco tempo não aguentarão. Serão vencidas.

— Pelos Nascidos da Terra? — perguntou Jason.

— E pelos lobos... subordinados de Licáon — respondeu Thalia, limpando um pedaço de gelo preso ao seu nariz. — E também espíritos da tempestade.

— Mas nós os entregamos a Éolo! — disse Piper.

— Que tentou nos matar — lembrou-lhe Leo. — Talvez ele esteja ajudando Gaia de novo.

— Eu não sei — disse Thalia. — Mas os monstros recuperam suas formas quase tão rapidamente quanto nós os podemos matar. Tomamos a Casa do Lobo sem problema: surpreendemos os vigias e os enviamos de volta ao Tártaro. Mas veio essa tempestade louca. E ondas e ondas de monstros começaram a atacar. Agora estamos cercadas por eles. Não sei quem ou o que desatou o assalto, mas acho que já estava planejado. É uma armadilha para matar quem tentasse resgatar Hera.

— Onde ela está? — perguntou Jason.

— Lá dentro — respondeu Thalia. — Tentamos libertá-la, mas não sabemos como abrir a cela. Mais alguns minutos e o sol vai se pôr. Hera acha que nesse momento Porfirión renascerá. Além disso, a maior parte dos monstros é mais forte durante a noite. Se não a libertarmos rapidamente...

Ela nem precisou terminar de falar.

Leo, Jason e Piper a seguiram em direção à casa arruinada.

*

Assim que Jason pôs um pé no limiar da porta, desmaiou imediatamente.

— Ei! — disse Leo. — Nada disso, cara. O que está acontecendo?

— Este lugar... — Jason balançou a cabeça. — Sinto muito... Mas sempre bate forte em mim.

— Então você já esteve aqui... — perguntou Piper.

— Nós dois estivemos — respondeu Thalia. Sua expressão era fechada, como se revivesse a morte de alguém. — Foi aqui que minha mãe nos trouxe quando Jason era criança. Ela deixou Jason aqui e me disse que ele estava morto. Ele simplesmente desapareceu.

— Ela me entregou aos lobos — murmurou Jason. — Por insistência de Hera. Ela me deu a Lupa.

— Isso eu não sabia — disse Thalia, franzindo a testa. — Quem é Lupa?

Uma explosão sacudiu o prédio. Do lado de fora, uma nuvem azul em forma de cogumelo subiu ao céu, fazendo chover flocos de neve e gelo, como uma explosão nuclear fria, em vez de quente.

— Talvez não seja hora para explicações — disse Leo. — Leve-nos à deusa.

Lá dentro, Jason parecia mais centrado. A casa tinha a forma de um ı gigante, e Jason os guiou por entre as alas, chegando a um pátio com uma piscina vazia. Nela, exatamente como no sonho de Jason, duas espirais de pedra e raízes subiam do chão.

Uma das espirais era bem maior que a outra — uma massa escura e sólida de cerca de seis metros de altura, que para Leo parecia um saco de dormir feito de pedra. Por baixo da massa de raízes emboladas ele pôde ver a forma de uma cabeça, ombros largos, peito forte e braços, como se uma criatura estivesse presa nas profundezas da terra. Presa não... *erguendo-se*.

Do outro lado da piscina, a segunda espiral era menor e menos densa. Porém, os tentáculos das raízes tinham a grossura de um poste, e com muito pouco espaço entre eles, fazendo com que Leo pensasse que não poderia passar o braço ali. Ainda assim, podia ver o que havia sob as raízes. E ali, no centro da cela, estava *Tía Callida*, de pé.

Exatamente como Leo se lembrava dela: cabelos pretos cobertos com um xale, vestido negro de viúva e um rosto enrugado, com olhos assustadores.

Ela não brilhava nem irradiava qualquer tipo de poder. Parecia uma mulher mortal, a mesma babá psicótica de sempre.

Leo desceu na piscina e aproximou-se da cela.

— *Hola, Tía*. Está com algum problema?

Ela cruzou os braços e suspirou, exasperada.

— Não fique olhando para mim como se eu fosse uma das suas máquinas, Leo Valdez. Tire-me daqui!

Thalia ficou parada ao lado dele, olhando para a cela — ou talvez olhasse para a deusa.

— Já tentamos tudo em que podíamos pensar, Leo, mas talvez meu coração não estivesse ali. Por mim, eu a deixaria presa aí dentro.

— Ah, Thalia Grace! — disse a deusa. — Quando eu sair daqui, você vai se arrepender de ter nascido.

— Chega! — disse Thalia. — Você amaldiçoou todos os filhos de Zeus. Mandou várias vacas raivosas contra a minha amiga Annabeth...

— Ela não me respeitou!

— E jogou uma estátua nas minhas pernas.

— Foi um acidente!

— *E* levou meu irmão embora! — gritou Thalia, com voz embargada de

emoção. — Aqui... neste mesmo lugar, você arruinou as nossas vidas. Deveríamos deixá-la nas garras de Gaia!

— Tudo bem — disse Jason. — Thalia... eu sei. Mas não é hora para isso. Você deveria ajudar as outras Caçadoras.

Thalia trincou os dentes.

— Certo. Por você, Jason. Mas se quiser saber minha opinião, ela não merece isso.

Thalia saiu da piscina e saiu correndo da casa.

Leo virou-se para Hera e perguntou:

— Vacas raivosas?

— Foque sua atenção na cela, Leo — ela murmurou. — E Jason... você é mais esperto que sua irmã. Eu escolhi bem o meu campeão.

— Não sou seu campeão, senhora — disse Jason. — Só estou ajudando porque você roubou minhas memórias e não tenho alternativa além de você para recuperá-las. Aliás, o que é aquilo?

E apontou com a cabeça para a outra cela, a que parecia um saco de dormir feito de granito. Seria imaginação de Leo, ou a cela estava mais alta do que quando chegaram ali?

— Aquilo, Jason — disse Hera —, é o rei dos gigantes renascendo.

— Que repulsivo — disse Piper.

— Demais — disse Hera. — Porfirión, o mais forte de todos. Gaia precisava de muito poder para erguê-lo novamente... o *meu* poder. Estou ficando mais fraca a cada dia, e minha essência o ajuda a se reerguer em uma nova forma.

— Você é uma espécie de incubadora? — perguntou Leo. — Ou de fertilizante?

A deusa o encarou, mas Leo não ligou. Aquela velha senhora perturbara sua vida desde a infância. Ele tinha todo o direito de debochar.

— Brinque o quanto quiser — ela disse, num tom macabro. — Mas quando vier o pôr do sol será tarde demais. O gigante irá despertar. E eu terei que escolher: casar-me com ele ou ser consumida pela terra. Eu não posso me casar com ele pois todos seríamos destruídos. E quando morrermos, Gaia irá acordar.

Leo franziu a testa ao olhar para a espiral do gigante.

— Não podemos explodi-la ou algo assim?

— Sem a minha ajuda, vocês não poderão fazer nada — disse Hera. — Comigo, poderiam destruir uma montanha.

— Já fizemos isso hoje — disse Jason.

— Vamos, libertem-me daqui — exigiu Hera.

— Leo, você pode fazer isso? — perguntou Jason, coçando a cabeça.

— Eu não sei — respondeu Leo, tentando não entrar em pânico. — Além do

mais, se ela é uma deusa, por que não escapa sozinha?

Hera caminhava impaciente dentro da cela, xingando em grego antigo.

— Use sua cabeça, Leo Valdez. Eu o *escolhi* porque você é inteligente. Quando presos, os poderes dos deuses são inúteis. Inclusive seu pai, uma vez, me prendeu em uma cadeira de ouro. Foi humilhante! Eu precisei implorar... *implorar* que ele me libertasse e pedi desculpas por tê-lo expulsado do Olimpo.

— Parece justo — disse Leo.

Hera olhou para ele, fulminante.

— Eu observo você desde criança, filho de Hefesto, pois sabia que poderia me ajudar neste momento. Se existe alguém capaz de encontrar um caminho para destruir essa coisa *abominável*, é você.

— Mas isso não é uma máquina. É como se Gaia estivesse levantando uma das mãos da terra e... — Leo se sentiu tonto. Um verso da profecia voltou à sua mente: *A forja e a pomba devem abrir a cela*. — Espere. Eu tive uma ideia. Piper, vou precisar da sua ajuda. E precisamos de tempo também.

O ar ficou gélido. A temperatura caía rapidamente, deixando secos os lábios de Leo e fazendo sua respiração se condensar. O gelo tomou conta dos muros da Casa do Lobo. Os *venti* apareceram... mas, em vez de homens com asas, tinham a forma de cavalos, com os corpos escuros como a tempestade e crinas que soltavam faíscas. Alguns deles tinham flechas presas ao flanco. Atrás deles vinham lobos com olhos vermelhos e Nascidos da Terra com seis braços.

Piper brandiu sua adaga. Jason pegou uma longa tábua coberta de neve do chão da piscina. Leo meteu a mão no seu cinto de ferramentas, mas estava tão confuso que tudo o que conseguiu tirar dali foi uma caixa de balas de menta. Voltou a guardá-la, esperando que ninguém tivesse notado, e, na vez seguinte, sacou um martelo.

Um dos lobos deu um passo à frente. Arrastava uma estátua presa a uma das patas. Na borda da piscina, o lobo mostrou os dentes e depois exibiu a estátua a todos — uma escultura de gelo em tamanho real de uma menina, uma arqueira com cabelos curtos e espetados e um olhar assustado.

— Thalia! — gritou Jason, aproximando-se, mas Leo e Piper o agarraram. A grama em torno da estátua de Thalia já estava cheia de gelo. Leo tinha medo de que, se Jason tocasse nela, também congelasse.

— Quem fez isso? — berrou Jason. Seu corpo estremeceu com a eletricidade. — Por que *eu mesmo* vou matá-lo!

Em algum lugar atrás dos monstros, Leo ouviu o sorriso de uma menina, claro e frio. Ela deu um passo à frente da névoa, em seu vestido branco como a neve, uma coroa de prata no topo da cabeça. Fitou-os com os olhos marrom-escuros que, em Quebec, pareceram tão bonitos a Leo.

— *Bonsoir, mes amis* — disse Quione, a deusa da neve. E abriu um sorriso frio a Leo. — Poxa, filho de Hefesto, você disse precisar de tempo? Sinto muito, mas acho que essa é uma ferramenta que você não tem.

XLIX

JASON

APÓS A LUTA NO **M**ONTE **D**IABLO, Jason não imaginou que poderia se sentir mais devastado ou com tanto medo.

Agora sua irmã estava congelada a seus pés. E ele, cercado de monstros. Sua espada de ouro fora quebrada e no seu lugar tinha um pedaço de madeira. Para terminar, restava aproximadamente cinco minutos até que o rei dos gigantes despertasse e acabasse com eles. Jason já usara seu maior às, pedindo a Zeus que os ajudasse a lutar contra Encélado, e não sabia se teria força ou influência para conseguir isso outra vez. O que significaria contar apenas com uma deusa aprisionada, uma pretensa namorada com uma adaga na mão, e Leo, que aparentemente imaginava poder vencer um exército daqueles usando balas de menta como arma.

Além disso tudo, as piores memórias de Jason estavam voltando à sua mente. Ele tinha certeza de que passara por muitos perigos na vida, mas nunca estivera tão perto da morte quanto naquele momento.

Sua inimiga era bonita. Quione sorriu, seus olhos pretos e escuros brilhavam, assim como a adaga de gelo que crescia em sua mão.

— O que você fez? — perguntou Jason.

— Ah, muitas coisas — respondeu a deusa da neve. — Sua irmã não está morta, se é o que você quer saber. Ela e as Caçadoras serão brinquedos legais para os lobos. Acho que vamos descongelá-las e assustá-las, para nos divertirmos um pouco. Elas vão adorar ser caçadas.

Os lobos rosnaram, apreciando a decisão.

— Sim, meus queridos — disse Quione, com os olhos em Jason. — Sua irmã quase matou o rei deles, sabe? Licáon está escondido em uma caverna, em algum lugar, afiando suas garras, claro. Mas esses lacaios nos auxiliarão vingar o

seu mestre. E logo Porfirión renascerá e nós vamos governar o mundo.

— Traidora! — gritou Hera. — Sua deusa de meia-tigela. Você não é útil para servir um vinho, muito menos para governar o mundo.

Quione suspirou.

— Chata como sempre, rainha Hera. Estou querendo calar sua boca há milênios.

Quione fez um gesto com a mão e uma camada de gelo revestiu a cela, fechando as brechas entre os tentáculos de terra.

— Melhor assim — disse a deusa da neve. — Agora, semideuses, sobre a sua morte...

— Foi você quem trouxe Hera até aqui — disse Jason. — Você deu a Zeus a ideia de fechar o Olimpo.

Os lobos rosnaram, os espíritos da tempestade se agitaram, prontos para atacar, mas Quione levantou a mão.

— Paciência, meus queridos. Se ele quer falar, qual o problema? O sol está se pondo, e o tempo está a nosso favor. Claro, Jason Grace. Assim como a neve, a minha voz é calma e gentil, e muito fria. Para mim, é tarefa fácil murmurar aos outros deuses, especialmente quando estou apenas confirmando seus próprios medos. Também sussurrei a Éolo que ele deveria ordenar que matassem os semideuses. Trata-se de um pequeno serviço que faço a Gaia, mas estou certa de que serei recompensada quando seus filhos, os gigantes, tomarem o poder.

— Você poderia nos ter matado em Quebec — disse Jason. — Por que nos deixou vivos?

Quione franziu o nariz.

— Assunto complicado... eu não poderia matá-los na casa do meu pai, especialmente porque ele insiste em receber todas as visitas. Eu *tentei*, você lembra? E teria sido ótimo transformá-los em gelo. Mas quando ele abriu o caminho, eu não poderia me opor. Meu pai é um bobo velho. Vive com medo de Zeus e Éolo, mas ainda assim é bem poderoso. Porém, em pouco tempo, quando meus novos senhores estiverem despertos, vou derrotar Bóreas e assumir o trono do Vento Norte, mas por enquanto não. Além do mais, meu pai tem razão numa coisa. A missão de vocês é suicida. E eu espero com todas as minhas forças que vocês falhem.

— E para nos ajudar — disse Leo — atirou nosso dragão ao chão, em Detroit. Aqueles cabos congelados na cabeça dele... foram culpa *sua*. Você vai pagar por isso.

— E manteve Encélado informado sobre nós — disse Piper. — Fomos seguidos por tempestades de gelo durante toda a viagem.

— Sim, eu me sinto muito próxima a vocês — respondeu Quione. — Quando

passaram por Omaha, resolvi pedir a Licáon que os seguisse, para que Jason morresse aqui, na Casa do Lobo. — Ela sorriu. — Sabe, Jason. Caso o seu sangue seja derramado aqui, este chão sagrado ficará maculado por gerações. Seus companheiros semideuses ficarão horrorizados, especialmente quando encontrarem os corpos desses dois que vieram do Acampamento Meio-Sangue. Imaginarão que os gregos conspiraram junto aos gigantes. Vai ser... uma delícia.

Piper e Leo não pareciam entender o que ela dizia. Mas Jason sim. Suas memórias estavam voltando, e ele sabia que o plano de Quione poderia ser perigosamente eficaz.

— Você quer colocar semideuses contra semideuses — ele disse.

— Isso é muito fácil! — ela respondeu. — Como já disse, eu só encorajo o que, de qualquer maneira, vocês fariam.

— Mas por quê? — perguntou Piper, gesticulando. — Quione, você vai destruir o mundo. Os gigantes destruirão tudo. E você não quer que isso aconteça. Desmobilize os seus monstros.

Quione hesitou, depois sorriu.

— Seu poder de persuasão está melhorando, querida. Mas eu sou uma deusa. Você não poderá usá-lo contra mim. Nós, ventos, somos criaturas do caos! Vou conseguir que Éolo liberte os espíritos da tempestade. E se destruírmos o mundo mortal, melhor! Eles nunca me honraram, nem nos tempos dos gregos. Os humanos e essa história de aquecimento global. Bobagem! Vou congelá-los rapidamente. Quando retomarmos os locais antigos, vou cobrir a Acrópole de neve.

— Os locais antigos — disse Leo, arregalando os olhos. — Foi isso o que Encélado quis dizer sobre destruir as raízes dos deuses. Ele quis dizer a Grécia.

— Você poderia vir comigo, filho de Hefesto — disse Quione. — Sei que me acha bonita. Para o meu plano, seria suficiente que os outros dois morressem. Rejeite esse ridículo destino que lhe foi dado. Fique vivo e transforme-se no meu campeão. Suas habilidades serão muito úteis.

Leo parecia assustado. Olhou para trás, como se Quione estivesse falando com outra pessoa. Por um segundo, Jason ficou preocupado. Nem todos os dias Leo ouvia coisas assim de lindas deusas.

Mas Leo gargalhou bem alto.

— Ir com vocês, claro. Até vocês se cansarem e me transformarem em picolé de Leo? Senhora, ninguém faz o que *você* fez com o meu dragão e saí impune. Não posso acreditar que eu pensei que você fosse tão *caliente*.

O rosto de Quione ficou vermelho.

— *Caliente*? Como ousa me insultar? Eu sou fria, Leo Valdez. Muito, muito fria.

E atirou granizo nos semideuses, mas Leo levantou a mão. Uma parede de fogo ganhou vida à frente deles e a neve se derreteu.

Leo sorriu.

— Viu, senhora, o que acontece quando neva no Texas? A neve... derrete.

Quione suspirou.

— Chega. Hera está perdendo força. Porfirión está se levantando. Matem os semideuses. Que eles sejam o primeiro jantar do nosso rei!

Jason levantou sua tábua congelada — que arma idiota com que lutar! — e os monstros o desafiaram.

L

JASON

UM DOS LOBOS SALTOU EM direção a Jason. Ele deu um passo atrás e atingiu o focinho do animal com a tábua, emitindo um barulho muito alto. Talvez só morresse se atingido por prata, mas uma boa e velha madeira já faria um bom estrago, e o lobo precisaria de um Tylenol para curar a dor de cabeça.

Virou-se para onde vinham sons de uivos e viu um espírito da tempestade em forma de cavalo por perto. Concentrou-se e o desafiou. Pouco antes que o espírito o atacasse, Jason lançou-se ao ar, agarrando o pescoço do cavalo e sentando-se nele.

O espírito da tempestade recuou. Tentou desestabilizar Jason, depois tentou transformar-se em névoa, mas de alguma forma Jason conseguiu permanecer sobre ele. Obrigou-o a ficar parado, e o cavalo não foi capaz de resistir ao seu comando. Jason sentia que lutava contra ele. Podia notar seus pensamentos conflitantes, um caos louco para se libertar. Precisou usar todo o seu poder para impor sua vontade e controlar o cavalo. Pensou em Éolo controlando centenas de espíritos como aquele, o que seria muito pior. Por isso o Mestre dos Ventos ficara um pouco louco após séculos de tanta pressão. Mas Jason só teria de controlar um espírito, e precisava conseguir.

— Você é meu agora — disse Jason.

O cavalo deu um coice, mas Jason segurou-se com força. Sua crina soltava faíscas enquanto ele rodeava a piscina vazia, suas patas causavam pequenas tempestades onde quer que tocassem.

— Tempestade? — perguntou Jason. — É esse o seu nome?

O espírito-cavalo sacudiu sua crina, feliz por ter sido reconhecido.

— Ótimo — disse Jason. — Vamos lutar agora.

E começou a batalha, erguendo sua tábua congelada, batendo em lobos e

atingindo os demais *venti*. Tempestade era um espírito forte, e sempre que partia para cima de um dos *venti* descarregava tanta energia que o outro desaparecia numa inofensiva nuvem de pó.

Em meio ao caos, Jason viu os amigos. Piper estava cercada de Nascidos da Terra, mas parecia controlar a situação. Era tão linda lutando que os Nascidos da Terra a contemplavam, esquecendo-se de que deveriam matá-la. Baixaram seus porretes e observaram enquanto ela sorria e os desafiava. Eles sorriam de volta... até que ela os cortava com a adaga, e eles desapareciam em montes de lama.

Leo ficara com a própria Quione. Embora lutar contra uma deusa pudesse ser um ato suicida, Leo era o homem certo para o trabalho. Ela não parava de lançar contra ele adagas de gelo, ventos gélidos, tornados de neve. Leo queimou tudo aquilo. Seu corpo lançava chamas vermelhas, como se estivesse banhado em gasolina. Atacava a deusa e usava dois martelos de prata para destruir os monstros que eventualmente se aproximavam.

Jason notou que Leo era quem os mantinha vivos. Sua aura feroz fazia subir a temperatura daquele lugar, contendo a magia de Quione. Sem ele, já estariam todos congelados como as Caçadoras. Onde Leo tocava, o gelo derretia. Thalia começou a descongelar quando Leo passou perto dela.

Lentamente, Quione recuava. Sua expressão se transformou, passando de raiva a um leve pânico, enquanto Leo se aproximava.

Jason estava ficando sem inimigos. Os lobos se retraíam. Alguns esconderam-se entre as ruínas, uivando. Piper atingiu o último Nascido da Terra, que foi ao chão transformando-se numa pilha de lama. Jason cavalgou Tempestade em direção ao último *ventus*, que se dissolveu em vapor. Depois deu meia-volta e viu Leo destruindo a deusa da neve.

— É tarde demais — disse Quione. — Ele está acordado! E não pensem que ganharam o que quer que seja, semideuses. O plano de Hera nunca funcionará. Vocês serão destruídos antes que possam nos deter.

Leo atirou seus martelos em cima de deusa, mas ela transformou-se em neve. Os martelos atingiram um boneco de neve, que se partiu em um monte disforme.

Piper respirava fundo, mas sorriu para Jason.

— Ótimo cavalo.

Tempestade moveu suas patas traseiras, lançando raios pela crina. Uma demonstração completa de seus poderes.

Mas Jason ouviu o som de algo se quebrando logo atrás. O gelo estava derretendo na cela de Hera, e a deusa disse:

— Ah, não se preocupem. Sou apenas a rainha do céu, que está morrendo!

Jason desmontou do cavalo e disse a Tempestade que ficasse preparado. Os três semideuses desceram à piscina, correndo em direção à espiral.

Leo franziu a testa.

— *Tía* Callida, você está ficando menor?

— Não, estúpido! A terra está me clamando. Rápido!

Por mais que Jason não gostasse de Hera, quando olhou para a cela ficou alarmado. Não era apenas Hera quem diminuía, o chão também subia em volta dela, como água num tanque.

— O gigante está despertando! — ela avisou. — Vocês têm apenas alguns segundos.

— Certo — disse Leo. — Piper, preciso de sua ajuda. Fale com a cela.

— O quê? — ela perguntou.

— Fale com ela. Use todo o charme que puder. Convença Gaia a dormir. Faça com que fique mais lenta, tente afrouxar seus tentáculos enquanto eu...

— Certo! — disse Piper, limpando a garganta e dizendo: — Oi, Gaia. Que noite, né? Cara, eu estou morta. E você? Pronta para dormir um pouco?

Quanto mais falava, mais confiante soava. Jason sentiu seus olhos pesarem, e teve de forçar-se a não escutar suas palavras. Também parecia surtir efeito sobre a cela. O chão subia em menor velocidade. Os tentáculos se moveram suavemente, muito pouco, tornando-se mais parecidos com raízes de árvores do que com pedras. Leo pegou uma serra circular do seu cinto. Como aquilo cabia ali, Jason não tinha ideia. Depois Leo olhou para o fio e grunhiu, frustrado.

— Preciso ligar isso em alguma tomada!

O cavalo-espírito, Tempestade, lançou-se na piscina e relinchou.

— Sério? — perguntou Jason.

Tempestade baixou a cabeça e aproximou-se de Leo, que ficou em dúvida, mas aproximou a tomada e uma brisa saiu do flanco do cavalo. Raios conectaram o animal à tomada, e a serra circular ganhou vida.

— Ótimo! — disse Leo, sorrindo. — Seu cavalo vem com adaptadores de tomada!

Mas o bom humor não durou muito tempo. Do outro lado da piscina, a espiral do gigante balançou, fazendo um barulho como se fosse uma árvore se partindo ao meio. Seus tentáculos explodiram de cima a baixo, lançando pedras e madeira enquanto o gigante se libertava, levantando-se da terra.

Jason nunca imaginou que algo poderia ser mais assustador que Encélado.

Mas estava enganado.

Porfirión era mais alto, e bem mais violento. Não irradiava calor nem demonstrava qualquer sinal de cuspir fogo, mas havia algo terrível nele — uma espécie de força, magnetismo, como se o gigante fosse tão rude e denso que tivesse seu próprio campo gravitacional.

Assim como Encélado, o rei gigante era humanoide da cintura para cima, com

uma armadura de bronze no tórax, e da cintura para baixo tinha pernas de dragão; mas sua pele era da cor de limão. Seus cabelos eram verdes como folhas novas, presos em grandes *dreadlocks* decorados com armas — adagas, machados e espadas enormes, algumas encurvadas e sangrando. Talvez fossem troféus tomados de semideuses vencidos no passado. Quando o gigante abriu os olhos, eles eram brancos, como mármore polido. Respirou fundo.

— Estou vivo! — gritou. — Graças a Gaia!

Jason soltou um discreto som heroico, mas esperou que seus amigos não tivessem escutado. Tinha uma certeza: não havia semideus capaz de vencer aquele cara. Porfirión tinha o poder de mover montanhas. E o de destruir Jason com um único dedo.

— Leo — disse Jason.

— O quê? — perguntou Leo, com a boca aberta. Até mesmo Piper parecia completamente perdida.

— Continuem trabalhando — disse Jason. — Libertem Hera!

— O que você vai fazer? — perguntou Piper. — Você não pode estar falando sério...

— Vou entreter o gigante — ele respondeu. — Não tenho escolha.

*

— Ótimo! — disse o gigante enquanto Jason se aproximava. — Um tira-gosto! Quem é você? Hermes? Ares?

Jason pensou em deixá-lo em dúvida, mas algo lhe disse que deveria esclarecer.

— Sou Jason Grace. Filho de Júpiter.

Os olhos do gigante o fuzilaram. Atrás dele, a serra de Leo fez um barulho e Piper conversava com a cela em tom doce, tentando não transparecer medo em sua voz.

Porfirión jogou a cabeça para trás e sorriu.

— Incrível! — disse, olhando para o céu. — Então, Zeus, você vai sacrificar seu filho por mim? Que gesto lindo, mas eu não vou salvá-lo.

O céu não deu qualquer sinal. Jason não teria ajuda. Estava por conta própria.

Deixou o pedaço de madeira de lado. Suas mãos estavam cobertas de lascas, mas isso não importava. Tinha de conseguir um tempo para Leo e Piper, e não poderia fazer isso sem uma arma apropriada.

Era hora de parecer mais confiante do que realmente estava.

— Se você soubesse quem eu sou de verdade — disse ao gigante —, ficaria preocupado comigo, não com o meu pai. Espero que aproveite seus minutos de vida, gigante, pois vou mandá-lo de volta a Tártaro.

O gigante estreitou os olhos. Colocou um dos pés para fora da piscina e tentou olhar melhor para o seu oponente.

— Então... vamos começar nos vangloriando, certo? Como nos velhos tempos! Ótimo, semideus. Eu sou Porfirión, rei dos gigantes, filho de Gaia. Nos velhos tempos, surgi do Tártaro, do abismo do meu pai, para desafiar os deuses. E, para começar a guerra, roubei a rainha de Zeus — e sorriu para a cela de Hera. — Oi, Hera.

— Meu marido já o destruiu uma vez, monstro! — ela disse. — E vai fazer isso outra vez.

— Ele não me destruiu, querida! Zeus não foi poderoso o suficiente para me matar. Teve de confiar num semideus fraco, e nós quase vencemos. Desta vez vamos terminar o que começamos. Gaia está despertando. Ela nos forneceu muitos laaios excelentes. Nossos exércitos vão sacudir a terra... e destruir suas raízes.

— Você não ousaria — disse Hera, mas ela estava cada vez mais fraca. Jason notava isso em sua voz. Piper seguia murmurando para a cela e Leo continuava serrando, mas a terra não parava de subir pelo corpo de Hera, cobrindo sua cintura.

— Ah, sim — disse o gigante. — Os titãs tentaram atacar sua casa em Nova York. Ousado, porém ineficaz. Gaia é mais inteligente e mais paciente. E nós, seus melhores filhos, somos muito, muito mais fortes que Cronos. Sabemos como matar os olímpianos de uma vez por todas. Vocês cairão como árvores mortas, suas velhas raízes serão arrancadas e queimadas.

O gigante franziu a testa para Leo e Piper, como se finalmente notasse seu trabalho. Jason deu um passo à frente e gritou para atrair a atenção de Porfirión.

— Você disse que um semideus matou você? Como, se ele era tão fraco?

— Ah! E você acha que vou revelar o que ele fez? Eu fui criado para substituir Zeus, nascido para destruir o Senhor do Céu. Tenho que tomar o seu trono. Tomarei sua mulher... ou, se ela não aceitar, deixarei que a terra consuma todas as suas energias. O que você está vendo agora, menino, é apenas minha forma enfraquecida. Vou ficar mais forte a cada hora, até tornar-me invencível. Mas já sou capaz de esmagar você!

Levantou-se e esticou a mão. Uma lança de seis metros surgiu da terra. Ele a agarrou, depois bateu no chão com seus pés de dragão. As ruínas tremeram. Tudo o que havia ao redor, os monstros — espíritos da tempestade, lobos, Nascidos da Terra —, tudo respondia ao chamado do rei.

— Ótimo — murmurou Leo. — Mais inimigos, exatamente o que precisávamos.

— Rápido — disse Hera.

— Eu sei! — respondeu Leo.

— Vá dormir, cela — disse Piper. — Durma, cela... Sim, estou falando com tentáculos da terra, e isso não é nenhuma loucura.

Porfirión passou sua lança acima das ruínas, destruindo uma chaminé e espalhando madeira e pedras por todos os lados.

— Então, filho de Zeus! Já terminei minha apresentação. Agora é a sua vez. O que vai dizer, o que pensa fazer para me destruir?

Jason olhou para os vários monstros, que esperavam impacientes a ordem do mestre para atacar. A serra de Leo seguia trabalhando, e Piper conversava com os tentáculos, mas aquilo parecia inútil. A cela de Hera estava quase completamente cheia de terra.

— Eu sou filho de Júpiter! — ele gritou, e para fazer efeito controlou alguns ventos e ergueu-se alguns metros acima da terra. — Sou um filho de Roma, cônsul dos semideuses, protetor da Primeira Legião. — Jason não sabia muito bem sobre o que falava, mas repetia aquelas palavras como se já tivesse dito várias vezes a mesma coisa. Esticou o braço, mostrando a tatuagem da águia e o ^{SPQR}, e para sua surpresa o gigante pareceu reconhecer.

Por um momento, Porfirión hesitou.

— Eu destruí o monstro marinho de Troia — Jason continuou. — Eu derrubei o trono de Cronos e destruí o titã Crios com minhas próprias mãos. E agora eu vou destruí-lo, Porfirión, e alimentar seus próprios lobos com seus restos.

— Muito bem, cara — murmurou Leo. — Tem comido muita carne vermelha ultimamente?

Jason atirou-se contra o gigante, determinado a destruí-lo.

*

A ideia de lutar contra um imortal de nove metros de altura era tão ridícula que até o gigante parecia surpreso. Meio voando, meio saltando, Jason pousou no joelho de réptil do gigante e, antes que Porfirión entendesse o que estava acontecendo, escalou seu corpo até chegar ao braço.

— Como você ousa? — perguntou o gigante.

Jason chegou aos seus ombros e conseguiu pegar uma espada das costas do gigante, gritando:

— Por Roma! — E enfiou a espada no alvo mais próximo: o enorme ouvido do gigante.

Um raio retumbou no céu e atingiu a espada, derrubando Jason. Ele caiu e rolou no chão. Quando olhou para cima, viu que o gigante cambaleava. Seus cabelos estavam pegando fogo e um lado do seu rosto ficara negro pela queimadura. A espada ficara em chamas no seu ouvido. Seu icor dourado escorria pelo queixo. Outras armas soltavam faíscas e ardiam nas suas costas.

Porfirión quase caiu no chão. O círculo de monstros deixou escapar um murmúrio massivo e deu um passo à frente... lobos e ogros tinham os olhos fixos em Jason.

— Não! — gritou Porfirión, recuperando o equilíbrio e encarando o semideus.
— Eu mesmo vou matá-lo.

O gigante levantou sua lança, que começou a brilhar.

— Quer brincar com raios, menino? Esqueça. Eu sou o oposto de Zeus. Fui criado para destruir seu pai, e isso significa que sei exatamente como matar *você*.

Algo na voz de Porfirión dizia a Jason que ele não estava blefando.

Jason e seus amigos tinham feito tudo muito bem, coisas incríveis. Sim, fizeram coisas *heroicas*. Mas quando o gigante brandiu sua lança, Jason percebeu que seria impossível resistir.

Era o fim.

— Agora! — berrou Leo.

— Durmam! — disse Piper, com tanta força que as folhas mais próximas dela caíram no chão e começaram a roncar.

A cela de pedra e madeira se quebrou. Leo serrara sua base e aparentemente cortara a conexão com Gaia. Os tentáculos viraram pó. A terra em volta de Hera se desintegrou. A deusa cresceu, brilhando, cheia de poder.

— Sim! — ela disse. E tirou sua túnica preta, revelando um vestido branco, os braços cobertos de joias douradas. Seu rosto era ao mesmo tempo terrível e lindo, e uma coroa dourada brilhava sobre seus cabelos negros. — Chegou a hora da minha vingança!

O gigante Porfirión deu um passo atrás. Ele não disse nada, mas lançou um último olhar para Jason. Sua mensagem era clara: *Ainda nos veremos*. E atirou a lança ao chão, desaparecendo na terra como se escorresse por um ralo.

Os monstros entraram em pânico e fugiram, mas não havia escapatória para eles.

Hera brilhava com ainda mais intensidade, e gritou:

— Cubram os seus olhos, meus heróis.

Mas Jason estava em choque. Demorou muito para entender.

E viu Hera transformando-se numa supernova, explodindo num anel de força

que vaporizava todos os monstros instantaneamente. Jason caiu, a luz tomando sua mente, e seu último pensamento foi que seu corpo estava queimando.

LI

PIPER

— **J**ASON!

Piper seguia gritando seu nome ao segurá-lo, mesmo quase perdendo as esperanças. Ele ficou inconsciente por dois minutos, depois seu corpo começou a tremer, seus olhos se reviraram. Piper não sabia se ele estava respirando.

— Isso é inútil, menina — disse Hera, de pé, usando sua túnica preta e xale.

Piper não vira a transformação nuclear da deusa. Felizmente tinha fechado os olhos, mas notara os efeitos. Todos os vestígios de inverno tinham desaparecido do vale. Não restara nenhum sinal de luta tampouco. Os monstros haviam virado vapor. As ruínas foram restauradas à forma que tinham antes — ainda eram ruínas, mas sem evidência de terem sido destruídas por uma horda de lobos, espíritos da tempestade e ogros de seis braços.

Até mesmo as Caçadoras voltaram à vida. Grande parte delas observava a distância, respeitosamente, mas Thalia ajoelhou-se ao lado de Piper, pondo a mão na testa de Jason.

Thalia olhou para a deusa.

— A culpa é sua. Faça alguma coisa!

— Não fale comigo assim, menina. Eu sou a rainha...

— Ajude-o!

E os olhos de Hera se iluminaram com o poder.

— Eu *avisei* a ele. Nunca o machucaria intencionalmente. Ele tinha de ser o meu campeão. Eu disse que fechasse os olhos antes que eu revelasse minha forma verdadeira.

— Sei... — disse Leo. — A forma verdadeira é ruim, certo? Então por que fez isso?

— Eu liberei meu poder para salvá-los, idiota! — gritou Hera. —

Transformei-me em pura energia para desintegrar os monstros, restaurar este lugar e salvar do gelo as miseráveis Caçadoras.

— Mas os mortais não podem olhar para você quando está assim! — gritou Thalia. — Você o matou!

Leo balançou a cabeça, arrasado.

— Era o que dizia a nossa profecia. E liberar a morte pela raiva de Hera. Vamos, senhora, você é uma deusa. Faça alguma magia por ele! Traga-o de volta.

Piper ouvia a conversa, mas estava concentrada no rosto de Jason.

— Ele está respirando! — ela anunciou.

— Impossível — disse Hera. — Adoraria que fosse verdade, menina, mas nenhum mortal jamais...

— Jason — disse Piper, chamando-o com toda a sua força. Ela *não* iria perdê-lo. — Escute. Você pode. Volte. Você vai ficar bem.

Nada aconteceu. A respiração... seria imaginação dela?

— A cura não é um dos poderes de Afrodite — disse Hera, triste. — Nem eu posso curar isso, menina. Seu espírito mortal...

— Jason — disse Piper mais uma vez, e imaginou ouvir sua voz ressoar na terra, em direção ao Mundo Inferior. — Acorde.

Ele soluçou e seus olhos se abriram completamente. Por um momento estavam cheios de luz, eram ouro puro. Depois a luz se foi e seus olhos voltaram ao normal.

— O que... o que aconteceu?

— Isso é impossível! — disse Hera

Piper o abraçou forte, até que ele disse:

— Está me machucando.

— Sinto muito — desculpou-se Piper, aliviada, sorrindo ao mesmo tempo em que secava uma lágrima.

Thalia segurou uma das mãos do irmão.

— Como você está?

— Quente — ele murmurou. — Minha boca está seca. Vi algo... realmente terrível.

— Você viu Hera — disse Thalia. — Sua Majestade, essa mulher que sempre nos põe em perigo.

— Tudo bem, Thalia Grace — disse a deusa. — Vou transformá-la em tamanduá, por que não me ajuda...

— Chega, vocês duas — disse Piper. E incrivelmente as duas se calaram.

Piper ajudou Jason a se levantar, oferecendo-lhe o último néctar de seus suprimentos.

— Agora — disse Piper, olhando para Thalia e Hera. — Hera... Sua Majestade... nós não poderíamos tê-la resgatado sem a ajuda das Caçadoras. E Thalia, você nunca veria Jason novamente... e *eu* nunca o encontraria... se não fosse por Hera. As duas fizeram um bom trabalho, pois nossos problemas eram grandes.

Elas olharam para Piper, e por três longos segundos era impossível prever quem mataria quem primeiro.

Finalmente, Thalia disse:

— Você tem espírito, Piper. — E pegou um cartão de prata no bolso de sua parca, colocando-o no bolso da jaqueta de Piper. — Caso um dia queira se transformar em Caçadora, ligue para mim. Você seria bem útil.

Hera cruzou os braços.

— Para a sorte *dessa* Caçadora, você tem razão, filha de Afrodite. — E olhou para Piper, como se a enxergasse melhor naquele momento. — Você deve ter ficado pensando por que a escolhi para esta missão, por que não revelei o seu segredo logo no início, mesmo sabendo que Encélado a estava usando. E devo admitir: até agora, eu não tinha certeza. Algo me dizia que você seria vital à missão. Agora vejo que eu tinha razão. Você é ainda mais forte do que eu imaginava. E tem razão sobre os perigos que estão por vir. Devemos trabalhar juntas.

Piper sentiu seu rosto ficar quente. Não sabia como responder ao elogio de Hera, mas Leo interrompeu:

— Eu não imaginava que aquele cara, o Porfirión, fosse simplesmente desaparecer, dissolvendo-se.

— Claro — concordou Hera. — Ao me salvar, e salvando este lugar, vocês evitaram que Gaia despertasse. E ganhamos tempo. Mas Porfirión estava despertando. Ele sabia que era melhor ele ficar aqui, principalmente porque ainda estava ganhando força. Os gigantes só podem ser mortos pela união de deuses e semideuses trabalhando juntos. Quando você me libertou...

— Ele fugiu — disse Jason. — Mas para onde?

Hera não respondeu, mas um sentimento de medo invadiu Piper. Ela se lembrou do que Porfirión dissera sobre matar os olímpianos destruindo suas raízes. *Grécia*. Olhou para a expressão dura de Thalia e imaginou que as Caçadoras também tinham chegado à mesma conclusão.

— Preciso encontrar Annabeth — disse Thalia. — Ela precisa saber o que aconteceu por aqui.

— Thalia... — disse Jason, segurando sua mão. — Não conversamos sobre este lugar, nem...

— Eu sei — ela disse, com expressão mais suave. — Eu já perdi você aqui

uma vez, não vou perdê-lo novamente. Vamos nos encontrar logo, no Acampamento Meio-Sangue — disse, olhando para Hera. — Eles chegarão lá a salvo? É o mínimo que você pode fazer.

— Não cabe a você me dizer...

— Rainha Hera — intercedeu Piper.

A deusa suspirou.

— Certo. Tudo bem. Mas você não, Caçadora.

Thalia deu um abraço em Jason e despediu-se de todos. Quando as Caçadoras foram embora, o pátio ficou estranhamente silencioso. A piscina seca não tinha qualquer sinal dos tentáculos de terra que haviam trazido o gigante de volta à terra e aprisionado Hera. O céu naquela noite estava claro e estrelado. O vento soprava no bosque. Piper pensou na noite em Oklahoma, quando ela e seu pai dormiram no jardim da casa do avô Tom. Pensou na noite no telhado do dormitório da Escola da Vida Selvagem... quando Jason a beijou — o que só aconteceu nas suas memórias envoltas na Névoa, claro.

— Jason, o que aconteceu com você aqui nesta casa? — ela perguntou. — Quero dizer... sei que sua mãe o abandonou. Mas você disse que era um lugar sagrado para os semideuses. Por quê? O que aconteceu quando você já estava sozinho?

Jason balançou a cabeça, um pouco perdido.

— Ainda é muito confuso. Os lobos...

— Você ganhou um destino — disse Hera. — Entrou para o meu serviço.

Jason fez uma careta.

— Isso aconteceu porque você forçou minha mãe a fazer isso. Não aguentou o fato de saber que Zeus tinha dois filhos com minha mãe, que ele esteve com ela *duas vezes*. Eu fui o preço que você pediu para deixar o restante da minha família em paz.

— Mas também era a melhor opção para você, Jason — insistiu Hera. — Na segunda vez, sua mãe conseguiu atrair Zeus porque o via com aspecto diferente... aspecto de Júpiter. Isso nunca acontecera... dois filhos, um grego e outro romano, nascidos na mesma família. Você *precisava* ser separado de Thalia. E foi então que todos os semideuses do seu tipo começaram a sua jornada.

— Do *tipo* dele? — perguntou Piper.

— Romano, ela quer dizer — explicou Jason. — Os semideuses foram deixados aqui. Encontramos a deusa-loba, Lupa, a mesma loba imortal que alimentou Rômulo e Remo.

Hera fez que sim.

— Os que forem fortes sobreviverão.

— Mas... — perguntou Leo, parecendo perdido. — O que aconteceu após isso? Quero dizer, Jason nunca chegou ao acampamento.

— Ao Acampamento Meio-Sangue, não — confirmou Hera.

Piper sentia como se o céu girasse rapidamente sobre ela, deixando-a tonta.

— Você foi para outro lugar. Onde esteve todos esses anos. Um lugar para semideuses... mas onde?

Jason virou-se para a deusa.

— Minhas memórias estão voltando, mas não o local. E você não vai me contar, certo?

— Não — respondeu Hera. — Isso é parte do seu destino, Jason. Você deve encontrar o próprio caminho de volta. Porém, quando fizer isso, unirá dois grandes poderes. E nos dará esperança contra os gigantes. E mais importante: contra a própria Gaia.

— Você quer que a gente coopere — disse Jason —, mas está escondendo informações.

— Dar respostas a você as tornaria inválidas — disse Hera. — O destino funciona assim. Devemos criar o nosso caminho para que ele signifique algo. E vocês três já me surpreenderam. Jamais imaginei que fosse possível... — Mas a deusa balançou a cabeça. — Basta dizer que vocês se saíram bem, semideuses. Mas isso é apenas o início. Agora vocês devem voltar ao Acampamento Meio-Sangue, onde começarão a planejar a próxima fase.

— Sobre a qual você não contará nada — disse Jason, de mau humor. — E eu imagino que você tenha destruído meu incrível cavalo espírito da tempestade. Como voltaremos para casa?

Hera driblou a pergunta.

— Espíritos da tempestade são criaturas do caos. Eu não destruí aquele cavalo, mas não tenho ideia de para onde foi, nem sei se você o verá novamente. Mas existe uma maneira mais fácil de voltar para casa. Como vocês fizeram um bom trabalho para mim, eu posso ajudá-los... pelo menos desta vez. Adeus, semideuses, por enquanto.

O mundo virou de cabeça para baixo. E Piper quase desmaiou.

*

Quando voltou a si, estava outra vez no acampamento, no pavilhão de refeições, no meio do jantar. Os três estavam de pé em cima da mesa do chalé de Afrodite, e Piper estava com um pé na pizza de Drew. Sessenta campistas se levantaram ao

mesmo tempo, olhando para eles, estupefatos.

Seja lá o que Hera tenha feito para transportá-los ao outro lado do país, aquilo não fez nada bem ao estômago de Piper. Ela mal podia controlar a náusea. Mas Leo estava pior. Pulou da mesa, correu ao braseiro de bronze mais próximo e vomitou — o que provavelmente não era uma boa oferenda aos deuses.

— Jason? — disse Quíron, aproximando-se. Sem dúvida, o centauro vira muita coisa estranha em seus séculos de vida, mas ainda assim parecia embasbacado. — O quê? Como?

Os campistas de Afrodite olhavam para Piper boquiabertos. Piper pensou que devia estar horrível.

— Oi — ela disse, da forma mais casual possível. — Estamos de volta.

LII

PIPER

PIPER NÃO SE LEMBRAVA MUITO bem do restante da noite. Eles contaram sua história e responderam a milhões de perguntas dos demais campistas, mas finalmente Quíron percebeu o quanto estavam cansados e ordenou que fossem para a cama.

Foi ótimo dormir num colchão de verdade, e Piper estava tão cansada que dormiu imediatamente, o que a poupou da preocupação sobre como seria retornar ao chalé de Afrodite.

Na manhã seguinte, acordou em seu beliche, sentindo-se revigorada. O sol entrava pelas janelas, acompanhado de uma brisa suave. Devia ser primavera, e não inverno. Pássaros cantavam. Monstros uivavam nos bosques. Do pavilhão de refeições emanava o cheiro do café da manhã — bacon, panquecas e todo tipo de coisas maravilhosas.

Drew e seus amigos a encaravam com as testas franzidas e os braços cruzados.

— Bom dia — disse Piper, sentando-se ereta e sorrindo. — Que lindo dia!

— Você vai nos atrasar para o café da manhã — disse Drew —, e isso significa que caberá a *você* a limpeza do chalé antes da inspeção.

Uma semana antes, Piper teria dado um soco na cara de Drew ou se escondido debaixo das cobertas. Mas pensou nos ciclopes em Detroit, Medeia, em Chicago, e Midas, que a transformou em ouro em Omaha. E olhando para Drew, que costumava tirá-la do sério, Piper riu.

A expressão presunçosa de Drew se desfez e ela recuou, mas rapidamente lembrou que deveria parecer raivosa e disse:

— O que...

— Proponho um desafio — disse Piper. — Que tal hoje à noite na arena? Você pode escolher as armas.

Piper se levantou da cama, espreguiçando-se e sorrindo, radiante, para seus

companheiros de chalé. Olhou para Mitchell e Lacy, que a ajudaram a preparar a mochila para a missão. Eles sorriam, hesitantes, olhando de Piper para Drew, como se aquilo fosse uma interessante partida de tênis.

— Cara, senti falta de vocês! — disse Piper. — Vamos ser felizes quando eu for a conselheira-chefe.

Drew ficou vermelha como um tomate. E seus ajudantes mais próximos pareciam um pouco nervosos. Aquilo não estava no roteiro.

— Você... — disse Drew, nervosa. — Sua bruxa feiosa! Eu estou aqui há mais tempo. Você não pode simplesmente...

— Desafiá-la? — perguntou Piper. — Claro que posso. São as regras do acampamento: eu fui reclamada por Afrodite. Terminei uma missão, e você não terminou *nenhuma*. Se considero que posso fazer um trabalho melhor, posso desafiá-la. A menos que você prefira renunciar. Será que eu entendi tudo direitinho, Mitchell?

— Muito bem, Piper — respondeu Mitchell, mostrando um largo sorriso, enquanto Lacy movia o corpo para cima e para baixo, como se tentasse decolar.

Alguns outros campistas começaram a sorrir, divertindo-se ao verem as diferentes cores que se estampavam no rosto de Drew.

— *Renunciar?* — gritou Drew. — Você está louca!

Piper deu de ombros. Então, num movimento muito rápido, pegou a Katoptris debaixo de seu travesseiro, brandiu-a e apontou-a para o queixo de Drew. Todos deram um passo atrás, imediatamente. Um dos meninos tropeçou na mesa de maquiagem, levantando uma nuvem de pó rosa.

— Um duelo, então — disse Piper, animada. — Caso não queira esperar até a noite, podemos resolver agora mesmo. Você transformou este chalé em uma ditadura, Drew. Silena Beauregard sabia disso. Afrodite é a deusa do amor e da beleza. Trata-se de *ser amorosa. Transmitir beleza*. Bons amigos. Bons tempos. Boas ações. Não apenas imagem, só parecer bom. Silena cometeu erros, mas ficou ao lado dos amigos. Por isso é uma heroína. Eu vou consertar as coisas, e acho que Mamãe estará a meu lado. Quer comprovar?

Drew ficou vesga de tanto olhar para a lâmina da adaga de Piper.

Um segundo se passou. Dois. Piper não ligava. Estava completamente feliz e confiante. Isso devia estar evidente em seu sorriso.

— Eu... renuncio — disse Drew, resmungando. — Mas se acha que vou me esquecer disso, McLean...

— Ah, espero que não — disse Piper. — Agora vá até o pavilhão de refeições e explique a Quíron por que estamos atrasados. Houve uma mudança de líder por aqui.

Drew seguiu para a porta, mas nem mesmo seus ajudantes mais próximos a

acompanharam. Estava quase na saída quando Piper disse:

— Ah, Drew, querida...

A ex-conselheira olhou para trás, relutante.

— Caso pense que não sou uma verdadeira filha de Afrodite — disse Piper —, nem mesmo *dirija o olhar* a Jason Grace. Talvez ele ainda não saiba, mas é *meu*. Caso tente qualquer coisa, eu a coloco numa catapulta e você vai parar do outro lado de Long Island.

Drew se virou rapidamente e correu para a porta. Depois desapareceu.

O chalé ficou silencioso. Os demais campistas olhavam para Piper. Agora, ela não estava muito certa sobre o que fazer. Não queria governar fazendo uso do medo. Não era como Drew, mas não sabia se a aceitariam.

Porém, espontaneamente, os campistas de Afrodite fizeram uma algazarra tão grande, em comemoração, que deve ter sido ouvida pelo campo inteiro. Levaram Piper para fora do chalé, colocando-a sobre os ombros, e carregaram-na até o pavilhão de refeições. Ela ainda vestia pijama, o cabelo estava completamente desalinhado, mas ela não ligava. Nunca se sentira tão bem.

*

À tarde, Piper já usava a confortável roupa do acampamento e tinha liderado o chalé de Afrodite em suas tarefas matinais. Estava pronta para um momento de folga.

Um pouco da alegria por sua vitória desaparecera depois do encontro na Casa Grande.

Quíron, em sua forma humana, sentado na cadeira de rodas, a esperava na entrada.

— Entre, querida. A videoconferência está pronta.

O único computador do acampamento ficava no escritório de Quíron, e a sala estava completamente revestida de escudos de metal.

— Semideuses e tecnologia não combinam — explicou Quíron. — Ligações telefônicas, mensagens de texto, até mesmo buscar algo na internet... tudo isso pode atrair monstros. Por conta disso, no último outono tivemos de resgatar um herói numa escola em Cincinnati: ele pesquisou as górgonas no Google e obteve um pouco mais do que buscava. Mas não se preocupe. Aqui no acampamento você está protegida. Ainda assim... tentamos tomar cuidado. Você só poderá falar por alguns minutos.

— Entendi — disse Piper. — Obrigada, Quíron.

Ele sorriu, deu meia-volta e saiu do escritório. Piper hesitou antes de apertar o botão de chamada. O escritório de Quíron era bagunçado e acolhedor. Uma das paredes estava coberta com camisetas de diferentes convenções: Pôneis de Festa 2009, Vegas; Pôneis de Festa 2010, Honolulu, e outras. Piper não sabia o que eram os pôneis de festa, mas, a julgar pelos buracos de bala, manchas e chamuscados que havia nas camisetas, devia ter relação com encontros bastante selvagens. Na prateleira sobre a escrivaninha havia um toca-fitas antigo e fitas cassete em cujas etiquetas se liam “Dean Martin” e “Frank Sinatra”, além de uma de “O melhor da década de 40”. Quíron era tão velho, que poderia ser a década de 1940, de 1840 ou mesmo o ano 40, pensou Piper.

As paredes eram quase totalmente ocupadas com fotos de semideuses, como se fosse uma galeria da fama. Uma das mais recentes mostrava um adolescente de cabelos pretos e olhos verdes. Como estava de braço dado com Annabeth, Piper imaginou que deveria ser Percy Jackson. Em algumas das fotos mais antigas, reconheceu gente famosa: homens de negócios, atletas e mesmo alguns atores conhecidos de seu pai.

— Incrível — ela murmurou.

Piper ficou imaginando se sua foto algum dia faria parte daquela galeria. Pela primeira vez, sentia-se inserida em algo grande, maior que ela mesma. Os semideuses estão por aí há séculos. Tudo o que fazia, fazia por todos eles.

Respirou fundo e fez a ligação. A tela de vídeo se acendeu.

Gleeson Hedge sorria à mesa do escritório do pai de Piper.

— Viu as notícias?

— É impossível não ver — disse Piper. — Espero que saiba o que está fazendo.

Mais cedo, durante o almoço, Quíron lhe mostrara um jornal. A notícia do retorno misterioso de seu pai, vindo de lugar nenhum, ocupava a primeira página. Sua assistente, Jane, fora despedida por encobrir seu desaparecimento e não notificá-lo à polícia. Novos ajudantes foram contratados e pessoalmente avaliados pelo “consultor pessoal” de Tristan McLean, Gleeson Hedge. De acordo com o jornal, o sr. McLean disse não se lembrar de nada referente à semana, e os jornais especulavam. Alguns imaginavam se tratar de uma engenhosa jogada de marketing para um filme — talvez McLean fosse interpretar uma pessoa que sofresse de amnésia. Outros imaginaram que tivesse sido sequestrado por terroristas ou por fãs enlouquecidas, ou que tivesse escapado heroicamente de sequestradores usando as habilidades que aprendera ao filmar *O Rei de Esparta*. Qualquer que fosse a verdade, Tristan McLean estava mais famoso que nunca.

— Isso vai ser ótimo — assegurou Hedge. — Mas não se preocupe. Vamos

mantê-lo afastado dos olhos do público no próximo mês, ou até que tudo se acalme. Seu pai tem coisas mais importantes a fazer... como descansar, ou conversar com a filha dele.

— Não fique muito à vontade aí em Hollywood, Gleeson — disse Piper.

— Você está brincando? — perguntou Hedge, bufando. — Esse pessoal deixa Éolo no chinelo, faz com que ele pareça um cara normal. Vou voltar o mais rápido que puder, mas antes tenho de colocar os pés de seu pai no chão outra vez. Ele é um cara legal. Ah, eu também cuidei daquela outra pequena questão. O Park Service da Bay Area... recebeu um presente anônimo: um novo helicóptero. E aquela pilota que nos ajudou recebeu uma ótima proposta para trabalhar para o sr. McLean.

— Obrigada, Gleeson — disse Piper. — Por tudo.

— Sim, tudo bem. Eu não tento ser incrível. É algo natural. Ah, e falando sobre Éolo, quero que conheça a nova assistente de seu pai.

Hedge foi empurrado de leve e uma linda jovem apareceu toda sorridente em frente à câmera.

— Mellie? — perguntou Piper, arregalando os olhos. Mas era ela, sem dúvida: a aura que os ajudara a escapar da fortaleza de Éolo. — Você está trabalhando para meu pai agora?

— Não é ótimo?

— Ele sabe que você é... você sabe... um espírito do vento?

— Ah, não. Mas eu adoro esse trabalho. É... hum... uma brisa.

Piper não podia fazer nada, a não ser sorrir.

— Fico feliz. Isso é incrível. Mas onde...

— Só um segundo — disse Mellie, depois beijou a bochecha de Gleeson. — Vamos, seu bode velho, pare de ficar ocupando toda a tela.

— O quê? — reclamou Hedge. Mas Mellie o afastou e chamou: — Sr. McLean? Ela está conectada!

Um segundo mais tarde, o pai de Piper apareceu.

— Pipes! — disse, abrindo um enorme sorriso.

Ele parecia ótimo, de volta ao normal, com os brilhantes olhos castanhos, a barba já por fazer, o sorriso confiante e os cabelos recém-cortados, como se ele estivesse pronto para rodar uma cena. Piper sentiu-se aliviada, mas também um pouco triste. Que o pai estivesse de volta ao normal não era exatamente o que ela queria.

Em sua mente, começou a contar. Numa ligação normal como aquela, num dia normal de trabalho, ela não teria a atenção do pai por mais de trinta segundos.

— Oi — disse, em tom baixo. — Está se sentindo bem?

— Querida, sinto muito por tê-la deixado preocupada com essa história do

desaparecimento. Eu não sei... — Seu sorriso vacilou. Piper imaginou que ele estivesse tentando se lembrar... buscar uma lembrança que deveria estar por ali, mas não estava. — Não sei muito bem o que aconteceu, de verdade. Mas estou bem. O treinador Hedge tem sido um presente de Deus.

— Um presente de Deus — ela repetiu. Muito apropriado, boa escolha de palavras.

— Ele me contou sobre sua nova escola — disse sr. McLean. — Sinto muito que não tenha dado certo na Escola da Vida Selvagem, mas você tinha razão. Jane estava equivocada. Eu fui um bobo ao escutar o que ela dizia.

Restavam dez segundos, talvez. Mas pelo menos seu pai soava sincero, como se realmente sentisse remorso.

— Você não se lembra de nada? — ela perguntou, sentindo uma ansiosa melancolia.

— Claro que me lembro.

— Lembra? — ela perguntou, sentindo um arrepio na nuca.

— Lembro que a amo — ele disse. — E que estou orgulhoso de você. Está feliz na nova escola?

Piper piscou. Não iria chorar naquele momento. Depois de tudo por que passara, seria ridículo.

— Sim, papai. É mais uma espécie de acampamento, não uma escola, mas... É, acho que vou ser feliz aqui.

— Ligue sempre que puder — ele disse. — E venha para casa no Natal. E Pipes...

— O quê?

Ele tocou a tela como se tentasse atravessá-la.

— Você é uma jovem maravilhosa. Eu não lhe digo isso tanto quanto deveria. Você faz com que eu me lembre muito de sua mãe. Ela estaria orgulhosa. E seu avô Tom... ele sempre disse que você seria a voz mais poderosa da família. Você será mais brilhante que eu um dia, você sabe disso. Vão se lembrar de mim como o pai de Piper McLean, e esse é o melhor legado que eu posso imaginar deixar.

Piper tentou responder, mas ficou com medo de chorar. Apenas tocou a tela e fez que sim com a cabeça.

Mellie disse alguma coisa, e Tristan suspirou.

— O estúdio está chamando. Sinto muito, querida. — E parecia realmente chateado por ter de ir.

— Tudo bem, papai — ela disse. — Amo você.

Ele piscou, e então a tela ficou escura.

Quarenta e cinco segundos? Talvez um minuto inteiro!

Piper sorriu. Não passava de uma pequena melhora, mas era um progresso.

*

Nas áreas comuns, encontrou Jason relaxando num banco, com uma bola de basquete entre os pés. Estava suado do exercício, mas lindo com sua camiseta laranja e short da mesma cor. As várias feridas e contusões da batalha estavam ficando boas, graças aos medicamentos do chalé de Apolo. Os braços e pernas eram puro músculo, bronzeados... enlouquecedores como sempre. Os cabelos loiros, cortados muito curtos, capturavam a luz da tarde e pareciam dourados, ao estilo de Midas.

— Ei — ele disse. — Como foi?

Ela precisou de um tempo para se concentrar na pergunta, depois disse:

— Ah... claro. Tudo bem.

Sentou-se a seu lado e os dois ficaram observando os campistas que passavam por ali. Duas filhas de Deméter pregavam uma peça em dois filhos de Apolo que jogavam basquete: faziam crescer grama ao redor de seus tornozelos enquanto arremessavam do garrafão. Na loja do acampamento, os meninos do chalé de Hermes dependuravam uma placa: SAPATOS VOADORES SEMINOVOS, SÓ HOJE: 50% DE DESCONTO! Os filhos de Ares circundavam seu chalé com arame farpado novo.

O chalé de Hipnos roncava. Enfim, mais um dia normal no acampamento.

Enquanto isso, os filhos de Afrodite observavam Piper e Jason, mas tentavam fingir que não olhavam para eles. Piper tinha certeza de que vira dinheiro passar de mão em mão, como se apostassem se haveria ou não um beijo.

— Conseguiu dormir um pouco? — ela perguntou.

Ele a olhou como se Piper tivesse lido seus pensamentos.

— Não muito. Tive muitos sonhos.

— Sobre seu passado?

Ele fez que sim.

Ela não insistiu. Se ele quisesse conversar, tudo bem, mas Piper sabia que não deveria forçar. Ela não se preocupava que seu conhecimento sobre Jason estivesse baseado em três meses de memórias falsas. *Você é capaz de enxergar as possibilidades*, dissera sua mãe. E Piper estava determinada a transformar tais possibilidades em realidade.

Jason girou a bola de basquete.

— Não são boas notícias — ele avisou. — Minhas lembranças não são boas... para nenhum de nós.

Piper tinha certeza de que ele estivera a ponto de dizer “para nós”, e ficou pensando se Jason se lembrara de alguma menina do passado. Mas não se deixaria levar por essa preocupação. Não num dia de sol como aqueles, mesmo em pleno inverno, e tendo Jason a seu lado.

— Vamos resolver isso — ela prometeu.

Jason ficou olhando para ela, hesitante, como se quisesse muito acreditar no que ela dizia.

— Annabeth e Rachel virão hoje à noite. Eu deveria esperar a chegada delas para contar...

— Tudo bem — disse Piper, e arrancou uma grama com os pés. Ela sabia que havia coisas perigosas reservadas aos dois. Teria de competir com o passado de Jason, e talvez não sobrevivessem à guerra contra os gigantes. Estava determinada, porém, a aproveitar aquele momento, enquanto ambos estavam vivos.

Jason a observou com cuidado. A tatuagem no antebraço parecia de um azul desbotado à luz do sol.

— Você está de bom humor. Como pode ter tanta certeza de que tudo acabará bem?

— Porque você vai nos liderar — ela disse, simplesmente. — Eu o seguirei a qualquer lugar.

Jason piscou. Depois, lentamente, abriu um sorriso.

— Dizer isso é muito perigoso.

— Eu sou uma menina perigosa.

— Nisso eu acredito.

Ele se levantou e limpou o short, ajustando-se. Depois estendeu a mão para ela.

— Leo disse que quer nos mostrar algo no bosque. Você vem?

— Não perderia isso por nada — disse, aceitando sua mão e levantando-se do banco.

Por um momento, só continuaram de mãos dadas.

— Temos de ir. — Jason disse, balançando a cabeça.

— Eu sei — ela disse. — Só um minuto.

Ela soltou sua mão, depois pegou um cartão no bolso — era o cartão de visita prateado que Thalia lhe entregara, das Caçadoras de Ártemis. Atirou-o à fogueira e esperou que queimasse. De agora em diante, não haveria mais corações partidos no chalé de Afrodite. Aquele foi apenas um rito de passagem do qual eles não precisavam.

Do outro lado do gramado, seus colegas de chalé observavam desapontados, pois não viram nenhum beijo. E começaram a contar suas apostas.

Mas tudo bem. Piper era paciente, e podia enxergar várias boas possibilidades.
— Vamos — disse a Jason. — Precisamos planejar algumas aventuras.

LIII

LEO

LEO NÃO SE SENTIA TÃO animado desde quando oferecera hambúrgueres de tofu aos lobos. Quando chegou ao penhasco na floresta, virou-se para o grupo e sorriu, nervoso.

— Aqui vamos nós.

Evocou o fogo com uma das mãos e lançou-o contra a porta.

Seus colegas de chalé engoliram em seco.

— Leo! — gritou Nyssa. — Você é um manipulador do fogo!

— Sim, obrigado — ele disse. — Eu sei.

Jake Mason disse:

— Por Hefesto! Isso significa... isso é tão raro que...

A pesada porta de pedra se abriu e todos ficaram de queixo caído. A mão flamejante de Leo parecia algo insignificante diante de tudo aquilo. Mesmo Piper e Jason ficaram assombrados, e tinham visto muita coisa incrível ultimamente.

O único que não parecia surpreso era Quíron. O centauro franziu as sobrancelhas grossas e coçou a barba, como se estivessem prestes a caminhar por um campo minado.

Isso deixou Leo ainda mais nervoso, mas ele não podia mudar de ideia naquele momento. Seus instintos lhe diziam que deveria mostrar aquele lugar — pelo menos para o pessoal do chalé de Hefesto, e não poderia escondê-lo de Quíron e de seus dois melhores amigos.

— Bem-vindos ao bunker 9 — ele disse, do jeito mais confiante que pôde. — Entrem.

O grupo ficou em silêncio enquanto caminhava pelas instalações. Tudo estava exatamente como Leo deixara — máquinas gigantes, bancadas de trabalho, velhos mapas e esquemas. Só uma coisa havia mudado. A cabeça de Festus estava na mesa central, ainda com os arranhões e amassados de sua queda final em Omaha.

Leo se aproximou, com um gosto ruim na boca, e acariciou a testa do dragão.

— Sinto muito, Festus. Nunca o esquecerei.

Jason colocou uma das mãos no ombro de Leo.

— Hefesto trouxe-o para cá, para você?

Leo fez que sim.

— Mas você não pode consertá-lo, certo? — disse Jason.

— Não — respondeu Leo. — Mas a cabeça será reaproveitada. Festus virá conosco.

Piper aproximou-se e franziu a testa.

— O que você quer dizer?

Antes que Leo pudesse responder, Nyssa gritou:

— Gente, olhem isso!

Ela estava de pé ao lado de uma das mesas de trabalho, olhando alguns rascunhos. Diagramas de centenas de máquinas e armas diferentes.

— Nunca vi nada igual — disse Nyssa. — Há mais ideias incríveis aqui do que na oficina de Dédalo. Levaria um século apenas para fazer o protótipo de tudo isso.

— Quem construiu este lugar? — perguntou Jake Mason. — E por quê?

Quíron permaneceu em silêncio, mas Leo estava concentrado no mapa preso à parede que vira na primeira visita. Mostrava o Acampamento Meio-Sangue com vários galeões nas águas, catapultas montadas nas colinas ao redor do vale e pontos marcados indicando armadilhas, trincheiras e emboscadas.

— É um centro de comando para tempos de guerra — ele disse. — O acampamento foi atacado uma vez, certo?

— Na Guerra dos Titãs? — perguntou Piper.

— Não — disse Nyssa. — Além do mais, esse mapa parece *muito* velho. A data aqui é... 1864?

Todos se viraram para Quíron.

A cauda do centauro mexia, impaciente.

— O acampamento foi atacado muitas vezes — ele admitiu. — Este mapa é da última Guerra Civil.

Aparentemente, Leo não era o único confuso por ali. Os outros campistas do chalé de Hefesto se entreolhavam, franzindo a testa.

— Guerra Civil... — disse Piper — Você quer dizer a Guerra Civil americana,

cento e cinquenta anos atrás?

— Sim e não — respondeu Quíron. — Os dois conflitos... de mortais e de semideuses... espelharam-se um no outro, como costuma acontecer na história ocidental. Observem cada guerra civil ou revolução da queda do Império Romano em diante: ao mesmo tempo sempre houve algum conflito entre semideuses. Mas *essa* Guerra Civil foi especialmente horrível. Para os americanos mortais, foi o conflito mais sangrento de todos os tempos... pior que as perdas nas duas Guerras Mundiais. Para os semideuses, foi igualmente devastador. Naquele tempo, este vale já era o Acampamento Meio-Sangue. E aconteceu nestes bosques uma terrível batalha que durou dias, com perdas incontáveis para os dois lados.

— Os dois lados — disse Leo. — Você quer dizer que o acampamento se dividiu?

— Não — respondeu Jason. — Ele quer dizer que havia dois grupos diferentes. O Acampamento Meio-Sangue estava de um lado do conflito.

Leo não tinha certeza se realmente queria uma resposta, mas perguntou: — Quem estava do outro lado?

Quíron olhou para a bandeira do BUNKER 9, como se lembrasse o dia em que foi içada.

— A resposta é perigosa — ele avisou. — Algo que jurei às margens do rio Estige que nunca contaria a ninguém. Após a Guerra Civil americana, os deuses estavam tão horrorizados pelo preço pago por seus filhos que juraram: aquilo nunca mais se repetiria. Os dois grupos foram separados. Os deuses roubaram deles toda a vontade, e deixaram a Névoa o mais espessa possível, para certificar-se de que os inimigos jamais se lembrassem uns dos outros e jamais se encontrassem em qualquer missão. Assim os derramamentos de sangue seriam evitados. Este mapa é do período final dos dias negros de 1864, a última vez em que os dois grupos lutaram. Já estivemos muito perto de novos problemas outras vezes. A década de 1960 foi particularmente perigosa. Mas conseguimos evitar outra guerra civil... pelo menos até agora. Como Leo sugeriu, este bunker era um centro de comando do chalé de Hefesto. No último século foi reaberto algumas vezes, normalmente como esconderijo em tempos de muita agitação. Mas vir aqui é perigoso. Faz renascer velhas memórias, desperta antigos conflitos. Mesmo quando os titãs nos ameaçaram, ano passado, não achei que valeria a pena arriscar usar este local.

De repente, o sentimento de triunfo de Leo transformou-se em culpa.

— Mas, olhem, este lugar *me encontrou*. Isso tinha de acontecer. É uma coisa boa.

— Espero que tenha razão — disse Quíron.

— Eu tenho! — disse Leo, tirando o velho desenho do bolso e colocando-o sobre a mesa, para que todos pudessem ver.

— Aqui está — disse Leo. — Éolo me devolveu isso. Eu desenhei aos cinco anos. Esse era o meu destino.

Nyssa franziu a testa.

— Leo, é o desenho de um barco com giz de cera.

— Olhem — ele disse, apontando para o maior diagrama que havia na parede: a planta mostrava uma trirreme grega.

Lentamente, seus companheiros de chalé arregalaram os olhos ao compararem os dois desenhos. O número de mastros e remos, até mesmo as decorações nas velas e os escudos eram exatamente iguais aos feitos por Leo.

— Isso é impossível — disse Nyssa. — Esse desenho deve ter um século ou mais.

— *Profecia... Confusa... Luta* — leu Jack Mason nas anotações feitas no desenho. — É o diagrama de um barco voador. Olhem, esse é o motor principal. E o armamento... Por Hefesto! Balesta giratória, arcos de montaria, peças construídas com bronze Celestial. Isso seria uma incrível máquina de guerra. Chegou a ser construído?

— Ainda não — disse Leo. — Olhe para a figura de proa.

Não havia dúvida... a figura à frente do barco era a cabeça de um dragão. Um dragão bem especial.

— Festus — disse Piper.

Todos viraram o corpo e olharam para a cabeça em cima da mesa.

— Ele vai ser a nossa figura de proa — disse Leo. — Nosso protetor, nossos olhos no mar. Eu tenho que construir esse barco. Vou chamá-lo *Argo II*. E, pessoal, preciso de sua ajuda.

— *Argo II* — sorriu Piper. — Em homenagem ao barco de Jasão.

Jason parecia um pouco desconfortável, mas assentiu.

— Leo tem razão. Esse barco é exatamente o que precisamos para a nossa jornada.

— Que jornada? — perguntou Nyssa. — Vocês acabam de voltar!

Piper passou os dedos pelo velho desenho.

— Temos de confrontar Porfirión, o rei gigante. Ele disse que destruiria os deuses e suas raízes.

— Na verdade — disse Quíron —, grande parte da Grande Profecia de Rachel ainda é um mistério para mim, mas uma coisa está clara: vocês três... Jason, Piper e Leo... estão entre os sete semideuses que farão parte dessa missão. Terão de confrontar os gigantes em sua própria casa, onde eles são mais fortes. E detê-los antes que Gaia desperte completamente, antes que destruam o Olimpo.

— Mas... — disse Nyssa. — Você não quer dizer Manhattan, certo?

— Não — respondeu Leo. — O Monte Olimpo original. Temos que navegar até a Grécia.

LIV

LEO

FORAM PRECISO ALGUNS MINUTOS PARA explicarem tudo. E logo os demais campistas de Hefesto começaram a perguntar mil coisas de uma só vez. Onde estão os outros quatro semideuses? Quanto tempo demorariam para construir o barco? Por que nem todos podiam ir à Grécia?

— Heróis! — gritou Quíron, batendo um casco no chão. — Nem todos os detalhes estão claros por enquanto, mas Leo tem razão. Ele precisará de ajuda para construir o *Argo II*. Talvez seja o maior projeto do chalé 9, ainda maior que o dragão de bronze.

— Vai demorar pelo menos um ano — calculou Nyssa. — Temos tempo?

— Vocês têm seis meses, no máximo — disse Quíron. — Devem partir no solstício de verão, quando o poder dos deuses é maior. Além disso, não podemos confiar nos deuses do vento, e os ventos do verão são os menos poderosos, mais fáceis para navegar. Não ousem navegar depois, ou talvez não consigam deter os gigantes. Devem evitar viajar por terra, usando apenas o ar e o mar, e este é o veículo perfeito. Jason é o filho do deus dos céus...

A voz dele falhou, mas Leo entendeu que Quíron pensava no estudante desaparecido, Percy Jackson, filho de Poseidon. Que também seria ótimo para a viagem.

Jake Mason virou-se para Leo:

— Uma coisa é certa: agora você é o novo conselheiro-chefe. Essa é a maior honra que o chalé já teve. Alguém não está de acordo?

Ninguém disse nada. Todos os colegas de chalé sorriam para Leo, que quase notou a maldição que pairava sobre eles se quebrando, seu sentimento de desesperança desaparecendo.

— É oficial, então — disse Jake. — Você é o cara.

Pela primeira vez na vida, Leo ficou sem palavras. Desde que sua mãe morrera, vivera fugindo de um lado para o outro. Agora encontrara um lar e uma família. E também um trabalho a ser feito. E, por mais assustador que fosse, Leo não pensou em fugir, nem por um minuto.

— Bem — ele disse, finalmente —, se vocês me elegeram, devem ser mais loucos que eu. Então vamos construir essa supermáquina de guerra!

LV

JASON

JASON ESTAVA SOZINHO NO CHALÉ 1.

Annabeth e Rachel chegariam a qualquer momento para a reunião de conselheiros-chefe, e Jason precisava de um tempo para pensar.

Seus sonhos na noite anterior tinham sido piores do que ele gostaria de revelar... até mesmo para Piper. Sua memória ainda era enevoada, mas pequenas lembranças estavam voltando. A noite que Lupa o testara na Casa do Lobo, para decidir se seria o seu pupilo ou alimento para os demais. Depois, a longa viagem para o sul para... Ele não conseguia lembrar, mas tinha lampejos de sua antiga vida. O dia em que fizera a tatuagem. O dia em que fora erguido em um escudo e proclamado pretor. O rosto dos amigos: Dakota, Gwendolyn, Hazel, Bobby. E Reyna. Definitivamente, havia uma menina chamada Reyna. Ele não sabia exatamente o que ela significava em sua vida, mas a lembrança o fazia questionar o que sentia por Piper, e ele ficava imaginando se não estaria fazendo algo errado. O problema é que gostava muito de Piper.

Jason levou suas coisas para a alcova onde sua irmã dormia. Colocou a foto de Thalia de volta na parede e já não se sentia só. Olhou para a estátua carrancuda de Zeus, poderoso e altivo, que já não lhe parecia assustadora. Só o deixava triste.

— Sei que pode me ouvir — disse à estátua.

Mas ela não respondeu. Os olhos pintados pareciam observar Jason.

— Queria poder conversar pessoalmente com o senhor — disse Jason—, mas sei que isso não é possível. Os deuses romanos não gostam muito de interagir com os mortais, e... bem, o senhor é o rei. Deve dar o exemplo.

Mais silêncio. Jason esperava por algo... um trovão mais retumbante que o normal, um raio, um sorriso. Não, esqueça. Um sorriso seria algo muito

assustador.

— Eu me lembro de algumas coisas — ele disse. E quanto mais falava, menos constrangido ficava. — Eu lembro que é difícil ser filho de Júpiter. Todos me veem como um líder, mas eu sempre me sinto sozinho. Imagino que o senhor sinta o mesmo no Olimpo. Os outros deuses questionam suas decisões. Algumas vezes o senhor faz escolhas duras, e eles criticam. E o senhor não pode vir me ajudar como os demais deuses fazem. Tem de manter certa distância, para que não pareça que está favorecendo ninguém. Acho que o que eu queria dizer...

Jason respirou fundo.

— Eu entendo tudo isso. Tudo bem. Vou tentar fazer o melhor possível. Vou tentar deixá-lo orgulhoso. Mas um pouco de ajuda seria bom, pai, uma orientação. Se existe algo que posso fazer... ajude-me a ajudar meus amigos. Tenho medo de levá-los para a morte. Não sei como protegê-los.

A nuca de Jason ficou arrepiada. Ele notou que alguém estava de pé às suas costas. Virou-se e encontrou uma mulher vestindo túnica preta, com uma capa de pele de cabra sobre os ombros e uma espada romana — um gládio — na mão.

— Hera — ele disse.

Ela baixou o capuz e disse:

— Para você eu sempre fui Juno. E seu pai já lhe mandou ajuda, Jason. Ele enviou Piper e Leo. Não são apenas sua responsabilidade, são seus amigos. Ouça o que eles dizem, e se sairá bem.

— Júpiter a enviou aqui para me dizer isso?

— Ninguém me envia a lugar algum, herói — ela disse. — Não sou uma mensageira.

— Mas me colocou nessa missão. Por que me trouxe a este acampamento?

— Acho que você já sabe — disse Juno. — Foi uma troca de líderes necessária. A única maneira de construir uma ponte onde não havia nenhuma.

— Eu não concordei com isso.

— Sei que não. Mas Zeus entregou sua vida nas minhas mãos, e estou ajudando você a cumprir o seu destino.

Jason tentou controlar sua raiva. Olhou para a camiseta laranja do acampamento, para as tatuagens no seu braço, e sabia que aquelas coisas não combinavam. Ele se tornara uma contradição... uma mistura tão perigosa quanto qualquer poção de Medeia.

— A senhora não vai me devolver todas as lembranças — ele disse. — Mesmo tendo prometido.

— Vou devolver pouco a pouco — disse Hera. — Mas você mesmo terá de encontrar o seu caminho de volta. Precisarás dos próximos meses ao lado dos seus amigos, em sua nova casa. Ganhará a confiança deles. Quando eles

embarcarem, você será o líder deste acampamento. E estará pronto para ser o pacificador entre dois grandes poderes.

— E se a senhora não estiver dizendo a verdade? — ele perguntou. — E se estiver fazendo tudo isso para causar mais uma guerra civil?

Era impossível ler a expressão de Hera... Surpresa? Desdém? Afeto? Provavelmente as três coisas juntas. Por mais que parecesse humana, Jason sabia que ela não era. Ainda era capaz de ver aquela luz cegante... a sua forma real, que tanto estrago fez à sua mente. Era Juno e Hera. Existia em muitos lugares ao mesmo tempo. E suas razões para fazer o que fosse nunca eram simples.

— Eu sou a deusa da família — ela disse. — Minha família ficou dividida por muito tempo.

— Fizem isso para que não matássemos uns aos outros — disse Jason. — Parece uma razão bastante boa.

— A profecia diz que temos de mudar. Os gigantes se erguerão da terra. E só podem ser mortos com deuses e semideuses trabalhando juntos. E tais semideuses devem ser os sete mais destacados de sua época. E eles estão separados em dois lugares. Se continuarem distantes, não vamos ganhar a batalha. Gaia está contando com isso. Você deve unir os heróis do Olimpo, e deverão navegar juntos para encontrar os gigantes nos antigos campos de guerra da Grécia. Só então os deuses se convencerão a se juntar a vocês. Será a missão mais perigosa, a viagem mais importante de todos os tempos para os filhos dos deuses.

Jason olhou para cima novamente, para a estátua com o olhar fulminante do seu pai.

— Isso não é justo — disse Jason. — Eu poderia arruinar tudo.

— Poderia — concordou Hera. — Mas os deuses precisam de heróis. Sempre precisamos.

— Até mesmo a senhora? Pensei que odiasse os heróis.

A deusa abriu um sorriso seco.

— Eu tenho essa fama. Mas se quiser saber a verdade, Jason, sempre invejei os outros deuses por seus filhos mortais. Vocês, semideuses, podem caminhar pelos dois mundos. Acho que isso ajuda os seus pais deuses... mesmo o maldito Júpiter... a entender o mundo mortal melhor do que eu entendo.

Juno suspirou tão infeliz que, apesar da raiva, Jason quase sentiu pena dela.

— Eu sou a deusa do casamento — ela disse. — Não é da minha natureza ser desleal. Tenho apenas dois filhos, e eles são deuses: Ares e Hefesto... que são duas decepções. Não tenho mortais para me ajudar, por isso costumo ser tão dura com os semideuses... Hércules, Eneias, todos eles. Mas também por isso eu ajudei Jasão, um mortal puro, que não tinha qualquer pai deus para guiá-lo. E

por isso estou feliz que Zeus tenha entregue você a mim. Você será o meu campeão, Jason. Será o maior dos heróis e promoverá a união entre os semideuses, unindo o Olimpo.

As palavras de Hera o atingiram como sacos de areia. Dois dias antes, ele ficara aterrorizado com a ideia de liderar semideuses em uma Grande Profecia, partindo num barco para lutar contra gigantes e salvar o mundo.

Ainda estava aterrorizado, mas algo mudara. Ele já não se sentia sozinho. Tinha amigos e um lar para defender. Tinha até mesmo uma deusa que olhava por ele, e isso deveria contar para algo, mesmo que ela não parecesse muito confiável.

Jason precisava levantar e aceitar seu destino, como fizera frente a Porfirión, sem qualquer arma nas mãos. Claro que parecia impossível. Ele poderia morrer. Mas seus amigos contavam com ele.

— E se eu falhar? — ele perguntou.

— As grandes vitórias exigem grandes riscos — ela admitiu. — Falhe, e haverá grande derramamento de sangue, o maior de todos os tempos. Os semideuses se destruirão. Os gigantes tomarão o Olimpo. Gaia despertará, e tudo o que construímos sobre a terra ao longo de cinco milênios será destruído. Será o fim para todos nós.

— Ótimo, que bom.

Alguém bateu à porta do chalé.

Hera colocou o capuz de volta na cabeça. Depois ofereceu a Jason o *gládio* em sua bainha.

— Fique com esta no lugar da espada que você perdeu. Vamos nos falar novamente. Você gostando ou não, Jason, eu sou sua madrinha, sou sua ligação com o Olimpo. Precisamos um do outro.

A deusa desapareceu quando as portas se abriram e Piper entrou.

— Annabeth e Rachel estão aqui — ela disse. — Quíron quer reunir o conselho.

LVI

JASON

O CONSELHO NÃO ERA NADA do que Jason imaginara. Para começar, acontecia na sala de recreação da Casa Grande, em volta de uma mesa de pingue-pongue, com um dos sátiros servindo nachos e refrigerante. Alguém levou Seymour, o leopardo, até ali, pendurando-o na parede. De tempos em tempos, um conselheiro atirava um petisco para ele.

Jason deu uma olhada em volta e tentou lembrar o nome de todos. Felizmente, Leo e Piper estavam sentados ao seu lado... era a primeira reunião deles como conselheiros seniores. Clarisse, a líder do chalé de Ares, tinha as botas postas em cima da mesa, mas ninguém parecia se importar. Clovis, de Hipnos, roncava num canto, enquanto Butch, de Íris, via quantas canetas podia colocar nas narinas dele. Travis Stoll, de Hermes, segurava um isqueiro aceso sob uma bola de pingue-pongue para ver se ela queimaria, e Will Solace, de Apolo, estava com a cabeça em outro lugar, mexendo na atadura que tinha no pulso. O conselheiro do chalé de Hécate, Lou Ellen, ou algo parecido, estava brincando de “agarrei o seu nariz” com Miranda Gardiner, de Deméter, embora Lou Ellen tivesse realmente, de forma mágica, desconectado o nariz de Miranda, que tentava colocá-lo no lugar.

Jason esperava que Thalia aparecesse. Ela prometera, afinal. Mas não a via em lugar nenhum. Quíron lhe dissera que não se preocupasse. Thalia muitas vezes ficava fora, lutando contra monstros ou em missões para Ártemis, e provavelmente chegaria logo. Mas ainda assim Jason se preocupava.

Rachel Dare, o oráculo, sentou-se ao lado de Quíron na cabeceira da mesa. Ela usava o vestido que era o uniforme da Clarion Academy, e que ficava um pouco estranho, mas sorriu para Jason.

Annabeth não parecia tão tranquila. Vestia uma armadura sobre suas roupas do

acampamento, com sua faca ao lado e seus cabelos loiros presos num rabo de cavalo. Assim que Jason entrou, ela o encarou, parecendo esperar alguma coisa, como se tentasse extrair alguma informação com seu olhar.

— Vamos tomar posições — disse Quíron. — Lou Ellen, por favor devolva o nariz de Miranda. Travis, caso possa, por favor apague essa bola flamejante, e Butch, acho que vinte canetas são muitas para um nariz humano. Obrigado. Agora, como podem ver, Jason, Piper e Leo retornaram com êxito... mais ou menos. Alguns de vocês já ouviram parte da história, mas vou deixar que eles mesmos contem alguns detalhes.

Todos olharam para Jason. Ele limpou a garganta e começou a falar. Piper e Leo intervinham de tempos em tempos, com detalhes que ele esquecia.

Foram apenas alguns minutos, mas com todos olhando para ele parecera uma eternidade. O silêncio era pesado, e por conseguir fazer com que muitos semideuses hiperativos resistissem tanto tempo sentados, Jason viu que a história soara bem selvagem. Ele terminou com a visita de Hera, pouco antes daquele encontro.

— Então Hera esteve *aqui* — disse Annabeth. — Conversando com você.

Jason fez que sim.

— Vejam bem, eu não estou dizendo que confio nela...

— Isso é inteligente da sua parte — disse Annabeth.

— ...mas ela não está inventando essa história de outro grupo de semideuses. Eu vim de lá.

— Romanos — disse Clarisse, jogando um petisco para Seymour. — Você espera que a gente acredite na existência de outro acampamento de semideuses, fiéis às formas romanas dos deuses. E por que nunca ouvimos falar nada sobre isso?

Piper inclinou-se para a frente e disse:

— Os deuses mantiveram os dois grupos separados, pois sempre que eles se encontraram tentavam matar uns aos outros.

— Isso eu entendo — disse Clarisse. — Mas, ainda assim, será que nunca encontramos nenhum deles numa missão?

— Ah, sim — interveio Quíron, desanimado. — Vocês se encontraram, muitas vezes. E foi sempre uma tragédia. Os deuses têm feito o possível para apagar as memórias dos envolvidos. A rivalidade começou na Guerra de Troia, Clarisse. Os gregos invadiram Troia e queimaram tudo. O herói troiano Eneias escapou, e em algum momento conseguiu chegar à Itália, onde fundou o que depois se transformaria em Roma. Os romanos ficaram cada vez mais poderosos, rezando para os mesmos deuses, mas com nomes diferentes e personalidades um tanto distintas.

— Mais belicosos — disse Jason. — Mais unidos. Mais ligados à expansão, à conquista e à disciplina.

— Que horror — disse Travis.

Vários outros pareciam igualmente desconfortáveis com a descrição dos romanos, ainda que Clarisse tenha dado de ombros, como se para ela aquilo fosse algo normal.

Annabeth girava a faca na mesa.

— Os romanos odiavam os gregos. E se vingaram ao conquistar as ilhas gregas, que se tornaram parte do Império Romano.

— Eles não exatamente *odiavam* os gregos — disse Jason. — Os romanos admiravam a cultura grega e tinham um pouco de inveja. Por sua vez, os gregos imaginavam que os romanos fossem bárbaros, mas respeitavam seu poder militar. Então, durante os tempos romanos, os semideuses começaram a se dividir... em gregos ou romanos.

— E vem sendo assim desde então — supôs Annabeth. — Mas isso é uma loucura. Onde estavam os romanos durante a Guerra dos Titãs, Quíron? Por que eles não ajudaram?

Quíron coçou a cabeça.

— Eles ajudaram *sim*, Annabeth. Enquanto você e Percy lideravam a batalha para salvar Manhattan, quem você acha que conquistou o Monte Otris, base dos titãs na Califórnia?

— Espere — falou Travis. — Você disse que o Monte Otris ruiu quando vencemos Cronos.

— Não — disse Jason. Ele se lembrava de momentos da batalha. Um gigante vestindo armadura estranha e um capacete com chifre de carneiro. Lembrou-se de seu exército de semideuses escalando o Monte Tam, lutando em meio a hordas de monstros em forma de cobra. — Ele não ruiu simplesmente. Nós destruímos o palácio. E eu venci o titã Crios sozinho.

Os olhos de Annabeth pareciam carregados como os de um *ventus*. Jason quase podia ver seus pensamentos se moverem, tentando juntar as peças.

— Bay Area. Sempre nos avisaram que nós, semideuses, deveríamos nos manter longe porque o Monte Otris ficava por lá. Mas essa não era a única razão, certo? O acampamento romano... tem que estar em algum lugar próximo a São Francisco. Eu posso apostar que foi posto lá para que eles fiquem de olho no território dos titãs. Onde ele fica?

Quíron moveu-se em sua cadeira de rodas.

— Não poderia dizer. Honestamente, nunca tive essa informação. Lupa, que é quem faz o meu papel por lá, não é exatamente o tipo de criatura que passa informações com facilidade. E a memória de Jason também foi apagada.

— O acampamento fica sob um grande véu de magia — disse Jason. — E é fortemente vigiado. Poderíamos buscar por anos e nunca encontrá-lo.

Rachel Dare juntou as mãos e entrelaçou os dedos. De todas as pessoas naquela sala, era a única que não parecia nervosa com a conversa.

— Mas vocês vão tentar, certo? Vão construir o barco de Leo, o *Argo II*. E, antes de partir para a Grécia, viajarão ao acampamento romano. Pois precisarão da ajuda deles para confrontar os gigantes.

— Não me parece um plano muito bom — avisou Clarisse. — Se esses romanos virem uma embarcação de guerra se aproximando vão imaginar que se trata de um ataque.

— Você provavelmente tem razão — disse Jason. — Mas precisamos tentar. Eu fui enviado aqui para aprender sobre o Acampamento Meio-Sangue, para tentar convencê-los de que os dois acampamentos não precisam ser inimigos. Sou uma oferenda de paz.

— Entendo — disse Rachel. — Hera está convencida de que os dois acampamentos devem estar unidos para vencer a guerra contra os gigantes. Sete heróis do Olimpo... alguns gregos, outros romanos.

Annabeth fez que sim.

— Sua Grande Profecia... como é mesmo o último verso?

— E inimigos com armas às Portas da Morte afinal.

— Gaia abriu as Portas da Morte — disse Annabeth. — Ela deixará escapar os piores vilões do Mundo Inferior para lutar contra nós. Medeia, Midas... e vão surgir outros, tenho certeza. Talvez esse verso signifique que os semideuses romanos e gregos devam se unir, encontrar as portas e fechá-las.

— Ou talvez que lutarão uns contra os outros às Portas da Morte — disse Clarisse. — Não fala nada sobre cooperação.

Seguiu-se um silêncio enquanto os campistas pensavam no tema, preferindo a versão positiva.

— Eu vou — disse Annabeth. — Jason, quando construir esse navio, eu vou com você.

— Eu esperava isso — disse Jason. — De todo mundo, é de você que vamos precisar mais.

— Espere — disse Leo, franzindo a testa. — Por mim tudo bem, claro. Mas por que Annabeth?

Annabeth e Jason olharam um para o outro, e Jason viu que ela havia entendido, que enxergara a verdade perigosa.

— Hera disse que eu vim aqui por conta de uma troca de líderes — disse Jason. — Dessa forma, os dois acampamentos saberiam da existência um do outro.

— Sei... — disse Leo. — Mas e daí?

— Uma troca é uma via de mão dupla — disse Jason. — Quando eu vim para cá, minha memória foi roubada. Não sei quem eu era ou a que lugar pertencia. Felizmente, vocês me trouxeram aqui e eu encontrei um novo lar. Sei que não são meus inimigos. Mas, o acampamento romano... Eles não são tão amigáveis. Lá, quem não prova o seu valor... não sobrevive. Talvez não sejam tão legais com ele, e se souberem de onde ele vem, poderá correr sério perigo.

— Ele? — perguntou Leo. — De quem você está falando?

— Do meu namorado — respondeu Annabeth, com uma cara triste. — Ele desapareceu mais ou menos na mesma época que Jason apareceu. Se Jason veio para o Acampamento Meio-Sangue...

— Exatamente — disse Jason, concordando com ela. — Percy Jackson está no outro acampamento e, assim como eu, provavelmente não se lembra nem da própria identidade.

OS HERÓIS



DO OLIMPO

O FILHO DE NETUNO



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*



RICK RIORDAN

O FILHO DE NETUNO

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO DOIS

Tradução de Raquel Zampil



Copyright © 2011 Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Son of Neptune PREPARAÇÃO

Leonardo Alves REVISÃO

Carolina Rodrigues

Umberto Figueiredo Pinto ARTE DE CAPA

Joann Hill

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© 2011 John Rocco ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira REVISÃO DE E-BOOK

Rodrigo Rosa GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca *Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

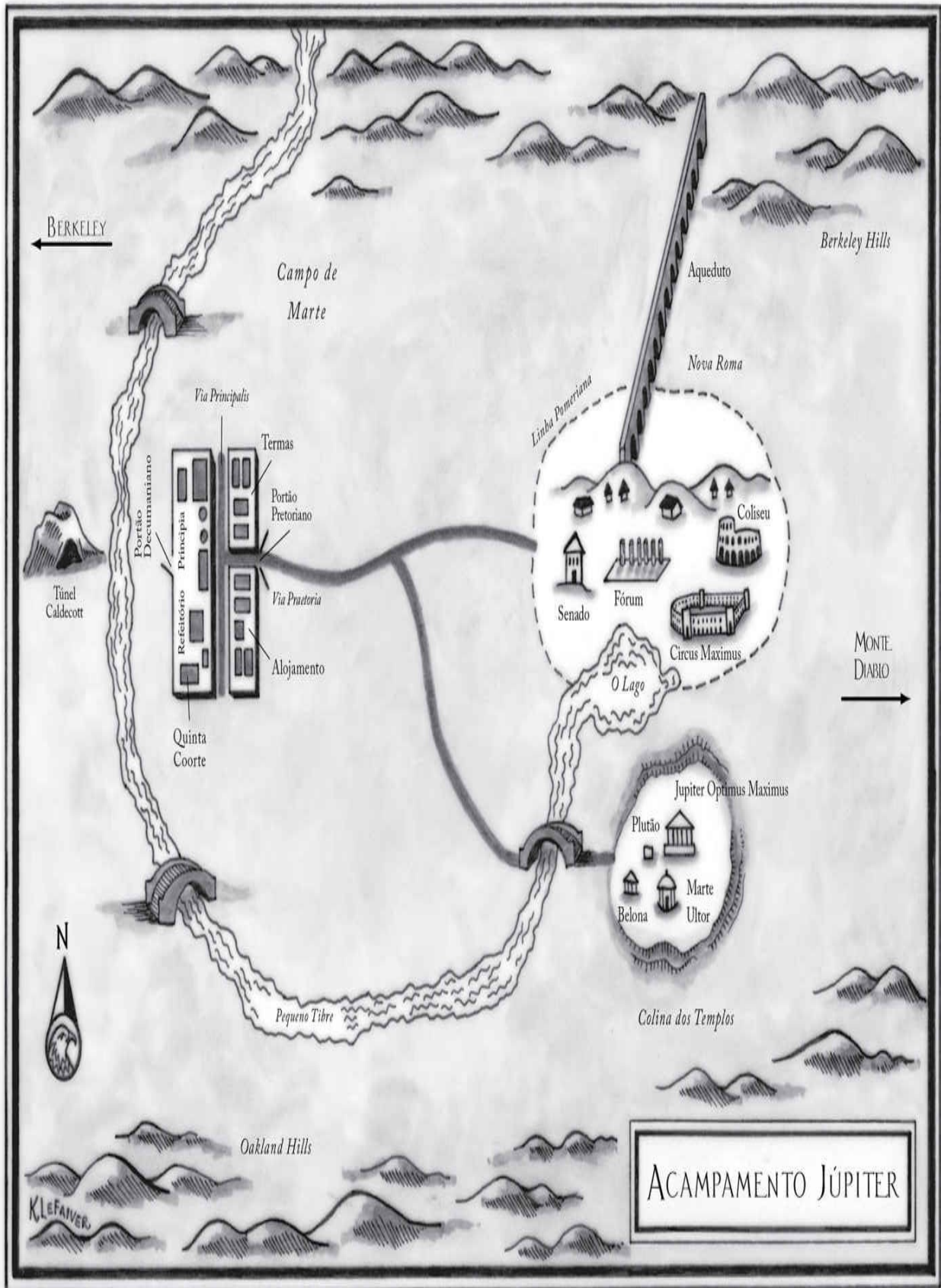
22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Becky, com quem partilho meu santuário em Nova Roma.
Nem mesmo Hera poderia me fazer esquecer você.*



I

PERCY

AS MULHERES COM CABELOS DE cobra estavam começando a irritar Percy.

Deviam ter morrido três dias antes, quando ele derrubou uma caixa de bolas de boliche em cima delas no Napa Bargain Mart. Deviam ter morrido dois dias antes, quando ele as atropelou com um carro da polícia em Martinez. E, *definitivamente*, deviam ter morrido naquela manhã, quando ele lhes cortou a cabeça no Tilden Park.

Não importava quantas vezes Percy as matasse e as visse se transformar em pó: elas continuavam a se reconstituir, como grandes cotões do mal. Aparentemente ele não conseguia nem ser rápido o bastante para escapar delas.

Percy alcançou o topo da colina e parou para recuperar o fôlego. Quanto tempo se passara desde que as matara pela última vez? Talvez duas horas. Parecia que a morte delas nunca durava mais que isso.

Nos últimos dias ele mal dormira. Comera o que conseguia surrupiar — saquinhos de jujuba, pão dormido, até um *burrito* para viagem, atingindo um novo nível de “fundo do poço”. Suas roupas estavam rasgadas, queimadas e sujas de gosma de monstro.

Ele só sobrevivera até agora porque as duas mulheres com cabelos de cobra — *górgonas*, como chamavam a si mesmas — também pareciam não conseguir matá-lo. As garras não cortavam sua pele. Os dentes se quebravam sempre que tentavam mordê-lo. Mas Percy não podia continuar por muito mais tempo. Logo ele desabaria de exaustão, e então, por mais difícil que fosse matá-lo, ele tinha certeza de que as górgonas encontrariam uma forma.

Para onde correr?

Ele olhou à sua volta. Em outras circunstâncias, talvez tivesse apreciado a vista. À esquerda, colinas douradas ondulavam continente adentro, marcadas por

lagos, bosques e alguns rebanhos de gado. À direita, as planícies de Berkeley e Oakland se estendiam para oeste — um vasto tabuleiro de bairros, com milhões de pessoas que provavelmente não iriam querer que sua manhã fosse interrompida por dois monstros e um semideus imundo.

Mais para oeste, a Baía de São Francisco cintilava sob uma bruma prateada. Para além dela, um muro de neblina havia engolido a maior parte de São Francisco, deixando à vista apenas o topo dos arranha-céus e as torres da ponte Golden Gate.

Uma vaga melancolia comprimia o peito de Percy. Algo lhe dizia que ele já estivera em São Francisco. A cidade tinha alguma conexão com Annabeth — a única pessoa de seu passado de quem ele se recordava. Para sua frustração, a lembrança era obscura. A loba lhe havia prometido que ele voltaria a vê-la e que recuperaria a memória — se ele tivesse êxito em sua jornada.

Deveria tentar cruzar a baía?

Era tentador. Ele podia sentir o poder do oceano logo além do horizonte. A água sempre o revigorava. Sobretudo a salgada. Ele havia descoberto isso dois dias antes, ao estrangular um monstro marinho no Estreito de Carquinez. Se conseguisse alcançar a baía, talvez fosse capaz de resistir uma última vez. Talvez até pudesse afogar as górgonas. Mas a praia ficava a pelo menos três quilômetros dali. Ele teria de atravessar uma cidade inteira.

Ainda assim, hesitava por outra razão. A loba Lupa o ensinara a aguçar os sentidos, a confiar nos instintos que o vinham guiando para o sul. Seu radar interno agora zumbia loucamente. O fim de sua jornada estava próximo — quase debaixo de seus pés. Mas como isso seria possível? Não havia nada no topo da colina.

O vento mudou. Percy percebeu o cheiro acre de réptil. Cem metros encosta abaixo, alguma coisa farfalhou no meio do bosque: galhos se quebrando, folhas sendo esmagadas, sibilos.

Górgonas.

Pela milionésima vez Percy desejou que o nariz delas não fosse tão bom. Elas sempre disseram que podiam *farejá-lo* porque ele era um semideus — o filho meio-sangue de algum antigo deus romano. Percy tentara rolar na lama, atravessar riachos e até levar aromatizantes nos bolsos para ficar com cheiro de carro novo; mas, aparentemente, o fedor de um semideus era difícil de disfarçar.

Ele correu para o lado oeste do cume. Era íngreme demais para descer. A encosta despencava uns vinte e cinco metros, direto para cima do telhado de um complexo de apartamentos construído junto à colina. Quinze metros abaixo disso uma estrada emergia do pé da colina e serpenteava na direção de Berkeley.

Ótimo. Não havia outra forma de sair dali. Ele havia se deixado encurralar.

Olhou para o fluxo de carros seguindo para oeste, na direção de São Francisco, e desejou estar em um deles. Então percebeu que a estrada atravessava a colina. Devia haver um túnel... bem debaixo de seus pés.

Seu radar interno enlouqueceu. Ele *estava* no lugar certo, só que alto demais. Tinha que dar uma olhada naquele túnel. Precisava arranjar um jeito de descer até a estrada — e rápido.

Tirou a mochila dos ombros. Conseguira pegar muitos suprimentos no Napa Bargain Mart: um ^{GPS} portátil, fita adesiva, isqueiro, supercola, garrafa d'água, isolante térmico para acampamento, um travesseirinho em formato de panda e um canivete suíço — praticamente todas as ferramentas que um semideus moderno poderia querer. Mas não havia nada que pudesse servir como paraquedas ou trenó.

Isso o deixava com duas opções: saltar mais de vinte metros para a morte ou ficar e lutar. Ambas pareciam péssimas.

Ele praguejou e sacou sua caneta do bolso.

Ela não parecia grande coisa, era apenas uma esferográfica barata comum, mas quando Percy tirou a tampa a caneta cresceu até se tornar uma reluzente espada de bronze. A lâmina era perfeitamente balanceada. O punho de couro ajustava-se à mão de Percy como se tivesse sido feito sob medida. Ao longo da guarda havia uma palavra em grego antigo que, por algum motivo, Percy compreendia: *Anaklusmos* — Contracorrente.

Ele havia acordado com essa espada em sua primeira noite na Casa do Lobo... dois meses antes? Mais? Perdera a noção do tempo. Estava no pátio de uma mansão incendiada no meio da floresta, vestindo short, camiseta laranja e um cordão de couro com um punhado de contas estranhas de argila. Contracorrente estava em sua mão, mas Percy não fazia ideia de como ele chegara lá, e tinha apenas uma vaga noção de quem era. Estava descalço, confuso e sentia muito frio. E então os lobos vieram...

Bem perto dele uma voz familiar o jogou de volta ao presente.

— Aí está você!

Percy se afastou cambaleante da górgona, quase despencando da colina.

Era a sorridente — Beano.

O.k., o nome dela, na verdade, não era Beano. Pelo que Percy podia supor, ele era disléxico, pois as palavras se misturavam quando ele tentava ler. A primeira vez em que vira a górgona, bancando uma recepcionista do Bargain Mart com um grande bóton verde no qual se lia: *Bem-vindo! Meu nome é* ^{ESTENO}, ele lera ^{BEANO}.

Ela ainda usava o grande colete verde dos empregados do Bargain Mart por cima de um vestido de estampa floral. Ao observar apenas o corpo dela, era possível tomá-la por uma avó velha e atarracada — até que, ao baixar a vista,

percebia-se que ela possuía pés de galo. Ou, ao olhar para cima, viam-se presas bronze de javali projetando-se dos cantos de sua boca. Os olhos tinham um brilho vermelho, e os cabelos eram um ninho de inquietas cobras de um tom verde vivo.

O que havia de mais horrível nela? Suas mãos ainda seguravam a grande bandeja de prata de amostras grátis: Enroladinhos Crocantes de Queijo e Salsicha. A bandeja estava amassada por conta das tentativas de Percy de matar a górgona, mas as pequenas amostras pareciam em perfeito estado. Esteno continuava carregando-as por toda a Califórnia para que pudesse oferecer um lanchinho a Percy antes de matá-lo. Ele não sabia por que ela continuava fazendo aquilo, mas, se um dia precisasse de uma armadura, ele a faria com Enroladinhos Crocantes de Queijo e Salsicha. Eram indestrutíveis.

— Quer experimentar? — ofereceu Esteno.

Percy ameaçou-a com a espada.

— Cadê sua irmã?

— Ah, guarde essa espada — repreendeu-o Esteno. — A essa altura você já deve saber que nem o bronze celestial pode nos matar por muito tempo. Coma um Enroladinho de Queijo e Salsicha! Estão em promoção esta semana, e eu detestaria matar você de estômago vazio.

— Esteno! — A segunda górgona surgiu tão depressa à direita de Percy que ele não teve tempo de reagir. Felizmente, ela estava muito ocupada fuzilando a irmã com o olhar para prestar atenção no rapaz. — Eu disse para você se aproximar dele furtivamente e matá-lo!

O sorriso de Esteno vacilou.

— Mas, Euríale... Não posso dar a ele uma provinha primeiro?

— Não, sua imbecil!

Euríale voltou-se para Percy e mostrou-lhe as presas.

Exceto pelos cabelos — um ninho de cobras-corais em vez de víboras verdes —, ela era idêntica à irmã. Seu colete do Bargain Mart, o vestido florido e até mesmo as presas estavam enfeitadas com adesivos de 50% DE DESCONTO. Em seu crachá lia-se: *Olá! Meu nome é morra*, SEMIDEUS MALDITO!

— Você nos rendeu uma perseguição e tanto, Percy Jackson — disse Euríale. — Mas agora está encurralado, e teremos nossa vingança!

— Os Enroladinhos custam apenas 2,99 — acrescentou Esteno, prestativa. — Seção de mercearia, corredor três.

Euríale rosnou.

— Esteno, o Bargain Mart era uma *fachada*! Você está se perdendo no personagem! Agora largue essa bandeja ridícula e me ajude a matar esse semideus. Ou já esqueceu que foi ele quem pulverizou a Medusa?

Percy deu um passo para trás. Mais quinze centímetros e ele despencaria.

— Olhem, senhoras, já conversamos sobre isso. Eu nem me *lembro* de ter matado a Medusa. Não me lembro de nada! Não podemos fazer uma trégua e falar sobre as promoções da semana?

Esteno lançou um olhar pidão para a irmã e fez beicinho, o que era bem difícil com presas gigantes de bronze.

— Podemos?

— Não! — Os olhos vermelhos de Euríale cravaram-se em Percy. — Não estou nem aí para o que você lembra ou não, filho do deus dos mares. Posso sentir o cheiro do sangue da Medusa em você. Está fraco, sim, depois de vários anos, mas *você* foi o último a derrotá-la. E ela *ainda* não retornou do Tártaro! A culpa é sua!

Percy não conseguiu mesmo entender aquilo. O conceito de “morrer e então retornar do Tártaro” lhe dava dor de cabeça. Naturalmente, isso também acontecia diante da ideia de que uma caneta esferográfica pudesse se transformar em espada ou que monstros pudessem se disfarçar por causa de uma tal Névoa, ou que Percy era filho de um deus de cinco mil anos incrustado de cracas. Mas ele acreditou, *sim*. Embora sua memória tivesse sido apagada, ele sabia que era um semideus da mesma forma que sabia que seu nome era Percy Jackson. Desde sua primeira conversa com Lupa, a loba, ele havia aceitado que esse mundo louco e confuso de deuses e monstros era sua realidade. O que era bem chato.

— Que tal declararmos um empate? — ele sugeriu. — Eu não posso matar vocês. Vocês não podem me matar. Se são irmãs da Medusa... tipo *a* Medusa, que transformava as pessoas em pedra... eu já não deveria estar petrificado?

— Heróis! — exclamou Euríale com asco. — Eles sempre mencionam isso, exatamente como nossa mãe! “Por que vocês não conseguem transformar as pessoas em pedra? Sua *irmã* consegue.” Bem, lamento desapontá-lo, garoto! Essa maldição era apenas da Medusa. *Ela* era a mais hedionda na família. A sorte foi toda para ela!

Esteno parecia magoada.

— Mamãe dizia que *eu* era a mais hedionda.

— Calada! — repreendeu-a Euríale. — Quanto a você, Percy Jackson, é verdade que você possui a marca de Aquiles. Isso faz com que seja um pouco mais difícil matá-lo. Mas não se preocupe. Vamos dar um jeito.

— A marca do quê?

— Aquiles — disse Esteno, alegremente. — Ah, ele era *lindo*! Foi banhado no Rio Estige quando criança, sabe, então tornou-se invulnerável, exceto por um minúsculo ponto no tornozelo. Isso também aconteceu com você, querido. Alguém deve tê-lo jogado no Estige, o que deixou sua pele dura como ferro. Mas

não precisa se preocupar. Heróis como você sempre têm um ponto fraco. Só precisamos descobrir qual é, e então poderemos matá-lo. Isso não vai ser ótimo? Pegue um Enroladinho!

Percy tentou pensar. Ele não se lembrava de nenhum mergulho no Estige. Por outro lado, não se lembrava de muita coisa. Sua pele não parecia ser de ferro, mas isso explicaria como ele resistira tanto tempo às górgonas.

Talvez, se ele simplesmente caísse da montanha... Será que sobreviveria? Não queria arriscar — não sem algo para desacelerar a queda, ou um trenó, ou...

Ele olhou para a grande bandeja de prata de Esteno.

Hum...

— Reconsiderando? — perguntou Esteno. — Muito sábio, querido. Acrescentei um pouco de sangue de górgona a estes, portanto, sua morte será rápida e indolor.

A garganta de Percy se fechou.

— Você adicionou seu sangue aos Enroladinhos?

— Só um pouquinho. — Esteno sorriu. — Um corte minúsculo em meu braço, mas é gentileza sua se preocupar. O sangue de nosso lado direito pode curar qualquer coisa, sabe, mas o sangue de nosso lado esquerdo é letal...

— Sua estúpida! — berrou Euríale. — Não é para você contar isso! Ele não vai comer as salsichas se você avisar que estão envenenadas!

Esteno pareceu confusa.

— Não? Mas eu disse que seria rápido e indolor.

— Deixe para lá! — As unhas de Euríale cresceram, transformando-se em garras. — Vamos ter que matá-lo da forma mais difícil... Continue a golpeá-lo até encontrarmos o ponto fraco. Quando derrotarmos Percy Jackson, vamos ser mais famosas que a Medusa! Nossa patrona vai nos recompensar imensamente!

Percy empunhou sua espada. Ele precisaria agir no momento certo — alguns segundos de distração, pegar a bandeja com a mão esquerda...

Faça com que elas continuem falando, ele pensou.

— Antes de fazerem picadinho de mim — disse ele —, quem é essa patrona de quem vocês falaram?

Euríale riu com desdém.

— A deusa Gaia, é claro! Aquela que nos trouxe de volta do esquecimento! Você não viverá o suficiente para conhecê-la, mas seus amigos lá embaixo logo enfrentarão a ira dela. Neste exato momento os exércitos da deusa estão marchando para o sul. No Festival de Fortuna, ela irá acordar e os semideuses serão abatidos como... como...

— Como nossos preços no Bargain Mart! — sugeriu Esteno.

— Ah!

Euríale avançou na direção da irmã. Percy aproveitou a oportunidade. Ele agarrou a bandeja de Esteno, espalhando os Enroladinhos envenenados, e com Contracorrente rasgou a cintura de Euríale, cortando-a ao meio.

Ele ergueu a bandeja, e Esteno se viu encarando o próprio reflexo engordurado.

— Medusa! — gritou ela.

Sua irmã Euríale havia se transformado em pó, mas já estava começando a se refazer, como um boneco de neve que “desderretesse”.

— Esteno, sua idiota! — gorgolejou ela enquanto seu rosto semicomposto erguia-se do monte de pó. — Isso é só seu próprio reflexo! Pegue-o!

Percy bateu a bandeja de metal com toda força no alto da cabeça de Esteno, e ela caiu desmaiada.

Então ele pôs a bandeja atrás do traseiro, fez uma prece silenciosa a quem quer que fosse o deus romano que regesse truques estúpidos de trenó e saltou da colina.

II

PERCY

O PROBLEMA DE SE MERGULHAR de uma colina a oitenta quilômetros por hora em cima de uma bandeja de petiscos é que, se na metade da descida você perceber que essa foi uma péssima ideia, já é tarde demais.

Percy escapou por pouco de bater em uma árvore, ricocheteou em uma grande pedra e girou trezentos e sessenta graus enquanto voava rumo à autoestrada. A bandeja idiota não tinha direção hidráulica.

Ele ouviu as irmãs górgonas gritando e viu de relance as cobras-corais dos cabelos de Euríale no alto da colina, mas não teve tempo de se preocupar com isso. O telhado do prédio de apartamentos assomava abaixo dele como a proa de um encouraçado. Colisão frontal em dez, nove, oito...

Ele conseguiu se virar de lado para evitar quebrar as pernas com o impacto. A bandeja deslizou pelo telhado e disparou pelo ar. Ela voou para um lado. Percy foi para o outro.

Enquanto caía na direção da autoestrada, uma imagem horrível cruzou sua mente como um raio: seu corpo se arrebatando contra o para-brisa de um SUV, e o motorista, irritado, tentando livrar-se dele com o limpador de para-brisa. Adolescente idiota caindo do céu! Eu estou atrasado!

Por um milagre, uma rajada de vento lançou-o para um lado — o suficiente para desviá-lo da estrada e fazê-lo cair em cima de uns arbustos. Não foi uma aterrissagem suave, mas era melhor que asfalto.

Percy gemeu. Queria ficar ali caído e desmaiar, mas precisava seguir em frente.

Ele se levantou com esforço. Suas mãos estavam arranhadas, mas aparentemente não havia nenhum osso quebrado. Ainda tinha sua mochila. Em algum ponto da descida de trenó Percy havia perdido a espada, mas sabia que ela

acabaria reaparecendo em seu bolso, em forma de caneta. Isso era parte da magia.

Ele olhou para a colina. Era difícil não ver as górgonas, com seus cabelos coloridos de cobras e os coletes verdes do Bargain Mart. Elas vinham descendo com cuidado a encosta, mais devagar que Percy, mas com um controle muito maior. Aqueles pés de galinha deviam ser bons para escalar. Percy calculou ter mais ou menos uns cinco minutos antes que elas o alcançassem.

Perto dele, uma grade alta de arame separava a estrada de um bairro de ruas sinuosas, casas aconchegantes e eucaliptos altos. A grade provavelmente estava ali para impedir que as pessoas fossem para a autoestrada e fizessem coisas idiotas — como deslizar para a pista de velocidade sentado em uma bandeja de petiscos —, mas a grade possuía vários buracos grandes. Percy podia entrar facilmente no bairro. Talvez conseguisse encontrar um carro e dirigir para oeste rumo ao oceano. Ele não gostava de roubar carros, mas nas últimas semanas, em situações de vida ou morte, pegara vários “emprestados”, inclusive uma viatura policial. Ele tivera a intenção de devolvê-los, mas eles nunca duravam muito.

Percy olhou para leste. Tal como imaginara, a uns cem metros acima, a autoestrada atravessava o pé da colina. As entradas de dois túneis, uma para cada mão do trânsito, fitavam-no como órbitas oculares em um crânio gigante. No meio, onde estaria o nariz, uma parede de cimento se projetava da encosta da colina, com uma porta de metal que parecia a entrada de um *bunker*.

Poderia ter sido um túnel de manutenção. Provavelmente era o que os mortais achavam, se é que percebiam a porta. Mas eles não podiam ver através da Névoa. Percy sabia que a porta era mais do que isso.

Dois garotos de armadura ladeavam a entrada. Usavam uma mistura bizarra de elmo romano emplumado, peitoral, bainha de espada, calça jeans, camiseta roxa e tênis brancos. O guarda da direita parecia uma garota, embora fosse difícil ter certeza por causa da armadura. O da esquerda era um cara robusto com um arco e uma aljava nas costas. Os dois empunhavam longos bastões de madeira com pontas de ferro, como arpões antiquados.

O radar interno de Percy zumbia feito louco. Depois de tantos dias horríveis, ele finalmente havia alcançado sua meta. Seus instintos lhe diziam que, se conseguisse entrar por aquela porta, ele poderia encontrar segurança pela primeira vez desde que os lobos o mandaram para o sul.

Então por que sentia tanto pavor?

Mais acima na colina, as górgonas atravessavam o telhado do complexo de apartamentos. A três minutos de distância, talvez menos.

Uma parte dele queria correr para a porta na encosta. Ele precisaria ir para o meio das duas pistas da autoestrada, mas seria uma corrida rápida. Ele poderia

chegar lá antes que as górgonas o alcançassem.

Outra parte dele queria seguir para o oceano a oeste. Era onde ele estaria mais seguro. Onde seu poder seria maior. Aqueles guardas romanos à porta o inquietavam. Alguma coisa lhe dizia: *Aqui não é meu território. Aqui é perigoso.*

— Você tem razão, é claro — disse uma voz a seu lado.

Percy levou um susto. A princípio, pensou que Beano havia conseguido aproximar-se dele sorrateiramente de novo, mas a velha sentada nos arbustos era ainda mais repulsiva que uma górgona. Parecia uma hippie que tinha sido jogada para a beira da estrada uns quarenta anos antes, e desde então vinha reunindo lixo e trapos. Usava um vestido feito de tecido tingido, colchas rasgadas e sacolas plásticas de mercado. Seu chumaço de cabelos crespos era castanho-acinzentado, como espuma de cerveja escura, preso por um elástico com o símbolo da paz. Verrugas e pintas cobriam-lhe o rosto. Quando ela sorria, mostrava exatamente três dentes.

— Não é um túnel de manutenção — confidenciou ela. — É a entrada do acampamento.

Um calafrio percorreu a espinha de Percy. *Acampamento*. Sim, era de um lugar assim que ele vinha. Um acampamento. Talvez aquele fosse seu lar. Talvez Annabeth estivesse perto.

Mas algo parecia errado.

As górgonas ainda estavam no telhado do complexo. Então Esteno deu um grito de prazer e apontou na direção de Percy.

A velha hippie ergueu as sobrancelhas.

— Não há muito tempo, criança. Você precisa decidir.

— Quem é você? — perguntou Percy, embora não tivesse certeza de que queria saber.

A última coisa de que precisava era outra mortal inofensiva que na verdade fosse um monstro.

— Ah, pode me chamar de Juno. — Os olhos da velha cintilaram, como se ela tivesse acabado de fazer uma ótima piada. — *Estamos* em junho, não é? Deram o nome a esse mês em minha homenagem!

— Certo... Olhe, preciso ir. Duas górgonas estão vindo para cá. Não quero que elas a machuquem.

Juno juntou as mãos sobre o coração.

— Que gentil! Mas isso faz parte de sua escolha!

— Minha escolha... — Percy olhou, nervoso, na direção da colina. As górgonas haviam tirado os coletes verdes. Asas brotavam de suas costas, pequenas asas de morcego, que brilhavam como latão.

Desde quando elas tinham *asas*? Talvez fossem só enfeite. Talvez fossem

pequenas demais para erguer uma górgona no ar. E, então, as duas irmãs saltaram do edifício e planaram em sua direção.

Ótimo. Simplesmente perfeito.

— Sim, uma escolha — disse Juno, como se não tivesse a menor pressa. — Você pode me deixar aqui, à mercê das górgonas, e ir para o oceano. Chegaria lá em segurança, eu garanto. As górgonas adorarão me atacar e deixá-lo partir. No mar, nenhum monstro vai importuná-lo. Você poderia começar uma vida nova, viver até uma idade avançada e evitar grande parte da dor e do sofrimento que o esperam no futuro.

— Ou? — Percy tinha certeza de que não ia gostar da segunda opção.

— Ou pode fazer uma boa ação para uma velha senhora — disse Juno — e me levar até o acampamento.

— Carregar a senhora? — Percy tinha esperança de que ela estivesse brincando. Então Juno subiu a saia e mostrou-lhe os pés inchados e roxos.

— Não consigo chegar lá sozinha — disse ela. — Carregue-me até o acampamento, do outro lado da estrada, do túnel, do rio.

Percy não sabia a que rio ela se referia, mas parecia que não seria fácil. Juno dava a impressão de ser bem pesada.

As górgonas estavam a apenas cinquenta metros, planando preguiçosamente na direção dele como se soubessem que a caçada chegava ao fim.

Percy olhou para a velha.

— E eu faria isso porque...?

— Porque é uma gentileza! — replicou ela. — E porque, se não fizer, os deuses morrerão, o mundo que conhecemos desaparecerá e todas as pessoas de sua antiga vida serão destruídas. Claro, você não se lembraria delas, então suponho que isso não tenha importância. Você estaria a salvo no fundo do mar...

Percy engoliu em seco. As górgonas gritavam e gargalhavam enquanto se preparavam para a matança.

— Se eu for para o acampamento — disse ele —, vou conseguir recuperar minha memória?

— Com o tempo — respondeu Juno. — Mas saiba que vai sacrificar muita coisa! Você perderá a marca de Aquiles. Sentirá dor, aflição e privação com mais intensidade do que jamais sentira. Mas talvez tenha a chance de salvar seus antigos amigos e sua família, e de reconquistar sua antiga vida.

As górgonas voavam em círculos acima de sua cabeça. Provavelmente estudavam a velha, tentando entender quem era a nova figura antes de atacarem.

— E quanto àqueles guardas na porta? — perguntou Percy.

Juno sorriu.

— Ah, eles vão deixá-lo entrar, querido. Pode confiar naqueles dois. Então, o

que me diz? Vai ajudar uma velha indefesa?

Percy duvidava que Juno fosse indefesa. Na pior das hipóteses, aquilo era uma armadilha. Na melhor, era algum tipo de teste.

Percy detestava testes. Desde que perdera a memória, sua vida toda era um grande “preencha as lacunas”. Ele era _____, de _____. Sentia-se _____, e se algum monstro o pegasse, ele estaria _____.

Então pensou em Annabeth, a única parte de sua antiga vida da qual ele tinha certeza. *Precisava* encontrá-la.

— Vou carregá-la.

E pegou a mulher no colo.

Ela era mais leve do que ele esperava. Percy tentou ignorar seu hálito azedo e as mãos calosas agarrando-se a seu pescoço. Atravessou a primeira pista do trânsito. Um motorista buzinou. Outro gritou algo, que se perdeu no vento. A maioria apenas desviou e pareceu irritada, como se, aqui em Berkeley, fosse preciso lidar com um monte de adolescentes maltrapilhos atravessando a rodovia carregando hippies idosas.

Uma sombra o cobriu. Esteno gritou alegremente:

— Garoto esperto! Encontrou uma deusa para carregar, é?

Uma deusa?

Juno gargalhou, encantada, e murmurou “Ops!” quando um carro quase os atropelou.

Em algum ponto à esquerda de Percy, Euríale gritou:

— Pegue-os! Dois prêmios são melhores que um!

Percy disparou pelas pistas restantes. De alguma forma conseguiu chegar vivo à faixa entre as duas pistas da autoestrada. Viu as górgonas mergulhando e os carros se desviando dos monstros acima deles. Perguntou-se o que os mortais viam através da Névoa — pelicanos gigantes? Asas-deltas desgovernadas? A loba Lupa lhe dissera que as mentes dos mortais podiam acreditar em praticamente qualquer coisa, exceto na verdade.

Percy correu rumo à porta na encosta. Juno ficava mais pesada a cada passo. O coração de Percy batia forte. Suas costelas doíam.

Um dos guardas gritou. O cara do arco armou uma flecha.

— Espere! — gritou Percy.

Mas o garoto não mirava nele. A flecha passou acima da cabeça de Percy. Uma górgona uivou de dor. O segundo guarda, a garota, preparou a lança, gesticulando freneticamente para que Percy se apressasse.

Quinze metros de distância. Dez metros.

— Peguei! — berrou Euríale.

Percy se virou no momento em que uma flecha acertou a testa dela. Euríale

desabou na pista de alta velocidade. Um caminhão chocou-se contra ela e a carregou uns cem metros para trás, mas a górgona simplesmente escalou para ficar acima da cabine, arrancou a flecha da cabeça e voltou a se lançar no ar.

Percy alcançou a porta.

— Obrigado — ele agradeceu aos guardas. — Belo tiro.

— Aquilo devia tê-la matado! — protestou o arqueiro.

— Bem-vindo a meu mundo — murmurou Percy.

— Frank — disse a garota. — Leve-os para dentro, rápido! Aquilo são górgonas.

— Górgonas? — A voz do arqueiro soou aguda. Era difícil saber muito sobre o garoto, oculto sob o elmo, mas ele parecia corpulento como um lutador, talvez com quatorze ou quinze anos. — A porta vai detê-las?

Nos braços de Percy, Juno gargalhou.

— Não, não vai. Adiante, Percy Jackson! Atravesse o túnel, cruze o rio!

— Percy Jackson? — A guarda tinha a pele escura, e cabelos encaracolados saíam pelas laterais do elmo. Parecia mais nova que Frank... devia ter uns treze anos. A bainha de sua espada ia quase até seu tornozelo. Mesmo assim, ela falava como se estivesse no comando. — Certo. Obviamente você é um semideus. Mas quem é a...? — Ela olhou para Juno. — Deixe para lá. Entrem logo. Vou atrasá-las.

— Hazel — disse o garoto. — Não seja louca.

— Vão! — ordenou ela.

Frank xingou em outra língua — seria latim? — e abriu a porta.

— Vamos!

Percy o seguiu, cambaleando por causa do peso da velha, que ficava *definitivamente* mais pesada. Ele não sabia como a tal da Hazel iria segurar as górgonas sozinha, mas estava cansado demais para discutir.

O túnel atravessava a rocha sólida e tinha mais ou menos a altura e a largura do corredor de uma escola. A princípio, parecia um típico túnel de manutenção, com fios de eletricidade, placas de advertência e caixas de disjuntores nas paredes, e lâmpadas em gaiolas de arame ao longo do teto. À medida que eles avançavam morro adentro, o piso de cimento ia dando lugar a um mosaico de placas. As lâmpadas cederam lugar a tochas de bambu, que queimavam, mas não produziam fumaça. Algumas centenas de metros adiante, Percy viu um quadrado de luz do dia.

A velha agora pesava mais que uma pilha de sacos de areia. Os braços de Percy tremiam com o esforço. Juno cantarolava baixinho em latim algo que parecia uma canção de ninar, o que não ajudava a concentração de Percy.

Atrás deles, as vozes das górgonas ecoavam pelo túnel. Hazel gritou. Percy

ficou tentado a largar Juno e voltar correndo para ajudá-la, mas então o túnel inteiro sacudiu com o estrondo de pedras caindo. Ouviu-se um grasnido igual ao que as górgonas haviam emitido quando Percy jogara um caixote de bolas de boliche nelas, em Napa. Ele olhou para trás. A extremidade oeste do túnel agora estava cheia de poeira.

— Será que não devíamos dar uma olhada em Hazel? — perguntou Percy.

— Ela vai ficar bem... Espero — disse Frank. — Ela é boa em ambientes subterrâneos. Continue andando! Estamos quase lá.

— Quase onde?

Juno deu uma risadinha.

— Todos os caminhos levam até lá, criança. Você deveria saber disso.

— À punição? — perguntou Percy.

— A Roma, criança — disse a velha. — A Roma.

Percy não tinha certeza de que havia entendido direito. Sim, sua memória havia sumido. E seu cérebro não parecia bem desde que ele despertara na Casa do Lobo. Mas ele tinha uma boa noção de que Roma não ficava na Califórnia.

Continuaram correndo. A luz no fim do túnel ficou mais forte e por fim eles saíram à luz do sol.

Percy ficou paralisado. Diante dele havia um vale côncavo com vários quilômetros de largura. O solo era marcado por pequenas colinas, planícies douradas e áreas de floresta. Um riacho límpido traçava um curso sinuoso a partir de um lago no centro e ao longo do perímetro, como um G maiúsculo.

A geografia podia ser de qualquer parte do norte da Califórnia — carvalhos e eucaliptos verdes, colinas douradas e céu azul. Aquela montanha grande afastada do mar — como era mesmo o nome? Monte Diablo? — erguia-se ao longe, exatamente onde deveria estar.

Mas Percy tinha a sensação de que tinha entrado em um mundo secreto. No centro do vale, aninhada à margem do lago, havia uma pequena cidade de construções em mármore branco com telhados vermelhos. Algumas tinham domos e pórticos sustentados por colunas, como monumentos nacionais. Outras pareciam palácios, com portas douradas e jardins amplos. Ele podia ver uma praça descoberta com colunas independentes, chafarizes e estátuas. Um coliseu romano de cinco andares brilhava ao sol, perto de uma comprida arena oval que parecia uma pista de corrida.

Do outro lado do lago, ao sul, havia outra colina, com construções ainda mais impressionantes — templos, Percy imaginou. Algumas pontes de pedra cruzavam o rio que serpenteava pelo vale, e, ao norte, uma longa fila de arcos de alvenaria estendia-se das colinas até entrar na cidade. Percy pensou que aquilo parecia uma ferrovia elevada. E então se deu conta de que devia ser um

aqueduto.

A parte mais estranha do vale ficava bem abaixo do ponto em que Percy se encontrava. A cerca de duzentos metros dali, do outro lado do rio, havia uma espécie de acampamento militar. Tinha mais ou menos dezesseis hectares, com barreiras de pedra nas quatro faces cobertas por espigões pontudos. Do lado de fora dos muros havia um fosso seco, também demarcado com espigões. Torres de vigilância de madeira erguiam-se em cada canto, guarnecidas por sentinelas armadas com bestas enormes montadas nos parapeitos. Estandartes roxos pendiam das torres. Do outro lado do acampamento, um amplo portão aberto estava voltado na direção da cidade. Junto à margem do rio havia um portão mais estreito, fechado. O interior da fortaleza fervilhava de atividade: dezenas de garotos entrando e saindo de alojamentos, carregando armas, lustrando armaduras. Percy ouviu o clangor de martelos em uma forja e sentiu o cheiro de carne cozinhando em uma fogueira.

O lugar lhe parecia muito familiar, mas algo não encaixava.

— Acampamento Júpiter — disse Frank. — Estaremos em segurança assim que...

Passos ecoaram no túnel atrás deles. Hazel emergiu de repente. Estava coberta de poeira e respirava com esforço. Havia perdido o elmo, e agora seus cabelos castanhos encaracolados caíam-lhe sobre os ombros. Sua armadura tinha cortes compridos feitos pelas garras de uma górgona. Um dos monstros havia colado nela um adesivo de 50% DE DESCONTO.

— Eu as atrasei — disse ela. — Mas vão chegar aqui a qualquer instante.

Frank praguejou.

— Precisamos atravessar o rio.

Juno apertou ainda mais o pescoço de Percy.

— Ah, sim, por favor. Não posso molhar meu vestido.

Percy mordeu a língua. Se essa senhora era uma deusa, deve ter sido a dos hippies fedorentos, pesados e inúteis. Mas ele chegara até ali. Era melhor continuar carregando-a.

É uma gentileza, ela dissera. *E, se não fizer isso, os deuses morrerão, o mundo que conhecemos desaparecerá e todas as pessoas de sua antiga vida serão destruídas.*

Se isso era um teste, Percy não podia se dar ao luxo de ser reprovado.

Ele tropeçou algumas vezes enquanto corriam para o rio. Frank e Hazel o ajudaram a se equilibrar.

Chegaram à margem, e Percy parou para recuperar o fôlego. A correnteza era rápida, mas o rio não parecia fundo. A poucos metros de distância erguiam-se os portões do forte.

— Vá, Hazel. — Frank encaixou duas flechas ao mesmo tempo. — Acompanhe Percy para que as sentinelas não atirem nele. É minha vez de retardar as malvadas.

Hazel assentiu com a cabeça e entrou no rio.

Percy começou a segui-la, mas algo o fez hesitar. Em geral ele adorava a água, mas esse rio parecia... poderoso, e não necessariamente amigável.

— O Pequeno Tibre — disse Juno de forma afetuosa. — Ele corre com a força do Tibre original, o rio do império. Esta é sua última chance de recuar, criança. A marca de Aquiles é uma bênção grega. Você não pode conservá-la se entrar em território romano. O Tibre irá tirá-la de você.

Percy estava exausto demais para compreender tudo aquilo, mas captou o ponto principal.

— Se eu o cruzar, não terei mais pele de ferro?

Juno sorriu.

— Então, o que vai ser? A segurança ou um futuro de dor e possibilidades?

Atrás dele, as górgonas guinchavam ao sair voando do túnel. Frank disparou as flechas.

Do meio do rio Hazel gritou:

— Percy, venha!

No alto das torres de vigilância cornetas soaram. As sentinelas gritaram e giraram as bestas na direção das górgonas.

Annabeth, pensou Percy. Ele avançou rio adentro. A água era gelada, muito mais rápida do que ele imaginara, mas isso não o incomodou. Uma força renovada impulsionou seus membros. Seus sentidos formigavam, como se ele tivesse recebido uma injeção de cafeína. Chegou ao outro lado e colocou a velha no chão, enquanto os portões se abriam. Dezenas de garotos de armadura emergiram deles.

Hazel voltou-se para Percy com um sorriso de alívio. Então olhou por cima do ombro dele, e sua expressão transformou-se em horror.

— Frank!

Frank estava na metade do rio quando as górgonas o pegaram. Elas mergulharam do céu e o agarraram pelos braços. Ele gritou de dor quando as garras se enterraram em sua pele.

As sentinelas gritaram, mas Percy sabia que elas não teriam como disparar. Acabariam matando Frank. Os outros garotos sacaram espadas e se prepararam para se lançar na água, mas chegariam tarde demais.

Só havia um jeito.

Percy estendeu as mãos. Ele sentiu uma forte tensão em suas entranhas, e o Tibre obedeceu à sua vontade. O rio se ergueu. De ambos os lados de Frank

formaram-se redemoinhos. Mãos gigantes de água ergueram-se da superfície, imitando os movimentos de Percy. Elas agarraram as górgonas, que, surpresas, largaram Frank. E então levantaram as monstras estridentes com a força de um torno líquido.

Percy ouviu os outros garotos gritarem e recuarem, mas permaneceu concentrado em sua tarefa. Ele abaixou os punhos com força, como se esmagasse algo, e as mãos gigantes mergulharam as górgonas no Tibre. As monstras atingiram o fundo e viraram pó. Nuvens brilhantes de essência de górgona se esforçavam para se recompor, mas o rio as desmanchava como um liquidificador. Em pouco tempo, todo e qualquer traço das górgonas foi levado pela correnteza. Os redemoinhos desapareceram, e o rio voltou ao normal.

Percy ficou parado na margem. Suas roupas e sua pele fumegavam, como se as águas do Tibre lhe tivessem dado um banho de ácido. Ele se sentia exposto, fraco... Vulnerável.

No meio do rio, Frank cambaleava, parecendo aturdido, mas, fora isso, perfeitamente bem. Hazel avançou até ele e o ajudou a sair da água. Só então Percy notou o silêncio dos outros garotos.

Todos olhavam para ele. Somente a velha Juno parecia indiferente.

— Bem, foi um passeio delicioso — disse ela. — Obrigada, Percy Jackson, por me trazer ao Acampamento Júpiter.

Uma das garotas emitiu um som engasgado.

— Percy... Jackson?

Ela falou como se reconhecesse o nome. Percy a observou, na esperança de ver um rosto familiar.

Ela era obviamente uma líder. Usava um suntuoso manto roxo sobre a armadura. Seu peito estava decorado com medalhas. Devia ter mais ou menos a mesma idade de Percy, com olhos escuros e penetrantes e longos cabelos negros. Percy não a reconhecia, mas a garota o encarava como se o tivesse visto em seus pesadelos.

Juno riu, encantada.

— Ah, sim. Vocês vão se divertir muito juntos!

E, então, para deixar o dia mais estranho ainda, a velha começou a brilhar e a mudar de forma. Ela cresceu até se tornar uma deusa reluzente de mais de dois metros de altura, usando um vestido azul, com os ombros cobertos por um manto que parecia feito de pele de cabra. Seu rosto era severo e imponente. Em sua mão havia um cajado com uma flor de lótus no topo.

Os campistas ficaram ainda mais perplexos, se é que isso era possível. A garota com o manto roxo se ajoelhou. Os outros a imitaram. Um dos meninos abaixou-se com tanta rapidez que quase se espetou com a própria espada.

Hazel foi a primeira a falar.

— Juno.

Ela e Frank também se ajoelharam, fazendo com que Percy fosse o único de pé. Ele sabia que provavelmente devia se ajoelhar também, mas, depois de carregar a velha até ali, não tinha vontade de lhe mostrar tanta deferência.

— Juno, hein? — disse ele. — Se passei em seu teste, posso ter minha memória e minha vida de volta?

A deusa sorriu.

— A seu tempo, Percy Jackson, se tiver êxito aqui no acampamento. Você se saiu bem hoje, o que é um bom começo. Talvez ainda haja esperança para você.

Ela voltou-se para os outros garotos.

— Romanos, eu lhes apresento o filho de Netuno. Há meses ele está entorpecido, mas agora despertou. O destino dele está em suas mãos. O Festival de Fortuna se aproxima rapidamente, e a Morte deve ser desencadeada se vocês quiserem ter alguma esperança na batalha. Não me decepcionem!

Juno tremeluziu e desapareceu. Percy olhou para Hazel e Frank, à espera de algum tipo de explicação, mas eles pareciam igualmente confusos. Frank segurava algo que Percy ainda não havia percebido — dois pequenos frascos de argila com rolhas, como poções, um em cada mão. Percy não tinha a menor ideia de onde eles haviam surgido, mas viu Frank guardá-los nos bolsos. Frank lhe lançou um olhar como se dissesse: *Falaremos sobre isso mais tarde*.

A garota do manto roxo deu um passo à frente. Ela observava Percy atentamente, e o menino não conseguia deixar de sentir que ela queria atravessá-lo com a adaga.

— Bem — disse ela com frieza —, um filho de Netuno que vem até nós com a bênção de Juno.

— Olhe — disse ele —, minha memória está um pouquinho confusa. Na verdade, ela *desapareceu*. Eu conheço você?

A garota hesitou.

— Eu sou Reyna, pretora da Décima Segunda Legião. E... Não, eu não conheço você.

Essa última parte era mentira. Percy podia ver em seus olhos. Mas ele também compreendeu que, se discutissem isso ali, na frente dos soldados dela, a garota não ia gostar.

— Hazel — disse Reyna —, traga-o para dentro. Quero interrogá-lo na *principia*. Depois o enviaremos para Octavian. Precisamos consultar os augúrios antes de decidir o que fazer com ele.

— Como assim? — perguntou Percy. — Decidir o que fazer comigo?

A mão de Reyna apertou com mais força o punho da adaga. Ela obviamente

não estava acostumada a ter suas ordens questionadas.

— Antes de aceitar qualquer pessoa no acampamento, precisamos interrogá-la e ler os augúrios. Juno disse que seu destino está em nossas mãos. Temos que saber se a deusa nos trouxe um novo recruta...

Reyna olhou Percy como se achasse a ideia duvidosa.

— Ou — disse ela, mais esperançosa — se nos trouxe um inimigo para matar.

III

PERCY

PARA SORTE DE **P**ERCY, ELE não tinha medo de fantasmas. Metade das pessoas no acampamento estava morta.

Guerreiros roxos translúcidos postavam-se do lado de fora do arsenal, polindo espadas etéreas. Outros passavam o tempo diante dos alojamentos. Um garoto fantasmagórico perseguia um cachorro fantasmagórico pela rua. E, nos estábulos, um cara grande, vermelho e brilhante, com cabeça de lobo, guardava um rebanho de... Aquilo eram unicórnios?

Nenhum dos campistas dava muita atenção aos fantasmas, mas, à medida que a comitiva de Percy, com Reyna à frente e Frank e Hazel, um de cada lado, passava, todos os espíritos interrompiam o que estavam fazendo e fitavam Percy. Alguns pareciam bravos. O garotinho fantasma gritou algo como “Greggus!” e ficou invisível.

Percy desejou poder ficar invisível também. Depois de semanas sozinho, toda essa atenção o deixava pouco à vontade. Ele permaneceu entre Hazel e Frank e tentou passar despercebido.

— Estou vendo coisas? — perguntou. — Ou aqueles são...

— Fantasmas? — Hazel se virou. Seus olhos eram impressionantes, como ouro quatorze quilates. — Eles são Lares. Deuses da casa.

— Deuses da casa — repetiu Percy. — Tipo menores que deuses de verdade, porém maiores que deuses do apartamento?

— São espíritos ancestrais — explicou Frank.

Ele havia tirado o elmo, revelando um rosto infantil que não combinava com o cabelo em corte militar nem com o corpo robusto. Parecia um bebê que havia tomado esteroides e ingressado no Corpo de Fuzileiros Navais.

— Os Lares são uma espécie de mascote — continuou. — Quase sempre são

inofensivos, mas nunca os vi tão agitados.

— Estão me encarando — disse Percy. — Aquele garoto fantasma me chamou de Greggus. Meu nome não é Greg.

— *Graecus* — corrigiu Hazel. — Depois de passar algum tempo aqui, você vai começar a entender latim. Os semideuses têm um talento natural para isso. *Graecus* significa grego.

— Isso é ruim? — perguntou Percy.

Frank pigarreou.

— Talvez não. Você tem essa cor de pele, os cabelos escuros e tal. Talvez eles achem que você é grego de verdade. Sua família é de lá?

— Não sei. Como eu disse, perdi a memória.

— Ou talvez... — Frank hesitou.

— O que foi? — perguntou Percy.

— Provavelmente nada — disse Frank. — Romanos e gregos têm uma antiga rivalidade. Às vezes os romanos usam o termo *graecus* como insulto para alguém de fora... Um inimigo. Eu não me preocuparia com isso.

Mas ele parecia bastante preocupado.

O grupo parou no centro do acampamento, onde duas largas estradas de paralelepípedos se encontravam, formando um T.

Uma placa de rua identificava a estrada que levava aos portões principais como VIA PRAETORIA. A outra estrada, que atravessava o meio do acampamento, era identificada como VIA PRINCIPALIS. Embaixo dessas placas havia outras, pintadas à mão: BERKELEY 8 KM, NOVA ROMA 1,6 KM, ROMA ANTIGA 11.716 KM, HADES 3.717 KM (apontando diretamente para baixo), RENO 334 KM e MORTE CERTA: VOCÊ ESTÁ AQUI!

Para morte certa, o lugar parecia bastante limpo e organizado. As construções estavam recém-caiadas e eram dispostas em uma grade bem simétrica, como se o acampamento tivesse sido projetado por um professor de matemática exigente. Os alojamentos tinham varandas cobertas, onde campistas descansavam em redes à sombra ou jogavam cartas e bebiam refrigerantes. Cada dormitório apresentava uma coleção diferente de estandartes na fachada, exibindo algarismos romanos e animais variados — águia, urso, lobo, cavalo e um que parecia um hamster.

Ao longo da Via Praetoria, fileiras de lojas anunciavam comida, armadura, armas, café, equipamento de gladiador e aluguel de togas. Uma concessionária de bigas tinha um grande anúncio na frente: CAESAR XLS C/ FREIOS ABS, ZERO DE ENTRADA!

Em uma das esquinas do entroncamento erguia-se o edifício mais impressionante: uma cunha de dois andares, de mármore branco, com um pórtico sustentado por colunas, como um banco antigo. Guardas romanos estavam postados na entrada. Acima da porta pendia um grande estandarte roxo com as

letras douradas ^{SPQR} bordadas dentro de uma coroa de louros.

— Seu quartel-general? — perguntou Percy.

Reyna se virou para ele, seus olhos ainda eram frios e hostis.

— O nome é *principia*.

Ela esquadrinhou a multidão de campistas curiosos que os havia seguido desde o rio.

— Todos de volta a suas tarefas. Darei mais notícias na hora da inspeção noturna. Lembrem-se: temos jogos de guerra após o jantar.

A ideia de jantar fez o estômago de Percy roncar. Com o cheiro de churrasco vindo do refeitório, sua boca encheu-se de água. A padaria mais adiante na rua também exalava um cheiro delicioso, mas ele duvidava que Reyna o deixaria fazer um pedido para viagem.

A multidão se dispersou com relutância. Alguns murmuravam comentários sobre as chances de Percy.

— Ele está morto — disse um.

— Tinham que ser *aqueles* dois a encontrá-lo — disse outro.

— É — murmurou outro. — Deixe-o entrar para a Quinta Coorte. Gregos e *geeks*.

Vários garotos riram com isso, mas Reyna os repreendeu, e eles se dispersaram.

— Hazel — disse Reyna —, venha conosco. Quero seu relatório sobre o que aconteceu nos portões.

— Eu também? — perguntou Frank. — Percy salvou minha vida. Precisamos deixá-lo...

Reyna lançou um olhar tão duro a Frank que ele recuou.

— Devo lembrá-lo, Frank Zhang — disse ela —, de que você também está em *probatio*. Já causou problemas suficientes por esta semana.

As orelhas de Frank ficaram vermelhas. Seus dedos mexiam em uma chapinha pendurada em um cordão em seu pescoço. Percy não havia prestado muita atenção nela, mas parecia uma placa de identificação feita de chumbo.

— Vá para o arsenal — disse Reyna. — Verifique o inventário. Eu o chamo se precisar.

— Mas... — Frank se conteve. — Sim, Reyna.

E ele se foi, apressado.

Reyna fez sinal para que Hazel e Percy entrassem no quartel-general.

— Agora, Percy Jackson, vamos ver se nós conseguimos melhorar sua memória.

*

A principia era ainda mais impressionante por dentro.

No teto havia um mosaico reluzente de Rômulo e Remo debaixo da loba, sua mãe adotiva (Lupa contara essa história a Percy um milhão de vezes). O piso era de mármore polido. As paredes, cobertas de veludo, davam a sensação de que Percy se encontrava dentro da tenda de acampamento mais cara do mundo. Ao longo da parede dos fundos estavam expostos estandartes e bastões de madeira cravejados com medalhas de bronze — símbolos militares, Percy imaginou. No centro da parede havia um espaço vazio, como se o estandarte principal tivesse sido tirado para limpeza ou algo assim.

Em um canto aos fundos uma escada levava a um piso inferior. Estava bloqueada por barras de ferro, como a porta de uma prisão. Percy se perguntou o que haveria lá embaixo — monstros? Tesouros? Semideuses com amnésia que não tinham caído nas graças de Reyna?

No centro do cômodo havia uma longa mesa de madeira entulhada de rolos de pergaminhos, cadernos, *tablets*, adagas e uma tigela grande cheia de balas delicado que parecia meio estranha ali. Duas estátuas de galgos em tamanho natural — uma de prata, outra de ouro — ladeavam a mesa.

Reyna dirigiu-se para trás da mesa e sentou-se em uma das duas cadeiras de espaldar alto. Percy desejou poder se sentar na outra, mas Hazel permaneceu de pé. Percy teve a impressão de que devia fazer o mesmo.

— Bem... — ele começou a dizer.

As estátuas de cães arreganharam os dentes e rosnaram.

Percy ficou paralisado. Normalmente, ele gostava de cachorros, mas estes o encaravam com olhos de rubi. Suas presas pareciam afiadas como navalhas.

— Calma, garotos — disse Reyna aos galgos.

Eles pararam de rosnar, mas continuaram olhando Percy como se ele fosse o jantar.

— Eles não atacam — informou Reyna —, a menos que você tente roubar alguma coisa ou que eu lhes dê a ordem. Estes são Argentum e Aurum.

— Prata e Ouro — falou Percy. O significado dos termos em latim surgiu em sua cabeça como Hazel dissera que aconteceria. Ele quase perguntou qual cachorro era qual. Mas então se deu conta de que essa seria uma pergunta estúpida.

Reyna pousou a adaga na mesa. Percy tinha a vaga impressão de que havia visto a garota antes. Seus cabelos eram negros e lustrosos como rocha vulcânica, preso em uma trança única que descia por suas costas. Reyna tinha a postura de

um esgrimista: relaxada, porém vigilante, como se estivesse pronta para entrar em ação a qualquer momento. As rugas de preocupação em torno dos olhos a faziam parecer mais velha do que provavelmente era.

— Nós *já* nos conhecemos — ele concluiu. — Não lembro quando. Por favor, se puder me dar qualquer informação...

— Primeiro as prioridades — disse Reyna. — Quero ouvir sua história. Do que você se *lembra*? Como chegou aqui? E não minta. Meus cães não gostam de gente mentirosa.

Argentum e Aurum rosnaram, enfatizando suas palavras.

Percy contou sua história: como acordara na mansão em ruínas na floresta de Sonoma. Descreveu o período que passou com Lupa e seu bando, aprendendo sua linguagem de gestos e expressões, aprendendo a sobreviver e lutar.

Lupa lhe ensinara sobre semideuses, monstros e deuses. Ela havia explicado que era um dos espíritos guardiães da Roma Antiga. Semideuses como Percy ainda eram responsáveis por dar continuidade a tradições romanas nos tempos modernos — enfrentar monstros, servir aos deuses, proteger os mortais e preservar a memória do império. Ela o havia treinado durante semanas até ele ficar tão forte, resistente e feroz quanto um lobo. Quando se deu por satisfeita com as habilidades de Percy, ela o havia mandado para o sul, dizendo-lhe que, se sobrevivesse à jornada, ele talvez encontrasse um novo lar e recuperasse a memória.

Nada disso pareceu surpreender Reyna. Na verdade, ela pareceu achar a história bastante comum — com exceção de um detalhe.

— Nenhuma lembrança? — perguntou ela. — Você *ainda* não se lembra de nada?

— Fragmentos vagos e confusos.

Percy olhou para os galgos. Ele não queria mencionar Annabeth. Parecia algo muito íntimo, e ele ainda estava confuso em relação a onde encontrá-la. Tinha certeza de que haviam se conhecido em um acampamento — mas aquele ali não parecia ser o lugar certo.

Além disso, ele não estava disposto a partilhar sua única lembrança clara: o rosto de Annabeth, os cabelos louros e os olhos cinzentos, a maneira como ela ria, abraçava-o e o beijava sempre que ele fazia algo idiota.

Ela deve ter me beijado muito, pensou Percy.

Ele temia que, se falasse daquela lembrança para alguém, ela evaporaria como um sonho. Não podia correr o risco.

Reyna girou sua adaga.

— A maior parte do que está descrevendo é normal para semideuses. Em certa idade, de uma forma ou de outra, encontramos o caminho da Casa dos Lobos.

Somos testados e treinados. Se Lupa achar que temos mérito, ela nos manda para o sul, para ingressar na legião. Mas nunca ouvi falar de alguém que tenha perdido a memória. Como foi que você encontrou o Acampamento Júpiter?

Percy contou-lhe sobre os últimos três dias — as górgonas que não morriam, a velha que acabou se revelando uma deusa e, finalmente, o encontro com Hazel e Frank no túnel da colina.

A partir daí, Hazel assumiu a narrativa. Ela descreveu Percy como bravo e heroico, o que o deixou constrangido. Tudo que ele fizera fora carregar uma mendiga *hippie*.

Reyna o estudou.

— Você é velho para ser um recruta. Tem o quê, dezesseis anos?

— Acho que sim — respondeu Percy.

— Se passou todos esses anos sozinho, sem treinamento nem ajuda, deveria estar morto. Um filho de Netuno? Teria uma aura poderosa que atrairia todo tipo de monstro.

— É — disse Percy. — Já me falaram que eu cheiro mal.

Reyna quase abriu um sorriso, o que deu esperança a Percy. Talvez ela fosse humana, afinal.

— Você deve ter vindo de algum lugar antes da Casa dos Lobos — disse ela.

Percy deu de ombros. Juno falara algo sobre ele ter ficado entorpecido, e ele de fato tinha a vaga sensação de que estivera adormecido — talvez por muito tempo. Mas isso não fazia sentido.

Reyna suspirou.

— Bem, os cães não comeram você, então suponho que esteja falando a verdade.

— Ótimo — disse Percy. — Da próxima vez, posso passar por um polígrafo?

Reyna se levantou. Ela ficou andando de um lado para o outro diante dos estandartes. Seus cães metálicos a observavam.

— Mesmo que eu considere que não é um inimigo — disse ela —, você não é um recruta típico. A Rainha do Olimpo simplesmente não aparece em um acampamento anunciando a chegada de um novo semideus. A última vez que um deus importante nos visitou em pessoa assim... — Ela sacudiu a cabeça. — Só ouvi lendas desse tipo de acontecimento. E um filho de Netuno... Isso não é um bom augúrio. Especialmente agora.

— O que tem de errado com Netuno? — perguntou Percy. — E o que você quer dizer com “especialmente agora”?

Hazel lançou-lhe um olhar de advertência.

Reyna continuou andando.

— Você lutou contra as irmãs de Medusa, que não eram vistas há milhares de

anos. Inquietou nossos Lares, que o estão chamando de *graecus*. E usa símbolos estranhos... essa camisa, as contas em seu cordão. O que elas significam?

Percy baixou os olhos para sua camiseta laranja surrada. Ela devia ter tido palavras estampadas em algum momento, mas agora estava desbotada demais para que fossem legíveis. Ele devia ter jogado aquela camiseta fora havia semanas. Estava toda esfarrapada, mas ele não suportava a ideia de descartá-la. Continuava a lavá-la em riachos e chafarizes da melhor maneira possível e voltava a vesti-la.

Quanto ao cordão, cada uma das quatro contas de argila eram decoradas com um símbolo diferente. Uma mostrava um tridente. Outra exibia uma miniatura do Velocino de Ouro. A terceira estava gravada com o traçado de um labirinto e a última trazia a imagem de um edifício — seria o Empire State? — com nomes que Percy não reconhecia gravados ao redor. Ele tinha a impressão de que as contas eram importantes, como fotos em um álbum de família, mas não conseguia se lembrar do que significavam.

— Não sei — disse ele.

— E sua espada? — perguntou Reyna.

Percy verificou o bolso. A caneta havia reaparecido, como sempre. Ele a sacou, mas então percebeu que não havia mostrado a espada a Reyna. Hazel e Frank tampouco a tinham visto. Como Reyna sabia dela?

Tarde demais para fingir que ela não existia... Ele tirou a tampa da caneta. Contracorrente apresentou-se em sua verdadeira forma. Hazel arquejou. Os galgos latiram, apreensivos.

— O que é isso? — perguntou Hazel. — Nunca vi uma espada assim.

— Eu já — disse Reyna, em um tom sombrio. — É muito antiga... Uma criação grega. Costumávamos ter algumas dessas no depósito de armas... — Ela se interrompeu. — O metal é chamado de bronze celestial. É mortal para monstros, como o ouro imperial, só que ainda mais raro.

— Ouro imperial? — perguntou Percy.

Reyna desembainhou sua adaga. Com toda a certeza, a lâmina era de ouro.

— O metal foi consagrado nos tempos antigos, no Panteão de Roma. Sua existência era um segredo muito bem-guardado dos imperadores... Uma forma de seus paladinos matarem monstros que ameaçavam o império. Costumávamos ter mais armas assim, mas agora... Bem, quase não temos. Eu uso esta adaga. Hazel tem uma espata, uma espada de cavalaria. A maioria dos legionários usa uma espada mais curta chamada gládio. Mas essa sua arma não tem nada de romano. É outro sinal de que você não é um semideus típico. E seu braço...

— O que tem ele? — perguntou Percy.

Reyna ergueu o próprio antebraço. Percy não havia notado antes, mas havia

uma tatuagem na parte interna: as letras ^{SPQR}, uma espada e uma tocha entrecruzadas e, debaixo delas, quatro linhas paralelas, como um registro de pontuação.

Percy olhou para Hazel.

— Todos nós temos uma dessa — confirmou ela, erguendo o braço. — Todos os membros efetivos da legião.

A tatuagem de Hazel também tinha as letras ^{SPQR}, só que havia apenas uma marca de pontuação, e seu emblema era diferente: um glifo negro que parecia uma cruz com braços curvos e uma cabeça.



Percy olhou para os próprios braços. Alguns arranhões, um pouco de lama e uma migalha de Enroladinho Crocante de Queijo e Salsicha, mas nada de tatuagem.

— Então você nunca foi membro da legião — afirmou Reyna. — Estas marcas não podem ser removidas. Pensei que talvez... — Ela sacudiu a cabeça, como se rejeitasse uma ideia.

Hazel inclinou-se para a frente.

— Se ele sobreviveu sozinho esse tempo todo, talvez tenha visto Jason. — Ela voltou-se para Percy. — Você já encontrou um semideus como nós antes? Um garoto de camisa roxa, com marcas no braço...

— Hazel. — A voz de Reyna endureceu. — Percy já tem muito com que se preocupar.

Percy tocou a ponta de sua espada e Contracorrente se encolheu, voltando à forma de caneta.

— Nunca vi ninguém como vocês. Quem é Jason?

Reyna dirigiu um olhar irritado a Hazel.

— Ele é... Ele *era* meu colega. — Ela apontou a segunda cadeira vazia. — A legião normalmente tem dois pretores eleitos. Jason Grace, filho de Júpiter, era nosso outro pretor, até desaparecer em outubro.

Percy tentou calcular. Ele não havia prestado muita atenção ao calendário enquanto esteve ao relento, mas Juno mencionara que agora estavam em junho.

— Quer dizer que ele está desaparecido há oito meses e vocês não o substituíram?

— Ele pode não estar morto — disse Hazel. — Não desistimos ainda.

Reyna fez uma careta. Percy teve a impressão de que esse Jason devia ser mais que um simples colega para ela.

— Eleições só acontecem de duas maneiras — disse Reyna. — Ou a legião ergue alguém em um escudo após um grande sucesso no campo de batalha... e não tivemos nenhuma batalha importante recentemente... ou fazemos uma votação na noite de 24 de junho, no Festival de Fortuna. Daqui a cinco dias.

Percy franziu a testa.

— Fortona?

— *Fortuna* — corrigiu Hazel. — É a deusa da sorte. O que quer que aconteça no dia de seu festival pode afetar todo o restante do ano. Ela pode conceder boa sorte ao acampamento... Ou *muito* azar.

Tanto Reyna quanto Hazel olharam para o espaço vazio junto à parede, como se pensassem no que faltava.

Um arrepio percorreu a espinha de Percy.

— O Festival de Fortuna... As górgonas o mencionaram. Juno também. Elas disseram que o acampamento seria atacado nesse dia, algo a ver com uma deusa grande e má chamada Gaia, e um exército, e a Morte sendo desencadeada. Vocês estão me dizendo que esse dia será nesta *semana*?

Os dedos de Reyna apertaram o cabo de sua adaga.

— Você não falará nada sobre isso fora desta sala — ordenou. — Não vou permitir que espalhe mais pânico no acampamento.

— Então é verdade — disse Percy. — Você sabe o que vai acontecer? Podemos impedir?

Percy havia acabado de conhecer essas pessoas. Ele nem tinha certeza de que gostava de Reyna. Mas queria ajudar. Eram semideuses, como ele. Tinham os mesmos inimigos. Além disso, Percy se lembrava do que Juno lhe dissera: não era só este acampamento que corria perigo. Sua vida antiga, os deuses e o mundo inteiro poderiam ser destruídos. O que quer que estivesse a caminho, era grande.

— Já conversamos o suficiente por ora — disse Reyna. — Hazel, leve-o para a Colina dos Templos. Encontre Octavian. No caminho, você pode responder às perguntas de Percy. Fale da legião.

— Sim, Reyna.

Percy ainda tinha tantas dúvidas que parecia que seu cérebro ia derreter. Mas Reyna deixou claro que a audiência havia chegado ao fim. Ela embainhou a adaga. Os cães metálicos se levantaram e rosnaram, aproximando-se de Percy.

— Boa sorte com o augúrio, Percy Jackson — disse ela. — Se Octavian permitir que você viva, talvez possamos trocar ideias... sobre seu passado.

IV

PERCY

Na saída do acampamento, HAZEL comprou para ele um *espresso* e um *muffin* de cereja de Bombilo, o mercador de café de duas cabeças.

Percy aspirou o aroma do *muffin*. O café estava excelente. Agora, pensou ele, se pudesse tomar um banho, mudar de roupa e dormir um pouco, ficaria radiante. Talvez até mesmo radiante como ouro imperial.

Ele observou um grupo de garotos com roupas de banho e toalhas entrar em um edifício onde uma série de chaminés soltava vapor. Risos e barulhos de água vinham do interior, como se aquilo fosse uma piscina coberta — o tipo de lugar que agradava a Percy.

— Termas — disse Hazel. — Vamos levá-lo até lá antes do jantar, espero. Você não viveu de fato até ter tomado um banho romano.

Percy suspirou, com expectativa.

À medida que se aproximavam do portão principal, os alojamentos foram ficando maiores e mais bonitos. Até os fantasmas tinham uma aparência melhor: com armaduras mais elegantes e auras mais brilhantes. Percy tentou decifrar os estandartes e símbolos que pendiam da fachada das construções.

— Vocês se distribuem em alojamentos diferentes? — perguntou.

— Mais ou menos. — Hazel se abaixou quando um garoto montado em uma águia gigante passou voando por cima deles. — Temos cinco coortes com cerca de quarenta pessoas em cada uma. Uma coorte se divide em alojamentos de dez. Tipo colegas de quarto.

Percy nunca fora muito bom em matemática, mas tentou multiplicar.

— Está me dizendo que são duzentas pessoas no acampamento?

— Por aí.

— E *todos* são filhos de deuses? Os deuses estiveram bem ocupados.

Hazel riu.

— Nem todos são filhos dos deuses *mais* importantes. Existem centenas de deuses romanos menores. Além disso, muitos dos campistas são legados, isto é, a segunda ou a terceira geração. Talvez seus pais tenham sido semideuses. Ou seus avós.

Percy piscou.

— Filhos de semideuses?

— Por quê? Isso o surpreende?

Percy não tinha certeza. Passara as últimas semanas muito preocupado em sobreviver cada dia. A ideia de viver o bastante para se tornar adulto e ter filhos... Isso parecia um sonho impossível.

— Esses Legos...

— Legados — corrigiu Hazel.

— Eles têm poderes como os semideuses?

— Às vezes sim. Às vezes não. Mas podem ser treinados. Todos os grandes generais e imperadores romanos... Sabe, todos alegavam ser descendentes de deuses. Na maioria das vezes, diziam a verdade. O áugure do acampamento que vamos ver agora, Octavian, é um legado, descendente de Apolo. Ele supostamente tem o dom da profecia.

— Supostamente?

Hazel fez uma expressão amarga.

— Você vai ver.

Percy não achou muito animador que seu destino estivesse nas mãos desse tal Octavian.

— Então as divisões — perguntou ele —, as coortes, o que seja... Vocês se dividem de acordo com quem é seu antepassado divino?

Hazel o fitou.

— Que ideia horrível! Não, os oficiais decidem para onde designar os recrutas. Se fôssemos divididos segundo os deuses, as coortes ficariam todas desiguais. Eu ficaria sozinha.

Percy sentiu uma pontada de tristeza, como se tivesse passado por essa situação.

— Por quê? Quem é seu antepassado?

Antes que Hazel pudesse responder, alguém atrás deles gritou:

— Esperem!

Um fantasma corria em sua direção — um velho com uma enorme barriga redonda e uma toga tão comprida que o fazia tropeçar a todo instante. Ele os alcançou, ofegante, sua aura roxa tremeluzia a seu redor.

— É esse aí? — arquejou o fantasma. — Um novo recruta para a Quinta,

talvez?

— Vitellius — disse Hazel —, estamos com um pouco de pressa.

O fantasma lançou um olhar carrancudo para Percy e andou em volta dele, inspecionando-o como se ele fosse um carro usado.

— Não sei — resmungou. — Precisamos apenas do melhor para a coorte. Ele tem todos os dentes? Sabe lutar? Limpa estábulos?

— Sim, sim e não — respondeu Percy. — Quem é você?

— Percy, esse é Vitellius. — A expressão de Hazel dizia: *Apenas sorria e acene*. — É um de nossos Lares; ele se interessa por novos recrutas.

Em um pórtico perto deles, outros fantasmas riam com escárnio enquanto Vitellius andava de um lado para outro, tropeçando na toga e ajustando o cinto da espada.

— Sim — ia dizendo Vitellius —, nos tempos de César... De *Júlio César*, veja bem... a Quinta Coorte era extraordinária! Décima Segunda Legião Fulminata, orgulho de Roma! Mas hoje em dia? É vergonhosa a situação a que chegamos. Veja Hazel aqui, usando uma espada. Arma ridícula para uma legionária romana... Isso é para a cavalaria! E você, garoto... Você fede como um esgoto grego. Não tomou banho?

— Tenho andado um pouco ocupado combatendo górgonas — disse Percy.

— Vitellius — interrompeu Hazel —, precisamos obter o augúrio de Percy antes que ele possa se unir a nós. Por que não vai dar uma olhada em Frank? Ele está no arsenal, fazendo o inventário. Você *sabe* o quanto ele aprecia sua ajuda.

O fantasma ergueu suas densas sobranceiras roxas.

— Marte Todo-poderoso! Deixaram o *probatio* verificar as armaduras? Estaremos arruinados!

Ele foi embora tropeçando pela rua, parando a cada poucos metros para pegar a espada ou arrumar a toga.

— Tuuudo bem — disse Percy.

— Desculpe — falou Hazel. — Ele é excêntrico, mas é um dos Lares mais antigos. Está aqui desde que a legião foi fundada.

— Ele chamou a legião de... *Fulminata*? — perguntou Percy.

— “Armada com Raios” — traduziu Hazel. — É nosso lema. A Décima Segunda Legião existiu durante todo o Império Romano. Quando Roma caiu, muitas legiões simplesmente desapareceram. Nós nos escondemos, seguindo as ordens secretas do próprio Júpiter: permanecer vivos, recrutar semideuses e seus filhos, levar Roma adiante. Viemos fazendo isso desde então, indo para onde a influência de Roma estiver mais forte. Pelos últimos séculos temos ficado na América.

Por mais bizarro que parecesse, Percy não teve dificuldade em acreditar. Na

verdade, aquilo lhe soava familiar, como algo que ele sempre soubera.

— E você está na Quinta Coorte — supôs ele —, que não deve ser a mais popular?

Hazel franziu a testa.

— É. Alistei-me em setembro.

— Então... Apenas algumas semanas antes que o tal Jason desaparecesse.

Percy percebeu que tinha atingido um ponto sensível. Hazel baixou os olhos. Ficou em silêncio por tempo suficiente para contar cada pedra do calçamento.

— Vamos — disse ela, por fim. — Vou lhe mostrar minha vista favorita.

*

Pararam do lado de fora dos portões principais. O forte ficava no ponto mais alto do vale, de modo que dali podiam ver praticamente tudo.

A estrada levava até o rio e então se dividia. Um caminho seguia para o sul, atravessando uma ponte e subindo a colina com os templos. O outro ia para o norte, até a cidade, uma versão reduzida da Roma Antiga. Diferentemente do acampamento militar, a cidade parecia caótica e colorida, com prédios amontoados em ângulos variados. Mesmo de tão longe, Percy podia ver pessoas reunidas na praça, compradores perambulando por um mercado ao ar livre, pais brincando com os filhos nos parques.

— Vocês têm famílias aqui? — perguntou ele.

— Na cidade, com certeza — respondeu Hazel. — Quando você é aceito na legião, presta dez anos de serviço. Depois disso, pode pedir baixa quando quiser. A maior parte dos semideuses vai para o mundo dos mortais. Mas para alguns... Bem, é muito perigoso lá fora. Este vale é um santuário. Você pode fazer faculdade na cidade, se casar, ter filhos, aposentar-se quando ficar velho. É o único lugar seguro na Terra para gente como nós. Então, sim, um monte de veteranos se estabelece ali, sob a proteção da legião.

Semideuses adultos. Semideuses que podiam viver sem medo, se casar, constituir família. Percy não conseguia assimilar a ideia. Aquilo parecia bom demais para ser verdade.

— Mas e se este vale for atacado?

Hazel contraiu os lábios.

— Temos defesas. As fronteiras são mágicas. No entanto, nossa força não é mais a mesma. Ultimamente, os ataques de monstros vêm aumentando. Aquilo que você disse sobre as górgonas não morrerem... Percebemos isso também, com

outros monstros.

— Você sabe qual é a causa?

Hazel desviou os olhos. Percy percebeu que ela omitia algo — algo que não devia dizer.

— É... é complicado — disse ela. — Meu irmão diz que a Morte não...

Ela foi interrompida por um elefante.

Alguém atrás deles gritou:

— Abram caminho!

Hazel puxou Percy para fora da estrada enquanto um semideus passava montado em um paquiderme adulto coberto com uma armadura preta de Kevlar. A palavra ELEFANTE estava impressa na lateral de sua armadura, o que pareceu um tanto óbvio a Percy.

O elefante seguiu ruidosamente pela estrada e virou para o norte, indo na direção de um grande campo aberto onde havia algumas fortificações em construção.

Percy cuspiu a poeira de sua boca.

— Quê...?

— Elefante — explicou Hazel.

— Sim, eu li a placa. Para que vocês têm um elefante vestido com um colete à prova de balas?

— Jogos de guerra hoje à noite — disse Hazel. — Aquele é Hannibal. Se não o incluíssemos, ele ficaria chateado.

— Não podemos com isso.

Hazel riu. Era difícil acreditar que ela parecia tão melancólica um momento atrás. Percy se perguntou o que ela estivera prestes a dizer. Hazel tinha um irmão. No entanto, afirmara que estaria sozinha se o acampamento a tivesse alocado de acordo com seu ascendente divino.

Percy não conseguia entendê-la. Hazel parecia legal e simpática, madura para alguém que não devia ter mais de treze anos. Mas também parecia esconder uma profunda tristeza, como se ela se sentisse culpada por algo.

Hazel apontou para o outro lado do rio, ao sul. Nuvens escuras se acumulavam sobre a Colina dos Templos. Relâmpagos vermelhos cobriam os monumentos com uma luz cor de sangue.

— Octavian está ocupado — disse Hazel. — É melhor irmos até lá.

No caminho, eles passaram por uns caras com pernas de bode à toa na beira da estrada.

— Hazel! — gritou um deles.

Ele se aproximou trotando com um amplo sorriso no rosto. Usava uma camisa havaiana desbotada e, em vez das calças, nada além de uma pelugem marrom densa de bode. Seus cabelos imensos em estilo afro balançavam. Os olhos estavam ocultos atrás de pequenos óculos redondos com lentes de arco-íris. Ele segurava uma placa de papelão em que se lia: VOU TRABALHAR, CANTAR, CONVERSAR EMBORA POR DENÁRIOS.

— Oi, Don — disse Hazel. — Desculpe, mas não temos tempo...

— Ah, tranquilo! Tranquilo! — Don trotou junto deles. — Ei, esse cara é novo! — Ele sorriu para Percy. — Você tem três denários para o ônibus? Porque deixei minha carteira em casa e preciso ir para o trabalho, e...

— Don — disse Hazel, repreendendo-o —, faunos não têm carteira. Nem empregos. Nem casa. E nós não temos ônibus.

— Certo — disse ele alegremente —, mas vocês têm denários?

— Seu nome é Don, o Fauno? — perguntou Percy.

— Sim. E daí?

— Nada. — Percy tentou manter o rosto sério. — Por que faunos não têm empregos? Eles não deviam trabalhar para o acampamento?

Don baliu.

— Faunos! Trabalhar para o acampamento! Hilário!

— Os faunos são, hum, espíritos livres — explicou Hazel. — Eles ficam matando o tempo por aqui porque, bem, este é um lugar seguro para matar o tempo e mendigar. Nós os toleramos, mas...

— Ah, Hazel é incrível — disse Don. — Ela é tão legal! Todos os outros campistas ficam falando: “Dê o fora, Don.” Mas ela diz: “Por favor, dê o fora, Don.” Eu a amo!

O fauno parecia inofensivo, mas Percy ainda assim o achou perturbador. Não conseguia se livrar da sensação de que os faunos deviam ser mais do que simples mendigos pedindo denários.

Don olhou para o chão diante deles e arquejou.

— Beleza!

Ele estendeu a mão para baixo, mas Hazel gritou:

— Don, não!

Ela o empurrou e pegou um pequeno objeto cintilante. Percy o viu de relance antes que Hazel o guardasse rapidamente no bolso. Ele seria capaz de jurar que era um diamante.

— Poxa, Hazel — queixou-se Don. — Eu poderia comprar *donuts* durante um ano inteiro com isso!

— Don, por favor — disse Hazel. — Dê o fora.

Ela parecia abalada, como se tivesse acabado de salvar Don de ser atropelado por um elefante à prova de balas.

O fauno suspirou.

— Ah, não consigo ficar zangado com você. Mas, juro, parece que você dá sorte. Sempre que você passa...

— Tchau, Don — disse Hazel rapidamente. — Vamos, Percy.

Ela começou a correr. Percy precisou se esforçar para alcançá-la.

— O que foi aquilo? — perguntou Percy. — Aquele diamante na estrada...

— Por favor — pediu ela. — Não pergunte.

Eles caminharam em um silêncio incômodo pelo restante do trajeto até a Colina dos Templos. Uma via tortuosa de pedras passava por uma sequência maluca de minúsculos altares e imensas câmaras abobadadas. Estátuas de deuses pareciam seguir Percy com os olhos.

Hazel apontou o Templo de Belona.

— Deusa da guerra — ela explicou. — É a mãe de Reyna.

Em seguida passaram por uma imensa cripta vermelha decorada com caveiras humanas cravadas em espigões de ferro.

— Por favor, diga que não vamos entrar ali — disse Percy.

Hazel sacudiu a cabeça.

— Aquele é o Templo de Marte Ultor.

— Marte... Ares, o deus da guerra?

— Esse é o nome grego dele — disse Hazel. — Mas, sim, é o mesmo cara. Ultor significa “o Vingador”. Ele é o segundo deus mais importante de Roma.

Percy não ficou nem um pouco animado com isso. Por algum motivo, sentia raiva só de olhar a construção vermelha e feia.

Apontou na direção do cume. Nuvens giravam acima do templo maior, um pavilhão redondo com um anel de colunas brancas que suportavam um domo.

— Imagino que aquele seja o de Zeus... Hum, quer dizer, Júpiter. É para lá que estamos indo?

— É. — Hazel parecia irritada. — Octavian lê augúrios lá, no Templo de Jupiter Optimus Maximus.

Percy precisou pensar um pouco, mas logo compreendeu o sentido das palavras latinas.

— Júpiter... O melhor e o maior?

— Isso.

— Qual é o título de Netuno? — perguntou Percy. — O mais legal e mais incrível?

— Hum, não exatamente.

Hazel apontou para uma pequena construção azul do tamanho de um barraco de ferramentas. Um tridente coberto por teias de aranha estava fixado acima da porta.

Percy deu uma olhada no interior. Em um pequeno altar repousava uma tigela com três maçãs murchas mofadas.

Ele sentiu o coração apertar.

— Lugar popular.

— Sinto muito, Percy — disse Hazel. — É que... os romanos sempre tiveram medo do mar. Só usavam navios se fosse *necessário*. Mesmo nos tempos modernos, ter um filho de Netuno por perto é mau presságio. A última vez que um ingressou na legião... bem, foi em 1906, quando o Acampamento Júpiter ficava do outro lado da baía, em São Francisco. Houve um terremoto gigantesco...

— Você está me dizendo que ele foi provocado por um filho de Netuno?

— É o que dizem. — A expressão de Hazel era de remorso. — Enfim... Os romanos temem Netuno, mas não o amam muito.

Percy olhou as teias de aranha no tridente.

Maravilha, pensou. Mesmo que ele ingressasse no acampamento, nunca seria amado. Na melhor das hipóteses, seria temido por seus novos colegas. Talvez, se ele se desse muito bem, ganharia algumas maçãs mofadas.

Mesmo assim... Enquanto estava ali no templo de Netuno, ele sentiu algo se agitando dentro de si, como ondas se formando em suas veias.

Ele remexeu na mochila e tirou a última porção de comida de sua viagem — um pão dormido. Não era grande coisa, mas ainda assim Percy o colocou no altar.

— Ei... hum, pai. — Ele se sentia bastante idiota falando com uma tigela de frutas. — Se puder me ouvir, me ajude, o.k.? Restitua minha memória. Diga-me... Diga-me o que fazer.

Sua voz falhou. Ele não queria ter soado sentimental, mas estava exausto e assustado, e ficara perdido por tanto tempo que teria dado tudo por alguma orientação. Queria ter alguma certeza sobre sua vida, sem precisar ficar se esforçando para resgatar lembranças perdidas.

Hazel pôs a mão em seu ombro.

— Vai ficar tudo bem. Você está aqui agora. Você é um de nós.

Ele se sentiu pouco à vontade sendo consolado por uma garota do oitavo ano que ele mal conhecia, mas estava contente por ela estar ali.

Acima deles, um trovão rugiu. Relâmpagos vermelhos iluminaram a colina.

— Octavian está quase acabando — disse Hazel. — Vamos lá.

*

Comparado ao barraco de Netuno, o templo de Júpiter era, definitivamente, *optimus e maximus*.

O piso de mármore era coberto com elaborados mosaicos e inscrições latinas. Quase vinte metros acima, o domo do teto reluzia com ouro. O templo todo era aberto ao vento.

No centro erguia-se um altar de mármore, onde um garoto de toga realizava algum tipo de ritual diante de uma imensa estátua dourada do próprio figurão: Júpiter, o deus do céu, usando uma toga de seda roxa tamanho XXXG, segurando um raio.

— Ele não é assim — murmurou Percy.

— O quê? — perguntou Hazel.

— O raio-mestre — disse Percy.

— Do que você está *falando*?

— Eu... — Percy franziu a testa. Por um segundo pensara ter se recordado de algo. Mas a lembrança agora tinha sumido. — Nada, eu acho.

O garoto no altar ergueu as mãos. Mais relâmpagos vermelhos riscaram o céu, sacudindo o templo. Então ele baixou as mãos, e os estrondos cessaram. As nuvens passaram de cinza a branco e se desfizeram.

Um truque bem impressionante, levando-se em conta que o garoto não parecia grande coisa. Era alto e magricela, com cabelos cor de palha, jeans um pouco grande demais, camiseta larga e uma toga frouxa. Parecia um espantalho vestido com um lençol.

— O que ele está fazendo? — murmurou Percy.

O cara da toga se virou. Tinha um sorriso torto e uma expressão ligeiramente maluca nos olhos, como se tivesse acabado de jogar videogame intensamente. Em uma das mãos ele segurava uma faca. Na outra, algo que parecia um animal morto. Isso não o fazia parecer menos maluco.

— Percy — disse Hazel —, esse é Octavian.

— O *graecus*! — anunciou Octavian. — Que interessante.

— Hã, oi — disse Percy. — Você está matando animaizinhos?

Octavian olhou o negócio penugento em sua mão e riu.

— Não, não. Antigamente, sim. Costumávamos ler a vontade dos deuses examinando tripas de animais: galinhas, bodes, esse tipo de coisa. Hoje em dia usamos isto.

Ele jogou o negócio penugento para Percy. Tratava-se de um ursinho de pelúcia estripado. Então Percy percebeu que havia um monte de bichinhos de

pelúcia mutilados aos pés da estátua de Júpiter.

— Sério? — perguntou Percy.

Octavian desceu do estrado. Tinha provavelmente uns dezoito anos, mas era tão magro e doentiamente pálido que poderia passar por mais novo. A princípio parecia inofensivo, mas, à medida que ele se aproximava, Percy já não tinha tanta certeza. Os olhos de Octavian cintilavam com uma curiosidade feroz, como se pudesse estripar Percy tão facilmente quanto um ursinho de pelúcia se achasse que poderia aprender algo com isso.

Octavian estreitou os olhos.

— Você parece nervoso.

— Você me lembra alguém — disse Percy. — Mas não consigo lembrar quem.

— É possível que seja o meu xará: Octavian... Augusto César. Todos dizem que somos incrivelmente parecidos.

Percy não achava que fosse isso, mas não conseguia identificar essa lembrança.

— Por que me chamou de “o grego”?

— Vi nos augúrios. — Octavian apontou com a faca o monte de enchimentos no altar. — A mensagem dizia: *O grego chegou*. Ou talvez: *O prego quebrou*. Acho que a primeira interpretação é a correta. Você pretende ingressar na legião?

Hazel falou por Percy. Contou a Octavian tudo que acontecera desde que se encontraram no túnel: as górgonas, a luta no rio, o aparecimento de Juno, a conversa com Reyna.

Quando ela mencionou Juno, Octavian pareceu surpreso.

— Juno — ponderou ele. — Nós a chamamos de Juno Moneta. Juno, a Que Avisa. Ela aparece em tempos de crise, para aconselhar Roma em relação a grandes ameaças.

Ele olhou para Percy, como se dissesse: *tipo gregos misteriosos, por exemplo*.

— Eu soube que o Festival de Fortuna é esta semana — observou Percy. — As górgonas disseram que haveria uma invasão nesse dia. Você viu isso em seus enchimentos?

— Infelizmente, não. — Octavian suspirou. — A vontade dos deuses é difícil de discernir. E, ultimamente, minha visão tem estado ainda mais escura.

— Você não tem... sei lá — disse Percy —, um oráculo ou algo assim?

— Um oráculo! — Octavian sorriu. — Que ideia perspicaz. Não, receio que oráculos estejam em falta. Agora, se tivéssemos saído à procura dos livros sibilinos, como recomendei...

— Sibi o quê? — perguntou Percy.

— Livros de profecia — explicou Hazel —, pelos quais Octavian é *obcecado*. Os romanos costumavam consultá-los quando aconteciam desastres. A maioria

das pessoas acredita que eles foram queimados durante a queda de Roma.

— *Algumas* pessoas acreditam nisso — corrigiu Octavian. — Infelizmente, nossa liderança atual não autoriza uma missão para procurá-los...

— Porque Reyna não é idiota — afirmou Hazel.

— ...então restam-nos apenas alguns pequenos fragmentos dos livros — continuou Octavian. — Algumas previsões misteriosas, como estas.

Com um gesto de cabeça, ele indicou as inscrições no piso de mármore. Percy olhou as sequências de palavras sem esperar de fato compreendê-las. Ele quase engasgou.

— Aquela ali. — Ele apontou, traduzindo à medida que lia em voz alta: — *“Sete meios-sangues responderão ao chamado. Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado...”*

— Isso, isso. — Octavian a completou sem nem mesmo olhá-la: — *“Um juramento a manter com um alento final, e inimigos com armas às Portas da Morte, afinal.”*

— Eu... eu conheço essa. — Percy achou que um trovão sacudia o templo outra vez. Mas então percebeu que era seu corpo inteiro que tremia. — Isso é *importante*.

Octavian arqueou uma sobrancelha.

— É claro que é importante. Nós a chamamos de a Profecia dos Sete, mas ela tem milhares de anos. Não sabemos o que significa. Sempre que alguém tenta interpretá-la... Bem, Hazel pode lhe contar. Coisas ruins acontecem.

Hazel lançou-lhe um olhar feroz.

— Apenas leia o augúrio para Percy. Ele pode entrar na legião ou não?

Percy quase podia ver a mente de Octavian trabalhando, calculando se Percy seria útil. Então estendeu a mão para a mochila dele.

— Esse é um belo espécime. Posso?

Percy não entendeu o que ele queria dizer, mas Octavian pegou o travesseiro em forma de panda que estava visível no alto da mochila. Era só um brinquedo de pelúcia bobo, mas Percy o havia carregado por um longo caminho. Tinha meio que se afeiçoado a ele. Octavian se virou para o altar e ergueu a faca.

— Ei! — protestou Percy.

Octavian rasgou a barriga do panda e despejou seu enchimento sobre o altar. Então atirou a carcaça para o lado, murmurou algumas palavras sobre o estofado e virou-se com um grande sorriso no rosto.

— Boas notícias! — disse. — Percy pode ingressar na legião. Vamos designar uma coorte para ele na inspeção noturna. Diga a Reyna que eu aprovo.

Os ombros de Hazel relaxaram.

— Hum... Ótimo. Venha, Percy.

— Ah, e Hazel — disse Octavian —, fico feliz em receber Percy na legião. Mas, quando chegar a hora da eleição para pretor, espero que você se lembre...

— Jason *não* está morto — cortou-o Hazel. — Você é o áugure. Devia estar procurando por ele!

— Ah, eu estou! — Octavian apontou o monte de bichinhos de pelúcia estripados. — Consulto os deuses todos os dias! Infelizmente, depois de oito meses, ainda não encontrei nada. É claro que continuo procurando. Mas, se Jason não voltar para o Festival de Fortuna, teremos que agir. Não podemos ter um vácuo de poder por mais tempo. Espero que você me apoie para pretor. Significaria muito para mim.

Hazel cerrou os punhos.

— Eu. Apoiar. Você?

Octavian tirou a toga, deixando-a junto com a faca no altar. Percy notou sete linhas no braço do rapaz: sete anos de acampamento, imaginou Percy. A marca de Octavian era uma harpa, o símbolo de Apolo.

— Afinal — disse Octavian —, talvez eu possa ajudá-la. Seria uma pena se aqueles rumores horríveis sobre você continuassem a circular... Ou, que os deuses não permitam, se eles se provassem verdadeiros.

Percy enfiou a mão no bolso e agarrou a caneta. Esse cara estava chantageando Hazel. Isso era óbvio. Um sinal dela e Percy estava pronto para sacar Contracorrente e ver o que Octavian achava de estar do outro lado de uma lâmina.

Hazel respirou fundo. Os nós de seus dedos estavam brancos.

— Vou pensar.

— Excelente — disse Octavian. — A propósito, seu irmão está aqui.

Hazel ficou tensa.

— Meu irmão? Por quê?

Octavian deu de ombros.

— Por que seu irmão faz *qualquer coisa*? Ele está esperando você no templo de seu pai. Só... ah, não o convide para ficar muito tempo. Ele exerce um efeito perturbador sobre os outros. Agora, se me dão licença, preciso continuar procurando nosso pobre amigo desaparecido, Jason. Prazer em conhecê-lo, Percy.

Hazel saiu do pavilhão pisando duro, e Percy foi atrás. Ele tinha certeza de que nunca em sua vida se sentira tão feliz em deixar um templo.

Hazel desceu a colina, marchando e praguejando em latim. Percy não entendeu tudo, mas captou *filho de górgona, cobra gananciosa* e algumas outras sugestões sobre onde Octavian podia enfiar sua faca.

— Eu *odeio* aquele cara — murmurou ela. — Se dependesse de mim...

— Ele não vai ser eleito pretor, vai? — perguntou Percy.

— Quem me dera ter certeza disso. Octavian tem muitos amigos, e a maioria é *comprada*. Os outros campistas têm medo dele.

— Medo daquele cara magricela?

— Não o subestime. Reyna não é tão ruim sozinha, mas se Octavian dividir o poder com ela... — Hazel estremeceu. — Vamos ver meu irmão. Ele vai querer conhecer você.

Percy não discutiu. Ele queria conhecer esse irmão misterioso, talvez descobrir algo sobre o passado de Hazel — quem era seu pai, que segredo ela escondia. Percy não acreditava que ela tivesse feito algo condenável. Ela parecia legal demais. Mas Octavian agira como se soubesse algum podre dela em primeira mão.

Hazel levou Percy a uma cripta negra construída na encosta da colina. Diante dela estava um adolescente de jeans preto e jaqueta de aviador.

— Ei — Hazel chamou. — Eu trouxe um amigo.

O garoto se virou. Percy teve outro daqueles lampejos estranhos: como se o garoto fosse alguém que ele devesse conhecer. Era quase tão pálido quanto Octavian, mas tinha olhos escuros e cabelos negros bagunçados. Não se parecia em nada com Hazel. Usava um anel com uma caveira de prata, uma corrente fazendo as vezes de cinto e uma camiseta preta com estampa de caveira. Junto a seu corpo pendia uma espada totalmente negra.

Por um microssegundo, ao ver Percy, o garoto pareceu chocado — até mesmo em pânico, como se tivesse sido apanhado por um holofote.

— Este é Percy Jackson — disse Hazel. — É um cara legal. Percy, este é meu irmão, o filho de Plutão.

O garoto se recompôs e estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-lo — disse ele. — Eu sou Nico di Angelo.

V

HAZEL

HAZEL TEVE A SENSÇÃO DE que havia acabado de apresentar duas bombas nucleares. Agora ela esperava para ver qual explodiria primeiro.

Até aquela manhã, seu irmão Nico era o semideus mais poderoso que ela conhecia. Os outros no Acampamento Júpiter o viam como um esquisitão de passagem, tão inofensivo quanto os faunos. Hazel sabia que não era bem assim. Ela não havia crescido com Nico, fazia pouco tempo que o conhecia, mas sabia que era mais perigoso que Reyna, Octavian ou mesmo Jason.

Até ela conhecer Percy.

A princípio, quando o vira cambaleando pela estrada, carregando a velha nos braços, Hazel pensara que ele pudesse ser um deus disfarçado. Embora estivesse estropeado, sujo e curvado de exaustão, ele tinha uma aura de poder. Era belo como um deus romano, com olhos verdes da cor do mar e cabelos negros despenteados.

Ela ordenara a Frank que não atirasse nele, pensando que os dois podiam estar sendo testados pelos deuses. Ela ouvira mitos como aquele: um garoto e uma velha pedem abrigo, e, quando os rudes mortais recusam... *bum*, são transformados em lesmas.

Depois Percy controlou o rio e destruiu as górgonas. Transformou uma caneta em uma espada de bronze. E agitou o acampamento inteiro com comentários sobre o *graecus*.

Um filho do deus dos mares...

Havia muito tempo Hazel ouvira que um descendente de Netuno a salvaria. Mas Percy poderia de fato acabar com sua maldição? Isso seria pedir demais.

Percy e Nico trocaram um aperto de mãos. Eles se estudaram com cautela, e Hazel precisou reprimir um impulso de sair correndo. Se esses dois sacassem

suas espadas mágicas, a situação podia ficar feia.

Nico não parecia assustador. Era magricela e desleixado em suas roupas pretas amarrotadas. Os cabelos, como sempre, davam a impressão de que ele tinha acabado de sair da cama.

Hazel lembrou-se de quando o conhecera. Na primeira vez que o vira puxar aquela espada negra, ela quase rira. A maneira como ele se referia à espada como “ferro estígio”, todo sério — ele parecera ridículo. Esse garotinho branco não era nenhum grande lutador. Ela com certeza não tinha acreditado que eles eram parentes.

Mas mudara de ideia em pouco tempo.

Percy franziu a testa.

— Eu... eu conheço você.

Nico ergueu as sobrancelhas.

— Conhece? — respondeu ele, e olhou para Hazel em busca de uma explicação.

Ela hesitou. Havia algo na reação de seu irmão que não se encaixava. Nico estava se esforçando muito para parecer casual, mas, quando ele vira Percy, ela percebera sua expressão momentânea de pânico. Seu irmão já conhecia Percy. Hazel tinha certeza disso. Por que ele fingia que não?

Ela obrigou-se a falar.

— Hum... Percy perdeu a memória.

Contou em seguida o que acontecera desde a chegada de Percy aos portões.

— Então, Nico... — continuou ela, com cuidado —, pensei... você sabe, você viaja por toda parte. Talvez tenha conhecido semideuses como Percy antes, ou...

A expressão de Nico ficou tão sombria quanto o Tártaro. Hazel não entendeu o motivo, mas compreendeu a mensagem: *Esqueça esse assunto.*

— Essa história sobre o exército de Gaia — disse Nico. — Você avisou Reyna?

Percy assentiu.

— Mas quem é Gaia, afinal?

A boca de Hazel ficou seca. Só de ouvir aquele nome... Ela precisou se controlar muito para manter os joelhos firmes. Lembrou-se da voz suave e sonolenta de uma mulher, uma caverna iluminada e de sentir seus pulmões se enchendo de óleo negro.

— É a deusa da terra. — Nico olhou para o chão como se pudesse ouvi-lo. — A deusa mais antiga de todas. Ela está em um sono profundo na maior parte do tempo, mas odeia os deuses e seus filhos.

— A Mãe Terra... é má? — indagou Percy.

— Muito — disse Nico com gravidade. — Ela convenceu o filho, o titã

Cronos... hum, quer dizer, Saturno... a matar o pai, Urano, e dominar o mundo. Os titãs governaram por muito tempo. Até que os filhos deles, os deuses olímpianos, os derrotaram.

— Essa história me parece familiar. — Percy parecia surpreso, como se uma antiga lembrança tivesse emergido parcialmente. — Mas acho que ainda não ouvi a parte sobre Gaia.

Nico deu de ombros.

— Ela ficou furiosa quando os deuses assumiram o controle. Então casou-se de novo, com Tártaro, o espírito do abismo, e deu à luz uma raça de gigantes. Eles tentaram destruir o Monte Olimpo, mas os deuses finalmente os venceram. Pelo menos, da primeira vez.

— Da primeira vez? — repetiu Percy.

Nico olhou para Hazel. Ele provavelmente não teve a intenção de fazê-la se sentir culpada, mas ela não pôde evitar. Se Percy soubesse a verdade sobre ela, e as coisas horríveis que tinha feito...

— No verão passado — continuou Nico —, Saturno tentou retornar. Houve uma segunda guerra dos titãs. Os romanos do Acampamento Júpiter atacaram seu quartel-general no Monte Otris, do outro lado da baía, e destruíram seu trono. Saturno desapareceu...

Ele hesitou, analisando o rosto de Percy. Hazel teve a sensação de que seu irmão estava nervoso com a possibilidade de que Percy se lembrasse de algo mais.

— Hum, enfim — prosseguiu Nico —, Saturno provavelmente voltou para o abismo. Todos nós pensamos que a guerra tivesse terminado. Agora parece que a derrota dos titãs agitou Gaia. Ela está começando a acordar. Ouvi relatos sobre o renascimento de gigantes. Se eles tiverem a intenção de desafiar os deuses de novo, provavelmente vão começar destruindo os semideuses...

— Você contou isso a Reyna? — perguntou Percy.

— É claro. — Nico retesou o maxilar. — Mas os romanos não confiam em mim. Por isso espero que ela ouça você. Os filhos de Plutão... Bem, sem ofensa, mas somos considerados ainda piores que os filhos de Netuno. Damos azar.

— Eles deixaram Hazel ficar aqui — observou Percy.

— Isso é diferente — disse Nico.

— Por quê?

— Percy — interrompeu Hazel —, olhe, os gigantes não são o maior dos problemas. Nem... nem mesmo *Gaia*. Aquilo que você percebeu nas górgonas, o fato de elas não morrerem, *essa* é nossa maior preocupação.

Ela olhou para Nico. Agora estava chegando perigosamente perto de seu próprio segredo, mas por alguma razão Hazel confiava em Percy. Talvez porque

ele também fosse um forasteiro, talvez porque havia salvado Frank no rio. Ele merecia saber o que estavam enfrentando.

— Nico e eu — disse ela com cuidado —, nós acreditamos que o que está acontecendo é que... a Morte não está...

Antes que ela pudesse terminar, ouviu-se um grito ao pé da colina.

Frank vinha correndo na direção deles, usando a camiseta roxa do acampamento e calça e jaqueta jeans. Suas mãos estavam cobertas de graxa de ter limpado armas.

Como acontecia sempre que via Frank, o coração de Hazel fazia um pequeno número de sapateado, e isso a irritava *de verdade*. Claro, ele era um bom amigo, uma das poucas pessoas no acampamento que não a tratavam como se ela tivesse uma doença contagiosa. Mas Hazel não gostava dele *daquela* maneira.

Ele era três anos mais velho que ela, e não era exatamente um Príncipe Encantado, com aquela estranha combinação de rosto de bebê e corpo musculoso de lutador de vale-tudo. Ele parecia um coala fofinho cheio de músculos. O fato de que todo mundo vivia tentando juntá-los — *os dois maiores fracassados do acampamento! Vocês são perfeitos um para o outro* — deixava Hazel ainda mais determinada a não gostar dele.

Mas seu coração não seguia o planejado. E ficava maluco sempre que Frank estava por perto. Ela não se sentia assim desde... Bem, desde Sammy.

Pare com isso, pensou ela. Você está aqui por uma razão — e não é para arranjar um novo namorado.

Além disso, Frank não conhecia seu segredo. Se conhecesse, não seria tão legal com ela.

Ele alcançou o altar.

— Oi, Nico...

— Frank.

Nico sorriu. Ele parecia achar o garoto divertido, talvez porque Frank fosse o único no acampamento que não se sentia pouco à vontade na presença dos filhos de Plutão.

— Reyna me mandou vir buscar Percy — informou Frank. — Octavian aceitou você?

— Sim — disse Percy. — Ele sacrificou meu panda.

— Ele... Ah! O augúrio? É, os ursinhos de pelúcia devem ter pesadelos com aquele cara. Mas você está dentro! Precisamos levá-lo para se arrumar antes da inspeção noturna.

Hazel percebeu que o sol estava baixando acima das colinas. Como o dia tinha passado tão rápido?

— Você tem razão — disse ela. — É melhor nós...

— Frank — interrompeu-a Nico —, por que você não desce com Percy? Hazel e eu iremos em seguida.

Oh-oh, pensou Hazel, tentando não parecer ansiosa.

— É... é uma boa ideia — conseguiu dizer. — Vão na frente, meninos. Depois alcançamos vocês.

Percy olhou para Nico mais uma vez, como se ainda tentasse resgatar uma lembrança.

— Eu gostaria de conversar um pouco mais com você. Não consigo me livrar da sensação...

— Claro — concordou Nico. — Mais tarde. Vou passar a noite aqui.

— Vai? — Hazel deixou escapar.

Os campistas iam adorar essa notícia: o filho de Netuno e o filho de Plutão chegando no mesmo dia. Agora tudo o que faltava era alguns gatos pretos e espelhos quebrados.

— Vá, Percy — disse Nico. — Acomode-se. — Ele se virou para Hazel, e a menina teve a impressão de que a pior parte de seu dia ainda estava por vir. — Minha irmã e eu precisamos conversar.

*

— Você o conhece, não é? — perguntou Hazel.

Eles sentaram-se no telhado do templo de Plutão, que era coberto de ossos e diamantes. Pelo que Hazel sabia, os ossos sempre estiveram ali. Os diamantes eram sua culpa. Se ela passasse muito tempo sentada em algum lugar, ou se simplesmente ficasse ansiosa, eles começavam a surgir à sua volta como cogumelos depois de uma chuva. Pedras no valor de vários milhões de dólares reluziam no telhado, mas felizmente os outros campistas não tocavam nelas. Eles sabiam que não deviam roubar dos templos — especialmente do de Plutão —, e os faunos nunca subiam até ali.

Hazel estremeceu, lembrando-se de que naquela tarde, com Don, fora por um triz. Se não tivesse sido rápida e apanhado aquele diamante do chão... Ela sequer queria pensar no assunto. Não precisava de outra morte em sua consciência.

Nico balançava os pés como um garotinho. Sua espada de ferro estígio estava a seu lado, perto da espada de Hazel. Ele olhou para o outro lado do vale, onde equipes trabalhavam no Campo de Marte construindo fortificações para os jogos daquela noite.

— Percy Jackson — ele disse o nome como se fosse uma fórmula mágica. —

Hazel, tenho que tomar cuidado com o que falo. Há coisas importantes em jogo aqui. Alguns segredos devem permanecer ocultos. Você, mais que qualquer um... você devia compreender isso.

Hazel sentiu o rosto esquentar.

— Mas ele não é como... como eu?

— Não — disse Nico. — Lamento não poder lhe contar mais. Não posso interferir. Percy tem que encontrar seu próprio caminho neste acampamento.

— Ele é perigoso? — perguntou ela.

Nico deu um sorriso seco.

— Muito. Para os inimigos dele. Mas não é uma ameaça para o Acampamento Júpiter. Pode confiar nele.

— Como confio em você — disse Hazel, com amargura.

Nico girou o anel de caveira no dedo. Ao redor do garoto, os ossos começaram a tremer, como se estivessem tentando formar um novo esqueleto. Sempre que ficava de mau humor, Nico exercia esse efeito nos mortos, mais ou menos como a maldição de Hazel. Os dois representavam as duas esferas de controle de Plutão: morte e riquezas. Às vezes Hazel pensava que Nico ficara com a melhor parte.

— Olhe, sei que é difícil — disse Nico. — Mas você tem uma segunda chance. Pode fazer com que tudo fique bem.

— Nada disso está bem — replicou Hazel. — Se descobrirem a verdade sobre mim...

— Não vão — prometeu Nico. — Logo vão organizar uma missão. Terão que fazer isso. Você vai me deixar orgulhoso. Confie em mim, Bi...

Ele se conteve, mas Hazel sabia como ele quase a havia chamado: *Bianca*. A irmã *verdadeira* de Nico — aquela com quem ele crescera. Nico podia até gostar de Hazel, mas ela nunca seria Bianca. Hazel era apenas a melhor alternativa que Nico podia ter: um prêmio de consolação do Mundo Inferior.

— Desculpe — disse ele.

Hazel sentiu um gosto de metal na boca, como se pepitas de ouro estivessem surgindo embaixo de sua língua.

— Então é verdade sobre a Morte? A culpa é de Alcioneu?

— Acho que sim — respondeu Nico. — A situação está ficando feia no Mundo Inferior. Papai está enlouquecendo, tentando manter tudo sob controle. Pelo que Percy falou sobre górgonas, as coisas estão piorando aqui em cima também. Mas, olhe, é por isso que você está aqui. Toda aquela história sobre seu passado... Você pode tirar algo de *bom* daquilo. Seu lugar é no Acampamento Júpiter.

Aquilo soava tão ridículo que Hazel quase riu. Ela não devia estar ali. Não

devia estar nem neste século.

Ela devia saber que não podia pensar no passado, mas lembrou-se do dia em que sua antiga vida fora destruída. O blecaute a atingiu tão subitamente que ela não teve tempo nem de dizer *Oh-oh*. Hazel voltou no tempo. Não era um sonho ou uma visão. A lembrança lhe veio com uma clareza tão absoluta que ela teve a sensação de estar lá de fato.

Seu aniversário mais recente. Ela havia acabado de completar treze anos. Mas não fora em dezembro *passado* — fora em 17 de dezembro de 1941, o último dia que ela viveu em Nova Orleans.

VI

HAZEL

HAZEL VOLTAVA A PÉ, SOZINHA, do clube hípico para casa. Apesar da noite fria, ela sentia bastante calor. Sammy tinha acabado de lhe dar um beijo no rosto.

O dia fora cheio de altos e baixos. As crianças na escola haviam implicado com ela por causa de sua mãe, chamando-a de bruxa e de muitos outros nomes. Isso acontecia havia muito tempo, é claro, mas vinha piorando. Boatos sobre a maldição de Hazel se espalhavam. A escola era a Academia St. Agnes para Crianças de Cor e Indígenas, um nome que se mantinha inalterado havia cem anos. Assim como o nome, o lugar encobria uma imensa dose de crueldade sob um fino véu de benevolência.

Hazel não compreendia como outras crianças negras podiam ser tão más. Elas deviam ser mais conscientes, pois também tinham que aturar xingamentos o tempo todo. Mas gritavam com ela e roubavam sua merenda, sempre pedindo as famosas joias: “Cadê os malditos diamantes, garota? Dá alguns, senão machuco você!” Empurravam-na no chafariz e lhe atiravam pedras se Hazel tentasse falar com elas no pátio.

Por mais horríveis que fossem, ela nunca lhes dava diamantes ou ouro. Não odiava ninguém *tanto* assim. E também tinha um amigo — Sammy —, e isso lhe bastava.

Sammy gostava de brincar que era o perfeito aluno da St. Agnes. Tinha ascendência mexicana, então se considerava de cor e indígena.

— Eles deviam me dar uma bolsa de estudos *dupla* — dizia ele.

Ele não era grande nem forte, mas tinha um sorriso louco e fazia Hazel rir.

Naquela tarde, Sammy a havia levado aos estábulos, onde ele trabalhava como cavaleiro. Era em um clube de equitação “apenas para brancos”, claro, mas ficava fechado durante a semana, e, com a guerra acontecendo, corria o boato de

que o clube talvez tivesse que fechar completamente até os japoneses serem arrebitados e os soldados voltarem para casa. Sammy normalmente conseguia levar Hazel às escondidas para ajudar a cuidar dos cavalos. De vez em quando eles cavalgavam.

Hazel adorava cavalos. Eles pareciam ser os únicos seres vivos que não tinham medo dela. As pessoas a odiavam. Gatos chiavam quando a viam. Cachorros rosnavam. Até mesmo o hamster idiota da aula da srta. Finley guinchava aterrorizado quando a menina lhe dava uma cenoura. Mas os cavalos não se importavam. Quando ela estava na sela, podia cavalgar tão rápido que não havia a menor chance de fazer pedras preciosas brotarem pelo caminho. Ela chegava a quase se sentir livre da maldição.

Naquela tarde, ela havia pegado um garanhão ruão pardo com uma crina negra deslumbrante. Galopou para os campos com tanta velocidade que deixou Sammy para trás. Quando o menino a alcançou, tanto ele quanto seu cavalo estavam sem fôlego.

— Do que você está fugindo? — Ele riu. — Eu não sou *tão* feio assim, sou?

Estava frio demais para um piquenique, mas eles fizeram um mesmo assim, sentados sob uma magnólia e com os cavalos amarrados em uma cerca de madeira. Sammy trouxera para Hazel um bolinho com uma vela de aniversário, que ficara esmagado por causa do galope, mas ainda assim era a coisa mais fofa que a menina já vira. Eles o partiram ao meio e o dividiram.

Sammy falou da guerra. Queria ter idade suficiente para lutar. Perguntou se Hazel lhe escreveria cartas se ele fosse um soldado enviado para o exterior.

— É claro, seu bobo — disse ela.

Ele sorriu. Então, como se movido por um súbito impulso, inclinou-se para a frente e lhe deu um beijo na bochecha.

— Feliz aniversário, Hazel.

Não era nada de mais. Apenas um beijo, nem tinha sido nos lábios. Mas Hazel sentia-se como se flutuasse. Ela mal se lembrava da volta aos estábulos, ou de se despedir de Sammy. Ele disse: “Até amanhã”, como sempre. Mas Hazel nunca mais o veria.

Quando ela chegou ao French Quarter, já estava escurecendo. Ao se aproximar de casa, sua sensação de calor desapareceu e foi substituída por pavor.

Hazel e a mãe — Queen Marie, como gostava de ser chamada — moravam em um velho apartamento em cima de um clube de jazz. Apesar do começo da guerra, havia um clima festivo no ar. Novos recrutas perambulavam pelas ruas, rindo e falando sobre enfrentar os japoneses. Eles faziam tatuagens nos salões ou propunham casamento às namoradas bem na calçada. Alguns iam se consultar com a mãe de Hazel para ter sua sorte lida ou comprar amuletos de Marie

Levesque, a famosa rainha dos talismãs africanos.

— Você ouviu? — alguém dizia. — Vinte e cinco centavos por este amuleto da sorte. Eu o levei para um sujeito que conheço, e ele diz que é uma pepita de prata de verdade. Vale vinte dólares! Aquela mulher vodu é maluca!

Durante um tempo esse tipo de conversa rendeu muitos negócios para Queen Marie. A maldição de Hazel havia começado lentamente. A princípio, parecia uma bênção. As pedras preciosas e o ouro só apareciam de vez em quando, nunca em grande quantidade. Queen Marie pagava suas contas. Elas comiam carne no jantar uma vez por semana. Hazel até ganhou um vestido novo. Mas então as histórias começaram a se espalhar. Os moradores da região começaram a perceber as desgraças horríveis que aconteciam às pessoas que compravam aqueles amuletos ou que eram pagas com o tesouro de Queen Marie. Charlie Gasceaux perdeu o braço em uma ceifeira quando usava uma pulseira de ouro. O sr. Henry, da mercearia, caiu morto de ataque cardíaco depois que Queen Marie pagou a conta com um rubi.

As pessoas começaram a cochichar sobre Hazel — como ela conseguia encontrar joias amaldiçoadas ao andar pela rua. Ultimamente, apenas forasteiros vinham consultar sua mãe, e estes também não eram muito numerosos. A mãe de Hazel tornou-se irritadiça. E lançava olhares ressentidos para a filha.

Hazel subiu os degraus o mais silenciosamente possível, para o caso de a mãe estar com um cliente. No clube no térreo, a banda afinava os instrumentos. A padaria ao lado tinha começado a fazer pães doces para a manhã seguinte, enchendo o poço da escada com o cheiro de manteiga derretida.

Quando chegou ao fim da escada, Hazel pensou ter ouvido duas vozes no apartamento. Mas, quando espiou o salão, a mãe estava sentada sozinha na mesa de consulta, com os olhos fechados, como se estivesse em transe.

Hazel a tinha visto assim muitas vezes, fingindo falar com espíritos para os clientes — mas nunca quando estava sozinha. Queen Marie sempre dizia a Hazel que seus amuletos eram “pura bobagem”. Não acreditava de verdade em amuletos, adivinhação ou fantasmas. Ela só representava, como uma atriz ou cantora, oferecendo um espetáculo por dinheiro.

Mas Hazel sabia que a mãe *acreditava* um pouco em magia. A maldição de Hazel não era bobagem. Queen Marie só não queria achar que fosse culpa sua, que de alguma forma ela deixara Hazel daquela maneira.

— Foi o desgraçado de seu pai — resmungava Queen Marie em seus piores dias. — Vindo aqui com seu elegante terno prateado e preto. A única vez em que eu *de fato* evoco um espírito, e o que acontece? Ele realiza meu desejo e arruína minha vida. Eu devia ter sido uma rainha *de verdade*. É culpa *dele* você ter ficado assim.

Ela nunca explicava o que queria dizer, e Hazel aprendera a não fazer perguntas sobre o pai. Isso só servia para deixar a mãe mais furiosa.

Enquanto Hazel observava, Queen Marie murmurou algo para si mesma. Seu rosto estava calmo e relaxado. Hazel ficou surpresa com a beleza dela, sem a expressão carrancuda e as rugas na testa. Seus cabelos exuberantes eram castanho-dourados, iguais aos de Hazel, e tinha o mesmo tom escuro de pele, marrom como um grão de café tostado. Ela não usava a túnica vistosa cor de açafreão nem as pulseiras de ouro que punha para impressionar os clientes — apenas um vestido branco simples. Ainda assim, tinha um ar majestoso, sentada ereta e nobre em sua cadeira dourada como se fosse mesmo uma rainha.

— Você estará em segurança lá — ela murmurou. — Longe dos deuses.

Hazel reprimiu um grito. A voz que saía da boca de sua mãe não era a *dela*. Parecia a voz de uma mulher mais velha. O tom era suave e tranquilizador, mas também autoritário — como um hipnotizador dando ordens.

Queen Marie ficou tensa. Ela fez uma careta em seu transe, e então falou com a voz normal:

— É longe demais. Frio demais. Perigoso demais. Ele me disse para não ir.

— O que ele já fez por você? — respondeu a voz. — Ele lhe deu uma criança envenenada! Mas podemos usar o dom dela para o bem. Podemos contra-atacar os deuses. Você vai ficar sob minha guarda no norte, longe do domínio dos deuses. Vou fazer de meu filho seu protetor. Você finalmente vai viver como uma rainha.

Queen Marie encolheu-se.

— Mas e quanto a Hazel...

Então seu rosto se contorceu em uma careta de desprezo. E as vozes falaram em uníssono, como se estivessem de acordo em um ponto:

— Uma criança envenenada.

Hazel desceu correndo a escada, o coração em disparada.

No pé da escada, deu um encontrão em um homem de terno escuro. Ele a segurou pelos ombros com dedos fortes e frios.

— Calma, criança — disse o homem.

Hazel notou o anel com uma caveira de prata e em seguida o estranho tecido de seu terno. Nas sombras, a lã negra pesada parecia se agitar e estremecer, formando imagens de rostos em agonia, como se almas perdidas estivessem tentando escapar das dobras de sua roupa.

Sua gravata era negra com listras platinadas. A camisa era cinza do mesmo tom de uma lápide. O rosto dele... O coração de Hazel quase saiu pela garganta. De tão branca, a pele dele parecia azulada, como leite frio. Ele tinha cabelos lambidos pretos e oleosos. O sorriso até era gentil, mas os olhos eram

abrasadores e furiosos, cheios de um poder insano. Hazel tinha visto aquele olhar nos cinejornais. Esse homem parecia aquele horrível Adolf Hitler. Não tinha bigode, mas, fora isso, podia ser o irmão gêmeo — ou o pai — dele.

Hazel tentou se afastar. Mesmo quando o homem a soltou, ela não conseguiu se mover. Os olhos dele a imobilizaram.

— Hazel Levesque — disse ele em um tom melancólico. — Você cresceu.

Hazel começou a tremer. Ao pé da escada, o piso de cimento rachou sob os pés do homem. Uma pedra reluzente pulou do concreto como se a terra tivesse cuspido uma semente de melancia. O homem a olhou, sem nenhuma surpresa. Ele se abaixou.

— Não! — gritou Hazel. — Ela é amaldiçoada!

Ele apanhou a pedra: uma esmeralda perfeita.

— É sim. Mas não para mim. Tão bonita... Vale mais que este prédio, imagino. — Ele enfiou a pedra no bolso. — Sinto muito por seu destino, criança. Imagino que você me odeie.

Hazel não compreendia. O homem parecia triste, como se ele mesmo fosse o culpado pela vida dela. Então se deu conta da verdade: um espírito vestido em preto e prata, que havia realizado os desejos de sua mãe e arruinado sua vida.

Ela arregalou os olhos.

— Você? Você é meu...

Ele segurou o queixo dela.

— Eu sou Plutão. A vida nunca é fácil para meus filhos, mas você tem um fardo especial. Agora que fez treze anos, precisamos tomar providências...

Ela afastou a mão dele.

— Você *fez* isso comigo? — questionou Hazel. — Você amaldiçoou a mim e a minha mãe? Você nos deixou sozinhas?

Sentiu as lágrimas queimando em seus olhos. Aquele homem branco, rico e de terno elegante era seu *pai*? Agora que ela tinha treze anos ele aparecia pela primeira vez e dizia que lamentava?

— Você é mau! — gritou ela. — Arruinou nossa vida!

Os olhos de Plutão se estreitaram.

— O que sua mãe lhe contou, Hazel? Ela nunca explicou o pedido que fez? Nem lhe disse por que você nasceu com uma maldição?

Hazel estava furiosa demais para falar, mas Plutão pareceu ler as respostas em seu rosto.

— Não... — Ele suspirou. — Acho que ela não contaria. Muito mais fácil me culpar.

— O que você quer dizer?

Plutão suspirou.

— Pobre criança. Nasceu cedo demais. Não posso ver seu futuro com clareza, mas algum dia você vai encontrar seu lugar. Um descendente de Netuno irá acabar com sua maldição e lhe dar paz. Temo, porém, que isso demore ainda muitos anos...

Hazel não compreendeu nada daquilo. Antes que pudesse responder, Plutão ergueu a mão. Um bloco de desenho e uma caixa de lápis de cor surgiram em sua palma.

— Soube que você gosta de arte e de cavalgar — disse ele. — Estes são para sua arte. Quanto ao cavalo... — Seus olhos brilharam. — Esse você vai ter que arranjar sozinha. Agora preciso falar com sua mãe. Feliz aniversário, Hazel.

Ele se virou e subiu os degraus — assim sem mais, como se tivesse tido o nome de Hazel em sua lista de tarefas e já a houvesse esquecido. *Feliz aniversário. Vá fazer um desenho. Vejo você daqui a mais treze anos.*

Ela estava tão perplexa, tão furiosa, tão confusa que ficou ali paralisada ao pé da escada. Queria jogar os lápis no chão e pisoteá-los. Queria ir atrás de Plutão e chutá-lo. Queria fugir, encontrar Sammy, roubar um cavalo, ir embora daquela cidade e nunca mais voltar. Mas não fez nada disso.

Acima dela, a porta do apartamento se abriu e Plutão entrou.

Hazel ainda tremia por causa do toque frio do homem, mas subiu silenciosamente para ver o que ele faria. O que diria a Queen Marie? Quem responderia? A mãe de Hazel ou aquela voz horrível?

Quando alcançou a porta, Hazel escutou uma discussão. Ela espiou dentro do apartamento. Sua mãe parecia ter voltado ao normal — gritando, furiosa, atirando objetos pela sala enquanto Plutão tentava argumentar com ela.

— Marie, isto é loucura — disse ele. — Você vai estar muito além de meu poder para que eu possa protegê-la.

— Você me protege? — gritou Queen Marie. — *Quando* foi que você me protegeu?

O terno escuro de Plutão tremeluziu, como se as almas aprisionadas no tecido estivessem ficando agitadas.

— Você não faz ideia — disse ele. — Eu as mantive vivas, você e a criança. Meus inimigos estão por toda parte, entre os deuses e os homens. Agora, com a guerra, a situação só vai piorar. Você *precisa* ficar onde eu possa...

— A polícia acha que eu sou uma assassina! — gritou Queen Marie. — Meus clientes querem me enforcar por bruxaria! E Hazel... a maldição dela está se agravando. Sua *proteção* está nos matando.

Plutão abriu as mãos em um gesto de súplica.

— Marie, por favor...

— Não! — Queen Marie virou-se para o armário, tirou uma valise de couro e

a jogou na mesa. — Nós vamos embora — anunciou ela. — Você pode ficar com sua proteção. Nós vamos para o norte.

— Marie, isso é uma armadilha — advertiu Plutão. — Quem quer que esteja sussurrando em seu ouvido, quem quer que esteja jogando você contra mim...

— Você me jogou contra você!

Ela atirou um vaso de porcelana nele. O vaso se estilhaçou no chão, e pedras preciosas espalharam-se por todos os lados... Esmeraldas, rubis, diamantes. Toda a coleção de Hazel.

— Vocês não vão sobreviver — disse Plutão. — Se forem para o norte, as duas vão morrer. Posso antever isso claramente.

— Saia daqui! — gritou ela.

Hazel queria que Plutão ficasse e argumentasse. O que quer que fosse aquilo a que sua mãe se referia, não parecia bom. Mas seu pai deslizou a mão pelo ar e dissolveu-se nas sombras... Como se de fato *fosse* um espírito.

Queen Marie fechou os olhos. E respirou fundo. Hazel temia que a estranha voz a possuísse de novo. Mas, quando falou, era ela mesma.

— Hazel — disse, com rispidez —, saia de trás dessa porta.

Tremendo, Hazel obedeceu. Ela apertava o bloco de desenho e os lápis de cor junto ao peito.

A mãe a observou como se a menina fosse uma amarga decepção. *Uma criança envenenada*, as vozes tinham dito.

— Arrume uma bolsa — ela ordenou. — Vamos embora daqui.

— P-para onde? — disse Hazel.

— Alasca — respondeu Queen Marie. — Você vai fazer algo de útil. Vamos começar uma vida nova.

Da maneira como a mãe falou, parecia que elas iam criar uma “vida nova” para alguém — ou alguma *coisa*.

— O que Plutão queria dizer? — perguntou Hazel. — Ele é mesmo meu pai? Ele disse que você fez um pedido...

— Vá para seu quarto! — gritou a mãe. — Arrume suas coisas!

Hazel saiu correndo, e de repente foi arrancada do passado.

*

Nico a sacudia pelos ombros.

— Você fez aquilo de novo.

Hazel piscou. Eles ainda estavam sentados no telhado do templo de Plutão. O

sol estava mais baixo no céu. Mais diamantes haviam aparecido à volta dela, e seus olhos ardiam de tanto chorar.

— D-desculpe — murmurou ela.

— Não se desculpe — disse Nico. — Onde você estava?

— No apartamento de minha mãe. No dia em que nos mudamos.

Nico assentiu com a cabeça. Ele compreendia a história dela melhor do que a maioria das pessoas seria capaz. Ele também era um garoto da década de 1940. Tinha nascido só alguns anos depois de Hazel, e fora trancado em um hotel mágico durante décadas. Mas o passado dela era muito pior que o de Nico. Ela havia causado tanto estrago e sofrimento...

— Você precisa trabalhar para controlar essas lembranças — avisou Nico. — Se um *flashback* desses acontecer quando você estiver em combate...

— Eu sei — respondeu. — Estou tentando.

Nico apertou a mão dela.

— Está tudo bem. Acho que é um efeito colateral do... sabe, do tempo que você passou no Mundo Inferior. Com sorte, vai melhorar.

Hazel não tinha tanta certeza assim. Depois de oito meses os blecautes pareciam estar piorando, como se a alma dela estivesse tentando viver em duas épocas diferentes. Ninguém jamais havia voltado dos mortos antes — pelo menos não da forma como *ela* voltara. Nico tentava tranquilizá-la, mas nenhum dos dois sabia o que iria acontecer.

— Não posso ir ao norte outra vez — disse Hazel. — Nico, se eu tiver que voltar aonde tudo aconteceu...

— Você vai ficar bem — prometeu ele. — Desta vez você vai ter amigos. Percy Jackson, ele tem um papel a desempenhar nesta história. Você pode pressentir, não é? Ele é uma boa pessoa para você ter a seu lado.

Hazel lembrou-se do que Plutão lhe dissera muito tempo antes: *Um descendente de Netuno irá acabar com sua maldição e lhe dar paz.*

Seria Percy essa pessoa? Talvez, mas Hazel pressentia que não seria assim tão fácil. Ela não sabia nem se Percy poderia sobreviver ao que os aguardava no norte.

— De onde ele veio? — perguntou ela. — Por que os fantasmas o chamam de grego?

Antes que Nico pudesse responder, cornetas soaram do outro lado do rio. Os legionários estavam se reunindo para a inspeção noturna.

— É melhor descermos — disse Nico. — Tenho a sensação de que os jogos de guerra de hoje serão muito interessantes.

VII

HAZEL

No CAMINHO DE VOLTA, HAZEL tropeçou em uma barra de ouro.

Ela devia saber que não podia correr tanto, mas temia se atrasar para a inspeção. A Quinta Coorte tinha os centuriões mais legais do acampamento. No entanto, até *eles* teriam que puni-la se chegasse atrasada. As punições romanas eram severas: esfregar as ruas com uma escova de dentes, limpar os touris do coliseu, ser preso em um saco cheio de doninhas furiosas e jogado no Pequeno Tibre... As opções não eram boas.

A barra de ouro brotou do chão bem a tempo de ser atingida por seu pé. Nico tentou segurá-la, mas Hazel levou um tombo e arranhou as mãos.

— Você está bem?

Nico ajoelhou-se ao lado dela e estendeu a mão para pegar a barra de ouro.

— Não! — advertiu Hazel.

Nico parou.

— Certo. Desculpe. É só que... Caramba. Essa coisa é *imensa*. — Ele tirou um frasco de néctar da jaqueta de aviador e despejou um pouco nas mãos de Hazel. Imediatamente os cortes começaram a cicatrizar. — Consegue ficar de pé?

Ele a ajudou a se levantar. Ambos fitaram o ouro. Era do tamanho de uma baguete, marcado com um número de série e as palavras TESOURO DOS ESTADOS UNIDOS.

Nico sacudiu a cabeça.

— Pelo Tártaro, como...?

— Não sei — disse Hazel, infeliz. — Pode ter sido enterrado aí por ladrões ou caído de uma carroça há cem anos. Talvez tenha migrado do cofre do banco mais próximo. O que quer que esteja no chão, em qualquer lugar perto de mim... simplesmente pula para a superfície. E quanto mais valioso...

— Mais perigoso é. — Nico franziu a testa. — Devemos cobri-la? Se os

faunos a encontrarem...

Hazel imaginou uma nuvem em forma de cogumelo elevando-se na rua, faunos carbonizados voando para todas as direções. Era horrível demais para pensar.

— Ela *deve* acabar afundando de novo no solo depois que eu sair daqui, depois de algum tempo, mas só para garantir...

Ela vinha praticando esse truque, mas nunca com algo tão denso e pesado. Apontou para a barra de ouro e tentou se concentrar.

O ouro levitou. Ela canalizou sua raiva, o que não era difícil — odiava aquele ouro, odiava sua maldição, odiava pensar em seu passado e em todos os seus fracassos. Seus dedos formigaram. A barra de ouro esquentou e reluziu.

Nico engoliu em seco.

— Hum, Hazel, tem certeza...?

Ela cerrou o punho. O ouro se amassou como massa de vidraceiro. Hazel forçou-o a se retorcer em um anel gigante e irregular. Em seguida, moveu a mão na direção do chão. Sua rosca de um milhão de dólares bateu no chão. Ela se enterrou tão profundamente que não restou nada além de uma cicatriz de terra fresca.

Nico arregalou os olhos.

— Isso foi... apavorante.

Hazel não achava que era assim tão impressionante em comparação com os poderes de um cara que podia reanimar esqueletos e trazer alguém de volta dos mortos, mas era bom surpreendê-lo, para variar.

Dentro do acampamento, as cornetas tornaram a soar. As coortes a essa altura estariam começando a chamada, e Hazel não tinha a menor vontade de ser enfiada dentro de um saco de doninhas.

— Depressa! — disse ela a Nico, e correram até os portões.

*

Na primeira vez que Hazel vira a legião reunida, ela se sentira tão intimidada que quase escapulira de volta ao alojamento para se esconder. Mesmo depois de nove meses no acampamento, ela ainda achava a imagem impressionante.

As primeiras quatro coortes, cada uma com quarenta membros, formavam filas diante de seus alojamentos nos dois lados da Via Praetoria. A Quinta Coorte reunia-se no fim, diante da *principia*, pois seu alojamento ficava escondido no canto nos fundos do acampamento, perto dos estábulos e das latrinas. Hazel

precisou passar correndo pelo meio da legião para chegar a seu lugar.

Os campistas estavam vestidos para a guerra. Cotas de malha e grevas polidas reluziam sobre camisetas roxas e jeans. Desenhos de espadas e caveiras decoravam seus elmos. Até mesmo os coturnos pareciam ameaçadores com suas cunhas de ferro, ótimos para marchar na lama ou para pisar em cabeças.

Diante dos legionários, como uma fila de peças gigantes de dominó, estavam seus escudos vermelhos e dourados, que eram do tamanho de uma porta de geladeira. Cada legionário carregava uma lança chamada pilo — semelhante a um arpão —, um gládio, uma adaga e mais uns cinquenta quilos de equipamento. Ao entrar para a legião, quem estava fora de forma não ficava assim por muito tempo. O simples ato de andar com a armadura era um exercício para o corpo inteiro.

Hazel e Nico atravessaram a rua correndo enquanto todos ficavam em posição de sentido, por isso a entrada deles foi *realmente* óbvia. Seus passos ecoaram nas pedras. Hazel tentou evitar o contato visual, mas viu que Octavian, liderando a Primeira Coorte, dava um sorriso malicioso, todo convencido em seu elmo emplumado de centurião, com uma dúzia de medalhas presas ao peito.

Hazel ainda fervia de raiva com as ameaças de chantagem que ele fizera mais cedo. Áugure idiota e seu dom da profecia — de todas as pessoas no acampamento que podiam descobrir os segredos dela, por que tinha que ter sido *ele*? Hazel tinha certeza de que Octavian já a teria denunciado semanas antes, mas ele sabia que os segredos tinham mais valor como poder de influência. Ela desejou ter guardado aquela barra de ouro para poder acertar na cara dele.

Ela passou correndo por Reyna, que galopava para cima e para baixo em seu pégaso Cipião — ou Skippy, como era chamado. Os cães de metal Aurum e Argentum caminhavam ao lado dela. A capa roxa de oficial ondulava atrás dela.

— Hazel Levesque — chamou ela —, fico muito feliz que você tenha se juntado a nós.

Hazel sabia que era melhor não responder. Faltava-lhe a maior parte do equipamento, mas ela se apressou em ocupar seu lugar na fila, ao lado de Frank, e ficou em posição de sentido. Seu centurião líder, Dakota, um grandalhão de dezessete anos, estava justamente chamando o nome dela — o último na lista.

— Presente! — gritou ela.

Graças aos deuses. Tecnicamente, não estava atrasada.

Nico foi para perto de Percy Jackson, que se encontrava à parte, junto de uns dois guardas. Os cabelos de Percy estavam molhados por causa do banho. Ele tinha vestido roupas limpas, mas ainda parecia pouco à vontade. Hazel não podia culpá-lo. Ele estava prestes a ser apresentado a duzentas pessoas fortemente armadas.

Os Lares foram os últimos a entrar na formação. Suas figuras roxas tremeluziam enquanto eles disputavam seus lugares. Tinham o hábito irritante de ficar parcialmente dentro de pessoas vivas, de modo que as fileiras pareciam uma fotografia desfocada, mas enfim os centuriões conseguiram organizá-los.

— Estandartes! — gritou Octavian.

Os porta-estandartes deram um passo à frente. Usavam capas de pele de leão e seguravam bastões decorados com os emblemas das respectivas coortes. O último a apresentar seu estandarte foi Jacob, o condutor da águia da legião. Ele segurava um longo bastão com absolutamente nada no topo. A função de porta-estandarte supostamente era uma grande honra, mas era evidente que Jacob a detestava. Embora Reyna insistisse em seguir a tradição, sempre que o bastão sem águia era erguido Hazel podia sentir o constrangimento se espalhando pela legião.

Reyna fez seu pégaso parar.

— Romanos! — anunciou ela. — Vocês provavelmente ouviram falar da incursão de hoje. Duas górgonas foram arrastadas para o rio por este recém-chegado, Percy Jackson. A própria Juno o guiou até aqui e o proclamou filho de Netuno.

Os garotos nas últimas fileiras esticaram o pescoço para ver Percy. Ele levantou a mão e disse:

— Oi.

— Ele deseja se juntar à legião — prosseguiu Reyna. — O que dizem os augúrios?

— Eu li as entranhas! — anunciou Octavian, como se tivesse matado um leão com as próprias mãos e não rasgado um travesseiro em formato de panda. — Os augúrios são favoráveis. Ele está qualificado a servir!

— *Ave!* — gritaram os campistas.

Salve!

Frank atrasou-se um pouquinho em seu “*ave*”, que saiu como um eco agudo. Os outros legionários riram com deboche.

Reyna fez sinal para que os oficiais seniores avançassem — um de cada coorte. Octavian, como o centurião de patente mais alta, voltou-se para Percy.

— Recruta — disse —, você tem credenciais? Cartas de referência?

Hazel lembrou-se de quando chegara. Vários garotos traziam cartas de semideuses mais velhos do mundo exterior, adultos que eram veteranos do acampamento. Alguns recrutas tinham patronos ricos e famosos. Outros eram campistas de terceira ou quarta geração. Uma boa carta podia resultar em uma posição nas melhores coortes, às vezes até em funções especiais, como mensageiro da legião, o que isentava um campista do trabalho pesado, como

cavar trincheiras ou conjugar verbos em latim.

Percy remexeu-se.

— Cartas? Hum, não.

Octavian franziu o nariz.

Injustiça!, Hazel queria gritar. Percy havia carregado uma deusa para dentro do acampamento. Que melhor recomendação alguém poderia querer? Mas a família de Octavian vinha mandando garotos para o acampamento por mais de um século. Ele adorava lembrar aos recrutas que todos eram menos importantes que ele.

— Nenhuma carta — disse Octavian, pesaroso. — Algum legionário irá apadrinhá-lo?

— Eu! — Frank deu um passo à frente. — Ele salvou minha vida!

Imediatamente ouviram-se gritos de protesto vindos das outras coortes. Reyna ergueu a mão pedindo silêncio e encarou Frank.

— Frank Zhang — ela disse —, pela segunda vez hoje vou lembrá-lo de que você está em *probatio*. Seu pai ou mãe divino ainda nem sequer o reclamou. Você não é elegível para apadrinhar outro campista até que conquiste sua primeira divisa.

Parecia que Frank ia morrer de vergonha.

Hazel não podia deixá-lo naquela situação. Ela saiu da fila e disse:

— O que Frank quer dizer é que Percy salvou a vida de *nós dois*. Sou membro efetivo da legião. Eu apadrinharei Percy Jackson.

Frank olhou para ela, agradecido, mas os outros campistas começaram a murmurar. Hazel mal era elegível. Ela havia conquistado sua divisa apenas algumas semanas antes, e o “ato de coragem” que a fez chegar lá tinha sido praticamente um acidente. Além disso, ela era filha de Plutão e membro da desonrada Quinta Coorte. Ela não estava fazendo nenhum favor a Percy oferecendo-lhe seu apoio.

Reyna franziu o nariz, mas voltou-se para Octavian. O áugure sorriu e deu de ombros, como se a ideia o divertisse.

Por que não?, pensou Hazel. Designar Percy para a Quinta fazia com que ele não fosse uma grande ameaça, e Octavian gostava de manter seus inimigos em um só lugar.

— Muito bem — anunciou Reyna. — Hazel Levesque, você pode apadrinhar o recruta. Sua coorte o aceita?

As outras coortes começaram a tossir, tentando não rir. Hazel sabia o que eles estavam pensando: *Mais um fracassado para a Quinta*.

Frank bateu o escudo no chão. Os outros membros da Quinta o imitaram, embora não parecessem muito animados. Seus centuriões, Dakota e Gwen,

trocaram olhares sofridos, como se dissessem: *Lá vamos nós de novo*.

— Minha coorte se pronunciou — disse Dakota. — Nós aceitamos o recruta.

Reyna olhou para Percy com pena.

— Parabéns, Percy Jackson. Você se encontra agora em *probatio*. Vai receber uma placa com seu nome e coorte. Daqui a um ano, ou assim que realizar um ato de coragem, você se tornará membro efetivo da Décima Segunda Legião Fulminata. Sirva a Roma, obedeça às regras da legião e defenda o acampamento com honra. *Senatus Populusque Romanus!*

Toda a legião ecoou a aclamação.

Reyna se afastou de Percy com seu pégaso, como se estivesse feliz por encerrar seu assunto com ele. Skippy abriu as lindas asas. Hazel não pôde evitar sentir uma pontada de inveja. Ela daria tudo por um cavalo como aquele, mas jamais teria um. Cavalos eram apenas para oficiais, ou para a cavalaria bárbara, não para legionários romanos.

— Centuriões — disse Reyna —, vocês e suas tropas têm uma hora para jantar. Depois nos encontraremos no Campo de Marte. A Primeira e a Segunda Coortes defenderão. A Terceira, a Quarta e a Quinta atacam. Sejam afortunados!

Um grande viva soou — pelos jogos de guerra e pelo jantar. As coortes saíram de formação e correram para o refeitório.

Hazel acenou para Percy, e ele e Nico abriram caminho em meio à multidão até alcançá-la. Para surpresa de Hazel, Nico sorria para ela, radiante.

— Bom trabalho, mana — ele disse. — Era preciso coragem para apadrinhá-lo.

Ele nunca tinha chamado Hazel de *mana*. Ela se perguntou se era assim que ele chamava Bianca.

Um dos guardas entregara a Percy sua placa de identificação de *probatio*. Ele a prendeu em seu colar de couro com as contas estranhas.

— Obrigado, Hazel — disse. — Hum, o que exatamente isso significa... você me apadrinhar?

— Eu garanto seu bom comportamento — explicou Hazel. — Ensino as regras a você, respondo suas perguntas, cuido para que você não desonre a legião.

— E... se eu fizer algo errado?

— Então eu sou executada com você — respondeu Hazel. — Está com fome? Vamos comer.

VIII

HAZEL

PELO MENOS A COMIDA DO acampamento era boa. Espíritos invisíveis do vento — as *aurae* — serviam os campistas e pareciam saber exatamente o que cada um queria. Elas sopravam pratos e xícaras de um lado para o outro com tanta velocidade que o refeitório parecia um delicioso furacão. Se alguém se levantasse muito rápido, corria um grande risco de ser atingido por feijões ou carne assada.

Hazel comeu *gumbo* de camarão — seu prato preferido para momentos difíceis. Ele a fazia lembrar-se de quando era uma garotinha em Nova Orleans, antes de a maldição começar e sua mãe ficar tão amargurada. Percy comeu cheeseburger e um refrigerante de aspecto estranho, com um tom intenso de azul. Hazel não entendeu, mas Percy experimentou e sorriu.

— Isso me deixa feliz — disse ele. — Não sei por quê... mas deixa.

Por um breve instante, uma das *aurae* tornou-se visível — uma garota delicada com um vestido de seda branco. Ela deu uma risadinha ao encher o copo de Percy e então desapareceu em uma rajada de vento.

O refeitório parecia especialmente barulhento esta noite. Risadas ecoavam nas paredes. Estandartes de guerra pendurados nas vigas de cedro do teto farfalhavam enquanto as *aurae* sopravam de um lado para o outro, mantendo o prato de todo mundo cheio. Os campistas comiam no estilo romano, sentados em sofás em torno de mesas baixas. Eles se levantavam e trocavam de lugar constantemente, fofocando sobre quem gostava de quem e outros assuntos.

Como de costume, a Quinta Coorte acomodou-se no lugar *menos* nobre. Suas mesas ficavam nos fundos do refeitório, perto da cozinha. A de Hazel era sempre a menos concorrida. Esta noite, eram ela e Frank, como sempre, com Percy, Nico e seu centurião Dakota, que havia se sentado ali, deduziu Hazel, porque se sentia obrigado a dar as boas-vindas ao novo recruta.

Dakota estava recostado no sofá com uma expressão de desânimo, colocando açúcar em sua bebida e dando grandes goles. Era um sujeito musculoso de cabelos pretos encaracolados e olhos que não pareciam muito bem-alinhados, por isso, sempre que Hazel olhava para ele, tinha a sensação de que o mundo estava inclinado. O fato de Dakota estar bebendo tanto e tão cedo não era um bom sinal.

— Então. — Ele arrotou, agitando o cálice no ar. — Bem-vindo à Percy, festa. — Ele franziu o cenho. — Festa, Percy. Tanto faz.

— Hum, obrigado — disse Percy, mas sua atenção estava voltada para Nico. — Eu estava pensando se poderíamos conversar, sabe... sobre onde posso ter visto você antes.

— Claro — respondeu Nico, um tanto rápido demais. — O problema é que passo a maior parte do tempo no Mundo Inferior. Portanto, a menos que eu o tenha encontrado lá de alguma forma...

Dakota tornou a arrotar.

— Embaixador de Plutão, é como o chamam. Reyna nunca sabe o que fazer com esse cara quando ele vem nos visitar. Você devia ter visto a expressão dela quando ele apareceu aqui com Hazel, pedindo para Reyna aceitá-la. Hum, sem ofensa.

— Tudo bem. — Nico parecia aliviado com a mudança de assunto. — Dakota foi muito prestativo, apadrinhando Hazel.

Dakota enrubesceu.

— É, bem... Ela parecia uma boa garota. E no fim das contas eu estava certo. Mês passado, quando ela me salvou da, hum, vocês sabem.

— Ah, cara! — Frank tirou os olhos de seu prato de peixe com fritas. — Percy, você devia ter visto! Foi dessa forma que Hazel conseguiu a divisa dela. Os unicórnios resolveram correr em um estouro...

— Não foi nada de mais — disse Hazel.

— Nada? — protestou Frank. — Dakota teria sido pisoteado! Você ficou bem na frente dos animais, espantou-os, salvou a pele dele. Nunca vi nada como aquilo.

Hazel mordeu o lábio. Ela não gostava de falar naquilo e sentia-se constrangida pela maneira com que Frank a fazia parecer uma heroína. Na verdade, ela ficara com medo de que os unicórnios em pânico se machucassem. O chifre deles era de metais preciosos — prata e ouro —, portanto ela conseguira desviá-los simplesmente se concentrando, guiando os animais pelo chifre e levando-os de volta aos estábulos. Aquilo lhe garantia um lugar efetivo na legião, mas também dera início aos rumores sobre seus estranhos poderes — rumores que a faziam se lembrar dos velhos e péssimos tempos.

Percy a observou. Aqueles olhos verde-mar a deixavam perturbada.

— Você e Nico cresceram juntos? — perguntou ele.

— Não — respondeu Nico no lugar dela. — Só recentemente descobri que Hazel era minha irmã. Ela é de Nova Orleans.

Isso era verdade, é claro, mas não a verdade completa. Nico deixava as pessoas acharem que ele havia topado com ela na Nova Orleans moderna e a levado para o acampamento. Era mais fácil que contar a história verdadeira.

Hazel havia tentado se fazer passar por uma garota moderna. Não era fácil. Felizmente, os semideuses não usavam muita tecnologia no acampamento. Seus poderes tendiam a fazer com que os aparelhos eletrônicos enlouquecessem. Mas a primeira vez que ela tirou licença e foi a Berkeley, quase teve um ataque. Televisões, computadores, iPods, internet... Ela ficou feliz de voltar para o mundo dos fantasmas, unicórnios e deuses. Aquilo parecia *muito* menos fantasia do que o século XXI.

Nico ainda falava dos filhos de Plutão.

— Não somos muitos — disse ele —, então precisamos ficar unidos. Quando encontrei Hazel...

— Você tem outras irmãs? — indagou Percy, quase como se soubesse a resposta.

Hazel perguntou-se mais uma vez quando ele e Nico haviam se conhecido, e o que seu irmão estava escondendo.

— Uma — admitiu Nico. — Mas ela morreu. Vi o espírito dela algumas vezes no Mundo Inferior, só que da última vez em que desci até lá...

Para trazê-la de volta, Hazel pensou, mas Nico não disse isso.

— Ela havia ido embora. — A voz de Nico ficou rouca. — Ela costumava ficar no Elísio... tipo o paraíso do Mundo Inferior... mas decidiu renascer em uma vida nova. Agora eu nunca mais a verei. Tive sorte de encontrar Hazel... quer dizer, em Nova Orleans.

Dakota grunhiu.

— A menos que você acredite nos boatos. Não estou dizendo que acredito.

— Boatos? — Percy perguntou.

Do outro lado do salão, Don, o Fauno, gritou:

— Hazel!

Hazel nunca ficara tão feliz em ver o fauno. Ele não tinha permissão para entrar no acampamento, mas é claro que sempre dava um jeito. Ele se encaminhava para a mesa deles, sorrindo para todo mundo, roubando comida dos pratos e apontando para campistas: — Ei! Ligue para mim!

Uma pizza voadora atingiu-o na cabeça, e ele desapareceu atrás de um sofá. Em seguida se levantou, ainda sorrindo, e se aproximou.

— Minha garota favorita! — Ele tinha cheiro de bode molhado enrolado em queijo velho. Debruçou-se nos sofás e conferiu a comida. — Ei, novato, você vai comer isso?

Percy franziu a testa.

— Faunos não são vegetarianos?

— Não estou falando do cheeseburger, cara! É o prato! — Ele fungou nos cabelos de Percy. — Ei... que cheiro é esse?

— Don! — repreendeu Hazel. — Não seja mal-educado.

— Não, cara, eu só...

Vitellius, o deus da casa deles, surgiu tremeluzente, semienterrado no sofá de Frank.

— Faunos no refeitório! Onde fomos parar? Centurião Dakota, cumpra seu dever!

— Eu estou cumprindo — resmungou Dakota em seu cálice. — Estou jantando!

Don ainda farejava Percy.

— Cara, você tem um elo de empatia com um fauno!

Percy reclinou-se para se afastar dele.

— Um o quê?

— Um elo de empatia! Está muito fraco, como se alguém o houvesse eliminado, mas...

— Já sei! — Nico levantou-se de repente. — Hazel, que tal darmos um tempo para você e Frank ajudarem Percy a se situar? Dakota e eu podemos visitar a mesa do pretor. Don e Vitellius, vocês vêm também. Podemos discutir estratégias para os jogos de guerra.

— Estratégias para perder? — murmurou Dakota.

— O Garoto da Morte tem razão! — afirmou Vitellius. — Esta legião é pior na luta do que nós fomos na Judeia, e aquela foi a *primeira* vez que perdemos nossa águia. Ora, se *eu* estivesse no comando...

— Posso só comer os talheres primeiro? — perguntou Don.

— Vamos!

Nico puxou Don e Vitellius pelas orelhas. Ninguém mais conseguia tocar os Lares. Vitellius protestava indignado enquanto era arrastado para a mesa do pretor.

— Ai! — reclamou Don. — Cara, cuidado com meu cabelo!

— Vamos, Dakota! — chamou Nico sobre o ombro.

O centurião ergueu-se, relutante. Ele limpou a boca — inutilmente, pois estava permanentemente manchada de vermelho.

— Volto logo.

Ele se sacudiu todo, como um cão tentando se secar. E foi embora cambaleando, derramando a bebida do cálice.

— O que foi isso? — perguntou Percy. — E qual é o problema de Dakota?

Frank suspirou.

— Ele está bem. É filho de Baco, o deus do vinho. Tem um problema com bebida.

Percy arregalou os olhos.

— Vocês o deixam beber *vinho*?

— Céus, não! — disse Hazel. — Isso seria um desastre. Ele é viciado em Tang vermelho. Bebe com o triplo da quantidade normal de açúcar, e ele já tem ^{TDH}... vocês sabem, déficit de atenção/hiperatividade. Um dia desses a cabeça dele vai explodir.

Percy olhou para a mesa do pretor. A maior parte dos oficiais seniores estava concentrada conversando com Reyna. Nico e seus dois cativos, Don e Vitellius, ficaram em volta do grupo. Dakota corria de um lado para o outro ao longo de uma fileira de escudos empilhados, batendo o cálice neles como se fossem um xilofone.

— ^{TDH} — respondeu Percy. — Não diga.

Hazel tentou não rir.

— Bem... A maioria dos semideuses tem. Ou, então, dislexia. O simples fato de sermos semideuses significa que nosso cérebro funciona de forma diferente. Como você... Você disse que tinha problemas para ler.

— Vocês são assim também? — perguntou Percy.

— Não sei — admitiu Hazel. — Talvez. Na minha época, crianças como nós eram chamadas simplesmente de “preguiçosas”.

Percy franziu a testa.

— Na *sua* época?

Hazel se xingou.

Por sorte, Frank falou:

— Eu queria ter ^{TDH} ou dislexia. Tudo o que tenho é intolerância a lactose.

Percy riu.

— Sério?

Frank podia ser o semideus mais bobo do mundo, mas Hazel achava que ele era uma gracinha quando ficava chateado. Os ombros dele se curvaram.

— E adoro sorvete também...

Percy riu. Hazel não pôde deixar de fazer o mesmo. Era bom sentar-se à mesa do jantar e sentir de fato que estava entre amigos.

— Certo, então me digam — falou Percy —, por que é ruim estar na Quinta Coorte? Vocês são ótimos.

O elogio fez os dedos dos pés de Hazel formigarem.

— É... complicado. Além de ser filha de Plutão, eu queria cavalgar.

— É por isso que você usa uma espada da cavalaria?

Ela assentiu.

— É bobagem, eu acho. Ilusão. Só existe um pégaso no acampamento, o de Reyna. Os unicórnios são mantidos apenas para fins medicinais, pois as raspas de seus chifres curam envenenamento e outros problemas. De qualquer forma, os romanos só lutam a pé. Cavalaria... eles meio que desprezam isso. Assim, me desprezam também.

— Eles é que saem perdendo — comentou Percy. — E você, Frank?

— Arqueiro — murmurou ele. — Eles não gostam disso também, a menos que você seja filho de Apolo. Então você tem uma desculpa. Espero que meu pai *seja* Apolo, mas não sei. Não sou muito bom com poesia. E não tenho certeza se quero ser parente de Octavian.

— Entendo — disse Percy. — Mas você é excelente com o arco... A maneira como acertou aquelas górgonas! Esqueça o que as outras pessoas pensam.

O rosto de Frank ficou vermelho como o Tang de Dakota.

— Quem me dera. Todo mundo acha que eu deveria lutar com a espada porque sou grande e corpulento. — Ele baixou os olhos para o próprio corpo, como se não pudesse acreditar que era dele. — Dizem que sou troncudo demais para ser arqueiro. Talvez se meu pai me reclamasse...

Eles comeram em silêncio por alguns minutos. Um pai que não o reclamava... Hazel conhecia essa sensação. E tinha a impressão de que Percy também.

— Você perguntou sobre a Quinta — disse ela, afinal. — Por que é a pior coorte. Isso, na verdade, começou muito antes de nós.

Ela apontou para a parede dos fundos, onde os estandartes da legião estavam expostos.

— Está vendo o bastão vazio no meio?

— A águia — disse Percy.

Hazel estava perplexa.

— Como você sabia?

Percy deu de ombros.

— Vitellius falou sobre como a legião perdeu sua águia há muito tempo... a *primeira* vez, ele disse. Ele agiu como se fosse uma grande desgraça. Estou deduzindo que é o que está faltando. E, pela maneira como você e Reyna estavam falando mais cedo, suponho que sua águia tenha se perdido uma segunda vez, mais recentemente, e que isso teve algo a ver com a Quinta Coorte.

Hazel fez uma anotação mental para não subestimar Percy de novo. Quando ele chegara, a menina havia pensado que ele era um pouco pateta por causa das

perguntas que fizera — como aquela sobre o Festival da Fortona —, mas estava claro que Percy era mais esperto do que deixava parecer.

— Você tem razão — confirmou ela. — Foi exatamente o que aconteceu.

— E o que é essa águia, afinal? Por que é tão importante?

Frank olhou ao redor para ter certeza de que ninguém estava escutando.

— É o símbolo do acampamento todo... Uma águia grande feita de ouro. Em tese, ela nos protege na batalha e amedronta nossos inimigos. A águia de cada legião dava todo tipo de poderes a ela, e a nossa veio do próprio Júpiter. Supostamente, Júlio César apelidou nossa legião de “Fulminata”, armada de raios, por causa do que a águia podia fazer.

— Eu não gosto de raios — declarou Percy.

— É, bem — disse Hazel —, ela não nos tornou invencíveis. A Décima Segunda perdeu a águia pela primeira vez ainda nos tempos antigos, durante a Grande Revolta Judaica.

— Acho que vi um filme sobre isso — disse Percy.

Hazel deu de ombros.

— Pode ser. Há muitos livros e filmes sobre legiões que perderam suas águias. Infelizmente, isso aconteceu várias vezes. A águia era tão importante... Bem, os arqueólogos *nunca* recuperaram uma só águia da Roma antiga. Cada legião guardava a sua até o último homem, pois ela continha o poder dos deuses. Eles preferiam escondê-la ou derretê-la a entregá-la ao inimigo. A Décima Segunda teve sorte da primeira vez. Recuperamos nossa águia. Mas na segunda vez...

— Vocês estavam lá? — perguntou Percy.

Ambos sacudiram a cabeça.

— Sou quase tão novo aqui quanto você. — Frank deu um tapinha em sua placa de *probatio*. — Cheguei só no mês passado. Mas todo mundo ouviu a história. Dá azar até mesmo falar sobre isso. Foi feita uma imensa expedição ao Alasca nos anos 1980...

— Aquela profecia que você percebeu no templo — continuou Hazel —, a que fala dos sete semideuses e das Portas da Morte? Nosso pretor sênior na ocasião era Michael Varus, da Quinta Coorte. Naquela época, a Quinta era a melhor do acampamento. Ele achou que traria glória à legião se conseguisse decifrar a profecia e transformá-la em realidade: salvar o mundo da tempestade, do fogo e de todo o restante. Então ele falou com o áugure, que disse que a resposta estava no Alasca. Mas ele também advertiu Michael de que a hora ainda não havia chegado. A profecia não era para ele.

— Mas ele foi assim mesmo — adivinhou Percy. — O que aconteceu?

Frank baixou a voz.

— Uma história longa e sangrenta. Quase toda a Quinta Coorte foi dizimada.

A maior parte das armas de ouro imperial da legião se perdeu, assim como a águia. Os sobreviventes ou enlouqueceram ou se recusaram a falar sobre o que os havia atacado.

Eu sei, pensou Hazel, séria. Mas permaneceu em silêncio.

— Desde que a águia foi perdida — continuou Frank — o acampamento vem enfraquecendo. As missões são mais perigosas. Os monstros atacam nossas fronteiras com mais frequência. O moral está mais baixo. Mais ou menos desde o último mês a situação tem ficado muito pior, muito mais rápido.

— E a Quinta Coorte levou a culpa — deduziu Percy. — Então agora todos pensam que somos amaldiçoados.

Hazel percebeu que seu *gumbo* estava frio. Ela tomou uma colherada, mas o prato para os momentos difíceis não tinha mais um sabor tão consolador.

— Somos os párias da legião desde... Bem, desde o desastre do Alasca. Nossa reputação melhorou quando Jason se tornou pretor...

— O garoto desaparecido? — perguntou Percy.

— É — respondeu Frank. — Eu não o conheci. Foi antes de minha chegada. Mas ouvi falar que era um bom líder. Ele praticamente cresceu na Quinta Coorte. Não ligava para o que as pessoas pensavam de nós. Começou a reconstruir nossa reputação. E então desapareceu.

— O que nos levou de volta à estaca zero — disse Hazel com amargura. — Fez com que parecêssemos amaldiçoados de novo. Sinto muito, Percy. Agora você sabe em que se meteu.

Percy tomou um gole de seu refrigerante azul e passou os olhos pelo refeitório, pensativo.

— Não sei nem de onde vim... Mas tenho a sensação de que esta não é minha primeira vez que faço parte da ralé. — Ele olhou para Hazel e abriu um sorriso. — Além disso, entrar para a legião é melhor que ser perseguido por monstros mundo afora. Arranjei alguns amigos novos. Talvez juntos possamos mudar a situação da Quinta Coorte, hein?

Uma corneta soou do outro lado do refeitório. Os oficiais na mesa do pretor se levantaram — inclusive Dakota, com a boca vermelha como a de um vampiro por causa do Tang.

— Os jogos vão começar! — anunciou Reyna.

Os campistas deram vivas e saíram correndo para pegar seus equipamentos empilhados ao longo das paredes.

— Então somos do time de ataque? — perguntou Percy acima do barulho. — Isso é bom?

Hazel deu de ombros.

— A parte boa é que ficamos com o elefante. A ruim...

— Deixe que eu adivinho — disse Percy. — É que a Quinta Coorte perde sempre.

Frank deu um tapa no ombro de Percy.

— Eu adoro esse cara! Venha, amigo novo. Vamos lá obter minha décima terceira derrota seguida!

IX

FRANK

ENQUANTO MARCHAVA PARA OS JOGOS de guerra, Frank repassou o dia em sua mente. Não acreditava no quanto chegara perto da morte.

Quando estavam no posto de sentinela naquela manhã, antes de Percy aparecer, Frank quase contara seu segredo para Hazel. Os dois estavam de pé havia horas na névoa gelada, observando o trânsito rotineiro da rodovia 24. Hazel estivera se queixando do frio.

— Eu daria qualquer coisa para ficar aquecida — disse ela, rangendo os dentes. — Queria que tivéssemos uma fogueira.

Mesmo usando armadura, ela estava linda. Frank gostava da maneira como seus cabelos cor de canela ficavam encaracolados em torno das bordas do elmo e de como sempre aparecia uma covinha quando ela franzia o rosto. Ela era miúda em comparação a ele, o que o fazia sentir-se como um touro grande e desajeitado. Ele queria abraçá-la para aquecê-la, mas nunca faria isso. Ela provavelmente lhe daria um soco, e ele perderia a única amiga que tinha no acampamento.

Eu podia fazer uma fogueira bem impressionante, ele pensou. Mas, é claro, ela queimaria só por alguns minutos, e então eu morreria...

Era assustador que ele sequer considerasse a ideia. Hazel produzia esse efeito nele. Sempre que ela queria algo, Frank sentia uma necessidade irracional de satisfazê-la. Queria ser um cavaleiro à moda antiga, indo resgatá-la, o que era uma idiotice, pois ela era muito mais capaz que ele em *tudo*.

Ele imaginou o que sua avó diria: *Frank Zhang cavalgando para resgatar alguém? Ha! Ele cairia do cavalo e quebraria o pescoço.*

Difícil acreditar que haviam se passado apenas seis semanas desde que ele saíra da casa da avó — seis semanas desde o enterro de sua mãe.

Tudo acontecera a partir de então: a chegada dos lobos à porta da casa da avó, a viagem até o Acampamento Júpiter, as semanas que ele passara na Quinta Coorte tentando não ser um fracasso completo. O tempo todo ele guardara o pedaço de lenha parcialmente queimada embrulhado em um tecido no bolso de seu casaco.

Guarde-o consigo, advertira a avó. *Enquanto isso estiver seguro, você estará seguro.*

O problema era que aquilo queimava com muita facilidade. Ele se lembrou da viagem ao sul saindo de Vancouver. Quando a temperatura ficara abaixo de congelante, perto de Mount Hood, Frank havia segurado o pedaço de madeira, imaginando como seria bom ter uma fogueira. Imediatamente, a extremidade carbonizada inflamou-se com uma chama ardente amarela. Ela iluminou a noite e aqueceu Frank até os ossos, mas o menino podia sentir sua vida esvair-se, como se *ele* estivesse sendo consumido, não a madeira. Frank enfiou a chama em um monte de neve. Por um momento de pavor ela continuou a arder. Quando finalmente se extinguiu, Frank controlou o pânico. Então enrolou o pedaço de madeira e o colocou de volta no bolso do casaco, determinado a não pegá-lo de novo. Mas não conseguia se esquecer dele.

Era como se alguém tivesse dito: “O que quer que aconteça, não pense naquele pedaço de madeira pegando fogo!”

Então, é claro, era só nisso que ele pensava.

De sentinela com Hazel, ele tentava tirar aquilo da cabeça. Adorava ficar na companhia dela. Perguntou como tinha sido crescer em Nova Orleans, mas Hazel ficou irritada com o assunto, então eles falaram trivialidades. De brincadeira, tentavam conversar em francês. Hazel tinha um pouco de sangue *créole* por parte da mãe. Frank estudara francês na escola. Nenhum dos dois era muito fluente, e o francês da Louisiana era tão diferente do canadense que era quase impossível se entenderem. Quando Frank perguntou a Hazel como ela estava passando e ela respondeu que o sapato dele estava verde, concluíram que era melhor desistir.

Então Percy Jackson chegara.

Sim, Frank já havia visto garotos enfrentarem monstros antes. Ele mesmo enfrentara muitos em sua jornada desde Vancouver. Mas Frank nunca tinha visto górgonas. Nunca tinha visto uma deusa pessoalmente. E a maneira como Percy havia controlado o Pequeno Tibre... uau! Quem dera Frank tivesse poderes assim.

Ele ainda podia sentir as garras das górgonas cravando-se em seus braços e o cheiro de seu hálito de cobra — uma mistura de ratos mortos e veneno. Não fosse por Percy, aquelas bruxas grotescas o teriam levado embora. A essa altura

ele seria um monte de ossos nos fundos de uma loja do Bargain Mart.

Após o incidente no rio, Reyna havia mandado Frank para o arsenal, o que lhe dera tempo de sobra para pensar. Enquanto polia espadas, ele lembrou-se de Juno advertindo-os para que desencadeassem a Morte.

Infelizmente, Frank tinha uma boa ideia do que a deusa queria dizer. Ele havia tentado esconder o choque quando Juno aparecera, mas a deusa era exatamente como sua avó descrevera — inclusive a capa de couro de cabra.

Há anos ela escolheu o caminho que você vai seguir, a avó lhe dissera. E não será fácil.

Frank olhou para seu arco no canto do arsenal. Ele se sentiria melhor se Apolo o reclamasse como filho. Frank tivera *certeza* de que seu pai divino se pronunciaria em seu décimo sexto aniversário, que havia sido duas semanas antes.

Dezesseis anos era um marco importante para os romanos. Fora o primeiro aniversário de Frank no acampamento. Mas nada havia acontecido. Agora ele esperava que seu pai o reclamasse no Festival de Fortuna, embora, pelo que Juno dissera, eles estariam envolvidos em uma batalha de vida ou morte no dia.

Seu pai *tinha* que ser Apolo. Arco e flecha era a única atividade em que Frank era bom. Muitos anos antes sua mãe lhe dissera que o sobrenome deles, *Zhang*, significava “mestre dos arcos” em chinês. Devia ser uma pista sobre seu pai.

Frank pôs de lado o pano que usava para polir. E olhou para o teto.

— Por favor, Apolo, se você é meu pai, me diga. Quero ser um arqueiro como você.

— Não, não quer — resmungou uma voz.

Frank deu um pulo na cadeira. Vitellius, o Lar da Quinta Coorte, tremeluzia atrás dele. Seu nome completo era Gaius Vitellius Reticulus, mas as outras coortes o chamavam de Vitellius, o Ridiculus.

— Hazel Levesque me mandou aqui para ver como você estava — disse Vitellius, ajeitando o cinto da espada. — Foi até bom. Olhe só o estado dessa armadura!

Vitellius não tinha o direito de reclamar do mau estado de nada. Sua toga era folgada, a túnica mal comportava a barriga, e a bainha da espada caía de seu cinto a cada três segundos, mas Frank não se deu o trabalho de apontar esses detalhes.

— Quanto aos arqueiros — disse o fantasma —, eles são uns fracotes! Na minha época, arco e flecha eram trabalho de bárbaros. Um bom romano devia estar no meio da luta, estripando o inimigo com a lança e a espada como um homem civilizado! Foi assim que fizemos nas Guerras Púnicas. Faça como os romanos, garoto!

Frank suspirou.

— Pensei que você fosse do exército de César.

— Eu era!

— Vitellius, César veio centenas de anos após as Guerras Púnicas. Você não poderia ter vivido tanto tempo assim.

— Você está questionando minha honra? — Vitellius parecia tão furioso que sua aura roxa reluzia. Ele sacou seu gládio espectral e gritou: — Tome isto!

E enfiou a espada, quase tão mortal quanto uma caneta *laser*, no peito de Frank algumas vezes.

— Ai — disse Frank, só por educação.

Vitellius pareceu satisfeito e guardou a espada.

— Talvez na próxima vez você pense duas vezes antes de duvidar dos mais velhos! Agora... você completou dezesseis anos recentemente, não foi?

Frank assentiu. Ele não tinha certeza de como Vitellius sabia disso, pois não contara a ninguém além de Hazel, mas os fantasmas tinham seus métodos de descobrir segredos. Espionar enquanto estavam invisíveis provavelmente era um deles.

— Então é por isso que você é um gladiador tão mal-humorado — disse o Lar. — É compreensível. Seu aniversário de dezesseis anos é o dia em que você se transforma em homem! Seu pai divino deveria tê-lo reclamado, sem dúvida, mesmo que fosse apenas com um pequeno sinal. Talvez ele tenha pensado que você é mais novo. Você parece mais novo, sabe, com esse rostinho rechonchudo de bebê.

— Obrigado por me lembrar — murmurou Frank.

— Sim, eu me lembro de meu aniversário de dezesseis anos — comentou Vitellius, feliz. — Um sinal maravilhoso! Uma galinha em minha cueca.

— Como é que é?

Vitellius inchou de orgulho.

— Isso mesmo! Eu estava no rio trocando de roupa para minha Liberália. O rito de passagem para a idade adulta, sabe. Fazíamos tudo do jeito certo naquela época. Eu havia tirado minha toga infantil e estava me lavando para vestir a de adulto. De repente, uma galinha totalmente branca apareceu do nada, correndo, pulou para dentro de minha tanga e fugiu com ela. Eu não estava usando a tanga naquele momento.

— Que bom! — disse Frank. — E, se me permite dizer, é informação demais.

— Hum. — Vitellius não o escutava. — Esse era o sinal de que eu descendia de Esculápio, o deus da medicina. Adotei meu sobrenome, o terceiro, Reticulus, porque ele quer dizer *roupa de baixo*, para me lembrar do dia abençoado em que uma galinha roubou minha tanga.

— Então... seu nome significa Sr. Cueca?

— Os deuses sejam louvados! Eu me tornei cirurgião na legião, e o restante é história. — Ele abriu bem os braços. — Não desista, garoto. Talvez seu pai esteja atrasado. A maioria dos sinais não é tão dramático como uma galinha, claro. Certa vez conheci um camarada cujo sinal foi um besouro...

— Obrigado, Vitellius — disse Frank. — Mas tenho que terminar de lustrar esta armadura...

— E o sangue da górgona?

Frank ficou paralisado. Ele não tinha falado daquilo com ninguém. Até onde sabia, apenas Percy o vira guardando os frascos no bolso quando estavam no rio, e eles não tinham tido chance de conversar ainda.

— Ora — repreendeu-o Vitellius. — Sou um curador. Conheço as lendas sobre sangue de górgona. Mostre-me os frascos.

Com relutância Frank apresentou os dois frascos de cerâmica que tinha recolhido do Pequeno Tibre. Despojos de guerra geralmente eram deixados para trás quando um monstro se dissolvia — às vezes um dente, uma arma, ou mesmo a cabeça inteira do monstro. Frank soubera imediatamente o que eram os dois frascos. Por tradição, eles pertenciam a Percy, que havia matado as górgonas, mas Frank não pôde deixar de pensar: E se eu pudesse usá-los?

— Sim. — Vitellius examinou os frascos, com ar de aprovação. — O sangue tirado do lado direito de uma górgona pode curar qualquer doença, até mesmo trazer os mortos de volta à vida. A deusa Minerva certa vez deu um frasco disso para meu divino antepassado, Esculápio. No entanto, o sangue retirado do lado esquerdo de uma górgona... morte instantânea. Então, qual é qual?

Frank olhou para os frascos.

— Não sei. Eles são idênticos.

— Ha! Mas você tem esperanças de que o frasco certo possa resolver seu problema com a madeira queimada, não é? Quem sabe quebrar a maldição?

Frank estava tão chocado que não conseguia falar.

— Ah, não se preocupe, garoto. — O fantasma deu uma risadinha. — Não vou contar para ninguém. Sou um Lar, um protetor da coorte! Eu não faria nada que o pusesse em perigo.

— Você atravessou meu peito com sua espada.

— Acredite em mim, garoto! Entendo sua situação, carregando a maldição daquele argonauta.

— Daquele... o quê?

Vitellius fez um gesto de indiferença com a mão, mostrando que ignorava a pergunta.

— Não seja modesto. Você tem raízes antigas. Tanto gregas quanto romanas.

Não é de admirar que Juno... — Ele inclinou a cabeça, como se ouvisse uma voz vindo de cima. Seu rosto ficou paralisado. Toda a sua aura tremeluziu com um tom verde. — Mas eu já disse o bastante! De qualquer maneira, vou deixar que você resolva quem fica com o sangue da górgona. Suponho que o novato Percy Jackson também possa usá-lo, com seu problema de memória.

Frank ficou imaginando o que Vitellius estivera prestes a dizer e o que o deixara tão assustado, mas teve a sensação de que pela primeira vez Vitellius iria ficar de boca fechada.

Ele olhou para os dois frascos abaixo. Nem tinha lhe ocorrido que Percy poderia precisar deles. Sentiu-se culpado por ter pensado em usar o sangue para si mesmo.

— É. Claro. Ele deveria usá-lo.

— Ah, mas, se quiser meu conselho... — Vitellius lançou outro olhar nervoso para o alto. — Com relação a esse sangue de górgona, vocês dois deviam esperar. Se minhas fontes estiverem certas, vocês vão precisar dele em sua missão.

— Missão?

As portas do arsenal se abriram.

Reyna entrou às pressas com seus galgos de metal. Vitellius desapareceu. Ele podia gostar de galinhas, mas não gostava nem um pouco dos cães da pretora.

— Frank. — Reyna parecia preocupada. — Já chega com essa armadura. Vá procurar Hazel. Traga Percy Jackson para cá. Ele já ficou tempo demais lá em cima. Não quero que Octavian... — Ela hesitou. — Bem, traga Percy para cá.

*

Então, Frank subira correndo até a Colina dos Templos.

No caminho de volta, Percy fizera um monte de perguntas sobre o irmão de Hazel, Nico, mas Frank não tinha muitas informações.

— Ele é legal — disse Frank. — Não parece com Hazel...

— O que você quer dizer? — perguntou Percy.

— Ah, hum... — Frank tossiu. Ele quis dizer que Hazel era mais bonita e mais simpática, mas resolveu não falar isso. — Nico é meio misterioso. Ele deixa todos os outros nervosos, por ser filho de Plutão e tal.

— Mas você não?

Frank deu de ombros.

— Plutão é bacana. Não é culpa dele que precise governar o Mundo Inferior.

Ele só teve azar quando os deuses dividiram o mundo, sabe? Júpiter ficou com o céu, Netuno com o mar e Plutão ficou com o poço.

— A Morte não assusta você?

Frank quase teve vontade de rir. *Nem um pouco! Tem um fósforo aí?*

Em vez disso, respondeu:

— Antigamente, tipo na época dos gregos, quando Plutão era chamado de Hades, ele estava mais para deus da morte. Quando se tornou romano, ficou mais... não sei, respeitável. Virou o deus da riqueza também. Tudo debaixo da terra pertence a ele. Então eu não o acho tão assustador.

Percy coçou a cabeça.

— Como um deus se *torna* romano? Se ele é grego, não continua a ser grego?

Frank deu alguns passos, pensando na pergunta. Vitellius teria feito uma palestra de uma hora sobre o assunto, provavelmente com uma apresentação no PowerPoint, mas Frank tentou explicar da melhor forma possível:

— Na visão dos romanos, eles adotaram o que era grego e aperfeiçoaram tudo.

Percy fez uma careta.

— Aperfeiçoaram? Como se houvesse algo errado?

Frank lembrou-se do que Vitellius dissera: *Você tem raízes antigas. Tanto gregas quanto romanas*. Sua avó havia falado algo semelhante.

— Eu não sei — admitiu. — Roma foi mais bem-sucedida que a Grécia. Eles construíram um império imenso. Os deuses ganharam importância na época dos romanos: mais poderosos e difundidos. É por isso que ainda estão presentes hoje em dia. Muitas civilizações se baseiam em Roma. Os deuses se tornaram romanos porque o centro do poder estava lá. Júpiter era... bem, mais responsável como deus romano do que havia sido quando era Zeus. Marte se tornou muito mais importante e disciplinado.

— E Juno virou uma mendiga hippie — observou Percy. — Então você está dizendo que os deuses gregos antigos... eles simplesmente viraram romanos de vez? Não resta nada dos gregos?

— Hã... — Frank olhou à volta para ter certeza de que não havia campistas ou Lares ali por perto, mas os portões principais ainda estavam a quase cem metros de distância. — Esse assunto é delicado. Algumas pessoas dizem que ainda existe influência grega, como se continuasse fazendo parte da personalidade dos deuses. Já ouvi histórias de alguns semideuses que deixam o Acampamento Júpiter. Eles rejeitam o treinamento romano e tentam seguir o antigo estilo grego... tipo agindo como heróis solitários em vez de trabalhar em equipe como a legião. Além disso, nos velhos tempos, quando Roma caiu, a metade oriental do império sobreviveu... a metade grega.

Percy o fitou.

— Eu não sabia disso.

— Era chamada Bizâncio. — Frank gostava de dizer aquela palavra. Soava legal. — O império oriental durou mais mil anos, mas sempre foi mais grego que romano. Para aqueles de nós que seguem o modo romano, esse é um tema um tanto sensível. É por isso que, qualquer que seja o país em que nos estabelecemos, o Acampamento Júpiter fica sempre no oeste... a parte *romana* do território. O leste é considerado agourento.

— Hum.

Percy franziu a testa.

Frank não podia culpá-lo por ficar confuso. Essa história de gregos e romanos também lhe dava dor de cabeça.

Eles chegaram aos portões.

— Vou levá-lo às termas para que você se lave — informou Frank. — Mas primeiro... sobre aqueles frascos que encontrei no rio.

— Sangue de górgona — respondeu Percy. — Um dos frascos cura. O outro é um veneno mortal.

Frank arregalou os olhos.

— Você *sabe* disso? Ouça, eu não ia ficar com eles. Eu só...

— Eu sei por que você os pegou, Frank.

— Sabe?

— Sei. — Percy sorriu. — Se eu tivesse entrado no acampamento carregando um frasco de veneno, ia pegar mal. Você estava tentando me proteger.

— Ah... é. — Frank enxugou o suor da palma das mãos. — Mas, se pudéssemos descobrir qual frasco contém o quê, talvez curasse sua memória.

O sorriso de Percy se apagou. Ele olhou na direção das colinas.

— Talvez... eu acho. Mas você devia guardar os frascos por enquanto. Temos uma batalha pela frente. Talvez precisemos deles para salvar vidas.

Frank o encarou, um tanto admirado. Percy tinha uma chance de recuperar a memória e estava disposto a esperar para o caso de alguém precisar mais do frasco que ele? Os romanos supostamente eram altruístas e ajudavam seus companheiros, mas Frank não tinha certeza se alguma outra pessoa no acampamento teria feito essa escolha.

— Então você não se lembra de nada? — perguntou Frank. — Família, amigos?

Percy manuseou as contas de argila em seu pescoço.

— Apenas vislumbres. Imagens confusas. Uma namorada... Pensei que ela estaria no acampamento. — Ele lançou um olhar cuidadoso para Frank, como se tomasse uma decisão. — O nome dela era Annabeth. Você não a conhece, não é?

Frank sacudiu a cabeça.

— Conheço todo mundo no acampamento, não há nenhuma Annabeth. E quanto à sua família? Sua mãe é mortal?

— Acho que sim... Ela deve estar morrendo de preocupação. Você vê sua mãe com frequência?

Frank parou na entrada das termas e pegou umas toalhas no armário.

— Ela morreu.

Percy franziu as sobrancelhas.

— Como?

Normalmente Frank mentiria. Diria *um acidente* e poria fim à conversa. Caso contrário, suas emoções saíam do controle. Ele não podia chorar no Acampamento Júpiter. Não podia mostrar fraqueza. Mas, com Percy, Frank tinha mais facilidade para falar.

— Ela morreu na guerra — disse ele. — Afeganistão.

— Ela era militar?

— Canadense. Sim.

— Canadá? Eu não sabia...

— A maioria dos americanos não sabe. — Frank suspirou. — Mas, sim, o Canadá tem tropas lá. Minha mãe era capitã. Foi uma das primeiras mulheres a morrer em combate. Salvou alguns soldados que estavam sob fogo inimigo. Ela... ela não conseguiu se salvar. O enterro foi pouco antes de eu vir para cá.

Percy assentiu. Não pediu mais detalhes, e Frank sentiu-se grato. Não falou que lamentava nem fez nenhum dos comentários bem-intencionados que Frank odiava: *Ah, coitado. Isso deve ser muito difícil para você. Meus pêsames.*

Era como se Percy já tivesse enfrentado a morte antes, como se soubesse o que era luto. O importante era ouvir. Não era necessário dizer que lamentava. Só o que ajudava era continuar — seguir em frente.

— Que tal você me mostrar as termas agora? — sugeriu Percy. — Estou imundo.

Frank conseguiu abrir um sorriso.

— É. Está mesmo.

Ao entrarem na sala de vapor, Frank pensava na avó, na mãe e em sua infância amaldiçoada graças a Juno e seu pedaço de lenha. Ele quase desejou que pudesse esquecer o passado, como acontecera com Percy.

X

FRANK

FRANK NÃO SE LEMBRAVA MUITO bem do funeral propriamente dito. Mas se lembrava das horas que o antecederam — sua avó saindo no quintal e vendo-o disparar flechas em sua coleção de porcelana.

A casa de sua avó era uma mansão grande e desengonçada de pedra cinzenta em um terreno de cinco hectares em North Vancouver. O quintal dava direto no Lynn Canyon Park.

A manhã estava fria e chuviscava, mas Frank não sentia frio. Ele usava um terno de lã preto e um sobretudo também preto, que fora de seu avô. Frank ficara surpreso e chateado ao descobrir que cabiam nele perfeitamente. As roupas cheiravam a jasmim e naftalina. O tecido pinicava, mas era quente. Com seu arco e sua aljava, ele provavelmente parecia um mordomo muito perigoso.

Ele havia arrumado parte da porcelana da avó em um carrinho de puxar e o levava para o quintal, onde armou alvos em velhos mourões da cerca que contornava o terreno. Tinha passado tanto tempo atirando que os dedos começavam a perder a sensibilidade. A cada flecha, ele imaginava que estava abatendo seus problemas.

Atiradores de elite no Afeganistão. *Crash*. Um bule de chá explodiu atravessado por uma flecha no meio.

A medalha do sacrifício, um disco de prata preso a uma fita vermelha e preta, concedida por morte no cumprimento do dever, oferecida a Frank como se fosse algo muito importante, algo capaz de fazer com que tudo ficasse bem. *Clac*. Uma xícara saiu voando para o bosque.

O oficial que veio lhe dizer: “Sua mãe é uma heroína. A capitã Emily Zhang morreu tentando salvar seus companheiros.” *Crec*. Uma travessa branca e azul se despedaçou.

A reprimenda de sua avó: *Homens não choram. Principalmente os Zhang. Você vai resistir, Fai.*

Ninguém além da avó o chamava de Fai.

Que tipo de nome é Frank?, ela costumava criticar. *Isso não é um nome chinês.*

Eu não sou chinês, Frank pensava, mas não se atrevia a dizer nada. Sua mãe o advertira anos antes: *Com sua avó, não tem discussão. Isso só fará você sofrer mais.* Ela estava certa. E agora Frank não tinha ninguém além da avó.

Tum. Uma quarta flecha atingiu o mourão da cerca e ficou presa, vibrando.

— Fai — disse a avó.

Frank virou-se.

Ela segurava um baú de mogno do tamanho de uma caixa de sapatos que Frank nunca havia visto. Com o vestido preto de gola alta e o severo coque grisalho, ela parecia uma professora do século XIX.

Ela examinou o massacre: sua porcelana no carrinho, os cacos de seus conjuntos de chá favoritos espalhados pelo gramado, as flechas de Frank cravadas no chão, nas árvores, nos mourões da cerca e na cabeça de um sorridente gnomo de jardim.

Frank pensou que ela fosse gritar ou bater nele com a caixa. Ele nunca fizera nada tão ruim assim antes. Nunca sentira tanta raiva.

O rosto da avó mostrava amargura e censura. Não se parecia em nada com a mãe de Frank. Ele se perguntou como sua mãe se tornara tão amável — sempre rindo, sempre gentil. Frank não conseguia imaginar a mãe crescendo com a avó dele, assim como não conseguia imaginá-la no campo de batalha — embora as duas situações provavelmente não fossem assim tão diferentes.

Ele esperou que a avó explodisse. Talvez ele ficasse de castigo e não tivesse que ir ao enterro. Ele queria magoá-la por ser tão má o tempo todo, por ter deixado sua mãe ir para a guerra, por repreendê-lo e mandá-lo superar a dor. Ela só se importava com sua coleção idiota.

— Pare com esse comportamento ridículo — ordenou a avó. Ela não parecia muito irritada. — Você está acima disso.

Para espanto de Frank, ela chutou para o lado uma de suas xícaras favoritas.

— O carro vai chegar logo — informou ela. — Precisamos conversar.

Frank estava aturdido. Olhou com mais atenção a caixa de mogno. Por um momento horrível, pensou que ali estivessem as cinzas de sua mãe, mas isso seria impossível. Sua avó lhe dissera que haveria um funeral militar. Então, por que ela segurava a caixa com tanto cuidado, como se seu conteúdo a afligisse?

— Vamos entrar — disse ela.

Sem esperar para ver se ele a seguiria, deu meia-volta e marchou para dentro

da casa.

Na sala de visitas, Frank sentou-se em um sofá de veludo, cercado por fotos antigas da família, vasos de porcelana grandes demais para o carrinho dele e galhardetes vermelhos com ideogramas chineses cujo significado Frank desconhecia. Nunca tivera muito interesse em aprender. Também não conhecia a maior parte das pessoas nas fotografias.

Sempre que sua avó começava um discurso sobre seus ancestrais — como eles tinham vindo da China e prosperado no negócio de importação e exportação, tornando-se, com o tempo, uma das famílias chinesas mais ricas de Vancouver —, bem, ele ficava entediado. Frank era da quarta geração de canadenses da família. Não ligava para a China nem para todas essas antiguidades bolorentas. Os únicos caracteres chineses que reconhecia eram os do nome de sua família: Zhang. *Mestre dos arcos*. Isso era legal.

A avó sentou-se a seu lado, a postura rígida, as mãos dobradas sobre a caixa.

— Sua mãe queria que você ficasse com isto — disse, com relutância. — Ela guardou esta caixa desde que você era um bebê. Quando partiu para a guerra, confiou-a a mim. Mas agora ela se foi. E logo você também irá embora.

O estômago de Frank se agitou.

— Ir embora? Para onde?

— Eu estou velha — disse a avó, como se isso fosse um anúncio surpreendente. — Logo terei meu próprio encontro com a Morte. Não posso lhe ensinar as habilidades de que você precisará e não posso guardar este fardo. Se algo acontecesse a isto, eu jamais me perdoaria. Você morreria.

Frank não sabia se tinha escutado direito. Ela parecia estar dizendo que a vida dele dependia daquela caixa. Ele se perguntou por que nunca a tinha visto antes. A avó devia mantê-la trancada no sótão, o único cômodo que Frank era proibido de explorar. Ela sempre dizia que lá em cima ficavam guardados seus tesouros mais valiosos.

Ela entregou a caixa a Frank, que abriu a tampa com dedos trêmulos. Dentro, acomodado no forro de veludo, havia um aterrorizante, transformador, incrivelmente importante... pedaço de madeira.

Parecia um pedaço de madeira — duro e liso, esculpido em um formato ondulado. Era mais ou menos do tamanho de um controle remoto de tevê. A ponta estava queimada. Frank tocou aquela extremidade. Ainda estava quente. As cinzas deixaram uma mancha negra em seu dedo.

— É um toco de madeira — disse. Não conseguia entender por que sua avó estava tão tensa e séria com aquilo.

Os olhos dela brilhavam.

— Fai, você sabe algo sobre profecias? Sobre os deuses?

As perguntas o incomodaram. Frank pensou nas estátuas bobas douradas que a avó tinha de chineses imortais, nas superstições dela em relação ao posicionamento da mobília e aos números desfavoráveis que deviam ser evitados. Profecias faziam-no pensar em biscoitos da sorte, que sequer eram chineses — não de verdade —, mas na escola zombavam dele com coisas estúpidas como: *Confúcio diz...* e todas essas bobagens. Frank nunca fora à China. Não tinha nenhum interesse naquilo. Mas, naturalmente, a avó não queria ouvir isso.

— Um pouco, vó — respondeu ele. — Não muito.

— A maioria das pessoas teria ridicularizado a história de sua mãe — disse ela. — Mas eu não. Sei de profecias e deuses. Gregos, romanos, chineses... Eles se entrelaçam em nossa família. Então não duvidei do que ela me contou sobre seu pai.

— Espere aí... O quê?

— Seu pai era um deus — disse ela simplesmente.

Se sua avó tivesse senso de humor, Frank teria pensado que ela estava brincando. Mas ela nunca fazia piada. Será que ela estava ficando senil?

— Pare de me encarar com essa boca aberta! — reclamou ela. — Minha mente não está se deteriorando. Você nunca se perguntou por que seu pai nunca voltou?

— Ele era... — Frank hesitou. Perder a mãe já era doloroso demais. Ele não queria pensar no pai também. — Ele era do exército, como mamãe. Desaparecido em missão. No Iraque.

— *Nah!* Ele era um deus. Apaixonou-se por sua mãe porque ela era uma guerreira nata. Ela era como eu... forte, valente, boa, bonita.

Forte e valente, Frank podia acreditar. Imaginar a avó como boa ou bonita era mais difícil.

Ele ainda suspeitava que ela talvez estivesse perdendo o juízo, mas perguntou:

— Que tipo de deus?

— Romano. Não sei mais do que isso. Sua mãe não queria falar, ou talvez ela mesma não soubesse. Não é surpreendente que um deus se apaixonasse por ela, considerando nossa família. Ele devia saber que sua mãe tinha sangue antigo.

— Espere... Nós somos chineses. Por que deuses romanos iam querer namorar sino-canadenses?

As narinas da avó se dilataram.

— Se você se desse o trabalho de aprender a história da família, Fai, talvez soubesse. Roma e China não são tão diferentes nem tão separadas quanto você talvez acredite. Nossa família é da província Gansu, de uma cidade chamada Li-Jien. E antes disso... como eu disse, sangue antigo. O sangue de príncipes e

heróis.

Frank ficou simplesmente olhando para a avó.

Ela suspirou, exasperada.

— Estou desperdiçando minhas palavras com este pequeno brutamontes! Você vai descobrir a verdade quando for para o acampamento. Talvez seu pai o reclame. Mas, por enquanto, preciso explicar este pedaço de lenha.

Ela apontou para a grande lareira de pedra.

— Pouco depois de você nascer, uma visitante apareceu ali dentro. Sua mãe e eu estávamos sentadas aqui no sofá, exatamente onde você e eu estamos agora. Você era uma coisinha minúscula, enrolado em um cobertor azul, e ela o embalava nos braços.

Parecia uma doce lembrança, mas a avó falara em um tom amargo, como se soubesse, já naquele momento, que Frank acabaria se tornando um bobalhão grande e desajeitado.

— Uma mulher apareceu na lareira — prosseguiu ela. — Era branca, uma *gwai poh*, vestida em seda azul, com um manto estranho que parecia feito de pele de cabra.

— De cabra — disse Frank, entorpecido.

A avó o repreendeu.

— Sim, limpe os ouvidos, Fai Zhang! Estou velha demais para contar as histórias duas vezes! A mulher com a pele de cabra era uma deusa. Sempre reconheço esse tipo de situação. Ela sorriu para o bebê... para você... e disse à sua mãe, e em mandarim perfeito: “Ele fechará o círculo. Levará sua família de volta a suas raízes e lhes trará grande honra!”

A avó riu com desdém.

— Eu não discuto com deusas, mas talvez essa não visse o futuro com muita clareza. De qualquer modo, ela disse: “Ele irá para o acampamento e restaurará sua reputação ali. Libertará Tânatos de suas gélidas correntes...”

— Espere aí, quem?

— Tânatos — respondeu a avó, impaciente. — O nome grego para Morte. Agora posso continuar sem interrupções? A deusa disse: “O sangue de Pilos é forte nesta criança, por parte de mãe. Ele terá o dom da família Zhang, mas também terá os poderes de seu pai.”

De repente, a história da família de Frank não parecia tão entediante. Ele queria desesperadamente perguntar o que tudo aquilo significava — poderes, dons, sangue de Pilos. O que era esse acampamento e quem era seu pai? Mas ele não queria interromper a avó de novo. Queria que ela continuasse falando.

— Todo poder tem seu preço, Fai — disse ela. — Antes de desaparecer, a deusa apontou para o fogo e disse: “Ele será o mais forte de seu clã, e o mais

notável. Mas as Parcas decretaram que ele também será o mais vulnerável. Sua vida queimará intensa e brevemente. Assim que aquele pedaço de madeira for consumido, aquele toco à margem do fogo, seu filho está destinado a morrer.”

Frank mal conseguia respirar. Ele olhou para a caixa em seu colo e a mancha de cinza em seu dedo. A história soava ridícula, mas de repente o pedaço de madeira parecia mais sinistro, frio e pesado.

— Este... este...

— Sim, meu brutamontes cabeçudo — disse a avó. — Este pedaço de madeira mesmo. A deusa desapareceu e eu o tirei do fogo imediatamente. Desde então nós o guardamos.

— Se ele queimar, eu morro?

— Não é assim tão estranho — disse a avó. — Romanos, chineses... O destino dos homens frequentemente pode ser previsto, e às vezes evitado, pelo menos por algum tempo. O pedaço de lenha agora está em seu poder. Mantenha-o com você. Enquanto ele estiver seguro, você estará seguro.

Frank sacudiu a cabeça. Ele queria protestar, dizer que isso era uma lenda estúpida. Talvez a avó estivesse tentando assustá-lo como vingança por ele ter quebrado sua porcelana.

Mas os olhos dela eram provocadores. Ela parecia estar desafiando Frank: *Se você não acredita, queime-o.*

Frank fechou a caixa.

— Se é tão perigoso, por que não embrulhar esta madeira em algo que não queime, como plástico ou aço? Por que não colocá-la em um cofre?

— O que aconteceria — perguntou a avó — se cobríssemos o pedaço de madeira com outra substância? Você também sufocaria? Eu não sei. Sua mãe não correria o risco. Ela não suportava a ideia de se separar dele, com medo de que algo desse errado. Bancos podem ser roubados. Edifícios podem pegar fogo. Acontecimentos estranhos conspiram quando se tenta enganar o destino. Sua mãe acreditava que a madeira só estaria segura consigo, até ela ir para a guerra. Então a deixou comigo.

A avó suspirou, desolada.

— Emily foi uma tola ao ir para a guerra, mas acho que eu sempre soube que era esse seu destino. Ela tinha esperança de reencontrar seu pai.

— Ela pensou... Ela pensou que ele estaria no Afeganistão?

A avó abriu as mãos, como se isso estivesse além de sua compreensão.

— Ela foi. Morreu bravamente. Pensou que o dom da família fosse protegê-la. Sem dúvida foi assim que ela salvou aqueles soldados. Mas o dom nunca protegeu nossa família. Não ajudou meu pai, nem o pai *dele*. Não me ajudou. E agora você se tornou um homem. Deve seguir o caminho.

— Mas... que caminho? Qual é nosso dom... Arco e flecha?

— Você e seu arco e flecha! Garoto ingênuo. Logo você vai descobrir. Hoje à noite, após o enterro, você deve ir para o sul. Sua mãe disse que, se ela não voltasse da guerra, Lupa enviaria mensageiros. Eles irão escoltá-lo para um lugar onde os filhos dos deuses podem ser treinados para seu destino.

Frank tinha a sensação de que estava sendo atingido por flechas, seu coração despedaçando-se em cacos de porcelana. Ele não entendeu a maior parte do que a avó dissera, mas uma coisa estava clara: ela o estava pondo para fora de casa.

— Você simplesmente vai me deixar partir? — perguntou ele. — Seu único parente?

A boca da avó estremeceu. Seus olhos pareciam úmidos. Frank ficou chocado ao perceber que ela estava à beira das lágrimas. Ela perdera o marido havia anos, depois a filha, e agora estava prestes a se afastar do único neto. No entanto, ela ergueu-se do sofá e empertigou-se, a postura rígida e correta de sempre.

— Quando chegar ao acampamento — instruiu ela —, você deve ter uma conversa em particular com a pretora. Diga-lhe que seu bisavô era Shen Lun. Já se passaram muitos anos desde o incidente em São Francisco. Espero que eles não matem você pelo que ele fez, mas talvez seja bom pedir perdão pelos atos dele.

— Está ficando cada vez melhor — murmurou Frank.

— A deusa disse que você fechará o círculo para nossa família. — A voz da avó não tinha o menor traço de compaixão. — Ela escolheu seu caminho há muitos anos, e não será fácil. Mas agora é hora do enterro. Temos obrigações. Venha. O carro deve estar esperando.

A cerimônia era um borrão: rostos solenes, o tamborilar da chuva no toldo junto ao túmulo, a salva de tiros da guarda de honra, o caixão mergulhando na terra.

Naquela noite, os lobos vieram e uivaram na varanda da frente. Frank saiu para ir ao encontro deles. Pegou a mala de viagem, com suas roupas mais quentes, o arco e a aljava. A medalha de sacrifício da mãe estava enfiada ali também. O pedaço de madeira chamuscado estava embrulhado cuidadosamente em três camadas de tecido no bolso de seu casaco, perto do coração.

Sua jornada para o sul começou — para a Casa dos Lobos em Sonoma, depois para o Acampamento Júpiter, onde ele teve uma conversa em particular com Reyna, como sua avó instruía. Pediu perdão pelo bisavô, de quem ele nada sabia. Reyna permitiu que Frank se juntasse à legião. Ela nunca lhe disse o que seu bisavô fizera, mas obviamente ela sabia. Frank podia ver que era algo ruim.

— Eu julgo as pessoas pelos próprios méritos — dissera Reyna. — Mas não mencione o nome Shen Lun para mais ninguém. Esse deve ser um segredo

nosso, caso contrário você será maltratado.

Infelizmente, Frank não tinha muitos méritos. Passou seu primeiro mês no acampamento derrubando pilhas de armas, quebrando bigas e fazendo coortes inteiras tropeçarem durante marchas. Seu trabalho favorito era cuidar de Aníbal, o elefante, mas até isso ele conseguira estragar, fazendo o animal ter indigestão ao lhe dar amendoins. Quem diria que elefantes podem ter intolerância a amendoim? Frank achava que Reyna já estava arrependida de ter decidido aceitá-lo.

Todos os dias ele acordava se perguntando se, de alguma forma, o pedaço de madeira iria pegar fogo e queimar, pondo fim à sua existência.

*

Tudo isso passou pela cabeça de Frank quando ele se dirigia com Hazel e Percy para os jogos de guerra. Ele pensou no graveto embrulhado no bolso de seu casaco e no que significava o fato de Juno ter aparecido no acampamento. Será que ele estava prestes a morrer? Esperava que não. Ainda não trouxera nenhuma honra à sua família — com certeza. Talvez Apolo o reclamasse hoje e explicasse seus poderes e dons.

Assim que saiu do acampamento, a Quinta Coorte formou duas fileiras atrás de seus centuriões, Dakota e Gwen. Então marchou para o norte, contornando a cidade, e seguiu para o Campo de Marte, a parte mais ampla e plana do vale. O gramado estava baixo, aparado por todos os unicórnios, touros e faunos sem-teto que pastavam ali. A terra era cheia de crateras resultantes de explosões e de trincheiras cavadas em jogos anteriores. Na extremidade norte do campo estava o alvo da coorte. Os engenheiros haviam construído uma fortaleza de pedra com uma porta levadiça de ferro, torres de vigilância, balistas do tipo escorpião, canhões de água e, sem dúvida, muitas outras surpresas desagradáveis para uso dos defensores.

— Fizeram um bom trabalho hoje — observou Hazel. — Isso é ruim para nós.

— Espere — disse Percy. — Você está me dizendo que aquela fortaleza foi construída *hoje*?

Hazel sorriu.

— Os legionários são treinados para construir. Se fosse preciso, poderíamos desmontar o acampamento inteiro e reconstruí-lo em outro lugar. Levaria três ou quatro dias, mas poderíamos fazer isso.

— Acho melhor não — disse Percy. — Então vocês atacam um forte diferente

todas as noites?

— Todas as noites, não — respondeu Frank. — Temos diversos exercícios de treinamento. Às vezes é *deathball*... hum, que é uma espécie de *paintball*, só que... com veneno, ácido e bolas de fogo. Às vezes fazemos competições de bigas e gladiadores, às vezes jogos de guerra.

Hazel apontou para o forte.

— Em algum lugar lá dentro a Primeira e a Segunda Coortes estão com seus estandartes. Nossa missão é entrar e capturá-los sem sermos massacrados. Se fizermos isso, ganhamos.

Os olhos de Percy se iluminaram.

— É como a captura da bandeira. Acho que gosto desse jogo.

Frank riu.

— É, bem... é mais difícil do que parece. Precisamos passar por aquelas balistas e canhões de água nas muralhas, invadir a fortaleza, encontrar os estandartes e derrotar os guardas, tudo isso enquanto protegemos nossos próprios estandartes e tropas. E *nossa* coorte está competindo com as outras duas atacantes. Nós meio que trabalhamos juntos, mas não totalmente. A coorte que captura os estandartes fica com toda a glória.

Percy tropeçou, tentando acompanhar o ritmo de marcha esquerda-direita. Frank compreendeu. Ele havia passado as duas primeiras semanas levando tombos.

— E por que mesmo praticamos isso? — perguntou Percy. — Vocês passam muito tempo sitiando cidades fortificadas?

— Trabalho de equipe — respondeu Hazel. — Raciocínio rápido. Tática. Habilidades de batalha. Você ficaria surpreso com o que se pode aprender nos jogos de guerra.

— Como quem vai apunhalar você pelas costas — afirmou Frank.

— Principalmente isso — concordou Hazel.

Eles marcharam para o centro do Campo de Marte e formaram fileiras. A Terceira e a Quarta Coortes haviam se reunido o mais longe possível da Quinta. Os centuriões do lado atacante se juntaram para uma conferência. No céu, Reyna circulava em seu pégaso, Cipião, pronta para desempenhar o papel de árbitro. Algumas águias gigantes voavam em formação atrás dela, preparadas para realizar remoções aéreas de feridos se necessário. A única pessoa a não participar dos jogos era Nico di Angelo, o “embaixador de Plutão”, que subira em uma torre de observação a cerca de cem metros do forte e assistiria a tudo de binóculo.

Frank apoiou seu pilo no escudo e verificou a armadura de Percy. Todas as correias estavam corretas. Todas as peças da armadura estavam devidamente

ajustadas.

— Você fez tudo certo — disse ele, surpreso. — Percy, você deve ter participado de jogos de guerra antes.

— Não sei. Talvez.

O único item que não fazia parte do padrão era a reluzente espada de bronze de Percy — não era ouro imperial, nem era um gládio. A lâmina tinha formato de folha e a inscrição no punho era em grego. Frank sentiu-se pouco à vontade ao olhar para ela.

Percy franziu a testa.

— *Podemos* usar armas de verdade, não é?

— Sim — concordou Frank. — Claro. Só que eu nunca vi uma espada como essa.

— E se eu machucar alguém?

— Nós curamos a pessoa — disse Frank. — Ou tentamos. Os médicos da legião são muito bons com ambrosia, néctar e purgante de unicórnio.

— Ninguém morre — afirmou Hazel. — Bem, não normalmente. E, se alguém morrer...

Frank imitou a voz de Vitellius:

— É porque é um fracote! Nos velhos tempos, morríamos o tempo todo, e gostávamos!

Hazel riu.

— Apenas fique conosco, Percy. Provavelmente vamos receber a pior tarefa e acabaremos eliminados no começo. Eles vão nos mandar para as muralhas na frente, para amaciarmos as defesas. Depois a Terceira e a Quarta Coortes avançarão e ficarão com as honras se conseguirem invadir o forte.

Cornetas soaram. Dakota e Gwen voltaram da conferência dos oficiais com uma expressão sombria.

— Muito bem, o plano é o seguinte! — Dakota tomou um gole do Tang em seu cantil. — Eles vão nos mandar para as muralhas na frente, para amaciar as defesas.

Toda a coorte gemeu.

— Eu sei, eu sei — disse Gwen. — Mas quem sabe desta vez não damos sorte?

Ser otimista era com Gwen mesmo. Todo mundo gostava da centuriã porque ela cuidava de seu pessoal e tentava manter o moral elevado. Ela conseguia controlar até Dakota durante os ataques de hiperatividade pós-suco dele. Ainda assim, os campistas resmungaram e se queixaram. Ninguém acreditava em sorte para a Quinta.

— Primeira fileira com Dakota — comandou Gwen. — Travem os escudos e

avancem em formação de tartaruga para os portões principais. Tentem permanecer inteiros. Atraiam o fogo deles. Segunda fileira... — Gwen voltou-se para a de Frank sem muito entusiasmo. — Os dezessete a partir de Bobby, assumam o elefante e as escadas de assalto. Tentem flanqueá-los pela muralha oeste. Talvez possamos dispersar a defesa. Frank, Hazel, Percy... Bem, façam qualquer coisa. Mostrem as cordas a Percy. Tentem mantê-lo vivo. — Ela voltou-se para a coorte inteira: — Se alguém transpuser a muralha primeiro, vou garantir que a pessoa receba a Coroa Mural. Vitória para a Quinta!

A coorte deu vivas desanimados e saiu de formação.

Percy franziu a testa.

— “Façam qualquer coisa”?

— É. — Hazel suspirou. — Grande voto de confiança.

— O que é a Coroa Mural? — perguntou ele.

— Medalha militar — respondeu Frank. Ele tinha sido obrigado a decorar todos os prêmios possíveis. — Uma grande honra para o primeiro soldado a invadir um forte inimigo. Você vai perceber que ninguém na Quinta tem uma. Em geral nem conseguimos entrar no forte, pois ficamos pelo caminho queimando, nos afogando ou...

Sua voz falhou, e ele olhou para Percy.

— Canhões de água.

— O quê? — perguntou Percy.

— Os canhões nas muralhas — disse Frank —, eles recebem água do aqueduto. Há um sistema de bombeamento... poxa, não sei como funcionam, mas a água tem muita pressão. Se você pudesse controlá-los como controlou o rio...

— Frank! — Hazel sorriu, radiante. — Isso é genial!

Percy não parecia tão confiante.

— Não sei como fiz aquilo no rio. Não sei se posso controlar os canhões a essa distância.

— Vamos levar você até mais perto. — Frank apontou para a muralha leste do forte, onde a Quinta Coorte não atacaria. — É lá que a defesa vai estar mais fraca. Eles nunca vão levar três pessoas a sério. Acho que podemos nos aproximar bastante antes que nos vejam.

— Como vamos nos aproximar? — perguntou Percy.

Frank voltou-se para Hazel.

— Pode fazer aquilo de novo?

Ela deu um soco no peito dele.

— Você disse que não contaria para ninguém!

Imediatamente Frank sentiu-se péssimo. Ficara tão entusiasmado com a

ideia...

— Deixe para lá — murmurou Hazel baixinho. — Está tudo bem. Percy, ele está falando das trincheiras. O Campo de Marte é repleto de túneis, criados ao longo dos anos. Alguns ruíram ou são bastante profundos, mas muitos ainda são aproveitáveis. Sou boa em encontrá-los e usá-los. Posso até fazê-los ruir se for preciso.

— Como você fez com as górgonas — disse Percy —, para atrasá-las.

Frank assentiu, aprovando.

— Eu falei que Plutão era legal. Ele é o deus de tudo que está debaixo da terra. Hazel pode encontrar cavernas, túneis, alçapões...

— E esse era *nosso* segredo — resmungou ela.

Frank sentiu o rosto corar.

— É, desculpe. Mas se pudermos nos aproximar...

— E se eu puder inutilizar os canhões de água... — Percy assentiu, como se estivesse se animando com a ideia. — O que fazemos então?

Frank verificou sua aljava. Ele sempre se abastecia com flechas especiais. Nunca chegara a usá-las antes, mas talvez este fosse o momento. Talvez ele finalmente conseguisse fazer algo bom o bastante para chamar a atenção de Apolo.

— O restante é comigo — disse ele. — Vamos lá.

XI

FRANK

FRANK NUNCA TIVERA TANTA CERTEZA de algo, e isso o deixava nervoso. Nada que ele planejava dava certo. Ele sempre conseguia quebrar, arruinar, queimar, derrubar ou sentar-se em cima de algo importante. Mas ele *sabia* que essa estratégia funcionaria.

Hazel não teve dificuldade em encontrar um túnel para eles. Na verdade, Frank tinha uma leve suspeita de que ela não só *encontrava* túneis. Era como se os túneis se formassem para atender às necessidades dela. Passagens obstruídas anos antes de repente se abriam, mudando de direção para levar Hazel aonde ela queria ir.

Eles seguiram devagar, guiando-se pela luz de Contracorrente, a espada reluzente de Percy. Na superfície, ouviam-se os sons da batalha: garotos gritando, o elefante Aníbal berrando de alegria, dardos explodindo e canhões de água disparando. O túnel estremeceu e um pouco de terra caiu sobre eles.

Frank deslizou a mão para dentro da armadura. O pedaço de madeira ainda estava em segurança no bolso de seu casaco, embora um disparo certo de uma balista pudesse atear fogo a essa sua boia salva-vidas...

Não, Frank, repreendeu-se ele. *Fogo* é uma palavra proibida. Não pense nela.

— Tem uma abertura logo à frente — anunciou Hazel. — Vamos sair a três metros da muralha leste.

— Como você sabe? — perguntou Percy.

— Nem imagino — disse ela. — Mas tenho certeza.

— Podemos fazer um túnel por baixo da muralha? — perguntou Frank.

— Não — respondeu Hazel. — Os engenheiros foram espertos. Construíram as muralhas sobre fundações antigas que descem até o leito rochoso. E não me pergunte como sei disso. Eu apenas sei.

Frank tropeçou em algo e praguejou. Percy aproximou a espada para iluminar

melhor. Era um objeto prateado reluzente.

Ele se abaixou.

— Não toque nisso! — disse Hazel.

A mão de Frank parou a alguns centímetros do pedaço de metal. Parecia um bombom gigante, do tamanho do pulso dele.

— É enorme — disse ele. — Prata?

— Platina. — Hazel parecia apavorada. — Vai desaparecer em um segundo. Por favor, não toque. É perigoso.

Frank não compreendia como um pedaço de metal podia ser perigoso, mas levou Hazel a sério. Enquanto observavam, a massa de platina afundou no chão.

Ele fitou Hazel.

— Como você sabia?

À luz da espada de Percy, Hazel parecia tão fantasmagórica quanto um Lar.

— Depois eu explico — prometeu ela.

Outra explosão fez o túnel estremecer, mas eles seguiram em frente.

Saíram de um buraco justamente onde Hazel havia previsto. Diante deles erguia-se a muralha leste do forte. À esquerda, Frank podia ver a fileira principal da Quinta Coorte avançando em formação de tartaruga, criando uma concha com os escudos sobre a cabeça e o corpo deles. Tentavam chegar aos portões principais, mas os defensores em cima da muralha os bombardeavam com pedras e disparavam dardos flamejantes com as balistas, abrindo crateras aos pés deles. Um canhão de água soltou uma descarga com um *thrum* de fazer tremer o queixo, e um jato cavou uma fenda na terra bem diante da coorte.

Percy assoviou.

— É muita pressão mesmo.

A Terceira e a Quarta Coortes não estavam nem avançando. Eles ficaram para trás e riam, observando seus “aliados” levarem uma surra. Os defensores se agruparam na muralha acima dos portões, gritando insultos para a formação em tartaruga que cambaleava para a frente e para trás. Os jogos de guerra haviam se tornado um “acabe com a Quinta”.

A visão de Frank ficou vermelha de raiva.

— Vamos dar uma sacudida nas coisas.

Ele levou a mão à aljava e puxou uma flecha mais pesada que as outras. A ponta de ferro tinha o formato cônico de um nariz de foguete. Uma corda de ouro ultrafina estava presa junto às penas. Para dispará-la com precisão muralha acima seria preciso mais força e habilidade do que a maioria dos arqueiros tinha, mas Frank contava com braços fortes e boa pontaria.

Talvez Apolo esteja assistindo, ele pensou, esperançoso.

— O que isso faz? — perguntou Percy. — É um gancho?

— É chamado de flecha hidra — explicou Frank. — Você consegue inutilizar os canhões de água?

Um defensor surgiu na muralha acima deles.

— Ei! — gritou ele para os companheiros. — Olhem só! Mais vítimas!

— Percy — disse Frank —, agora seria bom.

Mais garotos vieram aos parapeitos da fortaleza para rir deles. Alguns correram até o canhão de água mais próximo e giraram o cano na direção de Frank.

Percy fechou os olhos e ergueu a mão.

No alto da muralha alguém gritou:

— Abram bem, manés!

CA-BUM!

O canhão explodiu em uma confusão de azul, verde e branco. Os defensores gritaram quando uma onda molhada de choque os lançou contra os parapeitos. Garotos despencaram das muralhas, mas foram apanhados por águias gigantes e levados para um lugar seguro. Então a muralha leste inteira estremeceu quando a explosão se espalhou pelos canos. Um após outro, os canhões de água nos parapeitos explodiram. O fogo nas balistas foi apagado. Defensores dispersaram-se no meio da confusão ou foram atirados ao ar, dando um baita trabalho às águias de resgate. Nos portões principais, a Quinta Coorte esqueceu a formação. Aturdidos, baixaram os escudos e ficaram olhando o caos.

Frank disparou sua flecha. Ela subiu como um raio, levando a corda cintilante. Quando chegou ao topo, a ponta de metal se dividiu em uma dúzia de linhas que se enroscaram no que encontraram pela frente — partes da muralha, uma balista, um canhão de água quebrado e uns dois campistas defensores, que gritaram ao se verem puxados contra o parapeito e presos como ganchos. Da corda principal suportes dispostos a intervalos de sessenta centímetros formavam uma escada.

— Vá! — disse Frank.

Percy sorriu.

— Você primeiro, Frank. Esta festa é sua.

Frank hesitou. Então pendurou o arco nas costas e começou a subir. Estava na metade do caminho quando os defensores se recuperaram o bastante para fazer soar o alarme.

Frank olhou para trás, para o grupo principal da Quinta Coorte. Eles o fitavam atônitos.

— Então? — gritou Frank. — Ataquem!

Gwen foi a primeira a se mexer. Ela sorriu e repetiu a ordem. Um grito soou no campo de batalha. Aníbal, o elefante, berrou de alegria, mas Frank não podia se dar ao luxo de ficar assistindo. Ele escalou até o topo da muralha, onde três

defensores tentavam cortar sua escada de corda.

Uma coisa boa de ser grande, desajeitado e coberto de metal: Frank era como uma bola de boliche fortemente blindada. Ele se lançou contra os defensores, que tombaram como pinos. Frank se pôs de pé e assumiu o comando no parapeito, agitando seu pilo de um lado para o outro e derrubando defensores. Alguns disparavam flechas. Outros tentavam acertá-lo com a espada, mas Frank se sentia invencível. Então Hazel surgiu a seu lado, brandindo sua grande espada de cavalaria como se tivesse nascido para a batalha.

Percy saltou para a muralha e ergueu Contracorrente.

— Legal — disse ele.

Juntos, eles eliminaram os defensores das muralhas. Abaixo deles os portões se romperam. Aníbal entrou à toda no forte, flechas e pedras ricocheteando inutilmente em sua armadura de Kevlar.

A Quinta Coorte veio atrás do elefante, e a batalha passou a ser travada mão a mão.

Finalmente, da periferia do Campo de Marte um grito de guerra se elevou. A Terceira e a Quarta Coortes correram para se juntar à luta.

— Um pouquinho tarde — grunhiu Hazel.

— Não podemos deixá-los pegar os estandartes — disse Frank.

— Não — concordou Percy. — Eles são nossos.

Não foi necessário falar mais nada. Os três se moviam como uma equipe, como se trabalhassem juntos havia anos. Desceram correndo os degraus internos e entraram na base do inimigo.

XII

FRANK

DEPOIS DISSO, A BATALHA VIROU um caos.

Frank, Percy e Hazel atravessaram as linhas inimigas derrubando quem estivesse no caminho. A Primeira e a Segunda Coortes — orgulhos do Acampamento Júpiter, máquinas de guerra eficientes e extremamente disciplinadas — sucumbiram ao ataque e à absoluta surpresa de serem o lado perdedor.

Parte do problema deles era Percy. Ele lutava como um demônio, rodopiando em meio às fileiras de defensores de um jeito nada convencional, girando sob seus pés, desferindo golpes em arco com a espada em vez de apunhalá-los à moda dos romanos, batendo nos campistas com a parte plana da lâmina e, de modo geral, causando pânico em massa. Octavian dava gritos esganiçados — talvez ordenando que a Primeira Coorte resistisse, talvez tentando cantar feito soprano —, mas Percy pôs um fim a isso. Deu um salto mortal por cima de uma fila de escudos e acertou o cabo da espada no elmo do centurião, que desmoronou tal qual um fantoche de meia.

Frank disparou flechas até esvaziar a aljava, utilizando projéteis de ponta arredondada que não matavam, mas deixavam sérios hematomas. Ele quebrou o pilo na cabeça de um defensor, e então, com relutância, desembainhou o gládio.

Enquanto isso, Hazel montou em Aníbal e avançou para o centro do forte, sorrindo para os amigos.

— Vamos, seus molengas!

Pelos deuses do Olimpo, ela é linda, Frank pensou.

Eles correram para o centro da base. O torreão interno estava praticamente desprotegido. Era óbvio que os defensores jamais imaginaram que qualquer ataque chegaria tão longe. Aníbal arrebentou os portões gigantescos. Lá dentro,

os protetores dos estandartes da Primeira e da Segunda Coortes estavam sentados a uma mesa jogando Mitomagia com cartas e estatuetas. Os estandartes encontravam-se escorados negligentemente em uma das paredes.

Hazel e Aníbal invadiram o cômodo, e os protetores dos estandartes caíram das cadeiras. O elefante pisou na mesa, e as peças do jogo se espalharam.

Quando o restante da coorte os alcançou, Percy e Frank já haviam desarmado os inimigos, pego os estandartes e subido no lombo de Aníbal, reunindo-se a Hazel. Eles saíram do torreão em marcha, triunfantes, ostentando as cores do inimigo.

A Quinta Coorte formou fileiras em volta deles. Juntos, deixaram o forte em um desfile, passando por inimigos aturdidos e filas de aliados igualmente perplexos.

Reyna voava baixo em círculos com seu pégaso acima deles.

— O jogo tem um vencedor! — falou ela, e soava como se estivesse tentando conter o riso. — Reúnam-se para receber as honras!

Aos poucos, os campistas se reorganizaram no Campo de Marte. Frank viu vários ferimentos leves — algumas queimaduras, ossos quebrados, olhos roxos, arranhões e cortes, além de muitos penteados interessantes criados por fogo e jatos dos canhões de água —, mas nada que não pudesse ser remediado.

Ele desceu do elefante. Seus companheiros o cercaram, dando tapinhas em suas costas e elogiando-o. Frank se perguntou se estaria sonhando. Era a melhor noite de sua vida — até ele avistar Gwen.

— Socorro! — alguém gritou.

Dois campistas saíram correndo da fortaleza, carregando uma garota em uma maca. Eles a colocaram no chão, e outras pessoas começaram a correr até eles. Mesmo a distância, Frank pôde ver que era Gwen. Ela parecia mal. Estava deitada de lado na maca com um pilo cravado em sua armadura — quase como se o estivesse segurando entre o tórax e o braço, mas havia sangue demais.

Frank balançou a cabeça, incrédulo.

— Não, não, não... — murmurava enquanto corria até ela.

Os paramédicos gritaram para que todos se afastassem e a deixassem respirar. A legião inteira ficou em silêncio enquanto os curadores trabalhavam, tentando aplicar gaze e pó de chifre de unicórnio sob a armadura de Gwen para estancar a hemorragia, tentando fazê-la beber um pouco de néctar. Gwen não se mexia. Seu rosto estava cinzento.

Enfim, um dos paramédicos olhou para Reyna e sacudiu a cabeça.

Por um momento não se ouvia ruído algum além do barulho da água dos canhões destruídos escorrendo pelas muralhas do forte. Aníbal acariciou os cabelos de Gwen com a tromba.

De seu pégaso, Reyna inspecionou os campistas. A expressão em seu rosto era tão dura e sombria quanto ferro.

— Será feita uma investigação. Quem quer que tenha feito isso privou a legião de uma oficial de valor. Uma morte honrosa é uma coisa, mas *isso*...

Frank não sabia o que ela queria dizer com aquilo. Então reparou que havia uma gravação na haste de madeira do *pilum*: CRT I LEGIO XII F. A arma pertencia à Primeira Coorte, e a ponta se projetava da frente da armadura. Gwen fora atingida por trás — possivelmente *depois* de o jogo ter terminado.

Frank correu os olhos pela multidão à procura de Octavian. O centurião assistia à cena com mais interesse que preocupação, como se estivesse examinando um de seus ursos de pelúcia idiotas eviscerados. Ele não tinha nenhum pilo nas mãos.

Frank sentiu o sangue ferver. Teve vontade de estrangular Octavian, mas naquele exato instante Gwen arquejou.

Todo mundo deu um passo atrás. Gwen abriu os olhos. A cor voltou a seu rosto.

— O q-que foi? — Ela piscou. — O que todo mundo está olhando?

Gwen parecia não ter percebido o arpão de dois metros de comprimento enfiado em seu tórax.

Atrás de Frank um paramédico murmurou:

— Não pode ser. Ela estava morta. Ela *tem* que estar morta.

Gwen tentou se sentar, mas não conseguiu.

— Havia um rio, e um homem pedindo... uma moeda? Eu me virei e vi que a porta da saída estava aberta. Então simplesmente... saí. Não entendo. O que aconteceu?

Todos a encaravam, horrorizados. Ninguém tentou ajudá-la.

— Gwen. — Frank ajoelhou-se ao lado dela. — Não tente se levantar. Só fique de olhos fechados por um instante, está bem?

— Por quê? O que...

— Confie em mim.

Gwen fez o que ele pediu.

Frank segurou o cabo do pilo logo abaixo da ponta, mas suas mãos tremiam. A madeira estava escorregadia.

— Percy, Hazel, me ajudem.

Um dos paramédicos se deu conta do que ele pretendia fazer.

— Não! — gritou. — Você pode...

— O quê? — vociferou Hazel. — Piorar as coisas?

Frank respirou fundo.

— Segurem bem firme. Um, dois, três!

Ele retirou o pilo pela frente. Gwen nem fez careta. O sangue estancou rapidamente.

Hazel abaixou-se para examinar o ferimento.

— Está cicatrizando sozinho — ela falou. — Não sei como, mas...

— Estou me sentindo ótima — protestou Gwen. — Por que todo mundo está tão preocupado?

Com o auxílio de Frank e de Percy, ela se pôs de pé. Frank lançou um olhar furioso para Octavian, mas o rosto do centurião era uma máscara de apreensão diplomática.

Depois, pensou Frank. Vou cuidar dele depois.

— Gwen — disse Hazel, delicadamente —, não existe um jeito fácil de dizer isto. Você estava morta. De alguma forma, você voltou.

— Eu... o quê? — Ela cambaleou e se apoiou em Frank. Sua mão comprimiu o buraco irregular na armadura. — Como... como?

— Boa pergunta. — Reyna virou-se para Nico, que assistia a tudo com uma expressão sombria na margem da aglomeração. — Este é algum poder de Plutão?

Nico fez que não com a cabeça.

— Plutão nunca permite que os mortos voltem à vida.

Ele olhou de relance para Hazel, como que a advertindo a ficar calada. Frank se perguntou por que ele havia feito isso, mas não teve tempo de pensar no assunto.

Uma voz estrondosa fez-se ouvir pelo campo: *A Morte está perdendo sua força. Isso é apenas o começo.*

Os campistas sacaram as armas. Aníbal bramiu, nervoso. Cipião empinou-se, quase derrubando Reyna.

— Eu conheço essa voz — disse Percy. Ele não parecia muito feliz.

Do meio da legião uma coluna de fogo disparou para o céu. O calor chamuscou os cílios de Frank. Os campistas encharcados pelos canhões perceberam que a água de suas roupas evaporara instantaneamente. Todos recuaram quando um soldado enorme surgiu do meio da explosão.

Frank não possuía muito cabelo, mas o que *tinha* se arrepiou. O soldado tinha três metros de altura e usava um uniforme das Forças Canadenses para camuflagem no deserto. Ele irradiava confiança e poder. Os cabelos negros tinham um corte reto, como o de Frank. Seu rosto era anguloso e cruel, marcado por antigas cicatrizes de ferimentos a faca. Os olhos estavam escondidos por trás de óculos de visão infravermelha que brilhavam por dentro. Usava um cinto com uma arma no coldre, uma bainha de faca e várias granadas. Em suas mãos um fuzil M16 gigantesco.

O pior de tudo foi que Frank se sentiu *atraído* até ele. Enquanto todo mundo se afastava, Frank avançou. Ele percebeu que o soldado o obrigava a se aproximar, mesmo sem dizer nada.

Frank estava desesperado para fugir e se esconder, mas não conseguiu. Deu mais três passos. E então se abaixou apoiando-se em um dos joelhos.

Os demais campistas seguiram o exemplo e se ajoelharam. Até Reyna desmontou do pégaso.

— Muito bem — disse o soldado. — Ajoelhar é bom. Faz muito tempo que não visito o Acampamento Júpiter.

Frank reparou que uma pessoa não estava ajoelhada. Percy Jackson, com a espada ainda em punho, lançava um olhar furioso ao soldado gigante.

— Você é Ares — disse Percy. — O que quer?

Duzentos campistas mais um elefante tiveram um sobressalto ao mesmo tempo. Frank quis dizer algo que livrasse a barra de Percy e aplacasse a ira do deus, mas não soube o que falar. Tinha medo de que o deus da guerra fosse explodir seu novo amigo pelos ares com aquele megafuzil M16.

Em vez disso, o deus mostrou dentes brilhantes de tão brancos.

— Você tem fibra, semideus — disse. — Ares é minha forma grega. Mas para estes seguidores, para os filhos de Roma, sou Marte, patrono do império, pai divino de Rômulo e Remo.

— Nós já nos conhecemos — falou Percy. — Nós... nós lutamos...

O deus coçou o queixo, como se tentasse se lembrar.

— Eu luto com muitas pessoas. Mas posso garantir que você nunca me enfrentou como Marte. Se tivesse lutado, você estaria morto. Agora, ajoelhe-se, como convém a um filho de Roma, antes que eu perca a paciência.

O chão ferveu sob um círculo de fogo ao redor dos pés de Marte.

— Percy — chamou Frank. — Por favor.

Estava evidente que Percy não gostava daquilo, mas se ajoelhou também.

Marte olhou para a multidão.

— Romanos, prestem atenção!

Ele riu — uma gargalhada estrondosa, tão contagiante que quase fez Frank sorrir, embora ele continuasse tremendo de medo.

— Sempre quis dizer essa frase. Venho do Olimpo com um recado. Júpiter não gosta que falemos diretamente com mortais, ainda mais nos dias de hoje, mas abriu uma exceção, porque vocês romanos sempre foram um povo especial para mim. Só me foi permitido falar por alguns minutos, então ouçam com atenção.

Ele apontou para Gwen.

— Essa aí deveria estar morta, mas não está. Os monstros que vocês

combatem não voltam mais ao Tártaro quando são abatidos. Alguns humanos que morreram há muito tempo caminham de novo pela Terra.

Era imaginação de Frank ou o deus lançou um olhar irritado para Nico di Angelo?

— Tânatos foi acorrentado — anunciou Marte. — As Portas da Morte foram arrombadas, e não há ninguém tomando conta... pelo menos não *imparcialmente*. Gaia permite que nossos inimigos invadam o mundo dos mortais. Os gigantes, filhos dela, estão reunindo exércitos para enfrentar vocês, exércitos que vocês não conseguirão matar. A menos que a Morte seja desencadeada e volte a exercer suas funções, vocês serão derrotados. É preciso encontrar Tânatos e libertá-lo dos gigantes. Apenas *ele* pode reverter esse cenário.

Marte olhou em volta e viu que todos ainda estavam de joelhos, em silêncio.

— Ah, vocês já podem ficar de pé. Alguma pergunta?

Reyna levantou-se, apreensiva. Aproximou-se do deus, seguida por Octavian, que fazia reverências exageradas como um excelente bajulador.

— Lorde Marte — disse Reyna —, estamos honrados.

— *Mais* que honrados — continuou Octavian. — Muito além de honrados...

— E então? — interrompeu Marte.

— Bem — disse Reyna. — Tânatos é o deus da morte, lugar-tenente de Plutão?

— Certo — respondeu o deus.

— E você está dizendo que ele foi capturado por gigantes.

— Certo.

— E com isso as pessoas vão parar de morrer?

— Não todas ao mesmo tempo — respondeu Marte. — Mas as barreiras entre a vida e a morte continuarão enfraquecendo. Os que sabem como tirar proveito disso vão explorar a situação. Já está mais difícil liquidar os monstros. Em breve será completamente impossível matá-los. Alguns semideuses também conseguirão achar o caminho de volta do Mundo Inferior... como seu amigo, o centurião Shish Kebab.

— O centurião Shish Kebab? — repetiu Gwen, fazendo uma careta.

— Se nada for feito — continuou Marte —, até para os mortais será impossível morrer. Dá para imaginar um mundo em que ninguém morre... *nunca*?

Octavian levantou a mão.

— Mas, ah, Lorde Marte todo-poderoso, se não pudéssemos morrer, isso não seria bom? Se conseguíssemos viver eternamente...

— Não seja tolo, garoto! — retumbou Marte. — Carnificinas infundáveis sem desenlace? Massacres sem propósito? Inimigos que se põem de pé repetidas

vezes e que não podem ser aniquilados nunca? É isso o que você quer?

— Você é o deus da guerra — manifestou-se Percy. — Não quer massacres sem fim?

O brilho nos óculos de visão infravermelha de Marte aumentou de intensidade.

— Insolente, hein? Talvez eu *tenha* lutado com você mesmo. Posso entender por que sentiria vontade de matá-lo. Sou o deus de Roma, criança. Sou o deus do poderio militar utilizado em causas justas. Protejo as legiões. Fico feliz em esmagar inimigos sob meus pés, mas não luto sem motivo. Não desejo guerras sem fim. Você descobrirá isso. Você servirá a mim.

— Pouco provável — rebateu Percy.

Mais uma vez, Frank esperou que Marte destruísse o garoto, mas o deus apenas abriu um sorriso, como se os dois fossem velhos amigos e estivessem apenas implicando um com o outro.

— Ordeno uma missão! — anunciou o deus. — Vocês seguirão para o norte e procurarão Tânatos nas terras que ficam além do alcance dos deuses. Vocês o libertarão e frustrarão os planos dos gigantes. Tenham cuidado com Gaia! Tenham cuidado com o filho dela, o gigante mais velho!

Ao lado de Frank, Hazel disse com a voz esganiçada:

— As terras que ficam além do alcance dos deuses?

Marte a encarou, segurando com mais força o M16.

— Isso mesmo, Hazel Levesque. Você sabe do que estou falando. Todo mundo aqui se lembra das terras onde a legião perdeu a honra! Talvez, se a missão for bem-sucedida, e se vocês voltarem antes do Festival de Fortuna... Talvez então sua honra seja restaurada. Se fracassarem, não haverá acampamento para o qual retornar. Roma será derrotada, e seu legado se perderá para sempre. Por isso, meu conselho é: não falhem.

Octavian conseguiu de alguma forma fazer uma reverência ainda mais curvada.

— Hum, Lorde Marte, só uma coisinha. Missões requerem uma profecia, um poema místico que nos guie! Costumávamos obtê-las nos livros sibilinos, mas agora é o áugure quem precisa sondar a vontade dos deuses. Assim, se eu puder me ausentar rapidamente para buscar uns setenta bichos de pelúcia e talvez uma faca...

— Você é o áugure? — interrompeu o deus.

— S-sim, meu senhor.

Marte puxou um rolo de pergaminho do cinto.

— Alguém aí tem uma caneta?

Os legionários ficaram olhando para ele.

Marte suspirou.

— Duzentos romanos e *ninguém* tem uma caneta? Deixem para lá.

Ele jogou o M16 nas costas e pegou uma granada. Vários romanos gritaram. Então a granada se transformou em uma caneta esferográfica, e Marte começou a escrever.

De olhos arregalados, Frank virou-se para Percy e perguntou, movendo os lábios sem produzir som: *Sua espada consegue virar uma granada?*

Percy respondeu, também sem emitir som algum: *Não. Cale a boca.*

— Pronto! — Marte acabou de escrever e jogou o pergaminho para Octavian.
— Uma profecia. Você pode incluí-la em seus livros, escrevê-la no chão, tanto faz.

Octavian leu:

— Aqui diz: “Sigam até o Alasca. Encontrem Tânatos e o libertem. Voltem até o pôr do sol do dia vinte e quatro de junho ou morram.”

— Isso — confirmou Marte. — Não está clara o suficiente?

— Bem, meu senhor... Normalmente as profecias são *pouco claras*. Repletas de enigmas. Elas rimam e...

Marte tirou outra granada do cinto, como quem não quer nada.

— Sim?

— A profecia está clara! — anunciou Octavian. — Uma missão!

— Boa resposta. — Marte deu uma batidinha com a granada no queixo. — E, agora, o que mais? Tinha mais uma coisa... Ah, sim.

Virou-se para Frank.

— Chegue aqui, garoto.

Não, pensou Frank. O toco queimado no bolso de seu casaco parecia mais pesado. Suas pernas bambearam. Uma sensação de pavor tomou conta dele, mais terrível ainda que no dia em que o militar batera à sua porta.

Ele sabia o que estava por vir, mas não podia evitar. Deu um passo à frente, contra sua vontade.

Marte abriu um sorriso.

— Bom trabalho no assalto àquela muralha, garoto. Quem foi o juiz do jogo?

Reyna levantou a mão.

— Você viu o lance, juíza? — perguntou Marte. — Aquele era *meu* garoto. O primeiro a transpor a muralha, ganhou o jogo para o time dele. Só não vê que aquela foi uma jogada de mestre quem é cego. Você não é cega, certo?

Parecia que Reyna tentava engolir um rato.

— Não, Lorde Marte.

— Então não se esqueça de lhe dar a Coroa Mural — exigiu o deus. — Meu garoto, aqui! — gritou ele para a legião, caso alguém não tivesse escutado. Frank

quis virar pó e desaparecer. — Filho de Emily Zhang — continuou Marte. — Ela foi um bom soldado. Uma boa mulher. Este garoto Frank mostrou seu valor hoje. Feliz aniversário atrasado, garoto. É hora de você ganhar uma arma digna de um homem *de verdade*.

Ele lançou o M16 para Frank. Por uma fração de segundo Frank achou que ia ser esmagado pelo peso do imenso fuzil automático, mas a arma mudou em pleno ar, ficando menor e mais fina. Quando o garoto a segurou, ela havia virado uma lança. A vara era feita de ouro imperial e tinha uma ponta estranha que parecia um osso branco cintilando com um brilho fantasmagórico.

— A ponta é um dente de dragão — disse Marte. — Você ainda não aprendeu a usar as habilidades de sua mãe, não é? Bem... essa lança vai lhe dar uma folga até você aprender. Ela tem três cargas, então use-a com sabedoria.

Frank não entendeu, mas Marte agiu como se o assunto estivesse encerrado.

— Bem, o meu garoto Frank Zhang aqui vai liderar a missão para libertar Tânatos, a menos que alguém se oponha.

Obviamente, ninguém abriu a boca. Mas muitos dos campistas encararam Frank com inveja, ciúme, raiva, ressentimento.

— Você pode levar dois companheiros — informou Marte. — Essas são as regras. Um deles tem que ser esse aí.

E apontou para Percy.

— Ele vai aprender a respeitar Marte nessa viagem ou vai morrer tentando. Quanto ao segundo, não estou nem aí. Escolha quem quiser. Faça um daqueles debates no Senado. Vocês são ótimos nisso.

A imagem do deus tremulou. Relâmpagos cruzaram o céu.

— É minha deixa — disse Marte. — Até a próxima, romanos. Não me decepcionem!

O deus irrompeu em chamas e, em seguida, desapareceu.

Reyna virou-se para Frank. A expressão em seu rosto era metade espanto, metade mal-estar, como se tivesse finalmente conseguido engolir aquele rato. Ela levantou o braço em uma saudação romana.

— Ave, Frank Zhang, filho de Marte.

A legião inteira imitou o gesto, mas Frank não queria mais ser o centro das atenções. Sua noite perfeita havia sido arruinada.

Marte era seu pai. O deus da guerra o estava mandando para o Alasca. Frank ganhara mais que uma lança de presente de aniversário. Ganhara uma sentença de morte.

XIII

PERCY

PERCY DORMIU COMO UMA VÍTIMA da Medusa: ou seja, como uma pedra.

Não dormia em uma cama confortável e segura desde... não conseguia sequer lembrar. Apesar daquele dia insano e dos milhões de pensamentos que invadiam sua mente, o corpo assumiu o controle e decidiu: *Você vai dormir agora.*

Ele sonhou, é claro. Sempre sonhava, mas seus sonhos eram como imagens borradas vistas pela janela de um trem. Viu um fauno maltrapilho de cabelos encaracolados correndo para alcançá-lo.

— Não tenho trocado — gritou Percy.

— O quê? — perguntou o fauno. — Não, Percy. Sou eu, Grover! Fique onde está! Estamos indo encontrá-lo. Tyson está perto... pelo menos nós *achamos* que ele é o que está mais perto. Estamos tentando determinar sua localização.

— O quê? — gritou Percy, mas o fauno desapareceu na neblina.

Então Annabeth surgiu correndo a seu lado, com o braço estendido.

— Graças aos deuses! — exclamou ela. — Há meses não conseguimos vê-lo! Você está bem?

Percy se lembrou do que Juno dissera: *Há meses ele está entorpecido, mas agora despertou.* A deusa o mantivera escondido de propósito, mas por quê?

— Você é de verdade? — perguntou ele.

Ele queria tanto acreditar naquilo que teve a sensação de que o elefante Aníbal pisava em seu peito. Mas o rosto dela começou a se dissolver.

— Fique onde está! Assim vai ser mais fácil para Tyson encontrá-lo! Não saia daí! — gritou ela.

E então desapareceu. As imagens se aceleraram. Ele viu um navio enorme num dique seco, trabalhadores empenhados em terminar o casco, um cara com um maçarico soldando a figura de proa na forma de um dragão de bronze. Viu o

deus da guerra aproximando-se dele, vindo das ondas, segurando uma espada.

A cena mudou. Percy estava no Campo de Marte, olhando Berkeley Hills acima. O capim dourado movia-se ondulante, e no meio da paisagem surgiu um rosto: uma mulher adormecida, seus traços formados pelas sombras e dobras no terreno. Os olhos permaneciam fechados, mas sua voz falou na mente de Percy:

Então este é o semideus que destruiu meu filho, Cronos. Você não parece grande coisa, Percy Jackson, mas é valioso para mim. Venha para o norte. Encontre Alcioneu. Juno pode fazer seus joguinhos com gregos e romanos, mas, no fim das contas, você será meu peão. Você será a chave para a derrota dos deuses.

A visão de Percy escureceu. Ele estava dentro de uma versão aumentada do quartel-general do acampamento — uma *principia* com paredes de gelo e uma névoa muito fria pairando no ar. Por todo o chão havia esqueletos com armaduras romanas e armas feitas de ouro imperial cobertas com cristais de gelo. No fundo do cômodo um ser enorme e sombrio estava sentado. Sua pele emitia reflexos dourados e prateados, como se ele fosse um autômato semelhante aos cães de Reyna. Atrás dele havia vários brasões destruídos, estandartes esfarrapados e uma grande águia dourada num cajado de ferro.

A voz do gigante ecoou pela câmara ampla:

— Isso vai ser divertido, filho de Netuno. Já faz uma eternidade desde a última vez que acabei com um semideus de seu calibre. Espero você no gelo.

Percy acordou tremendo. Por um instante, não sabia onde estava. E então se lembrou: Acampamento Júpiter, alojamento da Quinta Coorte. Ficou deitado no beliche, olhando para o teto e tentando desacelerar o coração disparado.

Um gigante dourado esperava para acabar com ele. Que maravilha! Mas o que mais o incomodava era o rosto da mulher adormecida na colina. *Você será meu peão.* Percy não jogava xadrez, mas tinha certeza de que ser peão não era boa coisa. Muitos deles morriam.

Até os trechos menos hostis do sonho eram perturbadores. Um fauno chamado Grover estava à sua procura. Talvez tenha sido por isso que Don havia detectado um — como foi mesmo que ele disse? — um elo de empatia. Alguém chamado Tyson também tentava encontrá-lo, e Annabeth tinha avisado que Percy precisava ficar onde estava.

Ele se sentou no beliche. Os companheiros de alojamento andavam de um lado para outro, vestindo-se e escovando os dentes. Dakota estava se enrolando em um pedaço comprido de tecido manchado de vermelho, uma toga. Um dos Lares o orientava sobre que partes deveriam ser dobradas e colocadas para dentro.

— Hora do café? — perguntou Percy, esperançoso.

A cabeça de Frank surgiu da cama de baixo. Ele tinha olheiras, como se não tivesse dormido bem.

— Um café da manhã rápido. E depois vamos à sessão no Senado.

Dakota estava com a cabeça presa dentro da toga. Ele cambaleava de um lado para outro, parecendo um fantasma sujo de Tang.

— Hum — disse Percy —, será que tenho que vestir meu lençol?

Frank bufou.

— Isso é só para os senadores. Eles são dez, eleitos anualmente. É preciso estar no acampamento há cinco anos para poder se candidatar.

— Então por que nos convidaram para a sessão?

— Por causa... você sabe, da missão. — Frank pareceu preocupado, como se tivesse medo de que Percy fosse desistir. — Temos que participar das discussões. Você, eu, Hazel. Quer dizer, se vocês estiverem dispostos...

Frank provavelmente não falou com a intenção de fazê-lo se sentir culpado, mas Percy teve a impressão de que seu coração se contraía como uma mola. Ele entendia Frank. Ser reclamado pelo deus da guerra na frente de todo o acampamento — que pesadelo. Além disso, como Percy poderia dizer não para aquela expressão pidona de bebê? Frank recebera uma tarefa grandiosa com muitas chances de levá-lo à morte. Ele estava assustado. Precisava da ajuda de Percy.

E os três *tinham* trabalhado muito bem juntos na noite anterior. Hazel e Frank eram pessoas perfeitamente confiáveis. Acolheram Percy como a um parente. Mesmo assim, Percy não gostava da ideia daquela missão, principalmente porque fora dada por Marte, e, sobretudo, por causa de seus sonhos.

— Eu, hum... Melhor eu me arrumar...

Percy pulou da cama e se vestiu. Ficou o tempo todo pensando em Annabeth. A ajuda estava a caminho. Ele poderia ter sua antiga vida de volta. Tudo o que precisava fazer era não sair do lugar.

No café da manhã, Percy percebeu que todos olhavam para ele. Eles cochichavam a respeito da noite anterior:

— Dois deuses em um só dia...

— Uma luta nada romana...

— Canhões de água no nariz...

Percy estava faminto demais para se importar com aquilo. Ele se encheu de panquecas, ovos, *bacon*, *waffles*, maçãs e vários copos de suco de laranja. Com certeza teria comido mais, porém Reyna anunciou que o Senado iria se reunir na cidade naquele momento, e todo mundo que estava de toga se levantou para deixar o refeitório.

— Lá vamos nós — disse Hazel, brincando com uma pedra que parecia um

rubi de dois quilates.

O fantasma Vitellius apareceu ao lado deles em meio a um brilho arroxeadado.

— *Bona fortuna* para vocês três! Ah, as sessões do Senado. Lembro-me daquela em que Júlio César foi assassinado. Nossa, o tanto de sangue que havia na toga dele...

— Obrigado, Vitellius — interrompeu Frank. — Precisamos ir.

Reyna e Octavian encabeçavam a procissão de senadores que deixava o acampamento, com os galgos metálicos de Reyna correndo de um lado para outro ao longo do caminho. Hazel, Frank e Percy seguiam logo atrás. Percy viu Nico di Angelo no grupo, vestido com uma toga preta e conversando com Gwen, que parecia um tanto pálida, mas surpreendentemente bem, considerando o fato de que estivera morta na noite anterior. Nico acenou para Percy e retomou a conversa com Gwen, e o menino ficou mais convencido do que nunca de que o irmão de Hazel tentava evitá-lo.

Dakota vinha tropeçando na túnica manchada de vermelho. Muitos outros senadores também pareciam ter problemas com a toga — levantando a barra, tentando evitar que o tecido escorregasse dos ombros. Percy estava feliz por usar uma camiseta roxa comum e calças jeans.

— Como os romanos conseguiam andar com essas roupas?

— Elas só eram usadas em ocasiões formais — explicou Hazel. — Como um *smoking*. Aposto que as pessoas da Roma antiga odiavam togas tanto quanto nós. A propósito, você não trouxe nenhuma arma, certo?

A mão de Percy foi direto para o bolso, onde sua caneta sempre ficava.

— Por quê? É proibido?

— Não se permite que nenhuma arma entre na Linha Pomeriana — respondeu ela.

— A Linha *o quê*?

— Pomeriana — repetiu Frank. — Os limites da cidade. O interior é uma “zona de segurança” sagrada. As legiões não podem atravessá-la. Nenhuma arma é permitida. Para que não haja derramamento de sangue nas sessões do Senado.

— Como o assassinato de Júlio César? — perguntou Percy.

Frank fez que sim com a cabeça.

— Não se preocupe. Faz meses que nada desse tipo acontece.

Percy torceu para que ele estivesse brincando.

Conforme se aproximavam da cidade, Percy pôde apreciar sua beleza. Cúpulas douradas e telhados brilhando ao sol. Jardins cheios de rosas e madressilvas. A praça central pavimentada de pedras brancas e cinzentas e ornamentada com colunas douradas, estátuas e fontes. À sua volta, ruas de pedras eram margeadas por casas recém-pintadas, lojas, cafés e parques. A

distância erguiam-se o Coliseu e a arena para corrida de cavalos.

Percy só reparou que já haviam alcançado a fronteira da cidade quando os senadores à frente diminuíram o passo.

À margem da estrada havia uma estátua de mármore branco: um homem musculoso em tamanho natural sem braços, com cabelos cacheados e uma expressão irritada. Devia estar mal-humorado porque fora esculpido só da cintura para cima. Para baixo, era apenas um grande bloco de mármore.

— Façam fila indiana, por favor! — pediu a estátua. — Tenham a identidade à mão.

Percy olhou para a esquerda e para a direita. Ele não havia percebido antes, mas uma fileira de estátuas idênticas àquela circundava a cidade a intervalos de mais ou menos cem metros.

Os senadores passaram com facilidade. A estátua conferiu as tatuagens em seus antebraços e chamou cada um pelo nome.

— Gwendolyn, senadora, Quinta Coorte, certo. Nico di Angelo, embaixador de Plutão... muito bem. Reyna, pretora, claro. Hank, senador, Terceira Coorte... ei, gostei dos sapatos, Hank! Ah, quem temos aqui?

Hazel, Frank e Percy eram os últimos.

— Término — disse Hazel —, este é Percy Jackson. Percy, este é Término, deus das fronteiras.

— Um novato, hein? — falou o deus. — Sim, a placa de *probatio*. Muito bem. Ah, uma arma no bolso? Tire-a! Tire-a!

Percy não fazia ideia de como Término podia saber, mas tirou a caneta do bolso.

— Muito perigosa — disse Término. — Coloque-a na bandeja. Espere, onde está minha assistente? Julia!

Uma garotinha de uns seis anos espiou de trás da base da estátua. Seus cabelos estavam divididos em duas trancinhas, e ela usava um vestido rosa e tinha um sorriso travesso, faltando dois dentes.

— Julia? — Término olhou para trás, e Julia correu para o outro lado. — Aonde foi aquela menina?

Término olhou para o outro lado e avistou Julia antes que ela conseguisse se esconder. A menina deu um gritinho de alegria.

— Ah, aí está você — disse a estátua. — Dê um passo à frente. Traga a bandeja.

Julia saltitou à frente e ajeitou o vestido. Pegou uma bandeja e a estendeu para Percy. Nela havia várias faquinhas, um saca-rolhas, um pote grande de filtro solar e uma garrafa d'água.

— Você pode pegar sua arma na saída — explicou Término. — Julia vai

tomar conta dela direitinho. É uma profissional qualificada.

A garotinha concordou com a cabeça.

— Pro-fis-sio-nal — ela mastigou cada sílaba, como se viesse praticando.

Percy olhou para Hazel e Frank, que não pareciam achar aquilo nada estranho. Mesmo assim, ele não estava muito feliz com a ideia de entregar uma arma letal para uma criança.

— O problema — disse ele — é que a caneta volta para meu bolso automaticamente, portanto, mesmo que eu a deixe aqui...

— Não se preocupe — Término o tranquilizou. — Vamos cuidar para que ela não saia perambulando por aí. Não vamos, Julia?

— Sim, sr. Término.

Relutante, Percy botou a caneta na bandeja.

— Agora, algumas regras, já que você é novo — disse Término. — Você está entrando nos limites da cidade. Mantenha a paz no interior da linha. Dê preferência ao tráfego de bigas quando estiver caminhando em vias públicas. Ao chegar ao Senado, sente-se à esquerda. E ali... vê para onde estou apontando?

— Hum — disse Percy —, você não tem mãos.

Pelo jeito, aquele era um assunto delicado para Término. O rosto de mármore assumiu um tom cinza-escuro.

— Um sabichão, hein? Bem, sr. Burla-Regras, logo ali no fórum... Julia, aponte por mim, por favor...

Julia prontamente colocou a bandeja de segurança no chão e apontou para a praça principal.

— A loja com o toldo azul — continuou Término —, aquela é a mercearia. Eles vendem fitas métricas lá. Compre uma! Quero essas calças exatos dois centímetros e meio acima do tornozelo e esses cabelos cortados de acordo com o regulamento. E bote a camisa para dentro.

— Obrigada, Término. Precisamos ir — falou Hazel.

— Está bem, está bem, vocês podem passar — disse o deus, de mau humor. — Mas fiquem do lado direito da rua! E aquela pedra logo ali... Não, Hazel, olhe para onde estou apontando. Aquela pedra está perto demais da árvore. Mude-a de lugar, cinco centímetros para a esquerda.

Hazel fez o que lhe foi pedido, e eles seguiram caminho, Término ainda gritando ordens enquanto Julia dava estrelas no gramado.

— Ele é sempre assim? — perguntou Percy.

— Não — admitiu Hazel. — Hoje ele estava tranquilo. Em geral é mais obsessivo-compulsivo.

— Ele habita cada rocha que demarca a fronteira em torno da cidade — disse Frank. — É meio que nossa última linha de defesa caso a cidade seja atacada.

— Término não é tão ruim — acrescentou Hazel. — É só não deixá-lo irritado ou ele vai fazer você medir cada folha de grama do vale.

Percy guardou aquela informação.

— E a menina? Julia?

Hazel abriu um sorriso.

— É, ela é uma fofa. Os pais dela moram na cidade. Vamos. Melhor alcançarmos os senadores.

Quando chegaram perto do fórum, Percy ficou espantado com a quantidade de gente. Um grupo de jovens matava o tempo perto da fonte. Vários acenaram quando os senadores passaram. Um cara com vinte e muitos anos estava encostado no balcão de uma padaria, paquerando uma jovem que comprava café. Um casal mais velho olhava um menininho usando fraldas e uma blusinha do Acampamento Júpiter cambaleando atrás de gaivotas. Comerciantes abriam suas lojas, armando placas que anunciavam produtos de cerâmica, joias e ingressos com desconto para o Hipódromo.

— *Todas* essas pessoas são semideuses? — perguntou Percy.

— Ou descendentes — respondeu Hazel. — Como eu disse, este é um bom lugar para se fazer faculdade ou constituir família sem se preocupar com ataques de monstros todos os dias. Acho que aqui moram umas duzentas, trezentas pessoas. Os veteranos atuam como uma espécie de conselheiro e reservista, se necessário, mas em geral são apenas cidadãos tocando suas vidas.

Percy ficou pensando como seria isso: arranjar um apartamento naquela réplica minúscula de Roma, protegida pela legião e por Término, o deus fronteiro com TOC. Imaginou-se de mãos dadas com Annabeth em um café. Quando fossem mais velhos, talvez, vendo os filhos correrem atrás de gaivotas pelo fórum...

Ele sacudiu a cabeça para afastar a ideia. Não podia se dar ao luxo de alimentar aquele tipo de pensamento. A maior parte de suas memórias tinha sumido, mas Percy sabia que aquele não era seu lar. Ele pertencia a outro lugar, com seus outros amigos.

Além do mais, o Acampamento Júpiter corria perigo. Se Juno estivesse certa, haveria um ataque em menos de cinco dias. Percy imaginou o rosto daquela mulher adormecida — o rosto de Gaia — se formando nas colinas acima do acampamento. Imaginou hordas de monstros descendo para o vale.

Se fracassarem, Marte havia advertido, não haverá acampamento para o qual retornar. Roma será derrotada, e seu legado se perderá para sempre.

Ele pensou na menininha Julia, nas famílias com crianças, em seus novos amigos da Quinta Coorte e até naqueles faunos bobos. Não queria nem imaginar o que poderia acontecer com eles se este lugar fosse destruído.

Os senadores se encaminharam para um edifício grande com uma cúpula branca no lado oeste do fórum. Percy parou na porta de entrada, tentando não pensar em Júlio César sendo morto a golpes de espada em uma sessão. Então respirou fundo e entrou atrás de Hazel e Frank.

XIV

PERCY

O INTERIOR DO SENADO PARECIA um auditório de escola. Fileiras de assentos estavam dispostas em semicírculo em frente a um estrado no qual havia um pódio e duas cadeiras. As cadeiras estavam desocupadas, mas no assento de uma delas havia um pequeno pacote de veludo.

Percy, Hazel e Frank se sentaram do lado esquerdo do semicírculo. Os dez senadores e Nico di Angelo ocupavam o restante da primeira fileira. As superiores foram ocupadas por dezenas de fantasmas e alguns veteranos da cidade, todos usando togas formais. Octavian estava de pé à frente segurando uma faca e um leãozinho de pelúcia, só para o caso de alguém precisar consultar o deus dos objetos melosos colecionáveis. Reyna foi até o pódio e ergueu a mão para pedir a atenção de todos.

— Certo, esta é uma sessão emergencial — começou ela. — Não nos prenderemos a formalidades.

— Eu adoro formalidades! — queixou-se um fantasma.

Reyna lançou um olhar mal-humorado para ele.

— Para começar — continuou ela —, não estamos aqui para votar contra ou a favor da missão propriamente dita. Ela já foi determinada por Marte Ultor, patrono de Roma. Vamos atender seu desejo. Também não estamos aqui para debater sobre quem serão os acompanhantes de Frank Zhang.

— Todos os três da Quinta Coorte? — gritou Hank, da Terceira. — Isso não é justo.

— E nada inteligente — emendou o garoto que estava ao lado dele. — Nós sabemos que a Quinta vai estragar tudo. Eles deveriam levar alguém bom.

Dakota se levantou tão rápido que derramou Tang de sua garrafa.

— Fomos muito bons ontem à noite quando acabamos com seu *generi*, Larry!

— Chega, Dakota — disse Reyna. — Vamos deixar o *genus* de Larry fora disso. Como líder da missão, Frank tem o direito de escolher seus acompanhantes. Ele escolheu Percy Jackson e Hazel Levesque.

Um fantasma na segunda fileira gritou:

— *Absurdus!* Frank Zhang não é sequer um integrante efetivo da legião! Ele está em *probatio*. Missões têm que ser lideradas por alguém com patente de centurião ou maior. Isso é totalmente...

— Cato — interrompeu Reyna —, devemos atender os desejos de Marte Ultor. Isso implica certos... ajustes.

Reyna bateu palmas e Octavian deu um passo à frente. Ele pousou no chão a faca e o bicho de pelúcia e pegou o pacote de veludo na cadeira.

— Frank Zhang — chamou —, aproxime-se.

Frank olhou nervoso para Percy. Então ficou de pé e se aproximou do áugure.

— É meu... prazer — disse Octavian, fazendo um grande esforço para dizer a última palavra — conceder-lhe a Coroa Mural por ter sido o primeiro a transpor a muralha durante um cerco militar. — Octavian entregou-lhe uma medalha em formato de coroa de louros. — E, também, por ordem da pretora Reyna, promovê-lo à categoria de centurião.

Ele entregou outra medalha a Frank, um crescente de bronze, e o Senado explodiu em protestos.

— Ele ainda é um probinho! — gritou um.

— Impossível! — disse outro.

— Canhões de água no nariz! — exclamou um terceiro.

— Silêncio! — Octavian soou muito mais autoritário que na noite anterior, no campo de batalha. — Nossa pretora reconhece o fato de que ninguém abaixo da patente de centurião pode liderar missões. Para o bem ou para o mal, Frank deve liderar esta... Portanto, nossa pretora decretou que Frank Zhang precisa se tornar centurião.

De repente, Percy compreendeu que Octavian era muito hábil como orador. Seu discurso soava sensato e parecia defender a decisão da pretora, mas em seu rosto havia uma expressão sofrida. Ele escolhia cuidadosamente as palavras para colocar toda a responsabilidade em Reyna. Era como se dissesse: *Isso foi ideia dela*.

Se algo desse errado, a culpa seria de Reyna. Se Octavian fosse o chefe sozinho, as coisas teriam sido feitas de um jeito mais razoável. Mas, infelizmente, ele não tinha outra opção senão apoiar Reyna, já que era um soldado romano leal.

Octavian foi capaz de transmitir tudo isso sem dizer mais nada, ao mesmo tempo tranquilizando o Senado e demonstrando sua compreensão. Pela primeira

vez Percy se deu conta de que aquele garoto magricela esquisito que parecia um espantalho poderia ser um inimigo perigoso.

Reyna deve ter percebido isso também. Um ar de irritação passou por seu rosto.

— Abriu uma vaga para centurião — disse ela. — Uma de nossas oficiais, também senadora, decidiu se afastar. Após dez anos na legião, ela se fixará na cidade e frequentará a faculdade. Gwen da Quinta Coorte, somos gratos por seus serviços.

Todos se viraram para Gwen, que conseguiu abrir um sorriso corajoso. Ela parecia cansada em decorrência da provação da noite anterior, mas também aliviada. Percy não podia culpá-la. Comparada a ser atravessada por um pilo, uma faculdade parecia ótima ideia.

— Como pretora — continuou Reyna —, tenho o direito de substituir oficiais. Admito que é incomum que um campista em *probatio* ascenda diretamente à patente de centurião, mas acho que podemos concordar... a noite de ontem foi bastante incomum. Frank Zhang, sua identificação, por favor.

Frank tirou a placa de chumbo do pescoço e a entregou a Octavian.

— Seu braço — disse Octavian.

Frank levantou o antebraço. Octavian ergueu as mãos para o céu.

— Nós aceitamos Frank Zhang, Filho de Marte, na Décima Segunda Legião Fulminata para seu primeiro ano de serviço. Você jura dedicar sua vida ao Senado e ao povo de Roma?

Frank murmurou algo que soou como “Zurro”. Então limpou a garganta e conseguiu dizer: — Juro.

— *Senatus Populusque Romanus!* — gritaram os senadores.

Fogo irrompeu no braço de Frank. Por um instante, seus olhos se encheram de terror, e Percy achou que o amigo fosse desmaiar. Então a fumaça e a chama sumiram, e novas marcas se formaram na pele de Frank: *SPQR*, um desenho de lanças cruzadas e uma divisa, representando o primeiro ano de serviço.

— Você pode se sentar agora.

Octavian olhou para a plateia como se dissesse: *Isso não foi ideia minha, pessoal.*

— Agora — continuou Reyna —, precisamos discutir a missão.

Os senadores se mexeram nos assentos e resmungaram enquanto Frank voltava para sua cadeira.

— Doeu? — sussurrou Percy.

Frank olhou para o antebraço, que ainda fumegava.

— Sim. Muito.

Ele parecia estar hipnotizado pelas medalhas em sua mão — a marca dos

centuriões e a Coroa Mural — como se não tivesse ideia do que fazer com elas.

— Aqui. — Os olhos de Hazel brilhavam de orgulho. — Permita-me.

Ela prendeu as medalhas na camisa de Frank.

Percy sorriu. Conhecia Frank havia apenas um dia, mas também sentia orgulho dele.

— Você merece, cara — disse ele. — O que fez ontem à noite... Você é um líder nato.

Frank fez uma careta.

— Mas *centurião*...

— Centurião Zhang — chamou Octavian. — Você ouviu a pergunta?

Frank piscou.

— Hã... perdão. O quê?

Octavian virou-se para o Senado e sorriu de um jeito afetado, como se falasse: *O que foi que eu disse?*

— Eu estava *perguntando* — disse Octavian, como se estivesse se dirigindo a uma criança de três anos — se você possui um plano para a missão. Pelo menos sabe para onde estão indo?

— Hum...

Hazel pôs a mão no ombro de Frank e ficou de pé.

— Você não ouviu ontem à noite, Octavian? Marte foi bastante claro. Vamos para as terras que ficam além do alcance dos deuses. O Alasca.

Os senadores se encolheram nas togas. Alguns dos fantasmas tremeluziram e desapareceram. Até os cães de metal de Reyna se deitaram de costas e ganiram.

Por fim, o senador Larry se levantou.

— Ouvi o que Marte disse, mas é loucura. O Alasca é um lugar amaldiçoado! Existe um motivo para ser chamado de terra além do alcance dos deuses. É tão ao norte que os deuses romanos não têm poderes lá. O lugar está infestado de monstros. Nenhum semideus voltou de lá vivo desde...

— Desde que vocês perderam sua águia — completou Percy.

Larry ficou tão surpreso que caiu para trás.

— Olhem — continuou Percy —, sei que sou novo aqui. Sei que não gostam de falar do massacre nos anos 1980...

— Ele falou! — queixou-se um dos fantasmas.

— ...mas vocês não entendem? — prosseguiu Percy. — A Quinta Coorte liderou aquela expedição. Nós falhamos e precisamos ser os responsáveis por acertar as contas. É por isso que Marte está nos enviando. Esse gigante, o filho de Gaia, foi quem derrotou as forças de vocês há trinta anos. Tenho certeza. Agora ele está lá em cima, no Alasca, segurando o deus da morte e todos os seus antigos armamentos. Está reunindo exércitos e mandando-os para o sul a fim de

atacar este acampamento.

— Sério? — falou Octavian. — Você parece saber muito sobre os planos de nosso inimigo, Percy Jackson.

Percy era capaz de ignorar a maioria dos insultos — como ser chamado de fraco, burro ou o que fosse. Mas ele se deu conta de que Octavian o estava chamando de espião — de traidor. Aquela era uma noção tão estranha para Percy, tão *nada* do que ele era, que ele demorou a processar a indireta. Mas, quando o fez, seus ombros ficaram tensos. Ele sentiu vontade de acertar a cabeça de Octavian de novo, mas percebeu que ele o provocava, tentando fazê-lo parecer instável.

Percy respirou fundo.

— Vamos enfrentar esse filho de Gaia — continuou, conseguindo manter a compostura. — Vamos recuperar sua águia e libertar esse deus... — Olhou para Hazel. — Tânatos, certo?

Ela concordou com a cabeça.

— Seu nome romano é Letus. Mas os gregos antigos o chamavam de Tânatos. Quando se trata de Morte... não temos nenhum problema em deixar que ele mantenha a identidade grega.

Octavian suspirou, exasperado.

— Bem, *tanto faz* o nome dele... como vocês esperam fazer tudo isso e voltar até o Festival de Fortuna? Vai ser na noite do dia vinte e quatro. Hoje são vinte. Vocês sabem ao menos onde procurar? Têm alguma ideia de quem é esse filho de Gaia?

— Sim — falou Hazel, com tanta certeza que até Percy ficou surpreso. — Não sei *exatamente* onde procurar, mas tenho uma boa noção. O nome do gigante é Alcioneu.

Aquele nome pareceu baixar a temperatura do ambiente em trinta graus. Os senadores se arrepiaram.

Reyna segurou o pódio com força.

— Como você sabe disso, Hazel? Porque é filha de Plutão?

Nico di Angelo tinha ficado tão quieto que Percy quase se esquecera de que ele estava ali. Mas, nessa hora, ele se levantou com sua toga preta.

— Pretora, se me permite — disse Nico. — Hazel e eu... aprendemos um pouco sobre os gigantes com nosso pai. Cada gigante foi criado especificamente para se opor a um dos doze deuses olímpicos, para usurpar o domínio desse deus. O rei dos gigantes era Porfírio, o anti-Júpiter. Mas o *mais velho* era Alcioneu. Ele nasceu para se opor a Plutão. É por isso que sabemos dele em especial.

Reyna franziu o cenho.

— É mesmo? Você parece *bastante* familiarizado com ele.

Nico mexeu na barra da toga.

— Enfim... era difícil matar os gigantes. De acordo com a profecia, eles só poderiam ser derrotados por deuses e semideuses trabalhando juntos.

Dakota arrotou.

— Perdão, você disse deuses e semideuses... tipo lutando lado a lado? Isso jamais poderia acontecer!

— *Já* aconteceu — disse Nico. — Na primeira guerra com os gigantes, os deuses convocaram heróis para se juntar a eles e saíram vitoriosos. Se poderia acontecer de novo, não sei. Mas com Alcioneu... *ele* era diferente. Era completamente imortal, impossível de ser aniquilado por deus ou semideus, desde que permanecesse em seu território natal, no lugar onde ele nasceu.

Nico fez uma pausa para que a informação fosse assimilada.

— E se Alcioneu renasceu no Alasca...

— Então ele não pode ser derrotado lá — concluiu Hazel. — Nunca. De forma alguma. E é por isso que nossa expedição dos anos 1980 estava fadada ao fracasso.

Outra rodada de discussões e gritos explodiu.

— É uma missão impossível — gritou um senador.

— Estamos condenados! — chorou um fantasma.

— Mais Tang! — exclamou Dakota.

— Silêncio! — ordenou Reyna. — Senadores, precisamos agir como romanos. Marte nos deu esta missão, e temos que acreditar que ela é possível. Esses três semideuses devem viajar para o Alasca. Devem libertar Tânatos e voltar antes do Festival de Fortuna. Se conseguirem recuperar a águia no meio do processo, ótimo. Tudo o que podemos fazer é aconselhá-los e nos certificar de que tenham um plano.

Reyna olhou para Percy sem muitas esperanças.

— Vocês têm um plano?

Percy quis dar um passo à frente corajosamente e dizer: *Não, não tenho!* Era a verdade, mas ao olhar todos aqueles rostos angustiados ele soube que não poderia dizer aquilo.

— Primeiro preciso entender uma coisa. — Virou-se para Nico. — Eu achava que Plutão era o deus dos mortos. Agora descubro que existem esse outro cara, Tânatos, e as Portas da Morte naquela profecia, a Profecia dos Sete. O que significa isso tudo?

Nico respirou fundo.

— Muito bem. Plutão é o deus do Mundo Inferior, mas o deus da morte mesmo, o responsável por garantir que as almas vão para o pós-vida e fiquem

por lá, é o lugar-tenente de Plutão, Tânatos. Ele é como... Bem, imagine que Vida e Morte são dois países diferentes. Todo mundo preferiria estar em Vida, certo? Então há uma fronteira vigiada para evitar que as pessoas cruzem de volta sem permissão. Mas é uma fronteira *grande*, com muitos buracos na cerca. Plutão tenta lacrar essas brechas, mas outras, novas, vivem aparecendo. E é por isso que ele depende de Tânatos, que é tipo a patrulha de fronteira, a polícia.

— Tânatos captura almas — concluiu Percy — e as deporta para o Mundo Inferior.

— Exato — anuiu Nico. — Mas agora Tânatos foi capturado, acorrentado.

Frank levantou o braço.

— Hum... como é que se acorrenta a Morte?

— Isso já foi feito antes — afirmou Nico. — No passado, um cara chamado Sísifo enganou a Morte e a amarrou. Em outra ocasião, Hércules engalfinhou-se com ela pelo chão.

— E agora um gigante a capturou — disse Percy. — Então, se conseguíssemos libertar Tânatos, os mortos continuariam mortos? — Olhou para Gwen. — Hum... sem ofensa.

— É mais complicado que isso — falou Nico.

Octavian revirou os olhos.

— Por que isso não me surpreende?

— Você se refere às Portas da Morte — disse Reyna, ignorando Octavian. — Elas são mencionadas na Profecia dos Sete, que motivou a primeira expedição ao Alasca...

Cato, o fantasma, bufou.

— Todos sabemos como aquilo acabou! Nós, os Lares, lembramos bem!

Os demais fantasmas resmungaram, concordando.

Nico encostou o dedo nos lábios. De repente, todos os Lares ficaram em silêncio. Alguns pareciam alarmados, como se suas bocas tivessem sido coladas. Percy desejou ter esse poder sobre determinados seres vivos... Como Octavian, por exemplo.

— Tânatos é apenas parte da solução — explicou Nico. — As Portas da Morte... Bem, esse é um conceito que nem eu compreendo totalmente. Há vários caminhos que levam ao Mundo Inferior, como o Rio Estige e a Porta de Orfeu, além de rotas de escape menores que se abrem de tempos em tempos. Com Tânatos aprisionado, ficará mais fácil usar todas essas saídas. Isso poderá funcionar a nosso favor, deixando uma alma do bem voltar, como Gwen aqui. Com maior frequência, isso irá beneficiar almas malignas e monstros, os furtivos que estão querendo escapar. Agora, as Portas da Morte são as portas privativas de Tânatos, a via expressa dele entre a Vida e a Morte. Só Tânatos deve saber

onde ficam, e sua localização muda com o passar dos anos. Se entendi corretamente, as Portas da Morte foram arrombadas. Os lacaios de Gaia assumiram o controle delas...

— O que significa que Gaia comanda quem pode voltar ao mundo dos vivos — concluiu Percy.

Nico confirmou com a cabeça.

— Ela pode definir quem vai sair: os piores monstros, as almas mais malignas. Se resgatarmos Tânatos, isso significa que pelo menos ele poderá recapturar almas e enviá-las para baixo. Os monstros vão morrer quando os matarmos, como costumava acontecer, e nós teremos um pouco de espaço. Mas, a menos que consigamos reconquistar as Portas da Morte, nossos inimigos não permanecerão abatidos por muito tempo. Vão poder voltar para o mundo dos vivos com facilidade.

— Ou seja, nós podemos capturá-los e deportá-los — resumiu Percy —, mas eles vão continuar voltando.

— Em poucas palavras deprimentes, é isso mesmo — falou Nico.

Frank coçou a cabeça.

— Mas Tânatos sabe onde ficam as portas, certo? Se o libertarmos, ele poderá reconquistá-las.

— Acho que não — disse Nico. — Não sozinho. Ele não é páreo para Gaia. Isso exigiria uma missão enorme... Um exército dos melhores semideuses.

— *“E inimigos com armas às Portas da Morte, afinal”* — disse Reyna. — Essa é a Profecia dos Sete... — Ela olhou para Percy, e por apenas um segundo ele pôde ver o quanto a pretora estava assustada. Ela conseguia disfarçar bem, mas Percy se perguntou se ela também tivera pesadelos com Gaia, visões do que aconteceria quando o acampamento fosse invadido por monstros que não podiam ser mortos. — Se isso é o início da profecia antiga, não temos recursos para enviar um exército para essas Portas da Morte e proteger o acampamento. Não consigo nem pensar na possibilidade de abrir mão de sete semideuses...

— Uma coisa de cada vez. — Percy tentou transmitir confiança, ainda que sentisse o nível de pânico aumentando no Senado. — Não sei quem são os sete ou o que essa velha profecia quer dizer exatamente. Mas primeiro temos que libertar Tânatos. Marte nos disse que só precisaríamos de três pessoas para ir ao Alasca. Vamos nos concentrar no sucesso dessa missão e em voltar antes do Festival de Fortuna. Aí poderemos nos preocupar com as Portas da Morte.

— É — concordou Frank, baixinho. — Isso provavelmente é o bastante para uma semana.

— Então vocês *têm* um plano? — perguntou Octavian, cético.

Percy olhou para os companheiros de equipe.

— Vamos para o Alasca o mais rápido possível...

— E improvisaremos — falou Hazel.

— Muito — acrescentou Frank.

Reyna analisou-os. Parecia estar escrevendo mentalmente o próprio obituário.

— Muito bem — disse. — Nada mais nos resta senão votar sobre que tipo de apoio podemos dar para a missão: transporte, dinheiro, magia, armas.

— Pretora, se me permite — disse Octavian.

— Ah, que ótimo — murmurou Percy. — Lá vem.

— O acampamento está correndo um grande perigo — disse Octavian. — *Dois* deuses nos avisaram que seremos atacados daqui a quatro dias. Não devemos esgotar nossos recursos, especialmente para financiar projetos que têm uma chance de sucesso ínfima.

Octavian olhou para os três com pena, como se dissesse: *Coitadinhos*.

— Marte claramente escolheu os candidatos menos adequados para esta missão. Talvez porque os considere os mais dispensáveis. Talvez Marte esteja apostando em uma zebra. Qualquer que seja o caso, ele sabiamente *não* ordenou uma expedição enorme, nem pediu que financiássemos a aventura deles. Sugiro que usemos nossos recursos aqui e defendamos o acampamento. É onde a batalha será perdida ou vencida. Se esses três forem bem-sucedidos, maravilha! Mas devem fazer isso por seu próprio engenho.

Um murmúrio apreensivo perpassou a multidão. Frank ficou de pé num pulo. Mas antes que ele pudesse começar uma briga, Percy disse: — Está bem! Sem problemas. Mas pelo menos nos deem transporte. Gaia é a deusa da terra, certo? Ir por vias terrestres... Imagino que deveríamos evitar isso. Além do mais, iríamos muito devagar.

Octavian riu.

— Você gostaria que fretássemos um avião para vocês?

Percy ficou nauseado só de pensar naquilo.

— Não. Ir pelo ar... Tenho a sensação de que isso também seria ruim. Mas um barco. Vocês podem pelo menos nos dar um barco?

Hazel grunhiu. Percy olhou para ela.

A menina balançou a cabeça e disse, movendo os lábios sem emitir sons: *Tudo bem. Está tudo bem.*

— Um barco! — Octavian virou-se para os senadores. — O filho de Netuno quer um barco. Viajar por mar nunca foi do feitio dos romanos, mas ele não é muito romano!

— Octavian — disse Reyna, séria —, querer um barco não é pedir muito. E não dar qualquer outro auxílio parece bastante...

— Tradicional! — exclamou Octavian. — É bastante tradicional. Vejamos se

esses aventureiros terão forças para sobreviver sem ajuda, como verdadeiros romanos!

Mais murmúrios tomaram o salão. Os olhares dos senadores se alternavam entre Octavian e Reyna, assistindo à disputa de vontades.

Reyna empertigou-se na cadeira.

— Muito bem — disse ela, asperamente. — Coloquemos em votação. Senadores, a proposta é a seguinte: a missão deve ir até o Alasca. O Senado deve fornecer acesso irrestrito à esquadra romana ancorada em Alameda. Não haverá qualquer outro auxílio em vista. Os três aventureiros vão sobreviver ou fracassar por seus próprios méritos. Todos a favor?

Cada um dos senadores levantou a mão.

— A proposta foi aceita. — Reyna virou-se para Frank. — Centurião, seu grupo está dispensado. O Senado tem outros assuntos a tratar. E, Octavian, podemos conversar em particular?

Percy ficou incrivelmente feliz ao ver a luz do sol. Naquele salão escuro, sob todos aqueles olhares, ele havia sentido como se carregasse o mundo nas costas — e tinha quase certeza de já ter passado por aquilo antes.

Encheu o pulmão de ar puro.

Hazel pegou uma grande esmeralda que havia no caminho e a enfiou no bolso.

— Então... basicamente estamos ferrados.

Frank assentiu, desconsolado.

— Eu entenderia se qualquer um de vocês quisesse desistir.

— Está brincando? — disse Hazel. — E ficar de sentinela o restante da semana?

Frank conseguiu dar um sorriso. E virou-se para Percy.

O garoto contemplava o fórum. *Fique onde está*, dissera Annabeth no sonho. Mas, se ele ficasse onde estava, o acampamento seria destruído. Percy olhou para as colinas e imaginou o rosto de Gaia sorrindo nas sombras e fendas do relevo. Ela parecia dizer: *Você não pode vencer, pequeno semideus. Sirva-me ficando ou sirva-me indo.*

Percy fez uma promessa silenciosa: depois do Festival de Fortuna, encontraria Annabeth. Mas, agora, ele tinha de agir. Não poderia deixar Gaia vencer.

— Estou com você — respondeu. — Além do mais, quero dar uma olhada na esquadra romana.

Eles só haviam percorrido metade do caminho até o fórum quando alguém chamou: — Jackson!

Percy virou-se e viu Octavian correndo na direção deles.

— O que você quer? — perguntou Percy.

Octavian sorriu.

— Já resolveu que sou seu inimigo? Essa é uma decisão precipitada, Percy. Sou um romano leal.

Frank rosnou.

— Seu traíra nojento... — Percy e Hazel precisaram se unir para contê-lo.

— Ah, céus! — disse Octavian. — Nem de perto o comportamento adequado a um novo centurião. Jackson, só vim atrás de você porque Reyna me incumbiu de lhe dar um recado. Ela quer que você se dirija à *principia* sem seus dois, hum, criados aqui. Reyna o encontrará lá depois que o Senado entrar em recesso. Ela gostaria de ter uma conversa em particular antes de vocês saírem para a missão.

— Sobre o quê? — perguntou Percy.

— Juro que não sei. — Octavian abriu um sorriso malicioso. — A última pessoa com a qual ela teve uma conversa em particular foi Jason Grace. E aquela foi a última vez em que o vi. Boa sorte e adeus, Percy Jackson.

XV

PERCY

PERCY FICOU FELIZ POR TER Contracorrente de volta no bolso. A julgar pela expressão no rosto de Reyna, ele pensou que talvez precisasse se defender.

Ela entrou na *principia* pisando duro, o manto roxo se agitando, e era seguida de perto pelos galgos. Percy estava sentado em uma das cadeiras dos pretores que ele puxara para o lado dos visitantes, o que talvez não tenha sido o gesto mais adequado. Ele começou a se levantar.

— Fique sentado — grunhiu Reyna. — Vocês vão partir após o almoço. Temos muito a discutir.

Ela bateu a adaga com tanta violência na mesa que a vasilha de jujubas tremeu. Aurum e Argentum assumiram seus postos à direita e à esquerda de Reyna e fixaram os olhos de rubi em Percy.

— O que foi que eu fiz? — perguntou Percy. — Se é por causa da cadeira...

— Não é nada com você. — Reyna fez uma careta. — Eu *odeio* as sessões do Senado. Quando Octavian começa a falar...

Percy concordou.

— Você é uma guerreira. Octavian é um orador. É só colocá-lo diante dos senadores e então *ele* se torna o poderoso.

Ela estreitou os olhos.

— Você é mais inteligente do que parece.

— Nossa, obrigado. Soube que Octavian pode vir a ser eleito pretor, partindo do princípio de que o acampamento vai sobreviver.

— O que nos leva ao assunto do fim do mundo e de como você pode ajudar a evitá-lo. Mas, antes que eu ponha o destino do Acampamento Júpiter em suas mãos, precisamos esclarecer algumas questões.

Reyna se sentou e colocou um anel na mesa — uma aliança de prata gravada

com o desenho de uma espada e uma tocha, tal qual sua tatuagem.

— Você sabe o que é isto?

— O símbolo de sua mãe — respondeu Percy. — A... hã, deusa da guerra.

Ele tentou se lembrar do nome dela, mas não queria falar errado. Era algo como bolonha. Ou seria salame?

— Sim, Belona. — Reyna observou Percy cuidadosamente. — Você não se lembra de onde viu este anel antes? Não se lembra nem mesmo de mim ou de minha irmã, Hylla?

Percy fez que não com a cabeça.

— Sinto muito.

— Foi há uns quatro anos.

— Logo antes de você vir para o acampamento.

Reyna franziu a testa.

— Como você...?

— Há quatro divisas em sua tatuagem. Quatro anos.

Reyna olhou para o antebraço.

— Claro. Parece que faz tanto tempo. Acho que você não se lembraria de mim nem se *tivesse* memória. Eu era apenas uma menininha, uma atendente entre tantas no spa. Mas você falou com minha irmã, um pouco antes de você e aquela outra, Annabeth, destruírem nossa casa.

Percy tentou se lembrar. Tentou mesmo. Por algum motivo, Annabeth e ele tinham visitado um spa e decidido destruí-lo. Percy não conseguia imaginar o porquê. Talvez não tivessem gostado da massagem? Ou talvez a manicure tenha sido péssima?

— Branco total — disse ele. — Como seus cães não estão me atacando, espero que você acredite em mim. Estou falando a verdade.

Aurum e Argentum rosnaram. Percy teve a sensação de que estavam pensando: *Minta, por favor. Minta, por favor.*

Reyna deu uma batidinha no anel de prata.

— Creio que esteja sendo sincero — disse ela. — Mas nem todos no acampamento acreditam. Octavian pensa que você é um espião. Acha que você foi enviado por Gaia para descobrir nossas fraquezas e nos distrair. Ele acredita nas antigas lendas sobre os gregos.

— Antigas lendas?

A mão de Reyna estava entre o punhal e as júbabas. Percy tinha a impressão de que, se ela fizesse um movimento repentino, não seria para pegar o doce.

— Alguns acreditam que ainda existam semideuses gregos — prosseguiu ela —, heróis que seguem as formas antigas dos deuses. Há lendas de batalhas relativamente recentes entre heróis romanos e gregos, como a Guerra Civil

Americana, por exemplo. Não tenho como provar, e, se nossos Lares sabem de algo, recusam-se a falar. Mas Octavian acredita que os gregos ainda estejam por aí, arquitetando nossa ruína, trabalhando com as forças de Gaia. Ele pensa que você é um deles.

— E você acredita nisso?

— Acredito que você veio de *algum lugar* — respondeu ela. — Você é importante e perigoso. Dois deuses demonstraram interesse especial em você desde que chegou, então não acho que faria algo contra o Olimpo... ou Roma. — Ela deu de ombros. — Mas é claro que posso estar errada. Talvez os deuses o tenham enviado para testar minha capacidade de julgamento. Mas acho... acho que você foi enviado aqui para compensar a perda de Jason.

Jason... Percy não conseguia ir muito longe nesse acampamento sem ouvir aquele nome.

— Do jeito como você fala dele... — disse Percy. — Vocês eram namorados?

Reyna fulminou-o com o olhar, o olhar de um lobo faminto. Percy vira um número suficiente de lobos famintos para reconhecê-lo.

— Poderíamos ter sido — disse Reyna — se tivéssemos tido tempo. Pretores trabalham muito próximos. É comum desenvolverem um relacionamento romântico. Mas Jason só foi pretor durante alguns meses antes de desaparecer. E desde então Octavian vem me atormentando, tentando articular novas eleições. Tenho resistido. Preciso de um parceiro no poder... mas preferiria alguém como Jason. Um guerreiro, não um maquinador.

Ela esperou. Percy se deu conta de que Reyna estava lhe fazendo um convite silencioso.

Sua garganta ficou seca.

— Ah... você quer dizer... ah!

— Acredito que os deuses o tenham enviado para me ajudar. Não sei de onde você veio, assim como não sabia há quatro anos. Mas acho que sua chegada é algum tipo de ressarcimento. Você destruiu minha casa uma vez. Agora foi enviado para salvá-la. Não guardo rancor por conta do passado, Percy. Minha irmã ainda o odeia, é verdade, mas o Destino me trouxe para o Acampamento Júpiter. Eu me saí bem. Tudo o que peço é que você trabalhe comigo para termos um futuro. Pretendo salvar este acampamento.

Os cães de metal olhavam fixamente para ele, as bocas semiabertas, rosnando. Percy achava muito mais difícil sustentar o olhar de Reyna.

— Olhe, eu vou ajudar — prometeu ele. — Mas sou novo aqui. Há muitas pessoas boas que conhecem o acampamento melhor que eu. Se tivermos sucesso nesta missão, Hazel e Frank serão heróis. Você poderia pedir a um deles...

— Por favor — interrompeu Reyna. — Ninguém vai seguir uma filha de

Plutão. Há algo naquela garota... Boatos sobre o lugar de onde ela veio... Não, ela não serve. E quanto a Frank Zhang, ele tem bom coração, mas é terrivelmente ingênuo e inexperiente. Além disso, se os outros descobrirem sobre a história de sua família neste acampamento...

— História da família?

— A questão, Percy, é que *você* é a verdadeira força desta missão. *Você* é um veterano experiente. Já vi o que é capaz de fazer. Um filho de Netuno não seria minha primeira opção, mas, se você for bem-sucedido e retornar da missão, a legião poderá ser salva. A pretoria estará à sua disposição. Juntos, você e eu poderíamos expandir o poder de Roma. Poderíamos formar um exército e achar as Portas da Morte, esmagar as forças de Gaia de uma vez por todas. Você veria que sou uma... amiga... muito útil.

Ela pronunciou a palavra “amiga” como se pudesse ter vários significados, e ele poderia escolher qualquer um.

Percy começou a bater os pés no chão, ansioso para sair dali.

— Reyna... Eu me sinto honrado e tal. E sério. Mas tenho namorada. E não quero poder ou uma pretoria.

Percy ficou com medo de deixá-la brava. Mas, em vez disso, ela só arqueou as sobrancelhas.

— Um homem que recusa poder? — disse ela. — Isso não é muito romano de sua parte. Pense a respeito. Tenho que tomar uma decisão em quatro dias. Se quisermos impedir uma invasão, *precisamos* ter dois pretores poderosos. Eu preferiria você, mas, se a missão for um fracasso, ou se você não retornar, ou se rejeitar minha oferta... Bem, trabalharei com Octavian. Quero salvar este acampamento, Percy Jackson. A situação é pior do que você imagina.

Percy se lembrou do que Frank dissera sobre os ataques dos monstros estarem mais frequentes.

— Quão ruim?

Reyna arranhou a mesa.

— Nem os senadores sabem de toda a verdade. Pedi a Octavian que não compartilhasse seus augúrios, senão haveria pânico em massa. Ele viu um grande exército marchando para o sul, tão grande que não podemos derrotá-lo. Eles são liderados por um gigante...

— Alcioneu?

— Acho que não. Se ele é realmente invulnerável no Alasca, seria tolice vir aqui em pessoa. Deve ser um de seus irmãos.

— Ótimo — disse Percy. — Então agora temos dois gigantes com os quais nos preocupar.

A pretora fez que sim com a cabeça.

— Lupa e seus lobos estão tentando atrasá-los, mas essa força é demais até para eles. O inimigo chegará logo, no máximo até o Festival de Fortuna.

Percy sentiu um calafrio. Ele vira Lupa em ação. Sabia tudo sobre a deusa-loba e sua matilha. Se esse inimigo era poderoso demais para Lupa, o Acampamento Júpiter não teria a menor chance.

Reyna entendeu sua reação.

— É, é ruim, mas ainda há esperança. Se vocês conseguirem trazer nossa águia de volta, se libertarem o deus da morte para que possamos de fato *matar* nossos inimigos, então teremos alguma chance. E ainda há mais uma possibilidade...

Reyna deslizou o anel de prata pela mesa.

— Não posso ajudá-lo muito, mas a viagem os levará até perto de Seattle. Vou lhe pedir um favor que talvez o ajude também. Encontre minha irmã, Hylla.

— Sua irmã... a que me odeia?

— Ah, sim — concordou Reyna. — Ela adoraria matá-lo. Mas mostre este anel para ela como um símbolo meu, e talvez ela resolva ajudá-lo.

— *Talvez?*

— Não posso falar por ela. Na verdade... — Reyna franziu a testa. — Na verdade não falo com ela há semanas. Ela não deu mais notícias. Com esses exércitos percorrendo...

— Você quer que eu dê uma olhada nela — deduziu Percy. — Para ter certeza de que ela está bem.

— Em parte, sim. Não imagino que tenha sido derrotada. Minha irmã tem uma força poderosa. Seu território está bem-guardado. Mas, se você conseguir encontrá-la, ela poderia lhe oferecer uma ajuda valiosa. Isso poderia significar a diferença entre o sucesso e o fracasso de sua missão. E, se você contar para ela o que está acontecendo aqui...

— Ela poderia enviar ajuda? — perguntou Percy.

Reyna não respondeu, mas Percy pôde ver o desespero em seus olhos. Ela estava apavorada, tentando se agarrar a *qualquer coisa* que pudesse salvar o acampamento. Não era à toa que queria a ajuda de Percy. Reyna era a única pretora. Toda a responsabilidade pela defesa do acampamento recaía em seus ombros.

Percy pegou o anel.

— Vou encontrá-la. Onde devo procurar? Que tipo de força ela tem?

— Não se preocupe. Apenas vá a Seattle. Elas o acharão.

Aquilo não pareceu muito encorajador, mas Percy colocou o anel no colar de couro com suas contas e a placa de *probatio*.

— Deseje-me sorte.

— Lute bem, Percy Jackson — falou Reyna. — E obrigada.

Ele percebeu que aquele era o fim da audiência. Reyna estava tendo dificuldades em se controlar, manter a imagem da comandante confiante. Precisava de algum tempo sozinha.

Mas, ao chegar à porta da *principia*, Percy não resistiu e se virou.

— Como foi que destruimos sua casa, o spa onde vocês moravam?

Os galgos de metal rosnaram. Reyna estalou os dedos para silenciá-los.

— Vocês destruíram o poder de nossa mestra — contou ela. — Libertaram alguns prisioneiros que se vingaram de todas nós que vivíamos na ilha. Minha irmã e eu... bem, nós sobrevivemos. Foi difícil. Mas no fim das contas acho que estamos melhor longe daquele lugar.

— De qualquer forma, sinto muito — disse Percy. — Perdoe-me se lhe causei algum sofrimento.

Reyna encarou-o por um bom tempo, como se tentasse interpretar aquelas palavras.

— Um pedido de desculpas? Uma atitude nada romana, Percy Jackson. Você daria um pretor interessante. Espero que considere minha oferta.

XVI

PERCY

O ALMOÇO PARECIA UM FUNERAL. Todos comiam. As pessoas conversavam em voz baixa. Ninguém parecia particularmente feliz. Os outros campistas ficavam lançando olhares para Percy como se ele fosse o cadáver sendo honrado.

Reyna fez um breve discurso desejando-lhes sorte. Octavian rasgou um bicho de pelúcia e anunciou augúrios sombrios e tempos difíceis pela frente, mas previu que o acampamento seria salvo por um herói inesperado (cujas iniciais provavelmente eram OCTAVIAN). Então os outros campistas seguiram para as aulas do turno da tarde: luta de gladiadores, aulas de latim, *paintball* com fantasmas, treinamento de águias e várias outras atividades que pareciam melhores que uma missão suicida. Percy seguiu Hazel e Frank até o alojamento para arrumar a mala.

Percy não possuía muita coisa. Havia esvaziado a mochila que trouxera do norte e ficara com a maioria dos itens do Bargain Mart. Tinha um jeans novo e uma camiseta roxa extra fornecida pelo intendente do acampamento, além de um pouco de néctar, ambrosia, biscoitos, algum dinheiro de mortais e suprimentos do acampamento. Durante o almoço, Reyna lhe entregara um pergaminho de apresentação assinado pela pretora e pelos senadores do acampamento. Em princípio, quaisquer legionários aposentados que eles encontrassem pelo caminho os ajudariam quando vissem aquela carta. Ele também conservou o colar de couro com as contas, o anel de prata e a placa de *probatio*, e, claro, Contracorrente estava em seu bolso. Ele dobrou a camiseta surrada laranja e deixou-a no beliche.

— Vou voltar — disse ele. Sentiu-se muito idiota por estar falando com uma camiseta, mas na verdade pensava em Annabeth e em sua antiga vida. — Não estou indo para sempre. Mas tenho que ajudar esses caras. Eles me acolheram.

Merecem sobreviver.

A camiseta não respondeu, felizmente.

Um dos companheiros de alojamento deles, Bobby, deu-lhes uma carona até o limite do vale nas costas do elefante Aníbal. Do topo da colina, Percy pôde avistar tudo o que havia no local. O Pequeno Tibre serpenteava por campos dourados onde pastavam os unicórnios. Os templos e o fórum de Nova Roma brilhavam sob o sol. No Campo de Marte, engenheiros trabalhavam arduamente, desmontando os destroços da fortaleza da noite anterior e preparando barricadas para um jogo de *deathball*. Um dia normal no Acampamento Júpiter, mas, ao norte, nuvens de tempestade se formavam no horizonte. Sombras se moviam pelas montanhas, e Percy imaginou o rosto de Gaia aproximando-se cada vez mais.

Trabalhe comigo para termos um futuro, dissera Reyna. *Pretendo salvar este acampamento*.

Olhando para o vale, Percy entendeu por que ela se importava tanto. Mesmo sendo novo no Acampamento Júpiter, sentia um desejo intenso de proteger o lugar. Um refúgio seguro onde semideuses podiam construir suas vidas — ele queria fazer parte daquele futuro. Talvez não da forma como Reyna imaginava, mas se pudesse compartilhar este lugar com Annabeth...

Eles desmontaram do elefante. Bobby desejou-lhes boa viagem. Aníbal abraçou os três aventureiros com a tromba. E então o serviço de elefante-táxi voltou para o vale.

Percy suspirou. Virou-se para Hazel e Frank e tentou pensar em algo animador para dizer.

Uma voz conhecida pediu:

— Identidades, por favor.

Uma estátua de Término apareceu no topo da colina. O deus franziu a testa de mármore, irritado.

— E então? Vamos logo!

— Você de novo? — perguntou Percy. — Achei que só protegia a fronteira da cidade.

Término bufou.

— Bom ver você também, sr. Burla-Regras. Sim, normalmente protejo a fronteira da cidade, mas gosto de prover segurança extra nas fronteiras do acampamento quando se trata de viagens internacionais. Vocês realmente deveriam ter chegado duas horas antes do momento pretendido para a partida, sabem. Mas vamos precisar dar um jeito agora. Venham aqui para que eu possa revistá-los.

— Mas você não tem... — Percy se interrompeu. — Ah, está bem.

Ele parou ao lado da estátua sem braços. Término realizou uma rigorosa revista mental.

— Você parece estar limpo — declarou Término. — Tem algo a declarar?

— Tenho — respondeu Percy. — Eu declaro que isso é idiota.

— Humpf! Placa de *probatio*: Percy Jackson, Quinta Coorte, filho de Netuno. Certo, pode passar. Hazel Levesque, filha de Plutão. Muito bem. Alguma moeda estrangeira ou, aham, metais preciosos a declarar?

— Não — murmurou ela.

— Tem certeza? — perguntou Término. — Porque da última vez...

— Não!

— Que bando mais mal-humorado — comentou o deus. — Viajantes em missão! Sempre com pressa. Agora, vejamos... Frank Zhang. Ah! Centurião? Muito bem, Frank. E o corte de cabelo está perfeito. Aprovado! Pode seguir então, Centurião Zhang. Precisa de orientações hoje?

— Não. Não, acho que não.

— Sigam direto para a estação de metrô — disse Término mesmo assim. — Troque de trem na rua 12 em Oakland. Vocês precisam saltar na estação Fruitvale. De lá, podem ir andando ou pegar o ônibus para Alameda.

— Vocês não têm um trem mágico ou algo do tipo? — perguntou Percy.

— Trens mágicos! — zombou Término. — Daqui a pouco vocês vão querer uma via de acesso exclusivo e uma credencial para a sala ^{vip}. Viajem com segurança e tomem cuidado com Polibotes. Falando de arruaceiros... ah! Eu queria poder esganá-lo com minhas próprias mãos.

— Espere... quem? — perguntou Percy.

Término fez cara de quem fazia força, como se estivesse flexionando seus bíceps inexistentes.

— Ah, bem. Tomem cuidado com ele, só isso. Imagino que ele possa sentir o cheiro de um filho de Netuno a um quilômetro de distância. Podem ir agora. Boa sorte!

Uma força invisível chutou-os para fora da fronteira. Quando Percy olhou para trás, Término havia sumido. Na verdade, o vale inteiro tinha desaparecido. Berkeley Hills parecia não abrigar nenhum acampamento romano.

Percy olhou para os amigos.

— Alguma ideia do que Término quis dizer? Cuidado com o... Poli-sei-lá-o-quê?

— Po-li-bo-tes? — Hazel pronunciou o nome devagar. — Nunca ouvi falar dele.

— Parece grego — disse Frank.

— Isso ajuda muito. — Percy suspirou. — Bem, provavelmente acabamos de

aparecer no radar olfativo de todos os monstros num raio de dez quilômetros. Melhor irmos andando.

*

Eles levaram duas horas para chegar às docas em Alameda. Em comparação com os últimos meses de Percy, a viagem foi fácil. Nenhum ataque de monstro. Ninguém olhou para Percy como se ele fosse um pivete sem-teto.

Frank havia guardado a lança, o arco e a aljava em uma bolsa comprida própria para esquis. A espada de cavalaria de Hazel estava enrolada em um saco de dormir que ela carregava nas costas. Juntos os três pareciam adolescentes normais indo acampar. Andaram até a estação Rockridge, compraram as passagens com dinheiro de mortais e embarcaram no trem.

Saltaram em Oakland. Precisaram caminhar por alguns bairros barra-pesada, mas ninguém mexeu com eles. Sempre que integrantes de alguma gangue chegavam bem perto para olhar Percy nos olhos acabavam se afastando rapidamente. Ele havia aperfeiçoado seu olhar de lobo nos últimos meses, um olhar que dizia: *Por mais que você se ache mau, eu sou pior*. Depois de estrangular monstros marinhos e atropelar górgonas com um carro de polícia, Percy não tinha medo de gangues. Quase nada no mundo dos mortais o assustava mais.

No fim da tarde, os três chegaram às docas em Alameda. Percy olhou para a Baía de São Francisco, respirou fundo e sentiu cheiro de maresia. Sentiu-se melhor no mesmo instante. Aquele era o domínio de seu pai. O que fossem enfrentar, ele levaria vantagem se estivessem no mar.

Havia dezenas de barcos atracados nas docas: de iates de cinquenta pés até barquinhos pesqueiros de dez. Ele correu os olhos pelo píer à procura de algum tipo de embarcação mágica — uma trirreme, talvez, ou um navio de guerra com um dragão na proa, como vira em seu sonho.

— Hum... Vocês sabem o que estamos procurando?

Hazel e Frank balançaram a cabeça.

— Eu nem sabia que *tínhamos* uma esquadra. — Pelo tom de Hazel, parecia que ela desejava que não existisse uma.

— Ah... — Frank apontou. — Vocês não acham que...?

No fim das docas havia um barco minúsculo, que parecia um bote, coberto com uma lona roxa. Na lona, estava bordado *s.p.q.r.* em um dourado desbotado.

A confiança de Percy fraquejou.

— Não pode ser.

Ele descobriu o barco, desfazendo os nós com as mãos como se tivesse feito aquilo a vida toda. Embaixo da lona havia um velho barco a remo de aço, sem os remos. Ele fora pintado de azul-escuro em algum momento do passado, mas o casco estava tão incrustado com piche e sal que parecia um enorme hematoma náutico.

Na proa ainda se podia ler o nome *Pax* escrito em letras douradas. Olhos pintados pareciam tristes, caídos ao nível da água, como se o barco estivesse prestes a cair no sono. A bordo havia dois bancos, um pouco de lã de aço, um *cooler* velho e uma corda esfiapada amontoada e com uma das pontas amarrada ao ancoradouro. No fundo do barco, um saco plástico e duas latas vazias de Coca-Cola boiavam em vários centímetros de água espumosa.

— Contemplem — disse Frank. — A poderosa esquadra romana.

— Deve haver algum engano — falou Hazel. — Isso aí é um pedaço de sucata.

Percy imaginou Octavian rindo deles, mas decidiu não se deixar abater por aquilo. O *Pax* ainda era um barco. Percy pulou para dentro, e o casco rangeu sob seus pés, reagindo à sua presença. Ele juntou todo o lixo no *cooler* e o colocou no píer. Ordenou que a água espumosa fluísse para fora do barco. E então apontou para a lã de aço, e ela voou pelo assoalho, esfregando e polindo tão rápido que começou a sair fumaça do aço. Quando tudo terminou, o barco estava limpo. Percy apontou para a corda, e ela se desamarrou do píer.

Não havia remos, mas isso não tinha importância. Percy sabia que o barco estava pronto para navegar, só aguardando seu comando.

— Isso vai servir — disse ele. — Entrem.

Hazel e Frank pareciam um pouco atordoados, mas embarcaram. Hazel parecia estar bastante nervosa. Depois que se acomodaram nos bancos, Percy se concentrou e o barco começou a se afastar do píer.

Juno tinha razão, sabe. A voz sonolenta de Gaia sussurrou na mente de Percy, assustando-o de tal forma que o barco sacudiu. *Você poderia ter escolhido uma nova vida no mar. Estaria a salvo de mim aí. Agora é tarde demais. Você preferiu a dor e o sofrimento. Agora faz parte de meu plano — meu importante peãozinho.*

— Saia do meu barco — rosnou Percy.

— Hã, o quê? — perguntou Frank.

Percy esperou, mas a voz de Gaia silenciou.

— Nada — respondeu. — Vejamos o que esta canoa pode fazer.

Ele virou o barco para o norte, e em pouco tempo navegavam a quinze nós na direção da ponte Golden Gate.

XVII

HAZEL

HAZEL ODIAVA BARCOS.

Ficava enjoada com tanta facilidade que mais parecia uma praga marítima. Ela não mencionara isso a Percy. Não queria estragar a missão, mas se lembrava de como sua vida havia sido horrível quando ela e a mãe se mudaram para o Alasca — sem estradas. Aonde quer que fossem, tinham que pegar um trem ou um barco.

Hazel tinha esperanças de que seu problema tivesse melhorado desde seu retorno do mundo dos mortos. Obviamente, não tinha. E esse barquinho, o *Pax*, parecia muito com aquele outro que ela e a mãe tinham no Alasca. Trazia lembranças ruins...

Assim que se afastaram do atracadouro, o estômago de Hazel começou a embrulhar. Quando o barco estava passando pelos píeres ao longo da Bay Area de São Francisco, ela já se sentia tão tonta que achou que estava tendo alucinações. Passaram por um bando de leões-marinhos se espreguiçando nas docas, e ela jurou ter visto um velho sem-teto sentado no meio dos animais. O sujeito apontou um dedo magro para Percy e mexeu os lábios dizendo algo como: *Nem pense nisso*.

— Vocês viram aquilo? — perguntou Hazel.

O rosto de Percy estava avermelhado pelo pôr do sol.

— Sim. Já vim aqui. Eu... eu não sei. Acho que estava procurando minha namorada.

— Annabeth — disse Frank. — Quer dizer, quando você estava indo para o Acampamento Júpiter?

Percy franziu o cenho.

— Não. Antes disso.

Ele ficou olhando a cidade como se ainda procurasse Annabeth até passarem debaixo da ponte Golden Gate e virarem para o norte.

Hazel tentou acalmar o estômago pensando em coisas agradáveis: a euforia que sentira na noite anterior quando eles ganharam os jogos de guerra, invadir a fortificação inimiga em cima de Aníbal, a transformação repentina de Frank em líder. Ele parecia uma pessoa completamente diferente ao escalar a muralha, convocando a Quinta Coorte ao ataque. O modo como ele havia varrido os defensores do alto das ameias... Hazel nunca o vira daquele jeito. Ficara muito orgulhosa ao colocar a medalha de centurião na camisa dele.

Então seus pensamentos se voltaram para Nico. Antes de partirem, o irmão a puxara até um canto para lhe desejar boa sorte. Hazel tinha esperança de que Nico fosse ficar no Acampamento Júpiter para ajudar a defendê-lo, mas ele disse que partiria naquele dia de volta ao Mundo Inferior.

— Papai precisa de toda a ajuda possível — falou. — Os Campos da Punição parecem o cenário de uma rebelião carcerária. As Fúrias quase não estão conseguindo manter a ordem. Além disso... vou tentar rastrear algumas das almas fugitivas. Talvez eu consiga achar as Portas da Morte pelo outro lado.

— Tenha cuidado — disse Hazel. — Se Gaia está guardando aquelas portas...

— Não se preocupe. — Nico abriu um sorriso. — Sei como ficar escondido. Apenas cuide de si mesma. Quanto mais perto do Alasca chegar... não sei se isso vai melhorar ou piorar os blecautes.

Cuidar-me, pensou Hazel amargurada. Como se houvesse alguma possibilidade de a missão acabar bem para ela.

— Se libertarmos Tânatos — Hazel disse a Nico —, pode ser que eu não o veja nunca mais. Tânatos vai me mandar de volta para o Mundo Inferior...

Nico pegou a mão dela. Os dedos dele eram tão pálidos que ficava difícil acreditar que os dois eram filhos do mesmo pai divino.

— Eu quis lhe dar uma chance no Elísio — disse ele. — Foi o melhor que pude fazer por você. Mas agora gostaria que houvesse outro jeito. Não quero perder minha irmã.

Nico não falou as palavras *de novo*, mas Hazel sabia que era o que ele pensava. Pela primeira vez ela não sentiu ciúmes de Bianca di Angelo. Só gostaria de ter mais tempo com Nico e os amigos no acampamento. Não queria morrer uma segunda vez.

— Boa sorte, Hazel — desejou Nico.

Ele então se misturou às sombras, exatamente como seu pai fizera setenta anos antes.

O barco deu uma sacudida, trazendo Hazel de volta ao presente. Eles alcançaram as correntes do Pacífico e começaram a margear o litoral rochoso de

Marin County.

Frank tinha a bolsa de esqui no colo. Ela passava em cima dos joelhos de Hazel como a barra de segurança de um brinquedo em um parque de diversões, o que a fez pensar na vez em que Sammy a levava a uma festa de rua durante o Mardi Gras, carnaval de Nova Orleans... Ela logo afastou aquela lembrança. Não podia correr o risco de ter um blecaute.

— Está tudo bem? — perguntou Frank. — Você parece enjoada.

— É por causa do mar — confessou ela. — Não achei que fosse ser tão ruim assim.

A expressão de Frank era de culpa, como se de alguma forma aquilo estivesse acontecendo por sua causa. Começou a procurar algo na bolsa.

— Tenho um pouco de néctar. E alguns *cream-crackers*. Hum, minha avó diz que gengibre ajuda... Não tenho gengibre, mas...

— Está tudo bem. — Hazel sorriu. — De qualquer forma, é muito gentil de sua parte.

Frank pegou um biscoito, que se quebrou em seus dedos enormes. Voaram pedaços para todo lado.

Hazel riu.

— Pelos deuses, Frank... Desculpe. Eu não deveria rir.

— Ah, não tem problema — disse ele, timidamente. — Acho que você não vai querer esse aí.

Percy não prestava muita atenção. Mantinha o olhar fixo no litoral. Quando passaram por Stinson Beach, ele apontou para o continente, onde uma montanha isolada se destacava acima das colinas verdejantes.

— Aquilo me parece familiar — disse ele.

— Monte Tam — falou Frank. — Os garotos no acampamento vivem falando dele. Uma grande batalha aconteceu lá no topo, na antiga base dos titãs.

Percy franziu o cenho.

— Algum de vocês estava lá?

— Não — respondeu Hazel. — Isso aconteceu em agosto, antes que eu... hum... antes que eu chegasse ao acampamento. Jason me contou. A legião destruiu o palácio do inimigo e mais ou menos um milhão de monstros. Jason teve que enfrentar Crios... Uma luta mão a mão com um titã, se é que dá para imaginar algo assim.

— Dá para imaginar sim — murmurou Percy.

Hazel não sabia o que aquele comentário queria dizer, mas Percy a *fazia* lembrar-se de Jason, mesmo que os dois não se parecessem em nada. Eles possuíam a mesma aura de poder silencioso, além de um tipo de tristeza, como se tivessem visto o futuro e soubessem que era apenas questão de tempo até

encontrarem um monstro que não fossem capazes de derrotar.

Hazel compreendia aquele sentimento. Ela observava o sol se pôr no oceano, sabendo que tinha menos de uma semana de vida. Sendo a missão bem-sucedida ou não, sua jornada chegaria ao fim até o Festival de Fortuna.

Ela pensou em sua primeira morte, e nos meses que a antecederam: sua casa em Seward, os seis meses que passara no Alasca, levando aquele barquinho até a Baía Resurrection à noite, visitando aquela ilha maldita.

Hazel percebeu seu erro tarde demais. A visão escureceu, e ela recuou no tempo.

*

A casa alugada delas era um barraco de ripas de madeira suspenso por estacas acima da baía. Quando o trem vindo de Anchorage passava por ali, toda a mobília balançava e os quadros trepidavam nas paredes. À noite, Hazel adormecia ao som da água gelada do mar lambendo as pedras sob o piso de madeira. O vento fazia a casa ranger e gemer.

Havia só um cômodo, e a cozinha se limitava a uma chapa elétrica e uma caixa de isopor. Um canto da casa era isolado por uma cortina para Hazel, onde ficavam seu colchão e um baú. Ela havia prendido com tachinhas nas paredes seus desenhos e fotos antigas de Nova Orleans, mas aquilo só ajudara a piorar sua saudade.

A mãe quase nunca estava em casa. Não era mais conhecida como Queen Marie. Era só Marie, a empregada. Cozinhou e faxinou o dia todo no restaurante da Terceira Avenida para pescadores, funcionários da ferrovia e uma ou outra tripulação de marinheiros. E voltava para casa no fim do dia cheirando a desinfetante e peixe frito.

À noite, Marie Levesque se transformava. A Voz assumia o controle, dando ordens a Hazel, colocando-a para trabalhar no projeto horrível delas.

No inverno era pior. A Voz ficava mais tempo por causa da escuridão constante. O frio era tão intenso que Hazel achava que nunca mais sentiria calor.

Quando chegava o verão, Hazel não se cansava do sol. Todos os dias das férias de verão ela passava longe de casa o máximo que podia, mas não tinha permissão para ficar passeando pela cidade. Era uma comunidade pequena. As outras crianças espalhavam boatos a seu respeito — a filha da bruxa que morava na cabana velha lá nas docas. Se Hazel chegasse muito perto, as crianças zombavam dela ou lhe atiravam garrafas e pedras. Os adultos não eram muito

melhores.

Hazel poderia ter feito da vida deles um inferno. Poderia ter distribuído diamantes, pérolas e ouro. Lá no Alasca, ouro era fácil de achar. Havia uma quantidade tão grande nas colinas que Hazel poderia ter soterrado a cidade sem precisar fazer muito esforço. Mas ela não odiava os moradores por eles a quererem longe, mantê-la a distância. Não podia culpá-los.

A menina passava os dias andando pelas colinas. Ela atraía corvos. Eles grasnavam das árvores e ficavam esperando pelas coisas brilhantes que sempre apareciam nas pegadas de Hazel. A maldição não parecia incomodá-los. Havia ursos-pardos também, mas esses mantinham distância. Quando Hazel ficava com sede, procurava uma cascata de neve derretida e bebia aquela água gelada e fresca até a garganta doer. Ela subia o mais alto possível e deixava os raios de sol lhe aquecerem o rosto.

Não era um jeito ruim de passar o tempo, mas ela sabia que em algum momento teria que voltar para casa.

Às vezes, Hazel pensava no pai — aquele homem pálido, estranho, de terno preto e prateado. Hazel queria que ele voltasse e a protegesse da mãe, talvez usasse seus poderes para dar um fim naquela Voz horrível. Se ele era um deus, deveria ser capaz de fazer isso.

Ela olhava para os corvos e ficava imaginando que eram seus mensageiros. Os olhos dos pássaros eram negros e maníacos, como os dele. A menina se perguntava se eles relatariam seus movimentos para o pai.

Mas Plutão alertara sua mãe a respeito do Alasca. Era uma terra além do alcance dos deuses. Ele não poderia protegê-las ali. Se observava Hazel, não falava com ela. Muitas vezes ela se perguntava se não tinha imaginado o pai. Sua vida antiga parecia tão distante quanto os programas de rádio que ouvia, ou o presidente Roosevelt falando da guerra. De vez em quando os outros moradores falavam dos japoneses e de alguma luta nas ilhas mais afastadas do Alasca, mas até isso parecia distante — nem de longe tão assustadoras quanto o problema de Hazel.

Certo dia, no meio do verão, ela ficou fora de casa até mais tarde que o normal, perseguindo um cavalo.

Ela o havia visto pela primeira vez depois de ouvir um barulho de mastigação atrás de si. Hazel virou-se e viu um lindo garanhão ruão pardo com uma crina negra — igualzinho àquele que ela cavalgara no último dia em Nova Orleans, quando Sammy a levava aos estábulos. Poderia ser o mesmo cavalo, embora isso fosse impossível. Ele comia algo do chão, e por um segundo Hazel teve a impressão maluca de que o animal mastigava uma das pepitas de ouro que sempre apareciam em seu rastro.

— Ei, amigo — cumprimentou.

O cavalo olhou para ela, desconfiado.

Hazel presumiu que ele pertencia a alguém. Era muito bem-cuidado, o pelo muito lustroso para um cavalo selvagem. Se conseguisse chegar mais perto... O quê? Ela poderia encontrar o dono? Devolvê-lo?

Não, pensou. Só quero cavalgar de novo.

Quando chegou a três metros dele, o cavalo saiu em disparada. Hazel passou o restante da tarde tentando capturá-lo — chegando incrivelmente perto e vendo-o fugir de novo.

Ela perdeu a noção do tempo, o que era fácil de acontecer com tantas horas de sol durante o verão. Por fim, Hazel parou num riacho para beber água e olhou para o céu, achando que deviam ser umas três da tarde. Mas então ouviu o apito de um trem no vale. Percebeu que devia ser a linha noturna para Anchorage, o que significava que eram dez da noite.

Hazel olhou fixamente para o cavalo, que pastava tranquilo do outro lado do riacho.

— Você está tentando me meter em encrenca?

O cavalo relinchou. E então... Hazel deve ter imaginado. O cavalo saiu em disparada num borrão preto e castanho, mais rápido que um raio — quase rápido demais para que os olhos dela registrassem. Hazel não entendia como, mas o cavalo *definitivamente* havia sumido.

Ela fitou o ponto onde o cavalo estivera. Um pequeno fiapo espiralado de fumaça subia do chão.

O apito do trem ecoou pelas colinas mais uma vez, e Hazel se deu conta do tamanho de seu problema. Voltou correndo para casa.

A mãe não estava lá. Por um segundo Hazel sentiu alívio. Talvez ela tivesse precisado trabalhar até mais tarde. Talvez naquela noite as duas não tivessem que fazer a viagem.

E então Hazel viu o estrago. Sua cortina estava caída no chão. O baú havia sido aberto, e suas poucas roupas, espalhadas pelo piso. O colchão fora retalhado como se tivesse sido atacado por um leão. O pior de tudo: seu bloco de desenho estava rasgado em mil pedacinhos. Os lápis de cor, todos quebrados. O presente de aniversário dado por Plutão, o único luxo de Hazel, fora destruído. Preso à parede com uma tachinha, o último pedaço de papel do bloco tinha um recado escrito em vermelho com uma caligrafia que não era a da mãe: *Menina má. Estou à sua espera na ilha. Não me decepcione.* Hazel chorava, desesperada. Teve vontade de ignorar o chamado. Quis fugir, mas não tinha para onde ir. Além do mais, sua mãe tinha sido aprisionada. A Voz havia prometido que elas estavam quase terminando a tarefa. Se Hazel continuasse ajudando, a mãe seria

libertada. Hazel não confiava na Voz, mas não via alternativa.

Pegou o barquinho a remo — um esquiife pequeno que a mãe trocara por algumas pepitas de ouro com um pescador, que sofreu um trágico acidente com a rede de pesca no dia seguinte. Elas só tinham um barco, mas às vezes a mãe de Hazel parecia ser capaz de chegar à ilha sem utilizar qualquer meio de transporte. Hazel aprendera a não fazer perguntas sobre isso.

Mesmo sendo o meio do verão, pedaços de gelo boiavam na Baía Resurrection. Focas nadavam junto ao barco, olhando esperançosas para Hazel, tentando farejar sobras de peixe. No meio da baía, o dorso reluzente de uma baleia rompeu a superfície da água.

Como sempre, o balanço do barco embrulhou o estômago de Hazel. Ela parou uma vez e vomitou do lado de fora do barco. O sol estava finalmente descendo atrás das montanhas, pintando o céu de vermelho-sangue.

Hazel remou em direção à entrada da baía. Após vários minutos, virou-se e olhou adiante. Bem à sua frente, em meio à neblina, a ilha se materializou: meio hectare de terreno coberto com pinheiros, pedregulhos, neve e uma praia de areias negras.

Se a ilha tinha nome, Hazel não sabia. Certa vez ela cometera o erro de perguntar aos moradores da cidade, mas eles a encararam como se a menina fosse louca.

— Não tem ilha nenhuma ali — disse um velho pescador —, senão meu barco teria batido nela milhares de vezes.

Hazel estava a menos de cinquenta metros da praia quando um corvo pousou na popa do barco. Era um pássaro preto lustroso quase do tamanho de uma águia, com um bico chanfrado parecendo uma faca de obsidiana.

Seus olhos brilhavam com inteligência, então Hazel não se surpreendeu quando ele falou.

— Esta noite — crocitou ele. — A última noite.

Hazel parou de remar. Tentou decidir se o corvo a alertava, dando um conselho ou fazendo uma promessa.

— Você foi enviado por meu pai? — perguntou ela.

O corvo inclinou a cabeça.

— A última noite. Esta noite.

Então bicou a proa do barco e voou em direção à ilha.

A última noite, Hazel disse a si mesma. Resolveu entender aquilo como uma promessa. *Não importa o que ela me diga, vou fazer com que esta seja a última noite.*

Aquilo lhe deu força suficiente para continuar remando. O barco deslizou até a praia, rachando uma camada fina de gelo e limo negro.

Nos últimos meses, Hazel e a mãe tinham aberto um caminho da praia à mata. Ela caminhou para o interior da ilha, tomando cuidado para não sair da trilha. A ilha era cheia de perigos, tanto naturais quanto mágicos. Ursos se moviam em meio à vegetação. Espíritos brancos luminosos, vagamente humanos, se movimentavam pelas árvores. Hazel não sabia o que eles eram, mas tinha consciência de que a observavam, na esperança de que ela se perdesse e caísse em suas garras.

No meio da ilha, dois pedregulhos negros enormes formavam a boca de um túnel. Hazel entrou na caverna que ela chamava de Coração da Terra.

Aquele era o único lugar verdadeiramente aquecido que Hazel encontrara desde a mudança para o Alasca. O ar tinha cheiro de terra recém-revirada. O calor doce e úmido deixava Hazel sonolenta, mas ela se esforçou para permanecer acordada. Imaginou que se dormisse ali seu corpo afundaria na terra e viraria adubo.

A caverna era tão grande quanto o altar de uma igreja, como a Catedral de São Luís na Jackson Square, em Nova Orleans. As paredes da caverna brilhavam com musgos luminosos — tons de verde, vermelho e roxo. A câmara inteira vibrava com uma energia, um *bum, bum, bum* ressonante que lembrava a Hazel um batimento cardíaco. Talvez fossem apenas as ondas do mar açoitando a ilha, mas a menina achava que não. Aquele lugar tinha vida. A terra estava adormecida, mas pulsava com poder. Seus sonhos eram tão malignos, tão inquietos, que Hazel sentiu que estava perdendo o contato com a realidade.

Gaia queria consumir sua identidade, assim como havia dominado Marie. Queria consumir todos os seres humanos, deuses e semideuses que ousavam andar por sua superfície.

Todos vocês me pertencem, Gaia murmurava, como uma canção de ninar. *Rendam-se. Voltem para a terra.*

Não, pensou Hazel. *Eu sou Hazel Levesque. Você não pode me ter.*

Marie Levesque estava de pé na borda do poço. Em seis meses seu cabelo ficara totalmente grisalho. Ela emagrecera. As mãos estavam calejadas de tanto trabalhar. Ela usava botas para a neve e uma camisa branca manchada do restaurante. Jamais teria sido tomada por uma rainha.

— É tarde demais. — A voz fraca da mãe ecoou pela caverna. Hazel percebeu, chocada, que a voz era a *dela*, não a de Gaia.

— Mãe?

Marie virou-se, de olhos abertos. Estava acordada e consciente. Aquilo deveria ter deixado Hazel aliviada, mas ela ficou nervosa. A Voz nunca abria mão de seu controle enquanto as duas estavam na ilha.

— O que foi que eu fiz? — perguntou a mãe, desconsolada. — Ah, Hazel, o

que fiz com você?

Hazel olhou horrorizada para aquela coisa dentro do poço.

Durante meses as duas tinham ido até ali, quatro ou cinco noites por semana, como a Voz exigia. Hazel havia chorado, desmaiado de exaustão, suplicado, cedido ao desespero. Mas a Voz que controlava sua mãe a fizera continuar implacavelmente. *Traga-me riquezas da terra. Use seus poderes, criança. Traga para mim meu bem mais valioso.*

No começo, os esforços de Hazel eram recebidos com desprezo. A fenda na terra se enchera de ouro e pedras preciosas, borbulhando numa sopa espessa de petróleo. Parecia o tesouro de um dragão despejado em um poço de piche. E então, aos poucos, um cone rochoso começou a crescer, como um bulbo gigantesco de tulipa. Ele se erguia de forma tão gradual, noite após noite, que Hazel tinha dificuldade em avaliar seu progresso. Muitas vezes ela passava a noite toda concentrada na tarefa de fazê-lo crescer, até mente e alma ficarem exaustas, mas não notava diferença alguma. No entanto, o cone *crescia*.

Agora Hazel podia ver o quanto havia realizado. A coisa era tão alta quanto um prédio de dois andares, com filamentos rochosos projetando-se como a ponta espiralada de uma lança saindo do charco oleoso. No interior, algo quente brilhava. Hazel não conseguia ver direito, mas sabia o que acontecia. Um corpo ia sendo formado de prata e ouro, com sangue de petróleo e coração de diamantes brutos. Hazel estava ressuscitando o filho de Gaia. Ele estava quase pronto para despertar.

Sua mãe caiu de joelhos e chorou.

— Eu sinto muito, Hazel. Sinto tanto.

Ela parecia desolada e abandonada, terrivelmente triste. Hazel deveria ter ficado furiosa. *Sente muito?* Ela passara anos com medo da mãe. Fora repreendida e culpada pela vida infeliz dela. Fora tratada como uma aberração, arrancada de sua casa em Nova Orleans, levada para aquela selva gelada e trabalhara como escrava para uma deusa maligna impiedosa. *Sentir muito* não era o suficiente. Hazel deveria ter desprezado a mãe.

Mas não conseguia sentir raiva.

Hazel ajoelhou-se e abraçou a mãe. Já não sobrara quase nada dela, só pele, osso e um uniforme manchado. Mesmo dentro da caverna aquecida, ela tremia.

— O que podemos fazer? — perguntou Hazel. — Diga o que preciso fazer para impedir isso.

A mãe balançou a cabeça.

— Ela me libertou. Sabe que é tarde demais. Não há nada que possamos fazer.

— Ela... a Voz? — Hazel tinha medo de criar expectativas, mas, se sua mãe estava realmente livre, então nada mais importava. Elas poderiam ir embora dali.

Poderiam fugir, voltar para Nova Orleans. — Ela foi embora?

A mãe olhou temerosa pela caverna.

— Não, ela está aqui. Só quer mais uma coisa de mim. E para isso precisa de meu livre-arbítrio.

Hazel não gostou do tom daquilo.

— Vamos embora daqui — implorou ela. — Aquela coisa na rocha... vai nascer.

— Logo — concordou a mãe.

Ela olhou para Hazel com tanta ternura... Hazel não conseguia se lembrar da última vez que vira aquele tipo de afeição nos olhos da mãe. Sentiu um soluço crescendo no peito.

— Plutão me alertou — disse a mãe. — Ele me disse que meu desejo era perigoso demais.

— Seu... seu desejo?

— Todas as riquezas sob a terra. Ele as controlava. Eu as queria. Estava tão cansada de ser pobre, Hazel. Tão cansada. Primeiro eu o invoquei... Só para ver se conseguia. Nunca pensei que o antigo feitiço africano fosse funcionar com um deus. Mas ele me cortejou, disse que eu era corajosa e bonita... — Ela olhava fixamente para as mãos deformadas e calejadas. — Quando você nasceu, ele ficou muito feliz e orgulhoso. Prometeu que me daria qualquer coisa. Jurou pelo Rio Estige. Então pedi que me desse todas as riquezas que ele possuía. Plutão me alertou dizendo que os desejos mais gananciosos traziam os maiores infortúnios. Mas eu insisti. Imaginei uma vida de rainha para mim... A mulher de um deus! E você... você foi amaldiçoada.

Hazel se sentiu expandindo, quase a ponto de explodir, como aquele cone no poço. Sua angústia logo se tornaria grande demais para ser contida, e sua pele iria se despedaçar.

— É por isso que eu consigo achar coisas sob a terra?

— E é por isso que elas só trazem sofrimento. — A mulher apontou languidamente para a caverna. — E foi assim que *ela* me encontrou e foi capaz de me controlar. Eu tinha raiva de seu pai. Culpei-o por meus problemas. Culpei você. Estava tão amargurada que dei ouvidos à voz de Gaia. Fui uma tola.

— Deve haver algo que possamos fazer — rebateu Hazel. — Diga como posso detê-la.

O chão tremeu. A voz desencarnada de Gaia ecoou pela caverna.

Meu primogênito se levanta, disse ela, a coisa mais preciosa na terra — e você o trouxe das profundezas, Hazel Levesque. Você o renovou. O despertar dele não pode ser impedido. Agora só falta uma coisa.

Hazel cerrou os punhos. Sentia-se apavorada, mas, agora que sua mãe estava

livre, achava que finalmente poderia confrontar sua inimiga. Essa criatura, essa deusa do mal, arruinara a vida delas. Hazel não iria deixá-la vencer.

— Não vou mais ajudar você — gritou.

Não preciso mais de sua ajuda, garota. Só a trouxe aqui por um motivo. Sua mãe precisava de... incentivo.

Hazel sentiu um aperto na garganta.

— Mãe?

— Sinto muito, Hazel. Se puder me perdoar, por favor... Saiba que só fiz isso porque amo você. Ela prometeu deixá-la viver se...

— Se você se sacrificar — completou Hazel, percebendo a verdade. — Ela precisa que você se entregue espontaneamente para dar vida àquela... àquela coisa.

Alcioneu, disse Gaia. O mais velho dos gigantes. Ele deve se erguer primeiro, e aqui será sua nova terra — longe dos deuses. Ele andarà por estas montanhas e florestas geladas. Ele reunirá um exército de monstros. Enquanto os deuses estão divididos, lutando uns contra os outros nesta Guerra Mundial dos mortais, ele enviará seus exércitos para destruir o Olimpo.

Os sonhos da deusa da terra eram tão poderosos que projetavam sombras pelas paredes da caverna: imagens pavorosas de exércitos nazistas devastando a Europa, aviões japoneses destruindo cidades americanas. Hazel finalmente entendeu. Os deuses do Olimpo tomariam partido na batalha, como sempre faziam nas guerras humanas. E, enquanto os deuses lutavam entre si até uma trégua sangrenta, um exército de monstros surgiria no norte. Alcioneu traria seus irmãos, os gigantes, de volta à vida e os enviaria para conquistar o mundo. Os deuses enfraquecidos cairiam. O conflito dos mortais se estenderia por décadas até que toda a civilização fosse destruída e a deusa da terra despertasse completamente. E então Gaia governaria para sempre.

Tudo isso, ronronou a deusa, porque sua mãe foi gananciosa e amaldiçoou você com o dom de encontrar riquezas. Em meu estado adormecido, eu teria precisado de várias décadas, talvez séculos, até reunir o poder para ressuscitar Alcioneu sozinha. Mas agora ele vai acordar, e, logo, eu também!

Com uma certeza assustadora, Hazel sabia o que aconteceria em seguida. A única coisa de que Gaia precisava era um sacrifício espontâneo — uma alma a ser consumida para que Alcioneu acordasse. Sua mãe entraria na fenda e tocaria aquele cone horrível — e seria absorvida.

— Vá, Hazel. — A mãe levantou-se, cambaleante. — Ela deixará você viver, mas é preciso que se apresse.

Hazel acreditou. Aquilo era o mais horrível. Gaia honraria o acordo e a deixaria viver. Hazel sobreviveria para ver o fim do mundo, sabendo que fora a

responsável.

— Não. — Hazel tomou uma decisão. — Não vou viver. Não para isso.

Do fundo de sua alma, ela chamou o pai, o Senhor do Mundo Inferior, e invocou todas as riquezas que se estendiam por seu vasto reino. A caverna estremeceu.

Em torno do cone de Alcioneu, o óleo borbulhou, agitou-se e entrou em erupção, como um caldeirão fervente.

Não seja tola, disse Gaia, mas Hazel sentiu a preocupação em seu tom de voz, talvez até medo. *Você destruirá a si mesma para nada! Ainda assim sua mãe morrerá!*

Hazel quase titubeou. Lembrou-se da promessa feita pelo pai: um dia sua maldição seria suspensa; um descendente de Netuno lhe traria paz. Ele até dissera que Hazel poderia encontrar o próprio cavalo. Talvez aquele animal estranho nas colinas estivesse destinado a ela. Mas nada disso aconteceria se Hazel morresse ali. Ela nunca mais veria Sammy nem voltaria a Nova Orleans. Sua vida teria durado treze curtos e penosos anos com um final infeliz.

Seus olhos se encontraram com os da mãe. Pela primeira vez na vida a mulher não parecia triste ou brava. Seus olhos brilhavam de orgulho.

— Você foi meu presente, Hazel — disse ela. — Meu presente mais precioso. Fui tola ao pensar que precisava de algo mais.

Ela deu um beijo na testa de Hazel e a abraçou. O calor de seu corpo deu-lhe coragem para continuar. Elas morreriam, mas não como um sacrifício para Gaia. Instintivamente, Hazel soube que o ato final delas anularia o poder da deusa. Suas almas iriam para o Mundo Inferior, e Alcioneu não nasceria — pelo menos ainda não.

Hazel evocou o que restava de suas forças. O ar ficou extremamente quente. O cone começou a afundar. Joias e blocos de ouro dispararam de dentro da fenda com tanta força que racharam as paredes da caverna e lançaram estilhaços, ferindo a pele de Hazel através de seu casaco.

Pare com isso!, Gaia ordenou. *Você não pode evitar o nascimento dele. O máximo que fará é adiá-lo por algumas décadas. Meio século. Você trocaria a vida de vocês por isso?*

Hazel deu sua resposta.

A última noite, dissera o corvo.

A fenda explodiu. O teto desabou. Hazel afundou nos braços da mãe, para a escuridão, enquanto o óleo enchia seus pulmões e a ilha afundava na baía.

XVIII

HAZEL

— **H**AZEL! — **F**RANK SACUDIU OS BRAÇOS dela, em pânico. — Vamos, por favor! Acorde!

Ela abriu os olhos. O céu noturno reluzia com as estrelas. O balanço do barco havia cessado. Ela estava deitada em chão firme, com a espada embrulhada e a mochila a seu lado.

Sentou-se, meio grogue, sentindo a cabeça girar. Eles estavam em um penhasco de onde se avistava uma praia. A mais ou menos uns trinta metros de distância, o mar cintilava à luz da lua. A água banhava delicadamente a popa do barco na areia. À direita de Hazel, na beira do penhasco, havia uma construção que parecia uma pequena igreja com um holofote na torre do campanário. Um farol, presumiu Hazel. Atrás deles, campos de grama alta balançavam ao vento.

— Onde estamos? — perguntou ela.

Frank soltou o ar.

— Graças aos deuses você acordou! Estamos em Mendocino, uns duzentos e quarenta quilômetros ao norte da Golden Gate.

— Duzentos e quarenta quilômetros? — gemeu Hazel. — Fiquei fora do ar *tanto* tempo assim?

Percy ajoelhou-se a seu lado, com a brisa marinha soprando seus cabelos. Colocou a mão na testa de Hazel, como se verificasse a temperatura dela.

— Não conseguíamos acordar você. Então decidimos trazê-la para terra firme. Achamos que talvez o enjoo por causa do balanço do mar...

— Não foi enjoo. — Ela respirou fundo. Não podia mais esconder a verdade deles. Lembrou-se do que Nico falara: *Se um flashback desses acontecer quando você estiver lutando...* — Eu... eu não tenho sido muito sincera com vocês — disse. — O que aconteceu foi um blecaute. Tenho isso de vez em quando.

— Um blecaute? — Frank pegou a mão de Hazel, o que a surpreendeu... Mas

de forma agradável. — É algum problema de saúde? Por que não reparei nisso antes?

— Eu tento esconder — admitiu. — Tenho tido sorte até agora, mas está piorando. Não é um problema de saúde... não exatamente. Nico diz que é um efeito colateral do meu passado, de onde ele me achou.

Os intensos olhos verdes de Percy eram difíceis de decifrar. Hazel não sabia dizer se ele estava preocupado ou desconfiado.

— Onde exatamente Nico achou você? — perguntou Percy.

A língua dela parecia algodão. Hazel tinha medo de começar a falar e deslizar para o passado, mas eles mereciam saber. Se os deixasse na mão, se saísse do ar quando eles mais precisassem de sua ajuda... Ela não podia nem imaginar.

— Vou explicar — prometeu. Vasculhou a mochila. Estupidamente, ela se esquecera de levar uma garrafa d'água. — Tem... tem algo para beber?

— É. — Percy murmurou um palavrão em grego. — Que burrice. Deixei todos os meus suprimentos lá no barco.

Hazel se sentia culpada por pedir que cuidassem dela, mas acordara sedenta e exausta, como se tivesse passado as últimas horas tanto no passado quanto no presente. Colocou a mochila e a espada no ombro.

— Não tem problema. Posso andar...

— Nem pensar — interrompeu Frank. — Não até que você tenha comido e bebido algo. Vou buscar os suprimentos.

— Não, eu vou. — Percy deu uma olhada na mão de Frank na de Hazel. E então observou o horizonte como se farejasse problemas, mas não havia nada ali, só o farol e o campo que se estendia terra adentro. — Fiquem aqui vocês dois. Volto já.

— Tem certeza? — perguntou Hazel debilmente. — Não quero que você...

— Está tudo bem — disse Percy. — Frank, fique de olhos abertos. Tem algo neste lugar... não sei.

— Vou mantê-la segura — prometeu Frank.

Percy saiu correndo.

Assim que ficaram sozinhos, Frank percebeu que ainda segurava a mão de Hazel. Ele pigarreou e a soltou.

— Eu, hum... acho que compreendo seus blecautes. E de onde você vem.

O coração dela perdeu um compasso.

— Compreende?

— Você é tão diferente das outras garotas que já conheci. — Ele piscou e então apressou-se em explicar. — Não de um jeito... *ruim*. É só a forma como você fala. As coisas que surpreendem você: músicas, programas de televisão ou as gírias que as pessoas usam. Você fala de sua vida como se ela tivesse

acontecido muito tempo atrás. Você nasceu em outra época, não foi? Veio do Mundo Inferior.

Hazel quis chorar — não porque estivesse triste, mas porque era um alívio imenso ouvir alguém dizendo a verdade. Frank não agia como se estivesse revoltado nem assustado. Não a olhava como se ela fosse um fantasma ou algum zumbi horrível.

— Frank, eu...

— Vamos dar um jeito — prometeu ele. — Você está viva agora. Vamos mantê-la assim.

O mato agitou-se atrás deles. Os olhos de Hazel ardiam por causa do vento frio.

— Não mereço um amigo como você — disse ela. — Você não sabe quem eu sou... O que eu fiz.

— Pare com isso. — Frank fez uma careta. — Você é ótima! Além disso, não é a única aqui com segredos.

Hazel o encarou.

— Não?

Frank começou a dizer algo. E então ficou tenso.

— O que foi? — perguntou Hazel.

— O vento parou.

Ela olhou em volta e percebeu que ele tinha razão. O ar estava completamente parado.

— E daí?

Frank engoliu em seco.

— Então por que o mato ainda está se mexendo?

Pelo canto do olho, Hazel viu vultos negros movendo-se pelo campo.

— Hazel!

Frank tentou segurar a mão dela, mas era tarde demais.

Algo o jogou para trás. E então uma força que parecia um furacão feito de mato envolveu Hazel e a arrastou para o campo.

XIX

HAZEL

HAZEL ERA ESPECIALISTA EM *ESQUISITICES*. Vira a mãe ser possuída por uma deusa da terra. Criara um gigante de ouro. Destruíra uma ilha, morrera e retornara do Mundo Inferior.

Mas ser sequestrada por um campo de mato? Isso era novidade.

Tinha a sensação de que estava presa em uma nuvem afunilada de plantas. Ouvira falar em cantores dos tempos modernos saltando em cima de uma multidão de fãs e sendo carregados por milhares de mãos. Imaginou que aquilo fosse parecido, só que ela se movia mil vezes mais rápido, e as folhas não eram fãs.

Hazel não conseguia se erguer. Não conseguia tocar o chão. Sua espada ainda estava no saco de dormir preso às costas, mas ela não conseguia alcançá-la. As plantas a desequilibravam, arremessando-a de um lado para o outro, cortando-lhe o rosto e os braços. Ela mal conseguia enxergar as estrelas através daquela confusão de verde, amarelo e preto.

O grito de Frank foi sumindo a distância.

Era difícil pensar com clareza, mas uma coisa Hazel sabia: ela se movia muito rápido. Aonde quer que estivesse sendo levada, logo estaria longe demais para que seus amigos a encontrassem.

Fechou os olhos e tentou ignorar as cambalhotas e chacoalhadas. Direcionou seus pensamentos para a terra abaixo. Ouro, prata — ela aceitaria qualquer coisa que pudesse atraparhar seus sequestradores.

Não sentiu nada. Riquezas sob a terra — zero.

Estava a ponto de entrar em desespero quando sentiu uma área fria imensa passando debaixo dela. Concentrou-se naquilo com todas as forças, lançando uma âncora mental. De repente, o chão ribombou. O turbilhão de plantas a soltou, e ela foi atirada para cima como o projétil de uma catapulta.

Momentaneamente sem peso, ela abriu os olhos e girou o corpo em pleno ar. O solo estava a uns seis metros de distância. E então ela começou a cair. Seu treinamento de combate entrou em ação. Ela já havia praticado quedas de cima de águias gigantes. Encolheu-se toda, transformou o impacto em uma cambalhota e ficou de pé.

Tirou o saco de dormir das costas e sacou a espada. Alguns metros à esquerda, um afloramento de rocha do tamanho de uma garagem projetava-se do mar de mato. Hazel se deu conta de que aquela era sua âncora. Ela *provocara* o surgimento da rocha.

O mato agitou-se ao redor da pedra. Vozes encolerizadas sibilaram em desalento para a enorme massa de pedra que havia interrompido seu progresso. Antes que pudessem se reorganizar, Hazel correu até a rocha e a escalou até o topo.

O mato oscilou e sussurrou à sua volta como os tentáculos de uma anêmona-do-mar gigante. Hazel podia sentir a frustração de seus sequestradores.

— Vocês não conseguem crescer aqui, não é? — gritou ela. — Vão embora, suas ervas daninhas! Deixem-me em paz!

— Xisto — falou uma voz enraivecida vinda do mato.

Hazel arqueou as sobrancelhas.

— Como é que é?

— Xisto! Um baita xisto!

E, então, em volta da ilha de rocha, os sequestradores se materializaram do mato. À primeira vista, pareciam anjinhos: um monte de bebês gorduchos com jeito de Cupido. Quando chegaram mais perto, porém, Hazel percebeu que não eram nem fofinhos nem angelicais.

Eram do tamanho de bebês começando a andar, cheios de dobrinhas, mas a pele tinha uma tonalidade esverdeada estranha, como se corresse clorofila em suas veias. Tinham asas secas e finas como palha e tufo de cabelos brancos do que pareciam fios de milho verde. O rosto era desfigurado, marcado com grãos de cereais. Os olhos eram verde-escuros, e os dentes pareciam presas caninas.

A criatura maior deu um passo à frente. Usava uma fralda de tecido amarela, e seu cabelo era espetado como as cerdas de um ramo de trigo. Ele sibilou para Hazel e bamboleou para a frente e para trás com tanta rapidez que ela teve medo de que a fralda fosse cair.

— Odeio esse xisto! — reclamou a criatura. — O trigo não pode crescer nele!

— O sorgo não pode crescer nele! — disse outro.

— Cevada! — gritou um terceiro. — Cevada não pode crescer nele. Maldito xisto!

Os joelhos de Hazel tremeram. Aquelas criaturas pequenas poderiam até ser

engraçadas se não a estivessem cercando, encarando-a com aqueles dentes pontudos e olhos verdes famintos. Pareciam piranhas-cupido.

— V-vocês estão falando da rocha? — Hazel conseguiu dizer. — Ela se chama xisto?

— É! Xisto! Xisto verde! — gritou a primeira criatura. — Rocha desagradável.

Hazel começou a entender como conseguira invocá-la.

— É uma pedra preciosa. É valiosa?

— Nah! — exclamou o monstro de fralda amarela. — Povos nativos idiotas faziam joias com ela, sim. Valiosa? Talvez. Não tanto quanto trigo.

— Ou sorgo!

— Ou cevada!

Os outros engrossaram o coro, mencionando diferentes tipos de cereais. Eles circundavam a rocha, sem fazer o menor esforço para escalá-la — pelo menos por enquanto. Se resolvessem atacar Hazel, ela não teria como se defender de todos.

— Vocês são servos de Gaia — insinuou, só para fazê-los continuar falando.

Talvez Percy e Frank não estivessem muito longe. Talvez conseguissem vê-la, naquela posição tão elevada no campo. Hazel queria que sua espada brilhasse como a de Percy.

O cupido de fralda amarela rosnou.

— Nós somos os *karpoi*, espíritos dos grãos. Filhos da Mãe Terra, sim! Somos servos dela desde sempre. Antes de os seres humanos horríveis nos cultivarem, éramos selvagens. E seremos de novo. O trigo destruirá tudo!

— Não, o sorgo vai governar!

— A cevada irá dominar!

Os outros entraram na discussão, cada *karpou* defendendo a própria variedade.

— Certo. — Hazel disfarçou seu repúdio. — Então você é Trigo... você de... hã... calções amarelos.

— Hummm — disse Trigo. — Desça de seu xisto, semideusa. Precisamos levá-la para o exército de nossa mestra. Eles nos darão uma recompensa. Matarão você lentamente!

— É tentador — respondeu Hazel —, mas, não, obrigada.

— Eu lhe darei trigo! — disse Trigo, como se aquele fosse um pagamento excelente em troca de sua vida. — Muito trigo!

Hazel tentou raciocinar. Até onde havia sido arrastada? Quanto tempo levaria até que seus amigos a encontrassem? Os *karpoi* ficavam mais ousados, aproximando-se da rocha em pares e trios, arranhando o xisto para ver se os machucava.

— Antes que eu desça... — ela falou mais alto, na esperança de que sua voz cruzasse o campo. — Hum, será que poderiam me explicar uma coisa? Se vocês são espíritos dos grãos, não deveriam estar do lado dos deuses? A deusa da agricultura não é Ceres...?

— Nome maligno! — gemeu Cevada.

— Cultivar-nos! — Sorgo cuspiu. — Fazer-nos crescer em fileiras repugnantes. Deixar que seres humanos nos colham. Nah! Quando Gaia for senhora do mundo de novo, nós cresceremos selvagens, sim!

— Sim, naturalmente — disse Hazel. — Então esse exército dela, para onde estão me levando em troca de trigo...

— Ou cevada — ofereceu Cevada.

— É — concordou Hazel. — Onde está esse exército agora?

— Logo ali do outro lado da cordilheira! — Sorgo bateu palmas, animado. — A Mãe Terra, isso mesmo! Ela nos disse: “Procurem a filha de Plutão que vive novamente. Encontrem-na! Tragam-na com vida! Tenho muitas torturas planejadas para ela.” O gigante Polibotes nos dará uma recompensa por sua vida! E depois marcharemos para o sul, para destruir os romanos. Não podemos ser mortos, sabe? Mas você pode.

— Que maravilha. — Hazel tentou mostrar entusiasmo. Não era fácil, sabendo que Gaia tinha uma vingança especial planejada para ela. — Então vocês... vocês não podem ser mortos porque Alcioneu capturou o deus da morte, é isso?

— Exatamente! — disse Cevada.

— E ele o está mantendo acorrentado no Alasca — continuou Hazel — no... vejamos, como é mesmo o nome daquele lugar?

Sorgo ia responder quando Trigo pulou para cima dele e o derrubou. Os *karpoi* começaram a brigar, dissolvendo-se em minitornados de grãos. Hazel pensou em tentar fugir correndo. Mas então Trigo se reconstituiu, prendendo Sorgo com uma chave de braço.

— Parem! — ele gritou para os outros. — Brigas entre grãos estão proibidas!

Os *karpoi* se solidificaram em piranhas-cupido gorduchinhas de novo.

Trigo empurrou Sorgo.

— Ah, semideusa esperta — falou ele. — Tentando nos enganar para descobrir segredos. Não, você nunca encontrará o esconderijo de Alcioneu.

— Eu já sei onde fica — disse ela, mostrando-se falsamente confiante. — Ele está na ilha da Baía Resurrection.

— Ha! — zombou Trigo. — Aquele lugar afundou na água há muito tempo. Você deveria saber! Gaia a odeia por isso. Quando você frustrou seus planos, ela foi forçada a dormir de novo. Décadas e décadas! Alcioneu... ele só conseguiu renascer nos tempos sombrios.

— Os anos 1980 — concordou Cevada. — Horríveis! Horríveis!

— Sim — disse Trigo. — E nossa senhora *ainda* dorme. Alcioneu foi forçado a esperar sua hora no norte, aguardando, planejando. Só agora Gaia começa a se mexer. Ah, mas ela se lembra de você, e o filho dela também!

Sorgo estalou de alegria.

— Você nunca encontrará a prisão de Tânatos. A casa do gigante é o Alasca inteiro. O deus da morte pode estar preso em qualquer lugar! Você demoraria anos para encontrá-lo, e seu pobre acampamento só tem alguns dias. Melhor se render. Nós lhe daremos grãos. Muitos grãos.

A espada de Hazel pareceu ficar mais pesada. A menina odiara a ideia de voltar ao Alasca, mas pelo menos tivera um palpite de onde começar a procurar Tânatos. Tinha imaginado que a ilha onde morrera não havia sido completamente destruída, ou que talvez tivesse emergido de novo quando Alcioneu despertou. Sua esperança era de que a base dele fosse lá. Mas, se a ilha realmente não existia mais, Hazel não fazia a menor ideia de como encontrar o gigante. O Alasca era imenso. Eles poderiam procurar durante décadas e nunca encontrá-lo.

— Sim — disse Trigo, sentindo a angústia dela. — Desista.

Hazel segurou sua espada com firmeza.

— Nunca! — falou alto de novo, na esperança de que, de alguma forma, seus amigos a escutassem. — Se eu tiver de destruir todos vocês, farei isso. Sou a filha de Plutão!

Os *karpoi* avançaram. Eles se agarraram à rocha, chiando como se ela estivesse muito quente, mas começaram a escalá-la.

— Agora você vai morrer — prometeu Trigo, rangendo os dentes. — Vai sentir a ira dos grãos!

De repente, ouviu-se um assovio. Trigo parou de rosnar. Ele olhou para baixo, para a flecha dourada que acabara de atravessar seu peito. E então se dissolveu em flocos de cereais matinais.

XX

HAZEL

POR UMA FRAÇÃO DE SEGUNDO Hazel ficou tão aturdida quanto os *karpoi*. Então Frank e Percy apareceram e começaram a massacrar cada fonte de fibra que conseguissem encontrar. Frank disparou uma flecha em Cevada, que se desfez em sementes. Percy atravessou Sorgo com Contracorrente e avançou até Painço e Aveia. Hazel pulou da pedra e juntou-se à luta.

Em minutos os *karpoi* foram reduzidos a montes de sementes e cereais matinais diversos. Trigo começou a se reconstituir, mas Percy pegou um isqueiro na mochila e o acendeu.

— Experimente — advertiu ele —, e ateio fogo neste campo inteiro. Continuem mortos. Fiquem longe de nós, ou o campo sofrerá as consequências!

Frank se encolheu, como se a chama o assustasse. Hazel não entendeu por quê, mas gritou para os montes de grãos mesmo assim:

— Ele vai fazer isso! Ele é louco!

O que restava dos *karpoi* espalhou-se pelo vento. Frank escalou a rocha e observou-os irem embora.

Percy apagou o isqueiro e sorriu para Hazel.

— Obrigado por gritar. Não teríamos encontrado você se não tivesse feito isso. Como conseguiu segurá-los por tanto tempo?

Ela apontou para a rocha.

— Um pedregulho de xisto.

— Pessoal — chamou Frank de cima da pedra. — Vocês precisam ver isso.

Percy e Hazel a escalaram e se juntaram a ele. Hazel arquejou assim que viu para onde Frank olhava.

— Percy, apague a luz! Guarde a espada!

— Droga!

Ele encostou na ponta da espada e Contracorrente voltou à forma de caneta. Abaixo deles um exército se deslocava.

O campo acabava em uma ravina rasa, onde uma estrada rural serpenteava para o norte e para o sul. Do outro lado da estrada, colinas verdejantes se estendiam até o horizonte, desprovidas de sinais de civilização exceto por uma loja de conveniência escura no topo da elevação mais próxima.

Toda a ravina estava infestada de monstros: coluna atrás de coluna marchando para o sul, tantos e tão perto que Hazel ficou pasma por eles não terem ouvido seus gritos.

Frank, Percy e ela acocoraram-se na rocha. Observaram, incrédulos, várias dezenas de humanoides grandes e peludos passando, usando trapos de armaduras e peles de animais. As criaturas tinham seis braços, três de cada lado, parecendo homens das cavernas evoluídos de insetos.

— Gegenes — sussurrou Hazel. — Os nascidos da terra.

— Você já os enfrentou antes? — perguntou Percy.

Ela fez que não com a cabeça.

— Só ouvi falar deles na aula de monstros lá no acampamento.

Ela jamais gostara da aula de monstros, de ler os textos de Plínio, o Velho, e aqueles outros autores bolorentos que descreviam monstros lendários que viviam nas periferias do Império Romano. Hazel acreditava em monstros, mas algumas das descrições eram tão absurdas que achava que deviam ser apenas boatos ridículos.

Mas agora um exército inteiro daqueles boatos marchava à sua frente.

— Os nascidos da terra lutaram contra os argonautas — murmurou ela. — E aquelas coisas atrás deles...

— Centauros — disse Percy. — Mas... isso não está certo. Centauros são do bem.

Frank soltou um ruído como se tivesse engasgado.

— Não foi isso o que *nós* aprendemos no acampamento. Centauros são loucos, sempre se embebedando e matando heróis.

Hazel ficou olhando os homens-cavalo trotando. Eram homens da cintura para cima, cavalos palominos da cintura para baixo. Usavam armaduras bárbaras de couro e bronze e estavam armados com lanças e fundas. A princípio, Hazel achou que tinham elmos vikings. Mas depois percebeu que eram chifres de verdade projetando-se do cabelo desgrenhado.

— É normal eles terem chifres de boi? — perguntou.

— Talvez pertençam a uma raça especial — disse Frank. — Só não vamos perguntar isso a eles, está bem?

Percy olhou mais adiante na estrada e ficou de queixo caído.

— Meus deuses... Ciclopes.

De fato, arrastando-se pesadamente atrás dos centauros havia um batalhão de ogros de um olho só, machos e fêmeas, cada um com mais ou menos três metros de altura, usando armaduras compostas de metal de ferro-velho. Seis dos monstros estavam emparelhados como bois, puxando uma torre de cerco da altura de um prédio de dois andares equipada com uma balista gigante.

Percy apertou as têmporas.

— Ciclopes. Centauros. Isso está errado. Está tudo errado.

O exército dos monstros já era suficiente para levar qualquer um ao desespero, mas Hazel percebeu que havia algo mais afetando Percy. Ele parecia pálido e debilitado sob o luar, como se sua memória estivesse tentando voltar, revirando o cérebro dele no processo.

Ela olhou para Frank.

— Precisamos levá-lo de volta para o barco. O mar o fará se sentir melhor.

— Tem razão — concordou Frank. — Há muitos deles. O acampamento... Temos que alertar o acampamento.

— Eles sabem — murmurou Percy. — Reyna sabe.

Hazel sentiu um nó na garganta. Não havia qualquer possibilidade de a legião enfrentar tantos monstros. Se estavam a apenas algumas centenas de quilômetros ao norte do Acampamento Júpiter, a missão dos três já estava condenada ao fracasso. Não conseguiriam chegar ao Alasca e voltar a tempo.

— Vamos — apressou ela. — É melhor...

E foi então que viu o gigante.

Quando ele apareceu acima da cordilheira, Hazel não acreditou nos próprios olhos. Era mais alto que a torre de cerco — uns dez metros, no mínimo — e tinha escamosas pernas reptilianas, como um dragão-de-komodo da cintura para baixo e uma armadura verde-água na parte de cima. No peitoral estavam esculpidas fileiras de monstruosos rostos famintos, com as bocas abertas como se pedissem comida. O rosto do gigante era humano, mas o cabelo era desgrenhado e verde, parecendo um bolo de algas. Quando virava a cabeça de um lado para outro, cobras caíam de seus *dreadlocks*. Caspa de víboras — que nojo!

Ele estava armado com um tridente enorme e uma rede com pesos. A simples visão daquelas armas fez o estômago de Hazel embrulhar. Ela havia encarado aquele tipo de lutador várias vezes nos treinos de gladiadores. Era o estilo de combate mais malicioso, furtivo e maligno que ela conhecia. O gigante era um recíário tamanho família.

— Quem é ele? — A voz de Frank saiu tremida. — Aquele não é...

— Não é Alcioneu — disse Hazel, debilmente. — Deve ser um dos irmãos

dele. Aquele que Término mencionou. O espírito dos grãos falou dele também. É Polibotes.

Ela não tinha certeza de como sabia daquilo, mas conseguia sentir a aura de poder do gigante mesmo àquela distância. Lembrava-se daquele sentimento de quando criara Alcioneu no Coração da Terra, como se estivesse perto de um ímã poderoso e todo o ferro em seu sangue estivesse sendo atraído. Esse gigante era outro filho de Gaia, uma criatura da terra tão má e poderosa que irradiava seu próprio campo gravitacional.

Hazel sabia que eles tinham que sair dali. O esconderijo no topo da rocha estaria completamente à vista se uma criatura daquele tamanho resolvesse olhar naquela direção. Mas ela pressentiu que algo importante estava para acontecer. Os três rastejaram um pouco mais para baixo na rocha e continuaram observando.

Enquanto o gigante chegava perto, uma ciclope saiu de formação e voltou correndo para falar com ele. Ela era enorme, gorda e terrivelmente feia, e usava um vestido de cota de malha de estilo havaiano — mas ao lado do gigante parecia uma criança.

Ela apontou para a loja de conveniência fechada no topo da colina mais próxima e murmurou algo a respeito de comida. O gigante retrucou, como se estivesse aborrecido. A ciclope gritou uma ordem para os outros ciclopes, e três deles a seguiram colina acima.

Quando estavam a meio caminho da loja, uma luz fortíssima transformou noite em dia. Hazel ficou ofuscada. Abaixo dela, o exército inimigo se desfez no caos, com monstros gritando de dor e fúria. Hazel estreitou os olhos. Parecia que tinha acabado de sair de um teatro escuro para uma tarde ensolarada.

— Bonito demais! — guincharam os ciclopes. — Queima nosso olho!

A loja na colina estava envolta num arco-íris, mais próximo e luminoso que qualquer outro que Hazel já vira. A luz saía da loja e subia aos céus, banhando o campo com um brilho caleidoscópico estranho.

A ciclope ergueu a clava e investiu contra a loja. Quando atingiu o arco-íris, o corpo dela começou a fumar. A monstra gemeu de agonia e largou a clava, recuando, coberta de bolhas multicoloridas nos braços e no rosto.

— Deusa terrível! — berrou ela para a loja. — Queremos lanches!

Os outros monstros enlouqueceram, atacando a loja de conveniência e fugindo ao serem queimados pela luz do arco-íris. Alguns atiraram pedras, lanças, espadas e até partes de suas armaduras, mas tudo se queimou em chamas de cores lindas.

O líder gigante finalmente pareceu perceber que sua tropa estava desperdiçando equipamentos perfeitamente aproveitáveis.

— Parem! — berrou ele.

Com alguma dificuldade, gritos, empurrões e socos, ele conseguiu subjugar sua tropa. Depois que todos se aquietaram, o gigante se aproximou da loja blindada pelo arco-íris e contornou os limites da luz.

— Deusa! — gritou ele. — Saia e renda-se!

Nenhuma resposta veio da loja. A luz do arco-íris continuou a tremular.

O gigante ergueu o tridente e a rede.

— Sou Polibotes! Ajoelhe-se diante de mim para que eu a destrua rápido.

Aparentemente, ninguém na loja ficou impressionado com aquilo. Um pequeno objeto escuro saiu voando da janela e caiu aos pés do gigante. Polibotes gritou:

— Granada!

Ele cobriu o rosto. Sua tropa se jogou ao chão.

Como o objeto não explodiu, Polibotes curvou-se cuidadosamente e o pegou.

— Um bolinho de chocolate? — urrou ele, indignado. — Você ousa me insultar com um bolinho de chocolate? — O gigante jogou o bolo de volta para a loja, e ele foi vaporizado na luz.

Os monstros ficaram de pé. Muitos deles murmuraram, famintos:

— Bolinho de chocolate? Onde tem bolinho de chocolate?

— Vamos atacar — gritou a ciclope. — Estou com fome. Meus meninos querem lanchar!

— Não! — disse Polibotes. — Já estamos atrasados. Alcioneu quer que estejamos no acampamento em quatro dias. Vocês, ciclopes, são muito lentos. Não temos tempo a perder com deusas *menores*!

Ele dirigiu aquele último comentário à loja, mas não obteve qualquer reação.

A ciclope rugiu:

— O acampamento, sim. Vingança! Os laranjas e os roxos destruíram minha casa. Agora Ma Gasket vai destruir a casa deles! Está me ouvindo, Leo? Jason? Piper? Estou indo exterminar vocês!

Os outros ciclopes berraram em aprovação. O restante dos monstros engrossou o coro.

Hazel sentiu um arrepio pelo corpo inteiro. Ela olhou para os amigos.

— Jason — sussurrou. — Ela lutou contra Jason. Talvez ele ainda esteja vivo.

Frank concordou com a cabeça.

— Os outros nomes lhe dizem algo?

Hazel fez que não. Não conhecia nenhum Leo ou Piper no acampamento. Percy ainda parecia fraco e atordoado. Se aqueles nomes tinham algum significado para ele, Percy não demonstrou.

Hazel ponderou sobre o que a ciclope dissera: *Os laranjas e os roxos*. Roxo —

obviamente a cor do Acampamento Júpiter. Mas laranja... Percy chegara usando uma camisa laranja surrada. Aquilo não podia ser coincidência.

Abaixo deles, o exército recomeçou a marchar para o sul, mas o gigante Polibotes ficou parado, franzindo o cenho e farejando o ar.

— Deus dos mares — murmurou ele. Para desespero de Hazel, o gigante virou-se na direção deles. — Sinto cheiro do deus dos mares.

Percy tremia. Hazel colocou a mão no ombro dele e tentou pressioná-lo na rocha.

A ciclope Ma Gasket rosnou.

— É claro que você está sentindo cheiro do deus dos mares. O mar está logo ali!

— É mais que isso — insistiu Polibotes. — Nasci para destruir Netuno. Posso sentir... — Ele franziu a testa, virando a cabeça e deixando cair mais algumas cobras.

— Vamos marchar ou ficar farejando o ar? — resmungou Ma Gasket. — Se eu não posso ter bolinhos de chocolate, você não vai ter deus dos mares!

Polibotes rosnou.

— Muito bem. Marchem! Marchem! — Ele deu uma última olhada na loja cercada de arco-íris e então passou os dedos no cabelo. Tirou três cobras que pareciam maiores que as outras, com marcas brancas logo abaixo da cabeça. — Um presente, deusa! Meu nome, Polibotes, significa “Muitos-para-Alimentar”! Aqui estão algumas bocas famintas para você. Vejamos se sua loja receberá muitos clientes com estas sentinelas do lado de fora.

Ele deu uma gargalhada maligna e jogou as cobras no mato alto da colina.

E então marchou para o sul, fazendo a terra tremer com suas enormes pernas de dragão-de-komodo. Pouco a pouco a última coluna de monstros transpôs as colinas e desapareceu na escuridão da noite.

Assim que foram embora, o arco-íris ofuscante apagou-se como um holofote sendo desligado.

Hazel, Frank e Percy ficaram sozinhos no escuro, olhando fixamente para a loja de conveniência fechada do outro lado da estrada.

— Isso foi incomum — murmurou Frank.

Percy tremia violentamente. Hazel sabia que ele precisava de ajuda, ou de descanso, ou de alguma coisa. A visão daquele exército pareceu ter despertado algum tipo de memória nele, deixando-o em estado de choque. Eles precisavam levá-lo de volta ao barco.

Por outro lado, havia uma extensão imensa de pradaria entre eles e a praia. Hazel tinha a impressão de que os *karpoi* não ficariam afastados para sempre. Ela não gostava da ideia de os três voltarem para o barco no meio da noite. E não

conseguia se livrar da horrível sensação de que, se não tivesse invocado a rocha, àquela altura seria prisioneira do gigante.

— Vamos para a loja — disse. — Se há uma deusa lá dentro, talvez possa nos ajudar.

— Mas agora há um bando de cobras vigiando a colina — respondeu Frank.
— E aquele arco-íris escaldante pode voltar.

Ambos olharam para Percy, que tremia como se estivesse com hipotermia.

— Precisamos tentar — disse Hazel.

Frank concordou, sombrio.

— Bem... qualquer deusa que atira um bolinho num gigante não pode ser de todo ruim. Vamos lá.

XXI

FRANK

FRANK ODIAVA BOLHINHOS DE CHOCOLATE. Odiava cobras. E odiava sua vida. Não necessariamente nessa ordem.

Enquanto subia a colina, desejou poder desmaiar como Hazel: entrar em transe e viver outra época, como a de antes de ser convocado para esta missão insana, antes de descobrir que seu pai era um sargento divino com um problema de ego.

O arco e a lança batiam nas costas dele. Ele odiava a lança também. Assim que a recebeu, fez uma promessa silenciosa de que nunca a usaria. *Uma arma de homem de verdade.* Marte era um idiota.

Talvez tenha havido um engano. Será que não existia algum tipo de teste de ^{DNA} para filhos de deuses? Talvez no berçário divino Frank tenha sido trocado acidentalmente por um dos bebezinhos marrentos e fortões de Marte. De jeito nenhum a mãe de Frank teria se envolvido com aquele arrogante deus da guerra.

Ela era uma guerreira nata, argumentou a voz da avó. *Não é surpreendente que um deus se apaixonasse por ela, considerando nossa família. Sangue antigo. O sangue de príncipes e heróis.*

Frank afastou aquele pensamento. Ele não era nem príncipe nem herói. Era um garoto desajeitado com intolerância à lactose que não conseguia nem evitar que sua amiga fosse sequestrada por trigo.

Sentiu o toque frio das novas medalhas em seu peito: o crescente de centurião, a Coroa Mural. Deveria estar orgulhoso delas, mas tinha a sensação de que só as ganhara porque seu pai havia intimidado Reyna.

Frank não entendia como seus amigos aguentavam ficar perto dele. Percy deixara claro que odiava Marte, e Frank não podia culpá-lo. Hazel estava sempre observando Frank pelo canto do olho, como se temesse que ele fosse se

transformar em uma aberração musculosa.

Frank deu uma olhada no próprio corpo e suspirou. Correção: em uma aberração ainda *mais* musculosa. Se o Alasca era realmente uma terra além do alcance dos deuses, talvez Frank ficasse por lá. Não sabia se teria algum motivo para retornar.

Pare de choramingar, diria sua avó. *Os homens da família Zhang não choramingam.*

A avó estava certa. Frank tinha uma tarefa a cumprir. Precisava completar esta missão impossível, o que no momento significava chegar vivo à loja de conveniência.

À medida que se aproximavam, Frank teve medo de que a loja fosse irromper em um arco-íris de luz e vaporizá-los, mas o edifício permaneceu escuro. As cobras que Polibotes deixara por lá pareciam ter sumido.

Eles já estavam a uns vinte metros da varanda quando ouviram algo sibilando no mato atrás deles.

— Corram! — gritou Frank.

Percy tropeçou. Enquanto Hazel o ajudava a se levantar, Frank virou-se e armou uma flecha.

Ele atirou-a sem mirar. Achou que havia pegado uma flecha explosiva, mas era apenas um sinal luminoso. Ela saiu deslizando pelo mato, ardendo com uma chama laranja e assoviando: *uuu!*

Pelo menos iluminou o monstro. Repousada em um trecho de mato seco e amarelado havia uma serpente verde-limão tão robusta e curta quanto o braço de Frank. A cabeça dela era rodeada por uma juba de barbatanas pontiagudas brancas. A criatura ficou olhando para a flecha deslizando pelo chão como se pensasse: *Que diabos é isso?*

Em seguida, fixou os olhos grandes e amarelos em Frank. Ela avançou como uma lagarta, arqueando o corpo no meio. Onde quer que encostasse, o mato secava e morria.

Frank ouviu os passos de seus amigos subindo os degraus da escada da loja. Ele não se atrevia a se virar e sair correndo. Ele e a serpente analisaram um ao outro. A serpente sibilava, soltando chamas pela boca.

— Réptil assustador bonitinho — falou Frank, muito consciente da presença do graveto no bolso do casaco. — Réptil venenoso cuspidor de fogo bonitinho.

— Frank! — gritou Hazel atrás dele. — Venha!

A serpente pulou para cima dele. Voou pelo ar tão depressa que não deu tempo de Frank preparar uma flecha. Ele agitou o arco e rebateu a criatura morro abaixo. Ela sumiu de vista, gritando: *“Ihhhhhh!”*

Frank sentiu-se orgulhoso até olhar para o arco, que fumegava no ponto que

atingira a serpente. Ele olhou incrédulo enquanto a madeira se desfazia em pó.

Escutou um sibilar revoltado, seguido por outros dois vindos da base da colina.

Frank largou o arco que se desintegrava e correu para a varanda da loja. Percy e Hazel o puxaram para cima dos degraus. Quando Frank se virou, viu os três monstros passeando pelo mato, cuspido fogo e colorindo a encosta de marrom com seu toque venenoso. Não pareciam capazes ou dispostos a chegar mais perto da loja, mas isso não era um grande consolo para Frank. Ele perdera o arco.

— Nunca sairemos daqui — disse, com tristeza.

— Então é melhor entrarmos — respondeu Hazel, apontando para a placa pintada à mão na porta: PRODUTOS & ESTILOS DE VIDA ORGÂNICOS ARCO-ÍRIS.

Frank não fazia ideia do que aquilo significava, mas parecia uma opção melhor que serpentes venenosas flamejantes. Seguiu os amigos para o interior da loja.

*

Assim que eles passaram pela porta, as luzes se acenderam. Música de flauta começou a tocar, como se os três tivessem pisado em um palco. Os largos corredores estavam cheios de latas de nozes e frutas secas, cestas de maçãs e araras com camisas *tie-dye* e vestidos de tecidos leves como os da fada Sininho. O teto era coberto de sinos dos ventos. Ao longo das paredes, caixas de vidro exibiam bolas de cristal, geodos, apanhadores de sonhos de *macramé* e um monte de outros itens estranhos. Devia haver um incenso sendo queimado em algum lugar. O lugar cheirava a buquê de rosas em chamas.

— Loja de cartomante? — questionou Frank.

— Espero que não — murmurou Hazel.

Percy apoiou-se nela. Parecia pior do que nunca, como se de repente tivesse pegado uma gripe. Seu rosto brilhava de suor.

— Sentar... — sussurrou ele. — Talvez água.

— É — disse Frank. — Vamos achar um local para você descansar.

O piso rangeu sob os pés deles. Frank passou entre duas fontes com estátuas de Netuno.

Uma garota surgiu de trás das latas de granola.

— Posso ajudar?

Frank deu um pulo para trás e derrubou uma das fontes. Um Netuno de pedra

se arreventou no chão. A cabeça do deus dos mares saiu rolando e água jorrou de seu pescoço, molhando uma arara com bolsas *tie-dye* masculinas.

— Perdão!

Frank se inclinou para arrumar a bagunça. Quase atingiu a garota com a lança.

— Epa! — disse ela. — Pode deixar! Está tudo bem!

Frank endireitou-se devagar, tentando não causar mais estragos. Hazel parecia mortificada. A pele de Percy mudou para um tom doentio de verde ao olhar para a estátua decapitada do pai.

A garota bateu palmas. A fonte se dissolveu em névoa. A água evaporou. Ela virou-se para Frank.

— Sério, não tem problema. Essas fontes de Netuno têm uma aparência tão rabugenta que me deprimem.

Ela lembrava Frank dos jovens universitários que ele às vezes via fazendo trilha no Lynn Canyon Park, atrás da casa de sua avó. Era baixa e musculosa, com botas de cadarço, bermudas *cargo* e uma camiseta bem amarela em que se lia *p.e.v.o.a.i.*

Produtos & Estilos de Vida Orgânicos Arco-íris.

Parecia jovem, mas o cabelo era cheio e grisalho, projetando-se das laterais da cabeça como a clara de um ovo frito gigante.

Frank tentou se lembrar de como se falava. Os olhos da garota o distraíam muito. As íris mudavam de cor, do cinza ao preto, ao branco.

— Hã... desculpe-me pela fonte — conseguiu dizer. — Estávamos apenas...

— Ah, eu sei! — falou a garota. — Vocês querem dar uma olhada. Tudo bem. Semideuses são bem-vindos. Fiquem à vontade. Vocês não são como aqueles monstros horríveis. Eles só querem usar o banheiro e nunca compram nada!

Ela bufou. Seus olhos se iluminaram com raios. Frank virou-se para Hazel para ver se tinha imaginado aquilo, mas ela parecia igualmente surpresa.

Do fundo da loja uma voz de mulher chamou:

— Fleecy? Vamos, não assuste os clientes. Pode trazê-los aqui, por favor?

— Seu nome é Fleecy? — perguntou Hazel.

Fleecy deu uma risadinha.

— Bem, na língua das *nebulae*, na verdade é... — Ela fez uma série de ruídos com estalos e sopros que para Frank lembravam uma tempestade de raios dando lugar a uma frente fria amena. — Mas vocês podem me chamar de Fleecy.

— *Nebulae*... — murmurou Percy em meio ao torpor. — Ninfas das nuvens.

Fleecy abriu um sorriso largo.

— Ei, gostei desse aí! Geralmente *ninguém* sabe das ninfas das nuvens. Mas, ó, céus!, ele não parece muito bem. Vamos para os fundos. Minha chefe quer conhecer vocês. Vamos dar um jeito em seu amigo.

Fleecy os guiou pelo corredor das frutas e hortaliças, entre prateleiras de berinjelas, kiwis, romãs e frutos do lótus. Nos fundos da loja, atrás de um balcão com uma caixa registradora antiga, havia uma mulher de meia-idade com pele azeitonada, longos cabelos negros, óculos sem aro e uma camiseta em que se lia: *A deusa está viva!* Ela usava colares de âmbar e anéis de turquesa. Cheirava a pétalas de rosa.

Parecia amistosa, mas algo nela perturbava Frank, como se ele quisesse chorar. Demorou um instante, e então ele entendeu o que era: a maneira como ela sorria apenas com um dos cantos da boca, o terno tom castanho de seus olhos, a inclinação da cabeça, como se ela estivesse pensando em alguma pergunta. A mulher lembrava a mãe de Frank.

— Olá! — Ela se debruçou sobre o balcão, que estava cheio de pequenas estátuas: gatos chineses acenando, Budas meditando, bonequinhos de São Francisco balançando a cabeça e uns brinquedos antigos. — Que bom que estão aqui. Eu sou Íris!

Hazel arregalou os olhos.

— Não *a* Íris... a deusa do arco-íris?

Íris fez uma careta.

— Bem, esse é meu trabalho *oficial*, sim. Mas não me defino por minha identidade corporativa. Nas horas vagas, eu gerencio isto aqui! — Ela fez um gesto indicando à sua volta, cheia de orgulho. — A cooperativa P.E.V.O.A.: uma cooperativa administrada por funcionários que promove estilos de vida alternativos e alimentos orgânicos saudáveis.

Frank a encarou.

— Mas você joga bolinhos de chocolate em monstros.

Íris reagiu horrorizada.

— Ah, eles não são apenas bolinhos de chocolate. — Ela mexeu embaixo do balcão e tirou um pacote de bolos cobertos de chocolate. — Estas são imitações de *cupcake* sem glúten, sem adição de açúcar, sem soja, enriquecidas com vitaminas, à base de leite de cabra e algas.

— Tudo natural! — acrescentou Fleecy.

— Erro meu — disse Frank, de repente sentindo-se tão enjoado quanto Percy.

Íris sorriu.

— Você deveria experimentar um, Frank. Você tem intolerância à lactose, não é?

— Como você...

— Eu sei essas coisas. Por ser a deusa mensageira... bem, acabo sabendo de muita coisa, ouvindo todas as comunicações dos deuses *etc.* — Ela jogou os bolos no balcão. — Além disso, aqueles monstros deveriam ficar felizes por

receber lanches saudáveis. Eles estão sempre comendo porcaria e heróis. São tão *ignorantes*! De jeito nenhum eu os deixaria entrar em minha loja, arrebentar tudo e desequilibrar nosso *feng shui*.

Percy apoiou-se no balcão. Parecia prestes a vomitar em cima de todo o *feng shui* da deusa.

— Monstros marchando para o sul — disse ele, com dificuldade. — Vão destruir nosso acampamento. Você não poderia detê-los?

— Ah, sou terminantemente contra a violência — respondeu Íris. — Posso agir em legítima defesa, mas não serei arrastada para mais agressões olimpianas, muito obrigada. Tenho lido sobre o budismo. E o taoismo. Ainda não me decidi entre os dois.

— Mas... — Hazel parecia confusa. — Você não é uma deusa grega?

Íris cruzou os braços.

— Não tente colar um rótulo em mim, semideusa! Não sou definida por meu passado.

— Hum, está bem — disse Hazel. — Você poderia pelo menos ajudar nosso amigo aqui? Acho que ele está doente.

Percy estendeu o braço sobre o balcão. Por um instante Frank pensou que ele quisesse os *cupcakes*.

— Mensagem de Íris — falou ele. — Você pode mandar uma?

Frank não sabia se havia ouvido direito.

— Mensagem de Íris?

— É uma... — Percy hesitou. — Vocês não fazem isso?

Íris analisou Percy com mais atenção.

— Interessante. Você é do Acampamento Júpiter e no entanto... Ah, entendi. Juno e seus truques.

— O quê? — perguntou Hazel.

Íris e Fleecy, sua assistente, se encararam. Pareceram travar um diálogo silencioso. E então a deusa puxou um pequeno frasco de detrás do balcão e borrifou um pouco de óleo com aroma de madressilva no rosto de Percy.

— Pronto, isso deve equilibrar seu *chakra*. Quanto a mensagens de Íris... esse é um tipo antigo de comunicação. Os gregos a usavam. Os romanos nunca a adotaram; sempre confiando em suas estradas, águias gigantes e tal. Mas, sim, imagino que... Fleecy, você poderia tentar?

— Claro, chefe!

Íris piscou para Frank.

— Não conte aos outros deuses, mas Fleecy cuida da maior parte de minhas mensagens hoje em dia. Ela é muito boa nisso, na verdade, e não tenho tempo para atender a todas aquelas demandas pessoalmente. Isso acaba com meu *wa*.

— Seu *wa*? — perguntou Frank.

— Hum. Fleecy, por que não leva Percy e Hazel lá para trás? Pode preparar algo para eles comerem enquanto providencia as mensagens. E para Percy... é, doença de memória. Imagino que aquele velho Polibotes... bem, encontrá-lo durante um estado de amnésia *não* pode ser bom para um filho de P... quer dizer, Netuno. Fleecy, dê a ele uma xícara de chá verde com mel orgânico e gérmen de trigo e um pouco de meu pó medicinal número cinco. Isso deve ajudar.

Hazel franziu o cenho.

— E quanto a Frank?

Íris virou-se para ele. Inclinou a cabeça com uma expressão intrigada, exatamente do jeito que a mãe dele costumava fazer — como se Frank fosse a maior interrogação do momento.

— Ah, não se preocupe — respondeu Íris. — Frank e eu temos muito que conversar.

XXII

FRANK

FRANK TERIA PREFERIDO IR COM os amigos, mesmo que isso significasse suportar chá verde com gérmen de trigo. Mas Íris passou o braço pelo dele e o levou para uma mesinha junto de uma varanda fechada. Frank pousou a lança no chão e sentou-se de frente para a deusa. Na escuridão lá fora, os monstros-serpentes patrulhavam incansavelmente a colina, cuspidando fogo e envenenando a grama.

— Frank, sei como você se sente — disse Íris. — Imagino que esse graveto parcialmente queimado em seu bolso fique mais pesado a cada dia.

Frank não conseguia respirar. Levou a mão instintivamente ao casaco.

— Como você...?

— Eu já disse. Sei das coisas. Fui mensageira de Juno durante séculos. Sei por que ela lhe deu uma moratória.

— Uma moratória?

Frank tirou do bolso o pedaço de lenha e o desembulhou. Por mais incômoda que fosse a lança de Marte, o pedaço de madeira era pior. Íris tinha razão. Ele o oprimia.

— Juno o salvou por uma razão — disse a deusa. — Ela quer que você sirva a seu plano. Se ela não houvesse aparecido naquele dia, quando você era um bebê, e advertido sua mãe sobre o pedaço de lenha, você teria morrido. Você nasceu com dons demais. Essa quantidade de poder tende a extinguir a vida de um mortal.

— Dons demais? — Frank sentia as orelhas esquentarem de raiva. — Eu não tenho *nenhum* dom!

— Isso não é verdade, Frank. — Íris passou a mão diante de si, como se estivesse limpando um para-brisa. Uma miniatura de arco-íris surgiu. — Pense nisso.

Uma imagem tremeluziu no arco-íris. Frank se viu aos quatro anos, correndo pelo quintal da avó. A mãe se debruçou na janela do sótão, lá no alto, acenando e gritando para chamar sua atenção. Frank não tinha permissão para ficar no quintal sozinho. Ele não sabia por que a mãe estava lá no sótão, mas ela o mandou ficar perto da casa, não se afastar muito. Frank fez exatamente o oposto. Gritou de alegria e correu para a margem do bosque, onde ficou frente a frente com um urso-cinzentos.

Até ver a cena no arco-íris, aquela lembrança havia sido tão nebulosa que Frank acreditava que tinha sido um sonho. Agora ele podia avaliar o quanto a experiência fora surreal. O urso olhava o garotinho, e era difícil saber qual dos dois estava mais perplexo. Então a mãe de Frank surgiu a seu lado. Não havia a menor possibilidade de ela descer do sótão tão rápido. Colocou-se entre o urso e Frank e mandou o filho correr para a casa. Dessa vez, Frank obedeceu. Quando se virou, na varanda dos fundos, viu a mãe saindo do bosque. O urso havia sumido. Frank perguntou o que tinha acontecido. A mãe sorriu. *Mamãe Ursa só queria pedir informações*, disse.

A cena no arco-íris mudou. Frank se viu aos seis anos, enroscado no colo da mãe, embora fosse grande demais para isso. Os longos cabelos negros da mãe estavam puxados para trás. Ela o abraçava. Usava seus óculos sem aro, que Frank sempre gostava de surrupiar, e seu pulôver de lã cinza felpuda que cheirava a canela. Ela lhe contava histórias sobre heróis, fazendo de conta que eram todos parentes de Frank: um deles era Xu Fu, que se lançou ao mar em busca do elixir da vida. A imagem do arco-íris não tinha som, mas Frank se lembrava das palavras da mãe: *Ele era seu tatatata...* Ela cutucava a barriga de Frank a cada *ta*, dezenas de vezes, até ele começar a rir incontrolavelmente.

E havia Sung Guo, também chamado Sêneca Graco, que enfrentou doze dragões romanos e dezesseis dragões chineses nos desertos ocidentais da China. *Ele era o dragão mais forte de todos, sabe?*, disse a mãe. *Foi assim que conseguiu derrotá-los!* Frank não sabia o que isso significava, mas parecia divertido.

Então ela cutucou a barriga dele com tantos *tas* que Frank rolou para o chão para fugir das cócegas. *E seu antepassado mais antigo de que temos conhecimento: era o príncipe de Pilos! Hércules lutou contra ele uma vez. Foi uma luta difícil!*

Nós vencemos?, perguntou Frank.

A mãe riu, mas havia tristeza em sua voz.

Não, nosso antepassado perdeu. Mas não foi fácil para Hércules. Imagine só tentar lutar contra um enxame de abelhas. Foi assim que aconteceu. Até mesmo Hércules teve dificuldade!

O comentário não fez o menor sentido para Frank, nem naquele momento nem agora. Seu antepassado tinha sido um apicultor?

Fazia anos que Frank não pensava nessas histórias, mas agora elas lhe voltavam tão claras quanto o rosto de sua mãe. Doía vê-la outra vez. Frank queria retornar àquela época. Queria ser um garotinho e se aconchegar no colo dela novamente.

Na imagem do arco-íris, o pequeno Frank perguntou de onde vinha a família deles. Eram tantos heróis! Eles eram de Pilos, Roma, China ou Canadá?

A mãe sorriu, inclinando a cabeça, como se ponderasse uma resposta.

Li-Jien, ela disse por fim. *Nossa família vem de muitos lugares, mas nossa terra é Li-Jien. Lembre-se sempre, Frank: você tem um dom especial. Você pode ser qualquer coisa.*

O arco-íris se dissolveu, deixando apenas Íris e Frank.

— Eu não entendo. — A voz dele estava rouca.

— Sua mãe explicou — disse Íris. — Você pode ser qualquer coisa.

Essas palavras soavam como uma daquelas frases estúpidas que os pais dizem para aumentar a autoestima dos filhos — uma mensagem batida que podia estar impressa nas camisetas de Íris, junto de *A deusa está viva!* e *Meu outro carro é um tapete mágico!* Mas, da forma como Íris dissera, soava como um desafio.

Frank pressionou a mão no bolso da calça em que havia guardado a medalha de sacrifício da mãe. O medalhão de prata estava frio como gelo.

— Eu não posso ser qualquer coisa — insistiu Frank. — Não tenho talento algum.

— O que você já tentou? — perguntou Íris. — Você queria ser um arqueiro. Conseguiu ser um bastante habilidoso. E nem se aprofundou no assunto. Seus amigos Hazel e Percy estão ambos divididos entre dois mundos: grego e romano, o passado e o presente. Mas você está mais dividido que eles. Sua família é antiga: tem o sangue de Pilos do lado de sua mãe, e seu pai é Marte. Não é de admirar que Juno queira que você seja um dos sete heróis. Ela quer que você combata os gigantes e Gaia. Mas pense nisto: o que você quer?

— Eu não tenho escolha — respondeu Frank. — Sou filho do deus idiota da guerra. Tenho que ir nessa missão e...

— *Tenho que* — frisou Íris. — Não *quero*. Eu costumava pensar assim. Até que me cansei de servir a todo mudo. Buscar cálices de vinho para Júpiter. Entregar cartas para Juno. Enviar mensagens de um lado ao outro para qualquer um que tivesse um dracma de ouro.

— O que de ouro?

— Não importa. Mas aprendi a me libertar. Abri a P.E.V.O.A.I., e agora estou livre daquele fardo. Você também pode se libertar. Talvez não possa escapar ao

destino. Um dia aquele pedaço de madeira *vai* queimar. Prevejo que você o terá nas mãos quando isso acontecer, e sua vida terminará...

— Obrigado — murmurou Frank.

— ...mas isso só torna sua vida mais preciosa! Você não precisa ser o que seus pais e sua avó esperam. Não precisa seguir as ordens do deus da guerra ou de Juno. Faça o que quer, Frank! Encontre um novo caminho!

Frank pensou naquilo. A ideia era animadora: rejeitar os deuses, seu destino, seu pai. Ele não queria ser filho do deus da guerra. Sua mãe havia *morrido* em uma guerra. Frank perdera tudo por causa de uma guerra. Marte claramente não sabia absolutamente nada sobre ele. Frank não queria ser herói.

— Por que está me dizendo isso? — perguntou. — Você quer que eu abandone a missão, que deixe o Acampamento Júpiter ser destruído? Meus amigos estão contando comigo.

Íris abriu as mãos.

— Não posso lhe dizer o que fazer, Frank. Mas faça o que você *quer*, não o que lhe dizem para fazer. Aonde a obediência me levou? Passei cinco milênios servindo aos outros e nunca descobri minha própria identidade. Qual é meu animal sagrado? Ninguém se deu o trabalho de me dar algum. Onde estão meus templos? Nunca construíram nenhum. Pois bem! Encontrei a paz aqui na cooperativa. Você pode ficar conosco se quiser. Torna-se um COO-PEVOAI.

— Um o quê?

— A questão é que você tem opções. Se continuar nesta missão... o que vai acontecer quando vocês libertarem Tânatos? Isso vai ser bom para sua família? Seus amigos?

Frank lembrou-se do que a avó dissera: tinha um encontro marcado com a Morte. A avó o enfurecia às vezes; mas, mesmo assim, era o único parente que ele ainda tinha, a única pessoa viva que o amava. Se Tânatos permanecesse acorrentado, Frank talvez não a perdesse. E Hazel — de alguma forma ela havia voltado do Mundo Inferior. Se a Morte a levasse de novo, Frank não conseguiria suportar. Sem falar no próprio problema: de acordo com Íris, ele deveria ter morrido quando era bebê. Tudo que havia entre ele e a Morte era um graveto meio queimado. Será que Tânatos também o levaria?

Frank tentou imaginar-se ficando ali com Íris, vestindo uma camisa da P.E.V.O.A.I., vendendo cristais e apanhadores de sonhos para semideuses viajantes e arremessando imitações de *cupcakes* sem glúten em monstros de passagem. Enquanto isso, um exército imortal tomaria o Acampamento Júpiter.

Você pode ser qualquer coisa, sua mãe dissera.

Não, ele pensou. *Não posso ser tão egoísta assim.*

— Tenho que ir — disse ele. — É meu dever.

Íris suspirou.

— Era o que eu esperava, mas eu tinha que tentar. A tarefa à sua frente... Bem, eu não desejaria isso a ninguém, muito menos a um garoto bom como você. Se precisa ir, pelo menos posso lhe dar um conselho. Vocês vão precisar de ajuda para encontrar Tânatos.

— Você sabe onde os gigantes o estão escondendo? — perguntou Frank.

Íris olhou pensativa para os sinos dos ventos balançando no teto.

— Não... O Alasca está além da esfera de controle dos deuses. O local encontra-se oculto de minha visão. Mas *existe* alguém que pode saber. Procure o vidente Fineu. Ele é cego, mas pode ver o passado, o presente e o futuro. Ele sabe muitas coisas. Pode lhe dizer onde Tânatos está sendo mantido.

— Fineu... — repetiu Frank. — Não havia uma história sobre ele?

Íris assentiu, relutante.

— Nos tempos antigos, ele cometeu crimes horríveis. Usou seu dom da vidência para o mal. Júpiter enviou as harpias para atormentá-lo. Os argonautas, inclusive seu ancestral, aliás...

— O príncipe de Pilos?

Íris hesitou.

— Sim, Frank. Embora o dom dele, sua história... *isso* você precisa descobrir sozinho. Basta dizer que os argonautas afugentaram as harpias em troca da ajuda de Fineu. Isso foi eras atrás, mas soube que ele voltou ao mundo mortal. Você o encontrará em Portland, Oregon, que fica em seu caminho para o norte. Mas você precisa me prometer uma coisa. Se ele ainda estiver sendo atormentado pelas harpias, não as mate, não importa o que Fineu prometa. Obtenha a ajuda dele de alguma outra forma. As harpias não são malignas. Elas são minhas irmãs.

— Suas irmãs?

— Eu sei. Não pareço velha o bastante para ser irmã das harpias, mas é verdade. E Frank... há outro problema. Se você está determinado a partir, terá de eliminar aqueles basiliscos na colina.

— Você quer dizer as serpentes?

— Sim — disse Íris. — Basilisco significa “pequena coroa”, o que é um nome bonitinho para algo não muito bonitinho. Eu preferiria que elas não morressem. São criaturas vivas, afinal. Mas vocês não poderão partir enquanto elas estiverem aí. Se seus amigos tentarem lutar contra elas... Bem, prevejo que acontecerão coisas ruins. Somente *você* pode matar esses monstros.

— Mas como?

Ela baixou os olhos para o chão. Frank se deu conta de que ela estava olhando para a lança.

— Queria que houvesse outra forma — disse ela. — Se você tivesse algumas doninhas, por exemplo. Doninhas são letais para basiliscos.

— Estão em falta — admitiu Frank.

— Então você terá de usar o presente de seu pai. Tem certeza de que não prefere viver aqui? Fabricamos um excelente leite de arroz isento de lactose.

Frank se levantou.

— Como uso a lança?

— Vai ter que cuidar disso sozinho. Não posso defender a violência. Enquanto você estiver lutando, vou dar uma olhada em seus amigos. Espero que Fleecy tenha encontrado as ervas medicinais certas. Da última vez, houve uma confusão... Bem, eu não creio que aqueles heróis *quisessem* ser margaridas.

A deusa se ergueu. A luz refletiu em seus óculos, e Frank viu o reflexo do próprio rosto nas lentes. Ele estava sério e taciturno, nada parecido com o garotinho que vira naquelas imagens no arco-íris.

— Um último conselho, Frank — disse ela. — Você está destinado a morrer segurando aquele pedaço de madeira, vendo-o queimar. Mas, talvez, se você não guardá-lo consigo mesmo. Talvez, se confiasse em alguém o suficiente para cuidar dele para você...

Os dedos de Frank se fecharam em torno do toco.

— Está se oferecendo?

Íris deu uma risada bondosa.

— Ah, puxa, não. Eu o perderia no meio desta coleção. Ele acabaria se misturando com meus cristais, ou eu o venderia como peso de papel sem querer. Não, eu quis dizer um amigo semideus. Alguém próximo de seu coração.

Hazel, Frank pensou imediatamente. Não havia ninguém em quem ele confiasse mais. No entanto, como poderia confessar seu segredo? Se admitisse o quanto era fraco, que sua vida inteira dependia de um graveto parcialmente queimado... Hazel nunca o veria como herói. Ele nunca seria seu cavaleiro de armadura. E como ele poderia esperar que ela assumisse esse tipo de fardo por ele?

Frank embrulhou a madeira e a guardou de volta no casaco.

— Obrigado... obrigado, Íris.

Ela apertou sua mão.

— Não perca a esperança, Frank. Os arcos-íris sempre representam a esperança.

Ela se encaminhou para os fundos da loja, deixando Frank sozinho.

— Esperança — resmungou Frank. — Eu preferia ter umas boas doninhas.

Ele apanhou a lança do pai e marchou para fora a fim de enfrentar os basiliscos.

XXIII

FRANK

FRANK SENTIA FALTA DO ARCO.

Queria ficar na varanda e acertar as serpentes de longe. Algumas flechas explosivas bem-dirigidas, algumas crateras na colina — problema resolvido.

Infelizmente, uma aljava cheia de flechas não seria de muita ajuda se Frank não pudesse dispará-las. Além disso, ele não tinha a menor ideia de onde estavam os basiliscos. As serpentes haviam parado de cuspir fogo assim que ele saiu.

Frank desceu da varanda e ergueu sua lança dourada. Ele não gostava de lutar de perto. Era muito lento e grandalhão. Saía-se bem nos jogos de guerra, mas isso aqui era real. Não havia águias gigantes prontas para pegá-lo e levá-lo para os paramédicos se ele cometesse um erro.

Você pode ser qualquer coisa. A voz da mãe ecoava em sua cabeça.

Ótimo, pensou. Quero ser bom com uma lança. E imune ao veneno — e ao fogo.

Algo dizia a Frank que seu pedido não fora concedido. A lança em suas mãos parecia igualmente desajeitada.

Trechos incendiados da encosta ainda fumegavam. A fumaça acre ardia no nariz de Frank. A grama ressecada estalava sob seus pés.

Ele pensou naquelas histórias que sua mãe costumava contar: gerações de heróis que haviam enfrentado Hércules, lutado contra dragões e navegado por mares infestados de monstros. Frank não entendia como ele podia ter vindo de uma linhagem assim, ou como sua família havia migrado da Grécia, passando pelo Império Romano e indo até a China, mas algumas ideias perturbadoras começavam a se formar. Pela primeira vez, ele começou a se perguntar sobre esse príncipe de Pilos, e a desgraça de seu bisavô Shen Lun no Acampamento

Júpiter, e quais poderiam ser os poderes da família.

O dom nunca protegeu nossa família, advertira a avó.

Era um pensamento tranquilizador enquanto Frank caçava serpentes diabólicas venenosas e cuspidoras de fogo.

A noite estava silenciosa, exceto pelo crepitar do fogo na vegetação. Sempre que uma brisa fazia o mato farfalhar, Frank pensava nos espíritos dos grãos que haviam capturado Hazel. Com sorte, eles tinham ido para o sul com o gigante Polibotes. Frank não precisava de mais problemas por enquanto.

Ele desceu lentamente a encosta, os olhos ardendo com a fumaça. Então, uns seis metros à frente, viu uma explosão de chamas.

Pensou em atirar a lança. Ideia estúpida. Acabaria ficando sem a arma. Em vez disso, avançou na direção do fogo.

Frank queria estar com os frascos de sangue de górgona, mas tinham ficado no barco. Ele se perguntou se sangue de górgona poderia curar veneno de basilisco... Mas mesmo que estivesse com os frascos e conseguisse escolher o correto, Frank duvidava que teria tempo de tomá-lo antes de se transformar em pó como seu arco.

Ele emergiu em uma clareira de mato queimado e se viu frente a frente com um basilisco.

A serpente ergueu-se sobre a cauda. Ela sibilou e expandiu a coleira de ferrões brancos perto da cabeça. *Pequena coroa*, lembrou-se Frank. É isso o que significa “basilisco”. Ele havia pensado que basiliscos eram monstros imensos semelhantes a dragões que podiam petrificar suas vítimas com os olhos. De alguma forma, o basilisco verdadeiro era ainda mais terrível. Por menor que fosse, esse diminuto pacote de fogo, veneno e maldade seria muito mais difícil de matar que um lagarto grande e corpulento. Frank tinha visto como esse monstro podia ser rápido.

O basilisco fixou os olhos amarelo-claros em Frank.

Por que ele não atacava?

A lança dourada de Frank parecia fria e pesada. A ponta de dente de dragão inclinou-se para baixo por conta própria — como uma vara de rãdomancia procurando água.

— Pare com isso — disse Frank, tentando erguer a lança.

Já seria bastante difícil golpear o monstro sem ter que lutar também contra a própria lança. Então ele ouviu o mato farfalhar dos dois lados. Os outros basiliscos entraram deslizando na clareira.

Frank tinha vindo direto para uma emboscada.

XXIV

FRANK

FRANK BRANDIU SUA LANÇA DE um lado para o outro.

— Fiquem longe! — Sua voz soou aguda. — Tenho... hã... poderes impressionantes... e tal.

Os basiliscos sibilaram em uma harmonia de três partes. Talvez estivessem rindo.

A ponta da lança agora estava quase pesada demais para ser levantada, como se o triângulo branco serrilhado de osso estivesse tentando tocar a terra. Então houve um estalo no fundo da mente de Frank: Marte dissera que a ponta era um dente de dragão. Não havia uma história sobre dentes de dragão plantados no chão? Algo que ele lera na aula de monstros no acampamento...?

Os basiliscos o circularam, sem pressa. Talvez hesitassem por causa da lança. Talvez simplesmente não conseguissem acreditar no quanto Frank era estúpido.

Parecia loucura, mas Frank deixou a ponta da lança cair. Ele a enterrou no chão. *Crac*.

Quando tornou a erguê-la, estava sem ponta — quebrara-se na terra.

Maravilha. Agora ele tinha uma vara de ouro.

Uma parte maluca dele queria sacar seu pedaço de lenha. Se ia morrer de qualquer jeito, talvez pudesse iniciar um incêndio gigantesco — incinerar os basiliscos, para que pelos menos seus amigos pudessem escapar.

Antes que ele pudesse criar coragem, o chão roncou sob seus pés. Terra pulou para todos os lados, e uma mão esquelética agarrou o ar. Os basiliscos sibilaram e recuaram.

Frank não podia julgá-los. Horrorizado, viu um esqueleto humano erguer-se do chão. Ele foi ganhando carne, como se alguém estivesse despejando gelatina sobre os ossos, cobrindo-os com uma pele cinzenta brilhante e transparente. Em

seguida, roupas fantasmagóricas o envolveram — uma camiseta sem manga, calça com estampa de camuflagem e coturnos. Tudo na criatura era cinzenta: roupas cinzentas sobre carne cinzenta sobre ossos cinzentos.

Ele se virou para Frank. Seu crânio sorria sob o rosto cinza inexpressivo. Frank gemeu como um cachorrinho. Suas pernas tremiam tanto que ele teve que se apoiar na haste da lança. O guerreiro esqueleto esperava, Frank percebeu — esperava ordens.

— Mate os basiliscos! — gritou ele. — Não eu!

O guerreiro esquelético entrou em ação. Agarrou a serpente mais próxima e, embora sua carne cinza comesse a fumegar com o contato, estrangulou-a com uma das mãos e atirou no chão o corpo inerte do monstro. Os outros dois basiliscos sibilaram em fúria. Um saltou para Frank, que o rebateu com uma das extremidades da lança.

A outra serpente vomitou fogo diretamente no rosto do esqueleto. O guerreiro avançou e esmagou a cabeça do basilisco com o coturno.

Frank virou-se para o último basilisco, enroscado na margem da clareira, estudando-os. A haste da lança de ouro imperial de Frank fumegava, mas, diferentemente de seu arco, não parecia estar se desintegrando com o toque do basilisco. O pé e a mão direitos do guerreiro esqueleto se dissolviam lentamente por causa do veneno. Sua cabeça estava em chamas mas, fora isso, ele parecia em ótimas condições.

O basilisco fez a coisa inteligente. Virou-se para fugir. Em um movimento veloz, o esqueleto puxou algo da camiseta e o arremessou pela clareira, empalando o basilisco na terra. Frank pensou que fosse uma faca. Então percebeu que era uma das costelas do esqueleto.

Frank ficou feliz por estar de estômago vazio.

— Isso... isso foi *nojento*.

O esqueleto cambaleou até o basilisco, puxou sua costela e a usou para cortar a cabeça da criatura. O basilisco se dissolveu em cinzas. Em seguida, o esqueleto decapitou as outras duas carcaças de monstro e chutou as cinzas para dispersá-las. Frank lembrou-se das duas górgonas no Tibre — a maneira como o rio havia espalhado seus restos mortais para evitar que se reconstituíssem.

— Você está se certificando de que eles não vão voltar — percebeu Frank. — Ou atrasando-os, pelo menos.

O guerreiro esqueleto ficou em posição de sentido diante de Frank. O pé e a mão envenenados tinham praticamente desaparecido. Sua cabeça ainda queimava.

— O que... o que você é? — perguntou Frank, querendo acrescentar: *Por favor, não me machuque*.

O esqueleto bateu continência com um coto no lugar da mão. Então começou a se desintegrar, afundando de volta na terra.

— Espere! — pediu Frank. — Não sei nem como chamá-lo! Homem Dente? Ossos? Cinzento?

Enquanto seu rosto desaparecia na terra, o guerreiro pareceu sorrir com o último nome — ou talvez fossem apenas seus dentes de esqueleto ficando visíveis. E então ele se foi de vez, deixando Frank sozinho com sua lança sem ponta.

— Cinzento — ele murmurou. — O.k... mas...

Ele examinou a extremidade da lança. Um novo dente de dragão já começava a crescer da haste dourada.

Ela tem três cargas, Marte tinha dito, então use-a com sabedoria.

Frank ouviu passos atrás de si. Percy e Hazel chegaram correndo à clareira. Percy parecia melhor, só que trazia uma bolsa masculina tingida da P.E.V.O.A.I. — decididamente, *não* era seu estilo. Contracorrente estava em sua mão. Hazel havia sacado a espada.

— Você está bem? — perguntou ela.

Percy girou sem sair do lugar, procurando inimigos, e falou:

— Íris nos disse que você estava aqui fora enfrentando sozinho os basiliscos, e nós ficamos tipo *O quê?* e viemos o mais rápido possível. O que aconteceu?

— Não tenho certeza — admitiu Frank.

Hazel agachou-se perto da terra onde Cinzento havia desaparecido.

— Eu sinto a morte. Ou meu irmão esteve aqui ou... os basiliscos estão mortos?

Percy o fitou, assombrado.

— Você matou *todos* eles?

Frank engoliu em seco. Ele já se sentia bastante desajustado sem tentar explicar seu novo lacaio morto-vivo.

Três cargas. Frank poderia convocar Cinzento mais duas vezes. Mas ele havia pressentido maldade no esqueleto. Aquilo não era um bicho de estimação. Era uma força assassina morta-viva cruel, que o poder de Marte mal conseguia controlar. Frank tinha a sensação de que aquilo faria o que ele mandasse — mas, se seus amigos por acaso estivessem na linha de fogo, paciência. E, se Frank fosse um pouco lento ao dar as ordens, ele poderia começar a matar o que quer que visse pelo caminho, incluindo seu mestre.

Marte lhe dissera que a lança lhe daria uma folga até que ele aprendesse a usar os talentos de sua mãe. O que significava que Frank precisava aprender esses talentos — *logo*.

— Muito obrigado, Pai — resmungou.

— O quê? — perguntou Hazel. — Frank, você está bem?

— Explico depois — disse. — Agora, temos que ir ver um cego em Portland.

XXV

PERCY

PERCY JÁ SE SENTIA O semideus mais inútil na história da inutilidade. A bolsa foi o insulto final.

Eles haviam deixado a P.E.V.O.A.I. com pressa, então talvez Íris não tenha oferecido a bolsa com intenção de criticar. Ela a enchera rapidamente com tortinhas enriquecidas com vitaminas, barras de frutas secas, carne de sol macrobiótica e alguns cristais para dar sorte. Depois, empurrara a bolsa nas mãos de Percy: *Aqui, vocês vão precisar disso. Ah, ficou bonito.*

A bolsa — quer dizer, *bolsa acessória masculina* — era tingida com as cores do arco-íris e tinha um símbolo da paz bordado com contas de madeira e a frase *Abrace o mundo inteiro*. Percy queria que fosse: *Abrace o roupeiro*. Ele via a bolsa como uma referência à sua imensa e incrível inutilidade. Enquanto navegavam para o norte, ele deixou a bolsa o mais distante possível de si, mas o barco era pequeno.

Percy não podia acreditar que havia falhado quando os amigos precisaram dele. Primeiro, fora muito burro para deixá-los sozinhos quando correria de volta ao barco, e Hazel acabara sequestrada. Depois, vira aquele exército marchando para o sul e tivera uma espécie de colapso nervoso. Constrangedor? Sim. Mas ele não pôde evitar. Ao ver aqueles centauros e ciclopes do mal, aquilo lhe parecera tão errado, tão invertido, que ele pensou que sua cabeça fosse explodir. E o gigante Polibotes... Aquele gigante lhe provocara uma sensação que era o oposto da que ele tinha quando estava no oceano. Ficara sem energia, fraco e febril, como se suas entranhas estivessem se corroendo.

O chá medicinal de Íris ajudou seu corpo a melhorar, mas sua mente ainda doía. Ele ouvira histórias sobre pessoas que ainda sentiam dores fantasmas em pernas e braços que haviam sido amputados. Era assim que sua mente se sentia

— como se suas lembranças perdidas doessem.

O pior de tudo era que, quanto mais para o norte Percy seguia, menos nítidas ficavam suas memórias. Ele começara a se sentir melhor no Acampamento Júpiter, lembrando-se de nomes e rostos variados. Agora, porém, até o rosto de Annabeth estava se apagando. Na P.E.V.O.A.I., quando tentara enviar uma mensagem de Íris para Annabeth, Fleecy havia simplesmente sacudido a cabeça com tristeza.

É como se você estivesse discando para alguém, ela disse, mas tivesse esquecido o número. Ou alguém estivesse bloqueando o sinal. Desculpe, querido. Não consigo fazer sua ligação.

Ele estava apavorado com a possibilidade de perder o rosto de Annabeth completamente quando chegasse ao Alasca. Talvez um dia acordasse e não lembrasse mais o nome dela.

Ainda assim, ele precisava se concentrar na missão. A visão daquele exército inimigo tinha lhe mostrado o que os aguardava. Agora era o início da manhã de vinte e um de junho. Eles precisavam chegar ao Alasca, encontrar Tânatos e o estandarte da legião e voltar para o Acampamento Júpiter até a noite de vinte e quatro de junho. Quatro dias. Enquanto isso, o inimigo tinha que marchar apenas algumas centenas de quilômetros.

Percy guiou o barco através das fortes correntes da costa norte da Califórnia. O vento soprava frio, mas a sensação era boa, clareando um pouco da confusão em sua cabeça. Ele se esforçou para impelir o barco o mais rápido que podia. O casco chocalhava à medida que o *Pax* avançava rumo ao norte.

Enquanto isso, Hazel e Frank trocavam histórias sobre os eventos na Produtos Orgânicos Arco-Íris. Frank falou do vidente cego Fineu, de Portland, e que Íris afirmara que talvez ele pudesse lhes dizer onde encontrar Tânatos. Frank não quis dizer como conseguira matar os basiliscos, mas Percy ficou com a sensação de que tinha algo a ver com a ponta quebrada de sua lança. O que quer que tivesse acontecido, Frank parecia mais assustado com a lança que com os basiliscos.

Quando ele terminou, Hazel falou do tempo que passaram com Fleecy.

— Então essa mensagem de Íris funcionou? — perguntou Frank.

Hazel lançou um olhar solidário para Percy. Não mencionou o fato de ele não ter conseguido contatar Annabeth.

— Consegui falar com Reyna — disse ela. — É preciso atirar uma moeda em um arco-íris e dizer uma fórmula mágica, tipo: Ó Íris, deusa do arco-íris, aceite minha oferenda. Só que Fleecy meio que mudou um pouco. Ela nos deu seu... como foi mesmo que ela chamou?... seu número direto? Então precisei dizer: Ó *Fleecy*, quebre meu galho. Mostre Reyna no Acampamento Júpiter. Eu me senti

um pouco idiota, mas funcionou. A imagem de Reyna apareceu no arco-íris, como uma videoconferência em duas vias. Ela estava nas termas. Ficou apavorada.

— Isso eu teria pagado para ver — disse Frank. — Quer dizer, a cara dela. Não, hum, as termas.

— Frank! — Hazel abanou o rosto como se precisasse de ar. Era um gesto antiquado, mas de certa forma charmoso. — Enfim, contamos a Reyna sobre o exército, mas, como Percy disse, ela já sabia. Isso não muda nada. Ela está fazendo o que pode para reforçar as defesas. A menos que libertemos a Morte e voltemos com a água...

— O acampamento não vai resistir contra aquele exército — completou Frank. — Não sem ajuda.

Depois disso, navegaram em silêncio.

Percy continuou pensando em ciclopes e centauros. Pensou em Annabeth, no sátiro Grover e em seu sonho com um navio de guerra gigante em construção.

Você veio de algum lugar, Reyna dissera.

Percy queria conseguir lembrar. Ele poderia pedir ajuda. O Acampamento Júpiter não deveria precisar enfrentar sozinho os gigantes. Tinha que haver aliados em algum lugar.

Ele tocou com os dedos as contas em seu colar, a plaquinha de chumbo do *probatio* e o anel de prata que Reyna lhe dera. Talvez em Seattle ele conseguisse falar com a irmã dela, Hylla. Ela poderia mandar ajuda — se não matasse Percy assim que o visse.

Depois de mais algumas horas navegando, os olhos de Percy começaram a se fechar. Ele temia desmaiar de exaustão. Então, a sorte lhe sorriu. Uma baleia assassina emergiu perto do barco, e Percy puxou uma conversa mental com ela.

Eles não chegaram a falar exatamente, mas foi mais ou menos assim: *Você pode nos dar uma carona para o norte?*, perguntou Percy. *O mais perto possível de Portland?*

Como focas, respondeu a baleia. *Vocês são focas?*

Não, admitiu Percy. *Mas tenho uma bolsa masculina cheia de carne de sol macrobiótica.*

A baleia estremeceu. *Prometa não me dar isso para comer e eu levo vocês para o norte.*

Feito.

Logo Percy havia improvisado um arnês de corda e o prendido em torno da parte superior do corpo da baleia. Então aceleraram para o norte propelidos pela baleia, e, por insistência de Hazel e Frank, Percy se acomodou para um cochilo.

*

Seus sonhos foram tão desconexos e assustadores como sempre.

Ele se viu no Monte Tamalpais, ao norte de São Francisco, lutando na antiga fortaleza dos titãs. Isso não fazia sentido. Ele não estivera com os romanos quando eles atacaram, mas viu tudo com clareza: um titã de armadura, Annabeth e duas outras garotas lutando ao lado de Percy. Uma das garotas morreu no confronto. Percy ajoelhou-se ao lado dela e a viu dissolver-se em estrelas.

Então ele viu o navio de guerra gigante na doca seca. A figura de proa de bronze em forma de dragão cintilava à luz da manhã. O cordame e o armamento estavam completos, mas havia algo errado. Uma escotilha no convés estava aberta, e saía fumaça de uma espécie de motor. Um garoto de cabelos pretos encaracolados praguejava enquanto batia no motor com uma chave. Dois outros semideuses se encontravam agachados a seu lado, observando-o preocupados. Um deles era um adolescente de cabelos louros curtos. O outro era uma garota com cabelos escuros e compridos.

— Você sabe que estamos no solstício — disse a garota. — Devíamos partir hoje.

— Eu sei disso! — O mecânico de cabelos encaracolados acertou o motor mais algumas vezes. — Podem ser as rebimbocas. Pode ser a parafuseta. Pode ser Gaia nos atrapalhando outra vez. Eu não sei!

— Quanto tempo? — perguntou o cara louro.

— Dois, três dias?

— Eles podem não ter esse tempo todo — advertiu a garota.

Percy tinha a impressão de que ela se referia ao Acampamento Júpiter. Então a cena mudou novamente.

Ele viu um garoto e seu cachorro perambulando pelas colinas amarelas da Califórnia. Mas, à medida que a imagem se tornava mais clara, Percy se deu conta de que não era um garoto. Era um ciclope de jeans esfarrapado e camisa de flanela. O cão era uma montanha bamboleante de pelo negro, provavelmente do tamanho de um rinoceronte. O ciclope carregava uma clava enorme apoiada no ombro, mas Percy não achava que fosse um inimigo. Ele ficava gritando o nome de Percy, chamando-o de... irmão?

— O cheiro dele parece mais distante — gemeu o ciclope para o cachorro. — Por que o cheiro dele está mais longe?

— ^{AU}! — latiu o cão, e o sonho de Percy mudou outra vez.

Ele viu uma cordilheira de montanhas nevadas tão altas que furavam as nuvens. O rosto adormecido de Gaia surgiu nas sombras das pedras.

Um peão tão valioso, disse ela, em tom tranquilizador. Não tema, Percy Jackson. Venha para o norte! Seus amigos morrerão, sim. Mas eu o preservarei por ora. Tenho grandes planos para você.

Em um vale entre as montanhas havia uma extensão imensa de gelo. A beirada mergulhava no mar, dezenas de metros abaixo, com camadas de gelo constantemente se dissolvendo na água. Na superfície do gelo havia o acampamento de uma legião: trincheiras, fossos, torres, alojamentos, exatamente como o Acampamento Júpiter, só que três vezes maior. No cruzamento diante da *principia*, uma figura de manto negro estava de pé acorrentada ao gelo. A visão de Percy passou por ele, dirigindo-se ao quartel-general. Ali, na penumbra, sentava-se um gigante ainda maior que Polibotes. Sua pele dourada reluzia. Expostos atrás dele estavam os estandartes esfarrapados e congelados de uma legião romana, incluindo uma grande águia dourada com as asas abertas.

Estamos à sua espera, trovejou a voz do gigante. Enquanto você segue aos tropeços para o norte, tentando me encontrar, meus exércitos destruirão seus preciosos acampamentos — primeiro os romanos, depois os outros. Você não pode vencer, pequeno semideus.

*

Percy acordou sobressaltado na fria luz cinzenta do dia, sentindo a chuva cair no rosto.

— Pensei que *eu* tivesse sono pesado — disse Hazel. — Bem-vindo a Portland.

Percy sentou-se e piscou. O cenário à sua volta era tão diferente de seu sonho que ele não sabia qual era real. O *Pax* fluía em um rio negro como ferro que atravessava uma cidade. Nuvens pesadas pairavam baixo no céu. A chuva fria era tão leve que parecia suspensa no ar. À esquerda de Percy havia armazéns industriais e trilhos de trem. À direita, o pequeno centro comercial de uma cidade — um grupo de torres de aparência quase acolhedora entre as margens do rio e uma cadeia de colinas enevoadas cobertas de árvores.

Percy esfregou os olhos para espantar o sono.

— Como foi que chegamos aqui?

Frank lançou um olhar do tipo *Você não vai acreditar* e disse:

— A baleia assassina nos levou até o Rio Colúmbia. E então passou o arnês para um par de esturjões de quase quatro metros.

Percy pensou que Frank tinha dito *cirurgiões*. Imaginou uma estranha cena de

médicos gigantes de jalecos e máscaras puxando o barco rio acima. Então se deu conta de que Frank quis dizer esturjões, os peixes. Ficou feliz por não ter dito nada. Teria sido embaraçoso, sendo ele filho do deus dos mares e tal.

— Enfim — continuou Frank —, os esturjões nos puxaram por muito tempo. Hazel e eu nos revezamos dormindo. Então chegamos a este rio...

— O Willamette — completou Hazel.

— Certo — disse Frank. — Depois disso, o barco meio que assumiu o controle e nos trouxe aqui sozinho. Você dormiu bem?

Enquanto o *Pax* deslizava para o sul, ele contou-lhes sobre seus sonhos. Tentou se concentrar nos aspectos positivos: um navio de guerra podia estar a caminho para ajudar o Acampamento Júpiter. Um ciclope amigo e um cão gigante procuravam Percy. Não mencionou o que Gaia dissera: *Seus amigos morrerão*.

Quando Percy descreveu o forte romano no gelo, Hazel pareceu perturbada.

— Então Alcioneu está em uma geleira — disse ela. — Isso não ajuda muito. O Alasca tem centenas delas.

Percy assentiu.

— Talvez esse tal vidente Fineu possa nos dizer qual é.

O barco atracou sozinho em um píer. Os três semideuses ergueram os olhos e viram os edifícios do centro garoento de Portland.

Frank enxugou a chuva de seu cabelo curto.

— Então agora procuramos um cego na chuva — disse ele. — Iupi!

XXVI

PERCY

NÃO FOI TÃO DIFÍCIL QUANTO eles imaginavam. Os gritos e o aparador de grama ajudaram.

Eles haviam levado casacos leves de lã sintética, então se protegeram contra a chuva fria e andaram por algumas quadras, passando sobretudo por ruas desertas. Dessa vez Percy foi esperto e carregou quase todos os suprimentos do barco. Até enfiou a carne de sol macrobiótica no bolso do casaco para o caso de precisar ameaçar mais alguma baleia assassina.

Viram algumas bicicletas passando nas ruas e alguns sem-teto abrigados em vãos de porta, mas a maioria dos habitantes de Portland parecia recolhida nos edifícios.

Seguindo pela rua Glisan, Percy lançou um olhar saudoso para as pessoas nas lanchonetes saboreando café e tortinhas. Ele estava prestes a sugerir que parassem para tomar café da manhã quando ouviu uma voz mais adiante na rua gritando “Ha! tomem isto, suas galinhas estúpidas!”, seguida pela rotação de um pequeno motor e um monte de grasnidos.

Percy olhou para os amigos.

— Vocês acham...?

— Provavelmente — concordou Frank.

Eles saíram correndo na direção dos sons.

A duas quadras dali encontraram um grande estacionamento ao ar livre com calçadas arborizadas e fileiras de furgões-lanchonetes de frente para as ruas dos quatro lados. Percy já havia visto caminhões de comida, mas nunca tantos em um só lugar. Alguns eram simples caixas brancas de metal sobre rodas, com toldos e balcões. Outros eram pintados de azul, roxo ou com bolinhas, com grandes bandeiras na frente e quadros coloridos de cardápio e mesas como as que alguns cafés usam para ocupar a calçada. Um anunciava fusão de tacos de

estilo coreano-brasileiro, o que parecia algum tipo de culinária radioativa ultrassecreta. Outro oferecia sushi no palito. Um terceiro vendia sanduíche de sorvete frito. O cheiro era incrível — dezenas de cozinhas diferentes funcionando ao mesmo tempo.

A barriga de Percy roncou. A maior parte dos quiosques estava aberta, mas não havia praticamente ninguém por perto. Eles podiam escolher o que quisessem! Sanduíche de sorvete frito? Caramba, isso parecia *muito* melhor que germen de trigo.

Infelizmente, havia algo mais acontecendo além do preparo de comida. No centro do estacionamento, atrás de todos os furgões, um velho de roupão corria de um lado para outro com um aparador de grama, gritando para um bando de mulheres-aves que tentavam roubar comida de uma mesa de armar.

— Harpias — disse Hazel. — O que significa...

— Que aquele é Fineu — concluiu Frank.

Eles atravessaram a rua correndo e se espremeram entre o furgão coreano-brasileiro e um carrinho vendendo rolinhos primavera de *burritos*.

As traseiras dos furgões-lanchonetes não eram nem um pouco tão apetitosas quanto as frentes. Eram atravancadas com pilhas de baldes de plástico, latas de lixo transbordando e varais improvisados sustentando aventais e toalhas. O estacionamento em si nada mais era que um quadrado de asfalto rachado, entremeado de ervas daninhas. No meio havia uma mesa de armar com uma montanha alta de comida de todos os furgões.

O cara de roupão era velho e gordo. Estava quase careca, com cicatrizes na testa e um aro ralo de cabelos brancos. O roupão estava sujo de ketchup, e ele ficava indo aos tropeços de um lado para outro em pantufas felpudas de coelhinhos cor-de-rosa, brandindo seu aparador de grama movido a gasolina contra a meia dúzia de harpias que sobrevoava sua mesa.

Ele era obviamente cego. Seus olhos eram leitosos, e quase sempre ele errava por muito as harpias, mas ainda assim estava se saindo bem afugentando-as.

— Suas galinhas pretas e sujas! — gritou ele.

Percy não sabia por quê, mas tinha uma vaga impressão de que harpias deveriam ser gordinhas. Essas pareciam mortas de fome. O rosto humano tinha olhos fundos e faces encovadas. O corpo era coberto por chumaços de penas, e as asas terminavam em mãos minúsculas e enrugadas. Vestiam sacos de aniagem. As harpias mergulhavam para a comida, parecendo mais desesperadas que zangadas. Percy sentiu pena delas.

whirrrr! O velho brandiu o aparador de grama, que raspou na asa de uma das harpias. Ela gritou de dor e se afastou, soltando penas amarelas ao voar.

Outra harpia sobrevoava em círculos acima das outras. Parecia mais nova e

menor que as demais, com penas de um vermelho vivo. Ela observava com cuidado à espera de uma oportunidade e, quando o velho ficou de costas para ela, mergulhou rapidamente na direção da mesa. Agarrou um *burrito* com as garras dos pés, mas, antes que pudesse escapar, o cego virou o aparador de grama e a acertou nas costas com tanta força que Percy se encolheu. A harpia gritou, soltou o *burrito* e se afastou voando.

— Ei, pare com isso! — gritou Percy.

As harpias entenderam aquilo da maneira errada. Elas olharam para os três semideuses e fugiram imediatamente. A maior parte saiu voando e se empoleirou nas árvores em volta do estacionamento, lançando olhares tristes para a mesa. A de penas vermelhas com as costas machucadas voou oscilante pela rua Glisan e sumiu de vista.

— Ha! — gritou o cego em triunfo e desligou o aparador de grama. Ele sorriu vagamente na direção de Percy. — Obrigado, estranhos! Agradeço muitíssimo a ajuda.

Percy engoliu a raiva. Não fora sua intenção ajudar o velho, mas se lembrou de que precisavam de informações dele.

— Ah, que seja. — Ele aproximou-se do homem, ficando de olho no aparador de grama. — Eu sou Percy Jackson. Este é...

— Semideuses! — exclamou o velho. — Sempre consigo farejar semideuses. Hazel franziu a testa.

— Cheiramos tão mal assim?

O velho riu.

— É claro que não, minha querida. Mas você ficaria surpresa com o quanto meus outros sentidos ficaram aguçados depois que perdi a visão. Eu sou Fineu. E você... espere, não me diga...

Ele levou a mão ao rosto de Percy e enfiou um dedo em seu olho.

— Ai! — queixou-se Percy.

— Filho de Netuno! — exclamou Fineu. — Achei que tinha sentido o cheiro do oceano em você, Percy Jackson. Também sou filho de Netuno, sabe?

— Ei... sim. Certo.

Percy esfregou os olhos. Que sorte a dele ser parente desse velho imundo. Ele torceu para que nem todos os filhos de Netuno tivessem o mesmo destino. Primeiro você começa carregando uma bolsa masculina, e, então, quando vê, já está correndo por aí de roupão e pantufas de coelhinhos cor-de-rosa, perseguindo galinhas com um aparador de grama.

Fineu virou-se para Hazel.

— E aqui... Ah, puxa, cheiro de ouro e das profundezas da terra. Hazel Levesque, filha de Plutão. E a seu lado... O filho de Marte. Mas sua história é

mais longa, Frank Zhang...

— Sangue antigo — murmurou Frank. — Príncipe de Pilos, blá-blá-blá.

— Periclimeno, exatamente! Ah, ele era um cara legal. Eu adorava os argonautas!

O queixo de Frank caiu.

— E-espere. Peri *quem*?

Fineu sorriu.

— Não se preocupe. Conheço sua família. Aquela história sobre seu bisavô? Ele não destruiu *de fato* o acampamento. Ora, que grupo interessante. Vocês estão com fome?

Frank estava com cara de quem tinha acabado de ser atropelado por um caminhão, mas Fineu já havia passado para outras questões. Ele gesticulou com a mão na direção da mesa. Nas árvores próximas, as harpias gritavam desoladas. Por mais que Percy estivesse com fome, ele não conseguia sequer pensar em comer na frente daquelas pobres mulheres-aves.

— Olhe, estou confuso — falou Percy. — Precisamos de algumas informações. Disseram-nos que...

— ...que as harpias estavam me impedindo de comer — completou Fineu —, e que, se vocês me ajudassem, eu os ajudaria.

— Algo nessa linha — admitiu Percy.

Fineu riu.

— Isso é passado. Por acaso pareço estar perdendo alguma refeição?

Ele deu tapinhas na barriga, que era do tamanho de uma bola de basquete muito cheia.

— Hum... não — respondeu Percy.

Fineu agitou seu aparador de grama no ar com um gesto expansivo. Os três se abaixaram.

— As coisas mudaram, meus amigos! Quando obtive o dom da profecia, eras atrás, é verdade que Júpiter me amaldiçoou. Ele enviou as harpias para roubarem minha comida. Sabem, eu tinha a língua um tanto comprida. Revelei muitos segredos que os deuses queriam guardar. — Ele voltou-se para Hazel. — Por exemplo, você deveria estar morta. E você... — Ele voltou-se para Frank. — Sua vida depende de um graveto queimado.

Percy franziu a testa.

— Do que você está falando?

Hazel piscava como se tivesse levado um tapa. Frank dava a impressão de que o caminhão tinha dado ré e passado por cima dele de novo.

— E você. — Fineu voltou-se para Percy. — Ora, você nem sabe quem é! Eu poderia lhe dizer, é claro, mas... ha! Que graça teria? E Brigid O'Shaughnessy

matou Miles Archer em *Relíquia Macabra*. E Darth Vader na verdade é o pai de Luke. E o vencedor do próximo Super Bowl será...

— Já entendi — murmurou Frank.

Hazel agarrou a espada como se estivesse tentada a socar a cabeça do velho com o cabo.

— Então você falou demais e os deuses o amaldiçoaram. Por que eles pararam?

— Ah, eles não pararam! — O velho arqueou as sobrancelhas densas como se dissesse: *Dá para acreditar?* — Tive que fazer um acordo com os argonautas. Sabe, eles também queriam informações. Falei que cooperaria se eles matassem as harpias. Bem, eles afugentaram aquelas criaturas nojentas, mas Íris não os deixou matá-las. Uma afronta! Então, *desta vez*, quando minha patrona me trouxe de volta à vida...

— Sua patrona? — perguntou Frank.

Fineu dirigiu-lhe um sorriso perverso.

— Ora, Gaia, é claro. Quem vocês acham que abriu as Portas da Morte? Sua namorada aqui compreende. Gaia também não é sua patrona?

Hazel sacou a espada.

— Eu não sou a... eu não... Gaia não é minha patrona!

Fineu parecia divertido. Se ouvira a espada ser desembainhada, não pareceu preocupado.

— Muito bem, se quer ser *nobre* e ficar do lado perdedor, problema seu. Mas Gaia está acordando. Ela já reescreveu as regras da vida e da morte! Estou vivo de novo, e em troca de minha ajuda, com uma profecia aqui, outra profecia ali, meu maior desejo é atendido. A mesa virou, digamos. Agora posso comer tudo que quiser, o dia todo, e as harpias têm que ficar olhando e passar fome.

Ele acelerou o motor do aparador de grama, e as harpias gemeram nas árvores.

— Elas estão amaldiçoadas! — disse o velho. — Só podem comer de minha mesa, e não podem sair de Portland. Como as Portas da Morte estão abertas, elas não podem nem morrer. É lindo!

— Lindo? — protestou Frank. — Elas são criaturas vivas. Por que você é tão cruel com elas?

— São monstros! — respondeu Fineu. — E *cruel*? Aqueles demônios de cérebro emplumado me atormentaram por anos!

— Mas era o dever delas — disse Percy, tentando se controlar. — Eram ordens de Júpiter.

— Ah, estou com raiva de Júpiter também — concordou Fineu. — No tempo certo, Gaia cuidará para que os deuses sejam devidamente punidos. Péssimo trabalho que eles fizeram governando o mundo. Mas, por enquanto, estou

gostando de Portland. Os mortais não prestam atenção em mim. Acham que sou só um velho louco espantando pombos!

Hazel avançou para o vidente.

— Você é horrível! — disse ela a Fineu. — Seu lugar é nos Campos da Punição!

Fineu sorriu, desdenhoso.

— Um morto falando do outro, garotinha? Devia ficar calada. Você começou isso tudo! Não fosse você, Alcioneu não estaria vivo!

Hazel cambaleou para trás.

— Hazel? — Os olhos de Frank ficaram completamente arregalados. — Do que ele está falando?

— Ha! — disse Fineu. — Você logo irá descobrir, Frank Zhang. Aí vamos ver se você ainda terá uma queda por sua namorada. Mas não é por isso que vocês estão aqui, certo? Querem encontrar Tânatos. Ele está preso no covil de Alcioneu. Eu posso lhes dizer onde é. Claro que posso. Mas vocês terão que me fazer um favor.

— Esqueça — replicou Hazel. — Você está trabalhando para o inimigo. Nós mesmos devíamos mandar você de volta ao Mundo Inferior.

— Vocês podem tentar. — Fineu sorriu. — Mas duvido que eu fique morto por muito tempo. Sabe, Gaia me mostrou o jeito mais fácil de voltar. E com Tânatos acorrentado, não tem ninguém para me manter lá embaixo! Além disso, se vocês me matarem, não vão saber meus segredos.

Percy ficou tentado a deixar Hazel usar a espada. Na verdade, ele mesmo queria estrangular o velho.

Acampamento Júpiter, disse a si mesmo. *Salvar o acampamento é mais importante.* Lembrou-se de Alcioneu zombando dele em seus sonhos. Se perdessem tempo procurando o covil do gigante pelo Alasca, os exércitos de Gaia destruiriam os romanos... E os outros amigos de Percy, onde quer que estivessem.

Ele trincou os dentes e disse:

— Qual é o favor?

Fineu lambeu os lábios com uma expressão ávida.

— Tem uma harpia que é mais rápida que as outras.

— A vermelha — deduziu Percy.

— Eu sou cego! Não conheço as cores! — reclamou o velho. — Seja como for, ela é a única com quem tenho problemas. É esperta aquelazinha. Sempre fica na dela, não se junta às outras. Ela me fez isto aqui.

Ele apontou as cicatrizes na testa.

— Capturem aquela harpia — continuou. — Tragam-na para mim. Eu a quero

amarrada onde possa ficar de olho nela... ah, modo de dizer. As harpias odeiam ficar amarradas. Isso lhes causa uma dor extrema. É, vou gostar disso. Talvez eu até lhe dê comida para que ela dure mais.

Percy olhou para os amigos. Eles chegaram a um acordo tácito: *jamaís* ajudariam aquele velho assustador. Por outro lado, eles tinham que obter a informação dele. Precisavam de um Plano B.

— Ah, vão lá conversar — disse Fineu com jovialidade. — Eu não ligo. Apenas se lembrem de que, sem minha ajuda, sua missão vai fracassar. E todos que vocês amam no mundo morrerão. Agora, vão embora! Tragam-me a harpia!

XXVII

PERCY

— VAMOS PRECISAR DE UM pouco da sua comida. — Percy passou pelo velho esbarrando nele com o ombro e pegou coisas da mesa: uma tigela coberta de macarrão tailandês com molho de queijo e uma massa em forma de tubo que parecia uma combinação de *burrito* e pão doce com canela.

Antes que perdesse o controle e esmagasse o *burrito* no nariz de Fineu, Percy disse:

— Vamos, pessoal.

E saiu do estacionamento com os amigos.

Pararam do outro lado da rua. Percy respirou fundo, tentando se acalmar. A chuva havia abrandado e virado uma garoa fraca. A névoa fria em seu rosto era agradável.

— Aquele homem... — Hazel socou a lateral do banco de um ponto de ônibus. — Ele precisa morrer. *De novo*.

Era difícil ter certeza por causa da chuva, mas Hazel parecia estar segurando as lágrimas. O cabelo comprido encaracolado estava grudado dos dois lados do rosto. À luz cinzenta, seus olhos dourados pareciam feitos de estanho.

Percy se lembrou da confiança com que ela agira quando se conheceram — assumindo o controle da situação com as górgonas e conduzindo-o para um lugar seguro. Ela o havia confortado no templo de Netuno e feito com que ele se sentisse bem-vindo no acampamento.

Agora Percy queria devolver o favor, mas não sabia como. Ela parecia perdida, arrasada e totalmente deprimida.

Percy não estava surpreso por Hazel ter voltado do Mundo Inferior. Já fazia um tempo que ele vinha suspeitando disso: a maneira como ela evitava falar de seu passado, o modo como Nico di Angelo agira com tanto segredo e cautela.

Mas isso não mudava a imagem que Percy tinha dela. Hazel parecia... bem, viva, como uma garota comum de bom coração, que merecia crescer e ter um futuro. Ela não era um *ghoul* como Fineu.

— Vamos pegá-lo — Percy prometeu. — Ele não tem *nada* a ver com você, Hazel. Não ligo para o que ele diz.

Ela sacudiu a cabeça.

— Você não conhece a história toda. Eu devia ter sido mandada para os Campos da Punição. Eu... eu sou tão ruim quanto...

— Não, não é! — Frank cerrou os punhos. Ele olhou à sua volta, como se procurasse alguém que talvez discordasse dele... inimigos nos quais ele pudesse bater para defender Hazel. — Ela é uma pessoa boa! — gritou ele para o outro lado da rua. Algumas harpias grasnaram nas árvores, mas ninguém mais lhe deu ouvidos.

Hazel olhou para Frank. Ela estendeu a mão, hesitante, como se quisesse pegar a mão dele, mas tivesse medo de que ele pudesse evaporar.

— Frank... — gaguejou ela. — Eu... eu não...

Infelizmente, Frank parecia envolto em seus próprios pensamentos.

Ele tirou a lança das costas e a segurou pouco à vontade.

— Eu poderia intimidar aquele velho — sugeriu —, talvez assustá-lo...

— Frank, está tudo bem — disse Percy. — Vamos manter isso como um plano reserva, mas não acho que Fineu possa ser forçado a cooperar por medo. Além disso, você só pode usar a lança mais duas vezes, certo?

Com uma careta, Frank olhou para a ponta de dente de dragão, que havia tornado a crescer completamente durante a noite.

— É. Acho que sim...

Percy não tinha certeza do que o velho vidente quisera dizer sobre a história da família de Frank — o bisavô que teria destruído o acampamento, o ancestral argonauta e aquilo de a vida dele ser controlada por um graveto queimado. Mas era evidente que Frank ficara abalado. Percy decidiu não pedir explicações. Ele não queria ver o grandalhão reduzido a lágrimas, principalmente na frente de Hazel.

— Tenho uma ideia. — Percy apontou para a rua. — A harpia de penas vermelhas foi por ali. Vamos ver se conseguimos conversar com ela.

Hazel olhou para a comida em suas mãos.

— Você vai usar isso como isca?

— Está mais para uma oferenda de paz — explicou Percy. — Venham. Só tentem evitar que as outras harpias roubem isto aqui, está bem?

Percy destampou o macarrão tailandês e desembulhou o *burrito* de canela. Um vapor perfumado espalhou-se pelo ar. O trio percorreu a rua, Hazel e Frank

com as armas em punhos. As harpias vojavam atrás deles, empoleirando-se em árvores, caixas de correio e mastros de bandeiras, seguindo o cheiro de comida.

Percy ficou imaginando o que os mortais viam através da Névoa. Talvez pensassem que as harpias fossem pombos e as armas, tacos de lacrosse ou algo do gênero. Talvez achassem apenas que o macarrão tailandês com queijo fosse tão bom que precisasse de uma escolta armada.

Percy segurava com firmeza a comida. Ele vira a rapidez com que as harpias conseguiam agarrar coisas. Não queria perder sua oferenda de paz antes de encontrar a harpia de penas vermelhas.

Finalmente ele a avistou, voando em círculos sobre um trecho de um parque que se estendia ao longo de várias quadras entre fileiras de edifícios antigos de pedra. Pelo parque havia caminhos sob imensos olmos e bordos, passando por esculturas, bancos à sombra e áreas de recreação infantil. O lugar lembrava a Percy... algum outro parque. Talvez em sua cidade natal? Ele não conseguia se recordar, mas aquilo o fez sentir saudade de casa.

Eles atravessaram a rua e se sentaram em um banco ao lado de uma grande escultura de elefante feita de bronze.

— Parece Aníbal — comentou Hazel.

— Só que é chinês — observou Frank. — Minha avó tem um desses. — Ele se encolheu. — Quer dizer, o dela não tem quase quatro metros de altura. Mas ela importa coisas... da China. Somos chineses. — Ele olhou para Hazel e Percy, que se esforçavam muito para não rir. — Posso morrer de vergonha agora?

— Não se preocupe, cara — disse Percy. — Vamos ver se conseguimos fazer amizade com a harpia.

Ele ergueu o macarrão tailandês e deixou o cheiro se espalhar para cima — pimentas fortes e queijo delicioso. A harpia vermelha voou mais baixo.

— Não vamos machucar você — avisou Percy em um tom de voz normal. — Só queremos conversar. Macarrão tailandês em troca de uma chance de conversarmos, tudo bem?

A harpia desceu feito um raio vermelho e pousou na estátua do elefante.

Era dolorosamente magra. As pernas recobertas de penas pareciam gravetos. O rosto seria bonito, não fossem as faces encovadas. A harpia tinha os movimentos rápidos e espasmódicos típicos das aves, voltando os olhos cor de café incansavelmente para um lado e para o outro, cutucando a plumagem, os lobos das orelhas, os cabelos vermelhos desgrehados.

— Queijo — murmurou ela, olhando de lado. — Ella não gosta de queijo.

Percy hesitou.

— Seu nome é Ella?

— Ella. Aella. Harpia. Ella não gosta de queijo.

Isso tudo foi dito sem respirar ou fazer contato visual. As mãos pegavam o cabelo, o vestido de aniação, as gotas de chuva, tudo que se movia.

Mais rápido que um piscar de olhos, ela mergulhou, agarrou o *burrito* de canela e reapareceu em cima do elefante.

— Deuses, ela é rápida! — exclamou Hazel.

— E *muito* cheia de cafeína — deduziu Frank.

Ella cheirou o *burrito*. Mordiscou a ponta e estremeceu da cabeça aos pés, crocitando como se estivesse morrendo.

— Canela é bom — disse. — Bom para harpias. Nham.

Ela começou a comer, mas as harpias maiores voaram para cima dela. Antes que Percy pudesse reagir, elas começaram a bater em Ella com as asas, tentando pegar o *burrito*.

— Nnnnnnãooo. — Ella tentou se esconder debaixo das asas enquanto as irmãs a encurralavam, arranhando-a com as garras. — N-não — gaguejou. — N-n-não!

— Parem! — gritou Percy.

Ele e os amigos correram para ajudar, mas era tarde demais. Uma harpia amarela grande agarrou o *burrito* e o bando inteiro se dispersou, deixando Ella encolhida de medo e trêmula no alto do elefante.

Hazel tocou o pé da harpia.

— Sinto muito. Você está bem?

Ella tirou a cabeça de debaixo das asas. Ainda tremia. Como a harpia estava de ombros caídos, Percy pôde ver o ferimento que sangrava em suas costas, onde Fineu a acertara com o aparador de grama. Ela ficou mexendo nas penas, arrancando tufo da plumagem.

— E-Ella pequena — gaguejou a harpia, zangada. — E-Ella fraca. Nada de canela. Só queijo.

Frank olhou furioso para o outro lado da rua, onde as outras harpias se empoleiravam em um bordo, despedaçando o *burrito*.

— Vamos arrumar outra coisa para você — prometeu.

Percy pôs o macarrão tailandês no chão. Ele percebeu que Ella era diferente, mesmo para uma harpia. Mas, depois de vê-la sendo atacada, o menino tinha uma certeza: independentemente do que acontecesse, ele iria ajudá-la.

— Ella — disse Percy —, queremos ser seus amigos. Podemos conseguir mais comida para você, mas...

— Amigos — repetiu ela. — *Friends*. “Dez temporadas. 1994 a 2004.” — A harpia olhou de lado para Percy, e então virou-se para o alto e começou a recitar para as nuvens. — “Um meio-sangue, dos deuses antigos filho... Chegará aos dezesseis apesar de empecilhos.” Dezesseis. Você tem dezesseis anos. Página

dezesseis, *Dominando a arte da culinária francesa*. “Ingredientes: bacon, manteiga.”

Os ouvidos de Percy vibravam. Ele sentiu-se tonto, como se tivesse acabado de mergulhar a trinta metros de profundidade e voltado à superfície.

— Ella... O que você disse?

— “Bacon.” — A harpia pegou uma gota de chuva no ar. — “Manteiga.”

— Não, antes disso. Aqueles versos... Eu *conheço* aqueles versos.

Ao lado dele, Hazel estremeceu.

— Parece mesmo familiar, como... não sei, como uma profecia. Talvez algo que ela tenha ouvido Fineu dizer?

Ao ouvir o nome *Fineu*, Ella grasnou de pavor e fugiu voando.

— Espere! — chamou Hazel. — Eu não queria... Ah, deuses, como sou estúpida.

— Está tudo bem. — Frank apontou. — Olhe.

Ella agora não se deslocava tão rápido. Voou até o topo de um edifício de três andares feito de tijolos vermelhos e sumiu de vista no terraço. Uma única pena vermelha flutuou até o chão.

— Vocês acham que o ninho dela é ali? — Frank estreitou os olhos, tentando ler a placa no edifício. — Biblioteca de Multnomah County?

Percy assentiu.

— Vamos ver se está aberta.

Eles atravessaram a rua correndo e entraram no saguão.

Para Percy, uma biblioteca não teria sido a primeira opção de lugar para visitar. Com sua dislexia, já era bastante complicado ler placas. Um edifício inteiro cheio de livros? Parecia tão divertido quanto tortura aquática chinesa ou extração de dente.

Enquanto corriam pelo saguão, Percy imaginou que Annabeth gostaria desse lugar. Era espaçoso e bem-iluminado, com grandes janelas arqueadas. Livros e arquitetura, esses com certeza eram seus...

Ele parou de repente.

— Percy? — perguntou Frank. — O que foi?

Percy tentou desesperadamente se concentrar. De onde tinham vindo aqueles pensamentos? Arquitetura, livros... Annabeth o levava a uma biblioteca certa vez, em sua terra, em... em... A lembrança desapareceu. Percy deu um murro na lateral de uma estante.

— Percy? — chamou Hazel, delicadamente.

Ele estava tão zangado, tão frustrado com a memória perdida, que tinha vontade de socar outra estante, mas a expressão preocupada de seus amigos o trouxe de volta ao presente.

— Eu estou... estou bem — mentiu. — Só fiquei tonto por um segundo. Vamos achar um jeito de chegar ao terraço.

Levaram algum tempo, mas finalmente encontraram uma escada com acesso ao terraço. No topo havia uma porta com um alarme manual, mas alguém a deixara aberta com a ajuda de um exemplar de *Guerra e paz*.

Do lado de fora, a harpia Ella se aconchegava em um ninho de livros sob um abrigo improvisado de papelão.

Percy e os amigos avançaram lentamente, tentando não assustá-la. Ella não lhes deu nenhuma atenção. Mexia nas penas e murmurava entre os dentes, como se decorasse o texto de uma peça de teatro.

Percy chegou a um metro e meio de distância dela e se ajoelhou.

— Oi. Desculpe se assustamos você. Olhe, não tenho muita comida, mas...

Ele pegou um pouco da carne de sol macrobiótica do bolso. Ella deu um salto e a pegou imediatamente. Então se acomodou de volta no ninho, cheirando a carne, mas logo suspirou e a jogou fora.

— N-não é da mesa dele. Ella não pode comer. Triste. Carne de sol seria bom para harpias.

— Não é da... Ah, certo — falou Percy. — Faz parte da maldição. Vocês só podem comer a comida dele.

— Tem que haver uma maneira — disse Hazel.

— “Fotossíntese” — murmurou Ella. — “Substantivo. Biologia. A síntese de materiais orgânicos complexos.” “Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; foi a idade da sabedoria, foi a idade da tolice...”

— O que ela está dizendo? — sussurrou Frank.

Percy olhou o monte de livros à volta dela. Pareciam todos velhos e mofados. Alguns mostravam o preço escrito com marcador na capa, como se a biblioteca tivesse se livrado deles em uma queima de saldo.

— Ela está citando trechos de livros — deduziu Percy.

— *Almanaque do fazendeiro 1965* — recitou Ella. — “Comece a procriar animais, 26 de janeiro.”

— Ella — disse Percy —, você leu todos esses?

Ela piscou.

— Mais. Mais lá embaixo. Palavras. Palavras acalmam Ella. Palavras, palavras, palavras.

Percy pegou um livro qualquer — um exemplar estropiado de *Uma história das corridas de cavalos*.

— Ella, você se lembra do, hum, terceiro parágrafo da página sessenta e dois...

— “Secretariat” — disse Ella instantaneamente — “pagou três para dois na

Corrida de Kentucky de 1973, terminando com o histórico recorde de cento e cinquenta e nove e dois quintos.”

Percy fechou o livro. Suas mãos tremiam.

— Palavra por palavra.

— É impressionante — disse Hazel.

— Ela é uma galinha gênio — concordou Frank.

Percy se sentia inquieto. Estava começando a formar uma ideia terrível do motivo pelo qual Fineu queria capturar Ella, e não era porque ela o havia arranhado. Percy lembrou-se do verso que a harpia recitou: *Um meio-sangue, dos deuses antigos filho*. Tinha certeza que aquilo se referia a *ele*.

— Ella — disse Percy —, vamos encontrar uma forma de quebrar a maldição. Você gostaria disso?

— É impossível. “It’s impossible” — replicou ela. — “Gravado em inglês por Perry Como, 1970.”

— Nada é impossível — respondeu Percy. — Agora, olhe, vou dizer o nome dele. Você não precisa fugir. Vamos livrar você dessa maldição. Só precisamos descobrir uma forma de derrotar... Fineu.

Percy esperou que ela fugisse, mas a harpia limitou-se a sacudir a cabeça vigorosamente.

— N-n-não! Fineu, não. Ella é rápida. Rápida demais para ele. M-mas ele quer a-acorrentar Ella. Ele machuca Ella.

A harpia tentou alcançar o ferimento nas costas.

— Frank — disse Percy —, você tem suprimentos de primeiros socorros?

— É para já.

Frank pegou uma garrafa térmica cheia de néctar e explicou as propriedades curativas a Ella. Quando se aproximou, ela recuou e começou a gritar. Então Hazel tentou, e Ella deixou que lhe despejasse um pouco de néctar nas costas. O ferimento começou a fechar.

Hazel sorriu.

— Viu? Assim é melhor.

— Fineu é mau — insistiu Ella. — E aparadores de grama. E queijo.

— Com certeza — concordou Percy. — Não vamos deixá-lo machucar você outra vez. Mas precisamos arranjar um jeito de enganá-lo. Vocês harpias devem conhecê-lo melhor do que ninguém. É possível enganá-lo com algum truque?

— N-não — respondeu Ella. — Truques são para crianças. *Cinquenta truques para ensinar a seu cão*, de Sophie Collins, ligue para o número seis-três-seis...

— Certo, Ella — falou Hazel, com uma voz serena, como se tentasse acalmar um cavalo. — Mas Fineu tem alguma fraqueza?

— Cego. Ele é cego.

Frank revirou os olhos, mas Hazel continuou, paciente:

— Certo. Além disso?

— Azar — disse ela. — Jogos de azar. Dois para um. Pouca probabilidade. Paga ou desiste.

Percy se animou.

— Está dizendo que ele é um apostador?

— Fineu v-vê coisas grandes. Profecias. Destinos. Coisas dos deuses. Não coisas pequenas. Aleatórias. Empolgantes. E ele é cego.

Frank esfregou o queixo.

— Alguma ideia do que ela quer dizer?

Percy observou a harpia puxar o vestido de aniagem. Ele sentia muita pena dela, mas também estava começando a perceber o quanto era esperta.

— Acho que entendi — disse Percy. — Fineu vê o futuro. Ele sabe sobre um monte de acontecimentos importantes. Mas não pode ver as coisas pequenas... como ocorrências aleatórias, jogos de azar espontâneos. Isso faz com que apostar seja empolgante para ele. Se pudermos levá-lo a fazer uma aposta...

Hazel assentiu devagar.

— Quer dizer, se ele perder, precisa nos dizer onde Tânatos está. Mas o que podemos apostar? Que tipo de jogo fazemos?

— Algo simples, com um prêmio grande — respondeu Percy. — Tipo duas escolhas. Uma, você vive, a outra, você morre. E o prêmio tem que ser algo que Fineu deseje... quer dizer, além de Ella. Isso está fora de questão.

— Visão — murmurou Ella. — Visão é bom para cegos. Cura... Não, não. Gaia não fará isso por Fineu. Gaia mantém Fineu c-cego, dependente de Gaia. É.

Frank e Percy trocaram um olhar significativo.

— Sangue de górgona — disseram eles simultaneamente.

— O quê? — perguntou Hazel.

Frank pegou os dois frascos de cerâmica que ele havia recolhido no Pequeno Tibre.

— Ella é um gênio — disse. — A menos que morramos.

— Não se preocupe com isso — falou Percy. — Eu tenho um plano.

XXVIII

PERCY

O VELHO ESTAVA EXATAMENTE ONDE eles o haviam deixado, no meio do estacionamento de furgões-lanchonetes. Sentado no banco da mesa de armar com as pantufas de coelhinho para cima, Fineu comia um prato de *shish kebabs* gordurosos. O aparador de grama estava a seu lado. O roupão de banho tinha manchas de molho de churrasco.

— Bem-vindos de volta! — saudou ele alegremente. — Ouço a vibração de asinhas nervosas. Trouxeram minha harpia?

— Ela está aqui — disse Percy. — Mas não é sua.

Fineu lambeu a gordura dos dedos. Seus olhos leitosos pareceram se fixar em um ponto logo acima da cabeça de Percy.

— Já vi tudo... Bem, na verdade, sou cego, então *não* vi. Vocês vieram me matar, não é? Se assim for, boa sorte em sua missão.

— Vim fazer uma aposta.

O velho contorceu a boca. Ele pôs de lado o prato de espetinhos e se inclinou na direção de Percy.

— Uma aposta... Que interessante. Informação em troca da harpia? O vencedor leva tudo?

— Não — respondeu Percy. — A harpia não faz parte da aposta.

Fineu riu.

— Verdade? Talvez vocês não tenham entendido o valor dela.

— Ela é uma pessoa — disse Percy. — Não está à venda.

— Ah, por favor! Vocês são do acampamento romano, não é? Roma foi *construída* com base na escravidão. Não me venham com lições de moral. Além disso, ela nem é humana. É um monstro. Um espírito do vento. Uma lacaia de Júpiter.

Ella grasnou. Levá-la até o estacionamento já havia sido um desafio enorme, mas agora ela começava a recuar, murmurando:

— “Júpiter. Hidrogênio e hélio. Sessenta e três satélites.” Nenhum lacaio. Não.

Hazel passou o braço em torno das asas de Ella. Aparentemente a menina era a única que podia tocar a harpia sem provocar gritos e contorções.

Frank permaneceu ao lado de Percy. Ele mantinha a lança preparada, como se o velho fosse atacá-los.

Percy apanhou os frascos de cerâmica.

— Quero fazer uma aposta diferente. Temos dois frascos de sangue de górgona. Um mata. O outro cura. Parecem exatamente iguais. Nem nós sabemos qual é qual. Se você escolher o certo, ficará curado da cegueira.

Fineu estendeu as mãos avidamente.

— Deixe-me senti-los. Deixe-me cheirá-los.

— Calma aí — disse Percy. — Primeiro você tem que concordar com os termos da aposta.

— Termos... — A respiração de Fineu estava acelerada. Percy podia ver que ele estava ansioso para aceitar a oferta. — Profecia e visão... Eu seria invencível. Poderia ser *dono* desta cidade. Construiria meu palácio aqui, cercado por furgões-lanchonetes. Eu poderia capturar aquela harpia pessoalmente!

— N-não — disse Ella, nervosa. — Não, não, não.

É difícil dar uma risada de vilão quando se está de pantufas cor-de-rosa de coelhinho, mas Fineu fez o melhor que pôde.

— Muito bem, semideus. Quais são seus termos?

— Você escolhe um frasco — disse Percy. — Não pode abri-los nem cheirar antes de escolher.

— Isso não é justo! Eu sou cego.

— E eu não tenho seu olfato — argumentou Percy. — Você pode segurar os frascos. E eu juro pelo Rio Estige que eles são idênticos. São exatamente o que eu lhe disse: sangue de górgona, um frasco do lado esquerdo do monstro, outro do direito. E juro que nenhum de nós sabe qual é qual.

Percy olhou para Hazel.

— Hum, você é nossa especialista em Mundo Inferior. Com toda essa situação esquisita em relação à Morte, um juramento pelo Rio Estige ainda é um compromisso?

— Sim — disse ela, sem hesitação. — Quebrar um juramento assim... Bem, não faça isso. Existem coisas piores que a morte.

Fineu alisou a barba.

— Então eu escolho que frasco beber. Você tem que beber o outro. Juramos

beber ao mesmo tempo.

— Certo — concordou Percy.

— O perdedor morre, obviamente — continuou Fineu. — Esse tipo de veneno provavelmente impediria que até mesmo *eu* voltasse à vida... Por muito tempo, pelo menos. Minha essência se espalharia e se degradaria. Portanto, estou arriscando bastante.

— Mas, se vencer, você fica com tudo — disse Percy. — Se eu morrer, meus amigos juram deixá-lo em paz e não se vingar. Você terá sua visão de volta, algo que nem Gaia quer lhe dar.

A expressão do velho azedou. Percy pôde perceber que havia tocado em uma ferida. Fineu queria ver. Por mais ajuda que tivesse recebido de Gaia, ele se ressentia de ainda ser mantido no escuro.

— Se eu perder — disse o velho —, estarei morto, incapaz de lhes dar informações. De que forma isso ajuda vocês?

Percy ficou feliz por ter conversado sobre isso antes com os amigos. Frank havia sugerido a resposta.

— Você escreve a localização do covil de Alcioneu de antemão — respondeu Percy. — Guarde consigo, mas jure pelo Rio Estige que a informação é específica e precisa. Você também tem que jurar que, se perder e morrer, as harpias estarão livres da maldição delas.

— A aposta é alta — resmungou Fineu. — Você está enfrentando a morte, Percy Jackson. Não seria mais simples entregar a harpia?

— Essa não é uma opção.

Fineu sorriu lentamente.

— Então você *está* começando a entender o valor dela. Quando eu recuperar minha visão, vou capturá-la pessoalmente, sabe? Quem tiver o controle dessa harpia... bem, eu já fui rei. Essa aposta pode me fazer voltar a ser um.

— Você está colocando a carroça na frente dos bois — disse Percy. — Temos um trato?

Fineu bateu no nariz, pensativo.

— Não posso prever o resultado. É irritante como isso funciona. Uma aposta completamente inesperada... o futuro fica turvo. Mas posso lhe dizer uma coisa, Percy Jackson... um conselho gratuito. Se você sobreviver ao dia de hoje, não vai gostar de seu futuro. Há um grande sacrifício pela frente, e você não terá a coragem de fazê-lo. Isso vai lhe custar muitíssimo. Vai custar muitíssimo ao *mundo*. Talvez seja mais fácil você escolher o veneno.

Percy sentiu na boca o gosto do chá verde azedo de Íris. Ele queria acreditar que o velho estava apenas tentando assustá-lo, mas algo lhe dizia que a previsão era verdadeira. Ele lembrou-se do aviso de Juno quando ele escolhera ir para o

Acampamento Júpiter: Sentirá dor, aflição e privação com mais intensidade do que jamais sentira. Mas talvez tenha a chance de salvar seus antigos amigos e sua família.

Nas árvores que circundavam o estacionamento as harpias reuniram-se para assistir, como se pressentissem o que havia em jogo. Frank e Hazel observaram o rosto de Percy, preocupados. Ele lhes assegurara que a situação não era tão ruim quanto cinquenta por cento de chance. Ele *tinha* um plano. Naturalmente, o tiro poderia sair pela culatra. Sua chance de sobrevivência poderia ser de cem por cento — ou de zero. Ele não mencionara isso.

— Temos um trato? — repetiu Percy.

Fineu sorriu.

— Juro pelo Rio Estige respeitar os termos que você acaba de descrever. Frank Zhang, você descende de um argonauta. Confio em sua palavra. Se eu ganhar, você e sua amiga Hazel juram me deixar em paz e não tentar se vingar?

As mãos de Frank apertavam com tanta força a lança de ouro que Percy pensou que ela fosse quebrar, mas o menino conseguiu grunhir:

— Juro pelo Rio Estige.

— Eu também juro — disse Hazel.

— Juro — murmurou Ella. — “Não jures pela lua, essa inconstante.”

Fineu riu.

— Nesse caso, encontre algo para eu escrever. Vamos começar.

*

Frank pegou emprestado um guardanapo e uma caneta com o vendedor de um dos furgões-lanchonetes. Fineu rabiscou algo no guardanapo e o colocou no bolso de seu roupão.

— Juro que esta é a localização do covil de Alcioneu. Não que você vá viver o suficiente para saber.

Percy sacou a espada e empurrou toda a comida da mesa. Fineu sentou-se de um lado. Percy, do outro.

Fineu estendeu a mão.

— Deixe-me tocar os frascos.

Percy olhou para as colinas ao longe. Ele imaginou o rosto sombreado de uma mulher adormecida. Dirigiu os pensamentos para o chão e torceu para que a deusa estivesse ouvindo.

Pois bem, Gaia, disse ele. Estou pagando para ver. Você diz que sou um peão

valioso. Diz que tem planos para mim e que vai me poupar até eu chegar ao norte. Quem é mais valioso para você: eu ou este velho? Porque um de nós está prestes a morrer.

Fineu curvou os dedos como se tentasse segurar algo.

— Está perdendo a coragem, Percy Jackson? Deixe-me segurá-los.

Percy entregou-lhe os frascos.

O velho comparou o peso de ambos. Correu os dedos ao longo das superfícies de cerâmica. Em seguida, pousou os dois na mesa e apoiou a mão levemente em cada um. Um tremor percorreu o chão — um terremoto brando, o suficiente apenas para fazer Percy bater os dentes. Ella crocitou, nervosa.

O frasco da esquerda pareceu tremer ligeiramente mais que o da direita.

Fineu sorriu, malicioso, e fechou os dedos em torno do frasco da esquerda.

— Você foi tolo, Percy Jackson. Eu escolho este. Agora, bebamos.

Percy pegou o frasco da direita. Ele batia os dentes.

O velho ergueu seu frasco.

— Um brinde aos filhos de Netuno.

Ambos destamparam os frascos e beberam.

Imediatamente, Percy se dobrou, com a garganta queimando. Sentiu na boca o gosto de gasolina.

— Ah, deuses — disse Hazel atrás dele.

— Não! — exclamou Ella. — Não, não, não.

A visão de Percy ficou turva. Ele conseguia ver Fineu sorrindo em triunfo, sentando-se mais ereto, piscando os olhos cheio de expectativa.

— Sim! — gritou ele. — A qualquer momento agora minha visão irá retornar!

Percy fez uma escolha errada. Fora estúpido ao correr tamanho risco. Tinha a sensação de que cacos de vidro abriam caminho por seu estômago, entrando em seus intestinos.

— Percy! — Frank agarrou-o pelos ombros. — Percy, você não pode morrer!

Ele arquejou, tentando respirar... E de repente sua visão clareou.

No mesmo momento, Fineu dobrou-se para a frente como se tivesse levado um soco.

— Você... você não pode! — uivou o velho. — Gaia, você... você...

Ele se ergueu, cambaleando, e se afastou aos tropeços da mesa, agarrando o estômago.

— Eu sou valioso demais!

De sua boca começou a sair fumaça. Um vapor amarelo doentio saía de seus ouvidos, da barba, dos olhos cegos.

— Injusto! — gritou ele. — Você me enganou!

Ele tentou pegar o pedaço de papel no bolso do roupão, mas suas mãos se

desintegraram, seus dedos se transformaram em areia.

Percy ergueu-se, tonto. Não se sentia *curado* de nada em particular. Sua memória não havia retornado num passe de mágica. Mas a dor tinha cessado.

— Ninguém enganou você — disse Percy. — Você fez sua escolha livremente, e exijo que cumpra seu juramento.

O rei cego uivou em agonia. Ele girou sem sair do lugar, soltando vapor e lentamente se desintegrando, até que não restou nada além de um roupão de banho velho e manchado e um par de pantufas de coelhinhos.

— Estes são os despojos de guerra mais nojentos *que já existiram* — disse Frank.

Uma voz de mulher falou na mente de Percy. *Uma aposta, Percy Jackson.* Era um sussurro sonolento, com apenas um toque de admiração relutante. *Você me forçou a escolher, e você é mais importante para meus planos que o velho vidente. Mas não abuse da sorte. Quando chegar a hora de sua morte, prometo que ela será muito mais dolorosa que o sangue de górgona.*

Hazel cutucou o roupão com sua espada. Não havia nada embaixo dele — nenhum sinal de que Fineu estivesse tentando se reconstituir. Ela olhou para Percy, assombrada.

— Ou esse foi o ato mais corajoso que eu já vi ou o mais estúpido.

Frank sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Percy, como você sabia? Você estava tão confiante de que ele escolheria o veneno.

— Gaia — disse Percy. — Ela *quer* que eu chegue ao Alasca. Ela acha... não tenho certeza. Ela pensa que pode me usar como parte de seu plano. Ela influenciou Fineu para que ele escolhesse o frasco errado.

Frank olhou, horrorizado, para os restos do velho.

— Gaia preferia matar o próprio servo em vez de você? Era essa sua aposta?

— Planos — murmurou Ella. — Planos e intrigas. A senhora no chão. Grandes planos para Percy. Carne de sol macrobiótica para Ella.

Percy entregou-lhe a sacola inteira de carne de sol e ela gritou de alegria.

— Não, não, não — murmurou ela, meio cantando. — Fineu, não. Comida e palavras para Ella, sim.

Percy agachou-se junto ao roupão e puxou o bilhete do bolso. Ali estava escrito: *geleira hubbard*.

Todo esse risco por duas palavras. Ele entregou o papel a Hazel.

— Eu sei onde isso fica — falou ela. — É um lugar bastante conhecido. Mas temos um caminho muito, muito longo pela frente.

Nas árvores em torno do estacionamento, as outras harpias finalmente superaram o choque. Elas grasnaram, cheias de entusiasmo, e voaram para os

furgões-lanchonetes mais próximos, mergulhando através das janelas dos balcões e invadindo as cozinhas. Os cozinheiros gritaram em muitas línguas. Furgões sacolejavam de um lado para o outro. Penas e caixas de alimentos voavam por todos os cantos.

— É melhor voltarmos para o barco — disse Percy. — Nosso tempo está se esgotando.

XXIX

HAZEL

MESMO ANTES DE SUBIR NO barco Hazel já se sentia enjoada.

Ela não parava de pensar em Fineu e no vapor saindo de seus olhos, as mãos se transformando em pó. Percy havia assegurado que ela não era como Fineu. Mas ela *era*. E tinha feito algo ainda pior que atormentar harpias.

Você começou isso tudo!, dissera Fineu. *Não fosse você, Alcioneu não estaria vivo!*

Enquanto o barco navegava rapidamente pelo Rio Colúmbia, Hazel tentou deixar o assunto de lado. A menina ajudou Ella a fazer um ninho com livros e revistas velhos que haviam apanhado na caixa de reciclagem da biblioteca.

Na realidade, eles não haviam planejado levar a harpia junto, mas Ella agiu como se o assunto estivesse decidido.

— Amigos, *Friends* — murmurou. — “Dez temporadas. 1994 a 2004.” Amigos dissolveram Fineu e deram carne de sol a Ella. Ella vai com seus amigos.

Agora ela se acomodava confortavelmente na popa, beliscando pedaços de carne de sol e recitando versos quaisquer de Charles Dickens e de *Cinquenta truques para ensinar a seu cão*.

Percy ajoelhou-se na proa, conduzindo-os na direção do oceano com seus estranhos poderes mentais de controle da água. Hazel sentava-se ao lado de Frank no banco do centro, os ombros se tocando, o que a fazia sentir-se nervosa como uma harpia.

Ela se lembrava de como Frank a defendera em Portland, gritando: “Ela é uma pessoa boa!”, como se estivesse pronto para enfrentar qualquer um que dissesse o contrário.

Lembrava-se dele na colina em Mendocino, sozinho em uma clareira de mato

envenenado, empunhando a lança, com fogo queimando a seu redor e as cinzas de três basiliscos a seus pés.

Uma semana antes, se alguém tivesse sugerido que Frank era filho de Marte, Hazel teria achado graça. Frank era doce e gentil demais para isso. A menina sempre tivera um senso de proteção em relação a Frank por ele ser desajeitado e ter uma tendência a se meter em encrencas.

Desde que deixaram o acampamento, Hazel o via de modo diferente. Frank era mais corajoso do que ela havia se dado conta. Era ele que tomava conta *dela*. E Hazel precisava admitir que a mudança até que era agradável.

O rio alargou-se, desembocando no oceano. O *Pax* virou rumo ao norte. Enquanto navegavam, Frank a animava contando piadas bobas — *Por que o Minotauro atravessou a rua? Quantos faunos são necessários para trocar uma lâmpada?* — e apontando edifícios ao longo da costa que o faziam se lembrar de lugares em Vancouver.

O céu começou a escurecer, o mar assumindo o mesmo tom ferruginoso das asas de Ella. O dia vinte e um de junho estava praticamente acabado. O Festival de Fortuna aconteceria à noite, dali a exatas setenta e duas horas.

Finalmente Frank tirou comida de sua sacola — refrigerantes e *muffins* que ele havia recolhido da mesa de Fineu — e a distribuiu.

— Está tudo bem, Hazel — disse ele baixinho. — Minha mãe costumava dizer que ninguém devia tentar carregar um problema sozinho. Mas, se você não quiser falar, está tudo bem.

Hazel respirou fundo, hesitante. Tinha medo de falar — não só porque sentia vergonha, mas porque não queria ter outro blecaute e deslizar para o passado.

— Você estava certo — disse — quando adivinhou que eu vinha do Mundo Inferior. Eu... eu sou uma *foragida*. Não deveria estar viva.

Foi como se uma represa tivesse se rompido. A história jorrou. Ela explicou como a mãe havia invocado Plutão e se apaixonado pelo deus. Explicou o desejo da mãe por todas as riquezas da terra, e como isso havia se transformado na maldição de Hazel. Descreveu sua vida em Nova Orleans — tudo, exceto o namorado Sammy. Olhando para Frank, Hazel não teve coragem de falar dele.

Ela descreveu a Voz, e como Gaia havia dominado a mente da mãe lentamente. Falou da mudança delas para o Alasca, de como ela havia ajudado a erguer o gigante Alcioneu, e de como ela morrera, afundando a ilha na Baía Resurrection.

Hazel sabia que Percy e Ella estavam ouvindo, mas se dirigia principalmente a Frank. Quando terminou, teve medo de olhar para ele. Esperou que Frank se afastasse dela, que lhe dissesse que, afinal, ela *era* mesmo um monstro.

Em vez disso, ele pegou sua mão.

— Você se sacrificou para impedir o gigante de acordar. Eu nunca seria tão corajoso assim.

Ela sentiu o pulso latejando em seu pescoço.

— Não foi coragem. Deixei minha mãe morrer. Cooperei com Gaia por tempo demais. Quase a deixei vencer.

— Hazel — disse Percy —, você enfrentou uma deusa sozinha. Você fez a coisa... — Sua voz falhou, como se algo desagradável tivesse lhe ocorrido. — O que aconteceu no Mundo Inferior... quer dizer, depois que você morreu? Você deveria ter ido para o Elísio. Mas se Nico a trouxe de volta...

— Eu não fui para o Elísio. — Sua boca parecia seca como areia. — Por favor, não pergunte...

Mas era tarde demais. Ela lembrou-se de sua descida para a escuridão, sua chegada às margens do Rio Estige, e sua consciência começou a escapar.

— Hazel? — chamou Frank.

— Deslizando para longe — murmurou Ella. — “Slip Sliding Away”. Número cinco na lista dos *singles* mais tocados. Paul Simon. Frank, vá com ela. O macaco mandou Frank ir com ela.

Hazel não tinha a menor ideia sobre o que Ella estava falando, mas sua visão escureceu enquanto ela se agarrava à mão de Frank.

Havia voltado ao Mundo Inferior, e dessa vez Frank estava a seu lado.

*

Encontravam-se no barco de Caronte, atravessando o Estige. Havia lixo rodopiando nas águas escuras — uma bola de aniversário esvaziada, uma chupeta de criança, um casal de noivinhos de plástico de cima de um bolo —, tudo vestígios de vidas humanas interrompidas.

— O-onde estamos? — disse Frank ao lado dela, tremeluzindo com uma luz roxa fantasmagórica, como se houvesse se transformado em um Lar.

— É meu passado. — Hazel sentia-se estranhamente calma. — É só um eco. Não se preocupe.

O barqueiro virou-se e sorriu. Em um momento ele era um belo africano usando um terno caro de seda. No instante seguinte, era um esqueleto usando um manto escuro.

— Claro que você não deve se preocupar — disse ele com sotaque britânico. Dirigia-se a Hazel, como se não pudesse ver Frank. — Eu disse que a levaria até o outro lado, não foi? Tudo bem se não tiver uma moeda. Não seria apropriado

deixar a filha de Plutão do lado errado do rio.

O barco deslizou para uma praia escura. Hazel levou Frank para os portões negros de Érebo. Os espíritos abriam caminho para eles, sentindo que aquela era a filha de Plutão. Cérbero, o cão gigante de três cabeças, rosnou na penumbra, mas deixou-os passar. Do lado de dentro dos portões, eles seguiram para um grande pavilhão e se postaram diante da bancada dos juízes. Três figuras de toga preta com máscaras douradas olhavam de cima para Hazel.

Frank gemeu.

— Quem...?

— Eles decidirão meu destino — disse ela. — Observe.

Exatamente como antes, os juízes não lhe fizeram qualquer pergunta. Eles simplesmente olharam dentro de sua mente, arrancando pensamentos de sua cabeça e examinando-os como uma coleção de fotos antigas.

— Frustrou Gaia — disse o primeiro juiz. — Evitou que Alcioneu acordasse.

— Mas foi ela quem ergueu o gigante — argumentou o segundo juiz. — Culpada de covardia, fraqueza.

— Ela é jovem — disse o terceiro juiz. — A vida da mãe estava em jogo.

— Minha mãe. — Hazel criou coragem para falar. — Onde ela está? Qual o destino dela?

Os juízes a contemplaram, suas máscaras douradas congeladas em sorrisos assustadores.

— Sua mãe...

A imagem de Marie Levesque tremeluziu acima dos juízes. Ela estava congelada no tempo, de olhos bem fechados, abraçando Hazel enquanto a caverna ruía.

— Uma questão interessante — apontou o segundo juiz. — A divisão da culpa.

— Sim — concordou o primeiro juiz. — A criança morreu por uma causa nobre. Ela evitou muitas mortes ao retardar a ascensão do gigante. Teve a coragem de se opor ao poder de Gaia.

— Mas agiu tarde demais — argumentou o terceiro juiz, com tristeza. — É culpada por favorecer uma inimiga dos deuses.

— A mãe a influenciou — disse o primeiro juiz. — A criança pode ir para o Elísio. Punição Eterna para Marie Levesque.

— Não! — gritou Hazel. — Não, por favor! Isso não é justo.

Os juízes inclinaram a cabeça ao mesmo tempo. Máscaras de ouro, pensou Hazel. O ouro sempre foi amaldiçoado para mim. Ela se perguntou se o ouro estaria de alguma forma envenenando os pensamentos dos juízes, de modo que eles nunca lhe dessem um julgamento justo.

— Cuidado, Hazel Levesque — advertiu o primeiro juiz. — Você assumiria toda a responsabilidade? Você pode colocar essa culpa na alma de sua mãe. Seria razoável. Você estava destinada a grandes atos. Sua mãe desviou seu caminho. Veja o que você poderia ter sido...

Outra imagem surgiu acima dos juízes. Hazel se viu como uma garotinha, sorrindo, as mãos cobertas de tinta. A imagem envelheceu. Hazel se viu crescendo — o cabelo ficou mais longo, os olhos, mais tristes. Ela se reconheceu em seu aniversário de treze anos, cavalgando pelos campos no cavalo emprestado. Sammy ria enquanto corria atrás dela: *Do que você está fugindo? Eu não sou tão feio assim, sou?* Viu-se no Alasca, descendo a rua Três na neve e na escuridão, voltando da escola para casa.

A seguir a imagem envelheceu ainda mais. Hazel viu-se aos vinte anos. Estava muito parecida com a mãe, o cabelo preso atrás em tranças, os olhos dourados claramente divertidos. Ela usava um vestido branco — um vestido de casamento? Sorria com tanto afeto que Hazel soube instintivamente que devia estar olhando para alguém especial — alguém que ela amava.

A visão não a fez sentir-se amarga. Nem sequer se perguntou com quem teria se casado. Em vez disso, pensou: *Minha mãe poderia ter sido assim se tivesse se libertado de sua raiva, se Gaia não a houvesse corrompido.*

— Você perdeu essa vida — declarou o primeiro juiz, simplesmente. — Circunstâncias especiais. Elísio para você. Punição para sua mãe.

— Não — disse Hazel. — Não, não foi tudo culpa dela. Ela foi enganada. Ela me *amava*. No fim, tentou me proteger.

— Hazel — sussurrou Frank. — O que está fazendo?

Ela apertou a mão dele, pedindo que ele ficasse em silêncio. Os juízes não deram nenhuma atenção a Frank.

Por fim o segundo juiz suspirou.

— Sem decisão. Não foi tão boa. Nem tão má.

— A culpa deve ser dividida — concordou o primeiro juiz. — Ambas as almas serão despachadas aos Campos de Asfódelos. Sinto muito, Hazel Levesque. Você poderia ter sido uma heroína.

Hazel atravessou o pavilhão, entrando em campos amarelos que se estendiam infinitamente. Ela conduziu Frank por uma multidão de espíritos até um bosque de choupos pretos.

— Você abriu mão do Elísio — disse Frank, perplexo — para que sua mãe não sofresse?

— Ela não merecia os Campos da Punição — falou Hazel.

— Mas... o que acontece agora?

— Nada — respondeu Hazel. — Nada... por toda a eternidade.

Eles vagaram sem destino. Os espíritos à sua volta emitiam sons parecidos com os de morcegos — perdidos e confusos, sem se lembrar do passado ou mesmo de seus nomes.

Hazel lembrava-se de tudo. Talvez fosse por ela ser filha de Plutão, mas Hazel nunca se esqueceu de quem era ou do motivo por que estava ali.

— Lembrar fez com que minha pós-vida fosse mais difícil — contou ela a Frank, que ainda flutuava a seu lado como um brilhante Lar roxo. — Tantas vezes tentei ir até o palácio de meu pai... — Ela apontou para um grande castelo negro ao longe. — Nunca consegui alcançá-lo. Não posso deixar os Campos de Asfódelos.

— Você voltou a ver sua mãe?

Hazel balançou a cabeça.

— Ela não me conheceria, mesmo que eu pudesse encontrá-la. Esses espíritos... para eles, é como um sonho eterno, um transe sem fim. Isso foi o melhor que pude fazer por ela.

O tempo era irrelevante, mas depois de uma eternidade ela e Frank sentaram-se sob um choupo preto, ouvindo os gritos que vinham dos Campos da Punição. Ao longe, sob a luz solar artificial do Elísio, as Ilhas dos Abençoados cintilavam como esmeraldas em um brilhante lago azul. Velas brancas cortavam a água, e as almas de grandes heróis se deleitavam nas praias em felicidade perpétua.

— Você não merecia os Asfódelos — protestou Frank. — Você devia estar com os heróis.

— Isto é somente um eco — disse Hazel. — Nós vamos acordar, Frank. Só *parece* uma eternidade.

— Não é essa a questão! — objetou ele. — Privaram-na de sua vida. Você ia crescer e se tornar uma mulher linda. Você...

O rosto de Frank adquiriu um tom mais escuro de roxo.

— Você ia se casar com alguém — disse ele baixinho. — Ia ter uma vida boa. Você perdeu tudo isso.

Hazel reprimiu um soluço. Não fora tão difícil assim da primeira vez em Asfódelos, quando ela estava sozinha. Estar com Frank ali a fazia se sentir muito mais triste. Mas estava determinada a não ficar com raiva por causa de seu destino.

Hazel pensou naquela imagem de si mesma adulta, sorrindo e apaixonada. Ela sabia que não seria preciso muita amargura para azedar sua expressão e deixá-la exatamente igual a Queen Marie. *Eu mereço mais*, sua mãe sempre dizia. Hazel não podia se permitir sentir-se daquela maneira.

— Lamento, Frank — disse ela. — Acho que sua mãe estava errada. Às vezes, partilhar um problema não faz com que seja mais fácil suportá-lo.

— Faz, sim. — Frank enfiou a mão no bolso do casaco. — Na verdade... como temos a eternidade para conversar, eu queria lhe contar algo.

Ele tirou do bolso um objeto envolto em tecido, mais ou menos do mesmo tamanho de um par de óculos. Quando Frank o desenrolou, Hazel viu um pedaço de lenha parcialmente queimado, brilhando com uma luz roxa.

Ela franziu a testa.

— O que é... — Então a verdade a atingiu, fria e agressiva como uma rajada de vento no inverno. — Fineu disse que sua vida dependia de um graveto queimado...

— É verdade — afirmou Frank. — Esta é minha tábua de salvação, literalmente.

Frank lhe falou de como a deusa Juno havia aparecido quando ele era bebê, como a avó tinha tirado o pedaço de madeira da lareira.

— Minha avó disse que eu possuía dons... algum talento que herdamos de nosso ancestral, o argonauta. Isso, e o fato de meu pai ser Marte... — Ele deu de ombros. — Supostamente sou poderoso demais, ou algo assim. É por isso que minha vida pode se consumir tão facilmente. Íris disse que eu morreria segurando isto, vendo-o queimar.

Frank virou o pedaço de lenha nos dedos. Mesmo em sua forma roxa espectral, ele parecia muito grande e robusto. Hazel imaginou que ele seria imenso quando fosse adulto — com a força e a saúde de um touro. Não conseguia acreditar que a vida dele dependesse de algo tão pequeno quanto um graveto.

— Frank, como você pode carregá-lo por aí? — perguntou ela. — Você não morre de medo de que algo aconteça com ele?

— É por isso que estou contando para você. — Ele estendeu o pedaço de lenha. — Sei que é pedir muito, mas você o guardaria para mim?

Hazel virou a cabeça de repente. Até agora ela aceitara a presença de Frank em seu blecaute. Ela o levava consigo pelo caminho, repetindo, indiferente, seu passado, porque achava que seria justo lhe mostrar a verdade. Mas agora Hazel se perguntava se Frank estava de fato vivenciando isso também ou se ela apenas imaginava sua presença. Por que Frank confiaria sua vida a ela?

— Frank — disse —, você *sabe* quem eu sou. Sou filha de Plutão. Tudo que eu toco dá errado. Por que você confiaria em mim?

— Você é minha melhor amiga. — Frank colocou a madeira nas mãos dela. — Confio mais em você que em qualquer outra pessoa.

Hazel queria lhe dizer que ele estava cometendo um erro. Queria lhe devolver aquela madeira. Mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, uma sombra os cobriu.

— Nossa carona chegou — adivinhou Frank.

Hazel quase havia esquecido que estava revivendo o passado. Nico di Angelo estava em pé diante dela com o sobretudo negro, a espada de ferro estígio ao lado do corpo. Ele não notou Frank, mas cravou os olhos nos de Hazel e pareceu ler toda a vida dela.

— Você é diferente — afirmou. — Uma filha de Plutão. Você se lembra do passado.

— Sim — respondeu Hazel. — E você está vivo.

Nico a observou como se lesse um cardápio, decidindo se fazia o pedido.

— Eu sou Nico di Angelo — disse ele. — Vim procurar minha irmã. A Morte está desaparecida, então pensei... pensei que eu poderia trazê-la de volta e ninguém perceberia.

— De volta à vida? — indagou Hazel. — Isso é possível?

— Deveria ser. — Nico suspirou. — Mas ela se foi. Escolheu renascer em uma nova vida. Cheguei tarde demais.

— Sinto muito.

Ele estendeu a mão.

— Você também é minha irmã. Merece outra chance. Venha comigo.

XXX

HAZEL

— **H**AZEL. — **P**ERCY SACUDIA-LHE O OMBRO. — **A**CORDE. Chegamos a Seattle.

Ela sentou-se tonta, estreitando os olhos por causa da luz do sol da manhã.

— Frank?

Frank grunhiu, esfregando os olhos.

— Nós acabamos de... eu acabei de...?

— Vocês dois apagaram — contou Percy. — Não sei por quê, mas Ella me disse para não me preocupar. Disse que vocês estavam... compartilhando?

— Compartilhando — concordou Ella. Encontrava-se agachada na popa, alisando as penas das asas com os dentes, o que não parecia uma forma muito eficaz de higiene pessoal. Ela cuspiu um pouco de penugem vermelha. — Compartilhar é bom. Nada mais de blecautes. Maior blecaute dos Estados Unidos, 14 de agosto de 2003. Hazel compartilhou. Nada mais de blecautes.

Percy coçou a cabeça.

— Sim... tivemos conversas assim a noite toda. Ainda não sei do que ela está falando.

Hazel levou a mão ao bolso do casaco. Podia sentir o pedaço de lenha, enrolado em tecido.

Ela olhou para Frank.

— Você *estava* lá.

Ele assentiu. Não disse nada, mas sua expressão era clara: falara a sério. Queria que ela protegesse o pedaço de madeira. Ela não sabia se devia se sentir honrada ou apavorada. Ninguém jamais lhe confiara nada tão importante.

— Espere — disse Percy. — Quer dizer que vocês dois *compartilharam* um blecaute? A partir de agora vocês dois vão apagar?

— Não — respondeu Ella. — Não, não, não. Nada mais de blecautes. Mais

livros para Ella. Livros em Seattle.

Hazel olhou atentamente para a água ao redor. Eles atravessavam uma grande baía, encaminhando-se a um conjunto de edifícios no centro de uma cidade. Bairros ocupavam diversas colinas. Da colina mais alta erguia-se uma estranha torre branca com um disco no alto, como uma espaçonave dos filmes antigos de Flash Gordon que Sammy adorava.

Nada mais de blecautes?, pensou Hazel. Depois de suportá-los por tanto tempo, a ideia parecia boa demais para ser verdade.

Como Ella podia ter certeza de que eles haviam acabado? E, no entanto, Hazel *sentia-se* diferente... mais firme, como se não estivesse mais tentando viver em duas épocas diferentes. Todos os músculos em seu corpo começaram a relaxar. Era como se finalmente ela tivesse tirado um casaco de chumbo que usara durante meses. De alguma forma, ter Frank consigo durante o blecaute ajudara. Ela havia revivido todo o passado, até chegar ao presente. Agora, só precisava se preocupar com o futuro, partindo do princípio de que ela *possuía* um.

Percy conduziu o barco na direção das docas no centro da cidade. À medida que se aproximavam, Ella arranhava seu ninho de livros, nervosa.

Hazel também começou a se sentir inquieta. Não sabia por quê. Era um dia claro, ensolarado, e Seattle parecia ser bonita, com suas enseadas e pontes, ilhas arborizadas na baía e montanhas com picos nevados elevando-se ao longe. Ainda assim, Hazel tinha a impressão de que estava sendo observada.

— Hum... por que estamos parando aqui? — perguntou.

Percy mostrou a eles o anel de prata em seu colar.

— Reyna tem uma irmã aqui. Ela me pediu que a encontrasse e mostrasse isto.

— Reyna tem uma *irmã*? — perguntou Frank, como se a ideia o aterrorizasse.

Percy assentiu.

— Parece que Reyna acredita que a irmã poderia enviar ajuda para o acampamento.

— Amazonas — murmurou Ella. — Terra de Amazonas. Hum. Ella prefere procurar bibliotecas. Não gosta de Amazonas. Ferozes. Escudos. Espadas. Pontudas. Ai.

Frank levou a mão à lança.

— Amazonas? Tipo... mulheres guerreiras?

— Faz sentido — comentou Hazel. — Se a irmã de Reyna também for filha de Belona, dá para entender por que ela se juntaria às Amazonas. Mas... aqui é seguro para nós?

— Não, não, não — respondeu Ella. — Melhor pegar livros. Nada de Amazonas.

— Precisamos tentar — disse Percy. — Prometi a Reyna. Além disso, o *Pax*

não está muito bem. Eu o tenho forçado muito.

Hazel olhou para os próprios pés. Entrava água por entre as tábuas do assoalho do barco.

— Ah!

— É — concordou Percy. — Precisamos consertá-lo ou encontrar um barco novo. Nesse momento eu o estou mantendo inteiro praticamente só com minha força de vontade. Ella, você tem alguma ideia de onde podemos encontrar as amazonas?

— E, hum — disse Frank, nervoso —, elas não, hum, matam homens logo de cara, certo?

Ella olhou para as docas do centro, a apenas algumas centenas de metros de distância.

— Ella vai encontrar amigos mais tarde. Ella vai embora voando agora.

E foi o que fez.

— Bem... — Frank pegou uma pena vermelha no ar. — Isso é encorajador.

Eles atracaram no cais. Mal tiveram tempo de desembarcar seus suprimentos antes de o *Pax* estremecer e se despedaçar. A maior parte afundou, restando apenas uma tábua com um olho pintado e outra com a letra *P* balançando nas ondas.

— Acho que não vai dar para consertá-lo — disse Hazel. — E agora?

Percy olhou para as colinas íngremes do centro de Seattle.

— Torcemos para que as amazonas ajudem.

*

Eles passaram horas explorando. Encontraram uns doces de chocolate com caramelo e sal excelentes em uma confeitaria. Tomaram um café tão forte que a cabeça de Hazel parecia um gongo vibrando. Pararam em um café com mesas na calçada e comeram sanduíches de salmão deliciosos. Uma vez viram Ella disparando entre torres muito altas, com um livro grosso em cada pé. Mas não encontraram nenhuma amazona. O tempo todo Hazel tinha consciência de que o tempo estava passando. Aquele era o dia vinte e dois de junho, e o Alasca estava ainda muito distante.

Finalmente eles perambularam para o sul do centro comercial, chegando a uma praça cercada por edifícios menores, de vidro e tijolos. Os nervos de Hazel começaram a formigar. Ela olhou à volta, com a certeza de que era observada.

— Ali — falou.

O edifício comercial à esquerda deles tinha uma única palavra gravada nas portas de vidro: AMAZON.

— Ah! — disse Frank. — Hum, não, Hazel. Isso é algo moderno. É uma empresa, certo? Eles vendem coisas pela internet. Não são Amazonas de verdade.

— A menos que... — disse Percy, que então passou pelas portas. Hazel tinha um mau pressentimento em relação ao lugar, mas ainda assim ela e Frank o seguiram.

O saguão era como um aquário vazio — paredes de vidro, piso preto lustroso, algumas poucas plantas e praticamente mais nada. Perto da parede do outro lado, uma escada de pedra preta levava para cima e para baixo. No meio do salão havia uma jovem de terninho preto, com longos cabelos castanho-avermelhados e um fone de ouvido do tipo usado por seguranças. O nome em seu crachá era KINZIE. Seu sorriso era razoavelmente amistoso, mas os olhos lembravam a Hazel os policiais de Nova Orleans, que costumavam patrulhar o bairro francês à noite. Eles sempre pareciam olhar *através* de você, como se estivessem pensando em quem seria o próximo a atacá-los.

Kinzie cumprimentou Hazel com a cabeça, ignorando os garotos.

— Posso ajudá-la?

— Hum... espero que sim — respondeu Hazel. — Estamos procurando Amazonas.

Kinzie olhou para a espada de Hazel e, depois, para a lança de Frank, embora nenhuma devesse ser visível através da Névoa.

— Você quer dizer a Amazon? Esta é nossa sede — disse ela, com cautela. — Você marcou horário com alguém ou...

— Hylla — interrompeu Percy. — Estamos procurando uma garota chamada...

Kinzie moveu-se com tanta rapidez que os olhos de Hazel quase não conseguiram acompanhar. Ela chutou Frank no peito e o jogou para trás no saguão. Então sacou uma espada do nada, deu uma rasteira em Percy com o lado plano da lâmina e pressionou a ponta sob o queixo dele.

Hazel tentou pegar a própria espada tarde demais. Algumas garotas de preto subiram a escada, espadas em punho, e a cercaram.

Kinzie lançou um olhar furioso para Percy, que estava no chão.

— Primeira regra: homens não falam sem permissão. Segunda regra: invasores de nosso território são punidos com a morte. Vocês se encontrarão, sim, com a rainha Hylla. É ela quem decidirá seu destino.

As amazonas confiscaram as armas dos três e os conduziram, descendo por tantos lances de escada que Hazel perdeu a conta.

Finalmente emergiram em uma caverna tão grande que poderia ter acomodado dez escolas, incluindo campos de esportes. Lâmpadas fluorescentes pálidas brilhavam ao longo do teto de pedra. Correias transportadoras percorriam o lugar como toboáguas, levando caixas em todas as direções. Corredores ladeados por prateleiras de metal estendiam-se infinitamente, lotadas até o alto com caixotes de mercadorias. Guindastes chiavam e braços robóticos zumbiam, dobrando caixas de papelão, empacotando remessas e tirando e colocando objetos nas correias. Algumas das prateleiras eram tão altas que só se tinha acesso a elas por escadas e passarelas, que atravessavam o teto como o sistema de plataformas de um teatro.

Hazel lembrou-se dos cinejornais que vira quando era criança. Sempre ficara impressionada com as cenas de fábricas construindo aviões e armas para o esforço de guerra — centenas e centenas de armas saindo da linha de montagem todos os dias. Mas aquilo não era nada comparado a *isto*, e quase todo o trabalho era feito por computadores e robôs. Os únicos humanos que Hazel podia ver eram algumas seguranças de preto patrulhando as passarelas, e alguns homens de macacão laranja, como uniformes de presídio, guiando empilhadeiras pelos corredores, conduzindo mais paletes de caixas. Os homens usavam coleiras de ferro no pescoço.

— Vocês mantêm *escravos*? — disse Hazel. Ela sabia que podia ser perigoso falar, mas estava tão indignada que não pôde se conter.

— Os homens? — desdenhou Kinzie. — Eles não são escravos. Eles simplesmente sabem seu lugar. Agora andem.

Eles caminharam tanto que os pés de Hazel começaram a doer. Ela pensou que certamente estavam chegando ao fim do galpão quando Kinzie abriu umas portas duplas grandes e os levou a outra caverna, tão grande quanto a primeira.

— Nem o *Mundo Inferior* é tão grande assim — queixou-se Hazel, o que provavelmente não era verdade, mas era o que parecia a seus pés.

Kinzie sorriu com presunção.

— Está admirando nossa base de operações? É, nosso sistema de distribuição é mundial. Levamos muitos anos e usamos a maior parte de nossa fortuna para construí-lo. Agora, finalmente, começamos a ter lucro. Os mortais não se dão conta de que estão custeando o reino das amazonas. Logo seremos mais ricas que qualquer nação mortal. Então, quando os fracos mortais dependerem de nós para tudo, a revolução começará!

— O que vocês vão fazer? — rosnou Frank. — Cancelar o frete grátis?

Uma guarda bateu o punho da espada em sua barriga. Percy tentou ajudá-lo,

mas duas outras guardas fizeram-no recuar, ameaçando-o com suas espadas.

— Você vai aprender a ter respeito — disse Kinzie. — Foram homens como vocês que arruinaram o mundo mortal. A única sociedade harmoniosa é aquela governada por mulheres. Somos mais fortes, mais sábias...

— Mais humildes — falou Percy.

As guardas tentaram atingi-lo, mas Percy se abaixou.

— Parem! — disse Hazel. Supreendentemente, as guardas a atenderam. — Hylla irá nos julgar, certo? — perguntou ela. — Então levem-nos até ela. Estamos perdendo tempo.

Kinzie assentiu.

— Talvez você tenha razão. Temos problemas mais importantes. E o tempo... o tempo certamente é um problema.

— Como assim? — perguntou Hazel.

Uma guarda grunhiu.

— Podíamos levá-los direto para Otrera. Talvez assim ganhemos pontos com ela.

— Não! — rosnou Kinzie. — Prefiro usar um colar de ferro e dirigir uma empilhadeira. Hylla é a rainha.

— Até hoje à noite — murmurou outra guarda.

Kinzie empunhou sua espada. Por um segundo Hazel achou que as amazonas fossem começar a lutar entre si, mas Kinzie pareceu controlar sua raiva.

— Já chega — disse ela. — Vamos.

Eles cruzaram uma pista de tráfego de empilhadeiras, seguiram por um labirinto de correias transportadoras e passaram por baixo de uma fileira de braços robóticos que enchiam caixas.

A maior parte das mercadorias parecia bastante comum: livros, artigos eletrônicos, fraldas infantis. Mas, junto a uma parede, havia uma carruagem de guerra com um grande código de barras na lateral. No cambão havia uma placa pendurada: RESTA APENAS UM NO ESTOQUE. ENCOMENDAR LOGO! (HÁ MAIS CHEGANDO.)

Eles finalmente entraram em uma caverna menor, que parecia uma mistura de área de carregamento e sala do trono. As paredes eram cobertas com prateleiras metálicas da altura de um prédio de seis andares, decoradas com estandartes de guerra, escudos pintados e as cabeças empalhadas de dragões, hidras, leões gigantes e javalis. De guarda ao longo de ambos os lados havia dezenas de empilhadeiras adaptadas para a guerra. Cada máquina era tripulada por um homem com coleira de ferro, mas uma guerreira amazona postava-se na plataforma de trás, manejando uma besta gigante montada. Os garfos de cada empilhadeira haviam sido afiados, transformando-se em enormes lâminas de espada.

As prateleiras dessa sala estavam cheias de jaulas com animais selvagens. Hazel não conseguia acreditar no que via: mastins negros, águias gigantes, um híbrido de leão e águia que devia ser um grifo e uma formiga-lava-pés do tamanho de um carro compacto.

Ela observou, horrorizada, uma empilhadeira entrar rapidamente no salão, apanhar uma jaula com um lindo pégaso branco e sair em disparada enquanto o cavalo protestava, relinchando.

— O que vocês vão fazer com aquele pobre animal? — perguntou Hazel.

Kinzie franziu a testa.

— O pégaso? Ele vai ficar bem. Alguém deve tê-lo encomendado. O frete e as taxas de manuseio são altos, mas...

— É possível *comprar* um pégaso pela internet? — perguntou Percy.

Kinzie dirigiu-lhe um olhar furioso.

— É óbvio que *you* não pode, homem. Mas as amazonas, sim. Temos seguidoras no mundo todo. Elas precisam de suprimentos. Por aqui.

No fim do armazém havia um tablado construído com paletes de livros: pilhas de romances de vampiros, paredes de suspenses de James Patterson e um trono feito com cerca de mil exemplares de alguma coisa intitulada *Os cinco hábitos das mulheres altamente agressivas*.

Na base dos degraus, várias amazonas com roupas de camuflagem discutiam acaloradamente enquanto uma jovem — a rainha Hylla, Hazel supôs — observava e ouvia de seu trono.

Hylla tinha uns vinte e poucos anos e o porte elegante e esguio de um tigre. Vestia um macacão de couro preto e botas da mesma cor. Não usava coroa, mas em sua cintura havia um cinto estranho feito de elos de ouro entrelaçados, como o padrão de um labirinto. Hazel achou incrível sua semelhança com Reyna: um pouco mais velha, talvez, mas com os mesmos cabelos pretos longos, os mesmos olhos escuros e a mesma expressão dura, como se tentasse decidir qual das amazonas diante dela merecia mais a morte.

Kinzie deu uma olhada na discussão e grunhiu com desagrado.

— Agentes de Otrera, espalhando suas mentiras.

— O quê? — perguntou Frank.

E então Hazel parou tão bruscamente que as guardas atrás dela tropeçaram. Perto do trono da rainha, duas amazonas montavam guarda diante de uma jaula. No interior havia um belo cavalo — não do tipo alado, mas um garanhão majestoso e poderoso com o pelo cor de mel e a crina negra. Seus intensos olhos castanhos fitaram Hazel, e ela podia jurar que o animal parecia impaciente, como se pensasse: *Já estava na hora de você chegar*.

— É ele — murmurou Hazel.

— Ele quem? — perguntou Percy.

Kinzie franziu a testa, aborrecida, mas, quando viu para onde Hazel olhava, sua expressão se suavizou.

— Ah, sim. Lindo, não é?

Hazel piscou para ter certeza de que não estava tendo alucinações. Era o mesmo cavalo que ela havia perseguido no Alasca. Tinha *certeza*... Mas isso era impossível. Nenhum cavalo podia viver tanto tempo.

— Ele... — Hazel mal podia controlar a voz. — Ele está à venda?

Todas as guardas riram.

— Aquele é Arion — explicou Kinzie com paciência, como se compreendesse o fascínio de Hazel. — Ele é um tesouro real das amazonas... a ser reivindicado apenas por nossa guerreira mais corajosa, se você acreditar na profecia.

— Profecia? — perguntou Hazel.

A expressão de Kinzie tornou-se aflita, quase envergonhada.

— Deixe para lá. Mas, não, ele não está à venda.

— Então por que está em uma jaula?

Kinzie fez uma careta.

— Porque... ele é difícil.

Como se esperasse a deixa, o cavalo bateu a cabeça na porta da jaula. As barras de metal estremeceram, e as guardas recuaram, nervosas.

Hazel queria libertar aquele cavalo. Mais do que qualquer coisa que ela já havia desejado. Mas Percy, Frank e uma dúzia de amazonas a encaravam, então tentou disfarçar as emoções.

— Só curiosidade — conseguiu dizer. — Vamos falar com a rainha.

A discussão na frente da sala ficou mais ruidosa. Por fim a rainha percebeu que o grupo de Hazel se aproximava e disse rispidamente:

— Basta!

As amazonas que discutiam calaram-se na mesma hora. A rainha as dispensou com um gesto e acenou para que Kinzie se aproximasse.

Kinzie empurrou Hazel e os amigos na direção do trono.

— Minha rainha, estes semideuses...

A rainha se levantou de um salto.

— Você!

Ela encarava Percy com uma ira assassina.

Percy murmurou em grego antigo algo que Hazel tinha certeza de que as freiras da St. Agnes não teriam gostado.

— Prancheta — disse ele. — Spa. Piratas.

Isso não fazia o menor sentido para Hazel, mas a rainha assentiu. Ela desceu de seu tablado de best-sellers e tirou uma adaga do cinto.

— Você foi incrivelmente tolo em vir aqui — disse a rainha. — Destruíu meu lar. Fez com que eu e minha irmã nos tornássemos exiladas e prisioneiras.

— Percy — chamou Frank, apreensivo. — Do que a mulher assustadora com a adaga está falando?

— Da ilha de Circe — respondeu Percy. — Acabo de me lembrar. O sangue de górgona... talvez esteja começando a curar minha mente. O Mar dos Monstros. Hylla... ela nos recebeu no cais, levou-nos para ver sua chefe. Hylla trabalhava para a feiticeira.

Hylla exibiu os dentes brancos e perfeitos.

— Está me dizendo que teve amnésia? Sabe, eu até posso acreditar. Por que outro motivo você seria tão estúpido a ponto de vir aqui?

— Viemos em paz — insistiu Hazel. — O que Percy fez?

— Paz? — A rainha olhou para Hazel, erguendo as sobrancelhas. — O que ele fez? Esse *homem* destruiu a escola de magia de Circe!

— Circe me transformou em um porquinho-da-índia! — protestou Percy.

— Não arranje desculpas! — disse Hylla. — Circe era uma patroa sábia e generosa. Eu tinha alojamento e alimentação, um bom plano médico e odontológico, leopardos de estimação, poções de graça... tudo! E esse semideus, com sua amiga, a loura...

— Annabeth. — Percy bateu na testa como se quisesse que as lembranças voltassem mais rápido. — Isso mesmo. Eu estive lá com Annabeth.

— Você soltou nossos prisioneiros... Barba-Negra e seus piratas. — Ela voltou-se para Hazel. — Você já foi sequestrada por piratas? Não é divertido. Eles incendiaram completamente nosso spa. Minha irmã e eu fomos prisioneiras deles durante meses. Felizmente, somos filhas de Belona. Aprendemos rapidamente a lutar. Se não tivéssemos... — Ela estremeceu. — Bem, os piratas aprenderam a nos respeitar. Com o tempo, conseguimos chegar à Califórnia, onde nós... — Ela hesitou, como se a lembrança fosse dolorosa. — Onde minha irmã e eu nos separamos.

Hylla caminhou na direção de Percy até quase ficarem de nariz colado. Ela deslizou a adaga sob o queixo dele.

— É claro que sobrevivi e prosperei. Ascendi à posição de rainha das Amazonas. Então talvez eu devesse lhe agradecer.

— Não há de quê — disse Percy.

A rainha pressionou um pouco mais a lâmina.

— Deixe para lá. Acho que vou matar você.

— Espere! — gritou Hazel. — Foi Reyna quem nos mandou. Sua irmã! Olhe o anel no colar dele.

Hylla franziu a testa. Ela baixou a adaga para o colar de Percy até apoiar a

ponta no anel de prata. A cor fugiu de seu rosto.

— Explique isto. — Ela fuzilou Hazel com o olhar. — Rápido.

Hazel tentou. Ela descreveu o Acampamento Júpiter. Contou às amazonas que Reyna era a pretora e que o exército de monstros estava marchando para o sul. Contou-lhes sobre sua missão para libertar Tânatos no Alasca.

Enquanto Hazel falava, outro grupo de amazonas entrou no salão. Uma delas era mais alta e mais velha que as outras, com cabelos prateados trançados e finas vestes de seda, como uma matrona romana. As outras amazonas abriram caminho para ela, tratando-a com tamanho respeito que Hazel se perguntou se aquela seria a mãe de Hylla — até que percebeu que Hylla e a mulher mais velha trocavam olhares ameaçadores.

— Portanto, precisamos de sua ajuda — Hazel terminou sua história. — *Reyna* precisa da sua ajuda.

Hylla agarrou o colar de couro de Percy e o arrancou de seu pescoço com um puxão — contas, anel, plaqueta de *probatio* e tudo.

— Reyna... aquela garota tola...

— Ora! — interrompeu a mulher mais velha. — Os romanos precisam de nossa ajuda? — Ela riu, e as amazonas à sua volta a acompanharam. — Quantas vezes lutamos contra os romanos em meu tempo? Quantas vezes eles mataram nossas irmãs em combate? Quando eu era rainha...

— Otrera — cortou Hylla —, você está aqui como convidada. Você *não* é mais rainha.

A mulher mais velha estendeu as mãos e fez uma medida zombeteira.

— Como quiser... pelo menos, até hoje à noite. Mas estou falando a verdade, *rainha* Hylla. — Ela disse a palavra como uma provocação. — Fui trazida de volta pela própria Mãe Terra! Trago notícias de uma nova guerra. Por que as amazonas deveriam seguir Júpiter, aquele rei tolo do Olimpo, quando podemos seguir uma *rainha*? Quando eu assumir o comando...

— *Se* você assumir o comando — falou Hylla. — Mas por ora, eu sou a rainha. Minha palavra é a lei.

— Entendo. — Otrera olhou para as amazonas reunidas, que não se mexiam nem um centímetro, como se estivessem dentro de um poço com dois tigres selvagens. — Será que nos tornamos tão fracas que agora damos ouvidos a semideuses *homens*? Você irá poupar a vida desse filho de Netuno, mesmo que ele tenha destruído seu lar no passado? Quem sabe você não o deixará destruir seu *novo* lar também!

Hazel prendeu a respiração. As amazonas olhavam de Hylla para Otrera, atentas a qualquer sinal de fraqueza.

— Eu irei julgá-los — disse Hylla em um tom glacial — assim que reunir

todos os fatos. É assim que *eu* governo... com a razão, não com o medo. Primeiro, terei uma conversa com esta aqui. — Ela apontou o dedo para Hazel. — É meu dever ouvir uma guerreira antes de sentenciá-la ou seus aliados à morte. Esse é o costume das amazonas. Ou será que os anos que você passou no Mundo Inferior confundiram sua memória, Otrera?

A mulher mais velha sorriu com desdém, mas não tentou discutir.

Hylla voltou-se para Kinzie.

— Leve os homens para as celas. As demais, saiam.

Otrera ergueu a mão para a multidão.

— Como manda nossa *rainha*. Mas quem quiser saber mais sobre Gaia e nosso futuro glorioso com ela venha comigo!

Mais ou menos metade das amazonas a acompanhou para fora da sala. Kinzie bufou, com desgosto, e então ela e as guardas levaram Percy e Frank embora.

Logo Hylla e Hazel estavam sozinhas, exceto pela guarda pessoal da rainha. A um sinal de Hylla, elas também se afastaram, indo para um ponto em que não pudessem ouvir a conversa.

A rainha voltou-se para Hazel. Sua raiva se dissolveu, e Hazel viu o desespero nos olhos dela. A rainha parecia um de seus animais enjaulados sendo levado em uma correia transportadora.

— Precisamos conversar — disse Hylla. — Não temos muito tempo. À meia-noite, provavelmente estarei morta.

XXXI

HAZEL

HAZEL PENSOU EM TENTAR FUGIR.

Ela não confiava na rainha Hylla e certamente não confiava naquela outra mulher, Otrera. Restavam apenas três guardas no salão. Todas distantes.

Hylla estava armada apenas com uma adaga. Naquela profundidade abaixo da superfície, Hazel talvez conseguisse provocar um terremoto na sala do trono ou convocar um grande monte de xisto ou ouro. Se pudesse causar uma distração, talvez conseguisse escapar e encontrar seus amigos.

Infelizmente, vira as amazonas lutarem. Embora a rainha tivesse apenas uma adaga, Hazel suspeitava de que ela soubesse usá-la muito bem. E Hazel estava desarmada. Elas não a haviam revistado, o que significava que, ainda bem, não haviam tirado o pedaço de lenha de Frank do bolso de seu casaco, mas sua espada fora levada.

A rainha parecia estar lendo seus pensamentos.

— Esqueça a ideia de fugir. Naturalmente, nós a respeitaríamos por tentar. Mas teríamos que matá-la.

— Obrigada pelo aviso.

Hylla deu de ombros.

— É o mínimo que posso fazer. Acredito que vocês tenham vindo em paz. Acredito que Reyna os tenha enviado.

— Mas não vai ajudar...

A rainha analisou o colar que tirara de Percy.

— É complicado — disse. — As amazonas sempre tiveram um relacionamento difícil com outros semideuses... principalmente os do sexo *masculino*. Lutamos pelo rei Príamo na Guerra de Troia, mas Aquiles matou nossa rainha, Pentésiléia. Anos antes, Hércules roubou o cinto da rainha

Hipólita... Este cinto que estou usando. Levamos séculos para recuperá-lo. Muito antes disso, bem nos primeiros anos da nação amazona, um herói chamado Belerofonte matou nossa primeira rainha, Otrera.

— Você se refere à senhora...

— ...que acabou de sair, sim. Otrera, nossa primeira rainha, filha de Ares.

— Marte?

Hylla fez uma cara azeda.

— Não, definitivamente *Ares*. Otrera viveu muito antes de Roma, em um tempo em que todos os semideuses eram gregos. Infelizmente, algumas de nossas guerreiras ainda preferem a maneira antiga. As filhas de Ares... elas são sempre as piores.

— A maneira antiga... — Hazel havia ouvido boatos sobre semideuses gregos. Octavian acreditava que eles existiam e conspiravam em segredo contra Roma. Mas ela nunca acreditara de fato nisso, mesmo depois que Percy chegou ao acampamento. Ele simplesmente não parecia um grego mau e maquinador. — Você quer dizer que as amazonas são uma mistura de... gregos e romanos?

Hylla continuou a examinar o colar — as contas de argila, a plaquinha de *probatio*. Ela tirou o anel de prata de Reyna do cordão e o colocou no dedo.

— Suponho que eles não ensinam isso no Acampamento Júpiter. Os deuses têm muitos aspectos. Marte, Ares. Plutão, Hades. Sendo imortais, eles tendem a acumular personalidades. São gregos, romanos, americanos... Uma combinação de todas as culturas que eles influenciam ao longo das eras. Você entende?

— Eu... eu não tenho certeza. Todas as amazonas são semideusas?

A rainha abriu as mãos.

— Todas temos *algum* sangue imortal, mas muitas de minhas guerreiras são descendentes de semideuses. Algumas são amazonas há incontáveis gerações. Outras são filhas de deuses menores. Kinzie, a que trouxe vocês aqui, é filha de uma ninfa. Ah... aqui está ela.

A garota de cabelos castanho-avermelhados aproximou-se da rainha e se curvou.

— Os prisioneiros estão trancados em segurança — relatou Kinzie. — Mas...

— Sim? — instou a rainha.

Kinzie engoliu em seco, como se sentisse um sabor ruim na boca.

— Otrera cuidou para que as seguidoras *dela* vigiassem as celas. Sinto muito, minha rainha.

Hylla apertou os lábios.

— Não importa. Fique conosco, Kinzie. Estávamos justamente falando de nossa, hum, situação.

— Otrera — disse Hazel. — Gaia a trouxe dos mortos para lançar vocês,

amazonas, em uma guerra civil.

A rainha suspirou.

— Se era esse o plano dela, está funcionando. Otrera é uma lenda entre nós. Ela planeja retomar o trono e nos liderar em uma guerra contra os romanos. Muitas de minhas irmãs a seguirão.

— Nem todas — grunhiu Kinzie.

— Mas Otrera é um espírito! — argumentou Hazel. — Ela nem sequer é...

— Real? — A rainha observou Hazel com atenção. — Trabalhei com a feiticeira Circe por muitos anos. Reconheço uma alma restituída quando a vejo. Quando *você* morreu, Hazel...? Mil novecentos e vinte? Mil novecentos e trinta?

— Mil novecentos e quarenta e dois — respondeu Hazel. — Mas... mas não fui enviada por Gaia. Voltei para *detê-la* . Esta é minha segunda chance.

— Sua segunda chance... — Hylla olhou para as fileiras de empilhadeiras de guerra, agora vazias. — Entendo de segundas chances. Aquele garoto, Percy Jackson... ele destruiu minha vida antiga. Você não teria me reconhecido naquela época. Eu usava vestidos e maquiagem. Eu não passava de uma secretária, uma maldita Barbie.

Kinzie fez uma garra com três dedos sobre o coração, como os gestos de vodu que a mãe de Hazel costumava fazer para afastar o mau-olhado.

— A ilha de Circe era um lugar seguro para Reyna e para mim — prosseguiu a rainha. — Éramos filhas da deusa da guerra, Belona. Eu queria proteger Reyna de toda aquela violência. Então Percy Jackson libertou os piratas. Eles nos sequestraram, e Reyna e eu aprendemos a ser duronas. Descobrimos que éramos boas com armas. Nos últimos quatro anos, eu desejei *matar* Percy Jackson pelo que ele nos fez passar.

— Mas Reyna se tornou pretora do Acampamento Júpiter — disse Hazel. — Você se tornou a rainha das Amazonas. Talvez fosse esse seu destino.

Hylla apalpou o colar em sua mão.

— Talvez eu não seja rainha por muito mais tempo.

— Você vai triunfar! — insistiu Kinzie.

— Como as Parcas decretarem — disse Hylla, sem entusiasmo. — A questão, Hazel, é que Otrera me desafiou para um duelo. Toda amazona tem esse direito. Hoje, à meia-noite, lutaremos pelo trono.

— Mas... você é boa, não é? — perguntou Hazel.

Hylla deu um sorriso mordaz.

— Boa, sim, mas Otrera é a fundadora das Amazonas.

— Ela é muito mais velha. Talvez esteja enferrujada, por estar morta por tanto tempo.

— Espero que você esteja certa, Hazel. A questão é que se trata de uma luta

até a morte...

Ela esperou que a informação assentasse. Hazel lembrou-se do que Fineu dissera em Portland: que ele tomara um atalho de volta dos mortos graças a Gaia. Ela se lembrou de como as górgonas haviam tentado se reconstituir no Pequeno Tibre.

— Mesmo que você a mate — disse Hazel —, ela irá voltar. Enquanto Tântatos estiver acorrentado, ela não permanecerá morta.

— Exatamente — falou Hylla. — Otrera já nos disse que *não pode* morrer. Então, mesmo que eu consiga derrotá-la hoje à noite, ela simplesmente retornará e me desafiará de novo amanhã. Não existe lei que proíba alguém de desafiar a rainha diversas vezes. Ela pode insistir em lutar contra mim todas as noites, até finalmente me cansar. Não tenho como vencer.

Hazel olhou para o trono. Imaginou Otrera sentada ali com seus trajes finos e os cabelos prateados, ordenando que suas guerreiras atacassem Roma. Imaginou a voz de Gaia preenchendo a caverna.

— Precisa haver uma saída — falou ela. — As amazonas não têm... poderes especiais ou algo do tipo?

— Não mais que outros semideuses — disse Hylla. — Podemos morrer, como qualquer outro mortal. *Existe* um grupo de arqueiras que seguem a deusa Ártemis. Elas costumam ser confundidas com amazonas, mas as Caçadoras renunciam à companhia dos homens em troca de uma vida quase infinita. Nós, amazonas... preferimos viver a vida plenamente. Nós amamos, lutamos, morremos.

— Pensei que vocês odiassem os homens.

Tanto Hylla quanto Kinzie riram.

— Odiar os homens? — repetiu a rainha. — Não, não, nós gostamos deles. Só lhes mostramos quem é que manda. Mas isso não vem ao caso. Se eu pudesse, reuniria nossas tropas e correria para ajudar minha irmã. Infelizmente meu poder é tênue. Quando eu for morta na luta, e isso é só uma questão de tempo, Otrera será a rainha. Ela irá marchar para o Acampamento Júpiter com nossas forças, mas não para ajudar minha irmã. Irá se unir ao exército do gigante.

— Temos que detê-la — disse Hazel. — Meus amigos e eu matamos Fineu, outro servo de Gaia, em Portland. Talvez possamos ajudar!

A rainha sacudiu a cabeça.

— Você não pode interferir. Como rainha, preciso travar minhas próprias batalhas. Além disso, seus amigos estão presos. Se eu os libertar, vou parecer fraca. Ou *eu* executo vocês três como invasores ou Otrera o fará quando se tornar rainha.

O coração de Hazel murchou.

— Então acho que estamos as duas mortas. Eu, pela segunda vez.

Na jaula do canto o garanhão Arion relinchou, irritado. Então empinou e bateu com os cascos nas grades.

— O cavalo parece sentir seu desespero — disse a rainha. — Interessante. Ele é imortal, sabe... filho de Netuno e Ceres.

Hazel piscou.

— Dois deuses tiveram um filho cavalo?

— É uma longa história.

— Ah! — Hazel sentiu o rosto quente de vergonha.

— Ele é o cavalo mais rápido do mundo — explicou Hylla. — Pégaso é mais famoso, com suas asas, mas Arion corre como o vento, sobre a terra e o mar. Nenhuma criatura é mais veloz. Levamos anos para capturá-lo... um de nossos maiores prêmios. Mas não adiantou nada para nós. Ele não permite que ninguém o monte. Acho que odeia as amazonas. E é caro mantê-lo. Ele come qualquer coisa, mas prefere ouro.

A nuca de Hazel formigou.

— Ele come ouro?

Ela lembrou-se do cavalo seguindo-a no Alasca tantos anos antes. Hazel tivera a impressão de que ele comia pepitas de ouro que surgiam por onde ela passava.

Hazel ajoelhou-se e pressionou a mão contra o chão. Imediatamente, a pedra rachou. Um pedaço de ouro bruto do tamanho de uma ameixa foi expulso da terra. Hazel se levantou, examinando seu prêmio.

Hylla e Kinzie a encararam.

— Como foi que você...? — A rainha arquejou. — Hazel, tenha cuidado!

Hazel aproximou-se da jaula do garanhão. Ela enfiou a mão por entre as grades, e Arion comeu cautelosamente o pedaço de ouro de sua palma.

— Inacreditável — comentou Kinzie. — A última garota que tentou isso...

— Agora tem um braço de metal — concluiu a rainha. Ela olhou Hazel com novo interesse, como se decidisse se devia ou não dizer mais. — Hazel... passamos anos caçando esse cavalo. Foi previsto que a guerreira mais corajosa um dia domaria Arion e o cavalgaria para a vitória, anunciando uma nova era de prosperidade para as amazonas. No entanto, *nenhuma* amazona pode tocá-lo, muito menos controlá-lo. Até Otrera tentou e fracassou. Duas outras morreram tentando montá-lo.

Isso provavelmente deveria ter preocupado Hazel, mas ela não conseguia imaginar esse lindo cavalo machucando-a. A menina tornou a enfiar a mão por entre as grades e acariciou o nariz de Arion. Ele focinhou seu braço, murmurando satisfeito, como se perguntasse: *Mais ouro? Nham.*

— Eu lhe daria mais comida, Arion. — Hazel olhou significativamente para a

rainha. — Mas acontece que minha execução está agendada.

A rainha Hylla alternou o olhar entre Hazel e o cavalo.

— Inacreditável.

— A profecia — disse Kinzie. — Será possível...?

Hazel quase podia ver as engrenagens girando dentro da cabeça da rainha, formulando um plano.

— Você tem coragem, Hazel Levesque. E parece que Arion escolheu você. Kinzie?

— Sim, minha rainha?

— Você disse que as seguidoras de Otrera estão guardando as celas?

Kinzie assentiu.

— Eu deveria ter previsto isso. Sinto muito...

— Não, está tudo bem. — Os olhos da rainha brilhavam... do mesmo modo que os do elefante Aníbal sempre que ele era liberado para destruir uma fortaleza. — Seria embaraçoso para Otrera se suas seguidoras falhassem em seus deveres... se, por exemplo, fossem subjugadas por uma forasteira e acontecesse uma fuga da prisão.

Kinzie começou a sorrir.

— Sim, minha rainha. Seria muito embaraçoso.

— Naturalmente — continuou Hylla —, nenhuma de minhas guardas saberia *nada* disso. Kinzie *não* espalharia que elas deveriam permitir a fuga.

— Certamente que não — concordou Kinzie.

— E nós não poderíamos ajudá-la. — A rainha ergueu as sobrancelhas para Hazel. — Mas se de algum modo você dominasse as guardas e libertasse seus amigos... Se, por exemplo, você pegasse os cartões da Amazon de uma das guardas...

— Com a função de compra em um só clique habilitada — disse Kinzie —, que abre as celas com um único clique.

— Se, que os deuses nos livrem!, algo desse tipo acontecesse — continuou a rainha —, você encontraria as armas e os suprimentos de seus amigos no posto das guardas perto das celas. E quem sabe? Se vocês conseguissem voltar a esta sala do trono enquanto eu estivesse fora, me preparando para o duelo... Bem, como mencionei, Arion é um cavalo muito rápido. Seria uma pena se ele fosse roubado e usado para uma fuga.

Hazel teve a sensação de que havia sido ligada na tomada. Uma onda de eletricidade percorreu todo o seu corpo. Arion... Arion poderia ser dela. Tudo o que ela precisava fazer era resgatar seus amigos e lutar com uma nação inteira de guerreiras altamente treinadas.

— Rainha Hylla — disse —, eu... eu não sou grande coisa como lutadora.

— Ah, existem muitos tipos de luta, Hazel. Tenho a impressão de que você é muito engenhosa. E se a profecia estiver correta, você ajudará a nação das amazonas a alcançar a prosperidade. Se vocês tiverem sucesso em sua missão para libertar Tânatos, por exemplo...

— ...então Otrera não voltaria se fosse morta — completou Hazel. — Você só teria que derrotá-la... hum, todas as noites, até termos sucesso.

A rainha assentiu sombriamente.

— Parece que nós duas temos tarefas complicadas à frente.

— Mas você está confiando em mim — falou Hazel. — E eu confio em você. Você *vencerá*, tantas vezes quantas forem necessárias.

Hylla estendeu o colar de Percy e o soltou nas mãos de Hazel.

— Espero que você tenha razão — disse a rainha. — Mas, quanto mais rápido vocês tiverem sucesso, melhor, sim?

Hazel colocou o colar no bolso. Apertou a mão da rainha, perguntando-se se seria possível fazer uma amiga em tão pouco tempo — especialmente uma que estava prestes a mandá-la para a prisão.

— Esta conversa nunca aconteceu — avisou Hylla a Kinzie. — Leve nossa prisioneira para as celas e entregue-a às guardas de Otrera. E, Kinzie, cuide de sair de lá antes que qualquer desventura aconteça. Não quero que minhas leais seguidoras sejam responsabilizadas por uma fuga.

A rainha deu um sorriso travesso, e pela primeira vez Hazel sentiu inveja de Reyna. Quem dera *ela* tivesse uma irmã assim.

— Até logo, Hazel Levesque — disse a rainha. — Se ambas morrermos hoje à noite... bem, fico feliz por tê-la conhecido.

XXXII

HAZEL

A PRISÃO DAS AMAZONAS FICAVA no topo do corredor de um depósito, a quase vinte metros de altura.

Kinzie conduziu-a por três escadas diferentes até uma passarela de metal, e então amarrou as mãos de Hazel atrás das costas com um nó frouxo e a empurrou adiante, passando por caixotes de joias.

Uns trinta metros à frente, sob o brilho seco de lâmpadas fluorescentes, uma série de jaulas de aramado pendia suspensa por cabos. Percy e Frank encontravam-se em duas delas, conversando em voz baixa. Perto deles, na passarela, três guardas amazonas com expressões entediadas apoiavam-se em suas lanças e seguravam pequenas tabuletas pretas, olhando-as como se estivessem lendo.

Hazel pensou que as tabuletas pareciam finas demais para serem livros. Então lhe ocorreu que deviam ser algum tipo minúsculo de... como era mesmo que as pessoas modernas os chamavam?... *laptops*. Tecnologia secreta das amazonas, talvez. Hazel achou a ideia quase tão perturbadora quanto as empilhadeiras de guerra lá embaixo.

— Ande logo, garota — ordenou Kinzie, alto o bastante para que as guardas a ouvissem. Ela cutucou Hazel nas costas com a espada.

Hazel andava o mais devagar possível, mas sua mente era um turbilhão. Ela precisava elaborar um plano de resgate brilhante. Até o momento, não havia pensado em nada. Kinzie cuidara para que ela pudesse se soltar facilmente, mas ainda assim estaria de mãos vazias contra três guerreiras treinadas, e precisava agir antes que a colocassem dentro de uma jaula.

Ela passou por uma palete de caixotes onde se lia ANÉIS DE TOPÁZIO AZUL DE 24 QUILATES e outra rotulada PULSEIRAS DA AMIZADE PRATEADAS. Um monitor eletrônico perto das pulseiras da

amizade mostrava: *As pessoas que compraram este item também compraram* LUZ
SOLAR GNOMO DE JARDIM PARA PÓRTICOS *e* LANÇA CHAMEJANTE DA MORTE. *Compre os três e economize 12%!*

Hazel parou de andar. Deuses do Olimpo, como ela era estúpida.

Prata. Topázio. Ela direcionou os sentidos, à procura de metais preciosos, e seu cérebro quase explodiu com o retorno. Hazel estava ao lado de uma montanha de seis andares de joias. Mas, diante dela, dali até as guardas, nada havia a não ser jaulas.

— O que foi? — sibilou Kinzie. — Continue andando! Elas vão ficar desconfiadas.

— Faça com que venham até aqui — murmurou Hazel sobre o ombro.

— Por quê...

— Por favor.

As guardas franziram a testa, olhando na direção delas.

— O que estão olhando? — gritou Kinzie para elas. — Eis a terceira prisioneira. Venham buscá-la.

A guarda mais próxima baixou a tabuleta que estava lendo e disse:

— Por que você não dá mais trinta passos, Kinzie?

— Hum, porque...

— *Uuuf!* — Hazel caiu de joelhos e tentou simular sua melhor cara de enjoada. — Estou me sentindo mal! Não consigo... andar. Amazonas... assustadoras... demais.

— Pronto — disse Kinzie às guardas. — Agora, vocês vêm buscar a prisioneira ou devo dizer à rainha Hylla que não estão cumprindo seu dever?

A guarda mais próxima revirou os olhos e foi até elas de má vontade. Hazel tivera esperança de que as outras duas também viessem, mas teria que se preocupar com isso depois.

A primeira guarda agarrou o braço de Hazel.

— Está bem. Vou assumir a custódia da prisioneira. Mas, se eu fosse você, Kinzie, não me preocuparia com Hylla. Ela não vai ser rainha por muito tempo.

— Veremos, Doris.

Kinzie virou-se para sair. Hazel esperou até seus passos desaparecerem na passarela.

A guarda Doris puxou o braço de Hazel.

— E então? Ande.

Hazel concentrou-se na parede de joias a seu lado: quarenta caixas grandes de pulseiras de prata.

— Não... me sinto muito bem.

— Você *não* vai vomitar em mim — rosnou Doris. Ela puxou Hazel, tentando fazê-la se levantar, mas Hazel ficou mole, como uma criança fazendo pirraça em

uma loja. Ao lado dela, as caixas começaram a tremer.

— Lulu! — Doris gritou para uma de suas colegas. — Ajude-me com esta garotinha patética.

Amazonas chamadas Doris e Lulu?, Hazel pensou. Então tá...

A segunda guarda aproximou-se correndo. Hazel deduziu que aquela seria sua melhor oportunidade. Antes que as duas pudessem forçá-la a ficar de pé, ela gritou:

— Aaaah!

E se esparramou na passarela.

Doris começou a dizer:

— Ah, faça-me o...

A paleta inteira de joias explodiu com um estrondo, como se mil máquinas caça-níqueis estivessem rendendo o prêmio máximo. Uma onda de pulseiras prateadas da amizade derramou-se pela passarela, empurrando Doris e Lulu por cima do guarda-corpo.

Elas teriam mergulhado para a morte, mas Hazel não era assim *tão* má. Convocou algumas centenas de pulseiras, que saltaram para as guardas e se amarraram em seus tornozelos, deixando-as penduradas de ponta-cabeça embaixo da passarela, gritando como garotinhas patéticas.

Hazel voltou-se para a terceira guarda. Livrou-se das amarras, que estavam tão firmes quanto papel higiênico, e apanhou a lança de uma das guardas que tinham caído. Ela era horrível com lanças, mas esperava que a terceira amazona não percebesse isso.

— Será que devo matá-la daqui? — rosnou Hazel. — Ou você vai me fazer ir até aí?

A guarda fez meia-volta e correu.

Hazel gritou pelo guarda-corpo para Doris e Lulu.

— Cartões da Amazon! Passem-me os seus, a menos que queiram que eu desfaça essas pulseiras da amizade e as deixe cair!

Quatro segundos e meio depois, Hazel tinha dois cartões da Amazon. Ela correu até as jaulas e passou um deles. As portas se abriram com um estalo.

Frank a fitava, atônito.

— Hazel, aquilo foi... *incrível*.

Percy assentiu.

— Nunca mais eu uso joia nenhuma.

— Exceto isto aqui. — Hazel atirou-lhe o colar dele. — Nossas armas e suprimentos estão no fim da passarela. Precisamos nos apressar. Logo, logo...

Alarmes começaram a soar por toda a caverna.

— É — disse ela —, isso vai acontecer. Vamos!

*

A primeira parte da fuga foi fácil. Eles recuperaram seus pertences sem problema algum e começaram a descer a escada. Sempre que as amazonas fervilhavam debaixo deles, exigindo que se entregassem, Hazel fazia um caixote de joias explodir, enterrando suas inimigas em Cataratas do Niágara de ouro e prata. Quando chegaram à base da escada, encontraram uma cena que parecia o Carnaval do Armagedom: amazonas presas até o pescoço em colares de contas, várias outras de cabeça para baixo em uma montanha de brincos de ametista e uma empilhadeira de guerra enterrada em pulseiras com berloques de prata.

— Você, Hazel Levesque, é *totalmente* incrível — disse Frank.

Ela queria dar um beijo nele ali mesmo, mas não tinha tempo. Os três correram para a sala do trono.

Deram de cara com uma amazona que devia ser leal a Hylla. Assim que viu os fugitivos, ela se virou, como se os três fossem invisíveis.

Percy começou a perguntar:

— O quê...

— Algumas delas *querem* que nós escapemos — falou Hazel. — Mais tarde eu explico.

A segunda amazona que encontraram não foi assim tão amistosa. Usava armadura completa e bloqueava a entrada da sala do trono. Ela girou a lança com a velocidade de um raio, mas dessa vez Percy estava preparado. Ele sacou Contracorrente e avançou para lutar. Quando a amazona tentou golpeá-lo, ele deu um passo para o lado, cortou a haste da lança ao meio e bateu com o punho da espada no capacete da amazona.

A guarda caiu.

— Marte Todo-poderoso — falou Frank. — Como foi que você... essa não era uma técnica romana!

Percy sorriu.

— O *graecus* tem seus truques, meu amigo. Vocês primeiro.

Eles entraram correndo na sala do trono. Como prometido, Hylla e suas guardas não se encontravam ali. Hazel disparou para a jaula de Arion e passou um cartão da Amazon na fechadura. Instantaneamente o garanhão deixou a jaula e empinou, triunfante.

Percy e Frank recuaram aos tropeços.

— Hum... Essa coisa foi *domada*? — perguntou Frank.

O cavalo relinchou, zangado.

— Acho que não — deduziu Percy. — Ele acabou de dizer: “*Vou pisotear*

“você até a morte, bebezão sino-canadense bobão.”

— Você fala língua de cavalo? — perguntou Hazel.

— “Bebezão”? — balbuciou Frank.

— Falar com cavalos é uma coisa de Poseidon — explicou Percy. — Hum, quer dizer, de Netuno.

— Então você e Arion provavelmente vão se dar bem — disse Hazel. — Ele também é filho de Netuno.

Percy empalideceu.

— Como é que é?

Se eles não estivessem naquelas circunstâncias, a expressão de Percy talvez a tivesse feito rir.

— A questão é: ele é rápido. E pode nos tirar daqui.

Frank não parecia entusiasmado.

— Nós três não cabemos em um cavalo, não é? Vamos cair, ou atrasá-lo, ou...

Arion tornou a relinchar.

— Ai — disse Percy. — Frank, o cavalo diz que você é um... quer saber, não vou traduzir isso. Seja como for, ele diz que tem uma carruagem no armazém, e que está disposto a puxá-la.

— Lá! — alguém gritou dos fundos da sala do trono. Uma dúzia de amazonas avançou, seguidas por homens de macacão laranja. Quando viram Arion, recuaram rapidamente e foram para as empilhadeiras de guerra.

Hazel saltou para as costas de Arion e sorriu para os amigos.

— Eu me lembro de ter visto essa carruagem. Sigam-me!

Ela saiu a galope para a caverna maior e dispersou uma multidão de homens. Percy nocauteou uma amazona. Frank derrubou mais duas com sua lança. Hazel podia sentir que Arion se esforçava muito para correr. Ele queria galopar em velocidade máxima, mas precisava de mais espaço. Eles tinham que sair dali.

Hazel arremeteu contra uma patrulha de amazonas, que se espalharam, aterrorizadas, ao ver o cavalo. Pela primeira vez a espada de Hazel parecia ter o comprimento exato. Nenhuma amazona ousou desafiá-la.

Percy e Frank correram atrás dela. Finalmente alcançaram a carruagem. Arion parou diante do cambão, e Percy começou a trabalhar nas rédeas e no arnês.

— Você já fez isso antes? — perguntou Frank.

Percy não precisou responder. Suas mãos moviam-se velozmente. Em pouquíssimo tempo a carruagem estava pronta. Ele pulou a bordo e gritou:

— Frank, venha! Hazel, agora!

Um grito de batalha soou atrás deles. Um exército completo de amazonas invadiu o armazém. A própria Otrera ocupava uma empilhadeira de guerra, os cabelos prateados esvoaçavam enquanto ela girava a besta montada na direção

da carruagem.

— Detenham-nos! — gritou ela.

Hazel esporeou Arion. Eles atravessaram a caverna em disparada, passando por paletes e empilhadeiras. Uma flecha passou zunindo perto da cabeça de Hazel. Algo explodiu atrás dela, mas Hazel não se virou para olhar.

— A escada! — gritou Frank. — De jeito nenhum esse cavalo vai conseguir puxar uma carruagem por tantos lances de... AH, MEUS DEUSES!

Felizmente, a escada era larga o bastante para a carruagem, pois Arion nem sequer reduziu a velocidade. Ele disparou degraus acima com a carruagem chocalhando e rangendo. Hazel olhou para trás algumas vezes para conferir se Frank e Percy não haviam caído. Os nós dos dedos deles estavam brancos nas laterais da carruagem, seus dentes batendo como caveiras de dar corda.

Finalmente chegaram ao saguão. Arion arrebentou as portas principais e saiu na praça, dispersando um grupo de executivos de terno.

Hazel sentia a tensão nas costelas de Arion. O ar fresco o deixou louco para galopar, mas Hazel o refreou com as rédeas.

— Ella! — Hazel gritou para o céu. — Cadê você? Temos que ir embora!

Por um segundo de terror ela temeu que a harpia pudesse estar distante demais para ouvi-la. Podia estar perdida ou ter sido capturada pelas amazonas.

Atrás deles, uma empilhadeira de guerra subia ruidosamente a escada e rugia pelo saguão, seguida por uma multidão de amazonas.

— Entreguem-se! — gritou Otrera.

A empilhadeira ergueu seus garfos afiados.

— Ella! — Hazel gritou, desesperada.

Em um lampejo de penas vermelhas, Ella pousou na carruagem.

— Ella chegou. Amazonas são pontudas. Vamos agora.

— Segurem-se! — avisou Hazel. Ela inclinou-se para a frente e disse: — Arion, corra!

O mundo pareceu se alongar. A luz do sol distorceu em torno deles. Arion disparou, deixando as amazonas para trás, e atravessou como um raio o centro de Seattle. Hazel olhou para trás e viu uma linha de asfalto fumegante onde os cascos de Arion tocavam o chão. Ele trovejou na direção do cais, saltando sobre carros, avançando em cruzamentos.

Hazel gritava a plenos pulmões, mas era um grito de prazer. Pela primeira vez na vida — em suas *duas* vidas — ela se sentia completamente invencível. Arion chegou ao cais e saltou direto para a água.

Os ouvidos de Hazel estalaram. Ela escutou um rugido, que mais tarde percebeu que se tratava de um estrondo sônico, e Arion disparou sobre a Enseada de Puget, transformando a água do mar em vapor em seu caminho,

enquanto a silhueta de Seattle desaparecia atrás deles.

XXXIII

FRANK

FRANK FICOU ALIVIADO QUANDO AS rodas se soltaram.

Ele já havia vomitado duas vezes da traseira da carruagem, o que não era nada divertido à velocidade do som. O cavalo parecia distorcer o tempo e o espaço enquanto corria, transformando a paisagem em um borrão e deixando Frank com a sensação de ter bebido quatro litros do galão de leite integral sem tomar o remédio contra a intolerância à lactose. Ella não ajudava muito, pois ficava murmurando:

— Mil e duzentos quilômetros por hora. Mil duzentos e noventa. Mil duzentos e noventa e cinco. Rápido. Muito rápido.

O cavalo disparava para o norte através da Enseada de Puget, passando velozmente por ilhas, barcos de pesca e grupos de baleias muito surpresas. A paisagem começou a parecer familiar: Crescent Beach, Baía Boundary. Frank velejara ali uma vez, em uma excursão da escola. Eles haviam entrado no Canadá.

O cavalo avançou para a terra. Seguiu a rodovia 99 no sentido norte, correndo tanto que os carros pareciam imóveis. Por fim, quando estavam chegando a Vancouver, a carruagem começou a soltar fumaça.

— Hazel! — gritou Frank. — Estamos nos despedaçando!

Ela entendeu a mensagem e puxou as rédeas. O cavalo não pareceu feliz, mas reduziu para uma velocidade subsônica enquanto eles zuniam pelas ruas da cidade. Cruzaram a ponte Ironworkers, chegando a North Vancouver, e a carruagem começou a chocalhar perigosamente. Por fim Arion parou no topo de uma colina arborizada. Ele bufou, satisfeito, como se dissesse: *É assim que corremos, seus ignorantes*. A carruagem fumegante desmoronou, derrubando Percy, Frank e Ella no chão úmido e coberto de musgo.

Frank se levantou com esforço. Ele piscou, tentando se livrar dos pontos amarelos em seus olhos. Percy gemeu e começou a desatrelar Arion da carruagem arruinada. Ella adejou em círculos confusos, batendo em árvores e murmurando:

— Árvore. Árvore. Árvore.

Apenas Hazel parecia não ter sido afetada pela viagem. Sorrindo embevecida, ela deslizou das costas do cavalo.

— Isso foi divertido!

— É. — Frank engoliu a náusea. — Muito divertido.

Arion relinchou.

— Ele está dizendo que precisa comer — traduziu Percy. — Não me admira. Ele deve ter queimado uns seis milhões de calorias.

Hazel examinou o chão a seus pés e franziu a testa.

— Não estou sentindo nenhum ouro por aqui... Não se preocupe, Arion. Vou encontrar um pouco para você. Nesse meio-tempo, por que não vai pastar? Vamos encontrá-lo...

O cavalo zuniu dali, deixando para trás um rastro de vapor.

Hazel franziu as sobrancelhas.

— Será que ele vai voltar?

— Não sei — disse Percy. — Ele parece meio... enérgico.

Frank quase torcia para que o cavalo não voltasse. Mas não disse isso, é claro. Podia ver que Hazel estava aflita com a ideia de perder o novo amigo. Mas Frank sentia medo de Arion e tinha quase certeza de que o cavalo sabia disso.

Hazel e Percy puseram-se a resgatar os suprimentos dos destroços da carruagem. Havia algumas caixas de mercadoria da Amazon na frente, e Ella gritou de prazer quando encontrou uma remessa de livros. Pegou um exemplar de *As aves da América do Norte*, voejou até o galho mais próximo e começou a passar as garras pelas páginas tão rápido que Frank não sabia dizer se ela lia ou rasgava as folhas.

Frank recostou-se em uma árvore, tentando controlar a vertigem. Ainda não se recuperara de seu aprisionamento na Amazon: o chute que o lançara pelos ares no saguão, o fato de ter sido desarmado e enjaulado, e insultado como *bebezão* por um cavalo egomaniaco. Isso não fora exatamente uma ajuda para sua autoestima.

Mesmo antes disso, a visão que ele havia compartilhado com Hazel o deixara abalado. Ele agora se sentia mais próximo dela. Sabia que tinha feito a coisa certa ao lhe dar o pedaço de lenha. Um peso imenso fora tirado de seus ombros.

Por outro lado, ele vira o Mundo Inferior em primeira mão. Conhecera a sensação de ficar sentado à toa para sempre, só lamentando erros. Olhara para

aquelas assustadoras máscaras de ouro nos juízes dos mortos e se dera conta de que *ele* estaria ali diante dos três um dia, talvez muito em breve.

Frank sempre sonhara em ver a mãe de novo quando morresse. Mas talvez isso não fosse possível para semideuses. Hazel passara uns setenta anos nos Campos de Asfódelos e nunca encontrara a mãe. Frank esperava que tanto ele quanto sua mãe acabassem no Elísio. Mas, se Hazel não conseguira ir para lá — tendo se sacrificado para deter Gaia, assumindo a responsabilidade por seus atos para que a mãe não fosse para os Campos da Punição —, que chance Frank teria? Nunca fizera nada tão heroico.

Ele se endireitou e olhou à sua volta, tentando se localizar.

Para o sul, além do porto de Vancouver, a silhueta do centro da cidade cintilava ao vermelho do pôr do sol. Para o norte, as colinas e florestas do Lynn Canyon Park serpenteavam entre as subdivisões de North Vancouver até darem lugar às áreas desabitadas.

Frank passara anos explorando esse parque. Ele avistou uma curva do rio que parecia familiar. Reconheceu um pinheiro morto que fora fendido por um raio em uma clareira ali perto. Frank conhecia a colina.

— Estou praticamente em casa — disse ele. — A propriedade de minha avó fica ali adiante.

Hazel estreitou os olhos.

— A que distância?

— É só cruzar o rio e atravessar o bosque.

Percy ergueu uma sobrancelha.

— Sério? Para a casa da avó nós vamos?

Frank pigarreou.

— É, tanto faz.

Hazel juntou as mãos em um gesto de prece.

— Frank, *por favor*, diga que ela vai nos deixar passar a noite lá. Sei que estamos com o tempo contado, mas precisamos descansar, certo? E Arion nos fez ganhar algum tempo. Quem sabe não conseguimos uma refeição quente de verdade?

— E um banho quente? — implorou Percy. — E uma cama, tipo, com lençóis e travesseiro?

Frank tentou imaginar a expressão no rosto de sua avó se ele aparecesse com dois amigos fortemente armados e uma harpia. Tudo havia mudado desde o enterro de sua mãe, desde a manhã em que os lobos o tinham levado para o sul. Ele ficara muito zangado por ser obrigado a partir. Agora não podia imaginar voltar para lá.

No entanto, ele e os amigos estavam exaustos. Fazia mais de dois dias que

viajavam sem uma refeição ou um descanso decentes. A avó podia lhes dar suprimentos. E talvez ela pudesse responder a algumas perguntas que vinham se formando no fundo da mente de Frank — uma suspeita crescente a respeito do dom de sua família.

— Vale a pena tentar — decidiu Frank. — Para a casa da avó nós vamos.

*

Frank estava tão distraído que teria seguido direto para o acampamento dos ogros. Felizmente Percy o puxou.

Eles se agacharam ao lado de Hazel e Ella atrás de um tronco caído e espiaram a clareira.

— Ruim — murmurou Ella. — Isso é ruim para harpias.

Agora estava completamente escuro. Em torno de uma fogueira acesa sentava-se meia dúzia de humanoides de cabelos desgrehados. De pé, eles provavelmente teriam uns dois metros e meio de altura — minúsculos se comparados ao gigante Polibotes ou mesmo aos ciclopes que eles tinham visto na Califórnia, mas isso não os tornava menos assustadores. Vestiam apenas uma bermuda de surfista. Sua pele era vermelha de sol, coberta de tatuagens de dragões, corações e mulheres de biquíni. Pendendo de um espeto no fogo havia um animal esfolado, talvez um javali, e os ogros arrancavam pedaços de carne com suas unhas que pareciam garras, rindo e conversando enquanto comiam, exibindo dentes pontudos. Perto deles havia várias bolsas de rede cheias de esferas de bronze, semelhantes a balas de canhão. As esferas deviam estar quentes, pois soltavam vapor no ar fresco da noite.

Do outro lado da clareira, a uns duzentos metros, as luzes da mansão dos Zhang brilhavam através das árvores. *Tão perto*, pensou Frank. Ele se perguntou se poderiam contornar o grupo de monstros, mas, quando olhou para a esquerda e para a direita, viu mais fogueiras em ambas as direções, como se os ogros tivessem cercado a propriedade. Os dedos de Frank cravaram-se na casca do tronco. Sua avó devia estar sozinha na casa, presa.

— O que esses caras são? — sussurrou ele.

— Canadenses — respondeu Percy.

Frank o encarou e inclinou o corpo para trás.

— *Como é que é?*

— Hum, sem ofensa — disse Percy. — Foi assim que Annabeth os chamou quando lutei com eles antes. Ela disse que eles vivem no norte, no Canadá.

— Ah, bem — resmungou Frank —, nós estamos *no* Canadá. *Eu sou* canadense. Mas nunca vi *essas* coisas antes.

Ella arrancou uma pena da asa e a girou nos dedos.

— Lestrigões — disse a harpia. — Canibais. Gigantes do norte. Lenda de Sasquatch. Sim, sim. Não são aves. Não são aves da América do Norte.

— É assim que eles são chamados — concordou Percy. — Lestri... ah, isso que Ella falou.

Frank fez uma careta para os caras na clareira.

— *Poderiam* ser confundidos com o Pé Grande. Talvez tenha sido daí que a lenda surgiu. Ella, você é muito inteligente.

— Ella é inteligente — concordou. Ela então timidamente ofereceu a Frank sua pena.

— Ah... obrigado. — Ele enfiou a pena no bolso, e então percebeu que Hazel o olhava, furiosa. — O que foi? — perguntou.

— Nada. — Ela voltou-se para Percy. — Então sua memória está voltando? Você se lembra de como derrotou esses caras?

— Um pouco — disse Percy. — Ainda está nebuloso. Acho que tive ajuda. Nós os matamos com bronze celestial, mas isso foi antes de... vocês sabem.

— Antes de a Morte ser sequestrada — afirmou Hazel. — Então, agora, eles talvez nem morram.

Percy assentiu com a cabeça.

— Aquelas balas de canhão de bronze... são um problema. Acho que as usamos contra os gigantes. Elas pegam fogo e explodem.

A mão de Frank dirigiu-se ao bolso do casaco. Então ele se lembrou de que Hazel estava com seu pedaço de madeira.

— Se provocarmos uma explosão — analisou ele —, os ogros dos outros acampamentos virão correndo. Acho que cercaram a casa, o que significa que pode haver cinquenta ou sessenta deles no bosque.

— Então é uma armadilha. — Hazel olhou para Frank, preocupada. — E sua avó? Temos que ajudá-la.

Frank sentiu um nó na garganta. Nunca, jamais ele pensou que a avó precisaria ser resgatada, mas agora começava a desfilar projeções de combate na mente, como ele fazia no acampamento durante os jogos de guerra.

— Precisamos de alguma distração — decidiu ele. — Se pudermos atrair esse grupo para dentro do bosque, podemos nos esgueirar até o outro lado sem alertar os outros.

— Queria que Arion estivesse aqui — disse Hazel. — Eu poderia fazer os ogros me perseguirem.

Frank puxou a lança das costas.

— Tenho outra ideia.

Frank não queria fazer isso. A ideia de convocar Cinzento o apavorava ainda mais que o cavalo de Hazel. Mas ele não via outra saída.

— Frank, você não pode atacá-los! — protestou Hazel. — Isso é suicídio!

— Não vou atacar — replicou Frank. — Tenho um amigo. É só... Ninguém grite, o.k.?

Ele enterrou a lança no chão, e a ponta se quebrou.

— Oops — disse Ella. — Lança sem ponta. Não, não.

O chão tremeu. A mão esquelética de Cinzento irrompeu na superfície. Percy tentou pegar a espada e Hazel soltou um barulho como o de um gato com uma bola de pelo. Ella desapareceu e tornou a se materializar no topo da árvore mais próxima.

— Está tudo bem — garantiu Frank. — Ele está sob controle!

Cinzento rastejou para fora do chão. Não mostrava nenhum indício de dano de seu encontro anterior com os basiliscos. Estava novo em folha com sua roupa de camuflagem e seus coturnos, a carne cinzenta translúcida cobrindo-lhe os ossos como gelatina brilhante. Voltou os olhos fantasmagóricos para Frank, à espera de ordens.

— Frank, isso é um *spartus* — falou Percy. — Um guerreiro-esqueleto. Eles são do mal. São assassinos. São...

— Eu sei — disse Frank, com amargura. — Mas é um presente de Marte. Neste momento, é tudo o que tenho. Muito bem, Cinzento. Suas ordens: ataque aquele grupo de ogros. Leve-os para o oeste, criando uma distração para que possamos...

Infelizmente, Cinzento perdeu o interesse após a palavra “ogros”. Talvez só compreendesse frases simples. Ele correu na direção da fogueira dos ogros.

— Espere! — pediu Frank, mas era tarde demais. Cinzento puxou duas das próprias costelas pela camisa e correu em torno do fogo, apunhalando os ogros pelas costas com tamanha velocidade que eles não tiveram tempo nem de gritar. Seis lestrigões com uma expressão de extrema surpresa tombaram de lado como um círculo de dominós e se desfizeram em pó.

Cinzento pisoteou o local, espalhando as cinzas enquanto eles tentavam se reconstituir. Quando pareceu convencido de que não voltariam, Cinzento ficou em posição de sentido, bateu continência com severidade na direção de Frank e afundou no solo da floresta.

Percy fitava Frank.

— Como...

— Nenhum lestrigão. — Ella voltou voejando e pousou perto deles. — Seis menos seis é igual a zero. Lanças são boas para subtração. Sim.

Hazel olhou para Frank como se ele próprio tivesse se transformado em um esqueleto zumbi. Frank pensou que seu coração se partiria, mas não podia culpá-la. Os filhos de Marte tinham tudo a ver com violência. O símbolo de Marte era uma lança ensanguentada por uma boa razão. Por que Hazel não ficaria horrorizada?

Ele baixou os olhos para a ponta quebrada de sua lança. Desejou ter *qualquer* pai, menos Marte.

— Vamos — disse Frank. — Minha avó pode estar em apuros.

XXXIV

FRANK

ELES PARARAM NA ENTRADA DA frente. Como Frank temera, um anel de fogueiras esparsas brilhava no bosque, cercando completamente a propriedade, mas a casa em si parecia intocada.

Os sinos dos ventos da avó de Frank ressoavam na brisa noturna. A cadeira de vime estava vazia, de frente para a rua. Luzes brilhavam nas janelas do térreo, mas Frank decidiu não tocar a campainha. Ele não sabia se era tarde, se a avó estava dormindo ou mesmo se ela se encontrava em casa. Em vez disso, verificou o elefante de pedra no canto, uma réplica minúscula do que eles tinham visto em Portland. A chave reserva ainda ficava escondida debaixo do pé da estátua.

Frank hesitou à porta.

— Qual o problema? — perguntou Percy.

Frank lembrou-se da manhã em que abrira a porta para o militar que lhe falara de sua mãe. Lembrou-se de descer aqueles degraus a caminho do enterro, segurando seu pedaço de lenha dentro do casaco pela primeira vez. Lembrou-se de ficar ali de pé, vendo os lobos saírem do bosque — os lacaios de Lupa, que o levariam para o Acampamento Júpiter. Isso parecia ter acontecido tanto tempo antes, mas fazia apenas seis semanas.

Agora ele estava de volta. Será que a avó o abraçaria? Será que diria: *Frank, graças aos deuses que você veio! Estou cercada por monstros!*

Seria mais provável ela repreendê-lo ou tomá-los por intrusos e os atacar com uma frigideira.

— Frank? — chamou Hazel.

— Ella está nervosa — murmurou a harpia de seu poleiro na grade. — O elefante... o elefante está olhando para Ella.

— Vai dar tudo certo. — A mão de Frank tremia tanto que ele mal conseguia introduzir a chave na fechadura. — Fiquem todos juntos.

Lá dentro, a casa tinha um cheiro bolorento de lugar fechado. Em geral o ar era perfumado com incenso de jasmim, mas todos os queimadores estavam vazios.

Eles examinaram a sala de estar, a de jantar, a cozinha. Havia pratos sujos empilhados na pia, o que não estava certo. A empregada da avó de Frank vinha todos os dias — a menos que tivesse sido afugentada pelos gigantes.

Ou comida no almoço, pensou Frank. Ella dissera que os lestrigões eram canibais.

Ele afastou esse pensamento. Os monstros ignoravam mortais comuns. Pelo menos, *normalmente*.

No salão, estátuas de Buda e taoistas imortais sorriam para eles como palhaços psicopatas. Frank lembrou-se de Íris, a deusa do arco-íris, que vinha se envolvendo com o budismo e o taoismo. Ele imaginou que uma visita a esta casa velha e assustadora a curaria disso.

Os vasos grandes de porcelana da avó de Frank tinham teias de aranha. Mais uma vez, aquilo não estava certo. Ela insistia para que sua coleção fosse limpa regularmente. Olhando a porcelana, Frank sentiu uma pontada de culpa por ter destruído tantas peças no dia do enterro. Agora aquilo parecia uma bobagem — ficar com raiva da avó quando havia tantas outras pessoas de quem sentir raiva: Juno, Gaia, os gigantes, seu pai, Marte. *Principalmente* Marte.

A lareira estava escura e fria.

Hazel abraçou o próprio peito, como se para impedir que o pedaço de lenha saltasse para ali.

— Essa aí...

— Sim — disse Frank. — É essa aí.

— É essa aí o quê? — perguntou Percy.

A expressão de Hazel era de solidariedade, mas isso só fez com que Frank se sentisse pior. O menino se lembrou do quanto ela pareceu apavorada, enojada até, quando ele convocara Cinzento.

— É a lareira — respondeu Frank a Percy, o que parecia estupidamente óbvio. — Venham. Vamos olhar lá em cima.

Os degraus rangiam sob seus pés. O antigo quarto de Frank estava como ele o deixara. Nenhum de seus pertences havia sido tocado: o arco e a aljava extras (ele teria de pegá-los depois), os prêmios dos concursos de soletração da escola (é, provavelmente ele era o único semideus não disléxico e vencedor de concursos de soletração no mundo, como se já não fosse esquisito o bastante) e as fotos de sua mãe — de colete à prova de balas e capacete, sentada em um

Humvee na província de Kandahar; de uniforme de técnica de futebol, na temporada em que ela dirigira o time de Frank; em seu uniforme de gala, com as mãos nos ombros de Frank, no dia em que ela visitara a escola para falar de sua profissão.

— Sua mãe? — perguntou Hazel, delicadamente. — É linda.

Frank não conseguiu responder. Sentia-se um pouco constrangido — um cara de dezesseis anos com um monte de fotos da mãe. Quão irremediavelmente ridículo era aquilo? Mas, sobretudo, ele se sentia triste. Seis semanas desde que estivera ali. Em alguns sentidos, parecia uma eternidade. Mas quando olhou para o rosto sorridente da mãe nas fotos, a dor da perda pareceu-lhe tão intensa como se fosse nova.

Eles verificaram os outros quartos. Os dois do meio estavam vazios. Uma luz fraca tremulava debaixo da última porta — o quarto da avó.

Frank bateu de leve. Ninguém respondeu. Ele abriu a porta. A avó estava deitada na cama, com uma aparência esquelética e frágil, seus cabelos brancos espalhados em torno do rosto como a coroa de um basilisco. Uma única vela queimava na mesinha de cabeceira. Ao lado da cama estava sentado um homem grande usando o uniforme bege das Forças Canadenses. Apesar da penumbra, ele usava óculos escuros com uma luz vermelho-sangue brilhando por trás das lentes.

— Marte — disse Frank.

O deus ergueu os olhos, impassível.

— Oi, garoto. Entre. Diga a seus amigos para irem dar uma volta.

— Frank? — Hazel sussurrou. — Como assim, *Marte*? Sua avó... ela está bem?

Frank olhou para os amigos.

— Vocês não o estão vendo?

— Vendo quem? — Percy apanhou a espada. — Marte? Onde?

O deus da guerra deu uma risadinha.

— Não, eles não podem me ver. Achei que desta vez seria melhor assim. Uma conversinha em particular... entre pai e filho, certo?

Frank cerrou os punhos. Contou até dez antes de confiar em si mesmo para falar.

— Pessoal, é... não é nada. Ouçam, por que não se acomodam nos quartos do meio?

— Telhado — disse Ella. — Telhados são bons para harpias.

— Claro — concordou Frank, distraído. — Deve ter comida na cozinha. Vocês me dão alguns minutos a sós com minha avó? Eu acho que ela...

Sua voz falhou. Ele não sabia se queria chorar, gritar ou dar um soco nos

óculos de Marte — talvez os três.

Hazel pousou a mão em seu braço.

— É claro, Frank. Venham, Ella, Percy.

Frank esperou até os passos dos amigos desaparecerem. Então entrou no quarto e fechou a porta.

— É você mesmo? — perguntou a Marte. — Não é um truque, ilusão ou algo do gênero?

O deus sacudiu a cabeça.

— Você preferiria que não fosse eu?

— Sim — confessou Frank.

Marte deu de ombros.

— Não posso culpá-lo. Ninguém recebe a guerra de braços abertos... Não se for inteligente. Mas a guerra chega para todos, mais cedo ou mais tarde. É inevitável.

— Isso é idiota — disse Frank. — A guerra não é inevitável. Ela mata pessoas. Ela...

— ...levou sua mãe — completou Marte.

Frank queria arrancar aquela expressão de calma do rosto dele, mas talvez isso fosse apenas a aura de Marte deixando o menino agressivo. Ele olhou para a avó, dormindo pacificamente. Queria que ela acordasse. Se havia alguém capaz de enfrentar um deus da guerra, era sua avó.

— Ela está pronta para morrer — contou Marte. — Está pronta há semanas, mas tem resistido por você.

— Por mim? — Frank ficou tão atônito que quase esqueceu a raiva. — Por quê? Como ela poderia saber que eu estava vindo? *Eu* não sabia!

— Os lestrigões lá fora sabiam — explicou Marte. — Imagino que certa deusa lhes contou.

Frank piscou.

— Juno?

O deus da guerra riu tão alto que as janelas chocalharam, mas a avó nem se mexeu.

— Juno? Bigodes de javali, garoto. Não Juno! Você é a arma secreta de Juno. Ela não o delataria. Não, eu me refiro a Gaia. Obviamente ela está acompanhando seus movimentos. Acho que você a preocupa mais que Percy, Jason ou qualquer outro dos sete.

Frank teve a sensação de que o quarto se inclinava. Queria que houvesse outra cadeira ali para ele se sentar.

— Os sete... Você está falando da antiga profecia, das Portas da Morte? Eu sou um dos sete? E Jason e...

— Sim, sim. — Marte agitou a mão, impaciente. — Ora, garoto. Supõe-se que você seja bom de táticas. Pense bem! Obviamente seus amigos estão sendo preparados para essa missão também, partindo do princípio de que vocês consigam voltar vivos do Alasca. Juno pretende unir os gregos e os romanos e enviá-los para enfrentar os gigantes. Ela acredita que essa seja a única maneira de deter Gaia.

Marte deu de ombros, evidentemente cético em relação ao plano.

— Enfim, Gaia não quer que você seja um dos sete. Percy Jackson... ela acredita que pode controlá-lo. Todos os outros possuem fraquezas que ela pode explorar. Mas *você*... você a preocupa. Ela preferiria matá-lo de imediato. Foi por isso que convocou os lestrigões. Eles estão aqui há dias, esperando.

Frank sacudiu a cabeça. Esse era algum tipo de truque de Marte? De jeito nenhum uma *deusa* se preocuparia com Frank, principalmente quando havia alguém como Percy Jackson com quem se preocupar.

— Nenhuma fraqueza? — ele indagou. — Eu não sou nada *além* de fraquezas. Minha vida depende de um pedaço de madeira!

Marte sorriu.

— Você está se subestimando. Seja como for, Gaia convenceu esses lestrigões de que, se comerem o último membro de sua família, ou seja, *você*, irão herdar seu dom. Se isso é ou não verdade, não sei. Mas os lestrigões estão loucos para tentar.

O estômago de Frank deu um nó. Cinzento havia matado seis dos ogros, mas, a julgar pelas fogueiras em torno da propriedade, havia dezenas deles ainda — todos esperando para ter Frank no café da manhã.

— Eu vou vomitar — disse ele.

— Não vai, não. — Marte estalou os dedos e o enjoo de Frank desapareceu. — Nervosismo de batalha. Acontece com todo mundo.

— Mas minha avó...

— Sim, ela está esperando para falar com você. Até aqui os ogros a deixaram em paz. Ela é a isca, entende? Agora que você chegou, imagino que já tenham farejado sua presença. Vão atacar pela manhã.

— Então nos tire daqui! — exigiu Frank. — Estale os dedos e exploda os canibais.

— Ha! Isso seria divertido. Mas eu não enfrento as lutas de meus filhos no lugar deles. As Parcas têm ideias claras sobre quais tarefas cabem aos deuses e o que tem que ser feito pelos mortais. Esta é *sua* missão, garoto. E, hum, caso ainda não tenha percebido, sua lança só vai estar pronta para ser utilizada de novo daqui a vinte e quatro horas, então espero que você tenha aprendido a usar o dom da família. Caso contrário, vai servir de café da manhã para os canibais.

O dom da família. Frank queria conversar com sua avó sobre isso, mas agora ele não tinha ninguém além de Marte para consultar. Olhou para o deus da guerra, que sorria sem absolutamente qualquer empatia.

— Periclímeno. — Frank pronunciou o nome com cuidado, como em uma prova de soletração. — Ele foi meu antepassado, um príncipe grego, um argonauta. Morreu lutando contra Hércules.

Marte girou a mão em um gesto de “*vá em frente*”.

— Ele tinha uma habilidade que o ajudava em combate — continuou Frank. — Algum tipo de dom concedido pelos deuses. Minha mãe disse que ele lutou como um enxame de abelhas.

Marte riu.

— É verdade. O que mais?

— De alguma forma, a família chegou à China. Creio que, nos tempos do Império Romano, um dos descendentes de Periclímeno serviu em uma legião. Minha mãe costumava falar de um cara chamado Sêneca Graco, mas ele também tinha um nome chinês, Sung Guo. Eu acho... bem, esta é a parte que eu não sei, mas Reyna sempre falou que havia muitas legiões perdidas. A Décima Segunda fundou o Acampamento Júpiter. Talvez haja outra legião que desapareceu no leste.

Marte bateu palmas sem fazer barulho.

— Nada mau, garoto. Já ouviu falar da Batalha de Carras? Um imenso desastre para os romanos. Eles lutaram contra uns caras chamados partos na fronteira oriental do império. Quinze mil romanos morreram. Outros dez mil foram capturados.

— E um dos prisioneiros foi meu antepassado Sêneca Graco?

— Exatamente — concordou Marte. — Os partos puseram os legionários cativos para trabalhar, pois eram muito bons lutadores. Só que a Pártia foi invadida novamente do outro lado...

— Pelos chineses — deduziu Frank. — E os prisioneiros romanos foram capturados outra vez.

— É. Meio embaraçoso. Enfim, foi assim que uma legião romana chegou à China. Os romanos acabaram estabelecendo raízes e construíram uma nova cidade chamada...

— Li-Jien — disse Frank. — Minha mãe disse que essa era nossa terra ancestral. Li-Jien. *Legião*.

Marte parecia satisfeito.

— Agora você está entendendo. E o velho Sêneca Graco, ele tinha o dom de sua família.

— Minha mãe contou que ele enfrentou dragões — lembrou-se Frank. — Ela

disse que ele... ele foi o dragão mais poderoso de todos.

— Ele era bom — admitiu Marte. — Não bom o bastante para evitar o azar da legião, mas era bom. Estabeleceu-se na China, passou o dom da família para os filhos e assim por diante. Com o tempo, sua família emigrou para a América do Norte e se envolveu com o Acampamento Júpiter...

— Fechar o círculo — concluiu Frank. — Juno disse que eu fecharia o círculo para a família.

— Veremos. — Marte fez um gesto com a cabeça na direção da avó. — Ela queria lhe contar tudo isso pessoalmente, mas achei melhor adiantar parte da história já que não resta muita força à raposa velha. Então, entendeu qual é seu dom?

Frank hesitou. Ele tinha uma ideia, mas parecia louca — ainda mais louca que uma família se mudar da Grécia para Roma, daí para a China e depois para o Canadá. Ele não queria dizer em voz alta. Não queria estar enganado e ter como resposta uma risada de Marte.

— Eu... eu acho que sim. Mas contra um exército daqueles ogros...

— É, vai ser difícil. — Marte se ergueu e se espreguiçou. — Quando sua avó acordar de manhã, ela lhe dará alguma ajuda. Depois, imagino que vá morrer.

— *O quê?* Mas eu preciso salvá-la! Ela não pode simplesmente me abandonar.

— Ela teve uma vida plena — disse Marte. — Está pronta para seguir em frente. Não seja egoísta.

— Egoísta!

— A velha senhora só resistiu esse tempo todo por um senso de dever. Sua mãe era igual. É por isso que eu a amava. Ela sempre punha o dever em primeiro lugar, à frente de tudo mais. Até mesmo da própria vida.

— Até mesmo de mim.

Marte tirou os óculos escuros. Onde deveria haver olhos, miniaturas de esferas de fogo fervilhavam como explosões nucleares.

— Autopiedade não ajuda em nada, garoto. Não é um comportamento digno de você. Mesmo sem contar com o dom da família, sua mãe lhe deu seus traços mais importantes: bravura, lealdade, cérebro. Agora você precisa decidir como usá-los. De manhã, escute sua avó. Aceite seus conselhos. Você ainda pode libertar Tânatos e salvar o acampamento.

— E deixar minha avó para trás, para morrer.

— A vida só é preciosa porque termina, garoto. Acredite no que um deus diz. Vocês mortais não sabem a sorte que têm.

— É — murmurou Frank. — Muita sorte.

Marte riu, uma risada metálica e áspera.

— Sua mãe costumava me dizer um provérbio chinês: Comer amargo...

— *Comer amargo para provar o doce* — completou Frank. — Detesto esse provérbio.

— Mas ele é verdadeiro. Como é que se fala hoje em dia... não há parto sem dor? O conceito é o mesmo. Você faz o que é fácil, agradável, *pacífico*, e quase sempre a situação azeda no fim. Mas se tomar o caminho mais difícil... ah, é *assim* que você colhe os doces frutos. Dever. Sacrifício. Eles significam algo.

Frank sentia tanto desgosto que mal podia falar. *Este* era seu pai?

Claro, Frank entendia que sua mãe era uma heroína. Entendia que ela salvara vidas e que fora muito corajosa. Mas ela o havia deixado sozinho. Isso não era justo. Não era certo.

— Já estou indo — prometeu Marte. — Mas primeiro... você disse que era fraco. Isso não é verdade. Quer saber por que Juno o poupou, Frank? Por que aquele pedaço de madeira ainda não queimou? É porque você tem um papel a cumprir. Você acha que não é tão bom quanto os outros romanos. Acha que Percy Jackson é melhor que você.

— Ele é — grunhiu Frank. — Ele lutou com *você* e ganhou.

Marte deu de ombros.

— Talvez. Pode ser. Mas todo herói tem um defeito fatal. Percy Jackson? É leal demais aos amigos. Não consegue abrir mão deles por nada neste mundo. Isso foi dito a ele, anos atrás. E algum dia, em breve, ele vai se ver diante de um sacrifício que não poderá fazer. Sem você, Frank, sem seu senso do dever, ele irá falhar. Toda essa guerra irá descambar, e Gaia destruirá nosso mundo.

Frank sacudiu a cabeça. Não queria ouvir isso.

— A guerra é um dever — prosseguiu Marte. — A única decisão de fato é se você a aceita e por que razão você luta. O legado de Roma está em jogo... cinco mil anos de lei, ordem, civilização. Os deuses, as tradições, as culturas que moldaram o mundo em que você vive: tudo irá ruir, Frank, a menos que você vença. Acho que é algo por que vale a pena lutar. Pense bem.

— Qual é o meu? — perguntou Frank.

Marte ergueu uma sobrancelha.

— O seu o quê?

— Defeito fatal. Você disse que todos os heróis têm um.

O deus deu um sorriso mordaz.

— Você tem que descobrir isso sozinho, Frank. Mas finalmente está fazendo as perguntas certas. Agora, durma um pouco. Você precisa descansar.

O deus fez um gesto com a mão. Frank sentiu os olhos pesarem. Então desabou, e tudo escureceu.

*

— Fai — chamou uma voz familiar, áspera e impaciente.

Frank piscou. A luz do sol entrava no quarto.

— Fai, levante-se. Por mais que eu queira bater nesse seu rosto ridículo, não estou em condições de sair da cama.

— Vó?

A imagem dela entrou em foco, olhando para ele de cima da cama. Ele estava esparramado no chão. Durante a noite, alguém o cobrira com uma colcha e pusera um travesseiro debaixo de sua cabeça, mas ele não tinha a menor ideia de como isso acontecera.

— Sim, meu brutamontes bobo. — A avó ainda parecia horrivelmente fraca e pálida, mas sua voz era dura como sempre. — Agora, levante-se. Os ogros cercaram a casa. Temos muito que conversar se você e seus amigos quiserem escapar daqui com vida.

XXXV

FRANK

UMA OLHADA PELA JANELA E Frank viu que estava em apuros.

Na borda do gramado os lestrigões empilhavam balas de canhão de bronze. A pele deles tinha um brilho vermelho. O cabelo desgrenhado, as tatuagens e as garras não pareciam nada melhores à luz da manhã.

Alguns carregavam clavas ou lanças. Uns poucos ogros confusos carregavam pranchas de surfe, como se tivessem ido para a festa errada. Todos mostravam um estado de espírito festivo: cumprimentavam-se entre si com as mãos espalmadas, amarravam babadores de plástico no pescoço, preparavam facas e garfos. Um ogro havia acendido uma churrasqueira portátil e dançava com um avental em que se lia BEJE O COZINHEIRO.

A cena seria quase engraçada, mas Frank sabia que era *ele* o prato principal.

— Mande seus amigos para o sótão — disse a avó. — Você pode juntar-se a eles quando acabarmos.

— O sótão? — Frank se virou. — Você me disse que eu nunca poderia ir lá.

— Isso é porque guardamos *armas* no sótão, garoto bobo. Você acha que esta é a primeira vez que monstros atacam nossa família?

— Armas — grunhiu Frank. — Certo. Eu *nunca* usei armas.

As narinas da avó inflaram.

— Isso foi sarcasmo, Fai Zhang?

— Sim, vó.

— Ótimo. Talvez ainda haja esperança para você. Agora, sente-se. Você precisa comer.

Ela apontou na direção da mesinha de cabeceira, onde alguém havia colocado um copo de suco de laranja e um prato de ovos e bacon com torrada — o café da manhã preferido de Frank.

Apesar de seus problemas, Frank de repente sentiu fome. Ele olhou para a avó, atônito.

— Você...

— Fiz seu café da manhã? Pelo macaco de Buda, é claro que não! E também não foram os empregados. É perigoso demais para eles aqui. Não, sua namorada Hazel preparou para você. E lhe trouxe uma colcha e um travesseiro à noite. E pegou algumas roupas limpas para você no quarto. Por falar nisso, você devia tomar um banho. Está com cheiro de pelo queimado de cavalo.

Frank abriu e fechou a boca, como um peixe. Ele não conseguia fazer os sons saírem. *Hazel* fizera tudo aquilo por ele? Frank achava que, com certeza, havia destruído qualquer chance com ela na noite anterior, quando convocara Cinzento.

— Ela... hum... ela não...

— Não é sua namorada? — deduziu a avó. — Bem, *deveria* ser, seu tonto! Não a deixe escapar. Você precisa de mulheres fortes em sua vida se ainda não percebeu. Agora, aos negócios.

Frank comia enquanto a avó lhe dava uma espécie de instrução militar. À luz do dia, sua pele estava tão translúcida que as veias pareciam brilhar. Sua respiração soava como uma sacola de papel celofane enchendo e esvaziando, mas sua voz era firme e clara.

Ela explicou que os ogros estavam cercando a casa havia três dias, esperando que Frank aparecesse.

— Eles querem cozinhar e comer você — disse ela, em um tom de desgosto —, o que é ridículo. Você deve ter um gosto horrível.

— Obrigado, vó.

Ela assentiu com a cabeça.

— Admito que fiquei um tanto satisfeita quando eles disseram que você ia voltar. Estou feliz de vê-lo uma última vez, mesmo que suas roupas estejam sujas e você precise cortar o cabelo. É assim que você representa sua família?

— Estive um pouco ocupado, vó.

— Não há desculpa para o relaxamento. Enfim, seus amigos dormiram e comeram. Estão fazendo o inventário das armas no sótão. Eu lhes disse que você logo se juntaria a eles, mas há ogros demais para que vocês os mantenham afastados por muito tempo. Precisamos falar de seu plano de fuga. Olhe em minha mesa de cabeceira.

Frank abriu a gaveta e puxou um envelope selado.

— Sabe o aeródromo no fim do parque? — perguntou a avó. — Você conseguiria encontrá-lo novamente?

Frank assentiu em silêncio. Ficava a uns cinco quilômetros ao norte, seguindo

pela estrada principal ao longo do cânion. A avó o levava lá algumas vezes quando fretava aviões para trazer carregamentos especiais da China.

— Lá há um piloto de prontidão para partir a qualquer momento — disse a avó. — É um velho amigo da família. Tenho uma carta para ele nesse envelope, pedindo que leve você para o norte.

— Mas...

— Não discuta, garoto — murmurou ela. — Marte tem me visitado nestes últimos dias, feito companhia para mim. Ele me falou de sua missão. Encontre o deus da morte no Alasca e o liberte. Cumpra seu dever.

— Mas, se eu conseguir, você morre. Nunca mais vou vê-la.

— Isso é verdade — concordou a avó. — Mas vou morrer de qualquer jeito. Estou velha. Pensei que tivesse deixado isso claro. Agora, sua pretora lhe deu cartas de apresentação?

— Hum, sim, mas...

— Ótimo. Mostre-as ao piloto também. É um veterano da legião. Caso ele tenha alguma dúvida ou fique com medo, essas credenciais o obrigarão, em nome da honra, a ajudar vocês de todas as formas possíveis. Tudo o que precisam fazer é chegar ao aeródromo.

Um estrondo ecoou pela casa. Do lado de fora, uma bola de fogo explodiu no ar, iluminando o quarto inteiro.

— Os ogros estão ficando impacientes — disse a avó. — Precisamos nos apressar. Agora, em relação a seus poderes, espero que você os tenha descoberto.

— Hum...

A avó disparou algumas imprecções em mandarim.

— Deuses de seus ancestrais, garoto! Você não aprendeu nada?

— Sim! — Ele gaguejou os detalhes de sua conversa com Marte na noite anterior, mas sentia-se muito mais constrangido diante da avó. — O dom de Periclimeno... Acho, acho que ele era filho de Poseidon, quer dizer, de Netuno, quer dizer... — Frank estendeu as mãos. — O deus dos mares.

A avó assentiu, com má vontade.

— Ele era *neto* de Poseidon, mas já está bom. Como foi que seu brilhante intelecto chegou a este fato?

— Um vidente em Portland... Ele falou algo sobre meu bisavô, Shen Lun. Disse que ele tinha sido responsabilizado pelo terremoto de 1906 que destruiu São Francisco e a antiga localização do Acampamento Júpiter.

— Continue.

— No acampamento, eles disseram que um descendente de Netuno havia causado o desastre. Netuno é o deus dos terremotos. Mas... mas não acho que meu bisavô tenha sido de fato o responsável. Causar terremotos não é nosso

dom.

— Não — concordou a avó. — Mas, sim, ele foi responsabilizado. Era impopular, sendo descendente de Netuno. Era impopular porque seu verdadeiro dom era muito mais estranho que provocar terremotos. E era impopular porque era chinês. Nunca antes um garoto chinês havia alegado ter sangue romano. Uma verdade desagradável... mas não há como negá-la. Ele foi falsamente acusado, obrigado a sair em desonra.

— Então... se ele não fez nada de errado, por que você me mandou pedir desculpas por ele?

As maçãs do rosto da avó ficaram vermelhas.

— Porque se desculpar por algo que você não fez é melhor que morrer por isso! Eu não sabia se o acampamento iria responsabilizá-lo. Eu não sabia se o preconceito entre os romanos havia diminuído.

Frank engoliu seu café da manhã. Ele fora importunado na escola e nas ruas algumas vezes, mas não tanto, e nunca no Acampamento Júpiter. Ninguém no acampamento, nem uma única vez, zombara do fato de ele ser asiático. Ninguém se importava com isso. Só zombavam por ele ser desajeitado e lento. Ele não imaginava o que devia ter sido para o bisavô, acusado de destruir todo o acampamento, expulso da legião por algo que não tinha feito.

— E nosso dom verdadeiro? — perguntou a avó. — Você pelo menos descobriu qual é?

As antigas histórias da mãe de Frank se agitavam na cabeça do menino. *Lutando como um enxame de abelhas. Ele era o maior dragão de todos.* Lembrou-se da mãe aparecendo a seu lado no quintal, como se viesse voando do sótão. Lembrou-se dela saindo do bosque, dizendo que tinha dado informações à mamãe urso.

— *Você pode ser qualquer coisa* — disse Frank. — Era isso o que ela sempre me falava.

A avó bufou.

— Finalmente, um pouco de luz entra nessa sua cabeça. Sim, Fai Zhang. Sua mãe não estava simplesmente elevando sua autoestima. Ela estava lhe dizendo a verdade *literal*.

— Mas... — Outra explosão sacudiu a casa. O gesso do teto caiu feito neve. Frank estava tão desorientado que mal notou. — *Qualquer coisa?*

— Dentro do razoável — respondeu a avó. — Seres vivos. Ajuda se você conhecer bem a criatura. Também ajuda se estiver em uma situação de vida ou morte, como em um combate. Por que parece tão surpreso, Fai? Você sempre disse que não se sente à vontade no próprio corpo. *Todos* nós sentimos isso... todos nós que temos o sangue de Pilos. Esse dom só foi dado *uma vez* a uma

família mortal. Somos únicos entre os semideuses. Poseidon devia estar se sentindo bastante generoso quando abençoou nosso antepassado... ou bastante rancoroso. O dom muitas vezes se revelou uma maldição. Ele não salvou sua mãe...

Fora da casa, os ogros gritavam vivas. Alguém berrou:

— Zhang! Zhang!

— Você precisa ir, garoto bobo — disse a avó. — Nosso tempo se esgotou.

— Mas... eu não sei como usar meu poder. Eu nunca... não posso...

— Você pode — disse a avó. — Ou você não sobreviverá para se dar conta de seu destino. Não gosto dessa Profecia dos Sete de que Marte me falou. Sete é um número agourento na China... Um número fantasma. Mas não há nada que possamos fazer a respeito disso. Agora, vá! Amanhã à noite é o Festival de Fortuna. Você não tem tempo a perder. Não se preocupe comigo. Vou morrer em meu próprio tempo, à minha própria maneira. Não tenho a menor intenção de ser devorada por aqueles ogros ridículos. Vá!

Na porta, Frank se virou. Tinha a sensação de que seu coração estava sendo espremido em uma centrífuga, mas curvou-se formalmente.

— Obrigado, vó — disse. — Eu a deixarei orgulhosa.

Ela respondeu alguma coisa baixinho. Frank quase pensou ter ouvido: *Já deixou.*

Ele a fitou, aturdido, mas a expressão da avó imediatamente azedou.

— Pare de ficar me encarando com esse ar abobalhado, garoto! Vá tomar um banho e se vestir! Penteie esse cabelo! Minha última imagem sua, e você me aparece com esse cabelo bagunçado?

Ele alisou o cabelo e tornou a se curvar.

Sua última imagem da avó foi ela olhando pela janela, como se pensasse na bronca que daria nos ogros quando eles invadissem sua casa.

XXXVI

FRANK

FRANK TOMOU BANHO O MAIS rápido possível, vestiu as roupas que Hazel separara para ele — uma camisa verde-oliva com calça cargo bege, sério? —, e então apanhou seu arco e aljava reservas e seguiu em direção à escada do sótão.

O lugar estava cheio de armas. Sua família havia reunido armamentos antigos suficientes para suprir um exército. Escudos, lanças e aljavas com flechas pendiam ao longo de uma parede — quase tantas quantas havia no arsenal do Acampamento Júpiter. Na janela dos fundos uma besta do tipo escorpião estava montada e carregada, pronta para o uso. Na janela da frente havia algo que parecia uma metralhadora com um aglomerado de canos.

— Lançador de foguetes? — perguntou-se em voz alta.

— Não, não — disse uma voz, vinda do canto. — Batatas. Ella não gosta de batatas.

A harpia havia feito um ninho entre dois baús antigos. Estava sentada em um amontoado de pergaminhos chineses, lendo sete ou oito ao mesmo tempo.

— Ella — disse Frank —, cadê os outros?

— Telhado. — Ela olhou para cima e então voltou à leitura, alternando-se entre arrumar as penas e virar as páginas. — Telhado. Vigando ogros. Ella não gosta de ogros. Batatas.

— Batatas? — Frank não entendeu até virar a metralhadora. Seus oito canos estavam carregados com batatas. Na base da arma havia uma cesta repleta com mais munição comestível.

Ele olhou pela janela — a mesma de onde sua mãe o observara quando ele encontrara o urso. Lá embaixo no quintal os ogros perambulavam, empurrando-se uns aos outros, de vez em quando gritando na direção da casa e atirando balas de canhão de bronze que explodiam no ar.

— Eles têm balas de canhão — disse Frank. — E nós temos uma arma de batatas.

— Amido — observou Ella, pensativa. — Amido é ruim para ogros.

A casa sacudiu com outra explosão. Frank precisava chegar ao telhado e ver como Percy e Hazel estavam, mas sentia-se mal em deixar Ella sozinha.

Ajoelhou-se ao lado da harpia, tomando cuidado para não chegar perto demais.

— Ella, não é seguro aqui com os ogros. Vamos voar para o Alasca em breve. Você virá conosco?

Ella se contorceu, pouco à vontade.

— Alasca. Um milhão, seiscentos e vinte e dois mil quatrocentos e trinta e três quilômetros quadrados. Mamífero símbolo: alce.

De repente ela mudou para o latim, que Frank conseguia acompanhar com muito esforço graças às suas aulas no Acampamento Júpiter: — *Para o norte, além dos deuses, a coroa da legião está. Caindo do gelo, o filho de Netuno se afogará...* — A harpia se deteve e coçou o cabelo vermelho desalinhado. — Hum. Queimado. O restante está queimado.

Frank mal podia respirar.

— Ella, isso... isso era uma profecia? Onde você leu isso?

— Alce — repetiu Ella, saboreando a palavra. — Alce. Alce. Alce.

A casa tornou a sacudir. Caía poeira das vigas. Do lado de fora, um ogro gritou: — Frank Zhang! Apareça!

— Não — disse Ella. — Frank não deve. Não.

— Só... espere aqui, o.k.? — falou Frank. — Preciso ir ajudar Hazel e Percy.

Ele puxou a escada do telhado.

*

— Bom dia — disse Percy em um tom pesaroso. — Lindo dia, hein?

Ele usava as mesmas roupas do dia anterior — jeans, a camiseta roxa e o casaco de lã sintética —, mas eles obviamente haviam acabado de ser lavados. Percy segurava a espada em uma das mãos e uma mangueira de jardim na outra. Por que havia uma mangueira no telhado, Frank não sabia, mas sempre que os gigantes jogavam uma bala de canhão Percy evocava um jato d'água de alta potência e detonava a esfera em pleno ar. Então Frank se lembrou: *sua* família também descendia de Poseidon. A avó dissera que a casa havia sido atacada antes. Talvez tenham colocado a mangueira lá em cima justamente por essa

ração.

Hazel patrulhava a plataforma entre os dois frontões do sótão. Ela estava tão bonita que Frank sentiu o peito doer. Usava jeans, um casaco creme e uma blusa branca que deixava sua pele parecer tão agradável quanto chocolate. Os cabelos encaracolados caíam-lhe nos ombros. Quando ela se aproximou, Frank sentiu o cheiro de xampu de jasmim.

Ela empunhava a espada. Quando viu Frank, seus olhos demonstraram preocupação.

— Você está bem? — perguntou ela. — Por que está sorrindo?

— Ah, hum, nada — conseguiu dizer. — Obrigado pelo café da manhã. E pelas roupas. E... por não me odiar.

Hazel pareceu desconcertada.

— Por que eu odiaria você?

O rosto de Frank queimou. Ele desejou ter ficado de boca fechada, mas agora era tarde demais. *Não a deixe escapar*, sua avó dissera. *Você precisa de mulheres fortes*.

— É só que... ontem à noite — gaguejou. — Quando convoquei o esqueleto. Pensei... pensei que você havia pensado... que eu era repugnante... ou algo assim.

Hazel ergueu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça, transtornada.

— Frank, talvez eu tenha ficado surpresa. Talvez aquele negócio tenha sido assustador. Mas repugnante? A forma como você o comandou, tão confiante e tal... Tipo: *Ah, por falar nisso, pessoal, tenho esse spartus todo-poderoso que podemos usar*. Eu não pude acreditar. Não achei repugnante, Frank. Achei impressionante.

Frank não tinha certeza de que havia ouvido bem.

— Você ficou... impressionada... *comigo*?

Percy riu.

— Cara, aquilo *foi* muito incrível.

— Sério? — perguntou Frank.

— Sério — garantiu Hazel. — Mas neste momento temos outros problemas com que nos preocupar. Tudo bem?

Ela apontou para o exército de ogros, cada vez mais ousados, aproximando-se mais e mais da casa.

Percy preparou a mangueira.

— Tenho mais um truque na manga. Seu gramado tem um sistema de irrigação. Posso estourá-lo e causar alguma confusão lá embaixo, mas isso vai acabar com a pressão da água. Sem pressão, sem mangueira, e aquelas balas de canhão vão cair direto na casa.

O elogio de Hazel ainda ecoava nos ouvidos de Frank, fazendo com que ele

tivesse dificuldade para pensar. Dezenas de ogros acampavam em seu gramado, esperando para despedaçá-lo, e Frank mal conseguia controlar a vontade de sorrir.

Hazel não o odiava. Ela estava impressionada.

Ele obrigou-se a se concentrar. Lembrou-se do que a avó lhe dissera sobre a natureza de seu dom, e que ele precisava deixá-la morrer aqui.

Você tem um papel a cumprir, dissera Marte.

Frank não podia acreditar que era a arma secreta de Juno ou que essa grande Profecia dos Sete dependesse dele. Mas Hazel e Percy contavam com sua ajuda. Frank tinha que dar o melhor de si.

Ele pensou naquele estranho trecho de profecia que Ella havia recitado no sótão, sobre o filho de Netuno se afogar.

Vocês não entendem o verdadeiro valor dela, dissera-lhes Fineu em Portland. O velho cego havia pensado que controlar Ella faria dele um rei.

Todas essas peças de quebra-cabeça rodopiavam na mente de Frank. Ele tinha a sensação de que, quando finalmente se unissem, criariam um quadro do qual ele não gostaria.

— Pessoal, tenho um plano de fuga. — Ele contou aos amigos sobre o avião que os aguardava no aeródromo e o bilhete da avó para o piloto. — Ele é um veterano da legião. Vai nos ajudar.

— Mas Arion não voltou — disse Hazel. — E quanto à sua avó? Não podemos simplesmente deixá-la aqui.

Frank reprimiu um soluço.

— Talvez... talvez Arion nos encontre. Quanto à minha avó... ela foi bastante clara. Disse que vai ficar bem.

Essa não era exatamente a verdade, no entanto era o máximo que ele conseguia dizer.

— Tem outro problema — observou Percy. — Não sou muito bom com viagens aéreas. É perigoso para um filho de Netuno.

— Você vai ter que correr o risco... assim como eu — afirmou Frank. — Por falar nisso, somos parentes.

Percy quase rolou do telhado.

— O quê?

Frank lhes deu a versão resumida:

— Periclimeno. Ancestral pelo lado materno. Argonauta. Neto de Poseidon.

A boca de Hazel se escancarou.

— Você é um... um descendente de Netuno? Frank, isso é...

— Louco? É. E há essa pequena habilidade que supostamente minha família possui. Mas não sei como usá-la. Se eu não conseguir descobrir...

Os lestrigões berraram outro viva ruidoso. Frank se deu conta de que todos olhavam para ele, apontando, acenando e rindo. Tinham avistado o café da manhã.

— Zhang! — gritavam. — Zhang!

Hazel aproximou-se de Frank.

— Eles ficam fazendo isso. Por que estão gritando seu nome?

— Deixe para lá — disse Frank. — Ouçam, temos que proteger Ella, levá-la conosco.

— É claro — respondeu Hazel. — A pobrezinha precisa de nossa ajuda.

— Não — falou Frank. — Quer dizer, sim, mas não é só isso. Ela recitou uma profecia lá embaixo. Acho... acho que era sobre *esta* missão.

Ele não queria dar a Percy a notícia ruim, sobre um filho de Netuno se afogar, mas repetiu os versos.

O maxilar de Percy se retesou.

— Não sei como um filho de Netuno pode se afogar. Posso respirar debaixo d'água. Mas a coroa da legião...

— Só pode ser a águia — concluiu Hazel.

Percy assentiu.

— E Ella recitou algo nesse gênero também, em Portland... Um verso da antiga Grande Profecia.

— A antiga o quê? — perguntou Frank.

— Eu conto mais tarde.

Percy voltou à mangueira e acertou outra bala de canhão no ar.

Ela explodiu em uma bola de fogo laranja. Os ogros bateram palmas, satisfeitos, e gritaram: — Lindo! Lindo!

— A questão — disse Frank — é que Ella se lembra de tudo que lê. Ela disse algo sobre a página estar queimada, como se tivesse lido um texto de profecias danificado.

Hazel arregalou os olhos.

— Livros de profecia queimados? Você não acha... Mas isso é impossível!

— Os livros que Octavian queria, lá no acampamento? — deduziu Percy.

Hazel deixou escapar um assovio baixinho.

— Os livros sibilinos perdidos que delineiam todo o destino de Roma. Se Ella de fato leu um exemplar e o memorizou...

— Então ela é a harpia mais valiosa do mundo — completou Frank. — Não é de admirar que Fineu quisesse capturá-la.

— Frank Zhang! — gritou um ogro lá de baixo. Ele era maior que os outros, usando uma capa de leão, como se fosse um porta-estandarte romano, e um babador de plástico com a imagem de uma lagosta. — Desça, filho de Marte!

Estamos à sua espera. Venha, seja nosso convidado de honra!

Hazel agarrou o braço de Frank.

— Por que tenho a impressão de que “convidado de honra” significa o mesmo que “jantar”?

Frank desejou que Marte ainda estivesse lá. Seria útil ter alguém que estalasse os dedos e fizesse seu nervosismo de batalha desaparecer.

Hazel acredita em mim, pensou. Eu consigo.

Ele olhou para Percy.

— Você sabe dirigir?

— Sim. Por quê?

— O carro de minha avó está na garagem. É um Cadillac antigo. É como um tanque de guerra. Se você puder ir ligando o motor...

— Ainda teremos que passar por uma barreira de ogros — observou Hazel.

— O sistema de irrigação — lembrou Percy. — Eu o uso como uma distração?

— Exatamente — respondeu Frank. — Vou ganhar o máximo de tempo que puder. Peguem Ella e entrem no carro. Vou tentar encontrá-los na garagem, mas não esperem por mim.

Percy franziu a testa.

— Frank...

— Dê logo sua resposta, Frank Zhang! — gritou o ogro. — Desça e pouparemos os outros... seus amigos e sua pobre e velha vovó. Só queremos você!

— Eles estão mentindo — murmurou Percy.

— É, percebi — concordou Frank. — Vão!

Seus amigos correram para a escada.

Frank tentou controlar as batidas de seu coração. Ele sorriu e gritou: — Ei, vocês aí! Tem alguém com fome?

Os ogros deram vivas quando Frank desfilou pela plataforma no telhado e acenou como um astro do rock.

Frank tentou invocar o poder de sua família. Imaginou-se como um dragão cuspidor de fogo. Retesou todos os músculos, cerrou os punhos e pensou com tanta força em dragões que gotas de suor surgiram em sua testa. Ele queria se lançar sobre os inimigos e destruí-los. Isso seria extremamente legal. Mas nada aconteceu. Ele não tinha a menor ideia de como se transformar. Nunca vira um dragão de verdade. Durante um momento de pânico, Frank se perguntou se a avó não tinha feito uma piada cruel. Talvez ele tivesse se enganado em relação ao dom. Talvez fosse o único da família que não o tivesse herdado. Isso seria típico da sorte dele.

Os ogros começaram a ficar inquietos. Os gritos de vivas se transformaram

em vaias. Alguns lestrigões ergueram suas balas de canhão.

— Esperem! — gritou Frank. — Vocês não vão querer me torrar, não é? Eu não vou ficar tão saboroso.

— Desça daí! — gritaram. — Fome!

Hora do Plano B. Como Frank queria ter um.

— Vocês prometem poupar meus amigos? — perguntou. — Juram pelo Rio Estige?

Os ogros riram. Um deles atirou uma bala de canhão que descreveu um arco acima da cabeça de Frank e explodiu a chaminé. Por um milagre Frank não foi atingido por estilhaços.

— Vou entender isso como um *não* — murmurou ele. Então gritou lá para baixo: — Certo, muito bem! Vocês venceram! Vou descer já. Esperem aí!

Os ogros comemoraram, mas o líder com a capa de pele de leão franziu a testa, desconfiado. Frank não teria muito tempo. Desceu a escada para o sótão. Ella não estava mais lá. Ele torceu para que isso fosse um bom sinal. Talvez os três tivessem chegado ao Cadillac. Frank pegou uma aljava cheia extra com a etiqueta SORTIDAS escrita na letra caprichosa de sua mãe. E então correu para a metralhadora.

Ele girou o cano, mirou no líder dos ogros e apertou o gatilho. Oito batatas de alta potência atingiram o gigante no peito, lançando-o para trás com tamanha força que ele se chocou contra uma pilha de balas de canhão de bronze, que imediatamente explodiram, deixando uma cratera fumegante no quintal.

Aparentemente, amido *era* ruim para ogros.

Enquanto os outros monstros corriam de um lado para o outro, confusos, Frank puxou o arco e lançou uma chuva de flechas neles. Alguns dos mísseis detonaram no impacto. Outros se estilhaçaram como chumbo grosso, deixando os gigantes com algumas tatuagens novas e doloridas. Uma flecha atingiu um ogro e instantaneamente o transformou em uma roseira de vaso.

Infelizmente, os ogros se recuperaram rapidamente. Começaram a lançar balas de canhão, dezenas de uma só vez. A casa inteira gemeu com o impacto. Frank correu para a escada. O sótão desintegrou-se atrás dele. Fogo e fumaça se espalharam pelo corredor do segundo andar.

— Vó! — gritou Frank, mas o calor era tão intenso que ele não conseguiu chegar ao quarto dela. Então disparou para o térreo, agarrando-se ao corrimão enquanto a casa se sacudia e pedaços imensos do teto despencavam.

A base da escada era uma cratera fumegante. Frank saltou por cima dela e atravessou a cozinha aos tropeços. Sufocando com as cinzas e a fuligem, ele chegou à garagem. Os faróis do Cadillac tinham sido acesos. O motor estava ligado e a porta da garagem ia se abrindo.

— Entre! — gritou Percy.

Frank mergulhou no banco traseiro ao lado de Hazel. Ella estava encolhida no banco da frente, com a cabeça enfiada embaixo das asas, murmurando: — Opa! Opa! Opa!

Percy pisou fundo. O carro saiu da garagem em disparada antes que a porta fosse totalmente aberta, formando um buraco no formato de um Cadillac na madeira estilhaçada.

Os ogros correram para interceptá-los, mas Percy gritou a plenos pulmões e o sistema de irrigação explodiu. Uma centena de gêiseres disparou em direção ao céu levando junto torrões de terra, pedaços de cano e peças bastante pesadas de metal.

O Cadillac estava a uns sessenta quilômetros por hora quando atingiu o primeiro ogro, que se desintegrou com o impacto. Quando os outros monstros se recuperaram do caos, o Cadillac já tinha corrido quase um quilômetro pela estrada. Balas de canhão chamejantes explodiam atrás deles.

Frank olhou para trás e viu a mansão de sua família incendiada, as paredes desabando e a fumaça subindo para o céu. Ele avistou uma grande mancha negra — talvez um gavião — saindo do meio do fogo para o céu. Podia ser a imaginação de Frank, mas ele pensou tê-lo visto voar da janela no segundo andar.

— Vó? — murmurou ele.

Parecia impossível, mas ela havia prometido que morreria à sua própria maneira, não nas mãos dos ogros. Frank esperava que ela estivesse certa.

Eles atravessaram o bosque e foram para o norte.

— São uns cinco quilômetros! — disse Frank. — Não tem como errar!

Atrás deles, mais explosões se espalhavam pela floresta. A fumaça subia para o céu.

— Os lestrigões correm rápido? — perguntou Hazel.

— Sugiro não tentarmos descobrir — disse Percy.

Os portões do aeródromo surgiram diante dela, a algumas centenas de metros de distância. Um jato particular se encontrava parado na pista. A escada estava abaixada.

O Cadillac passou em um buraco e subiu no ar. Frank bateu com a cabeça no teto. Quando as rodas tocaram o chão, Percy pisou fundo no freio, e eles deram um cavalo de pau e pararam logo após os portões.

Frank saltou e puxou o arco.

— Vão para o jato! Eles estão vindo!

Os lestrigões se aproximavam em uma velocidade alarmante. A primeira fileira de ogros saiu de repente do bosque e correu na direção do aeródromo —

quinhentos metros de distância, quatrocentos metros...

Percy e Hazel conseguiram tirar Ella do Cadillac, mas, assim que viu o avião, a harpia começou a gritar.

— N-n-não! — protestou. — Voar com as asas! N-n-nada de aviões.

— Está tudo bem — garantiu Hazel. — Vamos proteger você!

Ella emitiu um uivo horrível, doloroso, como se estivesse sendo queimada.

Percy ergueu as mãos, exasperado.

— O que fazemos? Não podemos forçá-la.

— Não — concordou Frank. Os ogros estavam a trezentos metros de distância.

— Ela é valiosa demais para ser deixada para trás — falou Hazel, e então fez uma careta com as próprias palavras. — Deuses, me desculpe, Ella. Pareço tão ruim quanto Fineu. Você é um ser vivo, não um tesouro.

— Nada de aviões. N-n-nada de aviões. — Ella estava hiperventilando.

Os ogros estavam quase a uma distância em que poderiam arremessar.

Os olhos de Percy se iluminaram.

— Tenho uma ideia. Ella, você pode se esconder no bosque? Vai ficar a salvo dos ogros?

— Esconder — concordou ela. — Seguro. Esconder é bom para harpias. Ella é ágil. E pequena. E rápida.

— O.k. — disse Percy. — Mas fique aqui nesta região. Posso mandar um amigo encontrá-la e levá-la para o Acampamento Júpiter.

Frank tirou o arco do ombro e encaixou uma flecha.

— Um amigo?

Percy fez com a mão um gesto de *depois eu explico*.

— Ella, você gostaria disso? Gostaria que meu amigo a levasse para o Acampamento Júpiter e lhe mostrasse nossa casa?

— Acampamento — murmurou Ella. Em seguida, em latim: — “*A filha da sabedoria caminha solitária, a Marca de Atena por toda a Roma é incendiária.*”

— Hum, certo — falou Percy. — Isso parece importante, mas podemos conversar mais tarde. Você vai ficar segura no acampamento. Todos os livros e toda a comida que quiser.

— Nada de avião — insistiu Ella.

— Nada de avião — concordou Percy.

— Ella agora vai se esconder.

E de repente ela se foi, um risco vermelho desaparecendo na floresta.

— Vou sentir falta dela — disse Hazel, triste.

— Vamos voltar a vê-la — prometeu Percy, mas ele franziu a testa, preocupado, como se tivesse ficado mesmo perturbado com aquela última parte

da profecia, a história de Atena.

Uma explosão mandou o portão do aeródromo pelos ares.

Frank jogou a carta da avó para Percy.

— Mostre isso ao piloto! Mostre também a carta de Reyna! Temos que decolar *agora*.

Percy assentiu. Ele e Hazel correram para o avião.

Frank protegeu-se atrás do Cadillac e começou a disparar contra os ogros. Ele mirou no grupo maior de inimigos e atirou uma flecha com o formato de uma tulipa. Tal como esperara, era uma hidra. Cordas se abriram como tentáculos de lula e toda a fileira de ogros que vinha à frente caiu de cara no chão.

Frank ouviu a rotação dos motores do avião.

Ele disparou outras três flechas o mais rápido que pôde, abrindo enormes crateras na formação dos ogros. Os sobreviventes estavam a menos de cem metros de distância, e alguns dos mais espertos pararam aos tropeços, percebendo que agora seus arremessos podiam alcançar o alvo.

— Frank! — berrou Hazel. — Venha!

Uma bala de canhão em chamas foi arremessada na direção dele em um arco lento. Frank soube imediatamente que ela atingiria o avião. Ele encaixou uma flecha no arco. *Eu consigo*, pensou. E soltou a flecha. Ela interceptou a bala de canhão em pleno ar, detonando uma imensa bola de fogo.

Outras duas balas vinham em sua direção. Frank correu.

Atrás dele, o metal gemeu quando o Cadillac explodiu. Frank saltou para dentro do avião no momento em que a escada começava a subir.

O piloto devia ter compreendido perfeitamente a situação. Não houve anúncios de segurança, bebida servida antes da decolagem nem espera pela autorização de partida. Ele empurrou o manete, e o avião disparou. Outra explosão rachou a pista atrás deles, mas eles já estavam no ar.

Frank olhou para baixo e viu-a repleta de crateras, parecendo um pedaço de queijo suíço incendiado. Trechos do Lynn Canyon Park pegavam fogo. Alguns quilômetros ao sul, chamas e fumaça negra espiralando em direção ao céu era tudo o que restava da mansão da família Zhang.

Tudo isso por Frank ser impressionante. Ele não conseguira salvar a avó. Não conseguira usar seus poderes. Nem sequer salvara sua amiga harpia. Quando Vancouver desapareceu nas nuvens abaixo deles, Frank enterrou a cabeça nas mãos e começou a chorar.

O avião inclinou-se para a esquerda.

Pelo comunicador, a voz do piloto soou:

— *Senatus Populusque Romanus*, meus amigos. Bem-vindos a bordo. Próxima parada: Anchorage, Alasca.

XXXVII

PERCY

AVIÕES OU CANIBAIS? **F**ÁCIL.

Percy teria preferido ir dirigindo o Cadillac da avó Zhang até o Alasca com ogros e bolas de fogo em seu encalço a viajar em um jatinho de luxo.

Ele voara antes. Os detalhes eram confusos, mas ele se lembrava de um pégaso chamado Blackjack. Até já estivera dentro de um avião uma ou duas vezes. Mas o lugar de um filho de Netuno (Poseidon, que seja) não era no céu. Cada vez que a aeronave passava por uma zona de turbulência, o coração de Percy disparava, e ele tinha certeza de que Júpiter os sacudia.

Percy tentou se concentrar enquanto Frank e Hazel conversavam. Hazel tranquilizava Frank, assegurando-o de que ele fizera todo o possível pela avó. Frank os salvara dos lestrigões e os tirara de Vancouver. Tinha sido incrivelmente corajoso.

Frank mantinha a cabeça baixa, como se tivesse vergonha por ter chorado, mas Percy não o culpava. O coitado acabara de perder a avó e ver a própria casa incendiada. Na opinião de Percy, derramar algumas lágrimas por algo assim não o tornava menos homem, especialmente depois de resistir a um exército de ogros que queria comê-lo no café da manhã.

Percy ainda não conseguia assimilar o fato de que Frank era um parente distante. Frank seria seu... o quê? Tatata-vezes-mil sobrinho? Esquisito demais para descrever em palavras.

Frank se recusou a explicar qual era exatamente o “dom da família”, mas, enquanto voavam para o norte, ele *falou* da conversa que tivera com Marte na noite anterior. Explicou a profecia que Juno anunciara quando ele era bebê: sobre sua vida estar atrelada a um pedaço de lenha, e ele ter pedido a Hazel que guardasse consigo o graveto.

Percy já deduzira parte da história. Era óbvio que Hazel e Frank haviam compartilhado algumas experiências malucas quando tiveram o blecaute juntos e que tinham feito alguma espécie de pacto. Também explicava por que mesmo agora, por força do hábito, Frank continuava apalpando o bolso do casaco, e por que ficava tão nervoso perto de fogo. Ainda assim, Percy não conseguia imaginar a coragem que fora necessária para Frank embarcar em uma missão, sabendo que uma simples chama poderia extinguir sua vida.

— Frank — disse Percy. — Tenho orgulho de ser seu parente.

As orelhas de Frank ficaram vermelhas. Com a cabeça baixa, o corte de cabelo estilo militar dele parecia uma seta pontuda preta apontando para baixo.

— Juno tem algum plano para nós, em relação à Profecia dos Sete.

— É — resmungou Percy. — Eu não gostava dela como Hera. E não a acho nem um pouco melhor como Juno.

Hazel sentou-se em cima dos pés. Ela observou Percy com olhos dourados luminescentes, e Percy se perguntou como a menina podia estar tão calma. Era a mais jovem naquela missão, mas sempre era quem os mantinha juntos e os consolava. Agora eles voavam para o Alasca, onde Hazel morrera antes. Tentariam libertar Tânatos, que poderia levá-la de volta ao Mundo Inferior. E mesmo assim Hazel não demonstrava temor algum. Isso fez Percy se sentir bobo por estar com medo de voo com turbulência.

— Você é filho de Poseidon, não é? — perguntou. — Você é um semideus grego.

Percy segurou o colar de couro.

— Comecei a me lembrar em Portland, depois do sangue da górgona. Minha memória vem voltando aos poucos desde então. Existe outro acampamento. Acampamento Meio-Sangue.

Só de falar aquele nome Percy teve uma sensação agradável. Foi tomado por boas lembranças: o aroma dos campos de morango sob o sol quente de verão, fogos de artifício iluminando a praia nas comemorações do Quatro de Julho, sátiros tocando flautas à noite ao redor da fogueira e um beijo no fundo do lago.

Hazel e Frank olhavam para ele como se Percy tivesse começado a falar uma língua diferente.

— Outro acampamento — repetiu Hazel. — Um acampamento *grego*? Meus deuses, se Octavian descobrisse...

— Declararia guerra — completou Frank. — Octavian sempre teve certeza de que havia gregos por aí, conspirando contra nós. Ele achava que Percy era um espião.

— Foi por isso que Juno me enviou — disse Percy. — Hum, quer dizer, não para espionar. Acho que foi um tipo de troca. Seu amigo Jason... acho que ele foi

mandado para *meu* acampamento. Em meus sonhos, vi um semideus que talvez fosse ele. Trabalhava com outros semideuses em um navio de guerra voador. Acho que estão indo para o Acampamento Júpiter para ajudar.

Frank dava tapinhas nervosos no encosto do assento.

— Marte disse que Juno pretende unir gregos e romanos para combater Gaia. Mas, puxa... gregos e romanos têm um longo histórico de hostilidades.

Hazel respirou fundo.

— Provavelmente é por isso que os deuses nos mantiveram separados esse tempo todo. Se um navio de guerra grego aparecesse no céu acima do Acampamento Júpiter e Reyna não soubesse que era amistoso...

— É — concordou Percy. — Temos que tomar cuidado ao explicar isso quando voltarmos.

— Se voltarmos — disse Frank.

Percy assentiu com a cabeça, relutante.

— Quer dizer, eu confio em vocês. Espero que confiem em mim. Eu me sinto... bem, me sinto tão ligado a vocês quanto a meus velhos amigos do Acampamento Meio-Sangue. Mas com os outros semideuses, em ambos os acampamentos... haverá muita desconfiança.

Hazel fez algo inesperado. Ela inclinou-se para a frente e lhe deu um beijo na bochecha. Foi um beijo totalmente fraterno. Mas a menina sorriu com tanta afeição que encheu Percy de energias positivas.

— É lógico que confiamos em você — disse ela. — Somos uma família agora. Não é, Frank?

— Claro — respondeu ele. — Eu ganho um beijo?

Hazel riu, mas com algum nervosismo.

— Enfim, o que fazemos agora?

Percy respirou fundo. O tempo ia se esgotando. Eles já estavam quase na metade do dia 23 de junho e o Festival de Fortuna seria no dia seguinte.

— Preciso entrar em contato com um amigo... para cumprir a promessa que fiz a Ella.

— Como? — perguntou Frank. — Uma daquelas mensagens de Íris?

— Ainda não está funcionando — lamentou Percy. — Tentei ontem à noite na casa de sua avó. Não tive sorte. Talvez seja porque minhas lembranças ainda estão embaralhadas. Ou os deuses não estão permitindo uma conexão. Tenho esperança de conseguir contactar meu amigo em meus sonhos.

Outro solavanco causado pela turbulência fez Percy se agarrar ao assento. Abaixo deles, montanhas nevadas surgiram em meio a um tapete de nuvens.

— Não sei se vou conseguir dormir — disse Percy. — Mas preciso tentar. Não podemos deixar Ella sozinha perto daqueles ogros.

— É mesmo — concordou Frank. — Ainda temos algumas horas de voo. Vá para o sofá, cara.

Percy fez que sim com a cabeça. Sentia-se afortunado por ter Hazel e Frank olhando por ele. O que lhes dissera era verdade: ele confiava nos dois. Em meio à experiência estranha, aterrorizante e desagradável de perder a memória e ser arrancado de sua antiga vida, Hazel e Frank eram os pontos positivos.

Ele se espreguiçou, fechou os olhos e sonhou que estava caindo de uma montanha de gelo em direção a um mar de águas frias.

*

O cenário do sonho mudou. Percy estava de volta a Vancouver, em frente às ruínas da mansão Zhang. Os lestrigões tinham ido embora. A mansão fora reduzida a uma carcaça incinerada. Havia uma equipe de bombeiros guardando seus equipamentos, preparando-se para partir. O gramado parecia uma zona de guerra, com crateras fumegantes e trincheiras criadas pela explosão dos canos de irrigação.

À margem da floresta, um cão negro peludo e gigante ia de um lado para o outro, farejando as árvores. Os bombeiros o ignoraram totalmente.

Ajoelhado ao lado de uma das crateras havia um ciclope de calça jeans folgada, botas e uma camisa enorme de flanela. Os cabelos castanhos desgrenhados estavam salpicados de chuva e lama. Quando ele levantou a cabeça, o grande olho castanho estava vermelho de tanto chorar.

— Por pouco! — lamentou-se. — Por tão pouco, mas se foi!

Para Percy, foi de partir o coração sentir a agonia e a preocupação na voz do grandão, mas ele sabia que tinham apenas alguns segundos para conversar. As bordas da visão já se dissipavam. Se o Alasca era a terra além do alcance dos deuses, Percy presumiu que, quanto mais ao norte eles fossem, mais difícil seria se comunicar com seus amigos, até mesmo em sonho.

— Tyson! — chamou Percy.

O ciclope olhou em volta freneticamente.

— Percy? Irmão?

— Tyson, estou bem. Estou aqui... bem, não exatamente aqui.

Tyson estendia a mão no ar como se tentasse pegar borboletas.

— Não consigo ver você! Onde está meu irmão?

— Tyson, estou voando para o Alasca. Estou bem. Vou voltar. Encontre Ella. É uma harpia com penas vermelhas. Está escondida no bosque ao redor da casa.

— Achar uma harpia? Uma harpia vermelha?

— É! Proteja-a, está bem? Ela é minha amiga. Leve-a para a Califórnia. Há um acampamento de semideuses em Oakland Hills... Acampamento Júpiter. Encontre-me em cima do túnel Caldecott.

— Oakland Hills... Califórnia... Túnel Caldecott. — Ele gritou para o cão: — Sra. O’Leary! Temos que achar uma harpia!

— ^{AU}! — respondeu o cão.

O rosto de Tyson começou a se dissolver.

— Meu irmão está bem? Meu irmão vai voltar? Estou com saudades!

— Eu também. — Percy tentou evitar que a voz embargasse. — Verei você em breve. Tome cuidado! O exército de um gigante está marchando para o sul. Diga a Annabeth...

O sonho mudou.

Percy se viu no topo das colinas ao norte do Acampamento Júpiter, voltado para o Campo de Marte e para Nova Roma. No forte da legião, soavam as trombetas. Os campistas corriam para se reunir.

O exército do gigante estava em formação à esquerda e à direita de Percy: centauros com chifres de touro, os gegenes de seis braços e ciclopes malignos com armaduras feitas de sucata de metal. A torre de cerco dos ciclopes fazia sombra nos pés do gigante Polibotes, que sorria ao olhar para o acampamento romano abaixo. Ele caminhava pela colina animado, soltando cobras de seus *dreadlocks* verdes, pisando em árvores pequenas com suas pernas de dragão. Em sua armadura verde-água, os olhos dos monstros decorativos famintos pareciam piscar nas sombras.

— Sim — disse ele, rindo e fincando o tridente no chão. — Soem suas trombetinhas, romanos. Vim destruir todos vocês! Esteno!

A górgona saiu correndo do meio dos arbustos. O cabelo de víboras verde-limão e o colete do Bargain Mart contrastavam de forma horrível com o esquema de cores do gigante.

— Sim, mestre! — disse ela. — Gostaria de provar um Cachorrinho-quente?

Ela estendeu uma bandeja de amostras grátis.

— Hum! — Polibotes disse. — Que tipo de cachorrinho?

— Ah, não são cachorrinhos de verdade. São enroladinhos de salsicha feitos com *croissants*, mas estão em promoção esta semana...

— Ah! Deixe para lá, então! Nossas forças estão prontas para atacar?

— Ah... — Esteno deu um passo para trás rapidamente para evitar ser achatada pelo pé do gigante. — Quase, grandioso. Ma Gasket e metade de seus ciclopes pararam em Napa. Algo a ver com um passeio por uma vinícola. Eles prometeram chegar aqui até amanhã à noite.

— O quê? — O gigante olhou em volta, como se só naquele momento reparasse que faltava uma grande parte de seu exército. — Ah! Vou acabar com uma úlcera por causa daquela ciclope. *Passeio por uma vinícola?*

— Acho que havia queijos e biscoitos também — contou Esteno, prestativa. — Embora o Bargain Mart esteja com uma promoção muito melhor.

Polibotes arrancou um carvalho do solo e o atirou no vale.

— Ciclopes! Vou lhe dizer, Esteno, assim que eu destruir Netuno e conquistar os oceanos, vamos renegociar o contrato de trabalho dos ciclopes. Ma Gasket vai aprender qual é o lugar dela! Bem, temos alguma notícia do norte?

— Os semideuses partiram para o Alasca — respondeu Esteno. — Estão voando ao encontro da morte. Ah, quer dizer, a *morte* mesmo. Não o deus da morte, nosso prisioneiro. No entanto, acho que estão voando ao encontro dele também.

Polibotes rosnou.

— É melhor Alcioneu poupar o filho de Netuno, como me prometeu. Quero aquele lá acorrentado a meus pés, para que eu possa matá-lo quando chegar a hora certa. O sangue dele vai banhar as pedras do Monte Olimpo e acordar a Mãe Terra! Alguma notícia das amazonas?

— Só silêncio. Ainda não sabemos quem venceu o duelo de ontem à noite, mas é apenas uma questão de tempo até que Otrera triunfe e venha nos ajudar.

— Hum! — Polibotes coçou a cabeça, distraído, deixando caírem algumas víboras. — Então talvez seja melhor esperarmos mesmo. Amanhã, ao pôr do sol, é o Festival de Fortuna. Até lá, deveremos atacar, com ou sem as amazonas. Enquanto isso, instalem-se! Montaremos acampamento aqui, em terreno elevado.

— Sim, grandioso! — Esteno então anunciou para as tropas: — Cachorrinhos-quentes para todo mundo!

Os monstros comemoraram.

Polibotes estendeu as mãos diante de si, enquadrando o vale como uma foto panorâmica.

— Sim, soem suas trombetinhas, semideuses. Em breve o legado de Roma será destruído pela última vez!

O sonho se dissipou.

Percy acordou com um sobressalto enquanto o avião iniciava a manobra de aterrissagem.

Hazel apoiou a mão no ombro dele.

— Dormiu bem?

Percy sentou-se, meio grogue.

— Por quanto tempo eu apaguei?

Frank estava de pé no corredor, colocando a lança e o novo arco na bolsa para esquis.

— Algumas horas — respondeu ele. — Já estamos quase chegando.

Percy olhou pela janela do avião. Um pequeno braço de mar cintilante serpenteava em meio a montanhas nevadas. Ao longe, via-se uma cidade esculpida na paisagem, cercada de florestas verdes e exuberantes de um lado e praias geladas de areia escura do outro.

— Bem-vindos ao Alasca — disse Hazel. — Estamos além da ajuda dos deuses.

XXXVIII

PERCY

O PILOTO DISSE QUE O avião não poderia esperar por eles, mas Percy não viu problema nenhum nisso. Se sobrevivessem até o dia seguinte, ele tinha esperança de conseguir achar um jeito diferente de voltar — *qualquer coisa*, menos avião.

Percy deveria estar se sentindo deprimido. Encontrava-se preso no Alasca, território do gigante, sem contato com os velhos amigos logo quando começara a recuperar a memória. Vira uma imagem do exército de Polibotes prestes a invadir o Acampamento Júpiter. Descobrira que ele mesmo seria usado pelos gigantes em algum sacrifício de sangue para despertar Gaia. Além do mais, o Festival de Fortuna aconteceria na noite do dia seguinte. Ele, Frank e Hazel tinham uma tarefa impossível a cumprir antes disso. Na melhor das hipóteses, libertariam a Morte, que talvez levasse os dois amigos de Percy para o Mundo Inferior. Nenhum motivo para ficar ansioso.

Ainda assim, Percy se sentia estranhamente revigorado. O sonho com Tyson melhorara seu ânimo. Ele *se lembrava* de Tyson, seu irmão. Os dois tinham lutado juntos, comemorado vitórias, compartilhado momentos felizes no Acampamento Meio-Sangue. Ele se lembrava de seu lar, e isso lhe dava uma nova motivação para fazer tudo dar certo. Percy lutava por dois acampamentos agora — duas famílias.

Juno roubara sua memória e o enviara ao Acampamento Júpiter por um motivo. Ele entendia isso agora. Ainda sentia vontade de dar um soco naquele nariz divino, mas pelo menos compreendia o raciocínio. Se os dois acampamentos pudessem trabalhar juntos, teriam alguma chance de deter seus inimigos em comum. Separados, os acampamentos estavam condenados.

Havia outros motivos por que Percy queria salvar o Acampamento Júpiter. Motivos que ele não ousava colocar em palavras — pelo menos não por

enquanto. De repente, Percy vislumbrava um futuro com Annabeth que ele nunca imaginara antes.

Quando os três pegaram um táxi para o centro de Anchorage, Percy contou o sonho para Frank e Hazel. Os dois pareceram ansiosos, mas não surpresos, quando ele lhes falou do exército do gigante se aproximando do acampamento.

Frank engasgou quando soube de Tyson.

— Você tem um meio-irmão ciclope?

— Tenho — respondeu Percy. — O que faz dele seu tatatatata...

— Por favor. — Frank tapou os ouvidos. — Já chega.

— Contanto que ele consiga levar Ella para o acampamento — disse Hazel. — Estou preocupada com ela.

Percy assentiu com a cabeça. Ainda pensava nos versos da profecia que a harpia recitara, sobre o filho de Netuno se afogando e a marca de Atena incendiando Roma. Não sabia ao certo o que a primeira parte significava, mas começava a ter uma ideia sobre a segunda. Tentou deixar a questão de lado. Tinha que sobreviver a *esta* missão primeiro.

O táxi virou na rodovia Um, que na opinião de Percy mais parecia uma rua pequena, e os levou para o norte em direção ao centro da cidade. Era fim de tarde, mas o sol ainda estava alto no céu.

— É impressionante como esse lugar cresceu — murmurou Hazel.

O motorista do táxi sorriu pelo espelho retrovisor.

— Faz muito tempo que não vem aqui, senhorita?

— Uns setenta anos — respondeu Hazel.

O motorista fechou a janelinha da divisória de vidro e continuou dirigindo em silêncio.

De acordo com Hazel, quase nenhum dos prédios estava igual, mas ela ressaltava características da paisagem: as vastas florestas circundando a cidade, as águas geladas e cinzentas da Enseada de Cook delineando o limite norte da cidade e as Montanhas Chugach despontando ao longe com um tom azulado de cinza, cobertas de neve mesmo no verão.

Percy nunca respirara um ar tão puro quanto aquele. A cidade em si parecia deteriorada, com lojas fechadas, carros enferrujados e blocos de apartamentos com fachadas desgastadas margeando a rua, mas ainda assim era bonita. Lagos e vastas extensões de florestas a atravessavam. O céu ártico era uma combinação extraordinária de azul-turquesa e dourado.

E então havia os gigantes. Dezenas de homens de pele azul-clara, com dez metros de altura e cabelos cinza-gelo, perambulavam pelas florestas, pescavam na baía e caminhavam pelas montanhas. Os mortais pareciam não perceber a presença deles. O táxi passou a poucos metros de um que estava sentado à

margem de um lago lavando os pés, mas o motorista não entrou em pânico.

— Hum... — Frank apontou para o cara azul.

— Hiperbóreos — disse Percy. Ele ficou surpreso por se lembrar daquele nome. — Gigantes do norte. Lutei com alguns deles quando Cronos invadiu Manhattan.

— Espere aí — disse Frank. — Quando *quem* fez o quê?

— É uma longa história. Mas esses caras parecem... sei lá, *pacíficos*.

— Normalmente são — concordou Hazel. — Eu me lembro bem deles. Estão em toda parte no Alasca, como ursos.

— Ursos? — repetiu Frank, nervoso.

— Os gigantes são invisíveis para os mortais — explicou Hazel. — Eles nunca me incomodaram, embora um quase tenha pisado em mim, sem querer, uma vez.

Aquilo parecia bem incômodo para Percy, mas o táxi seguiu em frente. Nenhum dos gigantes prestou a menor atenção neles. Um estava de pé no meio do cruzamento da estrada Northern Lights, com um pé de cada lado da pista, e o táxi passou por entre as pernas dele. O hiperbóreo embalava um totem indígena enrolado em mantas de pele, ninando-o como a um neném. Se o cara não fosse do tamanho de um prédio, a cena seria quase bonitinha.

O táxi atravessou o centro da cidade, passando por um grupo de lojas de souvenirs vendendo peles, artesanato indígena e ouro. Percy torceu para que Hazel não ficasse agitada e explodisse as joalherias.

Quando o motorista fez a curva e seguiu em direção à praia, Hazel deu uma batidinha na divisória de vidro.

— Aqui está ótimo. Pode nos deixar aqui?

Eles pagaram ao motorista e saltaram do táxi na rua 4. Comparado a Vancouver, o centro de Anchorage era mínimo — parecia mais o *campus* de uma universidade que uma cidade, mas Hazel estava maravilhada.

— A cidade está *imensa* — comentou. — Ali... ali é onde ficava o Hotel Gitchell. Minha mãe e eu nos hospedamos nele durante nossa primeira semana no Alasca. E eles mudaram a Prefeitura de lugar. Costumava ficar ali.

Hazel os guiou, distraída, por alguns quarteirões. Eles não tinham de fato outro plano além de encontrar o caminho mais rápido para a Geleira Hubbard, mas Percy sentiu cheiro de comida vindo de algum lugar ali perto — linguiça, talvez? — e se deu conta de que não comia desde aquela manhã na casa de vovó Zhang.

— Comida — disse. — Vamos.

Os três acharam um café na beira da praia. Estava lotado, mas eles conseguiram uma mesa à janela e estudaram o cardápio.

Frank deu um grito de felicidade.

— Café da manhã vinte e quatro horas por dia!

— Agora é tipo a hora do jantar — respondeu Percy, embora não fosse possível saber ao certo só de olhar para fora. O sol estava tão alto que bem poderia ser meio-dia.

— Adoro café da manhã — falou Frank. — Se eu pudesse, minhas refeições seriam café da manhã, café da manhã e café da manhã. Embora, hum, com certeza a comida daqui não seja tão boa quanto a de Hazel.

Hazel deu uma cotovelada nele, mas abriu um sorriso brincalhão.

Vê-los assim alegrava Percy. Definitivamente, aqueles dois deveriam ficar juntos. Mas a imagem também o entristecia. Ele pensou em Annabeth e se perguntou se viveria para vê-la de novo.

Pense positivamente, disse a si mesmo.

— Querem saber? — falou. — Café da manhã parece uma ótima ideia.

Todos pediram pratos enormes com ovos, panquecas e linguiça de rena, embora Frank se sentisse um pouco preocupado por causa da rena.

— Você acha certo a gente comer uma das renas do Papai Noel?

— Cara — Percy disse —, eu poderia comer três. Estou *faminto*.

A comida estava uma delícia. Percy nunca vira alguém comer tão rápido quanto Frank. A rena não teve a menor chance.

Entre uma mordida e outra nas panquecas de mirtilo, Hazel desenhou no guardanapo uma curva irregular e um x.

— Então, minha ideia é a seguinte. Nós estamos aqui. — Ela colocou o dedo no x. — Anchorage.

— Parece a cara de uma gaivota — comentou Percy. — E nós somos o olho dela.

Hazel o fitou, séria.

— É um *mapa*, Percy. Anchorage fica no topo deste filete de oceano, a Enseada de Cook. Tem uma península grande abaixo de nós, e a cidade onde eu morava, Seward, fica na parte de baixo da península, *aqui*. — Ela desenhou outro x embaixo da garganta da gaivota. — É a cidade mais próxima da Geleira Hubbard. Poderíamos dar a volta pelo mar, eu acho, mas demoraria séculos. Não temos tanto tempo assim.

Frank engoliu o último resquício de rena.

— Mas ir por terra é perigoso — respondeu ele. — Terra quer dizer *Gaia*.

Hazel assentiu.

— Mas acho que não temos muita escolha. Poderíamos ter pedido ao piloto que nos deixasse lá, mas não sei... o avião dele talvez fosse grande demais para o pequeno aeroporto de Seward. E se fretássemos outro...

— Chega de aviões — pediu Percy. — Por favor.

Hazel levantou a mão em um gesto apaziguador.

— Tudo bem. Há um trem que vai daqui até Seward. Pode ser que consigamos pegar um hoje à noite. São apenas umas poucas horas.

Ela desenhou uma linha pontilhada entre os dois xis.

— Você acabou de decepar a gaivota — observou Percy.

Hazel suspirou.

— É a ferrovia. Olhem, a partir de Seward, a Geleira Hubbard fica por aqui em algum lugar. — Ela indicou o canto inferior direito do guardanapo. — É onde Alcioneu está.

— Mas você não sabe direito a que distância? — perguntou Frank.

Hazel franziu a testa e balançou a cabeça.

— Tenho quase certeza de que só dá para chegar lá de barco ou avião.

— Barco — falou Percy imediatamente.

— Está bem — concordou Hazel. — Não deve ser muito longe de Seward. Se conseguirmos chegar a Seward em segurança.

Percy olhou pela janela. Tanto a ser feito e eles só tinham vinte e quatro horas. O Festival de Fortuna começaria àquela mesma hora no dia seguinte. A menos que eles desencadeassem a Morte e conseguissem voltar ao acampamento, o exército do gigante tomaria o vale. Os romanos seriam o prato principal em um jantar de monstros.

Do outro lado da rua, uma praia gelada de areia escura levava ao mar, que era liso como aço. Ali o oceano parecia diferente: ainda poderoso, mas congelante, lento e primitivo. Nenhum deus controlava aquela água, pelo menos nenhum que Percy conhecesse. Netuno não poderia protegê-lo. Percy se perguntou se seria capaz sequer de dominar a água ali ou de respirar debaixo dela.

Um gigante hiperbóreo atravessou a rua lentamente. Ninguém no café reparou. Ele colocou os pés na baía, quebrando o gelo com as sandálias, e mergulhou as mãos na água. Tirou de lá uma baleia assassina em uma das mãos fechadas. Aparentemente não era o que o gigante queria, pois ele lançou a baleia de volta na água e continuou andando.

— Bom café da manhã — disse Frank. — Quem está pronto para andar de trem?

*

A estação não ficava longe. Chegaram bem a tempo de comprar passagens para o

último trem que seguia para o sul. Quando seus amigos embarcaram, Percy disse:

— Encontro vocês num instante. — E voltou para a estação.

Arranjou troco na loja de suvenires e parou em frente a um telefone público.

Percy nunca havia usado telefones públicos. Para ele, aquilo era uma antiguidade estranha, como o toca-discos da mãe ou as fitas cassete de Frank Sinatra de seu professor Quíron. Ele não sabia de quantas moedas precisaria, ou se conseguiria completar a ligação, se é que ele se lembrava do número certo.

Sally Jackson, pensou.

Era o nome de sua mãe. E ele tinha um padrasto... Paul.

O que será que eles achavam que havia acontecido com Percy? Talvez já tivessem realizado uma cerimônia fúnebre. Pelos seus cálculos, ele tinha perdido *sete meses* de sua vida. Claro, a maior parte desse tempo se passara durante o ano letivo, mas ainda assim... não foi *nada* legal.

Ele pegou o fone e digitou um número de Nova York, o da casa da mãe.

Secretária eletrônica. Percy devia ter imaginado. Era provavelmente meia-noite em Nova York. Eles não reconheceriam aquele número. O som da voz de Paul na gravação mexeu com Percy de tal forma que ele quase não conseguiu falar após o bipe.

— Mãe — disse ele. — Oi, estou vivo. Hera me colocou para dormir por um tempo, e depois apagou minha memória, e... — Sua voz falhou. Como ele poderia explicar aquilo tudo? — Enfim, estou bem. Sinto muito. Estou em uma missão... — Ele fez uma careta. Não devia ter dito aquilo. Sua mãe conhecia bem essas missões, e agora ficaria preocupada. — Vou voltar para casa. Prometo. Amo você.

Percy colocou o fone no gancho. Ficou olhando para o aparelho, com esperança de que ele tocasse. O apito do trem soou. O maquinista gritou:

— Todos a bordo.

Percy saiu correndo. Alcançou o trem bem na hora em que a escada era recolhida, e então subiu até o segundo andar do vagão e ocupou seu assento.

Hazel franziu o cenho.

— Tudo bem?

— Sim — resmungou ele. — Só... dei um telefonema.

Ela e Frank pareceram ter entendido. Não pediram detalhes.

Logo seguiam em direção ao sul pela costa, observando a paisagem passar. Percy tentou pensar na missão, mas, para alguém com ^{TD}DAH como ele, um trem não era o lugar mais fácil para se concentrar.

Várias coisas legais aconteciam do lado de fora do trem. Águias-de-cabeça-branca voavam no céu. O trem atravessava pontes e corria ao longo de

penhascos de onde cascatas glaciais despencavam por centenas de metros montanha abaixo. Eles passaram por florestas recobertas de neve, por peças grandes de artilharia (que serviam para provocar pequenas avalanches e evitar outras incontrolláveis, explicou Hazel) e por lagos de águas tão claras que refletiam as montanhas como se fossem espelhos, fazendo parecer que o mundo estava de cabeça para baixo.

Ursos-pardos andavam lentamente pelas campinas. Gigantes hiperbóreos continuavam aparecendo nos lugares mais inusitados. Um deles descansava dentro de um lago como se estivesse em uma banheira de água quente. Outro usava um pinheiro como palito de dentes. Um terceiro estava sentado em um monte de neve, brincando com dois alces vivos como se fossem bonecos. O trem estava cheio de turistas fazendo ah, oh e tirando fotos, mas Percy lamentou que eles não pudessem ver os hiperbóreos. Estavam perdendo as melhores fotos.

Enquanto isso, Frank analisava um mapa do Alasca que ele encontrara no bolso do assento. Localizou a Geleira Hubbard, que parecia desanimadoramente longe de Seward. Ele acompanhava com o dedo a linha que demarcava o litoral, a testa franzida de tanta concentração.

— No que está pensando? — perguntou Percy.

— Só... possibilidades — respondeu Frank.

Percy não entendeu o que aquilo queria dizer, mas deixou para lá.

Depois de mais ou menos uma hora, ele começou a relaxar. O trio comprou chocolate quente no vagão-restaurante. Os assentos eram quentes e confortáveis, e Percy pensou em tirar um cochilo.

E então uma sombra passou por cima do trem. Os turistas murmuraram empolgados e começaram a tirar fotos.

— Águia! — gritou um.

— Águia? — perguntou outro.

— Águia enorme — observou um terceiro.

— Isso não é uma águia — disse Frank.

Percy olhou para cima bem a tempo de ver a criatura passando pela segunda vez. Com certeza era maior que uma águia, com um corpo negro lustroso do tamanho de um labrador. A envergadura das asas era de pelo menos três metros de uma ponta à outra.

— Tem mais uma ali! — Frank apontou. — Correção. Três, quatro. É, estamos encrocados.

As criaturas voavam em círculos acima do trem como urubus para encanto dos turistas. Percy não estava encantado. Os monstros tinham olhos vermelhos reluzentes, bicos pontudos e garras cruéis.

Ele pôs a mão na caneta em seu bolso.

— Aqueles bichos me parecem familiares...

— Seattle — disse Hazel. — As amazonas tinham um desses engaiolado. São...

Então várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. O freio de emergência berrou, lançando-os para a frente. Turistas gritaram e caíram pelos corredores. Os monstros desceram, quebrando o teto de vidro do vagão, e o trem inteiro tombou para fora dos trilhos.

XXXIX

PERCY

PERCY SENTIU-SE SEM PESO.

Sua visão ficou borrada. Garras o pegaram pelos braços e o ergueram no ar. Abaixo dele, as rodas do trem guinchavam e o metal se retorcia. Vidros se quebravam. Passageiros gritavam.

Quando a visão clareou, Percy enxergou o animal que o carregava para o alto. Tinha o corpo de uma pantera — lustroso, preto e felino — com asas e cabeça de águia. Os olhos brilhavam com um tom vermelho-sangue.

Percy se contorceu. As garras dianteiras do monstro prendiam seus braços como pulseiras de aço. Ele não conseguia se soltar nem pegar a espada. Subia cada vez mais no vento gelado. Nem imaginava para onde o monstro o levava, mas tinha bastante certeza de que não iria gostar do lugar quando chegasse lá.

Ele gritou — sobretudo de frustração. E então algo passou assoviando por seu ouvido. Uma flecha surgiu no pescoço do monstro. A criatura gritou e o soltou.

Percy caiu, batendo em galhos de árvores, até tombar em um monte de neve. Ele gemeu, olhando para um pinheiro enorme que ele havia acabado de arrebentar.

Conseguiu se levantar. Não parecia ter quebrado nenhum osso. Frank, à sua esquerda, abatia as criaturas o mais rápido possível. Hazel estava atrás dele, golpeando com a espada qualquer monstro que se aproximasse, mas havia muitos cercando-os — pelo menos uma dúzia.

Percy sacou Contracorrente. Cortou a asa de um monstro, fazendo-o voar em espiral direto para uma árvore, e depois acertou outro, que se desfez em pó. Mas os abatidos começaram a se reconstituir imediatamente.

— O que são essas coisas? — gritou ele.

— Grifos! — respondeu Hazel. — Temos que afastá-los do trem!

Percy entendeu o que ela queria dizer. Os vagões tinham tombado, e os tetos, se estilhaçado. Os turistas cambaleavam de um lado para o outro, em estado de choque. Percy não avistou ninguém seriamente ferido, mas os grifos atacavam tudo que se mexia. A única coisa que os mantinha afastados dos mortais era um guerreiro cinzento de uniforme camuflado — o *spartus* de estimação de Frank.

Percy deu uma olhada em Frank e reparou que a lança dele havia desaparecido.

— Usou a última carga?

— É. — Frank abateu outro grifo no céu. — Tive que ajudar os mortais. A lança simplesmente se dissolveu.

Percy assentiu. Em parte estava aliviado. Não gostava do guerreiro-esqueleto. Mas também ficara decepcionado, pois agora dispunham de uma arma a menos. No entanto, não culpava o amigo. Frank fizera a coisa certa.

— Vamos levar a luta para outro lugar! — disse Percy. — Para longe dos trilhos!

Eles correram aos tropeços pela neve, batendo e cortando grifos que se recompunham sempre que eram mortos.

Percy nunca tivera uma experiência com grifos. Sempre os imaginara como animais grandes e nobres, como leões com asas, mas essas coisas mais pareciam animais cruéis que caçavam em bando — hienas voadoras.

A uns cinquenta metros dos trilhos, as árvores deram lugar a um terreno pantanoso descoberto. O solo era tão encharcado e frio que Percy tinha a impressão de que corria sobre plástico-bolha. As flechas de Frank estavam acabando. Hazel ofegava. Até os golpes de espada de Percy iam ficando mais lentos. Ele se deu conta de que só continuavam vivos porque os grifos não estavam *tentando* matá-los. Os monstros queriam pegá-los e carregá-los para algum lugar.

Talvez para seus ninhos, pensou Percy.

Então ele tropeçou em algo na grama alta: um círculo de sucata de metal do tamanho de um pneu de trator. Era um ninho de pássaro enorme — o ninho de um *grifo* —, com o fundo cheio de joias antigas, uma adaga de ouro imperial, um distintivo amassado de centurião e dois ovos do tamanho de abóboras que pareciam de ouro.

Percy pulou no ninho e encostou a ponta da espada em um dos ovos.

— Para trás ou eu quebro o ovo!

Os grifos grasnaram furiosos. Eles ficaram circulando o ninho e estalando o bico, mas não atacaram. Hazel e Frank juntaram-se a Percy, de costas uns para os outros, com armas em punho.

— Grifos reúnem ouro — disse Hazel. — São loucos por ouro. Vejam... há

mais ninhos ali.

Frank encaixou a última flecha no arco.

— Então, se esses são os ninhos deles, para onde tentavam levar Percy? Aquela coisa estava carregando ele para longe daqui.

Os braços de Percy ainda latejavam por causa das garras do grifo.

— Alcioneu — presumiu. — Talvez estejam a serviço dele. Essas coisas têm inteligência suficiente para seguir ordens?

— Não sei — respondeu Hazel. — Nunca os enfrentei quando morava aqui. Só li a respeito deles no acampamento.

— Fraquezas? — perguntou Frank. — Por favor, diga que eles têm fraquezas. Hazel fez uma careta.

— Cavalos. Eles odeiam cavalos... inimigos naturais, ou algo assim. Quem dera Arion estivesse aqui!

Os grifos gritaram e rodopiaram em volta do ninho com um brilho nos olhos vermelhos.

— Pessoal — disse Frank, nervoso. — Estou vendo relíquias da legião neste ninho.

— Eu sei — respondeu Percy.

— Isso significa que outros semideuses morreram aqui, ou...

— Frank, vai ficar tudo bem — prometeu Percy.

Um dos grifos mergulhou em direção a eles. Percy levantou a espada, pronto para cravá-la no ovo. O monstro recuou, mas os outros grifos estavam perdendo a paciência. Percy não conseguiria manter o impasse por muito mais tempo.

Ele deu uma olhada pelo terreno, tentando desesperadamente formular um plano. A uns quatrocentos metros dali, um gigante hiperbóreo estava sentando no pântano, usando um tronco de árvore quebrado para tirar calmamente a lama grudada entre os dedos do pé.

— Tenho uma ideia — falou Percy. — Hazel, esse ouro todo nos ninhos. Você acha que poderia criar uma distração com ele?

— A-acho que sim.

— Dê-nos algum tempo para que possamos nos adiantar. Quando eu disser *já*, corram até aquele gigante.

Frank o olhou boquiaberto.

— Você quer correr *na direção* de um gigante?

— Confie em mim — disse Percy. — Preparados? Já!

Hazel ergueu a mão. Objetos dourados de uma dúzia de ninhos espalhados pelo pântano foram lançados para o alto: joias, armas, moedas, pepitas de ouro e, mais importante que tudo, ovos de grifo. Os monstros gritaram e voaram atrás dos ovos, desesperados para salvá-los.

Percy e os amigos saíram correndo. Seus pés patinhavam pelo terreno pantanoso congelado. Percy corria a toda, mas podia ouvir os grifos se aproximando, e agora os monstros estavam *realmente* furiosos.

O gigante ainda não havia percebido a comoção. Olhara os dedos à procura de lama, com uma expressão sonolenta e pacífica no rosto e os bigodes brancos reluzindo com cristais de gelo. Em seu pescoço havia um colar de objetos achados — latas de lixo, portas de carro, chifres de alce, equipamentos de acampamento, até uma privada. Aparentemente, o gigante estivera fazendo uma faxina na natureza.

Percy odiava ter de incomodá-lo, principalmente porque isso significava que eles precisariam se abrigar sob as coxas do gigante, mas não havia muitas opções.

— Por baixo! — disse para os amigos. — Rastejem por baixo!

Eles se jogaram entre as pernas azuis imensas e deitaram na lama, rastejando o mais perto que podiam da tanga do gigante. Percy tentou respirar pela boca; aquele não era o esconderijo mais agradável do mundo.

— Qual é o plano? — cochichou Frank. — Seremos esmagados por um traseiro azul?

— Fiquem abaixados — ordenou Percy. — Só se mexam se necessário.

Os grifos chegaram em uma onda de garras, asas e bicos enraivecidos, enxameando em torno do gigante, tentando se enfiar por baixo das pernas dele.

O gigante ribombou surpreso e mudou de posição. Percy teve que rolar para não ser esmagado pelo enorme traseiro cabeludo dele. O hiperbóreo grunhiu, um pouco mais irritado. Tentou bater nos grifos, mas os monstros grasnaram, afrontados, e começaram a bicar as pernas e as mãos dele.

— Hã? — berrou o gigante. — Hã!

Ele respirou fundo e soltou um sopro de ar frio. Mesmo protegido embaixo das pernas do gigante, Percy pôde sentir a temperatura caindo. A gritaria dos grifos cessou de repente, substituída pelo *tum, tum, tum* de objetos pesados caindo na lama.

— Vamos — disse Percy aos amigos. — Com cuidado.

Eles se contorceram para sair de debaixo do gigante. Por todo o pântano, as árvores estavam cobertas de gelo. Uma enorme faixa do terreno tinha sido coberta por neve fresca. Havia grifos congelados enfiados no chão como picolés emplumados, com as asas ainda espalmadas, os bicos abertos, os olhos arregalados de surpresa.

Percy e seus amigos saíram às pressas, tentando evitar que o gigante os visse, mas o grandalhão estava ocupado demais para percebê-los. Ele tentava descobrir como amarrar um grifo congelado no colar.

— Percy... — disse Hazel, limpando o gelo e a lama do rosto. — Como você sabia que o gigante podia fazer aquilo?

— Uma vez eu quase fui atingido pelo sopro de um hiperbóreo — respondeu ele. — É melhor irmos andando. Os grifos não ficarão congelados para sempre.

XL

PERCY

ELES SEGUIRAM POR TERRA DURANTE cerca de uma hora, sempre de olho na ferrovia, mas permanecendo sob a cobertura das árvores o máximo possível. Em uma ocasião, ouviram um helicóptero voando na direção do trem acidentado. Em duas, ouviram grifos gritando, mas eles pareciam muito distantes.

Pelos cálculos de Percy, devia ser mais ou menos meia-noite quando o sol finalmente se pôs. O clima esfriou na floresta. O céu estava tão estrelado que Percy se sentiu tentado a parar e ficar olhando embasbacado para o alto. Então a aurora boreal pipocou. A visão lembrava o fogão a gás da mãe de Percy quando ela deixava o fogo baixo: ondas de chamas azuis fantasmagóricas se agitando de um lado para o outro.

— É incrível! — comentou Frank.

— Ursos — indicou Hazel. De fato, dois ursos-pardos caminhavam lentamente pela campina a algumas dezenas de metros deles, com o pelo espesso brilhando à luz das estrelas. — Eles não vão nos incomodar — garantiu Hazel. — Só precisamos deixá-los quietos.

Percy e Frank não discutiram.

Enquanto seguiam, Percy pensava sobre todos os lugares loucos que vira. Nenhum deles o deixara tão atônito quanto o Alasca. Ele entendia por que aquela era uma terra além do alcance dos deuses. Tudo ali era bruto e selvagem. Não havia regras, profecias, destinos, apenas a natureza crua e um monte de animais e monstros. Mortais e semideuses vinham aqui por sua própria conta e risco.

Percy se perguntou se era isso o que Gaia queria: que o mundo inteiro fosse assim. E perguntou-se também se isso seria tão ruim.

Então ele deixou o pensamento de lado. Gaia não era uma deusa bondosa. Percy ouvira o que ela pretendia fazer. Ela não era a Mãe Terra típica de um

conto de fadas. Era violenta e vingativa. Se algum dia acordasse completamente, destruiria a civilização humana.

Depois de mais algumas horas, eles depararam com um minúsculo vilarejo entre a ferrovia e uma estrada de duas pistas. A placa no limite da cidade dizia: PASSAGEM DO ALCE. De pé ao lado da placa, havia um alce de verdade. Por um segundo Percy achou que fosse uma estátua usada para publicidade. Mas o animal saiu aos saltos para a floresta.

Os três passaram por algumas casas, um posto dos correios e alguns *trailers*. Tudo estava escuro e fechado. Do outro lado da cidadezinha, havia uma loja com uma mesa de armar e uma bomba antiga de gasolina na frente.

A loja exibia uma placa pintada à mão em que se lia: POSTO PASSAGEM DO ALCE.

Por um acordo tácito, os três se deixaram cair à mesa. Os pés de Percy pareciam blocos de gelo — blocos de gelo muito *doloridos*. Hazel apoiou a cabeça nas mãos e apagou, roncando. Frank pegou seus últimos refrigerantes e algumas barras de granola da viagem de trem e os dividiu com Percy.

Os dois comeram em silêncio, observando as estrelas, até que Frank disse:

— Aquela hora você falou sério mesmo?

Percy olhou para ele do outro lado da mesa.

— Sobre o quê?

À luz das estrelas, o rosto de Frank parecia de alabastro, como uma estátua romana antiga.

— Sobre... ter orgulho de sermos parentes.

Percy bateu sua barrinha de granola na mesa.

— Bem, vamos ver. Você sozinho liquidou três basiliscos enquanto eu bebia chá verde com gérmen de trigo. Segurou um exército de lestrigões para que nosso avião pudesse decolar em Vancouver. Salvou minha vida ao abater aquele grifo. E abriu mão de sua última carga daquela lança mágica para ajudar alguns mortais indefesos. Você é, sem sombra de dúvida, o filho mais legal do deus da guerra que já conheci... talvez o *único* legal. Então, o que acha?

Frank ergueu os olhos para a aurora boreal, ainda acesa em fogo baixo pelas estrelas.

— É só que... eu deveria ser o encarregado desta missão, o centurião e tal. Mas tenho a sensação de que vocês tiveram que me carregar.

— Não é verdade — respondeu Percy.

— Eu supostamente tenho uns poderes que ainda não descobri como usar — desabafou Frank, com amargura. — Agora não tenho lança e estou quase sem flechas. E... estou com medo.

— Eu ficaria preocupado se você não estivesse. Todos nós estamos com medo.

— Mas o Festival de Fortuna é... — Frank pensou um pouco. — Já passa da meia-noite, não é? Isso significa que hoje é dia vinte e quatro de junho. O festival começa hoje depois do pôr do sol. Temos que chegar à Geleira Hubbard, vencer um gigante que é invencível no território dele e voltar para o Acampamento Júpiter antes que ele seja arrasado... tudo em menos de dezoito horas.

— E, quando libertarmos Tânatos — continuou Percy —, talvez ele reivindique sua vida. E a de Hazel. Acredite, tenho pensado nisso tudo.

Frank olhou para Hazel, ainda roncando de leve. O rosto dela estava enterrado sob uma massa de cabelos castanhos encaracolados.

— Ela é minha melhor amiga — falou Frank. — Perdi minha mãe, minha avó... Não posso perdê-la também.

Percy pensou em sua antiga vida: a mãe em Nova York, o Acampamento Meio-Sangue, Annabeth. Ele perdera tudo aquilo por oito meses. Mesmo agora, com a memória voltando... Percy nunca estivera tão longe de casa. Fora até o Mundo Inferior e voltara. Enfrentara a morte dezenas de vezes. Mas, sentado ali àquela mesa, a milhares de quilômetros de casa, além do alcance do poder do Olimpo, ele nunca estivera tão sozinho — exceto por Hazel e Frank.

— Não vou perder nenhum de vocês — prometeu. — Não vou deixar isso acontecer. E, Frank, você é um líder. Hazel diria o mesmo. Precisamos de você.

Frank baixou a cabeça. Parecia perdido em pensamentos. Finalmente, inclinou-se para a frente até bater com a cabeça na mesa de piquenique. E começou a roncar em compasso com Hazel.

Percy suspirou.

— Mais um discurso inspirador de Jackson — disse a si mesmo. — Descanse, Frank. Temos um dia cheio à nossa frente.

*

Ao amanhecer, a loja abriu. O proprietário ficou um pouco surpreso ao encontrar três adolescentes estatelados em sua mesa, mas, quando Percy explicou que eles haviam escapado do trem acidentado da noite anterior, o sujeito apiedou-se e lhes ofereceu o café da manhã. Ele ligou para um amigo, um nativo inuíte que tinha uma cabana perto de Seward. Logo o trio estava na estrada, em uma picape Ford barulhenta caindo aos pedaços que havia sido nova quando Hazel nasceu.

Hazel e Frank sentaram-se no banco traseiro. Percy foi na frente com o velho enrugado que cheirava a salmão defumado. Ele contou histórias sobre Urso e

Corvo, os deuses inuítes, e tudo em que Percy conseguia pensar era que não queria encontrá-los. Tinha já inimigos suficientes.

A picape quebrou alguns quilômetros antes de chegarem a Seward. O motorista não pareceu surpreso, como se isso lhe acontecesse várias vezes por dia. Disse que podiam esperar até ele consertar o motor, mas, como Seward ficava a apenas uns poucos quilômetros, os três resolveram ir andando.

No meio da manhã eles subiram uma elevação na estrada e viram uma pequena baía cercada por montanhas. A cidade era um crescente estreito à margem direita, com píeres projetando-se para dentro da água e um navio de cruzeiro no porto.

Percy estremeceu. Tivera péssimas experiências com navios de cruzeiro.

— Seward — disse Hazel. Não parecia feliz em rever seu antigo lar.

Eles já haviam perdido muito tempo, e Percy não gostava da velocidade com que o sol subia. A estrada contornava a encosta do morro, mas parecia que eles podiam chegar à cidade mais rápido cruzando a campina.

Percy saiu da estrada.

— Vamos.

O chão era mole, mas ele não deu atenção a esse fato até Hazel gritar:

— Percy, não!

Seu passo seguinte atravessou o chão. Ele afundou como uma pedra até que a terra se fechou sobre sua cabeça — e o engoliu.

XLI

HAZEL

— SEU ARCO! — GRITOU HAZEL.

Frank não fez perguntas. Ele largou a mochila no chão e tirou o arco do ombro.

O coração de Hazel estava disparado. Ela não pensava naquele terreno pantanoso — *muskeg* — desde antes de sua morte. Agora, tarde demais, lembrou-se dos avisos urgentes que havia recebido dos moradores locais. Charco lodoso e plantas em decomposição faziam a superfície parecer completamente sólida, mas era ainda pior que areia movediça. Podia ter mais de seis metros de profundidade, e era impossível escapar dela.

Hazel tentou não pensar no que aconteceria se aquela área fosse mais profunda que o comprimento do arco.

— Segure uma ponta — disse ela a Frank. — Não solte.

Então agarrou a outra ponta, respirou fundo e pulou no charco. A terra se fechou sobre sua cabeça.

Instantaneamente, Hazel viu-se presa em uma lembrança.

Agora não!, ela queria gritar. *Ella disse que eu não teria mais blecautes!*

Ah, minha querida, disse a voz de Gaia, *mas este não é um de seus blecautes. Este é um presente meu.*

Hazel estava de volta a Nova Orleans. Ela e a mãe encontravam-se sentadas no parque perto do apartamento onde moravam, fazendo um piquenique no café da manhã. Ela lembrava-se desse dia. Tinha sete anos. A mãe acabara de vender a primeira pedra preciosa de Hazel: um pequeno diamante. Ainda não tinham se dado conta da maldição da menina.

Queen Marie estava de excelente humor. Havia comprado suco de laranja para Hazel e champanhe para si mesma, e pães doces com chocolate granulado e

açúcar de confeitiro. Ela havia comprado até mesmo uma caixa nova de lápis de cor e um bloco de desenho para Hazel. Estavam sentadas juntas, Queen Marie assoviando alegremente enquanto Hazel desenhava.

O bairro francês despertava à volta delas, pronto para o Mardi Gras. Bandas de jazz ensaiavam. Balsas eram decoradas com flores recém-colhidas. Crianças riam e corriam umas atrás das outras, enfeitadas com tantos colares coloridos que mal conseguiam andar. O nascer do sol deixava o céu dourado e vermelho, e o ar quente e úmido recendia a magnólias e rosas.

Tinha sido a manhã mais feliz da vida de Hazel.

— Você poderia ficar aqui — disse a mãe. Ela sorria, mas seus olhos eram totalmente brancos. A voz era de Gaia.

— Isto é falso — rebateu Hazel.

Ela tentou se levantar, mas a grama macia a deixava preguiçosa e sonolenta. O cheiro de pão fresco e chocolate derretido era intoxicante. Era uma manhã de Mardi Gras, e o mundo parecia cheio de possibilidades. Hazel podia quase acreditar que tinha um futuro maravilhoso.

— O que é real — perguntou Gaia, falando através do rosto de Queen Marie. — Sua segunda vida é *real*, Hazel? Você deveria estar morta. É *real* você estar afundando em um charco, sufocando?

— Deixe-me ajudar meu amigo!

Hazel tentou se obrigar a voltar à realidade. Ela podia imaginar sua mão agarrada na ponta do arco, mas até mesmo essa sensação começava a parecer distante. O aperto de sua mão estava relaxando. O cheiro de magnólias e rosas era irresistível.

Sua mãe lhe ofereceu um pão doce.

Não, Hazel pensou. Esta não é minha mãe. Esta é Gaia me enganando.

— Você quer sua antiga vida de volta — falou Gaia. — Posso lhe dar isso. Este momento pode durar anos. Você pode crescer em Nova Orleans e ser adorada por sua mãe. Nunca terá que lidar com o fardo de sua maldição. Pode ficar com Sammy...

— É uma ilusão! — disse Hazel, sufocando com o aroma doce das flores.

— Você é uma ilusão, Hazel Levesque. Só voltou à vida porque os deuses têm uma tarefa para você. Posso tê-la usado, mas Nico a usou e mentiu a respeito disso. Você deveria ficar feliz por eu tê-lo capturado.

— Capturado? — Uma sensação de pânico cresceu no peito de Hazel. — Como assim?

Gaia sorriu, bebericando seu champanhe.

— O garoto deveria ter pensado melhor antes de procurar as Portas. Mas não importa... não é mesmo problema seu. Quando você libertar Tânatos, será

lançada de volta ao Mundo Inferior para apodrecer eternamente. Frank e Percy não vão impedir isso. Amigos *de verdade* pediriam que você abrisse mão de sua vida? Diga-me quem está mentindo e quem está falando a verdade.

Hazel começou a chorar. A amargura cresceu dentro dela. Já perdera a vida uma vez. Não queria morrer de novo.

— É isso mesmo — ronronou Gaia. — Você estava destinada a se casar com Sammy. Sabe o que aconteceu com ele depois que você morreu no Alasca? Ele cresceu e se mudou para o Texas. Casou-se e constituiu uma família. Mas nunca a esqueceu. Sempre se perguntou por que você desapareceu. Agora está morto... um ataque cardíaco na década de 1960. A vida que vocês poderiam ter tido juntos sempre o perseguiu.

— Pare! — gritou Hazel. — Você tirou isso de mim!

— E você pode ter tudo de novo — ofereceu Gaia. — Você está em meus braços, Hazel. Vai morrer de qualquer forma. Se desistir, pelo menos posso fazer com que seja agradável para você. Esqueça a ideia de salvar Percy Jackson. Ele me pertence. Vou mantê-lo em segurança na terra até estar pronta para usá-lo. Você pode ter uma vida inteira em seus momentos finais... pode crescer, casar-se com Sammy. Tudo o que precisa fazer é desistir.

Hazel apertou a mão em torno do arco. Abaixo dela, algo segurou seus tornozelos, mas ela não entrou em pânico. Ela *sabia* que era Percy, sufocando, agarrando-se desesperadamente a uma chance de viver.

Hazel fuzilou a deusa com o olhar.

— Nunca vou cooperar com você! DEIXE-NOS... IR!

O rosto de sua mãe se dissolveu. A manhã de Nova Orleans dissipou-se na escuridão. Hazel estava se afogando em lama, com uma das mãos segurando o arco e Percy agarrado a seus tornozelos, em uma escuridão profunda. Ela sacudiu a ponta do arco freneticamente. Frank a puxou para cima com tamanha força que Hazel quase deslocou o braço.

Quando abriu os olhos, estava deitada na grama, coberta de sujeira. Percy estava esparramado a seus pés, tossindo e cuspiendo lama.

Frank andava em torno deles, gritando:

— Ah, meus deuses! Ah, meus deuses! Ah, meus deuses!

Ele puxou algumas roupas extras de sua mochila e começou a limpar o rosto de Hazel, mas não adiantou muita coisa. Então arrastou Percy para longe do *muskeg*.

— Vocês ficaram lá embaixo tanto tempo! — berrou Frank. — Achei que não... ah, meus deuses, *nunca* mais façam algo assim de novo!

Ele envolveu Hazel em um abraço de urso.

— Não consigo... respirar — disse ela, asfixiando.

— Desculpe!

Frank voltou a limpá-los e fazer um escarcéu. Finalmente conseguiu levá-los para o acostamento da estrada, onde os dois se sentaram, trêmulos, cuspidos torrões de lama.

Hazel não sentia as mãos. Não tinha certeza se era de frio ou choque, mas conseguiu explicar sobre o *muskeg* e a visão que tivera enquanto estava lá embaixo. Não a parte sobre Sammy — aquilo ainda era doloroso demais para dizer em voz alta —, mas contou-lhes sobre Gaia ter oferecido uma vida falsa e afirmado que capturara o irmão dela, Nico. Hazel não queria guardar aquilo para si. Temia ser dominada pelo desespero.

Percy esfregava os ombros. Seus lábios estavam azuis.

— Você... você me salvou, Hazel. Vamos descobrir o que aconteceu com Nico, prometo.

Hazel estreitou os olhos por causa do sol, que agora ia alto no céu. O calor era agradável, mas não a fazia parar de tremer.

— Não parece que Gaia nos deixou escapar fácil demais?

Percy arrancou um torrão de lama do cabelo.

— Talvez ela ainda queira nos usar como peões. Talvez só tenha falado coisas para confundir você.

— Ela sabia o que dizer — concordou Hazel. — Sabia como me atingir.

Frank pôs a jaqueta nos ombros dela.

— Esta vida é real. Você sabe disso, certo? Não vamos deixar você morrer de novo.

Seu tom era muito determinado. Hazel não queria discutir, mas não via como Frank poderia deter a Morte. Ela apertou o bolso do casaco, onde o pedaço de lenha semiqueimado de Frank continuava embrulhado em segurança. Ela se perguntou o que teria acontecido se ela houvesse ficado no fundo da lama para sempre. Talvez isso o salvasse. O fogo jamais poderia atingir a madeira lá embaixo.

Ela teria feito qualquer sacrifício para garantir a segurança de Frank. Talvez antes não sentisse isso com tanta força, mas Frank havia lhe confiado a própria vida. Ele acreditava nela. Hazel não podia suportar a ideia de que ele sofresse algum mal.

Ela olhou para o sol que subia no céu... O tempo estava se esgotando. Ela pensou em Hylla, a rainha das amazonas em Seattle. Àquela altura, Hylla já devia ter duelado com Otrera duas noites seguidas, considerando-se que houvesse sobrevivido. Ela contava com Hazel para libertar a Morte.

Hazel conseguiu se levantar. O vento que vinha da Baía Resurrection era tão frio quanto ela lembrava.

— É melhor irmos andando. Estamos perdendo tempo.

Percy olhou para a estrada. Seus lábios recuperavam a cor normal.

— Tem um hotel ou algo do tipo onde a gente possa se lavar? Quer dizer... Hotéis que aceitem gente coberta de lama?

— Não sei — admitiu Hazel.

Ela olhou a cidade lá embaixo e não pôde acreditar no quanto o lugar havia crescido desde 1942. O porto principal tinha se deslocado para leste à medida que a cidade se expandia. A maior parte dos edifícios era nova para Hazel, mas a disposição das ruas do centro parecia familiar. Ela achou que reconhecia alguns armazéns ao longo da margem.

— Talvez eu conheça um lugar onde poderemos nos limpar.

XLII

HAZEL

QUANDO ENTRARAM NA CIDADE, HAZEL seguiu a mesma rota que usara setenta anos antes — na última noite de sua vida, quando voltara das colinas e não encontrara a mãe.

Ela guiou os amigos pela Terceira Avenida. A estação ferroviária ainda se encontrava lá. O edifício grande e branco de dois andares do Seward Hotel ainda estava aberto, embora tivesse crescido e agora fosse duas vezes maior. Pensaram em parar ali, mas Hazel achou que não seria uma boa ideia perambular pelo saguão cobertos de lama; nem que o hotel daria um quarto para três menores de idade.

Em vez disso, eles se viraram na direção do mar. Hazel não podia acreditar, mas sua antiga casa continuava lá, inclinada na água, apoiada em estacas cobertas de cracas. O telhado estava vergado. As paredes tinham sido perfuradas pelo que pareciam tiros de chumbo grosso. A porta estava fechada por tábuas, e havia uma placa pintada à mão: VAGAS — DEPÓSITO — DISPONÍVEL.

— Venham — disse ela.

— Hum, tem certeza de que é seguro? — perguntou Frank.

Hazel encontrou uma janela aberta e entrou. Os amigos a seguiram. O lugar não era usado havia muito tempo. Os pés deles levantaram poeira que rodopiava nos feixes de luz que entravam pelos buracos de tiro. Havia caixas de papelão mofadas empilhadas ao longo das paredes. Suas etiquetas desbotadas diziam: *Cartões, Ocasões Variadas*. Hazel não imaginava por que havia centenas de caixas de cartões apodrecendo em um armazém no Alasca, mas aquilo parecia uma piada cruel: como se os cartões fossem por todos os feriados que ela nunca pôde celebrar — décadas de Natais, Páscoas, aniversários, Dias dos Namorados.

— Pelo menos está mais quente aqui dentro — observou Frank. — Acho que não tem água encanada, não é? Talvez eu possa ir comprar alguma coisa. Não

estou tão sujo de lama quanto vocês dois. Poderia arrumar algumas roupas para nós.

Hazel só ouvia parte do que ele dizia.

Ela subiu em uma pilha de caixas no canto onde ficava seu colchão. Uma placa antiga estava encostada na parede: SUPRIMENTOS DE PROSPECÇÃO DE OURO. Hazel pensou que encontraria uma parede nua atrás da placa, mas quando a removeu, a maior parte de suas fotos e desenhos ainda se encontrava presa ali. A placa devia tê-los protegido da luz do sol e das variações do clima. Eles pareciam não ter envelhecido. Seus desenhos de giz de cera de Nova Orleans pareciam tão infantis! Ela havia feito aquilo mesmo? A mãe a encarava em uma das fotografias, sorrindo diante da placa comercial dela: TALISMÃS DE QUEEN MARIE — AMULETO COMPRADO,

FUTURO NARRADO.

Ao lado dessa havia uma foto de Sammy na quermesse. Ele estava congelado no tempo, com seu sorriso louco, os cabelos pretos encaracolados e aqueles olhos lindos. Se Gaia estivesse falando a verdade, Sammy devia estar morto havia mais de quarenta anos. Será que ele se lembrara mesmo de Hazel todo aquele tempo? Ou teria se esquecido da garota estranha com quem costumava andar a cavalo — a garota que dividira um beijo e um bolinho de aniversário com ele antes de desaparecer para sempre?

Os dedos de Frank passaram em cima da foto.

— Quem...? — Ele viu que a menina chorava e engoliu a pergunta. — Desculpe, Hazel. Isso deve ser muito difícil. Você quer um tempo...

— Não — respondeu ela em voz baixa. — Não, está tudo bem.

— Essa é sua mãe? — Percy apontou para a foto de Queen Marie. — Ela se parece com você. É bonita.

Em seguida Percy analisou a foto de Sammy.

— Quem é este?

Hazel não entendeu por que ele parecia tão espantado.

— É... é Sammy. Ele era meu... hum... amigo de Nova Orleans.

Ela se forçou a não olhar para Frank.

— Eu já o vi antes — falou Percy.

— Impossível — replicou Hazel. — Isso foi em 1941. Ele... ele provavelmente já morreu.

Percy franziu a testa.

— É, acho que sim. Ainda assim...

Ele sacudiu a cabeça, como se a ideia fosse desagradável demais.

Frank pigarreou.

— Olhem, passamos por uma loja na última quadra. Ainda temos algum dinheiro. Talvez eu devesse ir comprar comida e roupas para vocês e... não sei...

umas cem caixas de lenços umedecidos ou algo do tipo?

Hazel colocou a placa de prospecção de ouro de volta por cima de suas lembranças. Sentia-se culpada só de olhar para aquela foto velha de Sammy com Frank tentando ser tão gentil e compreensivo. Não adiantava nada pensar em sua antiga vida.

— Seria ótimo — concordou ela. — Você é um anjo, Frank.

As tábuas do assoalho rangeram sob os pés dele.

— Bem... sou único que não está completamente coberto de lama mesmo. Volto logo.

Depois que ele se foi, Percy e Hazel montaram um acampamento temporário. Tiraram os casacos e tentaram limpar a lama. Encontraram alguns cobertores velhos em um caixote e os usaram para se limpar. Descobriram que as caixas de cartões formavam lugares muito bons para descansar se fossem dispostos como colchões.

Percy pousou a espada no chão, onde ela brilhou com uma luz pálida cor de bronze. Ele então estendeu-se em uma cama de *Feliz Natal 1982*.

— Obrigado por me salvar — disse. — Eu devia ter falado isso antes.

Hazel deu de ombros.

— Você teria feito o mesmo por mim.

— É — concordou Percy. — Mas quando eu estava lá na lama, lembrei-me daquele verso da profecia de Ella... sobre o filho de Netuno se afogando. Eu pensei: “Era isso o que ela queria dizer. Estou me afogando na terra.” Eu tinha certeza de que estava morto.

Sua voz falhou, como no primeiro dia dele no Acampamento Júpiter, quando Hazel lhe mostrara o templo de Netuno. Naquela ocasião ela havia se perguntado se Percy seria a solução para seus problemas: o descendente de Netuno que Plutão prometera que um dia suspenderia sua maldição. Percy parecera tão intimidador e poderoso, como um verdadeiro herói.

Só que agora ela sabia que Frank também era descendente de Netuno. Frank não era o herói de aparência mais impressionante do mundo, mas confiara a ela a própria vida. Esforçava-se muito para protegê-la. Mesmo sua falta de jeito era encantadora.

Hazel nunca se sentira tão confusa — e, como ela passara a vida inteira confusa, isso queria dizer muito.

— Percy — disse —, aquela profecia podia não estar completa. Frank achou que Ella estava se lembrando de uma página queimada. Talvez você afogue outra pessoa.

Ele a olhou com cautela.

— Você acha?

Hazel sentia-se estranha tranquilizando-o. Ele era tão mais velho, e mais controlado! No entanto, ela assentiu, confiante.

— Você vai conseguir voltar para casa. Vai ver sua namorada, Annabeth.

— Você também vai voltar, Hazel — insistiu ele. — Não vamos deixar que nada aconteça com você. É valiosa demais para mim, para o acampamento e especialmente para Frank.

Hazel apanhou um cartão antigo de Dia dos Namorados. O papel branco rendado se desfez em suas mãos.

— Eu não pertenço a este século. Nico só me trouxe de volta para que eu pudesse corrigir meus erros e talvez ir para o Elísio.

— Seu destino não é só isso — respondeu ele. — É para nós enfrentarmos Gaia juntos. Vou precisar de você a meu lado por mais tempo do que hoje. E Frank... dá para ver que o cara é louco por você. Vale a pena lutar por essa vida, Hazel.

Ela fechou os olhos.

— Por favor, não me dê esperanças. Eu não posso...

A janela se abriu com um rangido. Frank entrou, segurando triunfante algumas sacolas de compra.

— Sucesso!

Ele exibiu seus troféus. Em uma loja de caça, havia comprado uma nova aljava com flechas, um pouco de comida e um rolo de corda.

— Para a próxima vez em que encontrarmos *muskeg* — disse.

Em uma loja de suvenires, comprara três conjuntos de roupas novas, algumas toalhas, sabonete, água mineral e, sim, uma caixa imensa de lenços umedecidos. Não era exatamente um chuveiro quente, mas Hazel se abaixou atrás de uma parede de caixas de cartões para se limpar e trocar de roupa. Logo se sentia muito melhor.

Este é seu último dia, lembrou a si mesma. *Não se acomode.*

O Festival de Fortuna — supostamente, toda a sorte, ou azar, que eles tivessem nesse dia seria um presságio de todo o ano por vir. De uma maneira ou de outra, a missão terminaria naquela noite.

Hazel enfiou o pedaço de madeira no bolso do casaco novo. De alguma forma, ela precisaria garantir que aquilo permanecesse em segurança, independentemente do que acontecesse com ela. A menina podia suportar a própria morte contanto que os amigos sobrevivessem.

— Bem — disse ela. — Agora arranjamos um barco para a Geleira Hubbard.

Hazel tentou parecer confiante, mas não era fácil. Queria que Arion ainda estivesse com ela. Preferiria sair para a batalha montada naquele lindo cavalo. Desde que haviam deixado Vancouver, ela vinha chamando-o em seus

pensamentos, na esperança de que ele a ouvisse e viesse a seu encontro, mas isso era só otimismo.

Frank deu tapinhas na própria barriga.

— Se vamos lutar até a morte, quero almoçar primeiro. Encontrei o lugar perfeito.

*

Frank os levou até um centro comercial perto do cais, onde um vagão antigo de trem fora transformado em restaurante. Hazel não se lembrava daquele lugar nos anos 1940, mas a comida tinha um cheiro incrível.

Enquanto Frank e Percy faziam o pedido, ela andou até o píer e fez algumas perguntas. Quando voltou, precisava de ânimo. Mas nem o *cheeseburger* com fritas ajudou.

— Temos problemas — declarou ela. — Tentei conseguir um barco. Mas... calculei mal.

— Não há barcos? — perguntou Frank.

— Ah, o barco eu posso conseguir — respondeu Hazel. — Mas a geleira é mais longe do que pensei. Mesmo à velocidade máxima, não chegaríamos lá antes de amanhã de manhã.

Percy empalideceu.

— Talvez eu possa fazer o barco ir mais rápido?

— Mesmo que você pudesse — disse Hazel —, pelo que os capitães me disseram, é perigoso... *icebergs*, labirintos de canais. Você teria que saber o caminho.

— Um avião? — perguntou Frank.

Hazel sacudiu a cabeça.

— Perguntei aos capitães dos barcos sobre isso. Eles disseram que podemos tentar, mas o aeródromo daqui é minúsculo. Seria preciso fretar o avião com duas ou três semanas de antecedência.

Depois disso, eles comeram em silêncio. O *cheeseburger* estava excelente, mas Hazel não conseguia se concentrar nele. Tinha dado umas três mordidas quando um corvo se empoleirou no poste de fios de telefone acima deles e começou a grasnar.

Hazel estremeceu. Temeu que ele fosse falar com ela como o outro corvo, tantos anos antes. *A última noite. Esta noite.* Ela se perguntou se corvos sempre apareciam para filhos de Plutão prestes a morrer. Esperava que Nico ainda

estivesse vivo e que Gaia houvesse apenas mentido para perturbá-la. Mas Hazel tinha um mau pressentimento de que a deusa falara a verdade.

Nico lhe dissera que iria procurar as Portas da Morte pelo outro lado. Se tivesse sido capturado pelas forças de Gaia, Hazel talvez tivesse perdido a única família que lhe restava.

Ela fitou o *cheeseburger*.

De repente, o crocitar do corvo mudou para um grito estrangulado.

Frank levantou-se tão rápido que quase virou a mesa. Percy sacou a espada.

Hazel seguiu o olhar dos dois. Empoleirado no alto do poste, onde antes estivera o corvo, um grifo gordo e feio os encarava. Ele arrotou, e penas de corvo flutuaram de seu bico.

Hazel pôs-se de pé e desembainhou a espata.

Frank preparou uma flecha. Fez mira, mas o grifo gritou tão alto que o som ecoou nas montanhas. Frank se retraiu e a flecha passou longe.

— Acho que isso foi um pedido de ajuda — advertiu Percy. — Temos que dar o fora daqui.

Sem nenhum plano definido, eles correram para as docas. O grifo mergulhou atrás deles. Percy tentou golpeá-lo com a espada, mas o monstro recuou.

Eles subiram os degraus para o píer mais próximo e correram até o final. O grifo mergulhou na direção deles, com as garras dianteiras estendidas para o bote. Hazel ergueu a espata, mas uma parede gelada de água atingiu o grifo de lado e o atirou na baía. O monstro grasnou e bateu as asas. Conseguiu subir no píer, onde sacudiu o pelo negro como um cachorro molhado.

Frank grunhiu.

— Boa, Percy!

— É — respondeu ele. — Não sabia se ainda podia fazer isso no Alasca. Mas temos notícias ruins... olhem ali.

A menos de dois quilômetros de distância, acima das montanhas, uma nuvem negra se agitava: um bando inteiro de grifos, no mínimo dezenas. De forma alguma os três conseguiriam enfrentar tantos, e nenhum barco poderia levá-los dali rápido o bastante.

Frank encaixou outra flecha.

— Não vou ser derrotado sem lutar.

Percy ergueu Contracorrente.

— Estou com você.

Nesse momento Hazel ouviu um som ao longe — como o relincho de um cavalo. Ela devia estar imaginando, mas gritou, desesperada:

— Arion! Aqui!

Um borrão castanho veio rasgando a rua e subiu no píer. O garanhão

materializou-se bem atrás do grifo, ergueu as patas dianteiras e esmagou o monstro, transformando-o em pó.

Hazel nunca sentira tamanha felicidade em toda a sua vida.

— Bom cavalo! *Muito bom mesmo!*

Frank recuou e quase caiu do píer.

— Como...?

— Ele me seguiu! — respondeu ela, radiante. — Porque ele é o melhor... cavalo... DO MUNDO! Agora, subam!

— Nós três? — perguntou Percy. — Será que ele consegue?

Arion relinchou, indignado.

— Está bem, não precisa ser grosseiro — disse Percy. — Vamos.

Eles subiram, Hazel à frente e Frank e Percy equilibrando-se precariamente atrás dela. Frank abraçou a cintura de Hazel, e ela pensou que, se esse fosse seu último dia na Terra, essa não era uma maneira tão ruim de partir.

— Corra, Arion! — gritou ela. — Para a Geleira Hubbard!

O cavalo disparou pela água, os cascos transformando a superfície do mar em vapor.

XLIII

HAZEL

CAVALGANDO ARION, HAZEL SE SENTIA poderosa, invencível, no controle absoluto — uma combinação perfeita de cavalo e ser humano. Ela ficou imaginando se seria assim a vida de um centauro.

Os capitães de barcos de Seward tinham alertado que a Geleira Hubbard ficava a trezentas milhas náuticas de distância, uma jornada difícil e perigosa, mas Arion não teve nenhum problema. Ele correu sobre a água à velocidade do som, aquecendo o ar em torno deles de modo que Hazel nem sentiu o frio. A pé, ela jamais teria se sentido tão corajosa. Montada, mal podia esperar para pular no meio da batalha.

Frank e Percy não pareciam tão felizes assim. Quando Hazel se virou para vê-los, os dois estavam com os dentes cerrados e os olhos esbugalhados quicando com a cabeça. As bochechas de Frank sacudiam com a velocidade. Percy era o último e se segurava com força, tentando desesperadamente não escorregar do traseiro do cavalo. Hazel torcia para que isso não acontecesse. Da maneira como Arion se movia, ela talvez levasse uns oitenta ou cem quilômetros até perceber que Percy não estava mais lá.

Eles correram por estreitos gelados, fiordes azuis e precipícios que lançavam cascatas no mar. Arion saltou por cima de uma baleia jubarte que rompia a superfície da água e continuou galopando, afugentando um bando de focas em um *iceberg*.

Parecia que haviam se passado apenas minutos quando eles entraram zunindo em uma baía estreita. A água ganhou a consistência de raspas de gelo em um xarope azul e viscoso. Arion parou em uma laje azul-turquesa congelada.

A uns oitocentos metros de distância encontrava-se a Geleira Hubbard. Nem mesmo Hazel, que já havia visto geleiras antes, conseguia processar muito bem o

que via. Montanhas nevadas roxas se estendiam em ambas as direções, com nuvens flutuando à sua volta como se fossem cintos fofinhos. Em um vale imenso entre os dois picos maiores, uma parede irregular de gelo se elevava do mar, enchendo toda a garganta. A geleira era azul e branca com veios negros, de modo que parecia um monte de neve suja acumulada na calçada após a passagem de um limpa-neve, só que quatro milhões de vezes maior.

Assim que Arion parou, Hazel sentiu a temperatura cair. Aquele gelo todo lançava ondas de frio, transformando a baía na maior geladeira do mundo. O mais sinistro de tudo era um som semelhante a trovões que se espalhava pela água.

— O que é aquilo? — Frank olhou para as nuvens acima da geleira. — Uma tempestade?

— Não — respondeu Hazel. — É gelo rachando e mudando de lugar. Milhões de toneladas de gelo.

— Você está dizendo que aquilo ali está se quebrando? — perguntou Frank.

Como se tivesse sido combinado, uma camada de gelo silenciosamente desprende-se da lateral da geleira e despencou no mar, lançando água e estilhaços congelados a muitos metros de altura. Um milissegundo depois, o som os alcançou — um BUM quase tão estrondoso quanto Arion quebrando a barreira do som.

— Não podemos nos aproximar daquilo! — falou Frank.

— Precisamos — afirmou Percy. — O gigante está lá no topo.

Arion relinchou baixinho.

— Caramba, Hazel — disse Percy —, peça para esse seu cavalo manear a boca suja.

Hazel tentou não rir.

— O que foi que ele disse?

— Tirando os palavrões? Disse que pode nos levar até o topo.

Frank parecia incrédulo.

— Achei que o cavalo não podia voar!

Dessa vez Arion relinchou tão furioso que até Hazel pôde deduzir que ele praguejava.

— Cara — falou Percy ao cavalo —, já fui suspenso por falar menos que isso. Hazel, ele promete que você vai ver o que ele pode fazer assim que você der o sinal verde.

— Hum, segurem-se, então, rapazes — disse Hazel, nervosa. — Arion, avante!

Arion disparou na direção da geleira como um foguete desgovernado, galopando em alta velocidade pela neve parcialmente derretida como se

estivesse desafiando a montanha de gelo a não sair da frente.

O ar ficou mais frio. O ruído do gelo se rachando ficou mais alto. À medida que Arion diminuía a distância, a geleira avultava-se tão imensa que Hazel sentiu vertigem só de tentar enxergá-la por inteiro. A lateral era coberta de fendas e cavernas, com arestas irregulares que pareciam lâminas de machado. Havia pedaços se desprendendo constantemente — alguns menores que bolas de neve, outros do tamanho de casas.

Quando estavam a uns cinquenta metros da base, um trovão chocou os ossos de Hazel, e uma cortina de gelo que teria coberto o Acampamento Júpiter se soltou e caiu na direção deles.

— Cuidado! — gritou Frank, o que Hazel achou um tanto desnecessário.

Arion estava vários passos à frente dele. Em um arranque de velocidade, o cavalo ziguezagueou em meio aos fragmentos, saltando por cima de pedaços de gelo e escalando a face da geleira.

Percy e Frank praguejaram como cavalos e se agarraram desesperadamente a Arion enquanto Hazel abraçava o pescoço do cavalo. De alguma maneira, eles conseguiram não cair enquanto o garanhão subia pelo despenhadeiro, saltando de apoio em apoio com velocidade e agilidade impossíveis. Era como cair de uma montanha, só que para cima.

E então acabou. Arion parou orgulhoso no topo de um espinhaço de gelo que se elevava acima do vazio. O mar agora estava a cem metros abaixo deles.

Arion relinchou um desafio que ecoou pelas montanhas. Percy não traduziu, mas Hazel tinha certeza de que ele gritava para quaisquer outros cavalos que pudessem estar na baía: *Segurem essa, seus manés!*

Então ele se virou e correu na direção do continente pelo topo da geleira, saltando um abismo de quinze metros.

— Ali! — Percy apontou.

O cavalo parou. Diante deles havia um acampamento romano congelado, como uma réplica espectral tamanho gigante do Acampamento Júpiter. As trincheiras estavam cheias de espigões de gelo. Os baluartes de tijolos de gelo cintilavam com um branco ofuscante. Pendendo das torres, estandartes de tecido azul congelado tremeluziam ao sol ártico.

Não havia qualquer sinal de vida. Os portões estavam totalmente abertos. Nenhuma sentinela percorria as muralhas. Ainda assim, Hazel tinha uma sensação incômoda no fundo do estômago. Lembrou-se da caverna na Baía Resurrection, onde ela havia trabalhado para erguer Alcioneu — a impressão opressiva de malignidade e o constante *bum, bum, bum*, como o batimento cardíaco de Gaia. Esse lugar passava a mesma sensação, como se a terra estivesse tentando despertar e consumir tudo — como se as montanhas de ambos

os lados quisessem esmagar tanto eles como toda a geleira.

Arion trotava irrequieto.

— Frank — disse Percy —, que tal seguirmos a pé a partir daqui?

Frank suspirou com alívio.

— Pensei que você nunca daria essa ideia.

Eles desmontaram e deram alguns passos hesitantes. O gelo parecia estável, coberto com um fino tapete de neve, fazendo com que não fosse muito escorregadio.

Hazel incitou Arion adiante. Dos dois lados dele, Percy e Frank caminhavam com espada e arco em punho. O grupo se aproximou dos portões sem contestação. Hazel estava treinada para identificar buracos, laços, cordas esticadas e todo tipo de armadilha que as legiões romanas haviam enfrentado durante séculos em território inimigo, mas não viu nada — somente os portões de gelo escancarados e os estandartes congelados estalando ao vento.

Ela podia ver toda a extensão da Via Praetoria. No cruzamento, diante da *principia* de tijolos de gelo, uma figura alta, com um manto escuro, encontrava-se de pé, presa por correntes geladas.

— Tânatos — murmurou Hazel.

Ela teve a sensação de que sua alma estava sendo puxada adiante, atraída na direção da Morte como pó indo na direção de um aspirador. Sua visão escureceu. Ela quase caiu de Arion, mas Frank a segurou e a ajudou a se manter firme.

— Estamos com você — garantiu ele. — Ninguém vai tirá-la de nós.

Hazel agarrou a mão dele. Não queria soltá-la. Ele era tão *sólido*, tão tranquilizador, mas Frank não poderia protegê-la da Morte. Sua própria vida era frágil como um pedaço de madeira meio queimado.

— Eu estou bem — mentiu Hazel.

Percy olhou o entorno, apreensivo.

— Nenhum defensor? Nenhum gigante? Só pode ser uma armadilha.

— É óbvio — concordou Frank. — Mas acho que não temos escolha.

Antes que pudesse mudar de ideia, Hazel fez Arion passar pelos portões. A disposição do acampamento era tão familiar — alojamentos das coortes, termas, arsenal. Era uma réplica exata do Acampamento Júpiter, só que três vezes maior. Mesmo em cima do cavalo, Hazel sentiu-se minúscula e insignificante, como se eles estivessem atravessando uma cidade-modelo construída pelos deuses.

O grupo parou a três metros da figura de manto.

Agora que estava ali, Hazel sentia uma necessidade precipitada de terminar a missão. Ela sabia que corria mais perigo do que quando enfrentara as amazonas, afugentara os grifos ou escalara a geleira montada em Arion. Sabia por instinto que com um simples toque de Tânatos ela morreria.

Mas também tinha a impressão de que, se *não* completasse a missão, se não enfrentasse seu destino com bravura, ainda assim morreria — covarde e fracassada. Os juízes dos mortos não seriam indulgentes uma segunda vez.

Arion trotava de um lado para o outro, sentindo a perturbação dela.

— Olá? — Hazel forçou-se a falar. — Sr. Morte?

A figura encapuzada ergueu a cabeça.

No mesmo instante, todo o acampamento ganhou vida. Figuras em armaduras romanas emergiram dos alojamentos, da *principia*, do arsenal e do refeitório, mas não eram humanos. Eram sombras: os fantasmas tagarelas com quem Hazel havia convivido durante décadas nos Campos de Asfódelos. O corpo deles não passava de fiapos de vapor negro, mas eles conseguiam sustentar conjuntos de armaduras de escamas, grevas e elmos. Espadas cobertas de gelo tinham sido presas em sua cintura. Pilos e escudos amassados flutuavam em mãos enfumaçadas. As plumas nos elmos dos centuriões se encontravam congeladas e esfarrapadas. A maior parte das sombras estava a pé, mas dois soldados irromperam dos estábulos em uma biga dourada puxada por corcéis negros fantasmagóricos.

Quando Arion viu os cavalos, bateu os cascos no solo, indignado.

Frank segurou firme o arco.

— É, *aí* está a armadilha.

XLIV

HAZEL

OS FANTASMAS ENTRARAM EM FORMAÇÃO e cercaram o cruzamento. Havia cerca de cem ao todo — não uma legião inteira, porém mais que uma coorte. Alguns carregavam estandartes esfarrapados com o raio da Décima Segunda Legião, Quinta Coorte: a expedição condenada de Michael Varus, dos anos 1980. Outros carregavam estandartes e insígnias que Hazel não reconhecia, como se tivessem morrido em épocas diferentes, em missões diferentes — talvez nem mesmo do Acampamento Júpiter.

A maioria empunhava armas de ouro imperial — mais ouro do que toda a Décima Segunda Legião possuía. Hazel podia sentir a força combinada de todo aquele ouro zumbindo à sua volta, ainda mais assustador que os estalos da geleira. Ela se perguntou se poderia usar seu poder para controlar as armas, talvez desarmar os fantasmas, mas tinha medo de tentar. O ouro imperial não era apenas um metal precioso. Era mortal para semideuses e monstros. Tentar controlar toda aquela quantidade de uma só vez seria como tentar controlar plutônio em um reator. Se ela fracassasse, poderia apagar a Geleira Hubbard do mapa e matar seus amigos.

— Tânatos! — Hazel voltou-se para a figura de manto. — Estamos aqui para resgatá-lo. Se você controla essas sombras, diga-lhes...

A voz dela falhou. O capuz do deus deslizou para trás e o manto caiu quando ele abriu as asas, ficando apenas com uma túnica negra sem mangas presa na cintura. Era o homem mais bonito que Hazel já vira.

Sua pele era da cor de teca, escura e reluzente como a antiga mesa que Queen Marie usava em suas sessões de clarividência. Os olhos tinham o mesmo tom dourado do mel que os de Hazel. Ele era esguio e musculoso, com um rosto majestoso e cabelos negros caindo até os ombros. As asas cintilavam com tons

de azul, preto e roxo.

Hazel lembrou-se de que precisava respirar.

Bonito era a palavra certa para Tânatos — não atraente, gato, nem nada assim. Ele era bonito como um anjo — atemporal, perfeito, remoto.

— Oh! — suspirou ela baixinho.

Os pulsos do deus estavam presos por algemas de gelo, com correntes que pareciam mergulhar no chão da geleira. Seus pés estavam descalços, com grilhões nos tornozelos, e também acorrentados.

— É Cupido — falou Frank.

— Um Cupido muito sarado — concordou Percy.

— Vocês me lisonjeiam — respondeu Tânatos. Sua voz era tão maravilhosa quanto sua aparência: grave e melodiosa. — Sou frequentemente confundido com o deus do amor. A Morte tem mais em comum com o Amor do que vocês imaginam. Mas eu sou a Morte. Eu lhes asseguro.

Hazel não questionava. Ela sentia como se fosse feita de cinzas. A qualquer segundo poderia se desintegrar e ser sugada para o aspirador de pó. Duvidava que Tânatos precisasse sequer tocá-la para matá-la. Ele poderia simplesmente mandá-la morrer. Ela tombaria na mesma hora, sua alma obedecendo àquela bela voz e àqueles olhos gentis.

— Estamos... estamos aqui para salvá-lo — Hazel conseguiu dizer. — Onde está Alcioneu?

— Salvar-me...? — Tânatos estreitou os olhos. — Você compreende o que está dizendo, Hazel Levesque? Compreende o que isso significará?

Percy deu um passo à frente.

— Estamos perdendo tempo.

Ele atacou as correntes do deus com sua espada. O bronze celestial retiniu no gelo, mas Contracorrente prendeu-se às correntes como cola. O gelo começou a subir pela lâmina. Percy puxou freneticamente. Frank correu para ajudá-lo. Juntos, conseguiram libertar a espada antes que o gelo alcançasse suas mãos.

— Isso não vai funcionar — avisou Tânatos, simplesmente. — Quanto ao gigante, ele está próximo. Estas sombras não são minhas. São dele.

Os olhos de Tânatos examinaram os soldados fantasmas. Eles se mexeram, pouco à vontade, como se um vento ártico soprasse em meio às fileiras.

— Então, como o libertamos? — perguntou Hazel.

Tânatos voltou sua atenção para ela.

— Filha de Plutão, descendente de meu mestre, você, mais que ninguém, não deveria querer que eu estivesse livre.

— Acha que não *sei* disso?

Os olhos de Hazel ardiam, mas ela estava cansada de sentir medo. Havia sido

uma garotinha assustada setenta anos antes. Perdera a mãe porque agira tarde demais. Agora era um soldado de Roma. Não fracassaria de novo. Não decepcionaria seus amigos.

— Ouça, Morte. — Ela sacou a espada de cavalaria, e Arion empinou, desafiador. — Não voltei do Mundo Inferior e viajei milhares de quilômetros para ouvir que é idiotice minha libertá-lo. Se eu tiver que morrer, eu morro. Enfrentarei esse exército inteiro se necessário. Só nos diga como quebrar suas correntes.

Tânatos estudou-a por um brevíssimo instante.

— Interessante. Você compreende que estas sombras já foram semideuses como você. Eles lutaram por Roma. Morreram sem completar suas missões heroicas. Como você, foram enviados para os Campos de Asfódelos. Agora Gaia lhes prometeu uma segunda vida se lutarem por ela hoje. É claro que, se você me libertar e derrotá-los, eles terão que voltar para o Mundo Inferior, onde deviam estar. Por traição contra os deuses, enfrentarão a punição eterna. Eles não são tão diferentes de você, Hazel Levesque. Tem certeza de que quer me libertar e amaldiçoar essas almas por toda a eternidade?

Frank cerrou os punhos.

— Isso não é justo! Você quer ser libertado ou não?

— Justo... — ponderou o deus da morte. — Você ficaria impressionado com a frequência com que ouço essa palavra, Frank Zhang, e com o quanto ela é vã. É justo que sua vida vá queimar intensa e brevemente? Foi justo quando guiei sua mãe para o Mundo Inferior?

Frank cambaleou como se tivesse levado um soco.

— Não — falou o deus com tristeza. — Não foi justo. E, no entanto, era a hora dela. Não há justiça na Morte. Se vocês me libertarem, vou cumprir meu dever. Mas, naturalmente, essas sombras tentarão detê-los.

— Então, se o libertarmos — resumiu Percy —, seremos atacados por um bando de caras de vapor negro com espadas de ouro. Certo. Como quebramos essas correntes?

Tânatos sorriu.

— Somente o fogo da vida pode derreter as correntes da morte.

— Sem charadas, por favor — pediu Percy.

Frank inspirou, abalado.

— Não é uma charada.

— Frank, não — disse Hazel, com uma voz fraca. — Tem que haver outra forma.

Uma risada ecoou pela geleira. Uma voz estrondante disse:

— Meus amigos. Esperei tanto tempo!

De pé nos portões do acampamento estava Alcioneu. Era ainda maior que o gigante Polibotes, que eles viram na Califórnia. Tinha a pele metálica dourada, uma armadura de elos de platina e um cajado de ferro do tamanho de um totem. Suas pernas de dragão, de um tom avermelhado de ferrugem, batiam pesadamente no gelo enquanto ele entrava no acampamento. Pedras preciosas cintilavam no cabelo ruivo trançado.

Hazel nunca o vira plenamente formado, mas o conhecia melhor que seus próprios pais. Ela o *fizera*. Durante meses ela havia extraído ouro e pedras preciosas da terra para criar esse monstro. Conhecia os diamantes que ele usava como coração. Conhecia o petróleo que corria em suas veias no lugar de sangue. Mais do que tudo, ela queria destruí-lo.

O gigante aproximou-se, sorrindo para ela com seus dentes de prata maciça.

— Ah, Hazel Levesque — disse ele —, você me custou caro! Se não fosse você, eu teria me erguido décadas atrás e este mundo já seria de Gaia. Mas não importa!

Ele estendeu as mãos, exibindo as fileiras de soldados fantasmagóricos.

— Bem-vindo, Percy Jackson! Bem-vindo, Frank Zhang! Eu sou Alcioneu, a ruína de Plutão, o *novo* mestre da Morte. E esta é sua nova legião.

XLV

FRANK

NÃO HÁ JUSTIÇA NA MORTE. Essas palavras ficaram reverberando na cabeça de Frank.

O gigante de ouro não o assustava. O exército de sombras não o assustava. Mas a ideia de libertar Tânatos fazia Frank querer se enroscar em posição fetal. Esse deus levava sua mãe.

Frank compreendeu o que precisava fazer para quebrar aquelas correntes. Marte o havia advertido. Ele explicara por que amava tanto Emily Zhang: *Ela sempre punha o dever em primeiro lugar, à frente de tudo o mais. Até mesmo da própria vida.*

Agora era a vez de Frank.

A medalha de sacrifício da mãe estava morna em seu bolso. Ele finalmente compreendeu a escolha dela, salvando os companheiros à custa da própria vida. Ele entendeu o que Marte estivera tentando lhe dizer: *Dever. Sacrifício. Eles significam algo.*

No peito de Frank, um nó apertado de raiva e ressentimento — um bolo de pesar que ele vinha carregando desde o enterro — finalmente começou a se dissolver. Ele compreendeu por que a mãe nunca voltou para casa. *Valia* a pena morrer por algumas coisas.

— Hazel. — Ele tentou manter a voz firme. — Aquele embrulho que você está guardando para mim? Preciso dele.

Hazel olhou-o, consternada. Montada em Arion, ela parecia uma rainha, linda e poderosa, com os cabelos castanhos caídos sobre os ombros e uma coroa de névoa gelada pairando em torno da cabeça.

— Frank, não. Tem que haver outra maneira.

— Por favor. Eu... eu sei o que estou fazendo.

Tânatos sorriu e ergueu os pulsos algemados.

— Você tem razão, Frank Zhang. É preciso fazer sacrifícios.

Ótimo. Se o deus da morte aprovava seu plano, Frank tinha bastante certeza de que os resultados não seriam agradáveis.

O gigante Alcioneu deu um passo à frente, os pés reptilianos fazendo o chão tremer.

— De que embrulho está falando, Frank Zhang? Trouxe um presente para mim?

— Nada para você, Menino Dourado — disse Frank. — Só um bocado de dor.

O gigante soltou uma gargalhada estrondosa.

— Falou como um filho de Marte! Pena que eu preciso matá-lo. E esse aí... Ora, ora, ora, quanto esperei para conhecer o famoso Percy Jackson.

O gigante sorriu. Seus dentes de prata faziam sua boca parecer uma grade de automóvel.

— Venho seguindo seu progresso, filho de Netuno — contou Alcioneu. — Sua luta com Cronos? Muito bem. Gaia odeia você mais que todos os outros... exceto talvez aquele pretensioso Jason Grace. Lamento não poder matar você imediatamente, mas meu irmão Polibotes quer mantê-lo como bichinho de estimação. Ele acha que vai ser divertido, quando destruir Netuno, ter o filho favorito do deus em uma coleira. Depois disso, claro, Gaia tem planos para você.

— É, estou lisonjeado. — Percy ergueu Contracorrente. — Mas, na verdade, sou o filho de Poseidon. Sou do Acampamento Meio-Sangue.

Os fantasmas se agitaram. Alguns sacaram espadas e ergueram escudos. Alcioneu levantou a mão, gesticulando para que esperassem.

— Grego, romano, não importa — continuou o gigante tranquilamente. — Vamos pisotear os dois acampamentos. Sabe, os titãs não pensaram *grande* o bastante. Eles planejaram destruir os deuses no lar novo deles, na América. Nós gigantes somos mais espertos! Para matar uma erva daninha, é preciso arrancar suas raízes. Agora mesmo, enquanto minhas forças destroem seu acampamentozinho romano, meu irmão Porfírio está se preparando para a verdadeira batalha nas terras antigas! Vamos destruir os deuses em sua origem.

Os fantasmas bateram as espadas nos escudos. O som ecoou pelas montanhas.

— Na origem? — perguntou Frank. — Você se refere à Grécia?

Alcioneu soltou uma risadinha.

— Não precisa se preocupar com isso, filho de Marte. Você não vai viver o bastante para ver nossa vitória definitiva. Vou substituir Plutão como senhor do Mundo Inferior. A Morte já está sob minha custódia. Com Hazel Levesque a meu serviço, terei todas as riquezas da terra também!

Hazel segurou sua espada com mais força.

— Eu não presto *serviço*.

— Ah, mas você me deu a vida! — falou Alcioneu. — Sim, tínhamos esperança de despertar Gaia durante a Segunda Guerra Mundial. Teria sido glorioso. Mas, sinceramente, o mundo agora está quase tão ruim quanto antes. Logo sua civilização será extinta. As Portas da Morte ficarão abertas. Aqueles que nos servem jamais perecerão. Vivos ou mortos, vocês três *irão* se juntar a meu exército.

Percy sacudiu a cabeça.

— Muito pouco provável, Menino Dourado. Você já era.

— Espere. — Hazel incitou seu cavalo na direção do gigante. — Eu ergui esse monstro da terra. Eu sou a filha de Plutão. Cabe a mim matá-lo.

— Ah, pequena Hazel. — Alcioneu plantou o cajado no gelo. Seu cabelo brilhava com milhões de dólares em pedras preciosas. — Tem certeza de que não vai se juntar a nós por vontade própria? Você poderia ser bastante... *preciosa* para nós. Por que morrer de novo?

Os olhos de Hazel cintilaram de raiva. Ela se virou para Frank e tirou do casaco o pedaço de madeira embrulhado.

— Tem certeza?

— Sim — respondeu ele.

Hazel apertou os lábios.

— Você é meu melhor amigo também, Frank. Eu devia ter falado isso. — Ela jogou o graveto para ele. — Faça o que tem que fazer. E, Percy... você pode protegê-lo?

Percy olhou para as fileiras de romanos fantasmagóricos.

— Contra um pequeno exército? Claro, sem problema.

— Então o Menino Dourado é meu — declarou Hazel.

E partiu para cima do gigante.

XLVI

FRANK

FRANK DESEMBRULHOU O PEDAÇO DE lenha e ajoelhou-se aos pés de Tânatos.

Sabia que Percy estava perto dele, brandindo a espada e gritando, desafiador, enquanto os fantasmas se aproximavam. Ouviu o gigante gritar e Arion relinchar furioso, mas não se atrevia a olhar.

Com as mãos trêmulas, Frank segurou seu pedaço de lenha junto às correntes que prendiam a perna direita do deus da morte. Ele pensou em chamas, e instantaneamente a madeira pegou fogo.

Um calor horrível se espalhou por seu corpo. O metal gélido começou a derreter, a chama tão intensa que era mais ofuscante que o gelo.

— Bom — disse Tânatos. — Muito bom, Frank Zhang.

Frank tinha ouvido falar de pessoas que viam a própria vida passar diante dos olhos, mas agora ele vivenciava aquilo literalmente. Viu a mãe no dia em que ela partiu para o Afeganistão. Ela sorriu e o abraçou. Frank tentou inalar seu aroma de jasmim para nunca esquecê-lo.

Sempre terei orgulho de você, Frank, disse ela. *Um dia, você vai viajar ainda mais longe que eu. Você fechará o círculo para nossa família. Daqui a anos, nossos descendentes irão contar histórias do herói Frank Zhang, seu tatatata...* Ela o cutucou na barriga, como nos velhos tempos. Seria a última vez que Frank sorriria em meses.

Ele se viu no banco do posto na Passagem do Alce, observando as estrelas e a aurora boreal enquanto Hazel roncava suavemente a seu lado e Percy dizia: *Frank, você é um líder. Precisamos de você.*

Viu Percy desaparecendo no *muskeg* e Hazel mergulhando atrás dele. Frank lembrou-se do quanto se sentira só enquanto segurava o arco, o quanto se sentira totalmente impotente. Ele havia implorado aos deuses do Olimpo — até mesmo

a Marte — que ajudassem seus amigos, mas sabia que estavam além do alcance dos deuses.

Com um estrépito, a primeira corrente se quebrou. Rapidamente, Frank enfiou o pedaço de madeira na corrente que prendia a outra perna do deus da morte.

Ele arriscou uma olhada para trás.

Percy lutava como um furacão. Na verdade... ele *era* um furacão. Um ciclone em miniatura feito de água e vapor gelado rodopiava à sua volta enquanto ele avançava por entre os inimigos, afastando fantasmas romanos, desviando flechas e lanças. Desde quando ele tinha *aquela* poder?

Percy atravessou as linhas inimigas e, embora parecesse que ele deixava Frank indefeso, o inimigo estava completamente concentrado nele. Frank não sabia por quê — e então viu o objetivo de Percy. Um dos fantasmas negros vaporosos usava a capa de pele de leão de um porta-estandarte e segurava um bastão com uma águia dourada, que tinha pingentes de gelo pendendo das asas.

O estandarte da legião.

Frank viu Percy abrir caminho através de uma linha de legionários, dispersando os escudos com seu ciclone pessoal. Ele derrubou o porta-estandarte e agarrou a águia.

— Vocês a querem de volta? — gritou para os fantasmas. — Então venham pegá-la!

Ele os atraiu para longe, e Frank não pôde deixar de admirar a estratégia ousada. Por mais que aquelas sombras quisessem manter Tânatos acorrentado, elas eram espíritos *romanos*. Suas mentes eram confusas, na melhor das hipóteses, como os fantasmas que Frank vira nos Campos de Asfódelos, mas uma coisa eles lembravam com clareza: deviam proteger sua águia.

No entanto, Percy não poderia enfrentar tantos inimigos para sempre. Sustentar uma tempestade como aquela devia ser difícil. Apesar do frio, o rosto dele já estava porejado de suor.

Frank procurou Hazel. Não conseguia ver a amiga nem o gigante.

— Cuidado com seu fogo, garoto — advertiu a Morte. — Você não pode desperdiçar.

Frank praguejou. Ficara tão distraído que não percebera que a segunda corrente já derreteria.

Ele levou o fogo para a algema na mão direita do deus. O pedaço de madeira já havia se reduzido quase à metade. Frank começou a tremer. Mais imagens atravessaram sua mente. Ele viu Marte sentado à beira da cama de sua avó, olhando para Frank com aqueles olhos de explosões nuclear: *Você é a arma secreta de Juno. Já entendeu qual é seu dom?*

Ouviu a mãe dizer: *Você pode ser qualquer coisa.*

Então viu o rosto severo da avó, a pele fina como papel de arroz, o cabelo branco espalhado pelo travesseiro. *Sim, Fai Zhang. Sua mãe não estava simplesmente elevando sua autoestima. Ela estava lhe dizendo a verdade literal.*

Frank pensou no urso-cinzentos que a mãe havia interceptado na margem do bosque. Pensou na grande ave negra voando acima das chamas na mansão da família.

A terceira corrente se rompeu. Frank pressionou a madeira contra a última alga. Seu corpo tinha sido dominado pela dor. Borrões amarelos dançavam diante de seus olhos.

Ele viu Percy no fim da Via Principalis, resistindo ao exército de fantasmas. Ele havia virado a biga e destruído vários edifícios, mas, sempre que derrubava uma onda de atacantes em seu furacão, os fantasmas simplesmente se levantavam e voltavam a atacar. Sempre que Percy abatia um deles com a espada, o fantasma se reconstituía imediatamente. Percy havia recuado quase o máximo possível. Atrás dele estava o portão lateral do acampamento, e uns sete metros depois ficava a borda da geleira.

Quanto a Hazel, ela e Alcioneu haviam conseguido destruir a maior parte dos alojamentos durante sua luta. Agora se confrontavam nos destroços no portão principal. Arion praticava um jogo perigoso de pega-pega, dando voltas no gigante, que os atacava com seu cajado e assim acabava derrubando paredes e abrindo imensas fendas no gelo. Somente a velocidade de Arion os mantinha vivos.

Finalmente, a última corrente do deus da morte se quebrou. Com um grito desesperado, Frank cravou seu pedaço de lenha em um monte de neve e extinguiu a chama. Sua dor passou. Ele ainda estava vivo. Mas, quando tirou o pedaço de madeira, viu que não passava de um toco, menor que uma barrinha de caramelo.

Tânatos ergueu os braços.

— Livre — declarou ele com satisfação.

— Ótimo. — Frank piscou para se livrar dos pontos em sua visão. — Agora faça algo!

Tânatos lhe dirigiu um sorriso calmo.

— Fazer algo? Claro. Vou assistir. Aqueles que morrerem nesta batalha permanecerão mortos.

— Obrigado — murmurou Frank, deslizando o pedacinho de lenha para dentro do casaco. — Muito útil.

— Não há de quê — disse Tânatos, afável.

— Percy! — gritou Frank. — Eles agora podem morrer!

Percy assentiu, compreendendo, mas parecia exausto. Seu furacão ia

desacelerando. Seus golpes iam ficando mais lentos. Todo o exército fantasmagórico o havia cercado, forçando-o gradualmente na direção da borda da geleira.

Frank puxou o arco para ajudar. Mas então o largou. Flechas normais de uma loja de caça em Seward não iam adiantar nada. Frank teria que usar seu dom.

Ele pensou que finalmente compreendia seus poderes. Enquanto via o pedaço de lenha queimando, sentia o cheiro da fumaça acre de sua própria vida, algo o fizera se sentir estranhamente confiante.

É justo que sua vida queime tão intensa e brevemente?, o deus da morte lhe perguntara.

— Nada é justo — falou Frank para si mesmo. — Se vou queimar, que seja então intensamente.

Ele deu um passo na direção de Percy. Então, do outro lado do acampamento, Hazel deu um grito de dor. Arion berrou quando o gigante acertou um golpe. Seu cajado mandou cavalo e menina pelo gelo, batendo nos baluartes.

— Hazel! — Frank lançou um olhar para Percy, desejando ter sua lança. Se pudesse convocar Cinzento... mas não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Vá ajudá-la! — gritou Percy, segurando a águia dourada no alto. — Eu seguro esses caras!

Percy *não* os seguraria. Frank sabia disso. O filho de Poseidon estava prestes a ser dominado, mas Frank correu para ajudar Hazel.

Ela estava parcialmente enterrada em um monte de tijolos de gelo caídos. Arion erguia-se acima dela, tentando protegê-la, empinando e escoiceando o gigante com os cascos dianteiros.

O gigante ria.

— Olá, poneizinho. Você quer brincar?

Alcioneu ergueu o cajado gélido.

Frank estava longe demais para ajudar... Mas se imaginou disparando à frente, seus pés deixando o solo.

Ser qualquer coisa.

Ele se lembrou das águias-de-cabeça-branca que os três tinham visto na viagem de trem. Seu corpo ficou menor e mais leve. Seus braços estenderam-se em asas, e sua visão tornou-se mil vezes mais aguçada. Ele voou muito alto, e então mergulhou, estendendo as garras afiadas como lâminas, arranhando os olhos do gigante.

Alcioneu berrou de dor. Cambaleou para trás enquanto Frank pousava diante de Hazel e voltava à sua forma normal.

— Frank... — Ela o fitava, perplexa, com uma cobertura de neve caindo de

sua cabeça. — O que... Como foi que...?

— Tolo! — gritou Alcioneu. Seu rosto havia sido cortado, e de seus olhos escorria petróleo negro em vez de sangue, mas os ferimentos já começavam a cicatrizar. — Eu sou imortal em minha terra, Frank Zhang! E, graças à sua amiga Hazel, minha terra é o Alasca. Você *não pode* me matar aqui!

— Veremos — desafiou Frank. O poder corria por seus braços e pernas. — Hazel, volte para cima de seu cavalo.

O gigante atacou, e Frank correu a seu encontro. Ele se lembrou do urso que encontrara pessoalmente quando menino. Enquanto corria, seu corpo ficou mais pesado, mais denso, cheio de músculos. Frank se bateu com o gigante como um urso-cinzentado adulto, quinhentos quilos de pura força. Ainda era pequeno em comparação com o gigante, mas o impacto foi tamanho que Alcioneu caiu em uma torre de gelo, que desabou em cima dele.

Frank correu até a cabeça do gigante. Um golpe de sua pata era como um lutador peso-pesado usando uma motosserra. Frank bateu várias vezes no rosto do gigante até as feições metálicas começarem a amassar.

— Urgg — gemeu o gigante em um estupor.

Frank voltou à sua forma normal. Ainda estava com sua mochila. Ele pegou a corda que comprara em Seward, fez um nó rapidamente e o prendeu no pé escamoso de dragão do gigante.

— Hazel, aqui! — Frank jogou para ela a outra extremidade da corda. — Tenho uma ideia, mas vamos precisar...

— Matar... uh... você... uh... — murmurou Alcioneu.

Frank correu até a cabeça do gigante, pegou o objeto pesado mais próximo — um escudo da legião — e o bateu com força no nariz do gigante.

— Urgg — gemeu o gigante.

Frank olhou para Hazel.

— Até onde Arion pode puxar este cara?

Hazel ficou olhando para ele.

— Você... você era uma ave. Depois um urso. E...

— Depois eu explico — interrompeu Frank. — Precisamos arrastar este cara para o continente o mais rápido e mais longe possível.

— Mas e Percy?! — lembrou Hazel.

Frank praguejou. Como podia ter esquecido?

Do outro lado das ruínas do acampamento, ele viu Percy de costas para a borda do precipício. Seu furacão havia desaparecido. Ele segurava Contracorrente em uma das mãos e a águia de ouro da legião na outra. O exército inteiro de sombras avançava, com as armas erguidas.

— Percy! — gritou Frank.

Percy olhou para ele. Viu o gigante caído e pareceu entender o que estava acontecendo. Gritou algo que se perdeu no vento, provavelmente: *Vão!*

Então cravou Contracorrente no gelo a seus pés. A geleira inteira estremeceu. Fantasma caíram de joelho. Atrás de Percy, uma onda se ergueu da baía — uma parede de águas cinzentas ainda mais alta que a geleira. A água jorrava das fendas e fissuras no gelo. Quando a onda quebrou, a metade posterior do acampamento se desintegrou. A borda inteira da geleira se soltou, despencando no vazio — levando edifícios, fantasmas e Percy Jackson.

XLVII

FRANK

FRANK FICOU TÃO PERPLEXO QUE Hazel precisou gritar seu nome uma dúzia de vezes até ele se dar conta de que Alcioneu se levantava outra vez.

Ele bateu o escudo no nariz do gigante até Alcioneu começar a roncar. Enquanto isso, a geleira continuava se desintegrando, a borda se aproximando cada vez mais.

Tânatos planou na direção deles com suas asas negras e a expressão serena.

— Ah, sim — disse ele com satisfação. — Lá se vão algumas almas. Afogando-se, afogando-se. É melhor se apressarem, meus amigos, ou irão se afogar também.

— Mas Percy... — Frank mal conseguia falar o nome do amigo. — Ele está...?

— Cedo demais para dizer. Quanto a *este* aí... — Tânatos olhou para Alcioneu com desprazer. — Vocês nunca irão matá-lo aqui. Sabem o que fazer?

Frank assentiu, entorpecido.

— Acho que sim.

— Então nosso assunto está terminado.

Frank e Hazel trocaram olhares nervosos.

— Hum... — Hazel hesitou. — Quer dizer que você não... Você não vai...

— Reivindicar sua vida? — perguntou Tânatos. — Bem, vamos ver...

Ele tirou um iPad preto do nada. O deus da morte bateu na tela algumas vezes, e tudo que Frank conseguia pensar era: por favor, que não haja um aplicativo para ceifar almas.

— Não vejo você na lista — informou Tânatos. — Plutão me dá ordens específicas para almas fugidas, sabe. Por alguma razão, ele não emitiu um mandado para a sua. Talvez ele sinta que sua vida ainda não está terminada, ou pode ter sido um descuido. Se você quiser que eu ligue e pergunte...

— Não! — gritou Hazel. — Está tudo bem.

— Tem certeza? — perguntou o deus da morte, solícito. — Tenho videoconferência habilitada. O endereço de Skype dele está aqui em algum lugar...

— De verdade, não. — Parecia que milhares de toneladas de preocupação tinham acabado de ser tirados dos ombros de Hazel. — Obrigada.

— Urgg — gemeu Alcioneu.

Frank acertou-lhe a cabeça outra vez.

O deus da morte ergueu os olhos.

— Quanto a você, Frank Zhang, também não é sua hora. Você ainda tem um pouco de combustível para queimar. Mas não creio que eu esteja fazendo um favor a nenhum dos dois. Vamos nos encontrar novamente em circunstâncias menos agradáveis.

O precipício continuava desmoronando, a borda agora a seis metros de distância. Arion relinchou, impaciente. Frank sabia que eles tinham que partir, mas precisava fazer mais uma pergunta.

— E quanto às Portas da Morte? — falou. — Onde elas ficam? Como podemos fechá-las?

— Ah, sim. — Uma expressão irritada passou rapidamente pelo rosto de Tânatos. — As Portas de Mim. Fechá-las seria bom, mas receio que isso esteja além de meu poder. Como vocês fariam isso, não tenho a menor ideia. Não posso lhes dizer exatamente onde ficam. A localização não é... bem, não é inteiramente um lugar *físico*. Elas devem ser localizadas por meio de uma busca. Posso lhes dizer para comecem a procura em Roma. A Roma *original*. Vocês precisarão de um guia especial. Somente um tipo de semideus pode ler os sinais que os levarão às Portas de Mim.

Rachaduras surgiram no gelo aos pés deles. Hazel dava tapinhas no pescoço de Arion para impedi-lo de sair em disparada.

— E quanto a meu irmão? — perguntou ela. — Nico está vivo?

Tânatos lhe dirigiu um olhar estranho — possivelmente de pena, embora essa não parecesse uma emoção que o deus da morte compreenderia.

— Você encontrará a resposta em Roma. E agora preciso voar para o sul, para seu Acampamento Júpiter. Tenho a sensação de que haverá muitas almas a ceifar, muito em breve. Adeus, semideuses, até a próxima.

Tânatos dissipou-se em fumaça negra.

As rachaduras alargaram-se no gelo aos pés de Frank.

— Depressa! — disse ele a Hazel. — Precisamos levar Alcioneu uns quinze quilômetros para o norte!

Ele subiu no peito do gigante e Arion partiu, correndo pelo gelo, arrastando

Alcioneu como o trenó mais feio do mundo.

*

Foi uma viagem curta.

Arion cavalgou pela geleira como se fosse uma rodovia, zunindo pelo gelo, saltando fendas e deslizando por encostas que teriam feito os olhos de qualquer atleta de *snowboard* se iluminarem.

Frank não precisou nocautear Alcioneu muitas vezes, pois a cabeça do gigante quicava e batia no gelo o tempo todo. Enquanto corriam, o Menino Dourado semiconsciente murmurava uma melodia que parecia “Jingle Bells”.

O próprio Frank sentia-se bastante atordoado. Ele havia acabado de se transformar em uma águia e um urso. Ainda podia sentir a energia fluida percorrendo seu corpo em ondas, como se estivesse em um estado intermediário entre o sólido e o líquido.

Não só isso: Hazel e ele haviam libertado o deus da morte, e ambos sobreviveram. E Percy... Frank engoliu o medo. Percy despencara pela borda da geleira para salvá-los.

O filho de Netuno irá afogar.

Não. Frank se recusava a acreditar que Percy estava morto. Eles não tinham percorrido aquele caminho todo só para perder o amigo. Frank o encontraria — mas primeiro tinham que cuidar de Alcioneu.

Ele visualizou o mapa que estudara no trem de Anchorage. Sabia mais ou menos aonde estavam indo, mas não havia placas ou pontos de referência na geleira. Ele simplesmente precisaria chutar.

Finalmente Arion passou rápido entre duas montanhas e chegou a um vale de gelo e pedras, que mais parecia uma tigela imensa de leite congelado com Nescau Balls. A pele dourada do gigante empalidecia como se estivesse se transformando em bronze. Frank sentiu uma vibração sutil no próprio corpo, como se alguém pressionasse seu esterno. Ele sabia que havia entrado em território amigo — território *natal*.

— Aqui! — gritou Frank.

Arion deu uma guinada de lado. Hazel cortou a corda e Alcioneu passou derrapando. Frank saltou logo antes de o gigante se chocar violentamente contra um pedregulho.

Imediatamente Alcioneu se levantou de um pulo.

— O quê? Onde? Quem?

Seu nariz estava torcido com um formato estranho. Seus ferimentos haviam sido curados, embora a pele dourada tivesse perdido parte do brilho. Ele olhou à sua volta, procurando o cajado de ferro, que continuava lá na Geleira Hubbard. Então desistiu e despedaçou o pedregulho mais próximo com um soco.

— Vocês *ousam* me levar para um passeio de trenó? — Ele se retesou e farejou o ar. — Esse cheiro... de almas mortas. Tânatos está livre, hein? Ah! Não importa. Gaia ainda tem o controle das Portas da Morte. Agora, por que me trouxe aqui, filho de Marte?

— Para matá-lo — respondeu Frank. — Próxima pergunta?

Os olhos do gigante se estreitaram.

— Nunca conheci um filho de Marte que pudesse mudar de forma, mas isso não significa que você pode me derrotar. Acha que seu pai, aquele soldado idiota, lhe deu força para me enfrentar sozinho?

Hazel sacou a espata.

— Que tal acompanhado?

O gigante rugiu e atacou Hazel, mas Arion afastou-se com agilidade. Hazel desferiu um golpe com a espata na panturrilha do gigante. Petróleo negro esguichou do corte.

Alcioneu cambaleou.

— Vocês não podem me matar, com ou sem Tânatos!

Hazel fez um gesto com a mão livre, como se agarrasse o ar. Uma força invisível puxou o cabelo incrustado de joias do gigante para trás. Hazel avançou e acertou a outra perna, afastando-se rapidamente antes que ele pudesse recuperar o equilíbrio.

— Parem com isso! — gritou Alcioneu. — Aqui é o Alasca. Sou imortal em minha terra!

— Na verdade — disse Frank —, tenho uma notícia ruim para você. Sabe, herdei de meu pai mais do que força.

O gigante rosnou.

— Do que está falando, seu fedelho da guerra?

— Tática — respondeu Frank. — Esse é o dom que Marte me deu. Uma batalha pode ser vencida antes mesmo de começar se você escolher o terreno certo. — Ele apontou para trás por cima do ombro. — Cruzamos a fronteira algumas centenas de metros atrás. Você não está mais no Alasca. Não está sentindo, Al? Se quer voltar para o Alasca, precisa passar por mim.

Lentamente, a compreensão surgiu nos olhos do gigante. Ele olhou, incrédulo, para suas pernas feridas. Petróleo ainda jorrava de suas panturrilhas, deixando o gelo negro.

— Impossível! — berrou o gigante. — Eu vou... Eu vou... Ah!

Ele se lançou contra Frank, determinado a alcançar a fronteira internacional. Por uma fração de segundo, Frank duvidou do próprio plano. Se não pudesse usar seu dom novamente, se ficasse paralisado, morreria. Mas então se lembrou das instruções de sua avó:

Ajuda se você conhecer bem a criatura. Confere.

Também ajuda se você estiver em uma situação de vida ou morte, como em um combate. Confere, confere.

O gigante continuava se aproximando. Vinte metros. Dez metros.

— Frank? — chamou Hazel, nervosa.

Frank manteve-se firme.

— Está tudo bem.

Logo antes de Alcioneu acertá-lo, Frank mudou. Ele sempre se sentira grande e desajeitado demais. Agora, aproveitou esse sentimento. Seu corpo cresceu para um tamanho imenso. Sua pele engrossou. Seus braços se tornaram pernas dianteiras robustas. Em sua boca cresceram presas, e o nariz se alongou. Ele se transformou no animal que mais conhecia — aquele ao qual ele dera cuidado, comida, banho e até mesmo indigestão no Acampamento Júpiter.

Alcioneu se chocou contra um elefante adulto de dez toneladas. O gigante cambaleou para um lado. Gritou de frustração e se jogou contra Frank outra vez, mas era de uma categoria de peso completamente inferior. Frank deu uma cabeçada com tanta força que Alcioneu voou para trás e aterrissou esparramado no gelo.

— Vocês... não podem... me matar — grunhiu Alcioneu. — Vocês não podem...

Frank voltou à sua forma normal. Andou até o gigante, cujos ferimentos oleosos fumegavam. As pedras preciosas caíam de seu cabelo e chiavam na neve. A pele dourada começou a se desfazer, soltando pedaços.

Hazel desmontou e parou ao lado de Frank, com a espata em punho.

— Posso?

Frank assentiu. Ele olhou nos olhos fervilhantes do gigante.

— Eis uma dica, Alcioneu. Da próxima vez que escolher montar seu lar no maior estado, não monte sua base na parte que tem pouco mais de quinze quilômetros de largura. Bem-vindo ao Canadá, idiota.

A espata de Hazel desceu no pescoço do gigante. Alcioneu dissolveu-se em um amontoado de pedras muito caras.

Por alguns instantes Hazel e Frank ficaram ali parados, observando os restos do gigante se derreterem no gelo. Frank apanhou sua corda.

— Um elefante? — perguntou Hazel.

Frank coçou o pescoço.

— É. Pareceu uma boa ideia.

Ele não conseguia entender a expressão dela. Temia finalmente ter feito algo tão esquisito que ela nunca mais iria querer ficar perto dele. Frank Zhang: grandalhão desastrado, filho de Marte, paquiderme por meio período.

Então ela o beijou — um beijo de verdade na boca, muito melhor que o tipo que ela dera em Percy no avião.

— Você é incrível — disse ela. — E um elefante muito bonito.

Frank se sentiu tão quente que pensou que suas botas fossem derreter o gelo e afundar. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, uma voz ecoou pelo vale:

Vocês não venceram.

Frank olhou para o alto. Sombras se moviam pela montanha mais próxima, formando o rosto de uma mulher adormecida.

Vocês nunca voltarão para casa a tempo, zombou a voz de Gaia. Neste exato momento, Tânatos está presenciando a morte do Acampamento Júpiter, a destruição final de seus amigos romanos.

A montanha rugiu, como se toda a terra gargalhasse. As sombras desapareceram.

Hazel e Frank se entreolharam. Nenhum dos dois falou nada. Montaram em Arion e correram de volta à baía da geleira.

XLVIII

FRANK

PERCY ESTAVA ESPERANDO POR ELES. Parecia bravo.

De pé na borda da geleira, ele estava apoiado no bastão com a águia dourada, olhando para a ruína que havia provocado: alguns quilômetros quadrados de mar recém-aberto, pontilhado com *icebergs* e destroços do acampamento arruinado.

Os únicos restos na geleira eram os portões principais, que estavam tombados de lado, e um estandarte azul esfarrapado caído em cima de um monte de tijolos de gelo.

Quando Hazel e Frank correram até ele, Percy disse “Oi”, como se os três estivessem se encontrando para o almoço ou algo do tipo.

— Você está vivo! — maravilhou-se Frank.

Percy franziu a testa.

— A queda? Aquilo não foi nada. Caí de uma altura duas vezes maior no Arco de St. Louis.

— Você fez *o quê*? — perguntou Hazel.

— Deixe para lá. O importante é que não me afoguei.

— Então a profecia *estava* incompleta! — Hazel sorriu. — Provavelmente dizia algo como: *O filho de Netuno vai afogar um monte de fantasmas*.

Percy deu de ombros. Ainda olhava para Frank com um ar ofendido.

— Temos algumas contas a acertar, Zhang. Você pode se transformar em águia? E em urso?

— E em elefante — completou Hazel, com orgulho.

— Elefante. — Percy sacudiu a cabeça, incrédulo. — É esse o dom de sua família? Você pode mudar de forma?

Frank arrastou os pés.

— Hum... sim. Periclimeno, meu antepassado, o argonauta, ele podia fazer

isso. Transmitiu essa habilidade às gerações seguintes.

— E ele recebeu esse dom de Poseidon — falou Percy. — Isso é muito injusto. Eu não posso me transformar em animais.

Frank o encarou.

— Injusto? Você pode respirar debaixo d'água, explodir geleiras e convocar furacões... e é injusto que eu possa ser um elefante?

Percy ponderou.

— O.k. Acho que você tem razão. Mas da próxima vez que eu disser que você é um *animal*...

— Cale a boca — disse Frank. — Por favor.

Percy abriu um sorriso.

— Se vocês já terminaram — intrometeu-se Hazel —, precisamos ir. O Acampamento Júpiter está sendo atacado. Essa águia de ouro pode ajudá-los.

Percy assentiu.

— Mas, antes, uma coisa. Hazel, tem mais ou menos uma tonelada de armas e armaduras de ouro imperial no fundo da baía agora, além de uma biga muito bacana. Aposto que isso tudo pode ser bem útil...

Demorou muito tempo — tempo demais —, mas eles sabiam que aquelas armas poderiam representar a diferença entre a vitória e a derrota se as levassem de volta ao acampamento a tempo.

Hazel usou suas habilidades para fazer levitar alguns itens do fundo do mar. Percy mergulhou e trouxe outros. Inclusive Frank ajudou, transformando-se em foca, o que foi até legal, embora Percy alegasse que ele tinha bafo de peixe.

Para erguer a biga foi necessário o esforço dos três, mas eles finalmente conseguiram arrastar tudo para uma praia de areia negra perto da base da geleira. Não conseguiram colocar tudo na biga, mas usaram a corda de Frank para amarrar a maior parte das armas de ouro e as melhores peças de armadura.

— Parece o trenó do Papai Noel — comentou Frank. — Será que Arion consegue puxar isso tudo?

Arion ofendeu-se.

— Hazel — disse Percy —, com certeza vou lavar a boca de seu cavalo com sabão. Ele diz que sim, pode puxar, mas que precisa de comida.

Hazel pegou uma velha adaga romana, um *pugio*. Estava amassado e cego, então não seria de muita ajuda em uma luta, mas parecia ouro imperial maciço.

— Aí está, Arion — ofereceu ela. — Combustível de alto desempenho.

O cavalo apanhou a adaga com os dentes e mastigou como se fosse uma maçã. Frank fez um juramento silencioso de nunca deixar a mão perto da boca daquele cavalo.

— Não estou duvidando da força de Arion — falou ele com cuidado —, mas

será que a biga vai aguentar? A última...

— Esta tem rodas e eixo de ouro imperial — observou Percy. — Deve aguentar.

— Se não — disse Hazel —, esta vai ser uma viagem curta. Mas estamos sem tempo. Vamos!

Frank e Percy subiram na biga. Hazel montou Arion.

— Arre! — gritou ela.

O estrondo sônico do cavalo ecoou pela baía. Eles dispararam para o sul, avalanches rolando montanhas abaixo conforme eles passavam.

XLIX

PERCY

QUATRO HORAS.

Foi o que o cavalo mais rápido do planeta levou para ir do Alasca à Baía de São Francisco, seguindo direto por cima da água ao longo da Costa Noroeste.

Foi também o tempo que levou para que a memória de Percy retornasse por completo. O processo havia começado em Portland, quando ele bebera o sangue de górgona, mas seu passado ainda havia permanecido enlouquecedoramente difuso. Agora, quando voltavam para o território dos deuses olímpianos, Percy lembrou-se de tudo: a guerra com Cronos, seu aniversário de dezesseis anos no Acampamento Meio-Sangue, seu instrutor, o centauro Quíron, seu melhor amigo, Grover, o irmão Tyson, e principalmente Annabeth — dois meses ótimos de namoro, e então *BUM*. Ele fora abduzido pela alienígena conhecida como Hera. Ou Juno... Tanto faz.

Oito meses de sua vida roubados. Da próxima vez que Percy visse a Rainha do Olimpo, ele decididamente ia lhe dar um pescotapa divino.

Seus amigos e sua família deviam estar enlouquecidos. Se o Acampamento Júpiter encontrava-se em situação tão ruim, ele só podia imaginar o que o Acampamento Meio-Sangue devia estar enfrentando sem ele.

Pior ainda: salvar os dois acampamentos seria apenas o começo. Segundo Alcioneu, a guerra *verdadeira* aconteceria longe dali, na terra natal dos deuses. Os gigantes pretendiam atacar o Monte Olimpo *original* e destruir os deuses para sempre.

Percy sabia que os gigantes só podiam morrer se deuses e semideuses os enfrentassem juntos. Nico tinha lhe revelado esse detalhe. Annabeth havia mencionado isso também, em agosto, quando especulara que os gigantes deveriam ser parte da nova Grande Profecia — o que os romanos chamavam de

Profecia dos Sete (esse era o lado negativo de namorar a garota mais inteligente do acampamento: você aprendia coisas).

Ele compreendeu o plano de Juno: unir os semideuses romanos e gregos para criar uma equipe de elite de heróis, e então, de alguma forma, convencer os deuses a lutar do lado deles. Mas, primeiro, eles precisavam salvar o Acampamento Júpiter.

A paisagem da costa começou a parecer familiar. Eles passaram pelo farol de Mendocino. Pouco depois, o Monte Tam e o Cabo Marin surgiram na neblina. Arion passou direto por baixo da ponte Golden Gate, entrando na Baía de São Francisco.

Atravessaram Berkeley até Oakland Hills. Quando chegaram ao topo da colina acima do túnel Caldecott, Arion estremeceu como um carro quebrado e parou, o peito arfando.

Hazel acariciou amorosamente a lateral do corpo dele.

— Você foi ótimo, Arion.

O cavalo estava cansado demais até mesmo para xingar: *É claro que fui ótimo. O que você esperava?*

Percy e Frank saltaram da biga. Percy queria que aquilo tivesse assentos confortáveis e refeições de bordo. Suas pernas estavam molengas. As articulações tinham ficado tão rígidas que ele mal conseguia andar. Se entrasse em uma luta assim, o inimigo o chamaria de Velho Jackson.

Frank não parecia muito melhor. Ele subiu mancando até o topo da colina e olhou o acampamento abaixo.

— Gente... vocês precisam ver isto.

Quando Percy e Hazel juntaram-se a ele, Percy sentiu o coração apertar. A batalha já havia começado, e não estava indo bem. A Décima Segunda Legião estava disposta no Campo de Marte, tentando proteger a cidade. Balistas disparavam contra as fileiras de gegenes. O elefante Aníbal jogava monstros para a direita e para a esquerda, mas os defensores estavam em grande desvantagem numérica.

No pégaso Cipião, Reyna voava em torno do gigante Polibotes, tentando mantê-lo ocupado. Os Lares haviam formado fileiras roxas tremeluzentes para enfrentar uma multidão de sombras negras e vaporosas vestidas em armaduras antigas. Semideuses veteranos da cidade haviam se juntado à batalha, e empurravam sua parede de escudos contra um ataque de centauros selvagens. Águias gigantes voavam acima do campo de batalha, travando um combate aéreo com duas senhoras de cabelos de cobras vestidas com coletes verdes do Bargain Mart — Esteno e Euríale.

A legião propriamente dita enfrentava a força principal do ataque, mas

estavam saindo de formação. Cada coorte era uma ilha em um mar de inimigos. A torre de sítio dos ciclopes disparava balas verdes de canhão que brilhavam e abriam crateras no fórum, reduzindo casas a ruínas. Enquanto Percy olhava, uma bala atingiu o Senado, e parte do domo desabou.

— Chegamos tarde demais — disse Hazel.

— Não — respondeu Percy. — Eles ainda estão lutando. Podemos conseguir.

— Onde está Lupa? — perguntou Frank, em tom de desespero. — Ela e os lobos... deviam estar aqui.

Percy pensou no tempo que passara com a deusa loba. Ele passara a respeitar seus ensinamentos, mas também aprendera que os lobos tinham limites. Eles não eram soldados da linha de frente. Só atacavam quando tinham grande vantagem numérica, e em geral ao abrigo da escuridão. Além disso, a primeira regra de Lupa era autossuficiência. Ela ajudaria seus filhos até onde pudesse, ela os treinaria a lutar — mas, no fim, eles eram predadores ou presa. Os romanos tinham que lutar por conta própria. Tinham que provar seu valor ou morrer. Assim era Lupa.

— Ela fez o que pôde — falou Percy. — Retardou os inimigos enquanto eles vinham para o sul. Agora é conosco. Temos que levar a águia de ouro e estas armas para a legião.

— Mas Arion está sem gás! — contestou Hazel. — Não podemos arrastar isso sozinhos.

— Talvez não seja preciso — respondeu Percy.

Ele passou o olhar pelas colinas. Se Tyson recebera a mensagem de seu sonho em Vancouver, talvez houvesse ajuda por perto.

Ele assoviou o mais alto que pôde — um bom assovio, suficiente para chamar um táxi em Nova York, e que teria sido ouvido da Times Square ao Central Park.

Sombras se agitaram nas árvores. Uma imensa forma negra surgiu saltando do nada: um mastim do tamanho de um suv, com um ciclope e uma harpia nas costas.

— Cão infernal! — Frank recuou aos tropeços.

— Está tudo bem! — Percy sorriu. — Eles são amigos.

— Irmão! — Tyson desmontou e correu até Percy.

O menino tentou se preparar, mas não adiantou. Tyson se atirou sobre ele e lhe deu um abraço sufocante. Por alguns segundos Percy só conseguia ver pontos negros e muita flanela. Então Tyson o soltou e riu, encantado, examinando Percy com aquele imenso olho castanho de bebê.

— Você não está morto! — disse ele. — Eu gosto que você não esteja morto!

Ella voou para o chão e começou a arrumar as penas.

— Ella encontrou um cachorro — anunciou a harpia. — Um cachorro grande. E um ciclope.

Ela estava enrubescendo? Antes que Percy pudesse chegar a uma conclusão, o mastim negro saltou sobre ele, derrubando-o e latindo tão alto que até Arion recuou.

— Ei, sra. O’Leary — falou Percy. — É, eu também amo você, garota. Boa menina.

Hazel deu um gritinho.

— Você tem um cão infernal chamado sra. O’Leary?

— É uma longa história. — Percy conseguiu se levantar e enxugar a baba do cachorro. — Pode perguntar a seu irmão...

Sua voz vacilou quando ele viu a expressão de Hazel. Percy quase havia esquecido que Nico di Angelo estava desaparecido.

Hazel lhe contara o que Tânatos dissera sobre a busca pelas Portas da Morte em Roma, e Percy estava ansioso por suas próprias razões para encontrar Nico — para torcer o pescoço do garoto por fingir que não o conhecia quando Percy chegou ao acampamento. Ainda assim, ele era irmão de Hazel, e encontrá-lo era assunto para outro momento.

— Desculpe — disse Percy. — Mas, sim, este é meu cachorro, a sra. O’Leary. — Tyson... estes são meus amigos, Frank e Hazel.

Percy voltou-se para Ella, que contava todas as barbas em uma de suas penas.

— Você está bem? — perguntou ele. — Estávamos preocupados.

— Ella não é forte — respondeu ela. — Ciclopes são fortes. Tyson encontrou Ella. Tyson cuidou de Ella.

Percy ergueu as sobrancelhas. Ella *estava* enrubescendo.

— Tyson — disse ele —, seu grande conquistador.

Tyson ficou da mesma cor que a plumagem de Ella.

— Hum... não. — Ele se abaixou e sussurrou, nervoso, alto o bastante para que todos os outros ouvissem: — Ela é bonita.

Frank deu um tapa na própria cabeça, como se temesse que seu cérebro tivesse entrado em curto-circuito.

— Enfim, tem uma batalha acontecendo.

— Certo — concordou Percy. — Tyson, onde está Annabeth? Tem mais ajuda vindo?

Tyson fez beicinho. Seu grande olho castanho ficou enevoado.

— O navio grande não está pronto. Leo diz amanhã, talvez dois dias. Então eles virão.

— Não temos dois *minutos* — disse Percy. — O.k., o plano é o seguinte.

Ele indicou o mais rápido possível quem eram os bonzinhos e os malvados no campo de batalha. Tyson ficou alarmado ao saber que os ciclopes e os centauros maus estavam no exército do gigante.

— Eu tenho que acertar homens-pôneis?

— Basta afugentá-los — garantiu Percy.

— Hum, Percy? — Frank olhou para Tyson com temor. — Eu só... não quero que nosso amigo aqui se machuque. Tyson sabe lutar?

Percy sorriu.

— Se ele sabe lutar? Frank, você está olhando para o general Tyson, do exército dos ciclopes. E, por falar nisso, Tyson, Frank é descendente de Poseidon.

— Irmão! — Tyson esmagou Frank em um abraço.

Percy reprimiu uma risada.

— Na verdade, ele está mais para um tatata... Ah, deixe para lá. Sim, ele é seu irmão.

— Obrigado — murmurou Frank com a boca cheia de flanela. — Mas se a legião confundir Tyson com um inimigo...

— Já sei! — Hazel correu para a biga e pegou o maior capacete romano que conseguiu encontrar e um velho estandarte bordado com SPQR.

Ela os entregou a Tyson.

— Ponha isto, grandão. Então nossos amigos saberão que você é do nosso time.

— Eba! — comemorou Tyson. — Eu sou do seu time!

O elmo era ridiculamente pequeno, e ele vestiu a bandeira como uma capa, só que ao contrário, como um babador SPQR.

— Serve — disse Percy. — Ella, fique aqui. Fique em segurança.

— Segurança — repetiu Ella. — Ella gosta de segurança. Segurança em números. Cofres são seguros. Ella vai com Tyson.

— O quê? — perguntou Percy. — Ah... Tudo bem. Tanto faz. Só não se machuque. E sra. O’Leary...

— AU!

— O que acha de puxar uma biga?

L

PERCY

ELES ERAM, SEM DÚVIDA ALGUMA, os reforços mais estranhos na história militar romana. Hazel cavalgava Arion, que se recuperara o bastante para carregar uma pessoa na velocidade normal de um cavalo, embora passasse o tempo todo colina abaixo praguejando por causa de seus cascos doloridos.

Frank transformou-se em uma águia-de-cabeça-branca — o que Percy ainda achava totalmente injusto — e voou nas alturas. Tyson desceu correndo a colina, brandindo sua clava e gritando “Homens-pôneis malvados! ^{BUU!}” enquanto Ella flutuava em torno dele, recitando fatos do *Old Farmer’s Almanac*.

E Percy conduziu a sra. O’Leary para a batalha. Atrás dele, uma biga cheia de equipamento de ouro imperial retinindo e tilintando, e, acima da cabeça, o estandarte da águia de ouro da Décima Segunda Legião.

Eles contornaram o perímetro do acampamento e tomaram a ponte mais setentrional sobre o Pequeno Tibre, avançando para o Campo de Marte pela margem ocidental da batalha. Uma horda de ciclopes martelava sem parar os campistas da Quinta Coorte, que tentavam manter seus escudos firmes simplesmente para sobreviver.

Vendo-os em apuros, Percy sentiu uma onda de fúria protetora. Esses eram os garotos que o haviam acolhido. Essa era *sua* família.

— Quinta Coorte! — gritou ele, e se atirou sobre os ciclopes mais próximos. As últimas coisas que os pobres monstros viram foram os dentes da sra. O’Leary.

Depois que os ciclopes se desintegraram — e *permaneceram* desintegrados, graças ao deus da morte —, Percy saltou de seu cão infernal e desatou a atacar loucamente os outros monstros.

Tyson avançou contra a líder dos ciclopes, Ma Gasket, cujo vestido de cota de

malha tinha respingos de lama e havia sido decorado com lanças quebradas.

Ela olhou embasbacada para Tyson e começou a dizer:

— Quem...?

Tyson a atingiu na cabeça com tanta força que ela rodopiou e caiu sentada.

— Mulher ciclope má! — berrou ele. — O general Tyson diz VÁ EMBORA!

Ele tornou a acertá-la, e Ma Gasket virou pó.

Enquanto isso, montada em Arion, Hazel rasgava um ciclope atrás do outro com sua espata, ao mesmo tempo em que Frank cegava os inimigos com suas garras.

Assim que cada ciclope em um raio de cinquenta metros havia sido reduzido a cinzas, Frank pousou diante de suas tropas e voltou à forma humana. A medalha de centurião e a Coroa Mural reluziam em seu casaco de inverno.

— Quinta Coorte! — berrou ele. — Peguem suas armas de ouro imperial aqui!

Os campistas se recuperaram do choque e cercaram a biga. Percy fez o melhor que pôde para distribuir o equipamento rapidamente.

— Vamos, vamos! — instava Dakota, sorrindo como um louco enquanto bebia Tang vermelho de seu cantil. — Nossos companheiros precisam de ajuda!

Logo a Quinta Coorte estava equipada com novas armas, escudos e elmos. Eles não estavam exatamente uniformizados. Na verdade, parecia que tinham feito compras em uma liquidação do rei Midas. Mas de repente se tornaram a coorte mais poderosa da legião.

— Sigam a águia! — ordenou Frank. — À batalha!

Os campistas comemoraram. Quando Percy e a sra. O’Leary avançaram, a coorte inteira os seguiu: quarenta guerreiros cobertos de ouro, extremamente reluzentes, clamando por sangue.

Eles se lançaram contra uma manada de centauros selvagens que atacavam a Terceira Coorte. Quando os campistas da Terceira viram o estandarte da águia, gritaram insanamente e lutaram com força renovada.

Os centauros não tiveram chance. As duas coortes os esmagaram como um torno. Logo nada restava além de montes de pó e uma variedade de cascos e chifres. Percy esperava que Quíron o perdoasse, mas esses centauros não eram como os pôneis de festa que ele encontrara antes. Eram de outra raça. Tinham que ser derrotados.

— Formem fileiras! — gritaram os centuriões.

As duas coortes se reuniram, obedecendo a seu treinamento militar. Com escudos travados, elas marcharam para enfrentar os gegenes.

— Pilos! — gritou Frank.

Cem lanças se ergueram. Quando Frank gritou “Fogo!”, elas voaram pelo ar

— uma onda de morte atravessando os monstros de seis braços. Os campistas sacaram espadas e avançaram rumo ao centro da batalha.

Na base do aqueduto, a Primeira e a Segunda Coortes tentavam cercar Polibotes, mas estavam levando uma surra. Os gegenes restantes os bombardeavam com pedra e lama. Os espíritos dos grãos *karpoi* — aquelas horríveis piranhazinhas-cupido — corriam pelo mato alto abduzindo campistas, tirando-os da linha de frente. O gigante fazia cair basiliscos de seus cabelos. Sempre que um caía no chão, os romanos entravam em pânico e corriam. A julgar pelos escudos corroídos e as plumas fumegantes de seus elmos, eles já haviam aprendido sobre o veneno e o fogo dos basiliscos.

Reyna voava acima do gigante, mergulhando com sua lança sempre que ele voltava a atenção para as tropas terrestres. Seu manto roxo se agitava ao vento. A armadura de ouro reluzia. Polibotes brandia o tridente e lançava a rede, mas Cipião era quase tão ágil quanto Arion.

Então Reyna percebeu a Quinta Coorte vindo em seu auxílio com a águia. Ela ficou tão perplexa que o gigante quase a acertou, mas Cipião se esquivou. Os olhos de Reyna encontraram os de Percy e ela deu um sorriso imenso.

— Romanos! — Sua voz retumbou pelos campos. — Reagrupem-se com a águia!

Tanto semideuses quanto monstros voltaram-se e olharam estupefatos enquanto Percy saltava adiante em seu cão infernal.

— O que é isso? — perguntou Polibotes. — *O que é isso?*

Percy sentiu uma onda de poder percorrer o bastão do estandarte. Ele ergueu a águia e gritou:

— Décima Segunda Legião Fulminata!

Trovões sacudiram o vale. A águia soltou um raio ofuscante, e mil dedos de relâmpagos explodiram de suas asas douradas, formando arcos diante de Percy como se fossem galhos de uma árvore enorme e mortal, conectando-se com os monstros mais próximos, saltando de um para o outro, ignorando completamente as forças romanas.

Quando os relâmpagos cessaram, a Primeira e a Segunda Coortes estavam diante de um gigante surpreso e várias centenas de montes fumegantes de cinzas. O centro das forças inimigas havia sido carbonizado.

A expressão no rosto de Octavian era impagável. O centurião encarou Percy com choque, depois indignação. Então, quando suas próprias tropas começaram a comemorar, ele não teve escolha a não ser juntar-se aos gritos:

— Roma! Roma!

O gigante Polibotes recuou, indeciso, mas Percy sabia que a batalha não havia terminado.

A Quarta Coorte ainda se encontrava cercada por ciclopes. Até Aníbal, o elefante, tinha dificuldade para avançar em meio a tantos monstros. Sua armadura preta de Kevlar estava rasgada, e a etiqueta dizia apenas ANTE.

Os veteranos e Lares no flanco oriental estavam sendo empurrados na direção da cidade. A torre de cerco dos monstros ainda lançava bolas de fogo verdes explosivas nas ruas. As górgonas haviam incapacitado as águias gigantes e agora voavam livremente acima do que restava dos centauros e gegenes do exército do gigante, tentando reagrupá-los.

— Resistam! — gritou Esteno. — Tenho amostras grátis!

Polibotes berrou. Uma dúzia de novos basiliscos caiu de seu cabelo, deixando a grama em um tom amarelo venenoso.

— Você acha que isso muda algo, Percy Jackson? Eu não posso ser destruído! Venha até mim, filho de Netuno. Eu o liquidarei!

Percy desmontou. Ele entregou o estandarte a Dakota.

— Você é o centurião sênior da coorte. Cuide disto.

Dakota piscou e então empertigou-se com orgulho. Ele deixou cair o cantil de Tang e pegou a águia.

— Eu a levarei com honra.

— Frank, Hazel, Tyson — disse Percy —, ajudem a Quarta Coorte. Tenho que matar um gigante.

Ele ergueu Contracorrente, mas antes que pudesse avançar, cornetas soaram nas colinas ao norte. Outro exército apareceu no cume: centenas de guerreiras em trajes de camuflagem preto e cinza, armadas com lanças e escudos. Intercaladas em suas fileiras havia uma dúzia de empilhadeiras de guerra, com garfos afiados cintilando ao pôr do sol e dardos chamejantes armados nas bestas.

— Amazonas — disse Frank. — Ótimo.

Polibotes riu.

— Estão vendo? Nossos reforços chegaram! Roma cairá hoje!

As amazonas baixaram as lanças e correram colina abaixo. As empilhadeiras avançaram velozes para a batalha. O exército do gigante comemorou — até que as amazonas mudaram de curso e seguiram direto para o flanco oriental intacto dos monstros.

— Amazonas, avante!

Na maior empilhadeira erguia-se uma garota que parecia uma versão mais velha de Reyna, em armadura negra, com um cinto dourado cintilante na cintura.

— Rainha Hylla! — exclamou Hazel. — Ela sobreviveu!

A rainha das amazonas gritou:

— Em auxílio de minha irmã! Destruam os monstros!

— Destruir! — O grito de suas tropas ecoou pelo vale.

Reyna virou seu pégaso na direção de Percy. Seus olhos brilhavam. Sua expressão dizia: *Eu poderia abraçar você agora mesmo*. Ela gritou:

— Romanos! Avancem!

O campo de batalha transformou-se no caos absoluto. Fileiras de amazonas e de romanos moveram-se na direção dos inimigos como se fossem as próprias Portas da Morte.

Mas Percy tinha um só objetivo. Ele apontou para o gigante.

— Você. Eu. Até o fim.

*

Eles se encontraram junto ao aqueduto, que de alguma forma conseguira resistir à batalha até então. Polibotes resolveu esse problema. Ele brandiu o tridente e destruiu o arco de tijolos mais próximo, desencadeando uma cachoeira.

— Vá em frente, então, filho de Netuno! — zombou Polibotes. — Deixe-me ver seu poder! A água obedece a suas ordens? Ela cura você? Mas eu nasci para me opor a Netuno.

O gigante colocou a mão embaixo da água. Ao passar entre seus dedos, a torrente se tornou verde-escura. Ele jogou um pouco em Percy, que instintivamente a desviou com sua força de vontade. O líquido respingou o chão à sua frente. Com um silvo horrível, a grama murchou e fumegou.

— Meu toque transforma água em veneno — contou Polibotes. — Vamos ver o que ele faz com seu sangue!

Ele lançou a rede em Percy, mas o menino pulou para sair do caminho e desviou a cascata direto para o rosto do gigante. Enquanto Polibotes estava temporariamente cego, Percy atacou. Ele cravou Contracorrente na barriga do inimigo, e então a retirou e se afastou com um salto, deixando o gigante rugindo de dor.

O golpe teria dissolvido qualquer monstro inferior, mas Polibotes apenas cambaleou e olhou para o icor dourado — o sangue dos imortais — que escorria de sua ferida. O corte já estava se fechando.

— Boa tentativa, semideus — rosnou ele. — Mas ainda assim vou liquidar você.

— Tem que me pegar primeiro — desafiou Percy.

Ele se virou e saiu correndo na direção da cidade.

— O quê? — gritou o gigante, incrédulo. — Está correndo, covarde? Fique aqui e morra!

Percy não tinha a menor intenção de fazer isso. Ele sabia que não conseguiria matar Polibotes sozinho. Mas tinha um plano.

Ele passou pela sra. O’Leary, que o olhou curiosa, com uma górgona se contorcendo na boca.

— Estou bem! — gritou Percy enquanto passava correndo, seguido por um gigante aos berros, sedento de sangue.

Ele saltou por cima de uma balista em chamas e se agachou quando Aníbal atirou um ciclope em seu caminho. Pelo canto do olho, viu Tyson esmagando um gegene no chão com sua clava. Ella voejava acima dele, desviando-se de mísseis e dando conselhos:

— A virilha. A virilha dos gegenes é sensível.

SMASH!

— Bom. Sim. Tyson encontrou a virilha dele.

— Percy precisa de ajuda? — gritou Tyson.

— Estou bem!

— Morra! — berrou Polibotes, aproximando-se rapidamente.

Percy continuou correndo.

Ao longe ele viu Hazel e Arion atravessando o campo de batalha a galope, derrubando centauros e *karpoi*. Um espírito dos grãos gritou “Trigo! Eu lhe darei trigo!”, mas Arion o pisoteou, transformando-o em um monte de cereal matinal. A rainha Hylla e Reyna uniram forças, empilhadeira e pégaso seguindo juntos, dispersando as sombras escuras de guerreiros caídos. Frank transformou-se em elefante e atropelou alguns ciclopes, e Dakota segurava a águia de ouro no alto, descarregando relâmpagos em quaisquer monstros que ousassem desafiar a Quinta Coorte.

Tudo estava ótimo, mas Percy precisava de um tipo diferente de ajuda. Precisava de um deus.

Ele olhou para trás e viu que estava quase ao alcance do gigante. Para ganhar tempo, Percy escondeu-se atrás de uma das colunas do aqueduto. O gigante brandiu o tridente. Quando a coluna desmoronou, Percy usou a água liberada para guiar o colapso, derrubando várias toneladas de tijolos na cabeça do gigante.

Percy disparou na direção dos limites da cidade.

— Término! — gritou.

A estátua mais próxima do deus estava a uns vinte metros à frente. Seus olhos de pedra se abriram enquanto Percy corria em sua direção.

— Completamente inaceitável! — queixou-se ele. — Edifícios em chamas! Invasores! Leve-os embora daqui, Percy Jackson!

— Estou tentando — respondeu Percy. — Mas há um gigante, Polibotes.

— Sim, eu sei! Espere... Dê licença por um instante. — Término fechou os olhos, concentrado. Uma bala de canhão verde incandescente voou acima e de repente se vaporizou. — Não consigo deter *todos* os mísseis — queixou-se. — Por que eles não podem ser civilizados e atacar mais devagar? Eu sou um deus só.

— Ajude-me a matar o gigante — pediu Percy — e isso tudo vai acabar. Um deus e um semideus trabalhando juntos... É a única maneira de matá-lo.

Término fungou.

— Eu guardo fronteiras. Não mato gigantes. Isso não faz parte das atribuições de meu cargo.

— Término, por favor!

Percy deu outro passo à frente, e o deus gritou, indignado:

— Pare aí mesmo, jovem! Nenhuma arma dentro da Linha Pomeriana!

— Mas estamos sendo atacados.

— Eu não ligo! Regras são regras. Quando as pessoas não seguem as regras, eu fico muito, muito zangado.

Percy sorriu.

— Concentre-se nesse pensamento.

Ele correu de volta para o gigante.

— Ei, feioso!

— Rarr!

Polibotes irrompeu do meio das ruínas do aqueduto. A água ainda caía nele, transformando-se em veneno e criando um pântano fumegante em torno de seus pés.

— Você... você vai morrer lentamente — prometeu o gigante. Ele apanhou o tridente, agora gotejando veneno verde.

À toda volta, a batalha ia se apacando. Com os últimos monstros sendo liquidados, os amigos de Percy começavam a se reunir, formando um anel em torno do gigante.

— Vou fazê-lo prisioneiro, Percy Jackson — rosnou Polibotes. — Vou torturá-lo nas profundezas do mar. Todos os dias a água irá curá-lo, e todos os dias eu o deixarei mais próximo da morte.

— Essa é uma grande oferta — falou Percy. — Mas acho que, em vez disso, vou matá-lo.

Polibotes berrou enfurecido. Ele sacudiu a cabeça, e mais basiliscos voaram de seus cabelos.

— Para trás! — advertiu Frank.

Caos renovado espalhou-se pelas fileiras. Hazel esporeou Arion e colocou-se entre os basiliscos e os campistas. Frank mudou de forma — encolheu-se,

transformando-se em algo esguio e peludo... Uma doninha? Percy pensou que Frank havia enlouquecido, mas, quando Frank atacou os basiliscos, os monstros ficaram desesperados. Fugiram serpenteando, perseguidos alucinadamente por Frank-doninha.

Polibotes apontou o tridente e correu para Percy. Quando o gigante alcançou a Linha Pomeriana, Percy saltou para um lado como um toureiro. Polibotes cruzou a toda os limites da cidade.

— JÁ CHEGA! — gritou Término. — Isso é CONTRA AS REGRAS!

Polibotes franziu a testa, obviamente confuso por estar levando bronca de uma estátua.

— O que é você? — grunhiu ele. — Cale a boca!

Ele tombou a estátua e se virou para Percy.

— Agora estou FURIOSO! — gritou Término. — Estou estrangulando você. Está sentindo? Essas são as minhas mãos em torno de seu pescoço, seu valentão. Venha cá! Vou lhe dar uma cabeçada tão forte...

— Já chega!

O gigante pisou na estátua e quebrou Término em três pedaços: pedestal, corpo e cabeça.

— Você NÃO FEZ ISSO! — berrou Término. — Percy Jackson, negócio fechado! Vamos matar esse pretensioso.

O gigante riu tanto que era tarde demais quando percebeu o ataque de Percy. O menino deu um salto, passando por cima do joelho do gigante, e cravou Contracorrente em uma das bocas metálicas do peitoral de Polibotes, afundando o bronze celestial até o cabo no peito dele. O gigante cambaleou para trás, tropeçando no pedestal de Término e desabando no chão. Enquanto tentava se levantar, agarrando a espada em seu peito, Percy ergueu a cabeça da estátua.

— Você nunca vencerá! — disse o gigante com um gemido. — Não pode me derrotar sozinho.

— Não estou sozinho. — Percy ergueu a cabeça de pedra diante do rosto do gigante. — Gostaria de lhe apresentar meu amigo, Término. Ele é um deus!

Tarde demais, compreensão e medo surgiram no rosto do gigante. Percy desceu a cabeça do deus com toda sua força no nariz de Polibotes, e o gigante se dissolveu, desintegrando-se em um amontoado fumegante de algas marinhas, pele de réptil e muco venenoso.

Percy afastou-se aos tropeços, completamente exausto.

— Ha! — disse a cabeça de Término. — Isso vai ensinar *o sujeito* a obedecer as regras de Roma.

Por um momento, o campo de batalha ficou silencioso, exceto por alguns focos de incêndio e uns monstros em pânico fugindo e gritando.

Um círculo irregular de romanos e amazonas formou-se em torno de Percy. Tyson, Ella e a sra. O’Leary estavam ali. Frank e Hazel sorriam para ele, cheios de orgulho. Arion mordiscava um escudo de ouro, feliz.

Os romanos começaram a entoar:

— Percy! Percy!

A multidão se aproximou e antes que Percy se desse conta, eles o ergueram sobre um escudo. O coro mudou para:

— Pretor! Pretor!

Entre os que gritavam estava a própria Reyna, que ergueu a mão e agarrou a de Percy, parabenizando-o. Então a multidão aclamadora de romanos o carregou ao longo da Linha Pomeriana, tomando o cuidado de evitar os limites de Término, e em seguida o escoltou de volta ao Acampamento Júpiter.

LI

PERCY

No FESTIVAL DE FORTUNA, CAMPISTAS, amazonas e Lares lotaram o refeitório para um pródigo jantar. Até os faunos foram convidados, já que eles haviam ajudado ao enfaixar os feridos após a batalha. Espíritos do vento zuniam pela sala, levando pedidos de pizza, hambúrgueres, bifés, saladas, comida chinesa e *burritos*, todas voando em velocidade extrema.

Apesar da batalha exaustiva, estavam todos de bom humor. As baixas não tinham sido numerosas, e os poucos campistas que haviam morrido e voltado à vida anteriormente, como Gwen, não foram levados para o Mundo Inferior. Talvez Tânatos tivesse feito vista grossa para os acontecimentos. Ou talvez Plutão os tivesse liberado, como fizera com Hazel. Qualquer que fosse o caso, ninguém se queixou.

Estandartes coloridos das amazonas e dos romanos pendiam lado a lado nas vigas. A águia de ouro recuperada ocupava orgulhosa seu lugar atrás da mesa da pretora, e as paredes estavam decoradas com cornucópias — chifres mágicos de abundância que transbordavam com cascatas renováveis de frutas, chocolate e biscoitos fresquinhos.

As coortes se misturavam livremente com as amazonas, pulando à vontade de sofá em sofá, e enfim os soldados da Quinta eram bem-vindos em todo lugar. Percy trocou de mesa tantas vezes que se perdeu de seu jantar.

Havia muita paquera e queda de braço, o que pareciam ser sinônimos para as amazonas. Em uma ocasião, Percy foi encurralado por Kinzie, a amazona que o havia desarmado em Seattle. Ele teve que explicar que já tinha namorada. Felizmente, Kinzie aceitou bem. Ela lhe contou o que havia acontecido depois que eles deixaram Seattle — que Hylla havia derrotado a rival Otrera em dois duelos consecutivos até a morte, então as amazonas agora chamavam sua rainha

de Hylla Duas Vezes Mortal.

— Otrera continuou morta da segunda vez — contou Kinzie, piscando. — Somos gratas a você por isso. Se algum dia precisar de uma namorada... Bem, acho que você ia ficar lindo com uma coleira de ferro e um macacão laranja.

Percy não sabia se ela estava brincando. Agradeceu educadamente e trocou de lugar.

Quando todos já haviam comido e os pratos pararam de voar, Reyna fez um breve discurso. Deu boas-vindas formais às amazonas, agradecendo-lhes a ajuda. Então abraçou a irmã, e todo mundo aplaudiu.

Reyna ergueu as mãos, pedindo silêncio.

— Minha irmã e eu nem sempre concordamos...

Hylla riu.

— Isso é um eufemismo.

— Ela se juntou às amazonas — continuou Reyna. — Eu vim para o Acampamento Júpter. Mas, olhando este salão, acho que nós duas fizemos boas escolhas. Estranhamente, nossos destinos foram possíveis graças ao herói que vocês acabaram de elevar à posição de pretor no campo de batalha: Percy Jackson.

Mais vivas. As irmãs ergueram as taças para Percy e indicaram que ele se aproximasse.

Todos pediram um discurso, mas Percy não sabia o que dizer. Ele protestou, dizendo que realmente não era a melhor pessoa para o posto de pretor, mas os campistas abafaram suas palavras com aplausos. Reyna tirou a plaquinha de *probatio* dele. Octavian lançou-lhe um olhar venenoso, então virou-se para a multidão e sorriu, como se tudo aquilo fosse ideia dele. Ele eviscerou um ursinho de pelúcia e anunciou bons presságios para o ano vindouro — Fortuna iria abençoá-los! Ele passou a mão no braço de Percy e gritou:

— Percy Jackson, filho de Netuno, primeiro ano de serviço!

Os símbolos romanos queimaram no braço de Percy: um tridente, ^{SPQR} e uma divisa. Percy sentiu como se alguém pressionasse um ferro quente em sua pele, mas conseguiu não gritar.

Octavian o abraçou e sussurrou:

— Espero que tenha doído.

Então Reyna lhe deu uma medalha de águia e um manto roxo, símbolos do pretor.

— Você os mereceu, Percy.

A rainha Hylla bateu nas costas dele.

— E eu decidi não matar você.

— Hum, obrigado — falou Percy.

Ele deu mais uma volta pelo refeitório, porque todos os campistas o queriam à sua mesa. O Lar Vitellius o seguia, tropeçando na toga roxa bruxuleante e ajeitando a espada, dizendo a todos que previra a ascensão de Percy à grandeza.

— Exigi que ele ingressasse na Quinta Coorte! — disse o fantasma, orgulhoso. — Enxerguei seu talento imediatamente!

Don Fauno apareceu usando um chapéu de enfermeiro e segurando um punhado de biscoitos em cada mão.

— Cara, parabéns e tal! Incrível! Ei, você tem algum trocado sobrando?

Toda aquela atenção constrangia Percy, mas ele se sentia feliz ao ver como Hazel e Frank estavam sendo tratados. Todos os chamavam de salvadores de Roma, e eles mereciam. Falava-se até em reintegrar o bisavô de Frank, Shen Lun, ao rol de honra da legião. Aparentemente, ele não havia causado o terremoto de 1906, afinal.

Percy ficou algum tempo sentado com Tyson e Ella, que eram convidados de honra na mesa de Dakota. Tyson pedia a todo instante sanduíches de manteiga de amendoim, comendo-os tão rapidamente quanto as ninfas os entregavam. Ella, empoleirada no ombro dele no sofá, comia vorazmente pães doces com canela.

— Pães doces com canela são bons para harpias — disse ela. — Vinte e quatro de junho é um bom dia. Aniversário de Roy Disney, Festival de Fortuna e Dia da Independência em Zanzibar. E Tyson.

Ela olhou para Tyson, então corou e desviou os olhos.

*

Depois do jantar, a legião inteira ganhou a noite de folga. Percy e seus amigos passearam até a cidade, que ainda não estava totalmente recuperada da batalha. Mas os incêndios haviam sido apagados, a maior parte dos escombros fora removida e os cidadãos estavam determinados a celebrar.

Na Linha Pomeriana, a estátua de Término usava um chapéu de festa de papel.

— Bem-vindo, pretor! — exclamou ele. — Se precisar esmagar o rosto de mais algum gigante enquanto estiver na cidade, é só me falar.

— Obrigado, Término — respondeu Percy. — Vou me lembrar disso.

— Sim, ótimo. Sua capa de pretor está dois centímetros abaixo da posição à esquerda. Pronto... assim está melhor. Cadê minha assistente? Julia!

A garotinha saiu correndo de detrás do pedestal. Usava um vestido verde, o cabelo ainda em estilo maria-chiquinha. Quando ela sorriu, Percy viu que seus dentes da frente começavam a nascer. Ela estendeu uma caixa cheia de chapéus

de festa.

Percy tentou recusar, mas Julia o encarou com os olhos grandes e adoráveis.

— Ah, claro — disse ele. — Fico com a coroa azul.

Ela ofereceu a Hazel um chapéu dourado de pirata.

— Quando crescer, vou ser Percy Jackson — contou ela a Hazel, solene.

Hazel sorriu e passou a mão em seu cabelo.

— É algo bom de ser, Julia.

— No entanto — falou Frank, escolhendo um chapéu com formato de cabeça de um urso polar —, Frank Zhang também seria bom.

— Frank! — exclamou Hazel.

Eles puseram os chapéus e seguiram até o fórum, que estava iluminado com lâmpadas multicoloridas. As fontes tinham um brilho roxo. Os cafés fervilhavam e músicos de rua enchiam o ar com os sons de violão, lira, flautas e ruídos feitos com a axila. (Percy não entendeu esse último. Talvez fosse uma antiga tradição musical romana.)

A deusa Íris também devia estar com espírito festivo. Quando Percy e os amigos passaram pelo Senado danificado, um arco-íris deslumbrante surgiu no céu noturno. Infelizmente, a deusa enviou ainda outra bênção — uma chuva suave de imitações de *cupcake* sem glúten da P.E.V.O.A.L., o que Percy imaginou que dificultaria a limpeza ou facilitaria a reconstrução. Os *cupcakes* dariam ótimos tijolos.

Percy ficou perambulando um pouco pelas ruas com Hazel e Frank, que esbarravam os ombros o tempo todo.

Por fim, ele disse:

— Estou um pouco cansado, pessoal. Vão em frente.

Hazel e Frank protestaram, mas Percy percebeu que eles queriam um tempo sozinhos.

Enquanto voltava para o acampamento, Percy viu a sra. O’Leary brincando com Aníbal no Campo de Marte. Ela finalmente encontrara um amigo com quem podia fazer algazarra de igual para igual. Eles corriam para lá e para cá, chocando-se um contra o outro, quebrando fortificações e se divertindo muito.

Nos portões do forte, Percy parou e olhou pelo vale. Parecia que muito tempo se passara desde que estivera ali com Hazel, vendo pela primeira vez toda a dimensão do acampamento. Agora ele estava mais interessado em ver o horizonte a leste.

No dia seguinte, talvez no posterior, seus amigos do Acampamento Meio-Sangue chegassem. Por mais que gostasse do Acampamento Júpiter, mal podia esperar para rever Annabeth. Percy ansiava por sua vida antiga — Nova York e o Acampamento Meio-Sangue —, mas algo lhe dizia que talvez ainda demorasse

um pouco até ele voltar para casa. Gaia e os gigantes ainda não tinham parado de causar problemas — nem perto disso.

Reyna dera a Percy a casa do segundo pretor na Via Principalis, mas, assim que olhou o interior, Percy soube que não poderia ficar ali. O lugar era legal, mas ali estavam os pertences de Jason Grace. Percy já se sentia pouco à vontade tirando o título de pretor de Jason. Ele não queria ficar com a casa do cara também. A situação já seria bastante incômoda quando Jason voltasse — e Percy tinha certeza de que ele estaria naquele navio de guerra com cabeça de dragão.

Ele voltou para o alojamento da Quinta Coorte e subiu em seu beliche. Apagou instantaneamente.

*

Percy sonhou que atravessava o Pequeno Tibre levando Juno nos braços.

Ela estava disfarçada de mendiga velha e maluca, sorrindo e cantando uma canção de ninar em grego antigo enquanto suas mãos enrugadas e ásperas agarravam o pescoço de Percy.

— Você ainda quer me bater, querido? — perguntou ela.

Percy parou no meio do rio. Ele soltou a deusa na água.

No momento em que ela caiu, Juno sumiu e reapareceu na margem.

— Ah, puxa! — Ela riu. — Isso não foi muito heroico, nem mesmo em um sonho!

— Oito meses — falou Percy. — Você roubou oito meses de minha vida por uma missão que durou uma semana. Por quê?

Juno estalou a língua em desaprovação.

— Vocês mortais e suas vidas curtas. Oito meses não são nada, meu querido. Uma vez, perdi oito séculos, deixei passar a maior parte do Império Bizantino.

Percy convocou o poder do rio. A água girou a seu redor, um turbilhão de espuma.

— Ora, ora — disse Juno. — Não fique irritado. Se quisermos derrotar Gaia, nossos planos devem estar em perfeita sincronia. Primeiro, eu precisava de Jason e seus amigos para me libertar de minha prisão...

— Sua prisão? Você estava na prisão e eles a libertaram?

— Não fique tão surpreso, querido! Sou uma doce velhinha. De qualquer modo, você não era necessário no Acampamento Júpiter até *agora*, para salvar os romanos em seu momento de maior crise. Os oito meses de entretanto... bem, tenho outros planos em andamento, meu garoto. Resistir a Gaia, trabalhar

pelas costas de Júpiter, proteger seus amigos... É trabalho em tempo integral! Se eu tivesse que protegê-lo dos monstros e esquemas de Gaia também e mantê-lo escondido de seus amigos no leste... não, muito melhor você tirar uma soneca segura. Você teria sido uma distração... uma bala perdida.

— Uma distração. — Percy sentiu a água subindo com sua raiva, girando mais rápido à sua volta. — Uma bala perdida.

— Exatamente. Fico feliz que compreenda.

Percy mandou uma onda para cima da velha, mas Juno simplesmente desapareceu e se materializou em outro ponto da margem.

— Puxa — disse ela —, você *está* de mau humor. Mas sabe que tenho razão. Sua chegada aqui foi na hora certa. Eles agora confiam em você. É um herói de Roma. E enquanto você dormia Jason Grace aprendeu a confiar nos gregos. Eles tiveram tempo de construir o *Argo II*. Juntos, você e Jason irão unir os acampamentos.

— Por que eu? — perguntou Percy. — Você e eu nunca nos demos bem. Por que você ia querer uma bala perdida em seu time?

— Por que eu *conheço* você, Percy Jackson. Em muitos aspectos, você é impulsivo, mas, quando se trata de seus amigos, é tão fiel quanto a agulha de uma bússola. Você é inabalavelmente leal, e inspira lealdade. É a cola que irá unir os sete.

— Ótimo — respondeu Percy. — Sempre sonhei em ser cola.

Juno entrelaçou os dedos tortos.

— Os heróis do Olimpo devem se unir! Após sua vitória sobre Cronos em Manhattan... bem, receio que aquilo tenha ferido a autoestima de Júpiter.

— Porque eu tinha razão — afirmou Percy. — E ele, não.

A velha deu de ombros.

— Ele devia estar acostumado a isso, após tantos séculos casado comigo, mas ai de mim! Meu orgulhoso e teimoso marido se recusa a pedir ajuda de novo a meros semideuses. Ele acredita que os gigantes possam ser combatidos sem vocês, e que Gaia possa ser forçada a dormir novamente. Eu sei que não. Mas vocês precisam provar seu valor. Somente navegando para as terras antigas e fechando as Portas da Morte vocês convencerão Júpiter de que são dignos de lutar lado a lado com os deuses. Essa será a maior das missões desde que Eneias partiu de Troia!

— E se falharmos? — perguntou Percy. — Se romanos e gregos não se derem bem?

— Então Gaia já venceu. Vou lhe dizer uma coisa, Percy Jackson. Quem vai lhe causar o maior problema será aquela que está mais próxima de você... aquela que mais me odeia.

— Annabeth? — Percy sentiu sua raiva crescer novamente. — Você nunca gostou dela. Agora a está chamando de problemática? Você não sabe nada a respeito dela. Annabeth é a pessoa em quem eu *mais* confiaria para cuidar de minha retaguarda.

A deusa deu um sorriso frio.

— Veremos, jovem herói. Ela tem uma árdua tarefa diante de si quando vocês chegarem a Roma. Se ela vai estar à altura... não sei.

Percy convocou um punho de água e o lançou na velha. Quando a água voltou, ela havia desaparecido.

O rio turbilhonou, fugindo ao controle de Percy. Ele afundou na escuridão do redemoinho.

LII

PERCY

NA MANHÃ SEGUINTE, **P**ERCY, **H**AZEL e Frank tomaram café da manhã cedo e depois seguiram para a cidade antes do horário marcado para a sessão do Senado. Como Percy era agora pretor, podia ir aonde quisesse, quando quisesse.

No caminho, eles passaram pelos estábulos, onde Tyson e a sra. O’Leary dormiam. Tyson roncava em uma cama de feno perto dos unicórnios, com uma expressão de contentamento no rosto, como se estivesse sonhando com pôneis. A sra. O’Leary estava deitada de costas, cobrindo as orelhas com as patas. No telhado do estábulo, Ella se acomodara em um amontoado de antigos pergaminhos romanos, com a cabeça enfiada sob as asas.

Quando chegaram ao fórum, eles se sentaram perto das fontes e ficaram observando o sol subir. Os cidadãos já se encontravam ocupados varrendo imitações de *cupcakes*, confetes e chapéus de festa da celebração da noite anterior. O corpo de engenheiros trabalhava em um novo arco que comemoraria a vitória sobre Polibotes.

Hazel contou que até ouvira falarem de um *triunfo* formal para eles três — um desfile pela cidade, seguido por uma semana de jogos e festejos —, mas Percy sabia que isso nunca aconteceria. Eles não tinham tempo.

Percy contou-lhes sobre seu sonho com Juno.

Hazel franziu a testa.

— Os deuses estavam ocupados ontem à noite. Mostre a ele, Frank.

Frank levou a mão ao bolso do casaco. Percy pensou que ele fosse pegar seu pedaço de lenha, mas ele tirou um livro fino de capa mole e um bilhete escrito em papel de carta vermelho.

— Estavam em meu travesseiro hoje de manhã. — Ele os entregou a Percy. — Como se a Fada do Dente tivesse me visitado.

O livro era *A arte da guerra*, de Sun Tzu. Percy nunca ouvira falar dele, mas podia imaginar quem o havia mandado. A carta dizia: *Bom trabalho, garoto. A melhor arma de um homem de verdade é a mente. Este era o livro preferido de sua mãe. Dê uma lida. P.S.: Espero que seu amigo Percy tenha aprendido a me respeitar.*

— Uau! — Percy devolveu-lhe o livro. — Talvez Marte *seja* diferente de Ares. Não creio que Ares saiba ler.

Frank folheou o livro.

— Tem muita coisa aqui sobre sacrifício, sobre saber o preço da guerra. Lá em Vancouver, Marte me disse que eu teria que colocar o dever antes da minha vida, ou a guerra inteira iria descambar. Pensei que ele se referia a libertar Tânatos, mas agora... não sei. Ainda estou vivo, então talvez o pior ainda esteja por vir.

Ele lançou um olhar nervoso para Percy, que teve a sensação de que Frank não estava lhe contando tudo. O menino se perguntou se Marte teria dito alguma coisa sobre *ele*, mas não sabia se queria descobrir.

Além disso, Frank já dera o suficiente. Vira a casa de sua família ser incendiada. Perdera a mãe e a avó.

— Você arriscou sua vida — falou Percy. — Estava disposto a morrer para salvar a missão. Marte não pode esperar mais que isso.

— Talvez — disse Frank, incerto.

Hazel apertou a mão dele.

Os dois pareciam mais confortáveis um com o outro nessa manhã, não tão nervosos e sem jeito. Percy ficou imaginando se eles tinham começado a namorar. Esperava que sim, mas achou melhor não perguntar.

— Hazel, e quanto a você? — indagou Percy. — Alguma notícia de Plutão?

Ela baixou os olhos. Vários diamantes saltaram do chão a seus pés.

— Não — admitiu. — De certa forma, acho que ele mandou uma mensagem por meio de Tânatos. Meu nome não estava naquela lista de almas fugidas. Deveria estar.

— Acha que seu pai está liberando você? — perguntou Percy.

Hazel deu de ombros.

— Plutão não pode me visitar nem sequer falar comigo sem reconhecer que estou viva. Nesse caso ele teria que aplicar as leis da morte e fazer Tânatos me levar de volta ao Mundo Inferior. Acho que meu pai está fazendo vista grossa. Acho... acho que ele quer que eu encontre Nico.

Percy olhou para o sol nascente, esperando ver um navio de guerra descendo do céu. Até agora, nada.

— Vamos encontrar seu irmão — prometeu Percy. — Assim que o navio chegar aqui, vamos partir para Roma.

Hazel e Frank trocaram olhares inquietos, como se já tivessem conversado sobre isso.

— Percy... — começou Frank. — Se você quiser nossa companhia, estamos dentro. Mas tem certeza? Quer dizer... sabemos que você tem um monte de amigos no outro acampamento. E agora você pode escolher qualquer um no Acampamento Júpiter. Se não formos parte dos sete, vamos compreender...

— Vocês estão brincando? — perguntou Percy. — Achem que eu deixaria minha equipe para trás? Depois de sobreviver ao gérmen de trigo de Fleecy, de fugir de canibais e de nos escondermos embaixo de traseiros gigantes azuis no Alasca? Nem pensar!

A tensão se desfez. Os três começaram a gargalhar, talvez um pouquinho demais, mas era um alívio estarem vivos, sob o calor do sol brilhante e sem se preocuparem — pelo menos por ora — com rostos sinistros aparecendo nas sombras das colinas.

Hazel respirou fundo.

— A profecia que Ella nos contou... sobre a filha da sabedoria, e a marca de Atena incendiando Roma... você sabe o que isso significa?

Percy lembrou-se do sonho. Juno o advertira de que Annabeth tinha uma tarefa difícil diante de si, e que ela causaria problemas para a missão. Ele não acreditava, mas ainda assim... isso o inquietava.

— Não sei — admitiu ele. — Acho que essa profecia tem mais informações. Talvez Ella consiga se lembrar do restante.

Frank guardou o livro no bolso.

— Precisamos levá-la conosco... Quer dizer, para a segurança dela. Se Octavian descobrir que Ella decorou os livros sibilinos...

Percy estremeceu. Octavian usava profecias para assegurar seu poder no acampamento. Agora que Percy havia tirado sua chance de ser pretor, Octavian buscaria outras formas de exercer influência. Se pusesse as mãos em Ella...

— Você tem razão — concordou Percy. — Temos que protegê-la. Só espero que consigamos convencê-la...

— Percy!

Tyson passou correndo pelo fórum, e Ella voava atrás dele trazendo um pergaminho nas garras. Quando chegaram à fonte, Ella deixou cair o pergaminho no colo de Percy.

— Entrega especial — anunciou ela. — De uma das *aurae*. Um espírito do vento. Sim, Ella tem uma entrega especial.

— Bom dia, irmãos! — Tyson estava com feno nos cabelos e manteiga de amendoim nos dentes. — O pergaminho é de Leo. Ele é engraçado e pequeno.

O rolo não parecia nada extraordinário, mas quando Percy o abriu no colo, um

vídeo tremeluziu no pergaminho. Um garoto de armadura grega sorriu para eles. Tinha um rosto travesso, cabelos pretos encaracolados e olhos agitados, como se tivesse acabado de tomar várias xícaras de café. Estava sentado em uma sala escura com paredes de madeira, como uma cabine de navio. Lamparinas a óleo balançavam no teto.

Hazel abafou um grito.

— O que foi? — perguntou Frank. — Qual o problema?

Lentamente, Percy se deu conta de que o garoto de cabelos encaracolados parecia familiar — e não só de seus sonhos. Ele vira aquele rosto em uma foto antiga.

— Ei! — falou o garoto no vídeo. — Saudações de seus amigos do Acampamento Meio-Sangue *etc.* Aqui é Leo. Eu sou o... — Ele desviou o olhar da tela e gritou: — Qual é meu título? Sou almirante, comandante ou...

Uma voz de garota gritou de volta:

— Garoto da manutenção.

— Muito engraçado, Piper — resmungou Leo. Ele se voltou para a tela do pergaminho. — Então, é, eu sou... ah... comandante supremo do *Argo II*. É, gostei disso! Enfim, vamos chegar até vocês em cerca de, não sei, uma hora neste navio grande de guerra. Ficaríamos agradecidos se vocês, tipo, não nos abatessem no céu nem nada assim. Se puderem dizer isso aos romanos. Até daqui a pouco. Seu camarada de semideusice e coisa e tal. Paz e desligo.

O pergaminho se apagou.

— Não pode ser — disse Hazel.

— O quê? — perguntou Frank. — Você conhece aquele cara?

Hazel parecia ter visto um fantasma. Percy entendeu o porquê. Ele se lembrou da foto na casa abandonada de Hazel em Seward. O garoto no navio de guerra era idêntico ao antigo namorado de Hazel.

— É Sammy Valdez — falou ela. — Mas como... como...

— Não pode ser — rebateu Percy. — O nome desse cara é Leo. E já se passaram setenta e tantos anos. Tem que ser uma...

Ele queria dizer *uma coincidência*, mas não conseguia se obrigar a acreditar nisso. Ao longo dos últimos anos, Percy vira muitas coisas: destino, profecia, magia, monstros, sina. Mas até o momento não encontrara nenhuma coincidência.

Foram interrompidos por cornetas tocando ao longe. Os senadores entraram marchando no fórum, com Reyna na frente.

— Hora da reunião — anunciou Percy. — Vamos. Temos que avisá-los do navio.

*

— Por que deveríamos confiar nesses gregos? — dizia Octavian.

Ele andava de um lado para o outro no Senado havia cinco minutos, falando sem parar, tentando refutar o que Percy lhes dissera sobre o plano de Juno e a Profecia dos Sete.

Os senadores remexiam-se inquietos, mas a maioria tinha muito medo de interromper a empolgação de Octavian. Enquanto isso, o sol subia no céu, vazando luz pelo telhado quebrado do Senado e colocando Octavian sob um holofote natural.

O salão estava lotado. A rainha Hylla, Frank e Hazel sentavam-se na primeira fileira com os senadores. Veteranos e fantasmas enchiam as fileiras dos fundos. Até Tyson e Ella tiveram permissão para se sentar lá atrás. Tyson ficava acenando e sorrindo para Percy.

Percy e Reyna ocupavam cadeiras iguais de pretor no tablado, o que fazia ele se sentir constrangido. Não era fácil parecer digno usando um lençol e uma capa roxa.

— O acampamento está em segurança — continuou Octavian. — Faço questão de parabenizar nossos heróis por trazerem de volta a águia da legião e todo esse ouro imperial! Fomos verdadeiramente abençoados com a boa fortuna. Mas por que fazer mais? Por que tentar o destino?

— Que bom que perguntou. — Percy se levantou, tomando a pergunta como uma abertura.

Octavian gaguejou:

— Eu não...

— ...fez parte da missão — completou Percy. — Sim, eu sei. E você é sábio ao deixar que eu explique, já que eu fiz.

Alguns dos senadores riram. Octavian não teve outra saída senão se sentar e tentar não parecer constrangido.

— Gaia está acordando — falou Percy. — Derrotamos dois de seus gigantes, mas isso é só o começo. A verdadeira guerra acontecerá na antiga terra dos deuses. A missão irá nos levar para Roma e, com o tempo, até a Grécia.

Uma onda de apreensão se espalhou pelo Senado.

— Eu sei, eu sei — continuou Percy. — Vocês sempre pensaram nos gregos como seus inimigos. E há uma boa razão para isso. Acho que os deuses mantiveram nossos acampamentos separados porque, sempre que nos encontramos, brigamos. Mas isso pode mudar. *Precisa* mudar se quisermos derrotar Gaia. É isso o que a Profecia dos Sete significa. Sete semideuses, gregos

e romanos, terão que fechar as Portas da Morte juntos.

— Ah! — gritou um Lar na fileira mais ao fundo. — O último pretor que tentou interpretar a Profecia dos Sete foi Michael Varus, que perdeu nossa águia no Alasca! Por que deveríamos acreditar em você agora?

Octavian deu um sorriso presunçoso. Alguns de seus aliados no Senado começaram a concordar com a cabeça e a resmungar. Mesmo alguns dos veteranos pareciam em dúvida.

— Eu atravessei o Pequeno Tibre carregando Juno — lembrou Percy, falando com toda firmeza de que era capaz. — *Ela* me disse que a Profecia dos Sete está se aproximando. Marte também apareceu para vocês pessoalmente. Achem que dois de seus deuses mais importantes apareceriam no acampamento se a situação não fosse séria?

— Ele tem razão — apoiou Gwen da segunda fileira. — Eu, de minha parte, confio na palavra de Percy. Grego ou não, ele restaurou a honra da legião. Vocês o viram no campo de batalha ontem à noite. Alguém aqui diria que ele não é um verdadeiro herói de Roma?

Ninguém discutiu. Alguns assentiram, concordando.

Reyna se levantou. Percy a observou, ansioso. A opinião dela podia mudar tudo — para melhor ou para pior.

— Você alega que esta é uma missão conjunta — disse ela. — Alega que Juno pretende que trabalhemos com esse... esse outro grupo, o Acampamento Meio-Sangue. No entanto, os gregos são nossos inimigos há eras. Eles são famosos por seus ardis.

— Pode ser — concedeu Percy. — Mas inimigos podem se tornar amigos. Há uma semana, vocês pensariam que romanos e amazonas lutariam lado a lado?

A rainha Hylla riu.

— Boa observação.

— Os semideuses do Acampamento Meio-Sangue *já* têm trabalhado com o Acampamento Júpiter — continuou Percy. — Nós só não percebemos. Durante a Guerra dos Titãs, no verão passado, enquanto vocês atacavam o Monte Otris, nós defendíamos o Monte Olimpo em Manhattan. Eu mesmo lutei contra Cronos.

Reyna recuou, quase tropeçando na toga.

— Você... *o quê?*

— Sei que é difícil acreditar — disse Percy. — Mas acho que conquistei a confiança de vocês. Estou do seu lado. Hazel e Frank... tenho certeza de que eles estão destinados a ir comigo nessa missão. Os outros quatro estão vindo do Acampamento Meio-Sangue para cá agora mesmo. Um deles é Jason Grace, seu antigo pretor.

— Ah, por favor! — gritou Octavian. — Ele agora está inventando coisas.

Reyna franziu a testa.

— É muita informação para acreditar. Jason está voltando com um monte de semideuses gregos? Você está dizendo que eles vão aparecer no céu em um navio de guerra fortemente armado, mas que não devemos nos preocupar.

— Sim. — Percy olhou para as fileiras de espectadores nervosos e indecisos. — Deixem que eles pousem. Ouçam o que eles têm a dizer. Jason irá confirmar tudo que estou lhes dizendo. Juro por minha vida.

— Por sua vida? — Octavian lançou um olhar significativo para o Senado. — Nós vamos nos lembrar disso se esta história for um truque.

Bem na hora, um mensageiro entrou correndo no Senado, arquejante, como se tivesse corrido do acampamento até ali.

— Pretores! Lamento interromper, mas nossos batedores relatam...

— Navio! — disse Tyson, feliz, apontando o buraco no teto. — Eba!

De fato, um navio de guerra grego emergia das nuvens, a pouco menos de um quilômetro de distância, descendo na direção do Senado. À medida que se aproximava, Percy conseguia ver escudos de bronze reluzindo nas laterais, velas enfunadas e uma figura de proa familiar com o formato de um dragão de metal. No mastro mais alto, uma grande bandeira branca de trégua se agitava ao vento.

O Argo II. Era o navio mais incrível que ele já vira.

— Pretores! — gritou o mensageiro. — Quais são suas ordens?

Octavian pôs-se de pé de um salto.

— Você precisa perguntar? — Seu rosto estava vermelho de raiva. Ele estrangulava o ursinho de pelúcia. — Os presságios são *horrríveis*! Isso é um truque, um artil. Cuidado com gregos trazendo presentes!

Ele apontou um dedo para Percy.

— Os *amigos* dele estão atacando em um navio de guerra. Ele os *trouxe* até aqui. Devemos atacar!

— Não — reagiu Percy com firmeza. — Vocês todos me escolheram como pretor por uma razão. Lutarei com minha vida para defender este acampamento. Mas esses não são inimigos. Digo que fiquemos de prontidão, mas *não* ataquemos. Deixem que eles pousem. Deixem que eles falem. Se for um truque, então lutarei com vocês, como fizemos ontem à noite. Mas *não* é um truque.

Todos os olhos se voltaram para Reyna.

Ela estudou o navio que se aproximava. Sua expressão endureceu. Se ela vetasse as ordens de Percy... bem, ele não sabia o que aconteceria. Caos e confusão, no mínimo. O mais provável seria os romanos a seguirem. Ela havia sido líder deles por muito mais tempo que Percy.

— Não ataquem — ordenou Reyna. — Mas mantenham a legião a postos. Percy Jackson é pretor por escolha legítima. Acreditaremos em sua palavra... A

menos que tenhamos razão clara do contrário. Senadores, vamos nos encaminhar ao fórum e encontrar nossos... novos amigos.

Os senadores debandaram do auditório — Percy não tinha certeza se por entusiasmo ou pânico. Tyson correu atrás deles, gritando “Eba! Eba!”, com Ella voando em torno de sua cabeça.

Octavian lançou um olhar de aversão para Percy, e então atirou no chão seu ursinho de pelúcia e seguiu a multidão.

Reyna permaneceu ao lado de Percy.

— Eu o apoio, Percy — disse ela. — Confio em seu julgamento. Mas, para nosso próprio bem, espero que possamos manter a paz entre nossos campistas e seus amigos gregos.

— Nós vamos — prometeu Percy. — Você vai ver.

Ela ergueu os olhos para o navio. Sua expressão ficou um pouco saudosa.

— Você diz que Jason está a bordo... espero que seja verdade. Sinto falta dele.

Ela então saiu, deixando Percy sozinho com Hazel e Frank.

— Eles vão descer bem no fórum — observou Frank, nervoso. — Término vai ter um ataque cardíaco.

— Percy — falou Hazel —, você jurou por sua vida. Os romanos levam isso a sério. Se algo acontecer, mesmo que por acidente, Octavian vai matá-lo. Você sabe disso, não é?

Percy sorriu. Ele sabia que havia muito em jogo. Sabia que nesse dia tudo poderia dar horrivelmente errado. Mas também sabia que Annabeth estava naquele navio. Se tudo corresse *bem*, esse seria o melhor dia de sua vida.

Ele passou um braço em torno de Hazel e outro em torno de Frank.

— Vamos — disse. — Quero apresentá-los à minha *outra* família.

GLOSSÁRIO

absurdus fora de lugar, em discordância **Alcioneu** o mais velho dos gigantes nascidos de Gaia, destinado a combater Plutão **amazonas** nação exclusivamente de mulheres guerreiras

Anaklusmos Contracorrente. Nome da espada de Percy Jackson **Aquiles** o mais poderoso dos semideuses gregos, lutou na Guerra de Troia **argentum** prata

argonautas grupo de heróis gregos que acompanharam Jasão em sua missão em busca do Velocino de Ouro. O nome vem do navio do grupo, o *Argo*, batizado em homenagem a seu construtor, Argos **augúrio** sinal de algum porvir, presságio; prática de adivinhar o futuro **aurae** espíritos do vento invisíveis **aurum** ouro

balista escorpião arma de cerco romana de longo alcance, que arremessava grandes projéteis em um alvo distante **basilisco** cobra, literalmente “pequena coroa”

Belerofonte semideus grego, filho de Poseidon, que cavalgava pégaso e derrotava monstros **Belona** deusa romana da guerra

Bizâncio império oriental que durou ainda mil anos após a queda de Roma, sob influência grega **bronze celestial** metal raro letal para monstros

Campos da Punição seção do Mundo Inferior onde almas malignas são

eternamente torturadas **Campos de Asfódelos** seção do Mundo Inferior onde descansam as almas de pessoas que tiveram vidas equilibradas entre o bem e o mal **Caronte** barqueiro de Hades que leva as almas dos recém-falecidos pelos Rios Estige e Aqueronte, que separam o mundo dos vivos do mundo dos mortos **centauro** raça de criaturas metade homem, metade cavalo

centurião oficial do exército romano

Cérbero cão de três cabeças que guarda os portões do Mundo Inferior **Ceres** deusa romana da agricultura

ciclope membro de uma raça primordial de gigantes, que tem um único olho no meio da testa **cinto da rainha Hipólita** Hipólita usava um cinto de ouro — presente de Ares, seu pai — que significava sua realeza dentre as amazonas e também lhe dava força **coorte** unidade militar romana

denário a moeda mais comum no sistema monetário romano

dracma moeda de prata da Grécia Antiga

Elísio local de descanso final das almas dos heroicos e dos virtuosos no Mundo Inferior **Érebo** lugar de escuridão entre a Terra e o Hades

Esculápio deus romano da medicina e da cura

espata espada de cavalaria

fauno deus romano da floresta, parte bode e parte homem. Forma grega: sátiro **ferro estígio** como o bronze celestial e o ouro imperial, é um metal mágico capaz de matar monstros **Fineu** filho de Poseidon, tinha o dom da profecia. Quando revelou muitos dos planos dos deuses, Zeus o puniu com a cegueira **Fortuna** deusa romana da fortuna e da sorte

Fulminata armada com raios. Legião romana sob o comando de Júlio César, cujo emblema era um relâmpago (*fulmen*) **Gaia** deusa da terra; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros. Conhecida dentre os romanos como Terra **gegenes** monstros nascidos da terra

gládio espada curta

górgonas três irmãs monstruosas (Esteno, Euríale e Medusa), que têm cabelos de serpentes vivas venenosas; os olhos de Medusa podem transformar em pedra aqueles que a encaram **graecus** grego; inimigo; forasteiro **greva** peça da armadura para a canela

Guerra de Troia guerra travada contra a cidade de Troia pelos gregos, depois que Páris de Troia roubou Helena de seu marido, Menelau, o rei de Esparta.

Começou com uma disputa entre as deusas Atena, Hera e Afrodite **harpia** criatura fêmea alada que apanha objetos

Hércules equivalente romano de Héracles; filho de Júpiter e Alcmena, nasceu com grande força **hiperbóreos** gigantes pacíficos do norte

icor sangue dourado dos imortais

Íris deusa do arco-íris

Juno deusa romana das mulheres, do casamento e da fertilidade; irmã e esposa de Júpiter; mãe de Marte. Forma grega: Hera **Júpiter** rei romano dos deuses; também chamado de Júpiter Optimus Maximus (o melhor e o maior). Forma grega: Zeus **karpói** espíritos dos grãos

Lar deus da casa, espírito ancestral

legião a principal unidade do exército romano, consistindo em tropas de infantaria e cavalaria **legionário** membro de uma legião

lestrigões canibais altos do norte, possivelmente a origem da lenda do Sasquatch

Liberália festival romano que celebrava o rito de passagem de um menino à idade adulta **livros sibilinos** conjunto de profecias em versos rimados escritos em grego. Tarquínio Soberbo, um rei de Roma, comprou-os de uma profetisa chamada Sibila e os consultava em épocas de grande perigo **Lupa** loba romana sagrada que amamentou os gêmeos abandonados Rômulo e Remo **Marte** deus romano da guerra; também chamado de Marte Ultor. Patrono do império; pai divino de Rômulo e Remo. Forma grega: Ares **Minerva** deusa romana da sabedoria. Forma grega: Atena

Monte Otris base dos titãs durante a guerra de dez anos com os deuses olímpicos; quartel-general de Saturno **nebulae** ninfas das nuvens

Netuno deus romano dos mares. Forma grega: Poseidon

Névoa força mágica que disfarça coisas aos olhos dos mortais **Otrera** primeira rainha das amazonas, filha de Ares

ouro imperial metal raro letal para monstros, consagrado no Panteão; sua existência era um segredo muito bem-guardado dos imperadores **Panteão** templo dedicado a todos os deuses da Roma Antiga

Pentesileia rainha das amazonas; filha de Ares e Otrera, outra rainha amazona **Periclimeno** príncipe grego de Pilos e filho de Poseidon, que lhe deu a capacidade de mudar de forma. Era famoso por sua força e participou da viagem dos argonautas **pilo** lança romana

Plutão deus romano da morte e das riquezas. Equivalente grego: Hades
Polibotes gigante filho de Gaia, a Mãe Terra

pretor pessoa eleita para magistrado e comandante do exército romano **Príamo**
rei de Troia durante a Guerra de Troia

principia quartel-general em um campo romano **probatio** período de experiência
para novos recrutas em uma legião **pugio** uma adaga romana

reciário gladiador romano que lutava com uma rede e um tridente **revista**
inspeção militar formal

Rio Estige rio que forma a fronteira entre a Terra e o Mundo Inferior **Rio Tibre**
o terceiro maior rio em extensão da Itália. Roma foi fundada em suas margens.
Na Roma Antiga, criminosos executados eram atirados no rio **Rômulo e Remo**
filhos gêmeos de Marte e da sacerdotisa Reia Sílvia que foram atirados
no Rio Tibre por seu pai humano, Amúlio. Foram resgatados e criados por
uma loba e, quando alcançaram a idade adulta, fundaram Roma **Saturno** deus
romano da agricultura, filho de Urano e Gaia e pai de Júpiter. Equivalente
grego: Cronos **Senatus Populusque Romanus** (SPQR) “O Senado e o Povo de
Roma”; refere-se ao governo da República Romana e é usado como emblema
oficial de Roma **sombras** espíritos

spartus guerreiro-esqueleto

Tânatos deus grego da morte. Equivalente romano: Letus

Tártaro marido de Gaia; espírito do abismo; pai dos gigantes; também a região
mais profunda do mundo **Término** deus romano das fronteiras e dos marcos

trirreme tipo de navio de guerra

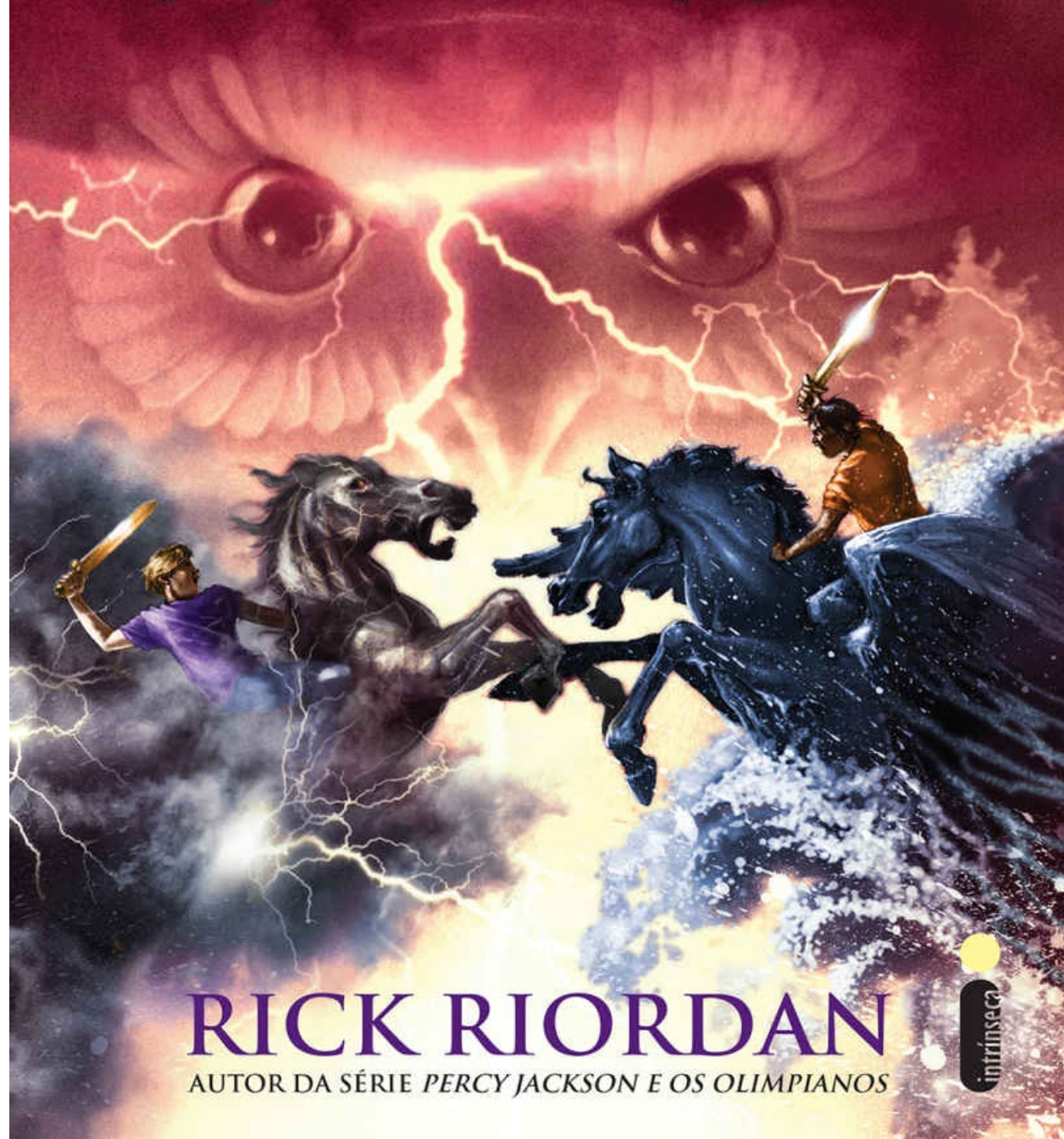
triumfo cortejo cerimonial para generais romanos e suas tropas, em celebração a
uma grande vitória militar

OS HERÓIS



DO OLIMPO

A MARCA DE ATENA



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*

intrínseca

RICK RIORDAN

A MARCA DE ATENA

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO TRÊS

Tradução de Raquel Zampil



Copyright © 2012 by Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Mark of Athena PREPARAÇÃO

Carolina Rodrigues REVISÃO

Flora Pinheiro ARTE DA CAPA

Joann Hill ILUSTRAÇÃO DA CAPA

© 2012 John Rocco ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira REVISÃO DE E-BOOK

Flora Pinheiro GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca *Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

AGRADECIMENTO

Muito obrigado a Seán Hemingway, curador das galerias grega e romana do Metropolitan Museum of Art, de Nova York, por me ajudar a rastrear a Marca de Atena até sua origem.

*Para Speedy —
Errantes e peregrinos são com frequência enviados pelos deuses.*

I

ANNABETH

ATÉ ENCONTRAR A ESTÁTUA EXPLOSIVA, Annabeth achava que tinha se preparado para qualquer coisa que acontecesse.

Ela andara de um lado para o outro no convés do *Argo II*, o navio de guerra voador, conferindo e reconferindo as balistas, para ter certeza de que estavam travadas. Certificou-se de que a bandeira branca de “Viemos em paz” tremulava no mastro. Repassou o plano com o restante da tripulação — e também o plano B, e ainda o plano C.

Mais importante, puxou de lado seu supervisor fanático por guerras, o treinador Gleeson Hedge, e o encorajou a tirar a manhã de folga na cabine para assistir a reprises de MMA. A última coisa de que precisavam durante um voo em uma trirreme grega mágica indo para um campo romano potencialmente hostil era um sátiro de meia-idade com roupas de ginástica brandindo um bastão e gritando: “Morram!”

Tudo parecia em ordem. Até mesmo o calafrio misterioso que ela começara a sentir desde o lançamento do navio tinha passado, pelo menos por enquanto.

A embarcação de guerra desceu em meio às nuvens, mas Annabeth não conseguia parar de se questionar. E se aquela não fosse uma boa ideia? E se os romanos entrassem em pânico e os atacassem de imediato?

O *Argo II* definitivamente não parecia amigável. Sessenta metros de comprimento, casco revestido de bronze, bestas de repetição montadas na proa e na popa, um dragão de metal cuspidor de fogo como figura de proa e duas balistas giratórias capazes de lançar parafusos explosivos potentes o suficiente para atravessar concreto... bem, esse não era o transporte mais apropriado para um encontro amigável com os vizinhos.

Annabeth tentara mandar um aviso aos romanos. Tinha pedido a Leo que

enviasse uma de suas invenções especiais — um pergaminho holográfico — para alertar seus amigos dentro do acampamento. Com sorte, a mensagem teria chegado até eles. Leo havia sugerido pintar uma mensagem gigante no fundo do casco (“*E ÁÍ?*” junto de uma carinha sorridente), mas Annabeth vetara a ideia. Não sabia se os romanos tinham senso de humor.

Agora era tarde demais para voltar.

As nuvens se abriram ao redor do casco, revelando abaixo deles o tapete verde e dourado das Oakland Hills. Annabeth agarrou um dos escudos de bronze alinhados ao longo da amurada a boreste.

Os outros três tripulantes tomaram seus lugares.

No tombadilho de popa, Leo corria de lá para cá como um louco, verificando indicadores e alavancas. A maioria dos timoneiros teria ficado satisfeita com um timão ou uma cana do leme. Mas Leo havia instalado também teclado, monitor, controles de navegação de um Learjet, uma mesa de som de dubstep e sensores de movimento tirados de um controle de Nintendo Wii. Ele podia virar o navio puxando o manete, disparar armas sampleando um álbum ou levantar velas balançando seus controles de Wii bem rápido. Mesmo pelos padrões dos semideuses, Leo tinha um caso sério de TDAH.

Piper andava de um lado para o outro entre o mastro principal e as balistas, praticando seu discurso.

— Abaixem as armas — murmurava ela. — Só queremos conversar.

Seu charme era tão persuasivo que as palavras fizeram Annabeth querer largar a faca e bater um longo papo.

Filha de Afrodite, Piper fazia um grande esforço para disfarçar sua beleza. Usava jeans esfarrapado, tênis surrados e uma blusinha branca com estampa cor-de-rosa da Hello Kitty. (Talvez fosse uma piada, embora Annabeth nunca tivesse certeza do que se passava na cabeça de Piper.) O cabelo castanho desfiado estava preso para o lado direito em uma trança com uma pena de águia.

E havia ainda Jason, o namorado de Piper. Ele estava de pé na plataforma elevada da besta, na proa, onde os romanos podiam facilmente avistá-lo. Os nós de seus dedos estavam brancos no punho da espada de ouro. Exceto por isso, ele parecia calmo para alguém que se apresentava como alvo. Por cima do jeans e da camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue, ele vestia uma toga e um manto roxo, símbolos de seu antigo posto de pretor. Com o cabelo louro bagunçado pelo vento e os olhos azuis glaciais, parecia rusticamente bonito e no controle — como um filho de Júpiter devia ser.

Ele havia crescido no Acampamento Júpiter, portanto esperavam que seu rosto familiar evitasse que os romanos derrubassem o navio.

Annabeth tentava esconder que ainda não confiava completamente no garoto.

Seu comportamento era perfeito demais: sempre seguindo as regras, sempre com atitudes honradas, até sua *aparência* era perfeita demais. Bem no fundo, um pensamento martelava: E se isso for um truque e ele nos trair? E se navegarmos até o Acampamento Júpiter e ele disser: *Ei, romanos! Olhem só estes prisioneiros e este navio bacana que eu trouxe para vocês!*

Annabeth duvidava que aquilo fosse acontecer. Ainda assim, não podia olhar para ele sem se sentir um pouco estranha. Ele fazia parte do “programa de intercâmbio” forçado que fora engendrado por Hera para que os dois acampamentos se conhecessem. Sua Mais Irritante Majestade, a Rainha do Olimpo, havia convencido os outros deuses de que seus dois grupos de filhos — romanos e gregos — tinham que unir forças para salvar o mundo da maligna deusa Gaia, que estava despertando da terra, e seus horríveis filhos, os gigantes.

Sem aviso, Hera sequestrara Percy Jackson, namorado de Annabeth, apagara sua memória e o enviara para o acampamento romano. Em troca, os gregos receberam Jason. Nada disso era culpa dele; mas, todas as vezes que Annabeth o via, lembrava-se da saudade que sentia de Percy.

Percy... que estava em algum lugar abaixo deles agora.

Oh, deuses. O pânico cresceu dentro dela. Annabeth o reprimiu. Não podia se dar ao luxo de perder o controle.

Sou uma filha de Atena, disse a si mesma. *Tenho de me ater ao meu plano e não me desviar dele.*

Ela tornou a senti-lo — aquele arrepio familiar, como se um boneco de neve psicótico houvesse se aproximado por trás e soprasse sua nuca. Ela se virou, mas não havia ninguém ali.

Devia ser o nervosismo. Mesmo em um mundo de deuses e monstros, Annabeth não acreditava que um navio de guerra novo pudesse ser assombrado. O *Argo II* estava bem protegido. Os escudos de bronze celestial ao longo da amurada haviam sido encantados para repelir monstros, e o sátiro a bordo, o treinador Hedge, teria farejado qualquer intruso.

Annabeth desejou poder rezar pedindo orientação à mãe, mas agora isso não era possível. Não depois do mês passado, daquele encontro horrível com a deusa e do pior presente de sua vida...

O frio pareceu chegar ainda mais perto. Ela pensou ter ouvido uma voz distante ao vento, rindo. Todos os músculos de seu corpo ficaram tensos. Algo estava prestes a dar muito errado.

Ela quase ordenou a Leo que mudasse o curso. Então, no vale lá embaixo, cornetas soaram. Os romanos os tinham avistado.

Annabeth pensou que sabia o que esperar. Jason tinha descrito o Acampamento Júpiter em detalhes minuciosos. Ainda assim, ela custava a

acreditar no que via. Cercado pelas Oakland Hills, o vale tinha pelo menos duas vezes o tamanho do Acampamento Meio-Sangue. Um riacho serpenteava por um dos lados e descrevia uma curva na direção do centro, como um imenso G maiúsculo, desaguando em um reluzente lago azul.

Bem abaixo do navio, aninhada à margem do lago, a cidade de Nova Roma cintilava à luz do sol. Annabeth reconheceu os pontos de referência mencionados por Jason: o hipódromo, o coliseu, os templos e parques, o bairro das Sete Colinas com suas ruas sinuosas, vilas coloridas e jardins floridos.

Ela viu as marcas da recente batalha dos romanos contra um exército de monstros. Parte do domo de um edifício que ela supunha ser o Senado tinha desabado. Na ampla praça do fórum havia uma série de crateras. Algumas fontes e estátuas estavam em ruínas.

Dezenas de garotos vestindo togas saíam do Senado para ver melhor *Argo II*. Mais romanos deixavam lojas e cafés, olhando boquiabertos e apontando para o navio que descia.

A pouco menos de dois quilômetros a oeste, onde as cornetas soavam, uma fortaleza romana erguia-se em uma colina. Era exatamente como as imagens que Annabeth vira em livros de história militar: uma trincheira de defesa encimada por espigões, muralhas altas e torres de vigilância armadas com balistas do tipo escorpião. Lá dentro, alojamentos brancos perfeitamente enfileirados ladeavam a estrada principal — a *Via Principalis*.

Uma coluna de semideuses surgia dos portões, as armaduras e lanças reluzindo enquanto eles corriam para a cidade. Em meio às fileiras havia um elefante de guerra de verdade.

Annabeth queria pousar o *Argo II* antes que aquelas tropas chegassem, mas o solo ainda estava centenas de metros abaixo. Ela esquadrinhou a multidão, esperando avistar Percy.

Então houve uma explosão atrás dela. *BUM!*

*

A explosão quase a lançou para fora do navio. Ela se virou e se viu frente a frente com uma estátua masculina furiosa.

— Inadmissível! — gritou ele.

Aparentemente ele surgira com a explosão, bem ali no convés. Uma fumaça amarela sulfurosa se levantava dos ombros. Os cabelos cacheados estavam cheios de cinzas. Da cintura para baixo, nada mais era que um pedestal quadrado

de mármore. Da cintura para cima, era uma figura humana musculosa com uma toga esculpida.

— Eu *não* vou tolerar armas dentro da Linha Pomeriana! — anunciou ele em uma voz professoral e autoritária. — E *certamente* não tolerarei gregos!

Jason lançou a Annabeth um olhar que dizia: *Eu cuido disso*.

— Término — disse ele. — Sou eu, Jason Grace.

— Ah, eu me lembro de você, Jason! — grunhiu Término. — Pensei que tivesse juízo suficiente para não se associar aos inimigos de Roma!

— Mas eles não são inimigos...

— Isso mesmo — interveio Piper. — Só queremos conversar. Se pudéssemos...

— Rá! — replicou a estátua. — Não tente usar esse charme *comigo*, mocinha. E largue essa adaga antes que eu a arranque de suas mãos!

Piper olhou para sua adaga de bronze, aparentemente se dando conta de que a segurava.

— Hã... o.k. Mas como você a arrancaria de mim? Você nem tem braço.

— Impertinente! — Houve um *POP* agudo e um lampejo de luz amarela.

Piper gritou e deixou cair a adaga, que agora fumegava e soltava faíscas.

— Sorte sua que acabei de sair de uma batalha — disse Término. — Se eu estivesse com minha força máxima, já teria derrubado essa monstruosidade voadora do céu!

— Espere aí. — Leo deu um passo à frente, agitando seu controle de Wii. — Você chamou meu navio de monstruosidade? *Diga* que você não fez isso.

A ideia de que Leo pudesse atacar a estátua com seu controle de videogame foi suficiente para arrancar Annabeth de seu estado de choque.

— Vamos nos acalmar. — Ela ergueu as mãos para mostrar que não estava armada. — Creio que você seja Término, o deus das fronteiras. Jason me disse que você protege a cidade de Nova Roma, certo? Eu sou Annabeth Chase, filha de...

— Ah, eu sei quem *você* é! — A estátua a encarou com os olhos brancos e vazios. — Uma filha de *Atena*, a forma grega de Minerva. Um escândalo! Vocês gregos não têm o mínimo de decência. Nós romanos sabemos o lugar adequado para *aquela* deusa.

Annabeth cerrou os dentes. Aquela estátua não estava facilitando nada seu propósito de ser diplomática.

— O que exatamente você quer dizer com *aquela* deusa? E o que tem de tão escandaloso em...

— Certo! — interrompeu-a Jason. — Seja como for, Término, estamos aqui em missão de paz. Adorariíamos ter permissão para pousar e...

— Impossível! — guinchou o deus. — Larguem suas armas e se entreguem! Deixem minha cidade imediatamente!

— É para fazermos qual dos dois? — perguntou Leo. — Nos entregarmos ou irmos embora?

— Ambos! — disse Término. — Entreguem-se, depois vão embora. Estou lhe dando uma bofetada por fazer uma pergunta tão idiota, seu garoto ridículo! Sentiu?

— Uau. — Leo examinava Término com interesse profissional. — Você está muito tenso. Precisa afrouxar algum mecanismo aí? Posso dar uma olhada.

Ele guardou o controle do Wii, pegou uma chave de fenda em seu cinto mágico de ferramentas e bateu no pedestal da estátua.

— Pare com isso! — insistiu Término. Outra pequena explosão fez Leo largar a chave de fenda. — *Não* é permitida a presença de armas em solo romano dentro da Linha Pomeriana.

— Da o quê? — perguntou Piper.

— Limites da cidade — traduziu Jason.

— E este navio inteiro é uma arma! — disse Término. — Vocês *não* podem pousar!

No vale lá embaixo, os reforços da legião estavam a meio caminho da cidade. Havia mais de cem pessoas no fórum. Annabeth examinava os rostos e... ah, deuses. Ela o viu. Ele caminhava na direção do navio com os braços nos ombros de duas pessoas, como se fossem melhores amigos — um garoto corpulento com cabelo muito curto e uma garota usando um capacete da cavalaria romana. Percy parecia tão à vontade, tão feliz. Ele usava uma capa roxa exatamente como a de Jason: a marca de um pretor.

O coração de Annabeth executou uma acrobacia de ginástica artística.

— Leo, pare o navio — ordenou ela.

— O quê?

— Você me ouviu. Vamos ficar exatamente onde estamos.

Leo apanhou o controle e o virou para cima. Todos os noventa remos ficaram imóveis. O navio parou de descer.

— Término — disse Annabeth — não existe nenhuma regra em relação a pairar *sobre* Nova Roma, existe?

A estátua franziu a testa.

— Bem, não...

— Podemos manter o navio no ar — disse Annabeth. — Vamos usar uma escada de corda para chegar ao fórum. Assim, o navio não estará em solo romano. Não tecnicamente.

A estátua pareceu ponderar a situação. Annabeth perguntou-se se ele estaria

coçando o queixo com mãos imaginárias.

— Gosto de tecnicidades — admitiu ele. — Ainda assim...

— Todas as nossas armas ficarão a bordo — prometeu Annabeth. — Presumo que os romanos... inclusive aqueles reforços marchando em nossa direção... também terão que honrar suas regras dentro da Linha Pomeriana, se você assim ordenar.

— É claro! — disse Término. — Por acaso pareço ser do tipo que tolera infratores?

— Hã, Annabeth... — começou Leo. — Tem certeza de que essa é uma boa ideia?

Ela fechou os punhos para evitar que tremessem. Aquele calafrio persistia. Estava bem atrás dela, e agora que Término tinha parado de gritar e causar explosões, ela imaginou ouvir a presença gargalhando, como se estivesse se deliciando com as más escolhas de Annabeth.

Mas Percy estava lá embaixo... tão perto. Ela *precisava* chegar até ele.

— Vai ficar tudo bem — disse ela. — Ninguém estará armado. Poderemos conversar em paz. Término cuidará para que os dois lados obedeçam às regras. — Ela olhou para a estátua de mármore. — Temos um acordo?

Término fungou.

— Creio que sim. Por ora. Você pode descer por sua escada para Nova Roma, filha de Atena. Mas, *por favor*, tente não destruir minha cidade.

II

ANNABETH

UM MAR DE SEMIDEUSES REUNIDOS às pressas abriu-se para a passagem de Annabeth à medida que ela atravessava o fórum. Uns pareciam tensos, outros nervosos. Alguns exibiam ataduras por causa da recente batalha contra os gigantes, mas ninguém estava armado. Ninguém atacou.

Famílias inteiras se aglomeravam ali para ver os recém-chegados. Annabeth observou casais com bebês, crianças pequenas agarradas às pernas dos pais, até mesmo alguns idosos usando ao mesmo tempo vestes romanas e roupas modernas. Seriam todos semideuses? Annabeth suspeitava que sim, embora nunca tivesse visto um lugar como aquele. No Acampamento Meio-Sangue, quase todos os semideuses eram adolescentes. Se sobrevivessem ao ensino médio, ou eles permaneciam lá como conselheiros ou partiam para o mundo mortal a fim de levar a vida da melhor maneira possível. Aquela ali era uma comunidade inteira, com várias gerações.

Atrás da multidão, Annabeth avistou o ciclope Tyson e o cão infernal de Percy, a sra. O’Leary — eles tinham sido o primeiro grupo de reconhecimento do Acampamento Meio-Sangue a chegar ao Acampamento Júpiter. Pareciam estar muito bem-dispostos. Tyson acenou e sorriu. Usava uma bandeira com as letras SPQR como um babador gigante.

Parte da mente de Annabeth registrou como a cidade era bonita — os aromas que vinham das confeitarias, as fontes gorgolejantes, as flores desabrochando nos jardins. E a arquitetura... deuses, a arquitetura — colunas de mármore adornadas, mosaicos deslumbrantes, arcos monumentais e *villas* com pátios.

Diante dela, os semideuses abriram caminho para uma garota usando uma armadura romana completa e capa roxa. Os cabelos escuros caíam-lhe pelos ombros, os olhos eram negros como obsidiana.

Reyna.

Jason a descrevera bem. No entanto, mesmo que não tivesse, Annabeth a teria reconhecido como a líder. Medalhas decoravam sua armadura. Ela se movia com tamanha autoconfiança que os outros semideuses recuavam e evitavam seu olhar.

Annabeth percebeu algo a mais em seu rosto também — na linha dura da boca e na maneira calculada como erguia o queixo, como se estivesse pronta a aceitar qualquer desafio. Reyna exibia uma expressão forçada de coragem enquanto refreava uma mistura de esperança, preocupação e medo que não podia demonstrar em público.

Annabeth conhecia aquela expressão. Ela a via todas as vezes que se olhava no espelho.

As duas garotas se observaram. Os amigos de Annabeth postaram-se em uma formação em leque. Os romanos murmuraram o nome de Jason, olhando-o com espanto.

Então alguém surgiu do meio da multidão, e aquilo foi tudo que Annabeth passou a ver.

Percy sorriu para ela — aquele sorriso sarcástico e desafiador que durante anos a irritara, mas que no fim a conquistou. Seus olhos verde-mar continuavam tão maravilhosos quanto ela se lembrava. O cabelo escuro fora jogado para o lado, como se ele tivesse acabado de chegar de uma caminhada na praia. Estava ainda mais bonito do que seis meses antes — mais bronzeado e mais alto, mais esguio e mais musculoso.

Annabeth estava atordoada demais para se mexer. Tinha a impressão de que todas as moléculas de seu corpo entrariam em combustão se chegasse mais perto dele. Nutria secretamente uma queda por ele desde que ambos tinham doze anos. No último verão, havia se apaixonado para valer. Foram um casal feliz por quatro meses — e então ele desapareceu.

Durante esse afastamento, algo acontecera com os sentimentos de Annabeth. Haviam se tornado dolorosamente intensos — como se ela tivesse sido forçada a se abster de um medicamento vital. Agora não tinha certeza do que era mais excruciante: viver com aquela ausência horrível ou estar com ele de novo.

A pretora Reyna empertigou-se. Voltou-se para Jason com relutância evidente: — Jason Grace, meu antigo colega... — Ela pronunciou a palavra *colega* como se fosse algo perigoso. — Eu lhe dou as boas-vindas. E a estes seus amigos...

Embora não fosse sua intenção, Annabeth adiantou-se. Percy correu para ela ao mesmo tempo. A multidão ficou tensa. Alguns procuraram espadas que não estavam lá.

Percy a abraçou com força. Eles se beijaram, e por um momento nada mais

tinha importância. Um asteroide podia atingir o planeta e eliminar todo tipo de vida que Annabeth não daria a mínima.

Percy tinha cheiro de maresia. Seus lábios estavam salgados.

Cabeça de Alga, pensou ela, atordoada.

Percy afastou-se e examinou seu rosto.

— Deuses, nunca pensei...

Annabeth agarrou-o pelo pulso e o lançou por cima do ombro. Ele caiu com força no calçamento de pedra. Os romanos gritaram. Alguns avançaram, mas Reyna gritou:

— Esperem! Não se mexam!

Annabeth pôs o joelho no peito de Percy e pressionou o pescoço dele com o braço. Não se importava com o que os romanos pensavam. Uma massa fervente de raiva expandiu-se em seu peito: o tumor de preocupação e amargura que ela carregava desde o último outono.

— Se você me deixar de novo — disse ela, os olhos ardendo — juro por todos os deuses...

Percy teve a ousadia de rir. De repente, a massa de emoções ardentes dissolveu-se em Annabeth.

— Considere-me avisado — disse ele. — Também senti sua falta.

Annabeth se ergueu e o ajudou a se levantar. Queria *tanto* beijá-lo de novo, mas se conteve.

Jason pigarreou.

— Então, pois é... É bom estar de volta.

Ele apresentou Reyna a Piper, que parecia um pouco amuada por não ter tido a chance de fazer o discurso que vinha treinando, e em seguida a Leo, que sorriu e fez o sinal de paz e amor.

— E esta é Annabeth — disse Jason. — Hã, normalmente ela não sai por aí aplicando golpes de judô nas pessoas.

Os olhos de Reyna cintilaram.

— Tem certeza de que não é romana, Annabeth? Ou uma amazona?

Annabeth não sabia se isso era um elogio, mas estendeu a mão.

— Só ataco meu namorado desse jeito — prometeu ela. — Prazer em conhecê-la.

Reyna apertou sua mão com firmeza.

— Parece que temos muito a discutir. Centuriões!

Alguns campistas romanos adiantaram-se depressa — pareciam ser os oficiais seniores. Dois adolescentes surgiram ao lado de Percy, os mesmos com quem Annabeth o vira pouco antes. O garoto asiático corpulento com cabelo cortado rente tinha uns quinze anos. Era bonitinho, em um estilo panda-gigante-fofo. A

garota era mais nova, talvez com uns treze anos, e tinha olhos cor de âmbar, pele cor de chocolate e cabelos longos e cacheados. Segurava o capacete da cavalaria debaixo do braço.

Pela linguagem corporal de ambos, Annabeth percebeu que eles eram próximos de Percy. Postaram-se ao lado dele de modo protetor, como se já tivessem compartilhado muitas aventuras. Annabeth lutou contra uma pontada de ciúme. Seria possível que Percy e essa garota... não. A química entre os três não era desse tipo. Annabeth passara a vida toda aprendendo a ler as pessoas. Era uma habilidade necessária para sobreviver. Se tivesse que chutar, diria que o grandalhão namorava a garota, embora suspeitasse que eles não estivessem juntos havia muito tempo.

Mas tinha algo que ela não entendia: o que a garota estava encarando tão fixamente? Ela franzia a testa na direção de Piper e Leo, como se reconhecesse um deles e a lembrança fosse dolorosa.

Enquanto isso, Reyna dava ordens a seus oficiais:

— ... digam à legião que descanse. Dakota, alerte os espíritos na cozinha. Peça para prepararem um banquete de boas-vindas. E, Octavian...

— Você vai permitir que esses intrusos entrem no *acampamento*? — Um sujeito alto com cabelos louros e sebosos avançou, abrindo caminho em meio à multidão. — Reyna, os riscos à segurança...

— Não vamos levá-los para o acampamento, Octavian. — Reyna dirigiu-lhe um olhar severo. — Vamos comer aqui, no fórum.

— Ah, *muito* melhor — grunhiu Octavian. Ele parecia ser o único a não respeitar Reyna como sua superiora, apesar de ser magricela e pálido e, por algum motivo, ter três ursinhos de pelúcia pendurados no cinto. — Você quer que relaxemos à sombra do navio de guerra deles.

— Eles são nossos convidados. — Reyna enfatizou cada palavra. — Vamos lhes dar as boas-vindas e conversar. Como áugure, você deveria queimar uma oferenda para agradecer aos deuses por nos trazer Jason em segurança.

— Boa ideia — interveio Percy. — Vá queimar seus ursos, Octavian.

Reyna pareceu conter um sorriso.

— Vocês têm as minhas ordens. Agora podem ir.

Os oficiais se dispersaram. Octavian olhou para Percy com ódio absoluto. Então avaliou Annabeth rapidamente e afastou-se pisando duro.

Percy segurou a mão de Annabeth.

— Não se preocupe com Octavian — disse ele. — A maioria dos romanos é gente boa... como Frank e Hazel aqui, e Reyna. Vamos ficar bem.

Annabeth teve a impressão de que alguém havia pendurado uma toalha fria em seu pescoço. Ela ouviu aquela risada sussurrada novamente, como se a

presença a houvesse seguido desde o navio.

Ela ergueu os olhos para o *Argo II*. O casco de bronze maciço cintilava à luz do sol. Parte dela queria sequestrar Percy naquele exato momento, subir a bordo e dar o fora dali enquanto ainda podiam.

Não conseguia se livrar da sensação de que alguma coisa estava prestes a dar muito errado. E por nada no mundo se arriscaria a perder Percy de novo.

— Vamos ficar bem — repetiu ela, tentando acreditar nisso.

— Excelente — disse Reyna. Então se voltou para Jason, e Annabeth pensou ter visto uma espécie de brilho faminto em seus olhos: — Vamos conversar em uma reunião de verdade.

III

ANNABETH

ANNABETH QUERIA ESTAR COM FOME, pois os romanos sabiam comer bem.

Havia conjuntos de sofás e mesas baixas no fórum, e o lugar mais parecia um *showroom* de móveis. Os romanos descansavam em grupos de dez ou vinte, conversando e rindo enquanto espíritos do vento — *aurae* — rodopiavam acima de suas cabeças, trazendo uma infindável variedade de pizzas, sanduíches, batatas fritas, bebidas geladas e cookies recém-saídos do forno. Flutuando em meio à multidão viam-se fantasmas roxos — Lares — usando toga e armadura legionária. Às margens do banquete, sátiros (não, *faunos*, pensou Annabeth) trotavam de mesa em mesa, pedindo comida e alguns trocados. Nos campos próximos, o elefante de guerra se divertia com a sra. O’Leary e crianças brincavam de pique em torno das estátuas de Término que cercavam a cidade.

A cena inteira era tão familiar e ao mesmo tempo tão completamente estranha que Annabeth ficou zonza.

Tudo o que ela queria era estar com Percy — de preferência a sós. Sabia que teria que esperar. Se queriam que sua missão fosse bem-sucedida, precisavam daqueles romanos, o que significava conhecê-los e estabelecer boas relações com eles.

Reyna e alguns oficiais (inclusive o garoto louro, Octavian, que acabava de voltar depois de ter queimado um ursinho de pelúcia em honra aos deuses) sentaram-se com Annabeth e sua tripulação. Percy juntou-se a eles com os dois novos amigos, Frank e Hazel.

Enquanto um tornado de travessas de comida baixava na mesa, Percy inclinou-se e sussurrou:

— Quero lhe mostrar Nova Roma. Só nós dois. O lugar é incrível.

Annabeth deveria ter ficado animada. *Só nós dois* era exatamente o que ela

queria. Em vez disso, o ressentimento formou um nó na garganta. Como Percy podia falar daquele lugar com tanto entusiasmo? E quanto ao Acampamento Meio-Sangue — o acampamento *deles*, o lar *deles*?

Ela tentou não olhar as novas marcas no antebraço de Percy: uma tatuagem SPQR, como a de Jason. No Acampamento Meio-Sangue, os semideuses recebiam colares de conta para comemorar anos de treinamento. Ali, os romanos queimavam a carne com uma tatuagem, como se dissessem: *Você nos pertence. Para sempre.*

Ela engoliu alguns comentários mordazes.

— O.k. Claro.

— Estive pensando — disse ele, nervoso. — Tive uma ideia...

Ele se interrompeu quando Reyna propôs um brinde à amizade.

Após todas as apresentações, os romanos e a tripulação de Annabeth começaram a trocar histórias. Jason explicou que havia chegado ao Acampamento Meio-Sangue sem memória e partira em uma missão com Piper e Leo para resgatar a deusa Hera (ou Juno, a critério de cada um — ela era igualmente irritante na forma grega ou romana) da prisão na Casa dos Lobos, no norte da Califórnia.

— Impossível! — interrompeu Octavian. — Esse é o nosso lugar mais sagrado. Se os gigantes houvessem aprisionado uma deusa lá...

— Eles a teriam destruído — disse Piper. — E colocado a culpa nos gregos, dando início a uma guerra entre os acampamentos. Agora, fique quieto e deixe Jason terminar.

Octavian abriu a boca, mas nenhum som saiu. Annabeth adorava o charme de Piper, de verdade. Ela percebeu que Reyna olhava de Jason para Piper e de volta a Jason, a testa franzida, como se começasse a perceber que os dois eram um casal.

— Então — continuou Jason — foi assim que descobrimos sobre a deusa da terra, Gaia. Ela ainda não está completamente acordada, mas é quem anda libertando os monstros do Tártaro e despertando os gigantes. Porfírio, o líder grandalhão que enfrentamos na Casa dos Lobos, disse que estava recuando para as terras antigas... a Grécia. Ele planeja despertar Gaia e destruir os deuses e... como foi mesmo que ele disse? *Destruir suas raízes.*

Percy assentiu, pensativo.

— Gaia tem estado ocupada por aqui também. Tivemos nosso próprio encontro com a Rainha Cara Suja.

Percy contou sua versão da história. Falou de quando acordou na Casa dos Lobos sem nenhuma lembrança, exceto por um nome: *Annabeth*.

Ao ouvir isso, ela esforçou-se muito para não chorar. Percy narrou-lhes a

viagem para o Alasca com Frank e Hazel: como eles haviam derrotado o gigante Alcioneu, libertado o deus da morte Tânatos e retornado com a águia de ouro, o estandarte perdido do acampamento romano, para repelir um ataque do exército dos gigantes.

Quando Percy chegou ao fim, Jason assoviou, admirado.

— Dá para entender por que escolheram você como pretor.

Octavian bufou.

— O que significa que agora temos *três* pretores! Os regulamentos afirmam claramente que só podemos ter dois!

— Olhando pelo lado bom — observou Percy — Jason *e* eu somos superiores a você na hierarquia, Octavian. Assim, *nós dois* podemos mandar você calar a boca.

Octavian ficou roxo, da cor da camiseta dos romanos. Jason e Percy trocaram um soquinho.

Até Reyna sorriu, embora seus olhos estivessem tempestuosos.

— Vamos resolver o problema do pretor extra mais tarde — observou ela. — Neste momento, temos questões mais sérias para tratar.

— Eu me retiro em favor de Jason — disse Percy sem hesitar. — Não é nada de mais.

— *Nada de mais?* — engasgou Octavian. — A pretoria de Roma não é *nada de mais?*

Percy o ignorou e voltou-se para Jason:

— Você é irmão de Thalia Grace, né? Uau. Vocês não são nada parecidos.

— É, eu já percebi — respondeu Jason. — De qualquer forma, obrigado por ajudar meu acampamento enquanto eu estava fora. Você fez um trabalho incrível.

— Você também — respondeu Percy.

Annabeth deu um chute na canela dele. Ela odiava interromper o nascimento de uma grande amizade, mas Reyna estava certa: eles tinham assuntos sérios a discutir.

— Precisamos falar sobre a Grande Profecia. Parece que os romanos também estão cientes disso.

Reyna assentiu.

— Nós a chamamos de Profecia dos Sete. Octavian, você sabe recitá-la de cor?

— É claro — disse ele. — Mas, Reyna...

— Recite-a, por favor. Mas não em latim.

Octavian suspirou.

— *Sete meios-sangues responderão ao chamado. Em tempestade ou fogo, o*

mundo terá acabado...

— *Um juramento a manter com um alento final* — prosseguiu Annabeth — *e inimigos com armas às Portas da Morte, afinal.*

Todos a fitaram; exceto Leo, que havia construído um cata-vento com embalagens de *taco* de papel-alumínio e o espetava nos espíritos do vento que passavam.

Annabeth não sabia muito bem por que deixara escapar os versos da profecia. Fora apenas um impulso irresistível.

O garoto grandão, Frank, sentou-se mais para a frente, fitando-a fascinado, como se houvesse surgido um terceiro olho em sua testa.

— É verdade que você é filha de Min... quer dizer, de Atena?

— Sim — disse ela, de repente sentindo-se na defensiva. — Por que tanta surpresa?

— Se você é mesmo filha da deusa da *sabedoria*... — zombou Octavian.

— Basta — cortou Reyna. — Annabeth é o que diz ser. Ela está aqui em paz. Além disso... — Ela dirigiu a Annabeth um relutante olhar de respeito. — Percy falou muito bem de você.

Annabeth levou um momento para ler nas entrelinhas do que Reyna dizia. Percy baixou os olhos, subitamente interessado em seu cheeseburger.

O rosto de Annabeth ficou quente. Ah, deuses... Reyna tinha dado em cima de Percy. Isso explicava o toque de amargura, talvez até de inveja em suas palavras. Percy preferira Annabeth.

Naquele momento, Annabeth perdoou seu ridículo namorado por tudo o que ele já fizera de errado. Queria abraçá-lo, mas se forçou a ficar calma.

— Hã, obrigada — disse para Reyna. — De qualquer forma, parte da profecia está ficando clara. Inimigos seguindo armados até as Portas da Morte... isso significa romanos e gregos. Precisamos nos unir para encontrar aquelas portas.

Hazel, a garota com o capacete da cavalaria e longos cabelos cacheados, apanhou algo ao lado do prato. Parecia um grande rubi; mas, antes que Annabeth pudesse ter certeza, Hazel o guardou no bolso da camisa de brim.

— Meu irmão, Nico, foi procurar as portas — disse ela.

— Espere — pediu Annabeth. — Nico di Angelo? Ele é seu irmão?

Hazel assentiu como se isso fosse óbvio. Mais uma dúzia de perguntas se amontoou na cabeça de Annabeth, que já estava girando como o cata-vento de Leo. Ela resolveu ignorar o assunto.

— O.k. Você estava dizendo...

— Ele desapareceu. — Hazel umedeceu os lábios. — Meu medo... não tenho certeza, mas acho que aconteceu alguma coisa com ele.

— Vamos procurá-lo — prometeu Percy. — Temos que encontrar as Portas da

Morte, de qualquer modo. Tânatos disse que encontraríamos as duas respostas em Roma... a Roma *original*. Ela fica no caminho para a Grécia, certo?

— Tânatos lhe disse isso? — Annabeth tentou assimilar *essa* ideia. — O deus da morte?

Ela havia encontrado muitos deuses. Já tinha ido até mesmo ao Mundo Inferior; no entanto, a história de Percy sobre a libertação da encarnação da própria morte a deixou realmente assustada.

Percy mordeu seu sanduíche.

— Agora que a Morte está livre, os monstros vão se desintegrar e retornar ao Tártaro, onde ficavam. Mas, enquanto as Portas da Morte estiverem abertas, eles vão continuar voltando.

Piper virou a pena em seu cabelo.

— Como a água vazando por uma barragem — sugeriu ela.

— Pois é. — Percy sorriu. — E temos um baita vazamento.

— O quê? — perguntou Piper.

— Nada — respondeu ele. — Piadinha interna. Precisamos encontrar e fechar essas portas antes de irmos para a Grécia. É nossa única chance de derrotar os gigantes e garantir que eles *permaneçam* derrotados.

Reyna pegou uma maçã de uma bandeja de frutas que passava. Ela a girou entre os dedos, examinando a casca vermelho-escura.

— Vocês estão propondo uma expedição para a Grécia em seu navio de guerra. Vocês se dão conta de que as terras antigas... e todo o Mare Nostrum... são um lugar perigoso?

— Mary quem? — perguntou Leo.

— Mare Nostrum — explicou Jason. — *Nosso Mar*. É assim que os antigos romanos chamavam o Mediterrâneo.

Reyna assentiu.

— O território que no passado fez parte do Império Romano não é só o berço dos deuses. Também é o lar ancestral dos monstros, Titãs, gigantes... e coisas piores. Semideuses correm perigo ao viajar aqui na América, mas *lá* o risco é dez vezes maior.

— Você disse que o Alasca seria ruim — lembrou Percy. — Nós sobrevivemos.

Reyna balançou a cabeça. Ela rodava a maçã e furava com as unhas pequenas meias-luas na fruta.

— Percy, viajar no Mediterrâneo é um nível de perigo totalmente diferente. Há séculos lá é território proibido para semideuses romanos. Nenhum herói em seu juízo perfeito iria até lá.

— Então somos as pessoas certas! — Leo sorriu por cima do cata-vento. —

Porque somos todos loucos, certo? Além disso, o *Argo II* é um navio de guerra top de linha. Ele vai nos levar até lá.

— Temos que nos apressar — acrescentou Jason. — Não sei exatamente o que os gigantes estão planejando, mas Gaia fica mais consciente a cada minuto. Está invadindo sonhos, aparecendo em lugares estranhos, convocando mais e mais monstros poderosos. Precisamos deter os gigantes antes que eles a acordem de vez.

Annabeth estremeceu. Ela ultimamente tinha seus próprios pesadelos.

— *Sete meios-sangues responderão ao chamado* — disse ela. — Precisamos unir nossos acampamentos. Jason, Piper, Leo e eu. Somos quatro.

— E eu — disse Percy. — Mais Hazel e Frank. Sete.

— O quê? — Octavian levantou-se de um salto. — Vocês esperam que nós simplesmente *aceitemos* isso? Sem uma votação do Senado? Sem um debate adequado? Sem...

— Percy! — Tyson, o ciclope, vinha na direção deles com a sra. O’Leary em seus calcanhares. Nas costas do cão infernal estava empoleirada a harpia mais esquelética que Annabeth já vira: uma garota de aparência doentia com cabelo vermelho ralo, vestido de aniagem e asas de penas rubras.

Annabeth nunca tinha visto aquela harpia, mas seu coração se aqueceu ao ver Tyson em sua camisa de flanela e jeans esfarrapado, usando a bandeira com o SPQR ao contrário em seu peito. Ela tivera experiências bem ruins com ciclopes, mas Tyson era um doce. Também era meio-irmão de Percy (longa história), e por isso ela o considerava praticamente família.

Tyson parou ao lado do sofá deles e retorceu as mãos imensas. Seu grande olho castanho estava cheio de preocupação.

— Ella está com medo — disse ele.

— N-n-nada de barcos — murmurou a harpia para si mesma, bicando furiosamente as penas. — *Titanic, Lusitania, Pax...* barcos não são para harpias.

Leo estreitou os olhos e virou-se para Hazel, que estava sentada a seu lado:

— Por acaso essa galinha acabou de comparar *meu* barco ao *Titanic*?

— Ela não é uma galinha. — Hazel desviou os olhos, como se Leo a deixasse nervosa. — Ella é uma harpia. Só está um pouquinho... tensa.

— Ella é bonita — disse Tyson. — E está assustada. Precisamos levá-la embora, mas ela não quer ir no navio.

— Nada de navios — repetiu Ella. Então olhou diretamente para Annabeth. — Azar. Aí está ela. *A filha da sabedoria caminha solitária...*

— Ella! — Frank se pôs de pé de repente. — Talvez esta não seja a melhor hora...

— *A Marca de Atena por toda a Roma é incendiária* — prosseguiu Ella,

tapando os ouvidos com as mãos e elevando a voz. — *Gêmeos ceifaram do anjo a vida Que detém a chave para a morte infinita. A ruína dos gigantes se apresenta dourada e pálida, / Conquistada por meio da dor de uma prisão tecida.*

Foi como se alguém tivesse jogado uma granada na mesa. Todos fitaram a harpia. Ninguém falou. O coração de Annabeth batia loucamente. *A Marca de Atena...* Ela resistiu à tentação de conferir o bolso, mas sentia a moeda de prata esquentando — o presente amaldiçoado de sua mãe. *Siga a Marca de Atena. Vingue-me.*

À volta deles, os sons do banquete continuavam, porém abafados e distantes, como se seu pequeno grupo de sofás houvesse deslizado para uma dimensão mais silenciosa.

Percy foi o primeiro a se recobrar. Ele se levantou e pegou Tyson pelo braço.

— Já sei! — disse, com fingido entusiasmo. — Que tal você levar Ella para tomar um ar fresco? Você e a sra. O’Leary...

— Espere aí. — Octavian agarrou um de seus ursinhos, estrangulando-o com mãos trêmulas. Seus olhos estavam fixos em Ella. — O que foi que ela disse? Parecia...

— Ella lê muito — disse Frank rapidamente. — Nós a encontramos em uma biblioteca.

— É! — reforçou Hazel. — Provavelmente é só alguma coisa que ela leu em um livro.

— Livros — murmurou Ella, prestativa. — Ella gosta de livros.

Agora que tinha dito o que queria, a harpia parecia estar mais relaxada. Sentou-se de pernas cruzadas nas costas da sra. O’Leary, alisando as asas.

Annabeth lançou um olhar curioso a Percy. Obviamente, ele, Frank e Hazel estavam escondendo algo. E, tão óbvio quanto isso, Ella havia recitado uma profecia — uma que dizia respeito a *Annabeth*.

A expressão de Percy dizia: *Socorro*.

— Aquilo era uma profecia — insistiu Octavian. — Parecia uma profecia.

Ninguém respondeu.

Annabeth não tinha muita certeza do que estava acontecendo, mas compreendeu que Percy estava prestes a se meter em uma grande encrenca. Ela forçou uma risada.

— É mesmo, Octavian? Talvez as harpias sejam diferentes aqui, no lado romano. As nossas têm inteligência apenas para limpar chalés e cozinhar. As de vocês costumam prever o futuro? Você as consulta para seus augúrios?

Suas palavras tiveram o efeito desejado. Os oficiais romanos riram nervosamente. Alguns avaliaram Ella, então olharam para Octavian e riram com

desdém. Pelo visto a ideia de uma galinha anunciando profecias era tão ridícula para os romanos quanto para os gregos.

— Eu, hã... — Octavian deixou seu ursinho cair. — Não, mas...

— Ela só está recitando trechos de algum livro — continuou Annabeth — como Hazel disse. Além disso, já temos uma profecia *de verdade* com que nos preocupar.

— Percy está certo. — Hazel voltou-se para Tyson. — Por que você não pega Ella e a sra. O’Leary e viaja um pouco pelas sombras? Tudo bem para você, Ella?

— “Cães grandes são bons” — disse Ella. — *Meu melhor companheiro*, 1957, roteiro cinematográfico de Fred Gipson e William Tunberg.

Annabeth não tinha certeza do que aquela resposta significava, mas Percy sorriu como se o problema estivesse solucionado.

— Ótimo! — exclamou ele. — Vamos mandar uma mensagem de Íris para vocês assim que terminarmos e mais tarde os encontramos.

Os romanos olharam para Reyna, esperando sua decisão. Annabeth prendeu a respiração.

Reyna era ótima aparentando indiferença. Ela estudou a harpia, mas Annabeth não conseguia adivinhar o que estava pensando.

— Está bem — disse a pretora por fim. — Vão.

— Oba! — Tyson percorreu os sofás, dando um grande abraço em todo mundo, até mesmo em Octavian, que não pareceu muito feliz com isso.

Em seguida ele subiu nas costas da sra. O’Leary com Ella, e o cão infernal deixou o fórum. Seguiram direto para uma sombra na parede do Senado e desapareceram.

— Muito bem. — Reyna deixou de lado sua maçã inteira. — Octavian tem razão em um ponto. Precisamos da aprovação do Senado para que qualquer legionário saia em uma busca... principalmente uma tão perigosa quanto a que vocês estão sugerindo.

— Essa história toda cheira a traição — resmungou Octavian. — Aquela trirreme não é um navio de paz!

— Suba a bordo, cara — ofereceu Leo. — Se quiser, mostro todo o navio. Você pode guiar o barco e, se for bom de verdade, eu lhe darei um chapeuzinho de papel de capitão.

As narinas de Octavian se dilataram.

— Como você ousa...

— É uma boa ideia — disse Reyna. — Octavian, vá com ele. Veja o navio. Vamos convocar uma reunião do Senado em uma hora.

— Mas... — Octavian se deteve. Aparentemente ele sabia, pela expressão de

Reyna, que discutir não lhe faria bem. — Está bom.

Leo se levantou. Ele se virou para Annabeth, e seu sorriso mudou. Aconteceu tão rápido que Annabeth pensou que fosse sua imaginação; mas por um breve momento pareceu que outra pessoa estava ali parada no lugar de Leo, sorrindo friamente, com uma luz cruel nos olhos. Então Annabeth piscou, e Leo era o Leo de sempre, com seu habitual sorriso travesso.

— Volto logo — prometeu ele. — Isso vai ser épico.

Um frio horrível tomou conta de Annabeth. Enquanto Leo e Octavian seguiam para a escada de corda, ela pensou em chamá-los de volta, mas como poderia explicar aquilo? Dizer a todos que estava enlouquecendo, vendo coisas e sentindo frio?

Os espíritos do vento começaram a recolher os pratos.

— Hã, Reyna — disse Jason — se não se importar, eu gostaria de mostrar o lugar a Piper antes da reunião do Senado. Ela nunca veio a Nova Roma.

A expressão de Reyna endureceu.

Annabeth se perguntou como Jason podia ser tão obtuso. Seria possível que ele não tivesse mesmo percebido o quanto Reyna gostava dele? Era bastante óbvio para Annabeth. Pedir para mostrar à nova namorada a cidade de Reyna era esfregar sal na ferida.

— Claro — concordou Reyna com frieza.

Percy segurou a mão de Annabeth.

— É, eu também. Queria mostrar a Annabeth...

— Não — cortou-o Reyna.

Percy franziu as sobrancelhas.

— Como?

— Quero trocar algumas palavras com Annabeth — disse Reyna. — Sozinha. Se você não se importar, meu colega pretor. — Seu tom deixava claro que na verdade ela não estava pedindo permissão.

O frio espalhou-se pelas costas de Annabeth. Ela se perguntou qual era a intenção de Reyna. Talvez a pretora não gostasse da ideia de *dois* caras que a haviam rejeitado passeando pela sua cidade com as respectivas namoradas. Ou talvez ela quisesse lhe contar algo em particular. Qualquer que fosse o motivo, Annabeth sentia-se relutante em ficar sozinha e desarmada com a líder dos romanos.

— Venha, filha de Atena. — Reyna levantou-se do sofá. — Vamos dar uma volta.

IV

ANNABETH

ANNABETH QUERIA ODIAR NOVA ROMA. Mas, como aspirante a arquiteta, não podia deixar de admirar os jardins elevados, as fontes e os templos, as ruas sinuosas com calçamento de pedra e as *villas* brancas e reluzentes. Depois da Guerra dos Titãs no verão anterior, ela conseguira o emprego dos seus sonhos: redesenhar os palácios do Monte Olimpo. Agora, andando por aquela minicidade, ela ficava pensando: *Eu devia ter feito um domo como aquele. Adoro a forma como aquelas colunas conduzem até o pátio.* Quem quer que tivesse desenhado Nova Roma havia claramente dedicado muito tempo e amor ao projeto.

— Temos os melhores arquitetos e construtores do mundo — falou Reyna, como se lesse os pensamentos dela. — Sempre foi assim, desde a Antiguidade. Muitos semideuses vêm morar aqui depois de concluir seu tempo na legião. Eles vão para nossa universidade. Estabelecem-se para criar suas famílias. Percy pareceu interessado.

Annabeth se perguntou o que *aquilo* significava. Sua cara fechou-se mais do que pretendia, porque Reyna riu.

— Você é uma guerreira, de fato — disse a pretora. — Tem fogo nos olhos.

— Lamento. — Annabeth tentou suavizar sua expressão.

— Não lamente. Sou filha de Belona.

— Deusa romana da guerra?

Reyna assentiu. Ela se virou e assoviou como se estivesse chamando um táxi. Um momento depois, dois cães de metal correram até elas: galgos autômatos, um de prata e outro de ouro. Eles se esfregaram nas pernas de Reyna e fitaram Annabeth com olhos de rubi reluzentes.

— Meus bichinhos de estimação — explicou Reyna. — Aurum e Argentum. Você não se importa que eles nos acompanhem, não é?

Mais uma vez, Annabeth teve a impressão de que aquele não era um pedido. Ela percebeu que os galgos tinham dentes pontiagudos como setas de aço. O uso de armas podia ser proibido na cidade, mas os animaizinhos de estimação de Reyna ainda podiam fazê-la em pedaços se quisessem.

Reyna a conduziu para um café ao ar livre, onde o garçom claramente a conhecia. Ele sorriu, entregou-lhe um copo para viagem e então ofereceu outro a Annabeth.

— Aceita? — perguntou Reyna. — Eles fazem um chocolate quente maravilhoso. Não é uma bebida romana de fato...

— Mas chocolate é universal — observou Annabeth.

— Exatamente.

Era uma tarde quente de junho, mas Annabeth aceitou o copo, agradecida. As duas continuaram a caminhada, os cães dourado e prateado de Reyna rondando-as.

— Em nosso acampamento, Atena é Minerva — disse Reyna. — Você sabe qual é a diferença da forma romana?

Na verdade, Annabeth não havia pensado nisso até então. Lembrou que Término havia se referido a Atena como *aquela* deusa, como se ela fosse infame. Octavian havia agido como se a mera existência de Annabeth fosse um insulto.

— Suponho que Minerva não seja... hã... muito respeitada por aqui.

Reyna soprou o vapor de seu copo.

— Nós *respeitamos* Minerva. Ela é a deusa das artes e da sabedoria... mas não é de fato uma deusa da guerra. Não para os romanos. Ela também é uma deusa donzela, como Diana... a que vocês chamam de Ártemis. Você não vai encontrar nenhum filho de Minerva aqui. A ideia de que ela *tivesse* filhos... francamente, é um pouco chocante para nós.

— Ah.

Annabeth sentiu o rosto corar. Ela não queria entrar em detalhes sobre os filhos de Atena... que eles nasciam direto da mente da deusa, assim como a própria Atena havia surgido da cabeça de Zeus. Falar disso sempre constrangia Annabeth, como se ela fosse uma aberração. As pessoas lhe perguntavam se ela tinha umbigo, já que nascera de forma tão fascinante. *É claro* que tinha umbigo. Não sabia explicar como. Na verdade, não queria saber.

— Compreendo que vocês, gregos, não enxerguem as coisas da mesma maneira — continuou Reyna. — Mas os romanos levam os votos de castidade muito a sério. As Virgens Vestais, por exemplo... se quebrassem os votos e se apaixonassem por alguém, seriam enterradas vivas. Portanto, a ideia de que uma deusa donzela tivesse filhos...

— Entendi. — O chocolate quente de Annabeth de repente tinha gosto de

poeira. Não era de admirar que os romanos a olhassem de modo estranho. — Eu não deveria existir. E mesmo que em seu acampamento *existissem* filhos de Minerva...

— Eles não seriam como você — completou Reyna. — Seriam artesãos, artistas, talvez conselheiros, mas não guerreiros. Não líderes de missões perigosas.

Annabeth começou a protestar, dizendo que não era a líder da missão. Não oficialmente. No entanto, ela se perguntou se seus amigos no *Argo II* concordariam. Nos últimos dias eles tinham lhe perguntado quais eram as ordens — até mesmo Jason, que poderia ter se valido de sua autoridade como filho de Júpiter; e o treinador Hedge, que não recebia ordens de ninguém.

— Tem mais. — Reyna estalou os dedos, e o cão dourado, Aurum, aproximou-se. A pretora coçou-lhe as orelhas. — A harpia Ella... aquilo que ela falou *foi* uma profecia. Nós duas sabemos disso, não é?

Annabeth engoliu em seco. Alguma coisa nos olhos de rubi de Aurum a deixava inquieta. Diziam que cães podiam farejar o medo, até mesmo detectar mudanças na respiração e no batimento cardíaco de uma pessoa. Ela não sabia se isso se aplicava a cães mágicos de metal, mas concluiu que seria melhor falar a verdade.

— Parecia uma profecia — admitiu ela. — Conheci Ella hoje, e nunca tinha ouvido aqueles versos exatamente.

— Eu sim — murmurou Reyna. — Pelo menos parte deles...

A alguns metros de distância, o cão prateado latiu. Um grupo de crianças saiu de um beco ali perto e se reuniu em torno de Argentum, acariciando o cão e rindo, sem medo dos dentes afiados.

— Vamos em frente — disse Reyna.

Elas subiram a colina pelo caminho sinuoso. Os galgos as seguiram, deixando as crianças para trás. Annabeth continuava olhando para o rosto de Reyna. Uma lembrança vaga começou a incomodá-la: a maneira como Reyna prendia o cabelo atrás da orelha, seu anel de prata com o desenho da tocha e da espada.

— Já nos encontramos antes — arriscou Annabeth. — Acho que você era pequena.

Reyna dirigiu-lhe um sorriso seco.

— Muito bem. Percy não se lembrou de mim. É claro que vocês falaram na maioria das vezes com minha irmã mais velha, Hylla, que agora é a rainha das amazonas. Ela partiu hoje de manhã, antes de vocês chegarem. De qualquer forma, quando nos vimos pela última vez, eu era uma simples criada na casa de Circe.

— Circe...

Annabeth lembrou-se da viagem à ilha da feiticeira. Na ocasião, tinha treze anos. Percy e ela haviam ido parar na praia depois de escapar do Mar de Monstros. Hylla lhes dera as boas-vindas. Ajudara Annabeth a se arrumar, dera a ela um lindo vestido novo e transformara seu visual por completo. Então Circe tinha vendido seu peixe: se Annabeth ficasse na ilha, poderia receber treinamento em magia e um poder incrível. Annabeth ficara tentada, talvez só um pouquinho, até se dar conta de que o lugar era uma armadilha e que Percy fora transformado em um roedor. (Essa última parte parecera engraçada depois; mas, na ocasião, fora aterrorizante.) Quanto a Reyna... ela era uma das criadas que penteara o cabelo de Annabeth.

— Você... — disse Annabeth, perplexa. — E Hylla é a rainha das amazonas? Como vocês duas...?

— É uma longa história — disse Reyna. — Mas eu me lembro bem de você. Uma garota corajosa. Eu nunca tinha visto alguém recusar a hospitalidade de Circe, muito menos derrotá-la. Não é de admirar que Percy goste de você.

Sua voz soava melancólica. Annabeth achou que talvez fosse mais seguro não responder.

Elas chegaram ao topo da colina, onde um pátio tinha vista de todo o vale.

— Este é meu lugar favorito — contou Reyna. — O Jardim de Baco.

Videiras em uma treliça formavam um dossel. Abelhas zumbiam em meio a madressilvas e jasmims, que enchiam o ar da tarde com uma mistura inebriante de perfumes. No meio do pátio havia uma estátua de Baco em algo semelhante a uma pose de balé, vestindo nada mais que uma tanga, as bochechas infladas e os lábios franzidos, lançando água pela boca em um chafariz.

Apesar de suas preocupações, Annabeth quase riu. Ela conhecia o deus em sua forma grega, Dioniso — ou sr. D, como o chamavam no Acampamento Meio-Sangue. Ver o velho diretor do acampamento imortalizado em pedra, usando uma fralda e cuspidor água, a fez se sentir um pouco melhor.

Reyna parou na beirada do pátio. A vista justificava a subida. A cidade inteira estendia-se abaixo delas como um mosaico em 3-D. Ao sul, além do lago, um grupo de templos empoleirava-se em uma colina. Ao norte, um aqueduto avançava na direção das Berkeley Hills. Equipes de trabalho consertavam um segmento quebrado, provavelmente durante a batalha recente.

— Eu queria ouvir de você — disse Reyna.

Annabeth voltou-se:

— Ouvir o *quê* de mim?

— A verdade. Convença-me de que não estou cometendo um erro ao confiar em vocês. Fale sobre você. Sobre o Acampamento Meio-Sangue. Sua amiga Piper tem magia nas palavras. Passei tempo suficiente com Circe para

reconhecer o charme na voz de alguém. Não posso confiar no que ela diz. E Jason... bem, ele mudou. Parece distante, não mais tão romano.

A mágoa em sua voz era tão cortante quanto vidro quebrado. Annabeth perguntou-se se *ela* soava assim durante todos os meses que esteve à procura de Percy. Pelo menos tivera a sorte de encontrar o namorado. Reyna não tinha ninguém. Era responsável por governar sozinha um acampamento inteiro. Annabeth via que Reyna desejava ter o amor de Jason. Mas ele havia desaparecido e depois retornado com uma nova namorada. Enquanto isso, Percy tinha sido eleito pretor, mas havia rejeitado Reyna também. Agora Annabeth viera para levá-lo embora. Reyna ficaria sozinha outra vez, arcando com uma tarefa que deveria ser executada por duas pessoas.

Annabeth chegara ao Acampamento Júpiter preparada para negociar com Reyna ou até mesmo lutar, se necessário. Não havia se preparado para sentir pena dela e manteve esse sentimento oculto. Reyna não lhe parecia ser alguém que apreciasse piedade.

Em vez disso, Annabeth contou sua história. Falou sobre o pai, a madrasta, os dois meios-irmãos em São Francisco e como ela se sentia uma estranha na própria família. Contou que havia fugido com apenas sete anos, quando encontrou os amigos Luke e Thalia e percorreu o longo trajeto até o Acampamento Meio-Sangue, em Long Island. Ela descreveu o acampamento e os anos em que crescera lá. Falou sobre o encontro com Percy e as aventuras que tinham vivido juntos.

Reyna era uma boa ouvinte.

Annabeth ficou tentada a lhe falar sobre problemas mais recentes: a briga com a mãe, a moeda de prata como presente e os pesadelos — sobre um medo antigo tão paralisante que ela quase decidira que não podia vir naquela missão. Mas não podia se forçar a se abrir tanto assim.

Quando Annabeth parou de falar, Reyna olhou para Nova Roma. Seus galgos de metal farejavam o jardim, tentando abocanhar abelhas nas madressilvas. Por fim, Reyna apontou para o grupo de templos na colina distante.

— O pequeno prédio vermelho ali no lado norte, está vendo? Aquele é o templo de minha mãe, Belona. — Reyna voltou-se para Annabeth: — Diferentemente de sua mãe, Belona não tem equivalente grego. Ela é total e verdadeiramente romana. É a deusa da proteção da pátria.

Annabeth não disse nada. Sabia bem pouco sobre a deusa romana. Desejou saber um pouco a respeito, mas para ela latim não era tão fácil quanto grego. Lá embaixo, reluzia o casco do *Argo II*, que flutuava acima do fórum como um balão de festa de bronze maciço.

— Antes de os romanos irem para a guerra — prosseguiu Reyna — visitamos

o Templo de Belona. O interior é um pedaço de terra que representa o solo inimigo. Cravamos uma lança nesse solo, indicando que estamos em guerra. Sabe, os romanos sempre acreditaram que o ataque é a melhor defesa. Nos tempos antigos, sempre que nossos antepassados se sentiam ameaçados pelos vizinhos, eles invadiam para se proteger.

— Eles conquistaram todos ao redor — observou Annabeth. — Cartago, Gália...

— E os gregos. — Reyna deixou o comentário pairar no ar. — O que quero dizer, Annabeth, é que não é da natureza de Roma cooperar com outras potências. Todas as vezes que semideuses gregos e romanos se encontraram, nós lutamos. Conflitos entre nossos dois lados deram início a algumas das guerras mais horríveis da história da humanidade... principalmente as guerras civis.

— Não tem que ser assim — falou Annabeth. — Temos que trabalhar juntos ou Gaia destruirá todos nós.

— Concordo. Mas a cooperação é possível? E se o plano de Juno tiver falhas? Até mesmo deusas podem errar.

Annabeth esperou ver Reyna sendo atingida por um raio ou transformada em um pavão. Nada aconteceu.

Infelizmente, Annabeth tinha as mesmas dúvidas de Reyna. Hera *de fato* cometia erros. Annabeth tivera vários problemas por conta daquela deusa arrogante e jamais perdoaria Hera por ter levado Percy, mesmo tendo sido por uma causa nobre.

— Não confio na deusa — admitiu Annabeth. — Mas confio em meus amigos. Não é uma tramoia, Reyna. Nós *podemos* trabalhar juntos.

Reyna terminou seu copo de chocolate. Então o colocou no parapeito do pátio e olhou o vale, como se imaginasse frentes de batalha.

— Acredito em sua sinceridade — disse ela. — Mas, se for para as terras antigas, em especial para Roma, precisa saber uma coisa sobre sua mãe.

Os ombros de Annabeth ficaram tensos.

— Minha... minha mãe?

— Quando eu morava na ilha de Circe — falou Reyna — recebíamos muitos visitantes. Certa vez, talvez um ano antes de você e Percy chegarem, um rapaz apareceu na praia, levado pela água. Ele estava meio ensandecido por causa da sede e do calor depois de dias à deriva. Ele não falava coisa com coisa, mas disse que era filho de Atena.

Reyna parou, como se esperasse uma reação. Annabeth não fazia a menor ideia de quem era o rapaz. Não sabia de nenhum outro filho de Atena que tivesse partido em uma missão no Mar dos Monstros, mas ainda assim sentia pavor. A luz que passava por entre as videiras formava sombras tremendo no chão como

um enxame de insetos.

— O que aconteceu com esse semideus?

Reyna acenou a mão, como se a pergunta fosse trivial.

— Circe o transformou em um porquinho-da-índia, é claro. Ele se tornou um roedorzinho bem maluco. Mas, *antes* disso, ele ficava delirando sobre a missão fracassada. Afirmava que tinha ido a Roma, atrás da Marca de Atena.

Annabeth agarrou o corrimão para manter o equilíbrio.

— Sim — disse Reyna, vendo seu desconforto. — Ele ficava falando coisas sobre filho da sabedoria, Marca de Atena e a ruína dos gigantes se apresentando dourada e pálida. Os mesmos versos que Ella recitou. Mas você diz que os ouviu pela primeira vez hoje...

— Foi... pelo menos da maneira como Ella recitou. — A voz de Annabeth soava fraca. Ela não estava mentindo. Nunca ouvira aquela profecia, mas sua mãe a incumbira de seguir a Marca de Atena; e, enquanto pensava na moeda em seu bolso, uma horrível suspeita começou a nascer em sua mente. Ela se lembrou das palavras severas de sua mãe. Pensou nos estranhos pesadelos que vinha tendo ultimamente. — Esse semideus... ele explicou a missão?

Reyna balançou a cabeça.

— Na ocasião, eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando. Muito mais tarde, quando me tornei pretora do Acampamento Júpiter, comecei a desconfiar.

— Desconfiar... de quê?

— Há uma lenda antiga que os pretores do Acampamento Júpiter transmitem através dos séculos. Se for verdadeira, pode explicar por que nossos grupos nunca foram capazes de trabalhar juntos. Pode ser a causa de nossa animosidade. Até que essa questão antiga seja finalmente resolvida, assim diz a lenda, romanos e gregos nunca viverão em paz. E a lenda está centrada em Atena...

Um som agudo atravessou o ar. Uma luz brilhou no canto do olho de Annabeth.

Ela virou-se a tempo de ver uma explosão abrir uma cratera no fórum. Um sofá em chamas girou no ar. Semideuses dispersaram-se em pânico.

— Gigantes? — Annabeth levou a mão à faca, que logicamente não estava lá. — Pensei que o exército deles tivesse sido derrotado!

— Não são os gigantes. — Os olhos de Reyna ferviam de raiva. — Vocês traíram nossa confiança.

— O quê? Não!

Assim que ela disse essas palavras, o *Argo II* lançou uma segunda saraivada. A balista de bombordo disparou uma lança imensa envolta em fogo grego, que seguiu direto para o domo danificado do Senado, atravessou-o e explodiu lá

dentro, iluminando o edifício como uma abóbora de Halloween. Se alguém estivesse lá dentro...

— Deuses, não. — Uma onda de náusea quase fez os joelhos de Annabeth se dobrarem. — Reyna, não é possível. Nós nunca faríamos isso!

Os cães de metal correram para junto de sua dona. Eles rosnaram para Annabeth, mas se mostravam hesitantes, como se relutassem em atacar.

— Você está dizendo a verdade — julgou Reyna. — Talvez não soubesse dessa traição, mas *alguém* terá que pagar.

Lá embaixo no fórum, o caos se espalhava. A multidão se empurrava e se acotovelava. Brigas irrompiam por toda a parte.

— Derramamento de sangue — disse Reyna.

— Precisamos impedir!

Annabeth teve uma horrível sensação de que aquela talvez fosse a última vez que Reyna e ela concordariam, e juntas correram colina abaixo.

*

Se armas fossem permitidas na cidade, os amigos de Annabeth já estariam mortos. Os semideuses romanos haviam se unido no fórum em uma multidão furiosa. Alguns atiravam pratos, comida e pedras no *Argo II*, o que era inútil, já que quase tudo caía de volta nas pessoas.

Dezenas de romanos haviam cercado Piper e Jason, que tentavam acalmá-los, sem muita sorte. O charme de Piper era inútil contra tantos semideuses gritando, furiosos. A testa de Jason sangrava. Sua capa roxa havia sido rasgada e agora não passava de farrapos.

— Eu estou do lado de vocês! — insistia ele.

Mas sua camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue não ajudava em nada — tampouco o navio de guerra no alto, disparando lanças de fogo contra Nova Roma. Uma delas caiu ali perto e explodiu uma loja de togas, que virou entulho.

— Pela armadura de Plutão! — praguejou Reyna. — Olhe.

Legionários armados corriam na direção do fórum. Duas equipes de artilharia haviam montado catapultas ao lado da Linha Pomeriana e se preparavam para disparar contra o *Argo II*.

— Isso só vai piorar as coisas — disse Annabeth.

— Eu odeio o meu trabalho — grunhiu Reyna e então correu na direção dos legionários, acompanhada por seus cães.

Percy, pensou Annabeth, esquadrinhando desesperadamente o fórum. *Cadê você?*

Dois romanos tentaram agarrá-la. Ela se esquivou, escapando deles, e se misturou à multidão. Além da grande confusão que eram romanos furiosos, sofás em chamas e prédios explodindo, ainda havia centenas de fantasmas roxos flutuando pelo fórum, atravessando o corpo dos semideuses e gemendo incoerentemente. Os faunos se aproveitaram do caos e se apinharam em torno das mesas, pegando comida, pratos e xícaras. Um deles passou trotando por Annabeth com os braços carregados de *tacos* e um abacaxi inteiro entre os dentes.

Em meio a uma explosão à frente de Annabeth surgiu uma estátua de Término, que gritou com ela em latim, sem dúvida chamando-a de mentirosa e infratora, mas ela empurrou a estátua e continuou correndo.

Enfim avistou Percy. Ele e os amigos Hazel e Frank estavam no meio de uma fonte enquanto Percy repelia os romanos furiosos com jatos d'água. A toga de Percy também estava em farrapos, mas ele parecia ileso.

Annabeth gritou por ele no momento em que outra explosão sacudiu o fórum. Dessa vez o clarão de luz ia para cima. Uma das catapultas romanas havia disparado, e o *Argo II* gemeu e inclinou-se para um lado, chamas formando bolhas no casco de bronze.

Annabeth avistou uma figura agarrando-se desesperadamente à escada de corda, tentando descer. Era Octavian, com a túnica fumegando e o rosto preto de fuligem.

Na fonte, Percy lançava mais água contra a multidão romana. Annabeth correu para ele, desviando-se de um punho romano e de uma travessa de sanduíches que fora arremessada.

— Annabeth! — gritou Percy. — O quê...?

— Eu não sei! — berrou ela.

— Vejam o que aconteceu! — gritou uma voz acima deles. Octavian tinha alcançado a base da escada. — Os gregos *dispararam* contra nós! O garoto Leo apontou suas armas contra Roma!

O peito de Annabeth se encheu de hidrogênio líquido. Ela teve a sensação de que iria se estilhaçar em milhões de pedaços congelados.

— Você está mentindo — rebateu ela. — Leo nunca...

— Eu estava lá! — guinchou Octavian. — Vi com meus próprios olhos!

O *Argo II* respondeu com fogo. No campo, os legionários se espalharam quando uma de suas catapultas explodiu em lascas.

— Estão vendo? — gritou Octavian. — Romanos, matem os invasores!

Annabeth grunhiu, frustrada. Não havia tempo para descobrir a verdade. A

tripulação do Acampamento Meio-Sangue estava em desvantagem numérica, na proporção de cem para um, e, mesmo que Octavian tivesse conseguido executar um truque (o que, para ela, era bem provável), eles nunca conseguiriam convencer os romanos antes de serem atacados e mortos.

— Temos que ir embora — disse ela a Percy. — *Agora*.

Ele assentiu sombriamente.

— Hazel, Frank, vocês têm que escolher. Vocês vêm?

Hazel parecia aterrorizada, mas pôs o capacete de cavalaria na cabeça.

— É claro que vamos. Mas vocês nunca chegarão ao navio, a menos que a gente ganhe algum tempo para vocês.

— Como? — perguntou Annabeth.

Hazel assoviou. No mesmo instante um borrão bege atravessou o fórum em disparada. Um cavalo majestoso se materializou ao lado da fonte. Ele empinou, relinchando e dispersando a multidão. Hazel subiu em suas costas, como se tivesse nascido para cavalgar. Uma espada de cavalaria romana estava presa à sela.

Hazel desembainhou sua lâmina dourada.

— Mandem uma mensagem de Íris quando estiverem em segurança longe daqui, e irei ao encontro de vocês — disse ela. — Arion, vamos!

O cavalo disparou pelo meio da multidão com uma velocidade incrível, forçando os romanos a recuarem e causando pânico em massa.

Annabeth vislumbrou um brilho de esperança. Talvez conseguissem sair vivos dali. Então, quase do outro lado do fórum, ela ouviu Jason gritar:

— Romanos! Por favor!

Uma saraivada de pratos e pedras era atirada nele e em Piper. Ao tentar protegê-la, um tijolo atingiu Jason acima do olho. Ele se curvou e a multidão avançou.

— Recuem! — gritou Piper.

Seu charme envolveu a turba, fazendo-a hesitar, mas Annabeth sabia que o efeito não duraria. Percy e ela não conseguiriam alcançá-los a tempo de ajudar.

— Frank — disse Percy — é com você. Pode ajudá-los?

Annabeth não entendia como Frank poderia fazer aquilo sozinho, mas ele engoliu em seco, nervoso.

— Oh, deuses — murmurou ele. — Certo, claro. Subam pela escada. Agora.

Percy e Annabeth correram para a escada. Octavian ainda estava agarrado ali na base, mas Percy o puxou e o lançou na multidão.

Eles começaram a subir no momento em que legionários armados invadiram o fórum. Flechas passavam assoviando ao lado da cabeça de Annabeth. Uma explosão quase a derrubou da escada. A meio caminho da subida, ela ouviu um

rugido lá embaixo e olhou.

Os romanos gritaram e se espalharam quando um dragão em tamanho natural atacou o fórum: uma fera ainda mais assustadora que a figura de proa do *Argo II*, um dragão de bronze. Tinha a pele áspera e cinza de um dragão-de-komodo e asas com aparência de couro, como as dos morcegos. Flechas e pedras ricocheteavam inofensivas em sua couraça enquanto ele se arrastava na direção de Piper e Jason. Ele os agarrou com as patas dianteiras e saltou para o ar.

— Aquele é...? — Annabeth sequer conseguiu verbalizar o pensamento.

— Frank — confirmou Percy, alguns degraus acima dela. — Ele tem alguns talentos especiais.

— Não me diga — murmurou Annabeth. — Continue subindo!

Sem o dragão e o cavalo de Hazel para distrair os arqueiros, eles nunca teriam conseguido subir a escada; mas finalmente passaram por uma série de remos aéreos quebrados e alcançaram o convés. O cordame estava em chamas. A vela de traquete fora rasgada ao meio, e o navio adernava seriamente para boreste.

Não havia sinal do treinador Hedge, mas Leo estava no meio do navio, calmamente reabastecendo a balista. O estômago de Annabeth contorceu-se de horror.

— Leo! — gritou ela. — O que você está *fazendo*?

— Destruí-los... — Ele encarou Annabeth. Seus olhos estavam vidrados. Os movimentos pareciam os de um robô. — Destruir todos eles.

Ele virou-se para a balista de novo, mas Percy o agarrou, derrubando-o. A cabeça de Leo bateu com força no convés, e seus olhos reviraram, ficando à mostra apenas a parte branca.

O dragão cinzento veio planando. Ele circulou o navio uma vez e aterrissou na proa, colocando Jason e Piper no chão, onde ambos desabaram.

— Ande! — gritou Percy. — Tire a gente daqui!

Com um choque, Annabeth percebeu que ele estava falando com ela.

Então ela correu para o leme e cometeu o erro de olhar por cima da amurada. Viu legionários armados cerrando fileiras no fórum, preparando flechas incendiárias. Hazel esporeou Arion, e deixaram a cidade a galope, com uma turba em seu encalço. Mais catapultas estavam sendo levadas e enfileiradas. Ao longo de toda a Linha Pomeriana, as estátuas de Término reluziam roxas, como se reunissem energia para algum tipo de ataque.

Annabeth olhou para os controles. Xingou Leo por tê-los feito tão complicados. Não havia tempo para manobras sofisticadas, mas pelo menos um comando básico ela conhecia: *Para cima*.

Ela agarrou a alavanca de aceleração e a puxou para trás. O navio gemeu. A proa empinou em um ângulo assustador. Os cabos de amarração se romperam, e

o *Argo II* disparou para o meio das nuvens.

V

LEO

LEO QUERIA PODER INVENTAR UMA máquina do tempo. Ele voltaria duas horas e desfaria o que tinha acontecido. Isso ou inventar uma máquina de Dar-na-Cara-do-Leo para se punir, embora ele duvidasse que fosse doer tanto quanto o olhar que Annabeth lhe lançava.

— Mais uma vez — falou ela. — *O que* aconteceu exatamente?

Leo tombou no mastro. Sua cabeça ainda latejava por causa do choque no convés. A toda a sua volta, seu navio lindo e novo estava em ruínas. As bestas na popa nada mais eram que pilhas de lenha. A vela de traquete estava em farrapos. O conjunto de satélites que alimentava a internet e a tevê de bordo fora feito em pedaços, deixando o treinador Hedge enfurecido. Sua figura de proa, o dragão de bronze Festus, tossia e soltava fumaça como se tivesse engolido uma bola de pelo, e Leo sabia pelos rangidos vindos de bombordo que alguns dos remos aéreos haviam saído do alinhamento ou se partido completamente, o que explicava por que o navio estava adernando e estremecendo enquanto voava, o motor arfando como uma locomotiva a vapor asmática.

Ele reprimiu um soluço.

— Não sei. Está tudo confuso.

Pessoas demais o olhavam: Annabeth (Leo *odiava* deixá-la com raiva; aquela garota o assustava), o treinador Hedge com suas pernas peludas de bode, a camisa polo laranja e o bastão de beisebol (ele precisava levar aquilo para todos os lugares?) e o recém-chegado Frank.

Leo não sabia bem o que pensar de Frank. Ele parecia um bebê lutador de sumô, embora Leo não fosse idiota o suficiente para dizer isso em voz alta. A memória de Leo estava nebulosa, mas tinha quase certeza de que, enquanto estava semiconsciente, vira um dragão pousar no navio — um dragão que se

transformara em Frank.

Annabeth cruzou os braços.

— Está dizendo que não se lembra?

— Eu... — Leo parecia estar tentando engolir uma bola de gude. — Lembro, mas era como se eu estivesse me vendo fazer coisas. Eu não conseguia me controlar.

O treinador Hedge bateu o bastão no convés. Em suas roupas de ginástica, com o boné puxado sobre os chifres, ele tinha a mesma aparência que na Escola da Vida Selvagem, onde passara um ano disfarçado de professor de educação física de Jason, Piper e Leo. Pelo olhar furioso do velho sátiro, Leo quase se perguntava se o treinador iria ordenar que fizesse flexões de braço.

— Olhe, garoto — falou Hedge — você provocou algumas explosões. Atacou os romanos. Incrível! Excelente! Mas *precisava* destruir os canais de satélite? Eu estava assistindo a uma luta na gaiola.

— Treinador — disse Annabeth — que tal verificar se todos os focos de incêndio foram apagados?

— Mas eu já fiz isso.

— Faça de novo.

O sátiro se afastou, resmungando. Nem mesmo Hedge era louco o bastante para desafiar Annabeth.

Ela se ajoelhou ao lado de Leo. Os olhos cinza dela eram frios como esferas de metal. O cabelo louro caía solto pelos ombros, mas Leo não achava isso atraente. Ele não tinha a menor ideia de onde tinha surgido o estereótipo da loura burra. Desde que conhecera Annabeth no Grand Canyon, no último inverno, quando ela se aproximou dele com aquele olhar de *Me diga onde Percy Jackson está ou eu mato você*, Leo achava as louras muito inteligentes e muito perigosas.

— Leo — disse ela com calma — Octavian usou algum truque com você? Ele armou para você ou...

— Não. — Leo podia ter mentido e colocado a culpa naquele romano estúpido, mas não queria piorar uma situação já muito ruim. — O cara era um idiota, mas ele não disparou contra o acampamento. Fui eu.

O recém-chegado Frank fechou a cara.

— De propósito?

— Não! — Leo estreitou os olhos. — Bem, sim... quer dizer, eu não queria. Mas ao mesmo tempo eu tinha a *sensação* de que queria. Alguma coisa me impeliu a fazer aquilo. Eu sentia uma espécie de frio por dentro...

— Uma espécie de frio. — O tom de Annabeth mudou. Ela parecia quase... assustada.

— É — confirmou Leo. — Por quê?

— Annabeth, precisamos de você — chamou Percy sob o convés.

Oh, deuses, Leo pensou. Por favor, tomara que Jason esteja bem.

Piper tinha levado Jason para baixo assim que subiram a bordo. O corte na cabeça dele parecia bem feio. Leo conhecia Jason havia mais tempo do que todos no Acampamento Meio-Sangue. Ele era seu melhor amigo. Se Jason não sobrevivesse...

— Ele vai ficar bem. — A expressão de Annabeth suavizou-se. — Frank, eu vou voltar. Só... fique de olho em Leo. Por favor.

Frank assentiu.

Se fosse possível Leo se sentir pior, isso aconteceu. Annabeth confiava mais em um semideus romano que ela conhecia havia uns três segundos do que em Leo.

Assim que ela se foi, Leo e Frank se encararam. O grandalhão era bem estranho em sua toga de lençol, com o agasalho cinza de capuz e jeans, e um arco e flechas do arsenal do navio pendurados no ombro. Leo lembrou-se da ocasião em que encontrara as Caçadoras de Ártemis: um bando de garotas bonitas e ágeis em roupas prateadas, todas armadas com arcos. Ele imaginou Frank brincando com elas. A ideia era tão ridícula que quase o fez se sentir melhor.

— Então — disse Frank. — Seu nome não é Sammy?

Leo franziu a testa.

— Que pergunta é essa?

— Nada — falou Frank rapidamente. — Eu só... Deixe para lá. Em relação ao bombardeio no acampamento... Octavian podia estar por trás disso, usando magia ou algo assim. Ele não queria que os romanos se dessem bem com vocês.

Leo desejava acreditar nisso. Sentia-se grato ao garoto por não odiá-lo. Mas sabia que não fora Octavian. *Leo* tinha andado até a balista e começado a disparar. Parte dele tinha consciência de que estava errado. Ele havia se perguntado: *Que diabos estou fazendo?* Mas fizera assim mesmo.

Talvez estivesse enlouquecendo. O estresse de todos aqueles meses trabalhando no *Argo II* por fim podia tê-lo feito surtar.

Mas ele não devia pensar nisso. Precisava fazer alguma coisa produtiva. Suas mãos precisavam se ocupar.

— Olhe — disse ele — tenho que falar com Festus para ter um relatório dos danos. Você se importa...?

Frank o ajudou a se levantar.

— Quem é Festus?

— Um amigo meu — respondeu Leo. — O nome dele também não é Sammy, caso você esteja se perguntando. Venha. Vou apresentá-los.

*

Felizmente o dragão de bronze não estava danificado. Bem... no inverno passado ele havia perdido tudo exceto a cabeça, mas isso não contava para Leo.

Quando se aproximaram da figura de proa, ela virou-se para olhá-los. Frank recuou.

— Ele está vivo! — gritou ele.

Leo teria rido se não estivesse se sentindo tão mal.

— Sim. Frank, este é Festus. Ele era um dragão de bronze completo, mas tivemos um acidente.

— Você sofre muitos acidentes — observou Frank.

— Bem, alguns de nós não podem se transformar em dragões, então temos que construir um se quisermos. — Leo arqueou as sobrancelhas, olhando para Frank. — Enfim, eu o ressuscitei como uma figura de proa. Ele agora é tipo a interface principal do navio. Como está a situação, Festus?

Festus bufou, soltando fumaça, e emitiu uma série de rangidos e zumbidos. Nos últimos meses, Leo aprendera a interpretar a linguagem dessa máquina. Outros semideuses podiam entender latim e grego. Leo sabia falar rangido e chiado.

— Ai — disse Leo. — Podia ser pior, mas o casco está comprometido em vários pontos. Precisamos consertar os remos aéreos de bombordo para ganharmos velocidade máxima novamente. Vamos precisar de material para o conserto: bronze celestial, piche, cal...

— Para que você precisa de um fiscal?

— Cara, *cal*. Óxido de cálcio, usado em cimento e um monte de outras... Ah, deixe para lá. A questão é que este navio não vai longe a menos que a gente o conserte.

Festus emitiu outro clique que Leo não reconheceu. Parecia *Rei-zel*.

— Ah... *Hazel* — decifrou ele. — É a garota de cabelos cacheados, certo?

Frank engoliu em seco.

— Ela está bem?

— Sim, está — respondeu Leo. — Segundo Festus, o cavalo dela está galopando mais abaixo. Ela está nos seguindo.

— Precisamos pousar, então — disse Frank.

Leo o estudou.

— Ela é sua namorada?

Frank mordeu o lábio.

— É.

— Você não parece muito seguro disso.

— Estou. Estou, claro. Tenho certeza.

Leo ergueu as mãos.

— O.k., tudo bem. O problema é que só podemos pousar uma vez. Nas condições em que o casco e os remos estão, não vamos conseguir decolar de novo até fazermos os reparos, então precisamos pousar em um lugar que tenha tudo o que for necessário.

Frank coçou a cabeça.

— Onde se consegue bronze celestial? Não dá para simplesmente comprar na Home Depot, não é?

— Festus, faça uma varredura.

— Ele pode descobrir onde tem bronze mágico? — Frank maravilhou-se. — Existe alguma coisa que ele *não* possa fazer?

Leo pensou: *Você devia ter visto quando ele tinha corpo*. Mas não disse nada. Era doloroso demais lembrar-se de como Festus era.

Leo espiou sobre a proa do navio. No momento sobrevoavam o vale central da Califórnia. Leo não tinha muita esperança de que pudessem encontrar todo o material necessário em só um lugar, mas tinham que tentar. Leo também queria se afastar o máximo possível de Nova Roma. O *Argo II* podia percorrer grandes distâncias em bem pouco tempo, graças a seu motor mágico, mas Leo imaginava que os romanos também tivessem seus métodos de transporte com magia.

Atrás dele, os degraus rangeram. Percy e Annabeth subiram, os rostos sombrios.

O coração de Leo falhou uma batida.

— Jason está...?

— Ele está descansando — respondeu Annabeth. — Piper está de olho nele, mas ele vai ficar bem.

Percy olhou Leo com severidade.

— Annabeth disse que você disparou *mesmo* a balista?

— Cara, eu... eu não entendo como aconteceu. Eu sinto tanto...

— *Sente?* — rosnou Percy.

Annabeth pôs a mão no peito do namorado.

— Vamos resolver isso mais tarde. Neste momento, precisamos nos reagrupar e traçar um plano. Qual é a situação do navio?

As pernas de Leo tremeram. O olhar de Percy causou nele a mesma sensação de quando Jason invocou o raio. A pele de Leo formigou e todos os seus instintos gritaram: *Fuja!*

Ele contou a Annabeth sobre os danos e os suprimentos de que precisavam. Pelo menos sentia-se melhor falando de alguma coisa que podia ser consertada.

Estava lamentando a escassez de bronze celestial quando Festus começou a zumbir e chiar.

— Perfeito.

Leo suspirou, aliviado.

— O que é perfeito? — perguntou Annabeth. — Alguma coisa *perfeita* viria a calhar agora.

Leo abriu um sorriso.

— Tudo de que precisamos em um só lugar. Frank, por que você não se transforma em pássaro ou algo assim? Voe até lá embaixo e diga à sua namorada que nos encontre no Great Salt Lake, em Utah.

*

Chegando lá, não fizeram uma aterrissagem muito bonita. Com os remos danificados e a vela de traquete rasgada, Leo mal conseguiu uma descida controlada. Os outros ficaram lá embaixo e apertaram os cintos — exceto o treinador Hedge, que insistiu em se agarrar à amurada de proa, gritando:

— É! Pode vir, lago!

Leo permaneceu na popa, sozinho no leme, e mirou o melhor que pôde.

Festus rangia e zumbia sinais de aviso, transmitidos pelo intercomunicador até o tombadilho superior.

— Eu sei, eu sei — disse Leo, rangendo os dentes.

Ele não teve muito tempo para apreciar a paisagem. A sudeste, uma cidade encontrava-se aninhada no sopé de uma serra azul e púrpura nas sombras da tarde. Uma paisagem plana de deserto estendia-se para o sul. Bem abaixo deles, o Great Salt Lake cintilava como papel-alumínio, as margens recortadas por pântanos brancos de sal que lembraram a Leo fotos aéreas de Marte.

— Segure-se, treinador! — gritou ele. — Isso vai doer.

— Eu *nasci* para a dor!

CHUÁÁÁ! Uma onda de água salgada inundou a proa, encharcando o treinador Hedge. O *Argo II* inclinou-se perigosamente para boreste, então se endireitou e balançou na superfície do lago. Os motores zumbiram quando as lâminas aéreas ainda em funcionamento mudaram para a forma náutica.

Três séries de remos robóticos mergulharam na água e com isso eles começaram a avançar.

— Bom trabalho, Festus — elogiou Leo. — Nos leve na direção da margem sul.

— É! — O treinador Hedge agitava os punhos no ar. Estava encharcado dos chifres aos cascos, mas sorria feito um bode louco. — Vamos lá, de novo!

— Hã... talvez mais tarde — disse Leo. — Agora fique aqui no convés, o.k.? Pode ficar de vigia, para o caso de... você sabe, o lago decidir nos atacar ou algo assim.

— Pode deixar — prometeu Hedge.

Leo soou a campainha de *Tudo limpo* e se dirigiu para a escada. Antes de chegar lá, um ruidoso *clump-clump-clump* sacudiu o casco. Um garanhão castanho surgiu no convés, e Hazel Levesque estava montada nele.

— Como...? — A pergunta de Leo morreu na garganta. — Estamos no meio de um lago! Essa coisa pode voar?

O cavalo relinchou, zangado.

— Arion não pode voar — respondeu Hazel. — Mas ele pode galopar sobre praticamente qualquer coisa. Água, superfícies verticais, pequenas montanhas... nada disso é obstáculo para ele.

— Ah.

Hazel o olhava de forma estranha, como fizera no banquete no fórum: era como se procurasse algo em seu rosto. Ele ficou tentado a perguntar se eles já haviam se encontrado, mas tinha certeza de que não. Ele se lembraria de uma garota bonita prestando tanta atenção nele. Isso não acontecia muito.

Ela é a namorada de Frank, lembrou ele.

Frank ainda estava lá embaixo, mas Leo quase torcia para que o grandão subisse. A maneira como Hazel examinava Leo o deixava inquieto e desconfortável.

O treinador Hedge aproximou-se com seu bastão de beisebol, olhando com suspeita o cavalo mágico.

— Valdez, isso conta como invasão?

— Não! — respondeu Leo. — Hã, Hazel, é melhor você vir comigo. Construí um estábulo sob o convés, se Arion quiser...

— Ele é um espírito livre. — Hazel desceu da sela. — Vai pastar na margem do lago até eu chamá-lo. Mas quero ver o navio. Me mostre.

O *Argo II* fora projetado como uma antiga trirreme, só que duas vezes maior. O primeiro convés tinha um corredor central com cabines nas laterais para os tripulantes. Em uma trirreme normal, a maior parte do espaço seria ocupada com três fileiras de bancos para que algumas centenas de homens suados fizessem o trabalho pesado, mas os remos de Leo eram automatizados e retráteis, assim ocupavam pouquíssimo espaço dentro do casco. A potência do navio vinha da sala de máquinas no segundo e último convés, que também abrigava a enfermaria, o depósito e os estábulos.

Leo seguiu à frente no corredor. Ele havia construído o navio com oito cabines — sete para os semideuses da profecia e uma para o treinador Hedge (falando a sério: Quíron o considerava mesmo um acompanhante adulto responsável?). Na popa havia um grande refeitório/salão, para onde Leo se dirigia.

No caminho, passaram pelo quarto de Jason. A porta estava aberta. Piper encontrava-se sentada ao lado da cama, segurando a mão de Jason enquanto ele roncava com uma bolsa de gelo na cabeça.

Piper olhou para Leo. Ela levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio, mas não parecia zangada. Isso era incrível. Leo tentou reprimir a culpa, e eles continuaram a andar. Quando chegaram ao refeitório, encontraram os outros — Percy, Annabeth e Frank — desanimados, sentados em torno da mesa de jantar.

Leo havia projetado o salão para ser o mais agradável possível, imaginando que passariam muito tempo ali. No armário havia xícaras e pratos mágicos do Acampamento Meio-Sangue, que se encheriam com a comida e a bebida que a pessoa quisesse. Também havia um cooler mágico, com latas de bebidas, perfeito para piqueniques em terra. Os assentos eram confortáveis poltronas de massagem reclináveis com fones embutidos, porta-espadas e porta-copos para todas as necessidades de relaxamento dos semideuses. Não havia janelas, mas as paredes eram encantadas e mostravam, em tempo real, imagens do Acampamento Meio-Sangue — a praia, a floresta, os campos de morangos —, embora agora Leo se perguntasse se isso não deixava as pessoas com saudade em vez de felizes.

Percy olhava com ar saudoso para um pôr do sol na Colina Meio-Sangue, onde o Velocino de Ouro cintilava nos galhos do alto pinheiro.

— Então, pousamos — disse Percy. — E agora?

Frank dedilhava a corda do arco.

— Deciframos a profecia? Quer dizer... aquilo que Ella disse *era* uma profecia, certo? Dos livros sibilinos?

— Livros o quê? — perguntou Leo.

Frank explicou como sua amiga harpia era assustadoramente boa em decorar livros. Em algum momento no passado, ela devorara uma coleção de antigas profecias que haviam supostamente sido destruídas na ocasião da queda de Roma.

— Foi por isso que vocês não contaram aos romanos — adivinhou Leo. — Não queriam que eles se apossassem dela.

Percy continuava olhando a imagem da Colina Meio-Sangue.

— Ella é sensível. Era uma prisioneira quando a encontramos. Eu só não queria... — Ele cerrou um punho. — Isso não importa agora. Mande uma mensagem de Íris para Tyson, para que ele leve Ella para o Acampamento Meio-

Sangue. Lá estarão em segurança.

Leo duvidava que *qualquer* um deles estivesse em segurança, depois de ele ter provocado um acampamento de romanos furiosos, além dos problemas que já enfrentavam com Gaia e os gigantes; mas ficou calado.

Annabeth entrelaçou os dedos.

— Vou pensar na profecia... mas agora temos problemas mais urgentes. Temos que consertar este navio. Leo, do que precisamos?

— A coisa mais fácil é piche. — Leo ficou feliz em mudar de assunto. — Podemos conseguir na cidade, em uma loja de material de construção ou algum lugar assim. Além disso, bronze celestial e cal. Segundo Festus, podemos conseguir ambos em uma ilha no lago, a oeste daqui.

— Vamos ter que ser rápidos — advertiu Hazel. — Se conheço Octavian, ele está nos procurando com seus augúrios. Os romanos vão enviar uma força de ataque atrás de nós. É uma questão de honra.

Leo sentiu todos os olhos voltados para ele.

— Pessoal... não sei o que aconteceu. Sinceramente, eu...

Annabeth ergueu a mão.

— Nós conversamos. Concordamos que não poderia ser *você*, Leo. Aquela sensação de frio que você mencionou... eu senti também. Deve ter sido algum tipo de magia ou Octavian ou Gaia ou um dos servos dela. Mas até entendermos o que houve...

Frank grunhiu.

— Como podemos ter certeza de que não vai acontecer de novo?

Os dedos de Leo esquentaram como se estivessem prestes a pegar fogo. Um de seus poderes como filho de Hefesto era evocar chamas à vontade; mas ele precisava ter cuidado para não fazer isso por acidente, principalmente em um navio cheio de explosivos e produtos inflamáveis.

— Estou bem agora — insistiu ele, embora desejasse poder ter certeza. — Talvez devêssemos usar o sistema de equipes. Ninguém vai a lugar nenhum sozinho. Podemos deixar Piper e o treinador Hedge a bordo com Jason. Mandamos um grupo buscar o piche na cidade. Outro grupo pode ir atrás do bronze e do cal.

— Nos dividir? — perguntou Percy. — Parece uma péssima ideia.

— Vai ser mais rápido — opinou Hazel. — Além disso, existe um motivo para uma missão em geral ser restrita a no máximo três semideuses, certo?

Annabeth ergueu as sobrancelhas, como se reavaliasse os méritos de Hazel.

— Você está certa. O mesmo motivo pelo qual precisamos do *Argo II*... fora do acampamento, sete semideuses em um só lugar atrai demais a atenção de monstros. O navio foi projetado para nos esconder e proteger. A bordo estaremos

razoavelmente seguros; mas, se sairmos em expedições, não devemos ir em grupos com mais de três. Não tem sentido alertar mais servos de Gaia do que o necessário.

Percy ainda não parecia convencido disso, mas segurou a mão de Annabeth.

— Desde que você esteja no meu grupo, eu fico feliz.

Hazel sorriu.

— Ah, isso é fácil. Frank, você foi incrível ao se transformar em dragão! Pode fazer de novo e levar Annabeth e Percy à cidade, para buscar o piche?

Frank abriu a boca, como se quisesse protestar:

— Eu... eu acho que sim. Mas e você?

— Arion me leva com Sa... com Leo. — Ela brincou com o punho da espada, deixando Leo inquieto. Hazel tinha ainda mais energia que *ele*. — Vamos buscar o bronze e a cal. Podemos todos nos encontrar aqui ao anoitecer.

Frank franziu a testa. Obviamente não lhe agradava a ideia de Leo ir com Hazel. Por alguma razão, a desaprovação de Frank fez Leo querer ir. Ele *tinha* que provar que era digno de confiança. Não iria disparar nenhuma balista aleatoriamente de novo.

— Leo — disse Annabeth — se conseguirmos os suprimentos, em quanto tempo você conserta o navio?

— Com sorte, apenas algumas horas.

— Ótimo — concluiu ela. — Encontramos vocês aqui de volta o mais rápido possível, mas tomem cuidado. Um pouco de sorte não seria nada mal. Mas isso não significa que vamos tê-la.

VI

LEO

MONTAR EM ARION FOI o ponto alto do dia de Leo — o que não era muito, pois o dia havia sido péssimo. Os cascos do cavalo transformavam a superfície do lago em névoa salgada. Leo pôs a mão no flanco do animal e sentiu os músculos trabalhando como uma máquina bem lubrificada. Pela primeira vez ele entendeu por que motores de automóveis tinham sua potência medida em cavalos. Arion era um Maserati de quatro patas.

À frente deles havia uma ilha — uma linha de areia tão branca que bem poderia ser feita de sal puro. Além da praia erguia-se uma extensão de dunas cobertas por mato e rochedos castigados pelo tempo.

Leo estava sentado atrás de Hazel, com o braço em volta da cintura dela. O contato próximo o deixava pouco à vontade, mas era a única maneira de se manter a bordo (ou seja lá como se chamava quando o meio de transporte era um cavalo).

Antes de partirem, Percy o havia puxado para um canto e lhe contado a história de Hazel. Ele fez parecer que estava fazendo um favor a Leo, mas havia um aviso subliminar: *Se mexer com minha amiga, eu mesmo vou servi-lo de almoço para um grande tubarão branco.*

Segundo Percy, Hazel era filha de Plutão e morrera na década de 1940, sendo trazida de volta à vida apenas poucos meses antes.

Leo achava difícil acreditar naquilo. Hazel parecia muito viva, completamente diferente dos fantasmas ou dos outros mortais renascidos com que Leo havia lidado.

Ela também parecia lidar bem com pessoas, ao contrário de Leo, que se sentia muito mais à vontade com máquinas. Coisas vivas, como cavalos e garotas? Ele não tinha a menor ideia de como funcionavam.

Hazel também era a namorada de Frank, então Leo sabia que devia manter distância. Ainda assim, o cabelo dela tinha um cheiro bom, e cavalgar com ela fazia o coração dele disparar quase contra a vontade. Devia ser a velocidade com que cavalgavam.

Arion chegou à praia com estrondo, batendo os cascos e relinchando triunfante, como o treinador Hedge soltando um grito de guerra.

Hazel e Leo desmontaram, e Arion pisoteou a areia.

— Ele quer comer — explicou Hazel. — Ele prefere ouro, mas...

— Ouro? — perguntou Leo.

— ...vai ter que se contentar com grama. Pode ir, Arion. Obrigada pela carona. Eu chamo você.

E, de repente, o cavalo sumiu — nada restou a não ser um rastro fumegante no lago.

— Que cavalo rápido — comentou Leo. — Caro de alimentar, também.

— Até que não — replicou Hazel. — É fácil para mim arrumar ouro.

Leo ergueu as sobrancelhas.

— Como é fácil arrumar ouro? Por favor, me diga que você não é parente do rei Midas. Não gosto daquele cara.

Hazel apertou os lábios, como se lamentasse ter tocado no assunto.

— Deixa para lá.

Isso despertou ainda mais a curiosidade de Leo, mas ele concluiu que talvez fosse melhor não pressioná-la, então se ajoelhou e pegou um punhado da areia branca.

— Bem... um problema resolvido, pelo menos. Com isto dá para fazer cal.

Hazel franziu a testa.

— A praia toda?

— Sim. Está vendo? Os grânulos são esferas perfeitas. Não é areia de verdade. É carbonato de cálcio.

Leo puxou um saco plástico do cinto de ferramentas e pegou um punhado da areia.

De repente, imobilizou-se. Ele se lembrou de todas as vezes em que a deusa Gaia havia aparecido para ele no solo — seu rosto adormecido feito de pó, areia ou terra. Ela adorava provocá-lo. Imaginou seus olhos fechados e o sorriso sonhador surgindo no cálcio branco.

Vá embora, heroizinho, disse Gaia. *Sem você, o navio não pode ser consertado.*

— Leo? — chamou Hazel. — Tudo bem?

Tremendo, ele respirou fundo. Gaia não estava ali. Ele só estava surtando.

— Sim — respondeu ele. — Sim, estou bem.

Ele começou a encher a sacola.

Hazel ajoelhou-se ao lado dele e ajudou.

— Devíamos ter trazido um balde e pazinhas.

A ideia animou Leo. Ele até sorriu.

— Poderíamos fazer um castelo de areia.

— Um castelo de cal.

Eles trocaram um olhar que foi um segundo longo demais.

Hazel desviou os olhos.

— Você é *tão* parecido com...

— Sammy? — adivinhou Leo.

Ela caiu para trás.

— Você sabe?

— Não faça a menor ideia de quem é Sammy. Mas Frank me perguntou se eu tinha certeza de que esse não era meu nome.

— E... não é?

— Não! Caramba.

— Você não tem um irmão gêmeo ou... — Hazel se deteve. — Sua família é de Nova Orleans?

— Não, é de Houston. Por quê? Sammy é um cara que você conhecia?

— Eu... Não é por nada. Você só parece com ele.

Leo conseguia ver que ela estava constrangida demais para ir adiante. Mas, se Hazel era uma garota do passado, isso significava que Sammy também era da década de 1940? Se fosse assim, como Frank conhecia o cara? E por que Hazel pensaria que ele era Sammy, tantas décadas depois?

Os dois terminaram de encher o saco plástico em silêncio. Leo o enfiou no cinto de ferramentas e o saco desapareceu — sem peso, sem massa, sem volume — embora Leo soubesse que ele estaria ali assim que o procurasse. Leo podia carregar qualquer coisa que coubesse nos bolsos. Ele *adorava* o cinto de ferramentas. Só lamentava que os bolsos não fossem grandes o bastante para uma motosserra ou uma bazuca, talvez.

Ele se levantou e examinou a ilha ao redor — dunas muito brancas, mantos de grama e rochedos incrustados pelo sal que mais parecia glacê.

— Festus disse que havia bronze celestial por perto, mas não tenho certeza de onde...

— Por ali. — Hazel apontou. — A pouco menos de quinhentos metros.

— Como você...?

— Metais preciosos — disse Hazel. — É uma coisa de Plutão.

Leo lembrou-se do que ela dissera sobre o ouro ser fácil.

— Talento bem conveniente. Vá na frente, srta. Detectora de Metais.

*

O sol começou a se pôr, e o céu tornou-se uma mistura bizarra de roxo e amarelo. Em outras circunstâncias, Leo talvez gostasse de dar uma caminhada na praia com uma garota bonita, mas quanto mais andavam mais nervoso ele ficava. Finalmente, Hazel começou a seguir para o interior da ilha.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? — perguntou ele.

— Estamos perto — garantiu ela. — Venha.

Logo acima das dunas, eles viram a mulher.

Ela estava sentada em uma pedra no meio de um campo gramado. Havia uma motocicleta preta e cromada parada ali perto, mas uma grande fatia das rodas havia sido recortada, o que fazia com que parecessem o Pac-Man. A moto com certeza não conseguia andar naquelas condições.

A mulher tinha cabelos negros encaracolados e o corpo muito magro. Usava calças de motoqueiro e botas de couro com uma jaqueta também de couro vermelho-sangue — uma mistura de Michael Jackson com Hell's Angels. O chão em torno de seus pés estava coberto do que pareciam ser conchas quebradas. Ela estava encurvada, tirando novas conchas de um saco e abrindo-as. Ostras? Leo não sabia se havia ostras no Great Salt Lake, mas achava que não.

Leo estava relutante em se aproximar. Tivera experiências ruins com mulheres estranhas. Sua antiga babá, *Tía Callida*, na realidade era Hera e tinha o terrível hábito de colocá-lo para cochilar em uma lareira acesa. A deusa da terra, Gaia, havia matado sua mãe em um incêndio em uma oficina quando Leo tinha oito anos. A deusa da neve, Quione, tentara transformá-lo em um doce de leite congelado em Sonoma.

Hazel, porém, continuou em frente, de modo que ele não teve muita escolha, exceto segui-la.

À medida que chegavam mais perto, Leo percebeu detalhes perturbadores. Preso ao cinto da mulher havia um chicote enrolado. A jaqueta de couro vermelha tinha uma estampa sutil: galhos retorcidos de uma macieira povoados por aves esqueléticas. As ostras que ela abria eram na verdade biscoitos da sorte.

Uma pilha de biscoitos quebrados amontoava-se a seu redor, chegando à altura do tornozelo. Ela continuava tirando novos biscoitos do saco, abrindo-os, e lendo o papel dentro deles. A maior parte ela jogava no chão. Alguns a faziam murmurar, infeliz. Ela passava o dedo no pedacinho de papel como se o estivesse limpando, então tornava a fechar o biscoito magicamente e o atirava em uma cesta próxima.

— O que está fazendo? — perguntou Leo, antes que pudesse se conter.

A mulher ergueu os olhos. Os pulmões de Leo se encheram de ar tão rápido que ele pensou que fossem explodir.

— Tia Rosa? — perguntou.

Não fazia sentido, mas a mulher era exatamente igual à sua tia. Tinha o mesmo nariz largo com uma verruga no lado, a mesma boca severa e os olhos duros. Mas não podia ser Rosa. Ela jamais usaria roupas como aquelas e ainda estava em Houston, até onde Leo sabia. Não estaria abrindo biscoitos da sorte no meio do Great Salt Lake.

— É isso que você vê? — perguntou a mulher. — Interessante. E você, Hazel, querida?

— Como a senhora...? — Hazel recuou, alarmada. — A senhora... a senhora parece a sra. Leer. Minha professora do terceiro ano. Eu a odiava.

A mulher soltou uma risada.

— Excelente. Você se ressentia dela, é? Ela era injusta com você?

— A senhora... Ela prendia minhas mãos à carteira por mau comportamento — disse Hazel. — Chamava minha mãe de bruxa. Ela sempre colocava a culpa em mim por tudo e... Não. Ela *tem* que estar morta. Quem é *você*?

— Ah, Leo sabe — disse a mulher. — Como se sente em relação à tia Rosa, *mi hijo*?

Mi hijo. Era assim que a mãe de Leo sempre o chamava. Depois da morte dela, Rosa havia rejeitado Leo. Ela o chamara de filho do demônio. Culpara-o pelo incêndio que tinha matado a irmã. Rosa colocara a família contra ele e o deixara — um órfão magricela de oito anos — à mercê do serviço social. Leo havia passado por diversos lares adotivos até que finalmente encontrara um lar no Acampamento Meio-Sangue. Ele não odiava muitas pessoas, mas, após todos esses anos, o rosto de tia Rosa ainda o fazia ferver de ressentimento.

Como ele se sentia? Ele queria acertar as contas. Queria vingança.

Os olhos dele desviaram-se para a motocicleta com rodas de Pac-Man. Onde foi que ele vira algo semelhante àquilo? Chalé 16, no Acampamento Meio-Sangue: o símbolo acima da porta era uma roda partida.

— Nêmesis — disse ele. — Você é a deusa da vingança.

— Está vendo? — A deusa sorriu para Hazel. — Ele me reconhece.

Nêmesis quebrou outro biscoito e franziu o nariz.

— *Você receberá uma grande fortuna quando menos esperar* — leu ela. — Esse é exatamente o tipo de bobagem que odeio. Alguém abre um biscoito e de repente encontra uma profecia dizendo que ficará rico! A culpa é daquela idiota da Tique. Sempre distribuindo boa sorte para quem não merece!

Leo olhou para o monte de biscoitos quebrados.

— Hã... você sabe que essas profecias não são de verdade, certo? Elas são colocadas dentro dos biscoitos em alguma fábrica...

— Não tente arranjar desculpas para isso! — Nêmesis o cortou. — É típico de Tique dar esperanças às pessoas. Não, não. *Preciso* fazer um contraponto a ela. — Nêmesis deu um peteleco no pedacinho de papel, e as letras ficaram vermelhas. — *Você terá uma morte dolorosa quando mais esperar*. Pronto! Muito melhor.

— Isso é horrível! — disse Hazel. — Você deixaria alguém ler essa mensagem no biscoito da sorte e isso realmente acontecer?

A deusa soltou uma risada de desdém. Era muito sinistro ver aquela expressão no rosto da tia Rosa.

— Minha querida Hazel, você nunca desejou que coisas horríveis acontecessem à sra. Leer pela maneira como ela a tratava?

— Isso não quer dizer que eu queria que acontecessem de verdade!

— Bah. — A deusa tornou a fechar o biscoito e o lançou na cesta. — Tique seria Fortuna para você, suponho, sendo romana. Como os outros, ela está em péssimas condições atualmente. Eu? Não sou afetada. Sou chamada de Nêmesis tanto pelos gregos quanto pelos romanos. Eu não mudo, pois a vingança é universal.

— Do que você está falando? — perguntou Leo. — O que está fazendo aqui? Nêmesis abriu outro biscoito.

— Números da sorte. Ridículo! Isso nem mesmo chega a ser sorte!

Ela esmagou o biscoito e deixou as migalhas caírem aos seus pés.

— Para responder a sua pergunta, Leo Valdez, os deuses se encontram em péssimas condições. Isso sempre acontece quando uma guerra civil está fermentando entre vocês, romanos e gregos. Os olímpianos estão divididos entre suas duas naturezas, exigidos de ambos os lados. Eles estão se tornando meio esquizofrênicos, sinto dizer. Sofrem dores de cabeça lancinantes. Ficam desorientados.

— Mas não estamos em guerra — insistiu Leo.

— Hã, Leo... — Hazel estremeceu. — Na verdade você acabou de explodir um bom pedaço de Nova Roma.

Leo a fitou, perguntando-se de que lado a garota estava.

— Não foi de propósito!

— Eu sei disso — disse Hazel — mas os romanos, não. E vão nos perseguir, em retaliação.

Nêmesis deu uma gargalhada.

— Leo, escute a garota. A guerra se aproxima. Gaia a preparou, com sua ajuda. E adivinha quem os deuses culpam por esse inconveniente?

Leo sentiu na boca o gosto de carbonato de cálcio.

— Eu.

A deusa soltou uma risada debochada.

— Ora, você se acha muito, hein? Você é só um peão no tabuleiro, Leo Valdez. Eu me referia à mentora que deu início a essa missão ridícula, reunindo gregos e romanos. Os deuses culpam Hera... ou Juno, se preferirem! A rainha dos céus fugiu do Olimpo para escapar à ira de sua família. Não esperem mais nenhuma ajuda de sua madrinha!

A cabeça de Leo latejava. Seus sentimentos em relação a Hera eram conflitantes. Ela havia se intrometido em sua vida desde que ele era um bebê, moldando-o para servir a seu propósito naquela grande profecia, mas pelo menos estivera do lado deles, mais ou menos. Se ela estava fora de cena agora...

— Então por que você está aqui? — perguntou ele.

— Ora, para oferecer a *minha* ajuda!

Nêmesis sorriu, maliciosa.

Leo olhou para Hazel. A expressão dela era como a de alguém que tivesse acabado de ganhar uma cobra de presente.

— Sua ajuda — disse Leo.

— Naturalmente! — afirmou a deusa. — Gosto de derrubar os orgulhosos e poderosos, e não há ninguém que mereça mais ser derrubado do que Gaia e seus gigantes. No entanto, preciso adverti-los de que não vou aceitar sucesso imerecido. A boa sorte é uma impostura. A roda da fortuna é uma fraude. O verdadeiro sucesso exige sacrifício.

— Sacrifício? — A voz de Hazel estava tensa. — Eu perdi minha mãe. Morri e voltei à vida. Agora meu irmão está desaparecido. Isso não é sacrifício suficiente para você?

Leo se identificava com ela totalmente. Ele queria gritar que havia perdido a mãe também. Sua vida inteira fora um sacrifício após o outro. Tinha perdido seu dragão, Festus. Quase morrera tentando concluir o *Argo II*. Agora havia disparado contra o acampamento romano, muito provavelmente dado início a uma guerra e talvez perdido a confiança de seus amigos.

— Neste momento — disse ele, tentando controlar sua raiva — tudo que quero é um pouco de bronze celestial.

— Ah, isso é fácil — replicou Nêmesis. — Está logo depois da subida. Vocês vão encontrá-lo com os enamorados.

— Espere — disse Hazel. — Que enamorados?

Nêmesis jogou um biscoito na boca e o engoliu, com sorte e tudo.

— Você verá. Talvez eles tenham uma lição para ensinar a você, Hazel Levesque. A maioria dos heróis não pode fugir a sua natureza, mesmo quando

recebem uma segunda chance na vida. — Ela sorriu. — E, falando em seu irmão Nico, você não tem muito tempo. Vamos ver... hoje é dia vinte e cinco de junho? Sim, depois de hoje, mais seis dias. Aí ele morre, com a cidade de Roma inteira.

Os olhos de Hazel se arregalaram.

— Como... o quê...?

— E quanto a você, filho do fogo — Nêmesis voltou-se para Leo — suas piores adversidades ainda estão por vir. Você sempre será o forasteiro, a sétima vela. Não encontrará um lugar entre seus irmãos. Logo enfrentará um problema que não poderá resolver, embora eu possa ajudá-lo... por um preço.

Leo sentiu o cheiro de fumaça. Percebeu que os dedos da mão esquerda estavam pegando fogo e que Hazel o olhava, apavorada.

Enfiou a mão no bolso para apagar as chamas.

— Gosto de resolver meus próprios problemas.

— Muito bem.

Nêmesis limpou o farelo de biscoito do casaco.

— Mas, hã, de que tipo de preço estamos falando?

A deusa deu de ombros.

— Um dos meus filhos recentemente trocou um olho pela capacidade de fazer uma diferença verdadeira no mundo.

O estômago de Leo se revirou.

— Você... quer um olho?

— No seu caso, talvez outro sacrifício sirva. Mas será algo igualmente doloroso. Aqui. — Ela lhe entregou um biscoito da sorte ainda intacto. — Se precisar de uma resposta, quebre isto. Resolverá seu problema.

A mão de Leo tremia quando ele pegou o biscoito.

— Qual problema?

— Você saberá quando chegar a hora.

— Não, obrigado — disse Leo com firmeza.

Sua mão, porém, como se tivesse vontade própria, enfiou o doce no cinto de ferramentas. Nêmesis pegou outro biscoito no saco e o abriu.

— *Você terá que reconsiderar suas opções em breve.* Ah, gosto deste. Não é preciso nenhuma mudança aqui.

Ela tornou a fechar o biscoito e o jogou na cesta.

— Serão poucos os deuses capazes de ajudá-los nessa missão. A maior parte deles já está incapacitada, e sua confusão só vai piorar. Apenas uma coisa poderá trazer a unidade de volta ao Olimpo: um velho erro finalmente vingado. Ah, isso seria doce de fato, a balança finalmente equilibrada! Mas não acontecerá a menos que vocês aceitem minha ajuda.

— Suponho que você não vai nos dizer do que está falando — murmurou

Hazel. — Ou a razão pela qual meu irmão Nico só tem seis dias de vida. Ou por que Roma será destruída.

Nêmesis deu uma risada. Então se levantou e pendurou o saco de biscoitos no ombro.

— Ah, está tudo interligado, Hazel Levesque. Quanto à minha oferta, Leo Valdez, pense um pouco. Você é um bom menino. Trabalha duro. Poderíamos negociar. Mas eu já os detive por tempo demais. Vocês precisam visitar o poço refletor antes que a luz desapareça. Meu pobre garoto amaldiçoado fica bastante... agitado quando a escuridão vem.

Leo não gostou daquelas palavras, mas a deusa subiu na motocicleta. Aparentemente ela ainda andava, apesar das rodas em forma de Pac-Man, pois Nêmesis ligou o motor e desapareceu em uma nuvem de fumaça preta.

Hazel se abaixou. Todos os biscoitos quebrados e papéis da sorte haviam desaparecido, exceto por um. Ela o apanhou e leu.

— *Você verá o próprio reflexo e terá razão para se desesperar.*

— Fantástico — resmungou Leo. — Vamos ver o que isso significa.

VII

LEO

— **QUEM É TIA ROSA?** — perguntou Hazel.

Leo não queria falar sobre ela. As palavras de Nêmesis ainda zumbiam em seus ouvidos. Seu cinto de ferramentas parecia mais pesado desde que ele colocara o biscoito ali — o que era impossível. Seus bolsos podiam carregar qualquer coisa sem adicionar peso. Mesmo os objetos mais frágeis nunca se quebrariam. Ainda assim, Leo imaginava que podia sentir o biscoito lá dentro, puxando-o para baixo, à espera de ser aberto.

— Longa história — respondeu ele. — Ela me abandonou depois da morte de minha mãe, me entregou para adoção.

— Sinto muito.

— É, bem... — Leo estava ansioso para mudar de assunto. — E você? O que Nêmesis disse sobre seu irmão?

Hazel piscou, como se tivesse caído sal em seus olhos.

— Nico... ele me encontrou no Mundo Inferior. Ele me trouxe de volta para o mundo mortal e convenceu os romanos no Acampamento Júpiter a me aceitarem. Devo a ele minha segunda chance de viver. Se Nêmesis estiver certa, e Nico estiver em perigo... eu *tenho* que ajudá-lo.

— Claro — disse Leo, embora a ideia o deixasse inquieto. Ele duvidava de que a deusa da vingança desse algum conselho apenas por causa da bondade de seu coração. — E o que foi que Nêmesis disse sobre seu irmão ter seis dias de vida e Roma ser destruída... alguma ideia do que isso significa?

— Nenhuma — admitiu Hazel. — Mas receio...

O que quer que estivesse pensando, ela decidiu não dividir com ele. Hazel escalou um dos rochedos mais altos para ter uma visão melhor. Leo tentou segui-la e perdeu o equilíbrio. Hazel o segurou pela mão, puxou-o para cima e eles se

viram no alto da rocha, de mãos dadas, cara a cara.

Os olhos de Hazel reluziam como ouro.

É fácil para mim arrumar ouro, ela dissera. Não parecia assim a Leo — não quando olhava para ela. Ele se perguntou quem seria Sammy. Leo tinha uma suspeita incômoda de que *deveria* saber, mas não conseguia identificar o nome. Quem quer que fosse, tinha sorte de Hazel gostar dele.

— Hã, obrigado. — Ele soltou a mão dela, mas os dois ainda estavam tão próximos que ele podia sentir o calor do hálito da menina. Ela *decididamente* não parecia uma pessoa morta.

— Quando estávamos conversando com Nêmesis — disse Hazel, inquieta — suas mãos... Eu vi chamadas.

— É. É um poder de Hefesto. Em geral consigo mantê-lo sob controle.

— Ah.

Ela pôs uma das mãos na camisa de brim, como se estivesse prestes a fazer o Juramento de Fidelidade. Leo teve a sensação de que ela queria se afastar dele, mas a superfície do rochedo era muito pequena.

Ótimo, pensou ele. Mais uma pessoa que me acha uma aberração.

Ele observou a ilha. A margem oposta ficava a poucas centenas de metros. Entre as duas margens havia dunas e aglomerados de rochedos, mas nada que se parecesse com um poço refletor.

Você sempre será o forasteiro, dissera-lhe Nêmesis, *a sétima vela*. *Não encontrará um lugar entre seus irmãos*.

Se ela tivesse despejado ácido nos ouvidos dele teria surtido o mesmo efeito. Leo não precisava que ninguém lhe dissesse que ele era um estranho no ninho. Tinha passado meses sozinho no bunker 9 no Acampamento Meio-Sangue, trabalhando em seu navio enquanto os amigos treinavam juntos, partilhavam refeições e brincavam de captura da bandeira em troca de diversão e prêmios. Mesmo seus dois melhores amigos, Piper e Jason, tratavam-no como um forasteiro. Desde que começaram a namorar, a ideia deles de “aproveitar o tempo livre” não incluía Leo. Seu único outro amigo, Festus, o dragão, fora reduzido a uma figura de proa na última aventura, quando seu disco de controle foi destruído. E Leo não tinha a habilidade técnica necessária para consertá-lo.

A sétima vela. Leo sabia que alguns carros tinham quatro, outros seis, e até oito velas — sempre números pares. Deduziu que ser a sétima não era nada bom.

Ele havia pensado que talvez aquela missão fosse um novo começo para ele. Todo o trabalho duro com o *Argo II* seria recompensado. Ele teria seis bons amigos que o admirariam e gostariam dele, e eles velejariam em direção ao nascer do sol para enfrentar gigantes. Talvez, Leo havia secretamente esperado, ele até mesmo arranjasse uma namorada.

Faça as contas, ele se censurou.

Nêmesis tinha razão. Ele podia fazer parte de um grupo de sete, mas ainda assim estava isolado. Tinha disparado contra os romanos e só causara problemas aos amigos. *Não encontrará um lugar entre seus irmãos.*

— Leo? — chamou Hazel, delicadamente. — Você não pode levar Nêmesis a sério.

Ele franziu a testa.

— E se for verdade?

— Ela é a deusa da vingança — lembrou Hazel. — Talvez esteja do nosso lado, talvez não; mas ela existe para instigar o ressentimento.

Leo desejou ser capaz de deixar seus sentimentos de lado assim tão facilmente. Não podia. No entanto, não era culpa de Hazel.

— É melhor continuarmos — disse ele. — Eu me pergunto o que Nêmesis quis dizer com *quando a escuridão vem*.

Hazel olhou para o sol, que naquele momento tocava o horizonte.

— E quem será esse *garoto amaldiçoado* que ela mencionou?

— Garoto amaldiçoado que ela mencionou — disse uma voz abaixo deles.

A princípio, Leo não viu ninguém. Então seus olhos se ajustaram. Ele percebeu que havia uma jovem a apenas três metros da base do rochedo. Ela vestia túnica em estilo grego da mesma cor das rochas. Seu cabelo fino era entre castanho, louro e cinza, de modo que se confundia com a grama seca. Ela não era exatamente invisível, mas ficava quase perfeitamente camuflada quando parada. Mesmo se movendo, Leo tinha problemas para se concentrar nela. Seu rosto era bonito, mas não memorável. Na verdade, cada vez que Leo piscava, ele não conseguia se lembrar de como ela era e tinha que se concentrar para enxergá-la de novo.

— Olá — disse Hazel. — Quem é você?

— Quem é você? — respondeu a garota. Sua voz soava exausta, como se estivesse cansada de responder a essa pergunta.

Hazel e Leo olharam um para o outro. No mundo dos semideuses, nunca se sabe o que se vai encontrar. Nove em cada dez vezes não é nada bom. Uma garota ninja camuflada em tons de terra não era algo com que Leo quisesse lidar naquele momento.

— Você é o garoto amaldiçoado de que Nêmesis falou? — perguntou Leo. — Mas você é uma garota.

— Você é uma garota — repetiu ela.

— Como? — perguntou Leo.

— Como — disse a garota, infeliz.

— Você está repetindo... — Leo se deteve. — Ah. Espere. Hazel, não há um

mito sobre uma garota que repete tudo...?

— Eco — falou Hazel.

— Eco — concordou a garota.

Ela se moveu, e o vestido mudou com a paisagem. Seus olhos eram da cor da água salgada. Leo tentou concentrar-se em suas feições, mas não conseguia.

— Não me lembro do mito — admitiu ele. — Você foi amaldiçoada a repetir a última coisa que ouvir?

— Que ouvir — repetiu Eco.

— Pobrezinha — disse Hazel. — Se me lembro bem, foi uma deusa quem fez isso?

— Uma deusa quem fez isso — confirmou Eco.

Leo coçou a cabeça.

— Mas isso não foi há milhares de anos...? Ah. Você é um dos mortais que voltaram pelas Portas da Morte. Eu gostaria muito de parar de esbarrar em gente morta.

— Gente morta — disse Eco, como se o estivesse repreendendo.

Ele se deu conta de que Hazel olhava para os pés.

— Hã... desculpa — murmurou ele. — Não quis dizer nesse sentido.

— Nesse sentido. — Eco apontou na direção da margem oposta da ilha.

— Quer nos mostrar alguma coisa? — perguntou Hazel.

Ela desceu do rochedo, e Leo a seguiu.

Mesmo de perto, era difícil ver Eco. Na verdade, quanto mais ele a olhava, mais ela parecia ficar invisível.

— Tem certeza de que você é real? — perguntou ele. — Quer dizer... de carne e osso?

— Carne e osso.

Ela tocou o rosto de Leo e o fez se encolher. Seus dedos eram quentes.

— Então... você tem que repetir tudo?

— Tudo.

Leo não conteve um sorriso.

— Até que pode ser divertido.

— Divertido — disse ela, infeliz.

— Elefantes azuis.

— Elefantes azuis.

— Me beija, seu bobo.

— Seu bobo.

— Ei!

— Ei!

— Leo, não zombe dela — pediu Hazel.

— Não zombe dela — concordou Eco.

— O.k., o.k. — disse Leo, embora precisasse resistir ao ímpeto. Não era todos os dias que ele encontrava alguém com um recurso de respostas embutido. — Então, para o que você está apontando? Precisa de nossa ajuda?

— Ajuda — concordou Eco enfaticamente.

Ela fez um gesto para que a seguissem e desceu a encosta correndo. Leo só conseguia acompanhar seu avanço pelo movimento da grama e o tremeluzir do vestido à medida que mudava para se ajustar à cor das pedras.

— É melhor corrermos — falou Hazel. — Ou vamos perdê-la de vista.

*

Eles encontraram o problema — se é que se pode chamar de problema uma multidão de garotas bonitas. Eco os levou até uma campina gramada no formato de uma cratera com um pequeno lago no meio. Reunidas às margens da água, estavam dezenas de ninfas. Pelo menos Leo imaginava que fossem ninfas. Como as do Acampamento Meio-Sangue, elas usavam vestidos de gaze e estavam descalças. Tinham feições travessas e a pele levemente esverdeada.

Leo não entendeu o que elas estavam fazendo, mas todas se aglomeravam em um ponto, de frente para o lago, acotovelando-se em busca de uma visão melhor. Várias erguiam os celulares com câmera, tentando tirar fotos por cima da cabeça das outras. Leo nunca vira ninfas com telefones. Perguntou-se se estariam olhando um cadáver. Nesse caso, por que estavam saltitando e dando risadinhas de animação?

— O que elas estão olhando? — perguntou-se Leo.

— Olhando — suspirou Eco.

— Só há um modo de descobrir. — Hazel avançou e começou a abrir caminho entre a multidão. — Com licença. Nos desculpem.

— Ei! — queixou-se uma ninfa. — Chegamos primeiro!

— É — resmungou outra. — Ele não vai se interessar por você.

A segunda ninfa tinha grandes corações vermelhos pintados nas bochechas. Por cima do vestido, usava uma camiseta que dizia: OMG, I ♥ N!!!!

— Com licença, por favor. Assuntos de semideuses — disse Leo, tentando adotar um tom oficial. — Abram espaço. Obrigado.

As ninfas resmungaram, mas abriram caminho, revelando um jovem ajoelhado à margem do lago, olhando a água intensamente.

Leo em geral não prestava muita atenção à aparência de outros caras. Ele

acreditava que isso se devia ao fato de andar com Jason — alto, louro, vigoroso e basicamente tudo o que Leo nunca poderia ser. Estava acostumado a não ser notado pelas garotas. Pelo menos, sabia que nunca conquistaria uma garota pela aparência. Esperava que sua personalidade e seu senso de humor um dia o ajudassem, embora isso ainda não tivesse acontecido de fato.

Mesmo assim, Leo não podia deixar de notar que o cara no lago era superbonito. Tinha os traços do rosto esculpidos, com lábios e olhos que estavam em um ponto entre o lindo feminino e o belo masculino. O cabelo escuro caía-lhe na testa. Ele podia ter dezessete ou vinte anos, era difícil dizer, mas tinha o corpo de um dançarino: braços longos e graciosos, pernas musculosas, postura perfeita e um ar majestoso e calmo. Usava camiseta branca e jeans, com um arco e flechas presos às costas. Estava óbvio que as armas não eram usadas havia algum tempo. As flechas estavam cobertas de poeira. Tinha uma teia de aranha no topo do arco.

Quando Leo se aproximou, ele percebeu que o rosto do cara estava extraordinariamente dourado. Ao pôr do sol, a luz se refletia em uma folha de bronze celestial grande e plana que jazia no fundo do lago, banhando as feições do sr. Bonito com um brilho cálido.

O cara parecia fascinado com sua imagem refletida no metal.

Hazel respirou fundo.

— Ele é maravilhoso.

À volta dela, as ninfas davam gritinhos e batiam palmas, concordando.

— Eu sou — murmurou o rapaz, sonhador, o olhar ainda fixo na água. — Sou *muito* maravilhoso.

Uma das ninfas mostrou a tela do iPhone.

— O último vídeo dele no YouTube teve um milhão de acessos em, tipo, *uma hora*. Acho que metade deles fui eu!

As outras ninfas deram risadinhas.

— Vídeo no YouTube? — perguntou Leo. — O que ele faz no vídeo, canta?

— Não, seu bobo! — censurou a ninfa. — Ele era um príncipe e um caçador maravilhoso e outras coisas. Mas isso não tem importância. Agora ele simplesmente... bem, veja!

Ela mostrou o vídeo a Leo. Era exatamente o que estavam vendo na vida real: o cara se olhando no lago.

— Ele é tããã gato! — disse outra garota. A camiseta dela dizia: SRA. NARCISO.

— Narciso? — perguntou Leo.

— Narciso — concordou, triste, Eco.

Leo havia esquecido que Eco estava ali. Aparentemente nenhuma das ninfas havia reparado nela.

— Ah, você de novo não!

A sra. Narciso tentou empurrar Eco, mas calculou mal onde estava a garota camuflada e acabou empurrando várias outras ninfas.

— Você teve a sua chance, Eco! — disse a ninfa com o iPhone. — Ele a deixou há quatro mil anos! Você não é boa o suficiente para ele.

— Para ele — repetiu Eco com amargura.

— Espere. — Estava claro que Hazel também tinha dificuldade em tirar os olhos do bonitão, mas, por fim, conseguiu. — O que está acontecendo aqui? Por que Eco nos trouxe para cá?

Uma ninfa revirou os olhos. Segurava uma caneta para pegar um autógrafo e um pôster amassado de Narciso.

— Há muito tempo Eco era uma ninfa como nós, mas era totalmente tagarela! Fofocava, blá-blá-blá, o tempo todo.

— Eu sei! — gritou outra ninfa. — Tipo, quem podia aguentar aquilo? No outro dia mesmo, eu disse a Cleopeia... sabiam que ela mora no rochedo ao lado do meu?... Bem, eu disse: *Pare de fofocar ou vai acabar como Eco*. Cleopeia é tão faladeira! Vocês souberam o que ela falou sobre aquela ninfa da nuvem e o sátiro?

— Tudo! — disse a ninfa com o pôster. — Seja como for, como punição por falar demais, Hera amaldiçoou Eco a apenas repetir as coisas, o que para nós não era problema. Mas então Eco se apaixonou por nosso cara maravilhoso, Narciso... como se ele algum dia fosse olhar para ela...

— Até parece, né! — disse meia dúzia de outras.

— Agora ela tem essa ideia estranha de que ele precisa ser salvo — disse a sra. Narciso. — Ela devia simplesmente ir embora daqui.

— Ir embora daqui — grunhiu de volta Eco.

— Estou tão feliz que Narciso esteja vivo outra vez — disse uma ninfa de vestido cinza, que tinha as palavras NARCISO + LAIEA escritas nos braços com caneta hidrográfica preta. — Ele é tipo o *melhor*! E ele está no *meu* território.

— Ah, pare com isso, Laiea — disse sua amiga. — *Eu* sou a ninfa do lago. Você é só a ninfa da pedra.

— Bem, eu sou a ninfa da grama — protestou outra.

— Não, ele obviamente veio aqui porque gosta das flores silvestres! — disse outra. — E elas são minhas!

A multidão começou a discutir enquanto Narciso olhava o lago, ignorando-as.

— Esperem! — gritou Leo. — Senhoras, esperem! Preciso fazer uma pergunta a Narciso.

Lentamente as ninfas se acalmaram e voltaram a tirar fotografias.

Leo ajoelhou-se ao lado do bonitão.

— Então, Narciso. O que está havendo?

— Você pode sair daqui? — perguntou Narciso, distraído. — Está arruinando a visão.

Leo olhou a água. Sua imagem refletida ondulava ao lado do de Narciso na superfície do bronze submerso. Leo não tinha nenhuma vontade de ficar se olhando. Comparado a Narciso, ele parecia um *troll* raquítico. Mas não havia dúvida de que era uma folha de bronze celestial martelado, irregularmente circular, com cerca de um metro e meio de diâmetro.

O que ele estava fazendo no lago, Leo não sabia. Bronze celestial caía do céu em lugares estranhos. Ele ouvira dizer que a maioria eram pedaços rejeitados nas várias oficinas de seu pai. Hefesto perdia a paciência quando o objeto não saía como deveria e então jogava suas sobras no mundo mortal. Esse pedaço parecia ter sido projetado como escudo para um deus, mas não tinha dado certo. Se Leo pudesse levá-lo até o navio, seria bronze em quantidade suficiente para fazer seus consertos.

— Certo, ótima visão — disse Leo. — Ficarei feliz em sair, mas, caso você não esteja usando, posso pegar esse bronze?

— Não — disse Narciso. — Eu o amo. Ele é tão maravilhoso.

Leo olhou à volta para ver se as ninfas estavam rindo. Aquilo *tinha* que ser uma grande piada. No entanto, elas estavam maravilhadas, balançando a cabeça afirmativamente. Apenas Hazel parecia estarecida. Ela franziu o nariz em uma expressão de desagrado, como se tivesse chegado à conclusão de que Narciso era mais maluco do que parecia.

— Cara — disse Leo a Narciso — você sabe que está olhando para *você mesmo* na água, certo?

— Eu sou tão perfeito — suspirou Narciso. Ele estendeu uma das mãos para tocar a água, mas se refreou. — Não, não posso agitar a água. Isso estraga a imagem. Uau... eu sou *tão* perfeito.

— É — murmurou Leo. — Mas, se eu pegar o bronze, você ainda vai poder se ver na água. Ou aqui... — Ele levou a mão ao cinto de ferramentas e pegou um espelho do tamanho de um monóculo. — Vamos trocar.

Narciso segurou o espelho, relutante, e se admirou.

— Até *você* carrega uma foto minha? Não o culpo. Sou maravilhoso. Obrigado. — Ele deixou o espelho de lado e voltou a atenção para o lago. — Mas já tenho uma imagem muito melhor. A cor me favorece, você não acha?

— Oh, deuses, sim! — gritou uma ninfa. — Case-se comigo, Narciso!

— Não, comigo! — gritou outra. — Você autografa um pôster para mim?

— Não, autografe minha camisa!

— Não, autografe minha testa!

- Não, autografe minha...
- Parem! — cortou Hazel.
- Parem — concordou Eco.

Leo havia perdido Eco de vista novamente, mas agora percebia que ela estava ajoelhada do outro lado de Narciso, agitando a mão diante do rosto dele, como se tentasse chamar sua atenção. Narciso sequer piscava.

O fã-clubes das ninfas tentou afastar Hazel com empurrões, mas ela sacou a espada de cavalaria e as forçou a recuar.

- Parem com isso!
- Ele não vai autografar a sua espada — queixou-se a ninfa do pôster.
- Ele não vai se casar com você — falou a garota do iPhone. — E vocês não podem pegar o espelho de bronze dele! É isso que o *mantém* aqui!
- Vocês são todas ridículas — disse Hazel. — Ele é tão *convencido*! Como podem gostar dele?

— Gostar dele — suspirou Eco, ainda agitando a mão diante do rosto de Narciso.

As outras suspiraram junto com ela.

- Eu sou tão gato — disse Narciso, concordando.
- Narciso, ouça. — Hazel mantinha a espada em punho. — Eco nos trouxe aqui para ajudar você. Não foi, Eco?
- Eco — disse Eco.
- Quem? — perguntou Narciso.
- A única garota que se importa com o que acontece com você, ao que parece — falou Hazel. — Você se lembra de ter morrido?

Narciso franziu a testa.

- Eu... não. Não pode ser. Sou muito importante para morrer.
- Você morreu se olhando — insistiu Hazel. — Agora estou me lembrando da história. Nêmesis foi a deusa que o amaldiçoou, porque você partiu muitos corações. Sua punição foi se apaixonar por seu próprio reflexo.
- Eu me amo tanto, tanto — concordou Narciso.
- Você acabou morrendo — prosseguiu Hazel. — Não sei qual versão da história é verdadeira. Você se afogou ou se transformou em uma flor que se curva sobre a água ou... Eco, qual é a verdadeira?

— Qual é a verdadeira? — repetiu ela, impotente.

Leo se levantou.

— Não importa. O que importa é que você está vivo de novo, cara. Tem uma segunda chance. Foi o que Nêmesis quis nos dizer. Você pode se levantar e seguir sua vida. Eco está tentando salvá-lo. Ou você pode ficar aqui e se olhar até morrer de novo.

— Fique aqui! — gritaram todas as ninfas.

— Case-se comigo antes de morrer! — berrou uma delas.

Narciso balançou a cabeça.

— Vocês só querem o meu reflexo. Eu não os culpo, mas não podem tê-lo. Eu pertenço a mim.

Hazel suspirou, exasperada. Ela olhou para o sol, que ia baixando rapidamente. Então gesticulou com a espada na direção da borda da cratera.

— Leo, podemos falar por um minuto?

— Com licença — disse Leo a Narciso. — Eco, quer vir também?

— Vir também — confirmou Eco.

As ninfas voltaram a se aglomerar em torno de Narciso e começaram a gravar novos vídeos e tirar mais fotos.

Hazel foi na frente até que não pudessem mais ser ouvidos por elas.

— Nêmesis estava certa — disse ela. — Alguns semideuses não podem mudar sua natureza. Narciso vai ficar lá até morrer de novo.

— Não — disse Leo.

— Não — concordou Eco.

— Precisamos daquele bronze — declarou Leo. — Se o pegarmos, Narciso talvez tenha uma razão para sair do transe. Eco poderia ter uma chance de salvá-lo.

— Uma chance de salvá-lo — repetiu Eco, agradecida.

Hazel cravou a espada na areia.

— Isso também poderia deixar dezenas de ninfas muito zangadas com a gente — disse ela. — E Narciso talvez ainda saiba como usar seu arco.

Leo ponderou. O sol estava quase se pondo. Nêmesis havia mencionado que Narciso ficava agitado com a escuridão, provavelmente porque não podia mais ver o próprio reflexo. Leo não queria esperar para ver o que a deusa queria dizer com *agitado*. Ele também tinha experiência com multidões de ninfas enlouquecidas. E não estava nada ansioso para repeti-la.

— Hazel, seu poder com metais preciosos... Você consegue apenas detectá-los ou pode também atraí-los até você?

Ela franziu a testa.

— Às vezes consigo atraí-los. Nunca tentei com um pedaço de bronze celestial tão grande. Talvez consiga trazê-lo até mim através da terra, mas eu precisaria estar muito perto. Seria preciso muita concentração, e não teria como fazer rápido.

— Fazer rápido — advertiu Eco.

Leo praguejou. Ele tinha esperança de que pudessem voltar ao navio, e Hazel teleportar o bronze celestial de uma distância segura.

— Muito bem — disse ele. — Vamos ter que tentar algo arriscado. Hazel, que tal você tentar atrair o bronze daqui? Faça-o afundar na areia e vir em um túnel até você, então pegue-o e corra até o navio.

— Mas Narciso está olhando para o ele o tempo todo — disse ela.

— O tempo todo — ecoou Eco.

— Essa vai ser a minha tarefa — explicou Leo, já odiando o próprio plano. — Eco e eu vamos distraí-los.

— Distraí-los? — perguntou Eco.

— Vou explicar — prometeu Leo. — Está disposta?

— Disposta — respondeu Eco.

— Ótimo — replicou Leo. — Agora vamos torcer para não morrermos.

VIII

LEO

LEO PREPAROU-SE PARA UMA TRANSFORMAÇÃO radical. Tirou umas pastilhas de menta e um par de óculos de soldador do cinto de ferramentas. Não eram exatamente óculos escuros, mas teriam que servir. Ele enrolou as mangas da camisa, usou óleo de máquina para pentear o cabelo para trás, enfiou uma chave inglesa no bolso de trás (para que exatamente, ele não sabia) e pediu a Hazel que desenhasse uma tatuagem em seu bíceps com caneta hidrográfica: uma caveira, dois ossos cruzados e a palavra IRADO.

— No que você está pensando? — perguntou Hazel, parecendo confusa.

— Eu tento não pensar. Atrapalha se o que você quer é agir feito louco. Só concentre-se em mover aquele bronze celestial. Eco, pronta?

— Pronta.

Leo respirou fundo. Ele desfilou de volta para o lago, torcendo para que parecesse muito maneiro e não como se estivesse à beira de um ataque de nervos.

— Leo é o maioral! — gritou.

— Leo é o maioral! — gritou Eco de volta.

— É isso aí, gatinha, olhe para mim!

— Olhe para mim! — repetiu Eco.

— Abram alas para o rei!

— O rei!

— Narciso é fraco!

— Fraco!

As ninfas se dispersaram, surpresas. Leo as enxotou, como se o estivessem importunando.

— Nada de autógrafos, garotas. Sei que vocês querem o meu tempo, mas sou

genial demais. É melhor vocês ficarem com aquele panaca feioso do Narciso. Ele é um mané!

— Mané! — reforçou Eco com entusiasmo.

As ninfas resmungaram, irritadas.

— Do que está falando? — perguntou uma delas.

— Você é mané — disse outra.

Leo ajustou os óculos e sorriu. Flexionou os bíceps, embora não houvesse muito o que flexionar, exibindo sua tatuagem ^{IRADO}. Tinha atraído a atenção das ninfas, mesmo que fosse só por estarem tão perplexas; Narciso, porém, ainda tinha os olhos fixos no próprio reflexo.

— Querem saber o quanto Narciso é feio? — perguntou Leo à multidão. — Ele é tão feio que, quando nasceu, a mãe dele pensou que era um centauro ao contrário... com uma bunda de cavalo no lugar da cara!

Algumas das ninfas prenderam o fôlego. Narciso franziu a testa, como se percebesse vagamente um mosquito zumbindo em volta de sua cabeça.

— Sabem por que o arco dele está cheio de teias de aranha? — continuou Leo. — Porque ele o usa para caçar namoradas, mas não consegue encontrar nenhuma!

Uma das ninfas riu. As outras rapidamente a cutucaram para que ficasse quieta.

Narciso se voltou e fez uma cara feia para Leo.

— Quem é você?

— Eu sou o McManeiro tamanho incrível, cara! Sou Leo Valdez, bad boy supremo. E as gatas *amam* um bad boy.

— Amam um bad boy! — repetiu Eco, com um convincente gritinho.

Leo pegou uma caneta e rabiscou um autógrafo no braço de uma das ninfas.

— Narciso é um perdedor! Ele é tão fraco que não consegue levantar um lenço de papel. É tão mané que, quando você procura a palavra *mané* na Wikipédia, a página mostra uma foto dele... só que a foto é tão *feia* que ninguém nem abre a página!

As lindas sobranceiras de Narciso se uniram. Seu rosto estava passando do bronze a um cor-de-rosa corado. Por um momento ele havia esquecido totalmente do lago, e Leo podia ver a folha de bronze afundando na areia.

— Do que você está falando? — perguntou Narciso. — Eu sou incrível. Todo mundo sabe disso.

— Só se for incrivelmente *horrível* — provocou Leo. — Se eu fosse tão horrível quanto você, eu me afogaria. Ei, espere, você já fez isso.

Outra ninfa deu uma risadinha. Depois mais uma. Narciso soltou um grunhido, o que de fato o deixou um pouco menos bonito. Enquanto isso, Leo

sorria radiante, erguia as sobrancelhas por cima dos óculos e abria os braços, pedindo aplausos.

— Isso mesmo! — disse ele. — Time Leo arrasa!

— Time Leo arrasa! — gritou Eco.

Ela havia se misturado às ninfas, e por ser tão difícil de ver, elas pareceram pensar que a voz vinha de uma delas.

— Ah, meu deus, eu sou tão incrível! — berrou Leo.

— Tão incrível! — gritou Eco de volta.

— Ele é engraçado — aventurou-se uma ninfa.

— E gatinho, de um jeito meio magricela — disse outra.

— Magricela? — perguntou Leo. — Gata, eu inventei o estilo magricela. Magricela é o novo *gostoso para dedéu*. Em termos de magricela, eu sou o maioral. Narciso? Ele é tão perdedor que nem o Mundo Inferior quis saber dele. Nem as fantasmas quiseram sair com ele.

— Eca — disse uma ninfa.

— Eca! — concordou Eco.

— Pare! — Narciso se levantou. — Isso não está certo! Esta pessoa certamente não é incrível, portanto deve estar... — Ele tentava encontrar as palavras certas. Provavelmente fazia muito tempo desde que falara sobre qualquer coisa que não fosse si próprio. — Deve estar nos enganando.

Ao que parecia, Narciso não era um completo idiota. A compreensão transpareceu em seu rosto, e aí ele voltou-se para o lago.

— O espelho de bronze se foi! Meu reflexo! Me devolva!

— Viva o time Leo! — gritou uma das ninfas. As outras, porém, voltaram a atenção para Narciso.

— *Eu* sou o belo! — insistiu Narciso. — Ele roubou meu espelho, e eu vou embora, a menos que o peguemos de volta!

As ninfas se assustaram. Uma delas apontou.

— Ali!

Hazel estava no topo da cratera, carregando uma grande folha de bronze e correndo o mais rápido que podia.

— Devolva isso! — gritou uma ninfa.

Provavelmente contra a própria vontade, Eco murmurou:

— Devolva isso.

— Sim! — Narciso tirou o arco do ombro e pegou uma flecha da aljava empoeirada. — A primeira que pegar aquele bronze vai ser minha segunda preferida, só depois de mim mesmo. Talvez até dê um beijo em quem pegar o espelho, depois de beijar meu reflexo!

— Ah, meus deuses! — gritaram as ninfas.

— E matem esses semideuses! — acrescentou Narciso, fuzilando Leo com aqueles olhos incríveis. — Eles *não* são tão legais quanto eu!

*

Leo conseguia correr bem rápido quando alguém estava tentando matá-lo. Infelizmente, ele tivera muita prática.

Logo alcançou Hazel, o que foi fácil, visto que ela carregava mais de vinte quilos de bronze celestial. Ele pegou um dos lados da folha de metal e olhou para trás. Narciso encaixava uma flecha, mas era tão velha que quebrou e virou lascas.

— Ai! — gritou ele, de forma totalmente encantadora. — Minhas unhas!

Em geral ninfas são rápidas — pelo menos as do Acampamento Meio-Sangue eram — mas aquelas estavam sobrecarregadas com pôsteres, camisetas e outros produtos Narciso®. As ninfas também não eram muito boas em trabalho de equipe. Elas faziam as outras tropeçarem, em um empurra-empurra desajeitado. Eco piorava ainda mais as coisas ao correr entre elas, tropeçando e derrubando tantas quantas podia.

Apesar de tudo, as ninfas se aproximavam rapidamente.

— Chame Arion! — exclamou Leo, sem fôlego.

— Já chamei! — disse Hazel.

Eles correram para a praia. Ao chegarem à beira da água, conseguiam ver o *Argo II*, mas não havia como chegar lá. Era longe demais para nadar, mesmo que estivessem sem o bronze.

Leo virou-se. A multidão já chegava às dunas, com Narciso à frente, segurando o arco como uma batuta. As ninfas haviam conjurado muitas armas diferentes. Umas tinham pedras nas mãos; outras, bastões de madeira enfeitados com flores. Algumas das ninfas da água estavam com pistolas de água — o que não parecia tão aterrorizador — e lançavam olhares assassinos para os dois.

— Ah, cara — murmurou Leo, evocando o fogo com a mão livre. — Lutar não é o meu forte.

— Segure o bronze celestial. — Hazel sacou a espada. — Fique atrás de mim!

— Fique atrás de mim! — Eco repetiu.

A garota camuflada agora corria à frente da multidão. Ela parou diante de Leo e virou-se, abrindo os braços como se quisesse servir como escudo.

— Eco? — Leo mal podia falar com o nó que sentia na garganta. — Você é uma ninfa muito corajosa.

— Ninfa muito corajosa?

Seu tom era questionador.

— Estou orgulhoso de ter você no time Leo — disse ele. — Se sairmos daqui vivos, você deveria esquecer Narciso.

— Esquecer Narciso? — repetiu ela, hesitante.

— Você é boa demais para ele.

As ninfas os cercaram em um semicírculo.

— Trapaça! — disse Narciso. — Eles não me amam, garotas! Nós todos me amamos, não amamos?

— Sim! — gritaram as ninfas.

Uma, que usava um vestido amarelo, ficou confusa e gritou, com a voz aguda: — Time Leo!

— Matem todos eles! — ordenou Narciso.

As ninfas avançaram, mas houve uma grande explosão de areia diante delas. Arion surgiu galopando do nada, circulando a multidão com tamanha velocidade que criou uma tempestade de areia, lançando sobre as ninfas os grãos brancos que atingiram seus olhos.

— Eu amo esse cavalo! — disse Leo.

As ninfas desabaram, tossindo e engasgando. Narciso tropeçava às cegas de um lado para o outro, brandindo o arco como se estivesse tentando acertar uma *piñata*.

Hazel subiu na cela, ergueu o bronze e estendeu a mão a Leo.

— Não podemos deixar Eco! — disse Leo.

— Deixar Eco — repetiu a ninfa.

Ela sorriu, e pela primeira vez Leo pôde ver seu rosto com clareza. Ela era mesmo bonita. Os olhos eram mais azuis do que ele havia pensado. Como ele não havia percebido como eram bonitos?

— Por quê? — perguntou Leo. — Você não acha que ainda pode salvar Narciso...

— Salvar Narciso — disse ela, confiante.

Embora fosse apenas um eco, Leo conseguiu ver que ela estava sendo sincera. Fora presenteada com uma segunda chance na vida e estava determinada a usá-la para salvar o cara que amava... mesmo que ele fosse um completo idiota imprestável (embora bem bonito).

Leo queria protestar, mas Eco inclinou-se e lhe deu um beijo no rosto, então o empurrou delicadamente.

— Leo, vamos! — chamou Hazel.

As outras ninfas começavam a se recuperar. Limpavam os olhos, que agora reluziam verdes de raiva. Leo tornou a procurar Eco, mas a garota havia sumido

na confusão.

— É — disse ele, a garganta seca. — É, está bem.

Ele montou atrás de Hazel. Arion disparou pela água, com as ninfas gritando atrás deles e Narciso berrando: — Me tragam de volta! Me tragam de volta!

Enquanto Arion corria na direção do *Argo II*, Leo lembrou-se do que Nêmesis dissera sobre Eco e Narciso: *Talvez eles tenham uma lição para ensinar a você.*

Leo havia pensado que ela se referia a Narciso, mas agora se perguntava se a verdadeira lição para ele não teria vindo de Eco — invisível a seus iguais, condenada a amar alguém que não ligava para ela. *Uma sétima vela.* Ele tentou afastar aquele pensamento e agarrou-se à folha de bronze como se fosse um escudo.

Estava determinado a nunca esquecer o rosto de Eco. Ela merecia que pelo menos uma pessoa a visse e soubesse o quanto era preciosa. Leo fechou os olhos, mas a lembrança do sorriso dela já estava se desvanecendo.

IX

PIPER

PIPER NÃO QUERIA recorrer à adaga.

Mas, sentada na cabine de Jason, esperando que ele acordasse, ela se sentia só e impotente.

O rosto de Jason estava tão pálido que ele até parecia morto. Ela lembrou-se do ruído horrível do tijolo atingindo a testa dele — um ferimento que acontecera apenas porque ele tinha tentado protegê-la dos romanos.

Mesmo com o néctar e a ambrosia que tinham conseguido forçá-lo a ingerir, Piper não tinha certeza de que ele estaria bem quando acordasse. E se ele perdesse a memória de novo — mas desta vez se esquecesse *dela*?

Seria a pior coisa que os deuses fizeram com ela, e eles já haviam feito coisas bem ruins.

Ela ouviu Gleeson Hedge na cabine ao lado, assoviando uma marcha militar — “Stars and Stripes Forever”, talvez? Como a tevê via satélite não funcionava, o sátiro provavelmente estava sentado na sua cama do beliche relendo exemplares antigos da revista *Guns & Ammo*. Ele não era um acompanhante tão ruim assim, mas com certeza era o bode velho mais bélico que Piper já conhecera.

É claro que ela se sentia grata ao sátiro. Ele havia ajudado seu pai, o ator Tristan McLean, a se recuperar depois de ter sido sequestrado por gigantes no inverno passado. Algumas semanas antes, Hedge havia pedido à namorada, Mellie, que assumisse o comando da casa dos McLean para que pudesse ajudar na missão atual.

O treinador Hedge tentara fazer parecer que o retorno ao Acampamento Meio-Sangue tinha sido ideia dele, mas Piper desconfiava que havia algo mais por trás disso. Nas últimas semanas, sempre que Piper ligava para casa, seu pai e Mellie

lhe perguntavam o que havia de errado. Talvez alguma coisa em sua voz a denunciasse.

Piper não podia partilhar as visões que tivera. Eram perturbadoras demais. Além disso, seu pai havia tomado uma poção que apagara todos os segredos de Piper sobre semideuses da memória. Mas ele ainda percebia quando ela estava aborrecida, e Piper tinha certeza de que o pai havia incentivado o treinador a cuidar dela.

Ela não devia sacar a adaga. Só faria com que se sentisse pior.

Por fim, a tentação foi demais, e ela desembainhou Katoptris. A adaga não parecia nem um pouco especial, apenas uma lâmina triangular com um punho simples, mas pertencera a Helena de Troia. Seu nome significava “espelho”.

Piper olhou para a lâmina de bronze. A princípio, viu apenas seu reflexo. Então a luz no metal ondulou e ela viu uma multidão de semideuses romanos reunidos no fórum. O garoto louro com cara de espantalho, Octavian, falava com a multidão, brandindo o punho. Piper não podia ouvi-lo, mas o significado era óbvio: *Temos que matar aqueles gregos!*

Reyna, a pretora, mantinha-se afastada, o rosto tenso com emoção reprimida. Amargura? Raiva? Piper não tinha certeza.

Ela estava preparada para odiar Reyna, mas não conseguia. Durante o banquete no fórum, Piper admirara a maneira como Reyna controlava seus sentimentos.

Reyna havia compreendido o relacionamento de Piper e Jason imediatamente. Como filha de Afrodite, Piper percebia esse tipo de coisa. No entanto, Reyna se mantivera educada e controlada. Ela havia colocado as necessidades do acampamento acima de seus sentimentos. Dera aos gregos uma chance... até o *Argo II* começar a destruir sua cidade.

Ela havia quase feito Piper se sentir culpada por ser a namorada de Jason, apesar de isso ser uma tolice. Jason nem chegara a ser namorado de Reyna, não de verdade.

Talvez Reyna não fosse tão ruim, mas agora não importava mais. Eles haviam arruinado a chance de paz. O poder de persuasão de Piper, daquela vez, não servira para nada.

Seu medo secreto? Talvez ela não tivesse se esforçado o bastante. Piper nunca quis fazer amizade com os romanos. Tivera muito medo de perder Jason para a vida antiga. Talvez, inconscientemente, não tivesse colocado o máximo de seu poder nas palavras.

Agora Jason estava ferido. O navio quase fora destruído. E, segundo sua adaga, aquele garoto louco e estrangulador de ursinhos de pelúcia, Octavian, estava envolvendo os romanos em um frenesi de guerra.

A cena na lâmina mudou. Houve uma série rápida de imagens que ela já vira antes, mas que ainda não entendia: Jason lançando-se em uma batalha montado em seu cavalo, os olhos dourados em vez de azuis; uma mulher vestindo um vestido sulista antiquado, em um parque com palmeiras à beira-mar; um touro com o rosto de um homem barbudo, saindo de um rio; e dois gigantes de togas amarelas idênticas, puxando uma corda em um sistema de polias, tirando um grande vaso de bronze de um poço.

Então veio a pior visão: ela com Jason e Percy, mergulhada até a cintura na água no fundo de uma câmara circular escura, como um poço gigante. Formas fantasmagóricas moviam-se pela água, que subia rapidamente. Piper arranhava as paredes, tentando escapar, mas não havia para onde ir. A água chegou à altura do peito. Jason foi puxado e submergiu. Percy tropeçou e desapareceu.

Como um filho do deus do mar podia se afogar? Piper não sabia, mas na visão ela ficou sozinha, debatendo-se na escuridão, até que a água subiu e cobriu sua cabeça.

Piper fechou os olhos. *Não me mostre isso de novo*, implorou. *Mostre algo útil*.

Ela se forçou a olhar mais uma vez para a lâmina.

Então viu uma rodovia que atravessava campos de trigo e girassóis. Uma placa de quilometragem dizia: TOPEKA 51. No acostamento da estrada havia um homem de bermuda cáqui e camiseta de acampamento roxa. Seu rosto estava escondido sob um amplo chapéu, a borda envolta por videiras folhosas. Ele ergueu uma taça de prata e fez sinal para que Piper se aproximasse. Por alguma razão ela sabia que ele estava lhe oferecendo um tipo de presente: uma cura ou um antídoto.

— Ei — disse Jason, com a voz áspera.

Piper levou um susto tão grande que deixou a adaga cair.

— Você acordou!

— Não pareça tão surpresa. — Jason tocou a testa coberta com ataduras e franziu as sobrancelhas. — O que... o que aconteceu? Eu me lembro das explosões e...

— Você lembra quem sou eu?

Jason tentou rir, mas o riso acabou se transformando em uma careta de dor.

— Da última vez que verifiquei, você era minha incrível namorada, Piper. A menos que algo tenha mudado enquanto eu estava desmaiado.

Piper estava tão aliviada que quase chorou. Ela ajudou o namorado a se sentar e lhe deu um pouco de néctar enquanto o punha a par dos últimos acontecimentos. Estava justamente explicando o plano de Leo para consertar o navio quando ouviu um cavalo trotando pelo convés acima deles.

Um pouco depois, Leo e Hazel surgiram, apressados, no vão da porta, carregando uma grande folha de bronze martelado.

— Pelos deuses do Olimpo. — Piper olhou para Leo. — O que aconteceu com você?

Ele estava com o cabelo penteado para trás com gel, um par de óculos de solda na testa, uma marca de batom na bochecha, tatuagens nos braços e uma camiseta que dizia IRADO, BAD BOY e TIME LEO.

— É uma longa história — disse ele. — Os outros voltaram?

— Ainda não — respondeu Piper.

Leo soltou um palavrão. Então notou que Jason estava sentado, e seu rosto se iluminou.

— Ei, cara! Que bom que você está melhor. Vou para a sala de máquinas.

Ele saiu correndo com a folha de bronze, deixando Hazel parada no lugar.

Piper ergueu uma sobrancelha para ela.

— *Time Leo?*

— Encontramos Narciso — disse Hazel, o que na verdade não explicou muita coisa. — E também Nêmesis, a deusa da vingança.

Jason suspirou.

— Eu sempre perco toda a diversão.

No convés acima deles, um ruído surdo soou, como se uma criatura pesada houvesse pousado ali. Annabeth e Percy vieram em disparada pelo corredor, ele carregando um balde de plástico de vinte litros fumegante que exalava um cheiro horrível e ela com o cabelo sujo por uma substância preta, que também cobria a camisa de Percy.

— Alcatrão de telhado? — chutou Piper.

Frank surgiu aos tropeços atrás deles, e o corredor de semideuses ficou lotado. Frank também tinha uma grande mancha preta no rosto.

— Encontramos alguns monstros de alcatrão — contou Annabeth. — Ei, Jason, que bom que você está acordado. Hazel, onde está Leo?

Ela apontou para baixo.

— Na sala de máquinas.

De repente, o navio inteiro inclinou-se para bombordo. Os semideuses cambalearam e Percy quase derramou o balde de alcatrão.

— Hã, o que foi isso? — perguntou ele.

— Ah... — Hazel parecia constrangida. — Acho que enfurecemos as ninfas que vivem neste lago. Tipo... *todas* elas.

— Ótimo. — Percy entregou o balde de alcatrão a Frank e Annabeth. — Vocês dois ajudem Leo. Vou acalmar os espíritos aquáticos o máximo que puder.

— É para já! — prometeu Frank.

Os três saíram apressados, deixando Hazel na porta da cabine. O navio inclinou-se de novo, e Hazel abraçou a própria barriga como se estivesse prestes a vomitar.

— Eu vou...

Ela engoliu em seco, apontou debilmente para o fim do corredor e saiu correndo.

Jason e Piper permaneceram na cabine enquanto o navio balançava para a frente e para trás. Para uma heroína, Piper se sentia bastante inútil. As ondas estouravam no casco enquanto vozes furiosas vinham do convés: Percy gritava e o treinador Hedge berrava para o lago. Festus, a figura de proa, soprou fogo várias vezes. No final do corredor, Hazel gemia, infeliz, em sua cabine. Na sala de máquinas lá embaixo, Leo e os outros pareciam fazer uma dança irlandesa com bigornas amarradas aos pés. Depois do que pareceram horas, o motor começou a roncar. Os remos rangeram e gemeram, e Piper sentiu o navio erguer-se no ar.

O balanço cessou. O navio ficou silencioso, exceto pelo zumbido do maquinário. Finalmente Leo emergiu da sala de máquinas, coberto de suor, pó de cal e alcatrão. Sua camiseta parecia ter sido apanhada em uma escada rolante, rasgada e transformada em farrapos. O TIME LEO em seu peito agora dizia: ME LEO. Mas ele sorria como um louco e anunciou que estavam seguros e a caminho.

— Reunião no refeitório em uma hora — disse ele. — Que dia louco, hein?

*

Depois de todos se lavarem, o treinador Hedge assumiu o leme e os semideuses se reuniram sob o convés para o jantar. Era a primeira vez que se sentavam todos juntos — apenas os sete. Talvez a presença deles devesse ter tranquilizado Piper, mas ver todos no mesmo lugar só a fez lembrar que a Profecia dos Sete estava finalmente se tornando realidade. Nada mais de esperar que Leo terminasse o navio. Não mais de dias despreocupados no Acampamento Meio-Sangue, fingindo que o futuro era ainda algo muito distante. Estavam a caminho, com um bando de romanos furiosos atrás deles e as terras antigas à frente. Os gigantes estariam à espera. Gaia despertava. E, a menos que tivessem êxito nessa missão, o mundo seria destruído.

Os outros também deviam sentir o mesmo. A tensão no refeitório era como uma tempestade elétrica se formando, o que era totalmente possível, considerando-se os poderes de Percy e de Jason. Em um momento de

constrangimento, os dois tentaram sentar-se na mesma cadeira à cabeceira da mesa. Faíscas literalmente voaram das mãos de Jason. Depois de um breve impasse silencioso, como se ambos estivessem pensando *Fala sério, cara?*, eles cederam a cadeira para Annabeth e sentaram-se em lados opostos da mesa.

A tripulação comparou impressões sobre o que havia acontecido em Salt Lake City, mas até mesmo a ridícula história de Leo sobre como enganara Narciso não foi suficiente para alegrar o grupo.

— E agora, para onde vamos? — perguntou Leo com a boca cheia de pizza. — Fiz um conserto rápido para podermos sair do lago, mas o navio ainda está muito danificado. Precisamos pousar de novo e fazer um conserto completo antes de cruzarmos o Atlântico.

Percy estava comendo um pedaço de torta, que, por alguma razão, era completamente azul: recheio, massa e até o chantili.

— Precisamos nos afastar um pouco do Acampamento Júpiter — falou ele. — Frank avistou algumas águias em Salt Lake City. Achamos que os romanos não estão muito longe.

Isso não melhorou o humor do grupo. Piper não queria dizer nada, mas se sentia obrigada... e um pouco culpada.

— Será que não devíamos voltar e tentar argumentar com os romanos? Talvez... talvez eu não tenha me esforçado o bastante com o charme.

Jason pegou sua mão.

— Não foi culpa sua, Pipes. Nem de Leo — acrescentou rapidamente. — O que aconteceu foi coisa de Gaia, para afastar os dois acampamentos.

Piper sentiu-se grata pelo apoio, mas ainda estava preocupada.

— Talvez se pudéssemos explicar...

— Sem provas? — perguntou Annabeth. — E sem a menor ideia do que aconteceu de verdade? Entendo o que está dizendo, Piper. Não quero os romanos furiosos com a gente, mas, até descobrirmos as intenções de Gaia, voltar lá é suicídio.

— Ela está certa — afirmou Hazel. Ainda parecia um pouco enjoada com o movimento do barco, mas tentava comer alguns biscoitos água e sal. A borda do prato estava incrustada de rubis, e Piper tinha quase certeza de que não estava assim no início da refeição. — Reyna talvez ouça, mas Octavian, não. Os romanos precisam defender sua honra. Foram atacados. Vão atirar primeiro e fazer perguntas *posthac*.

Piper olhou para o jantar. Os pratos mágicos podiam fazer aparecer uma grande variedade de comida vegetariana. Ela gostava principalmente do abacate com *quesadilla* de pimentão grelhado, mas naquela noite não sentia muita fome.

Ela pensou nas visões que tivera na lâmina: Jason com olhos dourados; o

touro com a cabeça humana; os dois gigantes de toga amarela erguendo o jarro de bronze de um poço. E o pior: lembrou-se de si mesma se afogando na água escura.

Piper sempre gostara de água e tinha boas lembranças de ocasiões em que tinha ido surfar com o pai, mas desde que começara a ver aquela imagem na Katoptris, vinha pensando mais e mais em uma velha história Cherokee que seu avô costumava contar para mantê-la longe do rio perto da cabana. Ele lhe dizia que os Cherokees acreditavam em espíritos aquáticos do bem, como as náíades dos gregos; mas também acreditavam em espíritos malignos, os canibais aquáticos, que caçavam mortais com flechas invisíveis e gostavam principalmente de afogar criancinhas.

— Tem razão — decidiu ela. — Temos que continuar. E não só por causa dos romanos. Precisamos nos apressar.

Hazel assentiu.

— Nêmesis disse que só temos seis dias antes que Nico morra e Roma seja destruída.

Jason franziu a testa.

— Você se refere a Roma *Roma*, não a Nova Roma?

— Acho que sim — respondeu Hazel. — Mas, se é assim, não temos muito tempo.

— Por que seis dias? — perguntou-se Percy. — E como vão destruir Roma?

Ninguém respondeu. Piper não queria dar mais notícias ruins, mas achava que era necessário.

— Tem mais — disse ela. — Tenho visto algumas coisas em minha adaga.

O garoto grandão, Frank, parou a mão com uma garfada de espaguete a meio caminho da boca.

— Coisas tipo...?

— Elas não fazem muito sentido — falou Piper. — São só imagens confusas, mas vi dois gigantes, com roupas iguais. Talvez sejam gêmeos.

Annabeth olhou para o vídeo mágico do Acampamento Meio-Sangue na parede. Naquele momento ele mostrava a sala de estar da Casa Grande: havia um fogo aconchegante na lareira e Seymour, a cabeça de leopardo empalhada, roncava, satisfeito, acima do consolo da lareira.

— Gêmeos, como na profecia de Ella — disse Annabeth. — Se decifrássemos aqueles versos, talvez isso ajudasse.

— *A filha da sabedoria caminha solitária* — recitou Percy. — *A Marca de Atena por toda a Roma é incendiária.* Annabeth, essa tem que ser você. Juno me disse... bem, ela disse que você tinha uma tarefa muito difícil a sua frente em Roma. Disse que duvidava que você conseguisse. Mas sei que ela está errada.

Annabeth respirou fundo.

— Reyna estava prestes a me dizer algo quando o navio disparou contra a gente. Ela disse que havia uma antiga lenda entre os pretores romanos... alguma coisa a ver com Atena. Disse que talvez fosse essa a razão de gregos e romanos nunca terem se dado bem.

Leo e Hazel trocaram olhares nervosos.

— Nêmesis mencionou algo parecido — contou ele. — Falou sobre uma velha disputa que precisava ser resolvida...

— A única coisa que pode trazer harmonia às duas naturezas dos deuses — lembrou Hazel. — “Um erro antigo finalmente vingado.”

Percy desenhou um rosto carrancudo no chantili azul.

— Fui pretor por apenas duas horas. Jason, você já ouviu alguma lenda assim? Jason ainda segurava a mão de Piper. Seus dedos estavam pegajosos de suor.

— Eu... hã, não tenho certeza — disse ele. — Vou pensar um pouco.

Percy estreitou os olhos.

— Você não tem *certeza*?

Jason não respondeu. Piper queria lhe perguntar qual era o problema, dava para ver que ele não queria discutir a velha lenda. Seus olhares se encontraram, e ele implorou silenciosamente que conversassem depois.

Hazel rompeu o silêncio.

— E quanto aos outros versos? — Ela virou o prato incrustado de rubis. — *Gêmeos ceifaram do anjo a vida / Que detém a chave para a morte infinita.*

— *A ruína dos gigantes se apresenta dourada e pálida* — acrescentou Frank —, *Conquistada por meio da dor de uma prisão tecida.*

— Ruína dos gigantes — disse Leo. — Qualquer coisa que seja uma ruína para os gigantes é bom para nós, certo? Provavelmente é isso que precisamos descobrir. Se puder ajudar os deuses a resolverem seu problema de esquizofrenia, está bom.

Percy assentiu.

— Não podemos matar os gigantes sem a ajuda dos deuses.

Jason voltou-se para Frank e Hazel.

— Achei que vocês tinham matado aquele gigante no Alasca sem a ajuda de um deus, só vocês dois.

— Alcioneu foi um caso especial — explicou Frank. — Ele só era imortal no território onde havia renascido, o Alasca. Mas não no Canadá. Queria poder matar *todos* os gigantes arrastando-os até o outro lado da fronteira do Alasca com o Canadá, mas... — Ele deu de ombros. — Percy está certo: vamos precisar dos deuses.

Piper olhou para as paredes. Ela queria que Leo não as tivesse encantado com

imagens do Acampamento Meio-Sangue. Era como um portal para o lar que ela não podia atravessar. Ficou observando a lareira de Héstia queimando no meio do verde à medida que as cabanas iam desligando as luzes depois do toque de recolher.

Ela se perguntou o que os semideuses romanos, Frank e Hazel, sentiam em relação àquelas imagens. Eles nem nunca tinham ido ao Acampamento Meio-Sangue. Será que lhes parecia estranho, ou injusto, que o Acampamento Júpiter não estivesse representado? Será que as imagens os faziam sentir saudade das próprias casas?

Os outros versos da profecia giravam na mente de Piper. O que seria uma prisão tecida? Como gêmeos podiam ceifar a vida de um anjo? A chave para a morte infinita tampouco parecia muito otimista.

— Então... — Leo afastou a cadeira da mesa. — Acho melhor começarmos do início. Vamos pousar de manhã em algum lugar para terminar os reparos.

— Um lugar perto de uma cidade — sugeriu Annabeth — para o caso de precisarmos de suprimentos. Mas meio escondido, para que os romanos não nos encontrem facilmente. Alguma ideia?

Ninguém falou nada. Piper lembrou-se de sua visão na adaga: o estranho homem de roxo, segurando uma taça e gesticulando para que ela se aproximasse. Ele estava diante de uma placa que dizia T_{OPEKA} 51.

— Bem — sugeriu ela — o que acham do Kansas?

X

PIPER

PIPER TEVE DIFICULDADE EM ADORMECER.

O treinador Hedge passou a primeira hora depois que eles se recolheram para dormir cumprindo sua obrigação noturna, andando por todo o corredor e berrando:

— Apaguem as luzes! Vão deitar! Tentem escapular das cabines e mando vocês de volta para Long Island só com uma bofetada!

Ele batia o bastão de beisebol na porta de uma cabine sempre que ouvia um barulho, gritando para que todos fossem dormir, o que tornava impossível dormir. Piper imaginava que o sátiro não se divertia tanto assim desde que se passara por professor de educação física na Escola da Vida Selvagem.

Piper ficou olhando para as vigas de bronze no teto. Sua cabine era bastante aconchegante; Leo havia programado os cômodos para se ajustarem automaticamente à temperatura preferida do ocupante, de modo que nunca ficasse nem frio nem quente demais. O colchão e as almofadas eram estofados com penugem de pégaso (nenhum pégaso fora maltratado durante a fabricação daqueles produtos, Leo assegurou), portanto eram superconfortáveis. Uma luminária de bronze pendia do teto, brilhando com a claridade que Piper desejasse. Havia minúsculos furos nas laterais da luminária, e assim, à noite, constelações cintilantes flutuavam pelas paredes.

Eram tantas preocupações na cabeça de Piper que ela pensou que nunca conseguiria dormir, mas havia algo de tranquilizador no balanço do barco e no zumbido dos remos aéreos à medida que deslizavam pelo céu.

Finalmente suas pálpebras pesaram, e ela mergulhou no sono.

Parecia que poucos segundos haviam passado antes que ela acordasse com o sino do café da manhã.

— Ei, Piper! — Leo bateu em sua porta. — Estamos pousando!

— Pousando?

Ela sentou-se, grogue. Leo abriu a porta e enfiou a cabeça na cabine, os olhos cobertos com as mãos — o que teria sido um gesto educado se ele não estivesse espiando entre os dedos.

— Você está vestida?

— Leo!

— Desculpe. — Ele sorriu. — Ei, gostei do pijama dos Power Rangers.

— Não são os Power Rangers! São águias Cherokee!

— Ah, certo. Bem, seja como for, estamos pousando a alguns quilômetros de Topeka, como pedido. E, hã... — Ele olhou para um lado e para o outro do corredor, então inclinou-se de novo para dentro da cabine. — Obrigado por não me odiar por quase explodir os romanos ontem.

Piper esfregou os olhos. O banquete em Nova Roma fora mesmo ontem?

— Está tudo bem, Leo. Você não estava controlando seu corpo.

— Sim, mas ainda assim... você não tinha a obrigação de me defender.

— Está brincando? Você é o irmãozinho irritante que eu nunca tive. É claro que vou defender você.

— Hã... obrigado?

“Lá está ela! Kansas à vista!”, gritou o treinador Hedge lá de cima.

— Santo Hefesto — murmurou Leo. — Ele precisa melhorar seu dialeto de pirata. É melhor eu subir para o convés.

Depois de tomar um banho, mudar de roupa e pegar um bagel no refeitório, Piper ouviu o trem de pouso do navio sendo baixado. Então subiu para o convés e juntou-se aos outros enquanto o *Argo II* pousava no meio de um campo de girassóis. Os remos se recolheram. A prancha de desembarque foi baixada.

O ar matinal tinha cheiro de água, plantas frescas e terra adubada. Não era um cheiro ruim. Fazia Piper lembrar-se da casa do avô Tom na reserva, em Tahlequah, Oklahoma.

Percy foi o primeiro a perceber que ela havia subido. Ele a recebeu com um sorriso, o que, por alguma razão, a surpreendeu. Vestia jeans desbotado e uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue nova, como se nunca tivesse saído do lado grego. As roupas novas provavelmente haviam melhorado seu humor — assim como, é claro, o fato de estar de pé junto à amurada com um braço em torno de Annabeth.

Piper ficou feliz em ver Annabeth com um brilho nos olhos, porque nunca tinha tido melhor amiga que ela. Durante meses, Annabeth se atormentara, dedicando cada segundo de seus dias à busca por Percy. Agora, a despeito da perigosa missão que tinham à frente, pelo menos tinha o namorado de volta.

— Bem! — Annabeth tomou o bagel da mão de Piper e deu uma mordida, mas isso não a aborreceu. No acampamento, elas faziam aquela brincadeira de roubar o café da manhã uma da outra. — Aqui estamos. Qual é o plano?

— Quero verificar a estrada — falou Piper. — Encontrar a placa que diz Topeka 51.

Leo girou o controle do Wii, descrevendo um círculo, e as velas baixaram.

— Não devemos estar longe — disse ele. — Festus e eu calculamos o pouso da melhor forma possível. O que você espera encontrar na placa de quilometragem?

Piper explicou o que tinha visto na adaga: o homem de roxo com uma taça. Manteve, porém, as outras imagens em segredo, como a visão de Percy, Jason e ela se afogando. De qualquer forma, não sabia o que significava; e todos pareciam tão mais animados naquela manhã que ela não queria estragar tudo.

— Camisa roxa? — perguntou Jason. — Videiras no chapéu? Parece Baco.

— Dioniso — murmurou Percy. — Se viemos até aqui no Kansas só para ver o sr. D...

— Baco não é tão ruim assim — afirmou Jason. — Não gosto muito das seguidoras dele...

Piper estremeceu. Jason, Leo e ela haviam tido um encontro com as mônades alguns meses antes e quase foram esfaqueados.

— Mas o cara mesmo é tranquilo — continuou Jason. — Uma vez fiz um favor a ele na região do vinho.

Percy pareceu perplexo.

— Que seja, cara. Talvez ele seja melhor no lado romano. Mas o que ele estaria fazendo no Kansas? Zeus não ordenou aos deuses que cortassem qualquer contato com os mortais?

Frank grunhiu. O grandalhão usava um agasalho azul naquela manhã, como se estivesse prestes a sair para uma corrida em um campo de girassóis.

— Os deuses não têm se saído nada bem no cumprimento *dessa* ordem — observou ele. — Além disso, se os deuses ficaram esquizofrênicos, como Hazel disse...

— E *Leo* disse — acrescentou Leo.

Frank o olhou meio carrancudo.

— Então quem sabe o que está acontecendo com os olímpianos? A situação pode estar muito ruim por lá.

— Parece perigoso! — concordou Leo alegremente. — Bem... vocês se divirtam. Eu tenho que terminar os reparos no casco. O treinador Hedge vai tentar consertar as bestas quebradas. E, hã, Annabeth... seria bom contar com sua ajuda. Você é a única outra pessoa que entende pelo menos um pouco de

engenharia.

Annabeth dirigiu um olhar de desculpas a Percy.

— Ele tem razão. É melhor eu ficar e ajudar.

— Vou voltar para você. — Ele deu um beijo no rosto dela. — Prometo.

Eles ficavam tão fofos juntos que o coração de Piper chegava a doer.

Jason era maravilhoso, é claro. Mas às vezes ele agia de forma muito distante, como na noite anterior, quando se mostrara relutante em falar sobre a velha lenda romana. Com frequência ele parecia estar pensando na antiga vida no Acampamento Júpiter. Piper se perguntava se algum dia conseguiria romper aquela barreira.

Viajar até o Acampamento Júpiter e ver Reyna pessoalmente não ajudaram em nada. Tampouco o fato de que naquele dia Jason escolheu usar uma camisa roxa — a cor dos romanos.

Frank tirou o arco do ombro e o apoiou na amurada.

— Acho que eu devia me transformar em corvo ou algo assim e voar por aí, ver se encontro alguma águia romana.

— Por que um corvo? — perguntou Leo. — Cara, se você pode se transformar em um dragão, por que não se transforma sempre em dragão? É muito mais maneiro.

O rosto de Frank pareceu receber uma injeção de suco de morango.

— É como perguntar a um levantador de peso por que ele não levanta seu peso máximo todas as vezes que treina. Porque é difícil, e ele acabaria se machucando. Não é fácil me transformar em um dragão.

— Ah. — Leo assentiu com a cabeça. — Eu não sabia. Não levanto pesos.

— Certo. Bem, talvez pudesse pensar nisso, seu...

Hazel interveio.

— Eu vou ajudar você, Frank — disse ela, fazendo cara feia para Leo. — Posso chamar Arion e fazer uma busca por terra.

— Claro — concordou Frank, ainda fuzilando Leo com o olhar. — Sim, obrigado.

Piper se perguntou o que estaria se passando entre aqueles três. Os garotos se exibindo para Hazel e provocando um ao outro — isso ela entendia. Mas quase parecia que Hazel e Leo tinham uma história. Até onde Piper sabia, eles haviam se conhecido no dia anterior. Ela se perguntou se algo mais havia acontecido aos dois no Great Salt Lake — algo que não haviam mencionado.

Hazel virou-se para Percy.

— Tenha cuidado por aí. Muitos campos, muitas plantações. Pode haver *karpoi* à solta.

— *Karpoi*? — perguntou Piper.

— Espíritos dos grãos — explicou Hazel. — Você não vai querer conhecê-los.

Piper não imaginava como um espírito de grãos poderia ser tão ruim, mas o tom de Hazel a convenceu a não fazer perguntas.

— Então restam três de nós para verificar a placa de quilometragem — disse Percy. — Eu, Jason e Piper. Não estou superanimado para ver o sr. D novamente. Aquele cara é um saco. Mas, Jason, se você tem um relacionamento melhor com ele...

— Certo — disse Jason. — Se o encontrarmos, eu falo com ele. Piper, a visão é sua. Você deve liderar.

Piper estremeceu. Ela vira os três se afogando em um poço escuro. Será que aquilo ia acontecer no Kansas? Não era o que parecia, mas ela não tinha certeza.

— É claro — concordou ela, tentando soar animada. — Vamos encontrar a estrada.

*

Leo tinha dito que estavam perto. Sua ideia de “perto” precisava ser melhorada.

Depois de andarem quase um quilômetro por campos quentes, sendo picados por mosquitos e açoitados no rosto pelas folhas ásperas de girassóis, finalmente chegaram à estrada. Um antigo outdoor do Bubba’s Gas’n’Grub indicava que ainda estavam a sessenta e quatro quilômetros da primeira saída para Topeka.

— Podem me corrigir se eu estiver errado — disse Percy — mas isso não significa que temos uns treze quilômetros para andar?

Jason olhou para os dois lados da estrada deserta. Ele estava com uma aparência melhor, graças ao mágico poder de cura da ambrosia e do néctar. Sua cor voltara ao normal, e a cicatriz na testa havia quase desaparecido. O gládio novo dado por Hera no inverno pendia do cinto. A maioria dos caras pareceria bastante desajeitada andando por aí com uma bainha de espada presa ao jeans, mas em Jason isso parecia perfeitamente natural.

— Nada de carros... — disse ele. — Mas acho que não íamos querer pegar uma carona.

— Não — concordou Piper, olhando, nervosa, ao longo da estrada. — Já passamos tempo demais viajando por terra. O solo é território de Gaia.

— Humm... — Jason estalou os dedos. — Posso chamar um amigo para nos dar uma carona.

Percy ergueu as sobrancelhas.

— Ah, é? Eu também. Vamos ver qual amigo chega aqui primeiro.

Jason assoviou. Piper sabia o que ele estava fazendo, mas ele só tinha conseguido convocar Tempestade três vezes desde que haviam encontrado aquele espírito na Casa dos Lobos no inverno anterior. Hoje, o céu estava tão azul que Piper não via como aquilo podia funcionar.

Percy simplesmente fechou os olhos e se concentrou.

Piper ainda não o havia analisado de perto. Depois de tanto ouvir no Acampamento Meio-Sangue sobre Percy Jackson *isso* e Percy Jackson *aquilo*, não achou ele muito... bem, impressionante, principalmente comparado a Jason. Percy era mais magro, alguns centímetros mais baixo, com o cabelo bem mais escuro e ligeiramente mais comprido.

Não era bem o tipo de Piper. Se ela o tivesse visto em um shopping, provavelmente teria pensado que ele era um skatista: bonitinho de um jeito largado, meio rebelde, definitivamente um encenqueiro. Ela teria se mantido longe dele. Já tinha problemas suficientes na vida. Mas podia ver por que Annabeth gostava de Percy, e decididamente podia ver por que ele precisava dela em sua vida. Se alguém seria capaz de manter um cara como aquele sob controle, essa pessoa era Annabeth.

Um trovão retumbou no céu claro.

Jason sorriu.

— Está chegando.

— Tarde demais.

Percy apontou para o leste, de onde uma sombra alada se aproximava deles. A princípio, Piper pensou que devia ser Frank como corvo. Então se deu conta de que era grande demais para ser uma ave.

— Um pégaso negro? — perguntou ela. — Nunca vi um assim.

O garanhão alado aproximou-se e pousou. Em seguida trotou até Percy e cutucou seu rosto com o focinho, então voltou a cabeça inquisitivamente na direção de Piper e Jason.

— Blackjack — disse Percy — estes são Piper e Jason. São amigos.

O cavalo relinchou baixinho.

— Hã, talvez mais tarde — respondeu Percy.

Piper tinha ouvido dizer que Percy podia falar com cavalos, por ser filho de Poseidon, mas era a primeira vez que assistia à façanha ao vivo.

— O que Blackjack quer? — perguntou ela.

— *Donuts* — falou Percy. — Sempre *donuts*. Ele pode nos levar...

De repente o ar ficou frio e os ouvidos de Piper estalaram. A cerca de cinquenta metros de distância, um miniclone de uns dez metros de altura passou zunindo por entre os girassóis, como em uma cena de *O mágico de Oz*. Ele tocou o solo na estrada perto de Jason e assumiu a forma de um cavalo —

um corcel cinzento com relâmpagos tremeluzindo pelo corpo.

— Tempestade — falou Jason, com um sorriso largo. — Há quanto tempo, meu amigo.

O espírito da tempestade empinou e relinchou. Blackjack recuou, nervoso.

— Calma, garoto — disse Percy. — Ele também é amigo. — E dirigiu um olhar impressionado a Jason. — Gostei, Grace.

Jason deu de ombros.

— Fiz amizade com ele quando lutamos na Casa dos Lobos. É um espírito livre, literalmente, mas de vez em quando aceita me ajudar.

Percy e Jason subiram em seus respectivos cavalos. Piper nunca se sentira à vontade com Tempestade — galopar a toda em uma fera que podia se vaporizar a qualquer momento a deixava um pouco nervosa — mas assim mesmo aceitou a mão de Jason e subiu no cavalo.

Tempestade disparou pela estrada, com Blackjack voando acima. Felizmente não passaram por nenhum carro, ou poderiam ter causado um acidente. Em um piscar de olhos chegaram à placa de 51 quilômetros, que era idêntica à da visão de Piper.

Blackjack pousou. Ambos os cavalos bateram os cascos no asfalto. Nenhum dos dois parecia satisfeito por ter parado tão subitamente, justo quando haviam entrado no ritmo.

O pégaso de Percy relinchou.

— Você tem razão — falou o garoto. — Nenhum sinal do cara do vinho.

— Com licença? — disse uma voz vinda dos campos.

Tempestade virou-se tão rápido que Piper quase caiu.

O trigo se abriu e o homem de sua visão apareceu. Ele usava um chapéu de abas largas enfeitado com videiras, camiseta roxa, bermudas cáqui e sandálias Birkenstocks com meias brancas. Parecia ter uns trinta anos, a barriga era levemente protuberante — lembrava um universitário que não se deu conta de que a faculdade terminou.

— Por acaso alguém aqui acabou de me chamar de *o cara do vinho*? — perguntou ele, com uma voz arrastada e preguiçosa. — É Baco, por favor. Ou sr. Baco. Ou lorde Baco. Ou, às vezes, Ah-Meus-Deuses-Por-Favor-Não-Me-Mate, lorde Baco.

Percy instou Blackjack a avançar, embora o pégaso não parecesse feliz com isso.

— Você está diferente — falou Percy para o deus. — Mais magro. O cabelo está mais comprido. E a camisa não é tão chamativa.

O deus do vinho olhou-o, estreitando os olhos.

— De que raios você está falando? Quem são vocês, e onde está Ceres?

— Hã... que série?

— Acho que ele está falando de Ceres — disse Jason. — A deusa da agricultura. Você a chamaria de Deméter. — Ele fez um aceno de cabeça respeitoso para o deus. — Lorde Baco, lembra-se de mim? Eu o ajudei com o leopardo desaparecido em Sonoma.

Baco coçou o queixo com a barba por fazer.

— Ah... sim. John Green?

— Não, Jason Grace.

— Que seja — disse o deus. — Ceres mandou vocês, então?

— Não, lorde Baco — respondeu Jason. — Esperava encontrá-la aqui?

O deus bufou.

— Bem, não vim ao Kansas por causa das *festas*, né, meu garoto? Ceres me chamou aqui para um conselho de guerra. Com Gaia despertando, as plantações estão murchando. As secas estão se espalhando. Os *karpoi* estão revoltados. Nem minhas uvas estão seguras. Ceres queria uma frente unida na guerra das plantas.

— A guerra das plantas — falou Percy. — Vocês vão dar riflezinhos minúsculos para todas as uvinhas?

O deus estreitou os olhos.

— Já nos conhecemos?

— No Acampamento Meio-Sangue — disse Percy. — Eu o conheço como sr. D... Dioniso.

— Ai! — Baco se encolheu e pressionou as têmporas. Por um momento, sua imagem tremeluziu. Piper viu um homem diferente: mais gordo, atarracado, com uma camisa de estampa de leopardo bem mais chamativa. E então Baco voltou a ser Baco. — Pare com isso! — ordenou. — Pare de pensar em mim em grego!

Percy olhou para ele sem entender.

— Hã, mas...

— Você tem ideia do quanto é *difícil* me manter focado? Dores de cabeça lancinantes o tempo todo! Nunca sei o que estou fazendo ou aonde estou indo! Um mau humor constante!

— Isso parece bem normal para você — comentou Percy.

As narinas do deus se dilataram e uma das folhas de parreira em seu chapéu irrompeu em chamas.

— Se nos conhecemos daquele *outro* acampamento, é de se estranhar que eu ainda não tenha transformado você em um golfinho.

— Essa possibilidade já foi levantada — garantiu Percy. — Acho que você só ficou com preguiça de colocar em prática.

Piper estivera observando a cena com uma fascinação horrorizada, da maneira

como observaria um acidente de automóvel em progresso. Agora ela se dava conta de que Percy *não* estava tornando as coisas mais fáceis, e Annabeth não estava ali para contê-lo. Piper concluiu que a amiga jamais a perdoaria se ela voltasse com Percy transformado em um mamífero marinho.

— Lorde Baco! — interrompeu ela, descendo de Tempestade.

— Piper, cuidado — alertou Jason.

Ela lhe dirigiu um olhar de advertência que dizia: *Deixa comigo*.

— Desculpe incomodá-lo, meu lorde — disse ela — mas, na verdade, viemos aqui em busca do seu conselho. Por favor, precisamos de sua sabedoria.

Ela usou o tom mais agradável possível, instilando respeito no charme de sua voz.

O deus franziu a testa, mas pelo menos o brilho arroxeadado desapareceu de seus olhos.

— Você fala bem, garota. Conselho, é? Muito bem. Eu evitaria caraoquês. Na verdade, as festas temáticas em geral já estão ultrapassadas. Nestes tempos austeros, as pessoas estão em busca de eventos simples e sem ostentação, com comidinhas orgânicas de produção local e...

— Não é sobre festas — interrompeu Piper. — Embora tenham sido conselhos incrivelmente úteis, lorde Baco. Esperávamos que nos ajudasse em nossa missão.

Então explicou sobre o *Argo II* e a viagem para impedir os gigantes de acordar Gaia. Ela repetiu o que Nêmesis afirmara: que em seis dias Roma seria destruída. Descreveu a visão refletida em sua adaga, na qual Baco lhe oferecia uma taça de prata.

— Taça de prata?

O deus não pareceu muito entusiasmado. Ele pegou uma Pepsi diet no ar e abriu a lata.

— Você bebe Coca diet — disse Percy.

— Não sei do que está falando — respondeu Baco, ríspido. — Quanto à visão da taça, minha jovem, não tenho nada a lhe oferecer, a menos que você queira uma Pepsi. Júpiter me ordenou rigorosamente a não dar vinho a menores de idade. É uma chatice, mas o que se há de fazer. Quanto aos gigantes, eu os conheço bem. Lutei na primeira Guerra dos Gigantes, vocês sabem.

— Você luta? — perguntou Percy.

Piper desejou que ele não tivesse soado tão incrédulo.

O deus rangeu os dentes. Sua Pepsi diet se transformou em um cajado de um metro e meio envolto em hera e encimado por uma pinha.

— Um tirso! — exclamou Piper, torcendo para distrair o deus antes que ele acertasse Percy na cabeça. Já tinha visto armas como aquela nas mãos de ninfas

enlouquecidas, e não ficou muito animada ao vê-la de novo, mas tentou parecer impressionada. — Ah, que arma poderosa!

— De fato — concordou Baco. — Fico feliz que *alguém* no seu grupo seja inteligente. A pinha é um temível instrumento de destruição! Eu era um semideus na primeira Guerra dos Gigantes, sabe... O filho de Júpiter!

Jason encolheu-se. Provavelmente não se sentia nem um pouco feliz ao ser lembrado de que o Cara do Vinho era tecnicamente seu irmão mais velho.

Baco brandiu o cajado no ar, e sua barriga protuberante quase o fez perder o equilíbrio.

— Claro que isso foi muito antes de eu inventar o vinho e me tornar imortal. Lutei lado a lado com os deuses e outro semideus... Harry Cleese, acho.

— Héracles? — sugeriu Piper educadamente.

— Que seja — disse Baco. — De qualquer forma, matei o gigante Efialtes e seu irmão Oto. Eram bárbaros horríveis, aqueles dois. Pinha na cara deles!

Piper prendeu a respiração. De repente, várias ideias surgiram em sua cabeça: as visões na adaga, os versos da profecia que o grupo havia discutido na noite anterior. Era a mesma sensação de quando mergulhava com o pai e ele limpava o visor da máscara debaixo d'água. Subitamente, tudo ficou mais claro.

— Lorde Baco — falou ela, tentando controlar o nervosismo na voz — aqueles dois gigantes, Efialtes e Oto... por acaso eram gêmeos?

— Hein? — O deus parecia distraído com o manejo do tirso, mas assentiu. — Sim, gêmeos. Isso mesmo.

Piper virou-se para Jason e percebeu que ele estava acompanhando seu raciocínio. *Gêmeos ceifaram do anjo a vida.*

Na lâmina de Katoptris, ela vira dois gigantes em trajes amarelos, erguendo um jarro de um poço profundo.

— É por isso que estamos aqui — disse Piper ao deus. — Você é parte da nossa missão!

Baco franziu a testa.

— Lamento, mocinha. Não sou mais semideus. Não faço mais *parte* de missões.

— Mas os gigantes só podem ser mortos por heróis e deuses trabalhando juntos — insistiu ela. — Você agora é um deus, e dois dos gigantes que temos de enfrentar são Efialtes e Oto. Acho... acho que estão nos esperando em Roma. Eles vão destruir a cidade de alguma maneira. A taça de prata da minha visão... talvez seja um símbolo de sua ajuda. Você *precisa* nos ajudar a matar os gigantes!

Baco a fuzilou com o olhar, e Piper se deu conta de que havia escolhido mal as palavras.

— Mocinha — disse ele friamente — eu não *preciso* fazer coisa nenhuma. Além disso, só ajudo aqueles que me pagam tributos adequados, o que ninguém faz há muitos e muitos séculos.

Blackjack relinchou, inquieto.

Piper não podia culpá-lo. Ela não gostava da palavra *tributo*. Lembrou-se das mônades, as seguidoras enlouquecidas de Baco, que despedaçavam com as próprias mãos os incrédulos. E isso quando estavam de *bom* humor.

Percy deu voz à pergunta que ela temia fazer.

— Que tipo de tributo?

Baco fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Nada que *você* possa fazer, seu grego insolente. Mas vou lhes dar um conselho grátis, já que a mocinha aqui tem um *pouco* de educação. Procurem o filho de Gaia, Fórcis. Ele sempre odiou a mãe... Não que eu possa culpá-lo por isso. E os irmãos, os gêmeos, também não tinham muita utilidade para ele. Vocês o encontrarão na cidade que batizaram em homenagem àquela heroína... Atalanta.

Piper hesitou.

— Você se refere a Atlanta?

— Essa aí.

— Mas esse tal de Fórcis — falou Jason. — Ele é um gigante? Um titã?

Baco riu.

— Nem uma coisa nem outra. Procurem a água salgada.

— Água salgada... — disse Percy. — Em Atlanta?

— Sim — afirmou Baco. — Você tem um problema de audição? Se alguém pode dar uma dica sobre Gaia e os gêmeos, esse alguém é Fórcis. É só ficar de olho aberto para encontrá-lo.

— O que você quer dizer? — perguntou Jason.

O deus olhou para o sol, que estava quase a pino.

— Ceres não é de se atrasar, a menos que tenha pressentido algum perigo nesta área. Ou...

De repente o queixo de Baco caiu.

— Ou uma armadilha. Bem, preciso ir! E, se eu fosse vocês, faria o mesmo!

— Lorde Baco, espere! — protestou Jason.

O deus tremeluziu e desapareceu com o *pop* de uma lata de refrigerante sendo aberta.

O vento farfalhou em meio aos girassóis. Os cavalos andaram de um lado para o outro, agitados. Apesar do dia quente e seco, Piper estremeceu. Uma sensação de frio... Annabeth e Leo haviam falado sobre uma sensação de frio...

— Baco tem razão — disse ela. — Precisamos ir embora...

Tarde demais, disse uma voz sonolenta, assoviando pelos campos e reverberando no chão sob Piper.

Percy e Jason sacaram as espadas. Piper permaneceu entre os dois, paralisada de medo. O poder de Gaia de repente estava por toda parte. Os girassóis voltaram-se para olhá-los. O trigo curvou-se na direção deles como um milhão de foices.

Bem-vindos à minha festa, murmurou Gaia.

A voz fazia Piper pensar em milho crescendo: era o ruído crepitante, sibilante e persistente que ela costumava ouvir na casa do avô, Tom, nas noites quentes e silenciosas de Oklahoma.

O que Baco disse?, zombou a deusa. *Um evento simples, sem ostentação, com comidinhas orgânicas? Sim. Para o meu lanche só preciso de duas coisas: sangue de uma semideusa e de um semideus. Piper, minha querida, escolha que herói morrerá com você.*

— Gaia! — gritou Jason. — Pare de se esconder no meio do trigo. Mostre-se!

Quanta coragem, sibilou Gaia. *Mas o outro, Percy Jackson, também tem seu charme. Escolha, Piper McLean, ou eu o farei.*

O coração de Piper estava disparado. Gaia queria matá-la, isso não era nenhuma surpresa. Mas que história era aquela de escolher um dos garotos? Por que Gaia deixaria um deles ir embora? Só podia ser uma armadilha.

— Você é louca! — gritou ela. — Não vou escolher nada para você!

De repente Jason arquejou e empertigou-se na sela.

— Jason! — gritou Piper. — Qual o problema...?

O garoto olhou para ela, com a expressão mortalmente calma. Seus olhos já não eram azuis — cintilavam, de um dourado sólido.

— Percy, socorro!

Piper cambaleou, afastando-se de Tempestade. Percy, porém, galopou para longe deles. Parou a uns dez metros na estrada e deu meia-volta com seu pégaso. Então ergueu a espada e a apontou para Jason.

— *Um vai morrer* — disse Percy.

Mas a voz não era dele. Era grave e vazia, como um sussurro vindo de dentro do cano de um canhão.

— *Eu vou escolher* — respondeu Jason, com a mesma voz.

— Não! — gritou Piper.

Ao redor, os campos crepitavam e sibilavam, rindo na voz de Gaia à medida que Percy e Jason corriam um em direção ao outro, ambos de armas em punho.

XI

PIPER

NÃO FOSSEM OS CAVALOS, **P**IPER teria morrido.

Jason e Percy lançaram-se um contra o outro, mas Tempestade e Blackjack empacaram por tempo suficiente para que Piper saísse do caminho com um pulo.

Ela rolou para a beira da estrada e olhou para trás, aturdida e horrorizada, enquanto os garotos cruzavam as espadas, ouro contra bronze. Faíscas saltaram no ar. Suas lâminas se misturaram — ataque e defesa — e o pavimento estremeceu. O primeiro ataque durou apenas um segundo, mas Piper não podia acreditar na velocidade da luta de espadas. Os cavalos afastaram-se um do outro — Tempestade trovejando em protesto, Blackjack batendo as asas.

— Parem com isso! — gritou Piper.

Por um momento, Jason atentou para a voz dela. Os olhos dourados voltaram-se para Piper, e Percy atacou e o atingiu com sua lâmina. Graças aos deuses, Percy virou sua espada — talvez de propósito, talvez sem querer — de modo que a parte plana atingiu o peito de Jason; o impacto, no entanto, ainda foi suficiente para derrubar Jason da montaria.

Blackjack afastou-se a galope enquanto Tempestade empinava, confuso. O espírito-cavalo disparou para o meio dos girassóis e dissipou-se em vapor.

Percy lutava para forçar seu pégaso a dar meia-volta.

— Percy! — gritou Piper. — Jason é seu amigo. Largue a arma!

Percy baixou o braço que empunhava a espada. Talvez Piper tivesse sido capaz de controlá-lo, mas infelizmente Jason se levantou.

Jason rugiu. Um relâmpago traçou um arco no céu azul e claro, ricocheteou em seu gládio e derrubou Percy do cavalo.

Blackjack relinchou e fugiu para os campos de trigo. Jason atacou Percy, que agora estava caído de costas, as roupas fumegando com a explosão do raio.

Por um momento horrível, Piper não conseguiu falar. Gaia parecia estar sussurrando para ela: *Você precisa escolher um. Por que não deixa Jason matá-lo?*

— Não! — gritou ela. — Jason, pare!

Ele se deteve, sua espada a quinze centímetros do rosto de Percy.

Jason se virou, a luz dourada em seus olhos tremeluzindo, incerta.

— *Não posso parar. Um precisa morrer.*

Alguma coisa naquela voz... não era Gaia. Não era Jason. Quem quer que fosse hesitava, como se falasse em sua segunda língua.

— Quem é você? — perguntou Piper.

A boca de Jason se contorceu em um sorriso horripilante.

— *Somos os eidolons. Nós vamos reviver.*

— Eidolons... — A mente de Piper disparou. Ela havia estudado todos os tipos de monstros no Acampamento Meio-Sangue, mas esse nome não lhe era familiar. — Vocês são... são algum tipo de fantasma?

— *Ele deve morrer.*

Jason tornou a voltar a atenção para Percy, que havia se recuperado mais rápido do que os dois perceberam. Então Percy esticou a perna e deu uma rasteira em Jason.

A cabeça de Jason bateu no asfalto com um ruído nauseante.

Percy se levantou.

— Pare! — tornou a gritar Piper, mas não havia mais charme em sua voz. Ela gritava com puro desespero.

Percy ergueu Contracorrente acima do peito de Jason.

O pânico fechou a garganta de Piper. Ela queria atacar Percy com sua adaga, mas sabia que isso não adiantaria. O que quer que o estivesse controlando tinha todas as habilidades de Percy. Não havia a menor possibilidade de ela derrotá-lo em um combate.

Piper forçou-se a se concentrar. Jogou toda a sua raiva na voz:

— Eidolon, pare.

Percy se deteve.

— Olhe para mim — ordenou Piper.

O filho do deus do mar virou-se. Seus olhos estavam dourados, e não mais verdes, o rosto pálido e cruel, em nada parecido com o de Percy.

— *Você não escolheu* — disse ele. — *Então este morrerá.*

— Você é um espírito do Mundo Inferior — deduziu Piper. — Está possuindo Percy Jackson. Não é isso?

Percy riu com desdém.

— *Vou viver novamente neste corpo. A Mãe Terra prometeu. Irei aonde quiser,*

controlarei quem eu desejar.

Uma onda de frio percorreu Piper.

— Leo... foi isso o que aconteceu com Leo. Ele estava sendo controlado por um eidolon.

A coisa na forma de Percy riu sem vontade.

— *Você se deu conta tarde demais. Não pode confiar em ninguém.*

Jason ainda estava imóvel. Piper não tinha como ajudar, como protegê-lo.

Atrás de Percy, alguma coisa farfalhou no trigo. Piper viu a ponta de uma asa negra, e Percy começou a se virar na direção do som.

— Ignore isso! — gritou ela. — Olhe para mim.

Percy obedeceu.

— *Você não pode me deter. Vou matar Jason Grace.*

Atrás dele, Blackjack surgiu do campo de trigo, movendo-se de modo surpreendentemente silencioso para um animal tão grande.

— Você não vai matá-lo — ordenou Piper. Mas não estava olhando para Percy. Seus olhos encontraram-se com os do pégaso, vertendo todo o seu poder nas palavras e torcendo para que Blackjack compreendesse: — Você vai nocauteá-lo.

O charme de sua voz dominou Percy. Ele mudou o peso de um pé para o outro, indeciso.

— *Eu... vou nocauteá-lo?*

— Ah, desculpe. — Piper sorriu. — Eu não estava falando com você.

Blackjack empinou e desceu o casco na cabeça de Percy, que desabou perto de Jason no asfalto.

— Ai, deuses! — Piper correu até os garotos. — Blackjack, você não o *matou*, não foi?

O pégaso bufou. Piper não sabia falar a língua dos cavalos, mas pensou que talvez ele tivesse dito: *Por favor. Conheço minha própria força.*

Tempestade não estava por ali. O cavalo-relâmpago aparentemente retornara para onde quer que os espíritos da tempestade viviam nos dias ensolarados.

Piper examinou Jason. Sua respiração parecia regular, mas dois golpes no crânio em dois dias não deviam fazer bem a ninguém. Então ela observou a cabeça de Percy. Não viu sangue, mas um grande galo se formava onde ele levava o coice.

— Precisamos levar os dois de volta para o navio — disse ela a Blackjack.

O pégaso moveu a cabeça, concordando, e se ajoelhou no chão para que Piper pudesse colocar Percy e Jason em seu lombo. Depois de muito trabalho (garotos inconscientes são pesados), Piper os colocou razoavelmente em segurança, montou também em Blackjack, e eles decolaram em direção ao navio.

*

Os outros ficaram um tanto surpresos quando Piper voltou montada em um pégaso com dois semideuses inconscientes. Enquanto Frank e Hazel cuidavam de Blackjack, Annabeth e Leo ajudaram a levar Piper e os garotos para a enfermaria.

— Deste jeito vamos esgotar nosso estoque de ambrosia — resmungou o treinador Hedge enquanto cuidava dos feridos. — Por que nunca sou convidado para essas viagens violentas?

Piper se sentou ao lado de Jason, sentindo-se melhor depois de um gole de néctar e um pouco de água, mas ainda preocupada com os garotos.

— Leo — falou Piper — estamos prontos para navegar?

— Sim, mas...

— Vamos para Atlanta. Depois eu explico.

— Mas... o.k.

Leo saiu correndo. Annabeth também não discutiu com Piper. Estava mais preocupada em examinar a marca de ferradura na parte de trás da cabeça de Percy.

— *O que* acertou ele? — quis saber ela.

— Blackjack — contou Piper.

— *Como assim?*

Piper tentou se explicar enquanto o treinador Hedge aplicava um pouco de pomada curativa na cabeça dos garotos. Ela nunca antes ficara impressionada com as habilidades de enfermagem de Hedge, mas ele devia ter feito alguma coisa certa. Ou isso ou os espíritos que tinham possuído os garotos também lhes tinham dado uma resistência extra. Os dois gemeram e abriram os olhos.

Dali a poucos minutos Jason e Percy estavam sentados em seus beliches, capazes de falar frases completas. Ambos tinham lembranças nebulosas do que havia acontecido. Quando Piper descreveu o duelo dos dois na estrada, Jason fez uma careta.

— Nocauteado duas vezes em dois dias — murmurou ele. — Que semideus! — Olhou envergonhado para Percy. — Desculpe, cara. Não tive a intenção de atingi-lo com um raio.

A camisa de Percy estava chamuscada e com furinhos. O cabelo estava ainda mais desgrenhado que de hábito. Apesar disso, ele conseguiu dar uma risada fraca.

— Não é a primeira vez. Sua irmã mais velha me pegou de jeito uma vez no acampamento.

— É, mas... eu poderia ter matado você.

— Ou eu poderia ter matado você — disse Percy.

Jason deu de ombros.

— Se houvesse um oceano no Kansas, talvez.

— Não preciso de um oceano...

— Meninos — interrompeu Annabeth — tenho certeza de que os dois teriam sido maravilhosos matando um ao outro. Mas agora vocês precisam descansar um pouco.

— Antes, comida — pediu Percy. — Por favor... E precisamos muito conversar. Baco disse algumas coisas que não...

— Baco? — Annabeth ergueu a mão. — O.k., tudo bem. Precisamos conversar. Refeitório em dez minutos. Vou chamar os outros. E, por favor, Percy... troque de roupa. Você está com o cheiro de alguém que acabou de ser atropelado por um cavalo elétrico.

*

Leo entregou o leme ao treinador Hedge mais uma vez, depois de fazer o sátiro prometer que não os conduziria até a base militar mais próxima “só por diversão”.

Então se reuniram em torno da mesa de jantar, e Piper explicou o que havia acontecido em TOPEKA 51: sua conversa com Baco, a armadilha preparada por Gaia, os eidolons possuindo os garotos.

— É claro! — Hazel deu um tapa na mesa, o que surpreendeu tanto Frank que ele deixou seu burrito cair. — Foi o que aconteceu com Leo também.

— Então não foi minha culpa. — Leo soltou um suspiro. — Não fui eu quem começou a Terceira Guerra Mundial. Só fui possuído por um espírito maligno. Que alívio!

— Mas os romanos não sabem disso — afirmou Annabeth. — E por que eles confiariam em nossa palavra?

— Podíamos contatar Reyna — sugeriu Jason. — Ela acreditaria em nós.

A maneira como Jason disse o nome dela, como se fosse uma corda ligando-o ao passado, fez o coração de Piper murchar.

Jason virou-se para ela com um brilho esperançoso nos olhos.

— Você poderia convencê-la, Pipes. Sei que sim.

Piper teve a impressão de que todo o sangue em seu corpo descia para os pés. Annabeth a olhou com solidariedade, como se dissesse: *Garotos são tão sem*

noção! Até Hazel fez uma careta.

— Posso tentar — disse ela, sem entusiasmo. — Mas é com Octavian que precisamos nos preocupar. Na lâmina de minha adaga, eu o vi assumindo o controle dos romanos. Não sei se Reyna pode detê-lo.

Jason fechou a cara. Piper não sentia nenhum prazer em acabar com a alegria dele, mas os outros romanos — Hazel e Frank — assentiram com a cabeça.

— Ela tem razão — falou Frank. — Esta tarde, durante a ronda, vimos águias de novo. Elas estavam muito distantes, mas estão se aproximando rapidamente. Octavian está se preparando para a guerra.

Hazel fez outra careta.

— Essa é exatamente a oportunidade que Octavian sempre quis. Ele vai tentar tomar o poder. Se Reyna fizer objeção, ele vai dizer que ela está pegando leve com os gregos. Quanto a essas águias... É como se elas pudessem nos farejar.

— E podem — afirmou Jason. — As águias romanas podem caçar semideuses pelo cheiro mágico ainda melhor do que os monstros. Este navio pode nos esconder um pouco, mas não completamente... não delas.

Leo tamborilava os dedos.

— Ótimo. Eu devia ter instalado uma tela de fumaça que fizesse o navio ficar com cheiro de nugget de frango gigante. Da próxima vez me lembrem de inventar isso.

Hazel franziu a testa.

— O que é nugget de frango?

— Ah, puxa... — Leo balançou a cabeça, perplexo. — Ah, isso mesmo. Você perdeu os últimos, hã, setenta anos. Bem, minha aprendiz, um nugget de frango...

— Não importa — interrompeu Annabeth. — A questão é que vai ser muito difícil explicarmos a verdade para os romanos. Mesmo que acreditem na gente...

— Você tem razão. — Jason inclinou-se para a frente. — É melhor seguir em frente. Estaremos em segurança após cruzarmos o Atlântico... pelo menos no que se refere à legião.

Ele parecia tão deprimido que Piper não sabia se sentia pena dele ou se ficava ressentida.

— Como pode ter certeza? — perguntou ela. — Por que não nos seguiriam?

Ele balançou a cabeça.

— Você ouviu Reyna falando sobre as terras antigas. Elas são perigosas demais. Gerações de semideuses romanos foram proibidas de ir até lá. Nem Octavian poderia violar essa regra.

Frank engoliu um pedaço de burrito como se ele tivesse se transformado em papelão na boca.

— Então, se *nós* formos lá...

— Seremos ao mesmo tempo criminosos e traidores — confirmou Jason. — Qualquer semideus romano teria o direito de nos matar na mesma hora. Mas eu não me preocuparia com isso. Se chegarmos ao outro lado do Atlântico, eles vão desistir de nos perseguir. Vão achar que morremos no Mediterrâneo... o Mare Nostrum.

Percy apontou sua fatia de pizza para Jason.

— Você, cara, é um raio de sol.

Jason não respondeu. Os outros semideuses olhavam fixamente para seus pratos, exceto Percy, que continuou saboreando a pizza. Piper não sabia onde cabia toda aquela comida. O cara comia como um sátiro.

— Então vamos planejar nossos próximos passos e tomar cuidado para não morrermos — sugeriu Percy. — O sr. D... Baco... Argh, preciso chamá-lo de sr. B agora? Bem, seja como for, ele mencionou os gêmeos da profecia de Ella. Dois gigantes. Oto e, hã, algum nome que começa com F...?

— Efialtes — completou Jason.

— Dois gigantes, como Piper viu em sua adaga... — Annabeth correu o dedo pela borda da xícara. — Eu me lembro de uma história sobre gêmeos gigantes. Eles tentaram chegar ao Monte Olimpo empilhando várias montanhas.

Frank quase engasgou.

— Bem, isso é ótimo. Gigantes que podem usar montanhas como blocos de montar. E você disse que Baco matou esses caras com uma pinha em um bastão?

— Alguma coisa assim — disse Percy. — Não acho que a gente possa contar com a ajuda dele desta vez. Ele queria um tributo e deixou bem claro que seria um tributo fora de nosso alcance.

O silêncio pairou na mesa. Piper ouviu o treinador Hedge cantando “Blow the Man Down” no convés lá em cima, só que ele não sabia a letra, então cantava apenas: “Blá-blá-rã-de-dã-dã.”

Piper não conseguia se livrar da sensação de que Baco estava destinado a ajudá-los. Os gêmeos gigantes estavam em Roma. Guardavam algo necessário aos semideuses: alguma coisa naquele jarro de bronze. O que quer que fosse, Piper tinha a impressão de que era a solução para fechar as Portas da Morte — a chave para a morte definitiva. Ela também tinha certeza de que jamais conseguiriam derrotar os gigantes sem a ajuda de Baco. E, se não fizessem isso em cinco dias, Roma seria destruída e o irmão de Hazel, Nico, morreria.

Por outro lado, se a visão de Baco lhe oferecendo uma taça de prata fosse falsa, talvez as outras também não tivessem que se realizar — principalmente aquela em que ela, Percy e Jason se afogavam. Talvez aquilo fosse apenas simbólico.

O sangue de uma semideusa, Gaia tinha dito, e o sangue de um semideus. *Piper, minha querida, escolha que herói morrerá com você.*

— Ela quer dois de nós — murmurou Piper.

Todos se voltaram para ela.

Piper odiava ser o centro das atenções. Talvez isso fosse estranho para uma filha de Afrodite, mas tinha observado o pai, um astro de cinema, lidar com a fama durante anos. Ela lembrou-se de quando Afrodite a reclamara junto à fogueira, diante de todo o acampamento, aplicando-lhe uma maquiagem mágica de Miss. Aquele fora o momento mais constrangedor de sua vida. Mesmo ali, com apenas seis outros semideuses, Piper sentia-se exposta.

Eles são meus amigos, disse a si mesma. Está tudo bem.

Mas experimentava uma sensação estranha... como se mais do que seis pares de olhos a observassem.

— Hoje na rodovia — contou ela — Gaia me disse que precisava do sangue de apenas dois semideuses: um do sexo feminino e outro do masculino. Ela... ela me pediu para escolher qual dos dois morreria.

Jason apertou sua mão.

— Mas nenhum de nós morreu. Você nos salvou.

— Eu sei. É só que... Por que ela iria querer isso?

Leo assoviou baixinho.

— Pessoal, vocês se lembram da Casa dos Lobos? Nossa princesa da neve favorita, Quione? Ela falou algo sobre derramar o sangue de Jason, que isso macularia o lugar por gerações. Talvez o sangue de semideuses tenha algum tipo de poder.

— Ah...

Percy pousou no prato sua terceira fatia de pizza. Recostou-se na cadeira e olhou para o nada, como se só naquele instante houvesse entendido que levava um coice na cabeça.

— Percy? — Annabeth agarrou seu braço.

— Ah, droga — murmurou ele. — Droga. Droga. — Ele olhou para Frank e Hazel, que estavam do outro lado da mesa. — Vocês se lembram de Polibotes?

— O gigante que invadiu o Acampamento Júpiter — falou Hazel. — O antiPoisedon que você acertou na cabeça com uma estátua de Término. Sim, acho que lembro.

— Sonhei com ele durante nosso voo para o Alasca — contou Percy. — Polibotes falava com as górgonas, e ele disse... disse que queria que eu fosse capturado, mas não morto. Ele avisou: “Quero aquele lá acorrentado a meus pés, para que eu possa matá-lo quando chegar a hora certa. O sangue dele vai banhar as pedras do Monte Olimpo e acordar a Mãe Terra!”

Piper se perguntou se os termostatos da sala estavam quebrados, porque de repente não conseguia parar de tremer. Era a mesma sensação que experimentara na estrada perto de Topeka.

— Você acha que os gigantes usariam nosso sangue... o sangue de dois de nós...

— Não sei — disse Percy. — Mas, até descobrirmos, sugiro a todos nós evitar ser capturados.

Jason grunhiu.

— Com isso eu concordo plenamente.

— Mas como vamos descobrir? — perguntou Hazel. — A Marca de Atena, os gêmeos, a profecia de Ella... como isso tudo se encaixa?

Annabeth apertou a borda da mesa.

— Piper, você disse a Leo que seguisse para Atlanta.

— Isso mesmo — concordou Piper. — Baco nos avisou que devíamos procurar... qual era mesmo o nome dele?

— Fórcis — disse Percy.

Annabeth pareceu surpresa, como se não estivesse acostumada com o fato de seu namorado ter as respostas.

— Você o conhece?

Percy deu de ombros.

— Não reconheci o nome de cara. Até que Baco mencionou a água salgada, e a ficha caiu. Fórcis é um antigo deus do mar, de antes do tempo de meu pai. Nunca o encontrei, mas pelo visto é um dos filhos de Gaia. Ainda não entendo o que um deus do mar estaria fazendo em Atlanta.

Leo bufou.

— O que um deus do vinho está fazendo no Kansas? Os deuses são esquisitos. Seja como for, devemos chegar a Atlanta amanhã ao meio-dia, a menos que *mais* alguma coisa dê errado.

— Nem fale uma coisa dessas — murmurou Annabeth. — Está ficando tarde. É melhor dormirmos um pouco.

— Esperem — pediu Piper.

Mais uma vez, todos olharam para ela.

Ela estava quase perdendo a coragem, perguntando-se se seus instintos não teriam se enganado, mas se obrigou a falar:

— Uma última coisa. Os eidolons... os espíritos de possessão. Eles ainda estão aqui, nesta sala.

XII

PIPER

PIPER NÃO PODIA EXPLICAR como sabia.

Histórias de fantasmas e almas atormentadas sempre a haviam assustado. Seu pai costumava fazer piada das lendas cherokee do avô Tom na reserva, mas mesmo em casa, na grande mansão de Malibu com vista para o Pacífico, sempre que o pai recontava aquelas histórias de fantasmas, ela nunca conseguia tirá-las da cabeça.

Espíritos cherokee eram sempre inquietos. Muitas vezes se perdiam a caminho da Terra dos Mortos ou ficavam para trás, com os vivos, por pura teimosia. Às vezes nem se davam conta de que estavam mortos.

Quanto mais Piper aprendia sobre ser uma semideusa, mais se convencia de que as lendas cherokee e os mitos gregos não eram assim tão diferentes. Esses eidolons agiam de maneira muito semelhante aos espíritos das histórias de seu pai.

Piper sentia, lá no fundo, que eles ainda estavam ali apenas porque ninguém lhes dissera que fossem embora.

Quando acabou de explicar, os outros a olharam desconfortáveis. No convés, Hedge cantava alguma coisa que parecia “In the Navy” enquanto Blackjack, incomodado, batia os cascos e relinchava.

Por fim, Hazel suspirou.

— Piper está certa.

— Como você pode ter certeza? — perguntou Annabeth.

— Já encontrei eidolons — contou Hazel. — No Mundo Inferior, quando eu estava... você sabe.

Morta.

Piper tinha esquecido que Hazel estava em sua segunda vida. De sua própria

maneira, Hazel também era um fantasma renascido.

— Então... — Frank esfregou as mãos nos cabelos curtos, como se algum fantasma pudesse ter invadido sua cabeça. — Você acha que essas coisas estão à espreita no navio ou...

— Possivelmente à espreita dentro de alguns de nós — falou Piper. — Não sabemos.

Jason cerrou os punhos.

— Se isso for verdade...

— Precisamos agir — disse Piper. — Acho que posso cuidar disso.

— Cuidar do quê? — perguntou Percy.

— Apenas ouça, tudo bem? — Piper respirou fundo. — Ouçam todos.

Piper olhou-os nos olhos, um de cada vez.

— Eidolons — disse ela, usando seu poder — levantem as mãos.

Fez-se um silêncio tenso. Leo soltou uma risada nervosa.

— Você achou mesmo que isso ia...?

Sua voz morreu. Seu rosto ficou sem expressão. Ele ergueu a mão.

Jason e Percy fizeram o mesmo. Seus olhos se tornaram vidrados e dourados. Hazel prendeu a respiração. Ao lado de Leo, Frank levantou-se da cadeira às pressas e colou as costas na parede.

— Ai, deuses. — Annabeth olhou para Piper, implorando. — Pode curá-los?

Piper queria choramingar e se esconder debaixo da mesa, mas *tinha* que ajudar Jason. Não podia acreditar que tinha ficado de mãos dadas com... Não, ela se recusava a pensar nisso.

Concentrou-se em Leo, porque ele era menos intimidador.

— Tem mais de vocês neste navio?

— *Não* — disse Leo em uma voz monótona. — *A Mãe Terra enviou três. Os mais fortes, os melhores. Nós vamos reviver.*

— Aqui, não vão não — grunhiu Piper. — Vocês três, ouçam com atenção.

Jason e Percy voltaram-se para ela. Aqueles olhos dourados eram enervantes, mas ver os garotos daquele jeito alimentou a raiva de Piper.

— Vocês vão abandonar esses corpos — comandou.

— *Não* — disse Percy.

Leo deixou escapar um sibilo baixo.

— *Precisamos viver.*

Frank fez menção de pegar seu arco.

— Marte Todo-Poderoso, isso é sinistro! Caiam fora daqui, espíritos! Deixem nossos amigos em paz!

Leo voltou-se para ele.

— *Você não pode nos comandar, filho da guerra. Sua vida é frágil. Sua alma*

pode queimar a qualquer momento.

Piper não sabia o que aquilo queria dizer, mas Frank cambaleou como se tivesse levado um soco na boca do estômago. Ele puxou uma flecha com as mãos trêmulas.

— Eu... eu já enfrentei coisas piores que vocês. Se querem briga...

— Frank, não.

Hazel se levantou. Perto dela, Jason sacou a espada.

— Pare! — ordenou Piper, mas sua voz falhou.

Ela ia rapidamente perdendo a fé no plano. Tinha feito os eidolons aparecerem, mas e agora? Se não conseguisse persuadi-los a ir embora, qualquer derramamento de sangue que houvesse seria culpa dela. Em sua mente, quase podia ouvir Gaia gargalhando.

— Ouçam Piper.

Hazel apontou para a espada de Jason. A lâmina de ouro pareceu ficar mais pesada na mão dele. Ela caiu com um baque na mesa e Jason afundou na cadeira.

Percy rosnou de uma forma muito pouco característica.

— *Filha de Plutão, você pode controlar pedras preciosas e metais, mas não controla os mortos.*

Annabeth estendeu as mãos para ele, como se fosse contê-lo, mas Hazel fez um sinal para que não se aproximasse dele.

— Ouçam, eidolons — disse Hazel com firmeza — este não é o lugar de vocês. Posso não comandá-los, mas Piper, sim. Obedeçam a ela.

Ela voltou-se para a outra, e sua expressão era clara: *Tente outra vez. Você consegue.*

Piper reuniu toda a coragem que tinha. Olhou diretamente para Jason — para os olhos da coisa que o controlava.

— Vocês abandonarão esses corpos — repetiu Piper, de forma ainda mais enérgica.

O rosto de Jason se contraiu, gotas de suor surgiram em sua testa.

— *Nós... nós abandonaremos estes corpos.*

— Vocês vão jurar pelo Rio Estige nunca voltar a este navio — prosseguiu Piper — e a nunca mais possuir nenhum membro desta tripulação.

Leo e Percy sibilaram em protesto.

— Vocês vão jurar pelo Rio Estige — insistiu Piper.

Um momento de tensão — dava para sentir a força de vontade deles lutando contra a dela. Então os três eidolons falaram em uníssono: — *Juramos pelo Rio Estige.*

— Vocês estão mortos — disse Piper.

— *Nós estamos mortos.*

— Agora vão.

Os três garotos tombaram para a frente. Percy caiu de cara na pizza.

— Percy!

Annabeth o agarrou. Piper e Hazel seguraram os braços de Jason, que ia escorregando da cadeira.

Leo não teve tanta sorte. Ele tombou na direção de Frank, que não fez nenhuma tentativa de segurá-lo, e acabou desabando no chão.

— Ai! — gemeu ele.

— Você está bem? — perguntou Hazel.

Leo se levantou. Tinha um pedaço de espaguete no formato de um 3 preso à testa.

— Deu certo?

— Deu — disse Piper com segurança. — Acho que não vão voltar.

Jason piscou.

— Isso significa que posso parar de machucar a cabeça agora?

Piper riu, liberando todo o seu nervosismo.

— Vamos, Garoto Relâmpago. Você precisa tomar um pouco de ar fresco.

*

Piper e Jason andavam de um lado para o outro no convés. Jason ainda caminhava com dificuldade, por isso Piper o encorajou a abraçá-la e apoiar-se nela.

Leo postou-se junto ao leme, conferenciando com Festus pelo intercomunicador; sabia, por experiência própria, que era melhor dar espaço a Jason e Piper. Como a tevê via satélite tinha voltado a funcionar, o treinador Hedge estava feliz em sua cabine, pondo-se a par das lutas de MMA. O pégaso de Percy, Blackjack, tinha partido. Os outros semideuses estavam se acomodando para a noite.

O *Argo II* seguia na direção leste, navegando a centenas de metros acima do solo. Abaixo deles cidadezinhas passavam como ilhas iluminadas em um mar escuro de planícies.

Piper lembrou-se do último inverno, quando sobrevoaram em Festus, o dragão, a cidade de Quebec. Ela nunca tinha visto nada tão lindo nem se sentido tão feliz em ter os braços de Jason ao seu redor — mas aquilo era ainda melhor.

A noite estava quente. O navio navegava mais suavemente que um dragão. O melhor de tudo: estavam se afastando do Acampamento Júpiter o mais rápido

que podiam. Por mais perigosas que fossem as terras antigas, Piper mal podia esperar para chegar lá. Esperava que Jason tivesse razão ao afirmar que os romanos não os seguiriam através do Atlântico.

Jason deteve-se a meia-nau e recostou-se na amurada. O luar fazia seu cabelo parecer louro prateado.

— Obrigado, Pipes — falou ele. — Você me salvou outra vez.

Ele enlaçou a cintura dela. Piper pensou no dia em que haviam despencado no Grand Canyon — quando descobrira que Jason podia controlar o ar. Ele a abraçara tão apertado que conseguira sentir seus batimentos cardíacos. Então tinham parado de cair e passado a flutuar em pleno ar. Melhor. Namorado. Do. Mundo.

Ela queria beijá-lo agora, mas algo a deteve.

— Não sei se Percy vai confiar em mim daqui por diante — disse ela. — Não depois de eu ter deixado o cavalo dele nocauteá-lo.

Jason riu.

— Não se preocupe com isso. Ele é um cara legal, mas tenho a impressão de que precisa de uma pancada na cabeça de vez em quando.

— Você poderia ter matado Percy.

O sorriso de Jason desapareceu.

— Aquele não era eu.

— Mas quase *deixei* você fazer isso — confessou Piper. — Quando Gaia disse que eu tinha que escolher, eu hesitei e...

Ela piscou, xingando-se por chorar.

— Não seja tão dura com si mesma — disse Jason. — Você nos salvou, nós dois.

— Mas se dois de nosso grupo tiverem mesmo que morrer, um garoto e uma garota...

— Não aceito isso. Vamos conseguir deter Gaia. Nós sete voltaremos vivos. Prometo.

Piper desejou que ele não tivesse *prometido*. A palavra só serviu para lembrá-la da Profecia dos Sete: *um juramento a manter com um alento final*.

Por favor, pensou ela, perguntando-se se sua mãe, a deusa do amor, podia ouvi-la. *Não permita que seja o alento final de Jason. Se o amor significa alguma coisa, não o tire de mim.*

Assim que fez o pedido, sentiu-se culpada. Como poderia suportar ver Annabeth com aquele tipo de dor se Percy morresse? Como poderia viver em paz se algum dos sete semideuses morresse? Cada um deles já havia sofrido tanto. Mesmo os dois novos garotos romanos, Hazel e Frank, que Piper mal conhecia, já pareciam muito próximos. No Acampamento Júpiter, Percy contara

sobre sua viagem ao Alasca, que parecera tão angustiante quanto qualquer outra coisa que Piper tivesse vivido. E pela maneira como Hazel e Frank haviam tentado ajudar durante o exorcismo, dava para ver que eram pessoas boas e corajosas.

— A lenda que Annabeth mencionou — disse ela — sobre a Marca de Atena... Por que você não quis falar sobre o assunto?

Ela teve medo de Jason esquivar-se dela, mas ele apenas abaixou a cabeça, como se estivesse esperando a pergunta.

— Pipes, não sei o que é verdade e o que não é. Essa lenda... pode ser realmente perigosa.

— Para quem?

— Para todos nós — respondeu ele, sombrio. — A história diz que os romanos, nos tempos antigos, roubaram alguma coisa importante dos gregos quando conquistaram suas cidades.

Piper esperou, mas Jason parecia perdido em pensamentos.

— O que roubaram? — perguntou ela.

— Não sei — respondeu ele. — Não tenho certeza se alguém na legião já soube. Mas, segundo a história, seja lá o que era, foi levado para Roma e escondido lá. Os filhos de Atena, semideuses gregos, passaram a nos odiar e sempre incitam seus irmãos contra os romanos. Como eu disse, não sei o quanto disso é verdade...

— Mas por que não contar a Annabeth? — perguntou Piper. — Ela não vai passar a odiar você de repente.

Ele parecia ter dificuldade em se concentrar no que ela dizia.

— Espero que não. Mas a lenda diz que há milênios os filhos de Atena procuram por isso. A cada geração, alguns são escolhidos pela deusa para encontrar essa coisa. Parece que são levados a Roma por um sinal... a Marca de Atena.

— Se Annabeth é um desses filhos que a procuram... temos que ajudá-la.

Jason hesitou.

— Talvez. Quando chegarmos mais perto de Roma, contarei a ela o pouco que sei. Juro. Mas a história, pelo menos da maneira como a ouvi, afirma que, se os gregos um dia encontrassem o que foi roubado, jamais nos perdoariam. Eles destruiriam tanto a legião quanto Roma, de uma vez por todas. Depois do que Nêmesis disse a Leo, sobre Roma ser destruída daqui a cinco dias...

Piper estudou o rosto de Jason. Ele era, sem dúvida, a pessoa mais corajosa que já conhecera, mas ela percebeu que estava com medo. Aquela lenda — a ideia de que ela poderia separar o grupo e acabar com uma cidade — o aterrorizava totalmente.

O que poderia ter sido roubado dos gregos que seria assim tão importante?, Piper se perguntou. Não podia imaginar nada que fizesse Annabeth de repente tornar-se vingativa.

No entanto, também não podia imaginar escolher a vida de um semideus em vez da de outro, e naquele dia, naquela estrada deserta, por um momento, Gaia quase a havia tentado...

— Aliás, me desculpe — disse Jason.

Piper enxugou a última lágrima de seu rosto.

— Desculpe por quê? Foi o eidolon que atacou...

— Não por isso. — A pequena cicatriz no lábio superior de Jason parecia brilhar, branca, ao luar. Ela amava aquela cicatriz. A imperfeição tornava o rosto dele muito mais interessante. — Fui um idiota por pedir que você entrasse em contato com Reyna. Eu não estava pensando direito.

— Ah.

Piper olhou para cima e se perguntou se sua mãe estaria de alguma maneira o influenciando. Seu pedido de desculpas parecia bom demais para ser verdade.

Mas não pare, pensou.

— Está tudo bem, de verdade.

— É só que... nunca me senti assim em relação a Reyna — explicou Jason — então não pensei que isso deixaria você desconfortável. Você não tem com que se preocupar, Pipes.

— Eu queria odiá-la — admitiu ela. — Fiquei com tanto medo de você voltar para o Acampamento Júpiter.

Jason pareceu surpreso.

— Isso nunca vai acontecer. A menos que você venha comigo. Prometo.

Piper segurou a mão dele. Conseguiu dar um sorriso, mas estava pensando: mais uma promessa. *Um juramento a manter com um alento final.*

Ela tentou tirar aqueles pensamentos da cabeça. Sabia que devia aproveitar o momento de tranquilidade com Jason, mas, ao olhar pela amurada do navio, não pôde deixar de pensar em como as planícies à noite pareciam águas escuras — como as da câmara onde, na lâmina de sua adaga, ela os vira se afogar.

XIII

PERCY

E ESQUEÇA A HISTÓRIA DA CORTINA de fumaça de nugget de frango. Percy queria mesmo era que Leo inventasse um chapéu antissonho.

Naquela noite teve pesadelos horríveis. Primeiro, sonhou que estava de volta ao Alasca em busca da águia da legião. Caminhava por uma estrada na montanha, mas assim que pôs o pé fora do acostamento foi engolido pelo terreno pantanoso — *muskeg*, fora assim que Hazel se referira àquele tipo de solo. Ele se viu sufocando na lama, incapaz de se mover, ver ou respirar. Pela primeira vez na vida, compreendeu como era se afogar.

É só um sonho, disse a si mesmo. *Vou acordar.*

Mas isso não tornou a experiência menos aterrorizante.

Percy nunca tivera medo de água na vida. Era o elemento de seu pai. Mas desde a experiência com o *muskeg*, desenvolvera uma fobia de sufocação. Não admitiria isso para ninguém, mas agora até entrar na água o deixava nervoso. Sabia que era tolice — ele não podia se afogar — mas também suspeitava que, se não controlasse o medo, este poderia começar a controlá-lo.

Pensou na amiga Thalia, que tinha fobia de altura mesmo sendo filha do deus do céu. O irmão dela, Jason, voava invocando os ventos. Thalia não conseguia fazer isso, talvez porque tivesse medo demais para tentar. Se Percy começasse a acreditar que podia se afogar...

O *muskeg* pressionava seu peito. Ele tinha a impressão de que os pulmões iam explodir.

Não entre em pânico, disse a si mesmo. *Isto não é real.*

Justamente quando não conseguia mais prender o fôlego, o sonho mudou.

Ele estava em um lugar amplo e sombrio, semelhante a um estacionamento subterrâneo. Fileiras de colunas de pedra estendiam-se em todas as direções,

sustentando o teto uns seis metros acima. Piras acesas lançavam uma luz avermelhada no piso.

Percy não conseguia enxergar muito longe, mas, pendendo do teto, viam-se sistemas de polia, sacos de areia e fileiras de refletores apagados. Empilhados por todo o espaço, havia caixotes de madeira etiquetados: ACESSÓRIOS, ARMAS e FANTASIAS. Em um deles ele leu: LANÇADORES DE FOGUETES VARIADOS.

Percy ouvia maquinário zumbindo na escuridão, imensas engrenagens girando e água correndo por canos.

Então ele viu o gigante... ou pelo menos foi o que Percy achou que era.

Tinha uns três metros e meio de altura — uma altura respeitável para um ciclope, mas apenas metade da de outros gigantes que Percy havia enfrentado. Também parecia mais humano que um gigante típico, sem as pernas reptilianas de sua espécie. No entanto, os longos cabelos roxos trançados em *dreadlocks* estavam presos em um rabo de cavalo entremeado com moedas de ouro e prata, o que pareceu a Percy um penteado de gigantes. Levava uma lança de três metros presa às costas — uma arma de gigantes.

Ele usava a maior camisa de gola alta que Percy já vira, calça preta e sapatos de couro pretos com bicos tão compridos e curvos que mais pareciam sapatos de bobo da corte. Andava de um lado para o outro diante de uma plataforma elevada, examinado um jarro de bronze mais ou menos do tamanho de Percy.

— Não, não, não — murmurava o gigante para si mesmo. — Onde está o grande efeito? Qual é o mérito?

Ele virou-se para a escuridão e gritou:

— Oto!

Percy ouviu algo movendo-se a distância. Outro gigante surgiu das sombras. Usava exatamente o mesmo traje negro, até os sapatos de bico curvo. A única diferença entre os dois era que o cabelo do segundo era verde, e não roxo.

O primeiro gigante praguejou.

— Oto, por que você faz isso comigo *todos os dias*? Eu disse que ia usar a camisa de gola alta preta hoje. Você podia usar qualquer coisa, *menos* a camisa de gola alta preta!

O gigante piscou como se tivesse acabado de acordar.

— Pensei que você fosse usar a toga amarela hoje.

— Isso foi ontem! Quando *você* também usou a toga amarela!

— Ah. Certo. Desculpe, Efi.

O irmão rosnou. Os dois só podiam mesmo ser gêmeos, pois os rostos eram identicamente feios.

— E não me chame de Efi — exigiu. — Me chame de *Efialtes*. Esse é meu nome. Ou pode usar meu nome artístico: O GRANDE F!

Oto fez uma careta.

— Ainda não estou muito convencido em relação a esse nome artístico.

— Bobagem! É perfeito. Agora, como estão os preparativos?

— Tudo certo. — Oto não parecia muito entusiasmado. — Os tigres comedores de gente, as lâminas giratórias... Mas ainda acho que seria legal ter algumas bailarinas.

— Nada de bailarinas! — falou rispidamente Efialtes. — E *esta* coisa? — Ele acenou, desgostoso, para o jarro. — O que isso faz? Não é nada interessante.

— Mas esse é o ponto principal do espetáculo. Ele vai morrer a menos que os outros o resgatem. E se chegarem na hora certa...

— Ah, acho bom eles chegarem! — exclamou Efialtes. — O dia primeiro de julho, as Calendas de Julho, é sagrado para Juno. É quando a Mãe quer destruir aqueles semideuses estúpidos, só para esfregar isso *de verdade* na cara de Juno. Além disso, não vou pagar hora extra àqueles fantasmas de gladiadores.

— Bem, aí todos eles morrem — continuou Oto — e damos início à destruição de Roma. Exatamente como a Mãe quer. Vai ser perfeito. A multidão vai amar. Os fantasmas romanos adoram esse tipo de coisa.

Efialtes não parecia convencido.

— Mas o jarro só fica aí, *parado*? Não podemos colocá-lo no fogo ou dissolvê-lo em ácido ou coisa assim?

— Precisamos dele vivo por mais alguns dias — lembrou Oto ao irmão. — Caso contrário, os sete não vão morder a isca e vir correndo salvá-lo.

— Hum. É verdade. Mas eu ainda preferiria um pouco mais de gritos. Essa morte lenta é chata. Ah, bem, e quanto à nossa talentosa amiga? Ela está pronta para receber seu visitante?

Oto fez uma careta.

— Eu não gosto *nada* de falar com ela. Ela me deixa nervoso.

— Mas está pronta?

— Sim — respondeu Oto, relutante. — Está pronta há séculos. Ninguém vai recuperar *aquela* estátua.

— Excelente. — Efialtes esfregou as mãos em expectativa. — Essa é a nossa grande chance, meu irmão.

— Foi o que você disse em relação à nossa última proeza — resmungou Oto. — Fiquei pendurado naquele bloco de gelo suspenso sobre o Rio Lete por seis meses, e não ganhamos nenhuma atenção da mídia.

— Isso é diferente! — insistiu Efialtes. — Vamos estabelecer um novo padrão de entretenimento! Se a Mãe ficar satisfeita, essa será nossa porta de entrada para a fama e a fortuna!

— Se você diz. — Oto suspirou. — Embora eu ainda ache que aqueles trajes

de bailarina do *Lago dos Cisnes* ficariam lindos...

— Nada de balé!

— Desculpe.

— Venha — chamou Efilates. — Vamos ver os tigres. Quero ter certeza de que estão famintos!

Os gigantes afastaram-se nas sombras, e Percy voltou-se para o jarro.

Preciso olhar lá dentro, pensou.

Assim, avançou no sonho até o jarro. Então o atravessou.

O ar dentro do jarro cheirava a hálito rançoso e ferrugem. A única luz vinha do tênue brilho roxo de uma espada escura, o ferro estígio apoiado em um dos lados do recipiente. Encolhido ao seu lado estava um garoto de aparência abatida, vestindo jeans esfarrapado, camisa preta e um velho casaco de aviador. Na mão direita, um anel de caveira prateado brilhava.

— Nico — chamou Percy, mas o filho de Hades não o ouviu.

O recipiente era completamente vedado, e o ar estava ficando viciado. Os olhos de Nico estavam fechados e sua respiração era fraca. Parecia meditar. O rosto estava pálido e mais fino do que Percy se lembrava.

Na parede interna do jarro, viam-se três traços, aparentemente feitos por Nico com sua espada. Estaria preso ali havia três dias?

Não parecia possível que sobrevivesse por tanto tempo sem sufocar. Mesmo no sonho, Percy já começava a entrar em pânico, era difícil respirar.

Então ele notou algo entre os pés de Nico — pequenos objetos cintilantes do tamanho de dentes de leite.

Sementes, Percy reconheceu. Sementes de romã. Três haviam sido chupadas e cuspidas. Cinco ainda estavam encapsuladas na polpa vermelha.

— Nico — disse Percy — que lugar é este? Nós vamos salvar você...

A imagem desapareceu, e uma voz de garota sussurrou:

— Percy.

A princípio, Percy pensou que ainda estivesse dormindo. Quando perdera a memória, passara semanas sonhando com Annabeth, a única pessoa do passado de que se lembrava. Quando seus olhos se abriram e a visão clareou, ele se deu conta de que a garota estava de fato ali, de pé ao lado do beliche, sorrindo para ele.

Os cabelos louros caíam em seus ombros. Os olhos cinzentos e tempestuosos brilhavam, divertidos. Ele lembrou-se de seu primeiro dia no Acampamento Meio-Sangue, cinco anos antes, quando despertara de um estupor e encontrara Annabeth olhando-o de cima. Ela dissera: *Você baba quando está dormindo.*

Ela era muito sentimental.

— O q... que está acontecendo? — perguntou ele. — Já chegamos?

— Não — sussurrou ela. — Ainda é madrugada.

— Quer dizer... — O coração de Percy disparou. Ele percebeu que estava de pijama, na cama. Era provável que tivesse babado ou no mínimo emitido ruídos estranhos enquanto sonhava. Sem dúvida seu cabelo estava todo desgrenhado e o hálito não devia estar nada bom. — Você entrou escondida na minha cabine?

Annabeth revirou os olhos.

— Percy, você vai fazer dezessete anos em dois meses. Não está com medo do treinador Hedge, está?

— Cara, você já viu o bastão de beisebol dele?

— Além do mais, Cabeça de Alga, só pensei que podíamos dar uma volta. Ainda não tivemos chance de ficar sozinhos. Quero mostrar uma coisa a você... É meu lugar favorito neste navio.

O coração de Percy ainda estava disparado, mas não era por medo do treinador Hedge.

— Posso, você sabe, escovar meus dentes primeiro?

— Acho bom — respondeu Annabeth. — Porque não vou beijar você antes disso. E aproveite e penteie o cabelo.

*

Para uma trirreme, a embarcação era enorme, mas ainda assim Percy a achava aconchegante — como o prédio de seu dormitório na Academia Yancy ou de qualquer outro dos internatos de que fora expulso. Annabeth e ele desceram furtivamente para o segundo convés, que Percy ainda não havia explorado, exceto pela enfermaria.

Ela o levou para além da casa de máquinas, que parecia um labirinto mecanizado e muito perigoso, com canos, pistões e tubos projetando-se de uma esfera de bronze central. Cabos semelhantes a gigantescos fios de espaguete de metal serpenteavam pelo chão e subiam pelas paredes.

— Como funciona essa coisa? — perguntou Percy.

— Não faço ideia — disse Annabeth. — E eu sou a única, além de Leo, que pode operá-lo.

— Isso me deixa muito tranquilo.

— Vai dar tudo certo. Ele só ameaçou explodir uma vez.

— Você está brincando, espero.

Ela sorriu.

— Venha.

Os dois abriram caminho pelos depósitos e pelo arsenal. Na popa do navio, alcançaram uma porta dupla de madeira que se abria para um grande estábulo. O lugar cheirava a feno fresco e cobertores de lã. Ao longo da parede da esquerda havia três baias vazias, como as usadas para os pégasos no acampamento. A parede da direita tinha duas gaiolas vazias, espaçosas o bastante para grandes animais de zoológico.

No meio do cômodo havia um painel transparente de seis metros quadrados. Lá embaixo, a paisagem noturna passava rapidamente — quilômetros de campos escuros atravessados por rodovias iluminadas, como os fios de uma teia.

— Um barco com fundo de vidro? — perguntou Percy.

Annabeth apanhou um cobertor no portão da baia mais próxima e o estendeu no piso de vidro.

— Sente-se aqui comigo.

Eles se acomodaram no cobertor como se estivessem fazendo um piquenique, e ficaram observando o mundo passar lá embaixo.

— Leo construiu os estábulos para que pégasos pudessem ir e vir facilmente — explicou Annabeth. — Só que ele não se deu conta de que os pégasos preferem perambular em liberdade, então os estábulos ficam sempre vazios.

Percy perguntou-se onde Blackjack estaria — esperava que vagueando pelos céus, seguindo o navio. A cabeça de Percy ainda latejava da pancada de Blackjack, mas ele não culpava o cavalo.

— O que você quer dizer com *ir e vir facilmente*? — perguntou ele. — O pégaso não teria que descer dois lances de escada?

Annabeth bateu os nós dos dedos no vidro.

— Isto é um alçapão, como em um avião de bombardeio.

Percy engoliu em seco.

— Está me dizendo que estamos sentados em um *alçapão*? E se ele abrir?

— Suponho que despencaremos para a morte. Mas ele não vai abrir. Pelo menos acho que não.

— Ótimo.

Annabeth riu.

— Sabe por que gosto daqui? Não é só por causa da vista. Este lugar faz você lembrar o quê?

Percy olhou à sua volta: as jaulas e os estábulos, a luminária de bronze celestial pendendo da viga, o cheiro de feno e, claro, Annabeth sentada perto dele, o rosto lindo e espectral na suave luz âmbar.

— Aquele caminhão do zoológico — concluiu Percy. — O que pegamos para Las Vegas.

O sorriso dela disse a ele que dera a resposta certa.

— Isso foi há tanto tempo — disse Percy. — Estávamos ferrados, tentando atravessar o país para encontrar aquele raio estúpido, presos em um caminhão com um bando de animais maltratados. Como você pode sentir saudade daquilo?

— Porque, Cabeça de Alga, foi a primeira vez que conversamos de verdade, eu e você. Falei sobre minha família e...

Ela tirou o colar do acampamento, onde estavam o anel de formatura de seu pai e várias contas de argila de cores diferentes, uma para cada ano no Acampamento Meio-Sangue. Agora havia mais uma coisa no fio de couro: o pingente de coral vermelho que Percy lhe dera quando começaram a namorar. Ele o trouxera do palácio do pai no fundo do mar.

— E — prosseguiu Annabeth — isso me lembra há quanto tempo nos conhecemos. Tínhamos *doze* anos, Percy. Dá para acreditar nisso?

— Não — admitiu ele. — Então... você soube que gostava de mim naquele momento?

Ela sorriu maliciosamente.

— De início odiei você. Você me irritava. Então eu o tolerei por alguns anos. Depois...

— Certo, tudo bem.

Ela inclinou-se e o beijou: um beijo de verdade, sem ninguém olhando — nenhum romano por perto, nenhum sátiro tomando conta deles e berrando.

Ela se afastou.

— Senti saudade, Percy.

Percy queria dizer a mesma coisa, mas parecia muito pouco. Durante o tempo em que estivera no lado romano, mantivera-se vivo quase que exclusivamente pensando em Annabeth. *Senti saudade* na verdade não era suficiente.

Ele lembrou-se daquela noite, mais cedo, quando Piper havia forçado o eidolon a deixar sua mente. Percy não tivera consciência da presença dele até que Piper usara seu charme. Depois que o eidolon se foi, Percy teve a sensação de que um prego quente fora arrancado de sua testa. Ele não tinha se dado conta de quanta dor estivera sentindo até o espírito ir embora. Então seus pensamentos se tornaram mais claros. Sua alma tornou a acomodar-se em seu corpo.

Sentar-se ali com Annabeth lhe dava a mesma sensação. Os últimos meses poderiam ter sido apenas um de seus estranhos sonhos. Os acontecimentos no Acampamento Júpiter pareciam tão vagos e irreais quanto aquela luta com Jason, quando ambos estavam sendo controlados pelos eidolons.

No entanto, ele não lamentava o tempo que passara no Acampamento Júpiter. A experiência havia aberto seus olhos de diversas maneiras.

— Annabeth — disse ele, hesitante — em Nova Roma, os semideuses podem viver a vida toda em paz.

A expressão dela tornou-se cautelosa.

— Reyna me explicou isso. Mas, Percy, seu lugar é no Acampamento Meio-Sangue. A outra vida...

— Eu sei — falou Percy. — Mas enquanto estive lá vi tantos semideuses vivendo sem medo: jovens indo para a faculdade, se casando e formando famílias. Não tem nada assim no Acampamento Meio-Sangue. Eu ficava pensando em nós dois... e quem sabe um dia, quando essa guerra com os gigantes acabar...

Era difícil saber com a luz dourada, mas ele achou que Annabeth estava corando.

— Ah.

Percy temeu ter falado demais. Talvez a tivesse assustado com seus grandes sonhos para o futuro. Em geral era ela quem fazia os planos. Percy se xingou em silêncio.

Por mais que conhecesse Annabeth, ele ainda tinha a sensação de que a compreendia muito pouco. Mesmo depois de estarem namorando havia vários meses, o relacionamento parecia novo e frágil, como uma escultura de vidro. Ele sentia pavor de fazer algo errado e quebrá-la.

— Me desculpe — disse ele. — Eu só... eu tinha que pensar nisso para seguir em frente. Para ter esperança. Deixa para...

— Não! — falou ela. — Não, Percy. Deuses, isso é tão fofo. É só que... talvez não tenhamos mais essa oportunidade. Se não nos entendermos com os romanos... bem, os dois grupos de semideuses nunca se deram bem. Foi por isso que os deuses nos mantiveram separados. Não sei se nos adaptaríamos lá.

Percy não queria discutir, mas não podia abrir mão da esperança. Aquilo era importante — não só para Annabeth e ele, mas para todos os outros semideuses. *Tinha* que ser possível pertencer a dois mundos diferentes ao mesmo tempo. Afinal, era justamente isso que significava ser um semideus: não pertencer exatamente nem ao mundo dos mortais nem ao Olimpo, e ainda assim tentar aceitar os dois lados de sua natureza.

Infelizmente, isso o levou a pensar nos deuses, na guerra que estavam enfrentando e em seu sonho com os gêmeos Efiltes e Oto.

— Eu estava tendo um pesadelo quando você me acordou — admitiu ele, e então começou a contar o sonho para Annabeth.

Nem mesmo as partes mais perturbadoras pareceram surpreendê-la. Ela balançou a cabeça com tristeza quando Percy descreveu a prisão de Nico no jarro de bronze. Seus olhos brilharam de raiva quando ele contou sobre os gigantes estarem planejando algum tipo de espetáculo para destruir Roma, tendo como número de abertura a morte dolorosa do grupo.

— Nico é a isca — murmurou ela. — As forças de Gaia devem tê-lo capturado de alguma forma. Mas não sabemos exatamente onde ele está preso.

— Em algum lugar em Roma — disse Percy. — No subterrâneo. Eles fizeram parecer que Nico ainda tinha alguns dias de vida, mas não vejo como ele possa resistir tanto tempo sem oxigênio.

— Mais cinco dias, segundo Nêmesis — afirmou Annabeth. — As Calendas de Julho. Pelo menos o prazo faz sentido agora.

— O que é uma calendas?

Annabeth sorriu, como se estivesse feliz por voltarem a seu velho padrão habitual: Percy sem saber de nada, ela explicando as coisas.

— É só o termo romano para o primeiro dia do mês. É daí que vem a palavra *calendário*. Mas como Nico pode sobreviver tanto tempo? Temos que falar com Hazel.

— Agora?

Ela hesitou.

— Não. Isso pode esperar até amanhã de manhã. Não quero dar a ela uma notícia dessas no meio da noite.

— Os gigantes mencionaram uma estátua — lembrou-se Percy. — E algo sobre uma amiga talentosa que a estava guardando. Quem quer que seja essa amiga, Oto tem medo dela. Qualquer um capaz de assustar um gigante...

Annabeth olhou para baixo, para uma rodovia serpenteando por morros escuros.

— Percy, você tem visto Poseidon recentemente? Ou recebeu algum tipo de sinal da parte dele?

Ele balançou a cabeça.

— Não desde... Uau. Acho que não tenho pensado nisso. Não desde o fim da Guerra dos Titãs. Eu o vi no Acampamento Meio-Sangue, mas isso foi em agosto. — Uma sensação de terror abateu-se sobre ele. — Por quê? Você tem visto Atena?

Ela não o encarou.

— Há algumas semanas — admitiu ela. — Não... não foi nada bom. Não parecia ela mesma. Talvez seja a esquizofrenia greco-romana que Nêmesis descreveu. Não sei. Ela falou algumas coisas cruéis. Disse que eu tinha falhado com ela.

— Falhado com ela? — Percy não tinha certeza de ter ouvido direito. Annabeth era a filha semideusa *perfeita*. Era tudo que uma filha de Atena deveria ser. — Como você poderia...?

— Não sei — respondeu ela, infeliz. — E, para completar, venho tendo pesadelos também. Mas não fazem tanto sentido quanto o seu.

Percy esperou, mas Annabeth não lhe contou mais nenhum detalhe. Ele queria fazê-la sentir-se melhor e dizer que tudo ficaria bem, mas sabia que não podia. Queria consertar tudo para que os dois pudessem ter um final feliz. Depois de todos aqueles anos, mesmo os deuses mais cruéis teriam que reconhecer que eles mereciam.

Mas seus instintos lhe diziam que não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar Annabeth daquela vez, exceto simplesmente *ficar* ao seu lado. *A filha da sabedoria caminha solitária.*

Ele se sentia tão aprisionado e impotente quanto se sentira quando afundara no *muskeg*.

Annabeth conseguiu dar um pequeno sorriso.

— Que noite romântica, hein? Chega de coisas ruins até de manhã. — Ela o beijou outra vez. — Vamos conseguir resolver tudo. Tenho você de volta. Por enquanto, é só o que importa.

— Certo — disse Percy. — Chega de falar na ascensão de Gaia, em Nico mantido como refém, no fim do mundo, nos gigantes...

— Cale a boca, Cabeça de Alga — ordenou ela. — Só me abrace um pouco.

Eles ficaram ali sentados juntos, abraçados, desfrutando do calor um do outro. Antes que Percy percebesse, o zumbido do motor do navio, a penumbra e a sensação reconfortante de estar com Annabeth fizeram seus olhos pesarem, e ele adormeceu.

Quando acordou, a luz do dia entrava pelo piso de vidro, e a voz de um garoto dizia:

— Ah... Vocês estão *muito* encrencados.

XIV

PERCY

PERCY JÁ VIRA **F**RANK CERCADO por ogros canibais, enfrentar um gigante imortal e até mesmo libertar Tânatos, o deus da morte. Mas nunca vira Frank tão apavorado quanto ali, ao encontrar os dois dormindo nos estábulos.

— O quê...? — Percy esfregou os olhos. — Ah, nós caímos no sono.

Frank engoliu em seco. Estava usando tênis de corrida, calça cargo escura e uma camiseta dos Jogos Olímpicos de Vancouver com sua medalha de centurião romano presa à gola (o que a Percy parecia triste ou promissor, agora que eram desertores). Frank desviou os olhos como se a visão dos dois juntos pudesse queimá-lo.

— Estão todos achando que vocês foram sequestrados — falou ele. — Ficamos vasculhando o navio. Quando o treinador Hedge descobrir... ah, deuses, vocês passaram *a noite toda* aqui?

— Frank! — As orelhas de Annabeth estavam vermelhas como morangos. — Só viemos aqui conversar. Adormecemos. Acidentalmente. Só isso.

— Nos beijamos algumas vezes — falou Percy.

Annabeth o fuzilou com os olhos.

— Isso não ajuda!

— É melhor... — Frank apontou para as portas do estábulo. — Hã, vamos nos reunir para o café da manhã. Vocês podem então explicar o que fizeram... quer dizer, não fizeram? Quer dizer... não quero que aquele faun... quer dizer sátiro... me mate.

Frank saiu correndo.

Quando todos finalmente se reuniram no refeitório, as coisas não correram tão mal quanto Frank temia. Jason e Piper ficaram muitíssimo aliviados. Leo não conseguia parar de sorrir e murmurar: “Clássico. Clássico.” Somente Hazel

parecia escandalizada, talvez porque vinha da década de 1940. Ela não parava de se abanar e evitava encarar Percy.

Era claro que o treinador Hedge estava furioso; Percy, porém, achava difícil levar a sério o sátiro, que mal chegava a um metro e meio.

— Nunca em minha vida! — berrou o treinador, agitando o bastão e derrubando uma travessa de maçãs. — Contra o regulamento! Que irresponsáveis!

— Treinador — disse Annabeth — foi um acidente. Estávamos conversando e adormecemos.

— Além disso — acrescentou Percy — você está começando a falar igual a Término.

Hedge estreitou os olhos.

— Isso é um insulto, Jackson? Por que eu vou... vou terminar com você, camarada!

Percy tentou não rir.

— Não vai acontecer de novo, treinador. Prometo. Agora temos outras questões para discutir, não temos?

Hedge bufou.

— Certo! Mas estou de olho em você, Jackson. E quanto a você, Annabeth Chase, pensei que tivesse mais juízo...

Jason pigarreou.

— Então peguem a comida, pessoal. Vamos começar.

*

A reunião foi como um conselho de guerra com *donuts*. Como no Acampamento Meio-Sangue as discussões mais sérias eram em torno da mesa de pingue-pongue da sala de recreação, acompanhadas por biscoitos e queijo cremoso, Percy sentia-se bem à vontade.

Ele contou seu sonho: os gigantes gêmeos planejando uma recepção para eles em um estacionamento subterrâneo com lançadores de foguetes; Nico di Angelo aprisionado em um jarro de bronze, morrendo lentamente por asfixia com sementes de romã aos pés.

Hazel sufocou um soluço.

— Nico... Ah, deuses. As sementes.

— Você sabe o que isso significa? — perguntou Annabeth.

Hazel assentiu.

— Uma vez ele as mostrou para mim. São do jardim de nossa madrastra.

— Sua madr... ah — disse Percy. — Você se refere a Perséfone.

Percy encontrara uma vez a esposa de Hades. Ela não fora exatamente simpática e calorosa. Percy também estivera em seu jardim no Mundo Inferior — um lugar sinistro, cheio de árvores de cristal e flores que desabrochavam vermelho-sangue e branco-fantasma.

— As sementes são um alimento de emergência — contou Hazel. Percy notou que ela estava nervosa, porque todos os talheres na mesa começaram a se mover em sua direção. — Somente os filhos de Hades podem comê-las. Nico sempre carregava algumas para o caso de ficar preso em algum lugar. Mas se ele estiver mesmo aprisionado...

— Os gigantes estão tentando nos atrair — disse Annabeth. — Acreditam que vamos tentar resgatá-lo.

— Bem, eles têm razão! — Hazel correu os olhos em torno da mesa, sua confiança desmoronando visivelmente. — Não vamos?

— Sim! — gritou o treinador Hedge com a boca cheia de guardanapos. — Vai ter luta, não vai?

— Hazel, é claro que vamos ajudá-lo — afirmou Frank. — Mas quanto tempo temos antes... hã, quer dizer, por quanto tempo Nico vai resistir?

— Uma semente por dia — disse Hazel, infeliz. — Isso, se ele se colocar em um transe de morte.

— Transe de morte? — Annabeth fez uma careta. — Isso não parece nada divertido.

— Para evitar que ele consuma todo o ar — explicou Hazel. — É como hibernar ou estar em coma. Cada semente pode mantê-lo vivo por apenas um dia.

— E ele tem cinco sementes — falou Percy. — Isso equivale a cinco dias, contando com hoje. Os gigantes devem ter planejado assim, para que tivéssemos tempo de chegar no primeiro dia de julho. Supondo que Nico esteja escondido em algum lugar de Roma...

— Isso não é muito tempo — resumiu Piper. Ela pôs a mão no ombro de Hazel. — Vamos encontrá-lo. Pelo menos agora sabemos o que os versos da profecia significam. “Gêmeos ceifaram do anjo a vida, que detém a chave para a morte infinita.” O último nome de seu irmão: di Angelo. *Angelo* é “anjo” em italiano.

— Oh, deuses — murmurou Hazel. — Nico...

Percy olhou para seu *donut* de geleia. Ele tinha uma história conturbada com Nico di Angelo. O garoto o enganara uma vez, levando-o até o palácio de Hades, e Percy acabara em uma cela. Na maior parte do tempo, porém, Nico havia

ficado do lado dos mocinhos. Ele certamente não merecia sufocar aos poucos em um jarro de bronze, e Percy não suportava ver Hazel sofrendo.

— Vamos resgatá-lo — prometeu Percy a ela. — *Temos* que resgatá-lo. A profecia diz que ele detém a chave para a morte infinita.

— Isso mesmo — concordou Piper, em tom encorajador. — Hazel, seu irmão saiu em busca das Portas da Morte no Mundo Inferior, certo? Ele deve ter encontrado.

— Ele pode nos dizer onde ficam as portas e como fechá-las — falou Percy.

Hazel respirou fundo.

— Sim. Está bem.

— Hã... — Leo remexeu-se na cadeira. — Uma coisa. Os gigantes estão esperando que a gente faça isso, certo? Então vamos seguir direto para uma armadilha?

Hazel olhou para Leo como se ele tivesse feito um gesto obsceno.

— Não temos escolha!

— Não me entenda mal, Hazel. É só que o seu irmão, Nico... ele sabia sobre os dois acampamentos, certo?

— Bem, sim — confirmou Hazel.

— Ele tem ido e vindo — disse Leo — e não contou nada a nenhum dos lados.

Jason inclinou-se para a frente na cadeira, a expressão sombria.

— Você está se perguntando se podemos confiar no cara. Eu também.

Hazel se pôs de pé em um pulo.

— Não acredito nisso. Ele é meu *irmão*. Ele me trouxe de volta do Mundo Inferior, e vocês não querem ajudá-lo?

Frank pôs a mão no ombro dela.

— Ninguém está dizendo isso. — Ele lançou um olhar furioso para Leo. — É *melhor* que ninguém esteja dizendo isso.

Leo piscou.

— Olhe, pessoal, tudo o que estou dizendo é...

— Hazel — disse Jason. — Leo está levantando uma questão pertinente. Conheci Nico no Acampamento Júpiter. Agora descubro que ele também visitou o Acampamento Meio-Sangue. Isso de fato me parece... bem, um pouco suspeito. Você sabe de verdade a qual lado ele é leal? Só precisamos tomar cuidado.

Os braços de Hazel tremeram. Uma travessa de prata zuniu na direção dela e atingiu a parede, à esquerda da menina, espalhando ovos mexidos.

— Você... o *grande* Jason Grace... o pretor que eu admirava, que eu acreditava ser um líder justo e bom. E agora você...

Hazel bateu o pé e saiu irritada do refeitório.

— Hazel! — chamou Leo com um grito. — Ai, puxa. Eu devia...

— Você já fez o bastante — grunhiu Frank, que então se levantou para segui-la, mas Piper fez um gesto para que ele esperasse.

— Dê um tempo a ela — aconselhou Piper. Em seguida, olhou de cara feia para Leo e Jason. — Vocês foram *muito* insensíveis, rapazes.

Jason parecia chocado.

— Insensíveis? Só estou sendo cauteloso!

— O irmão dela está morrendo — disse Piper.

— Vou falar com ela — insistiu Frank.

— Não — aconselhou Piper. — Deixe que ela esfrie cabeça primeiro. Confie em mim. Vou ver como ela está daqui a pouco.

— Mas... — Frank bufou como um urso irritado. — O.k. Vou esperar.

De um nível acima veio um zumbido parecendo uma grande broca.

— É Festus — explicou Leo. — Ele ficou no piloto automático, mas devemos estar perto de Atlanta. Tenho que ir lá... hã, supondo-se que a gente saiba onde vai aterrissar.

Todos se voltaram para Percy.

Jason ergueu uma sobrancelha.

— Você é o Capitão Água Salgada. Alguma sugestão do especialista?

Aquilo em sua voz seria ressentimento? Percy ficou imaginando se Jason sentia algum rancor secreto por causa do duelo em Kansas. Jason havia feito piadas a respeito, mas Percy deduziu que ambos guardavam um leve ressentimento. Não se podia colocar dois semideuses em uma briga sem que se perguntassem quem era mais forte.

— Não tenho certeza — admitiu ele. — Algum lugar central e alto, para termos uma boa visão da cidade. Quem sabe um parque com bosque? Não vamos pousar um navio no centro da cidade. Duvido que a Névoa possa encobrir algo tão imenso.

Leo assentiu.

— É para já.

Ele correu para a escada. Frank recostou-se de novo na cadeira, inquieto. Percy sentia-se mal por ele. Na viagem para o Alasca, vira Hazel e Frank se aproximarem. Sabia o quanto Frank queria protegê-la. Também percebeu os olhares desagradáveis que Frank dirigia a Leo. Concluiu que talvez fosse uma boa ideia tirá-lo do navio por um tempo.

— Quando pousarmos, vou explorar Atlanta — disse Percy. — Frank, você poderia me ajudar.

— Quer dizer me transformar em dragão de novo? Sinceramente, Percy, não

quero passar a missão toda bancando o táxi voador para todo mundo.

— Não, quero você comigo porque tem o sangue de Poseidon. Talvez possa me ajudar a encontrar água salgada. Além disso, você é bom de luta.

Isso pareceu fazer Frank se sentir um pouco melhor.

— Claro. Acho.

— Ótimo — falou Percy. — Devíamos levar mais um. Annabeth...

— Ah, não! — berrou o treinador Hedge. — Mocinha, você está *de castigo*.

Annabeth o olhou como se ele estivesse falando em outra língua.

— Como?

— Você e Jackson não vão a *lugar nenhum* juntos! — insistiu Hedge. Ele fuzilou Percy com o olhar, desafiando-o a discutir. — *Eu* vou com Frank e o sr. Furtivo Jackson. Quanto aos outros, vigiem o navio e cuidem para que Annabeth não quebre mais nenhuma regra!

Maravilha, pensou Percy. Uma excursão só de garotos, com Frank e um sátiro sedento de sangue, em busca de água salgada em uma cidade distante do litoral.

— Isso — disse ele — vai ser *tão* divertido.

XV

PERCY

— U_{AU!}

Eles haviam pousado perto do cume de uma colina arborizada. Um complexo de edifícios brancos, como um museu ou uma universidade, aninhava-se em um bosque de pinheiros à esquerda. Abaixo deles, estendia-se o centro da cidade de Atlanta — um conjunto de arranha-céus marrons e prateados a três quilômetros dali, erguendo-se em meio ao que parecia uma expansão plana e infinita de rodovias, ferrovias, casas e faixas verdes de floresta.

— Ah, que lugar lindo. — O treinador Hedge inspirou o ar matinal. — Boa escolha, Valdez.

Leo deu de ombros.

— Só escolhi um morro alto. Aquilo ali adiante é uma biblioteca presidencial ou algo assim. Pelo menos é o que Festus diz.

— Disso eu não sei! — retrucou Hedge. — Mas vocês se dão conta do que aconteceu nesta colina? Frank Zhang, você deveria saber!

Frank se encolheu.

— Deveria?

— Um filho de Ares esteve aqui! — gritou Hedge, indignado.

— Eu sou romano... é Marte, na verdade.

— Tanto faz! É um lugar famoso na Guerra Civil americana!

— Na verdade, sou canadense.

— Tanto faz! General Sherman, líder da União. Ele parou no topo desta colina observando a cidade de Atlanta queimar. Abriu um caminho de destruição daqui até o mar. Queimando, saqueando, pilhando... aquele, sim, *era* um semideus!

Frank afastou-se do sátiro.

— Hã, o.k.

Percy não ligava muito para fatos históricos, mas se perguntou se pousar ali não seria mau agouro. Ouvira dizer que a maioria das guerras civis humanas começara como lutas entre semideuses gregos e romanos. Agora estavam no local de uma dessas batalhas. A cidade inteira abaixo deles fora destruída por ordens de um filho de Ares.

Percy podia imaginar alguns dos adolescentes do Acampamento Meio-Sangue dando uma dessas ordens. Clarisse La Rue, por exemplo, não hesitaria. Mas ele não conseguia imaginar Frank sendo tão cruel.

— De qualquer forma — disse Percy — vamos tentar não incendiar a cidade desta vez.

O treinador pareceu desapontado.

— Está bem. Mas para onde vamos?

Percy apontou na direção do centro da cidade.

— Na dúvida, comece pelo meio.

*

Pegar uma carona até lá foi mais fácil do que imaginaram. Os três seguiram para a biblioteca presidencial — que vinha a ser o Carter Center — e perguntaram aos funcionários se eles podiam chamar um táxi ou lhes explicar como chegar ao ponto de ônibus mais próximo. Percy podia ter convocado Blackjack, mas relutou em pedir ajuda ao pégaso logo após seu último desastre. Frank não queria se transformar em nada. Além disso, Percy queria mesmo viajar como um mortal comum, para variar.

Uma das bibliotecárias, chamada Esther, insistiu em levá-los pessoalmente. Ela foi tão legal que Percy desconfiou que fosse um monstro disfarçado; Hedge, porém, puxou-o de lado e assegurou-lhe que Esther tinha o cheiro de um ser humano normal.

— Com um quê de *pot-pourri* — disse ele. — Cravos. Pétalas de rosa. Saboroso!

Eles se amontoaram no Cadillac preto de Esther e seguiram para o centro da cidade. Esther era tão pequena que mal conseguia ver acima do volante, mas isso não parecia incomodá-la. Ela abria caminho em meio ao trânsito enquanto os brindava com histórias sobre as famílias malucas de Atlanta: os antigos fazendeiros, os fundadores da Coca-Cola, os astros do esporte e os jornalistas da CNN. Parecia tão bem informada que Percy decidiu tentar a sorte.

— Hã, então, Esther — disse ele — eis uma pergunta difícil para você. Água

salgada em Atlanta. Qual a primeira coisa que lhe vem à mente?

A velhinha deu uma risada.

— Ah, docinho. Essa é fácil. Tubarões-baleias!

Frank e Percy trocaram olhares.

— Tubarões-baleias? — perguntou Frank, nervoso. — Existem em Atlanta?

— No aquário, docinho — disse Esther. — Muito famoso! Bem no centro da cidade. É para lá que vocês queriam ir?

Um aquário. Percy refletiu. Ele não sabia o que um antigo deus do mar grego estaria fazendo em um aquário na Geórgia, mas não tinha nenhuma ideia melhor.

— Sim — confirmou Percy. — Estamos indo para lá.

Esther os deixou na entrada principal, onde uma fila já começava a se formar. Ela insistiu em deixar com eles o número do celular para alguma emergência, dinheiro para o táxi de volta até o Carter Center e um pote de pêssego em calda caseiro, o qual, por algum motivo, ela mantinha em uma caixa no porta-malas. Frank enfiou o pote na mochila e agradeceu a Esther, que já havia passado a chamá-lo de *filho* após *docinho*.

— Será que todas as pessoas em Atlanta são legais assim? — perguntou Frank enquanto ela se afastava.

Hedge grunhiu.

— Espero que não. Não posso lutar contra elas se forem legais. Vamos acabar com alguns tubarões-baleias. Eles parecem ser perigosos!

Não passou pela cabeça de Percy que precisariam comprar o ingresso ou ficar na fila atrás de um bando de famílias e de crianças em excursão.

Olhando os alunos do ensino fundamental em suas camisetas coloridas de várias colônias de férias, Percy sentiu uma pontada de tristeza. Naquele momento ele devia estar no Acampamento Meio-Sangue, arrumando seu chalé para o verão, dando aulas de esgrima na arena, planejando peças para pregar nos outros conselheiros. Aquelas crianças não faziam ideia de como um acampamento de verão podia ser louco.

Ele suspirou.

— Bem, acho que temos que ficar na fila. Alguém tem dinheiro?

Frank verificou os bolsos.

— Três denários do Acampamento Júpiter. Cinco dólares canadenses.

Hedge apalpou seu short de ginástica e tirou o que encontrou.

— Três moedas de vinte e cinco centavos, duas de dez, um elástico e... bingo! Um pedaço de aipo.

Ele começou a mastigar o aipo, olhando os trocados e o elástico como se fossem os próximos.

— Ótimo — disse Percy.

Seus bolsos também estavam vazios, exceto por sua caneta/espada, Contracorrente. Ele ponderava se conseguiriam ou não entrar sorrateiramente quando uma mulher de blusa azul e verde do Georgia Aquarium veio até eles, sorrindo com alegria.

— Ah, visitantes VIP!

A mulher tinha bochechas rosadas com covinhas, óculos de armação grossa, aparelho nos dentes e cabelo preto e crespo preso em mairas-chiquinhas: embora provavelmente tivesse vinte e muitos anos, parecia uma adolescente nerd — bonitinha, mas meio esquisita. Além da camisa polo do Georgia Aquarium, usava calça escura e tênis pretos e saltitava nos calcanhares como se simplesmente não conseguisse conter a energia. O nome em seu crachá era CINDY.

— Vejo que estão com o dinheiro da entrada — disse ela. — Excelente!

— O quê? — perguntou Percy.

Cindy pegou os três denários da mão de Frank.

— Sim, isto está bom. Por aqui!

Ela virou-se e seguiu apressada em direção à entrada principal.

Percy olhou para o treinador Hedge e para Frank.

— Uma armadilha?

— Provavelmente — disse Frank.

— Ela não é mortal — afirmou Hedge, farejando o ar. — Provavelmente é alguma espécie de inimigo devorador de bodes e destruidor de semideuses vindo do Tártaro.

— Sem dúvida — concordou Percy.

— Perfeito. — Hedge sorriu. — Vamos.

Cindy passou com eles pela fila e entrou sem problemas no aquário.

— Por aqui. — Cindy sorriu para Percy. — É uma exibição *maravilhosa*. Vocês não ficarão desapontados. É tão raro recebermos VIPs.

— Hã, você quer dizer semideuses? — perguntou Frank.

Cindy piscou para ele com ar travesso e levou um dedo aos lábios, pedindo segredo.

— Então aqui é a sessão de água fria, com pinguins, belugas e outros animais. E lá adiante... bem, aqueles são peixes, obviamente.

Para uma funcionária do aquário, ela não parecia saber muito ou se importar com os peixes menores. Eles passaram por um tanque enorme cheio de espécies tropicais, e, quando Frank apontou para um determinado peixe e perguntou qual era, Cindy respondeu: — Ah, aqueles são os amarelos.

Passaram pela lojinha de lembranças. Frank desacelerou o passo para olhar uma mesa com roupas e brinquedos em liquidação.

— Pegue o que quiser — disselhe Cindy.

Frank piscou.

— Mesmo?

— É claro! Você é VIP!

Frank hesitou, mas então enfiou algumas camisetas na mochila.

— Cara — disse Percy — o que você está fazendo?

— Ela disse que eu podia — sussurrou Frank. — E estou precisando de roupas. Não fiz a mala para uma viagem longa!

Ele pegou também um globo de neve, que para Percy não parecia ser uma roupa. Então Frank apanhou um cilindro entrançado, do tamanho aproximado de uma embalagem de Mentos, e o olhou, com a testa franzida.

— O que é...?

— Alguns chamam de algemas chinesas — disse Percy.

Frank, que era sino-canadense, pareceu ofendido.

— Como assim chinesas?

— Não sei — falou Percy. — É só um nome. É um brinquedo.

— Venham, garotos! — chamou Cindy do outro lado do salão.

— Mais tarde eu mostro como funciona — prometeu Percy.

Frank enfiou as algemas na mochila, e continuaram andando.

Eles atravessaram um túnel de acrílico. Peixes nadavam acima da cabeça deles, e Percy sentiu um pânico irracional crescendo na garganta.

Isso é idiotice, disse a si mesmo. *Estive embaixo da água um milhão de vezes. Nem estou dentro da água.*

A ameaça real era Cindy, lembrou a si mesmo. Hedge já havia detectado que ela não era humana. A qualquer minuto poderia se transformar em alguma criatura horrível e atacá-los. Infelizmente, Percy não via muita escolha a não ser fazer o jogo do *tour* VIP até que pudessem encontrar o deus do mar Fórcis, mesmo que estivessem entrando em uma armadilha.

Entraram em uma sala de observação banhada em luz azul. Do outro lado de uma parede de vidro estava o maior tanque de aquário que Percy já vira. Nadando em círculos viam-se dezenas de peixes imensos, entre os quais dois tubarões-pintados, cada um com o dobro do tamanho de Percy. Eram gordos e lentos, com a boca sem nenhum dente aberta.

— Tubarões-baleias — resmungou o treinador Hedge. — Agora vamos lutar até a morte!

Cindy deu uma risadinha.

— Sátiro tolo. Tubarões-baleias são pacíficos. Só comem plâncton.

Percy franziu a testa. Ele se perguntou como Cindy sabia que o treinador era um sátiro. Hedge usava calça comprida e sapatos especiais por cima dos cascos, como os sátiros costumavam fazer para passarem despercebidos pelos mortais. O

boné de beisebol cobria-lhe os chifres. Quanto mais Cindy ria e agia amigavelmente, menos Percy gostava dela; o treinador Hedge, porém, não parecia intimidado.

— Tubarões pacíficos? — retrucou o treinador com desgosto. — Qual é o sentido disso?

Frank leu a placa ao lado do tanque:

— Os únicos tubarões-baleias em cativeiro no mundo. É bem impressionante.

— Sim, e estes são pequenos — disse Cindy. — Vocês deviam ver alguns dos meus outros bebês em liberdade.

— Seus bebês? — perguntou Frank.

A julgar pelo brilho maligno nos olhos de Cindy, Percy teve certeza de que não queria conhecer os *bebês* de Cindy. Ele concluiu que já era hora de ir direto ao assunto. Não queria ficar naquele aquário mais tempo do que o necessário.

— Então, Cindy — falou ele — estamos procurando um cara... quer dizer, um deus, chamado Fórcis. Por acaso você o conhece?

Cindy bufou.

— Se eu o *conheço*? Ele é meu irmão. É para onde estamos indo, bobinhos. As *verdadeiras* exposições estão bem aqui.

Ela fez um gesto na direção da parede oposta. A sólida superfície negra ondulou e outro túnel surgiu, levando a um luminoso tanque roxo.

Cindy entrou ali. Percy não tinha a menor vontade de segui-la, mas, se Fórcis estivesse mesmo do outro lado, se tivesse informações que ajudassem na missão... Percy respirou fundo e entrou no túnel, seguindo os amigos.

Assim que entraram, o treinador Hedge assoviou.

— Ora, *isso* é interessante.

Deslizando acima deles viam-se águas-vivas multicoloridas do tamanho de latões de lixo, cada uma com centenas de tentáculos que se assemelhavam a arame farpado feito de seda. Um peixe-espada de três metros estava paralisado e enredado nos tentáculos de uma água-viva, que lentamente apertava cada vez mais sua presa.

Cindy virou-se radiante para o treinador Hedge:

— Está vendo? Esqueça os tubarões-baleias! E ainda há muito mais.

Cindy os levou para uma câmara maior, onde havia mais aquários. Em uma das paredes, uma placa vermelho brilhante proclamava: MORTE NOS MARES PROFUNDOS! *Patrocinado por Donuts Monstro.*

Percy precisou ler a placa duas vezes por causa da dislexia, e então mais duas para que a mensagem fizesse sentido.

— Donuts Monstro?

— Ah, sim — disse Cindy. — Um de nossos patrocinadores corporativos.

Percy engoliu em seco. Sua última experiência com Donuts Monstro não fora nada agradável. Incluía cabeças de serpente cuspidendo ácido, muitos gritos e um canhão.

Em um dos aquários, uma dúzia de hipocampos — cavalos com cauda de peixe — perambulava sem rumo. Percy encontrara muitos hipocampos em liberdade. Até montara alguns deles; mas nunca vira nenhum em um aquário. Tentou falar com eles, mas as criaturas simplesmente flutuavam de um lado para o outro e às vezes se chocavam contra o vidro. Suas mentes pareciam confusas.

— Isso não está certo — murmurou Percy.

Ele se virou e viu algo ainda pior. No fundo de um tanque menor, duas nereidas — espíritos marinhos femininos — sentavam-se de pernas cruzadas, de frente uma para a outra, jogando cartas. Pareciam incrivelmente entediadas. Os longos cabelos verdes flutuavam apaticamente em torno do rosto. Os olhos estavam semicerrados.

Percy ficou tão furioso que mal conseguia respirar. Ele fuzilou Cindy com os olhos.

— Como pode mantê-las aqui?

— Eu sei. — Cindy suspirou. — Não são muito interessantes. Tentamos ensinar alguns truques a elas, mas receio que não tenhamos tido sorte. Acho que vocês vão gostar muito mais desse tanque aqui.

Percy começou a reclamar, mas Cindy já havia seguido em frente.

— Santa mãe dos bodes! — gritou o treinador Hedge. — Olhem só essas belezuras!

Ele olhava boquiaberto para duas serpentes-do-mar — monstros de quase dez metros com escamas azuis reluzentes e mandíbulas capazes de partir ao meio um tubarão-baleia. Em outro tanque, espiando de sua caverna de cimento, havia uma lula do tamanho de uma carreta, com um bico que mais parecia um alicate gigante.

Um terceiro tanque continha uma dezena de humanoides com lustrosos corpos de foca, cara de cão e mãos humanas. Eles se sentavam na areia no fundo do tanque, construindo coisas com Legos, embora parecessem tão atordoados quanto as nereidas.

— Aqueles são...? — Percy teve dificuldade para formular a pergunta.

— Telquines? — completou Cindy. — Sim! Os únicos em cativeiro.

— Mas na última guerra eles lutaram a favor de Cronos! — falou Percy. — São perigosos!

Cindy revirou os olhos.

— Bem, não poderíamos chamar a exposição de “Morte nos Mares Profundos” se não fosse perigosa. Não se preocupe. Nós os mantemos bem

sedados.

— Sedados? — perguntou Frank. — Isso é legal?

Cindy pareceu não ouvi-lo. Continuou andando, apontando outras exposições. Percy olhou para trás, para os telquines. Um deles era claramente uma criança. Tentava fazer uma espada de Legos, mas parecia grogue demais para unir as peças. Percy nunca gostara daqueles demônios do mar, mas agora sentia pena deles.

— E *estes* monstros marinhos — relatou Cindy adiante — podem crescer até cento e cinquenta metros no oceano profundo. Têm mais de mil dentes. E estes? Seu alimento preferido é semideus...

— Semideus? — gemeu Frank.

— Mas eles comem baleias ou pequenos barcos também. — Cindy voltou-se para Percy e enrubesceu. — Desculpe... Sou *tão* nerd em relação a monstros! Tenho certeza de que você sabe de tudo isso, já que é filho de Poseidon.

Os ouvidos de Percy zumbiam como campainhas de alarme. Não gostava que Cindy soubesse tanto sobre ele. Não gostava da maneira como ela casualmente deixava escapar informações sobre drogar criaturas cativas ou qual de seus *bebês* gostava de devorar semideuses.

— Quem é você? — perguntou ele. — O nome Cindy tem significado?

— Cindy? — Ela pareceu momentaneamente confusa. Então olhou para seu crachá. — Ah... — Ela riu. — Não, é que...

— Olá! — soou uma nova voz, ecoando pelo aquário.

Um homenzinho surgiu da escuridão. Ele andava de lado com as pernas arqueadas, igual a um caranguejo, as costas curvadas, os dois braços erguidos, como se estivesse segurando pratos invisíveis.

Usava roupa de mergulho de vários tons de verde horríveis. Letras prateadas impressas verticalmente na lateral de seu traje diziam: ESPETÁCULOS DO FÓFIS. Um fone de ouvido com microfone estava preso ao cabelo grosso e seboso. Seus olhos eram de um azul leitoso, um maior que o outro, e, embora ele sorrisse, não parecia amistoso — era mais como se o rosto estivesse sendo puxado para trás em um túnel de vento.

— Visitantes! — exclamou o homem, a palavra trovejando pelo microfone. Tinha voz de locutor, grave e ressonante, que não combinava em nada com a aparência. — Bem-vindos ao Espetáculo do Fórcis!

Ele fez um movimento com os braços em uma direção, como se voltasse sua atenção para uma explosão. Nada aconteceu.

— Maldição — resmungou o homem. — Telquines, essa é a sua deixa! Eu agito as mãos, e vocês saltam energicamente no tanque, fazem um giro duplo sincronizado e aterrisam em formação de pirâmide. Nós treinamos isso!

Os demônios marinhos não deram a menor atenção a ele.

O treinador Hedge inclinou-se na direção do homem-caranguejo e farejou seu traje brilhante de mergulho.

— *Bela* roupa.

Hedge não parecia estar brincando. Entretanto, o sátiro usava uniformes de ginástica porque gostava.

— Obrigado! — O homem sorriu. — Eu sou Fórcis.

Frank mudou o peso de um pé para o outro.

— Por que a sua roupa diz *Fófis*?

Fórcis grunhiu.

— Estúpida fábrica de uniformes! Não conseguem fazer nada direito.

Cindy deu um tapinha no próprio crachá.

— Eu disse a eles que meu nome era Ceto. Eles escreveram Cindy. Meu irmão... bem, agora ele é Fófis.

— Não sou, não! — rebateu o homem. — Não sou nem *um pouco* fofo. O nome nem funciona com Espetáculo. Que tipo de apresentação se chamaria Espetáculo do Fófis? Mas vocês, pessoal, não vieram aqui para ouvir nossas queixas. Vejam a admirável majestade da lula-gigante assassina!

Ele gesticulou dramaticamente na direção do tanque da lula. Dessa vez, fogos de artifício explodiram diante do vidro na hora certa, disparando gêiseres de faíscas douradas. A música aumentou nos alto-falantes. As luzes ficaram mais fortes e revelaram a admirável majestade de um tanque vazio.

Aparentemente a lula havia escapulado para sua caverna.

— Maldição! — tornou a gritar Fórcis. Ele voltou-se para a irmã: — Ceto, treinar a lula era *sua* função. Malabarismo, eu disse. Talvez um pouco de processamento de carne para o encerramento. Isso é pedir muito?

— Ela é tímida — falou Ceto, na defensiva. — Além disso, cada um dos tentáculos dela tem sessenta e duas farpas que devem ser afiadas diariamente. — Ela virou-se para Frank: — Você sabia que a lula monstruosa é a única fera que come semideuses inteiros, com armadura e tudo, sem ter indigestão? É verdade!

Frank cambaleou para longe dela, abraçando a própria barriga, como se quisesse se certificar de que ainda estava inteiro.

— Ceto! — Fórcis estalou os dedos... literalmente, pois clicou os polegares, como garras de caranguejo. — Você vai entediar nossos convidados com tantas informações. Menos instrução, mais diversão! Já discutimos isso.

— Mas...

— Nada de “mas”! Estamos aqui para apresentar “Morte nos Mares Profundos!”, patrocinado pela Donuts Monstro!

As últimas palavras reverberaram pelo salão com eco extra. Luzes piscavam.

Nuvens de fumaça subiam em ondas do chão, criando anéis no formato de *donuts* que cheiravam a *donuts* de verdade.

— Disponível no quiosque da rede — anunciou Fórcis. — Mas vocês gastaram seu suado denário para fazer o *tour* VIP, e assim será! Venham comigo!

— Hã, espere — disse Percy.

O sorriso de Fórcis se desfez de modo estranho.

— Pois não?

— Você é um deus do mar, não é? — perguntou Percy. — Filho de Gaia?

O homem-caranguejo suspirou.

— Cinco mil anos, e ainda sou conhecido como o garotinho de Gaia. Não importa que eu seja um dos mais antigos deuses do mar. Mais velho que *seu* pai novato, aliás. Sou o deus das profundezas ocultas! Senhor dos terrores aquáticos! Pai de mil monstros! Mas não... ninguém me conhece. Cometo um pequeno erro ao apoiar os Titãs em sua guerra, e sou exilado do oceano... para Atlanta, com tanto lugar por aí.

— Achamos que os olímpianos tinham dito *Atlantis* — explicou Ceto. — Eles devem ter achado muito engraçado nos mandar para cá.

Percy estreitou os olhos.

— E você é uma deusa?

— Sim, Ceto! — Ela sorriu, feliz. — Deusa dos monstros marinhos, naturalmente! Baleias, tubarões, lulas e outros seres marinhos gigantes, mas meu coração sempre pertenceu aos monstros. Vocês sabiam que serpentes-do-mar jovens podem regurgitar a carne das vítimas e se alimentar por até seis anos com a mesma refeição? É verdade!

Frank ainda segurava a barriga, como se fosse vomitar.

O treinador Hedge assoviou.

— Seis anos? Fascinante.

— Pois é! — Ceto sorriu.

— E como exatamente uma lula assassina processa a carne das vítimas? — perguntou Hedge. — Eu *amo* a natureza.

— Ah, bem...

— Pare! — mandou Fórcis. — Você está arruinando o espetáculo! Agora, veja nossas nereidas gladiadoras lutarem até a morte!

Um globo de discoteca espelhado desceu no tanque de exposição das nereidas, fazendo a água dançar com sua luz multicolorida. Duas espadas caíram e bateram na areia do fundo. As nereidas as ignoraram e continuaram a jogar cartas.

— Maldição!

Fórcis bateu os pés de lado. Ceto fez uma careta para o treinador Hedge.

— Não ligue para Fócis. Ele é *tão* exibido. Venha comigo, meu querido sátiro. Vou lhe mostrar gráficos coloridos dos hábitos de caça dos monstros.

— Excelente!

Antes que Percy pudesse se opor, Ceto conduziu o treinador Hedge por um labirinto de aquários, deixando Percy e Frank sozinhos com o deus do mar ranzinza.

Uma gota de suor escorreu pelo pescoço de Percy. Ele trocou um olhar nervoso com Frank. Aquela parecia uma estratégia do tipo *dividir-e-conquistar*. Ele não via nenhuma possibilidade de aquele encontro terminar bem. Parte dele queria atacar Fórcis naquele momento — pelo menos isso lhes daria o elemento surpresa — mas ainda não tinham descoberto nenhuma informação útil. Percy não sabia se encontraria o treinador Hedge. Não tinha certeza sequer de que conseguiria encontrar a saída.

Fórcis deve ter lido sua expressão.

— Ah, está tudo bem! — assegurou-lhe o deus. — Ceto pode até ser um pouco chatinha, mas vai cuidar bem de seu amigo. E, sinceramente, a melhor parte do *tour* ainda está por vir!

Percy tentou pensar, mas estava começando a sentir dor de cabeça. Não sabia se era por conta da pancada do dia anterior, dos efeitos especiais de Fórcis ou das aulas da irmã dele com fatos nauseantes sobre monstros marinhos.

— Então... — conseguiu ele dizer. — Dioniso nos mandou aqui.

— Baco — corrigiu Frank.

— Certo. — Percy tentou controlar a irritação. Ele mal conseguia lembrar um nome para cada deus. Dois era pedir demais. — O deus do vinho. Não importa. — Ele olhou para Fórcis. — Baco disse que você poderia saber o que sua mãe, Gaia, está planejando, e esses seus irmãos gêmeos gigantes, Efialtes e Oto. E se você por acaso sabe alguma coisa sobre a Marca de Atena...

— Baco pensou que eu ajudaria vocês? — perguntou Fórcis.

— Bem, sim — disse Percy. — Puxa, você é Fórcis. Todo mundo fala de você.

Fórcis inclinou a cabeça, de modo que seus olhos assimétricos quase se alinharam.

— Falam?

— É claro. Não é, Frank?

— Ah... com certeza! — concordou Frank. — As pessoas falam de você o tempo todo.

— O que elas dizem? — perguntou o deus.

Frank pareceu pouco à vontade.

— Bem, que você é ótimo em pirotecnia. E uma boa voz de locutor. E, hã, um

globo de discoteca...

— É verdade! — Fórcis estalou os dedos com entusiasmo. — Também tenho a maior coleção de monstros marinhos cativos do mundo!

— E você *sabe* coisas — acrescentou Percy. — Por exemplo, sobre os gêmeos e o que eles estão aprontando.

— Os gêmeos! — A voz de Fórcis ecoou. Luzes piscaram diante do tanque da serpente-do-mar. — Sim, sei tudo sobre Efialtes e Oto. Aqueles projetos de gigantes! Eles nunca se encaixaram no grupo. Franzinos demais... e, ainda por cima, aquelas cobras como pés.

— Cobras como pés?

Percy lembrou que no sonho os gêmeos usavam sapatos compridos e enrolados.

— Sim, sim — disse Fórcis, impaciente. — Eles sabiam que não iam conseguir se dar bem só com a força, então decidiram partir para o drama... Ilusionismo, truques de palco, esse tipo de coisa. Vocês sabem, Gaia tinha em mente inimigos específicos quando *moldou* seus filhos gigantes. Cada gigante nasceu para matar um determinado deus. Efialtes e Oto... bem, juntos, eles eram meio que antiDioniso.

Percy tentou digerir aquela ideia.

— Então... eles querem substituir todo o vinho por suco de amora ou algo assim?

O deus do mar bufou.

— Nada disso! Efialtes e Oto sempre quiseram realizações melhores, mais vistosas, mais espetaculares! Ah, é claro que queriam matar Dioniso. Mas primeiro queriam humilhá-lo, fazendo as festas dele parecerem sem graça!

Frank olhou para as luzes.

— Usando coisas como fogos de artifício e bolas de discoteca?

A boca de Fórcis esticou-se naquele sorriso de túnel de vento.

— Exatamente! Ensinei aos gêmeos tudo o que eles sabem, ou pelo menos tentei. Eles nunca ouviam. Seu primeiro grande truque? Tentaram alcançar o Olimpo empilhando montanhas. Era só uma ilusão, é claro. Eu disse a eles que aquilo era ridículo. “Vocês deviam começar de baixo”, falei. “Serrar um ao outro ao meio, tirar górgonas da cartola. Esse tipo de coisa. E combinar roupas de paetês. Gêmeos precisam de roupas assim!”

— Bom conselho — concordou Percy. — E agora os gêmeos estão...

— Ah, preparando-se para o espetáculo apocalíptico em Roma — contou Fórcis com desdém. — É uma das ideias tolas da mamãe. Eles estão mantendo um prisioneiro em um jarro grande de bronze. — Ele voltou-se para Frank: — Você é filho de Ares, não é? Tem aquele cheiro. Uma vez os gêmeos prenderam

seu pai do mesmo modo.

— Filho de Marte — corrigiu Frank. — Espere... esses gigantes prenderam meu pai em um jarro de bronze?

— Sim, outro número estúpido — falou o deus do mar. — Como você pode exhibir seu prisioneiro se ele está em um jarro de bronze? Não tem nenhum valor como entretenimento. Não é como meus adoráveis espécimes!

Ele apontou para os hipocampos, que batiam a cabeça apaticamente no vidro.

Percy tentou pensar. Tinha a sensação de que a letargia daquelas criaturas do mar aturdidadas começava a afetá-lo.

— Você disse que esse... esse espetáculo apocalíptico foi ideia de Gaia?

— Bem... os planos da mamãe sempre são muito complexos. — Ele riu. — A terra é complexa! Acho que isso faz sentido!

— Hã-hã — disse Percy. — E então o plano dela...

— Ah, ela colocou a cabeça de um grupo de semideuses a prêmio — contou Fórcis. — Ela não se importa com quem os matará, contanto que morram. Bem... retiro o que disse. Ela foi bastante enfática ao dizer que *dois* devem ser poupados. Um garoto e uma garota. Só o Tártaro sabe por quê. De qualquer forma, os gêmeos têm seu pequeno espetáculo planejado, esperando que isso atraia esses semideuses para Roma. Suponho que o prisioneiro no jarro seja um amigo deles ou algo assim. Isso ou talvez eles achem que esse grupo de semideuses será suficientemente tolo para ir até o território deles em busca da Marca de Atena. — Fórcis deu uma cotovelada nas costelas de Frank. — Rá! Boa sorte nessa, hein?

Frank riu com nervosismo.

— É. Rá-rá. Isso seria mesmo uma grande burrice porque, hã...

Fórcis estreitou os olhos.

Percy enfiou a mão no bolso e fechou os dedos em torno de Contracorrente. Até mesmo aquele velho deus do mar devia ser esperto o bastante para perceber que eles eram os semideuses com a cabeça a prêmio.

Fórcis, porém, apenas riu e deu outra cotovelada em Frank.

— Rá! Boa essa, filho de Marte. Suponho que você esteja certo. Não adianta ficar falando disso. Mesmo que os semideuses encontrassem aquele mapa em Charleston, eles nunca chegariam a Roma vivos!

— É, o MAPA EM CHARLESTON — disse Frank bem alto, dirigindo a Percy um olhar arregalado para se certificar de que ele também tinha percebido; ele teria disfarçado melhor se tivesse erguido uma placa grande com a palavra *PISTA!!!!*

— Mas chega dessa coisa educativa e chata! — falou Fórcis. — Vocês pagaram pelo tratamento VIP. Querem fazer o *favor* de me deixar terminar a

visita guiada? A entrada de três denários não é reembolsável, vocês sabem.

Percy não estava nem um pouco animado com a perspectiva de mais fogos de artifício, fumaça com cheiro de *donut* ou criaturas do mar cativas e deprimentes. Mas olhou para Frank e decidiu que era melhor fazer a vontade do velho deus ranzinza, pelo menos até que encontrassem o treinador Hedge e chegassem em segurança à saída. Além disso, talvez conseguissem extrair mais informações de Fórcis.

— Depois podemos fazer perguntas? — disse Percy.

— É claro! Vou lhes dizer tudo de que precisam saber.

Fórcis bateu palmas duas vezes. Na parede sob a placa vermelho-brilhante surgiu um novo túnel, que levava a outro tanque.

— Façam como eu!

Fórcis correu de lado através do túnel. Frank coçou a cabeça e se virou de lado.

— Temos que...?

— É só o jeito de falar, cara — disse Percy. — Vamos.

XVI

PERCY

O TÚNEL SEGUIA NO NÍVEL do chão ao longo de um tanque do tamanho de um ginásio. Exceto pela água e pela decoração barata, parecia majestosamente vazio. Percy calculou que havia uns duzentos mil litros de água acima deles. Se o túnel se estilhasse por alguma razão...

Nada demais, pensou Percy. Já fiquei cercado por água milhares de vezes. Esse é o meu ambiente.

Mas seu coração estava disparado. Ele lembrou-se da sensação de afundar no pântano frio do Alasca — a lama preta cobrindo os olhos, a boca e o nariz.

Fórcis se deteve no meio do túnel e abriu os braços, orgulhoso.

— Linda exposição, não é?

Percy tentou se distrair concentrando-se nos detalhes. Em um dos cantos do tanque, aninhada em uma floresta de algas falsas, havia uma casa de biscoito de plástico em tamanho natural, com bolhas saindo da chaminé. No canto oposto, havia uma escultura de plástico de um cara em um traje de mergulho antiquado ajoelhado ao lado de um baú do tesouro, que se abria a cada alguns segundos, cuspiam bolhas e voltava a se fechar. Espalhadas no chão de areia branca viam-se grandes bolas de gude do tamanho de bolas de boliche e uma estranha variedade de armas como tridentes e lanças. Diante de uma das paredes do tanque havia um anfiteatro com espaço para centenas de pessoas.

— O que você mantém aqui? — perguntou Frank. — Peixinhos dourados gigantes assassinos?

Fórcis ergueu as sobrancelhas.

— Ah, isso seria legal! Mas, não, Frank Zhang, descendente de Poseidon. Este tanque não é para peixinhos dourados.

Quando ele disse *descendente de Poseidon*, Frank se encolheu. Recuou alguns

passos, agarrando a mochila como se ela fosse uma clava que ele estivesse pronto para arremessar.

Uma sensação de pavor tomou a garganta de Percy, pesada como xarope para tosse. Infelizmente, era uma sensação familiar.

— Como você sabe o sobrenome de Frank? — perguntou ele. — Como sabe que ele descende de Poseidon?

— Bem... — Fórcis deu de ombros, tentando parecer humilde. — Provavelmente estava nas descrições que Gaia forneceu. Você sabe, para a recompensa, Percy Jackson.

Percy destampou a caneta. Imediatamente, Contracorrente surgiu em sua mão.

— Não me traia, Fórcis. Você me prometeu respostas.

— Depois do tratamento VIP, sim — Fórcis concordou. — Prometi lhe dizer tudo que você precisa saber. A verdade, porém, é que você não precisa saber de nada. — Seu sorriso grotesco alargou-se. — Sabe, mesmo que chegasse a Roma, o que é *bastante* improvável, você nunca derrotaria meus irmãos gigantes sem um deus lutando ao seu lado. E que deus ajudaria vocês? Então, tenho um plano melhor. Vocês não vão embora. Vocês são VIPs — *Very Important* Prisioneiros!

Percy se lançou para a frente. Frank arremessou a mochila na cabeça do deus. Fórcis simplesmente desapareceu.

A voz do deus reverberou pelo sistema de som do aquário, ecoando pelo túnel:

— Isso, muito bem! Lutar é muito bom! Vocês sabem, a Mãe nunca me confiou grandes tarefas, mas concordou que eu podia manter tudo que eu pegasse. Vocês dois darão uma ótima exposição... os únicos semideuses filhos de Poseidon em cativeiro. “Semideuses Aterrorizantes”... sim, gosto disso! Já conseguimos o patrocínio de um supermercado. Vocês podem se enfrentar em uma luta todos os dias às onze da manhã e à uma da tarde, com um espetáculo noturno às sete.

— Você é louco! — gritou Frank.

— Não seja tão modesto! — disse Fórcis. — Vocês serão nossa maior atração!

Frank correu para a saída, mas tudo que conseguiu foi bater em uma parede de vidro. Percy correu para o outro lado, mas seu caminho também estava bloqueado. O túnel em que se encontravam havia se transformado em uma bolha. Ele tocou no vidro e percebeu que estava amolecendo, derretendo como gelo. Logo a água os alcançaria.

— Nós não vamos cooperar, Fórcis! — gritou ele.

— Ah, eu sou otimista — trovejou o deus. — Se não lutarem um contra o outro de início, não tem problema! Posso mandar monstros marinhos novos todos os dias. Depois que se acostumarem com a comida daqui, serão devidamente sedados e seguirão as ordens. Acreditem, vocês vão acabar amando

seu novo lar.

Acima da cabeça de Percy, o domo de vidro rachou e começou a vazar.

— Sou filho de Poseidon! — Percy tentou não demonstrar medo em sua voz.
— Você não pode me prender na água. É onde fico mais forte.

A risada de Fórcis pareceu vir de todos os lados.

— Que coincidência! É também onde *eu* fico mais forte. Este tanque foi especialmente projetado para conter semideuses. Agora, divirtam-se, vocês dois. Vejo vocês na hora da alimentação!

O domo de vidro se estilhaçou, e a água veio abaixo.

*

Percy prendeu a respiração até não aguentar mais. Quando finalmente encheu os pulmões com água, a sensação era a mesma de respirar normalmente. A pressão da água não o incomodava. Suas roupas nem mesmo ficaram molhadas. Suas habilidades subaquáticas continuavam tão boas como sempre.

É só uma fobia idiota, assegurou a si mesmo. Eu não vou me afogar.

Então lembrou-se de Frank e imediatamente sentiu uma onda de pânico e culpa. Percy ficara tão preocupado consigo mesmo que tinha esquecido que o amigo era apenas um descendente distante de Poseidon. *Frank* não podia respirar debaixo d'água.

Mas onde *ele* estava?

Percy fez uma volta completa. Nada. Então olhou para cima. Pairando acima dele, viu um peixe dourado gigante. Frank havia se transformado — roupas, mochila e tudo — em uma carpa do tamanho de um adolescente.

Cara. Percy enviou seus pensamentos pela água, da maneira como falava com outras criaturas do mar. *Um peixinho dourado?*

A voz de Frank veio até ele: *Entrei em pânico. Tínhamos falado sobre peixinhos dourados, então era o que estava na minha cabeça. Não me julgue.*

Estou tendo uma conversa telepática com uma carpa gigante, pensou Percy. *Ótimo. Você pode se transformar em algo mais... útil?*

Silêncio. Talvez Frank estivesse se concentrando, embora fosse impossível dizer, pois carpas não são muito expressivas.

Desculpe. Frank parecia constrangido. *Estou preso. Acontece às vezes quando entro em pânico.*

Tudo bem. Percy rangeu os dentes. *Vamos descobrir uma forma de fugir.*

Frank nadou pelo tanque e não encontrou saídas. O topo era coberto por uma

rede de bronze celestial, como as portas de enrolar de aço que protegem as vitrines de lojas fechadas. Percy tentou atravessar o metal com Contracorrente, mas não conseguiu nem arranhar. Ele tentou rompê-lo com o punho de sua espada... Mais uma vez, nenhum resultado. Então fez o mesmo com várias armas que jaziam no piso do tanque e tudo o que conseguiu foi quebrar três tridentes, uma espada e um arpão.

Por fim, tentou controlar a água. Queria expandi-la e romper o tanque, ou lançá-la pelo alto, mas a água não obedecia. Talvez estivesse encantada ou sob o poder de Fórcis. Percy concentrou-se até seus ouvidos estalarem, mas o melhor que conseguiu fazer foi arrancar a tampa do baú do tesouro de plástico.

Bem, é isso, pensou ele, desanimado. Vou ter que viver em uma casinha de biscoito de plástico pelo resto da vida, lutando contra meu amigo peixinho dourado gigante e esperando a hora da comida.

Fórcis garantira que eles aprenderiam a amar aquele lugar. Percy pensou nos telquines atordoados, nas nereidas e nos hipocampus, todos nadando entediados em lentos círculos. A ideia de terminar daquela maneira não ajudava a reduzir seu nervosismo.

Ele se perguntou se Fórcis não estaria certo, de qualquer forma. Mesmo que conseguissem escapar, como poderiam derrotar os gigantes se todos os deuses estavam incapacitados? Baco talvez pudesse ajudar — já matara os gigantes gêmeos uma vez, mas só se juntaria à luta se recebesse um tributo impossível, e a ideia de oferecer a Baco *qualquer* tipo de tributo fazia Percy querer morrer engasgado com um *donut*.

Olhe!, exclamou Frank.

Do outro lado do vidro, Ceto conduzia o treinador Hedge pelo anfiteatro, fazendo-lhe uma preleção enquanto o treinador assentia e admirava as cadeiras destinadas à plateia.

Treinador!, gritou Percy.

Então percebeu que era inútil: o treinador não podia ouvir gritos telepáticos. Frank bateu a cabeça no vidro, mas Hedge não pareceu perceber. Ceto passou com ele rapidamente pelo anfiteatro, sem nem olhar na direção do tanque, provavelmente porque presumia que ainda estava vazio. Ela apontou para a outra extremidade do salão, como se dissesse: *Venha. Outros monstros marinhos horripilantes por aqui.*

Percy se deu conta de que tinha apenas alguns segundos antes que o treinador se fosse. Ele nadou atrás deles, mas a água não facilitava seus movimentos como de costume. Na verdade, parecia estar puxando-o para trás. Ele largou Contracorrente e usou os dois braços.

O treinador Hedge e Ceto estavam a pouco mais de um metro da saída.

Em desespero, Percy apanhou uma bola de gude gigante e a arremessou como se fosse uma bola de boliche.

Ela bateu no vidro e o som foi um *tunc* — nem de perto alto o bastante para atrair a atenção.

O coração de Percy se apertou.

O treinador Hedge, porém, tinha ouvidos de sátiro. E olhou por cima do ombro. Quando viu Percy, sua expressão mudou várias vezes em uma questão de microssegundos — incompreensão, surpresa, indignação e por fim uma máscara de calma.

Antes que Ceto percebesse, Hedge apontou para o topo do anfiteatro. Parecia estar gritando: *Deuses do Olimpo, o que é aquilo?*

Ceto virou-se. O treinador Hedge prontamente tirou o pé falso e aplicou um chute de ninja na parte de trás da cabeça da garota com seu casco de bode. Ela desabou no chão.

Percy estremeceu. Sua cabeça, recentemente atingida, latejou em solidariedade, mas ele nunca se sentiu tão feliz de ter um acompanhante que gostava de lutas de MMA.

Hedge correu para o vidro. Ergueu as mãos, como quem diz: *O que está fazendo aí, Jackson?*

Percy bateu o punho no vidro e moveu os lábios: *Quebre o aquário!*

Hedge gritou algo que devia ser: *Cadê o Frank?*

Percy apontou para a carpa gigante.

Frank acenou com a barbatana dorsal esquerda. *E aí?*

Atrás de Hedge, a deusa do mar começou a se mover. Percy apontou freneticamente para ela.

Hedge sacudiu a perna, como se estivesse aquecendo seu casco para outro chute, mas Percy acenou para impedi-lo. Eles não podiam ficar acertando a cabeça de Ceto para sempre. Como era imortal, ela não ficaria desmaiada por muito tempo, e aquilo não os tiraria do tanque. Era só uma questão de tempo antes que Fórcis voltasse para dar uma olhada neles.

No três, Percy moveu os lábios, erguendo três dedos e então apontando o vidro. *Vamos todos bater ao mesmo tempo.*

Percy nunca fora bom em mímica, mas Hedge assentiu, parecendo entender. Bater nas coisas era uma linguagem que o sátiro conhecia muito bem. Ele ergueu outra bola de gude gigante.

Frank, vamos precisar de você também. Já pode mudar de forma?

Talvez para humano.

Pode ser humano! Prenda a respiração. Se isto funcionar...

Ceto ajoelhou-se. Não havia tempo a perder.

Percy contou nos dedos. *Um, dois, três!*

Frank assumiu a forma humana e bateu no vidro com o ombro. O treinador deu um chute circular à la Chuck Norris com o casco. Percy usou toda a sua força para arremessar a bola de gude na parede de vidro, mas fez mais do que isso. Ele ordenou que a água lhe obedecesse e dessa vez recusou-se a aceitar um não como resposta. Sentiu toda a pressão confinada no interior do tanque e fez uso dela. A água gostava de liberdade. Com tempo, podia vencer qualquer barreira e *odiava* estar aprisionada, assim como Percy. Ele pensou em voltar para Annabeth. Pensou em destruir aquela prisão horrível para criaturas do mar. Pensou em enfiar o microfone na goela horrorosa de Fórcis. Quase duzentos mil litros de água responderam à sua fúria.

A parede de vidro se partiu. As rachaduras ziguezaguearam a partir do ponto de impacto, e de repente o tanque explodiu. Percy foi sugado para fora junto com uma torrente de água e rolou pelo piso do anfiteatro com Frank, algumas imensas bolas de gude e uma moita de algas de plástico. Ceto já estava quase de pé quando a escultura de mergulhador desabou sobre ela, como se quisesse um abraço.

O treinador Hedge cuspiu água salgada.

— Pelas flautas de Pã, Jackson! O que vocês estavam *fazendo* lá dentro?

— Fórcis! — exclamou Percy. — Armadilha! Corra!

Os alarmes soavam enquanto eles fugiam. Passaram correndo pelo tanque das nereidas, depois pelo dos telquines. Percy queria libertá-los, mas como? Estavam drogados e lentos e eram criaturas marinhas. Não sobreviveriam, a menos que encontrasse uma forma de transportá-los para o oceano.

Além disso, se Fórcis os apanhasse, Percy tinha certeza de que o poder do deus do mar superaria o seu. E Ceto também iria atrás deles, pronta para servi-los aos seus monstros marinhos.

Vou voltar, prometeu Percy, mas, se as criaturas nos tanques de exibição o ouviram, não deram nenhum sinal.

Pelo sistema de som, a voz de Fórcis trovejou:

— Percy Jackson!

Luzes pirotécnicas e fogos de artifício explodiram aleatoriamente. Uma fumaça com aroma de *donuts* tomou conta dos corredores. Música dramática — cinco ou seis canções diferentes — tocavam ao mesmo tempo nos alto-falantes. Lâmpadas explodiam e pegavam fogo; todos os efeitos especiais no edifício foram acionados de uma só vez.

Percy, o treinador Hedge e Frank saíram aos tropeços do túnel de vidro e se viram de volta à sala dos tubarões e baleias. A seção mortal do aquário estava tomada por uma multidão enlouquecida — famílias e grupos de colônias de

férias gritando e correndo em todas as direções enquanto os funcionários disparavam para um lado e para o outro freneticamente, tentando assegurar a todos que tratava-se apenas de um defeito no sistema de alarme.

Percy sabia a verdade. Ele e os amigos juntaram-se aos mortais e correram para a saída.

XVII

ANNABETH

ANNABETH TENTAVA ANIMAR HAZEL, BRINDANDO-A com os melhores momentos Cabeça de Alga de Percy quando Frank surgiu cambaleando pelo corredor e entrou com tudo na cabine.

— Cadê o Leo? — falou ele, sem fôlego. — Decolar! Decolar!

As garotas puseram-se de pé com um salto.

— Cadê o *Percy*? — perguntou Annabeth. — E o bode?

Frank apoiou as mãos nos joelhos, tentando voltar a respirar em um ritmo normal. As roupas dele estavam duras e úmidas, como se tivessem sido engomadas.

— No convés. Estão bem. Estamos sendo seguidos!

Annabeth passou por ele e subiu a escada, três degraus de cada vez, Hazel seguindo-a e Frank atrás das duas, ainda ofegante. Percy e o treinador estavam deitados no convés, parecendo exaustos. O treinador estava descalço. Ele sorria para o céu, murmurando: “Incrível. Incrível.” Percy estava coberto de cortes e arranhões, como se tivesse atravessado uma janela. Ele não falou nada, mas segurou a mão de Annabeth frouxamente, como se dissesse: *Já vou falar com você, assim que o mundo parar de girar.*

Leo, Piper e Jason, que estavam lanchando no refeitório, também subiram correndo a escada.

— O que foi? O que foi? — gritou Leo, segurando um queijo-quente já pela metade. — Será que um cara não pode nem fazer uma pausa para o almoço? Qual é o problema?

— Seguidos! — gritou Frank de novo.

— Seguidos pelo *quê*? — perguntou Jason.

— Não sei! — Frank arfava. — Baleias? Monstros marinhos? Talvez Cindy e

Fófis!

Annabeth teve vontade de estrangulá-lo, mas não tinha certeza de que suas mãos conseguiriam envolver o pescoço grosso dele.

— Isso não faz o menor sentido. Leo, é melhor nos tirar daqui.

Leo segurou o sanduíche com os dentes, no melhor estilo pirata, e correu para o leme. Logo o *Argo II* ascendia ao céu. Annabeth posicionou-se para manejar a besta da popa. Não via nenhum sinal de perseguição por baleias ou outra coisa, mas Percy, Frank e Hedge só começaram a se recuperar quando a cidade de Atlanta passou a ser uma indistinta mancha ao longe.

— Charleston — falou Percy, mancando pelo convés como um velho. Ele ainda parecia muito abalado. — Estabelecer curso para Charleston.

— Charleston? — Jason disse o nome da cidade como se lhe trouxesse más lembranças. — O que exatamente vocês encontraram em Atlanta?

Frank abriu a mochila e começou a tirar as lembranças.

— Um pote de pêssegos em calda. Algumas camisetas. Um globo de neve. E, hã, essas algemas chinesas que não são tão chinesas assim.

Annabeth obrigou-se a manter a calma.

— Que tal você começar pela história e não pela mochila?

Eles se reuniram no tombadilho superior para que Leo pudesse ouvir a conversa enquanto navegava. Percy e Frank se alternavam no relato do que acontecera no Georgia Aquarium, com o treinador Hedge exclamando de vez em quando: “Isso foi incrível!” ou “Aí eu chutei a cabeça dela!”. Pelo menos o treinador parecia ter esquecido que Percy e Annabeth dormiram no estábulo na noite anterior. Mas, a julgar pelo relato de Percy, Annabeth tinha problemas mais graves com que se preocupar do que o fato de estar de castigo.

Quando Percy contou sobre as criaturas do mar cativas no aquário, ela compreendeu por que ele parecia tão perturbado.

— Isso é terrível — falou ela. — Precisamos ajudá-las.

— E vamos — prometeu Percy. — Em breve. Mas tenho que descobrir *como*. Eu queria... — Ele balançou a cabeça. — Deixa para lá. Primeiro precisamos lidar com essa recompensa pelas nossas cabeças.

O treinador Hedge havia perdido o interesse na conversa — provavelmente porque não o incluía mais — e seguiu para a proa do navio, praticando seus chutes *à la* Chuck Norris e parabenizando-se por sua técnica.

Annabeth apertou o cabo de sua faca.

— Uma recompensa pelas nossas cabeças... como se já não atraíssemos monstros suficientes.

— Temos cartazes de PROCURADOS? — perguntou Leo. — E eles têm o valor das recompensas, tipo, em uma lista?

Hazel franziu o nariz.

— *Do que* você está falando?

— Só estou curioso sobre quanto minha cabeça está valendo atualmente — respondeu Leo. — Quer dizer, posso entender por que não sou tão caro quanto Percy ou Jason, talvez... mas valho, tipo, dois ou três Franks?

— Ei! — queixou-se Frank.

— Parem com isso — ordenou Annabeth. — Pelo menos sabemos que nosso próximo passo é ir para Charleston e encontrar o tal mapa.

Piper recostou-se no painel de controle. Ela havia feito a trança com penas brancas, que ficavam bonitas em seu cabelo castanho-escuro. Annabeth perguntou-se como ela encontrava tempo. Ela mal conseguia se lembrar de *pentear* o cabelo.

— Um mapa — falou Piper. — Mas um mapa para encontrar *o quê*?

— A Marca de Atena. — Percy olhou com cautela para Annabeth, como se temesse ter falado demais. Ela devia estar com uma aura muito forte do tipo “não quero falar sobre isso”. — *O que quer* que ela seja, sabemos que leva a algo importante em Roma, algo que pode acabar com a rixa entre os romanos e os gregos.

— “*A ruína dos gigantes*” — acrescentou Hazel, e Percy assentiu.

— E, no meu sonho, os gigantes gêmeos falaram algo sobre uma estátua.

— Hã... — Frank girava as algemas chinesas que não eram tão chinesas assim entre os dedos. — Segundo Fórcis, teríamos que ser malucos para tentar encontrá-la. Mas o que ela é?

Todos olharam para Annabeth. Seu couro cabeludo formigava, como se os pensamentos em seu cérebro estivessem querendo se libertar: uma estátua... Atena... gregos e romanos, seus pesadelos e sua discussão com a mãe. Ela viu como os pedaços iam se encaixando, mas não podia acreditar que fosse verdade. A resposta era pesada demais, importante e apavorante demais.

Ela percebeu que Jason a observava, como se soubesse *exatamente* o que ela estava pensando e não gostasse daquilo nem um pouco. E Annabeth não pôde deixar de se perguntar novamente: *Por que ele me deixa tão nervosa? Ele está mesmo do meu lado?* Ou talvez a desconfiança de sua mãe a estivesse contaminando...

— Eu... estou perto de uma resposta — disse ela. — Saberei com certeza quando encontrarmos esse mapa. Jason, a maneira como você reagiu ao nome *Charleston*... você já esteve lá?

Jason olhou inquieto para Piper, embora Annabeth não soubesse bem o porquê.

— Sim — admitiu ele. — Reyna e eu tivemos uma missão lá há mais ou

menos um ano. Fomos recuperar armas de ouro imperial do *C.S.S. Hunley*.

— Do quê? — perguntou Piper.

— Uau! — exclamou Leo. — Esse foi o primeiro submarino militar bem-sucedido. Da Guerra de Secessão. Eu sempre quis vê-lo.

— Ele foi projetado por semideuses romanos — explicou Jason. — Tinha um arsenal secreto de torpedos de ouro imperial... até que os recuperamos e os levamos de volta para o Acampamento Júpiter.

Hazel cruzou os braços.

— Então os romanos lutaram do lado dos Confederados? Como uma garota cuja avó foi escrava, posso ao menos dizer que... não foi nada legal?

Jason ergueu as mãos em um gesto aplacador.

— Eu mesmo não estava vivo naquela época. E não eram *todos* os gregos de um lado e *todos* os romanos do outro. Mas, sim. Não foi nada legal. Às vezes semideuses fazem as escolhas erradas. — Ele olhou, envergonhado, para Hazel. — Como nas vezes em que somos desconfiados demais. E falamos sem pensar.

Hazel o encarou. Ela pareceu compreender logo depois que ele estava tentando se desculpar.

Jason deu uma cotovelada em Leo.

— Ai! — gritou Leo. — Quer dizer, sim... escolhas erradas. Como não confiar em irmãos de amigos que, você sabe, podem estar precisando de ajuda. Hipoteticamente falando.

Hazel apertou os lábios.

— Tudo bem. Voltando a Charleston. Vocês estão dizendo que devíamos dar uma olhada naquele submarino?

Jason deu de ombros.

— Bem... consigo pensar em *dois* lugares em Charleston onde podemos procurar. O primeiro deles é o museu onde guardam o *Hunley*. Lá há muitas relíquias da Guerra de Secessão. Pode ter um mapa escondido em alguma delas. Conheço o museu. Posso colocar uma equipe lá dentro.

— Eu vou — disse Leo. — Isso parece legal.

Jason assentiu. Voltou-se para Frank, que tentava soltar os dedos da algema chinesa.

— Você também deve vir, Frank. Podemos precisar de você.

Frank pareceu surpreso.

— Por quê? Não fui de grande ajuda no aquário.

— Você se saiu bem — assegurou-lhe Percy. — Não teríamos conseguido quebrar aquele vidro sem você.

— Além disso, você é filho de Marte — comentou Jason. — Os fantasmas de causas perdidas são obrigados a servi-lo. E o museu em Charleston está *cheio* de

fantasmas de confederados. Vamos precisar de você para mantê-los na linha.

Frank engoliu em seco. Annabeth lembrou-se do comentário de Percy sobre ele ter se transformado em um peixinho dourado gigante e resistiu à vontade de sorrir. Ela nunca mais conseguiria olhar para aquele garoto grandão sem imaginá-lo como uma carpa.

— O.k. — Frank cedeu. — Claro. — Ele franziu a testa, ainda tentando soltar os dedos do brinquedo. — Hã, como é que se...?

Leo deu uma risadinha.

— Cara, você nunca viu um desses antes? Tem um truque simples para tirá-lo.

Frank puxou os dedos mais uma vez, sem sucesso. Até Hazel segurava o riso. Então o garoto fez uma careta, concentrando-se. De repente, ele desapareceu. No lugar onde Frank estivera havia poucos segundos uma iguana verde estava agachada perto das algemas chinesas.

— Muito bem, Frank Zhang — disse Leo secamente, imitando com perfeição o centauro Quíron. — É exatamente assim que as pessoas se livram das algemas chinesas. Elas se transformam em iguanas.

Todos explodiram em gargalhadas. Frank voltou à forma humana, pegou as algemas e as atirou na mochila. Ele deu um sorriso constrangido.

— Bem — disse Frank, visivelmente ansioso para mudar de assunto — o museu é um dos lugares onde podemos procurar. Mas, hã, Jason, você disse que eram dois?

O sorriso de Jason desapareceu. No que quer que ele estivesse pensando, Annabeth podia garantir que não era nada agradável.

— Sim — falou ele. — O outro lugar se chama Battery... é um parque perto do porto. A última vez em que estive lá... com Reyna... — Ele olhou de relance para Piper e continuou apressado: — Vimos uma coisa no parque. Um fantasma ou algum tipo de espírito, como uma beldade sulista da Guerra Civil, brilhando e flutuando pelo lugar. Tentamos nos aproximar, mas ela desaparecia sempre que chegávamos perto. Então Reyna teve uma intuição... ela disse que devia tentar sozinha. Que talvez aquele espírito só falasse com garotas. Ela foi sozinha até ele, e de fato ele falou com ela.

Todos aguardavam.

— E o que foi que o espírito disse? — perguntou Annabeth.

— Reyna não me contou — admitiu Jason. — Mas deve ter sido importante. Ela parecia... abalada. Talvez tenha ouvido uma profecia ou más notícias. Reyna nunca mais foi a mesma comigo depois disso.

Annabeth refletiu sobre aquilo. Depois de seu encontro com os eidolons, não lhe agradava a ideia de se aproximar de um fantasma, principalmente um que transformava as pessoas com más notícias ou profecias. Por outro lado, sua mãe

era a deusa da sabedoria, e a sabedoria era sua arma mais poderosa. Annabeth não podia desprezar uma possível fonte de informação.

— Uma missão para as garotas, então — falou Annabeth. — Piper e Hazel podem vir comigo.

Ambas assentiram, embora Hazel parecesse nervosa. Sem dúvida o tempo que passara no Mundo Inferior lhe rendera experiências fantasmagóricas suficientes para mais de uma vida. Os olhos de Piper brilhavam, desafiadores, como se ela pudesse encarar tudo que Reyna também encarasse.

Annabeth se deu conta de que Percy ficaria sozinho no navio com o treinador Hedge se os seis saíssem para as duas missões, e aquela era uma situação em que uma namorada atenciosa provavelmente não deveria colocá-lo. Tampouco gostava da ideia de ficar longe dele de novo — não depois de tantos meses separados. Por outro lado, Percy parecia tão perturbado depois do encontro com aquelas criaturas marinhas aprisionadas, que ela achou que um descanso talvez fosse lhe cair bem. Seus olhos se encontraram, e ela fez a pergunta em silêncio. Ele assentiu, como se dissesse: *Sim. Não tem problema.*

— Então está combinado. — Annabeth voltou-se para Leo, que estudava o painel, ouvindo Festus ranger e clicar pelo intercomunicador. — Leo, quanto tempo temos antes de chegarmos a Charleston?

— Boa pergunta — murmurou ele. — Festus acaba de detectar um grande grupo de águias atrás da gente... pelo radar de longo alcance. Ainda não estão à vista.

Piper debruçou-se no painel.

— Tem certeza de que são romanas?

Leo revirou os olhos.

— Não, Pipes. Poderia ser um grupo aleatório de águias gigantes voando em perfeita formação. É claro que são romanas! Acho que poderíamos fazer meia-volta e lutar...

— O que seria uma péssima ideia — falou Jason — e acabaria com qualquer dúvida de que somos inimigos de Roma.

— Tenho outra ideia — disse Leo. — Se seguissemos direto para Charleston, poderíamos chegar lá em poucas horas. Mas as águias nos alcançariam, e as coisas se complicariam. Em vez disso, podíamos enviar um chamariz para enganá-las. Pegamos um desvio, seguimos pelo caminho mais longo para Charleston e chegamos lá amanhã de manhã...

Hazel começou a protestar, mas Leo ergueu a mão.

— Eu sei, eu sei. Nico está em apuros e temos que nos apressar.

— Hoje é dia vinte e sete de junho — disse Hazel. — Depois de hoje, mais quatro dias. Então ele morre.

— Eu sei! Mas isso pode tirar os romanos da nossa cola. Ainda devemos ter tempo suficiente para chegar a Roma.

Hazel fez uma careta.

— Quando você diz *devemos ter tempo suficiente*...

Leo deu de ombros.

— O que você acha de *mal teremos tempo*?

Hazel pôs o rosto nas mãos e contou até três.

— Parece bem normal para a gente.

Annabeth resolveu aceitar a resposta como um sinal verde.

— Certo, Leo. De que tipo de chamariz estamos falando?

— Que bom que você perguntou! — Ele apertou alguns interruptores no painel, rodou o botão direcional e pressionou várias vezes e bem rápido o botão A no controle de Wii. Então chamou pelo intercomunicador: — Buford? Apresente-se para o serviço, por favor.

Frank deu um passo para trás.

— Tem mais alguém no navio? Quem é Buford?

Uma nuvem de vapor veio pela escada, e a mesa mágica de Leo subiu ao convés.

Annabeth não vira Buford muitas vezes durante a viagem. Ele ficava quase todo o tempo na casa de máquinas. (Leo insistia que Buford tinha uma paixão secreta pela bateria.) Buford era uma mesa de três pernas com tampo de mogno e uma base de bronze com várias gavetas, engrenagens giratórias e uma série de saídas de vapor. Buford carregava uma bolsa carteiro amarrada a uma das pernas. Ele seguiu até o leme com um *clac-clac-clac* e emitiu um som semelhante a um apito de trem.

— Este é Buford — anunciou Leo.

— Você dá nome à sua mobília? — perguntou Frank.

Leo bufou.

— Cara, bem que você queria ter móveis tão maneiros assim. Buford, você está pronto para a Operação Mesa de Canto?

Buford soltou um jato de vapor e subiu na amurada. Seu tampo de mogno dividiu-se em quatro, que se alongaram e transformaram em hélices de madeira, que começaram a girar. Buford decolou.

— Uma mesa-helicóptero — murmurou Percy. — Tenho que admitir: isso foi bem maneiro. O que tem na bolsa?

— Roupas sujas de semideuses — disse Leo. — Espero que não se importe, Frank.

Frank engasgou.

— O quê?

— Vai fazer as águias perderem nosso rastro.
— Aquela era a única outra calça que eu tinha!
Leo deu de ombros.

— Pedi a Buford que a lavasse, passasse e dobrasse enquanto está fora. Com sorte, ele fará isso. — Leo esfregou as mãos e sorriu. — Muito bem! Isso é o que eu chamo de um bom dia de trabalho. Vou calcular nossa rota de desvio. Vejo todos vocês no jantar!

*

Percy dormiu cedo, o que deixou Annabeth sem nada para fazer à noite, exceto ficar olhando o computador.

Ela trouxera o laptop de Dédalo, é claro. Dois anos antes, ela herdara o computador do maior inventor de todos os tempos, cheio de ideias para invenções, esquemas e diagramas, a maior parte dos quais Annabeth ainda tentava decifrar. Depois desse tempo, um laptop típico já estaria obsoleto, mas Annabeth calculava que o computador de Dédalo ainda estivesse cinquenta anos à frente do seu tempo. Ele podia ficar do tamanho de um laptop comum, pequeno como um tablet ou dobrar-se e transformar-se em retângulo metálico menor que um celular. Era mais rápido que qualquer outro computador que ela já tivera, podia acessar satélites ou as transmissões de tevê de Hefesto diretamente do Monte Olimpo e rodava programas únicos que podiam fazer praticamente tudo, exceto amarrar os cadarços. Talvez houvesse um aplicativo para isso também, mas Annabeth ainda não o encontrara.

Ela sentou-se no beliche, usando um dos programas de renderização em 3-D de Dédalo para estudar um modelo do Parthenon em Atenas. Ela sempre ansiara visitá-lo, tanto por amar arquitetura quanto por ser o mais famoso templo dedicado à sua mãe.

Agora talvez conseguisse realizar seu desejo se vivesse tempo suficiente para chegar à Grécia. No entanto, quanto mais pensava na Marca de Atena e na antiga lenda romana que Reyna mencionara, mais tensa ficava.

Embora não quisesse, lembrou-se da discussão com a mãe. Mesmo depois de tantas semanas, as palavras ainda doíam.

Annabeth estava no metrô, voltando do Upper East Side depois de uma visita à mãe de Percy. Durante os longos meses em que Percy estivera desaparecido, Annabeth fazia aquela viagem pelo menos uma vez por semana — em parte para atualizar Sally Jackson e seu marido, Paul, sobre a busca e em parte porque

Annabeth e Sally precisavam levantar o ânimo uma da outra e convencer-se de que Percy estava bem.

A primavera fora especialmente difícil. Àquela altura, Annabeth tinha razões para esperar que Percy estivesse vivo, pois parecia que o plano de Hera incluía enviá-lo para o lado romano, mas Annabeth não sabia onde o namorado estava. Jason havia lembrado mais ou menos da localização de seu antigo acampamento, mas nenhuma magia grega — nem mesmo as dos campistas do chalé de Hécate — conseguia confirmar se Percy estava lá ou em qualquer outro lugar. Ele parecia ter desaparecido do planeta. Rachel, o Oráculo, tentara ler o futuro e, embora não conseguisse ver muito, tivera a certeza de que Leo precisava terminar o *Argo II* para que pudessem contatar os romanos.

Ainda assim, Annabeth havia passado cada momento livre vasculhando todos os lugares em busca de rumores sobre Percy. Falara com espíritos da natureza, lera lendas sobre Roma, escavara pistas no notebook de Dédalo e gastara centenas de dracmas de ouro em mensagens de Íris para cada espírito, semideus ou monstro amigável que encontrara, sem nenhum resultado.

Naquela tarde em particular, voltando da casa de Sally, Annabeth sentia-se ainda mais esgotada que o normal. As duas haviam chorado primeiro e em seguida tentado recuperar o controle, mas estavam nervosas demais. Finalmente Annabeth tomou o metrô na Lexington Avenue para a Grand Central.

Havia outras maneiras de voltar do Upper East Side para seu dormitório na escola, mas Annabeth gostava de ir pela Grand Central Terminal. A bela arquitetura e o espaço amplo a faziam lembrar-se do Monte Olimpo. Edifícios grandiosos melhoravam seu humor — talvez porque estar em um lugar tão permanente fizesse com que *ela* se sentisse mais permanente.

Tinha acabado de passar pela Sweet on America, a loja de doces em que a mãe de Percy trabalhara, e estava pensando em entrar e comprar algum doce azul em nome dos velhos tempos quando viu Atena estudando o mapa do metrô na parede.

— Mãe!

Annabeth não acreditou. Não encontrava a mãe havia meses, desde que Zeus fechara os portões do Olimpo e proibira qualquer comunicação com os semideuses.

Muitas vezes Annabeth havia tentado recorrer à mãe ainda assim, implorando por orientação, ofertando itens na fogueira a cada refeição no acampamento. Não obtivera resposta. Agora ali estava Atena, de jeans, botas para caminhada e uma camisa vermelha de flanela, o cabelo escuro cascadeando pelos ombros. Segurava uma mochila e uma bengala, como se estivesse preparada para uma longa jornada.

— Preciso voltar para casa — murmurava Atena, estudando o mapa. — O caminho é difícil. Queria que Odisseu estivesse aqui. Ele compreenderia.

— Mãe! — chamou Annabeth. — Atena!

A deusa voltou-se. Seu olhar pareceu atravessar Annabeth sem reconhecê-la.

— Era esse o meu nome — disse a deusa, sonhadora. — Antes de saquearem minha cidade, tirem minha identidade, me transformarem *nisto*. — Ela olhou as próprias roupas com desgosto. — Preciso voltar para casa.

Annabeth recuou um passo, chocada.

— Você é... você é Minerva?

— Não me chame assim! — Os olhos cinzentos da deusa faiscaram de raiva. — Eu costumava carregar uma lança e um escudo. Tinha a vitória na palma da mão. Era muito mais do que isso.

— Mãe. — A voz de Annabeth tremia. — Sou eu, Annabeth. Sua *filha*.

— Minha filha... — repetiu Atena. — Sim, meus filhos me vingarão. Eles precisam destruir os romanos. Aqueles horríveis, desonrados, romanos imitadores. Hera argumentou que precisávamos manter os dois acampamentos separados. Eu disse: Não, deixe-os lutar. Deixe que meus filhos destruam os usurpadores.

O coração de Annabeth pulsava em seus ouvidos.

— Você *queria* isso? Mas você é sábia. Compreende a guerra melhor do que...

— Antes! — exclamou a deusa. — Substituída. Saqueada. Pilhada como um troféu e levada para longe de minha amada pátria. Perdi tanto. Jurei que jamais perdoaria. Tampouco meus filhos. — Ela olhou Annabeth com mais atenção. — Você é minha filha?

— Sim.

A deusa pescou alguma coisa no bolso da camisa — uma ficha antiga de metrô — e a colocou na mão de Annabeth.

— Siga a Marca de Atena — falou a deusa. — Vingue-me.

Annabeth olhara para a ficha. Enquanto olhava, a ficha do metrô de Nova York se transformou em uma antiga dracma de prata, como as usadas pelos atenienses. Gravados nela havia uma coruja, o animal sagrado de Atena, com um ramo de oliveira de um lado e uma inscrição grega do outro.

A Marca de Atena.

Naquela ocasião, Annabeth não fazia a menor ideia do que aquilo significava. Ela não compreendia por que a mãe estava agindo daquela maneira. Minerva ou não, ela não devia estar tão confusa.

— Mãe... — Ela tentou dar à voz o tom mais sensato possível. — Percy está desaparecido. Preciso da sua ajuda.

Ela começara a explicar o plano de Hera para reunir os acampamentos a fim

de lutarem contra Gaia e os gigantes, mas a deusa batera a bengala no piso de mármore.

— Nunca! — disse ela. — Todos que ajudarem Roma devem perecer. Se você se juntar a eles, não é minha filha. Já terá falhado comigo.

— Mãe!

— Não me importo nem um pouco com esse tal de *Percy*. Se ele passou para o lado dos romanos, deixe-o perecer. Mate-o. Mate todos os romanos. Encontre a Marca, siga-a até sua origem. Veja com seus próprios olhos como Roma me desgraçou e garanta sua vingança.

— Atena não é a deusa da vingança. — As unhas de Annabeth cravaram-se em suas palmas. A moeda de prata pareceu esquentar em sua mão. — *Percy* é tudo para mim.

— E a vingança é tudo para *mim* — rosnou a deusa. — Quem de nós é mais sábia?

— Algo está errado com você. O que aconteceu?

— Roma aconteceu! — disse a deusa com amargura. — Veja o que eles fizeram, me transformando em uma *romana*. Eles queriam que eu fosse sua deusa? Então deixe-os provar do próprio veneno. Mate-os, filha.

— Não!

— Então você não é nada. — A deusa voltou-se para o mapa do metrô. Sua expressão suavizou-se, ficando confusa e desfocada. — Se eu pudesse encontrar a rota... o caminho de casa, então talvez... Mas, não. Vingue-me ou deixe-me. Você não é minha filha.

Os olhos de Annabeth ardiam. Pensou em mil coisas horríveis que tinha vontade de dizer, mas não conseguiu. Só se virou e foi embora.

Annabeth tentara jogar fora a moeda de prata, mas ela simplesmente reaparecia em seu bolso, como a Contracorrente de *Percy*. Infelizmente, a dracma de Annabeth não tinha nenhum poder mágico — pelo menos, nada útil. Ela só lhe dava pesadelos, e, por mais que tentasse, Annabeth não conseguia se livrar dela.

Agora, sentada em sua cabine no *Argo II*, podia sentir a moeda aquecendo em seu bolso. Ela olhou o modelo do Parthenon na tela do computador e pensou na discussão com Atena. Frases que ouvira nos últimos dias turbilhonavam em sua cabeça: *Uma amiga talentosa. Pronta para receber seu visitante. Ninguém vai recuperar aquela estátua. A filha da sabedoria caminha solitária.*

Ela temia que finalmente tivesse compreendido o que tudo aquilo significava. Rezou aos deuses para que estivesse errada.

Uma batida na porta a fez dar um pulo.

Annabeth torceu para que fosse *Percy*, mas, em vez disso, Frank Zhang enfiou

a cabeça pela porta.

— Hã, desculpe — disse ele. — Posso...?

Ela ficou tão surpresa em vê-lo que levou um momento para perceber que ele queria entrar.

— Claro — respondeu. — Entre.

Frank entrou, correndo os olhos pela cabine. Não tinha muito o que ver. Na escrivaninha havia uma pilha de livros, um diário e uma caneta, e uma foto do pai voando no biplano Sopwith Camel, sorrindo e fazendo sinal de positivo. Annabeth gostava daquela foto. Fazia-a lembrar-se do tempo em que se sentira mais próxima dele, quando ele atacara um exército de monstros com metralhadoras de bronze celestial só para protegê-la — o melhor presente que uma filha podia querer.

Pendurado em um gancho na parede estava o boné do New York Yankees, o bem mais precioso recebido da mãe. O boné já tivera o poder de tornar quem o usasse invisível, mas, desde que Annabeth discutira com Atena, ele havia perdido sua magia. Não sabia por que, mas teimosamente o levava com ela na missão. Todas as manhãs ela o experimentava, na esperança de que voltasse a funcionar. Até ali só servira para lembrá-la da ira da mãe.

Fora isso, a cabine dela era simples. Annabeth a mantinha limpa e vazia, o que a ajudava a pensar. Percy não acreditava nisso, porque ela sempre tirava excelentes notas, mas, como a maioria dos semideuses, ela sofria de transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. Quando havia muitas distrações em seu espaço, ela não conseguia se concentrar.

— Então... Frank — disse ela. — No que posso ajudar você?

De todos os semideuses da missão, Frank era, na opinião dela, a pessoa menos provável de lhe fazer uma visita. Ela ficou ainda mais confusa quando o colega enrubesceu e tirou as algemas chinesas do bolso.

— Não gosto de não saber o que é isso — murmurou ele. — Você pode me mostrar o truque? Não me senti à vontade para perguntar a mais ninguém.

Annabeth demorou um pouco para processar suas palavras. Espere... Frank estava pedindo ajuda a *ela*? Então a ficha caiu: é claro, Frank estava constrangido. Leo vinha zombando dele impiedosamente. Ninguém gostava de ser motivo de chacota, e a expressão determinada de Frank dizia que ele nunca mais queria que aquilo acontecesse. Queria entender o enigma, sem a solução da iguana.

Annabeth sentiu-se estranhamente honrada. Frank confiava que ela não zombaria dele. Além disso, Annabeth tinha um fraco por qualquer um que estivesse buscando conhecimento — mesmo sobre algo tão simples quanto algemas chinesas.

Ela bateu no beliche ao seu lado.

— Claro. Sente-se.

Frank sentou-se na borda do colchão, como se estivesse pronto para fugir rapidamente. Annabeth pegou as algemas chinesas e as segurou perto do computador, então pressionou a tecla para acionar o escaneamento infravermelho. Alguns segundos depois um modelo 3-D das algemas chinesas surgiu na tela. Ela virou o laptop para que Frank pudesse ver.

— Como você fez isso? — perguntou ele, impressionado.

— Tecnologia de ponta da Grécia Antiga — disse ela. — Certo, olhe. A estrutura é um trançado biaxial cilíndrico, então tem ótima resiliência. — Ela manipulou a imagem de modo que ela se encolheu e se expandiu como um acordeão. — Quando você introduz os dedos, ele se abre. Mas, quando tenta removê-los, a circunferência encolhe à medida que o trançado encolhe. Não tem como se soltar fazendo força.

Frank a olhava sem compreender.

— Mas qual é a resposta?

— Bem... — Ela lhe mostrou alguns de seus cálculos, demonstrando como as algemas podiam resistir a pressões incríveis, dependendo do material usado no trançado. — Incrível para uma estrutura de tecido, não é? Os médicos a utilizam para tração, e o setor elétrico...

— Hã, legal, mas e a resposta?

Annabeth riu.

— Você não luta *contra* as algemas. Você deve empurrar os dedos, não puxá-los. Isso afrouxa a trança.

— Ah. — Frank tentou. Funcionou. — Obrigado, mas... você não podia ter me mostrado a resposta com as algemas sem o modelo 3-D e os cálculos?

Annabeth hesitou. Às vezes a sabedoria vinha de lugares estranhos, como peixinhos dourados gigantes adolescentes.

— Acho que você tem razão. Isso foi bobagem. Apreendi algo também.

Frank experimentou de novo as algemas.

— É fácil quando se sabe a resposta.

— Muitas das melhores armadilhas são simples — disse Annabeth. — Você só precisa pensar e torcer para que sua vítima não pense na solução.

Frank assentiu. Ele parecia relutante em sair.

— Sabe — falou Annabeth — Leo não tem a intenção de ser mau. Ele só fala demais. Quando as pessoas o deixam nervoso, ele usa o humor como defesa.

Frank franziu a testa.

— Por que eu o deixaria nervoso?

— Você tem o dobro do tamanho dele e pode se transformar em um dragão.

E Hazel gosta de você, pensou Annabeth, mas não disse nada.

Frank não pareceu convencido.

— Leo pode invocar o fogo. — Ele torceu as algemas. — Annabeth... uma hora dessas, será que você poderia me ajudar com um problema que não é tão simples assim? Eu tenho... acho que você chamaria de um calcanhar de aquiles.

Annabeth teve a sensação de ter acabado de tomar um chocolate quente romano. Quentinha e feliz por dentro; era assim que Frank a fazia sentir-se. Ele era só um grande ursinho de pelúcia. Dava para ver por que Hazel gostava dele.

— Com todo prazer — disse. — Alguém mais sabe sobre esse calcanhar de aquiles?

— Percy e Hazel — respondeu ele. — Só. Percy... ele é um cara muito legal. Eu confio totalmente nele. Achei que você deveria saber disso.

Annabeth deu um tapinha no braço do garoto.

— Percy tem um talento especial para escolher bons amigos. Como você. Mas, Frank, você pode confiar em todo mundo neste navio. Até mesmo em Leo. Somos uma equipe. Temos que confiar uns nos outros.

— É... acho que sim.

— Então qual é a fraqueza que o preocupa?

O alarme do jantar soou, e Frank deu um salto.

— Talvez... talvez mais tarde — disse ele. — É difícil falar sobre isso. Mas obrigado, Annabeth. — Ele ergueu as algemas chinesas. — Não complique as coisas.

XVIII

ANNABETH

NAQUELA NOITE ANNABETH DORMIU E não teve pesadelos, o que a deixou preocupada ao acordar — como se fosse a calmaria antes da tempestade.

Leo ancorou o navio em um píer no Porto de Charleston, bem perto do quebra-mar. Ao longo da costa havia um bairro histórico com mansões altas, palmeiras e cercas de ferro forjado. Canhões que eram verdadeiras antiguidades apontavam para a água.

Quando Annabeth chegou ao convés, Jason, Frank e Leo já haviam partido para o museu. Segundo o treinador Hedge, eles haviam prometido voltar antes do pôr do sol. Piper e Hazel estavam prontas para ir, mas primeiro Annabeth voltou-se para Percy, debruçado na amurada de boreste, olhando a baía.

Annabeth pegou a mão dele.

— O que vai fazer enquanto estivermos fora?

— Mergulhar no porto — respondeu ele casualmente, como outro garoto diria: *Vou fazer um lanche*. — Quero tentar me comunicar com as nereidas locais. Talvez elas possam me dar algum conselho sobre como libertar aqueles cativos em Atlanta. Além disso, acho que o mar vai me fazer bem. Estar naquele aquário fez com que eu me sentisse... sujo.

Seu cabelo estava escuro e embaraçado como sempre, mas Annabeth pensou na mecha grisalha que ele costumava ter em um dos lados. Quando os dois tinham quatorze anos, haviam se revezado (involuntariamente) para sustentar o peso do céu. O esforço deixara alguns fios brancos em seus cabelos. No último ano, durante o sumiço de Percy, as mechas grisalhas haviam finalmente desaparecido, o que deixou Annabeth triste e um pouco preocupada. Tinha a sensação de ter perdido um elo simbólico com ele.

Annabeth o beijou.

— Boa sorte, Cabeça de Alga. Volte para mim, o.k.?
— Vou voltar — prometeu ele. — Você também.
Annabeth tentou reprimir sua crescente inquietação.
Ela voltou-se para Piper e Hazel.
— Muito bem, garotas. Vamos encontrar o fantasma do parque Battery.

*

Mais tarde, Annabeth desejou ter pulado nas águas do porto com Percy. Ela teria preferido até mesmo um museu cheio de fantasmas.

Não que se importasse de andar com Hazel e Piper. De início, elas se divertiram percorrendo a área. Segundo as placas, o parque litorâneo se chamava White Point Gardens. A brisa do mar afastava o calor abafado da tarde de verão, e estava agradavelmente fresco à sombra das palmeiras. Ladeando o caminho viam-se velhos canhões da Guerra de Secessão e estátuas de bronze de figuras históricas, o que fez Annabeth estremecer. Ela pensou nas estátuas na cidade de Nova York durante a Guerra dos Titãs, que tinham ganhado vida graças à sequência de comando Dédalo vinte e três. Annabeth se perguntou quantas outras estátuas pelo país seriam autômatos, à espera de alguém que as acionasse.

O Porto de Charleston reluzia ao sol. De ambos os lados, faixas de terra estendiam-se como braços cercando a baía, e, situada na boca do porto, a cerca de um quilômetro e meio da margem, havia um forte de pedra em uma ilha. Annabeth lembrava-se vagamente de aquele forte ter sido importante na Guerra Civil, mas não pensou muito no assunto.

Passou a maior parte do tempo sentindo o cheiro da maresia e pensando em Percy. Que os deuses não permitissem que ela um dia tivesse que terminar com ele. Jamais poderia ver o mar de novo sem lembrar-se de seu coração partido. Ficou aliviada quando se afastaram do quebra-mar e começaram a explorar o restante dos jardins.

O parque não estava cheio. Annabeth imaginou que a maior parte dos habitantes da cidade havia viajado de férias ou estava em casa fazendo a sesta. Elas perambularam ao longo da South Battery Street, com suas mansões coloniais de quatro andares, paredes de pedra cobertas por hera e fachadas com altas colunas brancas, como templos romanos. Nos jardins brotavam muitas roseiras, madressilvas e buganvílias carregadas de flores. Parecia que várias décadas antes Deméter havia ajustado o timer para que todas aquelas plantas crescessem e então se esquecera de voltar para conferir.

— Lembra um pouco Nova Roma — observou Hazel. — Todas essas mansões e os jardins. As colunas e os arcos.

Annabeth assentiu com a cabeça. Lembrou-se de ter lido como o Sul dos Estados Unidos antes da Guerra Civil muitas vezes se comparava a Roma. Antigamente a alta sociedade local tinha grande interesse em arquitetura grandiosa, honra e códigos de cavalheiros. E, pelo lado negativo, também apoiara a escravidão. *Roma tinha escravos*, alguns sulistas haviam argumentado, *então por que nós não podemos?*

Ela estremeceu. Adorava aquela arquitetura. As casas e jardins eram muito bonitos, muito romanos, mas ela se perguntou por que coisas bonitas tinham que ser maculadas por fatos históricos terríveis. Ou seria o contrário? Talvez a história terrível tornasse necessário construir coisas bonitas, para mascarar os aspectos mais sombrios.

Annabeth balançou a cabeça. Percy detestava quando ficava tão filosófica. Se tentasse falar com ele sobre essas coisas, o namorado acabava com os olhos vidrados.

As outras garotas não estavam muito falantes.

Piper ficava o tempo todo olhando em volta, como se esperasse uma emboscada. Dissera que tinha visto o parque na lâmina de sua adaga, mas não dera muitos detalhes. Annabeth achava que ela estava com medo. Afinal, da última vez que Piper tentara interpretar uma de suas visões, Percy e Jason haviam quase se matado no Kansas.

Hazel também parecia preocupada. Talvez estivesse examinando os arredores ou talvez estivesse preocupada com o irmão. Se não o encontrassem e libertassem em menos de quatro dias, Nico estaria morto.

Annabeth também sentia o peso daquele prazo. Sempre tivera sentimentos conflitantes em relação a Nico di Angelo. Suspeitava que ele nutria uma paixão por ela desde que haviam resgatado sua irmã mais velha, Bianca, e ele naquela academia militar no Maine; mas Annabeth nunca sentira o mesmo por Nico. Ele era jovem e mal-humorado demais. Havia uma melancolia nele que a perturbava.

No entanto, ela sentia-se responsável por ele. No passado, quando se conheceram, nenhum dos dois sabia da existência da meio-irmã dele, Hazel. Naquela época, Bianca era o único parente vivo de Nico e, quando ela morreu, Nico se tornou um órfão sem-teto, vagando pelo mundo sozinho. Annabeth sabia o que era isso.

Ela estava tão mergulhada em seus pensamentos que poderia ter continuado andando pelo parque para sempre, mas Piper agarrou seu braço.

— Ali.

Ela apontou para o outro lado do porto. A uns cem metros da margem, uma figura branca tremeluzente flutuava sobre a água. A princípio, Annabeth pensou que pudesse ser uma boia ou um barquinho refletindo a luz do sol, mas aquilo estava decididamente reluzindo e se movendo de maneira mais suave que um barco, dirigindo-se em linha reta na direção delas. À medida que se aproximava, Annabeth pôde ver que era a figura de uma mulher.

— O fantasma — disse ela.

— Aquilo não é um fantasma — falou Hazel. — Nenhum tipo de espírito brilha tanto assim.

Annabeth decidiu acreditar nela. Não conseguia imaginar como era a vida para Hazel, tendo morrido tão jovem e voltado do Mundo Inferior, sabendo mais dos mortos que dos vivos.

Como se estivesse em um transe, Piper atravessou a rua na direção do quebra-mar, evitando por pouco um cavalo que puxava uma carruagem.

— Piper! — chamou Annabeth.

— É melhor a seguirmos — disse Hazel.

Quando Annabeth e Hazel a alcançaram, a aparição fantasmagórica estava a poucos metros.

Piper a olhava, furiosa, como se a visão a ofendesse.

— É *ela* — grunhiu.

Annabeth olhou para o fantasma, estreitando os olhos, mas a figura cintilava tanto que não dava para distinguir os detalhes. Então ela flutuou, atravessando o quebra-mar, e parou diante das garotas. Seu brilho enfraqueceu.

Annabeth ficou de boca aberta. A mulher tinha uma beleza de tirar o fôlego e era estranhamente familiar. Era difícil descrever seu rosto; as feições pareciam mudar das de uma glamorosa estrela de cinema para outra. Os olhos brilhavam alegremente — às vezes verde, azul ou âmbar. Os cabelos passavam de louro, liso e comprido a cacheado e castanho-avermelhado.

Annabeth sentiu inveja no mesmo instante. Sempre quis ter cabelos escuros. Tinha a sensação de que ninguém a levava a sério porque era loira. Precisava se esforçar duas vezes mais para ter reconhecimento como estrategista, arquiteta, conselheira sênior — qualquer coisa relacionada ao intelecto.

A mulher estava vestida como uma beldade sulista, exatamente como Jason descrevera. O vestido tinha um corpete decotado de seda cor-de-rosa e uma saia de três camadas com renda branca e anáguas. Ela usava luvas longas de seda branca e segurava junto ao peito um leque de penas cor-de-rosa e brancas.

Tudo nela parecia calculado para fazer Annabeth sentir-se inferior: a graça natural com que o vestido lhe caía, a maquiagem discreta e perfeita, a maneira como irradiava um charme feminino a que nenhum homem poderia resistir.

Annabeth percebeu que sua inveja era irracional. A mulher estava fazendo com que ela se sentisse assim *de propósito*. Ela já tivera uma experiência assim antes. Annabeth reconheceu a mulher, embora seu rosto mudasse a cada segundo, tornando-se cada vez mais lindo.

— Afrodite — falou ela.

— Vênus? — perguntou Hazel, perplexa.

— Mãe — disse Piper sem nenhum entusiasmo.

— Meninas!

A deusa abriu os braços como se quisesse dar um abraço nas três. As semideusas não aquiesceram. Hazel recuou até bater em uma palmeira.

— Que bom que vocês vieram — disse Afrodite. — A guerra está se aproximando. O derramamento de sangue é inevitável. Portanto, só resta uma coisa a fazer.

— Hã... e isso seria? — arriscou Annabeth.

— Ora, tomar um chá e bater um papo, obviamente. Venham comigo!

*

Afrodite sabia como oferecer um chá.

Ela levou as meninas até o pavilhão central nos jardins: um gazebo de colunas brancas, onde havia uma mesa posta com talheres de prata, xícaras de porcelana e, naturalmente, uma chaleira fumegante, cujo aroma mudava com a mesma frequência que a aparência da deusa — canela, jasmim ou hortelã. Havia travessas de biscoitos, bolos e muffins, manteiga fresca e geleia — tudo, Annabeth calculou, incrivelmente calórico; a menos, é claro, que você fosse a deusa imortal do amor.

Afrodite sentou-se — ou melhor, as recebeu — em uma cadeira rainha de vime com espaldar alto. Ela serviu chá e bolos sem deixar cair uma só migalha na roupa, com a postura sempre perfeita e o sorriso deslumbrante.

Quanto mais ficavam ali sentadas, mais Annabeth a odiava.

— Ah, minhas doces meninas — falou a deusa. — Amo Charleston! Os casamentos a que assisti neste gazebo... me trazem lágrimas aos olhos. E os bailes elegantes nos tempos do Antigo Sul. Ah, eram uma graça. Muitas dessas mansões ainda têm estátuas minhas nos jardins, embora aqui me chamem de Vênus.

— Quem é você? — perguntou Annabeth. — Vênus ou Afrodite?

A deusa bebericou o chá. Seus olhos cintilavam cheios de malícia.

— Annabeth Chase, você se tornou uma moça muito bonita, mas devia fazer alguma coisa com seu cabelo. E, Hazel Levesque, essas roupas...

— Minhas roupas?

Hazel baixou os olhos para o jeans amarrotado, não constrangida, mas perplexa, como se não conseguisse imaginar o que havia de errado com ele.

— Mãe! — repreendeu Piper. — Você está me envergonhando.

— Ora, não vejo por quê — disse a deusa. — Só porque *você* não dá importância a minhas dicas de moda, Piper, não significa que as outras não vão gostar. Eu poderia fazer uma rápida transformação em Annabeth e Hazel, quem sabe usamos vestidos de baile como o meu...

— Mãe!

— Está bem. — Afrodite suspirou. — Respondendo à sua pergunta, Annabeth, eu sou *ambas*: Afrodite e Vênus. Ao contrário de muitos dos meus colegas olímpianos, mudei muito pouco de uma era para a outra. Na verdade, gosto de pensar que o tempo não passou nadinha para mim! — Seus dedos tocaram o próprio rosto com orgulho. — Afinal, o amor é o amor, seja você grego ou romano. Essa guerra civil não vai me afetar tanto quanto aos outros.

Que maravilha, pensou Annabeth. A sua mãe, a olímpiana mais equilibrada, estava transformada em uma maluca delirante e vingativa em uma estação do metrô. E, de todos os deuses que poderiam ajudá-los, os únicos não afetados pela divisão greco-romana pareciam ser Afrodite, Nêmesis e Dioniso. Amor, vingança, vinho. Muito útil.

Hazel mordiscou um biscoito coberto de açúcar.

— Ainda não estamos em guerra, minha senhora.

— Ah, querida Hazel. — Afrodite fechou o leque. — Tanto otimismo... No entanto você tem dias angustiantes à frente. *É claro* que a guerra se aproxima. Amor e guerra sempre caminham juntos. São os pontos altos da emoção humana! O mal e o bem, a beleza e a feiura.

Ela sorriu para Annabeth, como se soubesse que a garota estivera pensando sobre o Antigo Sul.

Hazel deixou de lado o biscoito doce. Havia algumas migalhas em seu queixo, e Annabeth gostava do fato de Hazel não perceber ou não se importar com isso.

— O que você quer dizer — perguntou Hazel — com “dias angustiantes”?

A deusa riu, como se Hazel fosse um cachorrinho fofo.

— Bem, Annabeth pode lhe dar algumas pistas. Uma vez prometi a ela que ia tornar a vida amorosa dela interessante. E não foi o que fiz?

Annabeth quase quebrou a alça da xícara. Durante anos, tivera o coração partido. Primeiro, Luke Castellan, sua primeira paixão, que a via apenas como uma irmã; então ele passara para o lado do mal e decidira que gostava dela —

pouco antes de morrer. Em seguida veio Percy, que era irritante, porém doce, mas que parecera estar interessado em uma garota chamada Rachel durante uma época, e ele também quase morrera várias vezes. Por fim, Annabeth conseguira ficar com Percy, só para vê-lo desaparecer por seis meses depois de perder a memória.

— Interessante é um eufemismo — observou Annabeth.

— Bem, não posso levar o crédito por *todos* os seus problemas — disse a deusa. — Mas, sim, adoro reviravoltas em uma história de amor. Ah, todas vocês são excelentes histórias... quer dizer, garotas. Vocês me enchem de orgulho!

— Mãe — cortou Piper — existe alguma razão para você estar aqui?

— Hein? Ah, você quer dizer além do chá? Eu sempre venho aqui. Adoro a vista, a comida, a atmosfera... simplesmente dá para sentir o cheiro de romance e corações partidos no ar, não é? Séculos disso.

Ela apontou para uma mansão próxima.

— Estão vendo aquela sacada na cobertura? Fizemos uma festa ali na noite em que a Guerra de Secessão começou. A batalha de Forte Sumter.

— É isso — lembrou Annabeth. — A ilha no porto. Foi onde aconteceu a primeira batalha da Guerra de Secessão. Os confederados bombardearam as tropas da União e tomaram o forte.

— Ah, que festa! — falou Afrodite. — Um quarteto de cordas, e todos os homens em seus elegantes uniformes de oficiais novos em folha. Os vestidos... vocês deviam ter visto! Dancei com Ares... ou era Marte? Acho que eu estava um pouco tonta. E as lindas explosões de luz do outro lado do porto, o rugido dos canhões dando aos homens uma desculpa para abraçar as namoradas assustadas!

O chá de Annabeth estava frio. Ela não comera nada, mas tinha a sensação de que ia vomitar.

— Você está falando do começo da guerra mais sangrenta da história dos Estados Unidos. Mais de seiscentas mil pessoas morreram... mais americanos que na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais juntas.

— E as bebidas! — continuou Afrodite. — Ah, eram divinas. O general Beauregard em pessoa compareceu. Ele era um canalha. Estava no segundo casamento, mas vocês deviam ter visto a maneira como olhava para Lisbeth Cooper...

— Mãe! — gritou Piper, atirando seu bolo para os pombos.

— Sim, desculpe — disse a deusa. — Para resumir, estou aqui para ajudá-las, garotas. Duvido que venham a encontrar Hera com frequência. Sua pequena missão não a tornou muito bem-vinda na sala do trono. E os outros deuses estão bastante indispostos, como vocês sabem, divididos entre seus lados romano e

grego. Alguns mais do que outros. — Afrodite olhou para Annabeth. — Suponho que você tenha contado a seus amigos sobre a briga com sua mãe...

Annabeth sentiu o rosto esquentar. Hazel e Piper olharam para ela, curiosas.

— Briga? — perguntou Hazel.

— Uma discussão — disse Annabeth. — Não foi nada.

— Nada! — exclamou a deusa. — Bem, não sei, não. Atena era a mais grega de todas as deusas. Era a padroeira de Atenas, afinal. Quando os romanos tomaram o poder... ah, não foram muito hábeis ao adotar Atena. Ela se tornou Minerva, a deusa das artes e da sabedoria. Mas os romanos tinham *outros* deuses da guerra que eram mais do seu gosto, mais confiáveis para Roma, como Belona...

— A mãe de Reyna — murmurou Piper.

— Sim, de fato — concordou a deusa. — Tive uma conversa agradável com Reyna faz algum tempo, bem aqui no parque. E os romanos tinham Marte, é claro. E mais tarde, surgiu Mitra... que nem mesmo era propriamente grego ou romano, mas ainda assim os legionários ficaram loucos pelo seu culto. Pessoalmente sempre o achei grosseiro e terrivelmente *nouveau dieu*. De qualquer forma, os romanos quase esqueceram a pobre Atena. Tiraram quase toda sua importância militar. Os gregos nunca perdoaram os romanos por esse insulto. Assim como Atena.

Os ouvidos de Annabeth zumbiam.

— A Marca de Atena... — disse ela. — Leva a uma estátua, não é? Leva até... até *a* estátua.

Afrodite sorriu.

— Você é inteligente, como sua mãe. Compreenda, porém, que seus irmãos, os filhos de Atena, estão à procura dela há séculos. Ninguém conseguiu recuperar a estátua. Nesse ínterim, eles vêm mantendo viva a rixa entre gregos e romanos. Todas as guerras civis, tanto sangue derramado e corações partidos, foram orquestradas em grande parte pelos filhos de Atena.

— Isso é...

Annabeth queria dizer *impossível*, mas lembrou-se das palavras amargas de Atena na Grand Central Station, do ódio ardendo em seus olhos.

— Romântico? — sugeriu Afrodite. — Sim, acho que é.

— Mas... — Annabeth tentou se livrar da névoa que embotava seu cérebro. — A Marca de Atena; como funciona? Trata-se de uma série de pistas ou um rastro deixado por Atena...

— Hum. — Afrodite parecia entediada. — Não sei dizer. Não creio que Atena tenha criado a Marca conscientemente. Se soubesse onde se encontra sua estátua, ela simplesmente lhes diria onde encontrá-la. Não... Acho que a Marca é mais

como uma trilha de migalhas espirituais. É uma conexão entre a estátua e os filhos da deusa. A estátua *quer* ser encontrada, veja bem, mas só pode ser libertada por aquele que for digno.

— E há milhares de anos ainda ninguém conseguiu — falou Annabeth.

— Espere aí — disse Piper. — De que *estátua* estamos falando?

A deusa riu.

— Ah, tenho certeza de que Annabeth pode esclarecer isso para vocês. De qualquer forma, a pista de que precisam está próxima: uma espécie de mapa, deixada pelos filhos de Atena em 1861... Uma lembrança que lhes indicará o caminho certo assim que chegarem a Roma. Mas, como você disse, Annabeth Chase, ninguém teve êxito em seguir a Marca de Atena até seu destino. Lá você enfrentará o seu pior medo... o medo de todos os filhos de Atena. E, mesmo que sobreviva, como usará sua recompensa? Para a guerra ou para a paz?

Annabeth ficou feliz pela toalha comprida, porque, debaixo da mesa, suas pernas tremiam.

— Esse mapa, onde está? — perguntou ela.

— Gente!

Hazel apontou para o céu. Sobrevoando a área em círculos, acima das palmeiras, havia duas grandes águias. Acima delas, descendo rapidamente, vinha uma carruagem voadora puxada por pégasos. Parecia que a distração de Leo com Buford, a mesa, não havia funcionado — pelo menos não por muito tempo.

Afrodite espalhou manteiga em um muffin, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Ah, o mapa está em Forte Sumter, é claro. — Ela apontou a faca cheia de manteiga na direção da ilha do outro lado do porto. — Parece que os romanos chegaram para impedi-los. Eu voltaria para o navio bem depressa se fosse vocês. Querem levar uns bolinhos para a viagem?

XIX

ANNABETH

ELAS NÃO CONSEGUIRAM CHEGAR AO navio.

Após atravessarem metade do cais, três águias gigantes desceram diante delas e cada uma colocou um soldado romano vestido de roxo e jeans, com armadura dourada reluzente, espada e escudo. As águias levantaram voo, e o romano do meio, que era mais esquelético que os outros, ergueu seu visor.

— Rendam-se a Roma! — gritou Octavian.

Hazel puxou sua espada de cavalaria e resmungou:

— Sem chance, Octavian.

Annabeth praguejou entre dentes. Ela não teria se preocupado se o áugure magricela estivesse sozinho, mas os outros dois sujeitos pareciam ser guerreiros experientes: muito maiores e mais fortes que Annabeth gostaria de enfrentar, principalmente porque Piper e ela estavam armadas apenas com punhais.

Piper ergueu as mãos em um gesto apaziguador.

— Octavian, o que aconteceu no acampamento foi uma armação. Podemos explicar.

— Não conseguimos ouvi-la! — gritou Octavian. — Cera nos ouvidos... procedimento padrão em batalhas contra sereias do mal. Agora larguem as armas e virem-se lentamente para que eu amarre suas mãos.

— Me deixem espetá-lo — murmurou Hazel. — Por favor.

O navio estava a apenas quinze metros delas, mas Annabeth não via nenhum sinal do treinador Hedge no convés. Devia estar embaixo, assistindo a seus programas estúpidos de artes marciais. O grupo de Jason só chegaria ao pôr do sol, e Percy devia estar debaixo d'água, alheio à invasão. Se Annabeth conseguisse subir a bordo, poderia usar uma das balistas; mas era impossível desviar daqueles três romanos.

O tempo dela estava se esgotando. As águias circulavam no alto, gritando, como se avisassem aos irmãos: *Ei, saborosos semideuses gregos aqui!* Annabeth não via mais a carruagem voadora, mas presumiu que estivesse por perto. Ela precisava bolar alguma ideia antes que mais romanos chegassem.

Precisava de ajuda... algum tipo de pedido de socorro para o treinador Hedge ou, ainda melhor, para Percy.

— Então? — perguntou Octavian.

Seus dois amigos brandiram as espadas. Muito lentamente, usando apenas dois dedos, Annabeth sacou sua faca. Em vez de deixá-la cair no chão, ela a atirou o mais longe possível na água.

Octavian emitiu um guincho.

— O que você fez? Eu não mandei *jogar!* Aquilo podia ser uma prova. Ou despojos de guerra!

Annabeth deu um sorriso do tipo loura burra, como se dissesse: *Ah, como eu sou idiota.* Quem a conhecia não teria se deixado enganar. Mas Octavian pareceu acreditar nela. Ele bufou, exasperado.

— As outras duas... — Ele apontou a lâmina para Hazel e Piper. — Ponham suas armas no chão. Nada de graci...

Ao redor dos romanos, o Porto de Charleston explodiu como um chafariz de Las Vegas em um espetáculo. Quando a parede de água do mar cedeu, os três romanos estavam nas águas da baía, cuspidos e tentando freneticamente não afundar com a armadura. Percy estava no cais, segurando a faca de Annabeth.

— Você deixou isto cair — disse ele, totalmente sem expressão.

Annabeth o abraçou.

— Eu amo você!

— Gente — interrompeu-os Hazel, com um sorrisinho no rosto. — Precisamos nos apressar.

— Me tirem daqui! Vou matar vocês! — gritou Octavian lá embaixo, na água.

— Que oferta tentadora — gritou Percy para ele.

— O quê? — berrou Octavian de volta.

Ele se segurava em um dos guardas, que tinha dificuldade em manter os dois na superfície.

— Nada! — respondeu Percy. — Vamos, pessoal!

Hazel franziu a testa.

— Não podemos deixá-los se afogarem, podemos?

— Eles não vão se afogar — prometeu Percy. — Fiz a água circular aos pés deles. Assim que estivermos fora de alcance, vou cuspi-los para a margem.

Piper sorriu.

— Legal.

Eles subiram a bordo do *Argo II*, e Annabeth correu para o leme.

— Piper, desça. Use a pia da cozinha para mandar uma mensagem de Íris. Avise Jason para voltar!

Piper assentiu e saiu correndo.

— Hazel, procure o treinador Hedge e diga a ele que venha com aquele traseiro peludo para o convés!

— Certo!

— E Percy... você e eu temos que levar este navio para o Forte Sumter.

Percy fez que sim com a cabeça e correu para o mastro. Annabeth assumiu o leme. Suas mãos voavam pelos controles. Só lhe restava torcer para que soubesse operá-los.

Annabeth já vira Percy controlar veleiros de tamanho real apenas com a força do pensamento. Dessa vez, ele não decepcionou. Cordas voavam por conta própria: soltaram as amarras do cais, içaram a âncora. As velas se desfraldaram e enfunaram. Enquanto isso, Annabeth ligou o motor. Os remos se estenderam com um ruído semelhante ao de uma metralhadora, e o *Argo II* virou e afastou-se do cais, seguindo para a ilha ao longe.

As três águias ainda circulavam no alto, mas não tentaram pousar no navio, provavelmente porque Festus, a figura de proa, cuspiu fogo todas as vezes que elas se aproximavam. Mais águias voavam em formação na direção do Forte Sumter — pelo menos uma dúzia delas. Se cada uma carregava um semideus romano... havia muitos inimigos.

O treinador Hedge subiu ruidosamente os degraus, com Hazel em seus cascos.

— Cadê eles? Quem eu mato?

— Nada de mortes! — ordenou Annabeth. — Apenas defenda o navio!

— Mas eles interromperam um filme do Chuck Norris!

Piper surgiu no convés.

— Enviei uma mensagem a Jason. A ligação estava meio nebulosa, mas ele já está a caminho. Ele deve estar... ah! Lá!

Voando sobre a cidade, seguindo em direção a eles, via-se uma águia-de-cabeça-branca gigante, diferente das aves romanas.

— Frank! — disse Hazel.

Leo estava agarrado ao pé da águia, e, mesmo do navio, Annabeth o ouviu gritando e xingando.

Atrás deles Jason vinha voando, cavalgando o vento.

— Eu nunca tinha visto Jason voar. Parece um Super-homem louro — resmungou Percy.

— Não é hora disso! — repreendeu-o Piper. — Olhe, eles estão em apuros!

De fato, a carruagem voadora romana havia descido de uma nuvem e

mergulhava na direção deles. Jason e Frank desviaram, ganhando altura para evitar serem pisoteados pelos pégasos. Os romanos na carruagem dispararam flechas, que assoviaram sob os pés de Leo, o que levou a mais gritos e xingamentos. Jason e Frank foram forçados a passar direto pelo *Argo II* e voar na direção do Forte Sumter.

— Eu vou pegá-los! — berrou o treinador Hedge.

Ele então girou a balista de bombordo. Antes que Annabeth pudesse gritar “Não seja estúpido!”, Hedge disparou. Uma lança em chamas voou na direção da carruagem e explodiu acima da cabeça dos pégasos, deixando-os em pânico. Infelizmente também chamuscou as asas de Frank e o fez despencar em uma espiral descontrolada. Leo escorregou. A carruagem disparou rumo ao Forte Sumter, colidindo com Jason.

Annabeth viu horrorizada quando Jason — obviamente tonto e com dor — lançou-se na direção de Leo e o agarrou, lutando em seguida para subir. Mas só conseguiu desacelerar a queda, e os dois desapareceram atrás das muralhas do forte. Frank despencou atrás deles. Então a carruagem caiu lá dentro com um *CREC!* de quebrar os ossos. Uma roda partida girou no ar.

— Treinador! — gritou Piper.

— O que é? Foi só um disparo de aviso!

Annabeth acelerou os motores. O casco estremeceu quando eles ganharam velocidade. O píer da ilha estava a apenas cem metros de distância, porém mais uma dúzia de águias planava acima de suas cabeças, cada uma carregando um semideus romano nas garras.

A tripulação do *Argo II* estaria em desvantagem de pelo menos três para um.

— Percy — disse Annabeth — vamos atracar com violência. Preciso que você controle a água para que a gente não colida com o cais. Quando estivermos lá, você vai ter que segurar os inimigos. Pessoal, vamos ajudá-lo a proteger o navio.

— Mas... e Jason? — disse Piper.

— Frank e Leo! — acrescentou Hazel.

— Vou encontrá-los — prometeu Annabeth. — Preciso descobrir onde o mapa está. E sei que só eu posso fazer isso.

— O forte está apinhado de romanos — advertiu Percy. — Você vai ter que lutar contra eles para entrar, encontrar nossos amigos, supondo que eles estejam bem, achar o tal mapa e trazer todos de volta vivos. Tudo isso sozinha?

— É só um dia como todos os outros. — Annabeth o beijou. — O que quer que aconteça, não permita que eles tomem este navio!

XX

ANNABETH

A NOVA GUERRA CIVIL HAVIA começado.

De alguma forma, Leo escapara da queda sem ferimentos. Annabeth o viu correndo abaixado de um pórtico ao outro, lançando fogo nas águias gigantes que o atacavam. Os semideuses romanos que tentavam alcançá-lo tropeçaram em balas de canhão empilhadas e desviavam dos turistas, que gritavam e corriam em círculos.

Guias turísticos berravam: “É só uma encenação!”, embora não parecessem muito seguros disso. Era o máximo que a Névoa podia fazer para mudar o que os mortais viam.

No meio do pátio, um elefante adulto — seria Frank? — corria com violência em torno dos mastros das bandeiras, dispersando guerreiros romanos. Jason, a uns cinquenta metros dali, enfrentava com a espada um centurião corpulento, cujos lábios estavam manchados de vermelho-cereja, parecendo sangue. Um aspirante a vampiro ou quem sabe um fanático por refresco?

Enquanto Annabeth olhava, Jason gritou:

— Desculpe por isso, Dakota!

Ele saltou sobre a cabeça do centurião, como um acrobata, e bateu o punho de seu gládio na parte de trás da cabeça do romano. Dakota desabou.

— Jason! — chamou Annabeth.

Ele correu os olhos pelo campo de batalha até encontrá-la.

Ela apontou para o *Argo II*, que estava ancorado.

— Faça os outros embarcarem! Batam em retirada!

— E você?

— Não esperem por mim!

Annabeth saiu correndo antes que ele pudesse protestar.

Ela teve dificuldade em se deslocar em meio à multidão de turistas. Por que tantas pessoas queriam ver o Forte Sumter em um dia escaldante de verão? Mas Annabeth logo percebeu que a multidão havia salvado a vida deles. Sem o caos criado por todos aqueles mortais em pânico, os romanos já teriam cercado sua tripulação em desvantagem numérica.

Annabeth enfiou-se em uma salinha que devia ter sido parte da guarnição. Ela tentou respirar normalmente. Imaginou como seria a vida de um soldado da União em 1861 naquela ilha. Cercado por inimigos. Os alimentos e suprimentos acabando, sem a expectativa da chegada de reforços.

Alguns dos defensores da União eram filhos de Atena. Eles haviam escondido um importante mapa ali — algo que não queriam que caísse em mãos inimigas. Se Annabeth fosse um desses semideuses, onde o teria colocado?

De repente, as paredes brilharam. O ar tornou-se quente. Annabeth se perguntou se estaria tendo uma alucinação. Estava prestes a correr para a saída quando a porta se fechou bruscamente. Bolhas surgiram na argamassa entre as pedras e estouraram, liberando milhares de minúsculas aranhas negras que avançaram em ondas.

Annabeth não conseguiu se mexer. Seu coração parecia ter parado. As aranhas cobriam as paredes, subindo umas nas outras, espalhando-se pelo chão e cercando-a aos poucos. Era impossível. Não podia ser *real*.

O terror mergulhou em suas lembranças. Tinha sete anos outra vez, sozinha em seu quarto em Richmond, na Virgínia. As aranhas vieram à noite. Rastejaram em ondas, a partir do armário, e esperaram nas sombras. Ela gritou, chamando o pai, mas ele estava fora, trabalhando. Parecia que ele *sempre* estava fora, trabalhando.

Em vez dele, veio a madrastra.

Não me importo de bancar a malvada, dissera ela uma vez ao pai de Annabeth quando achava que Annabeth não estava ouvindo.

É só sua imaginação, disse a madrastra sobre os aracnídeos. *Você está assustando seus irmãozinhos*.

Eles não são meus irmãos, argumentou Annabeth, o que fez a expressão da madrastra endurecer. Seus olhos eram quase tão assustadores quanto as aranhas.

Agora durma, insistiu a madrastra. *Chega de gritos*.

As aranhas apareceram assim que a madrastra saiu do quarto. Annabeth tentou se esconder debaixo das cobertas, mas foi inútil. Por fim, adormeceu de pura exaustão. Acordou de manhã, cheia de picadas e teias de aranha cobrindo-lhe os olhos, a boca e o nariz.

As picadas desapareceram antes mesmo que ela se vestisse, portanto Annabeth não tinha nada para mostrar à madrastra exceto teias de aranha, que a

madrasta achou que fossem algum tipo de truque inteligente.

Não quero mais ouvir falar de aranhas, falou a madrastra com firmeza. *Você já é uma menina crescida.*

Na segunda noite, as aranhas voltaram. A madrastra continuou a bancar a malvada. Annabeth não tinha permissão de ligar para o pai e aborrecê-lo com aquela bobagem. Não, ele *não* chegaria em casa mais cedo.

Na terceira noite, Annabeth fugiu de casa.

Mais tarde, já no Acampamento Meio-Sangue, ela soube que todos os filhos de Atena tinham medo de aranhas. Havia muito tempo, Atena ensinara à tecelã Aracne, que era mortal, uma dura lição: ela a amaldiçoara por seu orgulho, transformando-a na primeira aranha na face da Terra. Desde então, as aranhas odiavam os filhos de Atena.

Mas saber disso não tornava mais fácil enfrentar seu medo. Uma vez ela quase matara Connor Stoll no acampamento por ter colocado uma tarântula em seu beliche. Anos depois, tivera um ataque de pânico em um parque aquático em Denver, quando ela e Percy foram atacados por aranhas mecânicas. E nas últimas semanas Annabeth havia sonhado com aranhas quase todas as noites — arrastando-se por cima dela, sufocando-a, envolvendo-a em teias.

Ali, de pé no Forte Sumter, ela estava cercada. Seus pesadelos tinham se tornado realidade.

Uma voz lenta murmurou em sua cabeça: *Em breve, minha querida. Em breve você encontrará a tecelã.*

— Gaia? — murmurou Annabeth. Ela temia a resposta, mas perguntou: — Quem... quem é a tecelã?

As aranhas ficaram agitadas, enxameando pelas paredes, girando em torno dos pés de Annabeth como um redemoinho negro reluzente. Somente a esperança de que aquilo fosse uma ilusão impediu que Annabeth desmaiasse de medo.

Espero que você sobreviva, criança, disse a voz feminina. *Eu preferiria que você fosse oferecida a mim em sacrifício. Mas precisamos deixar a tecelã ter sua vingança...*

A voz de Gaia desapareceu. Na parede oposta, no centro do enxame de aranhas, um símbolo vermelho luziu ganhando vida: a figura de uma coruja igual à que havia na dracma de prata encarava Annabeth. Então, assim como em seus pesadelos, a Marca de Atena queimou nas paredes, incinerando as aranhas até que a sala ficasse vazia, exceto pelo cheiro doce e enjoativo das cinzas.

Vá, disse outra voz — a da mãe de Annabeth. *Vingue-me. Siga a Marca.*

A imagem da coruja em chamas desapareceu. A porta da guarnição abriu-se de supetão. Annabeth continuou parada, estupefata, no meio da sala, sem saber se aquilo fora real ou se havia sido apenas uma visão.

Uma explosão sacudiu o edifício. Annabeth lembrou que seus amigos estavam em perigo. Ela passara tempo demais naquela sala.

Então forçou-se a se mexer. Ainda trêmula, saiu dali aos tropeços. O ar do oceano ajudou a clarear sua mente. Ela olhou para o outro lado do pátio — através dos turistas em pânico e do combate dos semideuses — para a borda das ameias, onde um grande morteiro apontava para o mar.

Annabeth podia estar imaginando, mas a velha peça de artilharia parecia emitir um brilho vermelho. Ela correu até o morteiro. Uma águia mergulhou na direção dela, mas Annabeth abaixou-se e continuou correndo. Nada poderia assustá-la tanto quanto aquelas aranhas.

Os semideuses romanos estavam formados em fila e avançavam na direção do *Argo II*, mas uma minitempestade havia se acumulado acima deles. Embora o dia estivesse claro à volta, trovões ecoavam e relâmpagos cruzavam o céu acima dos romanos. A chuva e o vento os mantinham afastados.

Annabeth não parou para pensar a respeito.

Ela alcançou o morteiro e pôs a mão na abertura do tubo. Na tampa que a bloqueava, a Marca de Atena começou a luzir: o contorno vermelho de uma coruja.

— No morteiro — disse ela. — É claro.

Ela forçou a tampa com os dedos. Sem sorte. Praguejando, sacou a faca. A tampa encolheu e se afrouxou assim que o bronze celestial a tocou. Annabeth a puxou e enfiou a mão dentro do canhão.

Seus dedos tocaram algo frio, liso e metálico. Ela tirou dali um disco de bronze pequeno, do tamanho de um pires de chá, no qual havia delicadas letras e ilustrações gravadas. Annabeth resolveu examiná-lo mais tarde. Enfiou-o na mochila e virou-se.

— Está com pressa? — perguntou Reyna.

A pretora estava a três metros dela, vestindo armadura de batalha completa, armada com uma lança de ouro. Seus dois galgos de metal rosnavam ao lado.

Annabeth esquadrinhou a área. Estavam mais ou menos sozinhas. A maior parte do combate havia se deslocado na direção do cais. Com sorte, àquela altura todos os amigos já teriam embarcado, mas eles tinham que zarpar imediatamente, senão corriam o risco de serem derrotados. Annabeth precisava se apressar.

— Reyna — disse ela — o que aconteceu no Acampamento Júpiter foi culpa de Gaia. Eidolons, espíritos que tomam posse...

— Poupe suas explicações — interrompeu Reyna. — Vai precisar delas no julgamento.

Os cães rosnaram e avançaram lentamente. Dessa vez, não parecia importar se

Annabeth estava dizendo a verdade ou não. Ela tentou pensar em um plano de fuga. Achava difícil derrotar Reyna em um confronto direto. Não tinha absolutamente nenhuma chance contra aqueles cães de metal.

— Se deixar que Gaia separe nossos acampamentos — disse Annabeth —, os gigantes já terão vencido. Eles vão destruir os romanos, os gregos, os deuses, todo o mundo mortal.

— Acha que não sei disso? — A voz de Reyna era dura como ferro. — Que opções vocês me deixaram? Octavian fareja sangue. Ele lançou a legião em um frenesi, e não posso detê-los. Entregue-se a mim. Vou levá-la de volta a Nova Roma para ser julgada. Não vai ser um julgamento justo. Você será executada de forma dolorosa. Mas *talvez* seja o suficiente para evitar mais violência. Octavian não vai ficar satisfeito, é claro, mas acho que consigo convencer os outros a recuar.

— Não fui eu!

— Não *importa*! — retrucou Reyna. — Alguém deve pagar pelo que aconteceu. Que seja você. É a melhor opção.

A pele de Annabeth arrepiou-se.

— Melhor do que o quê?

— Use sua sabedoria — falou Reyna. — Se escaparem hoje, nós não os seguiremos. Eu lhe disse: nem um louco cruzaria o mar a caminho das terras antigas. Se Octavian não puder se vingar em seu navio, ele se voltará para o Acampamento Meio-Sangue. A legião marchará sobre o seu território. Nós o arrasaremos e salgaremos a terra.

Mate os romanos, ela ouviu a mãe exortando-a. *Eles nunca poderão ser seus aliados*.

Annabeth queria chorar. O Acampamento Meio-Sangue era o único lar de verdade que conhecera, e, em uma demonstração de amizade, ela contara sua localização exata para Reyna. Não podia ir para o outro lado do mundo e deixá-lo à mercê dos romanos.

Mas a missão deles e tudo o que ela havia sofrido para ter Percy de volta... se ela não fosse para as terras antigas, tudo teria sido em vão. Além disso, a Marca de Atena não precisava levar à vingança.

Se eu pudesse encontrar a rota... o caminho de casa, dissera sua mãe. *Como usará sua recompensa?*, perguntara Afrodite. *Para a guerra ou para a paz?*

Havia, *sim*, uma resposta. A Marca de Atena podia levá-la até lá — se ela sobrevivesse.

— Eu vou — disse ela a Reyna. — Vou seguir a Marca de Atena até Roma.

A pretora balançou a cabeça.

— Você não tem ideia do que a espera.

— Sim, tenho — replicou Annabeth. — Esse rancor entre nossos acampamentos... Posso consertar isso.

— Esse rancor tem milhares de anos. Como uma única pessoa pode consertar isso?

Annabeth queria ter uma resposta convincente para dar, mostrar a Reyna um diagrama em 3-D ou um esquema brilhante, mas não tinha. Ela só sabia que precisava tentar. Lembrou-se daquele olhar perdido no rosto da mãe: *Preciso voltar para casa.*

— A missão precisa ser bem-sucedida — disse ela. — Você pode tentar me deter, e nesse caso teremos que lutar até a morte. Ou pode me deixar ir, e tentarei salvar os dois acampamentos. Se você tiver que marchar para o Acampamento Meio-Sangue, pelo menos tente retardar o ataque. Atrase Octavian.

Os olhos de Reyna se estreitaram.

— Da filha de uma deusa da guerra para outra: respeito sua audácia. Mas, se partir agora, está condenando seu acampamento à destruição.

— Não subestime o Acampamento Meio-Sangue — advertiu Annabeth.

— Você nunca viu a legião combatendo — rebateu Reyna.

Mais adiante, no cais, uma voz familiar berrou acima do vento:

— Matem-nos! Matem todos eles!

Octavian sobrevivera ao mergulho no porto. Estava agachado atrás dos guardas, gritando incentivos para os outros semideuses romanos, que seguiam na direção do navio, segurando os escudos como se isso pudesse desviar a tempestade que rugia ao redor deles.

No convés do *Argo II*, Percy e Jason estavam lado a lado, as espadas cruzadas. Annabeth sentiu um arrepio na espinha quando se deu conta de que os garotos trabalhavam como se fossem um, evocando o céu e o mar para cumprir sua função. A água e o vento agitavam-se juntos. As ondas erguiam-se contra as ameias e os raios lampejavam. Águias gigantes eram derrubadas do céu. As ruínas da carruagem voadora queimavam na água, e o treinador Hedge girava uma besta e atirava nas aves romanas que voavam acima deles.

— Está vendo? — falou Reyna com amargura. — A lança foi disparada. Nosso povo está em guerra.

— Não se eu tiver sucesso — disse Annabeth.

A expressão de Reyna era a mesma de quando se deu conta, no Acampamento Júpiter, de que Jason havia encontrado outra garota. A pretora era solitária, amarga e traída demais para acreditar que qualquer coisa pudesse dar certo para ela outra vez. Annabeth esperou o ataque.

Em vez disso, Reyna agitou a mão. Os cães de metal recuaram.

— Annabeth Chase, quando nos encontrarmos de novo, seremos inimigas no

campo de batalha.

A pretora fez meia-volta e transpôs as muralhas, seguida pelos galgos.

Annabeth temeu que fosse algum tipo de truque, mas, como não tinha tempo para pensar, correu para o navio.

Os ventos que castigavam os romanos pareciam não afetá-la.

Annabeth passou correndo por eles.

— Detenham-na! — gritou Octavian.

Uma lança passou voando rente à sua orelha. O *Argo II* já se afastava do cais. Piper estava na prancha de embarque com a mão estendida.

Annabeth saltou e agarrou a mão da amiga. A tábua caiu no mar e as duas garotas tombaram no convés.

— Vamos! — gritou Annabeth. — Vamos, vamos, vamos!

Os motores roncavam abaixo dela. Os remos se agitavam. Jason alterou o curso do vento, e Percy invocou uma onda gigantesca, que ergueu o navio acima dos muros do forte e o conduziu para o mar aberto. Quando o *Argo II* alcançou velocidade máxima, o Forte Sumter era apenas um borrão ao longe, e eles corriam sobre as ondas na direção das terras antigas.

XXI

LEO

DEPOIS DE UMA INCURSÃO POR um museu cheio de fantasmas confederados, Leo achava que seu dia não podia piorar. Estava enganado.

Eles não haviam encontrado nada no submarino da Guerra de Secessão nem em nenhuma outra parte do museu: apenas alguns turistas idosos, um segurança cochilando e, quando tentaram inspecionar os artefatos, um batalhão inteiro de zumbis fosforescentes em uniformes cinza.

O plano de que Frank conseguiria controlar os espíritos? Bem... isso falhou por completo. Quando Piper enviou a mensagem de Íris avisando-os do ataque dos romanos, eles já estavam na metade do caminho de volta para o navio, depois de serem perseguidos pelo centro de Charleston por um monte de confederados mortos e furiosos.

Então — ai, deuses! — Leo teve que pegar uma carona com Frank, a Águia Amiga, para que fossem lutar contra um bando de romanos. A história de que fora Leo quem disparara contra sua pequena cidade devia ter se espalhado, pois aqueles romanos pareciam especialmente ansiosos para matá-lo.

Mas espere! Isso não era tudo! O treinador Hedge os derrubou do céu com um tiro, Frank o deixou cair (isso não foi acidente) e eles despencaram no Forte Sumter.

E agora, enquanto o *Argo II* disparava através das ondas, Leo tinha que usar toda a sua habilidade para manter o navio inteiro. Percy e Jason eram um pouquinho eficientes *demais* em criar tempestades.

A certa altura, Annabeth parou ao lado dele, gritando em meio ao rugido do vento:

- Percy contou que conversou com uma nereida no Porto de Charleston!
- Bom para ele! — gritou Leo de volta.

— A nereida disse que deveríamos procurar a ajuda dos irmãos de Quíron.

— O que isso quer dizer? Os Pôneis de Festa?

Leo nunca estivera com os centauros malucos parentes de Quíron, mas ouvira falar das lutas de espadas de brinquedo, dos concursos de quem bebe mais *root beer* e das pistolas de água cheias de creme chantili pressurizado.

— Não tenho certeza — respondeu Annabeth. — Mas tenho as coordenadas. Você pode inserir dados como latitude e longitude nesta coisa?

— Posso inserir cartas estelares e pedir uma vitamina se você quiser. *É claro* que posso inserir a latitude e a longitude!

Annabeth recitou os números. Leo digitou enquanto segurava o leme com a outra mão. Um ponto vermelho surgiu na tela de bronze.

— Fica no meio do Atlântico. Os Pôneis de Festa têm um iate?

Annabeth deu de ombros, impotente.

— Apenas conserve o navio intacto até nos afastarmos mais de Charleston. Jason e Percy vão manter os ventos!

— Hora da diversão!

Pareceu uma eternidade, mas finalmente o mar se acalmou e os ventos pararam.

— Valdez — disse o treinador Hedge, com surpreendente gentileza — eu assumo o leme. Você está conduzindo este navio há duas horas.

— Duas horas?

— Sim. Me dê o leme.

— Treinador?

— Sim, garoto?

— Não consigo abrir as mãos.

Era verdade. Os dedos de Leo pareciam ter se transformado em pedra. Seus olhos queimavam depois de tanto tempo olhando fixamente para o horizonte. Seus joelhos pareciam marshmallow. O treinador Hedge conseguiu soltá-lo do leme.

Leo deu uma última olhada no painel, ouvindo Festus tagarelar e zumbir um relatório atualizado. Ele tinha a sensação de que estava esquecendo alguma coisa. Olhou os controles, pensativo, mas não adiantou. Mal conseguia ficar de olhos abertos.

— Fique de olho em monstros — disse ele ao treinador. — E tenha cuidado com o estabilizador danificado. E...

— Está tudo sob controle — garantiu o treinador Hedge. — Agora vá!

Leo assentiu, cansado. Atravessou o convés cambaleando na direção de seus amigos.

Percy e Jason estavam sentados com as costas apoiadas no mastro, as cabeças

caídas de exaustão. Annabeth e Piper tentavam fazê-los beber um pouco de água.

Hazel e Frank estavam mais afastados, fora do alcance dos ouvidos, no meio de uma discussão que incluía muitos movimentos de braços e de cabeça. Leo não devia ficar feliz com isso, mas parte dele ficou. A outra sentiu-se mal por ele ficar feliz.

A discussão parou abruptamente quando Hazel viu Leo. Todos se reuniram junto ao mastro.

Frank franziu o rosto como se estivesse fazendo força para se transformar em um buldogue.

— Nenhum sinal de que estamos sendo perseguidos — falou ele.

— Nem de terra — acrescentou Hazel.

Ela parecia um pouco verde, embora Leo não soubesse se era por causa do balanço do barco ou pela discussão.

Leo observou o horizonte. Nada além do oceano em todas as direções. Isso não deveria tê-lo surpreendido. Ele havia passado seis meses construindo um navio ciente de que cruzaria o Atlântico. Mas até aquele dia, a partida para uma jornada às terras antigas não parecia real. Leo nunca saíra dos Estados Unidos — exceto para uma luta rápida com um dragão em Quebec. Estavam então em mar aberto, completamente sozinhos, navegando para o Mare Nostrum, de onde tinham saído todos os monstros assustadores e gigantes abomináveis. Podiam não estar sendo seguidos pelos romanos, mas tampouco poderiam contar com a ajuda do Acampamento Meio-Sangue.

Leo apalpou a cintura para se certificar de que seu cinto ainda estava lá. Infelizmente isso só o fez lembrar-se do biscoito da sorte de Nêmesis, enfiado em um dos bolsos.

Você sempre será um forasteiro. As palavras da deusa ainda ecoavam em sua cabeça. *A sétima vela.*

Esqueça-a, disse Leo a si mesmo. Concentre-se no que você pode resolver.

— Você encontrou o mapa que queria? — perguntou ele a Annabeth.

Ela assentiu, embora estivesse pálida. Leo perguntou-se o que a deixara tão abalada no Forte Sumter.

— Vou ter que estudá-lo — afirmou ela, como se encerrasse o assunto. — A quanto tempo estamos das coordenadas?

— À velocidade máxima dos remos, em torno de uma hora. Alguma ideia do que estamos procurando?

— Não — admitiu ela. — Percy?

Percy ergueu a cabeça. Os olhos verdes estavam injetados de sangue e caídos.

— A nereida disse que os irmãos de Quíron estavam lá e que iriam querer ouvir sobre aquele aquário em Atlanta. Não sei o que ela quis dizer, mas... — Ele

fez uma pausa, como se tivesse usado toda a sua energia para pronunciar aquelas palavras. — Ela também me avisou para ter cuidado. Ceto, a deusa no aquário: ela é a mãe dos monstros marinhos. Mesmo presa em Atlanta, ainda consegue mandar os filhos atrás de nós. A nereida disse que devíamos esperar um ataque.

— Maravilha — murmurou Frank.

Jason tentou se levantar, mas não foi uma boa ideia. Piper agarrou-o para impedir que caísse, e ele deslizou mastro abaixo.

— Podemos manter o navio no ar? — perguntou ele. — Se pudéssemos voar...

— Seria ótimo — respondeu Leo. — Só que Festus me avisou que o estabilizador aéreo de bombordo foi destruído quando o navio raspou no cais do Forte Sumter.

— Estávamos com pressa — disse Annabeth. — Tentando salvar vocês.

— E me salvar é uma causa muito nobre — concordou Leo. — Só estou dizendo que vai levar algum tempo para consertar. Até lá, não vamos voar a parte alguma.

Percy deu de ombros e fez uma careta.

— Por mim, tudo bem. O mar é bom.

— Fale por você. — Hazel olhou para o sol do fim de tarde, que já quase alcançava o horizonte. — Precisamos ir rápido. Perdemos mais um dia, e só restam mais três a Nico.

— Vamos conseguir — prometeu Leo. Esperava que Hazel o tivesse perdoado por não confiar no irmão dela (puxa, aquela suspeita parecera bastante razoável). Mas ele não queria reabrir a ferida. — Podemos chegar a Roma em três dias... supondo, você sabe, que nada inesperado aconteça.

Frank grunhiu. Parecia que ele ainda estava tentando se transformar em buldogue.

— Alguma notícia *boa*?

— Na realidade, sim — disse Leo. — Segundo Festus, nossa mesa voadora, Buford, voltou em segurança enquanto estávamos em Charleston, o que significa que aquelas águias não o pegaram. Infelizmente ele perdeu a bolsa da lavanderia com sua calça.

— Porcaria! — gritou Frank, e Leo imaginou que para Frank aquilo provavelmente era um grande palavrão.

Sem dúvida Frank teria xingado mais um pouco — com as expressões que *ele* considerava insultantes — mas Percy o interrompeu, dobrando-se para a frente e gemendo:

— O mundo virou de cabeça para baixo?

Jason apertou a cabeça.

— Sim, e está girando. Está tudo amarelo. Era mesmo para ser amarelo?

Annabeth e Piper trocaram olhares preocupados.

— Invocar aquela tempestade minou mesmo a força de vocês — disse Piper.
— Vocês precisam descansar.

Annabeth assentiu, concordando.

— Frank, você pode nos ajudar a levar os dois lá para baixo?

Frank olhou para Leo, sem dúvida relutante em deixá-lo sozinho com Hazel.

— Está tudo bem, cara — disse Leo. — Só tente não deixá-los cair na escada.

Assim que os outros desceram, Hazel e Leo se encararam, constrangidos. Estavam sozinhos, exceto pelo treinador Hedge, que fora de novo para o tombadilho superior cantando a música de abertura de Pokémon. O treinador havia mudado a letra para “Temos que matar”, e Leo sinceramente não queria saber por quê.

A música pareceu não ajudar no enjoo de Hazel.

— Argh...

Ela inclinou-se para a frente e abraçou a barriga. Tinha cabelos bonitos... volumosos e de um castanho-dourado como cascas de canela, que lembravam a Leo um lugar em Houston que fazia churros deliciosos. A lembrança o deixou com fome.

— Não dobre o corpo para a frente — aconselhou ele. — Não feche os olhos. Isso piora o enjoo.

— É mesmo? Você também enjoa no mar?

— No mar, não. Mas os automóveis me deixam enjoado e...

Ele se deteve. Queria dizer *conversar com garotas*, mas decidiu guardar isso para si mesmo.

— Automóveis? — Hazel empertigou-se com dificuldade. — Você pode conduzir um navio ou montar um dragão, mas carros o deixam enjoado?

— Eu sei. — Leo deu de ombros. — Sou muito especial. Então, mantenha os olhos no horizonte. Em um ponto fixo. Vai ajudar.

Hazel respirou fundo e olhou a distância. Seus olhos eram de um dourado que brilhava como os discos de cobre e bronze dentro da cabeça mecânica de Festus.

— Melhorou? — perguntou ele.

— Um pouco, talvez. — Ela soava como se só estivesse sendo educada. Mantinha os olhos no horizonte, mas Leo teve a sensação de que ela avaliava o humor dele, ponderando sobre o que dizer.

— Frank não o deixou cair de propósito — falou ela. — Ele não é assim. Ele é só um pouco desajeitado às vezes.

— Ops! — disse Leo em sua melhor imitação de Frank Zhang. — *Deixei Leo cair no meio de um esquadrão de soldados inimigos. Porcaria!*

Hazel tentou reprimir um sorriso, e Leo pensou que sorrir era melhor que

vomitam.

— Pegue leve com ele — disse Hazel. — Você e suas esferas de fogo deixam Frank nervoso.

— O cara pode se transformar em um elefante, e sou *eu* quem o deixa nervoso?

Hazel manteve os olhos no horizonte. Ela agora parecia estar menos enjoada, apesar de o treinador Hedge continuar cantando a música do Pokémon no leme.

— Leo, sobre o que aconteceu no Great Salt Lake...

Lá vem, pensou Leo.

Ele lembrou-se do encontro deles com a deusa da vingança, Nêmesis. O biscoito da sorte começou a pesar em seu cinto de ferramentas. Na noite anterior, enquanto partiam de Atlanta, Leo, deitado em sua cabine, pensara no quanto havia deixado Hazel zangada. E ponderava maneiras de consertar as coisas.

Logo enfrentará um problema que não poderá resolver, dissera Nêmesis, *embora eu possa ajudá-lo... por um preço.*

Leo havia tirado o biscoito da sorte do cinto e o girava entre os dedos, perguntando-se que preço teria que pagar se o quebrasse.

Talvez aquele fosse o momento.

— Eu estaria disposto... — falou ele para Hazel. — Eu poderia usar o biscoito da sorte para encontrar seu irmão.

Hazel pareceu perplexa.

— O quê? Não! Quer dizer... eu nunca lhe pediria isso. Não depois do que Nêmesis disse sobre o preço horrível que isso teria. Nós mal nos *conhecemos*!

O comentário *mal nos conhecemos* doeu um pouco, embora Leo soubesse que era verdade.

— Então... não era sobre isso que você queria falar? — perguntou ele. — Hã, então é sobre aquela hora em que ficamos de mãos dadas no rochedo? Porque...

— Não! — apressou-se ela a dizer, abanando o rosto daquele jeito bonitinho que ela fazia quando ficava nervosa. — Não, eu só estava pensando na maneira como você enganou Narciso e aquelas ninfas...

— Ah, tá. — Leo olhou constrangido para o próprio braço. A tatuagem de IRADO ainda não havia desaparecido por completo. — Pareceu uma boa ideia na hora.

— Você foi incrível — disse Hazel. — Tenho pensado no quanto você me lembra...

— Sammy — adivinhou Leo. — Queria que você me dissesse quem é ele.

— Quem ele *era* — corrigiu Hazel. O ar da noite estava morno, mas assim mesmo ela estremeceu. — Fiquei pensando... talvez eu possa lhe mostrar.

— Você está falando de uma foto?

— Não. Tem uma espécie de *flashback* que acontece comigo. Faz muito

tempo que não tenho um, e nunca tentei fazer um ocorrer de propósito. Mas certa vez partilhei um com Frank, então pensei...

Os olhos de Hazel fixaram-se nos dele. Leo começou a ficar nervoso, como se lhe houvessem injetado adrenalina na veia. Se o *flashback* era algo que Frank havia partilhado com Hazel... bem, ou Leo não queria ter nada a ver com aquilo, ou ele *decididamente* queria tentar. Não tinha certeza de qual das opções.

— Quando você diz *flashback*... — Ele engoliu em seco. — Do que exatamente estamos falando? É seguro?

Hazel estendeu a mão.

— Eu não lhe pediria para fazer isso, mas tenho certeza de que é importante. *Não pode* ser uma coincidência termos nos encontrado. Se funcionar, talvez finalmente possamos entender de que forma estamos conectados.

Leo olhou para o leme. Ainda tinha uma incômoda suspeita de que havia esquecido algo, mas o treinador Hedge parecia estar se saindo bem. O céu à frente deles estava claro. Não havia o menor sinal de problema.

Além disso, um *flashback* parecia ser algo bem breve. Deixar o treinador no controle por mais alguns minutos não ia fazer mal, ia?

— O.k. — cedeu ele. — Me mostre.

Ele pegou a mão de Hazel, e o mundo se dissolveu.

XXII

LEO

ELES ESTAVAM NO PÁTIO DE um antigo complexo de prédios semelhante a um mosteiro. Havia paredes de tijolos vermelhos cobertas de trepadeiras e grandes magnólias com as raízes rachando o chão. O sol ardia, inclemente, e o nível de umidade estava altíssimo; o ar era ainda mais pegajoso que em Houston. Leo sentiu o cheiro de peixe frito em algum lugar perto dali. As nuvens no céu estavam baixas e cinzentas, rajadas como um tigre.

O pátio era mais ou menos do tamanho de uma quadra de basquete. Uma bola de futebol murcha estava largada em um canto, embaixo de uma estátua da Virgem Maria.

Ao longo das paredes laterais dos edifícios, havia janelas abertas. Leo percebeu sinais de movimento nos prédios, mas tudo estava estranhamente silencioso. Ele não viu nenhum ar-condicionado, o que significava que devia estar uns mil graus lá dentro.

— Onde estamos? — perguntou ele.

— Na minha antiga escola — respondeu Hazel, parada ao seu lado. — A Academia St. Agnes para Crianças de Cor e Indígenas.

— Que tipo de nome...?

Ele virou-se para Hazel e soltou um grito. Ela era um fantasma, apenas uma silhueta vaporosa no ar úmido. Leo olhou para baixo e percebeu que o próprio corpo também havia se transformado em névoa.

Tudo ao redor parecia sólido e real, mas ele era um espírito. Depois de ter sido possuído por um eidolon três dias antes, aquela sensação não lhe agradava.

Antes que pudesse fazer perguntas, o sinal bateu lá dentro: não um som moderno e eletrônico, mas o zumbido antiquado de um martelo batendo em metal.

— Isto é uma lembrança — explicou Hazel — portanto ninguém pode nos ver. Olhe, nós estamos vindo.

— Nós?

Das várias portas saíram para o pátio dezenas de crianças, gritando e se empurrando. Eram afro-descendentes em sua maioria, além de algumas crianças de aparência hispânica, cujas idades iam do jardim de infância ao ensino médio. Leo podia ver que aquilo acontecera no passado, porque todas as garotas usavam vestidos e sapatos boneca de couro. Os garotos usavam camisas brancas de colarinho e calças com suspensórios. Muitos estavam com bonés do tipo usado pelos jóqueis. Algumas crianças carregavam a merenda, mas muitas outras, não. Suas roupas eram limpas, porém surradas e desbotadas. Algumas tinham buracos nos joelhos das calças ou sapatos com as solas se soltando.

Algumas meninas começaram a pular corda com um velho barbante de varal. Os garotos mais velhos jogavam uma bola de beisebol gasta. As crianças que tinham merenda sentavam-se juntas para comer e conversar.

Ninguém prestava nenhuma atenção nos fantasmas Hazel e Leo.

Então Hazel — a Hazel do *passado* — surgiu no pátio. Leo a reconheceu sem dificuldade, embora ela parecesse uns dois anos mais nova do que era agora. O cabelo estava preso em um coque, os olhos dourados corriam pelo pátio, inquietos, e ela usava um vestido escuro, diferente das outras garotas com seus vestidos de algodão branco ou com estampas florais em tons pastel. Ela se destacava no grupo como uma carpideira em uma cerimônia de casamento.

Segurando uma lancheira de lona, ela caminhou ao longo da parede, como se tentasse não ser notada.

Não funcionou.

— Bruxinha! — chamou um menino.

Ele andou até ela, encurralando-a em um canto. O garoto podia ter tanto quatorze quanto dezenove anos — era difícil dizer porque ele era muito grande e alto, de longe o maior no pátio. Leo deduziu que ele fora reprovado algumas vezes. Usava uma camisa suja da cor de trapos engordurados, calças de lã puídas (naquele calor, não deviam ser nem um pouco confortáveis) e estava descalço. Talvez os professores ficassem com medo de insistir para que o garoto usasse sapatos ou talvez ele simplesmente não tivesse mesmo nenhum par.

— Aquele é Rufus — falou o fantasma Hazel com desprazer.

— Sério? Você está brincando que o nome dele é Rufus — replicou Leo.

— Venha — chamou o fantasma Hazel.

Ela flutuou na direção do confronto e Leo a seguiu. Não estava acostumado a flutuar, mas uma vez havia andado em um Segway e era quase a mesma coisa. Ele simplesmente se inclinava na direção que queria ir e deslizava para lá.

O grandalhão tinha as feições achatadas, como se passasse a maior parte do tempo deitado de cara na calçada. O cabelo era igualmente achatado no alto; miniaturas de aviões poderiam tê-lo usado como pista de pouso.

Rufus estendeu a mão.

— Comida.

A Hazel do passado não protestou. Entregou sua lancheira como se aquilo acontecesse sempre.

Algumas garotas mais velhas se aproximaram para se divertir com a cena. Uma deu uma risadinha para Rufus.

— Você não vai querer comer isso — advertiu ela. — Provavelmente está envenenado.

— Tem razão — concordou Rufus. — Foi a bruxa da sua mãe quem fez isso, Levesque?

— Ela não é uma bruxa — murmurou Hazel.

Rufus jogou a bolsa no chão e pisou nela, esmagando o conteúdo sob o calcanhar descalço.

— Pode ficar. Mas eu quero um diamante. Ouvi dizer que sua mãe pode fabricar. Me dá um diamante.

— Eu não tenho diamantes — disse Hazel. — Vá embora.

Rufus cerrou os punhos. Leo estivera em escolas violentas e lares provisórios suficientes para perceber quando as coisas estavam prestes a se complicar. Ele queria intervir e ajudar Hazel, mas era um fantasma. Além disso, tudo aquilo acontecera décadas antes.

Então outro garoto saiu do prédio e parou sob a luz do sol.

Leo prendeu o fôlego. O garoto era exatamente igual a ele.

— Está vendo? — perguntou o fantasma Hazel.

O Falso Leo era da mesma altura que o Leo Normal — ou seja, baixinho. Tinha a mesma energia nervosa — tamborilava os dedos nas calças, esfregava a camisa de algodão branco, ajustava o boné de jóquei nos cabelos castanhos encaracolados. (Sério, pensou Leo, pessoas baixinhas não deviam usar boné de jóquei, a menos que fossem mesmo jóqueis.) O Falso Leo tinha o mesmo sorriso malicioso que cumprimentava o Leo Normal sempre que ele se olhava no espelho — uma expressão que fazia os professores gritarem imediatamente “Nem pense nisso!” e o colocarem na fileira da frente.

Parecia que o Falso Leo acabara de ser repreendido por um professor. Estava segurando um chapéu de burro — um autêntico cone de papelão em que se lia BURRO. Leo achava que aquilo era algo que só existia em desenhos animados.

Dava para entender por que o Falso Leo não o usava. Já era ruim o bastante parecer um jóquei. Com aquele cone na cabeça, ficaria parecendo um gnomo.

Alguns garotos recuaram quando o Falso Leo surgiu. Outros se cutucaram e correram para ele como se esperassem um espetáculo.

Enquanto isso, Rufus Cara-Chata ainda tentava amedrontar Hazel para arrancar dela um diamante, sem perceber a chegada do Falso Leo.

— Anda logo, garota. — Rufus assomava sobre Hazel com os punhos cerrados. — Me dá!

Hazel colou-se à parede. De repente o chão aos seus pés emitiu um ruído seco, como um galho se partindo. Um diamante perfeito, do tamanho de um pistache, cintilou entre seus pés.

— Rá! — exclamou Rufus ao vê-lo.

Ele começou a se abaixar, mas Hazel gritou, como se estivesse genuinamente preocupada com o valentão:

— Não, por favor!

Foi quando o Falso Leo se aproximou.

É agora, pensou Leo. O Falso Leo vai dar uma de treinador Hedge, dar uns golpes de jiu-jítsu e salvar o dia.

Em vez disso, o Falso Leo levou o chapéu de burro à boca, como um megafone, e gritou:

— CORTA!

Ele falou com tanta autoridade que todas as outras crianças ficaram quietas por um segundo. Até mesmo Rufus se empertigou e recuou, confuso.

— Lá vem o Sammy — falou um dos garotos menores, com uma risadinha.

Sammy... Leo estremeceu. *Quem era esse garoto?*

Sammy/Falso Leo avançou até Rufus com seu chapéu de burro na mão, parecendo zangado.

— Não, não, não! — anunciou ele, agitando a mão livre freneticamente em direção às crianças que se reuniam para a diversão.

Sammy voltou-se para Hazel.

— Srta. Lamarr, sua fala é... — Sammy olhou ao redor, exasperado. — Roteiro! Qual é a fala de Hedy Lamarr?

— “*Não, por favor, seu vilão!*” — gritou um dos garotos.

— Obrigado! — disse Sammy. — Srta. Lamarr, a senhorita deve dizer: *Não, por favor, seu vilão!* E você, Clark Gable...

O pátio inteiro explodiu em uma gargalhada. Leo lembrava vagamente que Clark Gable era um ator antigo, mas não sabia muito mais que isso. Parecia, porém, que a ideia de que Rufus Cabeça-Chata pudesse ser Clark Gable era hilária para as crianças.

— Sr. Gable...

— Não! — gritou uma das garotas. — Ele é o Gary Cooper.

Mais risadas. Rufus parecia prestes a explodir. Ele cerrou os punhos como se quisesse bater em alguém, mas não podia atacar a escola inteira. Estava claro que odiava que rissem dele, mas seu cérebrozinho lento não conseguia perceber o que Sammy pretendia.

Leo assentiu, gostando do que via. Sammy era *mesmo* igual a ele. Leo havia feito o mesmo tipo de coisa com os valentões durante anos.

— Certo! — gritou Sammy, autoritário. — Sr. Cooper, você diz: *Ah, mas o diamante é meu, minha querida traidora!* E então você apanha o diamante... assim!

— Sammy, não! — protestou Hazel.

Sammy pegou a pedra mesmo assim e, com um movimento suave, colocou-a no bolso. Depois virou-se para Rufus.

— Eu quero emoção! Quero as senhoras na plateia desmaiando! Senhoras, o sr. Cooper as fez desmaiar agora?

— Não — responderam várias delas.

— Está vendo? — gritou Sammy. — Agora, do começo! — exclamou pelo chapéu de burro. — Ação!

Rufus começava a se recuperar da confusão. Ele deu um passo na direção de Sammy e disse:

— Valdez, eu vou...

Naquele momento, o sinal tocou. As crianças correram para as portas e Sammy puxou Hazel, tirando-a do caminho dos pequenos, que, como se estivessem na folha de pagamento de Sammy, levaram Rufus com eles, arrastando-o para dentro em uma maré de pré-escolares.

Logo Sammy e Hazel estavam sozinhos, exceto pelos fantasmas.

Sammy pegou o almoço esmagado de Hazel, limpou dramaticamente a bolsa de lona e estendeu para ela com uma reverência profunda, como se fosse uma coroa.

— Srta. Lamarr.

A Hazel do passado pegou o almoço estragado. Parecia prestes a chorar, mas Leo não sabia dizer se era de alívio, sofrimento ou admiração.

— Sammy... Rufus vai matar você.

— Ah, ele sabe que é melhor não se meter comigo.

Sammy colocou o chapéu de burro em cima do boné, se empertigou e estufou o peito magricela. O chapéu de burro caiu.

Hazel riu.

— Você é ridículo.

— Bem, obrigado, srta. Lamarr.

— Não há de quê, *meu querido traidor*.

O sorriso de Sammy vacilou. O ar tornou-se desconfortavelmente carregado. Hazel fitou o chão.

— Você não devia ter encostado naquele diamante. É perigoso.

— Ah, pare com isso — falou Sammy. — Não para mim!

Hazel o observou com cuidado, como se quisesse acreditar naquilo.

— Coisas ruins podem acontecer. Você não devia...

— Não vou vendê-lo — disse Sammy. — Prometo! Só vou guardá-lo como um símbolo de sua afeição.

Hazel forçou um sorriso.

— Acho que você quer dizer *símbolo de minha afeição*.

— Exatamente! Agora temos que ir. É hora da sua próxima cena: *Hedy Lamarr quase morre de tédio na aula de inglês*.

Sammy ofereceu o braço, como um cavalheiro, mas Hazel o empurrou de brincadeira.

— Obrigada por me ajudar, Sammy.

— Srta. Lamarr, eu *sempre* vou ajudá-la! — disse ele alegremente, e então os dois voltaram correndo para a escola.

Leo sentiu-se um fantasma mais do que nunca. Talvez tivesse mesmo sido um eidolon a vida toda, porque aquele garoto que acabara de ver devia ser o *verdadeiro* Leo. Era mais esperto, mais descolado e mais engraçado. Ele flertava tão bem com Hazel que havia obviamente roubado o coração dela.

Não era de espantar que Hazel houvesse olhado de forma tão estranha para Leo quando se conheceram. Tampouco que tivesse dito *Sammy* de forma tão tristonha. Leo, porém, não era Sammy, da mesma forma que Rufus Cabeça-Chata não era Clark Gable.

— Hazel — falou ele. — Eu... eu não...

O pátio da escola se dissolveu, transformando-se em outra cena.

Hazel e Leo ainda eram fantasmas, mas agora estavam diante de uma casa mal-cuidada, perto de uma vala de drenagem coberta de ervas daninhas, com algumas bananeiras curvadas no quintal. Empoleirado nos degraus, um rádio antiquado tocava música *norteña*, e, na varanda escura, sentado em uma cadeira de balanço, um velho magrinho fitava o horizonte.

— Onde *estamos*? — perguntou Hazel. Ela ainda era apenas vapor, mas parecia alarmada. — Isso não faz parte da minha vida!

Leo teve a sensação de que seu eu fantasmagórico estava se tornando mais denso, mais real. Aquele lugar lhe parecia estranhamente familiar.

— Estamos em Houston — percebeu ele. — Conheço este lugar. Aquela vala... Este é o antigo bairro da minha mãe, onde ela cresceu. O aeroporto fica naquela direção.

— Esta é a *sua* vida? — espantou-se Hazel. — Não entendo! Como...?

— Você está perguntando para mim? — respondeu Leo.

De repente, o velho murmurou:

— Ah, Hazel...

Um choque percorreu a coluna de Leo. Os olhos do velho ainda estavam fixos no horizonte. Como ele sabia que estavam aqui?

— Acho que nosso tempo se esgotou — continuou o senhor, sonhador. — Bem...

Ele não concluiu o pensamento.

Hazel e Leo permaneceram totalmente imóveis. O velho não deu mais nenhum sinal de que os via ou ouvia. Leo se deu conta de que o homem estivera falando consigo mesmo. Mas então por que dissera o nome de Hazel?

Sua pele era curtida do sol, os cabelos brancos, encaracolados e as mãos, calosas, como se tivesse passado a vida trabalhando em uma oficina mecânica. Usava uma camisa amarela-clara, limpa e impecável, com calça cinza, suspensórios e sapatos pretos engraxados.

Apesar da idade, seus olhos eram perspicazes e lúcidos. Ele se sentava com uma espécie de dignidade tranquila. Parecia em paz — até mesmo divertido, como se pensasse: *Caramba, vivi todo esse tempo? Legal!*

Leo tinha certeza de que nunca vira aquele homem. Mas então por que ele lhe parecia familiar? Então percebeu que o homem tamborilava os dedos no braço da cadeira, mas as batidas não eram aleatórias. Ele usava o código Morse, exatamente como a mãe de Leo costumava fazer com ele... e o velho estava batendo a mesma mensagem: *Eu amo você*.

A porta de tela se abriu e uma jovem saiu, usando jeans e blusa turquesa. Seu cabelo preto era curto e ela era bonita, mas não delicada. Tinha braços musculosos, mãos calosas e olhos, como os do velho, castanhos, brilhantes e divertidos. Ela trazia nos braços um bebê enrolado em uma manta azul.

— Olhe, *mi hijo* — disse ela ao bebê. — Este é o seu *bisabuelo*. *Bisabuelo*, quer segurá-lo?

Quando Leo ouviu a voz dela, soltou um soluço.

Aquela era a mãe dele: mais jovem do que ele se lembrava, mas com certeza viva. Isso significava que o bebê em seus braços...

O velho abriu um sorriso imenso. Tinha dentes perfeitos, tão brancos quanto os cabelos. Seu rosto enrugou-se todo com o sorriso.

— Um menino! *Mi bebito*, Leo!

— Leo? — sussurrou Hazel. — Aquele... aquele é você? O que significa *bisabuelo*?

Leo não conseguia encontrar a voz. Queria dizer *bisavô*.

O velho tomou Leo nos braços, rindo com satisfação e acariciando o queixo do bebê — e o fantasma Leo finalmente entendeu o que estava vendo.

De alguma maneira, o poder de Hazel de revisitar o passado havia encontrado o único momento que conectava a vida de ambos: onde a linha da vida de Leo cruzava com a de Hazel.

Aquele velho...

— Ah... — Hazel pareceu perceber ao mesmo tempo quem ele era. Sua voz soou muito fraca, à beira das lágrimas. — Ah, Sammy, não...

— Ah, pequeno Leo — disse Sammy Valdez, já com seus setenta e tantos anos. — Você terá que ser o meu dublê, hein? É assim que chamam, acho. Diga a ela por mim. Eu esperava ainda estar vivo, mas, *ay*, a maldição não vai deixar!

Hazel soluçou.

— Gaia... Gaia me disse que ele tinha morrido de um ataque cardíaco na década de 1960. Mas isso não é... isso não pode ser...

Sammy Valdez continuou falando com o bebê enquanto a mãe de Leo, Esperanza, observava com um sorriso sofrido — talvez um pouco preocupada com o fato de que o *bisabuelo* de Leo estivesse delirando, um pouco triste por ele estar falando coisas sem sentido.

— Aquela mulher, *Doña Callida*, ela me avisou. — Sammy balançou a cabeça com tristeza. — Ela disse que o maior perigo que Hazel correria seria depois da minha época. Mas prometi que sempre a ajudaria. Você vai ter que pedir desculpas a ela por mim, Leo. Ajudá-la se puder.

— *Bisabuelo* — falou Esperanza — você deve estar cansado.

Ela estendeu os braços para pegar o bebê, mas o velho o acalentou um pouquinho mais. O bebê Leo parecia muito satisfeito.

— Diga a ela que lamento ter vendido o diamante, sim? — continuou Sammy. — Quebrei a promessa. Quando ela desapareceu no Alasca... ah, tanto tempo atrás, eu finalmente fiz uso daquele diamante, mudei para o Texas, como sempre sonhei. Abri minha oficina mecânica. Comecei minha família! Foi uma vida boa, mas Hazel estava certa. Aquele diamante veio com uma maldição. Nunca mais a vi.

— Ah, Sammy — disse Hazel. — Não, não foi uma maldição que me manteve longe. Eu *queria* voltar. Mas eu morri!

O velho não pareceu ouvi-la; ele sorriu para o bebê e beijou-lhe a cabeça.

— Eu o abençoo, Leo. Meu primeiro bisneto menino! Tenho a sensação de que você é especial, como Hazel era. Você não é só um bebê comum, não é? Vai seguir em frente por mim. Você a verá um dia. Dê-lhe minhas lembranças.

— *Bisabuelo* — chamou Esperanza, um pouco mais insistente.

— Sim, sim. — Sammy deu uma risadinha. — *El viejo loco* está delirando.

Estou cansado, Esperanza. Você tem razão. Mas em breve vou descansar. Tive uma vida boa. Crie-o bem, *nieta*.

A cena desapareceu.

Leo viu-se no convés do *Argo II*, segurando a mão de Hazel. O sol havia se posto, e o navio estava iluminado apenas por lamparinas de bronze. Os olhos de Hazel estavam inchados de tanto chorar.

O que eles tinham visto era demais. O oceano inteiro se agitava debaixo deles, e naquele momento, pela primeira vez, Leo tinha a sensação de que estavam totalmente à deriva.

— Olá, Hazel Levesque — disse ele, com a voz rouca.

O queixo dela tremeu. Hazel deu as costas para ele e abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse falar, o navio deu uma guinada para o lado.

— Leo! — chamou o treinador Hedge.

Festus zumbiu alarmado e cuspiu chamas para o céu noturno. O sino do navio soou.

— Sabe aqueles monstros com que você estava preocupado? — gritou Hedge.
— Um deles nos encontrou!

XXIII

LEO

LEO MERECEIA UM CHAPÉU DE burro.

Se estivesse pensando direito, teria mudado o sistema de detecção do navio de radar para sonar assim que deixaram o Porto de Charleston. Era isso que tinha esquecido. Havia projetado o casco para vibrar a cada poucos segundos, enviando ondas através da Névoa e alertando Festus para quaisquer monstros que se estivessem por perto, mas o sistema só trabalhava em um modo por vez: água ou ar.

Ficara tão abalado pelos romanos, em seguida pela tempestade, depois por Hazel, que havia esquecido completamente. Agora um monstro estava bem debaixo deles.

O navio adernou para boreste. Hazel agarrou-se ao cordame.

— Valdez, qual botão explode monstros? — gritou Hedge. — Assuma o leme!

Leo subiu pelo convés inclinado e conseguiu agarrar a amurada de bombordo. Começou a escalar de lado na direção do leme, mas, quando viu o monstro emergir, esqueceu-se de como andar.

A coisa era do comprimento do navio. À luz da lua, parecia o cruzamento entre um camarão gigante e uma barata. Tinha uma concha quitinosa rosada, a cauda achatada de um lagostim e pernas semelhantes às de um gongolo ondulando hipnoticamente ao se arrastar contra o casco do *Argo II*.

A cabeça enfim emergiu: a cara rosada e viscosa de um imenso bagre com olhos vítreos mortos, a boca banguela escancarada e uma floresta de tentáculos brotando de cada narina, criando nariz mais cabeludo que Leo já tinha tido o desprazer de ver.

Leo lembrou-se dos jantares especiais de sexta-feira que ele e a mãe costumavam partilhar em um restaurante de frutos do mar em Houston, quando

comiam camarão e bagre. A lembrança agora o fez ter vontade de vomitar.

— Rápido, Valdez! — gritou Hedge. — Assuma o leme para que eu possa pegar meu bastão de beisebol!

— Um bastão não vai ajudar — disse Leo, mas seguiu na direção do leme.

Atrás dele, o restante dos amigos subiu aos tropeços a escada.

— O que está acontecendo... Ahhh! Camarãozilla! — gritou Percy.

Frank correu para Hazel. Ela estava agarrada ao cordame, ainda tonta por causa do *flashback*, mas fez um gesto dizendo que estava bem.

O monstro tornou a golpear o navio. O casco gemeu. Annabeth, Piper e Jason rolaram para boreste e quase foram lançados sobre a amurada.

Leo alcançou o leme e suas mãos voaram pelo controle. Pelo intercomunicador, Festus soltava estalos e cliques, informando sobre vazamentos nas cobertas inferiores, mas o navio não parecia correr o risco de afundar — pelo menos, por enquanto.

Leo alternou a função dos remos. Eles podiam se transformar em lanças, o que deveria ser suficiente para afastar a criatura, mas, infelizmente, estavam emperrados. O Camarãozilla devia tê-los desalinhado e estava perto demais, o que significava que Leo não podia usar as balistas sem atear fogo ao *Argo II* também.

— Como ele chegou tão perto? — gritou Annabeth, erguendo-se com a ajuda das proteções da amurada.

— Não sei! — rosnou Hedge.

Ele olhou em volta, procurando o bastão que havia rolado até o outro lado do tombadilho superior.

— Como sou burro! — censurou-se Leo. — Burro, burro, burro! Esqueci o sonar!

O navio adernou ainda mais para boreste. Ou o monstro estava tentando lhes dar um abraço ou estava prestes a emborcá-los.

— Sonar? — perguntou Hedge. — Pelas flautas de Pan, Valdez! Se você não tivesse ficado olhando nos olhos de Hazel, de mãos dadas, por tanto tempo...

— *O quê?* — gritou Frank.

— Não foi nada disso! — protestou Hazel.

— Não importa! — disse Piper. — Jason, pode invocar alguns relâmpagos?

Jason fez força para se pôr de pé.

— Eu...

Ele só conseguiu balançar a cabeça. Invocar a tempestade mais cedo o esgotara demais. Leo duvidava que o pobre garoto conseguisse acender uma vela de ignição no estado em que estava.

— Percy! — disse Annabeth. — Pode *falar* com essa coisa? Sabe o que ela é?

O filho do deus do mar balançou a cabeça, claramente confuso.

— Talvez só esteja curioso em relação ao navio. Talvez...

Os tentáculos do monstro varreram o convés tão rápido que Leo não teve nem tempo de gritar para terem cuidado.

Um deles bateu no peito de Percy e o mandou escada abaixo. Outro enroscou-se nas pernas de Piper e a arrastou, gritando, para a amurada. Dezenas de outros tentáculos cingiram os mastros, envolvendo as bestas e arrancando o cordame.

— Ataque de pelos de nariz!

Hedge agarrou o bastão e entrou em ação, mas seus golpes atingiam os tentáculos sem causar nenhum dano.

Jason sacou a espada. Tentou libertar Piper, mas ainda estava fraco. Sua lâmina de ouro decepava os tentáculos com facilidade; no entanto, antes que ele pudesse cortar todos, outros os substituíam.

Annabeth desembainhou sua adaga. Ela correu pela floresta de tentáculos, esquivando-se e apunhalando quaisquer alvos que surgissem à sua frente. Frank apanhou seu arco e disparou contra o corpo da criatura, alojando flechas nas fendas de sua concha, mas isso só pareceu irritar o monstro. Ele berrou e sacudiu o navio. O mastro rangeu como se fosse quebrar.

Eles precisavam de maior poder de fogo, mas não podiam usar as balistas. Precisavam causar uma explosão que não destruísse o navio. Mas como...?

Os olhos de Leo encontraram um caixote de suprimentos perto de Hazel.

— Hazel! — gritou ele. — Aquela caixa! Abra!

Ela hesitou, então viu a caixa a que ele se referia. A etiqueta dizia: CUIDADO. NÃO ABRA.

— Abra! — tornou a gritar Leo. — Treinador, assuma o leme! Vire o navio na direção do monstro ou emborcaremos.

Hedge dançava em meio aos tentáculos com seus ágeis cascos de bode, golpeando o que podia com prazer. Ele se dirigiu ao leme e assumiu o controle.

— Espero que você tenha um plano! — gritou ele.

— Tenho um plano ruim.

Leo correu para o mastro. O monstro empurrou o *Argo II*, e o convés deu uma guinada de quarenta e cinco graus. Apesar dos esforços de todos, os tentáculos eram numerosos demais para que lutassem contra eles. Pareciam capazes de alongar-se o quanto quisessem e logo o *Argo II* estaria completamente emaranhado. Percy não reaparecera no convés e os outros lutavam ferozmente contra os pelos de nariz.

— Frank! — chamou Leo enquanto corria na direção de Hazel. — Ganhe algum tempo para a gente! Você pode se transformar em um tubarão ou algo assim?

Frank o olhou, carrancudo; naquele momento um tentáculo o atingiu com

violência, lançando-o sobre a amurada.

Hazel gritou. Ela havia aberto a caixa de suprimentos e quase largou os dois frascos de vidro que segurava.

Leo os apanhou. Cada um era do tamanho de uma maçã, e o líquido verde ali dentro tinha um brilho venenoso. O vidro estava quente e Leo tinha a sensação de que seu peito iria implodir de culpa. Tinha acabado de distrair Frank e possivelmente causara sua morte, mas não podia pensar nisso agora. Precisava salvar o navio.

— Vamos! — Ele entregou um dos frascos a Hazel. — Podemos matar o monstro... e salvar Frank!

Ele esperava que não estivesse mentindo. Chegar à amurada de bombordo era mais como escalar que andar, mas por fim conseguiram.

— Que coisa é esta? — arquejou Hazel, segurando seu frasco com todo cuidado.

— Fogo grego!

Os olhos dela arregalaram-se.

— Você está *louco*? Se eles quebrarem, queimaremos o navio inteiro!

— Na boca do monstro! — disse Leo. — Jogue dentro da...

De repente Leo se viu esmagado contra Hazel, e o mundo girou em noventa graus. Enquanto eram erguidos no ar, ele percebeu que haviam sido apanhados por um dos tentáculos. Os braços de Leo estavam livres, mas tudo que conseguia fazer era segurar com firmeza seu frasco de fogo grego. Hazel se debatia, com os braços imobilizados, o que significava que a qualquer momento o frasco preso entre eles poderia quebrar... e isso seria extremamente ruim para a saúde deles.

Eles foram erguidos a três, cinco, dez metros acima do monstro. Leo vislumbrou seus amigos em uma batalha perdida, gritando e cortando os pelos do nariz do monstro. Viu o treinador Hedge tentando evitar que o navio virasse. O mar estava escuro, mas à luz da lua ele pensou ter visto um objeto brilhante flutuando perto do monstro — talvez o corpo inconsciente de Frank Zhang.

— Leo — Hazel arquejou — não posso... meus braços...

— Hazel, você confia em mim?

— Não!

— Nem eu — admitiu ele. — Quando esta coisa nos largar, prenda a respiração. O que quer que aconteça, tente lançar o frasco o mais *distante* possível do navio.

— Por... por que ele nos largaria?

Leo olhou a cabeça do monstro lá embaixo. Seria um tiro difícil, mas ele não tinha escolha. Ergueu o frasco na mão esquerda. Apertou o tentáculo com a direita e invocou o fogo em sua palma — uma explosão incandescente,

concentrada.

Isso chamou a atenção da criatura. Um tremor percorreu todo o tentáculo enquanto sua carne queimava sob o toque de Leo. O monstro ergueu a cabeça, berrando de dor, e Leo lançou seu fogo grego goela abaixo.

Depois disso, as coisas ficaram muito confusas. Leo sentiu o tentáculo soltá-los. Eles caíram. Houve explosão abafada e um lampejo verde dentro do gigante abajur rosado que era o corpo do monstro. A água atingiu o rosto de Leo, violenta e áspera, e ele afundou na escuridão. Fechou a boca, tentando não respirar, mas sentiu que estava perdendo a consciência.

Através da ferroada da água salgada, ele pensou ter visto a silhueta nebulosa do casco do navio acima dele — uma forma escura ovalada cercada por uma coroa de fogo verde, mas não sabia dizer se o navio estava ou não em chamas.

Morto por um camarão gigante, Leo pensou com amargura. *Pelo menos deixe o Argo II sobreviver. Faça com que meus amigos fiquem bem.*

Sua visão começou a escurecer. Seus pulmões queimavam.

Quando estava prestes a desistir, um rosto estranho pairou acima dele: um homem que parecia Quíron, o instrutor deles no Acampamento Meio-Sangue. Tinha os mesmos cabelos encaracolados, barba desgrenhada e olhos inteligentes, uma expressão entre o hippie selvagem e o professor paternal, exceto pelo fato de que a pele daquele homem era verde-pistache. O homem ergueu um punhal sem dizer uma palavra. Sua expressão era severa e reprovadora, como se dissesse: *Agora, fique parado, senão não posso matá-lo devidamente.*

Leo desmaiou.

*

Quando acordou, ele se perguntou se não seria um fantasma em outro *flashback*, porque se sentia flutuar sem peso algum. Seus olhos aos poucos se ajustaram à luz tênue.

— Finalmente.

A voz de Frank reverberava demais, como se estivesse falando através de várias camadas de filme plástico.

Leo sentou-se... ou melhor, flutuou verticalmente. Estava submerso, em uma caverna do tamanho de uma garagem para dois carros. Musgo fosforescente cobria o teto, banhando o espaço em um brilho azul-esverdeado. O chão era um tapete de ouriços do mar, sobre o qual seria desconfortável andar, o que fez Leo agradecer por estar flutuando. Ele não compreendia como podia estar respirando

sem ar.

Frank levitava ali perto em uma posição meditativa. Com o rosto redondo e a expressão mal-humorada, parecia um Buda que tinha alcançado a iluminação e não se sentia nem um pouco entusiasmado com isso.

A única saída da caverna estava bloqueada por uma imensa concha, cuja superfície cintilava em furta-cor, rosa e turquesa. Se a caverna era uma prisão, pelo menos tinha uma porta incrível.

— Onde estamos? — perguntou Leo. — Onde estão os outros?

— *Os outros?* — grunhiu Frank. — Não faço ideia. Até onde sei, somos apenas você, eu e Hazel aqui embaixo. Os caras cavalos-marinhos levaram Hazel há mais ou menos uma hora e me deixaram aqui com você.

O tom de Frank deixava óbvio que ele não aprovava essas providências. Ele não parecia machucado, mas Leo percebeu que ele não estava mais com o arco nem a aljava. Em pânico, Leo apalpou a cintura. Seu cinto de ferramentas também tinha desaparecido.

— Eles nos revistaram — contou Frank. — Levaram tudo que pudesse ser usado como arma.

— Quem? — perguntou Leo. — Quem são esses cavalos-marinhos...?

— Caras cavalos-marinhos — esclareceu Frank, ainda não muito claro. — Eles devem ter nos pegado quando caímos no oceano e nos arrastaram para... o que quer que seja isto.

Leo lembrou-se da última coisa que vira antes de perder a consciência: o homem barbudo de pele verde-pistache com um punhal.

— O monstro camarão. O *Argo II*... o navio está inteiro?

— Não sei — disse Frank, em tom sombrio. — Os outros podem estar em apuros ou machucados ou... ou pior. Mas acho que você se preocupa mais com seu navio do que com seus amigos.

Leo se sentiu como se tivesse caído de cara na água outra vez.

— Que idiotice...?

Então ele se deu conta de por que Frank estava tão zangado: o *flashback*. As coisas tinham acontecido tão rápido durante o ataque do monstro que Leo havia quase esquecido. O treinador Hedge fizera aquele comentário estúpido sobre Leo e Hazel ficarem de mãos dadas olhando nos olhos um do outro. Provavelmente não ajudara em nada o fato de Leo ser o responsável por Frank ter sido lançado sobre a amurada logo depois disso.

De repente Leo achou difícil sustentar o olhar do outro garoto.

— Olha, cara... desculpe ter nos metido nessa encrenca. Eu causei a maior confusão. — Ele respirou fundo, o que pareceu surpreendentemente natural, considerando-se que estava debaixo d'água. — Eu e Hazel de mãos dadas... não

é o que você está pensando. Ela estava me mostrando um *flashback* do passado dela, tentando descobrir qual a minha conexão com Sammy.

A expressão de raiva de Frank começou a se desfazer, substituída pela curiosidade.

— Ela... vocês descobriram?

— Sim — falou Leo. — Bem mais ou menos. Não tivemos chance de conversar sobre o assunto depois, por causa do Camarãozilla, mas Sammy era meu bisavô.

Ele contou a Frank o que tinham visto. A ficha ainda não havia caído completamente, mas agora, tentando explicar aquilo em voz alta, Leo mal podia acreditar. Hazel fora apaixonada por seu *bisabuelo*, um cara que tinha morrido quando Leo era um bebê. Ele não havia feito a conexão antes, mas tinha uma vaga lembrança de membros mais velhos da família chamando seu avô de Sam Júnior. O que significava que o Sam sênior era Sammy, o *bisabuelo* de Leo. Em algum momento, *Tía Callida* — Hera em pessoa — havia conversado com Sammy, consolando-o e lhe dando um vislumbre do futuro, o que significava que Hera vinha moldando a vida de Leo gerações antes de ele nascer. Se Hazel tivesse ficado na década de 1940, se tivesse se casado com Sammy, Leo poderia ter sido seu bisneto.

— Ah, cara — disse Leo quando chegou ao fim da história — estou me sentindo meio mal. Mas juro pelo Estige que foi o que vimos.

Frank tinha a mesma expressão que o bagre monstruoso: olhos vítreos arregalados e a boca aberta.

— Hazel... Hazel gostava do seu *bisavô*? É por isso que ela gosta de você?

— Frank, sei que isso é estranho. *Acredite* em mim. Mas eu não gosto de Hazel... não *desse* jeito. Não estou dando em cima da sua namorada.

As sobrancelhas de Frank se uniram.

— Não?

Leo esperava que não estivesse ficando vermelho. Sinceramente, não tinha a menor ideia de como se sentia em relação a Hazel. Ela era incrível e bonita, e Leo tinha uma fraqueza por garotas incríveis e bonitas. Mas o *flashback* havia complicado *muito* seus sentimentos.

Além disso, seu navio estava com problemas.

Acho que você se preocupa mais com seu navio do que com seus amigos, dissera Frank.

Isso não era verdade, era? O pai de Leo, Hefesto, havia admitido uma vez que não era bom com formas de vida orgânicas. E, sim, Leo sempre se sentira mais à vontade com máquinas do que com pessoas. Mas ele se importava, *sim*, com seus amigos. Piper e Jason... ele os conhecia havia mais tempo, mas os outros

eram importantes para ele também. Até mesmo Frank. Eles eram como sua família.

O problema era que fazia tanto tempo que Leo *tivera* uma família que ele não conseguia se lembrar de como era a sensação. Certo, no inverno passado ele se tornara conselheiro-chefe do chalé de Hefesto, mas, a maior parte de seu tempo fora dedicada à construção do navio. Ele gostava dos companheiros de chalé. Sabia como trabalhar com eles. Mas será que os conhecia de verdade?

Se Leo tinha uma família, eram os semideuses a bordo do *Argo II* — e talvez o treinador Hedge, coisa que ele jamais admitiria em voz alta.

Você sempre será o forasteiro, advertira a voz de Nêmesis, mas Leo tentou afastar esse pensamento.

— Certo, então... — Ele olhou à sua volta. — Precisamos de um plano. Como estamos respirando? Se estamos no fundo do oceano, não devíamos ser esmagados pela pressão da água?

Frank deu de ombros.

— Magia dos cavalos-marinhos, acho. Eu me lembro do cara verde tocando minha cabeça com a ponta de um punhal. Depois disso, consegui respirar.

Leo examinou a porta de concha.

— Você pode nos tirar daqui derrubando esta porta? Pode se transformar em um tubarão-martelo ou algo assim?

Frank balançou a cabeça com tristeza.

— Não consigo me transformar. Não sei por quê. Talvez tenham me amaldiçoado ou talvez eu esteja confuso demais para me concentrar.

— Hazel pode estar em perigo — disse Leo. — Precisamos sair daqui.

Ele nadou até a porta e correu os dedos ao longo da concha. Não conseguiu encontrar nenhum tipo de trinco ou mecanismo. Ou a porta só podia ser aberta por magia ou era preciso muita força — nenhuma das duas era especialidade de Leo.

— Já tentei — falou Frank. — Mesmo que a gente consiga sair, estamos sem armas?

— Humm... — Leo ergueu as mãos. — Será?

Ele se concentrou, e o fogo surgiu em seus dedos. Por uma fração de segundo, Leo se sentiu animado, pois não esperara que seu poder funcionasse debaixo d'água. Então o plano começou a funcionar um pouco bem demais. O fogo tomou seu braço e espalhou-se pelo corpo até que ele se viu completamente envolto em um fino véu de chamas. Tentou respirar, mas estava inalando calor puro.

— Leo!

Frank caiu para trás, como se estivesse tombando de um banco de bar. Em vez

de correr para ajudar Leo, ele colou-se à parede para ficar o mais longe possível dele.

Leo se forçou a manter a calma. Compreendia o que estava acontecendo: o fogo não podia feri-lo. Ele mandou as chamas morrerem e contou até cinco, então inspirou devagar. Conseguiu respirar novamente.

Frank parou de tentar atravessar a parede da caverna.

— Você... você está bem?

— Sim — grunhiu Leo. — Obrigado pela ajuda.

— Me... me desculpe. — Frank parecia tão horrorizado e envergonhado que Leo não conseguiu ficar aborrecido com ele. — Eu só... o que aconteceu?

— É uma magia inteligente — explicou Leo. — Existe uma fina camada de oxigênio em volta da gente, como uma pele extra. Deve ser autorregenerante. É por isso que conseguimos respirar e ainda estamos secos. O oxigênio deu combustível ao fogo... só que aí o fogo me sufocou.

— Eu não... — Frank engoliu em seco. — Não gosto desse negócio de invocar o fogo que você faz.

Ele começou a se colar à parede outra vez. Leo não pôde deixar de rir.

— Cara, eu não vou atacar você.

— Fogo — repetiu Frank, como se essa única palavra explicasse tudo.

Leo lembrou-se do que Hazel lhe dissera: que seu fogo deixava Frank nervoso. Leo vira o desconforto no rosto de Frank antes, mas não o levava a sério. Frank parecia *muito* mais poderoso e assustador que Leo.

Então lhe ocorreu que Frank devia ter tido uma experiência ruim com o fogo. A própria mãe de Leo havia morrido em um incêndio em uma oficina e o garoto fora responsabilizado por isso. Crescera sendo chamado de louco e incendiário, porque, sempre que ficava com raiva, coisas pegavam fogo.

— Me desculpe por ter rido — falou ele, com sinceridade. — Minha mãe morreu em um incêndio. Eu entendo o medo do fogo. Hã... alguma coisa assim aconteceu com você?

Frank parecia estar considerando o quanto revelar.

— Minha casa... a casa da minha avó. Pegou fogo. Mas é mais do que isso... — Ele olhou para os ouriços do mar no chão. — Annabeth disse que eu podia confiar na tripulação. Inclusive em você.

— Inclusive em mim, é? — Leo perguntou-se como *isso* surgira na conversa. — Uau, que elogio.

— Meu ponto fraco... — começou Frank, como se as palavras machucassem sua boca. — Existe um graveto...

A porta de concha se abriu.

Leo virou e se viu cara a cara com o homem verde-pistache, que, na verdade,

não era um homem. Agora que Leo podia vê-lo com clareza, o cara era de longe a criatura mais estranha que ele já encontrara, e isso não era pouca coisa.

Da cintura para cima, era mais ou menos humano — um cara magro, de peito nu, com um punhal preso ao cinto e uma faixa de conchas cruzada no peito. Sua pele era verde e a barba, desgrenhada e castanha, e os cabelos compridos estavam presos para trás com uma bandana de algas marinhas. Um par de garras de lagosta se projetava de sua cabeça como chifres, movendo-se, abrindo e fechando.

Leo concluiu que ele não se parecia tanto com Quíron. Parecia mais com o pôster que a mãe de Leo costumava ter no local de trabalho — aquele velho bandoleiro mexicano, Pancho Villa, tirando as conchas e os chifres de lagosta.

Da cintura para baixo, as coisas ficavam mais complicado. Tinha as patas dianteiras de um cavalo verde-azulado, parecido com um centauro, mas na parte de trás seu corpo de cavalo se metamorfoseava em uma longa cauda de peixe furta-cor de uns três metros de comprimento.

Agora Leo entendia o que Frank queria dizer com homem cavalo-marinho.

— Eu sou Bitos — disse o homem verde. — Vou interrogar Frank Zhang.

Sua voz era calma e firme, não permitindo discussão.

— Por que nos prendeu? — perguntou Leo. — Onde está Hazel?

Bitos estreitou os olhos. Sua expressão parecia dizer: *Por acaso essa criatura minúscula acabou de falar comigo?*

— Você, Leo Valdez, irá com meu irmão.

— Seu irmão?

Leo percebeu que uma figura muito maior surgia atrás de Bitos, com uma sombra tão grande que preenchia toda a entrada da caverna.

— Sim — disse Bitos, com um sorriso irônico. — Tente não irritar Afros.

XXIV

LEO

AFROS PARECIA COM O IRMÃO, exceto por ter a pele azul em vez de verde e ser muito, mas muito maior. Tinha músculos abdominais e braços como os do Exterminador do Futuro e uma cabeça quadrada e bruta. Uma imensa espada digna do Conan estava presa às suas costas. Até seu cabelo era maior — um globo de fios crespos preto-azulados tão volumoso que os chifres de garras de lagosta pareciam estar se afogando ao tentar abrir caminho até a superfície.

— É por isso que você se chama Afros? — perguntou Leo enquanto seguiam pelo caminho que saía da caverna. — Por causa do penteado afro?

Afros franziu o cenho.

— Como assim?

— Deixa para lá — disse Leo rapidamente. Pelo menos ele não teria dificuldade em distinguir quem era quem com aqueles homens-peixes. — Então, o que vocês *são* exatamente?

— Ictiocentauros — falou Afro, como se aquela fosse uma pergunta que ele já estava cansado de responder.

— Hã, icti o quê?

— Peixes-centauros. Somos meios-irmãos de Quíron.

— Ah, ele é meu amigo!

Afros o olhou com suspeita.

— A que se chama Hazel nos disse isso, mas vamos averiguar a verdade. Venha.

Leo não gostou de como aquele *averiguar a verdade* soou. Aquilo o fez pensar em instrumentos de tortura e atijadores incandescentes.

Ele seguiu o peixe-centauro através de uma densa floresta de algas marinhas. Leo podia ter disparado para um dos lados e se escondido em meio às plantas

com facilidade, mas não tentou. No mínimo, deduziu ele, Afros podia se locomover com muito mais facilidade na água e talvez tivesse o poder de interromper a magia que permitia a Leo se mover e respirar. Dentro ou fora da caverna, ele ainda era um prisioneiro.

Além disso, Leo não tinha a menor ideia de onde estava.

Eles atravessaram fileiras de algas altas como prédios. As plantas verdes e amarelas oscilavam, sem peso, como balões de gás. Lá no alto, Leo avistou uma mancha branca que poderia ser o sol.

Ele supôs que isso significava que haviam passado a noite ali. Será que estava tudo bem com o *Argo II*? Seus amigos ainda estavam procurando por eles ou teriam seguido viagem?

Leo não sabia nem a que profundidade eles estavam. Plantas cresciam ali — então não deviam estar *tão* fundo, certo? Ainda assim, não podia simplesmente nadar até a superfície. Ele ouvira falar de mergulhadores que emergiam muito rápido e acabavam formando bolhas de nitrogênio no sangue. Leo não queria que seu sangue ficasse gaseificado.

Eles seguiram flutuando por cerca de um quilômetro e meio. Leo ficou tentado a perguntar para onde Afros o estava levando, mas a grande espada presa nas costas do centauro não estimulava muito a conversa.

Finalmente a floresta de algas marinhas terminou. Leo perdeu o fôlego. Eles se encontravam de pé (nadando, que seja) no topo de uma alta colina. Abaixo deles estendia-se uma cidade submarina com construções em estilo grego.

Os telhados eram de madrepérola. Os jardins estavam repletos de corais e anêmonas-do-mar. Hipocampos pastavam em um campo de algas. Um grupo de ciclopes colocava o domo em um templo recém-construído, usando uma baleia-azul como guindaste. E nadando pelas ruas, passando o tempo nos pátios, praticando combate com tridentes e espadas na arena, viam-se dezenas de tritões e sereias — pessoas-peixes de verdade.

Leo já vira muitas coisas malucas, mas sempre pensara que sereias e tritões eram criaturas fictícias bobinhas, como os Smurfs ou os Muppets.

No entanto, não havia nada de bobo ou fofinho naquelas criaturas. Mesmo a distância, elas pareciam ferozes e, nem um pouco parecidas com os humanos. Seus olhos possuíam um brilho amarelado. Tinham dentes afiados como os de um tubarão e pele semelhante a couro, em cores que iam do vermelho coral ao negro.

— É um campo de treinamento — murmurou Leo. Ele olhou para Afros com certo receio. — Você treina heróis, assim como Quíron?

Afros assentiu, com um brilho de orgulho nos olhos.

— Fomos nós quem treinamos todos os heróis do mar famosos! Pense em um

tritão ou sereia conhecidos... Foi treinado por nós!

— Ah, claro — falou Leo. — Tipo... hã, a Pequena Sereia?

Afros franziu a testa.

— Quem? Não! Tipo Tritão, Glauco, Weissmuller e Bill!

— Ah. — Leo não fazia ideia de quem eram aquelas pessoas. — Você treinou Bill? Fascinante.

— De fato! — Afros bateu no peito. — Eu mesmo treinei Bill. Um grande tritão.

— Suponho que você ensine combate.

Afros ergueu as mãos, exasperado.

— Por que todo mundo acha isso?

Leo olhou para a imensa espada nas costas do homem-peixe.

— Hã, não sei.

— Ensino música e poesia! — falou Afros. — Competências domésticas! Elas também são importantes para a formação de um herói.

— Certamente. — Leo tentava manter-se sério. — Costurar? Assar cookies?

— Isso. Que bom que você entende. Talvez mais tarde, se não precisar matá-lo, eu possa lhe mostrar minha receita de brownie. — Afros fez um gesto desdenhoso para trás. — Meu irmão Bitos... *ele* ensina combate.

Leo não sabia ao certo se se sentia aliviado ou insultado pelo treinador de combate estar interrogando Frank enquanto ele ficava com o professor de economia doméstica.

— Ah, ótimo. Este é o Acampamento... como vocês o chamam? Acampamento Sangue-de-Peixe?

Afros franziu o cenho.

— Espero que tenha sido uma piada. Este é o Acampamento _____. — Ele emitiu uma série de sibilos e assovios parecidos com os dos golfinhos.

— Que idiota que eu sou — disse Leo. — E, sabe, eu iria gostar muito desses brownies! Então, o que temos que fazer para chegar ao estágio de *não precisar me matar*?

— Me conte sua história — falou Afros.

Leo hesitou, mas não por muito tempo. De alguma forma ele pressentiu que devia contar a verdade. Então começou pelo início: de quando Hera fora sua babá e o colocara nas chamas; da morte de sua mãe por culpa de Gaia, que identificara Leo como um futuro inimigo. Ele contou como passara a infância indo de lar adotivo para lar adotivo, até que ele, Jason e Piper foram levados para o Acampamento Meio-Sangue. Explicou a Profecia dos Sete, a construção do *Argo II* e sua missão de ir à Grécia e derrotar os gigantes antes que Gaia despertasse.

Enquanto ele falava, Afros tirou do cinto algumas agulhas compridas de metal de aspecto perverso. Leo recebeu ter dito algo errado, mas Afros pegou também um pouco de fios de alga de sua bolsa e começou a tricotar.

— Continue — instou ele. — Não pare.

Quando Leo terminou de explicar os eidolons, a rixa com os romanos e todos os problemas com que o *Argo II* havia se deparado tentando cruzar os Estados Unidos desde que embarcaram em Charleston, Afros já havia tricotado um capuz de bebê.

Leo esperou enquanto o peixe-centauro guardava suas coisas. Os chifres de garras de lagosta continuavam a nadar em meio à sua cabeleira, e Leo precisou resistir ao impulso de tentar resgatá-los.

— Muito bem — disse Afros. — Acredito em você.

— Simples assim?

— Sou muito bom em identificar mentiras. Não percebi nenhuma na história que você narrou. E ela também combina com o que Hazel Levesque nos contou.

— Ela está...?

— É claro — disse Afros. — Ela está bem. — Ele levou os dedos à boca e assoviou, o que soava bastante estranho debaixo d'água. — Meus companheiros vão trazê-la para cá em breve. Você precisa entender... nossa localização é um segredo muito bem guardado. Você e seus amigos apareceram em um navio de guerra, perseguidos por um dos monstros marinhos de Ceto. Não sabíamos de que lado vocês estavam.

— Está tudo certo com o navio?

— Avariado — disse Afros — mas não terrivelmente. A escolopendra fugiu depois de engolir um bocado de fogo. Belo truque.

— Obrigado. Escolopendra? Nunca ouvi falar.

— Considere-se uma pessoa de sorte. São criaturas abomináveis. Ceto deve odiar vocês de verdade. Seja como for, resgatamos você e os outros dois dos tentáculos da criatura quando ela se retirava para as profundezas. Seus amigos ainda estão lá em cima, procurando vocês, mas nós obscurecemos a visão deles. Precisávamos ter certeza de que vocês não eram uma ameaça. Caso contrário, teríamos que... tomar algumas providências.

Leo engoliu em seco. Ele estava mais do que certo de que *tomar algumas providências* não significava assar um tabuleiro extra de brownies. E, se esses caras eram tão poderosos que podiam manter o acampamento oculto aos olhos de Percy, que tinha todos aqueles poderes aquáticos concedidos por Poseidon, no que lhes dizia respeito, aquele mar não estava para peixes.

— Então... podemos ir?

— Em breve — prometeu Afros. — Preciso verificar com Bitos. Quando ele

tiver terminado de falar com seu amigo Gank...

— Frank.

— Frank. Quando tiverem terminado, vamos mandar vocês de volta ao navio. E talvez tenhamos alguns avisos para vocês.

— Avisos?

— Ah. — Afros apontou. Hazel emergiu da floresta de algas, escoltada por duas sereias de aspecto cruel, que arreganhavam as presas e sibilavam. Leo pensou que Hazel talvez estivesse em perigo. Mas logo viu que ela parecia completamente à vontade, sorrindo e conversando com suas escoltas, e Leo se deu conta de que as sereias estavam rindo.

— Leo! — Hazel nadou em sua direção. — Este lugar não é incrível?

*

Eles foram deixados sozinhos na colina, o que devia significar que Afros realmente confiava neles. Enquanto o centauro e as sereias foram buscar Frank, Leo e Hazel ficaram flutuando pelo lugar, observando o acampamento submarino.

Hazel contou a ele como as sereias haviam sido bem amigáveis. Afros e Bitos ficaram fascinados com sua história, pois nunca tinham conhecido um descendente de Plutão. Além disso, ouviram muitas lendas sobre o cavalo Arion e ficaram impressionados por Hazel ser amiga dele.

Hazel havia prometido visitá-los novamente com Arion. As sereias tinham escrito os números de seus telefones com tinta à prova d'água no braço de Hazel, para que ela pudesse manter contato. Leo não queria nem perguntar como elas tinham sinal de celular no meio do Atlântico.

Enquanto a garota falava, seu cabelo flutuava em torno do rosto em uma nuvem — como terra misturada a pó de ouro na bateia de um garimpeiro. Ela parecia muito segura de si e muito bonita — em nada lembrava a menina tímida e nervosa no pátio daquela escola em Nova Orleans com a lancheira esmagada aos seus pés.

— Não tivemos chance de conversar — disse Leo. Ele relutava em tocar no assunto, mas sabia que essa podia ser a única chance de ficarem sozinhos. — Sobre Sammy.

O sorriso dela desapareceu.

— Eu sei... Só preciso de um tempo para me acostumar. É estranho pensar que você e ele...

Ela não precisava concluir o pensamento. Leo sabia exatamente o quanto era estranho.

— Não tenho certeza de que posso explicar isso a Frank — acrescentou ela. — Sobre nós estarmos de mãos dadas.

Ela evitava encarar Leo. Lá embaixo, no vale, a equipe de trabalhadores ciclopes comemorou quando conseguiu colocar o domo no lugar.

— Já conversei com ele — contou Leo. — Disse que não estava tentando... você sabe. Criar problemas entre vocês dois.

— Ah. Ótimo.

Teria ela soado desapontada? Leo não tinha certeza, e também não sabia ao certo se queria saber.

— Frank, hum, pareceu muito apavorado quando invoquei o fogo. — Leo explicou o que havia acontecido na caverna.

Hazel pareceu atordoada.

— Ah, não. Isso deve tê-lo deixado aterrorizado.

Ela levou a mão à jaqueta jeans, como se estivesse conferindo alguma coisa no bolso interno. Hazel sempre usava aquela jaqueta ou uma camiseta por cima da roupa, mesmo quando estava quente. Leo presumira que o motivo era recato ou talvez porque fosse melhor para cavalgar, como uma jaqueta de motoqueiro. Agora ele se perguntava qual era o real motivo.

Seu cérebro começou a trabalhar em alta velocidade. Ele lembrou-se do que Frank dissera sobre seu ponto fraco... um graveto. Pensou em por que esse garoto teria medo de fogo e por que Hazel compreenderia tanto esses sentimentos. Leo pensou em algumas das histórias que ouvira no Acampamento Meio-Sangue. Por razões óbvias, ele tendia a prestar atenção em lendas sobre fogo. Então lembrou-se de uma na qual não pensava havia meses.

— Existe uma antiga lenda sobre um herói — recordou ele. — cuja vida estava atada a um pedaço de madeira em uma lareira, e quando aquele graveto queimasse...

A expressão de Hazel tornou-se sombria. Leo sabia que havia descoberto a verdade.

— Frank tem esse mesmo problema — adivinhou ele. — E o graveto... — Ele apontou para a jaqueta de Hazel. — Ele o deu a você para que o guardasse em segurança?

— Leo, por favor, não... Eu não posso falar sobre isso.

Os instintos de Leo como mecânico entraram em ação. Ele começou a pensar nas propriedades da madeira e na corrosividade da água salgada.

— A madeira não estraga se ficar no oceano assim? A camada de ar à sua volta o protege?

— Está tudo bem — disse Hazel. — O graveto nem se molhou. Além disso, está enrolado em várias camadas de tecido, plástico e... — Ela mordeu o lábio, frustrada. — E eu não devo *falar* sobre isso! Leo, a questão é que se Frank parece ter medo de você ou fica apreensivo na sua presença, você tem que entender...

Leo ficou feliz por estar flutuando, porque provavelmente sentiria-se tonto demais para se manter de pé. Imaginou-se no lugar de Frank, sua vida tão frágil que literalmente poderia se consumir a qualquer momento. Imaginou a confiança que seria necessária para entregar sua vida — todo o seu futuro — a outra pessoa.

Frank obviamente escolhera Hazel. Assim, quando vira Leo — um cara que podia invocar fogo quando quisesse — dando em cima da sua namorada...

Leo estremeceu. Não era de admirar que Frank não gostasse dele. E de repente a habilidade de Frank de se transformar em vários animais diferentes não parecia tão incrível assim, não se viesse com esse tipo de desvantagem.

Leo pensou no verso que menos gostava da Profecia dos Sete: *Em tempestade ou fogo o mundo terá acabado*. Por muito tempo, imaginara que Jason ou Percy representavam a tempestade — talvez os dois juntos. Leo era o cara do fogo. Ninguém disse isso, mas estava bastante claro. Leo era um dos curingas. Se fizesse a coisa errada, o mundo poderia acabar. Não... o mundo *iria* acabar. Leo se perguntou se Frank e seu graveto teriam algo a ver com aquele verso. Leo já cometera alguns erros épicos. Seria tão fácil para ele acidentalmente atear fogo em Frank Zhang.

— Aí estão vocês!

A voz de Bitos fez Leo se encolher. Ele e Afros aproximaram-se com Frank entre os dois, pálido, mas bem. Frank observou Hazel e Leo com atenção, como se tentasse descobrir sobre o que estiveram conversando.

— Vocês estão livres — disse Bitos. Então abriu seu alforje e devolveu os objetos confiscados. Leo nunca se sentira tão feliz em prender o cinto de ferramentas na cintura.

— Diga a Percy Jackson para não se preocupar — afirmou Afros. — Compreendemos sua história sobre as criaturas marinhas aprisionadas em Atlanta. Ceto e Fórcis precisam ser detidos. Vamos mandar um de nossos heróis em uma missão para derrotá-los e libertar os prisioneiros. Talvez Cyrus?

— Ou Bill — sugeriu Bitos.

— Isso! Bill seria perfeito — concordou Afros. — De qualquer forma, estamos gratos por Percy ter nos informado sobre isso.

— Vocês deviam agradecê-lo pessoalmente — sugeriu Leo. — Quer dizer, ele é filho de Poseidon, e tudo mais.

Ambos os peixes-centauros balançaram a cabeça solenemente.

— Às vezes é melhor não interagir com a prole de Poseidon — falou Afros.
— Somos amigos do deus do mar, é claro, mas a política das deidades submarinas é... complicada. E nós valorizamos nossa independência. No entanto, agradeça a Percy. Faremos o possível para acelerar sua travessia pelo Atlântico e impedir mais interferências dos monstros de Ceto, mas fiquem avisados: no mar antigo, o Mare Nostrum, outros perigos os aguardam.

Frank suspirou.

— Como sempre.

Bitos deu um tapinha no ombro do grandalhão.

— Você vai ficar bem, Frank Zhang. Continue praticando se transformar em criaturas marinhas. A forma de carpa está boa, mas tente uma caravela-portuguesa. Lembre-se do que lhe mostrei. O segredo está na respiração.

Frank pareceu muito constrangido. Leo mordeu o lábio, tentando segurar o riso.

— E você, Hazel — disse Afros — venha nos visitar de novo e traga aquele seu cavalo! Sei que está apreensiva com o tempo que perderam em nossos domínios. Você está preocupada com seu irmão, Nico...

Hazel agarrou sua espada de cavalaria.

— Ele está... vocês sabem onde ele está?

Afros balançou a cabeça.

— Não exatamente. Mas, quando estiver próxima, você deverá ser capaz de sentir a presença dele. Não tema! Vocês têm até depois de amanhã para chegar a Roma se quiserem salvá-lo, mas ainda há tempo. E vocês *precisam* salvá-lo.

— Sim — concordou Bitos. — Ele será essencial para sua jornada. Não sei como, mas pressinto que seja assim.

Afros pousou a mão no ombro de Leo.

— Quanto a você, Leo Valdez, fique perto de Hazel e Frank quando chegarem a Roma. Pressinto que eles enfrentarão... hã, dificuldades *técnicas* que só você poderá superar.

— Dificuldades técnicas? — perguntou Leo.

Afros sorriu, como se isso fosse uma ótima notícia.

— E tenho alguns presentes para você, o bravo navegador do *Argo II*!

— Gosto de pensar em mim como capitão — admitiu Leo. — Ou comandante supremo.

— Brownies! — disse Afros, orgulhoso, enfiando uma cesta de piquenique antiga nos braços de Leo. Ela estava cercada por uma bolha de ar, a qual Leo esperava que evitasse que os brownies se transformassem em lama salgada. — Também coloquei a receita aí dentro. Não ponha manteiga demais! Esse é o

truque. E estou lhe entregando uma carta de apresentação para Tiberino, o deus do Rio Tibre. Assim que chegar a Roma, sua amiga, a filha de Atena, vai precisar disso.

— Annabeth... — falou Leo. — O.k., mas por quê?

Bitos riu.

— Ela está buscando a Marca de Atena, não é? Tiberino pode guiá-la nessa missão. Ele é um deus antigo e orgulhoso, que pode ser... difícil, mas espíritos romanos adoram cartas de recomendação. Isso convencerá Tiberino a ajudá-la. Espero.

— Também espero — replicou Leo.

Bitos tirou três pequenas pérolas cor-de-rosa de seu alforje.

— Adeus, semideuses! Boa viagem!

Ele atirou uma pérola em cada um deles, e bolhas cintilantes de energia cor-de-rosa formaram-se em torno dos três.

Eles começaram a subir na água. Leo só teve tempo de pensar: *Um elevador de bola para hamster?* Então ganhou velocidade e disparou como um foguete na direção do brilho distante do sol lá no alto.

XXV

PIPER

PIPER TINHA UM NOVO REGISTRO na sua lista de *Ocasões em que Piper se sentiu inútil*.

Lutar contra Camarãozilla com uma adaga e uma voz bonita? Nada eficaz. Então o monstro havia mergulhado nas profundezas e desaparecido com três de seus amigos, e ela não pôde fazer nada para ajudá-los.

Depois, Annabeth, o treinador Hedge e Buford, a mesa, puseram-se a ir de um lado ao outro do navio consertando coisas, para evitar que o *Argo II* afundasse. Percy, apesar de estar exausto, procurava no oceano por nossos amigos desaparecidos. Jason, também exausto, voava em torno do cordame como um Peter Pan louro, apagando focos de incêndio causados pela segunda explosão verde que havia iluminado o céu logo acima do mastro principal.

Quanto a Piper, tudo que podia fazer era observar a adaga Katoptris, tentando localizar Leo, Hazel e Frank. Mas as imagens que ela mostrava eram as que a garota não queria ver: três utilitários pretos cheios de semideuses romanos saindo de Charleston a caminho do norte, Reyna ao volante do primeiro carro. Águias gigantes os escoltavam do alto. De vez em quando, espíritos roxos translúcidos em carruagens fantasmagóricas apareciam vindas do campo e passavam a segui-los, trovejando pela estrada a caminho de Nova York e do Acampamento Meio-Sangue.

Piper concentrou-se mais. Viu as imagens apavorantes que já tinha visto antes: o touro com o rosto humano erguendo-se da água, depois a câmara circular escura enchendo-se com a água negra enquanto Jason, Percy e ela lutavam para não afundar.

Ela guardou Katoptris na bainha, perguntando-se como Helena de Troia não havia ficado louca durante a Guerra de Troia se essa lâmina fora sua única fonte de notícias. Então lembrou-se de que todos à volta de Helena haviam sido

massacrados pelo exército grego. Talvez ela *tivesse* ficado louca.

Quando o sol nasceu, nenhum deles ainda havia dormido. Percy tinha vasculhado o fundo do mar e não encontrara nada. O *Argo II* não corria mais o risco de afundar, embora sem Leo eles não pudessem fazer todos os reparos. O navio estava apto a prosseguir, mas ninguém sugeriu deixar o local — não sem os amigos desaparecidos.

Piper e Annabeth mandaram uma mensagem de Íris ao Acampamento Meio-Sangue, avisando Quíron sobre o que havia acontecido com os romanos no Forte Sumter. Annabeth relatou sua conversa com Reyna. Piper contou sobre a visão em sua adaga dos utilitários seguindo para o norte. O rosto gentil do centauro pareceu envelhecer trinta anos durante a conversa, mas ele lhes assegurou que reforçaria as defesas do acampamento. Tyson, a sra. O’Leary e Ella tinham chegado lá em segurança. Se fosse necessário, Tyson poderia invocar um exército de ciclopes para defender o acampamento, e Ella e Rachel Dare já estavam comparando profecias, tentando desvendar com mais precisão o que o futuro reservava. O trabalho dos sete semideuses a bordo do *Argo II*, Quíron lembrou-lhes, era concluir a missão e retornar sãos e salvos.

Após o relatório, os semideuses ficaram andando de um lado para o outro no convés, fitando a água à espera de um milagre. Quando ele finalmente aconteceu — três bolhas gigantes cor-de-rosa explodindo na superfície a boreste e ejetando Frank, Hazel e Leo — Piper ficou meio enlouquecida. Deu um grito de alívio e mergulhou na água.

O que ela estava pensando? Não pegou corda nem colete salva-vidas nem nada. Mas naquele momento estava tão feliz que nadou até Leo e deu um beijo em sua bochecha, o que o surpreendeu um pouco. Ele soltou uma risada.

— Sentiu minha falta?

Piper de repente ficou furiosa.

— Onde vocês *estavam*? Como estão vivos?

— É uma longa história — respondeu Leo. Uma cesta de piquenique emergiu perto dele. — Quer um brownie?

Assim que subiram a bordo e trocaram a roupa molhada (o coitado do Frank teve que usar um jeans muito apertado de Jason), toda a tripulação se reuniu no tombadilho superior para um café da manhã de comemoração, exceto o treinador Hedge, que resmungou que a atmosfera estava ficando melosa demais para seu gosto e desceu para consertar algumas mossas no casco. Enquanto Leo mexia nos controles do leme, Hazel e Frank contaram sobre os peixes-centauros e seu acampamento de treino.

— Incrível — disse Jason. — Estes brownies são *mesmo* bons.

— Esse é seu único comentário? — questionou Piper.

Ele pareceu surpreso.

— O quê? Eu ouvi a história. Peixes-centauros. Sereias e tritões. Carta de apresentação para o deus do Rio Tibre. Entendi. Mas estes brownies...

— Eu sei — concordou Frank, de boca cheia. — Experimente com os pêssegos em calda de Esther.

— Isso — interveio Hazel — é *incrivelmente* nojento.

— Me passe o pote, cara — pediu Jason.

Hazel e Piper trocaram um olhar de total exasperação. *Garotos*.

Percy, por sua vez, queria ouvir todos os detalhes sobre o acampamento submarino. E ficava batendo na mesma tecla:

— Eles não quiseram me conhecer?

— Não é isso — falou Hazel. — É só... política submarina, eu acho. Eles são muito territoriais. A boa notícia é que vão cuidar daquele aquário em Atlanta. E vão ajudar a proteger o *Argo II* durante nossa travessia pelo Atlântico.

Percy assentiu, distraído.

— Mas eles não quiseram me conhecer?

Annabeth bateu em seu braço.

— Vamos lá, Cabeça de Alga! Temos outras preocupações no momento.

— Ela tem razão — disse Hazel. — Depois de hoje, Nico tem menos de dois dias. Os peixes-centauros disseram que *temos* que resgatá-lo. De alguma maneira, ele é essencial à missão.

Ela olhou à sua volta na defensiva, como se esperasse que alguém fosse iniciar uma discussão. Ninguém o fez. Piper tentou imaginar o que Nico di Angelo estava sentindo, preso em um jarro e com apenas duas sementes de romã para se alimentar, sem fazer ideia se seria resgatado ou não. Isso deixou Piper ansiosa para chegar a Roma, embora tivesse a sensação horrível de que estava seguindo na direção de sua própria prisão — uma sala escura cheia de água.

— Nico deve ter alguma informação sobre as Portas da Morte — sugeriu Piper. — Vamos salvá-lo, Hazel. Podemos chegar a tempo. Certo, Leo?

— O quê? — Leo desviou os olhos dos controles. — Ah, sim. Devemos chegar ao mar Mediterrâneo amanhã de manhã. Então passaremos o resto do dia navegando para Roma, ou *voando*, se até lá eu puder consertar o estabilizador...

Pela expressão de Jason, parecia que seu brownie com pêssego em calda de repente não tinha um gosto assim tão bom.

— O que nos levará a Roma no último dia possível para salvar Nico. Vinte e quatro horas para encontrá-lo... no máximo.

Percy cruzou as pernas.

— E isso é só uma parte do problema. Ainda tem a Marca de Atena.

Annabeth não pareceu feliz com a mudança de assunto. Ela pousou a mão na

mochila, que parecia estar sempre com ela desde que haviam deixado Charleston.

Ela abriu o zíper e tirou um disco fino de bronze do tamanho de um *donut*.

— Este é o mapa que encontrei no Forte Sumter. É...

Ela calou-se abruptamente, olhando a superfície lisa de bronze.

— Está em branco!

Percy o pegou e examinou os dois lados.

— Não estava assim antes?

— Não! Eu estava olhando para ele agora mesmo na minha cabine e... — Annabeth pensou por alguns instantes e murmurou: — Deve ser como a Marca de Atena. Só posso vê-la quando estou sozinha. Ela não se mostra a outros semideuses.

Frank recuou como se o disco pudesse explodir. Ele tinha um bigode de suco de laranja e uma barba de migalhas de brownie que faziam Piper querer lhe estender um guardanapo.

— O que havia nele? — perguntou Frank, nervoso. — E *o que* é a Marca de Atena? Ainda não entendi.

Annabeth pegou o disco das mãos de Percy. Ela o virou para a luz do sol, mas ele continuava em branco.

— O mapa era difícil de ler, mas indicava um ponto no Rio Tibre, em Roma. Acho que é lá que devo começar minha busca... o caminho que tenho que seguir para achar a Marca.

— Talvez seja onde você vai encontrar o deus do rio, Tiberino — disse Piper. — Mas *o que* é a Marca?

— A moeda — murmurou Annabeth.

Percy franziu a testa.

— Que moeda?

Annabeth enfiou a mão no bolso e tirou uma dracma de prata.

— Estou carregando isto desde que encontrei minha mãe na Grand Central. É uma moeda da cidade de Atenas.

Ela a passou adiante. Enquanto cada um dos semideuses a examinava, Piper teve uma lembrança ridícula das aulas do ensino fundamental em que as crianças levavam um objeto e falavam dele enquanto ele passava de mão em mão.

— Uma coruja — observou Leo. — Bem, faz sentido. Acredito que esse galho seja de oliveira, não é? Mas o que é essa inscrição: *ΑΘΕ*?

— São alfa, teta e épsilon — explicou Annabeth. — Em grego, significa *dos atenienses*... ou você pode ler como *os filhos de Atena*. É como se fosse o lema da cidade.

— Como *SPQR* para os romanos — adivinhou Piper.

Annabeth assentiu.

— Seja como for, a Marca de Atena é uma coruja exatamente como essa. Ela aparece em vermelho incandescente. Já a vi nos meus sonhos. Depois duas vezes no Forte Sumter.

Ela descreveu o que acontecera no forte: a voz de Gaia, as aranhas na guarnição, a Marca ateando fogo nelas. Piper podia ver que não era fácil para ela falar sobre aquilo.

Percy segurou a mão de Annabeth.

— Eu deveria estar lá com você.

— Mas a questão é exatamente essa — disse Annabeth. — *Ninguém* pode me ajudar. Quando chegarmos a Roma, vou ter que me aventurar sozinha. Caso contrário, a Marca não vai aparecer. Vou ter que rastreá-la até... até a origem.

Frank pegou a moeda de Leo. Ele olhou para a coruja.

— *A ruína dos gigantes se apresenta dourada e pálida/ Conquistada por meio da dor de uma prisão tecida.* — Ele ergueu os olhos para Annabeth. — O que você acha que vai encontrar... nessa origem?

Antes que Annabeth pudesse responder, Jason se manifestou.

— Uma estátua — disse ele. — Uma estátua de Atena. Pelo menos... é o meu palpite.

Piper franziu a testa.

— Você disse que não sabia.

— Eu *não* sei. Mas quanto mais penso sobre isso... Só existe um artefato que poderia se encaixar na lenda. — Ele voltou-se para Annabeth. — Me desculpe. Eu já devia ter contado a você tudo o que sei. Mas, sinceramente, fiquei com medo. Se essa lenda for verdade...

— Eu sei — disse Annabeth. — Eu deduzi, Jason. E não o culpo. Mas se conseguirmos salvar a estátua, gregos e romanos juntos... Você não vê? Isso poderia resolver a rixa.

— Esperem. — Percy fez um gesto de pedido de tempo. — *Que* estátua?

Annabeth pegou de volta a moeda de prata e a guardou no bolso.

— A Atena Partenos — respondeu ela. — A estátua grega mais famosa de todos os tempos. Tinha doze metros de altura e era coberta de ouro e marfim. Ficava no meio do Partenon, em Atenas.

Fez-se silêncio no navio, exceto pelo som das ondas no casco.

— O.k., desisto — disse Leo, afinal. — O que aconteceu com ela?

— Desapareceu — respondeu Annabeth.

Leo franziu a testa.

— Como uma estátua de doze metros no meio do Partenon pode simplesmente *desaparecer*?

— Essa é uma ótima pergunta — disse Annabeth. — É um dos maiores mistérios da história. Algumas pessoas acham que a estátua foi derretida por causa do ouro ou destruída por invasores. Atenas foi saqueada várias vezes. Outros acreditam que ela foi levada...

— Pelos romanos — concluiu Jason. — Pelo menos, essa é uma das teorias e combina com a lenda que ouvi no Acampamento Júpiter. Para destruir o espírito dos gregos, os romanos tomaram a Atena Partenos quando invadiram a cidade de Atenas. Eles a esconderam em um santuário subterrâneo em Roma. Os semideuses romanos juraram que ela jamais veria a luz do dia. Eles literalmente *roubaram* Atena, para que ela não pudesse mais ser o símbolo do poder militar grego. Ela se tornou Minerva, uma deusa muito mais inofensiva.

— E os filhos de Atena vêm procurando a estátua desde então — continuou Annabeth. — A maioria nem conhece a lenda, mas a cada geração alguns são escolhidos pela deusa. Recebem uma moeda como a minha. Seguem a Marca de Atena... uma espécie de trilha mágica que os conecta à estátua... esperando encontrar o lugar de descanso da Atena Partenos e recuperá-la.

Piper observava os dois — Annabeth e Jason — em silencioso espanto. Eles falavam como uma equipe, sem nenhuma hostilidade ou acusação. Os dois nunca chegaram a confiar de verdade um no outro. Piper conhecia ambos bem o suficiente para saber disso. Mas agora... se podiam discutir um problema tão grande com tanta calma — a fonte original do ódio greco-romano — então talvez houvesse esperança para os dois acampamentos, afinal.

A julgar pela expressão de surpresa, Percy parecia estar pensando a mesma coisa.

— Então, se a gente... quer dizer, você... encontrasse a estátua... o que faríamos com ela? Será que conseguiríamos *movê-la*?

— Não tenho certeza — admitiu Annabeth. — Mas, se pudéssemos salvá-la de alguma maneira, isso poderia unir os dois acampamentos e curar minha mãe desse ódio que separa seus dois lados. E talvez... talvez a estátua tenha algum tipo de poder que nos ajude a derrotar os gigantes.

Piper olhava espantada para Annabeth, apenas começando a compreender a imensa responsabilidade que a amiga assumira. E Annabeth pretendia fazer tudo aquilo sozinha.

— Isso poderia mudar tudo — observou Piper. — Poderia pôr fim a milhares de anos de hostilidade. Essa pode ser a chave para derrotar Gaia. Mas, se não podemos ajudá-la...

Ela não concluiu a frase, mas a pergunta parecia pairar no ar: *Será que recuperar a estátua era possível?*

Annabeth endireitou os ombros. Piper sabia que ela devia estar apavorada por

dentro, mas escondeu aquilo muito bem.

— Preciso conseguir — falou Annabeth com simplicidade. — O resultado vale o risco.

Hazel enrolava o cabelo nos dedos, pensativa.

— Não gosto da ideia de você arriscar sua vida sozinha, mas você tem razão. Vimos o que recuperar o estandarte da águia de ouro fez pela legião romana. Se essa estátua é o símbolo mais poderoso de Atena...

— Ela poderia tocar o terror — sugeriu Leo.

Hazel franziu a testa.

— Não é exatamente assim que *eu* diria, mas, sim, é isso.

— Mas... — Percy tornou a segurar a mão de Annabeth. — Nenhuma criança de Atena *já* a encontrou. Annabeth, o que *tem* lá embaixo? O que a está guardando? Se tiver a ver com aranhas...

— *Conquistada por meio da dor de uma prisão tecida* — lembrou Frank. — Tecida, como teias?

O rosto de Annabeth ficou branco feito papel. Piper suspeitava que ela sabia o que a aguardava... ou pelo menos tinha uma boa ideia do que seria. Annabeth estava tentando conter seu pânico e terror.

— Vamos lidar com isso quando chegarmos a Roma — sugeriu Piper, usando um pouco de charme em sua voz para acalmar a amiga. — Vai dar certo. Annabeth também vai tocar o terror. Vocês vão ver.

— Sim — concordou Percy. — Há muito tempo que aprendi: *Nunca* aposte contra Annabeth.

Annabeth olhou para os dois, agradecida.

A julgar pelos pratos do café da manhã deixados pela metade, todos ainda estavam inquietos, mas Leo conseguiu fazê-los esquecer temporariamente o assunto. Ele apertou um botão e um estrondoso jato de vapor saiu da boca de Festus, fazendo todos darem um pulo.

— Muito bem! — falou ele. — A reunião está muito boa, mas ainda há uma tonelada de coisas para consertar neste navio antes de chegarmos ao Mediterrâneo. Por favor, reportem-se ao Supremo Comandante Leo para receber sua lista de tarefas superdivertida!

*

Piper e Jason assumiram a responsabilidade de limpar o convés inferior, que ficara um caos durante o ataque do monstro. Organizar a enfermaria e arrumar o

depósito ocupou a maior parte do seu dia, mas Piper não se importou. Uma das razões é que ela podia passar algum tempo com Jason. A outra é que as explosões da noite anterior tinham dado a Piper um certo respeito pelo fogo grego. Ela não queria nenhum frasco daquela substância rolando pelos corredores no meio da noite.

Quando estavam consertando os estábulos, Piper pensou na noite que Annabeth e Percy haviam passado ali embaixo por acidente. Piper bem que gostaria de poder conversar com Jason a noite toda — simplesmente se aconchegar no chão do estábulo e desfrutar do prazer de sua companhia. Por que *eles* não quebravam as regras?

Mas Jason não era assim. Ele estava programado para ser um líder e dar o exemplo. Quebrar as regras não era algo natural para ele.

Não havia dúvida de que Reyna admirava isso nele. Piper também... quase sempre.

A única vez em que ela o convencera a ser rebelde fora na Escola da Vida Selvagem, quando haviam se esgueirado até o telhado para observar uma chuva de meteoros. Fora ali que deram o primeiro beijo.

Infelizmente, aquela lembrança era um truque da Névoa, uma mentira mágica implantada em sua mente por Hera. Piper e Jason estavam juntos *agora*, na vida real, mas seu relacionamento fora fundado em uma ilusão. Se Piper tentasse fazer o *verdadeiro* Jason escapulir à noite, será que ele concordaria?

Ela varreu o feno, reunindo-o em montinhos. Jason consertou a porta de um dos estábulos. A escotilha de vidro no chão brilhava com o oceano lá embaixo: uma vastidão verde de luz e sombra que parecia estender-se infinitamente. Piper olhava o tempo todo para aquele ponto, temendo que um monstro aparecesse ou os canibais aquáticos das antigas histórias de seu avô, mas tudo que via era um esporádico cardume de arenques.

Enquanto observava Jason trabalhando, Piper admirava a facilidade com que ele executava cada uma das tarefas, fosse consertar uma porta ou hidratar as selas com óleo. Não eram apenas os braços fortes e as mãos habilidosas, embora Piper gostasse muito deles, mas a maneira como agia tão otimista e confiante. Ele fazia o que precisava ser feito sem reclamar. Conservava o bom humor, apesar de provavelmente estar exausto por não ter dormido na noite anterior. Piper não podia culpar Reyna por ter uma queda por ele. Quando o assunto era trabalho e dever, Jason era completamente romano.

Piper pensou no chá que sua mãe oferecera em Charleston. Ela se perguntou o que a deusa dissera a Reyna um ano antes e por que aquilo mudara a maneira como ela tratava Jason. Teria Afrodite encorajado ou desencorajado Reyna a ter um romance com ele?

Piper não sabia o motivo, mas desejou que a mãe não tivesse aparecido em Charleston. Mães comuns já eram bastante constrangedoras. Mas deusas glamorosas que convidavam suas amigas para tomar chá e falar de garotos — aquilo era simplesmente humilhante.

Afrodite dera tanta atenção a Annabeth e Hazel que deixara Piper apreensiva. Costumava ser um mau sinal quando sua mãe demonstrava interesse na vida amorosa de alguém. Significava que havia problemas a caminho. Ou, como Afrodite diria, *reviravoltas*.

Mas, além disso, Piper sentia-se secretamente magoada por não ter recebido a atenção da mãe. Afrodite mal olhara para ela. Não dissera uma só palavra sobre Jason. Nem se dera ao trabalho de contar como fora a conversa com Reyna.

Era quase como se Afrodite não achasse mais Piper interessante. Piper tinha seu namorado. Agora cabia a ela fazer com que as coisas dessem certo, e Afrodite a descartara tão facilmente quanto a uma revista de fofocas velha.

Todas vocês são excelentes histórias, dissera Afrodite. *Quer dizer, garotas.*

Piper não gostara daquilo, mas parte dela havia pensado: *Tudo bem. Não quero ser uma história. Quero uma vida legal e estável com um namorado legal e estável.*

Se pelo menos ela soubesse um pouco mais sobre como fazer um relacionamento dar certo. Ela devia ser uma *expert* no assunto, sendo a conselheira-chefe do chalé de Afrodite. Outros campistas do Acampamento Meio-Sangue a procuravam o tempo todo em busca de conselhos. Piper havia tentado fazer seu melhor, mas com o próprio namorado não tinha ideia de como agir. Vivia duvidando de si mesma, vendo coisas demais nas expressões de Jason, em suas variações de humor e em seus comentários. Por que tinha que ser tão difícil? Por que não podia sentir o tempo todo aquela sensação de felizes-para-sempre?

— O que você está pensando? — perguntou Jason.

Piper percebeu que estava com uma expressão azeda no rosto. Pelo reflexo no vidro, ela parecia ter acabado de engolir uma colher cheia de sal.

— Nada — disse ela. — Quer dizer... um monte de coisas. Assim, tudo de uma vez.

Jason riu. A cicatriz em seu lábio quase desaparecia quando ele sorria. Considerando-se tudo pelo que passara, era impressionante que ele pudesse estar tão bem-humorado.

— Vai dar tudo certo — garantiu. — Você mesma disse isso.

— Sim — concordou Piper. — Mas só disse isso para que Annabeth se sentisse melhor.

Jason deu de ombros.

— Ainda assim, é verdade. Estamos quase chegando às terras antigas. Deixamos os romanos para trás.

— E agora eles estão a caminho do Acampamento Meio-Sangue para atacar nossos amigos.

Jason hesitou, como se fosse difícil para ele ver o lado positivo daquilo.

— Quíron pensará em uma forma de detê-los. Os romanos podem levar semanas para encontrar o acampamento e planejar o ataque. Além disso, Reyna fará tudo o que puder para desacelerar as coisas. Ela ainda está do nosso lado. Sei que está.

— Você confia nela. — A voz de Piper soou vazia, mesmo aos próprios ouvidos.

— Olhe, Pipes. Eu disse a você que não há motivos para ter ciúme.

— Ela é linda. Ela é poderosa. Ela é tão... romana.

Jason largou o martelo. Ele pegou a mão de Piper, o que fez um arrepio subir pelo braço dela. Seu pai uma vez a levava ao Aquário do Pacífico e lhe mostrara uma enguia-elétrica. Ele explicara que a enguia enviava impulsos elétricos que paralisavam sua presa. Todas as vezes que Jason olhava para ela ou tocava sua mão, Piper tinha essa sensação.

— Você é linda e poderosa — disse ele. — E não quero que seja romana. Quero que você seja Piper. Além disso, nós somos uma equipe.

Ela queria acreditar nele. Na verdade, fazia meses que estavam juntos. Ainda assim, ela não conseguia se livrar de suas dúvidas, não mais do que Jason conseguia se livrar da tatuagem ^{SPQR} marcada a ferro em seu braço.

Eles ouviram o aviso para o jantar, e Jason lhe lançou um sorriso travesso.

— É melhor subirmos. Não queremos que o treinador Hedge amarre sinos em nossos pescoços.

Piper estremeceu. O treinador Hedge ameaçara fazer isso depois do escândalo Percy/Annabeth, para que soubesse se alguém desse uma escapulida à noite.

— É — disse ela em tom lamentoso, olhando para a escotilha de vidro sob seus pés. — Acho que precisamos jantar... e de uma boa noite de sono.

XXVI

PIPER

Na manhã seguinte Piper acordou com uma buzina de navio diferente — um estrondo tão alto que literalmente a fez cair da cama.

Ela se perguntou se Leo estaria fazendo outra brincadeira. Então a buzina soou de novo. Parecia estar vindo de centenas de metros de distância — de outra embarcação.

Piper vestiu-se correndo. Quando chegou ao convés, os outros já estavam reunidos — todos tinham se vestido às pressas, exceto o treinador Hedge, que estava cobrindo o turno da noite.

A camisa dos Jogos Olímpicos de Inverno de Vancouver de Frank estava do avesso. Percy usava a calça de pijama e um peitoral de bronze, o que tornava o *look* no mínimo interessante. O cabelo de Hazel estava todo amassado para o lado, como se ela tivesse atravessado um ciclone, e Leo havia acidentalmente ateado fogo em si mesmo. Sua camiseta estava em farrapos carbonizados e seus braços soltavam fumaça.

Cerca de cem metros a bombordo, um imenso navio de cruzeiro deslizava pelo *Argo II*. Turistas em quinze ou dezesseis fileiras de sacadas acenavam para eles. Alguns sorriam e tiravam fotos, e ninguém parecia surpreso em ver uma antiga trirreme grega. Talvez a Névoa a fizesse parecer um barco de pesca ou talvez os passageiros do cruzeiro pensassem que o *Argo II* fosse uma atração turística.

O cruzeiro soou a buzina de novo, e o *Argo II* estremeceu.

O treinador Hedge tampou os ouvidos.

— Eles precisam ser tão barulhentos?

— Só estão dizendo olá — explicou Frank.

— O QUÊ? — gritou Hedge de volta.

O navio passou por eles, seguindo para alto-mar. Os turistas continuavam acenando; se acharam estranho o fato de o *Argo II* ser tripulado por adolescentes semiadormecidos de armadura e pijama e um homem com pernas de bode, não demonstraram.

— Tchau! — gritou Leo, erguendo a mão fumegante.

— Posso disparar a balista? — perguntou Hedge.

— Não — respondeu Leo através de um sorriso forçado.

Hazel esfregou os olhos e afastou o olhar da água verde cintilante.

— Onde nós... ah... Uau.

Piper seguiu o olhar dela e perdeu o fôlego. Sem o cruzeiro bloqueando a vista, ela viu uma montanha que se erguia do mar a menos de um quilômetro ao norte. Piper tinha visto rochedos impressionantes antes: percorrera a Rodovia 1 ao longo da costa da Califórnia e até despencara do Grand Canyon com Jason (e voltara voando). Mas nada era tão incrível quanto aquela imensa e ofuscante formação de rocha branca projetando-se para o céu. De um lado, as falésias calcárias eram quase verticais, mergulhando no mar mais de trezentos metros abaixo, pelo que Piper podia calcular. Do outro lado, a montanha descia em camadas cobertas pela vegetação, de modo que o conjunto lembrava a Piper uma esfinge colossal, desgastada ao longo de milênios, com uma cabeça e um peito brancos imensos e um manto verde nas costas.

— O rochedo de Gibraltar — falou Annabeth, com admiração. — Na extremidade da Espanha. E lá adiante... — Ela apontou para o sul, para uma área com colinas vermelhas e ocres a distância. — Ali deve ser a África. Estamos na boca do Mediterrâneo.

A manhã estava quente, mas Piper estremeceu. Apesar da amplidão do mar diante deles, a sensação era a de estar diante de uma barreira intransponível. Assim que entrassem no Mediterrâneo — no Mare Nostrum — estariam em terras antigas. Se as lendas fossem verdadeiras, sua missão iria se tornar dez vezes mais perigosa.

— E agora? — perguntou ela. — Vamos simplesmente em frente?

— Por que não? — replicou Leo. — É um grande canal de navegação. Barcos entram e saem o tempo todo.

Não trirremes cheias de semideuses, pensou Piper.

Annabeth olhou para o rochedo de Gibraltar. Piper reconheceu aquela expressão meditativa no rosto da amiga. Quase sempre significava que ela estava prevendo problemas.

— Nos tempos antigos — disse Annabeth — essa área era chamada de Pilares de Hércules. O rochedo teoricamente era um dos pilares. O outro era uma montanha africana; ninguém tem certeza de qual delas.

— Hércules, é? — Percy franziu a testa. — Aquele cara parece o Starbucks da Grécia Antiga. Para onde quer que você olhe, lá está ele.

Um *bum* trovejante sacudiu o *Argo II*, embora Piper não soubesse de onde viera daquela vez. Não via nenhum outro navio, e o céu estava limpo.

De repente, sua boca ficou seca.

— Então... esses Pilares de Hércules. Eles são perigosos?

Annabeth manteve-se concentrada nos penhascos brancos, como se esperasse que a Marca de Atena surgisse ali.

— Para os gregos, os Pilares assinalavam o fim do mundo conhecido. Os romanos diziam que nos pilares havia a inscrição de uma advertência em latim...

— *Non plus ultra* — disse Percy.

Annabeth pareceu perplexa.

— Sim. *Nada mais além*. Como você sabe disso?

Percy apontou.

— Porque estou olhando para ela.

Diretamente à frente deles, no meio do estreito, uma ilha havia surgido. Piper tinha certeza de que não havia ilha nenhuma ali antes. Tratava-se de uma pequena massa de terra montanhosa, coberta com florestas e cercada de praias brancas. Nada muito impressionante comparada a Gibraltar, mas, diante da ilha, projetando-se em meio às ondas a cerca de cem metros da costa, viam-se duas colunas gregas tão altas quanto o mastro do *Argo*. Entre elas, imensas letras prateadas brilhavam debaixo d'água — talvez fossem uma ilusão, ou talvez estivessem incrustadas na areia: *NON PLUS ULTRA*.

— Pessoal, dou meia-volta? — perguntou Leo, nervoso. — Ou...

Ninguém respondeu — talvez porque, como Piper, tivessem notado a figura parada de pé na praia. À medida que o navio se aproximava das colunas, ela viu um homem de cabelos escuros e túnica roxa, braços cruzados, olhando intensamente para o navio como se o esperasse. Piper não tinha muita certeza àquela distância, mas, a julgar por sua postura, o homem não estava nada feliz.

Frank respirou fundo.

— Será que aquele é...?

— Hércules — falou Jason. — O semideus mais poderoso de todos os tempos.

O *Argo II* estava a apenas algumas centenas de metros das colunas agora.

— Preciso de uma resposta — disse Leo com urgência. — Posso dar meia-volta ou podemos decolar. Os estabilizadores voltaram a funcionar. Mas preciso saber rápido...

— Temos que seguir em frente — afirmou Annabeth. — Acho que ele está guardando o estreito. Se for mesmo Hércules, voltar ou voar não ia adiantar nada. Ele vai querer falar com a gente.

Piper resistiu à urgência de usar seu charme. Ela queria gritar para Leo: *Decole! Tire a gente daqui!* Infelizmente, sentia que Annabeth estava certa. Se eles queriam entrar no Mediterrâneo, não podiam evitar aquele encontro.

— Hércules não estaria do nosso lado? — perguntou ela, esperançosa. — Quer dizer... ele é um de nós, certo?

Jason grunhiu.

— Ele era um filho de Zeus, mas, quando morreu, tornou-se um deus. Nunca se pode ter certeza com os deuses.

Piper lembrou-se de seu encontro com Baco no Kansas: outro deus que já fora um semideus. E ele não fora exatamente prestativo.

— Ótimo — disse Percy. — Sete semideuses contra Hércules.

— E um sátiro! — acrescentou Hedge. — Podemos abatê-lo.

— Tenho uma ideia melhor — falou Annabeth. — Enviamos embaixadores a terra firme. Um grupo pequeno... um ou dois, no máximo. Tentamos falar com ele.

— Eu vou — disse Jason. — Ele é filho de Zeus. Eu sou filho de Júpiter. Talvez ele seja cordial comigo.

— Ou talvez odeie você — sugeriu Percy. — Meios-irmãos nem sempre se dão bem.

Jason franziu a testa.

— Obrigado, sr. Otimismo.

— Vale a pena tentar — opinou Annabeth. — Pelo menos Jason e Hércules têm alguma coisa em comum. E precisamos de nosso melhor diplomata. Alguém que seja bom com as palavras.

Todos os olhos se voltaram para Piper.

Ela tentou não gritar nem saltar pela amurada. Um mau pressentimento a corroía por dentro. Mas, se Jason ia para terra firme, ela queria que estivessem juntos. Talvez aquele deus tão poderoso viesse a lhes ser útil. Eles tinham que ter sorte de vez em quando, não?

— Muito bem — concordou ela. — Só me deixem trocar de roupa.

*

Assim que Leo ancorou o *Argo II* entre os pilares, Jason invocou os ventos para levá-lo com Piper até a praia.

O homem de roxo esperava por eles.

Piper ouvira muitas histórias sobre Hércules. Vira vários filmes bregas e

desenhos animados. Antes, se pensasse nele, ela simplesmente reviraria os olhos e imaginaria um cara cabeludo e idiota, com uns trinta anos, o peito estufado e uma barba hippie nojenta, uma pele de leão na cabeça e armado com uma grande clava, como um homem das cavernas. Imaginava que ele seria fedorento, arrotaria e se coçaria muito e falaria principalmente por meio de grunhidos.

Ela não esperava *aquilo*.

Os pés dele estavam descalços, cobertos de areia branca. A túnica o fazia parecer um sacerdote embora Piper não conseguisse lembrar que grau de hierarquia religiosa usava roxo. Seriam os cardeais? Bispos? E será que a cor significava que ele era a versão romana de Hércules e não a grega? Sua barba era cuidadosamente descuidada, como o pai de Piper e seus amigos atores usavam, do tipo *não faço a barba há dois dias e ainda assim estou incrível*.

Ele era forte, mas não corpulento. O cabelo preto era cortado rente, no estilo romano. Tinha surpreendentes olhos azuis, como os de Jason, mas sua pele era acobreada, como se tivesse passado a vida toda fazendo bronzeamento artificial. O mais surpreendente era que parecia ter uns vinte anos. Com certeza não mais do que isso. Era bonito de uma maneira rústica, mas nem um pouco homem das cavernas.

De fato, havia uma clava, que estava na areia perto dele, mas a arma se assemelhava mais a um imenso bastão de beisebol — um cilindro de mogno polido de um metro e meio, com um cabo forrado de couro pregado com tachas de bronze. O treinador Hedge ficaria com inveja.

Jason e Piper pousaram na área da arrebentação e aproximaram-se lentamente, tomando o cuidado de não fazer nenhum movimento brusco. Hércules os observava sem nenhuma emoção em especial, como se fossem uma espécie de ave marinha que ele nunca tivesse visto.

— Olá — disse Piper.

Sempre um bom começo.

— E aí? — replicou Hércules.

Sua voz era profunda, porém muito casual e moderna. Ele poderia estar cumprimentando-os no vestiário da escola.

— Hã, tudo bem. — Piper se encolheu. — Bem, na verdade, mais ou menos. Eu sou Piper. Este é Jason. Nós...

— Cadê sua pele de leão? — interrompeu Jason.

Piper queria dar uma cotovelada nele, mas Hércules parecia ter achado mais divertido que irritante.

— Está fazendo mais de trinta graus aqui — respondeu ele. — Por que eu usaria uma pele de leão? Você usa casaco de peles para ir à praia?

— Acho que faz sentido. — Jason parecia desapontado. — É que os quadros

sempre retratam você com uma pele de leão.

Hércules olhou para o céu com uma expressão feroz e acusadora, como se quisesse trocar umas palavras com seu pai, Zeus.

— Não acreditem em tudo que ouvem sobre mim. Ser famoso não é tão divertido quanto podem pensar.

— Você diz isso para mim? — suspirou Piper.

Hércules fixou aqueles olhos azuis brilhantes nela.

— Você é famosa?

— Meu pai... ele é ator.

Hércules soltou um grunhido.

— Não me faça falar de filmes. Deuses do Olimpo, eles nunca fazem *nada* certo. Vocês viram algum filme sobre mim em que eu pareça comigo?

Piper precisou admitir que ele tinha razão.

— Estou surpresa por você ser tão jovem.

— Ah! Ser imortal ajuda. Mas, sim, eu não era muito velho quando morri. Não pelos padrões modernos. Fiz muita coisa durante meus anos como herói... coisas demais, na verdade. — Seu olhar recaiu sobre Jason. — Filho de Zeus, não é?

— Júpiter — falou Jason.

— Não faz muita diferença — resmungou Hércules. — Papai é irritante em qualquer forma. Eu? Meu nome era Héracles. Então vieram os romanos e me chamaram de Hércules. Na verdade, não mudei muito, embora nos últimos tempos eu tenha dores de cabeça lancinantes só de pensar nisso...

Um tremor passou pelo lado esquerdo de seu rosto. Sua túnica tremeluziu, tornando-se branca por um momento, então voltou ao roxo.

— De qualquer forma — continuou Hércules — se você é filho de Júpiter, deve compreender. É muita pressão. O suficiente nunca é bastante. Isso pode fazer um cara surtar.

Então ele se voltou para Piper, que teve a sensação de que mil formigas subiam por suas costas. Havia uma mistura de tristeza e trevas em seus olhos que não parecia muito sã e decididamente nada confiável.

— Quanto a você, minha querida — disse Hércules — tenha cuidado. Filhos de Zeus podem ser... bem, deixa para lá.

Piper não sabia o que ele quisera dizer com aquilo. De repente teve vontade de se afastar o máximo possível daquele deus, mas tentou manter uma expressão calma e educada.

— Então, lorde Hércules — começou ela — estamos em uma missão. Gostaríamos de sua permissão para entrar no Mediterrâneo.

Hércules deu de ombros.

— É por isso que estou aqui. Depois que morri, papai me nomeou o porteiro do Olimpo. Eu disse: *Ótimo! Deveres palacianos! Festa o tempo todo!* O que ele não mencionou é que eu ficaria aqui, guardando a passagem que leva às terras antigas, preso nesta ilha pelo resto da eternidade. Divertido à beça.

Ele apontou para os pilares que se erguiam das ondas.

— Colunas idiotas. Algumas pessoas afirmam que criei o Estreito de Gibraltar separando montanhas pela força. Outras dizem que as montanhas *são* os pilares. Que monte de estrume de Augias. Os pilares são *pilares*.

— Certo — disse Piper. — É claro. Então... podemos passar?

O deus coçou a barba maneira.

— Bem, tenho que dar o aviso padrão sobre o quanto as terras antigas são perigosas. Não é qualquer semideus que pode sobreviver ao Mare Nostrum. Por essa razão, preciso lhes dar uma missão para cumprirem. Provar seu valor, blá-blá-blá. Sinceramente, não dou muita importância a isso. Em geral dou aos semideuses uma tarefa simples, como fazer uma viagem de compras, cantar uma música engraçada, esse tipo de coisa. Depois de todos aqueles trabalhos que precisei fazer para meu primo malvado, Euristeu, bem... Não quero ser *aquele cara*, sabem?

— A gente agradece — disse Jason.

— Imagina.

Hércules parecia relaxado e descontraído, mas mesmo assim deixava Piper nervosa. Aquele brilho sombrio em seus olhos fazia com que ela se lembrasse de carvão embebido em querosene, pronto a pegar fogo de um momento para o outro.

— Bem, seja como for — disse Hércules — qual é a sua missão?

— Gigantes — disse Jason. — Estamos a caminho da Grécia para impedi-los de acordar Gaia.

— Gigantes — murmurou Hércules. — Odeio aqueles caras. No tempo em que eu era um herói semideus... ah, deixa para lá. Então, que deus colocou vocês nessa furada? Papai? Atena? Quem sabe Afrodite? — Ele ergueu uma sobrancelha para Piper. — Bonita como você é, aposto que é filha dela.

Piper devia ter pensado mais rápido, mas Hércules a havia deixado perturbada. Já era tarde demais quando ela percebeu que a conversa entrara em terreno perigoso.

— Hera nos enviou — respondeu Jason. — Ela nos reuniu para...

— Hera.

De repente a expressão de Hércules passou a ser como os penhascos de Gibraltar, uma fachada de pedra sólida e implacável.

— Nós a odiamos também — acrescentou Piper rapidamente. Deuses, por que

isso não lhe ocorrera? Hera havia sido a inimiga mortal de Hércules. — Não queríamos ajudá-la. Ela não nos deu muita escolha, mas...

— Mas aqui estão vocês — disse Hércules, sem a cordialidade anterior. — Sinto muito, pessoal. Não me importo com o quanto sua missão é importante. Não faço *nada* que Hera queira. Jamais.

Jason parecia confuso.

— Mas pensei que você tivesse feito as pazes com ela quando se tornou deus.

— Como eu disse — grunhiu Hércules — não acredite em tudo que você ouve. Se querem mesmo entrar no Mediterrâneo, receio que terei que lhes dar uma prova especialmente difícil.

— Mas nós somos tipo irmãos — protestou Jason. — Hera estragou a minha vida também. Eu entendo...

— Você não entende nada — rebateu Hércules com frieza. — Minha primeira família: morta. Minha vida, desperdiçada em missões ridículas. Minha segunda mulher, morta, depois de ser enganada e obrigada a me envenenar e a me deixar para uma morte dolorosa. E a minha recompensa? Acabei me tornando um deus *menor*. Imortal, de forma que nunca possa esquecer meu sofrimento. Empacado aqui como porteiro, como um... um mordomo para os olímpianos. Não, você não entende. O único deus que me compreende um pouquinho é Dioniso. E pelo menos *ele* inventou alguma coisa útil. Não tenho nada a não ser péssimas adaptações cinematográficas da minha vida.

Piper começou a usar seu charme.

— Isso é muitíssimo triste, lorde Hércules. Mas, por favor, pegue leve com a gente. Somos pessoas boas.

Ela pensou que tivesse funcionado. Hércules hesitou. Então seu maxilar se retesou, e ele balançou a cabeça.

— No lado oposto desta ilha, além daquelas colinas, vocês vão encontrar um rio. No meio dele vive o velho deus Aqueloo.

Hércules esperou, como se aquela informação bastasse para fazer com que saíssem correndo, apavorados.

— E...? — perguntou Jason.

— *E* — continuou Hércules — quero que vocês quebrem o outro chifre dele e o tragam para mim.

— Ele tem chifres — disse Jason. — Espere... o *outro* chifre dele? O que...?

— Descubram — falou o deus bruscamente. — Tomem, isso deve ajudar.

Hércules disse a palavra *ajudar* como se quisesse dizer *machucar*. De sob a túnica, tirou um livrinho e o jogou para Piper, que mal conseguiu pegá-lo.

A capa brilhosa do livro mostrava uma montagem fotográfica de templos gregos e monstros sorridentes. O Minotauro fazia o sinal positivo com o polegar.

O título dizia: *O guia de Hércules para o Mare Nostrum*.

— Tragam-me aquele chifre ao pôr do sol — disse Hércules. — Só vocês dois. Nada de entrar em contato com seus amigos. O navio permanecerá onde está. Se conseguirem, podem entrar no Mediterrâneo.

— E se não? — perguntou Piper, embora tivesse certeza de que não queria ouvir a resposta.

— Bem, Aqueloo vai matá-los, obviamente — respondeu Hércules. — E eu quebrarei o navio ao meio com minhas próprias mãos e seus amigos sofrerão uma morte precoce.

Jason mudou o peso de um pé para o outro.

— Não podíamos só cantar uma música engraçada?

— Se eu fosse vocês, iria logo — respondeu Hércules com frieza. — Pôr do sol. Ou seus amigos morrem.

XXVII

PIPER

O GUIA DE **HÉRCULES PARA** o *Mare Nostrum* não ajudava muito com as cobras e os mosquitos.

— Se esta é uma ilha mágica — resmungou Piper — por que não podia ser uma ilha mágica *agradável*?

Eles subiram uma colina e desceram até um vale com bosques cerrados, tomando cuidado para evitar as cobras de listras pretas e vermelhas que tomavam sol nas pedras. Nuvens de mosquitos pairavam sobre poças de água parada nas áreas mais baixas. As árvores eram em sua maioria pequenos pinheiros, oliveiras e ciprestes. O estrilar de cigarras e o calor opressivo lembravam a Piper o verão na reserva indígena em Oklahoma.

Até ali não tinham encontrado nenhum rio.

— Podíamos voar — tornou a sugerir Jason.

— Podemos deixar alguma coisa passar — disse Piper. — Além disso, não sei se quero despencar em cima de um deus hostil. Qual é mesmo o nome dele? Aquele o quê?

— Aqueloo. — Jason tentava ler o guia enquanto caminhavam, de forma que a todo instante dava de cara com árvores e tropeçava em pedras. — Aqui diz que ele é um *potamus*.

— Ele é um hipopótamo?

— Não. *Potamus*. Um deus-rio. Segundo isto aqui, ele é o espírito de algum rio da Grécia.

— Como não estamos na Grécia, vamos presumir que ele tenha se mudado — falou Piper. — Não parece que este livro vai ser muito útil. Algo mais?

— Diz aqui que Hércules lutou contra ele uma vez — relatou Jason.

— Hércules lutou contra noventa e nove por cento de tudo na Grécia Antiga.

— É. Vamos ver. Pilares de Hércules... — Jason passou uma página. — Diz aqui também que a ilha não tem hotéis, restaurantes, ou meios de transporte. Atrações: Hércules e dois pilares. Hã, isso é interessante. Acredita-se que o símbolo do dólar... sabe, o cifrão?... tenha vindo do brasão espanhol, que mostrava os Pilares de Hércules com uma bandeira ondulando entre eles.

Ótimo, pensou Piper. Jason finalmente se entendeu com Annabeth, e as tendências CDFs dela começam a contagiá-lo.

— Alguma coisa útil? — perguntou ela.

— Espere. Eis uma minúscula referência a Aqueloo: *O deus-rio lutou contra Hércules pela mão da bela Dejanira. Durante a luta, Hércules quebrou um de seus chifres, que se tornou a primeira cornucópia.*

— Corno o quê?

— Aquele enfeite que se usa no dia de Ação de Graças — explicou Jason. — Sabe aquele chifre cheio de frutos e flores? Temos alguns no refeitório do Acampamento Júpiter. Eu não sabia que o original era o chifre de um cara.

— E nós temos que arrancar o outro — afirmou Piper. — Estou sentindo que isso não vai ser muito fácil. Quem foi Dejanira?

— Hércules se casou com ela — falou Jason. — Acho... aqui não diz, mas acho que algo ruim aconteceu com ela.

Piper lembrou-se do que Hércules dissera: sua primeira família, morta, a segunda mulher, também morta, depois de ser enganada e levada a envenená-lo. Piper estava gostando cada vez menos daquele desafio.

Eles percorriam uma crista entre duas colinas, tentando permanecer na sombra, mas Piper já estava encharcada de suor. Os mosquitos deixavam marcas vermelhas em seus tornozelos, braços e pescoço; ela devia estar parecendo uma vítima de varíola.

Finalmente Piper conseguia passar algum tempo sozinha com Jason e era isso o que acontecia.

Piper estava irritada com Jason por ter mencionado Hera, mas sabia que não devia culpá-lo. Talvez só estivesse irritada com ele. Desde o Acampamento Júpiter, ela vinha guardando muitas preocupações e ressentimentos.

Ela se perguntou o que Hércules quisera lhe dizer sobre os filhos de Zeus. Não eram dignos de confiança? Estavam sob pressão demais? Piper tentou imaginar Jason tornando-se um deus ao morrer, de pé em alguma praia guardando os portões para um oceano muito depois de Piper e todo mundo que ele conhecia em sua vida mortal terem morrido.

Ficou imaginando se Hércules algum dia fora tão positivo quanto Jason: mais otimista, confiante, pronto para ajudar. Era difícil imaginá-lo assim.

Enquanto desciam em direção ao vale seguinte, Piper se perguntou o que

estaria acontecendo no *Argo II*. Ficou tentada a mandar uma mensagem de Íris, mas Hércules os advertira a não entrar em contato com os amigos. Ela esperava que Annabeth adivinhasse o que estava acontecendo e não tentasse mandar outro grupo para terra firme. Piper não sabia o que Hércules faria se fosse importunado de novo. Ela imaginou o treinador Hedge ficando impaciente e apontando uma balista para o homem de roxo, ou eidolons possuindo a tripulação e forçando-os a cometer suicídio jogando-se na frente de Hércules.

Piper estremeceu. Não sabia as horas, mas o sol já começava a baixar. Como o dia passara tão rápido? Ela teria ficado feliz com a proximidade do pôr do sol por causa da temperatura mais fresca, exceto pelo fato de que isso significava que seu tempo acabara. Uma brisa noturna não serviria para muita coisa se estivessem mortos. Além disso, o dia seguinte era primeiro de julho, as Calendas de Julho. Se a informação que tinham estivesse correta, seria o último dia de vida de Nico di Angelo, e o dia em que Roma seria destruída.

— Pare — disse Jason.

Piper não sabia o que havia de errado. Então ouviu o barulho de água corrente adiante. Eles seguiram com cuidado por entre as árvores e acabaram na margem de um rio. Talvez tivesse mais de dez metros de largura, mas poucos centímetros de profundidade, uma faixa de água prateada correndo sobre um leito liso de pedras. Alguns metros rio abaixo, corredeiras mergulhavam em um poço azul-escuro.

Alguma coisa naquele rio a perturbava. As cigarras nas árvores tinham ficado quietas. Nenhum pássaro gorjeava. Era como se a água estivesse falando e só permitisse a própria voz.

No entanto, quanto mais Piper ouvia, mais convidativo o rio parecia. Ela queria beber um gole daquela água. Talvez devesse tirar os sapatos; faria bem molhar os pés. E aquele poço... seria tão bom mergulhar ali com Jason e relaxar à sombra das árvores, flutuando na água fresca e agradável. Tão romântico.

Piper se sacudiu. Aqueles pensamentos não eram seus. Algo estava errado. Era quase como se o rio estivesse usando charme para convencê-la.

Jason sentou-se em uma pedra e começou a tirar os sapatos. Ele sorriu ao olhar para o poço, como se mal pudesse esperar para entrar ali.

— Pare com isso! — gritou Piper para o rio.

Jason pareceu se assustar.

— Parar com o quê?

— Não estou falando com você — disse Piper. — Estou falando com ele.

Ela sentiu-se tola apontando para a água, mas tinha certeza de que o rio estava exercendo algum tipo de magia, mexendo com suas emoções.

No exato momento em que pensou que havia enlouquecido e que Jason lhe

diria isso, o rio falou:

Perdoem-me. Cantar é um dos únicos prazeres que me restam.

Uma figura emergiu do poço, como se subisse em um elevador.

Os ombros de Piper ficaram tensos. Tratava-se da criatura que ela vira na lâmina da adaga, o touro com o rosto humano. Sua pele era tão azul quanto a água. Os cascos levitavam sobre a superfície do rio. Em cima do pescoço bovino havia a cabeça de um homem, com cabelos pretos encaracolados, barba cacheada no estilo grego, olhos tristes e profundos atrás de óculos bifocais e uma boca que parecia congelada em um biquinho permanente. Brotando do lado esquerdo da cabeça havia um único chifre de touro — preto e branco e curvo, do tipo que guerreiros transformavam em copos. A assimetria levava sua cabeça a inclinar-se para a esquerda, fazendo parecer que ele queria tirar água do ouvido.

— Olá — cumprimentou ele, tristonho. — Vieram me matar, suponho.

Jason, depois de calçar os sapatos, levantou-se devagar.

— Hã, bem...

— Não! — interveio Piper. — Sinto muito. Isto é constrangedor. Não queríamos importuná-lo, mas Hércules nos mandou aqui.

— Hércules! — O homem-touro suspirou. Seus cascos raspavam a água, como se estivesse prestes a atacar. — Para mim, ele será sempre Héracles. É o nome grego dele, vocês sabem: *a glória de Hera*.

— Um nome engraçado — observou Jason. — Considerando que ele a odeia.

— De fato — concordou o homem-touro. — Talvez seja por isso que ele não protestou quando os romanos o rebatizaram de Hércules. Naturalmente, esse é o nome pelo qual a maioria das pessoas o conhece... sua *marca*, se preferirem. Hércules é extremamente preocupado com a própria imagem.

O homem-touro falava ao mesmo tempo com amargura e familiaridade, como se Hércules fosse um velho amigo que perdera a razão.

— Você é Aqueloo?

O homem-touro dobrou as patas dianteiras e baixou a cabeça em uma medida, o que Piper achou doce, mas um tanto triste.

— Ao seu dispor. Notável deus-rio. No passado, fui o espírito do rio mais poderoso da Grécia. Hoje, condenado a viver aqui, nesta ilha, lado a lado com meu velho inimigo. Ah, os deuses são cruéis! Mas, se nos colocaram tão próximos com o propósito de punir a mim ou a Hércules, nunca tive certeza.

Piper não tinha ideia do que ele quisera dizer com aquilo, mas o ruído do rio começava a invadir sua mente outra vez — lembrando-lhe do calor e da sede, do quanto um mergulho seria agradável. Ela tentou se concentrar.

— Eu sou Piper — falou ela. — Este é Jason. Não queremos lutar. É só que Héracles... Hércules... quem quer que seja. Ele ficou furioso com a gente e

nos mandou aqui.

Ela explicou sobre a expedição às terras antigas para impedir que os gigantes acordassem Gaia. Descreveu como sua equipe de gregos e romanos havia se reunido e como Hércules tivera um ataque ao descobrir que Hera estava por trás daquilo.

Aqueloo ficava inclinando a cabeça para a esquerda, e Piper não sabia se ele estava cochilando ou sofrendo uma crise muscular por ter um chifre só.

Quando ela terminou, Aqueloo a olhou como se ela estivesse desenvolvendo uma terrível alergia.

— Ah, minha querida... as lendas são verdadeiras, sabe. Os espíritos, os canibais aquáticos.

Piper teve que reprimir um gemido. Ela não dissera *nada* sobre aquilo a Aqueloo.

— C-como...?

— Deuses-rios sabem muitas coisas — falou ele. — Aliás, você está se concentrando na história errada. Se tivesse chegado a Roma, a história da enchente teria lhe servido melhor.

— Piper? — disse Jason. — Do que ele está falando?

De repente os pensamentos dela estavam tão confusos quanto a imagem em um caleidoscópio. *A história da enchente... Se tivesse chegado a Roma.*

— Eu... eu não sei — respondeu ela, embora houvesse uma vaga lembrança sobre uma história de uma enchente. — Aqueloo, não estou entendendo...

— Não, você não entende. — O deus-rio parecia sentir pena dela. — Coitadinha. Outra garota presa a um filho de Zeus.

— Espere aí — disse Jason. — Na verdade, é Júpiter. E por que isso faz dela uma *coitadinha*?

Aqueloo o ignorou.

— Minha menina, você sabe o motivo da minha luta com Hércules?

— Foi por causa de uma mulher — lembrou Piper. — Dejanira?

— Sim. — Aqueloo deixou escapar um suspiro. — E você sabe o que aconteceu com ela?

— Hã...

Piper olhou para Jason. Ele pegou o guia e começou a folhear as páginas.

— Na verdade, aqui não...

Aqueloo bufou, indignado.

— O que é isso?

Jason piscou.

— É só... *O guia de Hércules para o Mare Nostrum*. Ele nos deu o livro para...

— Isso *não* é um livro — insistiu Aqueloo. — Ele deu isso a vocês para me

irritar, não foi? Ele sabe que eu odeio essas coisas.

— Você odeia... livros? — perguntou Piper.

— Bah! — O rosto de Aqueloo ficou afogueado, fazendo com que sua pele azul ficasse cor de berinjela. — Isso *não* é um livro.

Ele passou o pé na água. Um pergaminho enrolado saiu a toda velocidade do rio como um minifoguete e pousou diante dele. Aqueloo o abriu com os cascos. O pergaminho amarelo curtido se abriu, mostrando o texto desbotado em latim e elaboradas ilustrações feitas à mão.

— *Isto* é um livro! — falou Aqueloo. — Ah, o cheiro da pele de cordeiro! A fina sensação do pergaminho se desenrolando sob meus cascos. Não se pode simplesmente copiar essas sensações em uma coisa *assim*.

Com a cabeça, indicou, indignado, o guia na mão de Jason.

— Vocês, jovens de hoje, e suas engenhocas ultramodernas. Páginas encadernadas. Pequenos blocos compactos de texto que não são favoráveis a quem tem casco. Isso é um livro *encadernado*, mas não um livro tradicional. Nunca substituirá o bom e velho rolo!

— Hã, vou guardar isso agora.

Jason guardou o guia no bolso de trás, como se pusesse uma arma perigosa no coldre. Aqueloo pareceu acalmar-se um pouco, o que foi um alívio para Piper. Ela não precisava ser atropelada por um touro de um só chifre obcecado por pergaminhos.

— Bem — disse Aqueloo, batendo em uma imagem de seu rolo de pergaminho. — Esta é Dejanira.

Piper ajoelhou-se para olhar. O retrato pintado à mão era pequeno, mas dava para ver que a mulher tinha sido muito bonita, com olhos e longos cabelos escuros e um sorriso brincalhão que provavelmente enlouquecia os homens.

— Princesa de Calidão — falou o deus-rio, pesaroso. — Ela estava prometida para mim, até Hércules aparecer. Ele insistiu no combate.

— E quebrou o seu chifre? — deduziu Jason.

— Sim — respondeu Aqueloo. — Jamais o perdoarei por isso. É horrivelmente incômodo ter apenas um chifre. Mas a situação foi pior para a pobre Dejanira. Ela poderia ter tido uma vida longa e feliz se fosse casada comigo.

— Um homem com cabeça de touro — disse Piper — que mora em um rio.

— Exatamente — concordou Aqueloo. — Parece impossível que ela tenha recusado, não é? No entanto, ela foi embora com Hércules. Preferiu o herói bonito e vistoso ao marido bom e fiel que a teria tratado bem. O que aconteceu? Bem, ela deveria saber. Hércules estava envolvido demais nos próprios problemas para ser um bom marido. Ele já havia matado a primeira esposa,

você sabem. Hera o amaldiçoou, então ele teve um acesso de loucura e matou a família inteira. Uma coisa horrível. Foi por isso que teve que realizar os doze trabalhos, como penitência.

Piper estava horrorizada.

— Espere... Hera o *enlouqueceu* e *Hércules* teve que pagar a penitência?

Aqueloo deu de ombros.

— Parece que os olímpianos nunca pagam por seus crimes. E Hera sempre odiou os filhos de Zeus... ou Júpiter. — Ele olhou com desconfiança para Jason.

— Seja como for, minha pobre Dejanira teve um fim trágico. Ela começou a ter ciúme dos muitos casos de Hércules. Ele passeava pelo mundo todo, vocês sabem, exatamente como o pai, Zeus, flertando com todas as mulheres que encontrava. Por fim, Dejanira ficou tão desesperada que deu ouvidos a um péssimo conselho. Um centauro astuto chamado Nesso lhe disse que, se quisesse que Hércules fosse fiel para sempre, ela devia espalhar um pouco de sangue de centauro na camisa favorita de Hércules. Infelizmente, Nesso estava mentindo, porque queria vingar-se de Hércules. Dejanira seguiu suas instruções, mas, em vez de tornar Hércules um marido fiel...

— Sangue de centauro é como ácido — falou Jason.

— Sim — confirmou Aqueloo. — Hércules teve uma morte dolorosa. Quando Dejanira percebeu o que tinha feito, ela...

O deus-rio traçou uma linha de um lado ao outro do pescoço.

— Isso é horrível.

— E a moral, qual é, minha querida? — perguntou Aqueloo. — Tome cuidado com os filhos de Zeus.

Piper não conseguiu encarar o namorado; não sabia se seria capaz de esconder o desconforto em seu olhar. Jason nunca seria como Hércules, mas a história mexeu com seus medos. Hera havia manipulado o relacionamento deles, da mesma maneira que manipulara Hércules, e Piper queria acreditar que Jason jamais entraria em um frenesi assassino como o meio-irmão. No entanto, havia apenas quatro dias, ele fora controlado por um eidolon e quase matara Percy Jackson.

— Hércules é um deus agora — continuou Aqueloo. — Ele se casou com Hebe, a deusa da juventude, mas ainda assim raramente está em casa. Ele mora aqui, nesta ilha, guardando aquelas colunas tolas. Diz que Zeus o obriga a fazer isso, mas acho que ele prefere estar aqui a ficar no Monte Olimpo, alimentando sua amargura e lamentando a perda de sua vida mortal. Minha presença o faz lembrar seus fracassos... principalmente com a mulher que por fim o matou. E a presença dele me faz lembrar a pobre Dejanira, que poderia ter sido minha esposa. — O homem-touro tocou o pergaminho, que se enrolou e mergulhou na

água. — Hércules quer meu outro chifre para me humilhar. Talvez saber que estou infeliz também o faça se sentir melhor em relação a si mesmo. Além disso, o chifre se tornaria uma cornucópia. Boa comida e bebida sairiam dele, assim como meu poder faz o rio fluir. Sem dúvida Hércules ficaria com a cornucópia para si. Seria uma tragédia e um desperdício.

Piper suspeitava que o ruído do rio e o tom sonolento da voz de Aqueloo ainda afetavam sua mente, mas não podia deixar de concordar com o deus-rio. Começava a odiar Hércules. Aquele pobre homem-touro parecia tão triste e solitário.

Jason se mexeu, desconfortável.

— Sinto muito, Aqueloo. Sinceramente, você não está em uma situação muito invejável. Mas talvez... bem, sem o outro chifre, talvez sua cabeça não ficasse mais torta. Talvez você se sentisse melhor.

— Jason! — protestou Piper.

O garoto ergueu as mãos.

— Foi só uma ideia. Além disso, acho que não temos outra opção. Se não dermos esse chifre para Hércules, ele vai nos matar e a nossos amigos.

— Ele tem razão — disse Aqueloo. — Vocês não têm escolha. E por isso espero que me perdoem.

Piper franziu a testa. O deus-rio parecia tão inconsolável que ela teve vontade de lhe dar um abraço.

— Perdoá-lo por quê?

— Também não tenho escolha — respondeu Aqueloo. — Sou obrigado a detê-los.

O rio explodiu, e uma parede de água atingiu Piper.

XXVIII

PIPER

A ÁGUA A AGARROU COMO um punho e a arrastou para o fundo. Lutar era inútil. Ela fechou a boca, obrigando-se a prender a respiração, mas mal conseguia conter o pânico. Não via nada além de uma torrente de bolhas. Ouvia apenas os próprios movimentos desesperados e o rugido das corredeiras.

Tinha acabado de concluir que era assim que morreria: afogada em um poço em uma ilha que não existia. Até que, tão subitamente quanto fora puxada para baixo, foi impulsionada para a superfície. E se viu no centro de um redemoinho, respirando, mas incapaz de se libertar.

A alguns metros de distância, Jason rompeu a superfície e arfou em busca de ar, a espada em punho. Ele a brandia violentamente, mas não havia nada para atacar.

A uns cinco metros à direita de Piper, Aqueloo ergueu-se da água.

— Sinto muito por isso, de verdade — disse ele.

Jason lançou-se na direção dele, invocando os ventos para erguê-lo do rio, mas Aqueloo era mais rápido e mais poderoso. Uma onda quebrou em Jason e o empurrou para o fundo mais uma vez.

— Pare! — gritou Piper.

Usar o charme não era fácil quando ela estava se debatendo em um redemoinho, mas pelo menos Piper conseguiu atrair a atenção do deus.

— Receio não poder parar — lamentou ele. — Não posso permitir que Hércules fique com meu outro chifre. Seria humilhante.

— Existe outra maneira! — exclamou Piper. — Não precisa matar a gente!

Jason lutava para voltar à superfície. Uma nuvem de tempestade em miniatura formou-se acima dele. Trovões rugiram.

— Nada disso, filho de Júpiter — repreendeu Aqueloo. — Se evocar raios, vai

acabar eletrocutando sua namorada.

A água puxou Jason para baixo mais uma vez.

— Deixe-o em paz! — Piper colocou na voz toda a persuasão que conseguiu reunir. — Prometo que não vou deixar Hércules pegar seu chifre!

Aqueloo hesitou. Ele foi até ela, a cabeça inclinada para a esquerda.

— Acredito que esteja falando a verdade.

— E estou! — garantiu Piper. — Hércules é desprezível. Mas, por favor, primeiro liberte meu amigo.

A água se agitou no ponto em que Jason havia submergido. Piper queria gritar. Por quanto tempo mais ele conseguiria prender a respiração?

Aqueloo a observou através dos óculos bifocais. Sua expressão suavizou-se.

— Entendo. Você seria a minha Dejanira. Casaria comigo para compensar minha perda.

— O quê? — Piper não tinha certeza de que ouvira bem. O redemoinho fazia sua cabeça rodar, literalmente. — Hã, na verdade, eu estava pensando...

— Ah, compreendo — disse Aqueloo. — Você está com vergonha de sugerir isso na frente do seu namorado. Está certa, é claro. Eu a trataria muito melhor do que um filho de Zeus. Poderia consertar as coisas depois de todos esses séculos. Não consegui salvar Dejanira, mas conseguiria salvar você.

Quanto tempo havia se passado? Trinta segundos? Um minuto? Jason não aguentaria muito mais.

— Você teria que deixar seus amigos morrerem — continuou Aqueloo. — Hércules ficaria furioso, mas eu a protegeria dele. Seríamos muito felizes juntos. Vamos começar deixando esse camarada Jason se afogar, que tal?

Piper mal conseguia manter a calma, mas *precisava* se concentrar. Escondeu o medo e a raiva. Era filha de Afrodite. Tinha que usar as ferramentas que herdara.

Então sorriu o mais docemente que pôde e ergueu os braços.

— Me levante, por favor.

O rosto de Aqueloo se iluminou. Ele segurou as mãos de Piper e a puxou, tirando-a do redemoinho.

Ela nunca montara um touro antes, mas praticara cavalgar sem sela nos pégasos do Acampamento Meio-Sangue e lembrava-se do que tinha de fazer. Tomou impulso, passou uma perna pelas costas de Aqueloo, depois prendeu os tornozelos em torno do pescoço dele e um braço em volta da garganta, ao mesmo tempo em que sacava a adaga com a outra mão. Então pressionou a lâmina sob o queixo do deus-rio.

— Liberte... Jason. — Ela ordenou com o máximo de seu poder. — Agora!

Piper tinha consciência de que havia muitas falhas em seu plano. O deus-rio poderia simplesmente transformar-se em água. Ou podia submergir com ela e

esperar até que ela se afogasse. Mas aparentemente o charme de Piper funcionou, ou talvez Aqueloo estivesse apenas surpreso demais para pensar. Ele não devia estar acostumado a garotas bonitas ameaçando cortar sua garganta.

Jason foi ejetado da água como uma bala de canhão. Ele passou por entre os galhos de uma oliveira e desabou na grama. Aquilo não devia ter sido nada agradável, mas ele conseguiu se pôr de pé com esforço, arfando e tossindo. Ergueu a espada, e as nuvens escuras se tornaram mais densas sobre o rio.

Piper lançou-lhe um olhar de advertência: *Ainda não*. Ela ainda precisava sair daquele rio sem se afogar ou ser eletrocutada.

Aqueloo arqueou as costas como se preparasse um golpe. Piper pressionou a adaga com mais força em sua garganta.

— Seja um bom touro — advertiu ela.

— Você prometeu — falou Aqueloo por entre os dentes. — Prometeu que Hércules não pegaria o meu chifre.

— E ele não vai pegar — afirmou Piper. — Eu vou.

Ela ergueu a adaga e decepou o chifre do deus com o bronze celestial, que o cortou como se fosse argila molhada. Aqueloo berrou de fúria. Antes que pudesse se recobrar, Piper se ergueu em suas costas e, com o chifre em uma das mãos e a adaga na outra, saltou para a margem.

— Jason!

Graças ao deuses, ele entendeu. Uma rajada de vento a arrebatou e a levou em segurança para a outra margem. Piper caiu no chão e rolou para longe, com os cabelos da nuca eriçados. Um cheiro metálico encheu o ar. Ela voltou-se na direção do rio e imediatamente um clarão a cegou.

BUUUM! Um raio agitou a água, transformando-a em um caldeirão fervente, fumegando e sibilando com a eletricidade. Piper piscou, tentando livrar-se dos pontos amarelos em sua visão enquanto Aqueloo uivava e se dissolvia sob a superfície. A expressão horrorizada do deus parecia perguntar: *Como você pôde?*

— Jason, corra!

Ela ainda estava tonta e nauseada pelo medo, mas enfiou-se na floresta com Jason. Enquanto subia a colina, apertando o chifre de touro junto ao peito, Piper percebeu que estava soluçando — embora não soubesse se era de medo, de alívio ou de vergonha pelo que fizera com o velho deus-rio.

*

Eles não diminuíram a velocidade até alcançar a crista da colina.

Piper sentia-se uma boba, mas não conseguiu se controlar e chorou várias vezes enquanto contava para Jason o que acontecera durante o tempo em que ele se debatera debaixo d'água.

— Piper, você não tinha escolha. — Ele pôs a mão no ombro dela. — Você salvou a minha vida.

Ela secou as lágrimas e tentou se controlar. O sol se aproximava do horizonte. Eles precisavam encontrar Hércules logo ou seus amigos morreriam.

— Aqueloo obrigou você a fazer isso — continuou Jason. — E duvido que aquele raio tenha matado o cara. Ele é um deus antigo, você teria que destruir o rio para destruí-lo. E ele pode viver sem o chifre. Se você precisou mentir sobre não o entregar a Hércules, bem...

— Eu não estava mentindo.

Jason a encarou.

— Pipes... não temos escolha. Hércules vai matar...

— Hércules não merece ficar com o chifre.

Piper não sabia de onde vinha aquela fúria, mas nunca estivera tão certa de algo em sua vida. Hércules era um idiota amargo e egoísta, machucara gente demais e queria continuar fazendo isso. Talvez tivesse passado por alguns maus bocados, talvez os deuses o tivessem maltratado, mas não era desculpa. Um herói não podia controlar os deuses, mas devia ser capaz de controlar a si mesmo.

Jason nunca seria assim. Ele nunca culparia outros por seus problemas ou permitiria que um ressentimento fosse mais importante que fazer a coisa certa.

Piper não repetiria a história de Dejanira. Não iria obedecê-lo só porque ele era bonito, forte e assustador. Dessa vez, ele não ia receber o que queria — não depois de ameaçar a vida deles e de mandá-los fazer Aqueloo sofrer ainda mais só para irritar Hera. Hércules não merecia uma cornucópia. Piper ia colocá-lo em seu devido lugar.

— Eu tenho um plano.

E explicou a Jason o que fazer. Ela só se deu conta de que estava usando o charme quando os olhos dele ficaram vidrados.

— Como você quiser — prometeu ele. Então piscou algumas vezes. — Nós vamos morrer, mas estou dentro.

*

Hércules aguardava exatamente no lugar em que o tinham deixado. Ele olhava

fixamente para o *Argo II*, ancorado entre as colunas, e o sol ia se pondo às suas costas. Parecia estar tudo bem com o navio, mas o plano de Piper começava a parecer insano até mesmo para ela.

Era tarde demais para voltar atrás. Ela já enviara uma mensagem de Íris para Leo. Jason estava preparado. E, ao rever Hércules, teve mais certeza do que nunca de que não podia lhe dar o que ele queria. O rosto do herói não chegou a se iluminar quando viu Piper com o chifre do touro, mas sua carranca suavizou.

— Muito bem — disse ele. — Vocês conseguiram. Sendo assim, estão livres para prosseguir.

Piper olhou para Jason.

— Você o ouviu. Ele nos deu permissão. — Ela voltou-se para o deus. — Isso significa que nosso navio pode entrar no Mediterrâneo?

— Sim, sim. — Hércules estalou os dedos. — Agora me dê o chifre.

— Não — disse Piper.

O deus franziu a testa.

— Como?

Ela ergueu a cornucópia. Desde que o havia decepado da cabeça de Aqueloo, o chifre se tornara oco, liso e escuro por dentro. Não parecia mágico, mas Piper contava com seu poder.

— Aqueloo tinha razão — falou ela. — Você é a maldição *dele* tanto quanto ele é a sua. Você é uma vergonha como herói.

Hércules a olhava como se a garota estivesse falando japonês.

— Você se dá conta de que posso matá-los com um simples peteleco? — disse ele. — Posso lançar minha clava no seu navio e cortar o casco ao meio. Posso...

— Você pode calar a boca — falou Jason. Ele sacou a espada. — Talvez Zeus *seja* mesmo diferente de Júpiter, porque eu não ia aturar um irmão agindo como você.

As veias no pescoço de Hércules ficaram tão roxas quanto sua túnica.

— Você não seria o primeiro semideus a morrer nas minhas mãos.

— Jason é melhor que você — disse Piper. — Mas não se preocupe. Não vamos lutar. Vamos embora desta ilha com o chifre. Você não merece este prêmio. Vou ficar com ele, para me lembrar de como *não* agir como semideusa e para me lembrar dos pobres Aqueloo e Dejanira.

As narinas do deus tremeram.

— *Não* mencione esse nome! Você não pode realmente estar pensando que eu esteja com medo do seu namorado franzino. Ninguém é mais forte que eu.

— Eu não disse que ele é mais forte — corrigiu Piper. — Disse que ele é *melhor*.

Piper apontou a abertura do chifre para Hércules e deu vazão ao

ressentimento, à dúvida e à raiva que vinha alimentando desde o Acampamento Júpiter. Concentrou-se em todos os bons momentos que havia partilhado com Jason Grace: voar sobre o Grand Canyon, caminhar pela praia no Acampamento Meio-Sangue, cantar e olhar as estrelas, de mãos dadas, sentar-se perto do campo de morangos nas tardes livres, ouvindo os sátiros tocarem flauta.

Ela pensou em um futuro com os gigantes derrotados, Gaia ainda dormindo e eles felizes para sempre — sem ciúmes e sem monstros a enfrentar. Encheu o coração com esses pensamentos e sentiu a cornucópia aquecer.

O chifre lançou uma enxurrada de comida tão poderosa quanto o rio de Aqueloo. Uma torrente de frutas frescas, assados e presuntos defumados enterraram Hércules completamente. Piper não compreendia como toda aquela comida podia passar pela abertura do chifre.

Depois de despejar guloseimas suficientes para encher uma casa, o chifre se desligou. Piper ouviu Hércules gritando e se debatendo debaixo de tudo aquilo. Aparentemente, mesmo o deus mais forte do mundo podia ser pego de surpresa quando enterrado sob produtos alimentícios frescos.

— Agora! — disse ela a Jason, que esquecera sua parte do plano e olhava, boquiaberto, a pilha de frutas. — Agora!

Ele agarrou a cintura de Piper e invocou o vento. Os dois saíram voando da ilha em tamanha velocidade que Piper quase caiu, mas a fuga foi na hora certa.

Quando a ilha começava a desaparecer de vista, a cabeça de Hércules surgiu acima do monte de comida. Metade de um coco cobria sua cabeça, como um capacete de guerra.

— Morram! — berrou ele como se tivesse muita prática em dizer isso.

Jason aterrissou no convés do *Argo II*. Felizmente, Leo fizera sua parte: os remos do navio já se encontravam no modo aéreo e a âncora tinha sido recolhida. Jason invocou uma ventania tão forte que os lançou para o céu enquanto Percy enviava uma onda de três metros para a praia, derrubando Hércules mais uma vez com uma cascata de água salgada e abacaxis.

Quando o deus se pôs de pé novamente e começou a arremessar cocos neles lá de baixo, o *Argo II* já navegava em meio às nuvens sobre o Mediterrâneo.

XXIX

PERCY

PERCY ESTAVA MEIO PARA BAIXO.

Já tinha sido bastante ruim ter que sair correndo de Atlanta por causa de deuses marinhos do mal. Em seguida, ele não conseguiu impedir um camarão gigante de atacar o *Argo II*. E depois, os ictiocentauros, irmãos de Quíron, nem quiseram conhecê-lo.

Depois de tudo isso, eles chegaram aos Pilares de Hércules e Percy foi obrigado a ficar no navio enquanto Jason, o Figurão, visitava o meio-irmão, o semideus mais famoso de todos os tempos. Percy também não pôde conhecê-lo.

Tudo bem que, pelo que Piper dissera depois, Hércules era um idiota, mas ainda assim... Percy estava ficando meio cansado de permanecer a bordo, andando de um lado para o outro do convés.

O mar aberto teoricamente era território *dele*. Percy deveria tomar a frente, assumir o controle e manter todos em segurança. Em vez disso, durante toda a travessia do Atlântico, ele não fizera praticamente nada, exceto ficar de conversa fiada com tubarões e ouvir o treinador Hedge cantando músicas de séries de tevê.

Para piorar, desde que saíram de Charleston Annabeth estava distante. Ela passava a maior parte do tempo em sua cabine, estudando o mapa de bronze que apanhara no Forte Sumter ou procurando informações no laptop de Dédalo.

Sempre que Percy ia até lá para ver a namorada, ela estava tão perdida em pensamentos que a conversa se desenrolava mais ou menos assim:

Percy: “Ei, como está indo?”

Annabeth: “Hã, não, obrigada.”

Percy: “Certo... você já comeu alguma coisa hoje?”

Annabeth: “Acho que Leo está de plantão. Pergunte a ele.”

Percy: “Então, meu cabelo está pegando fogo.”

Annabeth: “Tudo bem. Daqui a pouco.”

Ela ficava assim às vezes. Era um dos desafios de namorar uma filha de Atena. Ainda assim, Percy se perguntava o que precisava fazer para chamar a atenção dela. Estava preocupado com Annabeth depois do episódio com as aranhas no Forte Sumter e não sabia como ajudá-la, principalmente quando ela não conversava com ele.

Depois de deixar os Pilares de Hércules — ileso, exceto por alguns cocos alojados no revestimento de bronze do casco — o navio seguiu pelo ar por algumas centenas de quilômetros.

Percy tinha esperado que as terras antigas não fossem tão ruins quanto tinha ouvido falar, mas quase parecia um comercial: *Você vai ver a diferença!*

No intervalo de uma hora, o navio foi atacado várias vezes. Um bando de pássaros carnívoros da Estinfália surgiu do céu noturno e mergulhou contra eles, e Festus colocou fogo neles. Espíritos da tempestade rodopiaram em torno do mastro, e Jason os atacou com relâmpagos. Enquanto o treinador Hedge jantava no convés de proa, um pégaso selvagem surgiu do nada, pisoteou as *enchiladas* do treinador e foi embora, deixando pedaços de queijo por todo o convés.

— O que foi isso? — perguntou o treinador.

A visão do pégaso fez Percy desejar que Blackjack estivesse ali. Fazia dias que não via o amigo. Tempestade e Arion também não tinham aparecido. Talvez não quisessem se aventurar no Mediterrâneo. Se fosse o caso, Percy não podia culpá-los.

Finalmente, por volta da meia-noite, depois do nono ou décimo ataque aéreo, Jason voltou-se para ele:

— Que tal você dormir um pouco? Vou continuar derrubando coisas do céu enquanto puder. Depois seguimos um pouco por mar, e você assume a frente.

Percy não tinha muita certeza de que conseguiria dormir com o barco balançando em meio às nuvens como se estivesse sendo sacudido por espíritos do vento furiosos, mas a sugestão de Jason fazia sentido. Ele desceu a escada e desabou no beliche.

Seus pesadelos, é claro, foram tudo, menos sossegados.

*

Ele sonhou que estava em uma caverna escura. Só conseguia ver poucos metros à frente, mas o espaço parecia ser amplo. Água gotejava em algum lugar ali

perto, e o som ecoava nas paredes distantes. As correntes de ar que sopravam faziam Percy suspeitar que o teto da caverna era muito, muito alto.

Ele ouviu passos pesados, e os gigantes gêmeos, Efialtes e Oto, saíram da escuridão. Percy só conseguia distingui-los pelo cabelo: Efialtes tinha tranças verdes entremeadas com moedas de ouro e prata; Oto tinha o rabo de cavalo roxo, trançado com... aquilo eram fogos de artifício?

De resto, vestiam-se de maneira idêntica, e o traje deles decididamente tinha que ser um pesadelo. Usavam calças brancas e camisas de corsário douradas com um decote V que exibia um grande tufo de pelos no peito. Uma dúzia de punhais embainhados se alinhavam nos cintos cravejados de diamantes falsos. Suas sandálias eram abertas nos dedos, provando que — sim, de fato — eles tinham cobras no lugar dos pés. As tiras das sandálias se prendiam no pescoço das cobras, e as cabeças se enroscavam onde deviam ser os dedos. As cobras estalavam a língua, agitadas, e voltavam os olhos dourados em todas as direções, como cães olhando pela janela do carro. Talvez fizesse muito tempo que elas não ficavam em sapatos com vista.

Os gigantes pararam diante de Percy, mas não prestaram nenhuma atenção a ele. Em vez disso, olharam a escuridão acima.

— Estamos aqui — anunciou Efialtes.

Apesar de sua voz de trovão, as palavras se dissiparam na caverna, ecoando até soarem fracas e insignificantes. Lá do alto, alguma coisa respondeu:

— Sim, estou vendo. É difícil não notar essas roupas.

A voz fez o estômago de Percy se revirar. Soava vagamente feminina, mas nem um pouco humana. Cada palavra era um sibilo truncado e em muitos tons, como se um enxame de abelhas-africanas assassinas houvesse aprendido a falar em uníssono.

Não era Gaia, Percy tinha certeza disso. Mas, o que quer que fosse, deixou os gigantes gêmeos nervosos. Eles mudaram o peso de uma cobra para outra e balançaram a cabeça respeitosamente.

— É claro, Vossa Senhoria — disse Efialtes. — Trazemos notícias de...

— Por que estão vestidos assim?

A coisa na escuridão não parecia estar se aproximando, o que para Percy era bom. Efialtes lançou um olhar irritado ao irmão.

— Meu irmão deveria ter vestido algo diferente. Infelizmente...

— Você disse que *eu* era o atirador de facas hoje — protestou Oto.

— Eu disse que *eu* era o atirador de facas! Você deveria ser o mágico! Ah, me perdoe, Vossa Senhoria. Não está aqui para nos ouvir discutir. Viemos como pediu, para trazer notícias. O navio está se aproximando.

Sua Senhoria, o que quer que fosse, emitiu uma série de sibilos violentos,

como um pneu sendo repetidamente esfaqueado. Estremecendo, Percy percebeu que ela estava rindo.

— Quanto tempo? — perguntou ela.

— Devem atracar em Roma logo depois do nascer do dia, acho — falou Efialtes. — Naturalmente, vão ter que passar pelo garoto de ouro.

Ele fez uma careta de desprezo, como se não gostasse muito do *garoto de ouro*.

— Espero que cheguem em segurança — disse Sua Senhoria. — Estragaria nossa diversão tê-los capturados tão cedo. Seus preparativos estão prontos?

— Sim, Vossa Senhoria.

Oto deu um passo à frente, e a caverna tremeu. Uma rachadura surgiu sob a cobra esquerda de Oto.

— Cuidado, seu pateta! — rosnou Sua Senhoria. — Quer voltar para o Tártaro da maneira mais difícil?

Oto recuou depressa, o rosto tomado pelo terror. Percy percebeu que o chão, que parecia pedra sólida, era mais como a geleira em que ele andara no Alasca: em alguns pontos sólido, em outros... nem tanto. Ficou feliz por não pesar nada nos sonhos.

— Há pouco sustentando este lugar — advertiu Sua Senhoria. — Exceto, é claro, a minha habilidade. Séculos de fúria de Atena não são fáceis de conter, e a grande Mãe Terra se agita sob nós em seu sono. Entre essas duas forças, bem... meu ninho se desfez quase completamente. Temos que torcer para que essa filha de Atena prove ser uma vítima digna. Ela pode ser meu último brinquedo.

Efialtes engoliu em seco, com os olhos ainda na fenda no chão.

— Logo isso não vai ter mais importância, Vossa Senhoria. Gaia se erguerá, e todos nós seremos recompensados. Vossa Senhoria não terá mais que guardar este lugar ou manter suas atividades ocultas.

— Talvez — disse a voz na escuridão. — Mas vou sentir falta da minha doce vingança. Trabalhamos bem juntos ao longo desses séculos, não foi?

Os gêmeos fizeram uma reverência. As moedas cintilaram no cabelo de Efialtes, e Percy percebeu com nauseante certeza que algumas delas eram dracmas de prata, exatamente como a que Annabeth recebera da mãe.

Ela lhe dissera que a cada geração alguns filhos de Atena eram enviados em missão para recuperar a estátua desaparecida do Partenon. Nenhum jamais tivera êxito.

Trabalhamos bem juntos ao longo desses séculos...

O gigante Efialtes tinha um tesouro de séculos em moedas em suas tranças — centenas de troféus. Percy visualizou Annabeth naquele lugar escuro, sozinha. Imaginou o gigante pegando a moeda que ela carregava e acrescentando-a à sua

coleção. Percy queria sacar a espada e fazer um corte de cabelo no gigante, começando pelo pescoço, mas ele não tinha como agir. Só podia observar.

— Hum, Vossa Senhoria — disse Efialtes, nervoso. — Gostaria de lhe lembrar que Gaia quer que a garota seja capturada viva. Vossa Senhoria pode atormentá-la, enlouquecê-la, o que desejar, é claro. Mas o sangue dela deve ser derramado nas pedras antigas.

Sua Senhoria sibilou.

— Outros poderiam ser usados para esse fim.

— S-sim — falou Efialtes. — Mas *essa* garota é a preferida. E o garoto... o filho de Poseidon. Dá para ver por que aqueles dois são mais indicados para a tarefa.

Percy não sabia o que isso queria dizer, mas teve vontade de rachar o chão e mandar aqueles dois gêmeos estúpidos de camisa dourada para o esquecimento no fundo da Terra. Ele nunca deixaria Gaia derramar o sangue dele por nenhum motivo — e *de jeito nenhum* deixaria alguém machucar Annabeth.

— Vamos ver — resmungou Sua Senhoria. — Deixem-me agora. Cuidem de seus preparativos. Vocês terão seu espetáculo. E eu... eu vou trabalhar na escuridão.

O sonho desbotou, e Percy acordou com um sobressalto.

Jason batia em sua porta aberta.

— Estamos na água — disse ele, parecendo completamente exausto. — Sua vez.

*

Percy não queria, mas acordou Annabeth. Ele calculou que nem o treinador Hedge se importaria de eles conversarem após a hora de dormir já que o assunto eram informações que poderiam salvar sua vida.

Eles ficaram sozinhos no convés, exceto por Leo, que ainda manejava o leme. O cara devia estar destruído, mas se recusava a ir dormir.

— Não quero ter mais nenhuma surpresa do tipo Camarãozilla — insistiu.

Todos tinham tentado convencê-lo de que o ataque da escolopendra não fora inteiramente culpa sua, mas ele não acreditava. Percy sabia como ele se sentia. Não se perdoar pelos seus erros era um dos maiores talentos de Percy.

Eram mais ou menos quatro da manhã. O tempo estava horrível. A neblina era tão densa que Percy não conseguia ver Festus na extremidade da proa, e um chuvisco quente pairava no ar como uma cortina de contas. Enquanto atravessam

ondas de seis metros, o mar subindo e descendo abaixo deles, Percy podia ouvir a pobre Hazel em sua cabine... O estômago dela também subia e descia.

Apesar de tudo, Percy sentia-se grato por estar de volta à água. Preferia isso a voar em meio a nuvens de tempestade, sendo atacados por aves carnívoras e pégasos que destruíam as *enchiladas* dos outros.

Ele parou com Annabeth junto à amurada da proa enquanto lhe contava o sonho. Percy não sabia como ela receberia a notícia, mas a reação dela foi ainda mais perturbadora do que ele antecipara: Annabeth não pareceu surpresa. Ficou só fitando a neblina.

— Percy, você tem que me prometer uma coisa. Não conte nada aos outros sobre esse sonho.

— O quê? Annabeth...

— O que você viu está relacionado à Marca de Atena. Não vai ajudar os outros saberem disso. Só vai servir para deixá-los preocupados e tornar mais difícil que eu vá sozinha.

— Annabeth, você não pode estar falando sério. Aquela coisa na escuridão, a grande câmara com o piso desmoronando...

— Eu sei. — O rosto dela parecia anormalmente pálido, e Percy suspeitava que o motivo não era apenas a neblina. — Mas tenho que fazer isso sozinha.

Percy engoliu a raiva. Não sabia ao certo se estava zangado com Annabeth, com seu sonho ou com toda a sociedade greco-romana que havia permitido e dado forma à história humana durante cinco mil anos com um único objetivo em mente: tornar a vida de Percy Jackson a mais miserável possível.

— Você sabe o que tem naquela caverna — adivinhou ele. — Tem alguma coisa a ver com aranhas?

— Sim — confirmou ela, a voz fraca.

— Então como você pode sequestrar...?

Ele se obrigou a parar. Quando Annabeth tomava uma decisão, discutir não ajudava em nada. Lembrou-se da noite, três anos e meio antes, em que salvaram Nico e Bianca di Angelo no Maine. Annabeth fora capturada pelo titã Atlas. Durante algum tempo Percy não sabia se ela estava viva ou morta e atravessara o país para salvá-la do titã. Foram os dias mais difíceis de sua vida — não só pelos monstros e as lutas, mas pela preocupação.

Como ele poderia deixá-la sozinha *intencionalmente*, sabendo que ela ia em direção a algo ainda mais perigoso?

De repente ele compreendeu: o que sentira naqueles poucos dias era provavelmente o mesmo que Annabeth sentira durante os seis meses em que ele ficara desaparecido, com amnésia.

Aquilo o fez sentir-se culpado e um pouquinho egoísta por ficar ali discutindo

com ela. Annabeth *precisava* fazer essa missão. O destino do mundo talvez dependesse disso. Mas parte dele queria dizer: *esqueça o mundo*. Ele não queria ficar sem ela.

Percy fitou a neblina. Não podia ver nada ao redor, mas seu senso de orientação era perfeito no mar. Sabia exatamente a latitude e a longitude de onde se encontravam. Sabia a profundidade do oceano e em que sentido as correntes marítimas fluíam. Ele sabia a velocidade do navio, e não percebia nenhuma pedra, banco de areia nem outros perigos naturais em seu caminho. Ainda assim, estar cego era inquietante.

Eles não tinham sido atacados desde que tocaram a água, mas o mar parecia diferente. Percy estivera no Atlântico, no Pacífico e até no Golfo do Alasca, mas aquele mar parecia muito mais antigo e poderoso. Percy pressentia suas camadas se agitando abaixo dele. Cada herói grego ou romano havia navegado naquelas águas, de Hércules a Enéas. Monstros ainda habitavam as profundezas, tão envoltos na Névoa que dormiam a maior parte do tempo, mas Percy podia senti-los se remexendo, reagindo ao casco de bronze celestial de uma trirreme grega e à presença de sangue de semideus.

Eles estão de volta, os monstros pareciam dizer. *Finalmente, sangue fresco*.

— Não estamos longe da costa italiana — falou Percy, mais para quebrar o silêncio. — Talvez a cem milhas náuticas da foz do Tibre.

— Isso é bom — disse Annabeth. — Até o amanhecer devemos...

— Pare. — A pele de Percy de repente ficou gelada. — Temos que parar.

— Por quê? — perguntou Annabeth.

— Leo, pare! — gritou ele.

Tarde demais. O outro barco surgiu do meio da neblina e os atingiu de frente. Naquela fração de segundo, Percy registrou detalhes aleatórios: outra trirreme; velas negras pintadas com uma cabeça de górgona; guerreiros fortes, não exatamente humanos, aglomerados na proa do barco com armaduras gregas, com espadas e lanças preparadas; e um aríete de bronze, no nível da água, batendo no casco do *Argo II*.

Annabeth e Percy quase foram lançados por cima da amurada.

Festus cuspiu fogo, fazendo uma dúzia de guerreiros, muito surpresos, mergulharem aos gritos no mar. No entanto, uma quantidade ainda maior deles enxameou a bordo do *Argo II*. Cordas engancharam-se nas amuradas e no mastro, enterrando garras de ferro nas tábuas do casco.

Quando Percy se recuperou, o inimigo já estava por toda parte. Ele não enxergava bem em meio à neblina e à escuridão, mas os invasores eram como golfinhos que pareciam humanos ou homens que pareciam golfinhos. Alguns tinham focinho cinza. Outros seguravam a espada com nadadeiras atrofiadas.

Alguns gingavam em pernas parcialmente fundidas enquanto outros ainda tinham nadadeiras em vez de pés, o que fazia lembrar sapatos de palhaço.

Leo fez soar o alarme e disparou na direção da balista mais próxima, mas desapareceu sob uma pilha de guerreiros golfinhos barulhentos.

Annabeth e Percy ficaram ali, um de costas para o outro, como haviam feito muitas vezes antes, com as armas em punho. Percy tentou convocar as ondas, esperando poder separar os navios ou mesmo emborcar a embarcação inimiga, mas nada aconteceu. Era quase como se algo estivesse agindo contra sua vontade, arrancando o mar de seu controle.

Ele ergueu Contracorrente, pronto para lutar, mas estavam em uma desvantagem numérica insuperável. Várias dezenas de guerreiros baixaram suas lanças e fizeram um círculo em torno deles, mantendo-se sabiamente fora do alcance da espada de Percy. Os homens-golfinhos abriam a boca e emitiam assobios e estalos. Percy nunca havia pensado em quanto os dentes de um golfinho pareciam ferozes.

Ele tentou pensar. Talvez pudesse romper o cerco e destruir alguns invasores, mas não sem que ele e Annabeth fossem espetados pelos outros.

Pelo menos os guerreiros não pareciam interessados em matá-los imediatamente. Contiveram Percy e Annabeth enquanto outros invadiam o interior do navio e dominavam o resto da tripulação. Percy podia ouvi-los quebrando as portas das cabines, lutando com seus amigos. Mesmo que os outros semideuses não estivessem dormindo profundamente, não teriam tido chance contra tantos.

Leo foi arrastado pelo convés, semiconsciente e gemendo, e largado em uma pilha de cordas. Lá embaixo, os ruídos de luta diminuíram. Ou os outros haviam sido dominados ou... ou Percy se recusava a pensar na alternativa.

Em um dos lados do círculo de lanças, os golfinhos guerreiros se afastaram para deixar alguém passar. Parecia alguém totalmente humano, mas, pela forma como os golfinhos recuavam diante dele, era claramente o líder. Vestia uma armadura de combate grega — sandálias, túnica, grevas e um peitoral decorado com elaborados desenhos de monstros — completamente de ouro. Até sua espada, uma lâmina grega como Contracorrente, era de ouro e não de bronze.

O garoto de ouro, pensou Percy, lembrando-se de seu sonho. *Eles terão que passar pelo garoto de ouro.*

O que deixou Percy nervoso de verdade foi o capacete do cara. O visor era uma máscara completa, modelada como uma cabeça de górgona: presas curvas, feições horríveis franzidas em uma careta e cobras douradas como cabelo, enroscando-se em torno do rosto. Percy havia encontrado górgonas antes. A semelhança era grande — um pouco grande demais para seu gosto.

Annabeth virou-se, ficando ao lado de Percy. Ele queria abraçá-la em um gesto protetor, mas duvidava que ela fosse apreciar, e ele não queria dar a esse garoto de ouro nenhuma indicação de que Annabeth era sua namorada. Não havia sentido em dar ao inimigo mais vantagem do que ele já possuía.

— Quem é você? — perguntou Percy. — O que você quer?

O guerreiro de ouro deu uma risadinha. Com um breve movimento da espada, mais rápido que Percy pôde acompanhar, ele arrancou Contracorrente da mão do semideus e a mandou voando para o mar.

Daria no mesmo se ele tivesse arrancado os pulmões do garoto e os lançado ao mar, porque, de repente, Percy não conseguia respirar. Nunca fora desarmado tão facilmente.

— Olá, irmão. — A voz do garoto de ouro era profunda e aveludada, com um sotaque exótico, do Oriente Médio talvez, que parecia vagamente familiar. — É sempre um prazer roubar de um filho de Poseidon. Sou Crisaor, o Espada de Ouro. Quanto ao que eu quero... — Ele voltou sua máscara de metal para Annabeth. — Bem, isso é fácil. Quero tudo o que vocês têm.

XXX

PERCY

O CORAÇÃO DE **P** PERCY FAZIA polichinelo enquanto Crisaor andava de um lado para o outro, examinando-os como se faz com gado premiado. Uma dúzia de seus guerreiros homens-golfinhos permaneceu em um círculo em torno deles, as lanças apontadas para o peito de Percy, enquanto mais dezenas vasculhavam o navio, revirando e destruindo tudo sob o convés. Um carregava uma caixa de ambrosia escadas acima. Outro carregava nos braços muitos dardos de balistas e um caixote de fogo grego.

— Cuidado com isso! — advertiu Annabeth. — Vai explodir os dois navios.

— Ah! — disse Crisaor. — Sabemos tudo sobre fogo grego, garota. Não se preocupe. Há éons saqueamos e pilhamos navios no Mare Nostrum.

— Seu sotaque é familiar — observou Percy. — Já nos conhecemos?

— Não tive o prazer. — A máscara dourada de górgona de Crisaor rosnou para Percy, embora fosse impossível dizer qual seria sua verdadeira expressão ali debaixo. — Mas já ouvi tudo sobre você, Percy Jackson. Ah, sim, o jovem que salvou o Olimpo. E sua fiel assistente, Annabeth Chase.

— Não sou assistente de ninguém — grunhiu Annabeth. — E, Percy, o sotaque é familiar porque ele fala como a mãe dele. Nós a matamos em Nova Jersey.

Percy franziu a testa.

— Tenho certeza de que esse sotaque não é de Nova Jersey. Quem é a...? Ah.

Tudo se encaixou. O Empório de Anões de Jardim da Tia Eme, o covil da Medusa. Ela falava com aquele mesmo sotaque, pelo menos até Percy decepar sua cabeça.

— A *Medusa* é sua mãe? Cara, que coisa horrível para você.

A julgar pelo som que vinha da garganta de Crisaor, ele agora também rosnava

sob a máscara.

— Você é tão arrogante quanto o *primeiro* Perseu — afirmou Crisaor. — Mas, sim, Percy Jackson. Poseidon era meu pai, e Medusa, minha mãe. Depois que ela foi transformada em um monstro por aquela chamada de deusa da sabedoria... — A máscara dourada voltou-se para Annabeth. — Essa é a *sua* mãe, creio... Os dois filhos da Medusa ficaram aprisionados dentro dela, incapazes de nascer. Quando o Perseu original cortou a cabeça dela...

— Duas crianças saltaram lá de dentro — lembrou Annabeth. — Pégaso e você.

Percy piscou.

— Então seu irmão é um cavalo alado. Mas você também é meu meio-irmão, o que significa que todos os cavalos voadores do mundo são meus... Quer saber? Vamos deixar isso para lá.

Anos antes ele aprendera que era melhor não ficar pensando muito em quem tinha parentesco divino com quem. Depois que Tyson, o ciclope, o adotara como irmão, Percy decidira que aquele era o máximo que ele queria estender a família.

— Mas, se você é filho da Medusa — observou — por que nunca ouvi falar de você?

Crisaor suspirou, exasperado.

— Quando você tem Pégaso como irmão, acaba se acostumando a ser esquecido. Ah, olhe, um cavalo alado! Alguém presta atenção em mim? Não! — Ele ergueu a ponta da espada até os olhos de Percy. — Mas não me subestime. Meu nome significa Espada Dourada por uma razão.

— Ouro imperial? — arriscou Percy.

— Bah! Ouro *encantado*, sim. Mais tarde os romanos passaram a chamá-lo de ouro imperial, mas fui o primeiro a empunhar uma lâmina dessas. Eu devia ter sido o herói mais famoso de todos os tempos! Como os contadores de lenda decidiram me ignorar, eu me tornei um vilão. Resolvi fazer uso de minha herança. Como filho da Medusa, passei a inspirar terror. Como filho de Poseidon, a governar os mares!

— Você se tornou um pirata — resumiu Annabeth.

Crisaor abriu os braços, o que para Percy estava ótimo, pois afastava a ponta da espada de seus olhos.

— O *melhor* pirata — acrescentou Crisaor. — Navego nestas águas há séculos, atacando de surpresa quaisquer semideuses tolos o bastante para explorar o Mare Nostrum. Este é meu território agora. E tudo que vocês têm é meu.

Um dos guerreiros-golfinhos subiu arrastando o treinador Hedge.

— Me solte, seu atum! — berrou Hedge.

Ele tentava chutar o guerreiro, mas seu casco retinia na armadura. A julgar pelas marcas no formato de cascos na couraça e no capacete do golfinho, o treinador já havia feito várias tentativas.

— Ah, um sátiro — observou Crisaor. — Um pouco velho e fibroso, mas os ciclopes vão pagar bem por um petisco como ele. Acorrente-o.

— Não sou carne de bode para ninguém! — protestou Hedge.

— Amordace-o também — decidiu Crisaor.

— Ora, seu pedaço dourado de...

O insulto de Hedge foi interrompido quando o golfinho pôs-lhe um chumaço seboso de lona na boca. Logo o treinador foi amarrado como um bezerro de rodeio e jogado com o restante do saque: caixotes de comida, armas extras e até mesmo o cooler mágico do refeitório.

— Vocês não podem fazer isso! — gritou Annabeth.

A risada de Crisaor reverberou dentro da máscara dourada em seu rosto. Percy se perguntou se ele seria horivelmente desfigurado ou se seu olhar podia petrificar as pessoas, como o da sua mãe.

— Posso fazer tudo o que eu quiser — falou Crisaor. — Meus guerreiros foram treinados à perfeição. Eles são cruéis, impiedosos...

— Golfinhos — observou Percy.

Crisaor deu de ombros.

— Sim. E daí? Eles tiveram azar há alguns milênios, sequestraram a pessoa errada. Alguns de seus tripulantes foram *completamente* transformados em golfinhos. Outros ficaram malucos. Mas esses... esses sobreviveram como criaturas híbridas. Quando os encontrei no fundo do mar e lhes ofereci uma vida nova, tornaram-se meus leais tripulantes. Eles não temem nada!

Um dos guerreiros falou nervosamente com ele.

— Sim, sim — grunhiu Crisaor. — Eles temem *uma* coisa, mas isso não tem importância. Ele não está aqui.

Uma ideia começou a fazer cócegas na mente de Percy. Antes que ele pudesse pensar melhor no assunto, mais guerreiros-golfinhos subiram a escada, arrastando seus outros amigos. Jason estava inconsciente. A julgar pelas novas contusões em seu rosto, ele tentara lutar. Hazel e Piper tinham pés e mãos atados. Piper estava amordaçada, então aparentemente os golfinhos haviam descoberto que ela podia usar o charme nas palavras. Só faltava Frank, embora dois golfinhos estivessem com o rosto coberto de picadas de abelha.

Será que Frank podia de fato se transformar em um enxame de abelhas? Percy esperava que sim. Se ele estivesse livre em algum lugar a bordo do navio, isso poderia ser uma vantagem, supondo que Percy conseguisse descobrir como se comunicar com ele.

— Excelente! — regozijou-se Crisaor.

Ele orientou seus guerreiros a largarem Jason perto das bestas. Em seguida examinou as garotas como se fossem presentes de Natal, o que fez Percy ranger os dentes.

— O garoto não tem nenhuma utilidade para mim — afirmou Crisaor. — Mas temos um acordo com a feiticeira Circe. Ela vai comprar as mulheres... como escravas ou aprendizes, dependendo da habilidade de cada uma. Mas não você, adorável Annabeth.

Annabeth encolheu-se.

— Você *não* vai me levar a lugar nenhum.

A mão de Percy deslizou para o bolso. Sua caneta havia reaparecido na calça jeans. Ele só precisava de uma breve distração para sacar a espada. Talvez, se conseguisse derrubar Crisaor rapidamente, sua tripulação entrasse em pânico.

Percy desejou saber alguma coisa sobre as fraquezas de Crisaor. Em geral era Annabeth quem lhe dava informações desse tipo, mas aparentemente Crisaor não possuía *nenhuma* lenda, então ambos continuavam sem informações.

O guerreiro de ouro estalou a língua.

— Ah, infelizmente, Annabeth, você não ficará comigo. Eu adoraria. Mas você e seu amigo Percy estão reservados. Certa deusa está pagando uma recompensa alta por sua captura... vivos, se possível, embora ela não tenha especificado que deveriam estar ilesos.

Naquele momento, Piper causou a distração de que necessitavam. Ela começou a choramingar tão alto que podia ser ouvida através da mordaca. Em seguida, desmaiou sob o guarda mais próximo, derrubando-o. Hazel captou a ideia e caiu no convés, chutando e se debatendo como se estivesse tendo um ataque.

Percy sacou Contracorrente e atacou. A lâmina deveria ter atravessado o pescoço de Crisaor, mas o guerreiro de ouro era incrivelmente rápido. Ele desviou e se defendeu enquanto os guerreiros-golfinhos recuaram, guardando os outros cativos ao mesmo tempo em que davam espaço ao capitão para lutar. Eles tagarelavam e guinchavam, incentivando-o, e Percy começou a suspeitar que a tripulação estava acostumada àquele tipo de diversão. Eles não achavam que o líder corresse nenhum perigo.

Percy não havia cruzado espadas com um adversário como esse desde... bem, desde que lutara com o deus da guerra, Ares. Crisaor era *tão* bom quanto ele. Muitas habilidades de Percy haviam se aprimorado com o passar dos anos, mas agora, tarde demais, Percy se dava conta de que a esgrima não era uma delas.

Ele estava enferrujado — pelo menos contra um adversário como Crisaor.

Os dois lutavam, avançando e recuando, atacando e defendendo. Sem querer,

Percy ouvia a voz de Luke Castellan, seu primeiro mentor em esgrima no Acampamento Meio-Sangue, dando sugestões. Mas isso não o ajudou.

A máscara de ouro de górgona era enervante demais. A neblina quente, as tábuas escorregadias do convés, a tagarelice dos guerreiros: nada ajudava. E, olhando de esguelha, Percy viu um dos homens-golfinhos segurando uma faca junto à garganta de Annabeth, para o caso de ela tentar algum truque.

Ele fintou e atacou a barriga de Crisaor, mas o pirata antecipou o movimento e desarmou Percy novamente. Mais uma vez, Contracorrente voou em direção ao mar.

Crisaor ria com facilidade. Não estava sequer sem fôlego. Ele apertou a ponta da espada dourada no esterno de Percy.

— Boa tentativa — disse o pirata. — Mas agora vocês serão acorrentados e transportados para os servos de Gaia. Eles mal podem esperar para derramar seu sangue e acordar a deusa.

XXXI

PERCY

NADA COMO O FRACASSO TOTAL para gerar grandes ideias.

Enquanto Percy se encontrava ali, desarmado e derrotado, o plano foi se formando em sua cabeça. Estava tão acostumado a ter Annabeth informando-o sobre as lendas gregas que ficou meio atônito ao se lembrar de algo útil, mas *precisava* agir rápido. Não podia deixar que nada acontecesse a seus amigos. Ele não ia perder Annabeth — não de novo.

Crisaor não podia ser derrotado. Pelo menos não no combate mano a mano. Mas sem sua tripulação... talvez pudesse ser vencido se um número suficiente de semideuses o atacasse de uma só vez.

Como lidar com a tripulação de Crisaor? Percy juntou as peças: os piratas haviam sido transformados em homens-golfinhos milênios antes, quando haviam sequestrado a pessoa errada. Percy *conhecia* essa história. Diabos, a pessoa errada em questão havia ameaçado transformar o próprio *Percy* em um golfinho. E, quando Crisaor dissera que a tripulação não tinha medo de nada, um dos golfinhos, nervoso, o havia corrigido. *Sim*, Crisaor tinha dito. *Mas ele não está aqui.*

Percy olhou na direção da popa e avistou Frank, na forma humana, espiando de trás de uma balista, à espera. Percy resistiu ao impulso de sorrir. O grandalhão dizia ser desajeitado e inútil, mas parecia sempre estar exatamente no lugar certo quando Percy precisava dele.

As garotas... Frank... o cooler.

Era uma ideia louca. Mas, como de costume, era tudo que Percy tinha.

— Está bem! — gritou Percy, tão alto que atraiu a atenção de todos. — Podem nos levar se nosso capitão permitir.

Crisaor voltou a máscara dourada para ele.

— Que capitão? Meus homens vasculharam o navio. Não tem mais ninguém aqui.

Percy ergueu as mãos dramaticamente.

— O deus aparece apenas quando quer. Mas é o nosso líder. Ele dirige nosso acampamento de semideuses. Não é, Annabeth?

Annabeth foi rápida.

— Sim! — Ela balançou a cabeça com entusiasmo. — O sr. D! O grande Dioniso!

Uma onda de mal-estar percorreu os homens-golfinhos. Um deles deixou a espada cair.

— Fiquem firmes! — berrou Crisaor. — Não tem nenhum deus neste navio. Eles estão tentando assustar vocês.

— Vocês deviam mesmo ficar assustados! — Percy lançou um olhar solidário à tripulação de piratas. — Dioniso vai ficar muitíssimo irritado com vocês por retardarem nossa viagem. Ele punirá todos nós. Vocês não perceberam as garotas sucumbindo à loucura do deus do vinho?

Hazel e Piper haviam cessado os ataques de tremedeira. Estavam sentadas no convés, olhando para Percy, mas, quando ele as fitou incisivamente, elas começaram a fazer cena, tremendo e se debatendo como peixes. Os homens-golfinhos, atrapalhados, fugiram de seus prisioneiros.

— Mentirosos! — rugiu Crisaor. — Cale a boca, Percy Jackson. O diretor de seu acampamento não está aqui. Ele foi reconvocado ao Olimpo. Todo mundo sabe disso.

— Então você admite que Dioniso é nosso diretor! — disse Percy.

— Ele *era* — corrigiu Crisaor. — Todos sabem.

Percy gesticulou na direção do guerreiro dourado como se ele tivesse acabado de se trair.

— Estão vendo? Estamos condenados. Se não acreditam em mim, vamos olhar no cooler!

Percy correu para o cooler mágico. Ninguém tentou detê-lo. Ele abriu bruscamente a tampa e revirou o gelo. Tinha que haver uma. Por favor. Foi recompensado com uma lata de refrigerante prata e vermelha. Ele a brandiu na direção dos guerreiros-golfinhos, como se borrifasse repelente contra insetos em cima deles.

— Vejam! — gritou Percy. — A bebida escolhida pelo deus. Tremam diante do horror da Coca-cola diet!

Os homens-golfinhos entraram em pânico. Estavam prestes a bater em retirada. Percy podia sentir.

— O deus tomará seu navio — advertiu Percy. — Ele vai completar sua

transformação em golfinhos ou enlouquecê-los ou transformá-los em golfinhos loucos! Sua única esperança é fugir nadando agora, rápido!

— Ridículo!

A voz de Crisaor tornou-se estridente. Ele parecia não saber para onde apontar sua espada: na direção de Percy ou da própria tripulação.

— Salvem-se! — avisou Percy. — É tarde demais para nós!

Então ele arquejou e apontou para o ponto onde Frank estava escondido.

— Oh, não! Frank está se transformando em um golfinho louco!

Nada aconteceu.

— Eu *disse* — repetiu Percy — que Frank está se transformando em um golfinho louco!

Frank surgiu do nada, cambaleando, agarrando dramaticamente a garganta.

— Oh, não — disse ele, como se lesse em um teleprompter. — Estou me transformando em um golfinho louco.

Ele começou a mudar, seu nariz se alongando e assumindo o formato de um focinho, a pele tornando-se cinza e lisa. Então caiu no convés, na forma de golfinho, a cauda batendo nas tábuas do piso.

A tripulação de piratas debandou aterrorizada, gritando e emitindo cliques ao mesmo tempo em que largava as armas, esquecia os prisioneiros, ignorava as ordens de Crisaor e se lançava por cima da amurada. Na confusão, Annabeth correu para cortar as cordas que prendiam Hazel, Piper e o treinador Hedge.

Em questão de segundos, Crisaor estava sozinho e cercado. Percy e os amigos não tinham armas, exceto a faca de Annabeth e os cascos de Hedge, mas as expressões assassinas em seus rostos evidentemente convenceram o guerreiro de ouro de que ele estava liquidado.

Ele recuou até a extremidade da amurada.

— Isso ainda não acabou, Jackson — grunhiu Crisaor. — Eu vou me vingar...

Suas palavras foram interrompidas por Frank, que mais uma vez mudou de forma. Um urso-pardo de quatrocentos quilos pode decididamente encerrar uma conversa. Ele golpeou Crisaor de lado e com as garras arrancou a máscara de ouro do capacete. Crisaor gritou, cobrindo o rosto imediatamente com os braços, e tombou na água.

Eles correram para a amurada. Crisaor havia desaparecido. Percy pensou em persegui-lo, mas não conhecia aquelas águas e não queria confrontar o cara sozinho de novo.

— Isso foi brilhante!

Annabeth o beijou, e ele se sentiu um pouco melhor.

— Foi desespero — corrigiu-a Percy. — E precisamos nos livrar dessa trirreme pirata.

— Queimá-la? — perguntou Annabeth.
Percy olhou para a Coca diet em sua mão.
— Não. Tenho outra ideia.

*

Eles levaram mais tempo do que Percy pretendia. Enquanto se preparavam, ele observava o mar de tempos em tempos, na expectativa de que Crisaor e seus golfinhos-piratas voltassem, mas isso não aconteceu.

Leo logo se recuperou, graças a um pouco de néctar. Piper cuidou dos ferimentos de Jason, mas ele não estava tão machucado quanto parecia. Sentia era uma enorme vergonha por ter sido vencido outra vez, e Percy o entendia.

Eles colocaram todos os suprimentos nos respectivos lugares e arrumaram a bagunça da invasão enquanto o treinador Hedge se divertia no navio inimigo, quebrando com seu bastão de beisebol tudo o que encontrava.

Quando o treinador terminou, Percy devolveu as armas inimigas para o navio pirata. O depósito estava repleto de tesouros, mas Percy insistiu para que não tocassem em nada daquilo.

— Sinto que há seis milhões de dólares em ouro a bordo — falou Hazel. — Mais diamantes, rubis...

— Seis mi-milhões — gaguejou Frank. — Dólares canadenses ou americanos?

— Deixa para lá — disse Percy. — É parte do tributo.

— Tributo? — perguntou Hazel.

— Ah. — Piper assentiu. — Kansas.

Jason sorriu. Ele também estava lá quando encontraram o deus do vinho.

— Loucura. Mas eu gosto.

Por fim, Percy subiu a bordo do navio pirata e abriu as válvulas de inundação. Pediu a Leo que abrisse alguns buracos extras no fundo do casco com suas ferramentas poderosas, e o garoto atendeu ao pedido de bom grado.

A tripulação do *Argo II* reuniu-se na amurada e cortou os cabos que seguravam o navio. Piper apanhou sua cornucópia e, voltando-a para Percy, desejou Coca-cola diet, que jorrou com a força de uma mangueira de incêndio e inundou o convés inimigo. Percy pensou que aquilo levaria horas, mas o navio afundou incrivelmente rápido, enchendo-se com Coca-cola e água salgada.

— Dioniso — chamou Percy, levantando a máscara dourada de Crisaor. — Ou Baco, como quiser. Você tornou possível essa vitória, mesmo sem estar aqui.

Seus inimigos tremeram diante de seu nome... ou da Coca diet ou de qualquer outra coisa. Então, é, obrigado. — As palavras saíram com dificuldade, mas Percy conseguiu não engasgar: — Nós lhe oferecemos esse navio como um tributo. Esperamos que goste.

— Seis milhões em ouro — murmurou Leo. — É *melhor* que ele goste.

— Psiu — repreendeu Hazel. — Metais preciosos não são assim tão bons. Acredite em mim.

Percy lançou a máscara dourada na outra embarcação, que no momento afundava mais depressa, um líquido marrom efervescente jorrando das aberturas dos remos e borbulhando ao vazar do porão de carga, tornando o mar marrom e espumante.

Percy evocou uma onda, e o navio inimigo foi inundado. Leo conduziu o *Argo II* para longe enquanto a embarcação pirata desaparecia debaixo d'água.

— Isso não é poluir? — perguntou Piper.

— Eu não me preocuparia — respondeu Jason. — Se Baco gostar, o navio vai desaparecer.

Percy não sabia se isso ia acontecer, mas tinha a sensação de que fizera tudo o que podia. Ele não tinha nenhuma fé que Dioniso fosse ouvi-los ou se preocupar com eles, muito menos ajudá-los em sua batalha contra os gigantes gêmeos, mas precisava tentar.

Enquanto o *Argo II* seguia para leste em meio à neblina, Percy concluiu que pelo menos uma coisa boa havia resultado de sua luta de espadas contra Crisaor: ele estava se sentindo humilde — humilde o suficiente até para dedicar um tributo ao cara do vinho.

*

Após o ataque dos piratas, eles decidiram percorrer o restante do caminho até Roma voando. Jason insistiu que se sentia bem o suficiente para assumir a função de sentinela ao lado do treinador Hedge, que ainda estava tão dominado pela adrenalina que todas as vezes que havia uma turbulência ele brandia o bastão e gritava: “Morram!”

Eles ainda tinham algumas horas antes de o dia nascer, então Jason sugeriu que Percy tentasse dormir mais um pouco.

— Está tudo bem, cara — falou Jason. — Dê a outra pessoa a oportunidade de salvar o navio, está bem?

Percy concordou, embora ao chegar à cabine sentisse dificuldade em dormir.

Ele fitou a lanterna de bronze balançando do teto e ficou pensando na facilidade com que Crisaor o derrotara na esgrima. O guerreiro dourado poderia tê-lo matado sem nenhum esforço. Só mantivera Percy vivo porque alguém ia pagar pelo privilégio de matá-lo mais tarde.

Percy teve a sensação de que uma flecha havia penetrado por uma fenda em sua armadura — como se ele ainda tivesse a maldição de Aquiles e alguém houvesse encontrado seu ponto fraco. Quanto mais velho ele ficava, quanto mais sobrevivia como meio-sangue, mais seus amigos o respeitavam. Eles dependiam dele e confiavam em seus poderes. Até mesmo os romanos o haviam erguido em um escudo e feito dele o pretor mesmo conhecendo-o havia apenas poucas semanas.

Mas Percy não se *sentia* poderoso. Quanto mais feitos heroicos realizava, mais se dava conta de suas limitações. Ele se sentia uma fraude. *Não sou tão bom quanto vocês pensam*, ele queria advertir os amigos. Seus fracassos, como o daquela noite, pareciam provar isso. Talvez fosse esse o motivo de ele ter começado a ter fobia de asfixia. O problema não era tanto sufocar na terra ou no mar, mas a sensação de que estava afundando em expectativas demais, muito além do que era capaz.

Uau... quando começava a ter pensamentos assim, ele *sabia* que estava passando muito tempo com Annabeth.

Atena uma vez dissera a Percy qual era seu defeito mortal: ele era leal demais a seus amigos. Não conseguia ver o todo. Salvaria um amigo mesmo que isso destruísse o mundo.

Naquela ocasião, Percy dera de ombros. De que maneira a lealdade poderia ser ruim? Além disso, as coisas tinham funcionado bem contra os titãs. Ele havia salvado os amigos e derrotado Cronos.

Agora, porém, começava a se questionar. Ele se lançaria sobre qualquer monstro, deus ou gigante para evitar que seus amigos se machucassem. Mas e se não estivesse à altura da tarefa? E se *outra* pessoa tivesse que fazer isso? Era *muito* difícil para ele admitir tal ideia. Tinha dificuldade em encarar essa possibilidade até em situações simples, como deixar Jason assumir um turno de vigilância. Ele não queria confiar em outra pessoa para protegê-lo, alguém que pudesse se machucar por sua causa.

A mãe de Percy tinha feito isso por ele. Ela havia mantido um relacionamento ruim com um mortal asqueroso porque achava que assim deixaria Percy a salvo de monstros. Grover, seu melhor amigo, o protegera por quase um ano sem que Percy sequer soubesse que era um semideus, e Grover quase fora morto pelo Minotauro.

Percy não era mais criança. Não queria ninguém que amava se arriscando por

ele. Ele *tinha* que ser forte o bastante para ser o protetor. Mas agora esperavam que ele deixasse Annabeth seguir a Marca de Atena sozinha, mesmo sabendo que ela poderia morrer. Se tivesse que fazer uma escolha — salvar Annabeth ou permitir que a missão tivesse sucesso — será que Percy optaria pela missão?

A exaustão finalmente o venceu. Ele adormeceu, e em seu pesadelo o ronco do trovão transformou-se no riso da deusa da terra, Gaia.

Percy sonhou que estava parado na varanda diante da Casa Grande, no Acampamento Meio-Sangue. O rosto adormecido de Gaia surgiu na face da Colina Meio-Sangue: as feições imensas desenhadas pelas sombras na encosta com grama. Os lábios dela não se moviam, mas a voz ecoava por todo o vale.

Então esta é a sua casa, murmurou Gaia. *Dê uma última olhada, Percy Jackson. Você devia ter voltado para cá. Pelo menos assim poderia morrer com seus companheiros durante a invasão romana. Agora seu sangue será derramado longe de casa, sobre as pedras antigas, e eu me erguerei.*

O chão tremeu. No alto da Colina Meio-Sangue, o pinheiro de Thalia pegou fogo. O caos espalhou-se pelo vale — a grama virou areia, a floresta se desfez em pó. O rio e o lago de canoagem secaram. Os chalés e a Casa Grande viraram cinzas. Quando o tremor parou, o Acampamento Meio-Sangue parecia uma terra árida após uma explosão atômica. A única coisa que restou foi a varanda em que estava Percy.

Perto dele, a poeira agitou-se em um redemoinho e se solidificou na figura de uma mulher. Os olhos estavam fechados, como se ela fosse sonâmbula. Suas vestes eram verde-floresta, salpicadas de dourado e branco, como o sol atravessando os galhos. O cabelo era negro como terra fértil. O rosto era bonito, mas ela parecia fria e distante mesmo com um sorriso sonhador nos lábios. Percy teve a sensação de que se ela visse semideuses morrendo ou cidades queimando, aquele sorriso permaneceria imóvel.

— Quando eu retomar a terra — disse Gaia — deixarei este local estéril para sempre, para me lembrar de sua espécie e de sua absoluta impotência para me deter. Não importa *quando* você vai cair, meu doce peãozinho: se será diante de Fórcis, de Crisaor ou de meus queridos gêmeos. Você *vai* cair, e eu estarei lá para devorá-lo. Sua única escolha agora... você cairá sozinho? Venha para mim voluntariamente; traga a garota. Talvez eu poupe este lugar que você ama. Caso contrário...

Gaia abriu os olhos. Eles rodopiavam em verde e preto, tão profundos quanto a crosta da terra. Gaia via tudo. Sua paciência era infinita; o despertar, lento, mas, uma vez que tivesse se erguido, seu poder seria irrefreável.

A pele de Percy formigou. As mãos ficaram dormentes. Ele olhou para baixo e percebeu que estava se desintegrando, como todos os monstros que já derrotara.

— Divirta-se no Tártaro, meu peãozinho — ronronou Gaia.

Um *CLENG-CLENG-CLENG* metálico arrancou Percy do sonho. Os olhos dele se abriram de súbito. Ele percebeu que acabara de ouvir o trem de pouso sendo baixado.

Alguém bateu à porta, e Jason enfiou a cabeça na cabine. Os hematomas no rosto haviam desbotado. Os olhos azuis cintilavam de entusiasmo.

— Ei, cara — disse ele. — Estamos descendo em Roma. Você devia ver isso.

*

O céu era de um azul brilhante, como se o tempo jamais tivesse ficado ruim. O sol se erguia acima das colinas distantes, de modo que tudo abaixo deles reluzia e cintilava, como se toda a cidade de Roma tivesse acabado de sair do lava a jato.

Percy tinha visto cidades grandes antes. Afinal ele era de Nova York. Mas a absoluta vastidão de Roma tomou-o de assalto, tirando-lhe o fôlego. A cidade parecia não ter a menor consideração pelos limites geográficos. Ela se espalhava por colinas e vales, saltava sobre o Tibre com dezenas de pontes e continuava estendendo-se para o horizonte. Ruas e vielas ziguezagueavam ao acaso por uma colcha de retalhos de bairros. Prédios comerciais envidraçados erguiam-se ao lado de sítios arqueológicos. Uma catedral elevava-se ao lado de uma fileira de colunas romanas, que ficavam ao lado de um estádio moderno de futebol. Em alguns bairros, antigas *villas* de estuque com telhas vermelhas cobriam as ruas de pedra, de modo que, se Percy se concentrasse apenas naquelas áreas, podia imaginar que estava de volta aos tempos antigos. Para toda parte que olhava, havia amplas *piazas* e ruas de tráfego intenso. Parques cortavam a cidade com uma louca coleção de palmeiras, pinheiros, juníperos e oliveiras, como se Roma não pudesse decidir a qual parte do mundo pertencia — ou talvez ela acreditasse que o mundo todo ainda pertencia a *Roma*.

Era como se a cidade conhecesse o sonho de Percy com Gaia. Como se soubesse que a deusa da terra pretendia destruir toda a civilização humana, e aquela cidade, que resistiu por milhares de anos, respondesse: *Quer dissolver esta cidade, Cara Suja? Experimente só.*

Em outras palavras, era o equivalente ao treinador Hedge das cidades mortais — só que mais alta.

— Vamos pousar naquele parque — anunciou Leo, apontando para um amplo espaço verde pontilhado com palmeiras. — E torcer para que a Névoa nos faça

parecer um pombo grande ou algo assim.

Percy desejou que a irmã de Jason, Thalia, estivesse ali. Ela sempre dava um jeito de manipular a Névoa para que as pessoas vissem o que ela queria. Percy nunca fora muito bom nisso. Ele simplesmente ficou pensando “Não olhem para mim” e torceu para que os romanos lá embaixo não notassem a gigante trirreme de bronze descendo sobre sua cidade no meio da hora do rush matutino.

Pareceu funcionar. Percy não viu nenhum carro saindo da estrada nem romanos apontando para o céu e gritando: “Alienígenas!” O *Argo II* aterrissou no campo gramado e os remos se retraíram.

Ouvia-se o barulho do trânsito a toda volta deles, mas o parque propriamente dito estava tranquilo e deserto. À esquerda, um gramado verde alastrava-se na direção de um bosque. Uma *villa* antiga se aninhava na sombra de uns pinheiros de aparência estranha com troncos finos e sinuosos que subiam de dez a doze metros e então desabrochavam em copas frondosas. Elas faziam Percy se lembrar das árvores naqueles livros do dr. Seuss que sua mãe lia para ele quando era pequeno.

À direita, ao longo do topo de uma colina, via-se um longo muro de tijolos com lugares no topo para arqueiros — talvez uma linha defensiva medieval, talvez da Roma Antiga. Percy não sabia.

Ao norte, a quase dois metros dali, através das curvas da cidade, o topo do Coliseu se erguia acima dos telhados, exatamente como nas fotos de viagem. Foi quando as pernas de Percy começaram a tremer. Ele estava mesmo ali. Tinha pensado que a viagem para o Alasca fora bem exótica, mas agora estava no coração do antigo Império Romano, território inimigo para um semideus grego. De certa forma, aquele lugar moldara sua vida tanto quanto Nova York.

Jason apontou para a base do muro dos arqueiros, onde alguns degraus desciam até uma espécie de túnel.

— Acho que sei onde estamos — disse ele. — Aquela é a Tumba dos Cipiões. Percy franziu a testa.

— Cipião... O pégaso de Reyna?

— Não — interveio Annabeth. — Era uma família romana nobre e... Uau, este lugar é incrível.

Jason assentiu.

— Já estudei mapas de Roma. Sempre quis vir aqui, mas...

Ninguém se deu o trabalho de terminar a frase. Olhando para o rosto dos amigos, Percy podia ver que estavam tão admirados quanto ele. Tinham conseguido. Havia pousado em Roma — *a* Roma.

— Planos? — perguntou Hazel. — Nico tem até o pôr do sol... na melhor das hipóteses. E esta cidade inteira supostamente será destruída hoje.

Percy se obrigou a sair de seu deslumbramento.

— Você tem razão. Annabeth... você se concentrou naquele ponto de seu mapa de bronze?

Os olhos cinzentos dela adquiriram um tom extraescuro de tempestade, que Percy interpretou muito bem: *Lembre-se do que eu disse, amigo. Guarde aquele sonho para você.*

— Sim — disse ela, com cautela. — Fica no Rio Tibre. Acho que posso encontrá-lo, mas eu deveria...

— Me levar com você — concluiu Percy. — É, você está certa.

Annabeth fuzilou-o com os olhos.

— Isso não é...

— Seguro — completou ele. — Uma semideusa andando por Roma sozinha. Vou com você até o Tibre. Podemos usar aquela carta de apresentação, para o caso de termos sorte de encontrar o deus-rio Tiberino. Talvez ele possa dar alguma ajuda ou conselho. Então você pode seguir sozinha a partir de lá.

Eles travaram uma disputa silenciosa de olhares, mas Percy não recuou. Quando ele e Annabeth começaram a namorar, a mãe havia martelado em sua cabeça: *É sinal de boas maneiras acompanhar sua namorada até a porta.* Se isso era verdade, *tinha* que ser sinal de boas maneiras acompanhá-la até o começo da épica missão mortal solitária dela.

— Está bem — murmurou Annabeth. — Hazel, agora que estamos em Roma, você acha que consegue descobrir a localização de Nico?

Hazel piscou, como se sáísse de um transe em que entrara ao assistir ao *Percy/Annabeth Show*.

— Hã... espero que sim, se eu chegar perto o bastante. Vou ter que andar pela cidade. Frank, você viria comigo?

Frank ficou radiante.

— Claro.

— E, hã... Leo — acrescentou Hazel. — Talvez seja uma boa ideia você vir também. Os peixes-centauros disseram que teríamos dificuldades técnicas.

— Sim — disse Leo — sem problemas.

O sorriso de Frank se transformou em algo parecido com a máscara de Crisaor.

Percy não era nenhum gênio quando o assunto era relacionamentos, mas até ele podia sentir a tensão entre aqueles três. Desde que haviam sido jogados no Atlântico, não estavam mais agindo da mesma maneira. Não eram mais dois caras competindo por Hazel. Era como se os três estivessem presos juntos, encenando uma espécie de suspense de assassinato, mas ainda não tivessem descoberto qual deles era a vítima.

Piper pegou sua adaga e a colocou na amurada.

— Jason e eu podemos vigiar o navio por ora. Vou ver o que Katoptris pode me mostrar. Mas, Hazel, se descobrirem a localização de Nico, não vão sozinhos. Voltem para nos buscar. Todos nós seremos necessários na luta contra os gigantes.

Ela não disse o óbvio: nem mesmo todos eles seriam suficientes, a menos que tivessem um deus do lado deles. Percy preferiu não mencionar esse detalhe.

— Boa ideia — disse Percy. — Que tal nos encontrarmos aqui às...?

— Três da tarde? — sugeriu Jason. — Isso provavelmente é o mais tarde que poderíamos nos encontrar ainda com esperança de lutar contra os gigantes e salvar Nico. Se algum desses planos mudar, tentem enviar uma mensagem de Íris.

Os outros assentiram, concordando, mas Percy percebeu que vários olhavam para Annabeth. Outra coisa que ninguém queria dizer: Annabeth teria uma programação diferente. Ela poderia estar de volta às três ou bem mais tarde ou nunca. Mas estaria sozinha, procurando a Atena Partenos.

O treinador Hedge resmungou.

— Isso vai me dar tempo para comer os cocos... quer dizer, tirar os cocos do casco. Percy, Annabeth... não gosto de vocês dois saindo sozinhos. Lembrem-se de uma coisa: *comportem-se*. Se eu ouvir falar de alguma gracinha, vou deixá-los de castigo até o Estige congelar.

A ideia de ficar de castigo quando estavam prestes a arriscar suas vidas era tão ridícula que Percy não conteve um sorriso.

— Voltaremos logo — prometeu ele e olhou os amigos à volta, tentando não achar que aquela era a última vez que se reuniam. — Boa sorte a todos.

Leo baixou a prancha de desembarque, e Percy e Annabeth foram os primeiros a deixar o navio.

XXXII

PERCY

EM OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS, PERAMBULAR POR Roma com Annabeth teria sido incrível. Eles andavam de mãos dadas pelas ruas sinuosas, desviando-se de carros e pilotos de Vespa enlouquecidos, espremendo-se entre multidões de turistas e abrindo caminho através de um mar de pombos. O dia tinha esquentado rapidamente. Assim que deixaram para trás a fumaça dos automóveis nas ruas principais, o ar passou a ter cheiro de pão assando e flores recém-colhidas.

Eles seguiram para o Coliseu porque aquele era um ponto de referência conhecido, mas chegar lá mostrou-se mais difícil do que Percy imaginara. Por maior e mais confusa que a cidade parecesse do céu, ela era ainda pior do chão. Várias vezes eles foram parar em ruas sem saída e acabaram encontrando lindas fontes e monumentos imensos por acaso.

Annabeth fazia comentários sobre a arquitetura, mas Percy prestava atenção em outras coisas. Em uma ocasião ele avistou um fantasma roxo-fosforescente — um Lar — observando-os pela janela de um apartamento. Em outra, viu uma mulher de túnica branca — talvez uma ninfa ou deusa — empunhando uma faca de aspecto sinistro, caminhando sorrateiramente entre colunas antigas em um parque. Nada os atacou, mas Percy tinha a sensação de que estavam sendo vigiados, e que os vigias não eram nada amistosos.

Finalmente chegaram ao Coliseu, onde uma dúzia de sujeitos em fantasias baratas de gladiador brigava com a polícia — espadas de plástico *versus* cassetetes. Percy não sabia do que se tratava, mas ele e Annabeth resolveram continuar andando. Às vezes os mortais eram ainda mais estranhos que os monstros.

Seguiram para o oeste, parando de vez em quando para pedir informação de como chegar ao rio. Percy não havia lembrado — dã — que as pessoas na Itália

falavam italiano, e ele não. Mas aquilo acabou não sendo um problema. As poucas vezes em que alguém se aproximou deles para perguntar alguma coisa, bastava Percy lhes dirigir um olhar confuso que eles passavam a falar inglês.

Outra descoberta: os italianos usavam euros, e Percy não tinha nenhum. Ele lamentou o fato assim que passaram por uma loja de lembranças para turistas que vendia refrigerante. Àquela altura, era quase meio-dia, estava ficando quente de verdade, e Percy começava a sonhar com uma trirreme cheia de Coca-cola diet.

Annabeth resolveu o problema. Ela vasculhou a mochila, tirou o laptop de Dédalo e digitou alguns comandos. Um cartão de plástico foi ejetado por uma abertura na lateral do computador. A garota o agitou no ar, triunfante:

— Cartão de crédito internacional. Para emergências.

Percy a olhou, impressionado.

— Como você...? Não. Deixa para lá. Não quero saber. Só continue sendo incrível.

Os refrigerantes ajudaram, mas eles ainda estavam com calor e cansados quando chegaram ao Rio Tibre. Suas margens eram pavimentadas, e uma grande aglomeração de armazéns, prédios, lojas e cafés se espalhava ao longo de seu curso.

O Tibre era largo, calmo e lamacento. Altos ciprestes pendiam sobre as margens. A ponte mais próxima parecia nova, feita de vigas de ferro, mas bem próxima a ela erguia-se uma série de arcos de pedra antigos que cessava no meio do rio — ruínas que talvez datassem dos tempos dos Césares.

— É aqui. — Annabeth apontou para a velha ponte de pedra. — Reconheço do mapa. Mas o que nós vamos fazer agora?

Percy ficou feliz por ela ter dito *nós*. Ele não queria deixá-la ainda. Na verdade, não tinha certeza de que poderia fazer isso quando chegasse a hora. Percy lembrou-se das palavras de Gaia: *Você cairá sozinho?*

Ele olhou para o rio, perguntando-se como poderiam contatar o deus Tiberino. Não queria mergulhar. O Tibre não parecia muito mais limpo que o Rio East em Nova York, onde já tivera muitos encontros com espíritos do rio rabugentos.

Ele apontou para um café ali perto que tinha vista para o Tibre.

— Está na hora do almoço. Que tal usarmos seu cartão de crédito de novo?

Embora fosse meio-dia, o lugar estava vazio. Eles escolheram uma mesa na calçada, e um garçom aproximou-se na mesma hora. Pareceu um pouco surpreso ao vê-los, principalmente quando disseram que iam almoçar.

— Americanos? — perguntou ele, com um sorriso sofrido.

— Sim — disse Annabeth.

— Eu gostaria de uma pizza — pediu Percy.

A expressão do garçom era a de alguém que estivesse tentando engolir uma moeda de euro.

— É claro que gostaria, *signor*. E deixe-me adivinhar: uma Coca-cola? Com gelo?

— Exatamente — falou Percy.

Ele não entendia por que o homem o olhava com a cara tão azeda. Percy nem pedira uma Coca *azul*.

Annabeth pediu um *panini* e água com gás. Depois que o garçom se afastou, ela sorriu para Percy.

— Acho que os italianos comem bem mais tarde e não põem gelo na bebida. E só fazem pizza para os turistas.

— Ah. — Percy deu de ombros. — A melhor comida italiana, e eles não a comem?

— Eu não diria isso na frente do garçom.

Eles se deram as mãos por cima da mesa. Percy estava feliz só de olhar Annabeth sob a luz do sol. O cabelo dela sempre ficava mais brilhante e aquecido assim. Seus olhos adquiriam as cores do céu e das pedras do calçamento, alternando entre o castanho e o azul.

Ele cogitou contar a Annabeth seu sonho em que Gaia destruía o Acampamento Meio-Sangue. Mas optou por não dizer nada. Ela não precisava de mais motivos para se preocupar — não com o que tinha pela frente.

Mas aquilo o fez pensar... O que teria acontecido se não houvessem espantado os piratas de Crisaor? Percy e Annabeth teriam sido acorrentados e levados para os capangas de Gaia. O sangue deles seria derramado em pedras antigas. Percy imaginou que aquilo significava que eles seriam levados até a Grécia para algum grande e horrível ritual de sacrifício. Mas Annabeth e ele já haviam passado por muitas situações complicadas. Eles poderiam ter elaborado um plano de fuga, salvado o dia... e Annabeth não estaria enfrentando sua missão solitária em Roma.

Não importa quando você vai cair, dissera Gaia.

Percy sabia que era um desejo horrível, mas quase lamentava não terem sido capturados no mar. Pelo menos eles estariam juntos.

— Você não devia sentir vergonha — falou Annabeth. — Está pensando em Crisaor, não está? Espadas não podem resolver todos os problemas. Você nos salvou no fim.

A contragosto, Percy sorriu.

— Como você *faz* isso? Sempre sabe o que estou pensando.

— Eu conheço você.

E gosta de mim mesmo assim?, Percy queria perguntar, mas se conteve.

— Percy — disse Annabeth — você não pode carregar o peso dessa missão sozinho. É impossível. É por isso que somos sete. E você terá que me deixar procurar a Atena Partenos sozinha.

— Senti sua falta — confessou ele. — Durante meses. Um grande pedaço de nossas vidas nos foi tirado. Se eu perder você de novo...

O almoço chegou. O garçom parecia muito mais calmo. Tendo aceitado o fato de que eles eram americanos ignorantes, o homem aparentemente decidira perdôá-los e tratá-los com educação.

— É uma linda vista — falou, gesticulando com a cabeça na direção do rio. — Aproveitem.

Assim que ele se foi, eles comeram em silêncio. A pizza era um quadrado massudo, sem gosto e com pouco queijo. Talvez, pensou Percy, fosse por isso que os romanos não a comessem. Pobres romanos.

— Você vai ter que confiar em mim — disse Annabeth. Percy quase pensou que ela estivesse falando com o sanduíche, porque não o olhava nos olhos. — Tem que acreditar que eu vou voltar.

Ele engoliu outro pedaço de pizza.

— Eu acredito em você. Não é esse o problema. Mas voltar de *onde*?

O ruído de uma Vespa os interrompeu. Percy olhou ao longo da margem do Tibre e ficou surpreso. A *scooter* era de um modelo antigo: grande e azul-bebê. O piloto era um cara com um terno de seda cinza. Na garupa sentava-se uma jovem com os cabelos envoltos por um lenço, as mãos em torno da cintura do homem. Eles ziguezaguearam entre as mesas na calçada e pararam perto de Percy e Annabeth.

— Olá — cumprimentou o homem.

Tinha uma voz grave, quase rouca, como a de um ator de cinema. O cabelo era curto e penteado para trás com gel, deixando à mostra o rosto forte. Ele era bonito como um ator de comercial de margarina dos anos cinquenta. Até suas roupas pareciam antiquadas. Quando ele desmontou da moto, deu para ver que usava calça de cintura alta, mas de alguma forma ele ainda conseguia parecer másculo e elegante, não completamente ridículo. Percy teve dificuldade em calcular sua idade — talvez trinta e poucos, embora a aparência e os modos do homem parecessem típicos de um avô.

A mulher desceu da moto.

— Tivemos uma manhã *adorável* — disse ela, sem fôlego.

Parecia ter vinte e um anos e também se vestia de modo antiquado. A saia amarela na altura da canela e a blusa branca eram unidas por um largo cinto de couro, dando a ela a cintura mais fina que Percy já vira. Quando tirou o lenço, nem um fio de seu cabelo preto, curto e ondulado estava fora do lugar. Seus

olhos eram escuros e brincalhões, e o sorriso, radiante. Percy tinha visto náiades que se pareciam menos com uma fada que essa jovem.

Annabeth deixou seu sanduíche cair.

— Ah, deuses. Como... como...?

Ela parecia tão atônita que Percy deduziu que devia conhecer esses dois.

— Vocês parecem *mesmo* familiares — concluiu ele. Pensou que talvez tivesse visto seus rostos na tevê. Pareciam ser de um programa antigo, mas não poderiam ser. Não haviam envelhecido nada. Ainda assim, ele apontou para o homem e arriscou um palpite. — Você é aquele cara de *Mad Men*?

— Percy! — Annabeth parecia horrorizada.

— O que foi? Eu não assisto muito à tevê.

— Este é Gregory Peck! — Os olhos de Annabeth estavam arregalados, e a boca, escancarada. — E... ah, *deuses*! Audrey Hepburn! Eu *conheço* esse filme. *A princesa e o plebeu*. Mas ele é da década de cinquenta. Como...?

— Ah, minha querida! — A mulher rodopiou como um espírito do ar e sentou-se à mesa deles. — Receio que estejam me confundindo com outra pessoa! Meu nome é Reia Sílvia. Fui a mãe de Rômulo e Remo, *milhares* de anos atrás. Mas vocês são tão gentis em pensar que pareço tão jovem quanto alguém dos anos cinquenta. E este é meu marido...

— Tiberino — disse Gregory Peck, estendendo a mão para Percy de modo bem viril. — Deus do Rio Tibre.

Percy apertou a mão dele. O cara cheirava a loção pós-barba. É claro que, se Percy fosse o Rio Tibre, provavelmente também ia querer mascarar o cheiro com colônia.

— Hã, oi — disse Percy. — Vocês dois sempre parecem com astros do cinema americano?

— Parecemos? — Tiberino franziu a testa e examinou as próprias roupas. — Não sei, para falar a verdade. A migração da civilização ocidental é uma via de mão dupla, sabem? Roma influenciou o mundo, mas o mundo também influencia Roma. Parece, *de fato*, haver muito da cultura americana por aqui ultimamente. Tenho ficado um pouco perdido ao longo dos séculos.

— O.k. — falou Percy. — Mas... vocês estão aqui para nos ajudar?

— Minhas náiades me disseram que vocês dois estavam aqui. — Tiberino dirigiu os olhos escuros para Annabeth. — Você tem o mapa, minha querida? E sua carta de apresentação?

— Hã...

Annabeth entregou a ele a carta e o disco de bronze. Ela olhava para o deus do rio com tanta atenção que Percy começou a sentir ciúme.

— E-então... — gaguejou ela — você ajudou outros filhos de Atena nessa

busca?

— Ah, minha querida! — A bela Reia Sílvia pôs a mão no ombro de Annabeth. — Tiberino é *sempre* muito prestativo. Ele salvou meus filhos, Rômulo e Remo, e os levou para a deusa-loba Lupa. Mais tarde, quando aquele velho rei Numitor tentou me matar, Tiberino se apiedou de mim e me fez sua esposa. Venho governando o reino do rio ao lado dele desde então. Ele é simplesmente maravilhoso!

— Obrigado, minha querida — disse Tiberino com um meio-sorriso. — E, sim, Annabeth Chase, ajudei muitos de seus irmãos... pelo menos a começar a jornada em segurança. Uma pena que depois todos eles tenham morrido de forma dolorosa. Bem, seus documentos parecem em ordem. É melhor irmos logo. A Marca de Atena espera!

Percy apertou a mão de Annabeth — provavelmente um pouquinho demais.

— Tiberino, deixe-me ir com ela. Só mais um pouco.

Reia Sílvia riu docemente.

— Mas você não pode, bobinho. Você precisa voltar para o navio e juntar-se aos seus outros amigos. Enfrentar os gigantes! O caminho vai aparecer na adaga de sua amiga Piper. Annabeth tem um caminho diferente. Ela deve segui-lo sozinha.

— De fato — concordou Tiberino. — Annabeth deve enfrentar sozinha a guardiã do santuário. É a única maneira. E, Percy Jackson, você tem menos tempo do que imagina para resgatar seu amigo no jarro. Precisa se apressar.

A pizza parecia um bloco de cimento no estômago de Percy.

— Mas...

— Está tudo bem, Percy. — Annabeth apertou sua mão. — Preciso fazer isso.

Ele começou a protestar, mas algo no rosto de Annabeth o deteve. Ela estava apavorada, no entanto fazia o possível para esconder isso pelo bem dele. Se tentasse discutir, Percy só dificultaria as coisas para ela. Ou pior: talvez a convencesse a ficar. Então ela teria que viver sabendo que havia recuado diante de seu maior desafio... supondo-se que eles sobrevivessem, é claro, com Roma prestes a ser arrasada e Gaia prestes a se erguer e destruir o mundo. A estátua de Atena guardava a chave para derrotar os gigantes. Percy não sabia por que ou como, mas Annabeth era a única que podia encontrá-la.

— Você está certa — disse ele, forçando as palavras a saírem. — Fique em segurança.

Reia Sílvia deu uma risadinha, como se aquele comentário fosse ridículo.

— Segurança? Não mesmo! Mas é necessário. Venha, Annabeth, querida. Vamos lhe mostrar onde seu caminho começa. Depois disso, você estará por conta própria.

Annabeth beijou Percy. Ela hesitou, como quisesse dizer mais alguma coisa. Então colocou a mochila e subiu na garupa da *scooter*.

Percy odiou aquilo. Teria preferido enfrentar qualquer monstro no mundo. Ou então uma revanche com Crisaor. Mas forçou-se a permanecer em sua cadeira e observar Annabeth cruzar as ruas de Roma em uma Vespa com Gregory Peck e Audrey Hepburn.

XXXIII

ANNABETH

ANNABETH PENSOU QUE PODERIA TER sido pior. Se precisava partir em uma apavorante missão solitária, pelo menos pudera primeiro almoçar com Percy às margens do Tibre. Agora pegava uma carona com Gregory Peck na garupa de uma Vespa.

Ela só conhecia aquele filme antigo por causa do pai. Nos últimos anos, desde que haviam feito as pazes, eles tinham passado mais tempo juntos, e ela descobrira que o pai tinha um lado sentimental. Claro, ele gostava de história militar, armas e biplanos, mas também adorava filmes antigos, especialmente comédias românticas das décadas de quarenta e cinquenta. *A princesa e o plebeu* era um de seus favoritos, e ele fizera Annabeth assistir.

Ela achou a trama boba — uma princesa escapa de seus guardiões e se apaixona por um jornalista americano em Roma — mas suspeitava que o pai gostava daquele filme porque o fazia se lembrar de seu próprio romance com a deusa Atena: outro casal impossível que não podia ter um final feliz. Seu pai não era nada parecido com Gregory Peck. E Atena certamente não tinha nada de Audrey Hepburn. Mas Annabeth sabia que as pessoas viam o que queriam. Elas não precisavam da Névoa para confundir seus sentidos.

Enquanto a Vespa azul-bebê zunia pelas ruas de Roma, Reia Sílvia não parava de falar sobre como a cidade havia mudado ao longo dos séculos.

— A Ponte Sublícia ficava ali — falou a deusa, apontando para uma curva no Tibre. — Foi onde Horácio e seus dois amigos defenderam a cidade de um exército invasor, sabia? Bem, *aquele* era um romano de coragem!

— E olhe, querida — acrescentou Tiberino — aquele foi o local em que Rômulo e Remo chegaram à margem.

Ele parecia estar se referindo a um ponto na beira do rio onde alguns patos faziam um ninho com sacolas plásticas rasgadas e papéis de balas.

— Ah, sim. — Reia Sílvia suspirou, feliz. — Você foi tão generoso em transbordar e lançar meus bebês na margem para que os lobos os encontrassem.

— Não foi nada — disse Tiberino.

Annabeth sentiu-se tonta. O deus-rio estava falando sobre algo que acontecera milhares de anos atrás, quando essa área não possuía nada além de pântanos e talvez algumas cabanas. Tiberino salvou dois bebês, um dos quais acabou fundando o maior império do mundo. *Não foi nada.*

Reia Sílvia apontou para um edifício grande e moderno.

— Ali costumava ser um templo dedicado a Vênus. Depois foi uma igreja. Em seguida, um palácio. Então um prédio, que pegou fogo três vezes. Agora construíram outro prédio. E logo ali adiante...

— Por favor — falou Annabeth. — Vocês estão me deixando tonta.

Reia Sílvia riu.

— Desculpe, querida. Há camadas e mais camadas de história aqui, mas nada comparado à Grécia. Atenas já era antiga quando Roma não passava de umas poucas cabanas de barro. Você verá se sobreviver.

— Não está ajudando — murmurou Annabeth.

— Aqui estamos — anunciou Tiberino.

Ele parou na frente de uma grande construção de mármore, a fachada bonita apesar de suja. Entalhes de deuses romanos decoravam o friso. A imensa entrada estava obstruída por portões de ferro, que eram protegidos por muitos cadeados.

— Vou entrar aí?

Annabeth desejou ter trazido Leo ou pelo menos pegado emprestado alguns alicates de seu cinto de ferramentas.

Reia Sílvia cobriu a boca e soltou uma risadinha.

— Não, minha querida. *Aí, não. Debaixo.*

Tiberino apontou para uma série de degraus na lateral da construção — o tipo que levaria a um apartamento no subsolo se estivessem em Manhattan.

— Roma é caótica na superfície, mas nada se compara ao que tem *embaixo*. Você deve descer à cidade soterrada, Annabeth Chase. Encontre o altar do deus estrangeiro. Os fracassos de seus predecessores vão guiá-la. Depois disso... não sei.

A mochila pareceu pesada nos ombros de Annabeth. Fazia dias que ela vinha estudando o mapa de bronze e vasculhando o laptop de Dédalo em busca de informações. Infelizmente, as poucas coisas que descobrira faziam essa busca parecer ainda mais impossível.

— Meus irmãos... nenhum deles conseguiu chegar ao santuário, não é?

Tiberino balançou a cabeça.

— Mas você sabe qual prêmio a aguarda, se conseguir libertá-lo.

— Sim — respondeu Annabeth.

— Pode promover a paz entre os filhos da Grécia e de Roma — frizou Reia Sílvia. — Pode mudar o curso da guerra iminente.

— Se eu sobreviver — observou Annabeth.

Tiberino assentiu, triste.

— Você também sabe quem é a guardiã que precisa enfrentar, não é?

Annabeth lembrou-se das aranhas no Forte Sumter e do sonho de Percy — a voz sibilante no escuro.

— Sim.

Reia Sílvia olhou para o marido.

— Ela é corajosa. Talvez seja mais forte que os outros.

— Espero que sim — disse o deus-rio. — Até logo, Annabeth Chase. E boa sorte.

Reia Sílvia dirigiu-lhe um sorriso radiante.

— Programamos uma tarde deliciosa! Vamos às compras!

Gregory Peck e Audrey Hepburn partiram em sua Vespa azul-bebê. Então Annabeth virou-se e desceu a escada sozinha.

*

Ela já estivera no subterrâneo muitas vezes.

No entanto, no meio da descida, deu-se conta de quanto tempo fazia desde que se aventurara sozinha pela última vez. Ficou paralisada.

Deuses... ela não fazia nada assim desde que era uma *garotinha*. Após fugir de casa, Annabeth passara algumas semanas sozinha, dormindo em becos e escondendo-se de monstros, até que Thalia e Luke a encontraram. Mais tarde, quando chegou ao Acampamento Meio-Sangue, morara ali até os doze anos. Depois, todas as suas missões foram com Percy ou seus outros amigos.

Na última vez em que se sentira com medo e sozinha, Annabeth tinha sete anos. Lembrou-se do dia em que Thalia, Luke e ela entraram em um covil de ciclopes no Brooklyn. Thalia e Luke haviam sido capturados, e Annabeth precisava libertá-los. Ela ainda lembrava que se escondera, tremendo, em um canto escuro da mansão em ruínas, ouvindo os ciclopes imitarem as vozes de seus amigos, tentando enganá-la e fazê-la sair de seu esconderijo.

E se isso também fosse um truque?, ela se perguntou. E se aqueles outros filhos de Atena morreram porque Tiberino e Reia Sílvia os levaram até uma armadilha? Será que Gregory Peck e Audrey Hepburn fariam algo assim?

Ela se obrigou a prosseguir. Não tinha escolha. Se a Atena Partenos estava mesmo ali embaixo, poderia decidir o desfecho da guerra. Mais importante: poderia ajudar sua mãe. Atena *precisava* dela.

Na base da escada havia uma velha porta de madeira com uma aldrava de ferro. Acima da argola havia uma placa de metal com um buraco de fechadura. Annabeth começou a pensar em como forçar o fecho, mas, assim que tocou a aldrava, uma forma ardente queimou no centro da porta: a coruja de Atena. Fumaça saiu pela fechadura. A porta se abriu.

Annabeth olhou para cima uma última vez. O céu era um quadrado azul brilhante. Os mortais estavam aproveitando a tarde quente, casais de mãos dadas nos cafés, turistas percorrendo apressados lojas e museus. Romanos nativos estavam cuidando de seus afazeres diários, provavelmente alheios aos milhares de anos de história sob seus pés e sem dúvida ignorantes quanto aos espíritos, deuses e monstros que ainda moravam aqui ou ao fato de que sua cidade poderia ser destruída naquele mesmo dia, a menos que certo grupo de semideuses conseguisse deter os gigantes.

Annabeth passou pela porta.

Ela se viu em um porão que era um Frankenstein arquitetônico. Paredes de tijolos antigas estavam cobertas por um emaranhado de cabos elétricos e canos. O teto era sustentado tanto por andaimes de aço quanto por antigas colunas romanas de granito.

A entrada do porão tinha caixotes empilhados. Por curiosidade, Annabeth abriu alguns. Uns estavam cheios de carretéis de linha multicoloridos, para pipas ou projetos de artesanato. Outros encontravam-se cheios de espadas de gladiador de plástico. Talvez, em algum momento, aquele tenha sido o depósito de uma loja de lembranças para turistas.

Nos fundos do porão, o chão fora escavado, revelando outra série de degraus — agora de pedra branca — que levava ainda mais para baixo.

Annabeth aproximou-se com cuidado da extremidade. Mesmo com o brilho lançado por sua faca, era escuro demais para que ela visse lá embaixo. Annabeth colocou a mão na parede e encontrou um interruptor.

Ela o acionou. Lâmpadas fluorescentes iluminaram os degraus. Lá embaixo, ela via um piso de mosaico decorado com cervos e faunos — talvez um quarto de uma antiga *villa* romana, secretamente conservada debaixo desse porão junto a caixotes cheios de linha e espadas de plástico.

Ela desceu as escadas. O cômodo tinha seis metros de comprimento. As paredes já foram de cores brilhantes, mas a maior parte dos afrescos havia descascado ou desbotado. A única saída era um buraco cavado em um dos cantos, onde o mosaico do piso fora levantado. Annabeth acorrou-se perto da

abertura, que descia diretamente para uma caverna maior, mas ela não conseguia ver o fundo.

Um ruído de água corrente vinha de uns dez ou doze metros abaixo. O ar não tinha cheiro de esgoto — era só velho, bolorento e ligeiramente doce, como o odor de flores em decomposição. Talvez fosse uma parte dos aquedutos. Não havia como descer.

— Não vou pular — murmurou para si mesma.

Como se em resposta, algo se iluminou na escuridão. A Marca de Atena brilhou no fundo da caverna, revelando a alvenaria ao longo de um canal subterrâneo doze metros abaixo. A coruja de fogo parecia desafiá-la: *Bem, este é o caminho, garota. Então é melhor que você tenha alguma ideia.*

Annabeth considerou suas opções. Era perigoso demais tentar pular. Não havia escada ou corda. Pensou em pegar emprestada alguma viga dos andaimes lá de cima para escorregar como em um poste de bombeiro, mas estavam todas aparafusadas no lugar. Além disso, não queria que o lugar desabasse em cima dela.

A frustração tomou conta de Annabeth como um exército de cupins. Tinha passado a vida inteira vendo outros semideuses descobrirem poderes incríveis. Percy podia controlar a água. Se estivesse aqui, ele poderia elevar o nível da água e simplesmente descer flutuando. Hazel, pelo que tinha contado, era capaz de se orientar no subterrâneo com precisão impecável e até criar ou mudar a direção dos túneis. Ela poderia facilmente criar uma nova passagem. Leo simplesmente puxaria as ferramentas certas de seu cinto e construiria algo que resolveria o problema. Frank poderia se transformar em um pássaro. Jason controlaria as correntes de ar e desceria, flutuando. Até Piper, usando o charme, poderia ter convencido Tiberino e Reia Sílvia a ajudar um pouquinho mais.

O que Annabeth possuía? Uma faca de bronze sem nada de especial e uma moeda de prata amaldiçoada. Na mochila tinha o laptop de Dédalo, uma garrafa d'água, alguns pedaços de ambrosia para emergências e uma caixa de fósforos — provavelmente inúteis, mas o pai tinha enfiado na cabeça dela que sempre deveria ter como fazer fogo.

Ela não possuía poderes impressionantes. Até mesmo seu único item mágico, o boné de invisibilidade dos Yankees, tinha parado de funcionar e estava em sua cabine no *Argo II*.

Você tem sua inteligência, disse uma voz. Annabeth perguntou-se se Atena estaria falando com ela, mas aquilo provavelmente era apenas fruto de sua imaginação.

Inteligência... como o herói favorito de Atena, Odisseu. Ele vencera a Guerra de Troia com esperteza, não força. Havia derrotado todos os tipos de monstros e

dificuldades com seu raciocínio rápido. Era aquilo que Atena valorizava.

A filha da sabedoria caminha solitária.

Annabeth se deu conta de que aquilo não significava apenas sem outras pessoas, mas também sem nenhum poder especial.

Muito bem... então como descer em segurança e, se necessário, garantir uma forma de voltar?

Ela subiu de volta ao porão e olhou os caixotes abertos. Linha de pipa e espadas de plástico. A ideia que lhe ocorreu era tão ridícula que ela quase riu, mas era melhor que nada.

Então pôs-se a trabalhar. Suas mãos pareciam saber exatamente o que fazer. Às vezes isso acontecia, como quando ela ajudava Leo com o maquinário do navio ou desenhava plantas arquitetônicas no computador. Nunca tinha construído nada com linha de pipa e espadas de plástico, mas aquilo lhe parecia fácil, natural. Em questão de minutos havia usado uma dúzia de carretéis e um caixote de espadas para criar uma escada improvisada: uma corda feita de linhas trançadas, forte ainda que não muito grossa, intercalada com espadas a cada sessenta centímetros para servir de apoio para as mãos e os pés.

Para testar, ela amarrou uma das extremidades em uma coluna e pôs todo seu peso na escada. As espadas de plástico dobraram-se sob seus pés, mas ofereceram um volume extra aos nós da corda, então pelo menos ela podia se segurar melhor.

A escada não ganharia nenhum prêmio de design, mas talvez a levasse ao fundo da caverna em segurança. Mas antes, Annabeth encheu a mochila com os carretéis que sobraram. Não sabia bem por quê, mas eram um recurso a mais e não pesavam tanto.

Ela voltou ao buraco no piso de mosaico. Prendeu uma ponta de sua escada no andaime mais próximo, baixou-a para a caverna e desceu.

XXXIV

ANNABETH

PENDENDO NO AR, SEGURANDO OS degraus da escada que oscilava violentamente, Annabeth agradeceu a Quíron por todos os anos de treinamento no curso de escalada do Acampamento Meio-Sangue. Ela com frequência havia se queixado em alto e bom som de que ser capaz de subir uma corda nunca a ajudaria a derrotar um monstro. Quíron se limitava a sorrir, como se soubesse que aquele dia chegaria.

Finalmente Annabeth alcançou o chão. Ela errou a borda de tijolos e aterrissou no canal, que no fim tinha apenas alguns centímetros de profundidade. A água gelada encharcou seus tênis de corrida.

Annabeth ergueu a faca que brilhava. O canal raso corria pelo meio de um túnel de tijolos e a cada poucos metros tubos cerâmicos projetavam-se das paredes. Ela deduziu que fossem drenos, parte do sistema hidráulico da Roma Antiga, embora achasse impressionante que um túnel como aquele houvesse sobrevivido no subterrâneo com todos os canos, porões e esgotos construídos depois.

Um súbito pensamento fez com que gelasse mais do que a água fizera. Alguns anos antes, Percy e ela haviam participado de uma missão no labirinto de Dédalo — uma rede secreta de túneis e câmaras, fortemente encantada e cheia de armadilhas, que se estendia sob os Estados Unidos.

Quando Dédalo morreu na Batalha do Labirinto, toda a complexa rede havia desabado — ou pelo menos era nisso que Annabeth acreditara. Mas e se aquilo tivesse acontecido apenas nos Estados Unidos? E se aquela fosse uma versão mais antiga do labirinto? Uma vez Dédalo lhe contara que seu labirinto tinha vida própria. Estava crescendo e se modificando constantemente. Talvez o labirinto pudesse se regenerar, como os monstros. Faria sentido. Tratava-se de uma força arquetípica, como Quíron diria — algo que nunca poderia morrer de

verdade.

Se aquilo fizesse parte do labirinto...

Annabeth resolveu não pensar nisso, mas também decidiu não supor que seu senso de direção estivesse certo. O labirinto tornava as distâncias sem sentido. Se não tomasse cuidado, poderia andar cinco metros na direção errada e acabar na Polônia.

Só por segurança, amarrou um carretel de linha na extremidade de sua escada de corda. Poderia desenrolá-lo enquanto explorasse o local. Um truque antigo, mas muito útil.

Ela ponderou que caminho tomar. O túnel parecia igual em ambas as direções. Então, cerca de quinze metros à esquerda, a Marca de Atena brilhou intensamente na parede. Annabeth podia jurar que ela a fuzilava com aqueles grandes olhos de fogo, como se dissesse: *Qual o seu problema? Depressa!*

Ela estava começando a odiar de verdade aquela coruja.

Quando chegou ao lugar, a imagem já sumira e o seu primeiro carretel acabara.

Enquanto amarrava uma nova linha, olhou para o outro lado do túnel. Havia um pedaço quebrado nos tijolos, como se uma marreta houvesse aberto um buraco na parede. Ela atravessou para dar uma olhada. Enfiando a faca pela abertura para iluminar o espaço, Annabeth viu uma câmara mais baixa, comprida e estreita, com piso de mosaico, paredes pintadas e bancos que se estendiam de ambos os lados. Parecia um vagão de metrô.

Ela enfiou a cabeça no buraco, torcendo para que nada a arrancasse com uma mordida. Na extremidade mais próxima da câmara havia um vão de porta bloqueado com tijolos. No lado mais distante via-se uma mesa de pedra, talvez um altar.

Hum... O outro túnel prosseguia, mas Annabeth tinha certeza de que era aquele o caminho. Lembrou-se do que Tiberino dissera: *Encontre o altar do deus estrangeiro*. Não parecia haver nenhuma saída na sala do altar, mas o banco não era muito longe do buraco na parede. Ela deveria conseguir subir de volta sem dificuldade.

Ainda segurando o fio, Annabeth desceu.

O teto da sala era abobadado, com arcos de tijolos; Annabeth, porém, não gostou do aspecto das colunas. Bem acima de sua cabeça, no arco mais próximo à passagem bloqueada por tijolos, o bloco central estava rachado no meio e mais rachaduras cortavam o teto. O lugar provavelmente se mantivera intacto por dois mil anos, mas Annabeth concluiu que era melhor não ficar muito tempo ali. Com sua sorte, ele iria desabar nos próximos dois minutos.

No chão havia um mosaico comprido e estreito com sete imagens uma ao lado

da outra, como em uma linha do tempo. Aos pés de Annabeth havia um corvo. Em seguida, vinha um leão. Vários outros pareciam guerreiros romanos com armas variadas. O restante estava danificado ou coberto por pó demais para que Annabeth distinguisse detalhes. Os bancos de ambos os lados estavam repletos de cerâmica quebrada. Nas paredes havia pinturas de um banquete: um homem de túnica com um chapéu curvo como uma colher de sorvete, sentado ao lado de um cara maior que irradiava raios solares. De pé ao redor deles havia criados e homens carregando tochas, e vários animais como corvos e leões perambulando no fundo. Annabeth não sabia o que a imagem representava, mas não a fazia pensar em nenhuma das lendas gregas que ela conhecia.

No lado mais distante da sala, o altar exibia um sofisticado friso com entalhes mostrando o homem com o chapéu de colher de sorvete segurando uma faca junto ao pescoço de um touro. No altar erguia-se uma estátua de um homem afundado na pedra até os joelhos, com um punhal e uma tocha nas mãos estendidas. Mais uma vez, Annabeth não tinha ideia do que aquilo significava.

Ela deu um passo na direção do altar. Algo sob seu pé fez *CRUNCH*. Ela olhou para baixo e percebeu que tinha acabado de pisar em um caixa torácica humana.

Annabeth engoliu um grito. De onde viera *aquilo*? Ela havia olhado para baixo um momento antes e não vira nenhum osso, mas agora o chão estava coberto deles. A caixa torácica era obviamente antiga e esfacelou-se quando Annabeth retirou o pé. Ali perto havia uma faca de bronze corroído muito semelhante à dela. Ou a pessoa que morrera carregava a arma ou fora morta por ela.

Annabeth estendeu a mão que empunhava a lâmina para ver à frente. Um pouco adiante no caminho de mosaico, um esqueleto mais completo esparramava-se entre os restos de um gibão vermelho bordado, no estilo da Renascença. A gola franzida e o crânio haviam sido quase carbonizados, como se o cara tivesse resolvido lavar o cabelo com um maçarico.

Maravilha, pensou Annabeth. Ela ergueu os olhos para a estátua do altar, que empunhava um punhal e uma tocha.

Uma espécie de teste, concluiu Annabeth. Aqueles dois caras haviam fracassado. Correção: não apenas dois caras. Mais ossos e restos de roupas espalhavam-se até o altar. Ela não podia calcular quantos esqueletos havia ali, mas podia apostar que eram todos semideuses do passado, outros filhos de Atena na mesma missão.

— Não vou ser mais um esqueleto nesse chão — disse ela à estátua, esperando parecer cheia de coragem.

Uma menina, disse uma voz chorosa que ecoou pela sala. *Não permitimos*

meninas aqui.

Uma semideusa, disse uma segunda voz. Imperdoável.

Um estrondo soou na câmara. Uma nuvem de pó caiu do teto rachado. Annabeth correu para o buraco por onde entrara, mas ele havia desaparecido. O fio tinha sido cortado. Ela subiu no banco e bateu na parede onde antes estava a passagem, na esperança de que a ausência da abertura fosse apenas uma ilusão, mas a parede era sólida.

Ela estava presa.

Ao longo dos bancos, uma dezena de fantasmas surgiu tremeluzindo — homens roxo-fosforescente em togas romanas, como os Lares que ela vira no Acampamento Júpiter. Eles a fuzilaram com o olhar, como se Annabeth tivesse interrompido a reunião deles.

Ela fez a única coisa que podia. Desceu do banco e apoiou as costas na passagem bloqueada por tijolos. Tentou parecer confiante, embora os carrancudos fantasmas roxos e os esqueletos de semideuses aos seus pés lhe dessem vontade de esconder o rosto na camiseta e gritar.

— Sou uma filha de Atena — falou ela, com a voz mais corajosa que conseguiu.

— Uma grega — observou um dos fantasmas com desgosto. — Pior ainda.

Na outra extremidade da câmara, um fantasma de aparência envelhecida ergueu-se com alguma dificuldade (fantasmas têm artrite?) e parou junto ao altar, os olhos escuros fixos em Annabeth. O primeiro pensamento dela foi que ele parecia o papa. Usava um manto cintilante, um chapéu pontudo e um cajado de pastor.

— Esta é a caverna de Mitra — disse o velho fantasma. — Você perturbou nossos rituais sagrados. Não pode contemplar nossos mistérios e viver.

— Não quero contemplar seus mistérios — assegurou-lhe Annabeth. — Estou seguindo a Marca de Atena. Mostre-me a saída e seguirei em minha missão.

Sua voz soava calma, o que a surpreendeu. Não fazia a menor ideia de como sair dali, mas sabia que tinha que ser bem-sucedida onde seus irmãos haviam falhado. Seu caminho seguia além daquele lugar — para as camadas mais profundas de Roma.

Os fracassos de seus predecessores vão guiá-la, dissera Tiberino. Depois disso... não sei.

Os fantasmas trocaram murmúrios em latim. Annabeth captou algumas palavras indelicadas sobre semideusas e Atena.

Por fim, o fantasma com o chapéu de papa bateu o cajado no chão. Os outros Lares se calaram.

— Sua deusa grega não tem poder aqui. Mitra é o deus dos guerreiros

romanos! Ele é o deus da legião, o deus do império!

— Ele nem era romano — protestou Annabeth. — Ele não era, tipo, persa ou algo assim?

— Sacrilégio! — gritou o velho, batendo o cajado no chão mais algumas vezes. — Mitra nos protege! Eu sou o *pater* desta irmandade...

— O pai — traduziu Annabeth.

— Não me interrompa! Como *pater*, tenho o dever de proteger nossos mistérios.

— Que mistérios? — perguntou Annabeth. — Uns caras mortos de toga sentados em uma caverna?

Os fantasmas resmungaram e se queixaram, até que o *pater* os silenciou com um assovio agudo. O velhote tinha bastante fôlego.

— Você é claramente uma incrédula. Como os outros, deve morrer.

Os outros. Annabeth fez um esforço para não olhar os esqueletos.

Sua mente trabalhava furiosamente, à procura de qualquer informação sobre Mitra. Ele tinha um culto secreto para guerreiros. Era popular na legião. Era um dos deuses que havia suplantado Atena como divindade da guerra. Afrodite havia mencionado seu nome durante o chá em Charleston. Fora isso, Annabeth não sabia de nada. Mitra não era um dos deuses sobre os quais se falava no Acampamento Meio-Sangue, e ela duvidava que os fantasmas fossem esperar enquanto fazia uma busca rápida no laptop de Dédalo.

Annabeth examinou o mosaico no chão — uma sequência de sete imagens. Ela estudou os fantasmas e percebeu que todos usavam algum tipo de emblema na toga: um corvo, uma tocha ou um arco.

— Vocês têm ritos de passagem — disse ela subitamente. — Sete níveis de filiação. E o nível máximo é o *pater*.

Os fantasmas deixaram escapar um arquejo coletivo. Então todos começaram a gritar ao mesmo tempo.

— Como ela sabe disso?

— A garota descobriu nossos segredos!

— Silêncio! — ordenou o *pater*.

— Ela pode saber sobre os ordálios!

— Os ordálios! — exclamou Annabeth. — Eu sei sobre eles!

Outra série de arquejos incrédulos.

— Ridículo! — berrou o *pater*. — A garota está mentindo! Filha de Atena, escolha a maneira como vai morrer. Se não escolher, o deus escolherá por você.

— Fogo ou punhal — adivinhou Annabeth.

Até mesmo o *pater* pareceu perplexo. Aparentemente ele não se lembrava de que havia vítimas de punições passadas caídas no chão.

— Como... como você...? — Ele engoliu em seco. — Quem é você?

— Uma filha de Atena — repetiu Annabeth. — Mas não uma filha qualquer. Eu sou a... hã, a *mater* em minha irmandade. A *magna mater*, na verdade. Não existem mistérios para mim. Mitra não pode esconder nada de meu conhecimento.

— A *magna mater*! — gemeu um fantasma em desespero. — A grande mãe!

— Matem-na!

Um dos fantasmas lançou-se na direção dela com as mãos estendidas para estrangulá-la, mas ele apenas a atravessou.

— Você está morto — lembrou-lhe Annabeth. — Pode sentar.

O fantasma pareceu constrangido e voltou ao seu lugar.

— Não é necessário que nós mesmos a matem — grunhiu o *pater*. — Mitra fará isso por nós!

A estátua no altar começou a brilhar.

Annabeth empurrou a passagem bloqueada por tijolos às suas costas com as mãos. Aquela *tinha* que ser a saída. O reboco estava se desfazendo, mas não era frágil o bastante para que ela o rompesse com a força bruta.

Ela correu os olhos desesperadamente pela sala — o teto rachado, o mosaico do piso, as paredes pintadas e o altar esculpido — e começou a falar, deduzindo mil coisas por segundo.

— É inútil — falou. — Eu sei de tudo. Vocês testam seus iniciados com fogo porque a tocha é o símbolo de Mitra. Seu outro símbolo é o punhal, motivo por que vocês também podem ser testados com a lâmina. Vocês querem me matar, exatamente como... hã, como Mitra matou o touro sagrado.

Era apenas um palpite, mas o altar mostrava Mitra matando um touro, então Annabeth deduziu que devia ser algo importante. Os fantasmas gemeram e cobriram os ouvidos. Alguns bateram no próprio rosto, como se para acordar de um sonho ruim.

— A grande mãe sabe! — exclamou um deles. — É impossível!

A menos que se examine a sala, pensou Annabeth, ganhando confiança. Ela lançou um olhar feroz para o fantasma que acabara de falar. Ele tinha um emblema de corvo na toga — o mesmo símbolo que se via no chão aos pés dela.

— Você é só um corvo — repreendeu-o. — A categoria mais baixa. Fique calado e me deixe falar com seu *pater*.

O fantasma encolheu-se.

— Misericórdia! Misericórdia!

Na frente da sala, o *pater* tremia — de fúria ou de medo, Annabeth não sabia dizer. Seu chapéu de papa inclinava-se na cabeça, como um medidor de combustível indicando um tanque cada vez mais vazio.

— É verdade, você sabe muito, grande mãe. Sua sabedoria é imensa, mas essa é uma razão ainda maior por que você não pode partir. A tecelã nos avisou que você viria.

— A tecelã... — Annabeth compreendeu com pesar sobre o que o *pater* estava falando: a coisa no escuro do sonho de Percy, a guardiã do santuário. Daquela vez ela desejou *não* saber a resposta, mas tentou manter a calma. — A tecelã tem medo de mim. Ela não quer que eu siga a Marca de Atena. Mas vocês me deixarão passar.

— Você deve escolher um ordálio! — insistiu o *pater*. — Fogo ou punhal! Sobreviva a um deles, e então, talvez!

Annabeth olhou para os ossos de seus irmãos. *Os fracassos de seus predecessores vão guiá-la.*

Todos haviam escolhido um ou o outro: fogo ou punhal. Talvez tivessem pensado que poderiam vencer o ordálio. Mas todos tinham morrido. Annabeth precisava de uma terceira opção.

Ela olhou com atenção para a estátua no altar, que brilhava mais a cada segundo. Podia sentir o calor de onde estava. O instinto de Annabeth era se concentrar no punhal ou na tocha, mas, em vez disso, ela prestou atenção na base da estátua. Perguntou-se por que as pernas estavam presas na pedra, e então lhe ocorreu: talvez a pequena estátua de Mitra não estivesse *presa* na pedra. Talvez estivesse *emergindo* dela.

— Nem tocha nem punhal — falou Annabeth com firmeza. — Existe um terceiro teste, pelo qual passarei.

— Um terceiro teste? — perguntou o *pater*.

— Mitra nasceu da pedra — disse Annabeth, torcendo para que estivesse certa. — Ele emergiu já adulto da pedra, segurando o punhal e a tocha.

Os gritos e gemidos lhe disseram que ela havia adivinhado corretamente.

— A grande mãe sabe tudo! — gritou um fantasma. — Esse é o nosso segredo mais bem guardado!

Então talvez vocês não devessem colocar uma estátua disso em seu altar, Annabeth pensou. Mas sentia-se grata pelos estúpidos fantasmas homens. Se aceitassem guerreiras em seu culto, talvez tivessem aprendido um pouco de bom senso.

Annabeth gesticulou dramaticamente, indicando a parede pela qual entrara.

— Eu nasci da pedra, exatamente como Mitra! Portanto, já passei por sua provação!

— Bah! — desdenhou o *pater*. — Você entrou por um buraco na parede! Não é a mesma coisa.

Certo. Então o *pater* não era o completo idiota que parecia, mas Annabeth

permaneceu confiante. Olhou para o teto, e outra ideia lhe ocorreu, todos os detalhes se encaixando.

— Eu tenho controle sobre as pedras. — Ela ergueu os braços. — Vou provar que meu poder é maior que o de Mitra. Com um único golpe, vou demolir esta câmara.

Os fantasmas uivaram, tremendo, e olharam para o teto, mas Annabeth sabia que eles não viam o mesmo que ela. Os fantasmas eram guerreiros, não engenheiros. Os filhos de Atena possuíam muitas habilidades, e não só em combate. Annabeth havia estudado arquitetura durante anos. Sabia que aquela antiga câmara estava prestes a desabar. Reconhecia o significado daquelas rachaduras no teto, todas irradiando de um único ponto — o topo do arco de pedra bem acima de sua cabeça. A pedra central estava prestes a ruir, e, quando isso acontecesse, supondo-se que ela pudesse calcular o tempo corretamente...

— Impossível! — gritou o *pater*. — A tecelã nos pagou um imenso tributo para destruir qualquer filho de Atena que ousasse entrar em nosso santuário. Nunca a decepcionamos. Não podemos deixar você passar.

— Então você teme o meu poder! — falou Annabeth. — Admite que posso destruir sua câmara secreta!

O *pater* franziu o cenho. Ele endireitou o chapéu, desconfortável. Annabeth sabia que o colocara em uma situação difícil. Ele não podia recuar sem parecer covarde.

— Vá em frente, filha de Atena — decidiu ele. — Ninguém pode derrubar a caverna de Mitra, muito menos com um só golpe. Muito menos uma garota!

Annabeth ergueu a faca. O teto era baixo e ela alcançava a pedra central do arco com facilidade, mas teria que fazer seu único golpe valer.

A passagem atrás dela estava bloqueada, mas, em teoria, se a sala começasse a desmoronar, aqueles tijolos provavelmente iriam enfraquecer e ruir. Ela *deveria* conseguir abrir caminho antes que o teto inteiro desabasse — supondo-se, é claro, que houvesse alguma coisa por trás da parede de tijolos, não apenas terra, e supondo-se que Annabeth fosse rápida e forte o bastante e tivesse muita sorte. Caso contrário, estava prestes a se transformar em panqueca de semideus.

— Bem, rapazes — disse ela. — Parece que vocês escolheram o deus da guerra errado.

Ela golpeou a pedra. A lâmina de bronze celestial atravessou-a como a um cubo de açúcar. Por um momento, nada aconteceu.

— Rá! — regozijou-se o *pater*. — Está vendo? Atena não tem poder aqui!

A sala estremeceu. Uma fissura percorreu toda a extensão do teto e a extremidade oposta da caverna desabou, enterrando o altar e o *pater*. Mais rachaduras surgiram. Os tijolos começaram a cair dos arcos. Fantasmas gritaram

e correram, mas pareciam incapazes de atravessar as paredes. Aparentemente estavam presos àquela câmara, mesmo na morte.

Annabeth virou-se e jogou-se de encontro à passagem bloqueada com toda a força, e os tijolos cederam. Enquanto a caverna de Mitra implodia atrás dela, Annabeth atirou-se na escuridão e se viu em plena queda.

XXXV

ANNABETH

ANNABETH ACHAVA QUE SABIA o que era dor. Ela havia caído da parede de lava no Acampamento Meio-Sangue. Fora apunhalada no braço com uma lâmina envenenada na ponte Williamsburg. Tinha até suportado o peso do céu nos ombros.

Mas isso não era nada se comparado a cair com tudo no tornozelo.

Ela soube imediatamente que o havia quebrado. A dor, como um arame de aço quente, atravessou a perna até o quadril. O mundo reduziu-se a apenas ela, seu tornozelo e a agonia.

Ela quase desmaiou. Sua cabeça girava. A respiração ficou acelerada.

Não, disse a si mesma. Você não pode entrar em choque.

Tentou respirar mais devagar. Ficou deitada o mais imóvel possível até a dor diminuir, passando da tortura absoluta a um latejar apenas horrível.

Parte dela queria urrar contra o mundo, por ser tão injusto. Chegar até ali só para ser detida por algo tão banal quanto um tornozelo fraturado?

Ela se forçou a controlar as emoções. No acampamento, fora treinada para sobreviver a todos os tipos de situações desfavoráveis, *inclusive* com ferimentos como aquele.

Olhou à volta. Sua faca havia caído a alguns metros de distância. À luz tênue, começou a examinar a sala. Ela estava deitada em um chão frio de blocos de arenito. O teto ficava a uns dois andares de altura. A porta pela qual caíra estava a três metros do chão, agora completamente bloqueada com escombros que haviam cascadeado para o interior da sala por causa do deslizamento. Espalhados em torno dela havia pedaços de madeira velha — alguns rachados e ressecados, outros partidos em lascas.

Idiota, ela se repreendeu. Tinha se atirado por aquela abertura, pressupondo

que haveria um corredor ou outro espaço no mesmo nível, mas nunca lhe ocorrera que despencaria no vazio. Aquela madeira provavelmente tinha sido uma escada, que havia muito desabara.

Ela examinou o tornozelo. Seu pé não estava virado em nenhum ângulo estranho. Ela podia sentir os dedos do pé. Não havia sangue. Isso tudo era bom.

Annabeth estendeu a mão para pegar um pedaço de madeira, mas até mesmo aquele pequeno movimento a fez gritar.

A tábua desmanchou-se em sua mão. A madeira devia ter séculos de idade ou até milênios. Ela não tinha como saber se aquela sala era mais antiga que o santuário de Mitra ou se, como no labirinto, as salas eram uma miscelânea de muitas eras reunidas aleatoriamente.

— Muito bem — falou ela em voz alta. — Pense, Annabeth. Estabeleça prioridades.

Ela lembrou-se de um curso muito bobo de sobrevivência em áreas selvagens que Grover havia ministrado no acampamento. Pelo menos tinha lhe parecido bobo na ocasião. Primeiro passo: examine o ambiente, à procura de ameaças imediatas.

A sala não parecia correr risco de desabar. O deslizamento havia cessado. As paredes eram sólidos blocos de pedra, sem grandes rachaduras visíveis. O teto não estava cedendo. Ótimo.

A única saída ficava na parede oposta: um arco e, além dele, a escuridão. Entre ela e a passagem, uma pequena calha de alvenaria atravessava o piso, permitindo que a água fluísse pela sala, da esquerda para a direita. Quem sabe aquilo era encanamento da época dos romanos? Se a água fosse potável, também era bom.

Amontoados em um canto, havia alguns vasos de cerâmica quebrados, derramando caroços marrons e murchos que um dia deviam ter sido frutas. Eca. Em outro canto havia alguns caixotes de madeira que pareciam intactos e umas caixas de vime amarradas com tiras de couro.

— Bem, nenhum perigo imediato — disse a si mesma. — A menos que algo surja de repente saindo daquele túnel escuro.

Ela olhou para a passagem, quase desafiando sua sorte a piorar mais ainda. Nada aconteceu.

— Muito bem. Próximo passo: fazer um inventário.

O que ela poderia usar? Tinha sua garrafa de água, e mais água naquela calha se conseguisse chegar até lá. Tinha sua faca. A mochila estava cheia de linhas coloridas (oba!), o laptop, o mapa de bronze, alguns fósforos e um pouco de ambrosia para emergências.

Ah... sim. Isso se qualificava como uma emergência. Ela procurou a comida

divina na mochila e a engoliu. Como sempre, o sabor era o de lembranças reconfortantes. Dessa vez, pipoca com manteiga — noite do filme com o pai na casa dele em São Francisco, sem madrastra, sem os filhos dela, só Annabeth e o pai aconchegados no sofá, assistindo a velhas comédias românticas sentimentais.

A ambrosia aqueceu todo o seu corpo. A dor na perna tornou-se um latejar distante. Annabeth sabia que ainda estava encrocada; nem mesmo ambrosia podia curar ossos quebrados na hora. Acelerava o processo, mas, na melhor das hipóteses, ela não conseguiria apoiar o peso no pé por um dia ou mais.

Tentou alcançar a faca, mas estava muito longe. Arrastou-se naquela direção. A dor espalhou-se de novo, como se houvesse pregos perfurando seu pé. Seu rosto ficou molhado de suor, mas, depois de mais uma tentativa, ela conseguiu alcançar sua arma.

Sentiu-se melhor ao segurá-la — não só pela luz e proteção, mas também porque era tão familiar.

E agora? Na aula de sobrevivência, Grover tinha mencionado algo sobre ficar parado e aguardar o resgate, mas isso não ia acontecer. Mesmo que Percy conseguisse de alguma maneira rastrear seus passos, a caverna de Mitra havia desabado.

Ela poderia tentar contatar alguém com o laptop de Dédalo, mas duvidava que conseguisse sinal ali embaixo. Além disso, quem ela chamaria? Não podia enviar uma mensagem a ninguém que estivesse perto o bastante para ajudar. Semideuses não andavam com celulares, pois o sinal dos aparelhos atraía a atenção de monstros, e nenhum de seus amigos estaria sentado, verificando seus e-mails.

Uma mensagem de Íris? Havia água ali, mas Annabeth duvidava que pudesse produzir luz suficiente para um arco-íris. Além disso, a única moeda que possuía era sua dracma de prata ateniense, o que não era um grande tributo.

Havia outro problema em pedir ajuda: aquela era para ser uma missão solitária. Se fosse resgatada, estaria admitindo a derrota. Alguma coisa lhe dizia que a Marca de Atena não a guiaria mais. Ela poderia perambular ali embaixo para sempre, sem nunca encontrar a Atena Partenos.

Portanto... de nada adiantava ficar parada esperando ajuda. O que significava que precisava encontrar uma forma de prosseguir sozinha.

Abriu a garrafa de água e bebeu. Não tinha percebido que estava com tanta sede. Quando esvaziou a garrafa, arrastou-se até a calha para enchê-la.

A água estava fria e se movia com rapidez — bons indícios de que devia ser potável. Ela encheu a garrafa, então apanhou um pouco de água com as mãos em concha e lavou o rosto. Imediatamente sentiu-se mais alerta. Então lavou e limpou os arranhões o melhor que pôde.

Annabeth sentou-se e olhou com raiva para o tornozelo.

— Você *tinha* que quebrar.

O tornozelo não respondeu. Ela teria que imobilizá-lo de alguma forma. Só assim conseguiria se mover. Humm...

Ergueu o punhal e tornou a inspecionar a sala com a luz do bronze. Agora que estava mais perto da passagem aberta, gostava ainda menos de seu aspecto. Ela levava a um corredor escuro e silencioso. O ar ali tinha um cheiro enjoativo, doce e, de algum modo, sinistro. Infelizmente Annabeth não via nenhum outro caminho que pudesse seguir.

Ofegando muito e piscando para conter as lágrimas, ela rastejou até as ruínas da escada. Ali encontrou duas tábuas de madeira que estavam em condições razoáveis e eram longas o bastante para servir como tala. Então se arrastou até as caixas de vime e usou o punhal para cortar as tiras de couro.

Enquanto se preparava mentalmente para imobilizar o tornozelo, notou algumas palavras desbotadas em um dos caixotes de madeira: SERVIÇO DE ENTREGAS DE HERMES.

Annabeth se arrastou, animada, na direção do caixote. Não tinha a menor ideia do que aquilo fazia ali, mas Hermes entregava todo o tipo de coisas úteis para deuses, espíritos e até semideuses. Talvez ele tivesse deixado aquele pacote ali anos atrás para ajudar semideuses como ela na missão.

Ela forçou a tampa e tirou vários pedaços de plástico bolha, mas o que quer que houvesse ali dentro já havia sido levado.

— Hermes! — protestou ela, olhando tristonha para o plástico bolha. Então sua mente começou a trabalhar, e ela percebeu que aquilo *era* uma dádiva. — Ah... isso é perfeito!

Annabeth cobriu o tornozelo quebrado com várias voltas de plástico bolha, depois posicionou as talas de madeira e amarrou tudo com as tiras de couro.

Uma vez, na prática de primeiros socorros, ela havia imobilizado com uma tala a falsa perna quebrada de outro campista, mas nunca imaginara que precisaria fazer uma tala em si mesma.

Era uma tarefa difícil e dolorosa, mas finalmente acabou. Annabeth vasculhou os escombros da escada até encontrar parte do corrimão — uma tábua estreita com pouco mais de um metro de comprimento que serviria como muleta. Então colou as costas na parede, preparou a perna boa e se ergueu.

— Uau. — Pontos pretos dançaram diante de seus olhos, mas Annabeth continuou de pé. — Da próxima vez — murmurou para a sala escura — me deixe lutar com um monstro. Muito mais fácil.

Na parede acima da passagem aberta, a Marca de Atena reluziu.

A coruja em chamas parecia observá-la cheia de expectativa, como se dissesse: *Já era tempo. Ah, você quer monstros? É só vir por aqui!*

Annabeth se perguntou se aquela marca flamejante era baseada em uma coruja sagrada de verdade. Se fosse, assim que saísse dali ia procurar aquela coruja e dar um soco na cara dela.

Aquele pensamento a deixou mais animada. Ela atravessou a calha e entrou mancando dolorosamente no corredor.

XXXVI

ANNABETH

O TÚNEL SEGUIA RETO E plano, mas depois da queda Annabeth resolveu não correr mais nenhum risco. Usava a parede como suporte e batia no chão à frente com a muleta para se certificar de que não havia armadilhas.

Enquanto caminhava, o cheiro doce e enjoativo foi ficando mais forte, deixando seus nervos à flor da pele. O som de água corrente foi diminuindo conforme ela avançava. Em seu lugar, surgiu um coro de sussurros secos, como o de um milhão de vozes pequeninas. Elas pareciam vir de dentro das paredes e estavam ficando mais altas.

Annabeth tentou andar depressa, mas não podia ir muito mais rápido sem perder o equilíbrio ou forçar o tornozelo fraturado. Ela prosseguiu mancando, convencida de que alguma coisa a perseguia. As vizinhas estavam se unindo, chegando mais perto.

Ela tocou a parede e sua mão ficou coberta de teias de aranha.

Annabeth gritou e em seguida se amaldiçoou por fazer barulho.

É só uma teia, disse a si mesma. Mas isso não cessou o rugido em seus ouvidos.

Ela estava esperando por aranhas. Sabia o que a aguardava mais adiante: *A tecelã. Sua Senhora. A voz nas trevas.* Mas as teias a fizeram perceber o quanto estava perto.

Sua mão tremia enquanto a limpava nas pedras. O que ela havia pensado? Não podia realizar essa missão sozinha.

Tarde demais, disse a si mesma. Siga em frente.

Ela percorreu o corredor com um passo doloroso de cada vez. Os sussurros foram ficando mais altos às suas costas até soarem como milhões de folhas secas ao vento. As teias de aranha tornaram-se mais densas, enchendo o túnel. Logo

ela teve que afastá-las, rasgando cortinas transparentes que cobriam seus cabelos e grudavam em seu rosto.

Seu coração parecia querer escapar do peito. Ela seguiu aos tropeços de modo imprudente, tentando ignorar a dor no tornozelo.

Finalmente o túnel terminou em uma porta coberta até a altura da cintura com madeira velha. Parecia que alguém havia tentado fazer uma barricada ali. Aquilo não era um bom augúrio, mas Annabeth usou a muleta para empurrar as tábuas o melhor que pôde. Então se arrastou sobre a pilha que restava, ganhando uma dezena de farpas em sua mão livre.

Do outro lado da barricada havia uma câmara do tamanho de uma quadra de basquete. O piso era de mosaicos romanos. Tapeçarias rasgadas pendiam das paredes. Duas tochas cobertas por teias de aranha estavam presas em ambos os lados da porta.

No fundo da sala, a Marca de Atena queimava acima de outra passagem. Infelizmente, entre Annabeth e aquela saída havia um abismo de mais de quinze metros de largura. Duas vigas de madeira paralelas atravessavam o precipício, mas estavam distantes demais para que ela pusesse um pé em cada uma e eram estreitas demais para que andasse nelas, a menos que Annabeth fosse uma acrobata — o que ela não era — e seu tornozelo não estivesse quebrado — e ele estava.

O túnel por onde viera foi tomado por ruídos sibilantes. Teias de aranha tremularam quando as primeiras aranhas surgiram: não eram maiores que jujubas, mas gordas e pretas, correndo pelas paredes e pelo chão.

Que espécie de aranhas? Annabeth não fazia ideia. Só sabia que estavam atrás dela, e que ela tinha apenas alguns segundos para elaborar um plano.

Annabeth queria chorar. Queria alguém, *qualquer um*, ali ao lado dela. Queria Leo com seu poder de invocar fogo ou Jason com seu raio ou Hazel para fazer o túnel desabar. Acima de tudo, queria Percy. Ela sempre se sentia mais corajosa quando ele estava com ela.

Eu não vou morrer aqui, disse a si mesma. Verei Percy outra vez.

As primeiras aranhas estavam quase na entrada. Atrás delas vinha um grande exército — um mar negro de criaturas nojentas.

Annabeth mancou até uma das tochas na parede. A extremidade estava coberta de piche para facilitar o acendimento. Seus dedos pareciam ter se transformado em chumbo, mas ela vasculhou a mochila e encontrou os fósforos. Riscou um e acendeu a tocha.

Então a enfiou na barricada. A madeira velha e seca pegou fogo imediatamente. As chamas destruíram as teias e tomaram o corredor em uma súbita labareda, queimando milhares de aranhas.

Annabeth recuou, afastando-se da fogueira. Tinha ganhado algum tempo, mas duvidava que houvesse matado todas elas. As aranhas se reagrupariam e viriam de novo assim que o fogo apagassem.

Ela aproximou-se da borda do precipício.

Dirigiu a luz para o abismo, mas não conseguiu ver o fundo. Saltar seria suicídio. Ela podia tentar cruzar por uma das vigas pendurada pelas mãos, mas não confiava na força de seus braços e não via como conseguiria içar seu corpo com uma mochila pesada e um tornozelo quebrado quando chegasse ao outro lado.

Abaixou-se e estudou as vigas. Elas possuíam um conjunto de parafusos com argolas de ferro ao longo da parte interna, posicionados a cada trinta centímetros. Talvez as vigas fossem as laterais de uma ponte e as tábuas do meio tivessem sido removidas ou destruídas. Mas parafusos com argolas? Eles não eram feitos para sustentar tábuas. Eram mais para...

Ela olhou para as paredes. O mesmo tipo de parafuso havia sido usado para pendurar a tapeçaria rasgada.

Então ela percebeu que as vigas não eram uma ponte, mas sim um tipo de tear.

Annabeth atirou sua tocha acesa para o outro lado do abismo. Não estava nem um pouco segura de que seu plano funcionaria, mas tirou todos os carretéis da mochila e começou a tecer entre as vigas, formando um padrão de cama de gato que ia e vinha de uma argola a outra, dobrando e triplicando a linha.

Suas mãos moviam-se com uma velocidade impressionante. Ela parou de pensar na tarefa e apenas a executou, lançando e amarrando a linha, fiando lentamente sua trama sobre o precipício.

Ela esqueceu a dor na perna e a barricada incendiada que se extinguia atrás dela. Foi avançando centímetro a centímetro sobre o abismo. A trama sustentava seu peso. Antes que se desse conta, estava na metade do caminho.

Como aprendera a fazer isso?

É Atena, disse a si mesma. A habilidade da deusa com o artesanato. A tecelagem nunca parecera particularmente útil a Annabeth — até aquele momento.

Ela olhou para trás. O fogo da barricada estava quase apagando. Algumas aranhas já apareciam em torno da porta.

Ela continuou tecendo desesperadamente e por fim chegou ao outro lado. Depois apanhou a tocha e ateou fogo em sua ponte tecida. As chamas consumiram a trama. Até as vigas pegaram fogo, como se houvessem sido embebidas em gasolina.

Por um instante, a ponte queimou em um padrão evidente — uma fileira de corujas idênticas. Teria Annabeth de fato tecido aquelas figuras ou seria algum

tipo de magia? Ela não sabia, mas, quando as aranhas começaram a atravessar, as vigas se desfizeram e despencaram no abismo.

Annabeth prendeu a respiração. Não via nenhuma razão para que as aranhas não pudessem alcançá-la usando as paredes ou o teto. Se fizessem aquilo, ela teria que correr, e tinha certeza de que não seria rápida o bastante.

Por algum motivo, as aranhas não a seguiram. Elas se agruparam na borda do precipício — um tapete negro fervilhante e assustador. Então dispersaram, voltando ao corredor queimado, como se tivessem perdido o interesse em Annabeth.

— Ou como se eu tivesse passado no teste — falou em voz alta.

Sua tocha havia se apagado, deixando-a apenas com a luz da faca. Ela percebeu que deixara a muleta improvisada do outro lado.

Sentia-se exausta e sem mais nenhuma ideia, mas sua mente estava clara. O pânico parecia ter sido incinerado com a ponte tecida.

A tecelã, ela pensou. Devo estar perto. Pelo menos sei o que me espera.

Ela seguiu pela passagem, pulando para evitar pôr o peso no pé ruim.

Não precisou ir longe.

Depois de uns cinco metros, Annabeth adentrou em uma caverna tão grande quanto uma catedral, tão majestosa que ela tinha dificuldade em processar tudo que via. Ela deduziu que esse era o local do sonho de Percy, mas não estava escuro. Braseiros de bronze de fogo mágico, como os que os deuses usavam no Monte Olimpo, brilhavam por toda a sala, intercalados por tapeçarias magníficas. O piso de pedra era coberto de fissuras, como uma fina camada de gelo. O teto era tão alto que se perdia nas sombras e nas muitas camadas de teias de aranha.

Fios de seda grossos como colunas desciam do teto para vários pontos da câmara, ancorando as paredes e o piso como os cabos de uma ponte suspensa.

Teias também cercavam a peça central do santuário, que era tão intimidadora que Annabeth teve dificuldade em erguer os olhos para encará-la. Acima dela erguia-se a estátua de doze metros de Atena, com uma pele brilhante de marfim e um vestido de ouro. Na mão estendida, Atena segurava a estátua de Nice, a deusa alada da vitória — uma estátua que parecia minúscula de onde Annabeth se encontrava, mas que provavelmente tinha a altura de uma pessoa. A outra mão da deusa descansava sobre um escudo tão grande quanto um outdoor, com uma cobra esculpida na parte de trás, como se Atena a estivesse protegendo.

O rosto dela estava sereno e bondoso... e *parecia* mesmo o de Atena. Annabeth vira muitas estátuas que não lembravam em nada à sua mãe, mas essa versão gigante, feita milhares de anos antes, a fez pensar que o artista havia encontrado Atena pessoalmente. Ele a retratou com perfeição.

— Atena Partenos — murmurou Annabeth. — Está mesmo aqui.

Durante toda a vida ela desejara visitar o Partenon. Agora observava a principal atração que estivera lá no *passado* — e ela era a primeira filha de Atena a vê-la em milênios.

Annabeth percebeu que estava boquiaberta. Forçou-se a engolir em seco. Poderia ter ficado ali o dia inteiro olhando a estátua, mas sua missão ainda estava na metade. Encontrara a Atena Partenos. Agora, como poderia tirá-la da caverna?

Fios de teia enrolavam-se na estátua como um bolo de gaze. Annabeth desconfiava que, sem aquelas teias, ela teria despencado pelo piso enfraquecido havia muito tempo. Ao entrar na sala, Annabeth percebeu que as rachaduras eram tão grandes que ela poderia enfiar o pé pelas aberturas. Abaixo dessas fendas, não conseguia ver nada além da escuridão.

Um calafrio percorreu seu corpo. Onde estava a guardiã? Como Annabeth poderia libertar a estátua sem fazer o piso ruir? Não podia simplesmente empurrar a Atena Partenos por todo o caminho de volta.

Ela examinou a câmara, na esperança de ver algo que pudesse ajudar. Seus olhos percorreram as tapeçarias, tão lindas que chegava a doer. Uma peça mostrava uma cena pastoril tão realística que parecia ser a vista de uma janela. Outra mostrava os deuses lutando contra os gigantes. Annabeth viu uma paisagem do Mundo Inferior. Ao lado dela, um panorama da Roma moderna. E, na peça à sua esquerda...

Ela prendeu a respiração. Era um retrato de dois semideuses se beijando debaixo d'água: Annabeth e Percy, no dia em que os amigos os haviam jogado no lago de canoagem do acampamento. O desenho era tão bem-feito que ela se perguntou se a tecelã estivera lá, espreitando no lago com uma câmera à prova d'água.

— Como isso é possível? — murmurou.

Acima dela, na escuridão, uma voz falou:

— Há séculos eu já sabia que você viria, docinho.

Annabeth estremeceu. De repente tinha sete anos de novo, escondendo-se debaixo das cobertas, esperando que as aranhas a atacassem durante a noite. A voz soava exatamente como Percy a descrevera: um sibilo raivoso em múltiplos tons, feminina, mas não humana.

Nas teias acima da estátua, alguma coisa se moveu — uma coisa grande e escura.

— Vi você em meus sonhos — disse a voz doce, enjoativa e maligna, como o cheiro nos túneis. — Eu tinha que me certificar de que você valia a pena, a *única* filha de Atena inteligente o bastante para passar por meus testes e chegar viva a

este lugar. De fato, você é a filha mais talentosa da deusa. Isso tornará sua morte muito mais dolorosa para minha velha inimiga quando você *fracassar*.

A dor no tornozelo de Annabeth não era nada comparada ao ácido gélido que agora tomava conta de suas veias. Ela queria correr. Queria implorar por misericórdia. Mas não podia demonstrar fraqueza — não agora.

— Você é Aracne. A tecelã que foi transformada em aranha.

A criatura desceu mais um pouco, tornando-se mais visível e horripilante.

— Amaldiçoada por sua mãe — disse ela. — Desdenhada por todos e transformada em uma coisa horrenda... porque *eu* era a melhor tecelã.

— Mas você perdeu a competição — rebateu Annabeth.

— Essa é a história que ela contou! — gritou Aracne. — Olhe para o meu trabalho! Veja por si mesma!

Annabeth não precisava. As tapeçarias eram as melhores que ela já vira — melhores que o trabalho da feiticeira Circe, e, sim, melhores até que algumas das tapeçarias que vira no Monte Olimpo. Ela se perguntou se sua mãe havia *de fato* perdido — se tinha aprisionado Aracne e reescrito a história. Mas naquele momento não importava.

— Suponho que você guarde esta estátua desde os tempos antigos — disse Annabeth. — Mas o lugar dela não é aqui. Vou levá-la de volta.

— Há — disse Aracne.

Até mesmo Annabeth precisava admitir que sua ameaça soava ridícula. Como uma garota com uma tala de plástico bolha no tornozelo podia remover aquela estátua imensa de sua caverna subterrânea?

— Receio que você tenha que me derrotar primeiro, docinho — disse Aracne. — E, que pena, isso é impossível.

A criatura apareceu por trás das cortinas de teia, e Annabeth se deu conta de que sua missão estava fadada ao fracasso. Ela iria morrer.

Aracne era uma viúva negra gigante, com uma marca vermelha e peluda em forma de ampolheta na parte inferior do abdome e um par de fiandeiras gosmentas. Suas oito pernas finas eram cobertas por espetos tão grandes quanto a faca de Annabeth. Se a aranha se aproximasse mais, só o seu fedor adocicado seria suficiente para fazê-la desmaiar. Mas a parte mais horrível era seu rosto disforme.

Talvez ela já tivesse sido uma mulher bonita. Agora mandíbulas negras se projetavam de sua boca como presas. Os outros dentes haviam se transformado em finas agulhas brancas. Suíças escuras pontilhavam-lhe as bochechas. Os olhos eram grandes, sem pálpebras e totalmente negros, com dois olhos menores se projetando das têmporas.

A criatura emitia um violento som de *réc-réc-réc* que poderia ser uma

gargalhada.

— Agora vou me banquetear com você, doçura — falou Aracne. — Mas não tenha medo. Vou fazer um lindo tapete retratando sua morte.

XXXVII

LEO

LEO QUERIA NÃO SER TÃO bom.

De verdade, às vezes era simplesmente constrangedor. Se ele não tivesse um olho tão bom para as questões mecânicas, talvez nunca tivessem encontrado a passagem secreta, se perdido no subterrâneo e sido atacados por criaturas de metal. Mas ele não podia evitar.

Parte disso era culpa de Hazel. Para uma garota com um GPS subterrâneo embutido, ela não era muito boa em Roma. Ela os fez dar voltas e mais voltas pela cidade, ficando confusa e voltando pelo mesmo caminho várias vezes.

— Desculpem — pediu ela. — É só que... tem tanta coisa aqui embaixo, tantas camadas, que estou até atordoada. É como ficar no meio de uma orquestra e tentar se concentrar em apenas um instrumento. Estou ficando surda.

Como resultado, fizeram um *tour* por Roma. Frank parecia feliz por acompanhá-la como um grande sheepdog (hummm, Leo se perguntou se ele poderia se transformar em um daqueles ou em algo ainda melhor: um cavalo que pudesse montar). Mas Leo começou a ficar impaciente. Seus pés doíam, o dia estava ensolarado e quente, e as ruas encontravam-se apinhadas de turistas.

O fórum era legal, mas consistia praticamente em ruínas cobertas com arbustos e árvores. Era preciso muita imaginação para vê-lo como o movimentado centro da Roma Antiga. Leo só conseguia visualizá-lo assim porque vira a Nova Roma na Califórnia.

Eles passaram por grandes igrejas, arcos, lojas de roupas e restaurantes de fast-food. Uma estátua de algum sujeito da Roma Antiga parecia apontar para um McDonald's ali perto.

Nas avenidas, o trânsito era completamente caótico — cara, Leo achava que em *Houston* as pessoas dirigissem feito loucas — mas eles ficaram a maior parte

do tempo ziguezagueando por becos, encontrando fontes e pequenos cafés onde não deixavam Leo descansar.

— Nunca pensei que um dia fosse conhecer Roma — disse Hazel. — Quando estava viva, quer dizer, na primeira vez, Mussolini estava no comando. Estávamos em guerra.

— Mussolini? — Leo franziu a testa. — Ele não era o BFF de Hitler?

Hazel o olhou como se ele fosse um alienígena.

— BFF?

— Deixa para lá.

— Eu adoraria ver a Fontana di Trevi — disse ela.

— Tem uma fonte em cada esquina — resmungou Leo.

— Ou a *Piazza di Spagna* — acrescentou Hazel.

— Por que você viria à Itália para ver uma praça espanhola? — perguntou Leo. — É como ir à China para comer comida mexicana, não é?

— Você é um caso perdido — queixou-se Hazel.

— É o que dizem.

Ela voltou-se para Frank e segurou a mão dele, como se Leo tivesse deixado de existir.

— Venha. Acho que devemos ir por aqui.

Frank dirigiu um sorriso confuso a Leo — como se não conseguisse decidir se devia se vangloriar ou agradecer a Leo por ele ser um idiota — mas deixou alegremente que Hazel o arrastasse com ela.

Depois de andarem uma eternidade, Hazel parou diante de uma igreja. Pelo menos, Leo supôs que fosse uma. A parte de trás possuía um grande teto abobadado. A entrada tinha um telhado triangular, típicas colunas romanas e uma inscrição ao longo do friso: M. AGRIPPA qualquer coisa.

— Isso significa *pegar uma gripe* em latim? — especulou Leo.

— Esta é nossa melhor opção. — Hazel transmitia mais confiança do que em qualquer outro momento do dia. — Deve haver uma passagem secreta em algum lugar lá dentro.

Grupos de turistas circulavam pelos degraus. Guias seguravam cartazes coloridos com diversos números e falavam em dezenas de línguas diferentes, como se estivessem jogando algum tipo de bingo internacional.

Leo ficou ouvindo o guia espanhol por alguns segundos e então relatou aos amigos.

— Este é o Panteão. Foi originalmente construído por Marcus Agrippa como um templo dedicado aos deuses. Depois de ser destruído pelo fogo, o Imperador Adriano o reconstruiu, e assim ele está há dois mil anos. É uma das construções romanas mais bem conservadas.

Frank e Hazel o encararam.

— Como você sabe disso? — perguntou Hazel.

— Sou brilhante.

— Cocô de centauro — disse Frank. — Ele ficou escutando um dos guias turísticos.

Leo sorriu.

— Talvez. Venham. Vamos procurar essa tal passagem secreta. Espero que este lugar tenha ar-condicionado.

*

Nada de ar-condicionado, é claro.

A parte boa era que não havia filas nem precisavam pagar para entrar, então bastou abrirem caminho à força em meio aos grupos de turistas.

O interior era bem impressionante, considerando-se que fora construído dois mil anos antes. O piso de mármore era decorado com quadrados e círculos como um jogo da velha romano. O espaço era uma imensa câmara com uma rotunda, parecido com o Capitólio americano. Alinhados ao longo das paredes viam-se diferentes santuários, estátuas, tumbas e coisas do tipo. Mas a verdadeira atração era o domo lá em cima. Toda a luz no interior da construção vinha de uma única abertura circular no topo. Um raio de sol entrava obliquamente na rotunda e iluminava o chão, como se Zeus estivesse lá no alto com uma lente de aumento tentando fritar os humanos insignificantes.

Leo não era um arquiteto como Annabeth, mas sabia apreciar a engenharia. Os romanos haviam construído o domo com grandes painéis de pedra, mas tinham escavado cada painel em um padrão de quadrado dentro de quadrado. O resultado era bem bacana. Leo deduziu que isso também tornava a estrutura mais leve e fácil de sustentar.

Ele não comentou nada com os amigos. Duvidava que dessem importância a isso, mas, se Annabeth estivesse ali, ela teria passado o dia inteiro falando sobre aquilo. Aquele pensamento fez Leo se perguntar como ela estaria se saindo em sua busca pela Marca de Atena. Leo nunca pensou que fosse se sentir assim, mas estava preocupado com aquela garota loura e assustadora.

Hazel parou no meio do salão e deu um giro.

— Isto é incrível. Nos tempos antigos, os filhos de Vulcano vinham aqui em segredo para consagrar as armas de semideuses. Era neste lugar que o ouro imperial era encantado.

Leo se perguntou como aquilo funcionava. Imaginou um bando de semideuses em túnicas escuras tentando se esgueirar com uma balista escorpião pelas portas da frente.

— Mas não estamos aqui por essa razão — concluiu ele.

— Não — disse Hazel. — Há uma entrada aqui, um túnel, que vai nos levar até Nico. Posso senti-lo bem perto. Só não sei onde.

— Se este prédio tem dois mil anos, pode realmente ter restado algum tipo de passagem secreta dos tempos antigos – falou Frank.

Foi aí que Leo cometeu o erro de ser bom demais.

Ele examinou o interior do templo, pensando: *Se eu estivesse projetando uma passagem secreta, onde a colocaria?*

Às vezes ele conseguia compreender o funcionamento de uma máquina simplesmente colocando a mão nela. Aprendera a pilotar um helicóptero assim. Tinha consertado Festus, o dragão, também daquela forma (antes de Festus sofrer uma queda e pegar fogo). Uma vez até reprogramara os painéis eletrônicos da Times Square para exibir: TODAS AS GAROTAS AMAM LEO... sem querer, é claro.

Agora ele tentava sentir como essa construção antiga funcionava. Voltou-se para algo que parecia um altar de mármore vermelho com uma estátua da Virgem Maria.

— Ali — disse.

E marchou confiante na direção do altar. O formato era semelhante ao de uma lareira, com uma reentrância em arco no fundo. A cornija exibia a inscrição de um nome, como uma tumba.

— A passagem é por aqui — afirmou ele. — Mas o lugar do descanso final desse cara está no caminho. Rafael sei-lá-do-quê.

— Acho que era um pintor famoso — disse Hazel.

Leo deu de ombros. Tinha um primo chamado Rafael e não achava o nome grande coisa. Ele se perguntou se poderia pegar uma banana de dinamite em seu cinto de ferramentas e provocar uma discreta demoliçãozinha, mas deduziu que os responsáveis por esse lugar provavelmente não aprovariam.

— Só um minuto... — Leo olhou à sua volta para ter certeza de que não estavam sendo observados.

A maior parte dos grupos de turistas olhava boquiaberta para o domo, mas um trio chamou a atenção de Leo. Cerca de cinco metros de onde estavam, uns sujeitos obesos que pareciam americanos de meia-idade conversavam em voz alta, queixando-se do calor. Pareciam peixes-bois em roupas de banho — sandálias, shorts, camisetas de turista e chapéus de praia. Suas pernas eram grossas, pálidas e cobertas por microvarizes. Eles pareciam extremamente entediados, e Leo se perguntou o que estariam fazendo ali.

Não estavam olhando para ele. Leo não sabia por que o deixavam nervoso. Talvez simplesmente não gostasse de peixes-bois.

Esqueça-os, disse Leo a si mesmo.

Ele foi até a lateral da tumba e correu a mão pela parte de trás de uma coluna romana, até embaixo. Bem na base, havia uma série de linhas entalhadas no mármore — numerais romanos.

— Ah — disse Leo. — Não muito elegante, mas eficaz.

— O que foi? — perguntou Frank.

— A combinação de uma fechadura. — Ele tateou a coluna um pouco mais e descobriu um buraco quadrado mais ou menos do tamanho de uma tomada. — A fechadura em si foi arrancada... provavelmente vandalizada em algum momento dos últimos séculos. Mas acho que consigo controlar o mecanismo aí dentro se eu puder...

Leo pousou a mão no piso de mármore. Era possível sentir antigas engrenagens de bronze sob a pedra. O bronze comum teria sido corroído e se tornado inútil muito tempo atrás, mas o que havia ali era bronze celestial: trabalho de um semideus. Com seus poderes, Leo instou as engrenagens a se moverem, usando os numerais romanos como guia. Os cilindros giraram — *clique, clique, clique*. Depois *clique, clique*.

No piso perto da parede, uma seção de ladrilhos de mármore deslizou para debaixo de outra, revelando uma passagem quadrada e escura por onde eles mal conseguiriam se espremer.

— Os romanos deviam ser pequenos. — Leo olhou para Frank, avaliando-o. — Você vai precisar se transformar em alguma coisa mais magra para passar por aqui.

— Isso não foi legal! — repreendeu Hazel.

— O quê? Só estou dizendo...

— Não se preocupe — murmurou Frank. — É melhor irmos buscar os outros antes de explorarmos. Foi o que Piper disse.

— Eles estão do outro lado da cidade — lembrou Leo. — Além disso, hã, não tenho certeza de que consigo fechar esse alçapão outra vez. As engrenagens são muito velhas.

— Ótimo — disse Frank. — Como sabemos que é seguro lá embaixo?

Hazel ajoelhou-se. Ela pôs a mão acima da abertura, como se verificasse a temperatura.

— Não há nada vivo... pelo menos não por algumas centenas de metros. O túnel começa descendo e depois se nivela, seguindo mais ou menos para o sul. Não pressinto nenhuma armadilha...

— Como pode saber disso tudo? — perguntou Leo.

Ela deu de ombros.

— Da mesma maneira que você pode abrir fechaduras em colunas de mármore, acho. Fico feliz que você não se interesse por roubar bancos.

— Ah... cofres de banco — disse Leo. — Nunca tinha pensado nisso.

— Esqueça o que eu disse. — Hazel suspirou. — Olhe, ainda não são três horas. Podemos pelo menos explorar um pouquinho, tentar localizar Nico antes de entrarmos em contato com os outros. Vocês dois ficam aqui até eu chamá-los. Quero dar uma olhada, me certificar de que o túnel não vai desabar. Vou saber mais assim que estiver no subterrâneo.

Frank franziu o cenho.

— Não podemos deixar você ir sozinha. Pode ser perigoso.

— Frank, posso cuidar de mim mesma. O subterrâneo é meu elemento. É mais seguro para todos nós se eu for primeiro.

— A menos que Frank queira se transformar em uma toupeira — sugeriu Leo.

— Ou um cão-da-pradaria. Eles são incríveis.

— Cala a boca — resmungou Frank.

— Ou um texugo.

Frank meteu um dedo na cara de Leo.

— Valdez, juro que...

— Vocês dois, fiquem quietos — repreendeu Hazel. — Volto em dez minutos. Se eu não aparecer até lá... Esquece. Vou estar bem. Só tentem não se matar enquanto eu estiver lá embaixo.

Ela desceu pela passagem. Leo e Frank ocultaram-na o máximo que podiam. Ficaram lado a lado, tentando parecer despreocupados, como se fosse completamente natural para dois adolescentes ficar parados diante do túmulo de Rafael.

Grupos de turistas iam e vinham. A maioria ignorava Leo e Frank. Algumas pessoas olhavam-nos apreensivas e continuavam andando. Talvez os turistas achassem que eles fossem pedir dinheiro. Por alguma razão, Leo conseguia deixar as pessoas nervosas quando sorria.

Os três peixes-bois americanos ainda faziam hora no meio do Panteão. Um deles usava uma camiseta que dizia ROMA, como se pudesse esquecer em que cidade estava se não a usasse. De vez em quando, olhava para Leo e Frank como se a presença deles fosse desagradável.

Alguma coisa naquele cara incomodava Leo. Ele torceu para que Hazel se apressasse.

— Hazel conversou comigo hoje cedo — falou Frank de repente. — Ela disse que você descobriu sobre minha tábua de salvação.

Leo se mexeu. Ele quase havia esquecido que Frank estava parado ao lado

dele.

— Sua tábua de salvação... ah, o graveto. Certo.

Leo resistiu ao impulso de incendiar a mão e gritar: *Muá há-há!* A ideia parecia engraçada, mas ele não era tão cruel assim.

— Olhe, cara — começou ele. — Está tudo bem. Eu nunca faria nada que colocasse você em perigo. Estamos no mesmo time.

Frank brincou com a medalha de centurião.

— Eu sempre soube que o fogo podia me matar, mas desde que a mansão da minha avó em Vancouver foi incendiada... isso parece muito mais *real*.

Leo assentiu. Ele se sentia solidário a Frank, mas o cara não facilitava nada quando falava sobre a mansão da família. Era meio como dizer *Bati com meu Lamborghini* e esperar que as pessoas dissessem *Ah, pobrezinho!*

É claro que Leo não lhe disse isso.

— Sua avó... ela morreu nesse incêndio? Você não disse.

— Eu... eu não sei. Ela estava doente e bem velha. Disse que morreria em seu próprio tempo, à sua maneira. Mas acho que ela conseguiu se salvar do fogo. Vi uma ave sair voando do meio das chamas.

Leo ficou pensativo.

— Então toda a sua família tem essa coisa de mudar de forma?

— Acho que sim — falou Frank. — Minha mãe tinha. Minha avó achava que era por isso que ela morreu no Afeganistão, na guerra. Mamãe tentou ajudar alguns companheiros e... Não sei exatamente o que aconteceu. Houve uma bomba incendiária.

Leo encolheu-se, solidário.

— Então nós dois perdemos a mãe para o fogo.

Ele não tivera a intenção de falar, mas acabou contando a Frank toda a história da noite na oficina quando Gaia aparecera para ele e a mãe morreria.

Os olhos de Frank ficaram cheios de lágrimas.

— Eu não gosto quando as pessoas me dizem: *Sinto muito pela sua mãe*.

— Nunca parece sincero — concordou Leo.

— Mas sinto muito pela sua mãe.

— Obrigado.

Nenhum sinal de Hazel. Os turistas americanos ainda perambulavam pelo Panteão. Pareciam estar se aproximando, como se tentassem chegar até a tumba de Rafael sem serem notados.

— No Acampamento Júpiter — disse Frank — o Lar da nossa coorte, Reticulus, me disse que eu tenho mais poder que a maioria dos semideuses, por ser filho de Marte e ainda ter também a habilidade de transformação da minha mãe. Falou que é por isso que minha vida está ligada a um graveto. Pois é uma

fraqueza tão grande que acaba equilibrando as coisas.

Leo lembrou-se de sua conversa com Nêmesis, a deusa da vingança, no Great Salt Lake. Ela dissera algo semelhante sobre querer que os pratos da balança se equilibrassem. *A boa sorte é uma impostura. O verdadeiro sucesso exige sacrifício.*

O biscoito da sorte que ela dera para Leo ainda estava em seu cinto de ferramentas, esperando para ser aberto. *Logo enfrentará um problema que não poderá resolver, embora eu possa ajudá-lo... por um preço.*

Leo gostaria de arrancar essa lembrança da cabeça e enfiá-la no cinto de ferramentas. Ela ocupava espaço demais.

— Todos nós temos fraquezas — falou ele. — Eu, por exemplo, sou tragicamente engraçado e bonito.

Frank bufou.

— Você pode ter fraquezas, mas sua vida não depende de um graveto.

— Não — admitiu Leo. Ele começou a pensar: se o problema de Frank fosse seu, como iria resolvê-lo? Quase todas as falhas podiam ser consertadas. — Eu me pergunto...

Ele olhou para o outro lado da construção e hesitou. Os três turistas americanos vinham na direção deles, como se tivessem cansado de tentar ser discretos. Dirigiam-se diretamente para a tumba de Rafael, e todos os três fuzilavam Leo com os olhos.

— Hã, Frank? — chamou Leo. — Já se passaram dez minutos?

Frank seguiu o seu olhar. A expressão dos americanos era de raiva e confusão, como se estivessem andando no meio de um pesadelo muito irritante.

— *Leo Valdez* — chamou o sujeito em cuja camiseta estava escrito ROMA. Sua voz havia mudado. Estava oca e metálica. Ele falava com um sotaque. — *Voltamos a nos encontrar.*

Os três turistas piscaram, e seus olhos se transformaram em ouro puro.

Frank gritou.

— Eidolons!

Os peixes-bois cerraram os punhos robustos. Normalmente, Leo não teria ficado preocupado com a possibilidade de ser assassinado por sujeitos obesos de chapéus de praia, mas suspeitava que os eidolons fossem perigosos mesmo naqueles corpos, principalmente porque os espíritos não ligavam se seus hospedeiros sobreviveriam ou não.

— Eles não passam pelo buraco — disse Leo.

— Certo — concordou Frank. — O subterrâneo está parecendo um lugar bastante convidativo.

Ele se transformou em uma cobra e rastejou pela passagem. Leo saltou atrás

dele enquanto os espíritos começavam a gritar lá em cima:

— *Valdez! Matem Valdez!*

XXXVIII

LEO

UM PROBLEMA RESOLVIDO: O ALÇAPÃO acima deles fechou-se automaticamente, protegendo-os dos inimigos. Também deixou o lugar às escuras, mas Leo e Frank podiam lidar com isso. Leo só esperava que eles não precisassem sair pelo mesmo lugar por onde entraram. Não sabia se conseguiria abrir o alçapão por baixo.

Pelo menos os peixes-bois possuídos estavam do outro lado. Lá em cima, o teto de mármore estremeceu, como se pés gordos de turistas estivessem pisoteando o chão.

Frank devia ter voltado à forma humana. Leo podia ouvi-lo ofegando na escuridão.

— E agora? — Frank perguntou.

— Certo, não surte — avisou Leo. — Vou criar um pouco de fogo, só para a gente conseguir enxergar.

— Obrigado pelo aviso.

O dedo indicador de Leo se iluminou como uma vela de aniversário. Diante deles estendia-se um túnel de pedra com teto baixo. Exatamente como Hazel previra, ele descia e então se nivelava, seguindo para o sul.

— Bem — disse Leo. — Segue apenas em uma direção.

— Vamos procurar Hazel.

Leo não se opunha àquela sugestão. Os dois desceram o corredor, Leo na frente com o fogo. Estava feliz por ter Frank às suas costas, grande, forte e capaz de se transformar em animais assustadores para o caso de turistas possuídos de alguma forma conseguirem abrir o alçapão, se espremerem por ele e perseguirem os garotos. Leo se perguntou se os eidolons não deixariam aqueles corpos para trás, atravessariam o solo e possuiriam um deles.

Ah, aí está meu pensamento feliz do dia!, Leo se repreendeu.

Depois de uns trinta metros, o corredor fez uma curva e eles encontraram Hazel, examinando uma porta à luz de sua espada de cavalaria dourada. Estava tão absorta que não percebeu a presença deles até Leo dizer “oi”.

Hazel girou, tentando brandir a espada. Felizmente para o rosto de Leo, a lâmina era longa demais para se manejar no corredor.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou Hazel.

Leo engoliu em seco.

— Desculpe. Encontramos alguns turistas zangados.

Ele contou o que acontecera. Ela suspirou, frustrada.

— Odeio eidolons. Pensei que Piper tivesse feito esses espíritos prometerem que ficariam longe.

— Ah... — disse Frank, como se também tivesse acabado de ter seu próprio pensamento feliz do dia. — Piper os fez prometer que ficariam longe do navio e que não possuiriam nenhum de *nós*. Mas, se eles nos seguirem e usarem outros corpos para nos atacar, então tecnicamente não estão quebrando a promessa...

— Ótimo — murmurou Leo. — Eidolons que também são advogados. Agora eu quero *mesmo* matá-los.

— O.k., esqueça-os por enquanto — disse Hazel. — Esta porta está me dando nos nervos. Leo, pode usar seu talento com esta fechadura?

Leo estalou os dedos.

— Abram alas para o mestre, por favor.

A porta era interessante, muito mais complicada que o segredo em numerais romanos da fechadura lá de cima. Ela era toda revestida de ouro imperial. Embutida no centro havia uma esfera mecânica mais ou menos do tamanho de uma bola de boliche. A esfera era construída com cinco anéis concêntricos, cada um com símbolos do zodíaco gravados — o touro, o escorpião *etc.* — e letras e números aparentemente aleatórios.

— Estas letras são gregas — falou Leo, surpreso.

— Bem, muitos romanos falavam grego — argumentou Hazel.

— Acho que sim — afirmou Leo. — Mas isto... sem querer ofender vocês do Acampamento Júpiter, isto é complicado demais para ser romano.

Frank bufou.

— Enquanto vocês, gregos, simplesmente *adoram* complicar as coisas.

— Ei — protestou Leo. — O que estou dizendo é que este maquinário é delicado e sofisticado. Ele me faz lembrar... — Leo olhou para a esfera, tentando recordar onde lera ou ouvira sobre uma máquina antiga semelhante. — É uma espécie de fechadura mais avançada. Você alinha os símbolos nos diferentes anéis na ordem certa, e isso abre a porta.

— Mas qual é a ordem certa? — perguntou Hazel.

— Boa pergunta. Esferas gregas... astronomia, geometria... — Leo experimentou uma sensação de calor por dentro. — Ah, sem essa. Será que... Qual é o valor de π ?

Frank franziu a testa.

— O quê?

— O número, π — explicou Hazel. — Aprendi isso em matemática, mas...

— O número é usado para medir círculos — disse Leo. — Esta esfera, se foi feita pelo cara que estou pensando...

Hazel e Frank olharam para ele sem entender.

— Deixa para lá — falou Leo. — Tenho quase certeza de que o valor de π é, hã, 3,1415, blá-blá-blá. O número continua para sempre, mas a esfera tem apenas cinco anéis, então isso deve ser suficiente se eu estiver certo.

— E se não estiver? — perguntou Frank.

— Bem, então Leo vai se estrepar. Vamos descobrir!

Ele girou os anéis, começando pelos de fora e passando aos internos. Ignorou os símbolos zodiacais e letras, alinhando os números corretos de modo que formassem o valor de π . Nada aconteceu.

— Sou muito burro — murmurou Leo. — π se expandiria de dentro para fora, porque é infinito.

Ele reverteu a ordem dos números, começando pelo centro e seguindo para fora. Quando alinhou o último anel, algo dentro da esfera emitiu um clique. A porta se abriu.

Leo sorriu, radiante.

— É assim, gente boa, que fazemos as coisas no Mundo do Leo. Vamos em frente!

— Eu odeio o Mundo do Leo — murmurou Frank.

Hazel riu. Lá dentro havia coisas interessantes em número suficiente para manter Leo ocupado por anos. A sala tinha aproximadamente o tamanho da forja no Acampamento Meio-Sangue, com mesas de trabalho com tampo de bronze ao longo das paredes e cestas cheias de ferramentas antigas de metalurgia. Havia dezenas de esferas de bronze e ouro semelhantes a bolas de basquete *steampunk* em vários estágios de desmonte. Engrenagens e fios soltos cobriam o chão, e grossos cabos de metal saíam das mesas em direção aos fundos da sala, onde havia um mezanino fechado, como a cabine de som de um teatro. De cada lado do mezanino havia uma escada. Todos os cabos pareciam convergir para aquele lugar. Ao lado da escada à esquerda via-se uma série de escaninhos cheios de cilindros de couro — provavelmente antigos estojos de pergaminhos.

Leo estava prestes a se aproximar das mesas quando olhou para o lado esquerdo e quase deu um pulo. Ao lado da porta, havia dois manequins vestindo

armadura — como espantalhos esqueléticos feitos de canos de bronze, equipados com armaduras romanas completas, escudo e espada.

— Cara. — Leo dirigiu-se a um deles. — Eles seriam *incríveis* se funcionassem.

Frank afastou-se dos manequins.

— Essas coisas vão ganhar vida e nos atacar, não vão?

Leo riu.

— Sem chance. Não estão completos. — Ele deu um tapinha no pescoço do manequim mais próximo, onde fios de cobre soltos brotavam de sob o peitoral.

— Olhem, a fiação da cabeça foi desconectada. E aqui, no cotovelo, o sistema de polia para a articulação está desalinhada. Meu palpite? Os romanos estavam tentando copiar um projeto grego, mas não tinham a habilidade para isso.

Hazel arqueou as sobrancelhas.

— Os romanos não eram muito bons em coisas *complicadas*, suponho.

— Ou delicadas — acrescentou Frank. — Ou sofisticadas.

— Ei, só estou sendo sincero. — Leo balançou a cabeça do manequim, fazendo-o assentir, como se concordasse com ele. — Ainda assim... uma tentativa bastante impressionante. Ouvi lendas sobre os romanos terem confiscado os escritos de Arquimedes, mas...

— Arquimedes? — Hazel pareceu impressionada. — Ele não foi um matemático da antiguidade ou algo assim?

Leo riu.

— Foi muito mais que isso. Foi apenas o mais famoso filho de Hefesto que já existiu.

Frank coçou a orelha.

— Já ouvi o nome dele antes, mas como você pode ter certeza de que esse manequim é um projeto dele?

— Só pode ser! — respondeu Leo. — Olhe, eu li tudo sobre Arquimedes. Ele é um herói para o chalé 9. O cara era grego, sabe? Vivia em uma das colônias gregas no sul da Itália, antes que Roma ficasse imensa e assumisse o controle. Finalmente os romanos ocuparam e destruíram a cidade dele. O general romano queria poupar Arquimedes, por ele ser tão valioso, uma espécie de Einstein do mundo antigo, mas aí um soldado romano estúpido o matou.

— Lá vem você de novo — murmurou Hazel. — *Estúpido e romano* nem sempre andam juntos, Leo.

Frank grunhiu, concordando.

— Aliás, como você sabe disso tudo? — perguntou ele. — Tem algum guia turístico falando em espanhol por aqui?

— Não, cara — disse Leo. — Não dá para ser um semideus que gosta de

construir coisas e não conhecer Arquimedes. O cara era o melhor, *de verdade*. Ele calculou o valor de pi. Criou várias teorias matemáticas que são usadas na engenharia ainda hoje. Inventou um parafuso hidráulico que podia mover a água pelos canos.

Hazel franziu a testa.

— Um parafuso hidráulico. Foi mal por não conhecer *essa* incrível conquista.

— Ele também desenvolveu uma arma letal capaz de incendiar navios inimigos com espelhos refletindo a luz do sol — disse Leo. — Isso é incrível o bastante para você?

— Vi alguma coisa sobre isso na tevê — admitiu Frank. — Ficou provado que não funciona.

— Ah, isso é só porque mortais modernos não sabem como usar bronze celestial — rebateu Leo. — *Essa é* a chave. Arquimedes também inventou uma garra imensa que ficava presa em uma grua e podia lançar navios inimigos para fora da água.

— Certo, isso é legal — admitiu Frank. — Adoro aquelas máquinas de brindes com garras mecânicas.

— Bem, é isso aí — falou Leo. — De qualquer forma, todas as invenções dele não bastaram. Os romanos destruíram sua cidade. Arquimedes foi morto. Segundo as lendas, o general romano era um grande admirador de seu trabalho, por isso invadiu a oficina de Arquimedes e levou um monte de lembranças quando voltou para Roma. Teoricamente esses projetos desapareceram da história, mas... — Leo gesticulou, apontando o material nas mesas. — Aqui estão eles.

— Bolas de basquete de metal? — perguntou Hazel.

Leo não podia acreditar que eles não reconhecessem o valor do que estavam vendo, mas tentou conter sua irritação.

— Gente, Arquimedes construía *esferas*. Os romanos não conseguiam compreendê-las. Achavam que elas serviam apenas para ver as horas ou acompanhar as constelações, porque eram cobertas com imagens de estrelas e planetas. Mas isso é o mesmo que encontrar um fuzil e achar que é uma bengala.

— Leo, os romanos eram engenheiros de primeira linha — lembrou-lhe Hazel. — Eles construíram aquedutos, estradas...

— Armas de cerco — acrescentou Frank. — Saneamento público.

— É, eu sei — disse Leo. — Mas Arquimedes era único. Suas esferas podiam fazer todo tipo de coisa, só que ninguém tem certeza...

De repente Leo teve uma ideia tão incrível que seu nariz pegou fogo. Ele o apagou com a mão o mais rápido possível. Cara, era *tão* constrangedor quando isso acontecia.

Ele correu para os escaninhos e examinou as marcas nos estojos de pergaminho.

— Ah, deuses. É isso!

Com todo cuidado, ergueu um dos pergaminhos. Ele não era muito bom em grego antigo, mas dava para ver que a inscrição no estojo dizia: *Sobre a Construção de Esferas*.

— Gente, este é o livro perdido! — Suas mãos tremiam. — Arquimedes escreveu isto descrevendo seus métodos de construção, mas todas as cópias se perderam nos tempos antigos. Se eu conseguir traduzir isto...

As possibilidades eram infinitas. Para Leo, a missão agora havia tomado outra proporção. Ele precisava tirar as esferas e os pergaminhos dali em segurança. Tinha que proteger aquele material até poder levá-lo para o bunker 9 e estudá-lo.

— Os segredos de Arquimedes — murmurou ele. — Gente, isto é maior do que o laptop de Dédalo. Se houver um ataque romano ao Acampamento Meio-Sangue, estes segredos poderiam salvar o acampamento. Eles poderiam até nos dar uma vantagem sobre Gaia e os gigantes!

Hazel e Frank entreolharam-se, céticos.

— Certo — disse Hazel. — Não viemos aqui por causa de um pergaminho, mas creio que podemos levá-lo.

— Supondo-se — acrescentou Frank — que você não se importe em partilhar seus segredos com a gente, dois romanos estúpidos e simplórios.

— O quê? — Leo o observou sem entender. — Não. Olhe, minha intenção não foi ofender... Ah, deixa para lá. O que importa é que essa é uma ótima notícia!

Pela primeira vez em dias, Leo sentia-se de fato esperançoso.

Naturalmente, foi aí que tudo deu errado.

Na mesa próxima a Hazel e Frank, uma das esferas clicou e zumbiu. Várias perninhas surgiram de seu equador. Ela se ergueu e dois cabos de bronze dispararam do polo, atingindo Hazel e Frank como uma arma de eletrochoque. Os dois desabaram no chão.

Leo correu para ajudá-los, mas os dois manequins de armadura, que não podiam se mover, se moveram. Eles sacaram as espadas e foram em direção a Leo.

O da esquerda girou o capacete torto, que tinha o formato da cabeça de um lobo, e, apesar de não ter rosto nem boca, uma voz familiar e cavernosa falou através do visor.

— *Você não pode fugir de nós, Leo Valdez. Não gostamos de possuir máquinas, mas elas são melhores do que turistas. Você não sairá daqui vivo.*

XXXIX

LEO

LEO CONCORDAVA COM NÊMESIS EM um ponto: a boa sorte era uma impostura. Pelo menos no que dizia respeito à sorte de Leo.

No último inverno ele havia assistido horrorizado a uma família de ciclopes se preparando para assar Jason e Piper com molho de pimenta. Conseguira bolar um plano e salvar os amigos sozinho, mas pelo menos tivera tempo para pensar.

Agora, nem isso. Hazel e Frank haviam sido nocauteados pelos tentáculos de uma bola de basquete *steampunk* possuída. Agora duas armaduras mau-humoradas estavam prestes a matá-lo.

Leo não podia atear fogo nelas. Isso não ia abalar as armaduras. Além disso, Hazel e Frank estavam perto demais. Ele não queria queimá-los ou acidentalmente atingir o graveto do qual dependia a vida de Frank.

À direita de Leo, a armadura com o capacete de cabeça de leão estalou o pescoço rijo e olhou para Hazel e Frank, que ainda estavam caídos e inconscientes.

— *Um semideus e uma semideusa* — disse Cabeça de Leão. — *Estes vão servir se os outros morrerem.* — Sua máscara oca voltou-se novamente para Leo. — *Você não é mais necessário, Leo Valdez.*

— Ei! — Leo tentou abrir um sorriso vitorioso. — Leo Valdez é sempre necessário!

Ele estendeu os braços e esperou parecer confiante e útil, não desesperado e apavorado. Perguntou-se já seria tarde demais para escrever TIME LEO em sua camisa.

Infelizmente, as armaduras não eram tão influenciáveis quanto o fã-club de Narciso. A que tinha o capacete de cabeça de lobo rosnou:

— *Já estive em sua mente, Leo. Ajudei você a começar a guerra.*

O sorriso de Leo se desfez. Ele deu um passo para trás.

— Era você?

Agora ele compreendia por que os turistas o haviam incomodado de imediato e por que a voz daquela coisa lhe soava tão familiar. Ele a ouvira em sua mente.

— Você me fez disparar a balista? — perguntou Leo. — Chama aquilo de *ajudar*?

— *Sei como você pensa* — disse Cabeça de Lobo. — *Conheço suas limitações. Você é pequeno e solitário. Precisa de amigos para protegê-lo. Sem eles, é incapaz de resistir a mim. Jurei não possuí-lo novamente, mas ainda posso matá-lo.*

Os sujeitos nas armaduras avançaram. As pontas de suas espadas estavam a alguns centímetros do rosto de Leo.

O medo de Leo deu lugar a uma raiva muito grande. Aquele eidolon com o capacete de lobo o havia humilhado, controlado e forçado a atacar Nova Roma. Havia colocado seus amigos em perigo e sabotado a missão deles.

Leo olhou para as esferas desligadas nas mesas. Refletiu sobre o cinto de ferramentas. Pensou no mezanino atrás dele — a área que parecia uma cabine de som. Pronto: nascia a *Operação Monte de Lixo*.

— Primeiro: você não me conhece — disse ele a Cabeça de Lobo. — E segundo: tchau.

Então correu até a escada, subindo aos pulos até o mezanino. As armaduras eram assustadoras, mas não rápidas. Como Leo suspeitava, o cômodo tinha portões de metal dobráveis de ambos os lados. Os operadores pensaram em se proteger caso suas criações fugissem ao controle... como agora. Leo bateu os dois portões, fechando-os, e invocou o fogo para fundir as fechaduras.

As armaduras se aproximaram de ambos os lados e sacudiram os portões, golpeando-os com suas espadas.

— *Isto é tolice* — disse Cabeça de Leão. — *Você só está adiando sua morte.*

— Adiar a morte é um dos meus passatempos favoritos.

Leo examinou seu novo lar. Com vista para a oficina, havia uma única mesa, semelhante a um painel de controle. O tampo estava entulhado de lixo, a maior parte do qual Leo dispensou imediatamente: um diagrama para uma catapulta humana que nunca funcionaria; uma espada negra estranha (Leo não era nada bom com espadas); um amplo espelho de bronze (Leo estava com uma aparência horrível); e um conjunto de ferramentas que alguém havia quebrado, por frustração ou falta de jeito.

Ele voltou a atenção para o projeto principal. No meio da mesa, alguém havia desmontado uma esfera de Arquimedes. Engrenagens, molas, alavancas e hastes amontoavam-se em torno dela. Todos os cabos de bronze da sala abaixo estavam conectados a uma placa de metal sob a esfera. Leo sentia o bronze celestial

correndo pela oficina como as artérias de um coração, pronto para conduzir energia mágica a partir daquele ponto.

— Uma bola de basquete para a todos governar — murmurou Leo.

A esfera era um regulador mestre. Leo estava na mesa de controle da missão da Roma Antiga.

— *Leo Valdez!* — uivou o espírito. — *Abra este portão ou eu vou matá-lo!*

— Uma oferta justa e generosa! — respondeu Leo, ainda observando a esfera. — Só me deixe terminar isto aqui. É meu último pedido, está bem?

Isso deve ter confundido os espíritos, porque eles pararam de bater nas barras dos portões por alguns momentos.

As mãos de Leo voavam pela esfera, remontando as partes que faltavam. Por que aqueles romanos estúpidos tiveram que desmontar uma máquina tão bonita? Eles haviam matado Arquimedes, roubado suas coisas e depois bagunçaram um equipamento que nunca conseguiriam compreender. Por outro lado, pelo menos tiveram o bom senso de trancá-lo por dois mil anos, de modo que Leo pudesse recuperá-lo.

Os eidolons voltaram a bater nos portões.

— Quem é? — gritou Leo.

— *Valdez!* — berrou Cabeça de Lobo.

— Que Valdez?

Os eidolons acabariam se dando conta de que não conseguiriam entrar. Então, se Cabeça de Lobo de fato conhecesse a mente de Leo, concluiria que havia outras maneiras de obrigá-lo a cooperar. Leo precisava trabalhar mais rápido.

Ele conectou as engrenagens, errou em uma delas e teve que recomeçar. Pelas granadas de mão de Hefesto, como aquilo era difícil!

Finalmente ele conseguiu colocar a última mola no lugar. Os romanos desajeitados tinham quase arruinado o ajustador de tensão, mas Leo tirou um conjunto de ferramentas de relojoeiro de seu cinto e fez umas últimas calibragens. Arquimedes era um gênio — se é que aquela coisa funcionava de verdade.

Ele girou a bobina de arranque. As engrenagens começaram a girar. Leo fechou o topo da esfera e estudou seus círculos concêntricos — semelhantes àqueles da porta da oficina.

— *Valdez!* — Cabeça de Lobo batia no portão. — *Nosso terceiro camarada vai matar seus amigos!*

Leo xingou baixinho. *Nosso terceiro camarada.* Ele olhou lá para baixo, para a bola de choque elétrico com pernas finas que havia nocauteado Hazel e Frank. Leo tinha deduzido que o eidolon número três estava escondido dentro daquela coisa, mas ainda precisava descobrir a sequência correta para ativar a esfera de

controle.

— Sim, tudo bem — disse ele. — Vocês me pegaram. Só... só mais um segundo.

— *Nenhum segundo a mais!* — gritou Cabeça de Lobo. — *Abra este portão agora ou eles morrem.*

A bola de choque elétrico possuída atacou com seus tentáculos e deu outro choque em Hazel e Frank. Seus corpos inconscientes se contraíram. Aquele tipo de eletricidade podia ter parado o coração deles.

Leo reprimiu as lágrimas. Aquilo era difícil demais. Ele não conseguiria.

Ele olhou a esfera — sete anéis, cada um coberto com minúsculas letras gregas, números e símbolos zodiacais. A resposta não seria pi. Arquimedes jamais usaria a mesma resposta. Além disso, só de tocar a esfera, Leo sentia que a sequência fora gerada aleatoriamente. Era algo que apenas Arquimedes saberia.

Supostamente as últimas palavras de Arquimedes tinham sido: *Não perturbe meus círculos.*

Ninguém sabia o que isso significava, mas Leo podia aplicar a frase àquela esfera. A fechadura era complicada demais. Talvez, se Leo tivesse alguns anos, pudesse decifrar as marcas e descobrir a combinação certa, mas não tinha nem mesmo segundos.

Seu tempo tinha acabado. A sorte também. E seus amigos iam morrer.

Um problema que não poderá resolver, disse uma voz em sua mente.

Nêmesis dissera para esperar por aquele momento. Leo apanhou o biscoito da sorte no bolso. A deusa o advertira que haveria um preço alto por sua ajuda — tão alto quanto perder um olho. Mas, se ele não tentasse, seus amigos morreriam.

— Preciso do código de acesso a esta esfera.

E quebrou o biscoito.

XL

LEO

LEO DESENROLOU A TIRINHA DE papel, que dizia:

É ESSE O SEU PEDIDO? SÉRIO? (VIRE)

No verso do papel, ele leu:

SEUS NÚMEROS DA SORTE SÃO: DOZE, JÚPITER, ÓRION, DELTA, TRÊS, TETA, ÔMEGA. (VINGUE-SE DE GAIA, LEO VALDEZ.)

Com dedos trêmulos, Leo girou os anéis.

Do outro lado dos portões, Cabeça de Lobo grunhia em frustração.

— *Se você não se importa com seus amigos, talvez precise de outro incentivo. Talvez eu devesse destruir estes pergaminhos... obras inestimáveis de Arquimedes!*

O último anel encaixou-se. A energia fez a esfera zumbir. Leo correu as mãos pela superfície e percebeu minúsculos botões e alavancas à espera de seus comandos.

Impulsos mágicos e elétricos corriam ao longo dos cabos de bronze celestial e percorriam toda a sala.

Leo nunca havia tocado um instrumento musical, mas imaginava que devia ser algo assim: conhecer cada tecla ou nota tão bem que você não pensava no que suas mãos estavam fazendo. Bastava se concentrar no tipo de som que queria criar.

Ele começou aos poucos. Concentrou-se em uma esfera de ouro razoavelmente intacta na sala principal lá embaixo. A esfera estremeceu. Um tripé de pernas cresceu nela, que se dirigiu ruidosamente para a bola de choque elétrico. Uma pequenina serra circular saltou do topo da esfera de ouro e começou a cortar a caixa cerebral da bola de choque elétrico.

Leo tentou ativar outro globo; esse explodiu, transformando-se em uma pequena nuvem-cogumelo de pó de bronze e fumaça.

— Ops — murmurou ele. — Desculpe, Arquimedes.

— *O que você está fazendo?* — perguntou Cabeça de Lobo. — *Pare com essa bobagem e se renda!*

— Ah, sim, eu me rendo! — disse Leo. — Estou me rendendo totalmente!

Ele tentou assumir o controle de um terceiro globo, que também se quebrou. Leo sentiu-se mal por destruir todas aquelas invenções antigas, mas era uma questão de vida ou morte. Frank o acusara de se importar mais com máquinas do que com pessoas, mas, se precisava escolher entre salvar antigas esferas ou seus amigos, não tinha dúvidas.

A quarta tentativa foi melhor. O topo de um globo incrustado com rubis se abriu e lâminas de helicóptero se desdobraram. Leo ficou feliz por Buford, a mesa, não estar lá: ele teria se apaixonado. O globo dos rubis girou no ar e seguiu direto para os escaninhos. Braços finos de ouro se estenderam a partir do meio da circunferência e arremataram os preciosos estojos de pergaminho.

— *Já chega!* — gritou Cabeça de Lobo. — *Eu vou destruir os...*

Ele virou-se a tempo de ver a esfera dos rubis decolar com os pergaminhos. Ela disparou pela sala e pairou no canto mais distante.

— *O quê?!* — gritou Cabeça de Lobo. — *Mate os prisioneiros!*

Ele devia estar falando com a bola de choque elétrico, que infelizmente não estava em condições de obedecer. A esfera de ouro de Leo estava sentada no alto de sua cabeça serrada e aberta, remexendo suas engrenagens e fiações como se estivesse escavando uma abóbora.

Graças aos deuses, Hazel e Frank começaram a se mexer.

— *Bah!* — Cabeça de Lobo gesticulou para Cabeça de Leão no portão oposto. — *Venha! Nós mesmos vamos destruir os semideuses.*

— Acho que não, rapazes.

Leo voltou-se na direção de Cabeça de Leão. Suas mãos manipularam a esfera de controle, e ele sentiu um choque viajar pelo chão. Cabeça de Leão estremeceu e baixou a espada. Leo sorriu.

— Você está no Mundo do Leo agora.

Cabeça de Leão virou-se e desceu intempestivamente os degraus. No entanto, em vez de avançar na direção de Hazel e Leo, ele subiu marchando a escada oposta e ficou de frente para seu companheiro.

— *O que está fazendo?* — perguntou Cabeça de Lobo. — *Temos que...*

BLONG!

Cabeça de Leão bateu com o escudo no peito de Cabeça de Lobo. Em seguida, golpeou o punho de sua espada no capacete do companheiro, de modo que Cabeça de Lobo se tornou Cabeça Chata, Deformada, Não Muito Feliz de Lobo.

— *Pare com isso!* — exigiu Cabeça de Lobo.

— *Não consigo!* — gritou Cabeça de Leão.

Leo estava pegando o jeito agora. Ele ordenou às duas armaduras que largassem as espadas e os escudos e esbofeteassem um ao outro sem parar.

— *Valdez!* — chamou Cabeça de Lobo em um gorjeio. — *Você vai morrer por isso!*

— É — gritou Leo. — Quem está possuindo quem agora, Gasparzinho?

Os homens-máquina tombaram escada abaixo, e Leo os forçou a dançar como melindrosas da década de 1920. Suas articulações soltaram fumaça. As outras esferas na sala começaram a estalar. Uma sobrecarga de energia fazia o antigo sistema oscilar. A esfera de controle na mão de Leo ficou insuportavelmente quente.

— Frank, Hazel! — gritou Leo. — Protejam-se!

Seus amigos ainda estavam tontos, fitando perplexos os sujeitos de metal saltitantes, mas entenderam o recado. Frank puxou Hazel para debaixo da bancada mais próxima e a protegeu com seu corpo.

Uma última sacudida da esfera, e Leo provocou uma pane no sistema. Os guerreiros de armadura se desmantelaram. Hastes, pistões e fragmentos de bronze voaram para todos os lados. Em todas as bancadas, esferas estouravam como latas de refrigerante quente. A esfera de ouro de Leo parou, e a dos rubis desabou no chão com os pergaminhos.

Subitamente a sala ficou em silêncio, exceto por algumas faíscas e crepitações aleatórias. O ar cheirava a motor de carro queimando. Leo desceu correndo a escada e encontrou Frank e Hazel em segurança debaixo da bancada. Ele nunca ficara tão feliz em ver aqueles dois abraçados.

— Vocês estão vivos! — exclamou ele.

O olho esquerdo de Hazel tremia, talvez por causa do choque elétrico. Fora isso, ela parecia bem.

— Hã, o que aconteceu exatamente?

— Arquimedes conseguiu! — disse Leo. — Restava energia suficiente naquelas máquinas velhas apenas para um último espetáculo. Assim que recebi o código de acesso, foi fácil.

Ele deu um tapinha na esfera de controle, que fumegava bastante. Leo não sabia se teria conserto, mas no momento estava aliviado demais para se importar.

— Os eidolons — disse Frank. — Eles se foram?

Leo sorriu.

— Meu último comando sobrecarregou a chave de segurança... Basicamente bloqueei todos os circuitos e derreti os núcleos.

— Traduzindo... — pediu Frank.

— Prendi os eidolons dentro da fiação — esclareceu Leo. — Então os derreti.

Eles não vão importunar mais ninguém.

Leo ajudou os amigos a se levantarem.

— Você nos salvou — disse Frank.

— Não pareça tão surpreso. — Leo olhou a oficina destruída à volta deles. — Que pena que todas essas coisas foram arruinadas, mas pelo menos salvei os pergaminhos. Se levá-los comigo para o Acampamento Meio-Sangue, talvez possa descobrir como recriar as invenções de Arquimedes.

Hazel esfregou a lateral da cabeça.

— Mas eu não entendo. Onde está Nico? Aquele túnel deveria nos levar até ele.

Leo quase havia esquecido o motivo inicial de eles terem ido lá para baixo. Nico obviamente não estava ali. O lugar era um beco sem saída. Então, por quê...?

— Ah. — Ele tinha a sensação de que havia uma serra circular em sua própria cabeça, puxando a fiação e as engrenagens. — Hazel, como exatamente você estava rastreando Nico? Quer dizer, você podia sentir sua proximidade simplesmente porque ele é seu irmão?

Ela franziu a testa, ainda parecendo um pouco vacilante por causa dos choques elétricos.

— Não... não totalmente. Às vezes, sei quando ele está por perto, mas, como eu disse, Roma é tão confusa, há tanta interferência por causa de todos os túneis e cavernas...

— Você o rastreou com seu sentido de detecção de metal — adivinhou Leo. — A espada dele?

Ela piscou.

— Como você sabia?

— É melhor vocês virem aqui.

Ele levou Hazel e Frank até a sala de controle e apontou para a espada negra.

— Ah. Ah, não. — Hazel teria caído se Frank não a houvesse segurado. — Mas isso é impossível! A espada de Nico estava com ele no jarro de bronze. Percy a viu no sonho!

— Ou o sonho estava errado — falou Leo — ou os gigantes trouxeram a espada para cá como uma isca.

— Então era uma armadilha — disse Frank. — Fomos atraídos para cá.

— Mas *por quê*? — gritou Hazel. — Onde está meu irmão?

Um som sibilante encheu a cabine de controle. A princípio, Leo pensou que os eidolons tivessem voltado. Então ele percebeu que o espelho de bronze fumegava na mesa.

Ah, meus pobres semideuses. O rosto sonolento de Gaia surgiu no espelho.

Como sempre, ela falava sem mexer a boca, o que só poderia ser mais assustador se ela tivesse um boneco de ventriloquismo. Leo odiava aquelas coisas. *Vocês tiveram sua chance. A voz dela ecoava pela sala, parecendo vir não só do espelho como também das paredes de pedra.*

Leo percebeu que ela os cercava por todos os lados. É claro. Eles estavam dentro da terra. Tinham se dado todo aquele trabalho de construir o *Argo II* para que pudessem viajar por mar e pelo ar, e tinham acabado na terra de qualquer jeito.

Ofereci a salvação a todos vocês, continuou Gaia. Poderiam ter voltado. Agora é tarde demais. Vocês vieram para as terras antigas, onde sou mais forte — onde vou despertar.

Leo tirou um martelo do cinto de ferramentas e golpeou o espelho. Por ser de metal, ele só estremeceu, como uma bandeja de chá, mas a sensação de esmagar o nariz de Gaia era boa.

— Caso não tenha notado, Cara Suja — disse ele — sua pequena emboscada fracassou. Seus três eidolons foram derretidos em bronze, e nós estamos bem.

Gaia riu suavemente. *Ah, meu doce Leo. Vocês três foram separados de seus amigos. Era essa a intenção.*

A porta da oficina bateu, fechando-se.

Vocês estão presos em meu abraço, falou Gaia. Enquanto isso, Annabeth Chase enfrenta a morte sozinha, aterrorizada e incapacitada, nas mãos da maior inimiga de sua mãe.

A imagem no espelho mudou. Leo viu Annabeth caída no chão de uma caverna escura, empunhando a faca de bronze, como se repelisse um monstro. Seu rosto estava pálido. A perna tinha sido envolta em uma espécie de tala. Leo não conseguia ver o que a amiga olhava, mas obviamente era algo horrível. Ele queria acreditar que a imagem era falsa, mas tinha um mau pressentimento de que era real e que acontecia naquele momento.

Os outros, prosseguiu Gaia, Jason Grace, Piper McLean e meu querido amigo Percy Jackson — eles vão perecer dentro de minutos.

A cena tornou a mudar. Percy empunhava Contracorrente, conduzindo Jason e Piper por uma escada em espiral que descia para a escuridão.

Seus poderes vão traí-los, disse Gaia. Eles morrerão em seus próprios elementos. Eu quase torci para que sobrevivessem. Teriam sido um sacrifício melhor. Mas, infelizmente, Hazel e Frank, terão que ser vocês mesmos. Meus servos vão buscá-los em breve e os trarão para o lugar antigo. Seu sangue vai me despertar, finalmente. Até lá, permitirei que vejam seus amigos perecerem. Por favor... aproveitem este último vislumbre de sua missão fracassada.

Leo não conseguiu se segurar. Sua mão ficou branca, incandescente. Hazel e

Frank recuaram enquanto ele apertava a palma no espelho e o derretia, transformando-o em uma poça de gosma de bronze.

A voz de Gaia se calou. Leo ouvia apenas o rugido do próprio sangue em seus ouvidos. Ele soltou um suspiro trêmulo.

— Desculpe — disse aos amigos. — Ela estava sendo irritante.

— O que faremos agora? — perguntou Frank. — Precisamos sair daqui e ajudar os outros.

Leo correu os olhos pela oficina, agora cheia de partes de esferas quebradas e fumegantes. Seus amigos ainda precisavam dele. Aquele ainda era o seu espetáculo. Enquanto tivesse seu cinto de ferramentas, Leo Valdez não ia ficar sentado, impotente, assistindo ao Canal da Morte de Semideuses.

— Tenho uma ideia — falou ele. — Mas preciso de nós três para colocá-la em prática.

E começou a lhes contar o plano.

XLI

PIPER

PIPER TENTOU TIRAR O MELHOR proveito da situação.

Assim que ela e Jason se cansaram de andar de um lado para o outro do convés e de ouvir o treinador Hedge entoar cantigas de roda (com armas em vez de animais), resolveram fazer um piquenique no parque.

Hedge concordou, resmungando:

— Fiquem onde eu possa vê-los.

— O que nós somos? Crianças? — perguntou Jason.

Hedge bufou.

— Crianças são como cabritinhos. São fofas e têm algum valor para a sociedade. Vocês definitivamente não são crianças.

Eles estenderam a toalha debaixo de um salgueiro ao lado de um lago. Piper virou sua cornucópia e derramou uma refeição completa: sanduíches embrulhadinhos, latas de refrigerante, frutas frescas e (por algum motivo) um bolo de aniversário com glacê roxo e as velas já acesas.

Ela franziu a testa.

— Alguém faz aniversário hoje?

Jason se encolheu.

— Eu não ia contar.

— Jason!

— Tem coisas demais acontecendo. Na verdade... até mês passado eu nem sabia *quando* era meu aniversário. Thalia me contou da última vez em que estive no acampamento.

Piper se perguntou como seria isso — não saber sequer o dia do próprio nascimento. Jason fora entregue a Lupa, a loba, quando tinha apenas dois anos. Ele não se lembrava da sua mãe mortal. E só reencontrara a irmã no último

inverno.

— Primeiro de julho — falou Piper. — Calendas de julho.

— É. — Jason sorriu. — Os romanos considerariam isso auspicioso... o primeiro dia do mês que homenageia Júlio César. O dia sagrado de Juno. Iupiii.

Piper não queria forçá-lo a festejar se ele não tinha vontade.

— Dezesseis?

Ele assentiu.

— Caramba. Já posso tirar a carteira de motorista.

Piper riu. Jason havia matado tantos monstros e salvado o mundo tantas vezes que a ideia de ele ficar nervoso por causa de um exame de habilitação parecia ridícula. Ela o imaginou ao volante de um velho Lincoln com uma placa de AUTOESCOLA no teto e um instrutor rabugento no banco do carona com o pé no freio de emergência.

— Então? — instou ela. — Sobre as velas.

Foi o que Jason fez. Piper se perguntou se ele havia feito um pedido — ela queria que ele desejasse que os dois sobrevivessem àquela missão e ficassem juntos para sempre. Resolveu não perguntar. Não queria trazer mau agouro ao pedido ou descobrir que ele desejara outra coisa.

Desde que haviam deixado os Pilares de Hércules na noite anterior, Jason parecia distraído. Piper não o culpava. Hércules fora uma grande decepção como irmão mais velho, e o deus do rio, Aqueloo, dissera algumas coisas nada agradáveis sobre os filhos de Júpiter.

Piper olhou a cornucópia. Imaginou se Aqueloo estava se acostumando a não ter um chifre. Esperava que sim. Certo, ele tentara matá-los, mas Piper ainda se sentia mal pelo velho deus. Ela não compreendia como um espírito tão solitário e triste podia produzir uma cornucópia que despejava abacaxis e bolos de aniversário. Poderia a cornucópia ter drenado toda a bondade dele? Talvez agora, sem o chifre, Aqueloo conseguisse se encher com um pouco de felicidade e guardá-la para si mesmo.

Ela também continuava pensando no conselho do deus: *Se tivesse chegado a Roma, a história da enchente teria lhe servido melhor.* Piper sabia de que história ele estava falando. Só não entendia como ela poderia ajudar.

Jason tirou uma vela apagada do bolo.

— Estive pensando.

Aquilo trouxe Piper de volta a realidade. Vinda de um namorado, a frase “Estive pensando” era meio assustadora.

— Sobre...? — perguntou ela.

— O Acampamento Júpiter. Durante todos os anos em que treinei lá, nós sempre estimulávamos o trabalho em equipe e trabalhávamos como uma

unidade. Eu achava que entendia o significado disso. Mas, sinceramente... Eu sempre fui o líder. Mesmo quando era mais novo...

— O filho de Júpiter — disse Piper. — O garoto mais poderoso na legião. Você era a estrela.

Jason pareceu desconfortável, mas não negou.

— Neste grupo de sete... Não sei bem o que fazer. Não estou acostumado a ser apenas mais um entre tantos, humm, iguais. Tenho a sensação de que estou fracassando.

Piper segurou a mão dele.

— Você *não* está fracassando.

— Com certeza foi o que pareceu quando Crisaor nos atacou — falou Jason. — Passei a maior parte da viagem nocauteado e inútil.

— Ah, por favor! Ser um herói não significa que você seja invencível. Significa apenas que você seja corajoso o bastante para fazer o que é necessário.

— E se eu não *souber* o que é necessário?

— É para isso que servem os amigos. Todos temos forças diferentes. Juntos, vamos encontrar uma saída.

Jason a estudou. Piper não tinha certeza de que ele havia acreditado em tudo que ela dissera, mas ficou feliz por ele confiar nela. E gostou do fato de ele ser um pouco inseguro. Ele não era perfeito o tempo todo. Não achava que o universo lhe devia um pedido de desculpas sempre que algo dava errado — diferente de outro filho do deus do céu que ela conhecera recentemente.

— Hércules era um idiota — disse ele, como se lesse seus pensamentos. — Não quero ficar daquele jeito nunca. No entanto, eu não teria tido coragem de enfrentá-lo se você não tomasse a iniciativa. Você foi a heroína naquele momento.

— Podemos nos alternar — sugeriu Piper.

— Eu não mereço você.

— Você não tem permissão para dizer isso.

— Por que não?

— É uma frase de término de namoro. A menos que você esteja terminando comigo...

Ele se inclinou e a beijou. As cores da tarde romana de repente pareceram mais nítidas, como se o mundo tivesse ficado em alta definição.

— Nada de términos — prometeu Jason. — Posso ter batido a cabeça algumas vezes, mas não sou *tão* idiota.

— Ótimo — respondeu Piper. — Agora, quanto ao bolo...

Sua voz falhou. Percy Jackson vinha correndo na direção deles, e Piper podia ver por sua expressão que ele trazia más notícias.

*

Eles se reuniram no convés para que o treinador Hedge pudesse ouvir a história. Quando Percy terminou, Piper ainda não acreditava.

— Então Annabeth foi sequestrada em uma Vespa — resumiu ela — por Gregory Peck e Audrey Hepburn.

— Não exatamente sequestrada — disse Percy. — Mas estou com um mau pressentimento... — Ele respirou fundo, como se tentasse não entrar em pânico.

— De qualquer forma, ela... ela se foi. Talvez eu não devesse ter deixado, mas...

— Você teve que deixar — replicou Piper. — Sabia que ela precisava ir sozinha. Além disso, Annabeth é durona e esperta. Ela vai ficar bem.

Piper pôs um pouco de charme na voz, o que talvez não fosse muito legal, mas Percy precisava se concentrar. Se eles entrassem em uma batalha, Annabeth não ia querer que ele se machucasse por estar distraído pensando nela.

Os ombros dele relaxaram um pouco.

— Talvez você tenha razão. De qualquer forma, Gregory... quer dizer, Tiberino... disse que tínhamos menos tempo para resgatar Nico do que imaginávamos. Hazel e os outros ainda não voltaram?

Piper verificou a hora no controle do leme. Não tinha se dado conta de que o tempo havia passado tão rápido.

— São duas da tarde. Marcamos de nos encontrar às três.

— No máximo — lembrou Jason.

Percy apontou para a adaga de Piper.

— Tiberino disse que você poderia descobrir a localização de Nico... você sabe, usando isso.

Piper mordeu o lábio. A última coisa que queria fazer era consultar Katoptris e ver mais imagens horripilantes.

— Já tentei — disse ela. — A adaga nem sempre mostra o que eu quero ver. Na verdade, ela quase *nunca* mostra.

— Por favor — pediu Percy. — Tente de novo.

Ele implorou com aqueles olhos verde-mar, parecendo um bebê de foca fofinho que precisava de ajuda. Piper se perguntou como Annabeth podia ganhar qualquer discussão com esse cara.

Ela suspirou e sacou a adaga.

— Está bem.

— Aproveitando — disse o treinador Hedge — veja se consegue descobrir os últimos resultados do beisebol. A cobertura esportiva dos italianos é uma porcária.

— Shhh.

Piper estudou a lâmina de bronze. A luz tremeluziu. Ela viu um apartamento cheio de semideuses romanos. Uma dúzia deles se reunia em torno de uma mesa enquanto Octavian falava e apontava para um grande mapa. Reyna andava de um lado para o outro perto das janelas, observando o Central Park.

— Isso não é nada bom — murmurou Jason. — Eles já instalaram um posto avançado em Manhattan.

— E aquele mapa mostra Long Island — observou Percy.

— Eles estão estudando o território — supôs Jason. — Discutindo rotas de invasão.

Piper não queria *mesmo* ver aquilo, então se concentrou mais. A lâmina brilhou. Ela viu ruínas — algumas paredes desmoronando, uma coluna solitária, um chão de pedra coberto por musgo e trepadeiras secas — tudo agrupado em uma colina gramada e com alguns poucos pinheiros.

— Eu já estive aí — disse Percy. — Isso fica no fórum.

A imagem se aproximou. Perto do chão de pedra, um lance de escadas levava a um portão de ferro com cadeado. A visão da lâmina atravessou o portão e desceu por uma escada em caracol até chegar a uma câmara cilíndrica e escura, como o interior de um silo.

Piper deixou a adaga cair.

— O que foi? — perguntou Jason. — Ela estava nos mostrando alguma coisa.

Piper teve a sensação de que o barco tinha voltado para o oceano e balançava sob seus pés.

— Não podemos ir lá.

Percy franziu a testa.

— Piper, Nico está morrendo. Precisamos encontrá-lo. Para não mencionar que Roma está prestes a ser destruída.

A voz dela não saía. Ela guardara a visão da sala circular para si por tanto tempo que agora achava impossível falar sobre aquilo. Tinha a horrível sensação de que explicá-la para Percy e Jason não mudaria nada. Não podia impedir o que estava prestes a acontecer.

Piper tornou a pegar a adaga. Seu cabo estava mais frio que o normal.

Ela se obrigou a olhar para a lâmina. Viu dois gigantes em armaduras de gladiador sentados em cadeiras de pretor enormes. Os gigantes faziam um brinde com suas taças douradas, como se tivessem acabado de ganhar uma luta importante. Um grande jarro de bronze estava entre eles.

A imagem se aproximou novamente. Dentro do jarro, Nico di Angelo estava encolhido e havia parado de se mover. Ele havia comido todas as sementes de romã.

— Chegamos tarde demais — disse Jason.

— Não — replicou Percy. — Não, não posso acreditar nisso. Talvez ele tenha entrado em um transe mais profundo para ganhar tempo. Temos que correr.

A lâmina escureceu. Piper a colocou de volta na bainha, tentando evitar que as mãos tremessem. Ela torcia para que Percy tivesse razão e Nico ainda estivesse vivo. Por outro lado, não conseguia entender como aquela imagem estava relacionada à visão da sala onde se afogavam. Talvez os gigantes estivessem brindando porque ela, Percy e Jason estavam mortos.

— É melhor esperarmos os outros — falou Piper. — Hazel, Frank e Leo devem voltar logo.

— Não podemos esperar — insistiu Percy.

O treinador Hedge resmungou.

— São só dois gigantes. Se quiserem, posso dar um jeito neles.

— Hã, treinador — começou Jason — é uma ótima ideia, mas precisamos que você cuide do navio.

Hedge franziu a testa.

— E deixar vocês três ficarem com toda a diversão?

Percy segurou o braço do sátiro.

— Hazel e os outros precisam de você aqui. Quando voltarem, precisarão de alguém para liderá-los. Você é o porto seguro deles.

— Isso. — Jason conseguiu se manter sério. — Leo sempre diz que você é o porto seguro dele. Você poderá contar a eles aonde fomos e levar o navio ao nosso encontro no fórum.

— E tome. — Piper soltou Katoptris e a entregou ao treinador Hedge.

O sátiro arregalou os olhos. Um semideus nunca devia deixar sua arma para trás, mas Piper estava cansada de visões malignas. Preferia enfrentar a morte sem mais nenhuma prévia.

— Fique de olho na gente com a lâmina — sugeriu ela. — E você pode verificar os resultados do beisebol.

Aquilo selou o acordo. Hedge assentiu sombriamente, preparado para executar sua parte na missão.

— Muito bem — concordou ele. — Mas se algum gigante vier nessa direção...

— Sinta-se à vontade para acabar com ele — disse Jason.

— E quanto a turistas chatos?

— Não — disseram todos em uníssono.

— Bah. Está bem. Mas não demorem muito ou irei atrás de vocês com as balistas a postos.

XLII

Piper

ENCONTRAR O LUGAR FOI FÁCIL. Percy levou-os direto para lá, em um trecho abandonado da encosta que dava para o fórum em ruínas.

Entrar também foi fácil. Usando a espada de ouro, Jason quebrou o cadeado, e o portão de metal se abriu com um rangido. Nenhum mortal os viu. Nenhum alarme foi disparado. Degraus de pedra desciam em espiral até sumirem na escuridão.

— Eu vou na frente — disse Jason.

— Não! — gritou Piper.

Os dois garotos se voltaram para ela.

— Pipes, qual é o problema? — perguntou Jason. — Aquela imagem na adaga... Você já a tinha visto, não é?

Ela assentiu, com os olhos ardendo.

— Eu não sabia como dizer isso a vocês. Vi aquele lugar lá embaixo se enchendo de água. Vi nós três nos afogando.

Tanto Jason quanto Percy franziram a testa.

— Eu não me afogo — disse Percy, embora sua frase soasse mais como uma pergunta.

— Talvez o futuro tenha mudado — especulou Jason. — Na imagem que você acabou de nos mostrar, não tinha nenhuma água.

Piper desejou que ele estivesse certo, mas desconfiava de que não teriam tanta sorte.

— Então — disse Percy. — Primeiro vou dar uma olhada. Está tudo bem. Volto já.

Antes que Piper pudesse protestar, ele desapareceu escada abaixo.

Ela contou em silêncio enquanto esperavam que Percy voltasse. Por volta do trinta e cinco, ouviu seus passos e ele apareceu no alto dos degraus, parecendo mais intrigado que aliviado.

— Boa notícia: nada de água — disse ele. — Má notícia: não vejo nenhuma saída lá embaixo. E, hã, uma notícia estranha: bem, vocês precisam ver isso...

Eles desceram com cuidado. Percy seguiu na frente, com Contracorrente em punho. Piper vinha depois e Jason seguia atrás dela, protegendo a retaguarda. A escada era uma espiral de alvenaria, com menos de dois metros de diâmetro. Embora Percy houvesse dado o sinal de “tudo limpo”, Piper mantinha os olhos abertos à procura de armadilhas. A cada curva da escada, ela antecipava uma emboscada. Não tinha armas, apenas a cornucópia em um cordão de couro que pendia de seu ombro. Se acontecesse o pior, as espadas dos garotos não iam adiantar de nada em um espaço tão reduzido. Talvez Piper pudesse atacar os inimigos com presuntos defumados em alta velocidade.

Enquanto desciam, Piper viu velhas pichações marcadas nas pedras: numerais romanos, nomes e frases em italiano, o que significava que outras pessoas tinham estado ali mais recentemente que na época do Império Romano, mas isso não tranquilizava Piper. Se houvesse monstros lá embaixo, eles ignorariam os mortais, à espera de suculentos semideuses. Por fim, alcançaram a base da escada e Percy virou-se.

— Cuidado com o último degrau.

Ele saltou para o piso da sala circular, que era um metro e meio mais baixa que o fim da escada. Por que alguém projetaria algo daquele jeito? Piper não tinha ideia. Talvez a sala e a escada houvessem sido construídas em períodos diferentes.

Ela queria dar meia-volta e sair dali, mas não podia fazer isso com Jason às suas costas e não podia simplesmente deixar Percy ali embaixo. Então desceu, e Jason a seguiu.

A sala era exatamente como ela vira na lâmina de Katoptris, só que não havia água. No passado havia afrescos nas paredes curvas, que agora haviam desbotado até um branco casca de ovo com pequenos pontos de cor. O teto abobadado ficava uns quinze metros acima.

Do outro lado da sala, oposto à escada, havia nove alcovas esculpidas na parede. Cada nicho ficava a cerca de um metro e meio do chão e era grande o bastante para uma estátua humana em tamanho natural, mas estavam todos vazios. O ar era frio e seco. Como Percy dissera, não havia outras saídas.

— Muito bem. — Percy ergueu as sobrancelhas. — Essa é a parte estranha. Observem.

Ele se dirigiu ao centro da sala.

Na mesma hora, luzes azuis e verdes ondularam nas paredes. Piper ouviu o som de uma fonte, mas não havia água. A luz não parecia vir de nenhum outro lugar exceto das espadas de Percy e Jason.

— Sentem o cheiro do oceano? — perguntou Percy.

Piper não havia percebido de cara. Ela estava parada ao lado de Percy, e ele sempre tinha cheiro de mar, mas era verdade. O cheiro de água salgada e de tempestade ia ficando mais forte, como uma tempestade de verão se aproximando.

— Uma ilusão? — perguntou ela.

De repente, Piper sentiu-se estranhamente com sede.

— Não sei — respondeu Percy. — Tenho a sensação de que devia ter água aqui... muita água. Mas não tem nada. Nunca estive em um lugar assim.

Jason se dirigiu à série de nichos. Tocou o inferior do mais próximo, que ficava bem no nível de seus olhos.

— Esta rocha... está cravejada de conchas. Isto é um ninfeu.

A boca de Piper estava decididamente ficando mais seca.

— Um quê?

— Temos um desses no Acampamento Júpiter, na Colina dos Templos — disse Jason. — É um santuário dedicado às ninfas.

Piper correu a mão ao longo da base de outro nicho. Jason tinha razão. A alcova era cravejada de conchas, que pareciam dançar na luz aquática. Eram geladas ao toque.

Ela sempre pensara nas ninfas como espíritos amistosos: tolas e coquetes, geralmente inofensivas. Elas se davam bem com os filhos de Afrodite. Adoravam compartilhar fofocas e dicas de beleza. Aquele lugar, porém, em nada se assemelhava ao lago de canoagem no Acampamento Meio-Sangue ou os riachos no bosque onde Piper normalmente encontrava ninfas. O lugar parecia antinatural, hostil e *muito* seco.

Jason deu alguns passos atrás e examinou a série de alcovas.

— Havia santuários como este por toda parte na Roma Antiga. As pessoas ricas os erguiam do lado de fora de suas *villas* para homenagear as ninfas e garantir que a água local estivesse sempre boa. Alguns foram criados em torno

de fontes naturais, mas a maior parte era construída.

— Então... nenhuma ninfa de verdade viveu aqui? — perguntou Piper, esperançosa.

— Não tenho certeza — disse Jason. — Este lugar deve ter sido um lago com uma fonte. Muitas vezes, se o ninfeu pertencesse a um semideus, ele ou ela convidava ninfas para viver aqui. Se os espíritos se fixassem ali, isso era considerado um sinal de boa sorte.

— Para o proprietário — deduziu Percy. — Mas isso também ligaria as ninfas à nova fonte de água, o que seria ótimo se a fonte se encontrasse em um belo e ensolarado parque com água corrente passando pelos aquedutos...

— Mas este lugar está no subterrâneo há séculos — supôs Piper. — Seco e enterrado. O que aconteceria às ninfas?

O som da água se transformou um coro de sibilos, como cobras fantasmagóricas. A luz ondulante passou de azul-mar e verde para tons doentios de roxo e verde-limão. Acima deles, os nove nichos brilharam. Já não estavam vazios.

De pé em cada um havia uma velha enrugada, tão murcha e frágil que Piper achou que se pareciam com múmias — só que múmias normalmente não se moviam. Os olhos eram de um roxo escuro, como se a água azul e límpida de sua fonte da vida houvesse se condensado e espessado dentro deles. Seus leves vestidos de seda agora estavam esfarrapados e desbotados. Em algum passado distante os cabelos haviam sido penteados em cachos e enfeitados com joias no estilo das mulheres romanas nobres, mas agora os fios estavam desgrenhados e secos como palha. Se canibais aquáticos existissem de verdade, pensou Piper, eles seriam assim.

— *O que aconteceria às ninfas?* — repetiu a criatura no nicho central.

Ela se encontrava em um estado ainda pior que as outras. Suas costas estavam curvadas como a alça de uma jarra. As mãos esqueléticas tinham apenas uma finíssima camada de pele que mais parecia uma folha de papel. Em sua cabeça, uma maltratada coroa de louros dourados cintilava nos cabelos emaranhados.

Ela fixou os olhos roxos em Piper.

— Que pergunta interessante, minha querida. Talvez as ninfas ainda estejam aqui, sofrendo, à espera de vingança.

*

Piper jurou que derreteria Katoptris e a venderia como sucata assim que tivesse a

chance. A adaga estúpida não havia lhe mostrado a história inteira. Certo, ela vira a si mesma se afogando. Mas, se soubesse que nove ninfas zumbis desidratadas estariam esperando por ela, Piper jamais teria descido até ali.

Pensou em correr para a escada, mas, quando se virou, a porta havia desaparecido. Já era de se esperar. Não havia nada ali agora, somente uma parede. Piper suspeitava de que não se tratava apenas de ilusão. Além disso, não conseguiria chegar do outro lado da sala antes que as ninfas zumbis os atacassem.

Jason e Percy postaram-se um de cada lado dela, com as espadas em riste. Piper sentia-se grata por tê-los por perto, mas desconfiava que suas armas não serviriam para nada. Ela vira o que aconteceria nessa sala. De alguma forma, aquelas coisas iam derrotá-los.

— Quem é você? — perguntou Percy.

A ninfa do meio voltou a cabeça.

— Ah... nomes. Já tivemos nomes. Eu era Hagno, a primeira das nove!

— As nove — repetiu Jason. — As ninfas deste santuário. Sempre houve nove nichos.

— Naturalmente. — Hagno mostrou os dentes em um sorriso maléfico. — Mas nós somos as nove *originais*, Jason Grace, as que presenciaram o nascimento de seu pai.

Jason baixou a espada.

— Você se refere a Júpiter? Vocês estavam lá quando ele *nasceu*?

— Zeus, era assim que o chamávamos então — respondeu Hagno. — Que bebê chorão. Ajudamos Reia durante o parto. Quando o bebê veio ao mundo, nós o escondemos para que seu pai, Cronos, não o comesse. Ah, que pulmões tinha aquele bebê! Fizemos de tudo para abafar o barulho, de modo que Cronos não o encontrasse. Quando Zeus cresceu, prometeram-nos honras eternas. Mas isso foi no velho país, na Grécia.

As outras ninfas gemeram e arranharam seus nichos. Pareciam aprisionadas, Piper percebeu, como se seus pés estivessem colados nas conchas decorativas.

— Quando Roma assumiu o poder, fomos convidadas a vir para cá — contou Hagno. — Um filho de Júpiter nos tentou com benefícios. *Um novo lar, prometeu. Maior e melhor! Não é preciso pagar entrada, é uma excelente vizinhança. Roma vai durar para sempre.*

— Para sempre — sibilaram as outras.

— Cedemos à tentação — continuou Hagno. — Saímos de nossos poços e fontes simples no Monte Liceu e nos mudamos para cá. Durante séculos, nossa vida foi maravilhosa! Festas, sacrifícios em nossa homenagem, vestidos e joias novos toda semana. Todos os semideuses de Roma flertavam conosco e nos

reverenciavam.

As ninfas choramingaram e suspiraram.

— Mas Roma não durou para sempre — rosnou Hagno. — Os aquedutos foram desviados. A *villa* de nosso mestre foi abandonada e destruída. Fomos esquecidas debaixo da terra, sepultadas aqui, impedidas de partir. A fonte da nossa vida estava presa a este lugar. Nosso antigo mestre não achou conveniente nos libertar. Há séculos murchamos aqui na escuridão, com sede... tanta sede.

As outras levaram as mãos à boca com desespero. Piper sentiu a própria garganta se fechando.

— Lamento por vocês — falou, tentando usar seu charme. — Deve ter sido terrível. Mas não somos seus inimigos. Se pudermos ajudá-las...

— Ah, que voz mais doce! — gritou Hagno. — Que lindo rosto. Já fui jovem como você. Minha voz era tão suave quanto um riacho na montanha. Mas sabe o que acontece com a mente de uma ninfa quando ela é aprisionada na escuridão, sem nada com que se alimentar a não ser o ódio, nada para beber a não ser pensamentos de dor? Sim, minha querida. Vocês podem nos ajudar.

Percy ergueu a mão.

— Hum... sou filho de Poseidon. Talvez possa invocar uma nova fonte de água.

— Rá! — gritou Hagno, e as outras oito ecoaram: “Rá! Rá!” — É verdade, filho de Poseidon. Conheço bem seu pai. Efialtes e Oto prometeram que você viria.

Piper se apoiou no braço de Jason para não cair.

— Os gigantes — falou ela. — Vocês trabalham para eles?

— Eles são nossos vizinhos. — Hagno sorriu. — Seus aposentos ficam além deste local, para onde a água do aqueduto foi desviada por causa dos jogos. Assim que dermos um jeito em vocês, uma vez que vocês tiverem nos *ajudado*, os gêmeos prometeram que nunca mais sofreremos.

Hagno voltou-se para Jason.

— Você, filho de Júpiter... pela traição horrível de seu antecessor que nos trouxe aqui, você vai pagar. Conheço os poderes do deus do céu. Cuidei dele quando era bebê! Nós, ninfas, antes controlávamos a chuva sobre nossos poços e fontes. Quando eu tiver acabado com você, teremos esse poder novamente. E Percy Jackson, filho do deus do mar... de você, tiraremos a água, um suprimento infinito de água.

— Infinito? — Os olhos de Percy foram de uma ninfa a outra. — Hum... Olha, eu não sei nada sobre *infinito*, mas talvez eu possa arranjar alguns litros.

— E você, Piper McLean. — Os olhos roxos de Hagno reluziram. — Tão jovem, tão linda, tão talentosa com sua voz doce. De você, vamos recuperar

nossa beleza. Guardamos nossa última força vital para este dia. Estamos com muita sede. De vocês três, beberemos!

Os nove nichos brilharam. As ninfas desapareceram, e a água começou a jorrar de suas alcovas — água asquerosa e escura como petróleo.

XLIII

PIPER

PIPER PRECISAVA DE UM MILAGRE, não de uma história para dormir. Mas naquele momento, parada ali, em choque, enquanto a água negra jorrava em torno de suas pernas, ela pensou na lenda que Aqueloo mencionara: a história da enchente.

Não o conto de Noé, mas a versão cherokee que o pai costumava lhe contar, com os fantasmas que dançavam e o cão-esqueleto.

Quando era pequena, ela se aninhava ao lado do pai na grande poltrona reclinável dele. Olhava pelas janelas o litoral de Malibu enquanto o pai lhe contava as histórias que ouvira do avô Tom na reserva em Oklahoma.

— Um homem tinha um cachorro — começava ele sempre.

— Você não pode começar uma história assim! — protestou Piper. — Precisa dizer *Era uma vez*.

O pai riu.

— Mas esta é uma história cherokee. E eles vão sempre direto ao assunto. Bem, seja como for, um homem tinha um cachorro. Todos os dias esse homem levava o cachorro até um lago para buscar água, e o cão latia furiosamente para o lago, como se estivesse com raiva dele.

— E estava?

— Tenha paciência, querida. Por fim, o homem ficou muito aborrecido com o cão por latir tanto e ralhou com ele: “Cachorro mau! Pare de latir para a água. É apenas água!” Para a surpresa dele, o cachorro o encarou e começou a falar.

— Nossa cadela sabe dizer *Obrigada* — disse Piper. — E sabe latir *Pão*.

— Mais ou menos isso — concordou o pai. — Mas aquele cachorro conseguia formar frases inteiras. E disse: “Em breve, a tempestade virá. O nível das águas se elevará e todos se afogarão. Você pode salvar sua família construindo uma jangada, mas primeiro terá que me sacrificar. Você precisa me jogar na água.”

— Que horrível! — falou Piper. — Eu nunca afogaria meu cachorro!

— O homem provavelmente disse a mesma coisa. Ele achava que o cão estivesse mentindo... quer dizer, assim que se recuperou do choque de ouvir seu cachorro falando. Quando protestou, o cão disse: “Se não acredita em mim, olhe minha nuca. Já estou morto”.

— Que coisa triste! Por que está me contando isso?

— Porque você me pediu — lembrou-lhe o pai. E, de fato, algo naquela história fascinava Piper. Ela já a ouvira dezenas de vezes, mas continuava a pensar nela. — Bem, o homem agarrou o cachorro pela nuca e viu que a pele e o pelo já estavam se soltando. Debaixo deles, só havia ossos. O cachorro era um cão-esqueleto.

— Que nojento.

— Concordo. Assim, com lágrimas nos olhos, o homem se despediu de seu irritante cão-esqueleto e o atirou na água, e o animal afundou na mesma hora. O homem construiu uma jangada e, quando veio a enchente, ele e a família sobreviveram.

— Sem o cachorro.

— Sim. Sem o cachorro. Quando a tempestade passou e a jangada atracou, o homem e sua família eram os únicos sobreviventes. Ele podia ouvir sons vindos do outro lado de uma colina, como se milhares de pessoas rissem e dançassem, mas, quando chegou ao topo, não viu nada além de ossos cobrindo o solo... os esqueletos de todas as milhões de pessoas que haviam morrido afogadas. Ele se deu conta de que os fantasmas dos mortos dançavam. Aquele fora o som que ouvira.

Piper esperou.

— E...?

— E mais nada. Fim.

— Você não pode terminar a história assim! Por que os fantasmas dançavam?

— Não sei — respondeu o pai. — Seu avô nunca sentiu a necessidade de explicar. Talvez estivessem felizes por uma família ter sobrevivido. Talvez estivessem desfrutando a vida após a morte. São fantasmas. Quem pode saber?

Piper não ficou satisfeita com aquele fim. Havia tantas perguntas sem resposta. Será que a família encontrara outro cachorro? Obviamente, nem todos os cães haviam se afogado, pois a própria Piper tinha um.

Ela não conseguia esquecer aquela história. Nunca mais olhou para os cães da mesma maneira, perguntando-se se um deles poderia ser um cão-esqueleto. E não compreendia por que a família precisara sacrificar o cão para sobreviver. Morrer para salvar a família parecia algo muito nobre — uma coisa muito própria dos cães.

Agora, no ninfeu em Roma, com a água na altura da cintura, Piper se perguntava por que o deus do Rio Aqueloo havia mencionado aquela história.

Ela desejou ter uma jangada, mas na verdade acreditava que parecia mais o cão-esqueleto. Já estava morta.

XLIV

PIPER

A CÂMARA SE ENCHIA DE água em uma velocidade alarmante. Piper, Jason e Percy bateram nas paredes, procurando uma saída, mas não encontraram nada. Subiram nas alcovas para ganhar alguma altura, mas, com a água jorrando delas, era como tentar se equilibrar na beira de uma cachoeira. Mesmo de pé, a água logo alcançou os joelhos de Piper. A partir do chão, provavelmente já chegava a altura de dois metros e meio e subia rapidamente.

— Eu poderia tentar um relâmpago — disse Jason. — Quem sabe abrir um buraco no teto...

— Isso poderia fazer a câmara inteira desmoronar e nos esmagar — falou Piper.

— Ou nos eletrocutar — acrescentou Percy.

— Não temos muitas opções — disse Jason.

— Vou investigar o chão — sugeriu Percy. — Se este lugar foi construído como uma fonte, *tem* que haver uma forma de drenar a água. Verifiquem os nichos em busca de saídas secretas. Talvez as conchas sejam maçanetas ou algo assim.

Era uma ideia desesperada, mas Piper ficou feliz por ter alguma coisa para fazer. Percy pulou na água enquanto Jason e Piper subiam de nicho em nicho, chutando, socando e balançando conchas engastadas na pedra, mas não tiveram sorte.

Mais rápido do que Piper esperava, Percy surgiu na superfície, arfando e debatendo-se. Ela ofereceu a mão, e ele quase a puxou para a água antes de conseguir subir.

— Não consegui respirar. — Ele engasgou. — A água... não é normal. Quase não consegui voltar.

A força vital das ninfas, pensou Piper. Era tão venenosa e maligna que nem mesmo um filho do deus do mar conseguia controlá-la.

À medida que a água subia à volta, Piper sentiu que também estava sendo afetada. Os músculos de suas pernas tremiam como se ela tivesse corrido por quilômetros. Suas mãos ficaram enrugadas e secas, apesar de ela estar no meio de uma fonte.

Os garotos se moviam com lentidão. O rosto de Jason estava pálido, e ele parecia ter dificuldade em segurar a espada. Percy estava encharcado e trêmulo. Seu cabelo não parecia tão escuro, como se a cor estivesse desbotando.

— Elas estão tirando nossos poderes — falou Piper. — Estão nos esgotando.

— Jason. — Percy tossiu. — Invoque o relâmpago.

Jason ergueu a espada. A sala rugiu, mas nenhum raio apareceu. O teto não se quebrou. Em vez disso, uma miniatura de tempestade formou-se no alto da câmara. A chuva desabou, enchendo a fonte ainda mais rapidamente, mas não era uma chuva normal. A água era quase tão escura quanto a do poço. As gotas caíam como ferroadas na pele de Piper.

— Não era o que eu queria — disse Jason.

A água agora chegava até o pescoço. Piper podia sentir suas forças desvanecendo. A história do avô Tom sobre canibais aquáticos era verdadeira. Ninfas do mal roubariam sua vida.

— Nós vamos sobreviver — murmurou ela para si mesma, mas só com o charme em sua voz não conseguiria sair dali. Logo a água venenosa cobriria a cabeça deles. Eles teriam que nadar, e aquela coisa já os estava paralisando.

Eles se afogariam, exatamente como nas visões que ela tivera.

Percy começou a afastar a água com a mão, como se estivesse espantando um cachorro mau.

— Não consigo... não consigo controlá-la!

Primeiro terá que me sacrificar, dissera o cão-esqueleto da história. *Você precisa me jogar na água.*

Piper teve a sensação de que alguém a agarrava pela nuca e expunha os ossos. Ela segurou a cornucópia com força.

— Não podemos lutar contra isso — disse ela. — Resistir só nos deixa mais fracos.

— O que quer dizer? — Jason gritou acima do barulho da chuva.

A água chegou até o queixo. Mais alguns centímetros, e eles precisariam nadar. Porém a água ainda não havia alcançado a metade das paredes. Piper esperava que isso significasse que eles ainda tinham tempo.

— A cornucópia — falou ela. — Temos que sobrecarregar as ninfas com água fresca, dar-lhes mais do que podem usar. Se conseguirmos diluir essa coisa

venenosa...

— Esse seu chifre pode fazer isso?

Percy mantinha a cabeça acima da água com dificuldade, o que era obviamente uma experiência nova para ele, que parecia apavorado.

— Só com sua ajuda.

Piper começava a compreender como o chifre funcionava. As coisas boas que ele produzia não vinham de lugar nenhum. Ela só conseguira soterrar Hércules em alimentos quando havia se concentrado em todas as suas experiências positivas com Jason.

Para criar água fresca e limpa suficiente para encher essa câmara ela precisava ir ainda mais fundo, explorar ainda mais suas emoções. Infelizmente, não estava mais conseguindo se concentrar.

— Preciso que vocês dois canalizem tudo que puderem para a cornucópia — disse ela. — Percy, pense no mar.

— Água salgada?

— Não importa! Desde que esteja limpa. Jason, pense em tempestades... *muito* mais chuvas. Segurem a cornucópia também.

Eles se aproximaram enquanto a água os erguia das saliências de pedra. Piper tentou lembrar-se das aulas que o pai lhe dera quando começaram a surfar. Para ajudar alguém que esteja se afogando, você passa o braço em torno da pessoa por trás e bate as pernas para a frente, movendo-se para trás, como se estivesse nadando de costas. Ela não tinha muita certeza de que a mesma estratégia pudesse funcionar com mais *duas* pessoas, mas passou o braço em torno dos amigos e tentou mantê-los flutuando enquanto seguravam a cornucópia entre eles.

Nada aconteceu. A chuva desabava torrencialmente, ainda escura e ácida.

As pernas de Piper pareciam de chumbo. A água subia e redemoinhava, ameaçando puxá-la para baixo. Ela sentia suas forças se esvaindo.

— Não adianta! — gritou Jason, cuspidando água.

— Não estamos conseguindo nada — concordou Percy.

— Vocês precisam trabalhar juntos — gritou Piper, torcendo para que estivesse certa. — Os dois pensem em água limpa... uma tempestade de água. Não reprimam nada. Visualizem todo o seu poder, toda a sua força deixando-os.

— Isso não é difícil! — disse Percy.

— Mas *forcem-na* a sair! — insistiu ela. — Ofereçam tudo, como... como se já estivessem mortos, e seu único objetivo fosse ajudar as ninfas. Tem que ser uma oferenda... um sacrifício.

Eles fizeram silêncio diante dessa palavra.

— Vamos tentar de novo — disse Jason. — Juntos.

Dessa vez Piper também voltou toda a sua concentração para a cornucópia. As ninfas queriam sua juventude, sua vida, sua voz? Ótimo. Ela abriu mão de tudo de boa vontade e imaginou todo seu poder deixando-a.

Já estou morta, disse a si mesma, tão calma quanto o cão-esqueleto. *Essa é a única maneira.*

A água límpida jorrou do chifre com tamanha força que os empurrou contra a parede. A chuva transformou-se em uma torrente branca, tão limpa e fria que fez Piper perder o ar.

— Está funcionando! — gritou Jason.

— Até bem demais — disse Percy. — Estamos enchendo a câmara ainda mais rápido!

Ele tinha razão. A água subia tão rápido que o teto agora estava a poucos centímetros de distância. Piper poderia ter esticado o braço e tocado as miniaturas de nuvens de chuva.

— Não parem! — pediu ela. — Temos que diluir o veneno até que as ninfas estejam limpas.

— E se elas *não* puderem ser limpas? — perguntou Jason. — Estão aqui embaixo se envenenando há milhares de anos.

— Não reprimam — disse Piper. — Deem tudo. Mesmo que fiquemos debaixo...

Sua cabeça bateu no teto. As nuvens de chuva se dissiparam e misturaram-se à água. A cornucópia continuava a jorrar uma torrente límpida.

Piper puxou Jason para mais perto e o beijou.

— Eu amo você.

As palavras simplesmente jorraram de sua boca, como a água da cornucópia. Ela não soube dizer qual foi a reação dele, porque naquele momento submergiram.

Ela prendeu a respiração. A corrente rugia em seus ouvidos e bolhas giravam ao redor. A luz ainda atravessava a câmara, e Piper estava surpresa por ainda conseguir vê-la. A água estava ficando mais clara?

Seus pulmões estavam prestes a explodir, mas Piper dirigiu suas últimas energias à cornucópia. A água continuava a fluir, embora não houvesse espaço para mais. Será que as paredes ruiriam sob a pressão?

A visão de Piper escureceu.

Ela pensou que o rugido em seus ouvidos fosse seu próprio batimento cardíaco morrendo, mas então percebeu que o poço estava tremendo. A água rodopiava mais rápido. Piper sentiu que afundava.

Com suas últimas forças, ela tomou impulso para cima. Sua cabeça rompeu a superfície e ela arquejou em busca de ar. A cornucópia parou. A água escoava

quase tão rápido quanto enchera a câmara antes.

Com um grito assustado, Piper se deu conta de que Percy e Jason ainda estavam debaixo da água. Ela os puxou para cima e na mesma hora Percy inspirou e começou a se mover, mas Jason mantinha-se tão inerte quanto um boneco de pano.

Piper agarrou-se a ele. Gritou o seu nome, sacudiu-o e bateu em seu rosto. Ela mal percebeu quando toda a água escoou, deixando-os no chão molhado.

— Jason!

Ela tentava desesperadamente pensar. Deveria virá-lo de lado? Bater em suas costas?

— Piper — disse Percy — eu posso ajudar.

Ele ajoelhou-se ao lado dela e tocou a testa de Jason. A água saiu aos borbotões da boca do garoto. Seus olhos se abriram, e um trovão lançou Percy e Piper para trás.

Quando Piper conseguiu abrir os olhos, viu Jason sentado, ainda arfando, mas com a cor ia voltando ao rosto.

— Desculpe... — Ele tossiu. — Não era minha intenção...

Piper o calou com um abraço. Ela o teria beijado, mas não quis sufocá-lo. Percy sorriu.

— Caso esteja se perguntando, era água limpa que estava em seus pulmões. Pude controlá-la sem problemas.

— Obrigado, cara. — Jason deu-lhe um fraco aperto de mão. — Mas acho que Piper é a verdadeira heroína. Ela salvou a gente.

Sim, ela salvou, uma voz ecoou pela câmara.

Os nichos brilharam. Nove figuras apareceram, porém não eram mais criaturas decrépitas. Eram ninfas jovens e bonitas, em vestidos azuis cintilantes, os sedosos cachos negros presos com fivelas de prata e ouro. Seus olhos tinham tons suaves de azul e verde.

Enquanto Piper observava, oito das ninfas se transformaram em vapor e sumiram. Somente a ninfa do centro permaneceu.

— Hagno? — perguntou Piper.

A ninfa sorriu.

— Sim, minha querida. Eu não acreditava que tamanho desprendimento existisse em mortais... especialmente em semideuses. Sem ofensa.

Percy se pôs de pé.

— Como poderíamos nos ofender? Vocês só tentaram nos afogar e sugar nossa vida.

Hagno estremeceu.

— Sinto muito por isso. Eu estava fora de mim. Mas vocês fizeram eu me

lembrar do sol e da chuva e dos riachos nas campinas. Percy e Jason, graças a vocês, eu me lembrei do mar e do céu. Estou limpa. Mas, principalmente, agradeço a Piper. Ela partilhou algo ainda melhor do que água corrente e limpa. — Hagno voltou-se para ela. — Você tem uma natureza boa, Piper. E eu sou um espírito da natureza, sei do que estou falando.

Hagno apontou para o outro lado da sala. A escada que levava à superfície reapareceu. Logo abaixo dela, uma abertura circular surgiu, como um cano de esgoto, grande o bastante apenas para passassem rastejando. Piper suspeitava de que a água havia escoado por ali.

— Vocês podem voltar para a superfície — disse Hagno. — Ou, se insistirem, podem seguir o canal até os gigantes. Mas decidam logo, pois ambas as portas desaparecerão assim que eu me for. Aquele cano se conecta ao antigo aqueduto, que alimenta tanto o ninfeu quanto o hipogeu que os gigantes chamam de lar.

— Argh. — Percy apertou as próprias têmporas. — Por favor, chega de palavras complicadas.

— Ah, *lar* não é uma palavra complicada. — Hagno parecia completamente sincera. — Eu pensava que fosse, mas agora vocês nos libertaram deste lugar. Minhas irmãs foram em busca de novos lares... um riacho em uma montanha, talvez, ou um lago em uma campina. Eu vou com elas. Mal posso esperar para rever as florestas, pradarias e a água limpa e corrente.

— Hã — disse Percy, nervoso — as coisas mudaram lá em cima nos últimos milhares de anos.

— Bobagem — falou Hagno. — Que mal poderia haver nisso? Pã não permitiria que a natureza fosse contaminada. Na verdade, mal posso esperar para vê-lo.

Percy fez menção de dizer algo, mas pareceu mudar de ideia.

— Boa sorte, Hagno — desejou Piper. — E obrigada.

A ninfa sorriu uma última vez e sumiu.

Por um breve instante, o ninfeu reluziu com uma luz mais suave, como a de uma lua cheia. Piper sentiu o aroma de temperos exóticos e rosas desabrochando. Ouviu música e vozes felizes conversando e rindo a distância. Deduziu que estivesse ouvindo centenas de anos de festas e celebrações contidas naquele santuário ancestral, como se as lembranças houvessem sido libertadas junto com os espíritos.

— O que é isso? — perguntou Jason, nervoso.

Piper segurou a mão dele.

— Os fantasmas estão dançando. Venham. É melhor irmos encontrar os gigantes.

XLV

PERCY

PERCY JÁ ESTAVA CANSADO DE água.

Se dissesse isso em voz alta, provavelmente seria expulso dos Escoteiros Marítimos de Poseidon, mas não estava nem aí.

Depois de sobreviver por pouco ao ninfeu, queria voltar à terra firme. Queria estar seco e sentar-se ao sol por um bom tempo — de preferência com Annabeth.

Infelizmente, não sabia onde ela estava. Frank, Hazel e Leo tinham desaparecido. Ele ainda precisava salvar Nico di Angelo, supondo-se que o garoto ainda não estivesse morto. E havia também aquela pequena questão de os gigantes destruírem Roma e de Gaia estar prestes a despertar e dominar o mundo.

Falando a sério, aqueles monstros e deuses tinham milhares de anos. Será que eles não podiam tirar algumas décadas de folga e deixar Percy viver a sua vida? Aparentemente, não.

Percy assumiu a liderança enquanto se arrastavam pelo cano de drenagem que, quase dez metros depois, abria-se em um túnel mais amplo. À esquerda, em algum ponto a distância, Percy ouvia estrondos e rangidos como os de uma imensa máquina precisando de lubrificação. Ele não tinha a menor vontade de descobrir qual era a origem daquele som, então deduziu que aquele só podia ser o caminho a seguir.

Depois de algumas centenas de metros, o túnel fez uma curva. Percy ergueu a mão, pedindo que Jason e Piper esperassem. Ele espiou pela esquina.

O corredor se abria em uma sala ampla, com pé-direito de seis metros e colunas de sustentação. Era a mesma área parecida com um estacionamento que Percy vira em sonho, mas agora estava muito mais abarrotada.

Os rangidos e estrondos vinham de imensas engrenagens e polias que erguiam

e baixavam seções do piso sem razão aparente. Água fluía por calhas abertas (ah, que ótimo, mais água) alimentando rodas que faziam alguns motores funcionar. Outras máquinas estavam conectadas a imensas rodas de hamster dentro das quais estavam cães infernais. Percy não pôde deixar de pensar na sra. O’Leary e no quanto ela odiaria ficar aprisionada ali dentro.

Gaiolas pendiam do teto com animais vivos: um leão, várias zebras, um bando inteiro de hienas e até mesmo uma hidra de oito cabeças. Correias transportadoras antiquadas de couro e bronze levavam pilhas de armas e armaduras, mais ou menos como no armazém das amazonas em Seattle, exceto pelo fato de que aquele lugar era obviamente muito mais antigo e não tão bem organizado.

Leo teria adorado aquilo aqui, pensou Percy. O lugar inteiro era como uma imensa e apavorante máquina de funcionamento duvidoso.

— O que é isso? — sussurrou Piper.

Percy não sabia como responder. Ele não estava vendo os gigantes, então acenou para que os amigos avançassem.

Uns cinco metros além da porta, uma silhueta de madeira de um gladiador em tamanho natural saltou do chão. Estalando e zumbindo, ele seguiu por uma correia transportadora, foi preso por uma corda e subiu por uma fenda no teto.

— Que diabos...? — murmurou Jason.

Eles entraram e Percy examinou o espaço. Havia milhares de coisas para olhar e a maioria delas se movia, mas uma vantagem de ser um semideus com ^{TD}DAH era que Percy se sentia à vontade no meio do caos. A uns cem metros de onde estava, avistou um estrado com duas enormes cadeiras de pretores. Entre elas, via-se um jarro de bronze grande o bastante para conter uma pessoa.

— Olhem.

Ele o apontou para os amigos. Piper franziu a testa.

— Está fácil demais.

— É claro — disse Percy.

— Mas não temos escolha — observou Jason. — Precisamos salvar Nico.

— É.

Percy começou a atravessar a sala, desviando-se de correias transportadoras e plataformas móveis. Os cães infernais não deram nenhuma atenção a eles, ocupados demais correndo e arfando, os olhos vermelhos brilhando como faróis. Os animais nas outras jaulas lançaram olhares entediados para eles, como se dissessem: *Eu mataria vocês se não fosse gastar tanta energia.*

Percy tentou ficar atento, mas *tudo* ali parecia uma armadilha. Ele lembrou-se de todas as vezes alguns anos antes que quase morrera no labirinto. Desejou que Hazel estivesse ali no subterrâneo para ajudar (e, naturalmente, para que pudesse

reencontrar o irmão).

Eles saltaram sobre uma calha de água, inclinaram-se e passaram por baixo de uma série de jaulas com lobos. Haviam percorrido quase a metade do caminho até o jarro de bronze quando o teto se abriu acima deles. Uma plataforma baixou e, de pé sobre ela, como um ator, com uma das mãos e a cabeça erguidas, estava o gigante de cabelos roxos, Efialtes.

Exatamente como Percy vira em seus sonhos, o Grande F era pequeno pelos padrões dos gigantes — tinha cerca de três metros e meio de altura — mas tentava compensar a baixa estatura com o traje chamativo. Havia tirado a armadura de gladiador e usava agora uma camisa havaiana que até mesmo Dioniso teria considerado exagerada. A estampa era espalhafatosa, mostrando heróis moribundos, torturas horríveis e leões devorando escravos no Coliseu. O cabelo do gigante estava trançado com moedas de ouro e prata. Às costas, ele carregava uma lança de três metros que não combinava nem um pouco com a camisa. O traje se completava com um jeans branco e sandálias de couro nos... bem, não eram exatamente pés, e sim cabeças de serpentes encurvadas. As cobras agitavam a língua e se contorciam como se não gostassem nem um pouco de sustentar o peso de um gigante.

Efialtes sorriu para os semideuses como se estivesse muito, muito satisfeito em vê-los.

— Finalmente! — gritou. — Estou tão feliz! Francamente, não achei que fossem conseguir passar pelas ninfas, mas é muito bom que tenham conseguido. Muito mais divertido. Chegaram bem a tempo da principal atenção!

Jason e Piper postaram-se ao lado de Percy. Tê-los ali o fez sentir-se um pouco melhor. O gigante era menor do que muitos dos monstros que ele enfrentara, mas algo nele lhe dava calafrios. Nos olhos de Efialtes havia claramente um brilho de loucura.

— Estamos aqui — disse Percy, o que soou um tanto óbvio assim que ele falou. — Liberte nosso amigo.

— É claro! — respondeu Efialtes. — Embora eu tema que ele já tenha passado um pouquinho da data de validade. Oto, cadê você?

Não muito longe deles, o chão se abriu, e o outro gigante surgiu em uma plataforma.

— Oto, finalmente! — gritou o irmão com alegria. — Você não está usando a mesma roupa que eu! Você está... — A expressão de Efialtes transformou-se em horror. — *Que roupa é essa?*

Oto parecia o maior e mais mau-humorado bailarino do mundo. Usava malha azul-bebê que Percy gostaria *muíto* que não fosse tão apertada. A ponta de suas imensas sapatilhas de balé estavam cortadas para que as serpentes

pudessem ficar à vontade. Uma tiara de diamantes (Percy resolveu ser generoso e vê-la como uma coroa de rei) estava aninhada nos cabelos verdes trançados com fogos de artifício. Ele parecia triste e extremamente desconfortável, mas conseguiu fazer uma medida, o que não deveria ser fácil com os pés de serpente e a lança nas costas.

— Deuses e titãs! — gritou Efialtes. — Está na hora do espetáculo! O que você está *pensando*?

— Eu não queria usar a roupa de gladiador — queixou-se Oto. — Ainda acho que um balé seria perfeito, sabe, na hora do fim do mundo. — Ele levantou as sobrancelhas, esperançoso, olhando para os semideuses. — Tenho alguns trajes extras...

— Não! — cortou Efialtes, e dessa vez Percy estava de acordo com ele.

O gigante de cabelos roxos encarou Percy. Ele sorriu tão dolorosamente que parecia estar sendo eletrocutado.

— Por favor, perdoem meu irmão — disse ele. — Sua presença de palco é horrível, e ele não tem *nenhum* senso de estilo.

— Tudo bem. — Percy resolveu não comentar sobre a camisa havaiana. — Agora, em relação ao nosso amigo...

— Ah, sim — zombou Efialtes. — Vamos deixá-lo terminar de morrer em público, mas ele não é nem um pouco divertido. Há *dias* está enroscado, dormindo. Que tipo de espetáculo é esse? Oto, vire o jarro.

O gigante marchou até o estrado, parando ocasionalmente para fazer um *plié*. Ele derrubou o jarro, a tampa se abriu e Nico di Angelo rolou para fora. Ver seu rosto mortalmente pálido e o corpo esquelético fez o coração de Percy parar. Ele não sabia dizer se Nico estava vivo ou morto. Queria correr até lá e verificar, mas Efialtes estava no caminho.

— Agora temos que nos apressar — disse o Grande F. — Vamos repassar suas instruções de palco. O hipogeu está pronto!

Percy estava preparado para cortar aquele gigante ao meio e dar o fora dali, mas Oto estava caído ao lado de Nico. Se uma batalha começasse, Nico não estava em condições de se defender. Percy precisava ganhar algum tempo até que ele se recuperasse.

Jason ergueu seu gládio de ouro.

— Não vamos fazer parte de nenhum espetáculo. O que é um hipo... sei-lá-o-quê?

— Hipogeu! — respondeu Efialtes. — Você é um semideus romano, não é? Deveria saber! Ah, mas suponho que, se fizemos bem nosso trabalho aqui nos bastidores, vocês realmente não saberiam que o hipogeu existe.

— Eu já ouvi falar disso — disse Piper. — Era a área debaixo do coliseu. Um

lugar que guardava todas as peças de cenário e maquinário usado para criar efeitos especiais.

Efialtes bateu palmas, entusiasmado.

— Exatamente! Você estuda teatro, mocinha?

— Hã... meu pai é ator.

— Maravilha! — Efialtes virou-se para o irmão. — Ouviu isso, Oto?

— Ator — murmurou o outro gigante. — Todo mundo é ator. Ninguém dança.

— Seja educado! — censurou-o Efialtes. — De qualquer modo, mocinha, você está absolutamente certa, mas *este* hipogeu é muito mais que as coxias do coliseu. Já ouviram falar que nos tempos antigos alguns gigantes foram aprisionados debaixo da terra e que, de tempos em tempos, provocavam terremotos ao tentar se libertar? Bem, nós fizemos muito melhor! Oto e eu estamos presos debaixo de Roma há éons, mas nos mantivemos ocupados construindo nosso próprio hipogeu. Agora estamos prontos para criar o maior espetáculo que Roma já viu... e o último!

Aos pés de Oto, Nico estremeceu. Percy teve a sensação de que, em algum lugar de seu peito, um cão infernal havia recomeçado a correr em uma roda de hamster. Pelo menos ele estava vivo. Agora só precisavam derrotar os gigantes, de preferência sem destruir a cidade de Roma, e dar o fora dali para encontrar os amigos.

— Então! — falou Percy, esperando manter a atenção dos gigantes voltada para ele. — Instruções de palco, você disse?

— Sim! — confirmou Efialtes. — Bem, *sei* que era para você e a garota Annabeth serem entregues vivos, se isso for possível, mas, sinceramente, a garota já está condenada, então espero que você não se importe se nos desviarmos do plano.

Percy sentiu o gosto da água envenenada das ninfas.

— Já está condenada. Você não quer dizer que ela já está...

— Morta? — completou o gigante. — Não. Ainda não. Mas não se preocupe! Prendemos os seus outros amigos, sabe?

Piper deixou escapar um gemido.

— Leo? Hazel e Frank?

— Esses mesmos — concordou Efialtes. — Então podemos usar *aqueles dois* para o sacrifício. Podemos deixar a filha de Atena morrer, o que vai agradar Sua Senhoria. E podemos usar vocês três para o espetáculo! Gaia ficará um pouco desapontada, mas, sinceramente, todos saem ganhando. A morte de vocês será *muito* mais divertida.

Jason rosnou.

— Vocês querem diversão? Pois eu vou lhes dar diversão.

Piper deu um passo à frente. De alguma forma, ela conseguiu forçar um sorriso doce.

— Tenho uma ideia melhor — disse ela aos gigantes. — Por que não nos deixam ir? Essa seria uma reviravolta incrível no roteiro. Isso é que seria entretenimento de qualidade, e provaria ao mundo o quanto vocês são maneiros.

Nico se mexeu, fazendo Oto olhar para ele. Seus pés de serpente lançaram as línguas em direção à cabeça de Nico.

— Além disso! — continuou Piper rapidamente. — Além disso, podemos fazer alguns passos de dança enquanto escapamos. Quem sabe um número de balé?

Oto esqueceu-se de Nico. Ele arrastou-se até Efialtes, sacudindo o dedo em sua direção.

— Está vendo? É disso que estou falando! Seria incrível!

Por um segundo, Percy pensou que Piper ia conseguir. Oto olhou para o irmão, implorando. Efialtes coçou o queixo, como se considerasse a ideia, mas, por fim, balançou a cabeça.

— Não... não, receio que não. Sabe, mocinha, eu sou o antiDioniso. Tenho uma reputação a manter. Dioniso acha que entende de diversão? Está enganado! Suas festas não são nada se comparadas ao que posso fazer. Aquele nosso velho truque, por exemplo, de empilhar montanhas para alcançar o Olimpo...

— Eu disse que aquilo nunca ia funcionar — murmurou Oto.

— E aquela vez em que meu irmão se cobriu de carne e fez uma corrida de obstáculos com drakons...

— Você falou que a tevê de Hefesto ia exibir aquilo no horário nobre — disse Oto. — Ninguém nem me viu.

— Bem, este espetáculo será *ainda melhor* — prometeu Efialtes. — Os romanos sempre quiseram pão e circo: comida e diversão! Vou oferecer os dois quando destruímos a cidade. Vejam! Uma amostra!

Alguna coisa caiu do teto e aterrisou aos pés de Percy: um pacote de pão de fôrma, em uma embalagem de plástico branco com bolinhas vermelhas e amarelas. Percy o apanhou.

— Pão de fôrma?

— Magnífico, não é? — Os olhos de Efialtes dançavam, loucos e animados. — Pode ficar com esse pacote. Meu plano é distribuir milhões deles para o povo de Roma enquanto eu os destruo.

— Pão é bom — admitiu Oto. — Embora os romanos só devessem ganhar se dançassem.

Percy olhou para Nico, que começava a se mexer. Percy queria que ele estivesse pelo menos consciente o bastante de modo a se arrastar para fora do

caminho quando a luta começasse. E Percy precisava arrancar mais informações dos gigantes sobre Annabeth e sobre onde seus amigos estavam presos.

— Talvez — arriscou Percy — vocês deveriam trazer nossos outros amigos para cá. Sabe, mortes espetaculares... quanto mais melhor, certo?

— Humm... — Efialtes mexeu em um botão de sua camisa havaiana. — Não. É tarde demais para mudar a coreografia. Mas não tema: o circo será maravilhoso! Ah... não o tipo *moderno* de circo, entenda bem. Seria preciso palhaços, e eu odeio palhaços.

— Todo mundo odeia palhaços — disse Oto. — Até palhaços odeiam outros palhaços.

— Exatamente — concordou o irmão. — Mas temos coisas muito melhores programadas! Vocês três morrerão agonizando, lá em cima, onde todos os deuses e mortais poderão ver. Mas isso é apenas a cerimônia de abertura! Nos velhos tempos, os jogos duravam dias ou semanas. Nosso espetáculo, a destruição de Roma, vai durar um mês inteiro, até Gaia despertar.

— Espere — disse Jason. — Um mês, e aí Gaia acorda?

Efialtes abanou a mão em um gesto de indiferença, dispensando a pergunta.

— Sim, sim. Há algo sobre o primeiro dia de agosto ser a melhor data para destruir toda a humanidade. Nada importante! Em sua infinita sabedoria, a Mãe Terra concordou que Roma pode ser destruída primeiro, de forma lenta e espetacular. É muito justo!

— Então... — Percy não podia acreditar que estava falando sobre o fim do mundo com um pão de fôrma na mão. — Vocês são o show de abertura de Gaia.

A expressão de Efialtes fechou-se.

— Isto não é nenhum show de abertura, semideus! Vamos soltar animais selvagens e monstros nas ruas. Nosso departamento de efeitos especiais vai produzir incêndios e terremotos. Crateras e vulcões vão surgir do nada, aleatoriamente! Fantasmas andarão à solta.

— Essa história de fantasma não vai funcionar — observou Oto. — Nossos grupos de pesquisa dizem que não vai dar ibope.

— Incrédulos! — disse Efialtes. — Este hipogeu pode fazer qualquer coisa funcionar!

Efialtes marchou até uma grande mesa coberta com um lençol. Puxou o lençol, revelando várias alavancas e botões de aspecto quase tão complexo quanto o painel de controle criado por Leo para o *Argo II*.

— Este botão? — falou Efialtes. — Ele vai soltar uma dúzia de lobos raivosos no fórum. E este aqui vai fazer com que gladiadores autômatos lutem contra turistas na Fontana di Trevi. Este outro fará com que o Tibre transborde, para podermos reencenar uma batalha naval bem na *Piazza Navona*! Percy Jackson,

— você deve gostar dessa, já que é filho de Poseidon!

— Hã... ainda acho que a ideia de *nos libertar* é melhor — comentou Percy.

— Ele tem razão — tentou Piper novamente. — Se não, a gente vai acabar tendo que fazer essa história de confronto, sabe? Lutamos contra vocês. Vocês lutam contra a gente. Destruímos os seus planos. Sabe, andamos derrotando muitos gigantes ultimamente. Eu detestaria que as coisas fugissem ao controle.

Efialtes assentiu, pensativo.

— Você tem razão.

Piper piscou, confusa.

— Tenho?

— Não podemos deixar as coisas fugirem ao controle — concordou o gigante.

— Tudo tem que ser cronometrado com perfeição. Mas não se preocupem. Coreografei a morte de vocês. Vão *amar*.

Nico começou a se arrastar, gemendo. Percy queria que ele se movesse mais rápido e gemesse menos. Pensou em jogar o pão nele.

Jason mudou a espada de mão.

— E se nos recusarmos a cooperar com o espetáculo?

— Bem, vocês não podem nos matar. — Efialtes riu, como se a ideia fosse ridícula. — Vocês não têm nenhum deus ao seu lado, o que seria a única maneira de talvez triunfarem. Então, de verdade, seria muito mais sensato sofrer uma morte bem dolorosa. Lamento, mas o show tem que continuar.

Aquele gigante era ainda pior que Fórcis, o deus do mar em Atlanta, Percy percebeu. Efialtes não era exatamente o antiDioniso; era um Dioniso maluco usando esteroides. Claro, Dioniso era o deus da folia e das festas descontroladas. Mas Efialtes só queria saber de criar tumulto e destruir as coisas por puro prazer.

Percy olhou para os amigos.

— Estou ficando cansado da camisa desse cara.

— Hora da luta?

Piper agarrou sua cornucópia.

— Detesto pão de fôrma — disse Jason.

Juntos, atacaram.

XLVI

PERCY

AS COISAS DERAM ERRADO IMEDIATAMENTE. Os gigantes desapareceram em nuvens de fumaça idênticas e, em seguida, reapareceram em lugares diferentes no meio da sala. Percy disparou na direção de Efialtes, mas fendas se abriram sob seus pés e paredes de metal ergueram-se de ambos os lados, separando-o dos amigos.

As paredes começaram a fechar-se ao redor dele como um alicate de pressão. Percy saltou e agarrou a base da jaula da hidra. Viu de relance Piper pulando uma amarelinha de labaredas de fogo, saltando em direção a Nico, que estava tonto, desarmado e rodeado por uma dupla de leopardos.

Enquanto isso, Jason atacava Oto, que sacou a lança e deixou escapar um grande suspiro, como se preferisse dançar *O Lago dos Cisnes* a matar outro semideus.

Percy registrou tudo isso em uma fração de segundo, mas não havia muito que pudesse fazer. A hidra tentou atacar suas mãos. Ele balançou-se e saltou, caindo em um bosque de árvores pintadas em compensado de madeira que surgiu do nada. As árvores mudavam de posição enquanto ele tentava correr entre elas, então ele retalhou a floresta inteira com Contracorrente.

— Maravilhoso! — gritou Efialtes, que estava diante do painel de controle uns vinte metros à esquerda de Percy. — Vamos considerar isto um ensaio geral. Devo soltar a hidra na *Piazza di Spagna* agora?

Ele puxou uma alavanca, e Percy olhou para trás. A jaula na qual estivera pendurado havia pouco agora subia em direção a um alçapão no teto. Em três segundos ela desapareceria. Se Percy atacasse o gigante, a hidra iria devastar a cidade.

Praguejando, ele lançou Contracorrente como um bumerangue. A espada não fora projetada para aquilo, mas a lâmina de bronze celestial cortou as correntes

que suspendiam a hidra. A jaula tombou de lado, a porta se abriu e o monstro foi lançado para fora — bem diante de Percy.

— Ah, você é mesmo um desmancha-prazeres, Jackson! — gritou Efiltes. — Muito bem. Lute contra ela aqui, se preferir, mas sua morte não será nem de perto tão boa sem o aplauso das multidões.

Percy deu um passo à frente para confrontar o monstro e então se deu conta de que havia acabado de atirar sua arma longe. Uma pequena falha de planejamento de sua parte.

Ele rolou para o lado no momento em que as oito cabeças da hidra cuspiram ácido, transformando o chão onde ele estivera poucos segundos antes em uma fumegante cratera de pedra derretida. Percy detestava muito as hidras. Era quase uma sorte que tivesse perdido a espada, pois seu instinto teria sido decepar as cabeças, e uma hidra ganhava duas novas para cada uma que perdia.

A última vez em que enfrentara uma hidra fora salvo por um navio de guerra com balas de canhões de bronze que explodiram o monstro, fazendo-o em pedaços. Essa estratégia não podia ajudá-lo agora... ou podia?

A hidra atacou. Percy escondeu-se atrás de uma roda de hamster gigante e examinou a câmara, procurando as caixas que vira em seu sonho. Lembrava-se de algo em relação a lançadores de foguetes.

No estrado, Piper montava guarda ao lado de Nico enquanto os leopardos avançavam. Ela apontou a cornucópia e lançou uma peça de carne assada por cima da cabeça dos felinos. Devia estar com o cheiro muito bom, pois os leopardos saíram correndo atrás da carne.

Mais de vinte metros à direita de Piper, Jason enfrentava Oto, espada contra lança. Oto havia perdido sua tiara de diamantes e isso parecia tê-lo deixado zangado. Provavelmente teve diversas chances de empalar Jason, mas o gigante insistia em dar uma pirueta a cada ataque, o que o tornava mais lento.

Enquanto isso, Efiltes ria ao apertar botões em seu painel de controle, acelerando as correias transportadoras e abrindo as jaulas dos animais aleatoriamente.

A hidra atacou, contornando a roda de hamster. Percy atirou-se atrás de uma coluna, agarrou um saco de lixo cheio de pão e o lançou contra o monstro. A hidra cuspiu ácido, o que se mostrou um erro. O saco e os invólucros se dissolveram em pleno ar, o pão absorveu o ácido como espuma de extintor de incêndio e espirrou na hidra, cobrindo-a com uma camada pegajosa e fumegante de carboidratos venenosos.

Enquanto o monstro se debatia, sacudindo a cabeça e piscando para se livrar do pão com ácido, Percy olhou desesperadamente ao redor. Não viu as caixas de lançadores de foguete, mas, encostada à parede nos fundos, havia uma

engenhoca estranha, parecida com um cavalete de pintor, equipada com vários lançadores de mísseis. Percy avistou uma bazuca, um lançador de granadas, fogos de artifício enormes e uma dúzia de outras armas de aspecto maligno. Pareciam estar todos conectados, apontando na mesma direção e ligados a uma única alavanca de bronze na lateral. No alto do cavalete, escritas com cravos, liam-se as palavras: FELIZ DESTRUIÇÃO, ROMA!

Percy correu para o equipamento. A hidra sibilou e seguiu atrás dele.

— Eu sei! — gritou Efialtes, feliz. — Podemos começar com explosões ao longo da *Via Labicana*! Não podemos deixar nossa plateia esperando para sempre.

Percy lançou-se para trás do cavalete e virou-o na direção de Efialtes. Ele não tinha a habilidade de Leo com máquinas, mas sabia como apontar uma arma.

A hidra lançou-se na direção dele, bloqueando sua visão do gigante. Percy torceu para que a engenhoca tivesse poder de fogo suficiente para abater dois alvos de uma só vez. Ele puxou a alavanca, mas ela não se moveu.

As oito cabeças da hidra elevaram-se acima dele, prontas para derretê-lo. Ele tornou a puxar a alavanca. Dessa vez o cavalete tremeu e as armas começaram a sibilar.

— Abaixem-se e se protejam! — gritou Percy, na esperança de que os amigos compreendessem a mensagem.

Ele saltou para o lado no momento em que o cavalete disparava. Parecia a comemoração do ano-novo no meio de uma fábrica de pólvora. A hidra foi pulverizada no mesmo instante. Infelizmente, o coice derrubou o cavalete enquanto mais projéteis eram disparados, atirando para todos os lados. Um pedaço do teto desabou e esmagou uma roda de água. Outras gaiolas se soltaram das correntes, libertando duas zebras e um bando de hienas. Uma granada explodiu sobre a cabeça de Efialtes, mas só o derrubou. O painel de controle não parecia ter sofrido nenhum dano.

Do outro lado da câmara, sacos de areia choveram em torno de Piper e Nico. Piper tentou puxar Nico para um local seguro, mas um dos sacos a atingiu no ombro, derrubando-a.

— Piper! — gritou Jason, e correu na direção dela, esquecendo-se completamente de Oto, que mirou a lança nas suas costas.

— Cuidado! — gritou Percy.

Jason tinha reflexos rápidos. No momento em que Oto atirou a lança, o garoto rolou para o lado. A lança passou por cima dele, que fez um movimento com a mão, invocando uma rajada de vento que mudou a direção da arma. Ela cruzou a câmara e atravessou Efialtes pelo lado quando ele se levantava.

— Oto! — Efialtes cambaleou, afastando-se do painel de controle, agarrando

a lança enquanto começava a se desfazer em poeira de monstro. — Você pode, *por favor*, parar de me matar?

— Não foi culpa minha!

Oto mal tinha acabado de falar quando a engenhoca lança-mísseis de Percy disparou os últimos fogos de artifício. A incandescente bola da morte cor-de-rosa (é claro que era cor-de-rosa) atingiu o teto acima de Oto e explodiu em uma linda chuva iluminada. Centelhas coloridas rodopiaram graciosamente em torno do gigante. Então um pedaço de três metros do telhado desabou e o esmagou.

Jason correu para Piper, que gritou de dor quando o namorado tocou seu braço. O ombro parecia curvar-se em um ângulo estranho, mas assim mesmo ela murmurou:

— Bem. Eu estou bem.

Ao lado dela, Nico se sentou, olhando ao redor, confuso, como se percebesse naquele momento que tinha acabado de perder a chance de participar de uma batalha.

Infelizmente, os gigantes não estavam liquidados. Efialtes já estava se refazendo, a cabeça e os ombros erguendo-se do monte de pó. Ele libertou os braços e fuzilou Percy com os olhos.

Do outro lado da câmara, a pilha de escombros se moveu e Oto irrompeu com a cabeça ligeiramente amassada. Todos os fogos de artifício em seu cabelo haviam estourado, e as tranças fumegavam. A malha de balé estava em farrapos, o que fazia com que ficasse ainda pior nele.

— Percy! — gritou Jason. — Os controles!

Percy despertou. Encontrou Contracorrente de volta no bolso, destampou-a e saiu correndo na direção do painel de controle. Ao chegar, deslizou a lâmina pelo tampo do console, decependo os controles e gerando uma chuva de faíscas de bronze.

— Não! — uivou Efialtes. — Você arruinou o espetáculo!

Percy virou-se, mas foi devagar demais. Efialtes brandiu a lança como um bastão e o atingiu com força no peito. Percy caiu de joelhos, a dor parecia queimar sua barriga.

Jason correu até ele, mas Oto já se arrastava atrás dele. Percy conseguiu se levantar e se viu lado a lado com Jason. Piper ainda estava caída no estrado, incapaz de se erguer. Nico mal tinha consciência do que acontecia.

Os gigantes estavam se recuperando, ficando mais fortes a cada minuto. Percy, não. Efialtes sorriu, como que se desculpando.

— Cansado, Percy Jackson? Como eu disse, você não pode nos matar. Então creio que estamos em um impasse. Ah, espere... não, não estamos! Porque nós podemos matar vocês!

— Esta — grunhiu Oto, apanhando a lança caída — é a primeira coisa sensata que você diz o dia todo, irmão.

Os gigantes apontaram suas armas, prontos para transformar Percy e Jason em espetinhos de semideus.

— Não vamos desistir — rosnou Jason. — Vamos fazer picadinho de vocês, como Júpiter fez com Saturno.

— Isso mesmo — afirmou Percy. — Vocês dois estão mortos. Não importa se temos ou não um deus do nosso lado.

— Bem, isso é uma pena — disse outra voz.

À direita de Percy, uma segunda plataforma baixou do teto. Apoiado casualmente em um cajado com uma pinha na ponta, estava um homem de camisa roxa de acampamento, bermuda cáqui e sandálias com meias brancas. Ele ergueu o chapéu de abas largas, e um fogo arroxeadado cintilou nos olhos.

— Eu detestaria pensar que fiz essa viagem especial à toa.

XLVII

PERCY

PERCY NUNCA HAVIA PENSADO NA presença do sr. D como tranquilizadora, mas de repente tudo ficou silencioso. O funcionamento das máquinas cessou bruscamente. Os animais selvagens pararam de rosnar.

Os dois leopardos foram até ele — ainda lambendo os beijos por causa da carne assada de Piper — e esfregaram a cabeça afetuosamente nas pernas do deus. O sr. D coçou-lhes as orelhas.

— Francamente, Efialtes — censurou ele. — Matar semideuses é uma coisa. Mas usar leopardos em seu espetáculo? Isso já é demais.

O gigante emitiu um guincho.

— Isto... isto é impossível. D-D...

— É Baco, na verdade, meu velho camarada — disse o deus. — E é claro que é possível. Alguém me disse que estava rolando uma festa aqui.

Ele parecia o mesmo do Kansas, mas Percy ainda não conseguia superar as diferenças entre Baco e seu velho não tão amigo assim sr. D.

Baco era mais cruel e mais magro, com uma barriga menor. Tinha cabelos mais compridos, muito mais fúria nos olhos e andava com mais vigor. Ele conseguia até fazer com que uma pinha presa a um cajado parecesse intimidadora.

A lança de Efialtes tremeu.

— Vocês... vocês, deuses, estão condenados! Vão embora, em nome de Gaia!

— Humm.

Baco não parecia impressionado. Ele passeou em meio às ruínas de adereços, plataformas e efeitos especiais.

— Cafona. — Ele acenou com a mão na direção de um gladiador de madeira pintada e então se virou para uma máquina que parecia um rolo de macarrão

gigante cravejado de facas. — Malfeito. Entediante. E isto... — Inspeccionou uma engenhoca para lançamento de foguetes, que ainda fumegava. — Cafona, malfeito e sem graça. Francamente, Efialtes. Você não tem o menor estilo.

— ESTILO? — O rosto do gigante ficou vermelho. — Tenho *muito* estilo. Eu sou o próprio estilo. Eu... eu...

— Meu irmão *transpira* estilo — sugeriu Oto.

— Obrigado! — gritou Efialtes.

Baco deu um passo à frente, e os gigantes recuaram aos tropeços.

— Vocês dois encolheram? — perguntou o deus.

— Ah, isso é golpe baixo — resmungou Efialtes. — Sou alto o suficiente para destruir você, Baco! Vocês, deuses, sempre se escondendo atrás de seus heróis mortais, confiando o destino do Olimpo a criaturas como *estas*.

Ele olhou com desprezo para Percy.

Jason ergueu a espada.

— Lorde Baco, vamos matar estes gigantes ou não?

— Bem, eu certamente espero que sim — respondeu Baco. — Por favor, prossigam.

Percy o encarou.

— Você não veio aqui ajudar?

Baco deu de ombros.

— Ah, obrigado pela oferenda no mar. Um navio inteiro cheio de Coca-cola diet. Muito simpático. Embora eu prefira Pepsi Diet.

— E seis milhões em ouro e joias — murmurou Percy.

— Sim — confirmou Baco — embora grupos com mais de cinco semideuses tenham gratuidade, portanto não era necessário.

— O quê?

— Deixe para lá — disse Baco. — De qualquer modo, vocês conseguiram a minha atenção. Aqui estou. Agora preciso ver se são dignos de minha ajuda. Vão em frente. Combatam. Se me impressionarem, participo do *grand finale*.

— Acertamos um deles com a lança — falou Percy. — Derrubamos o teto no outro. O que você considera impressionante?

— Ah, boa pergunta... — Baco deu um tapinha em seu tirso. Então sorriu de um jeito que fez Percy pensar: *Ops*. — Talvez vocês precisem de inspiração! O palco não foi devidamente arrumado. Chama isso de espetáculo, Efialtes? Vou lhe mostrar como se faz.

O deus se dissolveu em névoa roxa. Piper e Nico desapareceram.

— Pipes! — gritou Jason. — Baco, onde você...?

Todo o chão tremeu com violência e começou a se elevar. O teto se abriu em uma série de painéis. A luz do sol entrou. O ar tremeluzia como uma miragem, e

Percy ouviu o rugido de uma multidão acima dele.

O hipogeu brotou por entre uma floresta de colunas de pedra desgastadas, no meio de um coliseu em ruínas.

O coração de Percy deu uma cambalhota. Aquele não era um coliseu qualquer. Era o Coliseu. As máquinas de efeitos especiais dos gigantes tinham feito hora extra, assentando pranchas sobre vigas de apoio em ruínas de modo que a arena tivesse novamente um piso adequado. A arquibancada se refez até ficar reluzindo de tão branca. Um gigantesco dossel vermelho e dourado estendeu-se acima das cabeças, proporcionando proteção contra o sol da tarde. O camarote do imperador era forrado de seda, ladeado por flâmulas e águias douradas. O rugido de aplausos vinha de milhares de fantasmas de um roxo bruxuleante, os Lares de Roma, trazidos de volta para uma apresentação extra.

Respiradouros se abriram no chão e lançaram areia na arena. Adereços imensos surgiram: montanhas de gesso do tamanho de garagens, colunas de pedra e (por alguma razão) animais de fazenda feitos de plástico e em tamanho natural. Um pequeno lago surgiu em um dos lados. Valas cruzavam o chão da arena para o caso de alguém estar disposto a uma guerra de trincheiras. Percy e Jason permaneceram juntos, de frente para os gigantes gêmeos.

— Isto sim é um espetáculo adequado! — ecoou a voz de Baco.

Ele estava sentado no camarote do imperador, usando túnica roxa e louros dourados na cabeça. À sua esquerda estavam Nico e Piper, cujo ombro era tratado naquele momento por uma ninfa com uniforme de enfermeira. À direita de Baco, acocorava-se um sátiro, oferecendo Doritos e uvas. O deus ergueu uma lata de Pepsi diet e a multidão calou-se, respeitosamente.

Percy o fuzilou com os olhos.

— Você vai ficar simplesmente *sentado* aí?

— O semideus tem razão! — berrou Efialtes. — Lute você com a gente, covarde! Hã, sem os semideuses.

Baco sorriu, indolente.

— Juno diz que reuniu uma valorosa tripulação de semideuses. Provem. Divirtam-me, heróis do Olimpo. Deem-me uma razão para fazer mais. Ser um deus tem seus privilégios.

Ele abriu a lata de refrigerante, e a multidão aplaudiu.

XLVIII

PERCY

PERCY LUTARA EM MUITAS BATALHAS. Tinha até combatido em algumas arenas, mas nada era como aquilo. No imenso Coliseu, com milhares de fantasmas torcendo, o deus Baco assistindo lá do alto, e os dois gigantes de três metros e meio diante dele, Percy se sentia tão pequeno e insignificante quanto um inseto. Também sentia *muita* raiva.

Enfrentar gigantes era uma coisa. Baco fazer disso um jogo era outra bem diferente.

Percy lembrou-se do que Luke Castellan lhe dissera anos antes, quando Percy retornara de sua primeira missão: *Não percebeu como tudo é inútil? Todos os feitos heroicos... Nós não passamos de peões dos deuses.*

Percy tinha agora quase a mesma idade de Luke na época. Podia entender como o rapaz se tornara tão rancoroso. Nos últimos cinco anos, Percy fora um peão muitas e muitas vezes. Os deuses do Olimpo pareciam se revezar usando-o em seus planos.

Talvez os deuses fossem melhores que os titãs, os gigantes ou Gaia, mas isso não os tornava nem bons nem sábios. Não fazia Percy gostar daquela estúpida batalha de arena.

Infelizmente ele não tinha muita escolha. Se quisesse salvar seus amigos, tinha que vencer os gigantes. Tinha que sobreviver e encontrar Annabeth.

Efialtes e Oto atacaram, facilitando a decisão de Percy. Juntos, os gigantes pegaram uma montanha falsa do tamanho do apartamento de Percy em Nova York e a lançaram contra os semideuses.

Percy e Jason saltaram. Mergulharam juntos na trincheira mais próxima, e a montanha despedaçou-se acima deles, lançando nos dois uma chuva de estilhaços de gesso. Não era mortal, mas espetava muito.

A multidão vaiou e gritou pedindo sangue:

— *Luta! Luta!*

— Fico com Oto de novo? — perguntou Jason mais alto que a gritaria. — Ou quer ficar com ele desta vez?

Percy tentava pensar. Dividir era o esperado a se fazer: combater os gigantes mano a mano, mas isso não funcionara muito bem da última vez. Ele chegou à conclusão de que precisavam de uma estratégia diferente.

Durante toda a viagem, Percy sentira-se responsável por liderar e proteger os amigos. Tinha certeza de que Jason também se sentia assim. Eles haviam trabalhado em grupos pequenos, na esperança de que dessa forma fosse mais seguro. Tinham lutado como indivíduos, cada semideus ocupando-se do que fazia de melhor. No entanto, Hera reunira os sete em um grupo por uma razão. Nas poucas ocasiões em que Percy e Jason haviam trabalhado juntos — invocando a tempestade no Forte Sumter, ajudando o *Argo II* a escapar dos Pilares de Hércules, até mesmo enchendo o ninfeu — Percy sentira-se mais confiante, mais capaz de resolver os problemas, como se a vida inteira tivesse sido um ciclope e de repente acordasse com dois olhos.

— Atacamos juntos — falou ele. — Oto primeiro, porque é mais fraco. Acabamos com ele rapidamente e passamos para Efialtes. Bronze e ouro juntos... talvez isso os impeça de se refazerem tão rápido.

Jason abriu um sorriso seco, como se tivesse acabado de descobrir que morreria de uma forma constrangedora.

— Por que não? — concordou ele. — Mas Efialtes não vai ficar ali parado esperando que matemos seu irmão. A menos...

— O vento hoje está bom — sugeriu Percy. — E há alguns canos de água passando por baixo da arena.

Jason compreendeu imediatamente. Ele riu, e Percy sentiu uma centelha de amizade. Aquele cara pensava como ele em relação a muitos assuntos.

— No três? — disse Jason.

— Para que esperar?

Então saíram rapidamente da trincheira e partiram para o ataque. Como Percy suspeitava, os gêmeos haviam erguido outra montanha de gesso e esperavam a oportunidade de acertá-los. Os gigantes a ergueram acima da cabeça, preparando-se para atirá-la, quando Percy fez um cano de água estourar aos pés deles, sacudindo o chão. Jason lançou uma rajada de vento contra o peito de Efialtes. O gigante de cabelo roxo tombou para trás e Oto largou a montanha, que desabou em cima do irmão. Somente os pés de cobra de Efialtes ficaram livres, mexendo as cabeças para os lados, como se se perguntassem onde o restante do corpo tinha ido parar.

A multidão soltou um rugido de aprovação, mas Percy suspeitava que Efialtes estivesse apenas atordoado. Tinham alguns segundos, na melhor das hipóteses.

— Ei, Oto! — gritou ele. — *O Quebra-Nozes* é uma droga!

— Ahhhhh!

Oto apanhou sua lança e a atirou, mas estava furioso demais para acertar o alvo. Jason a desviou por cima da cabeça de Percy, e ela caiu no lago.

Os semideuses recuaram na direção da água, gritando insultos ao balé, o que era um desafio e tanto, pois Percy não sabia muito a respeito.

Oto lançou-se contra eles de mãos vazias, aparentemente sem se dar conta de que a) estava de mãos vazias e b) lançar-se na direção da água para lutar contra um filho de Poseidon talvez não fosse uma boa ideia.

Quando ele tentou parar era tarde demais. Os semideuses rolaram um para cada lado, e Jason invocou o vento, usando o impulso do próprio gigante para jogá-lo na água. Quando Oto tentou se levantar, Percy e Jason atacaram ao mesmo tempo. Eles se lançaram sobre o gigante e desceram suas lâminas na cabeça dele.

O pobre coitado não teve chance nem mesmo de dar uma pirueta. Explodiu e transformou-se em poeira na superfície do lago, como se fosse um imenso pacote de refresco em pó.

Percy agitou o lago e criou um redemoinho. A essência de Oto tentou se refazer, mas, quando sua cabeça surgiu na água, Jason invocou um relâmpago e o pulverizou de novo.

Até ali tudo bem, mas não podiam manter Oto assim para sempre. Percy já estava cansado por causa da luta no subterrâneo. Seu abdome ainda doía por causa do golpe com a haste da lança. Ele sentia sua força se esvaindo, e ainda tinham outro gigante para enfrentar.

Como se esperasse a deixa, a montanha de gesso explodiu atrás deles. Efialtes se ergueu, berrando, furioso.

Percy e Jason ficaram parados vendo-o se aproximar com passos pesados, empunhando a lança. Aparentemente, ser achatado por uma montanha de gesso só tinha servido para fortalecê-lo. Seus olhos dançavam com uma luz assassina. O sol da tarde cintilava em seu cabelo trançado com moedas. Até mesmo os pés de cobra pareciam furiosos, expondo as presas e sibilando.

Jason invocou outro relâmpago, mas Efialtes o aparou em sua lança e desviou a explosão, derretendo uma vaca de plástico. Ele tirou uma coluna de pedra do caminho com um golpe, como se fosse uma pilha de blocos de construção.

Percy tentou manter o lago se revolvendo. Ele não queria que Oto se erguesse para participar da luta, mas, quando Efialtes chegou a poucos metros deles, Percy precisou mudar de foco.

Jason e ele defenderam-se do ataque do gigante. Eles correram em torno de Efialtes, apunhalaram-no e o cortaram em uma confusão de ouro e bronze, mas o gigante aparava todos os golpes.

— Eu não vou me render! — rugiu Efialtes. — Vocês podem ter arruinado meu espetáculo, mas Gaia ainda vai destruir seu mundo!

Percy atacou e cortou a lança do gigante ao meio. Efialtes nem se perturbou; brandiu a extremidade oposta à ponta e derrubou Percy, que caiu com todo o peso em cima do braço que empunhava a espada. Contracorrente caiu com um estrondo e deslizou para longe de seu alcance.

Jason tentou levar vantagem: aproveitou a guarda aberta do gigante e tentou cravar-lhe a espada no peito, mas de alguma forma Efialtes aparou o golpe e deslizou a ponta de sua lança pelo peito de Jason, rasgando a camisa roxa e transformando-a em um colete. Jason cambaleou, olhando o fio de sangue que escorria de si. Efialtes chutou-o, lançando-o para trás.

No camarote do imperador, Piper gritou, mas sua voz foi abafada pelo rugido da multidão. Baco assistia a tudo com um sorriso divertido enquanto comia Doritos.

Efialtes saltou em Percy e Jason, as metades de sua lança quebrada pairando acima da cabeça dos semideuses. O braço direito de Percy estava entorpecido. O gládio de Jason tinha escorregado pelo chão da arena. O plano deles havia falhado.

Percy ergueu os olhos para Baco, decidindo que maldição final lançaria no imprestável deus do vinho, quando viu uma forma acima do Coliseu, no céu — uma forma oval, escura e grande, descendo rapidamente.

Do lago, Oto gritou, tentando avisar o irmão, mas seu rosto semidissolvido só conseguiu emitir:

— Hã-ahn-muuuu!

— Não se preocupe, irmão! — disse Efialtes, os olhos ainda fixos nos semideuses. — Vou fazê-los sofrer!

O *Argo II* apareceu no céu, apresentando-se de bombordo, e a balista cuspiu um fogo verde.

— Na verdade — falou Percy — olhe para trás.

Ele e Jason rolaram para longe quando Efialtes virou-se e gritou, incrédulo.

Percy jogou-se em uma trincheira no momento em que a explosão sacudiu o Coliseu.

Quando ele começou a se levantar, o *Argo II* preparava-se para pousar. Jason ergueu a cabeça de trás de um cavalo de plástico, seu abrigo improvisado contra bombas. Efialtes estava caído, carbonizado e gemendo no chão da arena, e a areia em torno dele era um halo de vidro devido ao calor do fogo grego. Oto

debatia-se no lago, tentando se refazer, mas dos braços para baixo parecia uma poça de mingau de aveia queimado.

Percy cambaleou até Jason e lhe deu um tapinha no ombro. A multidão fantasmagórica aplaudia de pé os dois enquanto o *Argo II* liberava o trem de pouso e aterrissava na arena. Leo estava no leme, Hazel e Frank ao lado dele, sorridentes. O treinador Hedge dançava em torno da plataforma de disparo, socando o ar e gritando:

— É disso que estou falando!

Percy voltou-se para o camarote do imperador e gritou para Baco:

— Então? Você se divertiu o suficiente, seu bafo de vinho e...

— Não há necessidade disso. — De repente o deus surgiu de pé ao lado dele na arena, limpando farelos de Doritos da túnica roxa. — Cheguei à conclusão de que vocês são parceiros dignos para esse combate.

— Parceiros? — grunhiu Jason. — Você não fez nada!

Baco caminhou até a borda do lago. A água foi instantaneamente drenada, deixando uma pilha de lama com cabeça de Oto. Baco caminhou até a base e ergueu o olhar para a multidão. Em seguida levantou o tirso.

A multidão vaiou e berrou e apontou os polegares para baixo. Percy nunca tinha certeza de se aquilo significava *viva* ou *morra*. Já vira as duas situações.

Baco ficou com a opção mais divertida. Acertou a cabeça de Oto com o bastão coroadado pela pinha, e a pilha gigante de mingau de aveia desintegrou-se por completo.

A multidão enlouqueceu. Baco saiu do lago e desfilou até Efialtes, ainda caído de braços e pernas abertos, passado do ponto e fumegando.

Baco ergueu o tirso outra vez.

— SIM! — rugiu a multidão.

— NÃO! — uivou Efialtes.

Baco bateu de leve no nariz do gigante, e Efialtes desfez-se em cinzas.

Os fantasmas aplaudiram e jogaram confetes espectrais enquanto Baco percorria o estádio com os braços erguidos em triunfo, exultando em sua adoração. Ele sorriu para os semideuses.

— Isso, meus amigos, é um espetáculo! E *é claro* que fiz alguma coisa. Eu matei dois gigantes!

Enquanto os amigos de Percy desembarcavam, a multidão de fantasmas tremeluziu e desapareceu. Piper e Nico desceram do camarote do imperador, e a reforma mágica no Coliseu começou a se transformar em névoa. Exceto pelo piso da arena, que continuou sólido, o estádio parecia não ver uma boa matança de gigantes havia éons.

— Bem — disse Baco. — Isso foi divertido. Vocês têm minha permissão para

prosseguir viagem.

— Sua *permissão*? — rosnou Percy.

— Sim. — Baco ergueu uma sobranceira. — Embora a *sua* viagem talvez seja um pouco mais difícil do que você espera, filho de Netuno.

— Poseidon — corrigiu-o Percy automaticamente. — O que você está dizendo em relação à *minha* viagem?

— Você pode tentar o estacionamento atrás do Edifício Emmanuel — aconselhou Baco. — É o melhor lugar para arrombar. Bem, até logo, meus amigos. E, ah, boa sorte com a outra questãozinha.

O deus vaporizou-se numa nuvem de névoa que cheirava levemente a suco de uva. Jason correu ao encontro de Piper e Nico.

O treinador Hedge trotou até Percy, seguido de perto por Hazel, Frank e Leo.

— Aquele era Dioniso? — perguntou Hedge. — Adoro aquele cara!

— Vocês estão vivos! — exclamou Percy para os outros. — Os gigantes disseram que vocês tinham sido capturados. O que aconteceu?

Leo deu de ombros.

— Ah, só mais um plano brilhante de Leo Valdez. Vocês ficariam impressionados com o que se pode fazer com uma esfera de Arquimedes, uma garota com poder sobre a terra e uma doninha.

— Eu era a doninha — falou Frank, com tristeza.

— Basicamente — explicou Leo — eu ativei um parafuso hidráulico com o dispositivo de Arquimedes... que, aliás, vai ficar *incrível* assim que eu o instalar no navio. Hazel pressentiu o caminho mais fácil para furar até a superfície. Fizemos um túnel grande o bastante para uma doninha, e Frank subiu com um transmissor simples que eu tinha montado rapidinho. Em seguida, foi só hackear os canais de tevê favoritos do treinador Hedge e lhe dizer que nos resgatasse com o navio. Depois que ele nos pegou, achar vocês foi fácil, graças àquele espetáculo de luz divina no Coliseu.

Percy entendeu uns dez por cento da história de Leo, mas concluiu que era o suficiente, já que tinha uma questão mais premente.

— Onde está Annabeth?

Leo encolheu-se.

— É, em relação a isso... achamos que ela ainda está em apuros. Machucada, com a perna quebrada, talvez... pelo menos segundo a visão que Gaia nos mostrou. Vamos resgatá-la em nossa próxima parada.

Dois segundos antes, Percy estava prestes a desabar. Então uma nova onda de adrenalina percorreu seu corpo. Ele queria estrangular Leo e perguntar por que o *Argo II* não havia seguido para resgatar Annabeth primeiro, mas pensou que isso poderia parecer um pouco ingrato de sua parte.

— Me fale sobre a visão — pediu ele. — Conte tudo.

O chão sacudiu. As tábuas de madeira começaram a desaparecer, lançando areia nos poços do hipogeu abaixo.

— Vamos conversar a bordo — sugeriu Hazel. — É melhor decolarmos enquanto ainda é possível.

*

Eles voaram para longe do Coliseu e seguiram para o sul, sobrevoando os telhados de Roma.

Em toda a volta da *Piazza* del Colosseo, o trânsito estava parado. Uma multidão de mortais havia se reunido, provavelmente sem entender as estranhas luzes e sons que tinham vindo das ruínas. Até onde Percy podia ver, nenhum dos planos espetaculares de destruição de Roma havia sido bem sucedido. A cidade parecia a mesma. Aparentemente, ninguém notava a imensa trirreme grega no céu.

Os semideuses reuniram-se em torno do leme. Jason enrolou ataduras no ombro machucado de Piper enquanto Hazel, sentada na popa, dava ambrosia a Nico. O filho de Hades mal conseguia levantar a cabeça. Sua voz era tão baixa que Hazel precisava se inclinar para a frente sempre que ele falava algo.

Frank e Leo contaram o que havia acontecido na sala com as esferas de Arquimedes e falaram sobre as visões que Gaia mostrara no espelho de bronze. Rapidamente decidiram que a melhor pista para encontrar Annabeth era a enigmática advertência que Baco lhes dera: o Edifício Emmanuel, o que quer que fosse isso. Frank começou a digitar no computador de bordo enquanto Leo acionava furiosamente seus controles, murmurando:

— Edifício Emmanuel. Edifício Emmanuel.

Tentando ajudar, o treinador Hedge lutava para ler, de cabeça para baixo, um mapa das ruas de Roma. Percy ajoelhou-se ao lado de Jason e Piper.

— Como está o ombro?

Piper sorriu.

— Vai ficar bom. Vocês dois foram ótimos.

Jason deu uma cotovelada em Percy.

— Não somos uma dupla ruim, você e eu.

— Melhor do que duelar em uma plantação de milho no Kansas — concordou Percy.

— Lá está! — gritou Leo, apontando para o monitor. — Frank, você é

incrível! Estou estabelecendo a rota.

Frank deu de ombros, modesto.

— Eu só li o nome na tela. Algum turista chinês marcou o lugar no Google Maps.

Leo abriu um grande sorriso para os outros.

— Ele lê chinês.

— Só um pouquinho — disse Frank.

— Não é o máximo?

— Meninos — interveio Hazel — detesto interromper esse momento tão bonito, mas vocês deviam ouvir isso.

Ela ajudou Nico a se levantar. Ele sempre fora pálido, mas agora sua pele parecia leite em pó. Os olhos escuros e fundos faziam Percy se lembrar de fotos que ele vira de prisioneiros de guerra recém-liberados, o que, concluiu, era basicamente o que Nico era.

— Obrigado — A voz de Nico estava áspera. Seus olhos nervosos percorreram o grupo. — Eu já tinha perdido as esperanças.

Na última semana, Percy havia imaginado muitas coisas sarcásticas que poderia dizer a Nico quando se reencontrassem, mas o garoto parecia tão frágil e triste que Percy não teve coragem.

— Você sempre soube dos dois acampamentos — falou Percy. — Poderia ter me dito quem eu era no dia em que cheguei ao Acampamento Júpiter, mas não disse.

Nico apoiou-se no leme.

— Percy, me desculpe. Descobri o Acampamento Júpiter no ano passado. Meu pai me levou até lá, embora eu não soubesse por quê. Ele me disse que os deuses haviam mantido os acampamentos separados por séculos e que eu não podia contar a ninguém. Ainda não estava na hora. Mas ele afirmou que era importante que eu soubesse...

Nico curvou o corpo em um acesso de tosse. Hazel sustentou os ombros do irmão até que ele conseguisse se firmar de novo.

— Eu... eu achei que papai estivesse falando de Hazel — prosseguiu Nico. — Eu precisaria de um lugar seguro para onde levá-la. Mas agora... acho que ele queria que eu soubesse sobre os dois acampamentos para que compreendesse o quanto a missão de vocês é importante. Assim eu procuraria as Portas da Morte.

O ar ficou carregado — literalmente, pois Jason começou a soltar centelhas de eletricidade.

— Você encontrou as portas? — perguntou Percy.

Nico assentiu.

— Fui um idiota. Pensei que pudesse ir a qualquer lugar no Mundo Inferior,

mas caí direto na armadilha de Gaia. Foi quase como tentar sair de um buraco negro.

— Hã... — Frank mordeu o lábio. — A que tipo de buraco negro você está se referindo?

Nico começou a falar, mas o que quer que precisasse dizer devia ser muito apavorante. Ele voltou-se para Hazel, que pôs a mão no braço do irmão.

— Nico me disse que as Portas da Morte têm dois lados: um para o mundo mortal, outro para o Mundo Inferior. O lado *mortal* do portal fica na Grécia e é fortemente guardado pelas forças de Gaia. Foi dali que trouxeram Nico de volta e depois o levaram para Roma.

Piper devia estar nervosa, pois sua cornucópia cuspiu um cheeseburger.

— Onde exatamente fica esse portal na Grécia?

Nico soltou um suspiro trêmulo.

— Na Casa de Hades. É um templo subterrâneo em Épiro. Posso mostrar onde fica em um mapa, mas... mas o lado mortal do portal não é o problema. No Mundo Inferior, as Portas da Morte ficam no... no...

Um par de mãos frias percorreu a espinha de Percy como uma aranha.

Um buraco negro. Uma parte inescapável do Mundo Inferior, onde nem mesmo Nico di Angelo podia ir. Por que Percy não havia pensado nisso antes? Ele estivera na entrada daquele lugar. Ainda tinha pesadelos com ele.

— Tártaro — adivinhou. — A parte mais profunda do Mundo Inferior.

Nico fez que sim com a cabeça.

— Eles me puxaram para o poço, Percy. As coisas que vi lá embaixo... —

Sua voz falhou. Hazel apertou os lábios.

— Nenhum mortal jamais esteve no Tártaro — explicou ela. — Pelo menos, ninguém jamais entrou lá e voltou vivo. É a prisão de segurança máxima de Hades, onde os velhos titãs e os outros inimigos dos deuses ficam presos. É para onde todos os monstros vão quando morrem na terra. É... bem, ninguém sabe exatamente como é lá.

Seus olhos pousaram no irmão. O restante de seu pensamento não precisava ser verbalizado. *Ninguém, exceto Nico.* Hazel entregou-lhe a espada negra e Nico apoiou-se nela como se fosse uma bengala de um velho.

— Agora entendo por que Hades não conseguiu fechar as portas — falou ele. — Nem mesmo os deuses entram no Tártaro. Nem o deus da morte, o próprio Tânatos, chegaria perto daquele lugar.

Leo ergueu os olhos do leme.

— Então me deixem adivinhar. É para lá que temos que ir.

Nico balançou a cabeça negativamente.

— É impossível. Sou o filho de Hades e mesmo eu quase não sobrevivi. As

forças de Gaia me dominaram na hora. São muito poderosas lá embaixo... Nenhum semideus teria chance. Quase enlouqueci.

Os olhos de Nico pareciam muito tristes. Percy perguntou-se com tristeza se alguma coisa dentro dele teria se partido para sempre.

— Então vamos para Épiro — falou Percy. — Fecharemos os portões apenas deste lado.

— Quem dera fosse tão fácil assim — disse Nico. — As portas têm que ser controladas de ambos os lados para serem fechadas. É como uma dupla vedação. Talvez, apenas talvez, vocês sete trabalhando juntos possam derrotar as forças de Gaia do lado mortal, na Casa de Hades. Mas a menos que tivessem uma equipe lutando ao mesmo tempo no lado do Tártaro, uma equipe poderosa o bastante para derrotar uma legião de monstros no território deles...

— Tem que haver uma maneira — falou Jason.

Ninguém teve nenhuma ideia brilhante. Percy pensou que seu estômago estivesse afundando, então se deu conta de que o navio inteiro descia na direção de um grande edifício, que mais parecia um palácio.

Annabeth. As notícias de Nico eram tão horríveis que Percy por um momento havia esquecido que ela ainda corria perigo, o que o fez se sentir extremamente culpado.

— Vamos encontrar uma solução para o problema do Tártaro mais tarde — afirmou. — Aquele é o Edifício Emmanuel?

Leo assentiu.

— Baco falou algo sobre o estacionamento nos fundos? Bem, lá está ele. E agora?

Percy lembrou-se do sonho na câmara escura, a voz vibrante e maligna do monstro chamado Sua Senhoria. Lembrou-se do quanto Annabeth parecera abalada depois de seu encontro com as aranhas no Forte Sumter. Percy havia começado a suspeitar o que poderia haver naquele santuário lá embaixo... literalmente, a mãe de todas as aranhas. Se estivesse certo, e Annabeth estivesse aprisionada lá embaixo durante horas, sozinha com aquela criatura e com a perna quebrada... Àquela altura ele não se importava mais se a missão deveria ser solitária ou não.

— Temos que tirá-la de lá — afirmou.

— Bem, sim — concordou Leo. — Mas, hã... — Ele parecia querer dizer: *E se tivermos chegado tarde demais?* Sabiamente, mudou de ideia. — Há um estacionamento no caminho.

Percy olhou para o treinador Hedge.

— Baco disse alguma coisa sobre *arrombar*. Treinador, ainda tem munição para aquelas balistas?

O sátiro sorriu como uma cabra selvagem.
— Pensei que nunca fosse perguntar.

XLIX

ANNABETH

ANNABETH JÁ CHEGARA AO LIMITE de seu terror.

Fora atacada por fantasmas chauvinistas. Quebrara o tornozelo. Fora perseguida por um exército de aranhas em um abismo. Agora, sentindo uma dor intensa, com uma tala de plástico bolha no tornozelo e apenas sua faca como arma, ela enfrentava Aracne — uma criatura aracnídea monstruosa que desejava matá-la e tecer uma tapeçaria comemorativa do evento.

Nas últimas horas, Annabeth havia tremido, suado, choramingado e reprimido tantas lágrimas que seu corpo simplesmente desistiu de ficar assustado. Sua mente concluiu algo como: *O.k., sinto muito. Não dá para ficar mais apavorada do que já estou.*

A partir daí, Annabeth começou a pensar.

A criatura desceu do alto da estátua coberta de teias. Ela ia de fio em fio, sibilando de prazer, os quatro olhos brilhando na escuridão. Ou não estava com pressa, ou era lenta.

Annabeth torcia para que fosse lenta.

Não que aquilo importasse. Ela não podia correr nem estava muito otimista com suas chances em um combate. Aracne devia pesar centenas de quilos. Suas pernas cheias de espetos eram perfeitas para capturar e prender as presas. Além disso, ela provavelmente tinha outros poderes horríveis: uma picada venenosa ou a capacidade de soltar teias, como um Homem-Aranha da Grécia Antiga.

Não. O combate não era a solução.

Restavam-lhe a astúcia e a inteligência.

Segundo as lendas, Aracne se metera em apuros devido ao orgulho. Ela espalhara aos quatro ventos que suas tapeçarias eram melhores que as de Atena, o que levou ao primeiro *reality show* de punição no Monte Olimpo: *Então Você*

Acha que Tece Melhor que uma Deusa? Aracne perdera feio.

Annabeth sabia o que era ser orgulhosa. Aquele também era *seu* defeito mortal. Com frequência precisava lembrar a si mesma que não podia fazer tudo sozinha. Nem *sempre* era a melhor pessoa indicada para realizar todas as tarefas. Às vezes tinha uma visão limitada das coisas e se esquecia das necessidades de outras pessoas, até mesmo Percy. E ela podia facilmente se distrair falando sobre seus projetos favoritos.

Mas poderia usar aquela fraqueza contra a aranha? Talvez, se conseguisse ganhar tempo... Embora não soubesse como aquilo poderia ajudar. Seus amigos não conseguiriam chegar até ali mesmo se soubessem aonde ir. A ajuda não viria. Ainda assim, ganhar tempo era melhor que morrer.

Ela tentou manter uma expressão neutra, o que não era fácil com um tornozelo quebrado. Dirigiu-se mancando até a tapeçaria mais próxima, um panorama da Roma Antiga.

— Maravilhoso — elogiou ela. — Me fale sobre essa tapeçaria.

Os lábios de Aracne se franziram sobre as mandíbulas.

— Por que se importa? Está prestes a morrer.

— Bem, sim — replicou Annabeth. — Mas a maneira como você captou a luz é incrível. Usou ouro de verdade para fazer os raios de sol?

O trabalho era verdadeiramente assombroso. Annabeth nem precisava fingir que estava impressionada.

Aracne se permitiu um sorriso orgulhoso.

— Não, criança. Ouro não. Misturei as cores, contrastando o amarelo-brilhante com tonalidades mais escuras. É isso que as deixa tão realistas.

— Lindo. — A mente de Annabeth se dividiu em dois processos: um que sustentava a conversa e outro que tentava loucamente formar um plano. Nada lhe ocorria. Aracne só fora derrotada uma vez, pela própria Atena, e para isso fora necessário magia divina e uma incrível habilidade de tecelagem. — Então... Você viu esta cena com os próprios olhos?

Aracne sibilou, a boca espumando de uma forma não muito atraente.

— Você está tentando retardar sua morte. Não vai funcionar.

— Não, não — garantiu Annabeth. — Só é uma pena que essas lindas tapeçarias não possam ser vistas por todos. O lugar delas é em um museu ou...

— Ou o quê? — perguntou Aracne.

Uma ideia maluca surgiu inteira na mente de Annabeth, como sua mãe da cabeça de Zeus. Mas poderia fazê-la funcionar?

— Nada. — Ela suspirou, melancólica. — Foi uma ideia boba. Que pena.

Aracne desceu pela estátua e ficou empoleirada no alto do escudo da deusa. Mesmo àquela distância, Annabeth podia sentir o fedor da aranha, como uma

confeitaria inteira cheia de doces apodrecidos.

— O quê? — insistiu a aranha. — Que ideia boba?

Annabeth precisou se forçar a não recuar. Com o tornozelo quebrado ou não, cada nervo em seu corpo pulsava de medo, dizendo-lhe que fugisse da imensa aranha que pairava acima dela.

— Ah... é só que fui encarregada de redesenhar o Monte Olimpo — disse ela. — Você sabe, depois da Guerra dos Titãs. Já fiz a maior parte do trabalho, mas precisamos de um bocado de obras de arte de qualidade. A sala dos tronos dos deuses, por exemplo... Eu estava pensando que seu trabalho seria perfeito para expor ali. Os olímpianos poderiam finalmente ver o quanto você é talentosa. Mas, como eu disse, foi só uma ideia boba.

Os pelos do abdome de Aracne estremeceram. Seus quatro olhos brilharam, como se ela tivesse um pensamento após o outro e tentasse tecê-los em uma teia coerente.

— Você está redesenhando o Monte Olimpo — falou ela. — Meu trabalho... na sala dos tronos.

— Bem, e em outros lugares também — afirmou Annabeth. — O pavilhão principal poderia expor várias destas peças. Aquela ali, com a paisagem grega... as Nove Musas a adorariam. E tenho certeza de que os outros deuses também iriam amar seu trabalho. Eles disputariam para ter suas tapeçarias em seus palácios. Creio que nenhum outro deus além de Atena viu o que você pode fazer, não é?

Aracne estalou as mandíbulas.

— Difícilmente. Nos velhos tempos, Atena rasgou todos os meus melhores trabalhos. Minhas tapeçarias mostravam os deuses de maneiras pouco lisonjeiras, entende? Sua mãe não gostava disso.

— Bastante hipócrita — observou Annabeth —, visto que os deuses zombam uns dos outros o tempo todo. Acho que o truque seria jogar um deus contra o outro. Ares, por exemplo, *adoraria* uma tapeçaria ridicularizando minha mãe. Ele sempre guardou rancor de Atena.

A cabeça de Aracne inclinou-se em um ângulo estranho.

— Você agiria contra sua própria mãe?

— Só estou lhe dizendo do que Ares gostaria — falou Annabeth. — E Zeus amaria algo que zombasse de Poseidon. Ah, tenho certeza de que, quando os olímpianos virem seu trabalho, saberão o quanto você é incrível, e eu terei que mediar uma guerra de ofertas. Quanto a agir contra minha mãe, por que não? Ela me mandou aqui para morrer, não foi? A última vez que a vi, em Nova York, ela basicamente me deserdou.

Annabeth lhe contou a história. Revelou sua amargura e seu pesar, e isso deve

ter soado genuíno. A aranha não deu o bote.

— Essa é a natureza de Atena — sibilou Aracne. — Ela põe de lado até a própria filha. Jamais permitiria que minhas tapeçarias fossem expostas nos palácios dos deuses. Ela sempre teve inveja de mim.

— Mas imagine se você pudesse finalmente se vingar.

— Matando você!

— Suponho que sim. — Annabeth coçou a cabeça. — Ou... me deixando trabalhar como sua agente. Eu poderia levar seu trabalho para o Monte Olimpo. Poderia arranjar uma exposição para os deuses. Quando minha mãe descobrisse, seria tarde demais. Os olímpianos finalmente *veriam* que seu trabalho é melhor.

— Então você admite! — gritou Aracne. — Uma filha de Atena admite que sou melhor. Ah, isso é uma doce música para meus ouvidos.

— Mas de que adianta? — observou Annabeth. — Se eu morrer aqui embaixo, você continuará vivendo na escuridão. Gaia destruirá os deuses, e eles nunca se darão conta de que você é a melhor tecelã.

A aranha sibilou.

Annabeth temia que sua mãe aparecesse de repente e a amaldiçoasse com alguma terrível aflição. A primeira lição que todo filho de Atena aprendia: Mamãe era a melhor em tudo e nunca, *jamais*, se deveria sugerir o contrário.

Mas nada de ruim aconteceu. Talvez Atena compreendesse que Annabeth estava dizendo aquelas coisas apenas para se salvar. Ou talvez a deusa estivesse tão mal, dividida entre suas personalidades grega e romana, que nem estivesse prestando atenção.

— Isso não pode acontecer — grunhiu Aracne. — Não posso permitir.

— Bem...

Annabeth mudou de posição, tentando não apoiar o peso no tornozelo machucado. Uma nova rachadura surgiu no chão, e ela recuou, mancando.

— Cuidado! — disse Aracne bruscamente. — As fundações deste santuário vêm sendo corroídas ao longo dos séculos!

O coração de Annabeth parou.

— Corroídas?

— Você não faz ideia de quanto ódio fervilha sob nós — falou a aranha. — Os pensamentos malignos de *dezenas* de monstros que tentam alcançar a Atena Partenos para destruí-la. Minha teia é a única coisa que segura este lugar, garota! Um passo em falso, e você despencará no Tártaro... e, acredite em mim, diferentemente das Portas da Morte, essa seria uma viagem só de ida, uma queda muito alta! E eu *não* quero que você morra antes de me contar seus planos para as minhas obras.

Annabeth sentiu um gosto de ferrugem na boca. *No Tártaro?* Ela tentou

manter a concentração, mas não era uma tarefa fácil enquanto ouvia o chão estalar e rachar, derrubando entulho no vazio lá embaixo.

— Certo, o plano — disse Annabeth. — Hã... Como disse, eu *adoraria* levar suas tapeçarias para o Olimpo e pendurá-las por toda parte. Você poderia esfregar seu talento na cara de Atena por toda a eternidade. Mas a única maneira de fazer isso é... Não. É muito complicado. Pode ir em frente e me matar.

— Não! — gritou Aracne. — Isso é inaceitável. Já não tenho mais nenhum prazer com essa ideia. Quero o meu trabalho exposto no Monte Olimpo! O que preciso fazer?

Annabeth balançou a cabeça.

— Sinto muito, não deveria ter dito nada. Simplesmente me empurre para o Tártaro ou algo assim.

— Eu me recuso!

— Não seja ridícula. Mate-me.

— Não recebo ordens de você! Diga o que eu tenho que fazer! Ou... ou...

— Ou você me mata?

— Sim! Não! — A aranha pressionou as patas dianteiras na cabeça. — Eu *preciso* mostrar meu trabalho no Monte Olimpo.

Annabeth tentou conter o entusiasmo. Seu plano talvez funcionasse... mas ainda precisava convencer Aracne a fazer algo impossível. Nesse momento lembrou-se de um bom conselho que Frank Zhang lhe dera: *Não complique as coisas*.

— Acho que eu poderia rasgar seda por você.

— Sou ótima com seda! — disse Aracne. — Sou uma aranha!

— Sim, mas para ter seu trabalho exposto no Monte Olimpo, precisaríamos de uma audição. Eu teria que lançar a ideia, submeter uma proposta, montar um portfólio. Humm... você tem alguma fotografia de rosto?

— Fotografia de rosto?

— Foto preto e branco... Ah, deixe para lá. A peça para a audição é a coisa mais importante. Esses tapetes são excelentes. Mas os deuses exigiriam alguma coisa *muito* especial... algo que mostre todo o seu talento.

Aracne rosnou.

— Está sugerindo que estes não são meus melhores trabalhos? Você está me desafiando para uma competição?

— Ah, não! — Annabeth riu. — Contra mim? Caramba, não. Você é boa demais. O que proponho é uma competição contra *você mesma*, para ver se tem de verdade o que é necessário para mostrar seu trabalho no Monte Olimpo.

— É claro que tenho!

— Bem, eu certamente acho que sim. Mas a audição, você sabe... é uma

formalidade. Receio que seja muito difícil. Tem certeza de que não quer apenas me matar?

— Pare de dizer isso! — guinchou Aracne. — O que preciso fazer?

— Vou lhe mostrar.

Annabeth tirou a mochila do ombro, pegou o laptop e o abriu. O delta da logomarca brilhou no escuro.

— O que é isso? — perguntou Aracne. — Algum tipo de tear?

— De certa forma — respondeu Annabeth. — É para tecer ideias. Aqui tem um diagrama do trabalho que você teceria.

Seus dedos tremiam no teclado. Aracne desceu ainda mais para espiar por cima do ombro de Annabeth, que não pôde deixar de pensar com que facilidade aqueles dentes afiados como agulhas poderiam se enterrar em seu pescoço.

Ela abriu o programa de edição de imagens em 3-D. Seu último desenho ainda estava ali — a chave para o plano de Annabeth, inspirado pela pessoa mais improvável de todas: Frank Zhang.

Annabeth fez alguns cálculos rápidos. Aumentou as dimensões do modelo, então mostrou a Aracne como ele poderia ser criado: fios tecidos em tiras e em seguida trançados em um longo cilindro.

A luz da tela iluminou o rosto da aranha.

— Você quer que eu faça isso? Mas isso não é nada! Tão pequeno e simples!

— O tamanho real seria muito maior — disse Annabeth. — Está vendo essas medidas? Naturalmente, precisa ser grande o bastante para impressionar os deuses. Pode parecer simples, mas a estrutura tem propriedades incríveis. Sua seda de aranha seria o material perfeito... macia e flexível, e ao mesmo tempo resistente como aço.

— Entendo... — Aracne franziu a testa. — Mas isso nem é uma tapeçaria.

— É por isso que é um desafio. Sai de sua zona de conforto. Uma peça como esta, uma escultura abstrata, é o que os deuses estão procurando. Ela ficaria na entrada da sala dos tronos no Olimpo para que todos os visitantes pudessem apreciá-la. Você ficaria famosa para sempre!

Aracne produziu um resmungo de descontentamento na garganta. Annabeth podia ver que ela não estava comprando a ideia. As mãos de Annabeth ficaram frias e pegajosas.

— Isso demandaria uma grande quantidade de teia — queixou-se a aranha. — Mais do que eu poderia fabricar em um ano.

Annabeth contava com isso. Ela havia calculado a massa e o volume levando esse detalhe em consideração.

— Você precisaria desenrolar a estátua — disse ela. — Reutilizar a seda.

Aracne pareceu prestes a objetar, mas Annabeth fez um gesto para a Atena

Partenos como se não ela não fosse nada.

— O que é mais importante: cobrir essa estátua velha ou provar que sua arte é a melhor? É claro que você teria que ser incrivelmente cuidadosa. Precisaria deixar teia suficiente para sustentar a sala. Mas se você acha que é difícil demais...

— Eu não disse isso!

— O.k. É só que... Atena disse que criar essa estrutura trançada seria impossível para qualquer tecelã, até mesmo para ela. Portanto, se acha que não consegue...

— Atena disse isso?

— Bem, sim.

— Ridículo! Eu consigo fazer!

— Ótimo! Mas você precisaria começar imediatamente, antes que os olímpianos escolham outro artista para suas instalações.

Aracne grunhiu.

— Se estiver me enganando, garota...

— Você me terá bem aqui como refém — lembrou-a Annabeth. — Não posso ir embora. Quando a escultura estiver completa, você concordará que é a peça mais impressionante que já fez. Se não concordar, morrerei feliz.

Aracne hesitou. As pernas com espetos estavam tão perto que ela poderia ter empalado Annabeth com um movimento rápido.

— Muito bem — concordou a aranha. — Um último desafio... contra mim mesma!

Aracne subiu pela teia e começou a desenrolar a Atena Partenos.

L

ANNABETH

ANNABETH PERDEU A NOÇÃO DO tempo.

Ela sentia que a ambrosia que comera mais cedo começava a curar sua perna, mas ainda doía tanto que a dor latejava por todo seu corpo até o pescoço. Pelas paredes, pequenas aranhas moviam-se inquietas na escuridão, como se esperassem as ordens de sua senhora. Milhares delas passavam atrás das tapeçarias, fazendo as cenas tecidas tremularem como se sopradas pelo vento.

Annabeth sentou-se no chão destruído e tentou preservar suas forças. Quando Aracne não estava olhando, ela tentava conseguir algum tipo de sinal no laptop de Dédalo e entrar em contato com os amigos, mas, como já esperava, não teve sorte. Tudo que ela tinha para fazer era observar Aracne com admiração e horror enquanto suas oito pernas moviam-se em uma velocidade hipnótica, desenrolando aos poucos os fios de seda em torno da estátua.

Com seu vestido dourado e o luminoso rosto de marfim, a Atena Partenos era ainda mais assustadora que Aracne. Ela olhava para baixo com severidade, como se para dizer: *Traga-me petiscos saborosos ou vai se arrepender*. Annabeth podia imaginar-se como um cidadão da Grécia Antiga, entrando no Partenon e vendo essa imensa deusa com seu escudo, lança e cobra, a mão livre estendendo Nice, a deusa alada da vitória. Teria bastado para assustar qualquer mortal.

Mais do que isso, a estátua irradiava poder. À medida que Atena era desenrolada, o ar em torno dela ficava mais quente. Sua pele de marfim exibia um brilho de vida. Por toda a câmara, as aranhas menores se agitaram e começaram a recuar para o corredor.

Annabeth deduziu que as teias de Aracne haviam de alguma forma mascarado e enfraquecido a magia da estátua. Agora que estava livre, a Atena Partenos enchia a câmara com sua energia. Séculos de preces e oferendas haviam sido

dedicadas à estátua. Ela estava infundida com o poder de Atena.

Aracne não pareceu perceber. Continuou resmungando baixinho, contando os metros de seda e calculando o número de fios que o projeto exigiria. Sempre que ela hesitava, Annabeth gritava um incentivo e lembrava-a do quanto suas tapeçarias ficariam maravilhosas no Monte Olimpo.

A estátua ficou tão quente e luminosa que Annabeth pôde ver mais detalhes do santuário: a alvenaria romana que provavelmente fora branco reluzente, os ossos envelhecidos das vítimas e refeições passadas de Aracne pendendo das teias e os grossos cabos de seda que conectavam o chão ao teto. Annabeth percebeu o quanto as placas de mármore sob seus pés eram frágeis. Estavam cobertas por uma fina camada de teia, como uma rede que mantendo um espelho quebrado unido. Todas as vezes que a Atena Partenos se deslocava, mesmo que ligeiramente, mais rachaduras se expandiam e alargavam ao longo do piso. Em alguns lugares, havia buracos do tamanho de tampas de bueiros. Annabeth quase desejou que ficasse escuro de novo. Mesmo que seu plano desse certo e ela derrotasse Aracne, não sabia como poderia sair viva daquela câmara.

— Tanta seda — murmurou Aracne. — Poderia tecer vinte tapeçarias...

— Continue! — gritou Annabeth. — Você está fazendo um ótimo trabalho.

A aranha continuou. Depois do que pareceu uma eternidade, uma montanha de seda cintilante estava empilhada aos pés da estátua. As paredes ainda estavam cobertas por teias. Os cabos que sustentavam a câmara no lugar não haviam sido perturbados. E a Atena Partenos estava livre.

Por favor, acorde, implorou Annabeth à estátua. *Mãe, me ajude.*

Nada aconteceu, mas as rachaduras pareciam estar se alastrando pelo chão com mais rapidez. Segundo Aracne, os pensamentos malignos dos monstros haviam corroído as fundações do santuário por séculos. Se fosse verdade, agora que estava livre, a Atena Partenos poderia estar atraindo ainda mais atenção dos monstros no Tártaro.

— O projeto — falou Annabeth. — Você precisa se apressar.

Ela ergueu a tela do computador para que Aracne visse, mas a aranha rebateu:

— Eu já o memorizei, criança. Tenho olho de artista para os detalhes.

— Claro que tem. Mas precisamos nos apressar.

— Por quê?

— Bem... para que possamos mostrar suas obras ao mundo!

— Humm. Muito bem.

Aracne começou a tecer. Transformar fios de seda em longas faixas de tecido era um trabalho demorado. A câmara ribombou. As rachaduras aos pés de Annabeth ficaram maiores.

Se Aracne percebia, não parecia se importar. Annabeth pensou em empurrar a

aranha para o abismo, mas desistiu da ideia. Não havia um buraco grande o bastante e, além disso, se o piso cedesse, Aracne provavelmente se penduraria em sua teia enquanto Annabeth e a antiga estátua despencariam no Tártaro.

Lentamente, a aranha terminou as longas faixas de seda e as trançou. Sua técnica era impecável. Não tinha como Annabeth não ficar impressionada. Sentiu outra centelha de dúvida em relação à mãe. E se Aracne *fosse* melhor tecelã que Atena?

No entanto, a questão não era a habilidade de Aracne. Ela fora punida por ser orgulhosa e rude. Independentemente do quanto se é bom, não se pode sair por aí insultando os deuses. Os olímpianos eram um lembrete de que *sempre* havia alguém melhor que você, portanto não se devia ser presunçoso. Ainda assim... ser transformado em uma aranha monstruosa e imortal parecia uma punição bastante severa para o ato de se gabar.

Aracne passou a trabalhar com mais rapidez, juntando os fios. Logo, a estrutura ficou pronta. Aos pés da estátua estava um cilindro trançado de faixas de seda, com quase dois metro de diâmetro e três de comprimento. A superfície era reluzente como uma concha, mas aos olhos de Annabeth não parecia bonito. Era apenas funcional: uma armadilha. Só seria bonito se desse certo.

Aracne voltou-se para ela com um sorriso faminto.

— Pronto! Agora, minha recompensa! Prove que você pode cumprir suas promessas.

Annabeth estudou a armadilha. Franziu a testa e deu uma volta em torno dela, inspecionando a peça por todos os ângulos. Então, tomando cuidado com o tornozelo machucado, ela se agachou e entrou no tubo. Havia calculado as medidas de cabeça. Se tivesse errado os cálculos, seu plano falharia. Mas atravessou o túnel de seda sem encostar nas laterais. A peça era grudenta, mas não muito. Ela saiu do outro lado e balançou a cabeça.

— Encontrei um defeito — anunciou.

— O quê?! — gritou Aracne. — Impossível! Segui suas instruções...

— Por dentro — falou Annabeth. — Entre aí e veja por si mesma. Está bem no meio... uma falha na trama.

Aracne espumava pela boca. Annabeth temia ter ido longe demais; talvez a aranha fosse matá-la. Ela seria apenas mais alguns ossos nas teias.

Em vez disso, Aracne bateu as oito patas com petulância no chão.

— Eu *não* cometo erros.

— Ah, é bem pequeno — disse Annabeth. — Provavelmente você mesma pode consertar. Mas eu não quero mostrar aos deuses nada que não seja o seu melhor trabalho. Olhe, entre aí e verifique. Se puder consertar, então vamos mostrar essa peça aos olímpianos. Você será a artista mais famosa de todos os

tempos. É bastante provável que eles dispensem as Nove Musas e contratem você para supervisionar todas as artes. A deusa Aracne... sim, eu não ficaria surpresa.

— A deusa... — A respiração de Aracne ficou acelerada. — Sim, sim. Vou consertar o defeito.

Ela enfiou a cabeça no túnel.

— Onde está?

— Bem no meio. Vá em frente. Talvez seja um pouco apertado para você.

— Está tudo bem! — rebateu a aranha e espremeu-se pela abertura.

Como Annabeth esperava, o abdome da aranha entrou, mas por muito pouco. À medida que ela avançava, as faixas de seda expandiam-se para acomodá-la. Aracne enfiou todo o corpo no túnel.

— Não estou vendo nenhum defeito! — anunciou ela.

— É mesmo? — perguntou Annabeth. — Bem, que estranho. Então saia que vou dar outra olhada.

A hora da verdade. Aracne contorceu-se, tentando recuar. O tecido contraiu-se em torno dela e segurou-a com firmeza. Ela tentou ir para a frente, mas a armadilha já se prendera a seu abdome. Também não conseguia sair assim. Annabeth rezeira que os espetos nas pernas da aranha pudessem rasgar a seda, mas elas estavam tão apertadas contra o corpo que Aracne mal podia movê-las.

— O que... o que é isto? — gritou ela. — Estou presa!

— Ah — replicou Annabeth. — Eu me esqueci de contar. Essa obra de arte se chama algemas chinesas. Ou pelo menos uma versão maior da original. Eu a chamo de algemas chinesas para aranhas.

— Traidora!

Aracne debateu-se, rolou e se contorceu, mas a armadilha ainda a manteve bem presa.

— Era uma questão de sobrevivência — corrigiu Annabeth. — Você ia me matar de qualquer forma, quer eu a ajudasse ou não, certo?

— Mas é claro! Você é filha de Atena. — A armadilha ficou imóvel. — Quer dizer... não, é claro que não! Eu honro minhas promessas.

— Arrã. — Annabeth deu um passo para trás quando o cilindro trançado começou a se mexer de novo. — Normalmente essas armadilhas são feitas de bambu entretecido, mas seda de aranha é ainda melhor. Vai segurá-la com mais firmeza e é muito mais difícil de romper... até mesmo para você.

— Ahhhh!

Aracne continuou a rolar e se contorcer, mas Annabeth saiu do caminho. Mesmo com o tornozelo quebrado, ela era capaz de evitar uma algema chinesa de seda gigante.

— Eu vou destruí-la! — prometeu Aracne. — Quer dizer... não, serei muito boazinha com você se me soltar.

— Eu pouparia minhas energias se fosse você. — Annabeth respirou fundo, relaxando pela primeira vez em horas. — Vou chamar meus amigos.

— Você... você vai vai chamá-los para falar do meu trabalho? — perguntou Aracne, esperançosa.

Annabeth examinou o lugar. Tinha que haver uma maneira de enviar uma mensagem de Íris para o *Argo II*. Ainda restava um pouco de água em sua garrafa, mas como criar luz e névoa suficientes para fazer um arco-íris em uma caverna escura?

Aracne começou a rolar de um lado para o outro.

— Você vai chamar seus amigos para me matar! — gritou ela. — Eu *não* vou morrer! Não assim!

— Acalme-se — disse Annabeth. — Vamos deixá-la viver. Só queremos a estátua.

— A estátua?

— Sim. — Annabeth devia ter parado por aí, mas o medo ia se transformando em raiva e ressentimento. — A obra de arte que vou exibir com destaque no Monte Olimpo? Não será sua. Aquele é o lugar da Atena Partenos... bem no parque central dos deuses.

— Não! Não, isso é terrível!

— Ah, mas não vai ser de imediato — explicou Annabeth. — Primeiro levaremos a estátua até a Grécia. Uma profecia nos disse que ela pode nos ajudar a derrotar os gigantes. Depois disso... bem, não podemos simplesmente devolvê-la ao Partenon. Isso geraria perguntas demais. Ela ficará segura no Monte Olimpo. Vai unir os filhos de Atena e trazer paz aos romanos e gregos. Obrigada por mantê-la em segurança por todos esses anos. Você prestou um grande serviço a Atena.

Aracne gritou e se agitou. Ela disparou um fio de seda das fiandeiras, e ele se prendeu a uma tapeçaria na parede oposta. Aracne contraiu o abdome e cegamente arrancou a peça dos suportes. Ela continuou a rolar, lançando fios de seda em todas as direções, puxando braseiros de fogo mágico e arrancando ladrilhos do chão. A câmara começou a sacudir. Tapeçarias pegaram fogo.

— Pare com isso! — Annabeth mancava para sair do caminho dos disparos de teia. — Você vai derrubar a caverna inteira e nos matar!

— Melhor do que ver você vencer! — gritou Aracne. — Minhas filhas! Me ajudem!

Ah, ótimo. Annabeth torcera para que a aura mágica da estátua mantivesse as aranhas longe, mas Aracne continuou berrando e implorando por ajuda.

Annabeth pensou em matar a mulher-aranha para fazê-la se calar. Seria fácil usar a faca agora. Mas ela hesitava em matar qualquer monstro que estivesse tão indefeso, até mesmo Aracne. Além disso, se a esfaqueasse por cima da seda trançada, a armadilha poderia se desfazer. Era possível que Aracne conseguisse se libertar antes que Annabeth pudesse eliminá-la.

Todos aqueles pensamentos vieram tarde demais. As aranhas começaram a chegar à câmara aos montes. A estátua de Atena brilhou com mais força. As aranhas claramente não queriam se aproximar, mas avançavam pelas laterais, como se estivessem tomando coragem. Sua mãe gritava por socorro. No fim iriam tomar o lugar, submergindo Annabeth.

— Aracne, pare! — gritou ela. — Eu vou...

De alguma forma Aracne conseguiu se virar em sua prisão, apontando o abdome na direção da voz de Annabeth. Um fio de seda atingiu-a no peito, como uma luva de boxe.

Annabeth caiu, a perna latejando de dor. Ela tentava cortar a teia com a faca enquanto Aracne a puxava para as fiandeiras, que estalavam.

Ela conseguiu cortar o fio e se arrastar para longe, mas as aranhas fechavam o cerco em torno dela.

Ela percebeu que todos os seus esforços tinham sido inúteis. Não ia conseguir sair dali. Os filhos de Aracne iam matá-la aos pés da estátua de sua mãe.

Percy, pensou ela, sinto muito.

Naquele momento, o santuário gemeu, e o teto rompeu-se em uma explosão de luz e fogo.

LI

ANNABETH

ANNABETH VIRA ALGUMAS COISAS ESTRANHAS antes, mas nunca uma chuva de carros.

Quando o teto da caverna desabou, a luz do sol a cegou. Ela teve um brevíssimo vislumbre do *Argo II* pairando lá em cima. A tripulação devia ter usado a balista para abrir um buraco no chão.

Pedaços de asfalto do tamanho de portas de garagem despencaram junto com seis ou sete carros italianos. Um deles teria esmagado a Atena Partenos, mas a aura reluzente da estátua agia como um campo de força, e o automóvel ricocheteou. Infelizmente, continuou a cair na direção de Annabeth.

Ela saltou para o lado, torcendo o pé machucado. Uma onda de dor quase a fez desmaiar, mas Annabeth virou-se a tempo de ver um Fiat 500 vermelho atingir a armadilha de seda de Aracne, atravessar o piso da caverna e desaparecer com as algemas chinesas para aranhas.

Ao cair, os gritos de Aracne pareciam os freios de um trem de carga prestes a colidir, mas seus lamentos rapidamente desapareceram. Ao redor de Annabeth, mais escombros batiam com violência no piso, crivando-o de buracos.

A Atena Partenos permaneceu intacta, embora o mármore debaixo de seu pedestal estivesse todo recortado por fissuras. Annabeth estava coberta de teias de aranha. Fios de seda pendiam de seus braços e pernas como os cordões de uma marionete, mas, de alguma forma, por mais incrível que parecesse, nenhum dos destroços a atingira. Ela queria acreditar que a estátua a havia protegido, embora suspeitasse que não devia ter sido nada além de sorte.

O exército de aranhas havia desaparecido; ou fugiram correndo de volta à escuridão, ou caíram no abismo. Quando a luz do sol encheu a caverna, as tapeçarias de Aracne ao longo das paredes desintegraram-se, o que Annabeth mal suportava ver — principalmente o tapete retratando-a com Percy. Mas nada

daquilo teve importância quando ela ouviu a voz de Percy vinda do alto.

— Annabeth!

— Aqui!

Ela soluçou, e todo o terror pareceu deixá-la em um único grito. Enquanto o *Argo II* descia, ela viu Percy debruçado na amurada. O sorriso dele era melhor do que qualquer trabalho de tapeçaria que ela já tivesse visto.

A câmara continuava a sacudir, mas Annabeth conseguiu se levantar. O chão aos seus pés parecia estável no momento. Sua mochila havia sumido junto com o laptop de Dédalo e a faca de bronze, que estava com ela desde os sete anos — provavelmente tinham caído no poço. Mas Annabeth não se importava. Estava viva.

Aproximou-se com cuidado do imenso buraco aberto pelo Fiat 500. Ela vislumbrou paredes de pedras irregulares mergulhando na escuridão. Umas pequenas saliências projetavam-se aqui e ali, mas Annabeth não viu nada preso nelas — apenas fios de seda de aranha escorrendo pelas laterais como festões de Natal.

Annabeth perguntou-se se Aracne falara a verdade sobre o abismo. A aranha tinha despencado no Tártaro? Ela tentou ficar satisfeita com a ideia, mas aquilo a entristecia. Aracne *tinha* feito algumas coisas bonitas. Já havia sofrido por éons e agora suas últimas peças de tapeçaria tinham se transformado em pó. Depois de tudo isso, cair no Tártaro parecia um fim muito cruel.

Annabeth estava vagamente ciente do *Argo II* pairando a pouco mais de dez metros do chão. Uma escada de corda baixou, mas Annabeth continuava em transe, fitando a escuridão. Então, de repente, Percy estava ao seu lado, segurando sua mão.

Ele virou-a delicadamente, afastando-a do abismo, e a abraçou. Annabeth enterrou o rosto em seu peito e as lágrimas irromperam.

— Está tudo bem — falou ele. — Estamos juntos.

Percy não disse *você está bem* ou *nós estamos vivos*. Depois de tudo por que passaram ao longo do ano anterior, ele sabia que a coisa mais importante era estarem juntos. Ela o amou ainda mais por dizer aquilo.

Seus amigos reuniram-se em torno deles. Nico di Angelo estava lá, mas a mente de Annabeth estava tão confusa que aquilo não a surpreendeu. Apenas parecia certo que Nico estivesse com eles.

— Sua perna. — Piper ajoelhou-se ao lado dela e examinou a tala de plástico bolha. — Ah, Annabeth, o que aconteceu?

Ela começou a explicar. Falar era difícil, mas, quanto mais contava, mais facilmente as palavras saíam. Percy não soltou a mão dela, o que também lhe deu mais força. Quando terminou, a expressão no rosto de seus amigos era a de

espanto.

— Deuses do Olimpo! — exclamou Jason. — Você fez tudo isso sozinha. Com um tornozelo quebrado.

— Bem... fiz *parte* disso com um tornozelo quebrado.

Percy sorriu.

— Você fez Aracne tecer a própria armadilha? Eu sabia que você era boa, mas por Hera... Annabeth, você *conseguiu*. Gerações de filhos de Atena tentaram e falharam. Você encontrou a Atena Partenos!

Todos olharam para a estátua.

— O que a gente vai fazer com ela? — perguntou Frank. — É imensa.

— Vamos ter que levá-la com a gente para a Grécia — falou Annabeth. — A estátua é poderosa. Algo nela vai nos ajudar a deter os gigantes.

— “*A ruína dos gigantes se apresenta dourada e pálida*” — citou Hazel. — “*Conquistada por meio da dor de uma prisão tecida.*” — Ela olhou para Annabeth com admiração. — Era a prisão de Aracne. Você a enganou e a fez tecê-la.

Por meio de *muita* dor, pensou Annabeth.

Leo ergueu as mãos. Fez uma moldura com os dedos, enquadrando a Atena Partenos, como se tirasse medidas.

— Bem, talvez seja preciso fazer algum ajuste, mas acho que podemos passá-la pelo alçapão do compartimento de carga e encaixá-la nos estábulos. Se uma parte ficar de fora, talvez eu tenha que envolver os pés dela em uma bandeira ou algo assim.

Annabeth estremeceu. Imaginou a Atena Partenos projetando-se da trirreme com uma placa no pedestal onde se lia: CARGA LONGA.

Então pensou nos outros versos da profecia: *Gêmeos ceifaram do anjo a vida, que detém a chave para a morte infinita.*

— E quanto a vocês, pessoal? — perguntou ela. — O que aconteceu com os gigantes?

Percy contou sobre o resgate de Nico, a aparição de Baco e a luta contra os gêmeos no Coliseu. Nico mesmo não falou muito. O pobre garoto parecia ter perambulado pelo deserto durante seis semanas. Percy explicou o que Nico descobrira sobre as Portas da Morte e como tinham que ser fechadas de ambos os lados. Mesmo com a luz do sol entrando pelo buraco no teto, as notícias de Percy faziam a caverna parecer escura de novo.

— Então o lado mortal é em Épiro — falou ela. — Pelo menos esse é um lugar a que temos acesso.

Nico fez uma careta.

— Mas o outro lado é o problema. Tártaro.

A palavra pareceu ecoar pela câmara. O poço atrás deles soltou uma rajada de ar frio. Foi quando Annabeth soube com certeza. O abismo levava *mesmo* ao Mundo Inferior.

Percy também deve ter sentido. Ele a afastou um pouco mais da borda. As teias de aranha presas em seus braços e pernas se arrastavam como uma cauda de noiva. Annabeth desejou ter sua faca para se livrar daquilo. Quase pediu a Percy que fizesse as honras com Contracorrente, mas, antes que tivesse oportunidade de falar, ele disse:

— Baco mencionou algo sobre a *minha* viagem ser mais árdua do que eu esperava. Não entendi por quê...

Um gemido tomou a câmara. A Atena Partenos inclinou-se para um lado, sua cabeça prendeu-se em uma das teias de Aracne, mas o mármore da base sob o pedestal estava se desintegrando.

A náusea atingiu Annabeth com toda a força. Se a estátua caísse no abismo, todo o seu trabalho teria sido em vão. A missão teria falhado.

— Segurem a estátua! — gritou Annabeth.

Seus amigos compreenderam imediatamente.

— Zhang! — exclamou Leo. — Me leve para o leme, rápido! O treinador está lá em cima sozinho.

Frank transformou-se em uma águia gigante, e os dois alçaram voo na direção do navio. Jason envolveu Piper com os braços e voltou-se para Percy:

— Volto para buscar vocês em um segundo.

Ele invocou o vento e disparou para cima.

— O piso não vai aguentar! — advertiu Hazel. — Seria melhor se a gente fosse para a escada.

Nuvens de poeira e teias de aranha eram soprados em jatos dos buracos no chão. As teias que sustentavam o lugar tremeram como gigantescas cordas de violão e começaram a se romper. Hazel disparou para a base da escada de corda e gesticulou para que Nico a seguisse, mas ele não estava em condições de correr.

Percy apertou mais a mão de Annabeth.

— Vai ficar tudo bem — murmurou ele.

Ao olhar para cima, ela viu cabos com ganchos nas pontas sendo disparadas do *Argo II* e se enroscando na estátua. Um deles envolveu o pescoço de Atena como um laço. Leo gritava ordens do leme enquanto Jason e Frank voavam freneticamente de cabo em cabo, tentando firmá-los.

Nico tinha acabado de chegar à escada quando uma dor aguda atravessou a perna machucada de Annabeth. Ela arquejou e tropeçou.

— O que foi? — perguntou Percy.

Ela tentou cambalear na direção da escada, mas então por que estava indo para trás? Suas pernas foram puxadas e ela caiu de cara no chão.

— O tornozelo dela! — gritou Hazel da escada. — Corta! Corta!

A mente de Annabeth estava confusa por causa da dor. Cortar seu tornozelo?

Aparentemente, Percy também não tinha compreendido o que Hazel queria dizer. Então alguma coisa puxou Annabeth bruscamente para trás e a arrastou na direção do poço. Percy saltou e agarrou o braço dela, mas foi arrastado também.

— Ajudem os dois! — gritou Hazel.

Annabeth vislumbrou Nico mancando na direção deles e Hazel tentando desvencilhar sua espada da escada de corda. Os outros ainda estavam concentrados na estátua, e o grito de Hazel se perdeu no meio de tantos gritos e estrondos da caverna.

Annabeth soluçou quando chegou à beira do poço. Suas pernas passaram da borda. Ela percebeu tarde demais o que acontecia: estava emaranhada na seda da aranha. Devia ter cortado aquilo imediatamente. Pensara que eram apenas fios soltos, mas, com o piso inteiro coberto de teias, ela não havia notado que um deles estava enrolado em seu pé — e que a outra ponta dele seguia direto para o poço. Estava preso a alguma coisa pesada lá embaixo na escuridão, algo que a estava puxando.

— Não — murmurou Percy, a luz surgindo em seus olhos. — Minha espada...

Mas ele não conseguiria pegar Contracorrente sem soltar o braço dela, e Annabeth estava sem forças. Ela escorregou pela borda e Percy caiu com ela.

O corpo de Annabeth bateu em alguma coisa. Ela provavelmente desmaiara por um breve momento por causa da dor e, quando recobrou a consciência, percebeu que já estava dentro do poço, pendurada no vazio. Percy conseguira agarrar uma saliência a cerca de cinco metros do topo e segurava-se ali com uma das mãos, enquanto a outra envolvia o pulso de Annabeth. No entanto, a força que a puxava para baixo era forte demais.

Não tem saída, disse uma voz na escuridão abaixo. *Eu vou para o Tártaro, mas vocês também virão.*

Annabeth não tinha certeza de se de fato ouvira a voz de Aracne ou se aquilo surgira apenas em sua mente.

O poço tremeu. Era só Percy que a impedia de cair, e ele mal conseguia se segurar em uma saliência do tamanho de uma prateleira.

Nico se debruçou na borda do abismo, estendendo a mão, mas estava longe demais para poder ajudar. Hazel gritava, chamando os outros, mas, mesmo que a ouvissem acima de todo aquele caos, não conseguiriam chegar a tempo.

Annabeth tinha a sensação de que sua perna estava sendo arrancada. A dor tingia tudo de vermelho. A força do Mundo Inferior a puxava como uma

gravidade terrível. Ela não tinha forças para lutar e sabia que já estava muito longe para ser salva.

— Percy, me solte. — Ela soltou um gemido. — Você não pode me levantar.

O rosto dele estava branco com o esforço. Annabeth podia ver em seus olhos que ele sabia ser impossível.

— Nunca — disse ele. Ergueu os olhos para Nico, cinco metros acima deles.

— No outro lado, Nico! Encontramos vocês lá. Entendeu?

Os olhos de Nico se arregalaram.

— Mas...

— Leve-os para lá! — gritou Percy. — Prometa!

— Eu... eu prometo.

Abaixo deles, a voz riu na escuridão. *Sacrifícios. Belos sacrifícios para despertar a deusa.*

Percy apertou ainda mais o pulso de Annabeth. Seu rosto estava macilento, arranhado e ensanguentado, o cabelo cheio de teias, mas, quando seus olhos encontraram os dela, ela pensou que ele nunca fora tão bonito.

— Vamos ficar juntos — prometeu ele. — Você não vai escapar de mim. Nunca mais.

Só então ela compreendeu o que iria acontecer. *Uma viagem só de ida. Uma queda muito alta!*

— Desde que a gente fique junto — disse Annabeth.

Ouviu Nico e Hazel ainda gritando, pedindo socorro. Viu a luz do sol muito, muito longe, lá em cima — talvez fosse a última vez que a veria.

Então Percy se soltou, e juntos, de mãos dadas, ele e Annabeth caíram para a escuridão sem fim.

LII

LEO

LEO AINDA ESTAVA EM CHOQUE.

Tudo acontecera tão rápido. Quando eles acabaram de amarrar as cordas do navio na Atena Partenos, o piso cedeu e a teia se rompeu. Jason e Frank mergulharam para salvar os outros, mas só encontraram Nico e Hazel, que estavam pendurados na escada de corda. Percy e Annabeth tinham caído. O poço do Tártaro estava soterrado em muitas toneladas de escombros. Leo tirou o *Argo II* da caverna segundos antes de o lugar inteiro implodir e tragar também o restante do estacionamento.

O *Argo II* ficou ancorado em uma colina com vista para a cidade. Jason, Hazel e Frank retornaram à cena da catástrofe, na esperança de vasculhar os escombros e encontrar um modo de salvar Percy e Annabeth, mas voltaram desanimados. A caverna simplesmente desaparecera. O local fervilhava com a polícia e equipes de resgate. Nenhum mortal tinha se ferido, mas os italianos passariam meses coçando a cabeça, perguntando-se como um imenso sumidouro havia sido aberto bem no meio de um estacionamento e engolido uma dúzia de carros em perfeito estado.

Atordoados de tristeza, Leo e os outros carregaram cuidadosamente a Atena Partenos para o porão, usando os guindastes hidráulicos do navio com a ajuda de Frank Zhang, elefante em meio expediente. A estátua coube certinho, embora Leo não tivesse a menor ideia do que iriam fazer com ela.

O treinador Hedge estava arrasado demais para ajudar. Andava de um lado para o outro no convés, com lágrimas nos olhos, puxando a barbicha, batendo na lateral da cabeça e murmurando:

— Eu tinha que ter salvado os dois! Devia ter explodido mais coisas!

Por fim, Leo lhe pediu para descer e preparar tudo para irem embora. Não

estava ajudando em nada ele ficar se agredindo ali em cima.

Os seis semideuses se reuniram no tombadilho superior e fitaram a distância a coluna de poeira que ainda subia no local da implosão.

Leo descansou a mão na esfera de Arquimedes sobre o leme, pronta para ser instalada. Ele devia estar entusiasmado. Era a maior descoberta de sua vida — maior ainda que o bunker 9. Se decifrasse os pergaminhos de Arquimedes, poderia fazer coisas incríveis. Ele mal ousava ter esperanças, mas talvez até conseguisse construir um novo disco de controle para certo amigo dragão.

Ainda assim, o preço fora alto demais.

Ele quase ouvia Nêmesis rindo. *Eu lhe disse que poderíamos negociar, Leo Valdez.*

Ele havia quebrado o biscoito da sorte. Conseguira o código para acessar a esfera e salvara Frank e Hazel. Mas o sacrifício fora Percy e Annabeth. Leo tinha certeza disso.

— É minha culpa — disse ele, infeliz.

Os outros olharam para ele. Somente Hazel parecia compreender. Ela estivera com ele no Great Salt Lake.

— Não — insistiu ela. — Não, a culpa é de *Gaia*. Não teve nada a ver com você.

Leo queria acreditar naquilo, mas não podia. Logo no início da viagem ele estragou tudo ao disparar contra Nova Roma. No fim, na Roma antiga, quebrou um biscoito e pagou um preço muito maior que um olho.

— Leo, me escute. — Hazel segurou sua mão. — Não vou permitir que você leve a culpa. Eu não poderia suportar isso depois que... depois que Sammy...

A voz dela falhou, mas Leo sabia o que ela queria dizer. Seu *bisabuelo* havia se culpado pelo desaparecimento de Hazel. Sammy tivera uma vida boa, mas fora para o túmulo acreditando que havia vendido um diamante amaldiçoado e condenado a garota que ele amava.

Leo não queria fazer Hazel passar por todo aquele sofrimento de novo, mas aquilo era diferente. *O verdadeiro sucesso exige sacrifício*. Leo tinha escolhido quebrar o biscoito. Percy e Annabeth haviam caído no Tártaro. Não podia ser coincidência.

Nico di Angelo aproximou-se, se arrastando, apoiado em sua espada negra.

— Leo, eles não estão mortos. Se estivessem, eu sentiria.

— Como pode ter certeza? — perguntou Leo. — Se aquele poço de fato leva ao... você sabe... como poderia senti-los mesmo tão longe?

Nico e Hazel trocaram um olhar, talvez comparando notas no radar da morte de Hades/Plutão que ambos tinham. Leo estremeceu. Hazel nunca lhe parecera uma filha do Mundo Inferior, mas Nico di Angelo... aquele cara era sinistro.

— Não podemos ter cem por cento de certeza — admitiu Hazel. — Mas acho que Nico tem razão. Percy e Annabeth ainda estão vivos... pelo menos até agora. Jason esmurrou a amurada.

— Eu devia estar *prestando atenção*. Poderia ter descido voando e salvado os dois.

— Eu também — gemeu Frank.

O grandão parecia à beira das lágrimas. Piper pôs a mão nas costas de Jason.

— Não é culpa de nenhum dos dois. Vocês estavam tentando salvar a estátua.

— Ela tem razão — concordou Nico. — Mesmo que o poço não tivesse sido soterrado, vocês não poderiam entrar ali voando sem serem tragados para baixo. Sou o único que de fato já estive no Tártaro. É impossível descrever o poder daquele lugar. Quando se chega perto, ele suga você. Eu não tive a menor chance.

Frank fungou.

— Então Percy e Annabeth também não têm a menor chance?

Nico girou o anel de prata de caveira no dedo.

— Percy é o semideus mais poderoso que já conheci. Sem nenhuma ofensa a vocês, pessoal, mas é a verdade. Se alguém pode sobreviver, é ele, principalmente tendo Annabeth ao lado. Eles vão descobrir um modo de atravessar o Tártaro.

Jason virou-se:

— Até as Portas da Morte, você quer dizer. Mas você nos disse que elas são guardadas pelas forças mais poderosas de Gaia. Como dois semideuses poderiam...?

— Não sei — admitiu Nico. — Mas Percy me disse para levar vocês até Épiro, do lado mortal do portal. O plano dele é nos encontrar lá. Se sobrevivermos à Casa de Hades, abrir caminho lutando contra as forças de Gaia, então talvez possamos trabalhar com Percy e Annabeth e lacrar as Portas da Morte de ambos os lados.

— E trazer de volta Percy e Annabeth em segurança? — perguntou Leo.

— Talvez.

Leo não gostou da maneira como Nico disse aquilo, como se não estivesse revelando todas as suas incertezas. Além disso, Leo conhecia um pouco de fechaduras e portas. Se as Portas da Morte precisavam ser fechadas por ambos os lados, como seria possível fazer isso a menos que alguém permanecesse preso no Mundo Inferior?

Nico respirou fundo.

— Não sei como, mas Percy e Annabeth vão dar um jeito. Eles vão atravessar o Tártaro e encontrar as Portas da Morte. Quando chegarem lá, precisamos estar

prontos.

— Não vai ser fácil — falou Hazel. — Gaia vai usar todos os seus recursos para nos impedir de chegar a Épiro.

— Qual é a novidade?

Jason suspirou. Piper assentiu.

— Não temos escolha. Precisamos fechar as Portas da Morte antes de impedirmos que os gigantes despertem Gaia. Caso contrário, seus exércitos jamais morrerão. E temos que nos apressar. Os romanos estão em Nova York. Logo marcharão sobre o Acampamento Meio-Sangue.

— Temos no máximo um mês — acrescentou Jason. — Efialtes disse que Gaia acordaria daqui a exatamente um mês.

Leo se endireitou.

— A gente consegue fazer isso.

Todos o olharam.

— A esfera de Arquimedes pode dar um *upgrade* no navio — disse ele, torcendo para estar certo. — Vou estudar aqueles pergaminhos antigos. Deve haver inúmeros tipos novos de armas que eu possa fazer. Vamos atacar os exércitos de Gaia com toda uma inovação de arsenal para causar dor.

Na proa do navio, Festus estalou a mandíbula e cuspiu fogo, desafiador.

Jason sorriu e deu um tapinha no ombro de Leo.

— Parece que temos um plano, almirante. Quer estabelecer a rota?

Eles brincavam com ele, chamando-o de almirante, e dessa vez Leo aceitou o título. Aquele era o seu navio. Ele não fora até ali para ser detido.

Eles encontrariam essa Casa de Hades. Tomariam as Portas da Morte. E, pelos deuses, se Leo tivesse que projetar um braço mecânico longo o suficiente para tirar Percy e Annabeth do Tártaro, então era isso que faria.

Nêmesis queria que ele se vingasse de Gaia? Leo ficaria feliz em satisfazê-la. Faria Gaia se arrepender de um dia ter se metido com Leo Valdez.

— Sim. — Ele deu uma última olhada na silhueta de Roma desenhada no horizonte, tingindo-se de vermelho-sangue ao pôr do sol. — Festus, içar as velas. Temos que salvar uns amigos.

GLOSSÁRIO

Acampamento Júpiter campo de treinamento para semideuses romanos, localizado entre as Oakland Hills e as Berkeley Hills, na Califórnia
Acampamento Meio-Sangue campo de treinamento para semideuses gregos, localizado em Long Island, Nova York
Adriano imperador romano que governou de 117 a 138 EC. É mais conhecido por ter construído a Muralha de Adriano, que demarcava o limite norte da Grã-Bretanha romana. Em Roma, ele reconstruiu o Panteão e construiu o templo de Vênus e Roma
Afroditite a deusa grega do amor e da beleza. Era casada com Hefesto, mas amava Ares, o deus da guerra. Forma romana: Vênus
Alcioneu o mais velho dos gigantes nascidos de Gaia, destinado a combater Plutão

amazonas mulheres que viviam em uma nação exclusivamente de guerreiras

Aqueloo um *potamus*, ou deus-rio

Aracne tecelã que alegava ter habilidades superiores às de Atena. Isso enfureceu a deusa, que destruiu as tapeçarias e o tear de Aracne. A tecelã se enforcou, e Atena a trouxe de volta à vida como aranha
Ares o deus grego da guerra; filho de Zeus e Hera e meio-irmão de Atena. Forma romana: Marte.

argentum prata

Argo II o fantástico navio construído por Leo, que pode tanto navegar quanto

voar e tem a cabeça do dragão de bronze Festus como sua figura de proa. O navio foi batizado em homenagem a *Argo*, a embarcação usada pelo grupo de heróis gregos que acompanhou Jasão em sua busca ao Velocino de Ouro **Arquimedes** matemático, físico, engenheiro, inventor e astrônomo grego que viveu entre 287 e 212 AEC e é considerado como um dos principais cientistas da antiguidade clássica **Atena** a deusa grega da sabedoria. Forma romana: Minerva

Atena Partenos uma estátua gigantesca de Atena; a estátua grega mais famosa de todos os tempos **augúrio** sinal de algum porvir, presságio; prática de adivinhar o futuro

aurum ouro

AΘE alfa, teta e épsilon. Em grego, representa *dos atenienses*, ou *os filhos de Atena* **Baco** o deus romano do vinho e da orgia. Forma grega: Dioniso

balista escorpião arma de cerco romana de longo alcance, que arremessava grandes projéteis em um alvo distante **Belona** deusa romana da guerra

bronze celestial metal raro letal para monstros

Calendas de Julho o primeiro dia de julho, que era consagrado a Juno

Casa de Hades templo subterrâneo em Épiro, na Grécia, dedicado a Hades e Perséfone, às vezes chamado de Necromanteion, ou “oráculo da morte”. Os gregos antigos acreditavam que ele marcava uma entrada para o Mundo Inferior, e peregrinos iam até lá para comungar com os mortos **Casa dos Lobos** mansão em ruínas, originalmente encomendada por Jack London perto de Sonoma, na Califórnia, onde Percy Jackson foi treinado como semideus romano por Lupa **centauro** raça de criaturas metade homem, metade cavalo

centurião oficial do exército romano

Ceres deusa romana da agricultura. Forma grega: Deméter

Ceto deusa grega dos monstros e das criaturas marinhas de grande porte, tais como baleias e tubarões; filha de Gaia e irmã-esposa de Fórcis, deus dos perigos do mar **charme** (na fala) bênção concedida por Afrodite a seus filhos, que os capacita a persuadir outras pessoas com a voz **ciclope** membro de uma raça primordial de gigantes, que tem um único olho no meio da testa **Circe** feiticeira grega. Nos tempos antigos, transformou a tripulação de Odisseu em porcos **Coliseu** anfiteatro elíptico no centro de Roma, Itália. Com capacidade para cinquenta mil espectadores sentados, o Coliseu era usado para competições entre gladiadores e para espetáculos públicos, como simulações

de batalhas navais, caçadas animais, execuções, reencenações de batalhas e dramas famosos **Contracorrente** espada de Percy Jackson (*Anaklusmos*, em grego) **cornucópia** um grande recipiente em formato de chifre de onde transbordam comestíveis ou algum tipo de riqueza. A cornucópia foi criada quando Héracles (Hércules, para os romanos) lutou com o deus-rio Aqueloo e arrancou um de seus chifres **Crisaor** irmão de Pégaso, filho de Poseidon e Medusa; conhecido como “o Espada de Ouro”

Cronos deus grego da agricultura; filho de Urano e Gaia e pai de Zeus. Forma romana: Saturno **Dédalo** na mitologia grega, um hábil artesão que criou o Labirinto em Creta, no qual o Minotauro (parte homem, parte touro) era mantido **Dejanira** segunda esposa de Héracles. Sua beleza era tão extraordinária que tanto Héracles quanto Aqueloo quiseram se casar com ela, e houve uma competição por sua mão. O centauro Nesso enganou-a, levando-a a matar Héracles ao mergulhar sua túnica no que ela pensou tratar-se de uma poção do amor, mas que na verdade era o sangue venenoso do centauro **Deméter** a deusa grega da agricultura; filha dos titãs Reia e Cronos. Forma romana: Ceres **denário** a moeda mais comum no sistema monetário romano

Dioniso deus grego do vinho e da orgia; filho de Zeus. Forma romana: Baco

dracma moeda de prata da Grécia Antiga

drakon serpente gigantesca

Efialtes e Oto gigantes gêmeos; filhos de Gaia

eidolon espírito possessor

Épiro região atualmente no noroeste da Grécia e sul da Albânia

escolopendra monstro marinho grego gigantesco com narinas peludas, cauda semelhante à da lagosta e fileiras de patas palmípedes ao longo dos flancos **Euristeu** neto de Perseu que, por meio dos favores de Hera, herdou o reinado de Micenas, o qual Zeus pretendia para Héracles **fauno** deus romano da floresta, parte bode e parte homem. Forma grega: sátiro

fogo grego arma incendiária usada em batalhas navais porque continua a queimar mesmo na água **Fontana di Trevi** fonte no bairro romano de Trevi, em Roma. Com vinte e cinco metros de altura e vinte de largura, é a maior fonte barroca na cidade e uma das fontes mais famosas do mundo **Fórcis** na mitologia grega, deus primordial dos perigos do mar; filho de Gaia e irmão-marido de Ceto **Fortuna** deusa romana da fortuna e da sorte. Forma grega: Tique

fórum o fórum romano era o centro da Roma Antiga, uma praça onde os romanos faziam negócios, julgamentos e atividades religiosas **Gaia** deusa grega da terra; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros. Forma romana: Terra **gládio** espada curta

górgonas três irmãs monstruosas (Esteno, Euríale e Medusa), cujos cabelos eram serpentes vivas venenosas. A mais famosa delas, Medusa, podia transformar em pedra aqueles que a encaravam **greva** peça da armadura para a canela

Hades deus grego da morte e das riquezas. Forma romana: Plutão

Hagno ninfa que teria criado Zeus. No Monte Liceu, na Arcádia, havia um poço consagrado a ela e batizado em sua homenagem **harpia** criatura fêmea alada que rouba objetos

Hebe deusa da juventude; filha de Zeus e Hera, casada com Hércules. Forma romana: Juventa **Hefesto** deus grego do fogo, do artesanato e dos ferreiros; filho de Zeus e Hera, casado com Afrodite. Forma romana: Vulcano **Hera** deusa grega do casamento; esposa e irmã de Zeus. Forma romana: Juno

Héracles forma grega de Hércules; filho de Zeus e Alcmena; o mais forte dos mortais **Hércules** forma romana de Héracles; filho de Júpiter e Alcmena, nasceu com grande força **hipocampos** criaturas que da cintura para cima têm corpo de cavalo e o restante do corpo de peixe prateado, com escamas reluzentes e nadadeiras de arco-íris. Eram usados para puxar a carruagem de Poseidon, e a espuma do mar era criada pelo movimento deles **Hipódromo** estádio grego para corridas de cavalos e carruagens

hipogeu a área debaixo de um coliseu que abrigava peças de cenário e maquinário usado para efeitos especiais **ictiocentauro** peixe-centauro descrito como tendo as patas dianteiras de um cavalo, torso e cabeça humanos e cauda de peixe. Às vezes é retratado com um par de chifres semelhantes a garras de lagosta **Inívdia** deusa romana da vingança. Forma grega: Nêmesis

Íris deusa grega do arco-íris e mensageira dos deuses; filha de Taumante e Electra. A forma romana tem o mesmo nome **Juno** deusa romana das mulheres, do casamento e da fertilidade; irmã e esposa de Júpiter; mãe de Marte. Forma grega: Hera **Júpiter** rei romano dos deuses; também chamado de Júpiter Optimus Maximus (o melhor e o maior). Forma grega: Zeus **Juventa** deusa romana da juventude. Forma grega: Hebe

karpoi espíritos dos grãos

Katoptris adaga de Piper, que já pertenceu a Helena de Troia. A palavra

significa “espelho”

Lar deus da casa, espírito ancestral romano

Linha Pomeriana limite em torno de Nova Roma e, nos tempos antigos, os limites da cidade de Roma **livros sibilinos** conjunto de profecias em versos rimados escritos em grego. Tarquínio Soberbo, um rei de Roma, comprou-os de uma profetisa chamada Sibila e os consultava em épocas de grande perigo
Lupa loba romana sagrada que amamentou os gêmeos abandonados Rômulo e Remo

Marcus Agrippa estadista e general romano, ministro da defesa de Otaviano e responsável pela maioria de suas vitórias militares. Ele encomendou o Panteão como templo de todos os deuses da Roma Antiga **Mare Nostrum** Nosso Mar, em latim; nome romano do Mar Mediterrâneo **Marte** deus romano da guerra; também chamado de Marte Ultor. Patrono do império; pai divino de Rômulo e Remo. Forma grega: Ares **Minerva** deusa romana da sabedoria. Forma grega: Atena

Minotauro monstro com cabeça de touro e corpo de homem

Mitra originalmente deus persa do sol; Mitra era venerado pelos guerreiros romanos como guardião das armas e patrono dos soldados **muskeg** pântano

Narciso caçador grego célebre por sua beleza. Era excepcionalmente orgulhoso e desdenhava aqueles que o amavam. Nêmesis, ao perceber isso, atraiu Narciso até um lago, onde ele viu sua imagem refletida na água e por ela se apaixonou. Incapaz de se afastar da beleza de seu reflexo, Narciso morreu
Nêmesis deusa grega da vingança. Forma romana: Invidia

nereidas cinquenta espíritos femininos do mar; protetoras dos marinheiros e pescadores e zeladoras das riquezas do mar **Nesso** centauro astuto que enganou Dejanira e a levou a matar Héracles

Netuno deus romano dos mares. Forma grega: Poseidon

Névoa força mágica que disfarça coisas aos olhos dos mortais

Nice deusa grega da força, velocidade e vitória. Forma romana: Vitória

ninfa deidade feminina da natureza, que anima a natureza

ninfeu santuário dedicado às ninfas

Nova Roma comunidade perto do Acampamento Júpter onde os semideuses podem viver juntos e em paz, sem a interferência dos mortais ou de monstros
ombreira peça de armadura para o ombro e a parte superior do braço

ouro imperial metal raro letal para monstros, consagrado no Panteão; sua existência era um segredo muito bem-guardado dos imperadores **Panteão** construção em Roma, Itália, encomendada por Marcus Agrippa como um templo dedicado a todos os deuses da Roma Antiga e reconstruída pelo Imperador Adriano por volta de 126 EC.

pássaros da Estinfália na mitologia grega, aves devoradoras de homens com bico de bronze e penas metálicas afiadas que podiam ser lançados contra suas vítimas; consagradas a Ares, o deus da guerra **pater** pai em latim; também é o nome de um antigo deus romano do Mundo Inferior, mais tarde incorporado por Plutão **Pégaso** na mitologia grega, cavalo divino alado; gerado por Poseidon, em seu papel de deus-cavalo, e nascido da górgona Medusa; irmão de Crisaor **Perséfone** rainha grega do Mundo Inferior; esposa de Hades; filha de Zeus e Deméter. Forma romana: Proserpina **Piazza Navona** praça em Roma, construída no local do Estádio de Domiciano, onde os cidadãos da Roma Antiga assistiam a jogos competitivos **Plutão** deus romano da morte e das riquezas. Forma grega: Hades

Polibotes gigante filho de Gaia, a Mãe Terra

Porfírión rei dos gigantes nas mitologias grega e romana

Portas da Morte portas de uma passagem oculta que, quando abertas, permitem que as almas passem do Mundo Inferior para o mundo dos mortais **Poseidon** deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, irmão de Zeus e Hades. Forma romana: Netuno **pretor** pessoa eleita para magistrado e comandante do exército romano

Proserpina rainha romana do Mundo Inferior. Forma grega: Perséfone

Quione deusa grega da neve; filha de Bóreas

Reia Sílvia sacerdotisa e mãe dos gêmeos Rômulo e Remo, que fundaram Roma

Rio Tibre o terceiro maior rio em extensão da Itália. Roma foi fundada às suas margens. Na Roma Antiga, criminosos executados eram atirados no rio **Rômulo e Remo** filhos gêmeos de Marte e da sacerdotisa Reia Sílvia que foram atirados no Rio Tibre por seu pai humano, Amúlio. Resgatados e criados por uma loba, quando alcançaram a idade adulta, fundaram Roma **sátiros** deuses gregos da floresta, parte bode e parte humano. Forma romana: faunos **Saturno** deus romano da agricultura; filho de Urano e Gaia, pai de Júpiter. Forma grega: Cronos **Senatus Populusque Romanus** (SPQR) “O Senado e o Povo de Roma”; refere-se ao governo da República Romana e é usado como emblema oficial de Roma **Tânatos** deus grego da morte. Forma romana:

Letus

Tártaro marido de Gaia; espírito do abismo; pai dos gigantes; também a região mais profunda do mundo **telquines** demônios marinhos misteriosos e ferreiros nativos das ilhas de Chios e Rhodes; filhos de Tálassa e Pontos; tinham cabeça de cachorro e nadadeiras no lugar das mãos, e eram conhecidos como crianças-peixes **Término** deus romano das fronteiras e dos marcos

Terra deusa romana do planeta Terra. Forma grega: Gaia

Tibério imperador romano de 14 EC a 37 EC. Foi um dos maiores generais de Roma, mas veio a ser lembrado como governante recluso e sombrio, que nunca quis ser imperador **Tique** deusa grega da boa sorte; filha de Hermes e Afrodite. Forma romana: Fortuna **tirso** arma de Baco, um cajado encimado por uma pinha e envolto com hera

titãs raça de deidades gregas poderosas, descendentes de Gaia e Urano, que governaram durante a Era de Ouro e foram derrubados por uma raça de deuses mais jovens, os olímpianos **trirreme** antigo navio de guerra grego ou romano com três fileiras de remo de cada lado **Vênus** deusa romana do amor e da beleza. Era casada com Vulcano, mas amava Marte, o deus da guerra. Forma grega: Afrodite **Via Labicana** antiga estrada da Itália, que levava na direção leste-sudeste, partindo de Roma **Via Principalis** principal rua em um acampamento ou forte romano **Virgens Vestais** sacerdotisas romanas de Vesta, deusa do lar e da lareira. As Vestais eram livres das habituais obrigações sociais de se casar e ter filhos e faziam voto de castidade a fim de se dedicar ao estudo e observância do ritual **Vitória** deusa romana da força, velocidade e vitória. Forma grega: Nice

Vulcano deus romano do fogo, do artesanato e dos ferreiros; filho de Júpiter e Juno, casado com Vênus. Forma grega: Hefesto **Zeus** deus grego do céu e rei dos deuses. Forma romana: Júpiter

OS HERÓIS



DO OLIMPO

A CASA DE HADES

RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*

intrínseca

RICK RIORDAN

A CASA DE HADES

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO QUATRO

Tradução de Alexandre Raposo e
Edmundo Barreiros



Copyright © 2013 by Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The House of Hades PREPARAÇÃO

Flora Pinheiro REVISÃO

Janaína Senna

Carolina Lopes ARTE DE CAPA

Joann Hill ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© 2013 John Rocco ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira REVISÃO DE E-BOOK

Rodrigo Rosa GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca *Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para meus maravilhosos leitores:
Lamento pelo último suspense.
Quer dizer, não, não de verdade. HAHAAAAHA.
Mas, falando sério, adoro vocês, pessoal.*

Rick Riordan

I

HAZEL

DURANTE O TERCEIRO ATAQUE, Hazel quase engoliu um pedregulho. Tentava enxergar através da neblina, perguntando-se como podia ser tão difícil voar por uma estúpida cordilheira, quando o alarme do navio soou.

— Tudo a bombordo! — gritou Nico do mastro de proa do navio voador.

Lá atrás, no leme, Leo girou o timão. O *Argo II* guinou para a esquerda, os remos aéreos cortando as nuvens como facas enfileiradas.

Hazel cometeu o erro de olhar por cima da amurada. Uma forma esférica e escura movia-se rapidamente em sua direção. Ela pensou: *Por que a lua está se aproximando?* Então gritou e se jogou no convés. A imensa pedra passou tão perto que soprou o cabelo caído em seu rosto.

C_{RAC}!

O mastro de proa tombou — vela, vergas e Nico, tudo caindo no convés. O pedregulho, mais ou menos do tamanho de uma picape, desapareceu na neblina como se tivesse mais o que fazer longe dali.

— Nico!

Hazel chegou até ele com dificuldade enquanto Leo estabilizava o navio.

— Estou bem — murmurou Nico, chutando as velas enroscadas em suas pernas.

Ela o ajudou a se levantar e os dois cambalearam até a proa. Hazel olhou com mais cuidado dessa vez. As nuvens se abriram o bastante para revelar o topo de uma montanha logo abaixo: um cume escarpado de rocha negra despontava das encostas verde-musgo. De pé, no topo, estava um deus da montanha — um dos *numina montanum*, como Jason os chamava. Ou *ourae*, em grego. Qualquer que fosse o nome, eles eram malvados.

Como os outros que haviam enfrentado, esse usava uma túnica branca simples

que cobria a pele áspera e escura como basalto. Era extremamente musculoso, tinha pouco mais de seis metros de altura, barba branca e comprida, cabelo desgrenhado e um olhar selvagem, como o de um eremita louco. Ele gritou algo incompreensível para Hazel, mas que com certeza não eram boas-vindas. Com as próprias mãos, ele arrancou outro pedaço de rocha de sua montanha e começou a moldar uma bola.

A cena desapareceu na neblina, mas quando o deus da montanha rugiu de novo outros *numina* responderam ao longe, as vozes ecoando pelos vales.

— Malditos deuses das pedras! — gritou Leo ao timão. — Vou ter que substituir o mastro pela *terceira* vez! Açam que eles dão em árvores?

Nico franziu a testa.

— Os mastros são feitos de árvores.

— Essa não é a questão!

Leo pegou um de seus controles, adaptado de um Nintendo Wii, e girou-o em círculo. A alguns metros dali, um alçapão se abriu no convés. Surgiu um canhão de bronze celestial. Hazel só teve tempo de tapar os ouvidos antes de aquilo disparar para o céu, espalhando uma dúzia de esferas de metal que deixou um rastro de fogo verde. Em pleno ar, esporões brotaram das esferas como as pás de um helicóptero, e elas se afastaram em meio à névoa.

Pouco depois, uma sequência de explosões ecoou pela cordilheira, seguida pelo rugido indignado dos deuses da montanha.

— Há! — gritou Leo.

Infelizmente, a julgar pelos dois últimos encontros, Hazel presumiu que a mais nova arma de Leo apenas irritara os *numina*.

Outra pedra silvou através do ar a estibordo.

— Tire-nos daqui! — gritou Nico.

Leo murmurou alguns comentários pouco lisonjeiros sobre os *numina*, mas girou o timão. Os motores rugiram. O cordame mágico se tensionou por conta própria, e o navio rumou para bombordo. O *Argo II* ganhou velocidade, recuando para o noroeste, como vinha fazendo nos últimos dois dias.

Hazel não relaxou até estarem longe das montanhas. O nevoeiro se dissipou. Abaixo deles, o sol da manhã iluminava a pradaria italiana: colinas verdes e campos dourados não muito diferentes daqueles do norte da Califórnia. Hazel quase podia imaginar que estava navegando de volta para casa, rumo ao Acampamento Júpiter.

Aquela ideia fez seu peito doer. O Acampamento Júpiter fora o seu lar por apenas nove meses, desde que Nico a trouxera de volta do Mundo Inferior. Mas ela sentia mais saudade dali do que de sua cidade natal, Nova Orleans, e, *definitivamente*, mais do que do Alasca, onde morrera em 1942.

Hazel sentia falta de seu beliche no bunker da Quinta Coorte. Tinha saudade dos jantares no refeitório, com os espíritos do vento conduzindo pratos pelo ar e legionários gracejando a respeito de jogos de guerra. Ela queria passear sem rumo pelas ruas de Nova Roma de mãos dadas com Frank Zhang. Queria saber como era ser uma garota normal pelo menos uma vez, com um namorado realmente doce e atencioso.

Mais que tudo, queria se sentir segura. Estava cansada de passar o tempo todo assustada e preocupada.

Hazel ficou de pé no tombadilho. Nico extraía de seus braços os estilhaços do mastro e, no painel de comando do navio, Leo socava botões.

— Bem, isso foi uma droga — comentou Leo. — Devo acordar os outros?

Hazel estava tentada a dizer que sim, mas os outros membros da tripulação haviam ficado com o turno da noite e mereciam descansar. Estavam exaustos por defenderem o navio. Ao que parecia, de poucas em poucas horas um monstro romano resolvia que o *Argo II* era na verdade uma guloseima deliciosa.

Algumas semanas antes, Hazel não teria acreditado que alguém pudesse dormir durante um ataque *numina*, mas, agora, imaginava que seus amigos ainda estavam roncando abaixo do convés. Sempre que *ela* tinha uma chance de descansar, dormia como se estivesse em coma.

— Eles precisam descansar — disse ela. — A gente vai ter que descobrir outro caminho sozinhos.

— Hum.

Leo olhou feio para o monitor. Com sua camisa de trabalho esfarrapada e a calça jeans manchada de graxa, parecia que tinha acabado de perder uma luta contra uma locomotiva.

Desde que seus amigos Percy e Annabeth haviam caído no Tártaro, Leo vinha trabalhando quase sem parar. Andava mais irritado e até mesmo mais determinado do que o habitual.

Hazel estava preocupada com ele. Mas parte dela sentia-se aliviada com a mudança. Sempre que Leo sorria e fazia piadas, ficava parecido demais com Sammy, seu bisavô... o primeiro namorado de Hazel, em 1942.

Droga, por que a vida tinha que ser tão complicada?

— Outro caminho — murmurou Leo. — Você vê algum?

Um mapa da Itália brilhava em seu monitor. A cordilheira dos Apeninos se estendia por todo o país em forma de bota. Um ponto verde representando o *Argo II* piscava no lado esquerdo da tela, a algumas centenas de quilômetros ao norte de Roma. Deveria ter sido simples. Precisavam chegar a um lugar chamado Épiro, na Grécia, e encontrar um antigo templo chamado Casa de Hades (ou Plutão, como os romanos o conheciam, ou então, como Hazel gostava de pensar

nele, o Pior Pai Ausente do Mundo).

Para chegar a Épiro, tudo o que tinham de fazer era ir direto para leste — sobrevoando os Apeninos e atravessando o Mar Adriático. Mas não foi o que aconteceu. Sempre que tentavam cruzar a coluna vertebral da Itália, os deuses da montanha atacavam.

Nos últimos dois dias, margearam as montanhas rumo ao norte, na esperança de encontrar uma passagem segura. Sem resultado. Os *numina montanum* eram filhos de Gaia, a deusa de quem Hazel menos gostava. Isso os tornava inimigos *muito* determinados. O *Argo II* não podia voar alto o bastante para evitar os ataques e, mesmo com todas as suas defesas, o navio não conseguiria atravessar a cadeia de montanhas sem ser despedaçado.

— A culpa é nossa — disse Hazel. — Minha e de Nico. Os *numina* podem nos sentir.

Ela olhou para o meio-irmão. Ele começara a recuperar as forças desde que o resgataram dos gigantes, mas ainda estava muito magro. A camisa preta e a calça jeans caíam folgadas no corpo esquelético. O cabelo longo e escuro emoldurava olhos encovados. A pele morena estava com um tom verde-claro doentio, cor de seiva de árvore.

Sua idade humana era só catorze anos, apenas um ano mais velho do que Hazel, mas a história não terminava aí. Assim como ela, Nico di Angelo era um semideus de outra era. Ele irradiava uma espécie de energia *antiga* — uma melancolia por saber que não pertencia ao mundo moderno.

Hazel não o conhecia havia muito tempo, mas entendia e chegava a compartilhar sua tristeza. Os filhos de Hades (ou Plutão, tanto faz) raramente tinham uma vida feliz. E, a julgar pelo que Nico dissera na noite anterior, seu maior desafio ainda estava por vir quando chegassem à Casa de Hades — um desafio que ele implorou que Hazel mantivesse em segredo.

Nico agarrou a empunhadura de sua espada de ferro estígio.

— Espíritos telúricos não gostam de filhos do Mundo Inferior. É verdade. Eles nos acusam de dar golpes baixos. Literalmente. Mas acho que os *numina* sentiriam este navio de qualquer modo. Estamos transportando a Atena Partenos. Essa coisa é como um farol mágico.

Hazel estremeceu, pensando na enorme estátua que ocupava a maior parte do porão de carga. Eles sacrificaram muito para resgatá-la da caverna subterrânea em Roma, mas não tinham ideia do que fazer com ela. Até o momento, parecia que só servia para alertar monstros de sua presença.

Leo deslizou o dedo pelo mapa da Itália.

— Então, passar pela cordilheira está fora de questão. O problema é que ela se estende por um bom pedaço nos dois sentidos.

— Poderíamos ir pelo mar — sugeriu Hazel. — Contornar a ponta sul da Itália.

— É bem longe — disse Nico. — Além disso, não temos... — Sua voz falhou. — Você sabe... nosso especialista do mar, Percy.

O nome pairou no ar como uma tempestade iminente.

Percy Jackson, filho de Poseidon... provavelmente o semideus que Hazel mais admirava. Ele salvara a sua vida tantas vezes na expedição ao Alasca, mas quando Percy precisou de sua ajuda em Roma ela havia falhado. Vira, impotente, Percy e Annabeth despencarem naquele abismo.

Hazel respirou fundo. Percy e Annabeth ainda estavam vivos. Ela conseguia sentir. Ainda teria a chance de ajudá-los caso conseguisse chegar à Casa de Hades, caso sobrevivesse ao desafio a respeito do qual Nico a tinha alertado...

— E se formos para o norte? — perguntou Hazel. — Tem que haver uma passagem nas montanhas ou algo assim.

Leo mexia na esfera de bronze de Arquimedes que ele instalara no painel de controle — seu mais novo e mais perigoso brinquedo. Toda vez que Hazel olhava para aquilo, ficava com a boca seca. Temia que Leo girasse a combinação errada e, acidentalmente, ejetasse todos do convés, explodisse o navio ou transformasse o *Argo II* em uma torradeira gigante.

Felizmente, tiveram sorte. A esfera estendeu uma lente de câmera e projetou sobre o painel uma imagem em 3-D dos Apeninos.

— Sei lá — disse Leo examinando o holograma. — Não vejo nenhuma boa passagem ao norte. Mas é uma ideia melhor do que voltar para o sul. Já chega de Roma.

Ninguém discutiu. Roma não fora uma boa experiência.

— Seja lá o que formos fazer — disse Nico —, precisamos nos apressar. Cada dia que Annabeth e Percy passarem no Tártaro...

Ele não precisou terminar. Tinham que manter a esperança de que Percy e Annabeth sobreviveriam tempo suficiente para encontrar o lugar do Tártaro onde ficavam as Portas da Morte. Então, supondo que o *Argo II* pudesse chegar à Casa de Hades, eles *talvez* conseguissem abrir as portas pelo lado mortal, salvar os amigos e fechar a entrada, impedindo que as forças de Gaia reencarnassem infinitamente no mundo mortal.

Sim, com certeza era um plano infalível...

Nico olhou feio para a pradaria italiana lá embaixo.

— Talvez devêssemos acordar os outros. Esta decisão afeta a todos nós.

— Não — disse Hazel. — A gente pode encontrar uma solução.

Não sabia bem por que estava tão decidida, mas, desde que deixaram Roma, a tripulação começara a perder a coesão. Estavam aprendendo a trabalhar em

equipe e, então, *bum...* os dois membros mais importantes caíram no Tártaro. Percy era a sua coluna vertebral. Ele lhes dera confiança quando velejaram pelo Atlântico e entraram no Mediterrâneo. Quanto a Annabeth, ela fora a líder *de facto* da expedição. Recuperara a Atena Partenos sozinha. Era a mais inteligente dos sete, aquela que tinha as respostas.

Se Hazel acordasse o restante da tripulação sempre que tivessem um problema, eles apenas começariam a discutir novamente, sentindo-se cada vez mais desamparados.

Hazel tinha que deixar Percy e Annabeth orgulhosos. Precisava tomar a iniciativa. Não podia crer que seu único papel naquela expedição seria aquele do qual Nico lhe incumbira: o de remover o obstáculo que os esperava na Casa de Hades. Ela afastou tal pensamento.

— Precisamos ser criativos — disse ela. — Pensar em outra forma de atravessar aquelas montanhas, ou uma maneira de nos esconder dos *numina*.

Nico suspirou.

— Se estivesse sozinho, eu poderia viajar nas sombras. Mas isso não funcionaria com um navio inteiro. E, para ser sincero, não sei se tenho forças para transportar nem a *mim* mesmo.

— Talvez eu pudesse criar algum tipo de camuflagem — disse Leo —, como uma cortina de fumaça para a gente se disfarçar nas nuvens.

Ele não soava muito entusiasmado.

Hazel olhou para os campos pensando no que havia abaixo deles, o reino de seu pai, o senhor do Mundo Inferior. Ela só encontrara Plutão uma vez, e na ocasião nem sabia quem ele era. Certamente nunca esperara ajuda dele — não em sua primeira vida, não durante o período em que vagou como um espírito no Mundo Inferior e não desde que Nico a trouxera de volta ao mundo dos vivos.

O servo de seu pai, Tânatos, o deus da morte, dera a entender que Plutão poderia estar fazendo um favor a Hazel ao ignorá-la. Afinal, ela não deveria estar viva. Se Plutão prestasse atenção nela, talvez tivesse que devolvê-la à terra dos mortos.

O que significava que recorrer a Plutão era uma ideia muito ruim. E, no entanto...

Por favor, pai, viu-se orando. Eu preciso encontrar uma maneira de entrar em seu templo na Grécia, a Casa de Hades. Se estiver aí embaixo, mostre-me o que fazer.

No limiar do horizonte, um lampejo de movimento chamou a sua atenção, algo pequeno e bege cruzando os campos a uma velocidade incrível, deixando para trás um rastro de vapor, como um avião.

Era inacreditável. Hazel não se atrevia a ter esperança, mas *tinha* que ser...

— Arion.

— O quê? — exclamou Nico.

Leo emituiu um grito de felicidade diante da nuvem de poeira que se aproximava.

— É o cavalo dela, cara! Você perdeu essa parte. Não o vemos desde o Kansas!

Hazel sorriu — a primeira vez que sorria em dias. Era tão bom ver seu velho amigo.

Cerca de um quilômetro ao norte, o pequeno ponto bege circundou uma colina e parou no topo. Era difícil enxergar, mas quando o cavalo empinou e relinchou, o som chegou até o *Argo II*. Hazel não teve mais dúvidas: era Arion.

— Precisamos ir até lá — disse ela. — Ele está aqui para ajudar.

— Tudo bem. — Leo coçou a cabeça. — Mas, hã, nós combinamos não pousar mais o navio no chão, lembra? Você sabe, com Gaia querendo destruir a gente e tudo mais...

— Só me deixe perto dele. Vou descer pela escada de corda. — O coração de Hazel estava disparado. — Acho que Arion quer me dizer alguma coisa.

II

HAZEL

HAZEL NUNCA SE SENTIRA tão feliz. Bem, exceto na noite da festa da vitória no Campo Júpiter, quando beijou Frank pela primeira vez... mas este era seu segundo momento mais feliz.

Assim que chegou ao chão, ela correu em direção a Arion e abraçou seu pescoço.

— Senti saudade! — Ela apertou o rosto contra o dorso quente do animal, que cheirava a sal marinho e a maçãs. — Por onde você andou?

Arion relinchou. Hazel desejou poder falar com cavalos como Percy fazia, mas entendeu a ideia geral. Arion soava impaciente, como se estivesse dizendo: *Não há tempo para sentimentalismos, garota! Vamos!*

— Quer que eu vá com você? — arriscou Hazel.

Arion balançou a cabeça, trotando sem sair do lugar. Seus olhos castanho-escuros brilhavam, apressando-a.

Hazel ainda não conseguia acreditar que ele estava realmente ali. Arion era capaz de correr em qualquer superfície, até mesmo o mar, mas ela teve medo de que ele não os seguisse nas terras antigas. O Mediterrâneo era muito perigoso para semideuses e seus aliados.

Ele não teria vindo a menos que Hazel estivesse realmente precisando. E parecia tão agitado... Qualquer coisa que fizesse um cavalo destemido ficar arisco deveria aterrorizá-la.

Em vez disso, ela se sentia feliz. Estava *tão* cansada de enjoar no ar e no mar... A bordo do *Argo II*, Hazel se sentia tão útil quanto uma caixa de lastro. Estava feliz por pisar em terra firme de novo, mesmo *sendo* território de Gaia. Ela estava pronta para cavalgar.

— Hazel — gritou Nico do navio. — O que está acontecendo?

— Está tudo bem!

Ela se agachou e extraiu uma pepita de ouro da terra. Tinha cada vez mais controle sobre o seu poder. Pedras preciosas não mais brotavam acidentalmente ao seu redor, e era fácil extrair ouro do chão.

Deu a pepita para Arion... seu lanche favorito. Então, sorriu para Leo e Nico, que a observavam do topo da escada, uns trinta metros acima.

— Arion quer me levar a algum lugar.

Os rapazes trocaram olhares nervosos.

— Hã... — Leo apontou para o norte. — Por favor, não me diga que ele está levando você para *lá*?

Hazel estava tão concentrada em Arion que não notara a perturbação. A quilômetros de distância, no topo da colina seguinte, uma tempestade se armava sobre umas velhas ruínas de pedra, talvez restos de um templo romano ou uma fortaleza. Um funil de nuvens serpenteava em direção à colina como um filete de tinta preta.

Hazel sentiu gosto de sangue na boca. Olhou para Arion.

— Você quer ir para lá?

Arion relinchou, como se dissesse: *Claro, dã!*

Bem... Hazel pedira ajuda. Seria esta a resposta de seu pai?

Ela esperava que sim, mas sentia algo além da influência de Plutão naquela tempestade... algo sombrio, poderoso e não necessariamente amigável.

Ainda assim, era a sua chance de ajudar os amigos — de liderar em vez de seguir.

Apertou as correias de sua espada de ouro da cavalaria imperial e montou Arion.

— Vou ficar bem — gritou para Nico e Leo. — Esperem por mim aqui.

— Esperar por quanto tempo? — perguntou Nico. — E se você não voltar?

— Não se preocupe. Voltarei — prometeu ela, esperando que fosse verdade.

Ela esporeou Arion, e ambos dispararam pelo campo, seguindo direto para o ciclone que se tornava cada vez maior.

III

HAZEL

A TEMPESTADE ENGOLIU A COLINA em um cone negro rodopiante.

Arion disparou naquela direção.

Hazel viu-se no cume da colina, mas sentia como se estivesse em outra dimensão. O mundo perdera as suas cores. As paredes do tornado, de um negro tenebroso, cercavam a colina. O céu estava cinzento. As ruínas pareciam tão brancas que quase brilhavam. Até mesmo Arion mudara de marrom caramelo para um tom cinza-escuro.

No olho do tornado, o ar estava estagnado. Hazel sentiu um calafrio na pele, como se tivesse sido esfregada com álcool. À sua frente, um portal em arco nas paredes cobertas de musgo dava acesso a uma espécie de recinto.

Hazel não podia ver muito em meio à escuridão, mas sentia uma presença ali, como se ela fosse um pedaço de ferro perto de um grande ímã. O magnetismo era irresistível, forçando-a a avançar.

Ainda assim, hesitou. Ela puxou as rédeas de Arion, e ele golpeou o chão com impaciência, fazendo o solo crepitar sob seus cascos. Onde quer que ele pisasse, a grama, a terra e as pedras ficavam brancas como gelo. Hazel se lembrou da geleira Hubbard, no Alasca — como a superfície se partira sob seus pés. Lembrou-se do chão daquela horrível caverna em Roma se desfazendo em poeira, lançando Percy e Annabeth no Tártaro.

Esperava que aquela colina em preto e branco não se dissolvesse debaixo dela, mas decidiu que era melhor continuar andando.

— Então vamos, garoto. — Sua voz soava abafada, como se estivesse falando com o rosto enfiado em um travesseiro.

Arion passou pelo arco de pedra. Paredes em ruínas rodeavam um pátio quadrado mais ou menos do tamanho de uma quadra de tênis. Havia três outros

portais, um no meio de cada parede, nos sentidos norte, leste e oeste. No centro do pátio, cruzavam-se dois passeios calçados com seixos, formando uma cruz. A névoa pairava no ar — tiras brancas e nebulosas que se retorciam e ondulavam como se tivessem vida.

Não uma névoa qualquer, percebeu Hazel. *A Névoa*.

Durante toda a sua vida ela ouvira falar sobre a Névoa — o véu sobrenatural que ocultava o mundo mitológico da visão dos mortais. Podia enganar os seres humanos, até mesmo os semideuses, fazendo-os ver monstros como animais inofensivos, ou deuses como pessoas normais.

Hazel nunca pensara naquilo como fumaça de verdade, mas ao observá-la se fechar e envolver as patas de Arion, flutuando pelos arcos quebrados do pátio em ruínas, os pelos de seus braços se arrepiaram. De alguma forma, ela sabia: aquela coisa branca era pura magia.

Ao longe, um cão uivou. Arion não costumava ter medo de nada, mas recuou, bufando, nervoso.

— Está tudo bem — disse Hazel acariciando seu pescoço. — Estamos juntos nessa. Vou desmontar, certo?

Ela desmontou. Na mesma hora, o cavalo se virou e partiu.

— Arion, espe... — mas ele já voltara correndo por onde viera.

Isso porque estavam juntos nessa...

Outro uivo rasgou o ar, dessa vez mais próximo.

Hazel deu um passo em direção ao centro do pátio. A Névoa se agarrava a ela como neblina de congelador.

— Olá — chamou.

— Olá — respondeu uma voz.

A figura pálida de uma mulher apareceu no portal norte. Não, espere... no portal leste. Não, oeste. *Três* imagens esfumaçadas da mesma mulher se moviam sincronizadas em direção ao centro das ruínas. Sua forma era turva, feita de Névoa, e dois pequenos tufos de fumaça a seguiam de perto, movimentando-se rapidamente a seus pés como se fossem seres vivos. Algum tipo de animal de estimação?

Ela chegou ao centro do pátio e suas três formas se fundiram em uma. Materializou-se em uma jovem que usava um vestido escuro sem mangas. Seu cabelo dourado estava preso em um rabo de cavalo alto, no estilo grego clássico. Seu vestido era tão sedoso que parecia ondular, como se o tecido fosse tinta escorrendo de seus ombros. Não parecia ter mais de vinte anos, mas Hazel sabia que isso não queria dizer nada.

— Hazel Levesque — disse a mulher.

Ela era linda, embora muito pálida. Certa vez, em Nova Orleans, Hazel fora

obrigada a ir ao velório de uma colega de classe. Lembrou-se do corpo sem vida da jovem no caixão aberto. Seu rosto fora muito bem maquiado, para parecer que estava dormindo, o que Hazel achou aterrador.

A mulher fez Hazel se lembrar daquela menina, só que seus olhos estavam abertos e eram completamente negros. Quando inclinou a cabeça, pareceu voltar a se dividir em três pessoas diferentes... imagens enevoadas e fora de foco se juntando, como o retrato borrado de uma pessoa se movendo rápido demais na hora da foto.

— Quem é você? — Os dedos de Hazel seguraram o punho de sua espada. — Quer dizer... qual deusa?

Pelo menos daquilo Hazel tinha certeza. A mulher irradiava poder. Tudo ao redor dela — a Névoa rodopiante, a tempestade monocromática, o brilho fantasmagórico das ruínas — era por causa de sua presença.

— Ah. — A mulher assentiu com a cabeça. — Deixe-me lhe dar alguma luz.

Ela ergueu as mãos. Subitamente, segurava duas antiquadas tochas de junco acesas. A Névoa recuou para as extremidades do pátio. Junto às sandálias da mulher, os dois animais etéreos tomaram formas sólidas. Um era um labrador preto. O outro era um roedor comprido, cinzento e peludo com uma máscara branca ao redor do rosto. Uma doninha, talvez?

A mulher deu um sorriso sereno.

— Sou Hécate. Deusa da magia. Temos muito o que conversar se quiser sobreviver a esta noite.

IV

HAZEL

HAZEL QUERIA CORRER, MAS SEUS pés pareciam presos ao chão branco vitrificado.

Em ambos os lados do cruzamento, dois suportes de metal escuro irromperam da terra como caules de plantas. Hécate prendeu as tochas neles, então caminhou lentamente em torno de Hazel, olhando-a como se fossem parceiras em uma estranha dança.

O cão preto e a doninha a seguiram.

— Você parece com a sua mãe — decidiu Hécate.

Hazel sentiu um nó na garganta.

— Você a conheceu?

— Claro. Marie era uma vidente. Vivia de encantos, maldições e talismãs. Eu sou a deusa da magia.

Aqueles olhos absolutamente negros pareciam atrair Hazel, como se estivessem tentando sugar a sua alma. Durante sua *primeira* vida em Nova Orleans, as crianças da escola St. Agnes a atormentavam por causa da mãe. Diziam que Marie Levesque era uma bruxa. As freiras murmuravam que a mãe de Hazel tinha coisa com o Diabo.

Se as freiras tinham medo de minha mãe, perguntou-se Hazel, o que achariam desta deusa?

— Muitos me temem — disse Hécate, como se lesse os seus pensamentos. — Mas a magia não é boa e nem má. Trata-se de uma ferramenta, como uma faca. Uma faca é má? Só se o seu dono for mau.

— Minha... minha mãe — gaguejou Hazel. — Ela não acreditava em magia. Não de verdade. Apenas fingia, para ganhar dinheiro.

A doninha chiou e mostrou os dentes. Em seguida, emitiu um ruído de seu traseiro. Em outras circunstâncias, uma doninha soltando gases poderia ser algo

engraçado, mas Hazel não riu. Os olhos vermelhos do roedor voltaram-se sinistramente para ela, como pequenas brasas.

— Calma, Gale — disse Hécate. Ela deu de ombros, desculpando-se com Hazel. — Gale não gosta de incrédulos e vigaristas. Ela já foi uma bruxa, sabe?

— Sua doninha era uma bruxa?

— Na verdade é uma tourão — esclareceu Hécate. — Mas, sim. Gale já foi uma desagradável bruxa humana. Ela cuidava muito mal da higiene pessoal, além de ter muitos, hã, problemas digestivos. — Hécate balançou a mão diante do nariz. — Isso dava má fama para meus outros seguidores.

— Tudo bem.

Hazel tentou não olhar para a doninha. Ela realmente não queria saber dos problemas intestinais do roedor.

— De qualquer modo — continuou Hécate —, eu a transformei em um tourão. Ela fica muito melhor assim.

Hazel engoliu em seco. Ela olhou para o cão negro, que esfregava carinhosamente o focinho na mão da deusa.

— E o seu labrador...

— Ah, é Hécuba, ex-rainha de Troia — disse Hécate, como se isso fosse algo óbvio.

A cadela rosnou.

— Você está certa, Hécuba — disse a deusa. — Não temos tempo para longas apresentações. O fato, Hazel Levesque, é que sua mãe podia alegar não acreditar, mas ela detinha a verdadeira magia. E acabou percebendo isso. Quando buscou um feitiço para invocar o deus Plutão, *eu* a ajudei a encontrá-lo.

— Você...?

— Sim. — Hécate continuou andando ao redor de Hazel. — Eu vi potencial em sua mãe. E vejo ainda *mais* potencial em você.

Hazel ficou tonta. Ela se lembrou da confissão de sua mãe pouco antes de morrer: como invocara Plutão, como o deus se apaixonara por ela, e como, por causa de sua cobiça, sua filha Hazel nascera amaldiçoada. Hazel era capaz de extrair riquezas da terra, mas qualquer um que as usasse sofreria e morreria.

Agora, aquela deusa estava dizendo que *ela* provocara tudo aquilo.

— Minha mãe sofreu por causa da magia. A minha vida inteira...

— Sua vida não teria acontecido sem mim — disse Hécate simplesmente. — Eu não tenho tempo para a sua raiva. Nem você aliás. Sem a minha ajuda, você morrerá.

A cadela rosnou. A tourão trincou os dentes e soltou gases.

Era como se os pulmões de Hazel estivessem se enchendo de areia quente.

— Que tipo de ajuda? — perguntou.

Hécate ergueu os braços pálidos. Os três portais pelos quais entrara — norte, leste e oeste — começaram a girar com a Névoa. Um turbilhão de imagens em preto e branco brilhou e cintilou, como nos velhos filmes mudos que ainda passavam às vezes nos cinemas quando Hazel era pequena.

No portal oeste, semideuses romanos e gregos com armaduras completas lutavam entre si na encosta de uma colina, sob um grande pinheiro. A grama estava repleta de feridos e moribundos. Hazel viu a si mesma montando Arion, avançando pela luta corpo a corpo e gritando, tentando pôr um fim à violência.

No portal leste, Hazel viu o *Argo II* caindo sobre os Apeninos. Seu cordame estava em chamas. Um pedregulho atingira o tombadilho. Outro perfurara o casco. O navio se rompeu como uma abóbora podre, e o motor explodiu.

As imagens do portal norte eram ainda piores. Hazel viu Leo inconsciente — ou morto — caindo através das nuvens. Ela viu Frank cambaleando sozinho por um túnel escuro, segurando o braço, com a camisa encharcada de sangue. E viu-se em uma vasta caverna repleta de fios de luz, como uma teia luminosa. Ela lutava para avançar enquanto, ao longe, Percy e Annabeth estavam deitados e imóveis ao pé de duas portas de metal preto e prata.

— Escolhas — disse Hécate. — Você está em uma encruzilhada, Hazel Levesque. E eu sou a deusa das encruzilhadas.

O chão sob os pés de Hazel tremeu. Ela olhou para baixo e viu o reflexo de moedas de prata... milhares de antigos denários romanos irrompendo na superfície ao seu redor, como se toda a colina estivesse fervilhando. Ela estava tão agitada por conta das visões nos portais que devia ter invocado toda a prata dos campos ao redor.

— Neste lugar, o passado fica próximo à superfície — disse Hécate. — Nos tempos antigos, duas grandes estradas romanas se encontravam neste ponto. Notícias eram trocadas. Negócios eram realizados. Amigos se encontravam, e inimigos lutavam. Exércitos inteiros tinham de escolher uma direção. Encruzilhadas sempre são lugares de decisão.

— Como... como Jano. — Hazel se lembrou do santuário de Jano na Colina dos Templos, no Acampamento Júpiter. Os semideuses iam até lá para tomar decisões. Lançavam uma moeda, cara ou coroa, e esperavam que o deus de duas faces os guiasse pelo bom caminho. Hazel sempre odiara aquele lugar. Nunca entendera por que seus amigos estavam tão dispostos a colocar suas escolhas na mão de um deus. Depois de tudo por que passara, Hazel confiava na sabedoria dos deuses tanto quanto confiava em uma máquina caça-níqueis de Nova Orleans.

A deusa da magia sibilou, enojada.

— Jano e seus portais. Para ele, todas as opções são preto ou branco, sim ou

não, dentro ou fora. Na verdade, não é tão simples assim. Sempre que você chega a uma encruzilhada, há ao menos três maneiras de prosseguir... quatro, se você contar com a possibilidade de retornar. Você está em uma encruzilhada assim agora, Hazel.

Hazel olhou de novo para cada portal: uma guerra de semideuses, a destruição do *Argo II*, sua ruína e a de seus amigos.

— Todas as escolhas são ruins.

— Todas as escolhas implicam riscos — corrigiu a deusa. — Mas qual é o seu objetivo?

— Meu objetivo? — Hazel apontou impotente para os portais. — Nenhum deles.

Hécuba rosnou. Gale, a tourão, descreveu um círculo ao redor dos pés da deusa, peidando e mostrando os dentes.

— Você poderia voltar — sugeriu Hécate. — Retornar a Roma... mas as forças de Gaia estão esperando por isso. Nenhum de vocês sobreviverá.

— Então... o que você sugere?

Hécate se aproximou da tocha mais próxima. Ela pegou um punhado de fogo e esculpiu as chamas até ter em suas mãos um pequeno mapa em relevo da Itália.

— Você pode ir para oeste. — Hécate afastou o dedo do mapa flamejante. — Volte para a América com o seu prêmio, a Atena Partenos. Seus companheiros em casa, gregos e romanos, estão à beira da guerra. Volte agora e talvez salve muitas vidas.

— *Talvez* — repetiu Hazel. — Mas Gaia deve acordar na Grécia. É lá que os gigantes estão se reunindo.

— Verdade. Gaia escolheu o dia primeiro de agosto, a Festa de Spes, deusa da esperança, para a sua ascensão ao poder. Ao acordar no Dia da Esperança, ela pretende destruir para sempre toda a esperança. Mesmo que você consiga chegar à Grécia a tempo, conseguirá detê-la? Eu não sei. — Hécate correu o dedo ao longo dos Apeninos flamejantes. — Você pode ir para leste, atravessando as montanhas, mas Gaia vai fazer de tudo para impedi-la de cruzar a Itália. Ela lançou os deuses da montanha contra vocês.

— Percebemos — disse Hazel.

— Qualquer tentativa de atravessar os Apeninos resultará na destruição de seu navio. Ironicamente, esta pode ser a opção mais *segura* para a sua tripulação. Eu prevejo que todos vocês sobreviveriam à explosão. É possível, embora improvável, que você ainda possa chegar a Épiro e fechar as Portas da Morte. Você poderia encontrar Gaia e impedir a sua ascensão. Mas, a essa altura, ambos os acampamentos dos semideuses estariam destruídos. Você não teria um lar para onde voltar. — Hécate sorriu. — Provavelmente, a destruição de seu navio

os deixaria presos nas montanhas. Isso significaria o fim de sua missão, mas pouparia você e seus amigos de muita dor e sofrimento nos dias que virão. A guerra contra os gigantes teria de ser ganha ou perdida sem vocês.

Ganha ou perdida sem nós.

Uma pequena e culpada parte de Hazel achou aquilo tentador. Ela ansiava pela chance de ser uma garota normal. Não queria mais nenhuma dor ou sofrimento para si ou para seus amigos. Eles já haviam sofrido tanto...

Hazel olhou para o portal do meio, atrás de Hécate. Viu Percy e Annabeth caídos diante daquelas portas pretas e prata. Uma enorme forma escura, vagamente humanoide, pairava agora sobre eles com o pé erguido, como se estivesse a ponto de esmagar Percy.

— E eles? — perguntou Hazel, com a voz falhando. — Percy e Annabeth?

Hécate deu de ombros.

— Oeste, leste, ou sul... eles morrem.

— Não é uma opção — disse Hazel.

— Então você tem apenas um caminho, embora seja o mais perigoso.

Hécate arrastou o dedo pelos Apeninos em miniatura, deixando uma linha branca brilhante sobre as chamas vermelhas.

— Há uma passagem secreta aqui no norte, um lugar sob o meu controle, por onde Aníbal cruzou certa vez quando marchou contra Roma.

A deusa traçou uma longa volta... até o topo da Itália, depois para leste sobre o mar e, em seguida, para o sul, ao longo da costa ocidental da Grécia.

— Depois de atravessarem a passagem, vocês viajarão para o norte até Bolonha, e, depois, para Veneza. A partir daí, navegarão no Mar Adriático até o seu objetivo: Épiro, na Grécia.

Hazel não era muito boa em geografia. Não tinha ideia de como era o Mar Adriático. Nunca ouvira falar de Bolonha, e tudo o que sabia sobre Veneza eram histórias vagas sobre canais e gôndolas. Mas uma coisa era óbvia:

— Isso é tão fora de mão...

— Justamente por isso Gaia não vai esperar que vocês sigam por este caminho — disse Hécate. — Eu posso ocultar um pouco o seu progresso, mas o sucesso de sua viagem dependerá de você, Hazel Levesque. Você deverá aprender a usar a Névoa.

— Eu? — O coração de Hazel estava disparado. — Usar a Névoa como?

Hécate apagou seu mapa da Itália. Em seguida, acenou em direção a Hécuba. A Névoa se concentrou ao redor da labradora até ela estar completamente envolvida por um casulo branco. A neblina desapareceu com um sonoro *puff!* e, no lugar da cadela, surgiu uma gatinha preta e tristonha com olhos dourados.

— Miau — reclamou.

— Eu sou a deusa da Névoa — explicou Hécate. — Sou responsável por manter o véu que separa o mundo dos deuses do mundo dos mortais. Meus filhos aprendem a usar a Névoa a seu favor, para criar ilusões ou influenciar as mentes dos mortais. Outros semideuses também podem fazer isso. Assim como você, Hazel, se quiser ajudar os seus amigos.

— Mas... — Hazel olhou para a gata. Ela sabia que, na verdade, era Hécuba, a labradora preta, mas não conseguia acreditar. A gata parecia tão real. — Eu não vou conseguir fazer isso.

— Sua mãe tinha o dom — disse Hécate. — O seu é ainda maior. Como filha de Plutão que voltou dos mortos, você entende o véu entre os mundos melhor do que a maioria. Você *pode* controlar a Névoa. Caso contrário... bem, seu irmão Nico já a advertiu. Os espíritos sussurraram para ele, contaram-lhe sobre o seu futuro. Quando chegar à Casa de Hades, você encontrará uma inimiga formidável. Ela não pode ser vencida pela força ou pela espada. Só você poderá derrotá-la, e para isso precisará de magia.

Hazel sentiu as pernas ficarem fracas. Ela se lembrou da expressão séria de Nico enquanto ele apertava seu braço com força. *Você não pode contar para os outros. Ainda não. A coragem deles já está no limite.*

— Quem? — perguntou Hazel com a voz trêmula. — Quem é essa inimiga?

— Não pronunciarei o nome dela — disse Hécate. — Isso seria o mesmo que alertá-la sobre a sua presença antes de você estar pronta para enfrentá-la. Vá para o norte, Hazel. Pratique invocar a Névoa durante a viagem. Quando chegar a Bolonha, procure os dois anões. Eles os levarão a um tesouro que poderá ajudá-los a sobreviver na Casa de Hades.

— Não entendi.

— Miau — reclamou a gatinha.

— Está bem, está bem, Hécuba. — A deusa moveu a mão outra vez. A gata desapareceu e a labradora preta ocupou o seu lugar.

— Você *vai* entender, Hazel — prometeu a deusa. — De vez em quando, enviarei Gale para verificar o seu progresso.

A tourão sibilou, com os olhos vermelhos e redondos repletos de malícia.

— Maravilha — murmurou Hazel.

— Antes de chegar a Épiro, você deverá estar preparada. Se conseguir, então talvez nos encontremos novamente... para a batalha final.

Uma batalha final, pensou Hazel. Ah, que alegria.

Hazel perguntou-se se seria capaz de impedir as previsões que vira na Névoa: Leo caindo pelo céu; Frank cambaleando no escuro, sozinho e gravemente ferido; Percy e Annabeth à mercê de um gigante sombrio.

Ela odiava os enigmas dos deuses e seus conselhos obscuros. E estava

começando a detestar encruzilhadas.

— Por que está me ajudando? — perguntou Hazel. — No Acampamento Júpiter disseram que você tomou o partido dos *titãs* na última guerra.

Os olhos escuros de Hécate brilharam.

— Porque eu *sou* uma titã, filha de Perses e Astéria. Muito antes de os olímpianos chegarem ao poder, eu dominava a Névoa. Apesar disso, na Primeira Guerra dos Titãs, há milênios, lutei ao lado de Zeus contra Cronos. Eu não estava cega para a crueldade de Cronos. E esperava que Zeus se mostrasse um rei melhor.

Ela deu uma curta risada amarga.

— Quando Deméter perdeu a filha Perséfone, sequestrada por *seu* pai, eu a guiei com as minhas tochas pela noite mais escura, ajudando-a na busca. E quando os gigantes se ergueram pela primeira vez, de novo fiquei do lado dos deuses. Lutei contra meu arqui-inimigo, Clítio, criado por Gaia para absorver e derrotar toda a minha magia.

— Clítio. — Hazel nunca ouvira esse nome, mas pronunciá-lo fez os seus membros parecerem mais pesados. Ela olhou para as imagens no portal norte: a enorme forma escura pairando sobre Percy e Annabeth. — Ele é a ameaça na Casa de Hades?

— Ah, ele está lá à sua espera — disse Hécate. — Mas primeiro você deve derrotar a bruxa. Se não conseguir...

Ela estalou os dedos, escurecendo todos os portais. A Névoa se dissipou, e as imagens desapareceram.

— Todos precisamos fazer escolhas — disse a deusa. — Quando Cronos se rebelou pela segunda vez, cometi um erro. Eu o apoiei. Estava cansada de ser ignorada pelos chamados deuses *maiores*. Mesmo com todos os meus anos de serviço fiel, ainda desconfiavam de mim, não permitiam que eu ocupasse um lugar no seu salão...

A tourão Gale chiou com raiva.

— Isso não importa mais. — A deusa suspirou. — Fiz as pazes com o Olimpo. Mesmo agora que estão por baixo, com suas personas gregas e romanas lutando entre si, eu os ajudarei. Grega ou romana, sempre fui apenas Hécate. Vou ajudá-los na luta contra os gigantes, se você se mostrar digna dessa ajuda. Portanto, a escolha é sua, Hazel Levesque. Você vai confiar em mim... ou vai me desprezar, como os deuses do Olimpo fizeram tantas vezes?

O sangue rugia nos ouvidos de Hazel. Poderia confiar naquela deusa sombria, que dera para a sua mãe a magia que arruinara a sua vida? Não. E não gostara muito do cão de Hécate e da doninha peidona.

Mas também sabia que não podia deixar Percy e Annabeth morrerem.

— Seguirei para o norte — respondeu. — Usaremos a sua passagem secreta pelas montanhas.

Hécate assentiu, com uma ponta de satisfação no rosto.

— Você escolheu bem, mas o caminho não será fácil. Muitos monstros enfrentarão vocês. Até mesmo alguns de *meus* próprios servos passaram para o lado de Gaia, na esperança de destruir o seu mundo mortal.

A deusa pegou as duas tochas de seus suportes.

— Prepare-se, filha de Plutão. Se você conseguir derrotar a bruxa, nós nos encontraremos novamente.

— Vou conseguir — prometeu Hazel. — E, Hécate? Saiba que não estou escolhendo um de seus caminhos. Farei o meu próprio.

A deusa arqueou as sobrancelhas. A tourão se contorceu, e a cadela rosnou.

— A gente vai descobrir uma maneira de deter Gaia — disse Hazel. — E vamos resgatar os nossos amigos do Tártaro. Manteremos a tripulação e o navio unidos e impediremos que o Acampamento Júpiter e o Acampamento Meio-Sangue entrem em guerra. Faremos tudo.

A tempestade uivava, e as paredes negras do tornado giravam cada vez mais rápido.

— Interessante — disse Hécate, como se Hazel fosse o resultado inesperado de uma experiência científica. — Essa seria uma magia especial.

Uma onda negra obscureceu o mundo. Quando Hazel voltou a enxergar, a tempestade, a deusa e seus minions haviam desaparecido. Hazel ficou na encosta da colina sob o sol da manhã, sozinha em meio às ruínas, com exceção de Arion, que trotava ao seu lado, relinchando, impaciente.

— Concordo — disse Hazel para o cavalo. — Vamos sair daqui.

*

— O que aconteceu? — perguntou Leo quando Hazel embarcou no *Argo II*.

As mãos da menina ainda tremiam por conta da conversa com a deusa. Ela olhou pela amurada e viu o rastro de poeira levantado por Arion enquanto ele cruzava as colinas da Itália. Ela queria que o amigo tivesse ficado, mas não podia culpá-lo por querer se afastar daquele lugar o mais rápido possível.

O campo brilhava à medida que o sol de verão iluminava o orvalho matinal. Na colina, as velhas ruínas brancas permaneciam silenciosas — nenhum sinal de estradas antigas, deusas ou doninhas peidonas.

— Hazel — chamou Nico.

Seus joelhos falharam. Nico e Leo a agarraram pelos braços e ajudaram-na a subir os degraus do tombadilho. Ela ficou envergonhada por estar desfalecendo como uma donzela de conto de fadas, mas a sua energia se esgotara. A lembrança daquelas cenas na encruzilhada a enchiam de pavor.

— Estive com Hécate — conseguiu dizer.

Ela não contou tudo. Lembrou-se da advertência de Nico: *a coragem deles já está no limite*. Mas falou sobre a passagem secreta pelas montanhas ao norte, e sobre a rota que, segundo Hécate, poderia levá-los até Épiro.

Quando terminou o relato, Nico segurou sua mão. Os olhos dele estavam repletos de preocupação.

— Hazel, você encontrou Hécate em uma encruzilhada. Isso é... isso é algo a que muitos semideuses não sobreviveriam. E aqueles que *sobrevivem* nunca são os mesmos. Tem certeza de que você...

— Eu estou bem — insistiu ela.

Mas sabia que não estava. Hazel se lembrou de como havia se sentido ousada e furiosa ao dizer à deusa que encontraria o seu próprio caminho e faria tudo. Agora, sua resposta orgulhosa parecia ridícula. Sua coragem a abandonara.

— E se Hécate estiver nos enganando? — perguntou Leo. — Essa rota pode ser uma armadilha.

Hazel balançou a cabeça em negativa.

— Se fosse uma armadilha, acho que Hécate teria feito a rota norte parecer tentadora. Acredite, ela não fez isso.

Leo tirou uma calculadora do cinto e apertou alguns números.

— Isso fica uns... quatrocentos e oitenta quilômetros fora de nosso caminho para chegar a Veneza. Então, teríamos de voltar e descer o Adriático. E você disse algo sobre anões pamonhas?

— Anões em Bolonha — corrigiu Hazel. — Acho que Bolonha é uma cidade. Mas por que temos que encontrar anões por lá... não faço ideia. Tem a ver com algum tesouro para nos ajudar em nossa busca.

— Hum — murmurou Leo. — Quer dizer, adoro tesouros, mas...

— É a nossa melhor opção — opinou Nico, ajudando Hazel a se levantar. — Precisamos recuperar o tempo perdido, viajar o mais rápido que pudermos. A vida de Percy e Annabeth pode depender disso.

— Rápido? — Leo sorriu. — Deixa comigo.

Ele correu até o painel de controle e começou a acionar interruptores.

Nico segurou o braço de Hazel e conduziu-a até onde não pudessem ser ouvidos.

— O que mais Hécate falou? Nada sobre...

— Não posso — interrompeu Hazel.

As imagens que vira haviam sido devastadoras: Percy e Annabeth indefesos diante daquelas portas de metal negro, o gigante sombrio pairando sobre os dois, ela mesma presa em um labirinto de luz brilhante, incapaz de ajudar.

Você deve derrotar a bruxa, dissera Hécate. *Só você pode derrotá-la. Se não conseguir...*

O fim, pensou Hazel. Todos os portais fechados. Toda a esperança extinta.

Nico a advertira. Ele se comunicara com os mortos, ouvira-os murmurando pistas sobre o seu futuro. Dois filhos do Mundo Inferior entrariam na Casa de Hades. Teriam de enfrentar um inimigo impossível. Apenas um deles conseguiria chegar às Portas da Morte.

Hazel não conseguia encarar o irmão.

— Eu lhe digo mais tarde — prometeu, tentando manter a voz firme. — Agora devemos descansar enquanto podemos. Hoje à noite, cruzaremos os Apeninos.

V

ANNABETH

Nove dias.

Enquanto caía, Annabeth pensou em Hesíodo, o antigo poeta grego que especulara que o tempo que leva para alguém cair da terra até o Tártaro seria de nove dias.

Esperava que Hesíodo estivesse errado. Tinha perdido a noção de por quanto tempo Percy e ela estavam caindo... horas? Um dia? Parecia uma eternidade. Eles estavam de mãos dadas desde que foram lançados no abismo. Depois, Percy a havia puxado mais para perto, abraçando-a com força enquanto despencavam pela escuridão absoluta.

O vento assoviava nos ouvidos de Annabeth. O ar ia ficando mais quente e úmido, como se estivessem mergulhando na garganta de um dragão enorme. O tornozelo quebrado latejava, mas não sabia dizer se ainda estava envolto em teias de aranha.

Aracne, aquele monstro maldito. Apesar de ter sido capturada por sua própria teia, atropelada por um carro e lançada no Tártaro, a aranha tinha conseguido sua vingança. De algum modo seu fio de seda tinha se emaranhado na perna de Annabeth e a puxado para o abismo, arrastando Percy junto.

Annabeth não podia imaginar que Aracne ainda estivesse viva, em algum lugar na escuridão abaixo deles. Não queria encontrar aquele monstro outra vez quando chegassem ao fundo. Pensando pelo lado positivo, supondo que *houvesse* um fundo, Annabeth e Percy provavelmente seriam esmagados com o impacto, por isso aranhas gigantes eram a menor de suas preocupações.

Abraçou Percy e tentou não chorar. Ela nunca havia esperado que sua vida fosse fácil. A maioria dos semideuses morria jovem nas mãos de monstros terríveis. Era assim desde a Antiguidade. Os gregos *inventaram* a tragédia. Eles

sabiam que os maiores heróis não tinham finais felizes.

Mesmo assim, não era *justo*. Ela tinha passado por tanta coisa para recuperar aquela estátua de Atena. Quando enfim conseguiu e as coisas estavam parecendo melhorar e ela reencontrara Percy, eles tinham despencado para a morte.

Nem os deuses poderiam imaginar um destino tão cruel.

Mas Gaia não era como os outros deuses. A Mãe Terra era mais velha, mais perversa, mais sanguinária. Annabeth podia imaginá-la rindo enquanto eles despencavam nas profundezas.

Annabeth encostou os lábios no ouvido de Percy.

— Amo você.

Não sabia se ele podia ouvi-la, mas, se morressem, ela queria que aquelas fossem suas últimas palavras.

Tentou desesperadamente pensar em um plano para salvá-los. Era uma filha de Atena. Tinha provado seu valor nos túneis sob Roma, superado uma série de desafios apenas com sua inteligência. Mas não conseguia pensar em um modo de reverter ou mesmo reduzir a velocidade de sua queda.

Nenhum deles tinha o poder de voar, não como Jason, que era capaz de controlar o vento, ou Frank, que podia se transformar em um animal alado. Se chegassem ao fundo em velocidade terminal... bem, ela entendia o suficiente de física para saber que seria terminal.

Estava se perguntando seriamente se eles poderiam montar um paraquedas com suas camisas (sim, o desespero chegara a esse ponto) quando algo mudou ao seu redor. A escuridão assumiu um tom cinza avermelhado. Ela se deu conta de que enxergava os cabelos de Percy. O assovio em seus ouvidos se transformou em algo mais parecido com um rugido. O ar ficou insuportavelmente quente, permeado por um fedor que lembrava ovos podres.

De repente, o poço por onde estavam caindo se abriu em uma caverna ampla. Annabeth conseguiu ver o fundo cerca de um quilômetro abaixo deles. Por um instante, ficou atônita demais para pensar direito. Toda a ilha de Manhattan caberia no interior daquela caverna. E ela nem conseguia vê-la por inteiro. Nuvens vermelhas pairavam no ar como se fossem vapor de sangue. A paisagem, pelo menos o que podia ver dela, era composta por uma planície negra rochosa, pontuada por montanhas íngremes e abismos causticantes. À esquerda de Annabeth, o chão se abria numa série de penhascos semelhantes a degraus colossais que levavam para ainda mais fundo do abismo.

O fedor de enxofre dificultava a concentração, mas ela encarou o chão diretamente abaixo deles e viu uma faixa de um líquido negro reluzente, um *rio*.

— Percy! — gritou no ouvido dele. — Água!

Gesticulou freneticamente. Era difícil interpretar a expressão de Percy naquela

penumbra avermelhada. Ele parecia exausto, em estado de choque e apavorado, mas assentiu com a cabeça como se tivesse entendido.

Percy era capaz de controlar a água, supondo que o que estivesse abaixo deles fosse água. Ele podia dar um jeito de suavizar a queda. Claro que Annabeth tinha ouvido histórias horríveis sobre os rios do Mundo Inferior. Eles podiam roubar suas lembranças, queimar seu corpo e sua alma até virarem cinzas. Mas decidiu não pensar nisso. Aquela era sua única chance.

O rio se aproximava rapidamente. No último segundo, Percy soltou um grito desafiador, e então a água jorrou em um gêiser gigantesco que os engoliu inteiros.

VI

ANNABETH

O IMPACTO NÃO A MATOU, mas o frio quase conseguiu.

A água congelante expulsou o ar de seus pulmões. Seus membros ficaram rígidos, e ela soltou Percy e começou a afundar. Gemidos estranhos enchiam seus ouvidos, milhões de vozes infelizes, como se o rio fosse feito de tristeza destilada. As vozes eram piores que o frio. Elas a faziam afundar e deixavam seu corpo dormente.

Por que lutar?, perguntaram a ela. *Você já está morta mesmo. Nunca vai sair deste lugar.*

Ela podia submergir até o fundo e se afogar, deixar que o rio levasse seu corpo. Seria mais fácil. Podia simplesmente fechar os olhos...

Percy agarrou sua mão e a puxou de volta para a realidade. Ela não conseguia vê-lo na água escura, mas de repente não queria mais morrer. Juntos, nadaram e chegaram à superfície.

Annabeth encheu os pulmões, agradecida pelo ar, por mais sulfuroso que fosse. A água girava em volta deles, e ela se deu conta de que Percy estava criando um rodamoinho para fazê-los flutuar.

Apesar de não conseguir ver o que havia ao redor, sabia que aquilo era um rio. E rios tinham margens.

— Terra — disse com voz rouca. — Vá para o lado.

Percy parecia morto de exaustão. Normalmente a água o revigorava, mas não *aquela* água. Controlá-la devia ter exigido toda a sua energia. O rodamoinho começou a se dissipar. Annabeth passou um braço pela cintura dele e lutou contra a corrente. O rio estava contra ela: milhares de vozes chorosas murmurando em seus ouvidos, em seus pensamentos.

Vida é desespero, diziam elas. *Nada faz sentido, e depois você morre.*

— *Sem sentido* — murmurou Percy.

Seus dentes batiam de frio. Ele parou de nadar e começou a afundar.

— Percy! — gritou ela. — O rio está mexendo com a sua cabeça. É o Cócito, o Rio das Lamentações. Ele é feito de infelicidade!

— Infelicidade — concordou ele.

— Resista!

Ela movia as pernas e fazia um enorme esforço para manter os dois na superfície. Outra piada cósmica para a diversão de Gaia: *Annabeth morre tentando impedir que o namorado, o filho de Poseidon, se afogue.*

Não vai acontecer, sua bruxa, pensou Annabeth.

Abraçou Percy com mais força e o beijou.

— Conte-me sobre Nova Roma — pediu. — Quais eram seus planos para nós?

— Nova Roma... para nós...

— É, Cabeça de Alga. Você disse que poderíamos ter um futuro, lá! Me fale sobre isso!

Annabeth nunca tivera vontade de deixar o Acampamento Meio-Sangue. Era o único lar de verdade que conhecera. Mas alguns dias antes, no *Argo II*, Percy dissera que imaginava um futuro para os dois entre os semideuses romanos. Na cidade de Nova Roma, veteranos da legião podiam se estabelecer com segurança, fazer faculdade, se casar e até ter filhos.

— Arquitetura — murmurou Percy. Seus olhos começaram a entrar em foco. — Achei que você ia gostar das casas, dos parques. Tem uma rua cheia de chafarizes bem legais.

Annabeth já conseguia vencer a correnteza. Seus membros pareciam sacos de areia molhada, mas Percy agora a estava ajudando. A linha escura da margem estava a alguns metros de distância.

— Faculdade — disse ela, ofegante. — Será que poderíamos estudar juntos?

— É... É — concordou ele, com um pouco mais de segurança.

— O que você estudaria, Percy?

— Não sei — admitiu ele.

— Biologia marinha? — sugeriu ela. — Oceanografia?

— Surfe? — perguntou ele.

Ela riu. O som produziu uma onda pela água, e o impacto fez os lamentos se reduzirem a um ruído de fundo. Annabeth se perguntou se alguém já havia rido antes no Tártaro, apenas uma risada pura e simples de prazer. Ela duvidava.

Usou o que restava de suas forças para alcançar a beira do rio. Seus pés afundaram no leito arenoso, e ela e Percy saíram da água com dificuldade. Os dois tremiam, ofegavam e desmoronaram sobre a areia escura.

Annabeth queria se encolher junto de Percy e dormir. Queria fechar os olhos, na esperança de que tudo aquilo fosse apenas um pesadelo, e acordar no *Argo II*, em segurança e junto de seus amigos (bem... tão em segurança quanto pode estar um semideus).

Mas, não. Eles estavam mesmo no Tártaro. Aos seus pés, o Rio Cócito passava rugindo, uma torrente de tristeza e infelicidade líquidas. O ar sulfuroso fazia os pulmões e a pele de Annabeth arderem. Quando olhou para os braços, viu que já estavam cobertos com feias manchas vermelhas. Ela tentou se sentar, mas ofegou de dor.

A praia não era de areia. Estavam sentados em um campo de cacos de vidro afiados, alguns dos quais agora estavam nas mãos de Annabeth.

Então o ar era ácido. A água era infelicidade. O chão era vidro quebrado. Tudo ali era feito para machucar e matar. Annabeth respirou fundo com dificuldade e se perguntou se as vozes no Cócito estavam certas. Talvez lutar pela vida não fizesse sentido. Eles estariam mortos em menos de uma hora.

Percy tossiu ao seu lado.

— O cheiro deste lugar é igualzinho ao do meu ex-padrasto.

Annabeth conseguiu dar um leve sorriso. Não conhecia Gabe Cheiroso, mas já ouvira várias histórias sobre ele. Amava Percy por tentar melhorar seu ânimo.

Se tivesse caído no Tártaro sozinha, pensou Annabeth, estaria condenada. Depois de tudo pelo que passara no subterrâneo de Roma e de ter encontrado a Atena Partenos, aquilo era simplesmente demais. Ela teria se encolhido e chorado até se transformar em outro fantasma e se dissolver no Cócito.

Mas não estava sozinha. Tinha Percy. E aquilo significava que não podia desistir.

Ela se concentrou para avaliar a situação. Seu pé continuava envolto na tala improvisada com madeira e plástico bolha, ainda emaranhado em teias de aranha. Mas quando o moveu, não sentiu dor. A ambrosia que comera nos túneis sob Roma devia finalmente ter curado a sua fratura.

Sua mochila tinha desaparecido, perdida durante a queda, ou talvez levada pelo rio. Odiou ter perdido o laptop de Dédalo, com todos os seus programas e informações fantásticos, mas tinha problemas piores: sua faca de bronze celestial tinha sumido, a arma que carregava desde os sete anos.

Quando percebeu essa perda, quase desmoronou, mas não podia se permitir pensar muito nisso. Mais tarde teria tempo para chorar. O que mais eles tinham?

Sem comida, sem água... basicamente sem suprimentos.

É. Um começo bastante promissor.

Annabeth olhou para Percy, que estava com uma aparência péssima. Seus cabelos negros estavam grudados na testa, e a camiseta, toda esfarrapada. Seus

dedos haviam ficado em carne viva por terem se agarrado à beira do precipício antes de caírem. O mais preocupante de tudo: ele não parava de tremer, e seus lábios estavam azuis.

— Precisamos ficar em movimento ou vamos ter hipotermia — disse Annabeth. — Você consegue se levantar?

Ele assentiu com a cabeça. Os dois fizeram um grande esforço para ficar de pé.

Annabeth o abraçou pela cintura, mas não tinha certeza de quem estava dando apoio a quem. Ela examinou os arredores. Acima, não viu sinal do túnel pelo qual haviam caído. Não conseguia enxergar nem o teto da caverna, apenas nuvens cor de sangue flutuando no ar cinza e enevoadado. Era como olhar através de uma mistura de cimento com sopa de tomate.

A praia de cacos de vidro se estendia por uns cinquenta metros, até a beira de um precipício. De onde estava, Annabeth não conseguia ver o que havia abaixo, mas a borda tremeluzia com luz vermelha como se estivesse iluminada por grandes fogueiras.

Uma lembrança distante a incomodou, algo sobre o Tártaro e fogo. Antes que pudesse pensar melhor, Percy arquejou.

— Veja! — Ele apontou rio abaixo.

A uns trinta metros de distância, um carro italiano familiar tinha batido de frente na areia. Parecia exatamente o Fiat que caíra sobre Aracne e a arremessara no abismo.

Annabeth esperava estar errada, mas quantos carros esportivos italianos poderia haver no Tártaro? Parte dela não queria chegar nem perto do veículo, mas ela precisava descobrir. Agarrou a mão de Percy com força, e os dois foram cambaleantes na direção do carro destruído. Um dos pneus tinha se soltado e estava flutuando sobre um rodaminho em um remanso do Cócito. As janelas do Fiat tinham se espatifado, e uma camada de vidro mais claro cobria a praia escura como se fosse neve. Sob o capô amassado havia os restos reluzentes de um gigantesco casulo de seda, a armadilha que Annabeth fizera Aracne tecer. Não havia dúvida de que estava vazia. Riscos na areia formavam uma trilha que levava rio abaixo... como se algo pesado e com várias pernas tivesse corrido para se esconder na escuridão.

— Ela está viva. — Annabeth estava tão horrorizada, tão revoltada com toda aquela injustiça, que teve ânsias de vômito.

— É o Tártaro — disse Percy. — Lar e corte dos monstros. Talvez aqui embaixo eles não possam ser mortos.

Olhou envergonhado para Annabeth, como se percebesse que não estava ajudando o moral da equipe.

— Ou talvez esteja gravemente ferida e tenha rastejado para morrer em algum lugar.

— Vamos torcer para que seja isso — concordou Annabeth.

Percy ainda tremia. Annabeth também não estava se sentindo mais aquecida, apesar do ar quente e úmido. Os cortes de vidro em suas mãos ainda sangravam, o que era estranho. Ela costumava se curar rapidamente. Sua respiração foi ficando entrecortada.

— Este lugar está nos matando — disse ela. — Quer dizer, ele vai *literalmente* nos matar, a menos que...

Tártaro. Fogo. A lembrança distante surgiu em sua mente. Ela olhou para a terra adiante, para o penhasco iluminado por chamas.

Era uma ideia absolutamente louca. Mas podia ser sua única chance.

— A menos que o quê? — perguntou Percy. — Você tem um plano brilhante, não tem?

— É um plano — murmurou Annabeth. — Não sei se brilhante. Temos que encontrar o Rio de Fogo.

VII

ANNABETH

QUANDO CHEGARAM À BEIRADA DO penhasco, Annabeth tinha certeza de que os estava levando para a morte.

O precipício tinha mais de trinta metros de altura. No fundo havia uma versão pesadelo do Grand Canyon: um rio de fogo passando por fendas obsidianas irregulares. A corrente vermelha brilhante projetava sombras terríveis nas faces rochosas do penhasco.

Mesmo do alto do cânion, o calor era intenso. O frio do Rio Cócito não tinha saído dos ossos de Annabeth, mas agora sentia o rosto ardido parecendo queimado de sol. Respirar era cada vez mais difícil, como se seu peito estivesse cheio de bolinhas de isopor. Os cortes na mão sangravam mais em vez de menos. O pé de Annabeth, que estava praticamente curado, parecia piorar de novo. Ela havia tirado a tala improvisada, mas agora estava arrependida. Seu rosto se contorcia de dor a cada passo.

Supondo que conseguissem chegar ao rio de chamas, o que ela duvidava, seu plano parecia uma insanidade absoluta.

— Hã... — Percy examinou o penhasco.

Ele apontou para uma pequena fissura que descia em diagonal da beirada até o fundo.

— A gente podia tentar aquela saliência. Talvez dê para descer por ali.

Ele não disse que seria loucura tentar. Conseguiu parecer esperançoso. Annabeth ficou feliz por isso, mas continuava preocupada por talvez o estar conduzindo para a morte.

Claro que se ficassem ali iam morrer de qualquer jeito. O ar quente do Tártaro estava deixando seus braços cobertos de bolhas. Aquele ambiente era quase tão saudável quanto a área de uma explosão nuclear.

Percy foi na frente. A saliência mal era larga o bastante para eles apoiarem as pontas dos pés. Suas mãos procuraram qualquer rachadura na rocha vítrea. Toda vez que Annabeth se apoiava no pé machucado, tinha vontade de gritar de dor. Tinha arrancado as mangas da camiseta e usado o tecido para envolver as palmas das mãos sangrentas, mas seus dedos ainda estavam fracos e escorregadios.

Alguns passos abaixo dela, Percy resmungou enquanto procurava outro apoio para a mão.

— Então... como se chama mesmo esse rio?

— Flegetonte — disse ela. — Você devia se concentrar em descer.

— *Flegetonte*? — Ele seguia caminhando pela saliência estreita e se segurava onde podia. Tinham percorrido um terço do caminho até o fundo do penhasco, mas, da altura em que estavam, ainda morreriam se caíssem. — Parece até nome de bicho pré-histórico: flegetonte, mastodonte...

— Por favor, não me faça rir — disse ela.

— Só estou tentando aliviar o clima.

— Obrigada — grunhiu Annabeth, quase pisando fora da saliência com o pé machucado. — Vou despencar para a morte com um sorriso no rosto.

Eles seguiram em frente, um passo de cada vez. Os olhos de Annabeth ardiam com o suor. Seus braços tremiam. Mas, para sua surpresa, finalmente chegaram ao fim do penhasco.

Quando chegou ao fundo, tropeçou. Percy a segurou. Annabeth ficou assustada ao sentir que a pele dele fervia. Bolhas vermelhas haviam irrompido em seu rosto, fazendo-o parecer uma vítima de varíola.

Sua própria visão estava embaçada. Sentia como se a garganta estivesse cheia de bolhas, e seu estômago estava mais apertado que um punho cerrado.

Temos de nos apressar, pensou.

— Só até o rio — disse a Percy, tentando não parecer em pânico. — Vamos conseguir.

Caminharam com dificuldade por saliências escorregadias de vidro, contornando enormes blocos de rocha e evitando estalagmites que os teriam empalado ao menor escorregão. Suas roupas esfarrapadas soltavam vapor devido ao calor do rio, mas eles seguiram em frente até caírem de joelhos às margens do Flegetonte.

— Temos de beber — disse Annabeth.

Percy hesitou com os olhos semicerrados. Ele contou até três antes de responder.

— Er... beber fogo?

— O Flegetonte corre do reino de Hades para o Tártaro. — Annabeth mal conseguia falar. Sua garganta estava se fechando por conta do calor e do ar

ácido. — O rio é usado para punir os maus. Mas além disso... algumas lendas o chamam de Rio da Cura.

— *Algumas* lendas?

Annabeth engoliu em seco, tentando não desmaiar.

— O Flegetonte preserva os maus para que eles tenham que suportar os tormentos dos Campos de Punição. Eu acho que... pode ser o equivalente do Mundo Inferior da ambrosia e do néctar.

O rosto de Percy se contorceu quando cinzas se ergueram do rio e giraram perto dele.

— Mas isso é fogo. Como vamos...

— Assim. — Annabeth enfiou as mãos no rio.

Burrice? Sim, mas ela estava convencida de que não tinham escolha. Se esperassem um pouco mais, iriam desmaiar e morrer. Era melhor tentar algo idiota e torcer para funcionar.

Ao primeiro contato, o fogo não era doloroso. Ele parecia frio, o que provavelmente significava que era *tão* quente que estava sobrecarregando os nervos de Annabeth. Antes que pudesse mudar de ideia, pegou um pouco do líquido flamejante nas mãos em concha e o levou à boca.

Esperava que tivesse um gosto parecido com o de gasolina. Mas era *muito* pior. Certa vez, em um restaurante lá em São Francisco, ela tinha cometido o erro de provar a pimenta mais picante do mundo, que vinha com um prato de comida indiana. Após mordiscá-la, achou que seu sistema respiratório fosse implodir. Beber do Flegetonte era como virar um copo do suco concentrado daquela pimenta. Suas cavidades nasais se encheram de chamas líquidas. A boca parecia estar sendo frita. Os olhos derramaram lágrimas ferventes, e todos os poros de seu rosto pipocaram. Ela desmoronou, engasgando e vomitando enquanto o corpo inteiro tremia violentamente.

— Annabeth! — Percy agarrou seus braços, impedindo-a por pouco de rolar para dentro do rio.

O acesso passou. Ela respirou fundo com dificuldade e conseguiu se sentar. Sentia-se horrivelmente fraca e enjoada, mas a respiração seguinte foi mais fácil. As bolhas nos braços começaram a sumir.

— Funcionou — disse com voz rouca. — Percy, você precisa beber.

— Eu... — Ele revirou os olhos e caiu sobre ela.

Desesperada, Annabeth encheu outra vez as palmas em concha. Ignorando a dor, pingou o fogo líquido na boca de Percy. Ele não reagiu.

Tentou de novo, derramando as mãos cheias em sua garganta. Dessa vez, ele engasgou e tossiu. Annabeth o segurou enquanto Percy tremia e o fogo mágico agia em seu corpo. A febre passou. As bolhas sumiram. Ele conseguiu sentar e

estalar os lábios.

— Ergh — disse ele. — Apimentado, mas nojento.

Annabeth riu sem forças. Estava tão aliviada... ficou até meio tonta.

— É. Isso mais ou menos resume tudo.

— Você nos salvou.

— Por enquanto. O problema é que ainda estamos no Tártaro.

Percy piscou. Olhou ao redor como se começasse a aceitar que estavam ali.

— Por Hera! Nunca pensei... bem, não tenho certeza do *que* pensei. Talvez que o Tártaro fosse um espaço vazio, um poço sem fundo. Mas este é um lugar *real*.

Annabeth lembrou da paisagem que vira enquanto caíam: uma série de platôs que iam descendo até sumir na escuridão.

— Nós ainda não vimos tudo — alertou ela. — Isto pode ser só uma parte mínima do abismo, os degraus da entrada.

— O tapete de boas-vindas — murmurou Percy.

Os dois olharam para as nuvens cor de sangue que pairavam na névoa cinzenta. Não tinham forças para subir aquele penhasco de volta de jeito nenhum, mesmo que quisessem. Agora só havia duas opções: subir ou descer o Flegetonte, acompanhando suas margens.

— Vamos achar uma saída — disse Percy. — As Portas da Morte.

Annabeth estremeceu. Ela se lembrava do que Percy dissera pouco antes de caírem no Tártaro. Tinha feito Nico di Angelo prometer levar o *Argo II* até Épiro, até o lado mortal das Portas da Morte.

Encontramos vocês lá, dissera Percy.

A ideia parecia ainda mais louca do que beber fogo. Como eles poderiam sair andando pelo Tártaro e encontrar as Portas da Morte? Mal tinham conseguido cambalear por cem metros naquele lugar venenoso sem morrer.

— Temos que conseguir — disse Percy. — Não apenas por nós, mas por todos os que amamos. As Portas têm que ser fechadas pelos dois lados, ou os monstros vão continuar a passar. As forças de Gaia acabarão dominando o mundo.

Annabeth sabia que ele tinha razão. Mesmo assim... era impossível pensar em um plano com alguma chance de sucesso. Eles não tinham como localizar as Portas. Não sabiam quanto tempo iam demorar, sequer se o tempo passava na mesma velocidade no Tártaro. Como poderiam sincronizar um encontro com seus amigos? E Nico dissera que a legião dos monstros mais fortes de Gaia vigiava as Portas do lado do Tártaro. Annabeth e Percy não podiam exatamente fazer um ataque direto.

Ela resolveu não mencionar nada disso. Os dois sabiam que não tinham muita chance. Além do mais, após nadarem no Rio Cócito, Annabeth tinha ouvido

lamentos e gemidos o bastante para uma vida. Prometeu a si mesma nunca mais voltar a reclamar.

— Bem. — Ela respirou fundo, grata por seus pulmões finalmente terem parado de arder. — Se ficarmos perto do rio, vamos sempre ter um modo de nos curarmos. Se descermos o rio...

Aconteceu tão rápido que Annabeth teria morrido se estivesse sozinha.

Os olhos de Percy se fixaram em algo atrás dela. Annabeth girou quando uma forma escura enorme se lançou em sua direção, uma massa monstruosa com pernas finas cobertas de espinhos, olhos reluzentes e presas à mostra.

Só teve tempo de pensar: *Aracne*. Mas estava paralisada de medo, sem conseguir raciocinar por causa do cheiro doce enjoativo.

Então ouviu o *SHWINK* da caneta esferográfica de Percy se transformando em espada. A lâmina de bronze reluzente descreveu um arco acima da cabeça de Annabeth. Um gemido horrível ecoou pelo cânion.

Ela ficou ali parada, atônita, enquanto a poeira amarela, os restos de *Aracne*, caía ao seu redor como uma chuva de pólen de árvore.

— Você está bem?

Percy examinou os penhascos e blocos rochosos, à procura de outros monstros, mas nada mais apareceu. A poeira dourada da aranha caiu sobre as rochas obsidianas.

Annabeth olhou impressionada para o namorado. A lâmina de bronze celestial de Contracorrente brilhava ainda mais forte na escuridão do Tártaro e emitiu um silvo desafiador ao cortar o ar denso e quente, como uma serpente furiosa.

— Ela... ela teria me matado — gaguejou Annabeth.

Percy chutou a terra sobre as rochas com a cara amarrada e um ar nada satisfeito.

— A morte dela foi muito rápida, considerando como torturou você. Ela merecia pior.

Annabeth não podia negar isso, mas o tom duro de Percy a incomodou. Ela nunca vira alguém ficar tão raivoso ou vingativo por causa dela. Ficou quase feliz por *Aracne* ter morrido tão rápido.

— Como você reagiu tão depressa?

Percy deu de ombros.

— Temos que cuidar um do outro, não é? Agora, você estava dizendo... rio abaixo?

Annabeth assentiu com a cabeça, ainda confusa. A poeira amarela se dissipou sobre a margem rochosa e virou vapor. Pelo menos agora sabiam que era possível matar monstros no Tártaro... apesar de ela não ter ideia de por quanto tempo *Aracne* permaneceria morta. Annabeth não planejava ficar ali o bastante

para descobrir.

— É, rio abaixo — conseguiu dizer. — Se o Flegetonte vem dos níveis superiores do Mundo Inferior, deve correr para as profundezas do Tártaro...

— Na direção mais perigosa — completou Percy. — Que é provavelmente onde ficam as Portas. Sorte a nossa.

VIII

ANNABETH

TINHAM PERCORRIDO APENAS algumas centenas de metros quando Annabeth ouviu vozes.

Annabeth estava seguindo em frente lentamente, parte dela ainda em choque, tentando pensar em um plano. Como era filha de Atena, os planos deviam ser sua especialidade. Mas era difícil raciocinar com o estômago roncando e a garganta queimando. A água causticante do Flegetonte podia tê-la curado e lhe dado força, mas não ajudou a saciar sua fome ou sede. O objetivo do rio não era fazer com que ninguém se sentisse bem, imaginou Annabeth. Ele apenas mantinha a gente viva para poder experimentar mais dor excruciante.

Sua cabeça começou a pender de exaustão. Então ela as ouviu, vozes femininas em algum tipo de discussão, e ficou imediatamente alerta.

— Percy, se abaixe! — sussurrou ela.

Ela o puxou para trás da rocha mais próxima, tão espremida contra a margem do rio que seus sapatos quase tocavam o fogo líquido. Do outro lado, descendo o rio pela passagem estreita entre o Flegetonte e o penhasco, vozes irritadas ficavam mais altas ao se aproximarem.

Annabeth tentou manter a respiração estável. As vozes soavam vagamente humanas, mas isso não significava nada. Ela pressupunha que todos no Tártaro fossem seus inimigos. Não sabia como os monstros ainda não os tinham localizado. Eles podiam *farejar* semideuses, especialmente os poderosos como Percy, filho de Poseidon. Annabeth duvidava que se esconder atrás de uma rocha fosse adiantar alguma coisa quando os monstros sentissem o cheiro deles.

Mesmo assim, conforme os monstros se aproximavam, não mudavam de tom. Seus passos irregulares — *scrap, clump, scrap, clump* — não se aceleravam.

— Falta muito? — perguntou um deles com uma voz rouca, como se tivesse acabado de fazer um gargarejo com o fogo do Flegetonte.

— Ah, meus deuses! — resmungou outra voz. Parecia bem mais jovem e muito mais humana, como de uma adolescente mortal no shopping, ficando irritada com os amigos. Por alguma razão, a voz soava familiar. — Cara, vocês são *muito* chatos! Eu já falei, é a três *dias* daqui.

Percy agarrou o pulso de Annabeth e a olhou alarmado, como se também tivesse reconhecido a voz da garota do shopping.

Houve um coro de resmungos e reclamações. As criaturas, talvez meia dúzia, calculou Annabeth, tinham parado bem do outro lado da rocha, sem dar sinal de terem farejado os semideuses. Annabeth se perguntou se os semideuses tinham um cheiro diferente no Tártaro, ou se os outros odores ali eram fortes o suficiente para mascarar a aura de um semideus.

— Eu acho — disse uma terceira voz, séria e velha como a primeira — que talvez você não saiba o caminho, minha jovem.

— Ah, cale a boca, Serefone, sua imbecil — retrucou a garota do shopping. — Quando foi a última vez que *vocês* escaparam para o mundo mortal? Eu estive lá há alguns anos. Sei o caminho! Além disso, *eu* sei o que estamos enfrentando lá em cima. Vocês não têm a mínima ideia!

— A Mãe Terra não fez de você nossa líder! — interveio uma terceira voz aguda.

Mais sussurros, sibilos, discussões e gemidos ferozes, como uma briga de gatos de rua gigantes. Por fim, a que se chamava Serefone berrou:

— Basta!

O bate-boca morreu.

— Por enquanto, vamos seguir você — disse Serefone. — Mas se *não* nos conduzir direito, se descobirmos que *mentiu* sobre as invocações de Gaia...

— Eu não minto! — respondeu bruscamente a menina do shopping. — Podem acreditar, tenho um bom motivo para entrar nessa batalha. Tenho inimigos a devorar, e vocês vão se banquetear no sangue dos heróis. Deixem apenas um pedaço especial para mim... um chamado Percy Jackson.

Annabeth se segurou para não rosnar também. Esqueceu seu medo. Queria pular por cima da rocha e fazer picadinho dos monstros com sua faca... só que a tinha perdido.

— Podem acreditar em mim — continuou a garota do shopping. — Gaia nos convocou, e vamos nos divertir *muito*. Antes do fim desta guerra, mortais e semideuses vão tremer ao som de meu nome: Kelli.

Annabeth quase soltou um grito. Olhou para Percy. Mesmo à luz vermelha do Flegetonte, o rosto dele parecia branco como cera.

Empousai, disse sem som, apenas mexendo os lábios. *Vampiras*.

Percy assentiu com a cabeça, preocupado.

Ela se lembrava de Kelli. Dois anos antes, no primeiro ano de orientação de Percy, ele e a amiga Rachel Dare foram atacados por *empousai* disfarçadas de líderes de torcida. Uma era Kelli. Mais tarde, a mesma *empousa* os havia atacado na oficina de Dédalo. Annabeth a apunhalara nas costas e a enviara... para lá, para o Tártaro.

As criaturas continuaram a andar, e suas vozes foram sumindo. Annabeth rastejou até o canto da rocha e arriscou uma espiada. Como esperava, cinco mulheres caminhavam lentamente sobre pernas de tipos diferentes, mecânicas de bronze à esquerda, e peludas e com cascos à direita. Seus cabelos eram feitos de fogo, e suas peles eram brancas como ossos. A maioria delas usava túnicas gregas antigas esfarrapadas, menos a líder, Kelli, que usava uma blusa queimada e rasgada com uma saia curta plissada... seu disfarce de líder de torcida.

Annabeth cerrou os dentes. Enfrentara muitos monstros malvados ao longo dos anos, mas seu ódio pelas *empousai* era maior que o normal.

Além de suas garras e presas perigosas, tinham o poder de manipular a Névoa. Conseguiram mudar de forma e usar o charme, enganando mortais e fazendo-os baixarem a guarda. Homens eram especialmente suscetíveis. A tática favorita de uma *empousa* era fazer com que um homem se apaixonasse por ela para depois beber seu sangue e devorar sua carne. Não era um bom primeiro encontro.

Kelli quase tinha matado Percy. Ela havia manipulado o amigo mais antigo de Annabeth, Luke, levando-o a cometer atos cada vez mais sombrios em nome de Cronos.

Annabeth queria *muito* ainda ter sua faca.

Percy ficou de pé.

— Elas estão indo para as Portas da Morte — murmurou ele. — Sabe o que isso significa?

Annabeth não queria pensar naquilo, mas, infelizmente, aquele grupo de mulheres devoradoras de carne dignas de um circo de aberrações podia ser a coisa mais próxima de boa sorte que teriam no Tártaro.

— Sei — disse ela. — Temos de segui-las.

IX

LEO

LEO PASSOU A NOITE LUTANDO com uma Atena de doze metros de altura.

Desde que trouxeram a estátua a bordo, Leo estava obcecado em descobrir como funcionava. Tinha certeza de que ela possuía poderes especiais. Tinha de haver um interruptor secreto, uma placa de pressão ou algo assim.

Ele deveria estar dormindo, mas simplesmente não conseguia. Passava horas rastejando sobre a estátua deitada, que ocupava a maior parte do convés inferior. Os pés de Atena estavam enfiados na enfermaria, de modo que quem quisesse um analgésico tinha que se espremer por entre seus dedos de marfim. O corpo da estátua ocupava todo o corredor de bombordo, e sua mão estendida chegava até o interior da casa de máquinas, segurando na palma a estátua em tamanho real de Nice, como se dissesse: *Aqui, tome um pouco de Vitória!* O rosto sereno de Atena ocupava a maior parte dos estábulos dos pégasos, na popa, que felizmente estavam desocupados. Se Leo fosse um cavalo mágico, ele não gostaria de morar em um estábulo com uma deusa da sabedoria gigante olhando para ele.

A estátua tomava todo o corredor, por isso Leo tinha de subir nela e se esgueirar sob os seus membros, procurando alavancas e botões.

Como sempre, não encontrou nada.

Leo andara pesquisando sobre a estátua. Ele sabia que fora feita a partir de uma estrutura de madeira oca coberta de marfim e ouro, o que explicava por que era tão leve. Estava em muito bom estado, considerando-se que tinha mais de dois mil anos de idade, fora roubada de Atenas, levada para Roma e estivera secretamente escondida na caverna de uma aranha por praticamente dois milênios. A magia, combinada com o excelente trabalho artesanal, devia tê-la mantido intacta, supunha Leo.

Annabeth dissera... bem, ele tentou não pensar em Annabeth. Ainda se sentia

culpado por ela e Percy terem caído no Tártaro. Leo sabia que a culpa era *dele*. Deveria ter trazido todos em segurança a bordo do *Argo II* antes de começar a prender a estátua. Ele deveria ter percebido que o chão da caverna era instável.

Contudo, lamentar-se não traria Percy e Annabeth de volta. Ele precisava se concentrar nos problemas que podia resolver.

De qualquer forma, Annabeth dissera que a estátua era a chave para derrotar Gaia. Ela poderia pôr fim à rixa entre os semideuses gregos e romanos. Leo imaginava que devia haver ali mais do que simples simbolismo. Talvez os olhos de Atena disparassem raios laser, ou a serpente por trás de seu escudo cuspsse veneno. Ou talvez a figura menor da deusa Nice ganhasse vida e executasse alguns golpes ninja.

Leo imaginava todo tipo de coisas divertidas que a estátua poderia fazer caso *ele* a tivesse projetado, mas quanto mais a examinava, mais frustrado ficava. A Atena Partenos irradiava magia. Até mesmo *ele* conseguia sentir. Mas aparentemente não fazia outra coisa além de parecer impressionante.

O navio adernou em uma manobra evasiva. Leo resistiu ao impulso de correr até o timão. Jason, Piper e Frank estavam de plantão com Hazel agora. Eles podiam lidar com fosse lá o que estivesse acontecendo. Além disso, Hazel insistira em assumir o leme para guiá-los pela passagem secreta que a deusa da magia mencionara.

Leo esperava que Hazel estivesse certa a respeito do longo desvio ao norte. Ele não confiava naquela tal de Hécate e não entendia por que uma deusa esquisita que dava arrepios de repente decidira ser prestativa.

Claro, ele não costumava confiar em magia. Por isso estava tendo tantos problemas com a Atena Partenos. A estátua não tinha peças móveis. Seja lá o que fizesse, aparentemente funcionava com pura feitiçaria... e Leo não gostava disso. Ele queria que aquilo fizesse sentido, como uma máquina.

Finalmente, ficou exausto demais para pensar direito. Encolheu-se sob um cobertor na sala de máquinas e ficou ouvindo o reconfortante murmurar dos geradores. Buford, a mesa mecânica, estava em um canto, em modo de espera, emitindo seus roncões vaporosos: *shhh, pfft, shh, pfft*.

Leo até gostava de seus aposentos, mas se sentia mais seguro ali, no coração do navio, em uma sala repleta de mecanismos que sabia controlar. Além disso, se passasse mais tempo perto da Atena Partenos, talvez acabasse compreendendo os seus segredos.

— Sou eu ou você, Dona — murmurou, puxando o cobertor até o queixo. — Você vai acabar cooperando.

Ele fechou os olhos e dormiu. Infelizmente, isso significava sonhar.

*

Tentando salvar a própria vida, ele corria pela antiga oficina de sua mãe, onde ela morrera em um incêndio quando Leo tinha oito anos.

Ele não sabia bem o que o estava perseguindo, mas sentia que se aproximava com rapidez — algo grande, escuro e cheio de ódio.

Ele esbarrou em bancadas, derrubou caixas de ferramentas e tropeçou em cabos elétricos. Viu a saída e correu naquela direção, mas uma figura surgiu à sua frente: uma mulher trajando uma túnica de terra seca rodopiante, com o rosto coberto por um véu de poeira.

Aonde vai, heroizinho?, perguntou Gaia. Fique e conheça meu filho favorito.

Leo correu para a esquerda, mas o riso da deusa da terra o seguiu.

Na noite em que sua mãe morreu, eu o avisei. Disse que as Parcas não me permitiriam matá-lo naquela ocasião. Mas agora você escolheu o seu caminho. Sua morte está próxima, Leo Valdez.

Ele se chocou contra uma mesa de desenho, o antigo local de trabalho de sua mãe. A parede atrás da mesa era decorada com desenhos feitos por Leo com giz de cera. Ele soluçou em desespero e tentou voltar, mas a coisa que o perseguia estava agora em seu caminho, um ser colossal envolto em sombras de forma vagamente humanoide, com a cabeça quase tocando o teto, seis metros mais acima.

As mãos de Leo se incendiaram. Ele atacou o gigante, mas a escuridão engoliu o fogo. Leo tateou à procura do cinto de ferramentas, mas os bolsos estavam costurados. Ele tentou falar — dizer qualquer coisa que pudesse salvar sua vida —, mas não conseguia emitir som algum, como se o ar tivesse sido roubado de seus pulmões.

Meu filho não permitirá fogos hoje à noite, disse Gaia do fundo do armazém. Ele é o vazio que engole toda a magia, o frio que engole qualquer fogo, o silêncio que engole todas as vozes.

Leo quis gritar: *E eu sou o cara que vai dar o fora!*

Sua voz não funcionava, então usou os pés, correndo para a direita, esquivando-se das gigantescas mãos sombrias que tentavam agarrá-lo, e atravessou a porta mais próxima.

Subitamente, viu-se no Acampamento Meio-Sangue, só que o lugar estava em ruínas. Os chalés eram cascas carbonizadas. Campos queimados ardiam ao luar. O pavilhão de jantar desmoronara em uma pilha de escombros brancos, e a Casa Grande estava em chamas, e suas janelas brilhavam como olhos de demônios.

Leo continuou a correr, certo de que o gigante de sombra ainda estava atrás

dele.

Desviou de corpos de semideuses gregos e romanos. Queria verificar se estavam vivos. Queria ajudá-los. Mas por algum motivo sabia que seu tempo estava se esgotando.

Leo correu em direção às únicas pessoas vivas que viu — um grupo de romanos na quadra de vôlei. Dois centuriões casualmente inclinados contra seus dardos, conversando com um sujeito louro, alto e magricela, vestindo uma toga roxa. Leo tropeçou. Era aquele estranho Octavian, o áugure do Acampamento Júpiter, que estava sempre clamando por guerra.

Octavian se voltou para ele, mas parecia estar em transe. Estava com o rosto relaxado e de olhos fechados. Quando falou, foi com a voz de Gaia: *Isto não pode ser evitado. Os romanos estão se deslocando a leste de Nova York. Eles avançam em direção ao seu acampamento, e nada poderá detê-los.*

Leo se sentiu tentado a dar um soco no rosto de Octavian. Em vez disso, continuou correndo.

Ele subiu a Colina Meio-Sangue. No cume, um raio partira o pinheiro gigante.

Ele parou, atônito. A parte de trás da colina fora devastada. Mais além, o mundo inteiro desaparecera. Leo viu apenas nuvens bem lá embaixo, um tapete prateado estendendo-se sob o céu escuro.

Uma voz aguda disse:

— Bem?

Leo se assustou.

No pinheiro partido, havia uma mulher ajoelhada à entrada de uma caverna que se abria entre as raízes da árvore.

A mulher não era Gaia. Mais parecia uma Atena Partenos viva, com a mesma toga dourada e os braços nus de marfim. Quando ela se levantou, Leo quase caiu da borda do mundo.

Seu rosto era belo como o de uma rainha, com maçãs do rosto proeminentes, grandes olhos escuros e cabelo cor de alcaçuz trançado em um elegante penteado grego, enfeitado com uma espiral de esmeraldas e diamantes que para Leo lembrava uma árvore de Natal. Sua expressão irradiava puro ódio. Tinha os lábios retorcidos. O nariz franzido.

— O filho do deus remendão — zombou ela. — Você não é ameaça, mas suponho que minha vingança deva começar em algum lugar. Faça a sua escolha.

Leo tentou falar, mas estava paralisado de tanto medo. Entre aquela rainha furiosa e o gigante que o perseguia, não tinha ideia do que fazer.

— Ele estará aqui em breve — avisou a mulher. — Meu amigo sombrio não lhe dará o luxo de uma escolha. É o precipício ou a caverna, garoto!

Subitamente, Leo entendeu o que ela queria dizer. Ele estava encurralado.

Poderia saltar do precipício, mas isso seria suicídio. Mesmo que houvesse terra sob aquelas nuvens, morreria na queda, ou talvez simplesmente caísse para sempre.

Mas a caverna... ele olhou para a entrada escura entre as raízes da árvore. Cheirava a podridão e morte. Ele ouviu corpos movendo-se lá dentro, vozes sussurrando nas sombras.

A caverna era a casa dos mortos. Se ele entrasse, nunca sairia.

— Sim — disse a mulher.

Trazia ao redor do pescoço um estranho pingente de bronze e esmeralda, como um labirinto circular. Seus olhos estavam tão zangados que Leo finalmente entendeu por que se dizia que alguém ficava “louco de raiva”. Aquela mulher havia enlouquecido de tanto ódio.

— A Casa de Hades o espera — disse ela. — Você será o primeiro roedor insignificante a morrer em meu labirinto. Tem apenas uma chance de escapar, Leo Valdez. Aproveite-a.

Ela fez um gesto em direção ao penhasco.

— Você está doida — disse ele, recuperando a fala.

Não devia ter dito aquilo. Ela o agarrou pelo pulso.

— Talvez eu devesse matá-lo agora, antes da chegada de meu amigo das trevas.

Passos faziam a encosta tremer. O gigante se aproximava, envolto em sombras, enorme, pesado e sedento de sangue.

— Você já ouviu falar sobre morrer em um sonho, rapaz? — perguntou a mulher. — Isso é possível, nas mãos de uma feiticeira!

O braço de Leo começou a fumar. O toque da mulher era ácido. Ele tentou se libertar, mas os dedos dela pareciam feitos de aço.

Leo abriu a boca para gritar. O enorme volume do gigante pairou sobre ele, obscurecido por camadas de fumaça negra.

O gigante ergueu o punho e uma voz penetrou em seu sonho.

— Leo. — Jason sacudia o seu ombro. — Ei, cara, por que você está agarrando a Nice?

Leo abriu os olhos. Seus braços estavam ao redor da estátua em tamanho natural na mão de Atena. Ele deve ter se debatido durante o sono e se agarrado à deusa da vitória, como costumava se agarrar ao travesseiro na infância quando tinha pesadelos. (Cara, isso era *tão* embaraçoso quando acontecia em lares adotivos...)

Ele se desvencilhou da estátua e se sentou, esfregando o rosto.

— Nada — murmurou. — Estávamos apenas nos abraçando. Hã, o que está acontecendo?

Jason não caçooou dele. Esta era uma coisa que Leo apreciava no amigo. Os olhos azul gelo do garoto estavam calmos e sérios. A pequena cicatriz em sua boca estremeceu, como sempre acontecia quando trazia más notícias.

— Conseguimos atravessar as montanhas — contou ele. — Estamos quase chegando a Bolonha. Você deve encontrar a gente no refeitório. Nico tem novas informações.

X

LEO

LEO PROJETARA AS PAREDES DO refeitório para exibir cenas em tempo real do Acampamento Meio-Sangue. No começo, achara que era uma ótima ideia. Agora, já não tinha tanta certeza.

As cenas de casa — as cantorias ao pé da fogueira, os jantares no pavilhão, os jogos de vôlei do lado de fora da Casa Grande — pareciam entristecer seus amigos. Quanto mais se distanciavam de Long Island, pior ficava. Os fusos horários mudavam, fazendo com que Leo *sentisse* a distância toda vez que olhava para as paredes. Ali na Itália, o sol acabara de nascer. Já no Acampamento Meio-Sangue era de madrugada. As tochas crepitavam às portas dos chalés. O luar refletia nas ondas do Estuário de Long Island. A praia estava coberta de pegadas, como se uma grande multidão tivesse acabado de ir embora.

Subitamente, Leo se deu conta de que o dia anterior — certo, a noite anterior, na verdade — fora o Quatro de Julho. Eles haviam perdido a festa anual do Acampamento Meio-Sangue com os fogos de artifício incríveis preparados pelos irmãos de Leo no chalé 9.

Decidiu não comentar nada com a tripulação, mas esperava que os amigos em casa tivessem se divertido. Eles também precisavam de algo para manter o moral elevado.

Lembrou-se das imagens que vira em seu sonho: o acampamento em ruínas, repleto de corpos; Octavian na quadra de vôlei, falando despreocupadamente com a voz de Gaia.

Ele olhou para seus ovos com bacon e desejou poder desligar as imagens da parede.

— Então — disse Jason —, agora que estamos aqui...

Ele se sentou à cabeceira da mesa meio que de modo automático. Desde que

perderam Annabeth, Jason vinha se esforçando ao máximo para assumir o papel de líder do grupo. Como fora pretor no Acampamento Júpiter, provavelmente estava acostumado. Mas Leo sabia que o amigo estava estressado. Ele parecia mais abatido, e seu cabelo louro estava desarrumado, como se tivesse se esquecido de penteá-lo, o que era estranho para ele.

Leo observou o restante da mesa. Hazel também estava com os olhos vermelhos, mas ela passara a noite em claro, guiando o navio pelas montanhas. Seu cabelo encaracolado cor de canela estava preso por uma bandana, o que lhe dava um ar de soldado de elite que Leo achou meio sensual — e logo em seguida se sentiu culpado por isso.

Ao lado dela estava sentado seu namorado, Frank Zhang, vestindo calça preta de ginástica e uma camiseta romana de turista com a palavra: *CIAO!* (Aquilo chegava a ser uma palavra?). Trazia sua antiga medalha de centurião presa à camiseta, apesar de os semideuses do *Argo II* serem agora os Inimigos Públicos Números 1 a 7 do Acampamento Júpiter. Sua expressão sombria apenas reforçava sua infeliz semelhança com um lutador de sumô. Em seguida, vinha o meio-irmão de Hazel, Nico di Angelo. Sério, aquele garoto era muito esquisito. Usava uma jaqueta de couro de aviador, camiseta e calça jeans pretas, aquele anel de prata sinistro em forma de caveira no dedo e trazia ao seu lado a espada de ferro estígio. Os cachos na ponta de seu cabelo preto pareciam asas de filhotes de morcego. Tinha olhos tristes e um tanto vazios, como se tivesse olhado para as profundezas do Tártaro — como de fato olhara.

O único semideus ausente era Piper, que manejava o timão ao lado do treinador Hedge, seu acompanhante sátiro.

Leo desejou que Piper estivesse ali. Ela tinha um jeito de acalmar as coisas com aquele seu charme de Afrodite. Depois de seus sonhos na noite anterior, Leo gostaria de se acalmar.

Por outro lado, provavelmente era bom que ela estivesse no convés superior, acompanhando o acompanhante deles. Agora que estavam nas terras antigas, tinham de ficar constantemente em estado de alerta. Leo tinha medo de deixar o treinador Hedge voando sozinho. O sátiro tinha um dedo muito leve no gatilho, e o timão tinha muitos botões brilhantes e perigosos que poderiam explodir as pitorescas vilas italianas abaixo deles.

Leo estava tão fora do ar que não percebeu que Jason ainda estava falando.

— ... a Casa de Hades — dizia. — Nico?

Nico inclinou-se para a frente.

— Fiz contato com os mortos na noite passada.

Ele disse aquilo com a maior naturalidade, como se estivesse contando que recebera uma mensagem de texto de um amigo.

— Descobri mais a respeito do que vamos enfrentar — prosseguiu Nico. — Nos tempos antigos, a Casa de Hades era um importante lugar de peregrinação para os gregos. Eles iam até lá para falar com os mortos e homenagear os antepassados.

Leo franziu a testa.

— Parece com o *Día de los Muertos*. Minha tia Rosa levava esse negócio a sério.

Ele se lembrava de ter sido arrastado por ela até o cemitério local, em Houston, onde limpavam os túmulos de seus parentes e fizeram oferendas de limonada, biscoitos e cravos frescos. Tia Rosa forçava Leo a participar de um piquenique, como se o fato de passar um tempo com os mortos abrisse o apetite.

Frank resmungou:

— Os chineses também fazem isso: adoram os antepassados e varrem as sepulturas na primavera. — Ele olhou para Leo. — Sua tia Rosa teria se dado bem com a minha avó.

Leo teve uma visão aterrorizante de sua tia Rosa e uma velha chinesa em trajes de luta, se digladiando com porretes pontiagudos.

— É — disse Leo. — Tenho certeza de que teriam sido melhores amigas.

Nico pigarreou.

— Muitas culturas têm tradições sazonais para honrar os mortos, mas a Casa de Hades ficava aberta o ano inteiro. Os peregrinos podiam realmente *falar* com os fantasmas. Em grego, o lugar era chamado de *Necromanteion*, o Oráculo da Morte. Você atravessava diferentes níveis de túneis, deixando oferendas e bebendo poções especiais...

— Poções especiais — murmurou Leo. — Que delícia.

Jason lançou-lhe um olhar tipo *já chega, cara*.

— Prossiga, Nico.

— Os peregrinos acreditavam que cada nível do templo os aproximava mais do Mundo Inferior, até os mortos aparecerem diante deles. Se ficassem satisfeitos com as oferendas, respondiam às perguntas, talvez até mesmo revelassem o futuro.

Frank deu um tapinha em sua caneca de chocolate quente.

— E se os espíritos *não* ficassem satisfeitos?

— Alguns peregrinos não encontravam nada — disse Nico. — Alguns enlouqueciam ou morriam após saírem do templo. Outros se perdiam nos túneis e nunca mais eram vistos.

— O fato — acrescentou Jason rapidamente — é que Nico encontrou uma informação que pode nos ser útil.

— É. — Nico não parecia muito animado. — O fantasma com que falei ontem

à noite... ele era um ex-sacerdote de Hécate. Ele confirmou o que a deusa disse para Hazel ontem na encruzilhada. Na primeira guerra contra os gigantes, Hécate lutou ao lado dos deuses. Ela matou um dos gigantes, um que fora concebido como o *anti*-Hécate. Um sujeito chamado Clítio.

— Sujeito tenebroso — adivinhou Leo. — Envolto em sombras.

Hazel se voltou para ele, estreitando os olhos dourados.

— Como é que você sabe disso, Leo?

— Tive uma espécie de sonho.

Ninguém pareceu surpreso. A maioria dos semideuses tinha pesadelos vívidos sobre o que estava acontecendo no mundo.

Seus amigos ouviram o relato atentamente. Leo tentou não olhar para as imagens do Acampamento Meio-Sangue na parede enquanto descrevia o lugar em ruínas. Falou sobre o gigante tenebroso e sobre a estranha mulher na Colina Meio-Sangue, oferecendo-lhe diferentes opções de morte.

Jason afastou o prato de panquecas.

— Então o gigante é Clítio. Acho que ele vai estar nos esperando, guardando as Portas da Morte.

Frank enrolou uma das panquecas e começou a mastigar. Não era o tipo de sujeito que deixava a morte iminente ficar entre ele e um café da manhã saudável.

— E a mulher no sonho de Leo?

— Ela é problema meu. — Hazel passou um diamante entre seus dedos em um truque de mágica. — Hécate mencionou um inimigo poderoso na Casa de Hades, uma bruxa que só poderia ser derrotada por mim, por meio da magia.

— Você sabe magia? — perguntou Leo.

— Ainda não.

— Ah.

Ele tentou pensar em algo otimista para dizer, mas se lembrou dos olhos furiosos da mulher e de como seus dedos de aço fizeram sua pele fumegar.

— Tem alguma ideia de quem ela é?

Hazel balançou a cabeça.

— Só que... — Ela olhou para Nico, e algum tipo de discussão silenciosa ocorreu entre eles.

Leo teve a sensação de que os dois tiveram algumas conversas particulares a respeito da Casa de Hades e não estavam compartilhando todos os detalhes.

— Só que ela não vai ser fácil de derrotar.

— Mas *temos* algumas boas notícias — disse Nico. — O fantasma com quem conversei explicou como Hécate derrotou Clítio na primeira guerra. Ela usou as suas tochas para pôr fogo no cabelo dele. Clítio morreu queimado. Em outras

palavras, o fogo é a sua fraqueza.

Todos olharam para Leo.

— Ah — disse ele. — Tudo bem.

Jason assentiu, animado, como se aquela fosse uma ótima notícia, como se esperasse que Leo avançasse em direção a uma gigantesca massa de trevas, disparasse algumas bolas de fogo e resolvesse todos os seus problemas. Leo não queria decepcioná-lo, mas ainda podia ouvir a voz de Gaia: *Ele é o vazio que engole toda a magia, o frio que engole qualquer fogo, o silêncio que engole todas as vozes.*

Leo tinha certeza de que precisaria de mais do que alguns fósforos para atear fogo àquele gigante.

— É um bom começo — insistiu Jason. — Pelo menos a gente sabe como matar o gigante. E essa feiticeira... bem, se Hécate acredita que Hazel pode derrotá-la, então eu também acredito.

Hazel baixou os olhos.

— Agora, só precisamos chegar à Casa de Hades, abrir caminho em meio às forças de Gaia...

— Além de um bando de fantasmas — acrescentou Nico, sombrio. — Os espíritos naquele templo podem não ser amigáveis.

— ... e encontrar as Portas da Morte — completou Hazel. — Supondo que de alguma forma a gente consiga chegar ao mesmo tempo que Percy e Annabeth e resgatar os dois.

Frank engoliu um pedaço de panqueca.

— Nós podemos fazer isso. *Precisamos* conseguir.

Leo admirou o otimismo do grandalhão. Pena que não sentia o mesmo.

— Então, com este desvio — disse Leo —, estimo quatro ou cinco dias de viagem até chegarmos a Épiro, presumindo que não haja atrasos como, vocês sabem, ataques de monstros e outras coisas assim.

Jason sorriu amargamente.

— É. Isso nunca acontece.

Leo olhou para Hazel.

— Hécate disse que Gaia estava planejando a sua grande Festa do Despertar para primeiro de agosto, certo? O Festim de Sei Lá o Quê...

— Spes — disse Hazel. — A Deusa da Esperança.

Jason virou o garfo.

— Teoricamente, temos tempo suficiente. Ainda é cinco de julho. Devemos conseguir fechar as Portas da Morte e, depois, encontrar o quartel-general dos gigantes e os impedir de despertar Gaia antes de primeiro de agosto.

— Teoricamente — concordou Hazel. — Mas eu ainda gostaria de saber como

vamos entrar na Casa de Hades sem enlouquecer ou morrer.

Ninguém deu qualquer sugestão.

Frank largou a sua panqueca como se subitamente ela não tivesse mais um gosto tão bom.

— É cinco de julho. Ah, droga, eu nem me lembrei...

— Ei, cara, tudo bem — disse Leo. — Você é canadense, certo? Eu não estava esperando que me desse um presente de Dia da Independência ou algo assim... a menos que você fizesse questão...

— Não é isso. A minha avó... ela sempre me disse que sete era um número de azar. Era um número *fantasma*. Ela não gostou quando contei que haveria sete semideuses em nossa missão. E julho é o sétimo mês.

— É, mas... — Leo tamborilou nervosamente sobre a mesa. Ele percebeu que estava dizendo *eu te amo* em código Morse, do jeito que costumava fazer com a mãe, o que teria sido muito constrangedor caso seus amigos entendessem o código Morse. — Mas é só uma coincidência, não é?

A expressão de Frank não o tranquilizou.

— Lá na China, as pessoas chamavam o sétimo mês de *mês fantasma*. Era quando o mundo dos espíritos e o mundo dos homens ficavam mais próximos. Os vivos e os mortos podiam atravessar de um para o outro. Acha mesmo que é uma coincidência estarmos procurando as Portas da Morte no Mês Fantasma?

Ninguém disse nada.

Leo queria acreditar que uma velha crença chinesa não teria nada a ver com gregos e romanos. Totalmente sem relação, certo? Mas a existência de Frank era prova de que tais culturas estavam interligadas. A árvore genealógica de Zhang remontava à Grécia Antiga. Passaram por Roma e pela China e, finalmente, chegaram ao Canadá.

Além disso, Leo não parava de pensar sobre seu encontro com a deusa da vingança, Nêmesis, no Great Salt Lake. Nêmesis o chamara de a *sétima vela*, o forasteiro naquela missão. Ela não quis dizer sétimo no sentido de *fantasma*, certo?

Jason apoiou as mãos nos braços da cadeira.

— Vamos nos concentrar no que podemos resolver. Estamos chegando a Bolonha. Talvez tenhamos mais respostas quando encontrarmos esses anões que Hécate...

O navio adernou como se tivesse batido em um iceberg. O prato de Leo deslizou pela mesa. A cadeira de Nico tombou para trás e ele bateu a cabeça no aparador. Então caiu no chão, com uma dúzia de taças e pratos mágicos virando em cima dele.

— Nico!

Hazel correu para ajudá-lo.

— O que...? — Frank tentou se levantar, mas o navio adernou para o outro lado. Ele tropeçou na mesa e caiu de cara no prato de ovos mexidos de Leo.

— Vejam! — Jason apontou para as paredes. As imagens do Acampamento Meio-Sangue piscavam e mudavam.

— Impossível — murmurou Leo.

Não havia como aqueles encantamentos exibirem algo além de cenas do acampamento, mas de repente um enorme rosto distorcido preencheu toda a parede de bombordo: dentes amarelos e tortos, uma barba vermelha desgrenhada, nariz cheio de verrugas e olhos assimétricos: um muito maior e mais alto do que o outro. O rosto parecia estar tentando entrar na sala.

As outras paredes piscaram, mostrando cenas do convés. Piper estava no leme, mas havia algo errado. Do pescoço para baixo ela estava enrolada em fita adesiva, e tinha também a boca amordaçada e as pernas amarradas ao painel de controle.

No mastro principal, o treinador Hedge também estava amarrado e amordaçado, enquanto uma criatura de aparência bizarra — uma combinação de gnomo com chimpanzé sem muito bom gosto para roupas — dançava ao redor dele, fazendo pequenas tranças no cabelo do treinador e prendendo-as com elásticos cor-de-rosa.

Na parede de bombordo, a enorme cara feia recuou para exibir seu corpo: era outro gnomo chimpanzé com roupas ainda mais malucas. Ele começou a saltitar pela plataforma, enfiando coisas em um saco de estopa — a adaga de Piper, o controle de Wii de Leo. Então, arrancou a esfera de Arquimedes do painel.

— Não! — gritou Leo.

— Ai — gemia Nico no chão.

— Piper! — gritou Jason.

— Macacos! — gritou Frank.

— Não são macacos — resmungou Hazel. — Acho que são anões.

— Estão roubando as minhas coisas! — gritou Leo, e correu para a escada.

XI

LEO

LEO ACHOU QUE TINHA OUVIDO o grito de Hazel:

— Vá! Eu cuido de Nico!

Como se Leo pretendesse voltar. Claro, ele esperava que di Angelo estivesse bem, mas tinha seus próprios problemas a resolver.

Galgou os degraus com Jason e Frank logo atrás dele.

A situação no convés era ainda pior do que ele temia.

O treinador Hedge e Piper tentavam se libertar da fita adesiva, enquanto um dos macacos anões demoníacos dançava pelo convés, pegando tudo o que não estivesse amarrado e enfiando em um saco. Tinha cerca de um metro e vinte de altura, ainda mais baixo que o treinador Hedge, com pernas arqueadas e pés de chimpanzé, e suas roupas eram tão extravagantes que deixavam Leo tonto. A calça xadrez verde com bainha virada era presa por suspensórios vermelhos sobre uma blusa feminina listrada de preto e rosa. Usava meia dúzia de relógios de ouro em cada braço e um chapéu de caubói com estampa de zebra, que tinha uma etiqueta de preço pendurada na aba. Seu corpo era coberto por pelos ruivos desgrenhados, embora noventa por cento de seus pelos corporais parecessem estar concentrados nas imensas sobrancelhas.

Leo mal formulara a pergunta *Onde está o outro anão?* quando ouviu um *clique* atrás de si e percebeu que levava os amigos para uma armadilha.

— Abaixem-se!

Ele caiu no convés no momento da explosão ensurdecedora.

Anotação mental, pensou Leo, ainda grogue. *Não deixar caixas de granadas mágicas onde anões possam alcançá-las.*

Ao menos estava vivo. Leo vinha fazendo experiências com todo tipo de armamento a partir da esfera de Arquimedes que recuperara em Roma. Criara

granadas que podiam soltar ácido, fogo, estilhaços, ou pipoca amanteigada. (Ei, você nunca sabe quando vai ter fome durante uma batalha.) A julgar pelo zumbido nos ouvidos de Leo, o anão detonara uma granada de luz e som, que ele enchera com um raro frasco de extrato puro e líquido da música de Apolo. Não era letal, mas fazia Leo se sentir como se tivesse caído de barriga em uma piscina.

Ele tentou se levantar. Seus membros não respondiam. Alguém estava puxando a sua cintura, talvez um amigo tentando ajudá-lo? Não. Seus amigos não cheiravam a jaulas de macacos extremamente fedorentas.

Conseguiu se virar. Sua visão estava fora de foco e em tom rosado, como se o mundo estivesse imerso em geleia de morango. Um rosto sorridente e grotesco pairava sobre ele. O anão de pelo castanho vestia-se ainda pior do que o amigo: usava um chapéu-coco verde, como o de um leprechaun, brincos compridos de diamantes e uma camisa preta e branca com listras verticais. Ele exibiu o objeto que acabara de roubar — o cinto de ferramentas de Leo — e então se afastou dançando.

Leo tentou agarrá-lo, mas seus dedos estavam dormentes. O anão saltitou alegremente até a balista mais próxima, que seu amigo de pelo ruivo armava para o lançamento.

O anão de pelo castanho pulou sobre o projétil como se fosse um skate, e seu amigo o disparou para o céu.

Pelo Ruivo desfilou arrogantemente até o treinador Hedge. Deu um beijo estalado no rosto do sátiro e, em seguida, pulou na amurada. Ele fez uma reverência para Leo, tirando o chapéu de caubói de zebra, e deu um mortal de costas sobre a borda.

Leo conseguiu se levantar. Jason já estava de pé, tropeçando e esbarrando nas coisas. Frank se transformara em um gorila de dorso prateado (por quê? Leo não sabia. Talvez para se comunicar com os macacos anões), mas a granada de luz e som o atingira em cheio. Ele estava caído no convés, língua de fora, com os olhos de gorila revirados para cima.

— Piper! — Jason cambaleou até o leme e cuidadosamente retirou a mordaca dela.

— Não perca tempo comigo! Vá atrás *deles*!

No mastro, o treinador Hedge resmungou:

— Humm!

Leo imaginou que aquilo queria dizer “M_{ATEM-NOS}!”. Era fácil de traduzir, já que a maioria das frases do treinador envolvia a palavra *matar*.

Leo olhou para o painel de controle. Sua esfera de Arquimedes não estava mais lá. Ele levou a mão à cintura, onde deveria estar seu cinto de ferramentas.

Estava voltando a pensar com clareza e se encheu de indignação. Aqueles anões haviam atacado seu navio. Tinham roubado os seus bens mais preciosos.

A cidade de Bolonha estendia-se abaixo deles: era um quebra-cabeça de edifícios de telhas vermelhas em um vale cercado por colinas verdejantes. Se Leo não encontrasse os anões em algum lugar daquele labirinto de ruas... Não. O fracasso não era uma opção. E nem esperar os seus amigos se recuperarem.

Ele se voltou para Jason.

— Você está se sentindo bem o bastante para controlar os ventos? Preciso de uma carona.

Jason franziu a testa.

— Claro, mas...

— Bom — disse Leo. — Temos que pegar alguns macacos.

*

Jason e Leo aterrissaram em uma grande praça repleta de prédios governamentais de mármore branco e cafés ao ar livre. Bicicletas e Vespas entupiam as ruas em torno, mas a praça estava vazia, exceto pelos pombos e alguns velhos tomando café *espresso*.

Nenhum dos moradores parecia notar o enorme navio de guerra grego pairando sobre a praça, ou o fato de que Jason e Leo desceram dele voando, Jason empunhando uma espada de ouro, e Leo... bem, Leo de mãos vazias.

— Para onde? — perguntou Jason.

Leo olhou para ele.

— Bem, eu não sei. Deixe-me pegar o GPS de rastreamento de anões em meu cinto de ferramentas e... Ah, espere! Não tenho um GPS rastreador de anões... e nem o meu cinto de ferramentas!

— Tudo bem — resmungou Jason. Ele olhou para o navio como se estivesse tentando se orientar e, em seguida, apontou para o outro lado da praça. — A balista lançou o primeiro anão naquela direção, eu acho. Vamos.

Atravessaram um mar de pombos, então entraram em uma rua transversal com lojas de roupas e sorveterias. As calçadas tinham fileiras de colunas brancas cobertas de pichações. Alguns mendigos pediam trocados (Leo não sabia italiano, mas o significado era óbvio).

Ele não parava de levar a mão à cintura, esperando que seu cinto de ferramentas reaparecesse magicamente. Não reapareceu. Tentou não entrar em pânico, mas ele dependia daquele cinto para quase tudo. Era como se alguém

tivesse roubado uma de suas mãos.

— Nós vamos encontrá-lo — prometeu Jason.

Normalmente, Leo teria se tranquilizado. Jason tinha talento para se manter calmo durante uma crise e já tirara Leo de vários apuros. Hoje, porém, Leo só conseguia pensar naquele estúpido biscoito da sorte que quebrara em Roma. A deusa Nêmesis prometera ajudá-lo, e ajudou: deu a ele o código para ativar a esfera de Arquimedes. Naquele dia, Leo não tivera outra escolha a não ser usá-la para salvar os amigos. Mas Nêmesis o avisara que sua ajuda teria um preço.

Leo se perguntou se esse preço já teria sido pago. Percy e Annabeth se foram. O navio estava centenas de quilômetros fora do curso, a caminho de um desafio impossível. Seus amigos contavam com ele para vencer um gigante terrível. E agora não tinha nem o seu cinto de ferramentas nem a esfera de Arquimedes.

Vinha tão ocupado sentindo pena de si mesmo que não percebeu onde estavam até que Jason agarrou seu braço.

— Veja.

Leo olhou para cima. Tinham chegado a uma praça menor. Diante deles havia uma enorme estátua de bronze de Netuno completamente nu.

— Ai, deuses! — Leo desviou o olhar. Ele não estava com a menor vontade de ver a genitália de um deus logo de manhã cedo.

O deus do mar estava de pé sobre uma grande coluna de mármore, no meio de uma fonte que não estava funcionando (o que parecia um tanto irônico). Em ambos os lados de Netuno sentavam-se despreocupadamente alguns cupidos, tipo, *e aí, beleza?* O próprio Netuno (evite olhar para a virilha) projetava o quadril para o lado em um movimento à Elvis Presley. Segurava o tridente frouxamente com a mão direita e estendia a esquerda para a frente como se estivesse abençoando Leo, ou, talvez, tentando fazê-lo levitar.

— Alguma pista? — perguntou Leo.

Jason franziu a testa.

— Talvez sim, talvez não. Há estátuas dos deuses por toda a Itália. Eu me sentiria melhor se encontrasse Júpiter. Ou Minerva. Qualquer um, menos Netuno.

Leo subiu na fonte seca. Pousou a mão sobre o pedestal da estátua, e uma enxurrada de informações percorreu as pontas de seus dedos. Ele sentiu engrenagens de bronze celestial, alavancas mágicas, molas e pistões.

— É mecânico — disse ele. — Talvez seja a entrada para o esconderijo secreto dos anões.

— Uooou! — gritou uma voz próxima. — Esconderijo secreto?

— Eu quero um esconderijo secreto! — gritou outra voz mais acima.

Jason recuou, espada em punho. Leo quase ficou com torcicolo tentando olhar

para dois lugares ao mesmo tempo. O anão de pelo ruivo com chapéu de caubói estava a uns trinta metros deles, sentado a uma das mesas do café mais próximo tomando um *espresso* com seu pé de macaco. O anão de pelo castanho com chapéu-coco verde estava empoleirado no pedestal de mármore, aos pés de Netuno, pouco acima da cabeça de Leo.

— Se tivéssemos um esconderijo secreto — disse Pelo Ruivo —, gostaria que tivesse um poste de bombeiros.

— E um toboágua! — disse Pelo Castanho, que tirava ferramentas aleatórias do cinto de Leo, jogando fora chaves de porcas, martelos e grampeadores.

— Pare com isso!

Leo tentou agarrar os pés do anão, mas não conseguia alcançar o topo do pedestal.

— Muito baixinho? — perguntou Pelo Castanho, compreensivo.

— Você está me chamando de baixinho? — Leo olhou em volta procurando algo para arremessar, mas não havia nada além de pombos, e ele duvidava que conseguisse agarrar algum. — Devolva o meu cinto, seu estúpido...

— Ora, ora! — interrompeu Pelo Castanho. — Nós ainda nem nos apresentamos! Sou Acmon. E o meu irmão ali...

— ... é o bonitão! — O anão de pelo ruivo ergueu a xícara de café *espresso*. A julgar pelos olhos dilatados e o sorriso meio louco, não precisava de mais cafeína. — Passalos! Cantor de canções! Bebedor de café! Ladrão de coisas brilhantes!

— Ora, vamos! — gritou seu irmão, Acmon. — Eu roubo *muito* melhor do que você.

Passalos deu uma risadinha irônica.

— Até parece! Só se for melhor em roubar doce de criança!

Ele pegou uma adaga — a adaga de Piper — e começou a palitar os dentes.

— Ei! — gritou Jason. — Essa adaga é da minha namorada!

Ele investiu contra Passalos, mas o anão de pelo ruivo era muito rápido. Saltou da cadeira para a cabeça de Jason, depois deu uma cambalhota e aterrissou ao lado de Leo, com os braços peludos em torno da cintura do semideus.

— Você me salva? — pediu o anão.

— Cai fora!

Leo tentou empurrá-lo, mas Passalos deu uma cambalhota para trás e saiu de seu alcance. A calça de Leo imediatamente escorregou até os joelhos.

Ele olhou para Passalos, que agora estava sorrindo e segurando uma pequena tira dentada de metal. De alguma forma, o anão roubara o zíper da calça de Leo.

— Devolva... o zíper... idiota! — gaguejou Leo, tentando brandir o punho e

erguer a calça ao mesmo tempo.

— Ah, não é brilhante o suficiente. — Passalos jogou o zíper fora.

Jason atacou com sua espada. Passalos pulou bem alto e de repente estava sentado no pedestal da estátua, ao lado do irmão.

— Diga que não tenho os meus truques — gabou-se Passalos.

— Tudo bem — disse Acmon. — Você não tem os seus truques.

— Ora! — disse Passalos. — Cadê o cinto de ferramentas? Quero ver.

— Não! — Acmon o afastou com uma cotovelada. — Você já tem a faca e a bola brilhante.

— É, a bola brilhante é bonita.

Passalos tirou o chapéu de caubói. Como um mágico tirando um coelho de uma cartola, ele fez surgir a esfera de Arquimedes e começou a mexer nos antigos discos de bronze.

— Pare! — gritou Leo. — Essa é uma máquina sensível.

Jason ficou ao lado de Leo e olhou para os anões.

— Quem são vocês dois, afinal de contas?

— Os cêrcopes! — Acmon olhou para Jason com suspeita. — E aposto que você é um filho de Júpiter, não é mesmo? Eu sempre acerto.

— Igual ao Nádegas Negras — concordou Passalos.

— Nádegas Negras?

Leo resistiu ao impulso de tentar agarrar os pés dos anões de novo. Ele tinha certeza de que Passalos quebraria a esfera de Arquimedes a qualquer momento.

— É, sabe? — disse Acmon, sorrindo. — Hércules. Nós o chamávamos de Nádegas Negras porque ele costumava sair por aí pelado. Ele ficou com a bunda tão bronzada que...

— Pelo menos tinha senso de humor! — disse Passalos. — Ele ia nos matar quando o roubamos, mas nos deixou ir porque gostou de nossas piadas. Não era como vocês dois. Ranzinzas, ranzinzas!

— Ei, eu tenho senso de humor — rosnou Leo. — Devolva as nossas coisas e vou contar uma piada de *morrer* de rir.

— Boa tentativa! — Acmon tirou uma chave catraca do cinto de ferramentas e girou-a como se fosse uma matraca. — Ah, muito legal! Vou ficar com isso, com certeza! Obrigado, Nádegas Azuis!

Nádegas Azuis?

Leo olhou para baixo. Suas calças haviam escorregado até os tornozelos outra vez, revelando sua cueca azul.

— Chega! — gritou. — Devolvam. Minhas coisas. Agora. Ou vocês vão ver como anões em chamas são engraçados.

Suas mãos se incendiaram.

— Ah, agora sim — aprovou Jason, apontando a espada para o céu.

Nuvens negras começaram a se juntar sobre a praça. Ouviu-se um trovão.

— Ai, que *meda*! — ironizou Acmon.

— Sim — concordou Passalos. — Se ao menos tivéssemos um local secreto para nos escondermos.

— Infelizmente, esta estátua não é a porta de um esconderijo secreto — disse Acmon. — Tem uma finalidade diferente.

Leo sentiu um frio no estômago. O fogo de suas mãos se apagou e ele percebeu que algo estava muito errado.

— Uma armadilha — gritou, pulando para fora da fonte.

Infelizmente, Jason estava muito ocupado convocando a sua tempestade.

Leo, caído no chão, virou-se a tempo de ver cinco cordas douradas saírem dos dedos da estátua de Netuno. Uma quase prendeu os seus pés. As outras cordas foram lançadas na direção de Jason, laçando-o como se fosse um bezerro em um rodeio e deixando-o de cabeça para baixo.

Um relâmpago atingiu o tridente de Netuno, enviando ondas de eletricidade por toda a estátua, mas os cêrcopes já tinham desaparecido.

— Bravo! — Acmon aplaudia de uma mesa de um café próximo. — Você dá uma bela pinhata, filho de Júpiter!

— Dá mesmo! — concordou Passalos. — Hércules já nos pendurou de cabeça para baixo, sabia? Ah, como a vingança é doce!

Leo conjurou uma bola de fogo. Ele a arremessou mirando em Passalos, que tentava fazer malabarismos com dois pombos e a esfera de Arquimedes.

— Opa! — O anão esquivou-se da explosão, derrubando a esfera e deixando os pombos voarem.

— Hora de ir embora! — decidiu Acmon.

Ele baixou a ponta do chapéu-coco e saltou de mesa em mesa. Passalos olhou para a esfera de Arquimedes, que rolara até parar entre os pés de Leo.

Leo conjurou outra bola de fogo.

— Pode vir — rosnou.

— Tchau!

Passalos deu um mortal de costas e seguiu o irmão.

Leo pegou a esfera de Arquimedes e correu até Jason, que ainda estava pendurado de cabeça para baixo, completamente amarrado, com exceção do braço da espada. Tentava cortar as cordas com a lâmina de ouro, mas não estava se saindo muito bem.

— Espere — disse Leo. — Se eu encontrar um interruptor para soltar você...

— Vá! — rosnou Jason. — Eu o encontro quando sair dessa.

— Mas...

— Vá atrás deles!

A última coisa que Leo queria era ficar a sós com os anões macacos, mas os cêrcopes já estavam dobrando a esquina no outro extremo da praça. Leo deixou Jason pendurado e correu atrás deles.

XII

LEO

OS ANÕES NÃO SE ESFORÇARAM muito para despistá-lo, o que deixou Leo desconfiado. Ficavam sempre no seu campo de visão, correndo sobre os telhados de telhas vermelhas, derrubando jardineiras das janelas, comemorando, gritando e deixando um rastro de parafusos e pregos do seu cinto de ferramentas, quase como se *quisessem* ser seguidos.

Leo correu atrás deles, soltando palavrões a cada vez que suas calças caíam. Ele dobrou uma esquina e viu duas antigas torres de pedra elevando-se até o céu, lado a lado, muito mais altas do que qualquer outra construção nas redondezas — talvez fossem torres de vigia medievais. Inclonavam-se em direções diferentes, como as alavancas de marcha de um carro de corrida.

Os cêrcopes escalaram a torre da direita. Quando chegaram ao topo, deram a volta até a parte de trás e desapareceram.

Teriam entrado? Leo enxergava algumas pequenas janelas cobertas com grades de metal lá no alto, mas duvidava que aquilo detivesse os anões. Ficou olhando durante um minuto, mas os cêrcopes não reapareceram. O que significava que Leo teria de subir até lá e procurar por eles.

— Ótimo — murmurou.

Não tinha nenhum amigo voador para levá-lo até lá. O navio estava longe demais para ele poder pedir ajuda. Talvez pudesse improvisar algum tipo de dispositivo voador com a esfera de Arquimedes, mas só se tivesse o seu cinto de ferramentas — coisa que não tinha. Leo examinou as construções vizinhas, tentando pensar. Meio quarteirão adiante, duas portas de vidro se abriram e uma senhora idosa saiu devagar, carregando sacolas plásticas de compras.

Um mercado? Humm...

Leo apalhou os bolsos. Para a sua surpresa, ainda tinha alguns euros dos dias

que passaram em Roma. Aqueles anões idiotas tinham levado tudo, *menos* o seu dinheiro.

Correu até a loja o mais rápido que sua calça sem zíper permitia.

Percorreu os corredores procurando coisas que pudessem ser úteis. Não sabia dizer em italiano “*Olá, onde estão seus produtos químicos perigosos, por favor?*”, mas tudo bem. Também não queria acabar em uma prisão da Itália.

Felizmente, não precisava ler rótulos. Bastava pegar um tubo de pasta de dente para saber que continha nitrato de potássio. Encontrou carvão. Encontrou açúcar e bicarbonato de sódio. A loja vendia fósforos, repelente contra insetos e papel-alumínio. Praticamente tudo de que precisava, além de um fio de varal que poderia usar como cinto. Acrescentou às compras um pouco de *junk food* italiana, apenas para disfarçar seus produtos mais suspeitos e, em seguida, levou tudo até a caixa registradora. Uma senhora de olhos arregalados fez-lhe algumas perguntas que ele não compreendeu, mas conseguiu pagar, encher a sacola de compras e ir embora correndo.

Ele se agachou junto à porta mais próxima, de onde poderia ficar de olho nas torres. Então começou a trabalhar, conjurando uma fogueira para secar e cozinhar materiais que, de outro modo, teriam levado dias para ficarem prontos.

Vez por outra, lançava um olhar furtivo para a torre, mas não havia nenhum sinal dos anões. Esperava que ainda estivessem lá em cima. Preparar seu arsenal demorou apenas alguns minutos — ele era realmente muito bom nisso —, mas pareceram horas.

Jason não apareceu. Talvez ainda estivesse preso na fonte de Netuno, ou percorrendo as ruas à procura de Leo. Ninguém mais do navio veio ajudar. Provavelmente estavam ocupados tirando os elásticos cor-de-rosa do cabelo do treinador Hedge.

Isso significava que Leo estava sozinho com sua sacola de *junk food* e algumas armas altamente improvisadas feitas de açúcar e creme dental. Ah, e a esfera de Arquimedes. Era um detalhe importante. Esperava não tê-la estragado enchendo-a de pó químico.

Correu para a torre e encontrou a entrada. Começou a subir a escada em espiral, apenas para ser detido diante de uma bilheteria por algum zelador que gritou com ele em italiano.

— Sério mesmo? — perguntou Leo. — Olha, cara, sua torre está infestada de anões macacos. E sou o dedetizador. — Ergueu a lata de inseticida. — Está vendo? Dedetizador *Molto Buono*. Borrifa, borrifa. Ahhhhh!

Ele imitou um anão desmanchando-se, apavorado, o que, por algum motivo, o italiano não pareceu entender.

O sujeito simplesmente estendeu a mão, pedindo dinheiro.

— Caramba, homem — resmungou Leo. — Gastei todo o meu dinheiro em explosivos caseiros e outras coisas. — Ele remexeu em sua sacola de compras. — Será que você aceitaria... hã... o que é isso?

Leo ergueu um saco amarelo e vermelho de algo chamado Fonzies. Achava que fosse algum tipo de batatas chips. Para sua surpresa, o zelador deu de ombros e aceitou o saco.

— *Avanti!*

Leo continuou a subir, mas disse a si mesmo para não se esquecer de estocar Fonzies. Aparentemente, funcionavam melhor do que dinheiro na Itália.

A escada subia, subia e subia. A torre inteira parecia ser apenas uma desculpa para construírem a escada.

Parou ao chegar a um patamar e encostou-se em uma estreita janela gradeada, tentando recuperar o fôlego. Suava como um porco, e seu coração batia forte. Cêrcopes idiotas. Leo imaginou que assim que chegasse ao topo eles fugiriam antes que tivesse a chance de usar as suas armas, mas precisava tentar.

Continuou subindo.

Finalmente, com as pernas moles como macarrão cozido, chegou ao topo.

O cômodo era do tamanho de um armário de vassouras, com janelas gradeadas nas quatro paredes. Havia sacos de tesouros empilhados pelos cantos e objetos brilhantes espalhados pelo chão. Leo viu a adaga de Piper, um velho livro com capa de couro, alguns dispositivos mecânicos interessantes e ouro suficiente para causar uma indigestão no cavalo de Hazel.

A princípio, achou que os anões tinham ido embora. Então, olhou para cima. Acmon e Passalos estavam pendurados de cabeça para baixo, presos às vigas pelos pés de chimpanzé, jogando pôquer antigravidade. Ao verem Leo, ambos jogaram as suas cartas como confete e irromperam em aplausos.

— Eu disse que ele viria! — gritou Acmon, felicíssimo.

Passalos deu de ombros, pegou um de seus relógios de ouro e o entregou ao irmão.

— Você ganhou. Não achei que ele fosse tão burro.

Ambos pularam das vigas. Acmon usava o cinto de ferramentas. Estava tão perto que Leo teve que resistir ao impulso de tentar agarrá-lo.

Passalos ajeitou o chapéu de caubói e chutou a grade da janela mais próxima, abrindo-a.

— O que o faremos escalar agora, irmão? A cúpula de San Luca?

Leo queria estrangular os anões, mas forçou um sorriso.

— Ah, isso parece divertido! Mas, antes de irem, saibam que esqueceram algo brilhante.

— Impossível! — Acmon fez uma careta. — Fomos muito cuidadosos.

— Tem certeza?

Leo ergueu a sacola de supermercado.

Os anões se aproximaram. Como Leo esperava, sua curiosidade era tão grande que não conseguiam resistir.

— Vejam.

Leo pegou a sua primeira arma, um punhado de produtos químicos secos embrulhados em uma folha de papel-alumínio, e acendeu-a com a mão.

Afastou-se antes da explosão, mas os anões estavam olhando diretamente para o artefato. Pasta de dente, açúcar e repelente de insetos não eram tão bons quanto a música de Apolo, mas causavam uma explosão de som e luz bem decente.

Os cêrcopes gritaram, levando as patas aos olhos. Cambalearam em direção à janela, mas Leo já detonara seus rojões caseiros, mirando-os nos pés descalços dos anões para desequilibrá-los. Então, só para garantir, Leo girou um disco em sua esfera de Arquimedes, o que espalhou uma nuvem branca por toda a sala.

A fumaça não afetava Leo. Como era imune ao fogo, ele entrara em fogueiras fumacentas várias vezes, suportara sopros de dragões e limpava forjas ardentes. Enquanto os anões tossiam e ofegavam, recuperou o cinto de ferramentas que estava com Acmon, retirou calmamente alguns cabos de *bungee jump*, e amarrou os anões.

— Meus olhos! — exclamou Acmon, tossindo. — Meu cinto de ferramentas!

— Meus pés estão pegando fogo! — lamentou-se Passalos. — Isso não é nada brilhante! Não mesmo!

Quando teve certeza de que estavam devidamente imobilizados, Leo arrastou os cêrcopes até um canto e começou a vasculhar seus tesouros. Recuperou a adaga de Piper, alguns de seus protótipos de granadas e uma dezena de outros objetos que os anões haviam roubado do *Argo II*.

— Por favor! — lamentou-se Acmon. — Não tome nossos brilhos!

— Vamos fazer um acordo! — sugeriu Passalos. — Nós lhe daremos dez por cento se você deixar a gente ir embora!

— Acho que não — murmurou Leo. — É tudo meu agora.

— Vinte por cento!

Naquele momento, ecoou um trovão. Relâmpagos brilharam e as barras da janela mais próxima começaram a derreter, transformando-se em tocos incandescentes de ferro derretido.

Jason entrou voando como Peter Pan, com a eletricidade crepitando em torno dele e de sua espada de ouro fumegante.

Leo assobiou, admirado.

— Cara, você acaba de desperdiçar uma entrada triunfal.

Jason franziu a testa. Então, viu os cêrcopes amarrados.

— Mas que...

— Fiz tudo sozinho — interrompeu Leo. — Sou super especial. Como você me encontrou?

— Hã, a fumaça — conseguiu dizer Jason. — E ouvi estampidos. Houve um tiroteio por aqui?

— Tipo isso.

Leo atirou-lhe a adaga de Piper e continuou a vasculhar o lugar. Lembrou-se do que Hazel dissera sobre encontrar um tesouro que os ajudaria em sua jornada, mas não sabia exatamente o que estava procurando. Havia moedas, pepitas de ouro, joias, cliques de papel, rolos de papel-alumínio, abotoaduras.

E sempre voltava a topar com alguns objetos que não pareciam combinar com o conjunto. O primeiro era um antigo dispositivo de navegação feito de bronze, como o astrolábio de um navio. Estava muito danificado e parecia que algumas de suas peças estavam faltando, mas ainda assim Leo o achou fascinante.

— Pode levar! — ofereceu Passalos. — Foi Odisseu quem fez, sabia? Leve-o e deixe a gente ir embora.

— Odisseu? — perguntou Jason. — Tipo, o Odisseu?

— Ele mesmo! — berrou Passalos. — Fez isso quando já estava velho, em Ítaca. É uma de suas últimas invenções. E nós a roubamos!

— Como funciona? — perguntou Leo.

— Ah, não funciona — disse Acmon. — Acho que é por causa de um cristal que está faltando.

Ele olhou para o irmão em busca de ajuda.

— “É o meu maior arrependimento” — disse Passalos. — “Deveria ter pegado um cristal.” Era isso que ele resmungava durante o sono, na noite em que o roubamos. — Passalos deu de ombros. — Não faço ideia do que queria dizer, mas o brilhante é todo seu! Podemos ir agora?

Leo não tinha certeza de por que queria o astrolábio. O objeto estava obviamente quebrado, e ele tinha a sensação de que não era isso que Hécate queria que encontrassem. Ainda assim, guardou-o em um dos bolsos mágicos de seu cinto de ferramentas.

Voltou a atenção para o outro item estranho: o livro com capa de couro. O título era folheado a ouro, escrito em uma língua que Leo não conseguia entender, mas era a única coisa brilhante naquele livro. E não achava que os cêrcopes gostassem muito de ler.

— O que é isso?

Ele balançou o livro diante dos anões, que ainda estavam lacrimejando por causa da fumaça.

— Nada! — disse Acmon. — Só um livro. Tinha uma bela capa de ouro, por

isso o roubamos dele.

— Dele quem? — perguntou Leo.

Acmon e Passalos trocaram um olhar nervoso.

— Um deus menor — disse Passalos. — Em Veneza. Realmente, não é nada.

— Veneza. — Jason franziu a testa para Leo. — Não é para lá que devemos ir em seguida?

— É.

Leo examinou o livro. Não entendia o que estava escrito, mas havia muitas ilustrações: foices, plantas diferentes, uma imagem do sol, uma parelha de bois puxando uma carroça. Não conseguia ver a importância daquilo, mas se o livro fora roubado de um deus menor em Veneza — o próximo lugar que Hécate lhes dissera para visitar —, então era *aquilo* que eles estavam procurando.

— Onde, exatamente, podemos encontrar esse deus menor? — perguntou Leo.

— Não! — gritou Acmon. — Você não pode devolver para ele! Se ele descobrir que a gente o roubou...

— Ele vai destruir vocês — deduziu Jason. — E é o que vamos fazer se não responderem, e estamos *muito* mais perto de vocês.

Encostou a ponta da espada na garganta peluda de Acmon.

— Tudo bem, tudo bem! — gritou o anão. — *La Casa Nera! Calle Frezzeria!*

— Isso é um endereço? — perguntou Leo.

Os anões assentiram, desesperados.

— *Por favor*, não conte que roubamos — implorou Passalos. — Ele não é nada legal!

— Quem é ele? — perguntou Jason. — Que deus?

— Eu... eu não posso dizer — gaguejou Passalos.

— É melhor falar logo — avisou Leo.

— Não — disse Passalos, apavorado. — Quer dizer, eu *realmente* não consigo dizer. Não consigo pronunciar! Tr... tri... É muito difícil!

— Truh — disse Acmon. — Tru-toh... Tem sílabas demais!

Ambos irromperam em lágrimas.

Leo não sabia se os cêrcopes estavam dizendo a verdade, mas era difícil ficar bravo com anões chorando, por mais malvestidos e irritantes que eles fossem.

Jason baixou a espada.

— O que você quer fazer com eles, Leo? Mandá-los para o Tártaro?

— Por favor, não! — choramingou Acmon. — Levaremos semanas para voltar.

— Isso se Gaia permitir! — fungou Passalos. — Ela controla as Portas da Morte agora. Vai ficar muito zangada conosco.

Leo olhou para os anões. Já enfrentara muitos monstros e nunca se sentira mal

por dissolvê-los, mas aquilo era diferente. Teve que admitir que tinha alguma admiração por aqueles sujeitinhos. Eles pregavam boas peças e gostavam de coisas brilhantes. Leo se identificava com eles. Além disso, Percy e Annabeth estavam no Tártaro (Leo esperava que ainda estivessem vivos), caminhando em direção às Portas da Morte. A ideia de enviar aqueles macacos gêmeos até lá para enfrentar o mesmo pesadelo... Bem, não parecia certo.

Imaginou Gaia rindo de sua fraqueza: um semideus de coração mole demais para matar monstros. Lembrou-se de seu sonho sobre o Acampamento Meio-Sangue em ruínas, corpos de gregos e romanos espalhados pelos campos. Lembrou-se de Octavian, falando com a voz da deusa da terra: *Os romanos estão se deslocando a leste de Nova York. Eles avançam em direção ao seu acampamento, e nada poderá detê-los.*

— Nada poderá detê-los — pensou Leo em voz alta. — Eu me pergunto...

— O quê? — indagou Jason.

Leo olhou para os anões.

— Farei um acordo com vocês.

Os olhos de Acmon se iluminaram.

— Trinta por cento?

— Vamos deixá-los com todo o seu tesouro — disse Leo —, a não ser as coisas que nos pertencem, o astrolábio e este livro, que vamos devolver para o cara lá em Veneza.

— Mas ele vai nos destruir! — lamentou-se Passalos.

— Não vamos contar onde o conseguimos — prometeu Leo. — E não vamos matar vocês. Vamos deixá-los em liberdade.

— Hã, Leo...? — perguntou Jason, hesitante.

Acmon guinchou de alegria:

— Eu sabia que você era tão inteligente quanto Hércules! Vou chamá-lo de Nádegas Negras, o Retorno!

— Certo, não, obrigado — disse Leo. — Mas, em troca de pouparmos sua vida, vocês terão que fazer algo para nós. Vou enviá-los a um lugar para roubarem algumas pessoas, atormentá-las e infernizar a vida delas de todas as maneiras possíveis. Vocês terão de seguir exatamente as minhas instruções. Têm de jurar pelo Rio Estige.

— Juramos! — disse Passalos. — Roubar pessoas é a nossa especialidade!

— E adoro atormentar! — concordou Acmon. — Para onde estamos indo?

Leo sorriu.

— Já ouviram falar em Nova York?

XIII

PERCY

PERCY LEVARA A NAMORADA PARA passeios românticos antes. Este não era um deles.

Seguiam o Rio Flegetonte. Caminhavam com dificuldade sobre o solo negro de cacos de vidro. Saltavam fendas e se escondiam atrás de rochas sempre que o grupo de vampiras reduzia o passo à frente deles.

Era difícil ficar para trás o bastante para não serem notados e ao mesmo tempo perto o suficiente para não perderem de vista Kelli e suas amigas em meio ao ar escuro e enevoadado. O calor do rio tostava a pele de Percy. Cada vez que respirava era como se estivesse inalando fibra de vidro com cheiro de enxofre. Quando ficavam com sede, o máximo que podiam fazer era tomar um gole refrescante de fogo líquido.

É. Percy sabia mesmo fazer uma garota se divertir.

Pelo menos o tornozelo de Annabeth parecia estar melhor. Ela quase não mancava mais. Seus vários cortes e arranhões tinham desaparecido. Ela prendera os cabelos louros com uma tira que rasgara da calça jeans e, na luz abrasadora do rio, seus olhos cinzentos brilhavam. Apesar de exausta, imunda e vestida como uma mendiga, Percy achava que ela estava linda.

E daí que estavam no Tártaro? E daí que tinham uma chance ínfima de sobreviver? Ficou tão feliz por estarem juntos que sentiu uma necessidade ridícula de sorrir.

Fisicamente, Percy também estava melhor, apesar de suas roupas parecerem ter passado por um furacão de cacos de vidro. Estava com sede, fome e morrendo de medo (mas não ia contar isso para Annabeth), porém estava livre do frio desesperançado do Rio Cócito. E por pior que fosse o gosto do fogo líquido, ele parecia lhe dar forças.

Era impossível ter noção do tempo. Continuavam a acompanhar penosamente

o rio que cortava a paisagem. Por sorte, as *empousai* não caminhavam muito rápido. Arrastavam as pernas diferentes, umas de bronze outras de burro, reclamando e discutindo entre si, aparentemente sem pressa de chegar às Portas da Morte.

Em certo momento, as vampiras, animadas, apertaram o passo e enxamearam em torno de algo que parecia uma carcaça lançada na praia às margens do rio. Percy não conseguiu identificar o que era... um monstro morto? Algum tipo de animal? As *empousai* a atacaram com voracidade.

Quando os demônios retomaram seu caminho, Percy e Annabeth foram até o local e nada encontraram além de alguns ossos quebrados e manchas reluzentes secando ao calor do rio. Percy não tinha a menor dúvida de que as *empousai* devorariam semideuses com o mesmo prazer.

— Vamos lá. — Ele afastou Annabeth gentilmente daquela cena. — Não queremos perdê-las de vista.

Enquanto caminhavam, Percy se lembrou da primeira vez em que enfrentara a *empousa* Kelli na orientação dos alunos de primeiro ano do ensino médio na Goode High School, quando ele e Rachel Elizabeth Dare ficaram presos na sala de música. Na época, parecia uma situação sem saída. Agora, daria qualquer coisa para que seus problemas fossem assim tão simples. Pelo menos naquele tempo estava no mundo mortal. Ali não havia para onde fugir.

Uau! Já estava até pensando na guerra contra Cronos como os bons tempos... Isso era triste. Mantinha as esperanças de que as coisas fossem melhorar para ele e Annabeth, mas a vida de ambos só ficava cada vez mais perigosa, como se as Três Parcas estivessem lá em cima fiando o seu futuro com arame farpado em vez de fios só para ver quanto dois semideuses podiam aguentar.

Após alguns quilômetros, as *empousai* desapareceram por trás de uma elevação do terreno. Quando Percy e Annabeth chegaram lá, encontraram-se diante de outro precipício gigantesco. O Rio Flegetonte despencava em uma série irregular de cascatas flamejantes. O grupo de mulheres demônios descia o precipício, pulando de uma saliência a outra como cabras-montesas.

O coração de Percy quase saiu pela boca. Mesmo que ele e Annabeth chegassem ao fundo do abismo vivos, o futuro não era promissor. A paisagem abaixo deles era uma planície desolada e cinzenta de onde se projetavam árvores negras, como pelos de um inseto. O chão estava coberto de bolhas. De vez em quando uma delas inchava e explodia, fazendo surgir um monstro parecido com uma larva saída de um ovo.

De repente, Percy perdeu toda a fome.

Todos os monstros recém-formados rastejavam e mancavam na mesma direção, rumo a uma barreira de nuvens negras que engolia o horizonte como se

uma tempestade se aproximasse. O Flegetonte seguia seu curso e, perto do centro da planície, encontrava outro rio de águas negras, quem sabe o Cócito? As duas correntes se misturavam em uma corredeira fervente e borbulhante e seguiam juntas na direção da névoa preta.

Quanto mais Percy olhava para aquela tempestade de escuridão, menos queria ir até lá. Aquilo podia esconder qualquer coisa: um oceano, um poço sem fundo ou um exército de monstros. Mas se as Portas da Morte ficassem naquela direção, era sua única chance de voltar para casa.

Espiou a borda do precipício.

— Queria que a gente pudesse voar.

Annabeth esfregou os braços.

— Lembra dos tênis voadores de Luke? Será que ainda estão por aqui?

Percy lembrava. Aqueles tênis tinham uma maldição que os fazia arrastar para o Tártaro qualquer um que os calçasse. Quase haviam levado Grover, seu melhor amigo.

— Eu me contentaria com uma asa-delta.

— Talvez não seja uma boa ideia.

Annabeth apontou para o alto, onde formas escuras aladas descreviam círculos, entrando e saindo das nuvens vermelho-sangue.

— Fúrias? — perguntou Percy.

— Ou algum outro tipo de demônio — supôs Annabeth. — No Tártaro há milhares deles.

— Incluindo o tipo que devora asas-deltas — comentou Percy. — Está bem, então vamos descer o penhasco.

Ele não conseguia mais ver as *empousai* lá embaixo. Elas tinham desaparecido por trás de alguma outra elevação, mas isso não importava. O caminho estava claro. Como todas as larvas monstruosas que rastejavam pelas planícies do Tártaro, eles deviam seguir na direção do horizonte sombrio. Percy mal podia esperar.

XIV

PERCY

QUANDO COMEÇARAM A DESCER O penhasco, Percy se concentrou nos desafios mais imediatos: não perder o equilíbrio, evitar derrubar pedras para não alertar as *empousai* de sua presença e, é claro, garantir que ele e Annabeth não despencassem para a morte.

Na metade da descida, Annabeth disse:

— Percy, espere. Vamos parar um pouco.

As pernas dela tremiam tanto que Percy se xingou mentalmente por não ter sugerido uma parada antes.

Eles se sentaram juntos em uma saliência ao lado de uma feroz cascata de fogo. Percy passou o braço em torno de Annabeth, que se aconchegou a ele, trêmula de exaustão.

Ele não estava muito melhor. Seu estômago parecia ter encolhido até ficar do tamanho de uma bala de goma. Caso se deparassem com mais alguma carcaça de monstro, temia empurrar uma *empousa* para fora de seu caminho e tentar devorá-la.

Pelo menos ele tinha Annabeth. Iam encontrar uma saída do Tártaro. *Tinham* que conseguir. Não acreditava muito em destino e profecias, mas estava convencido de uma coisa: Annabeth e ele precisavam ficar juntos. Não haviam sobrevivido a tanta coisa só para morrerem ali.

— Podia ser pior — arriscou a garota.

— É? — Percy não via como, mas tentou parecer animado.

Ela se aninhou nele. Seus cabelos cheiravam a fumaça, e se fechasse os olhos, Percy quase podia imaginar que estavam junto da fogueira no Acampamento Meio-Sangue.

— Podíamos ter caído no Rio Lete — disse ela. — E perdido nossas

lembranças.

Percy sentiu arrepios só de pensar nisso. Já tivera problemas suficientes com amnésia para uma vida inteira. Menos de um mês antes, Hera tinha apagado suas lembranças para botá-lo entre os semideuses romanos. Percy tinha ido parar no Acampamento Júpiter sem saber quem era ou de onde vinha. E alguns anos antes, lutara contra um titã nas margens do Lete, perto do palácio de Hades. Ele atacara o titã com água daquele rio e apagara sua memória.

— É, o Lete — murmurou ele. — Não é meu preferido.

— Qual era mesmo o nome daquele titã? — perguntou Annabeth.

— Hã... Jápeto. Ele disse que significava o *Empalador* ou algo assim.

— Não, o nome que você lhe deu depois que ele perdeu a memória. Steve?

— Bob — corrigiu Percy.

Annabeth conseguiu dar uma leve risada.

— Bob, o titã.

Os lábios de Percy estavam tão rachados que sorrir doía. Ele se perguntou o que teria acontecido com Jápeto depois que o deixaram no palácio de Hades... se ele ainda estaria feliz em ser Bob, simpático, alegre e bobalhão. Percy esperava que sim, mas o Mundo Inferior parecia despertar o pior em todos: monstros, heróis e deuses.

Observou as planícies cinzentas. Os outros titãs deveriam estar ali no Tártaro, talvez acorrentados ou vagando sem rumo, ou quem sabe escondidos em alguma daquelas fendas escuras. Percy e seus aliados tinham destruído o pior titã, Cronos, mas *seus* restos mortais podiam ainda estar ali, em algum lugar, um bilhão de partículas raivosas de titã flutuando nas nuvens cor de sangue ou espreitando na neblina negra.

Percy resolveu não pensar mais naquilo e beijou a testa de Annabeth.

— Temos que ir andando. Quer beber mais fogo?

— Eca. Não, obrigada.

Levantaram-se com dificuldade. Parecia impossível descer o resto do penhasco. Tudo que tinham pela frente eram saliências minúsculas, mas Percy e Annabeth seguiram em frente.

O corpo de Percy estava no piloto automático. Sentia câimbras nos dedos. Bolhas começavam a surgir em seus tornozelos. Estava tremendo de fome.

Perguntou-se se iriam morrer de inanição ou se o fogo líquido os manteria vivos. Lembrou-se do castigo de Tântalo, preso para sempre em um lago sob uma árvore frutífera, mas sem poder alcançar nem a água nem o alimento.

Caramba, Percy não pensava em Tântalo havia anos. Aquele sujeito idiota tinha sido brevemente perdoado para ser diretor do Acampamento Meio-Sangue. Provavelmente estava de volta aos Campos de Punição. Percy nunca tinha

sentido pena do imbecil antes, mas agora sentia certa compaixão por ele. Podia imaginar como seria sentir cada vez mais fome por toda a eternidade sem jamais conseguir comer.

Continue a descer, disse a si mesmo.

Cheesebúrgueres, respondeu seu estômago.

Cale a boca, pensou.

Com fritas, protestou o estômago.

Um bilhão de anos mais tarde, com mais umas dez bolhas nos pés, Percy chegou ao fundo. Ajudou Annabeth a descer, e os dois desabaram no chão.

Diante deles se estendiam quilômetros de terra estéril fervilhando com larvas monstruosas e árvores que pareciam pelos gigantes de inseto. À direita, o Flegetonte se dividia em braços que riscavam a planície, abrindo-se em um delta de fumaça e fogo. Ao norte, ao longo do curso principal do rio, havia inúmeras entradas de cavernas. Aqui e ali, colunas de rocha se projetavam para o alto como pontos de exclamação.

Ao tocar o solo, Percy o achou estranhamente quente e macio. Tentou pegar um punhado de terra, mas então percebeu que sob uma fina camada de terra e calça, o chão era uma única grande membrana... que parecia pele.

Quase vomitou, mas conseguiu se conter. Não havia nada em seu estômago além de fogo.

Não disse nada a Annabeth, mas começou a sentir que algo os observava, algo grande e maligno. Não conseguia dizer exatamente de onde, porque a presença estava ao seu redor. *Observar* também era a palavra errada. Isso pressupunha olhos, e esta coisa apenas sabia que estavam ali. A sequência de penhascos diante deles começava a se parecer menos com degraus e mais com fileiras de dentes enormes. As colunas de pedra pareciam costelas quebradas. E se o solo fosse pele...

Percy se obrigou a pensar em outra coisa. Estava morrendo de medo daquele lugar. Era simples assim.

Annabeth se levantou, limpou a fuligem do rosto e olhou para a escuridão do horizonte.

— Vamos ficar completamente expostos quando atravessarmos essa planície.

Cerca de cem metros à frente deles, uma bolha estourou no chão. Um monstro saiu, abrindo caminho com suas garras... Um telquine com pelo liso, corpo como o de uma foca e membros humanos atrofiados. Conseguiu rastejar apenas alguns metros quando algo saiu disparado da caverna mais próxima, tão rápido que Percy só conseguiu vislumbrar uma cabeça reptiliana verde-escura. O monstro abocanhou o telquine e o arrastou para a escuridão, enquanto a presa guinchava.

Renascer no Tártaro só para ser devorado dois segundos depois. Percy se perguntou se aquele telquine surgiria em algum outro lugar do Tártaro e quanto tempo levaria para que seu corpo tornasse a se formar.

Engoliu em seco, ainda sentindo o sabor amargo do fogo líquido.

— Que a diversão comece.

Annabeth o ajudou a se levantar. Ele olhou para os penhascos uma última vez, mas não havia volta. Teria dado mil dracmas de ouro para que Frank Zhang estivesse com eles naquele momento, o bom e velho Frank, que sempre aparecia quando era necessário e podia se transformar em uma águia ou dragão e carregá-los voando por cima daquela terra idiota, estéril e desolada.

Começaram a andar, evitando as entradas das cavernas e permanecendo perto da margem do rio.

Estavam acabando de contornar uma das colunas quando os olhos de Percy captaram um vislumbre de movimento, algo correndo entre duas rochas à direita deles.

Estavam sendo seguidos por um monstro? Ou talvez fosse algum vilão aleatório a caminho das Portas da Morte.

De repente, ele se lembrou por que enveredaram por aquele caminho e parou de andar.

— As *empousai*. — Agarrou o braço de Annabeth. — Onde elas estão?

Annabeth olhou em volta. Seus olhos cinza reluziram alarmados.

Talvez as *empousai* tivessem sido apanhadas por aquele réptil na caverna. Se ainda estivessem à frente deles nas planícies, deveriam estar visíveis.

A menos que estivessem escondidas...

Percy sacou a espada tarde demais.

As *empousai* surgiram das rochas em volta deles, e as cinco formaram um círculo. Uma armadilha perfeita.

Kelli se adiantou mancando com aquelas suas pernas diferentes. Seus cabelos flamejantes caíam em cascata sobre os ombros como a miniatura de uma cachoeira do Flegetonte. O uniforme esfarrapado de líder de torcida estava coberto de manchas de um marrom acobreado, e Percy tinha quase certeza de que não eram de ketchup. Ela o encarou com os olhos vermelhos brilhantes e exibiu as presas.

— Percy Jackson — exclamou ela alegremente. — Que maravilha! Nem preciso voltar ao mundo mortal para destruir você!

XV

PERCY

PERCY SE LEMBROU DO PERIGO que Kelli representara da última vez que haviam lutado no Labirinto. Apesar das pernas diferentes, ela se movia muito rápido quando queria. Tinha desviado de seus golpes de espada e teria acabado com ele se Annabeth não a houvesse esfaqueado pelas costas.

Agora ela estava acompanhada de quatro amigas.

— E sua amiga *Annabeth* está com você! — sibilou Kelli com uma risada. — Ah, sim, eu me lembro muito bem dela.

Kelli tocou o próprio esterno, por onde saíra a ponta da lâmina quando Annabeth a esfaqueara.

— Qual é o problema, filha de Atena? Perdeu sua arma? Que chato. Eu gostaria de usá-la para matar você.

Percy tentou raciocinar. Ele e Annabeth ficaram ombro a ombro como haviam feito muitas vezes antes, prontos para a batalha. Mas nenhum dos dois estava em condições de lutar. Annabeth estava de mãos vazias. Estavam em grande desvantagem numérica. Não havia para onde correr. Não chegaria nenhuma ajuda.

Por um segundo, Percy considerou chamar a sra. O'Leary, sua amiga cão infernal que podia viajar pelas sombras. Mesmo que ela o ouvisse, será que conseguiria chegar ao Tártaro? Era para lá que os monstros iam quando morriam. Chamá-la até ali podia matá-la, ou fazê-la voltar a seu estado natural de monstro feroz. Não, não ia conseguir fazer isso com sua cadela.

Então, nada de ajuda. E não tinham chances no combate corpo a corpo.

Com isso, restavam as táticas favoritas de Annabeth: trapaça, conversa, postergação.

— Então... — Começou ele. — Acho que deve estar se perguntando o que

estamos fazendo no Tártaro.

Kelli deu uma risadinha de desdém.

— Na verdade, não. Só quero matar você.

A conversa teria terminado aí, mas Annabeth entrou no papo.

— Que chato — disse ela. — Porque vocês não fazem ideia do que está acontecendo no mundo mortal.

As outras *empousai* começaram a andar em volta deles, observando Kelli à espera de uma deixa para atacar; mas a ex-líder de torcida só rosnou e saiu do alcance da espada de Percy.

— Sabemos o bastante — disse Kelli. — Gaia falou.

— Vocês estão rumando para uma grande derrota. — Annabeth parecia tão confiante que até Percy se impressionou. Ela olhou para as outras *empousai*, uma por uma, depois apontou acusadoramente para Kelli. — Essa aí diz que as está conduzindo a uma vitória. É mentira. Da última vez em que estive no mundo mortal, Kelli era responsável por manter meu amigo Luke Castellan fiel a Cronos. No fim, Luke o rejeitou e deu a vida para expulsá-lo. Os titãs perderam porque Kelli *falhou*. Agora ela quer conduzir vocês a um novo fracasso.

As outras *empousai* murmuravam e se moviam inquietas em seus lugares.

— Já chega! — As unhas de Kelli cresceram e se transformaram em longas garras negras. Ela olhou para Annabeth como se estivesse fazendo picadinho dela mentalmente.

Percy estava quase certo de que Kelli tivera uma queda por Luke Castellan. Luke tinha esse efeito sobre as garotas, mesmo nas vampiras com perna de burro, e Percy desconfiava de que mencionar seu nome não fora uma ideia muito boa.

— A garota está mentindo — disse Kelli. — Sim, os titãs perderam. Ótimo! Isso era parte do plano para despertar Gaia! Agora a Mãe Terra e seus gigantes vão destruir o mundo mortal, e a gente vai devorar um super banquete de semideuses!

As outras vampiras mostraram os dentes em um frenesi. Percy estivera no meio de um cardume de tubarões em uma água cheia de sangue. Mas aquilo não fora nem de perto tão assustador quanto *empousai* prontas para se alimentarem.

Ele se preparou para atacar, mas de quantas daria cabo antes que elas o dominassem? Não seria o suficiente.

— Os semideuses se uniram! — gritou Annabeth. — É melhor pensar duas vezes antes de nos atacar. Romanos e gregos vão combatê-los juntos. Vocês não têm a menor chance!

As *empousai* recuaram nervosamente, sibilando: “*Romani*.”

Percy pressupôs que elas haviam tido alguma experiência anterior com a

Décima Segunda Legião e o resultado não fora nada bom para as *empousai*.

— É, isso mesmo, *Romani*. — Percy desnudou o antebraço e mostrou a elas a marca que recebera no Acampamento Júpiter, as letras ^{SPQR}, com o tridente de Netuno. — Você sabe o que acontece quando mistura gregos e romanos? O resultado é um BUM!

Ele bateu o pé com força no chão, e as *empousai* se afastaram correndo. Uma caiu da rocha sobre a qual estivera parada.

Isso fez com que Percy se sentisse bem, mas elas logo se recuperaram e voltaram a cercá-los.

— Vocês estão bem confiantes para dois semideuses perdidos no Tártaro — provocou Kelli. — Baixe a espada, Percy Jackson, e mate você rápido. Acredite em mim, há maneiras piores de morrer aqui embaixo.

— Espere! — tentou Annabeth outra vez. — As *empousai* não são servas de Hécate?

Kelli pareceu contrariada.

— E daí?

— E daí que Hécate agora está do *nosso* lado — disse Annabeth. — Ela tem um chalé no Acampamento Meio-Sangue. Alguns de seus filhos semideuses são meus amigos. Se lutarem contra nós, vão deixá-la com raiva.

Percy teve vontade de abraçar Annabeth. Ela era absolutamente brilhante.

Uma das outras *empousai* rosnou.

— Isso é verdade, Kelli? Nossa senhora fez as pazes com o Olimpo?

— Cale a boca, Serefone! — gritou Kelli. — *Deuses*, vocês são insuportáveis.

— Não vou contrariar a Senhora das Trevas.

Annabeth aproveitou a deixa.

— É melhor vocês todas ouvirem Serefone. Ela é mais velha e mais sábia.

— É! — gritou Serefone com sua voz aguda. — Sigam-me!

Kelli deu o bote tão rápido que Percy não teve chance de levantar a espada. Por sorte, ela não o atacou. Avançou sobre Serefone. Por meio segundo as duas *empousai* viraram um borrão de garras e presas afiadas.

Então acabou. Kelli ficou de pé triunfante sobre um monte de poeira. Os restos esfarrapados do vestido de Serefone pendiam de suas garras.

— Alguém tem mais algum *problema*? — perguntou Kelli ameaçadoramente para as irmãs. — Hécate é a deusa da Névoa! Seus desígnios são misteriosos. Quem sabe de que lado ela realmente está? Também é a deusa das encruzilhadas e espera que façamos nossas próprias escolhas. Eu escolho o caminho que vai nos render mais sangue de semideuses! Escolho Gaia.

Suas amigas sibilaram em aprovação.

Annabeth olhou rapidamente para Percy, e ele viu que ela estava sem ideias.

Ela havia feito o possível. Conseguira que Kelli eliminasse uma delas mesmas. Agora não havia mais nada a fazer além de lutar.

— Por dois anos eu me debati no vazio — disse Kelli. — Você tem ideia de como é absolutamente *chato* ser vaporizada, Annabeth Chase? Tipo, recuperar a forma bem devagar, estando totalmente consciente e sofrendo uma dor terrível por meses e anos enquanto seu corpo torna a crescer, para então finalmente romper a crosta deste lugar infernal e se arrastar com as garras de volta à luz do dia? Tudo porque uma *garotinha* a esfaqueou pelas costas?

Seus olhos ameaçadores encararam os de Annabeth.

— O que será que acontece se um semideus for morto no Tártaro? Duvido que já tenha acontecido antes. Vamos descobrir.

Percy atacou, brandindo Contracorrente em um arco amplo. Cortou um dos demônios ao meio, mas Kelli se esquivou e atacou Annabeth. As outras duas *empousai* se lançaram sobre Percy. Uma agarrou o braço da espada. A amiga pulou nas costas dele.

Percy tentou ignorá-las e avançou com dificuldade na direção de Annabeth, determinado a morrer defendendo-a, se fosse preciso. Mas Annabeth estava se saindo muito bem. Ela desviou para um lado e escapou das garras de Kelli. Quando se levantou, trazia uma pedra na mão, com a qual golpeou o nariz da adversária.

Kelli urrou. Annabeth pegou um punhado de cascalho e o jogou nos olhos da *empousa*.

Enquanto isso, Percy se debatia, tentando se livrar da *empousa* que pegara carona nas suas costas, mas as garras dela afundaram ainda mais em seus ombros. A segunda *empousa* segurava seu braço, evitando que ele usasse Contracorrente.

Pelo canto do olho, viu Kelli saltar e cravar as garras nos braços de Annabeth, que gritou e caiu.

Percy cambaleou em sua direção. A vampira em suas costas afundou os dentes em seu pescoço. Uma dor intensa percorreu todo o seu corpo, e seus joelhos vacilaram.

Fique de pé, disse para si mesmo. *Você tem de vencê-las*.

Então a outra vampira mordeu o braço da espada, e Contracorrente caiu no chão com um ruído metálico.

Era isso. Sua sorte finalmente acabara. Kelli erguia-se sobre Annabeth, saboreando sua vitória. As outras duas *empousai* cercaram Percy com as bocas salivando, prontas para outra mordida. Então uma sombra passou por Percy. De algum lugar acima, ouviu-se um sonoro grito de guerra, que ecoou pelas planícies do Tártaro, e em seguida um titã caiu no campo de batalha.

XVI

PERCY

PERCY ACHOU QUE ESTAVA ALUCINANDO. Não era possível que uma figura prateada enorme caísse do nada bem em cima de Kelli e a transformasse em poeira de monstro.

Mas foi exatamente o que aconteceu. O titã tinha três metros de altura, cabelos prateados e desgrenhados como os de Einstein, olhos inteiramente prateados e braços musculosos saindo do uniforme rasgado de zelador. Ele carregava uma enorme vassoura, e seu crachá, para espanto de Percy, dizia: B_{OB}.

Annabeth gritou de dor e tentou se afastar, rastejando, mas o zelador gigante não estava interessado nela. Ele se virou para as *empousai* que ainda estavam em cima de Percy.

Uma foi tola o suficiente para atacar. Ela se lançou com a velocidade de um tigre, mas não teve a menor chance. Uma ponta de lança projetou-se da extremidade da vassoura de Bob. Com um único golpe mortal, ele a cortou e a transformou em poeira. A última *empousa* tentou fugir. Bob lançou a vassoura como se fosse um bumerangue gigante (será que existia algo como um vassourangue?), que atravessou a *empousa* e voltou para suas mãos.

— V_{ARRER}! — O titã sorriu com prazer e fez uma dança da vitória. — Varrer, varrer, varrer!

Percy não conseguia falar. Para ele, era impossível acreditar que alguma coisa boa tinha mesmo acontecido. Annabeth parecia igualmente chocada.

— C-como...? — gaguejou ela.

— Percy me chamou! — disse o zelador, satisfeito. — É, ele chamou.

Annabeth se afastou um pouco mais. Seu braço estava sangrando muito.

— Chamou você? Ele... espere. Você é Bob? O Bob?

O zelador fez uma expressão preocupada ao ver o ferimento de Annabeth.

— Ai!

Annabeth se encolheu quando ele se ajoelhou a seu lado.

— Está tudo bem — disse Percy, ainda zozinho de dor. — Ele é um amigo.

Ele se lembrou de quando conheceu Bob. O titã tinha curado uma ferida feia no ombro de Percy só de tocá-la. Exatamente o que aconteceu agora: o zelador deu um tapinha no braço de Annabeth, que cicatrizou na mesma hora.

Bob riu, feliz consigo mesmo, depois foi até Percy e curou o pescoço e o braço que sangravam. As mãos do titã eram surpreendentemente quentes e delicadas.

— Agora está tudo bem! — declarou Bob, com os estranhos olhos prateados brilhando de prazer. — Eu sou Bob, amigo de Percy.

— Ah... sim. — Foi o que Percy conseguiu dizer. — Obrigado pela ajuda, Bob. É *muito* bom ver você de novo.

— É mesmo — concordou o zelador. — Bob. Esse sou eu. Bob, Bob, Bob. — Ele não parava quieto, obviamente feliz com o nome. — Estou ajudando. Ouvi meu nome. Lá em cima no palácio de Hades, ninguém chama Bob a não ser que haja uma sujeirada. Bob, varra esses ossos. Bob, limpe essas almas torturadas. Bob, um zumbi explodiu na sala de jantar.

Annabeth olhou intrigada para Percy, mas ele não tinha explicação.

— Então ouvi meu amigo chamar! — disse orgulhoso o titã. — Percy disse: *Bob!*

Ele segurou o braço de Percy e o levantou.

— Isso é incrível — disse Percy. — É sério. Mas como você...

— Ah, mais tarde teremos tempo para conversar. — A expressão de Bob ficou séria. — Precisamos ir antes que encontrem vocês. Eles estão a caminho. Estão, sim.

— *Eles?* — perguntou Annabeth.

Percy observou o horizonte. Não viu monstros se aproximando. Não havia nada além da terra estéril cinzenta e desolada.

— É — confirmou Bob. — Mas Bob conhece um caminho. Venham, amigos! Vamos nos divertir!

XVII

FRANK

FRANK ACORDOU COMO UMA PÍTON, o que o deixou confuso.

Não por estar em uma forma animal. Ele fazia isso o tempo todo. Mas nunca se transformara durante o sono. Tinha certeza de que não adormecera como cobra. Normalmente, dormia como cão.

Descobrira que dormia muito melhor na forma de um buldogue encolhido em seu beliche. Por algum motivo, tinha menos pesadelos. A constante gritaria em sua cabeça quase desaparecia.

Ele não fazia ideia de por que se transformara em uma píton reticulada, mas isso explicava o sonho no qual engolia lentamente uma vaca. Sua mandíbula ainda estava dolorida.

Preparou-se e voltou à forma humana. Imediatamente, a terrível dor de cabeça retornou, junto com as vozes.

Lute contra eles!, gritou Marte. *Tome o navio! Defenda Roma!*

A voz de Ares gritou em resposta: *Mate os romanos! Sangue e morte! Armas gigantescas!*

As personalidades romana e grega de seu pai gritavam em sua mente com a habitual trilha sonora de ruídos de batalha: explosões, rifles de assalto, turbinas rugindo — tudo pulsando como se houvesse um amplificador de som no cérebro de Frank.

Ele se sentou no beliche, zozinho de tanta dor. Como fazia todas as manhãs, inspirou profundamente e olhou para o lampião sobre a escrivaninha — uma pequena chama que queimava noite e dia, alimentada pelo azeite de oliva mágico da despensa.

Fogo... o maior medo de Frank. Manter uma chama acesa em seu quarto o aterrorizava, mas também o ajudava a se concentrar. O barulho em sua cabeça

tornava-se apenas um ruído de fundo, e assim ele conseguia pensar.

Ele melhorara, mas durante dias fora quase um inútil. Assim que a luta irrompera no Acampamento Júpiter, as duas vozes do deus da guerra haviam começado a berrar sem parar. Desde então, Frank andava por aí confuso, quase incapaz de agir. Vinha se comportando como um idiota, e tinha certeza de que seus amigos achavam que ele tinha perdido o juízo.

Frank não podia lhes dizer o que havia de errado. Eles não podiam fazer nada, e, ouvindo as suas conversas, Frank confirmou que não estavam com o mesmo problema de ter seus divinos pais gritando em seus ouvidos.

Típico de Frank, mas ele *tinha* de se recompor. Seus amigos precisavam dele, especialmente agora, com a ausência de Annabeth.

Annabeth fora gentil com Frank. Mesmo quando ele estava perturbado e fazendo várias trapalhadas, ela fora paciente e prestativa. Enquanto Ares gritava que os filhos de Atena não eram confiáveis, e Marte ordenava aos berros que ele matasse todos os gregos, Frank passara a respeitar Annabeth.

Agora que estavam sem ela, Frank era a melhor opção do grupo em termos de estrategista militar. Precisariam dele na jornada que tinham pela frente.

Ele se levantou e se vestiu. Felizmente, conseguira comprar roupas novas em Siena dois dias antes, substituindo a roupa suja que Leo usara como isca na mesa Buford. (Longa história.) Ele pegou um jeans, uma camiseta verde do exército e separou seu pulôver favorito, mas lembrou que não precisava daquilo. Fazia muito calor. Mais importante: não precisava mais de bolsos para proteger o pedaço de madeira mágica que controlava o seu tempo de vida. Hazel o mantinha em segurança para ele.

Talvez isso devesse deixá-lo nervoso. Se o graveto queimasse, Frank morreria: fim da história. Mas confiava em Hazel mais do que em si mesmo. Saber que ela protegia a sua maior fraqueza o fazia se sentir melhor, como se tivesse colocado o cinto de segurança antes de uma perseguição em alta velocidade.

Ele pendurou no ombro o arco e a aljava, que imediatamente se transformaram em uma mochila comum. Frank adorava aquilo. Jamais teria descoberto a camuflagem de sua aljava sem Leo.

Leo!, rugiu Marte. Ele deve morrer!

Estrangule-o!, gritou Ares. Estrangule todo mundo! Espere, de quem estamos falando mesmo?

Os dois começaram a gritar um com o outro de novo, por cima do som das bombas que explodiam dentro da cabeça de Frank.

Ele se apoiou na parede. Durante dias, Frank ouvira aquelas vozes exigirem a morte de Leo Valdez.

Afinal, fora Leo quem começara a guerra com o Acampamento Júpiter ao

disparar uma balista contra o Fórum. Claro, ele estava possuído naquele momento, mas Marte exigia vingança mesmo assim. E Leo piorava as coisas ao debochar sempre de Frank, e Ares exigia que Frank retaliasse cada insulto.

Frank mantinha as vozes sob controle, mas não era fácil.

Em sua viagem pelo Atlântico, Leo dissera algo que não lhe saía da cabeça. Quando descobriram que Gaia, a malvada deusa da terra, pusera todos eles a prêmio, Leo desejou saber o valor.

Quer dizer, posso entender por que não sou tão caro quanto Percy ou Jason, talvez..., dissera, *mas valho, tipo, dois ou três Franks.*

Era apenas mais uma das piadas idiotas de Leo, mas ele havia colocado o dedo na ferida. No *Argo II*, Frank definitivamente se sentia como o JMV, ou Jogador Menos Valioso. Claro, ele podia se transformar em animais. Mas e daí? Sua maior utilidade até agora fora virar uma doninha para escapar de uma oficina subterrânea, e até mesmo *isso* fora ideia de Leo. Frank era mais conhecido pelo Fiasco do Peixe Dourado Gigante, em Atlanta, e também por ontem, após ter se transformado em um gorila de duzentos quilos apenas para ser derrubado por uma granada de som e luz.

Leo ainda não fizera nenhuma piada sobre gorilas às suas custas, mas era apenas uma questão de tempo.

Mate-o!

Torture-o! Depois mate!

Os dois lados do deus da guerra pareciam estar brigando dentro da cabeça de Frank, usando seus seios da face como ringue.

Sangue! Armas!

Roma! Guerra!

Fiquem quietos, ordenou Frank.

Surpreendentemente, as vozes obedeceram.

Muito bem, pensou Frank.

Talvez pudesse finalmente controlar aqueles irritantes minideuses. Talvez hoje fosse um bom dia.

Mas a esperança foi destruída assim que subiu ao convés superior.

*

— O que são esses bichos? — perguntou Hazel.

O *Argo II* estava atracado a um cais muito movimentado. De um lado estendia-se um canal de navegação com cerca de meio quilômetro de largura. Do

outro, a cidade de Veneza: telhados vermelhos, cúpulas metálicas nas igrejas, torres com campanários e edifícios banhados pelo sol, pintados em todas as cores daqueles doces em forma de coração típicos do Dia dos Namorados: vermelho, branco, ocre, rosa e laranja.

Por toda parte havia estátuas de leões: sobre pedestais, em cima das portas de entrada, nos pórticos dos edifícios maiores. Havia tantos que Frank concluiu que o leão devia ser o mascote da cidade.

Em lugar de ruas, canais verdes tomados por lanchas cortavam os bairros. Ao longo das docas, as calçadas estavam abarrotadas de turistas fazendo compras nos quiosques de camisetas, lotando as lojas e relaxando ao longo dos quilômetros de mesas de cafés ao ar livre, como um bando de leões-marinhos. E Frank tinha achado que Roma era cheia de turistas... Veneza era uma loucura.

Mas Hazel e o restante de seus amigos não estavam prestando atenção em nada disso. Reuniam-se à amurada a boreste olhando para dezenas de estranhos monstros peludos misturados à multidão.

Cada monstro era mais ou menos do tamanho de uma vaca, com as costas curvadas como as de um cavalo exaurido, pelo cinzento emaranhado, patas finas e cascos negros fendidos. A cabeça das criaturas parecia pesada demais para o pescoço. Os longos focinhos de tamanduá chegavam quase até o chão. As longas jубas acinzentadas cobriam completamente seus olhos.

Frank observou uma das criaturas vagar pesadamente pelo passeio, farejando e lambendo o chão com a língua comprida. Os turistas passavam ao seu lado sem esboçarem surpresa. Alguns chegavam até mesmo a acariciá-lo. Frank se perguntou como aqueles mortais podiam estar tão calmos. Então, a figura do monstro tremeluziu. Por um instante, sua aparência era a de um velho e gordo beagle.

— Os mortais pensam que são cães de rua — resmungou Jason.

— Ou animais de estimação perambulando por aí — disse Piper. — Meu pai fez um filme em Veneza certa vez. Eu me lembro de ele ter dito que havia cachorros em todo lugar. Os venezianos adoram cães.

Frank franziu a testa. Sempre se esquecia de que o pai de Piper era Tristan McLean, um grande astro do cinema. Ela não falava muito sobre ele. Piper era uma garota muito equilibrada para alguém que havia crescido em Hollywood. Frank achava isso ótimo. A última coisa de que precisavam naquela missão era de paparazzi tirando fotos de todos os seus fracassos épicos.

— Mas o que são esses bichos? — Ele repetiu a pergunta de Hazel. — Parecem... vacas desnutridas com pelo de pastor inglês.

Esperou que alguém lhe desse alguma explicação. Ninguém disse nada.

— Talvez sejam inofensivos — sugeriu Leo. — Estão ignorando os mortais.

— Inofensivos — debochou Gleeson Hedge.

O sátiro trajava seu short de ginástica de sempre, camiseta esporte e apito de treinador. Parecia mal-humorado, como de costume, mas ainda tinha um elástico cor-de-rosa no cabelo, preso pelos anões ardilosos em Bolonha. Frank estava com medo de avisá-lo.

— Valdez, quantos monstros *inofensivos* já encontramos? A gente devia apontar essas balistas e botar para quebrar!

— Hã, não — disse Leo.

Pela primeira vez, Frank concordou com Leo. Havia muitos monstros. Seria impossível atingir um sem acertar também a multidão de turistas. Além disso, se aquelas criaturas entrassem em pânico e desatassem a correr...

— Teremos de passar por eles e torcer para que sejam pacíficos — disse Frank, já odiando a ideia. — É a única maneira de encontrarmos o dono do livro.

Leo tirou o manual encadernado em couro de debaixo do braço. Ele colara uma nota adesiva na capa com o endereço que os anões lhe deram em Bolonha.

— *La Casa Nera* — leu. — *Calle Frezzeria*.

— A Casa Negra — traduziu Nico di Angelo. — Calle Frezzeria é a rua.

Frank tentou não recuar ao perceber que Nico estava ao seu lado. O sujeito era tão quieto e sombrio que parecia desaparecer quando não estava falando. Hazel podia ter voltado dos mortos, mas Nico era *muito* mais fantasmagórico.

— Você fala italiano? — perguntou Frank.

Nico lançou-lhe um olhar de advertência, tipo: *Cuidado com o que pergunta*. Mas respondeu calmamente:

— Frank está certo. Precisamos encontrar esse endereço. E a única maneira de fazer isso é andando pela cidade. Veneza é um labirinto. Teremos que enfrentar as multidões e esses... seja lá o que forem.

Um trovão retumbou no céu claro de verão. Eles tinham enfrentado tempestades na noite anterior. Frank achara que haviam terminado, mas agora não tinha certeza. O ar estava tão quente e abafado quanto o de uma sauna a vapor.

Jason franziu a testa ao fitar o horizonte.

— Talvez eu devesse ficar a bordo. Tinha muitos *venti* na tempestade de ontem à noite. Se decidirem atacar o navio outra vez...

Não precisou terminar. Todos haviam sentido a fúria dos espíritos do vento. Jason fora o único que tivera alguma chance de combatê-los.

O treinador Hedge resmungou:

— Bem, estou fora também. Se vocês, bebezinhos de coração mole, vão passear por Veneza sem nem mesmo dar uns tabefes na cabeça desses animais peludos, não quero nem saber. Não gosto de expedições *tediosas*.

— Tudo bem, treinador — disse Leo, sorrindo. — Ainda temos que consertar o mastro de proa. Então, precisarei de sua ajuda na sala de máquinas. Tenho uma ideia para uma nova instalação.

Frank não gostou do brilho nos olhos de Leo. Desde que o filho de Hefesto encontrara a esfera de Arquimedes, vinha planejando um monte de “novas instalações”. Normalmente elas explodiam ou produziam fumaça, que subia até a cabine de Frank.

— Bem — Piper mudou o peso do corpo de um pé para o outro. — Quem quer que vá deve saber lidar com animais. Eu, bem... admito não ser muito boa com vacas.

Frank percebeu que havia uma história por trás daquele comentário, mas resolveu não perguntar.

— Eu vou — disse ele.

Não sabia dizer por que se oferecera, talvez por estar ansioso para ser útil para variar. Ou talvez por não querer que se adiantassem dizendo: *Animais? Frank pode se transformar em animais! Ele é que deve ir!*

Leo deu um tapinha no ombro dele e entregou-lhe o livro com capa de couro.

— Ótimo. Se você passar por alguma loja de ferragens, pode me trazer algumas tábuas 2x4 e um galão de alcatrão?

— Leo — censurou Hazel. — Ele não está indo fazer compras.

— Eu vou com Frank — ofereceu-se Nico.

Os olhos de Frank começaram a tremer. As vozes dos deuses da guerra ficaram mais altas dentro de sua cabeça: *Mate-o! Escória grega!*

Não! Eu amo a escória grega!

— Hã... você é bom com animais? — perguntou.

Nico forçou um sorriso.

— Na verdade, a maioria dos animais me odeia. Eles podem sentir a morte. Mas há algo nesta cidade... — Sua expressão se tornou sombria. — Muitas mortes. Espíritos inquietos. Se eu for, talvez consiga mantê-los afastados. Além disso, como você notou, eu falo italiano.

Leo coçou a cabeça.

— Muitas mortes, hein? Pessoalmente, estou tentando evitar muitas mortes. Mas divirtam-se!

Frank não sabia o que o assustava mais: as monstruosas vacas peludas, as hordas de fantasmas inquietos ou ir a algum lugar sozinho com Nico di Angelo.

— Também vou. — Hazel tomou o braço de Frank. — Três é o melhor número para uma missão de semideuses, certo?

Frank tentou não parecer muito aliviado. Ele não queria ofender Nico. Mas se voltou para Hazel e agradeceu com os olhos: *Obrigado, obrigado, obrigado.*

Nico fitou os canais, como se estivesse se perguntando quais novos e interessantes tipos de maus espíritos poderiam estar espreitando por lá.

— Tudo bem, então. Vamos encontrar o dono deste livro.

XVIII

FRANK

FRANK TERIA GOSTADO DE **V**ENEZA se não fosse verão, no meio da alta temporada, e se a cidade não estivesse tomada por enormes criaturas peludas. Espremidas entre as fileiras de casas antigas e os canais, as calçadas já eram estreitas demais para a multidão que se acotovelava e parava para tirar fotos. Os monstros deixavam tudo ainda pior. Vagavam de cabeça baixa, esbarrando nos mortais e farejando o chão.

Um pareceu ter encontrado algo de seu agrado à margem de um canal. Mordiscou e lambeu uma rachadura entre as pedras até conseguir remover uma espécie de raiz esverdeada. O monstro a consumiu alegremente e se afastou.

— Bem, eles são vegetarianos — disse Frank. — Essa é uma boa notícia.

Hazel segurou sua mão.

— A menos que complementem a sua dieta com semideuses. Tomara que não.

Frank ficou tão feliz por estar de mãos dadas com Hazel que as multidões, o calor e os monstros subitamente não lhe pareceram assim tão ruins. Sentia-se *necessário*. Útil.

Não que Hazel precisasse de sua proteção. Qualquer um que a tivesse visto montada em Arion, cavalgando em direção a um inimigo e brandindo a espada, saberia que ela podia cuidar de si mesma. Ainda assim, Frank gostava de estar ao seu lado, imaginando ser o seu guarda-costas. Se qualquer um daqueles monstros tentasse feri-la, ele se transformaria em um rinoceronte com todo o prazer e o empurraria para dentro do canal.

Será que conseguiria se transformar em um rinoceronte? Frank nunca tentara.

Nico parou.

— Ali.

Entraram em uma rua menor, deixando o canal para trás. À frente deles havia uma pequena praça cercada por prédios de cinco andares. O lugar estava

estranhamente deserto, como se os mortais sentissem que ali não era seguro. No meio do pátio com calçamento de seixos, umas doze vacas peludas farejavam um antigo poço de pedras cobertas de musgo.

— Um monte de vacas em um mesmo lugar — observou Frank.

— É, mas veja — disse Nico. — Atrás daquele arco.

Os olhos de Nico deviam ser melhores do que os dele. Frank forçou a vista. Na outra extremidade da praça, um arco de pedra entalhado com leões levava a uma rua estreita. Logo após o arco, uma das casas era preta; o único edifício dessa cor que Frank vira até então em Veneza.

— La Casa Nera? — arriscou ele.

Hazel segurou a mão de Frank com mais força.

— Eu não gosto desta praça. Está... fria.

Frank não tinha certeza do que Hazel queria dizer, já que ainda estava suando como um porco.

Mas Nico assentiu. Ele estudou as janelas da casa, a maioria fechada com venezianas de madeira.

— Tem razão, Hazel. Este lugar está cheio de *lemures*.

— Lêmures? — perguntou Frank, nervoso. — Suponho que você não esteja se referindo aos pequenos animais peludos de Madagascar.

— São fantasmas furiosos — esclareceu Nico. — Os *lemures* remontam ao tempo dos romanos. Eles perambulam por muitas das cidades italianas, mas nunca senti tantos em um mesmo lugar. Minha mãe dizia que... — Ele hesitou. — Ela me contava histórias sobre os fantasmas de Veneza.

Novamente, Frank ficou curioso sobre o passado de Nico, mas tinha medo de perguntar. Ele olhou para Hazel.

Ela parecia estar dizendo: *Vá em frente. Nico precisa de mais prática em conversar com pessoas.*

Os sons de rifles de assalto e bombas atômicas ficaram mais altos dentro da cabeça de Frank. Marte e Ares estavam tentando superar um ao outro com *Dixie* e *O Hino de Batalha da República*. Frank fez o possível para ignorá-los.

— Nico, sua mãe era italiana? — perguntou. — Era de Veneza?

Nico assentiu, relutante.

— Ela conheceu Hades aqui, na década de 1930. Com a Segunda Guerra Mundial prestes a estourar, fugiu para os ^{EUA} comigo e com minha irmã. Quer dizer... Bianca, minha outra irmã. Não me lembro muito da Itália, mas ainda sei falar o idioma.

Frank tentou pensar em uma resposta. *Puxa, que legal* não parecia apropriado.

Ele estava perto não de um, mas de *dois* semideuses tirados de seu tempo. Tecnicamente, ambos eram uns setenta anos mais velhos do que ele.

— Deve ter sido difícil para a sua mãe — disse Frank. — Acho que fazemos qualquer coisa pelas pessoas que amamos.

Hazel apertou sua mão de modo aprovador. Nico olhou para os seixos do calçamento.

— É — disse com amargura. — Acho que fazemos.

Frank não sabia o que Nico estava pensando. Tinha dificuldade em imaginar Nico di Angelo fazendo algo por amor, exceto, talvez, por Hazel. Mas decidiu que já fizera muitas perguntas pessoais.

— Então, os *lemures*... — Ele engoliu em seco. — Como podemos evitá-los?

— Já estou cuidando disso — respondeu Nico. — Enviei uma mensagem dizendo que devem ficar longe e nos ignorar. Esperemos que seja o bastante. Caso contrário... as coisas podem ficar complicadas.

Hazel não parecia convencida.

— Vamos em frente — sugeriu ela.

Quando estavam no meio da praça, tudo deu errado. Mas não foi por causa dos fantasmas.

Eles contornavam o poço no centro da praça, tentando manter certa distância dos monstros bovinos, quando Hazel tropeçou em um pedaço solto de calçamento. Frank a segurou. Seis ou sete daquelas enormes criaturas cinzentas voltaram-se para eles. Frank vislumbrou um olho verde brilhante sob uma juba e imediatamente foi tomado por uma onda de náusea, como a que sentia quando comia muito queijo ou sorvete.

As criaturas emitiram profundos sons guturais, como sirenes furiosas.

— Vacas boazinhas — murmurou Frank, tranquilizador. Ele se colocou entre seus amigos e os monstros. — Pessoal, acho que devemos sair daqui bem devagar.

— Eu sou uma estabanada — murmurou Hazel. — Me desculpem.

— Não é culpa sua — disse Nico. — Olhe para os seus pés.

Frank olhou para baixo e ofegou, surpreso.

Sob seus pés, as pedras do calçamento se moviam: gavinhas pontiagudas surgiam das rachaduras.

Nico recuou um passo. As raízes serpentearam em sua direção, tentando segui-lo. As gavinhas ficaram mais grossas, exalando um vapor verde que cheirava a repolho cozido.

— Essas raízes parecem gostar de semideuses — observou Frank.

A mão de Hazel segurou o punho da espada.

— E as vacas gostam das raízes.

Todo o rebanho olhava agora em sua direção, emitindo rosnados repetidos que lembravam sirenes e batendo os cascos no chão. Frank sabia o suficiente sobre

comportamento animal para entender a mensagem: *Vocês estão pisando em nossa comida. Isso os torna nossos inimigos.*

Frank tentou raciocinar. Havia monstros demais, não tinham como enfrentá-los. E algo nos olhos das criaturas, escondidos sob as juba peludas... Frank ficara nauseado apenas com um olhar de relance. Tinha o mau pressentimento de que, caso aqueles monstros fizessem contato visual, pudessem deixá-lo muito mais do que nauseado.

— Não olhem para os olhos deles — advertiu. — Vou distraí-los. Vocês dois recuem bem devagar em direção à casa negra.

As criaturas se prepararam para atacar.

— Esqueçam o que eu disse — disse Frank. — Corram!

*

No fim das contas, Frank descobriu que *não* conseguia se transformar em rinoceronte e perdeu um tempo precioso tentando.

Nico e Hazel correram para a rua lateral. Frank se posicionou na frente dos monstros, na esperança de chamar a sua atenção. Ele berrou o mais alto que pôde, imaginando a si mesmo como um temível rinoceronte, mas com Ares e Marte gritando dentro de sua cabeça, não conseguia se concentrar. Continuou o Frank de sempre.

Dois dos monstros bovinos se destacaram do rebanho para perseguir Nico e Hazel.

— Não! — gritou Frank para as criaturas. — Aqui! Eu sou um rinoceronte!

O restante da manada o cercou. Os animais rosnavam, e um gás verde-esmeralda saía de suas narinas. O semideus recuou um passo para evitar o vapor, mas o fedor quase o fez desmaiar.

Muito bem, nada de rinoceronte. Outra coisa. Frank sabia que tinha apenas alguns segundos antes que os monstros o pisoteassem ou o envenenassem, mas não conseguia raciocinar. Não conseguia se concentrar na imagem de animal nenhum tempo o bastante para se transformar.

Então, olhou para uma das varandas das casas e viu uma escultura em pedra, o símbolo de Veneza.

No instante seguinte, Frank era um leão adulto. Solto um rugido desafiador, então pulou para longe dos monstros que o cercavam e aterrissou a oito metros dali, em cima do antigo poço de pedra.

Os monstros rosnaram em resposta. Três deles fizeram sua investida ao

mesmo tempo, mas Frank estava preparado. Seus reflexos de leão eram feitos para o combate ágil.

Ele transformou os dois primeiros monstros em pó com suas garras, afundou as presas na garganta do terceiro e jogou-o para o lado.

Restavam sete, e mais os dois que perseguiam os seus amigos. As chances não eram boas, mas Frank precisava manter o rebanho concentrado nele. Rugiu para os monstros, que se afastaram.

Sim, eles estavam em vantagem numérica. Mas Frank era um predador top de linha. Os monstros do rebanho sabiam disso. Tinham acabado de assisti-lo mandar três de seus amigos para o Tártaro.

Ele se aproveitou da vantagem e saltou do poço, ainda mostrando as presas. O rebanho recuou.

Se pudesse simplesmente contornar o grupo correndo e ir atrás de seus amigos...

Frank estava se saindo bem, até recuar um passo em direção ao arco. Uma das vacas, a mais corajosa ou mais estúpida, interpretou aquilo como um sinal de fraqueza. Ela avançou e soprou gás verde no rosto de Frank.

Ele transformou o monstro em pó com suas garras, mas o estrago já estava feito. Frank prendeu a respiração. Ainda assim, sentia os pelos do focinho queimando. Seus olhos ardiam. Cambaleou para trás, meio cego e tonto, vagamente consciente de Nico gritando o seu nome.

— Frank! *Frank!*

Ele tentou se concentrar. Estava de volta à forma humana, com ânsia de vômito e cambaleante. A pele do rosto parecia estar descascando. A nuvem de gás verde flutuava entre ele e o rebanho à sua frente. Os monstros bovinos restantes olhavam-no desconfiados, talvez se perguntando se Frank tinha algum outro truque na manga.

Ele olhou para trás. Sob o arco de pedra, Nico di Angelo empunhava a espada negra de ferro estígio, acenando para que Frank se apressasse. Aos pés de Nico, duas poças escuras manchavam a calçada — sem dúvida restos dos monstros bovinos que os perseguiram.

E Hazel... estava encostada na parede atrás do irmão. Ela não se movia.

Frank correu em sua direção, esquecendo-se do rebanho de monstros. Passou correndo por Nico e agarrou os ombros da garota. A cabeça de Hazel tombou na direção do peito.

— Ela levou uma baforada de gás verde no rosto — contou Nico, arrasado. — Eu... eu não fui rápido o bastante.

Frank não sabia dizer se ela estava respirando. Raiva e desespero lutavam dentro dele. Sempre tivera medo de Nico. Agora, queria dar uma voadora no

filho de Hades e jogá-lo no canal mais próximo. Talvez não fosse justo, mas Frank não se importava. Tampouco os deuses da guerra que gritavam em sua cabeça.

— Precisamos levá-la de volta para o navio — disse Frank.

O rebanho de monstros bovinos rondava cautelosamente, um pouco além do arco, lançando os seus berros de sirene. Nas ruas em torno, outros monstros respondiam. Reforços. Logo os semideuses estariam cercados.

— Nunca conseguiremos voltar a pé — disse Nico. — Frank, transforme-se em uma águia gigante. Não se preocupe comigo. Leve-a de volta ao *Argo II*!

Com o rosto ardendo e as vozes gritando em sua mente, Frank não sabia se conseguiria mudar de forma, mas estava prestes a tentar quando uma voz atrás deles disse:

— Seus amigos não podem ajudá-los. Eles não conhecem a cura.

Frank se virou na direção da voz. À entrada da casa negra havia um homem jovem vestindo calça e camisa jeans. Tinha cabelos pretos encaracolados e um sorriso amigável, embora Frank duvidasse que ele fosse um amigo. Provavelmente nem era humano.

Naquele momento, Frank não se importava nem um pouco.

— Você pode curá-la?

— É claro — disse o homem. — Mas é melhor entrarem logo. Acho que vocês irritaram todos os *catóblepas* de Veneza.

XIX

FRANK

FOI POR POUCO QUE CONSEGUIRAM entrar.

Assim que o anfitrião trancou o ferrolho, os monstros bovinos urraram e se atiraram contra a porta, fazendo-a estremecer em suas dobradiças.

— Ah, eles não podem entrar — assegurou o sujeito de jeans. — Vocês estão seguros agora!

— Seguros? — exclamou Frank. — Hazel está morrendo!

O estranho franziu a testa, como se não tivesse gostado de Frank ter estragado o seu bom humor.

— Sim, sim. Tragam-na por aqui.

Frank carregou Hazel seguindo o homem para o interior do prédio. Nico se ofereceu para ajudar, mas não era preciso. Hazel não pesava nada, e o corpo de Frank estava sob efeito da adrenalina. Ele sentia os tremores de Hazel, o que significava que ao menos ela estava viva, mas sua pele estava fria. Os lábios assumiram um tom esverdeado, ou seria apenas a visão embaçada de Frank?

Seus olhos ainda ardiam por causa do hálito do monstro. Seus pulmões queimavam como se ele tivesse inalado um repolho em chamas. Não sabia por que o gás o afetara menos do que a Hazel. Talvez ela tivesse respirado mais gás. Frank teria dado qualquer coisa para trocar de lugar com ela caso isso significasse salvar sua vida.

As vozes de Marte e Ares gritavam dentro de sua cabeça, incitando-o a matar Nico, o homem de jeans e qualquer um que encontrasse, mas Frank controlou o barulho que faziam.

O primeiro cômodo da casa era uma espécie de estufa. Ao longo das paredes havia mesas com bandejas de plantas sob lâmpadas fluorescentes. O ar cheirava a fertilizante. Será que os venezianos faziam seus jardins dentro de casa, já que

estavam cercados de água em vez de terra? Frank não tinha certeza, mas não perdeu muito tempo pensando no assunto.

A sala dos fundos parecia uma mistura de garagem, dormitório de faculdade e laboratório de informática. Junto à parede da esquerda ficava uma bancada de servidores e laptops, com protetores de tela que exibiam imagens de tratores e campos arados. Encostada na parede da direita havia uma cama de solteiro, uma mesa bagunçada e um guarda-roupa aberto repleto de mais jeans e uma pilha de instrumentos agrícolas, como forcados e ancinhos.

A parede dos fundos era uma grande porta de garagem. Estacionada ali perto via-se uma carruagem aberta vermelha e dourada com um único eixo, como as carruagens em que Frank correria no Acampamento Júpiter. Das laterais do compartimento do condutor brotavam asas com penas gigantescas. Enrolada ao aro da roda esquerda, uma píton malhada roncava alto.

Frank não sabia que pítons roncavam. Esperava não tê-lo feito quando assumira a forma de uma na noite anterior.

— Deite a sua amiga aqui — instruiu o homem de jeans.

Frank colocou Hazel cuidadosamente na cama. Ele pegou sua espada e tentou deixá-la confortável, mas ela estava tão inerte quanto um espantalho. Sua pele definitivamente assumia um tom esverdeado.

— O que eram aquelas coisas bovinas? — perguntou Frank. — O que fizeram com ela?

— São catóblepas — disse o anfitrião. — Significa *que olham para baixo*. São chamados assim porque...

— Estão sempre olhando para baixo. — Nico deu um tapa na própria testa. — Claro, eu me lembro de ter lido sobre eles.

Frank olhou feio para Nico.

— *Agora* você lembra?

Nico encarou o chão, e sua cabeça ficou quase tão baixa quanto a de um catóblepa.

— Eu, hã... costumava jogar aquele jogo de cartas idiota quando era mais novo. Mitomagia. O catóblepa era uma das cartas de monstro.

Frank piscou.

— Já joguei Mitomagia. Nunca vi essa carta.

— Ela vinha na expansão *Africanus Extreme*.

— Ah.

O anfitrião pigarreou.

— Vocês dois, hã, já saíram do surto de nerdice?

— Certo, desculpe — murmurou Nico. — De qualquer modo, os catóblepas têm hálito e olhar venenosos. Eu achava que só viviam na África.

O homem de jeans deu de ombros.

— É a terra natal deles. Foram acidentalmente trazidos para Veneza há centenas de anos. Vocês já ouviram falar em São Marcos?

Frank queria berrar de frustração. Não via como aquilo podia ser relevante, mas, se o seu anfitrião podia curar Hazel, decidiu que talvez fosse melhor não aborrecê-lo.

— Santos? Não fazem parte da mitologia grega.

O homem de jeans riu.

— Não, mas São Marcos é o padroeiro desta cidade. Ele morreu no Egito há muito tempo. Quando os venezianos se tornaram poderosos... bem, relíquias de santos eram uma grande atração turística na Idade Média. Os venezianos decidiram roubar os restos mortais de São Marcos e trazê-los para a sua grande igreja de San Marco. Eles contrabandearam o corpo em um barril de carne de porco em conserva.

— Isso é... nojento — disse Frank.

— Sim — concordou o sujeito, com um sorriso. — O problema é que você não pode fazer algo assim sem sofrer as consequências. Involuntariamente, os venezianos contrabandearam algo mais para fora do Egito: os catóblepas. Vieram a bordo do navio e têm procriado como ratos desde então. Adoram as raízes mágicas venenosas que crescem por aqui, plantas do pântano fedorentas que brotam dos canais. Isso torna o hálito deles ainda mais venenoso! Os monstros costumam ignorar os mortais, mas semideuses... ainda mais no caminho deles...

— Já entendi — disse Frank rispidamente. — Você pode curá-la?

O homem encolheu os ombros.

— Talvez.

— *Talvez?*

Frank precisou usar toda sua força de vontade para não estrangular o sujeito. Ele levou a mão às narinas de Hazel. Não podia sentir sua respiração.

— Nico, por favor, me diga que ela está fazendo aquele negócio de transe de morte, como você fez na jarra de bronze.

Nico fez uma careta.

— Não sei se Hazel pode fazer isso. Tecnicamente, o pai dela é Plutão, não Hades, então...

— Hades! — exclamou o anfitrião. Ele se afastou, olhando para Nico com desagrado. — Então é *esse* o cheiro que estou sentindo. Filhos do Mundo Inferior? Se eu soubesse *disso*, jamais os teria deixado entrar!

Frank se levantou.

— Hazel é uma boa pessoa. Você prometeu que a *ajudaria*!

— Eu *não* prometi.

Nico sacou a espada e rosnou:

— Ela é minha irmã. Eu não sei quem você é, mas se pode curá-la, então precisa ajudar, ou eu juro pelo Rio Estige...

— Ah, blá-blá-blá!

O homem fez um gesto de desprezo com a mão. De repente, no lugar de Nico di Angelo surgiu um vaso de planta com um metro e meio de altura, folhas verdes pendentes, tufos de palha e meia dúzia de espigas maduras de milho amarelo.

— Pronto — disse o homem, apontando para o pé de milho. — Não recebo ordens dos filhos de Hades! Vocês deviam falar menos e ouvir mais. Pelo menos agora você não tem mais boca.

Frank tropeçou na cama.

— O que você fez... por que...?

O homem ergueu uma sobrancelha. Frank soltou um gritinho que não soou muito corajoso. Estivera tão preocupado com Hazel que havia esquecido o que Leo dissera sobre o sujeito que estavam procurando.

— Você é um deus — lembrou-se Frank.

— Triptólemo — confirmou o homem com uma reverência. — Meus amigos me chamam de Trip, então não me chame assim. E se você for outro filho de Hades...

— Marte! — disse Frank rapidamente. — Filho de Marte!

Triptólemo fungou.

— Bem... não é muito melhor. Mas talvez você mereça algo mais do que um pé de milho. Que tal um sorgo? Sorgos são muito bonitos.

— Espere! — implorou Frank. — Nós viemos em paz. Trouxemos um presente. — Bem devagar, ele enfiou a mão na mochila e pegou o livro com capa de couro. — Isso é seu?

— Meu almanaque! — Triptólemo sorriu e aceitou o livro. Ele folheou as páginas e começou a dar pulinhos. — Ah, mas isso é fabuloso! Onde o encontraram?

— Hum, Bolonha. Foram aqueles... — Frank se lembrou de que não deveria mencionar os anões — ... monstros terríveis. Arriscamos as nossas vidas, mas sabíamos que era importante para você. Então, talvez pudesse, quem sabe, trazer Nico de volta ao normal e curar Hazel.

— Hein?

Trip ergueu os olhos do livro. Estivera alegremente recitando trechos para si mesmo, algo sobre a época de plantio de nabos. Frank desejou que Ella, a harpia, estivesse ali. Ela se daria muito bem com aquele cara.

— Ah, *curá-los*? — exclamou Triptólemo de modo desaprovador. — Estou

grato pelo livro, é claro. E definitivamente posso deixar que você vá embora, filho de Marte. Mas tenho um problema de longa data com Hades. Afinal, devo meus poderes divinos a Deméter!

Frank vasculhou a memória, mas era uma tarefa difícil com as vozes gritando em sua cabeça e o veneno do catóblepa deixando-o tonto.

— Ah, Deméter — disse ele —, a deusa das plantas. Ela... ela não gosta de Hades, porque... — Subitamente ele se lembrou de uma velha história que ouvira no Acampamento Júpiter. — Sua filha, Prosérpina...

— Perséfone — corrigiu Trip. — Prefiro a forma grega, se não se importa.

Mate-o!, gritou Marte.

Adoro esse cara!, retrucou Ares. *Mas mate-o assim mesmo!*

Frank decidiu não se ofender. Não queria ser transformado em um pé de sorgo.

— Tudo bem. Hades raptou Perséfone.

— Exatamente! — disse Trip.

— Então... Perséfone era sua amiga?

— Na época eu era apenas um príncipe mortal — desdenhou Trip. — Perséfone não teria me notado. Mas quando sua mãe, Deméter, foi atrás dela, procurando por toda a Terra, muitas pessoas se recusaram a ajudar. Hécate iluminou seu caminho à noite com tochas. E eu... bem, quando Deméter veio à minha propriedade na Grécia, dei a ela um lugar para ficar. Eu a consolei, alimentei e ofereci a minha ajuda. Na ocasião, não sabia que era uma deusa, mas minha boa ação valeu a pena. Mais tarde, Deméter me recompensou tornando-me deus da agricultura!

— Uau — exclamou Frank. — Agricultura. Parabéns.

— Eu sei! Muito legal, não é? De qualquer modo, Deméter nunca se deu bem com Hades. Então, naturalmente, você sabe, tenho que tomar o partido de minha deusa padroeira. Filhos de Hades, nem pensar! Na verdade, um deles... Sabe aquele rei cita chamado Linceu? Então, quando eu tentei ensinar agricultura para seus conterrâneos, ele matou a minha pítton da direita!

— Sua... pítton da direita?

Trip foi até a carruagem alada e pulou nela. Então, puxou uma alavanca, e as asas começaram a bater. A pítton malhada na roda esquerda abriu os olhos e começou a se mexer, enrolando-se em volta do eixo como uma mola. A carruagem entrou em movimento, mas a roda direita ficou parada, o que fez com que Triptólemo girasse em círculos; a carruagem batia as asas e subia e descia como um carrossel defeituoso.

— Viu? — perguntou ele, ainda girando. — Não funciona! Desde que perdi minha pítton da direita, não pude mais disseminar a agricultura, pelo menos não

pessoalmente. Agora, preciso recorrer a cursos on-line.

— O quê?

Assim que perguntou, Frank se arrependeu.

Trip pulou da carruagem enquanto esta ainda girava. A pítom desacelerou até parar e voltou a roncar. Trip correu até a bancada de computadores. Tocou nos teclados e as máquinas despertaram. Os monitores exibiram um site em marrom e dourado com a imagem de um fazendeiro feliz vestindo uma toga e um boné John Deere e empunhando uma foice de bronze em um campo de trigo.

— Universidade de Agricultura Triptólemo — anunciou com orgulho. — Em apenas seis semanas, você pode obter o seu bacharelado na emocionante e vibrante carreira do futuro: a agricultura!

Frank sentiu uma gota de suor escorrer pelo seu rosto. Não se importava com aquele deus maluco, sua carruagem movida a cobras ou seu curso universitário on-line. Mas Hazel estava ficando cada vez mais verde. Nico tinha virado um pé de milho, e ele estava sozinho.

— Veja. Nós recuperamos o seu almanaque. E meus amigos são muito legais. Não são como os outros filhos de Hades que você conheceu. Então, se houver alguma maneira de...

— Ah! — Trip estalou os dedos. — Entendi aonde você quer chegar!

— Hã... entendeu?

— Claro! Se eu curar a sua amiga Hazel e fizer o outro, Nicholas...

— Nico.

— ... voltar ao normal...

Frank hesitou.

— Sim?

— Então, em troca, você ficará comigo e abraçará a agricultura! Um filho de Marte como meu aprendiz? É perfeito! Que grande porta-voz você será. Podemos transformar espadas em arados e nos divertir muito!

— Na verdade...

Frank tentava desesperadamente bolar um plano. Ares e Marte gritaram em sua cabeça: *Espadas! Armas de fogo! Grandes explosões!*

Se recusasse a oferta de Trip, o sujeito provavelmente se ofenderia e ele acabaria como um pé de sorgo, trigo ou alguma outra cultura rentável.

Se fosse a única maneira de salvar Hazel, então tudo bem, aceitaria as exigências de Trip e se tornaria um agricultor. Mas essa *não podia* ser a única maneira. Frank se recusava a acreditar que tinha sido escolhido pelas Parcas para integrar aquela missão apenas para acabar estudando o cultivo de nabo em um curso on-line.

Seus olhos se voltaram para a carruagem quebrada.

— Tenho uma proposta melhor. Eu posso consertar isso.

O sorriso de Trip desapareceu.

— Consertar... a minha carruagem?

Frank teve vontade de se matar. Que ideia era aquela? Ele não era Leo. Ele nem mesmo conseguira desvendar aquele par de algemas chinesas estúpidas. Mal conseguia trocar as pilhas de um controle remoto de tevê. Não poderia consertar uma carruagem mágica!

Mas algo lhe dizia que era a sua única chance. Aquela carruagem era a única coisa que Triptólemo realmente desejava.

— Descobrirei uma forma de consertar a carruagem — ofereceu. — Em troca, você cura Nico e Hazel e nos deixa ir embora. E... e nos dá qualquer ajuda que puder para derrotarmos as forças de Gaia.

Triptólemo riu.

— O que o faz pensar que posso ajudá-lo com isso?

— Hécate nos disse que podia — afirmou Frank. — Ela nos mandou para cá. Ela... ela decidiu que Hazel é uma de suas favoritas.

O rosto de Trip empalideceu.

— Hécate?

Frank esperava não estar exagerando. Não precisava que Hécate também ficasse brava com ele. Mas se Triptólemo e Hécate eram amigos de Deméter, talvez isso convencesse Trip a ajudar.

— A deusa nos guiou até o seu almanaque em Bolonha — contou Frank. — Ela queria que nós o devolvêssemos a você porque... bem, ela deve saber que você tem algum conhecimento que pode nos ajudar a atravessar a Casa de Hades em Épiro.

Trip assentiu com a cabeça bem devagar.

— Sim. Entendi. Sei por que Hécate o enviou para mim. Muito bem, filho de Marte. Encontre uma maneira de consertar a minha carruagem. Se conseguir, farei tudo o que me pedir. Caso contrário...

— Já sei — resmungou Frank. — Meus amigos morrem.

— Isso mesmo — disse Trip alegremente. — E você dará um belo pé de sorgo!

XX

FRANK

FRANK SAIU TROPEÇANDO DA **CASA** **N**EGRA. A porta se fechou atrás dele, e o semideus se encostou na parede, cheio de culpa. Por sorte os catóblepas tinham ido embora, senão havia grandes chances de que Frank ficasse ali sentado e deixasse que o pisoteassem. Ele merecia. Havia abandonado Hazel lá dentro, agonizando indefesa, à mercê de um deus agricultor louco.

Mate os agricultores!, gritou Ares em sua cabeça.

Volte para a legião e lute contra os gregos!, exclamou Marte. *O que estamos fazendo aqui?*

Matando agricultores!, gritou Ares em resposta.

— Calem a boca! — gritou Frank. — Os dois!

Duas velhas senhoras com sacolas de compras passando ali perto olharam estranho para Frank, murmuraram algo em italiano e continuaram a andar.

Arrasado, Frank olhava para a espada de cavalaria de Hazel caída aos seus pés, ao lado de sua mochila. Ele poderia voltar correndo para o *Argo II* e chamar Leo. Talvez o filho de Hefesto pudesse consertar a carruagem.

Mas, por algum motivo, Frank sabia que aquele não era um problema para Leo resolver. Era tarefa de Frank. Ele tinha de provar o seu valor. Além do mais, a carruagem não estava exatamente quebrada. Não havia nenhum problema mecânico. Apenas faltava uma serpente.

Frank poderia se transformar em uma píton. Talvez o fato de ele ter despertado naquela manhã como uma serpente gigante tivesse sido um sinal dos deuses. Não queria passar o resto da vida girando a roda da carruagem de um agricultor, mas se isso significasse salvar a vida de Hazel...

Não. Tinha que haver outra maneira.

Serpentes, pensou Frank. Marte.

Será que seu pai tinha alguma ligação com serpentes? O animal sagrado de Marte era o javali, não a serpente. Ainda assim, Frank tinha certeza de ter ouvido algo certa vez...

Só conseguia pensar em uma pessoa a quem perguntar e, relutante, abriu a mente para as vozes do deus da guerra.

Preciso de uma serpente, disse. Como?

Ha, ha!, gritou Ares. Sim, a serpente!

Como aquele Cadmo desprezível, disse Marte. Nós o castigamos por ter matado o nosso dragão!

Os dois começaram a gritar tanto que Frank pensou que sua cabeça fosse explodir.

— Tudo bem! Parem!

As vozes se aquietaram.

— Cadmo — murmurou Frank. — Cadmo...

Ele se lembrou da história. O semideus Cadmo matara um dragão que por acaso era filho de Ares. Frank não queria nem saber como o deus da guerra acabara tendo um filho dragão, mas o fato é que, como punição, Ares transformou Cadmo em uma serpente.

— Então você pode transformar os seus inimigos em serpentes — disse Frank. — É disso que preciso. Agora tenho que encontrar um inimigo. Então, vou precisar que você o transforme em uma serpente.

Pensa que eu faria isso por você?, rugiu Ares. Você não provou o seu valor!

Apenas um grande herói poderia pedir tal graça, disse Marte. Um herói como Rômulo!

Romano demais!, gritou Ares. Diomedes!

Nunca!, retrucou Marte. Aquele covarde foi derrotado por Hércules!

Horácio, então, sugeriu Marte.

Ares ficou em silêncio. Frank sentiu-o concordar, de má-vontade.

— Horácio — disse Frank. — Tudo bem. Se é isso que você quer, provarei que sou tão bom quanto Horácio. Hã... o que ele fez?

Imagens inundaram a mente de Frank. Ele viu um guerreiro solitário em uma ponte de pedra, enfrentando todo um exército que se reunia do outro lado do Rio Tibre.

Frank se lembrou da lenda. Horácio, o general romano que sozinho detivera uma horda de invasores, sacrificando-se naquela ponte para impedir que os bárbaros atravessassem o Tibre. Ao dar tempo para que seus companheiros romanos concluíssem as suas defesas, ele salvou a República.

Veneza foi invadida, disse Marte, como Roma está prestes a ser. Purifique-a!

Destrua a todos! disse Ares. Crave sua espada no coração de cada um deles!

Frank voltou a ignorar as vozes. Ele olhou suas mãos e ficou surpreso por não estarem tremendo.

Pela primeira vez em muitos dias, seus pensamentos clarearam. Ele sabia exatamente o que precisava fazer. Ainda não sabia como faria aquilo. Tinha grandes chances de morrer, mas precisava tentar. A vida de Hazel dependia disso.

Ele guardou a espada de Hazel no cinto, transformou a sua mochila em uma aljava e arco, e correu em direção à praça onde lutaria contra os monstros bovinos.

*

O plano tinha três fases: perigosa, muito perigosa, e super ultra mega perigosa.

Frank parou ao lado do poço de pedra. Não havia catóblepas à vista. Ele sacou a espada de Hazel e a usou para erguer alguns seixos do calçamento, desenterrando um grande emaranhado de raízes pontiagudas. Os tentáculos se esticaram, exalando o fedorento vapor verde enquanto se arrastavam em direção aos pés de Frank.

O semideus ouviu ao longe o urro de um catóblepa. Outros se seguiram, vindos de todas as direções. Frank não tinha certeza de como os monstros poderiam saber que ele estava roubando a sua comida favorita, talvez tivessem apenas um excelente olfato.

Agora, teria que ser rápido. Frank cortou um longo pedaço de vinha e a amarrou em um dos passadores de sua calça, tentando ignorar o ardor e a coceira nas mãos. Logo, ele tinha um cinto brilhante e fedorento de ervas venenosas. Oba.

Os primeiros catóblepas chegaram à praça galopando e urrando de ódio. Os olhos verdes brilhavam sob suas júbas. Seus longos focinhos sopravam nuvens de gás, o que os fazia parecerem máquinas a vapor peludas.

Frank preparou uma flecha. Sentiu uma momentânea pontada de culpa. Aqueles não eram os piores monstros que encontrara. Tratava-se basicamente de ruminantes que por acaso eram venenosos.

Mas Hazel estava morrendo por causa deles, lembrou-se.

Disparou a flecha. O catóblepa mais próximo caiu, desintegrando-se em poeira. Frank preparou uma segunda flecha, mas o resto da manada já estava quase em cima dele. E outros catóblepas chegavam à praça pela direção oposta.

Frank se transformou em leão. Deu um rugido desafiador e saltou em direção

ao arco, pulando por cima do segundo rebanho. Os dois grupos de catóblepas se chocaram, mas logo se recuperaram e passaram a persegui-lo.

Frank não tinha certeza se as raízes ainda teriam cheiro depois que ele mudou de forma. Normalmente, suas roupas e pertences meio que se misturavam à sua forma animal, mas pelo visto ainda cheirava a um suculento e venenoso jantar. Toda vez que passava por um catóblepa, o monstro rugia indignado e se juntava ao desfile do *Mate o Frank!*

Entrou em uma rua maior e abriu caminho entre a multidão de turistas. Não sabia que cena os mortais estariam vendo. Talvez um gato sendo perseguido por uma matilha de cães. Pessoas xingaram Frank em uns doze idiomas diferentes. Cones de sorvete foram derrubados. Uma mulher deixou cair uma pilha de máscaras de carnaval. Um sujeito foi parar dentro do canal.

Quando Frank olhou para trás, havia no mínimo uns vinte monstros em seu encalço, mas ele precisava de mais. Precisava de *todos* os monstros de Veneza, e precisava manter os que vinham atrás dele furiosos.

Encontrou um espaço no meio da multidão e voltou à forma humana. Sacou a espada de Hazel, que nunca fora a sua arma preferida, mas ele era grande e forte o bastante para que a pesada espada de cavalaria não fosse problema. Na verdade, estava contente com a arma de alcance mais longo. Golpeou com a lâmina de ouro, destruindo o primeiro catóblepa e deixando os outros se amontoarem à sua frente.

Tentou evitar encará-los, mas podia sentir os olhares dos monstros queimando sua pele. Imaginou que se todas aquelas criaturas soprassem ao mesmo tempo a nuvem venenosa resultante seria suficiente para derretê-lo. Os monstros avançavam e se chocavam uns nos outros.

Frank gritou:

— Vocês querem as minhas raízes venenosas? Então venham pegá-las!

Transformou-se em um golfinho e saltou no canal. Torcia para que os catóblepas não soubessem nadar. No mínimo, pareciam relutantes em segui-lo, e ele não podia culpá-los. O canal era nojento, fedorento, salgado e tão quente quanto uma sopa, mas Frank o atravessou, esquivando-se de gôndolas e lanchas, parando de vez em quando para lançar insultos na língua dos golfinhos aos monstros que o seguiam pelas calçadas. Quando chegou à doca de gôndolas mais próxima, Frank voltou à forma humana, matou mais alguns catóblepas, para mantê-los enfurecidos, e saiu correndo.

E assim foi.

Após algum tempo, caiu em uma espécie de transe. Atraía mais monstros, dispersava mais multidões de turistas e conduzia seu então enorme séquito de catóblepas pelas ruas sinuosas da velha cidade. Sempre que precisava escapar

rapidamente, mergulhava em um canal como um golfinho ou se transformava em uma águia e saía voando, mas nunca se colocava muito longe de seus perseguidores.

Cada vez que os monstros pareciam estar perdendo o interesse, Frank parava em um telhado, pegava o arco e abatia alguns catóblepas no centro do rebanho. Balançava o cinto de plantas venenosas e insultava o mau hálito dos monstros, provocando-os até ficarem furiosos. Em seguida, continuava a correr.

Voltou por onde veio. E se perdeu. Em dado momento, dobrou uma esquina e deu de cara com o final do cortejo que o perseguia. Deveria estar esgotado, mas de algum modo encontrou forças para continuar, o que era bom. A parte mais difícil ainda estava por vir.

Frank até viu algumas pontes, mas achou que não serviriam. Uma era elevada e completamente coberta; não havia como fazer os monstros se espremerem por ela. A rua estava cheia de turistas. Mesmo que os monstros ignorassem os mortais, aquele gás venenoso não podia ser muito benéfico. Quanto maior o rebanho de monstros, mais mortais seriam empurrados para o lado, jogados na água ou pisoteados.

Finalmente Frank viu algo que serviria. Pouco mais à frente, depois de uma grande praça, uma ponte atravessava um dos canais mais largos. Era feita de madeira, em um arco de vigas entrecruzadas, como uma antiga montanha-russa, com cerca de cinquenta metros de comprimento.

Do alto, Frank, em forma de águia, não viu nenhum monstro do outro lado. Todos os catóblepas em Veneza pareciam ter se juntado ao rebanho e avançavam pelas ruas atrás dele enquanto os turistas gritavam e se dispersavam, talvez pensando terem sido pegos no meio de uma correria de cães de rua.

A ponte estava vazia. Era perfeito.

Frank desceu e retomou a forma humana. Então correu até o meio da ponte — lugar onde esta se estreitava — e jogou a isca de raízes venenosas para trás.

Quando o rebanho de catóblepas alcançou o início da ponte, Frank sacou a espada de ouro de Hazel.

— Venham — gritou. — Vocês querem saber o valor de Frank Zhang? Venham!

Ele se deu conta de que não estava gritando apenas para os monstros. Extravasava semanas de medo, raiva e ressentimentos. As vozes de Marte e Ares se juntaram à dele.

Os monstros avançaram. A visão de Frank ficou vermelha.

Mais tarde, não conseguiu se lembrar dos detalhes com clareza. Matou monstros até ficar com pó amarelo na altura dos tornozelos. Sempre que ficava encurralado e as nuvens de gás começavam a sufocá-lo, mudava de forma,

tornando-se um elefante, um dragão, um leão, e cada transformação parecia limpar os seus pulmões, dando-lhe uma nova explosão de energia. Sua mudança de forma se tornou tão fluida que era capaz de iniciar um ataque com a espada em forma humana e terminar como um leão, arranhando o focinho de um catóblepa com suas garras.

Os monstros batiam com os cascos no chão. Exalavam gás e encaravam Frank com seus olhares venenosos. Ele deveria ter morrido. Deveria ter sido pisoteado. Mas, de alguma forma, manteve-se de pé, ileso, e desencadeou um furacão de violência.

Não sentiu qualquer tipo de prazer naquilo, mas também não hesitou. Apunhalou um monstro e decapitou outro. Transformou-se em um dragão e cortou um catóblepa ao meio. Em seguida, virou elefante e esmagou três dos monstros de uma vez com as patas. Ele ainda via tudo em vermelho, e percebeu que seus olhos não o estavam enganando. Seu corpo brilhava, rodeado por uma aura rosada.

Não entendia por quê, mas continuou lutando até que sobrou apenas um monstro.

Frank enfrentou-o com a espada desembainhada. Estava ofegante, suado, coberto de poeira de monstro, mas não estava ferido.

O catóblepa rosnou. Não devia ser o mais inteligente do rebanho. Apesar de centenas de seus irmãos terem acabado de morrer, o animal não recuou.

— Marte! — gritou Frank. — Provei o meu valor. Agora, preciso de uma serpente!

Frank duvidava que alguém já tivesse pronunciado tais palavras. Era um pedido meio estranho. Nenhuma resposta veio dos céus. Pela primeira vez em muito tempo, as vozes em sua cabeça ficaram em silêncio.

O catóblepa perdeu a paciência. Investiu contra Frank, deixando-o sem escolha. O semideus golpeou de baixo para cima. Assim que a lâmina o atingiu, o catóblepa desapareceu em um clarão vermelho-sangue. Quando a visão de Frank voltou ao normal, viu uma píton birmanesa marrom enrolada aos seus pés.

— Muito bem — disse-lhe uma voz familiar.

A poucos metros dali estava seu pai, Marte, usando uma boina vermelha e uniforme verde-oliva com a insígnia das Forças Especiais italianas e um rifle de assalto pendurado no ombro. Seu rosto era rígido e anguloso, e ele usava óculos escuros.

— Pai — conseguiu dizer Frank.

Não podia acreditar no que acabara de fazer. O terror começou a atingi-lo. Tinha vontade de chorar, mas achava que não seria uma boa ideia fazer isso na frente de Marte.

— É natural sentir medo. — A voz do deus da guerra estava surpreendentemente calorosa, cheia de orgulho. — Todos os grandes guerreiros têm medo. Só os idiotas e os loucos não o sentem. Mas você enfrentou o seu medo, filho. Fez o que tinha que fazer, como Horácio. Esta foi a sua ponte, e você a defendeu.

— Eu... — Frank não sabia o que dizer. — Eu... eu só precisava de uma serpente.

Marte deu um leve sorriso.

— Sim. E agora você a tem. Sua bravura uniu as minhas formas, grega e romana, mesmo que apenas por um instante. Vá. Salve os seus amigos. Mas ouça, Frank. Seu maior desafio ainda está por vir. Quando enfrentar os exércitos de Gaia no Épiro, sua liderança...

De repente, o deus se curvou, segurando a cabeça. Sua forma tremulou. Seu uniforme se transformou em uma toga, depois em uma jaqueta e uma calça jeans de motociclista. Seu rifle se transformou em uma espada e, em seguida, um lançador de foguetes.

— Agonia! — berrou Marte. — Vá! Depressa!

Frank não fez perguntas. Apesar da exaustão, transformou-se em uma águia gigante, pegou a píton com suas garras enormes e alçou voo.

Quando olhou para trás, viu um cogumelo atômico em miniatura no meio da ponte, com anéis de fogo irradiando do centro, e duas vozes — Marte e Ares — gritaram:

— Nããão!

Frank não sabia bem o que acabara de acontecer, mas não tinha tempo para pensar naquilo. Sobrevoou a cidade, agora sem monstros, e se dirigiu à casa de Triptólemo.

*

— Você conseguiu! — exclamou o deus agricultor.

Frank o ignorou. Invadiu La Casa Nera, arrastando a píton pela cauda como um estranho saco de Papai Noel, e a soltou perto da cama.

Ajoelhou-se ao lado de Hazel.

Ainda estava viva. Verde e trêmula, mal respirando, mas viva. Quanto a Nico, ainda era um pé de milho.

— Cure-os — disse Frank. — Agora.

Triptólemo cruzou os braços.

— Como vou saber se a serpente vai funcionar?

Frank rangeu os dentes. Desde a explosão na ponte, as vozes do deus da guerra pararam de gritar em sua cabeça, mas ele ainda sentia a raiva de ambos, fundidas, agitando-se dentro dele. Fisicamente, também se sentia diferente. Será que Triptólemo tinha ficado mais baixo?

— A serpente é um presente de Marte — rosnou Frank. — Vai funcionar.

Como se esperando a deixa, a píton birmanesa deslizou até a carruagem e se enroscou na roda direita. A outra serpente acordou. Elas se entreolharam, tocaram o focinho e então moveram as rodas ao mesmo tempo. A carruagem andou para a frente, batendo as asas.

— Viu? — disse Frank. — Agora, cure os meus amigos!

Triptólemo deu um tapinha no próprio queixo.

— Bem, obrigado pela serpente, mas não estou gostando do seu tom de voz, semideus. Talvez eu o transforme em...

Frank foi mais rápido. Agarrou Trip e o empurrou contra a parede, apertando a garganta do deus.

— Pense bem no que vai dizer — advertiu Frank, incrivelmente calmo. — Ou, em vez de enfiar a minha espada em um arado, vou cravá-la em sua cabeça.

Triptólemo engoliu em seco.

— Sabe... acho que vou curar os seus amigos.

— Jure pelo Rio Estige.

— Juro pelo Rio Estige.

Frank o soltou. Triptólemo tocou a garganta, como se quisesse ter certeza de que ela ainda estava ali. Deu um sorriso nervoso para Frank, passou a uma distância segura dele e saiu correndo para a sala da frente.

— Só estou... só estou colhendo ervas!

Frank observou o deus recolher folhas e raízes e esmagá-las em um pilão. Ele enrolou uma bola verde e gosmenta do tamanho de uma pílula, correu até Hazel e colocou a bola nojenta sob a língua dela.

Instantaneamente, Hazel estremeceu e se sentou, tossindo. Seus olhos se abriram. A pele voltou à cor normal.

Ela olhou em torno, confusa, até ver Frank.

— O quê...?

Frank a abraçou.

— Você vai ficar bem — disse ele, arrebatado. — Está tudo bem.

— Mas... — Hazel agarrou seus ombros e o olhou com espanto. — Frank, o que aconteceu com você?

— Comigo? — Ele se levantou, subitamente desconfortável. — Eu não...

Olhou para baixo e entendeu do que Hazel estava falando. Triptólemo não

ficara mais baixo. Era Frank quem estava mais alto. Sua barriga diminuía. Seu peito parecia mais musculoso.

Frank já tivera surtos de crescimento. Certa vez acordara dois centímetros mais alto do que no dia anterior. Mas aquilo era loucura. Era como se um pouco do dragão e do leão tivesse permanecido nele quando voltou à forma humana.

— Hã... Eu não... Talvez eu possa consertar isso.

Hazel riu com prazer.

— Mas por quê? Você está incrível!

— E-estou?

— Quer dizer, você era bonito antes! Mas agora parece mais velho, mais alto, tão imponente...

Triptólemo suspirou de modo dramático.

— Sim, obviamente algum tipo de bênção de Marte. Parabéns, blá-blá-blá. Agora, já acabamos por aqui?

Frank olhou feio para o deus.

— Ainda não. Cure Nico.

Triptólemo revirou os olhos e apontou para o vaso com a planta e BUM! Nico di Angelo apareceu em uma explosão de palhas de milho.

O garoto olhou em torno, em pânico.

— Eu... eu tive um pesadelo muito esquisito com pipocas. — Ele franziu a testa para Frank. — Por que você está *mais alto*?

— Está tudo bem — assegurou Frank. — Triptólemo estava prestes a nos dizer como sobreviver na Casa de Hades. Não é mesmo, Trip?

O deus agricultor olhou para o teto, como se perguntasse: *Por que eu, Deméter?*

— Tudo bem — disse Trip. — Quando chegarem a Épiro, será oferecido a vocês um cálice do qual devem beber.

— Oferecido por quem? — perguntou Nico.

— Não importa — respondeu Trip, mal-humorado. — Mas saibam que está cheio de um veneno mortal.

Hazel estremeceu.

— Então você está dizendo que não devemos beber.

— Não! — exclamou Trip. — Vocês *terão* que beber, ou nunca serão capazes de atravessar o templo. O veneno vai ligá-los ao mundo dos mortos, permitindo que sigam para os níveis mais baixos. O segredo para sobreviver é... — Seus olhos brilharam. — ... *Cevada*.

Frank o encarou.

— Cevada.

— Levem um pouco de minha cevada especial que está na sala da frente.

Façam bolinhos com ela e comam antes de entrarem na Casa de Hades. A cevada absorverá o pior do veneno, de modo que vocês serão *afetados* por ele, mas não morrerão.

— Só isso? — perguntou Nico. — Hécate nos mandou até o outro lado da Itália para você nos dizer para comer cevada?

— Boa sorte! — Triptólemo atravessou a sala correndo e pulou em sua carruagem. — E, Frank Zhang, eu o perdoo! Você é corajoso. Se mudar de ideia, minha oferta continua de pé. Adoraria vê-lo se formar em agricultura!

— Claro... — murmurou Frank. — Obrigado.

O deus puxou uma alavanca em sua carruagem. As serpentes-rodas giraram. As asas começaram a bater. No fundo da sala, as portas de garagem se abriram.

— Como é bom poder viajar outra vez! — gritou Trip. — Há tantas terras ignorantes que necessitam de meu conhecimento. Vou ensinar-lhes as glórias da lavoura, da irrigação, da adubação! — A carruagem decolou e saiu da casa enquanto Triptólemo gritava para o céu:

— Avante, minhas serpentes! Avante!

— Isso foi muito estranho — comentou Hazel.

— As glórias da adubação. — Nico espanou algumas palhas de milho de seu ombro. — Podemos sair daqui agora?

Hazel pousou a mão sobre o ombro de Frank.

— Está tudo bem mesmo? Você lutou por nossas vidas. O que Triptólemo o obrigou a fazer?

Frank tentou se conter. Censurou-se por se sentir tão fraco. Era capaz de enfrentar um exército de monstros, mas bastava Hazel ser gentil e ele tinha vontade de entregar os pontos e chorar.

— Aqueles monstros bovinos... os catóblepas que a envenenaram... Tive que destruí-los.

— Isso foi corajoso — disse Nico. — Devia ter o quê? Uns seis ou sete que sobraram daquele rebanho?

— Não, foram todos eles. — Frank pigarreou. — Matei *todos* os catóblepas da cidade.

Nico e Hazel o encararam em um silêncio atordoado. Frank estava com medo de que duvidassem dele ou comesçassem a rir. Quantos monstros tinha matado naquela ponte? Duzentos? Trezentos?

Mas viu em seus olhos que os dois acreditavam nele. Eram filhos do Mundo Inferior. Talvez pudessem sentir a morte e a carnificina pela qual passara.

Hazel beijou seu rosto. Agora, tinha que ficar na ponta dos pés para alcançá-lo. Os olhos dela estavam incrivelmente tristes, como se tivesse percebido que algo mudara em Frank, algo muito mais importante do que o crescimento físico

repentino.

Frank também sabia. Jamais seria o mesmo. Só não sabia se isso era bom.

— Bem — disse Nico, aliviando a tensão. — Alguém faz ideia de como é a cevada?

XXI

ANNABETH

ANNABETH CONCLUIU QUE OS MONSTROS não iam matá-la. Nem a atmosfera venenosa, nem a paisagem traiçoeira com seus poços, precipícios e rochas afiadas.

Não. O motivo de sua morte seria, muito provavelmente, a overdose de *bizarrices* que faria seu cérebro explodir.

Primeiro, ela e Percy tiveram que beber fogo para se manterem vivos. Depois, foram atacados por um bando de vampiras, comandado por uma líder de torcida que Annabeth matara dois anos antes. Por fim, foram resgatados por um titã zelador chamado Bob, que tinha cabelos de Einstein, olhos de prata e técnicas mortíferas de luta com vassoura.

Claro. Por que não?

Seguiram Bob pela paisagem estéril e acompanharam o Flegetonte até se aproximarem da tempestade de trevas. De vez em quando, paravam para beber o fogo líquido, o que os mantinha vivos, mas Annabeth não estava nada feliz. Era como se estivesse o tempo todo fazendo gargarejo com ácido de bateria.

Seu único conforto era Percy. De vez em quando, ele a olhava e sorria ou apertava sua mão. Devia estar tão apavorado e arrasado quanto ela, mas Annabeth o amava por tentar fazê-la se sentir melhor.

— Bob sabe o que está fazendo — assegurou Percy.

— Você tem amigos interessantes — murmurou Annabeth.

— Bob é interessante! — O titã se virou e deu um sorriso. — É, obrigado!

A audição do grandalhão era bem aguçada. Annabeth não podia se esquecer disso.

— Então, Bob... — Ela tentou soar despreocupada e simpática, o que não era fácil com a garganta ardendo por causa do fogo líquido. — Como você chegou ao Tártaro?

— Eu pulei — disse ele como se fosse óbvio.
— Você pulou no Tártaro porque Percy disse seu nome?
— Ele precisava de mim. — Seus olhos prateados brilharam em meio à escuridão. — Não tem problema. Estava cansado de varrer o palácio. Venham, estamos quase chegando a um abrigo.

Abrijo.

Annabeth não conseguia imaginar o que aquela palavra significava no Tártaro. Lembrou-se de quando ela, Luke e Thalia eram semideuses sem-teto lutando pela sobrevivência e dependiam dos abrigos que encontravam em sua jornada.

Esperava que, aonde quer que Bob os estivesse levando, houvesse banheiros limpos e uma máquina que vendesse salgadinhos. Conteve o riso. É, estava mesmo ficando maluca.

Annabeth continuou a mancar, tentando ignorar o estômago, que roncava. Observou as costas de Bob enquanto ele os conduzia na direção da muralha de escuridão, agora a apenas algumas centenas de metros de distância. O uniforme azul de zelador tinha um grande rasgo entre as omoplatas, como se alguém houvesse tentado esfaqueá-lo. Havia panos de limpeza saindo de seu bolso. Trazia no cinto uma garrafa plástica, e o líquido azul em seu interior balançava de modo hipnótico.

Annabeth se lembrou da história de Percy sobre como conhecera o titã. Thalia Grace, Nico di Angelo e Percy tinham se unido para derrotar Bob às margens do Lete. Depois de apagar sua memória, não tiveram coragem de matá-lo. O titã se tornou tão gentil, simpático e prestativo que os semideuses o deixaram no palácio de Hades, onde Perséfone prometeu que cuidariam dele.

Aparentemente, o rei e a rainha do Mundo Inferior entendiam que “cuidar” de alguém era dar à pessoa uma vassoura e mandá-la limpar sua sujeira. Annabeth achou muita insensibilidade, até mesmo para Hades. Jamais sentira pena de um titã antes, mas não parecia certo pegar um imortal que teve a memória apagada e transformá-lo em um zelador que não recebia salário.

Ele não é seu amigo, lembrou a si mesma.

Morria de medo de que, de repente, Bob se lembrasse de quem era. O Tártaro era o lugar para onde os monstros iam se regenerar. E se ele recuperasse a memória e voltasse a ser Jápeto? Bem, ela o vira dar cabo daquelas *empousai*. Annabeth estava desarmada. Ela e Percy não estavam em condições de enfrentar um titã.

Olhava nervosamente para o cabo da vassoura de Bob, perguntando-se em quanto tempo aquela lança oculta se projetaria para fora e apontaria para ela.

Seguir Bob pelo Tártaro era um risco absurdo. Infelizmente, não podia pensar em plano melhor.

Seguiam pelas terras desoladas e cinzentas quando um relâmpago vermelho reluziu nas nuvens tóxicas. Apenas mais um dia agradável nas masmorras da criação. Annabeth não podia ver muito longe no ar enevoadado, entretanto, quanto mais caminhavam, mais certeza tinha de que estavam descendo.

Ela ouvira descrições conflitantes do Tártaro. Era um poço sem fundo. Uma fortaleza cercada por paredes de metal. Não era nada além de um vazio infinito.

Uma história o descrevia como o contrário do céu, o interior oco de um enorme domo de rocha invertido. Essa parecia a descrição mais precisa, porém, se o Tártaro fosse um domo, Annabeth achava que era como o do céu: sem um fundo de verdade, mas composto por várias camadas, cada uma mais escura e menos acolhedora que a anterior.

E nem isso contava toda a horrível verdade...

Passaram por uma bolha que brotava do chão. Era translúcida e do tamanho de uma minivan. Em seu interior estava o corpo semiformado de um drakon. Bob perfurou-a com a lança sem pensar duas vezes. Ela explodiu em um gêiser de gosma amarela e fumegante, e o drakon se desintegrou.

Bob continuou em frente.

Monstros são espinhas na pele do Tártaro, pensou Annabeth. E estremeceu. Às vezes desejava não ter uma imaginação tão fértil, porque agora estava certa de que caminhavam por algo vivo. Toda aquela paisagem bizarra, o domo, poço ou fosse qual fosse seu nome, era o corpo do deus Tártaro, a mais antiga encarnação do mal. Assim como Gaia habitava a superfície da Terra, Tártaro habitava as profundezas.

Se aquele deus os notasse caminhando por sua pele, como pulgas em um cachorro... Chega. Chega de pensar nisso.

— Aqui — disse Bob.

Pararam no topo de uma elevação. Abaixo deles, em uma depressão parecida com uma cratera lunar, havia um círculo de colunas de mármore em ruínas cercando um altar de rocha negra.

— Um santuário de Hermes — explicou Bob.

Percy franziu a testa.

— Um santuário de Hermes no *Tártaro*?

Bob riu com prazer.

— É. Caiu de algum lugar há muito tempo. Talvez do mundo mortal. Talvez do Olimpo. Enfim, os monstros não chegam perto dali. A maioria.

— Como sabia que isso estava aqui? — perguntou Annabeth.

O sorriso de Bob desapareceu. Seu rosto ficou sem expressão.

— Não lembro.

— Tudo bem — apressou-se em dizer Percy.

Annabeth ficou furiosa consigo mesma. Antes de Bob virar Bob, ele era Jápeto, o titã. Como todos os seus irmãos, tinha sido prisioneiro no Tártaro por eras. *É claro* que conhecia bem o lugar. Mas se ele se recordava desse santuário, podia começar a lembrar de outros detalhes de sua velha prisão e de sua velha vida. Isso *não* seria nada bom.

Penetraram na cratera e entraram no círculo de colunas. Annabeth desabou em uma placa rachada de mármore, exausta demais para dar um passo que fosse. Percy ficou de pé ao seu lado, em uma postura protetora, examinando os arredores. A enorme tempestade negra agora estava a menos de trinta metros, ocultando tudo o que havia adiante. A borda da cratera impedia a visão da terra estéril por onde tinham vindo. Ficariam bem escondidos ali, mas, caso algum monstro se deparasse com eles, seriam pegos de surpresa.

— Você disse que havia alguém atrás da gente — lembrou Annabeth. — Quem?

Bob limpava a base do altar com sua vassoura, agachando-se de vez em quando para examinar o chão, como se estivesse à procura de algo.

— É, vocês estão sendo seguidos. Eles sabem que vocês estão aqui. Gigantes e titãs. Os derrotados. Eles sabem.

Os derrotados...

Annabeth tentou controlar o medo. Quantos titãs e gigantes ela e Percy tinham enfrentado ao longo dos anos? Cada um dos inimigos parecera um desafio impossível. Se *todos* estivessem ali embaixo no Tártaro, caçando Percy e Annabeth...

— Então por que estamos parando? Devíamos seguir em frente.

— Daqui a pouco — disse Bob. — Mortais precisam de descanso. Aqui é um bom lugar. É o melhor lugar... por perto. Vou proteger vocês.

Annabeth olhou para Percy transmitindo silenciosamente a seguinte mensagem: *Ah, não*. Andar por aí com um titã já era ruim o bastante. Dormir sob a guarda do titã... não era preciso ser filha de Atena para saber que aquilo era maluquice.

— Por enquanto você dorme — disse Percy. — Eu e Bob ficamos de vigia.

Bob concordou.

— Isso, boa. Quando você acordar, a comida deve ter chegado!

O estômago de Annabeth roncou à menção de comida. Não imaginava como Bob faria surgir alimento no meio do Tártaro. Talvez também fosse cozinheiro além de zelador.

Não queria dormir, mas foi traída por seu corpo. Suas pálpebras viraram chumbo.

— Percy, me acorde para o segundo turno. Não dê uma de herói.

Ele deu aquele sorriso sarcástico que ela aprendera a amar.

— Quem, eu?

Ele a beijou com lábios febris e ressecados.

— Durma.

Annabeth se sentiu como se estivesse de volta ao chalé de Hipnos, no Acampamento Meio-Sangue, caindo de sono. Encolheu-se no chão duro e fechou os olhos.

XXII

ANNABETH

MAIS TARDE, ELA TOMOU UMA decisão. Nunca, *jamais* dormir no Tártaro.

Os sonhos dos semideuses eram sempre ruins. Mesmo na segurança de seu beliche no acampamento, tinha pesadelos horrorosos. No Tártaro, eles pareciam mil vezes mais reais.

Primeiro, era novamente uma garotinha que não conseguia subir a Colina Meio-Sangue. Luke Castellan segurava sua mão, ajudando-a. Grover Underwood, seu guia sátiro, esperava inquieto no topo, gritando: “Corram! Corram!”

Thalia Grace ficara um pouco para trás, contendo um exército de cães infernais com seu escudo que invocava o terror, Aegis.

Do alto do morro, Annabeth podia ver o acampamento no vale — as luzes cálidas dos chalés, a possibilidade de refúgio. Tropeçou e torceu o tornozelo, e Luke a carregou nos braços. Quando olharam para trás, os monstros estavam a apenas alguns metros de distância. Havia dezenas deles cercando Thalia.

— Podem ir! — gritou ela. — Vou segurá-los.

Ela brandiu sua lança e raios bifurcados varreram as fileiras de monstros; porém, à medida que os cães infernais morriam, outros tomavam seus lugares.

— Corram! — gritou Grover.

Ele os conduziu até o acampamento. Luke o seguiu, enquanto Annabeth chorava, debatendo-se em seus braços e gritando que não podiam deixar Thalia sozinha. Mas era tarde demais.

A cena mudou.

Annabeth, mais velha, subia até o topo da Colina Meio-Sangue. No local da batalha final de Thalia agora erguia-se um pinheiro alto. O céu estava tomado por uma forte tempestade.

Os trovões faziam o vale tremer. Um raio caiu na árvore, abrindo uma fenda fumegante que ia até as raízes. No pé da colina, Reyna, pretora de Nova Roma, estava parada na escuridão. Sua capa era da cor de sangue recém-derramado. Sua armadura dourada reluzia. A jovem olhava para cima, com expressão atenta e distante, e suas palavras ecoavam diretamente nos pensamentos de Annabeth.

Você agiu bem, disse Reyna, mas a voz era de Atena. *O resto de minha jornada deve ser nas asas de Roma.*

Os olhos escuros da pretora ficaram cinzentos como as nuvens da tempestade.

Preciso ficar aqui, disse Reyna. *Os romanos devem me trazer.*

A colina estremeceu. O chão se moveu em ondas; a grama se transformou nas dobras de seda do vestido de uma deusa enorme. Gaia ergueu-se diante do Acampamento Meio-Sangue. Seu rosto adormecido era do tamanho de uma montanha.

Cães infernais chegavam em bandos pelas colinas. Gigantes de seis braços nascidos da terra e ciclopes selvagens atacavam da praia. Destruíram o refeitório e incendiaram os chalés e a Casa Grande.

Depressa, disse a voz de Atena. *A mensagem precisa ser enviada.*

O chão se rompeu aos pés de Annabeth e ela caiu na escuridão.

Seus olhos se abriram de repente. Ela gritou e agarrou os braços de Percy. Ainda estava no Tártaro, no Santuário de Hermes.

— Está tudo bem — disse Percy, tranquilizando-a. — Pesadelos?

Seu corpo formigava de medo.

— Já é... é meu turno de vigia?

— Não, não. Estamos bem. Pode dormir.

— Percy!

— Ei, está tudo bem. Além disso, estava empolgado demais para dormir. Veja.

Bob, o titã, estava sentado de pernas cruzadas ao lado do altar, devorando alegremente uma fatia de pizza.

Annabeth esfregou os olhos, achando que ainda estava sonhando.

— Isso é... *pepperoni*?

— Oferendas queimadas — explicou Percy. — Sacrifícios do mundo mortal para Hermes, acho. Surgiram em uma nuvem de fumaça. Temos meio cachorro-quente, algumas uvas, um prato de rosbife e um saquinho de ^{M&MS} de amendoim.

— ^{M&MS} para Bob! — disse o titã, contente. — Hã, tudo bem?

Annabeth não protestou. Percy levou até ela a travessa de rosbife, e ela os devorou com a voracidade de um lobo. Nunca comera algo tão bom. A carne ainda estava quente, com uma crosta doce e apimentada exatamente como a do churrasco do Acampamento Meio-Sangue.

— Eu sei — disse Percy, lendo sua expressão. — Acho que veio mesmo do

Acampamento Meio-Sangue.

A ideia deixou Annabeth morta de saudades de casa. Em todas as refeições, os membros do acampamento queimavam parte da comida em honra a seus pais divinos. A fumaça supostamente agradava aos deuses, mas Annabeth nunca tinha pensado para onde aquela comida ia depois de queimada. Talvez as oferendas reaparecessem nos altares dos deuses no Olimpo... ou mesmo ali, no meio do Tártaro.

— M&MS de amendoim — disse Annabeth. — Connor Stoll sempre queimava um pacote para o pai no jantar.

Lembrou-se de quando se sentava no refeitório e observava o sol se pôr no estreito de Long Island. Aquele foi o lugar em que ela e Percy se beijaram de verdade pela primeira vez. Seus olhos ficaram marejados.

Percy pôs a mão em seu ombro.

— Ei, isso é *bom*. Comida de verdade, de casa, certo?

Ela assentiu. Terminaram de comer em silêncio.

Bob engoliu seus últimos M&MS.

— A gente tem que ir agora. Eles vão chegar em alguns minutos.

— Alguns *minutos*?

Annabeth ia tentar sacar sua faca quando lembrou que não estava mais com ela.

— É... bem, eu *acho* que são alguns minutos... — Bob coçou os cabelos prateados. — O tempo é uma coisa meio complicada no Tártaro. Não é igual.

Percy subiu com cautela até a borda da cratera e olhou na direção de onde tinham vindo.

— Não estou vendo nada, mas isso não quer dizer muito. Bob, de quais gigantes estamos falando? Quais titãs?

Bob resmungou.

— Não sei os nomes. Devem ser seis, talvez sete. Posso senti-los.

— *Seis ou sete*? — Annabeth achou que ia pôr a comida toda para fora. — E eles podem sentir *você*?

— Não sei. — Bob sorriu. — Bob é diferente! Mas eles com certeza podem farejar semideuses. Vocês dois têm um cheiro muito forte! Bom e forte. Como... humm. Como pão com manteiga derretida.

— Pão com manteiga. Nossa, que ótimo — disse Annabeth.

Percy voltou para perto do altar.

— É possível matar um gigante no Tártaro? Quer dizer, já que não temos um deus para nos ajudar?

Olhou para Annabeth como se ela soubesse a resposta.

— Percy, não sei. Viajar pelo Tártaro, lutar contra os monstros aqui... é a

primeira vez que alguém faz isso. Será que Bob poderia nos ajudar a matar um gigante? Será que um titã conta como deus? Simplesmente não sei.

— É... — disse Percy. — O.k.

Annabeth podia ver a preocupação nos olhos dele. Por anos Percy contara com ela para encontrar respostas. Agora, quando ele mais precisava, Annabeth não conseguia ajudá-lo. Odiava estar tão perdida, mas nada do que aprendera no Acampamento Meio-Sangue a havia preparado para o Tártaro. Só tinha certeza de uma coisa: precisavam seguir em frente. Não podiam ser pegos por seis ou sete imortais hostis.

Ela se levantou, ainda desorientada por conta dos pesadelos. Bob começou a arrumar tudo, juntou o lixo em uma pequena pilha e borrifou o líquido da garrafa de seu cinto no altar, limpando-o com um pano.

— Vamos para onde, agora? — perguntou Annabeth.

Percy apontou para a muralha de trevas e tempestade.

— Bob diz que é para lá. Aparentemente, as Portas da Morte...

— Você *contou* a ele? — exclamou Annabeth. Não teve a intenção de ser dura, mas Percy estremeceu.

— Enquanto você estava dormindo — admitiu Percy. — Annabeth, Bob pode nos ajudar. Precisamos de um guia.

— Bob ajuda! — concordou o titã. — Vamos para as Terras Sombrias. As Portas da Morte... Humm, ir andando direto até elas seria ruim. Lá há muitos monstros. Nem Bob pode varrer tantos assim. Eles matariam Percy e Annabeth em dois segundos. — O titã franziu a testa. — *Acho* que são segundos, o tempo é complicado no Tártaro.

— Está bem — resmungou Annabeth. — Mas tem outro jeito?

— Escondidos — disse Bob. — A Névoa da Morte pode ocultar vocês.

— Ah... — Annabeth de repente se sentiu muito pequena à sombra do titã. — Hã... O que é essa Névoa da Morte?

— Ela é perigosa — advertiu Bob. — Mas se a senhora lhes der a Névoa da Morte, talvez vocês consigam se esconder. Se pudermos evitar a Noite. A senhora é *muito* ligada à Noite. Isso não é bom.

— A Senhora — repetiu Percy.

— É. — Bob apontou para a escuridão absoluta à frente deles. — É melhor irmos.

Percy olhou para Annabeth, obviamente em busca de alguma orientação, mas ela não tinha nada a oferecer. Estava pensando em seu pesadelo, na árvore de Thalia rachada por um raio, em Gaia se erguendo na encosta e lançando seus monstros contra o Acampamento Meio-Sangue.

— Então está decidido — disse Percy. — Acho que vamos ver uma senhora

para falar sobre uma Névoa da Morte.

— Esperem — disse Annabeth.

Sua mente passou por um turbilhão. Ela pensou no sonho com Luke e Thalia. Lembrou-se das histórias que Luke contara sobre o pai dele, Hermes, o deus dos viajantes, guia dos espíritos dos mortos, deus da comunicação.

Ficou algum tempo olhando para o altar negro.

— Annabeth? — Percy parecia preocupado.

Ela caminhou até a pilha de lixo e pegou um guardanapo razoavelmente limpo.

Lembrou-se da visão de Reyna parada sob os restos fumegantes do pinheiro de Thalia, falando com a voz de Atena.

Preciso ficar aqui. Os romanos devem me trazer.

Depressa. A mensagem deve ser enviada.

— Bob — disse ela. — As oferendas queimadas no mundo mortal aparecem neste altar, certo?

Bob, aparentando desconforto, franziu a testa, como se fosse um aluno que não se preparou para um teste surpresa.

— Sim?

— E o que acontece se eu queimar algo aqui no altar?

— Hã...

— Tudo bem — disse Annabeth. — Você não sabe. Ninguém sabe porque isso nunca foi feito.

Havia uma chance, pensou ela, uma ínfima chance de que uma oferenda queimada naquele altar aparecesse no Acampamento Meio-Sangue.

Não dava para ter certeza, mas se funcionasse...

— Annabeth? — Percy tornou a dizer. — Você está planejando alguma coisa. Está com aquela cara de *estou planejando alguma coisa*.

— Não tenho uma cara de *estou planejando alguma coisa*.

— Tem, tem sim. Você franze a testa e aperta os lábios, e...

— Tem uma caneta? — perguntou ela.

— Está brincando, certo? — Ele sacou a Contracorrente.

— É, mas você consegue usá-la para escrever?

— Eu... eu não sei — admitiu ele. — Nunca tentei.

Ele destampou a caneta. Como sempre, ela se transformou em uma grande espada. Annabeth o havia visto fazer aquilo centenas de vezes. Percy costumava simplesmente descartar a tampa quando ia lutar. Ela sempre reaparecia mais tarde em seu bolso. E quando a encostava na ponta da espada, a lâmina voltava à forma de uma caneta esferográfica.

— E se você colocar a tampa na outra ponta da espada? — perguntou

Annabeth. — Como faria se fosse realmente escrever alguma coisa.

— Hã... — Percy pareceu ter ficado em dúvida, mas pôs a tampa no cabo da espada.

Contracorrente se transformou de novo em uma caneta esferográfica, e agora a ponta de escrever estava exposta.

— Posso? — Annabeth tirou-a da mão dele.

Então apoiou o guardanapo no altar e começou a escrever. A tinta da Contracorrente reluzia com cor de bronze celestial.

— O que está fazendo? — perguntou Percy.

— Enviando uma mensagem. Só espero que Rachel a receba.

— Rachel? Está falando da *nossa* Rachel? A Rachel do Oráculo de Delfos?

— Ela mesma — confirmou, contendo um sorriso.

Sempre que Annabeth mencionava o nome de Rachel, Percy ficava nervoso. Houve uma época em que Rachel estivera a fim de Percy. Mas já fazia muito tempo. As duas garotas tinham se tornado amigas. Annabeth, porém, não se importava em deixar Percy um pouco desconfortável. É sempre bom manter o namorado esperto.

Annabeth terminou o bilhete e dobrou o guardanapo. Na parte externa, escreveu:

Connor,

Entregue isto a Rachel. Não é uma brincadeira. Não seja idiota.

Beijos,

Annabeth

Respirou fundo. Estava pedindo a Rachel Dare que fizesse algo absurdamente perigoso, mas era a única maneira que conseguia imaginar de se comunicar com os romanos, a única forma de evitar o derramamento de sangue.

— Agora só preciso queimar isso. Alguém tem fósforo?

Do cabo de vassoura de Bob surgiu a ponta de uma lança. Ela soltou faíscas ao bater no altar e irrompeu em chamas prateadas.

— Ah, obrigada.

Annabeth pôs fogo no guardanapo e o deixou no altar. Ela o observou virar cinzas e se perguntou se estaria louca. Será que a fumaça conseguiria sair do Tártaro?

— Temos que ir agora — aconselhou Bob. — Temos mesmo que ir. Antes que matem a gente.

Annabeth encarou a parede de trevas à frente deles. Em algum lugar lá atrás havia uma senhora que fornecia uma Névoa da Morte que *talvez* conseguisse ocultá-los dos monstros, um plano concebido por um titã, um de seus piores

inimigos. Outra dose de bizarrice para fundir seu cérebro de vez.
— Tudo bem — disse ela. — Estou pronta.

XXIII

ANNABETH

ANNABETH LITERALMENTE tropeçou no segundo titã.

Depois de entrarem na tempestade, avançaram com dificuldade durante o que pareceram horas, contando com a claridade da lâmina de bronze celestial de Percy e com Bob, que brilhava levemente no escuro, como uma espécie de anjo zelador esquisito.

Annabeth só conseguia ver pouco mais de um metro à frente. É estranho, mas as Terras Sombrias a faziam lembrar de São Francisco, onde o pai dela morava, quando as tardes de verão tinham uma névoa úmida e fria que engolia Pacific Heights. Só que ali no Tártaro a névoa era feita de nanquim.

Rochas gigantescas surgiam do nada. Poços apareciam de repente diante de seus pés, e por pouco Annabeth não caiu. Rugidos monstruosos ecoavam nas trevas, mas ela não sabia de onde vinham. Só o que podia dizer com certeza era que o terreno continuava em declive.

Para baixo. Essa parecia ser a única direção no Tártaro. Se Annabeth recuasse um passo sequer, sentia-se cansada e pesada, como se a gravidade aumentasse para desencorajá-la. Supondo que todo aquele lugar *era* o corpo de Tártaro, Annabeth tinha a péssima sensação de que estavam descendo direto pela garganta.

Estava tão distraída com essa preocupação que não percebeu a saliência de rocha até ser tarde demais.

— Ei! — gritou Percy.

Ele tentou agarrar seu braço, mas ela já estava caindo.

Felizmente, o buraco era raso. A maior parte dele estava ocupada por uma bolha de monstro. Aterrissou em uma superfície quente e macia e estava se sentindo com sorte. Até que abriu os olhos e se viu encarando, através de uma

membrana dourada e reluzente, outro rosto, muito maior.

Ela gritou, perdeu o equilíbrio e caiu ao lado da depressão. Seu coração quase saiu pela boca.

Percy a ajudou a se levantar.

— Você está bem?

Não se julgava em condições de responder. Se abrisse a boca, podia gritar de novo, o que não seria uma atitude digna. Ela era filha de Atena, não uma personagem histórica de filme de terror.

Mas, deuses do Olimpo... Encolhido dentro da membrana da bolha diante dela havia um titã completamente formado, com armadura dourada e pele cor de bronze polido. Estava de olhos fechados, mas sua expressão era tão furiosa que ele parecia prestes a soltar um apavorante grito de guerra. Mesmo através da bolha, Annabeth podia sentir o calor que irradiava de seu corpo.

— Hiperíon — disse Percy. — Odeio esse cara.

De repente, um antigo ferimento no ombro de Annabeth começou a latejar. Durante a Batalha de Manhattan, Percy tinha enfrentado aquele titã no reservatório, água contra fogo.

Foi a primeira vez que Percy invocou um furacão, algo que Annabeth jamais esqueceria.

— Achei que Grover tinha transformado esse sujeito em uma árvore.

— Pois é — concordou Percy. — Talvez a árvore tenha morrido e ele acabou aqui outra vez.

Annabeth se lembrava das explosões causticantes provocadas por Hiperíon e de quantos sátiros e ninfas ele matara antes que Percy e Grover conseguissem detê-lo.

Estava prestes a sugerir que estourassem a bolha de Hiperíon antes que ele despertasse. O titã parecia pronto para se libertar a qualquer momento e começar a carbonizar tudo em seu caminho.

Então ela olhou para Bob. O titã prateado observava Hiperíon com uma expressão de concentração, talvez identificando-se com ele. Os dois eram muito parecidos.

Annabeth conteve um palavrão. É claro que eles se pareciam. Aquele era *seu irmão*. Hiperíon era o titã Senhor do Leste. Jápeto, Bob, era o Senhor do Oeste. Se substituíssem o uniforme e a vassoura de zelador por uma armadura, cortassem seus cabelos e trocassem o visual prata pelo dourado, seria praticamente impossível distinguir os dois.

— Bob — chamou ela. — Temos que ir.

— Ouro, não prata — murmurou Bob. — Mas ele parece comigo.

— Bob — chamou Percy. — Ei, parceiro, aqui.

O titã se virou, relutante.

— Sou seu amigo? — perguntou Percy.

— É. — Bob pareceu perigosamente confuso. — Somos amigos.

— Você sabe que alguns monstros são bons. E outros são maus.

— Humm. Tipo... aqueles lindos espíritos de mulheres que servem Perséfone são bons. E zumbis que explodem são maus.

— Isso — disse Percy. — E alguns mortais são bons, e outros, maus. Com os titãs também é assim.

— Titãs...

Bob, imenso, estava parado diante deles, brilhando. Annabeth tinha certeza de que seu namorado havia acabado de cometer um grande erro.

— É isso o que você é — disse calmamente Percy. — Bob, o titã. Você é bom. É incrível, na verdade. Mas alguns titãs não são assim. Esse cara aí, Hiperión, é totalmente do mal. Ele tentou me matar... tentou matar um monte de gente.

Bob piscou os olhos prateados.

— Mas ele parece... Seu rosto é tão...

— Vocês se parecem — concordou Percy. — Ele também é um titã. Mas não é bom como você.

— Bob é bom. — Os dedos dele apertaram o cabo da vassoura. — É. Sempre existe pelo menos um que é bom... Monstros, titãs, gigantes.

— Hã... — Percy fez uma careta. — Bem, não tenho tanta certeza sobre gigantes.

— Ah, sim. — Bob balançava a cabeça gravemente.

Annabeth sentia que já tinham ficado tempo demais naquele lugar. Seus perseguidores deviam estar se aproximando.

— Precisamos ir — insistiu ela. — O que fazemos em relação a...?

— Bob — disse Percy. — Você decide. Hiperión é da sua espécie. Nós podemos deixá-lo em paz, mas se ele despertar...

A vassoura-lança de Bob passou em um movimento rápido. Se o titã quisesse atingir Annabeth ou Percy, eles teriam sido cortados ao meio. Em vez disso, Bob furou a bolha, que explodiu em um gêiser de lama quente e dourada.

Annabeth limpou a gosma de titã dos olhos. No lugar onde Hiperión estivera não havia mais nada, apenas uma cratera fumegante.

— Hiperión é um titã mau — anunciou Bob, com expressão séria. — Agora não pode mais machucar meus amigos. Ele vai ter que se refazer em outro lugar do Tártaro. Tomara que demore bastante.

Os olhos do titã pareciam brilhar mais que o normal, como se ele estivesse prestes a chorar mercúrio.

— Obrigado, Bob — disse Percy.

Como ele conseguia se manter tão calmo? O modo como conversara com Bob deixou Annabeth pasma... e talvez um pouco desconfortável. Se Percy falara sério sobre deixarem a decisão com Bob, o fato de ele confiar tanto no titã não a agradava. E se manipulara Bob para fazer a escolha que eles queriam... Bem, ela ficaria surpresa por ele agir de modo tão calculista.

Os olhares dos dois se cruzaram, mas ela não conseguiu ler sua expressão. O que também a incomodou.

— É melhor irmos andando — sugeriu ele.

Percy e ela seguiram Bob, e os respingos da explosão da bolha de Hiperión brilhavam em seu uniforme de zelador.

XXIV

ANNABETH

DEPOIS DE ALGUM TEMPO, ANNABETH estava com a impressão que seus pés tinham virado purê de titã. Continuava a seguir Bob, ouvindo o ruído monótono do líquido dentro de sua garrafa de limpeza balançar.

Fique alerta, disse para si mesma, mas era difícil. Sua mente estava tão dormiente quanto as pernas. De vez em quando, Percy segurava sua mão ou fazia algum comentário encorajador, mas dava para perceber que a paisagem sombria também o estava afetando. Seus olhos pareciam mais apagados, como se seu ânimo aos poucos estivesse se extinguindo. *Ele se jogou no Tártaro para estar com você*, disse uma voz na cabeça dela. *Se ele morrer, vai ser sua culpa*.

— Pare com isso — disse em voz alta.

Percy franziu a testa.

— O quê?

— Não, você não. — Ela tentou dar um sorriso reconfortante, mas falhou. — Preciso parar de falar comigo mesma. Este lugar... está mexendo com a minha cabeça. Me faz ter pensamentos sombrios.

As linhas de preocupação em torno dos olhos verde-mar de Percy se acentuaram.

— Ei, Bob, para onde exatamente estamos indo?

— Ver a Senhora — respondeu o titã. — Névoa da Morte.

Annabeth tentou conter a irritação.

— Mas o que isso significa? Quem é essa Senhora?

— Dizer o nome dela? — Bob olhou por cima do ombro. — Não é uma boa ideia.

Annabeth deu um suspiro. O titã tinha razão. Nomes tinham poder, e dizê-los ali no Tártaro era provavelmente muito perigoso.

— Sabe pelo menos dizer se estamos muito longe? — perguntou ela.

— Não sei — admitiu Bob. — Só posso sentir. Vamos esperar a escuridão ficar mais escura, aí fazemos um desvio pelo lado.

— Pelo lado — murmurou Annabeth. — É claro.

Estava tentada a pedir para descansarem, mas não queria parar. Não ali naquele lugar escuro e frio. A névoa negra penetrava em seus ossos, transformando-os em isopor úmido.

Ela se perguntou se Rachel Dare receberia sua mensagem. Se Rachel pudesse de algum modo levar sua proposta para Reyna sem ser morta...

Uma esperança ridícula, disse a voz em sua cabeça. *Você só pôs Rachel em perigo. Mesmo que ela encontre os romanos, por que Reyna confiaria em você depois de tudo o que aconteceu?*

Annabeth teve vontade de responder à voz aos gritos, mas se controlou. Mesmo que estivesse enlouquecendo, não queria *parecer* que estava enlouquecendo.

Precisava desesperadamente de algo para animá-la. Um gole de água de verdade. Um momento à luz do sol. Uma cama quente. Uma palavra doce de sua mãe.

De repente, Bob parou e ergueu a mão: *Esperem*.

— O que foi? — sussurrou Percy.

— Shhh — alertou Bob. — Ali na frente. Tem algo se movendo.

Annabeth apurou os ouvidos. De algum lugar na neblina vinha um ronco contínuo, como o giro lento do motor de um grande trator. Ela podia sentir as vibrações em seus sapatos.

— Vamos cercá-lo — murmurou Bob. — Cada um de vocês vá por um lado.

Pela milionésima vez, Annabeth desejou ter sua faca. Pegou um pedaço de obsidiana negra afiada e seguiu pela esquerda. Percy foi pela direita, com a espada na mão.

Bob foi pelo centro com a ponta de sua lança brilhando em meio ao nevoeiro.

O ronco ficou mais alto e começou a sacudir o cascalho sob os pés de Annabeth. O barulho parecia vir de um ponto diretamente à frente deles.

— Prontos? — murmurou Bob.

Annabeth se encolheu, se preparando para saltar.

— No três?

— Um — murmurou Percy. — Dois...

Uma figura surgiu na névoa. Bob ergueu a lança.

— Esperem! — gritou Annabeth.

Bob se deteve bem a tempo. A ponta de sua lança parou a poucos centímetros da cabeça de um pequeno filhote de gato de pelagem bege, laranja e preta.

— Rrrrrriauuuu? — fez o filhote, obviamente nada impressionado com o plano de ataque deles. O animalzinho esfregou a cabeça no pé de Bob e ronronou alto.

Parecia impossível, mas o ronco grave e vibrante vinha do filhote. Quando ronronava, o chão tremia e os seixos dançavam. O gatinho fixou seus olhos amarelos como lâmpadas em uma rocha bem entre os pés de Annabeth e saltou até lá.

O gato podia ser um demônio ou um horrível monstro do Mundo Inferior disfarçado. Mas Annabeth não conseguiu resistir. Ela o pegou e aninhou no colo. O bichinho estava muito magro, mas, fora isso, parecia perfeitamente normal.

— Como ele...? — Ela nem conseguia formular a pergunta direito. — O que um gatinho desses está fazendo...?

O gato foi ficando impaciente e se desvencilhou de seus braços. Caiu no chão com um baque surdo, foi até Bob e começou a ronronar enquanto se esfregava nas botas do titã.

Percy riu.

— Alguém gostou de você, Bob.

— Deve ser um monstro bom. — Bob ergueu os olhos, preocupado. — Não é?

Annabeth sentiu um nó na garganta. Ao ver o titã enorme e aquele gatinho minúsculo lado a lado, de repente, sentiu-se insignificante em comparação à vastidão do Tártaro. Aquele lugar não tinha respeito por nada, bom ou mau, pequeno ou grande, inteligente ou não. O Tártaro engolia titãs, semideuses e gatinhos indiscriminadamente.

Bob se ajoelhou e pegou o filhote. Ele cabia perfeitamente na palma de sua mão, mas queria explorar. Escalou o braço do titã, aninhou-se em seu ombro, fechou os olhos e começou a ronronar como um trator. De repente, seu pelo brilhou. Com um clarão repentino, o gatinho se transformou em um esqueleto fantasmagórico, como se estivesse sendo visto por uma máquina de raios-x. Depois virou um gatinho normal outra vez.

Annabeth piscou.

— Vocês viram...?

— Vi. — Percy franziu a testa. — Ah, cara... Eu *conheço* esse gatinho. É um daqueles do Smithsonian.

Annabeth tentou entender do que Percy estava falando. Ela nunca tinha ido ao Smithsonian com ele... Então se lembrou de quando tinha sido capturada pelo titã Atlas vários anos antes. Percy e Thalia lideraram uma expedição para resgatá-la. Pelo caminho, viram Atlas conjurar esqueletos guerreiros de dentes de dragão no Museu Smithsonian.

Segundo Percy, a primeira tentativa do titã não deu certo. Ele plantou por

engano dentes de tigres-dentes-de-sabre, invocando um bando de gatinhos esqueletos.

— Esse é *um* deles? — perguntou Annabeth. — Como chegou aqui?

Percy estendeu as mãos sem saber o que dizer.

— Atlas disse a seus servos que se livrassem dos filhotes. Talvez tenham destruído os gatos e eles renasceram no Tártaro. Não sei.

— É bonitinho — disse Bob enquanto o gatinho cheirava sua orelha.

— Mas não será perigoso? — perguntou Annabeth.

O titã coçou o pescoço do bichinho. Annabeth não sabia se era uma boa ideia sair por aí com um gato criado a partir de um dente pré-histórico, mas isso agora obviamente não importava. O titã e o gato tinham ficado amigos.

— Vou chamá-lo de Bob Pequeno — disse Bob. — Ele é um monstro legal.

Fim de papo. O titã pegou sua lança, e eles continuaram a caminhar para o interior da escuridão.

*

Annabeth andava quase em transe, tentando não pensar em pizza. Para se manter distraída, observava Bob Pequeno, o gatinho, que andava e ronronava nos ombros de Bob, transformando-se de vez em quando em um esqueleto brilhante de gatinho e em seguida voltando a ser a bola de pelo tricolor.

— Aqui — anunciou Bob.

Ele parou tão de repente que Annabeth quase esbarrou em suas costas.

Bob olhou para a esquerda, como se estivesse mergulhado em pensamentos.

— É aqui? — perguntou Annabeth. — Onde nós *desviamos*?

— É — concordou Bob. — Mais escuro, então desviamos para o lado.

Annabeth não sabia dizer se estava realmente mais escuro, mas o ar parecia mais frio e denso, como se tivessem entrado em um microclima diferente. Mais uma vez se lembrou de São Francisco, onde era possível ir de um bairro ao outro e sentir a temperatura cair dez graus. Perguntou-se se os titãs teriam construído seu palácio no Monte Tamalpais porque a região da Baía de São Francisco os lembrava do Tártaro.

Que pensamento deprimente. Só titãs veriam um lugar tão bonito como um potencial posto avançado do Mundo Inferior, um lar infernal longe de casa.

Bob seguiu para a esquerda. Eles foram atrás. O ar definitivamente ficou mais frio. Annabeth se encostou em Percy para se aquecer. O namorado a envolveu com um braço. Era uma sensação boa estar perto dele, mas ela não conseguia

relaxar.

Entraram em uma espécie de floresta. Árvores negras muito altas se erguiam na escuridão, perfeitamente redondas e sem galhos, como monstruosos folículos capilares. O chão era liso e claro.

Com a nossa sorte, pensou Annabeth, estamos andando pelo sovaco do Tártaro.

De repente, ela ficou completamente alerta, como se alguém houvesse soltado o elástico do estilingue em sua nuca. Encostou a mão no tronco da árvore mais próxima.

— O que é isso? — perguntou Percy, erguendo a espada.

Bob se virou e olhou para trás, confuso.

— Vamos parar?

Annabeth ergueu a mão para pedir silêncio. Não sabia o que a alertara. Nada parecia diferente. Então se deu conta de que o tronco estava oscilando. Perguntou-se por um instante se era o ronronar do gato. Mas Bob Pequeno continuava adormecido no ombro do Bob Grande.

A alguns metros de distância, outra árvore estremeceu.

— Há algo se movendo acima da gente — murmurou Annabeth. — Vamos ficar juntos.

Bob e Percy se aproximaram, e os três ficaram de costas uns para os outros.

Annabeth forçou a vista para tentar ver acima deles na escuridão, mas nada se moveu.

Tinha quase chegado à conclusão de que estava paranoica quando o primeiro monstro caiu no chão a menos de dois metros de distância.

A primeira coisa que lhe ocorreu foi: *As Fúrias*.

A aparência era praticamente a mesma: uma velha enrugada com asas de morcego, esporões de metal e olhos vermelhos reluzentes. Usava um vestido de seda preta esfarrapado, e seu rosto estava distorcido e com aparência faminta, como uma avó demoníaca pronta para matar.

Bob grunhiu quando outra caiu diante dele, e em seguida mais uma na frente de Percy. Em pouco tempo estavam cercados por meia dúzia das criaturas, e outras mais sibilavam nas árvores acima.

Então não podiam ser fúrias. Só havia *três* delas, e aquelas bruxas aladas não tinham chicotes. Isso não tranquilizou Annabeth. Os esporões dos monstros pareciam perigosos o suficiente.

— O que são vocês? — indagou ela.

As arai, sibilou uma voz. *As maldições!*

Annabeth tentou localizar quem havia falado, mas nenhum dos demônios tinha mexido a boca. Seus olhos pareciam mortos; as expressões, imóveis, como

a de um fantoche. A voz simplesmente se propagou no ar como a de um narrador de um filme, como se uma única mente controlasse todas as criaturas.

— O que... o que vocês querem? — perguntou Annabeth, tentando manter um tom confiante.

A voz soltou uma gargalhada maligna. *Amaldiçoá-los, é claro! Destruí-los mil vezes em nome da Mãe Noite!*

— Só mil vezes? — murmurou Percy. — Ah, ainda bem... achei que estávamos com problemas.

O círculo de mulheres demoníacas se fechou.

XXV

HAZEL

TUDO CHEIRAVA A VENENO. **D**ois dias depois de sair de Veneza, Hazel ainda não conseguira deixar de sentir o fedor tóxico de *colônia de monstro bovino*.

O enjoo marítimo não ajudava. O *Argo II* navegava pelo Adriático, uma bela imensidão azul brilhante, mas Hazel não conseguia apreciá-la devido ao constante oscilar do navio. No convés, tentava manter os olhos fixos no horizonte, mirando os penhascos brancos que pareciam estar sempre a apenas alguns quilômetros a leste. Que país seria aquele? A Croácia? Não tinha certeza. Hazel só queria voltar a pisar em terra firme.

Mas o que mais lhe provocava náuseas era a doninha.

Na noite anterior, o animal de estimação de Hécate, Gale, aparecera em sua cabine. Hazel acordou de um pesadelo pensando “Que cheiro é esse?” e encontrou o animal peludo em seu peito, observando-a com os olhos negros e redondos.

Nada como acordar gritando, chutar as próprias cobertas e sair pulando pela cabine enquanto uma doninha corre por entre seus pés, chiando e peidando.

Os amigos correram até lá para ver se ela estava bem. Foi difícil explicar a presença da doninha. Hazel sabia que Leo estava se esforçando muito para não fazer uma piada.

Pela manhã, quando tudo se acalmou, Hazel decidiu visitar o treinador Hedge, já que ele podia falar com animais.

Ela encontrou a porta de sua cabine entreaberta e ouviu o treinador lá dentro, falando como se estivesse ao telefone, embora não houvesse aparelhos a bordo. Talvez estivesse mandando uma mensagem mágica de Íris. Hazel ouvira dizer que os gregos as usavam bastante.

— Claro, querida — dizia Hedge. — Sim, eu sei, amor. Não, é uma ótima

notícia, mas... — Sua voz falhou de emoção.

De repente, Hazel se sentiu horrível por estar espionando. Teria dado meia-volta, mas Gale chiou em seus calcanhares. Hazel bateu à porta do treinador.

Hedge pôs a cabeça para fora, fazendo cara feia como de costume, mas seus olhos estavam vermelhos.

— O que foi? — resmungou.

— Hum... desculpe — disse Hazel. — Está tudo bem?

O treinador deu uma curta risada amarga e abriu a porta.

— Que raio de pergunta é essa?

Não havia mais ninguém na cabine.

— Eu... — Hazel tentou lembrar por que estava lá. — Gostaria de saber se você poderia falar com a minha doninha.

O treinador a olhou com desconfiança. Então baixou a voz:

— Estamos falando em código? Há um intruso a bordo?

— Bem, mais ou menos.

Gale apareceu entre os pés de Hazel e começou a tagarelar.

O treinador pareceu ofendido. Respondeu à doninha e ambos mantiveram o que pareceu ser uma discussão bastante acalorada.

— O que ela falou? — perguntou Hazel.

— Um bocado de grosserias — resmungou o sátiro. — Resumindo: ela está aqui para ver como será.

— Como será *o quê*?

O treinador Hedge bateu o casco no chão.

— Como vou saber? Ela é uma doninha! Elas *nunca* dão respostas diretas. Agora, se me dá licença, tenho, hã, coisas...

E fechou a porta na cara dela.

*

Após o café da manhã, Hazel ficou parada na amurada de bombordo, tentando acalmar o estômago. Ao lado dela, Gale corria para cima e para baixo da amurada, soltando puns, mas o forte vento do Adriático ajudava a afastar o cheiro.

Hazel se perguntou o que tinha acontecido com o treinador Hedge. Ele devia estar mandando uma mensagem de Íris para alguém, mas se recebera boas notícias, por que parecia tão arrasado? Ela nunca o vira tão abalado. Infelizmente, Hazel duvidava que o treinador pedisse ajuda caso precisasse. Não

era exatamente do tipo caloroso e aberto.

A garota olhou para a cordilheira branca ao longe e se perguntou por que Hécate enviara a doninha Gale.

Ela está aqui para ver como será.

Algo estava prestes a acontecer. Hazel passaria por um teste.

Não entendia como poderia aprender magia sem qualquer treinamento. Hécate esperava que ela derrotasse uma feiticeira super poderosa, a senhora do vestido de ouro que Leo vira em seu sonho. Mas *como*?

Hazel passava todo o seu tempo livre tentando descobrir isso. Olhava para sua espata, tentando fazê-la tomar a forma de uma bengala. Tentava invocar uma nuvem para ocultar a lua cheia. Concentrava-se até seus olhos ficarem vinhos e seus ouvidos estalarem, mas nada acontecia. Não era capaz de manipular a Névoa.

Nas últimas noites, seus sonhos pioraram. Via-se de volta ao Campo de Asfódelos, vagando sem rumo entre fantasmas. Em seguida, estava na caverna de Gaia, no Alasca, onde Hazel e sua mãe morreram com o desabamento do teto, e a voz da deusa da terra uivou de ódio. Via-se na escada do apartamento da mãe em Nova Orleans, cara a cara com o pai. Os dedos frios de Plutão agarravam o seu braço. O tecido de seu terno de lã preta se retorcia de almas aprisionadas. Ele a encarou com olhos escuros e furiosos e disse: *Os mortos veem o que acreditam que verão. Os vivos também. Esse é o segredo.*

Ele nunca dissera aquilo na vida real. Hazel não tinha ideia do que significava.

Os piores pesadelos pareciam vislumbres do futuro. Hazel se via tropeçando por um túnel escuro enquanto a risada de uma mulher ecoava ao seu redor.

Domine isso se puder, filha de Plutão, provocou a mulher.

E sempre sonhava com as imagens que vira na encruzilhada de Hécate: Leo caindo do céu; Percy e Annabeth deitados e inconscientes, possivelmente mortos, diante de portas de metal negro, e uma figura amortalhada diante deles, o gigante Clíteo envolto em escuridão.

Ao seu lado, parada na amurada, Gale, a doninha, chiava, impaciente. Hazel sentiu-se tentada a empurrar aquele bicho estúpido no mar.

Não consigo nem controlar os meus próprios sonhos, quis gritar. *Como posso controlar a Névoa?*

Sentia-se tão arrasada que não notou a aproximação de Frank até ele estar ao seu lado.

— Está se sentindo melhor?

Frank segurou sua mão, com os dedos cobrindo completamente os dela. Era inacreditável como o namorado crescera. Ele se transformava em tantos animais que Hazel não entendia por que tinha ficado tão surpresa com mais uma

transformação... mas de repente Frank crescera até ficar com uma estatura compatível com o próprio peso. Ninguém mais poderia chamá-lo de gordinho ou fofinho. Parecia um jogador de futebol musculoso com um novo centro de gravidade. Os ombros estavam mais largos. Caminhava com mais segurança.

O que Frank fizera naquela ponte em Veneza... Hazel ainda estava pasma. Nenhum deles testemunhara a batalha, mas ninguém duvidava. Frank estava completamente mudado. Até mesmo Leo parara de fazer piadas às suas custas.

— Eu estou... estou bem. — Hazel conseguiu dizer. — E você?

Ele sorriu, enrugando os cantos dos olhos.

— Eu, hã, estou *mais alto*. Fora isso, tudo bem. Sabe, realmente não mudei por dentro...

Seu tom trazia um pouco de sua antiga insegurança e falta de jeito — era a voz do *seu* Frank, que sempre tinha medo de ser um desastrado e estragar tudo.

Hazel sentiu-se aliviada. *Gostava* dessa parte dele. A princípio, sua nova aparência a chocara. Ficou com medo que sua personalidade também tivesse mudado.

Agora, Hazel estava começando a relaxar quanto a isso. Apesar de toda a sua força, Frank era o mesmo sujeito adorável de sempre. Ainda era vulnerável. Ainda lhe confiava sua maior fraqueza: o pedaço de madeira mágica que ela carregava no bolso do casaco, junto ao coração.

— Eu sei, e estou feliz com isso. — Ela apertou a mão dele. — Não... não é exatamente com *você* que estou preocupada.

— Como vai Nico? — resmungou Frank.

Hazel estava pensando em *si mesma*, mas seguiu o olhar de Frank até o topo do mastro, onde Nico estava empoleirado em uma verga.

O garoto dissera que gostava de vigiar porque tinha uma boa visão. Hazel sabia que não era esse o motivo. O topo do mastro era um dos poucos lugares a bordo onde Nico podia ficar sozinho. Os outros lhe ofereceram a cabine de Percy, uma vez que o amigo estava... bem, ausente. Mas Nico se recusou terminantemente. Passava a maior parte do tempo no cordame, onde não precisava conversar com o resto da tripulação.

Desde que fora transformado em um pé de milho em Veneza, tornara-se ainda mais recluso e taciturno.

— Não sei — admitiu Hazel. — Nico passou por muita coisa. Foi capturado no Tártaro, aprisionado naquele jarro de bronze, viu a queda de Percy e Annabeth...

— E prometeu nos levar a Épiro. — Frank assentiu. — Tenho a sensação de que ele não gosta de trabalhar em equipe.

Frank se aprumou. Usava uma camiseta bege com a figura de um cavalo e as

palavras: *PALIO DI SIENA*. Ele a comprara havia alguns dias, mas agora estava muito pequena. Quando se espreguiçou, sua barriga apareceu.

Hazel percebeu que estava olhando fixamente. Ela logo desviou o olhar, enrubescida.

— Nico é meu único parente. Não é fácil gostar dele, mas... obrigada por ser gentil com ele.

Frank sorriu.

— Ei, você aguentou minha avó, em Vancouver. Não precisa nem falar em *não ser fácil de gostar*.

— Eu adorei a sua avó!

Gale, a doninha, correu até eles, peidou e fugiu.

— Eca. — Frank balançou a mão para afastar o cheiro. — Por que esse bicho está aqui, afinal?

Hazel ficou quase feliz por não estarem em terra. Sua agitação era tão grande que com certeza teria ouro e pedras preciosas brotando ao seu redor.

— Hécate enviou Gale para observar.

— Observar o quê?

Hazel tentou tirar forças da presença de Frank, com sua nova aura de solidez e força.

— Não sei — admitiu ela, afinal. — Algum tipo de teste.

De repente, o barco deu um solavanco.

XXVI

HAZEL

HAZELE **F**RANK TROPEÇARAM UM no outro. Ela acidentalmente bateu com o punho da espada no peito e ficou encolhida no convés, gemendo e tossindo com gosto de veneno de catóblepa na boca.

Através de uma névoa de dor, ouviu a figura de proa do navio, Festus, o dragão de bronze, ranger em sinal de alarme e cuspir fogo.

Confusa, Hazel se perguntou se haviam atingido um iceberg. Mas como? No mar Adriático, durante o verão?

O navio virou para bombordo produzindo um ruído impressionante, como postes telefônicos partindo-se ao meio.

— AHH! — gritou Leo em algum lugar atrás dela. — Ela está comendo os remos!

Ela *quem?*, pensou Hazel. Tentou se levantar, mas algo grande e pesado prendia as suas pernas. Percebeu que era Frank, resmungando, enquanto tentava se desvencilhar de uma pilha de cordas.

Estavam todos atrapalhados. Jason saltou sobre os dois, com a espada em punho, e correu em direção à popa. Piper já estava no tombadilho, atirando comida de sua cornucópia e gritando: — Ei! Ei! Coma isso, sua tartaruga idiota!

Tartaruga?

Frank ajudou Hazel a se levantar.

— Você está bem?

— Estou — mentiu Hazel, apertando a barriga. — Agora vá!

Frank subiu correndo os degraus, tirando do ombro a mochila, que instantaneamente se transformou em um arco e uma aljava. No momento em que chegou ao timão, já havia disparado uma flecha e preparava a segunda.

Leo lutava freneticamente com os controles do navio.

— Não consigo retrair os remos. Tira esse bicho daí! Tira esse bicho daí!
No topo do mastro, Nico estava em choque.

— Pelo Estige... É enorme! — gritou. — Bombordo! Para bombordo!

O treinador Hedge foi o último a chegar ao convés. Compensou seu atraso com entusiasmo. Subiu os degraus, sacudindo o taco de beisebol, sem hesitação, galopou até a popa e saltou sobre a amurada com um alegre: — Rá-RÁ!

Hazel cambaleou até o tombadilho para se juntar aos amigos. O barco estremeceu. Mais remos se partiram, e Leo gritou: — Não, não, não! Maldita filha de uma mãe cascuda!

Hazel chegou à popa e não podia acreditar no que via.

Quando ouviu a palavra *tartaruga*, pensou em um animal bonitinho do tamanho de uma caixinha de joias, sentado em uma pedra no meio de um lago. Quando ouviu *tartaruga enorme*, sua mente tentou se adaptar: muito bem, talvez fosse como uma daquelas tartarugas de Galápagos, que vira quando visitou o zoológico, com cascos grandes o bastante para se montar em cima.

Ela *não* imaginara uma criatura do tamanho de uma ilha. Quando viu a enorme e escarpada cúpula de quadrados pretos e pardos, a palavra *tartaruga* simplesmente deixou de fazer sentido. Seu casco era realmente como uma ilha — colinas de ossos, brilhantes vales perolados, florestas de algas e musgos, rios de água do mar escorrendo pelos sulcos de sua carapaça.

No lado boreste do navio, outra parte do monstro emergia como um submarino.

Lares de Roma... seria aquilo a *cabeça*?

Os olhos dourados eram do tamanho de espelhos d'água; as pupilas, fendas horizontais e escuras. A pele brilhava como camuflagem militar molhada, marrom salpicada de verde e amarelo. A boca vermelha e desdentada poderia ter engolido a Atena Partenos em uma única mordida.

Hazel viu quando a criatura partiu meia dúzia de remos.

— Pare com isso! — gritou Leo.

O treinador Hedge estava em cima da tartaruga, batendo inutilmente com o bastão de beisebol e gritando: — Tome isso! E mais isso!

Jason voou da popa e caiu sobre a cabeça do animal. Golpeou-o bem entre os olhos com a espada dourada, mas a lâmina escorregou para o lado, como se a pele da tartaruga fosse de aço engraxado. Frank lançou flechas nos olhos do monstro, sem sucesso. As pálpebras internas da tartaruga piscavam com incrível precisão, desviando cada disparo. Piper atirou melões na água, gritando: — Pegue isso, tartaruga idiota! — Mas o animal parecia focado em devorar o *Argo II*.

— Como chegou tão perto? — questionou Hazel.

Leo ergueu as mãos em desespero.

— Deve ser o casco. Acho que não é detectável pelo sonar. Maldita tartaruga invisível!

— O navio pode voar? — perguntou Piper.

— Com metade dos remos quebrados? — Leo socou alguns botões e girou a esfera de Arquimedes. — Tenho que tentar uma coisa diferente.

— Ali! — gritou Nico do alto. — Você pode nos levar até aquela restinga?

Hazel olhou para onde ele apontava. A menos de um quilômetro a leste, existia uma longa faixa de terra que corria paralela aos penhascos costeiros. Era difícil ter certeza ao longe, mas a extensão de água entre eles parecia ser de apenas vinte ou trinta metros, possivelmente larga o bastante para o *Argo II* atravessar, mas definitivamente não era larga o suficiente para uma tartaruga gigante.

— É. Sim. — Leo aparentemente compreendeu. Girou a esfera de Arquimedes. — Jason, fique longe da cabeça desse bicho! Tive uma ideia!

Jason ainda golpeava o rosto da tartaruga, mas quando ouviu Leo dizer “Tive uma ideia”, fez a única coisa inteligente que conseguiu pensar. Voou para longe dali o mais rápido possível.

— Treinador, hora de partir! — chamou Jason.

— Não, eu resolvo isso! — disse Hedge, mas Jason o agarrou pela cintura e decolou. Infelizmente, o treinador se debateu tanto que a espada de Jason escorregou e caiu no mar.

— Treinador! — reclamou Jason.

— O quê? — disse Hedge. — Eu a estava dominando!

A tartaruga deu uma cabeçada no casco, quase arremessando toda a tripulação para bombordo. Hazel ouviu um estalo, como se a quilha tivesse se partido.

— Só mais um minuto — disse Leo, com as mãos voando sobre o painel de controle.

— Podemos não estar mais aqui em um minuto!

Frank disparou sua última flecha.

Piper gritou para a tartaruga:

— Vá embora!

Por um momento, realmente funcionou. A tartaruga se afastou do navio e mergulhou a cabeça na água. Mas, então, voltou e bateu com mais força.

Jason e o treinador Hedge aterrissaram no convés.

— Você está bem? — perguntou Piper.

— Tudo bem — murmurou Jason. — Sem minha espada, mas inteiro.

— Fogo no casco! — gritou Leo, girando o controle do Wii.

Hazel pensou que a popa estava explodindo. Jatos de fogo jorraram atrás

deles, atingindo a cabeça da tartaruga. O navio deu uma guinada para a frente, derrubando-a novamente.

Ela se ergueu e viu que o *Argo II* saltava sobre as ondas a uma velocidade incrível, deixando para trás um rastro de fogo, como um foguete. A tartaruga já estava a uns cem metros, com a cabeça carbonizada e fumegante.

O monstro urrou de frustração e começou a segui-los; suas nadadeiras cortavam a água com tal poder que ela realmente começou a se aproximar. A entrada da restinga ainda estava meio quilômetro mais à frente.

— Alguma coisa para distraí-la — murmurou Leo. — Não conseguiremos chegar lá a menos que tenhamos alguma coisa para distraí-la.

— Para distraí-la... — repetiu Hazel.

Ela se concentrou e pensou: *Arion!*

Não sabia se aquilo funcionaria. Mas, imediatamente, avistou algo no horizonte, um borrão de luz e vapor atravessando a água. Em um piscar de olhos, Arion estava no tombadilho.

Deuses do Olimpo, pensou Hazel, como eu amo este cavalo.

Arion bufou como se dissesse: Claro que me ama. Você não é burra.

Hazel montou no cavalo.

— Piper, seu charme pode ser útil.

— Teve uma época em que eu gostava de tartarugas — resmungou Piper, aceitando a mão que lhe era oferecida. — Agora não!

Hazel esporeou Arion. Ele saltou para fora do barco, atingindo a água a todo galope.

A tartaruga nadava com rapidez, mas não era tão rápida quanto Arion. Circulavam sobre a cabeça do monstro, Hazel golpeando com sua espada, Piper gritando orientações aleatórias como: — Mergulhe! Vire à esquerda! Atrás de você!

A espada não causou dano algum e cada orientação só funcionava por um instante, mas estavam irritando a tartaruga. Arion relinchou com desdém quando a criatura tentou abocanhá-lo, apenas para ficar com a boca cheia de vapor.

Logo, o monstro havia esquecido completamente o *Argo II*. Hazel continuou golpeando a cabeça. Piper continuou gritando orientações e usando a cornucópia para atirar cocos e frangos assados nos olhos da tartaruga.

Assim que o *Argo II* adentrou na restinga, Arion interrompeu a perseguição. Aceleraram rumo ao navio, e, pouco depois, estavam de volta ao convés.

O fogo se extinguiu, embora os fumegantes escapamentos de bronze ainda se projetassem da popa. O *Argo II* avançava devagar, impulsionado pelas velas, mas seu plano dera certo. Estavam em segurança naquelas águas, com uma ilha longa e rochosa a boreste e os penhascos brancos do continente a bombordo. A

tartaruga parou na entrada da restinga e olhou para eles malignamente, mas não tentou segui-los. Obviamente, seu casco era largo demais.

Hazel desmontou e recebeu um grande abraço de Frank.

— Belo trabalho! — parabenizou ele.

Ela enrubesceu.

— Obrigada.

Piper desmontou ao seu lado.

— Leo, desde quando temos propulsão a *jato*?

— Ah, sabem... — Leo tentou parecer modesto e falhou. — Foi uma coisinha que bolei em meu tempo livre. Gostaria de ter conseguido mais do que alguns segundos de queima, mas ao menos nos tirou de lá.

— E assou a cabeça da tartaruga — disse Jason, agradecido. — O que faremos agora?

— Matem-na! — exigiu o treinador. — Você ainda pergunta? Temos distância suficiente. Temos balistas. Preparem as armas, semideuses!

Jason franziu a testa.

— Treinador, para começo de conversa, você me fez perder a minha espada.

— Ei! Não pedi para ser retirado!

— Em segundo lugar, não acho que as balistas sejam eficazes. Essa carapaça é como a pele do leão da Nemeia. E sua cabeça não é mais macia.

— Então, disparamos goela abaixo — disse o treinador. — Como fizeram com aquele camarão monstruoso no Atlântico. Vamos explodi-la de dentro para fora.

Frank coçou a cabeça.

— Poderia funcionar. Mas, então, teríamos uma carcaça de cinco mil toneladas bloqueando a entrada da restinga. Se não podemos voar com os remos quebrados, como tiraríamos o navio daqui?

— Você aguarda e conserta os remos! — disse o treinador. — Ou simplesmente navega na outra direção, seu marinheiro de água doce.

Frank pareceu confuso.

— O que é um marinheiro de água doce?

— Ei, pessoal! — gritou Nico do alto do mastro. — Quanto a navegar na outra direção, não acho que dê certo.

Ele apontou para além da proa.

A meio quilômetro mais à frente, a longa faixa rochosa se curvava e se encontrava com os penhascos. O canal terminava em um V fechado.

— Não estamos em um estreito — disse Jason. — Estamos em um beco sem saída.

Hazel sentiu frio nos dedos das mãos e dos pés. Na amurada de bombordo, Gale, a doninha, estava sentada sobre as patas traseiras. Olhando para ela,

ansiosa.

— É uma armadilha — disse Hazel.

Os outros a encararam.

— Não, está tudo bem — disse Leo. — Na pior das hipóteses, fazemos os reparos. Pode durar a noite inteira, mas consigo fazer o navio voar de novo.

À entrada do estreito, a tartaruga rugiu. Não parecia interessada em ir embora.

— Bem. — Piper deu de ombros. — Ao menos ela não pode nos pegar. Estamos protegidos.

Aquilo era algo que nenhum semideus deveria dizer. Piper mal terminou de falar quando uma flecha se cravou no mastro principal, a quinze centímetros de seu rosto.

*

A tripulação se dispersou em busca de abrigo, com exceção de Piper, que ficou paralisada, boquiaberta, olhando para a flecha que quase fizera um piercing no seu nariz do modo mais difícil.

— Piper, abaixe! — sibilou Jason.

Mas nenhuma outra flecha foi disparada.

Frank estudou o ângulo do projétil no mastro e apontou para o topo dos penhascos.

— Lá em cima — informou ele. — Um único atirador. Estão vendo?

O sol a impedia de ver claramente, mas Hazel percebeu uma pequena figura na borda do penhasco. Sua armadura de bronze brilhava.

— Ai, caramba! Quem será? — perguntou Leo. — Por que está atirando na gente?

— Pessoal? — A voz de Piper soava trêmula. — Tem um bilhete.

Hazel não tinha percebido, mas havia um pergaminho amarrado à haste da flecha. Não sabia por que, mas aquilo a enfureceu. Foi até lá e retirou o bilhete.

— Hã, Hazel? — disse Leo. — Tem certeza de que é seguro?

Hazel leu o bilhete em voz alta.

— Primeira linha: *Parem e entreguem.*

— O que isso quer dizer? — reclamou o treinador Hedge. — *Estamos parados.* Não por querer, mas mesmo assim. Se esse cara está esperando um entregador de pizza, esqueça!

— Tem mais — disse Hazel. — *Isto é um assalto. Envie dois dos seus até o topo do penhasco com todos os objetos de valor. Não mais do que dois. Deixem*

o cavalo mágico. Nada de voar. Sem truques. Apenas subam.

— Subir *como*? — perguntou Piper.

Nico apontou.

— Por ali.

Havia no penhasco uma escadaria estreita entalhada, que ia até o topo. A tartaruga, o beco sem saída, o penhasco... Hazel tinha a sensação de que aquela não era a primeira vez que o autor da carta emboscara um navio ali.

Pigarreou e continuou a ler em voz alta:

— *Refiro-me a todos os seus valores. Caso contrário, minha tartaruga e eu vamos destruí-los. Vocês têm cinco minutos.*

— Use as catapultas! — gritou o treinador.

— P.S. — leu Hazel. — *Nem pensem em usar suas catapultas.*

— Maldição! — exclamou o treinador. — Esse cara é bom.

— O bilhete está assinado? — perguntou Nico.

Hazel balançou a cabeça negativamente. Ouvira uma história no Acampamento Júpiter, sobre um ladrão que trabalhava com uma tartaruga gigante, mas, como sempre, assim que precisava de uma informação, esta ficava irritantemente ocultada em sua memória, fora de seu alcance.

Gale, a doninha, encarou Hazel, esperando para ver o que ela faria.

O teste ainda não acontecera, pensou Hazel.

Distrair a tartaruga não fora suficiente. Hazel não provara poder manipular a Névoa... principalmente porque não *consequia* manipular a Névoa.

Leo estudou o topo do penhasco e murmurou.

— Não é uma boa trajetória. Mesmo que pudesse armar a catapulta antes que o cara fizesse chover flechas, não acho que conseguiria atingi-lo. Está a centenas de metros, quase em linha reta para cima.

— Sim — resmungou Frank. — Meu arco também é inútil. Ele tem uma enorme vantagem estando acima de nós. Não conseguiria atingi-lo.

— E, hum... — Piper cutucou a flecha que estava cravada no mastro. — Tenho a sensação de que é bom de tiro. Não creio que *pretendesse* me atingir. Mas se quisesse...

Não precisou continuar. Quem quer que fosse o ladrão, podia acertar um alvo a centenas de metros de distância. Poderia matá-los antes que pudessem reagir.

— Eu vou — disse Hazel.

Odiava a ideia, mas tinha certeza de que Hécate planejava aquilo como uma espécie de desafio doentio. Esse seria o teste de Hazel — a *sua* vez de salvar o navio. Como se precisasse de uma confirmação, Gale correu ao longo da amurada e pulou sobre seu ombro, pronta para pegar uma carona.

Os outros olharam para ela.

Frank agarrou seu arco.

— Hazel...

— Não, prestem atenção — disse ela —, esse ladrão quer objetos de valor. Posso ir até lá, invocar ouro, joias, tudo o que ele quiser.

Leo ergueu uma sobrancelha.

— Acha que realmente vai nos deixar ir embora se lhe dermos o que quer?

— Não temos muita escolha — disse Nico. — Entre aquele cara e a tartaruga...

Jason ergueu a mão. Os outros ficaram em silêncio.

— Vou também — disse ele. — A carta exige duas pessoas. Levo Hazel até lá e a trago de volta. Além do mais, não gostei dessa escadaria. Se Hazel cair... bem, posso usar os ventos para evitar que cheguemos ao chão do jeito mais doloroso.

Arion relinchou em protesto, como se dissesse: *Você vai sem mim? Está brincando, certo?*

— É preciso, Arion — disse Hazel. — Jason... Sim. Acho que você está certo. É o melhor plano.

— Só gostaria de ter a minha espada. — Jason olhou feio para o treinador. — Está lá, no fundo do mar, e não temos Percy para recuperá-la.

O nome *Percy* passou por eles como uma nuvem. O clima no convés ficou ainda mais sombrio.

Hazel estendeu um braço. Não pensou. Apenas se concentrou na água e invocou o ouro imperial.

Foi uma ideia idiota. A espada estava muito longe dali, provavelmente a centenas de metros de profundidade. Mas sentiu um puxão rápido em seus dedos, como uma mordida em uma linha de pesca, e a espada de Jason saiu da água e acabou em sua mão.

— Tome — disse ela, entregando-a.

Os olhos de Jason se arregalaram.

— Como...? Estava a quase um quilômetro daqui!

— Tenho praticado — disse ela, embora não fosse verdade.

Esperava não ter acidentalmente amaldiçoado a espada de Jason ao invocá-la, assim como amaldiçoava as joias e os metais preciosos.

De alguma forma, porém, pensou, com armas era diferente. Afinal, Hazel retirara um bocado de equipamento de ouro imperial da baía da geleira e o entregara para a Quinta Coorte. E fora um sucesso.

Hazel decidiu não se preocupar com isso. Estava com tanta raiva de Hécate e tão cansada de ser manipulada pelos deuses que não deixaria que problemas insignificantes a impedissem de continuar.

— Agora, se não há outras objeções, temos que encontrar com um ladrão.

XXVII

HAZEL

HAZEL GOSTAVA DA VIDA AO ar livre. Mas escalar um penhasco de sessenta metros em uma escadaria sem corrimão com uma doninha mal-humorada no ombro já era exagero. Especialmente quando poderia ter montado em Arion e chegado ao topo em questão de segundos.

Jason caminhava atrás dela para poder pegá-la caso caísse. Hazel gostou da ideia, mas aquilo não tornava a queda menos assustadora.

Ela olhou para a direita, o que foi um erro. Seu pé quase escorregou, lançando um punhado de cascalho pela borda. Gale guinchou, alarmada.

— Você está bem? — perguntou Jason.

— Estou. — O coração de Hazel estava disparado. — Tudo bem.

Não havia espaço para ela se virar e olhar para Jason. Só podia confiar que ele não a deixaria despencar para a morte. Já que conseguia voar, ele era a retaguarda mais lógica. Ainda assim, Hazel preferia estar com Frank, Nico, Piper ou Leo. Até mesmo... bem, certo, talvez não o treinador Hedge. Mas, ainda assim, Hazel não conseguia entender Jason Grace.

Desde que chegara ao Acampamento Júpiter, vinha ouvindo histórias sobre ele. Os campistas falavam com reverência a respeito do filho de Júpiter que surgira das fileiras mais baixas da Quinta Coorte e se tornara pretor, levou-os à vitória na Batalha de Monte Tam e, em seguida, desapareceu. Mesmo agora, depois de tudo o que acontecera nas últimas semanas, Jason parecia mais uma lenda do que uma pessoa. A princípio, Hazel tivera dificuldade em aceitá-lo, com aqueles olhos azuis gélidos e sua cautelosa introspecção, como se calculasse cada palavra antes de dizê-la. Além disso, não conseguia se esquecer de que ele se mostrara disposto a descartar seu irmão Nico quando descobriram que ele era prisioneiro em Roma.

Jason achava que Nico era a isca de uma armadilha. Estava certo. E, talvez, agora que Nico estava em segurança, Hazel pudesse entender por que a cautela de Jason fora uma boa ideia. Ainda assim, não sabia o que pensar sobre aquele cara. E se ambos se metessem em problemas no topo daquele penhasco e Jason decidisse que *salvá-la* não era a melhor estratégia para a missão?

Ela olhou para cima. Não podia ver o ladrão dali, mas sentiu que ele os esperava. Hazel estava certa de que poderia invocar ouro e pedras preciosas suficientes para impressionar até o mais ganancioso dos ladrões. Ela se perguntou se os tesouros que invocava ainda traziam má sorte. Não tinha certeza se aquela maldição fora quebrada quando morrera pela primeira vez. Parecia ser uma boa oportunidade para descobrir. Qualquer um que roubasse semideuses inocentes com uma tartaruga gigante merecia algumas maldições detestáveis.

Gale, a doninha, pulou de seu ombro e saiu em disparada na frente. Ela olhou para trás e chiou, ansiosa.

— Estou indo o mais rápido que posso — murmurou Hazel.

Não conseguia se livrar da sensação de que a doninha estava ansiosa para vê-la fracassar.

— Você teve alguma sorte nesse negócio de, hã, controlar a Névoa? — perguntou Jason.

— Não — admitiu Hazel.

Não gostava de pensar em seus fracassos: na gaivota que não conseguira transformar em dragão, no taco de beisebol do treinador Hedge que teimosamente se recusara a se transformar em um cachorro-quente. Simplesmente não conseguia se convencer de que tais coisas fossem possíveis.

— Você vai conseguir — disse Jason.

Seu tom a surpreendeu. Não era um comentário leviano apenas para ser agradável. Ele parecia realmente convencido daquilo. Hazel continuou a subir, mas o imaginou olhando para ela com aqueles olhos azuis penetrantes, o queixo erguido e confiante.

— Como você pode ter certeza? — perguntou ela.

— Tendo. Sou bom em avaliar aquilo de que as pessoas são capazes. Semideuses, pelo menos. Hécate não a teria escolhido se não acreditasse que você tem poder.

Talvez isso devesse fazer Hazel se sentir melhor. Mas não fez.

Ela também era boa em avaliar as pessoas. Hazel entendia o que motivava a maioria de seus amigos, até mesmo seu irmão, Nico, que não era fácil de decifrar.

Mas Jason? Ela não fazia a menor ideia. Todos diziam que ele era um líder nato. Ela acreditava nisso. Lá estava ele, fazendo-a se sentir como um membro

valioso da equipe, dizendo que ela era capaz de qualquer coisa. Mas do que *Jason* era capaz?

Não podia conversar sobre suas dúvidas com ninguém. Frank adorava o cara. Piper, é claro, estava totalmente apaixonada. Leo era seu melhor amigo. Até mesmo Nico parecia não hesitar em seguir sua liderança.

Mas Hazel não podia esquecer que Jason fora o primeiro movimento de Hera na guerra contra os gigantes. A Rainha do Olimpo pusera Jason no Acampamento Meio-Sangue, o que dera início a toda aquela cadeia de eventos para deter Gaia. Por que Jason primeiro? Algo dizia a Hazel que ele tinha um papel central no plano da deusa. E Jason também seria sua cartada final.

Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado. Era o que dizia a profecia. Por mais que Hazel temesse o fogo, ela temia mais as tempestades. Jason Grace podia invocar tempestades bem grandes.

Ela ergueu a cabeça e viu o fim do penhasco apenas alguns metros mais acima.

Chegou ao topo, ofegante e suada. Um vale longo e inclinado se estendia à sua frente, repleto de oliveiras retorcidas e pedras calcárias. Não havia sinais de civilização.

Suas pernas estavam trêmulas por causa da escalada. Gale parecia ansiosa para explorar. A doninha chiou, peidou e correu até os arbustos mais próximos. Lá embaixo, o *Argo II* parecia um barquinho de brinquedo flutuando no canal. Hazel não entendia como alguém poderia atirar uma flecha com precisão daquela altura, levando-se em conta o vento e o reflexo do sol na água. Na enseada, o rígido casco da tartaruga brilhava como uma moeda polida.

Jason se juntou a ela no topo, parecendo não ter sido afetado pela escalada.

Ele começou a dizer:

— Onde...

— Aqui! — disse uma voz.

Hazel deu um pulo. A apenas três metros de distância, um homem com um arco e uma aljava presa ao ombro surgiu, empunhando duas antiquadas pistolas de duelo. Usava botas de couro de cano alto, calça de couro e uma camisa de pirata. O cabelo preto e encaracolado parecia o de uma criança e seus olhos verdes e brilhantes eram bastante amigáveis, embora uma bandana vermelha cobrisse a metade inferior de seu rosto.

— Bem-vindos! — exclamou o bandido, apontando as armas para eles. — O dinheiro ou a vida!

Hazel tinha certeza de que ele não estava ali um segundo antes. Simplesmente se materializou, como se tivesse saído de trás de uma cortina invisível.

— Quem é você? — perguntou ela.

O bandido riu.

— Círon, é claro!

— Quíron? — perguntou Jason. — Como o centauro?

O bandido revirou os olhos.

— *Cí-ron*, meu amigo. Filho de Poseidon! Ladrão extraordinário! Um sujeito incrível! Mas isso não importa. Não estou vendo nada de valor — gritou ele, como se isso fosse uma excelente notícia. — Isso significa que vocês querem morrer?

— Espere — disse Hazel. — Temos objetos de valor. Mas como ter certeza de que você vai nos deixar ir embora assim que os entregarmos?

— Ah, *sempre* perguntam isso — disse Círon. — Juro pelo Rio Estige que, se me entregarem o que quero, eu *não* atirarei em vocês. Eu os mandarei penhasco abaixo.

Hazel lançou a Jason um olhar cauteloso. Rio Estige ou não, o juramento de Círon não a tranquilizou.

— E se lutarmos com você? — perguntou Jason. — Não pode nos atacar e manter nosso navio refém ao mesmo...

BANG! BANG!

Aconteceu tão rápido, que o cérebro de Hazel precisou de um tempo para entender.

Fumaça saía da lateral da cabeça de Jason. Logo acima de sua orelha esquerda, havia um sulco em seu cabelo que parecia uma faixa de carro de corrida. Uma das pistolas de Círon ainda estava apontada para o rosto dele. A outra estava apontada para baixo, para além do penhasco, como se o segundo tiro de Círon tivesse sido disparado contra o *Argo II*.

Hazel engasgou com o susto tardio.

— O que você fez?

— Ah, não se preocupe! — Círon riu. — Se pudesse ver de tão longe, o que você não pode, veria um buraco no convés entre os pés do jovem grandalhão, aquele com o arco.

— Frank!

Círon deu de ombros.

— Se você diz... Isso foi apenas uma demonstração. E *poderia* ter sido muito pior.

Ele girou as pistolas. Os cães voltaram a se armar e Hazel teve a impressão de que as pistolas se recarregavam magicamente.

Círon ergueu as sobrancelhas para Jason.

— Então! Para responder à sua pergunta, sim, eu posso atacá-lo e manter seu navio refém ao mesmo tempo. Munição de bronze celestial. Bem mortal para semideuses. Vocês dois morreriam primeiro: *bang, bang*. Então, eu poderia abater seus amigos no navio com calma. Tiro ao alvo é muito mais divertido com alvos vivos correndo e gritando!

Jason tocou o sulco que a bala fizera em seu cabelo. Pela primeira vez, não parecia muito confiante.

Os tornozelos de Hazel fraquejaram. Frank era o melhor arqueiro que ela conhecia, mas aquele bandido, Círon, era *desumanamente* bom.

— Você é um dos filhos de Poseidon? — Hazel conseguiu perguntar. — Pelo modo como atira, podia jurar que era de Apolo.

As rugas ao redor de seus olhos se aprofundaram.

— Ora, muito obrigado! Mas é apenas prática. A tartaruga gigante, esta sim devo a meu pai. Você não pode sair por aí domesticando tartarugas gigantes se não for um filho de Poseidon! Eu *poderia* afundar seu navio com uma onda, é claro, mas é muito trabalhoso. E nem é tão divertido quanto emboscar e atirar nas pessoas.

Hazel tentou organizar seus pensamentos e ganhar tempo, mas era bem difícil fazer isso encarando os canos fumegantes daquelas pistolas.

— Hã... para que serve a bandana?

— Assim ninguém me reconhece! — respondeu Círon.

— Mas você já se apresentou — disse Jason. — Seu nome é Círon.

Os olhos do bandido se arregalaram.

— Como você... Ah. Verdade, acho que já me apresentei. — Ele baixou uma pistola e coçou a lateral da cabeça com a outra. — Terrível descuido de minha parte. Desculpem. Acho que estou um pouco enferrujado. De volta dos mortos e tudo o mais. Permitam-me tentar outra vez.

Ele ergueu as pistolas.

— Parem e entreguem tudo! Sou um bandido anônimo, e vocês *não* precisam saber meu nome!

Um bandido anônimo. Hazel teve um lampejo de memória.

— Teseu. Ele matou você uma vez.

Os ombros de Círon arriaram.

— Poxa, *por que* você tinha que mencioná-lo? Nós estávamos nos dando tão bem!

Jason franziu a testa.

— Hazel, você conhece a história desse cara?

Ela assentiu, embora lhe fugissem os detalhes.

— Teseu o encontrou no caminho para Atenas. Círon matava suas vítimas quando, hum...

Algo sobre a tartaruga. Hazel não conseguia se lembrar.

— Teseu era um *trapaceiro*! — reclamou Círon. — Não quero falar sobre ele. Voltei dos mortos agora. Gaia prometeu que eu poderia ficar no litoral e roubar todos os semideuses que quisesse, e é isso o que farei! Agora... onde estávamos?

— Você estava prestes a nos deixar ir embora — arriscou Hazel.

— Hum — disse Círon. — Não, tenho certeza de que não era isso. Ah, lembrei! O dinheiro ou a vida. Onde estão seus objetos de valor? Não têm nenhum? Então terei que...

— Espere — disse Hazel. — Tenho objetos de valor. Ao menos, posso consegui-los.

Círon apontou uma das pistolas para a cabeça de Jason.

— Bem, minha querida, então seja rápida ou meu próximo tiro arrancará mais do que o cabelo de seu amigo!

*

Hazel mal precisou se concentrar. Estava tão aflita que o chão estremeceu embaixo dela e imediatamente rendeu uma abundante colheita: metais preciosos afloraram à superfície, como se a terra estivesse ansiosa para expulsá-los.

Ela se viu rodeada por uma pilha de tesouros que chegava à altura de seus joelhos: denários romanos, dracmas de prata, antigas peças de ouro, diamantes, topázios e rubis, o suficiente para encher vários sacos daqueles bem grandes.

Círon gargalhou de prazer.

— *Como* você fez isso?

Hazel não respondeu. Pensou em todas as moedas que haviam aparecido na encruzilhada de Hécate. Ali havia ainda mais: séculos de riquezas ocultas de cada império que tomara aquela terra para si: gregos, romanos, bizantinos e tantos outros. Os impérios haviam desaparecido, deixando apenas uma árida faixa de litoral para o bandido Círon.

Tal pensamento a fez sentir-se pequena e impotente.

— Basta levar o tesouro — disse ela. — Deixem-nos ir.

Círon riu.

— Ah, mas eu disse *todos* os seus bens. Acredito que vocês estejam levando algo muito especial naquele navio... uma certa estátua de marfim e ouro com, digamos, doze metros de altura?

O suor começou a secar no pescoço de Hazel e ela sentiu um calafrio na espinha.

Jason deu um passo para a frente. Apesar da arma apontada para seu rosto, seus olhos pareciam duros como safiras.

— A estátua não é negociável.

— Você está certo, não é! — concordou Círon. — Ficarei com ela!

— Foi Gaia quem lhe falou sobre ela — adivinhou Hazel. — Mandou que você a roubasse.

Círon deu de ombros.

— Talvez. Mas ela me disse que eu poderia ficar com a estátua. Difícil recusar uma oferta dessas! Não pretendo morrer de novo, meus amigos. Quero viver uma vida longa como um homem muito rico!

— A estátua não lhe servirá de nada — disse Hazel. — Não se Gaia destruir o mundo.

Os canos das pistolas de Círon oscilaram.

— Como é?

— Gaia está usando você — disse Hazel. — Se levar a estátua, não seremos capazes de derrotá-la. Ela pretende exterminar todos os mortais e semideuses do mundo, deixando seus gigantes e monstros no lugar. Então, onde você vai gastar seu ouro, Círon? Isso se Gaia permitir que você viva.

Hazel deixou a ideia assentar. Achava que Círon não teria dificuldade em acreditar na traição, sendo um bandido e tudo o mais.

Ele ficou em silêncio por uns dez segundos.

Finalmente as rugas ao redor de seus olhos reapareceram.

— Tudo bem! — concordou Círon. — Sou um cara razoável. Fiquem com a estátua.

Jason piscou.

— Podemos ir?

— Só mais uma coisa — disse Círon. — Sempre exijo uma demonstração de respeito. Antes de deixar minhas vítimas irem embora, insisto que elas lavem meus pés.

Hazel não tinha certeza se ouvira direito. Então Círon tirou as botas de couro, uma de cada vez. Seus pés eram as coisas mais repugnantes que ela já vira... e já vira coisas *muito* nojentas.

Eram inchados, enrugados e brancos como massa de pão, como se estivessem imersos em formol havia alguns séculos. Tufos de cabelos castanhos brotavam de cada dedo deformado. Suas unhas irregulares eram verdes e amarelas, como o casco de uma tartaruga.

Então o cheiro a atingiu. Hazel não sabia se o palácio de seu pai no Mundo

Inferior tinha uma lanchonete para zumbis, mas se *tivesse*, o lugar cheiraria exatamente como os pés de Círon.

— Então! — Círon remexeu os dedos dos pés nojentos. — Quem quer o esquerdo e quem quer o direito?

O rosto de Jason ficou quase tão branco quanto os pés de Círon.

— Você... só pode estar brincando.

— De jeito nenhum! — disse Círon. — Lavem meus pés, e estamos quites. Eu os mandarei penhasco abaixo. Juro pelo Rio Estige.

Círon fez a promessa com tanta facilidade que um alarme soou na mente de Hazel. *Pés. Mandar vocês penhasco abaixo. Casco de tartaruga.*

Ela se lembrou da história e todas as peças que faltavam se encaixaram. Ela se lembrou de como Círon matava suas vítimas.

— Nós dois poderíamos conversar um instante? — perguntou Hazel para o bandido.

Os olhos de Círon se estreitaram.

— Para quê?

— Bem, é uma decisão importante — disse ela. — Pé esquerdo, pé direito. Precisamos discutir.

Dava para ver que ele estava sorrindo sob a bandana.

— É claro — disse ele. — Sou tão generoso que darei a vocês *dois* minutos.

Hazel saiu de cima da pilha de tesouros e levou Jason o mais longe que se atrevia, uns quinze metros mais abaixo no penhasco, onde esperava que Círon não conseguisse ouvi-los.

— Ele chuta suas vítimas do penhasco — sussurrou Hazel.

Jason fez uma careta.

— O quê?

— Quando se ajoelham para lavar os pés dele — disse Hazel. — É assim que ele as mata. Quando estão desequilibrados, tontos pelo cheiro de seus pés, ele as chuta da borda. E elas caem direto na boca da tartaruga gigante.

Jason levou um momento para digerir aquilo. Olhou para além da borda do penhasco, onde o rígido casco da tartaruga brilhava debaixo d'água.

— Então teremos que lutar — disse Jason.

— Círon é muito rápido — replicou Hazel. — Ele nos matará.

— Então estarei pronto para voar. Quando ele me chutar, flutuarei até o meio do penhasco. E, quando chutar você, eu a pegarei.

Hazel balançou a cabeça.

— Se ele chutar com força e rapidez suficientes, você ficará muito tonto para voar. E mesmo que consiga, Círon tem os olhos de um atirador de elite. Ele observará você cair. Se você flutuar, ele vai atirar em você.

— Então... — Jason agarrou o punho da espada. — Espero que você tenha outra ideia.

A poucos metros dali, Gale, a doninha, surgiu em meio aos arbustos. Rangeu os dentes e olhou para Hazel como quem diz: *Então? Você tem?*

Hazel tentou se acalmar e evitar extrair mais ouro do chão. Ela se lembrou do sonho que tivera com o pai. A voz de Plutão: *Os mortos veem o que acreditam que verão. Assim como os vivos. Esse é o segredo.*

Percebeu o que tinha que fazer. Hazel odiava a ideia mais do que odiava a doninha peidorreira, mais do que odiava os pés de Círon.

— Infelizmente, sim — disse Hazel. — Precisamos deixar Círon vencer.

— O quê? — perguntou Jason.

Hazel lhe contou seu plano.

XXVIII

HAZEL

— **A**TÉ QUE ENFIM! — EXCLAMOU **CÍRON**. — **V**OCÊS demoraram *bem* mais do que dois minutos!

— Desculpe — disse Jason. — Foi difícil decidir... qual dos pés.

Hazel tentou esvaziar a mente e imaginar a cena através dos olhos de Círon: o que ele desejava, o que esperava.

Essa era a chave para usar a Névoa. Não podia forçar alguém a ver o mundo como ela queria. Não conseguiria fazer a realidade de Círon parecer *menos* crível. Mas caso mostrasse o que ele queria ver... Bem, era filha de Plutão. Passara décadas com os mortos, ouvindo-os ansiar por vidas passadas das quais lembravam apenas vagamente, vidas distorcidas pela nostalgia.

Os mortos viam o que *acreditavam* que veriam. Assim como os vivos.

Plutão era o deus do Mundo Inferior, o deus da riqueza. Talvez essas duas esferas de influência estivessem mais relacionadas do que Hazel pensava. Não havia muita diferença entre anseio e ganância.

Se era capaz de invocar ouro e diamantes, por que não poderia invocar outro tipo de tesouro — uma visão do mundo que as pessoas *quisessem* ver?

Claro, poderia estar errada. Neste caso, ela e Jason estavam prestes a virar comida de tartaruga.

Apoiou a mão no bolso do casaco, onde o graveto de Frank parecia mais pesado do que o habitual. Agora, não estava guardando apenas a vida dele e, sim, a de toda a tripulação.

Jason deu um passo à frente, com as mãos erguidas em sinal de rendição.

— Serei o primeiro, Círon. Lavarei o seu pé esquerdo.

— Excelente escolha! — Círon mexeu os dedos peludos e cadavéricos. — Acho que pisei em algo com esse pé. Estava um tanto melado dentro da bota. Mas sei que vai limpá-lo adequadamente.

As orelhas de Jason ficaram vermelhas. Pela tensão em seu pescoço, Hazel percebeu que o filho de Júpiter estava tentado a abandonar o plano e atacar Círon — um golpe rápido com a sua espada de ouro imperial. Mas Hazel sabia que ele falharia.

— Círon — interrompeu ela. — Você tem água? Sabão? Como vamos lavar...

— Com isto! — Círon rodou a pistola esquerda que, subitamente, transformou-se em um borrifador com um trapo. Ele jogou aquilo para Jason.

Jason leu o rótulo.

— Você quer que eu lave os seus pés com limpador de *vidro*?

— Claro que não! — Círon franziu a testa. — Aí diz limpador *multissuperfície*. Meus pés definitivamente podem ser definidos como uma *multissuperfície*. Além disso, é antibacteriano. Preciso disso. Acredite, água não funcionaria com *estes* bebês.

Círon mexeu os dedos de novo, exalando mais fedor de lanchonete de zumbis pelo penhasco.

Jason engasgou:

— Ah, deuses, não...

Círon deu de ombros.

— Você também pode escolher o que tenho na outra mão.

Ele ergueu a pistola esquerda.

— Ele vai lavar — disse Hazel.

Jason a encarou, mas Hazel ganhou a disputa de quem olhava mais feio.

— Tudo bem — murmurou ele.

— Excelente! Agora...

Círon foi até a pedra calcária mais próxima, que era do tamanho certo para servir de apoio para o pé. Ele olhou para o mar e pousou o pé sobre a pedra, de modo que mais parecia um explorador que acabara de descobrir um novo país.

— Observarei o horizonte enquanto você esfrega os meus joanetes. Será muito mais agradável.

— É — disse Jason. — Aposto que sim.

O garoto se ajoelhou diante do bandido, na borda do penhasco, onde era um alvo fácil. Um chute e ele cairia.

Hazel se concentrou. Imaginou ser Círon, o senhor dos bandidos. Estava olhando para um patético garoto de cabelos louros que não representava qualquer ameaça, era apenas mais um semideus derrotado prestes a se tornar sua vítima.

Em sua mente, visualizou o que aconteceria. Ela invocou a Névoa, chamando-a das profundezas da terra como fazia com ouro, prata ou rubis.

Jason esguichou o produto de limpeza. Seus olhos lacrimejaram. Ele limpou o

dedão de Círon com o trapo e virou o rosto com ânsia de vômito. Hazel mal podia olhar. Quando o chute aconteceu, ela quase não o viu.

Círon acertou o peito de Jason, que foi lançado da beira do precipício, agitando os braços e gritando enquanto caía. Quando estava prestes a atingir a água, a tartaruga emergiu, engoliu-o em uma bocada e, em seguida, submergiu.

Alarmes soaram no *Argo II*. Os amigos de Hazel se espalharam pelo convés, preparando as catapultas. Hazel ouviu o grito de Piper.

Foi tão perturbador que ela quase perdeu a concentração. Forçou sua mente a se dividir em duas partes: uma completamente concentrada em sua tarefa enquanto a outra desempenhava o papel que Círon precisava ver.

Gritou, indignada.

— O que você *fez*?

— Ah, querida... — A voz de Círon parecia triste, mas Hazel tinha a impressão de que ele escondia um sorriso sob a bandana. — Foi um acidente, eu juro.

— Agora, meus amigos vão *matar* você!

— Eles podem tentar — disse Círon. — Mas, enquanto isso, acho que você vai ter tempo de lavar o meu outro pé! Acredite em mim, querida. Minha tartaruga está satisfeita agora. Ela não a quer. Você estará segura, a menos que recuse.

Ele apontou a pistola para a sua cabeça.

Hazel hesitou, deixando-o perceber sua angústia. Não poderia concordar com muita facilidade, ou Círon não pensaria que ela estava derrotada.

— Não me chute — implorou ela quase chorando.

Os olhos de Círon brilharam. Era exatamente o que ele esperava. Ela estava derrotada e indefesa. Círon, filho de Poseidon, vencera outra vez.

Hazel mal podia acreditar que aquele cara tinha o mesmo pai que Percy Jackson. Então lembrou-se de que Poseidon tinha uma personalidade mutável, como o mar. Talvez seus filhos refletissem isso. Percy era filho do melhor lado de Poseidon — poderoso, embora gentil e útil, o tipo de mar que leva os navios com segurança para terras distantes. Círon era filho do *outro* lado de Poseidon, o tipo de mar que açoita incansavelmente o litoral até erodi-lo, que arrasta inocentes da praia e os afoga, ou que esmaga navios e mata tripulações inteiras sem misericórdia.

Ela pegou o borrifador que Jason deixara cair.

— Círon, seus pés são a coisa *menos* nojenta em você — resmungou ela.

Seus olhos verdes endureceram.

— Apenas limpe.

Ela se ajoelhou, tentando ignorar o fedor. Foi um pouco para o lado, forçando

Círon a ajustar a sua postura, mas imaginou o mar ainda às suas costas. Manteve tal visão em mente enquanto ia de novo para o lado.

— Comece logo a lavar! — exigiu Círon.

Hazel reprimiu um sorriso. Havia conseguido fazê-lo girar cento e oitenta graus, mas ele continuava a ver o mar à sua frente e a paisagem rural às suas costas.

Ela começou a limpar.

Já fizera muito trabalho nojento anteriormente. Limpou os estábulos dos unicórnios no Acampamento Júpiter. Cavara e enterrara latrinas para a legião.

Isso não é nada, disse consigo mesma. Mas era difícil não vomitar quando olhava para os dedos de Círon.

Quando o chute veio, ela foi jogada para trás, mas não foi muito longe. Caiu sentada na grama, a alguns metros dali.

Círon olhou para ela.

— Mas...

De repente, o mundo mudou. A ilusão se desfez, deixando o bandido totalmente confuso. O mar estava às suas costas. Apenas chutara Hazel para longe da borda.

Baixou a pistola.

— Como...

— Pare e entregue — disse Hazel.

Jason mergulhou do céu, bem acima da cabeça dela, e deu um encontrão no bandido, lançando-o do penhasco.

Círon gritou enquanto caía, disparando a pistola desesperadamente, mas, pela primeira vez, seus tiros não atingiram nada. Hazel se levantou. Chegou à borda do penhasco a tempo de ver a tartaruga surgir e abocanhar Círon em pleno ar.

Jason sorriu.

— Hazel, isso foi *incrível*. Sério... Hazel? Ei, Hazel?

Hazel caiu de joelhos, subitamente tonta.

Podia ouvir seus amigos comemorando no navio. Jason se aproximou dela, mas se movia em câmera lenta. Sua figura parecia borrada, e era impossível compreender o que dizia.

A geada cobriu as pedras e a grama à sua volta. O monte de tesouros que ela invocara voltou a afundar na terra. A Névoa rodopiou.

O que eu fiz?, pensou em pânico. *Algo deu errado*.

— Não, Hazel — disse uma voz grave às suas costas. — Você se saiu muito bem.

Ela mal se atrevia a respirar. Ouvira aquela voz uma única vez, mas a repetira em sua mente milhares de vezes.

Voltou-se e se viu diante de seu pai.

Ele estava vestido em estilo romano: cabelo escuro cortado bem curto, rosto pálido, anguloso e barbeado. Sua túnica e toga eram de lã preta, bordadas com fios de ouro. Rostos de almas atormentadas agitavam o tecido. A bainha de sua toga tinha uma linha da cor do carmim de um senador ou de um pretor, mas ondulava como um rio de sangue. No dedo anelar de Plutão havia uma enorme opala, como um pedaço polido de Névoa congelada.

O seu anel de casamento, pensou a garota. Mas Plutão nunca se casara com a mãe de Hazel. Deuses não se casam com mortais. Aquele anel deveria ser de seu casamento com Perséfone.

O pensamento a deixou com tanta raiva que ela ignorou a tontura e se levantou.

— O que você quer? — perguntou.

Hazel esperava que seu tom de voz o ferisse, deixasse-o magoado depois de toda a dor que ele lhe causara. Mas um leve sorriso esboçou-se nos lábios de Plutão.

— Minha filha. Estou impressionado. Você ficou mais forte.

Não graças a você, Hazel teve vontade de dizer. Não queria sentir qualquer prazer com aquele elogio, mas ainda assim seus olhos arderam.

— Pensei que vocês, deuses maiores, estivessem incapacitados — conseguiu dizer. — Que as suas personalidades gregas e romanas estivessem lutando umas contra as outras.

— Estamos — concordou Plutão. — Mas você me invocou com tal força que me permitiu aparecer... mesmo que apenas por um instante.

— Não o invoquei.

Contudo, sabia que não era verdade. Pela primeira vez, Hazel aceitava de bom grado ser uma filha de Plutão. Havia tentado entender os poderes de seu pai e aproveitá-los ao máximo.

— Quando vier à minha casa, em Épiro, você deverá estar preparada — avisou Plutão. — Os mortos não vão recebê-la bem. E a feiticeira Pasifae...

— Pacífica? — perguntou Hazel.

Percebeu então que aquele devia ser o nome da mulher.

— Ela não se deixará enganar tão facilmente quanto Círon. — Os olhos de Plutão brilhavam como pedra vulcânica. — Você passou em seu primeiro teste, mas Pasifae pretende reconstruir o seu domínio, o que colocará *todos* os semideuses em risco. A menos que você a detenha na Casa de Hades...

Sua forma bruxuleou. Por um instante, ficou barbudo, usando uma túnica grega e uma coroa de louros dourados na cabeça. A seus pés, mãos esqueléticas romperam a terra.

O deus rangeu os dentes e fez uma careta.

Sua forma romana se estabilizou. As mãos esqueléticas voltaram a se dissolver na terra.

— Não temos muito tempo. — Seu pai parecia um homem sofrendo de uma terrível doença. — Saiba que as Portas da Morte estão no nível mais baixo do *Necromanteion*. Você deve fazer Pasifae ver o que ela deseja ver. Você está certa. Esse é o segredo de toda a magia. Mas não será fácil quando estiver no labirinto dela.

— Como assim? Que labirinto?

— Você vai entender — prometeu Plutão. — E, Hazel Levesque... sei que não acredita em mim, mas estou orgulhoso de sua força. Às vezes... Às vezes, a única maneira de cuidar de meus filhos é me mantendo afastado.

Hazel engoliu um insulto. Plutão era apenas mais um deus pai desnaturado dando desculpas esfarrapadas. Mas seu coração batia forte enquanto repetia mentalmente suas palavras: *Estou orgulhoso de sua força*.

— Vá encontrar os seus amigos — disse Plutão. — Eles vão ficar preocupados. A viagem até o Épiro ainda lhes reserva muitos perigos.

— Espere — disse Hazel.

Plutão ergueu uma sobrancelha.

— Quando conheci Tânatos — disse ela —, você sabe... a *Morte*... ele falou que eu não estava na lista de espíritos extraviados a serem capturados. Disse que talvez por isso você estivesse mantendo distância. Se me reconhecesse, teria que me levar de volta para o Mundo Inferior.

Plutão esperou.

— O que quer saber?

— Você está aqui. Por que não me leva para o Mundo Inferior, de volta para os mortos?

Plutão começou a desaparecer. Ele sorriu, mas Hazel não podia dizer se estava triste ou feliz.

— Talvez isso não seja o que *eu* queira ver, Hazel. Talvez eu nunca tenha estado aqui.

XXIX

PERCY

FOI UM ALÍVIO PARA **P**ERCY quando as vovós demoníacas se aproximaram para a matança.

Ele estava apavorado, claro. Não gostava da desvantagem de três contra várias dezenas. Mas pelo menos *lutar* lhe era familiar. Caminhar pelas trevas, apenas à espera de ser atacado... Isso o estava deixando maluco.

Além do mais, ele e Annabeth tinham lutado juntos inúmeras vezes. E agora tinham um titã do seu lado.

— Para trás.

Percy brandiu Contracorrente na direção da bruxa enrugada mais próxima, mas ela apenas deu um sorriso de desprezo.

Nós somos as arai, ecoou outra vez a estranha voz, como se a floresta inteira estivesse falando. *Vocês não podem nos destruir.*

Annabeth encostou-se nele.

— Não encoste nelas — alertou a garota. — São os espíritos das maldições.

— Bob não gosta de maldições — disse o zelador, decidido.

O gatinho esqueleto, Bob Pequeno, desapareceu dentro do macacão do titã. Gato esperto.

Bob descreveu um arco amplo com a vassoura e forçou os espíritos a recuarem, mas eles voltaram como uma onda.

Nós servimos aos amargos e derrotados, disseram as arai. *Servimos aos que foram mortos e rezaram por vingança em seu último suspiro. Temos muitas maldições para dividir com vocês.*

O fogo líquido no estômago de Percy começou a subir por sua garganta. Como seria bom se o Tártaro tivesse uma maior opção de bebidas, ou talvez uma árvore de frutos antiácidos.

— Muito obrigado — agradeceu ele. — Mas minha mãe me disse para nunca

aceitar maldições de estranhos.

A criatura demoníaca mais próxima deu um bote. Suas garras se projetavam como navalhas de ossos. Percy a cortou ao meio, mas assim que ela se evaporou, os lados do peito dele arderam de dor. Recuou, com as mãos apertando a caixa torácica. Quando viu seus dedos, estavam molhados e vermelhos.

— Percy, você está sangrando! — gritou Annabeth, o que àquela altura era meio óbvio para ele. — Ah, meus deuses, dos *dois* lados.

Era verdade. Sua camisa esfarrapada estava ensopada de sangue dos lados direito e esquerdo, como se ele tivesse sido atravessado por uma lança.

Ou uma flecha...

A sensação de náusea quase o derrubou. *Vingança. Uma maldição dos que foram mortos.*

Ele se lembrou de uma luta no Texas dois anos antes, contra um fazendeiro monstruoso que só podia ser morto se todos os seus três corpos fossem atingidos ao mesmo tempo.

— Gerión — disse Percy. — Foi assim que eu o matei...

Os espíritos mostraram suas presas. Mais *arai* saltaram das árvores negras, batendo suas asas de morcego.

Isso, concordaram elas. Sinta a dor que você infligiu a Gerión. Tantas maldições foram lançadas contra você, Percy Jackson... De qual você vai morrer? Escolha, ou vamos destruí-lo!

De algum modo Percy conseguiu continuar de pé. O sangue parou de escorrer, mas ele ainda sentia como se uma barra de metal quente estivesse atravessando suas costelas. O braço da espada estava pesado e fraco.

— Não entendo — murmurou ele.

A voz de Bob parecia muito distante, como se ecoasse do fim de um túnel comprido.

— Se matar uma, ela passa uma maldição para você.

— Mas se nós *não* as matarmos... — disse Annabeth.

— Elas vão matar a gente de qualquer jeito — adivinhou Percy.

Escolha!, gritaram as arai. Quer ser esmagado como Campe? Ou desintegrado como os jovens telquines que matou aos pés do Monte Santa Helena? Você causou muita morte e sofrimento, Percy Jackson. Nós vamos lhe dar o troco!

As bruxas aladas se aproximaram mais. Tinham um bafo azedo, e seus olhos brilhavam de ódio. Pareciam Fúrias, mas Percy concluiu que eram criaturas ainda piores. Pelo menos as três Fúrias estavam sob o controle de Hades. Essas coisas eram selvagens e não paravam de se multiplicar.

Se elas eram realmente as personificações das maldições lançadas à beira da

morte de todos os inimigos que Percy destruíra... então estava com sérios problemas. Tinha enfrentado *muitos* inimigos.

Um dos demônios avançou em Annabeth. Ela se esquivou instintivamente, golpeou a cabeça da velha com sua pedra e a transformou em poeira.

Annabeth não teve escolha, assim como Percy. Instantaneamente, entretanto, Annabeth soltou a pedra e gritou apavorada.

— Não consigo ver!

Ela tocou o rosto, olhando desesperada de um lado para outro. Seus olhos estavam completamente brancos.

Percy correu para seu lado enquanto as *arai* falavam.

Polifemo a amaldiçoou quando você o enganou com sua invisibilidade no Mar de Monstros. Você disse se chamar Ninguém. Ele não podia vê-la. Agora é você que não vai ver quem a atacar.

— Estou aqui — disse Percy.

Ele envolveu Annabeth com um braço, mas quando as *arai* avançassem, ele não sabia como poderia proteger nenhum dos dois.

Uma dúzia de demônios atacou de todas as direções, mas Bob gritou:

— V_{ARRER}!

Sua vassoura passou zunindo acima da cabeça de Percy. Toda a linha ofensiva das *arai* foi derrubada como pinos de boliche.

Outras avançaram. Bob acertou uma na cabeça e perfurou outra, transformando-as em pó. As demais recuaram.

Percy prendeu a respiração, à espera de que seu amigo titã fosse derrubado por alguma maldição terrível, mas Bob parecia bem, um guarda-costas enorme e prateado que mantinha a morte a distância com a mais assustadora de todas as ferramentas de limpeza.

— Bob, você está bem? — perguntou Percy. — Sem maldições?

— Nada de maldições para Bob! — confirmou ele.

As *arai* rosnavam e formaram um círculo, atentas à vassoura. *O titã já está amaldiçoado. Por que deveríamos torturá-lo mais? Você, Percy Jackson, já destruiu a memória dele.*

A lança de Bob baixou rapidamente.

— Bob, não dê ouvidos a elas — pediu Annabeth. — Elas são más!

O tempo pareceu ficar mais lento. Percy se perguntou se o espírito de Cronos estaria em algum lugar por perto, espreitando na escuridão e se divertindo tanto com aquele momento que desejara fazê-lo durar para sempre. Percy se sentiu exatamente como quando tinha doze anos, enfrentando Ares naquela praia em Los Angeles, no momento em que a sombra do senhor dos titãs passou pela primeira vez sobre ele.

Bob se virou. Seus cabelos prateados desgrehados pareciam um halo.

— Minha memória... Foi você?

Amaldiçoe-o, titã!, insistiram as *arai* com os olhos vermelhos e brilhantes. *Aumente nossas maldições!*

O coração de Percy bateu mais rápido.

— Bob, é uma longa história. Não queria que você fosse meu inimigo. Tentei fazer de você um amigo.

Roubando sua vida, disseram as *arai*. *Eles o deixaram no palácio de Hades para limpar o chão!*

Annabeth segurou a mão de Percy.

— Para onde? — sussurrou. — Se tivermos que correr.

Ele entendeu.

Se Bob não os protegesse, sua única chance era correr, o que significava que na verdade não tinham chance.

— Bob, escute — disse, tentando de novo. — As *arai* querem que você fique com raiva. Elas são fruto de pensamentos amargos. Não dê a elas o que querem. Nós somos seus amigos.

Mesmo enquanto dizia essas palavras, Percy se sentiu um mentiroso. Ele tinha deixado Bob no Mundo Inferior e nunca mais pensara nele desde então. Por que seriam amigos? Só porque precisava do titã agora? Percy sempre odiava quando os deuses o usavam para realizar suas tarefas. Agora estava tratando Bob do mesmo jeito.

Está vendo o rosto dele?, rosnaram as *arai*. *O garoto não consegue nem se convencer. Ele visitou você alguma vez depois que roubou sua memória?*

— Não — murmurou Bob. Seu lábio inferior estava trêmulo. — O outro visitou.

Percy ficou confuso.

— O outro?

— Nico. — Bob o olhou de cara feia, com uma expressão magoada. — Nico me visitou. Ele me falou de Percy. Disse que Percy era bom. Disse que ele era amigo. Foi por isso que Bob ajudou.

— Mas... — A voz de Percy falhou como se alguém o tivesse atingido com uma lâmina de bronze Celestial. Nunca tinha se sentido tão baixo e vil, tão pouco merecedor de uma amizade.

As *arai* atacaram, e dessa vez Bob não as deteve.

XXX

PERCY

— ESQUERDA! — PERCY PUXOU ANNABETH, golpeando as *arai* com a espada para abrir caminho. Provavelmente tinha recebido uma dezena de maldições, mas não as sentiu imediatamente, por isso não parou de correr.

Sentia apenas uma pontada de dor no peito que aumentava a cada passo. Desviava das árvores, conduzindo Annabeth a toda velocidade, apesar da cegueira da garota.

Percy percebeu quanto ela confiava nele para resolver o problema. Não podia decepcioná-la, mas como poderia salvá-la? E se ela ficasse permanentemente cega... Não. Ele se obrigou a ficar calmo. Mais tarde descobriria uma maneira de curá-la. Primeiro tinham que escapar.

Asas coriáceas cortavam o ar acima deles. Sibilos raivosos e o correr de pés com garras deixavam claro que os demônios os perseguiam.

Quando passaram por uma das árvores negras, partiu o tronco com a espada. Ele a ouviu cair, e, logo depois, o agradável barulho de dezenas de *arai* sendo esmagadas.

Se uma árvore cai na floresta e esmaga um demônio, será que a árvore é amaldiçoada?

Percy partiu outro tronco e outro em seguida. Isso atrasou seus perseguidores, mas não o suficiente.

De repente, a escuridão adiante ficou mais densa. Percy percebeu o que era bem a tempo. Agarrou Annabeth antes que os dois caíssem direto em um precipício.

— O que foi? — gritou ela. — O que aconteceu?

— Precipício — respondeu sem fôlego. — Precipício enorme.

— Então para onde vamos?

Percy não conseguia ver a altura do penhasco. Seria de dez ou mil metros. Não dava para saber o que havia no fundo. Podiam saltar e torcer pela melhor das hipóteses, mas duvidava que o “melhor” acontecesse no Tártaro.

Então havia duas opções: direita ou esquerda, acompanhando a borda do penhasco.

Estava prestes a escolher aleatoriamente quando um demônio alado pairou sobre o vazio à sua frente batendo com suas asas de morcego, próximo mas fora do alcance de sua espada.

O passeio foi bom?, perguntou a voz coletiva, ecoando à sua volta.

Percy se virou. As *arai* estavam saindo da floresta e formando uma meia-lua em torno deles. Uma agarrou o braço de Annabeth, que gritou de raiva. Deu um golpe de judô no monstro e pulou no seu pescoço, pondo todo o peso do corpo em um golpe com o cotovelo que teria deixado qualquer lutador profissional orgulhoso.

O demônio se desintegrou, mas, quando Annabeth se levantou, parecia atônita e assustada, além de cega.

— Percy? — chamou com a voz trêmula pelo pânico.

— Estou aqui.

Tentou tocar em seu ombro, mas ela não estava no mesmo lugar. Tentou de novo e descobriu que ela estava alguns metros mais distante. Era como tentar agarrar algo dentro da água, quando a luz fazia a imagem mudar de lugar.

— Percy! — gritou a voz de Annabeth. — Por que você me abandonou?

— Não abandonei! — Ele encarou as *arai*, com os braços trêmulos de raiva. — O que fizeram com ela?

Não fizemos nada, disseram os demônios. *Sua amada liberou uma maldição especial... um pensamento amargo para alguém que você abandonou. Você puniu uma alma inocente deixando-a só. Agora o desejo mais cheio de ódio dessa alma se realizou: Annabeth sente o desespero dela. Também morrerá sozinha e abandonada.*

— Percy? — Annabeth estendeu os braços para tentar localizá-lo. As *arai* recuaram e deixaram que ela andasse cegamente e aos tropeções através delas.

— Quem eu abandonei? — perguntou Percy. — Eu nunca...

De repente, sentiu como se seu estômago tivesse caído no precipício.

As palavras ecoaram em sua mente: *Uma alma inocente. Solitária e abandonada*. Lembrou de uma ilha, uma caverna iluminada pelo brilho suave de cristais, uma mesa de jantar na praia servida por criados invisíveis.

— Ela não... — balbuciou. — Ela jamais iria me amaldiçoar.

Os olhos dos demônios se misturaram como suas vozes. Percy sentiu as laterais do corpo latejarem. A dor no peito estava pior, como se alguém estivesse

girando lentamente um punhal.

Annabeth caminhava em meio aos demônios, chamando desesperadamente por ele. Percy ansiava por correr até ela, mas sabia que as *arai* o impediriam. A única razão para não a terem matado ainda era porque estavam desfrutando de sua desgraça.

Percy cerrou os dentes. Não ligava para quantas maldições sofresse. Tinha que manter aquelas decrepitas bruxas coriáceas concentradas nele e proteger Annabeth enquanto conseguisse.

Furioso, gritou e atacou todas elas.

XXXI

PERCY

POR UM EMPOLGANTE MINUTO, **P**ERCY sentiu como se estivesse vencendo. Contracorrente cortava as *arai* como se fossem feitas de manteiga. Uma entrou em pânico, correu e deu de cara com uma árvore. Outra gritou e tentou escapar voando, mas ele cortou suas asas e lançou-a girando para o abismo.

Cada vez que um demônio se desintegrava, Percy recebia uma nova maldição, o que fazia crescer nele uma sensação de medo. Algumas maldições eram cruéis e dolorosas: uma punhalada na barriga, ou uma sensação de queimação como se estivesse sendo atacado por um maçarico. Outras eram sutis: um calafrio na espinha, um tique incontrolável no olho direito.

Fala sério, quem usa o último suspiro para amaldiçoar você com: *Espero que tenha um tique nervoso!*

Percy sabia que tinha matado muitos monstros, mas nunca pensou nisso do ponto de vista de suas vítimas. Agora, toda a dor, raiva e amargura delas se derramavam sobre ele, minando sua resistência.

Mesmo assim as *arai* continuavam a atacar. Para cada uma que derrubava, pareciam surgir mais seis.

O braço que segurava a espada ficou ainda mais cansado. Seu corpo doía, e a visão começou a embaçar. Tentou abrir caminho na direção de Annabeth, mas ela estava longe demais, chamando-o e andando sem rumo entre os demônios.

Enquanto tentava chegar até ela, um demônio deu um bote e cravou os dentes em sua coxa. Percy urrou e transformou o demônio em pó com um golpe, mas caiu de joelhos.

Sua boca queimava mais do que se houvesse engolido fogo líquido do Flegetonte. Ele se curvou, tremendo e com ânsias de vômito, sentindo como se serpentes de chamas descessem por seu esôfago.

Você escolheu, disse a voz das arai. A Maldição de Fineu... uma morte dolorosa excelente.

Percy tentou falar, mas sua língua parecia estar assando. Lembrou do velho rei cego que tinha perseguido harpias por Portland com um aparador de grama. Percy o desafiou para um confronto, e o perdedor bebeu o fatal sangue de górgona. Percy não se lembrava de ouvir o velho moribundo murmurar uma maldição em seus segundos finais, mas enquanto Fineu se dissolvia e voltava para o Mundo Inferior, provavelmente não desejara a Percy uma vida longa e próspera.

Depois da vitória, Gaia o alertou: *Não abuse da sorte. Quando chegar a hora de sua morte, prometo que ela será muito mais dolorosa que o sangue de górgona.*

Agora estava no Tártaro morrendo por causa do sangue de górgona além de muitas outras maldições torturantes enquanto via a namorada cambalear sem rumo, indefesa, cega e acreditando que fora abandonada. Apertou a espada. As juntas dos dedos começaram a fumegar. Uma fumaça branca veio subindo de seus antebraços.

Não vou morrer assim, pensou ele.

Não apenas por ser um jeito doloroso e extremamente tosco, mas porque Annabeth precisava dele. Quando morresse, os demônios se concentrariam nela. Não podia abandoná-la.

As arai se amontoaram em torno dele, rindo, rosnando e sibilando.

Primeiro, a cabeça dele vai explodir, especulou a voz.

Não, a voz respondeu a si mesma de outra direção. *Ele vai entrar em combustão espontânea.*

Estavam fazendo apostas sobre sua morte... sobre o formato da marca calcinada que deixaria no chão.

— Bob — gemeu sem forças. — Preciso de você.

Era uma súplica desesperada. Mal conseguia ouvir a si mesmo. Por que Bob deveria atender seu chamado pela segunda vez? O titã agora sabia a verdade. Percy não era amigo.

Ergueu os olhos uma última vez. Tudo em torno dele parecia tremeluzir. O céu fervia e o solo estava coberto de bolhas.

Percy percebeu que o que *vira* no Tártaro era apenas uma versão diluída de seu verdadeiro horror, apenas aquilo com que seu cérebro de semideus podia lidar. O pior ficava oculto, do mesmo modo que a neblina escondia os monstros de olhos mortais. Agora, enquanto morria, Percy enxergou a verdade.

O ar era a respiração de Tártaro. Todos aqueles monstros eram apenas células sanguíneas que circulavam por seu corpo. Tudo que Percy via era um sonho na

mente do deus sombrio das profundezas.

Nico deve ter visto Tártaro assim, e isso quase o enlouquecera. Nico... uma das muitas pessoas que Percy não tinha tratado bem o suficiente. Ele e Annabeth só tinham conseguido chegar tão longe no Tártaro porque Nico di Angelo tornara-se amigo verdadeiro de Bob.

Está vendo o horror das profundezas?, disseram as *arai* em voz tranquilizadora. *Desista, Percy Jackson. Não é melhor morrer do que sofrer aqui?*

— Sinto muito — murmurou Percy.

Ele está se desculpando!, as *arai* riram de prazer. *Ele se arrepende de sua vida fracassada, de seus crimes contra os filhos do Tártaro!*

— Não — disse Percy. — Sinto muito, Bob. Devia ter sido honesto com você. Por favor... me perdoe. Proteja Annabeth.

Não esperava que Bob ouvisse ou se importasse, mas pareceu o certo a fazer para ter a consciência limpa. Não podia culpar mais ninguém por seus problemas. Nem os deuses. Nem Bob. Nem sequer Calipso, a garota que deixara sozinha naquela ilha. Talvez ela houvesse ficado amargurada e, por desespero, amaldiçoado a namorada de Percy. Mesmo assim... ele devia ter buscado informações sobre Calipso e se assegurado de que os deuses a houvessem libertado de seu exílio em Ogígia como prometeram. Não a tratara nem um pouco melhor do que tratara Bob. Nem pensou muito nela, apesar de sua planta de enlace lunar ainda florescer na jardineira da mãe dele.

Usou suas últimas forças e conseguiu se levantar. Todo seu corpo exalava vapor. Suas pernas tremiam. Suas entranhas se revolviam como o interior de um vulcão.

Pelo menos partiria lutando. Percy ergueu Contracorrente.

Mas antes que pudesse atacar, todas as *arai* à sua frente explodiram e viraram pó.

XXXII

PERCY

BOB SABIA MESMO COMO USAR uma vassoura.

Golpeava a torto e a direito, destruindo demônios um atrás do outro com o gatinho Bob Pequeno em seu ombro, arqueando as costas e rosnando.

Em poucos segundos, as *arai* desapareceram. A maioria evaporou. As inteligentes tinham voado para a escuridão gritando aterrorizadas.

Percy queria agradecer o titã, mas não conseguiu falar. Suas pernas fraquejaram. Os ouvidos zumbiam. Em meio a um brilho vermelho de dor, viu Annabeth a alguns metros de distância, andando sem rumo e às cegas em direção ao precipício.

— Não! — grunhiu Percy.

Bob acompanhou o olhar dele, correu e tirou Annabeth do chão. Ela gritava, chutava, e socava a barriga do zelador, mas ele não parecia se incomodar. Carregou-a até Percy e a colocou no chão com delicadeza.

O titã tocou a testa dela.

— Ui!

Annabeth parou de lutar. Seus olhos desanuviaram.

— Aonde... o quê...?

Ela viu Percy, e uma série de expressões passaram por seu rosto: alívio, alegria, choque, horror.

— O que houve com ele? — gritou ela. — O que aconteceu?

Ela abraçou Percy e chorou sobre sua cabeça.

Ele queria dizer que estava tudo bem, mas claro que não estava. Não sentia mais o próprio corpo. Sua consciência parecia um balãozinho, amarrado frouxamente no alto de sua cabeça. Não tinha peso, nem força. Apenas continuava a se expandir, ficando cada vez mais leve. Sabia que logo explodiria,

ou a linha iria se romper, e sua vida flutuaria para longe.

Annabeth tomou seu rosto nas mãos. Ela o beijou e tentou limpar a poeira e o suor dos olhos dele.

Bob estava parado perto dos dois com a vassoura fincada no chão como uma bandeira. Era impossível compreender o que sentia olhando seu rosto, luminosamente branco no escuro.

— Muitas maldições — explicou Bob. — Percy fez coisas ruins com monstros.

— Você pode curá-lo? — implorou Annabeth. — Como fez com minha cegueira? Cure *Percy*!

Bob franziu o cenho. Cutucou o crachá em seu uniforme como se fosse uma casca de ferida.

Annabeth tentou de novo.

— Bob...

— Jápeto — disse Bob, com uma voz que soava como um ronco grave. — Antes de Bob. Era Jápeto.

Tudo pareceu congelar. Percy se sentia desamparado, mal conectado com o mundo.

— Prefiro o Bob. — A voz da menina estava surpreendentemente calma. — De qual você gosta?

O titã olhou para ela com seus olhos de prata pura.

— Não sei mais.

Ele se agachou ao lado dela e examinou Percy. O rosto do titã parecia exausto e envelhecido, como se de repente sentisse o peso de todos os seus séculos de vida.

— Eu prometi — murmurou ele. — Nico me pediu para ajudar. Acho que nem Jápeto nem Bob gostam de quebrar promessas.

E tocou a testa de Percy.

— Ui — murmurou o titã. — Um Ui muito grande.

Percy voltou para seu corpo. O zumbido nos ouvidos desapareceu, e sua visão clareou. Ainda tinha a sensação de ter engolido uma fritadeira, e suas entranhas borbulhavam. Podia sentir também que o veneno tivera apenas sua velocidade reduzida, não havia sido expurgado.

Mas estava vivo.

Tentou fitar Bob para expressar sua gratidão. Sua cabeça caiu sem forças sobre o peito.

— Bob não consegue curar isso — explicou ele. — Veneno demais. Maldições demais acumuladas.

Annabeth abraçou Percy. Ele queria dizer: *Agora posso sentir. Ai. Apertado*

demais.

— O que podemos fazer, Bob? — perguntou Annabeth. — Tem água em algum lugar por perto? Talvez água o cure.

— Não tem água — disse Bob. — Tártaro é mau.

Eu percebi, Percy teve vontade de berrar.

Pelo menos o titã chamava a si próprio de Bob. Mesmo que o culpasse por tirar sua memória, talvez ajudasse Annabeth se Percy não conseguisse.

— Não — insistiu ela. — Não, *tem* que haver um jeito. *Algo* que possa curá-lo.

Bob pôs a mão no peito de Percy. Um formigamento frio como pomada de eucalipto espalhou-se sobre seu esterno. Mas assim que Bob tirou a mão, o alívio parou. Os pulmões de Percy voltaram a queimar como se estivessem cheios de lava.

— Tártaro mata semideuses — disse Bob. — Cura monstros, mas vocês não são. Tártaro não vai curar Percy. As profundezas odeiam sua espécie.

— Não me importa — disse Annabeth. — Mesmo aqui, *tem* que haver algum lugar onde ele possa descansar, algum elixir curativo que possa tomar. Talvez lá atrás, no altar de Hermes, ou...

Ao longe, ouviu-se uma voz alta, grave e profunda, uma voz que Percy reconheceu, infelizmente.

— *SINTO O CHEIRO DELE!* — ribombou o gigante. — *CUIDADO, FILHO DE POSEIDON! EU VIM PEGAR VOCÊ!*

— Polibotes — disse Bob. — Ele odeia Poseidon e seus filhos. E agora está muito perto.

Annabeth se esforçou para ajudar Percy a se levantar. Ele odiava dar tanto trabalho, mas se sentia como se fosse um saco de batatas. Mesmo com Annabeth sustentando quase todo o seu peso, mal conseguia se manter de pé.

— Bob, vou seguir em frente, com ou sem você — disse ela. — Você vai ajudar?

Bob Pequeno começou a miar e ronronar, se esfregando contra o queixo de Bob.

Bob, o titã, olhou para Percy, e Percy desejou poder interpretar sua expressão. Estava com raiva, ou apenas pensativo? Será que estava planejando vingança, ou simplesmente se sentindo chateado porque Percy mentira sobre ser seu amigo?

— Tem um lugar — disse Bob por fim. — Tem um gigante que pode saber o que fazer.

Annabeth quase deixou Percy cair.

— Um gigante. Hum, Bob, gigantes são maus.

— Um é bom — insistiu Bob. — Confiem em mim, e eu levo vocês... a menos que Polibotes e os outros nos peguem.

XXXIII

JASON

JASON ADORMECEU EM PLENA MISSÃO. O que era ruim, já que estava a mais de trezentos metros de altura.

Deveria ter imaginado. Era a manhã seguinte de seu encontro com Círon, o bandido, e estava no ar, lutando com alguns *venti* selvagens que ameaçavam o navio. Quando destruiu o último, esqueceu-se de prender a respiração.

Um erro idiota. Quando um espírito do vento se desintegra, cria um vácuo. Se você não estiver prendendo a respiração, o ar é sugado de seus pulmões. A pressão nos ouvidos internos cai tão rápido que a pessoa desmaia.

Foi o que aconteceu com Jason.

Para piorar, ele mergulhou imediatamente em um sonho. Do fundo de seu subconsciente, perguntou-se: *Sério? Agora?*

Precisava acordar ou morreria; mas não conseguiu se concentrar nesse pensamento. No sonho, estava no teto de um edifício alto, a silhueta dos prédios de Manhattan espalhando-se à sua volta na paisagem noturna. Um vento frio açoitava suas roupas.

A poucos quarteirões dali, algumas nuvens se juntavam acima do Empire State — a entrada para o Monte Olimpo. Relâmpagos cortavam o céu. O ar estava metálico, cheirando a chuva iminente. O topo do arranha-céu estava iluminado como de costume, mas as luzes pareciam não estar funcionando direito. Ficavam mudando de roxo para laranja, como se as cores estivessem em uma disputa.

Junto com Jason no teto do prédio estavam seus antigos companheiros do Acampamento Júpiter: uma tropa de semideuses trajando armaduras, suas armas e escudos de ouro imperial brilhando na escuridão. Viu Dakota e Nathan, Leila e Marcus. Octavian estava um pouco afastado, magro e pálido, os olhos avermelhados devido à insônia ou à raiva, com vários bichinhos de pelúcia para

sacrifícios presos ao cinto. Usava o manto branco de áugure sobre uma camiseta roxa e uma calça cargo.

No meio da fileira estava Reyna com os cães de metal Aurum e Argentum a seu lado. Ao vê-la, Jason sentiu uma grande pontada de culpa. Ele a deixara crer que os dois tinham um futuro juntos. Nunca fora apaixonado por ela, e não lhe dera esperanças... mas também nunca a desencorajara.

Ele desaparecera, e Reyna teve que liderar o acampamento sozinha. (O.k., aquilo não fora exatamente ideia de Jason, mas mesmo assim...) Então voltou para o Acampamento Júpiter com sua nova namorada, Piper, e um bando de amigos gregos em um navio de guerra. Dispararam contra o Fórum e fugiram, deixando-a com uma guerra nas mãos.

No sonho, ela parecia cansada. Os outros podiam não notar, mas Jason já trabalhara com Reyna por tempo suficiente para reconhecer o cansaço em seus olhos, a tensão em seus ombros sob as tiras da armadura. Seu cabelo escuro estava molhado, como se tivesse tomado um banho rápido.

Os romanos encaravam a porta de acesso ao teto do prédio como se estivessem à espera de alguém.

Quando a porta se abriu, duas pessoas surgiram. Uma delas era um fauno — não, pensou Jason —, um *sátiro*. Aprendera a diferença no Acampamento Meio-Sangue, e o treinador Hedge sempre o corrigia quando ele se confundia. Os faunos romanos vagavam por aí mendigando e comendo. Os sátiros eram mais úteis, mais envolvidos com os assuntos dos semideuses. Jason não acreditava ter visto aquele sátiro em particular antes, mas tinha certeza de que ele estava do lado dos gregos. Nenhum fauno caminharia com tanta segurança em direção a um grupo armado de romanos no meio da noite.

Ele usava uma camiseta verde do Nature Conservancy com imagens de animais ameaçados de extinção, baleias, tigres e outros tantos. Nada cobria seus cascos e suas pernas peludas. Tinha um cavanhaque espesso, cabelos castanhos encaracolados escondidos sob um gorro rastafári e uma flauta de bambu pendurada no pescoço. Ele remexia na barra da camisa, mas, considerando a maneira como estudava os romanos, prestando atenção em suas posições e armas, Jason percebeu que aquele sátiro já estivera em um combate.

Ao seu lado estava uma menina ruiva que Jason reconhecia do Acampamento Meio-Sangue: era o oráculo, Rachel Elizabeth Dare. Ela tinha longos cabelos encaracolados, usava uma blusa branca e uma calça jeans cheia de desenhos feitos à mão. Segurava uma escova de cabelo de plástico azul que batia nervosamente na coxa, como um talismã da sorte.

Jason lembrou-se dela junto à fogueira do acampamento, recitando a profecia que o enviara junto com Piper e Leo em sua primeira missão. Ela era uma

adolescente mortal normal — não uma semideusa —, contudo, por razões que Jason jamais entendera, o espírito de Delfos a escolhera como seu porta-voz.

A verdadeira questão era: o que ela estava fazendo com os romanos?

A garota deu um passo à frente, os olhos fixos em Reyna.

— Você recebeu minha mensagem.

Octavian sorriu com desdém.

— Esse é o único motivo de terem chegado vivos até aqui, *graecus*. Espero que tenham vindo para discutir os termos de sua rendição.

— Octavian — advertiu Reyna.

— Ao menos os reviste! — protestou Octavian.

— Não há necessidade — disse Reyna, estudando Rachel Dare. — Vocês estão armados?

Rachel deu de ombros.

— Certa vez, acertei o olho de Cronos com esta escova. Fora isso, não.

Os romanos pareciam não saber como reagir àquela resposta. A mortal não parecia estar brincando.

— E seu amigo? — Reyna apontou para o sátiro. — Pensei que viria sozinha.

— Este é Grover Underwood — disse Rachel. — Ele é um líder do Conselho.

— Qual *conselho*? — questionou Octavian.

— Conselho dos Anciãos de Casco Fendido, cara. — A voz de Grover soava alta e esganiçada, como se estivesse com medo, mas Jason suspeitou que o sátiro era mais corajoso do que deixava transparecer. — Sério, os romanos não têm natureza, árvores e tal? Tenho algumas notícias que vocês precisam ouvir. Além disso, sou um protetor de carteirinha. Estou aqui para, vocês sabem, proteger Rachel.

Reyna parecia estar tentando segurar o riso.

— Sem nenhuma arma?

— Apenas a flauta de bambu. — A expressão de Grover tornou-se melancólica. — Percy sempre disse que meu cover de “Born to be Wild” deveria contar como uma arma perigosa, mas não creio que seja *tão* ruim assim.

Octavian zombou:

— Outro amigo de Percy Jackson. Só *me* faltava essa.

Reyna ergueu a mão pedindo silêncio. Seus cães de ouro e prata farejaram o ar, mas se mantiveram calmos e atentos ao seu lado.

— Até agora nossos visitantes só disseram a verdade — disse Reyna. — Estejam avisados, Rachel e Grover, que, se começarem a mentir, esta conversa terminará muito mal para vocês. Digam o que vieram dizer.

Rachel puxou um guardanapo do bolso da calça jeans.

— Uma mensagem. De Annabeth.

Jason não tinha certeza se ouvira direito. Annabeth estava no Tártaro. Ela não podia mandar um bilhete em um guardanapo para ninguém.

Talvez eu tenha caído na água e morrido, disse seu subconsciente. *Esta não é uma visão real. É uma espécie de alucinação pós-morte.*

Mas o sonho parecia muito real. Ele podia sentir o vento varrendo o teto do prédio. Podia sentir o cheiro da chuva. Relâmpagos cortavam o céu sobre o edifício Empire State, fazendo as armaduras dos romanos brilharem.

Reyna pegou o bilhete. Enquanto lia, suas sobancelhas se erguiam cada vez mais. Abriu a boca, chocada. Finalmente, olhou para Rachel.

— Isso é uma piada?

— Gostaria que fosse — disse Rachel. — Eles realmente estão no Tártaro.

— Mas como...

— Não sei — respondeu Rachel. — O bilhete apareceu no fogo sacrificial do pavilhão de refeições. Essa é a letra de Annabeth. E ela cita seu nome.

Octavian se intrometeu.

— Tártaro? O que você quer dizer com isso?

Reyna entregou-lhe o bilhete.

Octavian murmurou enquanto lia:

— Roma, Aracne, Atena... *Atena Partenos?* — Ele olhou em volta, indignado, como se esperasse que alguém questionasse o que estava lendo. — Um truque dos gregos! Os gregos são *famosos* por seus truques!

Reyna pegou o bilhete de volta.

— Por que pedir isso a mim?

Rachel sorriu.

— Porque Annabeth é esperta. Acredita que você é capaz, Reyna Avila Ramírez-Arellano.

Jason sentiu como se tivesse levado um tapa. Ninguém *nunca* usava o nome completo de Reyna. Ela odiava ter que dizê-lo a alguém. A única vez em que Jason o dissera em voz alta, apenas para tentar pronunciá-lo corretamente, ela lhe lançou um olhar assassino. *Esse era o nome de uma menininha em San Juan*, dissera para ele. *Deixei-o para trás quando saí de Porto Rico.*

Reyna fez uma careta.

— Como você...

— Hum... — interrompeu Grover Underwood. — Quer dizer que suas iniciais são RA-RA?

A mão de Reyna baixou até sua adaga.

— Mas isso não é importante! — disse o sátiro rapidamente. — Olhe, não teríamos nos arriscado a vir até aqui se não confiássemos nos instintos de Annabeth. Um líder romano devolvendo a mais importante estátua grega para o

Acampamento Meio-Sangue... ela sabe que isso pode evitar a guerra.

— Isto não é um truque — acrescentou Rachel. — Não estamos mentindo. Pergunte aos seus cães.

Os cães metálicos não reagiram. Reyna acariciou a cabeça de Aurum, pensativa.

— A Atena Partenos... então a lenda é verdadeira.

— Reyna! — exclamou Octavian. — Você não pode estar considerando isso seriamente! Mesmo que a estátua ainda exista, perceba o que eles estão fazendo. Estamos prestes a atacá-los, a destruir esses gregos cretinos de uma vez por todas, e eles inventam esta missão idiota para desviar sua atenção. Querem que você rume para a própria morte!

Os outros romanos murmuraram entre si, olhando feio para os visitantes. Jason se lembrou de quão persuasivo Octavian poderia ser, e ele estava ganhando o apoio dos oficiais.

Rachel Dare encarou o áugure.

— Octavian, filho de Apolo, você deveria levar isso mais a sério. Até mesmo os romanos respeitam o Oráculo de Delfos de seu pai.

— Há! — disse Octavian. — Você é o Oráculo de Delfos? Certo. E eu sou o imperador Nero!

— Pelo menos Nero entendia de música — murmurou Grover.

Octavian cerrou os punhos.

Subitamente, o vento mudou de direção. Passou a rodopiar em torno dos romanos com um som sibilante, como um ninho de cobras. Rachel Dare emanava uma aura verde, como se tivesse sido iluminada por um suave refletor de luz esmeralda. Então o vento voltou ao normal e a aura se foi.

O desprezo se esvaiu do rosto de Octavian. Os romanos se remexeram, inquietos.

— A decisão é sua — disse Rachel, como se nada tivesse acontecido. — Não tenho nenhuma profecia específica para oferecer a vocês, mas *posso* ter vislumbres do futuro. Vejo a Atena Partenos na Colina Meio-Sangue. E vejo *ela* trazendo a estátua. — Rachel apontou para Reyna. — Além disso, Ella tem murmurado trechos dos livros sibilinos.

— O quê? — interrompeu Reyna. — Os livros sibilinos foram destruídos há séculos.

— Eu *sabia*! — Octavian bateu com o punho na palma da mão. — Aquela harpia que eles trouxeram ao voltarem da missão, *Ella*. Sabia que ela estava recitando profecias! Agora entendo. Ela... de algum modo memorizou uma cópia dos livros sibilinos.

Reyna balançou a cabeça em sinal de descrença.

— Como isso é possível?

— Não sabemos — admitiu Rachel. — Mas, sim, parece ser esse o caso. Ella tem memória eidética. E adora livros. Em algum lugar, de algum modo, ela leu o livro romano de profecias. Agora é a única fonte deles.

— Seus amigos mentiram — disse Octavian. — Eles nos disseram que a harpia apenas murmurava coisas sem sentido. Eles a roubaram!

Grover bufou, indignado.

— Ella não é sua propriedade! É uma criatura livre. Além disso, quer ficar no Acampamento Meio-Sangue. Está namorando um de meus amigos, Tyson.

— O ciclope — lembrou-se Reyna. — Uma harpia namorando um ciclope...

— Isso não é relevante! — disse Octavian. — A harpia conhece profecias romanas valiosas. Se os gregos não a devolverem, devemos tomar seu oráculo como refém! Guardas!

Dois centuriões avançaram com as *pila* em riste. Grover levou a flauta aos lábios, tocou uma rápida melodia, e as lanças se transformaram em árvores de Natal. Os guardas as largaram, surpresos.

— Basta! — gritou Reyna.

Não costumava erguer a voz. Quando o fazia, todos a ouviam.

— Estamos nos desviando do assunto — disse ela. — Rachel Dare, você está me dizendo que Annabeth está no Tártaro. No entanto, ela encontrou um modo de enviar esta mensagem. Quer que *eu* leve essa estátua das terras antigas para o seu acampamento.

Rachel assentiu.

— Apenas um romano pode devolvê-la e restaurar a paz.

— E por que os romanos buscariam a paz depois que seu navio atacou nossa cidade? — perguntou Reyna.

— Você sabe por quê — replicou Rachel. — Para evitar esta guerra. Para reconciliar as personalidades gregas e romanas dos deuses. Precisamos trabalhar juntos para derrotar Gaia.

Octavian se adiantou para falar, mas Reyna lançou-lhe um olhar fulminante.

— De acordo com Percy Jackson — disse Reyna —, a batalha contra Gaia será travada nas terras antigas. Na Grécia.

— É onde estão os gigantes — concordou Rachel. — Seja qual for a magia ou o ritual que os gigantes estejam planejando para despertar a Mãe Terra, sinto que isso vai acontecer na Grécia. Mas... bem, nossos problemas não estão limitados às terras antigas. Por isso trouxe Grover para conversar com vocês.

O sátiro passou a mão pelo cavanhaque.

— Sim... Ao longo dos últimos meses, estive conversando com sátiros e espíritos da natureza por todo o continente. Todos dizem a mesma coisa. Gaia

está despertando, quer dizer, está no *limiar* da consciência. Ela está sussurrando nas mentes das náiades, tentando convencê-las a mudar de lado. Está causando terremotos, arrancando as árvores das dríades. Só na semana passada apareceu em sua forma humana em uma dúzia de lugares diferentes, assustando meus amigos até os chifres. No Colorado, um punho de pedra gigante ergueu-se de uma montanha e acertou alguns pôneis de festa como se fossem moscas.

Reyna fez uma careta.

— *Pôneis de festa?*

— É uma longa história — disse Rachel. — O fato é: Gaia vai se erguer em *toda parte*. Já está despertando. Nenhum lugar estará seguro. E sabemos que seus primeiros alvos serão os acampamentos dos semideuses. Ela quer nos destruir.

— É tudo especulação — disse Octavian. — Uma distração. Os gregos temem nosso ataque. Estão tentando nos confundir. É mais um Cavalo de Troia!

Reyna mexeu no anel de prata que sempre usava, com o símbolo da espada e da tocha de sua mãe, Belona.

— Marcus — disse ela. — Traga Cipião dos estábulos.

— Reyna, não! — protestou Octavian.

Ela voltou-se para os gregos.

— Farei isso por Annabeth, pela paz entre nossos acampamentos, mas não pensem que me esqueci dos insultos ao Acampamento Júpiter. Seu navio disparou contra nossa cidade. *Vocês* declararam guerra, não nós. Agora, saiam.

Grover bateu com o casco no chão.

— Percy jamais...

— Grover, vamos — disse Rachel.

Seu tom de voz dizia: *Antes que seja tarde demais*.

Depois que os dois se foram, Octavian voltou-se para Reyna.

— Você ficou *louca*?

— Sou pretora da legião — disse Reyna. — Creio que isso seja do interesse de Roma.

— Morrer? Infringir nossas mais velhas leis e viajar para as terras antigas? Como pretende encontrar o navio deles, supondo-se que sobreviva à jornada?

— Vou encontrá-los — disse Reyna. — Se estão navegando para a Grécia, conheço um lugar que Jason terá que visitar. Para enfrentar os fantasmas na Casa de Hades, precisará de um exército. Há apenas um lugar onde pode conseguir esse tipo de ajuda.

No sonho de Jason, o prédio pareceu se inclinar sob seus pés. Ele se lembrou de uma conversa que tivera com Reyna anos antes, uma promessa que fizeram um ao outro. Sabia ao que ela estava se referindo.

— Isso é loucura — murmurou Octavian. — Já estamos sob ataque. Devemos assumir a ofensiva! Aqueles anões peludos estão roubando nossos suprimentos, sabotando nossos batedores. Você *sabe* que eles foram enviados pelos gregos.

— Talvez — disse Reyna. — Mas você *não* vai lançar um ataque sem que eu ordene. Continue a monitorar o acampamento dos gregos. Mantenha a posição. Reúna todos os aliados que puder e, se capturar os anões, você tem minha autorização para enviá-los de volta ao Tártaro. Mas *não* ataque o Acampamento Meio-Sangue até eu voltar.

Octavian estreitou os olhos.

— Enquanto você estiver fora, o áugure é o oficial sênior. Estarei no comando.

— Eu sei. — Reyna não parecia feliz com aquilo. — Mas você ouviu minhas ordens. Todos ouviram. — Ela examinou o rosto dos centuriões, desafiando-os a questioná-la.

A garota saiu bruscamente, o manto roxo esvoaçando atrás dela, e os cães seguindo-a de perto.

Depois que ela se foi, Octavian voltou-se para os centuriões.

— Reúna todos os oficiais seniores. Quero uma reunião assim que Reyna partir para essa missão ridícula. Haverá algumas mudanças nos planos da legião.

Um dos centuriões abriu a boca para responder, mas, por algum motivo, falou com a voz de Piper:

— *A_{CORDE}!*

Jason abriu os olhos e viu a superfície do oceano aproximando-se rapidamente.

XXXIV

JASON

JASON SOBREVIVEU, MAS POR POUCO.

Mais tarde, seus amigos explicaram que não o viram cair até o último segundo. Não houve tempo para Frank se transformar em uma águia e pegá-lo, nem para formular um plano de resgate.

Apenas o raciocínio rápido e o poder das palavras de Piper salvaram sua vida. Ela gritou *ACORDE!* tão alto que Jason sentiu como se tivesse levado um choque de um desfibrilador. No milésimo de segundo que lhe restava, convocou os ventos e evitou se transformar em uma poça flutuante de gordura de semideus no meio do Adriático.

De volta a bordo, Jason puxou Leo para o lado e sugeriu uma mudança de curso. Felizmente, Leo confiava nele o suficiente para não fazer perguntas.

— Lugar estranho para passar as férias — disse Leo, sorrindo. — Mas tudo bem, você que manda!

Agora, sentado com os amigos no refeitório, Jason se sentia *tão* acordado que duvidava que fosse conseguir dormir durante uma semana. Suas mãos estavam inquietas. Não conseguia parar de balançar os pés. Imaginou que era assim que Leo se sentia o tempo todo. Só que Leo tinha senso de humor.

Depois do que vira em seu sonho, não estava com vontade de contar piadas.

Enquanto almoçavam, Jason contou a eles sobre a visão que teve em pleno ar. Seus amigos ficaram em silêncio por tempo suficiente para o treinador Hedge terminar de comer um sanduíche de manteiga de amendoim com banana, inclusive o prato de cerâmica.

O navio rangia enquanto navegavam pelo Mar Adriático, com os remos restantes ainda desalinhados devido ao ataque da tartaruga gigante. De vez em quando, Festus, a figura de proa, rangia e guinchava pelos alto-falantes,

relatando a situação do piloto automático naquela estranha linguagem de máquina que só Leo conseguia entender.

— Um bilhete de Annabeth. — Piper balançou a cabeça, pasma. — Não vejo como isso é possível, mas se for...

— Ela está viva — disse Leo. — Graças aos deuses e me passe o molho de pimenta.

Frank franziu a testa.

— O que isso significa?

Leo limpou as migalhas do rosto.

— Isso significa: me passe o molho de pimenta, Zhang. Ainda estou com fome.

Frank passou o molho.

— Não podia imaginar que Reyna iria tentar nos encontrar. É tabu vir às terras antigas. Ela vai perder a pretoria.

— Se sobreviver — disse Hazel. — Foi muito difícil para nós chegar tão longe com sete semideuses e um navio de guerra.

— E eu — lembrou o treinador Hedge. — Não se esqueça, docinho, vocês tiveram a ajuda de um *sátiro*.

Jason teve que sorrir.

O treinador Hedge podia ser bem ridículo, mas Jason *estava* feliz que ele tivesse vindo. Lembrou-se do sátiro que vira em seu sonho, Grover Underwood. Ele não poderia imaginar um sátiro mais diferente do treinador Hedge, mas ambos pareciam corajosos a seu modo.

Aquilo fez Jason pensar nos faunos do Acampamento Júpiter — se poderiam ser como os sátiros caso os semideuses romanos exigissem mais deles. Outra coisa a acrescentar à sua lista...

Sua lista. Não tinha percebido que *tinha* uma lista até aquele momento, mas, desde que deixara o Acampamento Meio-Sangue, vinha pensando em maneiras de tornar o Acampamento Júpiter mais... *grego*.

Crescera no Acampamento Júpiter e se dera bem por lá. Mas Jason sempre fora um tanto não convencional. Ele se irritava com as regras.

Ingressou na Quinta Coorte porque todos lhe disseram para não fazer isso. Ele foi avisado de que era a pior unidade. Então pensou: *Ótimo, vou transformá-la na melhor.*

Quando se tornou pretor, fez uma campanha para mudar o nome da Décima Segunda Legião para Primeira Legião, simbolizando um novo começo para Roma. Sua ideia quase provocou um motim. Nova Roma era muito apegada à tradição e aos costumes — as regras não mudavam com facilidade. Jason aprendera a conviver com isso e até mesmo chegara ao topo.

Mas agora que vira os dois acampamentos, não conseguia se livrar da sensação de que talvez o Acampamento Meio-Sangue tivesse lhe ensinado mais sobre si mesmo. Caso sobrevivesse àquela guerra contra Gaia e retornasse ao Acampamento Júpiter como pretor, poderia melhorar as coisas?

Esse era seu dever.

Então, por que a ideia o enchia de medo? Sentia-se culpado por deixar Reyna no comando sozinha, mas mesmo assim... parte dele queria voltar para o Acampamento Meio-Sangue com Piper e Leo. Supôs que isso o tornava um péssimo líder.

— Jason? — chamou Leo. — *Argo II* para Jason. Responda.

Ele percebeu que seus amigos o olhavam com expectativa. Precisavam ser tranquilizados. Voltando ou não à Nova Roma depois da guerra, Jason teria que tomar a frente agora e agir como pretor.

— Sim, desculpe. — Tocou o buraco que Círon, o bandido, abrira em seu cabelo. — Cruzar o Atlântico é uma viagem difícil, sem dúvida. Mas jamais apostaria contra Reyna. Se há alguém que pode fazer isso, é ela.

Piper remexeu sua sopa com a colher. Jason ainda ficava um pouco preocupado, temendo que ela tivesse ciúmes de Reyna, mas, ao encará-lo, ela abriu um sorrisinho que parecia mais provocante do que inseguro.

— Bem, eu *adoraria* ver Reyna de novo — disse ela. — Mas como vai nos encontrar?

Frank ergueu a mão.

— Você não pode lhe mandar uma mensagem de Íris?

— Elas não estão funcionando muito bem — intrometeu-se o treinador Hedge. — A recepção anda horrível. Todas as noites, juro, tenho vontade de *chutar* aquela deusa do arco-íris...

Ele hesitou. Seu rosto ficou vermelho.

— Treinador? — Leo sorriu. — Para quem você tem ligado todas as noites, seu bode velho?

— Ninguém! — vociferou Hedge. — Nada! Só quis dizer...

— Ele quis dizer que já tentamos isso — interveio Hazel. O treinador lançou-lhe um olhar agradecido. — Alguma magia está interferindo... talvez seja Gaia. Contatar os romanos é ainda mais difícil. Acho que eles têm algum tipo de proteção.

Jason olhou de Hazel para o treinador, perguntando-se o que estava acontecendo com o sátiro, e como Hazel sabia daquilo. Pensando bem, havia um bom tempo que o treinador não mencionava sua namorada, Mellie, a ninfa das nuvens...

Frank tamborilou os dedos na mesa.

— Será que Reyna tem celular...? Ah. Não importa. Provavelmente teria uma péssima recepção com ela voando sobre o Atlântico em um pégaso.

Jason pensou na viagem pelo mar a bordo do *Argo II*, nas dezenas de encontros quase mortais. Pensar em Reyna fazendo aquela viagem sozinha... não conseguia decidir se era aterrorizante ou inspirador.

— Reyna vai nos encontrar — disse ele. — Ela mencionou algo no sonho. Espera que eu vá a um determinado lugar em nosso caminho para a Casa de Hades. Eu... eu tinha me esquecido dele, na verdade, mas ela está certa. É um lugar que preciso visitar.

Piper se inclinou em sua direção, a trança caindo sobre o ombro. Seus olhos brilhantes não o deixavam pensar direito.

— E onde fica esse lugar? — perguntou ela.

— Em uma... hã... uma cidade chamada Split.

— Split.

Ela cheirava muito bem, como madressilvas florescendo.

— Hum, sim.

Jason se perguntou se Piper estaria usando algum tipo de magia de Afrodite — por exemplo: toda vez que ele mencionasse o nome de Reyna, ela o confundisse a tal ponto que ele não conseguiria pensar em mais nada além de Piper. Não era uma vingança das piores.

— Na verdade, devemos estar perto. Leo?

Leo apertou o botão do interfone.

— Como vão as coisas aí em cima, cara?

Festus, a figura de proa, rangeu e soltou vapor.

— Ele disse que estamos a uns dez minutos do porto — informou Leo. — Embora eu ainda não entenda por que você quer ir para a Croácia, especialmente para uma cidade chamada *Split*. Ora, se você batiza uma cidade de *Split* está praticamente dando um aviso: *se separarem*. É como chamar uma cidade de *Dê o fora!*

— Espere — disse Hazel. — Por que estamos indo para a Croácia?

Jason notou que os outros estavam relutantes em encará-la. Desde seu truque com a Névoa contra Círon, o bandido, até mesmo Jason se sentia um pouco nervoso perto dela. Sabia que isso era injusto com Hazel. Já era muito difícil ser uma filha de Plutão, mas ela fizera magia *de verdade* naquele penhasco. E, depois, de acordo com Hazel, o próprio Plutão aparecera para ela. Isso era algo que os romanos normalmente chamariam de *mau agouro*.

Leo empurrou para o lado o molho de pimenta e as batatinhas chips.

— Bem, tecnicamente, estamos em território croata há mais ou menos um dia. Este litoral pelo qual estamos navegando é da Croácia, mas acho que, no tempo

dos romanos, chamava-se... como foi mesmo que você disse, Jason? Bodácia?

— Dalmácia — disse Nico, assustando Jason.

Santo Rômulo... Jason desejou poder amarrar um sino no pescoço de Nico di Angelo para lembrá-lo de que o garoto estava por perto. Nico tinha o hábito perturbador de ficar quieto em um canto, misturando-se às sombras.

Deu um passo à frente, os olhos escuros fixos em Jason. Desde que fora resgatado do jarro de bronze em Roma, Nico vinha dormindo muito pouco e comendo menos ainda, como se ainda estivesse sobrevivendo daquelas sementes de romã de emergência do Mundo Inferior. Ele lembrou a Jason um *ghoul* comedor de carne com quem lutara em San Bernardino.

— A Croácia era a Dalmácia — disse Nico. — Uma grande província romana. Você quer visitar o Palácio de Diocleciano, não é?

O treinador Hedge soltou um arrote heroico.

— Palácio de *quem*? E os dálmatas vêm da Dalmácia? Aquele filme dos *101 Dálmatas*... ainda tenho pesadelos.

Frank coçou a cabeça.

— Por que alguém teria pesadelos com isso?

O treinador Hedge parecia estar prestes a iniciar um longo discurso sobre a maldade dos dálmatas de desenho animado, mas Jason decidiu que não queria ouvir.

— Nico está certo — disse ele. — Preciso ir ao Palácio de Diocleciano. É para onde Reyna irá primeiro, porque ela sabe que *eu* iria até lá.

Piper ergueu uma sobrancelha.

— E por que Reyna pensa isso? Você sempre teve um louco fascínio pela cultura croata?

Jason olhou para o sanduíche intocado em seu prato. Era difícil falar sobre sua vida de antes de Juno ter apagado sua memória. Seus anos no Acampamento Júpiter pareciam inventados, como um filme no qual ele houvesse atuado décadas antes.

— Reyna e eu conversávamos sobre Diocleciano — disse ele. — Nós meio que idolatrávamos o cara como um líder. Dizíamos como gostaríamos de visitar o Palácio de Diocleciano. Claro que sabíamos que isso era impossível. Ninguém podia viajar para as terras antigas. Mas, ainda assim, fizemos um pacto de que, se um dia *pudéssemos*, era para lá que iríamos.

— Diocleciano... — Leo pensou no nome, então balançou a cabeça. — Não conheço. Por que ele é tão importante?

Frank pareceu ofendido.

— Foi o último grande imperador pagão!

Leo revirou os olhos.

— Por que não estou surpreso que você saiba disso, Zhang?

— Por que não saberia? Ele foi o último imperador a adorar os deuses do Olimpo antes de Constantino assumir o poder e adotar o cristianismo.

Hazel assentiu.

— Lembro-me de algo sobre isso. As freiras de St. Agnes nos ensinaram que Diocleciano era um grande vilão, como Nero e Calígula. — Ela olhou de soslaio para Jason. — Por que você o idolatra?

— Ele não era um vilão *completo* — disse Jason. — Está certo que perseguiu cristãos, mas, tirando isso, era um bom governante. Diocleciano começou do nada, unindo-se à legião. Seus pais eram ex-escravos... ou pelo menos sua *mãe* era. Os semideuses sabem que ele era filho de Júpiter e foi o último semideus a governar Roma. Foi também o primeiro imperador a se aposentar, tipo, *pacificamente* e a abrir mão de seu poder. Era da Dalmácia, então voltou para lá e construiu um palácio para passar o restante da vida. A cidade de Split cresceu em torno...

Ele vacilou ao olhar para Leo, que fingia estar tomando notas com um lápis invisível.

— Vá em frente, professor Grace! — disse Leo com os olhos arregalados. — Quero tirar dez na prova.

— Cale a boca, Leo.

Piper tomou outra colherada de sopa.

— Mas por que o Palácio de Diocleciano é tão especial?

Nico inclinou-se e pegou uma uva. Provavelmente era tudo o que ele comeria naquele dia.

— Dizem que é assombrado pelo fantasma de Diocleciano.

— Que era filho de Júpiter, como eu — disse Jason. — Seu túmulo foi destruído há séculos, mas Reyna e eu costumávamos imaginar se poderíamos encontrar o fantasma de Diocleciano e perguntar onde ele foi enterrado... bem, de acordo com as lendas, seu cetro foi enterrado com ele.

Nico lançou a Jason um sorriso irônico e assustador.

— Ah... *essa* lenda.

— Que lenda? — perguntou Hazel.

Nico voltou-se para a irmã.

— Supostamente, o cetro de Diocleciano pode convocar os fantasmas de qualquer legião romana que adorasse os deuses antigos.

Leo assobiou.

— O.k., *agora* estou interessado. Seria bom ter um exército de zumbis pagãos da pesada ao nosso lado quando entrarmos na Casa de Hades.

— Eu não colocaria dessa forma — murmurou Jason. — Mas, é isso mesmo.

— Não temos muito tempo — advertiu Frank. — Hoje já é nove de julho. Temos que chegar a Épiro, fechar as Portas da Morte...

— Que são protegidas por um gigante sombrio e uma feiticeira que quer... — Hazel hesitou. — Bem, não tenho certeza. Mas, de acordo com Plutão, ela pretende “reconstruir o seu domínio”. Seja lá o que isso signifique, é ruim o suficiente para que meu pai viesse me avisar pessoalmente.

Frank resmungou.

— E, se sobrevivermos a tudo isso, ainda teremos que descobrir onde os gigantes vão despertar Gaia e chegar lá antes de primeiro de agosto. Além disso, quanto mais tempo Percy e Annabeth ficarem no Tártaro...

— Eu sei — disse Jason. — Não vamos demorar muito em Split. Mas vale a pena tentar encontrar o cetro. Enquanto estivermos no palácio, posso deixar uma mensagem para Reyna informando nossa rota para Épiro.

Nico assentiu.

— O cetro de Diocleciano poderia nos dar uma grande vantagem. Você vai precisar da minha ajuda.

Jason tentou não demonstrar seu desconforto, mas sua pele se arrepiou com a ideia de ir a qualquer lugar com Nico di Angelo.

Percy lhe contara algumas histórias perturbadoras sobre o rapaz. Suas lealdades nem sempre eram claras. Ele passava mais tempo com os mortos do que com os vivos. Certa vez, atraía Percy para uma armadilha no palácio de Hades. Talvez Nico tenha compensado tudo isso ajudando os gregos contra os titãs, mas ainda assim...

Piper apertou a mão dele.

— Ei, parece divertido. Irei também.

Jason queria gritar: *Graças aos deuses!*

Mas Nico balançou a cabeça.

— Você não pode ir, Piper. Apenas Jason e eu. O fantasma de Diocleciano pode aparecer para um filho de Júpiter, mas qualquer outro semideus provavelmente... hum, o *mataria* de medo. E eu sou o único que pode falar com seu espírito. Nem mesmo Hazel seria capaz de fazer isso.

Os olhos de Nico tinham um brilho de desafio. Ele parecia curioso para saber se Jason protestaria ou não.

O sino do navio soou. Festus rangeu e zumbiu no alto-falante.

— Chegamos a Split — anunciou Leo. — Hora de nos *separarmos*.

Frank gemeu.

— Podemos deixar Valdez na Croácia?

Jason levantou-se.

— Frank é o encarregado de defender o navio. Leo, você tem reparos a fazer.

Quanto ao resto de vocês, ajudem sempre que possível. Nico e eu... — Olhou para o filho de Hades. — Precisamos encontrar um fantasma.

XXXV

JASON

JASON VIU O ANJO PELA primeira vez perto do carrinho de sorvete.

O *Argo II* ancorara na baía ao lado de seis ou sete navios de cruzeiro. Como sempre, os mortais não notaram o trirreme, mas, por precaução, Jason e Nico pegaram uma carona no escaler de um dos barcos para se misturarem à multidão de turistas quando desembarcassem na praia.

À primeira vista, Split parecia um lugar legal. Perto do porto havia um extenso calçadão ladeado por palmeiras. Jovens europeus passavam o tempo nas mesas dos cafés na calçada, falando dezenas de idiomas diferentes e aproveitando a tarde ensolarada. O ar cheirava a carne grelhada e a flores recém-colhidas.

Além da avenida principal, a cidade era uma mistura de torres de castelos medievais, muralhas romanas, casas de pedra com telhados vermelhos e modernos edifícios comerciais. Ao longe, colinas verde-acinzentadas iam em direção ao cume de uma montanha, o que deixou Jason um pouco nervoso. Ele continuou olhando para aquela escarpa rochosa, esperando que o rosto de Gaia surgisse das sombras.

Estava com Nico vagando pelo calçadão quando viu o cara com asas comprando um picolé em uma carrocinha. A vendedora parecia entediada enquanto separava o troco. Os turistas circulavam junto às enormes asas do anjo sem nem olhar duas vezes.

Jason cutucou Nico.

— Está vendo aquilo?

— Estou — respondeu Nico. — Talvez devêssemos comprar um sorvete.

Enquanto caminhavam em direção à carrocinha, Jason se perguntou se aquele sujeito alado seria um filho de Bóreas, o Vento Norte. O anjo carregava uma

espada de bronze muito parecida com as dos boreadas, e o último encontro de Jason com eles não terminara muito bem.

Mas aquele cara parecia mais *frio* do que a própria frieza. Usava uma regata vermelha, bermudas e sandálias alpercata. Suas asas possuíam vários tons de vermelho, como um galo bantam ou um pôr do sol preguiçoso. A pele era bronzeada, e o cabelo preto quase tão encaracolado quanto o de Leo.

— Ele não é um dos espíritos que voltaram — murmurou Nico. — Nem uma criatura do Mundo Inferior.

— Não — concordou Jason. — Duvido que fossem comer picolés de chocolate.

— Então o que é? — perguntou Nico.

Estavam a uns quatro metros de distância quando o cara alado olhou diretamente para eles. Sorriu, apontou por cima do ombro com o picolé, e se dissolveu no ar.

Jason não podia *vê-lo* de verdade, mas tinha experiência suficiente controlando os ventos para conseguir acompanhar o trajeto do anjo: um fiapo quente vermelho e dourado passando do outro lado da rua, espiralando pela calçada e soprando cartões-postais dos displays em frente às lojas de lembranças para turistas. O vento foi em direção ao final do calçadão, onde se erguia uma grande estrutura parecida com uma fortaleza.

— Aposto que é o palácio — disse Jason. — Vamos.

Mesmo após dois milênios, o palácio de Diocleciano ainda era impressionante. A muralha externa era apenas um muro de granito rosa, com colunas em ruínas e grandes janelas em arco, mas estava quase intacta, e seus quinhentos metros de comprimento por quase vinte e cinco metros de altura faziam as lojas e casas modernas que se amontoavam abaixo dela parecerem peças de uma maquete. Jason imaginou como seria o palácio recém-construído, com guardas imperiais caminhando pelos bastiões e as águias douradas de Roma brilhando nos parapeitos.

O anjo de vento — ou o que quer que ele fosse — entrou e saiu pelas janelas de granito rosa, e então desapareceu do outro lado. Jason procurou uma entrada na fachada do palácio. A única que encontrou estava a vários quarteirões de distância, com um grupo de turistas em fila para comprar ingressos. Não tinham tempo para isso.

— Precisamos alcançá-lo — disse Jason. — Segure-se.

— Mas...

Jason agarrou Nico e se lançou ao ar.

Nico soltou um protesto abafado, e eles voaram por cima da muralha até um pátio onde havia ainda mais turistas tirando fotografias.

Uma criança os encarou quando aterrissaram. Então seus olhos ficaram vidrados e ela balançou a cabeça, como se estivesse afastando uma alucinação induzida por suco de caixinha. Ninguém mais prestou atenção neles.

No lado esquerdo do pátio havia uma fileira de colunas sustentando arcos acinzentados pelo tempo. No lado direito havia uma construção de mármore branco com muitas janelas altas.

— O peristilo — disse Nico. — Esta era a entrada para a residência particular de Diocleciano. — Ele franziu as sobrancelhas. — E, por favor, não gosto que me toquem. Nunca mais me segure assim de novo.

Os ombros de Jason ficaram tensos. Pensou ter ouvido uma ameaça velada, tipo: *a menos que queira levar uma espadada de ferro estígio na cara*.

— Hum, tudo bem. Desculpe. Como você sabe o nome deste lugar?

Nico observou o átrio. Seu olhar se focou em uma escadaria que levava para baixo em um canto afastado.

— Já estive aqui antes. — Seus olhos eram tão escuros quanto a lâmina de sua espada. — Com minha mãe e Bianca. Uma viagem de fim de semana, vindos de Veneza. Eu tinha o quê... seis anos?

— Isso foi quando...? Nos anos trinta?

— Trinta e oito, por aí — disse Nico, distraído. — Que importância isso tem para você? Está vendo aquele cara com asas em algum lugar?

— Não. — Jason ainda estava tentando entender o passado de Nico.

Ele sempre tentou manter um bom relacionamento com as pessoas de sua equipe. Aprendera da maneira mais difícil que se alguém tinha que cuidar de sua retaguarda em uma batalha, era melhor que ambos tivessem alguma afinidade e confiassem um no outro. Mas Nico era difícil de decifrar.

— É que... não posso imaginar quão estranho isso deve ser, vir de outro tempo.

— Não, você não *pode*. — Nico encarou o chão de pedra e inspirou profundamente. — Olhe... Não gosto de falar sobre isso. Na verdade, acho que o caso de Hazel é ainda pior. Ela se lembra muito mais de quando era criança do que eu. E teve que voltar dos mortos e se adaptar ao mundo moderno. Eu... eu e Bianca ficamos confinados no Hotel Lótus. O tempo passou muito depressa. De um jeito estranho, isso tornou a transição mais fácil.

— Percy me falou sobre esse lugar — disse Jason. — Setenta anos... mas pareceu apenas um mês.

Nico cerrou o punho até seus dedos ficarem brancos.

— É. Tenho certeza de que Percy contou tudo a meu respeito.

Sua voz estava cheia de amargura, mais do que Jason conseguia entender. Ele sabia que Nico culpava Percy pela morte da irmã, Bianca, mas supostamente

havam superado aquilo, pelo menos de acordo com Percy. Piper também mencionara um boato de que Nico tinha uma queda por Annabeth. Talvez isso tivesse alguma coisa a ver.

Ainda assim... Jason não entendia por que Nico afastava as pessoas, por que nunca passava muito tempo em nenhum dos dois acampamentos, por que preferia a morte à vida. Ele *realmente* não entendia por que Nico prometera levar o *Argo II* a Épiro se odiava tanto Percy Jackson.

Os olhos de Nico percorreram as janelas acima deles.

— Há romanos mortos por toda parte... Lares. *Lemures*. Estão observando. E estão furiosos.

— Com a gente? — Jason levou a mão à espada.

— Com tudo. — Nico apontou para uma pequena construção de pedra na extremidade oeste do pátio. — Aquilo era um templo para Júpiter. Os cristãos o transformaram em um batistério. Os fantasmas romanos não gostaram.

Jason olhou para o portal sombrio.

Nunca conhecera Júpiter, mas sempre pensava em seu pai como uma pessoa viva — o cara que se apaixonara por sua mãe. Claro que sabia que ele era imortal, mas, de alguma forma, o pleno significado daquilo nunca passara por sua cabeça até então, enquanto olhava para um portal que romanos atravessaram havia milhares de anos para adorar *seu* pai. A ideia lhe deu dor de cabeça.

— E ali... — Nico apontou para o leste, em direção a uma construção hexagonal rodeada de colunas. — Ali era o mausoléu do imperador.

— Mas a tumba não está mais lá — concluiu Jason.

— Há séculos — disse Nico. — Quando o império caiu, o lugar foi transformado em uma catedral cristã.

Jason engoliu em seco.

— Então, se o fantasma de Diocleciano ainda está por aqui...

— Provavelmente não está feliz.

O vento soprava, espalhando folhas e embalagens vazias de comida por todo o peristilo. Pelo canto do olho, Jason teve um vislumbre de movimento — um borrão vermelho e dourado.

Quando se virou, uma única pena cor de ferrugem pousava sobre os degraus que levavam para baixo.

— Por aqui. — Jason apontou. — O cara com asas. Aonde acha que esta escada vai dar?

Nico sacou a espada. Ele era mais inquietante quando sorria do que quando fazia cara feia.

— No subterrâneo — disse. — Meu lugar favorito.

*

O subterrâneo *não* era o lugar favorito de Jason.

Desde seu passeio sob Roma com Piper e Percy, lutando com aqueles gigantes gêmeos no hipogeu sob o Coliseu, tinha muitos pesadelos com porões, alçapões e bolas gigantes para hamster.

E Nico estar ali ao seu lado não era reconfortante. A espada de ferro estígio parecia tornar as sombras ainda mais densas, como se o metal infernal estivesse absorvendo a luz e o calor a sua volta.

Os dois chegaram a um vasto porão com grossas colunas de sustentação apoiando o teto abobadado. Os blocos de calcário eram tão antigos que haviam se fundido devido a séculos de umidade, fazendo o lugar se parecer muito com uma caverna natural.

Nenhum dos turistas se aventurara ali. Obviamente, eram mais espertos do que semideuses.

Jason empunhou sua *gladius*. Eles caminharam sob as arcadas baixas, seus passos ecoando no chão de pedra. Havia uma fileira de janelas gradeadas no topo de uma parede, no nível da rua, mas isso só deixava o lugar ainda mais claustrofóbico. Os raios de sol pareciam barras de prisão inclinadas, rodopiando com poeira antiga.

Jason passou por uma viga de sustentação, olhou para a esquerda e quase teve um ataque cardíaco. Um busto de mármore de Diocleciano olhava diretamente para ele, o rosto de calcário carrancudo em sinal de desaprovação.

Tratou de controlar a respiração. Aquele parecia ser um ótimo lugar para deixar o bilhete que escrevera para Reyna informando sobre a rota deles para Épiro. Era um lugar meio escondido, mas tinha certeza de que Reyna o encontraria. Ela tinha os instintos de uma caçadora. Ele colocou o bilhete entre o busto e o pedestal, e se afastou.

Os olhos de mármore de Diocleciano o deixavam nervoso. Jason não podia evitar pensar em Término, a estátua falante em Nova Roma. Esperava que Diocleciano não gritasse com ele ou subitamente comesse a cantar.

— Olá!

Antes que Jason pudesse perceber que a voz viera de outro lugar, cortou a cabeça do imperador. O busto caiu e se espatifou no chão.

— Isso não foi muito legal — disse a voz atrás deles.

Jason se virou. O homem alado da carrocinha de sorvete estava encostado em uma coluna próxima, jogando casualmente um pequeno aro de bronze para o ar. Ao lado de seus pés havia uma cesta de piquenique repleta de frutas.

— Quer dizer — disse o sujeito —, o que Diocleciano lhe fez?

O vento soprou ao redor dos pés de Jason. Os pedaços de mármore se reuniram em um minitornado, espiralaram de volta ao pedestal e recompuseram o busto, com o bilhete ainda escondido sob ele.

— Hã... — Jason baixou a espada. — Foi um acidente. Você me assustou.

O cara de asas riu.

— Jason Grace, o Vento Oeste já foi chamado de muitas coisas... quente, gentil, restaurador e diabolicamente atraente. Mas nunca fui chamado de *assustador*. Deixo o comportamento grosseiro para meus irmãos esquentadinhos do norte.

Nico recuou.

— O Vento Oeste? Quer dizer que você...

— Favônio — disse Jason. — Deus do Vento Oeste.

Favônio sorriu e fez uma reverência, nitidamente feliz por ter sido reconhecido.

— Você pode me chamar pelo meu nome romano, é claro, ou Zéfiro, se for grego. Não me importo com isso.

Nico pareceu muito preocupado com esse detalhe.

— Por que suas personalidades grega e romana não estão em conflito, como as dos outros deuses?

— Ah, tenho dores de cabeça às vezes. — Favônio deu de ombros. — Algumas manhãs acordo vestindo uma *chiton* grega quando tenho certeza de que fui dormir com meu pijama ^{SPQR}. Mas, principalmente, a guerra não me incomoda. Sou um deus menor, vocês sabem, e nunca fui realmente o centro das atenções. As batalhas entre vocês, semideuses, não me afetam tanto.

— Então... — Jason não tinha certeza se devia embainhar a espada. — O que faz aqui?

— Várias coisas! — disse Favônio. — Saio por aí com minha cesta de piquenique. Sempre carrego uma cesta cheia de frutas. Gostaria de uma pera?

— Estou satisfeito. Obrigado.

— Vejamos... antes eu estava tomando sorvete. Agora estou jogando esta argola de quoits.

Favônio rodou a argola de bronze no dedo indicador.

Jason não tinha ideia do que era *quoit*, mas tentou se concentrar.

— Quer dizer, por que você apareceu para nós? Por que nos trouxe a este porão?

— Ah! — Favônio assentiu. — O sarcófago de Diocleciano. Sim. Este foi o lugar de seu descanso final. Os cristãos o tiraram do mausoléu. Em seguida, alguns bárbaros destruíram o ataúde. Eu só queria lhes mostrar — ele estendeu

as mãos, infeliz —, que o que procuram não está aqui. Meu mestre o levou.

— Seu mestre?

Jason lembrou-se de um palácio flutuante em Pikes Peak, no Colorado, onde visitou (e quase não sobreviveu) o estúdio de um meteorologista maluco que alegava ser o mestre de todos os ventos.

— Por favor, me diga que seu mestre não é Éolo.

— *Aquele* cabeça de vento? — Favônio bufou. — Não, claro que não.

— Ele quer dizer Eros. — A voz de Nico soava nervosa. — Cupido, em latim. Favônio sorriu.

— Muito bom, Nico di Angelo. A propósito, fico feliz em revê-lo. Faz tempo que não nos encontramos.

Nico franziu as sobrancelhas.

— Nunca encontrei você.

— Você nunca me *viu* — corrigiu o deus. — Mas o estive observando. Quando veio aqui, ainda menino, e várias outras vezes desde então. Sabia que acabaria voltando para olhar para o rosto de meu mestre.

Nico ficou ainda mais pálido do que o habitual. Seus olhos vasculharam o porão cavernoso, como se estivesse começando a se sentir em uma armadilha.

— Nico? — disse Jason. — Do que ele está falando?

— Não sei. Nada.

— Nada? — gritou Favônio. — A pessoa mais importante para você... lançada no Tártaro, e ainda assim não vai admitir a verdade?

Subitamente, Jason sentiu como se estivesse bisbilhotando a conversa alheia.

A pessoa mais importante para você.

Ele se lembrou do que Piper lhe contara, sobre Nico gostar de Annabeth. Aparentemente, os sentimentos dele eram *bem* mais profundos do que apenas gostar.

— Só viemos por causa do cetro de Diocleciano — disse Nico, claramente ansioso para mudar de assunto. — Onde ele está?

— Ah... — Favônio meneou a cabeça com tristeza. — Achou que bastava enfrentar o fantasma de Diocleciano? Lamento que não, Nico. Suas provações serão *muito* mais difíceis. Sabe, bem antes disto aqui ser o Palácio de Diocleciano, era a porta de entrada para a corte de meu mestre. Morei aqui durante eras, trazendo à presença de Cupido aqueles que procuravam o amor.

Jason não gostou da menção às difíceis provações. Não confiava naquele deus esquisito com a argola, e as asas e a cesta de piquenique. Mas se lembrou de uma história antiga, algo que ouvira no Acampamento Júpiter.

— Como Psique, a esposa de Cupido. Você a levou para seu palácio.

Os olhos de Favônio brilharam.

— Muito bem, Jason Grace. Deste exato lugar, carreguei Psique com os ventos e a levei até os aposentos de meu mestre. Na verdade, é por isso que Diocleciano construiu o palácio *dele* aqui. Este lugar sempre foi agraciado pelo gentil Vento Oeste. — Ele abriu os braços. — É um local de tranquilidade e amor em um mundo turbulento. Quando o palácio de Diocleciano foi saqueado...

— Você levou o cetro — concluiu Jason.

— Para mantê-lo em segurança — concordou Favônio. — É um dos muitos tesouros de Cupido, uma lembrança de tempos melhores. Se vocês o quiserem... — O deus voltou-se para Nico. — Terão que enfrentar o deus do amor.

Nico encarou os raios de sol que atravessavam a janela, como se desejasse poder escapar por aquelas aberturas estreitas.

Jason não tinha certeza do que Favônio queria, mas se *enfrentar o deus do amor* significava forçar Nico a confessar de alguma forma qual era a garota de quem gostava, não parecia tão ruim.

— Nico, você pode fazer isso — disse Jason. — Talvez seja embaraçoso, mas é pelo cetro.

Nico não parecia convencido. Na verdade, dava a impressão de que ia vomitar. Mas ele endireitou a postura e concordou.

— Tem razão, eu... eu não tenho medo de um deus do amor.

Favônio abriu um largo sorriso.

— Excelente! Gostariam de fazer um lanche antes de irmos? — Pegou uma maçã verde da cesta e franziu as sobrancelhas. — Ah, droga. Sempre esqueço que meu símbolo é uma cesta de frutas *verdes*. Porque o vento da primavera não tem mais crédito? O verão fica com *toda* a diversão.

— Tudo bem — disse Nico rapidamente. — Apenas nos leve até Cupido.

Favônio girou a argola no dedo e o corpo de Jason se dissolveu no ar.

XXXVI

JASON

JASON VIAJARA NO VENTO DIVERSAS vezes. *Ser* o vento era outra história.

Sentia-se fora de controle, com os pensamentos dispersos, sem separação entre o seu corpo e o resto do mundo. Imaginou se era assim que os monstros se sentiam quando eram derrotados, explodindo em pó, impotentes e disformes.

Jason podia sentir Nico próximo. O Vento Oeste levou-os ao céu acima de Split. Juntos, sobrevoaram colinas, antigos aquedutos romanos, rodovias e vinhedos. Quando se aproximaram das montanhas, Jason viu as ruínas de uma cidade romana espalhadas em um vale lá embaixo — paredes em ruínas, alicerces quadrados e estradas rachadas, tudo coberto de vegetação — parecendo um gigantesco jogo de tabuleiro coberto de musgo.

Favônio aterrissou-os no meio das ruínas, ao lado de uma coluna quebrada tão alta quanto uma sequoia.

O corpo de Jason se recompôs. Por um momento, pareceu-lhe ainda pior do que ser o vento, como se subitamente tivesse sido enrolado em um casaco de chumbo.

— É, corpos mortais são *terrivelmente* volumosos — disse Favônio, como se lesse seus pensamentos. O deus do Vento Oeste acomodou-se com a sua cesta de frutas em um muro perto e abriu as asas avermelhadas ao sol. — Honestamente, não sei como vocês suportam isso, dia após dia.

Jason investigou o entorno. A cidade aparentava ter sido enorme no passado. Dava para perceber as estruturas de templos e casas de banho, um anfiteatro semienterrado e pedestais vazios que outrora suportaram estátuas. Fileiras de colunas levavam a lugar nenhum. As velhas muralhas da cidade serpenteavam pela encosta como uma linha pedregosa costurando um tecido verde.

Existiam pontos de escavação em algumas áreas, mas a maior parte da cidade

estava abandonada, como se tivesse sido abandonada à ação dos elementos nos últimos dois mil anos.

— Bem-vindos a Salona — disse Favônio. — Capital da Dalmácia! Local de nascimento de Diocleciano! Mas antes disso, *muito* antes disso, aqui era a casa de Cupido.

O nome ecoou como se vozes sussurrassem entre as ruínas.

Aquele lugar tinha algo que o fazia parecer ainda mais assustador do que o porão do palácio em Split. Jason nunca pensara muito em Cupido. Certamente nunca pensara em Cupido como *assustador*. Mesmo para os semideuses romanos, o nome trazia a lembrança de um tolo bebê alado com um arco e flecha de brinquedo, voando e sacudindo suas fraldas no Dia dos Namorados.

— Ah, mas ele não é assim — disse Favônio.

Jason estremeceu.

— Pode ler a minha mente?

— Não preciso. — Favônio atirou o aro de bronze para o alto. — *Todos* têm a impressão errada de Cupido... até encontrarem com ele.

Nico encostou-se em uma coluna, as pernas visivelmente trêmulas.

— Ei, cara... — Jason andou em sua direção, mas Nico acenou para que se afastasse.

A grama ficou marrom e murcha sob os pés do semideus. O trecho morto se espalhou ao redor, como se veneno vazasse da sola de seus sapatos.

— Ah... — Favônio balançou a cabeça em sinal de simpatia. — Não o culpo por estar nervoso, Nico di Angelo. Sabe como *eu* acabei servindo a Cupido?

— Não sirvo a ninguém — murmurou Nico. — Especialmente a Cupido.

Favônio continuou como se não tivesse ouvido.

— Eu me apaixonei por uma criatura mortal chamada Jacinto. Ele era *extraordinário*.

— Ele...? — O cérebro de Jason ainda estava confuso por ter se tornado vento, de modo que demorou um segundo para processar aquilo. — Ah...

— É, Jason Grace — disse Favônio, arqueando uma sobrancelha. — Eu me apaixonei por um *homem*. Isso o choca?

Honestamente, Jason não tinha certeza. Tentava não pensar nas minúcias da vida amorosa dos deuses, não importando por *quem* eles se apaixonassem. Afinal, seu pai, Júpiter, não era exatamente um modelo de bom comportamento. Comparado a alguns dos escândalos amorosos do Olimpo sobre os quais ouvira falar, o fato do Vento Oeste se apaixonar por um mortal não lhe parecia muito chocante.

— Acho que não. Então... Cupido o atingiu com sua flecha e você se apaixonou.

Favônio riu com desdém.

— Você faz parecer tão banal. Ah, o amor nunca é banal. Veja, o deus Apolo também gostava de Jacinto. Ele alegava que eram apenas amigos. Não sei, não. Mas, certo dia me deparei com os dois juntos, jogando quoits...

Aquela palavra estranha outra vez.

— Quoits?

— Um jogo com esses aros — explicou Nico, embora sua voz soasse trêmula.
— Como lançar ferraduras.

— Mais ou menos — interrompeu Favônio. — De qualquer jeito, fiquei com ciúmes. Em vez de ir falar com eles e descobrir a verdade, mudei o vento e lancei um pesado anel de metal na cabeça de Jacinto e... bem. — O deus do vento suspirou. — Enquanto Jacinto morria, Apolo transformou-o em uma flor, o jacinto. Tenho certeza de que Apolo teria se vingado de mim, mas Cupido me ofereceu sua proteção. Fiz algo terrível, mas enlouqueci por amor, de modo que ele me poupou, com a condição de que trabalhasse eternamente para ele.

CUPIDO.

O nome ecoou entre as ruínas de novo.

— Essa é a minha deixa — disse Favônio, levantando-se. — Pense bem sobre como agir, Nico di Angelo. Não pode mentir para Cupido. Se deixar a raiva governá-lo... bem, o seu destino será ainda mais triste que o meu.

Jason sentia como se seu cérebro estivesse voltando a se transformar em vento. Não compreendia o que Favônio estava dizendo ou por que Nico parecia tão abalado, mas não tinha tempo para pensar naquilo. O deus do vento desapareceu em um redemoinho vermelho e dourado. O ar do verão subitamente tornou-se pesado. O chão estremeceu, e Jason e Nico sacaram as suas espadas.

*

Então.

A voz passou raspando pelo ouvido de Jason como uma bala. Quando ele se voltou, não havia ninguém ali.

Vocês vieram reivindicar o cetro.

Nico posicionou-se às suas costas, e, pela primeira vez, Jason ficou contente por ter a companhia do garoto.

— Cupido — chamou Jason. — Onde você está?

A voz riu. Definitivamente não *soava* como a de um anjinho bonitinho. Parecia profunda e melodiosa, mas também ameaçadora — como um tremor

antes de um forte terremoto.

Onde você menos espera, respondeu Cupido. *Como sempre acontece com o amor.*

Algo trombou com Jason arremessando-o do outro lado da rua. Ele caiu sobre alguns degraus e se esparramou no chão de um porão romano escavado.

Achava que soubesse disso, Jason Grace. A voz de Cupido rodopiou em volta dele. *Você encontrou o verdadeiro amor, afinal de contas. Ou ainda duvida de si mesmo?*

Nico desceu os degraus correndo.

— Você está bem?

Jason aceitou a mão estendida e se levantou.

— Estou. Só fui feito de otário.

Ah, você esperava que eu fosse justo? Cupido riu. *Sou o deus do amor. Nunca sou justo.*

Naquele momento, os sentidos de Jason estavam em alerta máximo. Sentiu o ar ondular quando uma flecha se materializou, disparada em direção ao peito de Nico.

Jason interceptou-a com a espada e a desviou para o lado. A flecha explodiu contra a parede próxima, salpicando-os com estilhaços de calcário.

Eles subiram a escada correndo. Jason puxou Nico quando outra rajada de vento derrubou uma coluna que o teria esmagado.

— Esse cara é Amor ou Morte? — rosnou Jason.

Pergunte aos seus amigos, disse Cupido. *Frank, Hazel e Percy conheceram o meu antagonista, Tântatos. Não somos tão diferentes. Só que a morte às vezes é mais gentil.*

— Tudo que queremos é o cetro! — gritou Nico. — Estamos tentando deter Gaia. Você está do lado dos deuses ou não?

Uma segunda flecha atingiu o chão entre os pés de Nico, brilhando incandescente. Ele cambaleou para trás quando a flecha estourou em um gêiser de chamas.

O amor está em todos os lados, disse Cupido. *E do lado de ninguém. Não pergunte o que o amor pode fazer por você.*

— Ótimo — disse Jason. — Agora está recitando músicas bregas.

Movimento atrás dele: Jason girou, golpeando o ar com sua espada. A lâmina atingiu algo sólido. Ouviu um grunhido e atacou novamente, mas o deus invisível já não estava mais lá. Sobre as pedras do calçamento, brilhava um rastro dourado de *icor* — o sangue dos deuses.

Muito bom, Jason, disse Cupido. *Ao menos você pode sentir a minha presença. Um mero relance do amor verdadeiro é mais do que consegue a*

maioria dos heróis.

— Então, ganho o cetro? — perguntou Jason.

Cupido riu.

Infelizmente, você não poderia controlá-lo. Apenas um filho do Mundo Inferior poderia convocar as legiões mortas. E apenas um oficial romano poderia liderá-las.

— Mas...

Jason vacilou. Ele *era* um oficial. Era pretor. Então se lembrou de suas dúvidas quanto a que lugar pertencia. Em Nova Roma, oferecera sua posição para Percy Jackson. Será que isso o tornava indigno de liderar uma legião de fantasmas romanos?

Jason decidiu enfrentar o problema quando chegasse a hora.

— Nós resolvemos — disse ele. — Nico pode invocar...

A terceira flecha zuniu sobre o ombro de Jason. Não conseguiu impedi-la. Nico ofegou quando o projétil se alojou no braço que segurava a espada.

— Nico!

O filho de Hades cambaleou. A seta se dissolveu, sem deixar sangue ou ferimento visível, mas o rosto do semideus estava retorcido de raiva e de dor.

— Chega de brincadeira! — gritou Nico. — Apresente-se!

É complicado olhar para a face do amor verdadeiro, disse Cupido.

Outra coluna tombou. Jason afastou-se.

Minha esposa Psique aprendeu esta lição, prosseguiu Cupido. Ela foi trazida para cá éons atrás, quando aqui era o meu palácio. Só nos encontrávamos no escuro. Ela foi advertida a nunca olhar para mim, e ainda assim não conseguiu suportar o mistério. Temia que eu fosse um monstro. Certa noite, acendeu uma vela e viu o meu rosto enquanto eu dormia.

— Você era assim tão feio?

Jason localizou a voz de Cupido na borda do anfiteatro, a uns vinte metros de distância, mas queria ter certeza.

O deus riu.

Acho que eu era bonito demais. Um mortal não pode contemplar a verdadeira forma de um deus sem sofrer as consequências. Minha mãe, Afrodite, amaldiçoou Psique por sua desconfiança. Minha pobre amante foi atormentada, forçada ao exílio e recebeu tarefas terríveis para provar ser digna. Chegou a ser enviada ao Mundo Inferior em uma missão para provar sua dedicação. Conseguiu voltar para o meu lado, mas sofreu muito.

Agora peguei você, pensou Jason.

Apontou a espada para o céu e um trovão sacudiu o vale. Um raio abriu uma cratera no lugar de onde vinha a voz.

Silêncio. Jason já estava pensando: Cara, isso realmente funcionou, quando uma força invisível o derrubou. Sua espada escorregou até o outro lado da rua.

Boa tentativa, disse Cupido, com a voz já distante, *mas o amor não pode ser detectado tão facilmente.*

Ao lado dele, um muro desabou. Jason conseguiu rolar para o lado por pouco.

— Pare com isso! — gritou Nico. — É a mim que você quer. Deixe-o em paz!

Os ouvidos de Jason zumbiram. Estava tonto de tanto que fora arremessado. Sua boca tinha gosto de pó calcário. Não entendia por que Nico achava ser o alvo principal, mas Cupido pareceu concordar.

Pobre Nico di Angelo. A voz do deus estava repleta de decepção. Não sabe o que você quer, muito menos o que eu quero. Minha amada Psique arriscou tudo em nome do amor. Era a única maneira de expiar a sua falta de fé. E você, o que arriscou em meu nome?

— Estive no Tártaro e voltei — rosnou Nico. — Você não me assusta.

Eu o assusto muito, muito mesmo. Encare-me. Seja honesto.

Jason se levantou.

Ao redor de Nico, o chão estremeceu. A relva murchou e as pedras racharam como se algo estivesse se movendo embaixo da terra, tentando abrir caminho até a superfície.

— Queremos o cetro de Diocleciano — disse Nico. — Não temos tempo para brincadeiras.

Brincadeiras? Cupido atingiu Nico, jogando-o de lado contra um pedestal de granito. *O amor não é uma brincadeira! Não é a suavidade das flores! É trabalho pesado, uma busca que nunca termina. Exige tudo de você, especialmente a verdade. Somente então lhe concede recompensas.*

Jason resgatou sua espada. Se aquele cara invisível era o Amor, Jason estava começando a pensar que o Amor era algo superestimado. Gostava mais da versão de Piper: atencioso, gentil e belo. Afrodite ele conseguia entender. Já Cupido parecia mais um bandido, um opressor.

— Nico, o que esse cara quer de você?

Diga-lhe, Nico di Angelo, replicou Cupido. *Diga-lhe que você é um covarde, com medo de si mesmo e de seus sentimentos. Diga-lhe o verdadeiro motivo pelo qual fugiu do Acampamento Meio-Sangue, e por que está sempre sozinho.*

Nico emitiu um grito gutural. O chão aos seus pés se abriu e esqueletos se arrastaram para fora: romanos mortos sem as mãos, crânios afundados, costelas partidas e mandíbulas soltas. Alguns estavam vestidos com os restos de suas togas. Outros traziam brilhantes peças de armadura penduradas ao peito.

Vai se esconder entre os mortos, como sempre faz?, provocou Cupido.

Ondas de escuridão emanavam do filho de Hades. Quando atingiram Jason,

ele quase desmaiou, oprimido pelo ódio, pelo medo, pela vergonha...

Imagens cruzaram sua mente. Viu Nico e sua irmã em um penhasco nevado, no Maine, e Percy Jackson protegendo-os de um manticore. A espada de Percy brilhava no escuro. Fora o primeiro semideus que Nico vira em ação.

Mais tarde, no Acampamento Meio-Sangue, Percy pegou Nico pelo braço e prometeu manter sua irmã Bianca em segurança. Nico acreditou nele. Olhou em seus olhos verde-mar e pensou: *Ele não pode fracassar. É um herói de verdade.* Percy era o jogo favorito de Nico, Mitomagia, trazido à realidade.

Jason viu o momento em que Percy voltou e disse para Nico que Bianca morreria. O garoto gritou e chamou-o de mentiroso. Ele se sentiu traído, mas ainda assim... quando os guerreiros esqueleto atacaram, não pôde deixá-los ferir Percy. Nico invocara a terra para engoli-los, e então fugiu, aterrorizado com seus próprios poderes, suas próprias emoções.

Jason viu mais uma dezena de cenas como esta do ponto de vista de Nico... E elas o atordoaram, deixando-o incapaz de se mover ou de falar.

Enquanto isso, os esqueletos romanos de Nico avançaram e agarraram algo invisível. Cupido lutou, empurrando os mortos, quebrando costelas e crânios, mas eles continuavam a surgir, prendendo os braços do deus.

Interessante!, disse Cupido. *Você tem a força, afinal?*

— Deixei o Acampamento Meio-Sangue por amor — disse Nico. — Annabeth... ela...

Ainda se escondendo, disse Cupido, partindo outro esqueleto em pedaços. *Você não tem a força.*

— Nico — Jason conseguiu dizer —, está tudo bem. Eu entendo.

Nico o encarou com dor e aflição estampadas em seu rosto.

— Não — disse ele. — Você não tem como entender.

E assim você volta a fugir, repreendeu Cupido. *De seus amigos, de si mesmo.*

— Não tenho amigos! — gritou Nico. — Deixei o Acampamento Meio-Sangue porque não pertencço àquele lugar! Nunca pertencerei!

Os esqueletos haviam imobilizado Cupido, mas o deus invisível riu tão cruelmente que Jason desejou invocar outro raio. Infelizmente, duvidava que tivesse força.

— Deixe-o em paz, Cupido — reclamou Jason. — Isto não é...

Sua voz falhou. Queria dizer que aquilo não era problema do deus, mas percebeu que isso era *exatamente* problema de Cupido. Algo que Favônio dissera continuava a zumbir em seus ouvidos: *Você está chocado?*

A história de Psique finalmente fez sentido para ele: entendeu por que uma garota mortal teria tanto medo. Por que correria o risco de burlar as regras para olhar o rosto do deus do amor, temendo que ele pudesse ser um monstro.

Psique tinha razão. Cupido *era* um monstro. O Amor era o mais selvagem de todos os monstros.

A voz de Nico soou dolorida.

— E-eu não estava apaixonado por Annabeth.

— Você estava com ciúmes dela — disse Jason. — É por isso que não queria ficar perto dela. Especialmente, era por isso que não queria ficar perto... dele. Isso explica tudo.

Toda a luta e negação de Nico pareceram se esvaír ao mesmo tempo. A escuridão diminuiu. Os romanos mortos desmoronaram em pilhas de ossos e viraram pó.

— Eu me odiava — disse Nico. — Odiava Percy Jackson.

Cupido se tornou visível — um jovem magro, musculoso com asas brancas como a neve, cabelos lisos e negros, uma túnica branca simples e calça jeans. O arco e a aljava pendurados no seu ombro não eram de brinquedo. Eram armas de guerra. Seus olhos eram vermelhos como o sangue, como se todos os corações de Dia dos Namorados do mundo tivessem sido espremidos e destilados em uma mistura venenosa. Seu rosto era belo, mas também duro, tão difícil de olhar quanto um holofote. Observou Nico com satisfação, como se tivesse identificado o local exato onde sua próxima seta garantiria uma morte limpa.

— Tive uma queda por Percy — disse Nico. — Essa é a verdade. Esse é o grande segredo.

Ele olhou para Cupido.

— Feliz agora?

Pela primeira vez, o olhar de Cupido pareceu simpático.

— Ah, eu não diria que o Amor sempre o faz feliz. — Sua voz soava menor, muito mais humana. — Às vezes, ele o faz ficar incrivelmente triste. Mas ao menos agora você *enfrentou* isso. Essa é a única maneira de me vencer.

Cupido dissolveu-se em vento.

No chão, no lugar onde estivera, havia um cajado de marfim de um metro de comprimento, com um globo escuro de mármore polido do tamanho de uma bola de beisebol no topo, aninhado nas costas de três águias romanas de ouro. O cetro de Diocleciano.

Nico se ajoelhou e pegou o cetro. Olhou para Jason, como se à espera de um ataque.

— Se os outros descobrirem...

— Se os outros descobrirem — disse Jason —, você terá mais pessoas a apoiá-lo, capazes de liberar a fúria dos deuses contra quem lhe trazer problemas.

Nico fez uma careta. Jason ainda sentia a raiva e o ressentimento emanando

dele.

— Mas a decisão é sua — acrescentou Jason. — A decisão de compartilhar ou não é sua. Só posso dizer que...

— Não me sinto mais assim — murmurou Nico. — Quer dizer... Desisti de Percy. Eu era jovem e impressionável, e eu, eu não...

Sua voz falhou, e Jason viu que o garoto estava prestes a ficar com os olhos marejados. Se Nico realmente desistira de Percy ou não, Jason não podia imaginar o que ele passara durante todos aqueles anos, mantendo um segredo que teria sido impensável compartilhar na década de 1940, negando quem ele era, sentindo-se completamente sozinho — ainda mais isolado do que os outros semideuses.

— Nico — disse ele gentilmente —, já vi um monte de atos de coragem. Mas o que você fez? Esse talvez tenha sido o mais corajoso de todos.

Nico ergueu a cabeça, incerto.

— Devemos voltar ao navio.

— É. Podemos voar...

— Não — anunciou Nico. — Desta vez viajaremos nas sombras. Quero ficar longe dos ventos por um bom tempo.

XXXVII

ANNABETH

FICAR CEGA FOI BEM RUIM. Ser separada de Percy foi horrível.

Mas agora que conseguia enxergar de novo, vê-lo morrer lentamente envenenado por sangue de górgona sem poder fazer nada para impedir era a pior maldição de todas.

Bob carregava Percy em seu ombro como se fosse um saco de equipamentos esportivos, e o gatinho esqueleto Bob Pequeno se aninhou nas costas de Percy, ronronando. Bob caminhava a passos rápidos, mesmo para um titã, o que tornava praticamente impossível para Annabeth acompanhá-lo.

Parecia que seus pulmões não iam aguentar mais. Sua pele voltou a ficar coberta por bolhas. Provavelmente precisava de mais um gole de fogo líquido, mas o Rio Flegetonte tinha ficado para trás. Seu corpo estava tão cansado e dolorido que ela havia esquecido como era *não* sentir dor.

— Falta muito?

— Demais — respondeu Bob. — Mas talvez não.

Grande ajuda, pensou Annabeth, mas estava praticamente sem fôlego para falar.

A paisagem mudou de novo. Ainda estavam descendo a encosta, o que deveria facilitar a locomoção; mas o solo se inclinava justamente no ângulo errado; íngreme demais para correr, traiçoeiro demais para poderem baixar a guarda por um momento sequer. A superfície era de cascalho solto em alguns pontos e coberta de limo em outros. Annabeth precisava desviar de pelos curtos afiados o suficiente para atravessarem seu pé, e montes de... bem, não eram exatamente rochas. Pareciam mais verrugas do tamanho de melancias. Se Annabeth tivesse que imaginar onde estava (e não queria fazer isso), diria que Bob a estava conduzindo pelo enorme intestino do Tártaro.

O ar estava mais pesado e fedia a esgoto. Talvez a escuridão não estivesse tão densa quanto antes, mas só conseguia ver Bob por causa do brilho dos cabelos prateados e da ponta de sua lança. Percebeu que ele não a retraíra desde que enfrentaram as *arai*. Isso não a tranquilizou nem um pouco.

Percy não parava quieto, o que fazia o gatinho mudar de posição para se ajeitar nas costas dele. De vez em quando, seu namorado gemia de dor, e Annabeth sentia um forte aperto no coração.

Ela se lembrou de quando tomou chá com Piper, Hazel e Afrodite em Charleston. Deuses, isso parecia ter acontecido havia tanto tempo... Afrodite tinha suspirado de saudade dos bons tempos da velha Guerra Civil, falando sobre como o amor e a guerra sempre caminhavam juntos.

A deusa tinha apontado para Annabeth com orgulho, usando-a como exemplo para as outras garotas:

Uma vez prometi a ela que ia tornar sua vida amorosa interessante. E não foi o que fiz?

Annabeth teve vontade de esganar a deusa do amor. Já vivera coisas *interessantes* mais do que o suficiente. Agora só queria um final feliz. Sem dúvida isso era possível, independentemente do que as lendas diziam sobre heróis trágicos. Tinha que haver exceções, certo? Se o sofrimento fosse recompensado, então ela e Percy mereciam receber o grande prêmio.

Pensou nas fantasias de Percy sobre Nova Roma. Os dois poderiam morar lá e frequentar a faculdade juntos. No início, ficou horrorizada com a ideia de viver entre os romanos. Ainda se ressentia deles por a terem afastado de Percy.

Agora aceitaria essa oferta com prazer.

Se sobrevivessem àquilo. Se Reyna tivesse recebido a mensagem. Se um milhão de coisas impossíveis acontecessem.

Pare com isso, repreendeu-se ela.

Tinha que se concentrar no presente, em pôr um pé na frente do outro, em completar aquela caminhada intestinal morro abaixo uma verruga gigante de cada vez.

Seus joelhos estavam fracos, como se estivessem a ponto de arrebentar. Percy gemia e murmurava algo que ela não conseguia entender.

De repente, Bob parou.

— Vejam.

Mais à frente, no escuro, o terreno se aplainava e terminava em um pântano negro. Pairava no ar uma névoa sulfúrica amarela. Mesmo sem luz solar, havia plantas de verdade: moitas de juncos, árvores esqueléticas sem folhas e até algumas flores de aparência doentia desabrochavam naquele lugar tétrico. Trilhas escorregadias serpenteavam entre os poços de piche borbulhantes.

Impressas no lamaçal bem à frente de Annabeth havia pegadas do tamanho de tampas de latas de lixo, com dedos compridos e pontudos.

Desanimada, Annabeth tinha quase certeza de a quem elas pertenciam.

— Drakon?

— É. — Bob sorriu para ela. — Isso é bom.

— Hã... por quê?

— Porque estamos perto.

Bob entrou no pântano.

Annabeth teve vontade de gritar. Odiava estar à mercê de um titã, ainda mais de um que começava a recuperar a memória e os estava levando até um gigante “bom”. Não gostava nem um pouco da ideia de atravessar um pântano que era obviamente território de um drakon.

Mas Bob estava com Percy. Se ela hesitasse, ia perdê-los no escuro. Por isso, correu atrás dele, pulando de uma faixa de musgo para outra e rezando a Atena para não cair em algum buraco.

Pelo menos o terreno obrigava Bob a ir mais devagar. Quando Annabeth o alcançou, não foi difícil ficar bem atrás dele e de olho em Percy, que delirava e estava com a testa quente demais. Várias vezes balbuciou *Annabeth*, e ela teve que se segurar para não chorar. O gatinho apenas ronronou mais alto e procurou uma posição mais confortável.

Finalmente a névoa amarela se abriu e revelou uma clareira lamacenta que parecia uma ilha no meio do pântano repugnante. O solo estava pontilhado de árvores decrépitas e montes de verrugas. No meio, havia uma enorme cabana de teto abobadado feita de ossos e couro esverdeado. Uma coluna de fumaça se erguia de um buraco no teto da cabana. A entrada estava coberta por cortinas de pele escamosa de réptil, e era ladeada por duas tochas feitas de fêmures colossais que queimavam com uma luz forte amarela.

O que mais chamou a atenção de Annabeth foi o crânio de drakon. A cinquenta metros, mais ou menos entre eles e a cabana, um carvalho enorme projetava-se do chão a um ângulo de 45 graus. As mandíbulas de um crânio de drakon envolviam o tronco como se a árvore fosse a língua do monstro morto.

— É — murmurou Bob. — Isso é muito bom.

Nada naquele lugar parecia bom para Annabeth.

Antes que ela pudesse protestar, Bob Pequeno arqueou as costas e chiou. Atrás deles, um rugido poderoso ecoou pelo pântano, um som que Annabeth ouvira pela última vez na Batalha de Manhattan.

Ela se virou e viu o drakon correndo na direção deles.

XXXVIII

ANNABETH

A PIOR PARTE?

O drakon com certeza era a coisa mais bonita que Annabeth vira desde que caíra no Tártaro. Suas escamas tinham manchas verdes e amarelas como o chão de uma floresta coberto de folhas salpicadas de luz do sol. Seus olhos reptilianos tinham o tom verde-mar favorito de Annabeth, como os de Percy. Quando as escamas em torno da cabeça se levantaram, ela não pôde deixar de pensar que aquele monstro prestes a matá-los tinha uma aparência nobre e maravilhosa.

Ele era praticamente do tamanho de um trem de metrô. Suas garras enormes afundavam na lama conforme avançava, agitando a cauda. O drakon sibilou e lançou jatos de veneno verde que fumegavam ao cair no repugnante chão lamacento e incendiavam poços de piche, o que deixou o ar com o aroma de pinho fresco e gengibre. O monstro até *cheirava* bem. Como a maioria dos drakons, não tinha asas, era mais longo mais parecido com uma cobra do que com um dragão. E pelo visto, estava faminto.

— Bob — disse Annabeth. — O que vamos ter que enfrentar?

— Um drakon maeônio — disse Bob. — Da Meônia.

Outra informação super útil. Annabeth teria acertado a cabeça de Bob com sua própria vassoura se conseguisse levantá-la.

— Há alguma forma de matá-lo?

— Nós? — disse Bob. — Não.

O drakon rugiu como se quisesse deixar isso bem claro e encheu o ar de mais veneno com cheiro de pinho e gengibre, o que teria sido um excelente perfume para aromatizadores de carros.

— Leve Percy para um lugar seguro — instruiu Annabeth. — Vou distraí-lo.

Não tinha ideia de como ia fazer isso, mas era sua única opção. Não podia

deixar Percy morrer, não se ainda estivesse de pé.

— Não precisa — disse Bob. — A qualquer momento...

— R_{ooooooooAAARRR!}

Annabeth se virou no instante em que o gigante saía de sua cabana.

Ele tinha mais de cinco metros, a altura típica de um gigante. A parte superior de seu corpo era humanoide; e as pernas, escamosas e reptilianas, como as de um dinossauro bípede. Não tinha arma. Em vez de armadura, vestia apenas uma túnica feita com peles de carneiro e retalhos de couro esverdeado. Sua pele era vermelho-cereja; a barba e o cabelo, ruivos, estavam entrelaçados com tufo de grama, folhas e flores do pântano.

Ele gritou em desafio, mas felizmente não estava olhando para *Annabeth*. Bob a tirou do caminho quando o gigante correu na direção do drakon.

Seguiu-se uma bizarra cena natalina de combate, o vermelho contra o verde. O drakon expeliu veneno. O gigante se esquivou com um salto, agarrou o carvalho e o arrancou do chão, com raízes e tudo. O crânio velho se desfez em pó quando o gigante ergueu a árvore como faria com um taco de beisebol.

A cauda do drakon se enroscou na cintura do gigante e o puxou para mais perto de suas presas. Mas assim que o gigante ficou a seu alcance, enfiou a árvore na garganta do monstro.

Annabeth esperava nunca mais ter que testemunhar uma cena tão horrível. A árvore perfurou a garganta do drakon e o empalou no chão. As raízes começaram a se mover e se arraigaram ao tocar o chão, fixando o carvalho de um modo tão firme que a árvore parecia estar naquele mesmo ponto havia séculos. O drakon se sacudia e estrebuchava sem parar, mas foi rapidamente imobilizado.

O gigante, então, socou com toda a força o pescoço do drakon. *CRACK*. O monstro parou imediatamente de se mover. Começou a se desfazer e deixou apenas restos de ossos, carne e escamas, e um novo crânio de drakon passou a envolver o carvalho.

Bob deu um grunhido.

— Boa!

O gatinho ronronou em aprovação e começou a limpar as patas.

O gigante chutou os restos do drakon e os examinou com atenção.

— Não tem ossos bons — reclamou. — Queria uma bengala nova. Hunf. Mas tem pele boa para a latrina.

Arrancou parte das dobras de pele macia que havia em torno do pescoço do drakon e as enfiou no cinto.

— Hã... — Annabeth teve vontade de perguntar se a ideia do gigante era usar couro de drakon como papel higiênico, mas achou melhor não fazê-lo. — Bob, você podia nos apresentar?

— Annabeth... — Bob deu um tapinha nas pernas de Percy. — Este é Percy.

Annabeth esperava que o titã só estivesse brincando com ela, apesar de a expressão de Bob não revelar nada.

Ela cerrou os dentes.

— Estou falando do gigante. Você prometeu que ele ia ajudar.

— Prometeu? — O gigante deixou de lado o crânio e voltou sua atenção para Bob. Seus olhos se apertaram sob as sobrancelhas densas e ruivas. — Uma promessa é algo importante. Por que Bob prometeria que eu ia ajudar?

Bob pareceu desconfortável. Titãs eram assustadores, mas era a primeira vez que Annabeth via um deles ao lado de um gigante. Em comparação ao matador de drakons, Bob parecia um filhotinho desamparado.

— Damásen é um gigante bom — disse Bob. — Ele é pacífico. E sabe curar venenos.

Annabeth observou o gigante Damásen, que agora estava arrancando pedaços de carne sangrenta da carcaça do drakon com as próprias mãos.

— Pacífico. É, estou vendo.

— Carne boa para o jantar. — Damásen se aprumou e estudou Annabeth como se ela fosse outra fonte de proteína em potencial. — Entrem. Hoje vamos ter ensopado. Depois falamos dessa promessa.

XXXIX

ANNABETH

ACONCHEGANTE.

Annabeth nunca pensou que descreveria um lugar no Tártaro assim, mas, apesar de a cabana do gigante ser do tamanho de um planetário e feita de ossos, lama e pele de drakon, ela era sem dúvida aconchegante.

No centro queimava uma fogueira feita de ossos e piche; apesar disso, a fumaça era branca e sem cheiro, e saía através da abertura no meio do teto. O chão estava coberto com grama seca do pântano e uns trapos de lã cinza. De um lado havia uma cama enorme feita de peles de carneiro e couro de drakon. Do outro, penduradas em prateleiras e ganchos havia plantas secando, couro curtido e o que pareciam tiras de carne seca de drakon. Todo o lugar cheirava a ensopado, fumaça, manjerição e tomilho.

A única coisa que preocupava Annabeth era o rebanho de carneiros amontoado em um curral nos fundos da cabana.

A garota se lembrou da caverna de Polifemo, o ciclope, que devorava semideuses e carneiros sem distinção. Ela se perguntou se os gigantes teriam um gosto parecido.

Parte dela estava tentada a sair dali correndo, no entanto, Bob já tinha posto Percy na cama do gigante, onde ele quase desaparecia no meio da lã e do couro. Bob Pequeno saltou de cima de Percy e em seguida se enfiou nos cobertores, ronronando com tamanha força que a cama passou a tremer como se fosse uma cadeira massageadora.

Damásen foi até a fogueira. Jogou a carne de drakon em uma panela pendurada que parecia feita com o crânio de um velho monstro, então pegou uma concha e começou a mexer.

Annabeth não queria ser o próximo ingrediente de seu ensopado, mas tinha

ido até lá por uma razão. Por isso, respirou fundo e caminhou decidida até o gigante.

— Meu amigo está morrendo. Você pode curá-lo ou não?

A voz dela vacilou na palavra *amigo*. Percy era muito mais que isso. Nem *namorado* era o suficiente para descrever a relação deles. Os dois tinham passado por muita coisa juntos. Àquela altura, Percy *fazia parte* dela, às vezes uma parte irritante, é claro, mas sem dúvida uma parte sem a qual não podia viver.

Damásen olhou para ela, franzindo a testa e as grossas sobrancelhas ruivas. Annabeth tinha conhecido muitos humanoides assustadores antes, mas Damásen a perturbava de um modo diferente. Não parecia hostil. Ele irradiava pesar e amargura, como se estivesse tão ocupado com a própria infelicidade que se ressentia por Annabeth tentar fazê-lo dar atenção a outra coisa.

— Não costumo ouvir essas palavras no Tártaro — resmungou o gigante. — *Amigo. Promessa.*

Annabeth cruzou os braços.

— E *sangue de górgona*? Você conhece uma cura, ou Bob superestimou seus talentos?

Provocar um matador de drakons de mais de cinco metros de altura provavelmente não era uma estratégia muito inteligente, mas Percy estava morrendo. Ela não tinha tempo para diplomacia.

Damásen a olhou de cara feia.

— Você está duvidando de minhas habilidades? Uma humana quase morta chega se arrastando no meu pântano e duvida de minhas habilidades?

— É — disse ela.

— Hunf. — Damásen entregou a concha a Bob. — Mexa.

Enquanto Bob cuidava do ensopado, Damásen remexeu em seus ganchos e prateleiras e pegou várias folhas e raízes. Jogou um punhado de plantas na boca, mastigou-o e então o cuspiu em um pedaço de lã.

— Caneca de caldo — ordenou Damásen.

Bob pôs algumas conchas do caldo do ensopado em uma cabaça vazia. Ele a entregou a Damásen, que jogou a bola nojenta que tinha mastigado no caldo e o mexeu com o dedo.

— Sangue de górgona — murmurou ele. — Isso está longe de ser um desafio para *meus* talentos.

Foi devagar até a cama e pôs Percy sentado com apenas uma das mãos. Bob Pequeno, o gatinho, farejou o caldo e chiou. Arranhou os lençóis como se quisesse enterrá-lo.

— Você vai dar *isso* para ele beber? — perguntou Annabeth.

O gigante olhou irritado para ela.

— Quem é o curandeiro aqui? Você?

Annabeth calou a boca. Observou enquanto o gigante fez Percy beber o caldo. Damásen o tratava com uma delicadeza surpreendente, murmurando palavras de encorajamento que ela não conseguia entender direito.

A cada gole, a cor de Percy melhorava. Ele bebeu tudo, e seus olhos piscaram e abriram. Ele olhou ao redor com uma expressão atônita, viu Annabeth e lhe deu um sorriso bêbado.

— Me sinto ótimo.

Seus olhos giraram nas órbitas. Caiu de costas na cama e começou a roncar.

— Algumas horas de sono — anunciou Damásen. — Ele vai ficar como novo.

Annabeth deu um suspiro aliviado.

— Obrigada.

Damásen a encarou com tristeza.

— Não me agradeça. Vocês ainda estão condenados. E eu cobro por meus serviços.

Annabeth engoliu em seco.

— Hã... que tipo de pagamento?

— Uma história. — Os olhos do gigante brilharam. — O Tártaro é muito entediante. Você pode me contar a história enquanto comemos, hein?

*

Annabeth se sentiu desconfortável contando seus planos a um gigante.

Mesmo assim, Damásen era um bom anfitrião. Ele salvara Percy. O ensopado de carne de drakon estava excelente (especialmente quando comparado ao fogo líquido). Sua cabana era quente e confortável, e pela primeira vez, desde que caíram no Tártaro, Annabeth sentiu que podia relaxar. O que era irônico, já que estava jantando com um titã e um gigante.

Contou a Damásen sobre sua vida e as aventuras com Percy. Explicou como Percy tinha conhecido Bob, apagado sua memória no Rio Lete e o deixado sob os cuidados de Hades.

— Percy estava tentando fazer uma coisa boa — garantiu a Bob. — Ele nunca pensou que Hades fosse ser tão canalha.

Aquilo não soou convincente nem para ela. Hades *sempre tinha sido um canalha*.

Ela pensou no que as *arai* haviam dito, em como Nico di Angelo foi a única

pessoa a visitar Bob no palácio do Mundo Inferior. Nico era um dos semideuses menos amistosos e extrovertidos que Annabeth conhecia. Mesmo assim, tinha sido bom com Bob. E ao convencer o titã de que Percy era seu amigo, Nico sem querer salvara a vida deles. Annabeth se perguntou se *algum dia* ia conseguir entender aquele cara.

Bob lavou sua tigela com o produto de limpeza e um trapo.

Damásen gesticulou com sua colher encorajadoramente.

— Continue a história, Annabeth Chase.

Ela contou sobre sua jornada no *Argo II*, mas quando chegou na parte sobre como deveriam impedir o despertar de Gaia, vacilou.

— Ela é, hum... ela é sua mãe, certo?

Damásen raspou sua tigela. Seu rosto era coberto por velhas queimaduras de veneno, marcas profundas e cicatrizes grossas, por isso parecia a superfície de um asteroide.

— É. E Tártaro é meu pai. — Ele fez um gesto amplo mostrando a cabana. — Como pode ver, fui uma decepção para meus pais. Eles esperavam... *mais* de mim.

Annabeth ainda não conseguia acreditar que estava tomando sopa com um homem de pernas de lagarto de cinco metros de altura que era filho da Terra e das Profundezas do Tártaro.

Já era difícil imaginar os deuses olímpianos como pais, mas pelo menos eles tinham aparência humana. Já os deuses primordiais, como Gaia e Tártaro... Como você podia sair de casa e ser independente de seus pais quando eles, literalmente, englobavam o mundo inteiro?

— Então... Você não se importa que a gente esteja em guerra com sua mãe?

Damásen bufou como um touro.

— Boa sorte. No momento é com meu pai que devem se preocupar. Se ele está contra vocês, então não têm a menor chance de sobreviver.

De repente, Annabeth perdeu a fome. Pôs sua tigela no chão. Bob Pequeno se aproximou para investigá-la.

— Como assim, contra nós? — perguntou ela.

— *Tudo* isso. — Damásen quebrou um osso de drakon e usou uma lasca para palitar os dentes. — Tudo o que você vê é o corpo de Tártaro, ou pelo menos uma manifestação dele. Ele sabe que vocês estão aqui, e tenta deter seu avanço a cada passo. Meus irmãos estão caçando vocês. É incrível que tenham sobrevivido até agora, mesmo com a ajuda de Jápeto.

Bob franziu a testa ao ouvir seu nome.

— Os derrotados estão atrás de nós, é. Agora devem estar chegando bem perto.

Damásen cuspiu fora o palito de dentes.

— Posso ocultar seu rastro por algum tempo, o suficiente para vocês descansarem. Tenho poder neste pântano. Mas, no fim, eles vão alcançar vocês.

— Meus amigos precisam chegar às Portas da Morte — disse Bob. — É lá que fica a saída.

— Impossível — murmurou Damásen. — As portas são bem guardadas demais.

Annabeth inclinou-se para a frente.

— Mas você sabe onde elas ficam?

— É claro. Todo o Tártaro corre para um lugar: seu coração. É onde ficam as Portas da Morte. Mas vocês não vão conseguir chegar lá vivos só com Jápeto.

— Então venha com a gente — pediu Annabeth. — Ajude.

— Ha!

Annabeth sobressaltou-se.

Na cama, Percy delirava em seu sono:

— Ha, ha, ha.

— Filha de Atena — disse o gigante. — Não sou seu amigo. Já ajudei mortais uma vez, e veja o que me aconteceu.

— Você ajudou mortais? — Annabeth sabia muito sobre lendas gregas, mas o nome Damásen não lhe dizia nada. — Eu... eu não entendo.

— História ruim — explicou Bob. — Gigantes bons têm histórias ruins. Damásen foi criado para se opor a Ares.

— É — confirmou o gigante. — Como todos os meus irmãos, nasci para reagir a determinado deus. Meu inimigo era Ares. Mas Ares era o deus da guerra. Por isso, quando nasci...

— Você era o seu oposto — arriscou Annabeth. — Você era pacífico.

— Pelo menos para um gigante — respondeu Damásen com um suspiro. — Andei sem rumo pelos campos da Meônia, a terra que vocês agora chamam de Turquia. Cuidava de meus carneiros e colhia minhas ervas. Era uma vida boa. Mas não queria combater os deuses. Minha mãe e meu pai me amaldiçoaram por isso. E o insulto final: certo dia, um drakon maeônio matou um pastor humano, um amigo meu, por isso cacei a criatura e a matei, cravando uma árvore em sua garganta. Usei o poder da terra para fazer as raízes da árvore tornarem a crescer, e plantei o drakon firmemente no chão. Queria garantir que ele não aterrorizasse mais os mortais. Foi um feito que Gaia não poderia perdoar.

— O fato de ter ajudado alguém?

— É. — Damásen pareceu envergonhado. — Gaia abriu a terra e fui consumido, exilado aqui na barriga do meu pai, Tártaro, onde se juntam todos os destroços inúteis... todas as criações com as quais ele não se importa. — O

gigante tirou uma flor do cabelo e a olhou distraído. — Eles me deixaram viver, cuidando de meus carneiros e colhendo minhas ervas, para que eu aprendesse como era desprezível a vida que havia escolhido. Todos os dias... ou o que conta como dia neste lugar sem luz... o drakon maeônio se recompõe e me ataca. Matá-lo é minha tarefa por toda a eternidade.

Annabeth olhou ao redor da cabana, tentando imaginar há quantas eras Damásen estava exilado ali, matando o drakon e recolhendo seus ossos, couro e carne, sabendo que ele voltaria a atacar no dia seguinte. Mal conseguia imaginar sobreviver a uma *semana* no Tártaro. Exilar o próprio filho ali por séculos... era de uma crueldade inimaginável.

— Desfaça a maldição — disse de repente. — Venha com a gente.

Damásen riu com amargura.

— Pensa que é tão fácil? Não acha que já tentei deixar este lugar? É impossível. Não importa para que direção eu viaje, sempre acabo voltando. O pântano é a única coisa que conheço... o único destino que consigo imaginar. Não, pequena semideusa. Fui vencido por minha maldição. Não me resta nenhuma esperança.

— Nenhuma esperança — repetiu Bob.

— Deve haver um modo. — Annabeth não podia aguentar a expressão no rosto do gigante, que lembrava a de seu pai, nas poucas vezes em que confessara ainda amar Atena. Ele ficava extremamente triste e abatido, desejando algo que sabia ser impossível.

— Bob tem um plano para chegar às Portas da Morte — insistiu ela. — Ele disse que podíamos nos esconder em algum tipo de Névoa da Morte.

— Névoa da Morte? — Damásen olhou de cara feia para Bob. — Você os levaria até *Akhlys*?

— É o único jeito — defendeu-se Bob.

— Vocês vão morrer — disse Damásen. — Uma morte dolorosa. No escuro. *Akhlys* não confia em ninguém, não ajuda ninguém.

Bob parecia querer discutir, mas cerrou os lábios e ficou em silêncio.

— Há algum outro jeito? — perguntou Annabeth.

— Não — admitiu Damásen. — A Névoa da Morte... esse é o melhor plano. Infelizmente, é um péssimo plano.

Annabeth sentia como se estivesse pendurada no abismo outra vez, sem conseguir se içar pela borda, sem conseguir continuar se segurando... sem boas opções.

— Mas não acha que vale a pena tentar? — perguntou ela. — Você podia voltar para o mundo mortal. Podia ver o sol outra vez.

Os olhos de Damásen pareciam as órbitas do crânio do drakon: escuros e

vazios, destituídos de qualquer esperança. Ele jogou um osso quebrado no fogo e ficou de pé com as costas bem retas, um enorme guerreiro vermelho vestindo pele de carneiro e couro de drakon, com flores secas e ervas nos cabelos. Annabeth podia ver como ele era o *anti*Ares. Ares era o pior deus, temperamental e violento. Damásen era o melhor gigante, bondoso e prestativo... e por isso tinha sido condenado ao tormento eterno.

— Durmam um pouco — disse o gigante. — Vou preparar suprimentos para sua viagem. Sinto muito, mas não posso fazer mais nada.

Annabeth quis contestar, mas assim que ouviu a palavra *dormir* foi traída por seu corpo, apesar de sua decisão anterior de nunca mais dormir no Tártaro. Estava de barriga cheia. O crepitar do fogo era agradável. As ervas penduradas a faziam lembrar das colinas em torno do Acampamento Meio-Sangue no verão, quando os sátiros e náíades colhiam plantas silvestres nas tardes tranquilas.

— Talvez dormir um pouco — concordou ela.

Bob a pegou como se fosse uma boneca de pano. Ela não protestou. Ele a pôs ao lado de Percy na cama do gigante, e ela fechou os olhos.

XL

ANNABETH

ANNABETH ACORDOU OLHANDO PARA AS sombras que dançavam no teto da cabana. Não tivera nenhum sonho. Isso era tão estranho que não sabia se estava realmente acordada.

Deitada ali, com Percy roncando a seu lado, e Bob Pequeno ronronando em cima de sua barriga, ouviu Bob e Damásen conversando.

— Você não contou a ela — disse Damásen.

— Não — admitiu Bob. — Ela já está com medo.

O gigante resmungou.

— E é para estar. E se você não conseguir guiá-los além da Noite?

Damásen disse “Noite” como se fosse um nome próprio... um nome *maligno*.

— Tenho que conseguir.

— Por quê? O que os semideuses fizeram por você? Apagaram seu velho eu, tudo o que você era. Nós, titãs e gigantes... devíamos ser os inimigos dos deuses e de seus filhos. Não devíamos?

— Então por que você curou o garoto?

Damásen suspirou.

— Nem eu sei. Talvez porque a garota tenha me desafiado, ou talvez porque... acho esses dois semideuses intrigantes. São muito resistentes para terem chegado tão longe. Isso é admirável. Mesmo assim, como podemos ajudá-los mais? Não é nosso destino.

— Talvez — disse Bob, sentindo-se desconfortável. — Mas... você gosta de seu destino?

— Que pergunta. Será que alguém gosta de seu destino?

— Eu gostava de ser Bob — murmurou. — Antes de começar a me lembrar...

— Hum.

Annabeth ouviu um ruído, como se Damásen estivesse enchendo uma bolsa de

couro.

— Damásen, você se lembra do sol? — perguntou o titã.

O ruído parou. Annabeth ouviu o gigante suspirar outra vez.

— Lembro. Era amarelo. Quando tocava o horizonte, deixava o céu com cores bonitas.

— Tenho saudade do sol — disse Bob. — Das estrelas, também. Queria dar um oi para as estrelas outra vez.

— Estrelas... — Damásen pronunciou a palavra como se tivesse esquecido seu significado. — Ah, é. Elas criavam formas no céu noturno. — Ele jogou no chão algo que caiu com um baque surdo. — Ah. Essa conversa não vai levar a nada. Não podemos...

A distância, o drakon maeônio rugiu.

Percy acordou e se sentou imediatamente.

— O quê? O que... onde... o quê?

— Está tudo bem.

Annabeth tocou seu braço.

Quando o garoto compreendeu que estavam deitados na cama de um gigante com um gato esqueleto, pareceu mais confuso que nunca.

— Esse barulho... onde estamos?

— Do que consegue lembrar?

Percy franziu a testa. Seus olhos pareciam alertas. Todos os seus ferimentos haviam desaparecido. Tirando as roupas esfarrapadas e algumas camadas de terra e fuligem, ele parecia nunca ter caído no Tártaro.

— Eu... as velhas demônios... e depois... Pouca coisa.

Damásen surgiu ao lado da cama.

— Não há tempo, pequenos mortais. O drakon está voltando. Temo que seu rugido atraia os outros, meus irmãos que estão atrás de vocês. Vão chegar aqui em poucos minutos.

O coração de Annabeth passou a bater mais rápido.

— O que vai dizer a eles quando chegarem aqui?

Damásen torceu a boca.

— O que eu poderia contar? Nada importante, desde que vocês já tenham partido.

Jogou para eles duas sacolas de couro de drakon.

— Roupas, comida e bebida.

Bob levava uma sacola parecida, mas maior. Estava apoiado em sua vassoura, olhando para Annabeth como se ainda estivesse refletindo sobre as palavras de Damásen: *O que os semideuses fizeram por você?* Eram inimigos, inimigos imortais.

De repente, Annabeth foi surpreendida por um pensamento tão claro e afiado que parecia uma lâmina da própria Atena.

— A Profecia dos Sete — disse ela.

Percy já tinha descido da cama gigantesca e estava colocando a sacola no ombro. Ele a olhou com expressão séria.

— O que tem ela?

Annabeth segurou a mão de Damásen, o que fez o gigante se sobressaltar. Ela franziu a testa. Sua pele era áspera como pedra.

— Você *precisa* vir com a gente — suplicou ela. — A profecia diz *inimigos com armas às Portas da Morte*. Achava que isso significava gregos e romanos, mas não. Somos *nós*, semideuses, um titã e um gigante. *Precisamos* de você para fechar as Portas!

O drakon rugiu lá fora, cada vez mais perto. Damásen retirou a mão da de Annabeth com delicadeza.

— Não, menina — murmurou ele. — Minha maldição é aqui. Não posso escapar dela.

— Pode, pode, sim — disse Annabeth. — Não enfrente o drakon. Pense em um modo de romper o ciclo! Encontre *outro* destino.

Damásen sacudiu a cabeça.

— Mesmo que pudesse, não consigo deixar este pântano. É o único destino que consigo visualizar.

A mente de Annabeth era um turbilhão.

— *Existe* outro destino. Olhe para mim! Lembre-se do meu rosto. Quando estiver pronto, me procure. Vamos levá-lo para o mundo mortal conosco. Você vai poder ver a luz do sol e as estrelas.

O chão estremeceu. O drakon estava perto, atravessando o pântano com passos pesados, destruindo árvores e musgo com seu jato de veneno. Mais longe, Annabeth ouviu a voz do gigante Polibotes, incentivando seus seguidores.

— O FILHO DO DEUS DO MAR! ELE ESTÁ PERTO!

— Annabeth — insistiu Percy. — É a nossa deixa para ir embora.

Damásen pegou algo em seu cinto. Em sua mão enorme, a pequena lasca branca parecia outro palito de dentes, mas quando ele a entregou a Annabeth, a garota percebeu que era uma espada... uma lâmina de osso de dragão mortalmente afiada, com uma empunhadura simples de couro.

— Um último presente para a filha de Atena — disse o gigante com sua voz retumbante. — Não posso mandá-la para a morte desarmada. Agora vão! Antes que seja tarde demais.

Annabeth teve vontade de chorar. Pegou a espada, mas não conseguiu nem articular um agradecimento... Sabia que o gigante deveria lutar ao lado deles.

Era essa a resposta, mas Damásen se afastou.

— Temos que ir — disse Bob, apressando-os, enquanto o gatinho voltava para seu ombro.

— Ele tem razão, Annabeth — acrescentou Percy.

Eles correram para a entrada. Annabeth não olhou para trás enquanto seguia Percy e Bob pântano adentro, mas ouviu Damásen atrás deles soltar seu grito de guerra para o drakon que o atacava, com a voz vacilante devido ao desespero de enfrentar seu velho inimigo mais uma vez.

XLI

PIPER

PIPER NÃO SABIA MUITO SOBRE o Mar Mediterrâneo, mas tinha certeza de que ele não devia congelar em julho.

Depois de dois dias em mar aberto após saírem de Split, nuvens negras dominaram o céu. As ondas ficaram mais fortes, lançando no convés uma chuva fina, que formava uma camada de gelo sobre amuradas e cordas.

— É o cetro — murmurou Nico, erguendo o cajado antigo. — Só pode ser.

Piper ficou desconfiada. Desde que Jason e Nico voltaram do palácio de Diocleciano, estavam agindo de maneira nervosa e reservada. Algo importante tinha acontecido lá, algo que Jason não queria contar a ela.

Tinha lógica o cetro ter provocado aquela mudança de tempo. A orbe negra no topo parecia drenar a cor do ar, e as águias douradas na base tinham um brilho frio. O cetro supostamente controlava os mortos, e ele *definitivamente* emitia vibrações ruins. Quando o treinador Hedge viu aquela coisa, ficou pálido e avisou que ia para o quarto se consolar com vídeos de Chuck Norris. (Mas Piper desconfiava que, na verdade, ele estava mandando mensagens de Íris para sua namorada, Mellie; o treinador andava muito agitado em relação a ela, apesar de não contar a Piper qual era o problema.)

Então, sim... *Talvez* o cetro pudesse provocar uma tempestade de gelo assustadora. Mas Piper não achava que fosse isso. Temia que o motivo fosse outro... Algo ainda pior.

— Não podemos conversar aqui — decidiu Jason. — Vamos adiar a reunião.

Todos tinham se reunido no tombadilho superior para discutir estratégias conforme se aproximavam de Épiro. Agora estava evidente que lá não era um bom lugar para ficar: o vento varria o gelo pelo convés, o mar se revolia sob eles.

Piper não se incomodava muito com isso. O balanço e a movimentação das ondas a faziam lembrar das vezes em que fora surfar com o pai na costa da Califórnia. Mas notou que Hazel não estava passando bem. A pobre garota ficava enjoada até com o mar tranquilo. Ela parecia estar tentando engolir uma bola de sinuca.

— Preciso...

Hazel teve ânsia de vômito e apontou para baixo.

— Claro, desça.

Nico beijou-a no rosto, o que surpreendeu Piper. Ele raramente dava demonstrações de carinho, nem mesmo com a irmã. Parecia odiar qualquer contato físico. Beijar Hazel... era quase como se fosse uma despedida.

— Vou com você.

Frank passou um braço pela cintura de Hazel e a ajudou a descer as escadas.

Piper torcia para que Hazel ficasse bem. Nas últimas noites, depois daquela luta contra Círon, tinham conversado muito. Serem as únicas meninas a bordo era meio complicado. Dividiam histórias, reclamavam sobre os hábitos nojentos dos meninos e choravam juntas por Annabeth. Hazel contou como era controlar a Névoa, e Piper se surpreendeu ao descobrir que era muito parecido com usar o charme. Piper se ofereceu para ajudá-la com o que precisasse. Em troca, Hazel prometeu ensiná-la a lutar com espadas, uma habilidade na qual Piper era péssima. Sentia que ganhara uma nova amiga, o que era maravilhoso... supondo que vivessem tempo o bastante para desfrutarem dessa amizade.

Nico espanou um pouco de gelo dos cabelos e franziu o cenho diante do cetro de Diocleciano.

— Eu devia guardar essa coisa. Se está mesmo provocando esse tempo, talvez levá-lo lá para baixo ajude...

— Claro — disse Jason.

Nico olhou para Piper e Leo, como se estivesse preocupado com o que poderiam dizer na sua ausência. Piper percebeu que ele estava mais na defensiva, como se estivesse se encolhendo em uma bola psicológica, como quando entrara no transe de morte dentro do jarro de bronze.

Quando ele desceu, Piper estudou a expressão de Jason. Seus olhos estavam carregados de preocupação. O que *acontecera* na Croácia?

Leo pegou uma chave de fenda no cinto.

— Que grande reunião de equipe. Parece que é só a gente de novo.

Só a gente de novo.

Piper recordou de um dia de inverno em Chicago, em dezembro do ano anterior, quando os três aterrissaram no Millennium Park em sua primeira missão.

Leo não mudara muito, exceto por parecer mais à vontade em seu papel de

filho de Hefesto. Ele sempre tivera um excesso de energia nervosa. Agora sabia como usá-la. Suas mãos estavam sempre em movimento. Pegava coisas em seu cinto, mexia nos controles, brincava com sua adorada esfera de Arquimedes. Hoje a havia retirado do painel de controle e desligado Festus, a figura de proa, para manutenção, algo sobre reprogramar seu processador para aprimorar o controle do motor com a esfera, o que quer que isso significasse.

Quanto a Jason, parecia mais magro, mais alto e mais desgastado. O cabelo, antes bem curto, no estilo romano, agora era comprido e desgrenhado. O sulco que Círon fizera do lado esquerdo do couro cabeludo também era interessante, acrescentava um toque de rebeldia. Seus olhos azuis como o céu pareciam de algum modo mais velhos, cheios de preocupação e responsabilidade.

Piper sabia o que seus amigos murmuravam sobre Jason: era perfeito *demais*, rigoroso demais. Se isso um dia fora verdade, não era mais. A missão tinha acabado com ele, e não apenas fisicamente. As dificuldades que enfrentou não o enfraqueceram, mas ele ficou curtido e amaciado como couro, como se estivesse se tornando uma versão mais afável de si mesmo.

E Piper? Só podia imaginar o que Leo e Jason pensavam quando olhavam para ela. Com certeza não se sentia mais a mesma pessoa que era no inverno anterior.

Aquela primeira missão para resgatar Hera parecia ter ocorrido séculos atrás. Tanta coisa havia mudado em sete meses... ela se perguntou como os deuses aguentavam viver milhares de anos. Quantas mudanças *eles* teriam presenciado? Talvez não fosse de surpreender o fato de os olimpianos parecerem um pouco loucos. Se Piper tivesse vivido por três milênios, teria ficado doidinha.

Ela olhou para a chuva fria. Daria tudo para voltar ao Acampamento Meio-Sangue, onde o clima era controlado até no inverno. As imagens que vira em sua adaga ultimamente... bem, não lhe davam muitos motivos para ficar animada.

Jason apertou seu ombro.

— Ei, vai ficar tudo bem. Estamos perto de Épiro. Só mais um dia, se as indicações de Nico estiverem corretas.

— É. — Leo brincava com sua esfera, batendo e apertando as joias. — Amanhã de manhã, mais ou menos, vamos chegar na costa leste da Grécia. Depois mais uma hora de caminhada e pronto, a CASA DE HADES! Vou comprar uma camiseta de lembrança!

— Oba — murmurou Piper em voz baixa.

Não estava muito ansiosa para mergulhar novamente na escuridão. Ainda tinha pesadelos com o *ninfeu* e o *hipogeu* sob Roma. Na lâmina de Katoptris, vira imagens parecidas com as que Leo e Hazel descreveram a partir de seus sonhos, uma feiticeira pálida em um vestido dourado, cujas mãos teciam luz

dourada no ar como seda em um tear, e um gigante envolto em sombras descendo por um corredor comprido iluminado por tochas nas paredes. Conforme ele passava, as chamas se apagavam. Ela viu uma caverna enorme cheia de monstros (ciclopes, nascidos da terra e coisas mais estranhas) cercando a ela e a seus amigos em tamanha superioridade numérica que não lhes dava qualquer esperança.

Cada vez que via essas imagens, uma voz interior não parava de repetir a mesma frase.

— Gente — disse ela. — Tenho pensado sobre a Profecia dos Sete.

Era preciso muito para desviar a atenção de Leo de seu trabalho, mas isso foi suficiente.

— O que pensou? — perguntou ele. — Tipo... coisas boas, certo?

Ela reajustou a alça que prendia sua cornucópia ao ombro. Às vezes a trompa da fatura parecia tão leve que se esquecia dela. Em outras, parecia tão pesada quanto uma bigorna, como se o deus do Rio Aqueloo estivesse enviando energias ruins para puni-la por pegar seu chifre.

— Na Katoptris — começou ela. — Não paro de ver aquele gigante Clítio, o cara sempre envolto em sombras. Sei que o ponto fraco dele é o fogo, mas em minhas visões ele assopra as chamas aonde quer que vá. Todo tipo de luz é sugado por sua nuvem de escuridão.

— Parece o Nico — disse Leo. — Será que são parentes?

Jason fechou a cara.

— Ei, dá um tempo pro Nico, o.k.? Então, Piper, o que tem esse gigante? O que você está pensando?

Ela e Leo trocaram um olhar intrigado, tipo: *Desde quando Jason defende Nico di Angelo?* Ela preferiu não comentar.

— Não paro de pensar em fogo — respondeu Piper. — Como esperamos que Leo derrote esse gigante porque ele é...

— Um cara quente? — sugeriu Leo com um sorriso.

— Humm, acho que a melhor definição é *inflamável*. Enfim, esse trecho da profecia me incomoda: *Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado*.

— É, já sabemos isso — afirmou Leo. — Você vai dizer que sou fogo. E que Jason é a tempestade.

Piper assentiu com relutância. Sabia que nenhum deles gostava de discutir o assunto, mas todos deviam ter *sentido* que era verdade.

O navio lançou-se abruptamente para estibordo. Jason agarrou a amurada congelada.

— Então você está preocupada que um de nós prejudique a missão e acidentalmente destrua o mundo?

— Não — disse Piper. — Acho que temos interpretado esse trecho do modo errado. O *mundo*... a Terra. Em grego, a palavra para isso seria...

Ela hesitou, sem querer dizer o nome em voz alta, mesmo no mar.

— Gaia. — Os olhos de Jason cintilaram com um interesse súbito. — Você quer dizer que *Em tempestade ou fogo, Gaia terá acabado*?

— Ah... — Leo deu um sorriso ainda maior. — Sabe, gosto muito mais da sua versão. Porque se Gaia não resistir a mim, o sr. Fogo, vai ser muito maneiro.

— Ou a mim... a tempestade. — Jason a beijou. — Piper, isso é incrível! Se estiver certa, são ótimas notícias. Só precisamos descobrir qual de nós destrói Gaia.

— Pode ser. — Ela se sentiu desconfortável por deixá-los tão esperançosos. — Mas, vejam, é tempestade ou fogo...

Desembainhou Katoptris e a pôs sobre o painel. Imediatamente a lâmina piscou e acendeu, mostrando a forma escura do gigante Clítio caminhando por um corredor e apagando as tochas.

— Estou preocupada com Leo e essa luta contra Clítio — afirmou ela. — Aquele trecho na profecia pode dar a entender que só *um* de vocês conseguirá. E se o trecho “em tempestade ou fogo” estiver relacionado com o terceiro verso, “Um juramento a manter com um alento final”...

Não concluiu o raciocínio, mas pelas expressões de Jason e Leo, percebeu que eles tinham entendido. Se estivesse interpretando a profecia corretamente, ou Leo ou Jason iria derrotar Gaia. O outro morreria.

XLII

PIPER

LEO OLHOU PARA A ADAGA.

— O.k.... então não gosto tanto da sua interpretação quanto pensava. Você acha que um de nós vai derrotar Gaia, e o outro morrer? Ou talvez um de nós morra *enquanto* a derrota? Ou...

— Gente — disse Jason. — Vamos ficar loucos se pensarmos muito nisso. Vocês sabem como são as profecias. Os heróis sempre se ferram quando tentam mudá-las.

— É — murmurou Leo. — E nós *odiaríamos* isso. Porque as coisas estão indo perfeitamente bem até agora.

— Você sabe o que quero dizer. O trecho do *alento final* pode não estar ligado à parte da *tempestade ou fogo*. Pelo que sabemos, nós dois podemos nem mesmo ser a tempestade e o fogo. Percy pode criar furacões.

— E eu sempre posso incendiar o treinador Hedge — observou Leo com humor. — Então *ele* seria o fogo.

A ideia de um sátiro em chamas gritando “Morra, sua vaca!” enquanto atacava Gaia quase conseguiu fez Piper rir... Quase.

— Espero estar enganada — disse com cautela. — Mas a missão começou com a gente: encontramos Hera e despertamos o rei dos gigantes, Porfírio. Tenho a sensação de que nós também vamos terminar esta guerra. Para o bem ou para o mal.

— Ei — disse Jason. — Eu, pessoalmente, *gosto* do nós.

— Concordo — acrescentou Leo. — *Nós* são minhas pessoas favoritas.

Piper conseguiu sorrir. Amava mesmo aqueles dois. Queria poder usar seu charme nas Parcas, descrever um final feliz e forçá-las a torná-lo realidade.

Infelizmente, era difícil imaginar um final feliz com todos aqueles

pensamentos sombrios na cabeça. Temia que o gigante Clítio tivesse sido mandado atrás deles para tirar Leo do caminho. Se isso fosse verdade, significaria que Gaia também ia tentar eliminar Jason. Sem tempestade ou fogo, a missão deles fracassaria.

E aquele frio também a incomodava... tinha certeza de que estava sendo provocado por algo além do cetro de Diocleciano. O vento frio e a chuva de granizo pareciam agressivos e hostis. E, de algum modo, familiares.

Aquele cheiro no ar, um cheiro forte de...

Piper devia ter percebido o que estava acontecendo antes, mas morara durante a maior parte da vida no sul da Califórnia, com temperaturas amenas o ano todo. Não tinha crescido com aquele cheiro... o cheiro de neve iminente.

Todos os músculos em seu corpo se contraíram.

— Leo, toque o alarme!

Piper não tinha percebido que estava usando o charme, mas Leo largou a chave de fenda imediatamente e apertou o botão do alarme. Franziu a testa quando nada aconteceu.

— Hum, não está funcionando — lembrou Leo. — Festus está desligado. Me dê um minuto para colocar o sistema on-line de novo.

— Não temos um minuto! Fogo, precisamos de frascos de fogo grego. Jason, convoque os ventos. Ventos quentes, do sul.

— Como é? — Jason olhou para ela, confuso. — Piper, qual o problema?

— É ela! — respondeu Piper já empunhando a adaga. — Ela voltou! Temos que...

Antes que pudesse terminar, o barco guinou para bombordo. A temperatura caiu tão rápido que as velas congelaram imediatamente. Os escudos de bronze ao longo das amuradas saltaram como uma rolha de champanhe.

Jason sacou a espada, mas era tarde demais. Uma onda de partículas de gelo caiu sobre ele, cobrindo-o como a calda de uma maçã do amor e paralisando-o no lugar. Sob a camada de gelo, seus olhos estavam arregalados de surpresa.

— Leo! Fogo! Agora! — berrou Piper.

A mão direita de Leo pegou fogo, mas o vento girou em torno dele e apagou as chamas. Ele segurou a esfera de Arquimedes com força quando um redemoinho de chuva e neve o ergueu do chão.

— Ei! — gritou ele. — Ei! Me solte!

Piper correu em sua direção, mas uma voz na tempestade disse:

— Ah, sim, Leo Valdez. Vou soltar você, e vai ser *para sempre*.

Leo disparou para o alto tão rápido que pareceu ter sido arremessado por uma catapulta, e desapareceu nas nuvens.

— Não! — Piper ergueu a adaga, mas não havia nada para atacar.

Olhou desesperada para as escadas, torcendo para ver os amigos chegando para resgatá-los, mas um bloco de gelo havia selado a escotilha. Tudo abaixo do convés principal devia estar completamente congelado.

Ela precisava de uma arma melhor para lutar — algo melhor que sua voz, uma adaga que dizia o futuro e uma cornucópia da qual saíam presunto e frutas frescas.

Piper se perguntou se conseguiria chegar à balista.

Então seus inimigos surgiram, e ela se deu conta de que nenhuma arma seria suficiente.

No meio do navio, Piper viu uma garota usando um vestido esvoaçante de seda branca, o cabelo negro preso com um arco cravejado de diamantes. Tinha olhos escuros como café, mas sem qualquer calor.

Atrás dela estavam seus irmãos — dois rapazes com asas de penas roxas, cabelos muito brancos e espadas denteadas de bronze celestial.

— É tão bom vê-la outra vez, *ma chère* — disse Quione, a deusa da neve. — Já era tempo de termos um reencontro congelante.

XLIII

PIPER

PIPER NÃO TINHA PLANEJADO ATIRAR muffins de mirtilo. A cornucópia deve ter sentido seu desconforto e achou que ela e os visitantes gostariam de coisas assadas e quentinhas.

Meia dúzia de muffins suculentos voou do chifre da fartura como tiros de espingarda. Não era um ataque inicial dos mais eficazes.

Quione simplesmente deu um passo para o lado. A maioria dos muffins passou por ela e caiu amurada abaixo. Cada um de seus irmãos, os boreadas, pegou um bolinho e começou a comer.

— Muffins — disse o maior deles. Cal, Piper lembrou-se, apelido de *Calais*. Estava vestido exatamente como em Quebec, com chuteiras de couro, calças largas e uma jaqueta vermelha de hóquei, e tinha olhos pretos e vários dentes quebrados. — Muffins são gostosos.

— Ah, *merci* — disse o irmão magrelo, que estava parado na plataforma da catapulta com as asas abertas. Ela lembrou de seu nome, Zetes. Os cabelos brancos ainda eram daquele estilo *mullet* horroroso dos tempos da discoteca. O colarinho de sua camisa de seda aparecia acima do peitoral da armadura. Suas calças de poliéster verde-limão eram grotescamente justas, e sua acne só tinha piorado. Apesar disso, ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente e sorriu como se fosse um guru da pegação. — Eu sabia que a garota bonita ia sentir minha falta.

Falava o francês do Quebec, que Piper entendia sem esforço. Graças a sua mãe, Afrodite, ela tinha a mente programada para a língua do amor, apesar de não querer usá-la com Zetes.

— O que está fazendo? — questionou Piper. E depois disse usando o charme: — Solte meus amigos.

Zetes piscou.

— Devíamos soltar os amigos dela.

— É — concordou Cal.

— Não, seus idiotas! — disse Quione bruscamente. — Ela está utilizando o charme. Usem o cérebro!

— Cérebro... — Cal franziu o cenho como se não tivesse certeza do que ela estava falando. — Muffins são mais gostosos.

Ele botou o bolinho inteiro na boca e começou a mastigar.

Zetes pegou um mirtilo da cobertura de seu muffin e o mordeu com delicadeza.

— Ah, minha bela Piper... esperei tanto tempo para revê-la. Infelizmente, minha irmã tem razão. Não podemos soltar seus amigos. Na verdade, devemos levá-los para o Quebec, onde vão ser motivo eterno de chacota. Sinto muito, mas são nossas ordens.

— Ordens?

Desde o inverno anterior, Piper esperava que cedo ou tarde Quione mostrasse sua cara congelada. Quando a derrotaram na Casa dos Lobos em Sonoma, a deusa da neve jurara vingança. Mas por que Zetes e Cal estavam ali? No Quebec, os boreadas pareceram quase amistosos — pelo menos comparados a sua irmã glacial.

— Meninos, escutem — disse Piper. — Sua irmã desobedeceu Bóreas. Ela está trabalhando com os gigantes, tentando despertar Gaia. Planeja tomar o trono do pai de vocês.

Quione riu, um riso suave e frio.

— Querida Piper McLean. Você tenta manipular meus irmãos de mente fraca com seus encantamentos, como uma verdadeira filha da deusa do amor. Que boa mentirosa você é.

— *Mentirosa?* — gritou Piper. — Você tentou nos matar! Zetes, ela está trabalhando para Gaia!

Zetes se encolheu.

— Ah, bela garota. Estamos todos trabalhando para Gaia agora. Infelizmente, essas ordens foram de nosso pai, o próprio Bóreas.

— O quê? — Piper não queria acreditar naquilo, mas o sorriso convencido de Quione mostrou a ela que era verdade.

— Finalmente meu pai aceitou meu sábio conselho — disse Quione, satisfeita. — Ou pelo menos ele *fez isso* antes que sua personalidade romana entrasse em conflito com a grega. Uma pena, pois agora está um tanto incapacitado, mas me deixou no comando. Ordenou que as forças do Vento Norte fossem usadas a serviço do rei Porfírio. E, é claro... da Mãe Terra.

Piper engoliu em seco.

— Mas como vocês conseguiram chegar até aqui? — Com um gesto, mostrou o gelo que cobria todo o navio. — Estamos no verão!

Quione deu de ombros.

— Nossos poderes aumentaram. As leis da natureza estão de cabeça para baixo. Quando a Mãe Terra despertar, vamos refazer o mundo como desejarmos!

— Com hóquei — disse Cal, ainda de boca cheia. — E pizza. E muffins.

— Tá, tá — desdenhou Quione. — Tive que prometer algumas coisas a este grandalhão simplório. E para Zetes...

— Ah, minhas vontades são simples. — Zetes passou a mão no cabelo e piscou para Piper. — Eu devia tê-la mantido em nosso palácio quando nos conhecemos, querida Piper. Mas logo voltaremos para lá, juntos, e vamos viver um romance incrível.

— Obrigada, mas não, obrigada — disse Piper. — Agora *solte Jason*.

Ela concentrou todo seu poder nas palavras, e Zetes obedeceu. Estalou os dedos, e Jason descongelou imediatamente. Ele desabou no chão, sem fôlego e exalando vapor. Mas pelo menos estava vivo.

— Seu imbecil! — Quione estendeu a mão, e Jason recongelou, agora deitado no convés como um tapete de pele de urso. Ela repreendeu Zetes. — Se quer a garota como recompensa, deve provar que pode controlá-la. Não o contrário!

— Sim, é claro. — Zetes parecia envergonhado.

— E em relação a Jason... — Os olhos castanhos de Quione brilharam. — Ele e o resto de seus amigos vão se unir à nossa corte de estátuas de gelo no Quebec. Jason Grace vai ficar uma *graça* no salão do trono.

— Que inteligente — murmurou Piper. — Você levou o dia inteiro para pensar nessa piada?

Pelo menos Piper sabia que Jason ainda estava vivo, o que diminuiu um pouco seu pânico. O congelamento podia ser revertido. Isso significava que seus outros amigos provavelmente ainda estavam vivos sob o convés. Ela só precisava de um plano para libertá-los.

Infelizmente, não era Annabeth. Não era tão boa em elaborar planos do nada. Precisava de tempo para pensar.

— E Leo? — disse abruptamente. — Para onde você o mandou?

A deusa da neve caminhou com passos leves em torno de Jason, observando-o como se ele fosse uma escultura.

— Leo Valdez merecia um castigo especial — disse ela. — Eu o mandei para um lugar do qual nunca poderá voltar.

Piper mal conseguia respirar. Pobre Leo. A ideia de nunca mais voltar a vê-lo quase acabou com ela. Quione deve ter visto isso em seu rosto.

— Ah, minha querida Piper! — Ela deu um sorriso triunfante. — Mas isso é por um bem maior. Não podia tolerar Leo nem mesmo como uma estátua de gelo... não depois que me insultou. O tolo se recusou a reinar ao meu lado! E seu poder sobre o fogo... — Ela sacudiu a cabeça. — Não podemos deixá-lo se aproximar da Casa de Hades. Lorde Clítio gosta ainda menos de fogo do que eu.

Piper agarrou sua adaga.

Fogo, pensou. Obrigada por me lembrar, sua bruxa.

Ela examinou o convés. Como fazer fogo? Havia uma caixa cheia de frascos de fogo grego perto de uma das balistas, mas estava longe demais. Mesmo que conseguisse chegar lá sem ser transformada em uma estátua de gelo, o fogo grego queimaria tudo, incluindo o navio e todos os seus amigos. Tinha que haver outra maneira. Seus olhos se dirigiram à proa.

Ah.

Festus, a figura de proa, podia expelir muitas chamas. Infelizmente, estava desligado. E Piper não tinha ideia de como reativá-lo. Nunca teria tempo de descobrir os botões certos no painel de controle do navio. Tinha uma vaga lembrança de Leo mexendo no interior da cabeça do dragão de bronze, resmungando sobre um disco de controle; mas mesmo que Piper conseguisse chegar à proa, não saberia o que fazer.

Apesar disso, seu instinto lhe disse que Festus era sua melhor chance. Só precisava convencer seus captores a deixá-la chegar perto o suficiente...

— Bem! — Quione interrompeu seus pensamentos. — Sinto que nosso tempo aqui esteja no fim. Zetes, por favor...

— Espere! — disse Piper.

Era um comando simples, e funcionou. Os boreadas e Quione encararam a garota, atentos.

Piper estava quase certa de que poderia controlar os irmãos com o charme, mas Quione era um problema. Seu poder não funcionava muito bem se a pessoa não estivesse atraída por ela, ou se fossem seres poderosos como os deuses ou se a vítima *soubesse* sobre o charme e estivesse esperando por ele. Todas as alternativas se aplicavam a Quione.

O que Annabeth faria?

Enrolaria, pensou Piper. Na dúvida, continue falando.

— Você tem medo de meus amigos — disse ela. — Então por que simplesmente não os mata?

Quione riu.

— Você não é uma deusa, ou iria entender. A morte é tão curta, tão... insatisfatória. Suas almas mortais insignificantes vão para o Mundo Inferior, e o que acontece? O *melhor* que posso esperar é vocês serem mandados para os

Campos de Punição ou Asfódelos, mas semideuses são insuportavelmente nobres. A chance de irem para o Elísio ou renascereem é muito grande. Por que iria querer recompensar seus amigos se posso castigá-los por toda a eternidade?

— E eu? — Piper odiou perguntar. — Por que ainda estou viva e não fui congelada?

Quione olhou com aborrecimento para os irmãos.

— Um dos motivos é Zetes ter pedido você como recompensa.

— Eu beijo magnificamente bem — declarou Zetes. — Você vai ver, querida.

A ideia embrulhou o estômago de Piper.

— Mas esta não é a única razão — disse Quione. — A outra é que eu *odeio* você, Piper. Profundamente. Sem você, Jason teria ficado comigo no Quebec.

— Isso não é muita pretensão sua?

Os olhos de Quione ficaram duros como os diamantes do arco em seu cabelo.

— Você é um peso morto, a filha de uma deusa que não serve para nada. O que pode fazer sozinha? Nada. De todos os sete semideuses, você não tem objetivo, não tem poder. Quero que você fique neste navio, à deriva e desamparada, enquanto Gaia desperta e o mundo acaba. E só para garantir que você permaneça fora do caminho...

Ela gesticulou para Zetes, que pegou alguma coisa no ar — uma esfera do tamanho de uma bola de tênis coberta de pontas de gelo.

— Uma bomba — explicou Zetes. — Especialmente para você, meu amor.

— Bombas! — Cal riu. — Um dia bom! Bombas e muffins!

— Hã... — Piper baixou a adaga, que parecia ainda mais inútil do que o normal. — Flores já bastariam.

— Ah, a bomba não vai matar a garota bonita. — Zetes franziu o cenho. — Bem... estou *quase certo* disso. Mas quando o invólucro frágil se romper em... ah, daqui a pouco... ele vai liberar a força dos ventos do norte. O barco vai ser levado para longe de sua rota. Para muito, muito longe.

— Isso mesmo. — A voz de Quione estava carregada de falsa simpatia. — Vamos levar seus amigos para nossa coleção de estátuas, liberar os ventos e lhe dar adeus! Você pode assistir ao fim do mundo do... bem, do fim do mundo! Talvez consiga usar o charme nos peixes e se alimentar com sua cornucópia. Pode andar de um lado para outro no convés deste barco e assistir a nossa vitória na lâmina de sua adaga. Quando Gaia tiver despertado, e o mundo que você conhece estiver morto, *ai* Zetes pode retornar e torná-la sua esposa. O que vai fazer para nos deter, Piper? Uma heroína? Há! Você é uma piada.

Aquelas palavras doeram como chuva de granizo, principalmente porque Piper tinha pensado exatamente as mesmas coisas. O que ela podia fazer? Como podia salvar seus amigos?

Estava quase surtando — pulando enfurecida sobre seus inimigos e sendo morta por eles.

Olhou para a expressão arrogante de Quione e percebeu que a deusa estava torcendo por isso. Queria que Piper surtasse. Queria diversão.

A garota reuniu toda sua coragem. Lembrou-se das colegas que zombavam dela na Escola da Vida Selvagem. Lembrou-se de Drew, a cruel conselheira-chefe que ela substituíra no chalé de Afrodite; de Medeia, que enfeitiçara Jason e Leo em Chicago; e Jane, a velha assistente de seu pai, que sempre a tratara como uma criança mimada e inútil. Por toda sua vida foi menosprezada, chamada de inútil por todos.

Isso nunca foi verdade, murmurou outra voz, uma voz parecida com a de sua mãe. *Todos eles repreenderam você por temê-la e invejá-la. Assim como Quione. Use isso!*

Piper não estava com vontade, mas forçou uma risada. Tentou de novo, e a risada saiu com mais facilidade. Logo, estava às gargalhadas, se dobrando de rir.

Calais se juntou a ela, até ser cutucado com o cotovelo por Zetes.

O sorriso de Quione vacilou.

— O que foi? Qual é a graça? Acabei de condenar você!

— Me condenar! — Piper voltou a rir. — Ah, deuses... desculpe. — Tentou recuperar o fôlego e parar de rir. — Ah, nossa... está bem. Você acha mesmo que não tenho poder nenhum? Acha *mesmo* que não sirvo para nada? Deuses do Olimpo! Seu cérebro deve ter ressecado com o frio. Você não sabe do meu segredo, não é?

Os olhos de Quione se estreitaram.

— Você não tem segredo nenhum — disse ela. — Está mentindo.

— Está bem, como quiser — disse Piper. — Vá em frente e leve meus amigos. Me deixe aqui... *sem poder fazer nada*. — Ela resfolegou. — Sim. Gaia vai ficar *muito* satisfeita com você.

Um turbilhão de neve girou em torno da deusa. Nervosos, Zetes e Calais olhavam um para o outro.

— Irmã — disse Zetes. — Se ela tem mesmo algum segredo...

— Pizza? — arriscou Cal. — Hóquei?

— ...precisamos descobrir qual é — continuou Zetes.

Quione obviamente não tinha acreditado. Piper tentava se manter séria, mas fez os olhos dançarem travessos e bem-humorados.

Vá em frente, desafiou ela. *Pague para ver*.

— Que segredo? — perguntou Quione. — Conte para nós!

Piper deu de ombros.

— Como quiser. — Apontou despreocupadamente para a proa. — Por aqui,

pessoal do gelo.

XLIV

PIPER

ELA ABRIU CAMINHO ENTRE OS boreadas, o que foi como passar por um grande freezer. O ar em torno deles era extremamente frio e queimava o rosto dela. Parecia até que estava respirando neve pura.

Piper tentou não olhar para o corpo congelado de Jason quando passou. Tentou não pensar nos amigos lá embaixo, ou em Leo lançado para o céu, para um lugar sem volta. Ela *com certeza* tentava não pensar nos boreadas nem na deusa da neve, que a estavam seguindo.

Fixou os olhos na figura de proa.

O barco sacudia sob seus pés. Um único sopro de ar de verão infiltrou-se em meio ao frio, e Piper inspirou, considerando isso um bom presságio. Ainda era verão lá fora. Quione e os irmãos não pertenciam àquele lugar.

Piper sabia que não podia vencer uma luta direta contra Quione e dois caras alados que carregavam espadas. Não era tão inteligente quanto Annabeth, nem tão boa para solucionar problemas quanto Leo. Mas *possuía* poder. E pretendia usá-lo.

Na noite anterior, durante a conversa com Hazel, Piper se dera conta de que o domínio do charme era muito parecido com o do uso da Névoa. No passado, tivera muitas dificuldades para fazer seu charme funcionar, porque sempre mandava inimigos fazerem o que *ela* queria. Ela berrava “Não nos mate” quando o maior desejo do monstro era matá-los. Botava todo seu poder na voz e torcia para que fosse suficiente para superar a vontade do inimigo.

Às vezes funcionava, mas era exaustivo e incerto. Afrodite não era conhecida por seus confrontos diretos. Ela era sutileza, inteligência e sedução. Piper decidiu não se concentrar em mandar as pessoas fazerem o que ela queria. Precisava levá-los a fazer o que *eles* queriam.

Excelente na teoria, mas tinha dúvidas quanto à prática...

Parou no mastro principal e olhou para Quione.

— Uau, acabei de entender porque você nos odeia tanto — afirmou, enchendo a voz de piedade. — A gente a humilhou feio em Sonoma.

Os olhos de Quione brilharam como café congelado, e ela lançou um olhar desconfortável para os irmãos.

Piper riu.

— Ah, você não contou para eles! — deduziu. — Não a culpo. Você tinha um gigante do seu lado, além de um exército de lobos e nascidos da terra e nem assim conseguiu nos derrotar.

— Cale a boca! — sibilou a deusa.

O ar ficou enevoadado. Piper sentiu o gelo se acumular em suas sobrancelhas e congelar seus ouvidos, mas fingiu sorrir.

— Não importa. — Ela piscou para Zetes. — Mas *foi* bem engraçado.

— A garota bonita deve estar mentindo — disse Zetes. — Quione não foi *derrotada* na Casa dos Lobos. Ela disse que foi um... ah, qual foi a expressão? Uma retirada estratégica.

— Estra... o quê? — perguntou Cal. — Isso é de comer?

Piper empurrou o peito enorme do cara de maneira bem-humorada.

— Não, Cal. Isso significa que sua irmã fugiu.

— Não fugi! — gritou Quione.

— Do que foi mesmo que Hera chamou você? — Piper parou pensativa. — Ah, claro, uma deusa de meia-tigela!

Caiu novamente na gargalhada, e estava realmente se divertindo tanto que Zetes e Cal começaram a rir também.

— Isso é *très bon*! — disse Zetes. — Deusa de meia-tigela. Há!

— Há! — disse Cal. — A irmã fugiu! Há!

O vestido branco de Quione começou a emitir vapor. Uma camada de gelo se formou sobre a boca de Zetes e Cal para calá-los.

— Mostre-nos seu segredo, Piper McLean — grunhiu Quione. — E *reze* para que eu a deixe ileso neste navio. Se estiver brincando conosco, vou lhe mostrar os horrores das queimaduras provocadas pelo frio. Duvido que Zetes ainda a queira sem os dedos das mãos ou dos pés... talvez sem nariz ou orelhas.

Zetes e Cal cuspiram as tampas de gelo da boca.

— A moça bonita ia ficar menos bonita sem nariz — admitiu Zetes.

Piper tinha visto fotos de vítimas de queimaduras provocadas pelo frio. A ameaça a assustou, mas não deixou que isso transparecesse.

— Venham, então. — Ela os conduziu na direção da popa, cantarolando uma das canções favoritas do pai, “Summertime”.

*

Quando chegou à proa, pôs a mão no pescoço de Festus. Suas escamas de bronze estavam frias. Não havia ruído de engrenagens em funcionamento. Seus olhos de rubi estavam escuros e sem brilho.

— Lembra de nosso dragão? — perguntou Piper.

Quione riu com desdém.

— Esse não pode ser seu segredo. O dragão está quebrado. Seu fogo se extinguiu.

— Bem, sim... — Piper acariciou o focinho do dragão.

Não tinha o poder de Leo para ligar motores ou acionar circuitos. Não entendia nada sobre o funcionamento de máquinas. Tudo o que podia fazer era falar com sentimento e honestidade e dizer ao dragão o que ele *mais* queria ouvir.

— Mas Festus é mais que uma máquina. É uma criatura viva.

— Ridículo — respondeu a deusa com raiva. — Zetes, Cal... peguem os semideuses congelados lá embaixo. Depois vamos destruir a esfera dos ventos.

— Podem fazer isso, rapazes — concordou Piper. — Mas aí não vão ver Quione humilhada. Sei que gostariam disso.

Os boreadas hesitaram.

— Hóquei? — perguntou Cal.

— Quase tão bom — prometeu Piper. — Você lutou do lado de Jasão e os Argonautas, não lutou? Em um barco como este, o primeiro *Argo*.

— É — concordou Zetes. — O *Argo*. Bem parecido com este, mas não tínhamos um dragão.

— Não preste atenção nela! — repreendeu Quione.

Piper sentiu o gelo se formando sobre seus lábios.

— Você pode me calar — disse depressa. — Mas quer saber meu poder secreto... como vou destruir você, Gaia e os gigantes.

O ódio fervilhava nos olhos de Quione, mas a deusa conteve seu poder de congelamento.

— Você... não... tem... nenhum... poder — insistiu.

— Falou como uma deusa de meia-tigela — disse Piper. — Uma que nunca é levada a sério, que *sempre* quer mais poder.

Ela se virou para Festus e passou a mão por trás de suas orelhas de metal.

— Você é um bom amigo, Festus. Ninguém pode realmente desativá-lo. É mais que uma máquina. Quione não entende isso.

Piper se virou para os boreadas.

— Ela também não valoriza vocês, sabiam? Acha que pode mandar nos dois porque são semideuses, não são totalmente deuses. Ela não entende que formam uma equipe poderosa.

— Uma equipe — grunhiu Cal. — Como os ca-na-den-ses.

Cal se esforçou para dizer a palavra, já que possuía mais de duas sílabas. Ele sorriu e pareceu muito satisfeito consigo mesmo.

— Exatamente — concordou Piper. — Igual a um time de hóquei. O todo é maior que as partes.

— Como uma pizza — acrescentou Cal.

Piper riu.

— Você é esperto, Cal! Até eu subestimei você.

— Espere aí — protestou Zetes. — Também sou esperto. E bonito.

— Muito esperto — concordou Piper, ignorando a parte do *e bonito*. — Então largue essa bomba de vento e veja Quione ser humilhada.

Zetes sorriu. Ele se agachou e jogou a esfera de gelo rolando pelo convés.

— Seu tolo! — berrou Quione.

Antes que a deusa pudesse ir atrás da esfera, Piper gritou.

— Nossa arma secreta, Quione! Não somos só um bando de semideuses. Somos uma equipe. Assim como Festus é mais que um monte de peças. Ele tem *vida*. Ele é *meu amigo*. E quando seus amigos estão com problemas, especialmente Leo, ele desperta *por conta própria*.

Pôs toda confiança na voz, todo seu amor pelo dragão de metal e a lembrança de tudo o que ele fez por eles.

A parte racional dela sabia que era uma tentativa fadada ao fracasso. Como podia acionar uma máquina usando emoções?

Mas Afrodite não era racional. Ela exercia seus poderes através das emoções. Era a mais velha e mais primordial dos olímpianos, nascida do sangue de Urano em agitação no mar. Seu poder era mais antigo que o de Hefesto, de Atena ou mesmo de Zeus.

Por um minuto terrível, nada aconteceu. Quione apenas olhava para ela. Os boreadas, então, começaram a sair de seu transe e pareciam decepcionados.

— Esqueçam nosso plano — rosnou Quione. — Matem-na!

Quando os boreadas ergueram suas espadas, a pele metálica do dragão esquentou sob a mão de Piper. Ela saiu do caminho e saltou sobre a deusa da neve, enquanto Festus virou a cabeça cento e oitenta graus, explodiu os boreadas e os vaporizou no ato. Por algum motivo, a espada de Zetes foi poupada. Ela caiu no convés, ainda fumegante.

Piper conseguiu ficar de pé. Viu a esfera dos ventos na base do mastro principal. Correu para pegá-la, mas antes que conseguisse chegar perto, Quione

se materializou a sua frente em um redemoinho de gelo. Sua pele reluzia com brilho o bastante para cegar.

— Sua *desgraçada* — rosnou. — Acha que pode me derrotar? A mim, uma deusa?

Atrás de Piper, Festus rugiu e expeliu vapor, mas a garota sabia que ele não podia lançar fogo de novo sem acertá-la também.

Cerca de cinco metros atrás da deusa, a esfera de gelo começou a rachar e emitir um chiado.

Piper não tinha mais tempo para detalhes. Berrou, ergueu a adaga e atacou a deusa.

Quione agarrou seu pulso, e o braço de Piper se cobriu de gelo. A lâmina de Katoptris ficou branca.

O rosto da deusa estava a vinte centímetros do dela. Quione sorria, sabendo que tinha vencido.

— Uma filha de Afrodite — repreendeu-a. — Você não é *nada*.

Festus tornou a crepitar. Piper podia jurar que ele estava tentando gritar palavras de estímulo.

De repente, seu peito se aqueceu, não devido à raiva ou ao medo, mas ao amor por aquele dragão; e por Jason, que dependia dela; e por seus amigos congelados; e Leo, que estava perdido e ia precisar de sua ajuda.

Talvez o amor não fosse páreo para o gelo... mas Piper o havia usado para despertar um dragão de metal. Mortais eram capazes de feitos sobre-humanos em nome do amor o tempo todo. Mães erguiam carros para salvar seus filhos. E Piper era mais que uma simples mortal. Era uma semideusa. Uma heroína.

O gelo em sua lâmina derreteu. Seu braço soltava vapor onde Quione a segurava.

— Ainda está me subestimando — disse Piper para a deusa. — Você precisa reavaliar isso.

A expressão arrogante de Quione perdeu forças quando Piper golpeou para baixo com sua adaga.

A lâmina tocou o peito de Quione, e a deusa explodiu numa tempestade de neve em miniatura. Piper desmoronou, sem forças por causa do frio. Ouviu o ruído de Festus em funcionamento, e o som dos alarmes foi reativado.

A bomba.

Piper se esforçou para levantar. A esfera estava a uns três metros de distância, chiando e girando à medida que os ventos em seu interior começavam a se agitar.

Piper pulou para pegá-la.

Seus dedos se fecharam ao redor da bomba no momento exato em que o gelo

se despedaçou e os ventos explodiram.

XLV

PERCY

PERCY SENTIA SAUDADE DO PÂNTANO.

Nunca imaginou que sentiria falta de dormir na cama de couro de um gigante no interior de uma cabana construída com ossos de drakon em um lugar nojento, mas naquele momento isso parecia até o Elísio.

Ele, Annabeth e Bob avançavam com dificuldade pela escuridão. O ar estava denso e frio, e ora passavam por trechos de rochas afiadas, ora por poças gosmentas. O terreno parecia feito especialmente para que Percy jamais pudesse baixar a guarda. Mesmo caminhar dois metros era um sacrifício.

Começara se sentindo revigorado. Estava com a cabeça limpa e a barriga cheia de carne-seca de drakon de seus sacos de provisões. Agora suas pernas doíam. Todos os músculos latejavam. Vestiu uma túnica improvisada de couro de drakon por cima da camiseta esfarrapada, mas isso de nada adiantou para protegê-lo do frio.

Sua atenção estava toda concentrada no chão à sua frente. Não existia nada além disso e de Annabeth ao seu lado.

Sempre que tinha vontade de desistir, desabar no chão e morrer (o que acontecia a aproximadamente cada dez minutos), Percy segurava a mão dela, só para poder se lembrar de que ainda havia calor no mundo.

Depois da conversa de Annabeth com Damásen, Percy ficou preocupado com a namorada. Apesar de quase nunca se render ao desespero, ela secava lágrimas enquanto andavam, tentando evitar que Percy notasse. Ele sabia que Annabeth odiava quando seus planos não funcionavam. Estava convencida de que precisavam da ajuda de Damásen, mas o gigante não atendera ao seu pedido.

Parte de Percy ficou aliviada. Já estava bem preocupado com a possibilidade de Bob ficar ao seu lado quando chegassem às Portas da Morte. Não sabia se

queria um gigante como aliado, mesmo que esse gigante soubesse preparar um belo caldeirão de ensopado.

Ele se perguntou o que havia acontecido depois que deixaram a cabana de Damásen. Fazia horas que não ouviam seus perseguidores, mas Percy podia sentir seu ódio... especialmente o de Polibotes. O gigante estava lá atrás em algum lugar, perseguindo-os e empurrando-os cada vez mais para as profundezas do Tártaro.

Percy tentava pensar em coisas boas para não se deixar abater, como o lago no Acampamento Meio-Sangue ou a primeira vez em que beijou Annabeth debaixo da água. Tentou imaginar os dois juntos em Nova Roma, caminhando de mãos dadas pelas colinas. Mas tanto o Acampamento Júpiter quanto o Acampamento Meio-Sangue pareciam sonhos distantes. Tinha a impressão de que só existia o Tártaro. Aquele era o mundo real: morte, trevas, frio, sofrimento. Todo o resto era só fruto de sua imaginação.

Percy estremeceu. Não. Aquele era o Tártaro tentando fazê-lo desistir. Ele se perguntou como Nico tinha sobrevivido ali sozinho sem ficar maluco. Aquele garoto era mais forte do que Percy imaginara. Quanto mais fundo chegavam, mais difícil ficava manter a concentração.

— Este lugar é pior que o Rio Cócito — murmurou.

— É — retrucou Bob alegremente. — Muito pior! Isso quer dizer que estamos chegando.

Chegando onde? Mas Percy não teve forças para perguntar em voz alta. Percebeu que Bob Pequeno havia se escondido de novo no uniforme de Bob, o que reforçou suas suspeitas de que o gato era o mais esperto do grupo.

Annabeth entrelaçou os dedos nos dele. O rosto dela ficava lindo à luz de sua espada de bronze.

— Estamos juntos — lembrou ela. — Vamos sair dessa.

Ele tinha ficado tão preocupado em não deixá-la se abater, e era Annabeth quem estava ali reconfortando-o.

— É. Vai ser moleza.

— Mas no próximo encontro quero ir a outro lugar.

— Paris foi legal.

Ela conseguiu sorrir. Havia alguns meses, antes da amnésia de Percy, eles jantaram em Paris com os cumprimentos de Hermes. Isso parecia ter acontecido em outra vida.

— Eu me contento com Nova Roma — sugeriu ela. — Desde que você esteja lá comigo.

Cara, Annabeth era maravilhosa. Por um instante, Percy se lembrou de como era se sentir feliz de verdade. Sua namorada era fantástica. Eles podiam ter um

futuro juntos.

Então a escuridão se dissipou em uma lufada, como o último suspiro de um deus moribundo. Havia uma clareira diante deles, um campo estéril de pedra e poeira. No centro, a uns vinte metros de distância, estava ajoelhada uma mulher repulsiva. Ela usava roupas esfarrapadas, tinha membros macilentos e sua pele parecia couro esverdeado. Com a cabeça pendendo sobre o peito, chorava baixinho, e aquele som destruiu as esperanças de Percy.

Ele se deu conta de como a vida não tinha sentido. Seus esforços eram em vão. Aquela mulher chorava como se pranteasse a morte do mundo inteiro.

— Chegamos — anunciou Bob. — Akhlys pode ajudar.

XLVI

PERCY

SE AQUELA CRIATURA CHOROSA ERA a ideia que Bob tinha de ajuda, Percy com certeza não queria ser ajudado.

Mesmo assim, o titã avançou a passos largos. Percy se sentiu obrigado a segui-lo. Pelo menos aquela área era menos escura. Não exatamente clara, mas havia ali um tipo de neblina branca e espessa.

— Akhlys! — chamou Bob.

A criatura levantou a cabeça, e o estômago de Percy gritou: *Socorro!*

O corpo dela já era horrível. Parecia extremamente desnutrida. Os braços e as pernas eram finos como varetas, com joelhos e cotovelos ossudos. Estava vestida com farrapos e tinha as unhas das mãos e dos pés quebradas. Havia terra incrustada em sua pele e amontoada em seus ombros, como se tivesse ficado parada na parte de baixo de uma ampulheta.

O rosto era a imagem da miséria. Os olhos fundos e congestionados vertiam lágrimas. O nariz escorria como um chafariz. Os cabelos prateados, ralos e desgrenhados, estavam grudados à cabeça em mechas sebosas, e suas bochechas tinham cortes e sangravam como se ela tivesse arranhado o próprio rosto.

Percy não conseguia encará-la, por isso desviou o olhar. A mulher tinha no colo um escudo antigo de madeira e bronze, amassado e desgastado, pintado com a imagem dela mesma segurando um escudo. Havia uma imagem dentro da outra, infinitamente.

— O escudo — murmurou Annabeth. — É *dele*. Achei que fosse apenas uma lenda.

— Ah, não — disse a velha repulsiva. — O escudo de Hércules. Ele pintou minha imagem em seu escudo para que a última visão de seus inimigos fosse eu, a deusa da miséria. — Ela tossiu com tanta força que até o peito de Percy doeu.

— Como se Hércules soubesse o que é miséria de verdade. A pintura não ficou nem parecida comigo!

Percy engoliu em seco. Quando ele e os amigos encontraram Hércules no Estreito de Gibraltar o resultado não fora nada bom. Terminara em muitos gritos, ameaças de morte e torrentes de abacaxis.

— O que o escudo dele está fazendo aqui? — perguntou Percy.

A deusa o encarou com seus olhos úmidos e leitosos. O sangue que escorria de suas bochechas pingava e manchava o vestido esfarrapado de pontinhos vermelhos.

— Ele não precisa mais dele, precisa? Veio parar aqui quando seu corpo mortal foi queimado. Um lembrete, imagino, de que nenhum escudo é suficiente. No fim, a miséria vence todos vocês. Até Hércules.

Percy chegou mais para perto de Annabeth. Tentou se lembrar do porquê de terem ido até ali, mas o desespero que sentia prejudicava seu raciocínio. Depois de ouvir Akhlys falar, não achou mais estranho que ela tivesse arranhado o próprio rosto. A deusa irradiava sofrimento.

— Bob — disse Percy. — Não devíamos ter vindo aqui.

De algum lugar dentro do uniforme de Bob, o gatinho esqueleto concordou com um miado.

O titã parecia desconfortável e fez uma careta de dor, como se Bob Pequeno estivesse afiando as garras em suas axilas.

— Akhlys controla a Névoa da Morte — insistiu ele. — Ela pode esconder vocês.

— *Escondê-los?* — Akhlys emitiu um som gorgolejante. Ou ela estava rindo, ou estava morrendo sufocada. — Por que eu faria isso?

— Eles precisam chegar às Portas da Morte — disse Bob. — Para retornar ao mundo mortal.

— Impossível! — disse Akhlys. — As forças do Tártaro vão encontrá-los. E matá-los.

Annabeth girou a lâmina de sua espada de osso de drakon, o que, Percy teve que admitir, a deixou intimidante e sensual, como uma princesa bárbara.

— Então acho que essa sua Névoa da Morte não serve para nada — disse a garota.

A deusa mostrou os dentes amarelos e deteriorados.

— *Para nada?* Quem é você?

— Uma filha de Atena. — Annabeth soava corajosa. Percy não entendia como ela conseguia fazer isso. — Não caminhei por meio Tártaro para uma deusa menor qualquer vir me dizer o que é ou não impossível.

O chão estremeceu. Uma névoa começou a subir, e eles ouviram um pranto

agonizante.

— Deusa menor? — As unhas retorcidas de Akhlys se cravaram no escudo de Hércules, perfurando o metal. — Eu era velha antes do nascimento dos titãs, sua ignorante. Era velha antes de Gaia despertar. A miséria é *eterna*. A existência é uma miséria. Sou filha dos mais antigos, o Caos e a Noite. Eu era...

— Sim, sim — disse Annabeth. — Tristeza e miséria, blá-blá-blá. O que importa é que você não tem poder suficiente para esconder dois semideuses com sua Névoa da Morte. Como eu falei: não serve para nada.

Percy pigarreou.

— Hã, Annabeth...

A filha de Atena lhe lançou um olhar de advertência que dizia: *colabore*. Percy percebeu que Annabeth estava apavorada, mas não havia alternativa. Aquela era a melhor chance que tinham de convencer a deusa a fazer alguma coisa.

— Quer dizer... Annabeth tem razão! — arriscou Percy. — Bob nos fez vir até tão longe porque achava que você podia ajudar. Mas parece que está ocupada demais olhando para esse escudo e chorando. Não posso culpá-la. É a sua cara.

Akhlys deu um gemido de sofrimento e olhou para o titã.

— Por que trouxe essas crianças irritantes até aqui?

Bob emitiu um ruído que era uma mistura de rugido com choramingo.

— Eu achei... achei...

— A Névoa da Morte não existe para *ajudar*! — gritou Akhlys. — Ela envolve mortais em miséria enquanto suas almas penetram no Mundo Inferior. É a própria respiração do Tártaro, da morte, do desespero!

— Maravilha — disse Percy. — Será que podemos levar duas porções para viagem?

Akhlys sibilou:

— Peçam algo mais razoável. Também sou a deusa dos venenos. Posso lhes oferecer a morte... Milhares de maneiras de morrer menos dolorosas do que a que escolheram ao decidir seguir para o coração do Tártaro.

Flores brotaram na poeira em torno da deusa... botões roxo-escuro, laranja e vermelhos que tinham um aroma doce e enjoativo. Percy ficou tonto.

— Erva-moura — ofereceu Akhlys. — Cicuta. Beladona, meimendo ou estricnina. Posso dissolver suas entranhas, fazer seu sangue ferver.

— É muita gentileza sua — disse Percy. — Mas já tomei bastante veneno para uma viagem só. Agora, você pode nos esconder em sua Névoa da Morte ou não?

— É, vai ser divertido — incentivou Annabeth.

A deusa os observou com desconfiança.

— *Divertido?*

— Claro — assegurou Annabeth. — Se falharmos, pense como vai ser ótimo para você poder se vangloriar quando morrermos em agonia. Vai poder dizer “*Eu avisei! Eu avisei!*” por toda a eternidade.

— Ou, se tivermos sucesso... — completou Percy. — Pense em como os monstros aqui embaixo vão sofrer. Nosso objetivo é fechar as Portas da Morte. Isso vai provocar muitos gemidos e lamentos.

Akhlys pareceu considerar a ideia.

— Gosto de sofrimento. E também de lamentos.

— Então está combinado — disse Percy. — Faça a gente ficar invisível.

Akhlys levantou com dificuldade. O escudo de Hércules caiu para o lado e rolou até um arbusto de plantas venenosas.

— Não é tão simples assim — explicou a deusa. — A Névoa da Morte chega no momento em que se está perto do fim. Só então seus olhos ficam nublados. E o mundo desaparece.

Percy sentiu a boca seca.

— Tudo bem. Mas... isso vai nos esconder dos monstros?

— Ah, vai — disse Akhlys. — Se sobreviverem ao processo, vão passar despercebidos pelas forças do Tártaro. Não há a menor esperança de sobreviverem, claro, mas, se estão mesmo decididos, podem vir. Vou mostrar o caminho.

— O caminho para onde, exatamente? — perguntou Annabeth.

A deusa já estava se arrastando para a escuridão.

Percy virou-se, à procura de Bob, mas o titã havia desaparecido. Como é que um cara prateado de três metros de altura com um gatinho muito barulhento desaparece do nada?

— Ei! — gritou Percy para Akhlys. — Onde está nosso amigo?

— Ele não pode seguir este caminho — retrucou a deusa. — Ele não é mortal. Venham, tolinhos. Venham experimentar a Névoa da Morte.

Annabeth suspirou e segurou a mão de Percy.

— Bem... Não pode ser tão ruim assim, não é?

O comentário era tão ridículo que Percy riu, apesar de isso fazer seus pulmões doerem.

— Verdade. Mas no próximo encontro, vamos jantar em Nova Roma.

Juntos, seguiram as pegadas da deusa entre as plantas venenosas, rumo às profundezas da névoa.

XLVII

PERCY

PERCY SENTIA FALTA DE **BOB**.

Tinha se acostumado a ter o titã ao seu lado, iluminando o caminho com seus cabelos prateados e a temível vassoura de guerra.

Agora, seu único guia era uma senhora cadavérica com sérios problemas de autoestima.

À medida que avançavam devagar pela planície poeirenta, a névoa foi ficando tão densa que Percy teve que resistir ao impulso de afastá-la com as mãos. Só conseguia seguir a trilha de Akhlys porque por onde a deusa passava brotavam plantas venenosas.

Se aquele ainda era o corpo de Tártaro, Percy achava que deviam estar na sola do pé, uma área áspera e calosa onde cresciam apenas as plantas mais nojentas.

Finalmente chegaram ao fim do dedão. Pelo menos era o que parecia ser. A névoa, então, se dissipou, e eles se viram em uma península em meio a um vazio negro como breu.

— Chegamos. — Akhlys se virou e lançou um olhar maligno para eles.

O sangue de suas bochechas escorria e pingava na veste. Os olhos doentios da deusa pareciam úmidos e inchados, mas de algum modo entusiasmados. Será que a miséria consegue parecer entusiasmada?

— Hã... ótimo. Mas chegamos *onde*? — perguntou Percy.

— À beira da morte final — disse Akhlys. — Onde a Noite encontra o vazio abaixo do Tártaro.

Annabeth avançou alguns centímetros e espiou o precipício.

— Pensei que não existisse nada abaixo do Tártaro.

— Mas há, com certeza há... — Akhlys tossiu. — Até o Tártaro teve que surgir de algum lugar. Este é o limite da escuridão mais antiga, que era minha

mãe. Abaixo ficam os domínios de Caos, meu pai. Aqui vocês estão mais perto do nada do que qualquer mortal jamais esteve. Não conseguem sentir?

Percy percebia o que a deusa queria dizer. O vazio parecia atraí-lo, roubando o ar de seus pulmões e o oxigênio de seu sangue. Ele olhou para Annabeth e viu que os lábios dela estavam ficando azuis.

— Não podemos ficar parados aqui — disse o semideus.

— Não mesmo! — disse Akhlys. — Vocês não sentem a Névoa da Morte? Estão passando por ela agora mesmo. Vejam!

Havia uma fumaça branca se acumulando aos pés de Percy. Conforme aquilo o envolvia e subia por seu corpo, ele se deu conta de que a fumaça não o estava cercando, mas emanava *dele*. Todo seu corpo estava se dissolvendo. Examinou as mãos e viu que estavam turvas e indistintas. Nem conseguia dizer quantos dedos tinha. Esperava que ainda fossem dez.

Ele se virou para Annabeth e sufocou um gemido.

— Você... hã...

Não conseguiu falar. Ela parecia *morta*.

Estava pálida, com os olhos escuros e fundos. Seus lindos cabelos tinham secado e se transformado em um emaranhado feito teias de aranha. Parecia ter ficado presa em um mausoléu frio e escuro por décadas, secando e murchando devagar até virar uma casca ressecada. Quando se virou para olhar para ele, seus traços momentaneamente se turvaram em uma névoa.

O sangue de Percy circulava como seiva em suas veias.

Por anos ele se preocupara com a morte de Annabeth. Quando você é um semideus, isso vem no pacote. A maioria dos meios-sangues não vivia muito. Você já sabia que o próximo monstro que enfrentasse poderia ser o último. Mas ver Annabeth daquele jeito era doloroso demais. Percy preferiria pular no Rio Flegetonte, ou ser atacado por *arai*, ou pisoteado por gigantes.

— Ah, deuses — soluçou Annabeth. — Percy, você...

Percy olhou para os próprios braços. Viu apenas bolhas de névoa branca, mas para Annabeth ele devia estar parecendo um cadáver. Deu alguns passos, apesar de não ser fácil. Seu corpo parecia não ter substância, como se fosse feito de gás hélio e algodão-doce.

— Já estive melhor — reconheceu. — Não consigo me mexer direito. Mas estou bem.

Akhlys riu.

— Ah, com certeza você *não* está bem.

Percy franziu a testa.

— Mas agora vamos passar sem ser vistos? Podemos chegar às Portas da Morte?

— Bem, talvez vocês conseguissem — respondeu a deusa. — Se sobrevivessem. O que não vai acontecer.

Akhlys abriu os dedos retorcidos. Mais plantas brotaram na beira do precipício: cicutas, ervas-mouras e oleandros avançaram na direção dos pés de Percy como um tapete letal.

— A Névoa da Morte não é simplesmente um disfarce, sabiam? É um estado. Eu não poderia lhes dar esse presente a menos que ele fosse seguido pela morte, morte de verdade.

— É uma armadilha — disse Annabeth.

A deusa deu uma gargalhada.

— Vocês não *esperavam* que eu os traísse?

— Esperávamos — responderam Percy e Annabeth ao mesmo tempo.

— Ora, então nem foi realmente uma armadilha, não é? Foi mais um acontecimento inevitável. A miséria é inevitável. A dor...

— É, é — rosnou Percy. — Vamos logo à luta.

Ele sacou a Contracorrente, mas a lâmina tinha virado fumaça. Quando golpeou Akhlys, a espada apenas esvoaçou ao redor dela como uma brisa suave.

A boca arruinada da deusa se abriu em um sorriso.

— Ah, será que me esqueci de dizer? Vocês agora são apenas névoa, uma sombra anterior à morte. Talvez, se tivessem tempo, pudessem aprender a controlar sua nova forma. Mas *não têm*. E como não podem me tocar, temo que qualquer luta contra a miséria seja causa perdida.

Suas unhas cresceram e viraram garras. Sua mandíbula se deslocou, e os dentes amarelados se alongaram em presas.

XLVIII

PERCY

AKHLYS SE LANÇOU SOBRE **P**ERCY, e por uma fração de segundo o semideus pensou: *Ora, eu sou apenas fumaça. Ela não pode me atingir, certo?*

Ele imaginou as Parcas no Olimpo rindo de sua ingenuidade: *LOL, seu noob!*

As garras da deusa arranharam seu peito e queimaram como água fervente.

Percy cambaleou para trás, mas não estava acostumado ao corpo de fumaça. As pernas se moviam muito devagar. Os braços pareciam lenços de papel. Desesperado, arremessou a mochila nela, pensando que talvez ficasse sólida quando saísse de suas mãos, mas não teve essa sorte. Ela fez um ruído baixo e abafado ao cair.

Akhlys rosnou e se agachou, preparando-se para saltar. Teria arrancado o rosto de Percy com uma mordida se Annabeth não tivesse avançado e gritado bem no ouvido da deusa:

— Ei!

Akhlys levou um susto e se virou na direção do som.

Ela atacou, mas Annabeth era mais ágil que Percy. Talvez não estivesse se sentindo tão feita de fumaça, ou talvez simplesmente tivesse mais treinamento de combate. Vivia no Acampamento Meio-Sangue desde os sete anos. Provavelmente tivera aulas que Percy nunca frequentara, como Técnicas de Luta para Quando se Estiver em Forma de Fumaça.

Annabeth deu uma cambalhota, passando por baixo das pernas da deusa, e voltou a ficar de pé. Akhlys se virou e atacou, mas Annabeth estava preparada e se esquivou, como uma toureira.

Percy estava tão atônito que desperdiçou alguns segundos preciosos. Ficou olhando para o cadáver de Annabeth, envolto em névoa, mas se movendo com a rapidez e a confiança de sempre. Então, entendeu por que ela estava fazendo

aquilo: para ganhar tempo. O que significava que ele precisava ajudar.

Tentou raciocinar, desesperado, querendo bolar um plano para derrotar a miséria. Como ele poderia lutar se não conseguia tocar em nada?

No terceiro ataque de Akhlys, Annabeth não teve a mesma sorte. Tentou se virar de lado, mas a deusa agarrou seu pulso, puxou-a com força e jogou-a longe.

Antes que a deusa pudesse dar o bote, Percy avançou, gritando e brandindo a espada. Ainda se sentia tão sólido quanto um lenço de papel, mas a raiva pareceu deixá-lo mais ágil.

— E aí, feliz? — gritou ele.

Akhlys se voltou para ele, largando o braço de Annabeth.

— Feliz?

— É! — Ele se agachou quando a deusa tentou golpear sua cabeça. — Você está que é pura alegria!

— Argh! — Ela atacou de novo, mas estava sem equilíbrio.

Percy deu um passo para o lado e recuou, atraindo a deusa para mais longe de Annabeth.

— Simpática! — chamou ele. — Agradável!

A deusa rosnou, estremeceu e partiu na direção de Percy. Cada elogio parecia atingi-la como uma bofetada.

— Vou matá-lo bem devagar! — grunhiu ela com os olhos e o nariz escorrendo, e sangue pingando das bochechas. — Vou cortá-lo em pedaços em um sacrifício para a Noite!

Annabeth conseguiu ficar de pé. Começou a remexer em sua sacola, com certeza à procura de algo que pudesse ser útil.

Percy queria lhe dar mais tempo. Ela era o cérebro. Era melhor que ele fosse atacado enquanto a filha de Atena bolava um plano brilhante.

— Fofa! — berrou Percy. — Tão macia e quentinha que dá vontade de abraçar!

Akhlys emitia um grunhido engasgado, como um gato tendo uma convulsão.

— Uma morte lenta! — gritou ela. — Uma morte por mil venenos!

Ao redor dela cresciam plantas venenosas que se avolumavam e explodiam como balões de gás. Uma seiva verde e branca se acumulava em poças e começava a se espalhar pelo chão na direção de Percy. Os vapores de aroma adocicado o deixavam tonto.

— Percy! — A voz de Annabeth pareceu distante. — Hã, ei, Miss Simpatia! Felicíssima! Sorriso encantador! Aqui!

Mas a deusa da miséria estava concentrada em Percy. O garoto tentou recuar outra vez. Infelizmente, estava cercado pelo icor venenoso, que corroía o chão e fazia o ar arder. Percy se viu preso em uma ilha de poeira não muito maior que

um escudo. A alguns metros de distância, sua mochila virou fumaça e desapareceu em uma poça repugnante. Percy não tinha para onde ir.

Ele se agachou, apoiando-se em um joelho. Queria mandar Annabeth correr, mas não conseguia falar. Sua garganta estava seca como folhas mortas.

Desejou que houvesse água no Tártaro, um belo lago em que pudesse mergulhar para se curar, ou talvez um rio que conseguisse controlar. Já ficaria satisfeito só com uma garrafa de água mineral.

— Você vai alimentar a escuridão eterna — prometeu Akhlys. — Vai morrer nos braços da Noite!

Percy ouvia Annabeth ao longe, gritando e arremessando pedaços de carne-seca de drakon na deusa. O veneno verde e branco continuava a se acumular. Pequenos filetes escorriam das plantas, aumentando o lago venenoso ao seu redor.

Lago, pensou. Rio. Água.

Provavelmente era só o seu cérebro fritando com os vapores venenosos, mas Percy riu. O veneno era líquido. Se aquilo escorria como água, devia ser parcialmente feito de água.

Ele se lembrou de uma aula de ciências em que aprendeu que a maior parte do corpo humano era composta de água. Ele se lembrou de quando fez sair a água dos pulmões de Jason, em Roma... Se tinha conseguido controlar *aquilo*, então por que não outros líquidos?

Era uma ideia maluca. Poseidon era o deus do mar, não de todos os líquidos.

Entretanto, o Tártaro tinha suas próprias regras. O fogo era bebível. O chão era o corpo de um deus sombrio. O ar era ácido, e semideuses podiam ser transformados em cadáveres de fumaça.

Então por que não tentar? Não tinha mais nada a perder.

Encarou fixamente a grande poça de veneno que o cercava. Concentrou-se tanto que algo em seu interior estalou, como se uma bola de cristal tivesse se espatifado em seu estômago.

Sentiu o calor fluir por seu corpo. A poça de veneno parou de se aproximar.

Os vapores foram soprados para longe dele, na direção da deusa. O lago de veneno fluiu na direção dela com pequenas ondas e marolas.

Akhlys gritou.

— O que é isso?

— Veneno. É sua especialidade, não?

Ele levantou. Ficou cada vez mais furioso, sentindo a raiva fervendo dentro de si. O veneno continuou a correr na direção da deusa, e os vapores começaram a fazê-la tossir. Os olhos dela lacrimejaram ainda mais.

Ah, ótimo, pensou Percy. Mais água.

Percy imaginou o nariz e a garganta dela se enchendo com as próprias lágrimas.

Akhlys não conseguia falar.

— Eu... — A onda de veneno alcançou seus pés e começou a borbulhar como gotas de água em uma superfície quente de metal. Ela gemeu e recuou, trôpega.

— Percy! — chamou Annabeth.

Ela havia se aproximado da beira do precipício, apesar de o veneno não estar indo em sua direção. Parecia estar morrendo de medo. Demorou para Percy se dar conta de que ela estava com medo *dele*.

— Pare... — suplicou ela com voz rouca.

Ele não queria parar. Queria sufocar aquela deusa. Queria vê-la se afogar no próprio veneno. Queria ver quanta miséria a deusa Miséria poderia aguentar.

— Percy, por favor... — O rosto de Annabeth ainda estava pálido e cadavérico, mas seus olhos eram os mesmos de sempre.

A angústia neles fez a raiva de Percy desaparecer.

Ele se virou para a deusa. Fez a poça retroceder e escorrer pela beira do penhasco.

— Vá embora! — gritou ele.

Para um quase esqueleto ambulante, Akhlys podia correr bem rápido quando queria. A deusa se afastou aos tropeços, caiu de cara e se levantou de novo, uivando enquanto corria escuridão adentro.

Assim que foi embora, as poças de veneno evaporaram. As plantas venenosas viraram pó e foram levadas pelo vento.

Annabeth cambaleou na direção dele. Parecia um cadáver envolto em névoa, mas Percy sentiu seu toque quando ela agarrou os braços dele.

— Percy, por favor, não, nunca mais... — A voz dela falhou. — Algumas coisas não são feitas para serem controladas. Por favor.

Ele ainda se sentia poderoso, mas a raiva estava desaparecendo. O vidro estilhaçado dentro dele estava começando a perder o corte.

— É — concordou. — É, tudo bem.

— Temos que sair de perto deste precipício — disse Annabeth. — Se Akhlys nos trouxe aqui como algum tipo de sacrifício...

Percy tentou raciocinar. Estava ficando acostumado a se mexer com a Névoa da Morte ao seu redor. Sentia-se mais sólido, mais parecido com seu antigo eu. Mas seu cérebro ainda parecia feito de algodão-doce.

— Ela falou algo sobre nos dar à noite como alimento — lembrou ele. — O que queria dizer com isso?

A temperatura caiu. O abismo diante deles parecia respirar.

Percy agarrou Annabeth e juntos se afastaram da beirada quando uma

presença emergiu do vazio, uma forma tão vasta e sombria que ele teve a impressão de só então compreender o significado de *escuro*.

— Imagino — disse a escuridão, em uma voz feminina tão suave quanto um forro de caixão — que ela se referia à Noite com N maiúsculo. Afinal de contas, eu sou a única.

XLIX

LEO

NA OPINIÃO DE LEO, ELE passava mais tempo caindo do que voando.

Se existisse um programa de fidelidade para pessoas que caem sempre, ele seria, tipo, cliente VIP.

Recobrou consciência enquanto estava em queda livre entre as nuvens. Tinha uma vaga lembrança de Quione insultando-o antes de ele ser lançado no céu. Não a vira, mas jamais esqueceria a voz daquela bruxa da neve. Leo não sabia por quanto tempo ganhara altitude, mas em algum momento desmaiara com o frio e a falta de oxigênio. Agora estava caindo, rumo à maior de todas as suas quedas.

As nuvens se abriram em volta dele. Viu o mar brilhando muito, *muito* lá embaixo. Nenhum sinal do *Argo II*. Nenhum sinal de qualquer litoral, conhecido ou não, a não ser uma ilhota no horizonte.

Leo não conseguia voar. Tinha no máximo dois minutos antes de bater na água e *plaft*!

Decidiu que não gostaria de um final assim para a Balada Épica de Leo.

Ainda estava agarrado à esfera de Arquimedes, o que não o surpreendeu. Inconsciente ou não, jamais largaria seu bem mais precioso. Com alguma dificuldade, conseguiu puxar uma tira de fita adesiva de seu cinto de ferramentas e prender a esfera ao peito. Aquilo o fez parecer um Homem de Ferro de baixo orçamento, mas ao menos ficou com as mãos livres. Começou a mexer furiosamente na esfera, tirando de seu cinto de ferramentas mágico tudo o que achava que pudesse ajudar: uma lona, extensores de metal, um pouco de corda e argolas.

Trabalhar enquanto caía era quase impossível. O vento rugia em seus ouvidos. Arrancava ferramentas, parafusos e telas de suas mãos, mas, finalmente, ele

conseguiu construir uma armação improvisada. Abriu um compartimento na esfera, puxou dois fios e conectou-os à armação.

Quanto tempo até atingir a água? Talvez um minuto?

Girou o botão de controle da esfera, que zumbiu ao entrar em ação. Mais fios de bronze saíram, sentindo intuitivamente o que Leo necessitava. Cabos fixaram a lona. A estrutura começou a se expandir por conta própria. Leo tirou uma lata de querosene e um tubo de borracha e uniu-os ao novo e sedento motor que a esfera o estava ajudando a montar.

Finalmente, fez um cabresto de corda e moveu-se para que a estrutura em X se adaptasse às suas costas. O mar se aproximava cada vez mais, uma superfície brilhante de morte dolorosa.

Ele gritou de um jeito desafiador e socou o interruptor de ativação da esfera.

O motor engasgou e ganhou vida. O rotor improvisado girou. As lâminas de lona rodaram, mas muito lentamente. A cabeça de Leo estava apontada para baixo, na direção do mar. Talvez faltassem uns trinta segundos até o impacto.

Pelo menos não tem ninguém por perto, pensou amargamente, ou eu seria uma eterna piada para os semideuses. *Qual foi a última coisa que passou pela cabeça de Leo? O Mediterrâneo.*

Subitamente, a esfera se aqueceu junto a seu peito. As lâminas giraram mais rapidamente. O motor engasgou e Leo inclinou-se para o lado, cortando o céu.

— Isso! — gritou.

Criara o helicóptero pessoal mais perigoso do mundo.

Disparou em direção à ilha distante, mas ainda perdia altitude muito rapidamente. As lâminas estremeciam. A tela rangia.

A praia estava a apenas algumas centenas de metros quando a esfera ficou quente como lava e o helicóptero explodiu, lançando chamas em todas as direções. Se não fosse imune ao fogo, Leo teria virado carvão. Contudo, a explosão em pleno ar provavelmente salvou-lhe a vida. O impacto lançou-o para o lado enquanto a maior parte de sua engenhoca em chamas colidia com a praia em alta velocidade com um enorme *CABUM!*

Leo abriu os olhos, surpreso por ainda estar vivo. Estava sentado em uma cratera na areia do tamanho de uma banheira. A poucos metros de distância havia uma cratera muito maior, de onde se erguia uma coluna de fumaça negra e densa. A praia em volta estava repleta de destroços menores em chamas.

— Minha esfera.

Leo tateou o peito. Ela não estava mais lá. A fita adesiva e a corda haviam se desintegrado.

Ele levantou com dificuldade. Nenhum osso parecia estar quebrado, o que era bom, mas estava realmente preocupado com sua esfera de Arquimedes. Se

tivesse destruído seu artefato de valor inestimável para fazer um helicóptero flamejante que durara trinta segundos, Leo perseguiria aquela estúpida deusa da neve, Quione, e a espancaria com uma chave inglesa.

Cambaleou pela praia, perguntando-se por que não havia turistas, hotéis ou barcos à vista. A ilha parecia perfeita para um resort, com água cristalina e areia branca e fofa. Talvez não fosse conhecida. Será que ainda existiam ilhas não descobertas no mundo? Talvez tivesse sido lançado para longe do Mediterrâneo. Ao que tudo indicava, estava em Bora Bora.

A cratera maior tinha cerca de dois metros e meio de profundidade. No fundo, as pás do helicóptero ainda tentavam girar. O motor soltava fumaça. O rotor resmungava como um sapo pisoteado, mas, caramba!, era bem impressionante para um trabalho feito às pressas.

Aparentemente o helicóptero caíra *sobre* algo. A cratera estava repleta de madeira de mobília despedaçada, pratos de porcelana quebrados, algumas taças de estanho meio derretidas e guardanapos de linho flamejantes. Leo não sabia por que todas aquelas coisas elegantes estavam na praia, mas ao menos isso significava que, afinal de contas, o local era habitado.

Finalmente avistou a esfera de Arquimedes — fumegante e enegrecida, mas ainda intacta, emitindo cliques de insatisfação em meio aos destroços.

— Esfera! — gritou ele. — Vem com o papai!

Leo desceu ao fundo da cratera e pegou a esfera. Sentou de pernas cruzadas, e aninhou o dispositivo nos braços. A superfície de bronze estava muito quente, mas ele não se importou. Estava inteira, o que significava que ainda poderia usá-la.

Agora, se Leo ao menos pudesse descobrir onde estava e como voltar até seus amigos...

Listava mentalmente as ferramentas de que poderia precisar quando uma voz feminina o interrompeu:

— O que você está *fazendo*? Você explodiu a minha mesa de jantar!

*

Imediatamente, Leo pensou: *Opa...*

Ele já conhecera um monte de deusas, mas a menina que o olhava feio da borda da cratera realmente *parecia* uma deusa.

Usava um vestido branco estilo grego, sem mangas, com um cinto de ouro trançado. Seu cabelo era longo, liso e castanho-claro, quase da mesma cor de

churros com canela que tinha o cabelo de Hazel, mas a semelhança com a amiga terminava ali. O rosto da menina era pálido como leite, com olhos escuros e amendoados e lábios carnudos. Parecia ter uns quinze anos, a idade de Leo, e, com certeza, era bonita, mas aquela expressão furiosa o fazia lembrar de cada garota popular de cada escola que já frequentara — aquelas que zombavam dele, faziam muita fofoca, achavam-se muito superiores e, basicamente, faziam tudo o que podiam para tornar a vida dele horrível.

Leo desgostou dela à primeira vista.

— Ah, me desculpe — disse ele. — Acabo de cair do céu. Construí um helicóptero em pleno ar que explodiu em chamas no meio do caminho, caiu, e eu quase não sobrevivi. Mas, claro, vamos falar sobre a sua mesa de jantar!

Ele pegou uma taça meio derretida.

— Quem põe uma mesa de jantar na praia, onde pode ser atingida por semideuses inocentes em queda livre? Quem *faz* uma coisa dessas?

A menina cerrou os punhos. Ele tinha certeza de que ela desceria até o fundo da cratera e lhe daria um soco na cara. Em vez disso, ela olhou para o céu.

— V^{ERDADE}? — Gritou para o vazio azul. — Vocês querem *piorar* ainda mais a minha maldição? Zeus! Hefesto! Hermes! Vocês não têm vergonha?

— Hã...

Leo percebeu que ela só escolhera três deuses a quem culpar, e um era o pai dele. Não achou que aquilo fosse um bom sinal.

— Duvido que estejam ouvindo — prosseguiu ele. — Você sabe, todo esse negócio de personalidade dividida...

— Apareçam! — gritou a menina para o céu, ignorando Leo. — Não basta estar exilada? Não basta tirarem de mim os poucos *bons* heróis que estou autorizada a encontrar? Acham engraçado enviar este... este menino nanico e chamuscado para arruinar a minha tranquilidade? Isso NÃO É ENGRAÇADO! Levem-no de volta!

— Ei, flor do dia — disse Leo. — Estou bem aqui, sabia?

Ela rosnou como um animal encurralado.

— *Não* me chame assim! Saia desse buraco e venha comigo agora para que eu o tire de minha ilha!

— Bem, já que está pedindo com tanto carinho...

Leo não sabia por que a menina maluca estava tão alterada, mas realmente não se importava. Se ela pudesse ajudá-lo a sair daquela ilha, tudo bem. Pegou a esfera carbonizada e saiu da cratera. Quando chegou ao topo, ela já se afastava pela praia. Teve que correr para alcançá-la.

A menina gesticulou para os destroços em chamas, desgostosa.

— Esta era uma praia imaculada! Olhe como está agora.

— É, foi mal — murmurou Leo. — Eu deveria ter caído em uma das outras ilhas. Ah, espere... não há nenhuma!

Ela rosnou e continuou andando junto ao mar. Leo sentiu cheiro de canela. Seria o perfume dela? Não que ele se importasse. O cabelo da menina caía pelas costas de um modo fascinante, e, é claro, ele também não se importava com isso.

Leo examinou o mar. Assim como vira durante a queda, não havia nem terra nem navios à vista. Olhando para a ilha, viu colinas verdejantes repletas de árvores. Uma trilha através de um bosque de cedros. Ele se perguntou aonde aquilo levaria: provavelmente ao esconderijo secreto da garota, onde ela assava seus inimigos para comê-los em sua mesa de jantar na praia.

Estava tão ocupado pensando nisso, que não percebeu quando a menina parou e acabou trombando nela.

— Ai!

Ela se virou e se segurou em seus braços para não cair na água. As mãos eram fortes, como se as usasse para se sustentar. No acampamento, as garotas do chalé de Hefesto tinham mãos fortes assim, mas aquela não parecia ser uma filha de Hefesto.

Ela olhou feio para Leo, os olhos escuros e amendoados a apenas alguns centímetros dos dele. O cheiro de canela o fez lembrar do apartamento de sua *abuela*. Cara, não pensava naquele lugar havia anos.

A menina o afastou.

— Tudo bem. Aqui está bom. Agora, diga que quer ir embora.

— O quê?

O cérebro de Leo ainda estava meio confuso desde o pouso forçado. Não tinha certeza se ouvira direito.

— Você quer ir embora? — perguntou ela. — Certamente tem um lugar aonde quer ir!

— Hã... sim. Meus amigos estão em apuros. Preciso voltar para o meu navio e...

— Tudo bem — retrucou a menina. — Basta dizer: *Quero ir embora de Ogígia*.

— Hã, tudo bem. — Leo não tinha certeza do porquê, mas o tom de voz dela meio que o entristeceu; o que era uma idiotice, já que ele não se importava com o que aquela garota pensava.

— Quero ir embora de... seja lá o lugar que você disse.

— O-gí-gia — pronunciou a menina lentamente, como se Leo tivesse cinco anos de idade.

— Quero ir embora de O-gí-gia — disse ele.

Ela suspirou, claramente aliviada.

— Ótimo. A qualquer momento, aparecerá uma jangada mágica. Ela o levará para onde quiser ir.

— Quem é você?

Ela pareceu estar prestes a responder, mas se conteve.

— Isso não importa. Logo você irá embora. Obviamente você é um erro.

Essa doeu, pensou Leo.

Passara tempo bastante pensando que era um erro: como semideus, naquela missão, na vida em geral. Não precisava de uma deusa louca para reforçar essa ideia.

Lembrava-se de uma lenda grega sobre uma menina em uma ilha... Talvez um de seus amigos a tivesse mencionado. Não importava. Desde que ela o deixasse ir embora.

— A qualquer momento agora...

A menina olhou para a água.

Nenhuma jangada mágica apareceu.

— Talvez tenha ficado presa no trânsito — disse Leo.

— Isso está errado. — Ela olhou feio para o céu. — Isso está totalmente errado!

— Então... plano B — disse Leo. — Você tem um telefone, ou...

— Argh!

A menina voltou-se e caminhou resoluta para o interior da ilha. Quando chegou à trilha, correu pelo bosque e desapareceu.

— Tudo bem — disse Leo. — Ou você pode simplesmente fugir.

Dos bolsos do cinto de ferramentas ele tirou uma corda e um gancho e, em seguida, atou a esfera de Arquimedes ao cinto.

Olhou para o mar. Ainda nenhuma jangada mágica à vista.

Leo poderia ficar ali e esperar, mas estava com fome, sede, e cansado. E estava bastante dolorido por causa da queda.

Não queria seguir aquela garota maluca, não importava quanto fosse bom seu perfume.

Por outro lado, não tinha para onde ir. A menina dispunha de uma mesa de jantar, portanto tinha comida. E parecia achar a presença de Leo irritante.

— Irritá-la será uma espécie de bônus — decidiu.

Ele a seguiu em meio às colinas.

L

LEO

— **S**_{ANTO} **H**_{EFESTO} — **DISSE** **L**_{EO}.

A trilha levava ao mais belo jardim que já vira. Não que tenha passado muito tempo em jardins, mas, caramba. À esquerda havia um pomar e um vinhedo: árvores de pêssago com frutas vermelho-dourado que cheiravam deliciosamente sob o sol quente, vinhedos cuidadosamente podados repletos de uvas, caramanchões de jasmims florescentes e uma infinidade de outras plantas que Leo não sabia nomear.

À direita havia maravilhosos canteiros de legumes e ervas, dispostos como raios ao redor de uma grande fonte borbulhante onde sátiros de bronze cuspiam água em um chafariz.

Nos fundos do jardim, onde terminava a trilha, abria-se uma caverna na encosta de uma colina gramada. Comparada ao bunker 9 do acampamento, a entrada era pequena, mas era impressionante à sua maneira. Em ambos os lados, a rocha cristalina fora esculpida em forma de colunas gregas brilhantes. Os topos das colunas eram unidos por uma vara de bronze que sustentava cortinas de seda branca.

O nariz de Leo foi tomado por aromas deliciosos: cedro, zimbro, jasmim, pêssago e ervas frescas. O cheiro que vinha da caverna realmente chamou sua atenção: parecia que havia um ensopado de carne no fogo.

Começou a andar em direção à entrada. Sério, como poderia evitar? Mas parou quando viu a menina. Estava ajoelhada em sua horta, de costas para Leo. Murmurava para si mesma enquanto cavava furiosamente com uma espátula de jardinagem.

Leo se aproximou pelo lado, para que ela pudesse vê-lo. Não pretendia surpreendê-la uma vez que a menina estava armada com um afiado instrumento

de jardinagem.

Ela continuou xingando em grego antigo e esfaqueando o solo. Tinha torrões de terra nos braços, no rosto e em seu vestido branco, mas parecia não se importar.

Leo gostou do que viu. Ela ficava melhor com um pouco de lama. Menos com cara de rainha da beleza, mais parecida com o tipo de pessoa que mete a mão na massa.

— Acho que você já castigou a terra o suficiente — disse Leo.

Ela olhou feio para ele, com olhos vermelhos e lacrimejantes.

— Vá embora.

— Você está chorando — disse ele, o que era estupidamente óbvio, mas vê-la dessa forma o desconsertou, por assim dizer. Era difícil ficar bravo com alguém que estava chorando.

— Isso não é da sua conta — murmurou ela. — A ilha é grande. Apenas... encontre o seu lugar. Deixe-me em paz. — Ela acenou vagamente em direção ao sul. — Vá por ali talvez.

— Então, nada de jangada mágica — afirmou Leo. — Não existe nenhuma outra maneira de sair desta ilha?

— Aparentemente, não!

— O que devo fazer? Ficar sentado nas dunas de areia até morrer?

— Seria bom... — Calipso baixou a espátula e amaldiçoou o céu. — Só que acho que ele não pode morrer aqui, não é mesmo? Zeus! Isso não é engraçado!

Não pode *morrer* aqui?

— Espere um pouco.

A cabeça de Leo girou como um eixo de manivela. Não conseguia traduzir muito bem o que a garota estava dizendo, como quando ouvia espanhóis ou sul-americanos falando espanhol. Sim, conseguia entender mais ou menos. Mas soava tão diferente que era quase outro idioma.

— Preciso de algumas informações — disse ele. — Você não me quer por perto, tudo bem. Também não quero ficar aqui. Mas não vou morrer em um canto. Preciso sair desta ilha. Tem de haver um meio. Todo problema tem uma solução.

Ela riu amargamente.

— Se ainda acredita nisso, não viveu muito tempo.

O modo como disse aquilo provocou-lhe um calafrio. Ela parecia ter a mesma idade que ele, mas Leo se perguntou quantos anos realmente teria.

— Você falou algo sobre uma maldição.

Ela flexionou os dedos, como se estivesse praticando a sua técnica de estrangulamento.

— É. Não posso deixar Ogígia. Meu pai, Atlas, lutou contra os deuses, e eu o apoiei.

— Atlas — disse Leo. — O titã Atlas?

A garota revirou os olhos.

— Sim, seu pequeno impossível... — Fosse lá o que ia dizer, guardou para si. — Fiquei presa aqui, onde não poderia causar problemas para os olímpianos. Há cerca de um ano, depois da Segunda Guerra dos Titãs, os deuses prometeram perdoar os seus inimigos e ofereceram anistia. Supostamente Percy os fez prometer...

— Percy — disse Leo. — Percy Jackson?

Ela fechou os olhos. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

Ah, pensou Leo.

— Percy esteve aqui — murmurou ele.

Ela enterrou os dedos no solo.

— E-eu pensei que seria libertada. Atrevi-me a ter esperança... mas ainda estou aqui.

Leo lembrava-se agora. A história era para ser um segredo, mas é claro que isso significava que se espalharia como fogo pelo acampamento. Percy contou para Annabeth. Meses mais tarde, quando ele desapareceu, Annabeth contou para Piper. Piper contou para Jason...

Percy dissera ter visitado aquela ilha. Encontrara uma deusa que se apaixonou por ele e queria mantê-lo por lá, mas acabou deixando-o partir.

— Você é aquela moça — disse Leo. — Aquela que tem nome de música caribenha.

Os olhos dela faiscaram de ódio.

— Música caribenha...

— É. Reggae? — Leo balançou a cabeça. — Merengue? Espere, vou me lembrar... — Ele estalou os dedos. — Calipso! Mas Percy disse que você era incrível. Disse que era doce e útil, e prestativa, não, hum...

Ela se levantou:

— Sim?

— Hã, nada — cortou Leo.

— Você seria doce — perguntou ela —, se os deuses esquecessem de sua promessa de deixá-lo partir? Seria doce se debochassem de você enviando um outro herói, mas um herói parecido com... com você?

— Isso é uma pegadinha?

— *Di Immortales!*

Ela se virou e entrou em sua caverna.

— Ei!

Leo correu atrás dela.

Ao entrar, ficou atônito. As paredes eram feitas de pedaços de cristal colorido. Cortinas brancas dividiam a caverna em diferentes cômodos decorados com confortáveis almofadas, tapeçarias e pratos de frutas frescas. Viu uma harpa em um canto, um tear em outro, e uma grande panela no fogo, onde o ensopado borbulhava, preenchendo a caverna com aromas deliciosos.

O mais estranho? As tarefas se executavam por conta própria. Toalhas flutuavam pelo ar, dobravam-se e empilhavam-se caprichosamente. Colheres lavavam a si mesmas em uma pia de cobre. A cena fez Leo lembrar dos espíritos invisíveis que serviam o almoço no Acampamento Júpiter.

Calipso estava diante de um lavatório, limpando a terra de seus braços.

Olhou feio para Leo, mas não gritou para que saísse. Sua raiva parecia estar perdendo a força.

Leo pigarreou. Se pretendia obter qualquer ajuda daquela mulher, precisava ser agradável.

— Então... Entendo por que está com raiva. Provavelmente deseja não ver nunca mais outro semideus. Acho que não ficou muito bem quando, hã, Percy a deixou...

— Ele foi apenas o mais recente — rosnou Calipso. — Antes dele, foi Drake, o pirata. E antes dele, Odisseu. São todos iguais! Os deuses me enviam os melhores heróis, aqueles que não me dão alternativa senão...

— Você se apaixonar por eles — completou Leo. — E então eles a abandonam.

O queixo da garota tremia.

— Essa é a minha maldição. Tinha a esperança de me livrar disso agora, mas ainda estou aqui, presa em Ogígia há três mil anos.

— Três mil. — A boca de Leo formigou, como se tivesse acabado de comer aquelas balinhas que estouram. — Hã, você está inteiraça para alguém que tem três mil anos.

— E agora... o pior insulto de todos. Os deuses zombam de mim enviando você.

A raiva borbulhou no estômago de Leo.

Sim, típico. Se Jason estivesse ali, Calipso se jogaria nos braços dele. Imploraria para que ficasse, mas ele se faria de nobre, falaria sobre retomar seus deveres, e deixaria Calipso de coração partido. E a jangada mágica *certamente* chegaria.

Mas Leo? Era o convidado chato de quem ela não podia se livrar. Calipso nunca se apaixonaria por ele, porque ela definitivamente não era para o seu bico. Não que se importasse. Afinal, a moça não fazia o seu tipo. Era muito chata, e

bonita, e — bem, isso não importava.

— Tudo bem — disse ele. — Eu a deixarei em paz. Vou construir algo sozinho e sair desta ilha estúpida sem a sua ajuda.

Ela balançou a cabeça com tristeza.

— Você não entende, não é? Os deuses estão rindo de nós dois. Se a jangada não aparecer, significa que fecharam Ogígia. Você está preso aqui, assim como eu. Nunca irá embora.

LI

LEO

OS PRIMEIROS DIAS FORAM OS piores.

Leo dormia ao ar livre, em uma cama de trapos sob as estrelas. Fazia frio à noite, mesmo estando na praia e durante o verão, então acendia fogueiras com os restos da mesa de jantar de Calipso. Isso o animava um pouco.

Durante os dias, caminhava por toda a ilha mas nada despertava seu interesse — a menos que gostasse de praias e de mar sem fim cercando-o. Tentou enviar uma mensagem de Íris nos arco-íris que se formavam na espuma das ondas, mas não conseguiu. Não tinha nenhuma dracma para fazer o pagamento e, aparentemente, a deusa Íris não estava interessada em porcas e parafusos.

Nem estava sonhando, o que era incomum para ele — ou para qualquer semideus — de modo que não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo no mundo exterior. Teriam os seus amigos se livrado de Quione? Estariam procurando por ele ou navegaram para Épiro para completar a missão?

Ele sabia o que esperar.

O sonho que tivera no *Argo II* finalmente fazia sentido: a feiticeira malvada lhe dissera para pular de um penhasco entre as nuvens ou descer em um túnel escuro onde vozes fantasmagóricas sussurravam. Aquele túnel deveria representar a Casa de Hades, que Leo jamais veria. Preferira o precipício — caindo do céu naquela ilha idiota. Mas, no sonho, uma escolha lhe fora oferecida. Na vida real, não tivera uma. Quione simplesmente arrancara-o de seu navio e o lançara em órbita. Totalmente injusto.

A pior parte de estar preso ali? Estava perdendo a noção dos dias. Certa manhã, ao acordar, não conseguia se lembrar se estava em Ogígia há três ou quatro noites.

Calipso ajudou muito. Leo confrontou-a no jardim, mas ela apenas balançou a

cabeça.

— O tempo é complicado por aqui.

Ótimo. Para Leo, um século poderia ter se passado no mundo real, e a guerra com Gaia acabado, para o bem ou para o mal. Ou talvez só estivesse em Ogígia por cinco minutos. Poderia passar a sua vida inteira, tempo em que seus amigos no *Argo II* levariam para tomar o café da manhã.

De qualquer maneira, precisava sair daquela ilha.

Calipso teve pena dele. Enviou seus servos invisíveis para deixar tigelas de ensopado e taças de sidra de maçã na entrada do jardim. Chegou a enviar-lhe algumas mudas de roupa — simples, calças de algodão cru e camisas que ela devia ter feito em seu tear. Cabiam tão bem que Leo se perguntou como ela conseguira suas medidas. Talvez tenha apenas usado o seu molde genérico para

MOLEQUE MAGRICELA.

De qualquer modo, estava feliz por ter roupas novas, uma vez que as antigas estavam queimadas e muito fedorentas. Geralmente, conseguia evitar que as roupas queimassem quando pegava fogo, mas aquilo exigia concentração. Às vezes, no acampamento, quando se distraía trabalhando em algum projeto de metal na forja, olhava para baixo e percebia que suas roupas tinham queimado, com exceção de seu cinto de ferramentas mágico e uma cueca fumegante. Era meio constrangedor.

Apesar dos presentes, obviamente Calipso não queria encontrá-lo. Certa vez, enfiou a cabeça dentro da caverna e ela ficou furiosa, gritando e atirando panelas em sua cabeça.

Sim, ela *definitivamente* era Time Leo.

Ele acabou montando acampamento perto da trilha, onde a praia e as colinas se encontravam. Assim, ficaria perto o bastante para pegar suas refeições, mas Calipso não o veria, evitando acessos de raiva e arremessos de panelas.

Construiu uma cabana com madeira e lona. Cavou uma vala para a fogueira. Chegou a fazer um banco e uma mesa de trabalho com alguns troncos e galhos mortos de cedro. Passou horas consertando a esfera de Arquimedes, limpando-a e reparando seus circuitos. Construiu uma bússola, mas a agulha girava enlouquecida, não importando o que ele fizesse. Avaliou que um ^{GPS} também seria inútil. Aquela ilha fora projetada para ser indetectável, impossível de ser abandonada.

Ele se lembrou do velho astrolábio de bronze que pegara em Bolonha — um dos anões lhe dissera que fora Odisseu quem o construíra. Suspeitava que Odisseu estava pensando naquela ilha quando o construiu, mas, infelizmente, Leo teve que deixá-lo no navio com Buford, a Mesa Maravilha. Além disso, os anões afirmaram que o astrolábio não funcionava. Algo sobre um cristal que

estava faltando...

Caminhava pela praia, perguntando por que Quione o enviara até ali — supondo-se que seu desembarque na ilha não fora um acidente. Por que não apenas matá-lo? Talvez Quione quisesse que ele ficasse no limbo para sempre. Talvez soubesse que os deuses estavam incapacitados demais para prestarem atenção em Ogígia, de modo que a magia da ilha fora desfeita. Talvez por isso Calipso ainda estivesse presa ali e a jangada mágica não apareceria para Leo.

Ou, talvez, a magia daquele lugar estivesse funcionando muito bem. Os deuses puniam Calipso enviando-lhe caras corajosos que a abandonavam assim que ela se apaixonava por eles. Talvez esse fosse o problema. Calipso *nunca* se apaixonaria por Leo. Queria que ele fosse embora. Então, estavam presos em um ciclo vicioso. Se esse era o plano de Quione... uau. Era um super plano do mal.

Então, certa manhã, ele fez uma descoberta, e tudo ficou ainda mais complicado.

*

Leo caminhava pelas colinas, seguindo um pequeno riacho que corria entre duas grandes árvores de cedro. Gostava de lá, pois era o único lugar em Ogígia onde não dava para ver o mar e conseguia fingir que não estava preso em uma ilha. À sombra das árvores, quase sentia como se estivesse de volta ao Acampamento Meio-Sangue, caminhando pela floresta em direção ao bunker 9.

Ele pulou o riacho. Em vez de aterrissar em terra macia, seus pés atingiram algo muito mais duro.

C_{LANG}.

Metal.

Empolgado, Leo cavou o musgo até ver brilho de bronze.

— Uau, cara.

Ria como um louco enquanto escavava.

Não sabia por que aquele material estava ali. Hefesto sempre se desfazia de peças quebradas de sua oficina divina e enchia a terra de sucata, mas quais as chances de algumas delas terem atingido Ogígia?

Leo encontrou um punhado de fios, algumas engrenagens empenadas, um pistão que ainda poderia funcionar, e várias lâminas de bronze celestial martelado — a menor era do tamanho de um porta-copos, a maior, do tamanho de um escudo de guerra.

Não era muito se comparado ao bunker 9 ou até mesmo ao seu estoque a

bordo do *Argo II*. Mas era melhor do que só areia e pedras.

Olhou para a luz do sol brilhando através dos ramos de cedro.

— Pai? Se você enviou isto para mim, obrigado. Se não... bem, obrigado mesmo assim.

Reuniu seu tesouro e o arrastou de volta ao acampamento.

Depois disso, os dias passaram mais rapidamente e com muito mais barulho.

Primeiro, Leo construiu um forno com tijolos de barro, que cozinhou um a um com as suas próprias mãos fumegantes. Encontrou uma pedra grande que poderia usar como base de bigorna, e tirou pregos de seu cinto de ferramentas até ter o suficiente para derretê-los em forma de uma superfície para martelar.

Feito isso, começou a fundir a sucata de bronze celestial novamente. A cada dia, seu martelo golpeava o bronze até a pedra da bigorna quebrar, suas pinças dobrarem, ou ele ficar sem lenha.

Todas as noites, ele caía na cama encharcado de suor e coberto de fuligem; mas sentia-se ótimo. Ao menos estava trabalhando, tentando resolver o seu problema.

A primeira vez que Calipso veio vê-lo, foi para reclamar do barulho.

— Fumaça e fogo — disse ela. — Retinir de metal o dia inteiro. Você está assustando os pássaros!

— Ah, não, pobres pássaros! — resmungou Leo.

— O que você espera fazer?

Ele ergueu os olhos e quase esmagou o polegar com o martelo. Vinha olhando para metal e fogo por tanto tempo que se esquecera de quão bela era Calipso. *Irritantemente* bela. Ela ficou ali, com a luz do sol em seu cabelo, a saia branca ondulando em torno de suas pernas, uma cesta com uvas e um pão recém-assado debaixo do braço.

Leo tentou ignorar que seu estômago roncava.

— *Espero* sair desta ilha — respondeu ele. — É isso o que você quer, certo?

Calipso franziu a testa. Colocou a cesta perto de sua cama de trapos.

— Você não come há dois dias. Faça uma pausa e *coma*.

— Dois dias? — Leo nem notara, o que o surpreendeu já que gostava de comer. Estava ainda mais surpreso que Calipso *tivesse* notado.

— Obrigado — murmurou ele. — Eu, hã, vou tentar fazer menos barulho com o martelo.

— Hum.

Ela não pareceu acreditar.

Depois disso, Calipso não reclamou mais do barulho ou da fumaça.

Na vez seguinte em que o visitou, Leo dava os retoques finais em seu primeiro projeto. Não a viu se aproximar até Calipso falar bem atrás dele:

— Trouxe isso para você...

Leo deu um pulo, deixando cair os seus fios.

— Touros de bronze, garota! Não me assuste!

Ela estava usando vermelho naquele dia, a cor favorita de Leo. Aquilo era completamente irrelevante. Ela ficava muito bem de vermelho. Também irrelevante.

— Não estava tentando *assustar* — afirmou ela. — Vim lhe entregar isso.

Ela mostrou as roupas que trazia dobradas: uma nova calça jeans, uma camiseta branca, uma jaqueta militar... espere, aquelas eram as *suas* roupas, só que não poderiam ser. Sua jaqueta do exército queimara meses antes. Ele não a estava *usando* quando desembarcou em Ogígia. Mas as roupas que Calipso trouxera eram exatamente como aquelas que usava no primeiro dia em que chegou ao Acampamento Meio-Sangue, só que essas eram maiores, redimensionadas para caberem melhor.

— Como? — perguntou.

Calipso colocou as roupas no chão e se afastou como se ele fosse um animal perigoso.

— Sei um pouco de magia, sabe? Você vive queimando as roupas que lhe dou, então pensei em tecer algo menos inflamável.

— Essas não vão queimar?

Leo pegou a calça jeans que parecia ser feita de tecido normal.

— São completamente à prova de fogo — prometeu Calipso. — Elas se manterão limpas e crescerão para se adaptarem a você, caso se torne menos magrelo.

— Obrigado.

Queria soar sarcástico, mas estava sinceramente impressionado. Podia fazer muitas coisas, mas uma roupa autolimpante e não inflamável não estava na lista.

— Então... você fez uma réplica exata de minhas roupas favoritas. Será que me pesquisou no Google ou algo assim?

Ela franziu a testa.

— Não conheço essa palavra.

— Você me pesquisou — disse ele. — Quase como se tivesse algum interesse em mim.

Ela torceu o nariz.

— Tenho interesse em não ter que lhe fazer uma nova muda de roupas diariamente. Tenho interesse que não cheire tão mal e que pare de andar pela minha ilha em trapos fumegantes.

— Ah, sim. — Leo sorriu. — Você realmente está se interessando por mim.

O rosto dela ficou ainda mais vermelho.

— Você é a pessoa mais insuportável que já conheci! Só estava retribuindo o favor. Você consertou a minha fonte.

— Aquilo?

Leo riu. O problema fora tão simples que quase se esquecera. Um dos sátiros de bronze virara de lado e a pressão da água estava baixa, de modo que a estátua começou a produzir um tique-taque irritante, balançando para cima e para baixo e jorrando água para fora do chafariz. Ele pegou um par de ferramentas e consertou em dois minutos.

— Não foi nada de mais. Não gosto quando as coisas não funcionam direito.

— E as cortinas na entrada da caverna?

— A vara não estava nivelada.

— E as minhas ferramentas de jardinagem?

— Veja, só afiei as tesouras. Cortar vinhas com uma lâmina cega é perigoso. As tesouras de poda precisavam de lubrificação nas juntas e...

— Ah, sim — disse Calipso, com uma boa imitação da voz de Leo. — Você realmente está se interessando por mim.

Pela primeira vez, Leo ficou sem palavras. Os olhos de Calipso brilhavam. Sabia que ela estava debochando dele, mas de alguma forma não parecia maldosa.

Calipso apontou para a mesa de trabalho.

— O que está construindo?

— Ah.

Leo olhou para o espelho de bronze, que ele acabara de ligar à esfera de Arquimedes. Na superfície polida da tela, seu próprio reflexo o surpreendeu. O cabelo crescera e estava mais encaracolado. O rosto estava mais magro e definido, talvez porque não estivesse comendo. Seus olhos estavam sombrios e pareciam um tanto ferozes quando não sorria — uma espécie de olhar de Tarzan, se Tarzan fosse um latino tamanho pp. Não podia culpar Calipso por rejeitá-lo.

— Hã, é um dispositivo para ver — explicou. — Encontramos um como este em Roma, na oficina de Arquimedes. Se eu puder fazer isso funcionar, talvez descubra o que está acontecendo com os meus amigos.

Calipso balançou a cabeça.

— Isso é impossível. Esta ilha está escondida, afastada do mundo por uma magia poderosa. Nem o tempo flui da mesma forma por aqui.

— Bem, você deve ter algum tipo de contato com o exterior. Como descobriu que eu tinha uma jaqueta assim?

Ela torceu o cabelo entre os dedos, como se a pergunta a incomodasse.

— Ver o passado é magia simples. Já ver o presente ou o futuro... não.

— Bem — disse Leo. — Veja e aprenda, gata. Acabei de ligar estes dois

últimos fios e...

A placa de bronze piscou. Fumaça exalou da esfera. A manga da camisa de Leo pegou fogo. Tirou a camisa, jogou-a no chão e a pisoteou.

Dava para ver que Calipso estava tentando não rir, mas ela tremia com o esforço.

— Nem começa — advertiu Leo.

Ela olhou para seu peito nu, suado, ossudo, marcado por velhas cicatrizes de acidentes na fabricação de armas.

— Não há nada que mereça comentário — assegurou ela. — Se você quiser que o dispositivo funcione, talvez deva tentar uma invocação musical.

— Certo — disse ele. — Quando um aparelho não funciona, gosto de sapatear ao redor dele. Sempre dá certo.

Ela inspirou profundamente e começou a cantar.

Sua voz atingiu-o como uma brisa fresca, como a primeira frente fria no Texas, quando o calor do verão finalmente vai embora e você começa a acreditar que tudo pode melhorar. Leo não compreendia as palavras, mas a música era melancólica e agridoce, como se ela estivesse descrevendo um lar para o qual nunca pudesse retornar.

Seu canto era mágico, sem dúvida, mas não era como a voz indutora ao transe de Medeia, nem mesmo semelhante aos encantamentos de Piper. A música nada queria dele. Simplesmente evocava suas melhores lembranças: construindo coisas com sua mãe na oficina, sentado ao sol com seus amigos no acampamento. Aquilo fazia com que sentisse saudades de casa.

Calipso parou de cantar. Leo percebeu que estava olhando para ela como um idiota.

— Algum avanço? — perguntou ela.

— Hã... — Leo forçou os olhos de volta ao espelho de bronze. — Nada. Espere...

A tela brilhou. No ar acima, imagens holográficas surgiram.

*

Leo reconheceu o refeitório do Acampamento Meio-Sangue.

Não havia som, mas Clarisse La Rue do chalé de Ares gritava ordens para os campistas, reunindo-os em fileiras. Os irmãos de Leo do chalé 9 corriam, entregando armaduras e distribuindo armas para todos.

Até mesmo Quíron, o centauro, estava vestido para a guerra. Trotava para

cima e para baixo nas fileiras, com o capacete emplumado reluzente, suas cernelhas dotadas de protetores de bronze. Seu sorriso simpático habitual desaparecera, substituído por um olhar de sombria determinação.

Ao longe, trirremes gregos flutuavam no mar em Long Island, preparados para a guerra. Ao longo das colinas, catapultas estavam sendo preparadas. Sátiros patrulhavam os campos, e os cavaleiros em pégasos circulavam no céu, atentos a ataques aéreos.

— Seus amigos? — perguntou Calipso.

Leo assentiu. Seu rosto estava dormente.

— Eles estão se preparando para a guerra.

— Contra quem?

— Veja — disse Leo.

A cena mudou. Uma falange de semideuses romanos marchava através de um vinhedo iluminado pelo luar. Em um letreiro luminoso ao longe, lia-se: A_{DEGA} GOLDSMITH.

— Já vi esse letreiro — disse Leo. — Não fica longe do Acampamento Meio-Sangue.

Subitamente, as fileiras romanas se deterioraram no caos. Os semideuses se espalharam. Escudos caíram. Dardos oscilaram loucamente, como se todo o grupo tivesse pisado em saúvas.

Movendo-se sob o luar com rapidez havia duas pequenas criaturas cabeludas vestindo roupas descombinadas e chapéus extravagantes. Pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo, batendo na cabeça dos romanos, roubando suas armas, cortando os cintos fazendo com que as calças caíssem.

Leo não pôde deixar de sorrir.

— Esses encenqueiros adoráveis! Eles cumpriram a promessa.

Calipso inclinou-se, observando os cércopes.

— Primos seus?

— Muito engraçado... não — disse Leo. — Dois anos que conheci em Bolonha. Pedi que atrasassem os romanos, e eles estão fazendo exatamente isso.

— Mas por quanto tempo? — perguntou Calipso.

Boa pergunta. A cena mudou novamente. Leo viu Octavian — aquele áugure louro com cara de espantalho. Estava no estacionamento de um posto de gasolina, rodeado por SUV_S pretas e semideuses romanos. Ele ergueu um longo mastro envolto em tela. Quando o descobriu, uma águia dourada brilhava no topo.

— Ah, isso não é bom — disse Leo.

— Um estandarte romano — observou Calipso.

— É. E esse atira raios, de acordo com Percy.

Assim que disse o nome de Percy, Leo se arrependeu. Olhou para Calipso e viu em seus olhos o quanto ela estava lutando, tentando organizar suas emoções em fileiras ordenadas, como fios em seu tear. O que mais surpreendeu Leo foi a onda de raiva que sentiu. Não era apenas aborrecimento ou ciúme. Estava *furioso* com Percy por ter magoado aquela menina.

Voltou a se concentrar nas imagens holográficas. Agora, via um único cavaleiro: Reyna, pretora do Campo Júpiter, voando através de uma tempestade montada em um pégaso castanho-claro. O cabelo escuro de Reyna balançava ao vento. Seu manto roxo flutuava, revelando a armadura brilhante. Sangue escorria de cortes nos braços e no rosto. Os olhos de seu pégaso estavam arregalados, a boca tensa pela difícil cavalgada. Mas Reyna avançava com firmeza em meio à tempestade.

Enquanto Leo observava, um grifo selvagem mergulhou das nuvens. Arranhou as costelas do cavalo, quase derrubando Reyna. Ela sacou a espada e matou o monstro. Segundos depois, apareceram três *venti*: espíritos da tempestade rodopiando como tornados em miniatura, enfeitados por raios. Reyna avançou contra eles, gritando em desafio.

Então, o espelho de bronze escureceu.

— Não! — gritou Leo. — Não, agora não. Mostre-me o que vai acontecer! — Ele bateu no espelho. — Calipso, pode cantar outra vez ou algo assim?

Ela olhou feio para ele.

— Suponho que seja a sua namorada. Sua Penélope? Sua Elizabeth? Sua Annabeth?

— O quê? — Leo não conseguia entender aquela garota. Metade das coisas que ela dizia não faziam sentido. — Essa é Reyna. Não é minha namorada! Preciso ver mais! Preciso...

PRECISO, uma voz ressoou no chão sob seus pés. Leo cambaleou, subitamente sentindo como se estivesse sobre um trampolim.

PRECISO é uma palavra utilizada em excesso. Uma figura humana rodopiante irrompeu da areia: a deusa menos favorita de Leo: a Dama da Lama, a Princesa da Fossa Sanitária, a própria Gaia.

Leo atirou um alicate em sua direção. Infelizmente, a figura não era sólida, e o alicate a atravessou. Seus olhos estavam fechados, mas não parecia exatamente adormecida. Tinha um sorriso estampado em seu rosto de redemoinho, como se estivesse ouvindo atentamente à sua música favorita. Suas roupas de areia se moviam e dobravam, lembrando as barbatanas ondulantes daquele estúpido e monstruoso Camarãozilla com quem lutaram no Atlântico. Mas Gaia certamente era mais feia.

Você quer viver, disse Gaia. *Quer se juntar a seus amigos. Mas não precisa*

disso, meu pobre menino. Não faria diferença. Seus amigos morrerão de qualquer maneira.

As pernas de Leo bambearam. Odiava aquilo, mas, sempre que aquela bruxa aparecia, sentia ter oito anos novamente, preso no estacionamento da oficina mecânica de sua mãe, ouvindo a voz calma e maldosa de Gaia enquanto sua mãe, trancada dentro do armazém em chamas, morria vítima do calor e da fumaça.

— O que eu *não* preciso — rosnou —, é de mais mentiras vindas de você, Cara de Lama. Você falou que meu bisavô morreu na década de 1960. Errado! Você falou que eu não poderia salvar meus amigos em Roma. Errado! Você falou demais.

O riso de Gaia era um farfalhar suave, como terra escorregando por uma colina nos primeiros momentos de uma avalanche.

Tentei ajudá-lo a fazer melhores escolhas. Você poderia ter se salvado. Mas me desafiou a cada passo. Construiu o seu navio. Juntou-se àquela missão tola. Agora está preso aqui, impotente, enquanto o mundo mortal morre.

As mãos de Leo explodiram em chamas. Queria derreter o rosto de areia de Gaia em vidro. Então, sentiu a mão de Calipso sobre o seu ombro.

— Gaia. — A voz dela soava severa e firme. — Você não é bem-vinda.

Leo desejou poder soar tão confiante quanto Calipso. Então lembrou-se de que aquela garota irritante de quinze anos era na verdade a filha imortal de um titã.

Ah, Calipso. Gaia ergueu os braços como se fosse abraçá-la. Ainda aqui, pelo jeito, apesar das promessas dos deuses. Por que será, minha neta querida? Os olímpianos estão sendo vingativos, deixando-a sem nenhuma companhia afora esse baixinho idiota? Ou será que simplesmente se esqueceram de você porque não significa nada para eles?

Calipso olhou diretamente através do rosto rodopiante de Gaia, em direção ao horizonte.

Sim, murmurou Gaia com simpatia. Os olímpianos são infiéis. Eles não dão segundas chances. Por que manter a esperança? Você apoiou seu pai, Atlas, em sua grande guerra. Sabia que os deuses deviam ser destruídos. Por que hesita agora? Eu lhe ofereço uma chance que Zeus jamais lhe daria.

— Onde esteve nesses últimos três mil anos? — perguntou Calipso. — Se você se preocupa tanto com o meu destino, por que só veio me visitar agora?

Gaia voltou as palmas das mãos para cima.

A terra demora a despertar. A guerra virá no momento certo. Mas não pense que esquecerá Ogígia. Quando refizer o mundo, esta prisão também será destruída.

— Ogígia destruída? — Calipso balançou a cabeça, como se não pudesse

imaginar essas duas palavras juntas.

Você não precisa estar aqui quando isso acontecer, prometeu Gaia. Junte-se a mim agora. Mate esse menino. Derrame o sangue dele sobre a terra e me ajude a despertar. Eu a libertarei e lhe concederei qualquer desejo. Liberdade. Vingança contra os deuses. Até mesmo um prêmio. Você ainda quer o semideus Percy Jackson? Eu o pouparei para você. Eu o ressuscitarei do Tártaro. Ele será seu, para ser punido ou amado, como desejar. Apenas mate esse menino invasor. Mostre a sua lealdade.

Vários cenários passaram pela cabeça de Leo, nenhum deles bom. Tinha certeza de que Calipso o estrangularia ali mesmo, ou mandaria seus servos invisíveis de vento o transformarem em purê.

Por que não o faria? Gaia estava lhe propondo o acordo ideal: mate um cara chato e ganhe um bonitão de graça!

Calipso ergueu a mão em direção a Gaia em um gesto de três dedos que Leo lembrava do Acampamento Meio-Sangue: o antigo sinal grego contra o mal.

— Esta não é apenas a minha prisão, avó. É a minha casa. E você é a invasora. O vento dissolveu a forma de Gaia em nada, espalhando a areia pelo céu azul. Leo engoliu em seco.

— Hã, não me leve a mal, mas você não me matou. Enlouqueceu?

Os olhos de Calipso brilhavam de ódio, mas pela primeira vez Leo não achou que aquele ódio fosse destinado a ele.

— Seus amigos devem precisar de você, ou Gaia não pediria a sua morte.

— Eu... hã, sim. Acho que sim.

— Então, temos trabalho a fazer — disse ela. — Precisamos levá-lo de volta ao seu navio.

LII

LEO

LEO SE ACHAVA UM SUJEITO ocupado. Mas quando Calipso cismava com alguma coisa, transformava-se em uma máquina.

Em um dia, ela reuniu material suficiente para uma viagem de uma semana: comida, garrafas de água e ervas medicinais de seu jardim. Teceu uma vela grande o bastante para um pequeno iate e fez cordas suficientes para todo o cordame.

Fizera tanto que, no segundo dia, perguntou se Leo precisava de alguma ajuda em seu projeto.

Ele ergueu a cabeça da placa de circuitos que lentamente montava.

— Se não a conhecesse, acharia que está ansiosa para se livrar de mim.

— Isso é um bônus — admitiu ela.

Calipso estava vestida para trabalhar, com um jeans e uma camiseta branca encardida. Quando ele perguntou sobre a mudança de guarda-roupa, ela respondeu que percebera quão práticos eram aqueles trajes após fazer alguns para Leo.

Vestindo calça jeans, não parecia muito com uma deusa. Sua camiseta estava coberta de grama e manchas de terra, como se tivesse acabado de passar por uma Gaia rodopiante. Estava descalça e o cabelo cor de caramelo estava amarrado em um rabo de cavalo, o que fazia seus olhos amendoados parecerem ainda maiores e mais surpreendentes. As mãos estavam calejadas, repletas de bolhas pelo trabalho com as cordas.

Olhando para ela, Leo sentiu um inexplicável frio no estômago.

— Então — disse ela.

— Então... o quê?

Calipso apontou para o circuito.

— Posso ajudar? Como está indo?

— Ah, hã, estou indo bem. Eu acho. Se conseguir ligar essa coisa ao barco, devo ser capaz de navegar de volta para o mundo.

— Agora tudo que precisa é de um barco.

Tentou ler a expressão no rosto de Calipso. Leo não tinha certeza se ela estava irritada por ele ainda estar ali, ou triste por não estar indo embora também. Então olhou para todos os suprimentos que ela empilhara, mais do que o suficiente para duas pessoas durante vários dias.

— Aquilo que Gaia disse... — ele hesitou. — Sobre você sair desta ilha. Gostaria de tentar?

Ela franziu a testa.

— Como?

— Bem, não estou dizendo que seria divertido tê-la ao meu lado, sempre reclamando e me olhando de cara feia e tudo o mais. Mas suponho que posso suportar, se quiser tentar.

Sua expressão ficou um pouco mais amena.

— Como é nobre — murmurou Calipso. — Mas não, Leo. Se tentasse ir com você, sua pequena chance de fuga se reduziria a nenhuma. Os deuses colocaram magia antiga nesta ilha para me manter presa aqui. Um herói pode sair. Eu não. O mais importante é libertá-lo para que possa deter Gaia. Não que eu me importe com o que aconteça com você — acrescentou ela rapidamente. — Mas o destino do mundo está em jogo.

— Por que se preocuparia com isso? — perguntou Leo. — Quer dizer, depois de ter ficado afastada do mundo por tanto tempo?

Ela arqueou as sobrancelhas, como se estivesse surpresa ao vê-lo fazer uma pergunta sensata.

— Suponho que é porque não gosto que me digam o que fazer, seja Gaia ou qualquer outra pessoa. Por mais que odeie os deuses às vezes, ao longo dos últimos três milênios percebi que são melhores do que os Titãs. Eles *definitivamente* são melhores que os gigantes. Ao menos os deuses mantêm contato. Hermes sempre foi gentil comigo. E seu pai, Hefesto, vem me visitar frequentemente. Ele é uma boa pessoa.

Leo não tinha certeza do que significava seu tom distante. Ela parecia quase estar ponderando o valor *dele*, não o de seu pai.

Calipso estendeu a mão e fechou a boca de Leo. Ele não tinha percebido que estava aberta.

— Agora, como posso ajudar? — perguntou.

— Hã...

Ele olhou para o seu projeto, mas, quando falou, deixou escapar uma ideia que

vinha se formando desde que Calipso fizera as suas roupas novas.

— Sabe aquele pano à prova de fogo? Acha que poderia me fazer um saquinho daquele tecido?

Ele deu as dimensões. Calipso acenou com a mão, impaciente.

— Isso só levará alguns minutos. Vai ajudar em sua missão?

— É. Pode salvar uma vida. E, hum, poderia pegar um pedaço de cristal de sua caverna? Não preciso de muito.

Ela franziu a testa.

— Esse é um pedido estranho.

— Confie em mim.

— Tudo bem. Considere feito. Farei a bolsa à prova de fogo hoje à noite no tear, após me lavar. Mas o que posso fazer agora, enquanto minhas mãos estão sujas?

Ergueu os dedos sujos e calejados. Leo não pôde deixar de pensar que não havia *nada* mais excitante do que uma garota que não se importava em sujar as mãos. Mas, claro, aquela era apenas uma observação generalizada, não se aplicava a Calipso. Obviamente.

— Bem — disse ele —, você poderia enrolar mais algumas bobinas de bronze. Mas esse é um tipo de trabalho especializado...

Ela se sentou no banco ao seu lado e começou a trabalhar, enrolando os fios de bronze mais rápido do que ele seria capaz de fazer.

— É como tecer — disse ela. — Não é tão difícil.

— Hum — disse Leo. — Bem, se você algum dia sair desta ilha e quiser um emprego, me procure. Não é totalmente desajeitada.

Ela sorriu.

— Um emprego, hein? Fazer coisas na sua forja?

— Não. Poderíamos abrir nossa própria oficina — disse Leo, surpreendendo a si mesmo.

Abrir uma oficina mecânica sempre fora um de seus sonhos, mas ele nunca dissera aquilo para ninguém.

— Garagem do Leo e da Calipso: Concerto de Automóveis e Monstros Mecânicos.

— Frutas e vegetais frescos — sugeriu Calipso.

— Sidra e ensopado — acrescentou Leo. — Poderíamos até proporcionar entretenimento. Você poderia cantar e eu poderia, tipo, irromper em chamas de vez em quando.

Calipso riu, um som claro, feliz, que fez o coração de Leo disparar.

— Viu? — disse ele. — Sou engraçado.

Ela conseguiu parar de rir.

— Você *não* é engraçado. Agora, de volta ao trabalho, ou nada de cidra e ensopado.

— Sim, senhora — disse ele.

E trabalharam em silêncio, lado a lado, o resto da tarde.

*

Duas noites depois, o console de orientação estava concluído.

Leo e Calipso estavam sentados na praia, perto do local onde ele destruíra a mesa de jantar, participando de um piquenique noturno. A lua cheia transformava as ondas em prata. A fogueira que fizeram lançava faíscas cor de laranja para o céu. Calipso usava uma camisa branca limpa e uma calça jeans, que aparentemente decidira nunca mais tirar.

Atrás deles, nas dunas, os suprimentos estavam cuidadosamente embalados, prontos para a viagem.

— Tudo o que precisamos agora é de um barco — disse Calipso.

Leo assentiu. Sentiu-se tentado a usar a palavra *nós*. Calipso deixara claro que não iria com ele.

— Amanhã posso começar a cortar a madeira em tábuas — disse Leo. — Em alguns dias, teremos o suficiente para um pequeno casco.

— Você já fez um navio antes — lembrou Calipso. — O *Argo II*.

Leo assentiu. Pensou em todos os meses que passara para criar o *Argo II*. De algum modo, fazer um barco para sair de Ogígia parecia uma tarefa ainda mais difícil.

— Então, quanto tempo até ir embora? — O tom de Calipso era casual, mas ela não o fitou nos olhos.

— Hã, não tenho certeza. Mais uma semana?

Por algum motivo, dizer aquilo fez Leo se sentir menos agitado. Quando chegara, não via a hora de ir embora. Agora, estava feliz por ter mais alguns dias. Estranho.

Calipso correu os dedos sobre a placa de circuitos terminada.

— Isso demorou muito tempo para ser feito.

— Você não pode apressar a perfeição.

Um sorriso brotou nos cantos dos lábios dela.

— Sim, mas será que vai funcionar?

— Para eu ir embora, claro — disse Leo. — Mas, para voltar, precisarei de Festus e...

— *O quê?*

Leo piscou.

— Festus. Meu dragão de bronze. Assim que descobrir como reconstruí-lo, vou...

— Você me falou sobre Festus — disse Calipso. — Mas o que quer dizer com *voltar*?

Leo sorriu nervosamente.

— Bem... para voltar aqui, oras! Tenho certeza de que falei sobre isso.

— Você obviamente não falou.

— Não vou deixá-la aqui! Depois do tanto que me ajudou? É claro que voltarei. Assim que reconstruir Festus, ele poderá lidar com um sistema de orientação aperfeiçoado. Há esse astrolábio que eu, hã...

Ele parou de falar, decidindo que era melhor não mencionar que fora construído por uma das antigas paixões de Calipso.

— ...que eu encontrei em Bolonha. Enfim, acho que com esse cristal que você me deu...

— Você não pode voltar — insistiu Calipso.

O coração de Leo quase parou.

— Porque não sou bem-vindo?

— Porque não *pode*. É impossível. Nenhum homem encontra Ogígia duas vezes. Essa é a regra.

Leo revirou os olhos.

— Sim, bem, você já deve ter notado que não sou muito bom com esse negócio de seguir regras. Voltarei aqui com o meu dragão, e a resgataremos. Nós a levaremos para onde você quiser ir. É mais do que justo.

— Justo... — A voz de Calipso estava quase inaudível.

À luz do fogo, seus olhos pareciam tão tristes que Leo não conseguia encará-los. Será que Calipso achava que ele estava mentindo apenas para fazê-la se sentir melhor? Ele tinha certeza de que voltaria e a libertaria daquela ilha. Como poderia não fazê-lo?

— Como montaria a Oficina Mecânica Leo e Calipso sem Calipso? — perguntou ele. — Não sei fazer cidra e ensopado e *certamente* não sei cantar.

Ela olhou para a areia.

— Bem, de qualquer forma, amanhã começarei com a madeira — acrescentou Leo. — E, em alguns dias...

Ele olhou para a água. Algo oscilava sobre as ondas. Leo assistiu, incrédulo, quando uma grande jangada de madeira foi trazida pela maré e deslizou até parar na praia.

*

Ele estava atordoado demais para se mover, mas Calipso se ergueu.

— Depressa!

Ela correu pela praia, pegou alguns sacos de suprimentos e levou-os até a jangada.

— Não sei quanto tempo ficará aqui!

— Mas...

Leo se levantou. Suas pernas pareciam ter se tornado pedra. Acabara de se convencer de que tinha mais uma semana em Ogígia. Agora, não tinha nem tempo para terminar o jantar.

— Essa é a jangada mágica?

— Dã! — gritou Calipso. — *Talvez* funcione como deve e o leve para onde quer ir. Mas não podemos ter certeza. A magia da ilha obviamente está instável. Você deve levar o seu dispositivo de orientação para navegar.

Ela pegou o console e correu em direção à jangada, o que fez Leo se mover. Ele a ajudou a prendê-lo à jangada e passar os fios até o pequeno leme na popa. A jangada já era equipada com um mastro, de modo que Leo e Calipso arrastaram a vela para bordo e começaram a trabalhar no cordame.

Trabalharam lado a lado em perfeita harmonia. Nem mesmo entre os campistas de Hefesto, Leo trabalhara com alguém tão intuitiva como aquela jardineira imortal. Em pouco tempo, puseram a vela no lugar e todos os suprimentos a bordo. Leo apertou os botões na esfera de Arquimedes, murmurou uma prece ao seu pai, Hefesto, e o console de bronze celestial ganhou vida.

O cordame se esticou. A vela se voltou. A jangada começou a se arrastar pela areia, forçando para alcançar as ondas.

— Vá — disse Calipso.

Leo virou. Ela estava tão perto que ele não conseguia suportar. Calipso cheirava a canela e a lenha queimada, e achou que nunca voltaria a sentir um aroma tão bom.

— A jangada finalmente chegou — disse ele.

Calipso bufou. Seus olhos podiam estar vermelhos, mas era difícil dizer ao luar.

— Você notou?

— Mas se ela só aparece para os caras de quem você gosta...

— Não abuse da sorte, Leo Valdez — disse ela. — Eu *ainda* o odeio.

— Tudo bem.

— E você *não* voltará — insistiu Calipso. — Então não me faça promessas

vazias.

— Que tal uma promessa *cheia*? — disse ele. — Porque eu, definitivamente...

Ela agarrou o rosto de Leo e puxou-o para um beijo, o que efetivamente o calou.

Apesar de todas as suas brincadeiras e flertes, Leo nunca beijara uma garota antes. Bem, já dera beijinhos fraternais no rosto de Piper, mas aquilo não contava. Aquele era um beijo verdadeiro, de língua. Se Leo tivesse engrenagens e fios em seu cérebro, teriam entrado em curto-circuito.

Calipso o afastou.

— Isso não aconteceu.

— Tudo bem.

A voz de Leo soou mais aguda que o habitual.

— Saia daqui.

— Tudo bem.

Ela deu as costas enxugando os olhos furiosamente e saiu correndo pela areia, a brisa despenteando seu cabelo.

Leo desejou chamá-la, mas a vela se inflou e a jangada deixou a praia. Ele se dedicou a alinhar o console de orientação. Quando voltou a olhar para trás, a ilha de Ogígia era uma linha escura ao longe, a fogueira pulsando como um pequeno coração cor de laranja.

Seus lábios ainda formigavam pelo beijo.

Isso não aconteceu, disse para si mesmo. Não posso estar apaixonado por uma menina imortal. Ela definitivamente não pode estar apaixonada por mim. Não é possível.

Enquanto a jangada deslizava sobre a água, levando-o de volta ao mundo mortal, entendeu melhor um verso da Profecia: *Um juramento a manter com um alento final.*

Entendeu quão perigosos podem ser os juramentos. Mas Leo não se importava.

— Voltarei para você, Calipso — disse ele ao vento da noite. — Juro pelo Rio Estige.

LIII

ANNABETH

ANNABETH JAMAIS TIVERA MEDO DO escuro.

Mas normalmente a escuridão não tinha mais de dez metros de altura, asas negras, um chicote feito de estrelas e uma biga sinistra puxada por cavalos vampiros.

Nix era quase demais para se assimilar por inteiro. Pairando sobre o abismo, a figura era indefinida, como se feita de cinza e fumaça, e quase tão alta quanto a estátua de Atena Partenos, só que viva. Seu vestido era negro feito o vácuo, com as cores de uma nebulosa espacial, como se galáxias nascessem de seu corpete.

Era difícil ver o rosto em detalhes, exceto pelos pequenos pontos de seus olhos que brilhavam como quasares. Quando batia as asas, ondas de escuridão emanavam do abismo, fazendo com que Annabeth se sentisse pesada e sonolenta, e sua visão se turvasse.

A biga da deusa era feita do mesmo material da espada de Nico di Angelo, ferro estígio, puxada por dois cavalos pretos enormes com caninos prateados e bem afiados. Os animais flutuavam acima do abismo, e suas pernas se transformavam em fumaça quando se moviam.

Os cavalos relincharam e mostraram as presas para Annabeth. A deusa estalou seu chicote, uma fina fileira de estrelas que pareciam farpas de diamante, e os cavalos empinaram.

— Sombra, não! — repreendeu ela. — Calma, Trevas. Essas presas pequenas não são para vocês.

Percy olhou para os cavalos que relinchavam e bufavam. Continuava envolto na Névoa da Morte, então ainda parecia um cadáver embaçado, o que deixava Annabeth arrasada sempre que olhava para ele. Além disso, a camuflagem não devia ser muito boa, já que Nix obviamente podia vê-los.

Annabeth não conseguia decifrar a expressão no rosto fantasmagórico de Percy. Aparentemente, seu namorado não tinha gostado do que os cavalos estavam dizendo.

— Hã... Então não vai deixar que eles nos comam? — perguntou à deusa. — Eles querem muito nos devorar.

Os olhos de quasar de Nix flamejaram.

— É claro que não. Não deixaria meus cavalos devorarem vocês, assim como não deixaria Akhlys derrotá-los. São prêmios tão especiais que me mataria se não pudesse dar cabo de vocês eu mesma.

Annabeth não se sentia particularmente sagaz ou corajosa, mas seus instintos lhe disseram para tomar a iniciativa, ou aquela seria uma conversa muito curta.

— Ah, não se mate! — gritou ela. — Não somos assim *tão* assustadores.

A deusa baixou o chicote.

— O quê? Não, não foi isso que eu quis dizer... Eu...

— Ainda bem! — Annabeth olhou para Percy e deu um riso forçado. — Não queremos assustá-la, não é mesmo?

— Ha, ha. — Percy riu, sem forças. — Não, de jeito nenhum.

Os cavalos vampiros pareciam confusos. Empinavam, bufavam e batiam a cabeça negra uma na outra. Nix puxou as rédeas.

— Vocês sabem quem eu sou?

— Bem, acho que você é Noite — disse Annabeth. — Quer dizer, consegui reconhecê-la porque é cheia de *escuridão* e tudo mais, apesar de o folheto não falar muito sobre você.

Nix piscou, atordoada.

— Que folheto?

Annabeth tateou os bolsos.

— Nós tínhamos um, não tínhamos?

Percy umedeceu os lábios.

— Aham.

Ainda estava atento aos cavalos, com a mão no punho da espada, mas era inteligente o bastante para acompanhar o raciocínio de Annabeth. Agora ela tinha que torcer para não estar piorando as coisas... se bem que, para ser sincera, não conseguia ver como as coisas *poderiam* piorar.

— Enfim — continuou ela —, acho que o folheto não dava detalhes porque você não era uma das atrações principais do *tour*. Vimos o Rio Flegetonte, o Cócito, as *arai*, a clareira venenosa de Akhlys, e até alguns titãs e gigantes aleatórios, mas Nix... humm, não, você não estava no programa.

— *Atração principal? Programa?*

— É — disse Percy, entrando na onda. — Viemos aqui para fazer uma

excursão pelo Tártaro... tipo um destino exótico, sabe? O Mundo Inferior todo mundo já conhece. O Monte Olimpo é uma armadilha para turistas...

— Deuses, e como! — concordou Annabeth. — Então compramos o pacote com uma excursão ao Tártaro, mas ninguém mencionou que íamos encontrar Nix. Ah, bem, acho que não acharam que você era importante.

— Não sou importante!

Nix estalou o chicote no ar de novo. Os cavalos empinaram e bateram as presas prateadas. Ondas violentas de escuridão emanaram do abismo, deixando Annabeth apavorada, mas não podia demonstrar o medo.

Agarrou o braço de Percy e o forçou a baixar a espada. Aquela era uma deusa diferente de qualquer coisa que jamais tinham enfrentado. Nix era mais velha que todos os olímpianos, titãs e gigantes, mais velha até que Gaia. Não podia ser derrotada por dois semideuses, pelo menos não pela *força* de dois semideuses.

Annabeth se obrigou a olhar para o rosto enorme e escuro da deusa.

— Bem, quantos outros semideuses que fizeram o *tour* vieram ver você? — perguntou com ar inocente.

Nix afrouxou as rédeas.

— Nenhum. Ninguém. Isso é inaceitável!

Annabeth deu de ombros.

— Talvez seja porque você na verdade não tenha *feito* nada para ficar famosa. Quer dizer, entendo que Tártaro seja importante! Todo esse lugar foi nomeado em sua homenagem. Ou se pudéssemos conhecer Dia...

— Ah, sim — intrometeu-se Percy. — Dia? Seria incrível. Queria muito vê-la e, quem sabe, pedir seu autógrafo.

— Dia! — Nix agarrou a lateral de sua biga. O veículo estremeceu. — Está falando de Hémera? Ela é minha filha! A Noite é muito mais poderosa!

— Ah — disse Annabeth. — Gostei mais das *arai*, até mesmo de Akhlys.

— Elas também são minhas filhas!

Percy fingiu bocejar.

— Você tem muitos filhos, hein?

— Sou a mãe de todos os terrores! — gritou Nix. — Das próprias Parcas! De Hécate! Da Velhice! Da Dor! Do Sono! Da Morte! E de todas as maldições! Estão vendo como mereço ser famosa?

LIV

ANNABETH

NIX CHICOTEOU O AR OUTRA VEZ. A escuridão ao seu redor se intensificou. Dos dois lados da deusa surgiu um exército de sombras, mais *arai* de asas pretas, que Annabeth não ficou muito animada em ver, um velho caquético que devia ser Geras, o deus da velhice, e uma mulher mais jovem de toga preta, com olhos brilhantes e o sorriso de um assassino em série; sem dúvida Éris, a deusa da discórdia. E outras figuras continuavam a aparecer: dezenas de demônios e deuses menores, cada um deles gerado pela Noite.

Annabeth queria correr. Estava diante de uma linhagem de criaturas horríveis que podiam destruir a sanidade de qualquer um. Mas se tentasse correr, morreria.

A seu lado, a respiração de Percy se acelerou. Apesar de sua aparência de cadáver embaçado, Annabeth sabia que o namorado estava quase entrando em pânico. Ela tinha que manter a calma pelos dois.

Sou filha de Atena, pensou. Controlo minha própria mente.

Imaginou uma espécie de moldura enquadrando a cena à sua frente. Disse a si mesma que estava apenas vendo um filme. Um filme assustador, verdade, mas que não podia feri-la. Estava no controle.

— É, nada mal — reconheceu. — Acho que podíamos tirar uma foto para o álbum da viagem, mas não sei. Vocês são tão... *escuras*, sabe? Mesmo que a gente usasse o flash, não sei se ia sair direito.

— É-é... — balbuciou Percy com certa dificuldade. — Vocês não são nada fotogênicos.

— Seus turistas malditos! — rosnou Nix. — Como ousam não tremer diante de mim? Como ousam não gemer de medo e implorar por meu autógrafo e uma foto para seu álbum? Querem ouvir uma história impressionante? Meu filho Hipnos uma vez fez Zeus dormir! Quando Zeus o perseguiu pela Terra em busca

de vingança, Hipnos se refugiou em *meu* palácio, e Zeus não o seguiu. Até o rei do Olimpo me teme!

— Ah, tá. Legal. — Annabeth se virou para Percy. — Bem, está ficando tarde. Acho que a gente podia almoçar em um dos restaurantes recomendados pelo guia. Depois achamos as Portas da Morte.

— Ahá! — gritou Nix, triunfante.

Sua prole de sombras se agitou e repetiu:

— Ahá! Ahá!

— Vocês querem ver as Portas da Morte? — perguntou Nix. — Elas ficam no coração do Tártaro. Mortais como vocês nunca conseguiriam chegar até elas, a não ser passando pelos salões de meu palácio... a Mansão da Noite!

Ela gesticulou, apontando para algo atrás de si. Pairando sobre o abismo, cerca de cem metros abaixo, havia um pórtico de mármore negro que dava para um grande salão.

O coração de Annabeth estava tão acelerado que ela sentia sua batida até nos dedos dos pés. Aquele era o caminho a seguir, mas a entrada ficava muito longe, e era um salto quase impossível. Se não conseguissem, cairiam no caos e se desintegrariam: uma morte definitiva, sem chance de volta. Mesmo que conseguissem pular, teriam que passar pela deusa da Noite e suas crias mais assustadoras.

De repente, Annabeth se deu conta do que precisava acontecer. Como tudo o que já havia feito, as possibilidades eram pequenas. De algum modo, isso a acalmou. Mais uma ideia maluca diante da morte?

Tudo bem, seu corpo pareceu dizer, relaxando. *Estamos em território familiar.*

Ela conseguiu fingir um bocejo de tédio.

— Acho que podíamos tirar uma foto, mas o grupo todo não vai dar certo. Nix, que tal uma com seu filho favorito? Desses aí, qual é?

A prole se agitou. Dezenas de horríveis olhos brilhantes se voltaram para Nix.

A deusa ficou irrequieta, como se a biga estivesse esquentando sob seus pés. Seus cavalos de sombra bufaram e bateram as patas no vazio.

— Meu filho favorito? *Todos* os meus filhos são aterrorizantes!

— Sério? — questionou Percy com desdém. — Conheci as Parcas. Conheci Tânato. Não eram assim tão assustadores. Tem que haver alguém aí pior que eles.

— O mais tenebroso — prosseguiu Annabeth. — O mais parecido com você.

— Eu sou a mais tenebrosa — sibilou Éris. — Guerras e discórdia! Já causei todas as formas de morte!

— Sou ainda pior! — rosnou Geras. — Enfraqueço a visão e confundo a mente. Todo mortal teme a velhice!

— É, é — disse Annabeth, tentando ignorar seus dentes que batiam sem parar.
— Não estou vendo ninguém sombrio o bastante. Quer dizer, vocês são filhos da Noite! Quero ver trevas de verdade!

A horda de *arai* urrou e bateu as asas de morcego, gerando ondas negras. Geras estendeu as mãos enrugadas e escureceu todo o abismo. Éris exalou sombras compridas que acentuaram as trevas.

— Sou o mais sinistro! — rosnou um dos demônios.

— Não, eu sou!

— Não! Vejam só as minhas trevas!

Nem se mil polvos gigantes expelisses nanquim ao mesmo tempo, no fundo da fenda mais profunda e obscura do oceano, a escuridão poderia ser maior. Era como se Annabeth estivesse cega. A garota agarrou a mão de Percy e tentou se acalmar.

— Esperem! — gritou Nix, entrando em um pânico repentino. — Não consigo ver nada.

— É! — gritou orgulhoso um de seus rebentos. — Eu fiz isso!

— Não, fui eu!

— Idiota, fui eu!

Dezenas de vozes discutiam na escuridão.

Os cavalos relincharam, assustados.

— Parem com isso! — berrou Nix. — De quem é este pé?

— Éris está me batendo! — gritou alguém. — Mãe, mande ela parar.

— Não fui eu! — berrou Éris. — Ai!

O barulho de brigas e discussões aumentou. Apesar de parecer impossível, a escuridão ficou ainda mais profunda. Os olhos de Annabeth estavam tão abertos que pareciam estar sendo arrancados de suas órbitas.

Ela apertou a mão de Percy.

— Pronto?

— Para quê? — Depois de um instante, ele grunhiu, nada satisfeito. — Pelas cuecas de Poseidon, você não pode estar falando sério.

— Alguém me dê um pouco luz! — gritou Nix. — Argh! Não posso acreditar que disse isso!

— É um truque! — berrou Éris. — Os semideuses estão fugindo.

— Eu os peguei — gritou uma *arai*.

— Não, isso é meu pescoço! — exclamou Geras, quase sufocando.

— Pule! — disse Annabeth a Percy.

Eles saltaram na escuridão na direção do portal bem, bem abaixo.

LV

ANNABETH

DEPOIS DE TER CAÍDO NO Tártaro, pular cem metros até a Mansão da Noite devia ter passado rápido.

Em vez disso, o coração de Annabeth pareceu desacelerar. Entre as batidas, teve tempo de escrever o próprio obituário.

Morreu Annabeth Chase, aos dezessete anos.

T_{UM-TUM}.

(Supondo-se que seu aniversário, doze de julho, tivesse passado enquanto estava no Tártaro, mas, na verdade, não tinha a menor ideia.) T_{UM-TUM}.

Annabeth faleceu em decorrência de ferimentos graves sofridos ao pular como uma idiota no abismo do Caos e se estatelar no hall de entrada da mansão de Nix.

T_{UM-TUM}.

Deixou pai, madrasta e dois meios-irmãos que mal a conheceram.

T_{UM-TUM}.

Em vez de flores, favor enviar donativos para o Acampamento Meio-Sangue, se é que Gaia já não o destruiu.

Seus pés tocaram o chão. O impacto fez suas pernas doerem, mas cambaleou para a frente e logo estava correndo, puxando Percy atrás de si.

Acima deles, no escuro, Nix e seus filhos ainda discutiam e gritavam.

— Eu os peguei! Ai! Meu Pé! Parem!

Annabeth continuou a correr. Já que não conseguiria enxergar de qualquer jeito, fechou os olhos. Resolveu recorrer aos outros sentidos: ouvir à procura do eco de espaços abertos, sentir as correntes de ar que sopravam em seu rosto em busca de algum cheiro de perigo, fumaça, veneno ou do fedor de demônios.

Não era a primeira vez que mergulhava na escuridão. Imaginou-se de volta

aos túneis subterrâneos de Roma, à procura de Atena Partenos. Em comparação, sua jornada à caverna de Aracne parecia uma viagem à Disneylândia.

Os sons das discussões dos filhos de Nix foram ficando mais distantes. Isso era bom. Percy ainda corria a seu lado, segurando sua mão. O que também era bom.

A distância, à frente deles, Annabeth começou a ouvir um som pulsante como se fosse o eco das batidas de seu coração, tão amplificado que fazia o chão tremer. O barulho a encheu de medo, então imaginou que era o caminho certo a seguir. Correu em direção ao ruído.

À medida que as batidas ficavam mais altas, sentiu cheiro de fumaça e ouviu o crepitar de tochas à sua esquerda e direita. Achou que em breve haveria luz, mas um arrepio que subia por sua nuca a alertava que seria um erro abrir os olhos.

— Não olhe — advertiu ela a Percy.

— Não pretendia fazer isso. Você também está sentindo, certo? Ainda estamos na Mansão da Noite. Eu *não* quero vê-la.

Garoto esperto, pensou Annabeth. Costumava provocar Percy dizendo que era burro, mas na verdade os instintos de seu namorado em geral acertavam na mosca.

Quaisquer que fossem os horrores abrigados na Mansão da Noite, não eram feitos para olhos mortais. Vê-los seria pior que olhar para o rosto de Medusa. Era melhor correr no escuro.

A pulsação ficou mais alta, enviando vibrações que subiam pela coluna de Annabeth. Parecia que alguém estava batendo no fundo do mundo, exigindo que o deixassem entrar. Sentiu portas se abrirem diante deles. O aroma do ar estava mais fresco, ou pelo menos não tão carregado de enxofre. Havia outro ruído, também, mais próximo do que a pulsação profunda... o som de água corrente.

O coração de Annabeth se acelerou. Sabia que a saída estava por perto. Se conseguissem sair da Mansão da Noite, talvez deixassem aquela família de demônios sombrios para trás.

Começou a correr mais rápido, o que teria significado sua morte se Percy não a tivesse detido.

LVI

ANNABETH

— ANNABETH! — PERCY A PUXOU PARA trás no exato instante em que ela alcançou a beira de um penhasco.

Quase despencou para o interior de sabe-se lá o quê, mas Percy a segurou e envolveu em seus braços.

— Está tudo bem — tranquilizou-a.

Annabeth pressionou o rosto contra o peito dele e manteve os olhos bem fechados. Tremia, mas não de medo. O abraço de Percy era tão quente e reconfortante que queria ficar ali para sempre, segura e protegida... mas era apenas uma ilusão. Não podia se dar ao luxo de relaxar. Não podia se apoiar em Percy mais do que o necessário. Ele também precisava *dela*.

— Obrigada... — Ela se soltou de seus braços com delicadeza. — Sabe dizer o que há à nossa frente?

— Água — disse ele. — Ainda não estou olhando. Acho que ainda não é seguro.

— Concordo.

— Posso sentir um rio... ou talvez um fosso. Está no caminho e corre para a direita em um canal aberto na rocha. A outra margem fica a uns cinco metros de distância.

Annabeth se repreendeu mentalmente. Ouvira o barulho de água, mas nem imaginou que podia estar correndo direto para ela.

— Tem alguma ponte, ou...

— Acho que não. E há algo estranho com a água. Escute.

Annabeth se concentrou. De dentro da água, milhares de vozes gritavam, gemendo em agonia e suplicando por misericórdia.

Ajudem!, gemiam. Foi um acidente!

A dor!, uivavam. Façam com que pare!

Annabeth não precisava olhar para saber como devia ser o rio: um córrego negro e salgado de almas torturadas, arrastadas cada vez mais para as profundezas do Tártaro.

— O Rio Aqueronte — supôs. — O quinto rio do Mundo Inferior.

— Eu preferia o Flegetonte — murmurou Percy.

— É o Rio da Dor. O castigo final para as almas dos condenados, especialmente os assassinos.

Assassinos!, lamentou o rio. Isso, iguais a vocês!

Juntem-se, murmurou outra voz. Vocês não são melhores que nós.

Inúmeras imagens dos monstros que Annabeth havia matado ao longo dos anos surgiram em sua cabeça. *Aquilo não era assassinato*, protestou ela. *Eu estava me defendendo!*

O rio mudou de curso em sua mente, mostrando Zoë Doce-Amarga, que tinha sido morta no Monte Tamalpais porque fora resgatar Annabeth dos titãs.

Viu a irmã de Nico morrer quando Talos, o gigante de metal, desabou sobre Bianca enquanto ela também tentava salvá-la.

Michael Yew e Silena Beauregard... que morreram na Batalha de Manhattan.

Você podia ter evitado isso, disse o rio a Annabeth. *Devia ter pensado em alguma coisa.*

O mais doloroso de todos: Luke Castellan. Annabeth se lembrava do sangue de Luke em sua faca depois que ele se sacrificou para impedir que Cronos destruísse o Olimpo.

O sangue dele está em suas mãos!, gemeu o rio. *Devia haver outra maneira!*

Annabeth tinha remoído essa ideia muitas vezes. Tentava se convencer de que a morte de Luke não tinha sido culpa dela. O garoto tinha escolhido seu destino. Mesmo assim... não sabia se a alma dele encontrara paz no Mundo Inferior, se ele tinha renascido, ou se havia sido jogado no Tártaro por causa de seus crimes. O semideus podia ser uma das vozes torturadas que passavam por eles naquele instante.

Você o assassinou!, gritou o rio. *Pule para cá e compartilhe a punição dele!*

Percy segurou o braço dela.

— Não escute.

— Mas...

— Eu sei. — A voz dele quase falhou. — Estão me dizendo a mesma coisa. Eu acho... acho que esse fosso deve ficar nos limites do território de Noite. Se conseguirmos atravessar, acho que vamos ficar bem. Mas vamos ter que pular.

— Mas você disse que eram uns cinco metros!

— É. Você vai ter que confiar em mim. Segure bem em meu pescoço com os

dois braços.

— Como você vai conseguir...

— Ali! — gritou uma voz às costas deles. — Matem os turistas ingratos!

Tinham sido encontrados pelos filhos de Nix. Annabeth imediatamente agarrou o pescoço de Percy.

— Vai!

De olhos fechados, só podia imaginar como ele conseguira. Talvez tivesse usado a força do rio de alguma forma. Talvez estivesse apenas apavorado e sob o efeito da adrenalina. Percy saltou mais alto do que Annabeth achava que fosse possível. Passaram por cima do rio enquanto suas águas se agitavam e emitiam lamentos, molhando os tornozelos dela, que arderam com a água salgada.

E então... *PLUNC*. Estavam em terra firme de novo.

— Pode abrir os olhos — disse Percy, ofegante. — Mas não vai gostar do que vai ver.

Annabeth piscou. Depois da escuridão de Nix, até a penumbra do halo vermelho do Tártaro parecia cegante.

Diante deles se estendia um vale grande o bastante para abrigar a Baía de São Francisco. O barulho ritmado vinha de todos os lugares, como se trovejasse sob a terra. Sob as nuvens venenosas, o terreno aberto tinha um brilho roxo, com cicatrizes escuras vermelhas e azuis.

— Parece... — Annabeth tentou conter a repulsa. — Parece um coração gigante.

— O coração de Tártaro — murmurou Percy.

No centro do vale havia um aglomerado irregular de incontáveis pontos pretos. Estavam tão longe que Annabeth demorou um pouco para se dar conta de que estava olhando para um exército de milhares, talvez dezenas de milhares, de monstros agrupados em torno de um ponto escuro central. Não conseguia distinguir bem por conta da distância, mas não tinha dúvidas do que era o ponto. Mesmo da extremidade do vale, Annabeth podia sentir seu poder atraindo a alma dela.

— As Portas da Morte.

— É. — A voz de Percy estava rouca.

Ele ainda estava com o aspecto pálido e ressecado de um cadáver... o que significava que parecia tão bem quanto Annabeth se sentia.

A garota percebeu que havia se esquecido completamente de seus perseguidores.

— O que aconteceu com Nix?

Ela se virou. De algum modo, eles haviam aterrissado a centenas de metros das margens do Aqueronte, que corria por um leito recortado em colinas

vulcânicas negras. Depois disso, não havia nada além de escuridão.

Não havia sinal de ninguém vindo atrás deles. Aparentemente, até os seguidores de Noite não gostavam de cruzar o Aqueronte.

Quando ia perguntar a Percy como ele tinha conseguido saltar tão longe, ouviu o ruído de uma pedra caindo na colina à sua esquerda. Ela sacou a espada de osso de drakon. Percy ergueu Contracorrente.

Cabelos brancos reluzentes surgiram acima da crista do morro e, em seguida, avistaram um rosto sorridente e familiar com olhos prateados.

— Bob? — Annabeth ficou tão feliz que começou a pular. — Ah, meus deuses!

— Amigos!

O titã caminhou na direção deles. As cerdas de sua vassoura estavam queimadas. O uniforme de zelador estava rasgado com marcas de garras, mas ele parecia contentíssimo. No ombro, o gatinho Bob Pequeno ronronava quase tão alto quanto o coração pulsante de Tártaro.

— Achei vocês! — Bob envolveu os dois em um abraço de quebrar ossos. — Vocês parecem gente morta enfumaçada. Isso é bom.

— Uff — disse Percy, sem ar. — Como você chegou aqui? Pela Mansão da Noite?

— Não, não. — Bob sacudiu a cabeça com firmeza. — Aquele lugar é muito assustador. Outro caminho... só para titãs e coisas assim.

— Deixe-me adivinhar — disse Annabeth. — Você foi pelos lados.

Bob coçou o queixo, claramente sem palavras.

— Humm... não, não pelos lados. Mais... pela *diagonal*.

Annabeth riu. Lá estavam eles no coração do Tártaro, diante de um exército inacreditável. Tinha que aproveitar todo o conforto que pudesse conseguir. Estava ridiculamente feliz por ter novamente a companhia do titã Bob.

Ela beijou o nariz do imortal, o que o fez piscar.

— Ficamos juntos agora? — perguntou ele.

— Claro — concordou Annabeth. — É hora de ver se a Névoa da Morte funciona.

— E se não funcionar... — Percy não terminou a frase.

Não fazia sentido levantar dúvidas. Estavam prestes a passar no meio de um exército inimigo. Se fossem vistos, morreriam.

Apesar disso, Annabeth conseguiu sorrir. Seu objetivo estava à vista. Tinham um titã com uma vassoura e um gatinho muito barulhento ao seu lado. Isso devia servir para alguma coisa.

— Portas da Morte — disse ela. — Aí vamos nós.

LVII

JASON

JASON NÃO SABIA BEM O que esperar: tempestade ou fogo.

Enquanto aguardava por sua audiência diária com o senhor do Vento Sul, tentou decidir qual das personalidades do deus, a romana ou a grega, era a pior. Mas após cinco dias no palácio, Jason estava certo de apenas uma coisa: era pouco provável que ele e sua tripulação saíssem vivos dali.

Encostou-se no guarda-corpo da varanda. O ar estava tão quente e seco que parecia sugar a umidade de seus pulmões. Durante a última semana, sua pele escurecera e o cabelo ficara branco como palha de milho. Sempre que se olhava no espelho, ele se assustava com seu olhar selvagem e vazio, como se tivesse ficado cego ao vagar a esmo em um deserto.

Trinta metros abaixo, o mar da baía brilhava junto à praia de areia vermelha. Estavam em algum lugar da costa norte da África. E essa foi a única informação que os espíritos do vento deram a ele.

De onde Jason estava, o palácio se estendia para ambos os lados, uma colmeia de salas, túneis, varandas, colunas e quartos cavernosos esculpidos nos penhascos de arenito, tudo projetado para que o vento soprasse através deles e fizesse o maior barulho possível. Os constantes sons de órgão lembraram a Jason o covil flutuante de Éolo, no Colorado, exceto que aqui os ventos pareciam não ter pressa.

O que era parte do problema.

Em seus melhores dias, os *venti* do sul eram lentos e preguiçosos. Nos piores, eram tempestuosos e raivosos. A princípio deram boas vindas ao *Argo II*, já que qualquer inimigo de Bóreas era amigo do Vento Sul, mas pareciam ter se esquecido de que os semideuses eram seus hóspedes. Os *venti* rapidamente perderam o interesse em ajudar a consertar o navio. E o humor de seu rei piorava

a cada dia.

No cais, os amigos de Jason trabalhavam no *Argo II*. A vela principal fora reparada, o cordame, substituído. Naquele momento, eles remendavam os remos. Sem Leo, ninguém sabia como consertar as partes mais complicadas do navio, mesmo com a ajuda de Buford, a mesa, e Festus (que agora estava permanentemente ligado graças ao charme de Piper — e *ninguém* entendia isso). Mas continuavam tentando.

Hazel e Frank estavam ao leme, mexendo nos controles. Piper transmitia as ordens deles para o treinador Hedge, que estava pendurado na lateral do navio, martelando as mossas nos remos. Hedge era a pessoa certa para martelar coisas.

Não pareciam estar fazendo muito progresso, mas, considerando o que tinham passado, era um milagre que o navio ainda estivesse inteiro.

Jason estremeceu ao se lembrar do ataque de Quione. Ele ficara impotente — congelado não uma, mas duas vezes, enquanto Leo era lançado para o céu e Piper foi obrigada a salvar a todos sozinha.

Grças aos deuses eles tinham Piper. Ela se considerava um fracasso por não ter evitado a explosão da bomba de vento, mas a verdade é que salvara toda a tripulação de virar esculturas de gelo em Quebec.

Ela também conseguiu direcionar a explosão da esfera de gelo, de modo que, embora o navio tivesse sido arremessado até o meio do Mediterrâneo, não sofrera grandes danos.

Lá do cais, Hedge gritou:

— Tentem agora!

Hazel e Frank puxaram algumas alavancas. Os remos a bombordo ficaram enlouquecidos, subindo e descendo como se estivesse fazendo uma ola. O treinador Hedge tentou se esquivar, mas um remo o atingiu no traseiro e o lançou para o alto. Ele caiu gritando nas águas da baía.

Jason suspirou. Naquele ritmo, jamais seriam capazes de navegar, mesmo que os *venti* do sul permitissem. Em algum lugar ao norte, Reyna estava voando para Épiro, supondo-se que ela tivesse encontrado seu bilhete no palácio de Diocleciano. Leo estava perdido e em perigo. Percy e Annabeth... bem, na melhor das hipóteses ainda estavam vivos, tentando chegar às Portas da Morte. Jason não podia deixá-los na mão.

Um farfalhar o fez se virar. Nico di Angelo estava à sombra da coluna mais próxima. Ele tirara a jaqueta. Agora vestia apenas uma camiseta e um jeans preto. Trazia sua espada e o cetro de Diocleciano pendurados no cinto.

Os vários dias sob o sol quente não bronzearam a pele *dele*. Se muito, parecia ainda mais pálida. O cabelo escuro caía em seus olhos. O rosto ainda estava magro, mas ele definitivamente parecia estar em melhor forma do que quando

deixaram a Croácia. Nico recuperara peso suficiente para não parecer desnutrido. Os músculos de seus braços estavam surpreendentemente firmes, como se tivesse passado a semana anterior treinando com a espada. Jason achava que ele vinha praticando escondido como invocar espíritos com o cetro de Diocleciano para, em seguida, lutar com eles. Após a expedição em Split, nada o surpreenderia.

— Alguma palavra do rei? — perguntou Nico.

Jason balançou a cabeça.

— A cada dia ele me recebe mais tarde.

— Precisamos ir embora — disse Nico. — Logo.

Jason tinha a mesma sensação, mas ouvir Nico dizendo aquilo o deixou ainda mais tenso.

— Está sentindo alguma coisa?

— Percy está perto das Portas — respondeu. — Ele precisará de nós para atravessá-las com vida.

Jason percebeu que ele não mencionara Annabeth, mas decidiu não comentar.

— Tudo bem — falou. — Mas se não conseguirmos consertar o navio...

— Prometi levá-los à Casa de Hades — disse Nico. — De um jeito ou de outro, é o que farei.

— Você não pode viajar nas sombras com todos nós. E *precisamos* de todos nós para chegar às Portas da Morte.

A esfera no topo do cetro de Diocleciano brilhou na cor roxa. Na última semana, ela parecia estar sintonizada com o humor de Nico di Angelo. Jason não tinha certeza se aquilo era uma coisa boa.

— Então você *precisa* convencer o rei do Vento Sul a ajudar. — A voz de Nico fervia de raiva. — Eu não vim até aqui e sofri tantas humilhações...

Jason teve que se forçar a não levar a mão à espada. Sempre que Nico ficava com raiva, todos os instintos de Jason berravam: *Perigo!*

— Veja, Nico — disse ele. — Eu estou aqui se você quiser conversar sobre, você sabe, o que aconteceu na Croácia. Entendo como é difícil...

— Você não entende nada.

— Ninguém vai julgá-lo.

A boca de Nico se contorceu em um sorriso de escárnio.

— Sério? Seria uma novidade. Sou o filho de *Hades*, Jason. Pela forma como as pessoas me tratam, parece que ando por aí coberto de sangue ou água de esgoto. Não pertencço a lugar algum. Nem mesmo sou deste *século*. Mas parece que isso não é suficiente para me excluir. Preciso ser... ser...

— Cara, não é como se você tivesse escolha! É apenas quem você é.

— Apenas quem eu sou... — A varanda estremeceu. Padrões formaram-se no

chão de pedra, como ossos subindo à superfície. — Para você é fácil dizer. O menino de ouro, o filho de *Júpiter*. A única pessoa que *me* aceitou foi Bianca, e ela *morreu*! Não escolhi nada disso. Meu pai, o que sinto...

Jason tentou pensar em algo para dizer. Ele queria ser amigo de Nico. Sabia que era a única maneira de ajudá-lo. Mas Nico não facilitava as coisas.

Ele ergueu as mãos em submissão.

— É, está bem. Mas, Nico, é *você* quem escolhe como viver a sua vida. Você quer confiar em alguém? Então arrisque acreditar que sou seu amigo de verdade e que vou aceitá-lo. É melhor do que se esconder.

O piso entre os dois rachou. A fenda sibilou. O ar ao redor de Nico tremulou com luz espectral.

— Esconder? — A voz de Nico soava mortalmente calma.

Os dedos de Jason coçavam para sacar a espada. Ele conhecera muitos semideuses assustadores, mas estava começando a perceber que Nico di Angelo — pálido e magro como era — podia ser mais poderoso do que imaginara.

Contudo, não desviou o olhar do de Nico.

— Sim, se esconder. Você fugiu dos dois acampamentos. Está com tanto medo de ser rejeitado que nem mesmo tenta. Talvez seja hora de parar de se esconder nas sombras.

No momento em que a tensão tornou-se insuportável, Nico desviou os olhos. A fissura se fechou no piso da varanda. A luz fantasmagórica desapareceu.

— Honrarei minha promessa — disse Nico, não mais alto do que um sussurro. — Vou levá-los a Épiro. Ajudarei vocês a fechar as Portas da Morte. E só. Então vou embora... para sempre.

Atrás deles, as portas da sala do trono se abriram com uma rajada de ar escaldante.

Uma voz sem corpo disse: *O sr. Austro o receberá agora.*

Por mais que temesse aquela audiência, Jason sentiu-se aliviado. Naquele momento, discutir com um deus do vento caduco parecia mais seguro do que fazer amizade com um filho de Hades furioso. Ele virou-se para se despedir de Nico, mas o outro já desaparecera — misturando-se novamente à escuridão.

LVIII

JASON

ENTÃO ERA DIA DE TEMPESTADE. Austro, a versão romana do Vento Sul, estava dando audiência.

Nos dois dias anteriores, Jason lidara com Noto. Embora a versão grega do deus fosse inflamada e ficasse com raiva rapidamente, ao menos era *rápida*. Austro... bem, nem tanto.

Colunas de mármore branco e vermelho contornavam a sala do trono. O piso áspero de arenito soltava fumaça sob os sapatos de Jason. Vapor pairava no ar, como nas termas do Acampamento Júpiter, só que elas normalmente não tinham tempestades estalando no teto, iluminando o ambiente com relâmpagos desorientadores.

Venti do sul rodopiavam pelo salão em nuvens de poeira vermelha e ar superaquecido. Jason teve o cuidado de não tocar em nenhum. Em seu primeiro dia ali, acidentalmente roçara a mão em um deles e ficara com tantas bolhas que seus dedos pareciam tentáculos.

Nos fundos da sala ficava o trono mais estranho que Jason já vira — feito de partes iguais de fogo e água. O estrado era uma fogueira. Chamas e fumaça se misturavam para formar o assento. O encosto era uma agitada nuvem de tempestade. Os braços do trono chiavam nos pontos em que a água se encontrava com o fogo. Não parecia muito confortável, mas Austro estava relaxado como se estivesse pronto para uma tarde tranquila assistindo a uma partida de futebol.

De pé, o deus teria cerca de três metros de altura. Uma coroa de vapor envolvia seu cabelo branco e desgrenhado. A barba era feita de nuvens que constantemente relampejavam e derramavam chuva no peito do deus, encharcando sua toga cor de areia. Jason se perguntou se era possível fazer uma barba de nuvem de tempestade. Imaginou que deveria ser irritante chover sobre

si mesmo o tempo todo, mas Austro não parecia se importar. Lembrava a Jason um Papai Noel encharcado, embora mais preguiçoso do que alegre.

— Então — a voz do deus ribombou como uma frente fria se aproximando. — O filho de Júpiter retorna.

Austro fez parecer que Jason estava atrasado. Jason sentiu-se tentado a lembrar àquele estúpido deus do vento que ele passara várias horas por dia lá fora esperando ser chamado, mas apenas fez uma reverência.

— Meu senhor, já recebeu alguma notícia de meu amigo? — perguntou.

— Amigo?

— Leo Valdez. — Jason tentou ser paciente. — Aquele que foi levado pelos ventos.

— Ah... sim. Ou melhor, não. Não tivemos nenhuma notícia. Ele não foi levado por *meus* ventos. Sem dúvida, isso foi trabalho de Bóreas ou de suas crias.

— Hã, sim. Já sabíamos disso.

— Este é o único motivo de tê-los hospedado aqui, é claro. — As sobrancelhas de Austro ergueram-se em direção à coroa de vapor. — Bóreas deve ser combatido! Os ventos do norte devem ser repelidos!

— Sim, meu senhor. Mas, para combater Bóreas, precisamos tirar nosso navio do porto.

— Navio no porto! — O deus se inclinou para trás e riu, a chuva pingando de sua barba. — Sabe o que aconteceu na *última* vez que navios de mortais entraram no meu porto? Foi um rei da Líbia... Psilo. Ele culpava a *mim* pelos ventos escaldantes que queimavam suas plantações. Dá para acreditar?

Jason trincou os dentes. Ele sabia que Austro não devia ser apressado. Em sua forma de tempestade, ele era lento, quente e esporádico.

— E você queimou essas plantações, meu senhor?

— Óbvio! — Austro sorriu, bem-humorado. — Mas o que Psilo esperava com plantações no limiar do Saara? O idiota lançou toda a sua frota contra mim. Tinha a intenção de destruir minha fortaleza para que o vento sul nunca pudesse soprar outra vez. Eu destruí a frota, é claro.

— É claro.

Austro estreitou os olhos.

— Você não veio com Psilo, veio?

— Não, sr. Austro. Sou Jason Grace, filho de...

— Júpiter! Sim, claro. Eu gosto de filhos de Júpiter. Mas por que seu navio ainda está no meu porto?

Jason conteve um suspiro.

— Não temos sua permissão para partir, meu senhor. Além disso, o navio está

danificado. Precisamos de nosso mecânico, Leo Valdez, para consertar o motor, a menos que o senhor conheça outra maneira.

— Hum... — Austro ergueu os dedos e um redemoinho de poeira se formou entre eles, como uma batuta. — Sabe, as pessoas me acusam de ser inconstante. Às vezes, sou um vento escaldante, destruidor de plantações, o siroco da África! Em outras, sou calmo, anunciando as chuvas quentes de verão e os frescos nevoeiros do sul do Mediterrâneo. E fora de temporada, tenho um lugar encantador em Cancún! De qualquer forma, nos tempos antigos, os mortais tanto me temiam quanto me amavam. Para um deus, a imprevisibilidade pode ser uma força.

— Então o senhor deve ser muito forte — disse Jason.

— Obrigado! Sim! Mas o mesmo não se aplica aos semideuses. — Austro se inclinou para a frente, perto o suficiente para que Jason pudesse sentir o cheiro de terra molhada e praias de areia quente. — Você me lembra de meus próprios filhos, Jason Grace. Sempre vagando de um lugar a outro. Indeciso. Mudando a cada dia. Se pudesse escolher a direção do vento, para onde sopraria?

O suor escorria pelas costas de Jason.

— Perdão?

— Você diz que precisa de um navegador. Que precisa da minha permissão. Eu digo que você não precisa de nada disso. É hora de tomar uma decisão. Um vento que sopra à toa não serve para nada.

— Eu não... Eu não estou entendendo.

Mas enquanto dizia isso, ele *entendeu*. Nico falara sobre não pertencer a lugar algum. Ao menos Nico estava livre de vínculos. Ele poderia ir para onde quisesse.

Jason estava tentando decidir a qual lugar pertencia durante meses. Ele sempre se irritara com as tradições do Acampamento Júpiter, os jogos de poder e a luta interna. Mas Reyna era uma boa pessoa. Ela precisava de sua ajuda. Se ele desse as costas para ela... alguém como Octavian poderia assumir e destruir tudo o que Jason *amava* em Nova Roma. Poderia ser tão egoísta a ponto de partir? Só de pensar nisso sentia-se esmagado pela culpa.

Contudo, no fundo de seu coração, ele *queria* ficar no Acampamento Meio-Sangue. Os meses que passara ali com Piper e Leo lhe pareceram mais gratificantes, *melhores* do que todos os anos no Acampamento Júpiter. Além disso, no Acampamento Meio-Sangue havia ao menos uma *chance* de ele finalmente conhecer o pai. Os deuses quase nunca apareciam no Acampamento Júpiter para dar um oi.

Jason inspirou profundamente.

— Sim. Sei qual direção desejo seguir.

— Ótimo! E o que mais?

— Hã, ainda precisamos consertar o navio. Existe alguma...?

Austro ergueu o dedo indicador.

— Ainda esperando a orientação dos senhores do vento? Um filho de Júpiter deveria ser mais esperto.

Jason hesitou.

— Iremos embora, sr. Austro. Hoje.

O deus do vento sorriu e abriu os braços.

— Finalmente anunciou seu propósito! Então têm minha permissão para partir, embora não precisem dela. Como navegarão sem o seu mecânico, sem os motores consertados?

Jason sentiu os ventos do sul sibilando ao seu redor, relinchando em desafio como garanhões teimosos testando sua vontade.

Durante toda a semana ele esperara que Austro decidisse ajudá-los. Durante meses se preocupara com suas obrigações com o Acampamento Júpiter, esperando que seu caminho se tornasse mais claro. Agora percebia que devia simplesmente fazer o que quisesse. Ele tinha que controlar os ventos, e não o contrário.

— Você vai nos ajudar — disse Jason. — Seus *venti* podem assumir a forma de cavalos. Você nos dará uma tropa para puxar o *Argo II*. Eles nos levarão até Leo.

— Maravilhoso! — exclamou Austro, sua barba carregada de eletricidade. — Agora... você pode cumprir o que suas palavras corajosas prometem? Pode controlar o que deseja, ou será feito em pedacinhos?

O deus bateu palmas. Os ventos rodopiaram ao redor de seu trono e assumiram a forma de cavalos. Não eram escuros e frios como o amigo de Jason, Tempestade. Os cavalos do Vento Sul eram feitos de fogo, areia e água fervente. Quatro passaram perto do garoto, o calor chamuscando os pelos de seus braços. Galoparam em torno das colunas de mármore, cuspidos chamas, relinchando com o som das tempestades de areia. Quanto mais corriam, mais selvagens se tornavam. Eles começaram a encarar Jason.

Austro coçou a barba chuvosa.

— Você sabe por que os *venti* podem aparecer como cavalos, meu rapaz? De vez em quando nós, deuses do vento, viajamos pela terra na forma de equinos. Em algumas ocasiões, já fomos conhecidos por termos gerado os cavalos mais rápidos de todos.

— Obrigado — murmurou Jason, embora seus dentes batessem de medo. — Muita informação.

Um dos *venti* atacou Jason. Ele desviou para o lado, suas roupas fumegando

com a proximidade do cavalo.

— Às vezes — continuou Austro alegremente —, mortais reconhecem nosso sangue divino. Dizem: *Este cavalo corre como o vento*. E por um bom motivo. Assim como os garanhões mais rápidos, os *venti* são nossos filhos!

Os cavalos de vento começaram a circular Jason.

— Como meu amigo, Tempestade — arriscou ele.

— Ah, bem... — Austro fez uma careta. — Infelizmente ele é um filho de Bóreas. Como você conseguiu domá-lo, jamais saberei. Mas estes são meus filhos, uma bela tropa de ventos do sul. Controle-os, Jason Grace, e eles tirarão seu navio do porto.

Controlá-los, pensou Jason. *Sei*.

Os *venti* corriam para todos os lados, frenéticos. Como seu mestre, o Vento Sul, estavam em conflito — metade um siroco quente e seco, metade um tempestuoso cúmulo nimbus.

Preciso de velocidade, pensou Jason, preciso de propósito.

Ele se concentrou em Noto, a versão grega do Vento Sul — escaldante, mas muito rápido.

Naquele momento, ele *escolheu* o grego. Apostou no Acampamento Meio-Sangue, e os cavalos mudaram. As nuvens de tempestade dentro deles se dissiparam, restando apenas poeira vermelha e ondas de vapor, como miragens no Saara.

— Muito bem — disse o deus.

Noto estava sentado no trono agora, um velho de pele bronzeada usando uma *chiton* grega de fogo e uma coroa de cevada seca e fumegante na cabeça.

— O que está esperando? — perguntou.

Jason voltou-se para os cavalos de vento e fogo. Subitamente, não tinha mais medo deles. Estendeu a mão. Um redemoinho de poeira disparou em direção ao cavalo mais próximo. Um laço — uma corda de vento, mais poderosa do que qualquer tornado — enrolou-se em torno do pescoço do animal. O vento formou um arreio e o cavalo parou.

Jason invocou outra corda de vento. Ele laçou um segundo cavalo, submetendo-o à sua vontade. Em menos de um minuto, tinha amarrado os quatro *venti*. Ele os refreou. Ainda relinchavam e resistiam, mas não podiam romper as cordas. O garoto parecia estar empinando quatro pipas em um dia de vento forte — difícil, sim, mas não impossível.

— Muito bem, Jason Grace — disse Noto. — Você é um filho de Júpiter, mas mesmo assim escolheu o próprio caminho, como todos os grandes semideuses fizeram antes de você. Não pode controlar a sua ascendência, mas *pode* escolher sua herança. Agora vá. Amarre seus cavalos à proa e direcione-os para Malta.

— Malta? — Jason tentou se concentrar, mas o calor dos cavalos o estava deixando tonto. Ele não sabia nada sobre Malta, apenas uma vaga história sobre um falcão maltês. Será que o malte foi inventado lá?

— Assim que chegarem à cidade de Valetta — disse Noto —, não precisarão mais destes cavalos.

— Quer dizer que... vamos encontrar Leo?

O deus tremulou, lentamente se dissipando em ondas de calor.

— Seu destino está mais claro, Jason Grace. Quando tiver que escolher novamente entre tempestade ou fogo, lembre-se de mim. E não entre em pânico.

As portas da sala do trono se abriram. Ao sentirem o cheiro da liberdade, os cavalos dispararam em direção à saída.

LIX

JASON

AOS DEZESSEIS ANOS, A MAIORIA dos jovens se preocupa com a prova de baliza, tirar a carteira de motorista e ter dinheiro para comprar um carro.

Jason se preocupava em controlar uma tropa de cavalos de fogo com cordas de vento.

Depois de se certificar que seus amigos estavam a bordo e em segurança sob o convés, ele atou os *venti* à proa do *Argo II* (coisa que Festus *não* gostou nem um pouco), montou na figura de proa e gritou:

— Upa, lelê!

Os *venti* dispararam pelas ondas. Não galopavam tão rápido quanto o cavalo de Hazel, Arion, mas eram muito mais quentes. Levantavam uma nuvem de vapor que tornava quase impossível que ele enxergasse para onde iam. O navio disparou para fora da baía. Em pouco tempo, a África era apenas uma linha nebulosa no horizonte atrás deles.

Manter as cordas de vento exigia toda a concentração de Jason. Os cavalos faziam força para se libertarem. Apenas a determinação dele os mantinha sob controle.

Malta, ordenou. Para Malta.

Quando finalmente viu terra ao longe — uma ilha montanhosa coberta de pequenas construções de pedra —, Jason estava encharcado de suor. Seus braços pareciam feitos de borracha, como se tivesse sustentado um haltere sem dobrar o cotovelo por muito tempo.

Ele esperava que tivessem chegado ao lugar certo porque não conseguiria manter aqueles cavalos juntos por mais tempo. Jason soltou as rédeas de vento. Os *venti* se dissolveram em partículas de areia e vapor.

Exausto, ele desceu da proa e se apoiou no pescoço de Festus. O dragão virou-

se e recostou a cabeça no ombro dele.

— Obrigado, cara — disse Jason. — Dia difícil, hein?

Atrás dele, as tábuas do convés rangeram.

— Jason — chamou Piper. — Ah, deuses, seus braços...

Ele não percebera, mas sua pele estava repleta de bolhas.

Piper pegou um pedaço de ambrosia.

— Coma isso.

Ele mastigou. Sua boca se encheu com o sabor de brownies recém-assados — seu doce favorito nas padarias de Nova Roma. As bolhas desapareceram de seus braços. Sua força voltou, mas o brownie de ambrosia parecia mais amargo do que o habitual, como se soubesse de alguma forma que Jason estava dando as costas para o Acampamento Júpiter. Aquele gosto não o fazia mais se lembrar de casa.

— Obrigado, Pipes — murmurou ele. — Por quanto tempo estive...?

— Umas seis horas.

Uau, pensou Jason. Não é de se admirar que estivesse dolorido e com fome.

— E os outros?

— Estão bem. Cansados de ficarem parados. Posso dizer que é seguro subir ao convés?

Jason lambeu os lábios secos. Apesar da ambrosia, sentia-se trêmulo. Ele não queria que os outros o vissem assim.

— Me dê um segundo para recuperar o fôlego.

Piper se encostou ao lado dele. Estava usando uma regata verde, short bege e botas de caminhada, parecia pronta para escalar uma montanha e então encarar um exército quando chegasse lá em cima. Trazia sua adaga presa ao cinto e a cornucópia pendurada no ombro. Ela tinha decidido ficar com a espada dentada de bronze que tirara de Zetes, o boreada, que era apenas um pouco menos intimidadora do que um rifle.

Durante o tempo em que ficara no palácio de Austro, Jason observara Piper e Hazel treinando com as espadas durante horas, algo por que Piper jamais se interessara anteriormente. Desde seu encontro com Quione, ela parecia mais nervosa, tensa como uma catapulta armada, como se estivesse determinada a nunca mais ser pega de surpresa.

Jason entendia o sentimento, mas tinha medo de que ela estivesse sendo muito severa consigo mesma. Ninguém podia estar pronto para qualquer situação o tempo todo. Ele devia saber: passara a última batalha como um tapete congelado no chão.

Jason devia estar encarando Piper, porque ela acabou lançando-lhe um sorriso compreensivo.

— Ei, eu estou bem. Nós estamos bem.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou, e foi tão bom quanto a ambrosia. Seus olhos tinham tantas tonalidades que Jason poderia ficar olhando para eles o dia inteiro, da mesma forma que as pessoas assistem às auroras boreais.

— Eu tenho sorte de ter você — disse ele.

— Sim, você tem. — Ela empurrou seu peito com delicadeza. — Agora, como é que vamos levar este navio até o cais?

Jason franziu a testa e olhou para a ilha. Ainda estavam a cerca de um quilômetro de distância. Ele não fazia ideia se conseguiriam ligar os motores ou içar as velas...

Felizmente, Festus estava ouvindo. Ele olhou para a frente e cuspiu fogo. O motor do navio roncou e vibrou. Parecia uma enorme motocicleta com a corrente partida, mas o barco começou a se mover. Lentamente, o *Argo II* seguia em direção ao litoral.

Piper deu um tapinha no pescoço de Festus.

— Bom menino.

Os olhos de rubi do dragão brilharam como se ele estivesse satisfeito consigo mesmo.

— Festus parece diferente depois que você o ligou — disse Jason. — Mais... vivo.

— Do modo como ele *deveria* ser. — Piper sorriu. — Acho que todos nós precisamos ser despertados por alguém que nos ama de vez em quando.

Perto dela, Jason se sentia tão bem que quase podia imaginar seu futuro juntos no Acampamento Meio-Sangue quando a guerra terminasse — supondo-se que fossem sobreviver e que ainda houvesse um acampamento para onde voltar.

Quando tiver que escolher novamente entre tempestade ou fogo, dissera Noto, lembre-se de mim. E não entre em pânico.

Quanto mais se aproximavam da Grécia, mais nervoso Jason ficava. Estava começando a pensar que Piper estava certa sobre o trecho da *tempestade ou fogo* da profecia: um deles, Jason ou Leo, não voltaria vivo daquela viagem.

E era por isso que *tinham* que encontrar Leo. Por mais que desejasse viver, Jason não poderia deixar seu amigo morrer por causa dele. Não poderia viver com a culpa.

É claro que esperava estar enganado. Ele queria que ambos saíssem daquela missão inteiros. Mas tinha que estar preparado. Ele protegeria seus amigos e deteria Gaia — a qualquer custo.

Não entre em pânico.

Sim. Fácil para um deus do vento imortal falar.

À medida que a ilha se aproximava, Jason viu as docas repletas de barcos. Da

costa rochosa elevavam-se paredões de uns quinze metros de altura parecidos com fortalezas. Acima deles, erguia-se uma cidade de aparência medieval com torres de igreja, domos e prédios amontoados, todos feitos da mesma pedra dourada. De onde Jason estava, parecia que a cidade cobria cada centímetro da ilha.

Ele examinou os barcos no porto. Cem metros à frente, amarrado na ponta da maior doca, havia uma jangada improvisada, com um mastro e uma simples vela quadrada de lona. Na proa, o leme estava ligado a algum tipo de máquina. Mesmo a distância, podia ver o brilho do bronze celestial.

Ele sorriu. Somente um semideus faria um barco como aquele e atracaria o mais perto possível do porto, onde o *Argo II* não poderia deixar de notá-lo.

— Chame os outros — disse Jason para Piper. — Leo está aqui.

LX

JASON

ENCONTRARAM LEO NO TOPO DAS fortificações da cidade. Ele estava sentado em uma cafeteria ao ar livre, com vista para o mar, bebendo café e vestindo... uau. *Déjà-vu*. A roupa de Leo era idêntica à que ele usava no dia de sua chegada ao Acampamento Meio-Sangue: calça jeans, camisa branca e uma velha jaqueta militar. Só que aquela jaqueta havia sido queimada meses antes.

Piper quase o derrubou da cadeira com um abraço.

— Leo! Deuses, onde você esteve?

— Valdez! — O treinador Hedge sorriu. Então, pareceu se lembrar de que tinha uma reputação a zelar e forçou uma carranca. — Se você voltar a desaparecer assim, seu moleque, vou espancá-lo!

Frank deu um tapa tão forte nas costas dele que Leo fez uma careta de dor. Até mesmo Nico apertou-lhe a mão.

Hazel beijou-o na bochecha.

— Pensamos que você estivesse morto!

Leo conseguiu esboçar um leve sorriso.

— Oi, galera. Que isso, estou bem.

Jason podia perceber que ele *não* estava bem. Leo não os olhava nos olhos. As mãos dele estavam perfeitamente imóveis sobre a mesa. As mãos de Leo *nunca* ficavam paradas. Toda a energia parecia ter sido drenada de seu corpo e substituída por uma espécie de tristeza melancólica.

Jason se perguntou por que sua expressão lhe parecia familiar. Então percebeu que Nico di Angelo ficara da mesma forma após confrontar Cupido nas ruínas de Salona.

Leo estava com dor de cotovelo.

Enquanto os outros foram puxar cadeiras das mesas próximas, Jason se

inclinou e apertou o ombro do amigo.

— Ei, cara, o que aconteceu? — perguntou.

Os olhos de Leo se voltaram para o grupo. A mensagem era clara: *Aqui não. Não na frente de todos.*

— Virei um naufrago — disse Leo. — É uma longa história. E quanto a vocês? O que aconteceu com Quione?

O treinador Hedge riu com desdém.

— O que aconteceu? *Piper* aconteceu! Estou lhe dizendo, esta garota tem talento!

— Treinador... — protestou Piper.

Hedge começou a contar a história, mas na versão dele Piper era uma assassina lutadora de kung fu e havia muito mais boreadas.

Enquanto o treinador falava, Jason observou Leo com preocupação. Aquela cafeteria tinha uma vista perfeita para o porto. Leo deve ter visto o *Argo II* chegar à costa. No entanto, ficara ali bebendo café — algo de que ele nem mesmo *gostava* —, esperando que eles o encontrassem. Leo não era assim. O navio era a coisa mais importante de sua vida. Quando viu que tinham ido resgatá-lo, Leo deveria ter corrido até as docas, gritando com toda a força em comemoração.

O treinador estava descrevendo como Piper derrotara Quione com um chute à Chuck Norris quando ela o interrompeu:

— Treinador! Não foi nada disso que aconteceu. Não poderia ter feito *nada* sem Festus.

Leo ergueu as sobrancelhas.

— Mas Festus está desligado.

— Hum, então — disse Piper. — Eu meio que o ativei.

Piper explicou sua versão dos acontecimentos — como ela reiniciara o dragão de metal com o charme.

Leo tamborilou os dedos na mesa, como se um pouco de sua antiga energia estivesse retornando.

— Não deveria ser possível — murmurou ele. — A menos que as atualizações permitam que ele responda a comandos de voz. Mas se agora ele está permanentemente ligado, isso significa que o sistema de navegação e o cristal...

— Cristal? — perguntou Jason.

Leo fez uma careta.

— Hum, esquece. De qualquer forma, o que aconteceu depois que a bomba de vento explodiu?

Hazel continuou a história. Uma garçonete se aproximou e ofereceu os cardápios. Logo estavam mastigando sanduíches, bebendo refrigerantes e

aproveitando o dia ensolarado quase como um grupo de adolescentes normais.

Frank pegou um panfleto turístico, preso sob o suporte de guardanapos, e começou a lê-lo. Piper deu um tapinha no braço de Leo, como se não pudesse acreditar que ele estivesse realmente ali. Nico estava na ponta da mesa, observando os pedestres em busca de possíveis inimigos. O treinador Hedge mastigava os saleiros e pimenteiros.

Apesar da reunião feliz, todos pareciam mais abatidos — como se estivessem refletindo o humor de Leo. Jason nunca percebera de fato quão importante era o senso de humor dele para o grupo. Mesmo quando as coisas estavam superdifíceis, sempre podiam contar com Leo para alegrar o ambiente. Agora, parecia que toda a equipe perdera o ânimo.

— Então Jason domou os *venti* — terminou Hazel. — E aqui estamos.

Leo assobiou.

— Cavalos de ar quente? Caramba, Jason. Então, basicamente, você acumulou um bocado de gás até chegar a Malta, e então soltou.

Jason franziu a testa.

— Sabe, não soa tão heroico quando você fala desse jeito.

— Sim, bem. Quando dou o ar da minha graça, pode ter certeza de que ele vai ser quente. E ainda estou me perguntando, por que Malta? Eu meio que cheguei aqui na jangada, mas isso foi uma coisa aleatória, ou...

— Talvez por causa disto. — Frank bateu no panfleto. — Diz aqui que Calipso morou em Malta.

Leo ficou pálido.

— O-o quê?

Frank deu de ombros.

— De acordo com isto, ela morava na ilha de Gozo, ao norte daqui. Calipso é um mito dos gregos, não é?

— Ah, um mito dos gregos! — O treinador Hedge esfregou as mãos. — Talvez tenhamos que lutar com ela! Temos que lutar com ela? Porque eu estou pronto.

— Não — murmurou Leo. — Não temos que lutar com ela, treinador.

Piper franziu a testa.

— Leo, o que há de errado? Você parece...

— Não há nada de errado! — Leo se levantou. — Ei, precisamos ir. Temos trabalho a fazer!

— Mas... onde você esteve? — perguntou Hazel. — De onde você tirou essas roupas? Como...

— Caramba, moças! — exclamou Leo. — Agradeço a preocupação, mas não preciso de duas mães extras!

Piper sorriu, hesitante.

— Tudo bem, mas...

— Temos navios para consertar! — disse Leo. — Festus para regular! Deusas da terra para ganhar socos na cara! O que estamos esperando? Leo está de volta!

Ele abriu os braços e sorriu.

Leo estava fazendo uma tentativa corajosa, mas Jason podia ver resquícios de tristeza em seus olhos. Algo acontecera com ele... algo relacionado a Calipso.

Jason tentou se lembrar da história. Ela era um tipo de feiticeira, talvez como Medeia ou Circe. Mas se Leo escapara do covil de uma feiticeira malvada, por que parecia tão triste? Jason teria que conversar com ele mais tarde para se assegurar de que seu amigo estava bem. Por enquanto Leo claramente não queria ser interrogado.

Jason se levantou e colocou a mão no ombro dele.

— Leo está certo. Devemos ir.

Todos entenderam a deixa e começaram a embrulhar a comida e a terminar as bebidas.

Subitamente, Hazel ofegou.

— Pessoal...

Ela apontou para o nordeste. A princípio, Jason não viu nada além do mar. Então, um risco de escuridão cortou o ar como um raio negro — como se noite cerrada tivesse rompido através do dia.

— Não vejo nada — resmungou o treinador Hedge.

— Também não — disse Piper.

Jason olhou para o rosto dos amigos. A maioria estava confusa. Nico era o único que parecia ter notado o raio negro.

— Não pode ser... — murmurou Nico. — A Grécia ainda está a centenas de quilômetros de distância.

A escuridão apareceu de novo, momentaneamente desbotando as cores do horizonte.

— Você acha que é Épiro?

Todo o corpo de Jason formigava como quando tomou um choque de mil volts. Ele não sabia por que conseguia ver os raios de escuridão. Não era um filho do Mundo Inferior. Mas estava com uma sensação muito ruim.

Nico assentiu.

— A Casa de Hades está aberta para negócios.

Poucos segundos depois, um ruído estrondoso chegou até eles, como tiros distantes.

— Já começou — disse Hazel.

— O quê? — perguntou Leo.

Quando o raio seguinte apareceu, os olhos dourados de Hazel escureceram como uma folha no fogo.

— O esforço final de Gaia — respondeu ela. — As Portas da Morte estão trabalhando a todo vapor. O exército de Gaia está entrando no mundo mortal em massa.

— Nunca conseguiremos — disse Nico. — Até chegarmos lá, já haverá muitos monstros.

Jason estava determinado.

— Podemos vencê-los. Nós viajaremos rápido. Encontramos Leo, ele nos dará a velocidade de que precisamos. — Jason olhou para o amigo. — Ou você só apareceu para dar o ar da sua graça?

Leo deu um sorriso torto. Seus olhos pareciam dizer: *Obrigado*.

— Hora de voar, crianças — disse ele. — Tio Leo ainda tem alguns truques na manga!

LXI

PERCY

PERCY AINDA NÃO TINHA MORRIDO, mas já estava cansado de ser um cadáver.

Enquanto seguiam penosamente para o coração do Tártaro, o garoto não parava de olhar para o próprio corpo, perguntando-se como aquele podia ser ele. Os braços eram como duas varetas envoltas em couro descolorido. Suas pernas esqueléticas se dissolviam em fumaça a cada passo. Tinha aprendido, mais ou menos, a se mover dentro da Névoa da Morte, mas a mortalha mágica ainda parecia uma camada de gás hélio.

Estava preocupado que a Névoa da Morte ficasse presa a ele para sempre, mesmo que de algum modo conseguissem sobreviver ao Tártaro. Não queria passar o resto da vida parecendo um figurante de *The Walking Dead*.

Percy tentou se concentrar em outra coisa, mas não havia nenhuma boa opção.

Sob seus pés, o chão reluzia em um roxonojento, com veias pulsando. À luz mortífera das nuvens de sangue e envolta na Névoa da Morte, Annabeth parecia um zumbi recém-saído da tumba.

A vista mais deprimente do mundo estava bem diante deles.

Um exército de monstros se estendia até o horizonte: bandos de *arai aladas*, tribos de ciclopes, espíritos malignos esvoaçantes. Milhares de vilões, talvez *dezenas* de milhares, todos aguardando irrequietos e espremidos uns contra os outros. A visão lembrava o corredor principal superlotado de uma escola no intervalo entre duas aulas, mas neste caso os estudantes eram mutantes *muito* fedidos que exageraram nos esteroides.

Bob os conduziu na direção do exército. Não tentou se esconder. Não que isso fosse adiantar. Como uma figura prateada de três metros de altura, Bob não era bom em passar despercebido.

A uns trinta metros dos monstros mais próximos, Bob se virou para Percy.

— Fiquem quietos e atrás de mim. Eles não vão notar vocês.

— Tomara — murmurou Percy.

No ombro do titã, Bob Pequeno acordou de seu cochilo, ronronou um pouco, quase provocando um terremoto, e arqueou as costas, tornando-se esquelético por um segundo e voltando ao normal logo em seguida. Pelo menos *ele* não parecia nervoso.

Annabeth examinou as próprias mãos de zumbi.

— Bob, se estamos invisíveis... como você consegue nos ver? Quer dizer, tecnicamente você é, você sabe...

— Sei. Mas nós somos amigos.

— Nix e seus filhos podiam nos ver — lembrou Annabeth.

Bob deu de ombros.

— Aquilo foi nos domínios de Nix. É bem diferente.

— Hã... está bem.

Annabeth não pareceu muito convencida, mas já tinham chegado. Não havia escolha.

Percy olhou fixamente para o enxame de monstros malignos.

— Bem, pelo menos não vamos ter que nos preocupar em esbarrar com nenhum outro *amigo* nesta multidão.

Bob sorriu.

— É! Isso é uma boa notícia! Agora, vamos. A Morte está perto.

— As *Portas da Morte* estão perto — corrigiu Annabeth. — Cuidado com o que diz.

Enfiaram-se na multidão. Percy tremia tanto que teve medo de acabar tirando a Névoa da Morte de cima de si. Não era a primeira vez que via um grande grupo de monstros. Já havia lutado contra um exército deles durante a Batalha de Manhattan. Mas aquilo era diferente.

Sempre que lutara contra monstros no mundo mortal, Percy pelo menos sabia que estava defendendo seu lar. Isso lhe dava coragem, por pior que estivesse a situação. Ali, *Percy* era o invasor. Estava tão deslocado no meio daquela multidão de monstros quanto o Minotauro estaria na estação central de Nova York na hora do *rush*.

A poucos metros, um grupo de *empousai* devorava a carcaça de um grifo enquanto os companheiros do animal morto voavam ao redor, grasnando furiosos. Um nascido da terra de seis braços e um ogro lestrigão se atacavam com pedras, mas Percy não soube ao certo se era sério ou se só estavam brincando. Um fio escuro de fumaça, que o garoto imaginou ser um eidolon, possuiu um ciclope e fez com que o monstro batesse na própria cara, em seguida o deixou e partiu em busca de outra vítima.

— Percy, veja — sussurrou Annabeth.

A alguns metros, havia uma figura com roupas de vaqueiro chicoteando cavalos que exalavam fogo. O sujeito usava um chapéu de caubói por cima dos cabelos oleosos, jeans ^{GG} e botas de couro pretas. De lado, podia passar por humano, até que se virou, e Percy viu que a parte superior de seu corpo era dividida em três tóraxes, cada um vestido em uma camisa de faroeste de cor diferente.

Sem sombra de dúvida, aquele era Gerión, que tinha tentado matar Percy dois anos antes no Texas. Aparentemente, o rancheiro maligno queria um novo rebanho. A ideia de esse cara sair cavalgando pelas Portas da Morte fez com que o corpo de Percy voltasse a doer. As costelas latejavam onde as *arai* o haviam acertado com a maldição que Gerión lançou à beira da morte na floresta. Ele queria ir até o vaqueiro de três troncos, dar um soco na cara dele e berrar: *Muito obrigado, Tex!*

Infelizmente, não podia.

Quantos outros velhos inimigos estariam naquela multidão? Percy começou a se dar conta de que cada um de seus triunfos tinha sido apenas uma vitória temporária. Por mais forte ou sortudo que fosse, não importava quantos monstros destruísse, Percy um dia seria derrotado. Era apenas um mortal. Ia ficar velho demais, fraco demais ou lento demais. Ia morrer. E aqueles monstros... eles eram *eternos*. Sempre voltavam. Talvez demorasse meses ou anos para se reconstituírem, talvez até séculos. Mas *iam* renascer.

Ao vê-los reunidos no Tártaro, Percy se sentiu tão desamparado quanto as almas no Rio Cócito. E daí que era um herói? E daí que realizara feitos corajosos? O mal sempre estava presente, regenerando-se, fervilhando sob a superfície. Percy não passava de um pequeno estorvo para aqueles seres imortais. Eles só precisavam esperar. Um dia, os filhos ou filhas de Percy poderiam ter que enfrentar todos aqueles monstros novamente.

Filhos e filhas.

O pensamento o atingiu em cheio. O desespero se foi tão rápido quanto havia surgido. Olhou para Annabeth. Sua namorada ainda parecia um cadáver enevoado, mas Percy a imaginou com sua verdadeira aparência: os olhos cinza determinados, os cabelos louros presos para trás com uma bandana, o rosto abatido e coberto de fuligem, mas linda como sempre.

Tudo bem, talvez os monstros sempre voltassem. Mas os semideuses faziam o mesmo. O Acampamento Meio-Sangue tinha sobrevivido por muitas gerações. Assim como o Acampamento Júpiter. Mesmo separados, os dois locais tinham sobrevivido. Agora, se gregos e romanos pudessem se unir, ficariam ainda mais fortes.

Ainda havia esperança: ele e Annabeth tinham chegado até ali. As Portas da Morte estavam quase ao seu alcance.

Filhos e filhas. Uma ideia ridícula. Um pensamento maravilhoso. Bem ali no meio do Tártaro, Percy sorriu.

— Qual o problema? — murmurou Annabeth.

Com seu disfarce de zumbi da Névoa da Morte, Percy provavelmente parecia estar fazendo uma careta de dor.

— Nada — disse ele. — Eu estava só...

De algum lugar mais à frente, ouviram uma voz profunda e retumbante:

— JÁPETO!

LXII

PERCY

UM TITÃ CAMINHAVA NA DIREÇÃO deles, chutando despreocupadamente monstros menores de seu caminho. Tinha mais ou menos a mesma altura que Bob e usava uma armadura trabalhada de ferro estígio, com um único diamante brilhando no centro do peitoral. Tinha olhos branco-azulados, que lembravam uma geleira, e pareciam igualmente frios. Carregava embaixo do braço um elmo de combate na forma de uma cabeça de urso. No cinto pendia uma espada do tamanho de uma prancha de surfe.

Apesar das cicatrizes de batalhas, o rosto do titã era belo e estranhamente familiar. Percy estava quase certo de nunca ter visto o sujeito antes, mas seus olhos e seu sorriso lembravam alguém...

O titã parou na frente de Bob e o segurou pelo ombro.

— Jápeto! Não diga que não reconhece o próprio irmão?!

— Não! — respondeu nervosamente Bob. — Não diria isso.

O outro titã deu uma grande gargalhada.

— Ouvi dizer que havia sido atirado nas águas do Rio Lete, irmão. Deve ter sido terrível! Mas sabíamos que, com o tempo, você se reestabeleceria. Sou eu, Coio! Coio!

— É claro — disse Bob. — Coio, titã do...

— Do Norte! — completou Coio.

— Eu sei! — gritou Bob.

Riram juntos e deram socos no braço um do outro.

Aparentemente incomodado por todo aquele empurra-empurra, Bob Pequeno subiu na cabeça de Bob e começou a se aninhar nos cabelos prateados do titã.

— Pobre Jápeto — disse Coio. — Que vil humilhação! Olhe só para você! Uma vassoura? Um uniforme de criado? Um gato no cabelo? Hades sem dúvida

terá de pagar por esses insultos. Qual é o nome daquele semideus que roubou sua memória? Temos que dar cabo dele. Eu e você, hein?

— Ha, ha. — Bob engoliu em seco. — É mesmo. Dar cabo.

Percy apertou sua caneta. Mesmo antes da ameaça de *dar cabo dele*, não tinha gostado muito do irmão do amigo. Em comparação ao modo simples de falar de Bob, Coio parecia recitar Shakespeare. Só isso foi suficiente para irritar Percy.

Estava pronto para tirar a tampa da Contracorrente se fosse necessário, mas até então Coio não parecia tê-lo notado. E Bob ainda não os havia traído, apesar de ter tido muitas oportunidades.

— Ah, como é bom vê-lo... — Coio tamborilou os dedos no elmo de cabeça de urso. — Lembra como nos divertíamos antigamente?

— É claro! — disse Bob, animado. — Quando nós... Hã...

— Seguramos Urano, nosso pai, no chão — disse Coio.

— É! A gente adorava lutar com papai...

— Nós o imobilizamos.

— Foi o que eu quis dizer!

— Para Cronos despedaçá-lo com sua foice.

— É, ha, ha, ha. — Bob parecia um pouco enjoado. — Foi engraçado.

— Você agarrou o pé direito de nosso pai, se bem me lembro — disse Coio.
— E Urano deu um chute na sua cara enquanto lutava para se soltar. Como implicamos com você por causa disso!

— Fui um bobo! — concordou Bob.

— Infelizmente, nosso irmão Cronos foi desintegrado por aqueles semideuses insolentes. — Coio deu um suspiro. — Ainda restaram alguns pedaços e partes de sua essência, mas nada que permita que ele se forme outra vez. Há ferimentos que nem o Tártaro pode curar.

— Infelizmente.

— Mas o resto de nós tem mais uma chance de brilhar, hein? — Ele se inclinou para a frente de modo conspiratório. — Esses gigantes podem *achar* que vão ficar com o poder. Deixemos que sejam nossa tropa de choque e destruam os olímpianos, todos eles, completamente. Mas assim que a Mãe Terra despertar, vai se lembrar de que *nós* somos seus filhos mais velhos. Guarde minhas palavras. Os titãs ainda vão dominar o cosmo.

— Humm — disse Bob. — Os gigantes podem não gostar disso.

— Não me importo com o que *eles* possam gostar — disse Coio. — Eles, de qualquer modo, já atravessaram as Portas da Morte. Voltaram ao mundo mortal. Polibotes foi o último. Foi há meia hora. Ainda estava resmungando por ter perdido sua presa. Parece que um semideus que ele perseguia foi engolido por Nix. Nunca mais tornaremos a vê-lo, apostado!

Annabeth agarrou o pulso de Percy. Ele não conseguia interpretar muito bem a expressão dela por conta da Névoa da Morte, mas percebeu que estava alarmada.

Se os gigantes já haviam passado pelas Portas, então pelo menos não estavam mais à caça de Percy e Annabeth pelo Tártaro. Infelizmente, isso também significava que seus amigos no mundo mortal estavam correndo um perigo ainda maior. Todas as lutas anteriores com os gigantes haviam sido em vão. Seus inimigos iam renascer fortes como sempre.

— Bem! — Coio sacou a espada enorme. A lâmina irradiava um frio mais profundo do que a Geleira Hubbard. — Tenho que ir. Letó já deve ter se regenerado. Vou convencê-la a lutar.

— Claro — murmurou Bob. — Letó.

Coio riu.

— Também se esqueceu de minha filha? Bem, faz tempo que não a vê. Os pacíficos como ela sempre levam mais tempo para se reformar. Desta vez, entretanto, tenho certeza de que Letó vai lutar por vingança. O modo como Zeus a tratou depois que ela lhe deu os gêmeos foi revoltante!

Percy quase grunhiu alto.

Os gêmeos.

Ele se lembrou do nome Letó: a mãe de Apolo e Ártemis. Esse tal de Coio era vagamente familiar porque tinha os olhos frios de Ártemis e o sorriso de Apolo. Aquele titã era o avô deles, o pai de Letó. Percy ficou com dor de cabeça.

— Então é isso! Eu o encontro no mundo mortal! — Coio bateu em Bob com o peito e quase derrubou o gato de sua cabeça. — Ah, e dois *outros* de nossos irmãos estão guardando este lado das Portas, por isso vai vê-los em breve!

— Vou?

— Sem a menor dúvida! — Coio foi embora com passos pesados e quase derrubou Percy e Annabeth, que por pouco conseguiram sair de seu caminho.

Antes que a multidão de monstros ocupasse o espaço deixado pelo titã, Percy fez um gesto para que Bob se abaixasse para falar com eles.

— Você está bem, grandão? — murmurou Percy.

Bob pareceu confuso.

— Não sei. No meio disso aqui... — Ele fez um gesto amplo para indicar o que estava em torno deles. — O que significa *estar bem*?

Faz sentido, pensou Percy.

Annabeth olhou na direção das Portas da Morte, apesar de a multidão de monstros bloquear a visão delas.

— Será que ouvi direito? Tem mais dois titãs vigiando nossa saída? Isso não é bom.

Percy olhou para Bob. A expressão distante do titã o deixou preocupado.

— Você se lembrou de Coio? — perguntou em um tom gentil. — De todas aquelas coisas que ele contou?

Bob segurou a vassoura com mais força.

— Quando ele contou, eu lembrei. Ele me devolveu meu passado... de um jeito rápido como uma lança. Mas não sei se devo aceitá-lo. Ele ainda será meu mesmo que eu não queira?

— Não — disse Annabeth com firmeza. — Bob, agora você é diferente. Ficou *melhor*.

O gatinho pulou da cabeça do titã. Andou em torno dos pés dele, batendo e esfregando o focinho na barra das calças de Bob, que não pareceu notar.

Percy queria estar tão seguro quanto Annabeth. Queria poder dizer a Bob com toda a confiança que ele deveria esquecer seu passado.

Mas o garoto entendia a confusão do titã. Ele se lembrou do dia em que abriu os olhos na Casa dos Lobos, na Califórnia, com a memória apagada por Hera. Se alguém estivesse esperando Percy acordar... se o tivessem convencido de que seu nome era Bob e que ele era amigo dos titãs e dos gigantes... será que Percy teria acreditado? Será que teria se sentido traído quando descobrisse sua verdadeira identidade?

É diferente, disse a si mesmo. *Nós somos os mocinhos*.

Mas eram mesmo? Percy tinha deixado Bob no palácio de Hades, à mercê de um novo mestre que o odiava. Agora, não achava ter muito direito de dizer a Bob o que fazer... mesmo que suas vidas dependessem disso.

— Acho que você pode escolher, Bob — arriscou Percy. — Pegar as partes do passado de Jápeto que quer guardar e abandonar o resto. O que importa é seu futuro.

— Futuro... — refletiu Bob. — Esse é um conceito mortal. Não fui feito para mudar, Percy, meu amigo. — Ele olhou para a horda de monstros em sua volta. — Nós somos os mesmos... para sempre.

— Se você fosse o mesmo, eu e Annabeth já estaríamos mortos — argumentou Percy. — Talvez não devêssemos ter ficado amigos, mas *ficamos*. Você tem sido o melhor amigo que eu poderia querer.

Os olhos de Bob pareceram mais escuros que o normal. Ele estendeu a mão, e Bob Pequeno pulou para ela. O titã se ergueu e ficou de pé.

— Então, vamos, amigos. Falta pouco.

Pisar no coração de Tártaro não era nem de longe tão divertido quanto poderia parecer.

O chão arroxado era escorregadio e pulsava de modo regular. A distância, parecia liso, mas de perto era cheio de dobras e elevações que dificultavam cada vez mais o avanço do trio. Emaranhados de artérias e veias serviam de apoio para o pé de Percy, mas eles iam adiante bem devagar.

E, é claro, havia monstros por toda parte. Matilhas de cães infernais caçavam pela planície, latindo, rosnando e atacando qualquer monstro que baixasse a guarda. *Arai* voavam em círculos com suas asas de morcego, e suas silhuetas negras eram visíveis contra as nuvens venenosas.

Percy tropeçou. Ele se apoiou em uma artéria, e uma sensação de formigamento subiu por seu braço.

— Tem água aqui — disse ele. — Água de verdade.

Bob deu um grunhido.

— Um dos cinco rios. O sangue dele.

— Sangue dele? — Annabeth se afastou do amontoado de veias mais próximo. — Eu sabia que todos os rios do Mundo Inferior desaguavam no Tártaro, mas...

— É — concordou Bob. — Todos correm por seu coração.

Percy deslizou a mão por uma teia de vasos capilares. Será que era a água do Estige que corria sob seus dedos? Seria o Lete? E se uma daquelas veias estourasse quando pisasse nela? Percy estremeceu. Ele se deu conta de que estava caminhando pelo sistema circulatório mais perigoso do universo.

— Vamos logo — disse Annabeth. — Se não conseguirmos...

Não pôde terminar a frase.

Diante deles, riscos irregulares rasgavam o ar, como raios, só que completamente negros.

— As Portas — disse Bob. — Um grupo grande deve estar passando.

Percy sentiu gosto de sangue de górgona na boca. Mesmo que seus amigos do *Argo II* conseguissem encontrar o outro lado das Portas da Morte, como poderiam enfrentar as ondas de monstros que estavam passando por elas, especialmente se os gigantes já estivessem à espera deles?

— Todos os monstros passam pela Casa de Hades? — perguntou ele. — *De que tamanho* é esse lugar?

Bob deu de ombros.

— Talvez sejam mandados para outro local quando passam. A Casa de Hades fica na terra, não é? Lá é domínio de Gaia. Ela pode enviar seus súditos para onde quiser.

Percy ficou arrasado. Já era ruim demais que os monstros passassem pelas

Portas da Morte para ameaçar seus amigos em Épiro. Depois disso, passou a imaginar o solo no lado mortal como um enorme sistema de metrô que despejava gigantes e outras criaturas malignas onde quer que Gaia desejasse: no Acampamento Meio-Sangue, no Acampamento Júpiter, ou no caminho do *Argo II* antes mesmo que o navio chegasse a Épiro.

— Se Gaia tem tanto poder, ela não poderia controlar onde *nós* vamos parar? — perguntou Annabeth.

Percy não gostou nada daquela pergunta. Às vezes desejava que Annabeth não fosse tão inteligente.

Bob coçou o queixo.

— Vocês não são monstros. Talvez seja diferente com vocês.

Ótimo, pensou Percy.

Ele não gostou nada da ideia de Gaia esperando por eles do outro lado, pronta para teletransportá-los para o meio de uma montanha. Mas pelo menos as Portas eram uma chance de sair do Tártaro. Não era como se tivessem uma alternativa melhor.

Bob os ajudou a subir até o topo de mais uma elevação. De repente, as Portas da Morte surgiram diante deles: um retângulo de escuridão gigantesco no topo da colina-músculo seguinte, a cerca de quinhentos metros de distância, cercado por monstros tão apinhados que Percy poderia percorrer todo o caminho andando em cima de suas cabeças.

Ainda estavam longe demais para vê-la em detalhes, mas os titãs plantados de cada lado da porta eram bem reconhecíveis. O da esquerda usava uma armadura dourada reluzente que emitia calor.

— Hiperión — murmurou Percy. — Esse cara não consegue ficar morto.

O da direita usava uma armadura azul-escura, com chifres de carneiro projetando-se nas laterais de seu elmo. Percy só o havia visto em sonhos, mas com certeza era Crios, o titã que Jason tinha matado na batalha pelo Monte Tam.

— Os outros irmãos de Bob — disse Annabeth. A Névoa da Morte tremeluziu em torno dela, transformando por um breve instante seu rosto em um crânio sorridente. — Bob, você consegue lutar com eles, se precisar?

Bob ergueu a vassoura como se estivesse pronto para fazer uma faxina pesada.

— Precisamos ir logo — disse ele, o que, Percy percebeu, não respondia a pergunta. — Sigam-me.

LXIII

PERCY

ATÉ ALI, O PLANO DE se camuflar com a Névoa da Morte parecia estar funcionando. Então, naturalmente, Percy esperava que alguma coisa desse muito errado no último minuto.

Quando faltavam apenas dez metros para chegar às Portas, ele e Annabeth congelaram.

— Ah, deuses — murmurou Annabeth. — Elas são *idênticas*.

Percy entendeu o que ela queria dizer. Emoldurado com ferro estígio, o portal mágico era um elevador — as portas decoradas com painéis prateados e negros com desenhos *art déco*. Tirando o fato de as cores serem invertidas, eram exatamente iguais às dos elevadores do Edifício Empire State, a entrada do Olimpo.

Ao vê-las, Percy sentiu tanta saudade de casa que perdeu o fôlego. Não sentia saudade apenas do Monte Olimpo. Sentia falta de tudo que deixara para trás: a cidade de Nova York, o Acampamento Meio-Sangue, a mãe e o padrasto. Seus olhos arderam. Não tentou falar por medo que a voz o traísse.

As Portas da Morte pareciam um insulto pessoal, criadas para lembrá-lo de tudo que não podia ter.

Assim que superou o choque inicial, Percy reparou em outros detalhes: o gelo que se espalhava a partir das portas, o brilho arroxeadado em torno delas e as correntes que as prendiam no chão.

Correntes de ferro negro pendiam das laterais do portal, como os cabos de sustentação de uma ponte suspensa. Estavam presas a ganchos fixados no solo carnosos. Os dois titãs, Crios e Hiperión, montavam guarda próximos a eles.

Enquanto Percy observava, o portal estremeceu. Um raio negro atravessou o céu. As correntes sacudiram, e os titãs pisaram com força nos ganchos para

mantê-las presas. As portas do elevador deslizaram, revelando o interior dourado.

Percy se preparou para avançar, mas Bob colocou a mão em seu ombro.

— Espere — alertou ele.

Hiperión gritou para a multidão ao redor.

— Grupo A-22! Depressa, suas lesmas!

Uma dúzia de ciclopes se aproximou, sacudindo bilhetes vermelhos e gritando de empolgação. Eles não deveriam conseguir passar pelas portas de tamanho humano, mas quando se aproximaram, seus corpos se distorceram e encolheram, e as Portas da Morte os sugaram para dentro.

O titã Crios apertou com o polegar o botão ^{SUBIR} do lado direito do elevador. As portas se fecharam.

O portal tornou a estremecer. O relâmpago negro se esvaiu.

— Vocês precisam entender como funciona — murmurou Bob. Ele estava se dirigindo ao gatinho em sua mão, talvez para que os outros monstros não ficassem se perguntando com quem estava falando. — Cada vez que as Portas se abrem, elas tentam teletransportar para um lugar diferente. Tânatos as fez assim para que apenas ele pudesse localizá-las. Mas agora elas foram acorrentadas. As portas não conseguem sair dali.

— Então precisamos cortar as correntes — sussurrou Annabeth.

Percy olhou para a forma reluzente de Hiperión. Da última vez que lutara com o titã, ele precisara de toda a sua força. E mesmo assim quase morrera. Agora tinham que enfrentar *dois* titãs, com milhares de monstros como reforço.

— Nossa camuflagem... — disse Percy. — Ela vai desaparecer se fizermos alguma coisa agressiva, como cortar as correntes?

— Não sei — disse Bob para seu gatinho.

— Miau — respondeu Bob Pequeno.

— Bob, você vai precisar distraí-los — disse Annabeth. — Percy e eu vamos dar a volta sem sermos vistos e cortar as correntes por trás.

— Está bem — disse Bob. — Mas ainda tem um problema. Quando alguém passa pelas Portas, outra pessoa tem que ficar do lado de fora para apertar o botão e defendê-lo.

Percy engoliu em seco.

— Hã... defender o botão?

Bob assentiu enquanto acariciava o queixo do gatinho.

— Alguém precisa continuar apertando o botão ^{SUBIR} por doze minutos, ou a viagem não termina.

Percy olhou para as Portas. Era verdade, Crios ainda estava apertando o botão ^{SUBIR} com o polegar. Doze minutos... De alguma forma, teriam que afastar os titãs

daquelas portas. Depois Bob, Percy ou Annabeth teria que manter o botão apertado por doze longos minutos, no meio de um exército de monstros no coração do Tártaro, enquanto os outros dois subiam para o mundo mortal. Era impossível.

— Por que doze minutos? — perguntou Percy.

— Não sei — disse Bob. — Por que doze Olimpianos ou doze titãs?

— É, faz sentido — disse Percy, sentindo um gosto amargo na boca.

— O que quer dizer com “a viagem não termina”? — perguntou Annabeth. — O que acontece com os passageiros?

Bob não respondeu. A julgar por sua expressão aflita, Percy decidiu que não queria estar naquele elevador se ele ficasse parado entre o Tártaro e o mundo mortal.

— Se *apertarmos* o botão por doze minutos — disse Percy — e cortarmos as correntes...

— As Portas deverão se restaurar — disse Bob. — Pelo menos é isso que deviam fazer. Vão desaparecer do Tártaro e ressurgir em outro lugar, onde Gaia não possa usá-las...

— Tânatos pode tomá-las de volta — disse Annabeth. — A morte volta ao normal, e os monstros perdem seu atalho para o mundo mortal.

Percy deu um suspiro.

— Molezinha. Exceto por... bem, tudo.

Bob Pequeno ronronou.

— Posso ficar e apertar o botão — ofereceu Bob.

Uma mistura de sentimentos dominou Percy: tristeza, pesar, gratidão e culpa. Aquilo tudo pesava tanto quanto cimento em seu estômago.

— Bob, não podemos pedir que faça isso. Você também quer passar pelas Portas. Quer ver o céu de novo, e as estrelas, e...

— Eu ia gostar disso — concordou Bob. — Mas alguém tem que apertar o botão. E quando as correntes forem cortadas... meus irmãos vão lutar para impedir sua passagem. Não vão querer que as Portas desapareçam.

Percy olhou para a horda infinita de monstros. Mesmo se deixasse Bob se sacrificar, como um único titã poderia se defender contra tantos por doze minutos sem tirar o dedo do botão?

O cimento assentou dentro dele. Percy sempre desconfiara de como aquilo ia acabar. Ele teria que ficar para trás. Enquanto Bob enfrentava o exército, Percy pressionaria o botão do elevador para garantir que Annabeth chegasse em segurança.

De algum modo, tinha que convencê-la a ir sozinha. Enquanto ela estivesse a salvo e as Portas desaparecessem, ele podia morrer sabendo que tinha feito a

coisa certa.

— Percy...? — Annabeth o encarou, um tom desconfiado na voz.

Ela era inteligente demais. Se seus olhos se encontrassem, saberia exatamente o que Percy estava pensando.

— Uma coisa de cada vez — disse ele. — Vamos cortar estas correntes.

LXIV

PERCY

— JÁPETO — GRITOU HIPERÍON. — O^{RA}, O^{RA}. A^{CHEI} que você estivesse se escondendo embaixo de um balde em algum lugar.

Bob, de cara amarrada, caminhou pesadamente até ele.

— Eu não estava me escondendo.

Percy foi discretamente para o lado direito das Portas e Annabeth, para o esquerdo. Os titãs não pareceram reparar neles, mas Percy não queria arriscar. Manteve Contracorrente na forma de caneta. Andava bem agachado, fazendo o mínimo de barulho possível. Os monstros inferiores mantinham uma distância respeitosa dos titãs, por isso havia espaço vazio suficiente para se mover ao redor das Portas; mas Percy estava bem consciente da multidão que rosnava às suas costas.

Annabeth decidira ir para o lado guardado por Hiperíon, pois imaginara que o titã sentiria a presença de Percy mais facilmente. Afinal de contas, o garoto fora o último a matá-lo no mundo mortal. Ele não se opôs. Depois de tanto tempo no Tártaro, mal conseguia olhar para a armadura dourada de Hiperíon sem que pontos escuros surgissem em sua visão.

Do outro lado das Portas, Crios estava parado, sombrio e silencioso, com o elmo de cabeça de carneiro cobrindo seu rosto. Mantinha um pé no gancho das correntes e o polegar no botão ^{SUBIR}.

Bob encarou os irmãos. Plantou a lança no chão e tentou parecer o mais feroz possível com um gatinho no ombro.

— Hiperíon e Crios. Eu me lembro de vocês.

— É mesmo, Jápeto? — O titã dourado riu, olhando na direção de Crios para dividir a piada. — É bom saber disso! Soube que Percy Jackson fez uma lavagem cerebral em você e o transformou em uma empregadinha. Como ele

rebatizou você... Betty?

— Bob — rosnou ele.

— Bem, já era hora de você aparecer, *Bob*. Crios e eu estamos presos aqui há meses...

— Semanas — corrigiu Crios.

Sua voz era um retumbar profundo no interior do elmo.

— Não importa! — disse Hiperión. — É um trabalho entediante: guardar estas portas, fazer os monstros passarem por elas e seguir as ordens de Gaia. Falando nisso... Crios, qual é o próximo grupo?

— Vermelho Duplo — respondeu Crios.

Hiperión deu um suspiro. As chamas brilharam mais quentes em seus ombros.

— Vermelho Duplo. Por que vamos de A-22 para Vermelho Duplo? Que espécie de sistema é esse? — Ele olhou para Bob. — Isso não é trabalho para mim... o Senhor da Luz! O titã do leste! Mestre do Alvorecer! Por que sou obrigado a esperar na escuridão enquanto os *gigantes* vão para a batalha e ficam com toda a glória? Agora, *Crios* eu posso até entender...

— Sempre fico com as piores tarefas — murmurou Crios sem tirar o dedo do botão.

— Mas *eu*? — disse Hiperión. — Ridículo! Este devia ser seu trabalho, Jápeto. Venha, fique no meu lugar.

Bob encarava as Portas, mas seu olhar estava distante, perdido no passado.

— Nós quatro seguramos Urano — recordou ele. — Eu, Coio e vocês dois. Cronos nos prometeu os quatro cantos do mundo por ajudá-lo a assassinar nosso pai.

— É verdade — disse Hiperión. — E eu gostei muito de fazer aquilo! Teria usado a foice eu mesmo se tivesse tido a chance! Mas você, *Bob*... você sempre esteve em dúvida sobre matá-lo, não é? O titã *gentil* do oeste, fraco como o pôr do sol! Nunca vou conseguir entender por que nossos pais o chamaram de *Empalador*. Está mais para *Chorão*.

Percy se abaixou ao lado do gancho. Tirou a tampa da caneta e Contracorrente voltou à forma original. Crios não reagiu. Sua atenção estava muito concentrada em Bob, que tinha apontado a lança para o peito de Hiperión.

— Ainda posso empalar — disse Bob, com a voz baixa e firme. — Você se gaba demais, Hiperión. É forte e bravo, mas Percy Jackson o derrotou mesmo assim. Soube que você virou uma árvore linda no Central Park.

Os olhos de Hiperión flamejaram.

— Cuidado, irmão.

— Pelo menos o trabalho de zelador é honesto — disse Bob. — Eu limpo a lambança dos outros. Deixo o palácio mais bonito do que quando o encontro.

Mas você... você não liga para as cagadas que faz. Seguiu Cronos cegamente. Agora recebe ordens de Gaia.

— Ela é nossa *mãe*! — berrou Hiperión.

— Mas não despertou para *nossa* guerra no Olimpo — lembrou Bob. — Ela prefere seus outros filhos, os gigantes.

Crios resmungou.

— Isso é bem verdade. Os filhos das profundezas.

— Vocês dois, calem a boca! — A voz de Hiperión estava cheia de medo. — Nunca se sabe quando ele está ouvindo.

A campainha do elevador soou. Os três titãs pularam de susto.

Já tinham se passado doze minutos? Percy havia perdido a noção do tempo. Crios tirou o dedo do botão e chamou:

— Vermelho Duplo! Onde está o Vermelho Duplo?

Grupos de monstros se agitaram e empurraram uns aos outros, mas nenhum deles se aproximou.

Crios suspirou.

— Eu *disse* a eles para conferirem os bilhetes. Vermelho Duplo! Vocês vão perder o lugar na fila!

Annabeth estava pronta, posicionada bem atrás de Hiperión. Ela ergueu a espada de osso de drakon acima da base das correntes. Sob a luz brilhante da armadura do titã, a Névoa da Morte a deixava parecida com um *ghoul* em chamas.

Ela ergueu três dedos, pronta para fazer a contagem regressiva. Tinham que cortar as correntes antes que o grupo seguinte tentasse entrar no elevador, mas também precisavam se assegurar de que os titãs estivessem o mais distraídos possível.

Hiperión praguejou baixinho.

— Que *maravilha*! Isso vai atrapalhar completamente o cronograma. — Ele sorriu com desdém para Bob. — Faça sua escolha, irmão. Lute contra nós ou nos ajude. Não tenho tempo para suas lições de moral.

Bob olhou de esguelha para Annabeth e Percy. Percy achou que ele fosse começar uma briga, mas em vez disso, levantou a lança.

— Está bem. Eu fico de vigia. Qual de vocês quer tirar uma folga primeiro?

— Eu, é claro — disse Hiperión.

— Eu! — rebateu Crios. — Estou segurando este botão há tanto tempo que meu polegar vai cair.

— Estou em pé aqui há mais tempo — resmungou Hiperión. — Vocês dois vigiem as Portas enquanto *eu* vou para o mundo mortal. Tenho que me vingar de alguns heróis gregos!

— Ah, não! — reclamou Crios. — Aquele garoto romano está a caminho de Épiro, aquele que me matou no Monte Otris. Ele teve muita sorte. Agora é minha vez.

— Ah! — Hiperión sacou a espada. — Vou arrancar suas tripas antes, cabeça de carneiro!

Crios ergueu a própria espada.

— Você pode tentar, mas não vou ficar mais tempo preso neste buraco fedorento!

Annabeth olhou nos olhos de Percy e falou sem emitir nenhum som: *Um, dois...*

Antes que ele pudesse acertar as correntes, um silvo agudo perfurou seus ouvidos, como o som de um foguete se aproximando. Percy só teve tempo de pensar: *Ah, ah*, antes de uma explosão abalar toda a encosta. Uma onda de calor o derrubou no chão. Estilhaços pretos atravessaram Crios e Hiperión, despedaçando-os tão facilmente como papel em um triturador.

Uma voz inexpressiva ecoou pela vastidão, abalando o solo quente e carnoso.

BURACO FEDORENTO.

Bob cambaleou, mas conseguiu permanecer de pé. De alguma forma, a explosão não atingira o titã. Ele agitava a lança à sua frente, tentando localizar a origem da voz. Bob Pequeno, o gatinho, desceu de seu ombro e se escondeu dentro do uniforme.

Annabeth tinha aterrissado a uns cinco metros das Portas. Quando conseguiu se levantar, Percy ficou tão aliviado ao vê-la viva que levou um tempo para se dar conta de que ela estava com sua aparência normal. A Névoa da Morte tinha evaporado.

Ele olhou para as próprias mãos. Seu disfarce também tinha desaparecido.

TITÃS, disse a voz, cheia de desdém. *SERES INFERIORES. IMPERFEITOS E FRACOS.*

Em frente às Portas da Morte, o ar escureceu e se solidificou. O ser que apareceu era tão grande e irradiava tanta maldade que Percy teve vontade de rastejar para longe e se esconder.

Em vez disso, forçou-se a olhar para o deus, começando por suas botas de ferro negro, grandes como um caixão. As pernas estavam protegidas por grevas negras; o corpo era musculoso e a pele, roxa e grossa como o chão. O saiote da armadura era feito de milhares de ossos retorcidos e enegrecidos, unidos como os elos de uma corrente. Ele era preso por um cinto de braços monstruosos entrelaçados.

No peitoral do guerreiro, gigantes, ciclopes, górgonas e drakons se comprimiam, suas faces borradas se alternando na superfície como se tentassem sair.

Os braços do guerreiro — musculosos, roxos e reluzentes — estavam nus, as mãos grandes como pás de escavadeira.

Mas o pior de tudo era a cabeça: um elmo de rocha e metal retorcidos e sem forma aparente, apenas pontas irregulares e pedaços pulsantes de magma. Todo o seu rosto era um redemoinho; uma espiral de escuridão. Enquanto Percy observava, as últimas partículas da essência de titã de Hiperión e Crios foram aspiradas pelo guerreiro.

De algum modo, Percy conseguiu falar:

— Tártaro.

O guerreiro produziu um som como o de uma montanha se partindo ao meio. Percy ficou na dúvida se aquilo era um rugido ou uma risada.

Esta forma é apenas uma pequena manifestação de meu poder, disse o deus. Mas é o suficiente para lidar com vocês. Não costumo interferir, pequeno semideus. Lidar com insetos como vocês não está à minha altura.

— Hã... — As pernas de Percy estavam à beira do colapso. — O senhor... hum... não precisa se incomodar.

Vocês demonstraram ser surpreendentemente resistentes, disse Tártaro. Chegaram muito longe. Não posso mais apenas observar seu progresso.

Tártaro abriu os braços. Por todo o vale, milhares de monstros uivaram e rugiram, batendo suas armas e gritando em triunfo. As Portas da Morte estremeeceram nas correntes.

Sintam-se honrados, pequenos semideuses, disse o deus das profundezas. Nem mesmo os olímpianos mereceram minha atenção. Mas vocês... Vocês serão destruídos pelo próprio Tártaro!

LXV

FRANK

FRANK ESPERAVA FOGOS DE ARTIFÍCIO.

Ou ao menos um grande cartaz dizendo: BEM-VINDO AO LAR!

Três mil anos antes, seu ancestral grego — o bom e velho Periclimeno, o metamorfo — navegara para o leste com os Argonautas. Séculos mais tarde, os descendentes de Periclimeno serviram nas legiões romanas orientais. Então, devido a uma série de desventuras, a família acabou na China, finalmente emigrando para o Canadá no século xx. Agora, Frank estava de volta à Grécia, o que significava que a família Zhang fizera a volta ao mundo.

Parecia ser motivo de comemoração, embora o único comitê de boas-vindas fosse um bando de harpias selvagens e famintas que atacaram o navio. Frank se sentiu mal ao abatê-las com seu arco. Não parava de pensar em Ella, a amiga harpia assustadoramente inteligente de Portland. Mas aquelas harpias não eram Ella e alegremente teriam arrancado seu rosto. Assim, ele as reduziu a nuvens de poeira e penas.

A paisagem grega abaixo era tão inóspita quanto as harpias. As colinas eram cobertas de pedras e cedros atrofiados que tremulavam no ar nebuloso. O sol ardia como se estivesse tentando transformar o campo em um escudo de bronze celestial. Mesmo a trinta metros de altura, podia ouvir as cigarras zumbindo nas árvores, um barulho sonolento e sobrenatural que fazia seus olhos pesarem. Até mesmo as vozes do deus da guerra dentro de sua cabeça pareciam ter cochilado. Mal incomodaram Frank desde que a tripulação chegara à Grécia.

O suor escorria pelo seu pescoço. Após ter sido congelado no convés inferior pela louca deusa da neve, Frank pensou que nunca voltaria a se aquecer outra vez, mas agora as costas de sua camisa estavam encharcadas.

— Quente e úmido! — Leo sorriu ao leme. — Isso me dá saudades de

Houston! O que me diz, Hazel? Tudo o que precisamos agora são alguns mosquitos gigantes e sentiremos como se estivéssemos na Costa do Golfo!

— Muito obrigada, Leo — resmungou Hazel. — Provavelmente agora seremos atacados por mosquitos monstros da Grécia Antiga.

Frank os observou, admirando silenciosamente como a tensão entre os dois desaparecera. Não sabia o que tinha acontecido com Leo durante seus cinco dias de exílio, mas aquilo o mudara. Ainda fazia brincadeiras, mas Frank sentia que o filho de Hefesto estava diferente, como um navio com uma nova quilha. Talvez não pudesse ver a quilha, mas sabia que estava lá pela maneira como o barco fendia as ondas.

Leo não parecia tão focado em provocá-lo. Conversava com mais facilidade com Hazel, sem os olhares melancólicos e vagos que tanto incomodavam Frank.

A garota indicara o problema em uma conversa entre os dois:

“Ele está apaixonado por alguém.”

Frank estava incrédulo.

“Como? Onde? Como você pode saber?”

Hazel sorria.

“Apenas sei.”

Como se fosse uma filha de Vênus em vez de Plutão. Frank não entendeu.

É claro que ficou aliviado por Leo não estar dando em cima de sua namorada, mas Frank também estava um tanto preocupado com ele. Claro, tinham as suas diferenças, mas depois de tudo o que passaram juntos, não queria ver Leo ter seu coração partido.

— Ali!

A voz de Nico tirou Frank de seu devaneio. Como sempre, Di Angelo estava empoleirado no topo do mastro. Apontou para um rio verde e brilhante que serpenteava pelas colinas a um quilômetro de distância.

— Leve-nos até lá. Estamos perto do templo. Muito perto.

Como que para confirmar sua informação, um raio negro atravessou o céu, deixando manchas escuras diante dos olhos de Frank e eriçando os pelos de seus braços.

Jason atou o cinto da espada.

— Pessoal, peguem suas armas. Leo, leve-nos para perto, mas não aterrisse. Nenhum contato com o solo além do necessário. Piper e Hazel, peguem os cabos de ancoragem.

— Agora mesmo! — exclamou Piper.

Hazel deu um beijinho na bochecha de Frank e correu para ajudar.

— Frank — disse Jason. — Vá lá embaixo e chame o treinador Hedge.

— O.k.!

Ele desceu as escadas e dirigiu-se à cabine de Hedge. Ao se aproximar da porta, diminuiu os passos. Não queria surpreender o sátiro com barulho. O treinador Hedge tinha o hábito de pular no corredor sacudindo seu taco de beisebol se achasse que havia invasores a bordo. Frank quase teve a cabeça arrancada algumas vezes a caminho do banheiro.

Ergueu a mão para bater. Então, percebeu que a porta estava entreaberta. Ouviu o treinador Hedge falando lá dentro.

— Vamos lá, meu bem! — disse o sátiro. — Sabe que não é assim!

Frank congelou. Não queria bisbilhotar, mas não sabia o que fazer. Hazel mencionara estar preocupada com o treinador. Insistia em dizer que algo o estava incomodando, mas Frank não tinha pensado muito naquilo até então.

Nunca ouvira o treinador falar com tanta *delicadeza*. Normalmente, os únicos sons que Frank ouvia sair da cabine do treinador eram de eventos esportivos na tevê, ou o treinador gritando: “É! Pegue todos eles!” enquanto assistia a seus filmes favoritos de artes marciais. Frank tinha certeza de que o treinador não estaria chamando Chuck Norris de *meu bem*.

Ouviu-se outra voz. Feminina, embora quase inaudível, como se viesse de muito longe.

— Eu vou — prometeu o treinador Hedge. — Mas, hã, estamos a caminho de uma batalha — pigarreou. — E pode ser feia. Apenas *fique em segurança*. Eu voltarei. Prometo.

Frank não conseguiu aguentar mais. Bateu com força.

— Ei, treinador?

A conversa parou.

Frank contou até seis. A porta foi aberta com violência.

O treinador Hedge olhou feio para ele, com olhos injetados de sangue, como se estivesse vendo muita tevê. Usava o boné de beisebol de costume e um short de ginástica, com uma armadura de couro sobre a camisa e o apito pendurado ao pescoço, talvez para marcar uma falta contra os exércitos de monstros.

— Zhang. O que você quer?

— Hã... estamos nos preparando para a batalha. Precisamos de você no convés.

O cavanhaque do treinador estremeceu.

— É. Claro que precisamos.

Parecia estranhamente indiferente diante da possibilidade de uma batalha.

— Não queria... quer dizer, ouvi você falando — gaguejou Frank. — Você estava enviando uma mensagem de Íris?

Hedge parecia a ponto de dar um tapa na cara dele, ou ao menos soprar o apito bem alto. Então, seus ombros tombaram. Suspirou e voltou para dentro da

cabine, deixando Frank em pé e sem saber o que fazer.

O treinador sentou em seu beliche, apoiou o queixo na mão em concha e examinou a cabine com um olhar melancólico. O lugar parecia um dormitório de faculdade depois de um furacão, o chão coberto de roupas (talvez para usar, talvez para comer. Era difícil saber quando o assunto eram sátiros), DVDs e pratos sujos espalhados sobre a cômoda em volta da tevê. Toda vez que o navio balançava, uma variedade de equipamentos esportivos rolava pelo chão: bolas de futebol, de basquete, de beisebol e, por algum motivo, uma única bola de bilhar. Tufos de pelo de bode flutuavam pelo ar e se acumulavam embolados sob os móveis. Se juntasse todos os tufos, dava para fazer outro treinador Hedge.

Na mesa de cabeceira dele, havia uma tigela de água, uma pilha de dracmas de ouro, uma lanterna, e um prisma de vidro para produzir arco-íris. Obviamente, Hedge viera preparado para enviar um monte de mensagens de Íris.

Frank lembrou que Piper lhe contara sobre a namorada ninfa do vento do treinador, que trabalhara para o pai de Piper. Qual era mesmo o nome dela...? Melinda? Mili...? Não, Mellie.

— Hum, Mellie, sua namorada, está bem? — arriscou Frank.

— Não é da sua conta! — rebateu o treinador.

— Certo.

Hedge revirou os olhos.

— Tudo bem! Se quer saber, sim, estava conversando com Mellie. Mas ela não é mais a minha namorada.

— Ah. — Frank sentiu um peso no coração. — Vocês se separaram?

— Não, seu idiota! Nós nos casamos! Ela é minha esposa!

Frank teria ficado menos surpreso se o treinador tivesse lhe dado um tapa.

— Treinador, isso... isso é ótimo! Quando... como?

— Não é da sua conta! — gritou outra vez.

— Hum... tudo bem.

— Fim de maio — disse o treinador. — Pouco antes da partida do *Argo II*. Não queríamos chamar muita atenção.

Frank sentiu como se o navio estivesse inclinando novamente, mas devia ser apenas impressão sua. O equipamento esportivo continuava acumulado contra a parede oposta.

O treinador estivera casado todo aquele tempo? Apesar de recém-casado, concordara em vir naquela missão. Não admira que Hedge tenha ligado tantas vezes para casa. Não era à toa que estava tão mal-humorado e agressivo.

Ainda assim... Frank sentia que algo mais estava acontecendo. O tom de voz do treinador durante a mensagem de Íris dava a entender que estavam discutindo um problema.

— Não queria me meter — disse Frank. — Mas... ela está bem?

— Era uma conversa particular!

— É. Você está certo.

— Tudo bem! Vou lhe dizer.

Hedge arrancou um pouco de pelo de sua coxa e deixou-o flutuar no ar.

— Ela tirou licença de seu trabalho em Los Angeles e foi passar o verão no Acampamento Meio-Sangue porque achamos que... — Sua voz falhou. — Achamos que seria mais seguro. Agora ela está presa lá, com os romanos prestes a atacar. Ela está... está muito assustada.

Frank se deu conta do emblema de centurião em sua camisa, da tatuagem ^{SPQR} em seu antebraço.

— Desculpe — murmurou ele. — Mas se ela é um espírito do vento, não poderia apenas... você sabe, flutuar?

O treinador fechou os dedos em torno do cabo de seu taco de beisebol.

— Normalmente sim. Mas veja... ela está em uma condição delicada. Não seria seguro.

— Condição delicada... — Os olhos de Frank se arregalaram. — Ela vai ter um *bebê*? Você vai ser *pai*?

— Grite um pouco mais alto — resmungou Hedge. — Acho que não ouviram você na Croácia.

Frank não pôde deixar de sorrir.

— Mas, treinador, isso é incrível! Um pequeno bebê sátiro? Ou talvez uma ninfa? Você será um pai fantástico.

Frank não sabia por que, considerando o amor do treinador por bastões de beisebol e chutes à Chuck Norris, mas tinha certeza que sim.

O treinador Hedge ficou com uma cara ainda mais feia.

— A guerra está a caminho, Zhang. Nenhum lugar é seguro. Eu deveria estar lá com Mellie. Se tiver de morrer em algum lugar...

— Ei, ninguém vai morrer — disse Frank.

Hedge olhou no fundo dos olhos do garoto. Ele podia ver que o treinador não acreditava nele.

— Sempre tive um fraco pelos filhos de Ares — resmungou Hedge. — Ou Marte, como queira. Talvez por isso não o tenha pulverizado por fazer tantas perguntas.

— Mas eu não estava...

— Tudo bem, vou lhe contar! — Hedge suspirou novamente. — Quando eu estava em minha primeira missão como investigador, no interior do Arizona, trouxe uma menina chamada Clarisse.

— Clarisse?

— Sua irmã — disse Hedge. — Filha de Ares. Violenta. Rude. Muito potencial. Enfim, enquanto estava fora, sonhei com a minha mãe. Ela... ela era uma ninfa do vento, como Mellie. Sonhei que ela estava em perigo e precisava de minha ajuda imediata. Mas eu disse a mim mesmo: *Não, é apenas um sonho. Quem faria mal a uma velha e doce ninfa do vento? Além disso, preciso levar esta meio-sangue para um lugar seguro.* Então, terminei a minha missão, levei Clarisse para o Acampamento Meio-Sangue. Depois, fui à procura de minha mãe. Era tarde demais.

Frank observou o tufo de pelo de bode pousar sobre uma bola de basquete.

— O que aconteceu com ela?

Hedge deu de ombros.

— Não faço ideia. Nunca mais a vi. Talvez, se estivesse com ela, se eu tivesse voltado mais cedo...

Frank queria dizer algo reconfortante, mas não tinha certeza do quê. Perdera a mãe na guerra do Afeganistão e sabia quão vazias as palavras *sinto muito* podiam soar.

— Você estava fazendo o seu trabalho — disse Frank. — Salvou a vida de uma semideusa.

— Agora — resmungou Hedge —, minha mulher e meu filho ainda não nascido estão em perigo, do outro lado do mundo, e nada posso fazer para ajudar.

— Você *está* fazendo — disse Frank. — Estamos aqui para impedir que os gigantes despertem Gaia. Essa é a melhor maneira de manter nossos amigos a salvo.

— É. É, acho que sim.

Frank queria poder fazer mais para animar Hedge, mas aquela conversa estava fazendo com que se preocupasse com todos os outros que deixara para trás. Ele se perguntou quem estaria defendendo o Acampamento Júpiter agora que a legião marchara para leste, especialmente com todos os monstros que Gaia estava libertando pelas Portas da Morte. Ele se preocupava com seus amigos na Quinta Coorte, e como deveriam estar se sentindo com Octavian ordenando-os a marchar contra o Acampamento Meio-Sangue. Frank queria estar lá, nem que fosse para enfiar um ursinho de pelúcia na garganta daquele áugure desprezível.

O navio embicou. O equipamento esportivo rolou para baixo do beliche do treinador.

— Estamos descendo — disse Hedge. — É melhor subirmos ao convés.

— Sim — disse Frank, com a voz rouca.

— Você é um romano intrometido, Zhang.

— Mas...

— Vamos lá — disse Hedge. — E nem uma palavra sobre isso para os outros, seu fofoqueiro.

*

Enquanto os outros fixavam as amarras aéreas, Leo pegou Frank e Hazel pelos braços. Ele os arrastou até a balista de proa.

— Muito bem, eis o plano.

Hazel estreitou os olhos.

— Eu *odeio* os seus planos.

— Preciso daquele graveto mágico — disse Leo. — Rápido!

Frank quase engasgou com a própria língua. Hazel recuou, cobrindo instintivamente o bolso do casaco.

— Leo, você não pode...

— Encontrei uma solução. — Leo voltou-se para Frank. — A decisão é sua, grandalhão, mas posso protegê-lo.

Frank pensou em quantas vezes vira os dedos de Leo explodirem em chamas. Um movimento em falso e ele poderia incinerar o pedaço de lenha que controlava a vida de Frank.

Mas, por algum motivo, Frank não estava aterrorizado. Desde que enfrentara os monstros bovinos em Veneza, ele mal pensara em sua frágil linha da vida. Sim, qualquer fagulha poderia matá-lo. Mas também sobrevivera a algumas coisas impossíveis e orgulhara seu pai. Frank decidira que, não importava qual fosse o seu destino, não se preocuparia com aquilo. Faria apenas o melhor que pudesse para ajudar os amigos.

Além disso, Leo parecia sério. Seus olhos ainda estavam repletos de uma estranha melancolia, como se estivesse em dois lugares ao mesmo tempo, mas nada em sua expressão indicava qualquer tipo de brincadeira.

— Vá em frente, Hazel — disse Frank.

— Mas... — Hazel suspirou profundamente. — Tudo bem.

Ela pegou o pedaço de lenha e entregou-o para Leo.

Nas mãos de Leo, não parecia muito maior do que uma chave de fenda. A lenha ainda estava carbonizada em um lado, usado por Frank para queimar as correntes de gelo que prendiam o deus Tânatos no Alasca.

De um bolso de seu cinto de ferramentas, Leo tirou um pedaço de pano branco.

— Vejam!

Frank fez uma careta.

— Um lenço?

— Uma bandeira de rendição? — adivinhou Hazel.

— Não, homens de pouca fé! — disse Leo. — Esta bolsa é feita com um tecido muito legal, presente de uma amiga.

Leo guardou o pedaço de lenha na bolsa e fechou o cordão de bronze com um laço.

— O cordão foi ideia minha — disse Leo com orgulho. — Deu algum trabalho adaptá-lo ao tecido, mas a bolsa não abrirá a não ser que você queira. O tecido respira como pano comum, de modo que a lenha não ficará mais abafada do que estaria no bolso do casaco de Hazel.

— Hum... — disse ela. — Então, qual a novidade?

— Segure isso para você não enfartar.

Leo jogou a bolsa para Frank, que quase a deixou cair no chão. Em seguida invocou uma bola de fogo branco em sua mão direita. Estendeu o antebraço esquerdo, sorrindo, enquanto as chamas lambiam a manga de seu casaco.

— Estão vendo? — disse ele. — Não queima!

Frank não queria discutir com um sujeito que segurava uma bola de fogo, mas respondeu: — Hã... você é imune às chamas.

Leo revirou os olhos.

— Sim, mas tenho que me *concentrar* para que minhas roupas não queimem. E eu não estou me concentrando, viu? Esse pano é totalmente à prova de fogo. O que significa que sua lenha não queimará dentro dessa bolsa.

Hazel não parecia convencida.

— Como você pode ter certeza?

— Nossa, que público incrédulo. — Leo apagou o fogo. — Creio que só há uma maneira de convencê-lo. — Ele estendeu a mão para Frank.

— Ah, não, não.

Frank recuou. Subitamente, todos aqueles pensamentos corajosos sobre aceitar seu destino pareceram-lhe muito distantes.

— Tudo bem, Leo. Obrigado, mas eu... eu não posso...

— Cara, você precisa confiar em mim.

O coração de Frank disparou. Será que confiava em Leo? Bem, com certeza... com um motor. Para dar um trote. Mas com a sua vida?

Lembrou-se do dia em que ficaram presos na fábrica subterrânea em Roma. Gaia prometera que morreriam naquele lugar. Leo prometera que tiraria Hazel e Frank daquela armadilha. E tirou.

Agora, Leo falava com a mesma confiança.

— Muito bem. — Frank entregou a bolsa para Leo. — Tente não me matar.

A mão de Leo se encheu de chamas. A bolsa não escureceu nem queimou.

Frank esperava que algo desse terrivelmente errado. Contou até vinte, mas ainda estava vivo. Sentia-se como se houvesse um bloco de gelo derretendo logo atrás de seu esterno, um pedaço de medo congelado ao qual estava tão acostumado que nem sequer se dera conta dele até ter desaparecido.

Leo apagou o fogo. Ele levantou as sobrancelhas para Frank.

— Quem é o seu melhor amigo?

— Não responda esta pergunta — disse Hazel. — Mas, Leo, isso *foi* incrível.

— Foi, não é? — concordou Leo. — Então, quem quer ficar com este agora-ultra-seguro pedaço de lenha?

— Eu fico — disse Frank.

Hazel pressionou os lábios. Olhou para baixo para que Frank não visse a mágoa em seus olhos. Ela protegera aquele pedaço de lenha por uma série de árduas batalhas. Era um sinal de confiança entre eles, um símbolo de seu relacionamento.

— Hazel, não é por sua causa — disse Frank, tão delicadamente quanto podia. — Não posso explicar, mas eu... eu tenho a impressão de que precisarei tomar a iniciativa quando estivermos na Casa de Hades. Preciso carregar o meu próprio fardo.

Os olhos dourados de Hazel estavam repletos de preocupação.

— Entendo. Eu só... me preocupo.

Leo jogou a bolsa para Frank, que amarrou-a ao cinto. Sentia-se estranho carregando seu defeito fatal tão abertamente, depois de meses mantendo-o escondido.

— Leo — chamou ele. — Obrigado.

Parecia pouco considerando o presente que lhe dera, mas Leo sorriu.

— Para isso que servem os amigos superdotados.

— Ei, pessoal! — gritou Piper da proa. — É melhor virem até aqui. Vocês precisam ver isso.

*

Eles encontraram a origem do raio negro.

O *Argo II* pairava diretamente sobre o rio. A poucas centenas de metros dali, no topo da colina mais próxima, havia um grupo de ruínas. Não pareciam grande coisa, apenas alguns muros desmoronados circundando as estruturas calcárias de um punhado de edifícios, mas, de algum lugar dentro das ruínas, tentáculos de

éter negro erguiam-se em direção ao céu, como uma lula de fumaça espreitando de sua caverna. Enquanto Frank observava, um raio de energia negra cortou o ar, balançando o navio e lançando uma onda de choque fria por toda a paisagem.

— O *Necromanteion* — disse Nico. — A Casa de Hades.

Frank se equilibrou apoiando na amurada. Imaginou que era tarde demais para sugerir que desistissem e estava começando a sentir uma certa nostalgia quanto aos monstros que enfrentara em Roma. Droga, caçar vacas venenosas em Veneza era mais legal do que aquele lugar.

Piper se abraçou.

— Eu me sinto vulnerável flutuando aqui assim. Não podemos pousar no rio?

— Não é uma boa ideia — disse Hazel. — Este é o Rio Aqueronte.

Jason estreitou os olhos, ofuscado pela luz do sol.

— Eu achava que o Aqueronte corria no Mundo Inferior.

— E corre — disse Hazel. — Mas a sua nascente fica no mundo mortal. Este rio abaixo de nós? Flui para o subsolo, direto para o reino de Plutão... hã, de Hades. Desembarcar um navio de semideuses nessas águas...

— Sim, vamos ficar aqui em cima — decidiu Leo. — Não quero água zumbi no meu casco.

Meio quilômetro rio abaixo, navegavam alguns barcos de pesca. Frank imaginou que os pescadores não sabiam ou não se importavam com a história daquele rio. Deve ser legal ser um mortal comum.

Ao lado de Frank, Nico di Angelo ergueu o cetro de Diocleciano. Sua orbe brilhou com luz roxa, como se em sinal de solidariedade com a tempestade escura. Relíquia romana ou não, o cetro incomodava Frank. Se realmente tinha o poder de convocar uma legião de mortos... bem, Frank não tinha certeza se aquilo era uma ideia tão boa assim.

Certa vez, Jason lhe dissera que os filhos de Marte tinham uma habilidade similar. Supostamente, Frank poderia invocar soldados fantasmas do lado perdedor de qualquer guerra para servi-lo. Nunca tivera muita sorte com esse poder, provavelmente porque aquilo o assustava bastante. Tinha medo de se tornar um dos fantasmas caso perdesse a guerra, eternamente condenado a pagar por seus fracassos, supondo que sobraria alguém para invocá-lo.

— Então, hã, Nico... — Frank apontou para o cetro. — Você aprendeu a usar esse treco?

— Vamos descobrir. — Nico olhou para os tentáculos de escuridão que emanavam das ruínas. — Não pretendo tentar até ser necessário. As Portas da Morte já estão fazendo hora extra para trazerem os monstros de Gaia. Qualquer atividade a mais para trazer os mortos de volta e as Portas podem ruir permanentemente, abrindo uma fenda no mundo mortal que não poderá ser

fechada.

— Odeio fendas no mundo. — resmungou o treinador Hedge. — Vamos cortar algumas cabeças de monstros.

Frank olhou para a expressão sombria do sátiro. Subitamente, teve uma ideia.

— Treinador, você deve ficar a bordo. Proteja-nos com as balistas.

Hedge fez uma careta.

— Ficar para trás? Eu? Mas sou seu melhor soldado!

— Podemos precisar de apoio aéreo — disse Frank. — Como fizemos em Roma. Você salvou as nossas *braccae*.

Ele não acrescentou: Além disso, gostaria que voltasse vivo para a sua mulher e para o seu bebê.

O treinador aparentemente entendeu a mensagem. Sua carranca relaxou. Seus olhos pareceram aliviados.

— Bem — resmungou —, suponho que alguém tenha de salvar as suas *braccae*.

Jason deu um tapa no ombro do treinador. Então, meneou a cabeça para Frank, agradecido.

— Então, está combinado. Todos os demais, vamos para as ruínas. É hora de estragar a festa de Gaia.

LXVI

FRANK

APESAR DO CALOR DO MEIO-DIA e da furiosa tempestade de energia mortal, havia um grupo de turistas nas ruínas. Felizmente, não eram muitos e não deram muita atenção aos semideuses.

Após as multidões em Roma, Frank parara de se preocupar demais com a possibilidade de serem notados. Se podiam entrar voando no Coliseu com um navio de guerra e balistas em chamas sem nem mesmo atrapalharem o tráfego, ele achava que podiam fazer qualquer coisa.

Nico caminhava à frente do grupo. No topo da colina, escalaram um velho muro de contenção e caíram do outro lado em uma trincheira. Finalmente chegaram a um portal de pedra que levava diretamente ao interior da colina. A tempestade mortal parecia se originar bem acima de suas cabeças. Olhando para o turbilhão de tentáculos de escuridão, Frank sentiu como se estivesse preso no fundo de uma privada. Aquilo *realmente* não acalmou seus nervos.

Nico encarou o grupo.

— A partir daqui, fica difícil.

— Legal — disse Leo. — Porque até agora estou achando tudo uma moleza.

Nico olhou para ele.

— Vamos ver por quanto tempo você mantém o senso de humor. Lembrem-se, este é o lugar aonde os peregrinos vinham comungar com seus antepassados mortos. No subsolo, vocês poderão ver coisas que são difíceis de olhar, ou ouvir vozes que tentarão fazê-los se perderem nos túneis. Frank, você trouxe os bolos de cevada?

— O quê?

Frank estava pensando em sua avó e em sua mãe, perguntando-se se elas poderiam aparecer para ele. Pela primeira vez em dias, as vozes de Ares e Marte

voltaram a discutir no fundo de sua mente, debatendo suas formas favoritas de morte violenta.

— Eu trouxe os bolos — disse Hazel e pegou os biscoitos de cevada mágica que fizeram com os grãos que Triptólemo lhes dera em Veneza.

— Comam — aconselhou Nico.

Frank mordeu o biscoito da morte e tentou não engasgar. Parecia que era feito de serragem em vez de açúcar.

— Eca! — exclamou Piper. Até mesmo uma filha de Afrodite não conseguiu evitar fazer uma careta.

— Muito bem. — Nico engoliu o restante da cevada. — Isso deve nos proteger do veneno.

— Veneno? — perguntou Leo. — Perdi a parte do veneno? Porque eu adoro veneno.

— Logo — prometeu Nico. — Apenas fiquem juntos e talvez possamos evitar ficarmos perdidos ou loucos.

Com essa feliz observação, Nico os guiou para o subterrâneo.

O túnel descia em uma espiral suave, o teto sustentado por arcos de pedra branca que faziam Frank se lembrar da caixa torácica de uma baleia.

Enquanto caminhavam, Hazel passou a mão pela parede.

— Isso não faz parte do templo — murmurou. — Isso era... o porão de uma casa senhorial, construída em tempos gregos posteriores.

Frank achava estranho como Hazel poderia saber tanto a respeito de um lugar no subterrâneo apenas estando ali. E ela nunca se enganara.

— Uma mansão? — perguntou ele. — Por favor, não me diga que estamos no lugar errado.

— A Casa de Hades fica mais abaixo — assegurou Nico. — Mas Hazel está certa, o nível onde estamos agora é muito mais recente. Quando os primeiros arqueólogos descobriram este lugar, pensaram ter encontrado o *Necromanteion*. Então perceberam que as ruínas eram muito recentes, e decidiram que estavam no lugar errado. Mas estavam certos. Apenas não cavaram fundo o bastante.

Todos dobraram uma esquina e pararam. À frente deles, o túnel terminava em um enorme bloco de pedra.

— Um desmoronamento? — perguntou Jason.

— Um teste — disse Nico. — Hazel, você faria as honras?

Hazel deu um passo à frente. Ela colocou a mão sobre a rocha e o bloco de pedra virou pó.

O túnel estremeceu. Rachaduras se espalharam pelo teto. Por um momento aterrorizante, Frank imaginou que seriam esmagados por toneladas de terra — uma forma decepcionante para se morrer depois de tudo que tinham passado.

Então, o ruído parou. A poeira baixou.

Uma escada circular penetrava mais profundamente na terra. O teto abobadado era sustentado por mais fileiras de arcos, estes mais próximos uns dos outros e esculpidos em pedra negra polida. Os arcos fizeram Frank se sentir tonto, como se estivesse olhando para um espelho que refletia infinitamente a mesma imagem. Nas paredes havia pinturas rústicas de gado negro marchando para baixo.

— Eu realmente não gosto de vacas — resmungou Piper.

— Concordo — disse Frank.

— Esse é o gado de Hades — disse Nico. — É apenas um símbolo de...

— Vejam — apontou Frank.

No primeiro degrau da escada, brilhava um cálice dourado. Frank tinha certeza de que aquilo não estava ali havia pouco. O cálice estava cheio de um líquido verde-escuro.

— Uhu! — comentou Leo sem entusiasmo. — Suponho que este seja nosso veneno.

Nico pegou o cálice.

— Nós estamos na antiga entrada do *Necromanteion*. Odisseu esteve aqui, assim como dezenas de outros heróis, buscando o conselho dos mortos.

— Será que os mortos os aconselharam a irem embora imediatamente? — perguntou Leo.

— Eu adoraria isso — admitiu Piper.

Nico bebeu do cálice e, em seguida, ofereceu-o para Jason.

— Você me falou sobre confiança e assumir riscos? Bem, aqui está, filho de Júpiter. O quanto você confia em mim?

Frank não tinha ideia do que Nico estava falando, mas Jason não hesitou. Ele pegou o cálice e bebeu.

Eles o passaram entre si, cada um tomando um gole do veneno. Enquanto esperava sua vez, Frank tentou controlar o tremelique nas pernas e o intestino. Ele se perguntou o que sua avó diria caso pudesse vê-lo.

Ela provavelmente o repreenderia: *Fai Zhang, seu idiota! Se todos os seus amigos bebessem veneno, você beberia também?*

Frank foi o último. O sabor do líquido verde lembrou-lhe de suco de maçã estragada. Ele esvaziou o cálice, que se transformou em fumaça em suas mãos.

Nico assentiu, aparentemente satisfeito.

— Parabéns. Supondo que o veneno não nos mate, devemos conseguir abrir caminho através do primeiro nível do *Necromanteion*.

— Apenas o primeiro nível? — perguntou Piper.

Nico olhou para Hazel e apontou para a escadaria.

— Depois de você, irmã.

*

Logo, Frank se sentiu completamente perdido. A escadaria se dividia em três direções diferentes. Assim que Hazel escolhia um caminho, a escadaria se dividia outra vez. Eles abriam caminho através de túneis interligados e câmaras mortuárias toscas que pareciam iguais: nichos empoeirados entalhados nas paredes que outrora deveriam ter abrigado cadáveres. Os arcos sobre os portais tinham pinturas retratando gado preto, galhos de álamo-branco e corujas.

— Eu pensei que a coruja fosse o símbolo de Minerva — murmurou Jason.

— A coruja é um dos animais sagrados de Hades — disse Nico. — Seu pio é considerado um mau presságio.

— Por aqui. — Hazel apontou para um portal que parecia igual a todos os outros. — É o único que não vai desabar sobre nós.

— Boa escolha, então — disse Leo.

Frank começou a sentir que estavam deixando o mundo dos vivos. Sua pele formigava, e ele se perguntou se aquilo seria um efeito colateral do veneno. A bolsa com o graveto que trazia presa ao cinto pareceu ficar mais pesada. Sob o brilho sobrenatural de suas armas mágicas, seus amigos pareciam fantasmas bruxuleantes.

Ar frio açoitava seu rosto. Em sua mente, Ares e Marte estavam em silêncio, mas Frank pensou ter ouvido outras vozes sussurrando nos corredores laterais, chamando-o para sair de seu caminho e se aproximar para ouvi-las falar.

Finalmente chegaram a um arco esculpido na forma de crânios humanos — ou talvez *fossem* crânios humanos incorporados à rocha. Sob a luz roxa do cetro de Diocleciano, suas órbitas vazias pareciam piscar.

Frank quase bateu no teto quando Hazel tocou em seu braço.

— Essa é a entrada para o segundo nível — disse ela. — É melhor eu dar uma olhada.

Frank ainda não percebera que estava parado em frente ao portal.

— Ah, sim.

Ele abriu caminho para Hazel.

A garota correu os dedos pelos crânios esculpidos.

— Não há armadilhas na porta, mas... tem algo estranho aqui. Minha sensibilidade subterrânea está... está difusa, como se alguém estivesse tentando me atrapalhar, escondendo o que está à nossa frente.

— A feiticeira sobre a qual Hécate nos advertiu? — adivinhou Jason. — Aquela que Leo viu em um sonho? Qual era o nome dela?

Hazel mordeu o lábio.

— Seria mais seguro não dizê-lo em voz alta. Mas fiquem atentos. De uma coisa tenho certeza: deste ponto em diante, os mortos são mais poderosos do que os vivos.

Frank não estava certo de como Hazel sabia daquilo, mas acreditou nela. As vozes na escuridão pareciam estar sussurrando mais alto. Ele vislumbrou movimento nas sombras. Pelo modo como os olhos de seus amigos se moviam, eles também deviam estar vendo coisas.

— Onde estão os monstros? — perguntou Frank em voz alta. — Achei que Gaia tivesse um exército defendendo as Portas.

— Não sei — disse Jason. Sua pele pálida parecia tão verde quanto o veneno do cálice. — Neste momento eu quase preferiria uma luta aberta.

— Cuidado com o que deseja, cara.

Leo produziu uma bola de fogo em sua mão, e pela primeira vez Frank ficou contente ao ver as chamas.

— Pessoalmente, espero que não tenha ninguém em casa. Nós entramos, encontramos Percy e Annabeth, destruímos as Portas da Morte e saímos. Talvez possamos até dar uma passadinha na loja de souvenir.

— Claro — disse Frank. — Pode ir esperando.

O túnel estremeceu. Escombros caíram do teto.

Hazel agarrou a mão de Frank.

— Essa foi por pouco — murmurou ela. — Estes portais não resistirão por muito tempo.

— As Portas da Morte acabam de se abrir novamente — disse Nico.

— Está acontecendo a cada quinze minutos — observou Piper.

— A cada doze — corrigiu Nico, embora não tenha explicado como sabia daquilo. — É melhor nos apressarmos. Percy e Annabeth estão próximos. Estão em perigo. Posso sentir isso.

Quanto mais se aprofundavam, mais os corredores se alargavam. O teto se erguia a mais de seis metros de altura e era decorado com elaboradas pinturas de corujas pousadas em galhos de álamo-branco. O espaço extra deveria ter feito Frank se sentir melhor, mas tudo em que ele conseguia pensar era na parte estratégica. Os túneis eram largos o bastante para acomodar grandes monstros, até mesmo gigantes. Havia cantos cegos em toda parte, o que era perfeito para emboscadas. O grupo poderia ser facilmente flanqueado e cercado. Eles não tinham muitas chances de retirada.

Todos os instintos de Frank lhe diziam para sair daqueles túneis. Se não havia

monstros visíveis, isso só queria dizer que estavam escondidos, esperando para desencadear uma armadilha. Apesar de ele saber disso, não havia muito que pudesse fazer a respeito. Eles *precisavam* mesmo chegar às Portas da Morte.

Leo aproximou o fogo das paredes. Frank viu pichações em grego antigo na pedra. Ele não sabia ler essa língua, mas achava que eram orações ou súplicas aos mortos, escritas pelos peregrinos há milhares de anos. O chão do túnel estava repleto de cacos de cerâmica e moedas de prata.

— Oferendas? — supôs Piper.

— Sim — disse Nico. — Se você quisesse ver seus antepassados, tinha que fazer uma oferenda.

— Não vamos fazer uma oferenda — sugeriu Jason.

Ninguém contestou.

— O túnel a partir daqui é instável — advertiu Hazel. — O piso pode... bem, apenas me sigam. Pisem *exatamente* onde eu pisar.

Ela avançou. Frank caminhou bem atrás dela, não porque se sentisse particularmente corajoso, mas porque queria estar perto caso Hazel precisasse de ajuda. As vozes do deus da guerra estavam novamente discutindo em sua mente. Ele podia sentir o perigo — muito perto agora.

Fai Zhang.

Ele parou. Aquela voz... não era Ares ou Marte. Parecia vir bem do lado dele, como se alguém estivesse sussurrando em seu ouvido.

— Frank? — Jason sussurrou atrás dele. — Hazel, espere um segundo. Frank, o que há de errado?

— Nada — murmurou em resposta. — Eu só...

Pilo, disse a voz. Eu o espero em Pilo.

Frank sentiu como se o veneno estivesse borbulhando de volta à sua garganta. Ele já se assustara diversas vezes antes. Ele chegara a enfrentar o deus da morte.

Mas aquela voz o aterrorizava de uma maneira diferente. Ressoava até os ossos, como se soubesse tudo sobre ele: sua maldição, sua história e seu futuro.

A avó sempre fizera questão de homenagear os antepassados. Era uma coisa chinesa. Você tinha que apaziguar os fantasmas. Você tinha que levá-los a sério.

Frank sempre achara que as superstições da avó eram tolices. Agora, ele mudou de ideia. Ele não tinha nenhuma dúvida... a voz que falara com ele era de um de seus antepassados.

— Frank, não se mova.

Hazel parecia alarmada.

Frank olhou para baixo e percebeu que estava prestes a sair da trilha.

Para sobreviver, você deve liderar, disse a voz. Quando a oportunidade surgir, você deve assumir o comando.

— Liderar para onde? — perguntou Frank em voz alta.

Então a voz se foi. Frank podia sentir a sua ausência, como se a umidade do ar tivesse diminuído subitamente.

— Hã, grandalhão? — disse Leo. — Você poderia tentar não surtar? Por favor e obrigado.

Todos olhavam Frank com preocupação.

— Estou bem — consegui dizer. — Foi só... uma voz.

Nico balançou a cabeça.

— Eu *avisei*. Isso só vai piorar. Devemos...

Hazel ergueu a mão pedindo silêncio.

— Esperem aqui.

Frank não gostou, mas ela seguiu em frente sozinha. Ele contou até vinte e três antes de Hazel voltar, rosto compenetrado e pensativo.

— Lugar assustador adiante — alertou. — Não entrem em pânico.

— Essas coisas não combinam — murmurou Leo.

Mas todos seguiram Hazel até o interior da caverna.

O lugar era como uma catedral circular, com um teto tão alto que se perdia na escuridão. Dezenas de outros túneis levavam a direções diferentes, cada um deles ecoando com vozes fantasmagóricas. O que deixou Frank nervoso foi o chão. Era um mosaico assustador de ossos e pedras preciosas — fêmures, pelvis e costelas de humanos retorcidas e fundidas em uma superfície lisa, pontilhada de diamantes e rubis. Os ossos formavam padrões, como contorcionistas esqueléticos caídos juntos, curvando-se para proteger as pedras preciosas — uma dança da morte e da riqueza.

— Não toquem em nada — disse Hazel.

— Não planejava tocar — murmurou Leo.

Jason examinou as saídas.

— Qual o caminho agora?

Pela primeira vez, Nico pareceu incerto.

— Esta deve ser a sala onde os sacerdotes invocavam os espíritos mais poderosos. Uma dessas passagens leva ao terceiro nível e ao altar do próprio Hades. Mas qual...?

Frank apontou.

— Aquela.

Em um portal na extremidade oposta da sala, um fantasma legionário romano acenava para eles. Seu rosto era enevoado e indistinto, mas Frank teve a sensação de que o fantasma olhava diretamente para ele.

Hazel franziu a testa.

— Por que aquela?

— Vocês não estão vendo o fantasma? — perguntou Frank.

— Fantasma? — questionou Nico.

Certo... se Frank estava vendo um fantasma que os filhos do Mundo Inferior não podiam ver, algo estava definitivamente errado. Ele sentiu como se o chão vibrasse debaixo dele. Então percebeu que estava *mesmo* vibrando.

— Precisamos chegar àquele portal — disse ele. — Agora!

Hazel quase teve que agarrá-lo para contê-lo.

— Espere, Frank! Este piso *não* é estável, e por baixo... bem, não tenho certeza *do que* há por baixo. Preciso encontrar um caminho seguro.

— Depressa, então — insistiu Frank.

Ele sacou o arco e seguiu Hazel tão rápido quanto tinha coragem de fazê-lo. Leo foi logo atrás, para fornecer luz. Os outros guardavam a retaguarda. Frank percebeu que estava assustando os amigos, mas não podia evitar. Ele tinha certeza absoluta de que tinham apenas alguns segundos antes de...

À sua frente, o fantasma legionário se vaporizou. A caverna reverberou com monstruosos rugidos: dezenas, talvez centenas de inimigos vindos de todas as direções. Frank reconheceu o rugido gutural dos filhos da terra, o berro dos grifos, os gritos roucos dos ciclopes — sons que o faziam se lembrar da Batalha de Nova Roma, amplificados no subterrâneo, ecoando em sua cabeça ainda mais alto do que as vozes do deus da guerra.

— Hazel, não pare! — ordenou Nico. Ele tirou o cetro de Diocleciano do cinto. Piper e Jason sacaram suas espadas enquanto os monstros invadiam a caverna.

Um grupo de seis filhos da terra arremessou uma saraivada de pedras que partiu o chão de ossos e joias como se fosse gelo. Uma fissura se abriu no centro da sala, aproximando-se em linha reta de Leo e Hazel.

Não havia tempo para ser cauteloso. Frank saltou em direção aos seus amigos, derrubando-os, e os três deslizaram através da caverna, aterrissando no limiar do túnel do fantasma enquanto pedras e lanças voavam sobre suas cabeças.

— Vamos! — gritou Frank. — Vamos, vamos!

Hazel e Leo entraram no túnel, que parecia ser o único livre de monstros. Frank não tinha certeza se aquilo era um bom sinal.

Depois de percorrerem dois metros, Leo virou-se.

— Os outros!

Toda a caverna estremeceu. Frank olhou para trás e sua coragem se esvaiu. No meio da caverna havia um abismo de quinze metros de largura, com apenas duas frágeis pontes de ossos unindo as bordas. A maior parte do exército de monstros estava do lado oposto, uivando de frustração e arremessando tudo o que podia encontrar, incluindo uns aos outros. Alguns tentaram atravessar as pontes, que

rangiam e estalavam sob seu peso.

Jason, Piper e Nico estavam na borda do lado oposto, o que não era tão ruim, mas estavam cercados por ciclopes e cães infernais. Mais monstros continuaram a entrar pelos corredores laterais, enquanto grifos vojavam acima de suas cabeças, alheios ao chão que desmoronava.

Os três semideuses nunca chegariam ao túnel. Mesmo que Jason tentasse voar, seria abatido.

Frank lembrou-se da voz de seu ancestral: *Quando a oportunidade surgir, você deve assumir o comando.*

— Precisamos ajudá-los — disse Hazel.

A mente de Frank disparou, fazendo cálculos de batalha. Ele viu exatamente o que aconteceria: onde e quando seus amigos seriam esmagados, como todos os seis morreriam ali naquela caverna... a não ser que Frank mudasse a equação.

— Nico — gritou ele. — O cetro!

Nico ergueu o cetro de Diocleciano e a caverna brilhou com a luz roxa. Fantasmas surgiram das fissuras e paredes, uma legião romana preparada para o combate. Começaram a tomar forma física, como zumbis, mas pareciam confusos. Jason gritou ordens em latim, mandando que eles formassem fileiras e atacassem. Mas os mortos-vivos apenas vagaram por entre os monstros, causando alguma confusão, mas aquilo não duraria muito tempo.

Frank se voltou para Hazel e Leo.

— Vocês dois, continuem.

Hazel arregalou os olhos.

— O quê? Não!

— Vocês precisam continuar. — Foi a coisa mais difícil que Frank já fizera, mas sabia que era a única opção. — Encontrem as Portas. Salvem Annabeth e Percy.

— Mas... — Leo olhou por sobre o ombro de Frank. — Para o chão!

Frank se deitou no exato momento em que uma saraivada de pedras passou por cima de sua cabeça. Quando conseguiu se levantar, tossindo e coberto de poeira, a entrada do túnel já não existia. Uma seção inteira da parede desabara, deixando uma montanha de escombros fumegantes.

— Hazel... — A voz de Frank falhou.

Ele tinha que acreditar que ela e Leo estavam vivos do outro lado. Frank não podia se dar ao luxo de pensar o contrário.

A raiva cresceu em seu peito. Ele se virou e avançou contra o exército de monstros.

LXVII

FRANK

FRANK NÃO ERA UM ESPECIALISTA em fantasmas, mas os legionários mortos deveriam ter sido semideuses, porque eram totalmente hiperativos e com déficit de atenção.

Eles saíam do abismo e então circulavam, sem rumo, esbarrando uns nos outros sem motivo aparente, empurrando um ou outro de volta ao abismo, atirando flechas para o ar como se estivessem tentando matar moscas e, ocasionalmente, por pura sorte, arremessando uma lança ou uma espada ou um aliado na direção do inimigo.

Enquanto isso, o exército de monstros ficava cada vez maior e mais furioso. Nascidos da terra lançaram uma saraivada de pedras que atingiu os legionários zumbis, esmagando-os como papel. Demônios femininos com pernas incompatíveis e cabelos de fogo (Frank supôs que fossem *empousai*) rangiam as presas e gritavam ordens para os outros monstros. Uma dezena de ciclopes avançou para as pontes em ruínas, enquanto humanoides em forma de foca — telquines, como Frank vira em Atlanta — arremessavam frascos de fogo grego através do abismo. Havia até mesmo alguns centauros selvagens no meio, atirando flechas flamejantes e pisoteando aliados menores com seus cascos. Na verdade, a maior parte dos inimigos parecia estar armada com algum tipo de arma de fogo. Apesar de sua nova bolsa não inflamável, Frank não achou aquilo legal.

Avançou através da multidão de romanos mortos, abatendo monstros até acabarem as suas flechas, lentamente abrindo caminho em direção aos amigos.

Um pouco tarde, percebeu — dâ — que devia se transformar em algo grande e poderoso, como um urso ou um dragão. Mas assim que lhe ocorreu tal pensamento, sentiu a dor explodir em seu braço. Cambaleou, olhou para baixo e ficou incrédulo ao ver a haste de uma flecha despontando de seu bíceps

esquerdo. A manga de sua camisa estava encharcada de sangue.

A visão do ferimento lhe causou tonturas. Mas, principalmente, deixou-o furioso. Tentou se transformar em um dragão, sem sucesso. A dor era forte demais para que pudesse se concentrar. Talvez não pudesse mudar de forma enquanto estivesse ferido.

Ótimo, pensou. Agora eu descubro isso.

Largou o arco e pegou a espada de um ser caído... bem, realmente não tinha certeza do que era aquilo, algum tipo de mulher guerreira reptiliana com corpos de serpentes em vez de pernas. Abriu caminho tentando ignorar a dor e o sangue escorrendo pelo seu braço.

Cinco metros à frente, Nico brandia sua espada negra com uma mão, erguendo o cetro de Diocleciano com a outra. Gritava ordens para os legionários, mas estes não lhe davam atenção.

Claro que não, pensou Frank. Ele é *grego*.

Jason e Piper estavam às costas de Nico. Jason invocou rajadas de vento para afastar dardos e flechas. Desviou um frasco de fogo grego para dentro da garganta de um grifo, que explodiu em chamas e caiu em espiral no abismo. Piper manejava com eficiência a nova espada, enquanto lançava comida da cornucópia com a outra mão, usando presuntos, frangos, maçãs e laranjas como mísseis interceptadores. O ar acima do abismo se transformou em um espetáculo pirotécnico de projéteis de fogo, estilhaços de rochas e comida fresca.

Ainda assim, os amigos de Frank não poderiam resistir eternamente. O rosto de Jason já estava coberto de suor. Gritava em latim:

— Formar fileiras!

Mas os legionários mortos também não o ouviam. Alguns dos zumbis foram úteis apenas por estarem no caminho, bloqueando monstros e sendo atingidos. Mas, se continuassem a serem ceifados, não sobraria um número suficiente deles para organizar.

— Abram caminho! — gritou Frank.

Para a sua surpresa, os legionários mortos se afastaram para ele passar. Os mais próximos se voltaram e o olharam com olhos vazios, como se à espera de novas ordens.

— Ah, ótimo — murmurou Frank.

Em Veneza, Marte lhe avisara que seu verdadeiro teste de liderança estava por vir. O ancestral fantasma de Frank insistira que ele devia assumir o comando. Mas se aqueles romanos mortos não quiseram ouvir Jason, por que deveriam ouvi-lo? Porque era filho de Marte, ou talvez, porque...

A verdade o atingiu. Jason não era mais romano. Seu tempo no Acampamento Meio-Sangue o mudara. Reyna reconhecera aquilo. Aparentemente, os

legionários mortos-vivos também. Se Jason não emitia mais o tipo certo de vibração, ou a aura de um líder romano...

Frank conseguiu chegar até onde estavam os amigos no exato momento em que uma onda de ciclopes os atacava. Ergueu a espada para desviar do porrete de um ciclope, então feriu o monstro na perna, derrubando-o de costas no abismo. Outro atacou. Frank conseguiu perfurá-lo, mas a perda de sangue o estava enfraquecendo. Sua visão estava turva. Seus ouvidos zumbiam.

Estava vagamente consciente de Jason em seu flanco esquerdo, desviando os projéteis com vento; Piper à sua direita, usando o charme, incentivando os monstros a atacarem uns aos outros ou darem um refrescante salto no abismo.

— Vai ser divertido — prometia.

Alguns ouviram, mas do outro lado do abismo, as *empousai* contrariavam as suas ordens. Aparentemente, também sabiam usar o charme. Os monstros se acumulavam tão densamente em torno de Frank que ele mal conseguia usar a espada. O fedor dos corpos e dos hálitos era quase suficiente para derrubá-lo, mesmo sem a dor da flecha no braço.

O que deveria fazer? Tinha um plano, mas seus pensamentos estavam ficando confusos.

— Fantasmas idiotas! — gritou Nico.

— Eles não ouvem! — concordou Jason.

Era isso. Frank tinha de fazer os fantasmas ouvirem.

Convocou toda a sua força e gritou:

— Coortes, travar escudos!

Os zumbis em torno dele se agitaram. Eles se alinharam diante de Frank, erguendo os escudos em uma desleixada formação defensiva. Mas estavam se movendo muito lentamente, como sonâmbulos, e apenas alguns responderam à sua voz.

— Frank, como você fez isso? — gritou Jason.

A cabeça de Frank estava confusa pela dor. Ele se esforçou para não desmaiar.

— Sou o oficial romano em comando — disse ele. — Eles... hã, eles não o reconhecem. Sinto muito.

Jason fez uma careta, mas não parecia particularmente surpreso.

— O que fazemos?

Frank desejava ter uma resposta. Um grifo pairou acima dele, quase decapitando-o com suas garras. Nico atingiu-o com o cetro de Diocleciano, e o monstro se chocou contra uma parede.

— *Orbem formate!* — ordenou Frank.

Cerca de duas dezenas de zumbis obedeceram, lutando para formar um anel defensivo em torno de Frank e seus amigos. Foi o suficiente para dar aos

semideuses um pouco de descanso, mas havia muitos inimigos tentando avançar. A maioria dos legionários fantasmas ainda vagava, em transe.

— O meu escalão — Frank deu-se conta.

— Todos esses monstros são do seu escalão! — gritou Piper, ferindo um centauro selvagem.

— Não — disse Frank. — Sou apenas um centurião.

Jason amaldiçoou em latim.

— Ele quer dizer que não pode controlar uma legião inteira. Não está em uma posição hierárquica elevada.

Nico cravou a espada negra em outro grifo.

— Bem, então, promova-o!

A mente de Frank estava lenta. Não compreendeu o que Nico estava dizendo. Promovê-lo? Como?

Jason gritou em sua melhor voz de sargento de treinamento:

— Frank Zhang! Eu, Jason Grace, pretor da Décima Segunda Legião Fulminata, dou-lhe a minha última ordem: renuncio ao meu posto e lhe dou uma promoção emergencial de campo de batalha, tornando-o pretor, com plenos poderes de tal posição. Assuma o comando desta legião!

Frank sentiu como se uma porta tivesse se aberto em algum lugar na Casa de Hades, deixando entrar uma lufada de ar fresco que atravessou os túneis. A flecha no braço subitamente não importava mais. Seus pensamentos clarearam. Sua visão se aguçou. As vozes de Marte e Ares falaram em sua mente, fortes e em uníssono: Acabe com eles!

Frank mal reconheceu a própria voz quando gritou:

— Legião, *agmen formate!*

No mesmo instante, cada legionário morto na caverna sacou a espada e ergueu o escudo. Avançaram na direção de Frank, empurrando e cortando monstros no caminho até ficarem ombro a ombro com os companheiros, organizando-se em uma formação de quadrado. Choviam pedras, dardos e fogo, mas agora Frank tinha uma linha defensiva disciplinada que os protegia atrás de uma parede de bronze e couro.

— Arqueiros — gritou Frank. — *Eiaculare flammas!*

Não tinha muita esperança de que o comando funcionaria. Os arcos dos zumbis não podiam estar em boas condições. Mas, para a sua surpresa, várias dezenas de arqueiros fantasmagóricos prepararam as flechas em uníssono. As pontas de suas flechas pegaram fogo espontaneamente e uma onda flamejante e mortal partiu das fileiras da legião, diretamente em direção ao inimigo. Ciclopes tombaram. Centauros tropeçaram. Um telquine gritava e corria em círculos com uma flecha ardente cravada na testa.

Frank ouviu uma risada às suas costas. Olhou para trás e não pôde acreditar no que via. Nico di Angelo estava realmente rindo.

— É isso aí — disse Nico. — Vamos virar o jogo!

— *Cuneum formate!* — gritou Frank. — Avançar com as *pila*!

A linha de zumbis engrossou no centro, formando uma cunha projetada para romper as linhas inimigas. Colocaram suas lanças em linha e avançaram.

Nascidos da terra urravam e atiravam pedras. Ciclopes golpeavam os escudos com punhos e porretes, mas os legionários zumbis não eram mais alvos indefesos. Possuíam força sobre-humana, dificilmente vacilando sob os ataques mais ferozes. Logo, o chão estava coberto de pó de monstro. A fileira de lanças abriu caminho em meio aos inimigos como uma gigantesca arcada dentária, derrubando ogros, mulheres serpentes e cães infernais. Os arqueiros de Frank abatiam grifos em pleno ar e provocavam o caos na equipe principal do exército de monstros do outro lado do abismo.

As forças de Frank começaram a assumir o controle de seu lado da caverna. Uma das pontes de pedra ruiu, porém mais monstros continuavam a atravessar a outra. Frank teria de detê-los.

— Jason — disse ele —, pode fazer alguns legionários voarem através do abismo? O flanco esquerdo do inimigo é fraco... está vendo? Faça isso!

Jason sorriu.

— Com prazer.

Três zumbis romanos ergueram-se no ar e voaram através do abismo. Em seguida, outros três se juntaram a eles. Finalmente Jason voou até onde estavam e seu esquadrão começou a atacar alguns telquines muito surpresos, espalhando o medo através das fileiras do inimigo.

— Nico — disse Frank —, continue tentando ressuscitar os romanos. Precisamos de mais soldados.

— Pode deixar comigo.

Nico ergueu o cetro de Diocleciano, que brilhava em uma tonalidade roxa ainda mais escura. Mais romanos fantasmagóricos vazaram das paredes para se unirem à luta.

Do outro lado do abismo, *empousai* gritavam comandos em uma linguagem que Frank não conhecia, mas a essência era óbvia. Estavam tentando fortalecer seus aliados e fazer com que continuassem a atacar pela ponte.

— Piper! — gritou Frank. — Use o charme contra as *empousai*! Precisamos de algum caos.

— Pensei que nunca pediria.

Ela começou a debochar dos demônios femininos:

— Sua maquiagem está borrada! Sua amiga disse que você é horrível! Aquela

ali está fazendo caretas às suas costas!

Logo as *empousai* estavam muito ocupadas brigando entre si para gritar qualquer comando.

Os legionários avançaram, mantendo a pressão. Precisavam tomar a ponte antes de Jason ficar sobrecarregado.

— Hora de liderar — decidiu Frank.

Ele ergueu a espada emprestada e deu a ordem de ataque.

LXVIII

FRANK

FRANK NÃO PERCEBEU QUE ESTAVA brilhando. Mais tarde, Jason lhe disse que a bênção de Marte o envolvera em uma luz vermelha, como ocorrera em Veneza. Dardos não podiam atingi-lo. De algum jeito, as pedras se desviavam. Mesmo com uma flecha cravada em seu braço esquerdo, Frank nunca se sentira tão cheio de energia.

O primeiro ciclope foi destruído tão rapidamente que pareceu mentira. Frank o cortou ao meio, do ombro à cintura. O grandalhão explodiu em pó. O ciclope seguinte recuou, nervoso, de modo que Frank cortou suas pernas e derrubou-o no abismo.

Os outros monstros que estavam do seu lado do abismo tentaram recuar, mas a legião os deteve.

— Formação Tetsubo! — gritou Frank. — Fila única, avançar!

Foi o primeiro a atravessar a ponte. Os mortos o seguiram, seus escudos fechados em ambos os lados e sobre as suas cabeças, desviando todos os ataques. Quando o último dos zumbis atravessou, a ponte de pedra desmoronou na escuridão, mas aquilo já não importava mais.

Nico continuou invocando mais legionários para se juntarem à luta. Ao longo da história do império, milhares de romanos serviram e morreram na Grécia. Agora, estavam de volta, respondendo ao chamado do cetro de Diocleciano.

Frank avançou, destruindo tudo à sua passagem.

— Vou queimar você! — guinchou um telquine, brandindo desesperadamente um frasco de fogo grego. — Tenho fogo!

Frank o abateu. Quando o frasco começou a cair em direção ao chão, chutou-o pela borda do penhasco antes que pudesse explodir.

Uma *empousa* arranhou o peito dele com as suas garras, mas Frank nada

sentiu. Transformou o demônio em poeira e continuou avançando. A dor não era importante. A derrota era impensável.

Ele era o líder da legião agora, fazendo aquilo que nascera para fazer: lutar contra os inimigos de Roma, manter o seu legado, proteger as vidas de seus amigos e companheiros. Ele era o pretor Frank Zhang.

Suas forças varreram o inimigo, frustrando todas as suas tentativas de se reagrupar. Jason e Piper lutaram ao seu lado, gritando desafiadoramente. Nico avançou contra o último grupo de nascidos da terra, transformando-os em montes de lama com sua espada negra de ferro estígio.

Antes que Frank pudesse perceber, a batalha terminou. Piper traspassou a última *empousa*, que se vaporizou com um grito angustiado.

— Frank — chamou Jason. — Você está pegando fogo.

Ele olhou para baixo. Algumas gotas de óleo deviam ter respingado em sua calça, que estava começando a pegar fogo. Bateu até a calça parar de fumar, mas não estava particularmente preocupado. Graças a Leo, não precisava mais temer o fogo.

Nico pigarreou:

— Hã... também há uma flecha cravada no seu braço.

— Eu sei.

Frank arrancou a base e tirou a ponta da flecha. Sentiu apenas uma sensação de calor e de algo saindo.

— Vou ficar bem.

Piper o fez comer um pedaço de ambrosia. Enquanto enfaixava a ferida, elogiou: — Frank, você foi incrível. Completamente assustador, mas incrível.

Frank teve dificuldade para processar as palavras dela. *Assustador* não poderia se aplicar a ele. Era só Frank.

Sua adrenalina se esvaiu. Olhou em volta, perguntando-se para onde tinham ido os inimigos. Os únicos monstros que sobraram eram os seus próprios mortos-vivos romanos, que estavam parados em um estado de estupor com as armas abaixadas.

Nico ergueu o cetro, cujo orbe estava escuro e adormecido.

— Os mortos não permanecerão muito mais tempo agora que a batalha terminou.

Frank voltou-se para as suas tropas.

— Legião!

Os soldados zumbis ficaram de prontidão.

— Vocês lutaram bem — disse Frank. — Agora podem descansar. Dispensados.

Eles se desfizeram em pilhas de ossos, armaduras, escudos e armas. Então, até

aquilo se desintegrou.

Frank sentiu como se estivesse a ponto de desmoronar. Apesar da ambrosia, o braço ferido começou a pulsar. Seus olhos estavam pesados de exaustão. A bênção de Marte esvaecia, deixando-o esgotado. Mas sua missão tinha terminado.

— Hazel e Leo — disse ele. — Precisamos encontrá-los.

Seus amigos olharam através do abismo. Na outra extremidade da caverna, o túnel em que Hazel e Leo entraram estava obstruído por toneladas de escombros.

— Não podemos ir por aquele caminho — disse Nico. — Talvez...

Subitamente, ele cambaleou. Nico teria caído se Jason não o tivesse amparado.

— Nico — disse Piper. — O que foi?

— As Portas — disse ele. — Alguma coisa está acontecendo. Percy e Annabeth... precisamos ir agora.

— Mas como? — disse Jason. — O túnel já era.

Frank trincou os dentes. Não fora tão longe para ficar ali, impotente, enquanto seus amigos estavam em apuros.

— Não será divertido — disse ele. — Mas há outro jeito.

LXIX

ANNABETH

SER MORTA PELO TÁRTARO NÃO parecia lá uma grande honra.

Ao encarar o redemoinho de escuridão que era seu rosto, Annabeth decidiu que preferia morrer de uma forma menos memorável. Talvez caindo das escadas, ou uma morte pacífica durante o sono aos oitenta anos, depois de uma vida tranquila com Percy. Sim, isso parecia bom.

Não era a primeira vez que Annabeth enfrentava um inimigo que não tinha condições de derrotar usando a força. Normalmente, isso seria sua deixa para tentar ganhar tempo com alguma de suas conversas enroladoras de filha de Atena.

O problema é que sua voz não saía. Não conseguia nem fechar a boca. Pelo que sabia, estava babando tanto quanto Percy quando ele dormia.

Estava vagamente consciente do exército de monstros correndo ao seu redor, mas após seu rugido inicial de triunfo, a horda ficara em silêncio. Àquela altura, Annabeth e Percy já deviam ter sido feitos em pedaços. Em vez disso, os monstros mantinham distância, esperando Tártaro fazer alguma coisa.

O deus das profundezas flexionou os dedos, examinando as garras negras. Não tinha expressão, mas aprumou os ombros como se tivesse ficado satisfeito.

É bom ter forma, entoou ele. Com estas mãos, posso eviscerar vocês.

A voz dele soava como uma gravação tocada ao contrário, como se as palavras estivessem sendo sugadas pelo vórtice de seu rosto em vez de projetadas.

Na verdade, *tudo* parecia sugado pelo rosto daquele deus: a luz fraca, as nuvens venenosas, a essência dos monstros, até a própria frágil força vital de Annabeth. Ela olhou ao redor e se deu conta de que tudo naquela vasta planície passara a exibir uma cauda vaporosa de cometa apontada na direção de Tártaro.

Annabeth sabia que devia começar a falar, mas seus instintos lhe diziam para

se esconder, para evitar fazer qualquer coisa que pudesse chamar a atenção do deus.

Além disso, o que poderia dizer? *Você não vai conseguir se safar!*

Isso não era verdade. Ela e Percy só tinham sobrevivido até aquele momento porque Tártaro estava ocupado saboreando sua nova forma. Queria o prazer de fazê-los em pedaços com as próprias mãos. Se Tártaro quisesse, Annabeth não tinha a menor dúvida de que ele poderia devorar sua existência com um simples pensamento, com a mesma facilidade com que havia vaporizado Hiperión e Crios. Será que haveria um renascimento depois daquilo? Annabeth não queria descobrir.

Ao lado dela, Percy fez algo que ela nunca o havia visto fazer. Ele largou a espada. Contracorrente simplesmente caiu de suas mãos e bateu no chão com um ruído abafado. A Névoa da Morte não ocultava mais seu rosto, mas ele ainda parecia um cadáver.

Tártaro rosnou de novo, o que possivelmente era uma risada.

O medo de vocês é um aroma maravilhoso, disse o deus. Entendo o apelo de ter um corpo físico com tantos sentidos. Talvez minha amada Gaia tenha razão ao desejar despertar de seu sono.

Ele esticou sua gigantesca mão roxa e poderia ter arrancado Percy do chão como se o semideus fosse uma erva daninha, mas Bob o interrompeu.

— Vá embora! — O titã apontou a lança para o deus. — Você não tem o direito de se meter!

Me meter? Tártaro se virou. Eu sou o senhor de todas as criaturas das trevas, Jápeto, seu insignificante. Posso fazer o que quiser.

Seu rosto, a espiral de escuridão, começou a girar mais rápido. O som uivante era tão terrível que Annabeth caiu de joelhos e tapou os ouvidos. Bob se desequilibrou. Sua energia vital, na forma da cauda de cometa, ficou mais alongada ao ser sugada na direção do rosto do deus.

Bob rugiu em desafio. Partiu para cima do deus, mirando a lança no peito de Tártaro. Antes que ela o atingisse, Tártaro jogou Bob para o lado como se ele não passasse de um inseto incômodo. O titã foi jogado longe.

Por que você não se desintegra?, perguntou Tártaro. Você não é nada. É ainda mais fraco que Crios e Hiperión.

— Eu sou Bob — disse Bob.

Tártaro rosnou.

O que é isso? O que é Bob?

— Eu escolhi ser mais que Jápeto — disse o titã. — Você não me controla. Não sou como meus irmãos.

A gola de seu uniforme se moveu. Bob Pequeno saiu de debaixo da roupa e

pulou para o chão. O gatinho aterrissou diante de seu dono, então arqueou as costas e chiou para o senhor do abismo.

Bob Pequeno começou a crescer diante dos olhos de Annabeth. Sua forma não parou de tremeluzir até se transformar em um esqueleto de tigre-dentes-de-sabre em tamanho real.

— Além disso... — anunciou Bob. — Eu tenho um bom gato.

Bob Não Tão Pequeno atacou Tártaro e cravou as garras em sua coxa. O felino escalou sua perna e entrou por debaixo da cota de malha do deus. Tártaro batia os pés e gritava, aparentemente deixando de saborear sua forma física. Enquanto isso, Bob cravou a lança no lado do corpo do deus, logo abaixo de seu protetor peitoral.

Tártaro rugiu. Ele tentou acertar Bob, mas o titã recuou e saiu de seu alcance. Bob estendeu a mão. Sua lança se libertou da carne do deus com um arranco forte e voou de volta para ele, o que fez Annabeth quase perder o fôlego tamanha a surpresa. Ela nunca havia imaginado que uma vassoura pudesse ter tantas utilidades. Bob Pequeno pulou de debaixo da saia de Tártaro e correu para o lado de seu dono, com icor dourado escorrendo de seus enormes dentes de sabre.

Você vai morrer primeiro, Jápeto, decidiu Tártaro. Depois, vou pôr sua alma em minha armadura, onde ela vai se dissolver lentamente, várias e várias vezes, em agonia eterna.

Tártaro bateu o punho no peitoral de sua armadura. Os rostos pálidos aprisionados no metal se agitaram e deram gritos silenciosos, implorando para sair.

Bob se virou para Percy e Annabeth. O titã sorriu, o que provavelmente não teria sido a reação da garota caso tivesse sido ameaçada de morte e agonia eterna.

— Cuidem das Portas — disse o titã. — Eu cuido do Tártaro.

O deus jogou a cabeça para trás e urrou, o que criou um vácuo tão forte que os demônios que voavam mais próximos foram sugados pelo vórtice de seu rosto e despedaçados.

Cuida de mim?, perguntou o deus em tom de zombaria. *Você não passa de um titã, um filho inferior de Gaia! Você vai pagar por essa arrogância. E quanto a seus amigos mortais insignificantes...*

Tártaro gesticulou para o exército de monstros, convidando-os a avançar.
DESTRUAM-NOS!

LXX

ANNABETH

DESTRUAM-NOS!

Annabeth já tinha escutado essas palavras tantas vezes que elas a arrancaram de seu estado de paralisia. Ergueu a espada e gritou:

— Percy!

Ele sacou Contracorrente.

Annabeth golpeou as correntes que prendiam as Portas da Morte com toda a força. Sua lâmina de osso de drakon as cortou de primeira. Enquanto isso, Percy repelia a primeira onda de monstros. Ele atingiu uma *arai* e soltou um grito.

— Argh! Maldições idiotas!

Em seguida, exterminou meia dúzia de telquines. Annabeth passou por trás dele e cortou as correntes do outro lado.

As Portas estremeceram, depois se abriram com um *Ding!* agradável.

Bob e seu ajudante de dentes de sabre continuavam a se movimentar em volta de Tártaro. Atacavam e se esquivavam para ficarem fora do alcance de seus golpes. Não pareciam causar muitos danos, mas Tártaro, desengonçado, ia de um lado para outro. Era óbvio que não estava acostumado a lutar em um corpo humanoide. Ele atacava e errava, atacava e errava.

Mais monstros correram na direção das Portas. Uma flecha passou ao lado da cabeça de Annabeth. Ela se virou e enfiou a espada na barriga de uma *empousa*, depois mergulhou e passou pelas portas quando estavam começando a se fechar.

Ela as manteve abertas com o pé enquanto lutava. Como estava no elevador, pelo menos não tinha que se preocupar em ser atacada pelas costas.

— Percy, venha! — gritou ela.

Ele foi até a porta. O rosto dele pingava suor e sangue de vários cortes.

— Você está bem? — perguntou ela.

Ele assentiu.

— Uma das *arai* me lançou algum tipo de maldição de *dor*. — Ele atingiu um grifo em pleno ar. — Dói, mas não vai me matar. Entre no elevador. Vou segurar o botão.

— Aham, até parece! — Ela acertou um cavalo carnívoro no focinho com o cabo da espada e o fez voltar correndo para a turba de monstros. — Você prometeu, Cabeça de Alga. Nós *não* íamos nos separar! Nunca mais!

— Você é impossível!

— Eu também amo você.

Toda uma falange de ciclopes atacou, derrubando monstros menores em seu caminho. Annabeth achou que ia morrer.

— Tinham que ser ciclopes — resmungou ela.

Percy soltou um grito de guerra. Aos pés dos ciclopes, uma veia no chão explodiu, e o fogo líquido do Flegetonte espirrou nos monstros. O rio podia ter curado mortais, mas não foi muito benéfico para os ciclopes. A veia arrebitada se fechou sozinha, mas os monstros desapareceram, deixando para trás apenas algumas manchas escuras no chão.

— Annabeth, você *precisa* ir! — disse Percy. — Não podemos ficar os dois aqui!

— Não! — gritou ela. — Se abaixe!

Ele não perguntou por quê. Apenas se agachou, e Annabeth pulou por cima do namorado e acertou a cabeça de um ogro muito tatuado com sua espada.

Percy e ela estavam parados lado a lado no portal, à espera do ataque seguinte. A veia que explodira tinha detido momentaneamente os monstros, mas não ia demorar para que se lembrassem: *Ei, espere aí, nós somos setenta e cinco zilhões, e eles, só dois.*

— Bem, e então, você tem uma ideia melhor? — perguntou Percy.

Annabeth bem que queria ter.

As Portas da Morte, sua saída daquele mundo de pesadelos, estavam bem atrás deles. Mas não podiam passar por elas sem que alguém segurasse o botão do elevador por longos doze minutos. Se entrassem e simplesmente deixassem que as Portas se fechassem, Annabeth achava que os resultados não seriam nada saudáveis. E caso se afastassem das Portas, o elevador provavelmente ia se fechar e desaparecer sem eles.

A situação era tão pateticamente triste que quase dava vontade de rir.

Os monstros avançavam bem devagar, rosnando e tomando coragem.

Enquanto isso, os ataques de Bob começavam a ficar mais lentos. Tártaro estava aprendendo a controlar seu corpo novo. O Bob Pequeno dentes-de-sabre saltou sobre o deus, mas Tártaro o jogou para o lado. Bob correu na direção do

deus, gritando de ódio, mas ele apenas arrancou a lança das mãos do titã e o chutou morro abaixo, fazendo-o derrubar uma fileira de telquines como se fossem pinos de boliche na forma de mamíferos marinhos.

ENTREGUE-SE!, bradou Tártaro.

— Não — disse Bob. — Você não é meu senhor.

Então morra me desafiando, disse o deus das profundezas. *Vocês, titãs, não são nada para mim. Os meus filhos gigantes sempre foram melhores, mais fortes e malignos. Eles vão deixar o mundo superior tão escuro quanto meus domínios!*

Tártaro quebrou a lança em duas. Bob uivou de dor. O Bob Pequeno dentes-de-sabre saiu em defesa de seu dono, rosnou para Tártaro e mostrou as presas. O titã tentava se levantar, mas Annabeth sabia que era o fim. Até os monstros se viraram para ver, como se sentissem que seu mestre Tártaro estava prestes a se tornar o centro das atenções. A morte de um titã era algo que merecia ser visto.

Percy segurou a mão de Annabeth.

— Fique aqui. Tenho que ajudá-lo.

— Percy, você não pode — gritou ela, rouca. — Não se pode lutar contra o Tártaro. Pelo menos, não nós.

Ela sabia que tinha razão. Tártaro estava em uma categoria única. Era mais poderoso que deuses ou titãs. Semideuses não eram nada para ele. Se Percy tentasse ajudar Bob, seria esmagado como uma formiga.

Mas Annabeth também sabia que Percy não ia ouvi-la. Ele não podia deixar Bob morrer sozinho. Simplesmente não era o jeito dele, e essa era uma das muitas razões que a faziam amá-lo, mesmo que fosse um pé no *sacculum*.

— Vamos juntos — decidiu Annabeth, sabendo que aquela seria a batalha final dos dois.

Se eles se afastassem das Portas, nunca mais deixariam o Tártaro. Pelo menos morreriam lutando lado a lado.

Estava prestes a dizer: *Agora!*

Uma comoção tomou conta do exército. A distância, Annabeth ouviu guinchos, gritos e um *bum, bum* persistente e rápido demais para ser a pulsação do coração no chão. Era mais como algo grande e pesado correndo a toda velocidade. Um nascido da terra girou no ar como se tivesse sido arremessado. Um jato de gás verde-claro caía em cima da horda monstruosa como se fosse uma mangueira de veneno contra motins. Tudo em seu caminho se dissolia.

Na outra extremidade do trecho de chão fervilhante e agora vazio, Annabeth viu o motivo da comoção. Ela começou a sorrir.

O drakon maeônio abriu a pele em torno do pescoço e sibilou. Seu hálito venenoso encheu o campo de batalha com o aroma de pinho e gengibre. Ele moveu o corpo de dezenas de metros, sacudiu a cauda verde pintalgada e varreu

um batalhão de ogros.

Havia um gigante de pele vermelha montado em suas costas, com flores nas tranças ruivas, um gibão de couro verde e uma lança de costela de drakon na mão.

— Damásen! — gritou Annabeth.

O gigante inclinou a cabeça.

— Annabeth Chase, eu resolvi seguir seu conselho. Escolhi um novo destino para mim.

LXXI

ANNABETH

O QUE É ISSO?, ROSNOU o deus das profundezas. *Por que você veio, meu filho renegado?*

Damásen encarou Annabeth com uma mensagem clara nos olhos: *Vão! Agora!*

Ele se virou para Tártaro. O drakon maeônio bateu as patas no chão e rosnou.

— Pai, você não desejava um adversário mais à sua altura? — perguntou Damásen com calma. — Eu sou um dos gigantes dos quais você tanto se orgulha. Não queria que eu fosse mais beligerante? Talvez eu comece destruindo você!

Damásen preparou sua lança e atacou.

O exército monstruoso se fechou ao seu redor, mas o drakon maeônio destruía tudo em seu caminho, agitando a cauda e lançando veneno enquanto Damásen atacava Tártaro e forçava o deus a recuar como um leão encurralado.

Bob se afastou da batalha cambaleando, com o tigre-dentes-de-sabre ao lado. Percy deu a eles o máximo de cobertura que pôde. Fez veias no chão explodirem uma atrás da outra. Alguns monstros foram vaporizados pela água do Estige. Outros levaram uma ducha do Cócito e desmoronaram, chorando desesperançosos. Outros foram banhados pelo Lete e, com olhos vazios, ficaram observando ao redor, sem saberem ao certo onde estavam ou mesmo *quem* eram.

Bob foi mancando até as Portas. Icor dourado escorria dos ferimentos em seus braços e peito. O uniforme de zelador estava em farrapos. O titã estava retorcido e curvado, como se ao quebrar sua lança Tártaro tivesse quebrado alguma coisa dentro dele. Apesar de tudo isso, estava sorrindo e com os olhos prateados brilhando de satisfação.

— Vão — ordenou ele. — Eu vou segurar o botão.

Percy olhou para o titã, preocupado.

— Bob, você não está em condições de...

— Percy. — A voz de Annabeth estava trêmula. Ela se odiou por deixar Bob fazer aquilo, mas sabia que era a única maneira. — Precisamos ir.

— Não podemos simplesmente deixar os dois!

— Você precisa fazer isso, amigo. — Bob deu um tapinha no braço de Percy que quase o derrubou. — Ainda consigo apertar um botão. E tenho um bom gato para cuidar de mim.

Bob Pequeno dentes-de-sabre rugiu, concordando.

— Além disso, é seu destino retornar ao mundo — disse Bob. — E pôr um fim nessa loucura de Gaia.

Um ciclope aos gritos, dissolvendo-se por causa do veneno de drakon, foi lançado por cima de suas cabeças.

A cinquenta metros, o drakon maeônio atropelava monstros. O barulho de seus passos era úmido, como se estivesse pisoteando uvas. Montado nele, Damásen berrava insultos e provocava o deus das profundezas, atraindo Tártaro para mais longe das portas.

Tártaro o perseguiu com passos pesados. Suas botas de ferro faziam crateras no chão.

Você não pode me matar!, gritou ele. *Eu sou o próprio abismo. É a mesma coisa que tentar matar a terra. Gaia e eu... somos eternos. Nós possuímos você, sua carne e seu espírito!*

Ele baixou seu punho enorme, mas Damásen desviou e enfiou sua lança no pescoço de Tártaro.

Tártaro grunhiu, parecendo mais irritado que ferido. Virou seu rosto, o redemoinho de vácuo, na direção do gigante, mas Damásen saiu do caminho bem a tempo. Uns dez monstros foram sugados para o interior do vórtice e se desintegraram.

— Bob, não! — disse Percy com olhos suplicantes. — Ele vai destruí-lo para sempre. Sem volta. Sem regeneração.

Bob deu de ombros.

— Quem sabe o que vai acontecer? Vocês precisam ir agora. Tártaro tem razão sobre uma coisa: nós não podemos derrotá-lo. Só podemos ganhar tempo para vocês.

As Portas tentaram fechar, mas o pé de Annabeth estava no caminho.

— Doze minutos — disse o titã. — Posso dar isso a vocês.

— Percy... segure as portas. — Annabeth deu um pulo e jogou os braços em volta do pescoço do titã. Beijou seu rosto com os olhos tão cheios de lágrimas que não conseguia ver direito. A barba por fazer de Bob cheirava a produtos de limpeza: lustra-móveis com aroma fresco de limão e outros produtos para limpar

madeira.

— Monstros são eternos — disse para ele, tentando não cair no choro. — Vamos nos lembrar de você e de Damásen como heróis, como o *melhor* titã e o *melhor* gigante. Vamos contar para nossos filhos. Vamos manter a história viva. Um dia vocês vão se regenerar.

Bob esfregou os cabelos dela. Um sorriso fez surgirem rugas em torno de seus olhos.

— Isso é bom. Até lá, amigos, digam oi ao sol e às estrelas por mim. E sejam fortes. Este pode não ser o último sacrifício que terão que fazer para deter Gaia.

Ele a empurrou com delicadeza.

— Não há mais tempo. Vá.

Annabeth agarrou o braço de Percy. Ela o puxou para o elevador. Teve um último vislumbre do drakon maeônio sacudindo um ogro como se fosse um fantoche e de Damásen atacando as pernas de Tártaro.

O deus das profundezas apontou para as Portas da Morte e gritou: *Monstros, detenham-nos!*

Bob Pequeno dentes-de-sabre armou um bote e rosnou, pronto para lutar.

Bob piscou para Annabeth.

— Mantenham as portas fechadas do seu lado — disse ele. — Elas vão resistir à sua passagem. Segurem...

As portas deslizaram e fecharam.

LXXII

ANNABETH

— **P**ERCY, ME AJUDE! — PEDIU **A**NNABETH, assustada.

Ela jogou todo o peso do corpo na porta da esquerda para mantê-la fechada. Percy fez o mesmo do lado direito. Não havia maçanetas nem nada em que se segurar. Conforme o elevador subia, as Portas sacudiam e tentavam se abrir, ameaçando lançá-los no que quer que houvesse entre a vida e a morte.

Os ombros de Annabeth doíam. A música ambiente típica de elevador não ajudava. Se todos os monstros tinham que ouvir aquela música sobre gostar de *piñas coladas* e ser pego pela chuva, não era de se espantar que chegassem ao mundo mortal loucos por uma carnificina.

— Deixamos Bob e Damásen para trás — disse Percy com a voz falhando. — Eles vão morrer por nós, e nós simplesmente...

— Eu sei — respondeu ela. — Pelos deuses do Olimpo, Percy, eu sei.

Annabeth estava quase feliz por ter que se preocupar em manter as Portas fechadas. O medo que sentia pelo menos evitava que ela caísse no choro. Abandonar Damásen e Bob tinha sido a coisa mais difícil que fizera na vida.

Por anos no Acampamento Meio-Sangue, Annabeth sofria quando outros colegas saíam em missões enquanto ela ficava para trás. Tinha visto outros conquistarem inúmeras glórias... ou fracassarem e não voltarem. Desde os sete anos, ela pensava: *Por que não posso provar minhas habilidades? Por que não posso liderar uma missão?*

Agora entendia que o teste mais difícil para uma filha de Atena não era liderar uma missão ou enfrentar a morte em combate. Era tomar a decisão estratégica de sair do caminho e deixar que outra pessoa ficasse com a parte mais perigosa, especialmente quando essa pessoa era sua amiga. Precisava encarar o fato de que não podia proteger todo mundo que amava. Não podia resolver todos os

problemas.

Ela odiava isso, mas não tinha tempo para se lamentar. Piscou para afastar as lágrimas.

— Percy, as Portas — alertou.

Elas começaram a deslizar e se abrir, deixando entrar um sopro de... ozônio? Enxofre?

Percy empurrou seu lado com toda a força e a fresta se fechou. Seus olhos queimavam de raiva. Annabeth esperava que não fosse raiva dela, mas se fosse, não podia culpá-lo.

Se isso fizer com que ele siga em frente, então é melhor que fique com raiva.

— Vou matar Gaia — balbuciou ele. — Vou despedaçá-la com minhas próprias mãos.

Annabeth assentiu, mas estava pensando sobre o que Tártaro dissera. Ele não podia ser morto. Nem Gaia. Nem titãs e gigantes podiam enfrentar tamanho poder. Semideuses não tinham a menor chance.

Ela também se lembrou do aviso de Bob: *Este pode não ser o último sacrifício que terão que fazer para deter Gaia.*

Algo lhe disse que o titã estaria certo.

— Doze minutos — murmurou ela. — Doze minutos.

Então rezou para Atena. Pediu que Bob conseguisse segurar o botão por esse tempo todo, e também pediu força e sabedoria. Perguntou-se o que iriam encontrar quando chegassem ao fim daquela viagem de elevador.

Caso seus amigos não estivessem lá, controlando o outro lado...

— Nós vamos conseguir — disse Percy. — Nós *temos* que conseguir.

— É — disse Annabeth. — É, temos, sim.

Mantiveram as portas fechadas enquanto o elevador estremecia e a música continuava a tocar. Em algum lugar abaixo deles, um titã e um gigante sacrificavam suas vidas para que os dois pudessem fugir.

LXXIII

HAZEL

HAZEL NÃO ESTAVA ORGULHOSA DE ter chorado.

Após o túnel desabar, chorou e gritou como uma criança de dois anos fazendo birra. Não podia mover os escombros que separavam a ela e a Leo dos outros. Se a terra se movesse mais um pouco, tudo poderia desabar sobre as suas cabeças. Ainda assim, socou as pedras e gritou palavras que teriam lhe valido uma lavagem da boca com sabão de lixívia na Academia St. Agnes.

Leo olhou para Hazel, com os olhos arregalados e sem palavras.

Não estava sendo justa com ele.

A última vez que estiveram sozinhos, compartilharam um *flashback* e o apresentara a Sammy, seu bisavô e o primeiro namorado de Hazel. Ela o sobrecarregara com uma bagagem emocional da qual Leo não precisava, e deixara-o tão confuso que quase foi morto por um monstruoso camarão gigante.

Agora, ali estavam os dois, sozinhos novamente, enquanto seus amigos podiam estar morrendo nas mãos de um exército de monstros, e ela estava dando um chique.

— Sinto muito.

Ela limpou o rosto.

— Ei, sabe... — Leo deu de ombros. — Já ataquei algumas pedras também.

Ela engoliu com dificuldade.

— Frank está... ele...

— Ouça — disse Leo. — Frank Zhang tem habilidades. Provavelmente vai se transformar em um canguru e dar alguns golpes de jiu-jitsu marsupial naquelas carrancas horrorosas.

Ele a ajudou a se levantar. Apesar do pânico fervendo dentro dela, Hazel sabia que Leo estava certo. Frank e os outros não estavam desamparados.

Descobririam um jeito de sobreviver. O melhor que ela e Leo podiam fazer era seguir em frente.

Ela olhou para Leo. Seu cabelo crescera e estava mais bagunçado, o rosto mais magro, de modo que ele se parecia menos com um diabinho e mais com um desses elfos de contos de fadas. A maior diferença estava nos olhos. Estavam constantemente à deriva, como se Leo estivesse procurando por algo.

— Leo, sinto muito — disse ela.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— O.k.. Mas por quê?

— Por... — Ela gesticulou ao redor, impotente. — Tudo. Por pensar que você era Sammy, por iludi-lo. Quer dizer, não pretendia, mas se eu fiz isso...

— Ei.

Leo apertou-lhe a mão, mas Hazel nada percebeu de romântico no gesto.

— As máquinas foram feitas para funcionar.

— O quê?

— Acredito que o universo é basicamente como uma máquina. Não sei quem fez isso, se foram as Parcas, os deuses, ou o Deus com D maiúsculo, ou qualquer outro ente. Mas funciona como deve a maior parte do tempo. Claro, algumas peças quebram e as coisas dão errado de vez em quando, mas, na maioria das vezes... tudo acontece por um motivo. Tipo nos encontrarmos.

— Leo Valdez, você é um filósofo — maravilhou-se Hazel.

— Não — disse ele. — Sou apenas um mecânico. Mas acho que meu *bisabuelo*, Sammy, manjava das coisas. Ele a deixou ir, Hazel. Meu trabalho é lhe dizer que está tudo bem. Você e Frank... vocês combinam. Todos superaremos isso. Espero que tenham a chance de serem felizes. Além disso, Zhang não consegue amarrar os sapatos sem a sua ajuda.

— Isso é cruel — repreendeu Hazel, mas sentiu como se algo estivesse se desatando dentro dela, um nó de tensão que vinha carregando havia semanas.

Leo *realmente* mudara. Hazel estava começando a pensar que encontrara um bom amigo.

— O que aconteceu com você enquanto estive sozinho? — perguntou ela. — Quem conheceu?

Os olhos de Leo estremeceram.

— É uma longa história. Eu vou contá-la um dia, mas ainda estou esperando para ver onde isso vai dar.

— O universo é uma máquina. Por isso vai dar tudo certo — disse Hazel.

— Tomara.

— Desde que não seja uma de suas máquinas — acrescentou Hazel. — Porque elas nunca fazem o que devem.

— Muito engraçadinha. — Leo invocou fogo em sua mão. — Agora, qual o caminho, Miss Mundo Inferior?

Hazel examinou o caminho à sua frente. A uns dez metros dali, o túnel se dividia em quatro artérias menores, todas idênticas, mas a da esquerda irradiava frio.

— Por ali — concluiu. — Parece ser o mais perigoso.

— Estou nessa — disse Leo.

Eles começaram a descer.

*

Assim que chegaram ao primeiro arco, Gale, a doninha, os encontrou.

Gale correu até Hazel e enroscou-se em volta de seu pescoço, guinchando, zangada, como se dissesse: *Onde você esteve? Você está atrasada.*

— Essa doninha flatulenta outra vez — reclamou Leo. — Se essa coisa soltar um pum assim tão perto do meu fogo, vamos explodir.

Gale chiou um palavrão de doninha para Leo.

Hazel mandou os dois se calarem. Podia sentir que o túnel à frente inclinava-se levemente para baixo por cerca de uns cem metros e, em seguida, abria-se em uma grande câmara. Nela havia uma presença... fria, pesada, poderosa. Hazel não sentia nada parecido desde a caverna no Alasca, onde Gaia a obrigara a ressuscitar Porfírio, o rei gigante. Hazel frustrara os planos da deusa na ocasião, mas precisou fazer a caverna desabar, sacrificando a sua vida e a de sua mãe. Ela não estava ansiosa para passar por uma experiência semelhante.

— Leo, prepare-se — sussurrou ela. — Estamos perto.

— Perto de quê?

Uma voz feminina ecoou pelo corredor:

— Perto de *mim*.

Uma onda de náusea atingiu Hazel com tanta força que seus joelhos dobraram. O mundo inteiro rodou. Seu senso de direção, geralmente impecável no subterrâneo, ficou completamente confuso.

Ela e Leo pareciam não terem se movido, mas subitamente se viram cem metros mais abaixo no corredor, na entrada da câmara.

— Bem-vindos — disse a voz feminina. — Aguardei ansiosamente por isso.

Os olhos de Hazel esquadrinharam a caverna. Não conseguia ver quem estava falando.

O lugar lembrava o Panteão de Roma, só que era decorado no estilo Hades

Moderno.

As paredes de obsidiana eram entalhadas com cenas de morte: vítimas da peste, cadáveres no campo de batalha, câmaras de tortura com esqueletos pendurados em gaiolas de ferro, tudo adornado com pedras preciosas que de algum modo tornavam as cenas ainda mais medonhas.

Como no Panteão, o teto abobadado era composto por um padrão de painéis quadrados rebaixados, mas ali cada painel era uma estela, uma lápide com inscrições em grego antigo. Hazel se perguntou se de fato havia cadáveres por trás delas. Com seus sentidos subterrâneos fora de sintonia, não era possível ter certeza.

Hazel não viu outras saídas. No cume do teto, onde ficaria a claraboia do Panteão, brilhava um círculo de pedra negra, como se para reforçar a ideia de que não havia nenhum jeito de escapar daquele lugar: nenhum céu lá em cima, apenas a escuridão.

Os olhos de Hazel voltaram-se para o centro da câmara.

— Sim — murmurou Leo. — São portas, com certeza.

A uns quinze metros dali, havia um conjunto de portas de elevador isoladas, com painéis entalhados em prata e ferro. Havia fileiras de correntes em ambos os lados, fixando a moldura a grandes ganchos no chão.

A área ao redor das portas estava repleta de entulho negro. Com uma sensação de raiva crescente, Hazel percebeu que ali havia um antigo altar para Hades, que fora destruído para abrir espaço para as Portas da Morte.

— Onde você está? — gritou Hazel.

— Não nos vê? — provocou a voz feminina. — Pensei que Hécate a escolhera por suas habilidades.

Outro surto de mal-estar tomou conta do intestino de Hazel. Em seu ombro, Gale latiu e soltou gases, o que não ajudou.

Manchas escuras flutuaram diante dos olhos de Hazel. Piscou para afastá-las, mas só ficaram mais escuras. As manchas se consolidaram em uma figura sombria de seis metros de altura que pairava junto às Portas.

O gigante Clítio estava envolto em fumaça negra, assim como aparecera em sua visão na encruzilhada, mas agora Hazel podia distinguir vagamente a sua forma: pernas de dragão com escamas cinzentas, um enorme tronco humanoide envolto por uma armadura de ferro estígio, cabelo comprido e trançado que parecia ser feito de fumaça. Sua pele era tão escura quanto a da Morte (Hazel devia saber, já que conhecera a Morte pessoalmente). Seus olhos brilhavam, frios como diamantes. Não portava nenhuma arma, mas isso não o tornava menos aterrorizante.

Leo assobiou.

— Sabe, Clítio... para um cara tão grande, até que você tem uma bela voz.

— Idiota — sibilou a mulher.

A meio caminho entre Hazel e o gigante, o ar tremulou. A feiticeira apareceu.

Trajava um elegante vestido sem mangas tecido com fios de ouro e tinha o cabelo escuro preso em um coque rodeado de diamantes e esmeraldas. Em torno de seu pescoço, usava um pingente em forma de labirinto em miniatura, preso à ponta de uma corrente cravejada de rubis que fizeram Hazel pensar em gotas de sangue cristalizadas.

A mulher era bela de um jeito atemporal, régia — como uma estátua que você pode até admirar, mas jamais poderia amar. Seus olhos brilhavam com malícia.

— Pasifae — disse Hazel.

A mulher inclinou a cabeça.

— Minha querida Hazel Levesque.

Leo tossiu.

— Vocês se conhecem? Como parceiras de Mundo Inferior, ou...

— Silêncio, idiota. — A voz de Pasifae era tranquila, mas repleta de veneno.

— Não tenho tempo para meninos semideuses, sempre tão cheios de si, tão atrevidos e destrutivos.

— Ei, moça — protestou Leo. — Não destruo as coisas. Sou um filho de Hefesto.

— Um faz-tudo — retrucou Pasifae. — Pior ainda. Conheci Dédalo. Suas invenções só me trouxeram problemas.

Leo piscou.

— Dédalo... tipo, o Dédalo? Bem, então deve saber tudo sobre a gente, os faz-tudo. Gostamos mais de consertar, construir e, ocasionalmente, enfiar chumaços de oleado na boca de senhoras rudes...

— Leo.

Hazel estendeu o braço sobre o peito dele. Ela tinha a sensação de que a feiticeira estava a ponto de transformá-lo em algo desagradável caso Leo não calasse a boca.

— Deixe-me resolver isso, certo?

— Ouça a sua amiga — disse Pasifae. — Seja um bom menino e deixe as mulheres conversarem.

Pasifae caminhou lentamente diante deles, examinando Hazel com os olhos tão cheios de ódio que fizeram a sua pele formigar. O poder irradiava da feiticeira como o calor de uma fornalha. Sua expressão era perturbadora e vagamente familiar...

De algum modo, porém, o gigante Clítio irritava Hazel mais.

Ele ficou em segundo plano, silencioso e imóvel, exceto pela fumaça escura

que emanava de seu corpo, acumulando em torno de seus pés. *Ele* era a presença mais fria que ela já sentira, como um grande depósito de obsidiana, tão pesado que Hazel não poderia movê-lo, poderoso e indestrutível e completamente desprovido de emoção.

— Seu... seu amigo não fala muito — observou.

Pasifae olhou para o gigante e fungou com desdém.

— Reze para que ele fique em silêncio, minha querida. Gaia me deu o prazer de lidar com você, mas Clítio é o meu, hum, seguro. Apenas entre nós, como feiticeiras irmãs, creio que ele também está aqui para manter os meus poderes sob controle, no caso de esquecer as ordens de minha nova senhora. Gaia é muito cuidadosa.

Hazel estava tentada a retrucar, dizendo que não era uma feiticeira. Não queria saber como Pasifae planejava “lidar” com eles, ou como o gigante mantinha a sua magia sob controle. Mas endireitou as costas e tentou parecer confiante.

— Seja lá o que esteja planejando, não vai funcionar — disse Hazel. — Matamos cada monstro que Gaia pôs diante de nós. Se vocês forem espertos, sairão do nosso caminho.

Gale, a doninha, rangeu os dentes em sinal de aprovação, mas Pasifae não pareceu impressionada.

— Você não me parece ter muito valor — ponderou a feiticeira. — Mas, afinal, semideuses nunca parecem. Meu marido, Minos, o rei de Creta? Era filho de Zeus. Apenas olhando para ele, jamais desconfiaria. Ele era quase tão magrelo quanto aquele ali.

Ela apontou para Leo.

— Uau — murmurou Leo. — Minos deve ter feito algo realmente horrível para merecer você.

As narinas de Pasifae se inflaram.

— Ah... você não faz *ideia*. Ele era orgulhoso demais para fazer os sacrifícios adequados a Poseidon, de modo que os deuses puniram a *mim* por sua arrogância.

— O Minotauro — lembrou-se Hazel subitamente.

A história era tão revoltante e grotesca que Hazel sempre tampava os ouvidos quando a contavam no Acampamento Júpiter. Pasifae fora condenada a se apaixonar pelo touro premiado do marido. Dera à luz o Minotauro, metade homem, metade touro.

Agora, enquanto Pasifae a fuzilava com os olhos, Hazel percebeu por que sua expressão era tão familiar.

A feiticeira tinha no olhar a mesma amargura e ódio que a mãe de Hazel exibia de vez em quando. Em seus piores momentos, Marie Levesque olhava

para a filha como se fosse uma criança monstruosa, uma maldição dos deuses, a fonte de todos os seus problemas. É por isso que a história do Minotauro incomodava Hazel. Não apenas a imagem repulsiva de Pasifae e do touro, mas a ideia de que uma criança, qualquer criança, pudesse ser considerada um castigo para seus pais, um monstro a ser trancado e odiado. Para Hazel, o Minotauro sempre fora a vítima da história.

— Sim — disse Pasifae afinal. — Minha desgraça era insuportável. Depois que meu filho nasceu e foi trancado no labirinto, Minos se recusou a ter qualquer coisa comigo. Disse que tinha arruinado a sua reputação! E você sabe o que aconteceu com Minos, Hazel Levesque? Por seus crimes, por seu orgulho? Foi recompensado. Tornou-se um juiz dos mortos no Mundo Inferior, como se tivesse o direito de julgar os outros! Hades deu-lhe essa posição. Seu pai.

— Plutão, na verdade.

Pasifae zombou.

— Irrelevante. Então como percebe, odeio semideuses, tanto quanto odeio os deuses. Gaia me prometeu que, se qualquer um dos seus irmãos sobreviverem à guerra, poderei vê-los morrer lentamente em meu novo domínio. Só gostaria de ter mais tempo para torturar vocês corretamente. Que pena...

No centro da câmara, as Portas da Morte emitiram um agradável som de sino. O botão verde de SUBIR no lado direito da moldura começou a brilhar. As correntes estremeeceram.

— Ali, estão vendo? — Pasifae deu de ombros, se desculpando. — As portas estão funcionando. Mais doze minutos, e elas se abrirão.

O estômago de Hazel estremeceu quase tanto quanto as correntes.

— Mais gigantes?

— Felizmente, não — disse a feiticeira. — Estão todos mobilizados no mundo mortal, prontos para o ataque final. — Pasifae lançou-lhe um sorriso frio. — Não, imagino que as Portas estejam sendo utilizadas por outra pessoa... alguém não autorizado.

Leo deu um passo à frente. Fumaça emanava de seus punhos.

— Percy e Annabeth.

Hazel não conseguia falar. Não tinha certeza se o nó na garganta era de alegria ou frustração. Se os amigos tivessem conseguido chegar às Portas, se realmente apareceriam ali em doze minutos...

— Ah, não se preocupe. — Pasifae fez um gesto de desdém. — Clítio cuidará deles. Quando ouvirem a campainha outra vez, alguém do *nosso* lado precisará apertar o botão de SUBIR ou as Portas não se abrirão, e quem estiver lá dentro... *puf*. Já era. Ou talvez Clítio os deixe sair para lidar com eles pessoalmente. Isso depende de vocês.

Hazel sentiu um gosto metálico na boca. Ela não queria perguntar, mas tinha de fazê-lo.

— Como exatamente isso depende de nós?

— Bem, obviamente, precisamos de apenas um grupo de semideuses vivos — disse Pasifae. — Os dois sortudos serão levados para Atenas e sacrificados para Gaia no Banquete da Esperança.

— Obviamente — murmurou Leo.

— Então? Serão vocês dois, ou seus amigos no elevador? — A feiticeira estendeu as mãos. — Veremos quem ainda estará vivo em doze... na verdade, onze minutos agora.

A caverna se dissolveu em escuridão.

LXXIV

HAZEL

O GPS EMBUTIDO DE HAZEL ficou descontrolado.

Ela se lembrou de quando era muito pequena, em Nova Orleans, no final da década de trinta, e sua mãe a levou ao dentista para extrair um dente ruim. Foi a primeira e única vez que Hazel experimentou éter. O dentista prometeu que aquilo a deixaria sonolenta e relaxada, mas Hazel sentiu como se estivesse flutuando para longe de seu corpo, em pânico e fora de controle. Quando o efeito do éter passou, ela ficou doente por três dias.

Aquilo parecia uma superdose de éter.

Parte dela sabia que ainda estava na caverna. Pasifae estava apenas alguns metros à sua frente. Clítio esperava em silêncio ao lado das Portas da Morte.

Mas camadas de Névoa envolviam Hazel, confundindo seu senso de realidade. Ela deu um passo à frente e trombou com uma parede que não deveria estar ali.

Leo encostou as mãos na pedra.

— Que diabos? Onde estamos?

Um corredor se estendia para a esquerda e para a direita. Tochas ardiam em suportes de ferro. O lugar cheirava a mofo, como um túmulo antigo. No ombro de Hazel, Gale chiou furiosamente, cravando suas garras na clavícula dela.

— Sim, eu sei — murmurou ela para a doninha. — É uma ilusão.

Leo socou a parede.

— Uma ilusão bastante sólida.

Pasifae riu. Sua voz soou fraca e distante:

— É uma ilusão, Hazel Levesque, ou algo mais? Não percebe o que acabei de criar?

Hazel estava tão tonta que mal conseguia ficar de pé, muito menos pensar direito. Ela tentou expandir seus sentidos, ver através da Névoa e encontrar a

caverna novamente, mas tudo o que sentiu foram túneis se dividindo em dezenas de direções, indo para todos os lugares, *exceto* para a frente.

Pensamentos aleatórios pipocaram em sua mente, como pepitas de ouro vindo à superfície: *Dédalo. A prisão do Minotauro. Morrer lentamente em meu novo domínio.*

— O Labirinto — disse Hazel. — Ela está refazendo o Labirinto.

— *O quê?* — Leo estava batendo na parede com um martelo de bola, mas se virou e franziu a testa. — Pensei que o Labirinto tivesse desabado durante a batalha no Acampamento Meio-Sangue, tipo, que ele estava ligado à força vital de Dédalo ou algo assim, e então ele morreu.

Pasifae soltou um muxoxo de desaprovação.

— Ah, mas *eu* ainda estou viva. Você acha que Dédalo é o responsável por todos os segredos do labirinto? *Eu* coloquei vida mágica nele. Dédalo não era nada comparado a mim, a feiticeira imortal, filha de Hélios, irmã de Circe! Agora o Labirinto será *meu* domínio.

— É uma ilusão — insistiu Hazel. — Nós só precisamos atravessá-la.

Enquanto dizia isso, as paredes pareciam ficar cada vez mais sólidas, o cheiro de mofo mais intenso.

— Tarde demais — cantarolou Pasifae. — O Labirinto já foi despertado. Ele vai se espalhar sob a superfície da terra mais uma vez enquanto o mundo mortal é dizimado. Vocês, semideuses... vocês, *heróis*... vagarão por seus corredores, morrendo lentamente de sede, medo e tormentos. Ou talvez, caso me sinta misericordiosa, morrerão rapidamente e com muita dor!

Buracos se abriram no chão sob os pés de Hazel. Ela agarrou Leo e o empurrou para o lado ao mesmo tempo em que uma fileira de espetos disparou para cima, cravando-se no teto.

— Corra! — gritou Hazel.

O riso de Pasifae ecoou pelo corredor.

— Aonde acha que vai, jovem feiticeira? Está fugindo de uma ilusão?

Hazel não respondeu. Estava muito ocupada tentando permanecer viva. Atrás deles, diversas fileiras de espetos disparavam contra o teto com um persistente *tump, tump, tump*.

Ela puxou Leo para um corredor lateral, pulou uma armadilha feita com uma corda e então parou à beirada de um poço de seis metros de diâmetro.

— Acha que é muito fundo? — perguntou Leo, ofegante. Sua calça estava rasgada no lugar onde um dos espetos o acertara de raspão.

Os sentidos de Hazel lhe diziam que o poço tinha pelo menos quinze metros de profundidade e estava repleto de veneno. Mas podia confiar em seus sentidos? Mesmo que Pasifae tivesse criado um novo Labirinto, Hazel acreditava

que ainda estavam na mesma caverna, correndo sem rumo para a frente e para trás enquanto Pasifae e Clítio se divertiam assistindo a tudo. Ilusão ou não, a menos que Hazel descobrisse como sair daquele lugar, as armadilhas os matariam.

— Faltam oito minutos — disse a voz de Pasifae. — Eu sinceramente adoraria vê-los sobreviver. Isso provaria que são sacrifícios dignos para Gaia em Atenas. Mas então, é claro, não precisaríamos de seus amigos no elevador.

O coração de Hazel disparou. Ela olhou para a parede à sua esquerda. Apesar do que seus sentidos lhe diziam, aquela *deveria* ser a direção das Portas. Pasifae deveria estar bem à sua frente.

Hazel desejou atravessar a parede e estrangular a feiticeira. Em oito minutos, ela e Leo precisavam estar às Portas da Morte para deixar seus amigos saírem.

Mas Pasifae era uma feiticeira imortal com milhares de anos de experiência em feitiços. Hazel não poderia derrotá-la apenas usando a força de vontade. Ela conseguira enganar a Círon, o bandido, mostrando-lhe o que ele esperava ver. Hazel precisava descobrir o que Pasifae mais desejava.

— Sete minutos — lamentou a feiticeira. — Ah, se tivéssemos mais tempo! Há tantas humilhações que eu gostaria que vocês sofressem...

Era isso, Hazel percebeu. Ela tinha que aceitar o desafio. Tinha que fazer o Labirinto ficar *mais* perigoso, *mais* espetacular, precisava fazer Pasifae se concentrar mais nas armadilhas do que na direção para a qual o Labirinto os estava levando.

— Leo, precisamos pular — disse Hazel.

— Mas...

— Não é tão longe quanto parece. Agora!

Hazel pegou a mão dele e ambos saltaram o poço. Ao caírem do outro lado, Hazel olhou para trás e não havia nenhum poço, apenas uma fenda de dez centímetros no chão.

— Vamos!

Eles correram enquanto a voz de Pasifae dizia:

— Ah, querida, não. Você nunca sobreviverá se for por *esse* caminho. Seis minutos.

O teto acima deles se abriu. Gale, a doninha, chiou alarmada, mas Hazel imaginou um novo túnel que levava para a esquerda — um túnel ainda mais perigoso e que ia para a direção errada. A Névoa cedeu à sua vontade. O túnel apareceu, e os dois entraram nele.

Pasifae suspirou decepcionada.

— Você não é muito boa nisso, querida.

Mas Hazel sentiu uma centelha de esperança. Ela criara um túnel. Introduzira

um pequeno rasgo no tecido mágico do Labirinto.

O chão desabou sob seus pés. Hazel saltou para o lado, puxando Leo com ela. Imaginou outro túnel, voltando pelo caminho de onde vieram, mas repleto de gás venenoso. O Labirinto o criou.

— Leo, prenda a respiração — alertou Hazel.

Eles passaram pela névoa tóxica. Os olhos de Hazel pareciam terem sido mergulhados em molho de pimenta, mas ela continuou correndo.

— Cinco minutos — disse Pasifae. — Que pena! Queria tanto vê-los sofrer mais...

Eles chegaram a um corredor com ar fresco. Leo tossiu.

— Queria tanto que ela calasse a boca.

Eles se abaixaram sob um garrote de fio de bronze. Hazel imaginou o túnel se curvando um pouquinho na direção de Pasifae. A Névoa cedeu à sua vontade.

As paredes do túnel começaram a se fechar sobre eles. Hazel não tentou impedi-las. Ela as fez se fecharem mais rápido, estremecendo o chão e abrindo rachaduras no teto. Ela e Leo correram para se salvar, seguindo a curva que os aproximava cada vez mais do que ela achava ser o centro da câmara.

— Uma pena — disse Pasifae. — Eu gostaria de poder matar vocês *e* seus amigos no elevador, mas Gaia insiste que dois semideuses devem ser mantidos vivos até o Banquete da Esperança, quando seu sangue será bem utilizado! Tudo bem. Precisarei encontrar outras vítimas para meu Labirinto. Vocês dois foram fracassos de quinta categoria.

Hazel e Leo pararam de correr. À frente deles estendia-se um abismo tão largo que ela não conseguia ver o outro lado. De algum lugar na escuridão abaixo, vinha o som de milhares e milhares de cobras sibilantes.

Hazel sentiu-se tentada a recuar, mas o túnel estava se fechando atrás deles, deixando-os ilhados em uma pequena saliência. Gale, a doninha, passeou pelos ombros de Hazel e peidou com ansiedade.

— Tudo bem, certo — murmurou Leo. — As paredes são móveis. Têm que ser mecânicas. Preciso de um segundo.

— Não, Leo — falou Hazel. — Não há caminho de volta.

— Mas...

— Segure a minha mão — disse ela. — No três.

— Mas...

— Três!

— *O quê?*

Hazel pulou no poço, puxando Leo. Ela tentou ignorar seus gritos e a doninha flatulenta agarrada a seu pescoço, e concentrou-se em redirecionar a magia do Labirinto.

Pasifae riu com prazer, sabendo que a qualquer momento os dois seriam esmagados ou mordidos até a morte em um poço repleto de cobras.

Em vez disso, Hazel imaginou uma rampa na escuridão, bem à sua esquerda. Ela se virou no ar e caiu naquela direção. Ela e Leo acertaram a rampa e deslizaram para dentro da caverna, caindo bem em cima de Pasifae.

— Ai! — A cabeça da feiticeira bateu no chão quando Leo caiu com força sobre seu peito.

Por um instante, os três e a doninha formaram uma pilha de corpos estatelados e membros se debatendo. Hazel tentou puxar a espada, mas Pasifae conseguiu levantar-se primeiro. A feiticeira se afastou, o penteado tombando para o lado como a Torre de Pisa. Seu vestido estava manchado de graxa do cinto de ferramentas de Leo.

— Seus *miseráveis* — gritou ela.

O labirinto desaparecera. A poucos metros dali, Clítio estava de costas para eles, olhando para as Portas da Morte. Pelos cálculos de Hazel, faltavam cerca de trinta segundos para que seus amigos chegassem. Hazel estava exausta pela corrida através do labirinto enquanto controlava a Névoa, mas precisava lançar mão de mais um truque.

Ela conseguira fazer com que Pasifae visse o que mais desejava. Agora Hazel tinha que fazer a feiticeira ver o que ela mais temia.

— Você deve odiar semideuses de verdade — disse Hazel, tentando imitar o sorriso cruel da feiticeira. — Nós sempre exigimos o máximo de você, não é mesmo, Pasifae?

— Blasfêmia! — gritou Pasifae. — Vou acabar com vocês! Vou...

— Nós estamos sempre puxando o seu tapete — disse Hazel. — Seu marido a traiu. Teseu matou o Minotauro e roubou sua filha, Ariadne. Agora, dois fracassos de quinta categoria viraram seu próprio labirinto contra você. Mas você sabia que seria assim, não é mesmo? Você sempre perde no final.

— Eu sou imortal! — gemeu Pasifae. Ela deu um passo para trás, tocando o colar. — Vocês não podem me vencer!

— Você é que não pode vencer — rebateu Hazel. — Veja.

Ela apontou para os pés da feiticeira. Um alçapão se abriu embaixo de Pasifae. Ela caiu, gritando, em um poço sem fundo que não existia de verdade.

O chão se solidificou. A feiticeira se fora.

Leo olhou para Hazel, espantado.

— Como você...

Logo em seguida, a campainha do elevador tocou. Em vez de apertar o botão SUBIR, Clítio afastou-se do painel, mantendo Percy e Annabeth presos lá dentro.

— Leo! — gritou Hazel.

Estavam a dez metros de distância — longe demais para chegarem ao elevador a tempo —, mas Leo pegou uma chave de fenda e a lançou como uma faca. Um tiro impossível. A ferramenta passou por Clítio e se chocou contra o botão SUBIR.

As Portas da Morte se abriram com um sibilo. Fumaça preta começou a sair pela abertura e dois corpos caíram de cara no chão, Percy e Annabeth, parecendo mortos.

Hazel ofegou.

— Ah, deuses...

Ela e Leo tentaram se aproximar, mas Clítio levantou a mão em um gesto inconfundível: *parem*. Ele ergueu o enorme pé de réptil sobre a cabeça de Percy em aviso.

A fumaça da mortalha do gigante se espalhava pelo chão, cobrindo Annabeth e Percy com neblina escura.

— Clítio, você perdeu — rosnou Hazel. — Deixe-os ir, ou acabará como Pasifae.

O gigante inclinou a cabeça. Seus olhos de diamante brilhavam. Aos seus pés, Annabeth teve um espasmo, como se tivesse sido atingida por uma descarga elétrica. Ela virou de costas, fumaça preta saindo de sua boca.

— *Não sou Pasifae* — disse Annabeth com uma voz que não era dela, grave como um contrabaixo. — *Você não ganhou nada.*

— Pare com isso!

Mesmo a dez metros de distância, Hazel podia sentir a força vital de Annabeth se esvaindo, seu pulso ficando cada vez mais fraco. Seja lá o que Clítio estivesse fazendo para falar através de Annabeth, aquilo a estava matando.

Clítio cutucou a cabeça de Percy com o pé. O rosto de Percy tombou para o lado.

— *Não está morto.* — As palavras do gigante explodiram na boca de Percy. — *Imagino que deva ser um choque terrível para um corpo mortal voltar do Tártaro. Eles ficarão desacordados por algum tempo.*

Clítio voltou sua atenção para Annabeth. Mais fumaça saiu por entre os lábios dela:

— *Eu os amarrarei e levarei para Porfírio, em Atenas. Eles são o sacrifício de que precisamos. Infelizmente, isso significa que não tenho mais utilidade para vocês dois.*

— Ah, é? — exclamou Leo, com raiva. — Bem, talvez você tenha a fumaça, amigo, mas eu tenho o fogo.

Suas mãos se incendiaram. Ele lançou colunas de chamas brancas contra o gigante, mas a aura de fumaça de Clítio as absorveu no impacto. Tentáculos de

fumaça negra consumiram as colunas de fogo, apagando sua luz e calor e cobrindo Leo com escuridão.

O semideus caiu de joelhos, agarrando a própria garganta.

— Não! — Hazel correu na direção dele, mas Gale chiou com urgência em seu ombro, um aviso claro.

— *Eu não faria isso.* — A voz de Clítio reverberou na boca de Leo. — *Você não entende, Hazel Levesque. Eu devoro magia. Destruo a voz e a alma. Você não pode me vencer.*

A fumaça negra se espalhou ainda mais pela câmara, cobrindo Annabeth e Percy e se aproximando de Hazel.

O sangue rugia em seus ouvidos. Ela precisava agir, mas como? Se aquela fumaça negra podia incapacitar Leo tão rapidamente, que chance ela teria?

— F-Fogo — gaguejou ela baixinho. — Você deveria ser vulnerável ao fogo.

O gigante riu, desta vez usando a voz de Annabeth:

— *Você estava contando com isso, não é mesmo? É verdade que não gosto de fogo. Mas as chamas de Leo Valdez não são fortes o bastante para me incomodar.*

Em algum lugar atrás de Hazel, uma voz suave e lírica disse:

— E quanto às *minhas* chamas, velho amigo?

Gale chiou com entusiasmo e pulou do ombro de Hazel, correndo até a entrada da caverna, onde havia uma mulher loura com um vestido preto, a Névoa girando ao seu redor.

O gigante cambaleou para trás, trombando nas Portas da Morte.

— Você — disse ele através da boca de Percy.

— Eu — concordou Hécate. Ela abriu os braços. Tochas ardentes surgiram em suas mãos. — Faz milênios que não luto ao lado de um semideus, mas Hazel Levesque mostrou-se digna. O que você me diz, Clítio? Quer brincar com o fogo?

LXXV

HAZEL

SE O GIGANTE TIVESSE FUGIDO gritando, Hazel teria ficado grata. Em seguida, poderiam tirar o resto do dia de folga.

Clítio a decepcionou.

Quando viu as tochas ardentes da deusa, o gigante pareceu recuperar o ânimo. Bateu o pé, fazendo o chão tremer e quase pisando no braço de Annabeth. Uma fumaça escura ergueu-se ao seu redor até Annabeth e Percy ficarem completamente escondidos. Hazel não conseguia ver coisa alguma além dos olhos brilhantes do gigante.

— *Palavras corajosas* — disse Clítio através da boca de Leo. — *Mas você esqueceu, deusa, que quando nos encontramos pela última vez, teve a ajuda de Hércules e de Dioniso, os mais poderosos heróis do mundo, ambos fadados a se tornarem deuses. Agora você me traz... esses daí?*

O corpo inconsciente de Leo se retorcia de dor.

— Pare com isso! — gritou Hazel.

Ela não planejou o que aconteceu em seguida. Apenas sabia que tinha que proteger os amigos. Imaginou-os atrás dela, da mesma forma como imaginara os novos túneis que apareceram no Labirinto de Pasifae. Leo desapareceu e reapareceu aos pés de Hazel, ao lado de Percy e Annabeth. A Névoa rodopiou em torno dela, derramando-se sobre as pedras e envolvendo seus amigos. A Névoa branca chiou e emanou vapor quando encontrou a fumaça negra de Clítio, como lava rolando para dentro do mar.

Leo abriu os olhos e ofegou.

— O-o quê...

Annabeth e Percy permaneceram imóveis, mas Hazel podia sentir os batimentos cardíacos cada vez mais fortes, a respiração cada vez mais uniforme.

No ombro de Hécate, Gale, a doninha, chiou em sinal de admiração.

A deusa se aproximou, com os olhos escuros brilhando à luz das tochas.

— Você está certo, Clítio. Hazel Levesque não é Hércules ou Dioniso, mas creio que a achará tão formidável quanto eles.

Através da mortalha de fumaça, Hazel viu o gigante abrir a boca. As palavras não saíam. Clítio fez uma careta de frustração.

Leo tentou sentar.

— O que está acontecendo? O que posso...

— Cuide de Percy e Annabeth. — Hazel sacou a espata. — Fique atrás de mim. Mantenha-se na Névoa.

— Mas...

O olhar que Hazel lhe lançou deve ter sido mais grave do que ela se deu conta. Leo engoliu em seco.

— Sim, entendi. Névoa branca é bom. Fumaça preta é ruim.

Hazel avançou. O gigante abriu os braços. O teto abobadado estremeceu e a voz do gigante ecoou pela câmara, ampliada cem vezes.

Formidável?, perguntou o gigante. Ele soava como se estivesse falando através de um coro de mortos, usando todas as almas infelizes sepultadas atrás das estelas da cúpula. *Porque a menina aprendeu os seus truques de magia, Hécate? Porque permitiu que esses fracotes se escondessem em sua Névoa?*

Uma espada apareceu na mão do gigante, uma lâmina de ferro estígio muito parecida com a de Nico, só que cinco vezes maior. *Não compreendo por que Gaia acha que algum destes semideuses é digno de sacrifício. Vou esmagá-los como cascas de nozes vazias.*

O medo de Hazel se transformou em raiva. Ela gritou. As paredes da câmara emitiram um som crepitante como gelo em água morna, e dezenas de pedras preciosas dispararam em direção ao gigante, perfurando a armadura como balas de chumbo.

Clítio cambaleou para trás, a voz desencarnada gritando de dor. A armadura de ferro estava salpicada de buracos.

Icor dourado escorria de um ferimento no braço direito. O manto de escuridão se diluiu. Hazel podia ver a expressão assassina no rosto do gigante.

Você, rosnou Clítio. Sua desprezível...

— Desprezível? — perguntou Hécate calmamente. — Diria que Hazel Levesque conhece alguns truques que nem mesmo *eu* poderia ensinar.

Hazel ficou à frente de seus amigos, determinada a protegê-los, mas sua energia estava enfraquecendo. A espada pesava em sua mão, e ainda não a usara. Desejou que Arion estivesse ali. Poderia aproveitar a velocidade e a força do cavalo. Infelizmente, seu amigo equino não poderia ajudá-la naquele momento.

Era uma criatura nascida para espaços abertos, não para o subterrâneo.

O gigante enfiou os dedos na ferida do braço. Tirou dali um diamante e jogou-o de lado. A ferida fechou.

Então, filha de Plutão, retumbou Clítio, realmente acredita que Hécate leva a sério os seus interesses? Circe era uma de suas favoritas. E Medeia. E Pasifae. E como elas acabaram, hein?

Atrás dela, Hazel ouviu Annabeth despertando, gemendo de dor. Percy murmurou algo que soou como “Bob-bob-bob?”

Clítio adiantou-se, segurando a espada casualmente, como se fossem companheiros em vez de inimigos. *Hécate não lhe dirá a verdade. Ela envia acólitos como você para fazer o seu trabalho e correr todos os riscos. Se por algum milagre me incapacitar, apenas então ela será capaz de atear fogo em mim. Então, reivindicará a glória de ter me matado. Sabe como Baco lidou com os gêmeos Aloadas no Coliseu. Hécate é pior. É uma titã que traiu os titãs. Então ela traiu os deuses. Realmente acredita que será fiel a você?*

O rosto de Hécate estava ilegível.

— Não posso responder às acusações dele, Hazel — disse a deusa. — Esta é a sua encruzilhada. Você deve escolher.

Sim, encruzilhada. O riso do gigante ecoou. Suas feridas pareciam ter se curado completamente. *Hécate lhe oferece obscuridade, escolhas, vagas promessas de magia. Sou o anti-Hécate. Eu darei a você verdade. Eliminarei as opções e a magia. Afastarei a Névoa de uma vez por todas e mostrarei o mundo em todo o seu horror verdadeiro.*

Leo esforçou-se para ficar de pé, tossindo como um asmático.

— Estou amando esse cara. — Ele ofegou. — Sério, devemos mantê-lo por perto para dar palestras motivacionais. — Suas mãos se inflamaram como maçaricos. — Ou eu poderia apenas incendiá-lo.

— Leo, não — disse Hazel. — Aqui é o templo do meu pai. Minha responsabilidade.

— Sim, está bem. Mas...

— Hazel — arquejou Annabeth.

Hazel ficou tão feliz ao ouvir novamente a voz da amiga que quase virou, mas sabia que não deveria tirar os olhos de Clítio.

— As correntes... — Conseguiu dizer Annabeth.

Hazel inspirou rápido. Fora uma tola! As Portas da Morte ainda estavam abertas, estremecendo contra as correntes que as prendiam no lugar. Ela teria de quebrá-las para que desaparecessem e, finalmente, ficassem fora do alcance de Gaia.

O único problema: um enorme gigante de fumaça em seu caminho.

Você não pode acreditar seriamente que tem força para isso, repreendeu Clítio. O que você fará, Hazel Levesque: atirar mais rubis? Fazer chover safiras?

Hazel deu-lhe uma resposta. Ergueu a espada e atacou. Aparentemente, Clítio não esperava que ela fosse tão suicida. O gigante foi lento ao erguer a espada. No momento em que desferiu o golpe, Hazel se jogou entre as suas pernas e cravou a espada de ouro imperial em seu *gluteus maximus*. Não foi a atitude de uma dama. As freiras da St. Agnes reprovariam. Mas funcionou.

Clítio berrou e arqueou as costas, afastando-se dela. A Névoa ainda girava em torno de Hazel, sibilando quando tocava a fumaça negra do gigante.

Hazel percebeu que Hécate a *estava* ajudando, dando-lhe força para manter um manto defensivo. Também sabia que, no instante em que a sua concentração vacilasse e a escuridão a tocasse, cairia. Se isso acontecesse, não tinha certeza se Hécate seria capaz — ou estaria disposta — a evitar que o gigante esmagasse a ela e a seus amigos.

Hazel correu em direção às Portas da Morte. Sua lâmina quebrou as correntes do lado esquerdo como se fossem feitas de gelo. Pulou para a direita, mas Clítio gritou:

— NÃO!

Por pura sorte ela não foi cortada ao meio. O lado plano da espada do gigante atingiu-a no peito e jogou-a longe. Ela bateu na parede e sentiu ossos se partindo.

Do outro lado da câmara, Leo gritou seu nome.

Através de sua visão embaçada, viu um clarão de fogo. Hécate estava ali perto, sua forma tremulando como se estivesse prestes a se dissolver. As tochas pareciam se apagar, mas isso poderia ser apenas porque Hazel estava começando a perder a consciência.

Não podia desistir agora. Ela se obrigou a levantar. Um lado de seu corpo parecia estar cortado por lâminas de barbear. Sua espada estava no chão a uns dois metros dali. Cambaleou em direção à arma.

— Clítio! — gritou Hazel.

Ela quis que aquilo soasse como um desafio corajoso, mas saiu mais como um gemido.

Ao menos chamou a atenção dele. O gigante parou de prestar atenção em Leo e nos outros. Quando a viu mancando, riu.

Boa tentativa, Hazel Levesque, admitiu Clítio. É melhor do que eu esperava. Mas apenas magia não pode me derrotar, e você não tem força suficiente. Hécate falhou com você. Assim como falhou com todos os seus seguidores no final.

A Névoa ao redor dela estava se diluindo. No outro extremo da sala, Leo tentava forçar Percy a comer um pouco de ambrosia, embora o garoto ainda estivesse praticamente inconsciente. Annabeth estava desperta, mas ainda tonta, mal conseguindo erguer a cabeça.

Com suas tochas, Hécate ficou observando e esperando — o que enfureceu Hazel a ponto de ela conseguir uma última onda de energia.

Arremessou a espada. Não contra o gigante, mas em direção às Portas da Morte. As correntes no lado direito se quebraram. Hazel desabou em agonia, com um lado do corpo queimando, quando as Portas estremeceram e desapareceram em um brilho de luz roxa.

Clítio rugiu tão alto que seis estelas caíram do teto e se partiram.

— Isso foi pelo meu irmão, Nico — ofegou Hazel. — E por você ter destruído o altar do meu pai.

Você perdeu o seu direito a uma morte rápida, rosnou o gigante. *Vou sufocá-la nas trevas, lenta e dolorosamente. Hécate não poderá ajudá-la.* NINGUÉM *poderá ajudá-la!*

A deusa ergueu as tochas.

— Não estaria tão certa disso, Clítio. Os amigos de Hazel só precisavam de um pouco de tempo para alcançá-la, tempo que você lhes deu ao ficar se gabando e zombando.

Clítio debochou. *Quais amigos? Aqueles fracotes? Eles não são um desafio.*

Diante de Hazel, o ar tremulou. A névoa se adensou, criando um portal, e quatro pessoas o atravessaram.

Hazel chorou de alívio. Frank tinha o braço enfaixado e com manchas de sangue, mas estava vivo. Junto a ele, estavam Nico, Piper e Jason, todos com as espadas desembainhadas.

— Desculpem o atraso — disse Jason. — Esse é o cara que precisa ser morto?

LXXVI

HAZEL

HAZEL QUASE SENTIU PENA DE Clítio.

Eles atacaram de todas as direções — Leo lançando fogo em suas pernas, Frank e Piper o golpeando no peito e Jason voando e chutando seu rosto. Hazel estava orgulhosa de ver o quanto Piper aprendera com suas aulas de esgrima.

Toda vez que o véu de fumaça do gigante começava a se fechar em torno de um deles, Nico aparecia na hora para cortá-lo, tragando a escuridão com sua espada de ferro estígio. Percy e Annabeth estavam de pé, parecendo fracos e confusos, mas com as espadas desembainhadas. Onde Annabeth conseguira uma espada? E do que era feita? *Marfim*? Pareciam querer ajudar, mas não havia necessidade. O gigante estava cercado.

Clítio rosnou, virando-se para trás e para a frente, como se não conseguisse decidir qual deles matar primeiro. *Esperem! Fiquem parados! Não! Ui!*

A escuridão em torno dele se dissipou completamente, deixando-o sem qualquer proteção além da armadura danificada. Icor escorria de uma dúzia de ferimentos. Eles se curavam quase tão rapidamente quanto eram infligidos, mas Hazel percebeu que o gigante estava ficando cansado.

Jason voou uma última vez em direção ao gigante, chutando-o no peito e quebrando sua armadura. Clítio cambaleou para trás, largou a espada no chão e caiu de joelhos. Os semideuses o cercaram.

Somente então Hécate se aproximou, mantendo as tochas erguidas. A Névoa cobriu o gigante, sibilando e borbulhando ao tocar sua pele.

— E assim termina — disse Hécate.

Isso não terminou. A voz de Clítio ecoou de algum lugar acima, abafada e quase ininteligível. Meus irmãos se levantaram. Gaia espera apenas pelo sangue do Olimpo. Foi preciso todos vocês juntos para me derrotar. O que farão quando

a Mãe Terra despertar?

Hécate virou as tochas para baixo e as cravou como punhais na cabeça de Clítio. O cabelo do gigante incendiou mais rápido do que palha seca, o fogo espalhando-se por sua cabeça e por todo o seu corpo até que o calor fez Hazel estremecer. Clítio caiu de cara sobre os escombros do altar de Hades com um baque surdo. Seu corpo se desfez em cinzas.

Por um instante, todos ficaram em silêncio. Hazel ouviu um ruído doloroso e irregular e percebeu que era a sua própria respiração. Um lado de seu corpo parecia ter sido atingido por um aríete.

A deusa Hécate a encarou.

— Você deve ir agora, Hazel Levesque. Tire seus amigos daqui.

Hazel cerrou os dentes, tentando conter a raiva.

— Só isso? Nenhum “obrigada”? Nenhum “bom trabalho”?

A deusa inclinou a cabeça. Gale, a doninha, chiou — talvez um adeus, talvez um aviso — e desapareceu nas dobras da saia da dona.

— Você procura gratidão no lugar errado — disse Hécate. — Quanto ao “bom trabalho”, veremos. Vocês ainda precisam chegar a Atenas. Clítio não estava errado. Os gigantes despertaram, *todos* eles, e estão mais fortes do que nunca. Gaia está prestes a despertar. O Banquete da Esperança não fará jus ao nome a menos que vocês a detenham.

A câmara estremeceu. Outra estela caiu no chão e se quebrou.

— A Casa de Hades está instável — disse Hécate. — Vá agora. Nós nos encontraremos de novo.

A deusa desapareceu. A Névoa evaporou.

— Muito simpática — resmungou Percy.

Os outros olharam para ele e Annabeth como se tivessem acabado de perceber que estavam ali.

— Cara.

Jason deu um abraço de urso em Percy.

— De volta do Tártaro! — gritou Leo. — Esse é meu chapa!

Piper abraçou Annabeth e chorou.

Frank correu até Hazel e a abraçou com delicadeza.

— Você está ferida — disse ele.

— Provavelmente quebrei algumas costelas — admitiu ela. — Mas, Frank, o que aconteceu com seu braço?

Ele conseguiu sorrir.

— É uma longa história. Estamos vivos. Isso é o que importa.

Ela estava tão tonta de alívio que levou um instante para reparar em Nico sozinho em um canto, o rosto repleto de dor e dúvida.

— Ei — chamou Hazel, acenando com o braço bom.

Ele hesitou e, em seguida, aproximou-se e beijou-a na testa.

— Estou feliz que você esteja bem — disse ele. — Os fantasmas estavam certos. Apenas um de nós chegou às Portas da Morte. Você... você teria deixado nosso pai orgulhoso.

Ela sorriu e tocou no rosto dele com delicadeza.

— Nós não poderíamos ter derrotado Clítio sem você.

Hazel passou o polegar sob o olho de Nico e se perguntou se ele estivera chorando. Ela queria muito entender o que estava acontecendo com ele, descobrir pelo que Nico passara nas últimas semanas. Depois de tudo pelo que tinham acabado de passar, Hazel estava mais grata do que nunca por ter um irmão.

Antes que ela pudesse dizer isso, o teto estremeceu. Fissuras apareceram nos ladrilhos restantes. Colunas de poeira caíram sobre eles.

— Precisamos sair daqui — disse Jason. — Hã, Frank...

Frank balançou a cabeça.

— Acho que já gastei meu favor dos mortos por hoje.

— Espere, o quê? — perguntou Hazel.

Piper ergueu as sobrancelhas.

— Seu namorado *inacreditável* pediu um favor aos mortos como um filho de Marte. Ele convocou os espíritos de alguns guerreiros, fez com que nos guiassem até aqui através das... hum, bem, não tenho certeza. Das passagens da morte? Tudo que sei é que era *muito, muito* escuro.

À esquerda, uma seção da parede se abriu. Dos olhos de um esqueleto esculpido na pedra saltaram dois rubis, que rolaram pelo chão.

— Teremos que viajar nas sombras — disse Hazel.

Nico fez uma careta.

— Hazel, eu mal consigo me transportar sozinho. Com mais sete pessoas...

— Vou ajudá-lo.

Ela tentou soar confiante. Hazel nunca viajara nas sombras antes e não tinha ideia se podia, mas depois de trabalhar com a Névoa e alterar o Labirinto, ela tinha que acreditar que era possível.

Uma seção inteira de ladrilhos se desprende do teto.

— Pessoal, deem as mãos! — gritou Nico.

Eles formaram um círculo às pressas. Hazel visualizou os campos gregos acima deles. A caverna desabou, e ela se sentiu dissolvendo-se nas sombras.

Emergiram na encosta com vista para o Rio Aqueronte. O sol estava nascendo, a água cintilava e as nuvens brilhavam com uma tonalidade alaranjada. O ar fresco da manhã cheirava a madressilvas.

Hazel estava de mãos dadas com Frank e Nico. Estavam todos vivos e mais ou menos inteiros. A luz do sol nas árvores era a coisa mais linda que já vira. Ela queria viver aquele momento: livre de monstros, deuses e espíritos malignos.

Então, seus amigos começaram a despertar.

Nico percebeu que estava segurando a mão de Percy e rapidamente a soltou.

Leo cambaleou para trás.

— Sabem... Acho que preciso me sentar.

Ele caiu. Os outros se juntaram a ele. O *Argo II* ainda flutuava no rio a algumas centenas de metros dali. Hazel sabia que eles deviam sinalizar para o treinador Hedge e dizer que estavam vivos. Será que tinham passado a noite toda no templo? Ou *várias* noites? Mas, no momento, o grupo estava cansado demais para fazer qualquer coisa além de sentar, relaxar e se maravilhar com o fato de estarem bem.

Eles começaram a trocar histórias.

Frank explicou o que acontecera com a legião fantasma e o exército de monstros — como Nico usara o cetro de Diocleciano e quão bravamente Jason e Piper lutaram.

— Frank está sendo modesto — disse Jason. — Ele controlou toda a legião. Vocês precisavam ver. Ah, por falar nisso... — Jason olhou para Percy. — Eu renunciei ao meu cargo e promovi Frank a pretor. A menos que você queira contestar esta decisão.

Percy sorriu.

— Por mim, tudo bem.

Hazel olhou para Frank.

— *Pretor?*

Ele deu de ombros, desconfortável.

— Bem... é. Eu sei que parece estranho.

Ela tentou abraçá-lo, então fez uma careta quando se lembrou de suas costelas machucadas. Hazel se contentou em beijá-lo.

— Parece *perfeito*.

Leo deu um tapinha no ombro de Frank.

— Muito bem, Zhang. Agora você pode mandar Octavian se atirar contra a própria espada.

— Tentador — concordou Frank. Ele olhou para Percy, apreensivo. — Mas vocês... O Tártaro deve ser a *grande* história. O que aconteceu lá embaixo? Como vocês...?

Percy entrelaçou os dedos com os de Annabeth.

Hazel examinou Nico e viu dor em seus olhos. Ela não tinha certeza, mas talvez ele estivesse pensando na sorte que Percy e Annabeth tiveram por terem um ao outro. Nico atravessara o Tártaro *sozinho*.

— Nós contaremos a história — prometeu Percy. — Mas não agora, tudo bem? Não estou pronto para me lembrar daquele lugar.

— Nem eu — concordou Annabeth. Então olhou para o rio e balbuciou: — Hã, acho que nossa carona está chegando.

Hazel se virou. O *Argo II* rumava em direção ao porto, os remos aéreos em movimento e as velas enfunadas. A cabeça de Festus brilhava sob o sol. Mesmo a distância, Hazel podia ouvi-lo rangendo e tinindo de júbilo.

— Esse é o meu garoto! — gritou Leo.

Enquanto o navio se aproximava, Hazel viu o treinador Hedge de pé na proa.

— Já não era sem tempo! — gritou ele. Exibia sua melhor carranca, mas seus olhos brilhavam como se talvez, apenas talvez, estivesse feliz em vê-los. — Por que demoraram tanto, docinhos? Vocês deixaram a visita esperando!

— Visita? — murmurou Hazel.

Na amurada junto ao treinador Hedge, surgiu uma menina de cabelos escuros usando um manto roxo, o rosto tão coberto de fuligem e arranhões ensanguentados que Hazel quase não a reconheceu.

Reyna havia chegado.

LXXVII

PERCY

PERCY ENCARAVA FIXAMENTE A **A**TENA **P**ARTENOS, esperando que ela o atacasse a qualquer momento.

O novo sistema de içamento mecânico de Leo tinha baixado a estátua pela encosta com facilidade surpreendente. Agora, a deusa de mais de dez metros olhava serenamente para o Rio Aqueronte. À luz do sol, seu vestido parecia feito de ouro líquido.

— Incrível — reconheceu Reyna.

Ela ainda estava com os olhos vermelhos de choro. Logo depois de aterrissar no *Argo II*, seu pégaso Cipião desabou, sucumbindo ao veneno das garras de um grifo que os atacara na noite anterior. Reyna sacrificou o cavalo para acabar com seu sofrimento. Com sua faca de ouro, transformou o pégaso em uma poeira que se espalhou pelo ar perfumado da Grécia. Talvez não fosse um final tão ruim para um pégaso, mas Reyna tinha perdido um amigo leal. Percy imaginou que ela já havia aberto mão de muita coisa em sua vida.

Desconfiada, a pretora andou em torno da Atena Partenos.

— Parece nova.

— É — disse Leo. — Nós tiramos as teias de aranha e usamos um bom produto de limpeza. Não foi difícil.

O *Argo II* pairava logo acima. Com Festus de vigia, atento a ameaças no radar, toda a tripulação tinha resolvido almoçar na colina enquanto planejavam o que fariam a seguir. Depois das últimas semanas, Percy achava que mereciam uma bela refeição juntos. Na verdade, qualquer coisa que não fosse fogo líquido ou sopa de drakon.

— Ei, Reyna — chamou Annabeth. — Tem comida aqui. Venha sentar com a gente.

A pretora os olhou com a testa franzida, como se não conseguisse processar

direito a frase *Venha sentar com a gente*. Percy nunca tinha visto Reyna sem sua armadura antes. Ela tinha ficado a bordo do navio, sendo reparada por Buford, a Mesa Maravilha. Reyna vestia jeans e uma camiseta roxa do Acampamento Júpiter, e parecia quase uma adolescente normal, a não ser pela faca no cinto e a expressão cautelosa, como se estivesse esperando um ataque vindo de qualquer direção.

— Está bem — disse por fim.

Eles chegaram um pouco para o lado e abriram espaço para ela na roda. Reyna sentou de pernas cruzadas ao lado de Annabeth, pegou um sanduíche de queijo e começou a comê-lo devagar.

— E então... — disse Reyna. — Frank Zhang... pretor.

Frank se mexeu, desconfortável, e limpou farelos do queixo.

— Pois é. Fui promovido durante a batalha.

— Para comandar outra legião — observou Reyna. — Uma legião de fantasmas.

Hazel deu o braço a Frank em um gesto protetor. Depois de uma hora na enfermaria do barco, os dois pareciam muito melhor; mas Percy conseguia perceber que não sabiam lidar muito bem com a antiga chefe do Acampamento Júpiter aparecendo para o almoço.

— Reyna — disse Jason. — Você tinha que ver o Frank na batalha.

— Ele foi *incrível* — concordou Piper.

— Frank é um líder — insistiu Hazel. — Ele é um grande pretor.

Reyna continuou observando Frank, como se estivesse tentando adivinhar seu peso.

— Acredito em vocês — disse por fim. — Eu aprovo.

— É mesmo? — perguntou Frank, surpreso.

Reyna deu um sorriso seco.

— Um filho de Marte, o herói que ajudou a recuperar a águia da legião... Posso trabalhar com um semideus assim. Só não descobri ainda como convencer a Décima Segunda Fulminata.

Frank pareceu preocupado.

— É, eu tenho me perguntado a mesma coisa.

Percy ainda não acreditava em como Frank estava diferente. Um “crescimento rápido” era muito pouco para descrever a mudança. Estava pelo menos dez centímetros mais alto, mais magro, e forte como um jogador de futebol americano. O rosto parecia mais forte, e o queixo, mais marcante. Era como se Frank tivesse se transformado em touro e, ao voltar à forma humana, tivesse mantido algumas características do animal.

— A legião vai escutá-la, Reyna — disse o novo pretor. — Você atravessou as

terras antigas sozinha e chegou até aqui.

Reyna mastigava o sanduíche como se fosse um pedaço de papelão.

— Ao fazer isso, quebrei as leis da legião.

— César não seguiu as leis quando atravessou o Rubicão — argumentou Frank. — Grandes líderes às vezes precisam ir além do que se espera.

Ela balançou a cabeça.

— Não sou César. Depois de encontrar o bilhete de Jason no palácio de Diocleciano, seguir seu rastro foi fácil. Só fiz o que achei necessário.

Percy não conseguiu evitar um sorriso.

— Reyna, você é modesta demais. Voar sozinha metade do mundo para atender à súplica de Annabeth porque você sabia que era a melhor chance de garantir a paz? Isso é heroico pra caramba.

Reyna deu de ombros.

— Falou o semideus que caiu no Tártaro e conseguiu voltar.

— Ele teve ajuda — lembrou Annabeth.

— Ah, obviamente — disse Reyna. — Sem você, duvido que Percy conseguisse sair de um saco de papel.

— É verdade — concordou Annabeth.

— Ei! — reclamou Percy.

Os outros começaram a rir, mas Percy não se importou. Era bom vê-los sorrir. Droga, só estar no mundo mortal já era bom, respirar ar sem veneno, sentir a luz do sol nas costas...

De repente, ele pensou em Bob. *Diga oi para o sol e as estrelas por mim.*

O sorriso de Percy sumiu. Bob e Damásen tinham sacrificado suas vidas para que ele e Annabeth pudessem estar ali sentados naquele instante, aproveitando a luz do sol e rindo com os amigos.

Não era justo.

Leo pegou uma pequena chave de fenda de seu cinto de ferramentas. Ele espetou um morango coberto de chocolate e o entregou ao treinador Hedge. Em seguida, pegou outra chave de fenda e espetou um segundo morango para si mesmo.

— Bom, vamos então à pergunta que vale vinte milhões de pesos — disse Leo. — Nós temos essa estátua seminova de mais de dez metros de Atena. O que vamos fazer com ela?

Reyna mirou Atena Partenos com certa desconfiança.

— Por mais bela que fique nesta colina, não viajei até aqui para ficar admirando sua beleza. Segundo Annabeth, a estátua deve ser devolvida ao Acampamento Meio-Sangue por um líder romano. Eu entendi direito?

Annabeth assentiu.

— Eu tive um sonho lá embaixo... você sabe, no Tártaro. Eu estava na colina Meio-Sangue, e a voz de Atena disse: *Devo ficar aqui. Os romanos devem me trazer.*

Percy observava a Atena Partenos, sentindo-se desconfortável. Nunca teve uma boa relação com a mãe de Annabeth. Esperava que, a qualquer momento, aquela Estátua Gigante da Mamãe fosse ganhar vida e lhe dar um sermão por meter sua filha em tantos problemas, ou talvez apenas pisasse nele sem dizer nada.

— Faz sentido — disse Nico.

Percy se sobressaltou. Parecia que Nico havia lido sua mente e concordava que Atena deveria pisar nele.

O filho de Hades estava sentado do outro lado da roda, comendo apenas uma romã, a fruta do Mundo Inferior. Percy se perguntou se para Nico aquilo era uma piada.

— A estátua é um símbolo poderoso — continuou o garoto mais novo. — Se um romano a devolvesse aos gregos... isso poderia acabar com a desavença histórica, talvez até mesmo curar as personalidades divididas dos deuses.

O treinador Hedge engoliu o morango junto com metade da chave de fenda.

— Agora esperem aí. Gosto da paz tanto quanto qualquer sátiro...

— Você *odeia* a paz — interrompeu Leo.

— Valdez, a questão é... Estamos a apenas... o quê? Alguns dias de Atenas? Temos um exército de gigantes lá à nossa espera. Enfrentamos vários obstáculos para salvar esta estátua.

— *Eu* encarei a maioria dos obstáculos — lembrou Annabeth.

— ... porque a profecia a chamava de *a ruína dos gigantes* — prosseguiu o treinador. — Então, por que não a levamos para Atenas com a gente? Obviamente, é nossa arma secreta. — Ele olhou para Atena Partenos. — Para mim, parece um míssil balístico. Talvez se Valdez prendesse algumas engenhocas a ela...

Piper pigarreou.

— Hã, é uma excelente ideia, treinador, mas muitos de nós tivemos sonhos e visões de Gaia despertando no Acampamento Meio-Sangue...

Ela desembainhou a adaga Katoptris e a pôs em seu prato. Naquele momento, a lâmina apenas refletia o céu, mas olhar para ela deixava Percy desconfortável.

— Desde que voltamos ao navio — disse Piper —, tenho visto coisas muito ruins na adaga. A legião romana está quase perto o bastante para atacar o Acampamento Meio-Sangue. Eles estão reunindo reforços: espíritos, águias, lobos.

— Octavian — resmungou Reyna. — Eu *disse* que era para ele esperar.

— Quando assumirmos o comando — sugeriu Frank —, uma de nossas prioridades vai ser botar Octavian na primeira catapulta que a gente encontrar e mandá-lo para o mais longe possível.

— Concordo — disse Reyna. — Mas por enquanto...

— Ele quer a guerra — interveio Annabeth. — E vai conseguir, a menos que a gente impeça isso.

Piper virou a lâmina de sua adaga.

— Infelizmente, essa não é a pior parte. Vi imagens de um futuro possível... o acampamento em chamas, semideuses gregos e romanos mortos. E Gaia... — Não conseguiu terminar a frase.

Percy se lembrou do deus Tártaro em sua forma física, surgindo enorme à sua frente. Nunca sentira tamanho terror e desespero. Ainda morria de vergonha ao se lembrar de como deixara a espada cair de sua mão.

É a mesma coisa que tentar matar a terra, dissera Tártaro.

Se Gaia fosse tão poderosa assim e tivesse um exército de gigantes ao seu lado, Percy não sabia como sete semideuses poderiam vencê-la, especialmente com a maioria dos deuses incapacitada. Eles precisavam derrotar os gigantes *antes* que Gaia despertasse, ou seria o fim da linha.

Se Atena Partenos fosse mesmo uma arma secreta, levá-la para Atenas era uma ideia bem tentadora. Droga, Percy até que gostava da ideia do treinador de usá-la como míssil e explodir Gaia em um cogumelo atômico.

Infelizmente, seus instintos diziam que Annabeth estava certa. O lugar da estátua era em Long Island, onde poderia impedir a guerra entre os dois acampamentos.

— Então, Reyna leva a estátua — disse Percy. — E nós seguimos para Atenas.

Leo deu de ombros.

— Por mim, tudo bem. Mas há, hã... alguns pequenos problemas logísticos. Temos o quê? Duas semanas até o dia do banquete em Roma quando Gaia pretende despertar?

— O Banquete de Spes — disse Jason — é em primeiro de agosto. Hoje é...

— Dezoito de julho — interveio Frank. — Então são, a partir de amanhã, catorze dias exatos.

Hazel fez uma careta.

— A gente demorou *dezoito* dias para vir de Roma até aqui, uma viagem que deveria ter levado no máximo dois ou três dias.

— Então, considerando nossa falta de sorte habitual — disse Leo —, *talvez* tenhamos tempo suficiente de chegar a Atenas, encontrar os gigantes e impedir que eles despertem Gaia. *Talvez*. Mas como Reyna vai conseguir levar essa

estátua enorme de volta para o Acampamento Meio-Sangue antes que os gregos e romanos se matem? Ela nem tem mais seu pégaso. Hã, desculpe...

— Tudo bem — respondeu Reyna, um pouco ríspida.

Ela até os estava tratando como aliados em vez de inimigos, mas Percy percebia que a pretora não gostava muito de Leo, provavelmente porque ele tinha explodido metade do Fórum em Nova Roma.

Reyna respirou fundo.

— Infelizmente, Leo tem razão. Não sei como transportar algo tão grande. Eu achava... bem, esperava que todos vocês tivessem um plano.

— O Labirinto — sugeriu Hazel. — Eu... eu quero dizer, se Pasifae o reabriu mesmo, e eu acho que sim... — Ela olhou com apreensão para Percy. — Bem, vocês disseram que o Labirinto podia levá-los a qualquer lugar. Por isso, talvez...

— Não — disseram Percy e Annabeth em uníssono.

— Não é nada pessoal, Hazel — disse Percy. — É só que...

Era difícil achar as palavras certas. Como poderia descrever o Labirinto para alguém que nunca o tivesse explorado? Dédalo o havia criado para ser um lugar vivo, sempre em crescimento. Ao longo dos séculos, ele tinha se espalhado como as raízes de uma árvore sob toda a superfície da terra. Claro, ele podia levá-lo a qualquer lugar. As distâncias não importavam lá dentro. Você podia entrar no labirinto em Nova York, andar três metros e sair em Los Angeles, mas só se descobrisse um modo confiável de se orientar por seus corredores. Do contrário, ele ia enganá-lo e tentar matá-lo a cada curva. Quando a rede de túneis desmoronou após a morte de Dédalo, Percy ficou aliviado. A ideia de o labirinto se regenerar sozinho, abrir caminho sob a terra outra vez e criar um lar novo e espaçoso para monstros não o agradava nem um pouco. Ele já tinha muitos problemas.

— Em primeiro lugar, as passagens no Labirinto são pequenas demais para Atena Partenos. Não tem como levá-la lá para baixo...

— E mesmo que o labirinto *esteja* reabrindo — prosseguiu Annabeth. — Não sabemos como ele pode estar agora. Já era bem perigoso antes, sob o controle de Dédalo, e ele não era maligno. Se Pasifae refez o labirinto como ela queria... — Ela sacudiu a cabeça. — Hazel, *talvez* seu senso de orientação no subterrâneo possa guiar Reyna, mas nenhuma outra pessoa teria a menor chance. E precisamos de você aqui. Além disso, se você se perdesse lá embaixo...

— Tem razão — disse Hazel, chateada. — Deixa pra lá.

Reyna passou os olhos por todo o grupo.

— Mais ideias?

— Eu podia ir — ofereceu-se Frank, sem parecer muito animado com a

sugestão. — Se sou um pretor, eu *devo* ir. Talvez consigamos montar uma espécie de trenó, ou...

— Não, Frank Zhang. — Reyna deu um sorriso desanimado para ele. — Espero que trabalhemos lado a lado no futuro, mas agora seu lugar é com a tripulação deste navio. Você é um dos sete da profecia.

— Eu não sou — disse Nico.

Todos pararam de comer. Percy olhou fixamente para Nico do outro lado da roda, tentando descobrir se ele estava brincando.

Hazel pousou o garfo.

— Nico...

— Eu vou com Reyna — disse ele. — Posso viajar pelas sombras levando a estátua.

— Hã... — Percy levantou a mão. — Quer dizer, sei que você trouxe todos nós oito para a superfície, e isso foi incrível. Mas há um ano você disse que transportar *apenas* você era perigoso e imprevisível. Algumas vezes você foi parar na China. Transportar uma estátua de mais de dez metros e duas pessoas para o outro lado do mundo...

— Mudei muito desde que voltei do Tártaro.

Os olhos de Nico brilharam de raiva, com mais intensidade do que Percy compreendeu. Ele se perguntou se havia feito algo para ofender o cara.

— Nico — interveio Jason. — Não estamos questionando seu poder. Só queremos ter certeza de que você não vai se matar tentando fazer isso.

— Eu consigo — insistiu ele. — Vou fazer pequenas viagens. Apenas alguns quilômetros de cada vez. É verdade que não vou estar em condições de enfrentar monstros. Por isso vou precisar de Reyna para defender a mim e à estátua.

Reyna tinha uma expressão indecifrável. Ela estudou o grupo, examinou seus rostos, mas era impossível saber o que estava pensando.

— Alguma objeção?

Ninguém falou nada.

— Ótimo — concordou ela, com a firmeza de um juiz. Percy achava que, se ela tivesse um martelo, teria dado uma martelada para selar a decisão. — Não vejo alternativa melhor. Mas haverá *muitos* ataques de monstros. Eu ia me sentir melhor se levasse uma terceira pessoa. É o número ideal para uma missão.

— O treinador Hedge — disse Frank na hora.

Percy olhou para ele, sem saber se tinha ouvido direito.

— Hã, o quê, Frank?

— O treinador é a melhor opção — disse Frank. — A *única* opção. Ele é um bom lutador. Um protetor experiente. Vai dar conta.

— Um fauno — disse Reyna.

— Sátiro! — corrigiu o treinador, irritado. — E, é, eu vou, sim. Além disso, quando chegarem ao Acampamento Meio-Sangue, vão precisar de alguém com contatos e diplomacia para evitar que os gregos ataquem vocês. Deixem-me só mandar uma... quer dizer, pegar meu taco de beisebol.

Ele se levantou e encarou Frank, dizendo sem palavras algo que Percy não conseguiu entender direito. Apesar de ter acabado de se apresentar como voluntário para uma missão potencialmente suicida, o treinador parecia *agradecido*. Ele foi correndo até a escada do navio, batendo os cascos no ar como uma criança empolgada.

Nico ficou de pé.

— Preciso ir, também, e descansar antes da primeira viagem. Vamos nos encontrar perto da estátua ao pôr do sol.

Depois que ele foi embora, Hazel franziu a testa, preocupada.

— Ele está agindo de modo estranho. Não sei se pensou direito no assunto.

— Ele vai ficar bem — disse Jason.

— Espero que tenha razão. — Ela passou a mão por cima do chão. Diamantes irromperam na superfície, uma Via Láctea de pedras cintilantes. — Estamos em uma nova encruzilhada. A Atena Partenos vai para o Oeste. O *Argo II*, para o Leste. Tomara que tenhamos tomado a decisão certa.

Percy quis dizer algo animador, mas não se sentia à vontade. Apesar de tudo pelo que haviam passado e de todas as batalhas vencidas, eles ainda não pareciam perto de derrotar Gaia. Claro, tinham libertado Tânato e fechado as Portas da Morte. Pelo menos agora podiam matar monstros e eles *ficariam* no Tártaro. Mas os gigantes estavam de volta. Todos eles.

— Só tem uma coisa que me incomoda — disse ele. — Se o Festival de Spes é daqui a duas semanas, e Gaia precisa do sangue de dois semideuses para despertar... Como foi que Clítio chamou? O sangue do Olimpo? Será que não estamos fazendo justamente o que Gaia quer, indo para Atenas? Se não formos, e ela não puder sacrificar nenhum de nós, não seria impossível para ela despertar por completo?

Annabeth segurou a mão dele. Percy ficou embevecido ao olhar para ela agora que estavam de volta ao mundo mortal, sem a Névoa da Morte, com o sol banhando seus cabelos louros, ainda que ela estivesse magra e abatida como ele, e seus olhos cinzentos parecessem atormentados por pensamentos ruins.

— Percy, as profecias são uma faca de dois gumes. Se *não* formos, podemos perder nossa chance de detê-la. Nossa batalha está em Atenas. Não temos como evitá-la. Além disso, tentar impedir profecias nunca funciona. Gaia pode nos capturar em algum outro lugar, ou derramar o sangue de outros semideuses.

— É, você está certa — disse Percy. — Eu não gosto disso, mas você tem

razão.

O estado de espírito do grupo ficou sombrio como o ar do Tártaro, até que Piper quebrou a tensão.

— Bem! — Ela guardou sua lâmina na bainha e deu um tapinha na cornucópia. — Foi um ótimo piquenique. Quem quer sobremesa?

LXXVIII

PERCY

AO ENTARDECER, **P**ERCY ENCONTROU **N**ICO.

O filho de Hades estava amarrando cordas em torno do pedestal da Atena Partenos.

— Obrigado — agradeceu Percy.

Nico franziu a testa.

— Por quê?

— Você prometeu levar os outros até a Casa de Hades — disse o filho de Poseidon. — E cumpriu.

Nico amarrou as pontas das cordas juntas, fazendo uma espécie de alça.

— Você me tirou daquele jarro de bronze em Roma. E salvou minha vida novamente. Era o mínimo que eu podia fazer.

A voz dele soou firme e contida. Percy desejava saber o que fazia aquele cara demonstrar emoção, mas nunca conseguiu descobrir. Nico não era mais um garotinho nerd da Westover Hall com cartas de Mitomagia. Nem era o solitário ressentido que perseguiu o fantasma de Minos pelo Labirinto. Mas quem era ele?

— Além disso, você visitou Bob... — disse Percy.

Contou a Nico sobre a viagem pelo Tártaro. Achou que se havia alguém que pudesse entendê-lo, este era Nico.

— Convinceu Bob de que podia confiar em mim, apesar de eu nunca ter ido visitá-lo. Nunca mais pensei nele. Você provavelmente salvou nossas vidas por ter sido legal com ele.

— É, bem... — disse Nico. — Não pensar nas pessoas... isso pode ser perigoso.

— Cara, eu estou tentando agradecer.

Nico riu sem humor.

— Estou tentando dizer que não precisa. Agora tenho que terminar isto, se puder me dar um pouco de espaço.

— Claro, claro, tudo bem. — Percy deu um passo para trás enquanto Nico ajustava as alças de cordas. Jogou-as no ombro como se a Atena Partenos fosse uma mochila gigante.

Percy não conseguiu evitar ficar um pouco chateado ao ser dispensado daquele jeito. Mas afinal, Nico tinha passado por tanto. O cara tinha sobrevivido sozinho no Tártaro. Percy sabia por experiência própria quanta força foi exigida dele.

Annabeth subiu a colina para se juntar a eles. Pegou a mão de Percy, o que o fez se sentir melhor.

— Boa sorte — disse ela a Nico.

— É. — Ele não a olhou nos olhos. — Para você também.

Um minuto depois, Reyna e o treinador Hedge chegaram com armaduras completas e mochilas nos ombros. Reyna parecia muito séria e pronta para o combate. O treinador Hedge sorria como se estivesse esperando uma festa surpresa.

Reyna deu um abraço em Annabeth.

— Nós vamos conseguir — prometeu.

— Eu sei que vão — respondeu Annabeth.

O treinador Hedge apoiou seu taco de beisebol no ombro.

— É, não se preocupe. Vou chegar ao acampamento para ver minha garota! Hã, quero dizer que vou levar esta garota para o acampamento! — Ele deu um tapinha na perna de Atena Partenos.

— O.k. — disse Nico. — Segurem as cordas, por favor. É hora de ir.

Reyna e Hedge seguraram. O ar escureceu. A Atena Partenos desmoronou para o interior de sua própria sombra e desapareceu, junto com três acompanhantes.

*

O *Argo II* zarpou após o anoitecer.

Tomou o rumo sudoeste até alcançar a costa, então desceu e seguiu pelas águas do Mar Jônico. Percy estava aliviado por sentir as ondas embaixo dele novamente.

A viagem até Atenas seria mais curta por terra, mas depois da experiência da tripulação com espíritos da montanha na Itália, acharam melhor não voar sobre o

território de Gaia mais do que o necessário. Fariam a volta na Grécia pelo mar, seguindo as rotas usadas pelos heróis gregos da Antiguidade.

Percy adorou isso. Amava estar de volta aos domínios de seu pai, com o ar marítimo nos pulmões e borrifos salgados nos braços. Ele se debruçou na amurada de boreste e fechou os olhos, sentindo as correntes abaixo. Mas imagens do Tártaro não paravam de surgir em sua mente: o Rio Flegetonte, o chão repleto de bolhas onde os monstros se regeneravam, a floresta sombria onde as *arai* voavam em círculos no alto, em meio às nuvens da névoa de sangue. Mas, principalmente, pensava em uma cabana em um pântano com um fogo quente, ganchos e prateleiras com ervas e carne de drakon secando. Ele se perguntou se a cabana agora estaria vazia.

Annabeth encostou nele com seu calor reconfortante.

— Eu sei — murmurou ela, lendo sua expressão. — Também não consigo tirar aquele lugar da cabeça.

— Damásen — disse Percy. — E Bob...

— Eu sei. — A voz dela estava fragilizada. — Temos que fazer com que o sacrifício deles não tenha sido em vão. Temos que derrotar Gaia.

Percy olhou para o céu noturno. Desejou que estivessem olhando o céu da praia em Long Island em vez de a meio mundo de distância, navegando rumo à morte quase certa.

Ele se perguntou onde estariam Nico, Reyna e Hedge naquele momento, e quanto tempo levariam para voltar, supondo que sobrevivessem. Imaginou os romanos em formação de batalha cercando o Acampamento Meio-Sangue.

Faltavam catorze dias para chegarem a Atenas. Depois, de um jeito ou de outro, a guerra seria decidida.

Na proa, Leo assobiava satisfeito enquanto mexia no cérebro mecânico de Festus, murmurando algo sobre um cristal e um astrolábio. No centro do barco, Piper e Hazel treinavam esgrima com suas lâminas de bronze e ouro. Jason e Frank estavam no leme, falando baixo, talvez contando histórias da legião ou compartilhando reflexões sobre ser pretor.

— Nossa tripulação é muito boa — disse Percy. — Se tenho que navegar rumo à morte...

— Você não vai morrer antes de mim, Cabeça de Alga — disse Annabeth. — Lembra? Nunca ficaremos separados de novo. E depois que chegarmos em casa...

— O quê? — perguntou Percy.

Ela o beijou.

— Pergunte de novo quando derrotarmos Gaia.

Ele sorriu, feliz por ter algo a almejar no futuro.

— Como quiser.

Quando se afastaram da costa, o céu escureceu, e mais estrelas surgiram.

Percy estudou as constelações, as mesmas que Annabeth tinha ensinado a ele tantos anos antes.

— Bob mandou um “oi” — disse para as estrelas.

O *Argo II* navegou noite adentro.

GLOSSÁRIO

Acampamento Júpiter campo de treinamento para semideuses romanos, localizado entre as Oakland Hills e as Berkeley Hills, na Califórnia

Acampamento Meio-Sangue campo de treinamento para semideuses gregos, localizado em Long Island, Nova York **Aegis** o escudo que provoca medo de Thalia Grace

Afrodite a deusa grega do amor e da beleza. Era casada com Hefesto, mas amava Ares, o deus da guerra. Forma romana: Vênus **Akhlys** deusa grega da miséria; deusa dos venenos, controla a Névoa da Morte, filha do Caos e da Noite **Alcioneu** o mais velho dos gigantes nascidos de Gaia, destinado a combater Plutão

Aloadas gêmeos gigantes que tentaram atacar o Monte Olimpo empilhando três montanhas gregas uma em cima da outra. Ares tentou detê-los, mas foi derrotado e aprisionado em um jarro de bronze até ser resgatado por Hermes. Ártemis mais tarde destruiu os gigantes quando correu entre eles transformada em veado. Os dois tentaram acertá-la com suas lanças, mas erraram e acabaram atingindo um ao outro **alojamento** aposentos dos soldados romanos

Aníbal comandante romano que viveu entre 247 e 183/182 AEC. É considerado um dos maiores estrategistas militares da História. Uma de suas maiores conquistas foi conduzir um exército, que incluía elefantes, da Ibéria, através

dos Pirineus e dos Alpes, até o Norte da Itália **Aqueloo** um *potamus*, ou deus-río

Áquilo deus romano do Vento Norte. Forma grega: Bóreas

Aracne tecelã que alegava ter habilidades superiores às de Atena. Isso enfureceu a deusa, que destruiu as tapeçarias e o tear de Aracne. A tecelã se enforcou, e Atena a trouxe de volta à vida como aranha **arai** espíritos femininos das maldições. Velhas enrugadas com asas de morcego e olhos vermelhos reluzentes. São filhas de Nix (Noite) **Ares** o deus grego da guerra; filho de Zeus e Hera e meio-irmão de Atena. Forma romana: Marte **argentum** prata; nome de um dos dois cães de metal de Reyna que podem detectar mentiras **Argo II** o fantástico navio construído por Leo, que pode tanto navegar quanto voar e tem a cabeça do dragão de bronze Festus como sua figura de proa. O navio foi batizado em homenagem a *Argo*, a embarcação usada pelo grupo de heróis gregos que acompanhou Jasão em sua busca pelo Velocino de Ouro **Argonautas** heróis da mitologia grega que viajaram com Jasão no *Argo* na busca pelo Velocino de Ouro **Ariadne** filha de Minos que ajudou Teseu a sair do Labirinto

Arion pégaso incrivelmente rápido que corre solto e sem rumo, mas às vezes atende aos chamados de Hazel. Seu petisco favorito são pepitas de ouro **Arquimedes** matemático, físico, engenheiro, inventor e astrônomo grego que viveu entre 287 e 212 AEC e é considerado um dos principais cientistas da Antiguidade Clássica. Foi quem descobriu como calcular o volume de uma esfera **astrolábio** instrumento de navegação com base na posição dos planetas e estrelas

Atena a deusa grega da sabedoria. Forma romana: Minerva

Atena Partenos uma estátua gigantesca de Atena; a estátua grega mais famosa de todos os tempos **augúrio** sinal de algum porvir, presságio; prática de adivinhar o futuro

aurum ouro; nome de um dos dois cães metálicos de Reyna que podem detectar mentiras **Austro** deus romano do Vento Sul. Forma grega: Noto

Baco o deus romano do vinho e da orgia. Forma grega: Dioniso

balista escorpião arma de cerco romana que arremessava grandes projéteis em um alvo distante **Belona** deusa romana da guerra

Boreadas Calais e Zetes, filhos de Bóreas, deus do Vento Norte

braccae calças em latim

bronze celestial metal raro letal para monstros

Bunker 9 oficina escondida descoberta por Leo no Acampamento Meio-Sangue, cheia de ferramentas e armas. Tem pelo menos duzentos anos e foi usada durante a Guerra Civil dos Semideuses **Cadmo** semideus que foi transformado em cobra por Ares ao matar o filho dragão do deus da guerra **Calipso** deusa ninfa da ilha mítica Ogígia; filha do titã Atlas. Ela deteve o herói Odisseu por muitos anos **Campe** monstro que na parte de cima é uma mulher com cabelos de serpentes e, embaixo, tem o corpo de drakon; indicada pelo titã Cronos para vigiar os ciclopes no Tártaro. Zeus a matou e libertou os gigantes de sua prisão para que eles o ajudassem na guerra contra os titãs **Campos de Asfódelos** parte do Mundo Inferior para onde pessoas que não fizeram nem o bem nem o mal são enviadas após a morte **Campos de Punição** parte do Mundo Inferior para onde pessoas que foram más são enviadas para expiarem seus crimes após a morte **Casa de Hades** local no Mundo Inferior onde Hades, deus grego da morte, e Perséfone reinam sobre as almas dos mortos. Templo subterrâneo em Épiro, na Grécia, dedicado a Hades e Perséfone, às vezes chamado de *Necromanteion*, ou “oráculo da morte”. Os gregos antigos acreditavam que ele marcava uma entrada para o Mundo Inferior, e peregrinos iam até lá para comungar com os mortos **Casa dos Lobos** mansão em ruínas, originalmente encomendada por Jack London, perto de Sonoma, na Califórnia, onde Percy Jackson foi treinado como semideus romano por Lupa **catapulta** máquina de guerra usada para arremessar objetos

Catóblepa vaca monstruosa cujo nome significa “aquele que olha para baixo”. Foram accidentalmente trazidas da África para Veneza. Comem raízes venenosas que crescem nos canais e têm hálito e olhar venenosos **Cavalo de Troia** passagem da Guerra de Troia; um enorme cavalo de madeira feito pelos gregos e deixado perto de Troia com um grupo selecionado de homens escondido em seu interior. Após ser puxado pelos troianos para dentro de sua cidade como um troféu de vitória, os gregos saíram de lá à noite, permitiram a entrada do restante de seu exército e destruíram a cidade, terminando definitivamente com a guerra **centauro** raça de criaturas metade homem, metade cavalo

centurião oficial do exército romano

Cêrcopes anões com aparência de chimpanzé que roubam coisas brilhantes e criam o caos **Ceres** deusa romana da agricultura. Forma grega: Deméter

Ceto deusa grega dos monstros e das criaturas marinhas de grande porte, tais como baleias e tubarões; filha de Gaia e irmã-esposa de Fórcis, deus dos

perigos do mar **charme** (na fala) bênção concedida por Afrodite a seus filhos, que os capacita a persuadir outras pessoas com a voz **chiton** traje grego. Túnica sem mangas de linho ou lã presa nos ombros por broches e na cintura por um cinto **ciclope** membro de uma raça primordial de gigantes que tem um único olho no meio da testa **Cipião** o pégaso de Reyna

Circe feiticeira grega. Nos tempos antigos, transformou a tripulação de Odisseu em porcos **Círon** ladrão infame que emboscava viajantes e os forçava a lavar seus pés como pedágio. Quando se abaixavam, chutava as vítimas do penhasco, fazendo-as cair no mar onde eram devoradas por uma tartaruga gigante **Clítio** gigante criado por Gaia para absorver a magia de Hécate e derrotá-la

Coio um dos doze titãs; Senhor do Norte

Coliseu anfiteatro elíptico no centro de Roma, Itália. Com capacidade para cinquenta mil espectadores sentados, o Coliseu era usado para competições entre gladiadores e para espetáculos públicos, como simulações de batalhas navais, caçadas, execuções, e a reencenação de batalhas e dramas famosos **Contracorrente** espada de Percy Jackson (*Anaklusmos*, em grego) **coorte** grupo de soldados; uma das dez divisões de uma Legião Romana

cornucópia um grande recipiente em formato de chifre de onde transbordam comestíveis ou algum tipo de riqueza. A cornucópia foi criada quando Héracles (Hércules, para os romanos) lutou com o deus-rio Aqueloo e arrancou um de seus chifres **Crisaor** irmão de Pégaso, filho de Poseidon e Medusa; conhecido como “o Espada de Ouro”

Cronos deus grego da agricultura e das colheitas, da justiça e do tempo; filho de Urano e Gaia e pai de Zeus. Forma romana: Saturno **Cupido** deus romano do amor. Forma grega: Eros

Damásen gigante filho de Tártaro e Gaia. Criado para se opor a Ares; condenado ao Tártaro por matar um drakon que estava destruindo as terras perto da casa de Damásen **Dédalo** na mitologia grega, um hábil artesão que criou o Labirinto em Creta, no qual o Minotauro (parte homem, parte touro) era mantido **Deméter** a deusa grega da agricultura; filha dos titãs Reia e Cronos. Forma romana: Ceres **denário** a moeda mais comum no sistema monetário romano

Diocleciano último grande imperador pagão e primeiro a se aposentar pacificamente; semideus (filho de Júpiter). Segundo a lenda, seu cetro podia convocar um exército de mortos **Diomedes** um dos principais heróis gregos na

Guerra de Troia

Dioniso deus grego do vinho e da orgia; filho de Zeus. Forma romana: Baco

dracma moeda de prata da Grécia Antiga

drakon serpente gigantesca verde e amarela com garras afiadas e uma juba de pele. Cospe veneno **dríades** ninfas das árvores

Efialtes e Oto gigantes gêmeos; filhos de Gaia

eidolon espírito possessor

Elísio (Campos Elísios) parte do Mundo Inferior para onde os abençoados pelos deuses são enviados ao morrer para passar a eternidade **empousa (pl.: empousai)** vampira com presas, garras, uma perna de bronze e a outra de burro, cabelo de fogo e pele branca como ossos. Tem o poder de manipular a Névoa, mudar de forma e usar o charme para atrair suas vítimas para a morte **Éolo** deus de todos os ventos

Épiro região onde atualmente estão o noroeste da Grécia e o sul da Albânia

Éris deusa da discórdia

Eros deus grego do amor. Forma romana: Cupido

escolopendra monstro marinho grego gigantesco com narinas peludas, cauda semelhante à da lagosta e fileiras de patas palmípedes ao longo dos flancos **espata** espada pesada usada pela cavalaria romana

Euristeu neto de Perseu, que, por meio dos favores de Hera, herdou o reinado de Micenas, o qual Zeus pretendia para Héracles **falange** formação compacta de tropas fortemente armadas

fauno deus romano da floresta, parte bode e parte homem. Forma grega: sátiro

Favônio deus romano do Vento Oeste. Forma grega: Zéfiro

ferro estígio metal mágico forjado no Rio Estige, capaz de absorver a essência dos monstros e de ferir mortais, deuses, titãs e gigantes. Tem grande efeito sobre fantasmas e criaturas do Mundo Inferior **fogo grego** arma incendiária usada em batalhas navais, porque continua a queimar mesmo na água **Fontana di Trevi** fonte no bairro romano de Trevi, em Roma. Com vinte e cinco metros de altura e vinte de largura, é a maior fonte barroca da cidade e uma das mais famosas do mundo **Fórcis** na mitologia grega, deus primordial dos perigos do mar; filho de Gaia e irmão-marido de Ceto **Fortuna** deusa romana da fortuna e da sorte. Forma grega: Tique

fórum o fórum romano era o centro da Roma Antiga, uma praça onde os romanos faziam negócios, julgamentos e atividades religiosas **Fúrias** deusas romanas da vingança. Normalmente caracterizadas como três irmãs: Alectó, Tisifone e Megera. Filhas de Gaia e Urano. Vivem no Mundo Inferior atormentando os mortos julgados culpados. Forma grega: Erínias **Gaia** deusa grega da terra; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros. Forma romana: Terra **Geras** deus da velhice

Gerión monstro com três corpos que foi morto por Herácles/Hércules

gládio espada curta

gladius gládio, uma espada curta

górgonas três irmãs monstruosas (Esteno, Euríale e Medusa), cujos cabelos eram serpentes venenosas. A mais famosa delas, Medusa, podia transformar em pedra aqueles que a encaravam **Graecus** termo usado pelos romanos referindo-se aos gregos **grevas** peças da armadura para a canela

grifo criatura que tem a parte dianteira (incluindo as garras) e as asas de águia e a traseira de leão **grisgris** prática de vodu comum em Nova Orleans; o nome significa cinza em francês (*gris*). Nela, ervas especiais e outros ingredientes são misturados e colocados em uma bolsinha de flanela, que é usada ou guardada para reestabelecer o equilíbrio entre os aspectos bons e maus da vida de uma pessoa **Guerra de Troia** na mitologia grega, guerra declarada contra a cidade de Troia pelos Achaeans (gregos) quando Páris, de Troia, roubou Helena de seu marido, Menelau, rei de Esparta **Hades** deus grego da morte e das riquezas. Forma romana: Plutão

Hagno ninfa que teria criado Zeus. No Monte Liceu, na Arcádia, havia um poço consagrado a ela e batizado em sua homenagem **harpia** criatura fêmea alada que rouba objetos

Hécate deusa da magia e das encruzilhadas. Controla a Névoa. Filha dos titãs Perses e Astéria **Hebe** deusa da juventude; filha de Zeus e Hera, casada com Héracles. Forma romana: Juventa **Hefesto** deus grego do fogo, do artesanato e dos ferreiros; filho de Zeus e Hera, casado com Afrodite. Forma romana: Vulcano **Hemera** deusa do dia. Filha de Noite

Hera deusa grega do casamento; esposa e irmã de Zeus. Forma romana: Juno

Héracles forma grega de Hércules; filho de Zeus e Alcmena; o mais forte dos mortais

Hércules forma romana de Héracles; filho de Júpiter e Alcmena, nasceu com

grande força **Hermes** deus grego dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação. Forma romana: Mercúrio **Hesíodo** poeta grego que imaginou que seriam necessários nove dias para atingir o fundo do Tártaro **Hiperión** um dos doze titãs. Titã do Leste

Hipnos deus grego do sono. Forma romana: Somnus

hipocampos criaturas que, da cintura para cima, têm corpo de cavalo e, da cintura para baixo, têm corpo de peixe prateado, com escamas reluzentes e nadadeiras nas cores do arco-íris. Eram usadas para puxar a carruagem de Poseidon, e seu movimento criou a espuma do mar **Hipódromo** estádio grego para corridas de cavalos e carruagens

hipogeu a área debaixo de um coliseu que abrigava peças de cenário e o maquinário usado para os efeitos especiais **Horácio** general romano que, sozinho, deteve uma horda de invasores, sacrificando-se em uma ponte para evitar que os bárbaros atravessassem o rio **Hotel Lótus** hotel e cassino em Las Vegas onde Percy, Annabeth e Grover perderam tempo valioso durante uma missão **ícor** fluido dourado que é o sangue dos deuses e imortais

ictiocentauro peixe-centauro descrito como tendo patas dianteiras de cavalo, torso e cabeça humanos e cauda de peixe. Às vezes é retratado com um par de chifres semelhantes a garras de lagosta **Inívidia** deusa romana da vingança. Forma grega: Nêmesis

Íris deusa grega do arco-íris e mensageira dos deuses; filha de Taumante e Electra. A forma romana tem o mesmo nome **Jano** deus dos portais, inícios e transições. Descrito como tendo dois rostos, porque olha para o futuro e para o passado **Jápeto** um dos doze titãs; Senhor do Oeste. Seu nome significa *Empalador*. Quando Percy o combateu nos domínios de Hades, Jápeto caiu no Rio Lete e perdeu a memória. Percy o rebatizou de Bob **Juno** deusa romana das mulheres, do casamento e da fertilidade; irmã e esposa de Júpiter; mãe de Marte. Forma grega: Hera **Júpiter** rei romano dos deuses; também chamado de Júpiter Optimus Maximus (o melhor e o maior). Forma grega: Zeus **Juventa** deusa romana da juventude. Forma grega: Hebe

karpoi espíritos dos grãos

Katoptris adaga de Piper, que já pertenceu a Helena de Troia. A palavra significa “espelho”

Lar deus da casa, espírito ancestral romano

Labirinto labirinto subterrâneo construído originalmente na ilha de Creta pelo artesão Dédalo para aprisionar o Minotauro (parte homem, parte touro)

Lestrigão monstro canibal gigante do norte

legionário soldado romano

Lemures termo romano para fantasmas raivosos

Letó filha do titã Coio; gerou com Zeus Ártemis e Apolo; deusa da maternidade

Linha Pomeriana limite em torno de Nova Roma e, nos tempos antigos, os limites da cidade de Roma **livros sibilinos** conjunto de profecias em versos rimados escritos em grego. Tarquínio Soberbo, rei de Roma, comprou-os de uma profetisa chamada Sibila e os consultava em épocas de grande perigo

Lupa loba romana sagrada que amamentou os gêmeos abandonados Rômulo e Remo

Mansão da Noite palácio de Nix

manticore criatura com cabeça humana, corpo de leão e cauda de escorpião

Marte deus romano da guerra; também chamado de Marte Ultor. Patrono do império; pai divino de Rômulo e Remo. Forma grega: Ares **Medeia** seguidora de Hécate e uma das maiores feiticeiras do mundo antigo

Mercúrio mensageiro romano dos deuses; deus do comércio, dos negócios e do lucro. Forma grega: Hermes **Minerva** deusa romana da sabedoria. Forma grega: Atena

Minotauro monstro com cabeça de touro e corpo de homem

Minos rei de Creta, filho de Zeus; todos os anos obrigava o rei Aegus a escolher sete rapazes e sete moças para enviar ao Labirinto onde seriam devorados pelo Minotauro. Depois de sua morte, se tornou um juiz no Mundo Inferior **Mitra** originalmente, deus persa do sol; Mitra era venerado pelos guerreiros romanos como guardião das armas e patrono dos soldados **Monte Tamalpais** local na região da Baía de São Francisco, na Califórnia, onde os titãs construíram um palácio *muskeg* pântano

náiades ninfas da água

Narciso caçador grego célebre por sua beleza. Era excepcionalmente orgulhoso e desdenhava aqueles que o amavam. Nêmesis, ao perceber isso, atraiu Narciso até um lago, onde ele viu sua imagem refletida na água e por ela se apaixonou. Incapaz de se afastar da beleza de seu reflexo, Narciso morreu **nascidos da terra** *gegeines* em grego. Monstros de seis braços que vestem somente tangas

Necromanteion Oráculo da Morte ou Casa de Hades em grego. Um templo de

vários pavimentos onde as pessoas consultavam os mortos **Nêmesis** deusa grega da vingança. Forma romana: Invidia

nereidas cinquenta espíritos femininos do mar; protetoras dos marinheiros e pescadores e zeladoras das riquezas do oceano **Nesso** centauro astuto que enganou Dejanira e a levou a matar Héracles

Netuno deus romano dos mares. Forma grega: Poseidon

Névoa força mágica que disfarça coisas aos olhos dos mortais

Nice deusa grega da força, da velocidade e da vitória. Forma romana: Vitória

ninfa deidade feminina que dá vitalidade à natureza

ninfeu santuário dedicado às ninfas

Noto deus grego do Vento Sul. Forma romana: Austro

Nova Roma comunidade perto do Acampamento Júpiter onde os semideuses podem viver juntos e em paz, sem a interferência dos mortais ou de monstros **numina montanum** deus romano da montanha. Forma grega: Ourae **Nix** deusa da noite; uma dos primeiros deuses elementais antigos a nascer

ombreira peça de armadura para o ombro e a parte superior do braço

ouro imperial metal raro letal para monstros, consagrado no Panteão; sua existência era um segredo muito bem guardado dos imperadores **Odisseu** lendário rei grego de Ítaca e herói do poema épico de Homero *A odisseia*. Forma romana: Ulisses **Ogígia** ilha mágica que é o lar e a prisão de Calipso

Ourae deus da montanha em grego. Forma romana: *Numina montanum* **Panteão** construção em Roma, Itália, encomendada por Marcus Agrippa como um templo dedicado a todos os deuses da Roma Antiga e reconstruída pelo Imperador Adriano por volta de 126 EC.

Parcas, as Três na mitologia grega, mesmo antes da existência dos deuses, havia as Parcas: Clotho, que fia o fio da vida; Lachesis, a medidora, que determina a duração de uma vida; e Atropos, que corta o fio da vida com suas tesouras **Pasifae** esposa de Minos, amaldiçoada a se apaixonar por seu touro premiado e dar à luz o Minotauro (metade homem, metade touro); conhece as ervas e as artes mágicas **pássaros da Estinfália** na mitologia grega, aves devoradoras de homens, com bico de bronze e penas metálicas afiadas que podiam ser lançadas contra suas vítimas; consagradas a Ares, o deus da guerra **pater** pai em latim; também é o nome de um antigo deus romano do Mundo Inferior, mais tarde incorporado por Plutão **Pégaso** na mitologia grega, cavalo divino

alado; gerado por Poseidon, em sua figura de deus-cavalo, e nascido da górgona Medusa; irmão de Crisaor **Periclimeno** um Argonauta. Filho de dois semideuses e neto de Poseidon, que deu a ele a habilidade de se transformar em vários animais **peristilo** entrada da residência particular do imperador

Perséfone rainha grega do Mundo Inferior; esposa de Hades; filha de Zeus e Deméter. Forma romana: Proserpina **Piazza Navona** praça em Roma, construída no local do Estádio de Domiciano, onde os cidadãos da Roma Antiga assistiam a jogos competitivos **pilum** (pl.: **pila**) lança usada pelo exército romano

Plutão deus romano da morte e das riquezas. Forma grega: Hades

Polibotes gigante; filho de Gaia, a Mãe Terra

Polifemo ciclope; filho de Poseidon e Toosa

Porfíriion rei dos gigantes na mitologia greco-romana

Portas da Morte portal para a Casa de Hades, localizado no Tártaro. As portas têm dois lados: um no mundo mortal, o outro no Mundo Inferior **Poseidon** deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, irmão de Zeus e Hades. Forma romana: Netuno **pretor** pessoa eleita para magistrado e comandante do exército romano

Proserpina rainha romana do Mundo Inferior. Forma grega: Perséfone

Psique jovem mortal que se apaixonou por Eros e foi forçada pela mãe dele, Afrodite, a conquistá-lo de volta **Quione** deusa grega da neve; filha de Bóreas

quoits jogo no qual os participantes arremessam ferraduras em uma estaca

Reia Sílvia sacerdotisa e mãe dos gêmeos Rômulo e Remo, que fundaram Roma

Rio Aqueronte quinto rio do Mundo Inferior; Rio da Dor, a punição suprema para as almas dos amaldiçoados **Rio Cócito** o rio das Lamentações no Tártaro, feito de infelicidade

Rio Flegetonte rio de fogo que corre dos domínios de Hades para o Tártaro. Mantém os maus vivos para que suportem mais tormentos nos Campos de Punição **Rio Lete** um dos vários rios do Mundo Inferior. Quem bebe dele perde a memória e esquece a própria identidade **Rio Tibre** o terceiro maior rio em extensão da Itália. Roma foi fundada às suas margens. Na Roma Antiga, criminosos executados eram atirados no rio **Rômulo e Remo** filhos gêmeos de Marte e da sacerdotisa Reia Sílvia, foram atirados no Rio Tibre por seu pai humano, Amúlio. Resgatados e criados por uma loba, fundaram Roma ao

alcançar a idade adulta **sátiros** deuses gregos da floresta, parte bode e parte homem. Forma romana: faunos

Saturno deus romano da agricultura; filho de Urano e Gaia, pai de Júpiter. Forma grega: Cronos ***Senatus Populusque Romanus*** (SPQR) “O Senado e o Povo de Roma”; refere-se ao governo da República Romana e é usado como emblema oficial de Roma **Spes** deusa da esperança; a Festa de Spes, o Banquete da Esperança, cai no dia primeiro de agosto **estela** (***stela***, pl. ***stelae***) placa de pedra com inscrições usada como lápide **Urano** pai dos titãs

Tânatos deus grego da morte. Forma romana: Letus

Tântalo na mitologia grega, esse rei era tão amigo dos deuses que jantava à mesa com eles. Até o dia em que contou os segredos deles para os mortais. Foi mandado para o Mundo Inferior, onde sua maldição foi ficar preso em um montante de terra, envolto por um lago e sob uma árvore frutífera, mas sem jamais poder beber água ou comer uma fruta **Tártaro** marido de Gaia; espírito do abismo; pai dos gigantes; também a região mais profunda do mundo **telquines** demônios marinhos misteriosos, ferreiros nativos das ilhas de Chios e Rhodes; filhos de Tálassa e Pontos; conhecidos como crianças-peixes, tinham cabeça de cachorro e, no lugar das mãos, nadadeiras **Tempestade** amigo de Jason; um espírito das tempestades em forma de cavalo

Término deus romano das fronteiras e dos marcos

Terra deusa romana do planeta Terra. Forma grega: Gaia

Teseu rei de Atenas conhecido por muitas proezas, entre elas matar o Minotauro

Tibério imperador romano de 14 EC a 37 EC. Foi um dos maiores generais de Roma, mas é lembrado por ter sido um governante recluso e sombrio, que nunca quis ser imperador **Tique** deusa grega da boa sorte; filha de Hermes e Afrodite. Forma romana: Fortuna

tirso arma de Baco, um cajado encimado por uma pinha e envolto com hera

titãs poderosas deidades gregas, descendentes de Gaia e Urano. Governaram durante a Era de Ouro e foram derrubados por deuses mais jovens, os olímpianos **Triptólemo** deus da agricultura. Ajudou Deméter quando ela procurava a filha, Perséfone, que fora raptada por Hades **trirreme** antigo navio de guerra grego ou romano com três fileiras de remo de cada lado **venti** espíritos do ar

Vênus deusa romana do amor e da beleza. Era casada com Vulcano, mas amava Marte, o deus da guerra. Forma grega: Afrodite **Via Labicana** antiga estrada

da Itália que levava na direção leste-sudeste, a partir de Roma

Via Principalis principal rua em um acampamento ou forte romano **viagem nas sombras** forma de transporte que permite que criaturas e filhos de Hades viajem para qualquer lugar na Terra ou no Mundo Inferior. Deixa o viajante extremamente cansado **Vitória** deusa romana da força, velocidade e vitória. Forma grega: Nice

Vulcano deus romano do fogo, do artesanato e dos ferreiros; filho de Júpiter e Juno, casado com Vênus. Forma grega: Hefesto **Zéfiro** deus grego do Vento Oeste. Forma romana: Favônio

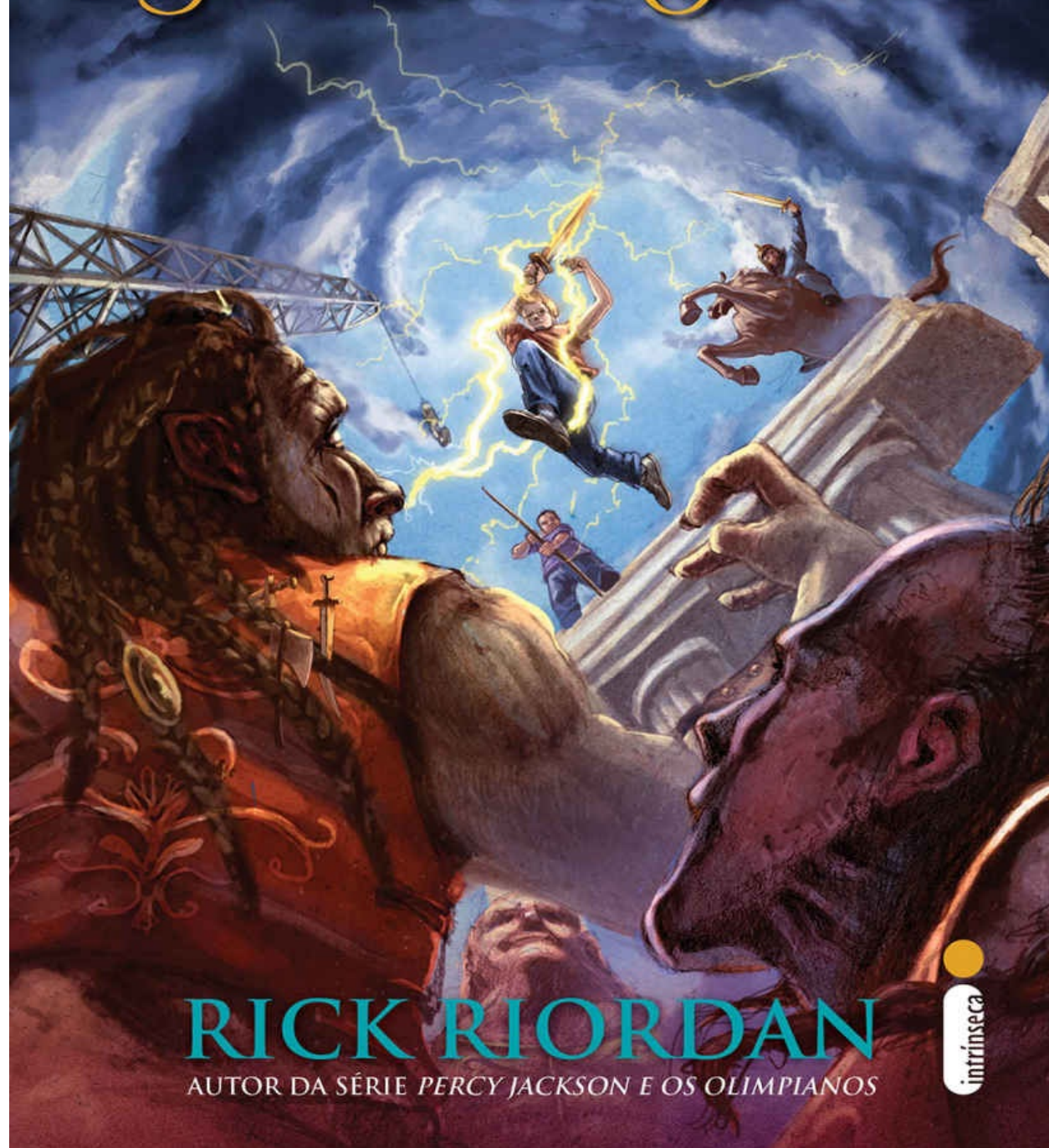
Zeus deus grego do céu; rei dos deuses. Forma romana: Júpiter

OS HERÓIS



DO OLIMPO

O SANGUE DO OLIMPO



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*



RICK RIORDAN

O SANGUE DO OLIMPO

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO CINCO

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright © 2014 by Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Blood of Olympus REVISÃO

Carolina Rodrigues

Eduardo Carneiro ARTE DE CAPA

Joann Hill ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© 2014 John Rocco ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca *Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para meus maravilhosos leitores.
Perdão pelas desculpas por aquele último suspense na história.
Vou tentar evitar suspenses neste livro.
Bem, talvez eu mantenha alguns...
Porque eu amo vocês.*

*Sete meios-sangues responderão ao chamado.
Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado.
Um juramento a manter com um alento final,
E inimigos com armas às Portas da Morte afinal.*

I

JASON

JASON DETESTAVA SER VELHO.

Suas juntas doíam. Suas pernas tremiam. Enquanto ele tentava subir a colina, seus pulmões chiavam como um motor velho.

Ele não podia ver o próprio rosto, mas os dedos estavam retorcidos e ossudos. Veias azuis e inchadas formavam teias nas costas de suas mãos.

Ele tinha até aquele cheiro de velho: naftalina e canja de galinha. Como isso era possível? Ele tinha ido dos dezesseis aos setenta anos em questão de segundos, mas o cheiro de velho chegara em um instante, tipo *bum*. Parabéns! Você fede!

— Estamos quase lá. — Piper sorriu para ele. — Você está indo muito bem.

Era fácil falar. Piper e Annabeth estavam disfarçadas de lindas jovens criadas gregas. Mesmo com o vestido branco sem mangas e as sandálias estilo gladiador, elas não tinham problemas em seguir pela trilha rochosa.

O cabelo cor de mogno de Piper estava trançado e preso em um coque. Braceletes de prata enfeitavam seus braços. Ela parecia uma estátua antiga de sua mãe, Afrodite, que Jason achava um pouco intimidadora.

Namorar uma garota bonita já era bem estressante. Namorar uma garota que era filha da deusa do amor... Bem, Jason sempre ficava com medo de cometer algum deslize que deixasse a mãe de Piper com raiva a ponto de, do alto do Monte Olimpo, transformá-lo em um porco selvagem.

Jason olhou para o alto da colina. Ainda faltavam uns cem metros até o cume.

— Isso foi uma péssima ideia. — Ele se apoiou no tronco de um cedro e enxugou o suor da testa. — A magia de Hazel é boa demais. Se precisarmos lutar, não vou servir para nada.

— Não vai chegar a esse ponto — prometeu Annabeth.

Ela parecia desconfortável em seu traje de criada. Não parava de levantar os ombros para evitar que o vestido escorregasse. O coque no alto de sua cabeça tinha se desfeito, e seu cabelo louro caía por suas costas como compridas pernas de aranha. Sabendo de seu ódio pelos aracnídeos, Jason achou melhor não comentar isso.

— Vamos nos infiltrar no palácio — disse ela —, conseguir a informação que queremos e cair fora.

Piper pôs no chão sua ânfora, o grande jarro de vinho de cerâmica em que sua espada estava escondida.

— Podemos descansar um segundo. Recupere o fôlego, Jason.

Sua cornucópia, o chifre mágico da fartura, estava presa à cintura; sua adaga, Katoptris, enfiada em algum lugar entre as dobras de sua roupa. Piper não parecia perigosa, mas, em caso de necessidade, poderia lutar com duas lâminas de bronze celestial ou atirar mangas maduras na cara de seus inimigos.

Annabeth tirou sua ânfora dos ombros. Ela também levava uma espada escondida; mas, mesmo sem ter uma arma visível, parecia mortal. Seus olhos cinzentos e tempestuosos examinavam o local, alertas a qualquer ameaça. Se algum sujeito convidasse Annabeth para sair, Jason achava mais provável que levasse um chute no *bifurcum*.

Ele tentou controlar a respiração.

Lá embaixo, a Baía de Afales brilhava, a água tão azul que parecia tingida de corante. Lá estava o *Argo II*, ancorado a algumas centenas de metros da orla. De longe, suas velas brancas pareciam selos; seus noventa remos, palitos de dente. Jason imaginou os amigos no convés acompanhando seu progresso, se revezando com a luneta de Leo, tentando não rir ao ver o vovô Jason se arrastando colina acima.

— Ítaca idiota — murmurou ele.

Aquele lugar devia ser muito bonito. Havia uma serra com picos cobertos de florestas que serpenteava pelo meio da ilha. Penhascos de calcário mergulhavam no mar. Pequenas baías formavam praias rochosas e enseadas onde casas de telhados vermelhos e igrejas de estuque branco se aninhavam à beira-mar.

As encostas eram pontilhadas de papoulas, açafão e cerejeiras silvestres. A brisa tinha o cheiro de murtas em flor. Tudo muito lindo... exceto a temperatura de quase quarenta graus e o ar úmido como o de uma casa de banho romana.

Teria sido fácil para Jason controlar os ventos e subir a colina voando, mas *nãããã*. Para evitar chamar atenção, tinha que se arrastar como um velho com joelhos fracos e fedor de canja de galinha.

Ele pensou sobre sua última escalada, duas semanas antes, quando ele e Hazel tinham enfrentado o vilão Círon nos penhascos da Croácia. Pelo menos na época

Jason contava com toda a sua força. O que estavam prestes a enfrentar seria muito pior que um bandido.

— Tem certeza de que esta é a colina certa? — perguntou ele. — Parece tudo meio... não sei... *quieto*.

Piper observou o cume. Havia uma pena de harpia azul-clara trançada em seu cabelo, uma lembrança do ataque da noite anterior. A pena não combinava muito com seu disfarce, mas Piper a havia conquistado ao derrotar sozinha um bando inteiro de senhoras-galinhas demoníacas durante seu turno de guarda. Piper minimizara o feito, mas Jason sabia que ela estava orgulhosa do que fizera. A pena era um lembrete de que ela não era a mesma garota do inverno anterior, quando eles chegaram pela primeira vez ao Acampamento Meio-Sangue.

— As ruínas estão lá em cima. Eu vi na lâmina da Katoptris. E vocês ouviram o que Hazel disse: “A maior...”

— “A maior reunião de espíritos malignos que eu já senti” — completou Jason. — É. Parece bem legal.

Depois de tudo por que tinham passado para atravessar o templo subterrâneo de Hades, a última coisa que Jason queria era lidar com mais espíritos malignos. Mas a missão estava em risco. A tripulação do *Argo II* precisava tomar uma decisão muito importante. Se tomassem a decisão errada, iriam fracassar, e o mundo inteiro seria destruído.

A adaga de Piper, os sentidos mágicos de Hazel e os instintos de Annabeth concordavam: a resposta estava ali em Ítaca, no antigo palácio de Odisseu, onde uma horda de espíritos malignos tinha se reunido para aguardar as ordens de Gaia. O plano era se infiltrar entre eles, descobrir o que estava acontecendo e decidir o que fariam a seguir. Depois sair dali, de preferência vivos.

Annabeth reajustou seu cinto dourado.

— Espero que nossos disfarces funcionem. Os pretendentes eram figuras asquerosas quando estavam vivos. Se descobrirem que somos semideuses...

— A magia de Hazel vai funcionar — afirmou Piper.

Jason tentava acreditar.

Os pretendentes: cem dos homens mais perversos, cruéis e gananciosos que já existiram. Quando Odisseu, rei de Ítaca, desapareceu após a Guerra de Troia, esse bando de príncipes de segunda classe invadiu seu palácio e se recusou a sair. Todos eles tinham esperanças de se casar com a rainha Penélope e assumir o reino. Odisseu conseguiu regressar em segredo e matar todos eles — uma festa básica de boas-vindas. Mas, se as visões de Piper estivessem certas, os pretendentes estavam de volta, assombrando o palácio onde haviam morrido.

Jason não podia acreditar que estava prestes a visitar o verdadeiro palácio de Odisseu, um dos heróis gregos mais famosos de todos os tempos. Mas, afinal,

toda aquela missão consistia em um acontecimento extraordinário atrás do outro. Annabeth tinha acabado de voltar das profundezas do Tártaro. Levando isso em conta, Jason achou que deveria parar de reclamar por ser um velho.

— Bem... — Ele se firmou com seu cajado. — Se eu estiver *parecendo* tão velho quanto me sinto, meu disfarce deve estar perfeito. Vamos continuar.

Enquanto subiam, o suor escorria por seu pescoço. Suas panturrilhas latejavam. Apesar do calor, ele começou a tremer. E por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar em seus sonhos recentes.

Desde a Casa de Hades, os sonhos haviam se tornado mais vívidos.

Às vezes Jason estava parado no templo subterrâneo em Épiro, com o gigante Clítio assomando sobre ele, falando em um coral de vozes: *Foi preciso todos vocês juntos para me derrotar. O que farão quando a Mãe Terra despertar?*

Outras vezes Jason estava no cume da Colina Meio-Sangue e Gaia se erguia do solo, uma figura formada por um turbilhão de terra, folhas e pedras.

Pobre criança. A voz dela ressoava ao longe, fazendo trepidar o chão. *Seu pai é o primeiro entre os deuses, mas mesmo assim você está sempre em segundo lugar — em relação aos seus camaradas romanos, aos seus amigos gregos e até mesmo em sua família. Como pretende provar seu valor?*

Seu pior sonho começava no pátio da Casa dos Lobos, em Sonoma. Juno estava parada diante dele, reluzindo com o brilho de prata derretida.

Você me pertence, trovejou a voz da deusa. *Um presente de Zeus.*

Jason sabia que não deveria olhar, mas não conseguia fechar os olhos enquanto Juno virava uma supernova, revelando sua verdadeira forma divina. A dor cauterizava a mente de Jason. Seu corpo ia se desintegrando em camadas, como se fosse uma cebola.

A cena mudava. Jason ainda estava na Casa dos Lobos, mas era um garotinho de no máximo dois anos. Havia uma mulher ajoelhada a sua frente e um perfume de limão familiar. Seus traços eram indefinidos, mas ele reconhecia sua voz: clara e delicada, como a mais fina camada de gelo sobre um riacho.

Vou voltar para buscar você, querido, dizia ela. *Logo, logo estaremos juntos.*

Sempre que Jason despertava desse pesadelo, seu rosto estava coberto de suor. E lágrimas ardiam em seus olhos.

Nico di Angelo tinha avisado: a Casa de Hades iria fazê-los reviver suas piores lembranças, os faria ver e ouvir coisas do passado. Seus fantasmas ficariam inquietos.

Jason tinha esperado que aquele fantasma em especial permanecesse escondido, mas a cada noite o sonho ficava pior. Agora ele estava subindo até as ruínas de um palácio onde um exército de fantasmas havia se reunido.

Isso não significa que ela estará lá, disse Jason a si mesmo. Mas suas mãos

não paravam de tremer. Cada passo parecia mais difícil que o anterior.

— Estamos quase lá — disse Annabeth. — Vamos...

BUM! A encosta tremeu. Em algum lugar além do cume, uma multidão comemorou, como espectadores em um coliseu. O som fez a pele de Jason se arrepiar. Não fazia muito tempo que ele havia lutado pela própria vida em um coliseu romano diante de uma empolgada plateia fantasmagórica. Ele não tinha a menor vontade de repetir a experiência.

— O que foi essa explosão?

— Não sei — disse Piper. — Mas parece que eles estão se divertindo. Vamos lá fazer amizade com alguns mortos.

II

JASON

NATURALMENTE, A SITUAÇÃO ERA PIOR do que Jason havia esperado.

Do contrário, não teria graça.

Espiando através de oliveiras, no alto da colina, ele viu o que parecia uma festa muito louca de uma fraternidade de zumbis.

As ruínas em si não eram muito impressionantes: alguns muros de pedra, um pátio interno coberto de mato, uma escadaria escavada na rocha e que não levava a lugar algum. Tábuas de compensado cobriam um poço e um andaime de metal sustentava um arco com uma rachadura.

Mas sobreposta às ruínas havia outra camada de realidade: uma miragem espectral do palácio tal como devia ter sido em seu auge. Paredes brancas de estuque, com sacadas em toda a sua extensão, erguiam-se a uma altura equivalente a três andares. Pórticos com colunas cercavam o átrio central, que tinha uma fonte enorme e braseiros de bronze. Em doze mesas de banquete, *ghouls* riam, comiam e provocavam uns aos outros.

Jason esperava cerca de cem espíritos, mas havia o dobro ali, todos dando em cima das criadas espectrais que serviam às mesas, quebrando pratos e taças e basicamente fazendo uma grande bagunça.

A maioria se parecia com os Lares do Acampamento Júpiter — espectros transparentes roxos, de túnica e sandálias —, mas alguns tinham corpos em decomposição com carne cinzenta, chumaços emaranhados de cabelo e feridas horríveis. Outros pareciam mortais comuns, em togas, ternos bem-cortados ou uniformes militares. Jason chegou a ver um vestindo a camiseta roxa do Acampamento Júpiter e uma armadura de legionário romano.

No centro do átrio, um *ghoul* de pele cinza vestindo uma túnica grega esfarrapada desfilava pelo grupo segurando um busto de mármore acima da

cabeça como se fosse o troféu de uma competição esportiva. Os outros fantasmas aplaudiam e lhe davam tapinhas nas costas. À medida que o *ghoul* se aproximava, Jason percebeu que ele tinha uma flecha na garganta — a haste com penas projetava-se de seu pomo de adão. Havia algo ainda mais perturbador: o busto que ele carregava... aquele era *Zeus*?

Era difícil ter certeza. A maioria das estátuas de deuses gregos era parecida. Mas o rosto barbado e rabugento lembrava demais o Zeus hippie gigante do chalé 1 do Acampamento Meio-Sangue.

— Nossa próxima oferenda! — gritou o *ghoul*, sua voz saindo aguda por causa da flecha em sua garganta. — Vamos alimentar a Mãe Terra!

Os outros gritaram e bateram suas taças na mesa. O *ghoul* abriu caminho até a fonte central. A multidão lhe deu passagem, e Jason percebeu que a fonte não estava cheia de água. Do pedestal de um metro de altura jorrava para o alto um gêiser de areia, que se abria em arco e caía como uma cortina de partículas brancas na base circular.

O *ghoul* jogou o busto de mármore na fonte. Assim que a cabeça de Zeus atravessou a ducha de areia, a rocha se desintegrou como se estivesse passando por um triturador. A areia brilhou como ouro, a cor do icor, o sangue divino. Então a montanha inteira trovejou com um *BUM* abafado, como se estivesse arrotando após uma refeição.

Os mortos vibraram em aprovação.

— Sobrou alguma estátua? — gritou o *ghoul* para os outros. — Não? Então acho que vamos ter que esperar chegarem deuses *de verdade* para sacrificarmos!

Seus camaradas riram e aplaudiram enquanto o *ghoul* se sentava à mesa à mais próxima.

Jason apertou seu cajado.

— Esse cara acabou de desintegrar meu pai. Quem ele *pensa* que é?

— Se eu fosse chutar, diria que é Antínoo — disse Annabeth. — Um dos líderes dos pretendentes. Se me lembro bem, foi Odisseu quem acertou aquela flecha no pescoço dele.

Piper estremeceu.

— E a gente achando que esse tipo de coisa mata. E os outros? Por que são tantos?

— Não sei — admitiu Annabeth. — Talvez sejam novos recrutas de Gaia. Devem ter conseguido voltar à vida antes que fechássemos as Portas da Morte. Alguns são apenas espíritos.

— Alguns são *ghouls* — disse Jason. — Os que têm feridas abertas e pele cinzenta, como Antínoo... Já lutei contra outros como ele.

Piper deu um leve puxão em sua pena de harpia.

— Eles podem ser mortos?

Jason se lembrou de uma missão que ele tinha cumprido para o Acampamento Júpiter anos antes, em San Bernardino.

— Não com facilidade. Eles são fortes, rápidos e inteligentes. E comem carne humana.

— Fantástico — murmurou Annabeth. — Não vejo opção além de seguirmos o plano. Vamos nos separar, nos infiltrar e descobrir por que eles estão aqui. Se as coisas não correrem bem...

— Recorremos ao plano B — completou Piper.

Jason odiava o plano B.

Antes de deixarem o barco, Leo tinha dado a cada um deles um sinalizador do tamanho de uma vela de aniversário. Supostamente, se os jogassem para cima, os sinalizadores subiriam no ar em um fecho de luz branca que alertaria o *Argo II* de que o grupo estava com problemas. Naquele instante, Jason e as garotas teriam alguns segundos para se abrigar antes que as catapultas do navio abrissem fogo sobre o palácio, envolvendo tudo em fogo grego e estilhaços de bronze celestial.

Não era um plano muito tranquilo, mas pelo menos Jason sentia satisfação em saber que podia convocar um ataque aéreo sobre aquele grupinho de mortos barulhentos se a situação ficasse complicada. Claro, isso se os três conseguissem escapar a tempo. E supondo que as velas do juízo final de Leo não disparassem acidentalmente — isso às vezes acontecia com as invenções dele —, o que faria o clima esquentar bastante, com noventa por cento de risco de um apocalipse calcinante.

— Cuidado lá embaixo — disse ele a Piper e Annabeth.

Piper seguiu pelo lado esquerdo do cume. Annabeth foi pelo direito. Jason se levantou com seu cajado e saiu mancando na direção das ruínas.

*

Ele se lembrou da última vez em que mergulhara em uma multidão de espíritos malignos, na Casa de Hades. Se não tivesse sido por Frank Zhang e Nico di Angelo...

Pelos deuses... *Nico*.

Durante os últimos dias, sempre que Jason sacrificava uma porção de sua refeição para Júpiter, rezava ao pai para que ajudasse Nico. Aquele garoto tinha passado por muita coisa, e mesmo assim se oferecera para o trabalho mais

difícil: transportar a Atena Partenos até o Acampamento Meio-Sangue. Se ele não conseguisse, os semideuses romanos e gregos entrariam em guerra. Aí, independentemente do que acontecesse na Grécia, o *Argo II* não teria um lar para o qual voltar.

Jason passou pelo fantasmagórico pórtico do palácio. Percebeu bem a tempo que uma seção do piso de mosaico à sua frente era apenas uma ilusão que cobria um poço de escavação de três metros de profundidade. Ele desviou e chegou ao pátio.

Os dois níveis de realidade lhe lembravam a fortaleza dos titãs no Monte Otris, um labirinto de mármore negro com paredes que se transformavam aleatoriamente em sombras para então se solidificarem outra vez. Mas durante aquela luta Jason estava com cem legionários. Agora, tudo o que tinha era o corpo de um velho, um cajado e duas amigas em vestidos provocantes.

Quinze metros à frente dele, Piper se movia em meio à multidão, sorrindo e enchendo taças de vinho para os convivas fantasmagóricos. Se ela estava com medo, não demonstrava. Até aquele momento, os fantasmas não estavam prestando muita atenção nela. A magia de Hazel devia estar funcionando.

À direita dele, Annabeth recolhia pratos e taças vazios. Ela não estava sorrindo.

Jason se lembrou da conversa que tivera com Percy antes de deixar o navio.

Percy permanecera no *Argo II* para protegê-los de ameaças vindas do mar, mas não tinha gostado da ideia de Annabeth participar daquela expedição sem ele, ainda mais porque seria a primeira vez que iriam se separar desde que tinham voltado do Tártaro.

Ele tinha puxado Jason para um canto.

— Ei, cara... Annabeth ia me matar se eu sugerisse que ela precisa da proteção de alguém.

Jason rira.

— É, ia mesmo.

— Mas tome conta dela, está bem?

Jason apertara o ombro do amigo.

— Vou cuidar para que ela volte sã e salva para você.

Jason agora se perguntava se conseguiria manter essa promessa.

Ele se aproximou da multidão.

Uma voz rouca gritou:

— IRO! — Antínoo, o *ghoul* com a flecha na garganta, olhava diretamente para ele. — É você, seu mendigo velho?

A magia de Hazel estava fazendo seu trabalho. Uma brisa fria ondulou pelo rosto de Jason conforme a Névoa alterava sutilmente sua aparência, mostrando

aos pretendentes o que eles esperavam ver.

— Eu mesmo! — disse Jason. — Iro!

Doze fantasmas se viraram para ele. Alguns fecharam a cara e levaram a mão ao cabo de suas roxas e reluzentes espadas. Só então Jason se perguntou se Iro era inimigo deles, mas agora ele já havia assumido o papel.

Ele avançou com dificuldade, fazendo sua melhor expressão de velho mal-humorado.

— Acho que estou atrasado para a festa. Espero que tenham guardado um pouco de comida para mim.

Um dos fantasmas olhou para ele com desprezo.

— Mendigo ingrato. Posso matá-lo, Antínoo?

Os músculos do pescoço de Jason se retesaram.

Antínoo olhou para ele por alguns segundos, depois riu.

— Hoje estou de bom humor. Venha, Iro, junte-se a nós.

Jason não tinha muita escolha. Sentou-se de frente para Antínoo, enquanto mais fantasmas se aglomeravam ao redor deles, observando-os como se esperassem ver uma disputa bem violenta de queda de braço.

De perto, os olhos de Antínoo eram amarelos. Seus lábios, finos como papel, se abriam sobre dentes afiados. De início, Jason achou que o cabelo negro encaracolado do *ghoul* estava se decompondo. Então percebeu que um fluxo permanente de terra escorria do couro cabeludo de Antínoo, caindo sobre seus ombros. Placas de lama enchiam feridas antigas na pele cinzenta do *ghoul*. Mais terra escorria da base da ferida de flecha em sua garganta.

O poder de Gaia, pensou Jason. A terra é o que está mantendo esse cara em pé.

Antínoo colocou uma taça dourada e um prato cheio de comida na frente de Jason.

— Eu não esperava vê-lo aqui, Iro. Mas até um mendigo pode querer sua vingança. Beba. Coma.

Um líquido vermelho espesso balançava no interior da taça. No prato havia um pedaço fumegante de carne de origem duvidosa.

O estômago de Jason se embrulhou. Mesmo que a comida dos *ghouls* não o matasse, sua namorada vegetariana ficaria um mês sem beijá-lo.

Ele se lembrou do que Noto, o Vento Sul, lhe dissera: *Um vento que sopra à toa não serve para nada.*

Toda a carreira de Jason no Acampamento Júpiter tinha sido construída com base em escolhas cuidadosas. Ele mediava brigas entre semideuses, ouvia todos os lados de uma discussão, firmava acordos. Até quando contrariava as tradições romanas, pensava antes de agir. Não era do tipo impulsivo.

Noto o avisara que essa hesitação acabaria por matá-lo. Jason tinha que parar de ponderar e começar a tomar atitudes.

Se ele era um mendigo ingrato, tinha que *agir* como um.

Ele arrancou um naco de carne com os dedos e o enfiou na boca. Bebeu avidamente o líquido vermelho, que felizmente tinha sabor de vinho aguado, não era sangue nem veneno. Jason lutou contra a ânsia de vômito, mas não morreu nem explodiu.

— Hummm! — Ele esfregou a boca. — Agora me contem sobre essa... como vocês chamaram mesmo? Vingança? Onde eu me inscrevo?

Os fantasmas riram. Um lhe deu um empurrão no ombro, e Jason ficou alarmado por poder realmente *senti-lo*.

No Acampamento Júpiter, Lares não tinham substância física. Aparentemente, aqueles espíritos *tinham*, o que significava mais inimigos que podiam golpeá-lo, esfaqueá-lo ou decapitá-lo.

Antínoo debruçou-se para a frente.

— Conte-me, Iro, o que você tem a oferecer? Não precisamos mais de você para enviar nossas mensagens, como nos velhos tempos. Com certeza você não é um guerreiro. Pelo que me lembro, Odisseu quebrou seu maxilar e o jogou no chiqueiro junto com os porcos.

Os neurônios de Jason se incendiaram. *Iro...* o velho que levava mensagens para os pretendentes em troca de restos de comida. Iro tinha sido uma espécie de sem-teto de estimação. Quando Odisseu voltou para casa, disfarçado de mendigo, Iro achou que ele estava invadindo seu território. Os dois começaram a discutir...

— Você fez Iro... — Jason hesitou. — Você *me* fez lutar contra Odisseu. Apostou dinheiro nisso. Mesmo quando Odisseu tirou a camisa e você viu como ele era musculoso... mesmo assim você me fez lutar com ele. Não se importava se eu ia viver ou morrer!

Antínoo exibiu os dentes pontudos.

— É claro que eu não me importava. E continuo sem me importar! Mas você está aqui, então Gaia deve ter tido uma razão para permitir que você voltasse ao mundo mortal. Conte-me, Iro, por que acha que merece uma parte de nosso espólio?

— Que espólio?

Antínoo abriu os braços.

— O mundo inteiro, meu amigo. Quando nos conhecemos, queríamos apenas as terras, o dinheiro e a esposa de Odisseu.

— Principalmente a esposa dele! — Um fantasma careca vestindo roupas esfarrapadas cutucou Jason nas costelas com o cotovelo. — Aquela Penélope era

muito gostosa, um piteuzinho!

Jason viu Piper servindo bebidas na mesa ao lado. Ela levou discretamente o dedo à boca, como se fosse vomitar, depois voltou a flertar com os homens mortos.

Antínoo soltou um riso de escárnio.

— Eurímaco, seu covarde chorão. Você não tinha a *menor* chance com Penélope. Eu me lembro de você se debulhando em lágrimas e implorando a Odisseu por sua vida, botando a culpa de tudo em mim!

— Como se isso tivesse ajudado. — Eurímaco levantou a camisa esfarrapada, revelando um buraco espectral de uns três centímetros de diâmetro no meio do peito. — Odisseu me acertou no coração, só porque eu queria me casar com a mulher dele!

— De qualquer modo... — Antínoo se virou para Jason — ...agora estamos visando a um prêmio muito maior. Quando Gaia destruir os deuses, vamos dividir entre nós os restos do mundo mortal!

— Eu quero Londres! — berrou um *ghoul* sentado à mesa ao lado.

— Montreal! — gritou outro.

— Duluth! — berrou um terceiro, o que interrompeu a conversa por um momento, pois os fantasmas olhavam confusos para ele.

A carne e o vinho se transformaram em chumbo no estômago de Jason.

— E o resto desses... convidados? Conte pelo menos duzentos. Metade deles eu não reconheço.

Os olhos amarelos de Antínoo brilharam.

— Todos desejam os favores de Gaia. Todos têm reclamações e ressentimentos contra os deuses ou seus heróis de estimação. Aquele patife ali é Hípias, antigo tirano de Atenas. Foi deposto e se aliou com os persas para atacar o próprio povo. Não tem nenhum princípio moral. Faria qualquer coisa por poder.

— Obrigado! — retrucou Hípias.

— Aquele canalha com a coxa de peru na boca — prosseguiu Antínoo — é Asdrúbal de Cartago. Ele tem contas a acertar com Roma.

— Aham — concordou o cartaginês.

— E Michael Varus...

Jason engasgou.

— Quem?

Do outro lado da fonte de areia, o cara de cabelo negro com camiseta e armadura de legionário se virou a fim de olhar para eles. Seus traços estavam borrados, esfumaçados e indefinidos, então Jason achou que ele fosse algum tipo de espírito, mas a tatuagem da legião em seu antebraço era bem nítida: SPQR, a

cabeça com duas faces do deus Jano e seis marcas por anos de serviço. Sobre o peitoral pendiam a medalha de pretor e o emblema da Quinta Coorte.

Jason não chegara a conhecer Michael Varus; o pretor infame havia morrido nos anos oitenta. Mesmo assim, Jason se arrepiou todo quando seu olhar cruzou com o de Varus. Aqueles olhos sombrios pareciam penetrar pelo disfarce de Jason.

Antínoo fez um gesto desdenhoso.

— É um semideus romano. Perdeu a águia de sua legião no... Alasca, não foi? Não importa. Gaia deixa que ele fique por aqui. O garoto insiste em dizer que sabe como derrotar o Acampamento Júpiter. Mas você, Iro, ainda não respondeu a minha pergunta. Por que devemos aceitá-lo em nosso grupo?

Os olhos mortos de Varus tinham deixado Jason nervoso. Ele podia sentir a Névoa se dissipando a sua volta, como consequência de sua incerteza.

De repente, Annabeth surgiu junto ao ombro de Antínoo.

— Mais vinho, meu senhor? Ops!

Ela derramou o conteúdo de um jarro de prata na nuca dele.

— Argh! — O *ghoul* arqueou as costas. — Garota tola! Quem a deixou voltar do Tártaro?

— Um titã, meu senhor. — Annabeth baixou a cabeça em um gesto de desculpas. — Posso lhe trazer algumas toalhas úmidas? Sua flecha está pingando.

— Suma daqui!

Annabeth encarou Jason, em uma mensagem silenciosa de apoio, e em seguida desapareceu na multidão.

O *ghoul* se secou, o que deu a Jason a oportunidade de organizar seus pensamentos.

Ele era Iro... ex-mensageiro dos pretendentes. Por que deveria estar ali? Por que eles deveriam recebê-lo?

Jason pegou a faca mais próxima e a fincou na mesa, dando um susto nos fantasmas a sua volta.

— Por que devem me aceitar? — resmungou ele. — Porque eu ainda levo mensagens, suas criaturas estúpidas! Acabei de vir da Casa de Hades para ver o que vocês estão tramando!

Essa última parte era verdade, e pareceu fazer Antínoo hesitar. O *ghoul* olhou para ele, o vinho ainda escorrendo da haste da flecha cravada em sua garganta.

— Quer que eu acredite que Gaia mandou logo você, um mendigo, para nos espionar?

Jason riu.

— Eu fui um dos últimos a deixar Épiro antes que as Portas da Morte se

fechassem! Vi a sala onde Clítio mantinha guarda sob um teto abobadado revestido de lápides. Caminhei pelo chão de joias e ossos do *Necromanteion*!

Isso também era verdade. Em torno da mesa, os fantasmas se agitaram e murmuraram.

— Então, Antínoo... — Jason cutucou o *ghoul* com o indicador. — Talvez você devesse me explicar por que é digno dos favores de Gaia. Tudo o que vejo é um bando de gente morta preguiçosa que não faz nada além de se divertir, sem ajudar no esforço de guerra. O que devo dizer à Mãe Terra?

Pelo canto do olho, Jason viu Piper abrir um sorriso de aprovação. Depois ela voltou sua atenção para um sujeito grego roxo reluzente que tentava fazê-la sentar em seu colo.

Antínoo segurou a faca que Jason cravara na mesa. Ele a arrancou e observou a lâmina.

— Se você é enviado de Gaia, deve saber que estamos aqui cumprindo ordens. Fomos mandados por Porfírión. — Antínoo passou a faca na palma da própria mão. Em vez de sangue, escorreu terra do corte. — Você conhece Porfírión, não?

Jason lutou para manter a náusea sob controle. Ele se lembrava muito bem de Porfírión e da batalha na Casa dos Lobos.

— O rei dos gigantes... pele verde, mais de dez metros de altura, olhos brancos, armas trançadas nos cabelos. É claro que eu o conheço. Ele impressiona muito mais que você.

Ele achou melhor não mencionar que na última vez que vira o rei dos gigantes, arrebentara sua cabeça com um raio.

Pela primeira vez Antínoo pareceu não saber o que dizer, mas seu amigo fantasma careca passou o braço ao redor dos ombros de Jason.

— Ora, ora, amigo! — Eurímaco cheirava a vinho azedo e a fios elétricos queimados. Seu toque fantasmagórico fez as costelas de Jason formigarem. — Tenha certeza de que não era nossa intenção questionar suas credenciais! É só que, bem, se você falou com Porfírión em Atenas, *sabe* por que estamos aqui. Garanto que estamos fazendo exatamente o que ele mandou!

Jason tentou esconder a surpresa. *Porfírión em Atenas.*

Gaia prometera acabar com os deuses destruindo suas raízes. Para Quíron, mentor de Jason no Acampamento Meio-Sangue, isso significava que os gigantes iriam tentar despertá-la da terra no Monte Olimpo original. Mas agora...

— A Acrópole — disse Jason. — Os mais antigos templos dedicados aos deuses ficam lá, no meio de Atenas. É onde Gaia vai despertar.

— É claro! — disse Eurímaco, rindo. A ferida em seu peito soltou um estalo, como o respiradouro de um golfinho. — E, para chegar lá, aqueles semideuses

intrometidos vão ter que viajar pelo mar, certo? Eles sabem que é perigoso voar sobre a terra.

— O que significa que vão ter que passar por esta ilha — concluiu Jason.

Eurímaco assentiu com ansiedade. Ele tirou o braço dos ombros de Jason e enfiou o dedo em sua taça de vinho.

— Nesse momento, eles terão que fazer uma escolha, certo?

Em cima da mesa, o fantasma traçou a linha de uma costa, o vinho tinto brilhando de forma destacada sobre a madeira. Ele desenhou a Grécia como uma ampulheta deformada — uma bolha grande e tremida para a parte norte do continente, depois outra bolha abaixo, quase do mesmo tamanho, para a região conhecida como Peloponeso. As duas eram divididas por uma linha estreita de mar, o Canal de Corinto.

Jason não precisava do desenho. Ele e o restante da tripulação haviam passado o dia anterior estudando mapas.

— A rota mais direta — disse Eurímaco — seria rumar para o leste a partir daqui, pelo Canal de Corinto. Mas se eles tentarem ir por lá...

— Chega — interrompeu Antínoo. — Você fala demais, Eurímaco.

O fantasma fez um ar de ofendido.

— Eu não ia contar tudo a ele! Só sobre os exércitos de ciclopes estacionados nas duas margens. E os espíritos da tempestade furiosos no ar. E aqueles monstros marinhos terríveis que Ceto mandou para infestar as águas. E, é claro, se o navio conseguir chegar a Delfos...

— Idiota!

Antínoo se esticou por cima da mesa e agarrou o pulso do fantasma. Uma crosta fina de terra se espalhou a partir da mão do *ghoul* e subiu pelo braço spectral de Eurímaco.

— Não! — exclamou Eurímaco. — Por favor! Eu... eu só queria...

O fantasma gritava enquanto a terra cobria seu corpo como uma carapaça, que depois se despedaçou, não deixando nada além de um montinho de poeira. Eurímaco havia desaparecido.

Antínoo se recostou em seu assento e esfregou as mãos para limpá-las. Os outros pretendentes à mesa o observavam em um silêncio apreensivo.

— Desculpe, Iro. — O *ghoul* deu um sorriso frio. — O que você precisa saber é que os caminhos para Atenas estão bem protegidos, como prometemos. Os semideuses terão que se arriscar no canal, que é intransponível, ou navegar em torno do Peloponeso, o que também não é lá muito seguro. De qualquer modo, é improvável que eles sobrevivam por tempo suficiente para *fazer* essa escolha. Assim que chegarem a Ítaca, nós saberemos. Vamos detê-los aqui, e Gaia vai ver nosso valor. Pode levar essa mensagem de volta para Atenas.

O coração de Jason martelava no peito. Ele nunca havia visto nada como a carapaça de terra que Antínoo invocara para destruir Eurímaco. E não queria descobrir se aquele poder funcionava em semideuses.

Além disso, o *ghoul* parecia confiante em sua capacidade de detectar o *Argo II*. A magia de Hazel estava, pelo visto, escondendo o navio, mas não havia como dizer quanto tempo isso ia durar.

Jason tinha a informação que eles haviam ido buscar. O objetivo era chegarem a Atenas. A rota mais segura, ou pelo menos a rota menos impossível, era dar a volta pela costa sul da Grécia. Era dia vinte de julho. Eles só tinham doze dias até o planejado despertar de Gaia: em primeiro de agosto, no antigo Banquete da Esperança.

Jason e as garotas precisavam partir enquanto tinham chance.

Havia, porém, mais alguma coisa que o incomodava, uma sensação gelada de mau pressentimento, como se ele ainda não tivesse ouvido as piores notícias.

Eurímaco mencionara Delfos. Jason tinha a esperança de visitar o antigo local do oráculo de Apolo e talvez conseguir alguma informação sobre seu futuro, mas se o lugar fora tomado por monstros...

Ele empurrou o prato de comida fria para o lado.

— Parece que está tudo sob controle aqui. Para o seu bem, Antínoo, espero que esteja mesmo. Esses semideuses são muito sagazes. Eles fecharam as Portas da Morte. Não íamos querer que eles passassem despercebidos por vocês, talvez com a ajuda de Delfos.

Antínoo gargalhou.

— Não tem como. Delfos não está mais sob o controle de Apolo.

— E-eu entendo. Mas e se os semideuses fizerem o caminho mais longo e derem a volta no Peloponeso?

— Você se preocupa demais. Essa viagem *nunca* foi segura para semideuses, e é muito longa. Além disso, Vitória está fora de controle em Olímpia. Enquanto isso continuar, não há como os semideuses vencerem esta guerra.

Jason também não entendeu o que ele queria dizer com isso, mas assentiu.

— Muito bom. Vou relatar tudo ao rei Porfíron. Obrigado pela... hum, pela refeição.

Mas Michael Varus, junto à fonte, disse:

— Espere.

Jason engoliu um palavrão. Ele estava tentando ignorar o pretor morto, mas naquele momento Varus se aproximou, envolto por uma aura branca enevoadada. Seus olhos sombrios pareciam poços. Ele trazia pendurado na cintura um gládio de ouro imperial.

— Você precisa ficar — disse Varus.

Antínoo lançou um olhar irritado para o fantasma.

— Qual o problema, legionário? Se Iro quer ir embora, deixe que vá. Ele fede!

Os outros fantasmas deram risadas nervosas. Do outro lado do pátio, Piper olhou preocupada para Jason. Um pouco mais longe, Annabeth discretamente pegou uma faca da travessa de carne mais próxima.

Varus levou a mão ao cabo de sua espada. Apesar do calor, seu peitoral estava coberto de gelo.

— Perdi minha coorte *duas vezes* no Alasca, uma vez em vida, uma na morte para um *graecus* chamado Percy Jackson. Mesmo assim, vim aqui atender ao chamado de Gaia. Sabe por quê?

Jason engoliu em seco.

— Teimosia?

— Este é um lugar de desejos — disse Varus. — Todos nós fomos atraídos para cá, sustentados não só pelo poder de Gaia, mas também pelos nossos maiores anseios. A ambição de Eurímaco. A crueldade de Antínoo...

— Você me lisonjeia — murmurou o *ghoul*.

— O ódio de Asdrúbal — prosseguiu Varus. — A amargura de Hípias. Minha ambição. E você, *Iro*? O que o trouxe até aqui? O que um mendigo mais deseja? Seria uma casa?

Um formigamento desconfortável surgiu na nuca de Jason, a mesma sensação que ele tinha quando uma grande tempestade elétrica estava prestes a começar.

— Eu preciso ir — disse ele. — Tenho mensagens para entregar.

Michael Varus sacou a espada.

— Meu pai é Jano, o deus de duas faces. Estou acostumado a ver através de máscaras e ilusões. Sabe, Iro, por que temos tanta certeza de que os semideuses não vão passar por nossa ilha sem serem notados?

Jason repassou mentalmente todo o seu repertório de palavras em latim. Tentou calcular quanto tempo levaria para pegar seu sinalizador de emergência e dispará-lo. Com sorte, conseguiria ganhar tempo suficiente para que as garotas encontrassem abrigo antes que aquele bando de caras mortos o matasse.

Ele se virou para Antínoo.

— Você está no comando aqui ou não? Talvez deva amordaçar seu romano.

O *ghoul* respirou fundo. A flecha vibrou em sua garganta.

— Ah, mas isso pode ser divertido. Continue, Varus.

O pretor morto levantou a espada.

— Nossos desejos nos revelam. Eles mostram quem realmente somos. Alguém está aqui por sua causa, Jason Grace.

A multidão atrás de Varus se afastou. O fantasma tremeluzente de uma mulher se aproximou, e Jason achou que seus ossos estavam virando gelatina.

— Querido — disse o fantasma de sua mãe. — Você voltou para casa.

III

JASON

DE ALGUM MODO ELE A conhecia. Reconheceu seu vestido — um vestido transpassado florido, todo em verde e vermelho, como toalhas de ceia de Natal. Ele reconheceu os braceletes de plástico coloridos em seus pulsos, que se afundaram nas costas de Jason quando ela o abraçara para se despedir na Casa dos Lobos. Reconheceu seu cabelo, os cachos pintados de louro e o penteado volumoso, e seu aroma de limão e laquê.

Os olhos eram azuis como os de Jason, mas brilhavam com uma luz refratada estranha, como se ela tivesse acabado de sair de um abrigo após uma guerra nuclear — avidamente em busca de detalhes familiares em um mundo mudado.

— Querido.

Ela estendeu os braços.

O restante do mundo desapareceu. Os fantasmas e *ghouls* não importavam mais.

O disfarce de Névoa se esvaiu. Ele voltou a ter uma postura ereta. As juntas pararam de doer. O cajado se transformou novamente em um gládio de ouro imperial.

A sensação de queimação não parou. Ele sentia como se camadas de sua vida estivessem sendo queimadas, seus meses no Acampamento Meio-Sangue, seus anos no Acampamento Júpiter. Ele era novamente um garotinho de dois anos assustado e vulnerável. Até a cicatriz em seu lábio, de quando ele tentara comer um grampeador quando bebê, doía como uma ferida recente.

— Mãe?

— Sim, querido. — A imagem dela tremeluzia. — Venha. Venha me dar um abraço.

— Você... você não é real.

— É claro que ela é real. — A voz de Michael Varus soava distante. — Você acha que Gaia ia deixar um espírito tão importante se deteriorar no Mundo Inferior? É sua mãe, Beryl Grace, estrela da tevê, namorada do rei do Olimpo, que a rejeitou não apenas uma, mas duas vezes, tanto sob o aspecto romano quanto o grego. Ela merece justiça tanto quanto qualquer um de nós.

O coração de Jason vacilou. Os pretendentes se aglomeravam a sua volta, assistindo a tudo.

Sou a diversão deles, percebeu Jason. Os fantasmas provavelmente achavam aquilo ainda mais interessante do que dois mendigos brigando até a morte.

A voz de Piper surgiu em meio ao zunido em sua cabeça:

— Jason, olhe para mim.

Ela se encontrava a pouco mais de cinco metros de distância, segurando sua ânfora de cerâmica. Não estava mais sorrindo. Seu olhar era duro e autoritário, tão impossível de ignorar quanto a pena azul de harpia em seu cabelo.

— Essa não é sua mãe. A voz dela está lançando alguma magia sobre você, como o charme, só que mais perigoso. Não está sentindo?

— Ela tem razão. — Annabeth subiu na mesa mais próxima e chutou uma travessa, chamando a atenção de uma dezena de fantasmas. — Jason, isso é só um resquício da sua mãe, como uma *ara*, talvez, ou...

— Um resquício! — O fantasma de Beryl Grace começou a chorar. — Sim, veja a que eu me reduzi. É tudo culpa de Júpiter. Ele nos abandonou. Ele não me ajudou! Eu não queria deixá-lo em Sonoma, querido, mas Juno e Júpiter não me deram escolha. Eles não iam permitir que ficássemos juntos. Por que lutar por eles agora? Junte-se aos pretendentes. Lidere-os. Podemos voltar a ser uma família!

Jason sentia centenas de olhos sobre si.

Essa é a história da minha vida, pensou Jason com amargura. Todo mundo sempre o observando, esperando que ele os liderasse. Desde o momento em que chegara ao Acampamento Júpiter, os semideuses romanos o trataram como um príncipe. Apesar de suas tentativas de alterar seu destino, se juntar à pior coorte, tentar mudar as tradições do acampamento, assumir as missões menos glamorosas e fazer amizade com os semideuses menos populares, ainda assim ele se tornara pretor. Como filho de Júpiter, seu futuro tinha sido garantido.

Ele se lembrou do que Hércules lhe dissera no Estreito de Gibraltar: *Não é fácil ser filho de Zeus. É muita pressão. Isso pode fazer um cara surtar.*

Agora Jason estava ali, tenso como a corda de um arco.

— Você me abandonou — disse ele à mãe. — Isso não foi Júpiter nem Juno. Foi você.

Beryl Grace deu um passo à frente. As rugas de preocupação em torno de seus

olhos e a rigidez aflitiva em sua boca lembraram a Jason sua irmã, Thalia.

— Querido, eu disse que ia voltar. Foram minhas últimas palavras para você. Não se lembra?

Jason estremeceu. Nas ruínas da Casa dos Lobos, sua mãe o havia abraçado pela última vez, sorrindo, mas com os olhos cheios de lágrimas.

Está tudo bem, garantira ela. Mas mesmo muito pequeno Jason soubera que nada estava bem. Espere aqui. Vou voltar para buscar você. Logo, logo estaremos juntos.

Ela não voltou. Em vez disso, Jason ficou andando sem rumo pelas ruínas, chorando, sozinho, chamando pela mãe e por Thalia, até que os lobos foram buscá-lo.

A promessa não cumprida de sua mãe estava no âmago de quem ele era. Jason construíra toda a sua vida em torno da inflamação gerada por aquelas palavras, como o grão de areia no centro de uma pérola.

As pessoas mentem. Promessas são quebradas.

Era por essa razão, por mais que isso o aborrecesse, que Jason seguia as regras. Ele cumpria suas promessas. Não desejava abandonar ninguém, repetir o que haviam feito a ele: mentido e o abandonado.

Agora sua mãe estava de volta, apagando a única certeza que Jason tinha sobre ela: que havia partido para sempre.

Do outro lado da mesa, Antínoo ergueu sua taça.

— É um grande prazer conhecê-lo, filho de Júpiter. Escute sua mãe. Os deuses cometeram muitas injustiças contra você. Por que não se junta a nós? Imagino que essas duas criadas sejam suas amigas. Vamos poupá-las. Quer que sua mãe permaneça neste mundo? Podemos fazer isso. Você deseja ser um rei...

— Não. — A mente de Jason girava. — Não, meu lugar não é com vocês.

Michael Varus o encarou com olhos frios.

— Tem certeza, meu colega pretor? Mesmo que derrote os gigantes e Gaia, você voltaria para casa, como fez Odisseu? Onde é seu lar agora? Com os gregos? Com os romanos? Ninguém vai aceitá-lo. E, se você conseguir voltar, quem garante que não vai encontrar ruínas como estas?

Jason observou o pátio do palácio. Sem as varandas e colunatas, não havia nada além de uma pilha de pedras no alto de uma montanha estéril. Só a fonte parecia real, jorrando areia como um lembrete do poder ilimitado de Gaia.

— Você era um oficial da legião — disse ele a Varus. — Um líder de Roma.

— Você também era — retrucou Varus. — Nossas lealdades mudam.

— Você acha que eu pertença a este grupo? — perguntou Jason. — Um bando de perdedores mortos esperando alguma esmola de Gaia e choramingando que o mundo deve alguma coisa a eles?

Por todo o pátio, fantasmas e *ghouls* ficaram de pé e sacaram suas armas.

— Cuidado! — berrou Piper para a multidão. — Os homens neste palácio são seus inimigos. Cada um deles os esfaquearia pelas costas na primeira oportunidade!

Nas semanas anteriores, o charme de Piper tinha ficado ainda mais poderoso. Ela agora tinha falado a verdade, e a multidão acreditava. Todos olharam de soslaio uns para os outros, as mãos ainda no cabo de suas espadas.

A mãe de Jason se aproximou dele.

— Querido, pense bem. Desista da missão. O *Argo II* nunca vai conseguir fazer a viagem até Atenas. E mesmo que consiga, há o problema da Atena Partenos.

Seu corpo estremeceu.

— O que quer dizer com isso?

— Não finja ignorância, querido. Gaia sabe sobre sua amiga Reyna, sobre o filho de Hades, Nico, e o sátiro Hedge. Para matá-los, a Mãe Terra enviou seu filho mais perigoso: o caçador que nunca descansa. Mas você não precisa morrer.

Os *ghouls* e fantasmas se aproximaram, todos os duzentos encarando Jason com expectativa, como se ele fosse puxar um coro do hino nacional a qualquer momento.

O caçador que nunca descansa.

Jason não sabia quem era esse caçador, mas precisava alertar Reyna e Nico.

Ou seja: tinha que sair dali vivo.

Ele olhou para Annabeth e Piper. As duas estavam prontas, à espera de seu sinal.

Ele se obrigou a encarar os olhos da mãe. Ela parecia a mesma mulher que o havia abandonado nas florestas de Sonoma catorze anos antes. Mas Jason não era mais uma criancinha. Era um veterano de guerra, um semideus que tinha enfrentado a morte inúmeras vezes.

E o que ele viu diante de si não era sua mãe, pelo menos não o que ela *era*: amorosa, carinhosa, protetora.

Um resquício, foi como Annabeth a chamou.

Michael Varus dissera que os espíritos ali eram sustentados pelos seus maiores desejos. O espírito de Beryl Grace literalmente *brilhava* de necessidade. Os olhos dela imploravam pela atenção de Jason. Ela estendeu os braços, desesperada para possuí-lo.

— O que você quer? — perguntou ele. — O que a trouxe até aqui?

— Eu quero viver! — exclamou ela. — Juventude! Beleza! Seu pai poderia ter me tornado imortal. Poderia ter me levado para o Olimpo, mas me

abandonou. Você pode consertar isso, Jason. Você é meu valente guerreiro!

O aroma de limão amargou, como se ela estivesse começando a queimar.

Jason se lembrou de uma coisa que Thalia dissera: que a mãe deles fora ficando cada vez mais instável, até que seu desespero a levava à loucura. Ela havia morrido em um acidente de carro por dirigir embriagada.

O vinho aguado no estômago de Jason se revirou. Ele decidiu que, se sobrevivesse àquele dia, nunca mais beberia álcool de novo.

— Você é uma *mania* — concluiu Jason. A palavra lhe vinha à mente de seus estudos no Acampamento Júpiter, muito tempo antes. — Um espírito da insanidade. Você foi reduzida a isso.

— Sim — concordou Beryl Grace. A imagem dela cintilou através de um espectro de cores. — Me abraça, filho. Sou tudo o que restou a você.

A voz do Vento Sul surgiu em sua mente: *Você não pode controlar a sua ascendência, mas pode escolher sua herança.*

Jason sentiu como se estivesse sendo remontado, uma camada de cada vez. Seu coração se acalmou. O frio deixou seus ossos. Sua pele se aqueceu ao sol da tarde.

— Não — declarou ele, e olhou para Annabeth e Piper. — Minhas lealdades não mudaram. Minha família apenas aumentou. Sou filho da Grécia e de Roma. — Ele encarou a mãe pela última vez. — Não sou seu filho.

Ele fez um sinal antigo para afastar o mal, três dedos partindo do coração, ao que o fantasma de Beryl Grace desapareceu com um chiado suave, como um suspiro de alívio.

O *ghoul* Antínoo jogou sua taça para o lado, avaliando Jason com uma expressão de nojo preguiçoso.

— Bem... — disse ele. — Acho que está na hora de matar vocês.

Os inimigos se aproximaram por todos os lados.

IV

JASON

E ESTAVA INDO TUDO MUITO bem, até ele ser apunhalado.

Jason desenhou um grande arco com sua espada, vaporizando os pretendentes mais próximos, depois pulou para cima da mesa e dali saltou sobre a cabeça de Antínoo. Em pleno ar, desejou que sua espada se transformasse em uma lança, um truque que nunca havia tentado com aquela arma mas que por algum motivo ele sabia que iria funcionar.

Caiu de pé com um *pilum* de quase dois metros de comprimento nas mãos. Quando Antínoo se virou para enfrentá-lo, Jason enfiou a ponta de ouro imperial no peito do *ghoul*.

Antínoo olhou para baixo sem poder acreditar.

— Você...

— Divirta-se nos Campos de Punição.

Quando Jason puxou o *pilum*, Antínoo se desfez em terra. Jason então continuou a lutar, girando sua lança, fazendo-a atravessar fantasmas, derrubando *ghouls*.

Do outro lado do pátio, Annabeth lutava como um demônio. Sua espada de osso de drakon cortava e derrubava qualquer pretendente burro o bastante para enfrentá-la.

Perto da fonte de areia, Piper também havia sacado sua espada, a lâmina denteada de bronze celestial que ela roubara do Boreada Zetes. Ela golpeava e se defendia com a mão direita e de vez em quando atirava tomates da cornucópia com a esquerda, gritando para os pretendentes:

— Salvem-se! Eu sou perigosa demais!

Isso devia ser exatamente o que eles queriam ouvir, porque todos saíram correndo para logo depois pararem, confusos, alguns metros morro abaixo, e

voltarem para a luta.

O tirano grego Hípias avançou sobre Piper com sua adaga erguida, mas ela o acertou em cheio no peito com uma bela carne assada. Ele caiu de costas na fonte e gritou enquanto se desintegrava.

Uma flecha foi zunindo na direção do rosto de Jason. Ele a desviou com um sopro de vento, depois atravessou uma linha de *ghouls* armados com espadas e percebeu uma dezena de pretendentes se reagrupando perto da fonte para atacar Annabeth. Ele levantou a lança para o céu. Um raio ricocheteou da ponta e explodiu os fantasmas em íons, deixando uma cratera fumegante onde antes ficava a fonte.

Durante os últimos meses, Jason tinha lutado muitas batalhas, mas havia se esquecido de como era se sentir *bem* durante o combate. Claro que ele ainda tinha medo, mas um peso enorme fora tirado de seus ombros. Pela primeira vez desde que acordara no Arizona sem suas lembranças, Jason se sentia *completo*. Ele sabia quem era. Escolhera sua família, e ela nada tinha a ver com Beryl Grace nem mesmo com Júpiter. Incluía todos os semideuses que lutavam ao seu lado, romanos e gregos, amigos novos e velhos. Ele não ia deixar ninguém destruir sua família.

Jason invocou os ventos e arremessou três *ghouls* encosta abaixo como se fossem bonecos de pano. Ele perfurou um quarto, depois desejou que a arma encolhesse e se transformasse outra vez em espada e golpeou através de outro grupo de espíritos.

De repente, não havia mais inimigos. Os fantasmas remanescentes começaram a desaparecer sozinhos. Annabeth acertou Asdrúbal, o cartaginês, e Jason cometeu o erro de embainhar sua espada.

Uma dor queimou na base de suas costas, tão forte e gelada que ele achou que a deusa da neve, Quione, o havia tocado.

Perto de seu ouvido, Michael Varus disse com raiva:

— Nasceu como romano, morra como romano.

A ponta de uma espada de ouro surgia pela frente da camisa de Jason, logo abaixo de suas costelas.

Jason caiu de joelhos. O grito de Piper parecia soar a quilômetros de distância. Ele sentiu como se tivesse sido mergulhado em água salgada: o corpo sem peso, a cabeça balançando.

Piper correu em sua direção. Ele viu como que anestesiado a espada dela passar por cima de sua cabeça e atravessar a armadura de Michael Varus com um som metálico.

Uma brisa fria balançou o cabelo de Jason. Pó caiu a sua volta, e um capacete vazio de legionário rolou sobre as pedras. O semideus do mal estava acabado,

mas tinha deixado uma última impressão antes de partir.

— Jason!

Piper o segurou pelos ombros quando ele começou a tombar para o lado. Ele soltou um gemido de dor quando ela puxou a espada de suas costas. Então ela o deitou no chão e apoiou sua cabeça em uma pedra.

Annabeth vinha correndo para perto deles. Ela tinha um corte feio na lateral do pescoço.

— Pelos deuses. — Annabeth não tirava os olhos da ferida na barriga de Jason. — Ah, meus deuses.

— Obrigado — disse Jason, com a voz fraca. — Eu estava com medo de que a coisa fosse feia.

Os braços e pernas dele começaram a formigar enquanto seu corpo entrava em “modo crise”, concentrando o sangue em seu tronco. A dor era entorpecente, o que o surpreendeu, mas sua camisa estava ensopada de sangue. A ferida fumegava. Ele tinha quase certeza de que ferimentos de espada não soltavam fumaça.

— Você vai ficar bem. — Piper pronunciou as palavras como se fosse uma ordem. Seu tom de voz normalizou a respiração dele. — Annabeth, ambrosia!

A garota pareceu despertar de seu torpor.

— É. É. Eu tenho.

Annabeth abriu sua bolsa de suprimentos e desembulhou um pedaço do alimento dos deuses.

— Precisamos estancar o sangramento.

Piper usou a adaga para cortar um pedaço da barra de seu vestido. Ela rasgou o tecido e fez ataduras. Jason se perguntou vagamente onde ela tinha aprendido tanto sobre primeiros socorros. Ela envolveu os ferimentos nas costas e na barriga de Jason enquanto Annabeth botava pedacinhos de ambrosia na boca dele.

Os dedos de Annabeth tremiam. Depois de tudo pelo que havia passado, Jason achava estranho que ela fosse surtar naquele momento, quando Piper parecia tão calma. Então ele entendeu: Annabeth podia *se dar ao luxo* de ficar preocupada com ele. Piper, não. Ela estava completamente concentrada em salvá-lo.

Annabeth deu outro pedaço de ambrosia para ele comer.

— Jason, eu... eu sinto muito. Pela sua mãe. Mas o jeito como você lidou com a situação... foi tão corajoso.

Jason tentava não fechar os olhos. Sempre que fazia isso, via o espírito da mãe se desintegrando.

— Não era ela — disse ele. — Pelo menos, nenhuma parte dela que eu pudesse salvar. Não havia escolha.

Annabeth respirou fundo, abalada.

— Nenhuma escolha *certa*, talvez, mas... Um amigo meu, Luke. A mãe dele... teve um problema parecido. Ele não lidou tão bem com a situação.

A voz dela estava embargada. Jason não conhecia muito do passado de Annabeth, mas Piper olhou preocupada para ela.

— Já fiz o que podia pelo ferimento — disse Piper. — Mas ainda está sangrando. E não entendo o porquê da fumaça.

— Ouro imperial — disse Annabeth, com a voz trêmula. — É mortal para semideuses. É só questão de tempo até que...

— Ele vai ficar bem — insistiu Piper. — Precisamos levá-lo de volta ao navio.

— Não me sinto tão mal — disse Jason. E era verdade. A ambrosia tinha clareado seus pensamentos. O calor aos poucos voltava para seus membros. — Talvez eu possa voar...

Ele se sentou. Sua visão ganhou um tom pálido de verde.

— Ou talvez não...

Piper o segurou pelos ombros quando ele ameaçou tombar.

— Eita, espertinho. Precisamos entrar em contato com o *Argo II* e conseguir ajuda.

— Você não me chama de espertinho faz muito tempo.

Piper o beijou na testa.

— Fique comigo que ofendo você quanto quiser.

Annabeth examinou as ruínas. A realidade mágica tinha desaparecido, deixando apenas paredes destruídas e poços de escavação.

— Podíamos usar os sinalizadores de emergência, mas...

— Não — disse Jason. — Leo iria destruir o cume da montanha com fogo grego. Talvez se vocês duas me ajudarem, eu consiga andar...

— De jeito nenhum — opôs-se Piper. — Ia levar tempo demais. — Ela abriu a bolsa presa a seu cinto e tirou de lá um espelhinho. — Annabeth, você sabe código Morse?

— É claro.

— Leo também. — Piper entregou o espelho a ela. — Ele estará vendo do navio. Vá até o cume...

— E saio piscando para ele! — Annabeth corou. — Não era bem isso o que eu queria dizer. Mas entendi a ideia.

Ela correu até a extremidade das ruínas.

Piper pegou um frasquinho de néctar e o ofereceu a Jason.

— Agente firme. Você *não* vai morrer por causa de uma apunhaladinha qualquer.

Jason conseguiu dar um leve sorriso.

— Pelo menos dessa vez não foi na cabeça. Fiquei consciente durante a luta inteira.

— Você derrotou, tipo, uns duzentos inimigos — disse Piper. — Isso foi *assustadoramente* fantástico.

— Vocês ajudaram.

— Pode ser, mas... Ei, não durma...

A cabeça de Jason começou a cair para a frente. As rachaduras nas pedras ficaram mais nítidas.

— Estou um pouco tonto — murmurou ele.

— Tome mais néctar — ordenou Piper. — Está gostoso?

— Está. Está, sim.

Na verdade, o néctar estava com gosto de serragem líquida. Desde a Casa de Hades, quando ele renunciara à sua pretoria, a ambrosia e o néctar não tinham mais o gosto de seus pratos favoritos do Acampamento Júpiter. Era como se a lembrança de sua velha casa não tivesse mais o poder de curá-lo.

Nasceu como romano, morra como romano, dissera Michael Varus.

Ele olhou para a fumaça que subia do curativo. Tinha coisas piores com que se preocupar do que perda de sangue. Annabeth estava certa sobre o ouro imperial. Aquilo era mortal tanto para semideuses quanto para monstros. A ferida de Varus faria o possível para drenar a força vital de Jason.

Ele já vira um semideus morrer daquela forma antes. Não tinha sido rápido nem bonito.

Não posso morrer, disse para si mesmo. *Meus amigos dependem de mim*.

As palavras de Antínoo ecoavam em seus ouvidos: sobre os gigantes em Atenas, a viagem impossível que aguardava o *Argo II*, o caçador misterioso que Gaia enviara para interceptar a Atena Partenos.

— Reyna, Nico e o treinador Hedge estão em perigo — disse ele. — Precisamos avisá-los.

— Vamos cuidar disso quando voltarmos para o barco — prometeu Piper. — O que você tem que fazer agora é descansar. — O tom de voz dela era leve e confiante, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Além disso, eles são um grupo cascudo. Vão ficar bem.

Jason torceu para que ela estivesse certa. Reyna havia arriscado muito para ajudá-los. O treinador Hedge às vezes era chato, mas tinha sido um protetor leal para toda a tripulação. E Nico... Jason estava especialmente preocupado com ele.

Piper passou o polegar pela cicatriz no lábio dele.

— Quando a guerra terminar... vai dar tudo certo para Nico. Você já está ajudando como pode sendo amigo dele.

Jason não sabia bem o que dizer. Ele não havia contado nada a Piper sobre sua conversa com Nico. Tinha guardado o segredo de Di Angelo.

Mesmo assim... Piper parecia sentir que algo estava errado. Como filha de Afrodite, talvez ela conseguisse perceber quando alguém estava sofrendo por amor. Mas ela não tinha forçado Jason a falar sobre o assunto. Ele gostou disso.

Outra onda de dor; Jason fez uma careta.

— Concentre-se em minha voz. — Piper beijou sua testa. — Pense em alguma coisa boa. Bolo de aniversário no parque em Roma...

— Aquilo foi bom.

— No inverno passado — sugeriu ela —, a guerra de marshmallows em volta da fogueira.

— Eu venci.

— Você ficou com marshmallows no cabelo por dias!

— Mentira.

A mente de Jason viajou para épocas melhores.

Ele só queria ficar ali, conversando com Piper, segurando a mão dela, sem se preocupar com gigantes, Gaia ou a loucura de sua mãe.

Jason sabia que eles tinham que voltar direto para o navio. Ele estava muito mal. Eles tinham a informação que tinham ido buscar. Mas, deitado ali nas pedras frias, Jason sentiu que eles estavam se esquecendo de alguma coisa. A história dos pretendentes e da rainha Penélope... seus pensamentos sobre família... seus sonhos recentes. Tudo isso girava em sua cabeça. Havia algo mais naquele lugar... alguma coisa que ele não percebera.

Annabeth voltou mancando da beira da colina.

— Você está ferida? — perguntou Jason a ela.

Annabeth olhou para o tornozelo.

— Tudo bem. Só uma fratura antiga de quando eu estava nas cavernas romanas. Às vezes, quando estou estressada... Isso não é importante. Avisei Leo. Frank vai mudar de forma, voar até aqui e levar você de volta ao navio. Preciso fazer uma maca para mantê-lo estável.

Jason teve uma visão aterrorizante de si mesmo em uma rede balançando entre as garras de Frank, a águia gigante, mas achou que aquilo era melhor que morrer.

Annabeth começou a trabalhar. Recolheu restos deixados para trás pelos pretendentes (um cinto de couro, uma túnica rasgada, tiras de sandálias, uma manta vermelha e algumas hastes de lança quebradas). As mãos dela trabalhavam rapidamente com esse material, rasgando, tecendo, amarrando e trançando.

— Como você está fazendo isso? — perguntou Jason, impressionado.

— Apreendi durante minha missão no subterrâneo de Roma. — Annabeth não

tirava os olhos do trabalho. — Nunca tive razão para aprender tecelagem antes, mas é útil para certas coisas, como escapar de aranhas...

Ela deu um nó no último pedaço de couro e *voilà*: uma maca grande o suficiente para Jason, que podia ser carregada pelas hastes das lanças e com amarras de segurança no centro.

Piper deu um assovio de aprovação.

— Na próxima vez que eu precisar ajustar um vestido, vou pedir sua ajuda.

— Cale a boca, McLean — disse Annabeth, mas seus olhos brilhavam de satisfação. — Agora vamos colocá-lo com cuidado...

— Esperem — interrompeu Jason.

O coração dele batia acelerado. Ver Annabeth tecer o leito improvisado fizera Jason se lembrar da história de Penélope, que havia resistido aos avanços dos pretendentes por vinte anos enquanto aguardava a volta do marido, Odisseu.

— Uma cama — disse Jason. — Havia uma cama especial neste palácio.

Piper pareceu preocupada.

— Jason, você perdeu muito sangue.

— Não estou delirando — insistiu ele. — O leito nupcial era sagrado. Se houvesse *algum* lugar onde você pudesse conversar com Juno... — Ele respirou fundo e chamou: — Juno!

Silêncio.

Talvez Piper tivesse razão. Ele não estava pensando com clareza.

Então, a cerca de dois metros de distância, o chão rachou. Ramos abriram caminho através da terra, crescendo a uma velocidade espantosa até que uma oliveira adulta surgiu no pátio. Sob um dossel de folhas verde-acinzentadas estava uma mulher de vestido branco, com um manto de pele de cabra jogado sobre os ombros. Na ponta de seu bastão havia uma flor de lótus branca. A expressão dela era tranquila e nobre.

— Meus heróis — disse a deusa.

— Hera — falou Piper.

— Juno — corrigiu Jason.

— Tanto faz — resmungou Annabeth. — O que está fazendo aqui, Sua Majestade bovina?

Os olhos de Juno cintilaram perigosamente.

— Annabeth Chase. Simpática como sempre.

— É, bem... — disse Annabeth. — Acabei de voltar do *Tártaro*, então minhas maneiras estão um pouco enferrujadas, ainda mais quando falo com deusas que apagaram a memória do meu namorado, o fizeram desaparecer por meses e depois...

— Sério, criança. Vai começar com isso outra vez?

— Não era para você estar sofrendo de dupla personalidade? — perguntou Annabeth. — Quer dizer... mais que o normal?

— Calma — interveio Jason. Ele tinha muitas razões para odiar Juno, mas havia outros problemas com que se preocupar. — Juno, precisamos de sua ajuda. Nós...

Jason tentou sentar, mas se arrependeu imediatamente. Suas entranhas pareciam estar sendo revolvidas por um garfo de espaguete gigante.

Piper impediu que ele caísse.

— Depois pensamos nisso — disse ela. — Jason está ferido. Cure-o!

A deusa franziu as sobrancelhas. Sua forma tremeluziu, vacilante.

— Há coisas que nem os deuses podem curar — disse ela. — Essa ferida atinge tanto a alma quanto o corpo. Você tem que lutar contra ela, Jason Grace... Você *precisa* sobreviver.

— É, valeu — disse ele, com a boca seca. — Estou tentando.

— O que quer dizer com isso? A ferida atingiu a alma dele? — perguntou Piper. — Por que você não pode...

— Meus heróis, temos pouco tempo juntos — disse Juno. — Estou grata por terem me chamado. Passei semanas em estado de dor e confusão... meus aspectos grego e romano lutando um contra o outro. Pior, fui obrigada a me esconder de Júpiter, que está furioso sem razão e procurando por mim, pois acredita que *eu* provoquei essa guerra com Gaia.

— Nossa — disse Annabeth, irônica. — Por que ele acharia isso?

Juno olhou irritada para ela.

— Felizmente este local é sagrado para mim. Ao expulsar aqueles fantasmas, vocês o purificaram e me deram um momento de clareza. Poderei conversar com vocês, mesmo que por pouco tempo.

— Por que este lugar é sagrado? — Piper arregalou os olhos. — Ah, o leito nupcial!

— Leito nupcial? Onde? — perguntou Annabeth. — Não estou vendo nenhum...

— A cama de Penélope e Odisseu — explicou Piper. — Um dos pés da cama era o tronco de uma oliveira viva, para que ela nunca pudesse ser movida.

— É verdade. — Juno passou a mão pelo tronco da oliveira. — Um leito nupcial imóvel. Que símbolo lindo! Como Penélope, a mais fiel das esposas, resistindo, dispensando cem pretendentes arrogantes por anos porque sabia que o marido ia voltar. Odisseu e Penélope... o epítome do casamento perfeito!

Mesmo atordoado, Jason se lembrava muito bem de histórias sobre Odisseu se encantando por outras mulheres durante suas viagens, mas resolveu não tocar no assunto.

— A senhora pode pelo menos nos aconselhar? — perguntou ele. — Nos dizer o que fazer?

— Deem a volta no Peloponeso — respondeu a deusa. — Como já devem desconfiar, é a única rota possível. Quando estiverem a caminho, procurem a deusa da vitória em Olímpia. Ela está fora de controle. A menos que consigam detê-la, as diferenças entre gregos e romanos jamais serão resolvidas.

— Está falando de Nice? — perguntou Annabeth. — Como assim, ela está fora de controle?

Um trovão ribombou no céu, fazendo a montanha tremer.

— Explicar ia demorar demais — disse Juno. — Preciso ir antes que Júpiter me encontre. Quando eu partir, não vou poder ajudar vocês de novo.

Jason segurou uma resposta atravessada: *E quando você ajudou a gente?*

— O que mais precisamos saber? — perguntou ele.

— Como souberam, os gigantes se reuniram em Atenas. Alguns deuses vão poder ajudar vocês em sua viagem, mas eu não sou a única olimpiana que não está nas graças de Júpiter. Os gêmeos também são vítimas de sua ira.

— Ártemis e Apolo? — perguntou Piper. — Por quê?

A imagem de Juno começou a desaparecer.

— Se alcançarem a ilha de Delos, eles podem estar ávidos em ajudá-los. Estão desesperados o suficiente para tentar o que for para consertar as coisas. Agora, vão. Talvez tornemos a nos encontrar em Atenas, se vocês conseguirem chegar lá. Senão...

A deusa desapareceu, ou talvez os olhos de Jason tenham simplesmente falhado. A dor o tomava por inteiro. Sua cabeça pendeu para trás. Ele viu uma águia gigante voando em círculos no céu. Então tudo ficou negro, e Jason não viu mais nada.

V

REYNA

MERGULHAR DE CABEÇA EM UM vulcão *não* estava na lista de tarefas de Reyna para aquele dia.

Ela se encontrava a mil e quinhentos metros de altura quando avistou pela primeira vez o sul da Itália. A leste, acompanhando a meia-lua do Golfo de Nápoles, as luzes das cidades adormecidas cintilavam na escuridão que antecedia o amanhecer. A trezentos metros abaixo de Reyna, uma caldeira de quase um quilômetro de diâmetro bocejava no alto de uma montanha, uma coluna de vapor branco subindo de sua boca escancarada.

A desorientação levou um momento para se dissipar. As viagens nas sombras sempre a deixavam tonta e enjoada, como se ela tivesse sido retirada das águas geladas de um frigidário e levada direto para a sauna de uma casa de banhos romana.

Só então ela se deu conta de que estava suspensa em pleno ar. A gravidade entrou em ação, e ela começou a cair.

— Nico! — gritou Reyna.

— Pelas flautas de Pã! — exclamou Gleeson Hedge.

Nico se sacudia todo a ponto de quase se soltar de Reyna.

— Uááááááá! — fez ele.

Mas ela o segurou firme.

Reyna pegou o treinador Hedge pelo colarinho da camisa quando o impulso da queda começou a levá-lo para longe. Se eles se separassem naquele momento, estariam mortos.

Os três despencavam a toda, direto para o vulcão. Atrás deles vinha a maior bagagem que traziam: a Atena Partenos de doze metros de altura, presa por correias às costas de Nico como um paraquedas nem um pouco eficiente.

— Vejam lá embaixo, o Vesúvio! — gritou Reyna, mais alto que o ruído do

vento. — Nico, nos transporte daqui!

Os olhos dele estavam arregalados e desfocados de pavor. Seu cabelo negro bagunçado estapeava todo o seu rosto como um corvo surgido do nada no céu.

— Eu... eu não consigo! Não tenho força!

O treinador Hedge gritou:

— Saiba de uma coisa, garoto: bodes não voam! Então tire a gente daqui ou vamos virar omelete de Atena Partenos!

Reyna tentou pensar. Ela podia aceitar a morte se necessário, mas, se a Atena Partenos fosse destruída, seria o fracasso da missão. Isso ela *não podia* aceitar.

— Nico, faça a viagem — ordenou ela. — Eu empresto minha força a você.

Ele a olhou sem entender.

— Como...?

— *Agora!*

Ela apertou a mão dele com ainda mais força. O símbolo de Belona tatuado em seu antebraço ficou dolorosamente quente, como se estivesse sendo marcado em sua pele naquele momento.

Nico arfou. A cor voltou ao seu rosto. Quando estavam prestes a alcançar a coluna de vapor que se erguia do vulcão, mergulharam nas sombras.

O ar ficou gélido. O ruído do vento foi substituído por uma cacofonia de vozes sussurrando em mil línguas. Reyna sentiu como se suas entranhas fossem uma raspadinha doce: xarope de fruta sobre gelo triturado, sua sobremesa preferida quando era criança em Viejo San Juan.

Por que aquela lembrança tinha ressurgido justo naquele momento, quando estava à beira da morte? Então sua visão clareou: seus pés estavam firmes no chão.

O céu a leste tinha começado a clarear. Por um instante Reyna achou que estivesse de volta a Nova Roma: colunas dóricas circundavam um átrio do tamanho de um campo de beisebol; à frente dela, um fauno de bronze erguia-se no meio de uma fonte d'água rebaixada e decorada com mosaicos.

Delicadas murtas e roseiras floresciam em um jardim ali perto. Palmeiras e pinheiros projetavam-se em direção ao céu. Caminhos calçados com pedras levavam dali do pátio em várias direções; vias retas e regulares de boa construção romana, ao longo das quais se viam casas baixas de pedra com pórticos sustentados por colunatas.

Reyna se virou. Atrás dela estava a Atena Partenos, intacta e imponente e enorme, como um enfeite de jardim ridiculamente grande. O pequeno fauno de bronze na fonte tinha os dois braços levantados e estava de frente para Atena, de forma que parecia estar recuando de medo dos recém-chegados.

O Monte Vesúvio assomava no horizonte, uma forma escura e encurvada

como um corcunda, agora a quilômetros de distância. Colunas espessas de vapor subiam do cume.

— Estamos em Pompeia — reconheceu Reyna.

— Hum, isso não é bom... — disse Nico, para logo em seguida desmaiar.

— Epa! — exclamou o treinador Hedge, pegando-o antes que ele caísse no chão.

O sátiro então o colocou apoiado nos pés de Atena e soltou as correias que prendiam o menino à estátua.

Reyna também sentia as pernas bambas. Já esperava alguma reação adversa. Acontecia sempre que ela transmitia força. Mas ela não imaginava que Nico di Angelo carregasse uma angústia assim tão brutal. Reyna se sentou pesadamente, mal conseguindo se manter consciente.

Pelos deuses de Roma. Se aquilo era apenas uma parte da dor de Nico... como ele conseguia suportar?

Ela tentou recuperar o fôlego enquanto o treinador Hedge verificava suas provisões. As pedras rachavam em torno das botas de Nico. A escuridão parecia irradiar dele como uma rajada de tinta, como se o corpo de Nico estivesse tentando expelir todas as sombras através das quais ele tinha viajado.

No dia anterior tinha sido pior: um campo inteiro murchando, esqueletos se erguendo da terra. Reyna não fazia a menor questão de que aquilo tornasse a acontecer.

— Beba alguma coisa.

Ela ofereceu a Nico um cantil de poção de unicórnio: pó de chifre com água santificada do Pequeno Tibre. Havia descoberto que a mistura funcionava com Nico melhor que néctar, ajudando a limpar a fadiga e a escuridão de seu organismo com menos risco de combustão espontânea.

Nico bebeu com avidez. Ainda parecia péssimo. Sua pele tinha uma coloração azulada, suas bochechas estavam encovadas. Preso ao cinto do menino, o cetro de Diocleciano brilhava em um furioso roxo, como um hematoma radioativo.

Ele olhou para Reyna intrigado.

— Como você fez isso... essa onda de energia?

Reyna virou o antebraço. A tatuagem ainda queimava como cera quente: o símbolo de Belona, SPQR, com quatro linhas por seus anos de serviço.

— Não gosto de falar sobre isso. Mas é um poder que vem da minha mãe. Posso transmitir parte da minha força, compartilhá-la.

O treinador Hedge ergueu os olhos de sua mochila.

— Sério? E por que não fez isso comigo, garota romana? Eu quero supermúsculos!

Reyna fez uma cara feia.

— Não funciona assim, treinador. Só posso fazer isso em casos de vida ou morte, e é mais útil em grupos grandes. Quando estou no comando em uma batalha, posso transmitir qualquer atributo que eu tenha, seja força, coragem ou resistência, multiplicado pelo tamanho das minhas tropas.

Nico ergueu uma sobrancelha.

— Bem útil para uma pretora romana.

Reyna não respondeu. Ela preferia não mencionar seu poder exatamente por essa razão. Não queria que semideuses sob seu comando achassem que ela os estava controlando, ou que ela havia se tornado líder porque tinha algum poder mágico especial. Na verdade, ela só podia transmitir, ou “emprestar”, qualidades que já possuísse e não podia ajudar ninguém que não fosse digno de ser um herói.

O treinador Hedge resmungou:

— Que pena. Seria legal ter supermúsculos.

E voltou a remexer em sua mochila, que parecia conter uma infinidade de utensílios de cozinha, itens de sobrevivência e equipamentos esportivos diversos.

Nico tomou mais um gole da poção de unicórnio. Seus olhos estavam pesados de cansaço, mas Reyna percebia que ele se esforçava para permanecer acordado.

— Você quase caiu agora há pouco — observou ele. — Quando usa esse seu poder, você recebe algum... hã... retorno de mim?

— Não é como ler mentes — explicou ela. — Ou uma ligação empática. É só... uma onda temporária de exaustão. Emoções primais. Sou inundada pela sua dor. Tomo para mim uma parte do seu fardo.

Nico assumiu uma expressão receosa.

Ele girou o anel de caveira de prata no dedo, do mesmo modo que Reyna fazia com o próprio anel de prata quando estava pensando. Ter o mesmo hábito que o filho de Hades a deixou desconfortável.

Ela havia sofrido mais por Nico durante a breve conexão entre eles do que por toda a sua legião durante a batalha contra o gigante Polibotes. Aquilo a havia exaurido mais do que a *última* vez em que ela havia usado o poder, para sustentar seu pégaso, Cipião, durante sua viagem através do Atlântico.

Ela tentou afastar a lembrança. Seu corajoso amigo alado, morrendo envenenado, com o focinho em seu colo, olhando para ela com confiança enquanto ela erguia a adaga para acabar com seu sofrimento... Pelos deuses, não. Não podia ficar remoendo a situação, ou isso a destruiria.

Mas a dor que havia sentido por causa de Nico era mais forte.

— Você precisa descansar — disse Reyna a ele. — Depois de dois saltos seguidos, mesmo com uma ajudinha... você tem sorte de estar vivo. Vamos precisar que esteja pronto de novo antes do anoitecer.

Ela se sentiu mal por pedir a ele algo impossível. Infelizmente, no entanto, ela tinha muita prática em forçar semideuses além de seus limites.

Nico cerrou os dentes e assentiu.

— Estamos presos aqui. — Ele observou as ruínas a sua volta. — Pompeia é o *último* lugar que eu teria escolhido para aterrissar. Este lugar está cheio de *lemures*.

— Lêmures? — O treinador Hedge parecia estar fazendo uma espécie de armadilha com linha de pipa, uma raquete de tênis e uma faca de caça. — Está se referindo àquelas criaturinhas peludas?

— *Não*. — Nico respondeu com um tom aborrecido, como se lhe fizessem aquela pergunta muitas vezes. — *Lemures*. Fantasmas raivosos. Eles existem em todas as cidades romanas, mas em Pompeia...

— A cidade inteira foi arrasada — lembrou Reyna. — Em 79 EC. O Vesúvio entrou em erupção e cobriu a cidade de cinzas.

— Uma tragédia como essa cria *muitos* espíritos raivosos.

O treinador Hedge lançou um olhar desconfiado para o vulcão a distância.

— Está soltando fumaça. Isso é um mau sinal?

— Humm... não sei. — Nico mexia distraidamente em um furo de sua calça jeans preta, na altura do joelho. — Os deuses da montanha, os *ourae*, sentem quando há algum filho de Hades por perto. Talvez tenha sido por isso que fomos desviados do curso. O espírito do Vesúvio podia estar intencionalmente tentando nos matar. Mas duvido que a montanha possa nos fazer algum mal dessa distância. Produzir uma erupção completa demoraria demais. A ameaça imediata está à nossa volta.

Reyna sentiu a nuca formigar.

Ela se acostumara aos Lares, os espíritos amistosos do Acampamento Júpiter, mas até eles a deixavam desconfortável. Não tinham muita noção de espaço pessoal. Às vezes passavam direto através dela, deixando-a com vertigem. Estar em Pompeia dava a Reyna a mesma sensação, como se a cidade inteira fosse um grande fantasma que a tivesse engolido inteira.

Ela não podia contar aos amigos quanto temia os fantasmas nem por que tinha medo deles. Todo o motivo que levava Reyna e sua irmã a fugir de San Juan, tantos anos antes... Ela precisava manter esse segredo.

— Você consegue impedir que eles nos alcancem? — perguntou ela.

Nico virou as palmas das mãos para cima.

— Já enviei a mensagem: *fiquem longe*. Mas é só eu dormir que isso não vai mais adiantar muito.

O treinador Hedge deu umas batidinhas com seu equipamento improvisado a partir de uma faca com raquete de tênis.

— Não se preocupe, garoto. Vou cercar este lugar com alarmes e armadilhas. E vou estar de vigia com meu taco de beisebol, cuidando de você o tempo todo.

Isso não foi suficiente para tranquilizar Nico, mas o menino já estava fechando os olhos.

— Está bem. Mas... vá com calma, hein. Não queremos repetir o episódio da Albânia.

— Não mesmo — concordou Reyna.

A primeira experiência dos três juntos viajando nas sombras, dois dias antes, tinha sido um fiasco completo, possivelmente o episódio mais humilhante na longa carreira de Reyna. Talvez um dia, se sobrevivessem, eles dessem boas risadas ao se lembrar da situação, mas não agora. Os três tinham concordado em nunca falar no assunto. O que tinha acontecido na Albânia era para *ficar* na Albânia.

O treinador Hedge pareceu magoado.

— Está bem, como quiserem. Só descanse, garoto. Estamos lhe dando cobertura.

— Tudo bem. Talvez um pouco... — disse Nico e chegou a tirar a jaqueta de aviador e dobrá-la para servir de travesseiro, justo antes de se virar para o lado e já começar a roncar.

Como ele parecia em paz, observou Reyna, impressionada. As rugas de preocupação sumiram. Seu rosto se tornou estranhamente angelical... como seu sobrenome, *di Angelo*. Ela quase podia acreditar que ele era um garoto normal de catorze anos, não um filho de Hades que tinha sido arrancado dos anos quarenta e obrigado a encarar mais tragédias e perigos do que a maioria dos semideuses enfrentaria em toda uma vida.

Reyna não confiava em Nico no início, logo que ele chegara ao Acampamento Júpiter. Tinha sentido que a história dele não se resumia a atuar como embaixador do pai, Plutão. Agora, é claro, ela sabia a verdade. Ele era um semideus *grego*, o único dos últimos tempos (e talvez o único que já existira) a transitar entre os acampamentos grego e romano sem contar a um grupo da existência do outro.

Estranhamente, isso só fazia com que Reyna confiasse mais em Nico.

Claro, ele não era romano. Nunca havia caçado com Lupa nem passara pelo brutal treinamento na legião. Mas Nico tinha provado seu valor de outras maneiras. Ele havia mantido em segredo a existência dos acampamentos pela melhor das razões: por temer uma guerra. Tinha mergulhado sozinho no Tártaro, *voluntariamente*, para encontrar as Portas da Morte. Tinha sido capturado e preso por gigantes. Tinha comandado a tripulação do *Argo II* até a Casa de Hades... e agora tinha aceitado mais uma missão terrível: arriscar a própria vida

para levar a Atena Partenos de volta ao Acampamento Meio-Sangue.

O ritmo da jornada era de uma lentidão enlouquecedora. Eles só podiam viajar nas sombras algumas centenas de quilômetros por noite e precisavam descansar durante o dia, para que Nico se recuperasse. E mesmo nesse ritmo lento, a viagem exigia uma energia de Nico que Reyna imaginava impossível.

Ele carregava tamanha tristeza e solidão, tanto sofrimento, mas mesmo assim a missão era sua prioridade. Ele perseverava. Reyna respeitava isso. Entendia isso.

Ela nunca tinha sido do tipo sensível e sentimental, mas agora teve o estranhíssimo impulso de tirar o próprio manto para cobrir Nico. Reprovou-se mentalmente pela ideia. Ele era um companheiro de batalhas, não seu irmão mais novo. Nico não iria gostar do gesto.

— Ei! — exclamou o treinador Hedge, interrompendo seus pensamentos. — Você também precisa dormir. Vou assumir o posto de vigia e depois vocês revezam comigo. Enquanto isso, preparo alguma coisa para a gente comer. Aqueles fantasmas não devem ser tão perigosos agora que o sol está nascendo.

Reyna não havia percebido que estava clareando. Nuvens em tons de cor-de-rosa e turquesa riscavam o horizonte a leste. A sombra do pequeno fauno de bronze se projetava sobre a fonte seca.

— Já li sobre este palácio — lembrou-se Reyna. — É uma das *villas* mais bem-preservedas de Pompeia. É chamada de A Casa do Fauno.

Gleeson lançou um olhar de repulsa para a estátua.

— Bem, hoje vai ser a Casa do *Sátiro*.

Reyna se permitiu um sorriso. Estava começando a apreciar as diferenças entre sátiros e faunos. Se ela dormisse enquanto um *fauno* ficasse de vigia, acordaria com toda a sua comida roubada, um bigode desenhado na cara e o fauno já muito longe. O treinador Hedge era diferente; em quase tudo, diferente para o *bem*, apesar de sua obsessão doentia por artes marciais e tacos de beisebol.

— Muito bem — concordou ela. — Você é o primeiro a ficar de vigia. Vou botar Aurum e Argentum de guarda com você.

Hedge fez menção de protestar, mas Reyna logo deu um assovio curto e alto. Seus cães metálicos se materializaram no meio das ruínas e foram correndo até ela, de diferentes direções. Mesmo depois de tantos anos, Reyna ainda não sabia de onde eles vinham nem para onde iam quando ela os dispensava, mas era reanimador vê-los.

Hedge pigarreou.

— Tem *certeza* de que não são dálmatas? Eles parecem dálmatas.

— São apenas galgos, treinador. — Reyna não fazia ideia do porquê de Hedge

ter medo de dálmatas, mas estava cansada demais para perguntar. — Aurum e Argentum, fiquem de guarda enquanto eu durmo. Obedeçam a Gleeson Hedge.

Os cães deram a volta no pátio, mantendo distância da Atena Partenos, que irradiava hostilidade por tudo que era romano.

A própria Reyna só agora estava se acostumando à presença da estátua, que, ela tinha quase certeza, não devia ter gostado nem um pouco de ter sido levada para uma antiga cidade romana.

Ela deitou e se cobriu com o manto roxo. Levou a mão à bolsa presa no cinto, na qual guardava a moeda de prata que Annabeth lhe dera antes de se separarem em Épiro.

É um sinal de que as coisas podem mudar, tinha dito Annabeth. A Marca de Atena agora é sua. Talvez a moeda lhe traga sorte.

Reyna não tinha tanta certeza.

Ela deu uma última olhada no fauno de bronze se encolhendo diante do amanhecer e na Atena Partenos. Então fechou os olhos e deixou-se mergulhar nos sonhos.

VI

REYNA

REYNA QUASE SEMPRE CONSEGUIA CONTROLAR seus pesadelos.

Tinha treinado a mente para começar todos os sonhos em seu lugar preferido: o Jardim de Baco, localizado na colina mais alta de Nova Roma. Lá, Reyna sentia-se em segurança e tranquila. Quando visões invadiam seu sono, como sempre acontecia com semideuses, ela as continha imaginando serem apenas reflexos na fonte do jardim. Assim conseguia dormir em paz e evitava despertar suando frio.

Naquela noite, entretanto, não teve a mesma sorte.

O sonho começou muito bem. Ela estava no jardim, em uma tarde quente, sob o caramanchão coberto de madressilvas em flor. Na fonte central, a pequena estátua de Baco cuspiu água na bacia.

À sua frente ela via as cúpulas douradas e os telhados vermelhos de Nova Roma; menos de um quilômetro a oeste, as fortificações do Acampamento Júpiter. Mais além, o Pequeno Tibre fazia uma curva suave em torno do vale, traçando os limites de uma enevoadada e dourada Berkeley Hills sob a luz do verão.

Reyna segurava uma xícara de chocolate quente, sua bebida preferida. Soltou um suspiro de satisfação. Valia a pena defender aquele lugar, por ela, por seus amigos, por todos os semideuses. Os quatro anos no Acampamento Júpiter não tinham sido fáceis, mas foram a melhor época em sua vida.

De repente, o horizonte escurecia. Reyna pensava que talvez fosse uma tempestade, mas logo percebia que uma enorme onda de terra preta varria as colinas, virando do avesso a pele da terra, sem deixar nada para trás.

Reyna via, horrorizada, a enxurrada de terra alcançar o topo do vale. A barreira mágica que o deus Término mantinha em torno do acampamento apenas

reduzia por um instante a destruição. Uma luz roxa jorrava para o alto como vidro estilhaçado, e então a onda de terra prosseguia, destruindo árvores, destruindo estradas, varrendo do mapa o Pequeno Tibre.

É uma visão, pensava Reyna. Eu posso controlar isso.

Ela tentava mudar o sonho. Imaginava que a destruição fosse apenas um reflexo na fonte, uma imagem de vídeo inofensiva, mas o pesadelo continuava, de maneira completamente real.

A terra engolia o Campo de Marte. Destruía todo traço de fortes e trincheiras dos jogos de guerra. O aqueduto da cidade desmoronava como peças de dominó. O próprio Acampamento Júpiter caía: torres de vigia desabavam, muros e barreiras se desintegravam. Os gritos dos semideuses eram silenciados, e a terra seguia em frente.

Então um soluço se formava na garganta de Reyna. Os reluzentes santuários e monumentos da Colina dos Templos desmoronavam. O coliseu e o hipódromo eram completamente arrasados. A onda de terra alcançava a Linha Pomeriana e atravessava brutalmente a cidade. Famílias corriam pelo fórum. Crianças gritavam de pavor.

O Senado implodia. *Villas* e jardins desapareciam como plantações sendo ceifadas por uma máquina. A onda crescia e subia a colina na direção do Jardim de Baco, o último remanescente do mundo de Reyna.

Você os deixou indefesos, Reyna Ramírez-Arellano, dizia uma voz de mulher, vinda do terreno negro. Seu acampamento será destruído. Sua missão é uma busca infrutífera. Meu caçador está atrás de você.

Reyna se soltava da murada do jardim. Corria até a fonte, agarrava a beirada e ficava olhando fixamente para a água, em desespero. Ali, ela desejava que o pesadelo se transformasse em um reflexo inofensivo.

TUM.

Então a bacia da fonte se quebrava ao meio, fendida por uma flecha do tamanho de um ancinho. Reyna olhava chocada para as penas de corvo na extremidade do cabo pintado de vermelho, amarelo e preto, como uma cobra-coral. A ponta de ferro estígio estava cravada em suas entranhas.

Ela erguia os olhos em meio a uma névoa de dor. Vindo da outra extremidade do jardim, uma figura sombria se aproximava, a silhueta de um homem cujos olhos brilhavam como faróis em miniatura, cegando Reyna. Ela ouvia o som de ferro contra couro quando ele pegava mais uma flecha da aljava.

Então seu sonho mudava.

O jardim e o caçador desapareciam, assim como a flecha na barriga de Reyna.

Ela se via em um vinhedo abandonado. Diante dela estendiam-se hectares e mais hectares de parreiras mortas, pendendo, em fileiras, de treliças de madeira,

como minúsculos esqueletos retorcidos. Na extremidade mais distante dos campos havia uma casa de fazenda, com um pátio no centro circundado por colunas. Mais além, a terra mergulhava no mar.

Reyna reconhecia o lugar: a Adega Goldsmith, na margem norte de Long Island. Seus grupos de batedores o haviam assegurado como base avançada para o ataque da legião ao Acampamento Meio-Sangue.

Ela havia ordenado que a maior parte da legião ficasse em Manhattan até segunda ordem, mas, obviamente, Octavian lhe havia desobedecido.

Toda a Décima Segunda Legião estava acampada no campo mais ao norte. Eles haviam escavado com sua precisão militar habitual: fossos de três metros de profundidade, paredes de terra com pontas de madeira em torno do perímetro e uma torre de vigia em cada canto armada com uma balista. No interior, as tendas estavam dispostas em bem-organizadas fileiras brancas e vermelhas. Os estandartes de todas as cinco coortes tremulavam ao vento.

Reyna deveria ter se animado ao ver a legião. Embora fosse uma força pequena, mal chegando a duzentos semideuses, eram todos bem-treinados e bem-organizados. Se Júlio César voltasse dos mortos, não teria dificuldades para reconhecer as tropas de Reyna como soldados valorosos de Roma.

Mas eles não tinham o que fazer ali tão perto do Acampamento Meio-Sangue. A insubordinação de Octavian fazia Reyna cerrar os punhos de raiva. Ele provocava os gregos intencionalmente, querendo dar início a uma batalha.

No sonho, sua visão dava um zoom até o pórtico da casa da fazenda, onde Octavian estava sentado em uma cadeira dourada que, suspeitosamente, parecia um trono. Além de sua habitual toga de senador com ornamentos roxos, da medalha de centurião e da adaga de áugure, ele havia adotado para si uma nova honraria: um manto com capuz branco sobre a cabeça, que o identificava como *pontifex maximus*, sumo sacerdote dos deuses.

Reyna tinha vontade de estrangulá-lo. Nenhum semideus de que se tinha lembrança havia assumido o título de *pontifex maximus*. Ao fazer isso, Octavian se elevava quase ao nível de imperador.

À direita dele, viam-se relatórios e mapas espalhados sobre uma mesa baixa. À esquerda, um altar de mármore estava carregado de frutas e oferendas de ouro, sem dúvida para os deuses, mas para Reyna parecia um altar para o próprio Octavian.

Ao lado de Octavian estava o portador da águia da legião, Jacob, parado em posição de sentido, suando em sua capa de pele de leão e segurando o mastro com o estandarte da águia dourada da Décima Segunda Legião.

Octavian estava no centro de uma plateia. No pé da escada estava ajoelhado um garoto de calça jeans com um moletom de capuz amarfanhado. Mais para o

lado de Octavian estava Mike Kahale, um dos centuriões da Primeira Coorte, parado de braços cruzados com uma expressão de evidente descontentamento.

— Muito bem — dizia Octavian, dando uma olhada em um pergaminho. — Vejo aqui que você é um legado, descendente de Orco.

O garoto de moletom levantava a cabeça, e Reyna arfava de susto. *Bryce Lawrence*. Ela reconhecia sua cabeleira castanha, o nariz quebrado, os olhos cruéis e o sorriso presunçoso e mau.

— Sim, meu senhor — confirmava Bryce.

— Ora, eu não sou um *senhor*. — Octavian apertava os olhos. — Apenas um centurião, um áugure e um humilde sacerdote servindo aos deuses o melhor que pode. Sei que você foi dispensado da legião por... bem, questões disciplinares.

Reyna tentava gritar, mas não conseguia emitir nenhum som. Octavian sabia muito bem por que Bryce tinha sido expulso. Tal qual seu antepassado divino, Orco, o deus das punições do Mundo Inferior, Bryce não tinha remorso algum. O pequeno psicopata tinha sobrevivido a suas provas com Lupa muito bem, mas, assim que chegara ao Acampamento Júpiter, tornara-se evidente que era impossível treiná-lo. Ele tinha tentado atear fogo a um gato por pura diversão. Esfaqueara um cavalo e o mandara a galope pelo meio do fórum. Desconfiava-se até de que tinha sabotado um equipamento de cerco e matado seu próprio centurião durante os jogos de guerra.

Se Reyna tivesse conseguido provar isso, a punição de Bryce teria sido a morte. Mas, como as provas eram circunstanciais, e como a família de Bryce era rica e poderosa, com muita influência em Nova Roma, ele havia escapado com uma sentença mais leve: exílio.

— Sim, *pontifex* — dizia Bryce, devagar. — Mas, se me permite, aquelas acusações nunca foram provadas. Sou um romano leal.

Mike Kahale parecia estar fazendo um grande esforço para não vomitar.

Octavian sorria.

— Acredito em segundas chances. Você atendeu a meu chamado por recrutas. Tem as credenciais e cartas de recomendação certas. Jura se submeter a minhas ordens e servir à legião?

— Plenamente — respondia Bryce.

— Então você está reintegrado, *in probatio* — dizia Octavian. — Até que possa se provar em combate.

Ele então fazia um gesto para Mike, que enfiava a mão em sua bolsa e pegava lá de dentro um cordão de ouro com uma placa de identificação de *probatio*. Então colocava o cordão no pescoço de Bryce.

— Apresente-se à Quinta Coorte — dizia Octavian. — Eles podem precisar de um pouco de sangue novo, alguma perspectiva nova. Se Dakota, seu centurião,

tiver algum problema com isso, diga a ele para vir falar comigo.

Bryce sorria como se tivesse acabado de ganhar uma faca afiada.

— É um grande prazer.

— E, Bryce... — O rosto de Octavian parecia quase fantasmagórico sob seu capuz branco: olhos penetrantes demais, faces magras demais, os lábios muito finos e sem cor. — Por mais que a família Lawrence tenha dinheiro, poder e prestígio entre a legião, lembre-se de que *minha* família tem mais. Sou seu patrono *peessoal*, como sou patrono de todos os outros recrutas novos. Siga as minhas ordens, e você subirá rápido. Logo posso ter um trabalhinho para você, uma oportunidade para provar seu valor. Mas se me trair não serei tão leniente quanto Reyna. Entendeu?

O sorriso de Bryce desaparecia. Ele parecia querer dizer algo, mas então mudava de ideia. Apenas assentia.

— Ótimo — completava Octavian. — Ah, e corte esse cabelo. Mais parece um maldito *graecus*. Está dispensado.

Depois que Bryce saía, Mike Kahale reclamava:

— Agora, com ele, já são duas dúzias.

— Isso é ótimo, meu amigo — garantia Octavian. — Nós precisamos da força extra desses homens.

— Assassinos. Ladrões. Traidores.

— Semideuses leais — retrucava Octavian. — Que devem sua posição a *mim*.

Mike franzia a testa, contrariado. Tinha bíceps tão grossos quanto canos de bazuca, traços largos, pele cor de amêndoa torrada, cabelo de ônix e imponentes olhos escuros, como os antigos reis havaianos. Reyna não sabia como um jogador de futebol americano de Hilo podia ser filho de Vênus, mas ninguém na legião lhe criava problema por causa disso, não depois que o tinham visto esmagar rochas apenas com as mãos.

Reyna sempre gostara de Mike Kahale. Infelizmente, porém, Mike era *muito* leal a seu patrono. E seu patrono era Octavian.

O *pontifex* se levantou e se espreguiçou.

— Não se preocupe, meu velho amigo. Nossas tropas já cercaram o acampamento grego. Nossas águias têm superioridade total no ar. Os gregos não vão a lugar algum até que estejamos prontos para atacar. Em onze dias, todas as minhas forças estarão em posição. Minhas surpresinhas estarão prontas. Em primeiro de agosto, na Festa de Spes, o acampamento grego vai cair.

— Mas Reyna disse que...

— Já discutimos isso. — Ao dizer isso, Octavian puxava a adaga de ferro do cinto e a arremessava na mesa, onde a lâmina empalava um mapa do Acampamento Meio-Sangue. — Reyna abriu mão de sua posição. Foi para as

terras antigas, o que é contra a *lei*.

— Mas a Mãe Terra...

— Anda agitada *por causa* da guerra entre os acampamentos grego e romano, certo? Os deuses estão incapacitados, certo? E como resolvemos esse problema, Mike? Eliminamos a divisão. Acabamos com os gregos. Fazemos os deuses retomarem seu devido aspecto, como *romanos*. Assim que todo o poder dos deuses for restaurado, Gaia não vai ousar se erguer. Vai cair novamente no sono. Nós, semideuses, ficaremos fortes e unidos, como nos velhos tempos do império. Além disso, o primeiro dia de agosto é muito auspicioso, o mês em homenagem a meu ancestral Augusto. E você sabia que ele uniu os romanos?

— Ele tomou o poder e se tornou imperador — resmungava Mike em resposta.

— Bobagem — dizia Octavian, desdenhando o comentário com um aceno. — Ele salvou Roma ao se tornar o *Primeiro Cidadão*. Augusto queria paz e prosperidade, não poder! Acredite em mim, Mike. Pretendo seguir o exemplo dele. Vou salvar Nova Roma, e, quando fizer isso, vou me lembrar de meus amigos.

Mike transferia seu peso considerável de uma perna para outra.

— Você parece ter tanta certeza. O seu dom de profetizar...

Octavian erguia a mão em alerta e olhava para Jacob, o portador da águia, que continuava ali parado em posição de sentido atrás dele.

— Jacob, está dispensado. Por que não vai polir a águia ou alguma coisa assim?

Ao ouvir isso, Jacob deixava os ombros caírem em alívio.

— Sim, áugure. Quer dizer, centurião! Quer dizer, *pontifex*! Quer dizer...

— Vá.

— Já estou indo.

Assim que Jacob saiu, o rosto de Octavian se fechou.

— Mike, já lhe avisei para não falar do meu... hã... problema. Mas respondendo a sua pergunta: não. Parece que o dom habitual que recebo de Apolo continua sofrendo alguma *interferência*. — Ele olhou com ressentimento para uma pilha de bichos de pelúcia mutilados e amontoados no canto do pórtico. — Não consigo ver o futuro. Talvez aquele oráculo falso do Acampamento Meio-Sangue esteja fazendo alguma espécie de feitiçaria. Mas, como eu já lhe expliquei antes, em segredo absoluto, Apolo falou comigo *claramente* no ano passado, no Acampamento Júpiter! Abençoou minhas iniciativas. Prometeu que eu seria lembrado como o salvador dos romanos.

Octavian estendia os braços, revelando a tatuagem de harpa, símbolo de seu antepassado divino. Sete riscos representavam seus anos de serviço, mais que

qualquer outro oficial, mais até mesmo que Reyna.

— Nunca tema, Mike. Vamos esmagar os gregos. Vamos deter Gaia e seus servos. Depois vamos pegar aquela harpia que os gregos estão criando, a que memorizou nossos livros sibilinos, e vamos forçá-la a nos dar a sabedoria de nossos ancestrais. Quando isso acontecer, tenho certeza de que Apolo vai restaurar meu dom de profetizar. O Acampamento Júpiter será mais forte que nunca. Vamos *governar* o futuro.

A expressão de preocupação de Mike não diminuía, mas ele erguia o punho em saudação.

— Você é o chefe.

— Sim, sou. — Octavian arrancava a adaga da mesa. — Agora vá dar uma olhada naqueles dois anões que você capturou. Quero eles devidamente aterrorizados quando eu for interrogá-los outra vez e mandá-los para o Tártaro.

Nesse ponto, o sonho se desfez.

— Ei, acorde. — Os olhos de Reyna se abriram lentamente. Gleeson Hedge estava debruçado sobre ela, sacudindo seu ombro. — Temos problemas.

O tom grave da voz dele fez o sangue de Reyna se agitar.

— O que houve? — Ela ergueu o corpo com dificuldade, colocando-se sentada. — Fantasmas? Monstros?

Hedge fechou a cara.

— Pior: *turistas*.

VII

REYNA

AS HORDAS TINHAM CHEGADO.

Em grupos de vinte ou trinta, turistas andavam por toda parte nas ruínas, perambulando pelas *villas*, caminhando pelas ruas de calçamento de pedra, contemplando com fascínio os afrescos e mosaicos cheios de cores.

Reyna tinha ficado tensa, imaginando como os turistas reagiriam a uma estátua de doze metros de altura no meio do pátio, mas a Névoa devia estar fazendo hora extra para obscurecer a visão dos mortais.

Toda vez que um grupo se aproximava, os turistas paravam na entrada do pátio e olhavam desapontados na direção da estátua. Um guia de turismo britânico anunciou:

— Ah, andaimes. Parece que esta área está em restauração. Que pena. Vamos em frente.

E lá se foram eles.

Pelo menos a estátua não rugia “MORRAM, INFIÉIS!” nem transformava mortais em pó. Reyna uma vez tivera que lidar com uma estátua de Diana que fazia esse tipo de coisa. Não tinha sido um dia muito relaxante.

Ela se lembrou do que Annabeth tinha lhe dito sobre a Atena Partenos: sua aura mágica tanto atraía monstros quanto os mantinha afastados. Reyna agora comprovava isso por si mesma, pois vez ou outra avistava, pelo canto do olho, reluzentes espíritos brancos em trajes romanos flutuando em meio às ruínas, fechando a cara para a estátua, consternados.

— Isto aqui está cheio de *lemures* — murmurou Gleeson. — Agora estão mantendo distância, mas, quando cair a noite, é melhor estarmos prontos para dar o fora. Fantasmas são sempre piores à noite.

Reyna não precisava que a lembrassem disso.

Um casal de idade, ambos vestindo camisa em tom pastel e bermudas, passeava lentamente por um jardim próximo. Ela ficou aliviada por eles não se aproximarem mais que isso. O treinador Hedge tinha armado, em torno do acampamento, todo tipo de armadilhas com arames e cordas e ratoeiras gigantes. Artefatos incapazes de deter monstros com o mínimo de respeito próprio, mas que podiam muito bem derrubar um idoso.

Apesar do clima quente aquela manhã, Reyna tremia, por conta dos sonhos que tivera. Ela não saberia dizer o que era mais assustador: a destruição iminente de Nova Roma ou o fato de Octavian estar envenenando a legião por dentro.

Sua missão é uma busca infrutífera.

O Acampamento Júpiter precisava dela. A Décima Segunda Legião precisava dela. E no entanto ali estava Reyna, do outro lado do mundo, vendo um sátiro espetar waffles congelados em um galho para assá-los em uma fogueira.

Ela queria falar sobre os pesadelos que tivera aquela noite, mas achou melhor esperar que Nico acordasse. Não sabia se teria coragem de descrevê-los duas vezes.

Nico continuava aos roncoss. Reyna tinha descoberto que, depois que ele pegava no sono, era *muito* difícil acordá-lo. O treinador podia sapatear com seus cascos de bode em torno da cabeça de Nico que ele nem se mexia.

— Tome.

Hedge estava oferecendo a ela um prato de waffles assados na fogueira, com rodelas de kiwis e abacaxis frescos. Tudo parecia surpreendentemente bom.

— Onde você consegue tudo isso? — perguntou Reyna, maravilhada.

— Ha! Eu sou um sátiro. E sátiros são *ótimos* em se preparar para viagens. — Ele deu uma mordida em um waffle. — Também sabemos explorar os frutos da terra como ninguém!

Enquanto Reyna comia, o treinador Hedge pegou um bloco de papel e começou a escrever. Quando terminou, dobrou o papel e fez um aviãozinho que lançou no ar. Uma brisa o levou embora.

— Uma carta para sua esposa? — perguntou Reyna.

Ela notou que, por baixo da viseira do boné de beisebol, os olhos de Hedge estavam vermelhos.

— Mellie é uma ninfa das nuvens. Espíritos do ar costumam mandar coisas por aviõezinhos de papel o tempo todo. Com sorte, seus primos vão fazer a carta atravessar o oceano e chegar até ela. Não é tão rápido quanto uma mensagem de Íris, mas, bem, quero que nosso filho tenha alguma lembrança minha, caso eu... vocês sabem...

— Vamos levá-lo para casa — prometeu Reyna. — Você vai ver seu garoto.

Hedge cerrou os dentes e não disse nada.

Reyna era muito boa em fazer as pessoas falarem. Considerava essencial conhecer seus companheiros de armas. Mas tivera muita dificuldade em convencer Hedge a se abrir sobre sua esposa, Mellie, que estava prestes a dar à luz no Acampamento Meio-Sangue. Reyna não conseguia imaginar o treinador como pai, mas entendia como era crescer sem pais. E não ia deixar que isso acontecesse com o filho de Hedge.

— É, bem... — O sátiro deu mais uma mordida no waffle, mastigando junto um pedaço do galho em que o tinha espetado. — Eu só queria que fosse possível avançarmos mais rápido. — Ele apontou para Nico com o queixo. — Esse menino não tem condições de fazer nem mais um salto. E quantos mais serão necessários para voltarmos?

Reyna tinha a mesma preocupação. Os gigantes planejavam despertar Gaia dali a apenas onze dias. Octavian planejava atacar o Acampamento Meio-Sangue no mesmo dia. Isso não podia ser coincidência. Talvez Gaia estivesse sussurrando no ouvido de Octavian, influenciando inconscientemente suas decisões. Ou pior: Octavian podia estar ativamente aliado à deusa da terra. Mesmo sendo Octavian, Reyna não queria acreditar que ele trairia a legião de propósito, mas, depois do que tinha visto nos sonhos, já não sabia mais o que pensar.

Ela terminou de comer enquanto um grupo de turistas chineses passava tranquilamente pelo pátio. Estava acordada fazia menos de uma hora e já não conseguia mais aguentar a ansiedade para continuar logo a jornada.

— Obrigada pelo café da manhã, treinador. — Reyna se levantou e se espreguiçou. — Agora, se me der licença... Onde há turistas, há banheiros. Preciso usar a casinha dos pretores.

— Vá lá. — O treinador balançou o apito que carregava pendurado no pescoço. — Se alguma coisa acontecer, eu apito.

Reyna deixou Aurum e Argentum de vigia e foi andando pelo meio da multidão de mortais até encontrar um centro de visitantes com banheiros. Limpou o corpo o melhor que pôde, mas achou irônico estar em uma verdadeira cidade romana e não poder desfrutar um bom banho romano quente. Teve que se contentar com toalhas de papel, uma saboneteira quebrada e um secador de mãos elétrico asmático. Quanto aos vasos sanitários... melhor nem comentar.

Quando estava voltando, passou por um pequeno museu com expositores de vidro, atrás do qual se via uma fileira de figuras de gesso, todas congeladas em seus espasmos de morte. Havia uma menininha encolhida em posição fetal; uma mulher retorcida em agonia, a boca aberta em um grito, os braços jogados para o alto; um homem ajoelhado e de cabeça baixa, como se rendido ao inevitável.

Reyna ficou olhando com uma mistura de horror e repulsa. Já havia lido sobre

essas figuras, mas nunca as tinha visto pessoalmente. Com a erupção do Vesúvio, uma massa de cinza vulcânica havia soterrado a cidade, e essa massa, ao endurecer, transformara-se em um casulo de rocha sobre os cadáveres dos habitantes de Pompeia. À medida que os corpos se desintegravam ali, eram produzidas bolsas de ar em formato humano. Os primeiros arqueólogos que exploraram a área após a tragédia derramaram gesso nos buracos e assim fizeram aqueles moldes, réplicas bizarras de romanos ancestrais.

Reyna achava perturbador, *errado*, que o momento da morte daquelas pessoas estivesse em exibição como roupas em uma vitrine, mas não conseguia desviar o olhar.

Por toda a sua vida ela sonhara em ir à Itália. E achava que isso nunca ia acontecer. As terras antigas eram proibidas para semideuses modernos, pois a área era simplesmente perigosa demais. Mesmo assim, ela queria seguir as pegadas de Enéas, filho de Afrodite, o primeiro semideus a se estabelecer ali após a Guerra de Troia. Queria ver o Rio Tibre original, onde Lupa, a deusa-loba, salvara Rômulo e Remo.

Mas Pompeia? Nunca havia tido vontade de conhecer. O cenário da maior tragédia de Roma, uma cidade inteira engolida pela terra... Depois dos seus últimos pesadelos, aquilo era parecido demais com o que estava acontecendo agora em seu mundo.

Até o momento, Reyna tinha visto apenas um lugar das terras antigas que figurava em sua lista de desejos: o palácio de Diocleciano, em Split, e mesmo essa visita tinha sido bem diferente do que havia imaginado. Antes, ela sonhava em ir lá com Jason, para admirarem a casa do imperador preferido deles. Imaginava passeios românticos pela cidade, piqueniques ao pôr do sol no parapeito das tão antigas construções.

Só que Reyna chegara à Croácia não com ele, mas com doze espíritos do vento em seu rastro. Tivera que abrir caminho pelo palácio lutando contra fantasmas. Quando estava saindo, grifos atacaram seu pégaso, causando-lhe a morte. O mais perto que ela chegara de Jason tinha sido um bilhete, escrito por ele, que ela encontrara embaixo de um busto de Diocleciano.

Ela só teria lembranças dolorosas daquele lugar.

Afaste essa amargura, repreendeu a si mesma. Enéas também sofreu. Assim como Rômulo, Diocleciano e todos os outros. Romanos não são de ficarem se lamentando.

Ali, contemplando as figuras de gesso na vitrine do museu, ela se perguntou o que teria passado pela mente daquelas pessoas quando se encolheram para morrer sob as cinzas. Duvidava muito que tivesse sido algo como: *Ora, somos romanos! Não devemos reclamar!*

Uma lufada de vento soprou pelas ruínas emitindo um gemido vazio. A luz do sol se refletiu no vidro, cegando-a momentaneamente.

Reyna levou um susto e olhou para o alto. O sol estava diretamente acima dela. Como podia já ser meio-dia? Ela havia deixado a Casa do Fauno logo após o café da manhã. Estava ali parada fazia apenas alguns minutos... ou não?

Forçando-se a afastar-se da vitrine do museu, Reyna saiu correndo, tentando se livrar da sensação de que os mortos de Pompeia sussurravam às suas costas.

*

O restante da tarde decorreu em uma tranquilidade enervante.

Reyna ficou de vigia enquanto o treinador Hedge dormia, mas não havia muito do que se proteger. Turistas passeavam de um lado para outro. Também harpias e espíritos do vento passavam de vez em quando, voando; sempre que isso acontecia, os cães de Reyna começavam a rosnar em alerta, mas os monstros não paravam para lutar.

Fantasmas ficavam à espreita em torno dos limites do pátio, aparentemente intimidados pela Atena Partenos. Compreensível. Quanto mais a estátua ficava em Pompeia, mais raiva parecia irradiar. Reyna ficava arrepiada, com os nervos à flor da pele.

Finalmente, logo depois que o sol se pôs, Nico acordou. Devorou um sanduíche de queijo com abacate, a primeira vez que demonstrou um apetite decente desde a Casa de Hades.

Reyna odiava ter que arruinar o jantar dele, mas não tinham muito tempo. À medida que a luz do dia se esvaía, os fantasmas começavam a se aproximar e a crescer em número.

Ela contou a Nico sobre os sonhos que tivera aquela noite: a terra engolindo o Acampamento Júpiter, Octavian cercando o Acampamento Meio-Sangue, o caçador de olhos brilhantes que lhe acertara uma flecha na barriga.

Nico ficou encarando o prato vazio.

— Esse caçador... seria um gigante, talvez?

O treinador Hedge resmungou:

— Prefiro não descobrir. É melhor irmos embora.

A boca de Nico se retorceu em zombaria.

— Logo você, sugerindo que a gente fuja de uma luta?

— Escute, docinho, gosto de uma boa pancadaria como todo mundo, mas já temos muitos monstros com que nos preocupar, não precisamos de um caçador

de recompensas nos seguindo por aí. Não gosto do som dessas flechas grandes.

— Pela primeira vez — disse Reyna — eu concordo com Hedge.

Nico desdobrou sua jaqueta e enfiou o dedo em um furo de flecha na manga.

— Posso pedir alguns conselhos. — Nico parecia relutante. — Talvez Thalia Grace...

— A irmã de Jason — disse Reyna.

Ela não a conhecia. Na verdade, nem sabia que Jason tinha uma irmã até bem pouco tempo. Segundo Jason, Thalia era uma semideusa grega, filha de Zeus. Liderava um grupo de seguidoras de Diana... quer dizer, de Ártemis. Só a ideia disso tudo fazia a cabeça de Reyna girar.

Nico assentiu.

— As Caçadoras de Ártemis são... bem, *caçadoras*. Se alguém sabe alguma coisa sobre esse tal caçador gigante, esse alguém é Thalia. Eu podia tentar enviar uma mensagem de Íris para ela.

— Você não parece muito empolgado com a ideia — comentou Reyna. — Vocês estão... brigados?

— Está tudo bem entre a gente.

A alguns metros deles, Aurum rosnou baixinho, o que significava que Nico estava mentindo.

Reyna achou melhor não pressioná-lo.

— E eu podia tentar entrar em contato com minha irmã, Hylla — disse ela. — O Acampamento Júpiter não conta com boas defesas. Se Gaia atacar lá, talvez as amazonas possam ajudar.

O treinador Hedge fez cara feia para a ideia.

— Sem querer ofender, mas... hã... o que um exército de amazonas poderia fazer contra uma onda de terra?

Reyna sufocou o pavor que crescia dentro de si. Temia que Hedge tivesse razão. Contra o que ela havia visto em seus sonhos, a única defesa seria evitar que os gigantes despertassem Gaia. Para isso, ela tinha que confiar na tripulação do *Argo II*.

A luz do dia se esgotara quase por completo. Em torno do pátio, os fantasmas começaram a se agrupar, centenas de romanos reluzentes carregando pedras ou clavas espectrais.

— Podemos conversar melhor depois de completarmos o salto — decidiu Reyna. — No momento, precisamos é dar o fora daqui.

— Com certeza. — Nico se levantou. — Acho que desta vez podemos chegar à Espanha se dermos sorte. Só preciso...

A multidão de fantasmas desapareceu, como uma grande quantidade de velinhas de bolo apagadas com um único sopro.

Reyna levou a mão à sua adaga.

— Para onde eles foram?

Os olhos de Nico percorreram rapidamente as ruínas. Sua expressão não era tranquilizadora.

— Eu não... não sei, mas duvido que seja um bom sinal. Fiquem alertas. Vou prender as correias. Um segundo.

Gleeson Hedge ficou na ponta dos cascos.

— *Você não tem um segundo.*

Reyna sentiu o estômago se encolher em um nó pequenininho.

Hedge tinha falado em uma voz de mulher, a mesma que Reyna ouvira em seu pesadelo.

Ela sacou a adaga.

Hedge se virou para ela, o rosto sem expressão. Seus olhos estavam completamente negros.

— *Alegre-se, Reyna Ramírez-Arellano. Você morrerá como uma romana. Logo estará entre os fantasmas de Pompeia.*

O chão tremeu. Por toda a volta, espirais de cinzas foram lançadas no ar, para então se solidificarem em figuras humanas grosseiras, carapaças de terra como as do museu. As figuras encaravam Reyna com olhos que eram buracos rasgados em rostos de rocha.

— *A terra a engolirá* — prosseguiu Hedge na voz de Gaia. — *Assim como engoliu a eles.*

VIII

REYNA

— **E**LES SÃO MUITOS.

Reyna se perguntou com amargura quantas vezes tinha dito isso em sua carreira de semideusa. Seria mais fácil fazer um button com essa frase e usá-lo por aí. Quando morresse, estas palavras provavelmente estariam gravadas em sua lápide: *Eles eram muitos*.

Ela estava cercada por seus cães, que rosnavam para os fantasmas de terra solidificada. Reyna contou pelo menos vinte, e vinham de todas as direções.

O treinador Hedge continuava falando com voz de mulher:

— *Os mortos estão sempre em maior número que os vivos. Esses espíritos esperaram por séculos, incapazes de expressar sua raiva. Agora eu lhes dei corpos de terra.*

Os fantasmas avançavam lentamente, mas seus passos eram tão pesados que rachavam o calçamento antigo.

— Nico? — chamou Reyna.

— Não consigo controlá-los — disse ele, desemaranhando freneticamente as correias. — Há alguma coisa nessas carapaças de terra. Preciso me concentrar por alguns segundos para fazer o salto nas sombras. Se não, posso acabar nos transportando para outro vulcão.

Reyna xingou baixinho. Sozinha, não tinha como dar conta de tantos e deixar Nico livre para preparar a fuga, ainda mais com Hedge sem poder ajudar.

— Use o cetro — disse ela. — Invoque uns zumbis.

— *Não vai adiantar* — avisou a voz que falava através do treinador Hedge. — *Saia do caminho, pretora. Deixe que os fantasmas de Pompeia destruam essa estátua grega. Um verdadeiro romano saberia que é melhor não resistir.*

Os fantasmas de terra avançavam lentamente. Pelo buraco que tinham no

lugar da boca, emitiam silvos graves, como alguém soprando no gargalo de garrafas de vidro vazias. Um deles pisou na armadilha que Hedge improvisara com a raquete, deixando-a em pedacinhos.

Nico puxou o cetro de Diocleciano do cinto.

— Reyna, se eu invocar *mais* romanos mortos, quem garante que eles não vão se juntar a esse grupo aí?

— *Eu*. Sou uma pretora. Só preciso que me arranje uns legionários; deixe que eu os controlo.

— *Você há de perecer* — disse o treinador. — *Nunca conseguirá...*

Reyna acertou a cabeça de Hedge com o cabo da adaga. O sátiro desabou no chão.

— Desculpe, treinador — murmurou ela. — Isso estava ficando chato. Nico: zumbis! Depois se concentre em nos tirar daqui.

Nico ergueu o cetro, e o chão começou a tremer.

Naquele momento, os fantasmas de terra resolveram atacar. Aurum saltou no mais próximo e, com suas presas de metal, arrancou-lhe a cabeça. O casulo de terra caiu para trás e se despedaçou.

Argentum não teve a mesma sorte. Ao saltar sobre um outro fantasma, foi atingido na cabeça por um golpe do pesado braço de terra da criatura e foi lançado pelos ares. Com dificuldade, tentou ficar de pé. Sua cabeça estava virada quarenta e cinco graus para a direita e faltava um de seus olhos de rubi.

Reyna sentiu a raiva pulsar no peito como uma estaca quente. Já havia perdido seu pégaso. Ela *não* perderia seus cães também. Cravou a adaga no peito do fantasma, depois sacou o gládio. Estritamente falando, lutar com duas armas não era muito romano, mas, no tempo que havia passado com piratas, Reyna tinha aprendido mais que alguns poucos truques.

As carapaças de terra se desfaziam com facilidade, mas tinham a força de uma marreta. Reyna não entendia como, mas sabia que não podia se dar o luxo de levar nem um só golpe. Ao contrário de Argentum, ela não sobreviveria se sua cabeça fosse deslocada.

— Nico! — Ela se agachou entre dois fantasmas, deixando que um arrebeantasse a cabeça do outro. — Agora!

O chão se abriu no centro do pátio. Dezenas de soldados esqueléticos começaram a rastejar para a superfície. Os escudos pareciam velhas moedas de um centavo corroídas. Suas espadas eram mais ferrugem que metal. Mas Reyna nunca se sentira tão aliviada em ver reforços.

— Legião! — gritou ela. — *Ad aciem!*

Em resposta, os zumbis puseram-se a abrir caminho por entre os fantasmas, formando uma linha de batalha. Alguns caíram, esmagados por punhos de terra.

Outros conseguiram cerrar fileiras e erguer os escudos.

Atrás de Reyna, Nico soltou um palavrão.

Ela arriscou uma rápida olhada para trás. O cetro de Diocleciano estava fumegando nas mãos de Nico.

— Ele está lutando contra mim! — gritou o garoto. — Acho que ele não gosta de invocar romanos para combater outros romanos!

Reyna sabia que, nos tempos antigos, os romanos passavam pelo menos metade do tempo lutando uns contra os outros, mas achou melhor não comentar nada.

— Então cuide do treinador. E se prepare para o salto! Vou tentar ganhar um tempinho para...

Nesse momento, o menino soltou um gemido alto. O cetro de Diocleciano explodiu em pedaços. Aparentemente, Nico não tinha sido ferido, mas olhava em choque para Reyna.

— Eu não... não sei o que aconteceu. Você tem alguns minutos, no máximo. Nossos zumbis vão desaparecer já, já.

— Legião! — gritou Reyna mais uma vez. — *Orbem formate! Gladium signe!*

Os zumbis cercaram a Atena Partenos, suas espadas prontas para um combate corpo a corpo. Argentum arrastou um inconsciente treinador Hedge para perto de Nico, que prendia as correias ao corpo com uma pressa desesperada. Aurum permanecia de guarda, lançando-se sobre qualquer fantasma de terra que avançasse sobre a linha de batalha.

Reyna lutava lado a lado com seus legionários mortos, transmitindo sua força para eles. Mas ela sabia que aquilo não seria suficiente. Os fantasmas de terra caíam com facilidade, mas outros continuavam a se erguer do solo em redemoinhos de cinza vulcânica. Cada vez que seus punhos de terra acertavam um golpe, mais um zumbi caía.

Enquanto isso, a Atena Partenos erguia-se acima da batalha: majestosa, soberba e indiferente.

Uma ajudinha cairia bem, pensou Reyna. Quem sabe um raio fulminante? Ou um bom e velho soco, à moda antiga mesmo.

A estátua não fazia nada além de irradiar ódio, que parecia dirigido igualmente a Reyna e aos fantasmas que a atacavam.

Quer me arrastar para Long Island, é?, parecia dizer a estátua. *Boa sorte aí, sua escória romana.*

Aquele era o destino de Reyna: morrer defendendo a estátua de uma deusa grega passivo-agressiva.

Reyna lutava sem parar, irradiando mais e mais de sua determinação para suas tropas de mortos-vivos. Em troca, elas a bombardeavam com desespero e

ressentimento.

Sua luta é por nada, sussurravam em sua mente. *O império acabou*.

— Por Roma! — gritou Reyna, com a voz rouca. Ela atacou um fantasma de terra com o gládio, ao mesmo tempo em que cravava a adaga no peito de outro. — Décima Segunda Legião Fulminata!

Ao seu redor, os zumbis caíam. Alguns esmagados em batalha, outros se desintegrando sozinhos à medida que a força residual do cetro de Diocleciano finalmente se esvaía.

Os fantasmas de terra fechavam o cerco, um mar de rostos desfigurados com olhos ocos.

— Reyna, agora! — gritou Nico. — Vamos!

Ela olhou para trás: Nico tinha se atrelado à Atena Partenos e levava Gleeson Hedge nos braços, como se o sátiro fosse uma donzela em apuros. Aurum e Argentum tinham desaparecido; talvez tivessem sofrido golpes demais para que continuassem a lutar.

Reyna cambaleou.

Um fantasma de terra tinha acertado um soco em sua caixa torácica. Ela sentiu a lateral do corpo explodir de dor. Sua cabeça girou. Tentou respirar, mas era como inspirar facas.

— Reyna! — insistiu Nico.

A Atena Partenos tremeluziu, prestes a desaparecer.

Um fantasma de terra tentou acertar Reyna na cabeça. Ela conseguiu se abaixar, mas a dor em suas costelas ameaçava fazê-la desmaiar.

Desista, diziam as vozes em sua mente. *O legado de Roma está morto e enterrado, assim como Pompeia*.

— Não — murmurou ela para si mesma. — Não enquanto eu estiver viva.

Nico estendeu a mão enquanto mergulhava nas sombras. Com o que restava de suas forças, Reyna saltou na direção dele.

IX

LEO

LEO NÃO QUERIA SAIR DO CASCO.

Ele tinha mais três presilhas para fixar, e nenhum dos outros era magro o suficiente para entrar naquele espaço apertado. (Uma das muitas vantagens de ser magrelo.)

Enfiado entre as camadas do casco que protegiam o encanamento e a fiação elétrica, Leo podia ficar sozinho com seus pensamentos. Quando batia a frustração, o que acontecia a cada cinco segundos mais ou menos, ele podia bater nas coisas com seu martelo, e os amigos iam achar que ele estava trabalhando, não tendo um acesso de raiva.

Havia um problema com seu santuário: só cobria até a cintura. Sua bunda e suas pernas ainda podiam ser vistas pelo público em geral, o que tornava difícil ficar escondido.

— Leo! — A voz de Piper veio de algum lugar atrás dele. — Precisamos de você.

A argola de bronze celestial escorregou do alicate de Leo e deslizou para as profundezas do espaço dentro do casco.

Leo soltou um suspiro.

— Fale com as pernas, porque as mãos estão ocupadas!

— Não quero saber. Reunião no refeitório. Estamos quase em Olímpia.

— Tudo bem. Chego lá em um segundo.

— Afinal, o que você está fazendo? Está remexendo aí dentro há dias.

Leo passou a lanterna pelas placas e pistões de bronze celestial que ele havia instalado ao longo dos dias.

— Manutenção de rotina.

Silêncio. Piper era boa demais em saber quando ele estava mentindo.

— Leo...

— Ei, enquanto você está aí fora, me faz um favor? Estou com uma coceira bem embaixo do meu...

— Está bem, eu vou embora!

Leo precisou de mais alguns minutos para ajustar a presilha. Seu trabalho não tinha terminado — nem perto disso —, mas estava progredindo.

Claro, ele estabelecera as diretrizes do projeto secreto desde que construía o *Argo II*, mas não o tinha revelado a ninguém. Leo mal tinha sido honesto consigo mesmo sobre o que estava fazendo.

Nada dura para sempre, seu pai tinha lhe dito uma vez. *Nem mesmo as melhores máquinas*.

É, tudo bem, talvez isso fosse verdade. Mas Hefesto concluía: *Tudo pode ser reciclado*. Leo pretendia testar essa teoria.

Era extremamente arriscado. Se desse errado, ele seria esmagado. E não só emocionalmente. Seria *fisicamente* esmagado.

Essa ideia o deixou claustrofóbico.

Ele se agitou para sair de dentro do casco e voltou para sua cabine.

Bem... *tecnicamente* era sua cabine, mas ele não dormia lá. A cama estava coberta de fios, pregos e mecanismos de várias máquinas de bronze desmontadas. Seus três enormes armários de ferramentas com rodinhas — Chico, Harpo e Groucho — ocupavam a maior parte do quarto. Havia dezenas de ferramentas elétricas penduradas nas paredes. A bancada de trabalho estava repleta de fotocópias dos projetos detalhados em *Sobre a construção de esferas*, o livro perdido de Arquimedes que Leo encontrara em uma oficina no subsolo de Roma.

Mesmo que quisesse dormir em sua cabine, ela era atulhada e perigosa demais. Ele preferia ficar na casa de máquinas, onde o zunido constante o ajudava a dormir. Além disso, desde que passara um tempo na ilha de Ogígia, ele tinha pegado gosto por acampar ao ar livre. Um saco de dormir no chão era tudo de que precisava.

Sua cabine servia apenas para guardar coisas... e trabalhar em seus projetos mais complexos.

Ele pegou um chaveiro do cinto de ferramentas. Na verdade, não tinha tempo, mas destrancou a gaveta do meio de Groucho e olhou para os dois objetos preciosos em seu interior: um astrolábio de bronze que pegara em Bolonha e um pedaço de cristal de Ogígia do tamanho de seu punho. Leo ainda não havia descoberto um modo de juntar as duas coisas, e isso o estava deixando louco.

Ele esperava conseguir algumas respostas quando visitassem Ítaca. Afinal de contas, era o lar de Odisseu, o sujeito que construía aquele astrolábio. Mas, a

julgar pelo que Jason dissera, aquelas ruínas não ofereciam nenhuma resposta para ele, só um bando de fantasmas e *ghouls* mal-humorados.

Enfim, Odisseu nunca conseguira fazer o astrolábio funcionar. Mas ele não tinha um cristal para usar como guia. Leo tinha. Ele teria que triunfar onde o semideus mais inteligente de todos os tempos havia falhado.

Era a típica sorte de Leo. Uma garota imortal supergostosa estava esperando por ele em Ogígia, mas Leo não conseguia descobrir como conectar um pedaço idiota de pedra ao instrumento de navegação de três mil anos. Alguns problemas não podiam ser solucionados com fita adesiva.

Leo fechou e trancou a gaveta.

Seus olhos se dirigiram para um mural acima de sua bancada de trabalho, na qual havia duas folhas fixadas lado a lado. A primeira era o velho desenho a lápis de cera que fizera aos sete anos — um diagrama de um navio voador que ele vira em sonhos. A segunda era um desenho a carvão que Hazel fizera recentemente para ele.

Hazel Levesque... aquela garota era demais. Assim que Leo se reuniu com a tripulação em Malta, ela soube imediatamente que o garoto estava sofrendo por dentro. Na primeira chance que teve, depois de toda a confusão na Casa de Hades, ela foi até a cabine dele e disse:

— Desembucha.

Hazel era uma boa ouvinte. Leo contou toda a história. Na mesma noite, mais tarde, Hazel voltou com seu bloco de desenho e um lápis.

— Descreva como ela é — insistiu ela. — Cada detalhe.

Parecia um pouco estranho, ajudar Hazel a fazer um retrato de Calipso, como se ele estivesse falando com um desenhista da polícia: *Sim, policial, essa é a garota que roubou meu coração!* Parecia letra de música sertaneja.

Mas descrever Calipso fora fácil. Leo não conseguia fechar os olhos sem vê-la.

Agora a imagem dela o encarava do mural, seus olhos amendoados, o biquinho dos lábios, o cabelo comprido e liso jogado sobre um ombro do vestido sem mangas. Ele quase podia sentir seu aroma de canela. O cenho franzido e o canto da boca virado para baixo pareciam dizer: *Leo Valdez, você é um fanfarrão.*

Droga, ele amava aquela mulher.

Leo prendera o retrato dela ao lado do desenho do *Argo II* para se lembrar de que às vezes as visões *se realizam*. Quando era pequeno, ele sonhava com um navio voador. Com o tempo, acabou por construí-lo. Agora ele ia encontrar um meio de voltar para Calipso.

O zunido dos motores do navio mudou para um tom mais grave. Pelo alto-

falante da cabine, a voz de Festus estalou e guinchou.

— É, obrigado, parceiro — disse Leo. — Já estou indo.

O navio estava descendo, o que significava que os projetos de Leo teriam que ficar para depois.

— Espere por mim, querida — disse ele para o retrato de Calipso. — Vou voltar para você, exatamente como prometi.

Leo podia imaginar a resposta dela: *Não vou esperar você, Leo Valdez. Eu não estou apaixonada por você. E não acredito nem um pouco em suas promessas tolas!*

O pensamento o fez sorrir. Ele guardou as chaves de volta no cinto de ferramentas e foi para o refeitório.

*

Os outros seis semideuses tomavam café da manhã.

Algum tempo antes, Leo teria se preocupado por todos eles estarem sob o convés, deixando o timão sem ninguém, mas desde que Piper despertara Festus permanentemente com o charme, um feito que Leo *ainda* não entendia direito, a figura de proa tornara-se mais do que capaz de controlar o *Argo II* sozinha. Festus podia navegar, checar o radar, fazer uma vitamina de mirtilo e lançar jatos de fogo branco nos invasores — tudo simultaneamente — sem queimar nem um circuito.

Além disso, eles tinham Buford, a Mesa Maravilhosa, de reserva.

Depois que o treinador Hedge partira em sua expedição de viagem nas sombras, Leo havia decidido que aquela mesa de três pernas podia fazer um trabalho tão bom quanto o “acompanhante adulto” do navio. Ele forrara o tampo de Buford com um pergaminho que projetava uma simulação holográfica em miniatura do treinador Hedge. O mini-Hedge andava de um lado para outro no tampo, gritando aleatoriamente coisas como: “CALE ESSA BOCA!”, “VOU MATAR VOCÊ” e o sempre popular “VISTA ALGUMA COISA!”.

Naquele momento, Buford estava ao timão. Se as chamadas de Festus não espantassem os monstros, o Hedge holográfico de Buford dava conta disso.

Leo parou à porta do refeitório, examinando a cena que se desenrolava na mesa. Não era sempre que ele conseguia ver todos os seus amigos juntos.

Percy estava comendo uma pilha enorme de panquecas azuis (qual o problema dele com comidas azuis?), enquanto Annabeth o repreendia por botar calda demais.

— Você vai afogá-las! — reclamou ela.

— Ei, eu sou filho de Poseidon — retrucou ele. — Não posso me afogar, nem minhas panquecas.

À esquerda deles, Frank e Hazel usavam suas tigelas de cereal para manter aberto um mapa da Grécia, que os dois observavam com as cabeças juntas. De vez em quando a mão de Frank cobria a dela de forma tão natural e carinhosa que eles pareciam ser casados fazia muito tempo, e Hazel nem corava, o que era um progresso para uma garota dos anos quarenta. Até recentemente, se alguém dissesse *merda* perto dela, ela quase desmaiava.

Jason estava sentado à cabeceira da mesa com a camiseta enrolada até a altura do peito e parecia bem desconfortável enquanto a Enfermeira Piper trocava seus curativos.

— Fique parado — disse ela. — Eu sei que dói.

— É só frio.

Leo ouvia a dor na voz dele. Jason tinha sido atravessado de um lado a outro por aquela lâmina estúpida de ouro imperial. O ferimento de entrada nas suas costas estava com uma tonalidade feia de roxo e soltava fumaça. Isso provavelmente não era bom sinal.

Piper se esforçava para manter o otimismo, mas em particular tinha dito a Leo quanto estava preocupada. Não havia mais nada que ambrosia, néctar e medicina mortal pudessem fazer. Um corte profundo de bronze celestial ou ouro imperial podia literalmente dissolver a essência de um semideus de dentro para fora. Era possível que Jason melhorasse. Ele *dizia* estar se sentindo melhor. Mas Piper não tinha tanta certeza.

Infelizmente seu melhor amigo não era um autômato de metal. Aí, pelo menos ele teria alguma ideia de como ajudá-lo. Mas com humanos... Leo se sentia impotente. Eles quebravam com *muita* facilidade.

Ele amava os amigos. Faria qualquer coisa por eles. Mas ao olhar para aqueles seis, três casais, cada um concentrado no próprio mundinho, ele pensou sobre o alerta de Nêmesis, a deusa da vingança: *Você não encontrará um lugar entre seus irmãos. Você sempre será a sétima vela.*

Ele estava começando a achar que Nêmesis estava certa. Supondo que Leo vivesse tempo suficiente, supondo que seu plano secreto maluco funcionasse, o destino dele era com outra pessoa, em uma ilha que nenhum homem jamais havia encontrado duas vezes.

Mas, por enquanto, o melhor que ele podia fazer era seguir sua velha regra: *Não pare nunca*. Não fique empacado. Não pense nas coisas ruins. Sorria e faça piadas mesmo sem ter vontade. *Principalmente* quando não tiver vontade.

— E aí, gente? — Ele entrou no refeitório. — Ah, que bom, brownies!

Ele pegou o último, feito com uma receita especial com sal marinho que eles pegaram com Afros, o peixe-centauro, nas profundezas do Atlântico.

Os alto-falantes emitiram um chiado. Então o mini-Hedge de Buford gritou:

— VISTA ALGUMA COISA!

Todo mundo pulou de susto. Hazel foi parar a um metro e meio de Frank. Percy derramou calda em seu suco de laranja. Jason se contorceu todo para vestir a camiseta e Frank virou um buldogue.

— Achei que você fosse se livrar desse holograma idiota — disse Piper.

— Ei, Buford só está dando bom-dia. Ele adora seu holograma! Além disso, todos nós sentimos saudades do treinador. E Frank virou um buldogue fofo.

Frank se transformou de volta em um sino-canadense forte e mal-humorado.

— Leo, sente-se. Temos uns assuntos para discutir.

Leo se espremeu entre Jason e Hazel. Achou que aqueles dois seriam menos propensos a lhe dar um tapa se ele fizesse piadas ruins. Deu uma mordida no brownie e apanhou um pacote de salgadinhos italianos — Fonzies — para completar seu café da manhã balanceado. Ele tinha ficado viciado naquele troço desde a primeira vez que provara alguns, em Bolonha. Eram sabor queijo e vagabundos, duas de suas qualidades favoritas.

— Então... — Jason fez uma careta ao se debruçar para a frente. — Vamos permanecer no ar e descer o mais perto possível de Olímpia. É mais para o interior do que eu gostaria, cerca de dez quilômetros, mas não temos escolha. Segundo Juno, temos que encontrar a deusa da vitória e, hum... detê-la.

Fez-se um silêncio desconfortável em torno da mesa.

Com cortinas cobrindo as paredes holográficas, o refeitório estava mais escuro e sombrio do que deveria, mas eles não podiam fazer nada. Desde que os anões gêmeos cârcopes deram curto-circuito nas paredes, as imagens em tempo real do Acampamento Meio-Sangue costumavam sair do ar e mudar para fotos de closes muito próximos dos anões: suíças ruivas, narinas e dentes maltratados. Não era muito agradável quando se estava tentando comer ou ter uma conversa séria sobre o destino do mundo.

Percy bebeu seu suco de laranja adoçado com calda. Ele pareceu gostar.

— Não tenho problemas em combater uma deusa de vez em quando, mas Nice não é uma das deusas legais? Quer dizer, eu, pessoalmente, *gosto* da vitória. Para mim ela nunca é demais.

Annabeth tamborilou os dedos na mesa.

— Isso é estranho. Eu entendo por que Nice está em Olímpia, berço dos Jogos Olímpicos e tudo o mais. Os competidores faziam sacrifícios para ela. Gregos e romanos a cultuaram ali por uns mil e duzentos anos, não é?

— Quase até o fim do Império Romano — concordou Frank. — Os romanos a

chamavam de *Vitória*, mas era a mesma coisa. Todo mundo a amava. Quem não gosta de ganhar? Não entendi por que devemos detê-la.

Jason franziu a testa. Um pouco de fumaça saiu da ferida sob sua camiseta.

— O *ghoul* Antínoo disse que “a *Vitória* está fora de controle em Olímpia”. Juno nos alertou que nunca conseguiríamos acabar com a rivalidade entre gregos e romanos a menos que derrotássemos a vitória.

— Como se derrota a vitória? — questionou Piper. — Parece um desses enigmas insolúveis.

— Como fazer pedras voarem — disse Leo. — Ou comer só um salgadinho.

Ele jogou um punhado na boca.

Hazel torceu o nariz.

— Esse negócio ainda vai matar você.

— Você acha? Estas coisas têm tantos conservantes que eu vou viver para sempre. Mas, ei, sobre essa deusa da vitória ser poderosa e popular... Vocês não se lembram de como são os filhos dela no Acampamento Meio-Sangue?

Hazel e Frank nunca tinham ido ao Acampamento Meio-Sangue, mas os outros assentiram com pesar.

— É verdade — disse Percy. — Os semideuses do chalé 17... Eles são supercompetitivos. Nos jogos de capturar a bandeira, são quase piores do que os filhos de Ares. Quer dizer, com todo o respeito, Frank.

Frank deu de ombros.

— Você está dizendo que Nice tem um lado sombrio?

— Os *filhos* dela com certeza têm — disse Annabeth. — Nunca recusam um desafio. *Têm* que ser os primeiros em tudo. Se a mãe for tão intensa quanto eles...

— Opa. — Piper espalmou as mãos na mesa como se o navio estivesse balançando. — Gente, todos os deuses estão divididos entre seus aspectos grego e romano, certo? Se Nice é assim, e ela é a deusa da *vitória*...

— Deve estar *em grande* conflito — concordou Annabeth. — Ela provavelmente quer que um de seus aspectos vença para que ela possa declarar um campeão. Deve estar literalmente lutando contra si mesma.

Hazel empurrou sua tigela de cereal por cima do mapa da Grécia.

— Mas nós não *queremos* que nenhum dos lados vença. Precisamos que gregos e romanos fiquem do mesmo lado.

— Talvez esse seja o problema — disse Jason. — Se a deusa da vitória está fora de controle, dividida entre gregos e romanos, ela pode tornar impossível a união dos dois acampamentos.

— Como? — perguntou Leo. — Começando uma discussão no Twitter?

Percy espetou o garfo em uma panqueca.

— Talvez ela seja como Ares. Aquele cara consegue provocar uma briga só de entrar em uma sala cheia de gente. Se Nice irradia vibrações competitivas ou algo assim, ela poderia agravar seriamente a rivalidade entre gregos e romanos.

Frank olhou para Percy.

— Lembra-se daquele velho deus do mar em Atlanta, Fórcis? Ele disse que os planos de Gaia têm várias camadas. Isso pode ser parte da estratégia dos gigantes: manter os dois acampamentos divididos, manter os deuses divididos. Se esse for o caso, não podemos deixar que Nice nos jogue uns contra os outros. Deveríamos mandar uma equipe de *quatro* a Olímpia, dois gregos e dois romanos. O equilíbrio pode ajudar a manter também *a ela* equilibrada.

Enquanto ouvia Zhang, Leo não pôde deixar de se espantar. Não conseguia acreditar no quanto o cara tinha mudado em poucas semanas.

Frank não estava apenas mais alto e musculoso. Também parecia mais confiante, mais disposto a assumir o comando. Talvez fosse porque o graveto que controlava sua vida estava guardado em segurança em uma bolsa à prova de fogo, ou talvez porque tinha comandado uma legião de zumbis e sido promovido a pretor. Qualquer que fosse o motivo, Leo tinha dificuldade em vê-lo como o mesmo cara estabonado que uma vez escapara de algemas chinesas se transformando em uma iguana.

— Acho que Frank tem razão — disse Annabeth. — Uma equipe de quatro. Vamos ter que escolher com cuidado quem vai. Não queremos deixar a deusa... hum... ainda mais instável.

— Eu vou — disse Piper. — Posso tentar usar o charme.

Rugas de preocupação ficaram mais proeminentes em volta dos olhos de Annabeth.

— Dessa vez não, Piper. Nice só pensa em competição. E Afrodite... bem, ela também, a seu modo. Acho que Nice pode ver você como uma ameaça.

Se fosse antes, Leo talvez fizesse uma piada com isso. *Piper, uma ameaça?* A garota era como uma irmã, mas, se precisasse de ajuda para bater em uma gangue de bandidos ou subjugar uma deusa da vitória, não seria a primeira pessoa a quem ele pediria ajuda.

Ultimamente, porém... bem, Piper podia não ter mudado de modo tão óbvio quanto Frank, mas *tinha* mudado. Ela apunhalara Quione, a deusa da neve, no peito. Derrotara os Boreadas. Derrotara um bando de harpias selvagens sozinha. E, em relação ao charme, tinha ficado tão poderosa que deixava Leo nervoso. Se Piper o mandasse comer suas verduras, era capaz de ele obedecer.

As palavras de Annabeth não pareceram abalá-la. Piper apenas assentiu e olhou em volta.

— Então quem deveria ir?

— Jason e Percy não devem ir juntos — disse Annabeth. — Júpiter e Poseidon, combinação ruim. Nice poderia facilmente fazê-los começar a brigar.

Percy deu um meio sorriso.

— É, não podemos ter outro incidente como o do Kansas. Eu poderia matar meu parceiro Jason.

— Ou eu poderia matar meu parceiro Percy — comentou Jason amistosamente.

— O que apenas confirma o que eu falei — disse Annabeth. — Eu e Frank também não podemos ir juntos. Marte e Atena... seria ruim do mesmo jeito.

— Está bem — interveio Leo. — Então Percy e eu pelos gregos. Frank e Hazel pelos romanos. Essa é ou não é a equipe menos competitiva de todas?

Annabeth e Frank trocaram olhares dignos de deuses da guerra.

— Pode funcionar — concluiu Frank. — Quer dizer, *nenhuma* combinação vai ser perfeita, mas Poseidon, Hefesto, Plutão e Marte... Não vejo nenhuma grande rivalidade aí.

Hazel traçou uma linha com o dedo pelo mapa da Grécia.

— Ainda preferia que tivéssemos ido pelo Golfo de Corinto. Queria visitar Delfos, talvez receber algum conselho. Além disso, o caminho em torno do Peloponeso é muito longo.

— É. — Leo ficou deprimido quando viu a distância que ainda teriam que percorrer. — Já é dia vinte e dois de julho. A partir de hoje, temos só dez dias até...

— Eu sei — disse Jason. — Mas Juno foi clara. O caminho mais curto teria sido suicídio.

— E em relação a Delfos... — Piper debruçou-se sobre o mapa. A pena azul de harpia em seu cabelo balançou como um pêndulo. — O que está acontecendo por lá? Se Apolo não tem mais seu oráculo...

Percy resmungou:

— Provavelmente tem algo a ver com aquele cretino do Octavian. Talvez ele seja *tão* ruim em prever o futuro que anulou os poderes de Apolo.

Jason conseguiu dar um sorriso, apesar de seus olhos estarem nublados de dor.

— Com sorte vamos achar Apolo e Ártemis. Aí você mesmo pode perguntar a ele. Juno disse que talvez os gêmeos estejam dispostos a nos ajudar.

— Muitas perguntas sem resposta — murmurou Frank. — E muitos quilômetros a navegar até Atenas.

— Vamos começar pelo começo — disse Annabeth. — Vocês têm que encontrar Nice e descobrir como detê-la... Ou seja lá o que Juno quis dizer com isso. Ainda não entendo como se derrota uma deusa que controla a vitória. Parece impossível.

Leo abriu um sorriso. Não conseguiu evitar. Claro, eles só tinham dez dias para impedir que os gigantes despertassem Gaia. Claro, ele podia morrer antes da hora do jantar. Mas ele adorava quando lhe diziam que algo era impossível. Era como se alguém lhe desse uma torta de merengue de limão e lhe dissesse para não jogá-la. Ele simplesmente não conseguia resistir ao desafio.

— Isso a gente vai ver. — Leo ficou de pé. — Vou buscar minha coleção de granadas e encontro vocês no convés!

X

LEO

— VOCÊ MANDOU MUITO BEM — DISSE Percy — quando escolheu um lugar com ar-condicionado.

Ele e Leo tinham acabado de fazer uma busca no museu. Agora estavam sentados em uma ponte que cruzava o Rio Kladeos, ambos com os pés balançando acima da água enquanto esperavam que Frank e Hazel terminassem de procurar nas ruínas.

À esquerda deles, o vale de Olímpia tremeluzia ao sol da tarde. À direita, o estacionamento de visitantes estava lotado de ônibus de turismo. Ainda bem que eles tinham ancorado o *Argo II* trinta metros acima do chão, porque senão nunca teriam encontrado uma vaga.

Leo jogou uma pedra no rio. Queria que Hazel e Frank voltassem. Ele se sentia meio constrangido andando com Percy.

Um motivo era não saber como puxar conversa com um cara que tinha acabado de voltar do Tártaro. *Viu o último episódio de Doctor Who? Ah, verdade. Você estava passeando pelo Poço da Condenação Eterna!*

Percy já era bem intimidante *antes*: invocando furacões, lutando contra piratas, matando gigantes no Coliseu...

Agora... Bem, depois do que havia acontecido no Tártaro, parecia que Percy pertencia a um nível totalmente diferente de herói.

Leo não conseguia nem acreditar que eles faziam parte do mesmo *acampamento*. Os dois nunca haviam estado ao mesmo tempo no Acampamento Meio-Sangue. O colar de couro de Percy tinha quatro contas por quatro verões completos. O colar de couro de Leo tinha exatamente *nenhuma*.

A única coisa que eles tinham em comum era Calipso, e sempre que Leo se lembrava *disso*, tinha vontade de dar um soco na cara de Percy.

Ele não parava de pensar que deveria tocar no assunto, só para esclarecer as coisas, mas nunca parecia o momento certo. E, à medida que os dias passavam, ficava cada vez mais difícil falar sobre isso.

— O que foi? — perguntou Percy.

Leo levou um susto.

— Hã?

— Você estava me encarando, tipo, com *raiva*.

— Estava? — Leo pensou em fazer uma piada, ou pelo menos dar um sorriso, mas não conseguiu. — Hum, desculpe.

Percy olhou para o rio.

— Eu acho que a gente precisa conversar.

Ele abriu a mão, e a pedra que Leo havia jogado saiu voando do rio e foi parar direto na mão de Percy.

Ah, pensou Leo, agora é a hora de se exhibir?

Ele teve vontade de lançar uma coluna de fogo no ônibus de turismo mais próximo e explodir o tanque de gasolina, mas achou que isso seria um pouco exagerado demais.

— Talvez a gente *deva* conversar. Mas...

— Ei, vocês!

Frank estava parado na outra extremidade do estacionamento, acenando para eles. Ao seu lado, Hazel estava montada em seu cavalo, Arion, que aparecera sem aviso assim que eles aterrissaram.

Salvo pelo Zhang, pensou Leo.

Ele e Percy foram correndo se juntar aos amigos.

*

— Este lugar é enorme — explicou Frank. — As ruínas se estendem desde o rio até a base daquela montanha, a cerca de meio quilômetro daqui.

— Quanto dá isso em medidas normais, como milhas? — perguntou Percy.

Frank revirou os olhos.

— Essa é uma medida normal no Canadá e no *resto* do mundo. Só vocês, americanos...

— Cerca de cinco ou seis campos de futebol americano — interveio Hazel, alimentando Arion com um grande pedaço de ouro.

Percy abriu os braços.

— Era só você dizer isso.

— Enfim — prosseguiu Frank. — Lá do alto eu não vi nada suspeito.

— Nem eu — disse Hazel. — Dei uma volta completa pelo perímetro com Arion. Muitos turistas, mas nenhuma deusa maluca.

O grande garanhão relinchou e remexeu a cabeça, contraindo os músculos do pescoço sob a pelagem castanha.

— Cara, ele sabe mesmo xingar. — Percy balançou a cabeça. — E não gosta muito de Olímpia.

Pelo menos daquela vez, Leo concordava com o cavalo. Ele não era fã da ideia de caminhar por campos cheios de ruínas sob um sol escaldante, abrindo caminho através de hordas de turistas suados para tentar encontrar uma deusa da vitória com dupla personalidade. Além disso, Frank já sobrevoara todo o vale na forma de águia. Se seus olhos aguçados não haviam visto nada, talvez não houvesse nada para ser visto.

Por outro lado, o cinto de ferramentas de Leo estava cheio de brinquedos perigosos. Ele ia odiar voltar para casa sem explodir alguma coisa.

— Então vamos passear por aí — disse ele. — Esperar que o problema nos encontre. Isso sempre funcionou antes.

Eles procuraram por um tempo, evitando grupos de turistas e pulando de uma faixa de sombra para outra. Leo ficou impressionado, e não pela primeira vez, ao ver como a Grécia era parecida com seu estado natal, o Texas: as colinas baixas, os arbustos, o canto das cigarras e o calor opressivo no verão. Se as colunas e os templos em ruínas fossem trocados por vacas e arame farpado, ele se sentiria em casa.

Frank achou um panfleto turístico (sério, o cara devia ler até os ingredientes no rótulo de uma lata de sopa) e deu a eles uma explicação rápida sobre o que era o quê.

— Aquilo ali é o Propileu. — Ele gesticulou na direção de uma trilha de pedras margeada por colunas desmoronadas. — Um dos principais portões de entrada para o vale olímpico.

— Pedras! — disse Leo.

— E ali... — Frank apontou para uma fundação quadrada que parecia o pátio de um restaurante mexicano — fica o templo de Hera, uma das estruturas mais antigas daqui.

— Mais pedras! — disse Leo.

— E aquele negócio redondo que parece um coreto... é o Filipeu, dedicado a Filipe da Macedônia.

— E ainda *mais* pedras! Pedras de primeira categoria!

Hazel, ainda montada em Arion, deu um chute no braço de Leo.

— Não tem *nada* que impressione você?

Leo olhou para ela. Seu cabelo encaracolado cor de canela e seus olhos mel combinavam tão bem com seu elmo e sua espada que ela parecia ser feita de ouro imperial. Leo duvidava que Hazel considerasse isso um elogio, mas, no que dizia respeito a humanas, Hazel era um produto de primeira qualidade.

Leo se lembrou da travessia que fizeram juntos pela Casa de Hades. Hazel o conduzira por aquele assustador labirinto de ilusões. Ela fizera a feiticeira Pasifae desaparecer através de um buraco imaginário no chão. Lutara contra Clítio enquanto Leo sufocava na massa de trevas do gigante. Havia cortado as correntes que prendiam as Portas da Morte. Enquanto isso, Leo tinha feito... bem, basicamente nada.

Ele não estava mais apaixonado por Hazel. Seu coração estava longe, na ilha de Ogígia. Mas mesmo assim Hazel Levesque o impressionava, até quando estava montada em um cavalo imortal supersônico que cuspiam palavrões como um estivador.

Ele não disse nada disso, mas Hazel deve ter percebido algo em sua expressão, porque desviou os olhos, envergonhada.

Alheio a tudo, Frank continuou seu *tour* guiado:

— E ali... ah. — Ele olhou para Percy. — Hum, aquela depressão semicircular na colina, perto dos nichos... é um ninfeu, construído no período romano.

O rosto de Percy ficou da cor de limonada.

— Tenho uma ideia: não vamos lá.

Leo ouvira tudo sobre a experiência de quase morte de Percy no ninfeu em Roma, com Jason e Piper.

— Adorei essa ideia.

Eles continuaram andando.

De vez em quando, Leo levava a mão ao cinto de ferramentas. Desde que os cârcopes o roubaram em Bolonha, ele tinha medo de ser furtado outra vez, apesar de duvidar que houvesse algum monstro capaz de ser um ladrão tão bom quanto aqueles anões. Ele se perguntou como aqueles macaquinhos imundos estavam se saindo em Nova York. Torceu para que ainda estivessem se divertindo perturbando romanos, roubando muitos zíperes brilhantes e fazendo com que as calças dos legionários caíssem.

— Aqui é o Pelopion — disse Frank, apontando para outra fascinante pilha de pedras.

— Ah, por favor, Zhang — disse Leo. — *Pelopion* nem é uma palavra de verdade. O que era isso? Uma homenagem a pessoas peludas?

Frank pareceu ofendido.

— É o túmulo de Pêlops. Toda essa parte da Grécia, o Peloponeso, tem esse

nome por causa dele.

Leo segurou a vontade de jogar uma granada na cara de Frank.

— Eu deveria saber quem foi Pêlops?

— Foi um príncipe. Ganhou sua esposa em uma corrida de bigas. Supostamente, ele organizou os primeiros Jogos Olímpicos em homenagem a isso.

Hazel fungou.

— Que romântico. “Que bela esposa você tem, príncipe Pêlops.” “Obrigado. Eu a ganhei em uma corrida de bigas.”

Leo não conseguia ver como aquilo os ajudaria a encontrar a deusa da vitória. Naquele momento, a única vitória que ele queria era devorar uma bebida supergelada e talvez uns nachos.

Ainda assim... quanto mais eles avançavam nas ruínas, mais desconfortável ele se sentia. Leo lembrou uma de suas recordações mais antigas, sua babá, *Tía Callida*, também conhecida como Hera, o estimulando a cutucar uma cobra venenosa com um galho, quando ele tinha quatro anos. A deusa psicopata dissera a ele que aquele era um bom treinamento para ser herói, e talvez tivesse razão. Ultimamente, Leo passava a maior parte do tempo procurando confusão.

Ele observava as multidões de turistas, se perguntando se eram mortais normais ou monstros disfarçados, como aqueles *eidolons* que os perseguiram em Roma. De vez em quando achava ter visto um rosto familiar — seu primo violento, Raphael; seu professor malvado do terceiro ano, o Sr. Bornquin; sua malvada mãe adotiva, Teresa —, todo tipo de gente que tinha tratado Leo como lixo.

Provavelmente, ele tinha apenas imaginado seus rostos, mas isso o deixou nervoso. Ele pensou em como a deusa Nêmesis havia tomado a forma de sua tia Rosa, a pessoa de quem Leo guardava mais rancor e de quem mais queria se vingar. Ele se perguntou se Nêmesis estaria por ali em algum lugar, observando para ver o que Leo ia fazer. Ele ainda não tinha certeza de ter pagado sua dívida com aquela deusa, e desconfiava que ela quisesse mais sofrimento dele. Talvez aquele fosse o dia.

Os quatro pararam em uma escadaria larga que levava a outra construção em ruínas, o templo de Zeus, segundo Frank.

— Costumava haver uma enorme estátua de Zeus em ouro e marfim no interior — disse Zhang. — Uma das sete maravilhas do mundo antigo. Feita pelo mesmo cara que esculpiu a Atena Partenos.

— Por favor, não me diga que temos que encontrá-la — disse Percy. — Já tive o suficiente de estátuas mágicas para uma viagem.

— Concorde.

Hazel deu um tapinha no lombo de Arion, pois o garanhão estava ficando impaciente.

Leo também sentiu vontade de relinchar e bater os cascos. Estava com calor, agitado e com fome. Parecia que tinham provocado a cobra venenosa ao máximo, e ela estava prestes a contra-atacar. Ele queria encerrar as buscas do dia por ali e voltar para o navio antes que isso acontecesse.

Infelizmente, porém, quando Frank mencionou *templo de Zeus e estátua*, o cérebro de Leo fez uma conexão. Contrariando o bom senso, ele a compartilhou com os outros:

— Ei, Percy, se lembra da estátua de Nice no museu? A que estava toda quebrada?

— O quê que tem?

— Ela não ficava *aqui*, no templo de Zeus? Fique à vontade para me dizer que estou errado. Eu adoraria estar errado.

Percy levou a mão ao bolso e pegou sua caneta Contracorrente.

— Você tem razão. Então, se Nice estiver em algum lugar... este é perfeito.

Frank observou os arredores.

— Não estou vendo nada.

— E se começássemos a fazer propaganda de, sei lá, tênis Adidas? — perguntou Percy. — Afinal, a Nike se inspirou em Nice. Será que isso a deixaria com raiva o suficiente para aparecer?

Leo soltou uma risadinha nervosa. Talvez ele e Percy compartilhassem outra coisa: um senso de humor idiota.

— É, aposto que isso seria *totalmente* contra o contrato de patrocínio dela. ESSES NÃO SÃO OS TÊNIS OFICIAIS DOS OLÍMPICOS! VOCÊS VÃO MORRER AGORA!

Hazel revirou os olhos.

— Vocês dois são impossíveis.

Atrás de Leo, uma voz trovejante abalou as ruínas:

— VOCÊS VÃO MORRER AGORA!

Leo quase pulou para fora de seu cinto de ferramentas. Ele se virou... e se repreendeu na hora. Ele *tinha* que invocar Adidas, a deusa dos tênis de segunda opção.

A deusa Nice assomou diante deles em uma biga dourada, e tinha uma lança apontada para o coração dele.

XI

LEO

AS ASAS DOURADAS ERAM UM pouquinho demais.

Leo até que gostou da biga e dos dois cavalos brancos. Achou legal o vestido cintilante sem mangas que Nice usava (Calipso arrasava naquele estilo, mas isso não era relevante) e seu cabelo preto trançado e preso por uma coroa de louros dourados.

Ela tinha os olhos arregalados e cara de maluca, como se tivesse acabado de beber vinte *espressos* e andado de montanha-russa, mas isso também não incomodou Leo. Ele podia aceitar até a lança de ponta de ouro apontada para seu peito.

Mas aquelas *asas*... Eram de ouro polido, até a última pena. Leo podia admirar o trabalho intrincado, mas aquilo era demais — brilhante demais, ofuscante demais. Se as asas dela fossem painéis solares, Nice produziria energia suficiente para abastecer Miami.

— Senhora — disse ele —, poderia, por favor, dobrar suas asas? Sua luz está me queimando.

— O quê? — A cabeça de Nice se virou na direção dele como a de uma galinha assustada. — Ah... minha plumagem brilhante. Está bem. Imagino que você não possa morrer em glória se estiver cego e queimado.

Ela recolheu as asas. A temperatura caiu para os cinquenta graus normais de uma tarde de verão.

Leo olhou para os amigos. Frank estava totalmente imóvel, avaliando a deusa. Sua mochila ainda não havia se transformado em arco e aljava de flechas, o que provavelmente era prudente. Ele não devia ter ficado tão assustado, já que não se transformara em um peixinho dourado gigante.

Hazel estava tendo problemas com Arion. O garanhão castanho relinchou e

empinou, evitando contato visual com os cavalos brancos que puxavam a biga de Nice.

Quanto a Percy, ele segurava sua caneta mágica como se estivesse tentando decidir se dava alguns golpes de espada ou autografava o meio de transporte de Nice.

Ninguém tomou a iniciativa de falar com a deusa. Leo meio que sentia falta de Piper e Annabeth com eles. Elas eram boas nisso de *se comunicar*.

Ele achou melhor alguém fazer alguma coisa antes que todos morressem em glória.

— Então! — Ele apontou os indicadores para Nice. — Eu não recebi o memorando e tenho quase certeza de que a informação não constava no folheto de Frank. Pode nos dizer o que está acontecendo aqui?

Os olhos arregalados de Nice deixavam Leo nervoso. Será que seu nariz estava pegando fogo? Isso às vezes acontecia quando ele ficava estressado.

— Nós precisamos da vitória! — gritou a deusa. — É necessário decidir a disputa! Vocês vieram aqui para determinar um vencedor, certo?

Frank pigarreou.

— A senhora é Nice ou Vitória?

— Aaaarghh!

A deusa segurou a cabeça entre as mãos. Seus cavalos empinaram, levando Arion a fazer o mesmo. Ela estremeceu e se dividiu em duas imagens separadas, que lembraram Leo — o que era ridículo — de quando ele ficava deitado no chão de seu apartamento brincando com a mola no rodapé que impedia que a porta batesse na parede. Ele puxava a mola e a soltava: *Sproing!* E ela ia para a frente e para trás tão rápido que parecia se transformar em duas molas.

Era isso o que Nice parecia: uma mola duplicada.

À esquerda estava a primeira versão: o vestido cintilante, o cabelo preto preso por uma coroa de louros, as asas de ouro dobradas às costas. À direita havia uma versão diferente, usando uma armadura romana. Pelas bordas de um elmo alto saía um cabelo curto e castanho-claro. Suas asas eram brancas e emplumadas; o vestido, roxo; e a haste da lança trazia uma insígnia romana do tamanho de um prato: um ^{SPQR} dourado dentro de uma coroa de louros.

— Eu sou Nice! — exclamou a imagem da esquerda.

— Eu sou Vitória! — exclamou a da direita.

Pela primeira vez Leo entendeu o velho ditado que seu *abuelo* usava muito: *falar da boca para fora*. A deusa estava literalmente dizendo duas coisas completamente diferentes. Ela não parava de tremer e se dividir, o que deixou Leo tonto. Ele sentiu vontade de pegar suas ferramentas e regular a marcha lenta em seu carburador, porque aquela vibração toda ia fazer o motor dela se

desmantelar.

— Sou eu quem decide a vitória! — gritou Nice. — Antigamente eu ficava no templo de Zeus, era venerada por todos! Eu velava pelos jogos de Olímpia. Oferendas de todo o mundo se empilhavam aos meus pés!

— Jogos são irrelevantes! — berrou Vitória. — Eu sou a deusa do sucesso em batalha! Os generais romanos me veneravam! O próprio Augusto ergueu para mim um altar no Senado!

— Aaahhh! — gritaram as duas vozes, em agonia. — Precisamos decidir! Precisamos de uma vitória!

Arion começou a empinar com tamanha violência que Hazel teve que desmontar para não cair. Antes que ela conseguisse acalmá-lo, o cavalo desapareceu, deixando uma trilha de vapor pelas ruínas.

— Nice — disse Hazel, dando um cauteloso passo à frente —, a senhora está confusa, como todos os deuses. Os gregos e romanos estão à beira de uma guerra. Isso está fazendo seus aspectos entrarem em conflito.

— Eu sei! — A deusa sacudiu sua lança, e a extremidade pareceu vibrar. — Não suporto conflitos sem solução! Quem é mais forte? Quem é o vencedor?

— Senhora, ninguém sairá vencedor — disse Leo. — Se essa guerra acontecer, todos vão perder.

— *Ninguém vencerá?* — Nice pareceu tão chocada que Leo teve quase certeza de estar com o nariz em chamas. — Sempre há um vencedor! *Um* vencedor. Todos os outros são perdedores! Do contrário, a vitória não significa nada. Você quer que eu distribua certificados para todos os competidores? Dê um troféu de plástico para cada atleta e soldado, como prêmio de *participação*? Será que devemos todos nos enfileirar, apertar as mãos e dizer uns para os outros: *Bom jogo*? Não! A vitória tem que ser real. Deve ser merecida. Isso significa que precisa ser rara e difícil, contra todas as probabilidades, e a derrota é a única alternativa.

Os dois cavalos da deusa começaram a se morder, como se estivessem entrando no espírito da coisa.

— Hum... está bem — disse Leo. — Entendi que a senhora já tem uma opinião formada sobre o assunto. Mas a verdadeira guerra é contra Gaia.

— Ele tem razão — disse Hazel. — Nice, a senhora conduziu a biga de Zeus na última guerra contra os gigantes, não foi?

— É claro!

— Então sabe que Gaia é o verdadeiro inimigo. Precisamos de sua ajuda para derrotá-la. A guerra não é entre gregos e romanos.

— Os gregos devem morrer! — exclamou Vitória.

— Vitória ou morte! — gritou Nice. — Um lado deve prevalecer!

— Eu já estou cheio dessa conversa. É a mesma coisa que meu pai fica gritando na minha cabeça — resmungou Frank.

Vitória olhou para ele.

— Você é filho de Marte, não é? — disse a deusa. — Um pretor de Roma? Nenhum romano verdadeiro pouparia os gregos. Eu não posso tolerar ficar dividida e confusa, não consigo pensar direito! Mate-os! Vença!

— Não vai rolar — disse Frank, apesar de Leo perceber que o olho direito de Zhang tremia.

Leo também estava lutando. Nice emanava ondas de tensão, inflamando seus nervos. Ele sentia como se estivesse agachado e em posição na linha de largada esperando que alguém gritasse: “Vai!” Estava com o desejo irracional de apertar o pescoço de Frank, o que era estupidez, já que suas mãos não conseguiriam nem *envolver* todo o pescoço dele.

— Olhe, dona Vitória... — Percy tentou sorrir. — Não queremos interromper sua loucura. Talvez a senhora possa simplesmente terminar essa conversa consigo mesma, e nós voltamos depois, com... hum... algumas armas maiores e talvez uns sedativos.

A deusa brandiu sua lança.

— Vocês vão resolver essa questão de uma vez por todas! Hoje, *agora*, vocês vão decidir quem será vitorioso! Estão em quatro? Excelente! Faremos duplas. Talvez garotas contra garotos!

Hazel disse:

— Hum... não.

— Com camisa contra sem camisa!

— Não mesmo — disse Hazel.

— Gregos contra romanos! — gritou Nice. — Sim, é claro! Dois e dois. O último semideus de pé será coroado vencedor. Os outros morrerão de maneira gloriosa.

Um desejo de competir pulsava pelo corpo de Leo. Ele teve que se esforçar muito para não pegar um martelo em seu cinto de ferramentas e acertar Frank e Hazel na cabeça.

Então ele entendeu por que Annabeth não quisera mandar ninguém cujos pais tivessem rivalidades inatas. Se Jason estivesse ali, ele e Percy provavelmente já estariam no chão querendo arrancar a cabeça um do outro.

Ele se obrigou a relaxar.

— Olhe, dona, nós não vamos começar os *Jogos vorazes* aqui. Não vai rolar.

— Mas você receberá honrarias fabulosas! — Nice pegou, de uma cesta ao seu lado, uma coroa espessa de folha de louros. — Esta coroa de folhas pode ser sua! Você pode usá-la na cabeça! Pense na glória!

— Leo tem razão — disse Frank, apesar de estar com os olhos fixos na coroa. Tinha uma expressão um pouco cobiçosa demais para o gosto de Leo. — Nós não lutamos uns contra os outros. Nós lutamos contra os gigantes. A senhora deveria nos ajudar.

— Muito bem!

A deusa ergueu a coroa de louros em uma das mãos e a lança na outra.

Percy e Leo se entreolharam.

— Hum... isso significa que a senhora vai nos ajudar? — perguntou Percy. — Vai combater os gigantes?

— Isso será parte do prêmio — disse Nice. — Quem vencer, eu vou considerar meu aliado. Vamos lutar juntos contra os gigantes, e eu vou conceder a vitória a vocês. Mas só pode haver um vencedor. Os outros devem ser derrotados, mortos, totalmente destruídos. Então, o que decidem, semideuses? Vocês terão sucesso em sua missão ou vão se apegar a ideias tolas de amizade e prêmios de participação nos quais todos vencem?

Percy destampou sua caneta. Contracorrente cresceu e se transformou em uma espada de bronze celestial. Leo teve medo de que Percy a usasse contra eles. Era difícil *demais* resistir à aura de Nice.

Em vez disso, porém, Percy apontou sua lâmina para a deusa.

— E se nós a enfrentássemos?

— Há! — Os olhos de Nice brilharam. — Caso se recusem a lutar uns contra os outros, vocês serão persuadidos!

Nice abriu as asas, e quatro penas de metal caíram, rodopiando como ginastas, crescendo e desenvolvendo pernas e braços até tocarem o solo como quatro réplicas metálicas em tamanho humano da deusa, cada uma armada com uma lança de ouro e uma coroa de louros de bronze celestial que se parecia sinistramente com um *frisbee* de arame farpado.

— Para o estádio! — gritou Nice. — Vocês têm cinco minutos para se preparar. Depois teremos derramamento de sangue!

*

Leo estava prestes a dizer: *E se nos recusarmos a ir para o estádio?*

Ele nem precisou fazer a pergunta.

— Corram! — berrou Nice. — Vão para o estádio, ou minhas Niceias vão matá-los aí onde estão!

As mulheres de metal abriram as mandíbulas e emitiram um som que parecia

a torcida do Superbowl com eco. Elas brandiram as lanças e investiram contra os semideuses.

Não foi o melhor momento de Leo. Ele foi tomado pelo pânico e saiu correndo. O único consolo foi que seus amigos fizeram a mesma coisa, e eles não eram nada covardes.

As quatro mulheres de metal os seguiram formando um semicírculo espaçado.

Todos os turistas haviam desaparecido. Talvez tivessem escapado para o conforto do ar-condicionado do museu, ou talvez Nice os tivesse de algum modo forçado a sair dali.

Os semideuses correram, tropeçando em pedras, saltando paredes desmoronadas, desviando de colunas e de placas de informação. Atrás deles, as rodas da biga de Nice faziam um estrondo e seus cavalos relinchavam.

Sempre que Leo pensava em reduzir a velocidade, as mulheres de metal gritavam de novo (do que Nice as havia chamado mesmo? Niceias? Nicetes?), deixando-o apavorado.

Ele odiava ficar apavorado. Era vergonhoso.

— Por aqui! — Frank acelerou na direção de uma espécie de abertura entre dois muros de terra encimados por uma arcada de pedra. Aquilo lembrou Leo dos túneis pelos quais os jogadores de futebol americano entram correndo no campo. — Esta é a entrada do antigo estádio olímpico. É chamada de “A cripta”!

— Não é um bom nome! — berrou Leo.

— Por que estamos indo para lá? — perguntou Percy, arfante. — Se é onde ela nos quer...

As Nicetes gritaram de novo, e todo pensamento racional abandonou Leo. Ele correu para o túnel. Quando chegaram ao arco, Hazel gritou:

— Esperem!

Eles pararam aos solavancos. Percy se inclinou para a frente, com dificuldade para respirar. Leo percebeu que ele parecia estar perdendo o fôlego com mais facilidade do que antes, provavelmente por causa do terrível ar ácido que tinha sido forçado a respirar no Tártaro.

Frank olhou para trás.

— Não as vejo mais. Elas desapareceram.

— Será que desistiram? — perguntou Percy, cheio de esperança.

Leo examinou as ruínas.

— Não. Só nos conduziram até onde queriam que chegássemos. Mas o que, afinal, eram aquelas coisas? As Nicetes...

— Nicetes? — Frank coçou a cabeça. — Acho que eram *Niceias*.

— É. — Hazel parecia mergulhada em pensamentos enquanto passava a mão pelo arco de pedra. — Em algumas lendas, Nice tinha um exército de pequenas

vitórias que podia enviar a qualquer lugar do mundo.

— Como os duendes do Papai Noel — disse Percy. — Só que do mal. E de metal. E muito barulhentas.

Hazel pressionou os dedos contra o arco, como se estivesse sentindo sua pulsação. Depois do túnel estreito, as paredes de terra se abriam em um descampado amplo com elevações suaves dos dois lados, como arquibancadas.

Leo achou que, naqueles tempos, o estádio devia ser ao ar livre e grande o suficiente para arremesso de disco, lançamento de dardo, arremesso de peso nu ou o que mais aqueles gregos malucos costumassem fazer para ganhar um monte de folhas.

— Este lugar é assombrado — murmurou Hazel. — As pedras estão embebidas em muito sofrimento.

— Por favor, me diga que você tem um plano — pediu Leo. — De preferência, um que não envolva embeber meu sofrimento nessas pedras.

Os olhos de Hazel estavam tempestuosos e distantes, do jeito que tinham ficado na Casa de Hades, como se ela estivesse olhando para outra realidade.

— Essa era a entrada dos competidores. Nice disse que nós temos cinco minutos para nos preparar. Depois ela espera que passemos pela arcada e comecemos os jogos. Não temos permissão para deixar o campo até que um de nós saia vitorioso.

Percy se apoiou em sua espada.

— Tenho quase certeza de que lutas até a morte não eram um esporte olímpico.

— Bem, hoje são — murmurou Hazel. — Mas posso garantir alguma vantagem para nós. Quando passarmos, vou erguer alguns obstáculos no campo... esconderijos para ganharmos tempo.

Frank franziu a testa.

— Como no Campo de Marte... trincheiras, túneis, esse tipo de coisa? Você consegue fazer isso com a Névoa?

— Acho que sim. Nice provavelmente iria *gostar* de ver uma pista de obstáculos. Posso usar essas expectativas contra ela mesma. Mas seria mais do que isso. Posso utilizar qualquer passagem subterrânea, até mesmo este túnel, para acessar o Labirinto. Posso trazer parte dele para a superfície.

— Ei, ei, ei. — Percy fez um sinal pedindo tempo. — O Labirinto é *do mal*. Já discutimos isso.

— Hazel, ele tem razão. — Leo se lembrava muito bem de como ela o conduzira pelo labirinto ilusório na Casa de Hades. Eles quase morriam a cada dois metros. — Quer dizer, eu sei que você é boa com magia. Mas já temos quatro Nicetes históricas com que nos preocupar...

— Vocês vão ter que confiar em mim — disse ela. — Agora só temos dois minutos. Quando passarmos pelos arcos, poderei pelo menos manipular o terreno em nosso favor.

Percy soltou um suspiro.

— Já é a segunda vez que sou forçado a lutar em estádios; uma em Roma e, antes disso, *no próprio* Labirinto. Odeio participar de joguinhos para a diversão dos outros.

— Nenhum de nós gosta — afirmou Hazel. — Mas temos que surpreender Nice. Vamos fingir lutar até conseguir neutralizar aquelas Nicetes... Nossa, esse nome é horrível. Então deteremos Nice, como Juno disse.

— Faz sentido — concordou Frank. — Vocês sentiram como ela estava poderosa, tentando fazer com que pulássemos na garganta um do outro. Se Nice estiver emanando essas vibrações para todos os gregos e romanos, não teremos como impedir uma guerra. Precisamos detê-la.

— E como vamos fazer isso? — perguntou Percy. — Batemos na cabeça dela e a jogamos em um saco?

As engrenagens mentais de Leo começaram a girar.

— Na verdade — disse ele —, é mais ou menos isso. Tio Leo trouxe brinquedos para todos vocês, pequenos semideuses.

XII

LEO

DOIS MINUTOS NÃO FORAM SUFICIENTES.

Leo esperava ter dado a todo mundo os equipamentos certos e explicado corretamente o que todos os botões faziam. Do contrário, a coisa ia ficar feia.

Enquanto ele explicava mecânica arquimediana a Frank e Percy, Hazel olhava para a arcada de pedra e murmurava baixinho.

Nada parecia diferente no grande campo gramado adiante, mas Leo estava certo de que Hazel tinha algum belo truque da Névoa guardado na manga.

Ele estava acabando de explicar a Frank como não ser decapitado por sua própria esfera de Arquimedes quando o som de trombetas ecoou pelo estádio. A biga de Nice surgiu no campo, as Nicetes posicionadas em frente, com as lanças e coroas de louros erguidas.

— Comecem! — gritou a deusa.

Percy e Leo passaram correndo pela arcada. Imediatamente o campo tremeluziu e se transformou em um labirinto de muros de tijolos e trincheiras. Eles se agacharam atrás do muro mais próximo e foram para a esquerda. Atrás, nos arcos, Frank gritou:

— Hã... morra, *graecus* nojento!

Uma flecha muito sem mira passou voando por cima da cabeça de Leo.

— Mais violência! — berrou Nice. — Mate com mais vontade!

Leo olhou para Percy.

— Pronto?

Percy pegou uma granada de bronze.

— Espero que você tenha identificado isso direito. — Então ele gritou: — Morram, romanos!

E arremessou a granada por cima do muro.

BUM! Leo não conseguiu ver a explosão, mas o cheiro de pipoca amanteigada encheu o ar.

— Ah, não! — gemeu Hazel. — Pipoca! Nosso ponto fraco!

Frank lançou outra flecha acima da cabeça deles. Leo e Percy correram para a esquerda, desaparecendo em um labirinto de muros que parecia mudar e fazer curvas por conta própria. Leo ainda conseguia ver o céu, mas começou a se sentir claustrofóbico, com a respiração difícil.

De algum lugar atrás deles, Nice gritou:

— Esforcem-se mais! Essa pipoca não era fatal!

Pelo barulho que as rodas da biga faziam, Leo calculou que ela estivesse dando a volta no perímetro do campo. A perfeita volta olímpica em Olímpia.

Outra granada explodiu acima das cabeças dos dois. Eles mergulharam atrás de uma trincheira quando as chamas verdes do fogo grego queimaram as pontas do cabelo de Leo. Felizmente, Frank tinha mirado alto o bastante para que a explosão apenas *impressionasse*.

— Assim é melhor! — exclamou Nice. — Mas onde está sua pontaria? Você não *quer* esta coroa de folhas?

— Queria que o rio fosse mais perto — murmurou Percy. — Eu estou com vontade de afogá-la.

— Seja paciente, garoto da água.

— Não me chame de *garoto da água*.

Leo apontou para o outro lado do estádio. Os muros tinham mudado de posição, revelando uma das Nicetes a cerca de trinta metros de distância, parada de costas para eles. Hazel devia estar fazendo seu trabalho, manipulando o labirinto para isolar seus alvos.

— Eu distraio — disse Leo. — Você ataca. Pronto?

Percy assentiu.

— Vai.

Ele saiu correndo para a esquerda enquanto Leo puxava um martelo de seu cinto de ferramentas e gritava:

— Ei, bundona de bronze!

A Nicete se virou quando Leo arremessou a ferramenta. O martelo bateu inofensivamente no peito de metal da mulher, mas isso deve tê-la aborrecido. Ela foi na direção dele, erguendo sua coroa de louros de arame farpado.

— Ops.

Leo se agachou quando o aro de metal passou girando acima de sua cabeça. A coroa acertou um muro atrás dele, abrindo um buraco nos tijolos, depois fez uma volta em arco e voltou pelo ar como um bumerangue. Quando a Nicete levantou o braço para pegá-la, Percy surgiu da trincheira atrás dela e golpeou com

Contracorrente, cortando a Nicete ao meio. A coroa de metal passou por ele e se cravou em uma coluna de mármore.

— Falta! — gritou a deusa. Os muros mudaram de lugar, e Leo a viu correr na direção deles em sua biga. — Não se ataca as Niceias! A menos que você queira morrer!

Uma trincheira surgiu no caminho da deusa, fazendo seus cavalos refugarem. Leo e Percy correram para se abrigar. A uns cinquenta metros de distância, Leo viu pelo canto do olho Frank, o urso-pardo, pular do alto de um muro e esmagar uma Nicete. Duas bundonas de bronze a menos; faltavam duas.

— Não! — gritou Nice, furiosa. — Não, não, não! Vocês estão perdidos! Niceias, ataquem!

Leo e Percy se esconderam atrás de um muro. Ficaram ali por um segundo, tentando recuperar o fôlego.

Leo estava com dificuldade para se localizar, mas ele achava que isso era parte do plano de Hazel. Ela fazia o terreno mudar em torno deles, abrindo novas trincheiras, mudando a inclinação do solo, erguendo novos muros e colunas. Com sorte, ela iria tornar mais difícil para as Nicetes encontrá-los. Avançar apenas dez metros podia custar a elas vários minutos.

Mesmo assim, o garoto odiava ficar desorientado. Isso lhe lembrava sua impotência na Casa de Hades, a forma como Clítio o havia aprisionado na escuridão, apagando seu fogo, tomando posse de sua voz. Lembrava-lhe Quione, arrancando-o do convés do *Argo II* com uma lufada de vento e o lançando do outro lado do Mediterrâneo.

Já era bem ruim ser magro e fraco. Se Leo não pudesse controlar os próprios sentidos, a própria voz, o próprio corpo... não sobrava muita coisa na qual ele pudesse confiar.

— Ei — disse Percy. — Se a gente não conseguir sair dessa...

— Cale a boca, cara. Nós vamos conseguir.

— Se não, eu quero que você saiba... que me sinto mal por causa de Calipso. Eu vacilei com ela.

Leo olhou para ele, pasmo.

— Você sabe sobre mim e...

— O *Argo II* é um barco pequeno. — Percy deu um sorriso sem graça. — As pessoas comentam. Eu só... bem, quando estava no Tártaro, fui lembrado de que não tinha cumprido a promessa que havia feito a Calipso. Eu pedi aos deuses que a libertassem, e então... simplesmente achei que eles *fossem* fazer isso. Aí tive amnésia, fui mandado para o Acampamento Júpiter e tudo o mais, e não pensei muito em Calipso depois de tudo isso. Não estou inventando desculpas. Eu deveria ter garantido que os deuses cumprissem sua promessa. Enfim, fico feliz

que você a tenha encontrado. Você prometeu descobrir um modo de voltar para ela, e eu só queria dizer que *se* sobrevivermos a isso tudo, vou fazer o que puder para ajudar você. Esta é uma promessa que eu *vou* cumprir.

Leo ficou sem palavras. Lá estavam os dois, escondidos atrás de um muro no meio de uma zona de guerra mágica, com granadas e ursos-pardos e Nicetes bundonas de bronze com que se preocupar, e lá vinha Percy com *aquela história* para cima dele.

— Cara, qual é o seu *problema*? — resmungou Leo.

Percy ficou mudo por alguns segundos.

— Então... acho que as coisas não estão bem entre nós, não é?

— Claro que não! Você é tão ruim quanto Jason! Estou tentando ficar com raiva de você por ser todo perfeito e heroico e tudo o mais. Aí você vai e faz uma coisa legal. Como eu posso odiar alguém que pede desculpas e promete ajudar e fazer o que puder?

Um sorriso surgiu no canto da boca de Percy.

— Desculpe por isso.

O chão tremeu quando outra granada explodiu, lançando jatos de chantilly no ar.

— É o sinal de Hazel — disse Leo. — Eles pegaram outra Nicete.

Percy espiou do outro lado do muro.

Até aquele momento, Leo não havia percebido quanto rancor ele sentia de Percy. O cara sempre o intimidara. Saber que Calipso tinha sido apaixonada por ele tornava o sentimento dez vezes pior. Mas o nó de raiva em suas entranhas começava a se desfazer. Leo não conseguia não gostar dele. Percy parecia sincero ao se dizer arrependido e disposto a ajudar.

Além disso, Leo finalmente tinha a confirmação de que Percy Jackson estava fora da jogada com Calipso. A área estava limpa. Tudo o que Leo precisava fazer era encontrar o caminho de volta para Ogígia. E ele *ia* fazer isso. Desde que sobrevivesse aos próximos dez dias.

— Só falta uma Nicete — disse Percy. — O que será que...

Em algum lugar próximo, Hazel soltou um grito de dor.

Leo ficou de pé instantaneamente.

— Ei, espere! — gritou Percy, mas Leo saiu pelo labirinto com o coração acelerado.

Muros desmoronavam por todos os lados. Leo se viu em uma faixa de campo aberto. Frank estava na extremidade oposta do estádio, lançando flechas de fogo na biga de Nice enquanto a deusa berrava insultos e tentava encontrar um caminho até ele através da rede móvel de trincheiras.

Hazel estava mais perto, talvez a uns vinte metros de distância. A quarta

Nicete obviamente a havia apanhado de surpresa. Hazel estava fugindo mancando de sua agressora, a calça jeans rasgada e a perna esquerda sangrando. Ela se defendia da lança da mulher de metal com sua grande espada de cavalaria, mas estava prestes a ser derrotada. Por toda a sua volta, a Névoa tremeluzia como um estroboscópio se apagando. Hazel estava perdendo o controle sobre o labirinto mágico.

— Eu vou ajudá-la — disse Percy. — Siga o plano. Concentre-se na biga de Nice.

— Mas o plano era eliminar todas as quatro Nicetes primeiro!

— Então mude o plano e *depois* o siga!

— Isso não faz o menor sentido, mas vá! Vá ajudá-la!

Percy correu em defesa de Hazel. Leo correu na direção de Nice, gritando:

— Ei! Eu quero um prêmio de participação!

— Argh! — A deusa puxou as rédeas e virou a biga na direção dele. — Vou destruir você!

— Ótimo! — gritou Leo. — Perder é muito melhor que vencer!

— O QUÊ?

Nice arremessou sua lança poderosa, mas errou a pontaria devido ao movimento da biga. A arma caiu sobre a grama. Infelizmente, uma nova lança surgiu em suas mãos.

Ela tocou os cavalos a toda a velocidade. As trincheiras desapareceram, deixando um espaço aberto, perfeito para atropelar pequenos semideuses latinos.

— Ei! — gritou Frank, do outro lado do estádio. — Eu também quero um prêmio de participação! Todo mundo ganha!

Ele lançou uma flecha bem-mirada que acertou a traseira da biga de Nice e começou a queimar. Nice a ignorou. Seus olhos estavam fixos em Leo.

— Percy...?

A voz de Leo soou como o guincho de um hamster. Ele pegou uma esfera de Arquimedes de seu cinto de ferramentas e girou os anéis concêntricos para armá-la.

Percy ainda enfrentava a última mulher de metal. Leo não podia esperar.

Ele lançou a esfera na trajetória da biga. A esfera caiu no chão e se enterrou, mas Leo precisava que Percy disparasse a armadilha. Se Nice havia pressentido qualquer ameaça, não dera muita importância. Ela continuava em rota de colisão com o filho de Hefesto.

A biga estava a uns seis metros da granada. Cinco metros.

— Percy! — gritou Leo. — Operação balão d'água!

Infelizmente, o garoto estava um pouco ocupado levando uma surra. A Nicete o empurrou para trás com a haste da lança. Ela lançou sua coroa com tanta força

que arrancou a espada da mão de Percy. Ele tropeçou. A mulher metálica avançou para matá-lo.

Leo gritou. Ele sabia que a distância era muito grande. Sabia que se não saísse do caminho naquele instante, Nice iria atropelá-lo. Mas isso não importava. Seus amigos estavam prestes a virar espetinho. Ele estendeu a mão e lançou um jato de fogo branco causticante direto na Nicete.

Aquilo literalmente derreteu o rosto da Nicete, que cambaleou com a lança ainda em punho. Antes que ela conseguisse recuperar o equilíbrio, Hazel golpeou com sua *spatha*, enfiando-a no peito da mulher de metal. A Nicete caiu na grama.

Percy se virou para a deusa da vitória. No momento em que os enormes cavalos brancos estavam prestes a atropelar Leo, a biga passou por cima da granada enterrada, que explodiu em um gêiser de alta pressão. Um jato de água jorrou para cima e virou o veículo, com cavalo, deusa e tudo o mais.

Em Houston, Leo morava com a mãe perto de uma saída da Autoestrada Gulf. Ele ouvia acidentes de carro pelo menos uma vez por semana, mas aquele som foi pior: bronze celestial amassando, madeira quebrando, garanhões relinchando e uma deusa gritando em duas vozes distintas, ambas muito surpresas.

Hazel tombou. Percy a segurou. Frank correu na direção deles, vindo lá do outro lado do estádio.

Leo estava por conta própria enquanto a deusa Nice se livrava dos destroços e se levantava para encará-lo. Seu penteado agora parecia um monte de esterco de vaca pisado. Uma coroa de louros estava presa em volta de seu tornozelo esquerdo. Os cavalos se ergueram e fugiram galopando em pânico, arrastando os destroços encharcados e chamuscados da biga atrás deles.

— VOCÊ! — Nice encarava Leo com olhos mais quentes e brilhantes que suas asas de metal. — Como *ousa*?

Leo não se sentia muito corajoso, mas forçou um sorriso.

— Eu sei, sou fantástico! Eu ganho um chapéu de folhas agora?

— Você vai morrer!

A deusa levantou a lança.

— Espere um pouco! — Leo apalpou seu cinto de ferramentas à procura de algo. — Você ainda não viu meu melhor truque. Tenho uma arma capaz de vencer *qualquer* disputa!

Nice hesitou.

— Que arma? O que você quer dizer com isso?

— Minha arma de raios automática definitiva! — Ele pegou uma segunda esfera de Arquimedes, a que ele tinha passado trinta segundos modificando antes de entrarem no estádio. — Quantas coroas de louros você tem? Porque eu vou

ganhar todas elas.

Ele ajustou os anéis, torcendo para ter feito os cálculos corretamente.

Leo estava fazendo esferas melhores, mas elas ainda não eram completamente confiáveis. Estavam mais para vinte por cento confiáveis.

Seria bom ter a ajuda de Calipso para tecer os filamentos de bronze celestial. Ela tecia *muito* bem. Ou Annabeth. Que também não era nenhuma amadora. Mas Leo fizera o melhor possível, reprogramando a esfera para realizar duas funções completamente diferentes.

— Observe!

Leo acertou o último anel. A esfera se abriu. Um lado se alongou para formar o cabo de um revólver. O outro se desdobrou em uma antena em miniatura feita de espelhos de bronze celestial.

— O que isso aí deveria ser? — perguntou Nice, franzindo o cenho.

— Um raio da morte de Arquimedes! — disse Leo. — Eu finalmente o aperfeiçoei. Agora me dê todos os prêmios.

— Essas coisas não funcionam! — gritou Nice. — Eles testaram na televisão! Além disso, eu sou uma deusa imortal. Você não pode me destruir.

— Preste atenção — disse Leo. — Está vendo?

Nice podia tê-lo desintegrado em uma mancha de gordura ou o perfurado com a lança como se ele fosse uma fatia de queijo, mas sua curiosidade falou mais alto. Ela olhou diretamente para a antena quando Leo girou o botão. Ele sabia que deveria desviar os olhos. Mesmo assim, o raio extremamente forte de luz o deixou vendo pontinhos pretos.

— Argh! — A deusa cambaleou. Ela deixou a lança cair e levou as mãos aos olhos. — Estou cega! Estou cega!

Leo apertou outro botão em seu raio da morte, que voltou a se transformar em uma esfera e começou a emitir um zunido. Leo contou em silêncio até três, então jogou a esfera aos pés da deusa.

PUF! Filamentos de metal foram arremessados para o alto e envolveram Nice em uma rede de bronze. Ela gritou e caiu no chão conforme a rede a esmagava como uma jiboia, juntando à força seus dois aspectos, grego e romano, em uma única forma trêmula e fora de foco.

— Trapaceiro! — Suas vozes duplicadas zumbiam como despertadores abafados. — Seu raio da morte nem mesmo me matou!

— Eu não preciso matá-la — disse Leo. — Eu a derrotei para valer.

— Vou simplesmente mudar de forma! — exclamou ela. — Vou destruir essa sua rede idiota! Vou destruir você!

— É... bem, sabe, você não pode. — Leo torcia para estar certo. — Isso é uma rede de bronze celestial de alta qualidade, e eu sou filho de Hefesto. Ele é

meio que especialista em prender deusas em redes.

— Não. Nãããooooo!

Leo a deixou esperneando e xingando e foi ver como estavam seus amigos. Percy parecia bem, só dolorido e cheio de hematomas. Frank levantou Hazel e lhe deu um pouco de ambrosia. O corte na perna dela tinha parado de sangrar, apesar de sua calça jeans estar destruída.

— Eu estou bem — disse ela. — Foi só magia demais.

— Você foi incrível, Levesque. — Leo fez sua melhor imitação da voz de Hazel: — *Pipoca! Nosso ponto fraco!*

Ela deu um sorriso cansado.

Juntos, os quatro foram até Nice, que ainda se contorcia e agitava as asas dentro da rede, como uma galinha dourada.

— O que fazemos com ela? — perguntou Percy.

— Vamos levá-la para o *Argo II* — disse Leo — e enfiá-la em uma das baías.

Hazel arregalou os olhos.

— Você vai prender a deusa da vitória no estábulo?

— Por que não? Quando resolvermos as coisas entre os gregos e romanos, os deuses vão voltar ao normal. Aí poderemos libertá-la, e ela vai poder... vocês sabem... nos conceder a vitória.

— Conceder a vitória a vocês? — gritou a deusa. — Nunca! Vocês irão sofrer por esse ultraje! Seu sangue será derramado! Um de vocês quatro está destinado a morrer lutando contra Gaia!

Os intestinos de Leo se enrolaram e deram um nó.

— Como você sabe?

— Eu posso prever vitórias! — exclamou Nice. — Vocês não terão sucesso sem morte! Soltem-me e lutem uns contra os outros! É melhor morrerem aqui do que encarar o que está por vir!

Hazel pressionou a ponta de sua *spatha* no pescoço de Nice.

— Explique. — A voz dela estava mais dura do que Leo jamais havia ouvido. — Quem de nós vai morrer? Como evitamos isso?

— Ah, uma filha de Plutão! Sua magia ajudou a trapacear nesta competição, mas você não pode trapacear o destino. Um de vocês vai morrer. Um de vocês *precisa* morrer!

— Não — insistiu Hazel. — Há outra maneira. *Sempre* há outra maneira.

— Hécate lhe ensinou isso? — Nice riu. — Talvez você também conte com a cura do médico. Mas é impossível. Há muita coisa em seu caminho: o veneno de Pilos, os batimentos do deus acorrentado em Esparta, a maldição de Delos! Não, vocês não podem enganar a morte.

Frank se ajoelhou e puxou a rede na altura do queixo de Nice, aproximando o

rosto dela do dele.

— De que você está falando? Como encontramos essas coisas?

— Não vou ajudar vocês — resmungou Nice. — Vou amaldiçoá-los com meu poder, com ou sem rede!

Ela começou a murmurar em grego antigo.

Frank olhou para os outros, sério.

— Ela pode mesmo fazer magia através desta rede?

— Como é que eu vou saber? — respondeu Leo.

Frank largou a deusa. Ele descalçou um de seus sapatos, tirou a meia e a enfiou na boca de Nice.

— Cara — disse Percy —, isso é nojento.

— Hummmmmphhhh! — reclamou Nice. — Hummmmmphhhh!

— Leo — disse Frank, com seriedade —, você tem fita adesiva?

— Nunca saio de casa sem.

Ele tirou um rolo de seu cinto de ferramentas, e na mesma hora Frank enrolou a fita em volta da cabeça de Nice, amordaçando-a com firmeza.

— Bem, não é uma coroa de louros — disse Frank. — Mas é um novo tipo de símbolo da vitória: a mordada de fita adesiva.

— Zhang — disse Leo —, você tem estilo.

Nice esperneava e grunhia, até que Percy a cutucou com a ponta do pé.

— Ei, cale a boca. Ou se comporta, ou a gente vai trazer Arion de volta e deixar que ele coma as suas asas. Ele adora ouro.

Nice soltou um guincho agudo, depois ficou quieta e imóvel.

— Então... — Hazel pareceu um pouco nervosa. — Temos uma deusa amarrada. E agora?

Frank cruzou os braços.

— Vamos procurar a cura desse médico... seja lá o que for. Porque, pessoalmente, eu gosto de enganar a morte.

Leo sorriu.

— Veneno em Pilos? Os batimentos do deus acorrentado em Esparta? Uma maldição em Delos? Tudo bem. Isso vai ser divertido!

XIII

NICO

A ÚLTIMA COISA QUE NICO ouviu foi o resmungo do treinador Hedge:

— Hum. Isso *não* é bom.

O menino se perguntou o que tinha feito de errado dessa vez. Talvez os houvesse transportado para um antro de ciclopes ou tivessem ido parar trezentos metros acima de outro vulcão. Mas não havia nada que ele pudesse fazer. Tinha perdido a visão. Seus outros sentidos estavam se embotando. Então seus joelhos cederam, e ele desmaiou.

Nico tentou aproveitar ao máximo sua inconsciência.

Sonhos e morte eram velhos amigos. Ele sabia como navegar pela sombria fronteira entre ambos. Assim, enviou seus pensamentos à procura de Thalia Grace.

Passou depressa pelos habituais fragmentos de lembranças dolorosas: a mãe sorrindo para ele, o rosto iluminado pelo sol que se refletia no Grande Canal de Veneza; a irmã Bianca rindo enquanto o arrastava por um shopping de Washington, D.C., com seu chapéu verde cobrindo os olhos e as sardas do nariz. Também viu Percy Jackson em um penhasco coberto de neve em frente à Westover Hall, protegendo Nico e Bianca do manticore, enquanto Nico, segurando a estatueta de Mitomagia, murmurava: *Estou com medo*. Viu Minos, seu antigo mentor fantasma, conduzindo-o pelo Labirinto. O sorriso de Minos era frio e cruel. *Não se preocupe, filho de Hades. Você terá sua vingança.*

Era impossível, para ele, evitar que as recordações aflorassem, que inundassem seus sonhos como os fantasmas de Asfódelos, uma multidão triste e sem destino implorando por atenção. *Salve-me*, pareciam sussurrar eles. *Lembre-se de mim. Ajude-me. Conforte-me.*

Ele não se atrevia a parar e ficar remoendo lembranças, não podia perder

tempo. De que lhe serviriam? Só o deixariam arrasado, imerso em desejos e arrependimentos. O melhor a se fazer era manter o foco e seguir em frente.

Sou o filho de Hades, pensou. Vou a qualquer lugar que desejar. As trevas são meu direito inato.

Nico seguiu, penosamente, por um terreno cinza e negro, procurando os sonhos de Thalia Grace, filha de Zeus. Em vez disso, porém, o chão se dissolveu a seus pés e ele caiu em um lugar distante, mas familiar: o chalé de Hipnos, no Acampamento Meio-Sangue.

Semideuses ressonavam nos beliches, debaixo de pilhas de edredons. De um galho escuro posicionado logo acima da cornija da lareira gotejava a água leitosa do Rio Lete, coletada em uma grande bacia. Um fogo agradável crepitava na lareira. Em uma poltrona de couro diante do fogo cochilava o conselheiro-chefe do chalé 15, um sujeito barrigudo com cabelo louro despenteado e rosto apático.

— Clovis — resmungou Nico —, pelo amor dos deuses, pare de sonhar com *tanta* energia!

Clovis abriu os olhos devagar. Virou-se e olhou para Nico, apesar de Nico saber que isso era apenas parte do sonho de Clovis. O verdadeiro Clovis ainda estava roncando em sua poltrona lá no acampamento.

— Ah, oi... — Clovis escancarou a boca em um bocejo. Parecia capaz de engolir um deus menor. — Desculpe. Desviei você do seu caminho de novo?

Nico rangeu os dentes. Não adiantava se aborrecer. O chalé de Hipnos era como a Estação Grand Central das atividades dos sonhos: não dava para viajar a *lugar algum* sem passar por lá de vez em quando.

— Já que estou aqui... — disse Nico. — Transmita uma mensagem minha. Diga a Quíron que estou a caminho com alguns amigos. Estamos levando a Atena Partenos.

Clovis esfregou os olhos.

— Então é verdade? Mas como vocês vão carregá-la? Alugaram uma van ou algo do tipo?

Nico explicou do modo mais conciso possível. Mensagens enviadas por sonhos geralmente apresentavam detalhes difusos, ainda mais quando o interlocutor era Clovis. Quanto mais simples, melhor.

— Estamos sendo seguidos por um caçador — explicou Nico. — Acho que é um dos gigantes de Gaia. Pode transmitir esse recado a Thalia Grace? Você é melhor do que eu em encontrar pessoas nos sonhos. Preciso da ajuda dela.

— Vou tentar. — Clovis tateou a mesinha ao lado da poltrona, à procura de uma caneca de chocolate quente. — Ah, antes que você vá, tem um segundo?

— Clovis, isto é um sonho — lembrou-o Nico. — O tempo é fluido.

Mesmo ao dizer isso, Nico ficou preocupado com o que estaria acontecendo

no mundo real. Seu corpo físico talvez estivesse mergulhando em direção à morte ou cercado por monstros. Mas ele não podia se forçar a despertar, não depois da quantidade de energia que havia despendido para viajar nas sombras várias vezes.

Clovis assentiu.

— É verdade... Bem, acho que você deveria ver o que aconteceu hoje no conselho de guerra. Eu dormi durante algumas partes, mas...

— Me mostre — pediu Nico.

A cena mudou. Nico se viu na sala de recreação da Casa Grande, com todos os líderes do acampamento reunidos à mesa de pingue-pongue.

O centauro Quíron estava a uma das cabeceiras, a parte equina de seu corpo encolhida na cadeira de rodas mágica, o que fez com que ele parecesse um humano normal. Sua barba e seu cabelo castanhos e cacheados tinham mais fios brancos do que alguns meses antes, rugas profundas marcavam seu rosto.

— ...coisas que não podemos controlar — dizia ele. — Agora vamos repassar nossas defesas. Qual é a nossa situação?

Clarisse, do chalé de Ares, sentou-se mais para a frente na cadeira. Ela era a única de armadura completa, o que era a cara dela: Clarisse devia dormir de uniforme de combate. Enquanto falava, gesticulava com a adaga, levando os outros conselheiros a se inclinarem para longe dela.

— Nossa linha de defesa é bastante sólida — disse ela. — Os campistas estão prontos para lutar como nunca antes. Nós controlamos a praia. Nossas trirremes não têm rivais no Estreito de Long Island, mas aquelas idiotas daquelas águias gigantes dominam nosso espaço aéreo. No interior, em todas as três direções, os bárbaros nos isolaram completamente.

— Eles são romanos — opinou Rachel Dare, rabiscando com uma caneta pilot na calça jeans —, não bárbaros.

Clarisse apontou a adaga para Rachel.

— E os aliados deles? Você não viu aquela tribo de homens de duas cabeças que chegou ontem? Ou ainda os caras com cabeça de cachorro vermelho-sangue, com uns machados de guerra enormes? Eles me parecem bastante bárbaros. Teria sido bom se você tivesse *previsto* alguma dessas coisas, se o seu poder de oráculo não tivesse falhado quando mais precisávamos!

O rosto de Rachel ficou tão vermelho quanto seu cabelo.

— Não tenho culpa nenhuma nisso. Tem alguma coisa errada com o dom de profecia de Apolo. Se eu soubesse como resolver...

— Ela tem razão. — Will Solace, conselheiro-chefe do chalé de Apolo, pôs a mão com delicadeza no pulso de Clarisse. Poucos membros do acampamento poderiam fazer isso sem ser esfaqueados, mas Will levava jeito para neutralizar a

raiva das pessoas. E assim ele a fez baixar a adaga. — Todos do nosso chalé foram afetados. Não foi só Rachel.

O cabelo louro despenteado e os olhos azul-claros de Will lembravam a Nico Jason Grace, mas as semelhanças paravam por aí.

Jason era um lutador. Dava para ver isso na intensidade de seu olhar, seu estado de alerta constante, a energia acumulada em seu corpo. Will Solace parecia mais um gato espreguiçando-se ao sol. Seus movimentos eram relaxados e inofensivos, o olhar tranquilo e distante. Com uma camiseta desbotada em que se lia SURF BARBADOS, uma calça transformada em short e chinelos, ele não parecia nem um pouco agressivo para um semideus, mas Nico sabia que, na hora da verdade, ele era corajoso. Nico o tinha visto em ação durante a Batalha de Manhattan, o melhor curandeiro do acampamento, arriscando a própria vida para salvar campistas feridos.

— Não sabemos o que está acontecendo em Delfos — prosseguiu Will. — Meu pai não atendeu a nenhuma oração nem apareceu em nenhum sonho... Quer dizer, *todos* os deuses estão em silêncio, mas isso não faz muito o gênero de Apolo. Tem alguma coisa errada.

Do outro lado da mesa, Jake Mason resmungou:

— Aposto que é coisa desse romano imundo que está liderando o ataque. Octavian, acho que é esse o nome dele. Se eu fosse Apolo e meu descendente estivesse agindo desse jeito, morreria de vergonha.

— Concordo — disse Will. — Ah, se eu fosse um arqueiro melhor... Não me importaria em acertar meu parente romano e derrubá-lo do alto daquele cavalo enorme dele. Na verdade, bem que eu queria poder usar *qualquer um* dos dons do meu pai para impedir essa guerra. — Ele baixou os olhos para as mãos, desgostoso. — Mas, infelizmente, sou apenas um curandeiro.

— Seus talentos são essenciais — disse Quíron. — E, infelizmente, acho que em breve serão necessários. Quanto a ver o futuro... e a harpia Ella? Ela não nos deu nenhum conselho dos livros sibilinos?

Rachel balançou a cabeça em negativa.

— A coitada mal se aguenta de tanto medo. Harpias odeiam ficar presas. Desde que os romanos nos cercaram... bem, ela se sente aprisionada. Ela sabe que Octavian quer capturá-la, então Tyson e eu somos obrigados a fazer isso para evitar que ela saia voando.

— O que seria suicídio. — Butch Walker, filho de Íris, cruzou os musculosos braços. — Com essas águias romanas pelo ar, não é seguro voar. Já perdi dois pégasos.

— Pelo menos Tyson trouxe alguns de seus amigos ciclopes para ajudar — disse Rachel. — Já é alguma coisa.

À mesa de comidas e bebidas, Connor Stoll riu. Tinha uma das mãos cheia de biscoitos Ritz e a outra com um naco de queijo.

— Uma dúzia de ciclopes adultos? É uma notícia *muito* boa, isso sim! Além do mais, Lou Ellen e o restante do chalé de Hécate andam armando barreiras mágicas, e o chalé de Hermes inteiro está espalhando pelas colinas todo tipo de arapucas, armadilhas e surpresas para os romanos!

Jake Mason franziu a testa.

— A maioria das quais foi roubada do bunker 9 e do chalé de Hefesto.

Clarisse concordou com um resmungo.

— Eles roubaram até as minas terrestres em volta do chalé de Ares. Como pode, roubar minas terrestres *ativas*?

— Nós as confiscamos em nome do esforço de guerra. — Connor jogou na boca um pedaço do queijo. — Além do mais, vocês têm muitos brinquedos por lá. Precisam dividir com os outros!

Quíron virou-se para a esquerda, onde o sátiro Grover Underwood estava sentado em silêncio, dedilhando sua flauta de Pã.

— Grover? Quais são as notícias dos espíritos da natureza?

Grover deu um suspiro.

— Mesmo em um dia bom, é difícil organizar ninfas e dríades. Com Gaia se movimentando, elas estão quase tão desorientadas quanto os deuses. Katie e Miranda, do chalé de Deméter, estão lá fora agora mesmo, tentando ajudar, mas se a Mãe Terra despertar... — Ele lançou um olhar nervoso para os outros à mesa. — Bem, não posso prometer que as florestas estarão seguras. Nem as montanhas. Nem as plantações de morangos. Nem...

— Que ótimo. — Jake Mason deu uma cotovelada de leve em Clovis, que começava a cochilar. — E então, o que fazemos?

— Atacamos — respondeu Clarisse, dando um soco na mesa e assustando todo mundo. — Os romanos estão recebendo mais reforços a cada dia. Sabemos que eles planejam invadir em primeiro de agosto. Por que deixar que *eles* determinem quando começar a batalha? Tudo leva a crer que eles estão esperando para reunir mais forças. Já estão em maior número. Devemos atacar agora, antes que fiquem ainda mais fortes. Faremos a batalha chegar até eles!

Malcolm, o conselheiro interino do chalé de Atena, tossiu na mão fechada.

— Clarisse, eu entendo seu ponto de vista. Mas você não estudou engenharia romana? O acampamento *temporário* deles tem defesas mais sólidas que o Meio-Sangue. Se atacarmos na base deles, seremos massacrados.

— Então vamos sentar e *esperar*? — retrucou Clarisse. — Deixar que eles reúnam todas as suas forças enquanto cada vez mais se aproxima o momento de Gaia despertar? A esposa do treinador Hedge está sob minha proteção. Eu *não*

vou deixar que nada aconteça com ela. Ela está grávida. E devo minha vida a Hedge. Além disso, tenho treinado os campistas mais que você, Malcolm. O moral deles está baixo. Todo mundo está com medo. Se ficarmos sitiados por mais nove dias...

— O melhor é seguirmos o plano de Annabeth. — Connor Stoll parecia sério como sempre, apesar da boca toda suja de farelos de biscoito. — Temos que esperá-la trazer aquela estátua mágica de Atena de volta.

Clarisse revirou os olhos com desdém.

— Se aquela *pretora romana* trouxer a estátua de volta, você quer dizer. Não entendo onde Annabeth estava com a cabeça quando resolveu colaborar com o inimigo... Mesmo se a romana conseguir nos trazer a estátua, o que é impossível, por que acreditaríamos que isso vai nos trazer a paz? A estátua chega e, de repente, os romanos vão baixar as armas e começar a dançar e a jogar flores?

Rachel pousou a caneta na mesa.

— Annabeth sabe o que está fazendo. Temos que buscar a paz. A menos que consigamos unir gregos e romanos, os deuses não serão curados. A menos que os deuses sejam curados, não há como matar os gigantes. E a menos que matemos os gigantes...

— Gaia vai despertar — completou Connor. — Fim do jogo. Olhe, Clarisse, Annabeth me mandou uma mensagem do Tártaro. Do *Tártaro*. Não é pouca coisa, não. Se alguém consegue fazer isso... bom, eu vou dar ouvidos a esse alguém.

Clarisse abriu a boca para responder, mas, quando falou, foi com a voz do treinador Hedge:

— Nico, acorde. Temos problemas.

XIV

NICO

NICO ERGUEU O CORPO TÃO rápido que deu uma cabeçada no nariz do sátiro.

— AI! Nossa, garoto, que cabeça mais dura!

— D-desculpe, treinador. — Nico piscou repetidas vezes, tentando se situar.
— O que está havendo?

Ele não viu nenhum perigo imediato. Estavam acampados em um gramado ensolarado no meio de uma praça pública. Canteiros de cravos-de-defunto laranja floresciam a sua volta. Reyna dormia encolhida, os cães de metal a seus pés. Perto dali, crianças brincavam de pique em volta de uma fonte de mármore branco. Em uma cafeteria próxima, meia dúzia de pessoas tomava café diante de mesas dispostas na calçada, à sombra de guarda-sóis. Na rua, havia apenas algumas vans de entrega estacionadas em torno da praça, sem nenhum carro passando. Os únicos pedestres eram algumas famílias, provavelmente habitantes locais, aproveitando a agradável tarde de calor.

A praça em si era uma área com calçamento de pedra cercada por prédios de estuque e limoeiros. No centro, havia as ruínas bem-preservadas de um templo romano. A base era quadrada, com quinze metros de comprimento por quatro de altura. A fachada de colunas coríntias, intacta, erguia-se quase dez metros mais. E no alto da colunata...

Nico sentiu a boca ficar seca.

— Pelo Estige...

A Atena Partenos estava deitada de lado sobre a cornija, como uma cantora de boate deitada em cima de um piano. No comprimento, ela cabia quase perfeitamente, mas, com Nice na mão estendida, ficava um pouco larga demais. Parecia prestes a tombar para a frente a qualquer momento.

— O que é que ela está fazendo lá em cima?!? — perguntou Nico.

— Boa pergunta. — Hedge esfregou o nariz machucado. — Foi onde viemos parar. Quase morremos na queda, mas, por sorte, tenho cascos rápidos. Você estava inconsciente e preso nas correias como um paraquedista em apuros, mas conseguirmos descê-lo.

Nico tentou visualizar a cena, mas depois achou melhor nem imaginar.

— Estamos na Espanha?

— Portugal — respondeu Hedge. — Você não aguentou a intensidade do salto. A propósito: Reyna fala *espanhol*, não português. Sabe, é que enquanto você dormia, descobrimos que esta cidade é Évora. A boa notícia é que é um lugarzinho bem parado. Ninguém nos incomodou até agora. E pelo visto ninguém reparou na Atena gigante dormindo no alto do templo romano, que é o templo de Diana, caso você queira saber. E as pessoas daqui estão gostando dos meus números de rua! Já ganhei dezesseis euros.

Ele pegou o boné de beisebol. As moedas tilintaram.

Nico se sentia mal.

— Números de rua?

— Um pouco de canto — explicou o treinador. — Um pouco de artes marciais. Um pouco de dança interpretativa.

— Uau.

— Pois é! Os portugueses têm bom gosto. Enfim, acho que foi um bom lugar para descansarmos por uns dias.

Nico olhou para ele um tanto alarmado.

— Uns *dias*?

— Sabe, garoto, não tivemos muita escolha. Caso não tenha percebido, você tem praticamente cavado a própria cova com todos esses saltos nas sombras. Tentamos acordá-lo ontem à noite. Não conseguimos.

— Então eu fiquei dormindo por...

— Umas trinta e seis horas. Você estava precisando.

Felizmente para Nico, ele estava sentado. Se não, teria caído. Ele podia jurar que tinha dormido por apenas alguns minutos, mas, à medida que a névoa do sono foi se dissipando, percebeu que se sentia revigorado e com as ideias mais claras, como não se sentia fazia semanas — talvez desde que saíra em busca das Portas da Morte.

Seu estômago roncou. O treinador Hedge ergueu as sobrancelhas.

— Você deve estar com fome. Ou isso, ou seu estômago é na verdade um porco-do-mato. Um porco-do-mato esfomeado.

— Seria bom comer alguma coisa — concordou Nico. — Mas primeiro me conte as más notícias... quer dizer, além dessa história da estátua deitada em cima do templo. Você disse que tínhamos problemas.

— Ah, é.

O treinador apontou para um portão no canto da praça. Ali, parada nas sombras, via-se uma figura vagamente humana, delineada em chamas cinzentas. A figura brilhava; seus traços eram indefinidos, mas o espírito parecia estar acenando para Nico.

— O Tocha Humana apareceu faz alguns minutos — disse o treinador Hedge. — Ele fica lá, não se aproxima. Quando tentei ir até ele, o sujeito desapareceu. Não sei se é uma ameaça, mas ele parece estar chamando você.

*

Nico achava que era uma armadilha. E geralmente era.

O treinador Hedge garantiu que ficaria mais um tempo de vigia enquanto Reyna dormia, e, considerando a remota chance de que o espírito tivesse algo útil a dizer, Nico decidiu que valia a pena correr o risco.

Ele desembainhou a espada de ferro estígio e caminhou na direção do portão.

Normalmente, fantasmas não o assustavam. (Supondo, é claro, que Gaia não os tivesse envolvido em carapaças de cinzas e terra solidificadas e os transformado em máquinas de matar. Aquilo foi uma novidade para ele.)

Depois de sua experiência com Minos, Nico percebera que os espectros tinham tanto poder quanto você lhes permitisse ter. Eles penetravam em sua mente e usavam medo, raiva ou saudade para influenciá-lo. Nico havia aprendido a se proteger. Às vezes conseguia até virar o jogo e submeter os fantasmas a sua vontade.

Conforme se aproximava da aparição cinza flamejante, Nico teve quase certeza de que aquela criatura se tratava de um espectro de jardim, uma alma perdida que morrera em sofrimento. Não seria um grande problema.

Mesmo assim, ele não colocava a mão no fogo por espírito nenhum. O incidente da Croácia ainda estava vivo em sua memória. Havia se metido naquela situação todo convencido e confiante, só para depois ficar completamente sem chão — tanto literal quanto emocionalmente. Primeiro, tinha sido jogado por cima de um muro por Jason Grace; depois, dissolvido em vento pelo deus Favônio. E, para completar, aquele vilão arrogante, Cupido...

Nico apertou com força a espada. Contar sobre sua paixão secreta não tinha sido o pior de tudo. Com o tempo, ele talvez fizesse mesmo isso... na hora certa, do seu jeito. Mas ser *forçado* a falar sobre Percy, ser tratado com crueldade, ser infernizado e maltratado só para a diversão de Cupido...

Ramos de escuridão brotavam de seus pés, matando todas as plantas minúsculas e o capim que cresciam entre as pedras do calçamento. Nico tentou controlar a raiva.

Quando alcançou o fantasma, viu que ele usava um hábito de monge: sandálias, túnica de lã e uma cruz de madeira no pescoço. Chamas cinzentas tremulavam a seu redor, queimando as mangas de sua veste, fazendo crescer bolhas em seu rosto, transformando suas sobrancelhas em cinzas. Ele parecia preso no momento de sua imolação, como um vídeo em preto e branco se repetindo sem parar.

— Você foi queimado vivo. — Nico sentia isso. — Provavelmente na Idade Média...

O rosto do fantasma se distorceu em um grito silencioso de agonia, mas seus olhos pareciam entediados, até um pouco irritados, como se o grito fosse um reflexo automático que ele não pudesse controlar.

— O que quer de mim? — perguntou Nico.

Com um gesto, o fantasma indicou que Nico o seguisse. Então, se virou e cruzou o portão aberto. Nico olhou para trás, para o treinador. Hedge fez apenas um gesto indiferente, do tipo *Vá. Vá lá resolver seus assuntos do Mundo Inferior.*

E Nico seguiu o fantasma pelas ruas de Évora.

*

Eles ziguezaguearam por becos estreitos com calçamento de pedras, passaram por pátios enfeitados com vasos de hibiscos e construções de estuque branco com ornamentos cor de mel e sacadas de ferro batido. Ninguém reparava no fantasma, mas Nico foi alvo de vários olhares de desconfiança. Uma garotinha com um fox terrier atravessou a rua para não ter que cruzar com ele. O cachorro rosnou, o pelo em seu dorso se eriçando todo como se fosse uma barbatana dorsal.

O fantasma o conduziu até outra praça pública, em que se erguia uma grande igreja de proporções quadradas, com paredes brancas e arcos de pedra calcária. Passando pelo pórtico, o fantasma desapareceu no interior.

Nico hesitou. Ele não tinha nada contra igrejas, mas daquela emanava morte. Devia haver túmulos lá dentro, talvez até algo menos agradável ainda...

Ele entrou rapidamente. Seus olhos foram atraídos para uma capela lateral em cujo interior brilhava uma luz dourada lúgubre. Havia uma inscrição em

português gravada acima da porta. Nico não falava a língua, mas se lembrava bem do italiano de sua infância para entender o sentido geral: *Nós que aqui estamos por vós esperamos.*

— Alto astral — murmurou o menino.

Ele entrou na capela. No altar, lá na frente, o fantasma chamejante rezava ajoelhado, mas Nico estava mais interessado no local em si. Em vez de tijolos, as paredes eram de ossos e crânios, milhares e milhares deles, cimentados juntos. Colunas de ossos sustentavam um teto abobadado decorado com imagens da morte. Pendurados em uma parede viam-se os restos esqueléticos de duas pessoas, um adulto e uma criança pequena, como casacos em um cabide.

— Um belo lugar, não acha?

Nico se virou. Um ano antes, teria morrido de susto se o pai aparecesse de repente ao seu lado. Agora, Nico conseguia controlar o ritmo de seus batimentos cardíacos, assim como o impulso de dar uma joelhada no saco do pai e sair correndo.

Tal qual o fantasma, Hades vestia um hábito de monge franciscano, o que Nico achou um pouco perturbador. Na cintura, uma simples corda branca amarrando a túnica negra. O capuz estava baixado, revelando o cabelo escuro cortado rente ao couro cabeludo e olhos negros que brilhavam como piche. O deus exibia uma expressão de calma e satisfação, como se tivesse acabado de chegar em casa após uma agradável noite passeando pelos Campos de Punição ao som dos gritos dos condenados.

— Procurando ideias de decoração? — perguntou Nico. — Você pode montar sua sala de jantar com crânios de monges medievais.

Hades ergueu uma sobrancelha.

— Nunca sei se você está brincando ou não.

— O que veio fazer aqui, pai? *Como* veio parar aqui?

Hades passou os dedos pela coluna mais próxima, deixando uma trilha de marcas brancas nos ossos velhos.

— Você é um mortal difícil de encontrar, meu filho. Estou há vários dias o procurando. Quando o cetro de Diocleciano explodiu... bem, isso chamou minha atenção.

Nico se sentiu corar de vergonha. Mas depois ficou com raiva de si mesmo por sentir vergonha.

— Quebrar o cetro não foi minha culpa. Estávamos prestes a ser destruídos...

— Ah, o cetro não é importante. Uma relíquia velha daquelas... não sei nem como vocês encontraram utilidade para ele. A explosão só me deu uma luz. Foi o que me permitiu descobrir sua localização. Até pensei em ir falar com você em Pompeia, mas lá é muito... bem, *romano*. Esta capela foi o primeiro lugar que

encontrei onde minha presença seria forte o suficiente para que eu pudesse aparecer para você como eu mesmo. E com isso quero dizer como *Hades*, deus dos mortos, e não dividido com aquela *outra* manifestação.

Hades inspirou o ar úmido e parado.

— Tenho muito apreço por este lugar. Usaram os restos mortais de cinco mil monges para construí-lo. A Capela dos Ossos. Serve para nos lembrar que a vida é curta e que a morte é eterna. Eu me sinto *centrado* aqui. Mas mesmo assim tenho pouco tempo.

Para variar, pensou Nico. Você nunca tem tempo para mim.

— Então me diga logo, pai. O que você quer?

Hades uniu as mãos, cobertas pelas mangas do hábito.

— Você não consegue nem conceber a ideia de que talvez eu tenha vindo para ajudar, e não por querer alguma coisa?

Nico quase riu, mas sentia o peito quase oco de tanta fraqueza.

— Posso conceber a ideia de que talvez você tenha vindo por várias razões.

O deus franziu a testa.

— É justo. Você busca informações sobre o caçador de Gaia. O nome dele é Órion.

Nico hesitou. Não estava acostumado a respostas diretas, sem charadas, enigmas ou missões.

— Órion. Como a constelação. Ele não era... amigo de Ártemis?

— Era — confirmou Hades. — Órion foi um gigante criado para se opor aos gêmeos Apolo e Ártemis, mas, assim como Ártemis, ele rejeitou seu destino, buscou viver sob as próprias regras. Primeiro tentou viver entre mortais, como um caçador para o rei de Quios. Mas ele, bem, teve uns probleminhas com a filha do rei, e ele mandou que o cegassem e o exilassem.

Nico se lembrou do que Reyna lhe contara.

— Minha amiga sonhou com um caçador de olhos brilhantes. Se Órion é cego...

— Ele *era* cego — corrigiu-o Hades. — Logo depois de seu exílio, Órion conheceu Hefesto, que ficou com pena do gigante e construiu para ele olhos mecânicos, ainda melhores que os originais. Órion ficou amigo de Ártemis. Foi o primeiro homem que teve permissão para caçar com ela. Mas... as coisas não deram certo entre eles. Como, exatamente, não sei. Mas Órion foi morto. E agora voltou como um filho leal de Gaia, disposto a fazer tudo que ela ordenar. Ele é movido pela raiva e pela amargura. Você sabe como é.

Nico teve vontade de gritar: *E por acaso você sabe o que eu sinto?*

Mas o que perguntou foi:

— Como podemos detê-lo?

— Vocês não podem. Sua única esperança é serem mais rápidos do que ele, cumprirem sua missão antes que ele os alcance. Apolo ou Ártemis *talvez* pudessem matá-lo, flechas contra flechas, mas infelizmente os gêmeos não estão em condições de ajudá-los. Neste exato momento, Órion está em seu rastro, quase alcançando vocês, ele e seu grupo de caça. Vocês não podem se dar o luxo de descansar nem um minuto a mais até chegarem ao Acampamento Meio-Sangue.

Nico sentiu seu peito ser comprimido, ficando sem ar. Ele havia deixado o treinador Hedge de vigia enquanto Reyna dormia.

— Preciso voltar e falar com meus amigos.

— Precisa mesmo — concordou Hades. — Mas tem outra coisa. Sua irmã... — Hades hesitou. Como sempre, o tópico Bianca pairava entre eles como uma arma carregada: mortal, ao alcance da mão, impossível de ignorar. — Refiro-me a sua *outra* irmã, Hazel. Ela descobriu que um dos sete vai morrer. Ela vai tentar evitar que isso aconteça, e talvez perca de vista as próprias prioridades.

Nico não conseguia dizer uma só palavra.

Para sua surpresa, não foi em Percy que ele pensou na hora. Preocupou-se primeiramente com Hazel, depois com Jason, depois com Percy e os outros que estavam a bordo do *Argo II*. Eles o haviam salvado em Roma, o haviam recebido a bordo de seu navio. Nico nunca se dera o luxo de ter amigos, mas a tripulação do *Argo II* era o mais perto disso que ele já tivera. A ideia de um deles morrer fez com que ele sentisse um vazio, como se estivesse de volta no jarro de bronze do gigante, sozinho no escuro, sobrevivendo apenas de sementes de romã estragadas.

Por fim, ele perguntou:

— Hazel está bem?

— Por enquanto.

— E quanto aos outros? Quem vai morrer?

— Mesmo se eu soubesse, não poderia dizer. Estou lhe contando isto porque você é meu filho. Você sabe que algumas mortes não podem ser evitadas. Algumas mortes não *devem* ser evitadas. Quando chegar a hora, talvez seja preciso que você entre em ação.

Nico não sabia o que isso significava. E não *queria* saber.

— Meu filho. — O tom de voz de Hades era quase carinhoso. — Aconteça o que acontecer, você conquistou meu respeito. Você trouxe honra para nossa casa quando lutamos juntos contra Cronos em Manhattan. Você se arriscou a sentir a força da minha ira para ajudar aquele garoto, guiando-o até o Rio Estige, libertando-o da minha prisão, me pedindo que reerguesse os exércitos de Érebo para ajudá-lo. Nunca antes eu havia sido tão *afrontado* por um dos meus filhos.

Era Percy isso, Percy aquilo... Quase transformei você em cinzas.

Nico de repente ficou alerta: as paredes do local começaram a tremer, poeira caindo entre os ossos.

— Não foi só por ele que eu fiz tudo aquilo. Fiz porque o mundo inteiro estava em perigo.

Hades se permitiu um esboço de sorriso, mas não havia crueldade em seus olhos.

— Posso admitir que você tenha agido por *várias* razões. O que quero dizer é o seguinte: você e eu fomos em auxílio ao Olimpo porque você me convenceu a deixar de lado minha raiva. E eu gostaria que você fizesse o mesmo. Meus filhos raramente são felizes. Eu... gostaria que você fosse uma exceção.

Nico encarou o pai. Não sabia o que fazer com aquela declaração. Ele aceitaria muitas coisas irreais (hordas de fantasmas, labirintos mágicos, viagens nas sombras, capelas feitas de ossos), mas palavras carinhosas do Senhor do Mundo Inferior? Não. Aquilo não fazia sentido.

O fantasma em chamas se levantou do altar e se aproximou, queimando e gritando em silêncio, seus olhos transmitindo uma mensagem urgente.

— Ah — disse Hades. — Este é o irmão Paloan. Ele estava entre as centenas de pessoas que foram queimadas vivas na praça do antigo templo romano. Lá ficava o quartel-general da Inquisição, sabia? Enfim: ele sugere que é hora de partir. Você agora tem pouquíssimo tempo até que cheguem os lobos.

— Lobos? Quer dizer os caçadores de Órion?

Hades agitou a mão, e o fantasma do irmão Paloan desapareceu.

— Meu filho, o que você está tentando fazer, viajar nas sombras pelo mundo carregando a estátua de Atena, pode muito bem destruí-lo.

— Valeu pela força.

Hades pôs as mãos por um momento nos ombros do filho.

Nico não gostava que o tocassem, mas, por algum motivo, aquele breve contato com o pai foi reconfortante — do mesmo modo que a Capela dos Ossos era reconfortante. Assim como a morte, a presença de seu pai era fria e muitas vezes insensível, mas era *real*, brutalmente honesta, totalmente confiável. Nico encontrava uma espécie de liberdade em saber que, com o tempo, não importava o que acontecesse, acabaria aos pés do trono do pai.

— Eu o verei outra vez — prometeu Hades. — Vou preparar um quarto para você no palácio, caso não sobreviva. Talvez seja uma boa ideia decorar seus aposentos com crânios de monges.

— Agora eu é que não sei se *você* está brincando.

Os olhos de Hades brilharam, e sua forma começou a sumir.

— Então talvez tenhamos algumas semelhanças em certos aspectos

importantes.

O deus desapareceu.

De repente a capela parecia opressiva, com milhares de globos oculares vazios olhando para Nico. *Nós que aqui estamos por vós esperamos.*

Ele saiu correndo da igreja, torcendo para se lembrar do caminho que o levaria de volta para seus amigos.

XV

NICO

— **LOBOS?** — PERGUNTOU **REYNA**.

Estavam jantando. Havia comprado comida em uma cafeteria ali perto.

Apesar do aviso de Hades para voltarem correndo, Nico não viu nenhuma grande mudança na praça onde haviam acampado. Reyna tinha acabado de acordar. A Atena Partenos continuava em cima do templo. O treinador Hedge estava divertindo alguns moradores locais com números de sapateado e de artes marciais, de vez em quando cantando em seu megafone, apesar de parecer que ninguém entendia o que ele estava dizendo.

Nico desejou que o treinador não tivesse levado o megafone. Além de ser um troço barulhento e chato, de vez em quando, sem nenhuma razão aparente, o treinador disparava falas aleatórias do Darth Vader em *Star Wars* ou berrava “A VAQUINHA FAZ MUUU!”.

Reyna parecia alerta e enérgica enquanto os três comiam sentados no gramado. Ela e o treinador Hedge ouviram Nico contar seus sonhos, depois seu encontro com Hades na Capela dos Ossos. Ele ocultou alguns detalhes mais íntimos de sua conversa com o pai, apesar de sentir que Reyna entendia muito bem o que era lutar contra os próprios sentimentos.

Quando mencionou Órion e os lobos que supostamente estariam atrás deles, Reyna franziu a testa, confusa.

— A maioria dos lobos é amiga dos romanos — disse ela. — Nunca ouvi falar de Órion saindo para caçar levando uma alcateia.

Nico terminou seu sanduíche de presunto e olhou para o prato de doces, surpreendendo-se com o tamanho de seu apetite.

— Talvez ele tenha falado no sentido figurado: *pouquíssimo tempo até que cheguem os lobos*. Talvez Hades não estivesse se referindo a lobos de verdade.

De qualquer modo, precisamos partir assim que a escuridão começar a gerar sombras.

O treinador Hedge enfiou na mochila um exemplar da revista *Guns & Ammo*.

— O único problema é que a Atena Partenos ainda está a dez metros do chão. Vai ser divertido levar vocês e todas as nossas coisas até o alto daquele templo.

Nico provou um doce. A mulher da cafeteria os havia chamado de *farturas*. Pareciam donuts em espiral. Eram deliciosos, a combinação exata de crocância, açúcar e manteiga, mas, quando ele ouvira o nome *fartura* pela primeira vez, pensou que Percy teria feito um trocadilho escatológico com a semelhança da palavra em português com o termo em inglês para “pum”: *fart*.

Quanto mais Nico crescia, mais achava Percy infantil, apesar de Percy ser três anos mais velho que ele. Nico achava seu senso de humor ao mesmo tempo simpático e irritante. Resolveu se concentrar no *irritante*.

Em outros momentos, porém, Percy agia todo sério: ao olhar para Nico do fundo daquele abismo em Roma — *No outro lado, Nico! Leve-os para lá! Prometa!*

E Nico prometera. Agora parecia não importar quanto ele se ressentia de Percy Jackson. Nico faria qualquer coisa por ele. E se odiava por isso.

— Então... — A voz de Reyna o arrancou de seus pensamentos. — Será que o Acampamento Meio-Sangue vai esperar o dia primeiro de agosto, ou será que eles vão atacar?

— Vamos torcer para que esperem — disse Nico. — Não podemos... *Eu* não posso levar a estátua mais rápido que isso.

Mesmo a essa velocidade, meu pai acha que eu posso morrer. Nico guardou esse pensamento para si mesmo.

Bem que Hazel podia estar ali com ele. Juntos, eles haviam tirado da Casa de Hades toda a tripulação do *Argo II*, e fizeram isso viajando nas sombras. Quando os dois uniam seus poderes, Nico sentia como se tudo fosse possível. Com Hazel, a viagem até o Acampamento Meio-Sangue levaria metade do tempo.

Além disso, ele sentira um calafrio ao ouvir as palavras de Hades sobre a morte de um membro da tripulação. Nico não podia perder Hazel. Mais uma irmã, não. De novo, não.

O treinador Hedge, que contava as moedas em seu boné de beisebol, ergueu os olhos.

— Então Clarisse disse que Mellie estava bem. Tem certeza?

— Tenho, treinador. Clarisse está cuidando bem dela.

— Isso me deixa mais tranquilo. Não gostei do que Grover disse sobre Gaia sussurrando no ouvido das ninfas e das dríades. Se os espíritos da natureza se voltarem para o mal... não vai ser nem um pouco bacana.

Nico nunca tinha ouvido falar de algo desse tipo acontecendo. Mas, pensando bem, Gaia também não despertava desde o alvorecer da humanidade.

Reyna deu uma mordida em um doce. Sua cota de malha reluziu ao sol da tarde.

— Estou curiosa sobre esses lobos... Será que entendemos mal a mensagem? A deusa Lupa anda muito quieta. Talvez esteja nos mandando ajuda. Os lobos podem ser dela... para nos *defender* de Órion e seus caçadores.

A esperança em sua voz era frágil como renda. Nico tentou não a destruir.

— Talvez — disse ele. — Mas Lupa não estaria ocupada com a guerra entre os acampamentos? Achei que ela estivesse enviando lobos para ajudar sua legião.

— Lobos não combatem na linha de frente. E não acho que ela ajudaria Octavian. Os lobos de Lupa talvez estejam patrulhando o Acampamento Júpiter, defendendo-o na ausência da Legião, mas não sei...

Ela cruzou as pernas na altura dos tornozelos; as pontas de ferro de suas botas brilharam. Nico lembrou a si mesmo de nunca enfrentar legionários romanos na base dos chutes.

— Tem mais uma coisa — continuou Reyna. — Não consegui entrar em contato com minha irmã, Hylla. É meio preocupante ver que lobos e amazonas estão em silêncio. Se aconteceu alguma coisa na costa oeste... infelizmente acho que a única esperança para os dois acampamentos está conosco. *Precisamos* devolver logo a estátua. Isso significa que o maior fardo está sobre os seus ombros, filho de Hades.

Nico engoliu em seco. Não estava com raiva de Reyna. Gostava dela, até. Mas volta e meia lhe pediam que fizesse o impossível. E, normalmente, assim que ele o fazia, era esquecido.

Nico se lembrava de como os garotos do Acampamento Meio-Sangue o trataram bem depois da guerra com Cronos. *Bom trabalho, Nico! Obrigado por trazer os exércitos do Mundo Inferior para nos salvar!*

Todo mundo sorrindo. Todos o convidando para se sentar a sua mesa.

Depois de mais ou menos uma semana, a recepção a sua presença já não era mais tão calorosa. Os campistas pulavam de susto ao vê-lo aparecer atrás deles. Quando surgia das sombras perto da fogueira, alguém sempre se assustava, e Nico via o desconforto em seus olhos: *Você ainda está aqui? Por que está aqui?*

Não ajudou muito o fato de, imediatamente após a guerra com Cronos, Annabeth e Percy terem começado a namorar...

Nico deixou sua *fartura* pela metade. De repente, ela já não estava mais tão gostosa.

Ele se lembrou de sua conversa com Annabeth em Épiro pouco antes de partir

com a Atena Partenos.

Ela o havia puxado para um canto, dizendo:

— Ei, preciso falar com você.

Nico havia sido tomado pelo pânico. *Ela sabe.*

— Eu queria agradecer — prosseguira Annabeth. — Bob... o titã... ele só nos ajudou no Tártaro porque você foi bom para ele. Você disse que nós merecíamos ser salvos. Essa é a única razão para estarmos vivos.

Ela dizia *nós* com muita facilidade, como se ela e Percy fossem intercambiáveis, inseparáveis.

Nico uma vez tinha lido um conto de Platão. Segundo ele, antigamente todos os seres humanos eram uma combinação de homem e mulher. Todas as pessoas tinham duas cabeças, quatro braços, quatro pernas. Supostamente, o grande poder desses humanos “acoplados” incomodava os deuses, de tal forma que Zeus os dividiu ao meio. Depois disso, os humanos ficaram se sentindo incompletos. E passaram toda a vida em busca de sua outra metade.

E onde eu me encaixo nisso?, perguntou-se Nico.

Essa não era sua história preferida.

Ele queria odiar Annabeth, mas simplesmente não conseguia. Ela se desviara de seu caminho só para agradecer a ele, em Épiro. Era autêntica e sincera. Nunca o ignorava ou o evitava, como a maioria das pessoas fazia. Por que ela não podia ser uma pessoa horrível? As coisas seriam mais fáceis.

O deus do vento, Favônio, o alertara na Croácia: *Se deixar a raiva governá-lo, seu destino será ainda mais triste que o meu.*

Mas como seu destino seria outra coisa que não triste? Mesmo que Nico sobrevivesse àquela missão, teria que deixar os dois acampamentos para sempre. Era a única forma de encontrar a paz. Bem que Nico queria que houvesse outra opção, uma alternativa não tão dolorosa quanto as águas do Flegetonte, mas ele não via saída.

Reyna o observava, provavelmente tentando ler seus pensamentos. Ela olhou rapidamente para as mãos dele, e Nico percebeu que estava girando o anel de caveira: o último presente que Bianca lhe dera.

— Como podemos ajudar você, Nico? — perguntou Reyna.

Outra pergunta que ele não estava acostumado a ouvir.

— Não sei — admitiu ele. — Vocês já me deixaram descansar o máximo possível. Isso é importante. Talvez você possa me emprestar sua força de novo. Esse próximo salto vai ser o mais longo. Vou precisar reunir energia suficiente para cruzarmos o Atlântico.

— Você vai conseguir — prometeu Reyna. — E, quando estivermos de volta aos Estados Unidos, teremos menos monstros para enfrentar. Talvez eu até

consiga ajuda de legionários aposentados da costa leste. Eles são obrigados a ajudar qualquer semideus romano que os convoque.

Hedge resmungou:

— Se é que eles já não foram recrutados por Octavian. Nesse caso, você pode acabar presa por traição.

— Treinador — repreendeu-o Reyna —, assim você não está ajudando.

— Ei, só estou avisando. Por mim, ficaríamos mais tempo aqui em Évora. Comida boa, dinheiro bom... e, até agora, nenhum sinal desses *lobos* em sentido figurado...

Os cães de Reyna se ergueram.

Uivos cortaram o ar, ao longe. Antes que Nico se levantasse, surgiram lobos de todas as direções. Grandes e negras, as feras saltaram de cima dos telhados e cercaram os três.

O maior dos lobos se adiantou, ficou de pé nas patas traseiras e começou a se transformar. Suas patas dianteiras viraram braços. Seu focinho se encolheu até adquirir o formato de um nariz humano pontudo. Seu pelo cinza tornou-se uma capa de peles de animais costuradas. Antes fera, a criatura era agora um homem alto e magro com rosto emaciado e olhos de um vermelho brilhante. Uma coroa de falanges humanas adornava seu cabelo negro ensebado.

— Ah, pequeno sátiro... — O homem sorriu, revelando presas afiadas. — Seu desejo foi atendido! Vocês ficarão em Évora para sempre, porque, para sua infelicidade, meus lobos em sentido figurado são lobos *de verdade*.

XVI

NICO

— V_{OCÊ NÃO É} Ó_{RION} — disparou Nico.

Um comentário estúpido, mas foi a primeira coisa que lhe veio à mente.

Evidentemente, o homem diante dele não era um gigante caçador. Não tinha altura para isso. Não tinha pernas de dragão. Não tinha nem arco nem aljava, muito menos os olhos de farol que Reyna afirmara ter visto em seu sonho.

O homem cinza riu.

— Não, não sou. Órion apenas solicitou meu auxílio nesta caçada. Eu sou...

— Licáon — completou Reyna. — O primeiro lobisomem.

O homem respondeu a ela com uma reverência irônica.

— Reyna Ramírez-Arellano, pretora de Roma. Uma das crias de Lupa! É um prazer ser reconhecido por você. Sou parte de seus pesadelos, sem dúvida.

— Parte da minha indigestão, talvez. — Da pochete atrelada a seu cinto, Reyna pegou um canivete dobrável. Quando o abriu, os lobos recuaram, rosnando. — Nunca viajo sem uma arma de prata.

Licáon arreganhou os dentes.

— Acha mesmo que vai deter doze lobos mais o rei da alcateia com um simples canivete? Ouvi dizer que você era corajosa, *filia romana*, só não imaginei que fosse imprudente.

Os cães de Reyna se agacharam, prontos para saltar. O treinador agarrou seu taco de beisebol, embora, pela primeira vez, não parecesse ansioso para usá-lo.

Nico levou a mão à espada.

— Nem perca seu tempo — murmurou o treinador Hedge para Nico. — Estes lobos só podem ser feridos por prata ou fogo. Eu me lembro deles, de Pikes Peak. São um grupinho bem irritante.

— E eu me lembro de você, Gleeson Hedge. — Os olhos do lobisomem

brilharam, vermelhos como lava. — Minha alcateia vai adorar saborear uma carne de bode no jantar.

Hedge riu com desdém.

— Manda ver, seu bicho sarnento. As Caçadoras de Ártemis estão a caminho agora mesmo, exatamente como da última vez! Aquilo ali é um templo de *Diana*, seu idiota. Você está no terreno delas!

Os lobos rosnaram e recuaram mais uma vez. Alguns lançaram rápidos olhares nervosos para o topo do templo.

Licáon apenas encarava o treinador.

— Bela tentativa, mas, infelizmente, aquele templo está com o nome errado. Passei por aqui na época dos romanos. Na verdade, era dedicado ao imperador Augusto. Vaidade típica de semideus. De qualquer forma, fiquei muito mais cuidadoso desde nosso último encontro. Se as Caçadoras estivessem por perto, eu saberia.

Nico tentou pensar em um plano de fuga. Eles estavam cercados e em menor número. A única arma eficaz que tinham era um canivete. O cetro de Diocleciano estava destruído. A Atena Partenos se encontrava ainda dez metros acima, no alto do templo, e, ainda que a alcançassem, não poderiam viajar nas sombras até que houvesse, bem, *sombras*. Mas ainda faltavam horas para o pôr do sol.

Mesmo muito distante da coragem que gostaria de sentir, ele avançou um passo.

— Então não temos saída. Está esperando o que para nos liquidar?

Licáon o avaliou como se o menino fosse um tipo novo de carne no balcão do açougue.

— Nico di Angelo... filho de Hades. Já ouvi falar de você. É uma pena que eu não possa matá-lo imediatamente, mas prometi a meu empregador, Órion, que o manteria sob meu controle até que ele chegasse. Não se preocupe. Ele não deve demorar. Quando ele acabar com vocês, vou derramar seu sangue e fazer deste o meu território por eras futuras!

Nico rangeu os dentes.

— Sangue de semideus. O sangue do Olimpo.

— É claro! — exclamou Licáon. — Quando derramado no chão, ainda mais em solo *sagrado*, o sangue de semideuses tem muitos usos. Com os encantamentos certos, pode despertar monstros, até mesmo deuses. Pode fazer surgir vida nova ou tornar um lugar estéril por gerações. Infelizmente, o *seu* sangue não vai despertar Gaia. Essa honra está reservada para seus amigos a bordo do *Argo II*. Mas não tema. Sua morte será quase tão dolorosa quanto a deles.

A grama começou a morrer em torno dos pés de Nico. Os canteiros de cravos-de-defunto murcharam. Solo estéril, pensou. Solo sagrado.

Ele se lembrou dos milhares de esqueletos na Capela dos Ossos. Lembrou-se do que Hades dissera sobre aquela praça pública, onde a Inquisição havia queimado centenas de pessoas vivas.

Aquela era uma cidade muito antiga. Quantos mortos jaziam no chão sob seus pés?

— Treinador, você consegue escalar? — perguntou ele.

Hedge deu um riso de desdém.

— Eu sou meio *bode*. Claro que consigo escalar!

— Suba até a estátua e prenda as correias. Depois faça uma escada de corda e jogue-a para nós.

— Hã... Mas e essa alcateia?

— Reyna — continuou Nico —, você e seus cães vão ter que nos dar cobertura.

A pretora assentiu. Sua expressão era séria, quase sombria.

— Entendido.

Licáon chegou a uivar de rir.

— Do que está falando, filho de Hades? Não há escapatória. Você não pode nos matar!

— Talvez não — disse Nico. — Mas posso retardá-los.

Ao dizer isso, ele estendeu as mãos, e o chão começou a entrar em erupção.

*

Nico não havia imaginado que fosse funcionar tão bem. Ele já havia feito aquilo outras vezes, extrair da terra fragmentos de ossos. Tinha dado vida a esqueletos de ratos e desenterrado crânios humanos. Mas nada o havia preparado para a parede de ossos que saiu voando do chão: centenas de fêmures, costelas e fíbulas que confundiram os lobos, formando um espinheiro afiado de restos humanos.

A maioria dos lobos ficou irremediavelmente presa. Alguns se contorciam e rangiam os dentes, tentando escapar de suas jaulas inesperadas. O próprio Licáon foi imobilizado em um casulo de costelas, o que, no entanto, não o impediu de ameaçá-los.

— Sua criança inútil! — vociferou ele. — Vou arrancar a carne de seus membros!

— Corra, treinador! — exclamou Nico.

O sátiro partiu veloz rumo ao templo. Chegou ao alto da base em um único salto e pôs-se a subir pelo pilar mais à esquerda.

Dois lobos escaparam do espinheiro de ossos. Reyna lançou o canivete e atingiu um no pescoço. Seus cães atacaram o outro. Aurum errou por pouco, suas presas e garras deslizando pela anca do lobo quando ele tentou agarrá-lo, mas Argentum derrubou a fera.

Argentum continuava com a cabeça deslocada para o lado, por causa da luta em Pompeia, e seu olho esquerdo de rubi ainda estava faltando, mas ele conseguiu cravar as presas na nuca do lobo, que se desintegrou em uma poça de sombra.

Graças aos deuses por esse cão de prata, pensou Nico.

Reyna sacou o gládio. Apanhou um punhado de moedas de prata do boné de Hedge, pegou fita adesiva na mochila dele e começou a prender moedas em torno da lâmina. A garota era no mínimo criativa.

— Vá! — ordenou ela a Nico. — Eu cubro você!

Os lobos tentavam avançar, fazendo o espinheiro de ossos se fragmentar e desmoronar. Licáon conseguiu soltar o braço direito e então começou a bater na muralha de costela que o aprisionava.

— Vou esfolar você vivo! — prometeu ele. — Vou arrancar sua pele e costurá-la na minha capa!

Nico saiu correndo, se demorando um pouco mais apenas para pegar do chão o canivete de Reyna.

Ele não era um bode montanhês, mas isso não foi um problema, pois encontrou uma escadaria nos fundos do templo. Subiu às pressas. Ao chegar à base das colunas, olhou para o alto e viu o treinador Hedge lá em cima, equilibrado precariamente nos pés da Atena Partenos, desenrolando cordas e trançando uma escada.

— Rápido! — gritou Nico.

— Jura? — gritou o treinador em resposta. — Achei que estivéssemos aqui de bobeira!

A última coisa de que Nico precisava agora era sarcasmo de sátiro. Lá embaixo, na praça, mais lobos se libertavam das prisões de ossos. Reyna os lançava para os lados com sua espada “modificada”, mas um punhado de moedas não ia segurar uma alcateia de lobisomens por muito tempo. Aurum rosnava e arreganhava os dentes em ameaça, frustrado por não conseguir ferir o inimigo. Argentum fazia o possível, cravando suas garras na garganta de um lobo, mas já estava muito danificado. Nico não teria a menor chance contra todos aqueles lobos.

Licáon conseguiu soltar o outro braço e começou a puxar as pernas, tentando

soltá-las das costelas que as prendiam. Em poucos segundos teria se libertado por completo.

Nico já não tinha mais recursos. Invocar o muro de ossos o havia esgotado, e ele ia precisar de toda a energia que lhe restava para viajar nas sombras — isso se conseguisse achar uma sombra na qual viajar.

Uma sombra.

Ele olhou para o canivete de prata que segurava. Uma ideia lhe ocorreu, talvez a ideia mais estúpida e maluca desde que ele pensara: *Ei, vou fazer Percy nadar no Rio Estige! Ele vai me amar por isso!*

— Reyna, suba aqui! — gritou ele.

Ela acertou um lobo na cabeça e foi correndo até lá. No meio do caminho, agitou a espada: a arma se esticou e se transformou em uma comprida lança, que ela usou para pular, como em um salto com vara. Aterrissou ao lado de Nico.

— Qual é o plano? — perguntou ela. Não tinha sequer perdido o fôlego.

— Se exhibir — resmungou ele.

Uma corda com nós caiu do alto.

— Subam, seus não bodes! — berrou Hedge.

— Vá — disse Nico a Reyna. — Quando chegar lá em cima, segure firme a corda.

— Nico...

— Vá!

A lança de Reyna encolheu, voltando a ser uma espada. Ela a guardou e começou a subir, escalando a coluna apesar do peso da armadura e dos suprimentos.

Lá embaixo, na praça, Aurum e Argentum haviam sumido de vista. Ou tinham se retirado de cena ou haviam sido destruídos.

Com um uivo de triunfo, Licáon escapou da prisão de ossos que o continha.

— Você sofrerá, filho de Hades!

Conte outra novidade, pensou Nico.

Ele empunhou o canivete.

— Venha me pegar, seu vira-lata! Ou você tem que ficar aí parado como um cachorrinho até seu mestre aparecer?

Licáon saltou no ar com as garras estendidas e as presas expostas. Nico enroscou a corda na mão livre e se concentrou. Uma gota de suor desceu por seu pescoço.

Quando o rei dos lobos caiu sobre ele, Nico cravou o canivete de prata em seu peito. Ao redor do templo, os lobos uivaram como se fossem um só.

Licáon enfiou as garras nos braços de Nico, suas presas parando a pouco mais de um centímetro do rosto do menino. Ignorando a própria dor, Nico enfiou o

canivete até o cabo entre as costelas de Licáon.

— Seja útil, seu animal — disse ele, com raiva. — Volte para as sombras.

Os olhos de Licáon giraram nas órbitas e ele se dissolveu em uma poça de escuridão negra.

Então várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Os lobos atacaram, furiosos. De um telhado próximo, uma voz trovejante gritou: — Detenham-nos!

Nico ouviu o som inconfundível de um arco grande sendo puxado.

Então ele se fundiu na poça da sombra de Licáon, levando consigo seus amigos e a Atena Partenos — e mergulhou no frio vazio, sem a menor ideia de onde iria emergir.

XVII

PIPER

PIPER NÃO PODIA ACREDITAR EM como era difícil encontrar um veneno mortal.

Ela e Frank passaram a manhã inteira vasculhando o porto de Pilos. Frank permitiu que apenas Piper fosse com ele, achando que o charme poderia ser útil se eles encontrassem seus parentes que mudavam de forma.

No fim, a espada dela foi mais necessária. Até ali, eles tinham matado um ogro lestrigão na padaria, lutado contra um javali gigante na praça pública e derrotado um bando de pássaros da Estinfália com alguns legumes bem-mirados da cornucópia de Piper.

A garota ficou satisfeita com a distração. Evitava que ela ficasse pensando na conversa que tivera com a mãe na noite anterior, aquele vislumbre do futuro que Afrodite a fizera prometer não contar...

Contudo, o maior desafio de Piper em Pilos eram os anúncios do novo filme de seu pai espalhados por toda a cidade. Os cartazes estavam em grego, mas Piper sabia o que diziam: TRISTAN MCLEAN É JAKE STEEL EM ASSINADO COM SANGUE.

Pelos deuses, que título horrível. Ela desejou que seu pai nunca tivesse estrelado a franquia Jake Steel, mas aquele era um de seus papéis mais populares. Lá estava ele no pôster com a camisa rasgada revelando um abdômen sarado (eca, pai!), uma AK-47 em cada mão e um sorriso confiante e sensual no rosto de traços fortes.

Do outro lado do mundo, na menor e mais fora de mão cidadezinha imaginável, lá estava seu pai. Aquilo deixou Piper triste, desorientada, com saudade de casa e irritada, tudo ao mesmo tempo. A vida seguia. E Hollywood também. Enquanto seu pai fingia salvar o mundo, Piper e seus amigos tinham que fazer isso *de verdade*. E só faltavam oito dias, a menos que Piper conseguisse cumprir o plano de Afrodite... Do contrário não haveria mais

filmes, nem cinemas, nem gente.

Por volta de uma da tarde, Piper finalmente botou o charme para funcionar. Falou com um fantasma da Grécia Antiga em uma lavanderia (numa escala de um a dez para conversas estranhas, com certeza essa era nota onze) e assim recebeu instruções para chegar a uma fortaleza antiga, onde supostamente os descendentes metamorfos de Periclimeno se reuniam.

Depois de uma caminhada penosa pela ilha sob o sol da tarde, eles encontraram a entrada da caverna no meio de um penhasco à beira-mar. Frank insistiu para que Piper esperasse na praia enquanto ele conferia o lugar.

Piper não gostou nada daquilo, mas esperou obedientemente, olhando meio desconfiada para a entrada da caverna e torcendo para não ter conduzido Frank para uma armadilha mortal.

Atrás dela, uma faixa de areia branca circulava o sopé das encostas. Banhistas tomavam sol deitados em toalhas. Crianças pequenas brincavam nas ondas. O mar azul reluzia, convidativo.

Piper teve vontade de surfar naquelas águas. Ela havia prometido ensinar Hazel e Annabeth um dia, se elas fossem a Malibu... Isso se Malibu ainda existisse depois de primeiro de agosto.

Ela olhou para o alto do penhasco. No cume, havia as ruínas de um velho castelo. Piper não sabia se faziam parte do esconderijo ou não. Não havia nenhum movimento lá em cima. A entrada da caverna ficava na face do despenhadeiro, a cerca de trinta metros do topo — um círculo negro na rocha calcária amarelada, como o buraco de um apontador de lápis gigante.

A Caverna de Nêstor, como chamou o fantasma da lavanderia. Supostamente, o antigo rei de Pilos tinha escondido seu tesouro ali em tempos de crise. O fantasma também disse que Hermes escondera naquela caverna o gado roubado de Apolo.

Vacas.

Piper sentiu um calafrio. Quando era pequena, ela e o pai passaram de carro por um abatedouro em Chino. O cheiro foi suficiente para fazê-la virar vegetariana. Desde então, só de pensar em vacas ela passava mal. Suas experiências com Hera, a rainha bovina, os catóblepas em Veneza e as imagens das assustadoras vacas da morte na Casa de Hades também não ajudaram.

Quando Piper começou a pensar que Frank estava demorando demais, ele apareceu na entrada da caverna. Vinha acompanhado de um homem alto de cabelos grisalhos em um terno de linho branco e gravata amarelo-clara. O homem colocou um objeto pequeno e brilhante — parecia uma pedra ou um pedaço de vidro — nas mãos de Frank. Ele e Frank trocaram algumas palavras. Frank assentiu, sério. Em seguida, o homem se transformou em uma gaivota e

saiu voando.

Frank desceu pela pedra até alcançar Piper.

— Eu os encontrei — disse ele.

— Percebi. Você está bem?

Ele olhou para a gaivota, que voava na direção do horizonte.

O cabelo bem curto de Frank apontava para a frente como uma flecha, tornando seu olhar ainda mais intenso. Suas medalhas romanas — *Coroa Mural, centurião, pretor* — brilhavam na gola da camisa. A tatuagem SPQR, com as lanças cruzadas de Marte, se destacava à luz forte do sol.

Ele ficou bem com a roupa nova. O javali gigante deixara as antigas muito sujas, então Piper o levava para fazer compras de emergência em Pilos. Agora Frank usava calça jeans preta, botas de couro cru e uma camisa verde-escura da Henley que se ajustava bem em seu corpo. Ele não se sentia à vontade com a camisa. Estava acostumado a se esconder em roupas largas, mas Piper lhe garantia que ele não precisava se preocupar mais com isso. Desde seu estirão de crescimento em Veneza, o corpo de Frank tinha se acomodado muito bem a seus músculos.

Você não mudou, Frank, dissera Piper a ele. *Você só está mais você*.

Era uma coisa boa que Frank Zhang ainda fosse tão meigo e falasse de modo tão doce. Do contrário, ele seria um cara assustador.

— Frank? — chamou ela, delicadamente.

— Oi, desculpe. — Ele se concentrou nela. — Meus, hum... primos, acho que posso chamá-los assim... eles vivem aqui há gerações. Todos descendem de Periclímene, o argonauta. Contei a eles minha história, sobre como a família Zhang foi da Grécia para Roma, depois para a China e, por fim, para o Canadá. Contei a eles sobre o fantasma do legionário que vi na Casa de Hades, que me disse para vir a Pilos. Eles... não pareceram surpresos. Disseram que isso já aconteceu antes, parentes perdidos há muito tempo voltarem para casa.

Piper percebeu a tristeza em sua voz.

— Você esperava alguma coisa diferente?

Ele deu de ombros.

— Uma recepção mais calorosa. Uns balões. Não sei. Minha avó me contou que eu iria fechar o ciclo, restaurar a honra de nossa família, essas coisas. Mas meus primos aqui... eles foram meio frios, distantes, como se não me quisessem por perto. Acho que não gostaram de eu ser filho de Marte. Sinceramente, acho que também não gostaram de eu ser chinês.

Piper olhou para o céu. A gaivota tinha desaparecido havia muito tempo, o que provavelmente era uma coisa boa. Ela ficaria tentada a derrubá-la com um presunto tender.

— Se seus primos pensam assim, eles são idiotas. Não sabem como você é incrível.

Frank alternava o peso do corpo de um pé para o outro.

— Eles ficaram um pouco mais amistosos quando eu disse que estava só de passagem. E me deram um presente de despedida.

Ele abriu a mão, revelando o brilho de um frasco metálico do tamanho de um colírio.

Piper resistiu à vontade de se afastar.

— Isso é o veneno?

Frank assentiu.

— Eles chamam isso de *menta pilosiana*. Aparentemente, a planta nasceu do sangue de uma ninfa que morreu em uma montanha perto daqui muito tempo atrás. Eu não perguntei sobre os detalhes.

O frasco era tão pequeno... Piper se perguntou se aquilo seria suficiente. Normalmente ela não desejaria *mais* veneno mortal. Nem sabia como aquele negócio iria ajudá-los a obter a *cura do médico* que Nice havia mencionado. Mas, se essa cura realmente fosse capaz de enganar a morte, Piper ia querer preparar seis doses, uma para cada um de seus amigos.

Frank rolou o frasco na palma da mão.

— Eu queria que Vitellius Reticulus estivesse aqui.

Piper achou que não tinha ouvido direito.

— Ridiculus quem?

Um sorriso passou rapidamente pelo rosto dele.

— Gaius Vitellius Reticulus, apesar de às vezes também o chamarmos de Ridiculus. Ele era um dos Lares da Quinta Coorte. Meio bobão, mas era filho de Esculápio, o deus da medicina. Se alguém soubesse alguma coisa sobre essa tal cura do médico... seria ele.

— Um deus da medicina seria bom — concordou Piper. — Melhor que ter uma deusa da vitória histórica e amarrada a bordo.

— Ei, você tem sorte. Minha cabine é a que fica mais perto dos estábulos. Fico a noite inteira ouvindo: *PRIMEIRO LUGAR OU MORTE! NOVE E MEIO NÃO É UMA BOA NOTA!* Leo precisa criar uma mordaca melhor do que a minha meia velha.

Piper deu de ombros. Ela ainda não entendia por que tinha sido uma boa ideia capturar a deusa. Quanto mais cedo se livrassem de Nice, melhor.

— Então seus primos... eles tinham alguma ideia do que vai acontecer agora? Ou sobre esse deus acorrentado que devemos encontrar em Esparta?

Frank ficou com uma expressão sombria.

— É, infelizmente eles tinham algo a dizer sobre isso. Vamos voltar para o

barco e eu conto a você.

Os pés de Piper a estavam matando. Ela se perguntou se conseguiria convencer Frank a se transformar em águia gigante e carregá-la, mas antes que pudesse perguntar, ouviu pegadas na areia atrás deles.

— Olá, turistas simpáticos! — Um pescador magro com um chapéu de capitão branco e a boca cheia de dentes de ouro sorriu para eles. — Passeio de barco? Muito barato!

Ele apontou para a água, onde um barco com motor aguardava.

Piper sorriu de volta. Ela adorava quando conseguia se comunicar com os moradores locais.

— Sim, por favor — disse ela, com uma boa dose de charme. — E gostaríamos que nos levasse a um lugar especial.

*

O capitão do barco os deixou no *Argo II*, que estava ancorado a cerca de quinhentos metros da praia. Piper botou uma pilha de euros nas mãos dele.

Ela não era totalmente contra usar o charme em mortais, mas havia decidido ser o mais justa e cuidadosa possível. Nada mais de roubar ^{BMW}S em concessionárias de automóveis.

— Obrigada — disse ela. — Se alguém perguntar, você nos levou para uma volta ao redor da ilha e nos mostrou os pontos turísticos. Depois nos deixou nas docas em Pilos. Você nunca viu um navio de guerra gigante.

— Nenhum navio de guerra — concordou o capitão. — Obrigado, turistas americanos simpáticos.

Eles subiram a bordo do *Argo II*, e Frank sorriu de um jeito estranho para ela.

— Bem, foi um prazer matar javalis gigantes com você.

Piper riu.

— O prazer foi meu, Sr. Zhang.

Ela o abraçou, o que pareceu deixá-lo sem graça, mas Piper não podia evitar gostar de Frank. Não só ele era um namorado bom e atencioso para Hazel, mas, sempre que Piper o via usando o velho emblema de pretor de Jason, ela se sentia grata por ele ter se oferecido para aquele trabalho. Frank havia tirado uma grande responsabilidade dos ombros de Jason e o liberado (ou assim Piper esperava) para buscar um futuro diferente no Acampamento Meio-Sangue... supondo, é claro, que todos eles sobrevivessem aos oito dias seguintes.

A tripulação se reuniu para uma reunião rápida na proa, principalmente porque

Percy estava de olho em uma serpente-marinha vermelha gigante que nadava a bombordo.

— Aquela coisa é vermelha *mesmo* — murmurou Percy. — Será que é sabor cereja?

— Por que você não nada até lá e descobre? — perguntou Annabeth.

— Que tal não?

— Enfim — disse Frank. — Segundo meus primos de Pilos, o deus acorrentado que estamos procurando em Esparta é meu pai... Quer dizer, a forma grega dele, Ares. Aparentemente, os espartanos tinham uma estátua dele acorrentada em sua cidade para que o espírito da guerra nunca os deixasse.

— Ok — disse Leo. — Os espartanos eram esquisitos. Mas, bem, temos Vitória amarrada lá embaixo, então acho que não podemos falar nada.

Jason se apoiou na balista da proa.

— Então nosso próximo destino é Esparta. Mas como é que a batida do coração de um deus acorrentado pode nos ajudar a encontrar uma cura para a morte?

Pela tensão em seu rosto, Piper via que ele ainda sentia dor. Ela se lembrou do que Afrodite tinha lhe dito: *Não é apenas o ferimento de espada, querida. É a verdade infeliz que ele viu em Ítaca. Se o pobre garoto não se mantiver firme, essa verdade vai devorá-lo inteiro.*

— Piper? — chamou Hazel.

Ela se virou.

— Desculpe. O que foi?

— Eu perguntei sobre as visões — lembrou Hazel. — Você me disse que tinha visto alguma coisa na lâmina da sua adaga.

— Ah... isso.

Piper desembainhou Katoptris com relutância. Desde que ela a usara para golpear a deusa da neve, Quione, as visões na lâmina tinham se tornado mais frias e duras, como imagens gravadas em gelo. Ela vira águias voando em círculos sobre o Acampamento Meio-Sangue e uma onda de terra destruindo Nova York. Tinha visto cenas do passado: o pai surrado e amarrado no topo do Monte Diabolo, Jason e Percy lutando contra gigantes no Coliseu romano, o deus-rio Aqueloo estendendo a mão para ela, implorando pela cornucópia que Piper havia cortado de sua cabeça.

— Eu, hum... — Ela tentou clarear os pensamentos. — Não estou vendo nada agora. Mas uma visão sempre se repete: Annabeth e eu estamos explorando umas ruínas...

— Ruínas! — Leo esfregou as mãos. — Agora estamos chegando a algum lugar. Quantas ruínas pode haver na Grécia?

— Fique quieto, Leo — repreendeu Annabeth. — Piper, você acha que era Esparta?

— Talvez — disse Piper. — Enfim... de repente nós estamos em um lugar escuro, como uma caverna. Ficamos de frente para uma estátua de bronze de um guerreiro. Na visão, eu toco o rosto da estátua, e à nossa volta surge um turbilhão de chamas. Isso foi tudo o que vi.

— Chamas. — Frank franziu a testa. — Não gosto dessa visão.

— Nem eu. — Percy não tirava o olho da serpente-marinha vermelha, que ainda deslizava entre as ondas uns cem metros a bombordo. — Se a estátua engolfa as pessoas em fogo, devemos mandar Leo.

— Também amo você, cara.

— Você entendeu. Você é imune. Ah, tanto faz, me dê umas dessas lindas granadas de água e *eu* vou. Ares e eu já nos enfrentamos antes.

Annabeth ficou olhando para a costa de Pilos, já distante agora.

— Se Piper viu nós duas procurando a estátua, então somos nós que devemos ir. Vamos ficar bem. Sempre há um jeito de sobreviver.

— Nem sempre — alertou Hazel.

Como ela era a única no grupo que tinha realmente morrido e voltado à vida, sua observação meio que quebrou o clima.

Frank mostrou o frasco de menta pilosiana.

— E esse negócio? Depois da Casa de Hades eu meio que esperava não ter que beber veneno de novo.

— Guarde isso em segurança — disse Annabeth. — Por enquanto, é tudo o que podemos fazer. Depois que resolvermos essa situação do deus acorrentado, seguimos para a ilha de Delos.

— *A maldição de Delos* — lembrou Hazel. — Isso parece divertido.

— Espero que Apolo esteja lá — disse Annabeth. — Ele vivia em Delos. É o deus da medicina. Deve poder nos aconselhar.

Piper se lembrou das palavras de Afrodite: *Você deve ser a ponte entre romanos e gregos, minha filha. Nem tempestade nem fogo terão sucesso sem você.*

Afrodite a alertara sobre o que estava por vir, contara a ela o que teria que fazer para deter Gaia. Se teria coragem ou não... Piper não sabia.

A bombordo, a serpente-marinha sabor cereja soltou um jato de vapor.

— É, com certeza ela está nos observando — concluiu Percy. — Talvez fosse melhor ir pelo ar por algum tempo.

— Que seja pelo ar, então! — disse Leo. — Festus, faça as honras!

O dragão de bronze rangeu e estalou. O motor do navio começou a trabalhar. Os remos se ergueram e se expandiram em hélices com o som de noventa

guarda-chuvas se abrindo ao mesmo tempo, e o *Argo II* subiu ao céu.

— Devemos chegar a Esparta pela manhã — anunciou Leo. — E lembrem-se de vir ao refeitório à noite, meus caros, porque o *chef* Leo vai fazer seus famosos tacos de tofu superapimentados!

XVIII

PIPER

PIPER NÃO QUERIA QUE UMA mesa de três pernas gritasse com ela.

Quando Jason visitou sua cabine naquela noite, ela tomou o cuidado de deixar a porta aberta, porque Buford, a Mesa Maravilhosa, levava muito a sério sua função de acompanhante adulto. Se tivesse a menor desconfiança de que havia um garoto e uma garota na mesma cabine sem supervisão, ele fumegava e vinha chacoalhando pelo corredor com a projeção holográfica do treinador Hedge berrando: “PARE COM ISSO! PAGUE VINTE FLEXÕES! VISTA ALGUMA COISA!”

Jason se sentou ao pé do beliche.

— Está quase no meu turno de vigia. Só quis ver como você estava antes.

Piper cutucou a perna dele com o pé.

— O cara que foi apunhalado quer saber como *eu* estou? Como *você* está se sentindo?

Ele deu um meio sorriso para ela. Seu rosto estava tão bronzeado pelo tempo passado na costa da África que a cicatriz em seu lábio parecia uma marca de giz. Os olhos azuis estavam ainda mais chamativos. O cabelo, branco como palha de milho, apesar de ele ainda ter uma falha onde havia sido atingido por uma bala da pistola do bandido Círon. Se um arranhão tão pequeno de bronze celestial demorava tanto para cicatrizar, Piper se perguntava como ele iria se recuperar do ferimento de ouro imperial na barriga.

— Já estive pior — disse Jason, tranquilizando-a. — Uma vez, no Oregon, uma *dracaena* cortou fora meus braços.

Piper se assustou. Depois deu um tapa de leve no braço dele.

— Mentiroso.

— Por um segundo eu peguei você.

Ficaram de mãos dadas em um silêncio confortável. Piper quase podia imaginar que eles eram adolescentes normais, aproveitando a companhia um do outro como um casal. Claro, Jason e ela ficaram alguns meses juntos no Acampamento Meio-Sangue, mas a guerra com Gaia sempre esteve pairando sobre eles. Como seria se não estivessem ocupados tentando não morrer doze vezes por dia?

— Eu nunca agradeci a você. — A expressão de Jason ficou séria. — Lá em Ítaca, depois que vi o que... restou de minha mãe, sua *mania*... quando fui ferido, você não deixou que eu desistisse, Pipes. Uma parte minha... — A voz dele vacilou. — Uma parte minha queria fechar os olhos e parar de lutar.

O coração de Piper se contraiu. Ela sentiu o próprio pulso nos dedos.

— Jason... você é um lutador. Você nunca desistiria. Quando encarou o espírito da sua mãe... naquele momento, *você* foi forte, não eu.

— Pode ser. — A voz dele estava seca. — Eu não queria botar um peso tão grande em cima de você, Pipes. É só que... eu tenho o DNA da minha mãe. Minha parte humana veio toda *dela*. E se eu fizer as escolhas erradas? E se eu cometer um erro irremediável quando estivermos lutando contra Gaia? Não quero acabar como minha mãe, reduzido a uma *mania*, remoendo meus arrependimentos para sempre.

Piper cobriu as mãos dele com as suas. Ela sentia como se estivesse de volta ao convés do *Argo II*, segurando a granada de gelo do Boreada pouco antes de explodir.

— Você vai fazer as escolhas certas — disse ela. — Não sei o que vai acontecer com nenhum de nós, mas você *nunca* acabará como sua mãe.

— Como você pode ter tanta certeza?

Piper observou a tatuagem no antebraço dele: ^{SPQR}, a águia de Júpiter, doze linhas por seus anos na legião.

— Meu pai me contava uma história sobre fazer escolhas... — Ela balançou a cabeça. — Não, deixa pra lá. Estou parecendo o vovô Tom.

— Vá em frente — disse Jason. — Qual é a história?

— Bem... Havia dois caçadores cherokee na floresta, certo? Cada um deles tinha um tabu.

— Um tabu... uma coisa que eles estavam proibidos de fazer.

— É.

Piper começou a relaxar. Devia ser por isso que seu pai e seu avô sempre gostaram de contar histórias. Era mais fácil falar até sobre o assunto mais aterrorizante quando ele estava sob a forma de algo que tinha acontecido com dois caçadores cherokee séculos antes. Pegue um problema; transforme-o em entretenimento. Talvez por isso o pai dela tivesse virado ator.

— Um dos caçadores — continuou ela — não podia comer carne de veado. O outro não podia comer carne de esquilo.

— Por quê?

— Ei, eu não sei. Alguns tabus cherokee eram proibições permanentes, como matar águias. — Ela deu um tapinha no símbolo do braço de Jason. — Isso era azar para praticamente todo mundo. Mas às vezes alguns cherokee assumiam tabus temporários, talvez para purificar o espírito, ou talvez porque *soubessem*, por ouvir o mundo espiritual ou algo assim, que o tabu era importante. Eles seguiam seus instintos.

— Está bem. — Jason parecia confuso. — Vamos voltar aos caçadores.

— Eles passaram o dia inteiro caçando, e a única coisa que pegaram foram esquilos. À noite, armaram acampamento, e o cara que *podia* comer carne de esquilo começou a prepará-la no fogo.

— Nham!

— Mais um motivo para eu ser vegetariana. Enfim, o segundo caçador, que não podia comer carne de esquilo, estava faminto. E só ficou lá sentado apertando a barriga enquanto o amigo comia. O primeiro caçador começou a se sentir culpado. “Ah, vá em frente”, disse ele. “Coma um pouco.” Mas o segundo caçador resistiu. “É meu tabu. Vou ter problemas sérios. Vou virar uma cobra ou coisa assim.” O primeiro riu. “De onde você tirou essa ideia maluca? Não vai acontecer nada. Você pode voltar a evitar carne de esquilo amanhã.” O segundo caçador sabia que não deveria, mas comeu.

Jason acariciou a mão dela, atrapalhando sua concentração.

— O que aconteceu?

— No meio da noite, o segundo caçador acordou gritando de dor. O primeiro correu até ele para ver qual era o problema. Ele puxou as cobertas do amigo e viu que as pernas dele tinham virado uma cauda de couro, e o corpo dele ia sendo coberto por pele de cobra. O pobre do caçador chorava, se desculpava com os espíritos e gritava de medo, mas não havia nada a fazer. O primeiro caçador ficou do seu lado e tentou confortá-lo, até que o coitado se transformou completamente em uma serpente gigante e foi embora rastejando. Fim.

— Adoro essas histórias cherokee — disse Jason. — São tão pra cima.

— É, bem...

— Então o cara virou uma cobra. A moral é: Frank está comendo esquilos?

Ela riu, o que foi agradável.

— Não, seu bobo. A questão é: confie em seus instintos. Carne de esquilo pode ser boa para uma pessoa, mas tabu para outra. O segundo caçador *sabia* que tinha um espírito de serpente dentro dele, esperando para assumir o controle. Ele *sabia* que não deveria alimentar esse espírito ruim comendo carne de

esquilo, mas fez isso assim mesmo.

— Então... *eu* não devo comer esquilos.

Piper ficou aliviada ao ver o brilho nos olhos dele. Ela pensou em algo que Hazel lhe contara em segredo algumas noites antes: *Acho que Jason é a peça-chave de todo o plano de Hera. Ele foi sua primeira jogada; e será a última.*

— O que quero que entenda — disse Piper, cutucando o peito dele — é que você, Jason Grace, conhece muito bem seus próprios espíritos ruins, e faz o possível para não alimentá-los. Você tem instintos sólidos e sabe segui-los. Por mais que tenha qualidades irritantes, é uma pessoa realmente boa que sempre tenta fazer a escolha certa. Então pare com essa conversa de desistir.

Jason franziu a testa.

— Espere aí. Eu tenho qualidades irritantes?

Ela revirou os olhos.

— Venha aqui.

Ela estava prestes a beijá-lo quando bateram na porta, e Leo surgiu na entrada da cabine.

— Uma festa? Estou convidado?

Jason limpou a garganta.

— Oi, Leo. O que está rolando?

— Ah, nada de mais. — Ele apontou para o convés. — Os *venti* insuportáveis de sempre tentando destruir o navio. Está pronto para o seu turno?

— Sim. — Jason se inclinou e beijou Piper. — Obrigado. E não se preocupe. Estou bem.

— Isso — disse ela — era basicamente o que eu queria provar.

Depois que os garotos saíram, Piper deitou-se em seus travesseiros de plumas de pégaso e ficou contemplando as constelações que o abajur projetava no teto. Ela achava que não ia conseguir dormir, mas um dia inteiro lutando contra monstros no calor do verão cobrou seu preço. Em pouco tempo ela fechou os olhos e mergulhou em um pesadelo.

*

A Acrópole.

Piper nunca tinha estado lá, mas a reconheceu de fotos: uma fortaleza antiga localizada no alto de uma colina quase tão impressionante quanto a de Gibraltar. Elevava-se cerca de cento e vinte metros acima da Atenas moderna, com penhascos íngremes encimados por muralhas de calcário. No topo, templos em

ruínas e guindastes modernos reluziam como prata ao luar.

Em seu sonho, Piper voava acima do Partenon, o antigo templo de Atena; o lado esquerdo de sua casca vazia estava cercado por andaimes de metal.

A Acrópole parecia deserta de mortais, talvez devido aos problemas financeiros da Grécia. Ou talvez as forças de Gaia tivessem arranjado um pretexto para manter os turistas e operários afastados.

A visão de Piper se concentrou no centro do templo. Havia tantos gigantes ali que parecia até uma festa para sequoias centenárias. Piper reconheceu alguns: aqueles gêmeos terríveis de Roma, Oto e Efialtes, vestidos com uniformes iguais de operário de construção; Polibotes, igual à descrição feita por Percy, com veneno escorrendo de seus *dreadlocks* e bocas abertas e famintas esculpidas no peitoral; o pior de todos, Encélado, o gigante que raptara o pai de Piper. Sua armadura era gravada com desenhos de chamas; e o cabelo, trançado com ossos humanos. Sua lança, do tamanho de um mastro de bandeira, queimava com labaredas roxas.

Piper tinha ouvido dizer que cada gigante nascera para se opor a um deus, mas havia *muito* mais do que doze gigantes reunidos ali no Partenon. Ela contou pelo menos vinte, e, como se isso não fosse intimidador o suficiente, uma horda de monstros menores se agitava ao redor dos gigantes: ciclopes, ogros, Nascidos da Terra de seis braços e *dracaenae*.

No centro da multidão havia um trono improvisado feito de andaimes retorcidos e blocos de pedra aparentemente arrancados aleatoriamente das ruínas.

Enquanto Piper observava, um novo gigante subiu os degraus na extremidade oposta da Acrópole. Ele vestia um enorme moletom esportivo de veludo, tinha correntes de ouro no pescoço e cabelo penteado para trás com gel, parecendo um membro de gangue de dez metros de altura — isso se os membros de gangue tivessem pés de dragão e pele laranja. O gigante mafioso correu na direção do Partenon, onde entrou aos tropeções, esmagando vários Nascidos da Terra sob seus pés. Ele parou sem fôlego ao pé do trono.

— Onde está Porfírión? — perguntou. — Trago notícias!

O velho inimigo de Piper, Encélado, deu um passo à frente.

— Atrasado como sempre, Hipólito. Espero que suas notícias justifiquem a espera. O rei Porfírión deve estar...

O chão entre eles se abriu. Um gigante ainda maior surgiu da terra, como uma baleia irrompendo do mar.

— O rei Porfírión está aqui — anunciou o próprio.

Ele parecia exatamente igual ao que Piper se lembrava da Casa dos Lobos, em Sonoma. Com doze metros de altura, era mais alto que seus irmãos. Na verdade

— percebeu Piper, com preocupação —, era do mesmo tamanho da Atena Partenos, que antigamente tinha habitado aquele templo. Em suas tranças da cor de algas marinhas brilhavam armas capturadas de semideuses. O rosto era cruel e verde-claro; os olhos, brancos como a névoa. Seu corpo parecia irradiar uma espécie de gravidade, fazendo os outros monstros se inclinarem na direção dele. Terra e seixos corriam pelo chão, acumulando-se ao redor de seus enormes pés de dragão.

O gigante mafioso, Hipólito, se ajoelhou.

— Meu rei, trago informações sobre o inimigo!

Porfírión sentou-se no trono.

— Fale.

— O navio dos semideuses está fazendo a volta no Peloponeso. Eles já destruíram os fantasmas em Ítaca e capturaram a deusa Nice em Olímpia.

A multidão de monstros se agitou, preocupada. Um ciclope roeu as unhas. Duas *dracaenae* trocaram moedas como se estivessem fazendo apostas em um bolão do Fim do Mundo.

Porfírión apenas riu.

— Hipólito, você quer matar seu inimigo Hermes e se tornar o mensageiro dos gigantes?

— Sim, meu rei!

— Então vai ter que trazer notícias mais frescas. Eu já sei de tudo isso. E nada disso importa! Os semideuses tomaram a rota que *esperávamos* que eles tomassem. Eles seriam tolos se seguissem por qualquer outro caminho.

— Mas, senhor, eles vão chegar a Esparta pela manhã! Se conseguirem libertar os *makhai*...

— Idiota! — A voz de Porfírión abalou as ruínas. — Nosso irmão, Mimas, espera por eles em Esparta. Você não precisa se preocupar. Os semideuses não podem mudar seu destino. De um jeito ou de outro, o sangue deles será derramado sobre estas pedras e despertará a Mãe Terra!

A multidão rugiu em aprovação e brandiu suas armas. Hipólito fez uma reverência e se afastou, mas outro gigante se aproximou do trono.

Piper notou, com certa surpresa, que aquele gigante era uma *mulher*. Não que fosse fácil perceber isso. A gigante tinha os mesmos pés de dragão e cabelo comprido trançado. Era tão alta e musculosa quanto os outros, mas seu peitoral com certeza era modelado para uma mulher. Também tinha a voz mais alta e aguda.

— Pai! — exclamou ela. — Vou perguntar de novo: por que aqui, neste lugar? Por que não nas encostas do próprio Monte Olimpo? Sem dúvida...

— Peribeia — interrompeu o rei, com gravidade. — A questão está decidida.

O Monte Olimpo original agora é um pico estéril. Não nos oferecerá glória. Aqui, no centro do mundo grego, as raízes dos deuses são realmente profundas. Podem existir templos mais antigos, mas este *Partenon* é o que melhor guarda sua memória. Na mente dos mortais, este é o símbolo mais poderoso dos olímpianos. Quando o sangue dos últimos heróis for derramado aqui, a Acrópole será destruída. Este morro vai desmoronar, e toda a cidade vai ser consumida pela Mãe Terra. Nós seremos os mestres da criação!

A multidão gritou e aplaudiu, mas a gigante Peribeia não pareceu convencida.

— O senhor provoca o destino, pai — disse ela. — Os semideuses também têm aliados aqui. Não é sábio...

— SÁBIO? — Porfírión se levantou do trono. Todos os gigantes deram um passo para trás. — Encélado, meu conselheiro, explique à minha filha o que é sabedoria!

O gigante se aproximou. Seus olhos brilhavam como diamantes. Piper odiava aquele rosto. Ela o vira demais em seus sonhos quando o pai tinha sido feito prisioneiro.

— Não precisa se preocupar, princesa — garantiu Encélado. — Nós tomamos Delfos. Apolo foi expulso do Olimpo em vergonha. Os deuses não podem mais ver o futuro. Eles tropeçam às cegas. E sobre provocar o destino...

Encélado gesticulou para sua esquerda, e um gigante menor se aproximou arrastando os pés. Ele tinha cabelo grisalho e emaranhado, rosto enrugado e olhos leitosos de catarata. Em vez de armadura, usava uma túnica esfarrapada de aniagem. Suas pernas com escamas de dragão eram brancas como a geada.

Ele não parecia grande coisa, mas Piper percebeu que os outros monstros mantinham distância dele. Até Porfírión se inclinou para longe do velho.

— Este é Toas — disse Encélado. — Assim como vários de nós nascemos para matar certos deuses, Toas nasceu para se opor às Três Parcas. Ele vai estrangular as velhas com as próprias mãos. Vai arrebentar o fio delas e destruir seu tear. Ele vai destruir o próprio Destino!

O rei Porfírión se levantou e abriu os braços em triunfo.

— Basta de profecias, meus amigos! Basta de previsões! O tempo de Gaia será nossa era, vamos criar nosso próprio destino!

Ao ouvir isso, a multidão aplaudiu tão alto que Piper sentiu como se estivesse desmoronando.

Então percebeu que alguém a estava sacudindo para que acordasse.

— Ei — disse Annabeth. — Chegamos a Esparta. Quer se aprontar?

Piper sentou-se, ainda zozona. Seu coração batia forte.

— Claro... — Ela segurou o braço de Annabeth. — Mas, primeiro, você precisa escutar uma coisa.

XIX

PIPER

QUANDO ELA REPETIU O SONHO para Percy, os banheiros do navio explodiram.

— Vocês duas não vão para lá sozinhas de jeito nenhum — disse Percy.

Leo veio correndo pelo corredor, balançando uma chave inglesa.

— Cara, você *tinha* que destruir o encanamento?

Percy o ignorou. Água corria pelo passadiço. Do casco vinha um barulho ensurdecedor, de mais canos estourando e pias transbordando. Piper achou que Percy não tivera a intenção de causar tanto estrago, mas sua expressão irritada a fez querer deixar o navio o mais rápido possível.

— Vamos ficar bem — disse Annabeth a ele. — Piper previu nós duas indo até lá, então é isso o que precisa acontecer.

Percy olhou para Piper como se tudo aquilo fosse culpa dela.

— E esse sujeito, Mimas? Ele é um gigante, não é?

— Provavelmente — respondeu ela. — Porfírião o chamou de *nosso irmão*.

— E uma estátua de bronze cercada de fogo — disse Percy. — E aquelas... outras coisas que você mencionou. *Mackies*?

— *Makhai* — corrigiu Piper. — Acho que a palavra significa *batalhas* em grego, mas não sei exatamente como ela se aplica.

— É disso que estou falando! — disse Percy. — Não sabemos o que tem lá. Eu vou com vocês.

— Não. — Annabeth pôs a mão no braço dele. — Se os gigantes querem nosso sangue, a última coisa que precisamos é de um garoto e uma garota indo lá juntos. Não se lembra? Eles querem um de cada para seu grande sacrifício.

— Então vou chamar Jason — disse Percy. — E nós dois...

— Cabeça de Alga, você está sugerindo que dois garotos podem resolver isso melhor que duas garotas?

— Não. Quer dizer... não. Mas...

Annabeth o beijou.

— Estaremos de volta antes que você perceba.

Piper subiu as escadas atrás dela antes que todo o convés inferior ficasse alagado com água de privada.

*

Uma hora depois, as duas estavam em uma colina de onde se avistavam as ruínas da Esparta Antiga. Já haviam explorado a cidade moderna, que, estranhamente, fez Piper se lembrar de Albuquerque — um grupo de construções baixas, quadradas e brancas espalhado sobre uma planície aos pés de montanhas arroxeadas. Annabeth tinha insistido em conferir o museu de arqueologia, depois a estátua gigante de metal do guerreiro espartano, no fórum, depois o Museu Nacional da Azeitona e do Azeite de Oliva (sim, isso existia de verdade). Piper aprendeu mais sobre azeite do que jamais quis saber, mas nenhum gigante as atacou. E elas não encontraram nenhuma estátua de um deus acorrentado.

Annabeth parecia relutante em verificar as ruínas nos limites da cidade, mas finalmente elas ficaram sem outros lugares onde procurar.

Não havia muito para ver. Segundo Annabeth, a colina onde elas se encontravam agora era a acrópole de Esparta, o ponto mais alto da cidade e sua principal fortaleza, mas nada tinha a ver com a maciça acrópole ateniense que Piper vira em seus sonhos.

A elevação desgastada estava coberta por grama seca, pedras e oliveiras mirradas. Lá embaixo, ruínas se estendiam por cerca de quinhentos metros: blocos de calcário, algumas paredes desmoronadas e buracos no chão contornados por ladrilhos, parecendo poços de água.

Piper pensou no filme mais famoso de seu pai, *Rei de Esparta*, em que os espartanos eram retratados como super-homens invencíveis. Ela achava triste que seu legado tivesse sido reduzido a um terreno cheio de pedras e uma cidadezinha moderna com um museu dedicado ao azeite.

Ela limpou o suor da testa.

— Achei que seria mais fácil encontrar um gigante de dez metros por aqui.

Annabeth olhava fixamente para a forma distante do *Argo II* flutuando acima do centro da cidade. Segurava o pingente de coral vermelho em seu cordão, presente de Percy quando eles começaram a namorar.

— Você está pensando em Percy — presumiu Piper.

Annabeth assentiu.

Desde a volta do Tártaro, Annabeth contara a Piper muitas coisas assustadoras que tinham acontecido lá. No topo de sua lista: Percy controlando uma poça de veneno e sufocando a deusa Akhlys.

— Ele parece estar se ajustando — disse Piper. — Está sorrindo com mais frequência. Você sabe que ele gosta muito de você.

Annabeth se sentou. Seu rosto de repente ficou pálido.

— Não sei por que de repente pensei nisso. Não consigo tirar essa lembrança da cabeça... a expressão de Percy quando ele estava à beira do Caos.

Talvez Piper só estivesse reagindo ao desconforto de Annabeth, mas ela também começou a se sentir agitada.

Ela pensou no que Jason dissera na noite anterior: *Uma parte minha queria fechar os olhos e parar de lutar.*

Ela fizera o possível para tranquilizá-lo, mas ainda estava preocupada. Como aquele caçador cherokee que se transformou em cobra, *todos* os semideuses tinham por dentro sua própria cota de espíritos ruins. Defeitos fatais. Algumas crises os faziam aflorar. Alguns limites não deviam ser ultrapassados.

Se isso era verdade para Jason, como podia não ser igual para Percy? O cara tinha literalmente ido ao inferno e voltado. Mesmo quando não tinha a intenção, ele fazia os vasos sanitários explodirem. O que aconteceria se Percy *quisesse* agir de modo assustador?

— Dê um tempo a ele. — Ela sentou ao lado de Annabeth. — O cara é louco por você. Vocês passaram por tantas coisas juntos...

— Eu sei... — Os olhos cinza de Annabeth refletiam o verde das oliveiras. — É só que... O titã Bob me avisou que haveria mais sacrifícios pela frente. Eu quero muito acreditar que um dia nós vamos poder ter uma vida normal... Mas eu me permiti ter esse tipo de esperança no verão passado, depois da Guerra dos Titãs. Então Percy desapareceu por *meses*. Aí nós caímos naquele abismo... — Uma lágrima escorreu pelo rosto de Annabeth. — Piper, se você tivesse visto o rosto do deus Tártaro, aquele turbilhão de escuridão, devorando e vaporizando monstros... Nunca me senti tão *impotente*. Eu tento não pensar nisso...

Piper segurou as mãos da amiga, que tremiam muito. Ela se lembrou de seu primeiro dia no Acampamento Meio-Sangue, quando Annabeth a levou para um tour. A garota estava abalada pelo desaparecimento de Percy, e, apesar de a própria Piper estar bem desorientada e assustada, confortar Annabeth fez com que ela se sentisse necessária, como se pudesse realmente ter um lugar entre aqueles semideuses absurdamente poderosos.

Annabeth Chase era a pessoa mais corajosa que ela conhecia. Se até *ela* precisava de um ombro para chorar de vez em quando... bem, era um prazer

para Piper oferecer o seu.

— Ei — disse ela com delicadeza. — Não tente reprimir seus sentimentos. Você não vai conseguir. Deixe que eles corram livremente por você até se esgotarem. Você está com medo.

— Pelos deuses, estou com medo, sim.

— Você está com raiva.

— De Percy, por me assustar — disse ela. — De minha mãe, por me mandar naquela missão horrível em Roma. De... bem, praticamente de todo mundo. De Gaia. Dos gigantes. Dos deuses, por serem imbecis.

— De mim? — perguntou Piper.

Annabeth conseguiu soltar uma risada fraca.

— Sim, por ser irritantemente calma.

— É tudo fingimento.

— E por ser uma boa amiga.

— Sei.

— E por ter a cabeça no lugar em relação a garotos e relacionamentos e...

— Desculpe. Tem certeza que você me conhece?

Annabeth deu um soquinho no braço dela.

— Sou uma boba mesmo, sentada aqui falando sobre meus sentimentos quando temos uma missão.

— A batida do coração do deus acorrentado pode esperar.

Piper tentou sorrir, mas seus próprios medos emergiram: ela temia por Jason e seus amigos no *Argo II* e por si mesma, se não conseguisse fazer o que Afrodite aconselhara. *No fim, você só terá forças para uma única palavra. Deve ser a palavra certa, ou você perderá tudo.*

— Aconteça o que acontecer — disse ela a Annabeth —, sou sua amiga. Só... lembre-se disso, está bem?

Especialmente se eu não estiver por perto para lembrar você, pensou Piper.

Annabeth começou a dizer algo, mas, de repente, um som ensurdecedor veio das ruínas. Um dos buracos no chão, que Piper tinha confundido com poços de água, soltou um jato de chamas que alcançou a altura de um prédio de três andares e parou com a mesma rapidez.

— O que foi isso? — perguntou Piper.

Annabeth deu um suspiro.

— Não sei, mas tenho a sensação de que é melhor irmos lá para dar uma olhada.

Havia três buracos lado a lado como furos de uma flauta doce. Todos eram perfeitamente redondos, com sessenta centímetros de diâmetro e as bordas revestidas de pedra calcária; todos mergulhavam direto na escuridão. Em intervalos aleatórios de alguns segundos, uma das três bocas jorrava uma coluna de fogo para o céu. A cada vez, de cor e intensidade diferentes.

— Eles não estavam fazendo isso antes. — Annabeth deu uma volta larga nos poços. Ainda parecia abalada e pálida, mas sua mente estava obviamente concentrada no problema atual. — Não parece haver nenhum padrão. O intervalo de tempo, as cores, a altura das chamas... eu não entendo.

— Será que de algum modo nós os ativamos? Talvez aquela onda de medo que você sentiu no alto da colina... Ah, quer dizer, que *nós duas* sentimos.

Annabeth não pareceu ouvi-la.

— Deve haver alguma espécie de mecanismo... uma placa de pressão, um sensor de movimento.

Chamas jorraram da abertura do meio. Annabeth contou em silêncio. Algum tempo depois, o jato surgiu à esquerda.

— Isso não faz sentido. É inconsistente. Eles precisam seguir algum tipo de lógica.

Piper começou a ouvir uma campainha no ouvido. Alguma coisa naqueles poços...

Cada vez que um deles se acendia, ela era tomada por uma emoção forte: medo, pânico, mas também um desejo poderoso de se aproximar das chamas.

— Não é racional — disse ela. — É emocional.

— Como poços de fogo podem ser emocionais?

Piper estendeu a mão sobre o poço da direita. As chamas jorraram instantaneamente. Ela mal teve tempo de tirar os dedos. Suas unhas fumegaram.

— Piper! — Annabeth correu até ela. — *O que* você estava pensando?

— Eu não estava pensando. Estava sentindo. O que nós queremos está lá embaixo. Esses buracos são a entrada. Vou ter que pular.

— Ficou *maluca*? Mesmo que não fique presa lá dentro, você não tem ideia da profundidade.

— Tem razão.

— Você vai ser queimada viva!

— É possível. — Piper tirou a espada da cintura e a jogou no poço da direita.

— Aviso quando for seguro. Espere até eu chamar.

— Nem pense... — começou Annabeth.

Piper pulou.

Por um instante ela se sentiu flutuar na escuridão, e as laterais do poço queimaram seus braços. Então o espaço se abriu ao seu redor. Instintivamente,

ela se encolheu e rolou sobre o chão de pedra, absorvendo a maior parte do impacto da queda.

Chamas jorraram à sua frente, queimando suas sobrancelhas, mas Piper recuperou a espada, tirou-a da bainha e golpeou antes mesmo de parar de rolar. Uma cabeça de dragão de bronze quicou no chão.

Piper se levantou, tentando se situar. Olhou para baixo, para a cabeça de dragão perfeitamente decapitada, e sentiu um instante de culpa, como se tivesse matado Festus. Mas aquele não era Festus.

Havia três estátuas de dragão de bronze lado a lado, alinhadas com os buracos no solo, lá no alto. Piper tinha acertado a do meio. Os dois dragões intactos tinham quase um metro de altura, com os focinhos apontados para cima e as bocas fumegantes abertas. Eles eram claramente as fontes das chamas, mas não pareciam ser autômatos. Não se mexeram nem tentaram atacá-la. Piper calmamente decapitou os outros dois.

Ela esperou. Não jorraram mais chamas para o alto.

— Piper? — A voz de Annabeth ecoou de muito longe, como se ela estivesse berrando do alto de uma chaminé.

— Oi! — gritou Piper.

— Graças aos deuses! Você está bem?

— Estou. Espere um segundo.

Sua visão se ajustou à escuridão. Ela examinou a câmara. A única luz vinha de sua lâmina reluzente e das aberturas dos poços. O teto estava a cerca de dez metros de altura. O normal seria que Piper tivesse quebrado as duas pernas na queda, mas ela não ia reclamar da sorte.

O espaço em si era redondo, mais ou menos do tamanho de um heliporto. As paredes eram de blocos de pedra áspera entalhados com inscrições gregas, milhares e milhares delas, como grafite.

Na outra extremidade do salão, sobre uma plataforma de pedra, havia a estátua de um guerreiro em tamanho natural — o deus Ares, supôs Piper —, com correntes de bronze pesadas enroladas no corpo, prendendo-a ao chão.

Dos dois lados da estátua assomavam portais escuros, cada um com três metros de altura e uma cara ameaçadora esculpida acima da arcada. Os rostos lembraram a Piper as górgonas, exceto pelo fato de que tinham jубas de leão como cabelo em vez de cobras.

De repente Piper se sentiu muito solitária.

— Annabeth! — chamou ela. — É uma queda longa, mas dá para descer sem problemas. Será que... será que você tem uma corda que possa ajudar a gente a subir de volta?

— Pode deixar!

Minutos depois, ela viu uma corda surgir pelo poço do meio. Annabeth desceu escorregando por ela.

— Piper McLean — reclamou ela. — Esse foi sem dúvida o risco *mais idiota* que eu já vi alguém correr, e eu *namoro* um cara que adora correr riscos idiotas.

— Valeu. — Piper cutucou com o pé a cabeça de dragão mais próxima. — Estou achando que estes são os dragões de Ares. O dragão é um de seus animais sagrados, não é?

— E ali está o próprio deus acorrentado. Aonde será que aqueles portais...

Piper ergueu a mão.

— Ouviu isso?

O som parecia uma batida de tambor... com eco metálico.

— Está vindo da estátua — concluiu Piper. — A batida do coração do deus acorrentado.

Annabeth sacou sua espada de osso de drakon. À luz fraca, seu rosto tinha uma palidez fantasmagórica, e seus olhos pareciam ter perdido a cor.

— Eu... eu não gosto disso, Piper. Nós precisamos ir embora.

A parte racional de Piper concordou. Sua pele se arrepiou. Suas pernas estavam ansiosas para correr. No entanto, havia alguma coisa estranhamente familiar naquela câmara...

— O santuário está intensificando nossas emoções — concluiu ela. — É como estar perto de minha mãe, só que este lugar irradia medo, não amor. Foi por isso que você começou a ficar deprimida lá no alto da colina. Aqui embaixo é mil vezes pior.

Annabeth examinou as paredes.

— Está bem... Precisamos de um plano para tirar a estátua daqui. Talvez içá-la com a corda, mas...

— Espere. — Piper olhou para as caras raivosas de pedra acima dos portais.

— Um santuário que irradia medo. Ares tinha dois filhos divinos, não?

— F-fobos e Deimos. — Annabeth sentiu um calafrio. — Pânico e Medo. Percy conheceu os dois em Staten Island.

Piper resolveu não perguntar o que os deuses gêmeos do pânico e do medo tinham ido fazer em Staten Island.

— Acho que são os rostos deles acima das entradas dos túneis. Este lugar não é apenas um santuário de Ares. É um templo do medo.

Uma risada grave ecoou pela câmara.

Um gigante surgiu à direita de Piper. Ele não chegou por nenhum dos portais. Simplesmente emergiu da escuridão, como se estivesse camuflado contra a parede.

Ele era pequeno para um gigante, devia ter uns oito metros de altura, o que lhe

dava espaço suficiente para golpear com o enorme martelo que tinha nas mãos. Sua armadura, a pele e as pernas de dragão eram todas da cor do carvão. Fios de cobre e placas de circuitos quebradas brilhavam nas tranças de seu cabelo preto como petróleo.

— Muito bom, filha de Afrodite. — O gigante sorriu. — Este é mesmo o Templo do Medo. E eu estou aqui para convertê-las.

XX

PIPER

PIPER SABIA O QUE ERA medo, mas aquilo era diferente.

Ondas de terror quebravam sobre ela. Suas juntas se transformaram em gelatina. Seu coração se recusava a bater.

Suas piores lembranças inundaram sua mente: o pai amarrado e espancado em Monte Diablo; a briga mortal de Percy e Jason no Kansas; os três se afogando no ninfeu em Roma; ela enfrentando sozinha Quione e os Boreadas. Mas o pior de tudo foi reviver toda a sua conversa com a mãe sobre o que estava para acontecer.

Paralisada, Piper viu o gigante erguer o martelo para esmagá-las. No último instante, ela saltou para o lado, derrubando Annabeth.

O martelo quebrou o chão, salpicando estilhaços de pedra pelas costas de Piper.

O gigante riu.

— Ah, isso não foi justo!

Ele ergueu outra vez o martelo.

— Annabeth, levante-se!

Piper a ajudou a ficar de pé e a arrastou para a extremidade mais distante da câmara, mas Annabeth se movia de modo letárgico, com os olhos arregalados e vidrados.

Piper entendeu por quê. O templo amplificava os medos delas. Piper tinha visto algumas coisas horríveis, mas não eram *nada* em comparação ao que Annabeth havia experimentado. Se ela estivesse tendo lembranças do Tártaro, realçadas e somadas a outras recordações ruins, sua mente não seria capaz de resistir. Ela podia ficar literalmente louca.

— Eu estou aqui — prometeu Piper, tentando transmitir em sua voz o máximo

de segurança. — Nós *vamos* sair dessa.

O gigante riu.

— Uma filha de Afrodite liderando uma filha de Atena! Agora eu já vi de tudo. Como você planeja me derrotar, menina? Com maquiagem e dicas de moda?

Alguns meses antes, aquele comentário poderia tê-la machucado, mas Piper já tinha superado aquilo. O gigante caminhou pesadamente na direção delas. Felizmente, ele era lento e carregava um martelo pesado.

— Annabeth, confie em mim — disse Piper.

— Um... um plano — gaguejou ela. — Eu vou para a esquerda. Você vai para a direita. Se nós...

— Annabeth, chega de planos.

— O q-quê?

— *Chega* de planos. Só me siga!

O gigante golpeou com o martelo, mas elas se esquivaram com facilidade. Piper saltou para a frente e cortou a parte de trás do joelho do gigante com sua espada. Enquanto ele urrava de raiva, Piper puxou Annabeth para o túnel mais próximo. Imediatamente elas foram engolidas pela escuridão.

— Suas tolas! — gritou o gigante, de algum lugar atrás delas. — Esse é o caminho errado!

— Não pare. — Piper segurava firme a mão de Annabeth. — Está tudo bem. Vamos.

Ela não enxergava nada. Até o brilho de sua espada tinha se apagado. Mas Piper mesmo assim seguia em frente rapidamente e sem hesitar, confiando em suas emoções. Pelo eco de seus passos, o espaço em torno delas devia ser uma caverna ampla, mas ela não podia ter certeza. Então simplesmente seguia na direção que a deixava com mais medo.

— Piper, é como a Mansão da Noite — disse Annabeth. — Precisamos fechar os olhos.

— Não! — exclamou Piper. — Mantenha os olhos abertos. Não podemos tentar nos esconder.

A voz do gigante veio de algum lugar à frente delas:

— Perdidas para sempre. Engolidas pelas trevas.

Annabeth congelou, forçando Piper a parar também.

— Por que nós simplesmente entramos aqui? — perguntou Annabeth. — Estamos perdidas. Nós fizemos *exatamente* o que ele queria! Devíamos ter aguardado um pouco, conversado com o inimigo, pensado em um plano. Isso *sempre* funciona!

— Annabeth, eu *nunca* ignoro seus conselhos. — Piper mantinha a voz firme.

— Mas, desta vez, preciso fazer isso. Não vamos conseguir derrotar este lugar usando a razão. Você não tem como escapar de suas emoções *raciocinando*.

O riso do gigante ecoou como uma detonação subterrânea.

— Desespere-se, Annabeth Chase! Eu sou Mimas, nascido para matar Hefesto. Sou o algoz dos planos, o destruidor das máquinas bem-lubrificadas. Nada dá certo em minha presença. Mapas são lidos equivocadamente. Aparelhos quebram. Dados são perdidos. As melhores mentes viram mingau!

— E-eu já enfrentei piores que você! — exclamou Annabeth.

— Ah, sei! — Dessa vez, a voz do gigante soou muito mais próxima. — Você não está com medo?

— Nunca!

— Claro que estamos com medo — corrigiu Piper. — Aterrorizadas!

Ela sentiu um movimento no ar. Bem a tempo, Piper empurrou Annabeth para o lado.

CRASH!

De repente, elas estavam de volta à câmara circular. A luz fraca agora era quase cegante. O gigante estava ali bem perto delas, tentando arrancar o martelo do chão onde ele o cravara. Piper se lançou sobre ele e enfiou sua lâmina na coxa do gigante.

— UGHHHHH!

Mimas soltou o martelo e arqueou as costas.

Piper e Annabeth se esconderam atrás da estátua acorrentada de Ares, que ainda pulsava com um som metálico: *tum-tum, tum-tum, tum-tum*.

O gigante Mimas se virou para elas. O ferimento em sua perna já estava se curando.

— Vocês não podem me derrotar — rosnou ele. — Na última guerra, foram necessários *dois* deuses para me derrotar. Eu nasci para matar Hefesto, e teria feito isso se Ares não tivesse se aliado a ele! Vocês deveriam ter ficado paralisadas de medo. Teriam tido uma morte mais rápida.

Alguns dias antes, ao enfrentar Quione no *Argo II*, Piper tinha começado a falar sem pensar, seguindo seu coração independentemente do que dizia seu cérebro. Naquele momento, ela fez a mesma coisa: foi para a frente da estátua e encarou o gigante, apesar de seu lado racional gritar: *FUJA, SUA IDIOTA!*

— Este templo — disse ela. — Os espartanos não acorrentaram Ares para que seu espírito ficasse na cidade.

— Ah, não?

Os olhos do gigante brilharam de divertimento. Ele agarrou o martelo e o arrancou do chão.

— Este templo é dos meus irmãos, Deimos e Fobos. — A voz de Piper tremia,

mas ela não tentou esconder isso. — Os espartanos vinham aqui se preparar para as batalhas, encarar seus medos. Ares foi acorrentado para lembrá-los de que a guerra tinha consequências. O poder dele, os espíritos da batalha, os *makhai*, não deveriam ser libertados a menos que se entendesse como eles eram terríveis, a menos que se *sentisse* medo.

Mimas riu.

— Uma filha da deusa do amor me dando uma lição sobre guerra. O que você sabe sobre os *makhai*?

— Você já vai descobrir.

Piper correu direto para o gigante, fazendo-o se desequilibrar. Quando viu a espada dentada vindo em sua direção, os olhos dele se arregalaram, e Mimas cambaleou para trás e bateu a cabeça na parede. Uma rachadura irregular se abriu e subiu pelas pedras. Poeira choveu do teto.

— Piper, este lugar é instável! — alertou Annabeth. — Se não sairmos...

— Nem pense em fugir!

Piper correu na direção da corda delas, que pendia do teto. Pulou o mais alto que podia e a cortou.

— Piper, você ficou maluca?

Provavelmente, pensou ela. Mas Piper sabia que aquela era a única maneira de sobreviver. Ela tinha que contrariar a razão e, em vez disso, seguir a emoção, manter o gigante no chão.

— Isso doeu! — Mimas esfregou a cabeça. — Você *sabe* que não pode me matar sem a ajuda de um deus, e Ares não está aqui! Da próxima vez que eu enfrentar aquele idiota petulante, vou fazê-lo em pedaços. *Para começar*, eu nem teria que lutar contra ele se Damásen, aquele tolo covarde, tivesse feito seu trabalho...

Annabeth soltou um grito gutural:

— Não fale mal de Damásen!

Ela correu para cima de Mimas, que por pouco não conseguiu desviar a lâmina de drakon com o cabo de seu martelo. Ele tentou agarrar Annabeth, mas Piper se lançou sobre ele, cortando o rosto do gigante com sua lâmina.

— AHHH!

Mimas cambaleou.

Uma pilha de *dreadlocks* caiu no chão com mais uma coisa: *algo* grande e carnudo que jazia em uma poça de icor dourado.

— Minha orelha! — gritou Mimas, cheio de dor.

Antes que o gigante pudesse se recuperar, Piper puxou Annabeth pelo braço, e juntas elas entraram correndo pelo segundo túnel.

— Eu vou derrubar este templo! — urrou o gigante. — A Mãe Terra vai me

libertar, mas vocês serão esmagadas!

O chão tremeu. O som de pedras se quebrando ecoava por toda a volta delas.

— Piper, pare — implorou Annabeth. — C-como você está lidando com isso? O medo, a raiva...

— Não tente controlá-los. Este lugar é para isso. Você tem que aceitar o medo, se adaptar a ele, se deixar levar como se estivesse nas corredeiras de um rio.

— Como você *sabe* disso?

— Eu não sei. Eu apenas sinto.

Em algum lugar ali perto, uma parede desmoronou com o barulho de tiros de canhão.

— Você cortou a corda — disse Annabeth. — Agora nós vamos morrer aqui embaixo!

Piper segurou o rosto da amiga e a puxou para a frente até as suas testas se tocarem. Pelas pontas de seus dedos, ela sentia o pulso acelerado da outra.

— Não dá para ser racional com o medo. Nem com o ódio. Ambos são como o amor: são emoções quase *idênticas*. É por isso que Ares e Afrodite gostam um do outro. Seus filhos gêmeos, Medo e Pânico, foram gerados tanto pelo amor quanto pela guerra.

— Mas eu não... Isso não faz sentido.

— Não — concordou Piper. — Pare de pensar sobre isso. Apenas *sinta*.

— Eu *odeio* isso.

— Eu sei. Você não pode planejar seus sentimentos, Annabeth. É como sua relação com Percy, e sobre o futuro... É impossível controlar todas as possibilidades. Você precisa aceitar isso. *Deixe* que assuste você. Confie que vai ficar tudo bem mesmo assim.

Annabeth balançou a cabeça.

— Não sei se consigo.

— Então, por enquanto, se concentre em vingar Damásen, e Bob.

Um momento de silêncio.

— Eu estou bem agora.

— Ótimo, porque preciso de sua ajuda. Vamos sair correndo daqui juntas.

— E depois?

— Não tenho ideia.

— Pelos deuses, odeio quando é você que está liderando.

Piper riu, o que surpreendeu até ela mesma. Medo e amor *estavam* mesmo ligados. Naquele momento, ela se agarrou ao amor que sentia pela amiga.

— Vamos lá!

Elas correram para nenhum lugar em especial e se viram de volta na câmara principal, às costas do gigante. Cada uma cortou uma das pernas de Mimas,

fazendo-o cair de joelhos.

O gigante uivou. Mais pedaços de pedra caíram do teto.

— Mortais fracas! — Mimas lutou para se levantar. — Nenhum de seus planos pode me derrotar!

— Isso é bom — disse Piper. — Porque eu não tenho um plano.

Ela correu na direção da estátua de Ares.

— Annabeth, mantenha nosso amigo ocupado!

— Ah, ele está ocupado!

— ARGHHHH!

Piper olhou para o rosto cruel de bronze do deus da guerra. A estátua vibrava com o ruído baixo de uma pulsação metálica.

Os espíritos da batalha, pensou ela. Eles estão lá dentro, esperando para ser libertados.

Mas não cabia a ela fazer isso, não até que tivesse provado a própria coragem.

A câmara tornou a trepidar. Surgiram mais rachaduras nas paredes. Piper olhou para as imagens esculpidas acima dos portais: os rostos gêmeos carrancudos de Medo e Pânico.

— Meus irmãos — disse Piper. — Filhos de Afrodite... Eu lhes ofereço um sacrifício.

Ela pôs sua cornucópia aos pés de Ares. O chifre mágico tinha ficado tão conectado a suas emoções que podia amplificar sua raiva, seu amor ou seu pesar e, de acordo com esses sentimentos, despejar sua generosidade. Ela torcia para que aquilo agradasse aos deuses do medo. Ou talvez eles apenas gostassem de seguir uma dieta rica em frutas e verduras frescas.

— Estou apavorada — confessou ela. — Não quero fazer isso. Mas aceito que seja necessário.

Ela girou sua espada e decepou a cabeça de bronze da estátua.

— Não! — berrou Mimas.

Um jato de fogo jorrou violentamente do pescoço cortado da estátua. As chamas giraram em torno de Piper e encheram a câmara com um turbilhão de emoções: ódio, medo e sede de sangue, mas também amor, porque ninguém podia encarar uma batalha sem amar *alguma coisa* — os companheiros, a família, o lar.

Piper abriu os braços; os *makhai* a colocaram no centro de seu rodadoiro.

Vamos responder ao seu chamado, sussurraram eles em sua mente. Apenas uma única vez, quando precisar de nós, destruição, ruína e carnificina irão atendê-la. Nós vamos completar sua cura.

As chamas desapareceram com a cornucópia, e a estátua de Ares se transformou em pó.

— Menina tola! — Mimas correu na direção dela, com Annabeth seguindo logo atrás. — Os *makhai* a abandonaram!

— Ou talvez eles tenham abandonado *você*! — gritou Piper.

Mimas levantou o martelo, mas tinha se esquecido de Annabeth. Ela deu uma estocada em sua coxa, e o gigante cambaleou para a frente, desequilibrado. Piper avançou com calma até ele e enfiou a espada em sua barriga.

Mimas deu de cara no portal mais próximo. Ele virou de costas no momento em que o rosto de pedra de Pânico se soltou da parede e caiu em cima dele para um beijo de uma tonelada.

O grito do gigante foi interrompido no meio. Seu corpo ficou imóvel. Depois ele se desintegrou em uma pilha de pó de oito metros de altura.

Annabeth encarou Piper.

— O que acabou de acontecer?

— Não sei direito.

— Piper, você foi maravilhosa, mas esses espíritos de fogo que você evocou...

— Os *makhai*...

— Como isso vai nos ajudar a encontrar a cura que estamos procurando?

— Não sei. Eles disseram que eu posso invocá-los quando chegar a hora. Talvez Ártemis e Apolo possam explicar...

De repente, um pedaço da parede despencou como se fosse uma geleira.

Annabeth tropeçou na orelha decepada do gigante e quase caiu.

— Temos que ir embora daqui.

— Estou trabalhando nisso — disse Piper.

— E, hum, acho que essa orelha é seu espólio de guerra.

— Que nojo.

— Daria um escudo lindo.

— Cale a boca, Chase. — Piper olhou fixamente para o segundo portal, o que ainda tinha o rosto de Medo esculpido. — Obrigada, irmãos, por me ajudarem a matar o gigante. Mas preciso de mais um favor: uma saída. E podem acreditar em mim, estou devidamente apavorada. Eu ofereço a vocês essa, hum, bela orelha como sacrifício.

O rosto de pedra não respondeu. Outro pedaço da parede se soltou e caiu. Abriam-se ainda mais rachaduras no teto.

Piper agarrou a mão de Annabeth.

— Vamos passar por este portal. Se isso funcionar, nós talvez saíamos na superfície.

— E se não funcionar?

Piper levantou a cabeça e olhou para o rosto de Medo.

— Vamos descobrir.

A câmara desmoronava em volta das duas quando elas mergulharam na escuridão.

XXI

REYNA

PELO MENOS ELES NÃO FORAM parar em outro navio de cruzeiro.

Ao saírem de Portugal, tinham aterrissado no meio do Atlântico, onde Reyna passara o dia inteiro no convés do *Azores Queen* afastando criancinhas da Atena Partenos — elas pareciam achar que a estátua era um toboágua.

Infelizmente, o salto seguinte levou Reyna para casa.

Eles surgiram a três metros do chão, flutuando sobre a área aberta de um restaurante que Reyna logo reconheceu. Ela e Nico caíram em cima de uma enorme gaiola, que se quebrou no ato, jogando-os — junto com três araras muito assustadas — em um amontoado de vasos de samambaias. Já o treinador Hedge caiu em um toldo que cobria um bar. A Atena Partenos aterrissou de pé, com um sonoro *BUM*, esmagando uma mesa e jogando para o alto um guarda-sol verde-escuro, que foi parar em cima da estátua de Nice na mão de Atena. No final, parecia que a deusa da sabedoria segurava um drinque tropical.

— Aaah! — berrou o treinador Hedge.

O toldo se rasgou, fazendo-o cair atrás do bar. Foi um estardalhaço de garrafas e vidros se quebrando. Ele se recuperou bem: ressurgiu por trás do balcão com uma dúzia de miniguarda-chuvas no cabelo, pegou a pistola da máquina de refrigerante e serviu um copo para si mesmo.

— Gostei! — exclamou ele, jogando um pedaço de abacaxi na boca. — Mas será que da próxima vez podemos aterrissar logo no chão e não *em pleno ar*?

Nico saiu se arrastando do meio das samambaias e desabou na cadeira mais próxima, espantando uma arara azul que tentava pousar em sua cabeça. Depois da luta contra Licáon, tinha jogado fora sua jaqueta de aviador, toda rasgada. O estado da camiseta preta com estampa de caveira não era muito melhor. Reyna tinha costurado os cortes de Nico na altura dos bíceps, o que o fazia parecer um

tanto assustador, uma espécie de Frankenstein, mas os ferimentos continuavam inchados e vermelhos. Ao contrário das mordidas, garras de lobisomem não transmitiam licantria, mas Reyna sabia, por experiência própria, que demoravam a sarar e queimavam como ácido.

— Preciso dormir. — Nico olhou ao redor, confuso. — Estamos em segurança?

Reyna observou o pátio do restaurante. O lugar parecia deserto, embora ela não entendesse por quê. Àquela hora da noite, deveria estar lotado. O céu noturno emitia um brilho nublado cor de cerâmica, a mesma cor das paredes do prédio. As sacadas do segundo andar, em torno do pátio, estavam vazias, exceto por vasos de azaleias pendurados nas grades brancas de metal. Por trás de uma parede de portas de vidro, o interior do restaurante estava às escuras. O único som era o gorgolejar solitário da fonte e o ocasional grito de uma arara mal-humorada.

— Aqui é o Barrachina — disse Reyna.

— Viemos parar na China? — perguntou Hedge, abrindo um vidro de cerejas ao marasquino e começando a comer.

— Barrachina. É um restaurante famoso — explicou Reyna. — Fica bem no meio de Viejo San Juan. Acho que foi aqui que inventaram a piña colada, na década de sessenta.

Nico se levantou da cadeira, deitou-se encolhido no chão e já começou a roncar.

O treinador Hedge soltou um arroteio.

— Bem, parece que vamos ficar aqui por um tempo. Se eles não inventaram nenhum drinque novo desde os anos sessenta, estão atrasados. Vou começar agora mesmo!

Enquanto Hedge remexia nos utensílios atrás do balcão do bar, Reyna chamou Aurum e Argentum com um assvio. Os cães pareciam desgastados devido à luta contra os lobisomens, mas Reyna os deixou de vigia. Verificou a entrada que dava para a rua. Os portões decorativos de ferro estavam trancados. Uma placa em espanhol e inglês avisava que o restaurante tinha sido reservado para uma festa particular. Aquilo parecia estranho, já que o local estava deserto. No canto da placa estavam gravadas as iniciais HDVM. Isso incomodou Reyna, embora ela não conseguisse identificar o motivo.

Ela espiou através dos portões. A rua Fortaleza encontrava-se estranhamente silenciosa, e o calçamento de pedras azuladas, totalmente livre, sem nenhum pedestre nem carro passando. As fachadas das lojas em tons pastel estavam fechadas e às escuras. Seria domingo? Ou algum tipo de feriado? A sensação de desconforto de Reyna só aumentava.

Atrás dela, o treinador Hedge assoviava alegremente enquanto preparava algo em vários liquidificadores enfileirados. As araras estavam pousadas nos ombros da Atena Partenos. Reyna se perguntou se os gregos ficariam ofendidos se sua estátua sagrada chegasse coberta de cocô de aves tropicais.

Tantos lugares em que Reyna podia ter ido parar... e logo San Juan.

Talvez fosse coincidência, mas ela não acreditava nisso. Porto Rico não ficava no caminho entre a Europa e Nova York. Eles fizeram um bom desvio para o sul.

Além disso, ela estava emprestando sua força para Nico havia alguns dias. Talvez o tivesse influenciado inconscientemente. Ele era atraído por pensamentos dolorosos, medo, escuridão. E a recordação mais dolorosa e sombria de Reyna era San Juan. Seu maior medo? Voltar ali.

Os cães perceberam sua agitação. Rondaram o pátio, rosnando para as sombras. O pobre Argentum andava em círculos por causa da cabeça deslocada, para conseguir enxergar com o olho de rubi que lhe restava.

Reyna tentou se concentrar em lembranças positivas. Sentia saudades do barulho que os pequenos sapos *coquí* faziam, cantando pelas ruas como um coral de tampas de garrafa se abrindo. Tinha saudades do cheiro do mar, das magnólias e dos limoeiros em flor, do pão fresco das *panaderías* locais. Até a umidade do ar lhe era confortável e familiar, como o jato de ar perfumado das secadoras de roupas.

Parte dela queria abrir os portões daquele restaurante e sair explorando a cidade. Ela queria visitar a Plaza de Armas, onde os velhinhos jogavam dominó e o quiosque de café vendia um *espresso* tão forte que fazia suas orelhas doerem. Queria passear pela rua onde tinha morado, a San José, contando os gatos de rua e dando-lhes nomes, inventando uma história para cada um, como fazia com sua irmã. Queria invadir a cozinha do Barrachina e preparar um verdadeiro *mofongo*, com bananas, bacon e alho — um sabor que sempre a lembraria de tardes de domingo, quando ela e Hylla conseguiam escapar de casa por um tempo e, com alguma sorte, comer ali naquela cozinha, onde os funcionários já as conheciam e se compadeciam delas.

Ao mesmo tempo, porém, Reyna queria ir embora dali imediatamente. Queria despertar Nico, por mais cansado que ele estivesse, e forçá-lo a transportá-los para longe dali, para *qualquer* lugar que não fosse San Juan.

Estar tão perto de casa a deixava tensa como um arco de balista.

Ela olhou para Nico. Apesar da noite quente, ele tremia no chão de lajotas. Ela pegou um cobertor da mochila e o cobriu.

Reyna não tinha mais vergonha de querer protegê-lo. Para o bem ou para o mal, eles agora tinham uma ligação. Cada vez que viajavam nas sombras, a exaustão e os tormentos dele transbordavam sobre ela, e Reyna o entendia um

pouco melhor.

Nico sentia uma solidão arrasadora. Tinha perdido a irmã mais velha, Bianca. Tinha afastado todos os semideuses que haviam tentado se aproximar dele. Suas experiências no Acampamento Meio-Sangue, no Labirinto e no Tártaro haviam lhe rendido cicatrizes e o deixado receoso de confiar em qualquer um.

Reyna duvidava que fosse possível mudar os sentimentos dele, mas queria ao menos lhe dar apoio. Era algo que todos os heróis mereciam. E esta era exatamente a ideia da Décima Segunda Legião: unir forças para lutar por uma causa mais importante. Você não estava sozinho. Você fazia amigos e conquistava respeito. Mesmo quando não parava de lutar, você ainda tinha um lugar na comunidade. Nenhum semideus deveria sofrer sozinho, como Nico sofria.

Era vinte e cinco de julho. Faltavam sete dias para primeiro de agosto. Em teoria, era tempo suficiente para chegar a Long Island. Quando completassem a missão — se completassem —, Reyna faria o que pudesse para garantir que Nico fosse reconhecido por sua bravura.

Ela tirou a mochila do ombro. Tentou colocá-la sob a cabeça de Nico como um travesseiro improvisado, mas seus dedos o atravessaram como se ele fosse uma sombra. Ela puxou rapidamente a mão.

Será que estava tendo alucinações?

Nico tinha despendido energia demais viajando nas sombras... talvez estivesse começando a desaparecer permanentemente. Se continuasse daquele jeito, forçando-se até os limites de sua força, por mais sete dias...

O ruído de um liquidificador de repente a despertou de seus pensamentos.

— Quer um coquetel de frutas? — perguntou o treinador. — Este é de abacaxi, morango, laranja e banana, tudo enterrado debaixo de uma montanha de coco ralado. Eu o batizei de Hércules!

— Eu... eu não quero, não, obrigada. — Ela percorreu com o olhar as sacadas que circundavam o pátio interno. Ainda estava achando muito estranho aquele restaurante totalmente vazio. Festa particular. ^{HDVM}. — Treinador, acho que vou checar o segundo andar. Não estou gostando do...

Seus olhos captaram um vislumbre de movimento. Na sacada à direita; uma forma escura. Acima da sacada, na beira do telhado, surgiram várias outras silhuetas contra o céu alaranjado.

Reyna sacou sua espada, mas era tarde demais.

Um brilho prateado, um zunido rápido e baixo, e a ponta de uma agulha se enterrou em seu pescoço. Sua visão se turvou. Seus braços e suas pernas ficaram moles. Ela desmoronou ao lado de Nico.

Antes de perder a consciência, Reyna viu os cães virem correndo em sua

direção, mas eles congelaram no meio de um latido e tombaram.

Do bar, o treinador gritou:

— Ei!

Outro zunido rápido e baixo. Hedge foi derrubado com um dardo de prata no pescoço.

Reyna tentou dizer: *Nico, acorde*. Mas sua voz não saía. Seu corpo tinha sido desativado tão completamente quanto seus cães de metal.

Várias figuras escuras haviam surgido no telhado. Meia dúzia delas pulou para o pátio, em silêncio, com elegância.

Uma das figuras se debruçou sobre Reyna, que só distinguia um borrão cinza.

Uma voz abafada ordenou:

— Levem-na.

Um saco de pano cobriu sua cabeça. Reyna se perguntou vagamente se ia morrer daquele jeito, sem sequer lutar.

Mas logo isso já não lhe importava mais. Vários pares de mãos rudes a ergueram como se ela fosse um móvel grande demais, difícil de carregar, e ela mergulhou na inconsciência.

XXII

REYNA

A RESPOSTA LHE OCORREU ANTES mesmo que ela despertasse por completo.

As iniciais da placa no Barrachina: HDVM.

— Não tem graça — murmurou Reyna para si mesma. — Não tem a *menor* graça.

Anos antes, Lupa lhe ensinara a ter um sono leve e acordar já alerta, pronta para atacar. Agora, conforme seus sentidos voltavam, Reyna avaliava sua situação.

O saco de pano ainda cobria sua cabeça, mas não parecia estar preso em seu pescoço. Ela se viu amarrada a uma cadeira dura; de madeira, supôs. Cordas apertavam com força suas costelas. Suas mãos estavam presas às costas, mas suas pernas estavam soltas do joelho para baixo.

Ou seus captores eram relaxados, ou não esperavam que ela despertasse tão depressa.

Reyna experimentou mexer os dedos das mãos e dos pés. O efeito do tranquilizante havia passado.

Em algum lugar à frente de Reyna ecoaram passos por um corredor. O som se aproximava. A garota relaxou os músculos e deixou a cabeça pender, o queixo tocando o peito.

Um clique de fechadura. Uma porta rangendo.

A julgar pela acústica, ela se encontrava em um ambiente pequeno, com paredes feitas de tijolos ou de concreto: talvez um porão ou uma cela. Alguém entrou no aposento.

Reyna calculou a distância. Não mais que um metro e meio.

Ela se ergueu de um salto, girando o corpo de tal forma que as pernas da cadeira acertassem o corpo de quem quer que tivesse surgido. A força fez a

cadeira se quebrar. Seu captor caiu com um grunhido de dor.

Gritos vindos do corredor. Mais passos.

Sacudindo a cabeça, Reyna se livrou do saco de pano. Depois deu uma cambalhota para trás, passando as mãos amarradas por baixo das pernas para que os braços ficassem na frente do corpo. Seu captor era uma adolescente usando traje camuflado cinza, e estava caída no chão, atordoada; trazia uma faca presa ao cinto.

Reyna pegou a faca, montou sobre a garota e pressionou a lâmina contra a garganta de sua captora.

Outras três garotas surgiram à porta. Duas delas sacaram facas. A terceira armou uma flecha e puxou o arco.

Por um momento, todos ficaram paralisados.

A artéria carótida da garota rendida pulsava sob a lâmina na mão de Reyna. Sabiamente, a garota não fez nenhuma tentativa de se mexer.

Pela mente de Reyna passavam várias possibilidades de como derrotar as garotas que estavam à porta. As três usavam camiseta camuflada cinza, calça jeans de um preto desbotado, tênis de corrida pretos e cinto de utilidades como se estivessem indo acampar, fazer uma trilha ou... caçar.

— Vocês são as Caçadoras de Ártemis — compreendeu Reyna.

— Vá com calma — disse a garota com o arco. Seu cabelo ruivo era raspado dos lados e comprido em cima. Tinha o físico de um lutador de boxe. — Você não está entendendo a situação.

A garota no chão soltou todo o ar dos pulmões, mas Reyna conhecia aquele truque: uma forma de tentar afastar a pele da arma do inimigo. Reyna apertou ainda mais a faca.

— Vocês é que não estão entendendo se acham que podem me atacar e me capturar — retrucou Reyna. — Onde estão meus amigos?

— Ilesos, exatamente onde você os deixou — assegurou a ruiva. — Olhe, somos três contra uma, e suas mãos estão amarradas.

— Tem razão — disse Reyna com raiva. — Podem vir mais seis de vocês, e aí talvez seja uma luta justa. Exijo ver a tenente das Caçadoras, Thalia Grace.

A ruiva piscou. As outras pareceram vacilar.

No chão, a refém de Reyna começou a tremer. Reyna achou que ela estivesse tendo um ataque, mas então percebeu que a garota estava rindo.

— Qual é a graça? — perguntou Reyna.

A voz da garota era um sussurro rouco:

— Jason me disse que você era boa. Mas não imaginei que fosse *tanto*.

Reyna olhou com mais atenção para sua refém. A garota parecia ter uns dezesseis anos, com cabelo preto espetado e lindos olhos azuis. Uma tiara de

prata reluzia em sua testa.

— Você é Thalia?

— E posso explicar tudo com o maior prazer — disse Thalia —, desde que você faça a gentileza de não cortar minha garganta.

*

As Caçadoras a guiaram por um labirinto de corredores. As paredes eram blocos de concreto pintados de verde-musgo, sem nenhuma janela. A única luz vinha de fracas lâmpadas fluorescentes posicionadas a cada dez metros no teto. As passagens viravam e faziam curvas de um lado para outro. A Caçadora ruiva, Phoebe, seguia na frente; parecia saber aonde estava indo.

Thalia Grace seguia mancando, a mão apertando as costelas, na altura em que Reyna a acertara com a cadeira. Devia estar sentindo dor, mas em seus olhos havia um brilho de divertimento.

— Mais uma vez, me desculpe por raptá-la. — Thalia não parecia muito arrependida. — Este esconderijo é seguro. As amazonas têm certos protocolos...

— As amazonas. Vocês trabalham para elas?

— Com elas — corrigiu Thalia. — Temos uma relação amistosa. Às vezes, as amazonas nos mandam recrutas. E quando temos garotas que não querem ser virgens para sempre, as mandamos para as amazonas, que não exigem esses votos.

Uma das outras Caçadoras bufou, indignada.

— Manter homens como escravos, de coleira e tudo... Sou mais ter uma matilha de cães.

— Eles não são escravos, Celyn — repreendeu Thalia. — São apenas subservientes. — Ela olhou para Reyna. — As amazonas e as Caçadoras não têm exatamente a mesma opinião sobre tudo, mas desde que Gaia começou a se agitar, temos atuado em cooperação mútua. Com o Acampamento Júpiter e o Acampamento Meio-Sangue se engalfinhando... bem... alguém tem que lidar com todos os monstros. Nossas forças estão espalhadas pelo continente inteiro.

Reyna massageou as marcas de corda no pulso.

— Achei que você tivesse dito a Jason que não sabia nada sobre o Acampamento Júpiter.

— E era verdade. Mas esses dias agora são passado, graças às maquinções de Hera. — Thalia assumiu uma expressão séria. — Como vai meu irmão?

— Quando eu o deixei em Épiro, ele estava bem.

E Reyna contou a ela o que sabia.

Os olhos de Thalia a perturbavam: de um azul eletrizante, intensos e alertas. Lembravam muito os de Jason. Tirando isso, os irmãos não se pareciam em nada. O cabelo de Thalia era espetado e preto. Ela vestia uma calça jeans toda rasgada, partes presas com alfinetes de segurança; usava correntes de metal no pescoço e nos pulsos, e um button em sua camiseta dizia *O PUNK NÃO MORREU. O MORTO É VOCÊ.*

Reyna sempre pensara em Jason como o típico garoto americano. Thalia parecia mais alguém que aparecia no beco com uma faca para assaltar típicos garotos americanos.

— Espero que ele ainda esteja bem — disse Thalia, pensativa. — Faz alguns dias, sonhei com nossa mãe. Não foi... não foi muito agradável. Depois recebi, em meus sonhos, a mensagem de Nico, de que vocês estavam sendo caçados por Órion. Foi ainda *menos* agradável.

— Foi por isso que você veio. Você recebeu a mensagem dele.

— Bem, não viemos correndo até Porto Rico para passar umas férias. Esta é uma das fortalezas mais seguras das amazonas. Achemos que conseguiríamos interceptar vocês.

— Interceptar? Como? E por quê?

Phoebe, que ia na frente, parou. O corredor terminava bruscamente em uma porta dupla de metal. Phoebe bateu nela com o cabo da faca, uma complicada sequência de toques que parecia código Morse.

Thalia esfregou as costelas machucadas.

— Vou ter que deixar você aqui. As Caçadoras estão patrulhando a cidade antiga, à espera de Órion. Preciso voltar para as linhas de frente. — Ela estendeu a mão como se esperasse algo. — Minha faca, por favor?

Reyna a devolveu.

— E as minhas armas?

— Você vai tê-las de volta quando for embora. Sei que parece bobagem, o rapto, a venda nos olhos, essas coisas, mas as amazonas levam muito a sério a própria segurança. Mês passado tiveram um incidente na base de operações delas, em Seattle. Talvez você tenha ouvido falar. Uma garota chamada Hazel Levesque roubou um cavalo.

A Caçadora Celyn sorriu.

— Naomi e eu vimos o vídeo da câmera de segurança. Lendário.

— Épico — concordou a terceira Caçadora.

— Enfim — continuou Thalia. — Estamos de olho em Nico e no sátiro. Homens não autorizados não têm permissão de chegar nem *perto* deste lugar, mas deixamos um bilhete, para eles não ficarem preocupados.

Thalia pegou um papel do cinto, desdobrou-o e entregou-o a Reyna. Era uma

xerox de um bilhete escrito à mão.

*Pegamos emprestada de
vcs uma pretora romana.
Será devolvida sã e salva.
Fiquem quietinhos aí.
Senão, matamos vcs.*

*Bjs,
As Caçadoras de Ártemis*

Reyna devolveu o bilhete.

— Ótimo. Eles vão ficar bem tranquilos.

Phoebe sorriu.

— Está tudo bem. Cobri a Atena Partenos com uma nova rede de camuflagem que eu projetei. Deve servir para evitar que monstros, inclusive Órion, a encontrem. Além disso, se meu palpite estiver certo, o gigante na verdade não está seguindo o rastro da estátua, mas o *seu*.

Reyna sentiu como se tivesse levado um soco na cara.

— Como você pode saber isso?

— Phoebe é minha melhor rastreadora — explicou Thalia. — E minha melhor curandeira. Sem contar que... bem, ela geralmente tem razão em quase tudo.

— Quase tudo? — protestou a própria Phoebe.

Thalia ergueu as mãos em um gesto de rendição.

— Quanto ao porquê de termos interceptado vocês, vou deixar que as amazonas expliquem. Phoebe, Celyn, Naomi: entrem com Reyna. Tenho que cuidar de nossas defesas.

— Você está preparada para uma luta — observou Reyna. — Mas você disse que este lugar era secreto e seguro...

Thalia embainhou a faca.

— Você não conhece Órion. Bem que eu queria que tivéssemos mais tempo, pretora. Queria lhe perguntar sobre o seu acampamento, saber como foi parar lá. Você me lembra muito sua irmã, mas ao mesmo tempo...

— Você conhece Hylla? — perguntou Reyna. — Ela está em segurança?

Thalia inclinou a cabeça ao responder:

— Nenhum de nós está seguro no momento, pretora, por isso eu preciso muito

ir. Boa caçada!

E desapareceu pelo corredor.

As portas de metal se abriram com um rangido. As três Caçadoras conduziram Reyna para dentro.

Depois daqueles túneis claustrofóbicos, o tamanho do armazém fez Reyna perder o fôlego. O teto era tão amplo que daria para uma ninhada de águias gigantes fazerem manobras pelo ar. Fileiras de estantes de uns dez metros de altura se estendiam até o infinito. Braços mecânicos iam e vinham rapidamente pelos corredores, pegando caixas. Ali perto, meia dúzia de jovens em terninhos pretos comparavam anotações em seus tablets. Diante delas havia contêineres identificados com

FLECHAS EXPLOSIVAS E FOGO GREGO: (PCT ABRE FÁCIL, 500G) e FILÉ DE GRIFO (ORGÂNICO — CRIAÇÃO EM GRANJA).

Bem diante de Reyna, uma figura familiar estava sentada a uma mesa de reuniões coberta de relatórios e armas brancas.

— Irmãzinha. — Hylla se levantou. — Aqui estamos nós de novo, em casa. Encarando a morte certa mais uma vez. Temos que parar de nos encontrar assim.

XXIII

REYNA

OS SENTIMENTOS DE REYNA NÃO estavam muito *embaralhados*.

Na verdade, tinham sido jogados em um liquidificador com cascalho e gelo.

Toda vez que encontrava a irmã, ela não sabia se a abraçava, se chorava ou se dava meia-volta e ia embora. Claro que ela amava Hylla. Teria morrido várias vezes se não fosse pela irmã.

Mas o passado que elas compartilhavam era mais que complicado.

Hylla deu a volta na mesa, indo ao encontro da irmã. A calça de couro preto e a camiseta de malha preta lhe caíam bem. Em sua cintura brilhava uma corrente com intrincados elos de ouro, o cinto da rainha das amazonas. Ela estava agora com vinte e dois anos, mas podia se passar por gêmea de Reyna. As duas tinham cabelo escuro e comprido, os mesmos olhos castanhos. Até usavam anéis de prata idênticos com o símbolo da mãe, Belona. A diferença mais óbvia entre elas era a grande cicatriz branca na testa de Hylla. Tinha esmaecido após quatro anos; agora podia passar por uma mera ruga de preocupação. Mas Reyna se lembrava do dia em que Hylla ganhara aquela cicatriz, em um duelo a bordo do navio pirata.

— E então? — disse Hylla. — Não tem nada a dizer para sua irmã?

— Obrigada por me sequestrar — disse Reyna. — Por me acertar com um dardo tranquilizante, botar um saco na minha cabeça e me amarrar a uma cadeira.

Hylla revirou os olhos com desdém.

— Regras são regras. Como pretora, você deveria entender isso. O centro de distribuição é uma das nossas bases mais importantes. Temos que controlar o acesso. Não posso abrir exceções. Muito menos para familiares.

— Acho que você fez isso por pura diversão.

— Também.

Será que Hylla era mesmo tão tranquila e controlada quanto parecia?, perguntou-se Reyna. Era impressionante (e um pouco assustador) como a irmã tinha se adaptado rápido a sua nova identidade.

Seis anos antes, Hylla era uma irmã mais velha assustada fazendo o possível para proteger Reyna da fúria do pai. Suas principais habilidades eram correr e encontrar lugares para as duas se esconderem.

Depois, na ilha de Circe, Hylla se esforçava muito para chamar atenção. Usava roupas berrantes e maquiagem. Ria, vivia sorridente e alegre, como se parecer feliz fosse de fato *fazê-la* feliz. Tinha se tornado uma das assistentes preferidas de Circe.

Depois que seu santuário na ilha foi destruído pelo fogo, elas viraram prisioneiras dos piratas. Hylla mudou mais uma vez. Duelou por sua liberdade, foi mais pirata que os piratas, ganhou tanto o respeito da tripulação que Barba-Negra finalmente as libertou, por medo de que Hylla tomasse seu navio.

Agora ela havia se reinventado de novo como rainha das amazonas.

Claro, Reyna entendia por que a irmã era tão camaleônica. Se ela estivesse sempre mudando, jamais iria fossilizar na mesma coisa em que o pai tinha se transformado...

— Aquelas iniciais na placa do Barrachina — disse Reyna. — HDVM. Hylla Duas Vezes Mortal, seu novo apelido. É uma piadinha?

— Só queria ver se você estava atenta.

— Você sabia que íamos aterrissar no pátio. Como?

Hylla deu de ombros.

— A viagem nas sombras opera por magia. Várias de minhas seguidoras são filhas de Hécate. Foi bem fácil para elas desviar vocês do seu curso, ainda mais com a conexão que nós duas temos.

Reyna tentava manter sua raiva sob controle. Hylla, mais que qualquer outra pessoa, deveria saber como ela se sentiria ao ser arrastada de volta para Porto Rico.

— Quanto trabalho vocês tiveram — observou Reyna. — A rainha das amazonas e a tenente de Ártemis indo às pressas a Porto Rico para nos interceptar, e imediatamente após receberem a mensagem... Imagino que não tenha sido porque você sentiu saudades de mim.

Phoebe, a Caçadora ruiva, riu.

— A garota é esperta.

— Claro — disse Hylla. — Fui eu que ensinei tudo a ela.

Outras amazonas se aproximaram, provavelmente detectando uma luta em potencial. Amazonas amavam a violência como entretenimento, quase tanto

quanto piratas.

— Órion — compreendeu Reyna. — Foi o que trouxe você aqui. O nome dele chamou sua atenção.

— Eu não podia deixar que ele a matasse — disse Hylla.

— É mais que isso.

— Sua missão de escoltar a Atena Partenos...

— ... é importante. Mas também não é só isso. Você tem algum interesse pessoal nessa história. E as Caçadoras também. Por que não abre o jogo?

Hylla passou os polegares pelo cinto de ouro.

— Órion é um problema. Diferente dos outros gigantes, faz séculos que ele caminha pela Terra. Ele gosta de matar amazonas, ou Caçadoras, ou *qualquer* mulher que ouse ser forte.

— Por quê?

Reyna teve a impressão de que uma onda de medo percorreu as garotas ali em torno dela.

Hylla olhou para Phoebe.

— Quer explicar? Você estava lá.

O sorriso da Caçadora desapareceu.

— Em tempos antigos, Órion se aliou às Caçadoras. Era o melhor amigo de Ártemis. Ninguém era páreo para ele no arco, exceto pela própria deusa, e talvez seu irmão, Apolo.

Reyna sentiu um calafrio. Phoebe parecia não ter mais que catorze anos. E pensar que ela conhecia Órion havia três ou quatro mil anos...

— Até que...? — perguntou Reyna.

As orelhas de Phoebe ficaram vermelhas.

— Órion ultrapassou os limites. Apaixonou-se por Ártemis.

Hylla torceu o nariz em desprezo.

— Sempre acontece com os homens. Eles prometem amizade. Prometem tratar você como igual. No fim, só querem mesmo possuí-la.

Phoebe cutucava a unha do polegar. Atrás dela, as outras duas Caçadoras pareciam inquietas e desconfortáveis.

— Lady Ártemis o rejeitou, é claro — prosseguiu Phoebe. — O que deixou Órion amargurado. Ele começou a partir em viagens cada vez mais longas por florestas e territórios ermos, sempre sozinho. No fim... não sei dizer ao certo o que aconteceu. Um dia, Ártemis voltou para o acampamento e nos contou que Órion tinha morrido. E se recusou a tocar no assunto.

Hylla franziu a testa, o que acentuou a cicatriz branca em sua testa.

— Seja lá o que aconteceu, Órion voltou do Tártaro como o pior inimigo de Ártemis. O maior ódio possível é por alguém que um dia você já amou.

Reyna compreendia isso. Veio-lhe à mente uma conversa que ela tivera com a deusa Afrodite dois anos antes, em Charleston...

— Se ele é um problema tão grande assim, por que Ártemis simplesmente não o mata outra vez? — perguntou Reyna.

Phoebe fez um esgar de insatisfação.

— Falar é fácil. Órion é sorrateiro. Sempre que Ártemis está conosco, ele se afasta. Sempre que nós, Caçadoras, estamos por conta própria, como agora... ele ataca sem avisar e desaparece de novo. Nossa tenente anterior, Zoë Doce-Amarga, passou séculos tentando encontrá-lo para matá-lo.

— As amazonas também tentaram — disse Hylla. — Órion não distingue entre nós e as Caçadoras. Acho que *todas* nós o lembramos demais Ártemis. Ele sabota nossos armazéns, embarga nossos centros de distribuição, mata nossas guerreiras...

— Em outras palavras — disse Reyna secamente —, fica no caminho dos seus planos de dominação mundial.

Hylla deu de ombros.

— Exatamente.

— Foi por isso que vocês vieram correndo me interceptar — continuou Reyna. — Vocês sabiam que Órion estaria bem atrás de mim. Estão preparando uma armadilha. E eu sou a isca.

Todas as outras garotas deram um jeito de olhar para qualquer outra coisa que não o rosto de Reyna.

— Ah, por favor — reclamou Reyna. — Não me venham agora com crise de consciência. É um bom plano. Como vamos fazer?

Hylla abriu um sorriso satisfeito para suas companheiras.

— Não falei que minha irmã era durona? Phoebe, explique os detalhes a ela.

A Caçadora pendurou o arco no ombro.

— Como eu disse, acreditamos que Órion esteja seguindo *você*, não a Atena Partenos. O faro dele para semideusas é especialmente aguçado. Ou seja, pelo visto somos a presa natural de Órion.

— Maravilha — disse Reyna. — Então meus amigos... Nico e Gleeson Hedge... eles não correm perigo?

— Ainda não consigo entender por que você viaja com *homens* — resmungou Phoebe. — Mas eu diria que eles estão mais seguros sem você por perto. Fiz o possível para camuflar a estátua. Com sorte, Órion vai seguir você até aqui, direto para nossas linhas de defesa.

— E quando isso acontecer? — perguntou Reyna.

Hylla dirigiu a ela o tipo de sorriso frio que em outros tempos deixava os piratas de Barba-Negra nervosos.

— Thalia e a maioria de suas Caçadoras estão vigiando o perímetro de Viejo San Juan. Assim que Órion se aproximar de nós, vamos saber. Montamos armadilhas em todos os pontos por onde ele pode tentar passar. Tenho minhas melhores guerreiras em alerta. Vamos pegar o gigante. Depois, de um jeito ou de outro, vamos mandá-lo de volta para o Tártaro.

— É realmente *possível* matá-lo? — perguntou Reyna, incerta. — Achei que a maioria dos gigantes só pudesse ser destruída por um deus e um semideus lutando juntos.

— É o que pretendemos descobrir — disse Hylla. — Com Órion capturado, essa sua missão e dos seus amigos vai ser muito mais fácil. Vocês poderão seguir caminho com nossa bênção.

— Vocês podiam nos dar mais que uma bênção — disse Reyna. — As amazonas enviam produtos para o mundo inteiro. Por que não fornecer um transporte seguro para a Atena Partenos? Ou nos levar até o Acampamento Meio-Sangue até primeiro de agosto...

— Não posso — disse Hylla. — Se eu pudesse, irmã, eu a levaria, mas com certeza você já sentiu a raiva que emana da estátua. Nós, amazonas, somos filhas honorárias de Ares. A Atena Partenos nunca toleraria nossa interferência. Além disso, você sabe como as Parcas são. Para que a missão tenha sucesso, vocês devem entregar a estátua pessoalmente.

A decepção de Reyna deve ter ficado evidente.

Phoebe a cutucou com o ombro, como um gato tentando parecer sociável.

— Ei, não fique assim. Vamos ajudar você o máximo possível. O setor de manutenção da Amazon consertou aqueles seus cães de metal. E temos uns presentes de despedida muito legais.

Celyn entregou a Phoebe uma bolsinha de couro.

— Vamos ver... — disse Phoebe, remexendo dentro da bolsinha. — Poções de cura. Dardos tranquilizantes iguais aos que usamos em vocês. Humm, o que mais? Ah, sim!

Ela ergueu triunfantemente um tecido prateado dobrado em formato retangular.

— Um lenço? — perguntou Reyna.

— Melhor que isso. Afaste-se um pouco.

Phoebe jogou no chão o tecido, que imediatamente se expandiu, tornando-se uma barraca de camping de três por três metros.

— Tem ar-condicionado — disse Phoebe. — Cabem quatro pessoas. No interior tem uma mesa para refeições e sacos de dormir. Qualquer equipamento extra que você guardar dentro da barraca desmonta junto. Quer dizer, no limite do razoável... Não tente botar sua estátua gigante aí.

Celyn deu um riso de escárnio e comentou:

— Se os homens que viajam com você começarem a ficar irritantes, é só deixá-los aí dentro.

Naomi franziu a testa.

— Isso não ia funcionar... ou ia?

— *Enfim* — disse Phoebe. — Essas barracas são maravilhosas. Tenho uma igualzinha. Uso sempre. Quando estiver pronta para fechá-la, a palavra de comando é *Actáion*.

E nisso a barraca voltou a ser um pequeno retângulo de tecido. Phoebe o pegou, guardou na bolsinha e a entregou a Reyna.

— Eu... eu não sei o que dizer — gaguejou Reyna. — Obrigada.

— Owennn... — Phoebe deu de ombros. — É o mínimo que posso fazer por...

A uns quinze metros delas, uma porta se abriu com violência. Uma amazona veio correndo na direção de Hylla, uma garota de terninho preto que trazia o cabelo castanho comprido preso em um rabo de cavalo.

Reyna a reconheceu da batalha no Acampamento Júpiter.

— Kinzie, não é?

A garota assentiu distraidamente.

— Pretora.

A recém-chegada sussurrou algo no ouvido de Hylla, e a expressão da rainha das Amazonas se nublou.

— Entendo. — Ela olhou de relance para Reyna. — Tem alguma coisa errada. Perdemos contato com as defesas externas. Estou com medo de que Órion...

Atrás de Reyna, as portas de metal explodiram.

XXIV

REYNA

REYNA LEVOU A MÃO A espada, mas então se lembrou de que a haviam confiscado.

— Saiam daqui! — gritou Phoebe, preparando o arco.

Celyn e Naomi correram em direção à porta fumegante, só para serem derrubadas por flechas negras.

Phoebe gritou de raiva, e respondeu com fogo enquanto as amazonas avançavam com escudos e espadas.

— Reyna! — Hylla a puxou pelo braço. — Precisamos ir embora!

— Não podemos simplesmente...

— Minhas guardas vão ganhar tempo para você! — gritou Hylla. — Sua missão *precisa* ser cumprida.

Mesmo se odiando por isso, Reyna saiu correndo com Hylla.

Quando alcançaram uma porta lateral, Reyna olhou rapidamente para trás. Dezenas de lobos, escuros como os que ela enfrentara em Portugal, jorraram para dentro do armazém. Amazonas corriam para interceptá-los. No vão da porta de metal, tomado pela fumaça, amontoavam-se os corpos das que não haviam resistido: Celyn, Naomi, Phoebe. A Caçadora ruiva que tinha vivido por milhares de anos agora jazia imóvel, os olhos arregalados em choque, uma flecha negra imensa cravada em sua barriga. A amazona Kinzie avançou, grandes facas reluzindo em suas mãos. Saltando os corpos, ela mergulhou na fumaça.

Hylla puxou Reyna. As duas cruzaram a porta e puseram-se a correr, juntas.

— Todas elas vão morrer! — gritou Reyna. — Tem que haver alguma coisa que...

— Não seja estúpida, minha irmã! — Lágrimas brilhavam nos olhos de Hylla. — Órion foi mais esperto que nós. Ele transformou a emboscada em um massacre. Só o que podemos fazer agora é segurá-lo enquanto você foge. Você

precisa levar aquela estátua para os gregos e derrotar Gaia!

Guiando Reyna, ela subiu um lance de escadas. As duas seguiram por um labirinto de corredores, até chegarem a um vestiário. Lá, viram-se cara a cara com um grande lobo, mas, antes que a fera pudesse sequer rosnar, Hylla lhe deu um soco bem entre os olhos. O lobo desabou.

— Por aqui. — Hylla correu para a fileira de armários mais próxima. — Suas armas estão aí dentro. Depressa.

Reyna pegou a adaga, o gládio e a mochila. Depois, ainda seguindo a irmã, subiu por uma escada de metal em caracol.

A escada terminava no teto do vestiário. Hylla se virou e olhou com uma expressão muito séria para a irmã.

— Não vou ter tempo de explicar isto, ok? Segure firme. Fique bem junto de mim.

Reyna não sabia o que poderia ser pior do que a cena que elas tinham acabado de deixar para trás. Então Hylla abriu uma portinhola de alçapão, que levou as duas até... sua antiga casa.

A sala estava exatamente como Reyna se lembrava. A luz entrava por claraboias opacas posicionadas nos tetos altos. As paredes imaculadamente brancas não tinham nenhum adorno. A mobília era de carvalho, aço e couro branco, totalmente impessoal e masculina. Sacadas se projetavam nas duas extremidades do cômodo, o que sempre fizera Reyna sentir como se estivesse sendo observada (porque, afinal, muitas vezes não era apenas uma sensação).

O pai das duas tinha feito de tudo para dar um visual moderno à centenária *hacienda*. Tinha instalado as claraboias, pintara tudo de branco para tornar o ambiente mais claro e arejado. Mas só conseguira fazer com que o lugar parecesse um cadáver bem-arrumado em um terno novo.

A portinhola se abriu no interior da enorme lareira. Reyna nunca tinha entendido por que eles tinham uma *lareira* em Porto Rico, mas ela e Hylla fingiam que era um esconderijo secreto; onde o pai não as encontraria. Imaginavam que, ao entrar ali, viajariam para outros lugares.

Agora, Hylla fazia essa fantasia se tornar realidade. Ela havia ligado seu esconderijo subterrâneo ao lar de sua infância.

— Hylla...

— Já falei que não temos tempo.

— Mas...

— A casa é minha agora. Passei para o meu nome.

— Você fez o quê?

— Eu estava cansada de fugir do passado, Reyna. Resolvi recuperá-lo.

Reyna a encarava, pasma. Um celular ou uma mala perdida no aeroporto, esse

tipo de coisa dava para recuperar. Até um depósito de lixo tóxico. Mas aquela casa, e o que havia acontecido ali? Não tinha *como* recuperar aquilo.

— Irmã — disse Hylla —, estamos perdendo tempo. Você vem ou não?

Reyna olhou para as sacadas, quase esperando que formas luminosas tremeluzissem nos gradis.

— Você os tem visto?

— Alguns.

— E papai?

— Claro que não — respondeu Hylla com aspereza. — Você sabe que ele nunca mais vai voltar.

— Não sei nada sobre isso. Como você *pôde* voltar? Por quê?

— Para entender! — gritou Hylla. — Você não quer saber o que aconteceu com ele?

— Não! Não há nada para se aprender com fantasmas, Hylla. Você, mais que todo mundo, deveria saber que...

— Estou indo — disse Hylla. — Seus amigos estão a alguns quarteirões daqui. Você vem comigo ou eu digo a eles que você morreu porque ficou perdida no passado?

— Não fui *eu* que me apossei deste lugar!

Hylla girou nos calcanhares e saiu pisando forte, cruzando a porta da frente.

Reyna olhou para o cômodo mais uma vez. Ela se lembrava de seu último dia ali, quando tinha dez anos. Quase podia ouvir os gritos de raiva do pai ecoando pela sala, o coral de almas lamuriantes nas sacadas internas.

Ela correu para a porta, mergulhando no agradável calor do sol da tarde. A rua não havia mudado: as casas em tons pastel, todas caindo aos pedaços; as pedras azuladas do calçamento; dezenas de gatos dormindo embaixo dos carros ou à sombra das bananeiras.

Reyna teria sentido nostalgia naquele momento... não fosse por sua irmã estar, a poucos metros dela, cara a cara com Órion.

— Ora, ora. — O gigante sorriu. — As duas filhas de Belona juntas. Excelente!

*

Reyna tomou aquilo como uma ofensa pessoal.

Ela criara uma imagem de Órion como um demônio feio e enorme, ainda pior que Polibotes, o gigante que havia atacado o Acampamento Júpiter.

Em vez disso, Órion podia passar por humano; um humano alto, musculoso e bonito. Sua pele era da cor de pão torrado. Tinha cabelo preto, raspado dos lados e espetado em cima. Com a calça e o gibão de couro, ambos em estilo medieval, a faca de caça, o arco e a aljava, ele parecia o irmão malvado e bonitão de Robin Hood.

Só os olhos é que estragavam. À primeira vista, ele parecia estar usando óculos militares de visão noturna. Depois Reyna percebeu que não eram óculos. Eram criações de Hefesto: olhos mecânicos de bronze engastados nas enormes órbitas do gigante. Anéis de foco, como os das câmeras manuais, giraram e fizeram *clique* quando ele olhou para Reyna. Miras a laser mudaram de vermelho para verde. Reyna teve a desagradável sensação de que ele estava vendo muito mais que sua forma: sua temperatura corporal, seu ritmo cardíaco, seu nível de medo.

Ele segurava junto ao corpo um grande arco de metal e madeira quase tão sofisticado quanto seus olhos. Eram cordas dando inúmeras voltas por uma série de polias que pareciam rodas de trem em miniatura. A empunhadura era de bronze polido, cheia de displays e botões.

Ele não tinha nenhuma flecha armada. Não fazia nenhum movimento ameaçador. Possuía um sorriso tão fascinante que Reyna quase esqueceu que aquele sujeito ali era um inimigo, alguém que havia matado pelo menos meia dúzia de Caçadoras e amazonas para chegar até ali.

Hylla sacou suas facas.

— Reyna, vá embora daqui. Eu dou um jeito nesse monstro.

Órion deu uma risadinha.

— Hylla Duas Vezes Mortal, você é corajosa. Suas tenentes também eram. E agora elas estão mortas.

Hylla deu um passo à frente.

Reyna segurou o braço da irmã.

— Órion! — chamou ela. — Suas mãos já estão bem sujas de sangue de amazonas. Talvez seja a hora de experimentar uma romana.

Com um clique, os olhos do gigante se dilataram. Pontos de laser vermelho dançaram pelo peitoral de Reyna.

— Ah, a jovem pretora. Admito que estava curioso. Antes de matá-la, talvez você possa me esclarecer: por que uma filha de Roma está se esforçando tanto pelos gregos? Você deixou seu posto, abandonou sua legião, tornou-se uma desertora... em troca de quê? Jason Grace a desprezou. Percy Jackson também. Não acha que já foi bastante... qual é a palavra... *rejeitada*?

Os ouvidos de Reyna zumbiram. Ela se lembrou do aviso de Afrodite, dois anos antes, em Charleston: *Você não vai encontrar amor onde deseja ou espera.*

Nenhum semideus vai curar seu coração.

Ela se obrigou a sustentar o olhar do gigante.

— Eu não me defino pelos garotos que podem ou não gostar de mim.

— Bravas palavras. — O sorriso do gigante era de enfurecer. — Mas você não é diferente das amazonas, nem das Caçadoras, nem da própria Ártemis. Fala de força e independência, mas, assim que encara um homem de *verdadeira* força, sua confiança desmorona. Você se sente ameaçada por meu grande poder, e porque esse poder *atrai* você. Então fuja ou se renda, ou você vai morrer.

Hylla livrou o braço da mão de Reyna.

— Vou matar você, gigante. Vou cortá-lo em pedacinhos tão pequenos...

— Hylla — interrompeu Reyna. Ela não se importava com o que pudesse acontecer, só sabia que não podia ver a irmã morrer. Precisava atrair a atenção do gigante para si mesma. — Você diz ser forte, Órion. No entanto, não conseguiu manter os votos da Caçada. Morreu rejeitado. E agora fica de pau-mandado da sua mãe. Então me explique, de que forma exatamente você é ameaçador?

Órion trincou os dentes. Seu sorriso ficou mais tenso e mais frio.

— Boa tentativa — reconheceu ele. — Você está tentando me desestabilizar. Acha que, se conseguir ganhar tempo com essa conversinha, seus reforços vão chegar para salvá-las. Infelizmente, pretora, não *há* reforços. Queimei o refúgio subterrâneo de sua irmã com seu próprio fogo grego. Ninguém sobreviveu.

Com um rugido, Hylla se lançou à frente e atacou. Órion a acertou com a extremidade do arco, lançando-a para trás. Hylla caiu na rua. Órion puxou uma flecha da aljava.

— Pare! — gritou Reyna.

Seu coração martelava em seu peito. Ela precisava encontrar a fraqueza do gigante.

O Barrachina ficava a poucos quarteirões dali. Se as duas conseguissem chegar até lá, talvez Nico pudesse transportá-los. E as Caçadoras não podiam estar *todas* mortas... Elas estavam patrulhando o perímetro inteiro da cidade antiga. Com certeza ainda havia algumas delas por aí...

— Órion, você perguntou o que me motiva. — Ela manteve a voz firme. — Não quer a resposta antes de nos matar? Aposto que fica intrigado em ver as mulheres insistindo em rejeitar um cara grande e bonito como você.

O gigante armou a flecha no arco.

— Agora você me confundiu com Narciso. Não vai conseguir me comprar com lisonjas.

— Claro que não — disse Reyna. Hylla se levantou com uma expressão assassina no rosto, mas Reyna tentou expandir seus sentidos, transmitir à irmã o tipo mais difícil de força: o autocontrole. — Mas mesmo assim... você deve

ficar furioso. Primeiro, levou um fora de uma princesa mortal...

— Mérope — disse Órion, em tom de escárnio. — Garota bonita, mas burra. Se tivesse o mínimo de bom senso, teria entendido que eu estava apenas flertando com ela.

— Já sei — disse Reyna. — Ela gritou e chamou os guardas.

— Na hora, eu estava desarmado. Ninguém leva o arco e as facas quando está cortejando uma princesa. Os guardas me prenderam com facilidade. O pai dela, o rei, me cegou e me exilou.

Logo acima da cabeça de Reyna, uma pedrinha rolou sobre um telhado de telhas de cerâmica. Talvez fosse sua imaginação, mas ela se lembrava daquele som das muitas noites em que Hylla fugia do quarto trancado e subia pelo telhado para ver como ela estava.

Foi preciso toda a sua força de vontade para não olhar para cima.

— Mas você agora tem olhos novos — disse ela ao gigante. — Hefesto ficou com pena de você.

— Sim... — O olhar de Órion perdeu o foco. Reyna sabia disso porque os pontos das miras a laser desapareceram do peito dela. — Fui parar em Delos, onde conheci Ártemis. Tem ideia de como é estranho conhecer sua arqui-inimiga e acabar atraído por ela? — Ele riu. — Ora, o que estou dizendo, pretora? É *claro* que você sabe. Deve sentir pelos gregos o que eu senti por Ártemis, um fascínio culpado, uma admiração que se transforma em amor. Mas amor demais é como veneno, ainda mais quando ele não é correspondido. Se você ainda não entendeu isso, Reyna Ramírez-Arellano, vai entender em breve.

Hylla avançou, mancando, as facas ainda nas mãos.

— Irmã, por que está deixando esse animal falar? Vamos acabar com ele.

— Como se você fosse conseguir — refletiu Órion. — Muitos tentaram. Nem o próprio irmão de Ártemis, Apolo, conseguiu me matar, nos tempos antigos. Teve que trapacear para se livrar de mim.

— Ele não gostava que você andasse com a irmã dele?

Reyna ficou atenta, ansiosa por ouvir mais sons dos telhados, mas não ouviu nada.

— Apolo era ciumento. — Os dedos do gigante se fecharam em torno da corda do arco. Órion a tensionou, acionando as engrenagens e polias da arma. — Ele tinha medo de que eu seduzisse Ártemis e a fizesse se esquecer de seus votos de castidade. Quem sabe? Sem a interferência de Apolo, talvez acontecesse isso mesmo. Ela teria sido mais feliz.

— Como sua criada? — gritou Hylla com raiva. — Sua mulherzinha obediente?

— Isso agora não importa — disse Órion. — Apolo me infligiu a loucura, o

desejo de matar todos os animais da terra. Abati milhares antes que minha mãe, Gaia, finalmente pusesse um fim a meu acesso de fúria. Ela invocou um escorpião gigante da terra, que me matou com uma picada nas costas. Sou grato a ela por isso.

— Você é grato a Gaia — disse Reyna — por matar você.

As pupilas mecânicas de Órion se fecharam em espiral, virando minúsculos pontos reluzentes.

— Minha mãe me mostrou a verdade. Eu estava lutando contra minha própria natureza, o que não me trouxe nada além de infelicidade. Os gigantes *não* nasceram para amar mortais nem deuses. Gaia me ajudou a aceitar o que sou. No fim, todos temos que voltar para casa, pretora. Temos que abraçar nosso passado, por mais amargo e sombrio que ele seja. — Ele apontou com o queixo para a *villa* atrás de Reyna. — Exatamente como você fez. Você tem sua própria cota de fantasmas, não é mesmo?

Reyna sacou a espada. *Não há nada para se aprender com fantasmas*, dissera ela à irmã. Talvez com gigantes também não.

— Esta não é minha casa — disse ela. — E nós não somos iguais.

— Eu já vi a verdade. — O gigante falava como se realmente quisesse ajudar. — Você se agarra à fantasia de que pode fazer seus inimigos a amarem. Não pode, Reyna. Não há amor para você no Acampamento Meio-Sangue.

As palavras de Afrodite ecoaram em sua cabeça: *Nenhum semideus vai curar seu coração*.

Reyna observava o belo e cruel rosto do gigante, com seus olhos mecânicos brilhantes. Por um momento terrível, ela entendeu por que mesmo uma deusa, até uma virgem eterna como Ártemis, se deixaria levar pelas palavras melosas de Órion.

— Eu podia ter matado você vinte vezes agora mesmo — disse o gigante. — Você se dá conta disso, não? Quero poupá-la, e isso só depende de você. Só preciso de um pequeno voto de confiança. Diga-me onde está a estátua.

Reyna quase deixou a espada cair. *Onde está a estátua...*

Órion não tinha localizado a Atena Partenos. A camuflagem das Caçadoras tinha funcionado. Durante todo aquele tempo, o gigante estava seguindo o rastro de Reyna, o que significava que mesmo se ela morresse agora, Nico e o treinador Hedge estariam a salvo. A missão não estava perdida.

Ela sentiu como se tivesse tirado uma armadura de cinquenta quilos. Deu uma risada. O som ecoou pela rua de pedras.

— Phoebe foi mais esperta que você — disse ela. — Ao seguir meu rastro, você perdeu a estátua. Agora meus amigos estão livres para prosseguir com a missão.

Órion franziu o lábio.

— Ah, mas eu vou encontrá-los, pretora. Depois que acabar meu assunto com você.

— Então — falou Reyna — acho que vamos ter que acabar com você primeiro.

— *Essa é a minha irmãzinha* — disse Hylla com orgulho.

E as duas atacaram juntas.

*

O disparo do gigante teria perfurado Reyna, mas Hylla foi mais rápida: interceptou a flecha em pleno ar e então se lançou sobre Órion enquanto Reyna tentava golpeá-lo no peito. Mas o gigante interceptou os dois ataques com o arco.

Ele chutou Hylla para trás, fazendo-a cair sobre o capô de um Chevrolet velho. Meia dúzia de gatos saiu correndo de sob o carro. O gigante então girou, repentinamente com uma adaga na mão, e Reyna por pouco não conseguiu desviar do golpe.

Ela atacou de novo, cortando o gibão de couro de Órion, mas mal conseguiu arranhar seu peito.

— Você luta bem, pretora — reconheceu ele. — Mas não o suficiente para sobreviver.

Reyna desejou que sua espada se estendesse em um *pilum*.

— Minha morte não significa nada.

Se Nico e Hedge pudessem prosseguir com a missão em paz, ela estava totalmente disposta a morrer lutando. Mas primeiro pretendia machucar tanto aquele gigante que ele jamais esqueceria o nome dela.

— E a morte da sua irmã? — perguntou Órion. — Significa alguma coisa?

Antes mesmo que Reyna pudesse piscar, ele lançou uma flecha na direção do peito de sua irmã. Um grito se formou na garganta de Reyna, mas, sabe-se lá como, Hylla *pegou* a flecha.

Hylla desceu do capô do carro e quebrou a flecha com uma das mãos.

— Eu sou a rainha das amazonas, seu idiota. Uso o cinto real. Com a força que ele me transmite, vou vingar as amazonas que você matou hoje.

Hylla agarrou o para-choque dianteiro do Chevrolet e arremessou o carro inteiro na direção de Órion com tanta facilidade como se estivessem em uma piscina e ela jogasse água na cabeça dele.

O Chevrolet esmagou Órion contra a parede de uma casa. O estuque rachou. Uma bananeira tombou. Mais gatos saíram correndo.

Reyna foi correndo na direção dos destroços, mas o gigante, urrando, empurrou o carro para longe.

— Vocês vão morrer juntas! — prometeu ele.

Duas flechas surgiram armadas em seu arco, a corda já totalmente tensionada.

Nesse instante, os telhados explodiram com um estrondo.

— MORRA!

Saltando para a rua, Gleeson Hedge surgiu bem atrás de Órion. Ele acertou a cabeça do gigante com tanta força que o taco de beisebol, da famosa marca Louisville Slugger, partiu-se ao meio.

Ao mesmo tempo, Nico di Angelo surgiu na frente do gigante. O menino cortou a corda do arco de Órion com sua espada estígia, fazendo polias e engrenagens rangerem e zunirem e a corda se recolher com centenas de quilos de força, acertando Órion no nariz como um chicote de couro.

— AAAAHHHHHHH!

Órion cambaleou e deixou o arco cair.

Caçadoras de Ártemis surgiram nos telhados, enchendo Órion de flechas de prata até deixá-lo parecido com um porco-espinho brilhante. Ele foi cambaleando às cegas, segurando o nariz; icor dourado escorria por seu rosto.

Alguém segurou Reyna pelo braço.

— Vamos embora!

Thalia Grace tinha voltado.

— Vá com ela! — ordenou Hylla.

Reyna sentia como se seu coração estivesse se despedaçando.

— Irmã...

— Você precisa ir! AGORA! — Era exatamente o que Hylla tinha lhe dito seis anos antes, na noite em que fugiram da casa do pai. — Vou segurar Órion o máximo possível.

Hylla agarrou uma das pernas do gigante, desequilibrou-o e o arremessou longe. Órion foi parar a vários quarteirões dali, para consternação geral de mais dezenas de gatos. As Caçadoras partiram atrás dele pelos telhados, disparando flechas que explodiam em fogo grego, envolvendo o gigante em chamas.

— Sua irmã tem razão — disse Thalia. — Você precisa ir.

Nico e Hedge se juntaram a ela, ambos exibindo um ar de plena satisfação consigo mesmos. Aparentemente, tinham feito algumas compras na lojinha do Barrachina, pois, em vez das camisas sujas e rasgadas, usavam agora espalhafatosos modelos com estampa tropical.

— Nico — disse Reyna —, você está...

— Não quero ouvir nem uma palavra sobre a camisa — avisou ele. — Nem uma palavra.

— Por que vocês vieram atrás de mim? — perguntou ela. — Vocês podiam ter ido embora ilesos. O gigante estava seguindo o *meu* rastro. Se tivessem simplesmente...

— De nada, docinho — resmungou o treinador. — Não podíamos ir embora sem você. Agora vamos dar o fora daqui...

Ele então olhou por cima dos ombros de Reyna e perdeu a voz.

Reyna se virou.

Atrás dela, as sacadas do segundo andar de sua antiga casa estavam cheias de figuras reluzentes: um homem com uma barba bifurcada e armadura enferrujada de colonizador; outro homem barbado, em roupas de pirata do século XVIII, com a camisa salpicada de furos de tiro; uma mulher com uma camisola ensanguentada; um capitão da Marinha americana usando uniforme de gala; e mais uma dúzia de outros fantasmas que Reyna conhecia de sua infância, todos a encarando acusadoramente. As vozes deles sussurravam em sua mente: *Traidora. Assassina.*

— Não...

Reyna sentiu como se tivesse dez anos outra vez. Queria se encolher no canto do quarto e tapar os ouvidos para fazer as acusações sumirem.

— Reyna, quem são eles? — perguntou Nico, segurando seu braço. — O que...?

— Não consigo — suplicou ela. — Não consigo.

Ela havia passado muitos anos construindo uma represa dentro de si mesma para conter seus medos. Agora a represa tinha se rompido, levando embora suas forças.

— Está tudo bem. — Nico olhou atentamente para as sacadas. Os fantasmas não estavam mais lá, mas Reyna sabia que eles não tinham ido embora de verdade. Eles *nunca* iam. — Vamos embora daqui logo, logo — prometeu Nico. — Vamos andando.

Thalia pegou o outro braço de Reyna, e os quatro foram correndo na direção do restaurante, da Atena Partenos. Às suas costas, Reyna ouvia urros de dor de Órion e explosões de fogo grego.

E, em sua mente, as vozes ainda sussurravam: *Assassina. Traidora. Você nunca conseguirá fugir de seu crime.*

XXV

JASON

JASON GRACE SE ERGUEU DE seu leito de morte só para se afogar com o restante da tripulação.

O navio balançava com tanta violência que ele teve que ficar de quatro para sair da enfermaria. O casco rangia. O motor bramia como um búfalo. Em meio ao uivo do vento, a deusa Nice gritava dos estábulos:

— VOCÊ PODE FAZER MELHOR DO QUE ISSO, TEMPESTADE! QUERO VER CENTO E DEZ POR CENTO!

Jason subiu até o andar das cabines. Suas pernas tremiam. Sua cabeça girava. O navio guinou para bombordo, jogando-o contra a parede oposta.

Hazel saiu cambaleando de sua cabine, segurando a barriga.

— Eu *odeio* o mar!

Quando ela o viu, seus olhos se arregalaram.

— O que você está fazendo fora da cama?

— Eu vou lá em cima! — insistiu ele. — Posso ajudar!

Hazel fez menção de argumentar. Então o navio tombou para estibordo, e ela foi trôpega na direção do banheiro, a mão na boca.

Jason teve dificuldade para chegar até a escada. Ele não saía da cama havia um dia e meio, desde que as garotas tinham voltado de Esparta e ele desmaiara inesperadamente. Seus músculos protestavam contra o esforço. Suas entranhas doíam como se Michael Varus estivesse atrás dele, golpeando-o repetidas vezes e gritando: *Morra como romano! Morra como romano!*

Jason ignorou a dor. Estava cansado de ter pessoas cuidando dele, sussurrando quanto estavam preocupadas. Estava cansado de sonhar que virava churrasquinho. Ele já passara tempo suficiente cuidando da ferida em sua barriga. Ou aquilo ia matá-lo, ou não. Ele não ia ficar esperando que o ferimento

se decidisse. Precisava ajudar seus amigos.

De algum modo ele conseguiu chegar ao convés.

O que viu lá o deixou quase tão enjoado quanto Hazel. Uma onda do tamanho de um arranha-céu arrebentou sobre a proa, carregando as balistas e metade da amurada a bombordo para o mar. As velas foram rasgadas em pedaços. Raios lampejavam por todos os lados, atingindo o mar como refletores elétricos. Uma chuva forte fustigou o rosto de Jason. As nuvens estavam tão escuras que ele honestamente não sabia dizer se era dia ou noite.

A tripulação fazia o possível... o que não era muito.

Leo tinha se prendido ao painel de controle com um rolo de cabo elástico. A princípio, aquilo devia ter parecido uma boa ideia, mas toda vez que uma onda quebrava, ele era arrastado e depois jogado de volta sobre o painel como se tivesse levado uma raquetada.

Piper e Annabeth tentavam salvar o cordame. Desde Esparta, elas tinham se tornado uma dupla e tanto, capazes de trabalhar juntas sem sequer trocar uma palavra — o que era ótimo, já que não conseguiriam ouvir uma à outra no meio da tempestade.

Frank — pelo menos Jason *imaginava* que fosse Frank — tinha virado um gorila. Ele estava pendurado de cabeça para baixo na amurada a estibordo, usando sua força enorme e seus pés flexíveis para se segurar enquanto soltava alguns remos quebrados. Aparentemente eles estavam tentando fazer o navio decolar, mas, mesmo que conseguissem levantar voo, Jason não tinha certeza de que o céu seria mais seguro.

Até Festus, a figura de proa, tentava ajudar. Ele cuspiu fogo na chuva, apesar de isso não parecer desanimar a tempestade.

Só Percy tinha algum sucesso. Ele estava de pé junto ao mastro principal com os braços abertos como se estivesse sobre uma corda bamba. Toda vez que o navio inclinava, ele empurrava na direção oposta, e o casco se estabilizava. Ele invocava punhos gigantes de água do oceano para golpear as ondas maiores antes que elas atingissem o convés, fazendo parecer que o oceano estava batendo repetidas vezes na própria cara.

Com a tempestade forte daquele jeito, Jason percebeu que o navio já teria virado ou sido feito em pedaços se Percy não estivesse ali.

Jason foi com dificuldade até o mastro. Leo gritou alguma coisa, provavelmente “Volte lá para baixo!”, mas Jason apenas acenou de volta. Ele chegou perto de Percy e tocou seu ombro.

Percy balançou a cabeça como quem dá *oi*. Não pareceu chocado nem mandou que Jason voltasse para a enfermaria, o que agradou a Jason.

Se Percy se concentrasse, podia ficar seco, mas obviamente ele tinha coisas

mais importantes com que se preocupar naquele momento. Seu cabelo escuro estava grudado no rosto. Sua roupa, encharcada e rasgada.

Ele gritou algo no ouvido de Jason, mas o garoto só conseguiu entender algumas palavras:

— LÁ EMBAIXO... AQUELA COISA... PARAR!

Percy apontou para a amurada.

— Tem alguma coisa provocando a tempestade? — perguntou Jason.

Percy sorriu e deu tapinhas nas orelhas. Ele claramente não conseguia ouvir nem uma palavra. Fez um gesto com as mãos como se estivesse mergulhando do barco, depois cutucou Jason no peito.

— Quer que eu vá?

Jason se sentiu um pouco orgulhoso. O resto da tripulação o estava tratando como se ele fosse de cristal, mas Percy... bem, ele parecia concluir que, se Jason estava no convés, estava pronto para a ação.

— É pra já! — gritou Jason. — Mas não posso respirar embaixo d'água!

Percy deu de ombros. *Desculpe, não consigo ouvir você.*

Então correu para a amurada a estibordo, empurrou outra onda para longe do navio e mergulhou no mar.

Jason olhou para Piper e Annabeth. As duas se agarraram ao cordame e olharam fixamente para ele, chocadas. A expressão no rosto de Piper dizia *Ficou maluco?*

Ele levantou o polegar para elas, em parte para garantir que ia ficar bem (coisa da qual não tinha certeza), em parte para concordar que, de fato, ele era maluco (coisa da qual ele *tinha* certeza).

Jason caminhou com dificuldade até a amurada, onde parou e avaliou a tempestade.

Os ventos sopravam, furiosos. As nuvens ribombavam. Jason sentiu um exército inteiro de *venti* girando acima dele, raivosos e agitados demais para assumir uma forma física, mas famintos por destruição.

Ele ergueu o braço e invocou uma corda de vento. Jason aprendera havia muito tempo que a melhor maneira de controlar uma multidão de valentões era pegar o cara mais poderoso e perverso e submetê-lo à força. Depois os outros seguiriam. Ele jogou sua corda de vento, à procura do *ventus* mais forte e encrenqueiro da tempestade.

Laçou um pedaço especialmente maldoso de nuvem carregada de tempestade e o puxou.

— Você vai me ajudar hoje.

Uivando em protesto, o *ventus* o cercou. A tormenta acima do navio pareceu arrefecer um pouco, como se os outros *venti* estivessem pensando: *Droga. Esse*

cara está falando sério.

Jason levitou do convés envolto em seu próprio furacão em miniatura. Girando como um saca-rolha, mergulhou na água.

*

Jason achou que as coisas estariam mais calmas debaixo d'água.

Ledo engano.

É claro que isso podia estar relacionado com a forma como ele foi parar ali. Descer de ciclone até o fundo do mar gerou uma turbulência inesperada. Ele afundava e guinava sem nenhuma lógica aparente; seus ouvidos estalavam, e seu estômago ficou pressionado contra as costelas.

Finalmente ele parou ao lado de Percy, que estava de pé na beira de um abismo.

— E aí? — cumprimentou ele.

Jason podia ouvi-lo perfeitamente, apesar de não saber como.

— O que está acontecendo?

Em seu casulo de *ventus*, sua voz soava como se ele estivesse falando através de um aspirador de pó.

Percy apontou para o vazio.

— Espere só.

Três segundos depois, um facho de luz verde varreu a escuridão como um refletor, depois desapareceu.

— Tem alguma coisa lá embaixo — disse Percy. — Instigando esta tempestade. — Ele se virou e avaliou o furacão de Jason. — Belo traje. Você tem como mantê-lo se mergulharmos mais fundo?

— Não tenho ideia de como estou fazendo isso — disse Jason.

— Ok. Bem, tente não desmaiar.

— Cale a boca, Jackson.

Percy sorriu.

— Vamos ver o que tem lá embaixo.

Eles afundaram tanto que Jason não conseguia ver nada além de Percy nadando ao seu lado sob a luz fraca de suas espadas de ouro e bronze.

De vez em quando, o holofote verde se projetava para cima. Percy nadava direto em sua direção. O *ventus* de Jason crepitava e rugia em seu esforço para se libertar. O cheiro de ozônio o estava deixando tonto, mas ele manteve seu casulo de ar intacto.

Por fim, a escuridão a sua volta diminuiu. Faixas brancas de luminosidade suave, como grupos de águas-vivas, flutuavam diante de seus olhos. Conforme se aproximava mais do fundo do mar, ele percebeu que as faixas eram campos reluzentes de algas que cercavam as ruínas de um palácio. Montes de lodo cobriam os pátios vazios com piso de abalone. Colunas gregas cheias de cracas adentravam as sombras. No centro da construção erguia-se uma fortificação maior que a Estação Grand Central, com paredes incrustadas de pérolas e a cobertura dourada da cúpula quebrada e aberta como um ovo.

— Atlântida? — perguntou Jason.

— Ela é um mito — afirmou Percy.

— Hum... Mas nós não lidamos com mitos?

— Não, estou dizendo que é um mito *inventado*. Tipo, não é um verdadeiro mito real.

— Dá para perceber por que Annabeth é o cérebro desta missão.

— Cale a boca, Grace.

Eles entraram flutuando pela abertura na cúpula e penetraram na escuridão.

— Este lugar me é familiar. — A voz de Percy ficou tensa. — Quase como se eu já tivesse estado aqui...

O holofote verde piscou diretamente abaixo deles, cegando Jason.

Ele despencou como uma pedra, caindo sobre o chão liso de mármore. Quando sua visão clareou, ele viu que os dois não estavam sozinhos.

À sua frente havia uma mulher de seis metros de altura em um vestido verde ondulante, preso na cintura por um cinto de abalone. Sua pele era de um branco luminoso como os campos de alga. Seu cabelo balançava e reluzia como tentáculos de águas-vivas.

O rosto dela era belo, mas sobrenatural: olhos brilhantes demais, traços delicados demais, sorriso frio demais, como se ela tivesse estudado o sorriso dos humanos mas não dominasse bem essa arte.

Suas mãos repousavam sobre um disco de metal verde polido, de cerca de um metro e oitenta de diâmetro, apoiado sobre um tripé de bronze. Aquilo lembrou a Jason um tambor de aço que ele uma vez tinha visto um artista de rua tocar no Embarcadero, em São Francisco.

A mulher girou o disco de metal como se fosse um volante. Um fecho de luz verde se projetou para o alto, agitando a água e abalando as paredes do palácio antigo. Pedacos do teto abobadado se soltaram e desabaram em câmera lenta.

— Você está provocando a tempestade — disse Jason.

— Estou mesmo.

A voz da mulher era melodiosa e ao mesmo tempo tinha uma ressonância estranha, como se ultrapassasse o alcance da audição humana. Jason sentiu uma

pressão entre os olhos. Parecia que seus seios da face iam explodir.

— Está bem, eu vou começar — disse Percy. — Quem é você, e o que você quer?

A mulher virou-se para ele.

— Ora, sou sua irmã, Perseu Jackson. E queria conhecê-lo antes de você morrer.

XXVI

JASON

JASON TINHA DUAS OPÇÕES: LUTAR ou conversar.

Normalmente, ao se deparar com uma mulher assustadora de seis metros de altura e cabelo de água-viva, ele teria optado por *lutar*.

Mas hesitou quando ela chamou Percy de *irmão*.

— Percy, você conhece essa... moça?

Percy balançou a cabeça em negativa.

— Bem, você não se parece com minha mãe, por isso imagino que sejamos parentes pelo lado divino. Você é filha de Poseidon, senhorita...?

A mulher pálida passou as unhas no disco de metal, produzindo um som agudo que parecia o de uma baleia sendo torturada.

— Ninguém me conhece. — Ela suspirou. — Por que eu deveria supor que meu *próprio irmão* me reconheceria? Eu sou Cimopoleia!

Percy e Jason se entreolharam.

— Então... — disse Percy. — Vamos chamá-la de Leia. E você seria, hum, uma nereida? Uma deusa menor?

— *Menor?*

— Ele quer dizer que você não tem idade para beber! — disparou Jason. — Porque obviamente é muito jovem e bonita!

Percy olhou rapidamente para ele: *Mandou bem*.

A deusa voltou toda a sua atenção para Jason. Ela traçou sua silhueta na água com o dedo indicador. Ele sentiu o espírito do ar capturado se agitando a sua volta, como se estivessem lhe fazendo cócegas.

— Jason Grace — disse a deusa. — Filho de Júpiter.

— É. Sou amigo de Percy.

Leia semicerrou os olhos.

— Então é verdade... Estamos em um momento de amizades estranhas e inimigos inesperados. Os romanos nunca me cultuaram. Para eles, eu era um medo sem nome, um sinal da fúria de Netuno. Eles nunca veneraram Cimopoleia, a deusa das tempestades marinhas violentas!

Ela girou o disco. Outro raio de luz verde piscou para o alto, agitando a água e provocando um estrondo nas ruínas.

— Ah, sim — disse Percy. — Os romanos não são bons em navegação. Eles tinham, tipo, um barco a remo. Que eu afundei. Por falar em tempestades violentas, você está fazendo um trabalho de primeira lá em cima.

— Obrigada — disse Leia.

— O problema é que nosso navio está preso nela, e meio que está sendo feito em pedaços. Tenho certeza de que não era sua intenção...

— Ah, era sim.

— Entendo. — Percy fez uma careta. — Bem, isso é muito chato. Imagino, então, que você não vai parar, nem que a gente peça com jeitinho?

— Não — concordou a deusa. — Agora mesmo o navio está quase afundando. Estou impressionada que tenha aguentado tanto tempo. Um belo trabalho de construção.

Voaram fagulhas dos braços de Jason para dentro do furacão. Ele pensou em Piper e nos outros tentando desesperadamente manter o navio inteiro. Ao descer até ali, Percy e ele os tinham deixado indefesos. Eles precisavam agir rápido.

Além disso, o ar de Jason estava ficando saturado. Ele não sabia se era possível esgotar um *ventus* respirando-o, mas, se ele ia ter que lutar, era melhor encarar Leia antes de ficar sem oxigênio.

O problema era que... combater uma deusa em seu próprio território não ia ser fácil. E mesmo se conseguissem vencê-la, não havia garantia de que a tempestade terminaria.

— Então... Leia — disse ele. — O que poderíamos fazer para você mudar de ideia e liberar nosso barco?

Leia deu aquele sorriso sobrenatural e assustador.

— Filho de Júpiter, você sabe onde está?

Jason ficou tentado a responder: *embaixo d'água*.

— Você está falando destas ruínas? Um palácio antigo?

— Isso mesmo — disse Leia. — O palácio original de Poseidon.

Percy estalou os dedos.

— Foi por isso que eu o reconheci. O palácio novo do nosso pai no Atlântico é parecido com este.

— Não tenho como saber — disse Leia. — Nunca sou convidada para ver meus pais. Só posso andar pelas ruínas de seus *antigos* domínios. Eles acham

minha presença... incômoda.

Ela tornou a girar o disco. Toda a parede dos fundos da construção desmoronou, levantando no interior da câmara uma nuvem de lodo e algas. Felizmente, o *ventus* agiu como um ventilador, soprando os destroços para longe do rosto de Jason.

— Você, incômoda? — perguntou Jason.

— Não sou bem-vinda na corte do meu pai — disse a deusa. — Ele limita meus poderes. Essa tempestade lá em cima? Eu não me divirto assim há séculos, e isso é apenas uma pequena *amostra* do que posso fazer!

— Uma pequena amostra já é muita coisa — disse Percy. — Enfim, e quanto à pergunta de Jason sobre você mudar de ideia...

— Meu pai chegou até a me casar para se livrar de mim — continuou Leia. — Sem minha permissão, ele me ofereceu como troféu para Briareu, um centímiano... Uma recompensa por seu apoio na guerra contra Cronos, éons atrás.

Percy abriu um sorriso.

— Ei, eu conheço Briareu. Ele é meu amigo! Eu o libertei de Alcatraz.

— É, eu sei. — Os olhos de Leia brilharam friamente. — Eu *odeio* meu marido. Não fiquei *nada* satisfeita em tê-lo de volta.

— Ah. Então... Briareu está por aqui? — perguntou Percy, esperançoso.

O riso de Leia lembrou o silvo dos golfinhos.

— Ele está no Monte Olimpo, em Nova York, reforçando as defesas dos deuses. Não que isso vá fazer diferença. O que estou dizendo, meu caro irmão, é que Poseidon nunca me tratou com justiça. Gosto de vir aqui, ao velho palácio de meu pai, porque muito me agrada contemplar sua obra em ruínas. Um dia, em breve, seu novo palácio vai ficar parecido com este, e então todos os mares vão viver em eterna fúria.

Percy olhou para Jason.

— Essa é a parte em que ela nos diz que está trabalhando para Gaia.

— É — concordou Jason. — E que a Mãe Terra prometeu a ela um ótimo acordo depois que os deuses forem destruídos e blá-blá-blá. — Ele se virou para Leia. — Você sabe que Gaia não mantém suas promessas, certo? Ela está apenas usando você, assim como está usando os gigantes.

— Estou tocada com sua preocupação — disse Leia. — Já os deuses do Olimpo *nunca* me usaram, não é?

Percy estendeu as mãos.

— Pelo menos os olímpianos estão tentando. Depois da última guerra contra os titãs, eles passaram a dar mais atenção aos outros deuses. Muitos deles agora têm chalés no Acampamento Meio-Sangue: Hécate, Hades, Hebe, Hipnos... ah,

e provavelmente alguns outros que não começam com *H*. Fazemos oferendas a eles em todas as refeições, estandartes legais, além de reconhecimento especial na programação de verão...

— E *eu* recebi oferendas assim? — perguntou a deusa.

— Bem... não. Não sabíamos que você existia. Mas...

— Então poupe suas palavras, irmão. — O cabelo de tentáculos de água-viva de Leia se aproximava de Percy, como se estivesse ansioso para paralisar uma nova presa. — Ouvi falar muito sobre o grande Percy Jackson. Os gigantes estão muito obcecados por capturar você. Devo admitir que não entendo o porquê de tanta preocupação.

— Obrigado, irmãzinha. Mas, se você vai tentar me matar, tenho que avisar que já tentaram isso antes. Enfrentei várias deusas recentemente: Nice, Akhlys, até a própria Nix. Em comparação a elas, você não está me assustando. Além disso, você ri como um golfinho.

As narinas delicadas de Leia se dilataram. Jason pegou a espada.

— Ah, eu não vou matar você — disse Leia. — Minha parte no acordo foi apenas distraí-lo. Mas tem alguém aqui que quer muito matar você.

Acima deles, na borda da cúpula quebrada, surgiu uma forma escura, uma figura ainda mais alta que Cimopoleia.

— O filho de Netuno — ribombou uma voz grave.

O gigante desceu flutuando. Nuvens de um fluido escuro e viscoso, possivelmente veneno, saíam em espiral de sua pele azul. Seu peitoral verde era moldado de forma a parecer um conjunto de bocas abertas e famintas. Ele trazia nas mãos as armas de um *reciário*: um tridente e uma rede com pesos.

Jason nunca tinha visto aquele gigante, mas já tinha ouvido as histórias.

— Polibotes — disse ele. — O anti-Poseidon.

O gigante sacudiu seus *dreadlocks*. Uma dezena de serpentes verde-limão, com uma coroa de pele em torno da cabeça, se soltou e saiu nadando. *Basiliscos*.

— Isso mesmo, filho de Roma — disse o gigante. — Mas, se me der licença, meu assunto mais urgente é com Percy Jackson. Eu o segui por todo o Tártaro. Agora, aqui, nas ruínas de seu pai, pretendo destruí-lo de uma vez por todas.

XXVII

JASON

JASON ODIAVA BASILISCOS.

As criaturinhas desprezíveis adoravam se esconder sob os templos de Nova Roma. Na época em que Jason era centurião, sua coorte sempre ficava com a tarefa nada popular de eliminar seus ninhos.

Um basilisco não parecia grande coisa — era apenas uma cobra do tamanho de um braço, com olhos amarelos e uma coroa de pele branca —, mas se movia rápido e podia matar qualquer coisa que tocasse. Jason nunca tinha enfrentado mais que dois de uma vez. Agora havia uma dúzia nadando em torno das pernas do gigante. A única coisa boa: embaixo d'água, basiliscos não conseguiriam cuspir fogo, mas isso não os tornava nem um pouco menos mortíferos.

Duas das serpentes se lançaram sobre Percy. Ele as cortou ao meio. As outras dez giravam em torno dele, mas fora do alcance de sua espada. Ziguezagueavam de um lado para outro em um padrão hipnótico, à procura de uma brecha. Uma mordida, um toque, seria o suficiente.

— Ei! — gritou Jason. — Não vão me dar um pouco de atenção?

As cobras o ignoraram.

O mesmo fez o gigante, que havia se afastado e agora assistia a tudo com um sorriso presunçoso, aparentemente satisfeito por seus animais de estimação estarem prestes a fazer a matança.

— Cimopoleia — Jason fez um grande esforço para pronunciar corretamente o nome dela —, você tem que parar com isso.

Ela o encarou com seus olhos brancos e reluzentes.

— Por que eu faria isso? A Mãe Terra me prometeu poderes ilimitados. Você pode fazer uma oferta melhor?

Uma oferta melhor...

Ele percebeu uma abertura... um espaço para negociar. Mas o que ele tinha que uma deusa das tempestades poderia querer?

Os basiliscos fecharam o círculo. Percy os afastou com correntes de água, mas eles apenas continuaram girando ao seu redor.

— Ei, basiliscos! — gritou Jason.

Nenhuma reação. Ele podia atacar, romper o círculo e ajudar, mas, mesmo juntos, ele e Percy não teriam nenhuma condição de enfrentar dez basiliscos ao mesmo tempo. Ele precisava de uma ideia melhor.

Jason olhou para cima. Uma tempestade furiosa trovejava na superfície, mas eles estavam centenas de metros abaixo. Ele não ia conseguir invocar raios estando no fundo do mar, ia? E mesmo que conseguisse, a água conduzia eletricidade um pouco bem demais. Ele poderia acabar fritando Percy.

Mas Jason não conseguiu pensar em nenhuma opção melhor, então ergueu sua espada. Imediatamente a lâmina brilhou vermelha como brasa.

Uma nuvem de luz amarela difusa desceu ondulante até as profundezas, como se alguém tivesse derramado neon líquido na água. A luz acertou a espada de Jason para então se dividir em dez raios diferentes, acertando os basiliscos.

Os olhos dos basiliscos escureceram. Suas coroas de pele se desintegraram. Todas as dez serpentes viraram de barriga para cima e passaram a boiar na água, mortas.

— Da próxima vez, *olhem* para mim quando eu estiver falando com vocês.

O sorriso de Polibotes azedou.

— Você está assim tão ansioso para morrer, romano?

Percy levantou a espada e se lançou sobre o gigante, mas Polibotes moveu a mão pela água e deixou um arco de veneno negro oleoso. Percy avançou antes que Jason pudesse gritar *Cara, o que você está fazendo?*

Ele deixou Contracorrente cair, ofegou e agarrou a garganta. O gigante arremessou sua rede com pesos, e o garoto desabou no chão, completamente preso, enquanto o veneno ia se adensando ao seu redor.

— Solte-o! — A voz de Jason saiu aguda por causa do pânico.

O gigante riu.

— Não se preocupe, filho de Júpiter. Seu amigo vai demorar *muito tempo* para morrer. Depois de todo o trabalho que ele me deu, eu jamais o mataria depressa.

Nuvens tóxicas se expandiram em torno do gigante, enchendo as ruínas como fumaça densa de charuto. Jason saltou para trás depressa. Não foi rápido o suficiente, mas seu *ventus* se revelou um filtro útil. Enquanto ele era envolvido pelo veneno, o furacão em miniatura girou mais rápido e repeliu as nuvens. Cimopoleia torceu o nariz e afastou a escuridão com um aceno, mas, fora isso, ela parecia não se afetar.

Percy se contorcia dentro da rede, e seu rosto estava ficando verde. Jason correu para ajudá-lo, mas o gigante o deteve com seu tridente enorme.

— Ah, não posso deixar que você acabe com minha diversão — repreendeu Polibotes. — O veneno vai matá-lo, mas primeiro vem a paralisia e horas de dor excruciante. Quero que ele tenha a experiência completa! Ele pode assistir enquanto destruo você, Jason Grace!

Polibotes avançou lentamente, dando a Jason bastante tempo para contemplar a torre de três andares de armadura e músculos que seguia em sua direção.

Ele se esquivou do tridente e, tomando impulso para a frente com a ajuda do *ventus*, enfiou a espada na perna reptiliana do gigante. Polibotes soltou um urro e cambaleou; icor dourado jorrava de seu ferimento.

— Leia! — gritou Jason. — É isso mesmo o que você quer?

A deusa das tempestades parecia muito entediada, girando preguiçosamente seu disco de metal.

— Poder ilimitado? Por que não?

— Mas vai ser divertido? — perguntou Jason. — Então você destrói nosso navio. Acaba com toda a faixa litorânea do mundo. Depois que Gaia destruir a civilização humana, quem vai restar para temê-la? Você vai continuar desconhecida.

Polibotes se virou.

— Você é uma desgraça, filho de Júpiter. Vou destruí-lo!

Jason tentou invocar mais raios. Nada aconteceu. Se um dia ele encontrasse seu pai, teria que solicitar um aumento em sua cota diária de raios.

Ele conseguiu desviar das pontas do tridente novamente, mas o gigante usou a haste para acertá-lo no peito.

Jason cambaleou para trás, espantado e dolorido. Polibotes avançou para matá-lo. Quando o tridente ia perfurá-lo, o *ventus* de Jason agiu por conta própria: girou em espiral de lado e o lançou do outro lado do pátio, a dez metros de distância.

Obrigado, parceiro, pensou Jason. Devo a você uns purificadores de ar.

Ele não soube dizer se o *ventus* gostou daquela ideia ou não.

— Na verdade, Jason Grace — disse Leia, examinando as unhas —, agora que você falou nisso, eu gosto mesmo de ser temida por mortais. Não sou temida o suficiente.

— Eu posso ajudar você com isso!

Jason desviou de outro golpe do tridente. Ele transformou seu gládio em uma lança e espetou Polibotes no olho.

— ARGH!

O gigante cambaleou.

Percy se contorcia na rede, mas seus movimentos estavam ficando mais lentos. Jason precisava se apressar. Tinha que levar Percy para a enfermaria do navio, e se a tempestade continuasse com aquela força acima deles, não haveria nenhuma enfermaria para onde levá-lo.

Ele correu para o lado de Leia.

— Você sabe que os deuses dependem dos mortais. Quanto mais cultuamos vocês, mais poderosos vocês ficam.

— Como posso saber? Eu nunca fui cultuada!

Ela ignorou Polibotes, que agora corria desabalado em torno dela, tentando arrancar Jason de seu redemoinho de vento. Jason fazia o possível para manter a deusa entre eles.

— Eu posso mudar isso — prometeu ele. — Eu mesmo vou providenciar um santuário para você na Colina dos Templos em Nova Roma. O seu *primeiro* santuário romano! Também vou erguer um no Acampamento Meio-Sangue, na costa do Estreito de Long Island. Imagine, ser cultuada...

— E temida.

— ... e temida tanto por gregos quanto por romanos. Você vai ser famosa!

— PARE DE FALAR!

Polibotes golpeou com o tridente como se fosse um taco de beisebol. Jason se agachou; Leia, não. O gigante a acertou com tanta força nas costelas que fios de seu cabelo de água-viva se soltaram e saíram boiando pela água envenenada.

Os olhos de Polibotes se arregalaram.

— Desculpe, Cimopoleia. Você não devia ter ficado no caminho!

— NO CAMINHO? — A deusa se apurou. — Eu estou *no caminho*?

— Você o ouviu — disse Jason. — Você não passa de um instrumento para os gigantes. Eles vão abandoná-la assim que conseguirem destruir os mortais. Aí, não haverá mais semideuses, nem templos, nem medo, nem respeito.

— MENTIRAS! — Polibotes tentou acertá-lo, mas Jason se escondeu atrás do vestido da deusa. — Cimopoleia, quando Gaia reinar, você vai poder comandar tempestades com toda a fúria que quiser!

— Haverá mortais para aterrorizar? — perguntou Leia.

— Bem... não.

— Navios para destruir? Semideuses para se curvarem de medo?

— Hum...

— Me ajude — pediu Jason. — Juntos, uma deusa e um semideus podem matar um gigante.

— Não! — De repente, Polibotes pareceu ficar muito nervoso. — Não, isso é uma péssima ideia. Gaia ficará muito aborrecida!

— Se Gaia despertar — disse Jason. — A poderosa Cimopoleia pode nos

ajudar a impedir que isso aconteça. Aí, todos os semideuses vão honrá-la *muito*.

— Eles vão ficar aterrorizados?

— Demais! Além de botar seu nome na programação de verão. Um estandarte personalizado. Um chalé no Acampamento Meio-Sangue. Dois santuários. E ainda incluo um *action figure* seu.

— Não! — protestou Polibotes. — Direitos comerciais, não!

Cimopoleia virou-se para o gigante.

— Infelizmente, esse acordo é melhor do que o oferecido por Gaia.

— Isso é inaceitável! — berrou o gigante. — Você não pode confiar nesse romano desprezível!

— Se eu não cumprir minha promessa — disse Jason —, Leia pode me matar quando quiser. Mas com Gaia ela não tem garantia nenhuma.

— Ótimo argumento — concordou Leia.

Enquanto Polibotes se esforçava para encontrar uma resposta, Jason avançou e enfiou sua lança na barriga do gigante.

Leia tirou seu disco de bronze do pedestal.

— Diga adeus, Polibotes.

Ela arremessou o disco no pescoço do gigante. A borda do disco, por acaso, era afiada.

Polibotes achou difícil dizer adeus, já que não tinha mais cabeça.

XXVIII

JASON

— **V**_{ENENO É UM VÍCIO FEIO.} — A um gesto de Cimopoleia, as nuvens turvas se dissiparam.

— Veneno de segunda mão pode matar uma pessoa, sabia?

Jason também não gostava de veneno de primeira, mas resolveu não mencionar isso. Ele cortou a rede para libertar Percy e o apoiou contra a parede do templo, envolvendo-o no casulo de ar do *ventus*. O oxigênio estava ficando rarefeito, mas Jason tinha a esperança de que isso ajudasse a expelir o veneno dos pulmões dele.

Pareceu funcionar: Percy se dobrou para a frente e começou a ter ânsias de vômito.

— Ugh, obrigado.

Jason suspirou de alívio.

— Você me deixou preocupado, cara.

Percy piscou repetidas vezes, os olhos ainda fora de foco.

— Ainda estou um pouquinho confuso. Mas você... você prometeu fazer um *action figure* da Cimopoleia?

A deusa assomou sobre eles.

— Ele prometeu, sim. E eu espero que cumpra.

— Eu vou cumprir — disse Jason. — Quando ganharmos esta guerra, vou garantir que *todos* os deuses sejam reconhecidos. — Ele pôs a mão no ombro de Percy. — Meu amigo aqui começou esse processo no verão passado. Ele fez os olímpianos prometerem dar mais atenção a vocês.

Leia fez uma expressão de escárnio.

— Sabemos quanto vale a promessa de um olímpiano.

— E é por isso que eu vou garantir que nenhum dos deuses seja esquecido, nos dois acampamentos. Talvez eles ganhem templos, chalés ou pelo menos

santuários...

— Ou *cards* colecionáveis — sugeriu Leia.

— Claro. — Jason sorriu. — Vou servir de ligação entre os dois acampamentos até que isso esteja resolvido.

Percy soltou um assovio.

— Você está falando de dezenas de deuses.

— Centenas — corrigiu Leia.

— Então, bem... — disse Jason. — Pode demorar um pouco. Mas você vai ser a primeira da lista, Cimopoleia... a deusa das tempestades que decapitou um gigante e salvou nossa missão.

Leia acariciou seu cabelo de água-viva.

— Está bem assim. — Ela olhou para Percy. — Apesar de eu sentir muito por não vê-lo morrer.

— Ouço muito esse comentário — disse Percy. — Agora, e em relação a nosso navio...?

— Ainda está inteiro — confirmou a deusa. — Não em grande forma, mas deve conseguir chegar a Delos.

— Obrigado — disse Jason.

— É — falou Percy. — E na verdade Briareu, seu marido, é um sujeito legal. Você devia dar uma chance a ele.

A deusa apanhou seu disco de bronze.

— Não abuse da sorte, irmão. Briareu tem cinquenta caras, e todas são feias. Tem cem mãos, e mesmo assim não faz nada direito em casa.

— Tudo bem — cedeu Percy. — Não vou abusar da sorte.

Leia virou o disco, revelando correias do outro lado, como em um escudo. Ela o jogou sobre o ombro, estilo Capitão América.

— Vou acompanhar seu progresso. Polibotes não estava se vangloriando quando alertou que seu sangue vai despertar a Mãe Terra. Os gigantes estão muito confiantes nisso.

— Meu sangue, especificamente? — perguntou Percy.

O sorriso de Leia ficou ainda mais assustador que o normal.

— Eu não sou um oráculo, mas ouvi o que o vidente Fineu contou a você em Portland. Há um sacrifício pela frente que talvez você não tenha a coragem de fazê-lo, e isso vai lhe custar o mundo. Você ainda precisa enfrentar seu defeito fatal, meu irmão. Olhe ao redor. Toda a obra de deuses e homens um dia acaba em ruínas. Não seria mais fácil fugir para as profundezas com aquela sua namorada?

Percy se apoiou no ombro de Jason e se levantou.

— Juno me ofereceu uma escolha como essa quando eu encontrei o

Acampamento Júpiter. Vou dar a você a mesma resposta: eu não fujo quando meus amigos precisam de mim.

Leia levantou as mãos para o ar.

— E esse é o seu defeito, não conseguir se afastar. Vou me retirar para as profundezas e assistir ao desenrolar desta batalha. As forças do oceano também estão em guerra, sabia? Sua amiga Hazel Levesque causou uma impressão e tanto nas sereias e nos tritões, e também em seus mentores, Afros e Bitos.

— Os sujeitos homem-peixe — murmurou Percy. — Eles não quiseram me conhecer.

— Agora mesmo eles estão lutando uma guerra por sua causa — disse Leia. — Tentando manter os aliados de Gaia longe de Long Island. Se vão sobreviver ou não... isso ainda não sabemos. E em relação a você, Jason Grace, seu caminho não será mais fácil do que o dele. Você será enganado. Vai sofrer uma perda insuportável.

Jason se segurou para não soltar raios. Não sabia se o coração de Percy aguentaria o choque.

— Leia, você disse que não é um oráculo, mas deveria trabalhar com isso. Você é com certeza deprimente o bastante.

A deusa soltou sua risada de golfinho.

— Você me diverte, filho de Júpiter. Espero que viva para derrotar Gaia.

— Obrigado — disse ele. — Alguma dica para derrotar uma deusa que não pode ser derrotada?

Cimopoleia inclinou a cabeça.

— Ah, mas você sabe a resposta. Você é um filho do céu, tem tempestades no sangue. Um deus primordial já foi derrotado antes. Você sabe de quem estou falando.

As entranhas de Jason começaram a se revirar mais rápido que o *ventus*.

— Urano, o primeiro deus do céu. Mas isso significa...

— Sim. — Os traços sobrenaturais de Leia assumiram uma expressão que quase lembrava simpatia. — Vamos torcer para que não chegue a isso. Se Gaia *realmente* despertar... bem, sua tarefa não vai ser fácil. Mas, se vocês vencerem, lembre-se de sua promessa, *pontifex*.

Jason levou um momento para processar as palavras dela.

— Eu não sou um sacerdote.

— Não? — Os olhos de Leia brilharam. — Mudando de assunto: seu criado *ventus* diz que deseja ser libertado. Como ele o ajudou, espera que você o solte quando chegarem à superfície. Ele promete não incomodá-lo uma terceira vez.

— Uma *terceira* vez?

Leia fez uma pausa, como se estivesse escutando.

— Ele diz que se juntou à tempestade lá em cima para se vingar, mas que, se soubesse quanto você ficou forte desde o Grand Canyon, nunca teria se aproximado do seu navio.

— O Grand Canyon... — Jason se lembrou do dia na passarela Skywalk, quando um de seus colegas de turma idiotas se revelou ser um espírito do vento.

— Dylan? Você está de brincadeira comigo? Eu estou respirando o *Dylan*?

— Está — disse Leia. — Parece que esse é o nome dele.

Jason sentiu um calafrio.

— Vou libertá-lo assim que chegarmos à superfície, sem problemas.

— Adeus, então — disse a deusa. — E que as Parcas sorrissem para vocês... isto é, se elas sobreviverem.

*

Eles precisavam sair dali.

Jason estava ficando sem ar (ar de Dylan... eca), e todos no *Argo II* deviam estar preocupados com eles.

Mas Percy ainda estava zonzinho por causa do veneno, então os dois se sentaram na borda da cúpula dourada em ruínas por alguns minutos para que ele recuperasse o fôlego... ou a água, ou o que quer que um filho de Poseidon recuperasse no fundo do oceano.

— Obrigado, cara — disse Percy. — Você salvou minha vida.

— Ei, é isso que os amigos fazem.

— Mas, hum, o cara de Júpiter salvar o de Poseidon no fundo do oceano... será que podemos manter esse detalhe entre nós? Senão eu nunca vou parar de ouvir falar nisso.

Jason sorriu.

— Fechado. Como está se sentindo?

— Melhor. Eu... eu tenho que admitir que quando estava sufocando com o veneno, pensei em Akhlys, a deusa da miséria no Tártaro. Eu quase a destruí com veneno. — Ele sentiu um calafrio. — Eu me senti *bem*, mas de um jeito ruim. Se Annabeth não tivesse me impedido...

— Mas ela impediu — disse Jason. — Isso é outra coisa que os amigos têm que fazer uns pelos outros.

— É... O problema é que, enquanto eu estava sufocando, não parava de pensar: isso é o troco por Akhlys. As Parcas estão me deixando morrer da mesma maneira que eu tentei matar aquela deusa. E... honestamente, parte de

mim sentiu que eu merecia. Por isso não tentei controlar o veneno do gigante e afastá-lo de mim. Isso deve parecer loucura.

Jason se lembrou de Ítaca, quando entrou em desespero por causa da visita do espírito de sua mãe.

— Não, acho que eu entendo.

Percy observou seu rosto. Quando Jason parou de falar, Percy mudou de assunto:

— O que Leia quis dizer sobre derrotar Gaia? Você mencionou Urano...

Jason olhou para o lodo que se acumulava em torno das colunas do velho palácio em ruínas.

— O deus do céu... os titãs o derrotaram chamando-o à terra. Eles o tiraram de seu território, o emboscaram, o prenderam e o cortaram em pedaços.

Parecia que o enjoo de Percy estava voltando.

— Como faremos isso com Gaia?

Jason lembrou-se de um verso da profecia: *Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado*. Ele agora tinha uma ideia do que aquilo significava... mas se estivesse certo, Percy não poderia ajudar. Na verdade, ele poderia, sem querer, tornar as coisas ainda piores.

Eu não fujo quando meus amigos precisam de mim, dissera Percy.

E esse é o seu defeito, alertara Leia. *Não conseguir se afastar*.

Era dia vinte e sete de julho. Em cinco dias, Jason ia descobrir se tinha razão.

— Vamos a Delos primeiro — disse ele. — Apolo e Ártemis podem ter algum conselho para nós.

Percy assentiu, apesar de não parecer satisfeito com essa resposta.

— Por que Leia chamou você de *Pontiac*?

O riso de Jason literalmente limpou o ar.

— *Pontifex*. Significa sacerdote.

— Ah. — Percy franziu a testa. — Ainda parece uma marca de carro. O novo Pontifex XLS. Você vai ter que usar um colarinho branco e abençoar as pessoas?

— Não. Os romanos tinham um *pontifex maximus*, que supervisionava todos os sacrifícios apropriados e coisas assim, para garantir que nenhum dos deuses ficasse com raiva. O que eu me ofereci para fazer... acho que parece o trabalho de um *pontifex*.

— Então você estava falando sério? — perguntou Percy. — Vai mesmo tentar construir templos para todos os deuses menores?

— Vou. Na verdade, nunca havia pensado nisso antes, mas gosto da ideia de ser a ligação entre os acampamentos; supondo, você sabe, que estejamos vivos depois da semana que vem e que os dois acampamentos ainda existam. O que você fez ano passado no Olimpo, recusando a imortalidade e em vez disso

pedindo aos deuses que fossem mais legais... aquilo foi muito nobre, cara.

Percy resmungou.

— Acredite, às vezes eu me arrependo dessa escolha. *Ah, você quer recusar nossa oferta? Tudo bem! ZAP! Perca a memória! Vá para o Tártaro!*

— Você fez o que um herói deveria fazer. Eu o admiro por isso. O mínimo que posso fazer, se sobrevivermos, é dar continuidade a esse trabalho, garantir que todos os deuses tenham algum reconhecimento. Se os deuses se entenderem melhor, talvez possamos impedir que mais guerras aconteçam. Quem sabe?

— Isso com toda a certeza seria bom — concordou Percy. — Sabe, você parece diferente... um diferente *bom*. Seu ferimento ainda dói?

— Meu ferimento...

Jason ficara tão ocupado com o gigante e a deusa que tinha se esquecido do ferimento em sua barriga, apesar de apenas uma hora antes estar morrendo na enfermaria do navio.

Ele levantou a camisa e tirou os curativos. Nenhuma fumaça. Nenhum sangramento. Nenhuma cicatriz. Nenhuma dor.

— Meu ferimento... desapareceu — disse ele, surpreso. — Eu me sinto completamente normal. Mas o que aconteceu?

— Você o derrotou, cara! — Percy riu. — Você encontrou sua própria cura.

Jason refletiu sobre isso. Devia ser verdade. Talvez deixar a dor de lado para ajudar os amigos fosse o que faltava.

Ou talvez sua decisão de cultuar os deuses nos dois acampamentos o tivesse curado, mostrando a ele um caminho nítido para o futuro. Romano ou grego... a diferença não importava. Como ele dissera aos fantasmas em Ítaca, sua família só havia aumentado. Agora Jason encontrara seu lugar nela. Ele ia manter sua promessa à deusa das tempestades. E, graças a isso, a espada de Michael Varus não significava nada.

Morra como um romano.

Não. Se ele tivesse que morrer, morreria como filho de Júpiter, um filho dos deuses — o sangue do Olimpo. Mas ele não iria se deixar ser sacrificado... pelo menos, não sem lutar.

— Vamos. — Jason deu um tapinha nas costas do amigo. — Vamos ver como está nosso barco.

XXIX

NICO

SE TIVESSE QUE ESCOLHER ENTRE a morte e o mercado Zippy Mart de Buford, Nico ficaria indeciso. Na Terra dos Mortos ele pelo menos sabia como transitar. E a comida por lá era mais fresca.

— Ainda não entendi — resmungou o treinador Hedge, andando pelo corredor principal do mercado. — Eles batizaram uma cidade inteira com o nome da mesa do Leo?

— Acho que a cidade veio primeiro, treinador — opinou Nico.

— Ah. — O treinador pegou da prateleira uma caixa de donuts se desfazendo em farelos. — Deve ser. Estes donuts parecem ter uns cem anos, no mínimo. Que saudade daquelas tais farturas de Portugal.

Nico sentia dor nos braços só de pensar em Portugal. As marcas das garras de lobisomem ainda riscavam seu bíceps, inchadas e vermelhas. A atendente da loja lhe perguntou se ele tinha entrado em uma briga com um tigre.

Compraram um kit de primeiros socorros, um bloco de papel (para o treinador Hedge escrever mais mensagens em aviõezinhos de papel para a esposa), alguns biscoitos industrializados e refrigerante (já que a mesa da tenda mágica de Reyna só fornecia alimentos saudáveis e água fresca) e alguns itens de camping para o treinador Hedge montar aquelas suas armadilhas inúteis, mas incrivelmente complicadas.

Nico tinha esperança de encontrar roupas novas para comprar. Haviam deixado San Juan dois dias antes, e ele estava cansado de andar por aí com a camisa florida da ISLA DEL ENCANTORICO, ainda mais com o treinador Hedge vestindo uma igual. Infelizmente, porém, o Zippy Mart só tinha camisetas com a bandeira da Confederação americana ou frases bregas como KEEP CALM E SIGA O CAPIRA. Nico achou melhor continuar com as araras e palmeiras.

Os três voltaram para o acampamento por uma estrada de pista dupla sob o sol abrasador. Aquela parte da Carolina do Sul parecia formada principalmente por campos cobertos de mato pontuados por postes e árvores cobertas de trepadeiras kudzu. O centro da cidade era uma coleção de barracões de metal portáteis (seis ou sete, provavelmente o mesmo número de habitantes de Buford inteira).

Nico não era muito fã do sol, mas dessa vez o calor foi bem-vindo, ajudando-o a se sentir mais substancial, ancorado no mundo mortal. A cada salto ficava mais difícil voltar das sombras. Mesmo em plena luz do dia, sua mão atravessava objetos sólidos. Seu cinto e sua espada não paravam de cair no chão, sem motivo aparente. Uma vez, quando não estava prestando muita atenção ao caminho, tinha chegado a atravessar uma árvore.

Ele se lembrou do que Jason lhe dissera no palácio de Noto: *Talvez seja hora de você parar de se esconder nas sombras.*

Bem que eu queria, pensou ele. Pela primeira vez na vida, Nico tinha começado a temer a escuridão, porque podia se fundir a ela permanentemente.

Nico e Hedge não tiveram dificuldades em encontrar o caminho de volta para o acampamento: a Atena Partenos era o ponto de referência mais alto em um raio de quilômetros. Sob sua nova rede de camuflagem, a estátua reluzia com um brilho prateado, como um fantasma de doze metros exageradamente ofuscante.

Pelo visto a Atena Partenos queria que eles visitassem um lugar com caráter educativo, pois tinha aterrissado bem ao lado de um marco histórico em que se lia MASSACRE DE BUFORD, em um acostamento de cascalho no cruzamento do Nada com o Lugar Nenhum.

A barraca de Reyna estava armada em um bosque a cerca de trinta metros da estrada. Havia um monumento retangular formado por centenas de pedras empilhadas na forma de um túmulo enorme. A lápide era um obelisco gigante, e espalhado em volta havia coroas esmaecidas e buquês de flores de plástico pisoteadas, o que tornava o lugar ainda mais triste.

Aurum e Argentum estavam na mata brincando de correr atrás de uma das bolas de borracha do treinador. Desde que tinham sido consertados pelas amazonas, os dois viviam alegres e cheios de energia — ao contrário de sua dona.

Reyna estava sentada de pernas cruzadas na entrada da barraca, olhando fixamente para o obelisco funerário. Mal tinha aberto a boca desde a fuga de San Juan, dois dias antes. Nesses dois dias, eles não tinham encontrado monstros, o que preocupava Nico. Eles não sabiam o que havia acontecido com Hylla nem com Thalia, nem com o gigante Órion.

Nico não gostava das Caçadoras de Ártemis. A tragédia as acompanhava aonde fossem, tão fielmente quanto seus cães e aves de caça. A irmã de Nico,

Bianca, morrerá depois de se juntar às Caçadoras. Depois disso, Thalia Grace se tornara a líder, e ela começara a recrutar ainda mais garotas para sua causa. Isso o irritava, pois era como se a morte de Bianca pudesse ser esquecida. Como se ela pudesse ser substituída.

No Barrachina, ao acordar e encontrar o bilhete das Caçadoras informando sobre o sequestro de Reyna, Nico havia destruído o pátio do restaurante, de tanta raiva. Não queria que as Caçadoras levassem embora mais uma pessoa importante na vida dele.

Felizmente, ele havia resgatado Reyna, mas não gostava de vê-la assim cabisbaixa e taciturna. Toda vez que tentava perguntar a ela sobre o incidente na rua San José — sobre os fantasmas na sacada, todos olhando para ela, sussurrando acusações —, Reyna se fechava e o afastava.

Nico sabia algumas coisas sobre fantasmas. Deixá-los entrar em sua cabeça era perigoso. Ele queria ajudar Reyna, mas como ele próprio seguia a estratégia de lidar sozinho com os problemas, rejeitando qualquer um que tentasse se aproximar, não podia criticá-la por agir da mesma forma.

Reyna ergueu os olhos quando os dois se aproximaram.

— Eu descobri.

— Que lugar histórico é este? — perguntou Hedge. — Que bom, porque eu já estava ficando maluco.

— A Batalha de Waxhaws — disse ela.

— Ah, sim... — O treinador assentiu com um ar grave. — Foi um massacre extremamente cruel.

Nico tentou detectar a presença de espíritos inquietos na área, mas não sentiu nada. Algo incomum para um lugar que tinha servido de campo de batalha.

— Tem certeza?

— Em 1780 — explicou Reyna. — Na Guerra de Independência dos Estados Unidos. A maioria dos líderes coloniais eram semideuses gregos. Os generais britânicos eram semideuses romanos.

— Porque na época a Inglaterra era uma espécie de Roma — arriscou Nico. — Um império em seu auge.

Reyna pegou um buquê amassado do chão.

— Acho que sei por que viemos parar aqui. É minha culpa.

— Ah, que isso... — brincou Hedge. — O Zippy Mart de Buford não é culpa de ninguém. Essas coisas acontecem.

Reyna mexia distraidamente nas flores de plástico desbotadas.

— Durante a Guerra de Independência, quatrocentos americanos foram surpreendidos aqui pela cavalaria britânica. As tropas coloniais tentaram se render, mas os britânicos queriam sangue. Massacraram os americanos mesmo

depois que eles já tinham baixado as armas. Só uns poucos sobreviveram.

Nico talvez devesse ficar chocado. Mas depois de tantas viagens pelo Mundo Inferior, ouvindo tantas histórias de maldade e mortes, um massacre durante uma guerra não parecia uma grande notícia.

— Reyna, por que isso seria culpa sua?

— O general britânico era Banastre Tarleton.

— Já ouvi falar dele — disse Hedge com uma nota de repulsa na voz. — Sujeito maluco. Eles o chamavam de Benny Açougueiro.

— Isso... — Reyna inspirou com força, trêmula. — Ele era filho de Belona.

— Ah — disse Nico.

Ele olhou para o túmulo enorme. Ainda o incomodava o fato de não conseguir detectar nenhum espírito. Centenas de soldados massacrados naquele lugar... aquilo devia transmitir *algum* tipo de vibração de morte.

Ele se sentou ao lado de Reyna e resolveu arriscar:

— Então você acha que fomos atraídos até aqui porque você tem algum tipo de ligação com os fantasmas. Como o que aconteceu em San Juan?

Ela permaneceu em silêncio por alguns segundos, girando o buquê de plástico na mão.

— Não quero falar sobre San Juan.

— Pois deveria. — Nico se sentiu um estranho no próprio corpo. Por que ele estava estimulando Reyna a se abrir? Não era do seu estilo nem da sua conta. Mas mesmo assim ele continuou: — O principal a se ter em mente quando pensamos em fantasmas é que a maioria deles perdeu a voz. Em Asfódelos, milhões de espíritos perambulam sem rumo, tentando se lembrar de quem eram. Sabe por que eles acabam assim? Porque nunca lutaram pelo que acreditavam em vida. Nunca expressaram suas opiniões, por isso nunca foram ouvidos. Nossa voz é nossa identidade. Se não a usamos... — Ele deu de ombros. — Já estamos a meio caminho de Asfódelos.

Reyna franziu a testa.

— Era para ser uma conversa animadora?

O treinador Hedge limpou a garganta.

— Isso está ficando psicológico demais para mim. Vou escrever umas cartas.

E, pegando seu bloco, ele seguiu para o bosque. Nos dois últimos dias ou mais, ele andava escrevendo bastante; e, aparentemente, não só para Mellie. O treinador não revelava detalhes, mas tinha dado a entender que estava recorrendo a seus contatos para obter ajuda na missão. Pelo que Nico sabia, ele podia estar escrevendo até para Jackie Chan.

Nico abriu a sacola de compras. Pegou um pacote de biscoitos recheados e ofereceu um a Reyna.

Ela torceu o nariz.

— Esse biscoito está com cara de que passou do prazo de validade no tempo dos dinossauros.

— Pode ser. Mas eu ando com um apetite enorme. Estou achando *qualquer* comida gostosa... Menos sementes de romã, que eu já não aguento mais.

Reyna pegou um biscoito e deu uma mordida.

— Os fantasmas de San Juan... eram meus ancestrais.

Nico esperou. A brisa agitou a rede de camuflagem que cobria a Atena Partenos.

— A família Ramírez-Arellano é muito antiga — continuou Reyna. — Não sei a história toda. Meus ancestrais viviam na Espanha na época em que era uma província romana. Meu tatara-alguma-coisa-avô foi um colonizador que veio para Porto Rico com Ponce de León.

— Um dos fantasmas que vi na varanda usava uma armadura de colonizador — lembrou Nico.

— Era ele.

— Então... sua família inteira descende de Belona? Eu achava que você e Hylla fossem filhas dela, não herdeiras.

Nico percebeu tarde demais que não deveria ter mencionado Hylla. Uma expressão de desespero cruzou o rosto de Reyna, mas ela logo conseguiu escondê-la.

— Nós duas *somos* filhas de Belona. Somos as primeiras verdadeiras filhas de Belona na família Ramírez-Arellano. Mas Belona sempre favoreceu nosso clã. Milênios atrás, ela decretou que teríamos papéis fundamentais em muitas batalhas.

— Como você está tendo agora — disse Nico.

Reyna limpou alguns farelos do queixo.

— Talvez. Alguns de meus ancestrais foram heróis. Outros, vilões. Você viu o fantasma com os tiros no peito?

Nico assentiu.

— Um pirata?

— O mais famoso na história de Porto Rico. Ele era conhecido como o pirata Cofresí, mas seu sobrenome era Ramírez-Arellano. Para construir nossa casa, a *villa* da família, foi usada parte do tesouro que ele enterrou.

Por um instante, Nico sentiu como se fosse novamente criança. Quase exclamou: *Que máximo!* Antes mesmo de se interessar por Mitomagia, Nico já era obcecado por piratas. Isso provavelmente havia contribuído para que ele ficasse tão fascinado por Percy, que era filho do deus do mar.

— E os outros fantasmas? — perguntou ele.

Reyna deu mais uma mordida no biscoito.

— O cara de uniforme da Marinha... ele é meu tio-bisavô da Segunda Guerra Mundial, o primeiro latino a se tornar comandante de um submarino. Você entende o quadro geral: vários guerreiros; Belona foi nossa deusa padroeira por gerações.

— Mas ela nunca teve filhos semideuses na família... não antes de vocês.

— A deusa... Belona se apaixonou por meu pai, Julian, que era soldado no Iraque. Ele era... — A voz de Reyna vacilou. Ela jogou fora o buquê de flores de plástico. — Eu não consigo. Não consigo falar sobre ele.

Uma nuvem passou no céu, cobrindo o bosque de sombras.

Nico não queria forçá-la. Que direito ele tinha?

Ele deixou de lado os biscoitos... e percebeu que as pontas de seus dedos estavam virando fumaça. A luz do sol retornou. Suas mãos voltaram a ser sólidas, mas Nico sentiu uma agulhada nos nervos. Como se tivesse sido puxado no exato momento em que ia cair da beira de um terraço muito alto.

Nossa voz é nossa identidade, ele tinha dito a Reyna. *Se não a usamos, já estamos a meio caminho de Asfódelos*.

Ele odiava quando seu próprio conselho se aplicava a si mesmo.

— Meu pai certa vez me deu um presente — disse Nico. — Um zumbi.

Reyna o encarou.

— O quê?

— Jules-Albert. Ele é francês.

— Um... um zumbi francês?

— Hades não é o melhor dos pais, mas às vezes ele tem esses momentos em que cisma de querer se aproximar de mim. Acho que a intenção era usar o zumbi como uma oferenda de paz. Ele disse que Jules-Albert podia ser meu chofer.

— Um zumbi francês como chofer — comentou Reyna, o canto da boca se retorcendo em ironia.

Nico se deu conta de como aquilo soava ridículo. Ele nunca havia contado a ninguém sobre Jules-Albert, nem mesmo a Hazel. Mas mesmo assim ele continuou:

— Hades achava que eu deveria, você sabe, tentar agir como um adolescente moderno. Fazer amigos. Conhecer o século XXI. Ele entendia vagamente que pais mortais levam os filhos de carro a muitos lugares. Como não podia fazer isso, a solução que encontrou foi me arranjar um zumbi.

— Para levar você ao shopping. Ou a uma lanchonete drive-thru.

— Acho que sim. — Nico sentia que seus nervos começavam a se acalmar. — Porque não há nada que ajude você a fazer amigos mais rápido que um cadáver em decomposição com sotaque francês.

Reyna riu.

— Desculpe... eu não deveria estar rindo disso.

— Tudo bem. A questão é que... eu também não gosto de falar sobre o meu pai. Mas às vezes — ao dizer isso, ele a olhava nos olhos — é preciso.

Reyna ficou séria.

— Não conheci meu pai em seus melhores dias. Hylla disse que ele era mais carinhoso quando ela era muito pequena, antes de eu nascer. Ele era um bom soldado... corajoso, disciplinado, sabia manter a cabeça fria durante as batalhas. Era bonito e podia ser muito charmoso. Belona o abençoou, como fez com tantos de meus ancestrais, mas isso não era suficiente para meu pai. Ele queria se casar com ela.

No meio das árvores, o treinador murmurava coisas para si mesmo enquanto escrevia. Três aviõezinhos de papel já subiam em espiral para o céu, levados pela brisa para só os deuses sabiam onde.

— Meu pai se dedicou completamente a Belona — prosseguiu Reyna. — Uma coisa é respeitar o poder da guerra. Outra é se apaixonar por isso. Não sei como ele conseguiu, mas conquistou o coração da deusa. Minha irmã nasceu pouco antes de ele ir para o Iraque para seu último período em serviço. Ele se reformou com honras e voltou para casa como um herói. Se... se tivesse conseguido se adaptar à vida civil, acho que teria ficado tudo bem.

— Mas ele não conseguiu — concluiu Nico.

— Não. Pouco depois de voltar, ele teve um último encontro com Belona... foi nessa... hã... ocasião que eu fui concebida. Belona deu a ele um vislumbre do futuro. Explicou por que nossa família era tão importante para ela. Disse que o legado de Roma nunca se extinguiria enquanto houvesse alguém de nossa linhagem para defender nossa terra natal. Isso tudo... Acho que a intenção dela era oferecer consolo, mas meu pai ficou obcecado.

— Muitas vezes é difícil superar a guerra.

Ao dizer isso, Nico estava se lembrando de Pietro, um vizinho seu na época em que morava na Itália, quando criança. Pietro tinha voltado inteiro da campanha africana de Mussolini, mas, depois de bombardear civis etíopes com gás de mostarda, sua mente nunca mais fora a mesma.

Apesar do calor, Reyna puxou seu manto para se cobrir.

— Parte do problema foi o estresse pós-traumático. Ele não conseguia parar de pensar na guerra. Depois, foi a dor constante que ele sentia por conta de uma bomba que tinha explodido na beira de uma estrada e deixado estilhaços no ombro e no peito do meu pai. Mas era mais que isso. Com o passar dos anos, enquanto eu crescia, ele... ele mudou.

Nico não disse nada. Nunca ninguém havia conversado com ele assim tão

abertamente, à exceção, talvez, de Hazel. Ele sentiu como se estivesse vendo um bando de aves pousar em um campo: um movimento mais brusco poderia assustá-las.

— Ele ficou paranoico — continuou Reyna. — Achou que as palavras de Belona eram um alerta de que nossa família seria exterminada e que o legado de Roma seria extinto. Via inimigos em toda a parte. Coleccionava armas. Transformou nossa casa em uma fortaleza. À noite, trancava a mim e a Hylla nos nossos quartos. Se fugíssemos, ele gritava, quebrava móveis... Bem, aterrorizava nossa vida. Às vezes chegava a pensar que *nós* éramos os inimigos. Ele se convenceu de que o estávamos espionando, tentando sabotá-lo. Foi quando os fantasmas começaram a aparecer. Acho que eles sempre estiveram lá, mas, com a agitação do meu pai, começaram a se manifestar. Os fantasmas sussurravam coisas ruins no ouvido dele, alimentando suas suspeitas. Um dia, por fim... não sei dizer exatamente quando... percebi que ele tinha deixado de ser meu pai. Tinha se transformado em um dos fantasmas.

Nico sentiu um bloco de gelo se formar em seu peito.

— Um quadro de *mania* — concluiu ele. — Já vi isso acontecer. Um humano que vai se degenerando até que não é mais humano. Só restam suas piores qualidades. Sua loucura...

Pela expressão de Reyna, estava claro que a explicação de Nico não ajudava em nada.

— O que quer que fosse — disse Reyna —, ficou impossível continuar morando com ele. Hylla e eu fugíamos de casa sempre que podíamos, mas acabávamos... voltando... e enfrentando a raiva dele. Não sabíamos mais o que fazer. Ele era a única família que tínhamos. Na última vez que voltamos, ele estava tão furioso que literalmente brilhava. Não conseguia mais tocar as coisas fisicamente, mas conseguia movê-las... como um poltergeist, algo assim. Ele arrancou as lajotas do piso. Rasgou o sofá. E no fim arremessou uma cadeira que acertou Hylla. Minha irmã desabou no chão. Ela só ficou inconsciente, mas achei que tivesse morrido. Hylla tinha passado tantos anos me protegendo... Eu perdi o controle naquele momento. Peguei a arma mais próxima que encontrei: uma herança de família, o sabre do pirata Cofresí. Eu... eu não sabia que era feito de ouro imperial. Corri na direção do espírito do meu pai e...

— Você o vaporizou — completou Nico.

Reyna tinha os olhos marejados.

— Eu matei meu próprio pai.

— Não, Reyna, não. Aquele não era seu pai. Era um fantasma. Pior ainda: uma *mania*. Você estava protegendo sua irmã.

Ela girou o anel de prata no dedo.

— Você não entende. Patricídio é o pior crime que um romano pode cometer. É imperdoável.

— Você não matou seu pai. Ele já estava morto — insistiu Nico. — Você derrotou um fantasma!

— Não faz diferença! — Reyna começou a chorar. — Se as pessoas descobrirem isso no Acampamento Júpiter...

— Você será executada — disse uma terceira voz.

Na margem do bosque havia um legionário romano de armadura completa, empunhando um *pilum*. Cabelos castanhos fartos caíam sobre seus olhos. O nariz obviamente tinha sido quebrado pelo menos uma vez, o que tornava seu sorriso ainda mais sinistro.

— Obrigado por sua confissão, ex-pretora. Você facilitou muito o meu trabalho.

XXX

NICO

O TREINADOR HEDGE escolheu aquele exato momento para surgir de repente na clareira agitando um aviãozinho de papel e gritando:

— Boas notícias, pessoal!

Ele congelou quando viu o romano.

— Ah... deixa pra lá.

Então rapidamente amassou o aviãozinho e o comeu.

Reyna e Nico se levantaram. Aurum e Argentum correram para o lado dela e rosnaram para o estranho.

Nico não entendia como aquele cara tinha chegado tão perto sem que *nenhum* deles percebesse.

— Bryce Lawrence — disse Reyna. — O mais novo cão de caça de Octavian.

O romano inclinou a cabeça. Tinha olhos verdes, mas não da cor do mar, como os de Percy... eram mais como o verde do lodo que se acumula no fundo de um lago.

— O áugure tem muitos cães de caça — disse Bryce. — Eu sou apenas o que teve a sorte de encontrar vocês. Seu amigo *graecus* aqui. — Ele apontou com o queixo para Nico. — Foi fácil segui-lo. Ele carrega o mau cheiro do Mundo Inferior.

Nico desembainhou a espada.

— Você conhece o Mundo Inferior? Posso providenciar uma visita se quiser.

Bryce riu. Seus dentes da frente eram de dois tons diferentes de amarelo.

— Acha que pode me assustar? Sou descendente de Orco, o deus dos juramentos quebrados e da punição eterna. Já ouvi de perto os gritos que ecoam nos Campos de Punição. São música para meus ouvidos. Logo vou acrescentar ao coral mais uma alma condenada. — Ele sorriu para Reyna. — Patricídio,

hein? Octavian vai adorar essa notícia. Você está presa por múltiplas violações da lei romana.

— Sua *presença* aqui é contra a lei romana — disse Reyna. — Os romanos não saem em missão sozinhos. É necessário um líder com posto de centurião ou mais alto. Você está *in probatio*. E mesmo *esse* posto já é demais para você. Não tem o direito de me prender.

Bryce deu de ombros.

— Em tempos de guerra, algumas regras precisam ser flexíveis. Mas não se preocupe. Como recompensa por levá-la a julgamento, me tornarei membro efetivo da legião. Imagino que serei também promovido a centurião. Não tenho dúvidas de que haverá vagas depois da batalha que se aproxima. Alguns oficiais não vão sobreviver, ainda mais se escolherem o lado errado.

O treinador ergueu o taco.

— Não conheço a etiqueta romana, mas posso arrebentar esse garoto agora?

— Um fauno — disse Bryce. — Interessante. Eu soube que os gregos realmente *confiavam* em seus homens-bode.

Hedge baliu.

— Eu sou um sátiro. E pode acreditar que vou enfiar este bastão na sua cabeça, seu pivete.

O treinador avançou, mas assim que seu pé tocou o monumento, ouviu-se um estrondo e as pedras começaram a se mexer, como se fervilhassem. Vários guerreiros esqueléticos irromperam do cemitério, *spartoi* vestindo os restos esfarrapados de casacas vermelhas, o antigo uniforme britânico.

Hedge tentou fugir, mas os primeiros dois esqueletos o seguraram pelos braços e o levantaram do chão. O treinador deixou o taco cair e ficou chutando o ar com os cascos.

— Ei, me soltem, seus cabeça de osso idiotas! — berrava ele.

Nico viu, paralisado, mais soldados britânicos jorrarem para fora do túmulo, cinco, dez, vinte, multiplicando-se tão depressa que Reyna e seus cães de metal foram cercados antes que o menino pudesse sequer pensar em levantar a espada.

Como ele podia *não* ter detectado que sob seus pés havia tantos mortos?

— Eu já ia esquecendo: na verdade, não estou sozinho nesta missão. Como podem ver, tenho apoio. Estes soldados britânicos prometeram misericórdia às tropas coloniais. Mas depois as chacinaram. Pessoalmente, gosto de um bom massacre, mas como eles quebraram o juramento, seus espíritos foram amaldiçoados, portanto estarão para sempre sob o poder de Orco. O que significa que estão também sob o *meu* controle. — Ele apontou para Reyna. — Peguem a garota.

Os *spartoi* avançaram. Aurum e Argentum derrubaram os primeiros, mas

foram rapidamente dominados e forçados ao chão. Mãos esqueléticas cobriam-lhes o focinho, apertando com força. Os britânicos agarraram Reyna pelos braços. Para mortos-vivos, aquelas criaturas eram surpreendentemente rápidas.

Nico finalmente despertou do transe. Ele atacou os *spartoi*, mas sua espada os atravessava inutilmente. Tentou transmitir a ordem de se dissolverem, mas os esqueletos agiram como se ele não existisse.

— Qual o problema, filho de Hades? — perguntou Bryce, fingindo piedade.
— Perdendo o dom?

Nico tentou abrir caminho entre os esqueletos, mas eram numerosos demais. Era como se Bryce, Reyna e o treinador Hedge estivessem do outro lado de um muro de metal.

— Nico, fuja daqui! — ordenou Reyna. — Pegue a estátua e vá.

— Isso, boa ideia! — concordou Bryce. — É claro, você sabe que seu próximo salto nas sombras será o último. Sabe que não tem força para sobreviver a mais um. Mas, por favor, leve a Atena Partenos.

Nico baixou o olhar. Ele ainda segurava a espada estígia, mas suas mãos estavam escuras e transparentes como vidro fumê. Mesmo sob a luz direta do sol, ele estava se dissolvendo.

— Pare com isso! — gritou ele.

— Ora, eu não estou fazendo nada — disse Bryce. — Mas estou curioso para ver o que vai acontecer. Se você levar a estátua, vai desaparecer com ela para sempre, mergulhar no esquecimento. Se *não* levá-la... bem, tenho ordens de entregar Reyna viva para ser julgada por traição. Quanto a *você*, ou ao fauno, não recebi nenhuma ordem parecida.

— Sátiro! — berrou o treinador, dando um chute na virilha ossuda de um esqueleto. Aparentemente, o golpe doeu mais em Hedge do que no soldado morto. — Ai! Britânicos mortos idiotas!

Bryce cutucou a barriga do treinador com a ponta do *pilum*, dizendo:

— Quero ver o nível de tolerância à dor deste aqui. Já testei todo tipo de animal. Cheguei a matar meu próprio centurião, certa vez. Nunca experimentei em um fauno... perdão, um *sátiro*. Vocês reencarnam, não é mesmo? Quanto de dor vocês aguentam antes de virarem um canteiro de margaridas?

A raiva de Nico tornou-se fria e sombria como sua espada. Ele já havia sido transformado em algumas plantas, e não tinha gostado nada da experiência. Nico odiava gente como Bryce Lawrence, que provocava dor por pura diversão.

— Deixe-o em paz — alertou Nico.

Bryce ergueu uma sobrancelha.

— Senão... o quê? Gostaria muito que você usasse seus poderes do Mundo Inferior, Nico. Eu adoraria ver. Estou com a ligeira impressão de que qualquer

esforço grande vai fazer você desaparecer para sempre. Vá em frente.

Reyna tentava avançar.

— Bryce, deixe-os. Se você me quer como prisioneira, tudo bem. Vou de boa vontade e encaro o tribunal idiota de Octavian.

— Bela proposta. — Bryce virou a lança, deixando a ponta pairar a alguns centímetros dos olhos de Reyna. — Você não sabe mesmo o que Octavian planejou, sabe? Ele anda ocupado usando sua influência, gastando o dinheiro da legião.

Reyna cerrou os punhos.

— Octavian não tem o direito de...

— Ele tem o direito do *poder* — retrucou Bryce. — Você abriu mão de sua autoridade quando fugiu para as terras antigas. No dia primeiro de agosto, seus amigos gregos do Acampamento Meio-Sangue vão descobrir como Octavian é um inimigo poderoso. Tive acesso aos projetos dele para algumas máquinas de guerra... Até *eu* fiquei impressionado.

Nico sentiu como se seus ossos estivessem virando hélio, como daquela vez em que o deus Favônio o transformara em vento.

Então os olhos dele encontraram os de Reyna. Nico sentiu a força dela preenchê-lo, uma onda de coragem e vitalidade que o fez se sentir substancial de novo, ancorado ao mundo mortal. Mesmo cercada pelos mortos e encarando a ameaça de execução, Reyna Ramírez-Arellano tinha um enorme reservatório de coragem a transmitir.

— Nico — disse ela —, faça o que você tem que fazer. Eu lhe dou cobertura.

Bryce deu uma risadinha. Estava obviamente se divertindo.

— Ah, Reyna. *Você dá cobertura a ele?* Vai ser tão divertido arrastá-la até um tribunal, forçá-la a confessar que matou o próprio pai. Espero que eles a executem à moda antiga: que a joguem em um saco de pano com um cão raivoso, costurem você lá dentro e atirem o saco em um rio. Sempre quis ver isso. Mal posso esperar para que todos saibam do seu segredinho.

Para que todos saibam do seu segredinho.

A ponta do *pilum* riscou o rosto de Reyna, deixando uma linha de sangue.

E foi então que a fúria de Nico explodiu.

XXXI

NICO

MAIS TARDE, CONTARAM A ELE o que tinha acontecido. Nico só se lembrava de gritar.

Segundo Reyna, o ar em volta dele congelou. O chão enegreceu. Com um grito medonho, ele lançou uma onda de dor e raiva que varreu a todos na clareira. Reyna e o treinador vivenciaram a jornada de Nico pelo Tártaro, sua captura pelos gigantes, os dias que ele ficara dentro do jarro de bronze. Sentiram a angústia de Nico nos dias passados no *Argo II* e seu encontro com Cupido nas ruínas de Salona.

Ouviram o desafio não verbal que ele dirigia a Bryce Lawrence, em alto e bom som: *Você quer segredos? Então tome.*

Os *spartoi* se desintegraram, desfazendo-se em cinzas. As pedras do monumento funerário ficaram brancas, cobertas de gelo. Bryan Lawrence cambaleou, as mãos na cabeça, o nariz sangrando.

Nico marchou na direção dele. Ao alcançá-lo, pegou o cordão de *probatio* do romano e o arrancou do pescoço dele.

— Você não é digno disso — disse Nico com raiva.

A terra se abriu aos pés de Bryce, e ele afundou até a cintura.

— Pare!

Bryce tentou se segurar na terra e nos buquês de plástico, mas seu corpo continuava afundando.

— Você fez um juramento à legião. — No frio, a respiração de Nico saía em forma de vapor. — Você violou seus votos. Causou dor. Matou o próprio centurião.

— Eu... eu não o matei! Eu...

— Você deveria ter morrido por seus crimes — prosseguiu Nico. — Essa era a pena. Mas não, você foi exilado. Você deveria ter ficado lá, longe. Seu pai, Orco,

pode não aprovar a quebra de juramentos, mas meu pai *com certeza* não aprova aqueles que escapam de sua devida punição.

— Por favor!

Aquela expressão não fazia sentido para Nico. Não havia piedade no Mundo Inferior. Apenas justiça.

— Você já está morto — disse Nico. — É um fantasma sem língua, sem memória. Não vai revelar nenhum segredo.

— Não! — O corpo de Bryce ficou escuro e enfumaçado. Ele afundou na terra até o peito. — Não, eu sou Bryce Lawrence! Eu estou vivo!

— Quem é você? — perguntou Nico.

O som seguinte que saiu da boca de Bryce foi um sussurro indefinido. Seu rosto perdeu a definição. Ele podia ser qualquer um; apenas mais um espírito sem nome entre milhões.

— Desapareça — ordenou Nico.

O espírito se dissipou. A terra se fechou.

Nico olhou para trás e viu que os amigos estavam a salvo. Reyna e Hedge não tiravam os olhos dele, horrorizados. O rosto de Reyna sangrava. Aurum e Argentum giravam em círculos, como se seus cérebros mecânicos tivessem entrado em curto-circuito.

Nico desmaiou.

*

Os sonhos não faziam sentido algum, o que era quase um alívio.

Um bando de corvos voava em círculos no céu escuro. Depois as aves se transformavam em cavalos que galopavam na praia em meio à arrebentação das ondas.

Ele viu Bianca sentada no pavilhão do refeitório do Acampamento Meio-Sangue com as Caçadoras de Ártemis, sorrindo e se divertindo com seu novo grupo de amigas. Então Bianca se transformava em Hazel, que dava um beijo no rosto do irmão e dizia:

— Quero que você seja uma exceção.

Ele viu a harpia Ella com o cabelo vermelho emaranhado, as penas vermelhas e os olhos que pareciam café torrado. Estava empoleirada no sofá da sala da Casa Grande. Ao lado dela estava a cabeça empalhada mágica de Seymour. Ella balançava para a frente e para trás, dando Cheetos para o leopardo.

— Queijo não é bom para harpias — resmungava ela. Depois seu rosto se

retorcia, e ela recitava uma das linhas de profecia que havia memorizado: — *A queda do sol, o último verso*. — Ela dava mais Cheetos para Seymour. — Queijo é bom para cabeças de leopardo.

E Seymour concordava com um rosnado.

Ella então se transformava em uma ninfa das nuvens de cabelo negro e de gravidez avançada, retorcendo-se de dor em um dos beliches do acampamento. Clarisse La Rue, sentada ao lado dela, passava um pano úmido fresco na testa da ninfa.

— Você vai ficar bem, Mellie — dizia Clarisse, apesar do tom de preocupação na voz.

— Não, não está nada bem! — gemia Mellie. — Gaia está despertando!

Outra cena. Nico com Hades em Berkeley Hills no dia em que o pai o levara pela primeira vez ao Acampamento Júpiter.

— Vá até eles — ordenava o deus. — Apresente-se como filho de Plutão. É importante que você atue como um elo.

— Por quê? — perguntava Nico.

Mas Hades se dissolvia no ar. Nico se via outra vez no Tártaro, diante de Akhlys, a deusa da miséria. Pelo rosto dela escorria sangue. De seus olhos brotavam lágrimas, que caíam no escudo de Hércules em seu colo.

— Filho de Hades, o que mais eu poderia fazer por você? Você é perfeito! Tanto pesar e sofrimento!

Nico arfou.

Então abriu os olhos de uma vez.

Estava estirado de costas, fitando a luz do sol que jorrava sobre os galhos das árvores.

— Graças aos deuses.

Reyna se debruçou sobre ele e tocou sua testa com a mão fria. Não havia mais vestígios do corte no rosto dela.

O treinador Hedge estava ao lado de Reyna com uma expressão séria. Para infelicidade de Nico, dali de baixo ele tinha uma vista completa do interior das narinas do sátiro.

— Ótimo — disse Hedge. — Só mais algumas aplicações.

Ele então colocou sobre o nariz de Nico uma grande atadura quadrada coberta com uma gosma marrom.

— O que é...? Urgh.

A gosma fedia a adubo misturado com lascas de cedro, suco de uva e um leve toque de fertilizante. Nico não tinha forças para tirar aquilo do rosto.

Seus sentidos voltaram a funcionar outra vez. Ele percebeu que se encontrava deitado sobre um saco de dormir fora da barraca. Estava só de cueca e com o

corpo coberto de curativos marrons. A lama quase seca fazia seus braços, pernas e peito coçarem.

— Você está... está tentando me plantar? — murmurou ele.

— É medicina do esporte com um pouco de magia da natureza — explicou o treinador. — Uma espécie de hobby.

Nico tentou se concentrar no rosto de Reyna.

— Você aprovou isso?

Ela parecia prestes a desmaiar de exaustão, mas conseguiu abrir um sorriso.

— O treinador Hedge trouxe você de volta, e foi por pouco. Poção de unicórnio, ambrosia, néctar... não podíamos usar nada disso. Você estava praticamente desaparecendo.

— Desaparecendo...?

— Não se preocupe com isso agora, garoto. — Hedge aproximou um canudinho da boca de Nico. — Beba um pouco de Gatorade.

— Não... não quero...

— Você precisa beber um pouco — insistiu o treinador.

Nico tomou uns goles. Ficou surpreso ao ver como estava com sede.

— O que aconteceu comigo? — perguntou o menino. — E com Bryce... e aqueles esqueletos...?

Reyna e o treinador trocaram um olhar constrangido.

— Temos boas e más notícias — disse Reyna. — Mas primeiro coma alguma coisa. Você precisa recuperar as forças antes de ouvir as más.

XXXII

NICO

— *T*_{RÊS DIAS}?

Nico não sabia se tinha ouvido direito nas primeiras doze vezes.

— Não podíamos mover você — disse Reyna. — Quer dizer... *literalmente*, não tinha como, pois você praticamente não possuía substância. Se não fosse pelo treinador Hedge...

— Não foi nada de mais — garantiu o treinador. — Uma vez, durante um jogo decisivo de futebol americano, tive que fazer uma tala para a perna do quarterback apenas com galhos de árvore e fita adesiva.

Apesar do tom casual, o treinador exibia olheiras profundas. Suas faces estavam encovadas. Ele parecia tão mal quanto Nico.

Nico não conseguia acreditar que tinha ficado tanto tempo inconsciente. Ele contou aos amigos sobre os sonhos estranhos que tivera: os murmúrios da harpia Ella, a visão da ninfa Mellie (o que deixou o treinador preocupado). Para Nico parecia que aquelas visões tinham durado apenas segundos. Segundo Reyna, era a tarde de trinta de julho. Ele tinha passado *dias* em uma espécie de coma.

— Os romanos vão atacar o Acampamento Meio-Sangue depois de amanhã. — Nico bebeu mais Gatorade, que desceu bem e gelado, mas sem sabor. Suas papilas gustativas pareciam ter desaparecido para sempre no mundo das sombras. — Temos que correr. Eu preciso me preparar.

— Não. — Reyna pressionou de leve o braço dele, produzindo um craquelado nos curativos. — Mais uma viagem nas sombras e você morre.

Ele cerrou os dentes.

— Se eu morrer, morri e pronto. *Temos* que levar a estátua para o Acampamento Meio-Sangue.

— Ei, garoto — disse o treinador. — Admiro sua dedicação, mas não vai

adiantar nada se você nos levar para a escuridão eterna com a Atena Partenos. Nesse ponto Bryce Lawrence estava certo.

À menção de Bryce, os cães metálicos de Reyna levantaram as orelhas e rosnaram.

Reyna lançou um olhar cheio de angústia para o dólmén, como se mais espíritos indesejáveis pudessem emergir das pedras.

Nico respirou fundo, o cheiro do remédio caseiro de Hedge preencheu suas narinas.

— Reyna, eu... eu agi sem pensar. O que fiz com Bryce...

— Você o destruiu — disse Reyna. — Transformou-o em um fantasma. E, sim, foi como o que aconteceu com meu pai.

— Não era minha intenção assustar você — disse Nico, amargurado. — Eu não queria... estragar mais uma amizade. Me desculpe.

Reyna observou o rosto dele.

— Nico, tenho que admitir que durante o primeiro dia em que você ficou inconsciente, eu não sabia o que pensar nem sentir. O que você fez foi difícil de ver... difícil de processar.

O treinador Hedge mascava um graveto.

— Sou forçado a concordar com ela nesse ponto, garoto. Uma coisa é acertar alguém na cabeça com um taco de beisebol. Mas transformar aquele ser detestável em fantasma? Foi *bem* sinistro.

Nico achou que fosse sentir raiva, gritar com eles por tentarem julgá-lo. Era isso o que ele normalmente fazia.

Mas sua raiva não se concretizava. Ele ainda estava furioso com Bryce Lawrence e Gaia e os gigantes. Queria encontrar Octavian e estrangulá-lo com o próprio cinto do áugure. Mas não estava com raiva de Reyna nem do treinador.

— Por que vocês me trouxeram de volta? — perguntou ele. — Vocês sabiam que eu não poderia ajudá-los mais. Podiam ter encontrado outro jeito de seguir em frente com a estátua. Mas desperdiçaram três dias cuidando de mim. Por quê?

O treinador Hedge bufou.

— Você faz parte da equipe, seu idiota. Não vamos abandonar você.

— É mais que isso. — Reyna pôs a mão sobre a de Nico. — Enquanto você dormia, eu pensei muito. Aquilo que lhe contei sobre meu pai... Nunca tinha contado a ninguém. Acho que eu sabia que você era a pessoa certa com quem me abrir. Você aliviou o meu fardo. Eu confio em você, Nico.

Ele a encarou, desconcertado.

— Como pode confiar em mim? Vocês dois sentiram minha raiva, viram meus piores sentimentos...

— Ei, garoto — disse o treinador Hedge com um tom de voz mais suave. — Todo mundo sente raiva. Até um fofo como eu.

Reyna abriu um meio sorriso e apertou a mão de Nico.

— Ele tem razão, Nico. Você não é o único que libera escuridão de vez em quando. Eu lhe contei o que aconteceu com meu pai, e você me apoiou. Você revelou suas experiências mais dolorosas; como poderíamos não lhe dar apoio? Somos seus amigos.

Nico não sabia o que dizer. Eles tinham visto seus segredos mais profundos. Sabiam quem ele era, o que ele era.

Mas pareciam não se importar. Não... na verdade, importavam-se ainda *mais* com ele.

Aqueles dois não o julgavam. Estavam preocupados. Nada daquilo fazia sentido para Nico.

— Mas, Bryce, eu... — Nico não conseguiu continuar.

— Você fez o que tinha que ser feito. Eu agora sei disso — disse Reyna. — Mas prometa uma coisa: se pudermos evitar, nada de transformar pessoas em fantasmas.

— É — disse o treinador. — A menos que você me deixe bater nelas *primeiro*. Além disso, temos boas notícias também.

Reyna assentiu.

— Não vimos nenhum sinal de outros romanos, o que nos leva a concluir que Bryce não avisou a mais ninguém onde estávamos. Também nenhum sinal de Órion. Vamos torcer para que isso signifique que as Caçadoras deram um jeito nele.

— E quanto a Hylla? — perguntou Nico. — E Thalia?

Reyna franziu os lábios.

— Nenhuma notícia. Mas preciso acreditar que ainda estão vivas.

— Você não contou a ele a melhor notícia — disse o treinador, ansioso.

Reyna franziu a testa.

— Talvez porque seja difícil demais de acreditar. O treinador Hedge acha que encontrou outro jeito de transportar a estátua. Ele passou os últimos três dias falando nisso. Mas até agora não vimos nem sinal do...

— Ei, vai acontecer! — O treinador sorriu para Nico. — Você se lembra daquele aviãozinho de papel que eu recebi antes de o Desprezível-Mor Lawrence aparecer? Era uma mensagem de um dos contatos de Mellie no palácio de Éolo. Tem uma harpia chamada Nuggets; ela e Mellie são amigas há muito tempo. Enfim... ela conhece um cara que conhece um cara que conhece um cavalo que conhece um bode que conhece outro cavalo...

— Treinador — reclamou Reyna —, desse jeito ele vai se arrepender de ter

saído do coma.

— Está bem. — O sátiro bufou de irritação. — Resumindo: tive que mexer vários pauzinhos. Consegui avisar aos espíritos do vento legais que precisávamos de ajuda. Sabe a carta que eu comi? Era a confirmação de que a cavalaria está a caminho. Eles disseram que precisavam de algum tempo para se organizar, mas logo ele deve estar chegando... na verdade, a qualquer minuto.

— Quem é *ele*? — perguntou Nico. — Que cavalaria?

Reyna se levantou de repente. Ao olhar para o norte, ficou de queixo caído.

— *Aquela* cavalaria...

Nico acompanhou seu olhar. Viu um bando de aves no horizonte... aves *grandes*.

À medida que elas se aproximavam, Nico percebeu que eram cavalos com asas, pelo menos meia dúzia deles, em formação em V. Nenhum cavaleiro os montava.

Na frente voava um garanhão enorme, de pelo dourado e plumagem multicolorida como a de uma águia. Sua envergadura era duas vezes maior que a dos outros.

— *Pégasos* — disse Nico. — E muitos. O suficiente para carregarem a estátua.

O treinador riu de prazer.

— E não só pégasos quaisquer, garoto. Você vai ter uma grande surpresa.

— O garanhão na frente... — Reyna balançava a cabeça, sem acreditar. — Aquele é o Pégaso, o senhor imortal dos cavalos.

XXXIII

LEO

TÍPICO.

Quando Leo finalmente terminou suas modificações, uma grande deusa das tempestades surgiu e arrancou as alças de vela de seu navio.

Depois de seu encontro com Cimopo-sei-lá-o-quê, o *Argo II* se arrastava pelo Egeu. Danificado demais para voar e lento demais para escapar de monstros, eles enfrentavam serpentes-marinhas famintas de hora em hora e atraíam cardumes de peixes curiosos. Em certo momento, ficaram encalhados em uma rocha, e Percy e Jason tiveram que descer e empurrar.

O som resfolegante do motor deixava Leo com vontade de chorar. Após três longos dias, quando conseguiu botar o navio em condições minimamente decentes de funcionamento, eles atracaram na ilha de Mykonos, o que provavelmente significava que era hora de serem feitos em pedaços outra vez.

Percy e Annabeth desembarcaram para explorar a cidade, enquanto Leo ficou no tombadilho, ajustando o painel de controle. Estava tão envolvido com a fiação que não percebeu a volta dos dois até Percy falar:

— Oi, cara. *Gelato*.

Seu dia melhorou na hora. Sem tempestades ou ataques de monstros com que se preocupar, a tripulação se sentou no convés e tomou sorvete. Bem, menos Frank, que tinha intolerância à lactose. Ele ganhou uma maçã.

O dia estava quente, e ventava. O mar agitado reluzia, mas Leo havia consertado os estabilizadores, o que fez com que Hazel não ficasse tão enjoada.

À esquerda de onde o navio estava ancorado ficava a cidade de Mykonos, um conjunto de construções de estuque branco com telhados, janelas e portas azuis.

— Vimos pelicanos andando pela cidade — contou Percy. — Tipo entrando nas lojas, parando nos bares...

Hazel franziu a testa.

— Monstros disfarçados?

— Não — disse Annabeth, rindo. — Pelicanos normais. Eles são as mascotes da cidade, ou algo assim. E ela tem uma parte italiana. Por isso o sorvete é tão bom.

— A Europa é uma bagunça. — Leo balançou a cabeça. — Primeiro vamos a Roma atrás de praças espanholas. Depois vamos à Grécia e compramos sorvete italiano.

Mas ele não podia discutir com o *gelato*. Ele comeu as duas bolas de chocolate e tentou imaginar que ele e os amigos estavam só relaxando, de férias. O que o fez desejar que Calipso estivesse ao seu lado, o que o fez desejar que a guerra tivesse acabado e que todos eles estivessem vivos... o que o deixou triste. Era dia trinta de julho. Menos de quarenta e oito horas para o Dia G, quando Gaia, a Princesa da Lama e da Imundície, ia despertar em toda a sua glória de cara suja.

O estranho era que, quanto mais se aproximavam de primeiro de agosto, mais ânimo seus amigos tinham. Ou talvez *ânimo* não fosse a palavra certa. Eles pareciam estar se preparando para o último ato, conscientes de que os dois dias seguintes poderiam consagrá-los ou destruí-los. Não fazia sentido ficar se lamuriando quando se estava diante da morte iminente. O fim do mundo fazia com que o sorvete tivesse um gosto muito melhor.

Claro, o resto da tripulação não tinha descido até os estábulos com Leo e conversado com Nice, a deusa da vitória, nos três dias anteriores...

Piper soltou seu potinho de sorvete.

— Então, a ilha de Delos fica do outro lado da baía. A morada de Ártemis e Apolo. Quem vai lá?

— Eu — disse Leo imediatamente.

Todo mundo olhou para ele.

— O que foi? — perguntou ele. — Eu sou diplomático e tal. Frank e Hazel se ofereceram para ir comigo.

— Nós nos oferecemos? — Frank baixou a maçã comida pela metade. — Quer dizer... claro que sim.

Os olhos dourados de Hazel brilharam sob a luz do sol.

— Leo, você teve algum sonho sobre isso ou algo assim?

— Tive — respondeu Leo, depressa. — Bem... não. Não exatamente. Mas... gente, vocês precisam confiar em mim nessa. Eu preciso falar com Apolo e Ártemis. Tenho uma ideia e preciso discuti-la com eles.

Annabeth franziu a testa, como se fosse protestar, mas Jason tomou a palavra.

— Se Leo tem uma ideia — disse ele —, precisamos confiar nele.

Leo se sentia culpado em relação a isso, especialmente considerando qual era a ideia, mas ele esboçou um sorriso.

— Valeu, cara.

Percy deu de ombros.

— Tudo bem. Mas tenho um conselho: quando encontrar Apolo, não mencione haicais.

Hazel franziu as sobrancelhas.

— Por que não? Ele não é o deus da poesia?

— Confie em mim.

— Entendido. — Leo ficou de pé. — E, gente, se houver uma loja de lembranças em Delos, com certeza vou trazer para vocês bonequinhos de Apolo e Ártemis!

*

Apolo não parecia estar no clima para haicais. E também não vendia bonequinhos.

Frank se transformara em uma águia gigante para voar até Delos, mas Leo pegara uma carona com Hazel e Arion. Nada contra Frank, mas depois do fiasco em Forte Sumter, Leo desistira de montar águias gigantes. Ele tinha um índice de falha de cem por cento.

Eles encontraram a ilha deserta, talvez porque o mar estivesse agitado demais para barcos turísticos. As colinas varridas pelos ventos eram áridas, exceto por rochas, grama e flores silvestres, e, é claro, vários templos em ruínas. Os destroços deviam ser impressionantes, mas, depois de Olímpia, Leo já ultrapassara sua cota de ruínas antigas. Ele tinha enjoado de colunas de mármore branco. Queria voltar para os Estados Unidos, onde os prédios mais antigos eram as escolas públicas e o seu bom e velho McDonald's.

Eles desceram uma avenida margeada por leões de pedra brancos, com as cabeças tão erodidas pelo tempo que quase não era possível ver mais traços.

— É assustador — disse Hazel.

— Está sentindo algum fantasma? — perguntou Frank.

Ela balançou a cabeça.

— A *ausência* de fantasmas é assustadora. Na Antiguidade, Delos era um local sagrado. Nenhum mortal podia nascer ou morrer aqui. Não há nenhum espírito mortal em toda esta ilha.

— Por mim tudo bem — disse Leo. — Então quer dizer que ninguém tem

permissão de nos matar aqui?

— Não foi isso que eu disse. — Hazel parou no alto de um monte. — Olhem. Lá embaixo.

Abaixo deles, um anfiteatro havia sido escavado na encosta. Pequenos arbustos brotavam entre as fileiras de assentos de pedra, parecendo um show para espinheiros. No centro, o deus Apolo estava sentado em um bloco de pedra no palco, debruçado sobre um uquelele, no qual dedilhava uma música triste.

Bom, Leo supôs que fosse Apolo. O sujeito parecia ter dezessete anos, com cabelo louro cacheado e um bronzeado perfeito. Ele usava calça jeans rasgada, camiseta preta e um paletó de linho branco com lapelas cintilantes de strass, como se estivesse tentando criar um visual híbrido de Elvis, Ramones e Beach Boys.

Leo não via o uquelele como um instrumento triste. (Patético, com certeza. Mas não triste.) Entretanto, a melodia que o deus tocava era tão melancólica que mexeu com os sentimentos dele.

Havia uma garota de uns treze anos usando leggings preta e túnica prateada sentada na primeira fila. O cabelo preto estava preso em um rabo de cavalo. Ela estava entalhando um pedaço comprido de madeira... fazendo um arco.

— Aqueles ali são os deuses? — perguntou Frank. — Mas eles não parecem gêmeos.

— Ora, pense bem — disse Hazel. — Se você é um deus, pode ter a aparência que quiser. Se tivesse um irmão gêmeo...

— Eu ia escolher me parecer com qualquer coisa *menos* meu irmão — concordou Frank. — Então qual é o plano?

— Não atirem! — gritou Leo.

Parecia um bom começo diante de dois deuses arqueiros. Ele ergueu os braços e se aproximou do palco.

Nenhum dos deuses pareceu surpreso ao vê-los.

Apolo deu um suspiro e voltou a tocar seu uquelele.

Quando eles chegaram à primeira fila, Ártemis resmungou:

— Aí estão vocês. Estávamos começando a ficar preocupados.

Isso fez Leo relaxar um pouco. Ele estava prestes a se apresentar, explicar que vieram em paz, contar algumas piadas e oferecer balas de menta.

— Então vocês estavam nos esperando — disse Leo. — Dá para perceber pelo nível de empolgação.

Apolo tocou uma melodia que parecia a versão fúnebre de “Camptown Races”.

— Estávamos esperando ser encontrados, perturbados e atormentados. Só não sabíamos por quem. Vocês não podem nos deixar sofrer em paz?

— Você sabe que não, irmão — interveio Ártemis. — Eles precisam de nossa ajuda em sua missão, mesmo que suas chances sejam quase nulas.

— Vocês dois são muito encorajadores — disse Leo. — Mas, afinal, por que estão escondidos aqui? Vocês não deviam... sei lá, estar combatendo gigantes ou algo assim?

Os olhos pálidos de Ártemis fizeram Leo se sentir como um veado prestes a ser devorado.

— Delos é nossa terra natal — disse a deusa. — Aqui não somos afetados pelo cisma greco-romano. Acredite em mim, Leo Valdez, se eu pudesse, estaria com minhas Caçadoras, enfrentando nosso velho inimigo Órion. Infelizmente, se eu sair desta ilha, ficarei incapacitada pela dor. Tudo o que posso fazer é assistir, impotente, enquanto Órion massacra minhas companheiras. Muitas deram a vida para proteger seus amigos e aquela maldita estátua de Atena.

Hazel soltou um gritinho.

— Está falando de Nico? Ele está bem?

— *Bem?* — Apolo começou a chorar em cima de seu uquelele. — *Nenhum* de nós está bem, menina! Gaia está despertando!

Ártemis olhou de relance para Apolo.

— Hazel Levesque, seu irmão ainda está vivo. Ele é valente, assim como você. Eu gostaria de poder dizer o mesmo do *meu* irmão.

— Você está errada a meu respeito! — gemeu Apolo. — Eu fui enganado por Gaia e aquele garoto romano horrível!

Frank pigarreou.

— Hum, senhor Apolo, você está falando de Octavian?

— Não diga o nome dele! — Apolo tocou um acorde menor. — Ah, Frank Zhang, queria que você fosse meu filho. Eu ouvi suas preces, sabia? Todas aquelas semanas em que você queria ser reclamado. Mas, infelizmente, Marte fica com todos os bons. Eu fico com... *aquela criatura* como meu descendente. Ele encheu minha cabeça de elogios... Falou dos grandes templos que ia erguer em minha honra.

Ártemis fungou.

— Você é bajulado com muita facilidade, irmão.

— Porque eu tenho muitas qualidades maravilhosas para louvar! Octavian disse que iria tornar os romanos poderosos novamente. E eu só concordei! E dei a ele minha bênção.

— Pelo que me lembro — disse Ártemis —, ele também prometeu fazer de você o deus mais importante, acima até de Zeus.

— Como eu poderia recusar uma oferta dessas? Zeus tem um bronzado perfeito? Ele *sabe* tocar uquelele? Acho que não! Mas nunca imaginei que

Octavian fosse começar uma guerra! Gaia devia estar turvando meus pensamentos, sussurrando mentiras em meu ouvido.

Leo se lembrou do sujeito maluco dos ventos, Éolo, que se tornou homicida após ouvir a voz de Gaia.

— Então resolva isso! — disse Leo. — Diga a Octavian para parar. Ou, você sabe, atire uma de suas flechas nele. Isso também serviria.

— Não posso! — lamentou Apolo. — Veja!

O uquelele se transformou em um arco. Ele o apontou para o céu e disparou. A flecha dourada subiu cerca de sessenta metros, depois virou fumaça.

— Para usar meu arco, eu teria que sair de Delos — lamentou Apolo. — Mas eu ficaria incapacitado, ou Zeus iria me matar. Meu pai jamais gostou de mim. Ele não confia em mim há milênios!

— Bem — disse Ártemis —, para ser justa, teve aquela vez em que você conspirou com Hera para derrubá-lo.

— Isso foi um mal-entendido!

— E você matou alguns dos ciclopes de Zeus.

— Tive um bom motivo! De qualquer forma, agora Zeus me culpa por *tudo*: as armações de Octavian, a queda de Delfos...

— Espere aí. — Hazel fez um sinal pedindo tempo. — A queda de Delfos?

O arco de Apolo se transformou outra vez no uquelele. Ele tocou um acorde dramático.

— Quando o problema entre as personalidades grega e romana começou, eu fiquei muito confuso, e Gaia se aproveitou disso! Ela despertou meu velho inimigo, Píton, a grande serpente, para retomar o Oráculo de Delfos. Aquela criatura horrenda está lá agora habitando as cavernas antigas, bloqueando a magia da profecia. E eu estou preso aqui, por isso nem posso enfrentá-lo.

— Que droga — disse Leo, apesar de, em segredo, achar que a ausência de profecias talvez fosse uma coisa boa. Sua lista de tarefas já estava bem grande.

— Uma droga mesmo! — Apolo suspirou. — Zeus *já estava* com raiva de mim por indicar aquela garota nova, Rachel Dare, como meu oráculo. Meu pai achou que, ao fazer isso, eu *antecipei* a guerra com Gaia, pois, assim que dei a Rachel minha bênção, ela anunciou a Profecia dos Sete. Mas as profecias não funcionam assim! Meu pai só precisava de um bode expiatório. Então, é claro que ele escolheu o deus mais bonito, mais talentoso e, com certeza, mais incrível.

Ártemis fingiu que ia vomitar.

— Ah, não venha com essa, irmã! — exclamou Apolo. — Você também está enrascada!

— Só porque eu contrariei os desejos de Zeus e mantive contato com minhas

Caçadoras — disse Ártemis. — Mas sempre posso convencer papai a me perdoar. Ele nunca conseguiu ficar com raiva de mim por muito tempo. É com você que estou preocupada.

— Eu também estou preocupado comigo! — concordou Apolo. — Precisamos fazer alguma coisa. Não temos como matar Octavian. Humm. Talvez devêssemos matar *estes* semideuses.

— Ei, Cara da Música, calma aí. — Leo conteve a vontade de se esconder atrás de Frank e gritar: *Quero ver você enfrentar este canadense grandão aqui!*

— Estamos do seu lado, lembra? Por que você iria nos matar?

— Talvez faça com que eu me sinta melhor! — exclamou Apolo. — Preciso fazer alguma coisa!

— Você podia nos ajudar — disse Leo rapidamente. — Então, temos um plano...

Ele lhes contou que Hera havia orientado que fossem a Delos e obtivessem os ingredientes da cura do médico que Nice revelara.

— A cura do médico? — Apolo se levantou e destruiu o uquelele nas pedras. — É esse o seu plano?

Leo levantou as mãos.

— Ei, hum, normalmente sou totalmente a favor de destruir uqueleles, mas é que...

— Eu não posso ajudar! — exclamou Apolo. — Se eu contasse a vocês o segredo da cura do médico, Zeus *já* me perdoaria!

— Você já está com problemas — observou Leo. — Não pode ficar pior do que já está.

Apolo olhou para ele.

— Se soubesse do que meu pai é capaz, mortal, você não faria essa pergunta. Seria mais simples se eu apenas matasse todos vocês. Talvez isso agrade a Zeus...

— Irmão... — chamou Ártemis.

Os gêmeos se encararam e tiveram uma discussão silenciosa. Aparentemente, Ártemis venceu. Apolo soltou um grande suspiro e chutou o uquelele quebrado para o outro lado do palco.

Ártemis se levantou.

— Hazel Levesque, Frank Zhang, venham comigo. Há coisas que vocês devem saber sobre a Décima Segunda Legião. Quanto a você, Leo Valdez... — A deusa mirou os olhos prateados e frios nele. — Apolo vai ouvi-lo. Veja se vocês conseguem chegar a um acordo. Meu irmão gosta de uma boa negociação.

Frank e Hazel olharam para ele como quem diz *Por favor, não morra*.

Depois, subiram os degraus do anfiteatro atrás de Ártemis e desceram pelo

outro lado do monte.

— E então, Leo Valdez? — Apolo cruzou os braços. Seus olhos tinham um brilho dourado. — Vamos negociar. O que tem a oferecer que poderia me convencer a ajudá-lo em vez de matá-lo?

XXXIV

LEO

— **N**EGOCIAR. — **O**S **D**EDOS DE **L**EO se contorciam. — Sim. Claro.

As mãos dele começaram a trabalhar antes que sua mente soubesse o que estava fazendo. Ele começou a tirar coisas dos bolsos de seu cinto de ferramentas mágico: fios de cobre, parafusos, um funil de latão. Ele estava guardando pedaços e peças de máquinas havia vários meses, porque nunca sabia do que poderia precisar. E quanto mais tempo usava o cinto, mais intuitivo ele se tornava. Ele enfiava a mão em um bolso e a coisa certa simplesmente aparecia.

— Então a situação é esta — disse Leo, enquanto suas mãos torciam os fios. — Zeus está furioso com você, certo? Se nos ajudar a derrotar Gaia, você pode voltar a ficar bem com ele.

Apolo torceu o nariz.

— Imagino que isso seja possível. Mas seria mais fácil destruir você.

— E que tipo de balada isso daria? — As mãos de Leo trabalhavam loucamente, prendendo alavancas, fixando o funil de latão em um velho eixo de engrenagem. — Você é o deus da música, não é? Você ouviria uma canção chamada “Apolo mata um semideus baixinho”? Eu, não. Mas “Apolo derrota a Mãe Terra e salva todo o universo”... isso parece um primeiro lugar garantido no top dez da *Billboard*!

Apolo olhou para o vazio, como se visualizasse seu nome em um letreiro luminoso.

— O que você quer, exatamente? E o que eu ganho com isso?

— A primeira coisa de que preciso é um conselho. — Leo passou alguns fios pela abertura do funil. — Quero saber se meu plano vai funcionar.

Leo explicou o que tinha em mente. O garoto estava remoendo aquela ideia havia dias, desde que Jason voltara do fundo do mar e ele começou a conversar

com Nice.

Cimopoleia dissera a Jason: *Um deus primordial já foi derrotado antes. Você sabe de quem estou falando.*

As conversas de Leo com Nice o ajudaram a fazer alguns ajustes no plano, mas ele ainda queria uma segunda opinião de outro deus. Pois, assim que Leo se compromettesse, não haveria volta.

Ele tinha esperança de que Apolo apenas risse e lhe dissesse para esquecer tudo aquilo.

Em vez disso, o deus assentiu, pensativo.

— Este conselho é de graça: você *pode* derrotar Gaia como me descreveu, mais ou menos como fizeram com Urano éons atrás. Entretanto, qualquer mortal que estiver por perto será completamente... — A voz de Apolo vacilou. — O que é isso?

Leo olhou para o instrumento que tinha em mãos. Fileiras de fios de cobre, como vários jogos de cordas de uma guitarra, se cruzavam no interior do funil. Conjuntos de captadores eram controlados por botões no exterior da estrutura, que estava presa a uma placa de metal com várias manivelas.

— Ah, isso...?

A mente de Leo trabalhava alucinadamente. O objeto em suas mãos parecia uma caixa de música misturada com um gramofone antigo, mas *o que* era aquilo?

Algo para negociar.

Ártemis lhe dissera para chegar a um acordo com Apolo.

Leo lembrou-se de uma história da qual as crianças do chalé 11 costumavam se gabar: como o pai deles, Hermes, escapara do castigo por roubar as vacas sagradas de Apolo. Quando Hermes foi pego, ele fez um instrumento musical — a primeira lira — e o ofereceu a Apolo, que o perdoou imediatamente.

Poucos dias antes, Piper mencionara ter visto em Pilos a caverna onde Hermes tinha escondido aquelas vacas. Isso deve ter ficado no subconsciente de Leo. Sem querer, ele havia construído um instrumento musical, coisa que lhe causou certa surpresa, já que ele não sabia nada de música.

— Hum, bem — disse Leo. — Este é simplesmente o instrumento mais maravilhoso de todos os tempos!

— Como funciona? — perguntou o deus.

Boa pergunta, pensou Leo.

Ele girou as manivelas, torcendo para que aquilo não explodisse na sua cara. Soaram algumas notas. Metálicas, mas quentes. Leo manipulou as alavancas e as engrenagens. Ele reconheceu a canção, a mesma melodia melancólica sobre recordações e saudades que Calipso cantou para ele em Ogígia. Mas, através das

cordas no funil de latão, a canção soava ainda mais triste, como uma máquina com o coração partido, como Festus soaria se pudesse cantar.

Leo esqueceu que Apolo estava ali. Tocou a canção até o final. Quando terminou, seus olhos lacrimejavam. Ele quase sentia o cheiro de pão saído do forno na cozinha de Calipso; o gosto do único beijo que ela lhe dera.

Apolo olhava impressionado para o instrumento.

— Eu preciso dele. Como se chama? O que você quer por ele?

Leo sentiu um desejo súbito de esconder o instrumento e guardá-lo para si. Mas engoliu sua melancolia. Tinha uma tarefa a cumprir...

Calipso... Calipso precisava que ele tivesse sucesso.

— Este é o Valdezinator, é claro! — Ele estufou o peito. — Ele funciona, hum, traduzindo seus sentimentos em música enquanto você manipula os controles. Mas, na verdade, ele é feito para ser usado por mim, um filho de Hefesto. Não sei se você conseguiria...

— Eu sou o deus da música! — exclamou Apolo. — É *claro* que posso aprender a tocar o Valdezinator. Eu preciso! É meu dever!

— Então, Cara da Música, vamos começar a negociar — disse Leo. — Eu lhe dou isso se você me entregar a cura do médico.

— Ah... — Apolo mordeu o lábio divino. — Bem, na verdade eu não *tenho* a cura do médico.

— Achei que você fosse o deus da medicina.

— Sou, mas sou o deus de *muitas* coisas! Poesia, música, o Oráculo de Delfos... — Ele começou a chorar, cobrindo a boca com o punho. — Desculpe, eu estou bem, estou bem. Como estava dizendo, tenho muitas áreas de influência. E, claro, além disso, tenho todo esse trabalho de “deus do sol” que herdei de Hélios. A questão é que sou mais um clínico geral. Para a cura do médico, você precisa ver um especialista, o único que já conseguiu curar com sucesso a morte: meu filho, Asclépio, o deus da cura.

Leo ficou arrasado. A *última* coisa de que precisavam era mais uma missão para procurar mais um deus que provavelmente iria exigir camisetas em sua homenagem ou um Valdezinator.

— É uma pena, Apolo. Eu esperava que pudéssemos fazer negócio.

Leo girou as alavancas em seu Valdezinator, produzindo uma melodia suave ainda mais triste.

— Pare! — gemeu Apolo. — É bonito demais. Vou lhe dizer como encontrar Asclépio. Ele está muito, muito perto!

— Como vamos garantir que ele vai nos ajudar? Nós só temos dois dias antes que Gaia desperte.

— Ele vai ajudar! — prometeu Apolo. — Meu filho *adora* ajudar. Basta

apelar para ele em meu nome. Você vai encontrá-lo em seu velho templo em Epidauro.

— Qual é a pegadinha?

— Ah... bem, nada. Exceto, é claro, que ele está sob vigilância.

— Quem está vigiando?

— Não sei! — Apolo estendeu as mãos, desesperado. — Só sei que Zeus está mantendo Asclépio preso para que ele não saia pelo mundo ressuscitando as pessoas. Na primeira vez em que Asclépio despertou os mortos... bem, ele causou um grande tumulto. É uma história longa. Mas tenho *certeza* de que você pode convencê-lo a ajudar.

— Isso não me parece um bom negócio — disse Leo. — E sobre o último ingrediente, a maldição de Delos. O que é isso?

Apolo olhou com cobiça para o Valdezinator. Leo temeu que o deus simplesmente o tomasse dele, e como ele o impediria? Atacar o deus do sol com fogo provavelmente não iria adiantar muita coisa.

— Eu posso lhe dar o último ingrediente — disse Apolo. — Aí você terá tudo de que precisa para que Asclépio prepare a poção.

Leo tocou mais um verso.

— Não sei. Trocar esse belo Valdezinator por uma maldição de Delos...

— Na verdade, não é uma maldição! Veja... — Apolo correu até as flores silvestres mais próximas e colheu uma amarela da fenda entre as pedras. — *Isto* é a maldição de Delos.

Leo olhou atentamente para a flor.

— Uma margarida amaldiçoada?

Apolo deu um suspiro exasperado.

— É só um apelido. Quando minha mãe, Leto, estava prestes a dar à luz Ártemis e a mim, Hera estava com raiva, porque Zeus a havia traído novamente. Então ela foi a todo pedaço de terra do planeta e fez os espíritos da natureza de todos os lugares prometerem expulsar minha mãe, para que ela não pudesse dar à luz em lugar algum.

— Isso é a cara da Hera.

— Pois é. Enfim, Hera obteve promessas de todos os lugares enraizados na terra, *menos* de Delos, porque na época Delos era uma ilha flutuante. Os espíritos da natureza daqui receberam minha mãe. Ela deu à luz minha irmã e a mim, e a ilha ficou tão feliz por ser nosso novo lar sagrado que se cobriu com essas florzinhas amarelas. As flores são uma bênção, porque somos maravilhosos. Mas também simbolizam uma maldição, pois, depois que nascemos, Delos se enraizou e não pôde mais flutuar pelos mares. É por isso que margaridas amarelas são consideradas a maldição de Delos.

— Então eu podia simplesmente ter colhido uma margarida e ido embora?

— Não, não! Para a poção que você tem em mente, a flor tem que ser colhida por mim ou minha irmã. Então, o que me diz, semideus? Instruções para encontrar Asclépio e seu último ingrediente mágico em troca desse novo instrumento musical. Negócio fechado?

Leo odiou a ideia de entregar um Valdezinator em perfeito estado em troca de uma florzinha, mas não via outra opção.

— Cara da Música, é difícil barganhar com você.

Eles fizeram a troca.

— Excelente! — Apolo mexeu nas manivelas do Valdezinator, produzindo um som que lembrava o motor de um carro. — Humm... talvez seja necessário um pouco de prática, mas vou aprender! Agora, vamos achar seus amigos. Quanto antes vocês partirem, melhor!

*

Hazel e Frank aguardavam nas docas de Delos. Ártemis não estava com eles.

Quando Leo se virou para se despedir de Apolo, viu que o deus também tinha desaparecido.

— Caramba — resmungou Leo. — Ele estava mesmo ansioso para praticar com o Valdezinator.

— Com *o quê*? — perguntou Hazel.

Leo contou a eles sobre seu novo hobby como inventor genial de funis musicais.

Frank coçou a cabeça.

— E, em troca, você ganhou uma margarida?

— É o ingrediente final para curar a morte, Zhang. É uma supermargarida! E vocês dois? Descobriram alguma coisa com Ártemis?

— Infelizmente, sim. — Hazel olhou para o mar, onde o *Argo II* balançava ancorado. — Ártemis sabe muito sobre armas de guerra. Ela nos contou que Octavian encomendou algumas... *surpresas* para o Acampamento Meio-Sangue. Ele usou a maior parte do tesouro da legião para comprar onagros construídos por ciclopes.

— Ah, não, onagros, não! — exclamou Leo. — Por falar nisso, o que é um onagro?

Frank franziu a testa.

— Você constrói máquinas. Como pode não saber o que é um onagro? É

simplesmente a maior e mais letal catapulta já usada pelo exército romano.

— Legal — disse Leo. — Mas *onagro* é um nome idiota. Eles deveriam tê-las chamado de Valdezpultas.

Hazel revirou os olhos.

— Leo, isso é sério. Se Ártemis estiver certa, seis dessas máquinas vão chegar a Long Island amanhã à noite. É isso o que Octavian está esperando. Ao amanhecer do dia primeiro de agosto, ele vai ter poder de fogo suficiente para destruir o Acampamento Meio-Sangue sem uma única baixa romana. Octavian acha que isso fará dele um herói.

Frank murmurou um palavrão em latim.

— Só que ele também convocou tantos monstros “aliados” que a legião está completamente cercada por centauros selvagens, bandos de cinocéfalos com cabeças de cachorro e sabe-se lá o que mais. Assim que a legião destruir o Acampamento Meio-Sangue, os monstros vão se voltar contra Octavian e destruir a legião.

— E aí Gaia desperta — concluiu Leo. — E coisas ruins acontecem.

Engrenagens giravam na cabeça do garoto à medida que novas informações se encaixavam no lugar.

— Tudo bem... isso só torna meu plano ainda mais importante. Assim que conseguirmos essa cura do médico, vou precisar da ajuda de vocês.

Frank olhou apreensivo para a margarida amarela amaldiçoada.

— Que tipo de ajuda?

Leo contou o plano a eles. Quanto mais falava, mais chocados eles pareciam, mas, quando terminou, nenhum dos dois lhe disse que ele estava louco. Uma lágrima cintilava no rosto de Hazel.

— Tem que ser assim — disse Leo. — Nice confirmou. Apolo confirmou. Os outros nunca iriam aceitar, mas vocês... vocês são romanos. Foi por isso que eu quis que viessem a Delos comigo. Vocês têm toda essa coisa de sacrifício... de cumprir com seu dever, de ficar entre a cruz e a adaga.

Frank fungou.

— Acho que você quis dizer entre a cruz e a espada.

— Tanto faz — disse Leo. — Vocês sabem que *tem* que ser essa a resposta.

— Leo... — A voz de Frank ficou embargada.

Até Leo quis chorar como um Valdezinator, mas manteve a calma.

— Ô grandão, estou contando com você. Lembra-se do que me contou sobre aquela conversa com Marte? Seu pai disse que você ia ter que agir, certo? Você teria que tomar a decisão que ninguém mais estaria disposto a tomar.

— Ou a guerra vai descambar — lembrou Frank. — Mas mesmo assim...

— E Hazel — disse Leo. — Grande Hazel da Névoa Mágica... preciso que

você me dê cobertura. Você é a única que pode fazer isso. Meu bisavô Sammy viu como você era especial. Ele me abençoou quando eu era bebê, porque acho que de alguma forma ele sabia que você ia voltar e me ajudar. Tudo pelo que passamos, *mi amiga*, nos conduziu a isso.

— Ah, Leo...

Então suas lágrimas começaram a jorrar. Ela o abraçou apertado, o que foi carinhoso até Frank começar a chorar e abraçar os dois.

E aí foi meio estranho.

— Está bem, está bem... — Leo se livrou deles com delicadeza. — Então, estamos de acordo?

— Odiei esse plano — disse Frank.

— Achei horrível.

— Pensem em como *eu* me sinto — disse Leo. — Mas vocês sabem que é nossa melhor chance.

Nenhum dos dois discordou. Leo meio que desejava que o tivessem contrariado.

— Vamos voltar para o navio — disse ele. — Temos que encontrar um deus da cura.

XXXV

LEO

LEO IMEDIATAMENTE VIU A ENTRADA secreta.

— Ah, isso é lindo.

Ele manobrou o navio de forma a pairar acima das ruínas de Epidauro.

O *Argo II* não estava em boas condições para voar, mas Leo conseguira fazê-lo subir após uma única noite de trabalho. Com o mundo terminando na manhã seguinte, ele estava extremamente motivado.

O garoto tinha consertado os remos. Injetara água do Rio Estige na parafuseta. Dera à figura de proa, Festus, sua bebida favorita: óleo de motor com molho de pimenta. Até Buford, a Mesa Maravilhosa, havia aparecido chacoalhando pelos andares inferiores com seu mini-Hedge holográfico gritando “PAGUE TRINTA FLEXÕES!” para inspirar o motor.

Finalmente, eles pairavam acima dos destroços do antigo templo do deus da cura, Asclépio, onde tinham esperança de conseguir a cura do médico e talvez ambrosia, néctar e salgadinhos, porque os estoques de Leo estavam acabando.

Ao lado dele no tombadilho, Percy observava, apoiado na amurada.

— Parece que temos mais ruínas — observou.

Seu rosto ainda estava meio esverdeado devido ao veneno, mas pelo menos ele estava vomitando com menos frequência. Somando ele e o enjoo de Hazel, tinha sido impossível encontrar um banheiro vazio nos últimos dias.

Annabeth apontou para a estrutura em forma de disco cerca de cinquenta metros a bombordo.

— Ali.

Leo sorriu.

— Exatamente. Viram? A arquiteta sabe o que está fazendo.

O restante da tripulação se reuniu ao redor deles.

— Nós estamos olhando para o quê? — perguntou Frank.

— Ah, *señor* Zhang — disse Leo. — Você não fala sempre: “Leo, você é o único gênio de verdade entre os semideuses”?

— Tenho quase certeza de que nunca disse isso.

— Bem, quer dizer que há outros gênios de verdade! Porque um deles deve ter feito aquela obra de arte.

— É um círculo de pedra — disse Frank. — Provavelmente a fundação de um santuário antigo.

Piper balançou a cabeça.

— Não, é mais que isso. Veja os sulcos e as ranhuras esculpidos em torno da borda.

— Parecem os dentes de uma engrenagem — sugeriu Jason.

— E aqueles anéis concêntricos. — Hazel apontou para o centro da estrutura, onde rochas curvadas formavam uma espécie de alvo. — Esse padrão me lembra o pingente de Pasifae: o símbolo do Labirinto.

— Hum. — Leo franziu a testa. — Bem, eu não tinha pensado nisso. Mas pense como um *mecânico*. Frank, Hazel... onde vimos círculos concêntricos como esses antes?

— No laboratório sob Roma — disse Frank.

— A fechadura de Arquimedes — lembrou Hazel. — Tinha anéis dentro de anéis.

Percy escarneceu:

— Estão me dizendo que aquilo é uma fechadura de pedra maciça? Tem uns quinze metros de diâmetro.

— Leo pode estar certo — disse Annabeth. — Na Antiguidade, o templo de Asclépio era como o hospital da Grécia. *Todo mundo* vinha aqui em busca do melhor tratamento. Na superfície, tinha o tamanho de uma cidade, mas supostamente as coisas realmente aconteciam no subsolo. Era lá que os sumos sacerdotes tinham seu *CTI*, um complexo supermágico acessível apenas por uma passagem secreta.

Percy coçou a orelha.

— Então se aquela coisa redonda enorme é a tranca, como arranjamos a chave?

— Você está atrasado, Aquaman — disse Leo.

— Ei, *não* me chame de *Aquaman*. Isso é ainda pior que *garoto da água*.

Leo se virou para Jason e Piper.

— Vocês dois se lembram da garra de Arquimedes que eu disse que estava construindo?

Jason ergueu uma sobrancelha.

— Achei que você estivesse brincando.
— Ah, meu amigo. Eu *nunca* brinco quando o assunto são garras gigantes! —
Leo esfregou as mãos em antecipação. — É hora de pescar prêmios!

*

Em comparação com as outras modificações que Leo tinha feito no navio, a garra mecânica fora moleza. Originalmente, Arquimedes a projetara para lançar navios inimigos para fora da água. Mas Leo tinha encontrado outro uso para ela.

Ele abriu a portinhola de acesso à parte dianteira do casco e estendeu a garra mecânica, guiada pelo monitor no painel de controle e por Jason, que voava lá fora gritando instruções.

— Esquerda! — exclamou Jason. — Um pouco mais... Aí! Tudo bem, pode descer. Continue. Você está indo bem.

Usando o *trackpad* e um controle, Leo abriu a garra. Os dedos se posicionaram em torno dos sulcos da estrutura circular de pedra. Ele conferiu os estabilizadores aéreos e as imagens no monitor.

— Tudo bem, amiguinho. — Leo deu um tapinha na esfera de Arquimedes instalada no timão. — Agora é a sua vez.

Ele ativou a esfera.

A garra começou a girar como um saca-rolha. O mecanismo rodou o círculo externo de pedra, que rangeu e fez um estrondo, mas felizmente não se quebrou. Em seguida, a garra o soltou, agarrou o segundo círculo e o girou no sentido oposto.

Piper, que estava ao lado dele junto do monitor, o beijou no rosto.

— Está funcionando. Leo, você é incrível.

Leo sorriu. Estava prestes a fazer um comentário sobre como ele era mesmo incrível quando se lembrou do plano que tinha combinado com Hazel e Frank e do fato de que podia nunca mais tornar a ver Piper depois do dia seguinte. A piada meio que morreu em sua garganta.

— É, bem... obrigado, Miss Universo.

Abaixo deles, o último anel de pedra girou e parou com um chiado pneumático retumbante. A base de quinze metros de diâmetro afundou, transformando-se em uma escada em espiral.

Hazel soltou o ar dos pulmões.

— Leo, mesmo daqui de cima, estou sentindo coisas ruins no fim dessa escada. Alguma coisa grande e perigosa. Tem certeza de que não quer que eu vá

antes?

— Obrigado, Hazel, mas vamos ficar bem. — Ele deu um tapinha nas costas dela. — Eu, Piper e Jason... nós três somos profissionais com coisas grandes e perigosas.

Frank estendeu o frasco de menta pilosiana.

— Não quebre.

Leo assentiu com seriedade.

— Ok, não quebrar o frasco de veneno mortal. Cara, ainda bem que você avisou. *Nunca* teria passado pela minha cabeça.

— Cale a boca, Valdez. — Frank lhe deu um abraço de urso. — E cuidado.

— Minhas costelas — gemeu Leo.

— Desculpe.

Annabeth e Percy lhes desejaram boa sorte. Em seguida, Percy pediu licença para ir vomitar.

Jason invocou os ventos e levou Piper e Leo para pousar lá embaixo.

*

A escada em espiral descia cerca de vinte metros para então se abrir em uma câmara tão grande quanto o bunker 9, ou seja: *enorme*.

As lajotas polidas nas paredes e no chão refletiam a luz da espada de Jason tão bem que Leo não precisou acender uma chama. Fileiras de bancos de pedra compridos enchiam toda a câmara, lembrando a Leo uma dessas igrejas imensas que sempre anunciavam lá em Houston. Do outro lado do salão, onde deveria ficar o altar, havia uma estátua de três metros de puro alabastro, uma jovem de túnica branca e sorriso sereno no rosto. A figura tinha uma serpente dourada enrolada no braço e segurava uma taça, com a cabeça do réptil apoiada na borda como se o animal fosse beber.

— Grande e perigosa — comentou Jason.

Piper olhou em volta.

— Aqui devia ser a área de pernoite. — Sua voz ecoou um pouco alto demais para o gosto de Leo. — Os pacientes dormiam aqui. O deus Asclépio mandava um sonho para eles, dizendo qual cura deveriam pedir.

— Como sabe disso? — perguntou Leo. — Annabeth contou a você?

Piper pareceu ofendida.

— Eu sei das coisas. Aquela estátua é de Hígia, a deusa da boa saúde. É daí que vem a palavra *higiene*.

Jason observou a estátua com desconfiança.

— E essa cobra e a taça?

— Hum, não tenho certeza — admitiu Piper. — Mas antigamente este lugar, o Asclepeion, era também uma escola de medicina. Todos os melhores doutores-sacerdotes eram treinados aqui. Eles deviam cultuar tanto Asclépio quanto Hígia.

Leo teve vontade de dizer: *Tudo bem, o tour foi ótimo. Agora vamos embora.*

O silêncio, as lajotas brancas cintilantes, o sorriso assustador no rosto de Hígia... tudo lhe dava vontade de cair fora dali o mais rápido possível. Mas Jason e Piper seguiram pelo corredor principal na direção da estátua, então Leo achou melhor ir atrás deles.

Havia revistas velhas jogadas nos bancos: *O melhor para crianças, outono, 20*^{AEC}*; A semana na tevê Hefesto: A nova gravidez de Afrodite; A — A revista de Asclépio: Dez dicas simples para tirar o máximo de suas sangrias!*

— É uma sala de espera — murmurou Leo. — *Odeio salas de espera.*

Em alguns pontos, havia pilhas de poeira e ossos espalhados pelo chão, o que não revelava coisas animadoras sobre o tempo de espera.

— Olhem lá. — Jason apontou. — Aqueles avisos estavam ali quando chegamos? E aquela porta?

Leo achava que não. Na parede à direita da estátua havia dois painéis eletrônicos. O de cima dizia: O MÉDICO ESTÁ:
PRESO.

O painel abaixo dizia:

ATENDENDO AGORA A SENHA:
0000000

Jason apertou os olhos.

— Não consigo ler a essa distância. *O médico está...*

— Preso — completou Leo. — Apolo me avisou que Asclépio estava sendo mantido sob vigilância. Zeus não queria que ele revelasse seus segredos médicos ou algo assim.

— Aposto vinte e um pacotes de jujuba que a estátua é a guardiã — disse Piper.

— Nem vou entrar nessa aposta. — Leo olhou para a pilha de poeira mais próxima. — Bem... acho melhor pegarmos um número.

*

A estátua gigante tinha outros planos.

Quando os três chegaram a um metro e meio de distância, ela virou a cabeça e olhou para eles. Sua expressão permaneceu congelada. A boca não se mexeu. Mas uma voz vinda de algum ponto acima dos três ecoou por todo o salão.

— Vocês têm hora marcada?

Piper não perdeu tempo:

— Oi, Hígia! Apolo nos mandou. Precisamos ver Asclépio.

A estátua de alabastro desceu de sua plataforma. Talvez ela fosse mecânica, mas Leo não conseguia ouvir nenhuma parte móvel. Para ter certeza, teria que tocá-la, e ele não queria chegar tão perto.

— Entendo. — A estátua não parava de sorrir, apesar do tom aborrecido. — Podem me emprestar a carteirinha do plano de saúde?

— Ah, bem, não trouxemos, mas...

— *Não estão com a carteirinha do plano?* — A estátua balançou a cabeça. Um suspiro exasperado ecoou pela câmara. — Imagino que vocês também não tenham se preparado para a consulta. Lavaram bem as mãos?

— Hum... sim? — disse Piper.

Leo olhou para as próprias mãos, que, como sempre, estavam sujas de graxa e fuligem. Ele as escondeu às costas.

— Estão usando roupa de baixo limpa? — perguntou a estátua.

— Ei, moça — disse Leo. — Isso está ficando muito invasivo.

— É necessário usar roupa de baixo limpa para ir ao consultório médico — repreendeu Hígia. — Infelizmente, vocês são um risco para a saúde. Vão ter que ser higienizados antes de entrarem.

A serpente dourada se desenrolou e desceu de seu braço, recuou a cabeça e sibilou, exibindo presas que pareciam sabres.

— Ah, sabe — disse Jason —, ser higienizado por serpentes gigantes não está incluído em nosso plano de saúde. Droga.

— Ah, isso não tem importância — assegurou-lhes Hígia. — A higienização é um serviço para a comunidade. É gratuito!

A serpente deu o bote.

Leo tinha muita prática em se esquivar de monstros mecânicos, o que foi útil, porque a serpente era rápida e passou a centímetros de sua cabeça. Ele rolou e se levantou com as mãos em chamas. Quando a cobra atacou, ele as lançou na direção de seus olhos, fazendo-a desviar para a esquerda e bater com força em um banco.

Piper e Jason estavam cuidando de Hígia. Eles cortaram os joelhos da estátua com suas lâminas, derrubando-a como uma árvore de Natal de alabastro. A cabeça dela bateu em um banco. Seu cálice virou, derramando ácido por todo o chão. Jason e Piper se aproximaram para matá-la, mas, antes que pudessem golpeá-la, as pernas de Hígia se uniram novamente, como se tivessem ímãs. A deusa se levantou, ainda sorrindo.

— É inaceitável — disse ela. — O médico só vai vê-los quando estiverem devidamente higienizados.

Ela jogou o conteúdo de sua taça na direção de Piper, que saltou para o lado enquanto mais ácido caía nos bancos próximos, dissolvendo a rocha em uma nuvem sibilante de fumaça.

Nesse meio-tempo, a cobra recobrou os sentidos. Seus olhos de metal derretido se consertaram de alguma maneira. Sua cabeça se desamassou e recuperou a inabalável forma, como um capô de carro.

Ela atacou Leo, que se abaixou e tentou agarrá-la pelo pescoço. Foi como tentar segurar uma lixa a sessenta quilômetros por hora. A serpente passou direto, e sua pele áspera de metal deixou as mãos de Leo raladas e sangrando.

O contato rápido, porém, foi suficiente para Leo perceber algumas coisas. A cobra era uma *máquina*. Ele sentiu seu funcionamento, e se a estátua de Hígia funcionasse de forma parecida, talvez houvesse uma chance...

Do outro lado da câmara, Jason levantou voo e arrancou a cabeça da deusa.

Mas, infelizmente, a cabeça voou direto de volta para seu lugar.

— Inaceitável — disse Hígia, calmamente. — Decapitação não faz parte de um estilo de vida saudável.

— Jason, vem pra cá! — berrou Leo. — Piper, preciso que você ganhe tempo para nós!

Piper olhou para ele como quem diz *Falar é fácil*.

— Hígia! — gritou ela. — Eu tenho plano de saúde!

Isso chamou a atenção da estátua. Até a cobra dourada se virou para ela, como se plano de saúde fosse alguma espécie de roedor saboroso.

— Plano de saúde? — disse a estátua com avidez. — Qual?

— Hum... Raio Azul — respondeu Piper. — Estou com a carteirinha bem aqui. Só um segundo.

Ela fez uma cena fingindo revistar os bolsos. A cobra rastejou para mais perto a fim de acompanhar.

Jason correu para o lado de Leo, arfando.

— Qual é o plano?

— Não podemos destruir essas coisas — contou Leo. — Elas foram projetadas para se curarem. São imunes a praticamente qualquer tipo de dano.

— Ótimo. Então...?

— Você se lembra do videogame velho de Quíron? — perguntou Leo.

Os olhos de Jason se arregalaram.

— Leo, isso aqui não é o Mario Party 6.

— Mas é o mesmo princípio.

— Modo idiota?

Leo sorriu.

— Preciso que você e Piper distraiam as duas. Vou reprogramar a cobra, depois a grandalhona.

— Hígia.

— Que seja. Pronto?

— Não.

Leo e Jason correram na direção da cobra.

Hígia estava cobrindo Piper de perguntas sobre o plano de saúde.

— A mensalidade está em dia? Ainda está em carência? Quem é sua divindade de contato de emergência?

Enquanto Piper respondia de improviso, Leo pulou sobre as costas da serpente. Dessa vez, ele sabia o que estava procurando, e por um instante a serpente nem pareceu notá-lo. Leo abriu um painel perto da cabeça da cobra. Ele se segurava com as pernas, tentando ignorar a dor e o sangue grudento nas mãos enquanto refazia a fiação da serpente.

Jason estava por perto, pronto para atacar, mas a cobra parecia hipnotizada pelos problemas de Piper com a cobertura do plano Raio Azul.

— Então, a enfermeira que me atendeu disse que eu tinha que ligar para a central de atendimento. E que os medicamentos não estavam cobertos pelo meu plano! E que...

A cobra se moveu bruscamente quando Leo conectou os dois últimos fios. O garoto então saltou das costas dela, e a serpente dourada começou a tremer sem parar.

Hígia voltou o olhar para eles.

— O que vocês fizeram? Minha cobra precisa de cuidados médicos!

— Ela tem plano de saúde? — perguntou Piper.

— O QUÊ?

A estátua voltou sua atenção para Piper, e Leo saltou. Jason invocou uma rajada de vento, que carregou Leo até os ombros da estátua, como um menininho na corcunda do pai. Leo abriu a parte de trás da cabeça de Hígia enquanto ela andava sem rumo pela câmara derramando ácido.

— Saia daí! — berrou ela. — Isso não é higiênico.

— Ei! — berrou Jason, voando em círculos ao redor dela. — Eu tenho

algumas perguntas sobre as minhas carências!

— *O quê!?* — exclamou a estátua.

— Hígia! — gritou Piper. — Preciso de um recibo para o imposto de renda!

— Não, por favor!

Leo encontrou o chip de controle da estátua. Apertou alguns botões e puxou alguns fios, tentando fingir que Hígia fosse um console da Nintendo, só que grande e perigoso.

Ele reconectou os circuitos, e Hígia começou a girar, gritando e agitando os braços. Leo pulou para longe dela, evitando um banho de ácido.

Todos os semideuses recuaram enquanto Hígia e sua cobra pareciam ter um ataque epilético.

— O que você fez? — perguntou Piper.

— Modo idiota — explicou Leo.

— Como?

— Lá no acampamento — explicou Jason —, Quíron tinha um jogo antigo na sala de recreação. Leo e eu jogávamos de vez em quando. Você compete contra, tipo, adversários controlados pelo computador. Era bem tosco...

— E tinha três níveis de dificuldade — cortou Leo. — *Fácil, médio e difícil.*

— Eu já joguei videogames — disse Piper. — Então o que você fez?

— Bem, eu me cansei do jogo. — Leo deu de ombros. — Então inventei um quarto nível de dificuldade: o *modo idiota*. Ele faz os adversários agirem de maneira *tão* estúpida que fica engraçado. Eles sempre escolhem exatamente a coisa errada a fazer.

Piper olhava para a estátua e a cobra. Ambas se contorciam e começavam a soltar fumaça.

— Tem certeza de que botou as duas em *modo idiota*?

— Vamos descobrir em um minuto.

— E se você botou em *dificuldade extra*?

— Vamos descobrir isso também.

A cobra parou de se contorcer, se enroscou e olhou ao redor, como se estivesse muito confusa.

Hígia congelou. Uma nuvem de fumaça saiu de sua orelha direita. Ela olhou para Leo.

— Você deve morrer! Olá! Você deve morrer!

Ela levantou a taça e derramou ácido no próprio rosto. Depois se virou e andou até dar de cara com a parede mais próxima. A serpente deu o bote e bateu com a cabeça várias vezes no chão.

— Tudo bem — disse Jason. — Acho que conseguimos o *modo idiota*.

— Olá! Morram!

Hígia se afastou da parede e bateu com a cara de novo.

— Vamos embora.

Leo correu na direção da porta de metal perto da plataforma. Ele segurou a maçaneta. Ainda estava trancada, mas Leo sentiu os mecanismos em seu interior, fios correndo pelo portal, conectados com...

Ele olhou para os dois painéis que piscavam acima da porta.

— Jason, me dê uma ajudinha.

Outra rajada de vento o ergueu no ar. Leo começou a trabalhar com seus alicates, reprogramando os painéis até o do alto se acender com a mensagem: O MÉDICO ESTÁ:

NA PISTA PRA NEGÓCIO.

O painel de baixo dizia:

ATENDENDO AGORA A SENHA:
AS GATAS SE AMARRAM NO LEO!

A porta de metal se abriu, e Leo desceu até o chão.

— Viu, a espera não foi das piores! — Leo sorriu para os amigos. — O doutor vai nos atender agora.

XXXVI

LEO

No fim do corredor havia uma porta de nogueira com uma placa de bronze:

ASCLÉPIO

Médico, dentista, enfermeiro, veterinário, paramédico, deus, cirurgião, pai de santo, milagreiro, curandeiro, Ph.D, LTDA., MBA, DVD, MP3, RSVP, VIP, BPKCT.

A lista devia continuar, mas, àquela altura, o cérebro de Leo tinha explodido. Piper bateu à porta.

— Dr. Asclépio?

A porta se abriu de repente. O homem que surgiu tinha um sorriso simpático, rugas ao redor dos olhos, cabelo curto e grisalho e barba bem-aparada. Usava jaleco branco por cima de um terno escuro e tinha um estetoscópio pendurado no pescoço — o estereótipo de um médico, exceto por uma coisa: Asclépio segurava um cajado negro polido com uma píton de verdade enrolada nele.

Leo não gostou de ver outra cobra. A píton o encarou com seus olhos amarelos pálidos, e Leo teve a sensação de que ela *não* estava programada no *modo idiota*.

— Olá! — disse Asclépio.

— Doutor. — O sorriso de Piper era tão caloroso que teria derretido um Boreada. — Nós ficaríamos tão *gratos* por sua ajuda. Precisamos da cura do médico.

Leo nem era seu alvo, mas o charme de Piper o atingiu de maneira irresistível. Ele teria feito qualquer coisa para ajudá-la a conseguir aquela cura. Teria feito faculdade de medicina, conseguido doze diplomas de doutorado e comprado uma grande píton verde em uma vara.

Asclépio pôs a mão no peito.

— Ah, minha querida, será um prazer.

O sorriso de Piper vacilou.

— O senhor vai nos ajudar? Quer dizer, é claro que vai.

— Venham! Venham! — Asclépio os convidou a entrar em seu consultório.

O sujeito era tão simpático que Leo achou que sua sala estaria cheia de instrumentos de tortura, mas parecia... bem, um consultório médico: uma grande escrivaninha de madeira, estantes cheias de livros de medicina e alguns daqueles modelos de órgãos de plástico com os quais Leo adorava brincar quando criança. Ele se lembrou de quando arranjou problemas uma vez por ter transformado um rim e alguns ossos da perna em um monstro-rim e assustado a enfermeira.

Naquela época, a vida era mais simples.

Asclépio sentou-se na grande poltrona de médico e apoiou o cajado e a cobra na mesa.

— Por favor, sentem-se!

Jason e Piper sentaram-se nas duas cadeiras em frente à mesa. Leo teve que permanecer de pé, o que não foi nenhum problema. Ele não queria ficar cara a cara com a cobra.

— Bem. — Asclépio se recostou. — Mal posso dizer a vocês como é bom conversar com pacientes de verdade. Nos últimos milênios, a papelada ficou fora de controle. Depressa, depressa, depressa. Preencha os formulários. Resolva a burocracia. Sem falar na vigia de alabastro gigante que mata todo mundo na sala de espera. Isso tira toda a graça da medicina!

— É — disse Leo. — Hígia é meio deprimente.

Asclépio sorriu.

— A verdadeira Hígia não é assim, garanto a vocês. Minha filha é muito simpática. De qualquer modo, você fez bem ao reprogramar a estátua. Tem mãos de cirurgião.

Jason sentiu um calafrio.

— Leo com um bisturi? Não dê ideias.

O deus médico riu.

— Bem, o que posso fazer por vocês? — Ele chegou a cadeira para a frente e olhou atentamente para Jason. — Hum... ferimento de espada de ouro imperial, mas cicatrizou bem. Nada de câncer nem problemas cardíacos. Fique atento a essa mancha no seu pé esquerdo, mas tenho certeza de que é benigna.

Jason ficou pasmo.

— Como o senhor...

— Ah, é claro! — disse Asclépio. — Você é um pouco míope! Fácil de resolver.

Ele abriu a gaveta e pegou um bloco de receituário e um estojo de óculos. O deus rabiscou alguma coisa no bloco, depois entregou os óculos e uma folha de papel para Jason.

— Fique com os óculos e guarde a receita para futura referência, mas estas lentes devem funcionar. Experimente.

— Espere — disse Leo. — Jason é míope?

Jason abriu o estojo.

— Eu... ultimamente tenho tido *um pouco* de dificuldade para ver as coisas a certa distância — admitiu ele. — Achei que fosse só cansaço. — Ele experimentou os óculos, que tinham uma armação fina de ouro imperial. — Uau. É. Muito melhor.

Piper sorriu.

— Ficou com cara de sério.

— Não sei, cara — disse Leo. — Eu ia preferir lentes de contato... daquelas laranja e brilhantes com pupilas de gato. Seria muito legal.

— Os óculos ficaram ótimos — disse Jason. — Obrigado, Dr. Asclépio, mas não foi por isso que viemos.

— Não? — Asclépio juntou as mãos, apenas tocando as pontas dos dedos. — Bem, vamos ver, então... — Ele se virou para Piper. — Você parece bem, minha querida. Quebrou o braço quando tinha seis anos. Queda de cavalo?

Piper ficou boquiaberta.

— Como você pode saber uma coisa dessas?

— Vegetariana — continuou ele. — Nenhum problema, apenas se lembre de continuar a consumir ferro e proteínas suficientes. Humm... Uma pequena fraqueza no ombro esquerdo. Suponho que tenha sido atingida por algo pesado, há cerca de um mês, talvez?

— Um saco de areia, em Roma — disse Piper. — Isso é impressionante.

— Se incomodar, alterne compressas frias e quentes — aconselhou Asclépio. — E você...

Ele se virou para Leo.

— Minha nossa. — A expressão do médico ficou séria. O brilho amistoso desapareceu de seus olhos. — Ah, estou vendo...

A expressão nos olhos do doutor dizia *Eu sinto muito mesmo*.

O coração de Leo ficou pesado como concreto. Se ele nutria alguma esperança de evitar o que estava por vir, desapareceu naquele instante.

— O quê? — Os óculos novos de Jason brilharam. — Qual o problema com Leo?

— Ei, doutor. — Ele lançou para o médico um olhar de *esqueça*. Com sorte, eles já tinham o conceito de sigilo médico na Grécia Antiga. — Nós viemos em

busca da cura do médico. O senhor pode nos ajudar? Tenho um pouco de menta pilosiana aqui e uma margarida amarela muito bonita.

Ele pôs os ingredientes na mesa, com cuidado para evitar a boca da serpente.

— Espere — disse Piper. — Tem algum problema com Leo ou não?

Asclépio pigarreou.

— Eu... Não importa. Esqueçam que eu disse qualquer coisa. Bem, vocês querem a cura do médico.

Piper fechou a cara.

— Mas...

— Gente, sério — disse Leo. — Tirando o fato de que Gaia vai destruir o mundo amanhã, eu estou bem. Vamos nos concentrar.

Eles não pareceram muito convencidos, mas Asclépio simplesmente seguiu com a conversa:

— Esta margarida foi colhida por meu pai, Apolo?

— Foi — disse Leo. — Ele mandou beijos e abraços.

Asclépio pegou a flor e a cheirou.

— Espero que meu pai saia bem dessa guerra. Zeus pode ser... bastante injusto. Agora, o único ingrediente que está faltando são os batimentos do deus acorrentado.

— Está comigo — disse Piper. — Pelo menos eu posso invocar os *makhai*.

— Excelente. Só um instante, querida. — Ele olhou para sua serpente. — Espeto, está pronto?

Leo segurou o riso.

— O nome da sua cobra é Espeto?

Espeto olhou para ele de modo sinistro; então sibilou e abriu uma coroa de espinhos em torno do pescoço, como um basilisco.

O riso de Leo morreu em sua garganta.

— Foi mal — disse ele. — Claro que seu nome é Espeto.

— Ele é um pouco mal-humorado — disse Asclépio. — As pessoas vivem confundindo o *meu* cajado com o de Hermes, que obviamente tem duas cobras. Há séculos as pessoas consideram o cajado de Hermes o símbolo da medicina, quando, é claro, deveria ser o *meu* cajado. Espeto se sente ofendido. George e Martha ficam com toda a atenção. Enfim...

Asclépio pôs a margarida e o veneno diante de Espeto.

— Menta pilosiana, morte certa. A maldição de Delos, enraizando o que não pode ser enraizado. Agora o ingrediente final, os batimentos do deus acorrentado, caos, violência e medo da mortalidade. — Ele se virou para Piper.

— Querida, pode invocar os *makhai*.

Piper fechou os olhos.

Um turbilhão de vento invadiu a sala. Vozes raivosas gritavam. Leo sentiu uma vontade estranha de acertar Espeto com um martelo. Queria estrangular o bom doutor com as próprias mãos.

Então a cobra abriu a boca e engoliu o vento furioso. Seu pescoço inflou como um balão quando os espíritos da batalha passaram por sua garganta. Depois Espeto engoliu a margarida e o frasco de menta pilosiana, de sobremesa.

— O veneno não vai fazer mal a ele? — perguntou Jason.

— Não, não — garantiu Asclépio. — Esperem só para ver.

No momento seguinte, a cobra Espeto regurgitou um frasco: um tubo de vidro do tamanho do dedo de Leo. Em seu interior brilhava um líquido vermelho-escuro.

— A cura do médico. — Asclépio pegou o frasco e o virou para a luz. Sua expressão ficou séria, depois confusa. — Esperem... por que eu concordei em fazer isso?

Piper pôs a mão na mesa com a palma virada para cima.

— Porque nós precisamos disso para salvar o mundo. É muito importante. O senhor é o único que pode nos ajudar.

O charme era tão poderoso que até Espeto, a cobra, ficou mais calmo. Ele se enroscou em torno do cajado e pegou no sono. A expressão de Asclépio se tranquilizou, como se ele estivesse relaxando em uma banheira de água quente.

— É claro — disse o deus. — Tinha esquecido. Mas vocês devem tomar cuidado. Hades odeia quando eu trago pessoas dos mortos. Na última vez que dei essa poção a uma pessoa, o senhor do Mundo Inferior reclamou com Zeus, e eu fui morto por um raio. BUM!

Leo ficou perplexo.

— Você está muito bem para um morto.

— Ah, eu melhorei. Isso foi parte do acordo. Sabe, quando Zeus me matou, meu pai, Apolo, ficou muito aborrecido. Ele não podia descarregar sua raiva diretamente em Zeus; afinal, o rei dos deuses era poderoso demais. Então, em vez disso, Apolo resolveu se vingar nos criadores dos raios. Ele matou alguns dos ciclopes anciãos. Por causa disso, Zeus castigou Apolo... severamente. No fim, para trazer a paz, Zeus concordou em me tornar o deus da cura, com a condição de que eu não trouxesse mais ninguém de volta à vida. — Nesse momento, os olhos de Asclépio se encheram de desconfiança. — E aqui estou eu... dando a cura a vocês.

— O senhor está disposto a abrir uma exceção, pois sabe quanto isso é importante — disse Piper.

— É... — Com relutância, Asclépio entregou o frasco a Piper. — De qualquer modo, a poção deve ser usada o mais rápido possível após a morte. Pode ser

injetada ou derramada na boca. E só há o suficiente para uma pessoa. — Ele olhou diretamente para Leo. — Vocês entenderam?

— Sim — prometeu Piper. — Tem certeza de que o senhor não quer vir com a gente, Asclépio? Sua guardiã está incapacitada. O senhor seria de grande ajuda a bordo do *Argo II*.

Asclépio sorriu com saudade.

— O *Argo*... Na época em que eu era um semideus, viajei no navio original, sabiam? Ah, ser novamente um aventureiro sem preocupações!

— Sim... — murmurou Jason. — Sem preocupações.

— Mas, infelizmente, não posso. Zeus já vai ficar com muita raiva de mim por ajudar vocês. Além disso, minha guardiã logo vai se reprogramar sozinha. Vocês devem partir. — Asclépio se levantou. — Desejo tudo de bom para vocês, semideuses. E se tornarem a ver meu pai, por favor... peçam desculpas a ele por mim.

Leo não entendeu o que o médico queria dizer com aquilo, mas eles foram embora.

Quando passaram pela sala de espera, a estátua de Hígia estava sentada em um banco, derramando ácido no rosto e cantando “Brilha, brilha, estrelinha” enquanto a cobra dourada mordida seu pé. A cena pacífica quase foi suficiente para deixar Leo animado.

*

Quando voltaram ao *Argo II*, eles se reuniram no refeitório e contaram tudo para os outros.

— Não gostei do jeito como Asclépio olhou para Leo... — disse Jason.

— Ah, ele só percebeu a dor que eu sinto no coração. — Leo tentou sorrir. — Estou morrendo de saudade de Calipso.

— Isso é *tão* lindo — disse Piper. — Mas não sei se é bem isso.

Percy olhou com uma expressão séria para o frasco vermelho reluzente que estava sobre a mesa, bem no meio.

— Qualquer um de nós pode morrer, certo? Então vamos precisar manter essa poção sempre à mão.

— Isso supondo que apenas *um* de nós morra — observou Jason. — Só tem uma dose.

Hazel e Frank olharam para Leo.

Ele lançou para os dois um olhar que dizia *Parem com isso*.

Os outros não viam o quadro completo: *Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado...* Jason ou Leo. Em Olímpia, Nice tinha avisado que um dos quatro semideuses que estavam lá iria morrer: Percy, Hazel, Frank ou Leo. Só um nome estava nessas duas listas: Leo. E para que o plano dele funcionasse, o garoto não poderia ter ninguém por perto quando apertasse o gatilho.

Seus amigos nunca aceitariam sua decisão. Iam discutir. Iam tentar salvá-lo. Iam insistir em procurar outra maneira.

Mas Leo estava convencido de que dessa vez *não havia* outra maneira. Era como Annabeth sempre dizia: lutar contra uma profecia nunca funcionava. Só criava mais problemas. Ele tinha que garantir que aquela guerra terminaria, de uma vez por todas.

— Temos que manter nossas opções em aberto — sugeriu Piper. — Precisamos, tipo, designar uma pessoa para levar a poção, alguém que possa reagir rapidamente e curar quem quer que seja morto.

— Boa ideia, Miss Universo — mentiu Leo. — Eu escolho você.

Piper piscou.

— Mas... Annabeth é mais sábia. Hazel pode chegar mais rápido em Arion. Frank pode se transformar em animais...

— Mas você tem o coração. — Annabeth apertou a mão da amiga. — Leo tem razão. Quando chegar a hora, você vai saber o que fazer.

— É — concordou Jason. — Tenho a sensação de que você é a melhor escolha, Pipes. Você vai estar lá com a gente no fim, aconteça o que acontecer, tempestade ou fogo.

Leo pegou o frasco.

— Todo mundo de acordo?

Ninguém se opôs.

Leo olhou nos olhos de Hazel. *Você sabe o que precisa fazer.*

Ele puxou um pedaço de camurça de seu cinto de ferramentas e fez um grande teatro para embrulhar a cura do médico. Depois, entregou o embrulho para Piper.

— Então, tudo bem — disse ele. — Próxima parada: Atenas. Preparem-se para encarar alguns gigantes.

— É... — murmurou Frank. — Tenho *certeza* de que vou dormir bem.

Depois que as pessoas deixaram a mesa, Jason e Piper tentaram dar uma prensa em Leo. Queriam conversar sobre o que tinha acontecido no consultório do deus, mas Leo se esquivou.

— Tenho que trabalhar no motor — disse ele, o que era verdade.

Quando chegou à sala das máquinas, com apenas Buford, a Mesa Maravilhosa, como companhia, Leo respirou fundo. Levou a mão ao cinto de ferramentas e pegou o verdadeiro frasco com a cura do médico, não a versão

truque-da-Névoa que entregara a Piper.

Buford soprou vapor sobre ele.

— Ei, cara, eu tive que fazer isso — defendeu-se Leo.

Buford ativou o Hedge holográfico: “VISTA ALGUMA COISA!”

— Olhe, esse é o único jeito. Do contrário, *todos* nós vamos morrer.

Buford emitiu um ruído agudo e melancólico, depois foi chacoalhando para um canto, emburrado.

Leo olhou para o motor. Ele tinha gastado muito tempo construindo-o. Havia dedicado meses de suor, dor e solidão.

Agora o *Argo II* se aproximava de seu destino final. A vida inteira de Leo, a infância com *Tía* Callida, a morte da mãe no incêndio do armazém, seus anos como filho adotivo, os meses no Acampamento Meio-Sangue com Jason e Piper... Tudo isso culminaria na manhã seguinte em uma única batalha final.

Ele abriu o painel de serviço.

A voz de Festus crepitou pelo sistema de comunicação.

— É, parceiro — concordou Leo. — Está na hora.

Mais estalidos.

— Eu sei. Juntos até o fim?

Festus emitiu um ruído agudo, concordando.

Leo conferiu o antigo astrolábio de bronze, que agora estava com o cristal de Ogígia encaixado. Só podia torcer para que funcionasse.

— Vou voltar para você, Calipso — murmurou Leo. — Eu jurei pelo Rio Estige.

Ele acionou um botão e ligou o sistema de navegação on-line. Ajustou o timer para vinte e quatro horas.

Por fim, abriu a saída de ventilação do motor e empurrou lá dentro o frasco com a cura do médico. O frasco desapareceu nas entranhas do navio com um *tump* definitivo.

— Agora é tarde demais para voltar atrás — disse Leo.

Ele se encolheu no chão e fechou os olhos, determinado a aproveitar o ruído familiar do motor pela última vez.

XXXVII

REYNA

— V_{OLTE!}

Reyna não gostava de dar ordens a Pégaso, o senhor dos cavalos alados, mas gostava *menos* ainda de ser derrubada do céu.

Quando se aproximavam do Acampamento Meio-Sangue, antes das primeiras horas do dia primeiro de agosto, ela avistou seis onagros romanos. Mesmo no escuro, o revestimento em ouro imperial dos mecanismos reluzia. Os enormes braços de lançamento se vergavam para trás como mastros de navio adernando em uma tempestade. Equipes de artilheiros corriam em torno dos onagros, carregando-os e conferindo a torção das cordas.

— O que são essas coisas? — perguntou Nico, aos gritos.

Ele voava uns seis metros à esquerda dela, no pégaso negro Blackjack.

— Armas de cerco — respondeu Reyna. — Se avançarmos mais, podem nos derrubar do céu.

— Desta altura?

À direita dela, montado em Guido, o treinador Hedge gritou:

— São onagros, garoto! Essas coisas acertam mais alto que um chute do Bruce Lee!

— Lorde Pégaso — disse Reyna, botando a mão no pescoço do garanhão —, precisamos de um lugar seguro para aterrissar.

Pégaso deve ter entendido, pois fez uma curva para a esquerda. Os outros cavalos alados foram atrás dele: Blackjack, Guido e os seis que levavam a Atena Partenos, pendurada por cabos.

Enquanto davam a volta na extremidade oeste do acampamento, Reyna pôde observar o cenário completo. A legião estava posicionada na base das colinas a leste, pronta para atacar ao amanhecer. Os onagros ficavam na retaguarda, em

um semicírculo espaçado, com intervalos de trezentos metros entre um e outro. A julgar pelo tamanho das armas, Reyna calculou que Octavian tinha poder de fogo suficiente para destruir todos os seres vivos do vale.

Mas isso era apenas parte da ameaça. Havia centenas de forças auxiliares acampadas ao longo dos flancos da legião. Embora fosse difícil enxergar no escuro, Reyna identificou pelo menos uma tribo de centauros selvagens e um exército de cinocéfalos, os homens com cabeça de cachorro que séculos antes tinham feito uma trégua instável com a legião. Os romanos estavam em grande inferioridade numérica, cercados por um mar de aliados não confiáveis.

— Ali. — Nico apontou na direção do Estreito de Long Island, onde as luzes de um iate grande brilhavam a uns quinhentos metros da costa. — Podíamos pousar no convés daquele iate. Os gregos controlam o mar.

Reyna duvidava que os gregos seriam minimamente mais amistosos que os romanos, mas pelo visto Pégaso gostou da ideia, pois desviou na direção das águas escuras do estreito.

A embarcação tinha cem pés de comprimento, linhas elegantes e portas de cor escura. Na proa, em letras vermelhas, estava pintado o nome *MI AMOR*. No tombadilho havia um heliporto grande o suficiente para a Atena Partenos.

Reyna não viu ninguém a bordo. O iate devia ser um mero barco mortal, ancorado apenas para a noite, mas se fosse uma armadilha...

— É nossa melhor opção — disse Nico. — Os cavalos estão cansados. Precisamos descer.

Ela assentiu com relutância.

— Vamos lá.

Pégaso aterrisou no convés de proa com Guido e Blackjack. Os outros seis cavalos baixaram a Atena Partenos cuidadosamente no heliporto, depois pousaram ao redor da estátua. Com os cabos e arreios, pareciam cavaleiros de carrossel.

Reyna desmontou. Tal qual fizera dois dias antes, ao conhecer Pégaso, ajoelhou-se diante do cavalo.

— Obrigada, ó grandioso.

Pégaso abriu as asas e inclinou a cabeça.

Mesmo naquele momento, depois de percorrer metade da costa leste americana nas asas de Pégaso, Reyna mal podia acreditar que o cavalo imortal lhe havia permitido montá-lo.

Reyna sempre o imaginara completamente branco, com asas como as de uma pomba, mas Pégaso tinha pelagem castanha com pintas douradas e vermelhas em torno do focinho. Hedge dizia que as pintas eram marcas de nascença, dos pontos em que o cavalo emergira do sangue e do icor de sua mãe decapitada,

Medusa. As asas de Pégaso eram das cores de asas de águia (dourado, branco, marrom e ferrugem), o que o deixava muito mais belo e imponente do que se fosse apenas branco. Ele tinha a cor de *todos* os cavalos, representando toda a sua linhagem.

O poderoso Pégaso relinchou.

Hedge foi até eles para traduzir.

— Pégaso diz que precisa partir antes de a batalha começar. Sabe, a força vital dele conecta todos os pégasos, então se ele for ferido, *todos* os cavalos alados sentem sua dor. É por isso que ele não sai muito. *Ele* é imortal, mas seus descendentes não. E Pégaso não quer que eles sofram por sua causa. Ele ordenou aos outros cavalos que ficassem conosco para nos ajudar a completar nossa missão.

— Eu entendo — disse Reyna. — Obrigada.

Pégaso relinchou.

Hedge arregalou os olhos. Ele engoliu um soluço, depois pegou um lenço na mochila e secou os olhos.

— Treinador? — Nico franziu a testa, preocupado. — O que Pégaso disse?

— Ele disse que não foi por causa da minha mensagem que veio nos ajudar. — Hedge se virou para Reyna. — Foi por *sua* causa. Ele sente o que todos os outros cavalos alados sentem e acompanhou sua amizade com Cipião. Pégaso disse que nunca ficou tão emocionado com a compaixão de um semideus por um cavalo alado. Ele dá a você o título de Amiga dos Cavalos. É uma grande honra.

Os olhos de Reyna lacrimejaram. Ela inclinou a cabeça.

— Obrigada, lorde Pégaso.

Pégaso bateu com as patas no convés. Os outros cavalos alados relincharam em saudação. Então Pégaso se elevou aos céus e subiu em uma espiral noite adentro.

Hedge ficou olhando para as nuvens, pasmo.

— Pégaso não aparecia fazia séculos. — Ele deu tapinhas nas costas de Reyna. — Muito bem, romana.

Reyna não achava que merecesse crédito por fazer Cipião passar por tanto sofrimento, mas reprimiu o sentimento de culpa.

— Nico, é melhor verificarmos o navio — disse ela. — Se houver alguém a bordo...

— Você está atrasada. — Ele acariciou o focinho de Blackjack. — Sinto a presença de dois mortais dormindo na cabine principal. Mais ninguém. Não sou nenhum filho de Hipnos, mas mandei para eles alguns sonhos profundos. Deve ser suficiente para que acordem só depois de amanhecer.

Reyna tentava não encará-lo. Nos últimos dias, ele tinha ficado muito mais

forte. A magia da natureza de Hedge o trouxera de volta da quase morte. Ela já tinha visto Nico realizar coisas impressionantes, mas manipular sonhos... Será que ele sempre fora capaz de fazer isso?

O treinador Hedge esfregou as mãos com ansiedade.

— Então, quando podemos ir para terra firme? Minha esposa está esperando!

Reyna observou o horizonte. Uma trirreme grega patrulhava as águas junto à costa, aparentemente alheia à chegada deles. Nenhum alarme soava. Nenhum sinal de movimento ao longo da praia.

Ela captou o vislumbre de um rastro d'água prateado ao luar, uns quinhentos metros a oeste. Uma lancha preta acelerava na direção deles, com todas as luzes apagadas. Reyna torceu para que fosse um mortal. Quando a lancha se aproximou, Reyna apertou com força o cabo da espada. Na proa da lancha brilhava a forma de uma coroa de louros com as letras ^{SPQR}.

— A legião mandou um comitê de boas-vindas — comentou Reyna.

Nico acompanhou o olhar dela.

— Achei que os romanos não tivessem marinha.

— Não tínhamos — disse ela. — Pelo visto, Octavian andou bem mais ocupado do que eu pensava.

— Então vamos atacar! — exclamou Hedge. — Porque ninguém vai ficar no meu caminho agora que estou tão perto.

Reyna contou três pessoas na lancha. Os dois atrás usavam elmos, mas ela reconheceu o rosto triangular e os ombros fortes do líder: Michael Kahale.

— Vamos tentar negociar — decidiu Reyna. — Aquele ali é um dos braços direitos de Octavian, mas é um bom legionário. Talvez eu consiga me entender com ele.

O vento jogou o cabelo preto de Nico sobre seu rosto.

— Mas se não conseguir...

A lancha reduziu e parou de costado. Michael gritou de lá:

— Reyna, tenho ordens de prendê-la e confiscar a estátua. Vou subir a bordo com mais dois centuriões. Espero que não seja necessário derramar sangue.

Reyna tentava controlar as pernas trêmulas.

— Suba, Michael! — Ela então se virou para Nico e Hedge. — Se eu não conseguir, estejam preparados. Michael Kahale não vai ser uma luta fácil.

*

Michael não estava vestido para combate. Usava apenas a camiseta roxa do

acampamento, calça jeans e tênis de corrida. Não portava nenhuma arma visível, o que, no entanto, não tranquilizava Reyna nem um pouco. Seus braços eram grossos como cabos de suspensão, sua expressão acolhedora como um muro. A tatuagem de pomba em seu antebraço parecia mais uma ave de rapina.

Com um brilho sombrio no olhar, ele avaliou a cena: a Atena Partenos presa com cabos aos pégasos, Nico empunhando a espada estígia, o treinador Hedge com o taco de beisebol.

Os centuriões que acompanhavam Michael eram Leila, da Quarta Coorte, e Dakota, da Quinta. Escolhas estranhas... Leila, filha de Ceres, não era conhecida por sua agressividade. Normalmente era bem equilibrada. E Dakota... Reyna não podia acreditar que o filho de Baco, o oficial mais simpático e de boa índole da legião, pudesse ficar do lado de Octavian.

— Reyna Ramírez-Arellano — disse Michael, como se estivesse lendo uma lista de nomes. — Ex-pretora.

— Eu *sou* pretora — corrigiu-o Reyna. — A menos que eu tenha sido destituída por votação unânime no Senado. É esse o caso?

Michael deu um suspiro profundo. Não parecia muito feliz com a tarefa.

— Tenho ordens de prendê-la e levá-la a julgamento.

— Sob a autoridade de quem?

— Você sabe de quem...

— Sob quais acusações?

— Escute, Reyna... — Michael passou a mão na testa, como se assim pudesse eliminar a dor de cabeça. — Eu também não gosto nada disso. Mas tenho ordens a cumprir.

— Ordens ilegais.

— É tarde demais para discutir. Octavian assumiu a liderança em uma situação emergencial. Ele tem o apoio da legião.

— Isso é verdade? — Ao perguntar isso, Reyna olhou acusadoramente para Dakota e Leila.

Leila não conseguia olhá-la nos olhos. Dakota piscava como se estivesse tentando transmitir uma mensagem, mas, sendo ele quem era, ficava difícil saber: poderia estar apenas tremendo por excesso de açúcar de tanto beber Tang.

— Estamos em guerra — disse Michael. — Temos que nos manter unidos. Dakota e Leila não foram os mais entusiasmados em se aliar. Octavian deu a eles esta última chance de provarem seu apoio. Se me ajudarem a levar você... de preferência viva, mas morta se necessário... não perderão o posto e terão provado sua lealdade.

— Lealdade a Octavian — observou Reyna. — Não à legião.

Michael estendeu as mãos como quem se resigna; mãos quase do tamanho de

luvas de beisebol.

— Você não pode culpar os oficiais por apoiarem Octavian. Ele tem um plano, um bom plano. Ao amanhecer, aqueles onagros vão destruir o acampamento grego sem nenhuma baixa romana. Os deuses serão curados.

Nico interveio:

— Vocês vão eliminar metade dos semideuses do mundo, metade do legado dos deuses, para *curá-los*? Vão destruir o Olimpo antes mesmo de Gaia despertar. E ela *está* despertando, centurião.

Michael franziu a testa.

— Embaixador de Plutão, filho de Hades... seja lá qual for seu nome, você foi considerado um espião inimigo. Tenho ordens de levá-lo para ser executado.

— Se conseguir — disse Nico friamente.

Aquela conversa era tão absurda que quase chegava a ser engraçada. Nico tinha vários anos, trinta centímetros e vinte e cinco quilos a menos. Mas Michael não fez um movimento sequer. As veias em seu pescoço pulsavam.

Dakota pigarreou.

— Hã... Reyna... venha conosco em paz. Por favor. Podemos resolver isso.

Definitivamente ele estava piscando para ela.

— Tudo bem, chega de conversa — disse o treinador Hedge, olhando para Michael Kahale de cima a baixo. — Podem deixar comigo que eu acabo com esse palhaço. Já enfrentei maiores.

Ao ouvir isso, Michael deu um sorriso de desdém.

— Você é um fauno corajoso, mas...

— Sátiro!

O treinador Hedge avançou sobre o centurião, baixando o taco de beisebol com toda a força. Michael simplesmente tomou o taco da mão dele e o quebrou com o joelho. Depois empurrou o treinador para trás, mas Reyna percebeu que ele não estava tentando machucá-lo.

— Chega! — rosnou Hedge. — Agora você me deixou furioso de verdade!

— Treinador — alertou Reyna —, Michael é muito forte. Você teria que ser um ogro ou um...

De algum ponto lá embaixo na água, uma voz gritou:

— Kahale! Por que tanta demora?

Michael levou um susto.

— Octavian?

— Claro que sou eu! — berrou a voz do meio da escuridão. — Cansei de esperar que você cumprisse minhas ordens! Vou subir a bordo. Todo mundo, dos dois lados, largue as armas!

Michael franziu a testa.

— Hã... senhor? Todo mundo? Até nós?

— Você não resolve nenhum problema nem com a espada nem com os punhos, seu grande idiota! Deixe esse lixo *graecus* comigo!

Michael ficou desconfiado, mas fez um gesto para Leila e Dakota, que puseram suas espadas no piso do convés.

Reyna olhou para Nico. Obviamente, havia alguma coisa errada. Ela não conseguia pensar em nenhum motivo para Octavian ir até ali e se colocar em risco. Ele com certeza não mandaria que os próprios oficiais largassem as armas. Mas os instintos de Reyna lhe diziam para continuar com o jogo. Ela largou a espada. Nico fez o mesmo.

— Estão todos desarmados, senhor — avisou Michael.

— Ótimo! — berrou Octavian.

Uma silhueta escura surgiu na escada, mas era grande demais para ser Octavian. Uma forma menor com asas planava no ar atrás dele — uma harpia? Quando Reyna percebeu o que estava acontecendo, o ciclope já tinha atravessado o convés em apenas dois passos largos. Ele deu um tapa na cabeça de Michael Kahale, que caiu como um saco cheio de pedras. Dakota e Leila recuaram, alarmados.

A harpia voou até o teto da cabine do convés. Sob a luz do luar, suas penas pareciam da cor de sangue coagulado.

— Forte — disse Ella, alisando as penas. — O namorado de Ella é mais forte que os romanos.

— Amigos! — falou Tyson, o ciclope, com sua voz grave. Ele levantou Reyna em um braço e Nico no outro. — Viemos salvar vocês. Um viva para nós!

XXXVIII

REYNA

REYNA NUNCA TINHA FICADO TÃO feliz em ver um ciclope; pelo menos até Tyson botá-los no chão e partir para cima de Leila e Dakota.

— Romanos maus!

— Tyson, espere! — disse Reyna. — Não os machuque!

Tyson franziu a testa, confuso. Ele era pequeno para um ciclope; uma criança, na verdade: pouco mais de dois metros de altura, cabelo castanho emaranhado e coberto de crostas de sal da água do mar. Seu único olho era grande e da cor de melado. Ele usava apenas sunga e uma blusa de pijama de flanela, como se não conseguisse decidir se ia nadar ou dormir. Exalava um cheiro forte de manteiga de amendoim.

— Eles não são maus? — perguntou Tyson.

— Não — disse Reyna. — Estavam apenas cumprindo ordens más. Acho que eles estão arrependidos. *Não estão*, Dakota?

Dakota levantou os braços tão rápido que mais parecia o Super-Homem prestes a levantar voo.

— Reyna, eu estava tentando avisar você! Leila e eu tínhamos combinado de surpreender Michael ajudando vocês a derrotá-lo.

— Isso mesmo! — Leila quase caiu de costas da amurada. — Mas o ciclope se adiantou e fez isso antes!

— Até parece! — zombou o treinador Hedge.

Tyson espirrou.

— Desculpe. Pelo de bode. Tenho alergia. Nós confiamos em romanos?

— Eu confio — disse Reyna. — Dakota, Leila, vocês entendem qual é a nossa missão?

Leila assentiu.

— Vocês querem devolver a Atena Partenos aos gregos como uma oferta de paz. Por favor, nos deixe ajudar.

— É. — Dakota assentiu vigorosamente. — A legião não está nem de perto tão unida quanto Michael afirmou. Não confiamos em todas as forças auxiliares que Octavian reuniu.

Nico deu um riso amargo.

— É um pouco tarde para ter dúvidas. Vocês estão cercados. Assim que o Acampamento Meio-Sangue cair, esses *aliados* vão se voltar contra vocês.

— Então o que faremos? — perguntou Dakota. — Temos no máximo uma hora antes do nascer do sol.

— Cinco horas e cinquenta e dois minutos — disse Ella, ainda pousada no teto da cabine do convés. — É o horário em que o sol vai nascer no dia primeiro de agosto na costa leste. *Horários para meteorologia naval*. Uma hora e doze minutos é mais que uma hora.

Dakota lançou um olhar atravessado para a harpia.

— Eu acato a correção.

O treinador Hedge olhou para Tyson.

— Corremos algum risco ao entrarmos no Acampamento Meio-Sangue? Mellie está bem?

Tyson coçou o queixo, pensativo.

— Está bem roliça.

— Mas ela está bem? — insistiu Hedge. — Ainda não deu à luz?

— O parto ocorre no fim do terceiro trimestre — aconselhou Ella. — Página quarenta e três do *Guia da mãe de primeira viagem para...*

— Eu preciso chegar lá!

Hedge parecia prestes a pular do iate e ir nadando. Reyna pôs a mão em seu ombro.

— Treinador, vamos levar você até sua esposa, mas vamos fazer isso direito. Tyson, como você e Ella chegaram aqui?

— Arco-Íris!

— Vocês... vocês pegaram um arco-íris?

— Meu amigo cavalo-peixe.

— Um cavalo-marinho — corrigiu Nico.

— Entendo. — Reyna pensou por um instante. — Você e Ella podem levar o treinador para o acampamento em segurança?

— Claro! — disse Tyson. — Com certeza!

— Ótimo. Treinador, vá encontrar sua esposa. Diga aos campistas que devo levar a Atena Partenos à Colina Meio-Sangue ao amanhecer. É um presente de Roma para a Grécia, para encerrar nossas desavenças. Se eles puderem não atirar

em mim nem me derrubar do céu, eu agradeço.

— Pode deixar — disse Hedge. — Mas e a legião romana?

— Isso é um problema — disse Leila com ar sério. — Aqueles onagros vão derrubar vocês.

— Vamos precisar distraí-los — decidiu Reyna. — Algo que atrase o ataque ao Acampamento Meio-Sangue e, de preferência, deixe essas armas fora de combate. Dakota e Leila, suas coortes vão seguir vocês?

— E-eu acho que sim... — gaguejou Dakota. — Mas se pedirmos a eles que cometam traição...

— Não é traição — disse Leila. — Não quando estamos agindo sob ordens diretas de nossa pretora. E Reyna ainda é pretora.

Reyna se virou para Nico.

— Preciso que você vá com Dakota e Leila. Enquanto eles estiverem criando problemas entre as fileiras, tentando retardar o ataque, você tem que dar um jeito de sabotar aqueles onagros.

O sorriso de Nico foi tão sombrio que fez Reyna sentir alívio por ele estar do lado *dela*.

— Vai ser um prazer. Vamos ganhar tempo para você entregar a Atena Partenos.

— Hã... — Dakota parecia desconfortável. — Digamos que você consiga entregar esse presente aos gregos; o que vai impedir Octavian de destruir a Atena Partenos depois que a estátua tiver sido entregue? Ele tem muito poder de fogo, mesmo sem os onagros.

Reyna olhou para o rosto de marfim de Atena sob o véu da rede de camuflagem.

— Quando a estátua for devolvida aos gregos... acho que vai ser difícil destruí-la. Ela tem muita magia. Só decidiu não usar seu poder ainda.

Leila se abaixou devagar e pegou sua espada, sem tirar os olhos da Atena Partenos.

— Vou confiar na sua palavra. E quanto a Michael, o que fazemos com ele?

Reyna olhou para o semideus havaiano, uma montanha roncando.

— Coloque-o na lancha em que vocês vieram. Não o machuque nem o amarre. Sinto que, no fundo, Michael está do lado certo. Só teve o azar de ser apadrinhado pela pessoa errada.

Nico embainhou sua espada negra.

— Tem certeza disso, Reyna? Não quero deixar você sozinha.

Blackjack relinchou e lambeu o rosto de Nico.

— Argh! Tudo bem, me desculpe. — Nico limpou a baba do cavalo. — Reyna não está sozinha. Ela tem uma tropa de pégasos excelentes.

Reyna não teve como não sorrir.

— Vou ficar bem. Com sorte, em breve vamos todos nos reencontrar, a tempo de lutar lado a lado contra as forças de Gaia. Tomem cuidado, e *Ave Romae!*

Dakota e Leila repetiram a saudação.

Tyson franziu sua única sobrancelha.

— Que ave é essa?

— Significa *Avante, romanos*. — Reyna apertou carinhosamente o braço do ciclope. — Mas também *Avante, gregos*, sem dúvida. — As palavras soaram estranhas em sua boca.

Ela encarou Nico. Queria abraçá-lo, mas não sabia se ele receberia bem o gesto. Ela estendeu a mão.

— Foi uma honra sair em missão com você, filho de Hades.

Nico apertou-lhe a mão com força.

— Você é a semideusa mais corajosa que eu já conheci, Reyna. Eu... A voz do menino falhou, talvez por ele perceber que tinha um grande público assistindo. — Não vou decepcioná-la. Vejo você na Colina Meio-Sangue.

O céu começava a clarear no leste quando o grupo se dispersou. Logo Reyna estava no convés do *Mi Amor* sozinha... exceto pelos oito pégasos e uma estátua de doze metros de altura.

Ela tentou acalmar os nervos. Não podia fazer nada até que Nico, Dakota e Leila tivessem tempo de desestabilizar os planos de ataque da legião, mas odiava ficar parada esperando.

Logo além da linha escura das montanhas, seus companheiros da Décima Segunda Legião se preparavam para um ataque desnecessário. Se Reyna tivesse ficado com eles, poderia tê-los guiado melhor. Poderia ter impedido a ascensão de Octavian. Talvez o gigante Órion tivesse razão: ela havia falhado como pretora.

Reyna se lembrou dos fantasmas nas sacadas de sua casa em San Juan, todos apontando para ela, sussurrando acusações: *Assassina. Traidora*. Lembrou-se da sensação do sabre de ouro na mão quando acertou o espectro do pai, o rosto dele contorcendo-se em uma expressão de ultraje e traição.

Você é uma Ramírez-Arellano!, seu pai sempre repetia. *Nunca abandone seu posto. Nunca baixe a guarda. E, acima de tudo, nunca traia os seus!*

Ao ajudar os gregos, Reyna tinha feito tudo isso. O que se esperava de um romano era que destruísse os inimigos. Mas, em vez disso, Reyna se juntara a eles. Deixara sua legião nas mãos de um louco.

O que sua mãe diria? Belona, a deusa da guerra...

Blackjack deve ter sentido sua agitação, pois foi até Reyna e esfregou o focinho nela.

Ela o acariciou.

— Não tenho nenhuma guloseima para você, garoto.

Ele bateu a cabeça contra o corpo dela carinhosamente. Nico dissera a Reyna que Blackjack normalmente era a montaria de Percy, mas ele parecia amigável com todo mundo. Tinha levado o filho de Hades sem protestar. E agora estava confortando uma romana.

Ela abraçou o poderoso pescoço do cavalo com os dois braços. A pelagem de Blackjack tinha o mesmo cheiro que a de Cipião, um misto de grama recém-cortada e pão quente. Ela deixou escapar um soluço que estava preso em sua garganta fazia algum tempo. Como pretora, Reyna não podia demonstrar fraqueza nem medo na frente de seus companheiros de luta. Tinha que permanecer forte. Mas, aparentemente, o cavalo não se importava.

Ele relinchou baixinho. Reyna não falava cavalês, mas achou que ele queria dizer: *Está tudo bem. Você agiu bem.*

Ela olhou para as estrelas, já desbotando no céu.

— Mãe — disse ela —, não tenho rezado o suficiente para você. Nunca a conheci. Nunca pedi sua ajuda. Mas, por favor... me dê forças hoje para fazer o que é certo.

Justo nesse momento, um ponto de luz brilhou no horizonte, algo vindo do outro lado do estreito, aproximando-se depressa como se fosse outra lancha.

Por um prolongado momento, Reyna pensou que fosse um sinal de Belona.

A forma escura se aproximava. A esperança de Reyna foi se transformando em medo. Ela esperou e esperou, paralisada pela incredulidade, enquanto a figura se revelava um grande homem correndo em sua direção pela superfície da água.

A primeira flecha acertou Blackjack no flanco. Ele caiu com um guincho de dor.

Reyna gritou, mas, antes que pudesse sequer se mexer, uma segunda flecha se cravou no piso bem entre seus pés. Preso ao cabo havia um pequeno display de LED brilhante, do tamanho de um relógio de pulso, marcando uma contagem regressiva começando em 5:00.

4:59.

4:58.

XXXIX

REYNA

— **EU** NO SEU LUGAR NÃO me mexeria, pretora!

Órion estava de pé na superfície da água, quinze metros a estibordo. Em seu arco, uma flecha pronta para ser disparada.

Reyna percebeu, através de seu olhar cheio de raiva e pesar, as novas cicatrizes que o gigante trazia. As Caçadoras o haviam deixado com marcas cinza e rosa nos braços e no rosto, de forma que ele parecia um pêssego amassado em processo de putrefação. Seu olho mecânico esquerdo estava escurecido. O cabelo tinha sido totalmente queimado, sobrando apenas algumas mechas esfiapadas. Seu nariz estava inchado e vermelho, consequência da corda de arco que Nico tinha feito arrebentar na cara do gigante. Tudo isso deu a Reyna uma pontada malévola de satisfação.

Infelizmente, porém, o gigante continuava com seu sorriso presunçoso.

Aos pés de Reyna, o cronômetro na flecha marcava 4:42.

— Flechas explosivas são *muito* sensíveis — disse Órion. — Depois que se cravam em um lugar, até o menor movimento pode detoná-las. Eu não ia querer que você perdesse os últimos quatro minutos da sua vida.

Os sentidos de Reyna se aguçaram. Os pégasos, nervosos, batiam os cascos no piso do convés em torno da Atena Partenos. Começava a amanhecer. O vento que soprava da margem trazia um leve aroma de morangos. Deitado ao lado dela no convés, Blackjack tremia e respirava com dificuldade — ainda vivo, mas gravemente ferido.

O coração de Reyna batia tão forte que ela teve medo de seus tímpanos estourarem. Para manter Blackjack vivo, transmitiu sua força a ele. Ela *não ia* deixá-lo morrer.

Reyna queria gritar insultos para o gigante, mas suas primeiras palavras foram

surpreendentemente calmas:

— O que aconteceu com minha irmã?

O branco dos dentes de Órion reluziu em seu rosto arruinado.

— Eu adoraria dizer que ela está morta. Adoraria ver a dor no seu rosto. Infelizmente, pelo que sei, sua irmã ainda está viva. Assim como Thalia Grace e aquelas Caçadoras irritantes. Elas me surpreenderam, tenho que admitir. Fui forçado a fugir para o mar. Passei os últimos dias ferido e sentindo dor, curando-me lentamente e construindo um arco novo. Mas não se preocupe, pretora. Você vai morrer primeiro. Sua preciosa estátua será queimada em uma grande fogueira. Depois que Gaia despertar, quando o mundo mortal estiver em ruínas, vou encontrar sua irmã. Vou dizer a ela que você morreu sofrendo. E depois vou matá-la. — Ele sorriu. — Então está tudo certo!

4:04.

Hylla estava viva. Thalia e as Caçadoras ainda continuavam por aí, em algum lugar. Mas nada disso importaria se a missão de Reyna falhasse. O sol nascia no último dia do mundo...

Blackjack começou a respirar com mais dificuldade.

Reyna reuniu sua coragem. O cavalo alado precisava dela. Lorde Pégaso a nomeara Amiga dos Cavalos, e ela não iria decepcioná-lo. Por enquanto ela não podia pensar no mundo inteiro. Tinha que se concentrar no que precisava de atenção imediata.

3:54.

— Então. — Ela encarava Órion com furor no olhar. — Você está ferido e feio, mas não morto. Acho que isso significa que vou precisar da ajuda de um deus para matar você.

Órion deu uma risadinha.

— Infelizmente, os romanos nunca foram muito bons em invocar deuses para ajudá-los. Acho que eles não têm muita consideração por vocês.

Reyna ficou tentada em concordar. Ela havia rezado para a mãe... e fora abençoada com a chegada de um gigante homicida. Um apoio daqueles.

Mas...

Reyna riu.

— Ah, Órion.

O sorriso do gigante vacilou.

— Você tem um senso de humor estranho, garota. Do que está rindo?

— Belona respondeu *sim* a minha oração. Ela não luta minhas batalhas por mim. Não me garante uma vitória fácil. Ela me dá oportunidades de provar meu valor; me dá inimigos fortes e aliados em potencial.

O olho esquerdo de Órion cintilou.

— Quanta baboseira. Você e sua estátua grega preciosa estão prestes a ser destruídas por uma coluna de fogo. Nenhum aliado pode ajudá-la. Sua mãe a abandonou, assim como você abandonou sua legião.

— Mas ela não fez isso — disse Reyna. — Belona não era apenas uma deusa da guerra. Ela não era como sua forma grega, Ênio, uma mera incorporação da carnificina. O templo de Belona era o lugar onde os romanos recebiam os embaixadores estrangeiros. Guerras eram declaradas lá, mas também se negociavam tratados de *paz*. Paz duradoura com base na força.

3:01.

Reyna sacou a adaga.

— Belona me deu a chance de fazer a paz com os gregos e aumentar a força de Roma. Eu aceitei a missão. Se eu morrer, vou morrer defendendo essa causa. Por isso digo que minha mãe *está* comigo hoje. A força dela se somará à minha. Atire sua flecha, Órion. Não vai fazer diferença. Quando eu arremessar esta adaga e perfurar seu coração, você *vai* morrer.

Órion estava de pé sobre as ondas, imóvel, seu rosto uma máscara de concentração. Seu olho bom brilhou cor de âmbar.

— Você está blefando — gritou ele. — Já matei centenas como você: garotas brincando de guerra, fingindo que estão à altura dos gigantes! Não vou lhe proporcionar uma morte rápida, pretora. Vou vê-la queimar, tal como as Caçadoras me queimaram.

2:31.

Blackjack arquejava, batendo as patas no chão. O céu começava a ficar cor-de-rosa. Um vento mais forte arrancou a rede de camuflagem da Atena Partenos, fazendo o tecido prateado voar, tremulando, para longe. A estátua brilhou às primeiras luzes do dia, e Reyna imaginou como a deusa ficaria linda na colina que se erguia acima do acampamento grego.

Isso precisa acontecer, pensou ela, torcendo para que os pégasos sentissem o que ela pretendia fazer. Vocês têm que completar a jornada sem mim.

Reyna fez uma reverência para a Atena Partenos.

— Senhora, foi uma honra escoltá-la.

Órion escarneceu:

— Agora resolveu conversar com estátuas inimigas? Esqueça. Você não tem nem dois minutos de vida.

— Ah, mas eu não vivo de acordo com os *seus* horários, gigante — disse Reyna. — Um romano não espera pela morte. Um romano vai ao encontro dela e a recebe segundo os próprios termos.

Ela arremessou a adaga. Acertou em cheio: bem no meio do peito do gigante.

Órion gritou em agonia. Que belo último som a se ouvir.

Ela puxou para a frente do corpo o manto que vestia e se jogou em cima da flecha explosiva, determinada a proteger Blackjack e os outros pégasos e, com sorte, proteger também os mortais que dormiam no convés inferior. Reyna não tinha ideia se seu corpo seria suficiente para conter a explosão ou se o manto abafaria as chamas, mas aquela era sua melhor chance de salvar seus amigos e a missão.

Ela se retesou inteira, esperando morrer. Sentiu a pressão quando a flecha detonou... mas não foi o que ela esperava. A explosão fez apenas um leve *pop* contra suas costelas, como um balão de aniversário cheio demais. Seu manto ficou desconfortavelmente quente. Nenhuma chama escapou de sob seu corpo.

Por que ela ainda estava viva?

Levante-se, ordenou uma voz em sua cabeça.

Em transe, Reyna obedeceu. Ondas de fumaça escapavam de seu manto. Ela percebeu algo diferente: o tecido roxo brilhava como se a trama tivesse filamentos de ouro imperial. Aos pés de Reyna, parte do chão tinha sido reduzida a um círculo de carvão, mas o manto não estava nem chamuscado.

Aceite meu aegis, Reyna Ramírez-Arellano, disse a voz. *Pois hoje você provou ser uma verdadeira heroína do Olimpo.*

Reyna olhava atônita para a Atena Partenos, que brilhava envolvida por uma leve aura.

O *aegis*... Reyna lembrava, de seus anos de estudo, que o termo *aegis* não se aplicava apenas ao escudo de Atena. Significava também a capa da estátua. Segundo a lenda, Atena às vezes cortava pedaços de seu enorme manto e os jogava sobre as estátuas de seus templos ou sobre algum herói que ela escolhesse proteger.

O manto de Reyna, que a garota usava fazia anos, de repente tinha mudado. O tecido havia absorvido a explosão.

Ela tentou dizer alguma coisa, agradecer à deusa, mas a voz não saía. A aura de luz da estátua se extinguiu. O ruído nos ouvidos de Reyna desapareceu. Ela percebeu que Órion ainda gritava de dor, cambaleando pela superfície da água.

— Você errou! — Ele arrancou a adaga do peito e a atirou nas ondas. — Ainda estou vivo!

Ele armou o arco e disparou, mas a cena se desenrolou como que em câmera lenta. Reyna puxou o manto para a frente do corpo. A flecha se despedaçou contra o tecido. Ela então correu na direção da amurada e saltou sobre o gigante.

Era uma distância impossível de se transpor com um salto, mas Reyna sentia uma onda de poder percorrer suas pernas, como se pegasse emprestada a força de sua mãe, Belona — recompensa por toda a força que Reyna emprestara aos outros ao longo dos anos.

Reyna apoiou-se no arco do gigante e o usou para dar impulso, saltando como uma ginasta. Foi parar nas costas de Órion. Ela o agarrou pela cintura com as pernas, depois torceu o manto em uma espécie de corda e a enrolou no pescoço do gigante com toda a sua força.

Ele instintivamente largou o arco. Órion tentou agarrar-se ao tecido cintilante do manto, mas, ao tocá-lo, seus dedos soltaram fumaça e criaram bolhas. Uma fumaça de odor acre e pungente começou a subir de seu pescoço.

Reyna apertou com mais força.

— Isto é por Phoebe — rosnou ela no ouvido do gigante. — Por Kinzie. Por todas as que você matou. Você vai morrer pelas mãos de uma *garota*.

Órion se debatia e lutava, mas a força de vontade de Reyna era inabalável. O poder de Atena impregnava seu manto. Belona a abençoava com força e determinação. Não apenas uma — *duas* deusas poderosas a ajudavam, mas era Reyna quem tinha que terminar de matá-lo.

E ela assim o fez.

O gigante caiu de joelhos e afundou na água. Reyna não o soltou até ele parar de se debater e seu corpo dissolver na espuma do mar. O olho mecânico desapareceu sob as ondas. O arco começou a afundar.

Reyna deixou que a arma dele sumisse na água. Não estava interessada em espólios de guerra, não tinha nenhum desejo de deixar qualquer parte do gigante sobreviver. Assim como a *mania* de seu pai e todos os outros fantasmas cheios de raiva que preenchiam seu passado, Órion não tinha nada para ensinar a ela. Ele merecia ser esquecido.

Além do mais, estava amanhecendo.

Reyna voltou nadando para o iate.

XL

REYNA

NÃO HAVIA TEMPO PARA COMEMORAR a vitória sobre Órion.

O focinho de Blackjack espumava. Suas pernas agitavam-se em espasmos. Do ferimento em seu flanco escorria sangue.

Reyna recorreu à bolsa de suprimentos que ganhara de Phoebe. Primeiro usou um unguento curativo para limpar o ferimento e depois derramou poção de unicórnio sobre a lâmina do canivete de prata.

— Por favor, por favor — murmurava ela para si mesma.

Na verdade, Reyna não tinha ideia do que estava fazendo, mas limpou a ferida da melhor maneira possível e segurou firme o cabo da flecha. Se a ponta fosse farpada e ela a arrancasse, acabaria machucando Blackjack ainda mais. Mas, se estivesse envenenada, não podia deixá-la ali. A garota também não podia empurrá-la para fazê-la sair do outro lado, pois estava cravada bem no meio do corpo do cavalo. Reyna teria que optar pelo menor dos males.

— Isso vai doer, meu amigo — disse ela a Blackjack.

Ele bufou, como se quisesse dizer *Conte uma novidade*.

Usando a adaga, ela fez um talho de cada lado da ferida. E arrancou a flecha. Blackjack emitia um grito agudo, mas a flecha saiu sem problemas. A ponta não era farpada. Podia estar envenenada, mas não tinha como ela saber. Um problema de cada vez.

Reyna passou um pouco mais de unguento sobre o ferimento e fez um curativo. Então pressionou o local por alguns segundos, contando baixinho. Ao que parecia, o sangramento estava diminuindo.

Ela então derramou poção de unicórnio na boca de Blackjack.

Reyna perdeu a noção do tempo. A pulsação do cavalo ficava cada vez mais estável e firme. Seus olhos já não revelavam dor. Sua respiração se acalmou.

Quando Reyna se levantou, tremia de medo e exaustão, mas Blackjack ainda estava vivo.

— Você vai ficar bem — prometeu ela. — Vou conseguir ajuda no Acampamento Meio-Sangue.

Blackjack fez um ruído incompreensível. Reyna podia jurar que ele tinha tentado dizer *donuts*. Ela só podia estar começando a delirar.

Finalmente percebeu como o céu já havia clareado. A Atena Partenos brilhava ao sol. Guido e os outros cavalos alados batiam com os cascos no convés, impacientes.

— A batalha...

Reyna se virou na direção da praia, mas não viu nenhum sinal de combate. Uma trirreme grega balançava na água preguiçosamente na maré da manhã. As colinas exibiam um verde de aparente tranquilidade.

Por um instante ela pensou que os romanos tivessem desistido de atacar.

Talvez Octavian tivesse caído em si. Talvez Nico e os outros tivessem dissuadido a legião.

Então um brilho laranja iluminou os cumes das colinas. Inúmeros rastros de fogo subiram aos céus. Pareciam dedos em chamas.

Os onagros tinham disparado sua primeira carga.

XLI

PIPER

PIPER NÃO SE SURPREENDEU COM a chegada dos homens-cobra.

Tinha passado a semana inteira pensando naquela vez em que encontrara o bandido Círon, no *Argo II*. Haviam acabado de escapar de uma tartaruga gigante quando ela fez a besteira de dizer: “Estamos protegidos.”

No mesmo instante, uma flecha acertou o mastro principal, a poucos centímetros de seu nariz.

Piper havia tirado disso uma lição valiosa: nunca ache que está segura e nunca, nunca tente as Parcas *anunciando* que você acha que está seguro.

E foi por isso que, quando o navio atracou na Baía de Pireu, perto de Atenas, Piper resistiu a uma grande vontade de dar um suspiro de alívio. Claro, eles tinham finalmente alcançado seu destino. Em algum lugar próximo dali — depois dos vários navios de cruzeiro, depois das colinas pontilhadas de casas e prédios —, eles encontrariam a Acrópole. De um jeito ou de outro, a jornada dos sete terminaria aquele dia.

Mas isso não significava que ela podia relaxar. A qualquer instante, uma surpresa terrível podia surgir do nada.

E a surpresa foram três sujeitos com rabo de cobra em vez de pernas.

Piper estava de vigia enquanto os outros se preparavam para o combate — conferindo armas e armaduras, carregando balistas e catapultas — quando avistou os homens-cobra se aproximando pelas docas, rastejando entre multidões de turistas mortais que os ignoravam solenemente.

— Hã... Annabeth? — chamou Piper.

Annabeth e Percy foram até ela.

— Ah, que ótimo — disse Percy. — *Dracaenae*.

Annabeth apertou os olhos.

— Acho que não. Pelo menos são diferentes das que eu já vi. As *dracaenae* têm dois rabos de cobra no lugar das pernas. Esses caras só têm um.

— Verdade — disse Percy. — E a parte de cima do corpo deles também parece mais humana. Não é toda escamosa e verde e tal. E aí, vamos recebê-los na base da conversa ou da luta?

Piper preferia optar pela *luta*. Só conseguia pensar na história que contara a Jason sobre o caçador cherokee que tinha virado cobra por quebrar seu tabu. Aqueles três ali deviam ter comido muita carne de esquilo.

Estranhamente, o que vinha à frente do trio lembrou a Piper seu pai quando deixara a barba crescer para seu papel em *Rei de Esparta*. O homem-cobra vinha com a cabeça bem erguida. Tinha o rosto moreno e cinzelado, os olhos negros como basalto, o cabelo preto cacheado brilhando de gel. Seu tronco era bem musculoso, coberto só por uma clâmide grega — um manto de lã branca que se usava transpassado, preso apenas no ombro. Da cintura para baixo, o estranho tinha um corpo gigante de serpente, com uns dois metros e meio de cauda, que ondulava atrás dele enquanto ele se movia.

Em uma das mãos ele carregava um cajado com uma cintilante joia verde no topo. Na outra, trazia uma travessa coberta com uma redoma de prata, como um prato a ser servido em um jantar grã-fino.

Os dois sujeitos atrás dele pareciam ser guardas. Usavam peitorais de bronze e elmos elaborados, com uma crista de crina de cavalo no topo. A lança que cada um portava tinha uma pedra verde na ponta; o escudo oval tinha gravada uma grande letra K grega, *capa*.

Eles pararam a alguns metros do *Argo II*. O líder da comitiva olhou para cima e observou os semideuses. Sua expressão era intensa, mas inescrutável. Ele podia tanto estar com raiva quanto preocupado, ou mesmo precisando desesperadamente ir ao banheiro.

— Permissão para subir a bordo.

A voz rouca do estranho lembrou a Piper uma navalha sendo passada em um amolador, como na barbearia de seu avô em Oklahoma.

— Quem é você? — perguntou ela.

Ele fixou os olhos negros nela.

— Eu sou Cécrope, o primeiro e eterno rei de Atenas. Gostaria de lhes dar as boas-vindas a minha cidade. — Ele ergueu a travessa coberta. — Trouxe bolo.

Piper olhou de soslaio para os amigos.

— Uma armadilha?

— Provavelmente — disse Annabeth.

— Pelo menos ele trouxe a sobremesa. — Percy sorriu para os homens-cobra.
— Bem-vindos a bordo!

*

Cécrope concordou em deixar seus guardas no convés superior com Buford, a mesa, que os mandou deitar no chão e pagar vinte flexões. Os guardas pareceram encarar aquilo como um desafio.

Enquanto isso, o rei de Atenas foi conduzido ao refeitório para um encontro de apresentações.

— Sente-se, por favor — convidou Jason.

Cécrope torceu o nariz.

— O povo serpente não senta.

— Então continue de pé, por favor — disse Leo.

Ele partiu o bolo e comeu um pedaço antes que Piper tivesse a chance de alertá-lo: poderia estar envenenado, ou não ser comestível para mortais, ou só ruim mesmo.

— Uau! — Ele sorriu. — O povo serpente sabe mesmo fazer um bolo. Tem um gostinho de laranja, com um toque de mel. Só precisava de um pouco de leite.

— O povo serpente não bebe leite — disse Cécrope. — Somos répteis com intolerância à lactose.

— Eu também! — disse Frank. — Quer dizer, tenho intolerância à lactose. Embora eu *possa* ser um réptil às vezes...

— Enfim — interrompeu Hazel. — Rei Cécrope, o que o traz aqui? Como sabia de nossa chegada?

— Sei de tudo o que acontece em Atenas — disse Cécrope. — Sou o fundador da cidade, fui o primeiro rei, nascido desta terra. Fui eu quem julguei a disputa entre Atena e Poseidon, eu que escolhi Atena como patrona da cidade.

— Sem ressentimentos — murmurou Percy.

Annabeth deu uma cotovelada nele.

— Já ouvi falar de você, Cécrope. Você foi o primeiro a oferecer sacrifícios a Atena. Construiu para ela o primeiro santuário na Acrópole.

— Exato. — A resposta de Cécrope soou amarga, como se ele estivesse arrependido da decisão. — Meu povo eram os atenienses *originais*, os *geminis*.

— Gêmeos? Tipo o signo do zodíaco? — perguntou Percy. — Eu sou de Leão.

— Não, seu idiota — disse Leo. — Não é nada disso.

— Vocês dois querem parar com isso? — brigou Hazel. — Acho que ele está querendo dizer *geminis* como *duplo*, metade homem, metade cobra. É esse o nome do povo dele. Ele é um *geminus*, no singular.

— Sim... — Cécrope se inclinou para longe de Hazel como se de algum

modo ela o tivesse ofendido. — Milênios atrás, fomos expulsos para o subterrâneo pelos humanos de duas pernas, mas eu conheço os caminhos da cidade melhor do que ninguém. Vim alertá-los. Se tentarem se aproximar da Acrópole pela superfície, vocês serão destruídos.

— Quer dizer... por você? — perguntou Jason, interrompendo sua degustação do bolo.

— Pelos exércitos de Porfíriion — disse o rei cobra. — Em volta de toda a Acrópole há grandes armas de cerco... onagros.

— *Mais* onagros? — protestou Frank. — Eles estavam em liquidação ou o quê?

— Os ciclopes — deduziu Hazel. — Eles estão fornecendo onagros tanto para Octavian quanto para os gigantes.

— Como se precisássemos de mais provas de que Octavian está do lado errado — resmungou Percy.

— E essa não é a única ameaça — continuou Cécrope. — O ar está cheio de espíritos da tempestade e grifos. Todos os caminhos para a Acrópole estão sendo patrulhados pelos Nascidos da Terra.

Frank tamborilou os dedos na cúpula que protegia o bolo.

— Então o que faremos? Vamos desistir? Não viemos até aqui para isso.

— Eu lhes ofereço uma alternativa — disse Cécrope. — A passagem subterrânea até a Acrópole. Por Atena, pelos deuses, ajudarei vocês.

Piper sentiu um arrepio na nuca. Ela se lembrou do que a gigante Peribeia lhe dissera em sonho: que os semideuses encontrariam amigos e inimigos em Atenas. Talvez a gigante estivesse falando de Cécrope e seu povo serpente. Mas alguma coisa na voz dele não agradava a Piper, aquele tom de navalha no amolador, como se ele estivesse se preparando para fazer um corte profundo.

— Mas...? — perguntou ela.

Cécrope virou seus insondáveis olhos negros para ela.

— Só um grupo pequeno de semideuses, não mais que três, pode passar despercebido pelos gigantes. Do contrário, eles detectariam a presença de vocês pelo cheiro. Mas nossas passagens subterrâneas podem levá-los direto às ruínas da Acrópole. Lá, vocês poderão neutralizar em segredo as armas de cerco para permitir que o restante da sua tripulação se aproxime. Com sorte, podem pegar os gigantes de surpresa. Assim têm a chance de impedir a cerimônia.

— Cerimônia? — perguntou Leo. — Ah... tipo para despertar Gaia.

— Já começou, agora mesmo — avisou Cécrope. — Não estão sentindo a terra trepidar? Os *geminis* são a melhor chance de vocês.

Piper notou avidez na voz dele. Quase fome.

Percy olhou para os outros ao redor da mesa.

— Alguma objeção?

— Só algumas — disse Jason. — Estamos às portas do inimigo. E você está nos pedindo para nos dividir. Não é assim que as pessoas acabam morrendo nos filmes de terror?

— Além do mais — acrescentou Percy —, Gaia *quer* que cheguemos ao Partenon. Quer que nosso sangue molhe as pedras e todo esse lixo psicopata. Não estaríamos indo direto para as mãos dela?

Os olhos de Annabeth encontraram os de Piper. Em silêncio, ela fez uma pergunta: *O que está achando disso tudo?*

Piper não estava acostumada com aquilo, com Annabeth olhando para ela em busca de conselhos. Desde Esparta elas haviam aprendido que juntas podiam enfrentar problemas de dois modos diferentes. Annabeth via as coisas de forma lógica, o movimento tático, enquanto Piper tinha reações instintivas que eram tudo menos lógicas. Juntas, ou elas resolviam os problemas duas vezes mais rápido, ou confundiam uma à outra completamente.

A oferta de Cécrope fazia sentido. Ou pelo menos parecia a opção menos suicida. Mas Piper tinha certeza de que o rei cobra estava ocultando suas verdadeiras intenções. Ela só não sabia como provar isso...

Então se lembrou de algo que seu pai lhe dissera anos antes: *Seu nome é Piper porque seu avô Tom achou que você teria uma voz poderosa. Você ia aprender todas as canções cherokee, até mesmo a canção da cobra.*

Um mito de uma cultura totalmente diferente, mas lá estava ela, encarando o rei do povo serpente.

Ela começou a cantar “Summertime”, uma das músicas preferidas do pai.

Cécrope ficou olhando para ela em deslumbramento. Até começou a balançar o corpo.

No início, a garota sentiu vergonha de estar cantando na frente de todos os seus amigos e de um homem-cobra. Seu pai sempre dissera que Piper tinha uma voz boa, mas ela não gostava de chamar atenção. Não gostava nem de cantar em grupo, em volta da fogueira no acampamento. Agora sua voz era a única a soar no refeitório. Todos ouviam, atônitos.

Quando ela terminou a primeira estrofe, todos ficaram alguns segundos em silêncio.

— Pipes — disse Jason. — Eu não sabia.

— Isso foi lindo — concordou Leo. — Talvez não... você sabe, lindo como *Calipso*, mas mesmo assim...

Piper encarava o rei cobra.

— Quais são suas verdadeiras intenções?

— Enganar vocês — respondeu ele, em transe, ainda balançando o corpo. —

Queremos levá-los para os túneis e destruí-los.

— Por quê? — perguntou Piper.

— A Mãe Terra nos prometeu grandes recompensas. Se derramarmos o sangue de vocês sob o Partenon, será suficiente para completar o despertar de Gaia.

— Mas você serve a Atena — insistiu Piper. — Você fundou a cidade.

Cécrope sibilou baixinho:

— E, em troca, a deusa me abandonou. Atena me substituiu por um rei de duas pernas, um *humano*. Levou minhas filhas à loucura; elas pularam para a morte dos penhascos da Acrópole. Os atenienses originais, os *gemi*ni, foram expulsos para os subterrâneos e esquecidos. Atena, a deusa da sabedoria, nos deu as costas, mas a sabedoria também vem da terra. Somos, fundamentalmente, filhos de Gaia. A Mãe Terra nos prometeu um lugar ao sol no mundo da superfície.

— Gaia está mentindo — disse Piper. — Ela pretende *destruir* o mundo da superfície, e não dá-lo a ninguém.

Cécrope mostrou as presas.

— Então não vamos ficar pior do que estávamos sob o domínio dos traícoeiros deuses!

Ele ergueu o cajado, mas Piper começou outra estrofe de “Summertime”.

Os braços do rei cobra amoleceram; seus olhos ficaram vidrados.

Depois de mais alguns versos, Piper arriscou mais uma pergunta:

— As defesas dos gigantes, a passagem subterrânea até a Acrópole... Até que ponto é verdade o que você nos contou?

— É tudo verdade — respondeu Cécrope. — A Acrópole está, sim, fortemente defendida, como descrevi. Qualquer aproximação pela superfície seria impossível.

— Então você *poderia* nos guiar por seus túneis — disse Piper. — Isso também é verdade?

Cécrope franziu a testa.

— Sim...

— E se você mandasse seu povo *não* nos atacar — prosseguiu ela —, eles obedeceriam?

— Sim, mas... — Cécrope estremeceu. — Sim, eles obedeceriam. Mas só três de vocês poderiam ir sem atrair a atenção dos gigantes.

Uma sombra cobriu os olhos de Annabeth.

— Piper, tentar isso seria loucura. Ele vai nos matar na primeira oportunidade.

— É — concordou o rei cobra. — Só a música dessa garota me controla. Eu a odeio. Por favor, cante mais.

Piper cantou mais um verso para ele.

Leo entrou na dança: pegou duas colheres e começou a batucar na mesa até levar um tapa de Hazel no braço.

— Eu devo ir — disse Hazel. — Se é no subterrâneo.

— Nunca — disse Cécrope. — Uma filha do Mundo Inferior? Meu povo se revoltaria com a sua presença. Nem a melhor música encantada pelo charme seria suficiente para impedi-los de exterminar vocês.

Hazel engoliu em seco.

— Talvez seja melhor eu ficar por aqui mesmo.

— Eu e Percy — sugeriu Annabeth.

— Hum... — Percy ergueu a mão. — Vou levantar o assunto aqui de novo. Isso é exatamente o que Gaia quer, nós dois, nosso sangue molhando as pedras *et cetera* e tal.

— Eu sei. — Annabeth exibiu uma expressão grave no rosto. — Mas é a escolha mais lógica. Os santuários mais antigos da Acrópole são dedicados a Poseidon e Atena. Cécrope, isso não ocultaria nossa aproximação?

— Sim — admitiu o rei cobra. — Seria difícil identificar o... o cheiro de vocês. As ruínas sempre irradiam o poder desses dois deuses.

— E eu — disse Piper ao terminar a música. — Vocês vão precisar de mim para manter nosso amigo aqui na linha.

Jason apertou a mão dela.

— Ainda não suporto a ideia de nos dividirmos.

— Mas é nossa melhor chance — disse Frank. — Eles três entram lá escondidos, neutralizam os onagros e criam uma distração. Aí a gente chega voando e disparando o fogo das balistas.

— Isso — disse Cécrope. — Esse plano pode funcionar. Se eu não matar vocês primeiro.

— Tive uma ideia — disse Annabeth. — Frank, Hazel, Leo... vamos conversar. Piper, pode neutralizar musicalmente nosso amigo aqui?

Piper começou outra música: “Happy Trails”, uma canção boba que seu pai cantava para ela antigamente, sempre que voltavam de Oklahoma para Los Angeles. Annabeth, Leo, Frank e Hazel saíram para discutir estratégias.

— Muito bem. — Percy se levantou e estendeu a mão a Jason. — Então nos vemos de novo na Acrópole, cara. É a minha vez de matar alguns gigantes.

XLII

PIPER

O PAI DE PIPER DIZIA que passar pelo aeroporto não contava como visitar uma cidade.

Piper tinha a mesma opinião em relação aos esgotos.

Do porto até a Acrópole, ela não viu nada de Atenas além de túneis escuros e pútridos. Nas docas, os homens-cobra os fizeram descer por um bueiro de ferro, que os levou direto para o covil subterrâneo dos *gemi*ni. Ali embaixo fedia a peixe podre, mofo e pele de cobra.

Naquela atmosfera, era difícil cantar músicas leves como “Summertime”, que falava sobre verão e plantações de algodão e uma vida tranquila, mas Piper continuava. Se parasse por mais que um ou dois minutos, Cécrope e seus guardas começavam a sibilar e a distribuir olhares raivosos.

— Não gosto deste lugar — murmurou Annabeth. — Estes túneis me lembram a vez em que fiquei nos subterrâneos de Roma.

Cécrope soltou uma risada sibilante.

— Nossos domínios são muito mais antigos. *Muito*, muito mais.

Annabeth segurou a mão de Percy, o que deixou Piper triste e desanimada. Como ela queria que Jason estivesse ali ao seu lado. Droga, até Leo serviria... embora talvez ela preferisse não segurar a mão dele: elas tendiam a pegar fogo quando ele ficava nervoso.

A voz de Piper ecoava pelos túneis. À medida que avançavam, mais homens-cobra se juntavam para ouvi-la. Logo estavam sendo seguidos por uma procissão, dezenas de *gemi*ni rastejando e se balançando ao ritmo da música.

A previsão de seu avô tinha se cumprido. Piper havia aprendido a canção da cobra — que por um acaso era uma composição de George Gershwin de 1935. Até então, Piper tinha até conseguido impedir que o rei cobra mordesse, como na velha história cherokee. Só havia um problema com aquela lenda: o guerreiro

que aprendeu a música das cobras teve que sacrificar a esposa em troca do poder. Piper não queria sacrificar ninguém.

O frasco com a cura do médico continuava embrulhado no tecido, guardado em um bolso de seu cinto. Ela não havia tido tempo de conversar com Jason e Leo antes de partir. Só lhe restava torcer para que todos se reencontrassem no topo da colina antes que algum deles precisasse da cura. Se um dos dois morresse e ela não conseguisse alcançá-los...

Apenas continue cantando, disse a si mesma.

Eles atravessaram câmaras de pedra talhadas rusticamente e repletas de ossos. Subiram elevações tão íngremes e escorregadias que mal conseguiam se manter de pé. Em determinado momento, passaram por uma caverna quente do tamanho de uma quadra poliesportiva que estava cheia de ovos de serpente, cobertos por uma camada de filamentos prateados que pareciam uma versão gosmenta daqueles enfeites compridos de árvore de Natal.

Cada vez mais homens-cobra se juntavam à procissão. O barulho que faziam ao se movimentarem rastejando era como um exército de homens enormes arrastando os pés — só que com uma lixa na sola dos sapatos.

Piper se perguntou quantos *gemini* viviam ali embaixo. Centenas, talvez milhares.

Tinha a impressão de estar ouvindo as batidas do próprio coração ecoando pelos corredores, e o som ficava cada vez mais alto à medida que eles avançavam. Então se deu conta de que o persistente *tum-tum* estava por toda a volta, ressoando através das rochas e do ar.

Eis que eu desperto. Uma voz de mulher, tão nítida quanto Piper cantando.

— Opa, isso não é bom — disse Annabeth, parando de repente.

— Como o Tártaro — disse Percy com tensão na voz. — Lembra? A batida do coração... Quando ele apareceu...

— Pare — disse Annabeth. — Por favor.

— Desculpe.

À luz de sua espada, o rosto de Percy parecia um vaga-lume gigante, um brilho turvo e momentâneo no escuro.

Gaia fez-se ouvir novamente, desta vez mais alto: *Finalmente*.

A voz de Piper vacilou no meio da música.

Ela foi tomada pelo medo, da mesma forma que tinha acontecido no templo espartano. Mas agora os deuses Fobos e Deimos eram seus velhos amigos. Ela deixou o medo queimar em seu interior como combustível, tornando sua voz ainda mais forte. Ela cantava para o povo serpente, para proteger seus amigos. Por que não também para Gaia?

Por fim, alcançaram o topo de uma subida íngreme, onde o caminho

terminava em uma cortina de gosma verde.

Cécrope virou-se para os semideuses.

— A Acrópole fica depois desta camuflagem. Fiquem aqui. Vou ver se o caminho está livre.

— Espere. — Piper virou-se para dirigir-se à multidão de *gemini*. — Há apenas morte na superfície. É melhor para vocês que fiquem aqui nos túneis. Voltem; rápido. Esqueçam que nos viram. Protejam-se.

O medo em sua voz foi canalizado perfeitamente pelo charme. O povo serpente, até os guardas, deu meia-volta e, rastejando, desapareceu na escuridão, deixando ali apenas o rei.

— Cécrope, você está planejando nos trair assim que passar por essa gosma, não? — disse Piper.

— Sim — confirmou ele. — Vou alertar os gigantes. Eles vão destruí-los. — Então ele acrescentou, em um sussurro agressivo: — Por que eu disse isso a vocês?

— Escute a pulsação de Gaia — insistiu Piper. — Você está sentindo a fúria da Mãe Terra, não está?

Cécrope hesitou. A ponta de seu cajado emitiu um brilho suave.

— Sim. Ela está com raiva.

— Ela vai destruir tudo — continuou Piper. — Vai reduzir a Acrópole a uma cratera fumegante. Atenas, sua cidade, será totalmente arrasada, assim como o seu povo. Você acredita em mim, não acredita?

— Eu... sim, acredito.

— Por mais ódio que você sinta dos humanos, dos semideuses, de Atena, nós somos a única chance de deter Gaia. Então você *não* vai nos trair. Para seu próprio bem e o de seu povo, você vai dar uma busca no território para garantir que o caminho está livre. Não vai contar nada aos gigantes. E depois vai voltar.

— É isso... o que vou fazer.

E então Cécrope cruzou a membrana de gosma e desapareceu.

Annabeth balançava a cabeça, impressionada.

— Piper, isso foi incrível.

— Vamos ver se dá certo.

Piper sentou-se no chão de pedra fria. Bem que ela podia descansar enquanto tinha a chance.

Os outros se agacharam ao lado dela. Percy lhe passou um cantil de água.

Até tomar o primeiro gole, Piper não tinha se dado conta de como sua garganta estava seca.

— Obrigada.

— Você acha que o charme vai durar?

— Não sei — admitiu ela. — Se Cécropo voltar daqui a dois minutos com um exército de gigantes, é porque não deu certo.

A pulsação de Gaia ecoava através do chão. Estranhamente, isso lembrava a Piper o mar, o estrondo das ondas quebrando nos penhascos de Santa Monica.

O que seu pai estaria fazendo naquele momento? Na Califórnia, devia ser madrugada àquela hora. Talvez ele estivesse dormindo, ou sendo entrevistado em um programa de tevê. Piper gostaria que ele estivesse em seu local preferido: a varanda da sala, contemplando a lua sobre o Pacífico, curtindo um pouco de tranquilidade. Ela queria imaginá-lo feliz e satisfeito naquele momento... caso eles falhassem na missão.

Ela pensou nos amigos do chalé de Afrodite, no Acampamento Meio-Sangue. Pensou nos primos em Oklahoma — o que era estranho, já que nunca tinha passado muito tempo com eles. Nem os conhecia direito; agora se arrependia disso.

Desejou ter aproveitado mais a vida, apreciado mais as coisas. Piper sempre seria grata por sua família a bordo do *Argo II*, mas tinha muitos outros amigos e parentes que desejava poder ver uma última vez.

— Vocês pensam nas suas famílias? — perguntou ela.

Era uma pergunta boba, ainda mais na iminência de uma batalha. Piper deveria estar concentrada na missão, não distraindo os amigos.

Mas eles não a condenaram.

Percy ficou com o olhar perdido. Seu lábio inferior começou a tremer.

— Minha mãe... Eu... eu nunca mais sequer a vi desde que Hera me sequestrou. Telefonei para ela do Alasca. Pedi ao treinador Hedge que enviasse a ela algumas cartas minhas. Eu... — A emoção transbordava em sua voz. — Minha mãe é tudo o que eu tenho. Ela e meu padrasto, Paul.

— E Tyson — lembrou-o Annabeth. — E Grover. E...

— Sim, claro — disse Percy. — Obrigado. Agora me sinto bem melhor.

Piper provavelmente não deveria ter rido, mas estava nervosa e melancólica demais para se conter.

— E você, Annabeth?

— Meu pai... minha madrastra e meus meios-irmãos. — Ela virou distraidamente a espada de osso de drakon que tinha no colo. — Depois de tudo que passei no último ano, parece bobagem ficar ressentida com eles por tanto tempo. E a família do meu pai... Fazia anos que eu não pensava neles. Tenho um tio e um primo em Boston.

Percy fez uma expressão de choque.

— Logo você, aí com o seu boné dos Yankees? Você tem família no território dos Red Sox?

Annabeth esboçou um sorriso.

— Eu nunca encontro essa parte da família. Meu pai e meu tio não se dão bem. Alguma rixa antiga. Não sei. As pessoas se afastam por coisas estúpidas.

Piper concordou. Seria bom ter os poderes curativos de Asclépio. Seria bom poder olhar para as pessoas e ver o que as estava machucando, depois receitar umas poções e remédios e assim fazer com que tudo ficasse melhor. Mas devia haver uma razão para Zeus manter Asclépio preso ali naquele templo subterrâneo.

Algumas dores não devem ser eliminadas com tanta facilidade. É necessário lidar com elas, até abraçá-las. Sem a agonia dos últimos meses, Piper nunca teria encontrado suas melhores amigas, Hazel e Annabeth. Nunca teria descoberto a própria coragem. Certamente não teria coragem de cantar para o povo serpente no subsolo de Atenas.

Na entrada do túnel, a membrana verde se abriu.

Piper pegou rapidamente a espada e a ergueu, preparada para uma enxurrada de monstros.

Mas Cécrope surgiu sozinho.

— Tudo certo — disse ele. — Mas andem rápido. A cerimônia está quase no fim.

*

Passar por uma cortina de catarro foi quase tão divertido quanto Piper tinha imaginado.

Ela saiu do outro lado sentindo como se tivesse acabado de despencar da narina de um gigante. Felizmente, não ficou nenhuma gosma grudada no corpo, mas mesmo assim ela sentia arrepios de nojo.

Os três se viram em um poço fresco e úmido que parecia ser o nível subterrâneo de um templo. Por toda a volta estendia-se um solo irregular que terminava em escuridão. Logo acima de suas cabeças havia uma abertura retangular que dava para o céu. Piper via o alto de paredes e o topo de colunas, mas nenhum monstro... ainda.

A membrana de camuflagem tinha se fechado atrás deles e se fundido ao chão. Piper examinou a área: parecia rocha sólida. Eles não poderiam voltar por onde tinham chegado.

Annabeth passou a mão por algumas marcas no chão, linhas no formato de um pé de galinha irregular, do tamanho de uma pessoa. A área era protuberante e

branca, como uma cicatriz na pedra.

— É aqui — disse ela. — Percy, estas são as marcas do tridente de Poseidon.

Percy tocou as ranhuras, hesitante.

— Ele devia estar usando um tridente tamanho GG.

— Foi aqui que ele atingiu a terra — continuou Annabeth. — Onde ele fez surgir uma nascente de água salgada quando disputou com minha mãe para ser patrono de Atenas.

— Então foi aqui que começou a rivalidade — concluiu Percy.

— Foi.

Percy puxou Annabeth para si e a beijou... Um beijo tão demorado que Piper ficou bem constrangida, embora não tenha dito nada. Ela se lembrou da velha regra do chalé de Afrodite: para ser reconhecida como filha da deusa do amor, era preciso partir o coração de alguém. Piper havia decidido, fazia muito tempo, mudar essa regra. Percy e Annabeth eram um exemplo perfeito do motivo: era preciso tornar *completo* o coração de alguém. Esse era um teste muito melhor.

Quando Percy se afastou, Annabeth parecia um peixe tentando desesperadamente respirar.

— A rivalidade termina aqui — disse Percy. — Eu amo você, Sabidinha.

Annabeth deu um leve suspiro, como se alguma coisa dentro de seu peito tivesse derretido.

Percy olhou para Piper.

— Desculpe, eu tive que fazer isso.

Piper sorriu.

— Como uma filha de Afrodite poderia não aprovar? Você é um ótimo namorado.

Annabeth soltou outro suspiro.

— Hã... enfim... Estamos embaixo do Erecteion. É um templo tanto para Atena quanto para Poseidon. O Partenon deve ficar em uma diagonal a sudeste daqui. Vamos ter que dar a volta discretamente e neutralizar o maior número possível de armas de cerco, para abrir uma brecha por onde o *Argo II* possa se aproximar.

— Estamos em plena luz do dia — disse Piper. — Como vamos passar despercebidos?

Annabeth observou o céu.

— Foi por isso que eu, Frank e Hazel montamos um plano. Tomara que... Ah. Vejam.

Uma abelha zumbiu acima deles. Depois, dezenas mais fizeram coro. Elas enxamearam em torno de uma coluna, depois ficaram voando acima da abertura do poço.

— Pessoal, digam oi para Frank — disse Annabeth.

Piper acenou. A nuvem de abelhas foi embora voando.

— Como é que isso funciona? — perguntou Percy. — Tipo... uma abelha é um dedo? Outras duas abelhas são os olhos?

— Não sei — admitiu Annabeth. — Mas ele é nosso mensageiro. Assim que Frank avisar Hazel, ela vai...

— Ahh! — gritou Percy.

Annabeth cobriu a boca com a mão.

O que foi bem esquisito, porque de repente todos eles tinham se transformado em enormes Nascidos da Terra de seis braços.

— A Névoa de Hazel — lembrou Piper, em um tom de voz sério, grave.

Ao olhar para baixo, ela percebeu que também tinha agora um belo corpo de Neandertal: barriga cabeluda, tanguinha, pernas atarracadas e pés enormes. Se ela se concentrasse, conseguia ver seus braços normais, mas, quando os movimentava, via-os tremeluzindo como miragens, separando-se em três pares diferentes de musculosos braços de Nascidos da Terra.

Percy fez uma careta, que ficou ainda pior em seu recém-adquirido rosto feioso.

— Uau, Annabeth... Ainda bem que a gente se beijou *antes* de você se transformar.

— Puxa, muito obrigada. Bom, temos que ir. Vou dar a volta no sentido horário. Piper, você vai no sentido contrário. Percy, você vai pelo meio...

— Esperem — disse Percy. — Estamos indo direto para a armadilha do derramamento de sangue sobre a qual fomos alertados, e vocês querem se dividir *ainda mais*?

— Assim vamos cobrir uma área maior — argumentou Annabeth. — Precisamos correr. Esses cânticos...

Piper não tinha percebido até aquele momento, mas então ela ouviu: um som monótono agourento a distância, como cem empilhadeiras em ponto morto. Ela olhou para o chão e percebeu fragmentos de cascalho vibrando e se movendo na mesma direção, como se estivessem sendo atraídos para o Partenon.

— Certo — disse Piper. — Encontro vocês no trono do gigante.

*

No início foi fácil.

Havia monstros por toda parte, centenas de ogros, Nascidos da Terra e

ciclopes circulando em meio às ruínas, mas a maioria deles estava reunida no Partenon, assistindo à cerimônia em andamento. Piper seguia pelas bordas dos penhascos da Acrópole sem ser perturbada.

Havia três Nascidos da Terra tomando sol sobre as rochas perto do primeiro onagro. Piper foi para perto deles e sorriu.

— Olá.

Antes que eles emitissem qualquer som, ela os matou com a espada. Os três derreteram em montes de escória. Piper então cortou a corda da mola do onagro para neutralizar a arma, depois seguiu em frente.

Agora Piper tinha um objetivo. Causar o maior estrago possível antes que descobrissem a sabotagem.

Ela desviou de uma patrulha de ciclopes. O segundo onagro estava cercado por um grupo de ogros lestrigões, mas Piper conseguiu se aproximar da arma sem levantar suspeitas. Ela derramou um frasco de fogo grego no cesto. Com sorte, assim que tentassem carregar a catapulta, a máquina explodiria na cara deles.

Seguiu em frente. Havia grifos empoleirados na colunata de um templo antigo. Um grupo de *empousai* tinha ido para a sombra de uma arcada e parecia estar cochilando, o cabelo flamejante bruxuleando, tênue, as pernas de metal brilhando. Com sorte, se tivessem que lutar, o calor do sol as deixaria lentas.

Sempre que podia, Piper matava monstros isolados, mas passava direto por grupos maiores. Enquanto isso, a multidão no Partenon aumentava. Os cânticos ficavam mais altos. Piper não conseguia ver o que estava acontecendo no interior das ruínas, só as cabeças de vinte ou trinta gigantes de pé em um círculo, murmurando e balançando o corpo — talvez uma versão monstro de músicas gospel.

Ela sabotou uma terceira arma de cerco cortando as cordas de torção, o que provavelmente daria ao *Argo II* caminho livre para se aproximar pelo norte.

Piper torcia para que Frank estivesse atento ao progresso dela. Quanto tempo o navio levaria para chegar?

De repente, a cantilena parou. Um *BUM* ecoou pela encosta. No Partenon, os gigantes urraram em triunfo. Por toda a volta de Piper chegavam monstros, indo na direção do som.

Aquilo não podia ser boa coisa. Piper se enfiou no meio de um grupo de Nascidos da Terra de cheiro azedo. Subiu os degraus de entrada do templo, depois escalou alguns andaimes de metal para enxergar sobre as cabeças dos gigantes e ciclopes.

A cena nas ruínas quase a fez dar um grito.

Diante do trono de Porfíron, dezenas de gigantes de pé formavam um círculo

espaçado, gritando e brandindo suas armas, enquanto dois deles desfilavam em volta da roda, suas presas à mostra. A princesa Peribeia segurava Annabeth pelo pescoço como se a menina fosse um gato feroz. O gigante Encélado tinha Percy preso em sua enorme mão fechada.

Annabeth e Percy lutavam inutilmente. Seus captores os exibiram para a horda vibrante de monstros, depois se viraram para encarar o rei Porfíron, que estava sentado em seu trono improvisado, os olhos brancos reluzindo de maldade.

— Bem na hora! — exclamou o rei dos gigantes. — O sangue do Olimpo, para despertar a Mãe Terra!

XLIII

PIPER

PIPER VIA HORRORIZADA O REI dos gigantes se levantar. De pé, sua altura era quase a mesma das colunas do templo. O rosto dele era exatamente como Piper se lembrava: pele verde como bile, um sorriso perverso e o cabelo cor de alga marinha trançado com espadas e machados tomados de semideuses mortos.

Elevando-se acima de seus prisioneiros, ele os observava se debaterem.

— Eles chegaram exatamente como você previu, Encélado! Parabéns!

O velho inimigo de Piper fez uma reverência; e os ossos trançados chacoalharam em seus *dreadlocks*.

— Foi simples, meu rei.

Os padrões de chamas em sua armadura reluziam. Sua lança queimava, tomada por labaredas arroxeadas. Ele só precisava de uma das mãos para segurar seu prisioneiro.

Apesar de todo o poder de Percy Jackson, apesar de tudo a que ele havia sobrevivido, no fim, o filho de Poseidon estava impotente diante da força bruta do gigante... e da inevitabilidade da profecia.

— Eu sabia que esses dois iam liderar o ataque — prosseguiu Encélado. — Entendo como eles pensam. Atena e Poseidon... Eles eram iguaizinhos a estes garotos! Os dois vieram para cá querendo reclamar para si esta cidade. Sua arrogância foi sua ruína!

Em meio aos gritos da multidão, Piper mal conseguia ouvir os próprios pensamentos, mas ela repetiu mentalmente as palavras de Encélado: *esses dois iam liderar o ataque*. Seu coração acelerou.

Os gigantes esperavam por Percy e Annabeth. Não esperavam por *ela*.

Pela primeira vez, ser Piper McLean, a filha de Afrodite, aquela que ninguém levava a sério, podia lhe dar alguma vantagem.

Annabeth tentou falar, mas a gigante Peribeia a sacudi pelo pescoço.

— Cale a boca! Nem ouse usar sua lábia contra mim!

A princesa sacou uma faca tão comprida quanto a espada de Piper.

— Deixe-me fazer as honras, pai!

— Espere, filha. — O rei recuou. — O sacrifício deve ser feito corretamente.

Toas, algoz das Parcas, aproxime-se!

O gigante cinza e enrugado surgiu arrastando os pés, segurando um cutelo exageradamente grande. Ele fixou os olhos leitosos em Annabeth.

Percy gritou. Do outro lado da Acrópole, a centenas de metros de distância, um gêiser de água jorrou para o céu.

O rei Porfíron riu.

— Vai ter que fazer melhor que isso, filho de Poseidon. A terra aqui é poderosa demais. Nem seu pai seria capaz de invocar mais que uma nascente. Mas não se preocupe. O único líquido necessário hoje é seu sangue!

Piper corria os olhos pelo céu desesperadamente. Onde estava o *Argo II*?

Toas se ajoelhou e, reverentemente, tocou a terra com lâmina de seu cutelo.

— Mãe Gaia... — A voz dele era incrivelmente grave, abalando as ruínas, fazendo os andaimes de metal ressoarem sob os pés de Piper. — Em tempos ancestrais, o sangue se misturou com seu solo para criar vida. Agora, deixe que o sangue desses semideuses retribua o favor. Vamos garantir seu despertar. Nós a saudamos como nossa senhora eterna!

Sem pensar, Piper saltou do andaime. Passou por cima das cabeças dos ciclopes e ogros, aterrissou no pátio do templo e abriu caminho até o círculo dos gigantes. Quando Toas se levantou com o cutelo, Piper atacou com sua espada, decepando a mão de Toas na altura do pulso.

O gigante velho uivou. O cutelo e a mão decepada caíram no chão aos pés de Piper. Ela sentiu seu disfarce de Névoa se esgotar até sua imagem voltar ao normal: uma garota no meio de um exército de gigantes. Sua espada dentada parecia um palito de dente comparada com as armas enormes deles.

— O QUE É ISSO? — urrou Porfíron. — Como essa criatura fraca e inútil ousa nos interromper?

Piper seguiu seu instinto. Atacou.

*

As vantagens de Piper: ser pequena, rápida e completamente louca. Ela sacou a adaga Katoptris e a lançou em Encélado, torcendo para não acertar Percy por

acidente. Então se jogou para o lado sem testemunhar se o acertara ou não, mas, a julgar pelo grito de dor do gigante, ela tinha mirado bem.

Vários gigantes correram ao mesmo tempo na direção dela. Piper escapou entre as pernas deles, deixando que eles batessem suas cabeças.

Ela passou ziguezagueando pela multidão, enfiando a espada em pés de dragão sempre que surgia a oportunidade, gritando “FUJAM! FUJAM DAQUI!”, para semear a discórdia.

— NÃO! DETENHAM-NA! — gritou Porfíriion. — MATEM-NA!

Uma lança quase a empalou. Piper se esquivou e continuou a correr. *É igual à captura da bandeira*, disse para si mesma. *Só que todos da equipe adversária têm dez metros de altura.*

Uma espada enorme cortou seu caminho. Em comparação a seu treinamento com Hazel, o golpe foi ridiculamente lento. Piper saltou a lâmina e correu em ziguezague na direção de Annabeth, que ainda se contorcia e esperneava na mão de Peribeia.

Piper *precisava* salvar a amiga.

Infelizmente, porém, a gigante previu seu plano.

— Acho que não, semideusa! — berrou Peribeia. — Esta aqui vai sangrar!

A gigante levantou sua faca.

Piper gritou com o charme:

— ERRE!

Ao mesmo tempo, Annabeth encolheu as pernas para se tornar um alvo menor.

A faca de Peribeia passou por baixo das pernas da filha de Atena e acertou a própria mão da gigante.

— AAAAIIII!

Peribeia soltou Annabeth... viva, mas não intacta. A lâmina abriu um corte feio na parte de trás de sua coxa. Quando a menina rolou para longe, seu sangue molhou a terra.

O sangue do Olimpo, pensou Piper, horrorizada.

Mas ela não podia fazer nada em relação a isso. Precisava ajudar Annabeth.

Piper atacou Peribeia. Sua espada dentada de repente ficou fria como gelo em suas mãos. Surpresa, a gigante olhou para baixo quando a arma do Boreada penetrou em sua barriga. Seu peitoral se cobriu de gelo.

Piper arrancou a espada. A gigante caiu para trás, congelada e soltando vapor branco da ferida, e atingiu o chão com um baque surdo.

— Minha filha!

O rei Porfíriion apontou sua lança e atacou.

Mas Percy tinha outras ideias.

Encélado o havia soltado... provavelmente porque estava ocupado demais

cambaleando sem rumo com a adaga de Piper enfiada na testa, cheio de icor escorrendo dos olhos.

Percy estava desarmado. Sua espada talvez tivesse sido confiscada ou perdida na luta, mas ele não deixou que isso o detivesse. Enquanto o rei gigante corria na direção de Piper, Percy segurou a ponta da lança de Porfíron, empurrou-a para baixo e a fincou no chão. O próprio impulso do gigante o levantou do chão em uma manobra involuntária de salto com vara, e ele deu uma cambalhota e caiu de costas.

Enquanto isso, Annabeth se arrastava pelo templo. Piper correu até ela e ficou junto à amiga golpeando com a espada de um lado para outro a fim de manter os gigantes afastados. Um vapor azul e frio envolvia sua espada agora.

— Quem quer virar o próximo picolé? — gritou ela, canalizando sua raiva no charme. — Quem quer voltar para o Tártaro?

Fez efeito. Os gigantes ficaram agitados e confusos, olhando para o corpo congelado de Peribeia.

E por que Piper não iria intimidá-los? Afrodite era a olimpiana mais antiga, nascida do mar e do sangue de Urano. Era mais velha que Poseidon e Atena, até mesmo que Zeus. E Piper era sua filha.

Mais que isso, ela era uma McLean. Seu pai tinha vindo de baixo e agora era conhecido no mundo inteiro. Os McLean não recuavam. Como todos os cherokee, eles sabiam resistir ao sofrimento, sabiam como manter o orgulho e, quando necessário, sabiam lutar. E aquela era hora de lutar.

A quinze metros dali, Percy se debruçou sobre o rei gigante, tentando arrancar uma espada das tranças de seu cabelo. Mas Porfíron não estava tão zonzo quanto parecia.

— Tolos!

Porfíron deu um tapa com as costas da mão em Percy como se ele fosse uma mosca irritante. O filho de Poseidon bateu contra uma coluna com um *cres* assustador.

Porfíron ficou de pé.

— Esses semideuses *não podem* nos matar! Eles não têm a ajuda dos deuses. Lembrem-se de quem vocês são!

Os gigantes fecharam o cerco. Havia uma dúzia de lanças apontadas para o peito de Piper.

Annabeth se levantou com dificuldade e pegou a faca de Peribeia, mas mal conseguia se manter de pé, muito menos lutar. Cada gota de seu sangue que pingava no chão borbulhava, passando de vermelho para dourado.

Percy tentou se levantar, mas estava obviamente atordoado. Não conseguiria se defender.

A única opção de Piper era manter os gigantes concentrados nela própria.

— Vamos lá, então! — gritou. — Eu mesma vou destruir todos vocês, se for preciso!

Um cheiro metálico de tempestade preencheu o ar. Todos os pelos nos braços de Piper se arrepiaram.

— A questão é que... — disse uma voz vinda de cima — você não precisa.

O coração de Piper quase saltou do peito. Jason estava parado em cima da colunata mais próxima, a espada brilhando dourada ao sol. Frank estava ao seu lado, com o arco pronto. Hazel viera montada em Arion, que empinava e relinchava em desafio.

Com uma explosão ensurdecadora, um raio branco calcinante caiu do céu, direto através do corpo de Jason, quando ele saltou envolto em sua luz sobre o rei dos gigantes.

XLIV

PIPER

DURANTE OS TRÊS MINUTOS SEGUINTEs, a vida foi maravilhosa.

Aconteceu tanta coisa ao mesmo tempo que só um semideus hiperativo e com déficit de atenção poderia acompanhar.

Jason caiu sobre o rei Porfíriion com tanta força que o gigante desabou de joelhos, atingido pelo raio e golpeado no pescoço por um gládio de ouro.

Frank disparou uma saraivada de flechas, obrigando os gigantes próximos de Percy a recuar.

O *Argo II* assomava sobre as ruínas, e todas as balistas e catapultas disparavam simultaneamente. Leo devia ter programado as armas com precisão cirúrgica, pois em torno de todo o Partenon erguia-se uma parede de fogo grego crepitante. Embora o fogo não alcançasse o interior do templo, em um segundo a maioria dos monstros menores em volta da construção foi incinerada.

A voz de Leo ribombou pelo alto-falante:

— *RENDAM-SE! VOCÊS ESTÃO CERCADOS POR UMA MÁQUINA DE GUERRA FALANTE MUITO SINISTRA!*

O gigante Encélado gritou, revoltado:

— Valdez!

— *E AÍ, ENCHILADAS?* — rugiu em resposta a voz de Leo. — *BELA ADAGA AÍ NA SUA TESTA.*

— *ARGH!* — O gigante arrancou a Katoptris da cabeça. — Monstros, destruam aquele navio!

As forças remanescentes fizeram o possível. Um bando de grifos levantou voo para atacar. Festus, a figura de proa, cuspiu fogo e os derrubou do céu, carbonizando-os. Alguns Nascidos da Terra arremessaram uma rajada de pedras, mas uma dezena de esferas de Arquimedes foi lançada das laterais do casco,

interceptando as pedras e explodindo-as.

— VISTA ALGUMA COISA! — ordenou Buford.

Hazel esporeou Arion e saltou da colunata, mergulhando na batalha. A queda de doze metros teria quebrado as patas de qualquer outro cavalo, mas Arion tocou o solo já em movimento. Hazel ia de gigante em gigante, golpeando-os com a lâmina de sua *spatha*.

Um pouco atrasados, Cécrope e seu povo serpente resolveram entrar na luta. Em quatro ou cinco pontos em torno das ruínas, o chão se transformou em gosma verde, e dali surgiram *gemini* armados, liderados pelo próprio Cécrope.

— Matem os semideuses! — sibilou ele. — Matem os trapaceiros!

Antes que muitos guerreiros pudessem obedecer, Hazel apontou sua espada para o túnel mais próximo. O chão tremeu. Todas as membranas gosmentas estouraram e os túneis desmoronaram, expelindo nuvens de fumaça. Cécrope olhou ao redor para seu exército, agora reduzido a seis homens-cobra.

— RASTEJAR EM RETIRADA! — ordenou Cécrope.

As flechas de Frank detiveram a tentativa de fuga.

A giganta Peribeia tinha descongelado em uma velocidade alarmante. Ela tentou agarrar Annabeth, mas, mesmo com a perna machucada, a garota conseguia se defender. E com a própria faca da giganta, ela a atacou, e deu início a uma brincadeira de pique mortal em volta do trono.

Percy estava de pé outra vez, com Contracorrente de novo nas mãos. Ainda parecia zozzo. Seu nariz sangrava. Mas ele parecia estar conseguindo se virar contra o velho gigante Toas, que de algum modo tinha recuperado a mão e encontrado seu cutelo.

Piper e Jason estavam de costas um para o outro, enfrentando todo gigante que ousasse se aproximar. Por um instante ela se sentiu em êxtase. Eles estavam vencendo!

Mas logo o elemento surpresa se foi. Os gigantes se recuperaram da confusão.

Frank ficou sem flechas, então se transformou em um rinoceronte e caiu dentro da batalha, mas assim que derrubava os gigantes, eles se levantavam de novo. Seus ferimentos pareciam estar se curando mais rápido.

Peribeia estava se aproximando de Annabeth. Hazel foi derrubada de sua cela a cem quilômetros por hora. Jason invocou outro raio, mas, dessa vez, Porfíron simplesmente o desviou com a ponta de sua lança.

Os gigantes eram maiores, mais fortes e mais numerosos. Não havia como matá-los sem a ajuda dos deuses. E eles não pareciam estar se cansando.

Os seis semideuses foram forçados a formar um círculo defensivo.

Outra rajada de rochas dos Nascidos da Terra acertou o *Argo II*. Dessa vez, Leo não conseguiu reagir rápido o suficiente. Fileiras de remos foram destruídas.

O navio estremeceu e adernou no céu.

Então Encélado jogou sua lança flamejante, que perfurou o casco do navio e explodiu em seu interior; labaredas saíram pelas aberturas dos remos. Uma nuvem negra densa e sinistra subiu do convés. O *Argo II* começou a cair.

— Leo! — gritou Jason.

Porfíriou riu.

— Vocês, semideuses, não aprenderam nada. Não há deuses para ajudá-los. Nós só precisamos de mais uma coisa para tornar nossa vitória completa.

O rei dos gigantes sorriu com expectativa. Ele parecia estar olhando para Percy Jackson.

Piper olhou para ele. O nariz de Percy ainda estava sangrando. Ele parecia não ter notado que um fio de sangue tinha escorrido por seu rosto e chegado à ponta de seu queixo.

— Percy, cuidado... — tentou dizer Piper, mas pela primeira vez sua voz falhou.

Uma única gota de sangue pingou do queixo de Percy e tocou o chão entre seus pés, onde fervilhou como água em uma frigideira.

O sangue do Olimpo banhou as pedras antigas.

A Acrópole gemeu e estremeceu com o despertar da Mãe Terra.

XLV

NICO

A MENOS DE DEZ QUILOMETROS do acampamento havia um 4x4 preto, estacionado na praia.

Eles prenderam o barco em uma marina particular. Nico ajudou Dakota e Leila a puxarem Michael Kahale para a terra. O grandalhão continuava semiconsciente, balbuciando ordens e incentivos para um time imaginário de futebol americano, ao que pareceu a Nico: “Vermelho doze. Direita trinta e um. Manda um *snap!*” E então ele caía na gargalhada.

— Vamos deixá-lo aqui — disse Leila. — Só não o amarre. Coitado...

— E o carro? — perguntou Dakota. — As chaves estão no porta-luvas, mas... hã... você sabe dirigir?

Leila franziu a testa.

— Achei que você soubesse dirigir. Você já não tem dezessete anos?

— Eu nunca aprendi! — exclamou Dakota. — Estava ocupado.

— Podem deixar comigo — garantiu Nico.

Os dois olharam para ele.

— Mas você tem, tipo, catorze anos — disse Leila.

Nico gostava de ver como os romanos ficavam nervosos perto dele, mesmo sendo mais velhos, maiores e mais experientes em batalha.

— Eu não disse que ia me arriscar ao volante.

Ele se ajoelhou e pôs a mão no chão. Sentiu os túmulos mais próximos, os ossos de humanos enterrados e espalhados por ali, mergulhados no esquecimento. Então procurou mais fundo, estendendo seus sentidos até o Mundo Inferior.

— Jules-Albert. Vamos dar uma volta.

O chão se abriu. Um zumbi em um traje esfarrapado de motorista do século XIX arrastou-se até a superfície. Leila deu um passo para trás. Dakota gritou

como uma criancinha.

— Mas o que é isso, cara? — protestou Dakota.

— É o meu motorista — explicou Nico. — Jules-Albert terminou em primeiro na corrida Paris-Rouen de 1895, mas não pôde receber o prêmio por causa do alimentador automático do seu carro a vapor.

Leila olhava para ele interrogativamente.

— Do que é que você está falando?

— Ele é uma alma inquieta, sempre à procura de mais uma chance de dirigir — disse Nico. — Tem sido meu motorista fiel nos últimos anos.

— Então você tem um chofer zumbi — disse Leila, incrédula.

— Eu vou na frente.

Nico sentou-se no banco do carona. Os romanos entraram atrás, relutantes.

Jules-Albert tinha uma grande qualidade: era imune a emoções. Podia passar o dia inteiro preso no engarrafamento que não perdia a paciência. Era imune à fúria do trânsito. Podia até dirigir na direção de um grupo de centauros selvagens e passar pelo meio deles sem ficar nervoso.

Os centauros eram diferentes de tudo que Nico já vira. Tinham traseiro de baio, peito e braços peludos cobertos de tatuagens e chifres de touro na testa. Nico duvidava muito que eles conseguissem se misturar com os humanos com a mesma facilidade que Quíron.

Havia pelo menos duzentos deles treinando incansavelmente com espadas e lanças, ou assando carcaças de animais sobre fogueiras (centauros carnívoros... Nico teve um calafrio só de pensar). O acampamento deles ficava do outro lado da estradinha rural que serpenteava em volta do perímetro sudeste do Acampamento Meio-Sangue.

O 4x4 foi abrindo caminho, buzinando quando necessário. De vez em quando um centauro olhava pela janela do motorista, via o zumbi e recuava em choque.

— Pela armadura de Plutão — murmurou Dakota. — Chegaram ainda mais centauros ontem à noite.

— Não os olhe nos olhos — alertou Leila. — Eles encaram isso como um desafio para um duelo mortal.

Nico manteve o olhar fixo à frente enquanto o 4x4 avançava. Seu coração batia forte, mas ele não estava com medo. Estava com raiva. Octavian havia cercado o Acampamento Meio-Sangue de monstros.

Claro, os sentimentos de Nico em relação ao acampamento grego eram bem conflitantes. Sim, ele tinha se sentido rejeitado ali, deslocado, indesejado e ignorado... mas agora que o local estava à beira da destruição, Nico percebia quanto significava para ele. Aquele era o último lar onde ele e Bianca tinham vivido juntos, o único lugar onde haviam se sentido seguros, mesmo que apenas

temporariamente.

Fizeram uma curva na estrada. Nico cerrou os punhos: mais monstros... *centenas* mais. Homens com cabeça de cachorro circulavam em matilhas, seus machados de guerra reluzindo à luz das fogueiras dos acampamentos. Mais além, via-se uma tribo de homens de duas cabeças vestidos em trapos e cobertores, como mendigos, e armados com uma coleção variada de fundas, porretes e canos de metal.

— Octavian é um idiota — disse Nico entre dentes. — Ele acha que pode controlar essas criaturas?

— E elas não param de chegar — comentou Leila. — Antes que a gente se dê conta... Bem, veja.

A legião estava em formação de combate na base da Colina Meio-Sangue, as cinco coortes em perfeita ordem, seus estandartes resplandecentes e imponentes. Águias gigantes sobrevoavam-nas em círculos. As armas de cerco, seis onagros dourados do tamanho de casas, estavam posicionadas na retaguarda em um semicírculo espaçado, três em cada flanco. Mas, mesmo com toda essa disciplina impressionante, a Décima Segunda Legião parecia pateticamente pequena, uma mancha de valentia semidivina em um mar de monstros vorazes.

Naquele momento, Nico desejou ainda ter consigo o cetro de Diocleciano, mas dificilmente uma legião de guerreiros mortos conseguiria causar sequer um arranhão naquele exército. Nem o *Argo II* teria muito poder contra aquele tipo de força.

— Preciso neutralizar os onagros — disse Nico. — Não temos muito tempo.

— Você não vai conseguir chegar nem perto — avisou Leila. — Mesmo se convenceremos a Quarta e a Quinta inteiras a nos seguir, as outras coortes vão tentar nos deter. E aquelas armas de cerco são operadas pelos seguidores mais leais de Octavian.

— Não vamos nos aproximar pela força — concordou Nico. — Mas sozinho eu posso conseguir. Dakota, Leila... Jules-Albert vai levar vocês até as linhas da legião. Vão, conversem com suas tropas e convençam-nas a seguir sua liderança. Vou precisar de uma distração.

Dakota franziu a testa.

— Tudo bem, mas não vou ferir nenhum de meus camaradas legionários.

— Ninguém está lhe pedindo isso — resmungou Nico. — Mas, se não impedirmos esta guerra, a legião *inteira* vai ser destruída. Você disse que as tribos de monstros se ofendem com qualquer coisa?

— É — disse Dakota. — Tipo, você faz *qualquer* comentário para esses caras de duas cabeças sobre como eles cheiram e... Ah. — Ele sorriu. — Se começarmos uma briga... acidentalmente, é claro...

— Conto com vocês — disse Nico.
Leila franziu a testa.
— Mas como você vai...
— Eu vou pegar um atalho — disse ele.
E desapareceu nas sombras.

*

Nico achou que estava preparado.

Mas não.

Mesmo depois de três dias e das maravilhosas propriedades curativas da lama gosmenta marrom do treinador Hedge, Nico começou a se dissolver no momento em que mergulhou nas sombras.

Seus braços e suas pernas se vaporizaram. O frio penetrou seu peito. Vozes de espíritos sussurraram em seus ouvidos: *Ajude-nos. Lembre-se de nós. Junte-se a nós.*

Ele não havia percebido quanto tinha dependido de Reyna até ali. Sem a força dela, Nico se sentia tão fraco quanto um bezerrinho recém-nascido, cambaleando perigosamente, prestes a cair a cada passo.

Não, disse ele a si mesmo. *Eu sou Nico di Angelo, filho de Hades. Eu controlo as sombras, e não elas que me controlam.*

Ele voltou ao mundo mortal tropeçadamente, no alto da Colina Meio-Sangue.

Caiu de joelhos, agarrando-se ao pinheiro de Thalia para se apoiar. O Velocino de Ouro não estava mais nos galhos. O dragão guardião havia desaparecido. Talvez tivessem sido levados para um lugar mais seguro, agora que a batalha era iminente. Nico não sabia. Mas, olhando para as forças romanas em posição de combate próximo ao vale, seu ânimo vacilou.

O onagro mais próximo estava cem metros colina abaixo, em uma trincheira protegida com arame farpado, guardado por uma dúzia de semideuses. Estava carregado, pronto para disparar. Um projétil do tamanho de um Honda Civic, revestido por flocos de ouro que cintilavam, repousava no enorme cesto de lançamento.

Com uma certeza fria, Nico entendeu o que Octavian estava tramando. O projétil era uma mistura de carga incendiária com ouro imperial. Mesmo em pequenas quantidades, o ouro imperial era incrivelmente volátil. Exposto a muito calor ou pressão, explodiria com um impacto devastador e, é claro, era mortal tanto para monstros quanto para semideuses. Se aquele onagro acertasse o

Acampamento Meio-Sangue, tudo na zona de impacto seria aniquilado — vaporizado pelo calor ou desintegrado pelos estilhaços. E os romanos tinham seis onagros, todos abastecidos com farta munição.

— Isso é maligno — disse Nico.

Ele tentou pensar. Estava amanhecendo. Não tinha a menor condição de neutralizar todas as seis armas antes que o ataque começasse, mesmo que encontrasse forças para viajar nas sombras tantas vezes assim. Se conseguisse mais uma vez, já seria um milagre.

Ele viu a tenda do comando romano, atrás da legião, mais à esquerda. Octavian devia estar lá, tomando seu café da manhã a uma distância segura da luta. Ele não liderava suas tropas em combate. Aquele ser desprezível desejava destruir o acampamento de longe, esperar que a poeira baixasse para só então marchar sobre a área derrotada sem resistência.

Nico sentiu um aperto na garganta, de tanto ódio que sentiu. Ele se concentrou na tenda, visualizando o salto que teria que dar. Se conseguisse assassinar Octavian, quem sabe não resolveria o problema? A ordem para o ataque talvez nunca viesse a ser dada. Ele estava prestes a entrar em ação quando uma voz às suas costas chamou:

— Nico?

Ele se virou de imediato, a espada instantaneamente na mão, quase decapitando Will Solace.

— Abaixei isso! — sussurrou Will. — O que você está fazendo aqui?

Surpreso, Nico ficou sem palavras. Will e dois outros campistas estavam agachados no mato, com binóculos pendurados no pescoço e facas na cintura. Usavam calça jeans e camiseta pretas, o rosto pintado de graxa como tropas de elite.

— *Eu?* — perguntou Nico. — O que vocês estão fazendo aí? Querem morrer? Will fez cara feia.

— Ei, estamos espionando o inimigo. Tomamos precauções.

— Ah, é, se vestiram de preto em pleno nascer do sol. Pintaram o rosto, mas não cobriram essa cabeleira loura. Chamariam menos atenção se estivessem agitando uma bandeira amarela.

As orelhas de Will ficaram vermelhas.

— Lou Ellen nos envolveu em um pouco de Névoa também.

— Oi. — A garota ao lado dele agitou os dedos em saudação. Parecia um pouco envergonhada. — Nico, não é? Ouvi falar muito de você. E este é Cecil, do chalé de Hermes.

Nico se ajoelhou ao lado deles.

— O treinador Hedge conseguiu chegar ao acampamento?

Lou Ellen deu uma risadinha nervosa.

— Já não era sem tempo, né?

Will deu uma cotovelada nela.

— Sim. Hedge está bem. Ele chegou bem a tempo para o nascimento do bebê.

— O bebê! — Nico sorriu, o que fez com que os músculos de seu rosto doessem. Não estava acostumado a fazer essa expressão. — Mellie e a criança estão bem?

— Estão. Um menininho sátiro muito fofinho. — Will deu de ombros. — Mas fui eu que fiz o parto. Você já fez um parto alguma vez?

— Hum... não.

— Eu precisava espairecer. Foi por isso que me ofereci para esta missão. Pelos deuses do Olimpo, minhas mãos estão tremendo até agora. Olhe só!

Will pegou a mão dele. Nico sentiu uma corrente elétrica percorrer sua coluna e tirou a mão rápido.

— Aham — respondeu ele secamente. — Bom, não temos tempo para ficar de conversinha. Os romanos vão atacar ao amanhecer, e eu preciso...

— A gente sabe — disse Will. — Mas, se você pretende viajar nas sombras até aquela tenda, pode esquecer.

Nico o olhou com hostilidade.

— O quê?

Ele esperava que Will ficasse assustado ou desviasse o olhar. Era o que a maioria das pessoas fazia. Mas os olhos azuis de Will permaneceram fixos nos dele, irritantemente determinados.

— O treinador Hedge me contou tudo sobre as suas viagens nas sombras. Você *não* pode fazer isso de novo.

— *Acabei* de fazer isso de novo, Solace. E estou ótimo.

— Não, não está. Eu sou um curandeiro. Senti a escuridão nas suas mãos no mesmo instante em que toquei em você. Mesmo que conseguisse chegar àquela tenda, você não estaria em condições de lutar. Só que você *não* conseguiria chegar lá. Mais um mergulho e você não volta. Você *não* vai viajar nas sombras. Ordens médicas.

— O acampamento está prestes a ser destruído...

— E nós vamos deter os romanos — disse Will. — Mas vamos fazer isso do nosso jeito. Lou Ellen vai usar a Névoa. Vamos dar um jeito de andar por aí discretamente e provocar o máximo de dano possível a esses onagros. *Sem* viagem nas sombras.

— Mas...

— *Não*.

Lou Ellen e Cecil viravam a cabeça de um lado para outro como se estivessem

assistindo a uma partida de tênis muito intensa.

Nico deu um suspiro de exasperação. Ele odiava trabalhar em grupo. As pessoas só sabiam tolher seu estilo, deixando-o desconfortável. E Will Solace... Nico reconsiderou a opinião que fazia do filho de Apolo. Ele sempre achara Will um cara tranquilo e despreocupado, mas, aparentemente, o garoto sabia ser teimoso e irritante também.

Nico olhou lá para baixo, para o Acampamento Meio-Sangue, onde o restante dos gregos se preparava para a guerra. Mais além das tropas e das balistas, o lago de canoagem reluzia em um tom rosado às primeiras luzes do amanhecer. Nico se lembrou de quando chegara ao Acampamento Meio-Sangue pela primeira vez, aterrissando bem no carro do sol de Apolo, que tinha virado um ônibus escolar flamejante.

Ele se lembrou de Apolo, sorridente e bronzeado e todo descolado com seus óculos escuros.

Ao vê-lo, Thalia tinha comentado: *Uau, fiquei até com calor!*

Ele é o deus-sol, retrucara Percy.

Não é disso que estou falando.

Por que Nico estava pensando isso naquele momento? A lembrança aleatória o deixou nervoso.

Ele tinha chegado ao Acampamento Meio-Sangue graças a Apolo. Agora, no que provavelmente seria seu último dia no acampamento, estava preso a um filho de Apolo.

— Que seja — disse Nico. — Mas temos que correr. E *eu* digo o que vamos fazer.

— Tudo bem — concordou Will. — Desde que você não me peça para fazer mais partos de bebês sátiros, vamos nos dar muito bem.

XLVI

NICO

ALCANÇARAM O PRIMEIRO ONAGRO JUSTO quando o caos irrompeu na legião.

Gritos se ergueram da Quinta Coorte, na extremidade final das fileiras. Legionários debandavam e largavam seus *pila*. Uma dúzia de centauros avançava correndo através da formação de romanos, gritando e brandindo suas clavas. Uma horda de homens de duas cabeças os seguiu, batendo em tampas de lata de lixo de metal.

— O que está acontecendo lá embaixo? — perguntou Lou Ellen.

— É a nossa chance — disse Nico. — Vamos.

Todos os guardas tinham se amontoado do lado direito do onagro, tentando ver o que acontecia lá embaixo, o que deu a Nico e aos outros caminho livre pela esquerda. Eles passaram despercebidos a pouco mais de um metro do romano mais próximo. Pelo visto, a magia da Névoa de Lou Ellen estava mesmo funcionando.

Eles saltaram a trincheira de arame farpado para alcançar o onagro.

— Trouxe um pouco de fogo grego — sussurrou Cecil.

— Não — disse Nico. — Se provocarmos um estrago muito óbvio, nunca vamos chegar aos outros a tempo. Você consegue recalibrar a mira? Tipo, fazer esta máquina mirar na direção da trajetória dos outros onagros?

Cecil abriu um sorriso malicioso.

— Ah, gostei dessa sua linha de raciocínio. Saiba que eles me mandaram porque estragar as coisas é minha especialidade.

E lá foi ele iniciar os trabalhos. Nico e os outros ficaram vigiando.

Enquanto isso, a Quinta Coorte se digladiava com os homens de duas cabeças. A Quarta chegou para ajudar; as outras três coortes ficaram em suas posições, mas os oficiais estavam com dificuldades para manter a ordem.

— Tudo bem — anunciou Cecil. — Vamos em frente.

Eles seguiram pela encosta até outro onagro.

Dessa vez, a Névoa não funcionou tão bem. Um dos homens que protegiam o onagro gritou: — Ei!

— Deixem comigo — disse Will.

Ele saiu correndo (a distração mais idiota que Nico podia imaginar), e seis guardas foram em seu encalço.

Os outros romanos partiram para cima de Nico, mas Lou Ellen surgiu da Névoa, gritando: — Ei, pensem rápido!

Ela jogou para o alto uma bola branca do tamanho de uma maçã, que o romano no centro do grupo pegou instintivamente. Uma explosão se seguiu, fazendo subir no ar uma esfera de seis metros de poeira. Quando a poeira baixou, todos os seis romanos tinham virado leitõezinhos rosados a guinchar.

— Muito bom — disse Nico.

Lou Ellen corou.

— Bem, era a única bola de porco que eu tinha. Por isso, não peçam bis.

— E, hã... — Cecil apontou. — É melhor alguém ajudar Will.

Mesmo com as pesadas armaduras que vestiam, os romanos começavam a se aproximar de Will. Nico xingou e saiu correndo atrás deles.

Se pudesse evitar, ele preferia não matar mais semideuses. E, felizmente, isso não foi necessário. Ele derrubou o romano retardatário, e os outros se viraram. Nico saltou no meio do grupo, chutando-os na virilha, batendo no rosto de todos com a lateral da espada e amassando seus elmos com o cabo. Em dez segundos, todos os romanos estavam no chão gemendo, atordoados.

Will deu um soquinho no ombro de Nico.

— Obrigado pela ajuda. Seis de uma vez não é nada mau.

— *Nada mau?* — Nico olhou com raiva para ele. — Da próxima vez vou deixar pegarem você, Solace.

— Ah, eles nunca iam conseguir me pegar.

Cecil acenou para eles do onagro, avisando que tinha terminado.

Todos seguiram na direção da terceira máquina de cerco.

Nas fileiras da legião, o caos continuava reinando, mas os oficiais começavam a retomar o controle. A Quarta e a Quinta Coortes se reagruparam enquanto a Segunda e a Terceira atuavam como tropa de choque, empurrando centauros, cinocéfalos e homens de duas cabeças de volta para os respectivos acampamentos. A Primeira Coorte permaneceu perto do onagro — perto *demais* para o gosto de Nico —, mas todos pareciam estar prestando atenção em dois oficiais que desfilavam diante deles gritando ordens.

Nico esperava que eles conseguissem chegar sem ser vistos à terceira máquina

de cerco. Com mais um onagro sabotado, talvez eles tivessem uma chance.

Infelizmente, porém, os guardas os avistaram a vinte metros de distância. Um deles gritou: — Ali!

Lou Ellen xingou.

— Eles agora estão *esperando* um ataque. A Névoa não funciona bem contra inimigos alertas. Vamos fugir?

— Não — disse Nico. — Vamos dar a eles o que estão esperando.

Ele estendeu as mãos. O chão em frente aos romanos pareceu explodir, e cinco esqueletos irromperam, arrastando-se para fora da terra. Cecil e Lou Ellen avançaram, para ajudar no ataque. Nico tentou ir também, mas teria caído de cara no chão se Will não o tivesse segurado.

— Seu idiota. — Will passou um braço em torno dele para ajudá-lo a se firmar. — Eu avisei para você não usar mais magia do Mundo Inferior.

— Eu estou bem.

— Cale a boca. Que bem o quê.

Will tirou do bolso um pacote de chiclete.

Nico queria se soltar; odiava contato físico. Mas Will era muito mais forte do que parecia. Nico se viu sustentado por ele, confiando em seu apoio.

— Tome — disse Will.

— Você quer que eu masque chiclete?

— É medicinal. Deve manter você vivo e alerta por mais algumas horas.

Nico enfiou um chiclete na boca.

— Tem gosto de piche e terra.

— Pare de reclamar.

— Ei. — Cecil se aproximou mancando; parecia ter distendido um músculo. — Vocês dois meio que perderam a luta.

Lou Ellen chegou em seguida, sorrindo. Atrás deles, todos os guardas romanos estavam presos em uma mistura bizarra de cordas e ossos.

— Obrigada pelos esqueletos — disse ela. — Grande truque.

— Que ele *não* vai fazer outra vez — disse Will.

Nico percebeu que ainda estava apoiado em Will. Ele se afastou e se manteve de pé sozinho.

— Eu vou fazer o que for necessário.

Will revirou os olhos.

— Tudo bem, Garoto da Morte. Se você quer se matar...

— *Não* me chame de *Garoto da Morte*!

Lou Ellen limpou a garganta.

— Ei, pessoal...

— LARGUEM AS ARMAS!

Nico se virou. A luta próxima ao terceiro onagro não tinha passado despercebida.

Toda a Primeira Coorte avançava sobre eles, lanças em punho e escudos em posição. Octavian marchava à frente, com um manto roxo sobre a armadura, joias de ouro imperial reluzindo no pescoço e nos braços e, na cabeça, uma coroa de louros, como se já tivesse vencido a batalha. Ao lado dele estava o porta-estandarte da legião, Jacob, levando a águia dourada, e seis imensos cinocéfalos, arreganhando os caninos, suas espadas emitindo um brilho vermelho.

— Ora, ora — disse Octavian —, sabotadores *graeci*. — Ele se virou para seus guerreiros com cabeça de cachorro. — Acabem com eles.

XLVII

NICO

NICO NÃO SABIA SE QUERIA socar a si mesmo ou Will Solace.

Se não tivesse se distraído discutindo bobagens com o filho de Apolo, nunca teria permitido que o inimigo chegasse tão perto.

Quando os homens com cabeça de cachorro avançaram, Nico ergueu a espada. Ele duvidava que ainda lhe restasse alguma força para vencer, mas antes que pudesse atacá-los, Will soltou um assovio muito alto.

Todos os seis homens-cão largaram as armas, levaram as mãos às orelhas e caíram em agonia.

— Cara. — Cecil abriu a boca para reduzir a pressão nos ouvidos. — Que barulho do Hades! Da próxima vez, avise.

— É ainda pior para os cachorros. — Will deu de ombros. — Um dos meus poucos talentos musicais. Um assovio ultrassônico *horrível*.

Nico não reclamou. Ele avançava com dificuldade entre os homens-cão, cravando neles sua espada. Os monstros se dissolviam em sombras.

Os romanos, entre eles Octavian, estavam sem ação, assombrados com o que viam.

— Minha... minha guarda de elite! — Octavian olhou ao redor em busca de compreensão, de piedade. — Vocês *viram* o que ele fez com a minha guarda de elite?

— Alguns cães precisam ser sacrificados. — Nico deu um passo à frente. — Como você.

Por um belo momento, toda a Primeira Coorte hesitou. Mas então eles voltaram a si e ergueram seus *pila*.

— Vocês serão destruídos! — ameaçou Octavian, em um grito estridente. — Vocês, *graeci*, ficam aí se infiltrando pelo acampamento, sabotando nossas

armas, matando nossos homens...

— As armas que vocês estavam prestes a disparar contra nós, você quer dizer — corrigiu Cecil.

— E os homens que estavam prestes a queimar nosso acampamento — completou Lou Ellen.

— Típico dos gregos! — berrou Octavian. — Tentando distorcer as coisas! Pois saibam que não vai funcionar! — Ele apontou para os legionários mais próximos. — Você, você, você e você. Verifiquem todos os onagros. Vejam se estão todos em boas condições. Quero que sejam disparados assim que possível. Vão!

Os quatro romanos saíram correndo.

Nico tentou manter a expressão inalterada.

Por favor, não verifiquem a trajetória de tiro, pensou.

Nico só torcia para que Cecil tivesse feito tudo direito. Uma coisa era sabotar uma arma grande; outra era sabotar de maneira tão sutil que só percebessem quando já fosse tarde demais. Mas se alguém tinha essa habilidade, esse alguém seria um filho de Hermes, o deus das trapagens.

Octavian marchou até Nico. Para seu crédito, o áugure não parecia estar com medo, embora portasse apenas uma adaga. Ele parou tão perto que Nico podia ver as veias injetadas em seus olhos pálidos e vidrados. Seu rosto estava abatido. Seu cabelo era da cor de macarrão cozido demais.

Nico sabia que Octavian era um legado — um descendente de Apolo com muitas gerações de distância do deus. Agora ele não conseguia evitar pensar que Octavian parecia uma versão diluída e doentia de Will Solace, como uma foto que tivesse sido copiada vezes demais. Octavian não tinha nada do que quer que tornava um filho de Apolo especial.

— Então me diga, filho de Plutão — sibilou o áugure —, por que está ajudando os gregos? O que eles já fizeram algum dia por você?

Nico estava louco de vontade de enfiar a espada no peito de Octavian. Vinha sonhando com isso desde que Bryan Lawrence os atacara na Carolina do Sul. Mas, agora que estavam cara a cara, Nico hesitava. Ele não tinha dúvida de que podia matar Octavian antes que a Primeira Coorte interviesse. E não se importava em morrer por conta de seus atos. Valeria a pena.

Mas depois do fim que Bryce tivera, a ideia de matar outro semideus a sangue-frio, mesmo Octavian, não lhe caía bem. Além do mais, não lhe parecia certo condenar Cecil, Lou Ellen e Will a morrer com ele.

Não parece *certo*?, perguntava-se outra parte dele. Desde quando eu me preocupo com o que é certo?

— Estou ajudando os gregos e os romanos — disse Nico.

Octavian riu.

— Não tente me enrolar. O que ofereceram a você? Um lugar no acampamento deles? Pois saiba que não vão cumprir o acordo.

— Eu não *quero* um lugar no acampamento deles — respondeu Nico com raiva. — Nem no de vocês. Quando esta guerra terminar, vou deixar os dois acampamentos para sempre.

Will Solace fez um som como se tivesse levado um soco.

— Por que você faria isso?

Nico franziu a testa.

— Não é da sua conta, mas eu não pertencço a nenhum desses lugares. Isso é óbvio. Ninguém me quer. Sou filho de...

— Ah, por favor. — Will deixou transparecer uma raiva que não lhe era usual. — Ninguém no Acampamento Meio-Sangue nunca afastou você. Você tem amigos, ou pelo menos há quem *gostaria* de ser seu amigo. Você é que se afastou. Se tirasse a cabeça dessa sua nuvem de ressentimento pelo menos uma vez na vida...

— Basta! — interrompeu Octavian. — Di Angelo, cubro qualquer oferta que os gregos possam fazer. Sempre achei que você daria um aliado poderoso. Vejo crueldade em você e gosto disso. Posso garantir seu lugar em Nova Roma. Basta que você saia do caminho e deixe os romanos vencerem. O deus Apolo me mostrou o futuro...

— Não! — Will Solace empurrou Nico para o lado e avançou, ficando cara a cara com Octavian. — *Eu* sou filho de Apolo, seu perdedor anêmico. Meu pai não mostrou o futuro a ninguém, porque o poder da profecia não está funcionando. Mas isto... — Ele fez um gesto amplo, indicando a legião reunida, as hordas de exércitos monstruosos espalhadas pela encosta. — Isto *não* é o que Apolo desejaria!

Octavian franziu os lábios.

— É mentira. O deus me disse *pessoalmente* que eu seria lembrado como o salvador de Roma. Vou conduzir a legião à vitória, e vou começar...

Nico sentiu o som antes mesmo de ouvi-lo: *tum-tum-tum*, reverberando pela terra, como as engrenagens gigantes de uma ponte móvel. Todos os onagros dispararam simultaneamente, e seis cometas dourados subiram aos céus.

— ... destruindo os gregos! — concluiu Octavian, em uma exclamação de alegria. — Os dias do Acampamento Meio-Sangue estão contados!

Nico não conseguia pensar em nada mais bonito que um projétil fora de curso. As cargas das três máquinas sabotadas fizeram um desvio para o lado ao serem lançadas, subindo em um arco na direção das cargas disparadas pelos outros três onagros.

As bolas de fogo não colidiram diretamente. Nem precisavam. Assim que os mísseis se aproximaram uns dos outros, todas as seis ogivas detonaram em pleno ar, abrindo uma abóbada de ouro e fogo que queimou o oxigênio do céu.

O calor atingiu com força o rosto de Nico. A grama soltou um chiado. As copas das árvores fumegaram. Mas, quando os fogos de artifício se apagaram, nenhum dano sério resultara da explosão.

Octavian foi o primeiro a reagir. Batendo os pés no chão, ele gritou:

— NÃO, NÃO, NÃO! RECARREGAR!

Ninguém na Primeira Coorte se mexeu. Nico ouviu o som de botas à direita. A Quinta Coorte estava em marcha acelerada na direção deles, liderada por Dakota.

Mais abaixo na encosta, o restante da legião tentava entrar em formação, mas a Segunda, a Terceira e a Quarta Coortes estavam agora cercadas por um mar de monstros em péssimo humor. As forças auxiliares não pareciam satisfeitas com as explosões ocorridas no céu. Sem dúvida esperavam que o Acampamento Meio-Sangue se incendiasse para que pudessem ter semideuses carbonizados para o café da manhã.

— Octavian! — chamou Dakota. — Temos novas ordens.

O olho esquerdo de Octavian se contraía tão violentamente que parecia prestes a explodir.

— Ordens? De quem? Não de mim!

— De Reyna — disse Dakota, alto o suficiente para que todos na Primeira Coorte ouvissem. — Ela ordenou uma retirada.

— Reyna? — Octavian riu, embora parecesse que ninguém tinha entendido a piada. — A fora da lei que eu mandei você prender? A ex-pretora que conspirou para trair o próprio povo com esse *graecus*? — Ele enfiou o dedo no peito de Nico. — Está obedecendo a ordens dela?

A Quinta Coorte assumiu posição de combate atrás de Octavian, encarando desconfortavelmente seus companheiros da Primeira.

Dakota cruzou os braços; determinado, disse:

— Reyna é a pretora até que o Senado vote o contrário.

— Estamos em guerra! — berrou Octavian. — Eu os trouxe à iminência da vitória definitiva, e vocês querem desistir? Primeira Coorte: prenda o centurião Dakota e qualquer um que concorde com ele. Quinta Coorte: lembrem-se do juramento que fizeram a Roma e à legião. Vocês obedecerão a *mim*!

Will Solace interveio:

— Não faça isso, Octavian. Não obrigue seu povo a escolher. Esta é sua última chance.

— *Minha* última chance? — Octavian sorriu, a loucura brilhando em seus olhos. — Eu vou SALVAR ROMA! Agora, romanos, sigam minhas ordens! Prendam Dakota. Prendam essa escória *graeca*. E recarreguem os onagros!

Nico não sabia o que os romanos teriam feito se tivessem sido deixados para decidir segundo a própria consciência.

Mas ele não contara com os gregos.

Naquele momento, todo o exército do Acampamento Meio-Sangue surgiu no topo da Colina Meio-Sangue. Clarisse La Rue vinha à frente, em uma biga vermelha puxada por cavalos de metal. Cem semideuses a seguiam, com duas vezes esse número de sátiros e espíritos da natureza, liderados por Grover Underwood. Tyson avançava pesadamente, ao lado de outros seis ciclopes. Quíron vinha no modo garanhão branco completo, o arco a postos.

Era uma visão impressionante, mas Nico só conseguia pensar: *Não. Agora, não.*

Clarisse gritou:

— Romanos, vocês investiram contra nosso Acampamento! Retirem-se, ou serão destruídos!

Octavian virou-se para suas tropas.

— Viram? Era tudo um plano! Eles nos dividiram para poder lançar um ataque-surpresa. Legião, *cuneum formate*! ATACAR!

XLVIII

NICO

NICO QUERIA GRITAR *Ei, vocês! Parem já com isso! Tipo JÁ!*

Mas ele sabia que não ia adiantar nada. Depois de semanas de espera, agonia e raiva acumulada, gregos e romanos queriam sangue. Tentar impedir a batalha naquele momento seria como tentar impedir uma inundação depois do rompimento de uma represa.

E então Will Solace salvou o dia.

Ele botou os dedos na boca e deu um assovio ainda mais horrível que o último. Vários gregos largaram suas espadas. Uma onda varreu as fileiras romanas como se toda a Primeira Coorte estivesse tremendo.

— NÃO SEJAM IDIOTAS! — gritou Will. — VEJAM!

Ele apontou para o norte, e Nico abriu um sorriso de orelha a orelha. Porque, afinal, *existia* algo mais bonito que um projétil fora de curso: a Atena Partenos reluzindo ao amanhecer, em pleno ar, suspensa pelos cabrestos de seis cavalos alados. Águias romanas voavam em círculos acima dela, mas não atacaram. Algumas até chegaram a se aproximar, segurar os cabos e ajudar a carregar a estátua.

Nico ficou preocupado por não ver Blackjack, mas lá estava Reyna Ramírez-Arellano, montada em Guido, a espada erguida bem alto. Seu manto roxo cintilava de um modo estranho à luz do sol.

Sob o olhar fixo e atônito dos dois exércitos, a estátua de doze metros de altura, toda em ouro e marfim, se aproximava para aterrissar.

— SEMIDEUSES GREGOS! — A voz de Reyna ribombou como se fosse projetada pela própria estátua, como se a Atena Partenos tivesse se transformado em um grande alto-falante, daqueles usados em shows. — Eis sua estátua mais sagrada, a Atena Partenos, que foi levada injustamente pelos romanos. Eu a

devolvo a vocês agora, como um gesto de paz!

A estátua pousou no topo da colina, a cerca de cinco metros do pinheiro de Thalia. Imediatamente, uma luz dourada começou a irradiar pelo chão, descendo pelo vale do Acampamento Meio-Sangue e alcançando as fileiras romanas. Nico sentiu o calor penetrando seus ossos, uma sensação reconfortante e de paz como ele não sentia desde... nem se lembrava. Uma voz dentro dele parecia sussurrar: *Você não está sozinho. Você faz parte da família olimpiana. Os deuses não o abandonaram.*

— Romanos! — continuou Reyna. — Faço isto pelo bem da legião, pelo bem de Roma. Precisamos nos unir a nossos irmãos gregos!

— Escutem o que ela diz! — bradou Nico, adiantando-se.

Ele não sabia por que tinha falado aquilo. Por que o ouviriam? Ele não tinha crédito com nenhum dos dois lados. Era o pior orador, o pior embaixador de todos.

Mas, mesmo assim, Nico foi avançando entre as linhas de combate, a espada negra na mão.

— Reyna arriscou a vida por todos vocês! Trouxemos essa estátua do outro lado do mundo, um grego e um romano trabalhando juntos, porque *precisamos* unir forças. Gaia está despertando. Se não nos unirmos...

VOCÊS MORRERÃO.

A voz abalou a terra. A sensação de paz e segurança que invadira Nico desapareceu no mesmo instante. Um vento varreu a encosta da colina. O próprio solo se tornou fluido e grudento, e a grama começou a se agarrar às botas de Nico.

UM GESTO INÚTIL.

Nico sentiu como se estivesse pisando na garganta da deusa — como se toda a extensão de Long Island ressonasse com as cordas vocais dela.

MAS VOCÊS PODEM MORRER JUNTOS, SE ISSO OS CONSOLA.

— Não... — Octavian recuou, cambaleando. — Não, não...

Ele entrou em pânico e saiu correndo, abrindo caminho entre as próprias tropas.

— CERRAR FILEIRAS! — gritou Reyna.

Gregos e romanos se juntaram e ficaram ombro a ombro enquanto, em toda a volta deles, a terra tremia.

As tropas auxiliares de Octavian avançaram e cercaram os semideuses. Os dois acampamentos reunidos eram um ponto minúsculo em um mar de monstros. A resistência final seria ali na Colina Meio-Sangue, tendo na Atena Partenos o ponto de mobilização das tropas.

Mesmo ali, no entanto, eles estavam em território inimigo. Porque Gaia *era* a

terra, e a terra tinha despertado.

XLIX

JASON

JASON TINHA OUVIDO FALAR SOBRE a vida de uma pessoa passar diante de seus olhos.

Mas ele não imaginou que seria daquele jeito.

De pé com os amigos em um círculo defensivo, cercado por gigantes, depois olhando para algo impossível no céu... Jason viu a si mesmo, muito claramente, cinquenta anos no futuro.

Ele estava sentado em uma cadeira de balanço no pórtico de uma casa no litoral da Califórnia. Piper servia limonada. O cabelo dela era grisalho. Rugas profundas marcavam os cantos de seus olhos, mas ela ainda estava bonita como sempre. Com os netos sentados aos seus pés, Jason tentava explicar a eles o que tinha acontecido naquele dia em Atenas.

Não, é sério, dizia ele. Éramos só seis semideuses no chão, e mais um em um navio em chamas acima da Acrópole. Estávamos cercados por gigantes de dez metros de altura prestes a nos matar. Aí o céu se abriu, e os deuses desceram!

Vovô, diziam as crianças, *você é muito mentiroso.*

Não estou mentindo!, protestava ele. Os deuses do Olimpo desceram dos céus em suas bigas ao som de clarins e com espadas em chamas. E seu bisavô, o rei dos deuses, liderava o ataque, com uma lança de eletricidade pura crepitando na mão!

Seus netos riam dele. E Piper olhava para ele e ria, como quem dizia *Será que você acreditaria se não tivesse estado lá?*

Mas Jason estava lá. Ele olhou para o alto quando as nuvens se abriram acima da Acrópole, e quase duvidou dos óculos de grau que Asclépio tinha dado a ele. Em vez de céus azuis, ele viu um espaço negro pontilhado de estrelas, com os palácios do Monte Olimpo brilhando prateados e dourados ao fundo. E um exército de deuses desceu lá do alto.

Era muita coisa para processar. E provavelmente foi melhor para sua saúde não ver tudo. Só mais tarde Jason conseguiria se lembrar de detalhes isolados.

Havia Júpiter em tamanho gigante — não, aquele era *Zeus*, sua forma original — entrando na batalha com uma biga dourada e um raio do tamanho de um poste crepitando na mão. Quatro cavalos feitos de vento puxavam a biga, todos mudando da forma equina para a humana a todo momento, tentando escapar. Por uma fração de segundo, um deles assumiu a imagem sombria de Bóreas. Outro usava a coroa de fogo e vapor de Noto. Um terceiro exibia o sorriso presunçoso e preguiçoso de Zéfiro. Zeus tinha amarrado e selado os quatro deuses do vento.

No fundo do *Argo II*, as portas de vidro do porão se abriram. A deusa Nice saiu de lá, livre de sua rede de bronze. Ela abriu as asas douradas e voou para o lado de Zeus, assumindo seu lugar de direito como condutora de sua biga.

— MINHA MENTE ESTÁ CURADA! — gritou ela. — VITÓRIA AOS DEUSES!

Hera vinha à esquerda de Zeus. Sua biga era puxada por pavões enormes com uma plumagem multicolorida tão brilhante que deixou Jason tonto.

Ares gritava de alegria enquanto descia estrondosamente montado em um cavalo que cuspiu fogo. Sua lança brilhava, vermelha.

No último segundo, antes que os deuses chegassem ao Partenon, eles desapareceram, como se tivessem saltado pelo hiperespaço. As bigas sumiram. De repente, Jason e seus amigos viram-se cercados pelos olímpianos, agora em tamanho humano, pequenos perto dos gigantes, mas reluzindo de poder.

Jason gritou e atacou Porfírión.

Seus amigos se juntaram à carnificina.

A luta tomou todo o Partenon e se espalhou pela Acrópole. Pelo canto do olho, Jason viu Annabeth lutando contra Encélado. Ao lado dela havia uma mulher de cabelo preto comprido e armadura dourada sobre uma túnica branca. A deusa enfiou a lança no gigante, depois ergueu o escudo com a assustadora imagem em bronze de Medusa. Juntas, Atena e Annabeth fizeram Encélado recuar até o andaime de metal mais próximo, que então desmoronou sobre ele.

Do outro lado do templo, Frank Zhang e o deus Ares se lançaram contra uma falange inteira de gigantes, Ares com a lança e o escudo, Frank (na forma de um elefante africano) com a tromba e as patas. O deus da guerra ria, golpeava e estripava como uma criança destruindo *piñatas*.

Hazel corria pelo campo de batalha montada em Arion, desaparecendo na Névoa sempre que um gigante se aproximava, para em seguida reaparecer atrás dele e golpeá-lo nas costas. A deusa Hécate seguia em seu rastro, ateando fogo a seus inimigos com duas tochas flamejantes. Jason não viu Hades, mas sempre que um gigante caía, o chão se abria e o engolia por inteiro.

Percy combatia os gigantes gêmeos, Oto e Efialtes, tendo a seu lado um homem barbado com um tridente e uma camisa havaiana berrante. Os gigantes gêmeos cambalearam. O tridente de Poseidon se transformou em uma mangueira de incêndio, e, com um jato ultrapoderoso na forma de cavalos selvagens, o deus lançou os gigantes para fora do Partenon.

Piper talvez fosse a mais impressionante. Ela duelava com a gigante Peribeia, espada contra espada. Apesar de sua adversária ser cinco vezes maior, Piper parecia estar se saindo bem. A deusa Afrodite flutuava em torno delas em uma pequena nuvem branca, jogando pétalas de rosa nos olhos da gigante e dizendo palavras de estímulo para Piper:

— Ótimo, querida. Isso, muito bem. Acerte-a de novo!

Sempre que Peribeia tentava atacar, pombas surgiam do nada e acertavam a cara da gigante.

Quanto a Leo, ele corria pelo convés do *Argo II* disparando balistas, jogando martelos na cabeça dos gigantes e incinerando suas túnicas. Atrás dele, ao timão, um sujeito barbado e musculoso de macacão de mecânico mexia nos controles, tentando furiosamente evitar que o barco caísse.

A imagem mais estranha era o velho gigante Toas, que estava sendo surrado até a morte por três velhas com maçãs de latão, as Parcas, armadas para a guerra. Jason achou que não havia nada no mundo mais assustador do que uma gangue de vovós armadas com porretes.

Ele percebeu todas essas coisas e mais uma dezena de outros confrontos em andamento, mas a maior parte de sua atenção estava concentrada no inimigo à sua frente, Porfíron, o rei dos gigantes, e no deus que lutava ao seu lado, Zeus.

Meu pai, pensou Jason, sem conseguir acreditar.

Porfíron não deu a ele muita oportunidade de saborear o momento. O gigante usou sua lança em um turbilhão de estocadas, giros e cortes. Ficar vivo era o máximo que Jason podia fazer.

Mesmo assim... a presença de Zeus era tranquilizadamente familiar. Apesar de Jason nunca ter conhecido pessoalmente o pai, ele se lembrou de todos os seus momentos mais felizes: seu piquenique de aniversário com Piper em Roma; o dia em que Lupa lhe mostrara o Acampamento Júpiter pela primeira vez; as brincadeiras de esconde-esconde com Thalia na casa deles, quando era pequeno; uma tarde na praia quando sua mãe o pegara, o beijara e lhe mostrara uma tempestade que se aproximava. *Nunca tema uma tempestade, Jason. É seu pai dizendo que o ama.*

Zeus tinha cheiro de chuva e vento fresco. Ele fazia o ar queimar de energia. De perto, seu raio parecia uma vara de bronze de um metro afiada nas duas pontas, com lâminas de energia se projetando dos dois lados de maneira a formar

uma lança de eletricidade branca. Com um golpe, ele bloqueou o caminho do gigante, e Porfíron caiu em seu trono improvisado, que desmoronou sob seu peso.

— Não há trono para você — disse Zeus com raiva. — Nem aqui, nem *nunca*.

— Você *não pode* nos impedir! — gritou o gigante. — Já está *feito*! A Mãe Terra despertou!

Em resposta, Zeus explodiu o trono. O rei dos gigantes voou de costas para fora do templo, e Jason correu até ele, com o pai logo atrás.

Eles encurralaram Porfíron na beira da colina, com a Atenas moderna inteira abaixo deles. O raio tinha derretido todas as armas no cabelo do gigante. Bronze celestial derretido escorria por seus *dreadlocks* como caramelo. Sua pele soltava fumaça e estava cheia de bolhas.

Porfíron rosnou de raiva e ergueu sua lança.

— Sua causa está perdida, Zeus. Mesmo se me derrotar, a Mãe Terra vai simplesmente me trazer de volta outra vez!

— Então talvez — disse Zeus — você não deva morrer nos braços de Gaia. Jason, meu filho...

Jason nunca tinha se sentido tão bem, tão *reconhecido*, como ao ouvir o pai dizer seu nome. Foi como no inverno anterior, no Acampamento Meio-Sangue, quando suas lembranças finalmente voltaram. Por fim, Jason entendeu outro nível de sua existência, uma parte de sua identidade que antes estivera nublada.

Agora ele não tinha dúvida: era filho de Júpiter, o deus do céu. Ele era o filho de seu pai.

Jason avançou.

Porfíron golpeava alucinadamente com a lança, mas Jason a cortou ao meio com seu gládio. Então cravou a espada no peitoral do gigante, depois invocou os ventos e lançou Porfíron no precipício.

Enquanto o gigante caía gritando, Zeus apontou seu raio. Um arco de puro calor branco desintegrou Porfíron em pleno ar. Suas cinzas desceram lentamente em uma nuvem delicada que cobriu de poeira o topo das oliveiras na encosta da Acrópole.

Zeus virou-se para Jason. Seu raio se apagou, e ele prendeu a vara de bronze celestial no cinto. Os olhos do deus eram cinza e tempestuosos. Seu cabelo e sua barba grisalhos pareciam nuvens. Jason achou estranho que o senhor do universo, o rei do Olimpo, fosse apenas alguns centímetros mais alto que ele.

— Meu filho. — Zeus segurou o ombro de Jason. — Há tanta coisa que eu gostaria de dizer a você.

O deus respirou fundo, fazendo o ar crepitar e os óculos de Jason embaçarem.

— Infelizmente, como rei dos deuses, não posso demonstrar favoritismos.

Quando nos unirmos aos outros olímpianos, não vou poder elogiá-lo tanto quanto eu gostaria, nem lhe dar o crédito que você merece.

— Eu não quero elogios — disse Jason, com a voz trêmula. — Só um pouco de tempo juntos já seria bom. Quer dizer, eu nem conheço você.

O olhar de Zeus estava tão distante quanto a camada de ozônio.

— Estou sempre com você, Jason. Acompanhei seu progresso com orgulho, mas nunca vai ser possível sermos... — Ele fez um gesto como se estivesse tentando pegar a palavra certa no ar. *Próximos. Normais. Verdadeiros pai e filho.*

— Desde seu nascimento você foi destinado a ser de Hera, para apaziguar sua ira. Até seu nome, Jason, foi escolha dela. Você não pediu por isso. Eu não queria isso. Mas quando eu o entreguei a ela... não tinha ideia do homem que você iria se tornar. Você foi formado por sua jornada, que o tornou bom e grandioso. O que quer que aconteça quando voltarmos ao Partenon, saiba que eu *não* considero você responsável. Você provou ser um verdadeiro herói.

As emoções de Jason estavam uma confusão em seu peito.

— O que quer dizer com... *o que quer que aconteça?*

— O pior ainda está por vir — avisou Zeus. — E alguém deve levar a culpa pelo que aconteceu. Venha.

L

JASON

NÃO SOBROU NADA DOS GIGANTES além de pilhas de pó, algumas lanças e um punhado de *dreadlocks* em chamas.

O *Argo II* ainda estava no ar, mas por pouco, atracado no topo do Partenon. Quase todos os remos tinham sido arrancados ou estavam emaranhados. Saía fumaça de várias rachaduras no casco. As velas estavam pontilhadas de furos em chamas.

Leo tinha um aspecto quase tão ruim quanto o barco. Ele estava no meio do templo junto dos outros membros da tripulação, o rosto coberto de fuligem e as roupas flamejando.

Os deuses se dispersaram em um semicírculo quando Zeus se aproximou. Nenhum deles parecia muito satisfeito com a vitória.

Apolo e Ártemis estavam juntos à sombra de uma coluna, como se estivessem tentando se esconder. Hera e Poseidon discutiam intensamente com uma deusa que vestia uma túnica verde e dourada, talvez Deméter. Nice tentou botar uma coroa de louros na cabeça de Hécate, mas a deusa da magia a afastou. Hermes se aproximou discretamente de Atena, tentando passar o braço em torno dela, mas Atena virou o escudo Aegis na direção dele, e Hermes se afastou, aborrecido.

O único olimpiano que parecia de bom humor era Ares, que ria e fingia cortar um inimigo enquanto Frank escutava, com expressão educada mas constrangida.

— Irmãos — começou Zeus —, estamos curados graças ao trabalho destes semideuses. A Atena Partenos, que antigamente ficava neste templo, agora está no Acampamento Meio-Sangue. Ela uniu nossa descendência e, com isso, nossos aspectos.

— Senhor Zeus — disse Piper tomando a palavra. — Reyna está bem? E Nico e o treinador Hedge?

Jason quase não podia acreditar que Piper estivesse preocupada com Reyna, mas ficou satisfeito com isso.

Zeus franziu as sobrancelhas cor de nuvem.

— Eles foram bem-sucedidos em sua missão. E, até o momento, estão vivos. Se estão *bem* ou não...

— Ainda há trabalho a ser feito — interrompeu a rainha Hera. Ela abriu os braços como se quisesse um abraço coletivo. — Mas, meus heróis... vocês triunfaram sobre os gigantes, como eu sabia que fariam. Meu plano foi lindamente bem-sucedido.

Zeus virou-se para a esposa. Um trovão abalou a Acrópole.

— Hera, não *ouse* ficar com o crédito! Você causou *pelo menos* tantos problemas quanto resolveu!

A rainha dos céus ficou lívida.

— Meu marido, certamente você agora vê... que esse era o único modo.

— Nunca há apenas *um* modo! — berrou Zeus. — É por isso que há *três* Parcas, não uma. Correto?

Junto aos destroços do trono do rei dos gigantes, as três velhas assentiram em silêncio. Jason percebeu que os outros deuses preferiram ficar bem longe das Parcas e de suas reluzentes maçãs de latão.

— Por favor, meu marido. — Hera tentou sorrir, mas estava tão nitidamente amedrontada que Jason quase sentiu pena dela. — Eu só fiz o que...

— Silêncio! — interrompeu-a Zeus. — Você desobedeceu às minhas ordens. Mesmo assim... reconheço que teve boas intenções. O valor destes sete heróis provou que você não agiu de forma completamente ignorante.

Hera pareceu querer discutir, mas manteve a boca fechada.

— Apolo, entretanto... — Zeus olhou para as sombras onde estavam os gêmeos. — Meu filho, venha cá.

Apolo avançou bem devagar, como se estivesse caminhando para a força. Chegava a ser enervante quanto ele parecia um semideus adolescente: cerca de dezessete anos, usando calça jeans e camiseta do Acampamento Meio-Sangue, com um arco no ombro e uma espada presa no cinto. Com o cabelo louro despenteado e os olhos azuis, podia ser irmão de Jason tanto pelo lado mortal quanto pelo divino.

Jason se perguntou se o deus tinha assumido aquela forma para não chamar atenção ou para inspirar piedade no pai. O medo no rosto de Apolo com certeza parecia real, e também muito humano.

As três Parcas cercaram o deus, as mãos enrugadas erguidas.

— Você me desafiou duas vezes — disse Zeus.

Apolo umedeceu os lábios.

— Meu... meu senhor...

— Você não cumpriu com seus deveres. Você sucumbiu à lisonja e à vaidade. Você encorajou seu filho, Octavian, a seguir um caminho perigoso, e revelou prematuramente uma profecia que *ainda* pode destruir a todos.

— Mas...

— Basta! — interrompeu Zeus. — Depois conversaremos sobre sua punição. Por enquanto, você vai esperar no Olimpo.

Zeus agitou a mão.

Apolo se transformou em uma nuvem de purpurina. As Parcas giraram em torno dele para então se dissolverem no ar, e o redemoinho de purpurina subiu para o céu.

— O que vai acontecer com Apolo? — perguntou Jason.

Os deuses olharam para ele, mas Jason não ligou. Depois de conhecer Zeus pessoalmente, ele sentia certa simpatia por Apolo.

— Não é da sua conta — disse Zeus. — Temos outros problemas com que nos preocupar.

Um silêncio insuportável se abateu sobre o Partenon.

Não parecia certo simplesmente deixar o assunto para depois. Jason não via a razão de apenas Apolo ser castigado.

Alguém deve levar a culpa, dissera Zeus.

Mas por quê?

— Pai — disse Jason —, eu jurei cultuar todos os deuses. Prometi a Cimopoleia que, quando esta guerra terminasse, nenhum deus ficaria sem um templo nos acampamentos.

Zeus franziu a testa.

— Está bem. Mas... Cimo quem?

Poseidon pigarreou, cobrindo a boca com a mão.

— Ela é uma das minhas.

— O que estou dizendo — continuou Jason — é que culpar uns aos outros não vai resolver nada. Foi assim que começou a rixa entre gregos e romanos.

O ar ficou perigosamente ionizado. O couro cabeludo de Jason formigou.

Ele percebeu que estava se arriscando a sofrer a ira do pai. Podia ser transformado em purpurina ou jogado para longe da Acrópole. Ele conhecera Zeus havia cinco minutos e tinha causado uma boa impressão. Agora estava jogando isso fora.

Um bom romano ficaria calado.

Jason continuou:

— Apolo não foi o problema. Castigá-lo pelo despertar de Gaia é... — ele queria dizer *burrice*, mas se segurou — não seria sábio.

— Não seria sábio... — A voz de Zeus era quase um sussurro. — Diante de todos os deuses, você diz que eu *não sou sábio*.

Os amigos de Jason observavam, totalmente alertas. Percy parecia pronto para interferir e se juntar a ele.

Então Ártemis saiu das sombras:

— Pai, esse herói lutou muito e por muito tempo pela nossa causa. Seus nervos estão abalados. Devemos levar isso em conta.

Jason ia protestar, mas Ártemis o impediu com um olhar. A expressão dela mandava uma mensagem tão clara que era como se estivesse falando com ele mentalmente. *Obrigada, semideus. Mas não abuse. Vou conversar com Zeus quando ele estiver mais calmo.*

— E sem dúvida, pai — prosseguiu a deusa —, como o senhor observou, devemos nos ater a nossos problemas mais urgentes.

— Gaia — reforçou Annabeth, nitidamente ansiosa para mudar de assunto. — Ela despertou, não foi?

Zeus virou-se para ela. Em volta de Jason, as moléculas do ar pararam de vibrar. Seu crânio parecia ter acabado de sair do micro-ondas.

— Isso mesmo — disse Zeus. — O sangue do Olimpo foi derramado. Ela está totalmente consciente.

— Ah, qual é! — reclamou Percy. — Eu sangro um pouquinho pelo nariz e acordo a terra inteira? Isso não é justo!

Atena pôs Aegis no ombro.

— Reclamar de injustiça é como culpar alguém, Percy Jackson: não faz bem a ninguém. — Ela lançou um olhar de aprovação para Jason. — Agora vocês têm que se apressar. Gaia está se preparando para destruir seu acampamento.

Poseidon se apoiou em seu tridente.

— Desta vez, Atena tem razão.

— *Desta vez?* — protestou Atena.

— Por que Gaia voltaria ao acampamento? — perguntou Leo. — Percy sangrou aqui.

— Cara — disse Percy —, primeiro de tudo, você ouviu Atena: não culpe meu nariz. Segundo: Gaia é a *terra*. Ela pode aparecer onde quiser. Além do mais, ela nos *contou* que ia fazer isso. Disse que a primeira coisa em sua lista era destruir nosso acampamento. A pergunta é: como vamos impedi-la?

Frank olhou para Zeus.

— Hã... senhor, Sua Majestade, vocês não podem simplesmente ir lá com a gente? Vocês têm as bigas e os poderes mágicos e tudo o mais.

— Isso! — disse Hazel. — Nós derrotamos os gigantes juntos em dois segundos. Vamos todos até lá...

— Não — disse Zeus, secamente.

— Não? — perguntou Jason. — Mas, pai...

Os olhos de Zeus cintilaram de poder, e Jason percebeu que tinha levado o pai ao limite naquele dia... e talvez pelos séculos seguintes.

— Esse é o problema com as profecias — resmungou Zeus. — Quando Apolo permitiu que a Profecia dos Sete fosse pronunciada, e quando Hera tomou a decisão de interpretar suas palavras, as Parcas teceram o futuro de uma maneira que ele tinha apenas determinado número de resultados, determinado número de soluções. Vocês sete, os semideuses, estão destinados a derrotar Gaia. Nós, deuses, *não podemos*.

— Não entendo — disse Piper. — Qual é o sentido em vocês serem deuses se precisam contar com a ajuda de simples mortais para fazerem o que querem?

Todos os deuses trocaram olhares sombrios. Entretanto, Afrodite riu com carinho e beijou a filha.

— Piper, querida, você não acha que *nós* nos fazemos essa pergunta há milhares de anos? Mas é isso o que nos une, o que nos torna eternos. Precisamos de vocês, mortais, tanto quanto vocês precisam de nós. Por mais irritante que isso seja, é a verdade.

Frank se remexia, desconfortável, como se sentisse falta de ser um elefante.

— Então como podemos chegar ao Acampamento Meio-Sangue a tempo de salvá-lo? Levamos meses para vir até a Grécia.

— Os ventos — disse Jason. — Pai, você pode fazer com que os ventos mandem nosso navio de volta?

Zeus fechou a cara.

— Eu podia mandá-los de volta a Long Island com um tapa.

— Hã... isso foi uma piada, uma ameaça ou...?

— Não — disse Zeus. — Estou falando bem literalmente. Eu podia dar um tapa em seu barco e mandá-lo de volta para o Acampamento Meio-Sangue, mas a força envolvida nisso...

Perto do trono em ruínas do gigante, o deus desgrenhado com macacão de mecânico balançou a cabeça.

— O meu menino Leo construiu um bom navio, mas o *Argo II* não vai suportar tamanha força. Vai se desfazer assim que chegar, talvez antes.

Leo ajeitou seu cinto de ferramentas.

— O *Argo II* aguenta. Ele só precisa ficar inteiro até chegarmos em casa. Depois, podemos abandonar o navio.

— É perigoso — alertou Hefesto. — Talvez até fatal.

A deusa Nice girava uma coroa de louros no dedo.

— A vitória é sempre arriscada. E muitas vezes exige um sacrifício. Leo

Valdez e eu já discutimos isso.

Ela olhou diretamente para Leo.

Jason não gostou nada daquilo. Ele se lembrou da expressão grave de Asclépio quando o médico examinou Leo. *Minha nossa. Ah, estou vendo...* Jason sabia o que eles precisavam fazer para derrotar Gaia. Conhecía os riscos. Mas ele queria correr esses riscos sozinho, não jogá-los sobre Leo.

Piper está com a cura do médico, disse ele a si mesmo. *Ela vai cuidar de nós dois.*

— Leo, do que Nice está falando? — perguntou Annabeth.

Leo fez pouco caso da pergunta com um aceno.

— O de sempre. Vitória. Sacrifício. Blá-blá-blá. Não importa. Nós podemos fazer isso, gente. Nós *temos* que fazer isso.

Jason foi tomado por um medo súbito. Zeus estava certo sobre uma coisa: o pior ainda estava por vir.

Quando tiver que escolher, dissera Noto, o Vento Sul, *entre tempestade ou fogo, não entre em pânico.*

Jason tomou a decisão:

— Leo tem razão. Todos a bordo para uma última viagem.

LI

JASON

UMA DESPEDIDA CALOROSA ERA PEDIR demais.

A última visão que Jason teve do pai foi Zeus com trinta metros de altura segurando o *Argo II* pela proa. Ele gritou: *SEGUREM FIRME!*

Então jogou o barco para o alto e bateu nele no ar como um jogador de vôlei dando um saque.

Se Jason não estivesse preso ao mastro com um dos cintos de segurança de vinte pontos de Leo, teria se desintegrado. Do jeito que foi, seu estômago tentou ficar para trás, na Grécia, e todo o ar foi sugado de seus pulmões.

O céu ficou negro. O navio chacoalhava e rangia. Rachaduras se espalharam pelo convés como se Jason estivesse sobre gelo fino, e, com um estrondo sônico, o *Argo II* saiu em alta velocidade das nuvens.

— Jason! — gritou Leo. — Depressa!

Mesmo sentindo os dedos como se fossem plástico derretido, ele conseguiu soltar as correias.

Leo estava preso ao painel de controle, tentando desesperadamente estabilizar o navio enquanto eles mergulhavam em queda livre. As velas estavam em chamas. Festus crepitava em alarme. Uma catapulta se soltou e subiu no ar. A força centrífuga arremessou os escudos presos às amuradas como se fossem *frisbees* de metal.

Rachaduras maiores se abriram no convés enquanto Jason cambaleava na direção do porão, usando os ventos para se manter de pé.

Se ele não conseguisse chegar até os outros...

Então a portinhola se abriu. Frank e Hazel saíram com dificuldade por ali, puxando a corda que eles tinham amarrado no mastro. Piper, Annabeth e Percy surgiram logo depois, todos parecendo desorientados.

— Vão! — berrou Leo. — Vão, vão, vão!

Pela primeira vez, o tom de Leo estava mortalmente sério.

Eles haviam discutido o plano de evacuação, mas aquele tapa para o outro lado do mundo tinha deixado a mente de Jason lenta. A julgar pela expressão dos outros, eles não estavam em condições muito melhores.

Buford os salvou. A mesa veio chacoalhando pelo convés com seu Hedge holográfico gritando:

— VAMOS! MEXAM-SE! PAREM COM ISSO!

Então o tampo da mesa se abriu em hélices de helicóptero, e Buford alçou voo.

Frank mudou de forma. Em vez de um semideus atordoado, ele agora era um dragão cinza atordoado. Hazel subiu em suas costas. Frank agarrou Percy e Annabeth com as patas da frente, depois abriu as asas e saiu voando.

Jason segurou Piper pela cintura, pronto para levantar voo, mas cometeu o erro de olhar para baixo. O que viu foi um caleidoscópio giratório de céu, terra, céu, terra. O chão estava ficando terrivelmente próximo.

— Leo, você não vai conseguir! — gritou Jason. — Venha com a gente.

— Não! Saiam daqui!

— Leo! — pediu Piper. — Por favor...

— Poupe o charme, Pipes! Eu já disse que tenho um plano. Agora sumam!

Jason deu uma última olhada no navio que se desfazia.

O *Argo II* tinha sido a casa deles por muito tempo. Agora o estavam abandonando para sempre, e deixando um amigo para trás.

Jason odiava aquilo, mas viu a determinação nos olhos de Leo. Tal como no encontro com seu pai, Zeus, não havia tempo para uma despedida adequada.

Jason domou os ventos, e ele e Piper se lançaram aos céus.

*

A situação lá no chão não era menos caótica.

Enquanto caíam, Jason viu um enorme exército de monstros espalhado pelos montes — cinocéfalos, homens de duas cabeças, centauros selvagens, ogros e outros cujos nomes ele nem sabia —, cercando dois pequenos grupos de semideuses. No alto da Colina Meio-Sangue, a principal força do Acampamento Meio-Sangue estava reunida aos pés da Atena Partenos junto com a Primeira e a Quinta Coortes, agrupadas em torno da águia dourada da legião. As outras três coortes romanas estavam em formação defensiva a centenas de metros de

distância e pareciam estar recebendo a pior parte do ataque.

Águias gigantes rodearam Jason, piando com urgência, como se aguardassem ordens.

Frank, o dragão cinza, e seus passageiros voavam ao seu lado.

— Hazel! — gritou Jason. — Aquelas três coortes estão com sérios problemas! Se elas não conseguirem se juntar ao restante dos semideuses...

— Estou vendo! — disse Hazel. — Vamos lá, Frank!

O dragão Frank deu uma guinada para a esquerda, com Annabeth gritando em uma de suas garras:

— Vamos pegá-los!

E Percy, na outra garra, berrando:

— Eu odeio voar!

Piper e Jason seguiram bruscamente para a direita, rumo ao topo da Colina Meio-Sangue.

Jason se animou quando viu Nico di Angelo na linha de frente ao lado dos gregos, abrindo caminho com sua espada em meio a uma multidão de homens de duas cabeças. A poucos metros dele, Reyna, com a espada em punho, estava montada em um novo pégaso. Ela gritava ordens para a legião, e os romanos lhe obedeciam sem questionar, como se ela nunca tivesse se afastado deles.

Jason não viu Octavian em lugar algum. Ótimo. Ele também não viu nenhuma colossal deusa da terra devastando o mundo. Melhor ainda. Talvez Gaia tivesse despertado, dado uma olhada no mundo moderno e resolvido voltar a dormir. Jason desejou que eles pudessem ter tal sorte, mas duvidava disso.

Quando ele e Piper pousaram na colina, com as espadas desembainhadas, os gregos e romanos deram vivas.

— Já estava na hora! — gritou Reyna. — Que bom que você conseguiu se juntar a nós!

Surpreso, Jason percebeu que ela se dirigia a Piper, não a ele.

Piper sorriu.

— Tivemos que matar uns gigantes!

— Excelente! — Reyna devolveu o sorriso. — Agora pode se servir de alguns bárbaros.

— Ora, obrigada!

As duas partiram para a batalha lado a lado.

Nico cumprimentou Jason com um aceno de cabeça como se eles tivessem se visto apenas cinco minutos antes, depois voltou a transformar homens de duas cabeças em cadáveres sem cabeça.

— Chegaram bem na hora. Onde está o navio?

Jason apontou. O *Argo II* despencou pelo céu em uma bola de fogo; pedaços

dos mastros, do casco e armamentos caíam em chamas. Jason não sabia como mesmo o Leo à prova de fogo poderia sobreviver àquilo, mas ele precisava ter esperança.

— Pelos deuses — disse Nico. — Está todo mundo bem?

— Leo... — A emoção era perceptível na voz de Jason. — Ele disse que tinha um plano.

O cometa desapareceu atrás das montanhas. Jason esperou, com apreensão, o som de uma explosão, mas não ouviu nada em meio ao clamor da batalha.

Nico o encarou.

— Ele vai ficar bem.

— Com certeza.

— Mas por via das dúvidas... Por Leo.

— Por Leo — concordou Jason.

E eles se lançaram juntos no meio da batalha.

A raiva de Jason deu a ele forças renovadas. Os gregos e romanos aos poucos forçavam os inimigos a recuar. Centauros selvagens caíam. Homens com cabeça de lobo uivavam ao serem golpeados com espadas e transformados em pó.

Mais monstros continuavam a aparecer: *karpoi*, espíritos dos grãos, que subiam da grama em turbilhão, grifos que mergulhavam do céu e formas humanoides de barro que lembravam a Jason bonecos de massa de modelar malvados.

— São fantasmas com carapaças de terra! — alertou Nico. — Não deixem que acertem vocês!

Obviamente, Gaia tinha guardado alguns truques na manga.

Em determinado momento, Will Solace, líder do chalé de Apolo, correu até Nico e disse alguma coisa em seu ouvido. Em meio aos gritos e ao ruído das espadas, Jason não conseguiu distinguir as palavras.

— Preciso ir! — disse Nico.

Ele não entendeu direito, mas assentiu, e Will e Nico foram correndo para o meio do confronto.

No momento seguinte, Jason se viu cercado por um grupo de filhos de Hermes que apareceram ali sem nenhum motivo aparente.

Connor Stoll sorriu.

— E aí, Grace?

— Tudo bem — disse Jason. — E você?

Connor se esquivou da clava de um ogro e enfiou a espada em um espírito dos grãos, que explodiu em uma nuvem de trigo.

— É, não posso reclamar. Um dia como outro qualquer.

— *Eiaculare flammis!* — berrou Reyna.

Uma saraivada de flechas incendiárias traçou um arco acima da parede de escudos da legião e destruiu um pelotão de ogros. As fileiras romanas avançaram, empalaram centauros e passaram por cima de ogros feridos com suas botas com ponta de bronze.

De algum ponto na base da colina, Jason ouviu Frank berrar em latim:

— *Repellere equites!*

Um enorme bando de centauros disparou em pânico enquanto os soldados das outras três coortes da legião avançavam em formação perfeita, suas lanças reluzindo com sangue de monstros. Frank marchava à frente deles. No flanco esquerdo, montada em Arion, Hazel estava radiante de orgulho.

— Ave, pretor Zhang! — saudou Reyna.

— Ave, pretora Ramírez-Arellano! — disse Frank. — Vamos lá. Legião, FORMAÇÃO ÚNICA!

Os romanos deram vivas, e as cinco coortes se uniram em uma máquina mortífera maciça. Frank apontou a espada para a frente, e, do estandarte da águia dourada, raios dourados se lançaram sobre o inimigo, fritando várias centenas de monstros.

— Legião, *cuneum formate!* — gritou Reyna. — Avançar!

Jason ouviu mais gritos de comemoração a sua direita quando Percy e Annabeth se juntaram às forças do Acampamento Meio-Sangue.

— Gregos! — gritou Percy. — Vamos... hã... matar uns monstros aí!

Eles gritaram como loucos e atacaram.

Jason sorriu. Ele adorava os gregos. Eles não tinham nenhuma organização, mas compensavam com entusiasmo.

Jason estava com um bom pressentimento em relação àquela batalha, exceto por duas grandes perguntas: onde estava Leo? E onde estava Gaia?

Infelizmente, a segunda resposta veio primeiro.

Sob seus pés, a terra começou a ondular como se a Colina Meio-Sangue tivesse se transformado em um colchão de água gigante. Semideuses tombaram. Ogros escorregaram. Centauros caíram de cara na grama.

DESPERTA, trovejou uma voz em torno deles.

A cem metros de distância, no topo de um monte, a grama e a terra se ergueram em um redemoinho como se fosse a broca de uma furadeira gigante. A coluna de terra ficou mais espessa e se transformou em uma figura feminina de seis metros de altura usando um vestido de folhas de grama, com pele branca como quartzo e cabelo castanho emaranhado como raízes de árvore.

— *Tolinhos*. — Gaia, a Mãe Terra, abriu seus olhos verdes. — *A magia fraca dessa estátua não pode me deter*.

Enquanto ela dizia isso, Jason entendeu por que Gaia não tinha aparecido até

então. A Atena Partenos estava protegendo os semideuses, contendo a ira da terra, mas nem o poder de Atena podia durar tanto contra uma deusa primordial.

Um medo tão palpável quanto uma frente fria passou por todos os semideuses.

— Mantenham-se firmes! — gritou Piper com o charme. — Gregos e romanos: juntos, nós podemos vencê-la!

Gaia riu. Ela abriu os braços, e a terra foi atraída em sua direção: árvores se inclinando, o leito de rocha rangendo, o solo se movendo em ondas. Jason se elevou com o vento, mas, a sua volta, monstros e semideuses começaram a afundar na terra. Um dos onagros de Octavian tombou e desapareceu na encosta da colina.

— *A terra inteira é meu corpo* — trovejou Gaia. — *Como podem lutar contra a deusa da...*

TUUUUMP!

Com um reluzir de bronze, Gaia foi varrida da encosta, arrancada dali pelas garras de um dragão de metal de cinquenta toneladas.

Festus, renascido, subiu aos céus com as asas reluzentes, cuspidando fogo em triunfo. Enquanto subia, a pessoa montada em suas costas ficava cada vez menor e mais difícil de identificar, mas o sorriso de Leo era inconfundível.

— Pipes! Jason! — gritou ele, olhando para baixo. — Vocês não vêem? A batalha é aqui em cima!

LII

JASON

ASSIM QUE GAIA DECOLOU, o chão se solidificou.

Semideuses pararam de afundar, apesar de muitos ainda estarem enterrados até a cintura. Infelizmente, os monstros pareciam se desenterrar mais depressa. Eles atacaram os exércitos gregos e romanos, tirando vantagem da desorganização dos semideuses.

Jason abraçou Piper pela cintura. Ele estava prestes a levantar voo quando Percy gritou:

— Espere! Frank pode nos levar lá para cima! Podemos...

— Não, cara — disse Jason. — Eles precisam de você aqui. Ainda tem monstros para serem derrotados. Além disso, a profecia...

— Ele tem razão. — Frank segurou o braço de Percy. — Você precisa deixar que eles façam isso, Percy. É como a missão de Annabeth em Roma. Ou a de Hazel nas Portas da Morte. Temos que confiar neles.

Percy obviamente não gostou, mas, naquele instante, uma onda de monstros avançou sobre as forças gregas.

— Ei! Estamos com problemas aqui! — gritou Annabeth.

Percy correu para ajudá-la.

Frank e Hazel se viraram para Jason e ergueram os braços fazendo a saudação romana, depois foram reagrupar a legião.

Jason e Piper subiram em espiral com o vento.

— Eu tenho a cura — murmurou Piper como um mantra. — Vai ficar tudo bem. Eu tenho a cura.

Jason percebeu que de algum modo ela tinha perdido a espada, mas ele duvidava que isso fosse fazer alguma diferença. Contra Gaia, uma espada não era nada. Tudo agora se resumia a fogo e tempestade... e um terceiro poder, o

charme de Piper, que os manteria juntos. No inverno anterior, Piper tinha tornado o poder de Gaia mais lento na Casa dos Lobos, ajudando a libertar Hera de uma cela feita de terra. Agora ela teria uma tarefa ainda maior.

Enquanto subiam, Jason reuniu o vento e as nuvens ao seu redor. O céu respondeu com uma velocidade espantosa. Logo eles estavam no olho de um redemoinho de tempestade. Raios queimavam seus olhos. Trovões faziam seus pés vibrarem.

Bem acima deles, Festus lutava com a deusa da terra. Gaia ficava se desintegrando, tentando voltar para o chão, mas os ventos a mantinham no ar. Festus lançava chamas sobre ela, o que parecia forçá-la a continuar na forma sólida. Enquanto isso, das costas do dragão, Leo também lançava chamas sobre a deusa e a cobria de insultos:

— Sujismunda! Cara de lama! ESSA É PELA MINHA MÃE, ESPERANZA VALDEZ!

Leo estava totalmente envolto em chamas. A chuva que caía no ar tempestuoso apenas fervilhava e evaporava em volta dele.

Jason foi direto na direção deles.

Gaia se transformou em areia branca e fina, mas Jason invocou um esquadrão de *venti* que rodopiou em volta dela, prendendo-a em um casulo de vento.

Gaia reagiu. Quando não estava se desintegrando, atacava com explosões de pedra e terra das quais Jason mal conseguia se defender. Controlar a tempestade, conter Gaia e manter a si mesmo e a Piper no ar... Jason nunca tinha feito nada tão difícil assim. Ele se sentia coberto de pesos de chumbo, tentando nadar apenas com as pernas enquanto segurava um carro na cabeça. Mas ele *precisava* manter Gaia longe da terra.

Esse era o segredo sobre o qual Leia tinha dado uma pista quando eles conversaram no fundo do mar.

Muito tempo atrás, Urano, o deus do céu, foi enganado por Gaia e os titãs para descer à terra, onde o prenderam ao chão para que não pudesse escapar. Só assim — Urano com seus poderes enfraquecidos por estar distante de seu território — eles conseguiram matá-lo.

Agora, Jason, Leo e Piper tinham que inverter essa situação. Precisavam manter Gaia longe de sua fonte de poder, a terra, e enfraquecê-la até que ela pudesse ser derrotada.

Eles subiram juntos. Festus rangeu e estalou com o esforço, mas continuou a ganhar altitude. Jason ainda não entendia como Leo tinha conseguido refazer o dragão. Então se lembrou de todas as horas que Leo passara trabalhando dentro do casco do navio nas últimas semanas. O garoto devia estar planejando aquilo havia muito tempo, construindo um corpo novo para Festus usando a própria

estrutura do navio.

No fundo, ele devia saber que o *Argo II* ia acabar sendo destruído. Um navio se transformando em dragão... Jason achou aquilo tão impressionante quanto aquela vez em Quebec em que o dragão se transformara em mala.

Entretanto, tinha acontecido, e Jason ficou animado ao ver seu velho amigo novamente em ação.

— *VOCÊS NÃO PODEM ME DERROTAR!* — Gaia se desfez em areia, só para ser atingida por mais chamas. Seu corpo derreteu em um bloco de vidro, se estilhaçou e depois voltou a tomar forma humana. — *EU SOU ETERNA!*

— Eternamente chata! — berrou Leo, e fez com que Festus fosse ainda mais alto.

Jason e Piper subiram com eles.

— Me leve para mais perto — pediu Piper, ansiosa. — Preciso estar perto dela.

— Piper, as chamas e os estilhaços...

— Eu sei.

Jason se aproximou até chegarem ao lado de Gaia. Os ventos envolviam a deusa, mantendo-a sólida, mas era tudo o que Jason podia fazer para conter as explosões de areia e solo. Os olhos dela eram de um verde profundo, como se toda a natureza tivesse sido condensada em algumas poças de matéria orgânica.

— *CRIANÇAS TOLAS!*

Terremotos e deslizamentos de terra em miniatura contorciam o rosto de Gaia.

— Você está tão cansada — disse Piper para a deusa, sua voz irradiando bondade e compaixão. — Eras de sofrimento e decepção pesam sobre você.

— *QUIETA!*

O poder da raiva de Gaia era tão grande que Jason perdeu momentaneamente o controle do vento. Ele teria mergulhado em queda livre se não fosse por Festus, que segurou ambos — ele e Piper — com sua outra pata enorme.

Surpreendentemente, Piper não perdeu a concentração.

— Milênios de tristeza — continuou ela. — Seu marido, Urano, era violento. Seus netos, os deuses, expulsaram seus filhos amados, os titãs. Seus outros filhos, os ciclopes e os centímanos, foram jogados no Tártaro. Você está cansada de tanta tristeza.

— *MENTIRAS!*

Gaia se desfez em um furacão de terra e grama, mas sua essência parecia se agitar mais lentamente.

Se eles subissem mais, o ar ficaria rarefeito demais para respirar. Jason ficaria muito fraco para controlá-lo. A fala de Piper sobre exaustão também o afetava, minando sua força, fazendo com que sentisse o corpo pesado.

— O que você quer — continuou Piper —, mais que a vitória, mais que vingança... você quer *descansar*. Você está tão abatida, tão absurdamente cansada dos mortais e imortais ingratos...

— *EU... NÃO FALE POR MIM... VOCÊ NÃO PODE...*

— Você só quer uma coisa — disse Piper em tom tranquilizador, sua voz ressonando pelos ossos de Jason. — Uma palavra. Você quer permissão para fechar os olhos e esquecer todos os seus problemas. Você... quer... DORMIR.

Gaia se solidificou em forma humana. Sua cabeça pendia, seus olhos estavam fechados e seu corpo pendia inerte nas garras de Festus.

Infelizmente, Jason começou a apagar também.

O vento estava diminuindo. A tempestade se dissipou. Pontos escuros dançavam na visão dele.

— Leo! — Piper não estava conseguindo respirar. — Só temos alguns segundos. — O charme não vai...

— Eu sei! — Leo parecia *feito* de fogo. Chamas queimavam sob sua pele, iluminando seu crânio. Festus fumegava e brilhava, suas garras queimando através da camisa de Jason. — Não posso segurar o fogo por muito mais tempo. Eu vou vaporizá-la. Não se preocupem. Vocês dois precisam ir embora.

— Não! — gritou Jason. — Temos que ficar com você. Piper tem a cura. Leo, você não pode...

— Ei. — Leo sorriu, o que em meio às chamas dava nervoso, pois seus dentes pareciam feitos de prata derretida. — Eu disse a vocês que tinha um plano. Quando vão confiar em mim? E por falar nisso... eu amo vocês.

A pata de Festus se abriu, e Piper e Jason caíram.

Jason não teve forças para impedir. Ele se agarrou a Piper enquanto ela gritava o nome de Leo, e eles mergulharam em direção à terra.

Festus se transformou em uma bola de fogo indistinta no céu, um segundo sol, cada vez menor e mais quente. Então Jason viu pelo canto do olho um cometa flamejante subir do solo com um som agudo, como um grito. Pouco antes de Jason apagar, o cometa interceptou a bola de fogo acima deles.

A explosão deixou o céu inteiro dourado.

LIII

NICO

NICO JÁ HAVIA PRESENCIADO MUITAS formas de morte. Achava que mais nada poderia surpreendê-lo.

Mas estava enganado.

No meio da batalha, Will Solace correu até ele e disse uma palavra em seu ouvido: — Octavian.

Toda a sua atenção se voltou para isso. Ele havia hesitado quando tivera a chance de matar Octavian, mas nunca ia deixar aquele sujeitinho desprezível escapar impune.

— Onde ele está?

— Venha — disse Will. — Depressa.

Nico se virou para Jason, que lutava ao seu lado, e avisou: — Preciso ir!

Então ele se embrenhou no caos, seguindo Will. Passaram por Tyson e seus ciclopes, que berravam “Cachorro mau! Cachorro mau!” enquanto golpeavam as cabeças dos cinocéfalos. Grover Underwood e um grupo de sátiros dançavam ao redor com suas flautas de Pã, tocando harmonias tão dissonantes que os fantasmas com carapaças de terra se despedaçavam. Travis Stoll passou correndo, discutindo com o irmão: — *Como assim* nós instalamos as minas terrestres na colina errada?

Nico e Will tinham descido metade da encosta quando o chão começou a tremer. Como todo mundo, monstros ou semideuses, eles ficaram paralisados de choque. Diante de seus olhos, uma coluna de terra explodiu em um turbilhão no alto da colina seguinte, e Gaia se ergueu em toda a sua glória.

Então algo grande e de bronze cruzou o céu.

TUUUUMP!

O dragão de bronze Festus apanhou a Mãe Terra e saiu voando com ela.

— Mas o que... como...? — balbuciou Nico.

— Não sei — disse Will. — Mas, quanto a isso, não há muito o que a gente possa fazer. Temos outros problemas.

Will correu na direção do onagro mais próximo. Quando chegaram mais perto, Nico viu Octavian reajustando furiosamente os controles de mira da máquina. O braço de lançamento já estava posicionado com uma carga completa de ouro imperial e explosivos. O áugure corria de um lado para outro, tropeçando em engrenagens e estacas de fixação, se enrolando com as cordas. De vez em quando olhava para Festus, lá no alto.

— Octavian! — gritou Nico.

O áugure se virou, depois recuou acuado contra a grande esfera de munição. Seu belo manto roxo prendeu na corda do gatilho, mas Octavian não percebeu. Da carga escapavam fios de fumaça, que contornavam sinuosamente seu corpo, como se atraídos pelas joias de ouro imperial que ele usava nos braços e no pescoço e pela coroa de louros de ouro que ornava seu cabelo.

— Ah, entendi! — O riso de Octavian foi seco e consideravelmente insano. — Tentando roubar minha glória, hein? Não, não, filho de Plutão. Eu sou o salvador de Roma, como me foi prometido!

Will levantou as mãos como se tentasse aplacá-lo.

— Octavian, afaste-se desse onagro. É perigoso.

— Claro que é! Vou derrotar Gaia com esta máquina!

Pelo canto do olho, Nico viu Jason Grace disparar rumo ao céu com Piper nos braços, voando direto na direção de Festus.

Nuvens de tempestade se acumulavam em volta do filho de Júpiter, girando e formando um furacão. Um trovão ribombou.

— Está vendo!?! — exclamou Octavian. Agora o ouro em seu corpo definitivamente soltava fumaça, atraído pela carga da catapulta como se ela fosse um ímã gigante. — Os deuses aprovam meus atos!

— É Jason que está criando esta tempestade — disse Nico. — Se você disparar o onagro, vai matá-lo, e a Piper, e...

— Ótimo! — gritou Octavian. — Eles são traidores mesmo! Todos traidores!

— Por favor, me escute — tentou Will novamente. — Apolo *não* desejaria isso. Além do mais, seu manto está...

— Você não sabe de nada, *graecus*! — Octavian levou a mão à alavanca de disparo. — Preciso agir antes que eles subam ainda mais. Só um onagro assim pode acertar esse tiro. Eu vou, sozinho, fazer...

— Centurião — chamou uma voz atrás dele.

Era Michael Kahale, que surgira de trás da máquina de cerco. Ele exibia na testa um enorme galo vermelho, resultado do golpe de Tyson que o havia

deixado inconsciente. Michael cambaleava. Mas, sabe-se lá como, tinha conseguido vir desde a praia até ali, e no caminho ainda arranjara uma espada e um escudo.

— Michael! — exclamou Octavian, em um gritinho de alegria. — Excelente! Proteja-me enquanto eu disparo este onagro. Depois vamos juntos matar esses *graeci*!

Michael Kahale observou a cena à sua frente: o manto de Octavian emaranhado nas cordas de torção do onagro, suas joias soltando fumaça devido à proximidade com a munição de ouro imperial. Ele olhou para o dragão, agora bem alto no céu, cercado por anéis de nuvens de tempestade — como os círculos de um alvo de arco e flecha. Então fechou a cara para Nico.

Nico ergueu a espada.

Era óbvio que Michael Kahale alertaria Octavian para que se afastasse do onagro. Era óbvio que atacaria.

— Tem certeza, Octavian? — perguntou o filho de Vênus.

— Tenho!

— Certeza absoluta?

— Sim, seu idiota! Serei lembrado como o salvador de Roma. Agora mantenha esses garotos longe enquanto eu destruo Gaia.

— Octavian, não — implorou Will. — Não podemos permitir que você...

— Will — interveio Nico —, não podemos impedi-lo.

Will Solace olhou para ele sem acreditar, mas Nico se lembrou das palavras que ouvira do pai na Capela dos Ossos: *Algumas mortes não podem ser evitadas*.

Os olhos de Octavian brilhavam.

— Isso mesmo, filho de Plutão. Você não tem condições de me impedir! Esse é o meu destino! Kahale, fique de guarda!

— Como quiser. — Michael se colocou em frente à máquina, entre Octavian e os dois semideuses gregos. — Centurião, faça o que deve fazer.

Octavian se virou para fazer o disparo.

— Um amigo fiel até o fim.

Nico estava entre a cruz e a espada. Se o tiro do onagro seguisse a mira original... se acertasse o dragão Festus, Nico seria cúmplice da morte ou do ferimento dos próprios amigos... Mas ele ficou onde estava. Decidiu, pela primeira vez, confiar na sabedoria do pai. *Algumas mortes não devem ser evitadas*.

— Adeus, Gaia! — gritou Octavian. — Adeus, Jason Grace, seu traidor!

Octavian cortou o cabo de liberação do braço lançador com sua adaga de áugure.

E desapareceu.

O braço da catapulta se projetou para o alto mais rápido do que os olhos de Nico conseguiam acompanhar, lançando Octavian com a munição. O grito do áugure foi diminuindo até Octavian se tornar uma mera parte do cometa flamejante que subia velozmente na direção do céu.

— Adeus, Octavian — disse Michael Kahale.

Ele olhou para Will e Nico pela última vez, um olhar feroz, como se estivesse desafiando os dois a falar. Depois lhes deu as costas e se afastou, caminhando com dificuldade.

Nico podia ter vivido com o fim de Octavian.

Podia até ter dito *Já vai tarde*.

Mas ficou apreensivo ao ver o cometa continuar a ganhar altura até desaparecer nas nuvens de tempestade, e o céu explodir em uma abóbada de fogo.

LIV

NICO

No DIA SEGUINTE, NÃO HAVIA muitas respostas.

Depois da explosão, Piper e Jason, em queda livre e inconscientes, foram apanhados em pleno ar por águias gigantes e levados para um local seguro, mas Leo desapareceu. O chalé de Hefesto inteiro fez buscas no vale e encontrou restos do casco destruído do *Argo II*, mas nenhum sinal nem do dragão Festus nem de seu mestre.

Todos os monstros foram destruídos ou expulsos. As baixas gregas e romanas foram muitas, mas nem de perto tão numerosas quanto poderiam ter sido.

À noite, os sátiros e as ninfas desapareceram na mata para uma reunião do Conselho dos Anciãos de Casco Fendido. Pela manhã, Grover Underwood reapareceu para anunciar que eles não podiam sentir a presença da Mãe Terra. A natureza estava mais ou menos de volta ao normal. Aparentemente, o plano de Jason, Piper e Leo tinha funcionado. Gaia havia sido separada de sua fonte de poder, levada a dormir pelo charme de Piper e depois desintegrada pela explosão combinada do fogo de Leo e do cometa improvisado de Octavian.

Imortais não morriam, mas agora Gaia seria como seu marido, Urano. A terra continuaria a funcionar normalmente, assim como o céu, mas agora o poder de Gaia estava tão disperso que nunca mais poderia voltar a formar uma consciência.

Ou pelo menos assim eles esperavam...

Octavian seria lembrado por ter salvado Roma ao se lançar ao céu em uma bola de chamas mortal. Mas Leo Valdez é quem havia feito o *verdadeiro* sacrifício.

A celebração da vitória no acampamento foi embotada pelo pesar — não só por Leo, mas também pelos muitos outros que morreram em batalha.

Semideuses envoltos em mortalhas, gregos e romanos, foram queimados na fogueira do acampamento. Quíron pediu a Nico que cuidasse dos ritos funerários.

O garoto concordou imediatamente. Era bom ter a oportunidade de homenagear os mortos. Ele nem se incomodou com as centenas de espectadores.

A parte mais difícil veio depois, quando Nico e os seis semideuses do *Argo II* se encontraram no pórtico da Casa Grande.

Jason estava cabisbaixo. Até seus óculos pareciam melancólicos.

— Era para estarmos lá. Podíamos ter ajudado Leo.

— Não é justo — concordou Piper, secando as lágrimas. — Tanto trabalho para conseguir essa cura do médico, e para *nada*.

Hazel irrompeu no choro.

— Piper, pegue a cura.

Surpresa, Piper levou a mão ao bolso do cinto e pegou o embrulho. Quando o abriu, porém, estava vazio.

Todos os olhos se viraram para Hazel.

— Como? — perguntou Annabeth.

Frank passou o braço em torno de Hazel.

— Em Delos, Leo implorou para que o ajudássemos.

Em meio às lágrimas, Hazel explicou que tinha trocado a cura do médico por uma ilusão, um truque da Névoa, para que Leo pudesse ficar com o frasco de verdade. Frank contou a eles sobre o plano de Leo: destruir Gaia quando ela estivesse enfraquecida com uma enorme explosão de fogo. Depois da conversa com Nice e Apolo, Leo estava convencido de que uma explosão desse tipo seria capaz de aniquilar qualquer mortal em um raio de quinhentos metros, por isso sabia que teria que se afastar de todo mundo.

— Ele queria fazer isso sozinho — disse Frank. — Achava que havia uma chance mínima de sobreviver ao fogo, por ser filho de Hefesto, mas se houvesse outra pessoa junto... Ele disse que Hazel e eu, como romanos, entenderíamos a ideia de sacrifício. Mas que vocês nunca aceitariam.

No início, os outros demonstraram raiva, como se fossem começar a gritar e jogar objetos na parede, mas, à medida que Frank e Hazel falavam, a fúria do grupo pareceu se dissipar. Era difícil ficar com raiva de Frank e Hazel quando os dois estavam chorando. Além disso... aquilo era exatamente o tipo de plano sorrateiro, perverso e ridiculamente irritante e nobre que Leo Valdez faria.

Por fim, Piper emitiu um som que ficava entre um soluço de choro e um riso.

— Se ele estivesse aqui agora, eu *mataria* aquele garoto. Como ele pretendia tomar a cura? Ele estava *sozinho*!

— Talvez ele tenha encontrado um jeito — disse Percy. — Estamos falando

de Leo. Ele pode voltar a qualquer minuto. Aí faremos fila para estrangulá-lo.

Nico e Hazel trocaram olhares. Os dois sabiam que isso não ia acontecer, mas não disseram nada.

*

No dia seguinte, o segundo desde a batalha, romanos e gregos trabalhavam lado a lado para limpar a zona de guerra e cuidar dos feridos. Blackjack se recuperava muito bem do ferimento. Guido tinha decidido adotar Reyna como sua humana. Muito a contragosto, Lou Ellen concordou em transformar seus leitõezinhos de estimação em romanos outra vez.

Will Solace não falava com Nico desde aquele momento junto ao onagro, no dia da batalha em si. O filho de Apolo passava a maior parte do tempo na enfermaria, mas sempre que Nico o via correndo pelo acampamento para buscar mais material médico ou visitar algum semideus ferido em seu chalé, sentia uma pontada estranha de melancolia. Sem dúvida Will Solace agora o via como um monstro, por ter deixado Octavian se matar.

Os romanos tinham se instalado provisoriamente perto dos campos de morango, onde insistiram em montar seu acampamento militar padrão. Os gregos foram ajudá-los a erguer os muros de terra e cavar os fossos. Nico nunca tinha visto nada mais estranho e, ao mesmo tempo, tão legal. Dakota compartilhava seu refresco açucarado com os campistas do chalé de Dioniso; os filhos de Hermes e Mercúrio riam, contavam histórias e roubavam descaradamente coisas de praticamente todo mundo; Reyna, Annabeth e Piper eram agora um trio inseparável, circulando pelo acampamento para verificar o andamento dos reparos; Quíron, acompanhado por Frank e Hazel, inspecionava as tropas romanas e as elogiava por sua bravura.

Quando chegou a noite, o clima geral tinha melhorado um pouco. O salão de refeições nunca havia ficado tão lotado. Os romanos foram recebidos como velhos amigos. O treinador Hedge circulava entre os semideuses, exultante com o filho recém-nascido no colo, dizendo:

— Ei, querem conhecer o Chuck? Este é o meu garoto, Chuck!

As meninas de Afrodite e Atena ficavam todas bobas em torno do pequeno bebê sátiro enfezado que agitava os punhos gorduchos, esperneava os casquinhos e balia:

— Bééééé! Bééééé!

Clarisse, que tinha sido escolhida como madrinha do menino, seguia atrás do

treinador como um guarda-costas, volta e meia murmurando:

— Ok, ok, deem um pouco de espaço para a criança.

Na hora dos anúncios e informes, Quíron se adiantou e ergueu seu cálice.

— De toda tragédia — começou ele — surge força nova. Hoje, agradecemos aos deuses por esta vitória. Aos deuses!

Todos os semideuses brindaram, mas o entusiasmo que demonstravam parecia desbotado. Nico compreendia aquele sentimento: *Salvamos os deuses de novo e agora devemos agradecer a eles?*

Então Quíron acrescentou:

— E aos novos amigos!

— AOS NOVOS AMIGOS!

Centenas de vozes de semideuses ecoaram pelas colinas.

Em torno da fogueira, ninguém tirava os olhos das estrelas, como se esperassem que Leo voltasse em uma espécie de surpresa de última hora. Quem sabe ele não surgisse no céu, pulasse das costas de Festus e começasse a contar piadas infames? Mas não aconteceu.

Depois de algumas canções, Reyna e Frank foram chamados à frente para receberem uma retumbante salva de palmas, tanto de gregos quanto de romanos. No alto da Colina Meio-Sangue, a Atena Partenos reluzia ainda mais sob o luar, como se sinalizasse *Tudo deu certo no final*.

— Amanhã — disse Reyna —, nós, romanos, voltaremos para casa. Agradecemos pela hospitalidade, ainda mais considerando que quase matamos vocês...

— Nós é que quase matamos vocês — corrigiu Annabeth.

— Sei.

Uuuuuuhhhhhhh, fez a multidão em uma só voz, em zombaria. Então todos começaram a rir e a se empurrar. Até Nico teve que abrir um sorriso.

— Enfim — disse Frank, assumindo a palavra. — Reyna e eu concordamos que isso marca uma nova era de amizade entre os acampamentos.

Reyna deu um tapinha nas costas dele.

— Isso mesmo. Por centenas de anos os deuses tentaram nos separar, para evitar que entrássemos em guerra. Mas existe uma forma melhor de se manter a paz: pela cooperação.

Piper se levantou do meio da plateia.

— Tem certeza de que sua mãe é a deusa da *guerra*?

— Tenho, McLean — disse Reyna. — Ainda pretendo lutar *muitas* batalhas. Mas, a partir de agora, vamos fazer isso *juntos*!

Muitos aplausos.

Frank levantou a mão, pedindo silêncio.

— Todos vocês serão bem-vindos no Acampamento Júpiter. Fizemos um acordo com Quíron, de um intercâmbio livre entre os acampamentos: visitas nos fins de semana, programas de treinamento e, é claro, ajuda de emergência em casos de necessidade...

— E quanto a festas? — perguntou Dakota.

— Isso mesmo! Festas! — exclamou Connor Stoll, em apoio.

Reyna abriu os braços.

— Mas isso a gente nem precisa falar. Nós, romanos, inventamos as festas.

Mais um grande *Uuuuuuhhhhhhh*.

— Bom, obrigada — concluiu Reyna. — A todos vocês. Nós podíamos ter escolhido ódio e guerra. Em vez disso, encontramos aceitação e amizade.

Então Reyna fez algo tão inesperado que Nico mais tarde achou que tinha sido apenas um sonho. Ela foi até Nico, que, como sempre, estava parado um tanto afastado do grupo, nas sombras. Reyna o pegou pela mão e o puxou carinhosamente para a luz da fogueira.

— Nós tínhamos um lar — disse ela. — Agora, temos dois.

E deu um forte abraço em Nico. A multidão deu vivas e aplaudiu em grande balbúrdia. Pela primeira vez Nico não teve vontade de se afastar. Ele afundou o rosto no ombro de Reyna e tentou segurar as lágrimas.

LV

NICO

NAQUELA NOITE, NICO DORMIU NO chalé de Hades.

Ele nunca havia tido vontade de se instalar ali, mas agora dividia o local com Hazel, o que fazia toda a diferença.

Viver novamente com uma irmã o deixava feliz, mesmo que fosse apenas por alguns dias — e mesmo com Hazel insistindo em dividir o chalé com lençóis para ter mais privacidade no seu lado do quarto, de forma que o lugar ficava parecendo uma área de quarentena.

Pouco antes do toque de recolher, Frank chegou para visitar Hazel. Os dois passaram alguns minutos conversando aos sussurros.

Nico tentou ignorá-los. Ficou se espreguiçando em seu beliche, que mais parecia um caixão: todo em mogno polido com barras de latão na cabeceira, além de travesseiros e cobertores de veludo em tom vermelho-sangue. Nico não tinha acompanhado a construção daquele chalé. Se tivesse, *nunca* teria sugerido aquelas camas. Pelo visto alguém ali achava que os filhos de Hades eram vampiros, não semideuses.

Então Frank bateu na parede junto à cama de Nico.

Nico ergueu o olhar. Frank agora estava muito alto. Parecia tão... *romano*.

— Ei — disse Frank. — Vamos partir pela manhã. Eu só queria agradecer.

Nico ergueu o corpo.

— Você se saiu muito bem, Frank. Foi uma honra.

Frank sorriu.

— Sinceramente, estou meio surpreso por ter sobrevivido. Toda aquela coisa de graveto mágico...

Nico assentiu. Hazel tinha contado a ele sobre o pedaço de lenha que controlava a linha da vida de Frank. Nico entendeu como um bom sinal o fato de

que agora Frank conseguisse falar abertamente sobre o assunto.

— Não posso ver o futuro — disse Nico —, mas geralmente sei quando as pessoas estão perto da morte. Você não está. Não sei quando aquele pedaço de lenha vai terminar de queimar. Chega um momento em que a lenha acaba para *todos* nós. Mas vai demorar, pretor Zhang. Você e Hazel... vocês ainda têm muitas aventuras a viver. Estão apenas começando. Cuide bem da minha irmã, ouviu?

Hazel se aproximou de Frank e entrelaçou a mão na dele.

— Não venha ameaçar meu namorado, hein!

Era algo bom de se ver, os dois tão à vontade juntos. Mas Nico sentiu também uma pontada no coração; uma dor fantasma, como um velho ferimento de guerra latejando por conta do frio.

— Não tem por que ameaçar Frank. Ele é um cara legal. Ou um urso legal. Ou um buldogue legal. Ou...

— Ah, pare com isso. — Hazel ria. Ela deu um beijo em Frank. — Vejo você de manhã.

— Ok. Nico... Tem certeza de que não vem com a gente? Você sempre vai ter um lugar em Nova Roma.

— Obrigado, pretor. Reyna me disse o mesmo. Mas... não.

— Espero ver você de novo.

— Ah, vai me ver sim — prometeu Nico. — Vou ser padrinho do casamento de vocês, não é?

— Hum...

Frank ficou sem graça, limpou a garganta e foi embora, esbarrando no batente da porta ao sair.

Hazel cruzou os braços.

— Você *tinha* que provocá-lo com isso.

Ela se sentou na cama do irmão. Durante um tempo os dois apenas ficaram ali, em um silêncio confortável... Irmãos, filhos do passado, filhos do Mundo Inferior.

— Vou sentir saudade de você — disse Nico.

Ela inclinou o corpo para apoiar a cabeça no ombro dele.

— E eu de você, meu irmão. Você *vai* me visitar.

Ele deu um tapinha na nova medalha de oficial que brilhava na camisa dela.

— Centuriã da Quinta Coorte. Parabéns. Não existe nenhuma regra contra centuriões namorarem pretores?

— Shhh. — Fez Hazel. — Vai dar muito trabalho fazer a legião voltar a entrar em forma, consertar os estragos que Octavian causou. Regras de namoro vão ser o menor dos meus problemas.

— Você cresceu muito. Não é a mesma menina que eu levei para o Acampamento Júpiter. Seu poder com a Névoa, sua confiança...

— Tudo graças a você.

— Não. Conseguir uma segunda chance é uma coisa; o difícil é fazê-la valer a pena.

Assim que disse isso, Nico percebeu que podia estar falando também de si mesmo. Mas decidiu guardar para si essa observação.

Hazel deu um suspiro.

— Uma segunda chance. Eu só queria que...

Ela não precisou concluir seu pensamento. Fazia dois dias que o desaparecimento de Leo vinha pairando como uma nuvem sobre todo o acampamento. Hazel e Nico evitaram se juntar ao coro de especulações sobre o que tinha acontecido com ele.

— Você sentiu a morte dele, não sentiu? — perguntou Hazel, em uma voz tímida. Seus olhos estavam marejados.

— Sim — admitiu Nico. — Mas não sei. Alguma coisa dessa vez foi... diferente.

— É impossível que ele tenha conseguido usar a cura do médico. Não sobrou nada daquela explosão, não tem como. Eu achei... achei que estivesse ajudando Leo. Estraguei tudo.

— Não. *Não* é sua culpa.

Mas Nico não estava pronto nem para perdoar a si próprio. Havia passado as últimas quarenta e oito horas revendo a cena com Octavian junto à catapulta, sem saber se havia feito mesmo a coisa certa. Talvez o projétil, com seu poder explosivo, tivesse ajudado a destruir Gaia. Ou talvez tivesse custado desnecessariamente a vida de Leo Valdez.

— Eu só queria que Leo não tivesse morrido sozinho — murmurou Hazel. — Não tinha ninguém com ele, ninguém para dar a ele aquela cura. Não temos nem um corpo para enterrar...

Ela não conseguiu continuar. Nico a abraçou.

Hazel chorou nos braços dele. Até que, por fim, dormiu de exaustão. Nico a ajeitou ali na própria cama e lhe deu um beijo na testa. Depois foi até o santuário de Hades, uma mesinha no canto decorada com ossos e joias.

— Para tudo há uma primeira vez — disse ele.

Então se ajoelhou e rezou em silêncio pela orientação do pai.

LVI

NICO

AO AMANHECER, ELE AINDA ESTAVA acordado quando alguém bateu insistentemente na porta.

Ao atender e ver diante de si um rosto com cabelo louro, por uma fração de segundo achou que fosse Will Solace. Quando percebeu que era Jason, ficou decepcionado. Então sentiu raiva de si mesmo por se sentir daquele jeito.

Ele não falava com Will desde a batalha. Os filhos de Apolo ficaram ocupados demais com os feridos. Além disso, provavelmente Will o culpava pelo que tinha acontecido com Octavian. E por que não culparia? Nico tinha basicamente deixado... aquilo acontecer. Assassinato por consenso. Um suicídio medonho. Àquela altura, Will Solace já tinha percebido como Nico di Angelo era assustador e revoltante. Nico não ligava para o que ele pensava, é claro, mas...

— Está tudo bem? — perguntou Jason. — Você parece...

— Estou bem — respondeu Nico secamente. Depois continuou, em um tom mais suave: — Se veio falar com Hazel, ela ainda está dormindo.

Jason emitiu um *Ah* mudo e fez um gesto para que Nico fosse com ele até lá fora.

Nico saiu ao sol, piscando e desorientado. *Argh...* Talvez o sujeito que havia projetado o chalé estivesse certo sobre os filhos de Hades serem vampiros. Ele *não* era muito afeito às manhãs.

Jason parecia ter dormido tão mal quanto Nico. Seu cabelo estava lambido de um lado, os óculos novos apoiados meio tortos sobre o nariz. Nico teve que se conter para não estender a mão e ajeitá-los ele próprio.

Jason apontou para os campos de morango. Perto dali, os romanos desmontavam acampamento.

— Foi estranho vê-los ali esses dias. Agora vai ser estranho *não* vê-los.

— Você se arrepende por não ir com eles? — perguntou Nico.

Jason deu um meio sorriso.

— Um pouco. Mas vou transitar bastante entre os dois acampamentos. Tenho que erguer alguns santuários.

— Eu soube. O Senado deve eleger você *pontifex maximus*.

Jason deu de ombros.

— Não ligo muito para esse título. O que me interessa é garantir que os deuses sejam lembrados. Não quero que eles continuem a lutar por ciúmes ou que descontem suas frustrações em cima de semideuses.

— São deuses — disse Nico. — É a natureza deles.

— Talvez; mas posso tentar torná-los melhores. Leo diria que estou agindo como um mecânico, fazendo manutenção preventiva.

Nico sentiu a tristeza de Jason como uma tempestade se aproximando.

— Você sabe que não tinha como impedir Leo. Não poderia ter feito nada de diferente. Ele sabia o que precisava acontecer.

— É... acho que sim. Mas não temos como afirmar se ele ainda...

— Ele morreu — disse Nico. — Sinto muito. Bem que eu queria lhe dizer o contrário, mas eu *senti* a morte dele.

Jason ficou com o olhar perdido.

Nico se sentiu culpado por destruir suas esperanças. Até ficou tentado a mencionar que também tinha suas dúvidas... que a morte de Leo lhe provocara uma sensação *diferente*, quase como se a alma dele tivesse aberto um novo caminho para o Mundo Inferior, algo que envolvesse muitas engrenagens, alavancas e pistões a vapor.

Ainda assim, Nico tinha certeza de que Leo Valdez havia morrido. E morte era morte. Não seria justo dar falsas esperanças a Jason.

Ao longe, os romanos recolhiam seus equipamentos e barracas e transportavam tudo morro acima. Do outro lado, pelo que Nico ouvira, havia uma frota de utilitários pretos à espera, nos quais a legião cruzaria os Estados Unidos até a Califórnia. Seria uma viagem de carro interessante, pensou Nico, imaginando toda a Décima Segunda Legião na fila do drive-thru do Burger King, ou algum monstro desavisado aterrorizando um semideus qualquer no Kansas só para se ver cercado por várias dezenas de 4x4 cheios de romanos fortemente armados.

— Sabia que a harpia Ella vai com eles? — disse Jason. — Ela e Tyson. Até Rachel Elizabeth Dare. Eles vão trabalhar juntos para tentar reconstituir os livros sibilinos.

— Isso vai ser interessante.

— Pode levar anos — disse Jason. — Mas com a voz de Delfos extinta...

— Rachel continua sem conseguir ver o futuro?

— Aham. O que será que aconteceu com Apolo em Atenas? Talvez Ártemis consiga fazer Zeus repensar sua decisão, e aí o poder da profecia volte a funcionar. Mas, por enquanto, os livros sibilinos podem ser o único jeito de obtermos orientação para nossas missões.

— Pessoalmente — disse Nico —, acho que eu poderia ficar sem profecias e missões por um tempo.

— Tem razão. — Jason ajeitou os óculos. — Olhe, Nico, eu queria falar com você porque... Eu sei o que você disse lá no palácio de Austro. Sei que já recusou um lugar no Acampamento Júpiter. Eu... sei que provavelmente não vou conseguir fazer você mudar de ideia e convencê-lo a continuar conosco, mas tenho que...

— Eu vou ficar.

Jason ficou apenas olhando para ele por alguns instantes.

— O quê?

— No Acampamento Meio-Sangue. O chalé de Hades precisa de um conselheiro-chefe. E você viu a decoração? É horrível. Vou ter que reformar isso aqui. E alguém precisa fazer direito os ritos funerários, já que os semideuses insistem em morrer como heróis.

— Isso é... é fantástico! Cara! — Jason abriu os braços para um abraço, mas parou no meio do movimento. — Tudo bem. Nada de contato físico. Desculpe.

Nico resmungou:

— Acho que podemos abrir uma exceção.

Então Jason o abraçou com tanta força que Nico teve medo de que quebrassem suas costelas.

— Ah, cara — disse Jason. — Espere só até eu contar para Piper. Ei, como eu também estou sozinho no meu chalé, você e eu podemos comer à mesma mesa no refeitório. Podemos também formar uma dupla para os jogos de capturar a bandeira e para os concursos de canto, e...

— Você está me assustando... Quer que eu mude de ideia, é isso?

— Desculpe. Desculpe. Como quiser, Nico. É só que fiquei contente.

O engraçado era que Nico sentia que era sincero.

Nico por acaso olhou na direção dos outros chalés e avistou alguém acenando para ele. Will Solace estava à porta do chalé de Apolo, com uma expressão séria no rosto. Ele apontou para o chão aos seus pés, como quem diz *Você. Venha cá. Agora.*

— Jason, você me dá licença?

— E aí, por onde você andou? — perguntou Will.

Ele usava um avental verde de cirurgião, calça jeans e chinelo. Esses trajes não deviam fazer parte do protocolo hospitalar.

— Como assim?

— Não saio da enfermaria há, tipo, dois dias. Você nem passou aqui. Não se ofereceu para ajudar.

— Eu... o quê? Por que vocês iam querer um filho de Hades no mesmo ambiente com pessoas que estão tentando se curar? Por que *alguém* ia querer algo assim?

— Você não pode ajudar um amigo? Talvez cortar ataduras? Ou me trazer um refrigerante, alguma coisa para comer? Quem sabe um simples *Tudo bem por aí, Will?*. Acha que para mim não seria bom ver um rosto amigo?

— O quê?... *Meu* rosto?

As palavras simplesmente não faziam sentido juntas: *Rosto amigo. Nico di Angelo.*

— Você é tão complicado — observou Will. — Espero que tenha parado com aquela besteira de ir embora do Acampamento Meio-Sangue.

— Eu... pois é. Sim. Quer dizer, eu vou ficar.

— Bom. Então você pode ser complicado, mas não é um idiota.

— E você ainda fala comigo desse jeito? Não sabe que eu posso invocar zumbis e esqueletos e...?

— No momento você não pode invocar nem um osso de galinha sem virar uma poça de escuridão, Di Angelo. Já falei, chega dessas coisas do Mundo Inferior. Ordens médicas. Você me deve pelo menos três dias de repouso na enfermaria. Começando *agora*.

Nico sentiu um arrepio de felicidade, como se centenas de borboletas-esqueleto resuscitassem em seu estômago.

— Três dias? É... acho que dá.

— Ótimo. Ah, e...

Um *Uhuul!* alto cortou o ar.

Perto do local da fogueira, no centro da área comum, Percy exibia um sorriso enorme para alguma coisa que Annabeth tinha acabado de lhe contar. Annabeth ria e lhe dava tapinhas no braço.

— Já volto — disse Nico a Will. — Juro pelo Rio Estige e tudo.

Ele foi até Percy e Annabeth, que ainda riam como alucinados.

— E aí, cara — disse Percy ao vê-lo. — Annabeth acabou de me dar uma boa notícia. Desculpe se exagerei na comemoração.

— Vamos passar nosso último ano do ensino médio juntos — explicou Annabeth. — Aqui em Nova York. E depois da formatura...

— Faculdade em Nova Roma! — Percy fez um gesto no ar como se estivesse tocando uma buzina de caminhão. — Quatro anos sem monstros para enfrentar, sem batalhas, sem profecias estúpidas. Só Annabeth e eu, estudando para ter um diploma, frequentando cafés, curtindo a Califórnia...

— E depois... — Annabeth beijou Percy no rosto. — Bem, Reyna e Frank disseram que podemos morar em Nova Roma pelo tempo que quisermos.

— Isso é ótimo — disse Nico. Ele ficou um pouco surpreso ao perceber que achava mesmo ótimo. — Eu também vou ficar aqui, no Acampamento Meio-Sangue.

— Que máximo! — exclamou Percy.

Nico observou o rosto dele, seus olhos verdes da cor do mar, o sorriso, o cabelo preto bagunçado. Por algum motivo, Percy Jackson agora parecia aos olhos de Nico um garoto normal, não uma figura mítica. Não alguém a idolatrar ou por quem se apaixonar.

— Então — disse Nico. — Como vamos passar pelo menos um ano nos esbarrando aqui no acampamento, acho que é melhor eu esclarecer umas coisas.

O sorriso de Percy vacilou.

— Como assim?

— Por muito tempo eu fui a fim de você. Só queria que você soubesse.

Percy olhou para Nico. Depois para Annabeth, como se quisesse confirmar que tinha ouvido direito. Depois de novo para Nico.

— Você...

— É — disse Nico. — Você é uma pessoa sensacional. Mas eu superei isso. Estou feliz por vocês.

— Você... então quer dizer...

— Isso mesmo.

Os olhos cinza de Annabeth começaram a brilhar. Ela deu um sorrisinho para Nico.

— Espere — disse Percy. — Então você quer dizer...

— Isso mesmo — repetiu Nico. — Mas relaxe. Já passou. Quer dizer, agora eu entendo... você é bonito, mas não faz meu tipo.

— Não faço seu tipo... Espere. Então...

— A gente se vê por aí, Percy — disse Nico. — Annabeth.

Ela levantou a mão para um high-five.

Nico bateu. Depois voltou pelo gramado até onde Will Solace o esperava.

LVII

PIPER

PIPER BEM QUE GOSTARIA DE poder usar o charme para fazer a si mesma dormir.

Aquilo podia ter funcionado com Gaia, mas Piper mal conseguira pregar os olhos nas últimas duas noites.

Os dias eram ótimos. Ela adorava passar o tempo com Lacy e Mitchell e os outros filhos de Afrodite. Até sua segunda em comando, a chata Drew Tanaka, parecia aliviada, provavelmente porque podia deixar Piper cuidando das coisas e assim ter mais tempo para fofocar e fazer tratamentos de beleza no chalé.

Piper se mantinha ocupada ajudando Reyna e Annabeth a coordenar gregos e romanos. Para surpresa de Piper, as duas garotas valorizavam suas habilidades como intermediária para apaziguar qualquer conflito — que não eram muitos, mas Piper conseguiu devolver alguns elmos romanos que tinham misteriosamente ido parar na loja do acampamento. Ela também evitou uma briga entre os filhos de Marte e os filhos de Ares sobre a melhor maneira de matar uma hidra.

Na manhã prevista para a partida dos romanos, Piper estava sentada no cais do lago de canoagem, tentando aplacar as náiades. Algumas delas achavam que os romanos eram tão bonitos que elas também queriam partir para o Acampamento Júpiter. As náiades exigiam um aquário gigante e portátil para viajarem para o oeste. Piper havia concluído as negociações quando Reyna a encontrou.

A pretora sentou-se ao lado dela no cais.

— Muito trabalho?

Piper soprou uma mecha de cabelo de sobre os olhos.

— Náiades podem ser difíceis, mas acho que chegamos a um acordo. Se elas ainda quiserem ir quando o verão acabar, aí vamos acertar os detalhes. Mas as náiades... hum... geralmente esquecem as coisas em cerca de cinco segundos.

Reyna passou a ponta dos dedos pela água.

— Às vezes eu queria esquecer as coisas rápido assim.

Piper observou o rosto da pretora. Reyna era uma semideusa que não parecia ter mudado durante a guerra contra os gigantes... pelo menos, não por fora. Ela ainda tinha o mesmo olhar forte e determinado, o mesmo rosto bonito e imponente. Usava sua armadura e seu manto roxo com a mesma naturalidade com que a maioria das pessoas usa short e camiseta.

Piper não conseguia entender como alguém conseguia suportar tanta dor, aguentar tanta responsabilidade sem fraquejar. Ela se perguntou se Reyna alguma vez já tivera alguém com quem pudesse se abrir.

— Você fez tanto... — disse Piper. — Pelos dois acampamentos. Sem você, nada disso teria sido possível.

— Todos nós tivemos um papel.

— Claro. Mas você... Eu só queria que você tivesse recebido mais crédito.

Reyna deu uma risada gentil.

— Obrigada, Piper. Mas eu não quero atenção. Você entende como é isso, não é?

Piper entendia. As duas eram muito diferentes, mas ela compreendia o desejo de não querer atrair atenção. Piper desejara o anonimato sua vida inteira, por causa da fama do pai, os paparazzi, as fotos e as histórias escandalosas na imprensa. Ela conhecia tanta gente que dizia: *Ah, eu quero ser famoso! Seria maravilhoso!* Mas essas pessoas não tinham ideia de como era na realidade. Ela vira o preço que era cobrado de seu pai. Piper não queria saber de nada daquilo.

Ela também podia entender a atração do estilo de vida romano: se misturar, fazer parte da equipe, trabalhar como uma peça de uma máquina bem-lubrificada. Mas mesmo assim Reyna tinha subido até o topo. Ela não podia ficar escondida.

— O poder da sua mãe... Você pode emprestar sua força para os outros?

Reyna contraiu os lábios.

— Nico lhe contou?

— Não. Eu apenas senti isso, observando você liderar a legião. Isso deve deixá-la esgotada. Como... como você recupera essa força?

— Quando eu recuperá-la, conto a você.

Ela disse isso como brincadeira, mas Piper sentiu a tristeza por trás das palavras.

— Você é sempre bem-vinda aqui. Se precisar descansar, se afastar... E agora você tem Frank, que pode assumir mais responsabilidades por um período. Ia lhe fazer bem tirar algum tempo para você, sem ter que atuar como pretora.

Os olhos de Reyna encontraram os dela, como se estivessem tentando avaliar

a seriedade da oferta.

— Eu teria que cantar aquela música esquisita sobre como a vovó veste a armadura?

— Não, a menos que você queira muito. Mas talvez tenhamos que deixá-la de fora da captura da bandeira. Tenho a sensação de que você poderia encarar o acampamento inteiro sozinha e ainda nos derrotar.

Reyna deu um sorriso malicioso.

— Vou pensar na sua oferta. Obrigada.

Reyna ajeitou sua adaga, e, por um momento, Piper pensou na Katoptris, que agora estava trancada em seu baú no chalé. Desde Atenas, quando usara a arma para atingir o gigante Encélado, as visões tinham parado completamente.

— Será que... — disse Reyna. — Você é filha de Vênus. Quer dizer, de Afrodite. Talvez... talvez você consiga explicar uma coisa que sua mãe me disse.

— Estou honrada. Vou tentar, mas tenho que avisá-la: minha mãe não faz sentido para *mim* na maioria das vezes.

— Uma vez, em Charleston, Vênus me contou uma coisa. Ela disse: *Você não vai encontrar amor onde deseja ou espera. Nenhum semideus vai curar seu coração.* Eu... eu já pensei sobre isso por...

A emoção a fez ficar sem palavras.

Piper lutou contra a vontade de encontrar a mãe e socá-la. Ela *odiava* como Afrodite podia complicar a vida de uma pessoa apenas com uma conversa rápida.

— Reyna, não sei o que ela quis dizer, mas sei de uma coisa: você é uma pessoa incrível. Tem alguém aí fora para você. Talvez não seja um semideus. Talvez seja um mortal, ou... eu não sei. Mas, quando tiver que ser, será. E até lá, ei, você tem seus amigos. Muitos amigos, gregos e romanos. Como você é a fonte da força de todo mundo, às vezes pode esquecer que você também precisa buscar força nos outros. Eu estou aqui para o que precisar.

Reyna olhou para a outra margem do lago.

— Piper McLean, você tem jeito com as palavras.

— Não estou usando o charme, juro.

— Não é necessário. — Reyna estendeu a mão. — Tenho a sensação de que vamos nos ver outra vez.

Elas apertaram as mãos, e, depois que Reyna foi embora, Piper soube que a outra tinha razão. Elas iam tornar a se ver, porque Reyna não era mais uma rival, não era mais uma estranha nem uma inimiga em potencial. Ela era uma amiga. Era família.

*

Naquela noite, o acampamento pareceu vazio sem os romanos. Piper já sentia saudade de Hazel. Sentia falta do ranger do *Argo II* e das constelações que o abajur projetava no teto de sua cabine no navio.

Deitada em seu beliche no chalé 10, ela se sentia tão inquieta que sabia que não ia conseguir dormir. Não parava de pensar em Leo. Repassava mentalmente, várias vezes, a luta contra Gaia, tentando descobrir como podia ter falhado tanto com Leo.

Por volta das duas da madrugada, ela desistiu de tentar dormir. Sentou-se na cama e olhou pela janela. O luar deixava a floresta prateada. A brisa trazia os cheiros da maresia e das plantações de morango. Ela não podia acreditar que apenas alguns dias antes a Mãe Terra havia despertado e quase destruído tudo o que Piper amava. Aquela noite parecia tão pacífica... tão normal.

Toc, toc, toc.

Piper quase bateu com a cabeça no beliche de cima. Jason estava do outro lado da janela, batendo no vidro. Ele sorria.

— Venha.

— O que está fazendo aqui? — sussurrou ela. — Já passou do horário de recolher. As harpias da patrulha vão *destróçar* você!

— Venha logo.

Com o coração acelerado, ela segurou a mão dele e saiu pela janela. Ele a levou até o chalé 1, e eles entraram. Lá dentro, a estátua enorme do Zeus Híppie reluzia à luz fraca.

— Jason, o que exatamente...?

— Veja. — Ele apontou para uma das colunas de mármore que circundavam a câmara. Atrás dela, quase escondidos contra a parede, havia degraus de ferro: uma escada. — Não posso acreditar que não percebi isso antes. Espere só até ver!

Ele começou a subir. Piper não sabia por que se sentia tão nervosa, mas suas mãos tremiam. Ela o seguiu. No alto, Jason abriu uma portinhola.

Eles saíram em uma área plana com vista para o norte, ao lado do teto abobadado. O Estreito de Long Island se estendia até o horizonte. Eles estavam em um ponto tão alto, e em ângulo tal, que ninguém lá embaixo tinha a menor possibilidade de enxergá-los. As harpias da patrulha nunca voavam àquela altura.

— Veja.

Jason apontou para as estrelas, que pareciam uma explosão de diamantes no

céu, joias mais bonitas do que até Hazel Levesque poderia invocar.

— Lindo. — Piper se aconchegou em Jason, que a envolveu com o braço. — Mas você não vai arranjar problemas por isso?

— E daí?

Piper riu baixinho.

— *Quem é você?*

Ele se virou. Seus óculos reluziam em um tom bronze pálido sob as estrelas.

— Jason Grace. É um prazer conhecê-la.

Ele a beijou, e... tudo bem, eles já haviam se beijado antes. Mas aquele beijo foi diferente. Piper se sentiu como uma torradeira. Todas as suas resistências ficaram vermelhas de calor. Se esquentassem mais, ela ia começar a cheirar a pão queimado.

Jason se afastou apenas o suficiente para olhá-la nos olhos.

— Aquela noite na Escola da Vida Selvagem, nosso primeiro beijo sob as estrelas...

— A lembrança — disse Piper. — Aquele que nunca aconteceu.

— Bem... agora é de verdade. — Ele fez o gesto para se proteger do mal, o mesmo que tinha usado para libertar o fantasma da mãe, e o lançou para o céu.

— A partir de agora, estamos escrevendo nossa própria história, com um novo começo. E acabamos de dar nosso primeiro beijo.

— Tenho medo de dizer isso depois de apenas um beijo — disse Piper. — Mas, pelos deuses do Olimpo, eu amo você.

— Também amo você, Pipes.

Ela não queria estragar o momento, mas não conseguia parar de pensar em Leo, e em como ele nunca poderia ter um novo começo.

Jason deve ter percebido algo em sua expressão.

— Ei — disse ele. — Leo está bem.

— Como você pode acreditar nisso? Ele não tinha a cura. Nico *confirmou* que ele morreu.

— Uma vez você despertou um dragão só com a voz — lembrou-a Jason. — Você *acreditou* que o dragão deveria estar vivo, certo?

— Certo, mas...

— Temos que acreditar em Leo. Ele não ia morrer assim tão fácil. Ele é um cara durão.

— É verdade. — Piper tentou acalmar o coração. — Então nós acreditamos. Leo *tem* que estar vivo.

— Lembra-se daquela vez em Detroit, quando ele esmagou Ma Gasket com um motor?

— Ou aqueles anões em Bolonha. Leo acabou com eles com explosivos

caseiros, feitos de pasta de dente.

— McManeiro — disse Jason.

— Bad boy supremo — lembrou Piper.

— Chefe Leo, o especialista em tacos de tofu.

Eles riram e ficaram relembrando histórias sobre Leo Valdez, seu melhor amigo. Ficaram no telhado até amanhecer, e Piper começou a acreditar que eles *podiam* ter um novo começo. Talvez fosse até possível contar uma história diferente, em que Leo ainda estivesse por aí. Em algum lugar...

LVIII

LEO

LEO ESTAVA MORTO.

Ele tinha certeza absoluta. Só não entendia por que *doía* tanto. Ele sentia como se cada célula de seu corpo tivesse explodido. Agora, sua consciência estava aprisionada em um pedaço carbonizado de semideus morto. A náusea era pior do que qualquer enjoo que já sentira em uma viagem de carro. Ele não conseguia se mexer. Não conseguia ver nem ouvir. Só conseguia sentir dor.

Ele começou a entrar em pânico, pensando que talvez aquilo fosse seu castigo eterno.

Então alguém conectou cabos de bateria em seu cérebro e deu partida em sua vida.

Ele encheu os pulmões de ar e ergueu o corpo.

A primeira coisa que sentiu foi o vento no rosto, depois uma dor calcinante no braço direito. Ele ainda estava montado em Festus. Seus olhos voltaram a funcionar, e ele percebeu a grande agulha hipodérmica sendo retirada de seu antebraço. A seringa vazia vibrou, emitiu um zunido e se recolheu para o interior de um painel no pescoço de Festus.

— Obrigado, parceiro. — Leo gemeu. — Cara, morrer é horrível. Mas a cura do médico? Esse troço é *pior*.

Festus estalou e chacoalhou em código Morse.

— Não, cara, é brincadeira — disse Leo. — Estou feliz por estar vivo. E, sim, eu amo você também. Você foi fantástico.

Um ronronar metálico atravessou todo o corpo do dragão.

Vamos às prioridades: Leo examinou o dragão à procura de sinais de dano. As asas de Festus estavam funcionando bem, apesar de a esquerda estar toda perfurada por disparos. O metal do pescoço estava parcialmente fundido,

derretido pela explosão, mas o dragão não parecia prestes a cair.

Leo tentou se lembrar do que acontecera. Ele tinha quase certeza de ter derrotado Gaia, mas não fazia ideia de como estavam seus amigos no Acampamento Meio-Sangue. Com sorte, Jason e Piper haviam escapado da explosão. Leo tinha uma lembrança estranha de um míssil lançado em sua direção gritando como uma garotinha... Que diabos tinha sido aquilo?

Quando aterrissasse, teria que verificar a barriga de Festus. Os danos mais sérios provavelmente estariam nessa área, onde o dragão lutara corajosamente contra Gaia enquanto eles incineravam a lama que havia nela. Não tinha como saber havia quanto tempo Festus estava no ar. Eles precisavam descer logo.

O que levantou uma questão: onde estavam?

Abaixo, havia uma camada branca de nuvens. O sol brilhava diretamente acima deles, em um céu azul límpido. Então devia ser cerca de meio-dia... Mas de que dia? Quanto tempo Leo tinha ficado morto?

Ele abriu o painel de controle no pescoço de Festus. O astrolábio vibrava, e o cristal pulsava como um coração de neon. Leo verificou a bússola e o GPS, e um sorriso se abriu em seu rosto.

— Festus, boas notícias! — gritou. — As leituras do nosso sistema de navegação estão *completamente* embaralhadas!

Festus respondeu com um rangido metálico.

— É! Vamos descer! Vamos para baixo dessas nuvens e talvez...

O dragão mergulhou tão depressa que o ar foi sugado dos pulmões de Leo.

Atravessaram a camada branca e lá, abaixo deles, estava uma ilha verde isolada em um vasto mar azul.

Leo comemorou tão alto que provavelmente foi ouvido lá na China.

— É! QUEM MORREU? QUEM VOLTOU? QUEM É O GRANDE McDA HORA AGORA, PESSOAL? AÊÊÊÊÊÊÊ!

Eles desceram em espiral na direção de Ogígia, o vento quente batendo no cabelo de Leo. Ele se deu conta de que suas roupas estavam em farrapos, apesar de terem sido tecidas com magia. Seus braços estavam cobertos por uma fina camada de fuligem, como se ele tivesse acabado de morrer em um incêndio devastador... coisa que, é claro, de fato acontecera.

Mas ele não conseguia se preocupar com nada disso.

Ela estava ali na praia, de calça jeans e blusa branca, com o cabelo âmbar penteado para trás.

Festus abriu as asas e aterrissou desajeitadamente. Uma de suas pernas devia estar quebrada. O dragão tombou para o lado e jogou Leo de cara na areia.

Uma chegada nada heroica.

Leo cuspiu um pedaço de alga. Festus se arrastou pela praia, fazendo ruídos

metálicos que significavam: *Ai, ui, ai*.

Leo olhou para cima. Calipso estava parada na frente dele, os braços cruzados e as sobrancelhas arqueadas.

— Você está atrasado — anunciou ela.

Seus olhos brilhavam.

— Desculpe, flor do dia — disse Leo. — O trânsito estava de matar.

— Você está coberto de fuligem — observou ela. — E conseguiu acabar com as roupas que fiz para você, que eram impossíveis de destruir.

— Bem, você sabe... — Leo deu de ombros. Ele sentia como se alguém tivesse jogado cem bolas de gude dentro de seu peito. — Fazer o impossível é comigo mesmo.

Ela lhe ofereceu a mão e o ajudou a se levantar. Eles ficaram cara a cara enquanto ela observava sua aparência. Calipso cheirava a canela. Será que ela sempre tivera aquela pequena pinta perto do olho esquerdo? Leo queria muito tocá-la.

Ela torceu o nariz.

— Você está fedendo...

— Eu sei. Cheiro de morto. Provavelmente porque eu morri. *Um juramento a manter com um alento final* e tudo, mas agora estou bem...

Ela o interrompeu com um beijo.

As bolas de gude não paravam de se mover dentro dele. Leo estava tão feliz que teve que fazer um esforço consciente para não entrar em chamas.

Quando ela finalmente o soltou, seu rosto estava coberto de fuligem. Mas ela não pareceu se incomodar. Calipso passou o polegar pela bochecha dele.

— Leo Valdez — disse ela.

Mais nada, só o nome dele, como se fosse algo mágico.

— Sou eu — disse ele, com a voz rouca. — Então, hum... você quer deixar esta ilha?

Calipso deu um passo para trás. Ela ergueu a mão, e os ventos ficaram mais fortes. Seus criados invisíveis trouxeram duas malas e as puseram aos seus pés.

— De onde você tirou essa ideia?

Leo sorriu.

— Fez as malas para uma viagem longa, hein?

— Eu não tenho planos de voltar. — Calipso olhou para trás, na direção da trilha que levava a seu jardim e à caverna onde morava. — Para onde você vai me levar, Leo?

— Primeiro, para algum lugar onde eu possa consertar meu dragão — decidiu ele. — E depois... para onde você quiser. Por quanto tempo eu fiquei longe?

— O tempo é uma coisa complicada em Ogígia — disse Calipso. — Pareceu

uma eternidade.

Leo sentiu uma ponta de dúvida. Ele esperava que seus amigos estivessem bem. Esperava que não tivessem se passado cem anos enquanto ele voava morto por aí e Festus procurava Ogígia.

Ele teria que descobrir. Precisava avisar a Jason, Piper e os outros que ele estava bem. Mas naquele momento não podia pensar nisso. Calipso era uma prioridade.

— Quando deixar Ogígia — disse ele —, você continua imortal, ou o quê?

— Não faço ideia.

— E não se importa?

— Nem um pouco.

— Então, tudo bem! — Ele se virou para seu dragão. — Parceiro, pronto para mais um voo sem destino definido?

Festus cuspiu fogo e começou a andar cambaleante.

— Então vamos decolar sem planos — disse Calipso. — Sem ideia de para onde vamos nem de que problemas nos esperam fora desta ilha. Muitas perguntas e nenhuma resposta concreta?

Leo levantou as mãos.

— É assim que eu voo, flor do dia. Quer que eu leve suas malas?

— Claro.

Cinco minutos depois, com os braços de Calipso ao redor de sua cintura, Leo fez Festus levantar voo. O dragão de bronze abriu as asas, e eles partiram para o desconhecido.

GLOSSÁRIO

Acrópole antiga cidadela de Atenas, na Grécia, onde estão localizados os templos mais antigos dos deuses **Actáion** caçador que viu Ártemis tomando banho. Ela ficou com tanta raiva por um mortal tê-la visto nua que o transformou em um veado **Ad acien** “assumir posição de batalha” em latim

Afrodite deusa grega do amor e da beleza. Era casada com Hefesto, mas amava Ares, o deus da guerra. Forma romana: Vênus **Afros** professor de música e poesia em um acampamento submarino para sereias e tritões. É um dos meios-irmãos de Quíron **Alcioneu** o mais velho dos gigantes nascidos de Gaia, destinado a combater Plutão

ânfora jarro de vinho feito de cerâmica

Antínoo líder dos pretendentes à mão da rainha Penélope, esposa de Odisseu, o qual o matou com uma flechada no pescoço **Apolo** deus grego do sol, da profecia, da música e da cura; filho de Zeus e gêmeo de Ártemis. Forma romana: Apolo **Áquilo** deus romano do Vento Norte. Forma grega: Bóreas

Ares deus grego da guerra; filho de Zeus e Hera e meio-irmão de Atena. Forma romana: Marte **Ártemis** deusa grega da natureza e da caça; filha de Zeus e Hera e gêmea de Apolo. Forma romana: Diana **Asclepeion** hospital e escola de medicina na Grécia Antiga

Asclépio deus da cura; filho de Apolo. Seu templo era o centro médico da Grécia Antiga. Forma romana: Esculápio **Asdrúbal de Cartago** rei da Cartago Antiga, na atual Tunísia, de 530 a 510 ^{AEC}. Foi eleito “rei” onze vezes e agraciado com o triunfo quatro vezes, sendo o único cartaginês a receber tal honra **Atena** deusa grega da sabedoria. Forma romana: Minerva

Augusto fundador do Império Romano e seu primeiro imperador. Governou de 27 ^{AEC} até sua morte, em 14 ^{EC}.

Ave Romae “Avante, romanos!” em latim

Baco deus romano do vinho e da orgia. Forma grega: Dioniso

Banastre Tarleton general britânico na Guerra de Independência; ficou famoso durante a Batalha de Waxhaw pelo assassinato das tropas continentais já rendidas **Barrachina** restaurante em San Juan, Porto Rico, onde foi criada a *piña colada* **Belona** deusa romana da guerra

bifurcum “partes íntimas” em latim

Bitos professor de luta no acampamento submarino para sereias e tritões; meio-irmão de Quíron **Bóreas** deus grego do Vento Norte. Forma romana: Áquilo

Briareu irmão mais velho dos titãs e ciclopes; filho de Gaia e Urano. O último centímiano vivo **Calipso** deusa ninfa da ilha mítica Ogígia; filha do titã Atlas. Deteve o herói Odisseu por muitos anos **Campo de Marte** área pública na Roma Antiga; também o nome do campo de treinamento no Acampamento Júpiter **Casa de Hades** local no Mundo Inferior onde Hades, deus grego da morte, e sua esposa, Perséfone, reinam sobre as almas dos mortos; também é o nome de um antigo templo em Épiro, na Grécia **Caverna de Nêstor** local onde Hermes escondeu o gado roubado de Apolo

Cécrope líder dos *geminis*, os homens-cobra. Foi o fundador de Atenas e julgou a disputa entre Atena e Poseidon. Escolheu Atena como patrona da cidade e foi o primeiro a erguer um templo para a deusa **centímanos** filhos de Gaia e Urano, são criaturas com cem mãos e cinquenta rostos; irmãos mais velhos dos ciclopes e deuses primordiais das tempestades violentas **cêrcopes** anões com aparência de chimpanzé que roubam coisas brilhantes e criam o caos **Ceres** deusa romana da agricultura. Forma grega: Deméter

Ceto antiga deusa dos monstros e das criaturas marinhas; filha de Pontos e Gaia, irmã de Fórcis **ciclope** membro de uma raça primordial de gigantes que tem um único olho no meio da testa **Cimopoleia** deusa grega menor responsável pelas tempestades violentas; ninfa e filha de Poseidon e esposa de Briareu, um centímiano **cinocéfalos** monstro com cabeça de cachorro

Circe feiticeira grega que transformou a tripulação de Odisseu em porcos

Clítio gigante criado por Gaia para absorver a magia de Hécate e derrotá-la

coquí nome comum a várias espécies de pequenos sapos nativos de Porto Rico

Cronos o mais jovem dos doze titãs; filho de Urano e Gaia e pai de Zeus. Matou o pai por desejo de sua mãe. Titã senhor da agricultura e das colheitas, da justiça e do tempo. Forma romana: Saturno ***cuneum formate*** manobra militar romana na qual a infantaria forma uma cunha para penetrar nas linhas inimigas **Cupido** deus romano do amor. Forma grega: Eros

Damásen gigante filho de Tártaro e Gaia. Criado para se opor a Ares; condenado ao Tártaro por matar um drakon que estava destruindo suas terras **Deimos** medo; gêmeo de Fobos (pânico) e filho de Ares e Afrodite

Delos ilha na Grécia onde nasceram Apolo e Ártemis

Deméter deusa grega da agricultura; filha dos titãs Reia e Cronos. Forma romana: Ceres **Diana** deusa romana da natureza e da caça. Forma grega: Ártemis

Diocleciano último grande imperador pagão e primeiro a se aposentar pacificamente; semideus (filho de Júpiter). Segundo a lenda, seu cetro era capaz de convocar um exército de mortos **Dioniso** deus grego do vinho e da orgia; filho de Zeus. Forma romana: Baco

dracaena (pl.: dracaenae) mulheres reptilianas com caudas de serpente no lugar das pernas **Efialtes** gigante criado por Gaia para destruir o deus Dioniso/Baco; gêmeo de Oto

eiaculare flammis “lançar flechas incendiárias” em latim **Encélado** gigante criado por Gaia para se opor à deusa Atena

Éolo deus de todos os ventos

Epidauro cidade no litoral grego onde ficava o templo do deus médico Asclépio

Épiro região que é o atual noroeste da Grécia; local em que fica a Casa de Hades

Erecteion templo de Atena e Poseidon em Atenas

Eros deus grego do amor. Forma romana: Cupido

espartanos cidadãos da cidade grega de Esparta; soldados da Esparta Antiga, especialmente de sua famosa infantaria **espresso** café forte feito com vapor pressurizado e grãos torrados e bem moídos **Estreito de Corinto** canal navegável que liga o Golfo de Corinto ao Golfo Sarônico, no Mar Egeu

Eurímaco um dos pretendentes da esposa de Odisseu, a rainha Penélope

Évora cidade portuguesa parcialmente cercada por muralhas medievais e com muitos monumentos históricos, entre eles um templo romano *filia romana* “filha de Roma” em latim

Filipe da Macedônia governou o reino grego da Macedônia de 359 ^{AEC} até seu assassinato, em 336 ^{AEC}. Pai de Alexandre, o Grande, e de Filipe III **Fobos** pânico; gêmeo de Deimos (medo) e filho de Ares e Afrodite

Fórcis deus primordial dos perigos do mar; filho de Gaia e irmão-marido de Ceto

frigidário ambiente com água fria em um banho romano

Fúrias deusas romanas da vingança. Normalmente caracterizadas como três irmãs: Alectó, Tisífone e Megera; filhas de Gaia e Urano. Vivem no Mundo Inferior atormentando os mortos julgados culpados. Forma grega: Erínias
Gaia deusa grega da terra; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros. Forma romana: Terra **Gaius Vitellius Reticulus** membro da legião romana quando ela foi criada e médico militar no tempo de Júlio César; atualmente é um Lar (espírito) no Acampamento Júpiter *geminus* (pl.:*gemini*) os homens-cobra; os atenienses originais **Hades** deus grego da morte e das riquezas. Forma romana: Plutão

Hebe deusa grega da juventude; filha de Zeus e Hera. Forma romana: Juventa

Hécate deusa da magia e das encruzilhadas; controla a Névoa; filha dos titãs Perses e Astéria **Hefesto** deus grego do fogo, do artesanato e dos ferreiros; filho de Zeus e Hera, casado com Afrodite. Forma romana: Vulcano **Hera** deusa grega do casamento; esposa e irmã de Zeus. Forma romana: Juno

Hermes deus grego dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação. Forma romana: Mercúrio **Hígia** deusa da saúde, da limpeza e do saneamento; filha de Asclépio, deus da medicina **Hípias** tirano de Atenas que, após deposto, se aliou aos persas contra o próprio povo **Hipnos** deus grego do sono. Forma romana: Somnus

hipódromo estádio oval para corridas de cavalos e bigas na Grécia Antiga

Hipólito gigante criado para derrotar Hermes

Invidia deusa romana da vingança. Forma grega: Nêmesis

Íris deusa do arco-íris e mensageira dos deuses

Iro velho que faz pequenos serviços para os pretendentes da esposa de Odisseu,

a rainha Penélope, em troca de restos de comida **Ítaca** ilha grega onde se localiza o palácio de Odisseu, no qual o herói grego teve que se livrar dos pretendentes de sua rainha após a Guerra de Troia **Jano** deus dos portais, princípios e transições. Descrito como tendo dois rostos, porque olha para o futuro e para o passado **Juno** deusa romana das mulheres, do casamento e da fertilidade; irmã e esposa de Júpiter; mãe de Marte. Forma grega: Hera **Júpiter** rei romano dos deuses, também chamado de Júpiter Optimus Maximus (o melhor e o maior). Forma grega: Zeus **Juventa** deusa romana da juventude; filha de Zeus e Hera. Forma grega: Hebe

Licáon um rei da Arcádia que testou a onisciência de Zeus servindo-lhe um assado que era feito da carne de um hóspede seu. Zeus o puniu transformando-o em lobo **Lupa** loba romana sagrada que amamentou os bebês gêmeos Rômulo e Remo

makhai espíritos da batalha

mania espírito grego da loucura

manticore criatura com cabeça humana, corpo de leão e cauda de escorpião

Marte deus romano da guerra; também chamado de Marte Ultor. Patrono do império; pai divino de Rômulo e Remo. Forma grega: Ares **Medusa** sacerdotisa que Atena transformou em górgona quando a flagrou com o deus Poseidon no templo de Atena. Medusa tem cobras no lugar de cabelo e transforma em pedra as pessoas que olham para seu rosto **Mercúrio** mensageiro romano dos deuses; deus do comércio, dos negócios e do lucro. Forma grega: Hermes **Mérope** uma das sete plêiades, filhas do titã Atlas

Mimas gigante criado para ser o algoz de Hefesto

Minerva deusa romana da sabedoria. Forma grega: Atena

mofongo prato à base de banana-da-terra frita, típico de Porto Rico

Mykonos ilha grega que faz parte das Cíclades; localizada entre Tinos, Siros, Paros e Naxos **Nascidos da Terra** monstros de seis braços que vestem apenas uma tanga; também conhecidos como “gegegenes”

Nêmesis deusa grega da vingança. Forma romana: Invidia

nereidas cinquenta espíritos femininos do mar; protetoras dos marinheiros e pescadores e zeladoras das riquezas dos oceanos **Netuno** deus romano dos mares. Forma grega: Poseidon

Nice deusa grega da força, da velocidade e da vitória. Forma romana: Vitória

Nix deusa da noite; um dos primeiros deuses elementais antigos a nascer

numina montanum deuses romanos da montanha. Forma grega: *ourae* **Odisseu** lendário rei grego de Ítaca e herói do poema épico de Homero *A Odisseia*. Forma romana: Ulisses **ogro lestrigão** monstro gigante canibal do extremo norte

Olímpia o mais antigo e provavelmente mais famoso santuário da Grécia; onde se originaram os Jogos Olímpicos. Localizado na região oeste do Peloponeso **onagro** arma de cerco gigante

Oráculo de Delfos porta-voz das profecias de Apolo. O atual oráculo é Rachel Elizabeth Dare **Orbem formate!** a esse comando, legionários romanos assumiam uma formação em círculo, com arqueiros posicionados no centro e atrás para atuarem como força de apoio **Orco** deus da punição eterna no Mundo Inferior e dos juramentos quebrados

Órion caçador gigante que se tornou o companheiro mais valoroso e leal de Ártemis. Em um acesso de ciúme, Apolo levou Órion à loucura despertando nele uma extrema sede de sangue, até que o gigante foi morto por um escorpião. Triste, Ártemis transformou seu adorado caçador em constelação, para honrar sua memória **Oto** gigante criado por Gaia especificamente para destruir o deus Dioniso/Baco; irmão gêmeo de Efialtes *ourae* “deuses da montanha” em grego. Forma romana: *numina montanum* **panadería** “padaria” em espanhol

Parcas, as Três na mitologia grega, mesmo antes da existência dos deuses havia as Parcas: Cloto, que tece o fio da vida; Láguesis, a medidora, que determina a duração de uma vida; e Átropos, que corta o fio da vida com sua tesoura **Partenon** templo na Acrópole de Atenas, na Grécia, dedicado à deusa Atena. Sua construção começou em 447 AEC, quando o Império Ateniense estava no auge de seu poder **Pégaso** cavalo alado divino, gerado por Poseidon em seu papel de deus-cavalo e nascido da górgona Medusa; irmão de Crisaor **Pelopion** monumento funerário a Pêlops; localizado em Olímpia, na Grécia

Peloponeso grande península e região geográfica no sul da Grécia, separada da parte norte do país pelo Golfo de Corinto **Pêlops** segundo o mito grego, filho de Tântalo e neto de Zeus. Quando menino, seu pai o cortou em pedaços, o cozinhou e o serviu em um banquete para os deuses, que, no entanto, perceberam o ardil e lhe restituíram a vida **Penélope** rainha de Ítaca e esposa de Odisseu. Durante os vinte anos de ausência do marido, permaneceu fiel a ele, dispensando cem arrogantes pretendentes **Pequeno Tibre** rio que cruza o Acampamento Júpiter. Corre com tanto poder quanto o Rio Tibre original, em

Roma, embora não seja tão grande, e pode lavar das pessoas as bênçãos gregas
Peribeia uma gigante; filha mais nova de Porfíriion, rei dos gigantes

Pilo cidade em Messênia, no Peloponeso, Grécia

Pítion serpente monstruosa a que Gaia incumbiu de guardar o Oráculo de Delfos

Plutão deus romano da morte e das riquezas. Forma grega: Hades

Polibotes gigante filho de Gaia, a Mãe Terra; nascido para matar Poseidon

Pompeia em 79 EC, essa cidade romana perto da moderna Nápoles foi destruída por uma erupção do Monte Vesúvio, que a cobriu de cinzas e matou milhares de pessoas **pontifex maximus** sumo sacerdote dos deuses romanos

Porfíriion rei dos gigantes na mitologia greco-romana

Poseidon deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, irmão de Zeus e Hades. Forma romana: Netuno **propileu** portal de entrada para o território de um templo

Quione deusa grega da neve; filha de Bóreas

Quios quinta maior das ilhas gregas, no Mar Egeu, ao longo da costa oeste da Turquia **reciário** gladiador romano que lutava com uma rede com pesos e um tridente

Repellere equites “repelir a cavalaria” em latim; formação em quadrado usada pela infantaria romana para se defender da cavalaria **Rio Flegetonte** rio de fogo que corre dos domínios de Hades para o Tártaro. Ele mantém os maus vivos para que suportem mais tormentos nos Campos de Punição **Rômulo e Remo** filhos gêmeos de Marte e da sacerdotisa Reia Sílvia que foram atirados no Rio Tibre por seu pai humano, Amúlio. Resgatados e criados por uma loba, fundaram Roma quando alcançaram a idade adulta **Somnus** deus romano do sono. Forma grega: Hipnos

Spes deusa da esperança; a Festa de Spes, o Banquete da Esperança, cai no dia primeiro de agosto **Tártaro** marido de Gaia; espírito do abismo; na mitologia grega, pai dos gigantes. É também a região mais profunda do Mundo Inferior **Término** deus romano das fronteiras e dos marcos

Terra deusa romana do planeta Terra. Forma grega: Gaia

titãs poderosas deidades gregas, descendentes de Gaia e Urano. Governaram durante a Era de Ouro e foram derrubados por deuses mais jovens, os olímpianos **Toas** gigante criado para matar as Três Parcas

Ulisses forma romana de Odisseu

Urano pai dos titãs; deus do céu. Os titãs o derrotaram chamando-o à terra. Eles o afastaram de seu território, o emboscaram, o prenderam e o esquartejaram
Vênus deusa romana do amor e da beleza. Era casada com Vulcano, mas amava Marte, o deus da guerra. Forma grega: Afrodite **Vitória** deusa romana da força, da velocidade e da vitória. Forma grega: Nice

Vulcano deus romano do fogo, do artesanato e dos ferreiros. Filho de Júpiter e Juno, casado com Vênus. Forma grega: Hefesto **Zeus** deus grego do céu; rei dos deuses. Forma romana: Júpiter

Zoë Doce-Amarga filha de Atlas que foi exilada e, posteriormente, juntou-se às Caçadoras de Ártemis, tornando-se a tenente da deusa

SOBRE O AUTOR



© Becky Riordan Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do *The New York Times*, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *As provações de Apolo*, *Percy Jackson e os olímpianos* e *Os heróis do Olimpo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo, e *Magnus Chase e os deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

CONHEÇA TODAS AS SÉRIES DE RICK RIORDAN

Mitologia greco-romana

[Série *Percy Jackson e os olímpianos*](#)

[Série *Os heróis do Olimpo*](#)

[Série *As provações de Apolo*](#)

Mitologia nórdica

[Série *Magnus Chase e os deuses de Asgard*](#)

Mitologia egípcia

[Série *As crônicas dos Kane*](#)

PERCY
JACKSON
&
OS
OLIMPIANOS



[Livro 1](#)
[O ladrão de raios](#)



[Livro 2](#)
[O mar de monstros](#)



[Livro 3](#)
[A maldição do titã](#)



[Livro 4](#)
[A batalha do labirinto](#)



[Livro 5](#)
[O último olimpiano](#)



[Livro extra](#)
[Os arquivos do semideus](#)



[Livro 1](#)
[O herói perdido](#)



[Livro 2](#)
[O filho de Netuno](#)



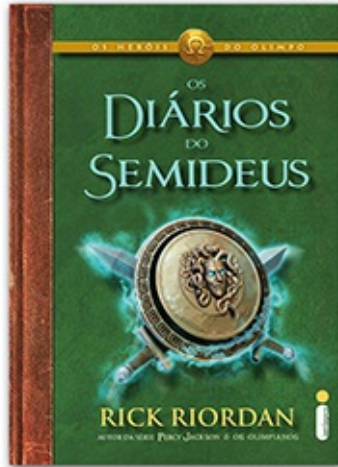
[Livro 3](#)
[A marca de Atena](#)



[Livro 4](#)
[A casa de Hades](#)



[Livro 5](#)
[O sangue do Olimpo](#)



[Livro extra](#)
[Os diários do semideus](#)



[Livro 1](#)
[O oráculo oculto](#)



[Livro 2](#)
[A profecia das sombras](#)



[Livro 3](#)
[O labirinto de fogo](#)



[Livro extra](#)
[Segredos do Acampamento Meio-Sangue](#)

MAGNUS CHASE

e os DEUSES de ASGARD



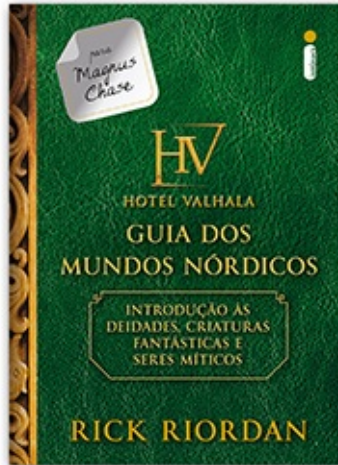
[Livro 1](#)
[A espada do verão](#)



[Livro 2](#)
[*O martelo de Thor*](#)



[Livro 3](#)
[*O navio dos mortos*](#)



[Livro extra](#)
[Hotel Valhala](#)



[Livro 1](#)
[A pirâmide vermelha](#)



Livro 2
O trono de fogo



Livro 3
A sombra da serpente

EXCLUSIVAMENTE EM E-BOOK



[O filho de Sobek](#)



[O cajado de Serápis](#)



[A coroa de Ptolomeu](#)

OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



[*Percy Jackson e os deuses gregos*](#)



[*Semideuses e monstros*](#)

[Organização e introdução de
Rick Riordan](#)

Table of Contents

[Créditos do box](#)

[Mídias sociais](#)

[Sumário](#)

[Livro Um: O herói perdido](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

[XXIII](#)

[XXIV](#)

[XXV](#)

[XXVI](#)

[XXVII](#)

[XXVIII](#)

[XXIX](#)
[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)
[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)
[XXXVIII](#)
[XXXIX](#)
[XL](#)
[XLI](#)
[XLII](#)
[XLIII](#)
[XLIV](#)
[XLV](#)
[XLVI](#)
[XLVII](#)
[XLVIII](#)
[XLIX](#)
[L](#)
[LI](#)
[LII](#)
[LIII](#)
[LIV](#)
[LV](#)
[LVI](#)

[Livro Dois: O filho de Netuno](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)
[VIII](#)
[IX](#)
[X](#)
[XI](#)
[XII](#)
[XIII](#)
[XIV](#)
[XV](#)
[XVI](#)
[XVII](#)
[XVIII](#)
[XIX](#)
[XX](#)
[XXI](#)
[XXII](#)
[XXIII](#)
[XXIV](#)
[XXV](#)
[XXVI](#)
[XXVII](#)
[XXVIII](#)
[XXIX](#)
[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)
[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)
[XXXVIII](#)
[XXXIX](#)
[XL](#)
[XLI](#)
[XLII](#)
[XLIII](#)
[XLIV](#)
[XLV](#)

[XLVI](#)

[XLVII](#)

[XLVIII](#)

[XLIX](#)

[L](#)

[LI](#)

[LII](#)

[Glossário](#)

[Livro Três: A marca de Atena](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimento](#)

[Dedicatória](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

[XXIII](#)

[XXIV](#)

[XXV](#)

[XXVI](#)

[XXVII](#)
[XXVIII](#)
[XXIX](#)
[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)
[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)
[XXXVIII](#)
[XXXIX](#)
[XL](#)
[XLI](#)
[XLII](#)
[XLIII](#)
[XLIV](#)
[XLV](#)
[XLVI](#)
[XLVII](#)
[XLVIII](#)
[XLIX](#)
[L](#)
[LI](#)
[LII](#)
[Glossário](#)

[Livro Quatro: A casa de Hades](#)

[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)
[I](#)
[II](#)
[III](#)
[IV](#)
[V](#)
[VI](#)
[VII](#)
[VIII](#)

[IX](#)
[X](#)
[XI](#)
[XII](#)
[XIII](#)
[XIV](#)
[XV](#)
[XVI](#)
[XVII](#)
[XVIII](#)
[XIX](#)
[XX](#)
[XXI](#)
[XXII](#)
[XXIII](#)
[XXIV](#)
[XXV](#)
[XXVI](#)
[XXVII](#)
[XXVIII](#)
[XXIX](#)
[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)
[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)
[XXXVIII](#)
[XXXIX](#)
[XL](#)
[XLI](#)
[XLII](#)
[XLIII](#)
[XLIV](#)
[XLV](#)
[XLVI](#)
[XLVII](#)

[XLVIII](#)

[XLIX](#)

[L](#)

[LI](#)

[LII](#)

[LIII](#)

[LIV](#)

[LV](#)

[LVI](#)

[LVII](#)

[LVIII](#)

[LIX](#)

[LX](#)

[LXI](#)

[LXII](#)

[LXIII](#)

[LXIV](#)

[LXV](#)

[LXVI](#)

[LXVII](#)

[LXVIII](#)

[LXIX](#)

[LXX](#)

[LXXI](#)

[LXXII](#)

[LXXIII](#)

[LXXIV](#)

[LXXV](#)

[LXXVI](#)

[LXXVII](#)

[LXXVIII](#)

[Glossário](#)

[Livro Cinco: O sangue do Olimpo](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[I](#)

[II](#)

III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX
XXI
XXII
XXIII
XXIV
XXV
XXVI
XXVII
XXVIII
XXIX
XXX
XXXI
XXXII
XXXIII
XXXIV
XXXV
XXXVI
XXXVII
XXXVIII
XXXIX
XL
XLI

[XLII](#)

[XLIII](#)

[XLIV](#)

[XLV](#)

[XLVI](#)

[XLVII](#)

[XLVIII](#)

[XLIX](#)

[L](#)

[LI](#)

[LII](#)

[LIII](#)

[LIV](#)

[LV](#)

[LVI](#)

[LVII](#)

[LVIII](#)

[Glossário](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça todas as séries de Rick Riordan](#)